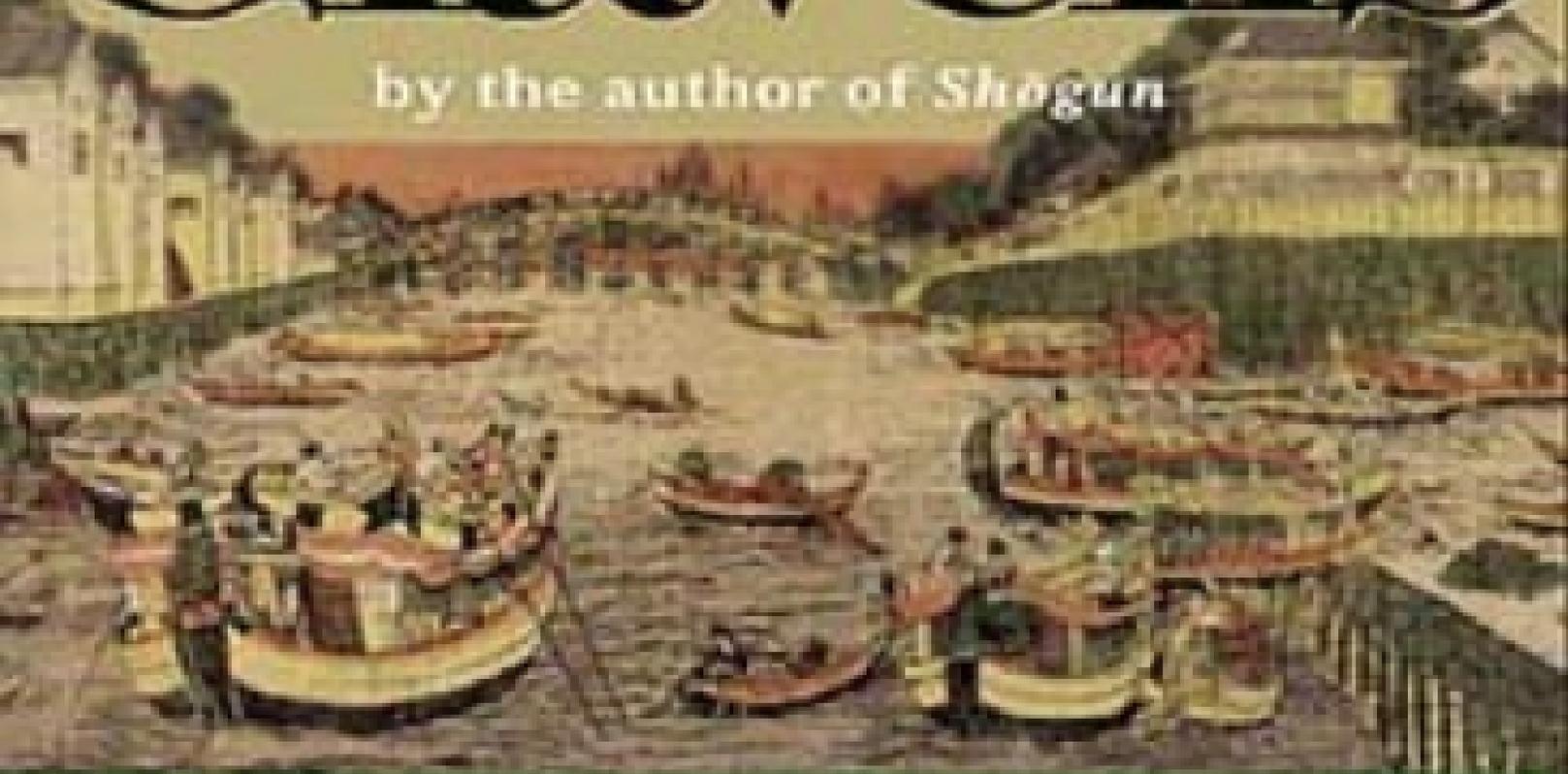


James Clavell's

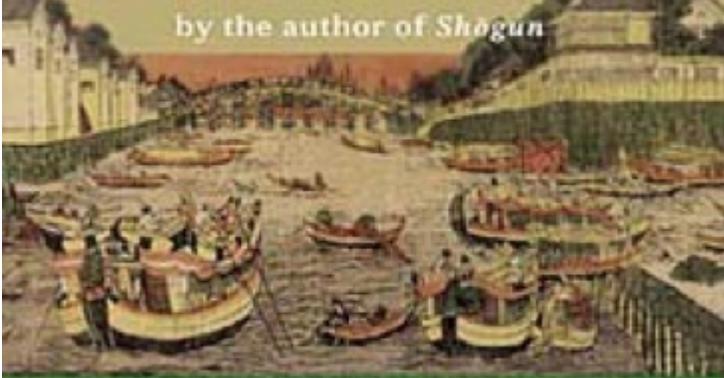
by the author of *Shogun*



GAIJIN

James Clavell's

by the author of *Shōgun*



GAIJIN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LIVRO UM

1

IOCOAMA

14 de setembro de 1862

A moça dominada pelo pânico galopava a toda velocidade na direção da costa, a menos de um quilômetro à frente, por caminhos precários através dos arrozais. O sol da tarde era forte. Ela montava sentada de lado, e embora normalmente fosse hábil na sela, hoje mal conseguia manter o equilíbrio. Perdera o chapéu, e o traje verde de equitação, o auge da moda parisiense, fora rasgado por espinhos, estava salpicado de sangue, os cabelos fulvos esvoaçavam ao vento.

Chicoteou o pônei para galopar ainda mais depressa. Já podia avistar agora as pequenas choupanas da aldeia de pescadores de Iocoama, ao longo da cerca alta e dos canais que delimitavam a colônia estrangeira, e as torres das duas pequenas igrejas que havia ali. Pensou, agradecida, que na baía além havia navios mercantes e uma dúzia de vasos de guerra, britânicos, franceses, americanos e russos, tanto a vapor quanto a vela.

Mais depressa. Pelas estreitas pontes de madeira, canais e valas de irrigação, que se cruzavam pelos arrozais e pântanos. O pônei espumava de suor, tinha um ferimento profundo no flanco, e parecia cada vez mais cansado. Refugou de repente. No pior momento possível, mas ela recuperou o controle e entrou agora no caminho que passava pela aldeia e seguia até a ponte sobre o canal que

cercava a colônia, o portão principal, a casa da guarda dos samurais e a alfândega japonesa.

As sentinelas samurais, armadas com duas espadas, viram-na se aproximando e se adiantaram para interceptá-la, mas ela passou direto pelo meio delas, entrando na rua principal da colônia, à beira do mar. Um dos guardas samurais correu para um oficial. Ela parou o cavalo, ofegante.

— *Au secours! À Vaide!* Socorro!

A rua se encontrava quase deserta, a maioria dos habitantes na sesta, bocejando nas casas de contabilidade ou se divertindo nas casas do prazer, além da cerca.

— Socorro! — gritou ela de novo, várias vezes.

Os poucos homens espalhados por ali, mercadores britânicos, soldados e marujos de folga, em sua maioria, alguns criados chineses, viraram-se em sua direção, aturdidos.

— Deus Todo-Poderoso! Olhe só! É a moça francesa...

— O que terá acontecido? Ei, vejam suas roupas...

— É ela mesmo, a linda, Peitos-de-Anjo, chegou há poucas semanas...

— Tem razão, é Angelique... Angelique Beecho ou Reecho, um nome francês parecido...

— Por Deus, olhem só para o sangue!

Todos começaram a convergir para a moça, exceto os chineses, que haviam se tornado sábios depois de milênios de problemas súbitos, e trataram de desaparecer. Rostos começaram a surgir nas janelas.

— Charlie, vá correndo chamar Sir William!

— Cristo Todo-Poderoso, olhem para seu pônei, o pobre animal vai sangrar até a morte! — gritou um corpulento mercador. — Chamem o veterinário! E você, soldado, vá chamar o general e o francês, pois ela é sua protegida... ora, pelo amor de Deus, o ministro francês! Depressa!

Impaciente, ele apontou uma casa de um só andar, em que estava hasteada a bandeira francesa, e repetiu:

— Depressa!

O soldado saiu correndo, passando pela moça, tão rápido quanto podia. Como todos os mercadores, aquele também usava uma cartola e uma sobrecasaca de lã, calça justa e botas, e suava ao sol.

— O que aconteceu, Srta. Angélique? — indagou ele, segurando as rédeas, horrorizado com a sujeira e sangue em seu rosto, cabelos e roupas. — Está ferida?

— *Moi, non...* não, acho que não... mas fomos atacados... japoneses nos atacaram.

Ela se esforçava para recuperar o fôlego e parar de tremer, ainda dominada pelo terror. Empurrou os cabelos para trás. Num gesto de urgência, apontou para o interior, na direção oeste. Podia-se divisar, vagamente, o monte Fuji no horizonte.

— Lá atrás! Depressa! Eles precisam de ajuda!

Os homens nas proximidades estavam consternados e ruidosamente começaram a transmitir as meias notícias para os outros, e a fazer perguntas: Quem? Quem foi atacado? São franceses ou britânicos? Atacados? Onde? Os desgraçados de duas espadas de novo! Onde isso aconteceu...

Perguntas se sobrepunham a perguntas, e não lhe davam tempo para responder, nem ela podia ainda, pelo menos de forma coerente, o peito arfando, todos se comprimindo ao seu redor, sufocando-a. Mais e mais homens saíam para a rua, vestindo casacos, ajeitando os chapéus, muitos já armados com pistolas e mosquetes, uns poucos com os novos fuzis americanos, de carregar pela culatra. Um desses homens, um escocês barbudo, de ombros largos, desceu correndo os degraus de um imponente prédio de dois andares. Havia uma placa por cima da entrada: "*Struan and Company*". Ele empurrou os outros até alcançar a moça, no meio do tumulto.

— Fiquem quietos, pelo amor de Deus! — gritou ele. No súbito silêncio, o escocês acrescentou: — Depressa, conte-nos o que aconteceu. Onde está o jovem Sr. Struan?

— Oh, Jamie, *je...* eu... eu... — A moça fez um esforço desesperado para se controlar, completamente desorientada. — Oh, *Mon Dieu!*

O escocês levantou a mão, afagou seu ombro, como se fosse uma criança, para tranquilizá-la, adorando-a, como todos os outros.

— Não precisa mais se preocupar, pois está sã e salva agora, Srta. Angelique. Não se apresse. Dêem espaço para ela respirar, pelo amor de Deus! — Jamie McFay tinha trinta e nove anos, era o gerente de Struan no Japão. — Agora, conte-nos o que aconteceu.

Ela passou a mão pelo rosto para remover as lágrimas, os cabelos fulvos desgrenhados.

— Nós... fomos atacados... atacados por samurais. — Era um fio de voz, com um sotaque agradável. Todos esticaram o pescoço para ouvir melhor. — Estávamos... estávamos na estrada grande... — A moça tornou a apontar para o interior. — Foi nessa direção.

— A *Tokaidô*?

— Isso mesmo, a *Tokaidô*...

Essa grande estrada litorânea, que passava a quase dois quilômetros a oeste da colônia, ligava a capital proibida do xógum, Iedo, trinta quilômetros para o norte, ao resto do Japão, também proibido para todos os estrangeiros.

— Estávamos... passeando... — Ela fez uma pausa, e depois as palavras foram despejadas depressa: — O Sr. Canterbury, Philip Tyrer, Malcolm... o Sr. Struan... e eu andávamos a cavalo pela estrada, e encontramos... uma longa fila de samurais, com bandeiras, esperamos para deixá-los passar, e de repente... de repente dois deles correram para nós, feriram monsieur Canterbury, atacaram Malcolm... o Sr. Struan... arrancando sua pistola, e Philip, que me gritou para fugir, ir buscar ajuda.

A tremedeira recomeçou, e a moça gritou:

— Depressa! Eles precisam de ajuda!

Já havia homens correndo para os cavalos, em busca de mais armas. Gritos irados soaram:

— Alguém chame os soldados...

— Samurais pegaram John Canterbury, Struan e aquele garoto chamado Tyrer, foram atacados na *Tokaidô*.— Por Deus, ela diz que samurais mataram alguns dos nossos homens!

— Onde isso aconteceu? — gritou Jamie McFay, acima do barulho, contendo sua frenética impaciência. — Pode descrever o lugar em que isso aconteceu, onde exatamente?

— Na beira da estrada, antes de Kana... Kana alguma coisa.

— Kanagawa? — indagou ele, indicando uma pequena estação de muda e aldeia de pescadores na *Tokaidô*, a um quilômetro e meio de distância pela baía, mais de cinco quilômetros pela estrada.

— *Oui...* isso mesmo, Kanagawa! Depressa!

Os homens já começavam a tirar os cavalos do estábulo de Struan, selados e prontos. Jamie jogou um fuzil ao ombro.

— Não se preocupe. Vamos encontrá-los num instante. Mas como está o Sr. Struan? Viu se ele escapou... se foi ferido?

— *Non.* Só vi o começo da confusão, pobre Sr. Canterbury, ele... eu me encontrava ao seu lado quando... — As lágrimas escorriam. — Não olhei para trás, obedeci sem... vim buscar ajuda.

Seu nome era Angelique Richaud. Tinha apenas dezoito anos. E aquela fora a primeira vez em que passara da cerca.

McFay pulou para a sela e disparou com o cavalo, Cristo Todo-Poderoso, pensou ele, angustiado, já não tínhamos qualquer problema há um ano ou mais, caso contrário nunca teria permitido que saíssem. Sou o responsável, Malcolm é o herdeiro, e eu sou o responsável! Em nome de Deus, o que terá acontecido?

Não demorou muito para que McFay, uma dúzia ou por aí de mercadores, um oficial dos dragões e três de seus lanceiros encontrassem John Canterbury à beira da *Tokaidô*, mas a cena era terrível. Ele fora decapitado, e partes dos braços e pernas espalhavam-se pelas proximidades. Havia cortes profundos de espada por todo o seu corpo, e quase que qualquer um dos golpes já teria sido mortal. Não havia sinal de Tyrer e Struan, nem da coluna de samurais. Nenhuma das pessoas que passavam por ali sabia alguma coisa sobre o ataque, quem o cometera, quando ou por quê.

— Será que os outros dois foram seqüestrados, Jamie? — perguntou um americano, nauseado.

— Não sei, Dmitri. — McFay tentou pôr o cérebro para funcionar. — É melhor alguém voltar, avisar a Sir William e trazer... uma mortalha ou um caixão.

O rosto pálido, ele estudou as pessoas que passavam pela estrada; todas tomavam o cuidado de não olhar em sua direção, mas observavam tudo.

Aquela estrada de terra batida, bem cuidada, estava atulhada de fluxos disciplinados de viajantes, para e de lado, que um dia seria chamada de Tóquio. Homens, mulheres e crianças, de todas as idades, ricos e pobres, todos japoneses, à exceção de um ou outro chinês numa túnica comprida. A predominância era de homens todos usando quimonos, de vários estilos e modéstia, com muitos chapéus diferentes, de pano e palha. Mercadores, carregadores seminus, monges budistas de túnica laranja, camponeses indo e vindo do mercado, profissionais itinerantes, adivinhos, escribas, mestres e poetas. Muitas liteiras e palanquins, de todos os tipos, para pessoas ou objetos, com dois, quatro, seis ou oito carregadores. Os poucos samurais na multidão lançavam olhares rancorosos para os estrangeiros ao passarem.

— Eles sabem quem fez isso — comentou McFay.

— Claro. *Matyeryebitz*. — Dmitri Syborodin, o americano, corpulento, cabelos castanhos, de trinta e oito anos, mal vestido, amigo de Canterbury, estava fervendo de raiva. — Será muito fácil obrigar um deles a falar.

Foi então que notaram uma dúzia, ou mais, de samurais parados na estrada, formando um grupo, mais adiante, a observá-los. Muitos

tinham arco e flecha, e todos os ocidentais sabiam como os samurais eram hábeis arqueiros.

— Não será tão fácil, Dmitri — disse McFay.

Pallidar, o jovem oficial dos dragões, interveio na conversa, em tom incisivo:

— Seria bem fácil dominá-los, Sr. McFay, mas também seria uma imprudência, sem permissão... a menos que nos ataquem, é claro. Estão seguros.

Settry Pallidar designou um dos dragões para ir chamar um destacamento no acampamento e trazer um caixão. O americano ficou visivelmente irritado com sua arrogância.

— É melhor começar a procurar nos campos ao redor — acrescentou o oficial. — Meus homens ajudarão quando chegarem. É bem provável que os outros dois estejam feridos em algum lugar.

McFay estremeceu, gesticulando para o cadáver.

— Ou como ele?

— Talvez, mas devemos torcer pelo melhor. Vocês três procuram por este lado, os outros devem se espalhar e...

— Ei, Jamie! — gritou Dmitri, interrompendo-o, numa atitude deliberada, porque detestava oficiais, uniformes e soldados, em particular os britânicos. — Você e eu podemos dar um pulo a Kanagawa... talvez alguém em nossa legação saiba de alguma coisa.

Pallidar ignorou a hostilidade, compreendendo-a, pois conhecia a excelente folha de serviços do americano. Dmitri era um americano de origem cossaca, ex-oficial de cavalaria do exército dos Estados Unidos, cujo avô fora morto em combate com os ingleses na guerra americana de 1812.

— Kanagawa é uma boa idéia, Sr. McFay — disse ele. — Devem saber por lá o que era a coluna de samurais, e quanto mais cedo descobrirmos quem foi o culpado, melhor. O ataque deve ter sido ordenado por um de seus reis ou príncipes. Desta vez poderemos identificar o bastardo, e que Deus o ajude.

— Que Deus faça todos os bastardos apodrecerem — disse Dmitri, insinuante.

Mais uma vez, o capitão no uniforme esplendoroso não reagiu à provocação, mas também não deixou passar em branco.

— Tem toda razão, Sr. Syborodin — respondeu ele, calmamente. — E qualquer homem que me chamar de bastardo terá de arrumar logo um padrinho, uma pistola ou uma espada, uma mortalha e alguém

para enterrá-lo. Sr. McFay, terá tempo suficiente antes do pôr-do-sol. Esperarei aqui até meus homens chegarem, e depois entraremos também na busca. Se descobrir alguma coisa em Kanagawa, mande me avisar, por favor.

Pallidar tinha vinte e quatro anos e idolatrava seu regimento. Com um desdém mal disfarçado, ele olhou para o grupo irregular de mercadores.

— Sugiro que o resto de vocês... cavalheiros... iniciem as buscas por aqui. Espalhem-se, mas permaneçam em contato visual. Brown, leve este grupo para revistar aquele bosque. Sargento, você assume o comando.

— Sim, senhor. Vamos embora, pessoal.

McFay tirou o casaco, estendeu-o sobre o corpo e tornou a montar. Com seu amigo americano, seguiu a galope para o norte, na direção de Kanagawa, a pouco mais de um quilômetro e meio de distância.

O oficial dos dragões ficou sozinho. Com toda frieza, continuou montado em seu cavalo, ao lado do cadáver, observando os samurais, que sustentaram seu olhar. Um deles mexeu no arco, talvez uma ameaça, talvez não. Pallidar permaneceu imóvel, o sabre solto na bainha. Os raios de sol faiscavam nos alamares dourados. As pessoas passando pela *Tokaidô* afastavam-se apressadas, em silêncio, amedrontadas. O cavalo escavou o chão, nervoso, fazendo os arreios retinirem.

Isto não é como os outros ataques, os ataques isolados, pensou ele, com uma raiva crescente. Vai haver a maior repercussão por causa disso, atacar aqueles quatro, inclusive uma mulher, e matar um inglês de uma forma tão abominável.

Poucas horas antes, os quatro haviam saído pelo portão principal, passando pela alfândega, saudando casualmente os guardas samurais, que fizeram uma reverência superficial, trotando sem pressa para o interior, pelos caminhos sinuosos que levavam à *Tokaidô*. Todos eram hábeis cavaleiros e montavam pôneis ligeiros.

Em homenagem a Angelique, usavam seus melhores trajes de montaria e cartolas, e eram a inveja de todos os homens na colônia: cento e dezessete residentes europeus, diplomatas, mercadores, açougueiros, lojistas, ferreiros, carpinteiros navais, armeiros, aventureiros, jogadores, muitos em situação precária, vivendo do dinheiro que lhes era enviado de sua pátria, a maioria de britânicos, os escreventes eurásianos ou chineses, uns poucos americanos, franceses, holandeses, alemães, russos, australianos e um suíço. Havia apenas três mulheres, todas matronas, duas britânicas, esposas de mercadores, a outra uma prostituta na cidade dos bêbados, como era chamado o distrito da classe inferior. Nenhuma criança. E cinquenta a sessenta criados chineses.

John Canterbury, um mercador britânico, de boa aparência, rosto marcante, assumiu o posto de guia. O objetivo da excursão era mostrar a Philip Tyrer o caminho por terra para Kanagawa, onde se realizavam as reuniões periódicas com as autoridades japonesas,

dentro dos limites acertados da colônia. Tyrer, que tinha apenas vinte e um anos, chegara de Londres no dia anterior, via Pequim e Xangai, designado para intérprete da legação britânica.

Naquela manhã, ao ouvi-los conversando no clube, Malcolm Struan dissera:

— Posso ir também, Sr. Canterbury, Sr. Tyrer? É um dia perfeito para passear. E eu gostaria de convidar a Srta. Richaud para nos acompanhar... ela ainda não conhece quase nada por aqui.

— Ficaríamos honrados, Sr. Struan — respondera Canterbury, abençoando sua sorte. — Os dois serão bem-vindos. O passeio será ótimo, embora não haja muita coisa a se ver... para uma dama.

— Como assim? — indagara Tyrer.

— Kanagawa é uma aldeia de muda e uma escala para viajantes que vão e voltam de Iedo há séculos, pelo que nos disseram. Conta com diversas casas de chá, como a maioria dos bordéis é chamada por aqui. Alguns merecem uma visita, embora nem sempre sejamos bem recebidos, como em nosso Yoshiwara, no outro lado do pântano.

— Prostíbulos? — murmurara Tyrer.

Os outros dois haviam rido de sua expressão.

— Isso mesmo, Sr. Tyrer — confirmara Canterbury. — Mas não são como as pensões e bordéis de Londres, ou de qualquer outro lugar do mundo. São especiais. Vai descobrir muito em breve, embora o costume por aqui seja ter a sua própria amásia, se dispuser de condições para isso.

— Eu nunca seria capaz de fazer uma coisa dessas! — protestara Tyrer.

Canterbury soltara outra risada.

— Talvez acabe fazendo. Graças a Deus, a taxa de câmbio nos favorece. Aquele velho ianque, Townsend Harris, era muito esperto.

Ele se mostrara radiante ao pensamento. Harris fora o primeiro cônsul-geral americano, designado dois anos depois que o Comodoro Perry forçara a abertura do Japão ao mundo exterior, primeiro em 1853, depois em 1856, com seus quatro navios negros — os primeiros vapores vistos em águas japonesas. Quatro anos antes, depois de longas negociações, Harris conseguira celebrar vários tratados, mais tarde ratificados pelas grandes potências, que concediam acesso a determinados portos. Os tratados também fixaram uma taxa de câmbio bastante favorável entre o *mex* de prata — o dólar de prata mexicano, a moeda universal de câmbio e comércio na Ásia — e o *oban* de ouro japonês; se você trocava *mex* por *oban*, e mais tarde tornava a trocar por *mex*, podia dobrar ou triplicar seu dinheiro.

— Almoçamos cedo e partimos logo em seguida — propusera Canterbury. — Voltaremos a tempo para o jantar, Sr. Struan.

— Excelente! Vocês dois não gostariam de nos acompanhar na sala de jantar da companhia? Vou oferecer uma pequena festa a *mademoiselle* Richaud.

— Agradeço a sua gentileza. O *Tai-pan* já está melhor?

— Está, sim, muito melhor. Meu pai já se recuperou por completo.

Não foi a informação que recebemos ontem pela correspondência, pensara John Canterbury, preocupado, pois tudo o que afetava a Casa Nobre — o apelido pelo qual Struan and Company era conhecida no mundo inteiro — afetava a todos eles. Os rumores eram de que *O Velho* sofrera outro derrame. E estava mal. Mas não importa, pois não é com freqüência que um homem como eu tem a oportunidade de conversar com um futuro *Tai-pan* ou com um anjo como Angelique Richaud. Este será um grande dia!

E depois que partiram, ele se tornou ainda mais afável.

— Ahn... Sr. Struan... pretende ficar aqui por muito tempo?

— Mais uma semana, por aí, e depois seguirei para Hong Kong. — Struan era o mais alto e o mais forte dos três. Olhos azuis claros, cabelos compridos, castanho-avermelhados, presos num rabicho, e já experiente para os seus vinte anos. — Não há razão para continuar, pois estamos em boas mãos com Jamie McFay. Ele tem realizado ótimo trabalho para nós, abrindo-nos o Japão.

— Ele tem boa cabeça, Sr. Struan, e isso é um fato que ninguém pode negar. A melhor que existe. A dama vai acompanhá-lo na viagem?

— Ah, a Srta. Richaud. Creio que ela voltará comigo... pelo menos é o que espero. O pai me pediu para ficar de olho nela, embora esteja temporariamente sob a guarda do ministro francês, enquanto estiver aqui.

Ele falou em tom jovial, fingindo não notar o súbito brilho nos olhos de Canterbury, nem que Tyrer se encontrava absorvido na conversa com Angelique, em francês, uma língua que falava muito mal, e já

sob seu encantamento. Não o culpe, Canterbury, nem a qualquer outro, pensou ele divertido, e depois esporeou o cavalo e se adiantou, a fim de dar espaço aos outros, pois o caminho se estreitara.

O terreno era plano, com muitos bambuais, pequenos bosques surgindo aqui e ali, as árvores já com as cores do outono. Havia muitos patos, e outras aves. Arrozais em todos os charcos, terras preparadas para o cultivo. Caminhos estreitos. Córregos por toda parte. O cheiro de esterco humano, o único fertilizante usado no Japão, sempre presente. Melindrosos, Tyrer e a moça mantinham lenços perfumados contra o nariz, embora uma brisa fresca soprasse do mar para afastar a maior parte do mau cheiro, e os resquícios da umidade do verão, mosquitos, moscas e outras pragas. As colinas distantes, com densa vegetação, eram um brocado de vermelhos, dourados e marrons — faias, lariços escarlates e amarelos, bordos, rododendros, cedros e pinheiros.

— Não acha linda esta terra, monsieur Tyrer? Uma pena que não possamos ver o monte Fuji com mais nitidez.

— *Oui, demain, il est là! Mais Mon Dieu, mademoiselle, quelle senteur!* — mas que cheiro, disse Tyrer, jovial, num fluente francês, uma língua essencial para qualquer diplomata.

Neste momento, Canterbury foi se postar ao outro lado de Angelique, desviando sua atenção do homem mais jovem.

— Está tudo bem, *mademoiselle*?

— Está, sim, obrigada. Mas eu bem que gostaria de galopar um pouco. Não pode imaginar como me sinto feliz por estar fora da cerca.

Desde que ela chegara, duas semanas antes, junto com Malcolm Struan, no vapor bimestral da companhia, que era vigiada de perto.

E não podia ser de outra forma, pensou Canterbury, com toda a rale e escória de Iocoama ao redor, e também, vamos ser francos, com tantos piratas farejando por aqui.

— Na volta, se quiser, pode dar uma volta a galope na pista da colônia.

— Oh, isso seria maravilhoso! Muito obrigada!

— Seu inglês é perfeito, Srta. Angelique, e seu sotaque maravilhoso. Estudou na Inglaterra?

— Oh, não, Sr. Canterbury! — Ela riu, e uma onda de calor envolveu Canterbury, inebriado com tanta beleza, com a qualidade de sua pele. — Nunca estive em seu país. Meu irmão menor e eu fomos criados por minha tia Emma e por meu tio Michel. Ela era inglesa, e sempre se recusou a aprender francês. Foi mais mãe do que tia. — Uma sombra de tristeza surgiu nos olhos de Angelique. — Isso aconteceu depois que minha mãe morreu, ao dar a luz a meu irmão, e papai viajou para a Ásia.

— Lamento muito.

— Foi há muito tempo, *monsieur*, e penso em minha querida tia Emma como uma mãe. — O pônei puxou as rédeas, e ela corrigiu a posição numa reação automática. — Acho que fui muito afortunada.

— É a sua primeira visita à Ásia? — perguntou Canterbury.

Ele conhecia a resposta, e muito mais, mas queria que ela continuasse a falar. Os fragmentos de informações a seu respeito, boatos, rumores, haviam se espalhado depressa, de um homem apaixonado para outro homem apaixonado.

— É, sim. — Outra vez, um sorriso iluminou seu rosto. — Meu pai é comerciante na China, na colônia britânica de Hong Kong. Vim visitá-lo aproveitando a oportunidade. Ele é amigo de *monsieur* Seratard, que vive aqui e que gentilmente me arrumou esta viagem. Talvez conheça meu pai, Guy Richaud, de Richaud Frères.

— Claro que conheço. Um excelente cavalheiro. — Canterbury deu uma resposta polida, mas nunca o encontrara, sabendo apenas o que outros lhe haviam dito: que Guy Richaud era conquistador inveterado, um estrangeiro sem muito destaque, há alguns anos na Ásia, vivendo com alguma dificuldade. — Todos nos sentimos honrados com sua presença aqui. Talvez eu possa oferecer um jantar em sua homenagem no clube, concorda?

— Obrigada. Falarei com meu anfitrião, *monsieur* Seratard. — Angelique viu Struan olhar para trás, olhar para a frente, e acenou alegremente. — O Sr. Struan foi bastante gentil ao me escoltar até aqui.

— É mesmo?

Como se não soubéssemos, pensou Canterbury, e especulou sobre ela, como se podia conquistar e manter tamanho tesouro, especulou sobre o jovem e brilhante Struan, que tinha condições para isso, e especulou ainda sobre os rumores de que a luta pelo domínio entre *Struan and Company* e sua maior rival no comércio, *Brock and Sons*, estava recomeçando, algo relacionado com a guerra civil americana, que irrompera no ano anterior.

Os lucros seriam imensos, nada como uma guerra para desenvolver os negócios, os dois lados já se engalfinhando como maníacos, o Sul mais do que um adversário à altura para a União...

— Angelique, olhe ali!

Struan parou seu pônei, apontando. Cerca de cem metros à frente, no fundo de uma pequena colina, ficava a estrada principal. Todos pararam ao seu lado.

— Nunca pensei que a *Tokaidô* fosse tão grande, nem tão movimentada — comentou Philip Tyrer.

Exceto por uns poucos pôneis, todos os viajantes andavam a pé.

— Mas... mas onde estão as carruagens e carroças? — indagou Angelique. — E mais do que isso, onde estão os mendigos?

Struan riu.

— É fácil explicar, Angelique. Como quase tudo o mais por aqui, elas são proibidas. — Struan inclinou a cartola para um ângulo mais elegante. — Não se permitem rodas de qualquer tipo no Japão. Ordens do xógum. Absolutamente nenhuma!

— Mas por quê?

— É um meio seguro de manter o resto da população em ordem, não é mesmo?

— Tem toda razão. — Canterbury riu, sardônico, e gesticulou para a estrada.

— É acrescenta-se a isso que cada Tom, Dick ou Mary, alto ou baixo, tem de carregar documentos de viajar, permissão para viajar, mesmo para sair de sua aldeia, o que se aplica aos príncipes e aos pobres. E observem os samurais... são os únicos em todo o Japão que podem andar armados.

— Mas sem diligências e ferrovias, como o país pode funcionar direito? — indagou Tyrer, perplexo.

— Funciona ao estilo do Japão — respondeu Canterbury. — Nunca se esqueça de que os japoneses só têm uma maneira de fazer as coisas. Apenas uma. *A sua maneira*. Os japoneses não são como os outros, muito menos como os chineses, não concorda, Sr. Struan?

— É verdade, não são mesmo.

— E não há rodas em parte alguma, senhorita. Assim, tudo por aqui, todas as mercadorias, alimentos, carne, peixe, material de construção, feixe de lenha, fardo de algodão, caixa de chá, barril de pólvora... cada homem, mulher ou criança que pode agüentar... tem de ser transportado nas costas de alguém... ou ir de barco, o que significa por mar, porque não existem rios navegáveis, pelo que estamos informados, apenas milhares de córregos.

— Mas o que me diz da colônia? As rodas são permitidas ali, Sr. Canterbury.

— É isso mesmo, temos todas as rodas que queremos, embora suas autoridades reclamem como malditos... desculpe, senhorita — ele se apressou em acrescentar, embaraçado. — Não estamos acostumados a damas na Ásia. Como eu estava dizendo, as autoridades japonesas, conhecidas como *Bakufu*, são como nosso serviço público civil, discutiram a respeito por anos, até que nosso ministro disse para se fo... ahn, para esquecerem, porque nossa colônia era nossa colônia. Quanto aos mendigos, também são proibidos.

Angelique balançou a cabeça, e a pluma em seu chapéu dançou alegremente.

— Parece impossível. Paris é... Paris está cheia de mendigos, são encontrados por toda a Europa, é impossível acabar com a mendicância. *Mon Dieu*, Malcolm o que dizer de Hong Kong?

— Hong Kong é o pior de todos os lugares — confirmou Malcolm Struan, sorrindo.

— Mas como podem proibir a mendicância e os mendigos? — perguntou Tyrer, outra vez perplexo. — *Mademoiselle* Angelique tem razão, é claro. Toda a Europa ferve de mendigos. Londres é a cidade mais rica do mundo, mas está inundada.

Canterbury exibiu um sorriso estranho.

— Não há mendigos porque o imperador todo-poderoso, o xógum, rei de todo mundo, diz que não se deve mendigar, e assim vira lei. Qualquer samurai pode usar sua lâmina em qualquer mendigo, a qualquer momento... ou em qualquer outro saca... perdão... em

qualquer outra pessoa, desde que não seja samurai. Se alguém for apanhado a mendigar, está violando a lei, por isso vai para a prisão, e depois que entra ali, a única pena possível é a de morte. O que também é lei.

— Não há mais nenhuma outra? — indagou a moça, chocada.

— Infelizmente, não. Por isso, os japoneses são tão meticulosos no respeito à lei.

Canterbury soltou outra risada sardônica, e olhou para a estrada sinuosa, interrompida abruptamente a menos de um quilômetro de distância, por um córrego raso e largo, que todos tinham de vadear, ou serem carregados na travessia. Havia uma barreira na outra margem. Ali, os viajantes faziam uma reverência e apresentavam seus documentos aos inevitáveis guardas samurais.

Os desgraçados, pensou Canterbury, odiando-os, mas adorando a fortuna que estava ganhando ali... e seu estilo de vida, que girava em torno de Akiko, sua amante há um ano. Ah, amor, você é a melhor, a mais especial, a mais carinhosa, em toda Yoshiwara.

— Olhem ali! — exclamou Angelique.

Na *Tokaidô*, grupos de viajantes haviam parado, apontavam para eles, espantados, falavam em voz alta, acima do rumor permanente de movimento — e havia ódio em muitos rostos, medo também.

— Não lhes dê atenção, senhorita. Somos apenas estranhos para eles, isso é tudo, não sabem de nada. É bem provável que seja a primeira mulher civilizada que já viram. — Canterbury apontou para o norte. — Iedo fica nessa direção, a cerca de trinta quilômetros. Claro que é uma cidade proibida para nós.

— Exceto para as delegações oficiais — ressaltou Tyrer.

— É verdade, mas só com permissão, o que Sir William não obteve uma única vez, pelo menos desde que cheguei aqui, e fui um dos primeiros. Os rumores são de que Iedo é duas vezes maior do que

Londres, senhorita, de que mais de um milhão de almas habitam ali, possui uma riqueza fantástica, e o castelo do xógum é o maior do mundo.

— Não poderia ser tudo mentira, Sr. Canterbury? — perguntou Tyrer.

O mercador sorriu.

— Eles são tremendos mentirosos, essa é a pura verdade de Deus, Sr. Tyrer, os melhores mentirosos que já existiram, fazem até com que os chineses pareçam, em comparação, com o arcanjo Gabriel. Não o invejo por ter de interpretar o que eles dizem, que nunca é, tão certo quanto Deus criou a pervinca, o que de fato estão pensando!

Normalmente, ele não era tão loquaz, mas estava determinado a impressionar Angelique e Malcolm Struan com seus conhecimentos, enquanto tinha a oportunidade. Toda aquela conversa o deixara com uma tremenda sede. Levava no bolso do lado um frasco fino de prata, mas refletiu, pesaroso, que seria uma demonstração de maus modos tomar um trago de uísque na presença da moça.

— Poderíamos obter permissão para ir até lá, Malcolm? — indagou ela. — Para visitar essa tal de Iedo?

— Duvido muito. Por que não pergunta a *monsieur Seratar'*?

— É o que farei. — Angélique notou que ele pronunciara o nome da forma correta, omitindo o "d", como lhe ensinara. Isso é ótimo, pensou ela, tornando a desviar os olhos para a *Tokaidô*. — Onde termina a estrada?

Depois de uma pausa insólita, Canterbury respondeu:

— Não sabemos. O país inteiro é um mistério, não resta a menor dúvida de que os japoneses querem mantê-lo assim, e que não gostam de nós, de nenhum de nós. Chamam-nos de *gai-jin*, estrangeiros. Outra palavra é *i-jin*, que significa "pessoa diferente". Não sei qual é a diferença, exceto que chamar alguém de *gai-jin* não

é muito polido. — Ele soltou uma risada. — Seja como for, não gostam de nós. E somos diferentes... ou eles são.

Canterbury acendeu um charuto, antes de continuar:

— Afinal, mantiveram o Japão completamente fechado por quase dois séculos e meio, até que o Velho Perry os obrigou a se abrirem, há nove anos. — O tom era de admiração. — Os rumores são de que a *Tokaidô* termina numa grande cidade, uma espécie de cidade sagrada, chamada Quioto, onde vive seu sumo sacerdote... conhecido como micado. Pelo que estamos informados, a cidade é tão sagrada que só não é proibida para uns poucos japoneses especiais.

— Os diplomatas podem viajar para o interior — interveio Tyrer, em tom incisivo. — O tratado permite, Sr. Canterbury.

O mercador tirou o chapéu de pele de castor, do qual sentia o maior orgulho, enxugou a testa e decidiu que não permitiria que o jovem estragasse sua alegria. Um garoto petulante, com uma voz irritante, pensou ele, eu poderia parti-lo ao meio sem nem mesmo peidar.

— Depende da maneira como se interpreta o tratado e se deseja manter a cabeça nos ombros. Eu não o aconselharia a deixar a área de segurança combinada, que se estende por uns poucos quilômetros para o norte, o sul e o interior, independente do que diz o tratado... ainda não, ou pelo menos sem a proteção de um ou dois regimentos. — Apesar de sua determinação, Canterbury sentia-se fascinado pela curva dos amplos seios da moça, delineados pela blusa justa. — Estamos encurralados aqui, mas não é tão ruim assim. O mesmo acontece com nossa colônia em Nagasáqui, duzentas léguas a oeste.

— Léguas? Não compreendo — disse Angelique, disfarçando sua diversão e prazer pelo desejo que a cercava. — Pode explicar, por favor?

Foi Tyrer quem respondeu, com um ar de importância:

— Uma légua tem cerca de cinco quilômetros, *mademoiselle*. — Ele era alto e esguio, não fazia muito tempo que saíra da universidade, e se descobria apaixonado pelos olhos azuis e a elegância parisiense

de Angelique. — Hum... o que era mesmo que estava dizendo, Sr. Canterbury?

O mercador desviou sua atenção do busto da moça.

— Apenas que a situação não vai melhorar muito, mesmo depois que os outros portos forem abertos. Em breve, muito em breve, teremos de forçá-los a nos aceitarem, de um jeito ou de outro, se quisermos ter um comércio de verdade.

Tyrer ficou surpreso.

— Está pensando numa guerra?

— Por que não? Para que servem as esquadras? E os exércitos? Deu certo na Índia, China, por toda parte. Somos o império britânico, o maior e o melhor que já existiu no mundo. Estamos aqui para

promover o comércio, mas podemos aproveitar e lhes dar ordem e leis apropriadas, para impor a civilização. — Canterbury olhou para a estrada, irritado com a hostilidade que emanava de lá. — Gente feia, não acha, senhorita?

— *Mon Dieu*, eu gostaria que não nos olhassem dessa maneira.

— Receio que terá de se acostumar. Acontece a mesma coisa em toda parte. E, como disse o Sr. Struan, Hong Kong é pior. Seja como for, Sr. Struan, não me importo em lhe dizer que precisamos aqui de nossa própria ilha, de um lugar que nos pertença, não de uma faixa de terra pútrida e malcheirosa, na costa, com apenas um quilômetro e meio, indefensável, sujeita a ataques e chantagem a qualquer momento, se não fosse por nossa esquadra. Deveríamos capturar uma ilha, como seu avô fez com Hong Kong, abençoado seja.

— Talvez façamos isso — declarou Malcolm Struan, confiante, animado pela lembrança de seu famoso ancestral, o *Tai-pan* Dirk Struan, fundador da companhia e um dos principais criadores da colônia, vinte e tantos anos antes, em 1841.

Sem perceber o que fazia, Canterbury tirou do bolso o frasco de prata, tomou um trago, limpou a boca com o dorso da mão, tornou a guardar o frasco.

— Vamos prosseguir. É melhor eu seguir à frente, em fila única, quando houver necessidade, e esqueçam os japoneses. Sr. Struan, talvez seja melhor permanecer ao lado da moça, enquanto o Sr. Tyrer fica na retaguarda.

Satisfeito consigo mesmo, ele esporeou o pônei para um trote rápido. Quando Angelique veio para o seu lado, os olhos de Struan contraíram-se num sorriso. Estava abertamente apaixonado por ela desde o primeiro momento em que a vira, quatro meses antes, em Hong Kong, no próprio dia em que chegara... para tomar a ilha de assalto. Cabelos louros, pele impecável, olhos de um azul profundo, com um atraente narizinho arrebitado em um rosto oval, que não chegava a ser lindo, mas possuía estranho fascínio, arrebatador, muito parisiense, sua inocência e juventude sobrepostas por uma sensualidade perceptível, constante, embora inconsciente, que suplicava para ser mitigada. E isso num mundo de homens sem esposas apropriadas, sem grandes esperanças de encontrar alguma na Ásia, ainda menos alguém como ela. Muitos dos homens eram ricos, uns poucos eram príncipes dos mercadores.

— Não preste atenção aos nativos, Angelique — sussurrou ele. —
Estão apenas impressionados com você.

Ela sorriu. Como uma imperatriz, inclinou a cabeça.

— *Merci, monsieur, vous êtes très aimable.*

Struan já se sentia muito contente, e agora se sentiu também seguro. Era o destino, Deus nos reuniu, pensou ele, exultante, planejando o retorno, o pedido de permissão ao pai para casar. Por que não no Natal?

O Natal será perfeito. Casaremos na primavera, e iremos viver na Casa Grande, no Pico, em Hong Kong. Sei que a mãe e o pai já a adoram... por Deus, espero que ele esteja mesmo melhor. Daremos uma grande festa de Natal.

Depois de alcançarem a estrada, o grupo efetuou progresso rápido, tomando cuidado para não obstruir o movimento. Mas, quer gostassem ou não, aquela presença inesperada, para a vasta maioria dos incrédulos japoneses, que nunca haviam visto pessoas daquele tamanho, formato e cor, em particular a moça — além dos estranhos chapéus e sobrecasacas, calças pretas e botas de montaria, mais o traje de equitação de Angelique, a sela de lado e a pluma graciosa na cartola —, criava inevitáveis paralisações no tráfego.

Tanto Canterbury quanto Struan observavam as pessoas na estrada com a maior atenção, à medida que mais viajantes passavam por eles, num verdadeiro turbilhão, embora sempre abrindo espaço para que avançassem. Nenhum dos dois pressentia ou esperava qualquer perigo. Angelique mantinha-se bem perto de Struan, fingindo ignorar os risos e o espanto, até mesmo a mão ocasional que tentava tocá-la, chocada pela maneira como os homens levantavam seus quimonos, sem a menor cerimônia, expondo as tangas sumárias e a ampla nudez. *“Querida Colette, você nunca acreditaria”*, pensou ela, continuando a carta que concluiria naquela noite, para sua melhor amiga em Paris, *“mas a vasta maioria das legiões de carregadores na estrada pública usa APENAS tangas mínimas, que quase nada escondem na frente, e se tornam mera linha entre as nádegas por trás! Juro que é verdade, e posso acrescentar que muitos nativos são bastante cabeludos, embora suas partes íntimas sejam em geral pequenas. Eu me pergunto se Malcolm...”* Ela sentiu que corava, e perguntou, puxando conversa:

— A capital é mesmo proibida, Philip?

— Não segundo o tratado. — Tyrer experimentou a maior satisfação. Apenas alguns minutos, e ela já abandonara o *monsieur*. — O tratado estipulou que todas as legações ficariam instaladas em Iedo, a capital. Fui informado de que evacuamos Iedo no ano passado, depois do ataque que sofremos. É mais seguro permanecer em Iocoama, sob a proteção dos canhões da esquadra.

— Ataque? Que ataque?

— De alguns loucos chamados *ronin*... são alguma espécie de proscritos, assassinos... uns dez ou doze atacaram nossa legação, durante a madrugada. A legação britânica! Pode imaginar tamanho atrevimento? Os demônios mataram um sargento e um sentinela...

Ele parou de falar no momento em que Canterbury saiu da estrada, e apontou com o chicote.

— Olhem ali!

Os outros pararam ao seu lado. Podiam ver agora os estandartes compridos e finos, erguidos por uma coluna de samurais, que virava uma curva na estrada, aproximando-se, umas poucas centenas de metros à frente. Todos os viajantes se dispersavam, apressados, largando fardos e palanquins no chão, desmontando sem qualquer hesitação, e depois todos se ajoelharam nas margens da estrada, cabeças abaixadas para a terra batida, homens, mulheres e crianças, e ficaram imóveis. Apenas os poucos samurais na estrada permaneceram de pé. À passagem do cortejo, eles faziam uma reverência, deferentes.

— Quem é, Philip?— perguntou Angelique, excitada. — Pode ler o que está escrito nos estandartes?

— Lamento, *mademoiselle*, mas ainda não posso. Eles dizem que leva anos para se aprender a ler e escrever sua língua.

A felicidade de Tyrer se dissipou ao pensamento de tanto trabalho pela frente.

— Não seria o xógum?

Canterbury riu.

— Não há a menor possibilidade. Se fosse ele, toda esta área teria sido isolada. Dizem que ele tem cem mil samurais à sua disposição. Mas é alguém importante, talvez um rei.

— O que devemos fazer quando eles passarem?

— Daremos a saudação real — respondeu Struan. — Vamos tirar o chapéu, e gritar três vivas. O que você vai fazer?

— Eu, *chéri*?

Angelique sorriu, recordando o que o pai lhe dissera antes de deixar Hong Kong, a caminho de Iocoama:

— Encoraje o jovem Malcolm Struan, mas com todo cuidado, minha querida. Eu já o fiz, discretamente. Ele daria um maravilhoso marido para você, e foi por isso que concordei com esse passeio a Iocoama, sem acompanhante, desde que ele a escolte, em um dos seus navios. Daqui a três dias você completará dezoito anos, tempo de casar. Sei que ele tem apenas vinte anos, é jovem para você, mas é inteligente, o filho mais velho, vai herdar a Casa Nobre dentro de um ano, ou por aí... corre o rumor de que seu pai, *Culum*, o *Tai-pan*, está muito mais doente do que a companhia admite publicamente.

— Mas ele é britânico — comentara Angelique, pensativa. — E você odeia os britânicos, papai, diz que todos devemos odiá-los. Não é isso mesmo?

— É, sim, minha querida, mas não publicamente. A Inglaterra é o país mais rico do mundo, o mais poderoso, e na Ásia eles são os

reis, e Struan a Casa Nobre... Richaud Frères é uma companhia pequena. Teríamos imensos benefícios se recebêssemos seus negócios franceses. Faça essa sugestão a ele.

— Oh, papai, eu não poderia, pois isso seria... Não poderia, papai.

— É uma mulher agora, não mais uma criança. Deixe-o fascinado, e ele próprio acabará fazendo a sugestão. Nosso futuro depende de você. Muito em breve Malcolm Struan será o *Tai-pan*, e você poderá partilhar tudo...

Claro que eu adoraria ter um marido assim, pensou ela. Como papai é esperto! E como era maravilhoso ser francês, e, portanto, superior! E é muito fácil gostar de Malcolm, talvez mesmo amá-lo, com seus olhos estranhos, sua jovem aparência. Espero que ele me peça em casamento. Angélique suspirou e voltou a concentrar sua atenção no presente.

— Inclinarei a cabeça, como fazemos no *Bois* para Sua Majestade, o imperador Luís Napoleão. O que é, Philip?

— Talvez seja melhor voltarmos — sugeriu Tyrer, apreensivo. — Todos dizem que eles são muito desconfiados de nossa proximidade de seus príncipes.

— Isso é bobagem — interveio Canterbury. — Não há perigo, nunca houve um ataque assim... não é como a Índia, África ou China. Como eu disse, os japoneses respeitam as leis. Estamos dentro dos limites do tratado e faremos a mesma coisa de sempre, deixaremos que eles passem, levantando um pouco o chapéu, polidamente, como se deve fazer diante de qualquer potentado, e depois seguiremos nosso caminho. Está armado, Sr. Struan?

— Claro.

— Eu não estou — disse Angelique, um pouco petulante, olhando para os estandartes, agora a apenas cem metros de distância. — Acho que as mulheres também deveriam andar com pistolas, se os homens agem assim.

Todos ficaram chocados.

— Nem é bom pensar nisso. Tyrer?

Contrafeito, Tyrer mostrou a Canterbury sua pequena pistola.

— Foi um presente de despedida de meu pai, mas nunca a disparei.

— Nem vai precisar agora. Só temos de nos preocupar com os samurais isolados, os que andam sozinhos ou aos pares, e que são anti-estrangeiros fanáticos. — Uma pausa e ele acrescentou, sem pensar: — Ou com os *ronins*. Mas não há motivo de preocupação. Há um ano ou mais que não temos problemas.

— Problemas? — repetiu Angelique. — Que tipo de problemas?

— Nada demais — respondeu Canterbury, não querendo afligi-la, e tentando encobrir o deslize. — Uns poucos ataques, de uns poucos fanáticos, nada importante.

Ela franziu o rosto.

— Mas *monsieur* Tyrer disse que houve um ataque em massa contra a legação britânica, e alguns soldados foram mortos. Isso não é importante?

— Foi, sim. — Canterbury sorriu para Tyrer, transmitindo uma mensagem óbvia: você é um tremendo idiota por contar a uma dama algo de tamanha importância! — Mas era apenas um bando de assassinos isolados. A burocracia do xogunato jurou que eles seriam capturados e punidos.

Seu tom era convincente, mas ele se perguntou o quanto da verdade Tyrer e Struan sabiam: cinco homens assassinados nas ruas de Iocoama durante o primeiro ano. No ano seguinte, dois russos, um oficial e um marujo de um vaso de guerra russo, retalhados até a morte, também em Iocoama. Poucos meses mais tarde, dois mercadores holandeses. Depois, o jovem intérprete da legação britânica em Kanagawa, apunhalado pelas costas, e deixado a sangrar até a morte. Heusken, o secretário da missão americana, esquartejado em uma dúzia de pedaços, ao voltar a cavalo para casa, saindo de um jantar na legação prussiana. E, no ano anterior, um soldado e um sargento britânicos, retalhados no lado de fora do quarto do cônsul britânico!

Cada assassinato premeditado, sem qualquer provocação, pensou Canterbury, furioso, e cometido por um samurai de duas espadas. Nunca houvera nenhuma ofensa, em qualquer dos casos... e pior de tudo, nenhum dos desgraçados fora preso e punido pelo todopoderoso *Bakufu* do xógum, apesar dos protestos dos chefes de legações, e apesar das promessas dos japoneses. Nossos líderes são uns idiotas irremediáveis! Deveriam ter ordenado que a esquadra entrasse em ação imediatamente, bombardeando Iedo. Só assim o terror cessaria por completo, poderíamos dormir seguros em nossas camas, sem guardas, andar pelas ruas, quaisquer ruas, sem medo quando algum samurai se aproximasse. Os diplomatas são comedores de ânus, e aquele presunçoso era um perfeito espécime.

Amargurado, ele observou os estandartes, tentando decifrar os caracteres. Lá atrás, depois da passagem do cortejo, os viajantes se

levantavam, e recomeçavam a caminhada. Os que seguiam na mesma direção da coluna mantinham-se a uma distância cautelosa.

Era insólito que os quatro permanecessem montados, muito acima das fileiras irregulares de pessoas ajoelhadas nos dois lados da estrada, a cabeça na poeira, o traseiro empinado para o ar. Os três homens tentavam não notar a nudez, embaraçados pela presença de Angelique, que também se sentia embaraçada.

Os samurais com os estandartes se aproximavam, num movimento inexorável. Havia duas filas, cerca de cem homens em cada uma, em seguida mais estandartes, e fileiras cerradas em torno de um palanquim laqueado de preto, levado por oito suados carregadores. Mais estandartes e samurais, depois pôneis de carga, e na retaguarda um bando variado de carregadores de bagagem. Todos os samurais usavam quimonos cinza, com a mesma insígnia, três peônias entrelaçadas, que também estava nos estandartes, e chapéus de palha amarrados por baixo do queixo. Duas espadas no cinto, uma curta, outra longa. Alguns tinham arco e flechas pendurados no ombro, uns poucos tinham mosquetes de carregar pelo cano. Uns poucos vestiam-se de forma mais requintada do que os outros.

A coluna chegou perto.

Com crescente choque, Struan e os outros constataram o que havia em todos os rostos, em todos os olhos fixados neles: fúria. Ele foi o primeiro a romper o encantamento:

— Acho que é melhor recuarmos...

Mas antes que qualquer um pudesse se afastar, um jovem samurai, de ombros largos, deixou a formação e correu para eles, logo seguido por outro homem. Os dois se colocaram entre os estrangeiros e o palanquim que se aproximava. Transbordando de raiva, o primeiro homem largou seu estandarte e gritou, num tom insultuoso, paralisando-os com sua ira súbita. O cortejo hesitou por um instante, depois os homens retomaram a cadência e continuaram a passar. As pessoas ajoelhadas não se mexeram. Agora, no entanto, pairava acima de tudo um silêncio tenso, quebrado apenas pelo som dos pés em marcha.

O samurai tornou a gritar. Canterbury era o mais próximo. Obediente, nauseado de medo, ele esporeou o pônei. Mas, inadvertidamente, a volta foi na direção do palanquim, não para o outro lado. No mesmo instante, o samurai sacou sua espada de

matar, gritou “*Sonno-joi!*” e golpeou-o com toda a sua força. O outro homem partiu para cima de Struan.

O golpe decepou o braço esquerdo de Canterbury, logo acima do bíceps, e alcançou seu flanco. O mercador olhou incrédulo para o coto, enquanto o sangue esguichava em cima da moça. Impotente, Struan tentava pegar seu revólver, enquanto o outro samurai se adiantava, com a lâmina levantada. Mais por sorte do que por julgamento, ele se desviou do caminho de um golpe, que o feriu apenas de leve na perna esquerda, e cortou o pônei no quarto dianteiro. O animal relinchou, e se empinou num súbito pânico, derrubando o atacante. Struan apontou, puxou o gatilho do pequeno *Colt*, mas o pônei tornou a empinar, e a bala se perdeu no ar, inofensiva. Frenético, ele tentou controlar a montaria e mirar de novo, sem perceber que o primeiro homem agora o atacava pelo outro lado.

— Cuidado! — gritou Tyrer, voltando à vida.

Tudo acontecera tão depressa que era quase como se ele estivesse imaginando o horror — Canterbury caído no chão, em agonia, seu pônei fugindo, Angelique atordoada na sela, Struan apontando sua arma pela segunda vez, a espada da morte descrevendo um arco para suas costas desprotegidas. Ele viu Struan reagir ao alerta, o

pônei desesperado corcoveando ao seu contato, e o golpe que o teria matado sendo desviado de alguma forma pelas rédeas ou o arção, atingindo seu flanco de raspão. Struan balançou na sela, soltando um uivo de dor.

Isso galvanizou Tyrer.

Ele esporeou seu pônei, avançou para o atacante de Struan. O homem saltou para o lado, ileso, notou a moça, correu em sua direção, a espada erguida. Tyrer virou seu pônei apavorado, viu Angelique olhando atordoada para o samurai que se adiantava, paralisada pelo horror.

— Fuja! Vá buscar ajuda! — gritou ele.

E avançou outra vez para o atacante, que se esquivou, recuperou o equilíbrio parou por um instante, com a espada em posição de ataque.

O tempo parecia passar muito devagar. Philip Tyrer sabia que podia se considerar morto. Mas isso parecia não importar agora, pois no momento de trégua ele viu Angeliqve virar seu pônei e fugir para a segurança. Esquecera sua pistola. Não havia espaço para escapar. Nem tempo.

Por uma fração de segundo, o jovem samurai hesitou, exultante no instante do golpe final, e depois saltou. Impotente, Tyrer tentou recuar. Foi então que a explosão ocorreu, a bala derrubou o japonês, a espada ainda atingiu o braço de Tyrer, mas sem gravidade.

Por um momento, Tyrer não acreditou que continuava vivo, até que viu Struan balançando na sela, o sangue escorrendo do ferimento no flanco, a arma apontada para o outro samurai, seu pônei frenético corcoveando.

Struan puxou o gatilho de novo. A arma se encontrava perto da orelha do pônei. O estampido acabou por completo com o controle do animal, que prendeu o freio nos dentes, e saiu em disparada. Struan mal conseguia se manter na sela. No mesmo instante, o samurai partiu em seu encalço, e isso proporcionou a Tyrer a chance de cravar as esporas em sua montaria, afastar-se da estrada e correr atrás, para o norte.

— *Sonno-joiiii!* — berrou o samurai, enfurecido pelos dois terem escapado. John Canterbury se contorcia e gemia no chão, perto de alguns viajantes apavorados, todos ainda ajoelhados, de cabeça baixa, imóveis. Furioso, o jovem samurai chutou para o lado o chapéu de Canterbury e decapitou-o com um único golpe. Depois, com extremo cuidado, limpou a lâmina na sobrecasaca e enfiou-a na bainha.

E durante todo esse tempo o cortejo continuara a passar, como se nada estivesse acontecendo, como se nada ocorrera, os olhos registrando tudo, mas nada deixando transparecer. Nem qualquer dos viajantes a pé ergueu a cabeça da estrada.

O outro samurai, ainda mais jovem sentara no chão, as pernas cruzadas, comprimindo o ombro com o quimono dobrado para estancar a hemorragia, a espada ainda suja de sangue no colo. O companheiro se aproximou, ajudou-o a levantar, limpou a espada no quimono da pessoa mais próxima, uma velha, que estremeceu em terror, mas manteve a cabeça comprimida contra a terra.

Os dois samurais eram jovens e fortes. Sorriram um para o outro, examinaram juntos o ferimento. A bala passara direto pelo músculo da parte superior do braço. Nenhum osso fora atingido. Shorin, o mais velho, disse:

— O ferimento está limpo, Ori.

— Deveríamos ter matado todos.

— Karma.

Neste momento, os samurais concentrados e os oito apavorados carregadores do palanquim passaram pelo local, todos fingindo que os dois homens e o cadáver não existiam. Com toda deferência, os dois jovens inclinaram a cabeça.

A pequena janela lateral do palanquim foi aberta por um instante, e logo se fechou.

2

— Tome aqui, Sr. Struan, beba isto — disse o médico, gentilmente, de pé ao lado da cama de campanha.

Estavam na enfermaria da legação britânica, em Kanagawa, e ele conseguira estancar o fluxo de sangue quase que por completo. Tyrer arriara numa cadeira, perto da janela. Os dois haviam chegado meia hora antes.

— Vai fazer com que se sinta melhor — acrescentou o médico.

— O que é isso?

— Uma poção mágica... láudano, que é uma tintura de ópio e morfina, preparada por mim. Vai parar a dor. Terei de costurá-lo um pouco, mas não se preocupe, pois usarei éter para fazê-lo dormir.

Struan sentiu um ímpeto de medo envolvê-lo. Éter para cirurgia era uma inovação recente, muito alardeada, mas ainda experimental.

— Eu... nunca fiz... nenhuma operação, e acho que não...

— Não precisa ficar preocupado. Os anestésicos são bastante seguros, nas mãos certas. — O Dr. George Babcott tinha vinte e oito anos, mais de um metro e noventa de altura, uma corpulência de acordo. — Já usei éter e clorofórmio muitas vezes, ao longo dos últimos cinco ou seis anos, com excelentes resultados. Pode acreditar. Não vai sentir nada, é uma dádiva para o paciente.

— É verdade, *Sr. Struan* — interveio *Tyrer*, tentando ser prestativo, mas sabendo que não o era. Seu ferimento já fora limpo com iodo, costurado e enfaixado, o braço descansava agora numa tipóia, e ele agradecia à sua sorte pelo talho ter sido superficial. — Conheci um sujeito na universidade que teve seu apêndice extraído com clorofórmio, e não doeu nada.

Ele queria parecer tranqüilizador, mas a perspectiva de qualquer operação — e a gangrena que a seguia com uma freqüência excessiva — também o apavorava.

— Não se esqueça, *Sr. Struan* — argumentou *Babcott*, tentando disfarçar sua preocupação —, que quase quinze anos já passaram desde que o *Dr. Simpson* usou clorofórmio pela primeira vez numa cirurgia, e a partir de então aprendemos muita coisa a respeito. Estudei sob a sua orientação na enfermaria real durante um ano, antes de partir para a *Criméia*. — O rosto entristeceu. — Também aprendi muita coisa ali. Mas essa guerra terminou, não temos mais que nos angustiar com isso, e o maravilhoso láudano vai lhe trazer também alguns sonhos eróticos, se tiver sorte.

— E se eu não tiver?

— Acontece que tem. Os dois têm muita sorte.

Struan forçou um sorriso, através da dor.

— Tivemos sorte por encontrá-lo aqui, e tão depressa, sem qualquer dúvida. Com uma confiança instintiva em Babcott, ele tomou o líquido incolor, tornou a se recostar, quase desmaiando com a dor.

— Vamos deixar o *Sr.* Struan descansar por um momento — disse Babcott. — É melhor vir comigo, *Sr.* Tyrer, pois temos coisas a fazer.

— Pois não, doutor. Struan, quer eu pegue alguma coisa para você, faça qualquer coisa?

— Não... não, obrigado. E não precisa ficar aqui esperando.

— Não diga bobagem. Claro que esperarei.

Nervoso, Tyrer seguiu o médico para fora da enfermaria e fechou a porta.

— Ele vai ficar bom?

— Não sei. Por sorte, as lâminas dos samurais são sempre limpas, e eles cortam com a precisão de um bisturi. Agora, peço que me dê licença. Sou a única autoridade aqui esta tarde, e agora que já fiz tudo o que podia como médico, devo assumir o papel de representante de sua majestade britânica.

Babcott era o substituto de Sir William. Ordenou que o cúter da legação atravessasse a baía até Iocoama, para dar o alarme, enviou um criado chinês para chamar o governador local, outro para descobrir que *daimio*, ou príncipe, passara por Kanagawa há cerca de duas horas, colocou em estado de alerta o destacamento de seis soldados e serviu uma dose grande de uísque a Tyrer.

— Beba, pois é medicinal. Disse que os assassinos gritaram alguma coisa para vocês?

— Isso mesmo. Parecia "*sono... sonoiii*".

— Nada significa para mim. Fique à vontade. Voltarei num instante. Preciso providenciar algumas coisas.

Babcott saiu da sala. O braço de Tyrer doía, com os sete pontos que levava. Embora o médico fosse competente, ele tivera de fazer o maior esforço para não gritar. Mas conseguira evitar, e sentia-se satisfeito consigo mesmo. O que o consternava agora eram os fluxos de medo que continuavam a sacudi-lo, deixando-o com vontade de sair correndo, e não parar nunca mais.

— Você é um covarde — murmurou ele, transtornado com a descoberta. Como a enfermaria, a ante-sala recendia a substâncias químicas, tornando seu estômago embrulhado. Tyrer foi até a janela, respirou fundo, tentando em vão desanuviar a cabeça, depois tomou um gole do uísque. Como sempre, o gosto era forte e desagradável. Ele olhou para o copo. Imagens terríveis ali, as piores. Um tremor percorreu seu corpo. Forçou-se a olhar apenas para o líquido. Era de um castanho dourado, e o cheiro lembrava-o de sua casa em Londres, o pai depois do jantar sentado frente ao fogo, com seu drinque, a mãe tricotando, serena, as duas criadas tirando a mesa, tudo aconchegante e seguro. Lembrava-o também de Garroway's, seu café predileto, em Cornhill, movimentado e seguro, e da universidade, excitante, cordial e segura. Tudo seguro. Sua vida inteira fora segura... e agora? O pânico começou outra vez a dominá-lo. Por Deus, o que estou fazendo aqui?

Depois da fuga, mas ainda não bastante longe da *Tokaidô*, o pônei de Struan refugou, cedendo ao corte no flanco, e Struan caiu. A queda deixou-o bastante machucado.

Com a maior dificuldade, ainda fraco de medo, Tyrer ajudou Struan a montar em seu próprio pônei, porém mal conseguia sustentar o homem mais alto na sela. Durante todo esse tempo, sua atenção

focalizava o cortejo que já desaparecia, esperando a qualquer momento a aproximação de samurais montados.

— Pode se agüentar?

— Acho que sim. — A voz de Struan era fraca, a dor intensa. — Angelique... ela conseguiu escapar?

— Conseguiu. Os demônios mataram Canterbury.

— Vi quando aconteceu. Você... está ferido?

— Nada demais. Apenas um talho no braço.

Tyrer tirou o casaco, soltando uma imprecação pela dor súbita. O ferimento era um corte reto na parte mais carnuda do antebraço. Ele limpou um pouco do sangue com um lenço, e depois usou-o como uma atadura.

— Não há veias ou artérias cortadas... Mas por que eles nos atacaram? Por quê? Não estávamos fazendo nada demais.

— Eu... não consigo me virar. O desgraçado me acertou no lado... como... como está?

Com o maior cuidado, Tyrer abriu o pano rasgado. A extensão e profundidade do corte, agravado pela queda, chocaram-no. O sangue saía aos borbotões do ferimento, assustando-o ainda mais.

— Não me parece nada bom. Precisamos procurar um médico o mais depressa possível.

— É melhor darmos a volta para chegarmos a Iocoama.

— Acho que tem razão.

O jovem segurava Struan e tentava pensar com clareza. As pessoas na *Tokaidô* apontavam para eles. Sua ansiedade aumentava cada vez mais. Kanagawa era mais perto, e ele podia divisar diversos templos.

— Um deles deve ser nosso — murmurou Tyrer, sentindo um gosto amargo na boca. Foi então que ele percebeu que tinha as mãos cobertas de sangue, e seu coração tornou a disparar em pavor, para depois experimentar um intenso alívio ao constatar que a maior parte era de Struan. — Vamos seguir em frente.

— O que... você disse?

— Iremos para Kanagawa... fica mais perto, e o caminho está livre. Dá para avistar vários templos, e um deles deve ser nosso. Haverá uma bandeira hasteada.

Pelo costume japonês, as legações eram alojadas em seções de templos budistas. Só os templos ou mosteiros dispunham de cômodos extras ou prédios anexos de tamanho e em quantidade suficientes, por isso o *Bakufu* reservara alguns para os estrangeiros, até que as residências individuais fossem construídas.

— Pode agüentar, *Sr. Struan*? Eu levarei o pônei.

— Posso. — *Struan* olhou para seu próprio pônei, que relinchava desesperado, tentou se levantar e andar, mas não conseguiu, as pernas incapazes de sustentá-lo. O sangue escorria do ferimento, o animal tremia todo. — Acabe com o sofrimento do meu pônei, e depois vamos embora.

Tyrer nunca atirara num cavalo antes. Enxugou o suor das mãos. A pistola tinha dois canos, era carregada pela culatra, com dois dos novos cartuchos de bronze, que continham bala, carga e detonador.

O pônei ainda se debateu, mas não podia ir longe. Ele afagou sua cabeça por um instante, acalmando-o, encostou a pistola na orelha e puxou o gatilho. A morte imediata o surpreendeu. E o estampido da arma também. Guardou-a no bolso. Tornou a enxugar as mãos, como se estivesse num transe.

— É melhor sairmos da estrada, *Sr. Struan*. Mais seguro.

Levaram muito mais tempo do que previam, com valas e córregos para atravessar. Por duas vezes, Struan quase perdeu os sentidos, e Tyrer teve de fazer o maior esforço para evitar que ele caísse. Os camponeses nos arrozais fingiam não vê-los, ou lançavam olhares furiosos, e depois voltavam a se concentrar em seu trabalho. Tyrer se limitava a soltar imprecações e seguia em frente.

O primeiro templo estava vazio, a não ser por uns poucos monges budistas assustados, as cabeças raspadas, usando túnicas laranjas, que correram para os cômodos interiores assim que os viram. Havia uma pequena fonte no pátio. Agradecido, Tyrer bebeu um pouco da água fresca, depois encheu de novo a caneca, e levou-a para Struan, que bebeu, embora mal conseguisse ver qualquer coisa, por causa da dor.

— Obrigado. Quanto... falta?

— Muito pouco — respondeu Tyrer, sem saber para que lado seguir, tentando se mostrar bravo. — Chegaremos a qualquer momento.

O caminho se bifurcava, um lado seguindo para a costa e outro templo, que se elevava acima das casas da aldeia, o segundo se embrenhando pelas casas, na direção de mais um templo. Sem qualquer motivo definido, Tyrer optou pelo desvio para a costa.

Era um caminho sinuoso, voltava várias vezes, antes de continuar para leste, não havia pessoas no labirinto de vielas, mas podia-se sentir olhos por toda parte. E, de repente, ele viu o portão principal do templo, a bandeira inglesa e o soldado de uniforme vermelho. Quase chorou, de alívio e orgulho, pois foram avistados no mesmo instante, o soldado correu para ajudar, outro foi chamar o sargento da guarda, e não demorou muito para que o *Dr.* Babcott aparecesse.

— Deus Todo-Poderoso! O que aconteceu?

Foi fácil contar... pois havia muito pouco a relatar.

— Já ajudou numa operação antes?

— Não, doutor.

Babcott sorriu, o rosto e o comportamento afáveis, as mãos empenhadas em movimentos rápidos, despindo Malcolm Struan, semi-inconsciente, com extrema facilidade, como se fosse uma criança.

— Pois terá de fazê-lo daqui a pouco. Será uma boa experiência para você. Preciso de ajuda, e sou o único aqui hoje. Mas voltará a Iocoama até a hora do jantar.

— Eu... tentarei.

— Provavelmente vai se sentir nauseado... por causa do cheiro, acima de tudo, mas não se preocupe. Se quiser vomitar, faça-o na bacia, não em cima do paciente.

Babcott tornou a fitá-lo, avaliando-o, especulando até que ponto poderia confiar naquele jovem, percebendo seu terror contido, e depois voltou ao trabalho.

— Aplicaremos o éter em seguida, e depois começaremos. Disse que esteve em Pequim?

— Isso mesmo. Passei quatro meses lá. Vim para cá através de Xangai, e cheguei há poucos dias. — Tyrer ficou contente pela oportunidade de falar, o que ajudaria a afastar sua mente dos horrores. — O Ministério do Exterior achou que uma curta estada em

Pequim, aprendendo os caracteres chineses, poderia nos ajudar com os japoneses.

— Perda de tempo. Se quiser falar a língua, se quiser ler e escrever direito, os caracteres chineses não ajudarão quase nada. — Babcott ajeitou o homem inerte numa posição mais confortável. — Quanto você conhece da língua japonesa?

A infelicidade de Tyrer aumentou.

— Praticamente nada, senhor. Só umas poucas palavras. Fomos informados de que havia gramáticas e livros em japonês em Pequim, mas não encontramos nenhum.

Apesar de sua enorme preocupação com o incidente, Babcott não pôde deixar de rir.

— As gramáticas são tão raras quanto uma cauda de dragão, e não há dicionário de japonês, ao que eu saiba, exceto o do padre Alvito, de 1601, e esse é em português... e eu nunca o vi, só ouvi falar a respeito... e um novo, em que o reverendo Priny vem trabalhando há anos.

Ele tirou a camisa de seda branca de Struan, toda ensangüentada, antes de perguntar:

— Você fala holandês?

— Também só conheço umas poucas palavras. Todos os estudantes para serem intérpretes no Japão deveriam fazer um curso de seis meses, mas o ministério nos despachou no primeiro vapor disponível. Por que o holandês é a língua estrangeira oficial usada pela burocracia japonesa?

— Não é. O ministério está enganado nesse ponto, e também em uma porção de outras coisas. Acontece apenas que é a única língua européia falada neste momento por uns poucos membros do

Bakufu... Vou levantá-lo um pouco, você tira as botas e a calça, mas com todo cuidado.

Meio sem jeito, Tyrer obedeceu, usando a mão esquerda, ilesa.

Agora, Struan estava completamente nu na mesa de operações. Mais além, ficavam os instrumentos cirúrgicos, pomadas e vidros. Babcott virou-se e pôs um avental comprido, impermeável. No mesmo instante, Tyrer viu à sua frente apenas um açougueiro. Seu estômago se contraiu, e conseguiu alcançar a bacia bem a tempo.

Babcott suspirou. Quantas centenas de vezes já não vomitei até não poder mais, e depois ainda mais um pouco? Mas preciso de ajuda e portanto esse garoto tem de crescer.

— Venha até aqui. Temos de trabalhar depressa.

— Não posso, simplesmente não posso...

O médico tratou de endurecer a voz:

— Venha até aqui logo e me ajude ou Struan vai morrer, e antes disso acabarei com você!

Tyrer cambaleou para o lado de Babcott.

— Não aqui, pelo amor de Deus! Fique do outro lado! Segure as mãos dele! Struan abriu os olhos por um instante, ao contato de Tyrer, e tornou a mergulhar em seu pesadelo, balbuciando de forma incoerente.

— Sou eu — murmurou Tyrer, sem saber o que mais dizer.

No outro lado da mesa, Babcott destampou o pequeno vidro sem rótulo e despejou um pouco do líquido amarelado e oleoso num grosso chumaço de linho.

— Segure-o firme — disse ele, e comprimiu o chumaço contra o nariz e a boca de Struan.

No mesmo instante, Struan sentiu que sufocava, agarrou o chumaço, quase o arrancou, com uma força surpreendente.

— Pelo amor de Deus, segure-o direito! — berrou Babcott.

Tyrer agarrou outra vez os pulsos de Struan, esquecendo o braço ferido, soltou um grito de dor, mas conseguiu persistir, os vapores do éter embrulhando seu estômago de novo. Struan debateu-se, virando a cabeça para um lado e outro, na tentativa de escapar, sentindo que era arrastado para o fundo de uma cloaca interminável.

Pouco a pouco, sua resistência foi diminuindo, até cessar por completo.

— Excelente! — exclamou Babcott. — É espantoso como os pacientes às vezes são fortes.

Ele virou Struan de cabeça para baixo, ajeitando sua cabeça da maneira mais confortável possível, revelando a verdadeira extensão do ferimento, que começava nas costas, dava a volta pelo tórax, para terminar perto do umbigo.

— Fique atento, e me avise se ele se mexer... e quando eu mandar, aplique mais éter... — Mas Tyrer voltara para a bacia. — Depressa!

Babcott não esperou. Deixou as mãos fluírem, acostumado a operar em circunstâncias muito piores. A Criméia, com dezenas de milhares de soldados — cólera, disenteria, varíola principalmente — e depois todos os gritos, os uivos de noite e de dia, e depois a Dama do Lampião durante a noite, levando a ordem em meio ao caos dos hospitais militares. A enfermeira Nightingale que ordenara, persuadira, ameaçara, exigira, suplicara, mas conseguira de alguma

forma implantar suas idéias novas, que limpava a sujeira, combatia a morte irremediável e inútil, e ainda encontrava tempo para visitar os doentes e necessitados durante a noite, o lampião a óleo ou de vela sempre erguido, iluminando sua passagem de um leito para outro.

— Não sei como ela conseguia — murmurou ele.

— Como, senhor?

Babcott levantou os olhos e deparou com Tyrer, muito pálido, a fitá-lo. Quase que o esquecera.

— Eu estava pensando na Dama do Lampião — respondeu ele, permitindo que sua boca falasse, para se acalmar... mas sem deixar que isso afetasse sua concentração nos músculos cortados e veias rompidas. — Florence Nightingale. Ela foi para a Criméia com apenas trinta e oito enfermeiras, e em quatro meses reduziu a taxa de óbitos de quarenta em cada cem para cerca de duas... em cada cem.

Tyrer conhecia a estatística, como todos os ingleses, que se orgulhavam por ela ter instituído a moderna profissão de enfermeira.

— Como ela era... pessoalmente?

— Terrível, se você não mantinha tudo limpo, como ela queria. Afora isso, era divina... da maneira mais cristã. Nasceu em Florença, Itália, daí o seu nome... embora fosse totalmente inglesa.

Tyrer podia sentir o entusiasmo do médico.

— Devia ser uma mulher maravilhosa. Conheceu-a bem?

Os olhos de Babcott não se desviavam do ferimento, nem de seus dedos experientes, que sondaram e encontraram, como receara, a parte cortada do intestino. Praguejou em voz alta, sem notar. Com todo cuidado, começou a procurar a outra extremidade. O mau cheiro aumentava.

— Você falava sobre os holandeses. Sabe por que alguns japoneses falam holandês?

Com um violento esforço, Tyrer afastou o olhar dos dedos dentro do ferimento e tentou fechar as narinas. Sentia o estômago se contorcer.

— Não, senhor.

Struan mexeu-se. Babcott ordenou no mesmo instante:

Dê-lhe mais éter... assim, não aperte demais... ótimo. Bom trabalho. Como se sente?

— Angustiado.

— Não importa. — Os dedos recomeçaram a sondar, quase além da vontade do médico, até que pararam de repente. Gentilmente, expuseram a outra parte do estmo cortado. — Lave as mãos, e depois me dê a agulha que já está com o fio... em cima da mesa.

Tyrer obedeceu.

— Obrigado. — Babcott começou a costurar. Com extrema precisão. — o fígado não foi afetado. Sofreu uma pequena contusão, mas não há nenhum corte. Os rins também estão bem. *Ichiban...* é como se diz "muito bom" em japonês. Tenho uns poucos pacientes japoneses. Em troca do meu trabalho, peço que me ensinem palavras e frases. Poderei ajudá-lo a aprender, se quiser.

— Eu... isso seria maravilhoso... *ichiban*. Lamento ser tão inútil.

— Não está sendo. Detesto fazer isto sozinho. A verdade é que me apavora. Pode parecer estranho, mas é o que acontece.

Tyrer olhou para o rosto de Struan. Não havia nenhuma cor ali. Uma hora antes, era avermelhado e forte, agora estava distendido, com uma aparência sinistra, as pálpebras adejavam de vez em quando. Era estranho, pensou ele, era estranho como Struan parecia extremamente nu. Há dois dias eu nunca ouvira sequer o seu nome, e agora estamos ligados como irmãos, agora a vida é diferente, será diferente para nós dois, quer gostemos ou não. E sei que ele é corajoso, enquanto eu não sou.

— Ah, você perguntou sobre o holandês — disse Babcott, mal escutando a si mesmo, toda a sua atenção na cirurgia. — Desde 1640, mais ou menos, o único contato dos japoneses com o mundo exterior, além da China, tem sido com os holandeses. Todos os outros eram proibidos de desembarcar no Japão, em particular os espanhóis e portugueses. Os japoneses não gostam de católicos, porque tentaram se intrometer em sua política, no século XVII. Houve um momento, pelo que dizem, em que o Japão quase se tornou católico. Sabia disso?

— Não, senhor.

— Por isso, os holandeses eram tolerados, porque nunca trouxeram missionários para cá, apenas queriam comerciar. — Ele parou de falar por um momento, mas os dedos continuaram a dar os pontos pequenos e meticulosos. — Assim, uns poucos holandeses, homens, nunca mulheres, receberam permissão para ficar, mas apenas com as mais severas restrições, numa ilha artificial de pouco mais de um hectare, na enseada de Nagasáqui, chamada Deshima. Os holandeses obedeciam a qualquer lei imposta pelos japoneses, submetiam-se a tudo... e foram se tornando cada vez mais ricos. Traziam livros, quando eram permitidos, negociavam, quando era permitido, e assumiram o comércio com a China, que é essencial para o Japão... prata e sedas chinesas em troca de ouro, papel, laca, *chopsticks*... sabe o que é isso?

— Sei, sim. Passei três meses em Pequim.

— Ah, desculpe, eu tinha esquecido. Mas não importa. Segundo os documentos holandeses do século XVII, o primeiro dos xóguns Toranaga, o equivalente deles a imperadores, decidiu que a

influência estrangeira era contra os interesses do Japão, e por isso fechou o país. Decretou que os japoneses não podiam construir navios oceânicos, nem deixar o país... qualquer um que o fizesse não poderia voltar, e se voltasse seria morto ao desembarcar. Essa ainda é a lei.

Os dedos pararam por um instante, quando o delicado fio partiu, e ele praguejou.

— Dê-me a outra agulha. Não consigo arrumar um categute decente, embora esta seda seja bem fina. Tente passar o fio por uma das outras agulhas, mas lave as mãos primeiro, e torne a lavar depois que acabar. Obrigado.

Tyrer sentiu-se contente por ter alguma coisa para fazer, e virou-se no mesmo instante, mas seus dedos não funcionavam direito. Sua náusea voltara a aumentar, a cabeça latejava.

— Estava falando sobre os holandeses.

— Ah, sim. O relacionamento era cauteloso. Holandeses e japoneses começaram a aprender uns com os outros, embora os holandeses estivessem oficialmente proibidos de aprender japonês. Há cerca de dez anos, o *Bakufu* abriu uma escola de língua holandesa...

Os dois ouviram passos apressados se aproximando. Uma batida na porta. O suado sargento-granadeiro estava parado ali, advertido a nunca entrar no meio de uma operação.

— Desculpe interromper, senhor, mas quatro dos desgraçados nojentos estão vindo pela estrada. Parece uma delegação. E todos são samurais.

O médico não parou de costurar.

— Lim está com eles?

— Está, sim, senhor.

— Leve-os para a sala de recepção e diga a Lim para cuidar deles. Irei até lá assim que puder.

— Certo, senhor.

O sargento lançou um último olhar para a mesa de operações e se afastou às pressas. Babcott completou outro ponto, deu o nó, cortou o fio, enxugou o ferimento sangrando e recomeçou.

— Lim é um dos nossos assistentes chineses. Nossos chineses fazem a maior parte do trabalho físico, mas quase não falam japonês, e também não merecem muita confiança.

— Nós... aconteceu isso também... descobrimos a mesma coisa em Pequim. São uns tremendos mentirosos.

— Os japoneses são piores... mas, de certa forma, isso não é verdade. Não é que eles sejam mentirosos, acontece apenas que a verdade é instável, e depende do capricho de quem fala. É muito importante que você aprenda japonês o mais depressa possível. Não temos nenhum intérprete, não do nosso povo. Tyrer ficou espantado.

— Nenhum?

Absolutamente nenhum. O padre britânico fala um pouco, mas não podemos usá-lo, porque os japoneses detestam todos os missionários e sacerdotes. Temos três pessoas que falam holandês na colônia, um holandês, um suíço, que serve como nosso intérprete, e um mercador da colônia do Cabo. Nenhum deles é cidadão britânico. Na colônia, falamos uma espécie de língua franca, conhecida como *pidgin*, da mesma forma que em Hong Kong e Cingapura, e também em outros portos do Tratado da China.

— Era usada também em Pequim.

Babcott percebeu a irritação na voz, mas ainda mais o perigo iminente. Levantou os olhos, compreendeu no mesmo instante que Tyrer se encontrava à beira de um colapso, prestes a vomitar de novo, a qualquer momento.

— Está fazendo um bom trabalho — disse ele, procurando animar o jovem. Depois, empertigou-se para atenuar a dor nas costas, o suor escorrendo pelo corpo. Tornou a se inclinar. Com todo cuidado, ajeitou o intestino costurado na cavidade, passou a dar pontos em outro corte, de dentro para fora.

— Gostou de Pequim? — indagou ele, sem se importar, mas querendo que Tyrer continuasse a falar. Melhor do que uma explosão, pensou Babcott. Não posso cuidar dele até fechar o ferimento deste pobre coitado. — Nunca estive lá. O que achou da cidade?

— Eu... ahn... gostei muito. — Tyrer tentava manter o controle, em meio a uma dor de cabeça terrível. — Os manchus mostram-se

bastante submissos no momento, e por isso podemos ir a qualquer lugar que quisermos, com toda segurança.

Os manchus, uma tribo nômade da Manchúria, haviam conquistado a China em 1644, e agora reinavam como a dinastia Ching.

— Podíamos passear a cavalo sem... sem problemas... os chineses não eram... muito cordiais, mas... — O ar abafado e o cheiro se tornaram excessivos. Um espasmo dominou Tyrer, ele foi vomitar e voltou logo, ainda nauseado. — Desculpe.

— Estava falando sobre os manchus.

Subitamente, Tyrer teve vontade de gritar que não estava interessado nos manchus, em Pequim, ou qualquer outra coisa, que só queria sair correndo do mau cheiro, escapar de sua própria impotência.

— Ora, que se danem...

— Fale comigo! Fale!

— Fomos informados que... que normalmente eles são arrogantes e detestáveis, e é óbvio que os chineses acaentam um ódio mortal aos manchus.

A voz de Tyrer era apática, porém quanto mais ele se concentrava em falar, menor era o ímpeto para fugir, e continuou, embora hesitante:

— Parece que todos estão apavorados com a possibilidade de a rebelião Tai'ping se irradiar de Nanquim e acabar alcançando Pequim, pois seria o fim de...

Ele parou, escutando atentamente. Tinha um gosto horrível na boca, a cabeça latejava cada vez mais.

— O que foi?

— Tive a impressão de ouvir alguém gritar.

Babcott prestou atenção, nada ouviu.

— Continue a falar sobre os manchus.

— Ahn... há um medo muito grande da rebelião Tai'ping. Os rumores são de que mais de dez milhões de camponeses foram mortos ou morreram de fome nos últimos dez anos. Mas a situação é tranqüila em Pequim... claro que a ação das forças britânicas e francesas, *Saquêando* e incendiando o Palácio de Verão, há dois anos, por ordem de Lorde Elgin, como represália, também ensinou uma lição

que os manchus não vão esquecer tão depressa. Nunca mais vão assassinar cidadãos britânicos levianamente. Não é o que Sir William vai ordenar aqui? Uma represália?

— Se soubéssemos contra quem desfechar a represália, já teríamos começado. Mas contra quem? Não se pode bombardear Iedo porque uns poucos assassinos desconhecidos...

Vozes iradas interromperam-no, do sargento inglês e o som gutural de japoneses. A porta foi aberta abruptamente por um samurai. Por trás dele, dois outros ameaçavam o sargento, suas espadas meio fora das bainhas, enquanto dois granadeiros lhes apontavam seus rifles de carregar pela culatra. O quarto samurai, um homem mais velho, entrou na sala. Tyrer recuou para a parede, apavorado, recordando a morte de Canterbury.

— *Kinjiru!* — berrou Babcott.

Todos ficaram imóveis. Por um momento, parecia que o homem mais velho, furioso agora, ia desembainhar sua espada e atacar. Mas

Babcott virou-se e confrontou-os, um bisturi no punho enorme, sangue nas mãos e no avental, gigantesco e diabólico.

— *Kinjiru!* — ordenou ele outra vez, apontando com o bisturi. — Saiam! *Dete. Dete... dozo.*

Babcott lançou um olhar irado para todos, depois virou-lhes as costas, e continuou a costurar e limpar o ferimento.

— Sargento, leve-os para a sala de recepção... polidamente.

— Sim, senhor.

Através de sinais, o sargento chamou os samurais, que conversaram entre si, visivelmente zangados.

— *Dozo* — murmurou o sargento, várias vezes. — Venham comigo, seus desgraçados nojentos!

Ele tornou a fazer sinais. O samurai mais velho acenou para os outros, autoritário, e saiu da sala. No mesmo instante, os outros três fizeram uma reverência e o seguiram.

Contrafeito, Babcott removeu uma gota de suor do queixo com o dorso da mão, e depois prosseguiu em seu trabalho, a cabeça, o pescoço e as costas doendo muito.

— *Kinjiru* significa é proibido.

Ele fez um esforço para falar com toda calma, embora o coração batesse na maior violência, como sempre acontecia quando havia samurais por perto, dispostos a desembainhar suas espadas, e não tinha uma pistola na mão, engatilhada, Pronta para disparar. Por vezes demais fora chamado para cuidar dos resultados daquelas

espadas, contra europeus e contra os próprios japoneses, pois as lutas e rivalidades entre samurais eram constantes em Iocoama, Kanagawa e nas aldeias ao redor.

— *Dozo* significa por favor e *dete* é saia. Com os japoneses, é muito importante usar por favor e obrigado. *Domo* é obrigado. Não deixe de usar essas palavras, mesmo gritando. — O médico olhou para Tyrer, que tornara a se encostar na parede, tremendo. — Há uísque no armário.

— Eu... estou bem...

— Não, não está. Continua em choque. Tome uma boa dose de uísque. Em goles pequenos. Assim que acabar aqui, eu lhe darei uma coisa para o enjôo. Não deve se preocupar. Entendido?

Tyrer acenou com a cabeça. As lágrimas começaram a escorrer por seu rosto, não conseguia contê-las, e descobriu que tinha dificuldade para andar.

— O que... o que há comigo? — balbuciou ele.

— Apenas o choque, não se preocupe. Já vai passar. É normal na guerra, e estamos em guerra aqui. Acabarei num instante, e depois daremos um jeito naqueles miseráveis.

— Como, como fará isso?

— Não sei. — Havia um tom de nervosismo na voz do médico, enquanto tornava a limpar o ferimento com outro chumaço, de uma pilha minguante... e ainda havia muito para costurar. — Do jeito de sempre, eu acho, sacudindo as mãos, dizendo que nosso ministro vai fazer o diabo com eles, e tentando descobrir quem atacou vocês. Claro que eles negarão qualquer conhecimento do incidente, o que provavelmente é certo... parecem nunca saber nada sobre qualquer coisa. São diferentes de todos os outros povos que já conheci. Não sei se são apenas estúpidos ou inteligentes e furtivos ao nível do gênio. Parece que não podemos nos infiltrar em sua sociedade... e os nossos chineses também não conseguem... e não temos aliados entre eles, parece impossível subornar qualquer um para nos ajudar,

não podemos sequer lhes falar diretamente. Estamos completamente desamparados. Sente-se melhor agora?

Tyrer tomara um pouco de uísque. Antes disso, enxugara as lágrimas, dominado pela vergonha, lavara a boca, derramara água na cabeça.

— Não muito... mas obrigado. Estou bem. E qual é o estado de Struan?

Depois de uma breve pausa, Babcott respondeu:

— Não sei. Nunca se pode saber com certeza.

Seu coração acelerou ao som de mais passos. Tyrer empalideceu. Uma batida na porta, que foi aberta no instante seguinte.

— Santo Deus! — balbuciu Jamie McFay, toda a sua atenção na mesa ensangüentada e no enorme talho no flanco de Struan. — Ele vai ficar bom?

— Olá, Jamie — disse Babcott. — Já soube...

— Já, sim. Viemos da *Tokaidô*, procurando o Sr. Struan. Dmitri está lá fora. Está bem, Sr. Tyrer? Os miseráveis esquartejaram o pobre Sr. Canterbury em uma dúzia de pedaços, e deixaram para os corvos...

Tyrer correu mais uma vez para a bacia. McFay permaneceu na porta, apreensivo.

— Pelo amor de Deus, George, o Sr. Struan vai ou não ficar bom?

— Não sei! — explodiu Babcott, sua impotência incessante por não saber aflorando como raiva, sem compreender por que alguns pacientes sobreviviam e outros com ferimentos menos graves morriam, por que alguns ferimentos infeccionavam e outros saravam. — Ele perdeu muito sangue. Costurei um intestino cortado, três talhos profundos, há ainda três veias e dois músculos para serem reparados e o ferimento a ser fechado, e só Deus sabe quanta sujeira veio do ar para infeccioná-lo, se é daí que vem a doença ou a gangrena. Mas não sei! Não sei de nada! E agora saiam daqui, procurem aqueles desgraçados do *Bakufu* e descubram quem fez isso!

— Claro, George, e peço desculpas por interrompê-lo — murmurou McFay, na maior preocupação, chocado com a veemência de Babcott, normalmente imperturbável. — Tentaremos... Dmitri está comigo... mas já sabemos quem foi... pressionamos o chinês que é dono de uma loja na aldeia. É muito estranho, todos os samurais eram de *Satsuma*, e...

— Onde fica isso?

— Ele disse que é um reino perto de Nagasáqui, na ilha do sul, a cerca de mil quilômetros de distância, e...

— E o que eles estão fazendo aqui?

— O chinês não sabia, mas jurou que eles estavam passando a noite em Hodogaya... é uma estação de posta na *Tokaidô*, Phillip, a uns quinze quilômetros daqui... e que acompanhavam seu rei.

3

Sanjiro, senhor de *Satsuma*, olhos rasgados e implacáveis — um homem corpulento, barbado, de quarenta e dois anos, suas espadas de valor inestimável, o manto azul da mais pura seda —, fitou o conselheiro em que mais confiava.

— O ataque foi uma coisa boa ou uma coisa ruim?

— Foi boa, Sire — respondeu Katsumata, em voz baixa, sabendo que havia espiões por toda parte.

Os dois se encontravam sozinhos, ajoelhados de frente um para o outro, nos melhores aposentos de uma estalagem em Hodogaya, uma aldeia de posta na *Tokaidô*, a apenas três quilômetros da colônia estrangeira.

— Por quê?

Durante seis séculos, os ancestrais de Sanjiro haviam reinado em *Satsuma*, o mais rico e mais poderoso feudo de todo o Japão — exceto pelos de seus odiados inimigos, os clãs Toranaga —, e resguardado sua independência com todo empenho.

— Vai criar problemas entre o xogunato e os *gai-jin* — explicou Katsumata, um homem magro, duro como o aço, um espadachim magistral e o mais famoso de todos os sensei, mestres de artes marciais, na província de *Satsuma*. — Quanto mais esses cães tiverem conflitos, mais cedo entrarão em choque, e isso ajudará a derrubar os Toranagas e seus fantoches, permitindo-lhe instituir um novo xogunato, um novo xógum, novas autoridades, com *Satsuma* assumindo uma posição preeminente, e meu senhor integrando um novo *roju*.

Roju era outro nome para o Conselho de Cinco Anciãos, que governava em nome do xógum.

Um membro do *roju*? Por que apenas isso?, pensou Sanjiro, secretamente. Por que não o Chefe dos Ministros? Por que não o xógum? Afinal, tenho toda a linhagem necessária. Dois séculos e meio de xóguns de Toranaga são mais do que suficientes. Nobusada, o décimo quarto, deve ser o último... e pela cabeça de meu pai, será o último!

O xogunato fora instituído pelo belipotentado Toranaga, em 1603, depois de vencer a batalha de *Sekigahara*, onde suas legiões tomaram as cabeças de quarenta mil inimigos. Com *Sekigahara*, ele eliminara toda a oposição prática, e pela primeira vez na história

subjugara Nipão, a terra dos deuses, como os japoneses chamavam seu país, impondo o domínio de um só.

Esse brilhante general e administrador, agora dispendo do poder temporal absoluto, aceitara agradecido o título de xógum, o mais alto posto que um mortal dia ocupar, de um imperador impotente, que o confirmara legalmente como ditador. Sem hesitar, ele tornara seu xogunato hereditário, ao mesmo tempo em que decretara que, no futuro, todas as questões temporais seriam da competência exclusiva do xógum, enquanto as questões espirituais ficariam a cargo do imperador.

Durante os últimos oito séculos, o imperador, o filho do céu, e sua corte haviam vivido em isolamento, dentro dos muros do Palácio Imperial, em Quioto. Só uma vez por ano ele deixava os muros de seu palácio, a fim de visitar o santuário sagrado de *Ise*, mas mesmo então era oculto de todos os olhos, seu rosto jamais visto em público. Mesmo no palácio, ele era resguardado de todos, com exceção da família imediata, por autoridades zelosas e hereditárias e por protocolos antigos e místicos.

Assim, o belipotestado que controlava os portões do palácio imperial, decidindo quem entrava e saía, exercia o controle de fato do imperador e seu ouvido, o que lhe proporcionava influência e poder.

E embora todos os japoneses acreditassem absolutamente que ele era divino, e aceitavam-no como filho do céu, descendente da deusa do sol, numa linhagem ininterrupta desde o princípio dos tempos, pelo costume histórico o imperador e sua corte não tinham exércitos, e nenhuma outra fonte de renda que não a concedida pelo senhor da guerra em seus portões... anualmente, ao capricho do homem.

Por décadas, o xógum Toranaga, seu filho e neto reinaram com sabedoria, mas também com um controle impiedoso. As gerações seguintes afrouxaram esse poder absoluto, autoridades inferiores usurparam mais e mais influência, e foram aos poucos convertendo seus cargos em hereditários também. O xógum permaneceu como o chefe titular, mas há um século ou mais se tornara um fantoche... mas sempre e apenas escolhido da linhagem Toranaga, o que também acontecia com o Conselho de Anciãos. O atual xógum, Nobusada, fora escolhido quatro anos antes, quando tinha doze anos de idade.

E não continuaria por muito tempo neste mundo, prometeu Sanjiro a si mesmo, antes de retornar ao problema atual, que o perturbava.

— Katsumata, o ataque, embora merecido, pode ser uma provocação excessiva para os *gai-jin*, o que seria prejudicial para

Satsuma.

— Não vejo nada de ruim no que aconteceu, Sire. O imperador também quer que os *gai-jin* sejam expulsos, assim como a maioria dos *daimios*. E o fato de que os dois samurais eram *Satsumas* vai agradar ao imperador. Não se esqueça de que sua missão em Iedo foi consumada com êxito.

Três meses antes, Sanjiro persuadira o imperador Komei, através de intermediários na corte imperial, em Quioto, a assinar pessoalmente vários “desejos”, todos sugeridos por Sanjiro, e a designá-lo para escoltar o mensageiro imperial que entregaria o pergaminho em Iedo, o que garantiria sua aceitação — um “desejo” do imperador, se aceito, era às vezes difícil de recusar. Nos dois últimos meses, ele conduziu negociações delicadas. Apesar de toda a resistência dos anciãos e das autoridades ao *Bakufu*, acabara por prevalecer, e agora contava com o assentimento por escrito deles para determinadas reformas, destinadas a enfraquecer todo o xogunato. O mais importante, agora ele dispunha do consentimento formal para cancelar o odiado tratado, assinado contra a vontade do imperador, expulsar os odiados *gai-jin* e fechar o país, como era antes da indesejável chegada e entrada forçada de Perry.

— Mas o que devemos fazer com aqueles dois idiotas que deixaram a formação e mataram sem ordens? — perguntou Sanjiro.

— Qualquer coisa que embarace o *Bakufu* vai ajudá-lo.

— Concordo que os *gai-jin* foram provocadores. Aqueles vermes não tinham o direito de ficar perto de mim. Meu estandarte e o estandarte imperial estavam na frente do cortejo, proibindo.

— Portanto, vamos deixar que os *gai-jin* sofram as conseqüências por seu ato. Forçaram o desembarque em nossas praias, contra o nosso desejo, e se instalaram em Iocoama. Com os homens que temos agora, e um ataque de surpresa à noite, poderíamos destruir a colônia com a maior facilidade, e incendiar todas as aldeias ao redor. Poderíamos fazer isso esta noite, e resolver o problema em caráter permanente.

— Iocoama, sim, com um ataque súbito. Mas não podemos alcançar sua esquadra, neutralizar seus canhões.

— Tem razão, Sire. E os *gai-jin* retaliariam imediatamente. A esquadra bombardearia Iedo e a destruiria.

— Quanto a isso, não me importo. Mas não destruiria o xogunato, e depois de Iedo eles se voltariam contra mim e atacariam minha capital, *Kagoshima*. Não posso correr esse risco.

— Creio que Iedo os satisfaria, Sire. Se sua base for queimada, eles teriam de voltar a seus navios e partir, de volta a Hong Kong. Em algum momento, no futuro, podem retornar, mas precisariam desembarcar com efetivos consideráveis para instalar uma nova base. E, pior ainda, teriam de recorrer a forças de terra para mantê-la.

— Eles humilharam a China. Possuem uma máquina de guerra invencível.

— Isto não é a China, e não somos chineses hipócritas e covardes para sangrarmos até a morte, e nos apavorarmos com esses abutres. Dizem que querem apenas comerciar. Pois muito bem, também queremos comerciar, adquirir armas de fogo, canhões, navios.

Katsumata sorriu e depois acrescentou, insinuante:

— Sugiro que se incendiarmos e destruímos Iocoama... claro que fingiríamos que o ataque é a pedido do *Bakufu*, a pedido do xógum... quando os *gai-jin* voltarem, quem controlar o xogunato na ocasião concordaria, com uma relutância ostensiva, em pagar uma modesta indenização, e em troca os *gai-jin* concordarão com todo prazer em rasgar seus vergonhosos tratados, e negociar sob quaisquer condições que quisermos impor.

— Eles nos atacariam em Kagoshima — insistiu Sanjiro. — E não poderíamos repeli-los.

— Nossa baía é perigosa para a navegação, não é aberta como a de Iedo, temos baterias secretas na praia, com canhões holandeses, e

nos tornamos mais fortes a cada mês que passa. Esse ato de guerra dos *gai-jin* uniria todos os *daimios*, todos os samurais, o país inteiro, numa força irresistível, sob o seu estandarte. Os exércitos dos *gai-jin* não podem vencer em terra. Afinal, esta é a terra dos deuses, que também virão em nossa ajuda. — Katsumata falava com veemência, não acreditando em nada daquilo, mas manipulando Sanjiro, como vinha fazendo há anos. — Um vento divino, um vento camicase, destruiu as armadas do mongol *Kublai Khan* há seiscentos anos. Por que isso não pode acontecer de novo?

— É verdade — concordou Sanjiro. — Os deuses nos salvaram naquela ocasião. Mas *gai-jin* são *gai-jin*, são vis e insidiosos, e quem sabe que perversidade podem inventar? É tolice convidar a um ataque pelo mar, enquanto não tivermos vasos de guerra... embora seja certo que os deuses estão do nosso lado, e nos protegerão.

Katsumata riu para si mesmo. Não há deuses, nenhum deus, nem céu, nem vida depois da morte. É estúpido acreditar no contrário, os *gai-jin* são estúpidos, com seus dogmas estúpidos. Acredito no que o grande ditador Nakamura disse, em seu poema da morte: *Do nada para o nada, o castelo Osaka e tudo o que já fiz não passam de um sonho dentro de um sonho.*

— A colônia dos *gai-jin* está ao nosso alcance, como nunca antes. Os dois jovens aguardando julgamento apontaram um caminho. Suplico que o siga. — Katsumata hesitou, baixou a voz ainda mais. — Correm rumores, Sire, de que secretamente eles são *shishi*.

Os olhos de Sanjiro contraíram-se mais ainda.

Os *shishi* — homens de espírito, assim chamados por causa de sua bravura e de seus feitos — eram jovens revolucionários que vinham desfechando uma revolta sem precedentes contra o xogunato. Representavam um fenômeno recente, e calculava-se que não eram mais do que cento e cinquenta, em todo o país.

Para o xogunato, e a maioria dos *daimios*, não passavam de terroristas e loucos, que deviam ser exterminados.

Para a maioria dos samurais, em particular os guerreiros comuns, eram legalistas travando uma batalha total para o bem, querendo obrigar os Toranagas a renunciar ao xogunato, e restaurar todo o poder do imperador, de quem fora usurpado, eles acreditavam com

um fervor absoluto, pelo senhor da guerra Toranaga, há dois séculos e meio.

Para muitos plebeus, camponeses e mercadores, em particular para o mundo flutuante de gueixas e casas do prazer, os *shishi* eram tema de lenda, cantados, chorados, adorados.

Todos eram samurais, jovens idealistas, a maioria procedente dos feudos de *Satsuma*, *Choshu* e Tosa, uns poucos eram xenófobos fanáticos, a maioria era *ronin* — homens das ondas, por serem tão livres quanto as ondas —, samurais sem amo, ou samurais proscritos por seus senhores por desobediência ou algum crime, fugidos de sua província para escapar à punição, ou que haviam partido por opção própria, crendo numa nova e afrontosa heresia: a de que podia existir um dever maior do que era devido a seu senhor ou sua família, um dever exclusivo para com o imperador reinante.

Poucos anos antes, o crescente movimento *shishi* se formara em células pequenas e secretas, empenhado em redescobrir o *bushido* — antigas práticas samurais de autodisciplina, dever, honra, morte, habilidade na esgrima e outras atividades guerreiras, artes há muito perdidas, exceto por uns poucos sensei, que haviam mantido vivo o *bushido*. Havia se perdido porque durante os últimos dois séculos e meio o Japão vivera em paz, sob o rígido domínio Toranaga, que

proibia ações guerreiras, quando antes, por vários séculos, prevalecera a guerra civil total.

Cautelosos, os *shishi* começaram a se reunir, a discutir e planejar. Escolas de esgrima tornaram-se centros de descontentamento. Fanáticos e radicais emergiram em seu meio, alguns bons, outros maus. Mas um fio comum os unia — todos eram contra o xogunato, e opunham-se à permissão para abrir os portos japoneses aos estrangeiros e seu comércio.

Com esse objetivo, durante os últimos quatro anos, haviam desfechado ataques esporádicos contra os *gai-jin*, e iniciaram uma revolta total, articulada, sem precedentes, contra o soberano legal, o xógum Nobusada, o todo-poderoso Conselho dos Anciãos e o *Bakufu*, que em teoria estava sujeito ao xógum, e regulava todos os aspectos da vida.

Os *shishi* haviam criado um lema amplo, *Sonno-joi* — Honra ao Imperador e Expulsem os Bárbaros —, e juraram remover qualquer um que obstruísse seu caminho, a qualquer custo.

— Mesmo que eles sejam *shishi* — declarou Sanjiro, furioso —, não posso permitir que essa desobediência pública fique sem punição, por mais meritória que tenha sido... Concordo que os *gai-jin* deveriam ter desmontado e se ajoelhado, como determina o costume, e se comportado como pessoas civilizadas. Sem dúvida, foram eles que provocaram, mas isso não desculpa aqueles dois.

— Concordo, Sire.

— Pois então me dê o seu conselho. Se eles são *shishi*, como você diz, e eu os executar, ou ordenar que cometam o *seppuku*, serei assassinado antes de o mês terminar, mesmo com todos os meus guardas... Não tente negar, pois eu sei. É lamentável que o poder deles seja tão grande, apesar de a maioria não passar de *goshi*.

— Talvez esteja nisso a força deles, Sire.

Goshi era o nível mais baixo de samurais, de famílias quase sem dinheiro das áreas rurais, pouco mais do que os camponeses guerreiros dos velhos tempos, quase sem esperança de obter educação e, assim, sem qualquer perspectiva de progresso pessoal,

sem possibilidade de impor suas opiniões, que jamais seriam ouvidas pelas autoridades subalternas, muito menos pelos *daimios*.

— Eles nada têm a perder, a não ser suas vidas — acrescentou Katsumata.

— Se alguém tem uma queixa, eu escuto, claro que escuto. Homens especiais merecem uma educação especial ou pelo menos alguns deles.

— Por que não deixa que eles liderem o ataque aos *gai-jin*?

— E se não houver nenhum ataque? Não posso entregá-los ao *Bakufu*, seria inconcebível, nem aos *gai-jin*.

— Quase todos os *shishi* são jovens idealistas, sem inteligência nem propósito. Uns poucos são agitadores e proscritos, desnecessários

neste mundo. Alguns, no entanto, poderiam ser valiosos, se usados de forma correta... um espião me contou que o mais velho dos dois, Shorin, integrava o grupo que assassinou o chefe dos ministros Li.

— *So ka!*

Isso ocorrera quatro anos antes. Contra todos os conselhos, Li, que era responsável pela preparação do jovem Nobusada para ser o xógum, também sugerira um casamento bastante inadequado entre ele e a meia-irmã de doze anos do imperador, e o pior de tudo, negociara e assinara os odiados tratados com os *gai-jin*. Sua morte não fora lamentada, muito menos por Sanjiro.

— Mande trazê-los.

Agora, na sala de audiência, uma criada servia chá a Sanjiro. Katsumata sentava ao seu lado. Ao redor, havia dez guardas pessoais, todos de pé. E armados. Os dois jovens ajoelhados diante de Sanjiro não se encontravam armados, embora suas espadas estivessem no tatame, ao alcance fácil da mão. Estavam bastante nervosos, mas não deixavam transparecer. A criada fez uma reverência e se retirou, ocultando seu medo.

Sanjiro não notou sua saída. Pegou na bandeja a delicada xícara de porcelana, tomou um gole do chá. Achou bom o gosto do chá. Sentia-se contente por ser o governante, em vez do governado, e fingiu estudar a xícara, admirando-a, mas sua verdadeira atenção estava centrada nos jovens. Eles aguardavam, impassíveis, sabendo que o momento chegara.

Sanjiro nada sabia sobre eles, exceto o que Katsumata lhe contara: que ambos eram goshi, guerreiros a pé, como seus pais haviam sido antes. Cada um recebia como estipêndio um koku por ano — uma medida de arroz seco, cerca de cinco alqueires, considerada o

suficiente para alimentar uma família durante um ano. Ambos vinham de aldeias perto de Kagoshima. Um tinha dezenove anos, o outro, o que fora ferido e agora tinha o braço enfaixado, estava com dezessete. Ambos haviam cursado a seleta escola de samurais em Kagoshima, fundada por Sanjiro há vinte anos, para os que exibiam aptidões especiais. A escola oferecia um aprendizado extra, que incluía o estudo de manuais de holandês. Os dois haviam sido bons discípulos, eram solteiros, passavam o tempo de folga desenvolvendo a habilidade na esgrima e aprendendo outras coisas. Eram candidatos a uma promoção, em algum momento no futuro. O mais velho se chamava Shorin Anato, o outro era Ori Ryoma.

O silêncio se tornava cada vez mais opressivo.

Abruptamente, Sanjiro começou a falar com Katsumata, como se os dois jovens não existissem:

— Se algum dos meus homens, por mais valoroso que seja, mesmo que provocado, qualquer que fosse o motivo, cometesse um ato violento que eu não autorizara e permanecesse ao meu alcance, eu teria de lidar com ele com a maior severidade.

— É verdade, Sire.

Ele percebeu o brilho nos olhos do conselheiro.

— É uma estupidez ser desobediente. Se homens assim quisessem continuar vivos, o único recurso seria fugirem e se tornarem *ronin*, mesmo que isso implicasse a perda de seus estipêndios. Um desperdício de suas vidas, se fossem valorosos.

Sanjiro olhou para os jovens, avaliando-os com todo cuidado. Para sua surpresa, nada viu em seus rostos, apenas a mesma impassibilidade solene. Sua cautela aumentou.

— Tem toda razão, Sire... como sempre — declarou Katsumata. — Mas é possível que alguns homens assim, se forem homens de honra especiais, sabendo que perturbaram sua harmonia, sabendo que não teria alternativa que não puni-los com rigor, é possível que esses homens especiais, mesmo se tornando *ronin*, ainda zelassem por seus interesses, talvez mesmo os promovessem.

— Tais homens não existem — disse Sanjiro, secretamente satisfeito por seu conselheiro concordar com ele. Virou os olhos impiedosos para os dois jovens e acrescentou: — Existem?

Os dois jovens tentaram manter um olhar direto, mas se sentiram sufocados e baixaram a cabeça. Shorin, o mais velho, murmurou:

— Há homens assim, Sire.

O silêncio se tornou ainda mais opressivo, enquanto Sanjiro esperava que o outro jovem também se declarasse. Depois, o mais jovem, Ori, acenou com a cabeça abaixada, de forma quase imperceptível, encostou as mãos no tatame e se inclinou ainda mais.

— Eu concordo, Sire.

Sanjiro ficou satisfeito, pois agora, sem qualquer custo, contava com a fidelidade deles, e tinha dois espiões dentro do movimento... pelos quais Katsumata seria o responsável.

— Tais homens seriam úteis, se existissem. — Sua voz era brusca e decidida. — Katsumata, escreva imediatamente uma carta ao *Bakufu*, informando que dois goshi chamados...

Ele fez uma pausa, pensativo, sem prestar qualquer atenção aos sussurros na sala.

— Ponha os nomes que você quiser. Comunique que eles saíram da formação, mataram alguns *gai-jin* hoje, por causa de sua atitude provocadora e insolente. Os *gai-jin* estavam armados com pistola, que apontaram para o meu palanquim, ameaçadores. Esses dois homens, provocados como todos os meus demais homens escaparam antes de ser detidos. — Sanjiro tornou a olhar para os jovens. — Quanto a vocês dois, terão de voltar na vigia da primeira noite para a punição. Katsumata apressou-se em interferir:

— Sire, posso sugerir que acrescente na carta que eles foram declarados proscritos, proclamados *ronin*, seus estipêndios cancelados, e uma recompensa oferecida por suas cabeças?

— Dois koku. Poste em suas aldeias, quando voltarmos.

Sanjiro tornou a olhar para Shorin e Ori, acenou com a mão em dispensa. Os dois fizeram uma reverência profunda e se retiraram. Ele ficou satisfeito ao ver as marcas de suor nas costas dos quimonos, embora a tarde não fosse quente.

— Katsumata, sobre Iocoama — disse Sanjiro, em voz baixa, quando ficaram a sós outra vez. — Mande alguns dos nossos melhores espiões verificarem o que está acontecendo por lá. Ordene que voltem antes do anoitecer e providencie para que todos os samurais se aprontem para a batalha.

— Pois não, Sire.

Katsumata não permitiu que o sorriso aflorasse em seus lábios.

Depois que os jovens passaram pelos círculos de guardas, Katsumata alcançou-os e disse:

— Venham comigo.

Ele seguiu à frente, por caminhos sinuosos pelos jardins, até uma porta lateral, que se encontrava desguarnecida.

— Sigam imediatamente até Kanagawa, procurem a estalagem das Flores da Meia-Noite. É um lugar seguro e outros amigos esperam ali. Depressa!

— Mas, sensei — protestou Ori —, devemos primeiro pegar nossas outras espadas, armaduras, dinheiro e...

— Silêncio! — furioso, Katsumata enfiou a mão pela manga do quimono, tirou uma bolsa pequena, com umas poucas moedas, e entregou-a aos homens. — Levem isto, e devolvam o dobro pela insolência. Ao pôr-do-sol, mandarei que homens saiam atrás de vocês, com ordens para matá-los, se foram apanhados a menos de uma *ri*.

Uma *ri* era uma légua, cerca de cinco quilômetros.

— Está bem, sensei. Peço desculpas por ser tão insolente.

— Não aceito seu pedido de desculpas. São ambos tolos. Deveriam ter matado todos os quatro bárbaros, não apenas um... em particular a mulher, pois isso deixaria os *gai-jin* loucos de raiva. Quantas vezes tenho de lhes dizer? Eles não são civilizados como nós, encaram o mundo, a religião e as mulheres de uma maneira diferente. Vocês são ineptos, completamente idiotas. Iniciaram um bom ataque, e depois deixaram de pressionar, implacáveis, sem se preocuparem com suas próprias vidas. Hesitaram, e por isso perderam. Tolos! Esqueceram tudo o que lhes ensinei!

Dominado pela raiva, ele desfechou um golpe violento no rosto de Shorin com o dorso da mão. No mesmo instante, Shorin se inclinou, murmurou um pedido de desculpas abjeto por fazer com que o sensei perdesse a *wa*, perdesse a harmonia interior, mantendo a cabeça baixa e tentando desesperadamente ignorar a dor. Ori permaneceu imóvel, rígido, esperando pelo segundo golpe, que deixou a pele lívida, ardendo. Também se desculpou, submisso, manteve baixa a cabeça latejando, apavorado. No passado distante, um companheiro de estudos, o melhor espadachim da tuma, respondera rudemente a Katsumata, durante uma prática de luta. Sem hesitação, Katsumata enfiara sua espada na bainha, atacara com as mãos nuas, desarmara-o, humilhara-o, expulsara-o de volta à sua aldeia, para sempre.

— Por favor, perdoe-me, sensei — balbuciou Shorin.

— Vão para a estalagem das Flores da Meia-Noite. Quando eu enviar uma mensagem, obedecem imediatamente, não importa o que eu ordene, pois não terão uma segunda oportunidade! Imediatamente, entendem?

— Entendemos, sensei, e nos perdoe, por favor — murmuraram os dois. Eles suspenderam seus quimonos e se afastaram apressados, gratos por ficarem fora de seu alcance, com mais medo de Katsumata do que de Sanjiro. Katsumata fora seu mestre por anos, tanto nas artes da guerra como, em segredo, nas outras artes: estratégia, passado, presente e futuro, porque o *Bakufu* fracassara em seu dever, os Toranagas também, por que devia haver mudanças, e como promovê-las. Katsumata era um dos poucos *shishi* clandestinos que era um hatomoto — um honrado servidor, com acesso instantâneo a seu senhor —, um veterano samurai, com um estipêndio anual de mil koku.

— Puxa, como deve ser bom ser tão rico! — sussurrara Shorin para Ori, ao descobrirem isso.

— O dinheiro não é nada, absolutamente nada. O sensei diz que quem tem poder não precisa do dinheiro.

— Concordo, mas pense em sua família, em seu pai e no meu, e no avô, como eles poderiam comprar suas próprias terras, não precisariam mais trabalhar nos campos dos outros... nem teriam de fazer as coisas que fazemos de vez em quando para ganhar um extra.

— Tem razão — admitira Ori. Shorin soltara uma risada.

— Mas não se preocupe, pois nunca teremos sequer cem koku... e se tivéssemos, gastaríamos nossa parte em mulheres e saquê, e nos tornaríamos *daimios* do mundo flutuante. Mil koku é todo o dinheiro do mundo!

— Não é, não — declarara Ori. — Não esqueça o que o sensei nos disse. Durante uma das sessões secretas com seu grupo especial de acólitos, Katsumata dissera:

— A receita de *Satsuma* equivale a setecentos e cinqüenta mil koku, e cabe ao nosso senhor, o *daimio*, distribuí-la como achar mais apropriado. Isso é outro costume que a nova administração vai modificar. Quando a grande mudança ocorrer, a receita de um feudo será dividida por um Conselho de Estado, formado por homens sábios, vindos de qualquer categoria de samurais, altos ou baixos, de qualquer idade, desde que o homem possua a sabedoria necessária e tenha demonstrado que é um homem honrado. A mesma coisa acontecerá em todos os feudos, e o país será dirigido por um Supremo Conselho de Estado, sediado em Iedo ou Quioto, também formado por samurais de honra... sob a orientação do filho do céu.

— Sensei, disse qualquer um? — indagara Ori. — Posso perguntar se isso inclui também os Toranagas?

— Não haverá exceções, se for um homem de valor.

— Sensei, por favor, sobre os Toranagas. Alguém sabe qual é a verdadeira riqueza deles, as terras que controlam?

— Depois de Sekigahara, Toranaga se apossou das terras dos inimigos mortos, que valem anualmente cinco milhões de koku, cerca de um terço da riqueza de Nipão, para si mesmo e sua família. Em caráter perpétuo.

No silêncio atordoado que se seguira, Ori comentara, por todos os outros:

— Com essa riqueza, poderíamos ter a maior marinha do mundo, com todos os vasos de guerra, canhões e armas de fogo de que necessitamos, poderíamos ter as melhores legiões, com as melhores armas, e conseguiríamos expulsar os *gai-jin*.

— Poderíamos levar a guerra até eles e ampliar nossas praias — acrescentara Katsumata, suavemente. — Repararíamos nossa vergonha anterior.

Todos compreenderam que ele se referia ao tairo, o general Nakamura, antecessor imediato e suserano de Toranaga, o grande general-camponês que dominava os portões e a quem o imperador concedera, em gratidão, o título mais elevado a que um homem de origens humildes podia aspirar, o de tairo, significando ditador — não o de xógum, a que ele aspirara até a obsessão, mas nunca poderia ter.

Depois de subjugar todo o país, acima de tudo ao persuadir seu principal inimigo, Toranaga, a jurar fidelidade a ele e seu herdeiro para sempre, Nakamura organizara uma imensa armada e desfechara uma campanha contra Chosen ou Coréia, como o lugar era às vezes chamado, a fim de conquistar esse país e usá-lo como um trampolim para dominar o trono do dragão da China. Mas seus exércitos fracassaram, e logo bateram em retirada na maior ignomínia — da mesma forma que, em épocas anteriores, séculos antes, duas outras tentativas japonesas também haviam sido frustradas, terminando em desastre, o trono da China continuando a ser uma permanente atração.

— Tamanha vergonha precisa ser erradicada... como a vergonha de os filhos do céu sofrerem por causa dos Toranagas, que usurparam o poder de Nakamura. Por ocasião de sua morte, destruíram sua esposa e filho, arrasaram seu castelo em Osaka e *Saquê*aram a herança do filho do céu por tempo demais! *Sonno-jo!*

— *Sonno-jo!* — repetiram todos. Com o maior fervor.

Ao crepúsculo, os jovens estavam se cansando, esgotados pela fuga precipitada. Mas nenhum dos dois queria ser o primeiro a admiti-lo, e por isso continuaram até alcançarem o limiar do bosque. Agora, à frente, havia arrozais nos lados da *Tokaidô*, que levava a Kanagawa, um pouco adiante, e à barreira na estrada. A praia ficava para a direita.

— Vamos... vamos parar um pouco — sugeriu Ori, o braço ferido latejando a cabeça doída, o peito dolorido, mas sem deixar transparecer.

— Está certo. — Shorin também ofegava, também sentia o corpo todo dolorido, mas soltou uma risada — Você é fraco, como uma velha.

Ele procurou um pedaço de solo seco e sentou, agradecido. Passou a olhar ao redor, de uma forma meticulosa, enquanto tentava recuperar o fôlego.

A *Tokaidô* estava quase vazia, pois as viagens noturnas, em geral, eram proibidas pelo *Bakufu*, e sujeitas a interrogatórios e severas punições, se não fossem justificadas. Vários carregadores e os últimos viajantes seguiam apressados para a barreira de Kanagawa, todos os outros já tomando banho ou bebendo nas estalagens de sua escolha... e sempre havia muitas em todas as estações de posta. Por todo o país, as barreiras nas estradas principais fechavam ao cair da noite, e só eram reabertas ao amanhecer, sempre vigiadas por samurais locais.

No outro lado da baía, Shorin podia avistar os lampiões a óleo na rua e em algumas casas da colônia, assim como nos navios ancorados. Uma lua clara, meio cheia, subia do horizonte.

— Como está seu braço, Ori?

— Muito bem, Shorin. Já estamos a mais de uma ri de Hodogaya.

— É verdade, mas não me sentirei seguro enquanto não chegarmos à estalagem. — Shorin começou a massagear o pescoço, tentando aliviar a dor ali e na cabeça. O golpe de Katsumata o deixara atordoado. — Quando nos apresentamos ao senhor Sanjiro, pensei que estávamos perdidos. Achei que ele ia nos condenar.

— Eu também. — Enquanto falava, Ori sentiu-se mal, o braço latejando, o peito arfando, o rosto ardendo. Com a mão boa, afugentou um enxame de insetos noturnos. — Se ele... Eu estava disposto a pegar minha espada e despachá-lo na nossa frente.

— Eu também, mas o sensei nos vigiava com toda atenção, e teria nos matado antes que fizéssemos qualquer movimento.

— Tem razão mais uma vez. — O homem mais moço estremeceu. — O golpe dele quase me arrancou a cabeça. É incrível que tenha tanta força. Fico contente que esteja do nosso lado, e não contra nós. Foi ele quem nos salvou, só ele, submetendo o senhor Sanjiro à sua vontade.

Ori fez uma pausa, subitamente sombrio, e depois acrescentou:

— Shorin, enquanto esperava, eu... para me manter forte, compus meu poema da morte.

Shorin também se tornou solene.

— Posso ouvi-lo?

— Pode.

Sonno-joi ao pôr-do-sol,

Nada desperdiçado.

Para o nada

Eu salto.

Shorin pensou no poema, saboreando-o, o equilíbrio das palavras, o terceiro nível de significado, antes de dizer, ainda solene:

— É sábio para um samurai ter composto um poema da morte. Ainda não consegui isso, embora devesse, e depois todo o resto da vida é extra.

Ele girou a cabeça de um lado para outro, até o limite, as juntas ou ligamentos estalando, e depois se sentiu melhor.

— Sabe, Ori, o sensei tinha razão, nós hesitamos, e por isso perdemos.

— Eu hesitei, ele estava certo nesse ponto, poderia ter matado a moça com a maior facilidade, mas ela me paralisou por um momento. Nunca tinha visto... aquelas roupas exóticas, o rosto como uma flor estranha, com aquele nariz enorme, parecendo uma monstruosa orquídea, com duas imensas manchas azuis, e coroados com estames amarelos... aqueles olhos incríveis, olhos de gato siamês, um telhado de palha sob aquele chapéu ridículo, tão repulsiva... e ao mesmo tempo tão atraente. — Ori soltou uma risada nervosa. — Fiquei encantado. Ela é com certeza uma *kami* das regiões sinistras.

— Tire as roupas, e ela se tornará bastante real, mas se continuará atraente... eu não sei.

— Também pensei nisso, especulando como seria. — Ori levantou os olhos para a lua por um momento. — Se deitasse com ela, acho que me tornaria a aranha macho para a sua fêmea.

— Está querendo dizer que ela o mataria depois?

— Isso mesmo. Se deitasse com ela, à força ou não, aquela mulher me mataria. — Ori sacudiu a mão outra vez, os insetos cada vez mais incômodos. — Nunca tinha visto uma mulher assim... nem você. Também notou, neh?

— Não, não notei. Tudo aconteceu muito depressa, eu tentava matar aquele *gai-jin* enorme, com a pistola, e depois ela já tinha fugido.

Ori olhou para as luzes fracas de Iocoama.

— Gostaria de saber como ela se chama, o que fez ao voltar para lá. Nunca tinha visto nada igual... ela era tão feia, e, no entanto...

Shorin sentia-se inquieto. Normalmente, Ori mal notaria qualquer mulher, Pois apenas as usava, quando sentia necessidade, deixava que o distraíssem, que O servissem. Além de sua adorada irmã, ele não se lembrava de Ori jamais ter falado sobre alguma mulher antes.

— Karma.

— Isso mesmo, karma. — Ori ajeitou a atadura de uma forma mais confortável. O braço latejava cada vez mais, o sangue escorria. — Mesmo assim, não sei Se Perdemos. Devemos esperar, ser pacientes, e ver o que vai acontecer. Sempre planejamos atacar os *gai-jin* na primeira oportunidade... e acertei ao atacá-los naquele momento.

Shorin levantou-se.

— Estou cansado de seriedade, de kami e morte. Conheceremos a morte muito em breve. O sensei deu-nos a vida para *Sonno-joi*. Do nada para o nada. mas hoje temos outra noite para desfrutar. Um banho, saquê, comida, depois uma autêntica dama da noite, suculenta, de cheiro agradável, úmida... — Ele riu baixinho. — Uma flor, não uma orquídea, com um lindo nariz, olhos apropriados. Vamos...

Ele parou de falar de repente. Do leste, da direção de Iocoama, veio o estrondo do disparo do canhão de um navio. No instante seguinte, um foguete de sinalização iluminou o céu por um momento.

— Isso é comum?

— Não sei. — À frente, podiam divisar as lanternas na primeira barreira. — Vamos pelos arrozais, pois assim poderemos contornar os guardas.

— Tem razão. Vamos atravessar a estrada aqui, e seguir mais perto da praia. Não esperam intrusos daquele lado, poderemos evitar as patrulhas, e a estalagem ficará mais próxima.

Cruzaram a estrada correndo, abaixados, pegaram um dos caminhos através dos campos recém-plantados com o arroz de inverno. Pararam subitamente. Da *Tokaidô*, vinha o estrépito de cavalos se aproximando, arreios retinindo. Agacharam-se, esperaram um pouco, e ficaram espantados. Dez dragões uniformizados, armados com carabinas e comandados por um oficial, surgiram na curva da estrada.

Os soldados foram avistados também pelos samurais na barreira, que gritaram uma advertência. Outros correram das cabanas para se juntar a eles. Logo havia vinte samurais na barreira, liderados por um oficial.

— O que vamos fazer, Ori? — sussurrou Shorin.

— Esperar.

Enquanto os dois observavam, o líder dos samurais levantou a mão.

— Parem! — ordenou ele. Depois, acenou com a cabeça de leve, em vez de uma reverência, a etiqueta correta de um superior para um inferior. — A viagem noturna é autorizada? Se for, mostre-me os documentos, por favor.

A fúria de Ori aumentou ao constatar a insolência ostensiva do oficial *gai-jin*, que parou a cerca de dez passos da barreira, gritou alguma coisa em sua estranha língua e gesticulou autoritário para que os samurais a abrissem, sem desmontar, nem fazer uma reverência cortês, como o costume determinava.

— Como ousa ser tão grosseiro? — bradou o samurai, não esperando o insulto, e acenou para que os estrangeiros se afastassem. — Vão embora!

O oficial *gai-jin* berrou uma ordem. No mesmo instante, seus homens pegaram as carabinas, apontaram acima dos samurais e um momento depois, a uma segunda ordem, dispararam uma rajada para o ar. Recarregaram no mesmo instante agora miraram direto os samurais, quase antes mesmo do som da primeira rajada desaparecer, deixando um silêncio ominoso no ar.

Shorin e Ori ficaram espantados. As armas de fogo sempre haviam sido carregadas pelo cano, com pólvora e a bala.

— São os fuzis de carregar pela culatra, com os novos cartuchos! — sussurrou Shorin, excitado. Nenhum dos dois jamais vira essas invenções recentes, mas já tinham ouvido falar a respeito. Os samurais na barreira também ficaram chocados. — Notou como eles recarregaram depressa? Soube que um soldado pode disparar dez tiros com a maior facilidade contra um dos fuzis de carregar pela boca.

— E reparou também na disciplina deles, Shorin... e dos cavalos, que mal se mexeram?

Mais uma vez, o oficial *gai-jin* gesticulou altivo para que eles abrissem a barreira, não deixando a menor dúvida sobre a ameaça de que, se não fosse logo obedecido, todos os samurais morreriam.

— Deixem esses homens passarem — decidiu o líder dos samurais.

O oficial dos dragões avançou, desdenhoso, aparentemente sem medo, seguido por seus homens com expressões sombrias, as armas prontas para entrarem em ação. Nenhum deles cumprimentou os guardas, nem respondeu às reverências polidas.

— Isso será comunicado imediatamente, e exigiremos um pedido de desculpas! — gritou o samurai, enfurecido com o comportamento insultuoso, mas tentando não deixar transparecer.

Depois que os *gai-jin* passaram, a barreira foi resposta no lugar, enquanto Ori murmurava, indignado:

— Que maneiras lamentáveis! Mas o que ele podia fazer, contra armas?

— Deveria ter atacado e matado a todos, antes de morrer — respondeu Shorin, os joelhos tremendo de raiva. — Eu não agiria como aquele covarde... teria atacado e morrido.

— Tem razão. Eu acho que... — Ori parou de falar abruptamente, a ira se dissipando a uma idéia repentina. — Vamos embora. Descobriremos para onde eles vão... talvez possamos roubar algumas daquelas armas.

Um escaler da marinha real saiu do crepúsculo, avançando depressa para o cais de Kanagawa. Era um atracadouro de sólida construção, em madeira e pedra, ao contrário dos outros espalhados pela costa, e tinha uma placa com dizeres em inglês e japonês: Propriedade da legação de sua majestade britânica, Kanagawa — os invasores serão processados. Marujos acionavam os remos do escaler, que levava um numeroso grupo de fuzileiros armados. O mar estava encapelado, a lua subia pelo céu, um vento firme dissipava as nuvens.

Um dos granadeiros da legação esperava na extremidade do cais. Ao seu lado havia um chinês de cara redonda, usando uma túnica comprida, de gola alta, e carregando um lampião a óleo na ponta de uma vara.

— Remos alto! — ordenou o contramestre.

No mesmo instante os remos foram recolhidos, o remador de proa pulou para o cais, foi prender o cabo num poste de amarração. Os fuzileiros desembarcaram, apressados, numa ordem disciplinada, formaram uma linha defensiva, as armas de prontidão, enquanto o sargento no comando inspecionava a área ao redor. Havia um oficial naval na popa. E Angélique Richaud. Ele ajudou-a a desembarcar.

— Boa noite, senhor, madame — disse o granadeiro, batendo continência para o oficial. — Este é Lun, um assistente na legação.

Lun olhou aturdido para a moça.

— Boa noite, senhor. Chegou aqui bem depressa. E trouxe a moça. Angelique sentia-se bastante nervosa e ansiosa. Usava uma touca e um vestido de seda azul, com um xale combinando, o que ressaltava sua palidez e os cabelos louros com perfeição.

— Como está o Sr. Struan?

O soldado respondeu com toda gentileza:

— Não sei, madame. O Dr. Babcott é o melhor por estas águas, e assim o pobre coitado vai ficar bom, se for a vontade de Deus. Ele ficará bastante contente em vê-la... esteve perguntando pela senhorita. Não a esperávamos antes de amanhã.

— E o Sr. Tyrer?

— Está bem. Sofreu apenas um ferimento superficial. É melhor partirmos logo.

— Fica muito longe?

Lun interveio, irritado:

— Não, não fica muito longe, e isso não importa.

Ele levantou o lampião e partiu pela noite, falando depressa, em cantonês.

Mas que insolente!, pensou o oficial. Ele era alto, comandante da marinha real, e se chamava John Marlowe. Puseram-se a seguir o chinês, os fuzileiros formando um círculo protetor, com os batedores na frente.

— Está bem, Srta. Angelique? — perguntou o oficial.

— Estou, sim, obrigada. — Ela ajeitou o xale nos ombros, andando com extremo cuidado. — Que cheiro horrível!

— É do esterco que eles usam como fertilizante, e mais a maré baixa. — Marlowe tinha vinte e oito anos, ruivo, olhos azul-acinzentados, normalmente comandava a *H.M.S. Pearl*, uma fragata a vapor com vinte e um canhões, mas, agora, servia como ajudante-

de-ordens do oficial de maior patente na esquadra, o almirante Ketterer. — Gostaria de uma liteira?

— Obrigada, mas não há necessidade.

Lun seguia um pouco à frente, iluminando o caminho pelas ruas estreitas e vazias da aldeia. A maior parte de Kanagawa se mantinha em silêncio, mas de vez em quando podiam ouvir os risos efusivos e bêbados de homens e mulheres, por trás dos muros altos, interrompidos a intervalos por pequenos portais gradeados. Havia diversas placas ornamentais japonesas.

— Esses lugares são estalagens, hotéis? — indagou Angelique.

— Acho que sim — respondeu Marlowe.

Lun riu baixinho ao ouvir essa conversa. Seu inglês era fluente — aprendido numa escola missionária em Hong Kong. Por instruções expressas, ocultava esse fato com o maior cuidado, sempre falava pidgin, e fingia ser estúpido. Assim, tomava conhecimento de muitos segredos, de grande valor para ele, para seus superiores tongs e para seu líder, o Ilustre Chen, Gordon Chen, comprador da companhia de Struan. Um comprador, em geral um eurasiático bem-nascido, era o intermediário indispensável entre os mercadores europeus e chineses, sabendo falar inglês fluente e conhecendo os dialetos chineses, ganhando pelo menos dez por cento de todas as transações.

Ah, a moça altiva, que desperta desejos não correspondidos, pensou Lun, divertido, sabendo muita coisa a respeito de Angelique. Qual desses fedorentos olhos redondos será o primeiro a abrir suas pernas e penetrar em seu portão de jade, igualmente fétido? É tão intocada quanto assume, ou será que o neto do demônio Struan de olhos verdes já desfrutou as nuvens e a chuva? Por todos os deuses, grandes e pequenos, saberei em breve, porque sua criada é filha da prima em terceiro grau de minha irmã. Já sei que seus cabelos curtos precisam ser trançados, são tão louros quanto os cabelos compridos, e abundantes demais para agradarem a um homem civilizado, mas imagino que é atraente para um bárbaro. Uma coisa horrível!

A vida é mesmo muito interessante. Sou capaz de apostar que esse ataque assassino vai causar muitos problemas tanto aos demônios

estrangeiros quanto aos comedores de imundície destas ilhas. Maravilhoso! E que todos se afoguem em suas próprias fezes!

Interessante que o neto do demônio de olhos verdes estivesse gravemente ferido, o que continua o fado ruim de todos os homens de sua linhagem, e interessante que a notícia já tenha sido enviada secretamente para Hong Kong, pelo mais veloz dos nossos mensageiros. Como sou esperto! Mas, afinal, nasci no Império do Meio, o que me torna uma pessoa superior.

Mas um vento ruim para um é bom para outro. Essa notícia, com toda certeza, vai provocar uma queda considerável no preço das cotas da Casa Nobre. Com informações antecipadas, eu e meus amigos obteremos um lucro enorme. Por todos os deuses, apostarei dez por cento de minha parte no lucro no próximo cavalo nas corridas no Happy Valley que tiver o número quatorze, a data de hoje, pela contagem dos bárbaros.

— Oi! — gritou ele, apontando.

Os torreões centrais do templo assomavam sobre as vielas e passagens estreitas entre as casas, pequenas, com um só andar, todas separadas, embora agrupadas como uma colméia.

Dois granadeiros e seu sargento montavam guarda nos portões do templo, bem iluminados por lampiões a óleo. Babcott também se encontrava ali e disse, sorrindo:

— Olá, Marlowe. É um prazer inesperado. Boa noite, *mademoiselle*. O que...

— Desculpe, doutor — interrompeu-o Angelique, espantada com o tamanho do médico —, mas soubemos que Malcolm... o Sr.Struan... foi gravemente ferido...

— Ele recebeu um golpe profundo de espada, mas já foi costurado e agora dorme — respondeu Babcott, calmamente. — Dei-lhe um sedativo. Vou levá-la até ele num instante. O que está acontecendo, Marlowe? Por que...

— E Philip Tyrer? — interrompeu Angélique de novo. — Ele também foi gravemente ferido?

— Apenas um ferimento superficial, *mademoiselle*. Não há nada que possa fazer no momento, pois ambos se encontram sob o efeito de sedativos. Por que os fuzileiros, Marlowe?

— O almirante achou que seria melhor ter uma proteção extra... para o caso de haver necessidade de uma evacuação.

Babcock assobiou.

— É tão sério assim?

— Está ocorrendo uma reunião neste momento. O almirante, o general, Sir William, juntamente com os representantes francês, alemão, russo e americano, com... hum... a fraternidade comercial.

— Uma pausa, e Marlowe acrescentou, secamente: — Aposto que é uma reunião um tanto acalorada.

Ele virou-se para o sargento dos fuzileiros reais.

— Providencie a segurança da legação, sargento Crimp. Inspeccionarei os postos mais tarde. — Para o sargento dos granadeiros, ele disse: — Por favor, preste ao sargento Crimp toda a ajuda que ele precisar, onde alojar seus homens, e assim por diante. Seu nome, por favor?

— Towery, senhor.

— Obrigado, sargento Towery. Babcott interveio:

— Vocês dois não gostariam de vir comigo para tomar um chá?

— Não, obrigada — respondeu Angelique, tentando ser polida, mas na maior impaciência, detestando a maneira como os ingleses preparavam o chá e o ofereciam sob qualquer pretexto. — Mas gostaria de ver o Sr. Struan e o Sr. Tyrer.

— Claro. Imediatamente.

O médico já percebera que ela se encontrava à beira das lágrimas, concluía que precisava mesmo de uma xícara de chá, talvez temperado com um pouco de conhaque, um sedativo e cama.

— O jovem Phillip sofreu um choque e tanto... e deve ter sido terrível para você também.

— Ele está bem?

— Está, sim — repetiu Babcott, paciente. — Venha verificar pessoalmente. Ele seguiu na frente, através do pátio. Pararam ao ouvir o barulho de cascos de cavalos e arreios. Surpresos, viram uma patrulha de dragões chegar.

— Santo Deus, é Pallidar! — exclamou Marlowe. — O que ele está fazendo aqui?

Observaram o oficial dos dragões responder às continências dos fuzileiros e granadeiros e depois desmontar.

— Uma coisa incrível! — disse Pallidar, sem notar a presença de Marlowe, Babcott e Angelique. — Aqueles malditos japoneses tentaram bloquear a droga da estrada para nós! Infelizmente, os filhos da puta mudaram de idéia, ou estariam agora cheios de flores de sangue e...

Só nesse instante é que ele viu Angelique e parou de falar, consternado.

— Santo Deus! Eu... ahn... lamento profundamente, *mademoiselle*... não sabia que havia damas aqui... Olá, John, doutor.

Marlowe disse:

— Olá, Settry. *Mademoiselle* Angelique, quero lhe apresentar o capitão Settry Pallidar, do oitavo regimento de dragões de sua majestade, um homem de fala rude. *Mademoiselle* Angelique Richaud.

Ela acenou com a cabeça, friamente, e Pallidar fez uma mesura rígida.

Eu... ahn... lamento muito, *mademoiselle*. Doutor, fui enviado para dar proteção à legação, caso haja necessidade de uma evacuação.

O almirante já havia nos enviado com essa missão — informou Marlowe, em tom incisivo. — Com fuzileiros.

Pode dispensá-los, pois agora estamos aqui.

— Ora, vá... Sugiro que peça novas ordens. Amanhã. Enquanto isso, sou o oficial superior e assumo o comando. Doutor, talvez seja melhor leva a dama para ver o Sr. Struan.

Babcott observara a confrontação dos dois jovens com bastante preocupação já que gostava de ambos. Cordiais na superfície, eram implacáveis por baixo. Esses dois jovens touros ainda vão se engalfinhar um dia... e que Deus os ajude se for por causa de uma mulher.

— Até mais tarde.

Pegando o braço de Angelique, ele se afastou. Os dois homens esperaram que eles se afastassem, e depois Pallidar empinou o queixo, beligerante.

— Não estamos no convés de um navio. Isto é um trabalho para o exército.

— Chega de besteira.

— Perdeu o cérebro junto com as boas maneiras? Por que trazer uma mulher para cá, quando só Deus sabe o que pode acontecer?

— Porque o importante Sr. Struan pediu para vê-la, e se trata de uma boa idéia, em termos médicos, ela persuadiu o almirante a permitir-lhe que viesse esta noite, contra a minha opinião. Ele me

ordenou que a escoltasse até aqui e a levasse de volta, sã e salva.
Sargento Towery!

— Pois não, senhor.

— Estou no comando geral, até novas ordens. Leve os dragões aos alojamentos e providencie para que tenham tudo o que for necessário. Pode guardar seus cavalos? Tem rações em quantidade suficiente?

— Há bastante espaço disponível, senhor. A comida não é muita.

— Alguma vez já houve comida em abundância neste lugar esquecido por Deus? — Marlowe acenou para que o sargento se aproximasse, e acrescentou, em tom ameaçador: — Espalhe o aviso. Nada de brigas, e se houver alguma, o desgraçado envolvido será punido com cem chibatadas... quem quer que seja!

O bar do *Iocoama Club*, a maior sala na colônia, e por isso o local de encontro, era um tumulto só, lotado com quase toda a população aceitável da colônia — só faltavam os que estavam bêbados demais para ficarem de pé e os muito doentes — todos gritando em várias línguas, muitos armados, muitos brandindo o punho e lançando imprecações contra o pequeno grupo de homens bem vestidos, sentados a uma mesa nos fundos, a maioria gritando em resposta, o almirante e o general quase apopléticos.

— Diga isso de novo, por Deus, e vou levá-la para fora...

— Vá para o inferno, seu miserável...

— É a guerra, e Wullem tem...

— Vamos acionar a droga do exército e da marinha para bombardear Iedo.

— Vamos arrasar a porra da capital...

— Canterbury tem de ser vingado, e Wullum deve...

— É isso mesmo, Willum é o responsável...

— Escutem, todos vocês!

Um dos homens sentados começou a bater com um martelo na mesa, para pedir silencio. Só serviu para enfurecer ainda mais a multidão... mercadores, pequenos comerciantes, estalajadeiros, jogadores, cavaliços, carnicheiros, jóqueis, marujos, os emigrantes que viviam do dinheiro recebido de casa, fabricantes de velas, a ralé do porto. Cartolas, coletes multicoloridos, roupas de lã, botas de ouro, de ricos a pobres, o ar quente, abafado, enfumaçado, impregnado do odor de corpos imundos, cerveja quente, uísque, gim, rum e vinho derramados.

— Quietos, pelo amor de Deus! Deixem Willum falar!

O homem com o martelo berrou:

— Pelo amor de Deus, é William! William, não Wullum, Willum ou Willam!

William Aylesbury, quantas vezes tenho de lhes dizer? William!

— É isso mesmo, deixem Willum falar, pelo amor de Deus!

Os três homens servindo drinques, no enorme balcão, desataram a rir.

— Todo mundo veio com muita sede para a reunião, hem, governador? — gritou um deles, às gargalhadas, enquanto limpava o balcão com um pano imundo.

O bar era o orgulho da colônia, deliberadamente um palmo maior do que o existente no Jóquei Clube de Xangai, antes o maior da Ásia, e com o dobro do tamanho do que havia em Hong Kong. A parede por trás do balcão exibia incontáveis garrafas de bebidas fortes, vinho e barris de cerveja.

— Pelo amor de Deus, deixem o sujeito falar!

Sir William Aylesbury, o homem com o martelo, suspirou. Era o ministro britânico no Japão, o membro sênior do Corpo Diplomático. Os outros homens representavam a França, Rússia, Prússia e América. Ele perdeu a calma e gesticulou para um jovem oficial, parado por trás da mesa. No mesmo instante, devidamente preparado — com todos à mesa —, o oficial sacou um revólver e disparou para o teto. O reboco caiu no súbito silêncio.

— Obrigado. Agora, se os cavalheiros ficarem quietos por um momento, podemos continuar. — A voz de Sir Willam era sarcástica. Ele era alto, de quarenta e tantos anos, o rosto torto, orelhas proeminentes. — Repito, como todos vocês serão afetados pelo que decidirmos, meus colegas e eu desejamos discutir como reagir a esse incidente... em público. Se vocês não querem escutar, ou se não responderem, quando pedirmos uma opinião, com um mínimo de expletivos... nós vamos debater a questão em particular e depois, quando determinarmos o que VAI ACONTECER, teremos o maior prazer em informá-los.

Houve murmúrios de ressentimento, mas não uma hostilidade ostensiva.

— Ótimo. O que estava dizendo, Sr. McFay?

Jamie McFay se encontrava quase à frente da multidão, com Dmitri ao seu lado — sendo o chefe da Struan, a maior casa comercial da Ásia, era em geral o Porta-voz dos mercadores, os mais importantes dos quais dispunham de frotas Próprias, inclusive com clíperes armados.

— Sabemos que os *Satsumas* estão passando a noite em Hodogaya, senhor, ao norte, ao nosso fácil alcance, e que seu rei está com eles — declarou McFay, bastante preocupado com Malcolm Struan. — O nome dele é *Sajirro* ou alguma coisa parecida, e acho que devemos... Alguém berrou:

— Voto para cercarmos os desgraçados esta noite e enforcarmos o sujeito! Houve uma explosão de aplausos, que logo definhou para umas poucas palmas, em meios a algumas imprecações abafadas e gritos de "*deixem ele falar!*"

— Por favor, continue, Sr. McFay — disse Sir William, cansado.

— Foi um ataque sem qualquer provocação, como sempre, John Canterbury foi brutalmente assassinado, só Deus sabe quanto tempo vai levar para o Sr. Struan se recuperar. Mas esta é a primeira vez que podemos identificar os assassinos... ou pelo menos o rei pode, e, tão certo quanto Deus fez as maçãs, ele tem o poder de prender os bandidos, entregá-los a nós e pagar compensações... — Mais aplausos. — Eles estão ao nosso alcance, e podemos derrotá-los com as tropas de que dispomos.

Aclamações entusiásticas, gritos de vingança.

Henri Bonaparte Seratard, o ministro francês no Japão, declarou em voz bem alta:

— Eu gostaria de ouvir as opiniões de *monsieur* general e *monsieur* almirante. O almirante respondeu no mesmo instante:

— Tenho quinhentos fuzileiros na esquadra...

O general Thomas Ogilvy interrompeu-o, em tom firme, mas polido:

— Trata-se de uma operação em terra, meu caro almirante. Sr. Ceraturd... — O general de cinqüenta anos, grisalho, rosto vermelho, pronunciou errado o nome do francês, com todo cuidado, e deixou de usar "*monsieur*", para aumentar o insulto. — ...temos mil soldados britânicos em acampamentos, duas unidades de cavalaria, três baterias de artilharia, com os mais modernos canhões, e podemos trazer oito ou nove mil soldados de infantaria britânicos e indianos, mais as tropas de apoio, num prazo de dois meses, de nosso baluarte em Hong Kong.

Ele fez uma pausa, ajeitando seu alamar, e acrescentou:

— Não há qualquer problema concebível que as forças de sua majestade, sob o meu comando, não possam resolver de maneira rápida e eficiente.

— Concordo — disse o almirante, sob aplausos estrondosos. Quando cessaram, Seratard indagou:

— Propõe então uma declaração de guerra?

— De jeito nenhum, senhor — respondeu o general, deixando transparecer a aversão mútua.— Apenas afirmei que podemos fazer o que é necessário, quando for necessário, e quando formos obrigados a isso. E creio que este “incidente” é uma questão a ser decidida pelo ministro de sua majestade, junto com o almirante e comigo, sem um debate inconveniente.

Alguns gritaram em aprovação, a maioria desaprovou, e alguém ressaltou:

— Nossa prata e impostos é que pagam todos vocês, e por isso temos o direito de dizer o que é o quê. Nunca ouviram falar de Parlamento?

— Uma cidadã francesa esteve envolvida — declarou Seratard, veemente, do barulho — e, assim, a honra da França também está envolvida. Houve assobios e comentários picantes sobre a moça. Sir William tornou a bater o martelo, e isso permitiu que o ministro americano em exercício, Isiah Adamson, declarasse, friamente:

— A idéia de entrar em guerra por causa desse incidente é absurda, e a oposta de capturar ou atacar um rei em seu país soberano é uma total insensatez... Típica do arrogante egoísmo imperialista! A primeira providência deve ser a de comunicar o fato ao *Bakufu*, e depois pedir...

Irritado, Sir William interrompeu o americano:

— O Dr. Babcott já fez o comunicado em Kanagawa. Eles negaram qualquer conhecimento do incidente, e é bem provável que sigam o padrão anterior e continuem a negar. Um súdito britânico foi

brutalmente assassinado, outro sofreu ferimentos graves, e nossa jovem e atraente hóspede estrangeira ficou apavorada, o que foi imperdoável. Esses atos, devo lembrar, como o Sr. McFay tão bem ressaltou, pela primeira vez foram cometidos por criminosos que podem ser identificados. O governo de sua majestade não permitirá que isso fique sem punição...

Por um momento, a voz foi abafada por aclamações tumultuadas, e depois Sir William acrescentou:

— Só resta decidir a extensão dessa punição, como devemos agir, e quando. Sr. Adamson?

— Já que não estamos envolvidos, não tenho qualquer recomendação formal.

— Conde Zergzeyev?

— Meu conselho formal é o de que devemos atacar Hodogaya, destruir tudo, liquidar os *Satsumas*. — O russo tinha trinta e poucos anos, um homem forte, barbudo e aristocrático, o chefe da missão do czar Alexandre II. — A força, maciça, implacável e imediata, é a única diplomacia que os japoneses vão compreender. Meu vaso de guerra ficaria honrado em liderar o ataque.

Houve um estranho silêncio. Eu já imaginava que seria essa a sua resposta, pensou Sir William, e não sei se está enganado. Ah, a Rússia, a bela e extraordinária Rússia, é uma pena que sejamos inimigos. A melhor época de minha vida foi em São Petersburgo. Mesmo assim, vocês não vão se expandir para estas águas, detivemos sua invasão das ilhas japonesas de Tsushima no ano passado, e este ano vamos impedi-los também de se apoderarem de Sakhalin.

— Obrigado, meu caro conde. Herr von Heimrich? O prussiano era idoso, o comportamento brusco.

— Não tenho nenhum conselho neste caso, Herr cônsul geral. Só posso dizer formalmente que meu governo consideraria que se trata de uma questão exclusiva do seu governo, sem a interferência de partes menores.

Seratard ficou vermelho.

— Não considero...

— Obrigado por suas sugestões, cavalheiros — interveio Sir William, incisivo, evitando a briga que teria irrompido entre os dois.

No dia anterior, despachos do Ministério do Exterior em Londres informavam que a Inglaterra poderia em breve se envolver em mais uma das intermináveis guerras européias, desta vez entre a beligerante e orgulhosa França e a beligerante, orgulhosa e expansionista Prússia, mas sem prever em que lado. Não dá para entender por que esses demônios estrangeiros não podem se comportar como civilizados.

— Antes de fazer um julgamento — continuou Sir William —, já que todos de importância se encontram aqui, e nunca tivemos tal

oportunidade antes, creio que devemos definir nosso problema. Temos tratados legais com o Japão. Estamos aqui para comerciar, não para conquistar territórios. Precisamos lidar com a burocracia dos japoneses, o *Bakufu*, que é como uma esponja... num momento finge ser todo-poderoso e, no seguinte, completamente impotente diante de seus diversos reis. Nunca conseguimos alcançar o verdadeiro poder, o xógum... nem mesmo sabemos se ele realmente existe.

— Ele deve existir — disse Von Heimrich, friamente — porque nosso famoso viajante e médico alemão, Dr. Engelbert Kaempfer, que viveu em Deshima de 1690 a 1693, fingindo ser holandês, informou tê-lo visitado em Iedo, na peregrinação anual que eles fazem.

— Isso não prova que existe um agora — declarou Seratard, cáustico. — Mas concordo que há um xógum e a França aprova um contato direto.

— Uma idéia admirável, *monsieur* — Sir William ficou vermelho.— E como faríamos isso?

— Mande a esquadra para Iedo — respondeu o russo, no mesmo instante — e exija uma audiência imediata, sob a ameaça de destruir o lugar. Se eu tivesse uma esquadra tão boa como a de vocês, primeiro destruiria a metade da cidade e depois exigiria uma audiência... ou, melhor ainda, ordenaria que esse tal de xógum nativo se apresentasse a bordo da minha nave capitânia no dia seguinte, e o enforcaria.

Muitos gritos de aprovação. Sir William disse:

— É sem dúvida um caminho, mas o governo de sua majestade prefere uma solução um pouco mais diplomática. Outro assunto: quase não temos informações concretas sobre o que está acontecendo no país. Agradeceria se todos os mercadores nos ajudassem a obter informações que possam ser úteis. Sr. McFay, entre todos os mercadores, deve ser o mais bem-informado. Pode nos ajudar?

McFay respondeu, cauteloso:

— Há poucos dias, um dos nossos fornecedores de seda japoneses disse a nosso comprador chinês que alguns dos reinos... ele usou a palavra "feudos", e se referiu a seus reis como "*daimios*"... haviam iniciado uma revolta contra o *Bakufu*, em particular *Satsuma* e outros lugares, como Tosa, *Choshu*...

Sir William notou o imediato interesse dos outros diplomatas, e especulou se seria sensato fazer a pergunta em público:

— Onde eles ficam?

— *Satsuma* fica perto de Nagasáqui, na ilha do Sul, Kyushu — respondeu Adamson. — Mas onde ficam *Choshu* e Tosa?

— Acho que posso explicar, excelência — disse um marujo americano, com um agradável sotaque irlandês. — Tosa é parte de Shikoku, que é a ilha grande, no mar interior. *Choshu* é mais para oeste, na ilha principal, Sr. Adamson, transversal ao Estreito. Já passamos várias vezes pelo estreito, tem menos de dois quilômetros na parte mais apertada. É o melhor e mais rápido caminho de Hong Kong ou Xangai para cá. Estreito de *Shi-mono-seki*, como chamam

os locais, e em certa ocasião negociamos peixe e água na cidade, mas não fomos bem recebidos.

Muitos outros informaram que também já haviam usado o estreito, mas nunca souberam que o reino se chamava *Choshu*.

— Pode me dizer seu nome, por favor? — pediu Sir William.

— Paddy O’Flaherty, contramestre do baleeiro americano Albatroz, de Seattle, excelência.

— Obrigado. — Sir William fez uma anotação mental para convocar O’Flaherty mais tarde, a fim de obter mais informações a respeito, e descobrir se havia cartas da área; caso não existissem, mandaria a marinha providenciar. — Continue, Sr. McFay. Estava falando sobre a revolta.

— Pois não, senhor. Esse mercador de seda... não sei até que ponto ele é confiável... disse que havia alguma espécie de luta pelo poder contra o xógum, o *Bakufu*, e algum rei ou *daimio* que ele chamou de Toranaga.

Sir William percebeu que os olhos do russo se contraíam ainda mais, em suas feições quase asiáticas.

— O que é, meu caro conde?

— Nada, Sir William... mas não é esse o nome do soberano mencionado por Kaempfer?

— É, sim. — Por que nunca me contou antes que havia lido esses diários esclarecedores, escritos em alemão, uma língua que não conhece, e por isso devem ter sido traduzidos para o russo?, pensou Sir William. — Talvez "Toranaga" signifique soberano na língua deles. — Continue, por favor, Sr. McFay.

— Isso foi tudo que o homem disse ao meu compradore, mas vou me empenhar em descobrir mais. — McFay fez uma pausa, depois acrescentou, em tom polido, mas firme: — Vamos ou não acertar as contas com o rei *Satsuma*, em Hodogaya, esta noite?

A fumaça parecia aumentar o silêncio.

— Alguém tem mais alguma coisa a acrescentar... sobre essa revolta? Norbert Greyforth, chefe da Brock and Sons, a principal rival da Struan, disse: — Também ouvimos rumores sobre essa revolta. Mas pensei que se relacionava com o sumo sacerdote, o tal de “micado”, que supostamente vive em Quioto, uma cidade perto de Osaca. Também farei indagações a respeito. Enquanto isso, sobre esta noite, meu voto acompanha o de McFay: quanto mais cedo punirmos esses sujeitos, mais cedo teremos paz.

Ele era mais alto do que McFay, e era evidente que o odiava. Depois que os aplausos cessaram, Sir William declarou, como um juiz enunciando uma sentença: — É isto o que vai acontecer. Primeiro, não haverá nenhum ataque esta noite e...

Gritos de “renuncie, atacaremos nós mesmos, vamos dar uma lição nesses desgraçados...”

— Não podemos... não sem as tropas...

— Fiquem quietos e escutem, por Deus! — berrou Sir William. — Se alguém for bastante estúpido para atacar Hodogaya esta noite, terá de responder não apenas perante as nossas leis, mas também as dos japoneses. **ESTÁ PROIBIDO!** Amanhã, exigirei formalmente... **EXIGIREI...** que o *Bakufu* e o xógum apresentem um pedido de desculpas formal, imediatamente, entreguem os dois assassinos para serem julgados e enforcados, e paguem uma indenização de cem mil libras, ou arquem com as conseqüências.

Uns poucos aplaudiram, a maioria não reagiu, e a reunião foi encerrada, com uma corrida para o bar, muitos homens já quase se agredindo, à medida que as discussões se tornavam mais embriagadas e mais acaloradas. McFay e Dmitri abriram caminho para sair da sala.

— Por Deus, está muito melhor aqui!

McFay tirou o chapéu, enxugou o suor da testa.

— Podemos conversar, Sr. McFay?

Ele virou-se e deparou com Greyforth.

— Claro.

— Em particular, por favor.

McFay franziu o rosto, depois foi andando para o cais quase deserto, afastando-se de Dmitri, que não trabalhava na Struan, mas

negociava através da Cooper-Tillman, uma das companhias americanas.

— O que é?

Norbert Greyforth baixou a voz:

— O que me diz de Hodogaya? Vocês têm dois navios aqui, nós temos três, o que dá para reunir uma porção de homens. A maioria dos tripulantes da frota mercante nos acompanharia, temos armas suficientes, podemos até levar uns poucos canhões. John Canterbury era um bom amigo, o Velho gostava dele, e quero que seja vingado. O que acha da idéia?

— Se Hodogaya fosse um porto, eu não hesitaria, mas não podemos desfechar um ataque para o interior. Não estamos na China.

— Tem medo daquele sujeitinho?

— Não tenho medo de ninguém, Norbert. Apenas não podemos efetuar um ataque bem-sucedido sem tropas regulares. Não seria possível. Embora eu queira vingança mais do que qualquer outro.

Greyforth certificou-se de que ninguém os escutava.

— Já que levantou o assunto esta noite, e quase não conversamos, também ouvimos que vai haver grandes problemas por aqui muito em breve. — A revolta?

— Isso mesmo. Grandes problemas para nós. Há todos os tipos de sinais. Nossos vendedores de seda vêm agindo de uma maneira indecente há um ou dois meses, aumentando o preço, atrasando as entregas, protelando os pagamentos e pedindo créditos extras. Aposto que a mesma coisa tem ocorrido com você.

— É verdade.

Era raro que os dois conversassem sobre negócios.

— Não sei muito mais do que isso, e só posso acrescentar que vários dos sinais são os mesmos que, na América, levaram à guerra civil. Se acontecer aqui, vai ser um estrago para nós. Sem a esquadra e os soldados, estamos impotentes e podemos ser liquidados.

Depois de uma pausa, McFay perguntou:

— O que propõe?

— Teremos de esperar para ver o que acontece. Não tenho muita fé no plano do pequeno Willie, como você. O russo estava certo sobre o que devia ser feito. Mas enquanto isso... — Greyforth acenou com a cabeça para o mar, onde se encontravam diversos navios

mercantes e dois de seus clíperes. — ...estamos guardando a bordo todo o nosso dinheiro e mercadorias, aumentamos os estoques de pólvora, balas e metralha, e encomendamos duas das novas metralhadoras Gatling, com dez canos, a serem entregues o mais depressa possível.

McFay soltou uma risada.

— Essa não! Nós também fizemos uma encomenda!

— Foi o que soubemos, e por isso pedimos as metralhadoras, além do dobro dos novos fuzis que vocês encomendaram.

— Quem lhe contou isso? Quem é seu espião?

— É o que corre por aí — respondeu Greyforth, secamente. — Todos sabemos que essas invenções, juntamente com os cartuchos de

metal, mudaram o curso da guerra... isso já ficou provado pelas baixas nas batalhas de Buli Run e Fredericksburg.

— É mesmo chocante. Dmitri me contou, disse que o Sul perdeu quatro mil homens em uma tarde. Terrível. Mas e daí?

— Poderíamos ambos vender essas armas aos japoneses às toneladas, mas meu pensamento é um acordo para não fazê-lo, e nos unirmos para impedir que alguém mais as importe ou contrabandeie. Vender vapores e alguns canhões aos japoneses é uma coisa, mas não fuzis de repetição e metralhadoras. Concorda?

McFay se surpreendeu com a proposta. E ficou desconfiado. Mas se manteve impassível, certo de que Norbert nunca cumpriria o acordo, e apertou a mão estendida.

— Concordo.

— Ótimo. Quais são as últimas notícias sobre o jovem Struan? Quando o vi, há cerca de uma hora, ele não estava nada bem.

— Vai morrer?

— Não. O médico me assegurou que não.

Um sorriso frio.

— O que eles sabem, afinal? Mas se o jovem Struan morresse, isso poderia arruinar a Casa Nobre.

— Nada jamais vai arruinar a Casa Nobre, pois Dirk Struan cuidou para que isso não acontecesse.

— Não tenha tanta certeza. Dirk está morto há mais de vinte anos, seu filho Culum está à beira da morte, e se Malcolm também morrer, quem vai assumir? Não seria o seu irmão, que tem apenas dez anos. — Os olhos de Norbert exibiram um brilho estranho. — O velho Brock pode estar com setenta e três anos, mas continua rijo e esperto como sempre.

— Mas ainda somos a Casa Nobre, Culum ainda é o *tai-pan*. — McFay acrescentou, contente pela farpa: — O velho Brock ainda não é diretor no Jóquei Clube em Happy Valley, e nunca será.

— Isso vai acontecer muito em breve, Jamie, isso e todo o resto. Culum Struan não vai controlar os votos no Jóquei Clube por muito mais tempo, e se o filho e herdeiro também bater as botas, teremos todos os votos necessários, contando conosco e com os nossos amigos.

— Não vai acontecer.

Greyforth ficou tenso.

— Talvez o velho Brock nos honre com uma visita aqui muito em breve... acompanhado por Sir Morgan.

— Morgan está em Hong Kong?

McFay tentou evitar que seu espanto transparecesse. Sir Morgan Brock era o primogênito do Velho Brock e dirigia o escritório da companhia em Londres, com o maior sucesso. Pelo que Jamie sabia, Morgan nunca estivera na Ásia antes. Se Morgan aparecia de repente em Hong Kong... que nova manobra aqueles dois estariam tramando agora? McFay ficou apreensivo. Morgan especializara-se na atividade bancária mercantil, e com extrema habilidade espalhara os tentáculos da Brock pela Europa, Rússia e América do Norte, sempre pressionando as rotas comerciais e os fregueses da Struan. Desde que a guerra americana começara, no ano passado, McFay, assim como os outros diretores da Struan, vinha recebendo relatórios inquietantes sobre fracassos entre seus amplos interesses americanos, tanto no Norte quanto no Sul, onde Culum Struan efetuara investimentos consideráveis.

— Se o Velho Brock e seu filho nos honrarem com sua presença, não tenho a menor dúvida de que sentiríamos o maior prazer em lhes oferecer um jantar.

Greyforth riu, sem qualquer humor.

— Duvido que eles tenham tempo, exceto para inspecionar seus livros, quando assumirmos o controle.

— Nunca assumirão. Se eu tiver alguma notícia sobre a revolta, pode estar certo de que o avisarei. Por favor, faça a mesma coisa. E, agora, boa noite.

Com exagerada polidez, McFay levantou o chapéu e depois se afastou. Greyforth riu sozinho, satisfeito com as sementes que plantara. O Velho se sentirá feliz ao fazer a colheita, pensou ele, arrancando pelas raízes.

O Dr. Babcott avançava por um corredor, exausto, na semi-escuridão da legação em Kanagawa. Carregava um pequeno lampião a óleo e usava um chambre por cima do pijama de algodão. Lá embaixo, em algum lugar, um relógio bateu as duas horas. Distraído, ele enfiou a mão no bolso, conferiu seu relógio de algibeira, bocejou, bateu numa porta.

— Srta. Angelique?

Depois de um momento, ela indagou, sonolenta:

— O que é?

— Queria ser informada quando o Sr. Struan acordasse.

— Ah, obrigada.

Um instante depois, a porta foi aberta, e Angelique saiu. Tinha os cabelos um pouco desgrenhados, ainda sonolenta, usava um penhoar por cima da camisola.

— Como ele está?

— Bastante fraco, meio atordoado.

Babcott levou-a pelo corredor, desceram para a enfermaria, onde ficavam os quartos dos pacientes.

— A temperatura e a pulsação estão um pouco altas, mas isso era de se esperar. Dei-lhe uma droga para a dor, mas é um jovem forte e deve se recuperar.

Na primeira vez em que vira Malcolm depois do ataque, Angelique ficara chocada com a sua falta de cor e consternada com o mau cheiro. Além do que lia nos jornais parisienses sobre morte, agonia e enfermidades, sobre as epidemias de peste e moléstias que matavam — sarampo, varíola, tifo, cólera, pneumonia, meningite, coqueluche, escarlatina, febre puerperal, e assim por diante — que varriam Paris, Lyon e outras cidades de tempos a tempos, ela nunca tivera qualquer contato maior com a doença. Sua saúde sempre fora boa, a tia, o tio e o irmão eram igualmente abençoados.

Trêmula, pusera a mão na testa de Struan, afastara os cabelos suados de seu rosto, mas se apressara em sair, repugnada pelo cheiro que cercava o leito.

Num quarto próximo, Tyrer dormia tranqüilo. Para seu grande alívio, ela constatara que não havia cheiro ali. Pensara que ele tinha uma expressão serena no sono, enquanto a de Malcolm era atormentada.

— Phillip salvou minha vida, doutor — dissera ela. — Depois que golpearam o Sr. Canterbury, fiquei paralisada, mas Phillip jogou seu cavalo no caminho do assassino, dando-me tempo para escapar. Não posso descrever como foi horrível...

— Como era o homem? Seria capaz de reconhecê-lo?

— Não sei. Era apenas um nativo, jovem, eu acho, mas não tenho certeza, é difícil calcular a idade dessa gente, e ele foi o primeiro que vi de perto. Usava um quimono, com uma espada curta no cinto, e a grande estava toda ensangüentada, pronta para...

Os olhos de Angélique ficaram marejados de lágrimas. Babcott a conduziu gentilmente a um quarto, servira chá com um pouco de láudano e prometera que a chamaria no momento em que Struan acordasse.

E agora ele está acordado, pensou Angélique, sentindo os pés pesados, a náusea subindo pela garganta, a cabeça dolorida, povoada por imagens assustadoras. Eu bem que gostaria de não ter vindo, Henri Seratard me disse para esperar até amanhã, o comandante Marlowe foi contra, todos discordaram; então por que supliquei com tanto ardor ao almirante? Não sei, éramos apenas bons amigos, não namorados, noivos, ou...

Ou estou começando a me apaixonar, ou apenas consumida pela bravata, representando, porque todo este dia pavoroso tem sido como um melodrama de Dumas, o pesadelo na estrada não era real, a colônia enfurecida não era real, a mensagem de Malcolm chegando ao pôr-do-sol não era real: "Por favor, venha me ver assim que puder", escrita pelo médico, a pedido dele... e eu não sou real, apenas represento o papel da heroína... Babcott parou.

— Chegamos. Vai encontrá-lo um tanto cansado, *mademoiselle*. Vou apenas me certificar de que ele está bem, e depois os deixarei a sós, por um ou dois minutos. Ele pode cair no sono de repente, por

causa da droga que tomou. Não se preocupe com isso. Se precisar de mim, estarei na enfermaria, ao lado. Não exija demais dele, nem de si mesma, não se angustie com coisa alguma... lembre-se de que também passou por maus momentos.

Angelique respirou fundo, fixou um sorriso no rosto e entrou no quarto, atrás do médico.

— Olá, Malcolm, *mon cher*.

— Olá.

Struan estava muito pálido, parecia ter envelhecido, mas tinha os olhos claros.

Babcott falou jovialmente por um momento, examinou-o, verificou o pulso, encostou a mão em sua testa, balançou a cabeça, meio para

si mesmo, disse que o paciente estava melhor, e se retirou.

— Você é tão bonita... — murmurou Struan, a voz antes vigorosa agora reduzida a um fio, sentindo-se estranho, flutuando, mas ao mesmo tempo pregado na cama, no colchão de palha encharcado de suor.

Angelique se adiantou.

— Como se sente? Lamento muito que tenha sido ferido.

— Joss — disse ele, usando a palavra chinesa que significava destino, sorte, a vontade dos deuses. — Você é tão bonita...

— Ah, *chéri*, como eu gostaria que nada disso tivesse acontecido, que eu jamais pedisse para dar um passeio a cavalo, que nunca desejasse visitar o Japão!

— É o destino. Já... já é o dia seguinte, não é mesmo?

— É, sim. O ataque foi ontem à tarde.

Parecia difícil ao cérebro de Struan traduzir as palavras da moça de uma forma compreensível, e igualmente difícil compor palavras e pronunciá-las, da mesma forma que Angelique sentia dificuldade em permanecer ali.

— Ontem? Parece que toda uma vida passou. Viu Phillip?

— Eu o vi antes, mas ele dormia. Irei vê-lo de novo assim que sair daqui, chéri, Na verdade, é melhor eu ir agora, pois o médico disse que não devia cansá-lo.

— Não vá ainda, por favor. Escute, Angelique, não sei quando... quando terei condições de viajar...— Ele fechou os olhos por um momento, contra uma pontada de dor, que logo cessou. Ao focalizá-la de novo, percebeu seu medo, e interpretou-o de maneira errada. — Não se preocupe. McFay providenciará para que você seja es... escoltada de volta a Hong Kong, sã e salva. Por favor, não se preocupe.

— Obrigada, Malcolm. Acho mesmo que devo voltar, amanhã ou depois. — Angelique percebeu o súbito desapontamento, e se apressou em acrescentar: — Claro que você já estará melhor até lá, e poderemos partir juntos... Ah, já ia me esquecendo, Henri Seratard enviou suas condolências...

Ela parou de falar, consternada, enquanto uma dor intensa dominava Struan. Seu rosto se contorceu, ele tentou se dobrar, não conseguiu, as entranhas querendo expelir o veneno terrível do éter, que parecia impregnar cada poro e célula do cérebro. Só que não podia, pois o estômago e intestinos já haviam se esvaziado de tudo o que era possível. Cada espasmo parecia dilacerar os ferimentos, cada acesso de tosse era mais angustiante do que o anterior, saindo apenas um pouco de líquido pútrido por todo o tormento.

Em pânico, Angelique virou-se para chamar o médico, tateando à procura da maçaneta da porta.

— Está tudo bem, Ange... Angelique — balbuciou a voz que ela mal reconhecia agora. — Fique... mais um pouco.

Struan viu o horror no rosto da moça e tornou a interpretar errado, entendendo-o como ansiedade, profunda compaixão e amor. O medo deixou-o e tratou de se recostar, para reunir alguma força.

— Minha querida, eu esperava... esperava tanto... claro que sabe que a amei desde o primeiro momento.

O espasmo minara suas forças, mas a convicção absoluta de que vira em Angelique aquilo pelo que rezava lhe proporcionou enorme paz.

— Não consigo pensar direito, mas queria... vê-la para dizer... por Deus, Angelique, fiquei apavorado com a operação, apavorado com as drogas, apavorado com a possibilidade de morrer e não despertar antes de vê-la de novo... nunca me senti tão apavorado!

— Eu também ficaria apavorada... oh, Malcolm, tudo isso é tão horrível! — Angelique sentia a pele pegajosa, a cabeça doía cada vez mais, tinha medo de vomitar a qualquer momento. — O médico me garantiu, e a todo mundo, que você logo ficará bom.

— Não me importo, agora que sei que você me ama. Se eu morrer, é o destino, e na minha família sabemos que não podemos escapar ao destino. Você é minha estrela da sorte, meu imã... compreendi desde o primeiro instante. Vamos casar...

As palavras definharam. Struan sentia um zumbido nos ouvidos, tinha os olhos turvos, as pálpebras adejaram, à medida que o *opiato* fazia efeito, levando-o para o mundo da escuridão, em que a dor ainda existia, mas era transformada em ausência de dor.

— ...casar na primavera...

— Malcolm, escute, você não vai morrer, e eu... *alors*, devo ser franca...— Uma pausa, e as palavras se despejaram. — Não quero casar ainda, não tenho certeza se o amo, simplesmente não tenho certeza, você terá de ser paciente, e se eu o amar ou não, acho que nunca poderia viver neste lugar horrível, nem em Hong Kong, na verdade, sei que não posso, não vou viver lá, não posso, sei que morreria, a idéia de viver na Ásia me horroriza, com todo esse mau cheiro, essas pessoas repulsivas. Voltarei a Paris, que é o lugar a que pertencço, assim que puder, e nunca mais visitarei a Ásia, nunca, nunca, nunca!

Mas Struan não ouvira nada disso. Sonhava agora, sem vê-la, e murmurou:

— ...muitos filhos, você e eu... tão feliz por você me amar... rezei por isso... e agora... viveremos para sempre na Casa Grande no Pico. Seu amor expulsou o medo, o medo da morte, sempre o medo da morte, sempre tão próxima, os gêmeos, a irmãzinha Mary morreram tão cedo, meu irmão, o pai quase morto... o avô, outra morte violenta, mas agora... agora... tudo mudou... casaremos na primavera, está bem?

Ele abriu os olhos. Por um instante, viu-a com nitidez, o rosto contraído, as mãos se retorcendo, a repulsa, e sentiu vontade de gritar. Qual é o problema, pelo amor de Deus? Isto é apenas uma enfermidade, sei que o cobertor ficou encharcado de suor, que estou deitado num pouco de urina e fezes, que tudo fede, mas isso acontece porque fui ferido, pelo amor de Deus, apenas me cortaram, mas agora já fui costurado, estou bem de novo, bem de novo, bem de novo...

Mas nenhuma das palavras saiu, e ele viu-a dizer alguma coisa, abrir a porta abruptamente e sair correndo, mas isso era apenas um pesadelo, os sonhos bons o chamavam de volta. A porta bateu, e o barulho ressoou e ressoou... bem de novo, bem de novo, bem de novo...

Angelique se encostava na porta para o jardim, sorvendo o ar noturno, tentando recuperar o controle. Santa mãe de Deus, dê-me forças, dê àquele homem um pouco de paz, e me ajude a sair deste lugar o mais depressa possível. Foi nesse momento que Babcott se aproximou por trás.

— Ele está bem, não se preocupe. Tome, beba isto — murmurou ele, compadecido, entregando um opiato. — Vai ajudá-la a dormir.

Angelique obedeceu. O líquido não tinha um gosto bom nem ruim.

— Ele dorme sereno agora. Vamos, você também precisa descansar. Babcott ajudou-a a subir, levou-a para seu quarto. Na porta, ele hesitou.

— Duma bem... tenho certeza de que vai dormir bem.

— Tenho medo por ele, muito medo.

— Não precisa ter. Vai ver só como ele já estará melhor pela manhã.

— Obrigada, já me sinto bem agora... Ele... acho que Malcolm pensa que vai morrer... vai?

— Claro que não. É um jovem forte e vai se recuperar num instante, ficará tão bom quanto novo.

Babcott repetia o mesmo chavão que já usara mil vezes, e não dizia a verdade: Não sei, nunca se sabe, agora depende de Deus.

E, no entanto, ele sabia que na maioria das vezes era correto oferecer à pessoa amada alguma esperança, reduzir o fardo da preocupação crescente, embora não fosse correto nem justo tornar Deus o responsável pelo paciente viver ou morrer. Mesmo assim, se você se encontra impotente, se fez o seu melhor, mas sabe que o seu melhore todo o conhecimento existente não são suficientes, o que mais pode fazer, e permanecer são? Quantos jovens você já viu como este, e mortos pela manhã, ou no dia seguinte... ou recuperados, se é essa a vontade de Deus. Seria mesmo? Acho que a falta de conhecimento. E depois a vontade de Deus. Se é que existe um Deus.

Involuntariamente, Babcott estremeceu.

— Boa noite, e não se preocupe mais.

— Obrigada.

Angelique pôs a tranca na porta, foi até a janela, abriu-a. O cansaço a envolveu. O ar noturno era quente e agradável, a lua se tornara alta agora. Ela tirou o peignoir, enxugou-se, ansiosa em dormir. A camisola ficara úmida, grudava na pele, ela gostaria de trocá-la, mas não trouxera outra. Lá embaixo, o jardim era vasto, povoado por sombras, com árvores aqui e ali, uma pequena ponte sobre um regato. Uma brisa acariciava as copas das árvores. Muitas sombras ao luar. Algumas se mexiam, outras não.

Os dois jovens viram-na no momento em que apareceu na porta do jardim, a quarenta metros de distância. O ponto de emboscada fora escolhido com o maior cuidado, e lhes proporcionava uma boa vista de todo o jardim, além do portão principal, a casa da guarda e as duas sentinelas que vigiavam. Assim que a moça apareceu, eles se ocultaram ainda mais na folhagem, atônitos com a sua presença, ainda mais atônitos pelas lágrimas que escorriam por suas faces. Shorin sussurrou:

— Mas o que...

Ele não continuou. Uma patrulha de um sargento e dois soldados, os primeiros a entrarem em sua armadilha, contornou o canto distante do jardim, aproximando-se pelo caminho que seguia ao longo dos muros. Os dois se prepararam, depois ficaram imóveis, os trajes pretos, quase colados na pele, cobrindo seus corpos por completo, à exceção dos olhos, e tornando-os quase invisíveis.

A patrulha passou a menos de dois metros, e os dois *shishi* poderiam ter atacado, com facilidade e em segurança, de sua emboscada. Shorin — o caçador, o guerreiro, o líder em combate, enquanto Ori era o pensador e planejador — escolhera o local, mas Ori decidira que só atacariam uma patrulha de um ou dois homens, a menos que houvesse uma emergência, ou tentassem impedi-los de entrar no arsenal.

— Independente do que fizermos desta vez, devemos permanecer em silêncio — dissera ele antes. — E ser pacientes.

— Por quê?

— Esta é a legação deles. Segundo os seus costumes, isso significa que é um território que lhes pertence... guardada por soldados de verdade. Portanto, somos invasores. Se tivermos êxito, vamos deixá-los muito assustados. Se nos pegarem, fracassamos.

Da emboscada, eles observaram a patrulha se afastar, notando a maneira silenciosa e cuidadosa com que os homens se moviam. Ori sussurrou, apreensivo:

— Nunca vimos esse tipo antes... soldados tão bem treinados e disciplinados. Numa batalha, concentrados, teríamos a maior dificuldade contra eles e suas armas.

Shorin assegurou:

— Sempre venceremos. Teremos as armas em breve, de um jeito ou de outro, de qualquer forma o bushido e nossa coragem podem liquidá-los. Somos capazes de derrotá-los com a maior facilidade. — Ele se sentia muito confiante. — de ríamos ter matado os homens da patrulha e nos apoderado de suas armas. Depois me senti contente por não termos feito isso, pensou Ori, bastante apreensivo. O braço doía muito; podia simular indiferença, mas sabia que não seria capaz de sustentar a longa espada de combate.

— Se não fosse por estas roupas, eles teriam nos visto — murmurou Ori, tornando a olhar para a moça.

— Poderíamos matar os três com a maior facilidade, pegado suas carabinas, e saltado o muro de volta.

— Aqueles homens são muito bons, Shorin, não mercadores estúpidos.

Ori evitou qualquer tom de provocação na voz, como sempre, não querendo ofender o amigo, nem ferir seu orgulho sensível, precisando de suas qualidades, tanto quanto Shorin necessitava das que ele possuía. Além do mais, não esquecera que Shorin desviara a bala que o teria matado, na *Tokaidô*.

— Temos tempo suficiente. Ainda faltam pelo menos duas velas para o amanhecer. — O que representava em torno de quatro horas. Ori gesticulou para a porta. — De qualquer forma, ela daria o alarme.

Shorin respirou fundo.

— Mas que estupidez a minha! Você tem razão... mais uma vez. Desculpe. Ori concentrou toda a sua atenção na mulher, indagando a si mesmo: O que há nela que me perturba e me fascina?

Eles viram o gigante surgir ao lado da mulher. Pelas informações recebidas na estalagem, sabiam que era o famoso médico inglês que realizava curas milagrosas em qualquer um que procurasse seus serviços, não apenas a sua gente, mas também os japoneses. Ori daria qualquer coisa para entender o que o médico disse à moça. Ela enxugou as lágrimas, tomou o que o gigante lhe deu, obediente, depois deixou que ele a levasse pelo corredor, a porta sendo fechada e trancada. Ori murmurou:

— Espantoso... o gigante e a mulher.

Shorin fitou-o, percebendo algo estranho que o perturbava, ainda furioso consigo mesmo por ter esquecido a moça, quando a patrulha se aproximara. Só dava para ver os olhos do amigo, e nada conseguiu ler ali.

— Vamos para o arsenal, Ori — sussurrou ele, impaciente — ou atacar a Próxima patrulha.

— Espere! — Com grande cuidado para não fazer um movimento brusco que Pudesse ser notado, Ori ergueu a mão em uma luva preta, mais para aliviar a Pressão no braço do que para limpar o suor. — Katsumata nos ensinou a paciência, e esta noite Hiraga aconselhou a mesma coisa.

Antes, ao chegarem à estalagem das Flores da Meia-Noite, eles descobriram, na maior alegria, que Hiraga, seu amigo e o líder muito admirado de todos os *shishi Choshu*, também se encontrava ali. A notícia do ataque já fora recebida.

— O ataque foi no momento mais oportuno, embora vocês não pudessem saber disso — comentou Hiraga, um homem bonito, de vinte e dois anos, alto para um japonês. — Será como uma vara cravada no ninho de marimbondos de Iocoama. — Agora, os *gai-jin* ficarão furiosos e investirão contra o *Bakufu*, que não vai e não pode fazer qualquer coisa para apaziguá-los. Se ao menos os *gai-jin* retaliassem contra Iedo! Se fizessem isso, destruindo a cidade, seria o sinal para que capturássemos os portões do palácio. Depois que o imperador estiver livre todos os *daimios* vão se rebelar contra o xogunato, e destruí-lo, junto com todos os Toranagas. *Sonno-jo!*

Brindaram *Sonno-jo!*, e também a Katsumata, que os salvara, ensinara a quase todos e servira a *Sonno-jo!* em segredo, com profunda sabedoria. Ori relatou a Hiraga o plano para roubarem armas.

— É uma boa idéia, Ori, e possível — respondeu Hiraga, pensativo. — Mas terão de ser pacientes e escolher o momento perfeito. Essas armas podem ser valiosas em algumas operações. Pessoalmente, as armas de fogo me repugnam... o garrote, espada ou faca me agradam muito mais, pois são mais seguros, silenciosos, muito mais assustadores, quem quer que seja o alvo, *daimio* ou bárbaro. Eu os ajudarei. Posso fornecer uma planta do terreno e roupas de *ninja*.

Ori e Shorin se animaram.

— Pode conseguir isso para nós?

— Claro.

Os *ninjas* constituíam uma associação secreta de assassinos treinados, que operavam quase que exclusivamente à noite, as roupas pretas especiais ajudando a alimentar o mito de sua invisibilidade.

— Houve um momento em que planejamos incendiar o prédio da legação. — Hiraga riu, esvaziou outro frasco de *Saquê*, o vinho quente, deixando sua língua mais solta do que o normal.— Mas decidimos em contrário, chegando à conclusão de que era mais valioso mantê-lo sob observação. Entrei lá várias vezes, disfarçado de jardineiro, ou à noite, como um *ninja*... é surpreendente o que se pode descobrir, mesmo sabendo só um pouco de inglês.

— Puxa, Hiraga-san, nunca imaginamos que sabia falar inglês — disse Ori, espantado com a revelação. — Onde aprendeu?

— Onde mais se pode aprender as qualidades dos *gai-jin*, se não com os próprios *gai-jin*? Ele era um holandês de Deshima, um lingüista que falava japonês, holandês e inglês. Meu avô escreveu uma petição ao nosso *daimio*, sugerindo que se devia permitir que um homem assim fosse a *Shimonoseki*, a fim de ensinar holandês e inglês por um ano, em caráter experimental, e o comércio viria depois. Obrigado — disse Hiraga, quando Ori tornou a encher seu frasco, polidamente. — Todos os *gai-jin* são muito crédulos... mas idolatram o dinheiro. Este é o sexto ano da "experiência", e até agora só temos comércio para o que queremos, e quando podemos comprar... armas de fogo, canhões, munição, balas, e determinados livros.

— Como vai seu venerável pai?

— Com excelente saúde. Obrigado por perguntar.

Hiraga fez uma reverência em agradecimento. Eles responderam com reverências ainda mais baixas.

Como era maravilhoso ter um avô assim, pensou Ori, contar com essa proteção por todas as suas gerações... não como nós, que temos de lutar para sobreviver a cada dia, sempre estamos com fome, e temos a maior dificuldade para pagar nossos impostos. O que o pai e o avô pensarão de mim agora, *ronin*, confiscado o meu *kokutão* necessário?

— Eu me sentiria honrado em conhecê-lo — disse Ori. — Nosso *shoya* não é como ele.

Por muitos anos, o avô de Hiraga, um importante camponês e fazendeiro, além de partidário secreto de *Sonno-joï*, fora um *shoya*. Um *shoya* era o líder designado ou hereditário de uma aldeia ou grupo de aldeias, com grande influência, poder de magistrado, responsável pelas avaliações e coletas de impostos, e ao mesmo tempo o único defensor e protetor de camponeses e fazendeiros contra quaisquer práticas injustas do suserano samurai em cujo feudo a aldeia se encontrava.

Os fazendeiros e alguns camponeses possuíam e trabalhavam a terra, mas por lei não podiam deixá-la. Os samurais detinham a produção e o direito exclusivo de carregar armas, mas por lei não podiam ser proprietários de terra. Assim, cada parte dependia da outra, numa inevitável e interminável espiral de suspeita e desconfiança... o equilíbrio de quanto arroz ou outros produtos deveria ser entregue como imposto, ano a ano, e o quanto podia ser conservado exigia sempre um acordo dos mais delicados.

O *shoya* precisava manter o equilíbrio. O conselho dos melhores era às vezes procurado em questões fora de sua aldeia, pelo suserano imediato ou acima, até mesmo pelo próprio *daimio*. O avô de Hiraga era um homem assim.

Alguns anos antes, ele recebera permissão para comprar a posição de samurai *goshi*, para si mesmo e seus descendentes, um dos oferecimentos do *daimio* — um recurso costumeiro de todos os *daimios*, normalmente cheios de dívidas, para levantar uma receita extra, de suplicantes aceitáveis. O *daimio* de *Choshu* não era exceção.

Hiraga soltou uma risada, o vinho já lhe subira à cabeça.

— Fui escolhido para essa escola de holandês, e muitas vezes lamentei a honra, pois o inglês é difícil, tem um som horrível.

— Eram muitos na escola? — perguntou Ori.

Através do nevoeiro do *Saquê*, uma campainha de alarme soou, e Hiraga compreendeu que fornecia muitas informações confidenciais. Quantos estudantes de *Choshu* cursaram a escola era um segredo, da conta apenas de *Choshu*; embora gostasse e admirasse Shorin e Ori, eles ainda eram *satsumas*, forasteiros, que nem sempre haviam sido aliados, muitas vezes inimigos, e invariavelmente inimigos em potencial.

Só três de nós aprendem inglês — murmurou ele, como se estivesse revelando um segredo, em vez de trinta, o número verdadeiro. Interiormente alerta, ele acrescentou: — Agora que vocês são *ronin*, como eu e a maioria dos meus camaradas, devemos trabalhar mais unidos. Estou planejando uma ação daqui a três dias, na qual vocês podem nos ajudar.

— Obrigado, mas devemos esperar pela palavra de Katsumata.

— Claro, ele é o seu líder *satsuma*. — Uma pausa, e Hiraga acrescentou pensativo: — Mas, por outro lado, Ori, não esqueça que você é *ronin*, e será *ronin* até vencermos. Não esqueça que somos a vanguarda de *Sonno-joi*, os homens que fazem, enquanto Katsumata não arrisca nada. Devemos esquecer... para valer, que eu sou *choshu*, e vocês dois são *satsumas*. Temos de ajudar uns aos outros. É uma boa idéia dar seqüência ao ataque que desfecharam na *Tokaidô* e roubar armas esta noite. Matem um ou dois guardas dentro da legação, se puderem, o que seria uma grande provocação. E se puderem fazer tudo em silêncio, sem deixarem vestígios, ainda melhor. Qualquer coisa para provocá-los.

Com as informações de Hiraga, fora fácil penetrar no templo, contar os dragões e outros soldados e encontrar o esconderijo perfeito. Depois, a moça aparecera, inesperadamente, em seguida o gigante, os dois logo tornaram a entrar no prédio. Desde então, ambos os *shishi* não conseguiam desviar os olhos da porta que dava para o jardim.

— Ori, o que vamos fazer agora?— perguntou Shorin, nervoso.

— Vamos nos ater ao plano.

Os minutos foram passando, aumentando a ansiedade dos dois. Quando a janela do segundo andar foi aberta, e viram a moça, eles compreenderam que um novo elemento surgira no futuro de ambos. Ela escovava os cabelos com uma escova de cabo de prata. Apática. Shorin disse, a voz meio rouca:

— Ela não parece tão feia ao luar. Mas aqueles seios empurrariam a gente.

Ori não respondeu, fascinado.

E, de repente, a moça hesitou, olhou para baixo. Diretamente para eles. Embora não houvesse a menor possibilidade de que ela pudesse vê-los ou ouvi-los, seus corações dispararam. Esperaram, quase sem respirar. Outro bocejo exausto. Ela continuou a escovar os cabelos por mais um momento, depois largou a escova, parecendo tão próxima que Ori teve a impressão de que quase poderia tocá-la se estendesse a mão. À claridade, dava para ver os detalhes do quarto, o bordado na seda, os mamilos duros por baixo

e a expressão atormentada que ele vislumbrara no dia anterior — teria sido mesmo apenas ontem? — e que detivera o golpe que a teria liquidado.

Um último e estranho olhar para a lua, outro bocejo abafado, e ela fechou a janela. Mas não por completo. Nem trancou. Shorin rompeu o silêncio, sussurrando o que ambos pensavam:

— Seria fácil subir até lá.

— Tem razão. Mas viemos aqui pelas armas e para criar confusão. Nós...

Ori parou de falar, a mente invadida pelo brilho súbito de uma nova e maravilhosa diversão estratégica, uma segunda oportunidade, maior do que a primeira.

— Shorin, se você a silenciasse, depois a possuísse, sem matá-la, apenas deixando-a inconsciente, para contar depois o que acontecera, largando no quarto algum sinal que nos ligasse ao ataque na *Tokaidô*, e depois matássemos juntos um ou dois soldados e desaparecêssemos com ou sem suas armas... tudo isso dentro da legação... eles não ficariam loucos de raiva?

A respiração sibilou pelos lábios de Shorin à beleza da idéia.

— Claro que sim, mas seria melhor cortar a garganta da mulher e escrever "*Tokaidô*" com seu sangue. Vá você. Ficarei de guarda aqui. É mais seguro. — Como Ori hesitasse, ele acrescentou:— Katsumata disse que errávamos ao hesitar. Na última vez você hesitou. Por que hesitar?

Foi uma decisão de fração de segundo, e Ori correu para o prédio, uma sombra entre muitas sombras. Chegou lá num instante, começou a subir.

Fora da casa da guarda, um dos soldados murmurou:

— Não olhe agora, Charlie, mas acho que vi alguém correndo para a casa.

— Chame o sargento, com todo cuidado.

O soldado fingiu se espreguiçar, depois entrou na casa da guarda. Depressa, mas cauteloso, sacudiu o sargento Towery até despertá-lo e repetiu o que vira ou pensava ter visto.

— Como o sujeito parecia?

— Só percebi o movimento, sargento. Ou pelo menos foi essa a impressão, mas não tenho certeza. Pode ter sido apenas uma sombra.

— Muito bem, meu rapaz, vamos dar uma olhada.

O sargento Towery acordou o cabo e mais outro soldado, colocou-os de prontidão. Depois, saiu com os dois primeiros para o jardim.

— Foi mais ou menos ali, sargento.

Shorin viu-os se aproximando. Não havia nada que pudesse fazer para avisar Ori, que já se encontrava quase na janela, ainda bem, camuflado por suas roupas e pelas sombras. Observou-o alcançar o peitoril, empurrar a janela e desaparecer no interior do quarto. A janela voltou lentamente ao lugar. Karma, pensou Shorin, passando a se concentrar na situação crítica em que se achava.

O sargento Towery parou no meio do caminho, inspecionou com o máximo de atenção a área ao redor e o prédio. Muitas janelas do andar superior estavam abertas e destrancadas, e por isso ele não se preocupou. Uma delas se mexeu, rangendo ao vento. A porta do jardim estava trancada. Ao final, ele disse:

— Charlie, fique daquele lado. — O sargento apontou um ponto próximo ao lugar em que Shorin se escondia. — Nogger, fique do outro lado. Mantenham os olhos bem abertos. E calem as baionetas.

Foi obedecido no mesmo instante.

Shorin soltou a espada na bainha, a lâmina também escurecida para a incursão noturna, e se ajeitou em posição de ataque, sentindo um aperto na garganta.

Assim que entrou no quarto, Ori verificou a única porta, constatou que estava trancada, viu que a moça ainda dormia, tirou da bainha a espada curta e se encaminhou para a cama. Era uma cama de baldaquino, a primeira que ele via. Tudo ali era estranho, a altura e a impressão de permanência, as colunas, cortinas, roupas de cama. Por um instante, ele especulou como seria dormir numa cama assim, tão longe do chão, em vez da maneira como os japoneses dormiam, em *futons* — colchões de palha finos e quadrados — estendidos à noite, guardados durante o dia.

Seu coração disparara, e tentava manter a respiração baixa, não querendo despertá-la ainda, sem saber que a moça se encontrava profundamente drogada. Não havia qualquer luz acesa no quarto, mas o luar entrava pelas persianas, e ele viu os cabelos compridos e louros espalhados sobre os ombros, a elevação dos seios, as penas delineadas sob o lençol. Um perfume a envolvia, deixando-o inebriado.

Foi nesse instante que ouviu o barulho de baionetas se encaixando, o murmúrio de vozes no jardim... Por uma fração de segundo, ficou apavorado. Às cegas, ergueu a espada curta para matar a moça, mas ela não se mexeu. Sua respiração não se alterou.

Ori hesitou, foi até a janela sem fazer barulho, deu uma espiada. Avistou os soldados e se perguntou, em pânico: Eles me viram ou notaram Shorin?

Se assim for, estou acuado, mas não importa, ainda posso realizar o que vim fazer aqui, e talvez eles se afastem. Tenho duas saídas, a porta e a janela. Paciência, Katsumata sempre aconselhou. Use a cabeça, espere com calma, depois ataque sem hesitação e escape quando chegar o momento, que sempre haverá de surgir. A surpresa é sua melhor arma!

Seu estômago se contraiu. Um dos soldados seguia para o esconderijo. Embora soubesse exatamente onde Shorin estava, Ori não podia divisá-lo. Mal respirando, ele esperou para ver o que aconteceria. Talvez Shorin os afaste. Mas independente do que acontecer, ela morre, prometeu Ori a si mesmo.

Shorin observou o soldado se aproximar, tentando desesperadamente descobrir uma saída da armadilha e amaldiçoando Ori. Deviam tê-lo avistado! Se eu matar este cão, não tenho a menor possibilidade de alcançar os outros antes que atirem em mim. E não conseguirei chegar ao muro sem ser visto.

Foi uma estupidez de Ori mudar o plano, eles o viram, eu disse que a mulher era encrenca... ele deveria tê-la matado na estrada... Talvez este bárbaro não perceba minha presença e me dê tempo suficiente para correr até o muro.

O luar refletia-se na baioneta comprida, enquanto o soldado sondava as folhagens, separando-as aqui e ali para ver melhor.

Mais e mais perto. Seis passos, cinco, quatro, três...

Shorin permaneceu imóvel, o rosto todo coberto agora, os olhos quase ocultos, e prendeu a respiração. O soldado quase roçou nele ao passar, seguiu adiante, parou por um instante, deu mais uns poucos passos, sondando de novo. Shorin voltou a respirar. Podia sentir o suor nas costas, mas sabia que agora se encontrava seguro, dentro de uns poucos momentos estaria a salvo no outro lado do muro.

De sua posição, o sargento Towery podia observar os dois soldados. Tinha um fuzil engatilhado nas mãos, mas sentia-se inseguro da situação, não queria dar um falso alarme. Era uma noite agradável, com uma brisa suave, um luar claro. Fácil imaginar que sombras eram inimigos naquele lugar fedorento, pensou ele. Ah, como eu gostaria de estar de volta à velha Londres!

— Boa noite, sargento Towery. O que está acontecendo?

— Boa noite, senhor.

Towery bateu continência. Era o oficial dos dragões, Pallidar. Ele explicou o que lhe haviam dito, e acrescentou:

— Pode ter sido apenas uma sombra, mas é melhor ser cauteloso do que se arrepender depois.

— Convoque homens extras, e vamos nos certificar...

Foi nesse momento que o jovem soldado mais perto do local da emboscada virou-se em posição de combate, o mosquete erguido.

— Sargento! — gritou ele, em excitação e terror. — O desgraçado está aqui!

Shorin já corria para o ataque, a espada alta, mas o treinamento do soldado prevaleceu, e a baioneta aparou o golpe, enquanto os outros se aproximavam correndo, Pallidar sacando o revólver. Shorin tornou a atacar, mas foi contido pela extensão do fuzil e da baioneta, esquivou-se à investida da baioneta e fugiu pela folhagem para o muro. O jovem soldado partiu em seu encalço.

— Cuidado! — berrou Towery, enquanto o jovem avançava pela vegetação, as glândulas agora no comando total, impelindo-o para o bote final.

O soldado não ouviu a advertência, avançou entre as moitas para morrer, a espada curta cravada em seu peito. Shorin arrancou-a, convencido de que não havia escapatória, os outros quase em cima dele.

— *Namu Amida Butsu* — balbuciou ele, em nome do Buda Amida, dominado pelo medo, encomendando seu espírito a Buda. — *Sonno-*

jo!

O grito não foi para alertar Ori, mas sim a sua declaração final. E depois, com uma força desesperada, ele fincou a espada na própria garganta.

Ori vira a maior parte, mas não o final. No momento em que o soldado gritou e atacou, ele correu atabalhado para a cama, esperando que a moça despertasse sobressaltada. Para seu espanto, porém, ela não se mexeu, nem o ritmo sereno de sua respiração se alterou. Ele ficou parado ali, os joelhos tremendo, esperando que ela abrisse os olhos, esperando um truque, querendo que a moça o visse, e também visse a faca, antes de usá-la. E depois soou o lamento de "*Sonno-jo!*", e ele compreendeu que Shorin partira para sempre. Houve mais barulho em seguida, mas nem assim a moça se mexeu. Os lábios de Ori se afastaram dos dentes, a respiração era estrangulada. Abruptamente, não pôde mais suportar a tensão e

sacudiu-a com o braço ferido, indiferente à dor, encostou a lâmina em sua garganta disposto a sufocar o grito.

E nem assim ela se mexeu.

Para Ori, era tudo como um sonho, e ele se observou a sacudi-la de novo, sem obter qualquer reação. Foi nesse instante que se lembrou de que o médico dera alguma coisa para a moça beber, e pensou: Uma daquelas drogas, as novas drogas ocidentais de que Hiraga nos falou. Tentou assimilar o novo conhecimento. Para ter certeza, sacudiu-a mais uma vez, mas ela se limitou a murmurar e comprimiu a cabeça ainda mais no travesseiro.

Ele voltou à janela. Homens carregaram o corpo do soldado para fora das folhagens. No instante seguinte, arrastaram Shorin para o terreno aberto, puxando por um dos pés, como a carcaça de um animal. Agora, os corpos ficaram lado a lado, estranhamente parecidos na morte. Outros homens chegaram, ele ouviu pessoas gritando das janelas. Um oficial inclinou-se sobre o corpo de Shorin. Um dos soldados arrancou a cobertura da cabeça e a máscara preta. Os olhos de Shorin estavam abertos, as feições contorcidas, o cabo da espada curta se projetando da garganta. Mais vozes, outros homens chegando.

Havia agora movimento no interior do prédio, no corredor. A tensão de Ori aumentou. Pela décima vez, certificou-se de que a porta se achava mesmo trancada, não podia ser aberta por fora, e foi se esconder por trás das cortinas da cama, bastante perto para alcançar a moça, o que quer que acontecesse.

Passos, batidas na porta. Luz se projetando por baixo, de lampiões a óleo ou de vela. As batidas na porta se tornaram mais insistentes, vozes alteadas. Ori ergueu a espada curta.

— *Mademoiselle*, está bem?

Era Babcott.

— *Mademoiselle!* — gritou Marlowe. — Abra a porta! Mais batidas, muito mais altas.

— É a poção que dei para ela, capitão. A pobre coitada estava bastante transtornada, precisava dormir. Duvido que ela acorde.

— Se ela não acordar, vou arrombar a droga da porta para ter certeza. Ela deixou a janela aberta.

Mais batidas na porta. Angelique abriu os olhos, meio turvos.

— *Que se passe-t-il?* O que está acontecendo? — murmurou ela, mais adormecida do que desperta.

— Você está bem? *Tout t a bien?*

— *Bien? Moi? Bien sûr... Pourquoi? Qu'arrive-t-il?*

— Abra a porta por um momento. *Ouvrez la porte, s'il vous platt, c'est moi*, capitão Marlowe.

Grunhindo, desorientada, Angélique sentou na cama. Para seu espanto, Ori permitiu que ela saísse da cama, cambaleasse até a porta. A moça não precisou de muito tempo para puxar a tranca e abrir a porta, segurando-se nela para manter o equilíbrio.

Babcott, Marlowe e um fuzileiro seguravam lampiões. As chamas balançaram a aragem. Todos arregalaram os olhos ao contemplá-la. A camisola era muito francesa, quase transparente.

— Nós... ahn... só queríamos verificar se estava bem, *mademoiselle*
— apressou-se em dizer Babcott. — Pegamos um homem nas moitas lá fora. Mas não precisa se preocupar.

Ele percebeu que Angelique mal compreendia o que estava dizendo. Marlowe desviou os olhos de seu corpo, esquadrinhou o quarto.

— *Excusez moi, mademoiselle, s`il vous plait* — murmurou ele, embaraçado, com o sotaque tolerável, avançando pelo quarto.

Nada embaixo da cama, exceto pelo urinol. Nada havia por trás das cortinas naquele lado... por Deus, que mulher! Nenhum outro lugar para alguém se esconder, nada de portas, nem armários. As persianas rangeram ao vento. Ele abriu-as por completo.

— Pallidar! Mais alguma coisa aí embaixo?

— Não! Nenhum sinal de qualquer outro! É bem possível que ele fosse o único, e o soldado o visse se movendo! Mas verifique em todos os cômodos deste lado!

Marlowe acenou com a cabeça, murmurou uma imprecisão.

— Que diabo pensa que estou fazendo?

Por trás dele, as cortinas se mexeram à brisa amena, descobrindo os pés de Ori nos *tabi* pretos, os sapatos-meias dos japoneses. A vela de Marlowe apagou; e quando ele trancou a janela e se virou, não percebeu os *tabi* nas sombras profundas ao lado da cama, nem notou qualquer outra coisa, pois só tinha olhos para Angelique, quase dormindo, delineada contra as luzes na porta. Podia ver cada parte de seu corpo, e o espetáculo deixou-o sem fôlego.

— Está tudo bem — declarou ele, ainda mais constrangido porque a contemplara daquele jeito, admirara-a quando ela se encontrava indefesa. Fingindo ser enérgico, ele foi até a porta e acrescentou: — Por favor, tranque a porta e... ahn... duma bem.

Sua vontade, porém, era ficar.

Ainda mais desorientada, Angelique murmurou alguma coisa e fechou a porta. Esperaram até ouvir a tranca se ajustar no lugar. Babcott comentou, hesitante:

— Duvido que ela sequer se lembre de que abriu a porta.

O fuzileiro limpou o suor do rosto, percebeu que Marlowe o observava e não pôde resistir a um sorriso lúbrico.

— Por que parece tão feliz? — perguntou Marlowe, sabendo a resposta.

— Eu, senhor? Por nada, senhor.

O sorriso desapareceu no mesmo instante, trazendo um ar de inocência em sua esteira. Esses oficiais são todos iguais, pensou ele. O sacana do Marlowe ficou com tanto tesão quanto eu, seus olhos

se esbugalharam, quase a devorando, se deliciando com tudo o que há por baixo, os peitos mais lindos que já vi. Os outros não vão acreditar que ela tem peitos assim!

— Claro, senhor, claro — murmurou ele, virtuoso, quando Marlowe lhe disse para não contar nada do que haviam visto.— Está certo, senhor. Nenhuma palavra vai sair dos meus lábios.

E todos os três foram para o aposento seguinte, pensando em Angelique.

Angelique encostou-se na porta, tentando compreender o que estava acontecendo era difícil pôr tudo em ordem, um homem no jardim, que jardim, mas Malcolm estava no jardim da Casa Grande,

não, ele se encontra lá embaixo, ferido, e isso não é um sonho, e disse alguma coisa sobre viver na Casa Grande, casamento... Malcolm, foi ele o homem que me tocou? Não, ele me disse que morreria. Bobagem, o médico disse que ele estava bem, todos disseram bem, por que bem? Por que não ótimo? Ou excelente? Por quê?

Ela desistiu de pensar, o anseio por sono irresistível. A lua brilhava através das persianas, e ela cambaleou pelas listras de luz de volta à cama, arriou agradecida no colchão macio. Com um grande suspiro de contentamento, puxou o lençol pela metade do corpo, virou-se de lado. E caiu num sono profundo em poucos segundos.

Sem fazer qualquer barulho, Ori saiu de seu esconderijo, atônito por ainda estar vivo. Embora tivesse se comprimido, junto com suas espadas, contra a parede, uma busca mais meticulosa o teria descoberto. Viu que a tranca da porta se encontrava no lugar, a janela também trancada, a moça tinha uma respiração profunda, um braço sob o travesseiro, o outro por cima do lençol.

Ótimo. Ela pode esperar, pensou Ori. Primeiro, como sair desta armadilha? A janela ou a porta?

Não podendo ver através das persianas, ele puxou a tranca, entreabriu a janela, apenas uma fração. Os soldados ainda se concentravam lá embaixo. Faltavam três horas para o amanhecer. As nuvens se acumulavam, passavam sob a lua. O corpo de Shorin continuava no caminho, como um animal morto. Por um momento, ele se surpreendeu ao constatar que o haviam deixado com a cabeça, mas depois lembrou que não era costume dos *gai-jin* tirar cabeças para exibir ou contar.

Seria difícil escapar por ali sem ser visto. Se não reduzirem a vigilância, terei de abrir a porta e tentar fugir por dentro do prédio. O que implicaria deixar a porta aberta. Era melhor sair pela janela, se fosse possível.

Ele esticou a cabeça, cauteloso, divisou uma pequena platibanda sob a janela, que levava a outra janela, e depois contornava o prédio — aquele era um quarto de canto. Seu excitação aumentou. Muito em breve as nuvens encobririam a lua. Escaparei nesse momento. Vou conseguir! *Sonno-jo!* Agora, a moça.

Em silêncio, ele ajeitou a tranca, deixando a janela entreaberta, por uma fração, antes de voltar à cama.

A espada comprida ainda estava embainhada, e ele a pôs no lençol branco de seda, todo amarrotado, ao alcance da mão. Branco, pensou Ori. Lençóis brancos, carne branca, tudo branco, a cor da morte. Adequado. Perfeito para se escrever. O que deveria ser? Seu nome?

Sem pressa, ele puxou o lençol de cima da moça. A camisola era uma coisa além da sua compreensão, estranha, projetada para esconder tudo e nada. Braços e seios muito grandes, em comparação com as poucas mulheres que já levava para a cama, pernas compridas e retas, sem nenhuma das curvas elegantes a que se acostumara, das mulheres que passavam anos e anos ajoelhadas e sentadas. E, de novo, o perfume da moça. Enquanto os olhos a exploravam, Ori sentiu que começava a ferver.

Com as outras, fora muito diferente. Excitamento mínimo. Muitos sorrisos, hábil profissionalismo. Tudo consumado depressa, e quase sempre no torpor do saquê, para disfarçar a idade das mulheres. Agora, havia tempo ilimitado. Ela era jovem, fora do mundo de Ori. Sua ânsia aumentava cada vez mais. Todo o corpo parecia vibrar.

O vento fazia a janela ranger, mas não havia perigo ali, nem no interior da casa. Tudo se tornara quieto. Ela se encontrava estendida de lado. Um empurrão hábil e gentil, depois mais outro, e a moça, obediente, deitou de costas, a cabeça pendendo para um lado, os cabelos espalhados. Um suspiro profundo, no aconchego do colchão. Uma pequena cruz de ouro na garganta.

Ori inclinou-se, encostou a ponta da faca-espada, afiada como uma navalha, na renda delicada do pescoço, levantou um pouco, ajeitou a lâmina contra a pressão da camisola. O tecido foi cortado sem qualquer resistência.

Ele nunca vira uma mulher tão exposta. Ou tão apertada. A pulsação se intensificou, a um nível a que nunca chegara antes. A pequena cruz faiscava. Involuntariamente, a moça estendeu a mão, devagar, ajeitou-a entre as pernas, deixou ali, confortável. Ori removeu a mão, depois afastou um tornozelo do outro. Gentilmente.

Angelique despertou pouco antes do amanhecer. Mas não por completo. A droga ainda a impregnava, os sonhos ainda persistiam, sonhos estranhos e violentos, eróticos, opressivos, maravilhosos, doloridos, sensuais e horríveis, nunca antes experimentados, ou pelo menos não com tanta intensidade. Pelas persianas entreabertas, avistou o céu a leste, vermelho como sangue, com formações de nuvens estranhamente sugestivas, que pareciam igualar as imagens em sua mente. Ao mudar de posição para ver melhor, sentiu uma ligeira dor na virilha, mas não prestou atenção; em vez disso, deixou que os olhos se fixassem nas formas no céu, enquanto a mente retornava aos sonhos, que a atraíam de uma forma irresistível. No limiar do sono, percebeu que estava nua. Lânguida, puxou a camisola, cobriu-se com o lençol. E dormiu.

Ori estava parado ao lado da cama. Acabara de sair do aconchego. As roupas de ninja se achavam caídas no chão. E sua tanga também. Por um momento, contemplou a mulher estendida ali, admirando-a pela última vez. Tão triste, pensou, as últimas vezes são sempre muito tristes. Depois, ele pegou a faca-espada, tirou-a da bainha.

No quarto lá embaixo. Phillip Tyrer abriu os olhos. O ambiente era desconhecido e só no instante seguinte se lembrou de que continuava no templo em Kanagawa, que o dia anterior fora terrível, a operação pavorosa, e seu comportamento, desprezível.

— Babcott disse que eu estava em choque — murmurou ele, a boca ressequida, com um gosto ruim. — Mas isso me desculpa?

As persianas estavam abertas, o vento as fazia rangerem. Podia ver o amanhecer. “Céu vermelho pela manhã, o aviso do pastor.” Haverá uma tempestade. Sentou na cama de campanha, verificou a bandagem no braço. Limpa, sem novas manchas de sangue, o que o deixou bastante aliviado. Além da cabeça latejando, o corpo um pouco dolorido, sentia-se recuperado. “Oh, Deus, como eu gostaria de ter me comportado melhor!” Fez um esforço para recordar o resultado da operação, mas era tudo muito vago. Sei que chorei. Não tive a sensação de que chorava, mas as lágrimas fluíam.

Com esforço, ele tratou de afastar os pensamentos sombrios. Saiu da cama e foi abrir as persianas, as pernas agora firmes, com uma enorme fome. Havia um cântaro com água numa mesinha, e ele molhou o rosto, enxaguou a boca, cuspiu a água em seguida na folhagem do jardim. Bebeu um pouco da água, sentiu-se melhor.

Não havia ninguém no jardim, impregnado pelo cheiro de vegetação em decomposição e da maré baixa. Do lugar em que se encontrava, podia avistar uma parte dos muros do templo e o jardim, mas quase que só isso. Através de uma abertura entre as árvores, vislumbrou a casa da guarda, e dois soldados ali.

Notou agora que fora levado para a cama de camisa e com a roupa de baixo de lã. O casaco rasgado e ensangüentado se encontrava numa cadeira, ao lado da calça e das botas de montaria, imundas dos arrozais.

Ora, não importa, pois tenho sorte de haver sobrevivido. Começou a se vestir. Como está Struan? E Babcott... daqui a pouco terei de encará-lo.

Como não havia navalha, não podia fazer a barba. Nem tinha pente. Mas também não importa. Calçou as botas. Podia ouvir no jardim o som de passarinhos, movimentos, uns poucos gritos distantes em japonês, cachorros latindo. Mas não os sons que ouviria numa cidade normal, uma cidade inglesa, como os gritos matutinos de "pão fresco", ou "água da fonte", ou "ostras de Colchester, fresquinhas", ou "direto do prelo, o último capítulo do Sr. Dickens, apenas um penny", ou "o Times, o Times, leiam tudo sobre o grande escândalo do Sr. Disraeli, leiam tudo..."

Serei dispensado, ele perguntou a si mesmo, o estômago se embrulhando à perspectiva de voltar para casa em ignomínia, um desastre, um fracasso, não mais um membro do Ministério do Exterior de sua ilustre majestade, representante do maior império que o mundo já conhecera. O que Sir William vai pensar de mim? E o que Angelique vai pensar? Graças a Deus que ela escapou para Iocoama... será que ela voltará a falar comigo, quando souber?

Oh, Deus, o que vou fazer?

Malcolm Struan também acordara. Poucos momentos antes, algum sexto sentido, o pressentimento do perigo, um ruído lá fora, o despertara, embora experimentasse a sensação de que há horas permanecia em vigília. Continuou deitado na cama de campanha, consciente de todos os acontecimentos, inclusive da operação, sabendo que fora gravemente ferido e poderia morrer. Cada respiração causava uma dor lancinante. Até mesmo o menor movimento.

Mas não vou pensar na dor, apenas em Angelique, que ela me ama e... Mas por que os pesadelos? Os pesadelos de que ela me odeia e vai embora. Detesto os pesadelos, detesto perder o controle, detesto ter de ficar deitado aqui, detesto me descobrir fraco, quando sempre fui forte, sempre criado à sombra do meu herói, o grande Dirk Struan, o demônio de olhos verdes. Ah, como eu gostaria de ter olhos verdes, e ser tão forte! É o meu modelo, e serei tão bom quanto ele, tenho certeza.

Como sempre, o inimigo, Tyler Brock, nos espreita. O pai e a mãe tentam ocultar de mim a maioria dos fatos, mas é claro que já ouvi os rumores, e sei mais do que eles imaginam. A velha Ah Tok, mais mãe para mim do que minha própria mãe — ela não me carregou no colo até que eu tinha dois anos, não me ensinou cantonês e sobre a

vida, não me providenciou a primeira garota?— ela me sussurra os rumores, assim como tio Gordon Chen, que me relata os fatos. A Casa Nobre está balançando.

Não importa, enfrentaremos todos eles. Eu cuidarei de tudo. Para isso é que fui treinado, para isso é que trabalhei por toda a minha vida.

Malcolm empurrou o cobertor para o lado, ergueu as pernas para ficar de pé mas a dor o deteve. Tentou de novo, tornou a fracassar. Não importa, disse a si mesmo, sem muita força. Não há motivo para me preocupar. Cuidarei de tudo mais tarde.

— Mais ovos, Settry? — perguntou Marlowe, tão alto quanto o oficial dos dragões, mas não tão largo nos ombros.

Ambos eram nobres, filhos de oficiais superiores, feições firmes, curtidas pelas intempéries, Marlowe mais do que o outro.

— Não, obrigado — respondeu Settry Pallidar. — Meu limite é dois ovos. Devo confessar que acho horrível a cozinha aqui. Disse que queria os meus ovos bem-passados, não moles, mas essa gente tem areia no lugar do cérebro. Na verdade, não consigo comer ovos se não estiverem numa torrada, no bom pão inglês. Não têm o mesmo gosto de outra forma. O que você acha que vai acontecer pelo que fizeram com Canterbury?

Marlowe hesitou. Estavam na sala de jantar da legação, sentados à vasta mesa de carvalho que podia alojar vinte pessoas, trazida da Inglaterra justamente para isso. A sala de canto era espaçosa e agradável, as janelas se achavam abertas para o jardim e o amanhecer. Três criados chineses de libré serviam os dois. Lugares postos para meia dúzia. Ovos fritos e bacon, em bandejas de prata, aquecidas por velas, galinha assada, presunto defumado frio, um pastelão de cogumelos, um pedaço de carne de boi, biscoitos duros, uma torta de maçãs secas. Cerveja branca e preta, chá.

— O ministro deve pedir reparações imediatas e que os assassinos sejam entregues. E, quando houver a demora inevitável, ele deve ordenar que a esquadra ataque Iedo.

— Melhor ainda seria desembarcar com toda força... temos tropas suficientes... ocupar a capital, remover o rei... como é mesmo que ele se chama?... ah, sim, xógum, designar nosso novo soberano nativo e transformar o Japão num protetorado. Ou ainda melhor, para eles, integrá-lo ao império.

Pallidar sentia-se exausto, pois ficara acordado durante a maior parte da noite. O uniforme estava desabotoado, mas penteara os cabelos e fizera a barba. Gesticulou para um dos criados.

— Chá, por favor.

O jovem chinês, impecavelmente vestido, compreendeu muito bem, mas fitou-o com uma expressão aturdida, para divertimento dos outros.

— O que foi mesmo que disse, senhor? Quer chá? Foi isso o que ouvi? Quer um chá?

— Ora, deixe para lá, pelo amor de Deus!

Pallidar levantou-se, com um ar de cansado, foi até o aparador com sua xícara, serviu-se de chá, enquanto todos os criados riam muito, mas por dentro, pelo descrédito do insolente demônio estrangeiro, e depois continuaram a escutar, na maior atenção, o que os dois diziam.

— É uma questão de poderio militar, meu caro. E posso lhe dizer, com toda franqueza, que o general ficará furioso pela perda de um granadeiro para um assassino nojento, vestido como Ali Babá. Vai querer vingança... todos nós vamos querer.

— Não sei de nada sobre um desembarque... a marinha, sem dúvida, pode abrir uma passagem para vocês com um bombardeio, mas não temos a menor idéia de quantos samurais existem, não sabemos coisa alguma sobre a força dos japoneses.

— Independentemente de quantos sejam, de sua força, sempre podemos derrotá-los, porque não passam de um bando de nativos atrasados. Claro que podemos vencê-los. Exatamente como fizemos na China. Não consigo entender por que não anexamos a China, e acabamos de uma vez com todos os problemas.

Todos os criados ouviram e entenderam, e todos juraram que quando o Reino Celestial possuísse canhões e navios, para se igualar aos canhões e navios dos bárbaros, haveriam de ajudar a esfregar os narizes daqueles invasores em sua própria bosta, ensinando-lhes uma lição que duraria mil gerações. Todos eles haviam sido escolhidos pelo ilustre Chen, Gordon Chen, o compradore da Casa Nobre.

— Não quer mais um pouco de ovo, senhor? — indagou o mais corajoso, com um sorriso em que exibia todos os dentes,

estendendo a bandeja com os ovos moles sob o nariz de Pallidar. —
Muito bons.

Pallidar empurrou a bandeja para longe, repugnado.

— Não, obrigado. Escute, Marlowe, eu acho...

Ele parou de falar quando a porta foi aberta, e Tyrer entrou na sala.

— Bom dia. Você deve ser Phillip Tyrer, da legação. — Pallidar apresentou-se, depois a Marlowe, e acrescentou, em tom jovial: — Lamento profundamente o infortúnio de ontem, mas sinto-me orgulhoso em apertar sua mão. Tanto o Sr. Struan quanto a Srta. Richaud disseram a Babcott que estariam mortos se não fosse Por você.

— É mesmo? — Tyrer mal podia acreditar em seus ouvidos. — Tudo aconteceu muito depressa. Num momento as coisas estavam normais, no instante seguinte corríamos para salvar nossas vidas. Fiquei apavorado.

Agora que dissera em voz alta, Tyrer sentiu-se melhor, e ainda mais quando Os dois militares consideraram o comentário como modéstia, puxaram uma cadeira para que sentasse e ordenaram aos criados para lhe trazerem comida.

— Quando fui vê-lo ontem à noite, você se encontrava morto para o mundo — disse Marlowe. — Sabíamos que Babcott lhe deu sedativos, e por isso creio que ainda não soube do nosso assassino.

Tyrer sentiu o estômago se contrair.

— Assassino?

Eles relataram os acontecimentos. E falaram de Angelique.

— Ela está aqui?

— Está, sim, e demonstrou ter muita coragem.

Por um momento, Marlowe pensou em Angelique. Não tinha nenhuma jovem que o atraísse na Inglaterra, nem em qualquer outro lugar, apenas umas poucas primas aceitáveis, mas nenhuma mulher especial, e pela primeira vez sentia-se feliz por isso. Talvez Angelique ficasse, e depois... depois, veremos.

Seu excitação aumentou. Pouco antes de partir do porto de Plymouth, um ano atrás, o pai, comandante Richard Marlowe, da marinha real, lhe disse:

— Está com vinte e sete anos, rapaz, tem o seu próprio navio agora... embora seja uma porcaria... é o mais velho, e chegou o momento de casar. Quando voltar desse cruzeiro pelo Extremo Oriente, terá mais de trinta anos. Com um pouco de sorte, a esta altura já serei vice-almirante e poderei... ora, poderei lhe dar alguns guinéus extras, mas pelo amor de Deus não conte à sua mãe... nem a seus irmãos e irmãs. É hora de se decidir. O que acha de sua prima Delphi? O pai pertence ao serviço, embora seja apenas no exército indiano.

Marlowe prometera que escolheria ao voltar. Agora, talvez não precisasse mais se contentar com a segunda, terceira ou quarta melhor.

— A Srta. Angeliqe deu o alarme na colônia, e depois insistiu em vir até aqui ontem à noite... o Sr. Struan pedira para vê-la com urgência... parece que ele não está muito bem, sofreu um ferimento grave, e por isso concordei em trazê-la. É uma mulher e tanto.

— Também acho.

Um estranho silêncio os dominou, cada um sabendo dos pensamentos do outro, rompido finalmente por Phillip Tyrer:

— Por que um assassino viria até aqui?

Os outros dois perceberam o nervosismo em sua voz.

— Para cometer mais alguma iniquidade, eu suponho — respondeu Pallidar. — Mas não precisamos nos preocupar, porque pegamos o homem. Viu o Sr. Struan esta manhã?

— Dei uma espiada, mas ele estava dormindo. Espero que fique bom. A operação não foi fácil e...

Tyrer parou de falar, ao ouvir uma altercação lá fora. Pallidar foi até a janela, seguido pelos outros, O sargento Towery gritava com um japonês seminu, no outro lado do jardim.

— Ei, você, venha até aqui!

O homem, aparentemente um jardineiro, era forte e jovem, encontrava-se a cerca de vinte metros de distância. Usava apenas uma tanga e carregava um feixe de gravetos e galhos sobre um dos ombros, alguns envoltos por um pano preto, enquanto recolhia outros, meio sem jeito. Por um instante, o japonês se manteve empertigado, depois começou a se abaixar e levantar, fazendo reverências submissas na direção do sargento.

— Por Deus, esses sujeitos não têm o menor senso de vergonha! — comentou Pallidar, com evidente aversão. — Nem mesmo os chineses se vestem assim... nem os indianos. Dá para ver suas partes íntimas.

— Já me contaram que alguns se vestem assim até no inverno — disse Marlowe. — Parece que não sentem frio.

Towery tornou a gritar, chamando o jardineiro. O homem continuou a se curvar, balançando a cabeça com extremo vigor, mas em vez de se adiantar, deu a impressão de que entendera errado a ordem, e virou-se, ainda meio encurvado, correndo para o canto do prédio. Quando passou pela janela, olhou para os ingleses ali postados, fez outra reverência abjeta, em humilde obediência, continuou apressado na direção dos alojamentos dos criados, quase oculto pela folhagem, e desapareceu.

— Estranho... — murmurou Marlowe.

— O quê?

— Todas aquelas medidas me pareceram uma encenação. — Marlowe olhou para o rosto branco de Tyrer. — Deus Todo-Poderoso, o que aconteceu?

— Eu... eu... aquele homem... não tenho certeza, mas acho que foi um dos assassinos na *Tokaidô*, o que foi baleado por Struan. Viram se ele tinha o ombro enfaixado?

Pallidar foi o primeiro a reagir. Saltou pela janela, seguido de perto por Marlowe, que pegara sua espada. Juntos, correram para as árvores. Mas não o encontraram, apesar de procurarem por toda parte.

Era meio-dia agora. Houve outra batida de leve na porta do quarto, uma voz chamou:

— *Mademoiselle? Mademoiselle?*

Era Babcott, no corredor, falando baixo, pois não queria despertá-la sem necessidade. Angelique não se mexeu. Permaneceu imóvel no meio do quarto, olhou para a porta trancada, mal respirando, apertando o penhoar em torno do corpo, o rosto contraído. O tremor recomeçou.

— *Mademoiselle?*

Ela esperou. Depois de um momento, ouviu os passos se afastando e soltou a Aspiração. Desesperada, tentou controlar a tremedeira e pôs-se a andar de novo, até a janela trancada, de volta à cama, para a janela, como vinha fazendo há horas. Preciso me decidir, pensou ela, angustiada. Ao acordar pela segunda vez, sem se lembrar da primeira, a mente se achava lúcida, e continuara deitada na cama desarrumada, sem se mexer, contente por estar desperta, descansada, faminta e com sede, ansiosa pela primeira e gloriosa xícara de café do dia, servida com um pão francês, feito pelo cozinheiro de sua legação em Iocoama. Mas não estou em Iocoama, e sim em Kanagawa, e hoje terei de tomar uma xícara do repugnante chá inglês com leite.

Malcolm! Pobre Malcolm, espero que ele esteja melhor. Voltaremos para Iocoama hoje, embarcarei no primeiro vapor para Hong Kong, e de lá para Paris mas que sonhos eu tive, que sonhos!

As fantasias da noite ainda eram nítidas, misturavam-se com outras imagens da *Tokaidô* e a mutilação de Canterbury, e Malcolm agindo de um modo muito estranho, presumindo que iam se casar. O cheiro imaginado da cirurgia penetrou por suas narinas, mas ela tratou de reprimi-lo, bocejou, estendeu a mão para seu pequeno relógio, que deixara na mesinha-de-cabeceira.

Com esse movimento mínimo, sentiu uma pequena dor na virilha. Por um momento, especulou se pressagiava uma menstruação antes do tempo, pois não era muito regular, mas logo descartou o pensamento como impossível.

O relógio marcava 10:20 h. Era incrustado com lápis-lazúli e fora um presente de seu pai, quando completara dezoito anos, no dia 8 de julho, pouco mais de dois meses antes, em Hong Kong. Muita coisa acontecera desde então, pensou Angelique. Terei o maior prazer em voltar a Paris, à civilização, nunca mais retornarei, nunca, nunca, nun...

Abruptamente, ela percebeu que se encontrava quase nua, sob o lençol. Para seu espanto, descobriu que a camisola apenas se achava presa nos braços e ombros, rasgara na frente, e subira por trás. Levantou os braços, incrédula. Querendo ver melhor, saiu da cama, foi até a janela, e outra vez sentiu uma ligeira dor. À luz do dia, notou uma mancha de sangue denunciadora no lençol, encontrou um vestígio entre as pernas.

— Mas como minha menstruação...

Ela se pôs a contar e recontar os dias, mas a soma não fazia sentido. A última menstruação cessara duas semanas antes. Depois, ela percebeu que estava um pouco úmida, e não conseguiu entender o motivo... e de repente o coração disparou, quase desmaiou, enquanto o cérebro bradava que os sonhos não haviam sido sonhos, mas reais, e que fora violada enquanto dormia.

“Mas não é possível! Você deve ter enlouquecido... não é possível”, pensou ela, fazendo um tremendo esforço para respirar. “Oh, Deus, faça com que seja apenas um sonho, parte desses sonhos.” Angelique cambaleou para a cama, o coração batendo forte. “Você está desperta, e não é um sonho!”

Ela tornou a se examinar, frenética, e mais uma vez, agora com mais cuidado. Tinha bastante conhecimento para saber que não havia qualquer equívoco na umidade, e que o hímen fora rompido. Era verdade. Fora mesmo violada. O quarto começou a girar. Oh, Deus, estou arruinada, a vida arruinada, o futuro arruinado, pois nenhum homem decente vai querer casar comigo, agora que fui maculada, e o casamento é a única maneira de uma moça melhorar, ter um futuro feliz, qualquer futuro, não há outro jeito...

Quando os sentidos se acalmaram, pôde tornar a ver e pensar, descobriu-se estendida através da cama. Trêmula, tentou reconstituir os acontecimentos da noite. Lembro de ter trancado a porta.

Angelique deu uma espiada. A tranca continuava no lugar.

Lembro de Malcolm, do mau cheiro em seu quarto, de ter fugido dali, Phillip Tyrer dormindo sereno, o Dr. Babcott me dando aquela poção e me ajudando a subir...

A poção! Oh, Deus, fui drogada! Se Babcott é capaz de operar com essas drogas, é claro que poderia acontecer, eu ficaria desamparada, só que isso não me ajuda agora! E se eu ficar grávida?

O pânico tornou a dominá-la. As lágrimas escorreram pelas faces, quase soluçou de angústia. "Pare com isso!" Ela fez um supremo esforço para recuperar o controle. "Pare com isso! Não deixe escapar nenhum ruído. Está sozinha, ninguém mais pode ajudá-la, é apenas você, precisa pensar. O que vai fazer? Pense!" Angelique respirou fundo, várias vezes, o coração doendo, tentou impor alguma ordem na mente atordoada. Quem fora o homem?

A tranca ainda se encontrava no lugar, o que significava que ninguém poderia ter passado pela porta. Espere um pouco, lembro vagamente... tenho a impressão que abri a porta, para Babcott e o oficial da marinha, Marlowe... e depois tornei a trancá-la. Foi isso mesmo! Ou pelo menos acho que foi. Ele não falou em francês... é verdade, falou, mas um péssimo francês, depois saíram, e tranquei a porta outra vez, tenho certeza. Mas por que bateram na porta durante a noite?

Ela vasculhou a mente, mas não conseguiu encontrar uma resposta, não sabia direito o que acontecera, as imagens da noite se dissolviam. Algumas.

Concentre-se!

Se não podia ser pela porta, o homem entrou pela janela. Angélique virou-se e constatou que a tranca se encontrava no chão, por baixo da janela, não nos encaixes.

Portanto, quem quer que fosse, passara pela janela! Mas quem fora? Marlowe, o tal de Pallidar, ou até mesmo o bom doutor, sei que todos me desejam. Quem sabia que eu estava drogada? Babcott. Ele poderia ter contado aos outros, mas com certeza nenhum deles ousaria ser tão iníquo, ousaria se arriscar às conseqüências de escalar a parede pelo jardim, pois é claro que vou protestar...

Todo o seu ser bradou uma advertência: Tome cuidado. Seu futuro depende de ser cautelosa e sábia. Tome cuidado.

Tem certeza de que isso realmente aconteceu durante a noite? E o que me diz dos sonhos? Talvez... Não vou pensar neles agora, mas só um médico saberia com certeza, e teria de ser Babcott. Espere um pouco. Pode ter rompido esse pequeno Pedaco de pele no sono, contorcendo-se num pesadelo... e foi um pesadelo, não é mesmo? Já aconteceu com algumas moças. É verdade, mas elas continuaram virgens, e isso não explica a umidade.

Lembre-se de Jeanette no convento, a pobre e tola Jeanette, que se apaixonara por um dos mercadores, entregara-se a ele e depois nos contara, excitada, revelara todos os detalhes. Ela não engravidara, mas fora descoberta, e no dia seguinte deixara o convento, e mais

tarde soubemos que casara com o açougueiro da aldeia. o único que a aceitara.

Não permiti coisa alguma, mas isso não vai me ajudar, um médico saberia com certeza, mas isso também não vai me ajudar, e a idéia de Babcott, ou qualquer outro médico, sendo tão íntimo me enche de horror, e depois Babcott ficaria a par do segredo. Como poderia lhe confiar um segredo assim? Se os outros souberem, tenho de manter em segredo! Mas como pôde fazer isso? E o que acontecerá depois?

Cuidarei dessa resposta mais tarde. Primeiro, preciso decidir quem foi o demônio. Não, primeiro deve se limpar dessa sujeira, e vai se sentir melhor. Tem de pensar com absoluta clareza.

Com profunda aversão, Angeliq ue tirou a camisola, jogou-a para o lado, lavou-se com extremo cuidado, bem fundo, tentando recordar todos os conhecimentos anticoncepcionais que possuía, o que Jeanette fizera com êxito. Vestiu o penhoar, escovou os cabelos. Limpou os dentes, usando o pó especial. Só então se contemplou no espelho. Examinou o rosto. Não havia qualquer marca. Abriu o penhoar. Também não havia marcas nos seios, no resto do corpo... apenas os mamilos estavam um pouco vermelhos. Tornou a se contemplar no espelho.

Nada mudou, absolutamente nada. E tudo mudou.

Foi nesse momento que notou o desaparecimento da pequena cruz de ouro que sempre usava, acordada e dormindo. Procurou em cima da cama, por baixo, ao redor. Não se encontrava nas dobras das cobertas, nem sob os travesseiros, nem presa nas cortinas. A última possibilidade... escondida na renda da colcha. Ela pegou a colcha no chão, revistou-a. Nada.

E foi então que viu os três caracteres japoneses, desenhados de forma tosca na brancura da colcha, com sangue.

Os raios de sol faiscavam na cruz de ouro. Ori a segurava pela corrente fina, fascinado.

— Por que a pegou? — perguntou Hiraga.

— Não sei.

— Não matar a mulher foi um erro. Shorin tinha razão. Foi um erro.

— Karma.

Estavam em segurança, na estalagem das Flores da Meia-Noite. Ori tomara um banho, fizera a barba. Fitou Hiraga, muito calmo, e pensou: Você não é meu mestre. Só lhe direi o que me aprouver, nada mais.

Ele relatara a morte de Shorin, a escalada para o quarto, onde a moça dormia, num sono profundo, e não despertara, e acrescentara apenas que se escondera ali, sã e salvo, depois tirara as roupas de ninja, sabendo que seria interceptado, camuflara as espadas com elas, saíra para o jardim, recolhera alguns galhos caídos, para fingir que era jardineiro, antes de ser avistado, reconhecera na janela o homem da estrada e conseguira escapar. Não contara mais nada sobre a moça.

Como posso me expressar em palavras mortais, contar a alguém que por sua causa eu me identifiquei com os deuses, que me senti inebriado de desejo ao abrir suas pernas, ao contemplá-la, e que a penetrei como um amante, não como um estuprador, não sei por que, mas foi assim, devagar, com todo cuidado, e seus braços me enlaçaram, ela estremeceu e se manteve firme, sem chegar a despertar, e me contive ao máximo que podia, antes de me despejar, de uma maneira inconcebível.

Nunca imaginei que pudesse ser tão maravilhoso, tão sensual, tão satisfatório, tão definitivo. As outras nada eram, em comparação. Ela me fez alcançar as estrelas, mas não foi por isso que a deixei viva. Pensei muito em matá-la. E depois a mim mesmo, ali, naquele quarto. Mas teria sido apenas egoísmo, morrer no auge da felicidade, tão contente.

Ah, como eu gostaria de morrer! Mas minha morte pertence a *Sonno-joi*. Apenas isso. Não a mim.

— Não matá-la foi um erro — repetiu Hiraga, interrompendo os pensamentos de Ori. — Shorin tinha razão, matá-la serviria a nossos planos, melhor do que qualquer outra coisa.

— É verdade.

— Então por quê?

Deixei-a viva para os deuses, se é que existem deuses, Ori poderia ter respondido, mas não o fez. Eles me possuíram, levaram-me a fazer o que fiz, e por isso agradeço. Sou completo agora. Conheço a vida, e tudo o que resta conhecer é a morte. Fui o seu primeiro homem, e ela haverá de se lembrar de mim para sempre, muito embora estivesse dormindo. Quando acordar e deparar com o que

escrevi, com meu próprio sangue, não o seu, ela saberá. Quero que ela viva para sempre. Eu morrerei em breve. Karma.

Ori guardou a cruz num bolso secreto na manga do quimono, tomou mais um pouco do chá verde revigorante, sentindo-se totalmente realizado, cheio de vida.

— Você disse que tinha um ataque a efetuar?

— Isso mesmo. Vamos queimar a legação britânica em Iedo.

— Ótimo. Que seja em breve.

— E será. *Sonno-jo!*

Em Iocoama, Sir William disse, furioso:

— Repita para eles, pela última vez, por Deus, que o governo de sua majestade exige reparações imediatas, de cem mil libras esterlinas em ouro, por Permitirem esse ataque sem qualquer provocação, e pelo assassinato de um inglês... matar um inglês é *kinjiru*, por Deus! E também que exigimos a entrega dos assassinos de *Satsuma*, dentro de três dias ou vamos tomar providências definitivas.

Ele se encontrava no outro lado da baía, na pequena e abafada sala de audiência da legação britânica em Iocoama, flanqueado pelos ministros prussiano, francês, russo, os dois almirantes, o britânico e o francês, e mais o general, todos igualmente exasperados.

Na linha oposta, sentados em suas cadeiras, cerimoniais, estavam os dois representantes locais do *Bakufu*, o chefe dos samurais da guarda da colônia, e o governador de Kanagawa, em cuja jurisdição ficava Iocoama. Usavam calças largas e quimonos, os mantos de ombros largos, parecendo asas, presos nas cinturas, e espadas. Era evidente que todos se sentiam interiormente contrafeitos além de furiosos. Ao amanhecer, soldados armados haviam batido nas portas das casas da alfândega de Iocoama e Kanagawa, com as coronhas dos rifles, numa ira sem precedentes, convocando as mais altas autoridades e o governador para uma conferência ao meio-dia, numa pressa também sem precedentes.

Entre os dois lados, os intérpretes instalavam-se em almofadas. O japonês estava ajoelhado, e o outro, um suíço, Johann Favrod, sentava de pernas cruzadas. A língua comum era o holandês.

A reunião já durava duas horas — inglês traduzido para o holandês, e depois o japonês, e japonês para o holandês e inglês. Todas as perguntas de Sir William eram compreendidas da maneira errada, ou precisavam de várias repetições, os “adiamentos” eram solicitados de uma dúzia de maneiras diferentes, para “consultar autoridades superiores”, que “promoveriam os exames e investigações necessários”, e “no Japão exames são muito diferentes de investigações, excelência, o governador de Kanagawa deve explicar tudo em detalhes”... e “o governador de Kanagawa deseja explicar, excelência, que não tem jurisdição sobre *Satsuma*, que é um reino separado...” e “o governador de Kanagawa foi informado, excelência, que os acusados sacaram pistolas de forma ameaçadora, e são

culpados de não obedecerem aos antigos costumes japoneses...” e “quantos estrangeiros formavam o grupo, e todos deveriam ter se ajoelhado... mas nossos costumes...”

Uma reunião tediosa, consumindo tempo demais, com complexas preleções em japonês pelo governador, traduzidas para um holandês que nada tinha de fluente, e depois para o inglês.

— Seja incisivo, Johann, exatamente como eu falei.

— É o que fiz todas as vezes, Sir William, mas tenho certeza que esse cretino não está traduzindo direito, nem o que nós falamos; nem o que os japoneses dizem.

— Sabemos disso. Alguma vez foi diferente? Por favor, vamos acabar logo de uma vez.

Johann fez uma tradução exata. O intérprete japonês corou, pediu uma explicação da palavra “imediatas”, e depois apresentou uma tradução aproximada, polida e apropriada, que considerava que seria aceitável. Até mesmo o governador respirou fundo pela afronta. O silêncio era opressivo. Os dedos tamborilando no cabo da espada, num gesto contínuo e irritante, ele deu uma resposta curta, três ou quatro palavras. A tradução foi longa, e depois Johann disse, jovial:

— Sem toda a merda, o governador diz que vai encaminhar o seu “pedido”, no momento apropriado, às autoridades apropriadas.

Sir William ficou vermelho, de forma perceptível, os dois almirantes e o general ainda mais.

— “Pedido”, hem? Diga a esse sujeito exatamente o seguinte: Não é um pedido, é uma exigência! E diga mais: exigimos uma audiência IMEDIATA com o xógum em Iedo, dentro de três dias! Três dias, por Deus! E irei até lá num vaso de guerra!

— Bravo! — murmurou o conde Zergayev.

Johann também se cansara do jogo, e imprimiu um tom brusco às palavras. O intérprete japonês soltou uma exclamação de espanto, e no mesmo instante lançou um fluxo de holandês em voz cáustica, a que Johann respondeu docemente com apenas duas palavras, que precipitaram um silêncio súbito e consternado.

— Nanja?

— O que é isso, o que foi dito? — indagou o governador, furioso, sem se equivocar quanto à hostilidade, nem disfarçando a sua.

No mesmo instante, o nervoso intérprete ofereceu uma versão abrandada, mas mesmo assim o governador explodiu num paroxismo de ameaças e súplicas, recusas e mais ameaças, que o intérprete traduziu em palavras que considerava que os estrangeiros gostariam de ouvir. Depois, ainda abalado, escutou de novo, tornou a traduzir.

— O que ele disse, Johann?

Sir William teve de elevar a voz acima do barulho, pois o intérprete ainda falava ao governador e aos representantes do *Bakufu*, que conversavam entre si.

Johann sentia-se feliz agora, pois sabia que a reunião terminaria logo e poderia voltar ao Long Bar, para o almoço, acompanhado por *schnapps*.

— Não sei, exceto que o governador repete que o melhor que pode fazer é transmitir seu pedido etecétera, às autoridades etecétera, mas não há a menor possibilidade do xógum conceder essa honra etecétera, porque é contra seus costumes etecétera...

Sir William bateu com a palma da mão na mesa. No silêncio chocado, ele apontou para o governador, depois para si mesmo.

— *Watashi...* eu...— Ele apontou pela janela, na direção de Iedo. —
Watashi ir a Iedo!

Depois, ele levantou três dedos, e arrematou:

— TRÊS DIAS, num navio de guerra!

Sir William levantou-se, saiu da sala. Os outros o seguiram. Ele seguiu pelo corredor até sua sala, foi à mesa com garrafas de cristal lapidadas, serviu-se de uísque.

— Alguém gostaria de me acompanhar? — indagou ele, enquanto os outros o cercavam.

Automaticamente, Sir William serviu scotch para os almirantes, o general e o prussiano, clarete para Seratard e uma significativa vodca para o conde Zergeyev.

— Pensei que tudo transcorreria de acordo com o que planejamos. Lamento ter escapado ao controle.

— E eu pensei que ia arrebentar uma artéria — comentou Zergeyev, esvaziando seu copo e servindo-se de mais vodca.

— Longe disso. Apenas queria encerrar a reunião com um pouco de drama

— Então partiremos para Iedo dentro de três dias?

— Exatamente, meu caro conde. Almirante, prepare a nave capitânia para zarpar ao amanhecer, passe os próximos dias arrumando tudo, organizando o convés para combate de forma ostensiva, todos os canhões em posição, mande toda a esquadra ficar de prontidão e se juntar a nós em batalha, se for necessário General, quinhentos

soldados devem ser suficientes para uma guarda de honra *Monsieur*, a nave capitânia francesa gostaria de nos acompanhar?

— Claro — respondeu Seratard. — Pode estar certo de que o acompanharei, e sugiro a legação francesa como quartel-general, e uniformes de gala.

— Não aos uniformes, pois será uma missão punitiva, não para apresentar credenciais... isso só ocorrerá depois. E não ao quartel-general. Um cidadão britânico é que foi assassinado e... Como posso dizer? Nossa esquadra é que será o fator decisivo.

Von Heimrich soltou uma risada.

— Sem dúvida, é mesmo decisiva nestas águas, no momento. — Ele olhou para Seratard. — Uma pena que eu não tenha uma dúzia de regimentos da cavalaria prussiana, pois neste caso poderíamos dominar os japoneses sem a menor dificuldade e acabar com toda a sua estupidez insidiosa e os maus modos.

— Só uma dúzia? — indagou Seratard, sarcástico.

— Seria o suficiente, Herr Seratard, para todo o Japão... nossos soldados são os melhores do mundo... depois das tropas de sua majestade britânica, é claro — acrescentou ele, insinuante. — Ainda bem que a Prússia pode dispensar vinte ou até trinta regimentos só para este pequeno setor e ainda contar com o necessário para lidar com qualquer problema que possamos enfrentar, em qualquer lugar, particularmente na Europa.

— Bom... — interveio Sir William, enquanto Seratard ficava vermelho. Ele terminou de tomar seu drinque. — Irei a Kanagawa para tomar algumas providências. Almirante, general, talvez devêssemos ter uma rápida conferência quando eu voltar... irei à nave capitânia. Ah, *monsieur* Seratard, o que vamos fazer com *mademoiselle* Angelique? Quer que eu a escolte de volta?

Ela saiu do quarto ao sol do final da tarde, atravessou o corredor, desceu a escada principal para o saguão de entrada. Usava agora o vestido de anquinha do dia anterior, elegante outra vez, mais etérea do que nunca — os cabelos arrumados, presos no alto da cabeça, os olhos realçados. Perfume e o farfalhar de anáguas.

As sentinelas na porta principal murmuraram um cumprimento embaraçado, intimidadas por sua beleza. Angelique retribuiu com um sorriso distante e se encaminhou para a enfermaria. Um criado chinês fitou-a boquiaberto e passou apressado.

A porta foi aberta um instante antes de Angelique alcançá-la. Babcott saiu, parou no mesmo instante.

— Olá, Srta. Angelique... puxa, como está bonita! — disse ele, quase gaguejando.

— Obrigada, doutor. — Seu sorriso era gracioso, a voz, gentil. — Gostaria de lhe falar... Podemos conversar por um momento?

— Claro. Vamos entrar. Fique à vontade.

Babcott levou-a para sua sala, fechou a porta, instalou-a em sua melhor cadeira, foi sentar atrás da mesa, impressionado com a radiância de Angelique, pela maneira como o penteado destacava o pescoço longo à perfeição. Ele tinha os olhos injetados, sentia-se muito cansado. Mas assim é a vida, pensou, deleitando-se com a visão da moça.

— Aquela bebida que me deu, ontem à noite, era alguma espécie de droga?

— Era, sim. Fiz bastante forte, pois você estava um pouco transtornada.

— Tudo me parece tão vago e confuso, a *Tokaidô*, a vinda para cá, a visita a Malcolm... A droga que me deu para dormir era mesmo muito forte?

— Era, sim, mas não perigosa. O sono é a melhor cura, e tem de ser do melhor tipo, um sono profundo. Não resta a menor dúvida de que você dormiu bem, pois já são quase quatro horas da tarde. Como se sente?

— Ainda um pouco cansada. — Outra vez o sorriso hesitante. — Como está *monsieur* Struan?

— Não houve qualquer mudança. Eu ia vê-lo agora. Pode me acompanhar, se quiser. Ele está indo bem, considerando tudo. Ah, antes que eu me esqueça, pegaram aquele sujeito.

— Que sujeito?

— Aquele sobre o qual lhe falamos ontem à noite, o intruso.

— Não me lembro de nada sobre a noite.

Babcott relatou o que acontecera na porta do quarto e no jardim, como um assaltante fora morto a tiros, e o outro avistado naquela manhã, mas conseguira escapar. Angelique precisou de toda a sua força de vontade para se manter impassível, e não gritar em voz alta o que pensava: Seu filho de Satã, com suas poções para dormir e sua incompetência! Dois assaltantes? O outro deve ter ido ao meu quarto, enquanto você fracassava na tentativa de descobri-lo, se mostrava incapaz de me salvar... você e aquele outro idiota, Marlowe, igualmente culpado!

Mãe Abençoada, dê-me forças, ajude a me vingar dos dois. E também dele, quem quer que seja. Mãe de Deus, permita que eu seja vingada. Mas por que roubar meu crucifixo e deixar as outras jóias; e por que os caracteres, o que significam? E por que em sangue, o sangue dele?

Ela percebeu que Babcott a fitava fixamente.

— *Oui?*

— Perguntei se gostaria de visitar o Sr. Struan agora.

— Hum... claro, claro. Eu agradeço. — Angelique levantou-se, mais uma vez sob controle. — Infelizmente, derramei água nos lençóis... poderia pedir à criada para lavá-los, por favor?

Ele riu.

— Não temos criadas aqui. É contra os regulamentos dos japoneses. Só temos empregados chineses. Não se preocupe. No momento em que saiu do quarto, eles começaram a arrumar... — Babcott parou, vendo-a empalidecer. — O que aconteceu?

Por um instante, a cautela a abandonou, e ela se viu de volta ao quarto, lavando e esfregando, apavorada porque as manchas não saíam. Ao final, porém, conseguira removê-las, e se lembrava de que verificara e tornara a verificar, e assim o segredo estava seguro — nada restara para revelá-lo, nem umidade, nem sangue seu segredo seguro para sempre, enquanto fosse forte, e se ativesse ao plano, tinha de se ater, e precisava também ser esperta, não havia outro jeito.

Babcott ficou chocado com a súbita palidez, os dedos de Angelique retorcendo um pedaço da saia. Foi para o seu lado no mesmo instante, segurou-a pelos ombros, com extrema gentileza.

— Não se preocupe mais. Está sã e salva agora, nada mais tem a temer.

— Desculpe — murmurou ela, a cabeça encostada no peito do médico, descobrindo que as lágrimas escorriam. — É que eu estava... me lembrando do pobre Canterbury.

Angelique observou a si mesma, como se estivesse fora de seu corpo, deixou que Babcott a confortasse, absolutamente convenci da de que seu plano era o único viável, o único sensato: nada acontecera. Nada, nada, nada.

Vai acreditar nisso até a próxima regra. E depois, se chegar, vai acreditar para sempre.

E se não chegar?

Não sei, não sei, não sei.

Segunda-feira, 15 de setembro:

— Os gai-jin são vermes sem bons modos — declarou Nori Anjo, tremendo de raiva. Era o chefe do *roju*, o Conselho de Cinco Anciãos, um homem atarracado, de rosto redondo, com um traje suntuoso. — Rejeitaram nosso pedido de desculpas, o que teria encerrado o incidente na *Tokaidô*, e agora, impertinentes, exigem uma audiência formal com o xógum... a escrita é a pior possível, as palavras ineptas. Tome aqui. Leia você mesmo. Acabou de chegar.

Com uma impaciência que mal conseguia disfarçar, ele entregou o pergaminho a seu adversário muito mais jovem, Toranaga Yoshi, sentado à sua frente. Estavam a sós numa das salas de audiências no alto da torre central do castelo de Iedo, após ordenarem que todos os guardas se retirassem. Uma mesa baixa, laqueada de vermelho, os separava, com uma bandeja de chá preta em cima, contendo xícaras e bule de porcelana.

— Não importa o que os *gai-jin* digam. — Apreensivo, Yoshi pegou o pergaminho, mas não o leu. Ao contrário de Anjo, suas roupas eram simples, e as espadas que usava não eram cerimoniais. — De alguma forma, devemos manipulá-los para fazerem o que quisermos.

Ele era o *daimio* de Hisamatsu, um pequeno mas importante feudo ali perto, descendente direto do primeiro xógum Toranaga. Por “sugestão” recente do imperador, apesar da oposição ostensiva de Anjo, fora designado para guardião do herdeiro, o menino xógum, e para preencher a vaga que se abria no Conselho dos Anciãos. Alto, aristocrata, tinha vinte e seis anos, as mãos delicadas, de dedos compridos.

— Independente do que aconteça, eles não devem ver o xógum — acrescentou Yoshi. — Isso confirmaria a legalidade dos tratados, que ainda não foram devidamente ratificados. Vamos recusar o insolente pedido.

— Concordo que é insolente, mas ainda temos de lidar com o problema e decidir sobre aquele cão de *Satsuma*, Sanjiro.

Ambos estavam cansados do problema dos *gai-jin*, que perturbava sua *wa*, a harmonia, já há dois dias agora, ambos ansiosos em encerrar a reunião — Yoshi querendo retomar a seus aposentos lá embaixo, onde Koiko o esperava, Anjo para ir a um encontro secreto com seu médico.

Era um dia ensolarado e ameno lá fora, o cheiro do mar e do solo fértil trazido pela suave brisa que passava pelas janelas abertas. Ainda não havia qualquer ameaça do inverno.

Mas o inverno se aproximava, pensou Anjo, distraído pela dor em suas entranhas. Detesto o inverno, a estação da morte, a estação triste, céu triste, mar triste, terra triste, feia e congelada, o frio endurecendo suas articulações, lembrando como é velho. Era um homem grisalho, de quarenta e seis anos, *daimio* de Mikawa, fora o centro do poder no *roju* desde o assassinato do ditador Tairo Li quatro anos antes.

Enquanto você, meu jovem inexperiente, pensou ele, furioso, tem apenas dois meses no conselho, e quatro semanas como guardião — duas posições políticas perigosas, atribuídas apesar dos meus protestos. É tempo de cortar suas asas.

— Claro que todos prezamos seu conselho — disse ele, insinuante, para depois acrescentar, com toda hipocrisia, como ambos sabiam: — Há dois dias que os *gai-jin* vêm preparando sua esquadra para a batalha, as tropas realizando exercícios ostensivos, e amanhã seu líder estará aqui. Qual é a sua solução?

— A mesma de ontem, com ou sem pergaminho oficial: enviamos outro pedido de desculpas, “pelo lamentável incidente”, temperado com um sarcasmo que eles nunca vão compreender, de uma autoridade que jamais conhecerão, entregue antes de o líder *gai-jin* deixar Iocoama, e solicitando outro adiamento, para “novas investigações”. Se isso não o satisfizer, e ele vier a Iedo, junto com os outros, pois que venham. Enviaremos a habitual autoridade de baixo nível para recebê-los e conferenciar em sua legação. Ou seja, vamos tratá-los com um pouco de sopa, mas sem peixe. Protelamos e continuamos a protelar.

— Enquanto isso, é chegado o momento de exercer nosso direito hereditário ao xogunato e ordenar a Sanjiro que nos entregue sem demora os assassinos, para a necessária punição, e pague uma indenização, por nosso intermédio, além de ficar sob prisão domiciliar e ser afastado de suas funções. — O tom de Anjo era ríspido. — Você ainda é inexperiente nas questões mais importantes do xogunato.

Fazendo um esforço para se controlar e desejando obrigar o próprio Anjo a uma aposentadoria imediata por sua estupidez, Yoshi respondeu:

— Se dermos essas ordens a Sanjiro, seremos desobedecidos, o que nos forçaria a entrar em guerra, e *Satsuma* é muito forte, conta com numerosos aliados. Há duzentos e cinqüenta anos que não temos guerras. Não estamos preparados para a guerra. A guerra é...

Houve um silêncio súbito e opressivo. Numa reação involuntária, os dois levaram a mão ao cabo da espada. As xícaras e o bule começaram a tremer. A própria terra rugia, a torre balançou, uma, duas, três vezes. O terremoto persistiu por cerca de trinta segundos. E logo acabou, tão subitamente como começara. Impassíveis, eles esperaram, observando as xícaras.

Nada de tremor posterior.

E ainda nada.

Mais espera por todo o castelo, por toda a cidade de Iedo. Todas as criaturas vivas esperavam. Nada.

Yoshi tomou um gole de chá, ajeitou a xícara com todo cuidado no pires. Anjo invejou-o por seu controle. Por dentro, Yoshi estava em turbilhão, e pensou: Hoje, os deuses me sorriram, mas o que acontecerá no próximo choque, ou no outro, ou no outro... a qualquer momento agora, ou no futuro distante, ou esta tarde, ou esta noite, ou amanhã? Karma!

Seguro hoje, mas em breve haverá outro, terrível, um terremoto destruidor, como o que ocorreu há sete anos, quando quase morri, e cem mil pessoas pereceram só em Iedo, no terremoto e nos incêndios subsequentes, sem contar as dezenas de milhares arrastadas para o mar e afogadas, pela onda *tsunami*, que veio do oceano naquela noite... e uma delas foi minha adorável Yuriko, que era então a paixão da minha vida. Ele fez um tremendo esforço para dominar o medo e continuou a falar:

— A guerra é completamente insensata agora. *Satsuma* é muito forte, as legiões de Tosa e Choshu se tornarão suas aliadas ostensivas, e não temos poder suficiente para esmagá-los sozinhos.

Tosa e Choshu eram feudos distantes de Iedo, ambos inimigos históricos do xogunato.

— Os *daimios* mais importantes virão lutar sob a nossa bandeira, se chamados, e os outros os acompanharão.

Anjo tentou ocultar a dificuldade que sentiu para soltar o cabo da espada, ainda apavorado.

Yoshi estava alerta, era bem treinado, notou o lapso e registrou-o para uso futuro, satisfeito por tê-lo percebido em seu inimigo.

— Eles não farão, pelo menos ainda não. Vão adiar, esbravejar, lamentar, e nunca nos ajudarão a acabar com *Satsuma*. Não têm coragem.

— Se não agora, quando?

A fúria de Anjo se dissipara, diluída pelo medo e a aversão a terremotos. Testemunhara um dos piores quando era pequeno, o pai se transformara numa tocha viva, a mãe e dois irmãos viraram carvão diante de seus olhos. Desde então, mesmo ao menor terremoto, revivia aquele dia, sentia o cheiro da carne queimando, ouvia os gritos.

— Temos de humilhar aquele cão, mais cedo ou mais tarde. Por que não agora?

— Porque temos de esperar até ficarmos melhor armados. Eles... *Satsuma*, Tosa e Choshu... possuem umas poucas armas modernas, canhões e fuzis, não Sabemos em que quantidade. E diversos barcos a vapor.

— Vendidos pelos *gai-jin*, contra a vontade do xogunato!

— Comprados por eles por causa de fraquezas anteriores. Anjo ficou vermelho.

— Não sou responsável por isso!

— Nem eu! — Os dedos de Yoshi se contraíram no cabo da espada. Aqueles feudos são mais bem armados do que nós, qualquer que seja o motivo. Assim, por mais lamentável que seja, temos de esperar. O fruto de *Satsuma* ainda não apodreceu o suficiente para que arrisquemos uma guerra que não podemos vencer. Estamos isolados, o que já não acontece com Sanjiro.

Yoshi fez uma pausa, e a voz saiu mais incisiva quando acrescentou:

— Mas concordo que em breve teremos de fazer um acerto de contas.

— Amanhã pedirei ao Conselho para emitir a ordem.

— Pelo bem do xogunato, seu e de todos os clãs de Toranaga, espero que os outros me escutem!

— Veremos o que acontece amanhã... a cabeça de Sanjiro deve ser espetada na ponta de um chuço e exibida como um exemplo para todos os traidores.

— Concordo que Sanjiro deve ter ordenado a morte na *Tokaidô* só para nos embaraçar — disse Yoshi.— Era inevitável que os *gai-jin* se enfurecessem. Nossa única solução é ganhar tempo, pois a missão à Europa deve voltar a qualquer dia agora e nossos problemas vão acabar.

Oito meses antes, em janeiro, o xogunato enviara a primeira delegação oficial do Japão, num navio a vapor, para a América e Europa, com ordens secretas para renegociar os tratados — o *roju* considerava-os “acordos experimentais não autorizados” — com os governos britânico, francês e americano, e cancelar ou adiar a abertura de novos portos.

— Suas ordens eram expressas — acrescentou Yoshi. — A esta altura, os tratados já devem ter sido revogados.

Anjo declarou, num tom sinistro:

— Ou seja, se não a guerra, você pelo menos concorda que chegou o momento de despachar Sanjiro.

O homem mais jovem era cauteloso demais para concordar abertamente, e se perguntou o que Anjo pensava em fazer ou já

planejara. Ele ajeitou as espadas de uma maneira mais confortável e fingiu considerar a questão, descobrindo que muito lhe agradava a sua nova função. Mais uma vez, estou no centro do poder. É verdade que Sanjiro me ajudou a chegar aqui, mas apenas por causa de seus infames propósitos: queria me destruir, apontando-me publicamente como o responsável por todos os problemas que esses malditos *gai-jin* nos trouxeram, e assim me tornando um dos alvos principais dos miseráveis *shishi*... na tentativa de usurpar nossos direitos hereditários, nossa riqueza e o xogunato.

Mas nada importa. Estou a par do que ele e seu cão sarnento, Katsumata, planejam, quais são suas verdadeiras intenções contra nós, as de Tosa e Choshu. Ele não terá êxito, juro por meus ancestrais.

— Como pretende eliminar Sanjiro?

A expressão de Anjo se tornou sombria, ao recordar sua última e violenta discussão com o *daimio* de *Satsuma*, apenas uns poucos dias antes.

Anjo — dissera Sanjiro, autoritário — obedeça às ordens do imperador. — Convoque imediatamente uma reunião de todos os *daimios*, peça-lhes com toda vontade para formarem um conselho permanente, que vai aconselhar, reformar com o xogunato, revogue os infames e não autorizados acordos com os *gai-jin*, certifique-se que todos os portos sejam fechados aos Sai-jin, e se eles não quiserem ir embora, expulse-os sem a menor hesitação!

— Devo lembrá-lo de que é direito exclusivo do xogunato determinar a política externa, qualquer política, não do imperador, muito menos sua! — Ponderara Anjo, odiando Sanjiro por sua linhagem, suas legiões, suas riquezas, boa saúde abundante e óbvia. — Ambos sabemos que você o enganou. As sugestões são ridículas e inviáveis. Temos mantido a paz por dois séculos e meio...

— pelo engrandecimento de Toranaga. Se se recusa a obedecer a seu legítimo suserano, o imperador, então deve renunciar ou cometer *seppuku*. Você escolhe um menino para ser o xógum, aquele traidor Tairo Li assinou os “tratados”... é responsabilidade do *Bakufu* a presença dos *gai-jin* aqui, responsabilidade de Toranaga.

Anjo ficara vermelho, levado quase à loucura pela insídia escarninha e as provocações que persistiam há meses, e teria recorrido à espada se Sanjiro não estivesse protegido pelo mandato imperial.

— Se o Tairo Li não negociasse os tratados e depois os assinasse, os *gai-jin* teriam nos bombardeado e desembarcado à força, e agora estaríamos humilhados como a China.

— Mera suposição... e absurda!

— Já esqueceu que o palácio de verão em Pequim foi incendiado e *Saquêado*, Sanjiro-dono? Agora a China se encontra praticamente desmembrada, e o governo saiu do controle chinês. Esqueceu que a China cedeu aos britânicos, os principais inimigos, uma de suas ilhas, Hong Kong, há vinte anos, e agora o lugar é um bastião inexpugnável? E que Tientsin, Xangai e Swatow são agora portos de tratado, auto-suficientes, dominados e possuídos pelos *gai-jin* em caráter permanente? Vamos supor que eles se apodemem de uma de nossas ilhas da mesma maneira.

— Nós os impediríamos... não somos chineses.

— Como? É lamentável, mas você está cego e surdo, tem a cabeça nas nuvens. Há um ano, no momento em que acabou a última guerra da China, se os Provocássemos, eles teriam enviado contra nós todas aquelas esquadras e exércitos. Foi somente a astúcia do *Bakufu* que evitou que isso acontecesse. Não Poderíamos resistir àquelas armadas... com seus canhões e armamentos modernos.

É responsabilidade do xogunato estarmos despreparados, responsabilidade de Toranaga. Há anos que deveríamos ter canhões e navios de guerra modernos, anos que sabíamos de sua existência. Os holandeses nos alertaram dezenas de vezes sobre as novas invenções, mas vocês enfiaram a cabeça nos baldes noturnos!

No máximo, poderiam ter concedido um porto, Deshima...

Por que dar ao demônio americano Townsend Harris também Iocoama, Hirodate, Basáqui e Kanagawa, além de permitir acesso a Iedo para suas impertinentes legações? Renunciem e deixem que outros mais qualificados salvem a terra dos deuses...

A lembrança da confrontação fez Anjo suar, assim como o conhecimento de que era certo muito do que Sanjiro dissera. Ele tirou um lenço de papel da manga volumosa, enxugou o suor da testa e da cabeça raspada, olhou para Yoshi invejando o seu porte e boa aparência, mas acima de tudo a sua juventude e virilidade legendárias.

Não muito tempo atrás era fácil ser satisfeito. Normal ser potente, pensou Anjo com uma súbita angústia, a dor sempre presente em sua virilha a lembrá-lo. Não muito tempo atrás, era fácil ficar ereto, sem qualquer esforço, e dispor de uma carga abundante... agora, não era mais possível, nem mesmo com a pessoa mais desejável, com todas as habilidades, com as mais raras pomadas e medicamentos.

— Sanjiro pode se considerar além do alcance, mas não está — disse ele, decidido. — Pense nisso também, Yoshi-dono, nosso jovem, mas tão sábio conselheiro, como removê-lo, ou sua cabeça pode acabar também na ponta de um chuço, e muito em breve.

Yoshi decidiu não assumir a ofensa e sorriu.

— O que os outros anciãos pensam a respeito?

Anjo soltou uma risada irônica.

— Eles votarão como eu disser.

— Se você não fosse parente, eu poderia sugerir que renunciasse ou cometesse seppuku.

— É uma pena que não seja seu ilustre homônimo e, assim, não possa dar essa ordem, hem? — Anjo levantou-se. — Enviarei a resposta agora, para ganhar tempo. Amanhã faremos uma votação formal para humilhar Sanjiro...

Ele virou-se abruptamente, furioso, quando a porta foi aberta. Yoshi já tirara a metade da espada da bainha.

— Dei ordens...

O guarda aturdido murmurou:

— Desculpe, Anjo-sama...

A raiva de Anjo se desvaneceu quando um jovem empurrou o guarda para o lado e entrou apressado na sala, seguido de perto por uma moça, que mal chegava a ter um metro e meio de altura, ambos em trajes suntuosos, com quatro samurais armados em sua esteira, e depois uma matrona e uma dama de companhia. No mesmo instante, Anjo e Yoshi se ajoelharam, baixaram a cabeça para o tatame. Toda a comitiva fez uma reverência. À exceção do jovem, o xógum Nobusada. E da moça, a princesa imperial Yazu, sua esposa. Ambos tinham a mesma idade, dezesseis anos.

— Esse terremoto quebrou meu vaso predileto! — disse o rapaz, excitado, ignorando a presença de Yoshi. — Meu vaso predileto!

Ele acenou para que a porta fosse fechada. Seus samurais permaneceram na sala, assim como as damas de companhia de sua esposa.

— Eu queria lhe dizer que tive uma idéia maravilhosa.

— Lamento muito pelo vaso, Sire — disse Anjo, a voz gentil. — Teve uma...

— Nós... decidimos, minha esposa e eu, decidimos ir a Quioto para falar com o imperador, e perguntar o que fazer com os *gai-jin*, como podemos expulsá-los! — O jovem olhou radiante para a esposa, que acenou com a cabeça, numa feliz concordância. — Iremos no próximo mês... uma visita oficial!

Anjo e Yoshi sentiram que suas mentes estavam prestes a explodir, ambos tiveram vontade de saltar para a frente e estrangular o rapaz, por sua falta de juízo. Mas mantiveram o controle, acostumados aos acessos e estupidez petulante de Nobusada. O que não os impediu de amaldiçoar, pela milésima vez, o dia em que o casamento daqueles dois fora proposto e consumado.

— Uma idéia interessante, Sire — disse Anjo, cauteloso, observando a moça sem observar, notando que ela se concentrava nele agora, e que seus lábios podiam sorrir, mas o mesmo não ocorria com os olhos, como sempre. — Apresentarei a sugestão ao Conselho dos Anciãos, e dispensaremos toda a nossa atenção.

— Ótimo! — exclamou Nobusada, pomposo.

Era um jovem baixo e magro, pouco mais que um metro e meio, e sempre usava grossas *geta*, sandálias, para aumentar sua altura. Os dentes estavam pintados de preto, como determinava a moda da corte em Quioto, embora não se adotasse o mesmo costume nos círculos do xogunato.

— Três ou quatro semanas devem ser suficientes para preparar tudo. — Ele ofereceu um sorriso ingênuo à esposa. — Esqueci alguma coisa, Yazu-chan?

— Não, Sire — respondeu ela, graciosa. — Como poderia esquecer qualquer coisa?

Seu rosto era delicado e arrumado ao estilo clássico da corte de Quioto: sobrancelhas depiladas, tendo em seu lugar uma tinta escura, sobre a brancura da maquilagem, dentes pintados de preto, cabelos pretos empilhados no alto da cabeça, presos com alfinetes ornamentados. O quimono púrpura era decorado com ramos de flores de outono, e a *obi*, a faixa elaborada, era dourada. A princesa imperial Yazu, meia-irmã do filho do céu, esposa de Nobusada há seis meses, fora-lhe prometida desde os doze anos, ficara noiva aos quatorze e casara aos dezesseis.

— Claro que uma decisão sua é uma decisão, não uma sugestão — acrescentou ela.

— Tem toda razão, honrada princesa — apressou-se em declarar Yoshi. — Mas, infelizmente, Sire, arranjos tão importantes não podem ser feitos em apenas quatro semanas. E permita que eu o aconselhe a considerar as implicações, a possibilidade de que tal visita seja interpretada de maneira errônea.

O sorriso de Nobusada desapareceu.

—Implicações? Aconselhar? Que implicações? Interpretação errônea de quem? Sua?

O tom era rude e agressivo.

— Não, Sire, não minha. Eu apenas queria ressaltar que nenhum xógum jamais foi a Quioto para pedir conselhos ao imperador; tal precedente seria desastroso para seu regime.

— Por quê? — indagou Nobusada, irritado. — Não estou entendendo.

— Porque, como se lembra, o xógum tem o dever hereditário exclusivo de tomar decisões pelo imperador, junto com seu Conselho de Anciãos e o xogunato — Yoshi mantinha a voz gentil. — Isso permite que o filho do céu passe seu tempo intercedendo junto aos deuses por todos nós, enquanto o xogunato impede que os acontecimentos materiais perturbem sua *wa*.

A princesa Yazu interveio, também em voz suave:

— O que Toranaga Yoshi-sama diz é verdade, marido. Mas, infelizmente, os *gai-jin* já perturbaram sua *wa*, como todos sabemos, e por isso pedir a meu irmão, o sublime, por conselhos a respeito seria ao mesmo tempo polido e filial, não uma interferência com direitos históricos.

— É isso mesmo. — O rapaz estufou o peito. — Está decidido!

— O conselho vai considerar imediatamente os seus desejos — disse Yoshi.

O rosto de Nobusada se contraiu em raiva, e ele gritou:

— Desejos? É uma decisão! Pode falar com eles, se quiser, mas eu já decidi! Sou eu o xógum, não você! Eu! E já decidi! Fui o escolhido, e você rejeitado... fui o escolhido por todos os *daimios* leais. Sou o xógum, primo!

Todos ficaram consternados com a explosão. Exceto a moça. Ela sorriu para si mesma, manteve os olhos abaixados e pensou: finalmente minha vingança começa.

— É verdade, Sire — disse Yoshi, em voz normal, embora a cor tivesse se esvaído por completo de seu rosto. — Mas sou o guardião e devo advertir contra...

— Não quero o seu conselho! Ninguém me perguntou se queria um guardião! Não preciso de um guardião, primo, ainda menos de você!

Yoshi fitou o rapaz, tremendo de raiva. Houve um tempo em que fui como você, pensou ele, com total frieza, um fantoche a ser mandado de um lado para o outro, a ser afastado de minha própria família, adotado por outra, a ser casado, banido, e quase assassinado seis vezes, e tudo porque os deuses decidiram que eu seria o filho de meu pai... como você, seu tolo patético, nasceu filho de seu pai. Somos parecidos em muitas coisas, mas nunca fui um tolo, sempre optei por ser espadachim, tinha consciência de que era manipulado, e me tornei muito diferente. Não sou mais um fantoche. Sanjiro de *Satsuma* ainda não sabe, mas ele me converteu em manipulador.

— Enquanto eu for guardião, terei de defendê-lo e protegê-lo, Sire. — Yoshi olhou para a moça, tão frágil e delicada, por fora. — E à sua família.

Ela não fitou os seus olhos. Nem precisava. Ambos sabiam que a guerra fora declarada.

— Ficamos contentes por sua proteção, Toranaga-sama.

— Eu não estou! — gritou Nobusada, a voz estridente. — Você era meu rival. Agora não é nada! Dentro de dois anos, completarei dezoito anos, passarei a reinar sozinho, e você...

Ele apontou um dedo trêmulo para o rosto impassível de Yoshi, deixando todos estarecidos... menos a moça.

— A menos que você aprenda a obedecer, eu... vou bani-lo para a Ilha do fiorte, para sempre! E nós vamos para Quioto!

Nobusada virou-se abruptamente. Um dos guardas se apressou em abrir a porta. Todos fizeram uma reverência, enquanto ele saía, apressado. A esposa saiu atrás, depois os outros. Assim que ficaram a sós outra vez, Anjo removeu o suor do pescoço.

— Ela... ela é a fonte de toda a agitação dele... do seu “brilho” — comentou ele, amargurado.— Desde que chegou aqui que o jovem tolo vem se comportando com mais estupidez do que o normal, e não porque esteja cego de tanto fornicar.

Yoshi disfarçou seu espanto por Anjo ter feito em voz alta um comentário tão óbvio, embora perigoso.

— Chá?

Anjo acenou com a cabeça, distraído, outra vez com inveja da força e elegância de Yoshi. Nobusada não é tão tolo assim em algumas coisas, refletiu ele. Concordo em relação a você; quanto mais cedo for afastado, melhor, você e Sanjiro, os dois são problemas. O conselho seria capaz de votar para restringir seus poderes como guardião ou mesmo bani-lo? É verdade que você leva à loucura aquele tolo rapaz cada vez que se encontram... e a moça também. Se não fosse por você, eu poderia controlar aquela cadela, sendo ou não meia-irmã do imperador. E pensar que não apenas fui a favor do casamento, mas também executei o estratagema do Tairo Li, apesar da oposição do próprio imperador à união. Não recusamos sua

primeira e relutante oferta, a filha de trinta anos, e depois a filha de um ano, até que ele acabou concordando, sob pressão, em entregar a meia-irmã?

Claro que a ligação de Nobusada com a família imperial nos fortalece, contra Sanjiro e os lordes de fora, contra Yoshi e os que queriam que ele fosse designado xógum. E a ligação será todopoderosa depois que ela tiver um filho... o que vai abrandá-la, drenar seu veneno. A gravidez já está atrasada. O médico do rapaz vai aumentar a dose de ginsengue, ou dar algumas pílulas especiais para aumentar seu desempenho, pois é terrível ser tão flácido na sua idade. Isso mesmo, quanto mais cedo ela estiver esperando uma criança, melhor. Ele terminou de tomar o chá. — Eu o verei na reunião amanhã.

Os dois fizeram uma reverência superficial. Yoshi saiu e foi para as ameias, precisando de ar fresco e tempo para pensar. Podia avistar lá embaixo as fortificações de pedra, com três círculos de fossos, as defesas inexpugnáveis, pontes levadiças, muralhas monstruosas. Dentro do castelo, havia alojamentos para cinquenta mil samurais e dez mil cavalos, além de aposentos espaçosos e palácios para os eleitos, as famílias leais — mas apenas as famílias do clã Toranaga dentro do fosso interno — e jardins por toda parte. Na torre central, por cima e abaixo dele, ficavam as áreas mais seguras, um santuário interior do xógum reinante, sua família, cortesãos e servidores. E as salas do tesouro. Como guardião, Yoshi residia ali, indesejável, marginalizado, mas também seguro, com seus próprios guardas.

Além do fosso externo, ficava o primeiro círculo protetor dos palácios dos *daimios*. Eram residências enormes, suntuosas. Vinham em seguida círculos de residências cada vez menores, uma para cada *daimio* da terra. Todas haviam sido localizadas pessoalmente pelo xógum Toranaga, e construídas de acordo com a lei nova que ele promulgara, de *sankin-kotai*, residência alternativa.

— A *sankin-kotai* exige que todos os *daimios* construam imediatamente — dissera Toranaga — e mantenham para sempre uma “residência adequada” sob as muralhas do meu castelo, nas posições exatas que determinei, onde devem viver com suas famílias e uns poucos servidores. Cada palácio deve ser suntuoso, e sem defesas. Um ano em três, o *daimio* terá permissão, e será obrigado, a retornar a seu feudo e ali ficar com seus servidores, mas sem a esposa, consortes, mãe, pai ou filhos, ou filhos dos filhos, ou quaisquer membros da família imediata... a ordem em que os *daimios* partem ou permanecem também será regulada de forma precisa, de acordo com a seguinte lista e escala...

A palavra “refém” nunca fora mencionada, embora fosse um costume antigo a permanência de reféns, ordenados ou oferecidos, como uma garantia de obediência. O próprio Toranaga fora refém, quando criança, do ditador Goroda; sua própria família fora refém do sucessor de Goroda, Nakamura, seu aliado e suserano; e ele, o

último e maior de todos, decidira apenas ampliar o costume, na *sankin-kotai*, para manter os outros sob o seu domínio.

“Ao mesmo tempo”, escrevera Toranaga em seu legado, um documento particular a que só tinham acesso uns poucos descendentes seletos, “os xóguns subsequentes devem encorajar todos os *daimios* a construir com extravagância, viver no luxo, se vestir com opulência e receber de maneira suntuosa, o meio mais rápido de despojá-los da receita anual de *koku* de seus feudos, que pertence apenas ao *daimio* envolvido, pelo costume imutável. Assim, todos estarão em breve crivados de dívidas, cada vez mais dependentes de nós e também, o que é ainda mais importante, sem dentes, enquanto continuamos a ser parcimoniosos, e nos abstermos de extravagâncias.

“Ainda assim, alguns feudos — *Satsuma*, Mori, Tosa, Kii, por exemplo — são tão ricos que terão, mesmo com essas extravagâncias, um excedente perigoso. Por isso, de vez em quando, o xógum reinante convidará o *daimio* a presenteá-lo com umas poucas léguas de uma nova estrada ou um palácio ou um jardim ou um centro de prazeres ou um templo, em quantidades, períodos e frequências que serão fixados no documento seguinte...”

— Muito esperto e previdente — murmurou Yoshi para si mesmo. Cada *daimio* num mar de seda, impotente para se rebelar. Mas tudo arruinado pela estupidez de Anjo.

O primeiro dos “pedidos” do imperador que Sanjiro levara ao conselho — antes que Yoshi se tornasse um membro — fora o de abolir esse costume antigo. Os daimios e os outros tergiversaram, argumentaram, mas acabaram concordando. Quase que da noite para o dia, os círculos de palácios foram esvaziados de todas as esposas, consortes, filhos, parentes e guerreiros. Com o passar do tempo, tornaram-se uma terra de ninguém, com apenas uns poucos servidores simbólicos.

Nosso meio de repressão mais importante desapareceu para sempre, pensou Yoshi, amargurado. Como Anjo pode ter sido tão inepto?

Ele deixou que seu olhar pairasse além dos palácios, contemplando a capital de um milhão de almas, que servia ao castelo, e dele se alimentava, uma cidade cruzada por riachos e pontes, quase todas de madeira. Havia agora muitos incêndios — as flores dos terremotos — por todo o caminho até o mar. Um enorme palácio de madeira estava em chamas.

Yoshi notou que pertencia ao *daimio* de Sai. Ótimo. Sai apoia Anjo. As famílias foram embora, mas o conselho pode ordenar que reconstruam o que for destruído, e o custo vai onerá-lo para sempre.

Ora, esqueça-o. Qual é o nosso escudo contra os *gai-jin*? Tem de haver algum! Todo mundo diz que eles podem incendiar Iedo, mas não invadir o castelo ou manter um sítio prolongado. Não concordo. Ontem, Anjo tornou a relatar aos anciãos a história bem conhecida do sítio de Malta, há cerca de trezentos anos, como os exércitos turcos não conseguiram desalojar de seu castelo seiscentos bravos cavaleiros. Anjo dissera:

— Contamos com dezenas de milhares de samurais, todos hostis aos *gai-jin*. Devemos vencer, e eles irão embora.

— Mas nem os turcos nem os cristãos dispunham de canhões — ressaltara Yoshi. — Não esqueçam que o xógum Toranaga destruiu o castelo Osaca com canhões dos *gai-jin*... e aqueles vermes podem fazer a mesma coisa aqui.

— Mesmo que conseguissem, já teríamos nos retirado sãos e salvos para as montanhas muito antes — respondera Anjo, desdenhoso. — Enquanto isso, todos os samurais, todos os homens, mulheres e crianças do país... até mesmo os sórdidos mercadores... se aliariam sob a nossa bandeira e cairiam em cima deles como gafanhotos. Nada temos a temer. O castelo Osaca foi diferente, um combate de *daimio* contra *daimio*, não uma invasão. O inimigo não pode sustentar uma guerra em terra. Por isso, é inevitável a nossa vitória numa guerra assim.

— Eles devastariam tudo, Anjo-sama. Nada nos restaria para governar. Nosso único recurso é envolver os *gai-jin* numa teia, como a aranha faz com uma presa muito maior. Devemos ser uma aranha, e devemos encontrar uma teia.

Mas os outros se recusaram a escutá-lo. Qual é a teia?

“Primeiro, é preciso conhecer o problema”, escrevera Toranaga, em seu legado. *“Depois, com paciência, pode-se encontrar a solução.”*

A essência do problema com os estrangeiros é simplesmente a seguinte: como podemos obter seus conhecimentos, armamentos, esquadras, riqueza e comércio em nossos termos, e ao mesmo tempo expulsar a todos, cancelar os tratados desiguais, e nunca permitir que um só deles ponha os pés em nossa terra sem as mais severas restrições?

O legado continuava: “As respostas a todos os problemas de NOSSA terra podem ser encontradas aqui, ou em A arte da guerra, de Sun-tzu... e pela paciência.”

O xógum Toranaga fora o soberano mais paciente do mundo, refletiu Yoshi impressionado pela milionésima vez.

Embora Toranaga fosse supremo em todo o Japão, à exceção do castelo Osaca, o baluarte invencível construído por seu antecessor, o ditador Nakamura, esperara doze anos para acionar a armadilha que preparara, ordenando o sítio. O castelo se encontrava sob o poder absoluto da dama Ochiba, a viúva do ditador, do filho e herdeiro de sete anos, Yaemon — a quem Toranaga prestara um juramento solene de fidelidade — e de oitenta mil samurais de uma lealdade fanática.

Dois anos de sítio, trezentos mil soldados, os canhões do navio corsário holandês Erasmus, de Anjin-san, o inglês que o levara ao Japão, um regimento armado com mosquetes, treinado por ele, cem mil baixas, toda a astúcia de Toranaga, e mais um traidor vital dentro do castelo, tudo isso fora necessário antes que a dama Ochiba e Yaemon cometessem o *seppuku*, para não serem capturados.

Depois de ocupar o castelo Osaca, Toranaga inutilizara os canhões, dispersara o regimento de mosquetes, proibira a fabricação ou importação de toda e qualquer arma de fogo, acabara com o poder dos padres jesuítas portugueses e dos *daimios* cristãos, redistribuíra os feudos, livrara-se de todos os inimigos, instituíra as leis do legado, proibira todas as rodas, a construção de navios oceânicos, e reivindicara um terço de toda receita para si mesmo e sua família imediata.

— Ele nos fez fortes — murmurou Yoshi. — Seu legado deu-nos poder para manter a terra pura e em paz, como era seu desígnio.

Não devo lhe faltar.

Mas que homem extraordinário! E quanta sensatez de seu filho, Sudara, o segundo xógum, ao trocar o nome da dinastia para Toranaga, em vez do nome verdadeiro da família de Yoshi... a fim de que jamais esqueçamos a fonte de tudo.

O que ele me aconselharia a fazer?

Primeiro, paciência, depois ele citaria Sun-tzu: Conheça seu inimigo como conhece a si mesmo, e não precisará temer uma centena de batalhas; conheça a si mesmo, mas não ao inimigo, e em cada vitória conquistada também sofrerá uma derrota; não conheça nem ao inimigo nem a si mesmo, e sucumbirá em cada batalha.

Conheço algumas coisas sobre o inimigo, mas não o suficiente.

Abençoo meu pai por me fazer compreender o valor da educação, por me proporcionar tantos mestres variados e especiais ao longo

dos anos, não apenas japoneses, mas também estrangeiros. É lamentável que eu não tivesse talento para línguas e, assim, tive de aprender através de intermediários: mercadores holandeses para a história mundial, um marujo inglês para conferir a verdade holandesa e me abrir os olhos — assim como Toranaga usou o Anjin-san em seu tempo — e todos os outros.

O chinês que me ensinou sobre governo, literatura e a arte da guerra; o velho padre renegado francês de Pequim, que passou meio ano me ensinando sobre Maquiavel, traduzindo-o em caracteres chineses para mim, enquanto tinha permissão para viver nos domínios de meu pai e desfrutar o mundo dos salgueiros, que tanto amava; o pirata americano abandonado em Izu, que me contou sobre canhões e sobre os oceanos de relva chamados pradarias, sobre o castelo de sua terra chamado Casa Branca, e as guerras em que exterminaram os nativos do país; o condenado russo emigrado de um lugar chamado Sibéria, que alegava ter sido um príncipe com dez mil escravos, e contou fábulas de lugares chamados Moscou e São Petersburgo; e todos os outros, alguns ensinando por uns poucos dias, outros por meses, mas nenhum jamais completando um ano, nenhum deles tendo conhecimento de quem eu era, e eu proibido de lhes revelar, o pai sempre tão cauteloso e reservado, tão terrível quando era provocado.

— Quando esses homens vão embora, pai — indagara ele, no início —, o que lhes acontece? Todos se mostram muito assustados. Por que deveriam? Não lhes promete recompensas?

— Tem onze anos, meu filho. Perdoarei sua grosseria por me interrogar, mas apenas uma vez. E para que não se esqueça de minha magnanimidade, passará três dias sem comida, subirá o monte Fuji sozinho e dormirá sem qualquer coberta.

Yoshi estremeceu. Na ocasião, não entendia a que magnanimidade o pai se referia. Quase morrera durante aqueles dias, mas cumprira as ordens. Como recompensa por sua autodisciplina, o pai, *daimio* de Mito, dissera-lhe que seria adotado pela família Hisamatsu e se tornaria herdeiro desse ramo do clã Toranaga.

— Você é meu sétimo filho. Assim, terá sua própria herança e entrará numa linhagem um pouco superior à de seus irmãos.

— Está bem, pai — murmurara ele, contendo as lágrimas.

Na ocasião, não sabia que estava sendo preparado para ser xógum, nem isso jamais lhe fora dito. Quando o xógum Iyeyoshi morrera, da doença das erupções, quatro anos antes, Yoshi tinha vinte e dois, estava pronto para a função, e o pai o propusera. Mas o Tairo Li se opusera, e prevalecera — eram suas forças pessoais que dominavam os portões do palácio.

Seu primo Nobusada fora designado. Yoshi, sua família, o pai e todos os partidários influentes foram postos sob prisão domiciliar. Só depois do assassinato de Li é que ele recuperara a liberdade e fora reintegrado em suas terras e honrarias, junto com os outros sobreviventes. O pai morrera no confinamento.

Eu deveria ser o xógum, pensou Yoshi, pela milionésima vez. Estava preparado, bem treinado, poderia evitar a deterioração do xogunato, poderia ter promovido uma nova aliança entre o xogunato e todos os *daimios*, e poderia lidar com os *gai-jin*. Teria aquela princesa como esposa, nunca assinaria aqueles acordos, nem permitiria que as negociações nos fossem tão desfavoráveis. Teria sabido enfrentar Townsend Harris e iniciaria uma nova era de cuidadoso intercâmbio, para absorvermos o mundo exterior em nosso ritmo, não no deles!

Mas não sou o xógum. Nobusada foi eleito corretamente, os tratados existem, a princesa Yazu existe, Sanjiro, Anjo e os *gai-jin* arremetem

contra nossos portões.

Ele tornou a estremecer. Preciso ser mais cauteloso. O veneno é um antigo perigo, uma flecha de dia ou de noite, centenas de ninjas assassinos à esmo oferecendo seus serviços a quem pagar mais. E há ainda os *shishi*. Tem de haver uma solução! Mas qual?

Aves marinhas circulavam e grasniam sobre a cidade e o castelo, interrompendo seu fluxo de pensamentos. Yoshi estudou o céu. Nenhum sinal de que mudaria ou de tempestade, embora aquele fosse o mês de mudança, quando os grandes ventos começavam a soprar, trazendo o inverno. E o inverno será ruim este ano. Não haverá uma grande fome, como há três anos, mas as colheitas foram deficientes, ainda menores do que no ano passado...

Espere! O que foi mesmo que Anjo disse que me lembrou de alguma coisa?

Ele virou-se, chamou um dos seus guardas, num crescente excitação e disse:

— Traga aquele espião aqui, o pescador... como é mesmo seu nome? Ah, sim Misamoto. Quero-o em meus aposentos, secretamente. Ele está confinado na casa da guarda oriental.

8

Terça-feira, 16 de setembro:

Ao amanhecer, os canhões da nave capitânia dispararam a saudação de onze tiros, quando o cúter de Sir William se aproximou. Da praia

veio uma tênue aclamação, cada homem sóbrio ali presente para assistir à partida da esquadra para Iedo. O vento aumentava de intensidade, o ar se mantinha calmo, o céu um pouco nublado. Sir William embarcou formalmente, acompanhado por Phillip Tyrer; o resto de sua equipe já se encontrava a bordo de diversos navios de guerra. Os dois homens usavam fraque e cartola. Tyrer tinha o braço numa tipóia.

Avistaram o almirante Ketterer a esperá-los no convés principal, John Marlowe ao seu lado, ambos em uniforme de gala — chapéu de bicos, túnica com alamares dourados e botões azuis, camisa branca, colete, calção, meias, sapatos de fivela e espada reluzente —, e no mesmo instante Phillip Tyrer pensou: Droga! Como John Marlowe sempre se mostra bonito e elegante, mas nem por isso menos viril, da mesma forma que Pallidar em seu uniforme! Ah, se eu tivesse um uniforme de gala assim, ou qualquer outra roupa, diga-se de passagem, que pudesse rivalizar com essas, e ainda por cima sou pobre como um camundongo de igreja, em comparação com os dois, nem sequer fui promovido a subsecretário. Droga! Não há nada como um uniforme para favorecer um homem, e projetá-lo aos olhos de uma moça...

Ele quase esbarrou em Sir William, que parara no último degrau, enquanto o almirante e Marlowe o saudavam, ignorando-o por completo. Concentre-se, pensou Tyrer, você também está de serviço, à disposição do poderoso! Tome cuidado, participe de tudo.

— Bom dia, Sir William. Seja bem-vindo a bordo.

— Obrigado. Bom dia, almirante Ketterer.

Sir William tirou a cartola, um gesto seguido por Tyrer, os fraques dos dois enfunados pelo vento.

— Podemos partir, se assim desejar. Os outros ministros já estão na nave Capitânia francesa.

— Ótimo.

O almirante gesticulou para Marlowe, que bateu continência e se afastou para falar com o comandante do navio, na ponte de

comando aberta, um pouco à frente da única chaminé e do mastro principal. Ali, ele tornou a bater continência e disse:

— Os cumprimentos do almirante, senhor. Podemos partir para Iedo.

As ordens foram rapidamente transmitidas. Os marinheiros soltaram três vivas, no momento em que as âncoras eram recolhidas. Na apertada sala da caldeira, três conveses abaixo, os foguistas, despidos da cintura para cima, jogaram mais carvão nas fornalhas, sob um canto ritmado, tossindo e espirrando no ar sempre impregnado de poeira de carvão. No outro lado da antepara, na sala das máquinas, o engenheiro-chefe entouou “meio à frente” e os imensos motores passaram a girar o eixo da hélice.

O navio era o H.M.S. Euryalus, construído em Chatham, oito anos antes, com três mastros e uma chaminé, uma fragata cruzadora de madeira, com 3.200 toneladas de arqueação, 35 canhões, uma tripulação normal de 350 oficiais, marujos e fuzileiros, enquanto nos conveses inferiores havia noventa foguistas e pessoal da sala de máquinas. Hoje, todas as velas se achavam recolhidas e os conveses preparados para a ação.

— Um dia aprazível, almirante — comentou Sir William.

Estavam no tombadilho superior, com Phillip Tyrer e Marlowe, que haviam se cumprimentado em silêncio, pairando por perto.

— Por enquanto — concordou o almirante, contrafeito, sempre pouco à vontade na presença de civis, ainda mais de alguém como Sir William, que era seu superior. — Meus alojamentos estão à disposição lá embaixo, se desejar se recolher.

— Obrigado.

As gaivotas mergulhavam e gritavam na esteira do navio. Sir William contemplou-as por um momento, tentando se livrar de sua depressão.

— Obrigado, mas prefiro ficar aqui em cima. Já conhece o Sr. Tyrer, não é mesmo? Ele é nosso novo aprendiz de intérprete.

Pela primeira vez, o almirante admitiu a presença de Tyrer.

— Seja bem-vindo a bordo, Sr. Tyrer. Bem que precisamos de pessoas que falem japonês por aqui. Como está seu ferimento?

— Não muito ruim, senhor, obrigado — murmurou Tyrer, querendo se refugiar de novo no anonimato.

— Ótimo. Um incidente lamentável.

Os olhos azuis-claros do almirante esquadriharam o mar e seu navio, o rosto corado e curtido, bochechas pendentes, uma dobra de carne na nuca, por cima do colarinho engomado. Por um instante, ele avaliou a fumaça, com um olhar crítico, registrando a cor e o

cheiro, depois soltou um grunhido, removeu alguns fragmentos de poeira de carvão do impecável colete.

— Algum problema?

— Não, Sir William. O carvão que obtemos aqui não se compara com o melhor de Xangai, muito menos com o bom carvão de Gales ou Yorkshire. Tê-los aqui seria demais. É bastante barato, quando conseguimos comprá-lo, o que não acontece com freqüência. Deveria exigir um aumento do suprimento. Esse é um grande problema para nós aqui.

Sir William acenou com a cabeça, cansado.

— Já insisti, mas parece que não há carvão nesta região.

— É de péssima qualidade, de onde quer que venha. Não podemos usar as velas hoje, não com este vento contrário. A assistência das máquinas é perfeita para esse tipo de exercício, para as manobras perto da terra e para atracar. Com o melhor vaso de guerra em operação, só com as velas, até mesmo um clíper, levaríamos cinco vezes mais tempo para chegar a Iedo, e não teríamos espaço de mar suficiente para uma margem de segurança. Mas é uma pena.

Sir William estava de mau humor, depois de outra noite insone, e reagiu no mesmo instante à descortesia e estupidez do almirante, dizendo-lhe algo que era óbvio:

— É mesmo? Pois não importa, já que muito em breve teremos só caçambas fétidas, sem qualquer vela.

Tyrer disfarçou um sorriso, enquanto o almirante corava, porque era uma questão sensível para todos os oficiais da marinha, discutida nos jornais de Londres, que jocosamente diziam que as futuras esquadras seriam formadas por “caçambas fétidas de vários tamanhos, comandadas por fedorentos de vários tamanhos, vestidos de acordo”.

— Isso não vai acontecer em futuro previsível. E jamais para longos cruzeiros, bloqueios ou esquadras de batalha. — O almirante falava com raiva. — Não há a menor possibilidade de transportar todo o carvão necessário entre portos e ainda contarmos com navios em condições de combate. Precisamos de velas para poupar combustível. Os civis não têm a menor noção dos problemas navais...

Isso o lembrou das críticas do atual governo liberal às estimativas da marinha, e sua pressão aumentou mais um pouco.

— Para garantir nossas rotas marítimas, mantendo o império inviolável, a marinha real, como um dos fundamentos da política governamental, deve conservar a equação de duas vezes mais navios... de madeira ou couraçados, a vapor e vela... do que as duas marinhas seguintes juntas, com os maiores e melhores motores, os mais modernos canhões, granadas e explosivos do mundo.

— Uma idéia admirável, mas agora superada, inviável, e receio que dispensa demais para o ministro das finanças e o governo aceitarem.

É melhor que isso não ocorra, por Deus! — A dobra de carne na nuca se tornara vermelha.

— É melhor o Sr. Avarento Gladstone aprender logo quais devem ser suas prioridades. Já falei isso antes: quanto mais depressa os liberais deixarem o governo, e os *tories* voltarem, melhor! Não por causa deles, mas, graças a Deus, a marinha real ainda conta com navios e poder de fogo suficientes para afundar as quadras de franceses, russos ou americanos, até em suas águas territoriais, se necessário! Mas o que aconteceria se esses três países se unissem contra nós num conflito próximo?

Irritado, o almirante virou-se, e berrou para Marlowe, que se encontrava próximo:

— Sr. Marlowe! Sinalize para a Pearl! Ela está fora de sua posição, por Deus!

— Pois não, senhor.

Marlowe afastou-se, apressado. Sir William olhou para a popa, nada percebendo de errado com os navios que vinham atrás, e depois tornou a se concentra no almirante.

— Russell, nosso ministro do exterior, é esperto demais para permitir que isso ocorra. A Prússia vai entrar em guerra com a França, a Rússia ficará de fora os americanos estão envolvidos demais com sua guerra civil, Cuba e as Filipinas em poder dos espanhóis e farejando as ilhas havaianas. Por falar nisso, propus anexarmos uma ou duas dessas ilhas, antes que os americanos o façam, pois seriam escalas perfeitas para reabastecimento de carvão...

Marlowe, amargurado, encaminhou-se para o sinaleiro, os olhos fixados na H.M.S. Pearl, seu navio, uma fragata da classe Jason, com três mastros, uma única chaminé, vinte e um canhões, capacidade de 2.100 toneladas, temporariamente sob o comando de seu segundo homem, o tenente Lloyd, desejando estar a bordo do outro navio, não mais um laçao do almirante. Transmitiu a mensagem ao sinaleiro, observou-o usar as bandeiras de sinalização e leu a resposta antes que o rapaz a comunicasse:

— Ele diz que lamenta, senhor.

— Há quanto tempo é sinaleiro?

— Três meses, senhor.

— É melhor rever seus códigos, com a maior atenção. A mensagem disse: “Comandante Lloyd da H.M.S. Pearl pede desculpas.” Cometa outro erro e vai ficar com os ovos no espremedor.

— Desculpe, senhor — balbuciou o rapaz, desolado.

Marlowe voltou para junto do almirante. Aliviado, descobriu que a briga era potencial entre os dois homens parecia ter amainado e agora eles discutiam planos alternativos de ação em Iedo e as implicações a longo prazo do ataque na *Tokaidô*. Enquanto esperava por uma pausa na conversa, Marlowe, cauteloso, alteou uma

sobrancelha para Tyrer, que sorriu em resposta. Queria ser dispensado para perguntar ao outro sobre Kanagawa e Angelique. Tivera de partir no mesmo dia em que Sir William chegara, três dias antes, e não tinha informações diretas sobre o que ocorrera desde então.

— O que é, Sr. Marlowe?

O almirante escutou a mensagem e acrescentou, em tom ríspido:

— Mande outra mensagem: apresente-se em minha nave capitânia ao pôr-do-sol. — Ele percebeu que Marlowe estremecia. — É isso mesmo, Sr. Marlowe. Um pedido de desculpas é insuficiente para negligência em minha esquadra. Ou acha que é?

— Claro que não, senhor.

— Sempre considere com todo cuidado o homem a quem entrega o comando do seu navio.

O almirante Ketterer tornou a se virar para Sir William.

— O que era mesmo que estava dizendo? Você não...

Uma rajada de vento sacudiu o massame. Os dois oficiais levantaram os olhos para o cabo, depois para o céu, esquadrinham tudo ao redor, sentindo o vento. Ainda não havia sinal de perigo, mas ambos sabiam que o tempo naquele mês era imprevisível e as tempestades surgiam de repente naquelas águas.

— Acha mesmo que as autoridades, esse tal de *Bakufu*, não vão atender as nossas exigências?

— Não sem alguma demonstração de força. Recebi outro pedido de desculpas deles à meia-noite, com a solicitação do prazo de um mês para poderem “consultar os superiores”, essas bobagens... como eles sabem tergiversar! Mandeí o mensageiro de volta com a pulga atrás da orelha, levando um recado um tanto grosseiro, de que queremos satisfações imediatas, ou eles vão se arrepender.

— Agiu muito bem.

— Quando ancorarmos ao lago de Iedo, podemos disparar tantas salvas quanto for possível, criando uma sensação?

— Daremos uma salva de vinte e um tiros, uma saudação real. Suponho que esta missão pode ser interpretada como uma visita formal à realeza dos japoneses. — Sem se virar, o almirante acrescentou, em tom outra vez ríspido: — Sr. Marlowe, dê a ordem, para toda a esquadra; pergunte ao almirante francês se pode fazer a mesma coisa.

— Pois não, senhor.

Marlowe tornou a bater continência e se afastou, apressado.

— O plano para Iedo ainda é o que combinamos?

Sir William acenou com a cabeça.

— É, sim. Eu e meu grupo vamos desembarcar, iremos até a legação... uma centena de soldados, como guarda de honra, deve ser suficiente. Os Highlanders, com seus uniformes e gaitas de foles, causarão a maior impressão. O resto do plano continua como antes.

— Ótimo. — Apreensivo, o almirante olhou para a proa. — Poderemos avistar Iedo depois que contornarmos aquele promontório.

Ele fez uma pausa, contraiu o rosto e acrescentou:

— Uma coisa é fazer ameaças e disparar salvas de canhão, mas não concordo em bombardear e incendiar a cidade... sem um estado de guerra legal.

Sir William respondeu com todo cuidado:

— Vamos torcer para que eu não tenha de pedir a Lorde Palmerston por uma declaração de guerra, nem ser obrigado a legalizar um conflito que nos imponham. Enviei um relatório completo. Só teremos sua resposta daqui a quatro meses e, naturalmente, antes disso, temos que fazer o melhor que pudermos, como sempre. Os assassinatos devem cessar e o *Bakufu* deve ser controlado, de um jeito ou de outro. Este é o momento perfeito.

— As instruções do almirantado são para ter prudência.

— Pelo mesmo correio, enviei uma mensagem urgente ao governador de Hong Kong, comunicando o que planejava fazer, e indagando que reforços de navios e homens estariam disponíveis, em caso de necessidade. Também perguntei pelo estado de saúde do Sr. Struan.

— É mesmo? Quando despachou essa mensagem, Sir William?

— Ontem. A Struan tinha um clíper disponível e o Sr. McFay concordou que o problema exigia toda urgência possível.

Ketterer comentou, em tom cáustico:

— Todo esse incidente parecer ser uma causa célebre da Struan. O homem assassinado mal é mencionado, só ouço falar em Struan, Struan, Struan.

— O governador é amigo pessoal da família, e a família... hum... é muito bem relacionada, muito importante para os interesses comerciais de sua majestade na Ásia e na China.

— Sempre achei que não passavam de um bando de piratas, contrabandeando armas e ópio, qualquer coisa pelo lucro.

— As duas coisas são legais, meu caro almirante. A Struan é altamente respeitável, almirante, com ligações muito importantes no Parlamento.

O almirante não se mostrou impressionado.

— Há muita gente que não presta ali, se não se importa que eu o diga. Uns idiotas, durante a maior do tempo tentando cortar as verbas da marinha, reduzir nossas esquadras... uma estupidez, já que a Inglaterra depende do poder marítimo.

— Concordo que precisamos da melhor marinha, com os oficiais mais competentes, para executar a política imperial — declarou Sir William.

Marlowe, perto do almirante, percebeu a farpa mal disfarçada. Um rápido olhar para a nuca do seu superior confirmou que a farpa fora registrada. Ele se preparou para o inevitável.

— Política imperial? — repetiu o almirante. — Parece-me que a marinha passa a maior parte do seu tempo livrando civis e mercadores de enrascadas, quando sua ganância e hipocrisia os levam a situações em que nunca deveriam se meter, em primeiro lugar. Quanto aos bastardos ali... — o dedo grosso apontou para Iocoama, a bombordo. — ...são os piores canalhas que já conheci.

— Alguns são, a maioria não, almirante. — Sir William empinou o queixo. — Sem mercadores, sem comércio, não haveria dinheiro, nem império, nem marinha.

O pescoço vermelho se tornou púrpura.

— Sem a marinha não haveria comércio e a Inglaterra não teria se tornado a maior nação do mundo, a mais rica, com o maior império que o mundo já conheceu!

“Isso é besteira”, Sir William teve vontade de gritar, mas sabia que se o fizesse ali, no tombadilho superior da nave capitânia, o almirante teria um ataque apoplético. Marlowe e todos os marujos nas proximidades ficariam furiosos. O pensamento divertiu-o e removeu a maior parte do veneno que as noites insones pelo incidente na *Tokaidô* haviam causado, permitindo-lhe ser diplomático.

— A Marinha é a força principal, almirante, e muitos partilham sua opinião. Posso supor que chegaremos no prazo previsto?

— Claro que chegaremos.

O almirante relaxou os ombros, um tanto apaziguado, com dor de cabeça devido à garrafa de porto que consumira depois do jantar, somando-se à de clarete.

O navio desenvolvia uma velocidade de cerca de sete nós, contra o vento, o que o retardava. Ele verificou a disposição da esquadra. Agora a H.M.S. Pearl se mantinha bem na popa, com as chalupas de roda, cada uma equipada com dez canhões, a bombordo. A nave capitânia francesa, uma fragata de três mastros, toda revestida de ferro, vinte canhões, navegava descuidadamente a boreste.

— O timoneiro deles devia ser posto a ferros! Aquele navio precisa de uma nova camada de tinta, um novo massame, uma fumigação para acabar com o cheiro de alho, uma boa esfregada nos conveses e um severo castigo para toda a tripulação. Não concorda, Sr. Marlowe?

— Claro que concordo, senhor.

Depois de se certificar de que tudo estava correto, o almirante tornou a se virar para Sir William.

— Essa família Struan e sua Casa Nobre são mesmo tão importantes assim?

— São sim. O comércio que promovem é enorme, sua influência na Ásia, em particular na China, não tem comparação, exceto pela Brock & Sons.

— Conheço os clíperes que eles usam. São bem construídos e muito bem armados. — Uma pausa e o almirante acrescentou, abruptamente: — Por Deus, espero que não tentem negociar ópio ou armas de fogo aqui.

— Pessoalmente, eu concordo, embora não seja contra a atual lei.

— Mas é ilegal, pela lei chinesa. Ou pela japonesa.

— Tem razão, mas há circunstâncias atenuantes — disse Sir William, cansado, pois já dera aquela explicação dezenas de vezes.— Tenho certeza de que sabe que os chineses só aceitam pagamento à vista, em prata ou ouro, pelo chá que precisamos importar, nada mais. Por outro lado, a única mercadoria pela qual pagam à vista, em prata ou ouro, é o ópio. Uma situação lamentável.

— Neste caso, cabe aos próprios mercadores, ao Parlamento e aos diplomatas tirá-los das encrencas. Durante os últimos vinte anos, a marinha real vem impondo leis ilegais na Ásia, bombardeando portos e cidades da China, cometendo os piores atos de guerra, em minha opinião apenas para sustentar o comércio do ópio... uma desonra para nós.

Sir William suspirou. As ordens que recebera do subsecretário permanente haviam sido claras:

— Pelo amor de Deus, meu caro Willie, esta é a primeira vez em que será o ministro em comando, por isso deve tomar muito cuidado. Não tome quaisquer decisões precipitadas, a menos que sejam necessárias. Tem uma sorte espantosa, pois o fio do telégrafo já

alcançou Bagdá. Assim, podemos receber e enviar mensagens para lá num prazo incrível de apenas sete dias. Acrescente-se a mais umas seis semanas de vapor até Iocoama, através do golfo Pérsico e oceano Índico, via Cingapura e Hong Kong, e nossas instruções levarão só dois meses para chegar... não os dez ou quinze meses que demoravam há dez anos. Portanto se precisar de orientação, o que vai acontecer sempre, se for sensato, ficará apenas quatro meses fora do nosso controle, o que constitui a única coisa que protegerá seu pescoço e o nosso império. Entendido?

— Entendido, senhor.

— Regra número um: Trate os militares com luvas de veludo e nunca prevaleça sobre eles de forma leviana. Lembre-se de que sua vida e a de todos os ingleses em sua área dependem deles. Os militares tendem a ser cabeças-duras o que é ótimo, pois obviamente precisamos de muitos homens assim para irem até lá e morrerem em defesa da... ahn... nossa política imperial. Não cometa exageros. O Japão é insignificante, mas situa-se em nossa esfera de influência, e temos investido considerável tempo e dinheiro para manter a distância russos, americanos e franceses. Não arme nenhuma confusão em nosso ninho japonês. Já temos problemas demais no prato imperial com rebeldes indianos, afeganes, árabes africanos, persas, caribenhos e chineses, para não falar dos insidiosos europeus, americanos, russos, etc. Meu caro Willie, seja diplomático e não nos crie mais problemas!

Sir William tornou a suspirar, reprimiu a irritação e repetiu o que já dissera uma dúzia de vezes, a verdade:

— Muito do que disse é correto, mas infelizmente temos de ser práticos. Sem o imposto sobre o chá, toda a economia britânica sofreria um colapso. Vamos torcer para que nossas plantações de ópio em Bengala possam ser queimadas dentro de poucos anos. Enquanto isso, terão de ser pacientes.

— Enquanto isso, sugiro que proíba aqui todo o ópio, todas as armas modernas, todos os navios de guerra modernos e toda a escravidão.

— Claro que concordo sobre a escravidão, que está proibida desde 1.833. — Havia uma exasperação perceptível na voz de Sir William.
— Os americanos já foram informados a respeito há muito tempo. Quanto ao resto, a decisão é de Londres.

O almirante empinou o queixo ainda mais.

— Pois neste caso, senhor, quero que saiba que tenho certos poderes nestas águas. E pretendo instituir um embargo agora. Ouvi rumores inquietantes de que a Struan encomendou fuzis e canhões para vender. Já venderam aos nativos três ou quatro vapores armados, e os japoneses aprendem muito depressa, para o meu gosto. Escreverei formalmente ao almirantado, remetendo pelo correio de amanhã, para pedir que exijam que minhas ordens sejam tornadas permanentes.

O ministro contraiu o rosto, plantou os pés com mais firmeza ainda no convés, e respondeu em voz gelada:

— Uma idéia admirável. Também enviarei uma mensagem pelo mesmo correio. Enquanto isso, não pode dar tal ordem sem a minha aprovação, e até recebermos uma nova orientação do Ministério do Exterior, o *status quo* permanece o *status quo*.

Os dois assessores empalideceram. O almirante fitou Sir William com uma expressão desdenhosa. Todos os oficiais e a maioria dos homens teriam se intimidado, mas Sir William sustentou o olhar calmamente.

— Eu... levarei em consideração o que disse, Sir William. E agora, se me dá licença, tenho outras coisas a tratar.

Ele virou-se, seguiu para a ponte de comando. Hesitante, Marlowe começou a acompanhá-lo.

— Pelo amor de Deus, Marlowe, pare de me seguir como um cachorrinho fiel! Se eu precisar de você, gritarei. Apenas trate de se manter a uma distância em que possa me ouvir.

— Pois não, senhor.

Depois que o almirante se afastou, Marlowe soltou um suspiro de alívio. Sir William também suspirou, enxugou o suor da testa e murmurou:

— Fico contente por não estar na marinha.

— Eu também — acrescentou Tyrer, espantado com a coragem do ministro. Marlowe tinha o coração disparado, pois detestava que gritassem com ele, mesmo sendo um almirante, mas não podia deixar de se manifestar.

— Eu... ahn... Desculpe, senhor, mas a esquadra está muito segura nas mãos do almirante, e todos achamos que ele tem razão sobre a venda de navios, armas de fogo, canhões e ópio. Os japoneses já começaram a construir navios e fabricar pequenos canhões. Este ano levaram o seu primeiro vapor de ferro, o Kanrin Maru, de trezentas toneladas, até San Francisco, comandado e tripulado apenas por japoneses. Já dominam o alto-mar, o que é extraordinário, em tão pouco tempo.

— Tem razão.

Sir William especulou, por um instante, como a delegação japonesa, que viajara com o navio, se saíra em Washington, e que nova insídia o presidente Lincoln teria tramado contra o nosso glorioso império. Não somos dependentes do algodão confederado para os nossos teares de Lancashire, que estão sendo levados à ruína? Ele estremeceu. Que guerra desgraçada! E os políticos, o próprio Lincoln... Não dava para esquecer o que o homem dissera em seu discurso de posse, em março:

— ...este país pertence ao povo, e sempre que o povo se cansar de seu governo, pode exercer seu direito constitucional de corrigi-lo ou o direito revolucionário de desmembrá-lo ou derrubá-lo...

Um discurso incendiário, para dizer o mínimo! Se essa idéia se espalhasse pela Europa... Oh, Deus, seria terrível! Podemos entrar em guerra contra eles a qualquer momento, pelo menos no mar. Precisamos do algodão.

Ele tentava recuperar o controle, aliviado porque o almirante recuara, e ainda se censurando por ter-se irritado. Você precisa ter mais cuidado, e não deve se preocupar tanto com Iedo e com sua decisão estúpida e arrogante de “ir até lá em cinco dias, num navio de guerra, e ver o xógum de qualquer maneira!”, como se fosse o Clive da Índia. Você não é. Este é o seu primeiro serviço no Extremo

Oriente, não passa de um novato. É uma loucura arriscar esses homens por causa de uns poucos assassinatos, uma loucura assumir o risco de uma guerra em larga escala. Mas será mesmo?

Lamento, mas não é.

Se o *Bakufu* escapar impune dessas mortes, então não haverá mais fim. Seremos obrigados a bater em retirada... até que as esquadras de batalha aliada voltem para impor a vontade imperial a ferro e fogo. Sua decisão é correta, mas a maneira de implementá-la está errada. Mas é muito difícil sem ter alguém com quem conversar... alguém em quem possa confiar. Graças a Deus que Daphne chegará dentro de dois meses. Nunca imaginei que sentiria tanta saudade dela e de seus conselhos. Mal posso esperar para vê-la e às crianças... dez meses é muito tempo, e sei que a mudança dos nevoeiros densos e da desolação de Londres a deixará feliz e satisfeita, e será ótimo para as crianças. Bem que precisamos de algumas damas ingleses na colônia, do tipo certo. Faremos algumas viagens e ela transformará a legação num lar.

Seus olhos focalizaram o promontório de que se aproximava. Depois de contorná-lo, avistariam Iedo, disparariam as salvas. Seria uma iniciativa sensata? Espero que sim. Depois, o desembarque, a ida para a legação. Você tem de fazer isso... e se preparar para a

reunião amanhã. Está sozinho nisso. Henri Seratard torce para que ponha tudo a perder. E o russo também.

Mas o comando é seu, a função é sua, e não se esqueça de que queria ser “ministro” em algum lugar, qualquer lugar. Acabei conseguindo, mas nunca pensei que seria no Japão! Maldito Ministério do Exterior! Nunca estive numa situação assim: toda a minha experiência foi com a seção francesa ou russa em Londres, ou na corte de São Petersburgo, em diversos postos, da gloriosa Paris a Mônaco, sem jamais ter um navio de guerra ou um regimento à vista... Marlowe estava dizendo, a voz um pouco tensa:

— Espero que não se importe, senhor, de eu dar minha opinião sobre a posição do almirante.

— Claro que não me importo. — Sir William fez um esforço para pôr de lado sua preocupação: tentarei evitar a guerra, mas se tiver de ser, será. — Tem toda razão, Sr. Marlowe, e me sinto honrado por ter o almirante Ketterer no comando.

Ele sentiu-se melhor no mesmo instante, e tratou de acrescentar:

— Nossa divergência de opinião foi sobre o protocolo. Ao mesmo tempo, no entanto, devemos encorajar os japoneses a se industrializarem, a se tornarem navegadores. Um navio ou vinte não é motivo de preocupação. Devemos encorajá-los... não estamos aqui para colonizar, mas nós é que devemos treiná-los, Sr. Marlowe, não os holandeses, nem os franceses. Obrigado por me lembrar... quanto mais tivermos influência aqui, melhor.

Sir William sentia-se mais relaxado. Era raro poder falar com tanta liberdade assim a um oficial, mas ficara impressionado com Marlowe, tanto aqui quanto em Kanagawa.

— Todos os oficiais detestam os civis e os mercadores?

— Não, senhor. Mas não creio que muitos de nós sejam capazes de compreendê-los. Temos vidas diferentes, prioridades diferentes. Às vezes, é muito difícil para nós.

A maior parte da atenção de Marlowe se fixava no almirante, que conversava com o comandante, na ponte de comando. O sol varou as nuvens e, no mesmo instante, o dia pareceu melhor.

— Estar na marinha é tudo o que sempre desejei — acrescentou Marlowe.

— Sua família é naval?

Marlowe respondeu com o maior orgulho:

— É, sim, senhor.

Ele teve vontade de informar que o pai era comandante, em serviço na esquadra baseada na Inglaterra, assim como o avô, que fora o comandante do Soya Sovereign, a nave capitânia do almirante lorde Collingwood em Trafalgar, e todos os seus antepassados haviam

pertencido à marinha, desde que começara a existir. Até antes disso, segundo a tradição, navegavam em corsários que partiam de Dorset, de onde vinha a família — Vivemos ali, na mesma casa, há mais de quatro séculos. Mas Marlowe não disse nada disso, pois o treinamento lhe inculcava que seria dar a impressão de que se gabava. Limitou-se a acrescentar:

— Minha família vem de Dorset.

— E a minha é do norte da Inglaterra, Northumberland, por gerações — comentou Sir William, distraído, observando o promontório, cada vez mais próximo, e pensando no *Bakufu*. — Meu pai morreu quando eu ainda era jovem. Foi um membro do Parlamento, com interesses comerciais em Sunderland e Londres, envolvido no comércio báltico e com peles russas. Minha mãe era russa, por isso fui criado falando duas línguas. Foi o que me valeu galgar o primeiro degrau no Ministério do Exterior. Ela era...

Sir William controlou-se a tempo, aturdido por ter revelado tanta coisa, espontaneamente. Já ia dizer que a mãe nascera como condessa Sveva, uma prima dos Romanovs, que ainda vivia, e fora outrora dama de companhia da rainha Victoria. Preciso me concentrar... como se a minha família e meus antecedentes tivessem qualquer coisa a ver com o nosso problema aqui.

— E você, Tyrer?

— Sou de Londres, senhor. Meu pai é advogado, como meu avô. — Phillip Tyrer soltou uma risada. — Depois que me formei, na Universidade de Londres, e anunciei que queria ingressar no Ministério do Exterior, ele quase teve um ataque! E quando me candidatei a ser um intérprete no Japão, meu pai disse que eu tinha enlouquecido.

— Talvez ele estivesse certo. Você tem muita sorte por continuar vivo, e mal completou uma semana aqui. Não concorda, Marlowe?

— Claro, senhor. É a pura verdade. — Marlowe julgou que o momento era apropriado. — Por falar nisso, Phillip, como está o Sr. Struan?

— Nem bem, nem mau, para repetir George Babcott.

— Espero que ele se recupere — murmurou Sir William, sentindo uma súbta pressão nas entranhas.

Quando fora a Kanagawa, três dias antes, Marlowe esperava por seu cúter e relatara o que sabia sobre Struan e Tyrer, a morte do soldado, o suicídio do assassino, a perseguição ao outro japonês.

— Corremos atrás do bandido, Sir William, Pallidar e eu, mas ele desapareceu como que por encanto. Revistamos todas as casas ao redor, mas não o encontramos. Tyrer acha que eles podem ser os dois atacantes da *Tokaidô*, senhor, os assassinos, mas não tem certeza. Afinal, todos esses japoneses são parecidos, não é mesmo?

— Mas se eram os dois, por que se arriscariam a entrar na legação?

— A melhor conclusão a que pudemos chegar, senhor, foi a de que talvez tenham entrado para impedir uma identificação e terminar o

trabalho.

Haviam deixado o cais e seguiam apressados pelas ruas desertas, com uma aparência sinistra.

— E como está a moça, Sr. Marlowe?

— Parece bem, senhor, apenas abalada.

— Graças a Deus por isso. O ministro francês está tenso com o “vil insulto à honra da França e uma de suas cidadãs, que também se encontra sob a sua guarda”. Quanto mais cedo ela voltar a Iocoama, melhor... e por falar nisso, o almirante me pediu para lhe dizer que deve voltar a Iocoama imediatamente. Há muita coisa a fazer. Decidimos... ahn... fazer uma visita formal a Iedo, na nave capitânia, daqui a três dias...

Marlowe sentira seu excitamento explodir. Os combates no mar ou em terra eram a única maneira de obter promoções rápidas e alcançar logo o posto de almirante, que sonhava em conquistar a qualquer custo. Deixaria o pai orgulhoso, e lhe proporcionaria uma grande vantagem sobre Charles e Percy, os dois irmãos mais jovens, ainda tenentes.

E agora, no convés da nave capitânia, com o sol brilhando, sentindo as vibrações dos motores, seu excitamento tornou a aflorar.

— Estaremos ao largo de Iedo muito em breve, senhor. Sua entrada será espetacular, os assassinos serão entregues, receberá as indenizações e qualquer outra coisa que quiser.

Tanto Tyrer quanto Sir William perceberam o excitamento. Sir William, porém, manteve-se frio.

— Assim espero. Bom, vou descer por um momento. Não, obrigado, Sr. Marlowe, não precisa me acompanhar. Conheço o caminho.

Com intenso alívio, os dois jovens observaram-no se afastar. Marlowe tornou a verificar se o almirante continuava à sua vista, antes de indagar:

— O que aconteceu em Kanagawa depois que fui embora, Phillip?

— Foi... extraordinário... ela se mostrou extraordinária, se é isso o que quer saber.

— Como assim?

— Ela desceu por volta das cinco horas, foi direto ver Malcolm Struan, ficou com ele até a hora do jantar... foi a ocasião em que tornei a vê-la. Parecia... parecia mais velha, não, não é essa a palavra certa, não mais velha, mas sim mais séria do que antes, mecânica. George diz que ela ainda se encontra numa espécie de estado de choque. Durante o jantar, Sir William disse que a levaria

de volta a Iocoama, mas ela agradeceu e recusou, alegando que primeiro queria ter certeza de que Malcolm ia ficar bom. Nem ele, nem George, ninguém conseguiu persuadi-la a mudar de idéia. Ela mal comeu, e retornou em seguida ao quarto de Malcolm na enfermaria, ali permaneceu, insistiu que instalassem um catre ao lado da cama, para poder estar disponível, se por acaso ele precisasse. Nos dois dias seguintes, até ontem, quando voltei a Iocoama, ela mal saiu do seu lado, e quase não falou com ninguém.

Marlowe reprimiu um suspiro.

— Ela deve amá-lo.

— Essa é a parte estranha. Pallidar e eu achamos que não é esse o motivo. É quase como se ela... bem, desencarnada é uma palavra forte demais. A impressão é de que ela vive parcialmente num sonho, e só se sente segura ao lado de Malcolm.

— Santo Deus! O que disse o Serra-Ossos?

— Ele se limitou a dar de ombros, disse que devíamos ser pacientes, não nos preocuparmos, e que ela é o melhor tônico que Malcolm Struan podia ter.

— Posso imaginar. Como ele está realmente?

— Drogado na maior parte do tempo, sentindo muita dor, vomitando, os intestinos soltos... não sei como ela suporta o cheiro, apesar de a janela ficar aberta durante todo o tempo.

O medo envolveu os dois, ao pensamento de ficar tão ferido, tão impotente. Tyrer olhou fixamente para a frente, a fim de esconder suas emoções, ainda profundamente consciente de que seu próprio ferimento não sarara por completo, sabendo que ainda podia gangrenar, e que seu sono era povoado por pesadelos com samurais, espadas ensangüentadas e Angelique.

— Todas as vezes em que fui visitar Malcolm... e para vê-la, devo ser sincero... ela me respondeu apenas com “sim, não, ou não sei”. Depois de algum tempo, acabei desistindo. Mas ela continua atraente como sempre.

Marlowe especulou: Se Struan não estivesse no caminho, ela seria mesmo inacessível? Até que ponto Tyrer poderia ser um sério rival? Pallidar ele descartou, não estava no mesmo nível... Angélique jamais poderia gostar daquele idiota Pomposo.

— Ei, olhe só! — exclamou Tyrer.

Estavam contornando o promontório e podiam avistar à frente a vasta baía de Iedo e o mar aberto a boreste, a fumaça dos fogos de cozinha da imensa cidade e a rodeá-la, a paisagem dominada pelo castelo. Espantoso era o fato de que a cidade se encontrava quase vazia das incontáveis barcas, sampanas e embarcações de pesca que normalmente abundavam, as poucas ainda restantes se encaminhando pesadas para a praia. Tyrer se mostrou apreensivo.

— Vai haver guerra?

Depois de uma pausa, Marlowe respondeu:

— Eles foram avisados. A maioria de nós pensa que não, pelo menos não uma guerra em larga escala, ainda não, não desta vez. Haverá incidentes...

E depois, porque gostava de Tyrer e admirava suacoragem, Marlowe resolve abrir sua mente:

— Haverá incidentes e escaramuças, de diversas proporções, alguns dos nossos serão mortos, alguns descobrirão que são covardes, alguns se tornarão heróis, a maioria ficará apavorada de vez em quando, alguns serão condecorados mas não resta a menor dúvida de que, ao final, venceremos.

Tyrer pensou a respeito, recordando como se sentira amedrontado, e como Babcott o convencera de que a primeira vez era a pior, como

Marlowe demonstrara sua bravura ao correr atrás do assassino, como Angelique era deslumbrante... e como era bom estar vivo, ser jovem, ter um pé na escada para o posto de "ministro". Ele sorriu. Sua animação contagiou Marlowe, que murmurou:

— Vale tudo no amor e na guerra, não é mesmo?

Angelique estava sentada junto à janela da enfermaria em Kanagawa, o olhar perdido no espaço, um lenço perfumado encostado no nariz. De vez em quando, os raios do sol passavam pelas nuvens brancas. Por trás dela, Struan se mantinha meio desperto, meio adormecido. No jardim, soldados circulavam em patrulhas constantes. Desde o ataque, a segurança fora redobrada, com mais tropas vindas do acampamento em Iocoama, e Pallidar temporariamente no comando. Uma batida na porta arrancou-a de seu devaneio.

— O que é? — murmurou ela, escondendo o lenço na mão.

Era Lim, acompanhado por um criado chinês, carregando uma bandeja.

— Comida para o amo. A senhorita também vai comer?

— Ponha ali! — ordenou Angelique, apontando para a mesa ao lado da cama. Ela já ia pedir também que trouxessem sua bandeja, como sempre, mas mudou de idéia, achando que seria mais seguro. — Esta noite vou comer na sala de jantar, entende?

— Entendo.

Lim riu para si mesmo, sabendo que ela usava o lenço quando pensava que ninguém a observava. Será que seu nariz é tão pequeno e delicado quanto aquela outra parte? Seria pelo cheiro? Mas qual é o cheiro de que eles se queixam? Ainda não há o cheiro da morte por aqui. Devo dizer ao filho do *tai-pan* que são más as notícias que chegam de Hong Kong? Não, é melhor ele descobrir por si mesmo.

— Entendo — repetiu Lim, oferecendo um sorriso radiante, antes de se retirar.

Num gesto automático, Angelique ofereceu a canja.

— *Chéri?*

— Mais tarde, obrigado, querida — murmurou Malcolm Struan, como era esperado, a voz fraca.

— Tente tomar um pouco — insistiu ela, como sempre, ouvindo outra vez a recusa.

De volta à sua cadeira junto à janela, a seus sonhos... de que se encontrava de novo em sua casa em Paris, sã e salva, na casa enorme do tio Michel e de sua querida Emma, a aristocrática tia inglesa que a criara e a seu irmão, quando o pai partira para Hong Kong, há tantos anos, todos cercados de luxo, Emma planejando almoços, passeando pelo *Bois* em seu esplêndido garanhão, a inveja de todos, encantando a aristocracia, sendo adulada em troca, e depois fazendo uma reverência graciosa para o imperador Luís Napoleão — o sobrinho de Napoleão Bonaparte — e sua imperatriz Eugénie, recebendo um sorriso de ambos.

Camarotes nos teatros, *La Comédie Française*, mesas seletas em *Trois Frères provençaux*, sua maioridade, dezessete anos, o assunto da temporada, tio Michel relatando suas aventuras nas mesas de jogo e nas corridas de cavalos, sussurrando histórias picantes sobre seus amigos aristocratas, sua amante, a condessa Beaufois, bela, sedutora e devotada.

Tudo devaneios, é claro, pois tio Michel era apenas um funcionário subalterno no Ministério da Guerra, e Emma, embora inglesa, não passava de uma atriz de um grupo itinerante de artistas

shakespearianos, filha de um guarda-livros, sem dinheiro suficiente para a ostentação que Angélique julgava tão necessária, na capital do mundo, para o cavalo espetacular, ou a carruagem, indispensáveis para se ter acesso à verdadeira sociedade, aos escalões superiores, onde poderia conhecer jovens dispostos a casarem, não apenas a levá-la para a cama e exibi-la e depois preteri-la em favor de uma flor mais jovem.

— Por favor, tio Michel, por favor! É tão importante!

— Sei disso, minha querida — respondera ela, com uma tristeza evidente, quando Angélique completara dezessete anos e pedira de presente um cavalo castrado, com trajes de montaria condizentes. — Não há mais nada que eu possa fazer. Não há mais favores que eu possa pedir, não há mais pessoas a quem possa pressionar, não há mais agiotas a quem possa persuadir. Não conheço nenhum segredo de Estado para vender, nem príncipes a promover. E tenho de pensar também em seu irmão mais jovem e em nossa filha.

— Por favor, tio querido!

— Tenho uma última idéia, e francos suficientes para uma passagem modesta, a fim de que possa viajar ao encontro de seu pai. E para comprar umas poucas roupas, não mais do que isso.

E depois a confecção das roupas, todas perfeitas, experimentá-las, ajustando e melhorando, o vestido de seda verde também, além dos outros— tio Michel não Vai se importar —, o entusiasmo da primeira viagem de trem, até Marselha, o Vapor para Alexandria, no Egito, a viagem por terra a Port Said, passando pelas primeiras escavações do canal de *monsieur* de Lesseps, em Suez, que todas as pessoas bem informadas achavam que era apenas uma promoção de venda de ações, nunca seria concluído ou, se fosse, esvaziaria parcialmente o Mediterrâneo, porque era mais alto do que os mares do outro lado. Dali por diante, tudo o que fora suplicado, desde o início, a primeira classe:

— A diferença é tão pequena, meu querido tio Michel...

Ventos suaves, novos rostos, exóticas noites, dias aprazíveis, o começo da grande aventura, e ao final do arco-íris um marido lindo e rico, como Malcolm, e agora tudo arruinado por causa de um nativo asqueroso!

Por que não posso pensar apenas nas partes boas? — perguntou Angelique a si mesma, numa súbita angústia. — Por que os pensamentos agradáveis levam aos desagradáveis, e daí aos pavorosos, e passo a pensar no que de fato aconteceu, desato a chorar?

Não faça isso, ela ordenou a si mesma, reprimindo as lágrimas. Comporte-se. Seja forte!

Decidiu antes de sair de seu quarto: nada aconteceu, vai continuar a agir normalmente, até a próxima regra. Quando começar — e vai começar —, você estará sã e salva.

Mas... e se não vier?

Não pense nisso. Seu futuro não será destruído, isso não seria justo. Vai rezar, e permanecer ao lado de Malcolm, rezar por ele também, bancar a Florence Nightingale, e talvez acabe casando com ele.

Angelique fitou-o por cima do lenço. Para sua surpresa, descobriu que ele a observava.

— O cheiro ainda é tão horrível assim? — indagou Malcolm, desolado.

— Não, *chéri* — respondeu ela, satisfeita porque a mentira parecia mais sincera a cada vez, e exigia menos esforço. — Quer tomar um pouco da canja agora?

Exausto, ele acenou com a cabeça, sabendo que precisava se alimentar, mas sempre acabava vomitando qualquer coisa que ingerisse e rompia os pontos, internos e externos, e a dor que se seguia o deixava acovardado, por mais que tentasse se controlar.

— *Dew neh loh moh* — murmurou ele, uma imprecisão cantonesa, sua primeira língua.

Ela levantou a tigela, e Malcolm tomou um pouco da canja. Angelique limpou seu queixo, fê-lo beber mais um pouco. Metade de Malcolm queria ordenar que ela se mantivesse a distância, até que ele se recuperasse, mas a outra metade tinha pavor de que a moça se retirasse e nunca mais voltasse.

— Lamento tudo isso... e adoro sua presença aqui.

À guisa de resposta, ela apenas tocou em sua testa, gentilmente, querendo ir embora, precisando de ar fresco, não confiando em si mesma para falar. Quanto menos você falar, melhor, concluíra Angelique. Assim, evitará qualquer armadilha.

Observou-se a cuidar de Malcolm, a acomodá-lo, e durante todo o tempo deixava a mente vagar para acontecimentos corriqueiros, voltar a Hong Kong ou Paris, a Paris acima de tudo. Nunca se permitiria remoer o sonho de vigília-sono daquela noite. Nunca durante o dia, seria perigoso demais. Só à noite, quando trancava a porta de seu quarto, e ficava sozinha, segura na cama, é que podia abrir comportas, e deixar os pensamentos viajarem para onde quisessem... Uma batida na porta.

— Pois não?

Babcott entrou. Angelique corou sob seu olhar. Por que sempre penso que ele é capaz de ler meus pensamentos?

— Só queria verificar como estão meus dois pacientes — comentou Babcott, jovial. — Como se sente agora, Sr. Struan?

— Quase a mesma coisa, obrigado.

Os olhos perspicazes do Dr. Babcott notaram que metade da canja desaparecera, mas ainda não havia vômito a limpar. Ótimo. Ele pegou o pulso de Struan. Uma pulsação irregular, nervosa, mas melhor do que antes. A testa ainda pegajosa de suor, ainda com febre, mas também mais baixa do que ontem. Ouso acalentar a esperança de que ele se recupere? Sua boca dizia como o paciente melhorara, que devia ser pelos cuidados da moça, nada tinha a ver

com o médico, as coisas de sempre. Mas também não havia muito mais o que dizer, já que tanto dependia de Deus, se é que existia um Deus. Por que será que sempre acrescento isso? Se.

— Se continuar a melhorar assim, acho que devemos transferi-lo para Iocoama. Talvez amanhã.

— Não seria sensato — protestou Angelique no mesmo instante, assustada com a perspectiva de perder seu refúgio, a voz mais áspera do que desejava.

— Desculpe, mas é a melhor coisa — insistiu Babcott, gentil, querendo acalmá-la, admirando sua coragem e preocupação com Struan. — Eu não aconselharia, se fosse um risco, mas é na verdade o melhor. O Sr. Struan teria ali mais conforto, mais ajuda.

— *Mon Dieu*, o que mais posso fazer? Ele não deve partir, ainda não, ainda não...

— Escute, querida — interveio Struan, tentando parecer forte. — Se ele acha que já posso viajar, seria muito bom. Liberaria você de seus cuidados, tornaria tudo mais fácil.

— Mas não quero ser liberada. Prefiro continuar aqui, cuidando de você, exatamente como agora, sem... sem qualquer confusão.

Angelique sentia seu coração batendo forte, e sabia que parecia histérica, mas não planejara qualquer mudança. Estúpida, você não passa de uma estúpida. Claro que teria de haver uma transferência. Pense! O que pode fazer para evitá-la?

Mas, ao final, não houve necessidade de evitar coisa alguma. Struan estava dizendo que ela não deveria se preocupar, seria melhor se voltassem à colônia, ela ficaria mais segura, ele se sentiria mais feliz, havia dezenas de criados e aposentos no edifício Struan, que se ela quisesse poderia ocupar os aposentos ao lado dos seus e poderia ficar ou partir, conforme desejasse, com um acesso constante de dia e de noite.

— Por favor, não se preocupe, quero que também se sinta satisfeita
— assegurou Malcolm Struan. — Ficaré mais confortável lá, prometo,
e assim que eu melhorar...

Foi nesse instante que um espasmo o dominou e sacudiu.

Depois de limpar tudo e pôr Struan outra vez num sono drogado,
Babcott comentou:

— Seria realmente melhor para ele em Iocoama. Eu contaria com
mais ajuda mais materiais. É quase impossível manter tudo limpo
aqui. Ele precisa... desculpe mas ele precisa de uma ajuda mais
forte. Você faz mais do que imagina por ele mas há certas funções
que seus criados chineses podem desempenhar muito melhor.
Desculpe ser tão rude.

— Não precisa se desculpar, doutor. Tem toda razão, e eu
compreendo.

A mente de Angelique já disparara. A suíte ao lado dos aposentos de Malcolm seria o ideal, com muitos criados, roupas novas. Arrumarei uma costureira e mandarei fazer lindos vestidos, teria uma companhia apropriada, assumirei o comando... dele e do meu futuro.

— Só quero o melhor para ele — acrescentou Angelique, e depois indagou, pois precisava saber: — Por quanto tempo ele ficará assim?

— Confinado à cama e praticamente impotente?

— Isso mesmo. Por favor, diga-me a verdade.

— Não sei. Duas ou três semanas no mínimo, talvez mais, e depois disso ainda não terá mobilidade por um ou dois meses. — Ele fitou o homem inerte por um momento. — Prefiro que não lhe diga nada disso. Só serviria para preocupá-lo, sem necessidade.

Angelique balançou a cabeça, contente e tranqüila agora, com tudo ajustado.

— Não se preocupe. Não direi nada. Rezo para que ele se recupere depressa, e prometo que ajudarei por todos os meios ao meu alcance.

Ao deixá-la, o Dr. Babcott pensava: Por Deus, que mulher maravilhosa! Quer Struan viva ou morra, é um homem afortunado por ser tão amado assim.

9

A salva de vinte e um tiros de canhão, disparada pelos seis navios de guerra, ancorados ao largo de Iedo, acompanhando a nave

capitânia, ressoou interminável. Todo o pessoal na esquadra sentia-se excitado, orgulhoso de seu poderio, e porque chegara o momento para a retaliação.

— Não será preciso mais nada além disso, Sir William — exultou Phillip Tyrer, parado ao lado dele, na amurada, inebriado pelo cheiro de cordite.

A cidade era vasta. Silenciosa. O castelo dominante.

— É o que veremos.

Na ponte de comando da nave capitânia, o almirante disse ao general:

— Isso deve convencê-lo de que nosso Pequeno Willie não passa de um presunçoso com mania de grandeza. E que se dane a saudação

real. É melhor tomarmos cuidado com a nossa retaguarda.

— Tem toda razão. Acrescentarei isso ao meu relatório mensal para o Ministério da Guerra.

No convés da nave capitânia francesa, Henri Seratard fumava seu cachimbo, e ria junto com o ministro russo.

— *Mon Dieu*, meu caro conde, este é um dia feliz! A honra da França será vingada pela arrogância inglesa habitual. É inevitável o fracasso de Sir William. A pérfida Albion se mostra mais pérfida do que nunca.

— E verdade. Só é lamentável que seja a esquadra deles, e não a nossa.

— Mas muito em breve a sua esquadra e a nossa irão substituí-los.

— É verdade. Quer dizer que nosso acordo secreto está confirmado? Depois que os ingleses partirem, nós ficamos com a ilha Norte do Japão, mais Sakhalin, Kurilas e as ilhas que se estendem até o Alasca russo... e o resto é da França.

- Isso mesmo. Assim que Paris receber meu memorando, tenho certeza de que Será ratificado, secretamente, pelos mais altos escalões. — Seratard sorriu. — ainda existe um vácuo, é nosso dever diplomático preenchê-lo...

Com certeza um medo profundo espalhou-se por Iedo. Todos os moradores restantes se juntaram às massas que atulhavam cada rua, estrada e ponte, fugindo com os poucos bens que podiam carregar — sem o uso de rodas em parte alguma, é claro —, cada um esperando que a qualquer momento as granadas e foguetes de que haviam ouvido falar, mas sem jamais terem visto, chovessem sobre a cidade, que pegaria fogo, matando seus habitantes.

— Morte aos *gai-jin!* — era um grito que se ouvia a todo instante.

— Depressa!

— Saiam da frente!

— Depressa!

O pânico era geral, umas poucas pessoas eram pisoteadas ou empurradas do alto das pontes, a maioria continuava a seguir em frente, estoicamente... mas sempre para longe do mar.

— Morte aos *gai-jin*! — gritavam os japoneses, enquanto fugiam.

O êxodo começara naquela manhã, embora no momento em que a esquadra levantara âncora da enseada de Iocoama, três dias antes, os mercadores mais prudentes já tivessem contratado os melhores carregadores e deixado a cidade com suas famílias e seus bens mais valiosos, logo depois que os rumores sobre o lamentável incidente — e os consequentes protestos e exigências dos estrangeiros — espalharam-se por toda parte.

Só permaneceram em seus postos os samurais no castelo e os que guarneciam as defesas externas. E, como sempre, por toda parte, os abutres das ruas, animais e humanos, que espreitavam e farejavam as casas sem trancas, à procura do que podia ser roubado e mais tarde vendido. Bem pouco era roubado. O *Saquê* era considerado um crime hediondo, e desde tempos imemoriais que os culpados eram implacavelmente perseguidos, até serem apanhados e depois crucificados. Qualquer forma de roubo era punida da mesma maneira.

Dentro do castelo, o xógum Nobusada e a princesa Yazu tremiam de medo por trás de um frágil biombo, abraçados, seus guardas, criados e cortesãos prontos para a partida imediata, só aguardando a permissão do guardião para irem embora. Por todo o castelo, homens aprontavam as defesas, outros arreavam cavalos, empacotavam os bens mais valiosos dos anciãos para a evacuação, no instante em que o bombardeio começasse, ou o conselho recebesse o aviso de que as tropas haviam desembarcado.

Na câmara do conselho, numa reunião dos anciãos, convocada às pressas, Yoshi estava dizendo:

— Repito, não acredito que eles nos ataquem à força ou...

— E não vejo motivo para esperarmos — interrompeu-o Anjo. — O mais prudente é partirmos, pois eles iniciarão o bombardeio a qualquer momento. O primeiro canhoneio foi uma advertência.

— Não penso assim. Acho que foi apenas um anúncio arrogante de sua presença. Nenhuma bomba caiu na cidade. A esquadra não vai nos bombardear. Repito que estou convencido de que a reunião de amanhã ocorrerá como foi planejado. E nessa re...

— Como você pode ser tão cego? Se nossas posições fossem invertidas. E você comandasse a esquadra, contando com todo esse poderio, hesitaria por um instante sequer? — Anjo tremia de raiva.
— E então, hesitaria?

— Não, claro que não! Mas eles não são como nós e nós não somos com eles, esse é o meio para controlá-los.

— Você fala de maneira incompreensível! — exasperado, Anjo virou-se para os outros três conselheiros. — O xógum deve ser levado a um lugar seguro, e devemos partir também, para continuar a governar longe daqui. Isso é tudo o que proponho, uma ausência temporária. Exceto por nossas guardas pessoais, todos os outros samurais ficarão, e o *Bakufu* também continua aqui. Ele fez uma pausa, lançando outro olhar furioso para Yoshi.

— Você pode ficar também, se assim desejar. Agora, vamos votar... A ausência temporária foi aprovada!

— Esperem! Se fizerem isso, o xogunato perderá seu prestígio para sempre. Nunca mais seremos capazes de controlar os *daimios* e sua oposição... nem o *Bakufu*. Nunca mais!

— Estamos apenas sendo prudentes. O *Bakufu* permanecerá aqui. Assim como todos os guerreiros. Como conselheiro-chefe, tenho o direito de exigir uma votação. E meu voto é sim!

— Eu digo não! — gritou Yoshi.

— Concordo com Yoshi-san — declarou Utani, um homem baixo e magro, olhos gentis, rosto encovado. — Concordo que perderemos prestígio para sempre se partirmos.

Yoshi sorriu, gostando da atitude. Os *daimios* do feudo de Watasa eram aliados antigos, antes mesmo de Sekigahara. Ele olhou para os outros dois, membros veteranos do clã Toranaga. Nenhum dos dois fitou-o nos olhos.

— Adachi-sama?

Depois de um longo momento, Adachi, *daimio* de Mito, um homenzinho rotundo, respondeu, bastante nervoso:

— Concordo com Anjo-sama que devemos partir, levando o xógum. Mas também concordo com você que neste caso podemos perder, mesmo que saíamos ganhando. Com todo respeito, meu voto é não.

O último ancião, Toyama, tinha cinqüenta e poucos anos, cabelos grisalhos, uma enorme papada, cego de um olho num acidente de caça... um velho no Japão. Era o *daimio* de Kii, pai do jovem xógum.

— Não me incomoda nem um pouco se todos nós vivemos ou morremos, nem a morte de meu filho, este xógum... sempre haverá outro. Mas me incomoda, muito, bater em retirada só porque os *gai-jin* ancoraram ao largo de nossa praia. Voto contra a retirada e a favor do ataque, voto para irmos até a costa e, se os chacais desembarcarem, matarmos a todos, apesar de seus navios, canhões e fuzis!

— Não dispomos de tropas suficientes aqui — protestou Anjo, cansado do erro e de sua militância, que nunca fora comprovada. —

Quantas vezes tenho de dizer isso? Não temos tropas suficientes para defender o castelo e impedi-los de desembarcar. Quantas vezes tenho de repetir que nossos espiões informaram que eles têm dois mil soldados com fuzis em seus navios e na colônia, e dez vezes mais em Hong Kong...

Irritado, Yoshi não o deixou continuar:

— Teríamos mais do que o suficiente em samurais e seus *daimios* aqui se você não tivesse cancelado o sankin-kotai.

— Fiz isso a pedido do imperador, por escrito, apresentado por um príncipe de sua corte. Não tínhamos opção que não obedecer. Você também teria obedecido.

— Teria... se tivesse recebido o documento! Mas nunca o aceitaria, trataria de me ausentar ou retardaria o príncipe, qualquer uma de dezenas de manobras ou negociaria com Sanjiro, que instigou os "pedidos" ou pediria a um dos nossos partidários na corte para solicitar ao imperador que cancelasse os pedidos. — A voz de Yoshi era ríspida. — Qualquer petição do xogunato deve ser aprovada,

essa é a lei histórica. Ainda controlamos o estipêndio da corte! Você traiu nossa herança!

— Chama-me de traidor?

Para choque de todos, a mão de Anjo apertava o cabo da espada.

— Digo que você permitiu que Sanjiro o manobrasse — respondeu Yoshi, sem se mexer, calmo por fora, torcendo para que Anjo fizesse o primeiro movimento, para poder então matá-lo e acabar para sempre com sua estupidez. — Não há precedentes de ação contra o legado. Foi uma traição.

— Todos os outros *daimios*, à exceção das famílias Toranaga imediatas, queriam assim! O *Bakufu* concordou, os *roju* concordaram, era melhor aceitar do que forçar todos os *daimios* para o lado dos lordes exteriores, e nos desafiarem desde logo, como Sanjiro, os Tosas e os *Choshus* teriam feito. Ficaríamos totalmente isolados. — Ele olhou para os outros. — Isso não é verdade? Não é?

Utani respondeu com a maior calma:

— É verdade que concordei... mas agora acho que foi um erro.

— O erro que cometemos foi o de não interceptar Sanjiro e matá-lo
— acrescentou Toyama.

— Ele era protegido pelo mandato imperial — lembrou Anjo.

Os lábios do velho se contraíram, deixando à mostra os dentes amarelados.

— E daí?

— Todo o feudo de *Satsuma* teria se rebelado contra nós, com toda certeza, Tosa e *Choshu* se aliariam, e teríamos uma guerra civil, que não poderíamos vencer. Vamos votar! Sim ou não?

— Voto pelo ataque, apenas pelo ataque — insistiu o velho, obstinado. — Hoje, a qualquer desembarque, amanhã, em Iocoama.

A distância, podia-se ouvir o som agudo das gaitas de foles.

Mais quatro cúteres seguiam para o cais, três transportando soldados de infantaria Highland, para se juntarem aos outros que já se encontravam em formação. Os tambores ressoando, as gaitas de foles em seu lamento impaciente. Kilts, túnicas escarlates, fuzis. Sir William, Tyrer, Lun e três homens de sua equipe na última embarcação. Ao desembarcarem, o capitão no comando do destacamento bateu continência.

— Está tudo pronto, senhor. Temos patrulhas vigiando este cais e as áreas ao redor. Os fuzileiros virão nos substituir dentro de uma hora.

— Ótimo. Vamos agora para a legação.

Sir William e sua comitiva embarcaram na carruagem que fora trazida para terra com tanto esforço. Vinte marujos pegaram os tirantes. O capitão deu a ordem para avançar e o cortejo partiu, as bandeiras tremulando, cercadas por soldados, um imponente tambor-mor com mais de um metro e oitenta à frente, cules chineses de Iocoama puxando as carroças com a bagagem na retaguarda, muito nervosos.

As ruas estreitas, entre lojas e prédios baixos, de um só andar, estavam estranhamente vazias. Assim como o inevitável posto de guarda na primeira ponte de madeira, sobre um canal pestilento. E o seguinte também. Um cachorro saiu de uma viela, latindo e rosnando, mas logo fugiu, uivando, depois de levar um chute que o jogou a dez metros de distância. Mais ruas e pontes vazias, mas a viagem até a legação era lenta e difícil, por causa da carruagem, já que todas as ruas eram projetadas apenas para o tráfego de pedestres. A carruagem tornou a empacar.

— Não seria melhor continuarmos a pé, senhor? — perguntou Tyrer.

— Não, claro que não! Faço questão de chegar de carruagem!

Sir William sentia-se furioso consigo mesmo. Esquecera como as ruas eram estreitas. Em Iocoama, decidira usar a carruagem, só porque as rodas eram proibidas, a fim de tornar ostensiva a sua insatisfação com o *Bakufu*.

— Capitão — gritou ele —, se tiver de derrubar algumas casas, não hesite em fazê-lo!

Mas isso não foi necessário. Os marujos, acostumados a arrastar canhões para os lugares certos, empurraram, puxaram, praguejaram e quase que carregaram a carruagem em torno dos gargalos, na maior jovialidade.

A legação ficava numa pequena elevação, no subúrbio de Gotenyama, ao lado de um templo budista. Tinha dois andares, uma estrutura ainda incompleta, ao estilo britânico, dentro de uma cerca alta, com portões. A construção fora iniciada três meses depois da assinatura do tratado.

Os trabalhos eram angustiosamente lentos, em parte por causa da insistência britânica em usar suas plantas e seus materiais habituais de construção, como vidro nas janelas, tijolos nas paredes — que tinham de ser trazidos de Londres, Hong Kong ou Xangai —, além de fundações profundas, e outras coisas similares. As casas japoneses, de modo geral, não tinham nada disso, sendo de madeira, leves e fáceis de erguer e reparar, de propósito, por causa dos terremotos, além de ficarem a alguma distância do solo. A maior parte do atraso, no entanto, fora em decorrência da relutância do *Bakufu* em permitir construções estrangeiras fora de padrão.

Embora ainda não estivesse pronta, a legação já estava ocupada, e a bandeira britânica era hasteada todos os dias no mastro enorme, o que enfurecia ainda mais os moradores locais. No ano passado, a ocupação fora temporariamente abandonada, pelo antecessor de Sir William, depois que um *ronin*, à noite, matou dois guardas diante da porta de seu quarto, para fúria britânica e regozijo japonês.

— Ah, lamentamos muito... — dissera o *Bakufu*.

Mas o local, arrendado em caráter perpétuo pelo *Bakufu* — um equívoco como alegara depois —, fora escolhido com a maior habilidade. A vista do pátio era a melhor da área, e podia-se ver a esquadra em ordem de batalha, ancorada ao largo, em segurança.

O cortejo chegou em estilo marcial, a fim de retomar a posse do prédio. Sir William decidira passar a noite na legação e se preparar ali para a reunião no dia seguinte. Arrumava as coisas quando foi abordado pelo capitão, batendo continência.

— Oque é?

— Devemos hastear a bandeira, senhor? E defender a legação?

— Isso mesmo. Execute o plano, com bastante barulho, tambores, gaitas e todo o resto. Toque de recolher ao pôr-do-sol. Até lá, mantenha a banda tocando.

— Pois não, senhor.

O capitão encaminhou-se para o mastro. Solene, ao som dos tambores e gaitas, hasteou a bandeira britânica. No mesmo instante, por prévio acordo, uma salva foi disparada pela nave capitânia. Sir William ergueu o chapéu e liderou três vivas retumbantes para a rainha.

— Assim está melhor. Lun!

— Pois não, amo?

— Ei, você não é Lun!

— Sou Lun Dois, amo. Lun Um não pôde vir, doente.

— Está bem, Lun Dois. Jantar ao pôr-do-sol. Arrume tudo direito.

Lun Dois acenou com a cabeça, amargurado, detestando se encontrar num tugar tão isolado e indefensável, cercado por mil olhos ocultos e hostis, que todos ignoravam na maior negligência, embora quase todos devessem senti-los. Nunca vou compreender os bárbaros, pensou ele.

Phillip Tyrer não conseguiu dormir naquela noite. Deitou-se em um colchão de palha, por cima de um tapete esfarrapado no chão, exausto, mudando de posição a intervalos de poucos minutos, a mente afligida por pensamentos de Londres e Angelique, o ataque e a reunião no dia seguinte, a dor em seu braço e Sir William, que se mostrara irritado durante o dia inteiro. Fazia frio, com uma ligeira promessa de inverno no ar, o quarto era pequeno. A janela com vidraças dava para o espaçoso e bem-cuidado jardim dos fundos. O outro colchão era para o capitão, mas ele ainda não terminara as rondas.

Além dos sons de cachorros em busca de comida e de uns poucos gatos, a cidade mantinha-se silenciosa. Tyrer ouvia de vez em quando os sinos distantes dos navios da esquadra, assinalando as horas, e risadas guturais dos soldados, o que o tranquilizava. Aqueles homens são magníficos, pensou ele. Estamos seguros aqui.

Acabou se levantando, bocejou, foi até a janela, abriu-a, inclinou-se sobre o peitoril. Estava bem escuro lá fora, com uma densa camada de nuvens. Não havia penumbras, mas ele avistou vários Highlanders patrulhando com lampiões a óleo.

Além da cerca, para um lado, podia divisar os vagos contornos de um templo budista. Ao pôr-do-sol, depois que as gaitas de foles tocaram o recolher, a bandeira britânica fora arriada para a noite, de acordo com o ritual, os monges haviam fechado seu portão, tocaram um sino e povoaram a noite com seu estranho canto, "Ommmmahneepadmeehmmmm...", sempre repetido, interminável. Acalmara Tyrer, ao contrário do que ocorrera com vários outros, que vaiaram, pediram aos berros, grosseiramente, que se calassem.

Ele acendeu a vela que havia ao lado da cama. O relógio de algibeira marcava duas e meia. Tornando a bocejar, rearrumou o cobertor, recostou-se no travesseiro duro, abriu sua pasta, com as iniciais de seu nome gravadas — um presente de despedida da mãe — e tirou seu caderno de anotações. Percorrendo a coluna de palavras e frases japonesas, que escrevera foneticamente, ele murmurou os equivalentes em inglês, passou para a página seguinte e a outra. Repetiu o processo ao contrário, lendo o inglês e dizendo em voz alta o japonês. Gostaria que todas estivessem certas.

— São bem poucas, não sei se as pronuncio da maneira correta, tenho muito pouco tempo, e ainda nem comecei a aprender a escrita — murmurou Tyrer.

Em Kanagawa, perguntara a Babcott onde poderia encontrar o melhor mestre.

— Por que não pede ajuda ao padre? — sugerira Babcott. Fora o que ele fizera, no dia anterior.

— Claro, meu rapaz. Mas não pode ser esta semana. Que tal deixarmos para o mês que vem? Aceita mais um xerez?

Por Deus, como eles bebem aqui! Estão embriagados na maior parte do tempo e no almoço sempre bebem demais. O padre é inútil, só pensa no paraíso. Mas que golpe de sorte tivera com André Poncin!

Conhecera o francês ontem, por acaso, numa das lojas da aldeia japonesa que atendiam às suas necessidades. Margeavam a rua principal da aldeia, por trás da High Street, longe do mar, ao lado da cidade dos bêbados. Todas as lojas pareciam iguais, vendendo os mesmos tipos de mercadorias locais, de comida a apetrechos para pesca, e de espadas ordinárias a antiguidades. Ele examinava uma prateleira com livros japoneses — o papel da melhor qualidade, muito bem impressos, com ilustrações em xilogravura —, tentando se fazer compreender pelo radiante proprietário.

— *Pardon, monsieur* — intervinha um estranho —, mas precisa indicar o tipo de livro que deseja.

Ele tinha trinta e poucos anos, o rosto raspado, olhos castanhos, cabelos também castanhos, ondulados, com um fino nariz gaulês, e bem vestido.

— Deve dizer: *Watashi hoshii hon, Ing'erish Nihongo, dozo...* eu gostaria de ver um livro que tenha inglês e japonês. — Ele sorria. — Claro que não existe nenhum, mas esse homem vai lhe dizer, com uma abjeta sinceridade, *Ah so desu ka, gomen nasa,i* etc... Ah, sinto muito, não tenho nenhum hoje, mas se voltar amanhã... Só que ele não está dizendo a verdade, mas apenas o que pensa que você quer ouvir, um hábito fundamental dos japoneses. Receio que os japoneses não sejam muito generosos com a verdade, mesmo entre si.

— Mas posso lhe perguntar, *monsieur*, como aprendeu japonês... pois parece evidente que fala fluentemente.

O estranho soltara uma risada jovial.

— Está sendo muito gentil. Não sou fluente, mas tento. — Ele dera de ombros, divertido. — Com paciência. E porque alguns dos nossos

santos padres falam a língua.

Phillip Tyrer franzira o rosto.

— Mas acontece que não sou católico, mas sim da igreja anglicana e... ahn... aprendiz de intérprete na legação britânica. Meu nome é Phillip Tyrer e acabei de chegar, estou meio desorientado.

— Ah, claro, o jovem inglês da *Tokaidô*. Peço que me desculpe, por favor. Deveria tê-lo reconhecido. Ficamos todos horrorizados ao sabermos do incidente. Permita que me apresente. André Poncin, de Paris. Sou um mercador.

— *Je suis enchanté de vous voir*— dissera Tyrer, falando francês com a maior facilidade, e bem, embora com algum sotaque inglês.

No mundo inteiro, fora da Grã-Bretanha, o francês era a língua da diplomacia, e a língua franca da maioria dos europeus; portanto, era essencial para ocupar um posto no Ministério do Exterior britânico, e para qualquer um que se considerasse instruído. Em francês, ele acrescentara:

— Acha que os padres concordariam em me ensinar ou permitiriam que eu participasse de suas aulas?

— Não creio que eles dêem aulas. Posso perguntar. Vai partir com a esquadra amanhã?

— Vou, sim.

— Eu também, acompanhando *monsieur* Seratard, nosso ministro. Esteve na legação em Paris antes de vir para cá?

— Infelizmente, não. Só passei duas semanas em Paris, *monsieur*, em férias... este é o meu primeiro posto no exterior.

— O seu francês é muito bom, *monsieur*.

— Nem tanto quanto eu gostaria — respondera Tyrer, voltando a falar em inglês. — Posso presumir que também é um intérprete?

— Oh, não, sou apenas um homem de negócios. Mas às vezes procuro ajudar *monsieur* Seratard, quando seu intérprete oficial de holandês está doente... pois também falo holandês. Deseja aprender japonês, e o mais depressa possível, nem?

Poncin fora até a prateleira, escolhera um livro.

— Já viu um desses? É de Hiroshigue, Cinquenta e Três Estações na Estrada de *Tokaidô*. Não se esqueça de que o princípio do livro fica

no fim, para nós, já que eles escrevem da direita para a esquerda. As ilustrações mostram as estações de posta até Quioto. — Ele folheara o livro. — Aqui está Kanagawa e aqui é Hodogaya.

As xilogravuras em quatro cores eram requintadas, melhores do que qualquer outra coisa que Tyrer já vira antes, os detalhes extraordinários.

— Mas são maravilhosas!

— Tem toda razão. Ele morreu há quatro anos, o que é uma pena, porque era fantástico. Alguns artistas japoneses são fabulosos, Hokusai, Masanobu, Utamaro, e uma dúzia de outros. — André rira, pegara outro livro. — Este aqui é indispensável, uma cartilha do humor e caligrafia dos japoneses, como eles chamam sua escrita.

Phillip Tyrer ficara espantado. A pornografia era decorosa e absolutamente explícita, página após página, com homens e mulheres muito bem vestidos, as partes nuas exageradas, desenhadas em detalhes precisos, enquanto se uniam com vigor e inventividade.

— Oh, meu Deus!

Poncin soltara uma gargalhada.

— Ah, estou vendo que lhe proporcionei um novo prazer. Em matéria de erotismo, eles são excepcionais. Tenho uma coleção que gostaria de lhe mostrar. As ilustrações são chamadas *átshunga-e*, e outras de *ukiyo-e*... imagens do mundo dos salgueiros ou do mundo flutuante. Já visitou algum bordel?

— Eu... ahn... não... ainda não.

— Neste caso, permita que eu seja seu guia?

Agora, durante a noite, Tyrer recordou a conversa, e como se sentira secretamente embaraçado. Tentara fingir que também era um homem do mundo, com muita experiência, mas ao mesmo tempo ressoava em sua cabeça o conselho solene e constante do pai:

— Escute, Phillip, os franceses são indignos, não merecem a menor confiança, os parisienses são a escória da França, e Paris é sem dúvida a cidade do pecado no mundo civilizado... licenciosa, vulgar e francesa!

Pobre papai, pensou Tyrer, ele se enganava em muita coisa, mas também viveu os tempos napoleônicos, e sobreviveu ao banho de sangue em Waterloo. Por maior que fosse a vitória, deve ter sido terrível para um pequeno tambor de dez anos. Não é de admirar que ele nunca tenha perdoado, não fosse capaz de esquecer, nem de aceitar a Nova Era. Ora, não importa. Papai tem a sua vida, e por mais que eu o ame, que o admire pelo que fez, devo levar minha própria vida. A França é quase uma aliada agora... e não é errado escutar e aprender.

Ele corou, lembrando como absorvera as palavras de André... ao mesmo tempo em que sentia secreta vergonha por seu ávido fascínio.

O francês explicara que no Japão os bordéis eram lugares de grande beleza, e suas cortesãs, as damas do mundo flutuante ou do mundo dos salgueiros, como eram chamadas, destacavam-se como as melhores que ele já experimentara.

Há diversos graus, é claro, e mulheres procurando fregueses nas ruas, na maioria das cidades. Mas aqui temos o nosso próprio quarteirão do prazer chamado Yoshiwara. Fica no outro lado da ponte, além da cerca. — Outra vez risada agradável.— Nós chamamos de ponte do paraíso. Mas já deve saber disso, oh, peço desculpas por interromper suas compras.

— Mas não se preocupe com isso! — respondera Tyrer, no mesmo instante consternado com a perspectiva de perder o fluxo de informações, aquela rara oportunidade. Depois, em seu francês mais floreado e suave, apressara-se em acrescentar: — Eu consideraria uma honra se quisesse continuar. É muito importante aprender tanto quanto for possível, e as pessoas a quem estou ligado, com as quais converso, são... lamentavelmente, não são parisienses, mas enfadonhas, sem a sofisticação dos franceses. Para retribuir sua gentileza, posso lhe oferecer chá ou champanhe na English Tea House ou no Yokohama Hotel...ainda não sou sócio do clube.

— É muito generoso, e eu gostaria muito.

Agradecido, Tyrer chamara o dono da loja e pagara o livro, com a ajuda de Poncin, surpreso por descobrir que era bem barato. Saíram para a rua.

— Estava falando sobre o mundo dos salgueiros...

— Não há nada de sórdido, ao contrário do que acontece na maioria dos nossos bordéis, e em quase todos os outros lugares do mundo. Aqui, como em Paris, só que ainda mais, o ato sexual é uma forma de arte, tão delicado e especial quanto a grande *cuisine*, a ser encarado, praticado, saboreado e pensado como tal, e não... por favor, perdoe-me por dizer isso, não com o deturpado sentimento de “culpa” do anglo-saxão.

Numa reação instintiva, Tyrer se irritara. Por um momento, sentira-se tentado a corrigi-lo, a proclamar que havia vasta diferença entre

culpa e uma saudável atitude em relação a moral, a todos os bons valores vitorianos. E acrescentar que, infelizmente, os franceses nunca haviam feito qualquer distinção com sua tendência para uma vida desregrada, que seduzia até augustos nobres, como o príncipe de Gales, que dizia considerar Paris como um lar (uma fonte de grande preocupação nos mais altos círculos ingleses), dissera o Times, furioso. “A vulgaridade francesa não tem limites, com sua lamentável ostentação de riqueza, com suas desavergonhadas danças novas, como o cançã, em que as dançarinas, segundo informantes confiáveis, deliberadamente se abstêm, e não são nem obrigadas, a usar roupas de baixo.”

Mas ele não dissera nada disso, sabendo que seria apenas uma repetição das palavras do pai. Pobre papai, pensara mais uma vez, e tornara a se concentrar em Poncin, enquanto seguiam pela High Street, o sol agradável, o ar revigorante, com a promessa de um belo dia amanhã.

— Mas aqui no Japão, *monsieur* Tyrer — continuara o francês, na maior felicidade —, há regras e regulamentos maravilhosos, tanto para os clientes quanto para as mulheres. Por exemplo, nem todas se mantêm disponíveis durante todo o tempo, exceto nos lugares de classe inferior, e mesmo nesses não se pode entrar e dizer quero aquela.

— Não se pode?

— Claro que não. A mulher sempre tem o direito de recusá-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer desdouro. Há protocolos especiais... posso explicar em detalhes mais tarde, se assim desejar... mas cada casa é dirigida por uma madame, -chamada *mama-san*, o san sendo um sufixo que indica senhora, madame, ou senhor. Ela se orgulha da elegância de sua casa e de suas damas. Variam em preço e excelência, é claro. Nas melhores, a *mama-san* o inspeciona, essa é a palavra certa, decide se você tem condições de honrar sua casa e tudo o que contém, em suma, se você pode ou não pagar a conta. Aqui, um bom freguês pode ter o maior crédito, *monsieur* Tyrer, mas ai daquele que não pagar, ou atrasar o pagamento, quando uma conta for discretamente apresentada. Todas as casas do Japão passarão a lhe proibir todos os tipos de entradas.

Tyrer soltara uma risada nervosa pelo trocadilho.

— Não sei como a informação é transmitida, mas é o que acontece, daqui até Nagasáqui. Portanto, *monsieur*, sob certos aspectos, isto é o paraíso. Um homem pode fofocar a crédito durante um ano, se assim desejar.

Poncin fizera uma pausa, e sua voz mudara, de maneira quase imperceptível, quando continuara:

— Mas o homem sábio compra o contrato de uma dama e a reserva para o seu prazer particular. Elas são encantadoras e saem muito baratas, quando se considera o enorme lucro que obtemos na troca de dinheiro.

— É isso o que aconselha?

— É, sim.

Eles tomaram chá e depois champanhe, no clube, onde André era um sócio bem conhecido e popular. Antes de se separarem, André dissera:

— O mundo dos salgueiros merece o maior cuidado e atenção. E me sentiria honrado em ser um dos seus guias.

Tyrer agradecera, sabendo que nunca aproveitaria a oferta. Afinal, não podia esquecer Angelique, não é mesmo? E a possibilidade de pegar uma daquelas doenças horríveis, como a gonorréia ou a doença francesa que os franceses chamam de doença inglesa, e que os médicos chamam de sífilis, mencionada por George Babcott como abundante aqui, e também em qualquer dos portos do tratado da Ásia...

—... ou em qualquer outro porto, diga-se de passagem, Phillip. Vejo muitos casos aqui entre os japoneses, nem todos relacionados com europeus. Se você sente essa disposição, use um preservativo. É verdade que não são seguros, ainda não são muito bons. O melhor é se abster, se entende o que estou querendo dizer.

Phillip Tyrer estremeceu. Só tivera uma experiência. Dois anos antes, embriagara-se por completo, junto com alguns colegas, depois dos exames finais, na taberna Star and Garter, na Pont Street.

— Agora chegou sua vez, Phillip. Está tudo acertado, ela fará por dois pence, não é mesmo, Flossy?

Era uma criada do bar, uma garota dissoluta de quatorze anos, e a coisa acontecera às pressas, com muito suor, num cubículo malcheiroso no segundo andar... um penny para ela, e o outro para o taberneiro. Por meses depois, ele ficara apavorado com a possibilidade de ter contraído alguma doença.

— Temos mais de cinquenta casas de chá, como são chamadas, ou estalagens a escolher, desde a nossa, em Yoshiwara. Todas são licenciadas e controladas pelas autoridades, e outras mais surgem a cada dia. Mas tome cuidado, nem chegue perto da cidade dos bêbados.

Era a parte insalubre da colônia, onde ficavam os bares e pensões mais sórdidos, em torno do único bordel europeu.

— É para os soldados e marujos, para a gentinha, os vagabundos, imigrantes sem dinheiro, jogadores e aventureiros, que ali se reúnem, no maior sofrimento. Em cada porto se encontra um lugar

assim, porque ainda não temos polícia, nem leis de imigração. Talvez a cidade dos bêbados seja uma válvula de segurança, mas é insensato visitá-la depois do escurecer. Se preza a sua carteira e suas partes privadas, não as leve até lá. Musuko-san merece melhor.

— O que significa isso?

— É uma palavra muito importante. *Musuko* significa filho ou meu filho. *Musuko-san* significa literalmente honorável filho ou senhor meu filho. Só que na gíria é pau, ou meu honorável pau, pura e simplesmente. As mulheres são chamadas de *musume*. Na verdade, a palavra significa filha ou minha filha, mas no mundo dos salgueiros é vagina. Você tem de dizer à sua mulher “*Konbanwa, musume-san*”. Boa noite, *chérie*. Mas se você o diz com um piscar dos olhos, ela compreende o que está querendo dizer: Como está ela? Como está seu rego de ouro, como os chineses às vezes chamam a passagem de um homem para o paraíso... são muito espertos, os chineses, porque os lados são sem dúvida revestidos de ouro, o todo é nutrido por ouro, e só se consegue abrir com ouro, de um jeito ou de outro...

Tyrer recostou-se, o caderno de anotações esquecido, o cérebro fervilhando. Quase sem perceber o que fazia, abriu o livro de *ukiyo-*

e, que escondera na pasta, e pôs-se a examinar as ilustrações. Abruptamente, tornou a guardá-lo.

Não havia futuro em olhar imagens obscenas, refletiu ele, dominado pela repulsa. A vela gotejava agora. Ele soprou a vela, deitou-se, sentindo a dor familiar entre as pernas.

André é mesmo um homem de sorte. É óbvio que ele tem uma amante. O que deve ser maravilhoso, mesmo que só a metade do que ele diz seja verdade.

Será que eu também poderia ter uma? Poderia comprar um contrato? André disse que muitos por aqui fazem isso, alugam casas pequenas em Yoshiwara, que podem ser secretas e discretas, para quem assim desejar.

— Correm rumores de que todos os ministros possuem uma, e Sir William com certeza, vai lá pelo menos uma vez por semana... ele acha que ninguém sabe. mas todos o espionam e riem... menos o holandês, que é impotente, segundo os rumores, e o russo, que abertamente prefere experimentar casas diferentes...

Devo me arriscar, se tiver condições? Afinal, André me forneceu um motivo niuito especial:

— Para aprender japonês depressa, *monsieur*, adquira um dicionário vivo... é o único jeito.

Mas seu último pensamento, antes que o sono o dominasse, foi outro: Gostaria de saber por que André foi tão gentil comigo, tão loquaz. É raro para um francês se abrir com um inglês. Muito raro. E é estranho que ele não tenha mencionado Angelique uma única vez...

Faltava pouco para amanhecer. Ori e Hiraga, outra vez em roupas de ninja, saíram de seu esconderijo, no terreno do templo, acima da legação, desceram correndo a ladeira, sem fazer barulho, atravessaram a ponte de madeira, entraram numa viela, percorreram-na, continuaram por outra. Hiraga seguia na frente. Um cachorro os viu, rosnou, avançou para os dois, e morreu. O golpe curto e hábil da espada de Hiraga causou a morte instantânea, e ele seguiu adiante, apressado, a lâmina desembainhada, sem perder um passo, aprofundando-se mais e mais pela cidade. Ori o seguia com o maior cuidado. Hoje seu ferimento começara a infeccionar. À sombra de uma cabana, numa esquina discreta, Hiraga parou.

— É seguro aqui, Ori — sussurrou ele.

Os dois tiraram as roupas de ninja e as guardaram numa bolsa macia que Hiraga trazia, pendurada ao ombro, substituindo-as por quimonos comuns. Com extremo cuidado, Hiraga limpou sua espada com um pedaço de seda, carregado para esse propósito por todos os espadachins, e enfiou-a na bainha.

— Pronto?

— Pronto.

Hiraga tornou a seguir na frente, pelo labirinto de vielas, em passos seguros, permanecendo sob cobertura onde podia, hesitando diante de cada espaço aberto, até se certificar de que não havia perigo, não veriam ninguém, não encontrariam ninguém, depois seguindo adiante, a caminho da casa segura.

Haviam vigiado a legação desde o início da manhã, os bonzos — sacerdotes budistas — fingindo não notá-los, depois de se convencerem de que não eram ladrões, e de Hiraga ter se identificado e explicado sua missão: espionar os *gai-jin*. Todos os bonzos eram xenófobos fanáticos, contra os *gai-jin*, para eles sinônimo de jesuítas, ainda os seus mais odiados e temidos inimigos.

— Ah, vocês são *shishi*, então são bem-vindos — dissera o velho monge. — ademais esquecemos que os jesuítas nos arruinaram, e que os xóguns de Toranaga foram o nosso flagelo.

De meados do século XV e até o início do século XVI, só os portugueses conheciam o caminho para o Japão. Éditos papais também lhes concederam exclusividade sobre as ilhas, e aos jesuítas portugueses o direito exclusivo de proselitismo. Em poucos anos, eles converteram tantos *daimios* ao catolicismo, e por conseguinte seus súditos, que o ditador Goroda os usara como uma desculpa para massacrar milhares de monges budistas, que naquele tempo eram militantes dominantes no país, e se opunham a ele.

O tairo Nakamura, que herdara seu poder, expandira-o imensamente e jogara os bonzos contra os jesuítas, com perseguições, sofrimentos e mortes. E depois viera Toranaga.

Tolerante com todas as religiões, embora não com a influência estrangeira Toranaga observara que todos os *daimios* convertidos haviam inicialmente lutado contra ele, em Sekigahara. Três anos depois tornara-se o xógum, e dois anos mais tarde renunciara em favor do filho, Sudara, embora mantivesse o poder de fato— um antigo costume japonês.

Durante sua vida, controlara com todo rigor os jesuítas e budistas, e eliminara ou neutralizara os *daimios* católicos. Seu filho, o xógum

Sudara, aumentara a repressão, e o filho dele, o xógum Hironaga, arrematara o plano delineado no legado, em que o cristianismo era formalmente proibido no Japão, sob pena de morte. Em 1.638, o xógum Hironaga destruíra o último bastião cristão, em Shimabara, perto de Nagasáqui, onde uns poucos milhares de *ronin*, trinta mil camponeses e suas famílias se rebelavam contra ele. Os que se recusaram a abjurar foram crucificados ou executados pela espada, como criminosos comuns. Só um punhado se recusou. Depois, ele concentrara sua atenção nos budistas. Em poucos dias determinara que lhe entregassem todas as suas terras de presente e mandara prendê-los.

— São bem-vindos, Hiraga-san, Ori-san — repetira o velho monge.
— Somos a favor dos *shishi*, por *Sonno-joi* e contra o xogunato. Estão livres para circularem por aqui. Se precisarem de ajuda, basta nos avisarem.

— Pois então mantenha uma contagem do número de soldados, suas idas e vindas, que cômodos estão ocupados e por quem.

Os dois haviam esperado e vigiado durante o dia inteiro. Ao anoitecer, vestiram as roupas de ninja. Por duas vezes, Hiraga se aproximara da legação, numa delas chegara a escalar a cerca, a título de experiência e para fazer um reconhecimento, mas logo

batera em retirada, sem ser visto, quando uma patrulha avançara em sua direção.

— Jamais conseguiremos entrar durante a noite, Ori — sussurrara ele. — Nem de dia. Há patrulhas demais agora.

— Quanto tempo acha que eles vão ficar?

Hiraga sorria.

— Até os expulsarmos.

Agora, estavam quase alcançando a casa segura, uma estalagem a leste do castelo. O amanhecer era iminente, o céu se tomava mais claro, a camada de nuvens mais tênue do que no dia anterior. À frente, a rua se encontrava deserta. A ponte também. Confiante, Hiraga avançou apressado em sua direção e quase derrapando. Uma

patrulha de dez homens do *Bakufu* saíra das sombras. No mesmo instante, os dois lados assumiram a posição de ataque e defesa, as mãos nos cabos das espadas.

— Adiantem-se e mostrem seus papéis de identificação — ordenou o samurai no comando da patrulha.

— Quem são vocês para darem ordens a alguém?

— Está vendo nossos emblemas — disse o homem, furioso, dando alguns passos pelas tábuas da ponte, enquanto seus homens espalhavam-se por trás. — Somos guerreiros de Mito, nono regimento, guardiões do xógum. Identifiquem-se.

— Estivemos espionando a fortificação do inimigo. Deixe-nos passar.

— Parecem mais com ladrões. O que há na bolsa em suas costas, hem? Identifiquem-se!

O ombro de Ori latejava. Já vira a descoloração reveladora, mas escondera de Hiraga, e também não mencionara a dor. Sua cabeça doía, mas percebeu no mesmo instante que nada tinha a perder, e podia ganhar uma morte admirável.

— *Sonno-jo!* — berrou ele de repente, avançando para o samurai na ponte.

Os outros recuaram para lhes dar espaço, enquanto Ori golpeava com toda a sua força, recuperou-se quando o golpe foi aparado e tornou a atacar, fazendo uma finta e desta vez acertando o alvo. O homem morreu de pé, e só depois é que tombou. Ori avançou para outro homem, que recuou, depois para um terceiro, que também recuou. O círculo de guerreiros começou a se fechar.

— *Sonno-jo!* — gritou Hiraga, e correu para o lado de Ori. Juntos, eles mantiveram os homens a distância.

— Identifiquem-se! — insistiu um jovem guerreiro, sem se mostrar impressionado. — Sou Hiro Watanabe e não desejo matar ou ser morto por um guerreiro desconhecido.

— Sou um *shishi* de *Satsuma*! — anunciou Ori, orgulhoso, acrescentando um pseudônimo, como era o costume: — Riyama Takagaki.

— E eu sou de *Choshu*, meu nome é Shodan Moto. *Sonno-joi!* — gritou Hiraga.

Ele avançou para Watanabe, que recuou sem medo, assim como os outros ao redor.

— Nunca ouvi falar de vocês — disse Watanabe, por entre os dentes semi-cerrados. — Não são *shishi*... são a escória.

Seu golpe foi aparado. Hiraga, um mestre na espada, usou a força e a velocidade do atacante para desequilibrá-lo, deu um passo para o lado e golpeou sob a espada, no lado desprotegido do homem. Retirou a lâmina e, num movimento que parecia contínuo, acertou no pescoço, decapitando o atacante enquanto ele caía, concluindo numa perfeita posição de ataque. O silêncio era profundo.

— Com quem você estudou? — perguntou alguém.

— Toko Fujito foi um dos meus sensei — respondeu Hiraga, pronto para a próxima morte.

— Ei!

Toko Fujito era um dos reverenciados mestres espadachins de Mito, que morrera no koto de Iedo em 1.855, causador de cem mil mortes.

— Eles são *shishi*, e homens de Mito não matam *shishi*, sua própria gente murmurou um dos homens. — *Sonno-jo!*

Cauteloso, esse homem deu um passo para o lado, sem ter certeza da reação dos outros, sua espada ainda em posição de combate. Os companheiros fitaram-no, depois uns aos outros. Outro homem se afastou. Havia agora uma passagem estreita e convidativa entre eles, mas todas as espadas continuavam erguidas.

Hiraga preparou-se para uma traição, mas Ori acenou com a cabeça para si mesmo, a dor esquecida, a vitória ou a morte era a mesma coisa para ele. Sem se apressar, limpou sua lâmina, guardou a espada na bainha. Com toda polidez, fez uma reverência para os mortos e avançou pela passagem estreita, sem olhar para a direita ou esquerda, nem para trás.

Um momento depois, Hiraga seguiu-o, também em passos lentos. Até virarem a esquina. E só então os dois desataram a correr, não parando até se encontrarem bem longe.

Os cinco representantes do *bakufu* entraram sem pressa no pátio da legação, em seus palanquins. Chegavam com uma hora de atraso, precedidos por samurais com estandartes que exibiam seus emblemas oficiais, e cercados por guardas. Sir William se postava no alto dos degraus largos que levavam à entrada imponente. Tinha a seu lado os ministros da França, Rússia e Prússia — seus assessores, Phillip Tyrer, e outros membros da legação, um pouco mais atrás — e mais uma guarda de honra, formada por Highlanders, com alguns soldados franceses, exigidos por Seratard. O almirante Ketterer e o general haviam permanecido a bordo, de sobreaviso.

Os japoneses fizeram uma reverência cerimoniosa. Sir William e os outros levantaram o chapéu. Com o devido ritual, conduziram os japoneses para a grande sala de audiências, tentando disfarçar sua diversão pelos trajes exóticos: pequenos chapéus pretos laqueados, equilibrados no alto de cabeças raspadas e presos com cordões por baixo do queixo, os trajes externos de ombreiras largas, os

quimonos de seda cerimoniais, multicoloridos, as calças volumosas, sandálias de tiras de couro, e meias abertas entre os dedos, as *tabi*, leques no cinto e as duas espadas inevitáveis.

— Esses chapéus não são bastante grandes para se dar uma mijada
— comentou o russo.

Sir William sentou no centro da fila de cadeira, junto com os ministros, Phillip Tyrer numa extremidade, para completar a delegação. Os representantes do *Bakufu* sentaram na fileira em frente, com os intérpretes se instalando em almofadas no chão, entre os dois grupos. Depois de prolongadas discussões, concordaram em cinco guardas para cada lado. Esses homens postaram-se por trás de seus superiores, adversários se fitando com expressões desconfiadas. Nos termos do rigoroso protocolo, os membros das delegações se apresentaram. Toranaga Yoshi foi o último.

— Tomo Watanabe, servidor subalterno, segunda classe — disse ele, fingindo uma humildade que não sentia.

Sua posição era a mais insignificante, na extremidade, as roupas menos requintadas que as dos outros. Todos os guardas haviam sido ordenados, sob pena de punição, a tratá-lo como o menos importante ali.

Ele se acomodou, sentindo a maior estranheza. Como são feios estes inimigos pensou, como são ridículos e cômicos, com seus chapéus enormes, botas esquisitas e trajes pretos e pesados... não é de admirar que sejam tão malcheirosos!

Sir William começou, com todo cuidado e simplicidade:

— Um inglês foi assassinado por samurais de *Satsuma*...

Por volta das cinco horas, os ânimos europeus estavam em frangalhos, os japoneses ainda polidos, sorridentes, mantendo uma fachada imperturbável. Em uma dúzia de modos diferentes, seus porta-vozes alegaram que... sentimos muito mas não temos jurisdição sobre *Satsuma*, nem conhecimento dos assassinos, nem qualquer meio de encontrá-los, mas foi de fato lamentável, não sabiam como providenciar reparações, embora em algumas

circunstâncias as reparações fossem devidas, o xógum não se encontrava disponível no momento, mas teria o maior prazer em lhes conceder uma audiência assim que voltasse, embora não num futuro previsível, mas vamos solicitar imediatamente que marque um dia exato, só que não pode ser este mês, porque não sabemos com certeza seu atual paradeiro, mas seria o mais breve possível, a próxima reunião e todas as reuniões subsequentes não devem ser em Iedo, mas sim em Kanagawa, sentimos muito, mas não este mês, talvez no próximo, sentimos muito, mas não temos autoridade...

Cada questão tinha de ser traduzida do inglês para o holandês e o japonês — e as frases nesta última língua eram longamente discutidas entre eles —, e as respostas traduzidas para o holandês e depois para o inglês, com uma inevitável homília, e sempre com pedidos polidos de explicações sobre os pontos mais triviais.

Yoshi achou que todo o procedimento era muito interessante, pois nunca antes estivera diante de tantos *gai-jin* reunidos, nem comparecera a uma reunião em que eram tão desiguais, surpreendentemente, discutiam assuntos políticos, em vez de escutarem e obedecerem.

Três dos outros quatro eram de fato servidores do *Bakufu*, embora subalternos. Todos haviam se apresentado com nomes falsos, um costume normal quando se lidava com estrangeiros. O impostor, que secretamente falava inglês, sentava ao lado de Yoshi. Seu nome era Misamoto. Yoshi lhe ordenara que não se esquecesse de nada, que informasse discretamente qualquer coisa importante que não tivesse sido traduzida com precisão, mas afora isso se mantivesse de boca fechada. Era um criminoso sob sentença de morte.

Quando Yoshi mandara buscá-lo, dois dias antes, Misamoto no mesmo instante se prostrara diante dele, tremendo de medo.

— Levante-se e sente ali.

Yoshi apontara com o leque para a beira da plataforma de tatame em que sentava. Misamoto obedecera. Era um homem pequeno, de olhos rasgados, cabelos e barba compridos e grisalhos, o suor escorrendo pelo rosto, as roupas ordinárias, quase em farrapos, as mãos calosas, a pele da cor de mel escuro.

— Vai me contar a verdade. Seus interrogadores informam que fala inglês, fala mesmo?

— Sim, lorde.

— Nasceu em Anjiro, em Izu, e esteve na terra chamada América?

— Sim, lorde.

— Quanto tempo passou lá?

— Quase quatro anos, lorde.

— Em que lugar da América?

— San Francisco, Lorde.

— O que é San Francisco?

— Uma cidade grande, lorde.

— Só lá?

— Sim, lorde.

Yoshi estudara-o, precisando de informações, e depressa. Percebera que o homem se sentia desesperado em agradar, mas ao mesmo tempo apavorado, com ele e com os guardas que o haviam trazido, empurrando sua cabeça para o chão. Por isso, decidira tentar um esquema diferente. Dispensara os guardas, levantara-se, fora se encostar no peitoril da janela, olhando para a cidade.

— Conte-me depressa, com suas próprias palavras, o que lhe aconteceu.

— Eu era pescador na aldeia de Anjiro, em Izu, lorde, onde nasci, há trinta e três anos. — Misamoto falara sem hesitar, deixando patente que já relatara a história uma centena de vezes antes. — Há nove anos, estava pescando, junto com outros cinco, em meu barco, a algumas *ri* da praia. Fomos apanhados por uma súbita tempestade, que foi se tornando cada vez mais forte, e fomos soprados pelo vento, durante trinta dias ou mais, para leste, pelo grande mar, centenas de *ri*, talvez mil, lorde. Durante esse tempo, três dos meus companheiros caíram no mar. Depois o mar se acalmou, mas nossas velas haviam sido rasgadas, não havia comida, nem água. Tentamos pescar, mas nada conseguimos pegar, não havia água para beber... Um de nós enlouqueceu, pulou na água, começou a nadar para uma ilha que pensava ter visto e logo se afogou. Não vimos terra nem navio, só água. Muitos dias depois, o outro homem, meu amigo Ishii, morreu, e eu fiquei sozinho. Até que um dia pensei que tinha morrido, porque vi aquele navio estranho, que navegava sem velas, e parecia estar pegando fogo, mas era apenas um vapor de roda, americano, indo de Hong Kong para San Francisco. Eles me

salvaram, me deram comida e me trataram, como se fosse um deles... fiquei aterrorizado, lorde, mas partilharam comigo sua comida e sua água, e me deram roupas...

— Esse navio americano levou você para esse lugar San qualquer coisa? O que aconteceu depois?

Misamoto contara como fora levado à casa do irmão do capitão, um negociante de velas de navio, para aprender a língua, fazendo pequenos trabalhos, até as autoridades decidirem o que fazer com ele. Vivera com a família por cerca de três anos, trabalhando na loja e no porto. Um dia fora levado à presença de uma importante autoridade, um homem chamado Natow, que o interrogara, e depois dissera que seria enviado com o navio de guerra Missouri para Shimoda, a fim de servir como intérprete para o cônsul Townsend Harris, que já se encontrava no Japão, negociando um tratado. A esta altura, ele usava roupas ocidentais e aprendera alguns dos costumes ocidentais.

— Aceitei com a maior satisfação, Sire, certo de que poderia ser útil aqui, em particular para o *Bakufu*. No nono dia do oitavo mês do ano de 1.857, pela contagem deles, há cinco anos, Sire, chegamos a Shimoda, em Izu, não muito longe da minha aldeia natal, que fica ao norte de lá. No momento em que desembarquei, obtive permissão

para me ausentar por um dia, e parti no mesmo instante, lorde, a fim de me apresentar à casa da guarda mais próxima, ou encontrar a autoridade do *Bakufu* mais próxima, pensando que seria bem recebido, por causa dos conhecimentos que adquirira... Mas os guardas da barreira não...

Misamoto fizera uma pausa, o rosto se contraindo em angústia.

— Mas eles não quiseram me escutar, Sire, não tentaram compreender... fui amarrado e trazido para Iedo... isso aconteceu há cerca de cinco anos, lorde, e desde então tenho sido tratado como criminoso, confinado como tal, embora não na prisão, e continuei a explicar e explicar que não era um espião, mas sim um homem leal de Izu, e contei para todo mundo o que tinha me acontecido...

Para repulsa de Yoshi, as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto do homem. Ele tratara de interromper a lamúria.

— Pare com isso! Sabe ou não sabe que é proibido, por lei, deixar o Nipão sem autorização?

— Sei, lorde, mas eu pen...

— E sabe que, pela mesma lei, se violada, qualquer que tenha sido o motivo, quem querque seja a pessoa, o culpado está proibido de voltar, sob pena de morte?

— Sei, sim, Sire. Mas não imaginei que me incluiria, Sire. Pensei que seria bem recebido, e meus conhecimentos apreciados, porque me perdi no mar sem querer. Foi a tempestade que...

— Uma lei é uma lei. Esta lei é uma boa lei. Evita a contaminação. Acha que foi tratado injustamente?

— Oh, não, lorde! — exclamara Misamoto, removendo as lágrimas, com um medo ainda maior, a cabeça inclinada para o tatame. — Por favor, desculpe-me. suplico o seu perdão, por favor...

— Limite-se a responder às perguntas. Até que ponto seu inglês é fluente?

— Eu... eu compreendo e falo um pouco de inglês americano, Sire.

— É a mesma língua que os *gai-jin* aqui falam?

— É, sim, Sire, mais ou menos...

— Quando esteve com o americano Harris, você estava de barba ou sem?

— De barba, Sire. Tinha uma barba aparada, como a maioria dos marujos. Deixei os cabelos crescerem como os deles, e preendi num rabo-de-cavalo.

— Quem você conheceu junto com o *gai-jin* Harris?

— Só ele, Sire, durante cerca de uma hora. Um dos seus homens estava presente. Não me lembro do nome dele.

Yoshi tornara a avaliar os perigos de seu plano: comparecer à reunião disfarçado, sem a aprovação do conselho, e usar aquele homem como um espião, para ouvir secretamente o que o inimigo dizia. Talvez Misamoto já fosse um espião, para os *gai-jin*, pensara ele, sombrio, como todos os seus interrogadores acreditam. Não resta a menor dúvida de que ele é um mentiroso, sua história é fácil demais, seus olhos muito astuciosos, e parece uma raposa quando baixa a guarda.

— Muito bem. Mais tarde, quero saber tudo o que você aprendeu, tudo mesmo e... sabe ler e escrever?

— Sei, lorde, mas apenas um pouco em inglês.

— Ótimo. Tenho um uso para você. Se obedecer sem hesitação e me agradar, posso revisar seu caso. Mas se me falhar em qualquer coisa, por menor que seja, garanto que vai se arrepender.

Ele explicara o que queria, e designara instrutores. Quando os guardas trouxeram Misamoto de volta, no dia anterior, de rosto raspado, os cabelos penteados como os de um samurai, e usando as roupas de uma autoridade, inclusive com as duas espadas, embora fossem falsas, sem as lâminas, Yoshi não o reconheceria.

— Está ótimo. Ande de um lado para outro. Misamoto obedecera, e Yoshi se impressionara pela rapidez com que o homem aprendera a postura empertigada que o mestre lhe ensinara, não a atitude servil de um pescador, correta e normal. Depressa demais, refletira ele, convencido agora de que Misamoto era mais ou menos o que queria que os outros vissem.

— Compreende direito o que deve fazer?

— Compreendo, Sire. E juro que não falharei, Sire.

— Sei disso. Meus guardas têm ordens para matá-lo no instante em que sair do meu lado, ou se tornar desastrado... ou indiscreto.

— Vamos fazer uma pausa de dez minutos — disse Sir William, cansado. — Comunique isso a eles, Johann.

Depois da tradução, Johann Favrod, o intérprete suíço, informou:

— Eles perguntam por quê. — Ele deixou escapar um bocejo. — Desculpe. Parece que eles acham que já discutiram todas as questões, etc, etc, que vão transmitir sua mensagem etc, etc, e

voltarão a se reunir em Kanagawa com a resposta dos superiores etc, etc, dentro de sessenta dias, como foi sugerido antes etc, etc.

O russo murmurou:

— Deixe-me assumir o comando da esquadra por um dia, e resolverei essa questão e acabarei com todo o problema.

— É bem possível — concordou Sir William, para depois acrescentar, num russo fluente: — Desculpe, meu caro conde, mas estamos aqui para uma solução diplomática, de preferência.

Voltando a falar em inglês, ele instruiu:

— Mostre a eles onde esperar, Johann. Vamos nos retirar, senhores?

Sir William levantou-se, fez uma mesura rígida e seguiu na frente para outra sala. Ao passar por Phillip Tyrer, ele murmurou:

— Fique com os japoneses, mantenha os olhos e ouvidos bem abertos. Todos os ministros se encaminharam para o urinol no canto da outra sala.

— Santo Deus! — exclamou Sir William, aliviado. — Pensei que minha bexiga ia estourar.

Lun entrou em seguida, seguido por outros criados, carregando bandejas.

— Chá e sanduíche, senhor. — Ele sacudiu um polegar, na direção da outra sala, desdenhoso. — A mesma coisa para os macacos ali?

— É melhor não deixar que eles o escutem dizer isso. Talvez um deles fale pidgin.

Lun ficou aturdido.

— O que disse, senhor?

— Ora, não importa.

Lun se retirou, rindo para si mesmo.

— Como já esperávamos, senhores, nenhum progresso.

Seratard acendia seu cachimbo, com André Poncin ao lado, satisfeito com a frustração de Sir William.

— O que propõe fazermos, Sir William?

— Qual é o seu conselho?

— É um problema britânico, apenas parcialmente francês. Se dependesse só de mim, já teria acertado como francês... no mesmo dia em que aconteceu.

— Neste caso, é claro, mein Herr, precisaria de uma esquadra igualmente forte — comentou Von Heimrich, em tom brusco.

— Tem toda razão. Na Europa, contamos com muitas, como sabe. E se a política imperial francesa fosse a de vir para cá com uma

grande força, como nossos aliados britânicos, teríamos uma ou duas esquadras nestas águas.

— Bem... — Sir William sentia-se muito cansado. — Parece evidente que o conselho coletivo é ser duro com eles.

— Duro e implacável — declarou o conde Zergeyev.

— *Ja.*

— Isso mesmo — confirmou Seratard. — Pensei que já tinha chegado a essa decisão, Sir William.

O ministro comeu um sanduíche e terminou de tomar o chá.

— Muito bem. Encerrarei esta reunião agora e convocarei outra para as dez horas de amanhã, com um ultimato: um encontro com o xógum dentro de uma semana, os assassinos, a indenização, ou então... com a aprovação conjunta, é claro.

Seratard disse:

— Sugiro, Sir William, tendo em vista as dificuldades que eles podem ter para marcar uma reunião com o xógum, que deixemos isso para mais tarde, até recebermos reforços... e uma razão autêntica para nos encontrarmos com ele.

Afinal, esta manobra é uma demonstração de força para corrigir um erro, não para implementar a política imperial, a de vocês ou a nossa.

— Bem pensado — comentou o prussiano, com visível relutância.

Sir William refletiu sobre as razões por trás da sugestão, mas não pôde encontrar falha ou risco oculto.

— Está certo. Exigiremos uma reunião com o xógum “o mais depressa possível”. Todos concordam?

Os outros acenaram com a cabeça.

— Com licença, Sir William — interveio André Poncin, muito amável.
— Posso sugerir que eu lhes transmita sua decisão... pois reiniciar a reunião e encerrá-la no instante seguinte seria uma perda de prestígio. Concorda?

— Uma boa idéia, André — disse Seratard.

Até onde os outros sabiam, Poncin era apenas um mercador, com algum conhecimento dos costumes japoneses e uma noção da

língua, um amigo pessoal e intérprete ocasional. Na verdade, porém, Poncin era um espião de alto nível, empregado para descobrir e neutralizar todos os esforços britânicos, alemães e russos nas ilhas japonesas.

— O que acha, Sir William? — acrescentou o ministro francês.

— Concordo — respondeu Sir William, pensativo. — Você tem toda razão, André. Obrigado. Não devo cuidar disso pessoalmente. Lun!

A porta foi aberta no mesmo instante.

— Pois não, senhor?

— Chame o Sr. Tyrer, agora mesmo! — para os outros, o inglês acrescentou: — Tyrer pode fazer isso por mim, já que é um problema britânico.

Quando Phillip Tyrer retornou à outra sala, dando para o pátio, aproximou-se de Johann com toda a dignidade que era capaz de exibir. Os representantes do *Bakufu* não lhe dispensaram a menor atenção e continuaram a conversar, Yoshi um pouco apartado, com Misamoto a seu lado, o único que ainda não dissera coisa alguma.

— Johann, transmita a eles os cumprimentos de Sir William e diga-lhes que a reunião insatisfatória de hoje foi suspensa. Devem voltar amanhã, às dez horas, para o que Sir William espera que seja uma conclusão satisfatória para esse problema injustificado: queremos os assassinos, a indenização e a garantia de uma reunião o mais depressa possível com o xógum, ou vamos tomar outra atitude.

Johann empalideceu.

— Exatamente assim?

— Isso mesmo, exatamente assim. — Tyrer também se cansara da indecisão, não podia esquecer a morte violenta de John Canterbury, os graves ferimentos de Malcom Struan e o terror de Angelique. — Diga a eles!

Ele observou Johann comunicar o ultimato curto, num holandês gutural. O intérprete japonês ficou vermelho e iniciou a longa tradução, enquanto Tyrer ouvia atento.

Os Japoneses ouviam com a maior atenção, sem dar a impressão de que o faziam. Quatro se mostraram atentos, o quinto não, o homenzinho de olhos quase fechados, as mãos calosas, o que não notara antes... todos os outros tinham mãos impecáveis. Outra vez esse homem se pôs a sussurrar para o delegado mais jovem e mais bonito, Watanabe, como já ocorrera em diversas ocasiões, ao longo do dia.

Eu bem que gostaria de entender o que eles estão dizendo, pensou Tyrer irritado, mais determinado do que nunca a fazer qualquer coisa que fosse necessária para aprender a língua depressa.

Quando o chocado e embaraçado intérprete terminou, houve silêncio, rompido apenas por respirações profundas, embora todos os rostos permanecessem impassíveis. Durante a tradução, Tyrer percebera que dois dos homens lançavam olhares furtivos para Watanabe.

Por quê?

Agora, eles pareciam esperar. Watanabe baixou os olhos, ocultou-se por trás do leque e murmurou alguma coisa. No mesmo instante, o homem de olhos estreitos ao seu lado se levantou, meio desajeitado, e falou rapidamente. Aliviados, os outros se levantaram também e saíram em silêncio, sem fazerem uma reverência, Watanabe por último, à exceção do intérprete.

— Johann, eles realmente receberam a mensagem desta vez — comentou Tyrer, satisfeito.

— Tem razão. E ficaram bastante irritados.

— É evidente que era isso que Sir William queria.

Johann enxugou o suor da testa. Tinha cabelos castanhos, estatura mediana, era magro, com um rosto forte e vincado.

— Quanto mais cedo você se tornar o intérprete, melhor. Já é tempo de eu voltar para minha casa, nas montanhas, voltar para a neve, enquanto ainda tenho a cabeça intacta. Há muitos desses cretinos por aqui e são imprevisíveis.

— Como intérprete, você ocupa uma posição privilegiada — ressaltou Tyrer, inquieto. — É o primeiro a saber.

— E o portador das más notícias! São todas más notícias, *mon vieux*. Eles nos odeiam e mal podem esperar para nos expulsar. Fiz um contrato com seu Ministério do Exterior por dois anos, renovável por

consentimento mútuo. O contrato expira dentro de dois meses e três dias e vou esquecer meu inglês.

Johann foi até o aparador, perto da janela, e tomou um longo gole da cerveja que pedira, em lugar do chá.

— Não haverá renovação, qualquer que seja a tentação. — Ele exibiu de repente um sorriso radiante. — *Merde*, terei um problema para sair daqui.

Tyrer riu da expressão maliciosa do intérprete.

— *Musume?* Sua garota?

— Você aprende depressa.

No pátio, os delegados do *Bakufu* embarcavam em seus palanquins. Toda a atividade por ali cessara, os seis jardineiros ajoelhados, imóveis, a cabeça na terra-Misamoto esperava ao lado de Yoshi, consciente de que não continuaria de pé se cometesse qualquer erro, torcendo desesperado para ter passado no primeiro teste.

De uma forma ou de outra, serei útil a esse desgraçado, pensou ele, em inglês, até poder embarcar num navio americano e poder retornar ao paraíso. Contarei ao capitão que fui seqüestrado da equipe de Harris por essa escória...

Ele levantou os olhos, descobriu que Yoshi o observava e ficou imóvel.

— O que é, lorde?

— O que você estava pensando?

— Torcia para ter sido de alguma utilidade, Sire. Eu... Cuidado com quem está atrás, Sire!

André Poncin descia os degraus, aproximando-se de Yoshi. No mesmo instante, os guardas formaram um cordão protetor. Sem medo, Poncin fez uma mesura polida e disse, num japonês hesitante, embora compreensível:

— Senhor, permite que eu transmita uma mensagem de meu superior, o ministro francês?

— Que mensagem?

— Ele diz que talvez gostaria de conhecer o interior do navio a vapor, as máquinas, os canhões. Formula um humilde convite, ao senhor e outras autoridades.

Poncin esperou, não viu qualquer reação, apenas um aceno imperioso do leque, dispensando-o.

— Obrigado, lorde. Por favor, desculpe-me.

Ele se afastou, convencido de que acertara em cheio. No primeiro degrau, notou que Tyrer o observava da janela da sala de audiências, reprimiu uma imprecação e acenou com a mão. Tyrer respondeu ao aceno.

Depois que o último samurai deixou o pátio, os jardineiros começaram a trabalhar. Um deles levantou a pá para o ombro e se afastou, claudicando. Hiraga, a cabeça envolta por um pano velho e imundo, o quimono esfarrapado e sujo, sentia-se feliz com o sucesso de sua espionagem. Agora sabia como, quando e onde o ataque do dia seguinte deveria ser desfechado.

Mais uma vez seguro em seu palanquim, de volta para o castelo — com Misamoto, por ordem sua, sentado na outra extremidade — Yoshi deixou a mente vaguear. Ainda estava atônito pela maneira descortês com que haviam sido dispensados, não furioso como os outros, apenas paciente: a vingança será aplicada do modo que eu escolher.

Um convite para visitar um navio de guerra, conhecer suas máquinas? Era Uma oportunidade que não se podia perder. Perigoso aceitar, mas não havia outro Jeito. Seus olhos focalizaram Misamoto, que espiava por uma janela estreita do Palanquim. O prisioneiro Misamoto se mostrara útil até agora. Estupidez dos intérpretes não traduzirem com precisão. Estupidez do russo nos ameaçar. Estupidez de todos serem tão grosseiros. Estupidez do servo chinês nos chamar de macacos. Muita estupidez. Pois cuidarei de todos eles, alguns mais cedo do que outros.

Mas como lidar com os líderes e sua esquadra?

— Misamoto, decidi não mandá-lo de volta para a casa da guarda. Por vinte dias, ficará alojado com meus servidores e continuará a aprender como se comportar que nem um samurai.

Misamoto baixou a cabeça para o chão do palanquim no mesmo instante.

— Obrigado, lorde.

— Se você me agrada. E agora me diga: o que vai acontecer amanhã? Misamoto hesitou, apavorado: a primeira regra da sobrevivência era nunca ser o portador de más notícias para qualquer samurai, nunca dizer nada, nunca informar qualquer coisa voluntariamente, mas se obrigado, responder apenas o que acha que o outro quer ouvir. Ao contrário do que acontece lá, na América, o paraíso neste mundo.

A resposta é óbvia, ele teve vontade de gritar, recaindo em seu hábito de pensar em inglês — a única coisa que o mantivera são durante os anos de confinamento —, se você visse como eles tratavam uns aos outros na família *gai-jin* com que vivi, como me tratavam, um servo, é verdade, mas mesmo assim como um homem, melhor do que jamais sonhei ser possível, como cada homem pode andar de cabeça erguida, e carregar uma faca ou pistola, exceto a maioria dos pretos, como todos são impacientes em resolver um problema, a fim de passar, apressados, para o próximo

— se necessário pelo punho, pistola ou canhoneio —, onde quase todo mundo é igual perante a lei, e não há os nojentos *daimios* ou samurais, que podem matar um homem quando assim desejam...

— Responda com a verdade, sempre, se preza a sua vida — recomendou Yoshi, suavemente, percebendo seus pensamentos.

— Claro, lorde, sempre. — O apavorado Misamoto tratou de obedecer. — Sinto muito, lorde, mas a menos que eles consigam o que querem, acho que vão... vão arrasar Iedo.

Concordo, pensou Yoshi, mas só se formos estúpidos.

— Seus canhões podem fazer isso?

— Podem, sim, lorde. Não o castelo, mas a cidade seria incendiada.

O que seria um estúpido desperdício dos recursos do clã Toranaga. Teríamos de substituir a todos, camponeses, artesãos, cortesãos e mercadores que nos servem.

— E como você lhes daria um pouco de sopa, mas sem peixe? — indagou Yoshi.

— Perdoe-me, lorde, mas não sei.

— Pois então pense a respeito. E me dê sua resposta ao amanhecer.

— Mas... sim, lorde.

Yoshi recostou-se nas almofadas de seda e concentrou seus pensamentos na reunião do dia anterior. Ao final, Anjo tivera de retirar a ordem de evacuar o castelo, pois sem o apoio da maioria a determinação não seria válida... e ele, como o guardião formal, proibira a partida do xógum.

Ganhei desta vez, mas apenas porque aquele velho tolo e teimoso do Anjo insistiu em votar por seu insano plano de ataque, não ficando do meu lado, mas contra mim. Anjo está certo: os outros dois normalmente votam com ele, contra mim. Não pelo mérito, mas porque sou quem sou, o Toranaga que deveria ser o xógum, em vez daquele garoto idiota.

Como se encontrava seguro em seu palanquim, sozinho, a não ser por Misamoto, que não podia saber de seus pensamentos mais profundos, Yoshi permitiu que a mente abrisse o compartimento com a marca de Nobusada, tão secreto, instável, perigoso e permanente.

O que fazer com ele?

Não posso me conter por muito mais tempo. Ele é infantil e agora se tornou uma presa nas mais perigosas de todas as garras, a princesa Yazu, espia do imperador e inimiga fanática do xogunato, que rompeu seu compromisso com o adorado companheiro de infância, um belo e aceitável príncipe, o xogunato que a obrigou ao exílio permanente de Quioto, de toda a sua família e amigos, impondo um casamento com um fraco, cuja ereção é tão inerte quanto uma bandeira na calmaria do verão, e talvez nunca lhe dê filhos.

Agora ela planejou essa visita oficial a Quioto para demonstrar submissão ao imperador, um golpe de mestre que destruirá o equilíbrio de séculos: A autoridade para controlar todo o império é concedida por édito imperial ao xógum e seus descendentes, que é também designado o condestável imperial. Assim, as ordens emitidas pelo xógum para o país são as suas leis.

Uma consulta deve levar a outra, pensou Yoshi, e depois o imperador reina, e nós perdemos o poder. Nobusada jamais compreenderá, os olhos enevoados pela astúcia da mulher.

O que fazer?

Mais uma vez, Yoshi se embrenhou pela trilha que tanto conhecia, mas sobre a qual mantinha sigilo absoluto. Ele é meu suserano legal. Não posso matá-lo diretamente. Está muito bem protegido, a menos que eu me sinta disposto a renunciar à minha vida ao cometer o ato, o que não acontece no momento. Outros meios? Veneno. Mas neste caso eu seria suspeito, com toda razão, e mesmo que pudesse escapar aos grilhões que me cercam — sou tão cativo quanto Misamoto, o país seria mergulhado numa interminável guerra civil, só os *gai-jin* sairiam vencedores, e o pior de tudo, eu trairia meu juramento de lealdade ao xógum, quem quer que seja, e ao legado.

Tenho de deixar que outros o matem por mim. Os *shishi*! Poderia ajudá-los, mas é sempre perigoso ajudar inimigos empenhados em sua destruição. Uma outra possibilidade. Os deuses.

Yoshi permitiu-se um sorriso. Sorte e azar, escrevera o xógum Toranaga, aventura e desventura, tais coisas cabem ao céu e às leis naturais; não podem ser alcançadas por orações ou obtidas por qualquer astúcia.

Seja paciente, ele ouviu Toranaga lhe dizer. Seja paciente

Eu serei.

Yoshi fechou esse compartimento, até a próxima vez, e tomou a pensar no conselho. O que lhes direi? Com toda certeza, a esta altura eles já sabem que me encontrei com os *gai-jin*. Insistirei numa regra inflexível para o futuro: só devemos mandar homens espertos para essas reuniões. O que mais? Posso falar sobre seus soldados, gigantescos, com seus uniformes escarlates, saias curtas e chapéus de plumas, cada homem com sua arma de carregar pela culatra, faiscando de tanto cuidado, armas tão bem tratadas quanto nossas lâminas.

Devo lhes dizer que esses inimigos são tolos, que não têm a menor sutileza e podem ser dominados através de sua impaciência e ódios... Misamoto não me contou o suficiente para concluir que eles são tão rebeldes e irascíveis quanto qualquer *daimio*? Não, isto guardarei só para mim. Mas lhes direi que nossa delegação vai fracassar amanhã, a menos que encontremos uma desculpa para a protelação que os *gai-jin* aceitem com prazer.

O que poderia ser?

— Aquele mensageiro, Misamoto — disse Yoshi, descontraído —, o homem alto, de nariz grande. Por que ele falou como uma mulher, usando palavras de mulher? Era meio homem, meio mulher?

— Não sei, Sire. Talvez ele fosse. Há muitos abordo de um navio, Sire, embora eles escondam.

— Por quê?

— Não sei, Sire. É difícil compreendê-los. Não falam abertamente sobre a fornicção, como nós, da melhor posição, ou se um menino é melhor do que uma mulher. Mas sobre falar como uma mulher na língua deles, homens e mulheres falam da mesma forma, isto é, Sire, usam as mesmas palavras, ao contrário dos japoneses. Os poucos marujos que conheci que podiam falar algumas palavras da nossa língua, homens que estiveram em Nagasáqui, falam da mesma maneira que o nariz grande, porque as únicas pessoas com quem falam são as rameiras, aprendem nossas palavras com elas. Não sabem que nossas mulheres falam de maneira diferente dos homens, Sire, que usam palavras diferentes, como as pessoas civilizadas devem fazer.

Yoshi ocultou seu súbito excitamento. Nossas rameiras são o único contato real dos *gai-jin*, pensou ele. E todos têm suas rameiras, é claro. Portanto, um meio de controlá-los, até mesmo atacá-los, é através de suas rameiras, quer sejam mulheres ou homens.

— Não vou ordenar que minha esquadra bombardeie Iedo sem uma ordem formal por escrito do almirantado ou do Ministério do Exterior — declarou o almirante, o rosto vermelho. — Minhas instruções são para ser circunspecto, como as suas. Nós NÃO estamos numa expedição punitiva.

— Pelo amor de Deus, tivemos um incidente que precisamos enfrentar! Claro que é uma expedição punitiva!

Sir William também se sentia furioso. As oito badaladas da meia-noite soaram. Estavam nos alojamentos do almirante, na nave capitânia, sentados em torno da mesa redonda, e a única outra pessoa presente era o general Thomas Ogilvy. Era uma cabine baixa, espaçosa, de vigas enormes, e pelas janelas da popa podiam-se avistar as luzes das outras embarcações.

— Mais uma vez, devo ressaltar que não acredito que eles façam qualquer coisa sem o uso da força.

— Pois obtenha a ordem, e farei com que eles reajam. — O almirante tornou a encher seu copo com o porto da garrafa de cristal quase vazia. — Thomas?

— Obrigado.

O general estendeu seu copo. Fazendo um esforço para se controlar.

Sir William disse:

— Lorde Russell já nos deu instruções para pressionar o *Bakufu* por reparações de vinte e cinco mil libras, pelos assassinatos na legação, do sargento e do cabo, o ano passado... e ficará ainda mais furioso com o novo incidente. Eu o conheço, vocês não. — O comentário foi para realçar o efeito. — Não receberei sua aprovação por três meses. E devemos obter uma satisfação agora ou os assassinatos vão continuar. Sem o seu apoio, não posso manobrar.

— Conta com todo o meu apoio, exceto para a guerra. E bombardear a capital deles nos lança em guerra. Não estamos equipados para isso. Não concorda, Thomas?

O general respondeu com extrema cautela:

— Cercar uma aldeia como Hodogaya, eliminar umas poucas centenas de selvagens e acorrentar um pequeno potentado é muito diferente de tentar conquistar esta vasta cidade e atacar o castelo.

Mordaz, Sir William comentou:

— E a sua declaração de que “não há nenhuma operação concebível que as forças sob o meu comando não possam concluir com rapidez”?

Foi a vez do general ficar vermelho.

— O que se diz em público não tem muita relação com a prática, como sabe muito bem! Iedo é diferente.

— Tem toda razão — murmurou o almirante, esvaziando seu copo.

— Então o que vocês propõem?

O silêncio se aprofundou. Subitamente, a haste do copo de Sir William se partiu entre seus dedos, e os outros tiveram um sobressalto, despreparados.

— Droga! — A destruição diminuiu um pouco a sua raiva. Com todo cuidado, Sir William usou o guardanapo para enxugar o vinho. — Sou o ministro aqui. Se achar necessário converter numa ordem, e se vocês se recusarem a obedecer, o que têm todo direito de fazer, é claro, pedirei para que sejam imediatamente substituídos.

O pescoço do almirante ficou roxo.

— Já encaminhei os fatos ao almirantado. Mas, por favor, não me interprete de uma maneira errada: estou mais do que disposto a procurar vingança pela morte do Sr. Canterbury e o ataque aos outros. Se for por um ataque a Iedo, apenas peço a ordem por escrito, como já disse. Não há pressa. Agora ou daqui a três meses, esses selvagens pagarão, como exigimos, com esta cidade ou uma centena de outras.

— Tem toda razão, eles pagarão — disse Sir William, levantando-se. Dou só mais uma informação necessária, antes de você se retirar: não posso prometer que permaneceremos ancorados aqui por muito mais tempo. Minha esquadra está desprotegida, o fundo do mar é perigosamente baixo, o tempo tende a piorar, e estaremos mais seguros em Iocoama.

— Por quanto tempo mais é seguro?

— Um dia... não sei. Não tenho controle sobre o tempo, que neste mês é imprevisível, como sabe muito bem.

— Claro que sei. Muito bem, já vou desembarcar. Peço a presença dos dois na reunião em terra às dez horas da manhã. Por gentileza, dispare uma salva ao amanhecer. Thomas, por favor, desembarque com duzentos dragões, para garantir a área do cais.

— Posso saber por que mais duzentos homens? — indagou o general. — já tenho uma companhia em terra.

— Talvez eu queira tomar alguns reféns. Boa noite.

Sir William saiu, fechou a porta. Os dois homens ficaram olhando para a porta.

— Ele fala sério?

— Não sei, Thomas. Mas com o honorável impetuoso William sanguinário Aylesbury, nunca se sabe.

Na mais profunda escuridão, outro destacamento de samurais fortemente armados saiu pelo portão principal do castelo, correu em silêncio pela ponte levadiça, atravessou a outra ponte, sobre o fosso mais largo, e seguiu para a área da legação. Outras companhias

também convergiam para lá. Mais de dois mil samurais tomaram posição, com outros mil prontos para avançarem, quando ordenados.

Sir William subia do cais, com sua guarda, um oficial e dez Highlanders, através das ruas desertas. Sentia-se deprimido e cansado, pensando no dia seguinte, tentando conceber uma maneira de sair do impasse. Outra esquina, mais outra. Ao final daquela rua, ficava o espaço aberto que se tinha de atravessar para alcançar a legação.

— Santo Deus, senhor, olhe ali!

O espaço se encontrava apinhado de samurais silenciosos, imóveis, observando-os. Todos fortemente armados. Espadas, arcos, lanças, uns poucos mosquetes. Um ligeiro ruído, e o grupo de Sir William olhou ao redor. A rua por trás também fora bloqueada por guerreiros silenciosos.

— Essa não! — murmurou o jovem oficial.

— É mesmo uma situação difícil.

Sir William suspirou. Aquela podia ser uma solução, mas que Deus tivesse piedade deles. Se fossem atacados, a esquadra reagiria.

— Vamos seguir em frente. Mande seus homens se prepararem para a luta, se for necessário. Soltem as travas de segurança.

Ele foi à frente, não se sentindo bravo, mas apenas com a sensação de que a alma saía de seu corpo, observava a si mesmo e aos outros como se estivesse num ponto mais adiante da rua. Havia uma passagem estreita entre os samurais, com um oficial na frente. Quando Sir William chegou a três metros de distância, o homem fez uma mesura polida, de igual para igual. Sir William observou-se a levantar seu chapéu com a mesma polidez e continuar a andar. Os soldados o seguiram, empunhando seus rifles, os dedos nos gatilhos.

E foram subindo pela ladeira. O mesmo silêncio, a mesma vigilância. Até o portão. Uma vasta concentração de samurais, imóveis. Mas nenhum no pátio da legação. O pátio e os jardins se achavam ocupados por Highlanders, armados e prontos para o combate, com outros no telhado e nas janelas. Soldados abriram o portão para Sir William entrar e o trancaram em seguida.

Tyrer e os outros esperavam no vestíbulo, alguns em trajes de dormir, alguns parcialmente vestidos, e se agruparam em torno de Sir William.

— Por Deus, Sir William — disse Tyrer, em nome de todos os outros — ficamos apavorados com a idéia de que poderiam tê-lo capturado.

— Há quanto tempo eles estão aqui?

— Chegaram por volta de meia-noite, senhor — informou um oficial.
— Tínhamos sentinelas lá embaixo. Quando eles se aproximaram, os rapazes nos deram o aviso e recuaram. Não tínhamos como alertá-lo ou transmitir qualquer sinal para a esquadra. Se eles esperarem até

o amanhecer poderemos resistir até recebermos reforços e a esquadra iniciar o bombardeio.

— Ótimo — disse Sir William, calmamente. — Neste caso, sugiro que todos devemos nos recolher, deixando uns poucos homens de guarda. Os outros podem ir dormir.

— Como, senhor? — murmurou o oficial, perplexo.

— Se eles quisessem nos atacar, já o teriam feito, sem o tratamento silencioso e o exibicionismo. — Sir William percebeu que todos o fitavam, aturdidos, e sentiu-se um pouco melhor, não mais tão deprimido. Encaminhou-se para a escada. — Boa noite.

— Mas, senhor, não acha...

A frase não foi concluída. Sir William suspirou, cansado.

— Se deseja manter seus homens acordados, faça-o, por favor... se isso o deixa mais feliz.

Um sargento entrou apressado no vestíbulo e avisou:

— Senhor, eles estão indo embora! Os japoneses começaram a se retirar! Olhando pela janela do patamar, Sir William constatou que os samurais estavam mesmo desaparecendo na escuridão da noite.

Pela primeira vez, ele teve medo. Não esperava que sumissem assim. Em poucos momentos, a ladeira ficou deserta, o espaço lá embaixo vazio. Mas ele teve o pressentimento de que não haviam ido muito longe, que cada vão de porta e rua transversal se achavam apinhados de inimigos, esperando para desfechar o ataque.

Graças a Deus que os outros ministros e a maioria dos nossos homens se encontram a bordo dos navios, são e salvos. Graças a Deus, pensou Sir William, continuou a subir a escada, em passos bastante firmes, para encorajar os homens que o observavam.

11

Quinta-feira, 18 de setembro:

A estalagem dos quarenta e sete ronin ficava numa viela suja, não muito longe do castelo de Iedo, afastada da estrada de terra, e quase escondida por uma cerca alta e malcuidada. Da rua, a estalagem parecia sórdida e ordinária. Mas o interior era opulento, a cerca sólida. Jardins bem cuidados cercavam o prédio amplo, de um

só andar, e os muitos bangalôs isolados, de um só cômodo, erguidos sobre estacas baixas, e reservados a hóspedes especiais... e para a privacidade. Os frequentadores da estalagem eram prósperos mercadores, mas também era uma casa segura para determinados *shishi*.

Agora, pouco antes do amanhecer, prevalecia o sossego, com todos os fregueses, cortesãs, *mama-san*, criadas e servos dormindo. Exceto pelos *shishi*. Em silêncio, eles se armavam.

Ori sentava na varanda de um dos bangalôs , o quimono arriado na cintura. Com extrema dificuldade, trocava a bandagem do ferimento no ombro. O ferimento exibia agora uma coloração vermelha acentuada e se tornara bastante doloroso. Todo o seu braço latejava e ele sabia que precisava urgente de um médico. Mesmo assim, dissera a Hiraga que era perigoso demais trazer um até ali ou sair à sua procura:

— Posso ser seguido. Não devemos nos arriscar, pois há muitos espiões por aqui. Iedo é um santuário de Toranaga.

— Concordo. Volte para Kanagawa.

— Depois que a missão for concluída.

O dedo de Ori escorregou e roçou no ferimento infeccionado, provocando uma pontada de dor que percorreu todo o seu corpo. Não há pressa, um médico pode lancetar e remover todo o veneno, pensou ele, apenas parcialmente acreditando nisso. Karma. E karma se continuar a apodrecer. Ele estava tão distraído que não notou o ninja passar por cima da cerca e se erguer por trás dele. Seu coração disparou no susto quando o ninja pôs a mão em sua boca, a fim de impedir qualquer barulho.

— Sou eu! — sussurrou Hiraga, furioso, soltando-o em seguida. — Eu poderia tê-lo matado vinte vezes.

— É verdade. — Ori forçou um sorriso e apontou. Entre as moitas, havia outro samurai, a flecha em posição no arco.— Mas é ele quem monta guarda, não eu.

— Ótimo. — Hiraga cumprimentou o guarda, apaziguado, removeu a máscara que cobria seu rosto. — Os outros estão lá dentro e prontos, Ori?

— Estão, sim.

— E seu braço? — Não sinto nada.

Ori suspirou e o rosto se contorceu em dor, no momento em que Hiraga estendeu a mão e apertou seu ombro. Lágrimas afloraram aos olhos, mas ele permaneceu em silêncio.

— Você seria um peso morto. Não pode ir conosco hoje. Terá de voltar para Kanagawa.

Hiraga atravessou a varanda, entrou no bangalô. Desanimado, Ori seguiu-o. Havia onze *shishi* sentados no tatame, armados. Nove eram de *Choshu*, compatriotas de Hiraga. Os dois recém-chegados eram da patrulha de Mori que os deixara passar no dia anterior, para mais tarde desertarem e pedirem permissão para se juntarem a eles. Hiraga sentou, exausto.

— Não consegui chegar nem a duzentos passos do templo ou da legação. Não poderemos atirar e matar lorde Yoshi e os outros quando chegarem. Teremos de emboscá-los em outro lugar.

— Com licença, Hiraga-san, mas tem certeza de que é mesmo lorde Yoshi? — indagou um dos homens de Mori.

— Tenho, sim.

— Ainda não posso acreditar que ele se arriscasse a sair do castelo com uns poucos guardas só para se encontrar com alguns *gai-jin* fedorentos, mesmo disfarçado. Ele é esperto demais, não pode deixar de saber que é o supremo alvo para os *shishi*, abaixo apenas do xógum, maior até do que o traidor Anjo.

— Ele não é tão esperto assim e pude reconhecê-lo — garantiu Hiraga, que não confiava nos samurais de Mori. — Já estive perto dele uma ocasião, em Quioto. Qualquer que fosse o seu motivo, ele só se arriscou a ir à legação sem guardas uma vez, não duas. Deve ser por isso que a área fervilha de samurais do *Bakufu*. Mas, amanhã, ele tornará a sair do castelo. É uma oportunidade que não podemos perder. Podemos fazer uma emboscada em outro lugar? Alguém sabe?

— Depende do número de samurais no cortejo — disse um dos samurais de Mori. — Se houver uma reunião, como querem os *gai-jin*.

— Se? Lorde Yoshi tentaria algum estratagema?

— Eu tentaria, se estivesse em seu lugar. E ele é conhecido como Raposa.

— O que você faria?

O homem coçou o queixo.

— Encontraria algum jeito de adiar o encontro.

Hiraga franziu o rosto.

— Mas se ele for à legação, como ontem, onde ficaria mais vulnerável?

— Ao sair de seu palanquim — respondeu Ori. — No pátio dos *gai-jin*.

— Não podemos chegar lá, mesmo com um ataque suicida. O silêncio se prolongou, até que Ori voltou a falar:

— Quanto mais próximo dos portões do castelo, mais seguros seus comandantes se sentiriam, menos seriam os guardas mais próximos, e menor a vigilância na entrada... ou na volta.

Hiraga acenou com a cabeça, satisfeito, sorriu para Ori e disse a um de seus compatriotas:

— Assim que a casa despertar, diga a *mama-san* que chame um médico para Ori, em segredo e depressa.

Ori se apressou em protestar:

— Concordamos que não seria seguro.

— Alguém como você deve ser protegido. Sua idéia é perfeita.

Ori fez uma reverência em agradecimento.

— Melhor eu ir ao médico, neh?

À primeira claridade do amanhecer, Phillip Tyrer meio que correu, meio que andou até o cais, acompanhado por dois Highlanders, um sargento e um soldado.

— Por Deus, Phillip, dois guardas são mais do que suficientes — dissera Sir William, um momento antes. — Se os japoneses tencionam atacar toda a nossa guarnição, não haverá guardas em número suficiente para protegê-lo. Mas a mensagem tem de ser entregue a Ketterer e você é o escolhido. Adeus!

Como Sir William, ele também teve de passar por centenas de samurais silenciosos, que haviam voltado pouco antes do amanhecer. Ninguém o molestou, nem mesmo pareciam admitir a sua presença, a não ser por ocasionais desvios dos olhos. E agora, à sua frente, surgia o mar. Tyrer acelerou os passos.

— Alto, quem vem aí ou vou explodir sua cabeça! — gritou uma voz das sombras.

Tyrer parou de repente, quase caiu, o coração palpitando de medo.

— Quem você pensa que poderia ser? Sou eu, com uma mensagem urgente para o almirante e o general!

— Desculpe, senhor.

Tyrer embarcou apressado num cúter a caminho da nave capitânia. Sentia-se tão contente por ter escapado da armadilha da legação que quase podia chorar, e exortou os remadores a serem mais rápidos, subindo pela escada de dois em dois degraus.

— Olá, Phillip. — Marlowe era o oficial de vigia no convés principal.
— O que aconteceu?

— Olá, John. Onde está o almirante? Tenho um despacho urgente de Sir William para ele. A legação foi cercada por milhares de bastardos.

— Santo Deus! — Na maior ansiedade, Marlowe desceu na frente por uma escada. — Como você escapou?

— Fui andando. Eles me deixaram passar por suas fileiras, sem dizer nada, nenhum deles, apenas me deixaram passar. Não me importo

de lhe dizer que fiquei apavorado... eles estão por toda parte, menos dentro de nossos muros e no cais.

A sentinela dos fuzileiros, diante da porta do camarote, bateu continência.

— Bom dia, senhor.

— Despacho urgente para o almirante.

No mesmo instante, uma voz brusca passou pela porta:

— Então, Marlowe, traga-o logo, pelo amor de Deus! Despacho de quem?

Marlowe suspirou, abriu a porta.

— De Sir William, senhor.

— O que aquele idiota fe... — O almirante Ketterer interrompeu a frase no meio, ao perceber a presença de Tyrer. — Ah, você é o assistente dele, não é mesmo?

— Aprendiz de intérprete, senhor, Phillip Tyrer. — Ele estendeu a carta. — Ahn... com os cumprimentos de Sir William, senhor.

O almirante abriu a carta. Usava um camisolão comprido de flanela e touca de dormir, com uma borla. Ajeitou os óculos de leitura e contraiu os lábios enquanto lia:

Considero melhor cancelar sua participação na reunião de hoje, assim como a do general e dos outros ministros. Estamos totalmente cercados por centenas, se não mesmo milhares de samurais armados. Até agora, eles não cometeram nenhum ato de hostilidade e ainda não impediram a saída de ninguém. Não resta a menor dúvida de que eles têm o direito de pôr suas tropas onde quiserem... talvez seja apenas um blefe para nos deixar nervosos. Como segurança, no entanto, tratarei sozinho com o Bakufu, se é que vão aparecer, como exigimos. (Se isso ocorrer, hastearei um estandarte azul e me empenharei em mantê-lo informado de todos os acontecimentos.) Se a delegação do Bakufu não vier, esperarei por mais um ou dois dias, e depois talvez tenha de ordenar uma retirada ignominiosa. Enquanto isso, se avistar a bandeira hasteada ao contrário, significará que fomos atacados. Poderá então assumir qualquer ação que julgar conveniente. Com todo o respeito...

O almirante releu a carta, com uma atenção redobrada, e depois disse, decidido:

— Sr. Marlowe, peça ao comandante e ao general para virem se encontrar aqui comigo imediatamente. Transmita a seguinte mensagem a todos os navios: “Devem assumir sem demora posições para entrar em ação. Todos os comandantes devem se apresentar na nave capitânia ao meio-dia.” Em seguida, envie um avis aos ministros, pedindo que façam a gentileza de virem se encontrar comigo aqui o mais depressa possível. Sr. Tyrer, vá comer alguma coisa, e esteja pronto levar uma resposta dentro de poucos minutos.

— Mas não acha, senhor...

O almirante já berrava para a porta fechada:

— Johnson!

Seu ordenança abriu a porta.

— O barbeiro se encontra a caminho, senhor, seu uniforme passado, o desjejum pronto no instante em que sentar à mesa, o mingau quente!

O olhar de Ketterer desviou-se para Marlowe e Tyrer.

— O que ainda estão esperando?

Em Iocoama, o cúter da Struan — a única pequena embarcação a vapor impulsionada por hélice que existia no Japão — encostou no cais, com o vento firme encapelando um pouco o mar cinzento sob o céu nublado. Jamie McFay subiu os degraus com a maior agilidade, atravessou-o apressado e seguiu para o prédio de dois andares que dominava a High Street. Ainda não eram oito horas da manhã, mas

ele já saíra para receber o navio que trazia a correspondência, de dois em dois meses, a fim de buscar as cartas, despachos e jornais, que seu assistente chinês começava a empilhar numa carroça. McFay tinha na mão dois envelopes, um aberto, o outro lacrado.

— Bom dia, Jamie.

Gabriel Nettlesmith interceptou-o, afastando-se de um pequeno grupo de mercadores sonolentos, esperando por seus barcos. Era um homem baixo, gorducho, desmazelado, malcheiroso, recendendo a tinta, roupas sujas e aos charutos que fumava sem parar, editor e redator do Yokohama Guardian, o jornal da colônia, um dos muitos na Ásia que a Struan possuía, do conhecimento geral ou em segredo.

— O que há de errado?

— Muita coisa... se quiser, acompanhe-me para o desjejum. Sinto muito, mas não posso parar.

Mesmo sem a esquadra ancorada ali, a enseada já tinha o maior movimento, com cúteres se deslocando para cima e para baixo e mais de meia centena de navios mercantes, outros flutuando em torno do navio de correspondência, ainda outros seguindo em sua direção ou voltando. Jamie foi o primeiro a desembarcar, uma questão de princípio para ele, uma utilidade nos negócios, já que os preços de produtos essenciais, sempre escassos, podiam oscilar bastante, dependendo da correspondência. O vapor de correspondência levava nove dias para ir direto de Hong Kong a Iocoama, cerca de onze dias quando passava por Xangai, o tempo permitindo. A correspondência da Inglaterra demorava de oito a doze semanas, o tempo e os piratas permitindo, e o dia de chegada da correspondência era sempre um momento de ansiedade, alegria ou tristeza ou quaisquer outros sentimentos intermediários, mas também um momento aguardado, bem-vindo, pelo qual até se rezava.

Norbert Greyforth, da Brock and Sons, a principal rival da Struan, ainda se encontrava a cem metros do cais, sentado confortavelmente no meio de seu barco, impelido por remadas vigorosas, observando-o através de uma luneta. McFay sabia que era observado, mas hoje não se incomodava. Greyforth vai saber em breve, se é que já não sabe, pensou ele, sentindo um medo excepcional. Medo por Malcolm Struan, pela companhia, por si mesmo, pelo futuro e por sua ai-jin — pessoa amada — que o esperava com toda paciência na pequena casa em Yoshiwara, no outro lado do canal, fora da cerca.

Ele aumentou o ritmo das passadas. Havia três ou quatro bêbados caídos na sarjeta da High Street, como velhos sacos de carvão, outros espalhados aqui e ali, pela beira do cais. McFay passou por cima de um homem, evitou um bando ruidoso de marujos ébrios a caminho de seus barcos, cambaleando, galgou apressado os degraus para o enorme vestíbulo do prédio da companhia, subiu a escada para o segundo andar e atravessou o corredor que levava aos aposentos no fundo. Abriu a porta sem fazer barulho e deu uma espiada.

— Olá, Jamie — disse Malcolm Struan, da cama.

— Olá, Malcolm. Bom dia. Eu não sabia se já tinha acordado.

McFay entrou no quarto, fechou a porta, notou que a porta do quarto ao lado se encontrava entreaberta e se aproximou da enorme cama de teca, com quatro colunas, trazida de navio, pois todos os móveis vinham de Hong Kong ou da Inglaterra. Malcolm Struan tinha o rosto pálido e contraído, repousando sobre travesseiros. A viagem de barco desde Kanagawa, no dia anterior, esgotara uma boa parte de suas preciosas forças, embora o Dr. Babcott o mantivesse sedado.

— Como se sente hoje?

Struan fitou-o atentamente, os olhos azuis parecendo desbotados, bem fundos, por cima de enormes olheiras.

— A correspondência de Hong Kong não é boa, hem?

As palavras eram incisivas e não deixavam a McFay a possibilidade de transmitir a notícia com mais facilidade.

— Sinto muito. Ouviu o sinal de canhão?

Sempre que o navio de correspondência aparecia, era costume o capitão do porto disparar um tiro de canhão, a fim de alertar a colônia... um procedimento que se repetia no mundo inteiro, onde quer que houvesse colônias.

— Ouvi, sim — respondeu Struan. — Antes de me dar a má notícia, feche aquela porta, e me traga o urinol.

McFay obedeceu. Do outro lado da porta havia uma sala e, mais além, outro cômodo, o melhor de todo o prédio, normalmente reservado ao *tai-pan*, o pai de Malcolm. No dia anterior, por insistência de Malcolm, e com sua feliz submissão, Angelique fora instalada ali. No mesmo instante, a notícia circulara pela colônia, gerando outras notícias e rumores, de que Angelique se tornara a nova dama do lampião; como todos os homens sonhavam em subir à sua cama, as apostas eram de que se encontrava junto de Malcolm por mais de um motivo.

— Vocês enlouqueceram — declarara McFay a alguns, no clube, durante a noite passada. — O pobre coitado se acha num estado lamentável.

O Dr. Babcott garantira:

— Ele vai estar de pé e andando muito antes do que você imagina.

— Já posso ouvir os sinos nupciais! — exclamara alguém.

— Drinques por conta da casa! — gritara outro, expansivo. — Temos um casamento aqui, nosso primeiro casamento!

— Já tivemos muitos casamentos, Charlie. Esqueceu as nossas *musumes*?

— Ora, pelo amor de Deus! Elas não contam. Estou me referindo a um verdadeiro casamento na igreja... um batizado cristão...

— Por Jeová, insinua por acaso que já tem alguma coisa no forno?

— O rumor é de que os dois se comportavam como pombinhos no navio, ao virem para cá... não que eu o culpe por isso...

— Mas eles nem mesmo estavam noivos nessa ocasião! Diga isso de novo, insultando a honra da moça, e vai pagar caro!

McFay suspirara. Uns poucos murros embriagados, garrafas quebradas e os dois homens foram expulsos, para voltar rastejando, uma hora depois, com uma recepção estrondosa. Ao retornar ao

prédio, ele resolvera dar uma olhada, antes de ir para a cama. Malcolm dormia, e Angelique cochilava numa cadeira, ao lado da cama. Acordara-a, gentilmente, e murmurara:

— É melhor ir dormir um pouco, Srta. Angelique. Ele não vai acordar agora.

— Tem razão, Jamie. Obrigada.

McFay observara-a se espreguiçar, como uma jovem felina satisfeita, os cabelos espalhando-se sobre os ombros nus, o vestido de cintura alta e folgado, caindo em dobras, no estilo que a imperatriz Josephine tanto apreciava, cinqüenta anos antes, e que o pessoal da *haute couture* parisiense tentava agora reintroduzir. Toda ela vibrava com uma força vital que atraía os homens. O quarto dele ficava mais adiante. Durante longo tempo não conseguiu dormir.

O suor aflorou em Struan. Era imenso o esforço para usar o urinol, com pouco resultado por toda a dor, nada de fezes, e apenas um pouco de urina, misturada com sangue.

— Agora, Jamie, pode me dizer qual é a má notícia?

— Deve compreender...

— Pelo amor de Deus, Jamie, diga logo!

— Seu pai faleceu há nove dias, no mesmo dia em que o navio de correspondência deixou Hong Kong, vindo direto para cá, sem passar por Xangai. O funeral seria três dias depois. Sua mãe pede-me para providenciar seu retorno imediato. Nosso navio de

correspondência, que levou notícias suas, não vai chegar a Hong Kong antes de quatro ou cinco dias, no mínimo. Sinto muito.

Struan só ouvira a primeira frase. A notícia não era inesperada, mas ainda assim foi um golpe tão violento quanto o ferimento que recebera no flanco.

Sentia-se ao mesmo tempo muito contente e muito feliz, excitado porque finalmente poderia dirigir de fato a companhia, uma função para a qual fora preparado durante toda a sua vida. Há anos que a companhia vinha se esvaindo, há anos que era sustentada pela mãe, que persuadia, adulava, orientava e ajudava o pai, nos momentos difíceis. Tais momentos eram constantes, devido em grande parte à bebida, o medicamento que o pai usava para atenuar as dores de cabeça e os acessos da doença do Happy Valley, a malária, a febre misteriosa e mortal que dizimara a população inicial de Hong Kong, mas agora, às vezes, era contida pelo extrato de uma casca de árvore, o quinino.

Não posso me lembrar de um único ano em que o pai não tenha ficado de cama pelo menos duas vezes, com as tremedeiras, por um mês ou mais, a mente vagueando por dias a fio. Nem mesmo as infusões da casca de cinchona, de valor inestimável, que o avô trouxe do Peru, conseguiram curá-lo, embora impedissem que a

febre o matasse, assim como a quase todos os outros. Mas não salvaram a pobre Mary, com apenas quatro anos de idade na ocasião, quando eu tinha sete. Nunca mais esqueci sua morte, seu significado, a fragilidade da vida.

Ele soltou um suspiro profundo. Graças a Deus que nada afetava a mãe, nem a praga, nem a febre, nem a idade, nem o infortúnio, ainda uma jovem, com menos de trinta e oito anos, ainda esguia, depois de sete filhos, um suporte de aço para todos nós, capaz de se sobrepôr a todos os desastres, todas as tempestades, até mesmo ao ódio e hostilidade amargos e perpétuos entre ela e o pai, Tyler Brock, que ele apodreça no inferno... nem mesmo a tragédia do ano passado, quando os gêmeos queridos, Rob e Dunross, morreram afogados em *Shek-O*, onde fica nossa casa de veraneio. E agora o pobre pai. Tantas mortes...

Tai-pan. Agora sou o *Tai-pan* da Casa Nobre.

— O que foi mesmo que disse, Jamie?

— Apenas disse que sinto muito, *tai-pan*. Trouxe uma carta de sua mãe. Com algum esforço, Struan pegou o envelope.

— Qual é o meio mais rápido para eu voltar a Hong Kong?

— Pelo *Sea Cloud*, mas só deve aparecer aqui dentro de duas ou três semanas. Os únicos navios mercantes que temos no porto neste momento são lentos, e nenhum deve seguir para Hong Kong em menos de uma semana. O navio de correspondência seria o meio mais rápido. Pode partir de imediato, mas terá de passar por Xangai na viagem de volta.

Depois de ontem, a perspectiva de uma viagem de onze dias, com o mar encapelado, como era mais do que provável, talvez mesmo com um tufão, horrorizava Malcolm. Mesmo assim, ele disse:

— Fale com o capitão. Convença-o a seguir direto para Hong Kong. O que mais tem na correspondência?

— Ainda não examinei tudo, mas aqui...

Bastante preocupado com a súbita palidez de Struan, McFay estendeu o *Hong Kong Observer*.

— Receio que só haja más notícias. A guerra civil americana está se tornando cada vez mais acirrada, oscilando para um lado e outro, com dezenas de milhares de mortes... batalhas em Shiloh, Fair Oaks, dezenas de lugares, outra em Buli Run com o exército da União derrotado, dizimado. A guerra mudou para sempre, com os novos fuzis de carregar pela culatra, metralhadoras, canhões estriados. O preço do algodão disparou, com o bloqueio da União ao sul. Outro pânico nas bolsas de valores de Londres e Paris... rumores de uma iminente invasão da França pela Prússia. Desde que o príncipe consorte morreu, em dezembro, a rainha Victoria ainda não apareceu em público... corre o rumor de que definha para a morte. Retiramos nossas forças do México e agora parece evidente que o doido do Napoleão III está determinado a converter o país num domínio francês. Fome e distúrbios por toda a Europa. — McFay hesitou. — Quer que eu providencie alguma coisa?

— Um estômago novo. — Struan olhou para o envelope em sua mão cerrada. — Deixe-me o jornal, Jamie, vá examinar o resto da

correspondência, e depois volte para decidirmos o que fazer antes da minha partida...

Um ligeiro ruído, e ambos olharam para a porta do cômodo adjacente, agora entreaberta. Angelique se encontrava parada ali, com um elegante penhoar sobre a camisola.

— Olá, *chéri* — disse ela. — Pensei ter ouvido vozes. Como se sente hoje? Bom dia, Jamie. Malcolm, você parece muito melhor. Quer que eu vá buscar alguma coisa?

— Não, obrigado. Entre e sente-se. Está maravilhosa. Dormiu bem?

— Não muito, mas isso não importa — respondeu ela, embora tivesse dormido muito bem. Exalando uma onda de perfume, Angelique se adiantou, tocou de leve no rosto de Malcolm e sentou.
— Vamos comer o desjejum juntos?

McFay esforçou-se para desviar sua atenção da moça.

— Voltarei depois de tomar as providências necessárias. Avisarei a George Babcott que você já acordou.

Depois que a porta foi fechada, Angelique alisou a testa de Struan, que pegou sua mão, amando-a. O envelope caiu ao chão. Ela pegou-o. Franziu a testa.

— Por que está tão triste?

— Meu pai morreu.

A tristeza de Malcolm trouxe lágrimas aos olhos da moça. Sempre tivera a maior facilidade para chorar, de exibir lágrimas quase que à vontade, percebendo desde criança seu efeito nas outras pessoas,

em particular na tia e no tio. Só precisava pensar na mãe, que morrera ao dar à luz a seu irmão. A tia sempre lhe dizia, chorosa:

— Ora, Angelique, o pobre Gerard é seu único irmão, nunca terá outro, não um irmão inteiro, mesmo que o imprestável do seu pai torne a casar.

— Eu o odeio.

— Não foi culpa dele, pobre menino. Teve um nascimento terrível.

— Não me interessa! Foi ele quem matou mamãe!

— Não chore, Angelique...

E agora Struan disse as mesmas palavras, as lágrimas fáceis porque Angelique sentia uma pena sincera dele. Pobre Malcolm, perder o pai... ele era simpático, foi bom comigo. O pobre Malcolm tenta se mostrar corajoso. Muito em breve ele ficará bom, e agora é mais fácil permanecer ao seu lado, pois o cheiro já desapareceu ou quase todo. Um súbito espectro de seu próprio pai aflorou na mente de Angelique e ela ouviu suas palavras:

— Não se esqueça de que esse Malcolm vai herdar tudo em breve, os navios e o poder...

Não quero pensar nisso. Nem... nem na outra coisa.

Ela enxugou os olhos.

— Pronto. Agora me conte tudo.

— Não há muito o que contar. Meu pai morreu. O funeral foi há alguns dias e tenho de voltar a Hong Kong o mais depressa possível.

— Claro... mas não até se recuperar. — Angelique inclinou-se para a frente, beijou-o de leve. — O que fará quando chegarmos lá?

Struan respondeu depois de uma breve pausa:

— Sou o herdeiro, o *tai-pan*.

— O *tai-pan* da Casa Nobre? — Ela fez com que sua surpresa parecesse genuína e acrescentou, delicada: — Malcolm, meu caro, é uma coisa horrível a morte de seu pai, mas... mas, de certa forma, não era inesperado, não é mesmo? Meu pai me contou que ele estava doente há muito tempo.

— Era de fato esperado.

— É triste, mas... *tai-pan* da Casa Nobre, apesar de tudo, permita que eu seja a primeira a lhe dar os parabéns.

Angelique fez uma mesura elegante, como se estivesse na presença de um rei, e tornou a sentar, satisfeita consigo mesma. Malcolm observava-a de uma maneira estranha.

— Oque é?

— Apenas que você me fez sentir muito bem, orgulhoso. Vai casar comigo?

O coração de Angelique parou por uma fração de segundo, o rosto corou. Mas a mente ordenou-lhe que fosse prudente, não se apressasse, e ela ponderou se deveria se mostrar tão solene quanto ele, ou dar vazão à exuberância explosiva que experimentava pela pergunta e sua vitória, e fazê-lo sorrir.

— Ah! — exclamou ela, jovial, provocando-o, enquanto se abanava com o lenço. — Está bem, casarei com você, *monsieur* Struan, mas apenas...

Uma hesitação, e ela tratou de acrescentar:

—... apenas se ficar bom depressa, jurar que vai me obedecer sempre, me amar até a loucura, construir para nós um castelo no Peak, em Hong Kong, um palácio nos Champs-Élysées, aprontar um clíper como leito nupcial, fazer um quarto de bebê em ouro e comprar uma propriedade rural de um milhão de hectares!

— Fale sério, Angelique. Estou sendo sério.

E eu também, pensou ela, exultante porque agora o via sorrir. Um beijo lhe deu, mas desta vez nos lábios, pleno de promessas.

— Juro por Deus que não estou brincando. Quer casar comigo? — Palavra fortes, mas ele ainda não tinha forças para sentar na cama, estender as mãos puxá-la para seu peito. — Por favor.

Os olhos de Angelique ainda zombavam.

— Talvez, quando você estiver melhor... e apenas se jurar que vai me obedecer, me amar...

— Uma obediência total, se é isso o que você quer.

— É, sim. Uma obediência total... e todo o resto. — Outra vez o sorriso adorável. — Talvez sim, *monsieur* Struan, mas primeiro devemos nos conhecer melhor e depois combinar o noivado, e em seguida, *monsieur le tai-pan de la Noble Maison*... quem sabe?

A alegria dominou-o.

— Então a resposta é sim?

Os olhos de Angelique observavam-no, fazendo-o esperar. E só depois de um momento é que ela disse, com toda a ternura de que era capaz:

— Considerarei o pedido a sério... mas primeiro deve prometer que ficará bom depressa.

— Juro que ficarei.

Ela tornou a enxugar os olhos.

— E agora, Malcolm, leia a carta de sua mãe, por favor. Ficarei sentada aqui. O coração de Struan batia forte, e o júbilo dissipava a dor. Mas os dedos não eram tão obedientes, e teve alguma dificuldade para romper o lacre.

— Tome aqui, Anjo. Pode fazer o favor de ler para mim?

Angelique rompeu o lacre, esquadrinhou a letra singular, que cobria uma única folha, e começou a ler:

"— Meu amado filho, é com grande tristeza que devo lhe comunicar que seu pai morreu, e agora nosso futuro depende de você. Ele morreu no sono, o pobre coitado, o funeral será daqui a três dias, os

mortos devem acalentar os mortos, e nós, os vivos, devemos continuar a luta, enquanto ainda nos resta vida. O testamento de seu pai confirma-o como o herdeiro e tai-pan, mas para que a sucessão seja legal tem de ser efetuada numa cerimônia testemunhada por mim e pelo compradore Chen, de acordo com o legado de seu amado avô. Acerte os nossos interesses japoneses da maneira como discutimos e volte o mais depressa que puder.

Sua devotada mãe."

Os olhos de Angelique tornaram a se encher de lágrimas, pela súbita fantasia de que era ela quem escrevia para seu filho.

— Isso é tudo? Não tem nenhum pós-escrito?

— Não, *chéri*, não tem mais nada além de “*sua devotada mãe*”. Ela se mostra muito corajosa. Eu gostaria de ser tão brava assim.

Indiferente a tudo, exceto às implicações daqueles acontecimentos, ela devolveu a carta, foi até a janela que dava para a enseada, abriu-a, enxugou os olhos uma vez. O ar era fresco, dissipou o cheiro de doença. O que fazer agora?

Forçá-lo a voltar às pressas para Hong Kong... deixar este lugar horrível. Espere um pouco. A mãe vai consentir em nosso casamento? Não sei. O que eu faria se estivesse em seu lugar? Sei que ela não gostou de mim, nas poucas vezes em que nos encontramos, uma mulher alta e distante, embora Malcolm garantisse que ela se comportava assim com todas as pessoas fora da família.

— Espere só até conhecê-la melhor, Angelique. Ela é maravilhosa e forte...

Por trás dela, a porta foi aberta, e Ah Tok entrou, sem bater, com uma pequena bandeja de chá numa das mãos.

— Fleh hoh mah, amo — disse ela, desejando bom dia, com um sorriso radiante, que deixava à mostra dois dentes de ouro, dos quais muito se orgulhava. — O amo dormiu bem?

Em cantonês fluente, Malcolm disse:

— Pare de falar desse jeito.

— Está bem.

Ah Tok era a ama pessoal de Malcolm, cuidava dele desde que nascera, e ditava sua própria lei. Mal reconheceu a presença de Angelique, toda a concentração em Struan. Corpulenta, forte, com cinqüenta e seis anos, usando a tradicional bata branca e calça preta, o longo rabicho descendo pelas costas, a indicar que escolhera ser ama como sua profissão, e por isso jurara permanecer casta pela vida inteira, nunca ter filhos que pudessem desviar sua

lealdade. Dois criados cantoneses entraram em seguida, com toalhas quentes e água para o banho. Em voz bem alta, ela ordenou-lhes que fechassem a porta, e depois perguntou a Angelique, incisiva:

— Vai ficar?

— Voltarei mais tarde, *chéri*.

Struan não respondeu, apenas acenou com a cabeça, retribuiu o sorriso e tornou a olhar para a carta, absorto em pensamentos. Angelique deixou sua porta entreaberta. Ah Tok soltou um resmungo de desaprovação, foi fechar a porta com firmeza, mandou que os dois aprontassem logo o banho, serviu o chá.

— Obrigado, mãe — disse ele, em cantonês, usando o título honorífico costumeiro para uma pessoa tão especial, que o acalentara, carregara e protegera quando era indefeso.

— Má notícia, meu filho — disse Ah Tok, pois a informação já se espalhara pela comunidade chinesa.

— Má notícia.

Struan tomou um gole do chá. O gosto era ótimo.

— Vai se sentir melhor depois que tomar um banho e poderemos conversar. Seu honorável pai já estava atrasado para o encontro com os deuses. Ele se encontra lá em cima agora, e você é o *tai-pan*. Assim, o que era ruim se tornou bom. Mais tarde, ainda esta manhã, eu lhe trarei um chá extra especial, que farei para curar todos os seus males.

— Obrigado.

— Deve-me um tael de prata pelo medicamento.

— Uma quinta parte.

— Pelo menos a metade.

— Uma quinta parte, mãe. — Ele barganhava sem pensar, de uma forma automática, mas não sem gentileza. — E se insistir, terei de lembrá-la que me deve seis meses de salário pagos adiantados, para o funeral de sua mãe... o segundo.

Um dos criados riu, por trás de Ah Tok, mas ela fingiu não perceber.

— Se assim diz, *tai-pan*.

Ah Tok usou o título com extrema delicadeza, a primeira vez em que o empregava para Malcolm, observando-o, sem perder nada, e depois acrescentou ríspida, para os dois homens que o lavavam com esponjas, de um modo eficiente e cuidadoso:

— Apressem o trabalho. Meu filho, o *tai-pan*, terá de suportar seus cuidados ineptos durante o dia inteiro?

Um dos homens teve a insensatez de soltar um grunhido em resposta.

— Tome cuidado, seu fornicador sem mãe — disse ela, suavemente, em um dialeto que Struan não entendia. — Acabe logo com isso, e se cortar meu filho, ao lhe fazer a barba, lançarei um mau-olhado contra você. Trate meu filho como jade imperial, ou seu fruto será pulverizado... e respeite quem é melhor do que você!

— Melhor? Ora, velhota, você vem de Ning Tok, uma aldeia de bosta de tartaruga que só é famosa pelos peidos.

— Um tael de prata diz que esta pessoa civilizada pode vencê-lo cinco em sete vezes no mahjong esta noite.

— Negócio fechado! — respondeu o homem, truculento, embora Ah Tok fosse uma excepcional jogadora.

— Do que estão falando? — perguntou Struan.

— Conversa de criados, meu filho, nada de importante.

Depois que terminaram, eles vestiram-no com um camisolão limpo.

— Obrigado — disse Struan, sentindo-se muito melhor.

Os dois criados fizeram uma reverência polida e se retiraram.

— Ah Tok, tranque a porta, sem fazer barulho.

Ela obedeceu. Seus ouvidos aguçados captaram o farfalhar de saias no cômodo ao lado e Ah Tok resolveu aumentar sua vigilância. A estrangeira era uma prostituta intrometida e diabólica, seu portão de jade tão faminto pelo amo que uma pessoa civilizada quase que podia ouvi-lo a salivar...

— Acenda a vela para mim, por favor.

— Para quê? Sente os olhos doendo, meu filho?

— Não, não é nada disso. Há fósforos de segurança na cômoda.

Os fósforos de segurança, uma recente patente sueca, eram em geral trancados, por serem muito procurados. Assim, tinham venda fácil e o hábito de furta-los às vezes os faziam desaparecer. Os pequenos furtos eram endêmicos na Ásia. Apreensiva, Ah Tok usou um fósforo, sem entender por que não acendiam se não fossem riscados no lado da caixa. Malcolm explicara o motivo, mas ela se limitara a murmurar que se tratava de mais uma magia diabólica dos estrangeiros.

— Onde você quer a vela, meu filho?

Ele apontou para a mesinha-de-cabeceira, ao seu fácil alcance.

— Aqui. E agora me deixe sozinho por algum tempo.

— Mas precisamos conversar. Há muito o que planejar.

— Sei disso. Espere do outro lado da porta e não deixe ninguém entrar até eu chamar.

Resmungando, Ah Tok saiu. Struan ficara exausto, da terrível notícia e de tanta conversa. Mesmo assim, sentindo alguma dor, ajeitou a vela no lado da cama e depois recostou-se por um momento.

Quatro anos antes, ao completar dezesseis anos, a mãe o levara ao Peak para uma conversa particular.

— Agora você já tem idade suficiente para aprender alguns segredos da Casa Nobre. Sempre haverá segredos. Seu pai e eu guardaremos alguns de você até que se torne *tai-pan*. Alguns eu guardo dele, e alguns de você. Alguns partilharei agora com você, mas não com ele, nem com seus irmãos e irmãs. Em nenhuma circunstância, esses segredos podem ser partilhados com mais alguém. Deve jurar por Deus.

— Eu juro, mãe.

— Primeiro: talvez um dia precisemos transmitir um ao outro uma informação pessoal ou perigosa numa carta particular... nunca se esqueça de que qualquer coisa por escrito pode ser lida por olhos estranhos. Sempre que eu escrever para você, acrescentarei “*PS. Eu amo você*”. Você também fará a mesma coisa, sempre, sem falha. Mas se não houver nenhum “*PS. Eu amo você*”, isso significa que a carta contém uma informação importante e secreta, que só deve ser lida por você ou por mim. Observe!

Levantando o papel que preparara, ela acendera alguns fósforos de segurança e os aproximara por baixo, não para queimá-lo, mas apenas chamuscá-lo, linha por linha. Milagrosamente, a mensagem oculta aparecera: *Feliz aniversário. Vai encontrar debaixo de seu travesseiro uma ordem de pagamento de dez mil libras. Mantenha o dinheiro em segredo, gaste com sabedoria.*

— Oh, mãe, está mesmo lá? Há dez mil libras debaixo do meu travesseiro?

— Há, sim.

— Viva! Mas como consegue fazer isso? A escrita?

— Pegue uma pena limpa, escreva sua mensagem com todo cuidado usando um líquido que vou lhe dar ou com leite, e deixe secar. Quando esquentar o papel, como eu fiz, a escrita vai aparecer.

Ela acendera outro fósforo e ateara fogo ao canto do papel. Em silêncio, observaram-no queimar. A mãe desmanchara as cinzas com a ponta da bota de Cano alto e acrescentara, numa estranha advertência:

— Quando for o *tai-pan*, não confie em ninguém, nem mesmo em mim.

Agora, Struan suspendeu a triste carta da mãe sobre a chama da vela. as palavras apareceram, e era fácil reconhecer sua letra:

Lamento informá-lo que seu pai morreu delirando, embriagado de uísque. Ele deve ter subornado um criado para lhe providenciar a garrafa. Tenho muito mais a contar pessoalmente. Graças a Deus que ele se livrou de seu sofrimento, mas foram os Brocks, meu amaldiçoado pai e meu irmão Morgan, que não nos deram sossego e causaram seus derrames... o último ocorreu logo depois de sua partida, quando descobrimos, tarde demais, os detalhes do golpe havaiano secreto que eles tramaram contra nós. Jamie sabe de alguns detalhes.

Por um momento, Malcolm parou de ler, tremendo de raiva. Muito em breve haverá um acerto de contas, ele prometeu a si mesmo, e depois continuou a ler:

Tome cuidado com nosso amigo, Dmitri Syborodin. Descobrimos que ele é um agente secreto para aquele revolucionário, o presidente Lincoln, não do sul, como simula. Tome cuidado com Angelique Richaud...

O coração de Malcolm se contraiu em súbito medo.

Nossos agentes em Paris escrevem que o tio dela, Michel Richaud, foi à bancarrota pouco depois que ela partiu e agora se encontra na prisão dos devedores. Mais fatos: o pai da moça anda em péssimas companhias, tem elevadas dívidas de jogo e se gaba secretamente para os íntimos que muito em breve representará todos os nossos interesses franceses. Recebi sua carta do dia 4, recomendando isso, presumo que por instigação de Angelique. Ele não pode nos representar, pois está insolvente. Outro dos "segredos" que ele revela aos amigos: será seu sogro dentro de um ano. Claro que isso é ridículo, você é jovem demais para o casamento e eu não poderia imaginar uma ligação pior. Sozinhos ou juntos, eles querem prendê-lo em sua armadilha, meu filho. Seja cauteloso e tome cuidado com a astúcia feminina.

Pela primeira vez em sua vida, ele sentiu-se furioso com a mãe. Trêmulo, estendeu o papel para a chama, manteve-o ali, enquanto queimava, depois pulverizou as cinzas ao nada, apagou a flama, jogou a vela para longe, tornou a se recostar, nauseado, o coração disparado, enquanto a mente clamava, durante todo o tempo: Como ela ousa investigar Angelique e sua família sem me pedir permissão? Como ela ousa assumir uma atitude tão errada? Quaisquer que sejam os pecados que a família cometeu, Angelique não tem culpa. Logo a mãe, entre todas as pessoas, deveria saber que os pecados dos pais não podem ser lançados aos filhos! Meu amado avô não foi

muito pior, não foi assassino e não muito um Pirata, como o pai dela ainda é? Ela não passa de uma hipócrita! Não interessa com quem vou casar. A vida é minha, e se quiser casar com Anjo no próximo ano, é o que farei. A mãe nada sabe sobre Angelique - e quando souber, vai amá-la tanto quanto eu - ou, por Deus, ela... Oh, não! — balbuciou ele, enquanto a dor o dilacerava.

12

Mcfay levantou os olhos das pilhas de cartas, documentos e jornais em sua mesa.

— Como ele está? — indagou, ansioso, enquanto o Dr. Babcott entrava e fechava a porta.

A sala era espaçosa, de frente para a High Street e o mar.

— Foi alguma espécie de ataque estomacal, Jamie. Era de se esperar, infelizmente, pelo estado do pobre coitado. Fiz um novo curativo... ele tinha arreventado alguns pontos. E lhe dei um pouco de láudano.

Babcott esfregou os olhos, avermelhados pela fadiga, a sobrecasaca pesada, puída nas mangas, manchada aqui e ali de substâncias químicas e sangue ressequido.

— Não há muito mais que eu possa fazer por ele no momento. Quais são as últimas notícias da esquadra?

— A situação continua a mesma: a esquadra ocupa posições para ação, a legação ainda está cercada, e o *Bakufu* deve aparecer em breve.

— O que acontece se eles não aparecerem?

McFay deu de ombros.

— Recebi ordens para mandar Malcolm de volta a Hong Kong o mais depressa possível... é muito importante para ele. Posso embarcá-lo no navio de co...

— Proíbo categoricamente! — exclamou Babcott, com mais raiva do que tencionava. — Seria uma estupidez, e muito perigoso... mas muito mesmo. Se pegarem uma tempestade, como é provável nesta época do ano... o vômito intenso e prolongado reabriria os ferimentos, e isso o mataria. Ele não pode viajar agora.

— E quando será seguro?

O médico olhou pelas janelas. O mar encapelado além do promontório, mas não dentro da baía. Céu nublado. Avaliou sua impotência contra seu conhecimento.

— Pelo menos uma semana, talvez um mês. Só Deus sabe, Jamie, eu não.

— Se você também viajasse no navio de correspondência, isso ajudaria?

— Pelo amor de Deus, não! Será que me ouviu direito? Não! Não! Ele não pode viajar. Nove dias num navio o matariam.

O rosto de McFay se contraiu.

— Quais são as chances de Malcolm? Com toda sinceridade. É muito importante eu saber.

— Ainda boas. A temperatura está mais ou menos normal e não há qualquer sinal de infecção.

Babcott tornou a esfregar os olhos e bocejou.

— Desculpe. Não tinha a intenção de ser grosseiro com você. Estou acordado desde a meia-noite, remendando as consequências de uma briga entre um marujo e um soldado, e atendendo uma emergência de madrugada em Yoshiwara, onde costurei uma moça que se cortou para tentar alcançar o outro mundo. — Ele suspirou. — Ajudaria mantê-lo tão calmo quanto possível. Eu diria que sua má notícia provavelmente acarretou o ataque.

A notícia e as implicações da morte de Culum Struan, e por conseguinte a nova posição de Malcolm como *tai-pan* — uma preocupação vital e imediata para todos os seus rivais —, espalharam-se pela colônia. Na Brock, Norbert Greyforth interrompeu uma reunião para abrir a primeira garrafa de champanhe da caixa que mantinha gelada há muitas semanas, à espera deste dia... gelada em sua nova e lucrativa Casa do Gelo, ao lado do armazém.

— A melhor notícia que tivemos em anos! — exclamou ele, rindo, para Dmitri. — E tenho mais vinte caixas para a festa que vou oferecer esta noite! Um brinde, Dmitri!

Norbert levantou seu copo lapidado, o melhor veneziano que o dinheiro podia comprar.

— Ao *tai-pan* da Casa Nobre: fora com o velho, fora com o novo, e que ele possa estar na bancarrota dentro de um ano!

— Bebo com você, Norbert, ao sucesso do novo *tai-pan*, não ao resto — disse Dmitri.

— Abra os olhos para a realidade. Eles são o velho, nós somos o novo... houve um tempo em que tinham coragem, quando Dirk Struan era vivo, mas agora se tornaram fracos. McFay é fraco... com sua ajuda entusiástica e um pouco de persuasão, na noite do

assassinato de Canterbury, poderíamos ter atizado toda a colônia, a esquadra, o exército, e teríamos capturado e enforcado esse desgraçado do rei *Satsuma* e viveríamos felizes para todo o sempre depois.

— Concordo. John Canterbury será vingado, de um jeito ou de outro. Pobre coitado... Sabia que ele me deixou seu negócio?

A Canterbury's era uma das menores casas comerciais, especializada na exportação de seda, em particular de casulos e ovos de bicho-da-seda, um comércio bastante lucrativo, para a França, onde a indústria, outrora uma das melhores do mundo, fora dizimada pela praga.

— John sempre disse que faria isso, mas eu nunca acreditei. E também sou seu executor testamentário... Wee Willie me deu a escritura antes de partir.

— Os samurais são todos uns desgraçados. Não havia motivo para assassiná-lo daquele jeito. O que me diz de sua *musume*? O velho John era fascinado. Ela está esperando, não é?

— Não. Foi apenas um rumor. No testamento, ele me pediu para cuidar de sua *musume*, dar dinheiro para ela comprar uma casa. Fui procurá-la, mas sua *mama-san*, Raiko, me disse que a garota voltara para sua aldeia, e se ofereceu para lhe enviar qualquer dinheiro. Dei a ela o que John dissera e ponto final.

Pensativo, Norbert terminou de tomar a champanhe no copo, serviu-se de mais, e sentiu-se melhor.

— Deve cuidar de si mesmo também — disse ele, mantendo a voz baixa, julgando que o momento era oportuno. — Tem de pensar no futuro, não em umas poucas peças de seda e ovos de bicho-da-seda. Pense no grande jogo, o jogo americano. Com nossos contatos, podemos comprar qualquer quantidade de armamentos britânicos, franceses ou prussianos... acabamos de assinar um contrato de exclusividade para representar a Krupp no Extremo Oriente... a melhores preços do que a Struan pode lhe oferecer, e entregar tudo no Havaí, a fim de ser baldeado para... qualquer lugar, sem perguntas.

— Beberei a isso.

— O que você quiser podemos providenciar mais depressa e mais barato. — Norbert tornou a encher os copos. — Gosto de Dom Pérignon, é melhor do que a Tatt... aquele velho monge sabia tudo sobre cor e açúcar, e a falta dele. Como o açúcar havaiano... ouvi dizer que será tão caro este ano que se tornará quase um tesouro nacional, para o Norte ou o Sul.

O copo de Dmitri parou em pleno ar.

— E o que isso significa?

— Significa, só aqui entre nós, que a Brock and Sons tem o controle da colheita deste ano, e que a Struan não chegará a ter um saco de cinqüenta quilos, e por isso seu negócio com eles não vai acontecer.

— Quando isso se tornará do conhecimento público? — indagou Dmitri, os olhos reduzidos a fendas.

— Gostaria de participar? Do nosso negócio? Podemos aproveitar um agente de confiança para os Estados Unidos, Norte e Sul.

Dmitri serviu mais champanhe para ambos, apreciando a sensação do copo gelado.

— Em troca do quê?

— Um brinde: à extinção da Casa Nobre.

Por toda Iocoama, outros brindes estavam sendo feitos, pela notícia da morte de Culum e a ascensão de um novo *tai-pan*, assim como em salas de diretoria por todo o Extremo Oriente, e em outros lugares que negociavam com a Ásia. Alguns brindes eram comemorativos, outros vingativos, alguns celebravam a sucessão, outros encomendavam todos os ossos de todos os Struans ao demônio, alguns rezavam pelo sucesso deles, mas os homens de negócio, sem exceção, avaliavam como o fato os afetaria, pois a Struan, quer gostassem ou não, era a Casa Nobre.

Na legação francesa, Angélique retiniu corpos, tomou um gole de champanhe, cautelosa, o copo ordinário, jamais à altura da bebida que continha.

— Concordo, *monsieur* Vervene.

Pierre Vervene era o *chargé d'affairs*, um homem calvo e cansado, na casa dos quarenta anos.

— O primeiro brinde exige um segundo, *mademoiselle* — disse ele, tornando a erguer seu copo — não apenas por prosperidade e vida longa para o novo *tai-pan*, mas para o *tai-pan*... seu futuro marido.

— Ora, *monsieur*! — Ela baixou o copo, fingindo estar irritada. — Eu lhe contei isso em confidência, porque me sinto feliz e orgulhosa, mas não deve ser mencionado a ninguém, até que *monsieur* Struan torne público. Tem de me prometer.

— Claro, claro.

O tom de Vervene era tranquilizador, mas ele já elaborara mentalmente o despacho que enviaria para Seratard, a bordo da nave capitânia em Iedo, no momento em que Angélique se retirasse. Era evidente que havia inúmeros desdobramentos e oportunidades políticas que tal ligação criaria para a França e os interesses franceses. Por Deus, pensava ele, se formos bastante espertos, e nós somos, podemos controlar a Casa Nobre através dessa jovem imprudente, sem nada para recomendá-la além de um rostinho bonito, seios apetitosos, um hímen maduro, e nádegas que prometem a seu marido um vigor devasso por um ou dois meses. Como ela conseguiu atraí-lo... se é mesmo verdade o que diz. Se é...

Merde, o pobre coitado deve estar insano para se contentar com uma mulher assim, sem dote, uma linhagem ignominiosa, para se tornar a mãe de seus filhos! Que sorte incrível a daquele porco odioso, Richaud, agora ele será capaz de redimir seu papel.

— Meus mais sinceros parabéns, *mademoiselle*.

A porta foi aberta nesse instante, e o moço número um da legação entrou, carregado de correspondência, um chinês rotundo e idoso, vestindo uma túnica de linho, calça preta e solidéu preto.

— Aqui está, senhor, toda a correspondência, nunca importa!

Ele largou as cartas e pacotes na mesa, lançou um olhar de espanto para a moça e arrotou ao se retirar.

— Por Deus, essa gente tem péssimas maneiras e leva qualquer um à loucura! Já disse mil vezes a esse cretino para bater primeiro! Peço que me dê licença por um instante.

Vervene examinou as cartas rapidamente. Duas da esposa, uma da amante, todas remetidas dois meses e meio antes: as duas me pedem dinheiro, sou capaz de apostar, pensou ele, amargurado.

— Ah, quatro cartas para *mademoiselle*! — Muitos franceses enviavam sua correspondência aos cuidados da legação mais próxima. — Três de Paris e uma de Hong Kong.

— Oh, obrigada!

Angelique animou-se ao verificar que duas eram de Colette, uma da tia e a última do pai.

— Estamos tão longe de casa, não é?

— Paris é o mundo, com toda certeza. Bom, imagino que deseje alguma privacidade. Pode usar a sala no outro lado. E agora, se me dá licença... — Vervene apontou para a mesa cheia de papéis, com um sorriso depreciativo. — negócios de Estado.

— Claro, claro. E agradeço por seus votos de felicidade, mas não diga nada, por favor...

Ela se retirou, graciosa, sabendo que dentro de poucas horas seu maravilhoso segredo seria do conhecimento comum, sussurrado em cada ouvido. Seria sensato? Acho que sim; afinal, Malcolm não me pediu em casamento?

Vervene abriu suas cartas, passou os olhos depressa, constatou que as duas mulheres pediam mesmo dinheiro, mas não transmitiam

outra má notícia, deixou-as de lado, para ler e desfrutar mais tarde, e iniciou o despacho para Seratard — com uma cópia secreta para André Poncin —, satisfeito por ser o portador de tão boas novas.

— Espere um pouco — murmurou para si mesmo. — Talvez seja aquela história de tal pai, tal filha, e tudo não passe de exagero. É mais seguro relatar como há poucos minutos *mademoiselle* Angélique me sussurrou em confidência que... e que o ministro tire suas próprias conclusões.

No outro lado do corredor, numa ante-sala agradável, que dava para o pequeno jardim junto a High Street, Angélique se acomodou, na maior expectativa. A primeira carta de Colette dava notícias felizes sobre Paris, a moda, os acontecimentos e amigos mútuos, de uma maneira tão deliciosa que ela leu num instante, sabendo que releria muitas vezes, em particular à noite, no conforto de sua cama, quando poderia saborear melhor cada detalhe. Conhecera e amara Colette durante a maior parte de sua vida; no convento, haviam sido inseparáveis, partilhando esperanças, sonhos e intimidades.

A segunda carta continha notícias mais espetaculares, concluindo com o casamento de Colette, que era da sua idade, dezoito anos, e já tinha um marido e um filho:

Estou grávida de novo, minha querida Angelique, meu marido é maravilhoso, mas me sinto um pouco apreensiva. O primeiro parto não foi fácil mas o médico me garante que serei bastante forte. Quando você voltar, e mal posso esperar que isso aconteça...

Angelique respirou fundo, olhou pela janela, e esperou que a pontada de angústia passasse. Não deve se abrir, reiterou para si mesma, quase em lágrimas. Nem mesmo com Colette. Seja forte, Angelique. Tome cuidado. Sua vida mudou, tudo mudou... mas apenas por pouco tempo. Não deixe que ninguém a pegue desprevenida.

Outra vez ela respirou fundo. A carta seguinte a chocou. Tia Emma dava a notícia terrível da queda de seu marido:

Agora estamos na miséria, e meu pobre Michel definha na prisão dos devedores, sem qualquer ajuda à vista! Não tem a quem recorrer, não nos restou nenhum dinheiro. É horrível, minha criança, um pesadelo...

Pobre e querido tio Michel, pensou ela, chorando em silêncio, uma pena que ele fosse tão mau administrador.

— Não importa, minhaquerida tia Emama — disse ela, em voz alta, dominada por uma súbita alegria. — Agora posso retribuir todas as suas gentilezas. Pedirei a Malcolm para ajudar, e tenho certeza que ele vai...

Espera! Isso seria sensato?

Enquanto ponderava a respeito, Angelique abriu a carta do pai. Para sua surpresa, o envelope continha apenas uma carta, sem a esperada ordem de pagamento que ela pedira, sobre o dinheiro que trouxera de Paris, e depositara no Victoria Bank, o dinheiro que o tio lhe adiantara com extrema generosidade... e sob a promessa solene de que não contaria nada à sua esposa, e de que o pai pagaria o empréstimo no instante em que ela chegasse a Hong Kong, o que ele lhe dissera que fizera.

Hong Kong, 10 de setembro.

Olá, minha querida. Espero que tudo esteja correndo bem, e que seu Malcolm a idolatre tanto quanto eu, tanto quanto toda a colônia

de Hong Kong. Circula o rumor de que o pai dele se encontra às portas da morte. Eu a informarei de tudo. Enquanto isso, escrevo às pressas, pois estou de partida para Macau, com a maré alta. Há uma maravilhosa oportunidade de negócios ali, tão boa que temporariamente usei o dinheiro que você deixou sob a minha guarda. Investirei tudo por você, como sócia em condições de igualdade. Pelo próximo navio, poderei lhe mandar dez vezes mais do que queria agora, e anunciar o nosso lucro espetacular... afinal, temos de pensar no seu dote, sem o que... não é mesmo?

Os olhos de Angelique não conseguiram mais ler, um turbilhão invadiu o cérebro. Oh, Deus! Que oportunidade de negócios? Será que ele está jogando tudo o que tenho no mundo?

Eram quase duas horas, e McFay sentia-se cansado, o estômago vazio, os pensamentos sombrios. Escrevera uma dúzia de cartas, assinara meia centena de vales, pagara dezenas de contas, conferira os livros do dia anterior, mostrando que os negócios vinham caindo, constatara que todas as mercadorias encomendadas da América haviam sido canceladas, retidas ou oferecidas a preços mais altos, todas as operações com o Canadá e Europa também afetadas, em grau maior ou menor, pela guerra civil americana. Também não havia boas notícias em qualquer dos despachos de Hong Kong... e muitas novidades ruins vinham do escritório em Xangai, embora Albert MacStruan, que controlava tudo ali, estivesse realizando um excelente trabalho. Por Deus, pensou ele, seria uma catástrofe se tivéssemos de evacuar Xangai, com todos os investimentos que fizemos na cidade.

Xangai se encontrava de novo na maior agitação, e as três concessões estrangeiras, sob controle britânico, francês e americano, eram assediadas por rumores de que exércitos de rebeldes, da vasta rebelião Tai'ping, baseada em Nanquim e nos arredores — uma grande cidade para o sul, capturada pelos rebeldes nove anos antes e usada como sua capital —, começavam a marchar outra vez. Um recorte do Shanghai Observer dizia:

Há dois anos, quando nossa brava força de soldados britânicos e franceses, com a competente ajuda do exército mercenário local, organizado e pago por nossos príncipes do comércio, tanto europeus quanto chineses, e sob o comando do intrépido aventureiro americano Frederick Townsend Ward, expulsou os rebeldes por um

raio de cinqüenta quilômetros, todos presumimos que a ameaça fora removida para sempre.

Agora, testemunhas informam que um irresistível exército de meio milhão de rebeldes, com alguns oficiais europeus, concentrou-se para nos atacar de novo, e que outro exército de meio milhão desfechará mais uma ofensiva para o norte, contra Pequim. Os rebeldes manchus oponentes são inconfiáveis e impotentes, com os recrutas chineses amotinados. Portanto, desta vez não poderemos sobreviver. Espera-se que o governo de sua majestade convença as autoridades manchus a designarem o capitão Charles Gordon para comandar o exército do Sr. Ward, gravemente ferido em ação, e também lhe entreguem o comando geral do treinamento manchu. Seu correspondente acredita que isso só acontecerá, como sempre, um pouco tarde demais.

Precisamos de um exército britânico plenamente equipado estacionado na China, em caráter permanente... apesar do nervosismo na Índia pelo recente e terrível motim indiano, dos nativos sipaios. Os negócios continuam desastrosos, com o preço da seda e do chá na maior alta de todos os tempos. A fome prevalece na maioria das regiões num raio de oitocentos...

Mais notícias deprimentes da Inglaterra. Chuvas monumentais haviam destruído as colheitas, e esperava-se a fome na Irlanda e em outras áreas, embora não como a grande fome da batata, quando centenas de milhares de pessoas morreram. O desemprego cada vez maior na Escócia. A miséria em Lancashire, com a maioria dos teares de algodão parada, por causa do embargo da União ao algodão sulista. inclusive três fábricas da Struan, com o bloqueio de todos os portos da Confederação. Com o algodão sulista, a Inglaterra abastecera o mundo de pano. Um clíper da Struan, carregado de chá, seda e laca, a caminho de Londres, perdera-se no mar. No mercado de ações, a Struan sofrera uma tremenda queda, enquanto a cotação da Brock subia, com a chegada de suas primeiras remessas de chá da estação.

Outra carta de sua noiva há cinco anos, Maureen Ross, também aflitiva: Quando devo partir ao seu encontro? Já enviou a passagem? Prometeu que este Natal seria o último que passaríamos separados...

— Não poderá ser neste Natal, minha cara — murmurou McFay, de cenho franzido, por mais que ela quisesse. — Ainda não tenho condições, e este não é um lugar apropriado para uma moça como você.

Muitas vezes escrevera para dizer isso, sabendo que Maureen e seus pais queriam que ele trabalhasse para a Struan na Inglaterra ou Escócia, ou melhor ainda, que deixasse “essa infame companhia, e trabalhasse em sua terra, como um homem normal”, sabendo que no fundo ele queria mesmo era que Maureen rompesse o noivado, tratasse de esquecê-lo, sabendo que a maioria das esposas britânicas odiava a Ásia, detestava os asiáticos, abominava as jovens do prazer, enfureciam-se com seu fácil acesso, desprezavam a comida, ansiavam por sua “terra” e família, convertendo a vida de seus maridos num sofrimento permanente.

E sabendo também que ele gostava da Ásia, adorava seu trabalho, amava a liberdade, prezava sua Yoshiwara e nunca se sentiria feliz se voltasse para a Inglaterra. Pelo menos até me aposentar, refletiu McFay.

As únicas coisas boas na correspondência eram os livros da Hatchard’s, em Piccadilly: uma nova edição ilustrada do explosivo A Origem das Espécies, de Darwin, alguns poemas de Tennyson, um panfleto recém-traduzido de Karl Marx e Friedrich Engels, chamado Manifesto Comunista, cinco exemplares de Punch, e o mais importante de tudo, outra edição de All the Year Round. Era o semanário criado por Charles Dickens e continha o décimo quarto fascículo de Great Expectations, a ser publicado em vinte partes.

Apesar de tudo o que tinha para fazer, McFay, como todos os outros que haviam recebido um exemplar, trancou a porta da sala e devorou o fascículo na maior ansiedade. Ao ler a última frase, “Continua na próxima semana”, ele soltou um suspiro e murmurou para si mesmo:

— O que Miss Havisham, aquela velha diabólica, fará em seguida? Ela me lembra a mãe de Maureen. Espero que tudo acabe bem para Pip. De um jeito ou de outro, ele tem de escapar! E torço para que o velho Dickens nos dê um final feliz...

Por um momento, ele se perdeu na admiração pelo homem e suas histórias maravilhosas, desde *Oliver Twist*, mais de vinte anos antes, passando por *Nicholas Nickleby*, *David Copperfield* e uma dezena de outros livros, até o fascinante *Tale of Two Cities*. Dickens é o maior escritor do mundo, não resta a menor dúvida quanto a isso.

McFay levantou-se, foi até a janela, parou ali, observando o mar e enviando seus pensamentos para a esquadra em Iedo, assim como para o navio de correspondência, que agora não precisaria mais se desviar de seu curso e continuaria na rota regular para Xangai, em vez de voltar direto a Hong Kong, levando Malcolm Struan. A preocupação com ele e o futuro logo se misturaram na mente de McFay, com os pensamentos sobre Pip e Miss Havisham,

especulando como Pip sairia da enrascada em que se metera, e se a moça acabaria se apaixonando por Pip. Espero que sim, a pobre moça. E o que dizer da minha Maureen? É tempo de eu constituir uma família...

Uma batida na porta.

— Sr. McFay, posso lhe falar por um instante? Era Piero Vargas, seu assistente.

— Só um instante.

Sentindo-se um pouco culpado, ele escondeu o fascículo debaixo da pilha de correspondência, espreguiçou-se e foi abrir a porta.

Piero Vargas era um eurasiático bonito, de meia-idade, procedente de Macau o pequeno enclave português cerca de setenta quilômetros a

oeste de Hong Kong, parecendo uma espinha na costa da China continental, e ocupado desde 1.552. Ao contrário dos britânicos, os portugueses consideravam Macau igual ao território metropolitano, não uma colônia, e estimulavam seus habitantes a casarem com chinesas, concediam plena cidadania à prole eurásiana, permitindo-lhe acesso permanente a Portugal. O casamento inter-racial de britânicos era sempre desencorajado, embora muitos tivessem famílias assim. Os filhos, no entanto, não eram aceitos na sociedade. Pelo costume, os que nasciam em Xangai recebiam o nome do pai, e em Hong Kong o da mãe.

Desde que haviam chegado à China, os britânicos empregavam com a maior satisfação os macauenses mais inteligentes como *shroffs* — cambistas de dinheiro — e compradores, já que, por necessidade, falavam inglês e dialetos chineses. Menos a Casa Nobre. Seu compradore era Gordon Chen, dono de uma riqueza fabulosa, o filho ilegítimo do fundador, Dirk Struan, com uma de suas muitas amantes, embora não a última, a famosa May-May.

— O que é, Piero?

— Desculpe interromper, senhor — disse Piero, em seu inglês fluente e suave —, mas Kinu-san, nosso fornecedor de seda, solicita uma entrevista pessoal.

— Por quê?

— Não é para ele, mas para dois compradores que o acompanham.
De *Choshu*.

— É mesmo?

O interesse de McFay foi despertado no mesmo instante. Quase dois anos de sondagens do *daimio* de *Choshu*, o feudo a oeste dos estreitos de Shimonoseki, haviam produzido negócios muito importantes no ano anterior, autorizados pelo escritório central em Hong Kong, que providenciara tudo: um vapor de roda de duzentas toneladas, com uma carga confidencial, canhões, balas e pólvora. Tudo pago com ouro e prata, metade adiantado, metade contra entrega.

— Pode trazê-los. Não, espere. É melhor eu recebê-los na sala de recepção principal.

— Sim, senhor.

— Um deles é o mesmo sujeito da ocasião anterior?

— Como, senhor?

— O jovem samurai que falava um pouco de inglês?

— Não participei dessa reunião, senhor. Estava de licença em Portugal.

— Ah, é isso mesmo, lembrei agora.

A sala de recepção era grande, com uma enorme mesa de carvalho, a que quarenta e duas pessoas podiam sentar. Havia ali aparadores e cômodas, exibindo bandejas de prata e cristais, tudo bem cuidado, faiscando. McFay abriu uma das cômodas, tirou o cinto, com um coldre e uma pistola. Afivelou o cinto em torno da cintura, certificando-se de que a pistola se encontrava carregada e solta no coldre. Sempre tinha o costume, ao se encontrar com um samurai, de se armar como eles.

— É uma questão de aparência, além de segurança — costumava comentar para seus subordinados.

Como um apoio adicional, encostou um fuzil Spencer numa cadeira e depois foi se postar diante da janela, virado para a porta.

Vargas voltou com três homens. Um deles era de meia-idade, gordo, untuoso, sem qualquer espada, Kinu, o fornecedor de seda. Os outros dois eram samurais, um jovem, o segundo na casa dos quarenta anos, embora fosse difícil determinar com certeza. Ambos

eram baixos, esguios, rostos impassíveis, e estavam armados, como sempre.

Fizeram uma reverência polida. McFay notou que os dois perceberam logo o fuzil de carregar pela culatra. Ele retribuiu à reverência, e disse:

— Ohayo. Bom dia. — E acrescentou: — Dozo.

Significava por favor, e ele indicou as cadeiras à sua frente, a uma distância segura.

— Bom dia — disse o mais jovem, sem sorrir.

— Fala inglês? Ótimo. Sentem-se, por favor.

— Falo um pouco — disse o jovem, o “l” soando como “r”, porque não havia o som de “1” em japonês.

Por um momento, ele falou com Vargas em *fuquinês*, o dialeto chinês comum, e depois os dois japoneses se apresentaram, acrescentando que haviam sido enviados por lorde Ogama, de *Choshu*.

— Sou Jamie McFay, chefe da Struan and Company no Nipão, e me sinto honrado em recebê-los.

Vargas tornou a traduzir. Paciente, Jamie passou pelos quinze minutos obrigatórios de indagações sobre a saúde do *daimio*, a saúde dos dois emissários, sua própria saúde e a saúde da rainha, a situação em *Choshu*, na Inglaterra, nada específico, tudo superficial. O chá foi servido e admirado. Ao final, o jovem anunciou o que queriam. Com o maior cuidado, Vargas evitou que o entusiasmo aparecesse em sua voz:

— Eles querem comprar mil fuzis de carregar pela culatra, com mil cartuchos de bronze para cada arma. Devemos dar um preço justo e efetuar a entrega dentro de três meses. Se entregarmos em dois meses, pagarão uma bonificação... vinte por cento.

Também manteve a calma exterior.

— Isso é tudo o que eles desejam comprar no momento?

Vargas traduziu a pergunta.

— É, sim, senhor, mas eles exigem mil cartuchos por fuzil.

McFay calculou o vultoso lucro em potencial, mas também recordou sua conversa com Greyforth, e a conhecida hostilidade do almirante e do general, com o apoio de Sir William, à venda de quaisquer armamentos. E lembrou os vários assassinatos. E Canterbury

retalhado. Algum dia seria seguro negociar com um povo tão belicoso?

— Por favor, avise a eles que só posso dar uma resposta daqui a três semanas.

Ele viu o sorriso cordial desaparecer do rosto do mais jovem.

— Responda... agora. Não em três semanas.

— Não temos armas aqui — declarou McFay, bem devagar, fitando-o. Tenho de escrever para o escritório central em Hong Kong, nove dias para a carta chegar lá, nove dias para a resposta voltar. Temos alguns fuzis de carregar pela culatra ali. O resto, só na América. Quatro ou cinco meses, no mínimo.

— Não compreendo.

Vargas traduziu. Houve uma conversa entre os dois samurais, o negociante respondendo às suas perguntas com absoluta humildade. Mais perguntas a Vargas, respondidas com polidez.

— Ele diz que está bem, voltará em vinte e nove dias, ou virá outro representante. A transação deve ser mantida em segredo.

— Claro. — McFay olhou para o jovem. — Tudo secreto.

— *Ha!* Secreto.

— Pergunte a ele como está o outro samurai, Saito.

McFay viu os dois franzirem o rosto, mas não pôde interpretar a reação.

— Eles não o conhecem pessoalmente, senhor.

Mais reverências e depois Jamie ficou sozinho. Absorto em pensamentos, tornou a guardar o cinto com a arma na cômoda. Se eu não lhes vender as armas, Norbert venderá... independente do aspecto moral.

Vargas voltou, bastante satisfeito.

— Uma excelente possibilidade, senhor, mas uma grande responsabilidade.

— Tem razão. Fico imaginando o que o escritório central dirá desta vez.

— É fácil descobrir, senhor, e bem depressa. Não precisa esperar dezoito dias. O escritório central não se encontra lá em cima neste momento?

McFay ficou aturdido.

— Mas é isso mesmo! Eu tinha esquecido. Mas não é fácil pensar no jovem Malcolm como o *tai-pan*, nosso supremo tomador de decisões.

Passos se aproximaram, correndo, a porta foi aberta.

— Desculpe interromper — disse Nettlesmith, ofegante do esforço, o chapéu enebado torto na cabeça. — Mas achei que era melhor que soubesse primeiro. Acabamos de receber o aviso de que a bandeira azul de sinalização foi hasteada no mastro da legação... depois desceu, tornou a subir, baixou para meio mastro e assim permaneceu.

Jamie fitou-o com uma expressão de surpresa.

— E o que isso significa?

— Não sei, exceto que meio mastro em geral indica uma morte, não é?

Bastante perturbado, o almirante tornou a focalizar o binóculo no mastro da legação. Os outros homens no tombadilho superior, seus comandantes do resto da esquadra, Marlowe, o general, o almirante francês e Von Heimrich igualmente preocupados, Seratard e André Poncin apenas simulando. Quando o vigia dera o alarme, meia hora antes, todos saíram apressados para o tombadilho, deixando a mesa do almoço. Com exceção do ministro russo, que dissera:

— Se querem esperar no frio, tudo bem, mas não contem comigo. Quando vier a notícia da praia, sim, não ou guerra, podem me

chamar, por favor. Se iniciarem o bombardeio, eu me juntarei a vocês...

Marlowe observava a carne que se espremia por cima do colarinho do almirante, desprezando-o, e desejando estar em terra com Tyrer, ou a bordo de seu próprio navio, o Pearl. Ao meio-dia, o almirante substituíra o comandante temporário por um estranho, um certo tenente Dornfeld, ignorando seu conselho. O velho miserável, olhe só como ele se mexe, pomposo, com seu binóculo... todo mundo sabe que é muito caro, entregue apenas a almirantes. O desgraçado...

— Marlowe!

— Pois não, senhor.

— É melhor descobrirmos o que está acontecendo. Trate de desembarcar... não, preciso de você aqui! Thomas, quer fazer a gentileza de enviar um oficial à legação? Marlowe, providencie um sinaleiro para acompanhar o destacamento.

No mesmo instante, o general sacudiu o polegar para um ajudante-de-ordens, que se afastou apressado, seguido de perto por Marlowe. Seratard aconchegou-se em seu casaco grosso contra o vento frio.

— Receio que Sir William tenha se metido numa enrascada.

— Lembro que já expôs suas opiniões esta manhã — cortou o almirante, em tom brusco.

A reunião com os ministros que ele convocara naquela manhã fora tumultuada e não trouxera qualquer solução, a não ser a sugestão do conde Zergeyev: o uso imediato e maciço da força.

— O que não dispomos no momento, meu caro conde — ressaltara o almirante —, se for necessário acompanhar o bombardeio com um desembarque para capturar a cidade e os arredores.

Ketterer comprimiu os lábios e lançou um olhar furioso para Seratard, a aversão mútua ostensiva.

— Tenho certeza que Sir William encontrará uma solução, mas devo dizer, com toda franqueza, que se nossas cores fossem atacadas, Iedo desapareceria em fogueira!

— Concordo — disse Seratard. — Uma questão de honra nacional!

O rosto de Von Heimrich assumiu uma expressão dura.

— Os japoneses não são estúpidos... como algumas pessoas. Não vamos acreditar que ignorem a força com que contamos agora.

O vento aumentou de intensidade de repente, fazendo ranger algumas cordas, o mar se tornou mais cinzento, as nuvens escureceram. Todos os olhos desviaram-se para uma linha preta de tempestade no horizonte, a leste. A tempestade se aproximava da terra, ameaçando o ancoradouro exposto.

— Marlowe, mande um... Marlowe! — berrou o almirante.

— Pois não, senhor? — indagou Marlowe, voltando depressa.

— Pelo amor de Deus, mantenha-se à distância da minha voz! Mande um aviso a todos os navios: Preparem a saída para o mar. Caso as condições deteriorarem rapidamente, estão autorizados a efetuar a ação individual que julgarem necessária, e depois nos reagruparemos em Kanagawa, assim que a situação permitir. E vocês, comandantes, devem voltar logo a seus navios, enquanto o tempo ainda permite.

Todos se retiraram de bom grado, contentes por deixarem a companhia do almirante.

— Também voltarei para meu navio — declarou o almirante francês.
— *Bonjour, messieurs.*

— Também vamos, *monsieur* almirante — disse Seratard. —
Obrigado por sua hospitalidade, almirante Ketterer.

— E o conde Alexi? Ele não veio com vocês?

— Deixe-o dormir. Melhor que o urso russo fique dormindo, *n'est-cepas?* Seratard falou com frieza, olhando para Von Heimrich, ambos conhecendo muito bem as manobras secretas da Prússia para conseguir que o czar se mantivesse neutro em qualquer confrontação, a fim de permitir a expansão prussiana pela Europa, atendendo a uma política de Estado ostensiva: a criação de uma nação alemã, integrada pelos povos que falavam alemão, tendo a Prússia na vanguarda.

Marlowe, apressando-se para falar com o sinaleiro, avistou seu navio, o Pearl, ancorado com perfeição e se preocupou com o que poderia lhe acontecer, desejando estar a bordo e no comando. Apreensivo, ele tornou a olhar para o mar, avaliando a linha da tempestade, as nuvens escuras, o cheiro e o gosto da maresia no vento. Desgraçado de almirante, pensou ele.

Na sala de audiência da legação, Sir William, ladeado por um oficial escocês, Phillip Tyrer e os guardas, sentava diante dos três emissários japoneses, que também sentaram, sem a menor pressa, com seus guardas postados por trás: o ancião de cabelos grisalhos, Adachi, o *daimio* de Mito; o falso samurai, Misamoto, o pescador; e um alto funcionário do *Bakufu*, baixo e barrigudo, secretamente fluente em holandês, cuja missão secreta era relatar em particular a Yoshi tudo que ocorresse na reunião, em particular o comportamento dos outros dois. Como sempre, nenhum deles usou seu nome correto.

Cinco palanquins haviam chegado, como no dia anterior, com a mesma cerimônia, e com uma quantidade maior de guardas. Apenas três estavam ocupados com o que Sir William achou estranho e perturbador. Isso, depois do incremento da atividade dos samurais durante a noite, em torno do templo e da legação, levaria-o a transmitir um sinal de alarme parcial para a esquadra, hasteando a bandeira a meio mastro, com a esperança de que Ketterer compreendesse.

Lá fora, no pátio, Hiraga, outra vez disfarçado como um jardineiro, também ficou perturbado... ainda mais porque Toranaga Yoshi não viera desta vez. O que significava que o plano tão cuidadoso de emboscar Yoshi perto dos portões do castelo, em seu retorno, teria de ser cancelado. Ele tentara no mesmo instante se afastar despercebido, mas os samurais, irritados, ordenaram-lhe que voltasse ao trabalho. Fervendo de raiva, ele obedeceu, aguardando uma oportunidade de escapar.

— Estão com um atraso de duas horas e meia — declarou Sir William, friamente, como uma salva de abertura. — Nos países civilizados, as reuniões diplomáticas sempre começam na hora marcada, jamais com tamanho atraso!

Houve desculpas imediatas e floreadas, mas irrelevantes. Depois, as habituais e indispensáveis apresentações, com elogios e uma polidez irritante, e em seguida mais de uma hora de conversa inócua, as exigências desviadas com a maior calma, argumentos pomposos, espanto onde nenhum cabia, perguntas precisando ser repetidas, fatos descartados, a verdade ignorada — álibis, explicações, racionalizações, desculpas, tudo enunciado com a mais absoluta cortesia.

Sir William já se encontrava prestes a explodir, quando o ancião, Adachi, apresentou um pergaminho lacrado, entregou-o ao intérprete japonês, que o passou para Johann. O cansaço de Johann se desvaneceu no mesmo instante.

— *Gott im Himmel!* Tem o lacre do *roju!*

— E o que é isso?

— O Conselho dos Anciãos. Eu reconheceria este lacre em qualquer lugar... é o mesmo que o embaixador Harris obteve. É melhor aceitá-lo formalmente, Sir William, e depois o lerei em voz alta, se estiver

em holandês, o que duvido. — Ele abafou um bocejo nervoso. — É bem possível que seja apenas outra tática protetatória.

Sir William fez o que Johann sugeriu, detestando se sentir tão restrito, obrigado a depender de intérpretes mercenários estrangeiros. Johann rompeu o lacre e correu os olhos pelo documento. Seu espanto era evidente.

— Por Deus, está em holandês! Pulando todos os títulos, a linguagem formal, diz o seguinte: O Conselho de Anciãos, tendo recebido o que parece ser uma justa queixa, pede desculpas pela incúria de seus súditos, e deseja convidar o honrado ministro dos britânicos, assim como todos os outros ministros credenciados a se reunirem com o conselho, daqui a trinta dias, em Iedo, quando a formal será apresentada, discutida, decidida, e acertada uma indenização a referida queixa justa. Assinado... Nori Anjo, ministro-chefe.

Com um supremo esforço, Sir William evitou a manifestação de seu alívio, contido por tanto tempo. Aquele convite inesperado proporcionava-lhe o expediente de que precisava, de maneira tão desesperada, para salvar as aparências. Agora, se pudesse enredá-los num estratagema só mais um pouco... Para sua repentina fúria,

percebeu, pelo canto dos olhos, que Tyrer exibia um sorriso largo. Sem olhar para ele, Sir William sussurrou:

— Pare de sorrir, seu idiota! — No mesmo fôlego, ele acrescentou, a voz áspera: — Johann, diga a eles que terão minha resposta em três dias. Enquanto isso, quero uma indenização imediata, em ouro, no valor de dez mil libras esterlinas, para as famílias do sargento e do cabo assassinados na legação, no ano passado, e já reclamada quatro vezes!

Quando isso foi traduzido, ele viu a consternação no rosto do idoso japonês. Houve outra conversa prolongada entre ele e o emissário do *Bakufu*. Johann traduziu, cansado:

— O velho descarta essa possibilidade, com as mesmas alegações de sempre-a “lamentável ocorrência” foi de responsabilidade de um empregado da legação, que em seguida cometeu *seppuku*... suicídio. O *Bakufu* não tem qualquer culpa.

Também cansado, Sir William ordenou:

— Por Deus, responda com a argumentação habitual: que foram eles que indicaram o homem, insistiram que o contratássemos, por isso são responsáveis... e ele só cometeu suicídio porque foi gravemente ferido, na tentativa de assassinar meu antecessor, e se achava sujeito à captura imediata!

Tentando dissipar a exaustão, ele observou os dois emissários conversarem com o intérprete, enquanto o terceiro homem se limitava a escutar, como fizera durante toda a tarde. Talvez fosse ele quem possuía o verdadeiro poder. O que teria acontecido com os outros homens, os que haviam comparecido no dia anterior, em particular o mais jovem... o que André Poncin abordara no momento em que se retirava? O que o patife insidioso do Seratard anda tramando?

O vento mais forte atingiu uma persiana solta e sacudiu-a contra a janela. Um dos guardas inclinou-se para ajustá-la no lugar. A esquadra não estava muito longe da praia, no mar de um cinza profundo agora, com ondas encapeladas. Sir William notou a linha da tempestade se aproximando. Sua ansiedade pelos navios aumentou. Johann disse:

— O velho pergunta se aceita três mil.

O rosto de Sir William ficou vermelho.

— Dez mil em ouro!

Mais conversa, e depois Johann enxugou o suor da testa.

— *Mein Gott!* Pode ser dez, pago em duas vezes, em Iocoama, a primeira parcela daqui a dez dias, o resto no dia anterior à reunião em Iedo.

Depois de uma pausa dramática deliberada, Sir William anunciou:

— Dentro de três dias, eu lhes direi se é aceitável.

Mais respiração presa, mais tentativas astutas de mudar o prazo de três para trinta, dez, oito, todas recebidas com firmeza e recusadas.

— Três dias.

Reverências polidas e a delegação se retirou. Assim que ficaram a sós, Johann comentou, radiante:

— É a primeira vez que conseguimos fazer algum progresso, Sir William, a primeira vez!

— Veremos. De qualquer forma, ainda não consigo entendê-los. E óbvio que tentavam nos desgastar. Mas por quê? De que adiantaria? Trouxeram o pergaminho, então por que não o entregaram logo no

início e evitaram todo esse desperdício de tempo? Um bando de idiotas! E por que mandaram dois palanquins vazios?

Phillip Tyrer interveio, com alguma animação:

— Parece-me, senhor, que a insídia é uma das características deles.

— Pode ser. Venha comigo, Tyrer, por favor.

Sir William seguiu na frente para sua sala particular. Fechada a porta, ele disse, furioso:

— O Ministério do Exterior não lhe ensinou coisa alguma? É totalmente desprovido de cérebro? Não tem bom senso suficiente para manter um rosto impassível em reuniões diplomáticas? Ficou de miolo mole?

Tyrer se chocou com tanta fúria.

— Sinto muito, senhor, mas me senti tão satisfeito com sua vitória que...

— Não foi uma vitória, seu idiota! Foi apenas uma protelação, embora enviada pelos céus!

O alívio de Sir William pelo término da reunião, em que conseguira, contra suas expectativas, muito mais do que poderia desejar, servia para alimentar sua irritação.

— Seus ouvidos estão tapados com cera? Não ouviu “o que parece ser uma queixa justa”... essa é a maior abertura que eles poderiam deixar! Conseguimos um adiamento, isso é tudo, mas acontece que no momento me convém muito bem. Ficarei espantado se a tal reunião em Iedo ocorrer mesmo dentro de trinta dias. Na próxima

vez, NÃO permita que seus sentimentos transpareçam, pelo amor de Deus, se algum dia se tornar um intérprete... Por falar nisso, é melhor aprender japonês bem depressa ou vai se descobrir no próximo navio de volta à Inglaterra, com um registro em sua ficha que o fará ser indicado para um posto na Esquimolândia pelo resto de sua vida!

— Sim, senhor.

Ainda furioso, Sir William percebeu que o jovem o fitava com uma expressão seca. Se perguntou o que havia de diferente nele. E foi então que notou seus olhos jovens e lembrou onde viu esse olhar antes — a mesma estranheza, quase indefinível, que o jovem soldado após sua primeira batalha também tinha? Ah, sim, claro, lembro agora! Nos olhos dos jovens que estavam voltando da Criméia, os ilesos e também os feridos... aliados ou inimigos. Que o choque da guerra arrancara a juventude, extirpara sua inocência, com uma rapidez tão suave, que ficaram mudados para sempre. E transparece não nos rostos, mas nos olhos. Quantas vezes já me contaram: antes da batalha, um jovem, e uns poucos minutos ou horas depois, adulto... quer seja britânico, russo, alemão francês ou turco, é tudo a mesma coisa.

Sou eu o idiota, não esse jovem. Esqueci que ele mal completou vinte e um anos e em seis dias já foi quase assassinado, passando por uma experiência tão violenta quanto qualquer homem pode ter. Ou mulher, diga-se de passagem. É verdade, percebi a mesma expressão nos olhos da moça. Foi uma estupidez da minha parte não compreender. Pobre moça... será que já fez dezoito anos? É terrível crescer tão depressa. Posso me considerar afortunado.

— Mas tenho certeza de que vai acabar fazendo tudo certo, Sr. Tyrer — disse ele, um pouco ríspido, invejando-o por ter passado pelo batismo de fogo com tanta bravura. — Essas reuniões são... o suficiente para pôr à prova a paciência de Jó, não é mesmo? Acho que merecemos um xerez.

Hiraga teve a maior dificuldade para escapar do jardim, através dos círculos de samurais, e se esgueirar de volta à estalagem dos *Quarenta e Sete Ronin*. Quando a alcançou, bastante atrasado, ficou

chocado ao descobrir que a expedição de assassinato já partira para a emboscada. Ori disse, desolado:

— Um dos nossos informou que a delegação saíra do castelo exatamente como ontem, com os mesmos estandartes, cinco palanquins, e por isso presumimos que lorde Yoshi também a integrava.

— Todos deveriam esperar.

— E esperaram, Hiraga, mas se... se não partissem logo, nunca chegariam ao local a tempo.

Hiraga trocou de roupa num instante, vestindo um quimono barato, e pegou suas armas.

— Foi ao médico?

— Nós, *mama-san* e eu, achamos que seria perigoso demais ir até lá hoje. Posso ir amanhã.

— Então eu o verei em Kanagawa.

— *Sonno-jo!*

— Vá logo para Kanagawa. Corre perigo aqui.

Hiraga pulou por cima da cerca, seguiu por vielas, pontes e caminhos pouco usados, circulando até o castelo. Desta vez teve sorte e evitou todas as patrulhas.

A maioria dos palácios de *daimios* fora das muralhas do castelo se encontrava deserta. Aproveitando todas as coberturas, ele esgueirou-se de um jardim para outro, até as ruínas carbonizadas do que fora o palácio de *daimio* destruído pelo terremoto três dias antes. Como planejado, seus amigos *shishi* haviam se reunido para a emboscada perto do portão principal, também destruído, que dava para o caminho principal do castelo. Havia nove homens ali, não onze.

— Já não contávamos mais com você, Hiraga — sussurrou o mais jovem.e também o mais excitado. — Daqui, poderemos matá-lo com facilidade.

— Onde estão os samurais de Mori?

— Mortos. — Seu primo, Akimoto, deu de ombros. Era o mais corpulento, com vinte e quatro anos. — Viemos por caminhos separados, mas eu estava perto deles, e nós três esbarramos com uma patrulha. Ele fez uma pausa, antes de acrescentar, radiante:

— Fugi por um caminho, eles por outro. Vi quando um deles foi atingido por uma flecha e caiu. Nunca imaginei que pudesse correr tão depressa. Vamos esquecê-los. Quando Yoshi vai passar por aqui?

O desapontamento foi profundo quando Hiraga informou que a presa não estava no cortejo.

— O que faremos agora? — indagou um jovem alto e bonito, de dezesseis anos.— Esta emboscada é perfeita... meia dúzia de palanquins do *Bakufu* passando quase sem guardas.

— Este lugar é bom demais para arriscá-lo sem alguma razão especial — declarou Hiraga. — Vamos embora, um de cada vez. Akimoto, você pri...

O *shishi* de vigia assoviou em advertência. No mesmo instante, todos se esconderam, os olhos comprimidos em aberturas nas cercas quebradas. Um palanquim coberto, todo ornamentado, levado por oito carregadores seminus e acompanhado por uma dúzia de samurais com estandartes, passava a trinta e poucos metros de

distância, encaminhando-se sem qualquer pressa para os portões do castelo. Não havia mais ninguém à vista, em qualquer direção.

Houve um imediato reconhecimento do emblema: Nori Anjo, o chefe do Conselho de Anciãos. E uma decisão imediata: "*Sonno-joi!*"

Com Hiraga à frente, eles correram como um único homem para o ataque, mataram os quatro guardas da frente e avançaram para o palanquim. Em seu entusiasmo, porém, cometeram um erro de cálculo de poucos segundos, o que permitiu a recuperação dos outros oito guardas, guerreiros experientes. Na confusão frenética, os carregadores berraram de medo, largaram o palanquim e fugiram — os que haviam escapado à violenta ofensiva inicial. Isso proporcionou a Anjo o momento de que precisava para escapulir pela porta aberta no outro lado do palanquim, enquanto a espada de Hiraga passava pela madeira macia e empalava a almofada em que ele estivera um segundo antes.

Praguejando, Hiraga retirou a espada, virou-se ao se descobrir ameaçado pelas costas, matou o homem depois do choque violento de metal contra metal e passou pelo palanquim, atrás de Anjo, que já se levantara, desembainhara sua espada e contava agora com a proteção de três samurais. Por trás de Hiraga, cinco de seus amigos duelavam com os quatro samurais, um *shishi* já morto, outro

estendido no chão, mortalmente ferido, e um terceiro, gritando com sede de sangue, calculando como atingir o adversário, tropeçara num carregador soluçando e recebera um golpe terrível no flanco. Antes que o atacante pudesse recuperar o equilíbrio, outro *shishi* o golpeará com toda força, e a cabeça do samurai rolara pela terra.

Agora, eram sete contra seis.

Akimoto desvencilhou-se de sua luta e correu para ajudar Hiraga, que avançava contra Anjo e seus três guardas e estava levando a pior. Com uma finta espetacular, Hiraga forçou um dos guardas a se desequilibrar, matou-o, recuou, correu para o lado, a fim de atrair os outros dois samurais, proporcionando a Akimoto a abertura de que precisava para liquidar Anjo.

Foi nesse instante que souo um grito de advertência. Vinte guardas do castelo contornaram a curva no caminho, a cinquenta metros de distância, e corriam em socorro a Anjo. Uma hesitação mínima de Akimoto deu a um guarda o tempo necessário para aparar o golpe violento que teria matado Anjo, permitindo-lhe fugir na direção dos reforços. Agora, os *shishi* se encontravam em total inferioridade numérica.

Não havia a menor possibilidade de matar Anjo! Nem de superar os oponentes!

— Recuar! — berrou Hiraga.

Como um só homem, a manobra ensaiada muitas vezes, Akimoto e os outros quatro remanescentes desvencilharam-se de seus duelos e correram de volta pelo portão destruído, Hiraga por último... e o jovem bastante ferido, Jozan, cambaleando atrás. Por um instante, os guardas ficaram confusos. Mas logo se recuperaram e partiram em perseguição, juntos com os reforços, enquanto alguns samurais interceptavam Jozan, que os manteve a distância, a espada levantada, girando, o sangue escorrendo do ferimento no flanco.

Akimoto seguiu na frente da retirada desordenada, através do palácio em ruínas, o caminho de fuga definido por vários reconhecimentos. Hiraga era a retaguarda, o inimigo se aproximando. Ao alcançar a primeira barricada, onde Gota esperava em emboscada, para apoiá-lo, Hiraga parou de repente, e os dois partiram para o contra-ataque, golpeando com a maior ferocidade, ferindo mortalmente um homem, obrigando outro a bater em

retirada e derrubando um terceiro. Eles tornaram a fugir, no instante seguinte, levando o inimigo cada vez mais pelo labirinto.

Quase tropeçando, correram pela estreita abertura no muro meio queimado, onde Akimoto e outro homem esperavam, numa segunda emboscada. Sem hesitação, os dois liquidaram o primeiro atacante, gritando "*Sonno-jo!*", enquanto os demais, surpresos com o ataque súbito, pararam para se reagrupar. Quando soltaram seu grito de batalha, passaram por cima do cadáver do companheiro e saíram no outro lado da abertura, Akimoto, Hiraga e os outros *shishi* não mais podiam ser vistos, em parte alguma.

Os samurais espalharam-se e iniciaram uma busca meticulosa enquanto o céu se enchia de nuvens escuras, ameaçadoras.

Na frente do portão em ruínas, Anjo estava agora cercado por guardas. Cinco dos seus homens haviam sido mortos, dois se achavam gravemente feridos. Os dois *shishi* mortos já haviam sido decapitados. Um jovem *shishi* se encontra estendido no chão, impotente, uma perna quase cortada, a segurá-la em agonia tentando impedir que se separasse do corpo. Jozan se encolhia contra um muro.

A chuva começou a cair. O samurai parado diante do jovem tornou a perguntar:

— Quem é você? Qual é o seu nome? Quem o mandou? Quem é seu líder-

— Já disse, sou um *shishi* de *Choshu*, Toma Hojo. Eu era o líder. Ninguém me mandou. *Sonno-jo!*

— Ele está mentindo, Sire — declarou um oficial, ofegante.

— Claro que está — disse Anjo, furioso. — Mate-o.

— Respeitosamente, solicito permissão para cometer seppuku.

— Mate-o!

O oficial, enorme, parecendo um urso, deu de ombros e avançou para o jovem. De costas para o ancião, ele sussurrou:

— Tenho a honra de agir como seu representante. Estique o pescoço.

A espada zuniu pelo ar, enquanto ele desfechava o golpe único. Formalmente, levantou a cabeça pelo topete, mostrando-a a Anjo.

— Eu vi — disse Anjo, seguindo o ritual correto, ao mesmo tempo em que sufocava de raiva por aqueles homens terem ousado atacá-lo, terem ousado deixá-lo apavorado, a ele, o chefe do *roju*! — E agora, aquele... ele também é um mentiroso. Mate-o!

— Com todo respeito, solicitou que ele tenha permissão para cometer seppuku.

Anjo já ia gritar que o oficial tinha de matar o assassino em potencial brutalmente ou cometer seppuku ele próprio, mas sentiu o súbito antagonismo coletivo dos samurais ao seu redor. O medo habitual dominou-o. Em quem posso confiar? Apenas cinco daqueles homens eram seus guardas pessoais.

Ele fingiu considerar o pedido. Quando conteve a fúria, acenou com a cabeça, virou-se e se encaminhou para os portões do castelo, sob a chuva crescente. Seus homens o acompanharam, enquanto os demais circulavam Jozan.

— Pode descansar por um momento, *shishi* — disse o oficial, gentilmente, passando a mão pelo próprio rosto, para remover a água da chuva. — Dêem-lhe um pouco de água.

— Obrigado.

Jozan se preparara para aquele momento desde que, com Ori, Shorin e os outros, jurara “Honrar o imperador e expulsar os estrangeiros”. Concentrando as forças que lhe restavam, ficou de joelhos e descobriu, horrorizado, que estava com medo de morrer. O oficial percebeu o terror, já esperava por isso. Adiantou-se no mesmo instante, agachou-se ao lado de Jozan.

— Tem um poema de morte, *shishi*? Pois recite-o para mim. Agüente firme. Não fraqueje agora. É um samurai e este é um dia tão bom quanto outro qualquer.

A voz era suave, para encorajar o jovem, fazer com que as lágrimas cessassem.

— Do nada para o nada, uma espada corta seu inimigo, uma espada corta o céu. Solte o seu grito de batalha, e viverá para sempre. Diga: *Sonno-joi*... de novo...

Durante todo o tempo, ele estivera se preparando. Com um movimento súbito e ágil, levantou-se, tirou a espada da bainha... e despachou o jovem para a eternidade.

— Puxa! — exclamou um de seus homens, com a maior admiração.
— Uraga-san, foi um golpe maravilhoso.

— Sensei Katsumata, de *Satsuma*, foi um dos meus mestres — disse o oficial com a voz um pouco rouca.

Seu coração batia forte, como nunca antes, mas estava satisfeito por ter cumprido seu dever como um samurai. Um dos seus homens levantou a cabeça pelo topete. A chuva se transformou em lágrimas, diluindo as verdadeiras.

— Limpem a cabeça e a apresentem a lorde Anjo. — Uraga olhou para os portões do castelo e murmurou, antes de se afastar: — Os

covardes me repugnam.

Naquela noite, quando era seguro, Hiraga e os outros se esgueiraram do porão, que fora escolhido com antecedência. Por caminhos diferentes, seguiram para sua casa segura.

O céu estava nublado, a noite era escura, o vento forte espalhava a chuva por todos os lados. Não vou sentir frio, não vou sentir desconforto, sou um samurai, Hiraga disse a si mesmo, seguindo o padrão de treinamento que era mantido em sua família desde que podia se lembrar. Assim como treinarei meus filhos e filhas... se meu karma é ter filhos e filhas, pensou ele.

— É tempo de você casar — dissera o pai, um ano antes.

— Concordo, pai. Respeitosamente, solicito que mude de opinião, e me permita escolher meu próprio casamento.

— Primeiro, é dever do filho obedecer ao pai, segundo, é dever do pai escolher as esposas de seus filhos e os maridos de suas filhas, terceiro, o pai de Sumomo não aprova, ela é *Satsuma*, não *Choshu*, e por último, embora desejável, ela não é aceitável. O que me diz da moça Ito?

— Por favor, pai, peço que me perdoe. Concordo que minha escolha não é perfeita, mas a família dela é samurai, ela foi treinada como samurai, e me conquistou por completo. Eu lhe suplico. Tem quatro outros filhos... só tenho uma vida, e nós, você e eu, concordamos que será devotada a *Sonno-joi*; assim, será uma vida curta. Conceda-me isso como o desejo de toda a minha vida.

Pelo costume, o pedido era da maior gravidade, o que significava que, se atendido, excluiria a possibilidade de qualquer outra solicitação.

— Está bem — admitira o pai, relutante. — Mas não como o desejo de toda uma vida. Pode firmar o compromisso quando ela fizer dezessete anos. Eu a receberei de braços abertos em nossa família.

Isso acontecera no ano passado. Poucos dias depois, Hiraga deixara Shimonoseki, supostamente para se juntar ao regimento de *Choshu* em Quioto, mas na verdade para se declarar por *Sonno-joi*, tornar-se um *ronin*... e pôr em prática sua adesão secreta e treinamento de quatro anos.

Agora era o nono mês. Dentro de três semanas, Sumomo completaria dezessete anos, mas agora ele se encontrava tão à margem da lei que seria impossível um retorno seguro. Até ontem. O pai lhe escrevera: *Por mais espantoso que possa parecer, nosso lorde Ogama ofereceu o perdão a todos os guerreiros que aderiram a Sonno-joi, e vai restaurar todos os estipêndios, se voltarem de imediato, renunciarem à heresia, e outra vez lhe jurarem fidelidade, em público. Você deve aproveitar a oportunidade. Muitos estão voltando.*

A carta o entristecera, quase abalara sua determinação. “*Sonno-joi* é mais importante do que a família, do que lorde Ogama, e até mesmo do que Sumomo, dissera a si mesmo, muitas vezes. “Lorde Ogama não merece confiança. Quanto ao meu estipêndio...”

Por sorte, o pai gozava de relativa prosperidade, em comparação à maioria, e por causa do avô *shoya* fora promovido a hirazamurai, a terceira categoria de samurai. Acima, só havia o samurai sênior,

hatomoto e *daimio*. Abaixo de hirazamurai, ficavam todos os outros — goshi, ashigaru, samurai rural e infantas, que pertenciam à classe feudal, mas ocupavam uma posição inferior a samurai. Assim, o pai tinha acesso às autoridades inferiores e a educação de seus filhos fora a melhor disponível.

Eu lhe devo tudo, pensou Hiraga.

É verdade, e fui obediente, empenhei-me em ser o melhor discípulo na escola de samurai, o melhor espadachim, o melhor em inglês. E recebi sua permissão e aprovação, assim como a do sensei, nosso mestre, para abraçar *Sonno-joi* e me tornar um *ronin*, para liderar e organizar guerreiros de *Choshu*, como uma vanguarda para a mudança. Só que a aprovação deles é secreta; se fosse conhecida, isso custaria a cabeça de meu pai e do sensei.

Karma. Estou cumprindo meu dever. Os *gai-jin* são a escória de que não precisamos. Só queremos suas armas, que vamos usar para matá-los.

A chuva aumentou. A tempestade era terrível, o que deixou Hiraga satisfeito, porque tornava menos provável que fossem interceptados. O banho, o saquê e as roupas limpas à sua espera o manteriam aquecido e forte. Não se preocupava pelo fracasso do ataque. Era o karma.

Fora-lhe inculcado por seus mestres e sua herança que havia inimigos e traidores por toda parte, até que isso se tomara um estilo de vida. Seus passos eram controlados, a todo instante se certificava de que não era seguido, mudava de direção sem lógica e explorava o terreno à frente antes de avançar, sempre que possível.

Ao chegar à viela, porém, suas forças se esvaíram por completo. A estalagem dos *Quarenta e Sete Ronin* e a cerca ao redor haviam desaparecido.

Tudo o que restava era o vazio, um cheiro nauseante, cinzas fumegantes. Uns poucos corpos, de homens e mulheres. Alguns decapitados, outros retalhados em pedaços. Hiraga reconheceu seu camarada *shishi*, Gota, pelo quimono. A cabeça de *mama-san* fora espetada na ponta de uma lança, fincada na terra. Havia um cartaz pendurado: É contra a lei abrigar criminosos e traidores. O sinete oficial por baixo era do *Bakufu*, assinado por Nori Anjo, chefe do *roju*.

Hiraga foi dominado por uma fúria intensa, mas era uma ira gelada, que apenas se acrescentou às camadas que já existiam em seu íntimo. Os malditos *gai-jin*, pensou ele. A culpa é deles. Foi por causa dos *gai-jin* que isso aconteceu. Seremos vingados.

13

Domingo, 28 de setembro:

Malcolm struan emergiu do sono devagar. Os sentidos sondaram, testaram. Já conhecia a dor mental, perdera dois irmãos e uma irmã; a angústia causada pela embriaguez do pai, e seus crescentes acessos de raiva; de mestres impacientes; de sua necessidade obsessiva de se superar, porque um dia seria o *tai-pan*; e do medo corrosivo de se mostrar inadequado, por mais que se preparasse, treinasse, rezasse e trabalhasse, de dia e de noite, em cada dia e cada noite de sua vida — não fora uma infância normal, como a de outras crianças.

Mas agora, como nunca antes, precisava testar o nível de seu despertar, sondar a profundidade da dor física que teria de suportar hoje, como uma nova norma, ignorando os súbitos e terríveis espasmos que chegavam sem qualquer aviso ou lógica.

Apenas uma dor latejante, mas melhor do que ontem. Quantos dias desde a estrada de *Tokaidô*? Dezesseis. Isso mesmo, era o décimo sexto dia.

Malcolm permitiu-se despertar um pouco mais. Não restava a menor dúvida, melhor do que ontem. Olhos e ouvidos abertos agora. O quarto firme, na claridade do amanhecer. Céu claro, vento ameno, sem tempestade.

A tempestade cessara dois dias antes. Fustigara por oito dias, com a força de um tufão, e desaparecera tão depressa quanto surgira. A esquadra ancorada diante de Iedo se dispersara no primeiro dia, procurando a segurança em alto-mar. Entre todos os navios de guerra, só a nave capitânia francesa, a primeira a deixar Iedo, conseguira retornar sã e salva a Iocoama. Nenhum outro navio voltara até agora. Ainda não havia motivos de preocupação, mas todos observavam o horizonte, apreensivos, torcendo e orando.

Durante a tempestade, um navio mercante fora lançado para a terra, em Iocoama, alguns prédios foram avariados, muitos cúteres e barcos de pesca se perderam, a devastação assolara a aldeia e Yoshiwara, várias barracas no acampamento militar foram levadas pelo vendaval, mas não houvera baixas, nem ali, nem na colônia.

Tivemos muita sorte, pensou Struan, concentrando-se em seguida no problema central de seu universo. Posso sentar?

Uma tentativa hesitante, meio desajeitada. Ai! Dor, mas não muito intensa, fez força com os dois braços e ergueu o tronco, as mãos apoiadas por trás.

Suportável. Melhor do que ontem. Ele esperou um momento, depois inclinou-se para a frente, ergueu um braço de apoio, com extremo cuidado. Ainda suportável. Removeu o outro braço. Ainda suportável. Empurrou as cobertas para o lado, e tentou, cauteloso, estender as pernas para o chão. Mas não conseguiu, a pontada de dor foi grande demais. Uma segunda tentativa, outro fracasso.

Não importa, tornarei a tentar mais tarde. Baixou o corpo para o colchão, tão gentilmente quanto podia. Quando removeu o peso da cintura, transferindo-o para as costas, soltou um suspiro de alívio.

— Paciência, Malcolm — dizia Babcott todos os dias, em cada visita... três ou quatro por dia.

— Que se dane a paciência!

— Concordo... mas você está se recuperando bem.

— Mas quando posso me levantar?

— Agora, se assim quiser... mas eu não aconselharia.

— Quanto tempo?

— Mais umas poucas semanas.

Ele praguejava furioso, mas de certa forma sentia-se satisfeito por aquela folga. Proporcionava-lhe mais tempo para considerar como iria lidar com o fato de ser agora o *tai-pan*, com sua mãe, com Angelique, com McFay, e com os prementes problemas de negócios.

— O que me diz das armas para *Choshu*? — indagara McFay, poucos dias antes. — Será a continuação de uma vultosa transação.

— Tenho uma idéia. Deixe comigo.

— Norbert já farejou as possibilidades desses *Choshus* e é provável que lhes faça uma oferta menor do que a nossa.

— Que se danem Norbert e a Brock! Seus contatos não são tão bons quanto os nossos, e Dmitri, Cooper-Tillman e a maioria dos outros mercadores americanos na China estão do nosso lado.

— Mas não no Havaí — ressaltara McFay, amargurado.

Na última correspondência, dez dias antes — e desde então não houvera mais notícias, pois o vapor bimensal só deveria voltar dentro de cinco dias —, Tess Struan escrevera:

O Victoria Bank nos traiu. Creio que eles vêm secretamente apoiando Morgan Brock em Londres, com vultosas cartas de crédito. Assim, Morgan Brock comprou ou subornou, em segredo, todos os nossos agentes no Havaí, açambarcando todo o mercado de açúcar, e nos excluindo por completo. Pior ainda, embora eu não tenha provas, circula o rumor de que ele tem estreitos contatos com o presidente rebelde Jefferson Davis e seus plantadores de algodão, propondo negociar todas as colheitas futuras para a indústria têxtil inglesa... um negócio que tornaria Tyler e Morgan os homens mais ricos da Ásia. ISSO NÃO DEVE ACONTECER! Não sei mais o que fazer, Jamie. O que você sugere? Entregue este despacho ao meu filho, com o mesmo pedido urgente de ajuda.

— Qual é a sua sugestão, Jamie?

— Não tenho nenhuma, Mal... *tai-pan*.

— Se o negócio está fechado, então está fechado, e ponto final. Poderíamos interceptar o algodão de alguma forma?

McFay ficara aturdido.

— Um ato de pirataria?

Struan não perdera a calma.

— Se for necessário. O velho Brock faria isso, já fez várias vezes, no passado. É uma possibilidade, o algodão seguirá todo em seus navios. E a segunda: nossa marinha rompe o bloqueio da União e depois recolhemos todo o algodão que quisermos.

— Seria possível, se declarássemos guerra à União, o que é inadmissível.

— Não concordo. Afinal, devemos nos postar ao lado de Davis, já que o algodão sulista é nosso sangue vital. Só assim eles poderiam vencer; caso contrário, será impossível.

— Tem toda razão. Mas também não podemos esquecer que somos igualmente dependentes do Norte.

— Como podemos tirar os navios de Brock? Deve haver algum meio de romper a corrente. Se ele não puder transferir a carga, está na bancarrota.

— O que Dirk faria?

— Saltaria na jugular — respondeu Malcolm, sem hesitar.

— Então é isso o que temos de descobrir...

Onde, e qual será? Ele perguntou a si mesmo, mais uma vez, estendido na cama, quieto, desejando que o cérebro funcionasse com lucidez naquele problema, e em todos os outros. Angelique? Não, pensarei nela mais tarde... mas já sei que a amo mais e mais, a cada dia que passa.

Graças a Deus que agora posso escrever cartas. Preciso escrever de novo para a mãe; se alguém conhece a jugular, só pode ser ela, já que Tyler Brock é seu pai e Morgan seu irmão. Mas como ela ousou desdenhar a família de Angelique? Devo escrever para o pai de Angelique? A resposta é sim, mas ainda não, haverá tempo suficiente depois.

Há muita correspondência para atualizar, livros a encomendar na Inglaterra, o Natal se aproxima, o baile de caridade do Jóquei Clube, em Hong Kong, tenho de pensar no baile anual da Struan, nas reuniões de hoje: Jamie, pelo menos duas vezes, Seratard esta

tarde... o que ele quer? O que mais está planejado para hoje? A visita de Phillip para conversar, logo depois do desjejum... espere um instante... não é hoje. Sir William ordenou ontem que ele voltasse a Iedo, a fim de preparar a legação para o encontro com o Conselho de Anciãos, dentro de vinte dias.

— A reunião vai acontecer mesmo, Sir William? — perguntara ele, quando o ministro o visitara.

Com a esquadra não mais protegendo a legação, e uma ampla atividade de samurais ao redor, embora não hostil, Sir William considerara prudente, depois de alguns dias para salvar as aparências, retornar a Iocoama, ostensivamente para esperar o pagamento da indenização.

— Creio que sim, Sr. Struan. Talvez não pontualmente, mas o cerimonial vai se realizar mais ou menos na ocasião marcada, e teremos dado um grande salto para a frente. Se eles efetuarem o primeiro pagamento, de cinco mil libras, conforme o prometido... neste caso, teremos uma boa indicação. Ah, antes que eu me esqueça. Soube que um vapor seu deve partir hoje para Hong Kong. Poderia permitir que um dos meus assistentes e alguma correspondência urgente viajassem nele? Minha esposa e dois filhos são esperados para breve, e tenho de fazer alguns planos.

— Claro. Falarei com McFay. Se quiser um lugar em qualquer dos nossos navios, basta avisar.

— Obrigado. Eu planejava mesmo tirar duas semanas de férias quando eles chegarem. Levamos uma vida muito isolada aqui, não acha? Sinto saudade da agitação de Hong Kong, que é uma cidade e tanto, embora não seja muito apreciada pelo pessoal de Whitehall. Um excelente rosbife, partidas de críquet e tênis, teatro ópera, e vários dias nas corridas... seria maravilhoso, depois de uma longa temporada aqui. Quando pretende voltar? Quando?

A notícia do desastre na *Tokaidô* já devia ter alcançado Hong Kong há quase uma semana, presumindo que o navio de correspondência passara pela tempestade sem maiores contratemplos. A mãe deve ter tido um acesso, embora nada deixasse transparecer para os outros. Virá para cá no primeiro navio disponível? É possível, mas tem de cuidar do QG... e de Emma, Rose e Duncan. Com o pai morto, e eu ferido, dezoito dias é tempo demais para ela se ausentar. E mesmo que já tenha embarcado, ainda me restam três ou quatro dias para preparar minhas defesas. E tranho considerá-la como possível inimiga; ou, se não inimiga, pelo menos não tão amiga. Mas talvez ela seja de fato uma amiga, sempre foi, embora distante, sempre cuidando do pai, com pouco tempo para nos dispensar.

— Olá, meu filho. Como eu poderia alguma vez ser sua inimiga?

Ele ficou atônito ao vê-la parada junto da cama, assim como o pai, o que era estranho, porque lembrou que o pai morrera, mas isso parecia não ter qualquer importância, e Malcolm se levantou no mesmo instante, sem sentir dor, pôs-se a conversar com os dois, na maior felicidade, a bordo de um cúter cruzando a baía de Hong Kong, com nuvens de tempestade por toda parte; ambos o escutavam na maior deferência, e aprovavam seus planos hábeis, Angelique sentada na ipa, o vestido diáfano, os seios sedutores, descobertos agora, e suas mãos ali, descendo, tudo à mostra agora, o corpo de Angelique se comprimindo contra o seu, as mãos acariciando seu rosto...

— Malcolm?

Ele despertou sobressaltado. Angelique se encontrava ao lado da cama sorrindo, usando um discreto e rico penhoar de seda azul. O sonho se desvaneceu exceto pela ameaça e promessa do corpo de Angelique, sempre pulsando em seu subconsciente.

— Eu... ahn... estava sonhando, minha querida... sonhando com você.

— É mesmo? E o que sonhou?

Struan franziu o rosto, tentando recordar.

— Não me lembro — murmurou ele, sorrindo. — Só que você estava linda. Adoro essa roupa.

Ela fez uma pirueta para mostrá-la.

— Foi o alfaiate que você pediu a Jamie para arrumar que o fez! *Mon Dieu*, Malcolm, ficou maravilhoso... encomendei quatro vestidos, espero que não se incomode... oh, obrigada!

Ela inclinou-se para beijá-lo.

— Espere, Angelique, espere só um segundo! Veja isto!

Com todo cuidado, ele soergueu-se, dominando a dor, apoiado nas duas mãos, erguendo-as em seguida.

— Mas isso é maravilhoso, *chéri*! — Na maior satisfação, ela pegou as mãos de Malcolm. — Ah, *monsieur* Struan, acho que é melhor eu providenciar uma acompanhante agora, e nunca mais vir sozinha ao seu quarto!

Sorrindo, Angelique chegou mais perto, pôs as mãos nos ombros dele, deixou que seus braços a envolvessem, beijou-o. Foi um beijo ligeiro, prometedor, mas evitando a ânsia de Struan por mais. Sem astúcia, ela beijou-o na orelha, depois se empertigou, deixou que a cabeça de Struan repousasse em seus seios, a intimidade agradando-a... e muito mais a ele. Seda macia, com aquele calor especial, fantástico e insubstituível.

— Malcolm, falou mesmo sério quando disse que queria casar comigo?

Ela sentiu os braços de Struan se contraírem, o tremor de dor.

— Claro. Já lhe disse muitas vezes.

— Acha que seus pais... desculpe, sua mãe vai aprovar? Espero que sim.

— Claro que ela aprovará.

— Posso escrever para papai? Eu gostaria de lhe contar.

— Escreva quando quiser; eu também escreverei.

A voz saiu rouca, e Malcolm, inundado de afeição, a necessidade prevalecerá sobre a discrição, beijou a seda, e outra vez, com mais ímpeto, para quase praguejar em voz alta quando a sentiu recuar, antes que acontecesse.

— Desculpe — murmurou ele.

— Não é preciso desculpas, nem o seu sentimento de culpa anglo-saxão, querido, não entre nós. Eu também o quero. — E depois, seguindo seu

Angelique mudou de ânimo, no controle total, sua felicidade contagiante. — Eu agora serei a enfermeira Nightingale.

Ela afofou os travesseiros, começou a ajeitar a cama.

— Esta noite teremos um jantar francês, oferecido por *monsieur* Seratard, e para amanhã ele marcou um sarau. André Poncin vai dar um recital de piano de Beethoven... prefiro-o a Mozart... também Chopin, e uma peça de um jovem chamado Brahms.

Um sino de igreja repicou, o chamado para o serviço matutino, seguido quase que no mesmo instante por outros, mais suaves e melodiosos, da igreja católica.

— Pronto — murmurou Angelique, ajudando-o a se recostar confortavelmente. — Agora vou para minha *toilette* e voltarei depois da missa, quando você estiver arrumado.

Ele estendeu a mão.

— Você é maravilhosa. Eu a a...

Abruptamente, os olhos de ambos desviaram-se para a porta, pois alguém mexia na maçaneta. Mas a porta estava trancada.

— Passei o trinco enquanto você dormia. — Ela riu, como uma menina empenhada numa brincadeira. A maçaneta tornou a se mexer.— Os criados sempre entram sem bater. Precisam aprender algumas lições.

— Amo! — gritou o criado. — O chá!

— Diga a ele para ir embora, e voltar daqui a cinco minutos.

Struan, contagiado pelo prazer de Angelique, gritou a ordem em cantonês, e o homem se afastou, resmungando. Ela riu.

— Deve me ensinar a falar chinês.

— Tentarei.

— Como se diz “Eu amo você”?

— Eles não têm uma palavra para amor, não como nós.

Angelique franziu o rosto.

— Que coisa mais triste!

Ela foi até a porta, puxou o trinco, soprou um beijo para Struan e desapareceu no quarto contíguo.

Malcolm Struan ficou olhando para a porta que dava para o outro quarto, ansioso. E depois ouviu os sinos mudarem, tornando-se mais insistentes, e se lembrou: a missa!

Sentiu um aperto no coração. Não havia pensado nisso, que ela era católica. Sua mãe era uma devota intransigente da igreja anglicana, ia ao serviço duas vezes no domingo, o pai também, todos os filhos, em procissão, assim como as demais famílias decentes de Hong Kong. Católica?

Ora, não faz diferença, eu... não me importo. Preciso tê-la, disse a si mesmo, a ânsia saudável e voraz pulsando por todo o corpo, predominando sobre a dor. E de qualquer maneira!

Naquela tarde, quatro suados carregadores japoneses pousaram no chão a arca com cintas de ferro, observados por três funcionários subalternos do *Bakufu*, Sir William, intérpretes, um oficial do departamento de contas do exército, um *shroff* da legação, chinês, e Vargas, incumbido de fiscalizá-lo.

Estavam na principal sala de recepção da legação, as janelas abertas, com Sir William determinado a não se mostrar radiante. Com um floreado, um dos representantes do *Bakufu* exibiu uma chave e abriu a arca. Lá dentro, havia dólares de prata mexicanos, umas poucas barras de ouro de tael e algumas de prata.

— Pergunte por que a indenização não é toda em ouro, como combinamos.

O intérprete fez a pergunta, e depois traduziu a resposta:

— Ele diz que não conseguiram obter o ouro a tempo, mas que os dólares mexicanos são limpos, uma moeda legal, e agradeceria se lhe déssemos um recibo.

Moedas “limpas” eram aquelas que não tinham sido raspadas ou cortadas com a remoção de uma parte da prata, o que constituía uma prática comum! Enganando-se os incautos.

— Comecem a contar.

Feliz, o *shroff* da legação despejou o conteúdo da arca no tapete. No mesmo instante avistou uma moeda aparada, e Vargas outra, e mais outra. Foram postas de lado. Todos os olhos fixavam-se no tapete, nas pilhas crescentes de moedas. Cinco mil libras esterlinas era uma quantia considerável, quando se levava em consideração que um intérprete em tempo integral ganhava quatrocentas por ano e ainda tinha de pagar seus alojamentos, um *shroff* recebia cem (embora uma boa porcentagem de tudo o que passava por suas mãos encontrasse um jeito de permanecer grudada nelas), um criado em Londres vinte por ano, um soldado cinco pence por dia, um marujo seis, um almirante seiscentas libras por ano.

A contagem foi efetuada depressa. Os dois *shroffs* verificaram duas vezes o peso de cada barra de ouro, e depois o peso das pilhas de moedas desbastadas, usando um ábaco para calcular o total, contra a taxa de câmbio atual. Vargas anunciou:

— Temos quatro mil e oitenta e quatro libras, seis xelins e sete pence, Sir William, em moedas limpas, quinhentas e vinte libras em ouro, noventa e duas libras em moedas cortadas, dando um total de quatro mil, seiscentas e noventa e sete libras, dois xelins e sete pence.

— Desculpe, senhor, mas são oito pence.

O chinês acenou com a cabeça, o rabicho longo e grosso balançando, efetuando o pequeno ajuste, acertado de antemão com Vargas, decidindo que a quantia que seu equivalente português deduzira, para honorários de ambos, dois e meio por cento, ou cento e dezessete libras, oito xelins e seis pence, era menos do que ele manobraría para tirar, mas aceitável, por meia hora de trabalho. Sir Willian disse:

— Vargas, guarde tudo na arca, dê-lhes um recibo, com a ressalva de que a parte a menos será acrescentada no próximo pagamento. Johann, agradeça e avise que esperamos todo o resto, em ouro, dentro de dezenove dias.

Johann obedeceu. No mesmo instante, o intérprete japonês iniciou uma longa declaração.

— Eles pedem agora uma extensão do prazo, senhor, e...

— Não haverá nenhuma extensão do prazo.

Sir William suspirou, ignorou a presença dos outros e preparou-se para mais uma hora de conversa interminável, fechando os ouvidos, até que, surpreso, ouviu Johann dizer:

— Eles chegaram finalmente à questão principal, senhor, a reunião em Iedo. Pedem que seja adiada por mais trinta dias, para serdaqui a cinqüenta dias, a contar de hoje... as palavras exatas são as seguintes: o xógum já terá voltado de Quioto a esta altura, e mandou o Conselho de Anciãos comunicar aos ministros estrangeiros que lhes concederá uma audiência nesse dia.

A fim de ganhar tempo para pensar, Sir William gritou:

— Lun!

O chinês apareceu no mesmo instante e Sir William ordenou:

— Chá!

As bandejas chegaram em poucos segundos. E também charutos, rapé, fumo para cachimbo. Não demorou muito para que a sala ficasse impregnada de fumaça, todos tossindo, enquanto Sir William avaliava suas opções.

Primeiro e acima de tudo, estou provavelmente lidando com funcionários de baixo nível, o que significa que qualquer coisa acertada aqui será alvo de negociações adicionais. Depois, com toda certeza, os cinqüenta dias serão prolongados para dois meses, talvez mesmo três, mas se tivermos uma audiência com o poder supremo, sob a liderança britânica, é claro, daremos um passo à frente permanente. Na verdade, não me importo com um adiamento para três meses, até quatro. A esta altura, já terei a aprovação de lorde Russell para a guerra, os reforços estarão a caminho, da Índia e Hong Kong, o almirante receberá sua autorização, e contaremos com as forças necessárias para atacar, capturar e fortificar Iedo, se a situação chegar a esse ponto.

Eu poderia dizer que devemos ter a reunião planejada, e depois o encontro com o xógum. Seria melhor assim, mas tenho a impressão de que eles não querem contrariar os desejos do místico xógum, e vão nos engabelar mais uma vez. Johann avisou:

— O porta-voz diz que é hora de se despedirem, já que ficou tudo acertado.

— Não há nada acertado. Não é possível conceder uma extensão de trinta dias, por muitos motivos. Já marcamos uma data para a reunião com o Conselho de Anciãos, que terá de ocorrer como foi planejado. O encontro com o xógum será vinte dias depois.

Depois de uma hora de suspiros, silêncios consternados e rudes comentários anglo-saxões, Sir William resolveu ceder um pouco e chegou a um compromisso intermediário: a reunião com o Conselho de Anciãos ocorreria como planejado, mas o encontro com o xógum seria vinte depois. Quando tornou a ficar a sós com William, Johann comentou:

— Eles não vão cumprir o que combinaram.

— Sei disso. Mas não importa.

— Sir William, meu contrato termina dentro de dois meses. Não vou renová-lo.

— Não posso dispensar seus serviços pelo menos por mais seis meses — respondeu Sir William, incisivo.

— É tempo de voltar para casa. Haverá um banho de sangue aqui, muito em breve, e não quero minha cabeça espetada na ponta de um chuço.

— Aumentarei seu salário em cinquenta libras por ano.

— Não é o dinheiro, Sir William. Estou cansado. Noventa e oito por cento de toda a conversa não passam de conversa fiada. Não tenho mais a menor paciência para peneirar o joio do trigo do barril de esterco.

— Preciso de você para essas duas reuniões.

— Elas nunca vão ocorrer. Mais dois meses, depois caio fora, o dia exato está no contrato. Sinto muito, Sir William, mas será o fim. Agora, se me dá licença, vou me embriagar.

Ele se retirou. Sir William voltou à sua sala, foi até a janela, esquadrinhou o horizonte. Era quase o pôr-do-sol agora. Nenhum sinal da esquadra. Por Deus, espero que todos estejam sãos e salvos. Devo encontrar algum meio de manter Johann. Tyrer não estará preparado pelo menos por mais um ano. E em quem eu poderia confiar? Mas que droga!

A luz do sol poente ainda iluminava a sala de poucos móveis, mas não era o suficiente para se ver direito. Por isso, ele acendeu um lampião a óleo, ajustando o pavio de forma meticulosa. Havia pilhas

de despachos na mesa, sua edição de All the Year Round, há muito lida, de capa a capa, assim como todos os jornais trazidos pelo último navio de correspondência, e vários números de Illustrated London News e Punch. Sir William pegou o exemplar de Pais e Filhos, de Turguenev, em russo, enviado por um amigo na corte de São Petersburgo, e que estava entre vários livros em inglês e francês. Começou a ler, mas não conseguia se concentrar. Por isso, largou-o e iniciou a segunda carta do dia para o governador de Hong Kong, relatando os detalhes da reunião de hoje e pedindo um substituto para Johann. Lun entrou, sem fazer barulho e fechou a porta.

— O que é, Lun?

Lun aproximou-se da mesa, hesitou, mas acabou dizendo, em voz baixa:

— Senhor, ouvi que vai haver problemas, grandes problemas, muito em breve, na Casa Grande de Iedo.

Sir William fitou-o, surpreso. Casa Grande era como os criados chineses chamavam a legação em Iedo.

— Que problemas? Lun deu de ombros.

— Problemas.

— Quando?

Lun tornou a dar de ombros.

— Uísque com água, senhor?

Sir William acenou com a cabeça, pensativo. De vez em quando Lun lhe sussurrava rumores, com uma fantástica capacidade de acertar. Ele observou o chinês ir até o aparador e preparar o drinque, do jeito como gostava.

Phillip Tyrer e o capitão de kilt observavam o mesmo pôr-do-sol, de uma janela superior na legação em Iedo, os grupos usuais de samurais postados além dos muros e em todos os acessos à colina. Manchas vermelhas, laranjas e marrons no horizonte vazio misturavam-se com uma faixa azul, logo acima do mar.

— Será que teremos bom tempo amanhã?

— Não sei muita coisa sobre o tempo aqui, Sr. Tyrer. Se estivéssemos na Escócia, eu poderia lhe dar uma previsão. — O capitão, ruivo, empertigado, de trinta anos, soltou uma risada. — Chuva sem parar, com pequenos períodos de estiagem... ora, não é tão ruim assim.

— Não conheço a Escócia, mas pretendo ir até lá na minha próxima licença.

— Quando volta para casa?

— Talvez no próximo ano ou no seguinte. Este é apenas meu segundo ano. Os dois tomaram a concentrar sua atenção na praça. Quatro Highlanders, sob o comando de um sargento, subiram a ladeira, pelo meio dos samurais, e passaram pelos portões de ferro, retornando de uma patrulha de rotina ao cais, onde havia um destacamento de fuzileiros e um cúter. Os samurais mantinham-se por ali durante todo o tempo, às vezes conversando, agrupados em torno de fogueiras, que acendiam se fazia frio, numa constante movimentação. Ninguém, soldado ou funcionário da legação, fora impedido de entrar ou sair, embora todos fossem submetidos a um escrutínio silencioso.

— Com licença, mas preciso falar com o sargento agora, para me certificar de que o cúter continua em posição, e tomar as providências para a noite. Jantar às sete, como sempre?

— Isso mesmo.

Assim que ficou sozinho, Tyrer abafou um bocejo nervoso, espreguiçou-se, mexeu o braço, para atenuar a ligeira dor que ainda sentia ali. O ferimento sarara sem problemas, não precisava mais usar uma tipóia. Tenho muita sorte, refletiu ele, exceto por Wee Willie. Não entendo por que ele me mandou para cá. Afinal, eu deveria estar me preparando para ser intérprete, não militar. Droga, droga, droga. E agora perderei o recital de André, que aguardava com tanta ansiedade. Angélique vai comparecer, com toda certeza.

Rumores de seu noivado secreto haviam se espalhado pela colônia, como um vento foehn, o vento forte e seco que desce das montanhas, turbulento. As insinuações lançadas a ela ou a Struan não haviam produzido negativa ou confirmação, nem sequer uma indicação. No clube, as apostas eram dois contra um como se tratava de um fato, vinte contra um como o casamento nunca se consumaria. E pelo amor de Deus, Jamie, Struan está tão doente

quanto um cachorro, ela é católica, e você conhece muito bem a mãe dele!

— Aceito a aposta. Ele melhora a cada dia que passa, e você não o conhece tão bem como eu. Dez guinéus contra duzentos. Acho que acontece.

— Charlie, que vantagem você me dá de que ela vai conseguir o que quer?

— Não tem a menor possibilidade.

— Peitos-de-Anjo não se contentará em ser amásia de ninguém.

— Mil contra um?

— Apostado... um guinéu de ouro!

Para repulsa de Tyrer e Pallidar, as cotações e apostas, mais e mais pessoas aderindo, mudavam todos os dias.

— Nunca vi gente tão sórdida!

— Tem toda razão, Pallidar. Uma escória!

Por mais intensas que fossem as especulações sobre Struan e Angelique eram ainda maiores sobre a extensão da tempestade e a esquadra, e se temia o pior, que pudesse estar em dificuldades, talvez mesmo houvesse naufragado. Ainda por cima, os mercadores japoneses se mostravam mais nervosos do que o habitual e sussurravam rumores de insurreições por todo o Japão, contra ou a favor do *Bakufu*, e que o místico micado, supostamente o sumo sacerdote de todos os japoneses, que a tudo controlava de Quioto, ordenara que os samurais atacassem Iocoama.

— Conversa fiada, se querem saber minha opinião — diziam os ocidentais, uns para os outros.

Mesmo assim, mais e mais armas eram compradas. Diziam até que as esposas de dois mercadores dormiam com uma arma carregada ao lado da cama. A cidade dos bêbados, segundo os rumores, transformara-se em um acampamento pronto para a guerra.

Poucos dias antes, ocorrera um ato de guerra: um navio mercante americano, meio avariado pela tempestade, conseguira alcançar Iocoama. Nos estreitos de Shimonoseki, na rota de Xangai para Iocoama, com uma carga de prata, munição e armas, devendo seguir depois para as Filipinas, com ópio, chá e outras mercadorias, fora bombardeado por baterias em terra.

— São uns demônios!— gritou alguém, por cima da explosão de ira no clube.

— Tem toda razão! E navegávamos como gente pacífica! Aqueles miseráveis de *Choshu* foram bastante acurados. Eu bem que gostaria de saber quem foi o desgraçado que lhes vendeu os canhões. Acertaram nosso mastro antes que pudéssemos efetuar uma ação evasiva. Claro que respondemos ao fogo, mas só tínhamos dois canhões de cinco libras, que não assustam ninguém. Contamos pelo menos vinte canhões.

— Por Deus, vinte canhões e artilheiros competentes podem fechar Shimonoseki com a maior facilidade, e estaremos na maior encrenca se isso acontecer. É o caminho mais rápido e o único seguro por aqui.

— Não podemos jamais esquecer que as águas interiores constituem nossa passagem obrigatória!

— E por onde anda a esquadra? Espero que esteja sã e salva!

— E se não estiver?

— Neste caso, Charlie, teremos de chamar outra...

Que gente mais estúpida, pensou Tyrer, só sabem pensar em chamar a esquadra, beber e ganhar dinheiro.

Graças a Deus que o almirante francês trouxera André. Graças a Deus pela presença de André, mesmo que ele seja instável e esquisito, mas isso só acontece porque é francês. Graças a ele, já tenho dois cadernos cheios de palavras e frases em japonês, minha agenda ficou repleta de folclore, e terei um encontro com um jesuíta assim que voltar a Iocoama. É um progresso espetacular, e cada vez se torna mais importante para mim aprender depressa... e tudo isso sem sequer pensar em Yoshiwara.

Três visitas. As duas primeiras acompanhado, a terceira sozinho.

— André, não tenho palavras para exprimir o quanto sou reconhecido por todo o tempo e ajuda que tem me dispensado. E pelo que aconteceu esta noite, nunca serei capaz de retribuir.

Isso fora depois da primeira visita.

Nervoso, afogueado, quase gaguejando, mas simulando indiferença, ele saíra com André da colônia ao anoitecer, juntando-se aos grupos joviais de homens a caminho de Yoshiwara, passando pelos guardas samurais, levantando o chapéu e recebendo mesuras ligeiras em resposta, através da ponte do paraíso, na direção dos portões altos na cerca de madeira.

— Yoshiwara significa lugar dos juncos — explicara André, expansivo, os dois bem preparados com champanhe, que no caso de Tyrer só servira para aumentar os pressentimentos. — Era o nome de um distrito em Iedo, uma área de pântano drenada, onde foram instalados os primeiros bordéus, pelo xógum Toranaga, há dois séculos e meio. Antes disso, os bordéus espalhavam-se por toda parte. Desde então, pelo que nos contaram, todas as cidades, grandes e pequenas, têm áreas semelhantes, sempre cercadas, licenciadas, sob rigoroso controle. Pelo costume, muitas são chamadas de Yoshiwara. Está vendo aquilo?

Por cima dos portões, gravados na madeira com extrema elegância, havia uma série de caracteres chineses.

— Significam: O desejo pressiona e é preciso tomar uma providência.

Tyrer rira, bastante nervoso. Muitos guardas, dentro e fora dos portões. Na noite anterior, quando se oferecera para escoltá-lo — estavam no clube na ocasião, bebendo —, André comentara que um mercador lhe dissera que os guardas se encontravam ali não apenas para manter a paz, mas acima de tudo para impedir que as prostitutas escapassem.

Ou seja, são todas escravas, não é mesmo?

Para seu espanto, vira Poncin ficar vermelho de raiva.

Mon Dieu, não pense nelas como prostitutas, nem as chame de prostitutas, como entendemos a palavra. Não são escravas. Algumas são contratadas por um determinado número de anos, muitas vendidas pelos pais ainda pequenas, também por um prazo fixo. Os contratos são sempre aprovados e registrados pelo *Bakufu*.

Não são prostitutas, mas sim damas do mundo do salgueiro, e não se esqueça disso. Damas!

— Desculpe, eu...

Mas André não o deixara falar.

— Algumas são gueixas... Pessoas da arte... treinadas para distrair os clientes cantam, dançam, promovem jogos tolos e não podem ser levadas para a cama. Quanto ao resto, *Mon Dieu*, já lhe disse, não

pense nelas como prostitutas, pense como mulheres do prazer, treinadas para agradar, ao longo de muitos anos.

— Desculpe, mas eu não sabia.

— Se as tratar direito, elas vão lhe proporcionar prazer, quase de qualquer tipo que desejar... se elas quiserem... e se o dinheiro que você lhes der for apropriado. Você dá a elas dinheiro, que não tem qualquer significado, e elas retribuem com sua juventude. É uma estranha troca. — André o fitara de uma maneira esquisita. — Elas dão sua juventude e escondem as lágrimas que você causa.

Ele tomara o vinho e ficara olhando fixamente para o copo, dominado por um súbito sentimentalismo. Tyrer lembrava como tornara a encher os copos, censurando-se por violar o sentimento de amizade descontraída, uma amizade valiosa para ele, jurando que no futuro seria mais cauteloso, e especulando sobre o motivo da repentina fúria.

— Lágrimas? — murmurara.

— A vida delas não é boa, mas ainda assim nem sempre é ruim. Para algumas, pode ser maravilhosa. As mais belas e eficientes se tornam famosas, são procuradas até pelos mais importantes *daimios*... como chamam os reis da terra, podem casar com homens em altas posições, casar com ricos mercadores ou com samurais.

André fizera uma pausa, antes de acrescentar, com uma certa amargura:

— Mas para as nossas damas do mundo do salgueiro, as que servem aos *gai-jin*, não há futuro, a não ser abrir outra casa aqui, tomar saquê e empregar outras moças. *Mon Dieu*, trate-as muito bem, porque depois que elas vêm para cá, ficam poluídas, aos olhos de todos os outros japoneses.

— Eu não sabia. Isso é horrível.

— Também acho. Ninguém compra...

Gargalhadas embriagadas dos homens ao redor abafaram sua voz por um momento. O clube estava cheio, ruidoso, impregnado de fumaça.

— Posso lhe dizer que esses cretinos não se importam, nem se preocupam, nenhum deles. A exceção era Canterbury. Ele se importava. — André levantara os olhos da borra em seu copo. — Você é jovem, ainda não foi conspurcado, parece disposto a aprender, e foi por isso que pensei... há muito o que aprender.

E, subitamente, ele fora embora.

Na noite seguinte, ao passarem pelos portões de Yoshiwara, André tirara do bolso sua pequena pistola.

— Você está armado, Phillip?

— Não.

André entregara a pistola ao untuoso atendente, que lhe dera um recibo e guardara a arma junto com outras.

— Não é permitido usar armas dentro da cerca... e o mesmo acontece em todas as Yoshiwaras. Até os samurais são obrigados a entregar suas espadas. *On yva!*

À frente deles, nos dois lados da rua larga, assim como nas vielas transversais, havia fileiras de casas pequenas e impecáveis, muitas oferecendo comida ou apenas pequenos bares, todas construídas de madeira, com varanda e biombo, o *shoji*, de papel oleado, acima do solo, sobre estacas baixas. Por toda parte, havia uma profusão de cores e flores, vozes e risos, lanternas, velas e lampiões a óleo.

— O fogo é um risco imenso, Phillip. Todo este lugar foi destruído por um incêndio no primeiro ano, mas uma semana depois já voltara a funcionar.

Todas as casas exibiam placas individuais. Algumas tinham as portas abertas e janelas corrediças de *shoji*. Podia-se ver muitas jovens nelas, vestidas de maneira vistosa ou recatada, em quimonos de qualidades variáveis, dependendo da posição da casa. Outras mulheres passeavam pela rua, algumas com sombrinhas coloridas, algumas acompanhadas por criadas, prestando pouca ou nenhuma atenção aos homens boquiabertos. Havia também vendedores de todos os tipos, e enxames de criadas, apregoando as virtudes das casas, em versões vigorosas e estridentes de *pidgin*, e acima de tudo prevaleciam as vozes felizes dos clientes em potencial, a maioria dos quais era reconhecida, e já tinha seus lugares prediletos. Não se viam japoneses, além dos guardas, servidores, carregadores e massagistas.

— Nunca se esqueça de que as Yoshiwaras são um lugar para a alegria, os prazeres da carne, e também para se comer e beber, e que não existe a noção de pecado no Japão, de pecado original, ou de qualquer outro tipo.

André rira e seguira na frente, através das multidões comportadas, exceto por umas poucas brigas de bêbados, que eram separados no mesmo instante, sem violência, por imensos e experientes guardas, que os sentavam em bancos, para receberem mais saquê, servidos por criadas sempre atenciosas.

— Os bêbados são bem-vindos aqui, Phillip, porque perdem a conta de seu dinheiro. Mas nunca puxe uma briga com um desses guardas, pois eles são fantásticos no combate desarmado.

— Em comparação com a nossa cidade dos bêbados, este lugar é muito disciplinado, tanto quanto o Regents Promenade, em Brighton.

Uma criada efusiva pegou Tyrer pelo braço e tentou puxá-lo por uma porta.

— Saquê? Tem coisa boa aqui...

— Iyé, domo, iyé — balbuciara Tyrer, não, obrigado, não. Ele se afastara apressado, para alcançar André.

— Por Deus, tive de dar um puxão para conseguir me desvencilhar!

— Esse é o trabalho delas.

André deixara a rua principal, através de uma passagem entre casas, e fora parar diante de um portão carcomido, numa cerca alta, com uma placa encardida por cima. Tyrer reconhecera os caracteres que André escrevera antes para ele: Casa das Três Carpas. À batida de André no portão, uma pequena grade se abriu. Olhos espiaram. O portão fora aberto, e Tyrer ingressara numa terra de maravilhas.

Um pequeno jardim, lanternas a óleo, luz de velas. Um caminho de pedras cinzentas e reluzentes, cercadas de musgo verde, arbustos floridos, muitos bordos pequenos — as folhas de vermelho sangue contra mais verde —, uma claridade alaranjada clara saindo pelo *shoji* entreaberto. Uma pequena ponte sobre um regato em miniatura, uma cascata perto. Uma mulher de meia-idade estava

ajoelhada na varanda, a *mama-san*, com um lindo traje, um penteado elaborado.

— *Bon soir, monsieur Furansu-san* — dissera ela, encostando as palmas no chão da varanda e fazendo uma reverência.

André retribuía com uma reverência.

— Raiko-san, konbanwa. Ikaga desu ka ? Boa noite, como tem passado? *Kore wa watashi no lomodachi desu*, Tyrer-san. Este é meu amigo, sr. Tyrer.

— *Ah so desu ka? Taira-san?*

A mulher fizera uma reverência solene, meio desajeitada, Tyrer respondera da mesma forma, e em seguida ela fizera um sinal para que a seguissem.

— Ela disse que Taira é um nome japonês famoso. Você tem sorte, Phillip. Quase todos nós somos conhecidos apenas por apelidos. Eu sou Furansu-san... o mais próximo que eles podem chegar de Francês.

Tirando os sapatos, para não sujarem o tatame limpo e elegante, sentaram meio sem jeito no meio da sala, de pernas cruzadas. André explicara a *takoyama*, uma área recuada na sala, onde era pendurado um pergaminho especial, com arranjos de flores, mudados todos os dias, e chamara sua atenção para a qualidade do *shoji* das madeiras.

Fora servido o saquê. A criada era uma criança, talvez com dez anos, não muito bonita, mas hábil e silenciosa. Raiko despejara o saquê nas taças, primeiro para André, depois para Tyrer, e por último para si mesma. Ela tomara um golpe, André esvazia sua pequena taça, estendera-a, pedindo mais. Tyrer fizera a mesma coisa, descobrindo que o sabor da bebida quente não era desagradável, mas insípido. As duas taças foram enchidas, esvaziadas, enchidas de novo. Mais bandejas, mais frascos.

Tyrer perdera a conta, mas logo se sentira envolvido por um calor agradável, esquecera o nervosismo, observara e escutara, sem compreender quase nada que os outros diziam, apenas uma palavra aqui e ali. Os cabelos de Raiko eram pretos, lustrosos, ornamentados com várias travessas, o rosto coberto por pó-de-arroz branco, nem feio, nem bonito, apenas diferente, o quimono de seda rosa, com carpas verdes bordadas.

— Uma carpa é *koi*, em geral um sinal de sorte — explicara André antes. — A amante de Townsend Harris, a cortesã Shimoda, que o *Bakufu* providenciou para distraí-lo, chamava-se de Koi, mas isso não lhe trouxe sorte.

— É mesmo? O que aconteceu?

— A história contada pelas cortesãs daqui é de que ele a adorava e deu-lhe dinheiro ao partir, o suficiente para que se instalasse por conta própria... ficaram juntos por dois anos. Pouco depois que Harris voltou para a América, ela desapareceu. Provavelmente se embriagou até a morte ou cometeu suicídio.

— Ela o amava tanto assim?

— Dizem que, no início, quando o *Bakufu* lhe apresentou a proposta, ela recusou, categórica, a união com um estrangeiro... uma aberração sem precedentes. Não se esqueça de que ele foi o primeiro a ter permissão para viver de fato no território japonês. Ela suplicou ao *Bakufu* que escolhesse outra, que a deixasse viver em paz, disse que se tornaria uma monja budista, até jurou que se mataria. Mas eles também se mostraram intransigentes, insistindo que ela os ajudasse a resolver o problema daquele *gai-jin*, pressionando por semanas para que se tornasse a consorte, assediando-a por meios que não conhecemos. Ela acabou concordando, e todos se mostraram gratos por isso. Mas quando Harris foi embora, viraram-lhe as costas, o *Bakufu*, todo mundo: Ah, lamentamos muito, mas uma mulher que deitou com um estrangeiro está maculada para sempre.

— Que coisa terrível!

— Tem razão, em nossos termos, uma história muito triste. Mas lembre-se de que esta é a terra das lágrimas. Agora ela virou uma lenda, honrada pelas companheiras e por todos que lhe viraram as costas, por causa de seu sacrifício.

— Não entendo.

— Nem eu, nem qualquer de nós. Mas os japoneses entendem.

Era muito estranho, pensara Tyrer. Como aquela pequena casa, aquele homem e aquela mulher, conversando meio em japonês, meio em *pidgin*, rindo um com o outro, uma madame e um cliente, ambos fingindo serem outra coisa. Mais e mais saquê. Depois de algum tempo, a mulher fizera mais uma reverência, levantara e se retirara.

— *Saquê*, Phillip?

— Obrigado.

— Não acha bastante agradável aqui?

Um momento de silêncio e André comentara:

— Você é a primeira pessoa que trago aqui.

— É mesmo? Por que logo eu?

O francês girara a pequena taça de porcelana entre os dedos, bebera a última gota, servira-se de mais e se pusera a falar, em francês, a voz suave, o tom afetuosos:

— Porque você é a primeira pessoa que conheci em Iocoama... porque você fala francês, é culto, tem a mente como uma esponja, é jovem, não tem a metade da minha idade, não é mesmo? Tem vinte e um anos e é diferente dos outros, ainda não ficou maculado, como acontecerá dentro de poucos anos.

André sorria, apertando ainda mais a teia, dizendo apenas parte da verdade, moldando-a à sua vontade.

— Para dizer a verdade, você é o primeiro que já conheci, *alors*, embora seja inglês, um inimigo da França, mas é o único que parece merecer o conhecimento que adquiri. — Um sorriso embaraçado. — É difícil explicar. Talvez porque sempre desejei ser um mestre, talvez porque nunca tive um filho, jamais casei, talvez porque em breve terei de voltar a Xangai, talvez porque tenhamos inimigos demais, e talvez... talvez porque você possa se tornar um bom amigo.

— Eu me sentiria honrado em ser seu amigo — assegurara Tyrer, no mesmo instante, envolvido pelo encantamento do francês. — E acho, juro que sempre pensei assim, que deveríamos ser aliados, ingleses e franceses, não inimigos, e...

O *shoji* fora aberto. Raiko, de joelhos, fizera um sinal para Tyrer. O coração dele disparara. André Poncin sorria.

— Basta segui-la, e não se esqueça do que falei.

Como num sonho, Phillip Tyrer se levantara, meio trôpego, e seguira a mulher por um corredor, entrando num cômodo, atravessando-o, passando por uma varanda, entrando em outro cômodo. Raiko gesticulara para que ele ficasse ali e se retirara, fechando o *shoji*.

Um lampião a óleo com uma copa. Um braseiro de carvão para proporcionar calor. Sombras e trevas, manchas de luz. *Futons* — pequenos colchões quadrados — estendidos no chão, como uma cama. Uma cama para dois. Colchas felpudas. Dois *yukatas*, o traje de algodão, estampado, com mangas largas, para se dormir. Uma pequena porta para a sala de banho, iluminada por velas, uma tina alta de madeira, cheia de água fumegante. O cheiro agradável de sabonete. Um banco baixo, de três pernas. Toalhas mínimas. Tudo como André descrevera.

O coração de Tyrer passara a bater ainda mais depressa, e ele forçara a mente a recordar as instruções de André, através do nevoeiro de *saquê*.

Metodicamente, ele começara a se despir. Casaco, colete, gravata, camisa, camiseta de lã, cada peça dobrada de forma impecável e ajeitada numa pilha, num processo cada vez mais nervoso. Tyrer sentara, contrafeito, tirara as meias, depois a calça, com alguma relutância, e tornara a se levantar. Só ficara com a ceroula de lã. Hesitara por um instante, dera de ombros e tirara a ceroula, dobrando-a com um cuidado ainda maior. Sentindo a pele toda arrepiada, fora para a sala de banho. Ali, pegara água da tina, com as mãos em concha, seguindo as instruções, e a derramara sobre os ombros, sentindo um agradável calor. Repetira o gesto, e nesse instante ouvira o *shoji* sendo aberto. Olhara para trás e murmurara:

— Deus Todo-Poderoso!

A mulher era corpulenta, com antebraços enormes, o *yukata* sumário, sem nada por baixo, exceto uma tanga. Avançara para ele, determinada, com um sorriso fixo, e gesticulara para que se agachasse no banco. Em total embaraço, Tyrer obedecera. A mulher notara de imediato a cicatriz ainda avermelhada em seu braço e sugara a respiração, dizendo alguma coisa que Tyrer não entendera. Ele forçara um sorriso.

— *Tokaidô*.

— Wakarimasu. Eu compreendo.

E depois, antes que Tyrer pudesse impedi-la, ela despejara água sobre sua cabeça — o que era inesperado, não fora incluído em suas instruções — e passara a ensaboá-lo, lavando os cabelos compridos, o corpo em seguida, com dedos firmes, eficientes e insistentes, mas tomando cuidado para não machucar o braço. Pernas, braços, na frente, atrás, e depois lhe oferecera o pano, apontara para a virilha. Ainda em choque, Tyrer limpou essas partes e devolveu o pano, submisso.

— Obrigado — murmurara ele. — Oh, desculpe, domo.

Mais água enxaguou o resto de espuma e a mulher apontara para a tina.

— Dozo! Por favor. André explicara:

— Deve se lembrar, Phillip, que ao contrário de nós, você tem de se lavar e se limpar antes de entrar no banho, a fim de que outras pessoas possam usar a mesma água... o que é bastante sensato, já que a lenha é muito cara, e demora muito para se esquentar a água o suficiente. Assim, não deve urinar na água. Também não pense nela como uma mulher, enquanto estiver na sala de banho, apenas como uma ajudante. Ela o limpa por fora, e depois por dentro, entende?

Tyrer se acomodara na tina. A água estava quente, mas não demais, e ele fechara os olhos, não querendo observar a mulher aprontar o banho. Oh, Deus, pensara ele, angustiado, nunca serei capaz de fazer qualquer coisa com essa mulher! André cometera um grave erro.

— Mas... ahn... não sei quanto pagar... e devo dar o dinheiro a ela antes ou depois?

— *Mon Dieu!* Nunca deve dar dinheiro a qualquer garota, em qualquer lugar, seria o cúmulo da grosseria. Pode negociar de forma implacável com a *mama-san*, às vezes com a própria garota, mas só depois do chá ou *saquê*. Ao ir embora, deixe o dinheiro, discretamente, num lugar que ela possa ver. Na Casa das Três Carpas, porém, você não dá dinheiro. É um lugar especial... e há outros assim... apenas para clientes especiais, um dos quais sou eu. Mandarão uma conta para você, duas ou três vezes por ano. Mas preste atenção: antes de irmos para lá, quero que você jure por Deus que pagará a conta no momento em que for apresentada, e que nunca, mas nunca mesmo, levará outro homem ao local, nem falará a respeito.

Assim, Tyrer prometera e jurara, com vontade de perguntar muitas coisas, mas não ousando.

— Essa... ahn... conta, quando será apresentada?

— Quando a *mama-san* quiser. Já lhe disse, Phillip, você pode ter prazer a crédito durante o ano inteiro, nas circunstâncias certas... mas é claro que sou seu fiador...

O calor do banho quente o envolvera por completo. Mal percebera o barulho da mulher se retirando, para voltar logo em seguida.

— Taira-san?

— Hai? Sim?

Ela segurava uma toalha. Estranhamente letárgico, ele saíra do banho, os músculos entorpecidos pela água, e deixara que a mulher o enxugasse. Mais uma vez, cuidara ele próprio das partes especiais, fazendo-o com mais descontração agora. Um pente para seus cabelos. Uma *yukata* seca, engomada, e a mulher gesticulara para a cama.

Outra vez o pânico o dominara. Trêmulo, forçara-se a deitar. Ela o cobrira puxara a outra colcha e tomara a se retirar.

O coração de Tyrer batia forte, mas a sensação de deitar era maravilhosa, colchão macio e imaculado, com um cheiro agradável, e ele se sentira mais limpo do que em qualquer outra ocasião em muitos anos. Logo ficara mais calmo depois o *shoji* fora aberto e fechado. Tyrer experimentara um intenso alívio, mas a calma desaparecera. A jovem apenas entrevistada era pequena, esguia, usando uma *yukata* amarela, os cabelos compridos, caindo em cascata. Ajoelhara-se ao lado da cama.

— *Konbanwa, Taira-san. Ikaga desu ka? Watashi wa Ako.* Boa noite, Sr. Taira. Está se sentindo bem? Eu sou Ako.

— *Konbanwa, Ako-san. Watashi wa Phillip Tyrer desu.* Ela franzira o rosto.

— F... urri... f.

Tentara dizer Phillip várias vezes, mas não conseguira, soltara uma risada alegre, murmurara alguma coisa que ele não entendera, concluindo com Taira-san.

Tyrer sentara, observando-a, o coração batendo forte, desamparado, sem sentir qualquer atração pela moça, que apontara para o outro lado da cama.

— Dozo? Posso, por favor?

— Dozo.

À luz de vela, ele não podia vê-la com nitidez, apenas o suficiente para saber que era jovem, fazer uma estimativa sobre sua idade, constatar que o rosto era liso, branco de pó-de-arroz, dentes brancos, lábios vermelhos, cabelos lustrosos, nariz quase aquilino, os olhos formando estreitas elipses, o sorriso gentil. Ela se metera na cama, acomodara-se, virara-se para observá-lo. Esperando. A timidez e inexperiência paralisavam Tyrer.

Por Deus, como vou explicar a ela que não a quero, não quero ninguém agora, que não posso, sei que não posso, nem vou tentar, não esta noite, não conseguiria, seria uma desgraça para mini, e também para André... André! Como poderei lhe explicar? Serei o alvo dos risos de todo mundo, oh, Deus, por que concordei?

A moça estendera a mão, tocara em seu rosto. Involuntariamente, ele estremeceu.

Ako sussurrara ternas palavras de encorajamento, mas por dentro sorria, sabendo o que esperar daquele menino-homem, bem preparada por Raiko-san:

— Ako, esta noite é um raro momento em sua vida, e deve se lembrar de cada detalhe para nos regalar à primeira refeição. Seu cliente é um amigo do Francês, e único em nosso mundo... pois ele é virgem. O Francês diz que ele é tão tímido que você nem vai acreditar, que ficará assustado, provavelmente vai chorar quando sua honorável arma falhar, pode até molhar a cama, em seu excitação frustrado, mas não se preocupe, minha cara Ako, o Francês me assegura que você pode lidar com ele à maneira normal, e que não precisa se preocupar com nada.

— Acho que jamais serei capaz de compreender os *gai-jin*, Raikosan.

— Nem eu. Não resta a menor dúvida de que são esquisitos, uns bárbaros mas felizmente a maioria tem bastante dinheiro; e já que é o nosso destino estar aqui, devemos tirar o máximo de proveito. Muito importante, o Francês diz que este homem aqui é um inglês num alto cargo, um cliente a longo prazo em potencial, e por isso você deve fazê-lo experimentar as nuvens e a chuva, de um jeito ou de outro, mesmo que... mesmo que tenha de usar o supremo.

— Ohko!

— A honra da casa está em jogo.

— Eu compreendo. Neste caso... De alguma forma, terei de conseguir.

— Tenho toda confiança em você, Ako-chan. Afinal, tem quase trinta anos de experiência no mundo do salgueiro.

— Acha que ele é parecido com o Francês em seus gostos?

— Quer saber se ele gosta que sua parte posterior seja acariciada e, de vez em quando, as Pérolas do Prazer? Talvez você deva estar preparada, mas perguntei diretamente ao Francês se o jovem tinha propensão para gostar de homens e ele me garantiu que não. É curioso que o Francês tenha escolhido nossa casa para iniciar um amigo, em vez das outras que ele agora frequenta.

— A casa nunca foi culpada. Por favor, não pense mais nisso, Raiko-chan. Sinto-me honrada por ter sido escolhida, e farei tudo o que for necessário.

— Sei disso. Quando se pensa que os talos fumegantes dos *gai-jin* são, em geral, muito maiores que os dos homens civilizados, que a maioria dos *gai-jin* fornicava de maneira satisfatória, embora sem o vigor, a classe e o ímpeto de ultrapassar os limites dos japoneses, à exceção do Francês, era de se esperar que seriam fornicadores felizes, como os homens normais. Mas não são. Têm tantas teias de aranha em suas cabeças que, de certa forma, a fornicção não é o nosso prazer mais celestial, mas sim uma espécie de mal secreto, religioso. É muito estranho.

Experimentando agora, Ako chegara mais perto, acariciara o peito de Tyrer, e depois baixara a mão. Tivera de fazer um tremendo esforço para não soltar uma risada, quando o homem reagira com um sobressalto de pavor. Levava um longo momento para se controlar, antes de murmurar:

— Taira-san?

— Ahn... hai, Ako-san?

Ela pegara a mão de Tyrer, enfiara por dentro da *yukata*, até seu seio, enclinara-se, beijara-o no ombro, alertada para tomar cuidado com o ferimento no braço, infligido por um bravo *shishi*. Não houvera reação. Ela chegara ainda mais perto. Sussurrando como ele era bravo, como era forte e viril, como a criada o descrevera e a seu fruto. E durante todo o tempo, paciente, acariciando o peito de Tyrer, sentindo-o estremecer, mas ainda sem paixão. Minutos passaram. Ainda nada. A preocupação de Ako aumentara. Dedos suaves como borboletas e, ainda assim, ele permanecera inerte... mãos, lábios, tudo. Carícias gentis, tomando cuidado para circular, ainda sem maior intimidade. Mais minutos. Ainda nada. A consternação de Ako crescia. O medo de que pudesse fracassar prevaleceu sobre a consternação. A língua fazendo contato com o ouvido dele.

Ah, uma recompensa mínima: o nome dele sussurrado, em tom gutural, e os lábios do homem beijando seu pescoço. Ela relaxara, encostara os lábios no mamilo de Tyrer. Agora, é apenas uma questão de tempo para explodir sua virgindade para o céu, e depois poderei pedir um *saquê*, dormir até o amanhecer esquecer que estou com quarenta e três anos, sem filhos, e apenas recordar que Raikosan me salvou da casa de sexta classe a que fora relegada por minha idade e falta de beleza.

Sem nada para fazer, Tyrer observava os samurais na praça diante da legação, o sol quase encostando no horizonte, a mente absorvida em Ako, e duas noites mais tarde, Hamako.

E depois... Ela.

Fujiko. Na noite antes da última.

Sentiu que endurecia, e ajeitou essa parte do corpo de maneira mais confortável, sabendo que agora se encontrava inexoravelmente enleado naquele mundo, o mundo flutuante, onde a vida era apenas para o momento, como André lhe dissera, para o prazer, à deriva, sem qualquer preocupação, como uma flor na correnteza de um rio sereno.

— Nem sempre é calmo assim, Phillip. Como Fujiko é?

— Ahn... quer dizer que não a conhece? Nunca a viu?

— Não. Só fui informado por Raiko-san de que era o tipo de garota que você poderia apreciar, com ênfase no “dicionário de cama”. Como ela foi?

Tyrer soltara uma risada, para encobrir seu profundo constrangimento e inquietação, diante de uma pergunta tão pessoal, tão direta. Mas André lhe proporcionara tanto que ele resolvera ser “francês”, absolutamente franco. Por isso, pusera de lado as apreensões, o sentimento arraigado de que um cavalheiro não deveria discutir nem revelar tais informações pessoais.

— Ela... é mais jovem do que eu, pequena, talvez mesmo diminuta, não é bonita, não em nossos termos, mas espantosamente atraente. Creio que a entendi dizer que era nova ali.

— Estou querendo saber como ela foi na cama. Melhor do que as outras?

— Hum... não há como comparar.

— Ela foi mais vigorosa? Mais sensual?

— Hum.. .foi, sim. Vestida ou despida, incrível. Especial. Mais uma vez, devo dizer que não tenho palavras para agradecer por tudo o que fez por mim.

— *De rien, mon vieux.*

— É verdade. Na próxima vez... na próxima vez você vai conhecê-la.

— *Mon Dieu*, não, essa é a regra. Nunca apresente sua “especial” a ninguém, muito menos a um amigo. Não se esqueça de uma coisa: até que a instale em sua própria casa, com você pagando todas as contas, ela é disponível a qualquer um que tenha dinheiro... se ela quiser, é claro.

— Eu tinha esquecido — murmurara Tyrer, escondendo a verdade.

— Mesmo que se torne teúda e manteúda, ela ainda pode ter um amante secreto. Quem pode saber?

— Tem razão. Mais angústia.

— Não se apaixone, meu amigo, não por uma cortesã. Considere-as pelo que são, mulheres do prazer. Desfrute-as, goste delas, mas não as ame... e nunca deixe que se apaixonem por você...

Tyrer estremeceu, odiando a verdade, odiando a idéia de Fujiko ir para acama com outro homem, como fizera com ele, odiando que fosse por dinheiro, odiando a ânsia que sentia entre as pernas. Por Deus, ela era mesmo especial, adorável, uma doce tagarela, gentil, tão jovem, há bem pouco tempo na casa. Devo sustentá-la? Não devo, mas posso? Tenho certeza que André montou uma casa, com

sua amiga especial, embora nada comente a respeito, nem eu perguntaria. Oh, Deus, quanto custaria? Só pode ser mais do que tenho condições de gastar...

Não pense sobre isso agora! Nem nela.

Com um esforço, ele concentrou sua atenção no jardim lá embaixo, mas a ânsia persistiu. Parte do destacamento de Highlanders entrava em formação em torno do mastro, o corneteiro e quatro tambores, para o abaixamento da bandeira. Rotina. Os jardineiros se concentravam junto aos portões, para serem contados, e depois dispensados. Deixaram a legação, passaram entre os samurais e desapareceram. Rotina. Sentinelas fecharam e trancaram os portões de ferro. Rotina. Os tambores e a corneta soaram, enquanto a bandeira inglesa era lentamente abaixada... nenhum sol se põe sobre a bandeira britânica, essa era a lei no mundo inteiro. Rotina. A maioria dos samurais começou a se retirar, deixando apenas uma força simbólica para a noite. Rotina.

Tyrer estremeceu.

Se tudo é rotina, por que me sinto tão nervoso?

Os jardineiros da legação entraram em sua choupana-dormitório, que ficava no outro lado do templo budista. Nenhum deles enfrentou o olhar de Hiraga. Todos haviam sido advertidos de que suas vidas, assim como as vidas de todas as suas gerações, dependiam da segurança de Hiraga.

— Tomem cuidado ao falar com estranhos — dissera-lhes Hiraga. — Se o *Bakufu* descobrir que me deram abrigo, terão a mesma recompensa, só que serão crucificados, em vez de terem uma morte lenta.

Apesar de todos os protestos submissos de que ele se encontrava a salvo, de que podia confiar neles, Hiraga sabia que nunca deveria se sentir seguro. Desde a emboscada contra Anjo, dez dias antes, passara a maior parte do tempo no refúgio em Kanagawa, a estalagem das Flores da Meia-Noite. O fracasso do ataque, com a morte de todos os seus companheiros, à exceção de um, era karma, nada mais.

Recebera no dia anterior uma carta de Katsumata, o líder clandestino dos *shishi* de *Satsuma*, que agora se encontrava em Quioto: *Urgente: dentro de poucas semanas, o xógum Nobusada criará um precedente, ao vir para cá numa visita oficial ao imperador. Todos os shishi devem se concentrar aqui imediatamente fim de planejar como interceptá-lo e, depois, nos apoderarmos dos portões do palácio.* Katsumata assinara com seu codinome: *Corvo*.

Hiraga discutira o que fazer com Ori e depois decidira retornar a Iedo, decidido a agir sozinho para destruir a legação britânica, furioso porque o Conselho dos Anciãos parecia ter sido enganado e neutralizado pelos *gai-jin*.

— Quioto pode esperar, Ori. Temos de atacar os *gai-jin*. Devemos enfurecê-los, até que bombardeiem Iedo. Outros podem cuidar do xógum e de Quioto.

Ele gostaria de levar Ori, mas o companheiro estava impotente, o ferimento pior, sem qualquer ajuda médica.

— Como está seu braço?

— Quando se tornar insuportável, cometerei seppuku — respondera Ori, a voz engrolada do *saquê* que tomara para amortecer a dor. — Não se preocupe.

Os três, Hiraga, Ori e *mama-san*, beberam juntos.

— Não há nenhum outro médico, em quem possamos confiar?

— Não, Hiraga-san — dissera a *mama-san*, Noriko. Era uma mulher pequena, de cinqüenta anos, a voz suave. — Até chamei um acupuntor e um herbanário coreanos, ambos amigos, mas os cataplasmas não têm nenhum valor. Poderíamos chamar o gigante *gai-jin*...

— Não seja estúpida! — berrara Ori. — Quantas vezes tenho de lhe dizer? O ferimento é de bala, uma das balas dos *gai-jin*, e eles me viram em Kanagawa!

— Por favor, desculpe — murmurara a *mama-san*, humilde, encostando a cabeça no tatame. — Por favor, desculpe esta pessoa estúpida.

Ela fizera outra reverência e se retirara, mas no fundo do coração censurava Ori por não ser um verdadeiro *shishi*, deixando de cometer seppuku enquanto Hiraga se achava presente, o mais perfeito padrinho que um homem podia desejar. Se ele assim fizesse, reduziria o perigo que a ameaçava e à sua casa. A notícia do destino sofrido pela estalagem dos *Quarenta e Sete Ronin* percorrera cinqüenta ri e além — uma retaliação ultrajante, matar todos os clientes, cortesãs e servidores, e exhibir a cabeça da *mama-san* na ponta de um chuço.

Monstruoso, pensara ela, revoltada. Como uma casa pode proibir a entrada de qualquer samurai, *shishi* ou não? Nos tempos antigos, os samurais matavam muito mais do que hoje, sem dúvida, mas isso fora séculos antes, e quase sempre quando as vítimas mereciam mesmo morrer, não mulheres ou crianças. Naquele tempo, a lei da terra era justa, o xógum Toranaga era justo, seu filho e neto eram justos, antes que a corrupção e o desregramento se tornassem um modo de vida para os xóguns descendentes, assim como para os *daimios* e os samurais, que há mais de um século nos impõem seus tributos como pus! Os *shishi* são a nossa única esperança! *Sonno-jo!*

— Anjo deve morrer antes de nós — dissera ela, fervorosa, quando Hiraga voltara, são e salvo, dois dias depois do ataque.— Ficamos todos aflitos, pensando que você podia ter sido preso e queimado junto com os outros. Foi tudo feito por ordem de Anjo, Hiraga-san. Na verdade, ele voltava da estalagem quando o atacaram, perto dos portões do castelo. Foi ele quem ordenou tudo e acompanhou essoalmente as execuções, deixando homens ali, em emboscada, para o caso de algum *shishi* retornar.

— Quem nos traiu, Hiraga? — indagara Ori.

— Os samurais de Mori.

— Mas Akimoto diz que os viu serem cercados e mortos.

— Deve ter sido um deles. Mais alguém escapou?

— Akimoto... ele se escondeu em outra estalagem por um dia e uma noite.

— Onde ele está agora?

— Ocupado — respondera Noriko. — Devo mandar chamá-lo?

— Não. Falarei com ele amanhã.

— Anjo deve pagar com sangue pela estalagem... foi um ato contra todos os costumes!

— Ele pagará, e os *roju* também. Assim com o xógum Nobusada, e até Yoshi.

Em seus aposentos particulares, no alto da torre do castelo, Yoshi compunha um poema. Usava um quimono de seda azul, sentava-se à mesa baixa, com um lampião a óleo e folhas de arroz, pincéis de espessuras diferentes, água para amolecer o bloco de tinta preta, que tinha agora uma poça pequena e convidativa na depressão no centro.

O crepúsculo transformava-se em noite. Do exterior, vinha o zumbido do milhão de almas de Iedo, sempre presente. Umas poucas casas em chamas, também como sempre. Lá de baixo, dentro do castelo, o barulho abafado e confortador dos soldados, cascos nas pedras do calçamento, uma ocasional risada gutural elevando-se com a fumaça e com os cheiros de comida, passando pelas aberturas ornamentadas para os arqueiros, nas vastas paredes, ainda não fechadas contra o frio da noite.

Aquele era seu santuário pessoal. Espartano. Tatames, um *takoyama*, a porta de *shoji* à sua frente, posicionada e iluminada de tal forma que ele podia divisar os contornos de qualquer vulto no outro lado, mas ninguém podia percebê-lo lá dentro.

Além daquele cômodo, havia uma ante-sala maior, de onde saíam corredores para os quartos, vazios naquele momento, exceto pelos servidores, criadas e *Koiko*, sua favorita especial. A família — esposa, dois filhos e uma filha, a consorte e seu filho — se encontrava em segurança, sob forte guarda, no castelo-fortaleza hereditário, o Dente do Dragão, nas montanhas, cerca de vinte ri para o norte. Além daquela ante-sala, havia guardas, outros cômodos com mais guardas, todos tendo prestado um juramento de serviço pessoal.

Yoshi mergulhou um pincel na poça de tinta. A ponta pairou por um instante sobre o delicado papel de palha de arroz, e depois ele escreveu, com firmeza:

Espada de meus antepassados

Quando em minhas mãos

Se contorce irrequieta

O texto saiu em três linhas verticais de caracteres, curtas, fortes onde assim deveriam ser, e suaves quando a suavidade realçaria a imagem que os caracteres transmitiam — nunca havia uma possibilidade de refinar, mudar ou corrigir sequer a menor falha, pois a textura do papel de arroz sugava a tinta no mesmo instante, fazendo com que dele se tornasse parte indelével, variando o preto para cinza, dependendo da maneira como o pincel era usado e da quantidade de água.

Com absoluta frieza, Yoshi examinou o que fizera, a disposição do poema, e toda a imagem que as tonalidades de caligrafia preta formavam no espaço branco, a fluidez e clareza de seus caracteres.

Está bom, concluiu ele, sem vaidade. Não posso fazer melhor no momento... este é quase o limite de minha capacidade, se não mesmo o limite. E o significado do poema, como deve ser interpretado? Ah, essa é a questão importante, por isso é que é bom. Mas vai alcançar o que desejo?

Essas indagações levaram-no a avaliar a lamentável situação, em Iedo e em Quioto. Poucos dias antes chegara a notícia de que ocorrera um golpe súbito e sangrento, mas vitorioso, desfechado por

tropas de *Choshu*, expulsando as forças de *Satsuma* e Tosa, que nos últimos seis meses vinham mantendo o poder, numa trégua instável. Lorde Ogama, de *Choshu*, agora dominava os portões do palácio.

Numa reunião do conselho, convocada às pressas, os ânimos estavam exaltados, Anjo quase espumando de fúria.

— *Choshu, Satsuma* e Tosa! Sempre os três! São cães que devem ser esmagados! Sem eles, teríamos tudo sob controle!

— É verdade — concordara Yoshi. — E repito que devemos ordenar que nossas tropas em Quioto entrem em ação, a fim de acabar com a rebelião imediatamente... a qualquer custo!

— Não. Devemos esperar, pois nossas forças ali são insuficientes. Toyama, o velho, coçara o queixo coberto por uma barba grisalha e dissera:

— Concordo com Yoshi-dono. A guerra é o único meio, e temos de declarar que Ogama de *Choshu* é um fora-da-lei!

— Impossível! — protestara Adachi, lamuriendo, por si mesmo e pelo último ancião. — Concordamos com Anjo. Não podemos correr o risco de ofender todos os *daimios*, encorajando-os a se unirem contra nós.

— Temos de agir sem demora! — insistira Yoshi. — Devemos ordenar que nossas tropas retomem os portões e sufoquem a rebelião!

— Nossas forças são insuficientes — dissera Anjo, obstinado. — Vamos esperar. Este não é o momento.

— Por que não escutam meu conselho?

Àquela altura, Yoshi sentia-se tão furioso que sua raiva quase afluara. Tratou de se controlar, com o maior esforço, sabendo que se enfurecer e perder a caligrafia seria um erro fatal, pois faria com que todos se virassem contra ele, para sempre. Não era o mais moço, o menos experiente, embora o mais qualificado, com mais influência entre os *daimios*, o único dos anciãos que podia, se assim desejasse, erguer seu estandarte e lançar todo o país na guerra civil, como ocorrera por séculos, antes do xógum Toranaga? Todos os outros não haviam se mostrado invejosos e desdenhosos quando ele fora designado guardião e ancião, por “solicitação” imperial, sem consultá-los, por quem manipulava o filho do céu?

— Sei que estou certo. Não estava certo em relação aos *gai-jin*? Pois estou certo neste caso também.

O plano que ele concebera para afastar os *gai-jin* e sua esquadra de Iedo, a fim de se ganhar tempo para resolver os problemas internos, tivera um êxito absoluto. Fora bastante simples.

— Com grande cerimônia e humildade simulada, demos aos *gai-jin* uma indenização insignificante, propusemos uma futura reunião com o conselho, que será adiada e adiada ou mesmo cancelada, talvez até encenada com fantoches, se for necessário, para se insinuar no último momento, quando a paciência deles estiver quase esgotada,

que será providenciada uma reunião com o xógum, quando ele voltar... o que também pode ser adiado, renegociado, protelado, e nunca vai acontecer ou mesmo que venha a ocorrer, no futuro distante, nada produzirá que não desejarmos. Ganhamos assim uma parte do tempo de que necessitamos, e descobrimos uma maneira permanente de lidar com essa gente: usar a impaciência dos *gai-jin* contra eles, oferecer “promessas”, muita sopa sem peixe ou no máximo uns poucos pedaços podres, de que não precisamos nem queremos. Eles ficaram satisfeitos, sua esquadra partiu com a tempestade, talvez tenha afundado. Até agora, nenhum dos navios voltou.

O velho Toyama dissera:

— Os deuses nos ajudaram com aquela tempestade, enviando de novo seu vento divino, o vento camicase, como aconteceu contra as hordas invasoras de Kublai Khan, há muitos séculos. Quando os expulsarmos, a mesma coisa ocorrerá outra vez. Os deuses nunca nos abandonarão.

Adachi se empertigara, vaidoso.

— É verdade que executei nosso plano com perfeição. Os *gai-jin* se mostraram tão dóceis quanto uma cortesã de quinta classe.

— Os *gai-jin* são uma ferida que nunca vai curar, enquanto formos mais fracos em poderio militar e riqueza — protestara Anjo, irritado, retorcendo as mãos. — São uma ferida que não vai curar... não sem ser cauterizada, e ainda não podemos fazer isso, enquanto não tivermos meios de construir navios e fabricar canhões. Não podemos nos desviar do objetivo, e ordenar que nossas tropas retomem os portões, pelo menos por enquanto. Os *Choshus* não são nossos inimigos imediatos, mas, sim, os *Sonno-joie* e os cães *shishi*.

Yoshi notara o quanto Anjo mudara desde o atentado contra sua vida: mostrava-se agora muito mais irascível, obstinado, sua determinação enfraquecida, embora a influência que exercia sobre os anciãos não houvesse diminuído.

— Não concordo, mas se você acha que nossas forças são insuficientes, posso ordenar mobilização geral, acabar com os lordes exteriores e todos os que se aliarem a eles!

Toyama dissera:

— A guerra é o único caminho, Anjo-sama. Esqueça os *shishi*, esqueça os *gai-jin*, pelo menos por enquanto. Os portões... primeiro, devemos retomar nossos direitos hereditários.

Anjo proclamara:

— É o que faremos, no momento oportuno. Agora, a visita do xógum deve ser realizada de acordo com o planejado.

Apesar dos protestos adicionais de Yoshi, Anjo mais uma vez ganhara na votação, três a dois, e em particular acrescentara, insidioso:

— Como eu lhe disse, Yoshi-dono, eles sempre votarão comigo. Os *shishi* nunca terão êxito contra mim, nem contra você, nem contra

ninguém.

— O xógum Nobusada também não terá êxito?

— Ele... ele não é um inimigo, e acata meus conselhos.

— E a princesa Yazu?

— Ela obedecerá... obedecerá a seu marido.

— Ela obedecerá a seu irmão, o imperador, até o dia de sua morte.

Yoshi ficara chocado quando Anjo dissera, com um sorriso insinuante:

— Propõe um acidente, hem?

— Não proponho nada desse tipo.

Yoshi sentira um calafrio, temeroso de que o homem estivesse se tornando perigoso demais para continuar vivo, já poderoso demais para ser neutralizado, arguto demais, contando com o apoio de um enxame de bandos à disposição, sempre prontos a se submeterem à sua vontade...

Uma silhueta se aproximou da porta, quase silenciosa. Sem sequer pensar, Yoshi estendeu a mão direita para a espada comprida, no chão, ao seu lado, embora reconhecesse a silhueta. O vulto se ajoelhou. Uma batida delicada.

— Oque é?

Ela abriu a porta, sorrindo, fez uma reverência, e esperou.

— Entre, por favor, Koiko — murmurou Yoshi, satisfeito com a visita inesperada, todos os seus demônios desaparecendo.

Ela obedeceu, fechou a porta, correu para ele, o quimono estampado comprido farfalhando, tornou a se ajoelhar, comprimiu o rosto contra a mão de Yoshi, ao mesmo tempo em que notava o poema.

— Boa noite, Sire.

Ele riu, abraçou-a com ternura.

— A que devo este prazer?

— Senti saudade. Posso ver seu poema?

— Claro.

Enquanto Koiko estudava o poema, Yoshi a contemplava, um prazer constante para ele, nos trinta e quatro dias em que ela se encontrava no castelo. Roupas extraordinárias. A pele mais pura, como casca de ovo, cabelos pretos reluzentes, que desciam até a cintura quando eram soltos, nariz delicado, os dentes tão brancos quanto os de Yoshi, em vez de escurecidos, como era a moda na corte.

— Uma estupidez! — dissera-lhe o pai, assim que ele tinha idade suficiente para compreender.— Por que deveríamos escurecer nossos dentes só porque é um costume da corte, iniciado há séculos por um imperador que tinha dentes velhos e podres, e por isso determinou que ter dentes pintados era superior a ter dentes como os dos animais? E por que usar tinta em nossos lábios e faces, como alguns ainda fazem, porque outro queria ser mulher, não homem, e assim

fingia, sendo imitado pelos cortesãos, que queriam conquistar seus favores?

Koiko tinha vinte e dois anos, Tayu, o mais alto grau possível de gueixa no mundo do salgueiro.

Tendo ouvido comentários a seu respeito, alguns meses antes, Yoshi sentira-se curioso, mandara chamá-la, desfrutara sua companhia e depois, há meses, ordenara que a *mama-san* de Koiko apresentasse uma proposta para seus serviços permanentes. Como era correto, a proposta fora encaminhada à esposa de Yoshi, que cuidaria do assunto. Ela lhe escrevera do Dente do Dragão, o castelo da família:

Amado marido: Concluí hoje um acordo satisfatório com a mama-san para a Tayu Koiko, da Casa da Glicínia. Senhor, consideramos que é melhor ter sua exclusividade do que uma primeira opção para seus serviços, e também mais seguro, já que se encontra cercado por inimigos. A seu critério, o contrato é renovável todos os meses, o pagamento será mensal, ao término de cada período, para garantir que os serviços serão mantidos no nível mais elevado, como deve esperar.

Sua consorte e eu nos sentimos satisfeitas por ter decidido contratar uma diversão, pois estávamos e continuamos muito preocupadas com sua saúde e segurança. Permita-me cumprimentá-lo por sua escolha, pois corre o rumor de que Koiko é de fato extraordinária

Seus filhos estão bem e felizes, assim como sua filha e eu. Enviamos nossa eterna lealdade e ansiamos por sua presença. Por favor, mantenha-me informada sobre como devo orientar nosso Pagador para reservar recursos...

Corretamente, a esposa não mencionara a quantia, nem isso seria de seu interesse, pois se tratava de uma função básica dela, administrar e guardar a riqueza da família, pagar todas as contas. Koiko levantou os olhos.

— Seu poema é impecável, Yoshi-chan — murmurou ela, batendo palmas, o chan um diminutivo íntimo.

— Você é impecável — disse Yoshi, disfarçando seu prazer por aquele Julgamento.

Além dos excepcionais atributos físicos, Koiko tinha renome em Iedo por sua caligrafia, a beleza de seus poemas e a astúcia na arte e política.

— Adoro a maneira como você escreve, e o poema é magnífico. Adoro a complexidade de sua mente, em particular porque escolheu “quando”, e não talvez “agora”, e “contorce”, quando um homem inferior poderia usar “mexe”, ou o mais clamoroso “ergue”, o que daria uma conotação sexual. Mas a disposição da palavra final, “irrequieta”... ah, Yoshi-chan, como foi hábil ao usar essa última palavra, que é perfeita! Sua criação é excelente, e pode ser interpretada de uma dúzia de maneiras diferentes.

— E o que você acha que estou dizendo?

Os olhos de Koiko faiscaram.

— Primeiro, diga-me se tenciona guardar o poema... guardar abertamente em segredo, ou destruí-lo.

— Qual é a minha intenção? — indagou ele, adorando a conversa.

— Se guardar o poema abertamente ou simular escondê-lo ou simular que é secreto, planeja que seja lido por outros, que informarão a seus inimigos, de um jeito ou de outro, como deseja.

— E o que eles pensarão?

— Todos, à exceção dos mais sagazes, vão presumir que sua determinação está enfraquecendo, seus medos começam a dominá-lo.

— E os outros?

Os olhos de Koiko não perderam nada da expressão divertida, mas ele percebeu que adquiriam um brilho adicional.

— De seus principais adversários, o xógum Nobusada interpretaria como um sinal de que você, em sua mente interior, concorda com ele, que não é bastante forte para constituir uma ameaça concreta, e passaria a considerar, na maior felicidade, que se tornará mais e mais fácil eliminá-lo quanto mais esperar. Anjo se roeria de inveja por sua proeza como poeta e calígrafo, e desdenharia do “irrequieta”, achando ser uma palavra indigna, mal escolhida, mas o poema o deixaria obcecado, preocupado, ainda mais se for encarado como um documento secreto, até que ele teria quarenta e oito interpretações, todas as quais aumentariam sua implacável oposição.

A franqueza de Koiko impressionou-o.

— E se eu guardar em segredo?

Ela riu.

— Se quisesse guardá-lo em segredo, então teria de queimá-lo agora mesmo, sem nunca mostrá-lo para mim. É triste destruir tanta beleza, muito triste, Yoshi-chan, mas um ato necessário para um homem na sua posição.

— Por quê? É apenas um poema.

— Creio que este é especial. É bom demais. Uma arte assim só pode provir das profundezas interiores. Revela muito. E a revelação é o propósito da poesia.

— Continue.

Os olhos de Koiko pareceram mudar de cor, enquanto ela especulava até que ponto ousaria ir, sempre testando os limites intelectuais...

para entreter e excitar quem a contratara, se era o que ele desejava. Yoshi notou a mudança, mas não discerniu o motivo.

— Por exemplo — continuou ela, descontraída —, poderia ser interpretado, pelos olhos errados, como uma manifestação de seu espírito mais profundo: “O poder do meu ancestral homônimo, xógum Toranaga Yoshi, se acha ao meu alcance, suplica para ser usado.”

Observando-a, Yoshi não conseguiu ler seus olhos. Todos os seus sentidos bradavam perigo. Sou tão evidente assim? Talvez esta dama seja perceptiva demais para continuar viva.

— E o que pensaria a princesa Yazu?

— Ela é a mais esperta entre todos, Yoshi-chan. Mas já sabe disso. Ela perceberia o significado no mesmo instante... se é que tem algum significado especial.

Mais uma vez, a expressão dos olhos que Yoshi não pôde entender.

— E se eu lhe desse o poema de presente?

— Esta indigna pessoa transbordaria de alegria por receber tamanho tesouro... mas ficaria numa situação difícil, Yoshi-chan.

— Como assim?

— É muito especial, para dar ou receber.

Yoshi desviou os olhos da mulher e contemplou sua obra, com toda atenção. Era tudo o que ele desejara, nunca poderia duplicá-la. Depois, considerou Koiko, com a mesma determinação. Observou seus dedos pegarem o papel e estenderem para ela, fechando a armadilha.

Reverente, Koiko recebeu o poema com as duas mãos, inclinando a cabeça. Tornou a examiná-lo, com o máximo de atenção, querendo gravar tudo na memória, de uma forma tão indelével quanto a tinta no papel. Um suspiro profundo. Com extremo cuidado, ela aproximou o canto do papel da chama do lampião.

— Com sua permissão, Yoshi-sama, por favor? — murmurou Koiko, formal, fitando-o nos olhos, a mão firme.

— Por quê? — indagou ele, atônito.

— É perigoso demais para você deixar tais pensamentos vivos.

— E se eu recusar?

— Neste caso, peço que me desculpe, mas terei de decidir por você.

— Pois então decida.

No mesmo instante, ela encostou o papel na chama. Pegou fogo. Com habilidade, Koiko foi virando-o, até que só restava um pequeno pedaço ainda adendo, a cinza inteira, equilibrada de modo precário. O fogo se extinguiu. Os Qedos de Koiko eram longos e delicados, as unhas a própria perfeição. No silêncio, dobraram o papel sobre o qual as cinzas foram depositadas, fazendo um ogami, dobrado sobre a mesa. O papel parecia agora com uma carpa.

Quando ela levantou o rosto, tinha os olhos cheios de lágrimas, e Yoshi sentiu uma profunda afeição.

— Peço que me perdoe, por favor — balbuciou ela, a voz trêmula. — Mas era perigoso demais para você... é triste destruir tanta beleza, eu queria muito guardar o poema. É triste, mas também seria perigoso demais...

Enternecido, Yoshi tornou a abraçá-la, sabendo que o ato de Koiko era a única solução para ele e também para ela, impressionado por tamanha percepção sobre sua intenção original: planejara de fato esconder o poema, mas deixar que fosse descoberto, e chegar ao conhecimento de todas as pessoas que ela indicara, em particular da princesa Yazu.

Koiko tem razão, posso perceber agora. Yazu discerniria minha trama e leria meus verdadeiros pensamentos: que sua influência sobre Nobusada deve acabar ou posso me considerar um homem morto. Não há outra maneira de interpretar “O poder de meu ancestral”... Por ela, minha cabeça já estaria espetada na ponta de um chuçó!

— Não chore, minha criança — sussurrou ele, convencido agora de que podia confiar em Koiko.

E enquanto se permitia ser acariciada, depois excitada, passando por sua vez a excitá-lo, Koiko pensava com seu terceiro coração, seu coração mais secreto — o primeiro para que todo o mundo visse, o segundo aberto apenas à família mais íntima, o terceiro nunca revelado a ninguém —, e nesse lugar secreto deixou escapar um

suspiro silencioso de alívio, por ter passado em outro teste, pois sem dúvida fora um teste.

Seria perigoso demais para ele manter viva tamanha traição, porém ainda mais perigoso para mim tê-la em meu poder. É isso mesmo, meu belo amo, é fácil adorá-lo, rir e me divertir em sua companhia, simular êxtase quando me penetra... e é divino recordar que, ao final de cada dia, ganhei um koku. Pense nisso, Koiko-chan! Um koku por dia, todos os dias, por participar do jogo mais emocionante do mundo, com o nome mais elevado do mundo, um homem belo e espantoso, de grande cultura, cujo talo é o melhor que já experimentei... e, ao mesmo tempo, ganhar com isso uma riqueza maior do que em qualquer outra ocasião anterior.

As mãos, lábios e corpo de Koiko reagiam de um modo adequado, fechando, abrindo, abrindo ainda mais, recebendo-o, orientando-o, ajudando-o, um instrumento de absoluta sintonia que ele podia tocar à vontade, enquanto ela simulava um êxtase total, fingia mergulhar e se abandonar, mas nunca se largando por completo — era muito importante conservar suas energias e controle, pois Yoshi era um homem de muitos apetites —, desfrutando a competição, nunca se apressando, mas sempre avançando, ora cambaleando à beira do abismo, deixando-o despencar, só para puxá-lo de volta, permitindo a arremetida final, numa explosão de alívio.

Quieto agora. Seu peso dormindo não chegava a ser tão desagradável, suportado com estoicismo, com o maior cuidado para não se mexer, a fim de não perturbar sua paz. Satisfeita com sua arte, como sabia que Yoshi ficara com a dele. E o último pensamento de Koiko, o mais secreto, exultante, antes de resvalar para o sono, foi: Eu me pergunto como Katsumata, Hiraga e seus amigos *shishi* vão interpretar "*Espada de meus antepassados...*"

14

QUIOTO

Segunda-feira, 29 de setembro:

Alguns quilômetros ao sul de Quioto, ao crepúsculo, ocorria um violento combate de retaguarda, entre as tropas de *Satsuma* em fuga e as forças de *Choshu*, de lorde Ogama, que pouco antes haviam capturado os portões do palácio. O mestre espadachim de *Satsuma*, Katsumata, um líder secreto dos *shishi*, apoiado por uma centena de samurais montados, comandava a batalha, para proteger a fuga de lorde Sanjiro e o grosso das forças de *Satsuma*, que se encontravam a uns poucos quilômetros de distância, para o sul. Lutavam em grande inferioridade numérica. O local era campo aberto, o vento estava impregnado pelo mau cheiro de esterco humano das plantações e havia no céu um acúmulo ameaçador de nuvens escuras.

Mais uma vez, Katsumata liderou uma carga furiosa, que rompeu as fileiras de vanguarda do inimigo, na direção do estandarte do *daimio* de *Choshu*, Ogama, também montado. Mas os samurais de *Satsuma* foram rechaçados, com grandes baixas, e reforços correram para proteger seu líder.

— Todas as tropas devem avançar! — gritou Ogama.

Ele tinha vinte e oito anos, um homem corpulento e irado, usando uma armadura leve de bambu e metal, com capacete de guerra, a espada desembainhada e ensangüentada.

— Contornem esses cães! Sigam em frente! Quero a cabeça de Sanjiro! No mesmo instante, ajudantes partiram em disparada para transmitir suas ordens a todos os comandantes.

A cinco ou seis quilômetros dali, lorde Sanjiro e os remanescentes de suas forças seguiam apressados para a costa e Osaca, a trinta e tantos quilômetros de distância, a caminho das embarcações que os levariam para seu território, a ilha meridional de Kyushu, e para a segurança de sua capital, Kagoshima, seiscentos quilômetros para oeste.

No total, havia cerca de oitocentos guerreiros, bem equipados, samurais fanáticos, ansiosos em voltar para a luta, ainda amargurados pela derrota, pela expulsão de Quioto, uma semana antes. Ogama desfechara um inesperado ataque noturno, cercando

seu acampamento e incendiando os prédios, repudiando os acordos solenes que haviam celebrado.

Com grandes baixas, os *Satsumas* lutaram para sair da cidade, até a aldeia de Fushimi, onde Sanjiro reagrupara suas forças, frenético, sempre atacados por destacamentos *Choshus*.

— Estamos acuados!

Um dos seus comandantes dissera:

— Lorde, proponho um contra-ataque imediato, na direção de Quioto. Ao que Katsumata respondera, enfático:

— Seria perigoso demais, pois são muitas as tropas contra nós, e poderão nos esmagar. Sire, alienaria assim todos os *daimios*, e

deixaria a corte ainda mais assustada. Proponho que ofereça uma trégua a Ogama... se ele permitir uma retirada ordenada.

— Sob que alegação?

— Como parte da trégua, aceita que suas forças serão guardiães dos portões... as forças dele, não as de Tosa, e isso vai semear ainda mais divergência entre eles.

— Não posso aceitar isso — protestara Sanjiro, tremendo de raiva por ter sido enganado por Ogama. — E mesmo que eu concordasse, ele rejeitaria a proposta. Por que deveria aceitar? Nós é que estamos em desvantagem. Pode urinar em cima de todos nós. Se eu estivesse em seu lugar, trataria de nos atacar aqui, antes do meio-dia.

— É o que ele fará, lorde... a menos que o impeçamos. Podemos conseguir isso por uma artimanha, já que ele não é um guerreiro tão capaz quanto meu lorde... e suas tropas não têm o mesmo denodo, não são tão bem treinadas. Ele só conseguiu nos derrotar porque atacou à noite, numa sórdida traição. Lembre-se de que a aliança de

Ogama com Tosa é precária. Ele precisa consolidar a posse dos portões e suas tropas são insuficientes para enfrentar todos os problemas durante as próximas semanas. Tem de se organizar e providenciar reforços, sem provocar qualquer oposição. E muito em breve o *Bakufu* deve retornar com todas as suas forças, para retomar os portões, como é seu direito.

Pelo édito de Toranaga, todos os *daimios* em visita a Quioto só podiam levar quinhentos guardas, todos os quais tinham de se manter sob severas restrições, dentro dos acampamentos de seus feudos, construídos sem defesas. O mesmo édito permitira que as forças do xogunato fossem mais numerosas do que todas as outras juntas. Ao longo de séculos de paz, o *Bakufu* deixara que tais leis definhassem. Em anos recentes, os *daimios* de Tosa, *Choshu* e *Satsuma* — dependendo da força pessoal — haviam ludibriado a burocracia para aumentar seus efetivos, até serem obrigados a enviar os guerreiros em excesso de volta para suas terras.

— Ogama não é um tolo, nunca me deixará escapar — dissera Sanjiro. — Eu espetaria sua cabeça na ponta de um chuço, se conseguisse acuá-lo.

— Ele não é um tolo, mas pode ser manipulado. — Katsumata baixara a voz para acrescentar: — Além da promessa sobre os

portões, também poderia concordar que, se ou quando houver uma convenção de *daimios*, apoiaria suas reivindicações a ser chefe do Conselho de Anciãos.

— Nunca! — explodira Sanjiro. — Ele não pode deixar de saber que eu jamais concordaria com isso. Por que acreditaria em tamanho absurdo?

— Porque ele é Ogama. Porque fortificou seu estreito de Shimonoseki com dezenas de canhões de sua fábrica de armas não tão secreta, construída pelos holandeses, e por isso acredita, com toda razão, que pode impedir a passagem dos navios dos *gai-jin*, a seu capricho, e mesmo assim continuar a salvo de um ataque deles. Porque pensa que é o único que pode pôr em prática o desejo do imperador de expulsar os *gai-jin*, que somente ele pode restaurar o aparato de poder do imperador... por que ele não deveria reivindicar o maior de todos os prêmios, ser o tairo, ditador?

— A Terra terá um banho de sangue antes que isso aconteça.

— O último motivo pelo qual ele poderia aceitar uma trégua, Sire, é o fato de que nunca antes controlou os portões... não passa de um arrivista, um usurpador, e sua linhagem é vulgar — acrescentara Katsumata, com imenso desdém —, não tão antiga e elevada quanto a sua. Uma razão adicional: ele aceitará a trégua porque será oferecida como permanente.

Em meio aos protestos atônitos e furiosos, Sanjiro fitara seu conselheiro com o maior espanto, surpreso pela extensão das concessões que Katsumata propunha. Sem compreender, mas conhecendo Katsumata muito bem, ele tratara de dispensar os outros.

— O que há por trás de tudo isso? — indagara, impaciente, assim que ficaram a sós. — Ogama não pode deixar de saber que qualquer trégua só valerá até eu me encontrar seguro por trás de minhas montanhas, onde mobilizarei todos os homens de *Satsuma*, e depois marcharei para Quioto, a fim de recuperar meus direitos, vingar os insultos e cortar sua cabeça. Por que tamanho absurdo de sua parte?

— Porque corre um perigo mortal, Sire, como nunca antes. Está acuado. Há espíões entre nós. Preciso de tempo para organizar os barcos em Osaca e formular um plano de batalha.

Sanjiro acabara concordando:

— Muito bem, pode negociar.

As negociações haviam se prolongado por seis dias.

Durante esse tempo, Sanjiro permanecera placidamente em Fushimi, mas despachara espiões para todas as estradas de Quioto. Como medida de confiança mútua, Sanjiro consentira em se deslocar para uma posição menos defensável e Ogama retirara todas as suas forças do caminho de fuga, à exceção de um destacamento simbólico. Depois, ambos ficaram esperando que o outro cometesse um erro.

Com o poder supremo em Quioto, mesmo que precário, Ogama, apoiado por mais de mil samurais, parecia se contentar em reforçar seu domínio sobre os portões, cultivando os outros *daimios*, e em

particular os cortesãos que se mostravam simpáticos à sua causa. Ogama os persuadira a abordar o imperador e pedir que “solicitasse” a imediata renúncia de Anjo e do Conselho de Anciãos, convocasse uma convenção de *daimios*, que teria o poder de designar um novo Conselho de Anciãos — no qual ele seria o tairo —, que governaria até o xógum Nobusada alcançar a maioria, substituindo todos os partidários de Toranaga no *Bakufu*.

Para intensa satisfação de Ogama, os cortesãos lhe informaram que seus disparos de canhão contra os navios dos *gai-jin* haviam agradado bastante ao imperador. Isso e mais a trégua proposta por Sanjiro, com extraordinárias concessões, reforçavam ainda mais sua influência sobre a corte.

— A trégua é aceita — declarara ele a Katsumata, pomposo, no dia anterior. — Ratificaremos o acordo daqui a sete dias, em meu quartel-general. Depois, vocês podem se retirar para Kagoshima.

Mas, naquela manhã, chegara a notícia surpreendente da proposta da visita do xógum Nobusada. No mesmo instante, Sanjiro mandara chamar Katsumata.

— O que deu em Anjo e Yoshi para concordar? Enlouqueceram? Qualquer coisa que venha a acontecer, eles saem perdendo.

— Concordo, Sire, mas isso lhe deixa em uma posição ainda mais perigosa. Com Ogama controlando os portões, e dessa forma o acesso ao imperador, qualquer inimigo seu é também um inimigo do imperador.

— Óbvio! O que posso fazer? O que você sugere?

— Envie imediatamente uma carta a Ogama, sugerindo uma reunião dentro de três dias, para discutir os desdobramentos da visita... ele deve estar tão espantado quanto todos os outros *daimios*. Enquanto isso, esta noite, depois do escurecer, executamos o plano de batalha.

— Não podemos escapar sem Ogama saber. Há espiões por toda a parte, e suas tropas podem nos alcançar com facilidade. No momento em que souber que levantamos acampamento, ele nos atacará.

— Tem toda razão, só que deixaremos o acampamento exatamente como está, levando apenas nossas armas. Eu o conheço bem, e tenho certeza de que poderemos enganá-lo.

Furioso, Sanjiro indagara:

— Se é assim, por que não previu seu ataque de surpresa?

Mas eu previ, Katsumata poderia dizer, só que me era mais conveniente que Ogama ficasse com o controle temporário dos portões. Não escapamos de sua armadilha sem maiores dificuldades? Ogama nunca será capaz de lidar com a corte, os *daimios* hostis, Tosa, a visita do xógum Nobusada, ou a princesa Yazu. Se Nobusada não chegar a Quioto, Ogama será responsabilizado por sua morte.

— Sinto muito, Sire — murmurara ele, simulando humildade. — Estou descobrindo por que seus espiões falharam, e posso garantir que cabeças vão rolar.

— Cuide disso.

Pouco depois do escurecer, Katsumata enviara homens especialmente treinados para dizimar os *Choshus* que os espionavam, e que morreram sem desconfiar de nada. Depois, seguindo o plano de batalha de Katsumata, que só abria exceção para o próprio e uma centena de guerreiros a cavalo, Sanjiro e o regimento partiram para o sul. A cada três ri, cem homens ficariam esperando por Katsumata, recuando junto com ele. Confiante, Katsumata montara uma emboscada na estrada de Quioto. Tinha certeza de que se pudessem sobreviver até o amanhecer, atraindo os homens de *Choshu* para uma batalha em movimento, era bem provável que a maioria suspendesse o combate, retornando a Quioto, a fim de reforçar a posição ali, deixando apenas uma força simbólica na perseguição. Havia muitos rumores de que as alianças de Ogama já começavam a desmoronar, a dissidência aumentando com as mentiras espalhadas pelos aliados secretos de Katsumata.

Mas ele se surpreendera ao descobrir Ogama no comando da perseguição, e ainda mais com a rapidez com que foram alcançados.

Karma.

— Atacar! — berrou Katsumata.

Ele tornou a virar seu cavalo, interrompendo a fuga simulada. No mesmo instante, sua cavalaria, aparentemente dispersa, reagrupou-se em falanges furiosas, investindo contra os oponentes, que recuaram em desordem, o ar frio e úmido, impregnado pelo cheiro de suor, medo e sangue, ardendo em suas narinas. Homens morriam à esquerda e à direita, de ambos os lados, mas Katsumata foi avançando, pouco a pouco, até que o caminho para Ogama se tornou quase desimpedido. Uma vez mais, no entanto, ele foi rechaçado e tratou de fugir — agora uma fuga para valer —, sendo seguido pelos que continuavam vivos. Dos cem homens com os quais iniciara o combate, restavam apenas vinte.

— Chamem nossas reservas! — gritou Ogama. — Quinhentos koku pela cabeça de Katsumata, mil pela cabeça de lorde Sanjiro.

— Sire!

Um dos seus comandantes mais experientes apontou para cima. Sem que ninguém percebesse, no alvoroço da batalha, as nuvens de tempestade haviam ocupado a maior parte do céu e começavam a cobrir a lua.

— Sinto muito, mas a estrada de volta a Quioto é difícil, e não sabemos se àqueles cães astutos nos armaram outra emboscada.

Ogama pensou por um momento.

— Cancele a ordem de combate para a reserva! Pegue cinquenta guerreiros a cavalo e os pressione até a morte. Se me trazer qualquer das duas cabeças, eu o promoverei a general, com dez mil koku. Vamos suspender a batalha.

No mesmo instante, os comandantes se afastaram apressados, gritando ordens. Sombrio, Ogama esquadrinhou a escuridão cada

vez mais intensa por onde Katsumata e seus homens haviam desaparecido.

— Por meus ancestrais — murmurou ele —, quando eu me tornar tairo *Satsuma* será um protetorado de *Choshu*, os tratados serão cancelados, e nenhum navio *gai-jin* jamais passará por meu estreito!

Depois, ele virou seu cavalo e partiu, acompanhado por seus guardas pessoais a caminho de Quioto. E ao encontro de seu destino.

Nessa mesma noite, na legação francesa em Iocoama, a festa e o recital promovidos por Seratard, em homenagem a Angelique, foram um grande sucesso. O cozinheiro se superara: pão fresco, travessas

com ostras temperadas, lagosta fria camarões pequenos e grandes, peixe cozido, temperado com gengibre e alho, e servido com alho-poró de sua própria terra, além de *tarte au pomme*, as maçãs secas vindas da França, que só eram usadas em ocasiões especiais. Champanhe, La Doucette, e um Margaux de sua aldeia natal, do qual ele muito se orgulhava. Depois do jantar e charutos, aplausos estrondosos anunciaram a apresentação de André Poncin, um pianista refinado, embora relutante, mais aplausos depois de cada peça, e agora, quase meia-noite, após três bis, houve uma ovação de pé, enquanto definhavam os últimos acordes maravilhosos de uma sonata de Beethoven.

— Magnífico...

— Extraordinário...

— Oh, André! — balbuciou Angelique, em francês, de seu lugar de honra, perto do piano, a mente libertada pela música da angústia em espreita permanente. — Foi lindo! Muito obrigada!

Seu leque adejou de uma forma encantadora, os olhos e o rosto uma perfeição, uma crinolina sobre as anáguas, decote profundo, ombros à mostra, a seda verde delicada caindo em cascatas, formando camadas, acentuando ainda mais a cintura estreita.

— *Merci, mademoiselle.* — Poncin levantou-se, ergueu seu copo, com uma expressão velada nos olhos. *À toi!*

— *Merci, monsieur.*

Em seguida, mais uma vez, ela virou-se para Seratard, cercada por Norbert Greyforth, Jamie McFay, Dmitri e os outros mercadores, todos vestidos a rigor. camisas de seda com rufos, coletes vistosos e gravatas — alguns trajes novos, mas quase todos velhos, amarrotados, passados às pressas, porque Angelique estaria presente. Havia também alguns oficiais franceses, do exército e marinha, uniformes com alamares, a espada de gala aumentando o esplendor a que não estavam acostumados, além de militares britânicos, igualmente adornados como pavões.

Duas das três outras mulheres da colônia se encontravam ali, na sala iluminada por velas e lampiões a óleo, Mabel Swann e Victoria Lunkchurch. Ambas corpulentas, com vinte e poucos anos, sem filhos, esposas de mercadores, ambas transbordando de ciúme, os maridos detidos a seu lado, encharcados de suor.

— Já chega, Sr. Swann — disse Mabel, com uma fungadela desdenhosa. — Vamos para a cama, com uma boa xícara de chá inglês.

— Se está cansada, minha cara, você e Vic...

— Nós dois vamos embora! E agora!

— Você também, Barnaby — disse Victoria Lunkchurch, o sotaque de Yorkshire tão grande quanto os quadris. — E trate de tirar esses pensamentos sujos da cabeça, antes que eu dê um jeito em você!

— Quem, eu? Que pensamentos?

— Esses pensamentos com aquela Sirigaita francesa, que Deus a perdoe! — acrescentou Victoria, com mais veneno ainda. — Vamos embora!

Ninguém sentiu falta deles, nem percebeu que haviam se retirado. Todos se concentravam na convidada de honra, tentando chegar mais perto; ou se já se encontravam no círculo, tentando impedir que outros os afastassem.

— Uma esplêndida noite, Henri — disse Angelique.

— Só por sua causa. Ao nos honrar com sua presença, faz com que tudo pareça melhor.

Serataurd murmurava esses chavões galantes enquanto pensava: É uma pena que você ainda não seja casada, portanto madura para uma ligação com um homem refinado. A pobre moça tem de suportar um escocês imaturo e bovino, embora rico. Eu bem que gostaria de ser o seu primeiro amante de verdade... seria uma alegria lhe ensinar as coisas.

— Você sorri, Henri? — murmurou ela, subitamente consciente de que seria melhor tomar cuidado com aquele homem.

— Pensava apenas em como seu futuro será perfeito e isso me deixou feliz.

— Ah, quanta gentileza!

— Acho que...

— Miss Angelique, se me permite a ousadia, vamos ter uma corrida no sábado — interveio Norbert Greyforth, furioso por Seratard monopolizar a moça, irritado pela grosseria do homem em falar francês, uma língua que não entendia, detestando-o e a tudo que era francês, à exceção de Angelique. — Será uma corrida nova... ahn... em sua homenagem. Decidimos chamá-la de Copa Angel, não é mesmo, Jamie?

— É, sim — confirmou Jamie McFay, os dois diretores do Jóquei Clube, ambos sob o encantamento de Angelique.— Resolvemos que será a última corrida do dia, e a Struan vai oferecer o prêmio em dinheiro, de vinte guinéus. Poderia entregar o prêmio, Miss Angelique?

— Claro que sim. Será um prazer, se o Sr. Struan aprovar.

— Ficaremos esperando.

McFay já pedira a permissão de Struan, mas ele e todos os homens ao redor especularam sobre as implicações do comentário, embora todas as apostas contra um noivado estivessem suspensas. Mesmo

em particular, Struan não lhe dera a menor indicação, apesar de McFay se sentir na obrigação de relatar os rumores.

— Isso não é da conta de ninguém, Jamie. Absolutamente ninguém.

Ele concordara, mas sua inquietação aumentara. O comandante de um navio mercante que entrara no porto, um velho amigo, lhe entregara uma carta da mãe de Malcolm, pedindo um relatório confidencial: *Desejo saber tudo o que tem acontecido desde que essa mulher Richaud chegou a Iocoama, Jamie. Tudo mesmo, rumores, fatos, intrigas, e não preciso ressaltar que isso deve permanecer como um segredo absoluto entre nós.*

Mas que droga!, pensou Jamie. Estou comprometido por um juramento sagrado a servir ao *tai-pan*, quem quer que ele seja, e agora sua mãe me pede mas, por outro lado, uma mãe tem direitos, não é mesmo? Não necessariamente, mas a Sra. Struan tem, porque é a Sra. Struan, e ainda por cima você já se acostumou a fazer o que ela manda. Não vem se submetendo há anos às suas ordens, pedidos e sugestões?

Pelo amor de Deus, Jamie, pare de tentar enganar a si mesmo; no fundo, não é ela quem vem controlando Culum e dirigindo a Struan há anos, e nem você, nem qualquer outro, jamais quiseram encarar o fato abertamente?

— Isso é mais do que certo — murmurou ele.

Sentia-se chocado pelo pensamento, que sempre recebera escancarar. Subitamente contrafeito, ele se apressou em cobrir o lapso, mas todos ainda se concentravam em Angelique.

A exceção de Norbert.

— O que é certo, Jamie? — indagou ele, sob o burburinho da conversa, com um sorriso indecifrável.

— Tudo, Norbert. Grande noite, hem?

Para seu grande alívio, Angelique atraiu a atenção de ambos.

— Boa noite, boa noite, Henri, senhores — disse ela, sob protestos gerais. — Sinto muito, mas preciso ver meu paciente, antes de me recolher.

Ela estendeu a mão. Com uma elegância experiente, Seratard beijou-a, Norbert, Jamie e os outros fizeram a mesma coisa, embora desajeitados. Antes que qualquer outro pudesse se oferecer como voluntário, André Poncin disse:

— Talvez eu possa escoltá-la até sua casa?

— Claro. Por que não? Sua música me deixou extasiada.

A noite estava um pouco fria e nublada, mas ainda assim bastante agradável, o xale de lã ornamentando os ombros de Angelique, o babado na bainha da saia-balão se arrastando na poeira da calçada de madeira... tão necessária durante as chuvas de verão, que transformava todos os caminhos em atoleiros. Apenas uma pequena parte da mente de Angelique focalizava o momento.

— André, sua música é maravilhosa, e não pode imaginar como eu gostaria de tocar assim — comentou ela, com sinceridade.

— É apenas uma questão de prática, mais nada.

Seguiram para o prédio Struan, todo iluminado, falando em francês, descontraídos, André consciente dos olhares invejosos dos homens a caminho do clube — efusivo, apinhado e convidativo —, atraído por ela, não com desejo ou paixão. Apenas por sua companhia, por seus comentários tão felizes que mal exigiam uma resposta.

Na noite anterior, no jantar “francês” de Seratard, numa sala particular do hotel Iocoama, ele sentara ao lado de Angelique e achara sua juventude e aparente frivolidade revigorantes, e seu

amor e conhecimento de Paris, os restaurantes, teatros, as conversas de seus jovens amigos, os risos e relatos de passeios pelo *Bois* e toda a emoção do segundo império haviam-no deixado com a maior nostalgia, lembrando os dias da universidade e o quanto também sentia saudade de sua terra.

Anos demais na Ásia, na China e aqui.

É curioso que esta moça seja tão parecida com minha própria filha. Marie tem a mesma idade, as duas fazem aniversário no mesmo mês, julho, os mesmos olhos, a mesma cor...

Ele se corrigiu: Talvez como Marie. Quantos anos já se passaram desde que rompi com Françoise, deixei as duas na pensão da família, perto da Sorbonne, e parti? Dezessete anos. Quanto tempo desde que as vi pela última vez? Dez anos. *Merde*, eu nunca deveria ter casado, Françoise grávida ou não. O tolo fui eu, não Françoise, pelo menos ela casou de novo, e agora dirige a pensão. E Marie?

O som das ondas desviou sua vista para o mar. Uma gaivota planava lá no alto. Não muito longe da praia, avistou as luzes da nave

capitânia francesa ancorada, e isso rompeu seu encantamento, fazendo com que tornasse a se concentrar.

Era irônico, aquela moça agora se tornava um peão no grande jogo, França contra Inglaterra. Podia ser irônico, mas era a vida. Deixo para amanhã, para depois de amanhã, ou jogo logo as cartas como combinamos, Henri e eu?

— Ah, André — dizia Angelique —, eu me sinto muito feliz esta noite. Sua música me deixou enlevada, levou-me de volta à Opera, de tal forma que posso até sentir o perfume de Paris...

Contra a vontade, ele se sentia fascinado. Por ela ou porque me faz pensar no que Marie poderia ter sido? Não sei e também não importa. Esta noite, Angelique, eu a deixarei em seu balão de felicidade. Haverá tempo suficiente amanhã.

Depois, as narinas de André aspiraram uma insinuação do perfume que ela usava, *Vie de Camille*, fazendo-o recordar o frasco que mandara vir de Paris, com tanta dificuldade, para sua *musume*, Hana

— a Flor —, e uma raiva repentina acabou com o impulso para a gentileza.

Não havia ninguém bastante perto para ouvir, a High Street se encontrava quase vazia. Mesmo assim, ele falou baixo:

— Lamento ter de lhe contar, mas tenho algumas notícias confidenciais que precisa saber. Não há uma maneira fácil de explicar e, por isso, serei brusco: seu pai visitou Macau há algumas semanas, jogou pesado e perdeu.

Poncin percebeu a palidez súbita. Sentiu um aperto no coração, mas continuou assim mesmo, como planejara com Seratard.

— Sinto muito.

— Jogou pesado, André? O que isso significa?

As palavras saíram quase inaudíveis e ele viu-a de olhos arregalados.

— Ele perdeu tudo, seus negócios, os recursos que você tinha deixado com ele.

Angelique soltou uma exclamação atordoada.

— Tudo? Meus recursos também? Mas ele não podia fazer isso!

— Sinto muito, ele podia, e fez. Está dentro da lei, você é sua filha, solteira além de menor, ele é seu pai, com jurisdição sobre você e tudo o que possui. Mas é claro que você já sabe de tudo isso. Sinto muito. Tem mais algum dinheiro?

Antes mesmo de perguntar, Poncin já sabia que ela não tinha mais nada.

— Sente muito?

Angelique estremeceu, fez um esforço para manter a lucidez, sabendo agora que o segundo de seus grandes terrores se tornara uma realidade, o conhecimento comum rompendo o casulo que formara com tanto cuidado.

— Como soube de tudo isso? — balbuciou ela, com alguma dificuldade para respirar. — Aqueles recursos eram só meus... ele prometeu.

— Seu pai mudou de idéia. E Hong Kong é uma aldeia... não há segredos em Hong Kong, Angelique, e aqui também não. Chegou hoje uma mensagem de Hong Kong, enviada por um associado. Ele descreveu os detalhes... visitava Macau na ocasião e testemunhou o desastre.

Poncin manteve a voz cordial e preocupada, assumindo a atitude de um bom amigo, mas revelando apenas a metade da verdade.

— Ele e eu, nós, nós temos algumas promissórias de seu pai, empréstimos do ano passado, que ainda não foram pagos.

Outro medo abalou Angelique.

— Meu pai... não paga suas contas?

— Infelizmente, não.

Angustiada, ela pensou na carta da tia e teve certeza, agora, de que o empréstimo do tio também não fora pago, e que ele fora para a cadeia porque... talvez por minha causa, ela quis gritar, tentando manter o controle, desejando que tudo não passasse de um sonho. Oh, Deus, o que vou fazer?

— Quero que saiba que se precisar de minha ajuda, basta dizer.

Abruptamente, a voz de Angelique se tornou estridente.

— Ajuda? Você destruiu minha paz... se é mesmo verdade o que diz. Ajudar-me? Por que me disse isso logo agora, quando eu me sentia tão feliz?

— É melhor saber logo, e é melhor que seja eu a lhe contar, em vez de um inimigo.

O rosto de Angelique se contraiu.

— Inimigo? Que inimigo? Por que eu haveria de ter inimigos? Nunca fiz nada a ninguém, absolutamente nada...

As lágrimas começaram a se derramar. Apesar de sua determinação, ele abraçou-a por um momento, compadecido, depois pôs as mãos em seus ombros, sacudiu-a de leve.

— Pare com isso! — disse ele, permitindo que a voz se tornasse um pouco brava. — Por Deus, pare com isso! Será que não entende que estou tentando ajudá-la?

Alguns aproximavam-se pelo outro lado da rua, mas Poncin percebeu que tinham os passos trôpegos e se concentravam apenas em si mesmos. Não havia mais ninguém por perto, apenas homens se encaminhando para o clube, mais atrás, e os dois se encontravam protegidos pela sombra do prédio. Ele tornou a sacudi-la e Angelique protestou:

— Está me machucando!

Mas as lágrimas cessaram e ela recuperou o controle. André Poncin pensou, friamente, que aquele mesmo processo já fora repetido uma centena de vezes antes, com graus variados de verdade distorcida e violência, com outros inocentes que ele precisara usar em proveito da França, os homens mais fáceis de manipular do que as mulheres. Aos homens, bastava chutá-los nos colhões, ameaçar cortá-los, enfiar agulhas... E as mulheres? Era bastante desagradável tratar as mulheres dessa maneira.

— Está cercada por inimigos, Angelique. Há muitos que não querem que você case com Struan. A mãe dele lutará por todos os meios que...

— Eu nunca disse que íamos casar... não passa de um rumor, apenas um rumor, mais nada!

— *Merde!* Claro que é verdade! Ele a pediu em casamento, não é? —
Poncin tornou a sacudi-la, os dedos rudes. — Não pediu?

— Está me machucando, André. É verdade, pediu, sim.

Ele entregou-lhe o lenço, deliberadamente mais gentil.

— Enxugue os olhos. Não resta muito tempo.

Submissa, Angélique obedeceu, recomeçou a chorar, mas logo se controlou.

— Por que você se comporta de uma maneira tão horrível?

— Sou o único amigo de verdade que tem aqui... estou realmente do seu lado, pronto para ajudá-la, o único amigo em quem pode confiar... o seu único amigo sincero, juro, o único que pode ajudá-la.

Normalmente, ele teria dito, com todo fervor, juro por Deus, mas calculou que já a dominara, e reservaria isso para mais tarde.

— É melhor você saber da verdade secretamente. Assim, terá tempo para se preparar. A notícia só vai chegar ao conhecimento de todos aqui dentro de uma semana, o que lhe proporciona o tempo necessário para tornar seu noivado solene e oficial.

— Como?

— Struan não é um cavalheiro? — Poncin teve de fazer um esforço para encobrir o desdém. — Um inglês... isto é, um escocês, um cavalheiro britânico. Eles não se orgulham de sua palavra? Hem? Depois que a promessa se tornar pública, ele não poderá retirá-la, quer você seja ou não uma indigente, independente do que seu pai possa ter feito, independente do que a mãe dele diga.

Eu sei, eu sei, Angelique teve vontade de gritar. Mas sou uma mulher, e tenho de esperar, fiquei esperando, e agora é tarde demais. Bendita Maria, ajude-me!

— Eu não... não acredito que Malcolm me culpe pelo que meu pai fez, nem que dê ouvidos à mãe.

— Infelizmente, Angelique, ele terá de fazê-lo. Está esquecendo que Malcolm Struan ainda é menor de idade, embora seja o *tai-pan*. Só vai completar vinte e um anos em maio do ano que vem. Até lá, a mãe pode lhe impor todos os tipos de restrições legais, até mesmo um noivado de um ano, de acordo com a lei inglesa.

Poncin não tinha certeza absoluta disso, mas parecia razoável, e era verdadeiro pela lei francesa.

— Ela pode impor restrições a você também, talvez mesmo levá-la aos tribunais — acrescentou ele, com tristeza. — A Struan é uma companhia poderosa na Ásia, que é quase o seu domínio. Ela pode arrastá-la a um tribunal, você sabe o que dizem a respeito dos juizes, todos os juizes, não é mesmo? Pode acusá-la de ser uma coquete, uma impostora, de estar querendo apenas o dinheiro de seu filho ou até pior. Pode descrevê-la de uma maneira terrível para o juiz, você no banco dos réus, indefesa, seu pai um jogador, na bancarrota, um homem que nunca desfrutou de qualquer prosperidade, seu tio na prisão dos devedores, e você sem dinheiro, uma aventureira.

Ela empalideceu.

— Como sabe de tio Michel? Quem é você?

— Não há nenhum segredo, Angelique. Quantos cidadãos franceses existem na Ásia? Não são muitos, não há ninguém como você, e as pessoas adoram futricar. Eu sou apenas André Poncin, mercador na China, mercador no Japão. Nada tem a temer de mim. Não quero nada além de sua amizade e confiança. E quero ajudá-la.

— Como? Estou além de qualquer possibilidade de ajuda.

— Não está, não — murmurou ele, observando-a com toda atenção.
— Você o ama, não é mesmo? E seria a melhor esposa que um homem poderia ter, se tivesse a oportunidade, não é mesmo?

— Claro que sim...

— Neste caso, trate de pressioná-lo, suplique, persuada, por todos os meios que puder, para fazer com que o noivado se torne público. Talvez eu possa orientá-la.

Agora, finalmente, ele percebeu que Angelique o escutava para valer, que o compreendia; e foi com extrema gentileza que desfechou o golpe de misericórdia:

— Uma mulher inteligente... e você é inteligente, além de bonita... trataria de casar depressa. Bem depressa.

Struan estava lendo, o lampião a óleo na mesa ao lado da cama proporcionando claridade suficiente, a porta para o quarto de Angelique entreaberta. Sua cama era confortável, e ele se absorvera na história, o camisolão de seda realçando a cor de seus olhos, o rosto ainda pálido e encovado, sem nada da força anterior. Na mesa, havia também uma poção para dormir, cachimbo, tabaco e fósforos, um jarro com água temperada com um pouco de uísque.

— É ótimo para você, Malcolm — garantira Babcott. — É o melhor medicamento que poderia ter na hora de dormir, só que a dose deve ser bem fraca. Melhor do que a tintura.

— Sem isso, passo a noite inteira acordado, e me sinto horrível.

— Já se passaram dezessete dias desde o acidente, Malcolm, e é hora de parar.

Nunca é bom depender de um medicamento para dormir. É melhor parar de vez.

— Tentei uma vez antes, e não deu certo. Pararei dentro de um ou dois dias... As cortinas haviam sido fechadas para a noite, o quarto era aconchegante, o tique-taque do ornamentado relógio suíço era tranquilizador. Era quase uma hora da madrugada, e o livro, *Os Assassinatos na Rua Morgue*, fora-lhe emprestado naquela manhã por Dmitri, que comentara:

— Acho que você vai gostar, Malc. É o que chamam de história de detetive... e Edgar Allan Poe é um dos nossos melhores escritores. É uma pena que ele tenha morrido em quarenta e nove, o ano seguinte à corrida do ouro. Tenho uma coleção de seus contos e poemas, se você gostar deste livro.

— Obrigado, Dmitri. É muita gentileza sua. Não pode imaginar como me sinto grato por me visitar com tanta frequência. Mas por que parece tão sombrio hoje?

— As notícias que recebi de casa não são nada boas. Minha família... a situação é terrível, Malc, tudo misturado e confuso, primos, irmãos, tios lutando por lados diferentes. Mas você não está interessado nessas coisas. Tenho uma porção de outros livros, uma biblioteca inteira, para ser mais preciso.

— Continue a falar de sua família, por favor — pedia ele, começando a sentir a dor que experimentava durante o dia. — Eu gostaria de ouvir.

— Está bem. Quando meu avô e sua família emigraram da Rússia, da Criméia, para ser exato... já contei que nossa família era de cossacos?... foram se instalar num lugar chamado Far Hills, em Nova Jersey, e ali cultivaram a terra até a guerra de 1.812... meu avô morreu nela. É também um ótimo lugar para se criar cavalos, e a família prosperou. Quase todo mundo permaneceu em Nova Jersey, mas dois filhos de meu avô se mudaram para o sul, foram viver em

Richmond, Virgínia. Quando estive no exército, há mais de quinze anos... Naquele tempo, era apenas o exército da União, não havia essa história de Norte e Sul. Entrei na Cavalaria e fiquei por cinco anos, passei a maior parte do tempo no sudoeste, lutando nas guerras índias, se é que se pode chamá-las assim. Passei parte do tempo no Texas, quando ainda era república, ajudando a combater os índios ali, e mais dois anos depois que o Texas ingressou na União, em quarenta e cinco, estacionado nos arredores de Austin. Foi lá que conheci minha esposa, Emilie... ela também era de Richmond, filha de um coronel da intendência. É um lugar lindo, a região em torno de Austin, mas Richmond é ainda mais bonito. Emilie... quer que eu vá lhe buscar alguma coisa?

— Não, obrigado, Dmitri. A dor já vai passar. Continue, por favor... ouvi-lo me ajuda bastante.

— Tudo bem. Minha Emilie... Emilie Clemm era o seu nome, prima distante da esposa de Poe, Virgínia Clemm, o que só descobri mais tarde, mas é por isso que tenho uma coleção de suas obras. — Dmitri riu. — Poe era um grande escritor mas um bêbado ainda maior. Parece que todos os escritores são vagabundos bêbados e/ou fornicadores... veja o caso de Melville... talvez seja isso que os torna escritores. Pois eu não consigo escrever uma carta sem suar frio. E você?

— Oh, posso escrever cartas... tenho de fazê-lo, e também mantenho um diário, como a maioria das pessoas. Mas estava me falando sobre o tal de Poe...

— Ia lhe contar que ele casou com Virgínia Clemm quando ela tinha treze anos... era também sua prima, imagine só!... e viveram felizes para sempre, mas não muito, se era verdade o que os jornais noticiavam e os futriqueiros diziam... Poe era um tremendo filho da puta em matéria de mulheres, mas ela parecia não se importar. Minha Emilie não tinha treze anos quando casamos, mas dezoito, e era uma beldade sulista, como jamais houve outra igual. Já éramos casados quando deixei o exército e entrei na Cooper-Tillman, em Richmond... eles queriam se expandir em armamentos e munição, exportando para a Ásia, um lugar sobre o qual eu aprendera muita coisa, além de matar índios e negociar cavalos. O velho Jeff Cooper achava que armas de fogo e outras mercadorias, despachadas de Norfolk, Virgínia, teriam uma boa aceitação, junto com o ópio, na costa da China, os navios voltando a Norfolk com prata e chá... mas conhece Jeff. A Cooper-Tillman e a Struan são velhas amigas, não é mesmo?

— E espero que assim permaneçam. Continue.

— Não aconteceu muito mais coisa... ou aconteceu tudo. Ao longo dos anos, outros da família foram para o sul e se espalharam. Minha mãe era do Alabama, tenho dois irmãos e uma irmã, todos mais moços do que eu. Billy está agora com o Norte, no primeiro regimento de cavalaria de Nova Jersey... e meu irmão caçula, Janny... recebeu o nome de meu avô, Janov Syborodin... Janny também está na cavalaria, só que no terceiro regimento da Virgínia. É tudo uma loucura... aqueles dois não sabem nada sobre guerra e combate e vão acabar se matando.

— Você... pretende voltar?

— Não sei, Malc. Durante o dia inteiro penso que sim, à noite também, mas de manhã é não, pois não quero começar a matar gente da família, o que terei de fazer em qualquer lado por que lutar.

— Por que saiu dos Estados Unidos e veio para esta terra esquecida de Deus?

— Emilie morreu. Teve escarlatina... houve uma epidemia e ela foi uma das desafortunadas. Isso aconteceu há nove anos... no momento em que íamos ter nosso filho.

— Mas que coisa terrível!

— Tem razão. Você e eu já tivemos a nossa quota...

Struan se encontrava tão concentrado no livro de mistério que não ouviu a porta externa da suíte ser aberta e fechada, suavemente. Também não escutou os passos leves de Angelique, nem percebeu que ela o espiou por um instante, para depois desaparecer. Um momento mais tarde, houve um estalido quase imperceptível, quando ela fechou a porta de ligação entre os dois quartos.

Ele levantou os olhos e prestou atenção. Angelique dissera que daria uma olhada para ver como ele estava, mas não o incomodaria se o encontrasse dormindo. Ou se estivesse cansada, iria direto para a cama, silenciosa como um camundongo, e só o veria pela manhã.

— Não se preocupe, querida — dissera ele, feliz. — Trate apenas de se divertir. Tornarei a vê-la no desjejum. Duma bem, e saiba que eu a amo.

— Também amo você, chéri. Duma bem.

O livro ficara em seu colo. Com esforço, Struan sentou na cama, estendeu as pernas pelo lado. Essa parte ainda era suportável. Mas não levantar-se, o que estava além de sua capacidade. O coração disparou, ele sentiu-se nauseado e recostou-se. Tenho de insistir, não importa o que Babcott diz, pensou ele, sombrio, esfregando a barriga. Amanhã tentarei de novo. Três vezes. Talvez seja melhor assim. Eu gostaria de ficar com ela. E é o que eu faria se pudesse, que Deus me livre.

Quando se sentiu melhor, ele retomou a leitura, só que agora a história não o absorveu tanto como antes, a atenção divagou, a mente se pôs a misturar o relato no livro com imagens de Angelique sendo assassinada, cadáveres por toda parte, ele correndo para protegê-la, tendo outros vislumbres, cada vez mais eróticos.

Ao final, ele largou o livro, marcando o lugar com uma folha de papel que Angelique lhe dera, de seu diário. Fico imaginando o que ela escreve ali, sendo tão diligente. Sobre eu e ela? Ela e eu?

Muito cansado agora. Estendeu a mão para baixar o pavio do lampião e se deteve no meio do gesto. O pequeno copo de vinho com o medicamento parecia chamá-lo. Seus dedos tremeram.

Babcott tem razão, não preciso mais.

Decidido, ele apagou o lampião, ajeitou-se, fechou os olhos, rezando por ela e por sua própria família, para que a mãe lhes desse a bênção, e depois por si mesmo. Ó, Deus, ajude-me a melhorar... tenho medo, muito medo.

Mas o sono não veio de imediato. Virar-se ou tentar encontrar uma posição mais confortável sempre doía, fazendo-o lembrar da *Tokaidô* e de *Canterbury*. Meio adormecido, meio acordado, a mente fervilhava com a história do livro, os detalhes macabros. Como acabaria? Todos os tipos de imagens aflorando. Algumas terríveis, outras belas, algumas vívidas, cada pequeno movimento em busca de conforto fazendo desabrochar as flores da dor.

O tempo passou, outra hora, talvez minutos, e depois ele tomou o elixir, relaxou, contente, sabendo que em breve estaria flutuando no sono, a mão de Angelique em seu corpo, sua própria mão a explorando, nos seios, por toda parte, ela também o acariciando, na maior felicidade, num contato que não se limitava às mãos.

Sexta-feira, 3 de outubro:

Logo depois do amanhecer, Angelique saiu da cama, sentou à penteadeira, diante das janelas da sacada que dava para a High Street e a enseada. Sentia-se muito cansada. Seu diário estava na gaveta trancada. A capa era de couro vermelho, opaco, e também tinha um cadeado. Ela pegou a pequena chave no esconderijo, abriu o diário, mergulhou a pena na tinta e começou a escrever, mais como se fosse de uma amiga para outra... e o diário parecia agora sua única amizade, a única coisa com que se sentia segura:

"Sexta-feira, dia 3: outra noite péssima, e me sinto horrível. Já se passaram quatro dias desde que André me deu a terrível notícia sobre o pai. A partir de então, tenho sido incapaz de escrever qualquer coisa, de fazer qualquer coisa, venho trancando as portas e 'ficado de cama', simulando uma febre, levantando-me apenas uma ou duas vezes por dia para visitar meu Malcolm, atenuar sua ansiedade. Fecho a porta a todo mundo, à exceção de minha criada,

a quem odeio, e concordei em receber Jamie uma vez, e também André.

Pobre Malcolm, ficou fora de si de preocupação no primeiro dia em que não apareci, nem abri minha porta, e insistiu em ser carregado numa maca até meu boudoir, para me ver... mesmo que tivessem de arrombar a porta. Consegui evitar que isso acontecesse forçando-me a visitá-lo, dizendo que estava bem, apenas sentia uma dor de cabeça, que não precisava dos cuidados de Babcott, e ele não precisava se preocupar com minhas lágrimas. Em particular, disse-lhe que era apenas 'aquela época do mês', e às vezes o fluxo era muito intenso, e meus dias eram irregulares. Ele ficou embaraçado de maneira inacreditável por eu ter mencionado meu período! Inacreditável! Quase como se nada soubesse sobre essa função feminina. Às vezes não consigo entendê-lo nem um pouco, embora ele seja gentil e atencioso, como jamais conheci outro igual. Mais uma preocupação: a verdade é que o pobre coitado não parece muito melhor, e todos os dias sente tanta dor que tenho vontade de chorar."

Bendita Mãe, dê-me forças!, pensou ela. E há outro problema. Tento não me preocupar, mas estou frenética. O dia se aproxima. Quando chegar, ficarei livre daquele terror, mas não da penúria.

Ela recomeçou a escrever.

"É muito difícil ter alguma privacidade no prédio da Struan, por mais confortável e agradável que seja. Além disso, a colônia é uma coisa pavorosa. Não há nenhuma cabeleireira, nenhuma costureira para mulheres (embora conte com os serviços de um alfaiate chinês que é muito hábil em copiar o que já existe), nenhuma chapeleira — ainda nem experimentei o sapateiro, pois não há nenhum lugar para ir, nada para se fazer —, ah, quanta saudade tenho de Paris. Mas como poderei voltar a viver lá agora? Malcolm aceitaria a mudança para Paris, se casarmos? Nunca. E se não casarmos... como poderei sequer pagar a passagem de volta para casa? Como? Já me fiz essa pergunta mil vezes, e não consegui encontrar uma resposta."

O olhar de Angelique deixou o papel, desviou-se para a janela e os navios na enseada. Gostaria de estar em um deles, voltando para casa, gostaria de nunca ter vindo para cá. Odeio este lugar... E se... Se Malcolm não casar comigo, terei de casar com algum outro, mas não tenho dote, absolutamente nada. Oh, Deus, não era isso que eu esperava! Se conseguisse voltar para casa, ainda assim continuaria sem dinheiro, os pobres tio e tia arruinados. Colette não tem nenhum para emprestar, não conheço nenhuma pessoa bastante rica ou famosa para casar, ou para subir na sociedade, e me tornar uma concubina, numa posição de segurança. Poderia ir para o teatro, mas é essencial contar com um patrono para subornar gerentes e autores, pagar todas as roupas, jóias, carruagens, uma mansão para os saraus... é claro que se tem de ir para a cama com o patrono, ao capricho dele, não o seu, até se tornar bastante rica e famosa, o que

leva tempo, e não disponho das ligações, nem de amigos que as tenham. Oh, Deus, estou tão confusa! Acho que vou chorar de novo...

Ela baixou o rosto para os braços, as lágrimas se derramando, tomando cuidado para não fazer muito barulho, pois a criada poderia ouvir, e começar a gemer, criando uma cena, como acontecera no primeiro dia. Sua camisola era de seda creme, um chambre verde claro cobria os ombros, os cabelos desgrenhados, o quarto masculino, a cama de baldaquino, esta suíte muito maior que a de Malcolm. Num lado, ficava a ante-sala, pela qual se tinha acesso ao quarto dele. Havia também uma sala de jantar, que podia acomodar vinte pessoas, com sua própria cozinha. Mas essas portas estavam trancadas. A penteadeira era a única frivolidade, ela mandara fazer uma cortina de cetim rosa.

Quando as lágrimas cessaram, Angelique enxugou os olhos, estudou em silêncio seu reflexo no espelho de prata. Não havia rugas, apenas insinuação de fieiras, o rosto um pouco mais fino do que antes. Nenhuma mudança exterior. Deixou escapar um suspiro profundo e voltou a escrever:

"Apenas chorar não ajuda em nada. Hoje DEVO conversar com Malcolm. De qualquer maneira. André me avisou que o navio de

correspondência já está atrasado um dia, e a notícia da minha catástrofe chegará com ele, é inevitável... por que os ingleses chamam um navio de ela"? Sinto-me apavorada com a possibilidade de a mãe de Malcolm estar a bordo... as notícias sobre o ferimento do filho devem ter chegado a Hong Kong no dia 24, o que lhe daria tempo suficiente para embarcar no navio de correspondência. Jamie duvida que ela possa viajar num prazo tão curto, não com seus outros filhos lá, o marido morto há apenas três semanas, e ainda de luto fechado, pobre mulher.

Quando Jamie esteve aqui, a primeira vez em que realmente conversamos a sós, contou-me histórias sobre os outros Struans — Ema tem dezesseis anos, Rose, treze, e Duncan, dez — quase todas histórias tristes. No ano passado, dois outros irmãos, os gêmeos, Robb e Dunross, com sete anos de idade, morreram afogados num acidente de barco, ao largo de um lugar em Hong Kong chamado Shek-O, onde os Struans possuem terras e uma casa de veraneio. E anos atrás, quando Malcolm tinha sete anos, outra irmã, Mary, então com quatro anos, morreu da febre de Happy Valley. Pobre coitada! Chorei a noite inteira por ela e pelos gêmeos. Tão jovens!

Gosto de Jamie, mas ele é muito insípido, sem nada de civilizado — isto é, Jamie é gaúche, mais nada —, nunca esteve em Paris, só conhece a Escócia, os Struans e Hong Kong. Eu me pergunto se poderia insistir se... Ela riscou isso, e mudou para 'quando casarmos...' A pena hesitou. Malcolm e eu passaremos umas poucas semanas em Paris todos os anos... e as crianças serão criadas lá, como católicas, é claro.

André e eu conversamos sobre isso ontem, sobre ser católico — ele é muito gentil, afasta meus pensamentos dos problemas, como sua música também sempre consegue fazer — e como a Sra. Struan era uma protestante calvinista, e o que dizer caso esse assunto seja abordado algum dia. Conversávamos em voz baixa — ah, como sou afortunada por tê-lo como amigo, por ele ter me alertado sobre o pai — e de repente ele levou os dedos aos lábios, foi até a porta e abriu-a abruptamente. Aquela velha megera, Ah Tok, a amah de Malcolm, estava com o ouvido grudado na porta e quase caiu. André fala um pouco de cantonês e mandou que ela fosse embora.

Quando tornei a ver Malcolm, nesse mesmo dia, mais tarde, ele se desmanchou em desculpas. Não tem a menor importância, eu disse, a porta estava destrancada, minha criada se encontrava no quarto, como era correto, mas se Ah Tok quer me espionar, por favor diga a ela para bater e entrar. Confesso que me mostrei distante e fria com Malcolm e ele se empenhou ao máximo para ser agradável, para me acalmar, mas é assim que me sinto, embora deva reconhecer que André me aconselhou a me comportar assim, até que nosso noivado se torne público.

Tive de pedir a André, e o fiz com o maior medo, mas tive de pedir um empréstimo... e me senti horrível. Foi a primeira vez que tive de fazer isso, mas precisava desesperadamente de algum dinheiro. Ele

foi gentil e concordou em me trazer vinte luíses amanhã, contra a minha assinatura, o suficiente para as eventualidades por uma ou duas semanas. Malcolm parece nem perceber que preciso de dinheiro e eu não queria pedir a ele...

Tenho agora uma dor de cabeça quase permanente, tentando encontrar um meio de sair do pesadelo. Não há ninguém em quem possa realmente confiar, nem mesmo André, embora até agora ele tenha provado seu valor. Com Malcolm, cada vez que inicio o discurso que ensaiei, sei que as palavras soarão forçadas e horríveis, antes mesmo de começar, e por isso acabo não dizendo nada.

'O que é, querida?', ele sempre me pergunta.

'Nada', respondo. Depois que o deixo e tranco minha porta, desato a chorar contra o travesseiro. Acho que vou enlouquecer de tanta angústia... como meu pai pôde mentir e trapacear, roubar o meu dinheiro? E por que Malcolm não pode me dar uma bolsa sem eu ter de pedir, ou oferecer alguma coisa que me permita simular uma recusa, para depois aceitar com a maior satisfação? Não é esse o dever de um marido ou noivo? Não é o dever de um pai proteger sua filha amada? E por que Malcolm continua a esperar para tornar público o nosso noivado? Será que ele mudou de idéia? Ó, Deus, não permita que isso aconteça...'

Angelique parou de escrever, as lágrimas recomeçando. Uma caiu no papel. Ela enxugou os olhos, tomou um gole de água e depois continuou:

"Hoje falarei com ele. Tenho de fazê-lo hoje. Uma boa notícia é que a nave capitânia inglesa voltou ao porto, sã e salva, há poucos dias, para regozijo geral (estamos de fato indefesos sem os navios de guerra). O navio estava avariado, perdera um mastro, e foi seguido de perto por todas as outras embarcações, à exceção de uma fragata de vinte canhões chamada Zephyr, com mais de duzentos tripulantes a bordo. Talvez esteja segura, pelo menos é o que espero. O jornal daqui diz que cinqüenta e três outros marujos e dois oficiais morreram na tempestade, o tufão.

Foi terrível, o pior que já vi. Fiquei apavorada de dia e de noite. Pensei que todo o prédio ia desabar, mas é tão sólido quanto Jamie McFay. A maior parte do setor nativodesapareceu e houve muitos incêndios. A fragata Pearl sofreu avarias e também perdeu um mastro. Ontem, recebi uma mensagem do comandante Marlowe: Acabo de saber que está doente, apresento minhas mais profundas e sinceras condolências, etc.

Acho que não gosto dele, é altivo demais, embora seu uniforme o faça parecer atraente e acentue sua virilidade... como aquela calça justa deve fazer, da mesma forma que as mulheres se vestem para exibir os seios, a cintura e os tornozelos. Outra carta chegou na noite passada, de Settry Pallidar, a segunda, mais condolências, etc.

Acho que detesto os dois. Cada vez que penso neles, lembro-me daquele inferno chamado Kanagawa, e que não cumpriram o seu dever de me proteger. Phillip Tyrer ainda está na legação em Iedo, mas Jamie disse que fora informado que Phillip deve voltar amanhã ou depois. O que será ótimo, pois assim que ele chegar, tenho um plano para..."

O troar de um canhão provocou-lhe um sobressalto e atraiu sua atenção para a enseada. Era um sinal. Lá longe, num ponto distante do mar, outro canhão respondeu. Angelique olhou além da esquadra, para o horizonte, e divisou a fumaça indicadora saindo pela chaminé do navio de correspondência.

Jamie McFay, a pasta pesada de correspondência debaixo do braço, conduziu um estranho pela escada do prédio da Struan, o sol passando pelas janelas de vidro altas e elegantes. Ambos estavam de cartola e sobrecasaca de lã, embora o dia fosse quente. O estranho carregava uma pequena bolsa. Era atarracado, barbudo, feio, na casa dos cinquenta anos, uma cabeça mais baixo do que Jamie, embora com ombros mais largos, os cabelos grisalhos compridos e desgrehados se projetando debaixo da cartola. Seguiram pelo corredor. McFay bateu de leve na porta.

— *Tai-pan?*

— Entre, Jamie, a porta está destrancada.

Assim que os dois entraram, Struan olhou aturdido para o homem atarracado e perguntou no mesmo instante:

— Mamãe também veio, Dr. Hoag?

— Não, Malcolm.

O Dr. Ronald Hoag percebeu o alívio imediato e se entristeceu, embora pudesse compreender o motivo. Tess Struan fora veemente em sua condenação à “Sirigaita estrangeira” que, tinha certeza, fisgara seu filho. Escondendo sua preocupação pela perda de peso e palidez de Malcolm, ele pôs a cartola e a bolsa em cima da cômoda.

— Ela me pediu para vir vê-lo — disse ele, a voz profunda e gentil —, descobrir se posso fazer alguma coisa para ajudá-lo e escoltá-lo de volta para casa... se precisar de uma escolta.

Há quase quinze anos que ele era o médico da família Struan em Hong Kong e fizera os partos dos últimos quatro irmãos e irmãs de Malcolm.

— Eu... O Dr. Babcott vem cuidando de mim. Estou bem. Obrigado por ter vindo. É um prazer vê-lo de novo.

— Também me sinto satisfeito por estar aqui. George Babcott é um ótimo médico, não poderia ter outro melhor.

Hoag sorriu, os olhos pequenos de topázio fixados num rosto curtido e enrugado, e continuou, jovial:

— Uma viagem horrível, fomos atingidos pela cauda do tufão e quase naufragamos. Passei a maior parte do tempo cuidando de marujos e dos poucos passageiros. Braços e pernas quebrados, na maioria dos casos. Perdemos dois homens que caíram ao mar, um chinês, passageiro de terceira classe, e um estrangeiro, nunca descobrimos quem ele era. O capitão disse que o homem se limitara a murmurar um nome qualquer ao pagar a passagem, em Hong Kong. Passava quase todo o tempo no camarote e, no dia em que resolveu sair para o tombadilho, foi apanhado por uma onda e ponto final. Malcolm, você parece melhor do que eu esperava, depois de todos os rumores que chegaram a Hong Kong.

— Acho melhor deixar vocês dois a sós — disse Jamie, pondo uma pilha de cartas na mesinha-de-cabeceira. — Aqui está sua correspondência pessoal, Malcolm. Trarei seus livros e jornais mais tarde.

— Obrigado. Alguma coisa importante?

— Duas cartas de cima. Deixei por cima.

O Dr. Hoag enfiou a mão num bolso volumoso e tirou um envelope todo amassado.

— Aqui tem mais uma carta dela, Malcolm, escrita depois das outras. É melhor lê-la primeiro, e depois vou examiná-lo, se me permitir. Jamie, não se esqueça de Babcott.

Jamie já o informara que Babcott se encontrava em Kanagawa e que mandaria o cúter buscá-lo depois que falassem com Malcolm.

— Até mais tarde, *tai-pan*.

— Espere mais um pouco, Jamie.

Struan abriu o envelope que Hoag lhe entregara e começou a ler a carta.

Quando Jamie subira a bordo do navio de correspondência, encontrara o Dr. Hoag à sua espera. O médico lhe dissera que já separara toda a correspondência da Struan; podiam desembarcar logo. Depois, para alívio de Jamie, respondera à sua pergunta premente:

— Não, Jamie, a Sra. Struan não veio, mas eu trouxe uma carta dela para você. Dizia apenas: Jamie, faça tudo o que o Dr. Hoag pedir, e me envie relatórios confidenciais detalhados por todos os navios de correspondência.

— Sabe o que diz a carta, doutor?

— Sei, sim, e acho que nem haveria necessidade, mas você conhece a dama.

— Como ela está?

Hoag pensara por um momento.

— Como sempre: imperturbável por fora, um vulcão por dentro. Um dia tem de explodir... ninguém pode manter tanta tristeza reprimida, tantas tragédias. Absolutamente ninguém. Nem mesmo ela.

Ele acompanhara Jamie pela rampa de desembarque, os olhos se virando para todos os lados.

— Devo dizer que me sinto satisfeito pela oportunidade de visitar o Japão... Você está muito bem, Jamie. Não resta a menor dúvida de que este posto combina com você. Já se passou quase um ano desde a sua última licença, não é? E agora conte, conte tudo, primeiro sobre o ataque mortal... e depois sobre a Srta. Richaud.

Ao alcançarem a praia, o Dr. Hoag já estava a par de tudo o que Jamie sabia.

— Mas, por favor — acrescentara ele, apreensivo —, não mencione a Malcolm o que lhe contei sobre Angelique. Ela é uma pessoa maravilhosa e também passou por momentos terríveis. Não creio que já tenham deitado juntos, o noivado secreto é apenas um rumor, mas ele está mesmo apaixonado... não que eu o culpe por isso, ou a qualquer outro homem na Ásia, diga-se de passagem. Detesto a idéia de mandar relatórios secretos para a Sra. Struan, por motivos óbvios. De qualquer forma, já tenho um escrito, uma versão atenuada, e será despachado quando o navio voltar. Minha lealdade

deve ser para Malcolm em primeiro lugar, acima de tudo, pois ele é o *tai-pan*.

Agora, observando Malcolm Struan deitado ali, lendo a carta que Hoag lhe entregara, vendo o rosto pálido e o corpo debilitado, ele começou a ter dúvidas.

Struan levantou o rosto, os olhos contraídos.

— O que é, Jamie?

— Queria que eu fizesse alguma coisa.

Depois de uma pausa, Malcolm disse:

— Isso mesmo. Mande um recado para a legação francesa... Angelique está lá, disse que ia esperar por sua correspondência... avise que um velho amigo chegou de Hong Kong e que eu gostaria que ela o conhecesse.

McFay balançou a cabeça e sorriu.

— Está bem. Basta me chamar quando precisar de qualquer coisa.

Ele se retirou. Inquieto, Struan ficou olhando para a porta. O rosto de Jamie fora franco demais. Tentando recuperar o controle, ele voltou a se concentrar na carta:

Malcolm, meu pobre e querido filho. Só uma mensagem curta, escrita às pressas, enquanto Ronald Hoag se prepara para embarcar no navio de correspondência, cuja partida retardei, para que ele pudesse viajar e lhe oferecer os melhores cuidados. Fiquei transtornada ao saber que fora atacado por aqueles porcos. Jamie informa que esse tal de Dr. Babcott teve de fazer uma operação... por favor, escreva para mim, e despache por qualquer meio expresso disponível, e volte para cá o mais depressa possível, afim de ter o

melhor tratamento. Envio meu amor e orações, assim como Emma, Rose e Duncan. P.S. Eu amo você.

Ele levantou os olhos.

— E agora?

— Diga-me a verdade, Malcolm. Como você está?

— Eu me sinto horrível e tenho medo de morrer.

Hoag sentou na cadeira de braços e uniu as pontas dos dedos, as mãos erguidas.

— A primeira coisa é compreensível, a segunda não é necessariamente acurada, embora seja muito fácil acreditar nisso... e também muito perigoso. Os chineses podem provocar a própria morte, ao pensarem que vão morrer, mesmo quando estão saudáveis... já vi acontecer.

— Mas eu não quero morrer. Tenho tudo por que viver. E não há palavras para expressar o quanto quero viver. Mas todas as noites, todos os dias, em algum momento, o pensamento me ocorre... me atinge como se fosse um golpe físico.

— Que medicamento está tomando?

— Só uma coisa... acho que é láudano... para me ajudar a dormir. A dor é terrível e não consigo me acomodar.

— Todas as noites?

— Isso mesmo. Ele quer que eu pare de tomar, diz que tenho... que devo parar.

— Já tentou?

— Já.

— E não conseguiu?

— Ainda não. Minha vontade parece ter me abandonado.

— É um dos problemas da vontade... por mais valiosa e bela que seja. — Ele sorriu. — Láudano foi o nome primeiro dado por Paracelso a essa panaceia. Conhece Paracelso?

— Não.

— Nem eu. — Hoag soltou uma risada. — Seja como for, transferimos o nome para essa tintura de ópio. É uma pena que todos os derivados sejam criadores de hábito. Mas você sabe disso.

— Sei, sim.

— Podemos livrá-lo. Não é problema.

— Claro que é um problema, e sei disso também, como ainda sei que não aprova o nosso comércio de ópio.

Hoag sorriu.

— Estou contente que você tenha feito uma declaração, não uma pergunta. Mas sei que você também não aprova, nenhum mercador na China aprova, mas estão todos acuados. Agora, Malcolm, vamos deixar de lado a economia e a política. Podemos conversar sobre a Srta. Richaud?

Struan sentiu o sangue afluir para o rosto.

— Quero que me escute com atenção, de uma vez por todas: não importa o que a mãe diga, já tenho idade suficiente para pensar por mim mesmo e posso fazer o que bem quiser. Entendido?

Hoag tornou a sorrir, afável.

— Sou seu médico, Malcolm, não sua mãe. E também sou seu amigo. Alguma vez lhe falhei ou a qualquer pessoa de sua família?

Com esforço visível, Struan conteve a raiva, mas não pôde fazer a mesma coisa com o coração disparado.

— Desculpe, mas eu... — Ele deu de ombros, desamparado. — Desculpe.

— Não precisa pedir desculpas. Não estou tentando interferir em sua vida particular. Sua saúde depende de muitos fatores, e parece que ela é um dos principais. Daí a minha pergunta, que tem razões médicas... não de família. O que me diz da Srta. Angélique Richaud?

Struan queria parecer calmo e firme, mas não foi capaz de controlar a frustração, e explodiu:

— Quero casar com ela e está me levando à loucura ter de ficar deitado aqui, Como um... deitado aqui na total impotência. Pelo amor de Deus, não posso nem ao menos sair da cama, não posso mijar... não posso fazer absolutamente nada, mal consigo beber ou comer ou fazer qualquer outra coisa, sem sentir uma dor terrível. Estou enlouquecendo, e por mais que tente, parece que nada melhora.

Ele continuou a se lamentar, até se sentir fraco. Hoag limitou-se a escutar. Struan finalmente parou, murmurando outro pedido de desculpas.

— Posso examiná-lo agora?

— Pode... claro.

Com extremo cuidado, Hoag examinou-o, encostou o ouvido no peito para escutar o coração, verificou a boca, a pulsação, espiou o ferimento, cheirou-o. Os dedos sondaram a barriga, procurando pelos órgãos por baixo, avaliando a extensão dos danos.

— Aqui dói... e aqui... fica melhor assim?

Cada pressão provocava um gemido de Malcolm. Hoag encerrou o exame depois de um longo momento. Struan rompeu o silêncio:

— E então?

— Babcott fez um bom trabalho com o que já teria matado, a esta altura, um homem normal. — As palavras de Hoag eram medidas, transbordando de confiança. — Agora, vamos fazer uma experiência.

Gentilmente, ele pegou as pernas de Struan, e ajudou-o a sentar na beira da cama. Depois, passou o braço de Malcolm por seus ombros e sustentando a maior parte do peso, com uma força surpreendente, ajudou-o a levantar.

— Cuidado!

Struan não podia se manter de pé sozinho, mas teve a impressão de que era capaz, e isso o encorajou. Depois de um momento, Hoag tornou a arriá-lo na cama. O coração de Struan batia descompassado da dor, mas ele se sentia bastante satisfeito.

— Obrigado.

O médico recostou-se na cadeira, enquanto recuperava a própria força.

— Vou deixá-lo agora, para arrumar minhas coisas. Gostaria que você descansasse. Voltarei a vê-lo depois de conversar com Babcott. É bem provável que venhamos visitá-lo juntos. Combinado?

— Claro. E... obrigado, Ronald.

À guisa de resposta, Hoag apertou o braço de Struan, antes de pegar seus pertences e se retirar.

Sozinho de novo, Struan deixou que as lágrimas felizes escorressem por seu rosto e as lágrimas o embalsamaram ao sono. Sentia-se descansado quando acordou, pela primeira vez revigorado, e permaneceu imóvel, regozijando-se pelo fato de ter-se levantado... com ajuda, é verdade, mas ficara de pé, era um começo, e agora contava com um aliado de verdade.

Do lugar em que se encontrava, um pouco virado para a esquerda, podia olhar pela janela, na direção do mar. Amava o mar e também o odiava, nunca se sentiu à vontade nele, temendo-o porque era incontrolável e imprevisível, como no dia ensolarado em que os gêmeos e o contramestre se distanciaram da praia num bote por uma centena de metros, uma onda súbita virara a embarcação, e uma correnteza os arrastara, todos bons nadadores, os gêmeos nadavam como os peixes, mas mesmo assim se afogaram, só o marujo se salvou. O choque deixara-o arrasado e quase matara seu pai. A mãe entrara num de seus comas ambulantes, dizendo a todo instante:

— É a vontade de Deus. Devemos continuar.

Não vou pensar em meus irmãos, nem em Dirk Struan, disse ele a si mesmo, contente por se encontrar em terra, são e salvo. Mas nosso passado está ligado ao mar, de uma forma inexorável, e nosso futuro também. É a nossa força suprema, nos clíperes e vapores... e na China.

O Japão é um pequeno mercado, interessante, mas pequeno, nunca poderá se comparar com a China. Podemos ganhar dinheiro aqui, sem dúvida — com armamentos e navios. A habilidade britânica com certeza proporcionará altos lucros. Direi a Jamie para aceitar a encomenda de *Choshu*. Vamos deixar que eles se matem, quanto mais depressa melhor. A hesitação de Sir William, esperando pela aprovação de Londres para a guerra, é uma estupidez. Se dependesse de mim, ordenaria a eles que entregassem os assassinos e pagassem a indenização imediatamente, ou amanhã haveria um estado de guerra entre nós, e o primeiro ato seria a destruição de Iedo. Nunca perdoarei os desgraçados!

O horizonte chamava. Muito em breve, terei de voltar a Hong Kong para assumir o comando. Daqui a uma semana ou por aí. Não há pressa. Disponho de tempo suficiente.

Que horas são agora?

Não havia necessidade de se virar para olhar o relógio. O ângulo do sol indicava que era mais ou menos meio-dia, e Malcolm pensou que normalmente pediria um belo e excelente rosbife, pastelão de Yorkshire, com molho de carne e batatas cozidas, uma ou duas tigelas de cubos de galinha assada e arroz misturado com legumes, e outros pratos chineses que Ah Tok prepararia, e ele adoraria... por mais que sua mãe, o irmão e as irmãs os desdenhassem como insossos, sem nada de nutritivos, talvez venenosos, e apropriados apenas para pagãos...

Um som de leve. Angélique se achava encolhida na poltrona, ofuscada por seu tamanho, o rosto molhado de lágrimas, e mais infeliz do que ele jamais a vira.

— Por Deus, o que aconteceu?

— Estou arruinada!

As lágrimas recomeçaram a escorrer.

— Mas do que está falando?

— Recebi isto pela correspondência!

Ela se levantou, entregou-lhe uma carta, tentou falar, não conseguiu. O movimento súbito de Struan para pegar a carta provocou-lhe uma dor intensa, e só com muito esforço é que pôde evitar um grito.

O papel era verde, como o envelope, a carta datada de 23 de setembro, Hong Kong, o cabeçalho da Guy Richaud, Richaud Frères, e escrita em francês, que Struan podia ler muito bem:

Querida Angelique: Às pressas. O negócio sobre o qual lhe escrevi antes não correu muito bem, meus sócios portugueses de Macau me enganaram, e perdi muito. Todo o meu capital atual desapareceu, e você pode ouvir mentiras espalhadas por inimigos, de que me encontro incapaz de obter novos acordos bancários, e por isso a companhia se encontra agora nas mãos dos credores. Não acredite neles, o futuro é promissor, não precisa ter medo, está tudo sob Controle. Esta carta segue pelo navio de correspondência de amanhã. Hoje, tenho uma passagem reservada no vapor americano Liberty, para Bangkok, onde me prometeram um novo financiamento, de fontes francesas. Escreverei de lá, e continuo sempre como seu devotado pai.

P.S. A esta altura, você já deve estar a par da triste mas esperada notícia sobre Culum Struan. Acabamos de ser informados sobre o vil ataque dos japoneses a Malcolm. Espero que ele não tenha ficado gravemente ferido. Por favor, transmita-lhe meus votos de felicidade, e minha esperança de que tenha uma rápida recuperação.

A mente de Struan virou um turbilhão.

— Por que está arruinada?

— Ele perdeu todo o meu dinheiro — choramingou Angelique. — É um ladrão; agora não tenho mais nada no mundo. Ele roubou tudo o que eu tinha... Oh, Malcolm, o que vou fazer?

— Angelique, Angelique, escute! — Ela parecia tão desamparada, tão melodramática, que Struan quase riu. — Pelo amor de Deus, escute! Não tem problema. Posso lhe dar qualquer dinheiro que qui...

— Não posso aceitar seu dinheiro! — balbuciou ela, entre os soluços.
— Não é direito!

— Por que não? Casaremos em breve, não é mesmo?

O choro cessou.

— Nós... é mesmo?

— É, sim. Faremos o anúncio hoje.

— Mas meu pai é... — Angélique fungou, chorosa, como uma criança. — André me disse que tinha certeza de que nenhum negócio havia em Macau, ou em qualquer outro lugar, e nunca houve. Parece que o pai era um jogador e deve ter perdido tudo no jogo. Ele tinha prometido a Henri... Henri Seratard... que pararia de jogar e pagaria suas dívidas... Todos sabiam, menos eu. Oh, Malcolm, eu me sinto tão horrível que poderia até morrer! O pai roubou meu dinheiro, depois de jurar que o guardaria em segurança!

Outro acesso de choro, ela saiu correndo, ajoelhou-se ao lado da cama, comprimindo o rosto contra a colcha. Com extrema ternura,

Struan acariciou seus cabelos, sentindo-se forte, no comando da situação. A porta foi aberta nesse instante, e Ah Tok entrou.

— Saia! — berrou Struan. — *Dew neh loh moh!*

Ela se retirou no mesmo instante. Genuinamente assustada, Angelique se comprimiu ainda mais contra a colcha. Nunca testemunhara antes a ira de Malcolm, que continuou a acariciar seus cabelos.

— Não se preocupe, minha querida. Não se preocupe com seu pai. Verei o que posso fazer para ajudá-lo mais tarde, mas agora não deve se preocupar, pois cuidarei de você.

A voz era cada vez mais terna. Os soluços de Angelique foram se desvanecendo, um vasto peso saindo de seus ombros, agora que lhe contara a verdade, dera a notícia antes que ele a ouvisse de outra pessoa... e ele parecia não se importar!

André é um gênio, pensou ela, exausta de alívio. Jurou que assim seria a reação de Malcolm:

— Basta ser franca, Angelique. Conte a verdade a Malcolm, que não sabia que seu pai era um jogador, que só agora tomou conhecimento, e que ficou chocada, sem palavras, que seu pai roubou todo o seu dinheiro... é importante usar as palavras roubou e ladrão... diga a verdade, mostre a carta, e com a quantidade certa de lágrimas e ternura isso o ligará a você para sempre.

— Mas não posso mostrar a ele a carta do pai, André! — murmurara ela, angustiada. — Não ousaria... o pós-escrito é tão horrível...

— Sem a segunda página, o pós-escrito diz apenas minha esperança de que tenha uma rápida recuperação. Perfeito! A segunda página? Que segunda página? Pronto, está rasgada, nunca existiu.

Os dedos hábeis de André colaram no lugar o último fragmento da segunda página rasgada da carta.

— Tome aqui, Henri — disse ele, empurrando-a por cima da mesa.
— Leia você mesmo.

Não levara muito tempo para reconstituir a página dos fragmentos jogados na cesta de papel com aparente indiferença.

Estavam na sala de Seratard, a porta trancada. A página dizia:

...e também continuo a acalentar a esperança de que você, como combinamos, possa providenciar o mais depressa possível o noivado e o casamento, por quaisquer meios necessários... Ele é o grande partido do ano, e vital para o nosso futuro, o seu em particular. A Struan resolverá os problemas da Richaud Frères em caráter permanente. Não importa que ele seja britânico, jovem demais, ou qualquer outra coisa; é agora o tai-pan da Struan, e pode assegurar um futuro maravilhoso para nós dois. Seja adulta, Angelique, faça qualquer coisa necessária para pendê-lo a você, porque seu futuro esta por um fio.

— Não é tão terrível assim — comentou Seratard, inquieto — apenas o conselho de um pai em pânico, procurando por uma tábua de salvação. Struan? Sem dúvida um grande e maravilhoso partido para qualquer moça, e quem pode culpar um pai?

— Depende do pai. Esta página, se usada da maneira correta na hora oportuna é outra arma sobre Angelique e, com isso, sobre a Casa Nobre.

— Acha então que a pobre moça terá êxito?

— Devemos trabalhar para que isso aconteça. Agora que temos esta prova para usar, se houver necessidade, devemos ajudá-la por uma questão de honra. — Os lábios de André se contraíram numa linha fina e fria. — E não acho que seja uma pobre moça. Não foi ela quem preparou a armadilha para capturá-lo usando quaisquer meios necessários?

Seratard recostou-se na cadeira de couro vermelho. Sua sala era de mau gosto exceto por uns poucos óleos de pintores; franceses modernos, pouco conhecidos entre os quais Manet, que ele comprava mais barato, de vez em quando, através de um agente em Paris.

— O que ela está fazendo, a não ser reagir ao amor de um rapaz? — Ele empurrou o papel de volta. — Não gosto desses métodos, André. São repulsivos. Você encorajou a moça com um emaranhado de meias verdades, ao lhe dizer para mostrar apenas a metade da carta.

— Maquiavel escreveu: *"É necessário para o Estado operar com mentiras e meias verdades, porque as pessoas são constituídas de mentiras e meias verdades. Até os príncipes."* E, com certeza, por princípio todos os embaixadores e políticos. — André deu de ombros e

dobrou a carta com cuidado. — Talvez não precisemos usar isto, mas é bom ter, porque representamos o Estado.

— E como usaríamos?

— O fato de que ela rasgou e...

— Mas não foi ela! — protestou Seratard, chocado.

— Claro que não — disse André, friamente.— Mas seria sua palavra contra a minha. Quem ganharia a disputa? O fato de que ela rasgou a segunda página, e só mostrou a primeira a Struan, seria o suficiente para condená-la aos olhos dele. Isso lhe daria um pretexto perfeito para anular qualquer promessa de casamento, já que foi enganado. A mãe de Struan? Se tivesse conhecimento dela, faria todos os tipos de concessões para se apoderar desta página, caso o filho insistisse em casar contra o seu conselho.

— Não gosto de chantagem.

André corou.

— Não gosto de muitos métodos que sou obrigado a usar para os nossos, e ressalto os nossos... propósitos. — Ele guardou a carta no bolso. — Mostrado á sociedade ou publicado, com os detalhes, este documento destruiria Angelique. Talvez apenas mostre a verdade: que ela não passa de uma aventureira, em conspiração com o pai, que é a menor das hipóteses um jogador, e em breve estará na bancarrota, como o tio. Quanto a encorajá-lo, limito-me a dizer o que ela quer saber e ouvir. Para ajudá-la. O problema é dela, não meu... ou nosso.

Seratard suspirou.

— É muito triste que ela esteja em tamanha embrulhada.

— Tem razão, mas isso resulta em nosso proveito, não é mesmo? — Os lábios de André sorriam, mas não os olhos. — E no seu pessoalmente, não é mesmo, *monsieur*? Usada de maneira judiciosa, esta carta garantiria a presença de Angelique em sua cama, se o seu charme indubitável falhasse, o que duvido.

Seratard não sorriu.

— E você, André? O que pretende fazer com Hana, a Flor? André levantou os olhos abruptamente.

— A Flor morreu.

— Sei disso... e em circunstâncias muito estranhas.

— Não houve nada de estranho — disse André, os olhos frios como os de um réptil. — Ela cometeu suicídio.

— Foi encontrada com a garganta cortada... por sua faca. A *mamasan* diz que você passou a noite com ela, como sempre.

André tentava entender por que Seratard fazia aquela sondagem agora.

— É verdade, mas isso não é da sua conta.

— Receio que seja. O representante local do *Bakufu* apresentou um pedido formal de informações ontem.

— Diga a ele para se matar também. Hana, a Flor, era especial, sem dúvida, e era minha. Paguei o mais alto preço por ela, mas ainda assim continuava a fazer parte do mundo dos salgueiros.

— Como você disse, com toda razão, as pessoas são constituídas por mentiras e meias verdades. A queixa enuncia que você teve uma violenta briga com ela. Porque ela tomara um amante.

— Tivemos uma briga, é verdade, e admito que senti vontade de matá-la, mas não por esse motivo — murmurou André, meio engasgado. — A verdade... a verdade é que ela tinha alguns clientes. Três... na outra casa, mas isso foi antes de ela se tornar minha propriedade. Um deles... um deles a deixou com sífilis, que ela passou para mim.

Seratard ficou consternado.

— *Mon Dieu, sífilis?*

— Isso mesmo.

— *Mon Dieu*, tem certeza?

— Tenho.

André levantou-se, foi até o aparador, serviu-se de um conhaque, bebeu.

— Babcott confirmou há um mês. Sem qualquer possibilidade de equívoco. Só pode ter sido ela. Quando a interroguei a respeito, ela...

Ele a viu de novo, na casinha dentro dos muros da casa das Três Carpas no pequeno franzido no rosto oval perfeito. Ela tinha apenas dezessete anos e pouco mais de um metro e meio de altura.

— *Hai, gomen nasai, Furansu-san*, mancha, como a sua, mas ano passado minha *sukoshi*, pequena, *hai*, pequena, *Furansu-san*,

sukoshi, não ruim, sumiu — dissera ela, gentilmente, com seu sorriso meigo, na habitual mistura de japonês e fragmentos de inglês. — Hana dizer *mama-san*. *Mama-san* dizer ver médico, ele dizer não ruim. Não ruim porque eu só começava, ainda pequena. Doutor diz orar santuário e tomar remédio horrível. Mas tudo sumiu poucas semanas.

Uma pausa, e ela acrescentara, feliz:

— Tudo sumiu um ano atrás.

— Não sumiu coisa nenhuma!

— Por que raiva? Não preocupe. Oro no santuário xintoísta como doutor diz, dou dinheiro sacerdote, como... — Seu rosto se contraía numa risada. —... como remédio gosto horrível. Poucas semanas tudo sumiu.

— Não sumiu. Nem vai sumir. Não tem cura. Ela o fitara de uma maneira estranha.

— Tudo sumiu, você vê eu, meu corpo, tudo, muitas vezes, *neh?*
Claro tudo sumiu.

— Pelo amor de Deus, não sumiu!

Ela franzira o rosto outra vez, dera de ombros.

— Karma, *neh?*

André explodira. Ela ficara tão chocada que baixara a cabeça para o tatame e começara a suplicar perdão, desesperada.

— Não ruim, Furansu-san, sumiu, doutor diz, sumiu. Vai mesmo doutor, tudo some logo...

Além das paredes de *shoji*, André ouvira passos e sussurros.

— Você tem de procurar o médico inglês!

Seu coração trovejava nos ouvidos e ele tentava falar de forma coerente, sabendo que procurar um médico, qualquer médico, era inútil, e que embora às vezes se conseguisse deter os estragos, nem sempre, também era certo, tão inevitável quanto o sol nascer no dia seguinte, que os estragos um dia se manifestariam com uma violência total.

— Será que você não compreende? — gritara ele. — Não há cura!

Ela se limitara a fazer uma reverência, tremendo como um cachorrinho maltratado, e repetira, em tom monótono:

— Não ruim, Furansu-san, tudo sumiu...

Com esforço, André recuperou o controle e fitou Seratard.

— Quando a interroguei a respeito, ela disse que ficara curada, há cerca de um ano. E é claro que acreditava nisso, acreditava que tivera uma cura completa. Dei alguns gritos, perguntei por que não contara a Raiko-san, e ela murmurou alguma coisa a respeito, que não havia o que dizer, o médico garantira que não era nada, e sua *mama-san* teria contado a Raiko-san, se fosse importante.

— Mas isso é terrível, André! Babcott a examinou?

— Não.

Outro gole de conhaque, que não lhe proporcionou o prazer habitual, e ele acrescentou, num fluxo rápido, ansioso em finalmente contar tudo a alguém:

— Babcott me disse que a sífilis... disse que uma mulher que contraiu sífilis antes pode ficar sem qualquer marca, que nem sempre vai transmiti-la, não todas as vezes que deita com um homem, só Deus sabe por que, mas é inevitável que ela acabe passando a doença, se o homem continuar a deitar com ela, e depois que uma ferida aparecer, ele está perdido, mesmo que depois de um mês ou por aí a ferida ou feridas desapareçam, e ele pense que está seguro, mas não está!

Agora, a veia no meio da testa de André se tornara saltada, escura, pulsando com intensidade.

— Semanas ou meses depois, surge uma erupção, que é o segundo estágio. Pode ser forte ou fraca, dependendo só Deus sabe do quê, e às vezes é acompanhada por hepatite ou meningite, e persiste ou desaparece, só Deus sabe por quê. O último estágio, o estágio do

horror, aparece a qualquer momento, de uma hora para outra, até meses depois, talvez trinta anos depois.

Seratard tirou um lenço do bolso, enxugou a testa, rezando para ser poupado, e pensando nas frequentes ocasiões em que visitara a Yoshiwara, sobre sua própria *musume*, que agora era o único a desfrutar, embora nunca pudesse ter a certeza de que ela não tinha outro amante. Como provar ou refutar, se houver conluio com a *mama-san*, já que elas só estão interessadas em explorá-lo?

— Você tinha o direito de matá-la — murmurou ele, sombrio. — E matar também a *mama-san*.

— Raiko não foi responsável. Eu lhe dissera que não queria nenhuma das mulheres em sua casa, nenhuma em qualquer lugar da Yoshiwara. Queria uma jovem, especial, uma virgem ou quase isso. Supliquei que me encontrasse uma flor, expliquei exatamente o que queria, e ela me atendeu. Hana-chan era tudo o que eu desejava, a perfeição. Vinha de uma das melhores casas de Iedo. Não pode imaginar como ela é linda... era...

André recordou como seu coração disparara na primeira vez em que Raiko a mostrara, conversando com outras moças, na sala ao lado.

— Aquela ali, Raiko, a de quimono azul claro.

— Aconselho-o a ficar com Fujiko ou Akiko, ou uma de minhas outras damas — dissera Raiko, que falava um bom inglês, quando queria. — Com tempo, eu lhe encontrarei outra. Veja a pequena Saiko. Dentro de um ou dois anos...

— Aquela, Raiko. É perfeita. Quem é ela?

— Seu nome é Hana, a Flor. Sua *mama-san* diz que a coisinha bonita nasceu perto de Quioto, foi comprada por sua casa quando tinha três ou quatro anos, a fim de ser treinada para gueixa. — Raiko sorria. — Por sorte, ela não é gueixa... Se fosse gueixa, não estaria em oferta. Uma pena.

— Porque eu sou gai-jin.

— Porque gueixa é para entreter, não para se levar para a cama. Não sendo japonês, desculpe dizer, Furansu-san teria muita dificuldade para apreciá-la. As mestras de Hana foram pacientes, mas ela não foi capaz de desenvolver as habilidades de gueixa, e por isso foi treinada para a cama.

— Eu a quero, Raiko.

— Há cerca de um ano, ela alcançou a idade mínima para começar. Sua *mama-san* arrumava os melhores preços, mas só depois que Hana aprovava o cliente, é claro. Três clientes apenas a desfrutaram, sua *mama-san* garante que ela é uma excelente discípula, e que só ia para a cama com um deles duas vezes por semana. A única marca contra ela é o fato de ter nascido no ano do cavalo do fogo.

— E o que isso significa?

— Sabe que contamos o tempo em ciclos de doze anos, como os chineses cada ano com um nome de animal, dragão, serpente, galo, touro, cavalo e assim por diante. Mas cada ano também tem um dos cinco elementos, fogo, água, terra, ferro, madeira, que variam, ciclo por ciclo. As mulheres nascidas no ano do cavalo, com o signo do fogo, são consideradas... desafortunadas.

— Não acredito em superstições. Por favor, diga o preço.

— Ela é uma Flor na cama de preço inestimável.

— O preço, Raiko.

— Para a outra casa, dez koku, Furansu-san. Para esta casa, dois koku por ano, e o preço de sua casa, dentro dos meus muros, duas criadas, todas as roupas que ela quiser e um presente de despedida de dois koku, quando você não desejar mais seus serviços, quantia a ser depositada com o nosso banqueiro-mercador de arroz em Gyokoyama, a juros que serão seus, até o momento da despedida... tudo por escrito, assinado e registrado com o *Bakufu*.

A quantia era imensa, pelos padrões japoneses, extravagante, pelos europeus, considerando-se até mesmo a taxa de câmbio, que tanto favorecia os europeus. Por uma semana, ele barganhara, e só conseguira reduzir o preço em uns poucos *sous*. Mas todas as noites sonhava com Hana e, por isso, acabara concordando. Com o ritual devido, sete meses atrás, ela lhe fora apresentada formalmente. Aceitara-o formalmente. Os dois assinaram o contrato formalmente. Na noite seguinte, foram juntos para a cama e ela se mostrara tudo o que André imaginara. Risonha, feliz, vibrante, terna, amorosa.

— Ela foi um presente de Deus, Henri.

— Ou do demônio. A *mama-san* também.

— A culpa não foi sua. Um dia antes de eu receber Hana, Raiko me declarou, formalmente... o que também fazia parte do acordo de pagamento... que o passado era o passado, prometeu cuidar de Hana como sua filha e se certificar de que Hana nunca receberia outros homens, seria só minha, daquele dia em diante.

— E depois ela a matou?

André serviu-se de mais conhaque.

— Pedi a Hana para me dar os nomes dos três homens, um deles é o meu assassino, mas ela não podia... ou não queria dizer. Bati em seu rosto, a fim de arrancar os nomes, mas ela apenas gemeu, não chorou. Tive vontade de mata-la admito, mas a amava muito... e fui embora. Sentia-me como um cão raivoso, já eram três ou quatro horas da madrugada a esta altura, e fui andando pelo mar adentro. Talvez quisesse me afogar, não sei, não me lembro exatamente, mas a água fria me fez recuperar o controle. Quando retornei à casa, Raiko e as outras se encontravam em estado de choque, incoerentes. Eu deixara Hana prostrada ao sair e a encontrei numa poça de sangue, com minha faca na garganta.

— Quer dizer que ela cometeu suicídio?

— Foi o que Raiko disse.

— Mas você não acredita?

— Não sei em que acreditar — respondeu André, angustiado. — Sei apenas que tinha voltado para dizer que a amava, a sífilis era karma, não culpa sua, que me arrependia das coisas que dissera e fizera, que tudo voltaria a ser como antes... até o momento em que se tornasse patente, quando então nos mataríamos juntos...

Henri tentava pensar de maneira objetiva, seu cérebro também confuso. Nunca sequer ouvira falar da casa das Três Carpas até que os rumores sobre a morte da moça circulassem pela colônia. André sempre tivera um comportamento reservado, pensou ele, o que era um direito seu, isso não era da minha conta... até que o *Bakufu* tornara o caso oficial.

— Os três homens... Raiko sabe quem eram?

Atordado, André balançou a cabeça.

— Não, não sabe, e a outra *mama-san* não quis lhe dizer.

— Quem é ela? Qual é o seu nome? Onde podemos encontrá-la? Vamos denunciá-la ao *Bakufu*, que lhe arrancará os nomes.

— Eles não se importariam; por que deveriam? A outra casa... era um ponto de encontro de revolucionários, a estalagem dos Quarenta e Sete *Ronin*... foi incendiada há cerca de uma semana, a *mama-san* teve a cabeça cortada e espetada na ponta de um chuço. Santa Mãe de Deus, Henri, o que vou fazer? Hana está morta e eu continuo vivo...

No início daquela tarde, o Dr. Hoag estava no cúter, seguindo para o cais da legação, em Kanagawa. Babcott mandara o aviso de que não podia se ausentar de Kanagawa, já que tinha de trabalhar na clínica ali, mas voltaria o mais depressa possível... lamento, mas não poderá ser antes de tarde da noite, mais provavelmente não antes de amanhã de manhã. Será bem-vindo se quiser vir se encontrar comigo aqui, mas esteja preparado para passar a noite, já que o tempo pode mudar...

Hoag encontrou no cais, à sua espera, um granadeiro e Lim, que usava um casaco branco, calça preta larga, sandálias e um pequeno solidéu. Assim que ele desembarcou, Hoag fez uma indolente e simbólica reverência.

— Ei, amo, Lim, garoto número um.

— Vamos esquecer essa conversa de cule em pidgin, Lim. — disse Hoag, num cantonês passável, fazendo com que os olhos do chinês se contraíssem. — Sou o Doutor em Medicina Sábio Duminado.

Esse era o nome chinês de Hoag — o significado dos dois caracteres mais próximos do som cantonês de “ho” e “ag”, selecionado entre dezenas de possibilidades por Gordon Chen, o compradore da Struan, um de seus pacientes.

Lim fitou-o fixamente, fingindo não entender, a maneira usual e mais rápida de fazer um demônio estrangeiro perder a compostura, um demônio que tivera a impertinência de aprender umas poucas palavras da língua civilizada. *Aiê*, pensou ele, quem é esse fornicador astuto, esse pútrido demônio vermelho comedor de mãe, com o pescoço de touro, esse macaco de cara de sapo, que tem a desfaçatez de falar a nossa língua com uma superioridade tão repulsiva...

— *Aiê* — murmurou Hoag —, também tenho muitas e muitas palavras sórdidas para descrever a mãe de um fornicador e suas partes putrefatas, se um homem de uma aldeia de mijo de cachorro, monte de estrume, tenta me esnoabar... fingindo que não me entende.

— Doutor em Medicina Sábio Iluminado? *Aiê*, é um bom nome! — Lim soltou uma risadinha. — Há muitos anos que não ouço um demônio estrangeiro falar tão bem.

— E em breve ouvirá mais, se eu for chamado outra vez de demônio estrangeiro. Foi Chen da Casa Nobre quem escolheu meu nome.

— Chen da Casa Nobre? — Lim ficou espantado. — Ilustre Chen, que tem mais sacos de ouro do que um boi tem pêlos? *Aiê*, que privilégio!

— Concordo — declarou Hoag, para logo acrescentar uma afirmação que não estava longe da verdade:— E ele também me disse que se eu tivesse problemas com qualquer pessoa do reino médio... quer fosse alta ou baixa... ou que não prestasse de imediato os serviços que um amigo seu deveria esperar, que lhe mencionasse o nome do vil fornicador de mãe ao voltar.

— *Oh ko*, Doutor em Medicina Sábio Iluminado, é de fato uma honra tê-lo em nossa humilde casa.

O Dr. Hoag sentiu que alcançara a grandeza, abençoando seus mestres, em particular os pacientes agradecidos, que haviam lhe ensinado as palavras realmente importantes, e como lidar com certas pessoas e situações no reino médio. O dia era quente e agradável, a aparência da pequena cidade atraente, com templos que podia divisar acima dos telhados, pescadores em atividade nas águas próximas da terra, camponeses por toda parte nos arrozais, pessoas circulando de um lado para outro e o inevitável movimento intenso na *Tokaidô*, mais além. Ao chegarem à legação, com o apoio exageradamente atencioso de Lim, Hoag já tinha uma boa noção da situação em Kanagawa, o número de pacientes de Babcott hoje, e o que podia esperar.

George Babcott estava na sala de cirurgia, ajudado na operação por um acólito japonês, um aprendiz designado pelo *Bakufu* para estudar a medicina ocidental, a ante-sala apinhada de aldeões, homens, mulheres e crianças. A operação era complicada, uma amputação de pé.

— O pobre coitado é um pescador, ficou com a perna presa entre o barco e o cais, o que nunca deveria ter acontecido, acho que tomou *saquê* demais. Assim que eu acabar aqui, poderemos conversar sobre Malcolm. Já o viu?

— Já, sim. Não tem pressa. É um prazer tornar a vê-lo, George. Posso ajudar em alguma coisa?

— Eu agradeceria. Está tudo bem aqui, mas não poderia peneirar a multidão lá fora? Os que são casos urgentes, os que podem esperar. Trate de qualquer um que quiser. Há outra “sala de cirurgia” ao lado, embora seja pouco mais que uma enfermaria. Mura, passe o serrote.

Ele fez o pedido ao assistente, num inglês lento e incisivo, recebeu o serrote e começou a usá-lo.

— Sempre que tenho uma cirurgia aqui, o movimento parece aumentar. Ali naquele armário vai encontrar os placebos comuns, iodo, etc, os medicamentos usuais, analgésicos, xaropes amargos para as doces velhinhas e xaropes doces para as tosses violentas.

Hoag deixou-o e foi examinar os homens, mulheres e crianças à espera, impressionado com sua disciplina e paciência, as medidas e a ausência de barulho. Logo constatou que nenhum tinha varíola, lepra, catapora, tifo, cólera ou qualquer das outras doenças infecciosas e contagiosas que eram endêmicas na maior parte da Ásia. Mais do que um pouco aliviado, ele começou a interrogá-los individualmente e deparou com a mais profunda desconfiança. Por sorte, havia ali um ido escritor de cartas e adivinho itinerante que era cantonês, Cheng-sin, e que também falava um pouco de japonês. Com a ajuda dele — e depois de ser apresentado como o Mestre do Gigante Curandeiro, e com a promessa de um medicamento novo e muito bom para aliviar sua tosse seca — o Dr. Hoag começou a receber os pacientes na segunda sala de cirurgia.

Alguns tinham apenas problemas menores. Uns poucos eram casos mais sérios. Febres, disenteria e assim por diante. Ele conseguiu diagnosticar algumas doenças, outras não foi possível. Membros fraturados, ferimentos de espadas e facas, úlceras. Uma jovem em adiantado estado de gravidez sentia dores intensas.

A experiência do Dr. Hoag indicou que o parto, o quarto da mulher, seria difícil, e que a maior parte do problema derivava de ter casado muito cedo, trabalhar nos campos por tempo demais e carregar um excesso de peso. Ele deu à moça um vidro de extrato de ópio.

— Diga a ela que se a dor for muito forte, quando chegar o momento, para tomar uma colher.

— Uma colher? De que tamanho, Honorável Sábio Iluminado?

— Uma colher do tamanho normal, Cheng-sin. A mulher fez uma reverência.

— *Domo arigato gozaimashita* — murmurou ela, ao se retirar, patética em seus agradecimentos, as duas mãos tentando sustentar o peso da barriga.

Crianças com febre, resfriado e lombrigas, ferimentos diversos, mas nada tão grave quanto ele imaginara. Nenhum caso de malária. Os dentes bons e fortes, de um modo geral, olhos claros, nada de piolhos... todos os pacientes surpreendentemente limpos e saudáveis, em comparação com aldeões similares na China. Nenhum viciado em ópio. Depois de uma hora, Hoag se absorvera por completo no trabalho, bastante satisfeito. Acabara de pôr no lugar um braço quebrado quando a porta foi aberta, e uma moça atraente e bem vestida entrou, hesitante, fez uma reverência. Seu quimono

de seda era estampado em azul, a *obi* verde, o cabelo preso por travessas. Sombrinha azul.

Hoag notou que os olhos de Cheng-sin se estreitavam. Ela respondeu às perguntas do chinês, falando de uma forma ainda mais persuasiva, a voz suave, embora fosse evidente que estava bastante nervosa.

— Doutor em Medicina Sábio Iluminado. — disse Cheng-sin, a fala pontuada pela tosse seca permanente que Hoag já diagnosticara como tuberculose terminal —, esta dama diz que seu irmão precisa de ajuda importante, quase morte. Suplica que a acompanhe... sua casa fica perto.

— Diga a ela para trazê-lo até aqui.

— Infelizmente, tem medo de movê-lo.

— O que há com ele?

Depois de mais perguntas e respostas, que para Hoag pareciam mais uma barganha do que qualquer outra coisa, Cheng-sin disse:

— A casa fica uma ou duas ruas lá fora. Seu irmão está... — Ele tossiu, enquanto procurava pela palavra. — Dorme como morto, mas vivo, com delírio e febre.

Cheng-sin fez uma pausa, e sua voz se tornou ainda mais insinuante quando acrescentou:

— Ela tem medo de mexer no irmão, Honorável Doutor em Medicina Sábio Iluminado. Seu irmão samurai, ela diz que pessoas muito importantes muito felizes se ajudasse seu irmão. Acho que ela fala verdade.

Pelos jornais de Hong Kong, Hoag tinha conhecimento dos samurais como a classe dominante absoluta no Japão e sabia que qualquer coisa que conquistasse a confiança deles, e com isso sua cooperação, ajudaria a influência britânica. Ele estudou a moça, que no mesmo instante baixou os olhos. Seu nervosismo aumentou. Parecia ter quinze ou dezesseis anos, e suas feições a tornavam bem diferente dos aldeões, a pele adorável. Se o irmão é samurai, então ela também é, pensou Hoag, intrigado.

— Como ela se chama?

— Uki Ichikawa. Por favor, tenha pressa.

— Seu irmão é um samurai importante?

— É, sim — garantiu Cheng-sin. — Eu vou junto, não tenha medo.

Hoag riu.

— Medo? Eu? De jeito nenhum! Espere aqui.

Ele foi para a outra sala de cirurgia, abriu a porta sem fazer barulho. Babcott se concentrava em extrair um dente com abscesso, o joelho no peito do rapaz, a mãe transtornada retorcendo as mãos, falando sem parar. Hoag decidiu não incomodá-lo.

Nos portões, o sargento da guarda deteve-os, com toda polidez, e perguntou aonde Hoag ia.

— Mandarei dois dos meus homens acompanhá-lo. É melhor ter segurança em excesso do que se arrepender depois.

A moça ainda tentou dissuadi-los de levar os soldados, mas o sargento se mostrou intransigente. Ela acabou concordando e

conduziu-os pela rua, cada vez mais nervosa, entraram por uma viela, depois outra, e mais outra. Os aldeões por que passavam no caminho desviavam os olhos e se afastavam apressados. Hoag levava sua maleta de médico. Por cima dos telhados, ainda podia avistar o templo, e sentiu-se seguro, contente pela companhia dos soldados, sabendo que seria uma ternidade sair sem eles. Chengsin seguia a seu lado, um cajado alto na mão.

Essa moça não é o que finge ser, pensou Hoag, um tanto excitado pela aventura.

Entraram em outra viela. A moça parou diante de um portão em uma cerca alta e bateu. Uma grade pequena foi aberta, depois o portão. Quando o corpulento criado viu os soldados, fez menção de fechar de novo, mas a moça lhe ordenou autoritária, que desistisse.

O jardim era pequeno, bem cuidado, mas não extravagante. Nos degraus para a varanda de uma pequena casa de *shoji*, ela tirou os sapatos de madeira e pediu-lhes que fizessem a mesma coisa. Era difícil para Hoag, pois usava botas de cano alto. A moça mandou que o criado o ajudasse e ele obedeceu no mesmo instante.

— É melhor vocês dois ficarem de guarda aqui — disse Hoag aos soldados embaraçado pelos buracos em suas meias.

— Certo, senhor. — Um dos soldados verificou seu fuzil. — Vou dar uma olhada nos fundos. Se houver algum problema, basta gritar.

A moça puxou a porta de *shoji* da casa. Ori Toyama, o *shishi* do ataque na *Tokaidô*, estava deitado sobre futons, o lençol encharcado de suor, abanado por uma criada. Ela arregalou os olhos ao deparar com Hoag, e não o Honorável Curandeiro Gigante da Medicina, como esperava, e recuou quando ele entrou.

Ori se encontrava inconsciente, em coma... suas espadas estavam numa prateleira baixa próxima, um arranjo de flores no *takoma*. Hoag agachou-se ao seu lado. O rapaz tinha a testa muito quente, o rosto afogueado, com uma febre perigosamente alta. A causa logo ficou evidente, quando Hoag removeu a bandagem que cobria o ombro e a parte superior do braço.

— Oh, Deus! — murmurou ele, ao constatar a extensão da inflamação inchada e purulenta, o cheiro revelador e a carne preta

do tecido morto, gangrenado, em torno do ferimento a bala.

— Quando ele levou o tiro?

— Ela não sabe direito. Duas ou três semanas.

Mais uma vez, Hoag examinou o ferimento. Depois, alheio a todos os olhos que o focalizavam, foi sentar-se na varanda, o olhar perdido no espaço.

Tudo o que preciso agora é de meu excelente hospital em Hong Kong, com os melhores equipamentos de cirurgia, e minhas maravilhosas enfermeiras de Nightingale, junto com muita sorte, para salvar esse pobre rapaz. Malditas armas de fogo, malditas guerras, malditos políticos...

Pelo amor de Deus, venho tentando curar ferimentos de bala durante toda a minha vida profissional, e fracassando na maioria das vezes — seis anos com a Companhia das Índias Orientais, na sangrenta Bengala, quinze anos em Hong Kong, e anos na guerra do ópio, um ano como voluntário na Criméia, o pior de tudo. Essas miseráveis armas de fogo! Por Deus, quanto desperdício!

Depois de descarregar sua raiva, ele acendeu um pequeno charuto, tragou, apagou o fósforo, jogou-o ao chão. No mesmo instante, o chocado criado se adiantou apressado e recolheu o objeto ofensivo.

— Desculpe — murmurou Hoag, sem ter notado antes a limpeza impecável do caminho e da área ao redor.

Ele aspirou fundo a fumaça e depois removeu tudo de sua mente, exceto o rapaz. Acabou tomando uma decisão. Ia jogar o charuto ao chão, mas entregou-o ao criado, que fez uma mesura e se afastou para enterrá-lo.

— Cheng-sin, diga a ela que sinto muito, mas que eu opere ou não, acho que seu irmão vai morrer. Sinto muito.

— Ela diz: “Se morrer é karma. Se não ajudar, ele morre hoje, amanhã. Por favor, tente. Se ele morrer, karma.” Ela pede ajuda. — Uma pausa, e Cheng-sin acrescentou, suavemente: — Doutor em Medicina Sábio Iluminado, este jovem importante. Importante tentar, hem?

Hoag olhou para a moça. Ela sustentou seu olhar e murmurou:

— *Dozo, Hoh Geh-sama*. Por favor.

— Está bem, Uki. Cheng-sin, diga a ela outra vez que não posso prometer coisa alguma, mas vou tentar. Precisarei de sabão, muita água quente em tigelas, lençóis limpos, panos limpos rasgados em tiras, muito sossego e alguém com estômago forte para me ajudar.

A moça apontou para si mesma.

— *Soji shimasu.* Eu ajudarei. Hoag franziu o rosto.

— Avise a ela que será bastante desagradável, muito sangue, muito mau cheiro, uma coisa horrível.

Ele a viu escutar o chinês com uma atenção total e depois declarar, com evidente orgulho:

— *Gomen nasai, Hoh Geh-san, wakamarisen. Watashi samurai desu.*

— Ela diz: “Por favor, desculpe, eu compreendo. Sou samurai.”

— Não sei o que isso significa para você, minha jovem, e não imaginava que mulheres podiam ser samurais, mas vamos começar.

Hoag não demorou a descobrir que uma das características dos samurais era a coragem. A moça não fraquejou em nenhum momento, durante a operação de limpeza, o corte do tecido infeccionado, a liberação do pus fétido, o sangue pulsando de uma veia parcialmente cortada, até que ele conseguiu estancar a hemorragia, usando várias mechas. As mangas enormes do quimono de criada que ela vestira estavam enroladas e amarradas para não atrapalharem e, assim como o lenço com que cobrira os cabelos, logo ficaram sujas e malcheirosas.

Hoag trabalhou durante uma hora, murmurando de vez em quando, os ouvidos fechados, as narinas fechadas, numa concentração absoluta, repetindo uma operação que já realizara mil vezes. Cortar, costurar, limpar, enfaixar. E depois ele terminou.

Sem pressa, esticou os músculos com câibras das costas, lavou as mãos e tirou o lençol agora ensangüentado que usara como avental. Ori se encontrava na beira da varanda, numa mesa improvisada, e Hoag de pé no jardim.

— Não dá para trabalhar ajoelhado, Uki — explicara ele.

Tudo o que ele pedira, a moça fizera sem a menor hesitação. Não houvera necessidade de anestésias o homem que ela dissera se chamar Hiro Ichikawa, pois seu coma era profundo. Uma ou outra vez, Ori gritara, mas não de dor, apenas porque algum demônio o atormentara em seu pesadelo. E se debatera, mas sem força.

Ori deixou escapar um suspiro profundo. Preocupado, Hoag verificou sua pulsação. Era imperceptível, assim como a respiração.

— Não importa — murmurou Hoag. — Pelo menos ele ainda tem uma pulsação.

— *Gomen nasai, Hoh Geh-san* — disse a voz suave da moça —, *anata kangaemasu, hai, iyé?*

— Ela diz: “Desculpe, Honorável Sábio Iluminado, acha sim ou não?” Cheng-sin tossiu. Passara todo o tempo longe da varanda, de costas para eles.

Hoag deu de ombros, observando-a, especulando a seu respeito, de onde vinha tanta força, onde ela morava, o que aconteceria agora. Uki estava muito pálida, o rosto abalado, mas ainda dominada por uma vontade de ferro. Os olhos do médico contraíram-se num sorriso.

— Não sei. Depende de Deus. Uki, seu número um. Samurai.

— Domo... domo arigato gozaimashita. Obrigada.

Ela se inclinou para o tatame. Seu verdadeiro nome era Sumomo Anato, a prometida de Hiraga e irmã de Shorin, não de Ori.

— Ela pergunta o que deve fazer agora.

— Por seu irmão, nada no momento. Diga à criada para pôr toalhas frias na testa dele e manter as bandagens encharcadas com água limpa, até a febre baixar. Se a... depois que a febre baixar, e espero que isso aconteça antes do amanhecer, o rapaz viverá. Talvez.

E quais são as chances, essa era a pergunta seguinte habitual. Só que não aconteceu desta vez.

— Tenho de ir agora. Diga a ela para mandar alguém me buscar amanhã de manhã...

Se ele ainda estiver vivo, pensou Hoag, mas preferiu não dizê-lo. Enquanto Cheng-sin traduzia, Hoag começou a lavar seus instrumentos. A moça chamou o criado, murmurou-lhe algumas palavras.

— *Hai*— disse o homem e se afastou apressado.

— Doutor em Medicina Sábio Iluminado, antes de partir, dama diz que vai querer um banho. Sim?

O Dr. Hoag já ia dizer que não, mas descobriu-se a acenar com a cabeça em aceitação. E sentiu-se contente por isso.

Ao crepúsculo, Babcott sentava-se na varanda da legação, saboreando um uísque. exausto, mas satisfeito com seu trabalho

naquele dia. Havia um agradável cheiro de maresia na brisa que soprava pelo jardim. No momento em que seus olhos desviaram-se, involuntariamente, para os arbustos em que o assassino vestido de preto fora surpreendido e morto, três semanas antes, o sino do templo começou a repicar, e o canto distante dos monges ressoou por toda parte:

— Ommm mahnee padmee hummmmm...

Babcott virou a cabeça, de uma forma abrupta, quando Hoag se aproximou.

— Pelo bom Deus!

Hoag vestia um *yukata* estampado, com faixa na cintura, sapatos-meias nos pés e tamancos japoneses. Tinha os cabelos e a barba lavados e escovados. Carregava debaixo do braço um barril de *saquê* envolto por palha e exibia um sorriso radiante.

— Boa noite, George!

— Parece muito satisfeito consigo mesmo. Onde esteve?

— A melhor parte foi o banho.

Hoag pôs o barril num aparador e serviu-se de uma dose de uísque puro. — Por Deus, o melhor banho que já tive! Nem posso acreditar o quanto me sinto bem até agora!

— Como era ela? — perguntou Babcott, secamente.

— Não houve sexo, meu caro, apenas fui bastante esfregado, mergulhado em água quase fervendo, apertado e massageado, e depois me deram este traje para vestir. Enquanto isso, todas as minhas roupas foram lavadas e passadas, limpavam as botas, trocaram as meias. Maravilhoso! Ela me deu o *saquê*, e isto...

Hoag tirou da manga, e mostrou a Babcott, duas moedas de formato oval e um pergaminho coberto de caracteres.

— Por Deus, foi muito bem pago! Essas moedas são *oban* de ouro... e dão para mantê-lo com champanhe pelo menos por uma semana! O sargento me disse que você foi chamado para uma visita domiciliar.

Ambos riram e depois Babcott indagou:

— Era um *daimio*?

— Acho que não. Era um jovem, um samurai. Não creio que o tenha ajudado muito. Pode ler o pergaminho?

— Não, mas Lim pode. Lim!

— Pois não, amo?

— O que diz o papel?

Lim pegou o pergaminho. Seus olhos se arregalaram, ele releu com cuidado, antes de dizer a Hoag, em cantonês:

— Diz aqui: “Doutor em Medicina Sábio Iluminado prestou um grande serviço. Em nome dos *shishi* de *Satsuma*, dêem-lhe toda ajuda que ele precisar.” Lim apontou para a assinatura, com um dedo trêmulo. — Desculpe, lorde, mas não consigo ler o nome.

— Por que está tão assustado? — perguntou Hoag, também em cantonês.

Lim respondeu com evidente apreensão:

— Os *shishi* são rebeldes, bandidos caçados pelo *Bakufu*. São maus, lorde, apesar de samurais.

Impaciente, Babcott interveio:

O que diz o documento, Ronald?

Hoag relatou o que o chinês lhe dissera.

— Um bandido? O que aconteceu?

Sedento, Hoag serviu-se de mais uísque e começou a descrever em detalhes a mulher, o rapaz e o ferimento, como cortara o tecido morto.

— ...parece que o pobre coitado foi baleado há duas ou três semanas...

— Deus Todo-Poderoso!

Babcott levantou-se de um pulo, ao constatar que tudo se ajustava, surpreendendo Hoag, que derramou o uísque.

— Ficou maluco? — resmungou Hoag.

— Pode encontrar o caminho de volta à casa?

— Ahn... acho que sim, mas...

— Vamos até lá, depressa! Babcott saiu da sala, gritando:

— Sargento da guarda!

Desceram por uma viela, Hoag na frente, ainda de yukata, mas agora calçando as botas, Babcott logo atrás, o sargento e dez soldados em seguida, todos armados. Os poucos pedestres, alguns carregando lanternas, tratavam de sair da frente. Havia uma lua cheia lá em cima.

Ainda mais depressa agora. Uma curva errada. Hoag praguejou, voltou, orientou-se, encontrou a entrada meio oculta da viela

correta. E seguiram em frente. Outra viela. Ele parou, apontou. O portão, vinte metros adiante.

No mesmo instante, o sargento e os soldados passaram por ele. Dois ficaram de costas contra o muro, montando guarda, quatro arremeteram de ombro contra o portão, arrancando-o das dobradiças, e passaram pela abertura, Hoag e Babcott em seu encaixe... ambos empunhando rifles emprestados com a maior facilidade, peritos em seu uso, uma habilidade comum e uma necessidade para todos os civis europeus na Ásia.

Atravessaram o jardim. Subiram os degraus. O sargento abriu a porta de shoji. O aposento estava vazio. Sem a menor hesitação, o sargento passou para o cômodo seguinte, e o outro. Nenhum sinal de qualquer pessoa nos cinco cômodos interligados, na cozinha ou na privada externa de madeira. Todos saíram para o jardim.

— Espalhem-se! — ordenou o sargento. — Jones e Berk, sigam por aquele lado, vocês dois por ali, vocês dois pelo outro lado, e vocês dois ficam de guarda aqui; e pelo amor de Deus, mantenham os olhos bem abertos!

Os soldados aprofundaram-se pelo jardim, em duplas, um protegendo o outro. a lição do primeiro assassino devidamente aprendida. Procuraram por todos os cantos. Nada. O sargento suava quando voltou.

— Não vimos nada, senhor. Nem mesmo um sussurro, absolutamente nada. Tem certeza de que foi aqui mesmo, senhor?

Hoag indicou uma mancha escura na varanda.

— Foi ali que operei.

Babcott praguejou, olhou ao redor. Aquela casa era cercada por outras, e apenas os telhados apareciam por cima dos muros e nenhuma janela dava para aquele lado. Não havia nenhum lugar para se esconder.

— Eles devem ter partido no momento em que você foi embora.

Hoag removeu o suor da testa, secretamente contente pelo fato de a moça ter escapado. Depois de sair para o banho, não tornara a vê-la, um fato que lamentara. A criada lhe entregara o dinheiro e o pergaminho, ambos embrulhados de maneira meticulosa, além do barril de *saquê*, e lhe dissera que sua ama enviaria um guia para buscá-lo na manhã seguinte e transmitia seus agradecimentos.

Sobre o irmão, Hoag se sentia agora ambivalente. O rapaz era apenas um paciente, ele era médico, e queria ter êxito em seu trabalho.

— Nunca me ocorreu que o rapaz pudesse ser um dos assassinos. É verdade que não faria qualquer diferença, não para a operação. E pelo menos agora sabemos seu nome.

— Mil oban contra um botão quebrado como era falso. Nem sequer sabemos se o rapaz era mesmo irmão dela. Se ele era um *shishi*, como diz o pergaminho, só pode ser falso. Além do mais, a impostura é um antigo costume japonês. — Babcott suspirou. —

Também não tenho certeza se era o demônio da *Tokaidô*. Apenas um pressentimento. Quais são as chances dele?

— A saída daqui não ajudou em nada.

Hoag pensou por um momento, um homem atarracado, parecendo um sapo, em contraste com a enorme altura de Babcott, embora nenhum dos dois se desse conta da diferença.

— Tornei a examiná-lo pouco antes de ir embora. A pulsação era fraca, mas firme. Creio que removi a maior parte do tecido gangrenado, mas... — Ele deu de ombros. — Sabe como são essas coisas... “Você entra com seu dinheiro e corre os riscos.” Eu não apostaria muito na sua possibilidade de sobreviver. Mas, por outro lado, quem pode saber, não é mesmo? E agora me conte sobre o ataque. Quero saber todos os detalhes.

Durante a volta, Babcott relatou tudo o que acontecera. E falou sobre Malcolm Struan.

— Ele me preocupa, mas Angelique é a melhor enfermeira que poderia ter.

— Jamie disse a mesma coisa. Concordo que não há nada como uma linda jovem à cabeceira de um doente. Malcolm perdeu muito peso... e ânimo... mas é jovem e sempre foi o mais forte da família, depois da mãe. Deve ficar bom, desde que os pontos resistam. Tenho absoluta confiança em seu trabalho, George, embora seja uma lenta recuperação para o pobre coitado. Ele está mesmo apaixonado pela moça, não é?

— É, sim, e a recíproca é verdadeira. Um sujeito de sorte. Caminharam em silêncio por algum tempo, rompido por Hoag, com evidente hesitação:

— Presumo que você já sabe que a mãe se opõe terminantemente a qualquer forma de ligação com a moça.

— Já tinha ouvido falar. Isso cria um problema.

— Acha então que as intenções de Malcolm são sérias?

— Mais do que sérias. Ela é uma moça extraordinária.

— Você a conhece?

— Angelique? Não muito bem, não como paciente, embora já a tenha observado sob uma terrível pressão. E você?

Hoag sacudiu a cabeça.

— Só a encontrei em festas, nas corridas, socialmente. Desde que ela chegou há três ou quatro meses, foi o centro das atenções nos bailes, com toda razão Nunca como paciente, pois existe agora um médico francês em Hong Kong imagine só! Mas concordo que ela é deslumbrante. Não necessariamente a esposa ideal para Malcolm, se é essa a sua intenção.

— Porque ela não é inglesa? Nem rica?

— As duas coisas, e mais ainda. Sinto muito, mas não consigo confiar nos franceses, uma raça ruim... é da natureza deles. O pai de Angelique é um perfeito exemplo, encantador, galante na superfície, mas um canalha logo abaixo, e até o fundo. Lamento, mas eu não escolheria a filha de um homem assim para casar com meu filho.

Babcott se perguntou se Hoag sabia que ele estava a par do escândalo: enquanto trabalhava na Companhia das Índias Orientais, em Bengala, há mais de vinte e cinco anos, o jovem Dr. Hoag casara com uma indiana, contra todas as convenções e os conselhos de seus superiores, e por isso fora dispensado, enviado de volta à Inglaterra em desgraça. Tiveram uma filha e um filho, e depois ela morrerá, o frio, a umidade e o nevoeiro de Londres quase uma sentença de morte para alguém de herança indiana.

As pessoas são muito estranhas, refletiu Babcott. Aqui está um bravo e íntegro inglês, um excelente médico, com filhos que são meio indianos — e, por isso, não aceitáveis socialmente na Inglaterra —, queixando-se da herança de Angelique. Quanta estupidez... e é uma estupidez ainda maior se esconder da verdade.

É verdade, mas você também não se esconde da verdade? Tem vinte e oito anos, ainda lhe sobra bastante tempo para casar, mas conseguirá algum dia encontrar uma mulher mais excitante do que Angelique, em qualquer lugar, ainda mais na Ásia, onde passará o resto de sua vida profissional?

Não, não encontrarei, tenho certeza. Sorte de Struan, que provavelmente casará com ela. E eu o apoiarei, sem a menor hesitação.

— Talvez a Sra. Struan esteja apenas sendo protetora, como qualquer mãe — comentou ele, sabendo como era importante a influência de Hoag sobre os Struans —, e apenas se opõe a Malcolm se amarrar muito cedo. O que é compreensível. Afinal, ele é o *tai-pan* agora e isso vai consumir todas as suas energias. Mas não me

entenda errado, Ronald. Acho que Angelique é uma moça extraordinária, corajosa, a melhor companheira que um homem poderia desejar... e para fazer um bom trabalho, Malcolm vai precisar de todo apoio que puder obter.

Hoag percebeu a paixão por trás, registrou a informação e deixou o assunto por aí, sua mente subitamente de volta a Londres, onde a irmã e o marido criavam sua filha e seu filho, como sempre odiando a si mesmo por ter deixado a Índia, submetendo-se às convenções e assim matando-a, Arjumand, a adorável.

Eu devia estar louco ao levar minha amada para aqueles invernos insuportáveis, despedido, quebrado, sem emprego, tendo de começar tudo de novo. Oh, Deus, deveria ter ficado, lutado contra a Companhia; minha competência como médico acabaria obrigando-os a me aceitarem de volta, o que nos salvaria...

As duas sentinelas deixadas no prédio bateram continência quando eles entraram. O jantar fora posto para dois.

— Scotch ou champanhe? — perguntou Babcott, para gritar em seguida: —

Lun!

— Champanhe. Quer que eu abra?

— Pode deixar comigo.

Babcott abriu a champanhe, que esperava num balde de gelo de prata georgiano.

— Saúde! LUN!

— E felicidade! Retiniram os copos.

— Perfeita! — exclamou Hoag. — Como é seu *chef*?

— De razoável para horrível, mas a qualidade de nossos frutos do mar é excelente, camarões, ostras, e dezenas de peixes diferentes. Onde será que Lun se meteu? — Babcott suspirou. — Aquele desgraçado precisa de uma surra. Grite com ele, está bem?

Mas a copa, onde o mordomo costumava ficar, estava vazia. Lun também não se encontrava na cozinha. Acabaram por encontrá-lo no jardim, ao lado de um caminho. Fora decapitado, a cabeça jogada para o lado. Em seu lugar, havia a cabeça de um macaco.

— Não, senhora — murmurou a *mama-san*, apavorada, — não pode deixar Ori-san aqui amanhã. Tem de partir ao amanhecer. Sumomo declarou:

— Sinto muito, mas Ori-san ficará até...

— Também sinto muito. Desde o ataque ao ministro-chefe Anjo, a caçada aos *shishi* é intensa, as recompensas por informações vão até o céu, com a pena de morte... para qualquer pessoa numa casa que os abrigue.

— Essa ordem é para Iedo, não prevalece aqui em Kanagawa — insistiu Sumomo.

— Sinto muito, mas alguém falou — disse a *mama-san*, os lábios contraídos. Seu nome era Noriko e as duas estavam a sós em seus aposentos particulares, na estalagem das Flores da Meia-Noite,

ajoelhadas sobre almofadas púrpuras, o cômodo iluminado por velas, uma mesa baixa com chá entre elas. Noriko acabara de voltar de uma furiosa reunião com o mercador de arroz que emprestava dinheiro. Ele aumentara os juros sobre sua hipoteca de trinta para trinta e cinco por cento, alegando a situação perigosa no reino. Cão sem mãe, pensou ela, fervendo de raiva, para depois isolar o caso, e se concentrar no problema mais imediato que tinha pela frente.

— Esta manhã soubemos que os vigilantes...

— Quem?

— Os vigilantes? São patrulhas especiais de interrogatório do *Bakufu*, homens sem misericórdia. Chegaram durante a noite. Espero receber uma visita Sinto muito, mas ele deve partir ao amanhecer.

— Vai mantê-lo aqui até que ele fique bom.

— Mas não posso! Não depois do que aconteceu na estalagem dos Quarenta e Sete *Ronin*. Os vigilantes são impiedosos. Não quero esta cabeça espetada na ponta de um chuço.

— Isso foi em Iedo e estamos em Kanagawa. Esta é a estalagem das Flores da Meia-Noite. Lamento, mas Hiraga-san exigiria.

— Ninguém exige nada aqui, senhora — proclamou Noriko, a voz estridente.

— Nem mesmo Hiraga-san. Tenho que pensar em meu próprio filho e na minha casa.

— Faz muito bem. E eu tenho de pensar no amigo de meu irmão e aliado de Hiraga. Também devo lembrar do rosto de meu irmão. Estou autorizada a acertar suas dívidas.

Noriko se mostrou surpresa.

— Todas as dívidas de Shorin?

— Metade agora, a outra metade quando *Sonno-jo* prevalecer.

— Negócio fechado — disse Noriko, tão atordoada com a sorte inesperada, por um dinheiro que nunca imaginara que viria a receber, que cedeu na barganha.

— Mas nada de médicos *gai-jin* e apenas por uma semana.

— Combinado.

No mesmo instante, a moça enfiou a mão na manga, a fim de pegar a bolsa, escondida num compartimento secreto. Noriko prendeu a respiração ao ver tantas moedas de ouro.

— Aqui estão dez oban. Vai me dar um recibo, junto com sua conta detalhada, a metade da dívida, como combinamos, no momento em que formos embora. Onde Ori-san pode ficar em segurança?

Noriko se censurou por ter sido tão precipitada, mas já que concordara, agora era uma questão de honra. Enquanto considerava o que fazer, estudou a jovem a sua frente, Sumomo Anato, irmã mais nova de Shorin Anato, o *shishi*, o selvagem, o menino que ela iniciara no mundo dos homens, há tantos anos. Ah, quanto desejo. Que vigor para alguém tão jovem, pensou ela, com uma saudade agradável, embora imprópria. E que memorável cortesã aquela moça daria. Juntas, poderiam ganhar uma fortuna; em um ou dois anos ela casaria com um *daimio* e, se ainda for virgem, que preço eu poderia obter! Ela é tão bonita quanto Shorin disse, uma *Satsuma* clássica... segundo ele, samurai sob todos os aspectos. Linda da cabeça aos pés.

— Quantos anos tem, senhora?

Sumomo surpreendeu-se com a pergunta.

— Dezesseis.

— Sabe como Shorin morreu?

— Sei. Serei vingada.

— Hiraga lhe contou?

— Você faz perguntas demais — protestou Sumomo, a voz ríspida.

Noriko achou engraçado.

— No jogo em que nos empenhamos, você e eu, embora seja uma samurai e eu uma *mama-san*, somos irmãs.

— Acha mesmo?

— Acho, sim. Por isso, neste jogo tão sério de dar cobertura a nossos homens, protegê-los de sua bravura... ou estupidez, dependendo do lado em que a gente se encontra, arriscando nossas vidas para resguardá-los de seus próprios méritos, devemos ter confiança uma na outra. Confiança de irmãs de sangue. Assim, torno a perguntar: Hiraga lhe falou de Shorin?

Sumomo sabia que sua posição era delicada.

— Falou.

— Hiraga é seu amante?

Os olhos de Sumomo se contraíram.

— Hiraga é... era meu noivo, antes de... antes de partir para servir *Sonno-joi*.

A *mama-san* piscou.

— Um samurai de *Satsuma* permite que sua filha fique noiva de um samurai de *Choshu*... quer seja *shishi* ou não, *ronin* ou não?

— Meu pai não aprovou. Nem minha mãe. Mas Shorin aceitou. E eu não aprovei a escolha que eles fizeram para mim.

— Ah, sinto muito. — Noriko ficou triste, sabendo muito bem o que significava a pressão incessante, o confinamento em sua própria casa ou até pior. — Foi proscrita de sua família?

Sumomo permaneceu imóvel, a voz se manteve calma:

— Há poucos meses, decidi seguir meu irmão e Hiraga-san, a fim de poupar meu pai dessa vergonha. Sou agora uma *ronin*.

— Enlouqueceu? Mulheres não podem se tornar *ronin*.

— Noriko — disse Sumomo, resolvendo assumir um risco —, concordo que devemos ser irmãs de sangue.

Um estilete apareceu em sua mão. Noriko piscou outra vez, aturdida, pois não vira de onde saíra o estilete. Observou Sumomo espetar seu dedo e lhe oferecer a lâmina. Sem hesitação, fez a mesma coisa. Encostaram os dedos, misturando o Sangue, e depois fizeram uma reverência solene.

— Sinto-me honrada. Obrigada, Sumomo. — Sorrindo, a *mama-san* devolveu o estilete. — Agora sou um pouquinho samurai, não é?

O estilete foi guardado de volta na bainha da manga.

— Quando o imperador recuperar todo o seu poder, ELE promoverá a samurais todos aqueles que merecem. Pediremos por você, Hiraga-san, Ori e eu.

Noriko fez outra reverência em agradecimento, adorando a idéia, mas convencida de que se situava além de qualquer possibilidade e

de que nunca viveria para ver o inconcebível acontecer: o xogunato Toranaga cessar de existir.

— Em nome de toda a minha linhagem, obrigada. Agora... *Saquê!*

— Não, obrigada. Lamento muito, mas Sensei Katsumata fez com que as mulheres em sua turma renunciassem ao *saquê*, dizendo-nos que embotaria para sempre nossa habilidade e prejudicaria nossa mira. Por favor, onde está Hiraga-san?

Noriko observou-a, escondendo seu sorriso.

— Katsumata, o grande sensei Estudou com ele? Shorin nos contou que você sabia usar a espada, a faca e o shuriken. É verdade?

Com surpreendente rapidez, Sumomo enfiou a mão na obi, tirou um shuriken e arremessou o pequeno círculo de aço, com cinco lâminas,

muito afiadas, através da sala, cravando-o no centro exato de um poste. Mal se mexera.

— Por favor, onde está Hiraga-san? — indagou ela, gentilmente.

17

IEDO

Naquela noite, hiraga comandou o ataque silencioso, passando por cima da estacada do palácio de um *daimio*, no segundo círculo, fora das muralhas do castelo. Correram pelo jardim para a entrada dos fundos da mansão, a noite iluminada por uma lua fria. Todos os seis homens usavam o mesmo quimono curto, preto, o traje de combate noturno, sem armadura, para não prejudicar a velocidade e o silêncio. Todos levavam espadas, facas e garrotes. Todos eram *ronin* de *Choshu*, convocados por Hiraga com urgência de Kanagawa, para o ataque daquela noite.

Em torno da mansão, havia alojamentos, estábulos e aposentos para os criados, onde normalmente deveriam estar instalados quinhentos guerreiros, a família e os criados do *daimio*. Só que agora se encontravam vazios. Apenas duas sentinelas sonolentas se postavam na porta dos fundos. Viram os atacantes tarde demais para darem o alarme e morreram. Akimoto tirou o uniforme de uma sentinela, vestiu-o, arrastou os corpos para as moitas e foi se juntar aos outros na varanda. Esperaram, imóveis, escutando com toda atenção. Não ouviram gritos de alerta, o que os levaria a desistir do ataque no mesmo instante.

— Não tem importância se tivermos de bater em retirada — explicara Hiraga, ao crepúsculo, quando os outros chegaram a Iedo. — Já é suficiente conseguirmos nos infiltrar tão perto do castelo. O objetivo desta noite é o terror, matar e semear o terror, para fazê-los acreditar que ninguém e nenhum lugar se encontram além do nosso alcance e de nossos espiões. O terror, entrar e sair depressa, com o máximo de surpresa e sem baixas. Esta noite é uma oportunidade

excepcional. Ele sorria, antes de acrescentar: — Quando Anjo e os anciãos cancelaram o sankin-kotai, escavaram a sepultura do xogunato.

— Vamos incendiar o palácio, primo? — perguntara Akimoto, feliz.

— Depois de matar.

— E quem é ele?

— É velho, cabelos grisalhos, baixo e magro, Utani, o ancião *roju*. Todos se mostraram espantados.

— O *daimio* de Watasa?

— O próprio. Infelizmente, nunca o vi. Alguém sabe como ele é?

— Acho que posso reconhecê-lo — dissera o jovem de dezoito anos, com uma cicatriz horrível estendendo-se pelo lado do rosto. — É esquelético, como uma galinha doente. Vi-o uma ocasião em Quioto. Quer dizer que esta noite vamos despachar um ancião para o outro mundo, nem... um *daimio*? Mas isso é sensacional!

Ele sorria, coçara a cicatriz, um legado da malsucedida tentativa *Choshu* de capturar os portões do palácio, em Quioto, na primavera passada, antes de acrescentar:

— Utani não correrá mais para lugar nenhum depois desta noite. É louco por dormir fora das muralhas e deixar que se saiba disso! E sem guardas? Que estúpido!

Joun, de dezessete anos, sempre o cauteloso, comentara:

— Desculpe, Hiraga-san, mas tem certeza de que não é uma armadilha, preparada com uma falsa informação? Yoshi é conhecido como raposa, Anjo é ainda pior. Há altas recompensas por nossas cabeças, não é? Concordo com meu irmão: como Utani pode ser tão estúpido?

— Porque ele tem um encontro secreto. É um pederasta. Todos o fitaram, aturdidos.

— Por que ele haveria de manter isso em segredo?

— O rapaz é um dos íntimos de Anjo.

— *So ka!* — Os olhos de Joun faiscaram. — Neste caso, acho que eu também manteria em segredo. Mas porque um rapaz bonito haveria de se entregar a alguém como Utani, quando já conta com um protetor poderoso?

Hiraga dera de ombros.

— Por dinheiro, o que mais? Nori é um avarento, Utani generoso... Os camponeses de Anjo não são os mais tributados em todo o Japão? As dívidas dele não sobem até o céu? Ele não é conhecido por consumir moedas de ouro como se fossem grãos de arroz? Muito em breve, de um jeito ou de outro, Anjo deixará este mundo. Talvez esse rapaz bonito pense que Utani sobreviverá a ele e que o risco vale a pena. Afinal, Utani tem influência na corte, não é? Koku! Por que não? Sua família deve ser miserável, afogada em dívidas... não é o que acontece com quase todos os samurais, abaixo da posição de hirazamurai, que vivem no nível de pobreza?

— Tem razão — concordaram todos.

— Isso é verdade desde o quarto xógum, há quase duzentos anos — comentara o jovem de dezoito anos, amargurado. — Os *daimios* ficam com todos os tributos, vendem cartas de samurais a mercadores sórdidos, mais e mais a cada ano, e ainda cortam nosso pagamento. Os *daimios* traíram a nós, seus leais seguidores!

— Você está certo — disse Akimoto, enfurecido.— Meu pai teve de oferecer seus serviços como um trabalhador nos campos, para alimentar meus demais irmãos e irmãs...

— Ao nosso só restaram suas espadas, não tem casa, vive numa cabana — declarara Joun. — Estamos tão endividados desde o tempo do bisavô que nunca teremos condições de pagar os empréstimos. Mas nunca mesmo!

— Sei como dar um jeito nesses vis adoradores do dinheiro, cancelar as dívidas ou matá-los — interviera outro. — Se os *daimios* às vezes saldaram suas dívidas assim, por que não podemos fazer a mesma coisa?

— Uma ótima idéia — concordara Akimoto. — Só que lhe custaria a cabeça. Lorde Ogama o converteria num exemplo, caso seus próprios emprestadores parassem de lhe adiantar dinheiro contra... em que ponto estamos agora?... ah, sim, os tributos que deve receber daqui a quatro anos.

Outro acrescentara:

— O estipêndio de minha família não mudou desde Sekigahara, o custo do arroz subiu cem vezes desde então. Devemos nos tornar mercadores ou fabricantes de *saquê*. Dois tios e o irmão mais velho renunciaram às suas espadas e fizeram isso.

— É terrível, mas também tenho pensado nessa possibilidade.

— Os *daimios* traíram a todos nós.

— A maioria, mas nem todos — ressaltara Hiraga.

— É verdade — reconhecera Akimoto. — Mas não importa. Escolheremos nosso *daimio* após expulsarmos os bárbaros e acabarmos com o xogunato Toranaga. O novo xógum nos dará o suficiente para comer, a nós e nossas famílias, além de armas melhores, até mesmo alguns fuzis dos *gai-jin*.

— Ele os reservará para seus próprios homens, quem quer que seja.

— Por que faria isso, Hiraga? Haverá o suficiente para todos. Os Toranagas não entesouram de cinco a dez milhões de kokus todos os anos? É mais do que suficiente para armar muito bem a todos nós. Se tivermos de nos separar na escuridão, onde deveremos nos reagrupar?

— Na casa dos Salgueiros Verdes, ao sul da quarta ponte, não aqui. Se isso também for difícil, devemos nos esconder em algum lugar e voltar para Kanagawa...

Agora, na varanda, atentos a qualquer sinal de perigo, desfrutando a sensação, Hiraga sorriu, o coração batendo depressa, sentindo a alegria da vida e da morte eminente, mais próxima a cada dia. Dentro de poucos momentos, tornaremos a atacar. A ação novamente...

Passara vários dias no templo ao lado da legação inglesa, esperando impaciente por uma oportunidade de desfechar um ataque, mas sempre havia guerreiros geniais, estrangeiros e samurais. Todos os dias bancara o jardineiro, espionando, escutando, planejando... seria muito fácil matar o bárbaro alto que se encontrava ali, o mesmo que escapara do atentado na *Tokaidô*. Era espantoso que apenas um bárbaro tivesse morrido, do alvo fácil de três homens e uma mulher.

Ah, a *Tokaidô*! A *Tokaidô* significa Ori, Ori significa Shorin e os dois significam Sumomo, que vai completar dezessete anos no próximo mês, e que não vou considerar a carta de meu pai. Não vou de jeito nenhum! Não aceitarei o perdão de lorde Ogama, se para isso tiver de renunciar a *Sonno-joi*. Segurei sua orientação para qualquer morte a que me conduza.

Só eu continuo vivo agora. Ori está morto ou morrerá amanhã. Shorin se foi E Sumomo?

Na noite anterior, as lágrimas haviam molhado seu rosto, lágrimas do sonho em que a encontrara, com seu bushido e seu fervor, seu corpo e seu perfume chamando-o, mas perdida para ele por toda a eternidade. Fora impossível dormir e ele permanecera sentado na posição de lótus, a posição de Buda, usando o zen para transportar sua mente à paz.

E depois, naquela manhã, a dádiva dos deuses, a mensagem furtiva e cifrada da *mama-san* de Koiko sobre Utani, que recebera a informação, também secreta, da criada de Koiko. Hiraga pensara, na maior exultação: O que Yoshi faria se soubesse que nossos tentáculos se estendem até seu leito, até mesmo em torno de seus testículos?

Confiante agora de que ainda não haviam sido descobertos, ele se levantou de um pulo, foi até a porta, usou a faca para soltar a tranca. Entraram num instante. Akimoto manteve-se de guarda, no uniforme da sentinela. Os outros seguiram Hiraga sem fazer qualquer barulho, subiram a escada, a caminho dos aposentos das mulheres, um roteiro que lhe fora fornecido com antecedência. Tudo era suntuoso, as melhores madeiras, os tatames mais refinados, o mais puro papel oleado de *shoji*, os óleos mais fragrantes para os lampiões. Hiraga virou um canto do corredor. O guarda despreocupado fitou-o, aturdido. Abriu a boca, mas nenhum som saiu. A faca de Hiraga o sufocara.

Ele passou por cima do corpo, foi até o final desse corredor, hesitou por um instante, procurando se orientar. Agora, um beco sem saída. Nos lados havia paredes corrediças de *shoji*, com aposentos por trás. Na extremidade, apenas uma, maior e mais ornamentada do que todas as outras. Um lampião a óleo ardia lá dentro, o que também

acontecia em outros cômodos. Uns poucos roncos, respiração pesada. Em silêncio, Hiraga gesticulou para que Todo e Joun o seguissem e os outros ficassem de guarda, depois se adiantou, como uma fera numa expedição de caça noturna. O som da respiração pesada aumentou.

Ele acenou com a cabeça para Joun. No mesmo instante, o jovem passou por ele, foi se agachar no outro lado da porta de *shoji*, que abriu a outro sinal. Hiraga entrou no quarto, acompanhado por Todo.

Havia dois homens estendidos de bruços nos futons e colchas de seda, nus e unidos, o rapaz com as pernas abertas, o mais velho por cima, agarrando-o e arremetendo, ofegante, alheio a tudo. Hiraga adiantou-se, ergueu a espada bem alto e, segurando o cabo com as duas mãos, enfiou a ponta pelas costas dos dois corpos, um pouco acima do coração, empalando-os no chão de tatame.

O velho arquejou e morreu no mesmo instante, braços e pernas tremendo além da morte. O rapaz se debateu, na impotência, incapaz de mover o tronco, podendo apenas agitar os braços, pernas e cabeça. Mesmo assim, não conseguiu virar a cabeça o suficiente para ver o que acontecera, e também não pôde compreender o que ocorria, sabia apenas que, de alguma forma, sua vida se esvaía pelo corpo aberto. Um uivo de terror subiu por sua garganta, enquanto

Todo saltava para a frente e usava o garrote para abafá-lo... um instante tarde demais. Parte do grito ressoou pelo ar agora fétido.

Ele e Hiraga se viraram para a porta, todos os sentidos em alerta. Hiraga ergueu sua faca. Todo, Joun e os outros no corredor levantaram suas espadas, os corações disparados, prontos para atacar, fugir, lutar, correr, morrer com orgulho. Por trás de Hiraga, as mãos delicadas do rapaz rasgaram o próprio pescoço, as unhas compridas, perfeitas e pintadas dilacerando a carne em torno do fio do garrote. Os dedos estremeceram, pararam, tremeram, pararam de novo, tornaram a se agitar. E depois ficaram imóveis.

Silêncio. Em algum lugar, uma pessoa dormindo se remexeu, ruidosamente, tomou a ficar quieta. Ainda não havia nenhum alarme nem gritos de advertência. Pouco a pouco os atacantes saíram de sua imobilidade, atordoados, suados. Hiraga sinalizou a retirada.

Todos obedeceram no mesmo instante, à exceção de Joun, que correu pelo quarto, para recuperar a espada de Hiraga. Postou-se por cima dos corpos, mas nem mesmo usando toda a sua força conseguiu remover a espada. Hiraga acenou para que ele se afastasse, também tentou tirar a espada e fracassou. As armas dos mortos se encontravam numa estante de espadas laqueada. Ele pegou uma. Na porta, olhou para trás.

Na luz firme do lampião a óleo, os dois corpos pareciam uma única e monstruosa libélula, de vários membros, cabeça humana, as colchas amarrotadas como suas asas gloriosas, a espada como um gigantesco alfinete de prata. Podia agora ver o rosto do rapaz... e era mesmo muito bonito.

Yoshi passeava pelas ameias, com Koiko a seu lado, uma cabeça mais baixa. Havia um prenúncio de frio na brisa, que trazia o cheiro do mar na maré baixa. Ele nem percebia. Mais uma vez, seus olhos esquadriharam a cidade lá embaixo, contemplaram a lua, pensativos. Koiko esperava, paciente. Seu quimono era do melhor xantungue, com outro escarlate por baixo, os cabelos soltos, informalmente, caindo até a cintura. O quimono de Yoshi era comum, de seda, mas comum, as espadas também nada tinham de extraordinárias, embora fossem bastante afiadas.

— Em que está pensando, Sire? — perguntou ela, calculando que era tempo de dissipar a melancolia de Yoshi.

Apesar de estarem a sós, Koiko manteve a voz baixa, sabendo que nenhum lugar dentro das muralhas do castelo era realmente seguro.

— Quioto — respondeu ele, também em voz baixa.

— Vai acompanhar o xógum Nobusada?

Yoshi sacudiu a cabeça, embora já tivesse decidido que iria a Quioto, antes da comitiva formal — o embuste habitual.

De alguma forma, devo conter esse jovem tolo, e me tornar o único canal de comunicação entre o imperador e o xogunato, ele estivera pensando, a mente assediada pelas dificuldades com que se defrontava: a loucura daquela visita oficial, Anjo, cujo controle do conselho impusera a aprovação, Anjo, com seu ódio e conspiração, a armadilha em que me encontro aqui no castelo, a multidão de inimigos por toda parte, entre os quais se destacam Sanjiro de *Satsuma*, Hiro de Tosa e Ogama de *Choshu*, que agora domina os portões, que são nosso direito hereditário. E além de tudo isso, esperando para atacar, como lobos salivando, ainda há os *gai-jin*.

Era preciso dar um jeito neles, em caráter permanente. O garoto Nobusada e a princesa devem ser neutralizados, em caráter permanente.

A solução permanente para os *gai-jin* é óbvia: por qualquer meio que pudermos conceber, quaisquer que sejam os sacrifícios, devemos nos tornar mais ricos do que eles e mais bem armados. Esta deve ser a política nacional secreta, agora e para sempre. Como conseguir isso? Ainda não sei. Mas, como uma questão de polícia, devemos lisonjeá-los para que se tornem descuidados, mantê-los em desequilíbrio, fazer com que suas tolas atitudes se voltem contra eles próprios... e usar nossas habilidades superiores para isolá-los.

Nobusada? Também é claro o que se deve fazer. Mas ele não é a verdadeira ameaça. É ela. Não preciso me preocupar com ele, mas sim com ela, a princesa Yazu, que é o verdadeiro poder por trás de Nobusada, e também na frente.

A súbita imagem mental de Yazu com um pênis, tendo Nobusada como receptor, fê-lo sorrir. Daria uma maravilhosa shunga, pensou ele, divertido. Shunga era a xilogravura erótica, colorida, tão popular e apreciada entre os mercadores e lojistas de Iedo, que fora proscrita pelo xogunato, há mais de um século, como licenciosa demais para eles, as classes inferiores, e que podia, com a maior facilidade, ser usada como sátira contra seus superiores. Na hierarquia imutável do Japão, instituída pelo tairo, o ditador Nakamura, e depois tornada permanente pelo xógum Toranaga, em primeiro vinham os samurais, em segundo os camponeses, em terceiro os artesãos de todos os tipos, e por último, desprezados pelos outros, os mercadores, "sanguessugas de todos os outros trabalhadores", como dizia o legado. Desprezados porque todos os outros precisavam de suas habilidades e riqueza... acima de tudo de sua riqueza. Em particular os samurais. Por isso, as regras, certas regras, podiam ser ignoradas. Assim, em Iedo, Osaca e Nagasáqui, onde viviam os mercadores mais ricos, a shunga, embora oficialmente proibida, era esculpida e pintada, produzida com a maior satisfação pelos melhores artistas, reproduzida pelos melhores artesãos. Em cada época, artistas disputavam entre si por fama e fortuna, vendendo gravuras aos milhares.

Exóticas, explícitas, mas sempre com genitálias enormes, fora de todas as proporções, num contraste hilariante, as melhores em detalhes perfeitos, bastante possessivos. Também muito apreciados eram os retratos ukiyo. Cresce o constante alvo de intrigas, escândalos e licenciosidade — a lei não omitia a existência de atrizes, e por isso homens especialmente treinados, nãgatta, representavam os papéis femininos — e ainda, acima de tudo, das mais famosas cortesãs.

— Eu gostaria que alguém a pintasse — comentou Yoshi.— É uma pena que Hiroshige e Hokusai estejam mortos.

Koiko soltou uma risada.

— Como eu deveria posar, Sire?

— Não na cama — respondeu ele, rindo também, o que não era comum, deixando-a satisfeita pela vitória. — Apenas andando pela rua, com uma sombrinha verde e rosa, usando seu quimono verde e rosa com a carpa dourada.

— Em vez de uma rua, Sire, não poderia ser em um jardim, ao crepúsculo, pegando pirilampos?

— Ah, muito melhor!

Yoshi sorriu, recordando os raros dias de sua juventude, nas tardes de verão, em que era liberado dos estudos. Nessas ocasiões, saía com irmãos e irmãs, além de amigos, pelos campos, em busca de pirilampos. Os insetos eram apanhados com redes, postos em pequenas gaiolas, e ficavam observando o milagre das luzes se apagando e acendendo, enquanto compunham poemas, riam e brincavam, jovens, sem maiores responsabilidades.

— Como me sinto com você agora — murmurou ele.

— Sire?

— Você me tira do sério, Koiko. Tudo em você.

Como resposta, ela tocou em seu braço, dizendo nada e tudo ao mesmo tempo, feliz com o elogio, toda a sua mente concentrada em Yoshi, querendo ler seus pensamentos e necessidades, querendo ser perfeita para ele.

Mas esse jogo é cansativo, pensou Koiko, mais uma vez. Este protetor é muito complexo, muito perceptivo, muito imprevisível, muito solene e muito difícil de entreter. Não posso deixar de especular por quanto tempo ele me manterá. Começo a detestar o castelo, odiar o confinamento, os testes incessantes, continuar longe de casa, da conversa e riso alegre das outras, Raio de Luar, Fonte da Primavera, Pétala, e acima de tudo de minha querida *mama-san*, Meikin.

Por outro lado, porém, eu me ufano de estar no centro do mundo, adoro o koku por dia que venho ganhando, exulto por ser quem eu sou, servidora do mais nobre rei e que no fundo é apenas outro homem e não passa, como todos os homens, de um menino rebelde fingindo ser complicado, e que pode ser controlado por mesurras,

como sempre, e que pode, se você for esperta, decidir fazer apenas o que você já decidiu que ele pode fazer... independente do que acredite. A risada de Koiko foi vibrante.

— O que foi?

— Deixa-me alegre, Sire, cheia de vida. Terei de chamá-lo de Lorde Doador de Felicidade!

Ele sentiu uma profunda satisfação.

— É assim também na cama?

— Também na cama.

De braços dados, começaram a deixar o luar.

— Veja ali! — exclamou Yoshi subitamente.

Lá embaixo, uma das mansões palacianas pegara fogo. As chamas se projetaram para cima, cada vez mais, acompanhadas por nuvens de fumaça. Agora a distância, podiam ouvir os sinos de incêndio e avistaram pessoas como formigas se agrupando ao redor, e logo filas de outras formigas se formaram entre os tanques de água e a mansão em chamas. O fogo é nosso maior risco, não a mulher, escrevera o xógum Toranaga em seu legado, com raro humor. Contra o fogo podemos estar preparados, nunca contra a mulher. Todos os homens e mulheres em idade casadoura devem casar. Todas as habitações terão tanques de água de fácil acesso.

— Nunca vão conseguir apagá-lo, não é mesmo, Sire?

— Não — respondeu Yoshi, os lábios comprimidos. — Suponho que algum tolo derrubou um lampião ou uma vela.

— Tem razão, Sire, um tolo desajeitado — disse Koiko no mesmo instante, procurando acalmá-lo, sentindo nele uma ira inesperada... sem entender por quê. — Fico contente por saber que está no comando das precauções contra o fogo no castelo e, assim, podemos dormir em segurança. Quem quer que seja o responsável, deve ser repreendido com severidade. Eu me pergunto de quem é aquele palácio.

— É a residência de Tajima.

— Ah, Sire, continua a me espantar! — exclamou Koiko, com uma comovente admiração. — É uma maravilha que seja capaz de distinguir um palácio de outro, entre centenas, tão depressa, e de tão longe!

Ela fez uma reverência para esconder o rosto, sabendo que era o de Watasa, e que agora o *daimio* Utani devia estar morto, o ataque fora bem-sucedido.

— É mesmo um homem maravilhoso.

— Não, Koiko-chan, você é que é maravilhosa.

Yoshi sorriu para aquela mulher, tão meiga e tão pequena, e ao mesmo tempo tão observadora e perigosa.

Três dias antes, seu novo espião, Misamoto, sempre ansioso em provar seu valor, comunicara os rumores que circulavam nos alojamentos sobre o encontro amoroso entre Utani e o rapaz bonito. Ele ordenara que Misamoto deixasse que o segredo fosse ouvido pela criada de Koiko, que o transmitiria, com toda certeza, à sua patroa ou à *mama-san* de ambas, talvez mesmo às duas, se outros rumores eram procedentes: os de que essa mesma *mama-san*, Meikin, era uma fervorosa partidária de *Sonno-joi*, e permitia, clandestinamente, que sua casa fosse ponto de encontro e refúgio para os *shishi*. A notícia chegaria depressa ao conhecimento dos *shishi*, que reagiriam no mesmo instante a uma oportunidade tão espetacular para um grande golpe. Há quase dois anos que os espiões de Yoshi mantinham Meikin e sua casa sob vigilância, por esse motivo, e por causa da crescente importância de Koiko.

Mas nunca surgira qualquer vestígio de prova para confirmar a teoria e condená-las.

Agora, no entanto, pensou Yoshi, observando as chamas, Utani deve estar morto, se o palácio foi incendiado, e tenho uma prova concreta: um sussurro semeado numa criada gerou seu fruto maligno. Utani era — é — um grande golpe para elas. Como eu também seria, ainda maior. Um pequeno tremor percorreu seu corpo.

— O fogo me assusta — murmurou Koiko, interpretando errado o estremecimento, querendo resguardá-lo.

— Vamos embora, deixando-os com seu karma.

De braços dados, eles se afastaram. Yoshi tinha dificuldade para disfarçar seu excitamento. Eu me pergunto qual é o seu karma,

Koiko. A sua criada lhe contou e você mandou que dissesse à *mama-san*; ambas são parte da corrente?

Talvez sim, talvez não. Não percebi qualquer mudança em você quando eu disse Tajima, em vez de Watasa, e a observava com extrema atenção. Tenho minhas dúvidas. Claro que você é suspeita, sempre foi, caso contrário não a teria escolhido; afinal, isso não acrescenta mais tempero ao meu leito? Sem dúvida que sim, e você é tudo que sua reputação prometia. Estou mais do que satisfeito, é verdade, e por isso esperarei mais um pouco. Mas agora é fácil atraí-la para uma armadilha, ainda mais fácil arrancar a verdade de sua criada, dessa *mama-san* não muito esperta e de você mesma, minha bela! Fácil demais, quando eu fechar a armadilha.

Será uma decisão difícil, porque agora, graças a Utani, tenho uma linha direta e secreta com os *shishi*, posso usá-la para desmascará-los, destruí-los, ou então lançá-los contra os meus inimigos, a meu capricho. Por que não?

Tentador!

Nobusada? Nobusada e “seu” princesa! Muito tentador! Yoshi começou a rir.

— Sinto-me contente por vê-lo tão feliz esta noite, Sire.

A princesa Yazu estava em lágrimas. Por quase duas horas usara todos os recursos sobre os quais já lera ou vira em livros eróticos para excitá-lo; embora conseguisse torná-lo forte, ele lhe falhara antes que pudesse alcançar as nuvens e a chuva. Depois, como sempre, Nobusada desatara a chorar, arengando que a culpa era dela, num paroxismo de tosse nervosa. Também, como sempre, a tempestade passara. Depressa, ele suplicou perdão, aninhou-se para beijar seus seios, e acabou adormecendo, sugando um seio, enroscado em seu colo.

— Não é justo — balbuciou ela, exausta, incapaz de dormir.

Preciso ter um filho, ou ele pode se considerar morto, e eu também, ou no Mínimo tão envergonhada que terei de raspar a cabeça e me tornar uma monja budista..., oh ko...

Nem mesmo suas damas puderam ajudá-la.

— São todas experientes, a maioria casada, deve haver algum meio de converter meu lorde num homem — gritara ela, depois de semanas de tentativas deixando-as todas tão consternadas que perderam o controle. — Descubram! É dever de vocês descobrir!

Ao longo dos meses, sua corte consultara herbanários, acupuntores, doutores até mesmo adivinhos, mas tudo em vão. Naquela manhã, ela mandara chamar sua matrona principal.

— Tem de haver um meio! O que aconselha?

— Só tem dezesseis anos, honrada princesa — dissera a matrona, de joelhos — e seu lorde também tem dezesseis...

— Mas todas concebem com essa idade, até antes, ou quase todas. Qual é o problema com ele... ou comigo?

— Nada com a princesa, já lhe dissemos muitas vezes. Os doutores nos asseguram que não há nada de er...

— O que me diz do doutor *gai-jin*, o gigante de que ouvi falar? Uma das criadas me contou que corre o rumor de que ele faz milagres, cura todos os tipos de doenças. Talvez possa curar meu lorde.

— Oh, alteza, sinto muito — balbuciara a mulher, consternada —, mas é inconcebível que qualquer dos dois consulte um *gai-jin*. Por

favor, tenha paciência. Cheng-sin, o maravilhoso adivinho, nos disse que a paciência vai com certeza...

— Podemos fazer tudo em segredo, sua tola! Paciência? Há meses que venho esperando! Meses de paciência e meu lorde ainda não teve o menor vislumbre de que vai me dar um herdeiro! — Antes de poder se controlar, ela esbofeteara a mulher. — Dez meses de paciência e maus conselhos são demais, sua miserável! Vá embora! VÁ EMBORA PARA SEMPRE!

Durante todo o dia, ela planejara para aquela noite. Pratos especiais que ele apreciava foram preparados, temperados com ginsengue. *Saquê* especial, com ginsengue e pó de chifre de rinoceronte. Perfumes especiais, afrodisíacos. Preces especiais ao Buda. Súplicas especiais a Ameratsu, a deusa do sol, avó do deus Ninji, que descera do céu para governar o Japão e fora o bisavô do primeiro imperador mortal, Jimmu-Tennu, fundador da dinastia imperial, há vinte e cinco séculos... portanto, sua ancestral direta.

Mas tudo falhara.

Agora era a calada da noite e ela chorava em silêncio, deitada, o marido adormecido ao lado, não muito feliz no sono, sacudido por uma tosse vez em quando, braços e pernas tremendo, mas com um rosto que não era desagradável. Pobre e tolo menino, pensou ela, angustiada, é seu karma morrer sem herdeiro, como tantos de sua linhagem? Oh ko, oh ko, oh ko! Por que me permiti ser persuadida a este desastre, longe dos braços de meu amado príncipe.

Quatro anos atrás, quando tinha doze anos, e com a deliciada aprovação da mãe, a última e a predileta consorte de seu pai, o imperador Ninko, que morreu no ano de seu nascimento, e com a aquiescência também deliciada e necessária do Imperador Komei, seu meio-irmão muito mais velho, que assumira o trono imperial, ela se tornara noiva, na maior felicidade, de um companheiro de infância, o príncipe Sugawara.

Fora o ano em que o *Bakufu* formalmente assinara os tratados que abriam Iocoama e Nagasáqui, contra os desejos do imperador, da maioria da corte, e os conselhos veementes de quase todos os *daimios*. Fora o ano em que *sonno-joise* tornara um grito de batalha. E o mesmo ano em que o então tairo, Li, propusera ao príncipe conselheiro que a princesa Yazu casasse com o xógum Nobusada.

— Sinto muito — dissera o conselheiro —, mas é impossível.

— Não só é possível como também muito necessário para ligar o xogunato à dinastia imperial e proporcionar mais paz e tranquilidade à terra — insistia Li. — Há muitos precedentes históricos de Toranagas concordando em casar com imperiais.

— Sinto muito. — O conselheiro era frágil, vestido e penteado de forma elaborada, os dentes escurecidos. — Como sabe muito bem, sua alteza imperial já está noiva, para casar em breve, assim que alcançar a puberdade. E como também sabe muito bem, o xógum Nobusada já está comprometido com a filha de um nobre de Quioto.

— Lamento, mas os noivados de pessoas tão ilustres constituem uma questão de política de Estado, sob o controle do xogunato, e sempre tem sido assim. — Li era baixo, corpulento e inflexível.— O noivado do xógum Nobusada, a seu próprio pedido, foi cancelado.

— O que é lamentável, pois ouvi dizer que seria uma boa união.

— O xógum Nobusada e a princesa Yazu têm a mesma idade, doze anos. Por favor, comunique ao imperador que o tairo deseja informá-lo de que o xógum se sentirá honrado em aceitá-la como esposa. Podem casar quando ela tiver quatorze ou quinze anos.

— Consultarei o imperador, mas receio que seu pedido não será possível. Espero que o filho do céu seja orientado pelo céu numa decisão tão importante. Os *gai-jin* se encontram em nossos portões, o xogunato e a dinastia devem ser fortalecidos.

— A dinastia imperial não precisa ser fortalecida. Quanto ao *Bakufu*, a obediência aos desejos do imperador com certeza melhoraria a paz.

Li protestara em tom áspero:

— Os tratados tinham de ser assinados. As esquadras e as armas dos bárbaros em nos humilhar, independente do que digamos em público! Estamos indefesos. Fomos obrigados a assinar!

— Isso é problema e culpa do *Bakufu* e do xogunato... o imperador Komei desaprovou os tratados e não queria que fossem assinados.

— A política externa e qualquer política temporal, como o casamento, são uma atribuição exclusiva do xogunato. O imperador... — escolhera suas palavras com o maior cuidado. — ...é preeminente em todas as outras questões.

— “Outras questões” ? Até poucos séculos atrás, o imperador reinava com era o costume por milênios.

— Sinto muito, mas não vivemos há poucos séculos atrás.

Quando a proposta de Li, considerada por todos que se opunham ao *Bakufu* como um insulto à dinastia, se tornara conhecida, houve um clamor geral. Poucas semanas depois, ele fora assassinado pelos *shishi*, por sua arrogância, e o assunto caíra no esquecimento.

Até dois anos mais tarde, quando ela completara quatorze anos.

Embora ainda não fosse uma mulher feita, a princesa imperial Yazu já era uma poetisa consumada, sabia ler e escrever o chinês clássico, conhecia todos os rituais da corte necessários ao seu futuro e continuava apaixonada pelo príncipe e vice-versa.

Anjo, precisando reforçar o prestígio do xogunato, cada vez mais sob ameaça, procurara o príncipe conselheiro, que repetira o que já dissera antes. Anjo também repetira o que Li já dissera, mas acrescentara, para espanto de seu oponente:

— Agradeço por sua opinião, mas o chanceler imperial Wakura não concorda com essa posição.

Wakura, na casa dos quarenta anos, tinha muita influência na corte, embora não fosse da nobreza, que, desde o início, assumira a

liderança do movimento xenofóbico entre os nobres de classe intermediária que se opunham aos tratados. Como chanceler, era um dos poucos que tinham acesso direto ao imperador. Dias depois, Wakura solicitara uma entrevista com a princesa.

— Fico satisfeito em lhe comunicar que o filho do céu pede que concorde em anular seu noivado com o príncipe Sugawara, e em vez disso case com o xógum Nobusada.

A princesa Yazu quase desmaiara. Dentro da corte, um pedido imperial era uma ordem.

— Deve haver algum equívoco! O filho do céu opôs-se a essa sugestão arrogante, por motivos óbvios, há dois anos. Você também se opôs, e o mesmo aconteceu com todos... Não posso acreditar que a divindade me peça agora uma coisa tão horrível!

— Não é horrível e está sendo pedida.

— Mesmo assim, eu recuso... recuso terminantemente!

— Sinto muito, mas não pode recusar. Permita-me explicar...

— Não, não permito! Recuso, recuso, recuso!

No dia seguinte, outra entrevista solicitada e recusada; depois outra e mais outra. A princesa se mantivera inflexível.

— Não!

— Sinto muito, alteza — dissera-lhe sua matrona principal, desnorteada, mas o chanceler imperial solicita de novo um momento para explicar as razões do pedido.

— Não falarei com ele! Diga-lhe que quero conversar com meu irmão.

— Sinto muito, alteza, mas é meu dever lembrá-la de que o filho do céu deixou de ter amigos e parentes quando ascendeu ao trono.

— Eu... claro, claro. Por favor, desculpe-me. Sei disso. Estou cansadademais, o que me levou a falar assim.

Mesmo dentro da corte, só a esposa do imperador, as consortes, mãe, filhos, irmãos e irmãs, mais dois ou três conselheiros tinham permissão para fitá-lo no rosto sem permissão. Afora esses poucos íntimos, era proibido. ELE era divino.

Como todos os imperadores antes, a partir do momento em que completara os rituais que uniam misticamente seu espírito ao do imperador recém-falecido, seu pai, como este também fizera, e todos os antepassados, numa linhagem ininterrupta até Jimmu-Tennu, Komei deixara de ser mortal e se tornara divindade, o guardião dos símbolos sagrados — o orbe, a espada e o espelho —, o filho do céu.

— Por favor, desculpe — dissera Yazu, humilde, consternada por seu sacrilégio — Lamento muito. Por favor, peça ao lorde chanceler que solicite ao filho do céu que me conceda um momento do seu tempo.

Agora, através das lágrimas, Yazu recordou como, muitos dias depois, prostrara-se de joelhos diante do imperador e da onipresente multidão de cortesãos, todos de cabeça baixa. Mal o reconhecera em seus trajes formais... e fora a primeira vez em que o encontrara há meses. Suplicara e implorara, numa litania chorosa, usando a indispensável linguagem da corte, que mal era entendida pelos forasteiros, até se sentir exausta.

— Alteza imperial, não quero sair de casa. Não quero ir para aquele lugar horrível chamado Iedo, no outro lado do mundo. Peço permissão para dizer que somos do mesmo sangue, não belipotentados arrivistas de Iedo...

Também sentira vontade de gritar: Não descendemos de camponeses, que não sabem falar direito, não se vestem direito, não comem direito, não se comportam direito, não são capazes de ler e

escrever direito, e fedem a *daikon*... mas não ousara. Em vez disso, balbuciara:

— Suplico que me deixe ficar.

— Primeiro, escute por favor, com toda atenção e calma, como convém a uma princesa imperial, o que o lorde chanceler Wakura tem a dizer.

— Obedecerei, alteza imperial.

— Segundo, não permitirei que isso seja feito contra a sua vontade. Terceiro, volte no décimo dia e tornaremos a conversar. Vá agora, Yazu-chan.

Fora a primeira vez em sua vida que o irmão a chamara pelo diminutivo. E, assim, ela escutara Wakura.

— As razões são complicadas, princesa.

— Estou acostumada a complicações, chanceler.

— Muito bem. Em troca do noivado imperial, o *Bakufu* concordou com a permanente expulsão de todos os *gai-jin* e em cancelar os tratados.

Mas Nori Anjo disse que isso é impossível!

— É verdade. Neste momento. Mas ele também concordou em iniciar imediatamente a modernização do exército e em criar uma marinha invencível. Dentro de sete ou oito anos, talvez dez, ele promete que seremos bastante fortes para impor nossa vontade.

— Ou em vinte, cinqüenta ou cem anos! Os xóguns Toranagas são mentirosos históricos e não merecem a menor confiança. Há séculos que mantêm o imperador confinado, usurparam sua herança. Não se pode confiar neles.

— Pois agora o imperador está persuadido a confiar. A verdade, princesa, é que não dispomos de poder temporal sobre eles.

— Neste caso, eu seria uma tola se me entregasse como refém.

— Sinto muito, mas eu ia acrescentar que seu casamento levaria a uma solução dos problemas entre o imperador e o xogunato, que é essencial para a tranquilidade do Estado. O xogunato passará a escutar o conselho imperia! E obedecerá aos desejos imperiais.

— Se eles se tornassem filiais. Mas como meu casamento faria com que isso acontecesse?

— Por seu intermédio, a corte poderia interferir e até mesmo controlar esse jovem xógum e seu governo.

O interesse de Yazu fora atizado.

— Controlar? Por conta do imperador?

— Isso mesmo. Como poderia esse menino... comparado com sua alteza, ele não passa de uma criança... como poderia esse menino guardar qualquer segredo de sua alteza? Seria impossível. A esperança do filho do céu é que sua irmã se torne sua intermediária. Como esposa do xógum, saberia de tudo, e como é uma pessoa extraordinária, muito em breve teria em mãos todas as meadas do poder do *Bakufu*, através desse xógum. Desde o terceiro xógum Toranaga, não houve mais nenhum forte. Não teria perfeitas condições de exercer o verdadeiro poder?

A princesa pensara a respeito por um longo momento.

— Anjo e o xogunato não são tolos. Já devem ter deduzido isso.

— Eles não a conhecem, alteza. Acreditam que é apenas um junco que pode ser torcido e moldado, ao capricho deles, assim como o menino Nobusada. Por que outro motivo o escolheriam? Querem o casamento, sem dúvida, para reforçar seu prestígio, para aproximar a corte e o xogunato. E acham que uma jovem como sua alteza seria um fantoche dócil para subverter a vontade imperial.

— Sinto muito, mas pede demais a uma mulher. Não quero sair de casa nem renunciar a meu príncipe.

— O imperador pede que faça isso.

— Mais uma vez, o xogunato obriga-o a negociar, quando deveria apenas obedecer — comentara ela, amargurada.

— O imperador pede que o ajude a fazer com que eles obedeam.

— Perdoe-me, por favor, mas não posso.

— Há dois anos, no ano terrível — continuara Wakura, sem perder a calma. — no ano da fome, o ano em que Li assinou os tratados, alguns estudiosos do *Bakufu* vasculhavam a história, à procura de precedentes de imperadores depostos.

Yazu ficara aturdida.

— Eles nunca ousariam... não isso!

— O xogunato é o xogunato, todo-poderoso, neste momento. Por que não ia considerar a remoção de um obstáculo... qualquer obstáculo? Afinal, ele não chegou a considerar, seu wa destruído, em abdicar a favor do filho, o príncipe Sachi?

— Rumores! — protestara ela. — Não podem ser verdadeiros!

— Creio que eram, princesa imperial — dissera o chanceler, muito sério. — Mas agora, ELE pede, por favor, ajude-o.

Desesperada, Yazu compreendera que, independente do que dissesse, tudo sempre voltaria ao “pedido”. Não havia escapatória. Ao final, teria de se submeter ou se tornar uma monja. Ainda abrira a boca para a recusa final, só que jamais ocorrera. Alguma coisa parecera aflorar em sua mente, e começara a pensar, pela primeira vez, por um processo diferente, não mais uma criança, agora uma adulta, e fora com esse espírito que dera sua resposta:

— Concordarei, desde que possa continuar a viver em Iedo, no palácio imperial...

Aquela conversa levara a esta noite de silêncio, rompido apenas por seus soluços.

Yazu sentou na cama, limpou as lágrimas. Mentirosos, pensou ela, amargurada, fizeram-me promessas, mas até nisso trapacearam. Um ligeiro som de Nobusada, que se virou, dormindo. À luz do lampião aceso, sem o que ele não podia dormir, parecia mais infantil do que nunca, mais como um irmão caçula do que como um marido... jovem, muito jovem. Gentil, atencioso, sempre a escutando, aceitando seu conselho, sem guardar segredos, tudo o que Wakura previra. Mas insatisfatório.

Meu querido Sugawara, agora impossível... nesta vida.

Um tremor a percorreu. A janela estava aberta. Yazu debruçou-se para fora, mal notando a mansão fumegando lá embaixo, com outros incêndios surgindo aqui e ali, pela cidade, o luar no mar além... cheiro de queimado no vento, o amanhecer clareando o horizonte a leste.

Sua determinação secreta não mudara desde aquele dia da conversa com Wakura: passar esta vida arruinando o xogunato que arruinara sua vida, despojá-lo do poder por quaisquer meios e devolver esse poder ao filho do céu.

Vou destruí-los como eles me destruíram, pensou ela, muito sensata agora para sequer sussurrar esse objetivo para um poço. Supliquei para não vir para cá, supliquei para não casar com este menino. Embora goste dele, detesto este lugar horrível, detesto estas pessoas horríveis.

Quero voltar para casa! E voltarei. Só isso fará com que a vida se torne suportável. Realizaremos a visita, não importa o que Yoshi faça ou diga, não importa o que qualquer outro faça ou diga. Voltaremos para casa... e ficaremos lá!

LIVRO DOIS

18

Segunda-feira, 13 de outubro:

Ao sol brilhante do meio-dia, dez dias depois, Phillip Tyrer sentava a uma escrivaninha na varanda da legação em Iedo, praticando satisfeito a caligrafia japonesa, com pincel, tinta e água, cercado por dezenas de folhas preenchidas e descartadas de papel-de-arroz, espantosamente baratas aqui, em comparação ao seu preço na

Inglaterra. Sir William o enviara a Iedo para preparar a primeira reunião com os anciãos.

O pincel parou de repente. O capitão Settry Pallidar e dez dragões, igualmente imaculados, subiam a colina a cavalo. Ao entrarem na praça, os samurais ali, em quantidade muito maior do que antes, se afastaram para dar passagem. Reverências ligeiras e rígidas, respondidas com uma continência rápida, sem dúvida um protocolo recém-instituído. Sentinelas de casaco vermelho, em quantidade muito maior do que antes, abriram os portões de ferro e tornaram a fechá-los assim que os dragões entraram no pátio murado.

— Olá, Settry! — chamou Tyrer, descendo os degraus da varanda para recebê-lo. — Por Deus, é uma visão e tanto para olhos doloridos. De onde você veio?

— De Iocoama, meu caro. De onde mais poderia ser? Viemos de barco.

Quando Pallidar desmontou, um dos jardineiros, de enxada na mão, adiantou-se apressado, meio encurvado, para segurar as rédeas. Ao

vê-lo, Pallidar levou a mão ao coldre.

— Afaste-se!

— Não se preocupe, Settry. É Ukiya, um dos nossos jardineiros regulares, sempre muito prestativo. *Domo, Ukiya.*

— *Hai, Taira-sama, domo.*

Hiraga exibiu um sorriso vazio, o rosto meio oculto pelo chapéu de cule que usava, inclinou-se e não mais se mexeu.

— Afaste-se! — repetiu Pallidar. — Desculpe, Phillip, mas não gosto de ver nenhum desses patifes perto de mim, ainda mais com uma enxada na mão. Grimes!

No mesmo instante, o dragão chamado se aproximou, empurrou Hiraga rudemente e pegou as rédeas.

— Caia fora, japa! Suma daqui!

Obediente, Hiraga balançou a cabeça, manteve o sorriso vazio e se afastou. Mas permaneceu a distância de escutar, reprimindo o desejo de vingar o insulto com a enxada afiada, o estilete escondido no chapéu, ou com as próprias mãos duras como ferro.

— Mas por que vieram de barco? — indagou Tyrer.

— Para ganhar tempo. As patrulhas informam que há barricadas japonesas por toda a *Tokaidô*, com o tráfego retido em vários pontos, de Hodogaya a Iedo pior do que em Piccadilly Circus no aniversário da rainha, deixando a todos mais nervosos do que o habitual. Trouxe um despacho de Sir William. Ele ordena que a

legação seja fechada e que você e o resto do pessoal voltem... Serei a escolta para salvar as aparências.

Tyrer ficou aturdido.

— Mas o que vai ser da reunião? Venho trabalhando um bocado para aprontar tudo!

— Não sei, meu caro. Aqui está.

Tyrer rompeu o lacre da mensagem oficial.

P. Tyrer, esq., legação britânica, Iedo. Esta é para informá-lo que concordei com o pedido do *Bakufu* para adiar a reunião de 2 de outubro para 3 de novembro, uma segunda-feira. Para poupar despesas desnecessárias com as tropas, você e seu pessoal devem voltar imediatamente, em companhia do capitão Pallidar.

— Três vivas! Iocoama, aqui vou eu!

— Quando quer partir?

— Imediatamente, diz o grande pai branco, e será imediatamente. Não pode esperar. Que tal depois do almoço? Vamos sentar. Quais são as novidades em Yokopoko?

— Não há muito o que contar.

Enquanto eles se encaminhavam para as cadeiras na varanda, Hiraga se aproximou do prédio e continuou a trabalhar com a enxada. Pallidar acendeu um charuto.

— Sir William, o general e o almirante tiveram outra confrontação com o governador local e o pessoal do *Bakufu*, jurando que os estripariam se não apresentassem logo os assassinos de Canterbury... e agora também o de Lun, uma coisa horrível, não é mesmo? Mas só conseguiram as bajulações habituais, “sinto muito, estamos vigiando todas as estradas, todos os caminhos, para captura-los, lamentamos pelos atrasos e inconveniências.”

— Quer dizer que já sabem que são?, — perguntou Sir William.

— Oh, não, disseram os japas, mas se investigar-mos todos os documentos e vigiarmos todo mundo, talvez possamos descobri-los; Estamos fazendo tudo o que é possível, por favor, ajudem-nos, tomando mais esses dados com os revolucionários. Tudo conversa fiada! Poderiam pegá-los, se quisessem. Não passam de mentirosos.

— É terrível o que aconteceu com Lun. Macabro! Fiquei chocado. Sir William quase teve um ataque. Ainda não há a menor pista sobre como os assinos entraram em nosso prédio em Kanagawa?

— Nada, assim como também não houve na vez anterior. — Pallidar notara muitas páginas com caracteres, mas não fez qualquer comentário. — O cabo no comando foi rebaixado e ele e os outros dois receberam cinqüenta chibatadas por negligência no cumprimento do dever. Uma estupidez não se manterem em alerta total depois do outro ataque. Mas por que a cabeça de macaco?

Tyrer estremeceu.

— Sir William acha que foi porque Lun escarneceu da delegação deles, chamando-os de “macacos”, e essa foi a forma de se vingarem.

Pallidar assoviou.

— Isso significa que pelo menos um deles, sem que o nosso pessoal saiba, compreende secretamente o inglês... ou pelo menos o pidgin.

— Chegamos à mesma conclusão. — Com grande esforço, Tyrer reprimiu seu medo. — Ora, que se dane isso! Não imagina como estou satisfeito em vê-lo. Mais alguma novidade?

Pallidar observava Hiraga, mas sem muita atenção.

— O general acha que há mais do que a vista pode perceber no aumento das barricadas e movimentação das tropas nativas. Os mercadores dizem que seus contatos japoneses sussurram que todas as estradas que saem de Iedo são vigiadas, e que o verdadeiro motivo é a guerra civil. É terrível não sabermos de nada. Deveríamos estar circulando, como o tratado permite, deveríamos descobrir por nós mesmos... O general e o almirante concordam, para variar, que deveríamos operar aqui como na Índia, ou em qualquer outro lugar, enviar patrulhas, talvez um ou dois regimentos, para mostrar a bandeira, procurar alguns dos reis descontentes e lançá-los contra os outros. Tem uma cerveja?

— Claro. Chen!

— Pois não, amo?

Traga uma cerveja.

Tyrer não tinha certeza se a posição militarista do amigo seria o esquema certo, nesse momento, o chefe dos jardineiros aproximou-se, parou no jardim lá embaixo e fez uma reverência profunda. Para surpresa de Pallidar, Tyrer respondeu com uma mesura, embora ligeira.

— *Hai, Shikisha? Nan desu ka?* Sim, Shikisha? O que você quer?

Com um espanto ainda maior, Pallidar ouviu o homem perguntar alguma coisa, ouviu Tyrer responder com fluência, a conversa prolongando-se por um momento. O primeiro homem fez outra reverência e se afastou.

— *Taira-sama, domo.*

— Por Deus, Phillip, que história é essa?

— Como? O velho Shikisha? Ele apenas queria saber se pode levar seu pessoal para preparar o terreno nos fundos. Sir William quer legumes frescos, couve-flor, cebola, couve-de-bruxelas, batatas cozidas e... Qual é o problema?

— Quer dizer que você fala mesmo japonês?

Tyrer riu.

— Claro que não, mas passei dez dias retido aqui, sem nada para fazer, e me empenhei em aprender algumas palavras e frases. E, para ser franco, embora Sir William possa me aplicar a lei da insubordinação por ser tão intrometido, estou gostando imensamente. Sinto o maior prazer em ser capaz de me comunicar.

O rosto de Fujiko aflorou em sua mente, todos os contatos com ela, as horas que passara em sua companhia... a última vez há dez dias, quando voltara a Iocoama por um dia e uma noite. Um hurra para Sir William, porque ainda esta noite ou amanhã, tornarei a vê-la, e isso é maravilhoso.

— Maravilhoso! — exclamou ele, sem pensar, radiante. Uma pausa, e se apressou em acrescentar: — Ah... gostaria de tentar aprender a falar, ler e escrever a língua. O velho Shikisha me ensinou várias palavras, a maioria de seu trabalho. Já Ukiya...

Ele apontou para Hiraga, que trabalhava com a maior diligência, sempre por perto, sem saber que "Ukiya" era um pseudônimo e significava apenas "jardineiro".

— ...ele está me ajudando com a escrita. Até que é bastante inteligente para um japonês.

Durante uma aula de escrita no dia anterior, ele conferira os rumores que ouvira, pedindo-lhe, com os sinais e palavras que Poncin lhe ensinara, que Ukiya escrevesse os caracteres para “guerra”, senso, e “logo”, jiki-ni. Depois, combinara suas toscas tentativas de escrita com “guerra, no Nipão, logo. Por favor?”

Percebera uma súbita mudança e surpresa.

— Gai-jin toh nihon-go ka? Estrangeiros e japoneses?

— Iyé, Ukiya. Nihonjin to nihonjin. Não, Ukiya, japoneses e japoneses.

O homem soltara uma risada repentina. Tyrer constatara como ele era bem-apegoado, diferente dos outros jardineiros, e especulara por que parecia muito mais inteligente do que os companheiros, embora a maioria dos trabalhadores japoneses, ao contrário dos equivalentes britânicos, soubesse ler e escrever.

— *Nihonjin tsuneni senso nihonjin!* Japoneses estão sempre lutando com japoneses.

Ukiya arrematara a resposta com outra risada, e Tyrer rira também, simpatizando cada vez mais com o homem. Agora, ele sorriu para Pallidar.

— Mas quais são as outras novidades? Nada de negócios, por favor. Como está Angelique?

Pallidar soltou um grunhido.

— Interessado nela, hem? — indagou ele, em tom incisivo, saboreando interiormente a ironia.

— Nem tanto. — respondeu Tyrer, no mesmo tom, também zombeteiro, o que fez os dois rirem.

— Amanhã é a festa de noivado.

— Malcolm é que é um homem de sorte! Graças a Deus fui liberado de minha missão aqui. Detestaria perder essa festa. Como ela está?

— Linda, como sempre. Nós a recebemos como convidada de honra no rancho. Ela chegou como uma deusa, escoltada pelo ministro francês, um idiota pomposo e o tal de André Poncin... não gosto de nenhum dos dois. Foi...

— André até que é simpático... está me ajudando muito com o meu japonês.

— Pode ser, mas não confio nele. Há um longo artigo no *Times* sobre o iminente conflito europeu: França e provavelmente a Rússia contra a Alemanha. Seremos arrastados à guerra outra vez.

— Eis aí uma guerra que podemos dispensar. Mas o que aconteceu?

Um enorme sorriso.

— Foi uma noite espetacular. Dancei uma vez com ela. Maravilhoso! Uma polca... dancei com o coração na boca. Bem perto dela... mas sem ser desrespeitoso. Posso dizer que seus seios são como leite e mel, e seu perfume...

Por um instante, Pallidar reviveu aquele momento inebriante, o centro das atenções na pista de dança construída as pressas, Angelique a única mulher presente, a iluminação de velas e lampiões a óleo, a banda da guarda tocando com a maior animação, a dança se prolongando, o casal perfeito, todos consumidos pelo ciúme.

— Não me importo de admitir que sinto inveja de Struan.

— Como ele está?

— Ahn... Struan? Um pouco melhor, pelo que dizem. Não o tenho visto ultimamente, mas fui informado que já se levanta. Perguntei a Angelique, mas ela se limitou a dizer que ele está muito melhor.

Uma pausa, com outro sorriso radiante.

— O novo médico, Dr. Hoag, médico da família, assumiu os cuidados. Soube que ele é excelente.

Pallidar terminou sua cerveja. Outra foi estendida pelo sempre atento Chen, Risonho e rotundo, um padrão de Lim, e também um primo distante do compradore da Struan.

— Obrigado. — Pallidar tomou um gole, satisfeito. — Uma excelente cerveja.

— É local. Ukiya diz que os japoneses a produzem há anos, a melhor de Nagasáqui. Imagino que a copiaram de alguma cerveja portuguesa, há muitos anos.

Pallidar olhou para Tyrer, pensativo.

— O que acha da história do assassino de Hoag? Da operação, a moça misteriosa?

— Não sei o que pensar. Pensei ter reconhecido um deles, lembra? O sujeito foi ferido no mesmo lugar. Tudo combina. É uma pena que você e Marlowe não conseguiram pegá-lo. Irônico se um dos nossos o curou, para que ele possa assassinar mais alguns de nós.

Tyrer baixou a voz, pois sempre havia criados por perto, sem falar nos soldados.

— Aqui entre nós, meu caro, Sir William está mandando vir mais soldados nos navios de Hong Kong.

— Também já soube. Haverá guerra em breve ou teremos de interferir se eles começarem a lutar entre si...

Hiraga escutava com a maior atenção, enquanto se agachava e capinava; embora perdesse muitas palavras, captou o essencial; a notícia confirmou suas crescentes preocupações.

Após atearem fogo à mansão de Utani, ele e seus amigos haviam alcançado a segurança da casa próxima sem incidentes. Todo e os outros queriam voltar a Kanagawa assim que as barreiras fossem abertas, ao amanhecer, e logo partiram. Hiraga, Joun e Akimoto decidiram permanecer escondidos, em habitações separadas, aguardando uma oportunidade de atacarem a legação.

Naquela mesma manhã, com rapidez incrível, sem precedentes, o *Bakufu* dobrara as barreiras na *Tokaidô*, estendera seu controle a todas as outras quatro estradas principais, a todos os caminhos e até trilhas que saíam de Iedo. Com o aumento da vigilância, eles se encontravam confinados ali, junto com todos os outros *shishi* e antagonistas na capital.

Quatro dias atrás, a *mama-san* Noriko enviara uma carta de Kanagawa, dizendo que, por causa do incremento da atividade hostil, aquela era sua primeira oportunidade, falando sobre Ori, Sumomo e o médico *gai-jin*, arrematando:

Ainda não há sinal de Todo e dos dois outros shishi — desapareceram sem deixar vestígios. Sabemos que passaram pela primeira barreira, entretanto nada mais. Receamos que tenham sido traídos e que vocês também foram denunciados. Fugam enquanto podem. Ori se torna mais e mais forte a cada dia, seu ferimento continua limpo. Mandei-o para a segurança perto de Iocoama, o último lugar em que o Bakufu deve esperar encontrá-lo. Sua dama se recusa a partir sem uma ordem sua... mande-a imediatamente, pois receio que minha casa esteja sendo vigiada. Se formos atacados, procure notícias de Raiko, da Casa das Três Carpas, em Iocoama. A notícia do assassinato de Utani espalhou-se depressa por todo o Nipão, semeando o terror. Sonno-joi!

Ele começara a escrever uma resposta, mas o mensageiro de Noriko ficara com medo.

— Chegar aqui foi terrível, Hiraga-san. Os guardas nas barreiras ordenam que todos tirem as roupas, homens e mulheres, até mesmo crianças, à procura de mensagens escondidas nas tangas. Aconteceu comigo.

— E como escapou?

O mensageiro apontara para seu traseiro.

— Guardei a mensagem num pequeno tubo de metal, Hiraga-san. Não quero correr esse risco de novo, já que alguns guardas conhecem os segredos dos contrabandistas. Por favor, confie em mim com uma mensagem falada.

— Pois então transmita à sua ama meus agradecimentos e esperança de que tudo corra bem e que mande Sumomo-san se apresentar imediatamente a Shinsaku.

Hiraga usara o nome particular de seu pai, que apenas ela conheceria, e assim teria certeza de que a ordem de voltar para casa partira dele. Pagara o homem e concluíra:

— Tome cuidado.

— Karma.

Isso mesmo, karma, pensou Hiraga, voltando a se concentrar nas palavras estrangeiras, contente por Ori estar vivo, apreciando a ironia de que um *gai-jin* o salvara para que pudesse matar mais *gai-jin*, como ele próprio mataria aqueles dois. Quando eles se retirarem, durante a confusão da partida, posso fazer isso, se não os

dois, pelo menos um deles, quem quer que seja o primeiro alvo. Que todos os deuses, se é que existem, velem e guardem Sumomo. Ainda bem que ela resistiu a seus pais, foi para a casa dos meus pais em *Choshu*, depois para Kanagawa, e teve a coragem de me acompanhar na batalha... será uma mãe digna para as minhas gerações, se for esse o meu karma. Portanto, é melhor que volte agora para a segurança de casa. Melhor que esteja em *Choshu*, longe do perigo...

Seus ouvidos captaram a palavra "Shimonoseki". O oficial *gai-jin* falava com a maior loquacidade, parecia bastante excitado. Embora perdesse a maioria das palavras, Hiraga deduziu que canhões haviam sido disparados contra alguns navios, nos estreitos, matando uns poucos marujos, e todos os *gai-jin* estavam furiosos, porque os estreitos eram essenciais para sua navegação.

É isso mesmo, pensou Hiraga, com um sombrio divertimento, é exatamente por isso que nunca terão os nossos estreitos. Com os canhões de que já dispomos agora, podemos fechá-los e mantê-los fechados, contra qualquer esquadra estrangeira... e muito em breve nossa fábrica de armamentos, construída e projetada pelos holandeses, estará moldando canhões de sessenta libras, numa média de três por mês, junto com todos os acessórios!

A maré virou a nosso favor, depois de tanto tempo. Lorde Ogama, de *Choshu*, o único entre todos os *daimios*, obedece ao desejo do imperador, de atacar e expulsar os *gai-jin*; corretamente, ele e suas tropas controlam os portões do Palácio; Katsumata empenha-se em mobilizar todos os *shishi* para emboscar e destruir o xógum, que resolveu sair de seu covil, por mais incrível que isso possa parecer, e viajar para Quioto; e agora aumentamos a pressão sobre a cidadela dos *gai-jin* de Iocoama...

Abruptamente, todas as atenções das pessoas no pátio desviaram-se para portões vigiados, onde irromperam gritos. Hiraga sentiu o estômago revirar. Um oficial samurai, à frente de uma patrulha, com os estandartes do *Bakufu* e a insígnia pessoal de Toranaga Yoshi, exigia aos berros que o deixassem entrar, enquanto soldados de casaco vermelho respondiam, no mesmo tom, que ele deveria ir embora. Logo atrás do oficial, amarrado, todo machucado e encolhido, estava Joun... seu camarada *shishi*.

Um corneteiro soou o alarme. Todos os soldados dentro dos muros correram para os seus postos de combate, alguns com o uniforme meio desabotoado, sem chapéu, mas todos com rifles, cartucheiras e baionetas. Os jardineiros caíram de joelhos, baixando a cabeça para a terra. Hiraga, apanhado de surpresa, permaneceu de pé por mais um momento, depois apressou-se em seguir o exemplo, sentindo-se totalmente desprotegido. Os guerreiros começaram a se concentrar na praça, numa quantidade assustadora. Trêmulo, Tyrer levantou-se.

— O que está acontecendo?

Com uma lentidão deliberada, Pallidar disse:

— Acho que é melhor descobrirmos. — Ele levantou-se sem pressa, avistou o capitão no comando da guarda da legação saindo pela porta, abrindo seu coldre. — Bom dia. Sou o capitão Pallidar.

— Capitão McGregor. Fico contente que esteja aqui. Muito contente.

— Vamos verificar qual é o problema?

— Claro.

— Quantos homens têm aqui?

— Cinquenta.

— Ótimo. É mais do que suficiente. Phillip, não precisa se preocupar.
— Ele parecia calmo por fora, mas a adrenalina já circulava no sangue. — É a maior autoridade aqui. Talvez deva perguntar ao samurai o que ele quer. Vamos escoltá-lo.

— Claro.

Fazendo um esforço para aparentar tranquilidade, Tyrer pôs a cartola na cabeça, ajeitou a sobrecasaca e desceu os degraus. Todos o observavam. Os dragões olhavam apenas para Pallidar, aguardando suas ordens. Tyrer parou a cinco metros do portão, os dois oficiais logo atrás. Por um instante, só foi capaz de pensar numa coisa, que

tinha vontade de urinar. Depois, em meio ao silêncio, ele disse, hesitante:

— *Ohayo, watashi wa Taira-san. Nan desuka?* Bom dia. Sou o Sr. Tyrer. o que deseja, por favor?

O oficial, Uraga, o homem enorme, que parecia um urso, o mesmo que estivera na emboscada dos *shishi* contra Anjo, nos arredores do castelo, lançou-lhe um olhar furioso, depois fez uma reverência e se manteve inclinado. Tyrer retribuiu com uma reverência, mas não tão baixa — como André Poncin lhe ensinara — e tornou a perguntar:

— Bom dia. O que deseja, por favor?

O oficial notara a reverência menos do que respeitosa e explodiu numa corrente de japonês, o que deixou Tyrer atordoado, sem compreender nada. Hiraga também ficou atordoado, porque o oficial dos samurais pedia permissão imediata para revistar a legação e o terreno em torno do prédio e interrogar todos os japoneses ali, porque era provável que houvesse assassinos e revolucionários *shishi*

entre eles... “como este aqui”, concluiu Uraga, furioso, apontando para Joun.

Tyrer procurou as palavras corretas com o maior cuidado:

— *Wakamarisen. Dozo, hanashi wo suru noroku.* Não compreendo. Por favor, fale devagar.

— *Tyakamarisen ka?* Não compreende?

O oficial falou com profunda exasperação e depois alteou a voz, acreditando, como a maioria das pessoas ao falar com um estrangeiro, que isso torna as palavras mais claras e compreensíveis. Repetiu o que dissera, na língua gutural que parecia cada vez mais ameaçadora, e concluiu:

— Não vai levar muito tempo, e quero que compreenda, por favor, que é para a sua própria proteção!

— Sinto muito, mas não compreendo. Fala inglês ou holandês, por favor?

— Não, claro que não. Deve ter sido claro para você. Só quero entrar por pouco tempo. Por favor, abra os portões. É para a sua proteção. Veja, os portões! Vou mostrar!

Ele deu um passo à frente, pegou uma das barras e sacudiu os portões. Todos lá dentro se remexeram, nervosos, muitos puxaram a trava de segurança de seus rifles. Pallidar berrou uma ordem:

— Tornem a empurrar a trava de segurança! Ninguém vai atirar sem uma ordem minha!

— Não entendo o que ele está dizendo — murmurou Tyrer, sentindo um suor frio escorrer pelas costas. — Só que é óbvio que ele quer que os portões sejam abertos.

— O que não vamos fazer, de jeito nenhum, com essa turba armada lá fora! Diga a ele para ir embora, que isto é território britânico.

— Isto... — Tyrer pensou um pouco, depois apontou para o mastro e a bandeira inglesa. — Este lugar inglês... não podem entrar. Por favor, vá embora!

— Ir embora? Só pode estar louco. Acabei de explicar que é para a sua própria proteção. Capturamos este cão e tenho certeza de que há outro aqui, ou escondido nas proximidades. ABRA OS PORTÕES!

— Sinto muito, mas não compreendo...

Desolado, Tyrer olhou ao redor, enquanto mais palavras em japonês o envolviam. Foi então que seus olhos fixaram-se em Hiraga, não muito longe.

— Ukiya, venha até aqui! — chamou ele, em japonês. — Ukiya!

O coração de Hiraga quase parou.

Tyrer tornou a chamá-lo. Com um terror enormedo, rastejando, Hiraga se adiantou, encostou a cabeça na terra, aos pés de Tyrer, o traseiro virado para os portões, o chapéu de cule cobrindo quase todo o rosto.

— O que o homem disse? — perguntou Tyrer.

Com um falso tremor, todos os sentidos alerta, Hiraga respondeu em voz baixa:

— E um homem mau... quer entrar para... roubar suas armas.

— Ah, sim, entrar. Por quê?

— Ele... ele quer dar uma busca...

— Não compreendo. Uma busca como?

— Quer olhar dentro de sua casa, tudo.

— Compreendo entrar. Por quê?

— Já disse, uma busca...

— Ei, você, jardineiro! — gritou o oficial dos samurais.

Hiraga teve um sobressalto, uma onda de raiva percorreu seu corpo. Pela primeira vez na vida, ali, o centro das atenções, de joelhos na frente de um *gai-jin* sabendo que sob o chapéu usava um turbante tosco, que se fosse tirado revelaria a cabeça raspada e o penacho de samurai, ele sentiu um súbito e doentio medo.

— Ei, você, jardineiro! — gritou Uraga de novo, tornando a sacudir os portões. — Diga a esse tolo que só quero procurar por assassinos... assassinos *shishi!*

Desesperado, Hiraga murmurou:

— Taira-sama, os samurais querem entrar, olhar para todos. Diga a eles que estão indo embora, e depois poderão entrar.

— Não compreendo. Ukiya, vá até lá! — Tyrer apontou para os portões. — Diga a eles para irem embora!

— Não posso! Não posso! — sussurrou Hiraga, tentando pôr a mente para funcionar, superar a náusea.

— Phillip — interveio Pallidar, o suor manchando as costas do uniforme — o que ele está tentando lhe dizer?

— Não sei.

A tensão aumentou, enquanto o oficial dos samurais sacudia mais uma vez os portões, exigindo que lhe permitissem a entrada. Seus homens se adiantaram e seguraram as barras para ajudá-lo.

Estimulado à ação, Pallidar chegou mais perto. Friamente, bateu continência. O homem fez uma reverência com a mesma frieza. Depois, em voz pausada, Pallidar declarou:

— Isto é território britânico. Eu lhes ordeno que se retirem em paz ou aceitem as conseqüências.

O oficial fitou-o em silêncio, aturdido por um instante, depois reiterou, com palavras e atos, que deviam abrir os portões... e depressa.

— Retirem-se daqui! — Sem se virar, Pallidar gritou: — Dragões apenas preparar para uma rajada!

No mesmo instante, os dez dragões se adiantaram, em formação, postaram-se em duas fileiras diante dos portões, a da frente ficou de joelhos, as dez travas de segurança foram puxadas ao mesmo tempo, os cartuchos colocados, os rifles apontados. No repentino silêncio, Pallidar desafivelou seu coldre.

— Retirem-se!

Abruptamente, o oficial dos samurais desatou a rir, e o riso espalhou-se pela multidão.

Havia centenas de samurais, outros milhares nas proximidades, e mais outros milhares ao fácil alcance. Mas nenhum deles jamais testemunhara a carnificina que uns poucos soldados ingleses, resolutos e disciplinados, podiam afligir com seus rifles de carregar pela culatra, rápidos e fáceis de usar.

Tão depressa quanto se espalhou, o riso cessou. Os dois lados esperavam pelo inevitável primeiro movimento. Uma expectativa frenética dominou a todos: Será a morte, *shi kiraru beki*, Deus Todo-Poderoso, *Namu Amida Butsu...*

Hiraga lançou um olhar rápido para Tyrer, percebeu seu desamparo atordoado e praguejou interiormente, sabendo que a qualquer momento o oficial deveria ordenar o ataque, para resguardar as aparências, em meio à hostilidade crescente lá fora. Antes que Hiraga pudesse se conter, seu mecanismo de auto-sobrevivência decidiu assumir um risco e ele se ouviu sussurrar, em inglês... embora nem uma única vez antes tivesse dado a Tyrer qualquer indicação de que conhecia a língua:

— Por favor, confie... por favor, diga palavras... Sencho... doz...

Tyrer ficou espantado.

— Como? Você disse “confie”?

Comprometido agora, o coração disparado, torcendo para que os dois oficiais britânicos ali perto estivessem tão concentrados no exterior não o ouviriam, Hiraga sussurrou, hesitante, a pronúncia por pouco incompreensível, o impossível para ele:

— Por favor, quieto. Perigo. Finja palavras suas. Diga *Sencho, dozo shizuka ni...* diga palavras!

Doente de medo, ele esperou por um instante, sentindo que a tensão dos samurais lá fora estava prestes a explodir, e logo insistiu, em inglês, como uma ordem:

— Diga palavras agora! Agora! Sencho... dozo shizuka ni... Depressa! Quase fora de si, Tyrer obedeceu:

— Sencho, dozo shizuka ni...

Repetiu as palavras com precisão, estas e as subsequentes, sem saber o que dizia, e esforçando-se para pôr em perspectiva o fato de que aquele jardineiro sabia falar inglês, e que isso não era um sonho. Em poucos segundos, ele constatou que as palavras surtiam algum efeito. O oficial dos samurais gritou por silêncio. A tensão

diminuía na praça. De vez em quando, o oficial, escutando-o com o máximo de atenção, murmurava “*Hai, wakatta*”. Sim, eu compreendo. A coragem de Tyrer voltou e ele se concentrou em Hiraga e no oficial japonês. As palavras logo terminaram, com um “*Domo*”.

No mesmo instante, o oficial dos samurais iniciou uma resposta. Hiraga esperou até que terminasse e sussurrou:

— Balance cabeça. Diga *Iyé, domo*, faça uma reverência rápida e volte para Casa. Ordene eu ir também.

Mais controlado agora, Tyrer sacudiu a cabeça com firmeza. “*Iyé, domo!*”

Sentindo-se muito importante, num silêncio respeitoso, o centro do mundo, ele encaminhou-se para a casa, parou em súbita confusão, virou-se e gritou em inglês:

— Ukiya, venha comigo... oh, Deus!

Frenético, Tyrer procurou pela palavra japonesa, encontrou-a e acrescentou:

— *Ukiya, isogi!*

Ainda quase rastejando, Hiraga seguiu-o. No alto dos degraus, a fim de que só Tyrer pudesse ouvi-lo, abaixado numa posição subserviente, de costas par todos os olhos, ele disse:

— Por favor, ordem outros homens, agora seguro. Dentro casa, depressa, por favor.

Obediente, Tyrer gritou:

— Capitão Pallidar, mande seus homens recuarem. A situação já é segura agora!

Dentro da legação, fora das vistas dos outros, o alívio pálido de Tyrer transformou-se em raiva.

— Quem é você? O que me mandou dizer ao samurai?

— Explicar depois, Taira-san. Samurai queria busca, você, outros homens, queria levar armas.

Hiraga truncava as palavras, ainda não recuperado do próprio medo. Empertigou-se agora, fitou Tyrer nos olhos, não tão alto, mas igualmente suado, sabendo que ainda não escapara da armadilha.

— Capitão muito zangado, quer armas, levar armas, quer procurar... inimigo do *Bakufu*. Você dizer ele: “Não, capitão, *kinjiru*, proibido procurar. Hoje eu e homens sair daqui, depois procura. Agora não, *kinjiru*. Guardamos armas quando ir embora. *Kinjiru* proibido deter nós. Obrigado. Agora preparar ir para Iocoama.

— Foi isso que eu disse?

— Sim. Por favor, agora lá fora, ordenar jardineiros voltar trabalho, muito zangado. Palavra *hataraki-mashoi*. Falar depois, em segredo, você e eu, sim?

— Sim, mas não a sós, com um oficial presente.

— Então não falar, sentir muito.

Hiraga tornou a assumir sua posição subserviente e saiu da sala, de costas, o diálogo tendo durado apenas uns poucos segundos. Mais uma vez caiu de joelhos diante de Tyrer, o traseiro virado para o pátio. Apreensivo, Tyrer saiu para a luz-Viu que todos ainda aguardavam.

— Capitão Pallidar... e capitão McGregor, digam a seus homens que podem recuar e, depois, juntem-se a mim para uma conferência. *Hataraki-mashoi-Ikimasho!* Voltem ao trabalho! Depressa!

As ordens finais foram endereçadas aos jardineiros, que trataram de obedecer. Agradecido, Hiraga fugiu para a segurança do jardim e murmurou para que os jardineiros lhe dessem cobertura. Oficiais e sargentos começaram a berrar ordens e o tumulto recomeçou.

Indiferente a tudo, Tyrer ficou na varanda, observando Hiraga, indeciso.

Consternado por saber que se tratava de um espião, mas ao mesmo tempo abençoando-o por salvar a todos.

— Queria falar conosco? — indagou Pallidar, interrompendo seu devaneio.

— Quero, sim... por favor, acompanhem-me.

Ele levou-os para sua sala, fechou a porta e explicou o que dissera ao chefe dos samurais. Ambos lhe deram os parabéns.

— Foi impressionante, Phillip — comentou Pallidar. — Por um momento pensei que teríamos uma confrontação; só Deus sabe o que poderia acontecer. Havia patifes demais... e acabariam nos dominando. Mais cedo ou mais tarde. Claro que a esquadra nos vingaria, mas estaríamos sob as margaridas, um pensamento nada agradável.

— Mais do que desagradável — murmurou o capitão McGregor, olhando em seguida para Tyrer. — O que quer que façamos agora,

senhor?

Tyrer hesitou, espantado por nenhum dos dois ter ouvido o inglês de Hiraga, mas satisfeito com sua nova estatura... pois era a primeira vez que McGregor o tratava por "senhor".

— É melhor obedecermos a Sir William. Ordenem que todos arrumem suas coisas... mas sem dar a impressão de que é uma retirada ignominiosa. Não podemos deixar que fiquem com nossas armas... que desfaçatez!... ou fazê-los pensar que estamos fugindo. Vamos sair marchando, com toda pompa, a banda tocando.

— Perfeito! Depois de baixarmos a bandeira, com a devida cerimônia.

— Combinado. Agora, é melhor eu... eu verificar se todos os documentos já foram encaixotados.

O capitão McGregor disse:

— Posso sugerir, senhor... Acho que merece uma taça de champanhe... e creio que ainda nos restam algumas garrafas.

— Obrigado — respondeu Tyrer, radiante. — Talvez possamos... ora, vamos servir também uma ração de rum a todos os homens. E também faremos uma refeição leve antes da partida... vamos mostrar a eles que ninguém pode nos obrigar a uma partida precipitada.

— Organizarei tudo imediatamente — disse McGregor. — Foi muito hábil de sua parte chamar aquele jardineiro para ajudá-lo com as palavras. Algumas até pareciam inglesas. Mas por que queriam revistar a legação?

— Para descobrir... para procurar inimigos do *Bakufu*. Os dois ficaram aturdidos.

Mas não há japas aqui, à exceção dos jardineiros, se é mesmo que eles queriam.

Tyrer sentiu o coração bater mais forte, pois isso incriminava Ukiya, mas Pallidar logo acrescentou:

Não vai permitir que eles revistem a nossa legação, não é? Isso criaria um precedente perigoso. A fleuma desapareceu; Pallidar tinha toda razão.

Precedente perigoso.

— Droga! Não pensei nisso na ocasião! McGregor rompeu o silêncio:

— Antes de partirmos, senhor, talvez pudesse convidar o oficial dos samurais a dar uma volta conosco, inspecionando a legação. Não haveria nada de errado em convidá-lo. Ele pode interrogar os

jardineiros nesse momento ou podemos dispensá-los, antes de irmos embora, e trancarmos os portões.

— Uma solução perfeita — concordou Pallidar, satisfeito.

Hiraga tirava as ervas daninhas de um canteiro, perto de uma porta lateral da legação, junto a uma janela aberta, suado e sujo, o sol do fim de tarde ainda quente. A bagagem estava sendo empilhada em carroças no pátio, cavalos arreados, alguns soldados já haviam assumido suas posições de marcha. Sentinelas patrulhavam os muros. Lá fora, os samurais se agachavam sob sombrinhas, olhavam ao redor soturnos.

— Agora!

A voz de Tyrer veio da sala. Hiraga certificou-se de que não era observado, abaixou-se entre as moitas e abriu a porta. Apressado, Tyrer seguiu na frente até uma sala que dava para o pátio e trancou a porta depois que entraram. As cortinas nas janelas fechadas filtravam a luz do sol. Uma escrivaninha e umas poucas cadeiras,

rolos de documentos, arquivos, e um revólver na mesa. Tyrer sentou por trás da mesa e indicou uma cadeira.

— Por favor, sente-se. E agora me diga quem é você.

— Primeiro, segredo eu falar inglês, hem?

Hiraga permaneceu de pé, empertigado em toda a sua altura, de certa forma ameaçador.

— Primeiro me diga quem é você, depois decidiremos.

— Não, sentir muito, Taira-san, ser útil você, salvar homens. Muito útil. Verdade, neh ?

— Sim, é verdade. Por que devo manter em segredo?

— Seguro eu... também você.

— Por que eu?

— Talvez não sábio ter... como vocês dizer... ah, sim... segredo outros *gai-jin* não saber. Eu muito útil. Ajudar aprender língua, aprender sobre Nipão. Eu dizer verdade, você dizer verdade também, você me ajudar, eu ajudar você. Qual idade. por favor?

— Tenho vinte e um anos.

Hiraga disfarçou sua surpresa e sorriu por baixo da aba do chapéu. Era muito difícil calcular a idade dos *gai-jin*, já que todos pareciam iguais. Quanto à arma que seu inimigo pusera em cima da mesa, era cômica. Poderia matar aquele tolo com as mãos antes que ele

pudesse alcançá-la. Seria muito simples, e era bastante tentador, o lugar perfeito, fácil de escapar... mas depois que saísse, não seria tão fácil escapar dos samurais.

— Guardar segredo?

— Quem é você? Seu nome não é Ukiya, não é mesmo?

— Prometer segredo?

Tyrer respirou fundo, avaliou as conseqüências e deparou com o desastre por todos os lados.

— Concordo.

Seu coração disparou quando Hiraga tirou a lâmina da aba do chapéu, e se censurou por ter sido tão descuidado para assumir aquele risco.

— Perdido por um, perdido por mil — murmurou ele.

— Quê?

— Nada.

Ele observou Hiraga espetar o dedo e depois lhe estender a faca.

— Agora você, por favor.

Tyrer hesitou, sabendo o que estava para acontecer, mas, tendo tomado sua decisão, deu de ombros e obedeceu. Solene, Hiraga encostou seu dedo no de Tyrer, misturando o sangue de ambos.

— Jurar por deuses manter segredo sobre você. Dizer mesma coisa pelo deus cristão, por favor, Taira-san.

— Juro por Deus que mantereí segredo por tanto tempo quanto eu puder — declarou Tyrer, solene, perguntando-se para onde o julgamento o levaria. — Onde aprendeu inglês? Numa escola missionária?

— *Hai*, mas eu não cristão.

Não era seguro falar sobre as escolas de *Choshu*, pensou Hiraga, nem sobre o Sr. Grande Cheiro, o holandês, nosso professor de inglês, que dizia ter sido um padre antes de se tornar pirata. A verdade ou mentira para *Taira* não tinha a menor importância, já que ele é *gai-jin*, um líder menor do nosso mais poderoso inimigo externo, e por isso alguém a ser usado, desconfiado, odiado e morto, no momento mais conveniente.

— Ajudar eu escapar?

— Quem é você? De onde veio? Seu nome não é Ukiya. Hiraga sorriu, acomodou-se numa das cadeiras.

— Ukiya significar jardineiro, Taira-san. Nome família Ikeda. — Ele disse a mentira com a maior facilidade. — Nakama Ikeda, eu quem oficial procurar. Eu vinte dois anos.

— Por quê?

— Porque eu e família, de *Choshu*, lutar contra *Bakufu*. *Bakufu* tomar poder do imperador e...

— Está se referindo ao xógum?

Hiraga sacudiu a cabeça.

— Xógum ser *Bakufu*, chefe do *Bakufu*. Ele... — Depois de pensar por um momento, Hiraga imitou um títere suspenso de cordões. — Entender?

— Títere?

Sim, títere, tyrer se surpreendeu.

— O xógum é um títere?

Hiraga acenou com a cabeça, mais confiante agora que se comunicava precisando se esforçar para recordar as palavras.

— Xógum Nobusada, menino, dezesseis anos, títere *Bakufu*. Ele viver Iedo imperador viver Quioto. Agora imperador sem poder. Mais de duzentos anos xógum Toranaga tomar poder. Lutamos tirar poder do xógum e *Bakufu*, devolver imperador.

A mente de Tyrer, latejando de tanta concentração — era difícil entender a fala do homem —, compreendeu no mesmo instante as profundas implicações.

— Esse menino xógum, que idade ele tem, por favor?

— Xógum Nobusada dezesseis anos. *Bakufu* dizer o que ele fazer. — Hiraga fez um esforço para conter sua irritação, sabendo que devia ser paciente. — Imperador muito poder mas não...

Ele procurou pela palavra certa, não conseguiu encontrá-la e tratou de explicar de outra maneira:

— Imperador não como *daimio*. *Daimio* ter samurai, ter arma, muito. Não poder fazer *Bakufu* obedecer. *Bakufu* ter exércitos, imperador não, wakatta?

— Hai, Nakama, wakatta.

Mil perguntas esperavam para ser formuladas. Tyrer sabia que aquele homem podia ser um poço de informações a ser esvaziado, mas devia agir com cautela, não naquele lugar. Percebeu a intensa concentração no rosto do homem e especulou o quanto do que dissesse Nakama poderia compreender. Lembrou a si mesmo para falar devagar, da maneira mais simples possível.

— Quantos de vocês lutam contra o *Bakufu*!

— Muitos.

Hiraga bateu com a mão num mosquito errante.

— Centenas, milhares? Que tipo de pessoas... pessoas comuns, jardineiros, trabalhadores, mercadores?

Hiraga se espantou com a pergunta.

— Eles nada. Só samurais servir. Só samurais lutar. Só samurais ter armas. *Kinjiru* outro ter armas.

Tyrer tornou a piscar, aturdido.

— Você é samurai?

Mais espanto de Hiraga.

— Samurai lutar. Eu dizer lutar *Bakufu*, sim? Nakama samurai!

Hiraga tirou o chapéu, removeu o pano sujo, manchado de suor, que servia como turbante, para revelar a cabeça raspada, com o penacho. Agora que podia ver seu rosto com clareza, pela primeira vez sem o chapéu de cule, e também a primeira vez em que o observava com mais atenção, Tyrer constatou que ele possuía os mesmos olhos frios do guerreiro de duas espadas, e que tinha uma vasta diferença dos aldeões na estrutura óssea.

— Quando Shenso, capitão samurai ver eu assim, eu morrer.

Tyrer balançou a cabeça, em confusão.

— Ajudar eu escapar. Por favor, dar eu roupa soldado.

Tyrer encontrava a maior dificuldade para impedir que seu excitação e horror transparecessem no rosto. Parte dele queria desesperadamente fugir daquela situação mas a outra estava ansiosa em obter todas as informações que pudesse daquele samurai, um conhecimento que poderia ser — não, que seria — uma chave fundamental para abrir o mundo do Nipão, assim como seu próprio futuro, se manipulasse tudo da maneira correta. No momento em que já ia anunciar sua concordância, lembrou-se da advertência anterior de Sir William; e, agradecido, demorou um pouco para recuperar o controle.

— Fácil eu escapar, sim? — insistiu Hiraga, impaciente.

— Não fácil, mas possível. E arriscado. Primeiro, tenho de me convencer de que vale a pena salvá-lo.

Tyrer percebeu o súbito ímpeto de raiva... talvez fosse raiva junto com medo, não pôde determinar. Por Deus, um samurai! Gostaria que Sir William estivesse aqui, pois estou acima do meu nível.

— Não pense que eu não posso...

— Por favor — murmurou Hiraga, suplicante, sabendo que aquela era a sua única chance real de escapar da armadilha, mas pensando: Depressa, concorde logo, ou vou matá-lo e tentar escapar pulando o muro. — Nakama jurar por deuses ajudar Taira-san.

— Jura solenemente pelos seus deuses que responderá a todas as minhas perguntas com a verdade?

— Hai — respondeu Hiraga no mesmo instante, atônito por Tyrer ser tão ingênuo a ponto de fazer uma pergunta a um inimigo ou acreditar em sua resposta afirmativa. Ele não pode ser tão estúpido assim, não é? Que deus ou deuses? Não existe nenhum. — Por deuses, eu jurar.

— Espere aqui. Tranque a porta e só a abra para mim.

Tyrer pôs o revólver no bolso, saiu à procura de Pallidar e McGregor, levando-os para um canto.

— Preciso de ajuda. Descubri que Ukiya é um dos homens procurados pelos samurais, uma espécie de dissidente. Quero disfarçá-lo como um soldado e tirá-lo daqui quando partirmos.

Os dois oficiais se mostraram surpresos. McGregor foi o primeiro a se manifestar:

— Desculpe, senhor, mas acha que isso é sensato? Afinal, o *Bakufu* é o governo legal e se formos descobertos...

— Isso não vai acontecer. Apenas vamos vesti-lo de soldado e colocá-lo no meio dos outros. O que acha, Settry?

— Podemos fazer isso, Phillip, mas se ele for reconhecido, e se nos detiverem será como navegar contra a correnteza sem remo.

— Tem alguma sugestão alternativa? — indagou Tyrer, o nervosismo patente na voz, à medida que aumentava o excitação e o medo.
— Quero tirá-lo daqui. Sem a ajuda dele, provavelmente estaríamos todos mortos. Além disso, ele pode se muito útil para nós.

Apreensivos, os dois oficiais trocaram um olhar e tornaram a fitar Tyrer.

— Lamento, mas é perigoso demais — disse Pallidar.

— Não acho! — protestou Tyrer, a voz ríspida, a cabeça latejando. — Quero que seja feito! É uma questão de extrema importância para o governo de sua majestade e ponto final!

McGregor suspirou.

— Certo, senhor. Capitão, o que acha de levá-lo num cavalo?

— Como um dragão? Uma idéia absurda. Um jardineiro não sabe montar. É muito melhor que ele marche, no meio dos sol...

— Cinqüenta libras contra um quarto de penny como o patife não será capaz de manter o passo. Será tão óbvio quanto uma prostituta com a ceroula de um bispo!

Tyrer interveio:

— Podemos metê-lo num uniforme, cobrir seu rosto e mãos com ataduras, carregá-lo numa maca... fingindo que ele está doente.

Os oficiais ficaram radiantes.

— Boa idéia!

— Ainda melhor — acrescentou Pallidar, jovial. — Podemos fingir que ele tem alguma doença horrível... varíola... sarampo... a peste!

Todos riram, em uníssono.

O oficial samurai e os guardas que receberam permissão para entrar na legação, agora vazia, seguiram Tyrer, McGregor e quatro dragões pela casa. A busca foi meticulosa, cada cômodo, cada armário, até mesmo o sótão. Ao final, ele ficou satisfeito. No vestibulo, havia duas macas, um soldado em cada uma, ambos febris, ambos enfaixados, um parcialmente, outro por completo, Hiraga, cabeça, pés e mãos, nada aparecendo fora do uniforme encharcado de suor.

— Dois muito doentes — disse Tyrer, em japonês, as palavras informadas por Hiraga. — Este soldado tem doença de pústulas.

A simples menção fez com que o samurai empalidcesse e recuasse um passo. As erupções de varíola eram endêmicas na cidade, mas nunca tão terríveis quanto na China, onde centenas de milhares de pessoas morriam.

— Isto... isto deve ser comunicado — murmurou o oficial samurai.

Ele e seus homens cobriram a boca, pois todos acreditavam que a infecção e a disseminação da doença eram causadas por respirar o ar contaminado perto de um sofredor. Tyrer não compreendeu e limitou-se a dar de ombros.

— Homem muito doente. Não chegar perto.

— Claro que não chegarei perto dele. Pensa que sou louco?

O homem saiu para a varanda e disse em voz baixa aos homens que acompanhavam:

— Não digam uma só palavra a respeito para os outros na praça, pois pode haver pânico. Cães estrangeiros repulsivos. Mas fiquem de olhos abertos. O tal de Hiraga se encontra em algum lugar por aqui.

Eles revistaram o terreno e as privadas externas, enquanto os funcionários da legação e os soldados, parados na sombra, aguardavam impacientes o momento de iniciar a marcha até o cais, onde embarcariam nos barcos à espera. Finalmente satisfeito, o oficial samurai fez uma reverência e recuou pelos portões. Os samurais ainda se concentravam lá fora, Joun amarrado na frente, os apavorados jardineiros ajoelhados em fila, todos sem chapéu, nus. Quando o oficial se aproximou, eles se inclinaram ainda mais para o chão.

— Levantem-se! — gritou o homem, furioso.

Irritara-se ao constatar, quando ordenou que tirassem as roupas, que nenhum deles tinha a cabeça raspada com o penacho de um samurai, nem cortes de espada, ferimentos ou outros sinais que indicavam a condição de samurai. Por isso, fora forçado a concluir que sua presa ainda se encontrava lá dentro ou escapara. Agora, sua raiva era ainda maior e foi bater com os pés na frente de Joun.

— Para se disfarçar, o *ronin* Hiraga raspou a cabeça ou deixou que seus cabelos crescessem, como um desses jardineiros ordinários.

Identifique-o!

Joun estava de joelhos, espancado, quase à morte. Fora torturado até desmaiar, fizeram-no recuperar os sentidos e o torturaram de novo, por ordem de Anjo.

— Identifique esse Hiraga!

— Ele... ele não está aqui.

O jovem soltou um grito quando o pé do oficial, duro como ferro, atingiu suas partes mais sensíveis, duas vezes. Os jardineiros tremiam, apavorados.

— Ele não... está aqui...

Outra vez o golpe impiedoso. Numa agonia desesperada, impotente, fora de si, Joun apontou para um rapaz, que se prostrou no chão, clamando sua inocência.

— Façam-no calar! — berrou o oficial. — Levem-no à presença do juiz e, de lá, para a prisão! Crucifiquem o canalha! Levem todos, pois são culpados de esconder Hiraga!

Os jardineiros foram arrastados dali, aos gritos, o rapaz berrando que vira Hiraga antes, perto da casa, e que mostraria o lugar, se o deixassem, mas ninguém lhe prestou atenção. Não demorou muito para que todos os gritos fossem reprimidos, brutalmente.

O oficial limpou o suor do rosto, convencido de que cumprira suas ordens. Tomou um gole de água de uma garrafa, bochechou e cuspiu, para limpar a boca, depois bebeu, satisfeito.

Ele estremeceu. A doença das pústulas! Uma doença *gai-jin*, trazida de fora! Tudo que é pútrido vem de fora, os *gai-jin* devem ser expulsos e mantidos a distância para sempre. Furioso, ele observou a banda que começava a tocar, os soldados se preparando para a marcha, sua mente ainda concentrada no *shishi* que procurava.

Não era possível que aquele jardineiro fosse um famoso *shishi*, o Hiraga. Karma que meus homens e eu chegássemos tarde demais naquele dia, para vê-lo e aos outros que escaparam. Não karma, apenas Deus velava por mim. Se eu os tivesse visto, não poderia fingir aceitar o que Joun indicou. Onde se encontra esse Hiraga? Está escondido em algum lugar. Por favor, Deus, ajude-me.

A vida é curiosa. Odeio os *gai-jin*, mas acredito em seu deus, Jesus, embora secretamente, como meu pai e o pai dele antes. Isso mesmo, acredito no deus Jesus a única coisa de valor que veio de fora. Os príncipes mestres jesuítas não diziam que a fé nos dá um poder adicional e que quando tivéssemos um problema deveríamos nos preocupar como um cachorro se preocupa com um osso?

Hiraga escondeu-se em algum lugar. Revistei tudo com o maior cuidado Portanto, ele se disfarçou. De que maneira? Como uma árvore? O quê?

Dentro dos muros, os preparativos para a partida continuavam. A bandeira foi arriada. Os cavaleiros montaram. As macas foram levadas para uma carroça. Os portões se abriram, os soldados montados entraram em formação, liderados pelo *gai-jin* com o nome japonês, passaram por ele, começaram a descer a ladeira...

As bandagens! A revelação aflorou de repente na mente do oficial dos samurais. Não há nenhuma doença! Muito esperto, pensou ele, excitado, mas não esperto o suficiente! E se eu os confrontasse agora, encurralando-os numa das ruas estreitas? Ou se destacasse espiões para segui-lo e o vigiasse para que me leve aos outros?

Vou mandar segui-lo.

Terça-feira, 14 de outubro:

A festa de noivado estava no auge, sob os lampiões a óleo que iluminavam a sala principal apinhada do clube... todo o prédio requisitado por Malcolm Struan e ornamentado para sua comemoração. Todos os membros respeitáveis da colônia haviam sido convidados e se encontravam presentes, assim como todos os oficiais que podiam ser dispensados da esquadra e do exército... e lá fora, na High Street, patrulhas das duas armas se achavam preparadas para controlar os bêbados e indesejáveis.

Angelique nunca parecera mais deslumbrante — crinolina, chapéu com plumas de ave-do-paraíso e um ofuscante anel de noivado. A dança era uma valsa vibrante, de Johann Strauss, o Jovem. Acabara de chegar de Viena, pela mala diplomática, e André Poncin a tocava ao piano com a maior animação, acompanhado por alguns músicos da banda da marinha, em uniforme de gala para a ocasião. O parceiro de Angelique era Settry Pallidar; seu anúncio de que

representaria o exército fora recebido com gritos de aprovação e tremenda inveja.

Victoria Lunkchurch e Mabel Swann também dançavam, desta vez com Sir William e Norbert Greyforth, seus cartões de dança lotados desde o momento em que a festa fora anunciada. Apesar de todo o volume, as duas eram excelentes dançarinas. Também usavam vestidos de crinolina, só que não podiam se comparar com o de Angelique, nem na riqueza, nem no decote.

— Você é um miserável sovina, Barnaby — sibilou Victoria ao marido. — também queremos roupas novas, nem que isso custe todo o seu dinheiro! E também queremos penantes como o dela!

— Querem o quê?

— Você sabe muito bem o quê! Penantes... chapéus!

O chapéu emplumado de Angelique fora o golpe de misericórdia para as duas.

É a guerra, ela contra nós!

Apesar de tudo, a popularidade das duas no baile superou a inveja e dançavam com a maior alegria.

— Miserável sortudo! — murmurou Marlowe, olhando para seu rival.

A túnica azul do uniforme naval reluzia com os alamares dourados adicionais de um ajudante-de-ordens, calça branca de seda e sapatos pretos com fivelas prateadas.

— Quem? — indagou Tyrer, passando com outro copo de champanhe afogueado e excitado com a noite, e também com seu êxito ao tirar Nakama, o samurai, de Iedo, instalando-o em sua casa,

com a aprovação de Sir William, como professor de japonês. — Quem é o miserável, Marlowe?

— Vá se... como se não soubesse! — Marlowe sorriu. — Escute, sou o representante da marinha, tenho direito à próxima dança, e darei uma lição no miserável ou morrerei na tentativa!

— Que demônio afortunado! O que estão tocando?

— Uma polca.

— Essa não! Foi você quem pediu?

— Claro que não.

A polca, baseada numa dança folclórica da Boêmia, era outro acréscimo recente aos salões de baile da Europa, causando o maior furor, embora ainda fosse considerada um tanto indecente.

— Está no programa — acrescentou Marlowe. — Não tinha notado?

— Não. Tenho muitas outras coisas em que pensar.

O tom de Tyrer era de felicidade. Ansiava em contar a alguém como fora esperto. Sua satisfação era ainda maior naquela noite, pois assim que pudesse atravessaria a ponte do paraíso e iria para os braços de sua amada... lamentando apenas ter jurado segredo.

— Ela dança como um sonho, não acha?

— Ei, jovem Tyrer... — Era Dmitri Syborodin, os cabelos oleosos, suando, com uma caneca de rum na mão. — Pedi ao mestre da

banda para tocar um canção. Ele disse que fui o quinto a pedir.

— E ele vai mesmo tocar? — perguntou Tyrer, consternado. — Assisti uma vez em Paris... não vai acreditar, mas as mulheres não usam nenhuma calça por baixo.

— Mas claro que acredito! — Dmitri soltou uma risada. — Só que Peito-de-Anjo tem uma calça por baixo esta noite e não sente o menor medo de mostrá-la!

— Ei, escute aqui... — protestou Marlowe, veemente.

— Ora, John, ele só está brincando. Dmitri, você é insuportável! O mestre da banda não ousaria, não é?

— Não, a menos que Malc concorde.

Os três olharam através da sala. Malcolm Struan estava sentado com o Dr. Hoag, Babcott, Seratard e outros ministros, observando a pista de dança, os olhos fixados apenas em Angelique, enquanto ela se inclinava e girava, ao compasso da música moderna, encantadora e ousada, deixando a todos inebriados. A mão de Struan apoiava-se numa bengala grossa, o anel de sinete de ouro faiscando, enquanto os dedos se moviam ao ritmo, vestindo um traje a rigor de seda, colarinho levantado, gravata creme, alfinete de diamante, botas de couro vindas de Paris.

— É uma pena que ele ainda esteja tão estropiado — murmurou Tyrer, com uma compaixão sincera, mas abençoando sua própria sorte.

Struan e Angelique haviam chegado tarde. Ele andava com extrema dificuldade, encurvado, apesar de todo o esforço para se manter empertigado, o peso apoiado em duas bengalas, com Angelique, radiante, em seu braço. O Dr. Hoag os acompanhava, atencioso, sempre vigilante. Houvera aplausos para Struan, mais ainda para Angelique. Depois, agradecido, ele sentara, recebera os cumprimentos de todos, convidara-os a partilharem o banquete disposto nas mesas.

— Mas primeiro, meus amigos — dissera Struan —, levantem seus copos, por favor, num brinde à moça mais linda do mundo, *mademoiselle* Angelique Richaud, minha noiva.

Mais aplausos, aclamações. Criados chineses de libré trouxeram champanhe no gelo, Jamie McFay acrescentara algumas palavras de alegria, e a festa começara. Vinhos de Bordéus e Borgonha, um *chablis* especial, muito apreciado na Ásia, conhaques, uísques. — importações exclusivas da Struan —, gim, cerveja de Hong Kong. Peças de carne de vaca australiana, uns poucos cordeiros inteiros, tortas de galinha, carne de porco defumada, presunto, batatas de Xangai cozidas e recheadas com fatias de carne de porco e manteiga, além de pudins e chocolates, uma recente importação da Suíça. Depois que o jantar foi tirado e sete bêbados removidos, André Poncin sentara ao piano e a banda começara a tocar.

Com grande formalidade diante de Malcolm, Sir William solicitara a primeira dança. Em seguida fora a vez de Seratard, os outros ministros — à exceção de von Heimrich, que estava de cama, com disenteria —, o almirante e o general, todos eles e mais outros dançando também com as outras duas mulheres presentes. Depois de cada dança, Angelique era cercada por rostos afogueados e radiantes, conversava por um instante, se abanando, e seguia para o lado de Malcolm, fascinante para todos, mas concentrando sua atenção nele, a cada vez recusando a dança, mas no final deixando que ele a persuadissem:

— Adoro ver você dançar, Angelique. Dança da forma mais graciosa possível, minha querida.

Agora, ele a observava dilacerado entre a felicidade e a frustração, frenético por não poder dançar também.

— Não se atormente, Malcolm — dissera Hoag, no início da noite, querendo acalmá-lo, o simples ato de se vestir sendo um pesadelo de dor e dificuldade. — É a primeira vez que se levanta. Transcorreu apenas um mês desde o acidente. Não Sempre...

— Fale isso mais uma vez e vou cuspir sangue.

— Não é só a dor que o deixa assim. É também o medicamento, ou sua falta e a correspondência de hoje. Recebeu uma carta de sua mãe, não é?

— Recebi — respondera Malcolm, em total angústia, enquanto sentava na beira da cama, meio vestido. — Ela... ora, ela está furiosa. Nunca a vi tão irritada. Opõe-se totalmente ao meu noivado, ao casamento... se eu lhe desse ouvidos acreditaria que Angelique é o demônio encarnado. Ela...

As palavras saíram aos borbotões.

— Ela ignorou minha carta, e disse... Escute só isso: *Você perdeu o juízo? Seu pai não tem seis semanas de morto, você ainda não completou vinte e um anos, essa mulher está atrás do seu dinheiro e de nossa companhia, é a filha de um fugitivo que foi à bancarrota, sobrinha de outro criminoso e ainda por cima, que Deus nos ajude, católica e francesa! Você enlouqueceu? Diz que a ama? Bobagem! Está enfeitiçado! Vai parar com esse absurdo. Vai-parar-com-esse-ab-surdo! Ela o enfeitiçou. É evidente que você não tem condições mentais de dirigir a Struan! Deve voltar sem essa pessoa assim que o Dr. Hoag permitir.*

— Quando eu permitir, Malcolm, você fará o que ela quer?

— Em relação a Angelique, não. Nada do que ela diz tem importância, absolutamente nada. É óbvio que não leu a minha carta, não me dá a menor atenção. O que posso fazer?

Hoag dera de ombros.

— O que já decidiu: vai ficar noivo e depois casará, quando chegar o momento oportuno. E vai melhorar a cada dia. Precisarás de bastante repouso, sopas suculentas, muito mingau, e deve se abster dos medicamentos para dormir e contra a dor. Pelas próximas duas semanas, continuará aqui, depois voltará e enfrentará... — Hoag fizera uma pausa, oferecendo um sorriso gentil. — ...o futuro com toda confiança.

— Tenho muita sorte em tê-lo como meu médico.

— E eu tenho muita sorte em tê-lo como meu amigo.

— Recebeu uma carta dela também?

— Recebi. — Uma risada seca. — Agora estou me lembrando.

— E o que dizia? Hoag revirara os olhos.

— Já não é suficiente?

— É, sim. Obrigado.

Agora, observando Angélique dançar, o centro de uma admiração universal, e também de desejo, os seios em grande parte revelados, como era a moda, os tornozelos esguios atraindo os olhos, à procura

de mais alguma coisa sob as saias de seda, Malcolm Struan sentiu uma ereção. Graças a Deus por isso, pensou e muito de sua raiva se dissipando, pelo menos essa parte ainda funciona... mas só que não conseguirei esperar até o Natal. Não há a menor possibilidade.

Era quase meia-noite agora e ela tomou um gole de champanhe, escondeu o rosto por trás do leque, sacudindo-o com a habilidade da experiência. Depois, entregou o copo a alguém, como se desse um presente, pediu licença e voltou para sua cadeira, ao lado de Struan. Ali perto, havia um grupo animado, formado por Seratard, Sir William, Hoag, outros ministros, Poncin.

— Ah, *monsieur* André, toca muito bem. Não concorda, Malcolm querido?

— Claro que sim.

Ele não se sentia bem, mas tentava disfarçar. Hoag observou-o. Em francês, Angelique acrescentou:

— André, onde você se escondeu durante os últimos dias? — Ela fitou-o por cima do leque. — Se estivéssemos em Paris, eu seria capaz de jurar que entregou seu coração a uma nova namorada.

Poncin respondeu em tom jovial:

— Apenas trabalho, *mademoiselle*. Depois, em inglês, ela comentou:

— Ah, é muito triste! Paris no outono é maravilhosa, quase tão deslumbrante quanto na primavera. Vou lhe mostrar toda a cidade, Malcolm. Vamos passar uma temporada lá, não é?

Angelique estava de pé, a seu lado, e sentiu Malcolm passar o braço por sua cintura. Pousou o braço de leve em seu ombro, enfiou os dedos por seus cabelos compridos. O contato a agradava, assim como o rosto bonito de Malcolm, suas roupas, e o anel que ele lhe dera naquela manhã, um diamante enorme, cercado por outros.

Olhou para o anel, virando-o para um lado e outro, admirando-o, especulando quanto valia.

— Ah, Malcolm, tenho certeza de que você vai adorar Paris. É realmente maravilhosa na temporada. Podemos ir?

— Por que não, se você quiser?

Ela suspirou, os dedos discretamente acariciando o pescoço de Malcolm, e disse de repente, como se um pensamento súbito lhe ocorresse:

— Talvez, *chéri*, pudéssemos passar a lua-de-mel em Paris... dançaríamos pela noite afora.

— Dança muito bem, *mademoiselle*, em qualquer cidade — comentou Hoag, suado, desconfortável nas roupas apertadas. — Eu

gostaria de poder dizer a mesma coisa a meu respeito. Posso suge...

— Não dança nunca, doutor?

— Anos atrás, quando estive na Índia, até que dançava, mas parei quando minha esposa morreu. Ela gostava tanto de dançar que agora não sinto o menor prazer. Uma festa maravilhosa, Malcolm. Posso sugerir que encerremos a noite?

Angelique fitou-o, seu sorriso se desvanecendo, notou a cautela no rosto de Hoag. Olhou para Malcolm e percebeu a exaustão. É horrível que ele esteja tão doente, pensou ela.

— Mas que droga! Ainda é cedo — protestou Malcolm, embora ansiasse em deitar. — Não concorda comigo, Angelique?

— Devo confessar que me também me sinto bastante cansada — disse ela, no mesmo instante.

Angelique fechou o leque, baixou-o, sorriu para ele, Poncin e os outros preparando-se para ir embora.

— Talvez possamos escapulir e deixar a festa continuar... Apresentaram suas desculpas às pessoas ao redor. Todos os outros fingiram não notar que eles haviam se retirado, mas ficou um vazio na esteira de Angelique. Na porta, ela parou.

— Ah, esqueci o leque. Vou buscá-lo num instante, querido. Ela voltou apressada. Poncin interceptou-a.

— *Mademoiselle*, creio que isto lhe pertence — disse ele, em francês.

— É muito gentil...

Angelique pegou o leque, satisfeita porque seu estratagema dera certo, e por André ser tão observador quanto esperara. Quando ele se inclinou para beijar sua mão, ela sussurrou, em francês:

— Preciso vê-lo amanhã.

— Na legação, ao meio-dia. Peça para falar com Seratard, que não estará presente.

Ela escovava os cabelos diante do espelho, ainda cantarolando a última valsa que dançara. Qual foi melhor? — perguntou a si mesma. A melhor dança? É fácil, Marlowe e a polca, melhor do que Pallidar e as valsas... só se deve valsar com o amor de sua vida, permitindo que a música penetre em sua cabeça, com adoração e anseio, levando-a às nuvens, cintilando, como me sinto esta noite, o melhor dia de minha vida, noiva de um homem extraordinário e amada por ele até a loucura.

Deveria ser o melhor dia, mas não é.

Estranho que eu tenha apreciado a noite, e tendo sido capaz de agir e pensar com calma, quando já passou o dia, estou atrasada, e assim tudo indica que tenho uma criança de um estuprador, que deve ser retirada.

Ela observava seu reflexo como se fosse outra pessoa, as escovadelas firmes, massageando o couro cabeludo, atônita por ainda estar viva e exteriormente a mesma, depois de tanta agonia.

Curioso. Cada dia, depois do primeiro, parece mais fácil.

Por que será?

Não sei. E não importa. Amanhã estará resolvido o problema do atraso, talvez a esta hora, pois começarei de noite, e não haverá

mais necessidade de tanto medo e choro, mais medo, mais choro. Dezenas de milhares de mulheres já fofam acuadas na situação em que me encontro agora e escaparam, sem muito sofrimento. Apenas uma pequena poção, e tudo voltará a ser como antes, sem que ninguém saiba. Exceto você e Deus! Exceto você e o médico, ou você e a parteira, ou feiticeira.

Já chega por esta noite, Angelique. Confie em Deus e na Santa Mãe que ela ajudará, pois é inocente. Ficou noiva de um homem maravilhoso, vai casar, viver feliz para sempre. Amanhã... amanhã começarão o onde e o como.

Por trás dela, Ah Soh arrumava a cama de baldaquino, pegando suas meias e roupas de baixo. A saia de crinolina já fora pendurada num cabideiro, junto com as outras, e meia dúzia de vestidos novos para o dia ainda se encontravam envoltos em papel-de-arroz. Pela janela aberta, vinha o som dos risos e cantorias, bêbados e da música no clube, que não dava o menor sinal de que acabaria logo.

Angelique suspirou, com vontade de estar no baile. Os movimentos com a escova se tornaram mais vigorosos.

— Deseja mais alguma coisa?

— Não. Pode ir se deitar.

— Boa noite.

Angelique trancou a porta depois da saída de Ah Soh. A porta de ligação com a suíte de Struan se encontrava fechada, mas não trancada. Pelo costume, ela deveria ir até lá, assim que terminasse de se arrumar, bater, entrar para lhe dar um beijo de boa noite, talvez conversar um pouco, depois retornar a seu quarto, deixando a porta entreaberta, para o caso de Malcolm ter um ataque durante a noite. Eram cada vez mais raros agora, embora ele se mostrasse irrequieto, desde que parara de tomar o medicamento da noite, há uma semana, mal conseguisse dormir, apesar de jamais exigir qualquer coisa.

Ela voltou a sentar diante do espelho, satisfeita com o que via. Seu penhoar era de seda e renda parisiense, uma cópia local de outro que trouxera... *e não vai acreditar na qualidade do trabalho, Colette,*

ou na rapidez do alfaiate chinês, escrevera ela naquela tarde, uma carta que partiria no navio de correspondência, no dia seguinte.

Agora, posso mandar copiar qualquer coisa. Por favor, envie-me alguns moldes ou recortes de La Parisienne ou L'Haute Couture, mostrando os últimos figurinos, ou qualquer outra coisa maravilhosa... meu Malcolm é muito generoso e muito rico! Ele diz que posso pedir o que eu quiser!

E meu anel! Um diamante enorme, com quatorze menores ao redor. Perguntei como o adquirira, em que lugar de lojama, e ele se limitou a sorrir. Preciso ser mais cuidadosa, e não fazer perguntas tolas. Colette, tudo é maravilhoso, só que estou preocupada com a saúde de Malcolm. A melhora é muito lenta e ele anda com a maior dificuldade. Mas seu ardor aumenta, o pobre coitado, e tenho de me precaver... Devo me vestir para a festa agora, mas voltarei a escrever mais antes de despachar. Meu amor eterno por enquanto.

Colette é afortunada, pois sua gravidez é uma dádiva de Deus. Pare com isso! Não fique assim ou as lágrimas e o terror voltarão. Ponha o dilema de lado. Decidiu o que fazer, se estivesse, ou se não estivesse. Como executar o outro plano... o que mais pode fazer?

Um pouco de perfume por trás das orelhas, nos seios, um ligeiro ajuste das rodas. Uma batida gentil na porta.

— Malcolm?

— Entre... estou sozinho.

Inesperadamente, ele não se encontrava na cama, mas sentado na poltrona. Um chameir vermelho de seda, uma estranha expressão nos olhos. No mesmo instante, algum instinto a fez erguer a guarda. Trancou a porta, como sempre e adiantou-se.

— Não se sente cansado, meu amor?

— Não e sim. Você me deixa tonto.

Ele estendeu as mãos e Angelique se aproximou ainda mais, o coração acelerando. As mãos de Malcolm tremiam. Ele a atraiu para mais perto, beijou suas mãos, braços, seios. Por um momento, ela não resistiu, apreciando aquela adoração, desejando-o. Inclinou-se, beijou-o, deixou que a acariciasse. Depois, o calor aumentando depressa, arriou de joelhos ao lado da poltrona, o coração batendo forte, rompeu em parte o abraço.

— Não devemos — sussurrou Angelique, ofegante.

— Sei disso... mas quero tanto...

Os lábios de Malcolm eram quentes, insistentes, e os de Angelique reagiram. Agora, a mão dele acariciava sua coxa, ateando mais fogo na virilha, e foi subindo e subindo, algoz irresistível, e ela queria mais, só que se conteve a beira do abismo, e tornou a se desvencilhar, sussurrando:

— Não, *chéri*.

Mas desta vez ele se mostrou surpreendentemente mais forte, o outro braço a deteve, num torno amoroso, a voz e os lábios cada vez mais persuasivos, mais prementes, até que, sem pensar, ele se virou de forma brusca e a dor invadiu seu corpo.

— Oh, Deus!

— O que foi? — balbuciou Angelique, assustada. — Você está bem?

— Acho que sim... Oh, Deus Todo-Poderoso!

Malcolm levou um momento para se recuperar, a dor intensa esvaziando o ardor, mas a ânsia persistindo, o sofrimento tornando-a ainda maior. Suas mãos ainda a seguravam, ainda tremiam, mas sem força.

— Desculpe...

— Não precisa se desculpar, meu querido.

Depois de recuperar o próprio fôlego, agradecida, Angélique levantou-se, serviu um pouco do chá frio que ele mantinha na mesinha-de-cabeceira. Sentia um calor na virilha, estava nervosa, o coração agitado, não querendo parar, mas sabendo que devia, uns poucos minutos a mais e não teria conseguido, preciso encontrar um meio de alcançar a segurança, para ele, para mim, para nós... e uma voz apregoava a litania em sua mente, "um homem jamais casa com sua amante, nada antes do casamento, tudo é permitido depois", insistindo, até que pudesse compreender.

— Tome aqui — murmurou ela, estendendo a xícara.

Angelique ajoelhou-se, observou-o fechar os olhos, o suor afluindo no rosto, manchando o chambre. Mais um instante, e a maior parte da angústia dela se dissolveu. Pôs a mão no joelho de Malcolm, que a cobriu com a sua.

— Ficar tão perto é ruim para nós, Malcolm — murmurou ela, gostando muito dele, amando-o, mas não muito certa sobre o amor.
— É difícil para nós dois *chéri*, pois também o desejo, também o amo.

Ele só falou depois de um longo momento, com alguma dificuldade, a voz baixa, angustiada:

— Sei disso, mas... mas você pode ajudar.

— Não podemos, querido, não antes de casarmos... não agora.

Abruptamente, a dor e a frustração de Malcolm alcançaram o auge, ao ter passado a noite inteira vendo-a dançar com outros homens, desejando-a, quando mal podia andar, ao mesmo tempo em que sabia que um mês atrás era melhor dançarino do que qualquer outro.

Por que não agora?, ele teve vontade de gritar. Que diferença um ou dois meses podem fazer? Pelo amor de Deus... mas tudo bem, aceitarei isso, que no casamento uma moça decente deve ser virgem, ou é uma mulher fácil, aceitarei que um cavalheiro não lhe faz mal antes do casamento. Aceito tudo! Mas há outros meios.

— Sei... sei que não podemos agora — balbuciou ele, a voz rouca. — Mas. -por favor, Angelique, ajude-me.

— Como?

Mais uma vez, ele foi sufocado pelas palavras. Pelo amor de Deus, faça como as mulheres das casas, que beijam, acariciam, fazem um homem se aliviar... Pensa que o ato de amor é apenas abrir as pernas e ficar imóvel como uma posta de carne? Essas mulheres

fazem coisas bem simples, sem qualquer alarde, e sentem-se felizes pelo homem depois, perguntam se foi bom.

Mas Malcolm sabia que nunca poderia dizer isso a Angelique. Era contra toda a sua criação. Como explicar à moça que você ama, quando ela é tão jovem e ingênua, ou tão egoísta, ou apenas ignorante? Subitamente, a verdade tornou-se amarga. Alguma coisa nele mudou e foi com uma voz diferente que disse:

— Tem toda razão, Angelique, é difícil para nós dois. Desculpe. Talvez seja melhor você voltar para a legação francesa, até partirmos para Hong Kong. Agora que estou melhorando, devemos zelar por sua reputação.

Ela ficou aturdida, desconcertada com a mudança.

— Mas estou bem aqui, Malcolm, e bem perto, caso precise de mim.

— Ora, claro que preciso de você. — Ele contraiu os lábios, na insinuação de um sorriso irônico. — Pedirei a Jamie para providenciar tudo.

Angelique hesitou, surpresa, sem saber como continuar.

— Se é assim que você quer, *chéri*...

— É melhor. Como você disse, essa proximidade é difícil para nós dois. Boa noite, meu amor. Fico contente que tenha gostado de sua festa.

Ela sentiu um calafrio percorrer seu corpo, mas não sabia se vinha de fora ou de dentro. Beijou-o, esperando por uma paixão retribuída, mas não encontrou nenhuma. O que o mudara?

— Duma bem, Malcolm. Eu amo você.

Ainda nada. Não importa, pensou Angelique, os homens são melancólicos e difíceis. Sorrindo como se nada houvesse de errado, ela foi tirar a tranca da porta e soprou-lhe um beijo terno e passou para seu quarto.

Malcolm olhou para a porta de comunicação. Estava entreaberta. Como sempre. Mas tudo no mundo dos dois não era mais como sempre. A porta e a proximidade de Angelique não mais o tentavam. Sentia-se diferente, de alguma forma remodelado. Não sabia por que, mas estava muito triste, muito velho, algum instinto lhe dizia que, por mais que a amasse, por mais que tentasse fisicamente Angelique nunca poderia, em toda a vida comum, satisfazê-lo por completo.

Usando a bengala, Malcolm levantou-se, claudicou tão silenciosamente quanto podia até a cômoda. Pegou na gaveta de cima o vidro do medicamento, que escondera para as noites em que a mera idéia de dormir se tornasse insuportável. Tomou tudo. Arrastou-se para a cama. Rangendo os dentes, deitou-se, deixou escapar um suspiro, enquanto a maior parte da dor desaparecia. O fato de ter consumido até a última gota a poção que lhe proporcionava um pouco de paz não o incomodava. Chen, Ah Tok ou qualquer dos outros criados poderia providenciar mais, no momento

em que assim desejasse. Afinal, a Struan não era a grande fornecedora da China?

No outro lado da porta, Angelique ainda se encostava na parede, na maior agitação, sem saber se devia voltar ou deixá-lo sozinho. Ouvira-o ir até a cômoda, abrir a gaveta, mas não sabia o motivo, ouvira as molas da cama rangerem e o profundo suspiro de alívio de Malcolm.

Era apenas a dor e porque não podemos, não agora, pensou ela, tranquilizando-se outra vez, reprimindo um bocejo nervoso. E também porque ele teve de permanecer sentado durante todo o baile, quando é um excelente dançarino, o melhor que já conheci... não foi isso o que primeiro me atraiu, em Hong Kong, entre todos os outros?

Não há nada de errado que ele queira fazer amor... e não foi por culpa minha que ficou ferido. Pobre Malcolm, ele está apenas esgotado. Amanhã terá esquecido e tudo estará bem... e é melhor eu agir agora, tenho de cuidar do outro problema. Mas tudo vai dar certo.

Ela meteu-se na cama e mergulhou num sono fácil, mas os sonhos logo foram povoados por monstros estranhos, com rostos retorcidos de bebê, soltando risadas estridentes, puxando-a, "mamãe... mamãe", escrevendo nos lençóis com seu próprio sangue, a vaziar do dedo, usado como caneta, traçando e retraçando aqueles caracteres... os que encontrara na colcha, gravados para sempre em sua mente. Ainda não tivera coragem de perguntar a André ou Tyrer o que significavam.

Alguma coisa a arrancou do sono. As paisagens noturnas se desvaneceram. Apreensiva, olhou para a porta, meio esperando vê-lo ali. Mas não o encontrou, ouviu sua respiração, pesada, regular. Recostou-se nos travesseiros e pensou: foi o vento, uma janela batendo.

Mon Dieu, estou cansada, mas como me diverti no baile! E que anel lindo ele me deu!

Cantarolando a polca, com alguma inveja do sucesso de John Marlowe, e convencido de que também poderia se sair tão bem, Phillip Tyrer seguiu quase que dançando até a porta da casa das Três Carpas, na viela pequena e deserta, e bateu com um floreio. Ali, a Yoshiwara parecia adormecida, mas não muito longe, na Main Street, as casas e bares fervilhavam, a noite era jovem, com o barulho de homens rindo, cantos roucos, os acordes ocasionais de uma *samisen*, misturados com risadas e palavras de *pidgin*.

A grade da porta foi aberta.

— O que é?

— *Por favor, fale japonês. Sou Taira-san, e tenho um encontro marcado.*

— *Ah, é isso?* — murmurou a corpulenta criada. — *Taira-san, hem? Falarei com a mama-san.*

A grade foi fechada. Enquanto esperava, Tyrer tamborilou com os dedos na madeira antiga. Passara todo o tempo no dia de ontem e na noite anterior com Sir William, explicando sobre Nakama e a legação, providenciando um *modus vivendi* para seu novo professor... e sentindo-se culpado por não ter revelado a verdade vital de que o homem sabia falar alguma coisa de inglês. Mas fizera um juramento, e a palavra de um inglês é o seu grilhão.

Sir William acabara concordando que “Nakama” podia ser um samurai — filhos de famílias samurais haviam sido instalados nas legações britânica e francesa, por curtos períodos, no passado, assim como Babcott tinha ajudantes japoneses. Mas Sir William determinara que ele não deveria usar ou guardar espadas dentro da

cerca da colônia. Essa regra aplicava-se a todos os samurais, à exceção dos guardas da colônia, sob o comando de um oficial, em suas raras patrulhas, aprovadas com antecedência. Além disso, Nakama não poderia se vestir de forma ostentosa, nem se aproximar da casa da guarda ou da alfândega, e teria de se manter fora de vista tanto quanto possível, pois se fosse descoberto e reclamado pelo *Bakufu*, a culpa seria sua e não relutariam em entregá-lo.

Tyrer chamara Nakama e explicou-lhe o que Sir William determinara. Àquela altura, sentia-se cansado demais para Fujiko.

Agora, Nakama, preciso mandar uma mensagem, e quero que você a entregue. Por favor, escreva os caracteres para: "Por favor, arrume..."

— Arrume, por favor?

— Significa marcar. "Por favor, marque um encontro para mim, amanhã à noite, com..." Deixe o espaço em branco para o nome.

Hiraga não demorara muito a entender o que Tyrer queria dele e por quê. Em desespero, Tyrer acabara dando o nome de Fujiko e da Casa das Três Carpas.

— Ah. Três Carpas? — dissera Hiraga. — *So ka!* Entregar mensagem *mama-san*, sem errar, marcar você ver *musume* amanhã, sim?

— Isso mesmo, por favor.

Nakama lhe mostrara como escrever os caracteres e Tyrer os copiara; muito satisfeito consigo, assinara a mensagem e agora se encontrava à porta.

— Vamos logo, depressa — murmurou ele, sentindo-se ansioso, muito capaz.

A grade na porta foi logo aberta de novo por Raiko.

— *Ah, boa noite, Taira-san, quer que a gente fale japonês, certo* — disse ela com um sorriso e uma pequena reverência.

Seguiu-se um fluxo de japonês que ele não entendeu, à exceção do nome Fujiko, repetido várias vezes, e o final:

— *Sinto muito.*

— *Como? Ahn... Sente muito? Por que, Raiko-san? Boa noite. Tenho um encontro Fujiko... com Fujiko.*

— *Sinto muito* — repetiu ela —, *mas Fujiko não está disponível esta noite, e não ficará livre por algum tempo. Sinto muito, mas não há nada que eu possa fazer. Ela pede desculpas e sente muito. Todas as minhas outras damas também estão ocupadas. Sinto muito.*

Mais uma vez, Tyrer não entendeu tudo. Absorveu a essência. Desolado, compreendeu que Fujiko não se encontrava, mas não o motivo de sua ausência.

— *Mas carta ontem... minha mensagem, Nakama lhe trazer, hem?*

— *Oh, sim! Nakama-san trouxe a mensagem e eu disse a ele que estava tudo certo, mas sinto muito, agora não é possível atendê-lo. Sinto muito, Taira-san. Obrigado por se lembrar de nós. Boa noite.*

— Espere! — gritou Tyrer, em inglês, quando a grade era fechada, para depois acrescentar, suplicante: — Disse que ela não está aqui, não é? *Esperar, por favor, Raiko-san. Amanhã... amanhã, Fujiko, sim?*

Raiko sacudiu a cabeça, com uma cara de tristeza.

— *Ah, sinto muito, amanhã também não será possível e muito me aflige ter de dizer isso. Espero que compreenda. Sinto muito.*

Tyrer estava consternado.

— *Não amanhã? Dia seguinte, sim?*

Ela hesitou, sorriu, fez outra reverência.

— *Talvez, Taira-san, talvez, mas sinto muito, não posso prometer nada. Por favor, peça a Nakama para vir aqui durante o dia e direi a ele. Compreendeu? Mande Nakama-san. Boa noite.*

Aturdido, Tyrer ficou olhando para a porta, praguejou amargurado, cerrou os punhos, querendo bater em alguma coisa. Levou um momento para se recuperar do intenso desapontamento e depois, abatido, afastou-se.

Hiraga estivera observando através de um pequeno buraco na cerca. Quando Tyrer desapareceu, além da esquina, ele voltou pelo cadinho de pedra sinuoso, através do jardim, imerso em seus pensamentos. O jardim era enganadoramente espaçoso, com pequenos bangalôs, sempre com varandas, cercados por arbustos.

Mas Hiraga evitou a todos, embrenhou-se pelos arbustos, foi bater num painel da cerca, que foi aberto, sem qualquer ruído. O criado fez uma reverência, ele acenou com a cabeça e seguiu por um caminho na direção de uma habitação similar. A maioria das estalagens ou casas possuíam saídas secretas e esconderijos ou ligações com a propriedade vizinha. As que ousavam abrigar os *shishi* dispensavam atenção especial à segurança... para seu próprio

bem. Aquela parte da Casa das Três Carpas era para visitantes muito especiais, com suas próprias instalações para cozinhar e criadas diferentes, mas com as mesmas cortesãs. Na varanda, Hiraga tirou seus *geta* — sapatos — e puxou a porta de *shoji*.

— O que ele fez? — perguntou Ori.

— Afastou-se, mansamente. Estranho.

Hiraga balançou a cabeça, espantado, foi sentar à frente de Ori e retribuiu com um cumprimento rápido a reverência profunda de Fujiko. No dia anterior, depois de entregar a carta de Tyrer, ele reservara Fujiko para esta noite, com a divertida aquiescência de Raiko.

— Posso saber por que, Hiraga-san? — perguntara Raiko.

— Só para irritar Taira.

— Acho que ele deixou sua virgindade aqui, com Ako. Depois experimentou Meiko e Fujiko em seguida. Fujiko deixou-o de olhos vesgos.

Ele rira junto com Raiko, simpatizando com ela. Ao ver Fujiko, ficara surpreso, sem entender como seu inimigo podia achar aquela moça atraente. Era vulgar, com cabelos vulgares, tudo nela era vulgar, à exceção dos olhos, grandes demais. Mesmo assim, ele escondera sua opinião, e cumprimentara Raiko por ter adquirido uma flor tão extraordinária, que parecia ter dezesseis anos, embora estivesse com trinta e um, e há quinze fosse cortesã.

— Obrigada, Hiraga-san.— Raiko sorria.— Tem razão, ela é um patrimônio e tanto. Por alguma razão, o *gai-jin* gosta de Fujiko. Mas, por favor, não esqueça que o Taira é nosso cliente e que os *gai-jin* não são como nós. Tendem a se ligarem a uma dama apenas. Por favor, encoraje-o, pois os *gai-jin* são ricos. Soube que ele é importante e pode ficar aqui por alguns anos.

— *Sonno-joi.*

— Isso cabe a você. Pode cortar suas cabeças, desde que prometa que não o fará aqui, enquanto eu lhes arranco o dinheiro.

— Vai permitir que Ori continue aqui?

— Ori-san é um jovem curioso — comentara Raiko, hesitante. — Muito forte, muito irado, muito irrequieto... prestes a explodir. Tenho medo dele. Posso escondê-lo por mais um ou dois dias, mas... por favor, pode controlá-lo enquanto ele for meu hóspede? Já há problemas suficientes no mundo dos salgueiros, e não precisamos procurar por mais.

— Combinado. Tem alguma notícia de meu primo, Akimoto?

— Ele está são e salvo em Hodogaya, na Casa de Chá da Primeira Lua.

— Mande chamá-lo. — Hiraga tirara um *oban* de ouro de seu bolso secreto. Notara o brilho nos olhos de Raiko. — Isto pagará por qualquer mensageiro e pelas despesas de Ori e Akimoto aqui... e também pelos serviços de Fujiko amanhã.

— Certo. — A moeda, um pagamento bastante generoso, desaparecera na manga de Raiko. — Ori-san pode ficar até eu achar que é tempo de partir. Quando chegar esse momento, sinto muito, mas ele terá de ir embora. Concorda?

— Claro.

— E agora, *shishi*, sinto muito, mas devo dizer que sua presença aqui é muito perigosa. Isto está sendo enviado para todas as barreiras.

Raiko desdobrara uma xilogravura, um retrato. Dele. A legenda dizia: *O Bakufu oferece uma recompensa de dois koku pela cabeça deste ronin de Choshu assassino, que usa muitos nomes, um dos quais é Hiraga.*

— *Baka!* — exclamara Hiraga, através dos dentes semicerrados. — Parece comigo? Como é possível? Nunca deixei pintarem um retrato meu.

— Sim e não. Os artistas têm memória longa, Hiraga-san. Quem sabe um dos samurais na luta? A menos que alguém mais próximo de você seja um traidor. Também é ruim que pessoas importantes estejam à sua procura. Anjo, é claro, mas agora Toranaga Yoshi também.

Hiraga sentira um calafrio, especulando se a cortesã Koiko fora traída ou era a traidora.

— Por que ele?

Raiko dera de ombros.

— Ele é o chefe da serpente, quer goste ou não. *Sonno-joi*, Hiragasan, mas não atraia o inimigo *Bakufu* para cá. Quero esta cabeça nos meus ombros.

Durante toda a noite, Hiraga preocupara-se com o cartaz e o que fazer a respeito. Agora, deixou que Fujiko lhe servisse mais saquê e comentou:

— Esse Taira me espanta, Ori.

— Por que perder tempo com ele? Mate-o.

— Mais tarde, não agora. Observar a ele e aos outros, testá-los, tentar adivinhar suas reações, é como um jogo de xadrez em que as regras mudam constantemente. É fascinante... depois que a gente se acostuma ao fedor.

— Devemos fazer esta noite o que eu queria fazer antes: matá-lo, jogar o corpo perto da casa da guarda e deixar que eles levem a culpa.

Irritado, Ori passou a mão direita pelos fios curtos que já cobriam sua cabeça raspada e o rosto, o ombro esquerdo enfaixado, o braço ainda numa tipóia.

— Amanhã estarei raspado de novo, e voltarei a me sentir como um samurai... Raiko tem um barbeiro em quem pode confiar. Mas raspado ou não, Hiraga, esta indolência forçada está me enlouquecendo.

— E seu ombro?

— O ferimento está limpo. Coça, mas é uma boa coceira. — Ori levantou o braço até a metade. — Não consigo ir além, mas forço um pouco mais a cada dia. Seria difícil usar numa luta. Karma. Mas se matássemos o *gai-jin* Taira não haveria risco nenhum para nós nem para a casa. Você disse que ele é tão retraído que não contou a ninguém que vinha até aqui.

— É verdade, mas ele pode ter comentado com alguém e é isso o que não compreendo. Os *gai-jin* são imprevisíveis. Vivem mudando de idéia, dizem uma coisa e, depois, fazem o oposto exato, mas não por cálculo, não como fazemos, não como nós.

— *Sonno-jo!* Matá-lo deixaria os *gai-jin* furiosos. Devemos fazer isso na próxima vez em que ele vier aqui.

— Faremos, só que mais tarde... ele é muito valioso por enquanto. Vai revelar os segredos deles, como humilhá-los, como matá-los às centenas e milhares... depois que os tivermos usado para humilhar e destruir o *Bakufu*.

Hiraga tornou a levantar o copo. No mesmo instante, Fujiko encheu-o, sorrindo para ele.

— Estive até no escritório do líder de todos os ingleses, a cinco passos dele. Estou no centro da autoridade dos *gai-jin*. Se ao menos eu compreendesse melhor a língua deles...

Hiraga era cauteloso demais para revelar a Ori a verdadeira extensão de seu conhecimento ou como persuadira Tyrer a tirá-lo do prédio da legação... ainda mais na presença daquela mulher.

Enquanto reabastecia os copos, ao longo da noite, sorrindo, sempre atenciosa, jamais interrompendo, Fujiko escutava avidamente, embora desse a impressão de que não prestava a menor atenção, querendo fazer uma centena de perguntas, mas muito bem treinada para interferir.

— Limitem-se a escutar, sorriam e finjam que são estúpidas, apenas um brinquito — diziam todas as *mama-sans* para suas pupilas. — Muito em breve eles lhe contarão tudo o que quiserem saber, sem precisar de qualquer estímulo. Escutem e sorriam, observem e lisonjeiem, façam com que se sintam felizes, pois só assim eles se tornam generosos. Jamais esqueçam que um homem feliz é igual a ouro, e o ouro é o único propósito de vocês, a única segurança.

— Em Iedo — acrescentou Hiraga — esse Taira foi muito corajoso, esta noite um covarde. Fujiko, como ele é na cama?

Sorrindo, ela ocultou sua surpresa por alguém poder ser tão indelicado.

— Como qualquer jovem, Hiraga-san.

— Certo, mas como ele é? Está na proporção... homem alto, espada comprida?

— Sinto muito. — Fujiko baixou os olhos, assumiu uma voz humilde.
— As damas do mundo dos salgueiros são orientadas para nunca falarem de um cliente com outro, não importa quem seja.

— E nossas regras aplicam-se aos *gai-jin*? — indagou Hiraga.

Ori riu.

— Não vai conseguir arrancar nada dela, ou de qualquer das outras. Já tentei, Raiko-san veio me censurar por interrogá-las. “*Gai-jin* ou não, a regra antiga da Yoshiwara sempre prevalece”, disse ela. “Podemos conversar sobre generalizações, mas não sobre qualquer cliente em particular... *Baka-neh?*” Ela ficou realmente zangada.

Os dois homens riram, mas Fujiko percebeu que não havia nenhum sorriso nos olhos de Hiraga. Fingindo não notar, ansiosa em apaziguá-lo, ao mesmo tempo em que especulava como teria de servi-lo naquela noite, ela disse:

— Sinto muito, Hiraga-san, mas minha experiência é pouca, com jovens velhos ou intermediários. Mas a maioria, damas experientes, diz que o tamanho não garante satisfação, nem para ele, nem para ela, mas que os jovens são sempre os clientes melhores e mais satisfatórios.

Fujiko riu para si mesma, pela mentira tão usada. Gostaria de lhe dizer a verdade, por uma vez: que vocês, jovens, são os piores clientes, os mais exigentes os menos satisfatórios. São todos irremediavelmente impacientes, com uma abundância de vigor, clamam por muitas entradas, esguicham poças de essência mas há pouco contentamento depois... e quase nunca se mostram generosos. O pior de tudo é que uma de nós, por mais que tente evitar, pode se apaixonar por um jovem em particular e isso acarreta ainda mais sofrimento, desastre e até o suicídio, na maioria das vezes. O velho é vinte vezes melhor.

— Alguns jovens são muito tímidos, embora bem-dotados — disse ela, respondendo sem responder.

— Interessante. Ori, ainda não posso acreditar que esse Taira tenha ido embora mansamente, sem protestar.

Ori deu de ombros.

— Manso ou não, ele deveria estar morto esta noite e eu dormiria melhor. O que mais ele podia fazer?

— Tudo. Deveria ter derrubado a porta a pontapés... um encontro marcado é um encontro marcado, e o fato de Raiko não ter uma substituta à espera foi um insulto adicional.

— A porta e a cerca são muito resistentes, até mesmo para nós.

— Neste caso, ele deveria ter ido até a rua principal, recrutado cinco, dez ou vinte dos seus companheiros, e voltado para derrubar a cerca. Afinal, é um homem importante, e todos os oficiais e soldados obedeciam às suas ordens na legação. Tal atitude, com toda certeza, faria com que Raiko se ajoelhasse diante dele por um ano ou mais, e lhe garantiria os serviços que quisesse no momento

em que desejasse... e nós talvez tivéssemos de fugir. Isso é o que eu faria, se fosse uma autoridade tão importante quanto ele.

Hiraga sorriu e Fujiko reprimiu um calafrio de medo.

— É uma questão de honra. Contudo, eles compreendem essas coisas muito bem. Teriam defendido sua estúpida legação até o último homem, e depois a esquadra arrasaria Iedo.

— Não é isso o que queremos?

— É, sim. — Hiraga soltou uma risada.— Mas não quando se está sem armas, rastejando como um jardineiro... eu me sinto completamente nu!

Outra dose de *saquê*. Hiraga olhou para Fujiko. Em circunstâncias normais, muito embora a mulher daquela noite não fosse muito

atraente, sua virilidade habitual e o *saquê* o excitariam. Mas esta noite era diferente. Afinal, encontrava-se na Yoshiwara dos *gai-jin*, a mulher já fora para a cama com eles, por isso está contaminada. Talvez Ori a quisesse, pensou ele, sorrindo para Fujiko, a fim de salvar as aparências.

— Peça alguma comida, está bem, Fujiko? A melhor que a casa possa oferecer.

— Agora mesmo, Hiraga-san.

Ela se retirou, apressada.

— Escute, Ori — sussurrou Hiraga, tão baixo que mais ninguém poderia ouvir —, há grande perigo por aqui.

Ele tirou do bolso o cartaz dobrado. Ori ficou chocado.

— Dois koku! É uma tentação para qualquer um. Não está muito parecido com você, mas um guarda de barreira poderia detê-lo.

— Raiko disse a mesma coisa.

Ori fitou-o.

— Joun era um artista e dos bons.

— Pensei nisso e tenho me perguntado como o prenderam, até que ponto o obrigaram a falar. Ele conhece muitos segredos dos *shishi*, está a par do planejamento de Katsumata para interceptar o xógum.

— É lamentável permitir que seja capturado vivo. É óbvio que o inimigo se infiltrou em nossa organização. — Ori devolveu o cartaz.
— Dois koku tentariam qualquer pessoa, até mesmo a *mama-san* mais leal.

— Pensei nisso também.

— Deixe crescer a barba, Hiraga, ou o bigode. Isso ajudaria.

— Tem razão, ajudaria bastante. — Hiraga sentiu-se contente por Ori ter se recuperado, pois seus conselhos eram sempre valiosos. — É uma estranha sensação, saber que este cartaz circula por aí.

Um longo momento de silêncio, rompido por Ori:

— Dentro de um ou dois dias, assim que eu puder, e me sinto mais forte a cada dia, partirei para Quioto, a fim de avisar Katsumata

sobre Joun. Ele deve ser alertado.

— É uma ótima idéia.

— E você, o que vai fazer?

— Estou seguro entre os *gai-jin*, mais seguro do que em qualquer outro lugar... enquanto ninguém me trair. Akimoto está em Hodogaya. Mande chamá-lo e depois poderemos decidir.

— Fez bem. Seria mais seguro se tentasse ir para Quioto agora, antes que esses retratos sejam enviados por toda a *Tokaidô*.

— Não. Taira é uma oportunidade boa demais para se perder. Esconderei as espadas lá, para qualquer emergência.

— Arrume um revólver. É menos óbvio.

Ori estendeu a mão direita por dentro do *yukata*, afastou-a do ombro, para coçar as bandagens. Hiraga ficou chocado ao ver a pequena cruz de ouro, pendurada em uma corrente de ouro fina em seu pescoço.

— Por que usa isso?

Ori deu de ombros.

— Acho divertido.

— Livre-se disso, Ori... liga-o ao ataque na *Tokaidô*, a Shorin e à mulher. Essa cruz é um perigo desnecessário.

— Muitos samurais são cristãos.

— É verdade, mas ela pode identificar essa cruz. É uma insanidade correr tamanho risco. Se quer usar uma, arrume outra.

Depois de uma pausa, Ori declarou:

— É esta que eu acho divertido.

Hiraga percebeu a inflexibilidade, amaldiçoou-o em silêncio, mas decidiu que era seu dever proteger o movimento *shishi*, proteger *Sonno-joi*, e aquele era um momento que exigia uma decisão.

— Tire-a!

O sangue afluiu ao rosto de Ori. O meio sorriso não mudou, mas ele sabia o que havia em jogo. Suas opções eram simples: recusar e morrer ou obedecer.

Um mosquito zumbiu em torno de seu rosto. Ele ignorou-o, não querendo fazer um movimento súbito. Lentamente, a mão direita puxou a corrente do pescoço, partindo-a. A cruz e a corrente desapareceram no bolso na manga. Depois, ele pôs as mãos no tatame, e fez uma reverência profunda.

— Tem toda razão, Hiraga-san, era um risco desnecessário. Por favor, aceite minhas desculpas.

Em silêncio, Hiraga se inclinou. Só então relaxou e Ori se empertigou. Os dois sabiam que seu relacionamento mudara. Para sempre. Não haviam se tornado inimigos, apenas não eram mais amigos; aliados sempre, mas nunca amigos de novo. Nunca mais. Ao pegar seu copo e levantá-lo, num brinde, Ori sentiu-se satisfeito

por constatar que sua raiva interior estava tão controlada que os dedos não tremiam.

— Obrigado.

Hiraga bebeu com ele, inclinou-se, tornou a servir *saquê* para os dois.

— Agora, Sumomo. Por favor, fale-me sobre ela.

— Não lembro quase nada. — Ori abriu o leque, afugentou o mosquito. — A *mama-san* Noriko me contou que aqui chegou como um espírito, trazendo-me numa maca, não lhe disse quase nada, exceto que um doutor *gai-jin* abrisse meu ferimento e tornara a costurá-lo. Pagou a metade das dívidas de Shorin e persuadiu-a a me esconder. Durante a espera, Sumomo pouco falou, depois de perguntar o que acontecera com Shorin. Quando o mensageiro voltou de Iedo, com a sua mensagem, ela partiu no mesmo instante para Shimonoseki. A única notícia que deu foi de que *Satsuma* está se mobilizando para a guerra, e que as baterias de *Choshu* tornaram a disparar contra navios *gai-jin*, estreitos, obrigando-os a voltarem.

— Ótimo. Você contou a ela tudo sobre Shorin?

— Conteí. Ela me interrogou a sério e declarou, após o relato, que seria vingada.

— Ela deixou algum recado ou carta com a *mama-san*?

Ori deu de ombros.

— Não deixou nada comigo.

Talvez Noriko tenha alguma coisa, pensou Hiraga. Mas não importa, isso pode esperar.

— Ela parecia bem?

— Parecia. Devo minha vida a Sumomo.

— É verdade. Um dia ela vai querer cobrar essa dívida.

— Pago a ela, pago a você, e honro *Sonno-joi*.

Os dois ficaram calados, cada um especulando sobre o que o outro pensava, pensava realmente. Hiraga exibiu um súbito sorriso.

— Esta noite, na colônia, houve uma celebração, com música infame, muita bebida, como é o costume deles quando um homem

concorda em casar. — Ele emborcou o copo. — Este *sakuê* é excelente. Um dos mercadores... o *gai-jin* que você cortou na *Tokaidô*... vai casar com aquela mulher.

Ori sentiu-se atordoado.

— A mulher da cruz? Ela está aqui?

— Eu a vi esta noite.

— Mas que coisa! — murmurou Ori, como se falasse para si mesmo, depois terminou seu *sakuê*, despejou mais, para os dois. Algumas gotas caíram na bandeja, despercebidas. — Ela vai casar? Quando?

Hiraga deu de ombros.

— Não sei. Vi os dois juntos esta noite. Ele anda com duas bengalas, como um entrevado... seu golpe o feriu gravemente, Ori.

— Ótimo. E como está a mulher?

Hiraga soltou uma risada.

— Cômica, Ori, uma verdadeira palhaçada.

Ele descreveu os trajes de Angelique. E o penteado. Levantou-se, imitou seu andar. Não demorou muito para que os dois quase estivessem rolando pelos tatames de tanto rir.

—... os seios à mostra, a depravada! Pouco antes de vir para cá, dei uma espiada por uma janela. Homens agarravam-na abertamente.

Ela e um homem se abraçaram e saíram girando numa espécie de dança, na frente de todos, ao som horrível daqueles instrumentos, uma coisa que não se pode chamar de música. As saias levantavam de tal forma que se podia ver até a metade das pernas, cobertas por uma calça rendada, que descia aos tornozelos. Eu nunca seria capaz de acreditar numa coisa assim se não tivesse visto pessoalmente, mas ela passou de um homem para outro como uma prostituta de um yen, e todos a aplaudiram. O tolo que vai casar com ela passou o tempo todo sentado numa cadeira... e radiante, imagine só!

Ele estendeu a mão para servir aos dois mais uma vez, só que encontrou a garrafa vazia.

— *Saquê!*

A porta foi aberta no mesmo instante, uma criada entrou, de joelhos, trouxe novas garrafas, serviu-os e se retirou. Hiraga arrotou, o *saquê* afetando.

— Eles agiam como animais. Sem seus canhões e navios, estão abaixo do desprezo.

Ori olhou pela janela, na direção do mar.

— O que é? — indagou Hiraga, subitamente em guarda. — Perigo?

— Não, não foi nada.

Hiraga franziu o rosto, apreensivo, recordando como Ori era sensível a emanações externas.

— Tem as espadas aqui?

— Tenho. Raiko as guarda para mim.

— Detesto não ter espadas no cinto.

— Eu também.

Por uma vez, eles beberam em silêncio, e depois a comida chegou, pequenos pratos com peixe grelhado, arroz, sushi e sashimi, assim como uma iguaria portuguesa chamada tempura — peixe e legumes passados na farinha de arroz e fritos. Antes de os portugueses chegarem, por volta de 1.550, os primeiros europeus a aparecerem em suas praias, os japoneses não conheciam a técnica de fritura.

Depois de se sentirem satisfeitos, eles mandaram chamar Raiko, apresentaram seus cumprimentos pela refeição e recusaram os serviços de entretenimento de uma gueixa. Por isso, ela fez uma reverência e se retirou.

— Pode ir também, Fujiko — disse Hiraga. — Voltarei amanhã, depois do pôr-do-sol.

— Pois não, Hiraga-san.

Fujiko fez uma reverência baixa, contente por ser dispensada sem trabalho adicional, pois Raiko já lhe dissera que seu pagamento era generoso.

— Obrigada por me honrar.

— Claro que nada do que ouviu ou viu esta noite jamais será mencionado para o Taira, outro *gai-jin*, ou qualquer pessoa.

Ela levantou a cabeça de repente.

— Claro que não, Hiraga-sama. — Sentiu um frio no coração ao ver os olhos dele e repetiu, a voz quase inaudível: — Claro que não.

Fujiko encostou a testa no tatame e depois, apavorada, saiu apressada.

— Ori, assumimos um risco com essa mulher escutando.

— Com qualquer delas. Mas ela não ousaria falar, nem as outras. — Ori tornou a usar o leque, contra os insetos noturnos. — Antes de partirmos, acertaremos um preço com Raiko para que Fujiko seja despachada para uma casa de baixa qualidade, onde estará ocupada demais para cometer algum erro, bem longe do *gai-jin* e do *Bakufu*.

— É um bom conselho. Pode ser caro, pois Raiko disse que Fujiko é bastante popular com os *gai-jin*, por algum motivo.

— Fujiko?

— Isso mesmo. Estranho, neh? Raiko disse que os costumes deles são diferentes dos nossos. — Hiraga percebeu o sorriso de Ori. — O que é?

— Nada. Podemos conversar mais amanhã.

Hiraga acenou com a cabeça, bebeu o resto do *saquê* no copo, levantou-se, tirou o yukata engomado que todas as casas e estalagens costumavam fornecer a seus clientes e tornou a vestir o quimono grosseiro de aldeão, o turbante ordinário e o chapéu de palha de cule. Pôs nos ombros o cesto de compras vazio.

— Está seguro assim?

— Estou, desde que não tenha de descobrir a cabeça e possa apresentar isto. — Hiraga mostrou os dois passes que Tyrer lhe dera, um para os japoneses, um para os ingleses. — Os guardas no portão e na ponte estão sempre alerta e soldados patrulham a colônia à noite. Não há toque de recolher, mas Taira me advertiu para ser cuidadoso.

Pensativo, Ori devolveu os passes. Hiraga guardou-os na manga.

— Boa noite, Ori.

— Boa noite, Hiraga-san. — Ori fitou-o com uma expressão estranha. — Eu gostaria de saber onde a mulher vive. Os olhos de Hiraga se contraíram.

— É mesmo?

— É, sim. Gostaria de saber onde. Exatamente.

— Talvez eu possa descobrir. E depois?

O silêncio tornou-se opressivo. Ori pensou: Não tenho certeza esta noite, bem que gostaria de ter, mas cada vez que deixo a mente vagar lembro daquela noite e do ardor interminável que tive com a mulher. Se eu a matasse na ocasião, isso teria acabado, mas sabendo que ela continua viva, sinto-me obcecado. É uma estupidez, mas estou enfeitiçado. Ela é maligna, repulsiva, sei disso, mas ainda assim me sinto enfeitiçado e tenho certeza de que a mulher sempre haverá de me atormentar, enquanto estiver viva.

— E depois? — repetiu Hiraga.

Ori evitara que seus pensamentos transparecessem no rosto. Fitou Hiraga calmamente, e deu de ombros.

Quarta-feira, 15 de outubro:

André Poncin piscou os olhos, aturdido.

— Você está grávida?

— Isso mesmo — murmurou Angelique. — Deve compreender...

— Mas isso é maravilhoso, torna tudo perfeito! — exclamou ele, o choque se transformando numa intensa satisfação, porque Struan, o cavalheiro britânico, fizera mal a uma moça inocente, e agora não podia evitar um casamento prematuro, se quisesse permanecer um cavalheiro. — Madame, posso lhe dar os parabéns...

— Cale-se, André. Não, não pode, e não deve falar tão alto, porque as paredes têm ouvidos, ainda mais nas legações, não é mesmo? — Ela falou num sussurro, espantada por sua voz soar tão calma, e por se sentir tão calma que podia lhe contar com a maior facilidade. — Deve compreender que, infelizmente, o pai não é *monsieur* Struan.

O sorriso de Poncin desapareceu, mas logo retornou.

— Está gracejando, é claro, mas por que...

— Apenas escute, por favor. — Angelique deslocou sua cadeira para mais perto. — Fui estuprada em Kanagawa...

Ele a fitou, fixamente, atordoado, enquanto Angelique relatava o que pensava ter lhe acontecido, o que decidira fazer, como ocultara o horror desde então.

— Por Deus, minha pobre Angelique, deve ter sido terrível para você! — foi tudo o que André conseguiu murmurar, num choque profundo.

Ao mesmo tempo, outra peça do quebra-cabeça ajustou-se no lugar. Sir William, Seratard e Struan haviam decidido limitar a notícia sobre a operação do Dr. Hoag em Kanagawa ao mínimo de pessoas possível, ocultando-a em particular de Angelique, os dois médicos aconselhando que era o mais sensato.

— Por que agitá-la desnecessariamente? Ela já se sente bastante transtornada com o atentado na *Tokaidô*.

Não havia ainda razão para contar a ela, pensou André, inquieto, abalado pela ironia.

Ele pegou a mão de Angelique, acariciou-a, forçando-se a reprimir suas próprias preocupações e concentrando-se nela. Vendo-a ali, sentada à sua frente, na sala que ocupava na legação, tão serena e recatada, a imagem da inocência, apenas umas poucas horas depois de ter sido a *belle* no melhor baile que Iocoama já testemunhara, proporcionava à sua história um ar total de irrealidade.

— Isso realmente aconteceu, Angelique?

Ela ergueu a mão, como se estivesse fazendo um juramento.

— Juro por Deus.

Angelique cruzou as mãos sobre o colo. Usava um vestido amarelo claro, uma pequena touca laranja e um guarda-chuva. Desconcertado, ele sacudiu a cabeça.

— Parece impossível.

Ao longo de seus anos como adulto, André Poncin tivera alguma participação em muitas dessas tragédias de homem-mulher: fora incluído em algumas por seus superiores, deparara por acaso com umas poucas, precipitara muitas e usara a maioria, se não todas, para a melhoria de sua causa... pela França, a revolução, liberdade, fraternidade, igualdade ou pelo imperador Luís Napoleão ou por qualquer pessoa ou coisa que estivesse em voga no momento... e também em proveito pessoal, acima de tudo.

Por que não? — pensava ele. O que a França tem feito por mim, o que algum dia fará por mim? Nada. Mas esta Angelique, com toda certeza, ou vai desmoronar a qualquer momento — sua serenidade é irreal — ou é como algumas mulheres que já conheci, que nasceram más e distorcem a verdade de maneira brilhante, para seus próprios propósitos, ou como alguém que foi levada à beira do abismo pelo terror, e se tornou uma mulher calculista, de sangue-frio, além dos seus anos.

— Como?

— Preciso remover o problema, André.

— Fazer um aborto? Mas você é católica!

— E você também. É uma questão entre Deus e eu.

— O que me diz da confissão? Tem de se confessar. Neste domingo, quando for à missa...

— É uma questão minha com o padre e depois com Deus. Mas o problema deve ser removido primeiro.

— É contra a lei de Deus e a lei do homem.

— E tem sido feito ao longo dos séculos, desde antes do dilúvio. — Um pouco nervosismo se insinuou na voz de Angelique. — Você confessa tudo? Adulterio também é contra a “lei de Deus”, não é mesmo? E matar é contra todas as leis, não é?

— Quem disse que já matei alguém?

— Ninguém, todavia é mais do que provável que já o tenha feito ou, pelo menos, causou mortes. Estes são tempos violentos. Preciso de sua ajuda, André.

— Está se arriscando à danação eterna.

— É verdade, angustiei-me por isso, com lagos de lágrimas.

Pensou Angelique, sombria, mas mantendo os olhos inocentes, odiando-o, detestando ter de confia nele.

Acordara cedo naquela manhã, continuara deitada, pensando, avaliando seu plano, de repente chegando à conclusão de que deveria odiar todos os homens Os homens causam todos os nossos problemas, pais, maridos, irmãos, filhos e padres... os padres são os piores de todos os homens, muitos são notórios fornicadores, insidiosos, mentirosos, que usam a Igreja para seus sórdidos propósitos pessoais, embora seja verdade que uns poucos são santos. Os padres e os outros homens que controlam nosso mundo e o arruinam para as mulheres. Odeio a todos... à exceção de Malcolm. Não o odeio, ainda não. Não sei se o amo de verdade. Não sei o que é o amor, mas gosto dele mais do que de qualquer outro homem que já conheci, e o compreendo.

Quanto ao resto, graças a Deus que meus olhos estão finalmente abertos! Ela fitava André com uma expressão confiante e suplicante. É uma desgraça que eu tenha de pôr minha vida em suas mãos, mas graças a Deus posso agora vê-lo como de fato é. Malcolm e Jamie têm razão, tudo o que você quer é dominar a Struan ou causar sua queda. É uma desgraça que eu tenha de confiar em

qualquer homem. Se ao menos estivesse em Paris ou mesmo em Hong Kong, contaria com dezenas de mulheres a quem poderia discretamente pedir a ajuda necessária, mas aqui não há nenhuma. Aquelas duas megeras? Impossível! É evidente que me odeiam, são inimigas.

Angelique permitiu que umas poucas lágrimas aparecessem.

— Por favor, ajude-me. Ele suspirou.

— Falarei com Babcott esta ma...

— Enlouqueceu? Não podemos envolvê-lo de jeito nenhum. Nem Hoag. Não é possível, André. Pensei em tudo com o maior cuidado. Nenhum dos dois serve. Temos de encontrar outra pessoa. Uma madame.

André ficou espantado com sua voz calma e lógica implacável e balbuciou:

— Está se referindo a uma *mama-san*?

— O que é isso?

— Ahn... é a mulher, a mulher japonesa, que dirige os bordéis locais, contrata os serviços das moças, acerta preços, cuida da distribuição pelos clientes. E assim por diante.

Angelique franziu a testa.

— Eu não tinha pensado numa delas. Ouvi dizer que há uma casa no final da estrada.

— Essa não! Fala da casa de Naughty Nellie... na cidade dos bêbados? Tu não iria lá nem por mil luíses.

— Mas a casa não é dirigida pela irmã da Sra. Fortheringill? A famosa Sra. Fortheringill de Hong Kong?

— Como sabe dela?

— Por Deus, André, pensa que sou uma inglesa tola e intolerante? — disse irritada. — Todas as europeias em Hong Kong sabem da Instituição para moças da Sra. Fortheringill, embora finjam que a ignoram e nunca falem abertamente a respeito; todas também sabem, à exceção talvez das mais estúpidas, que os homens visitam as casas chinesas ou têm amantes orientais. É hipocrisia, nada mais. Até mesmo você ficaria espantado se soubesse sobre o que as mulheres conversam na privacidade de seus *boudoirs* ou quando não há homens presentes.

Fui informada em Hong Kong que a irmã dela abriu uma casa aqui.

— Não é a mesma coisa, Angelique. Atende a marujos, bêbados, imigrantes que vivem do dinheiro que recebem de casa... a escória. E Naughty Nellie não é irmã, apenas alega ser, talvez até pague alguma coisa pelo uso do nome.

— É mesmo? Então para onde você vai, quando quer se “divertir”?

— Para a Yoshiwara.

André explicou o que era, desconcertado com a conversa e por se mostrar tão franco.

— Costuma frequentar algum lugar especial... uma casa especial? Mantém boas relações com alguma *mama-san*?

— Claro.

— Ótimo. Procure sua *mama-san* esta noite e obtenha a poção que elas usam, qualquer que seja.

— O quê?

— Por Deus, André, seja sensato... e sério. É um problema sério e, se não pudermos resolvê-lo, nunca serei a *châtelaine* da Casa Nobre; com isso você nunca poderá ajudar... a certos interesses.

Angelique percebeu que esse comentário atingira o alvo e sentiu-se ainda mais satisfeita consigo.

— Vá até lá esta noite e peça a poção a ela. Não pergunte à sua garota, ou a qualquer outra, porque elas não devem saber. Pergunte à *patronne*, à *mama-san*. Pode dizer que “a garota” está atrasada.

— Não sei se elas têm um medicamento assim. Ela sorriu, afável.

— Não seja tolo, André. Claro que têm. Não podem deixar de ter. — Com a mão direita, Angelique começou a esticar os dedos da luva na mão esquerda. — depois que esse problema estiver solucionado, tudo será maravilhoso e casaremos no Natal. Por falar nisso, decidi que será melhor deixar a casa de Struan até casarmos... agora que *monsieur* Struan recupera mais e mais as forças, a cada dia. Voltarei para a nossa legação esta tarde.

— Acha que é uma providência sensata? Melhor ficar perto dele.

— Em circunstâncias normais, seria mesmo. Mas devemos pensar no decoro também, ainda mais importante, tenho certeza de que o medicamento fará com que me sinta mais segura. Descansarei por um ou dois dias. Assim que isso estiver resolvido, decidirei que vou

voltar. Sei que posso contar com você, meu amigo. — Angelique levantou-se. — Amanhã, à mesma hora?

Se eu nada conseguir, darei um jeito de avisá-la.

— Não. É melhor nos encontrarmos aqui ao meio-dia. Sei que posso com contar com você.

Ela ofereceu o seu sorriso mais insinuante. André experimentou algum excitação, não apenas por causa do sorriso, mas também porque agora, independente do que viesse a acontecer, ela ficaria acorrentada a ele para sempre.

— Aqueles caracteres, Angelique, os que estavam escritos no lençol... lembra-se como eram?

— Claro — respondeu ela, surpresa com a mudança de assunto. — Por quê?

— Pode desenhá-los para mim? Talvez eu os reconheça e descubra um significado.

— Foram desenhados na colcha, não no lençol. Com o sangue dele.
— Angelique respirou fundo, estendeu a mão, pegou a caneta, mergulhou no tinteiro — Esqueci de lhe contar uma coisa. Quando acordei, constatei que desaparecera a pequena cruz que usava desde criança. Procurei por toda parte, mas não a encontrei.

— Ele roubou?

— Presumo que sim. Mas nada mais. Havia algumas jóias, que não foram tocadas. Não eram muito valiosas, porém valiam mais do que a cruz.

O pensamento de Angelique estendida naquela cama, inerte, a camisola cortada do pescoço à bainha, a mão do estuprador arrancando a corrente, o luar faiscando na cruz, antes ou depois, rapidamente se tornou real e erótico, vibrando em André. Seus olhos percorreram o corpo de Angelique, debruçada sobre a mesa, alheia a seu desejo.

— Aqui está — disse ela, estendendo o papel.

André olhou, os raios do sol se refletindo no anel de sinete de ouro que sempre usava. Os caracteres não se relacionavam com qualquer coisa que ele conhecia.

— Desculpe, mas nada significam para mim, nem mesmo parecem chineses... chineses ou japoneses, a escrita é a mesma.

Ele teve uma idéia súbita, virou o papel e ficou boquiaberto.

— *Tokaidô*... é esse o significado! — A cor se esvaiu do rosto de Angelique enquanto André acrescentava: — Copiou ao contrário. *Tokaidô* junta tudo. Ele queria que você soubesse, que toda a colônia soubesse, o que teria acontecido se contasse a alguém o que ocorreu. Mas por quê?

Tremendo toda, ela levou os dedos às têmporas.

— Não sei. Talvez... não sei. Ele deve estar morto a esta altura. Monsieur Struan acertou-lhe um tiro. Ele já deve ter morrido.

André hesitou, apreensivo, avaliando as razões contra e a favor.

— Já que partilhamos tantos segredos, e é evidente que você sabe como guardá-los, creio que outro se torna necessário agora.

Ele falou sobre Hoag e a operação, arrematando:

— Não foi culpa de Hoag, que não tinha como saber. É irônico, os nossos médicos aconselharem a não se contar nada a você, para poupá-la de mais angústias.

— É por causa de Babcott e seu opiato que me encontro nesta situação — murmurou Angelique, a voz assustando-o. — Quer dizer que o homem está vivo?

— Não sabemos. Hoag disse que ele não tinha muita chance. Mas por que aquele demônio queria que seu crime fosse conhecido, Angelique?

— Há outros segredos sobre esse horror que você conheça e eu ainda ignore?

— Não. Por que ele queria que todos soubessem? Bravata?

Angelique contemplou por um longo momento os caracteres que desenhara. Imóvel, a não ser pelos seios, que subiam e desciam com a regularidade da respiração. Depois, sem dizer mais nada, ela saiu. Fechou a porta sem fazer barulho.

André balançou a cabeça, espantado, olhando para o papel.

Tyrer estava no pequeno bangalô ao lado da legação britânica, que partilhava com Babcott, praticando caligrafia com Nakama, o nome pelo qual conhecia Hiraga.

— Por favor, dê-me o japonês para: hoje, amanhã, o dia seguinte, a próxima semana, o próximo ano, os dias da semana e os meses do ano.

— Sim, Taira-san.

Com todo cuidado, Hiraga disse uma palavra japonesa, observou Tyrer escrevê-la, foneticamente, em letras romanas. Depois, Hiraga escreveu os caracteres no espaço ao lado, e tornou a observar, enquanto Tyrer os copiava.

— Você bom aluno. Sempre usa mesma ordem para traços, fácil, assim não esquecer.

— Estou começando a compreender. Obrigado. Você tem sido de grande ajuda.

Tyrer sentia-se satisfeito, gostava de escrever, ler e aprender... e ensinava em troca, notando que Nakama era muito inteligente, absorvia tudo bem depressa. Trabalhou toda a lista com ele e disse, ao final:

— Ótimo. Obrigado. Agora, por favor, procure Raiko-san e confirme meu encontro para amanhã.

— Confirme, por favor?

— Pergunte se meu encontro é certo.

— Ah, entender. — Hiraga coçou o queixo, já escuro da barba da noite para o dia. — Eu ir agora, confirmar.

— Voltarei depois do almoço. Por favor, esteja aqui, para podermos praticar mais conversação. Quero que me fale mais coisas sobre o

Japão. Como se diz isso em japonês?

Hiraga pronunciou as palavras. Tyrer anotou-as foneticamente num caderno, agora repleto de palavras e frases, repetiu-as várias vezes, até se sentir satisfeito. Já ia dispensar Nakama quando se lembrou de uma coisa:

— O que é um *ronin*!

Hiraga pensou por um momento, depois explicou da maneira mais simples que podia. Mas não disse nada sobre os *shishi*

— Quer dizer que você é um *ronin*, um proscrito?

— *Hai*.

Pensativo, Tyrer agradeceu e deixou-o ir embora. Reprimiu um bocejo. Dormira mal à noite passada, seu mundo ao avesso com a inesperada rejeita de Raiko.

Que se dane Raiko, que se dane Fujiko, pensou ele, pondo a cartola, a fim de descer a High Street para um almoço leve no clube. Que se dane o aprendizado de japonês, que se dane tudo, minha cabeça dói, e nunca, mas nunca mesmo aprenderei essa língua horrivelmente complicada.

— Não seja ridículo! — disse ele, em voz alta.

Claro que vai aprender, conta com Nakama e André, dois bons mestres, e esta noite terá um excelente jantar, uma garrafa de champanhe, com alguém alegre e depois para a cama. E não censure Fujiko, pois em breve dormirei com ela de novo Oh, Deus, espero que sim!

O dia era agradável e a baía se encontrava apinhada de navios. Os mercadores convergiam para o clube.

— Olá, André. É um prazer vê-lo. Quer almoçar comigo?

— Não, obrigado.

Poncin nem parou.

— Qual é o problema? Você está bem?

— Não há problema nenhum. Vamos deixar para outra ocasião?

— Que tal amanhã?

André não costumava ser tão brusco.

— E eu queria lhe perguntar o que devo...

— Almoçarei com você, Phillip, se me permitir — disse McFay.

— Claro, Jamie. Parece de ressaca, meu caro.

— E estou mesmo. Você também parece. Foi uma festa e tanto.

— É verdade. Como está Malcolm?

— Não muito bem. É uma das coisas que eu queria conversar com você. Encontraram uma mesa vaga, na sala enfumaçada, abafada e apinhada, todos de sobrecasaca, como sempre.

A mesa era de canto. Criados chineses carregavam bandejas com rosbife, empadão de galinha, empadão de peixe, sopas diversas, pastéis da Cornualha, chouriço de Yorkshire, porco salmourado, pratos com caril e tigelas de arroz a moda chinesa, assim como uísque, rum, gim, champanhe, vinhos branco e tintos e canecas de cerveja. Havia mata-moscas ao lado de cada prato. McFay usou um assim que sentou.

— Eu queria lhe pedir que conversasse com Malcolm, não como se fosse uma sugestão minha, dizendo-lhe que seria uma boa idéia voltar a Hong Kong assim que for possível.

— Ora, Jamie, tenho certeza de que ele vai querer voltar logo, sem que diga qualquer coisa. Além do mais, ele não me escutaria; e por que deveria? Qual é o problema?

— A mãe dele. Receio que já não seja mais segredo, mesmo assim, não passe adiante. Ela manda uma carta por todos os navios de correspondência ordenando que eu o despache de volta... e não há nada que eu possa fazer, já que Malcolm não me dá a menor atenção. Quando a notícia da festa e de seu noivado final chegar a Hong Kong... — McFay revirou os olhos. — A merda vai se espalhar daqui a Iedo.

Apesar da seriedade de McFay, Tyrer não pôde deixar de rir.

— Já se espalhou e está fedendo como nunca antes. O jardim da legação se encontra coberto por uma camada de esterco.

— É mesmo? — O escocês franziu o rosto, farejou o ar. — Não havia notado. Como está o caril? — perguntou a alguém ao lado.

— Ótimo, Jamie. — O homem, Lunkchurch, cuspiu um pedaço de osso de galinha no chão coberto por serragem. — Já estou no segundo.

Tyrer fez sinal para um dos garçons que passava, mas o jovem dentuço evitou deliberadamente olhar para ele.

— Ei, *Dew neh loh moh*, garçom! — berrou McFay, irritado. — Bastante caril, depressa!

Houve risos, gritos e vaias pelas imprecações em chinês, por parte dos mercadores, e olhares contrariados do padre do batalhão Highland, que almoçava com seu equivalente anglicano dos dragões. Um prato de rosbife malpassado foi posto na frente de McFay.

— Pronto, muito, e bem depressa, hem? — disse o jovem criado, radiante. Exasperado, McFay empurrou o prato de volta.

— Isto é rosbife, pelo amor de Deus! Eu quero caril! Vá buscar CARIL!

— Quero empadão de galinha — disse Tyrer.

Resmungando, o criado voltou à cozinha. Assim que passou pela porta, caiu na gargalhada, em meio ao pandemônio que reinava ali.

— *Fay* da Casa Nobre explodiu como um barril de fogos de artifício quando empurrei o rosbife por baixo do nariz bulboso, fingindo que pensava que era caril. — Ele segurava a barriga no riso. — Ah, quase me caguei todo! Provocar os demônios estrangeiros é mais divertido do que fornicar!

Outros riram com ele, até que o chefe da cozinha esbofeteou-o.

— Escute aqui, seu pequeno fornicador fedorento... e todos vocês também... não provoquem os demônios estrangeiros da Casa Nobre até que Chen da Casa Nobre diga que podem. E agora leve depressa o caril de *Fay* da Casa Nobre, e não cuspa no prato ou vou servir a ele os seus testículos grelhados.

— Cuspir na comida dos demônios estrangeiros não tem nada demais, honorável chefe da cozinha — murmurou o jovem, a cabeça quase arrancada dos ombros. Ele pegou, também, um prato de pastelão de galinha e saiu correndo, obediente, o prato de caril e uma tigela de arroz foram jogados na frente de McFay. — Caril, amo, como pediu.

O jovem afastou-se apressado, a cabeça dolorida, mas ainda assim contente; não ousara desobedecer ao chefe da cozinha, mas mantivera o polegar imundo no caril durante todo o percurso.

— Um desgraçado grosseiro — disse Jamie. — Dez dólares contra um centavo como o patife cuspiu na comida ao trazê-la.

— Se tem tanta certeza, por que gritou com ele? — indagou Tyrer, enquanto começava a cortar o pastelão do tipo Melton-Mowbray, com sua crosta grossa

— Ele precisa disso, todos precisam, e um bom chute no rabo de vez em quando. — Com prazer, McFay pôs-se a revolver o caril com carneiro e batata amarelada e espesso como sopa de aveia, glóbulos de gordura boiando na superfície. — Outra coisa. Ouvei dizer que contrabandeou um samurai de Iedo que fala um pouco de inglês.

Tyrer quase engasgou com um pedaço de galinha.

— Mas que absurdo!

— Então por que ficou quase roxo? Lembre-se de que está falando comigo McFay, da Casa Nobre. Como espera manter esse segredo por aqui, Phillip? Vocês foram ouvidos. — O suor pontilhava sua testa, do calor do caril, a mão se erguia de vez em quando para afugentar as moscas. — Isto está quente o suficiente para fritar os colhões... e muito gostoso. Quer experimentar um pouco?

— Não, obrigado.

Feliz, McFay continuou a comer. Depois, entre bocados, a voz se tornou dura, embora o tom ainda fosse confidencial:

— A menos que me fale francamente sobre ele, meu caro, e será uma conversa sigilosa... tem a minha palavra... partilhe tudo, transmita todas as informações, darei a notícia aqui e agora... para ele.

A colher apontava para Nettlesmith, o editor do Yokohama Guardian, que já os observava, interessado. Um respingo de caril caiu na toalha.

— Se Wee Willie ler sobre o seu segredo no jornal, vai ter uma explosão como você nunca viu.

Toda a fome de Tyrer desaparecera. Nauseado, ele murmurou:

— Hum... é verdade, ajudamos um dissidente a escapar de Iedo. Isso é tudo o que posso dizer. No momento, ele se encontra sob a proteção de sua majestade britânica. Lamento, mas não posso dizer mais nada, pela lei dos segredos oficiais.

McFay fitou-o com uma expressão astuta.

— Proteção de sua majestade britânica, hem?

— Isso mesmo. Em boca fechada não entra mosca. Não posso falar mais nada. Segredos de Estado.

— Interessante... — McFay terminou o prato e pediu uma segunda porção — Mas, em troca, não direi a ninguém.

— Desculpe, mas jurei que guardaria segredo. — Tyrer também suava, uma constante na Ásia, exceto durante os meses de inverno e primavera, e também porque seu segredo era conhecido. Mesmo assim, sentia-se satisfeito com a maneira como lidava com Jamie, sem dúvida o mais importante dos mercadores de Iocoama. — Tenho certeza que compreende.

McFay balançou a cabeça, cortês, concentrado no caril.

— Compreendo muito bem, meu caro. Assim que eu acabar aqui, Nettlesmith terá a notícia exclusiva.

— Não se atreveria! — Tyrer estava chocado. — Os segredos de...

— Estou pouco ligando para os segredos de Estado. Primeiro, não acredito em você, segundo, mesmo que assim fosse, temos o direito de saber, porque nós somos o Estado, e não um bando de diplomatas imprestáveis, que nem sabem perceber a direção de um peido!

— Ei, escute aqui...

— Estou escutando. Partilhe tudo, Phillip, ou leia a notícia na edição da tarde.

O sorriso radiante de McFay era seráfico, enquanto absorvia o resto do molho com um pão e o consumia. Ele arrotou, empurrou a cadeira para trás e fez menção de se levantar.

— Se é assim que você quer...

— Espere!

— Tudo? Concorda em me contar tudo?

Atordoadado, Tyrer acenou com a cabeça.

— Se jurar que vai manter em segredo.

— Ótimo. Mas não aqui. Meu escritório é mais seguro. Vamos embora. Ao passar por Nettlesmith, ele perguntou:

— Quais são as novidades, Gabriel?

— Leia a edição da tarde, Jamie. Guerra em breve na Europa, terrível na América, guerra fermentando aqui.

— As mesmas coisas de sempre. Bom, até...

— Boa tarde, Sr. Tyrer.— Os olhos astutos de Nettlesmith desviaram-se para ele, enquanto coçava a cabeça, pensativo, para depois voltar sua atenção para McFay. — Recebi uma cópia adiantada do último capítulo de Grandes Esperanças.

Jamie parou no mesmo instante. Phillip também.

— Oh, Deus, não acredito!

— Dez dólares e a promessa de uma exclusiva.

— Que exclusiva?

— Quando tiver alguma. Confiarei em você.

Outra vez os olhos astutos se deslocaram para Tyrer, que tentou permanecer impassível.

— Esta tarde, Gabriel? Sem falta?

— Combinado. Por uma hora, para que não possa copiar... é exclusividade minha. Custou-me quase todos os favores que tenho a receber na Fleet Street para para roubar.

— Dois dólares?

— Oito, mas sua hora depois de Norbert.

— Minha última oferta, oito... e leio primeiro?

— Mais a exclusiva? Negócio fechado. É um cavalheiro e um sábio, Jamie. Estará em seu escritório às três horas.

Através de sua janela aberta, Tyrer ouviu o sino de navio no escritório do mestre do porto badalar oito vezes. Tinha os pés em cima da mesa e tirava um cochilo, os exercícios de caligrafia da tarde

esquecidos. Não havia necessidade de olhar para o relógio na cornija da lareira. O cérebro lhe disse que eram quatro horas da tarde. Agora, a bordo dos navios, começaria o quarto de vigia, um período de duas horas com o primeiro de quatro às seis horas da tarde, o segundo de seis às oito da noite, depois viriam os turnos normais de quatro horas, até as quatro da tarde segundo Marlowe explicara que os quartos de vigia haviam sido instituídos para permitir uma rotação dos tripulantes.

Tyrer bocejou e abriu os olhos, pensando. Não muito mais que meio ano atrás eu nunca ouvira falar de quartos de vigia, jamais estivera num navio de guerra e agora posso saber as horas pelos sinos de navio com a mesma facilidade que teria se olhasse para um relógio.

O relógio na cornija da lareira bateu quatro horas. Absolutamente pontual Dentro de meia hora, vou me encontrar com Sir William. Os suíços, sem dúvida podem fazer cronômetros melhores do que os nossos. Onde Nakama se meteu? Será que ele fugiu? Já deveria ter voltado há horas. O que Sir William quer? Espero que não tenha ouvido falar de meu segredo. Torço para que deseje apenas que mais despachos sejam copiados. É terrível que minha caligrafia seja a melhor da legação; afinal, sou um tradutor, não um mero amanuense! Droga, droga, droga!

Ele se levantou, cansado, arrumou suas coisas, começou a lavar as mãos na bacia, tirando a tinta dos dedos. Uma batida na porta.

— Entre.

Por trás de Hiraga, havia um sargento e um soldado britânicos, ambos com baionetas coladas, ambos furiosos. Hiraga estava todo machucado, desgrenhado, pálido de raiva, quase nu, sem chapéu, sem turbante, o quimono de aldeão em farrapos. O sargento empurrou-o para a frente, com a baioneta apontada.

— Nós o pegamos pulando a cerca, senhor. Tivemos a maior dificuldade para dominá-lo. Ele tem um passe, assinado pelo senhor. É autêntico?

— É, sim. — Consternado, Tyrer adiantou-se. — Ele é um hóspede aqui, sargento, um hóspede de Sir William e meu. É professor de japonês.

— Professor, hem? — murmurou o sargento, sombrio. — Pois diga ao patife que professores não pulam cercas, não tentam fugir, não usam os cabelos cortados como samurais, não assustam as pessoas, nem lutam como um saco cheio de gaws selvagens... tenho um homem com o braço quebrado e outro com o nariz arrebitado. Na próxima vez em que o surpreendermos, não seremos tão cuidadosos.

Os dois soldados se retiraram. Tyrer fechou a porta, foi até o aparador, pegou um copo com água.

— Tome aqui.

Hiraga recusou-o, sufocado de raiva.

— Por favor. Prefere *saquê* ou cerveja?

— *Iyé.*

— Por favor... mas sente e me conte o que aconteceu.

Hiraga começou a dar uma explicação em japonês.

— *Gomen nasai, Ingerish dozo.* Desculpe, inglês, por favor.

Com algum esforço, Hiraga passou a falar em inglês e disse, com longas e iradas pausas entre as palavras:

— Muitos guardas, portão e ponte. Passar pântano, pela água, pular cerca. Idados me ver. Eu parar, inclinar, estender mão pegar passe, eles me jogar no chão. Lutar, mas ser muitos.

Ele seguiu com outro fluxo de palavras venenosas, em japonês, promessas de vingança. Esgotado o paroxismo, Tyrer disse:

— Desculpe, mas a culpa é sua...

Tyrer recuou, numa reação involuntária, quando Hiraga virou-se para ele.

— Pare com isso! — exclamou Tyrer, irritado. — O soldado tinha razão. Os samurais assustam as pessoas. Sir William lhe disse para tomar cuidado e eu também.

— Eu estava sendo polido, apenas fazendo o que era correto! — exclamou Hiraga, em japonês, furioso. — Aqueles macacos grosseiros me atacaram quando eu ia mostrar o passe, tinha dificuldade para encontrar. Macacos, vou matar todos eles!

O coração de Tyrer batia forte, podia sentir o gosto enjoativo do medo em sua boca.

— Escute, precisamos resolver esse problema o mais depressa possível. Quando Sir William souber do incidente, pode expulsá-lo da colônia. Nós dois temos que solucionar isso, entende?

— *Iyé!* O que ser solucionar, por favor?

Tyrer ficou agradecido por ouvir o “por favor” e conteve seu pavor. Era evidente que aquele sujeito era tão violento, perigoso e impetuoso quanto qualquer outro samurai do Japão. Graças a Deus que ele não está armado.

— “Solucionar” significa resolver, chegar a um acordo. Temos de solucionar este problema, você e eu, como você pode viver aqui em segurança. Entendeu?

— *Hai. So desu ka! Wakarimasu.* Taira-san e eu solucionar problema.
— Hiraga controlou sua fúria. — Por favor, o que sugerir? Passe não bom para soldados. Homens que me ver, me odiar. Como solucionar problema?

— Primeiro... primeiro há um excelente e antigo costume inglês. Sempre que temos de solucionar um problema sério, tomamos chá.

Hiraga manteve-se impassível. Tyrer tocou uma sineta e pediu chá a Chen, o garoto número um, que fitou Hiraga desconfiado, com um enorme cutelo escondido nas costas.

Enquanto esperavam, Tyrer recostou-se na cadeira, ficou olhando pela janela, com uma expressão solene, desesperadamente querendo que o outro homem lhe falasse sobre Fujiko, mas também bem-educado demais para um interrogatório sobre assunto tão importante- Mas que desgraçado, pensou ele, devia me dar a informação sem que eu peça, sabendo que me sinto ansioso, em vez de me deixar esperando. Preciso lhe ensinar os costumes ingleses, a não perder o controle e os soldados tinham toda razão. Preciso convertê-lo num cavalheiro inglês. Mas como? E devo me preocupar também com o miserável do Jamie que é esperto demais.

Depois do almoço, haviam ido ao escritório de McFay, que o exortara a tomar um conhaque. Em poucos minutos, Tyrer descobrira que já lhe contara tudo.

— Puxa, Phillip, você é brilhante! — dissera-lhe McFay, com um entusiasmo sincero. — Esse homem será uma verdadeira mina de ouro, se lhe fizerem perguntas certas. Ele disse de onde era?

— De *Choshu*. Acho que foi isso que ele disse.

— Eu gostaria de conversar com ele... em particular.

— Se ele falar com você, outros acabarão descobrindo, e a notícia... a notícia vai se espalhar por toda parte.

— Se eu sei, Norbert sabe, e aposto que o *Bakufu* também sabe... não são tolos. Lamento, mas não há segredos aqui. Quantas vezes devo lembrá-lo?

— Está bem, falarei com Nakama. Mas só se eu estiver presente quando conversarem.

— Ora, Phillip, isso não é necessário e você tem muito o que fazer. Não me agradaria desperdiçar seu tempo.

— Sim ou não?

McFay suspirara.

— Você é um homem difícil, Phillip. Está bem.

— E também se eu puder ler o último capítulo, de graça... amanhã, por exemplo. Acerte tudo com Nettlesmith.

McFay protestara:

— Se eu tenho de pagar a quantia espantosa de oito dólares, você também tem de contribuir!

— Neste caso, nada de entrevista e comunicarei tudo a Sir William.

Ele sorriu para si mesmo, recordando a expressão azeda de McFay, quando seus pensamentos foram interrompidos por Chen:

— Chá, amo, muito, depressa, depressa.

Tyrer voltou a se concentrar em Nakama. Chen pôs a bandeja na mesa, não mais carregando o cutelo, embora o deixasse ao seu alcance fácil, no outro lado da porta. Tyrer serviu o chá para os dois, acrescentou leite e açúcar e tomou um gole da mistura escura e escaldante, com intensa satisfação.

— Assim é melhor. — Hiraga imitou-o. Teve de recorrer a toda a sua força de vontade para não cuspir a beberagem quente, e engolir o líquido de gosto mais horrível que já experimentara na vida.

— Bom, não é? — disse Tyrer, com um sorriso radiante, enquanto terminava sua xícara. — Quer mais?

— Não, obrigado. Costume inglês, sim?

— Inglês e americano, sim, não francês. Os franceses... — Tyrer deu de ombros- — Eles não têm o menor gosto.

— *Ah, so ka?* — Hiraga percebera o ligeiro desdém. — Francês não igual a inglês?

Ele fez a pergunta com fingida inocência, sua fúria contida para mais tarde.

— Claro que não, nem um pouco. Eles vivem no continente, nós temos uma Iha-nação, como vocês. Costumes diferentes, comidas diferentes, governo diferente, tudo diferente, e ainda por cima a França é uma pequena potência, em comparação à Inglaterra.

Tyrer pôs mais açúcar, mexeu, satisfeito consigo mesmo porque a raiva de Nakama parecia ter se dissipado.

— Somos muito diferentes.

— Ser mesmo? Inglês e francês fazer guerra?

Tyrer riu.

— Dezenas de vezes, ao longo dos séculos, mas também aliados em outras guerras... fomos aliados no último conflito.

Ele falou brevemente sobre a Criméia, depois sobre Napoleão Bonaparte, a Revolução Francesa e o atual imperador, Luís Napoleão.

— Ele é sobrinho de Bonaparte, um absoluto bufão. Bonaparte não era um bufão, mas sim um dos homens mais diabólicos que já nasceram, responsável por centenas de milhares de mortes. Se não fosse por Wellington, Nelson e nossos soldados, ele teria dominado o mundo. Está compreendendo tudo isso?

Hiraga acenou com a cabeça.

— Não todas palavras, mas compreender. — Ele absorvera a essência e sentia-se espantado, não podia entender por que um grande general deveria ser considerado diabólico. — Por favor, continuar, Taira-san.

Tyrer continuou a falar por algum tempo, mas logo encerrou a aula de história e declarou:

— Agora, vamos ao seu problema. Quando deixou a Yoshiwara, os guardas de lá não criaram problemas?

— Não. Fingir levar legumes.

— Boa idéia. Ah, por falar nisso, falou com Raiko-san?

— Sim. Fujiko não possível amanhã.

— Ahn... Não importa.

Tyrer deu de ombros, morrendo por dentro. Mas Hiraga notou o profundo deprimimento e saboreou-o. *Sonno-jo!*, pensou ele, sombrio. Tivera de comprar pessoalmente os serviços de Fujiko, mas não se importava. Raiko dissera: “Já que você paga bem, embora não os preços dos *gai-jin*, eu concordo e ele deve deitar com ela no dia seguinte. Não quero que encontre outra...”

Tyrer estava dizendo:

— Nakama-san, a única maneira de você poder ficar seguro aqui é não sair. Não vou mais enviá-lo à Yoshiwara. Deve permanecer aqui,

dentro da legação.

— Melhor, Taira-san, eu ficar aldeia, encontrar casa segura. Dentro cerca mais seguro. Cada dia vir amanhecer ou quando quiser, ensinar e aprender Taira-san ser muito bom sensei. Isso solucionar problema, sim?

Tyrer hesitou, não querendo afrouxar o controle, mas também não desejando mais tê-lo tão perto.

— Está bem, mas se primeiro você me mostrar o local exato e não se mudar sem me avisar.

Uma pausa, Hiraga acenou com a cabeça em concordância e disse:

— Eu concordar. Por favor, dizer soldados bom eu ficar aqui e aldeia?

— Claro, farei isso. Tenho certeza que Sir William vai concordar.

— Obrigado, Taira-san. Dizer soldados também se atacar de novo eu virar katana.

— Não fará nada disso! Eu proíbo, Sir William já proibiu! Nada de armas nada de espadas!

— Por favor, dizer soldado não atacar, por favor.

— Está bem, farei isso, mas se usar espadas aqui será morto, eles atirarão em você!

Hiraga deu de ombros.

— Por favor, não atacar. *Wakatta?*

Tyrer não respondeu. *Wakatta* era a forma mais imperiosa de *wakarimasu ka*: Você compreende?

— *Domo*.

Com uma violência contida, que Tyrer quase pôde farejar, Nakama tornou a agradecer e disse que voltaria ao amanhecer para levá-lo à casa segura, depois estaria pronto para responder a quaisquer perguntas que ele quisesse fazer. Fez uma reverência rígida, que Tyrer retribuiu da mesma forma. E virou as costas para sair. Foi só então que Tyrer percebeu a extensão das equimoses por todas as suas costas e pernas.

O vento tornou-se instável naquela noite, o mar ficou encapelado.

A esquadra se encontrava ancorada na baía, pronta para dormir, o primeiro turno da noite, que começava às oito horas, já se encontrava a postos. Mais de cinquenta homens ocupavam várias celas, por diversas violações, e seis, com graus variados de medo, preparavam diligentes as chibatadas de nove tiras para as cinquenta chibatadas que deveriam receber ao amanhecer, por conduta prejudicial à boa ordem e disciplina militar: um por ameaçar torcer o pescoço de um contramestre sodomita, três por briga, um por roubar uma ração de rum, outro por insultar um oficial.

Nove sepultamentos no mar haviam sido marcados para o amanhecer.

As enfermarias de todos os navios se achavam superlotadas com Biarú sofrendo de disenteria, diarreia, crupe, coqueluche, escarlatina, sarampo, doenças venéreas, fraturas diversas, hérnias, e assim por diante, tudo rotina, à exceção de quatorze perigosos, com varíola, a bordo da nave capitânia. Sangrias e Punções violentas eram as curas recomendadas para a maioria das doenças — Médicos sendo também barbeiros —, exceto pelos poucos pacientes afortunados que recebiam a tintura do Dr. Collis, que ele inventara durante a guerra da Criméia, que reduzia as mortes por disenteria em três quartos: seis gotas do líquido escuro, misturado em ópio, e os intestinos começavam a se acalmar.

Por toda a colônia, as pessoas se preparavam para o jantar e a parte do dia guardada com mais ansiedade: a conversa depois, sobre os rumores ou notícias do dia — graças a Deus que o navio de correspondência deve chegar amanhã — desfrutando a camaradagem, rindo dos escândalos mais suculentos, falando do baile, a tensão dos negócios, se haveria mesmo guerra ou o último livro que alguém lera, uma nova história engraçada ou um poema que alguém criara, aventuras em tempestades, nas terras geladas ou em desertos, viagens por estranhos lugares do império — Nova Zelândia, África e Austrália eram quase inexploradas, a não ser pelas áreas costeiras — ou o oeste selvagem da América e Canadá, histórias da corrida do ouro na Califórnia em 1.848, de visitas à América espanhola, francesa ou russa —, Dmitri numa ocasião navegara pela costa oeste americana, em grande parte desconhecida, de San Francisco para o norte, até o Alasca, que pertencia aos russos — cada homem relatando as coisas estranhas que vira, as mulheres que possuía, ou as guerras que testemunhara. Bons vinhos, outras bebidas, cachimbos e tabaco da Virgínia, os últimos drinques no clube, depois as orações e a cama.

Uma noite normal no império.

Alguns anfitriões especializavam-se em corais ou na leitura de poemas e trechos de algum romance cobiçado. Nesta noite, na festa muito exclusiva de Norbert Greyforth, com todos os convidados jurando segredo, houve uma leitura especial do último capítulo de *Grandes Esperanças*, pela cópia proibida que ele conseguira fazer em sua hora permitida, usando todos os cinquenta amanuenses da firma.

— Se isso vazar, todos vocês serão demitidos — ameaçara ele.

No clube, ainda se falava sobre o baile da noite anterior, e se aventava a possibilidade de promover outro.

— Por que não uma festa semanal? Peitos-de-Anjo pode girar a saia e me mostrar o calção por baixo todos os dias da semana, junto com

Naughty Nellie Portheringill...

— Pare de chamá-la de Peitos-de-Anjo, pelo amor de Deus!

— Ora, ela tem peitos de anjo e por isso é Peitos-de-Anjo!

Aos gritos e apupos, a briga começou, fizeram-se apostas, e os dois oponentes, Lunkchurch e Grimm, outro mercador, se atracaram e tentaram deixar um ao outro desacordado.

Quase em frente, no lado do mar, ficava o prédio de alvenaria da legação Britânica, com um mastro no pátio, jardins, todo cercado, como a maioria das construções importantes, por uma cerca defensável. Sir William já se encontrava vestido para o jantar, assim como seu convidado principal, o almirante, e ambos estavam furiosos.

— Os desgraçados! — bradou o almirante, o rosto vermelho ainda vermelho do que o habitual, indo até o aparador para se servir de outra grande dose de uísque. — Estão além da compreensão!

— Totalmente.

Sir William largou o pergaminho e lançou um olhar furioso para Johan Tyrer, parados à sua frente. O pergaminho fora trazido uma hora antes por nosso mensageiro, enviado pelo governador japonês, em nome do *Bakufu*.

— Muito urgente, sinto muito.

Em vez de escrito em holandês, como era habitual, estava em caracteres com a concordância de Seratard, Johann convocara um dos missionários jesuíta franceses visitantes e produzira uma tradução aproximada, que Tyrer converteria para o inglês. A mensagem era do Conselho de Anciãos, assinada por Anjo:

Comunico por despacho. Por ordem do xógum, recebida de Quioto, a data provisória da reunião, dentro de dezenove dias, com os roju, e a reunião no mesmo dia com o xógum, serão adiadas por três meses, já que sua majestade não voltará até então. Assim, envio este aviso primeiro, antes de realizar uma conferência para acertar os detalhes. A segunda parcela do presente fica adiada por trinta dias. Respeitosa e humilde comunicação.

— Johann — disse Sir William, a voz gelada—, não acha que é um tratamento grosseiro, infame e absolutamente vil?

Cauteloso, o suíço respondeu:

— Nem tanto assim, senhor.

— Pelo amor de Deus, passei dias negociando, ameaçando, perdendo o sono, renegociando, até eles jurarem pela cabeça do xógum que se reuniriam em Iedo, no dia 5 de novembro, o encontro com o xógum no dia seguinte, e agora isto!

Sir William tomou um gole do seu drinque, engasgou e praguejou por quase cinco minutos, em inglês, francês e russo, os outros fitando-o com admiração, pelas vulgaridades esplendidamente descritivas.

— Tem toda razão — declarou o almirante. — Tyrer, Sirva outro gim para Sir William.

Tyrer obedeceu no mesmo instante. Sir William pegou seu lenço, assoou o nariz, aspirou um pouco de rapé, espirrou, tornou a assoar o nariz.

— A sífilis para todos eles!

— O que propõe, Sir William? — indagou o almirante, evitando que transparecesse em seu rosto a satisfação por mais essa humilhação de seu adversário.

— É claro que responderei imediatamente. Por favor, mande a esquadra para Iedo amanhã, a fim de bombardear as instalações portuárias que eu indicar.

Os olhos azuis do almirante se contraíram.

— Creio que devemos discutir esse assunto em particular. Cavalheiros. Tyrer e Johann encaminharam-se para a porta.

— Não! — protestou Sir William, muito tenso. — Johann, você pode sair. Espere lá fora, por favor. Tyrer é meu assistente pessoal e vai ficar. O pescoço do almirante ficou vermelho, mas ele não disse nada, até Johann fechar a porta.

— Conhece muito bem a minha posição sobre o bombardeio. Até chegar uma ordem expressa da Inglaterra, não determinarei nenhum bombardeio, a menos que seja atacado.

— Sua posição torna impossíveis as negociações. O poder vem do cano de nossos canhões e de mais nada!

— Concordo. Só discordamos sobre o momento oportuno.

— A decisão sobre o melhor momento cabe a mim. Portanto, faça a gentileza de ordenar apenas um pequeno canhoneio, vinte balas, nos alvos que eu indicar.

— Já disse que não! Será que não fui bastante claro? Quando a ordem chegar, incendiarei todo o Japão, se necessário, mas não antes.

Foi a vez de Sir William ficar vermelho.

— Sua relutância em apoiar a política de sua majestade da melhor maneira possível é inacreditável.

— Parece-me que o verdadeiro problema é o engrandecimento pessoal. Que importância podem ter uns poucos meses? Nenhuma... exceto pela prudência.

— A prudência que se dane! — berrou Sir William, furioso. — Claro que receberemos instruções para agir como eu, repito, como eu determinar! É imprudente protelar. Pela correspondência de amanhã, enviarei um pedido para que seja substituído por um oficial mais afinado com os interesses de sua majestade... e treinado em batalha!

O almirante ficou roxo. Só umas poucas pessoas sabiam que nunca participara, em toda a sua carreira, de qualquer combate, em terra ou no mar. Assim que recuperou o controle, ele disse:

— É um privilégio que lhe cabe, senhor. Enquanto isso, até meu substituto chegar, ou o seu, eu comando as forças de sua majestade no Japão. Boa noite, senhor.

Ele saiu, batendo a porta.

— Um patife grosseiro — murmurou Sir William, depois constatando, surpreso, a presença de Tyrer, paralisado pelas circunstâncias. — É melhor ficar de boca fechada, Tyrer. Eles lhe ensinaram isso?

— Sim, senhor.

— Ainda bem. — Sir William tratou de desviar sua mente do nó górdio do *Bakufu, roju* e a intransigência do almirante, relegando tais problemas para mais tarde. — Sirva-se de um xerez, Tyrer, pois parece que está precisando. Jante conosco, já que o almirante recusou o convite. Joga gamão?

— Sim, senhor.

— Antes que eu me esqueça, que história é essa de uma escaramuça entre um samurai de estimação e o exército britânico?

Tyrer relatou os detalhes e sua solução, mas não falou sobre a ameaça do *sensei* de pegar suas espadas, sentindo-se mais culpado do que nunca por esconder fatos do ministro.

— Eu gostaria de mantê-lo aqui, senhor... com sua aprovação, é claro. É um mestre excelente e creio que nos será muito útil.

— Duvido muito e é ainda mais importante que não haja novos problemas aqui. Não há como prever o que esse homem fará. Pode se tornar uma víbora no nosso ninho. Terá de ir embora amanhã.

— Mas ele já me forneceu algumas informações muito valiosas, senhor! — protestou Tyrer, reprimindo sua súbita aflição. — Por exemplo, contou-me que o xógum é apenas um menino, mal

completou dezesseis anos, e não passa de um títere do *Bakufu*, o verdadeiro poder pertence ao imperador... ele usou o títere do micado várias vezes... que vive em Quioto.

— Deus Todo-Poderoso! — explodiu Sir William. — Isso é mesmo verdade? Tyrer já ia revelar que Hiraga falava inglês, mas conteve-se a tempo.

— Ainda não tenho certeza, senhor. Não tive tempo de interrogá-lo direito pois é um homem difícil, mas creio que é verdade.

Sir William sentia-se ansioso com as implicações da informação.

— O que mais ele disse?

— Apenas comecei, e essas coisas demoram, senhor, como deve compreender. — O entusiasmo de Tyrer era cada vez maior. — Mas

já me falou sobre os *ronin*. A palavra significa “onda”, senhor. São chamados de *ronin* porque são livres como as ondas. São todos samurais, mas proscritos por diversas razões. A maioria é adversária do *Bakufu*, como Nakama. Acham que usurparam o poder do *midaco*... oh, desculpe, *micado*, como falei.

— Espere um pouco, Tyrer. Fale mais devagar. Temos bastante tempo. O que é exatamente um *ronin*?

Tyrer contou.

— Por Deus! — Sir William pensou por um momento. — Portanto, os *ronin* são samurais que foram proscritos porque seu rei caiu em desgraça, ou proscritos por seus reis, porque cometeram crimes reais ou imaginários, ou proscritos voluntários, que estão se agrupando para derrubar o governo central do xógum títere?

— Sim, senhor. Ele diz que o governo é ilegal.

Sir William tomou o último gole de seu gim, acenando com a cabeça para si mesmo, atônito e exultante, enquanto repassava tudo em sua mente.

— Então Nakama é um *ronin*, o que você chama de um dissidente e chamaria de um revolucionário?

— Sim, senhor. Com licença, senhor, mas posso sentar? — perguntou Tyrer com a voz trêmula, ansioso em contar a verdade sobre o homem, mas com medo fazê-lo.

— Claro, claro, Tyrer, desculpe. Mas, primeiro, sirva-se de outro xerez e traga uma dose de gim.

Sir William observou-o, satisfeito com ele, mas também um pouco com pena. Com anos de lida com diplomatas, espões, meias verdades, mentiras e clamorosas desinformações faziam soar os sinais de alarme de que alguma coisa lhe era ocultada. Ele aceitou o drinque.

— Obrigado. Sente naquela cadeira, é a mais confortável. A nós. Você deve estar falando um excelente japonês para obter tudo isso em tão pouco tempo.

— Não, senhor, ainda não, mas passo bastante tempo estudando. Com Nakama, uso a paciência, gestos, umas poucas palavras de inglês, palavras e frases japonesas que André Poncin me ensinou. Ele tem me ajudado muito, senhor.

— André sabe o que esse homem lhe contou?

— Não, senhor.

— Não lhe diga nada. Absolutamente nada. Mais alguém sabe?

— Não, senhor, exceto Jamie McFay. — Tyrer tomou um gole do xerez. — Ele já sabia alguma coisa, e... hum... foi muito persuasivo, arrancou-me a informação sobre o xógum.

Sir William suspirou.

— É verdade, Jamie pode ser muito persuasivo, para dizer o mínimo, e sempre sabe muito mais do que diz.

Ele recostou-se na confortável cadeira giratória de couro antigo, tomou outro gole do drinque, a mente avaliando todos aqueles novos conhecimentos, de valor inestimável, já reformulando sua resposta para a rude missiva daquela noite, especulando até que ponto ousaria jogar, o quanto podia confiar na informação de Tyrer. Como sempre, nessas circunstâncias, ele recordou, contrafeito, os comentários de despedida do subsecretário permanente sobre o fracasso.

— A respeito de Nakama, concordarei com seu plano, Phillip... posso chamá-lo de Phillip?

Tyrer corou de satisfação pelo súbito e inesperado cumprimento.

— Claro, senhor. Obrigado.

— Eu é que agradeço. No momento, concordarei com seu plano, mas, pelo amor de Deus, tome cuidado com ele, não esqueça que os *ronin* têm cometido todos os tipos de assassinatos, à exceção do pobre Canterbury.

— Tomarei cuidado, Sir William. Não se preocupe.

— Arranque tudo o que puder dele, mas não conte a mais ninguém, e me transmita imediatamente. Pelo amor de Deus, tome cuidado, sempre tenha um revólver na mão, e se ele apresentar a menor indicação de violência, trate de atirar ou ponha-o a ferros.

Ao lado da legação britânica ficava a americana, depois a holandesa, russa, alemã e por último, a francesa. Ali, naquela noite, em sua suíte, Angelique vestia-se para Jantar, ajudada por Ah Sok. Dentro de uma hora deveria começar o jantar dedicado a ela e a Malcolm por Seratard, para comemorar o noivado. Mais tarde teria música.

— Mas não toque por tempo demais, André — pedira ela, pouco antes. — Alegue que está cansado. Deixe bastante tempo para sua missão. Os homens são mesmo afortunados.

Ela sentia-se contente e triste por ter se mudado. É mais sensato, ela refletiu agora. Poderei voltar em três dias. Uma nova vida, uma nova...

— O que errado, senhora?

— Nada, Ah Sok.

Angelique fez um esforço para afastar a mente do que teria de suportar breve, sepultou o medo ainda mais fundo.

Um pouco além, na melhor localização à beira do cais, o prédio Struan ainda se encontrava todo iluminado, assim como a Brock & Sons, ao lado, com muitos escriturários e cambistas continuando a trabalhar nas duas companhias. Malcolm Struan transferira-se naquele dia para a suíte do *tai-pan*, muito maior e mais confortável do que a suíte que ocupava antes, e agora se empenhava em vestir o traje para o jantar.

— Qual é o seu conselho, Jamie? Não sei o que fazer com a mãe e suas cartas mas isso é um problema meu, não seu... ela também o

está pressionando, não é?

Jamie McFay deu de ombros.

— É muito difícil para ela. Do seu ponto de vista, até que tem razão, ela quer apenas o melhor para você. Creio que se preocupa demais com a sua saúde, por você estar tão longe e ela não poder vir para cá. E nada dos Struans pode ser resolvido de Iocoama, é tudo em Hong Kong. O *China Cloud* chegará dentro de poucos dias, procedente de Xangai, e seguirá direto para Hong Kong. Vai voltar com ela?

— Não, e por favor não torne a levantar o assunto — respondeu Struan, o tom um tanto ríspido. — Avisarei quando nós, Angélique e eu, decidirmos partir. Só espero que a mãe não esteja no *China Cloud*... seria a última gota.

Struan inclinou-se para calçar as botas, não conseguiu, a dor foi intensa demais.

— Desculpe, mas pode me ajudar? Obrigado.

Depois, ele explodiu:

— Ser como um aleijado fodido está me levando à loucura!

— Posso imaginar.

McFay disfarçou sua surpresa. Era a primeira vez que ouvia Malcolm Struan dizer um palavrão. Tratou de acrescentar, gentilmente, gostando dele, admirando sua coragem:

— Eu também ficaria assim... não, não igual, muito pior.

— Ficarei bem depois que casarmos, toda a espera encerrada, tudo em ordem.

Com alguma dificuldade, Struan usou o urinol, o que era sempre doloroso, viu algumas partículas de sangue no fluxo. Falara a respeito com Hoag no dia anterior, quando recomeçara, e o médico lhe dissera para não se preocupar.

— Então por que você está preocupado?

— Não estou preocupado, Malcolm, mas apenas interessado. Com os ferimentos internos que você sofreu, qualquer indicação durante o processo de cura deve ser registrada...

Struan terminou, claudicou até a cadeira ao lado da janela, arriou nela, agradecido.

— Preciso de um favor, Jamie.

— Claro. Qualquer coisa. O que posso fazer?

— Pode... ahn... preciso ter uma mulher. Pode trazer alguém da Yoshiwara?

Jamie ficou surpreso.

— Ahn... acho que sim. — Uma pausa. — Seria sensato?

Uma rajada de vento sacudiu as janelas, os galhos das árvores e os arbustos no jardim, derrubou algumas telhas soltas ao chão, fez com

que os ratos saíssem correndo das pilhas de lixo jogadas na High Street e do canal cheio e fétido ao redor, que também servia como esgoto.

— Não — respondeu Malcolm.

A menos de um quilômetro do prédio Struan, perto da cidade dos bêbados, numa habitação indistinta da aldeia japonesa, Hiraga estava deitado de barriga para baixo, sendo massageado. A casa era ordinária, a fachada dando para a rua decrépita igual às outras nos dois lados do estreito caminho de terra, cada uma servindo também como depósito e loja durante o dia. Lá dentro, como muitas outras que pertenciam aos mercadores mais prósperos, tudo exibía uma limpeza impecável, era polido, apreciado e confortável. Era a casa do *shoya*, o ancião da aldeia.

A massagista era cega. Tinha vinte e poucos anos, o corpo firme, o rosto gentil, um sorriso meigo. Pelos costumes antigos, na maior parte da Ásia, os cegos tinham o monopólio da arte da massagem, embora fosse praticada também por algumas pessoas de visão normal. Também pelo costume antigo, os cegos sempre tinham toda segurança, nunca eram atacados.

— É muito forte, samurai-sama — disse a jovem, rompendo o silêncio. — Os homens com quem lutou devem estar mortos ou sofrendo.

Por um momento, Hiraga não respondeu, apreciando os dedos hábeis e firmes, que procuravam seus músculos contraídos e os relaxavam.

— Talvez.

— Por favor, posso fazer uma sugestão? Tenho um óleo especial da China que ajudará a curar seus cortes e equimoses num instante.

Ele sorriu. Era um estratagema usado com frequência, para ganhar um dinheiro extra.

— Está bem. Pode usar.

— Ah, mas você sorri, honrado samurai! Não é um truque para ganhar mais dinheiro — disse ela no mesmo instante, os dedos nas costas de Hiraga. — Minha avó, que também era cega, transmitiu-me o segredo.

— Como soube que eu sorri?

A jovem riu, o que lembrou a Hiraga o som de uma cotovia flutuando nas correntes de ar do amanhecer.

— Um sorriso começa em muitas partes do corpo. Meus dedos o escutam em seus músculos, e às vezes até os pensamentos.

— E em que estou pensando agora?

— Em *Sonno-joi*. Ah, eu acertei! — Outra vez a risada que o desconcertava — Mas não tenha qualquer receio, não disse nada, os fregueses aqui nunca dizem nada, e eu nada direi. Mas meus dedos me dizem que é um espadachim especial. O melhor a que já servi. É evidente que não é do *Bakufu*. Portanto, deve ser *ronin* e *ronin* por opção, já que é hóspede nesta casa. Ou seja, deve ser um *shishi* o primeiro que já tivemos aqui.

Ela fez uma reverência, antes de acrescentar:

— Todos nos sentimos honrados. Se eu fosse homem, apoiaria *Sonno-joi*.

Deliberadamente, a ponta de seu dedo, dura como aço, pressionou um centro nervoso e ela sentiu o tremor de dor percorrer o corpo de Hiraga. Ficou satisfeita por ser capaz de ajudá-lo muito mais do que ele imaginava.

— Sinto muito, mas este é um ponto muito importante para rejuvenescê-lo e manter o fluxo de seus humores.

Hiraga soltou um grunhido, a dor comprimindo-o contra os futons, mas ao mesmo tempo experimentando uma estranha satisfação.

— Sua avó também era massagista?

— Era, sim. Em minha família, pelo menos uma menina em cada segunda geração nasce cega. Foi a minha vez nesta vida.

— Karma.

— É verdade. Dizem que na China de hoje os pais ou mães cegam uma de suas filhas, a fim de que ela possa obter, quando crescer, um emprego para a vida toda.

Hiraga nunca ouvira falar a respeito, mas acreditou, e sentiu-se furioso.

— Aqui não é a China, e nunca será. Um dia ainda vamos conquistar a China e civilizá-la.

— Oh, lamento perturbar sua harmonia, lorde. Por favor, perdoe-me. Ah, assim é melhor. Mais uma vez, peço que me desculpe, por favor. Estava dizendo, lorde... civilizar a China? Como o ditador Nakamura queria fazer? É possível?

— É, sim, um dia. É o nosso destino assumir o trono do dragão, como é o seu destino massagear e não falar.

Outra vez a risada gentil.

— Sim, lorde.

Hiraga suspirou, enquanto o dedo da jovem soltava o ponto de pressão, a dor dando lugar a uma satisfação agradável. Portanto, todos sabem que sou *shishi*, pensou ele. Quanto tempo se passará antes de ser traído por alguém? Por que não? Dois koku é uma fortuna.

Não fora fácil encontrar este refúgio. Ao entrar na aldeia, deparara com um silêncio consternado, pois todos viram que se tratava de um samurai, um samurai sem espadas, parecendo descontrolado. A rua

esvaziara-se, exceto pelos mais próximos, que se ajoelharam e aguardaram seu destino.

— Você, velho, onde fica a *ryokan* mais próxima... a estalagem?

— Não temos nenhuma, lorde, não há necessidade, honrado lorde.
— balbucira o idoso consciente, o medo fazendo-o falar apressadamente. — Não precisamos, já que nossa Yoshiwara fica aqui perto, maior que na maioria das cidades, com dezenas de lugares em que um homem pode se alojar, com mais de uma centena de mulheres, sem contar as criadas, três *gueixas* de verdade e sete aprendizes, e é por isso...

— Já chega! Onde é a casa do *shoya*?

— Aquela ali, senhor.

— Onde, seu tolo? Levante-se e me leve até lá! Ainda enfurecido. Hiraga seguiu o velho pela rua, querendo esmurrar os olhos que o observavam de todas as aberturas, sufocar os sussurros em sua esteira.

— É esta, lorde.

Hiraga acenara para que o velho fosse embora. A placa na frente da loja aberta, repleta de mercadorias de todos os tipos, mas vazia de pessoas, anunciava que ali era a residência e local de negócios de Ichi Ryoshi, *shoya*, mercador de arroz e banqueiro, o agente em Iocoama da Gyokoyama. A Gyokoyama era uma *zaibatsu* — significando um complexo de negócios de família — muito poderosa em Iedo e Osaka, mercadores de arroz e *sakuê*, assim como destiladores de cerveja e também, o mais importante, banqueiros.

Hiraga fizera um esforço para se controlar. Com extremo cuidado e polidez, batera na porta, ficara de cócoras e começara a esperar, tentando dominar a dor pela surra que levava da patrulha de dez homens. Depois de um longo momento, um homem de meia-idade, rosto forte, aparecera na loja aberta, ajoelhou, fizera uma reverência. Hiraga também fizera uma reverência, apresentara-se como Nakama Otami e mencionara que seu avô também era *shoya*, sem indicar onde, mas fornecendo informações suficientes para que

o homem soubesse que era verdade. Indagara se, talvez, já que não havia nenhuma ryokan ali, o *shoya* não teria um quarto vago para hóspedes pagantes.

— Meu avô também tem a honra de fazer negócios com a zaibatsu Gyokoyama... por intermédio da qual suas aldeias vendem todas as suas colheitas — acrescentara ele, sempre polido.— Eu agradeceria se fizesse o favor de lhes enviar uma nota de crédito minha para Osaca e me adiantasse algum dinheiro por conta.

— Iedo fica mais perto do que Osaca, Otami-san.

— É verdade, mas Osaca é melhor para mim do que Iedo.

Hiraga não queria arriscar qualquer contato com Iedo, onde poderia haver vazamentos para o *Bakufu*. Notara a avaliação fria e sem medo do *shoya* e ocultara seu ódio, mas até mesmo os *daimios* tinham de ser cautelosos quando tratavam com a Gyokoyama ou seus agentes, inclusive lorde Ogama, de *Choshu*. Era do conhecimento geral que Ogama lhes devia muito dinheiro, com anos de receita futura já empenhados como garantia.

— Minha companhia sente-se honrada em servir velhos clientes. Por favor quanto tempo desejaria permanecer em minha casa?

— Uns poucos dias, se não lhe causasse muita inconveniência.

Hiraga falara sobre Tyrer e o problema dos soldados, apenas porque tinha a certeza que a notícia o precedera.

— Pode ficar pelo menos três dias, Otami-san. Sinto muito, mas deve estar preparado para ir embora depressa, no caso de um súbito ataque, de dia ou de noite.

— Eu compreendo. Obrigado.

— Por favor, peço que me desculpe, mas eu gostaria de ter uma ordem assinada por esse Taira ou, melhor ainda, pelo chefe dos *gai-jin*, determinando que eu lhe abra minha casa, para o caso de o *Bakufu* aparecer aqui.

— Providenciarei essa ordem. — Hiraga se inclinara em agradecimento encobrindo sua irritação pelas restrições. — Obrigado.

O *shoya* ordenara que uma criada trouxesse chá e os materiais de escrita e observara Hiraga redigir a nota de crédito, a ser deduzida da conta de Shinsaku Otami, o codinome secreto de seu pai. Ele assinara e lacrara com seu sinete o recibo para Ryoshi, que concordara em adiantar a metade da quantia, aos juros habituais de dois por cento ao mês, pelos três meses que seriam necessários para enviar o documento a Osaca e completar a transação.

— Quer a quantia em dinheiro?

— Não, obrigado, pois ainda me restam alguns oban — respondera Hiraga, exagerando, reduzido aos últimos dois. — Por favor, abra

uma conta para mim, deduza os custos do meu quarto e comida. Também preciso de algumas roupas e espadas, e agradeceria se me providenciasse uma massagista.

— Claro, Otami-san. Quanto às roupas, o criado lhe mostrará nosso estoque. Escolha o que quiser. Quanto às espadas... — Ryoshi dera de ombros. —... as únicas que tenho aqui são imitações para os *gai-jin* e não valem grande coisa, mas pode ver tudo de que disponho. Talvez eu possa lhe arrumar espadas apropriadas. Agora, vou mostrar seu quarto, com uma entrada e saída particular... há um guarda aqui, de dia e de noite.

Hiraga o seguira. Ryoshi não fizera qualquer comentário sobre sua nudez e os machucados, nem lhe fizera perguntas.

— É bem-vindo aqui, uma honra para minha humilde casa — dissera ele, antes de deixá-lo.

Recordando agora a maneira como isso fora dito, Hiraga sentiu sua pele arrepiar... polida e solene, mas ameaçadora e mortífera por trás. É repulsa — pensou ele, lamentável que os samurais sejam

mantidos na pobreza por daimios e xóguns corruptos, sem falar no *Bakufu*, sendo obrigados a tomar emprestado dessas zaibatsu de baixa classe, formadas por mercadores sórdidos e avarentos que agem como se o dinheiro lhes proporcionasse poder sobre nós. Por todos os deuses, quando o imperador recuperar o poder, haverá um ajuste de contas e todos os mercadores e as zaibatsu começarão apagar... Subitamente, ele sentiu que os toques da jovem paravam.

— O que é, lorde? — perguntou a massagista, assustada.

— Nada, nada. Por favor, continue.

Seus dedos obedeceram, mas o contato era diferente agora, havia tensão no ar. O recinto era espaçoso, com oito esteiras, os futons estofados com o tatame da melhor qualidade, os *shojis* recém-reformados, com um novo papel oleado. No nicho da Gyokoyama havia um lampião a óleo, um arranjo de flores e a pintura em pergaminho de uma vasta paisagem, tendo como única habitação uma pequena cabana num bambuzal, com uma mulher ainda menor na porta, parecendo desamparada, olhando para a distância... com um poema de amor ao lado.

Esperando, Escutando a chuva

Batendo na chuva

Solitária, mas transbordando de esperança pelo retorno de seu homem. Hiraga resvalava para o sono quando a porta corrediça foi aberta.

— Com licença, lorde. — O criado ajoelhou-se e acrescentou, apreensivo: — Sinto muito, mas há uma pessoa de baixa classe lá fora que alega conhecê-lo, pede para vê-lo, sinto muito incomodá-lo, mas ele é muito insistente e...

— Quem é ele? Qual é seu nome?

— Ele... não quis dar seu nome e também não falou em seu nome, lorde, mas disse: "*Avise ao samurai que Todo é o irmão de Joun.*"

Hiraga levantou-se no mesmo instante. Enquanto vestia a *yukatta*, pediu à massagista que voltasse no dia seguinte, na mesma hora, e dispensou-a em seguida. Aproximou-se das duas espadas que tomara emprestadas até que o *shoya* pudesse lhe providenciar melhores e ajoelhou-se numa posição de ataque e defesa, de frente para a porta.

— Mande-o entrar e mantenha todas as outras pessoas à distância.

O jovem camponês franzino e sujo, com um quimono esfarrapado, rastejou pelo corredor e ficou de joelhos fora da porta.

— Obrigado, lorde, muito obrigado por me receber. — O jovem levantou o rosto, com um sorriso vazio, os dentes da frente faltando.
— Obrigado, lorde.

Hiraga lançou-lhe um olhar irritado e depois ofegou, em incredulidade.

— Ori? Mas... é impossível!

Ele observou com mais atenção e constatou que os dentes apenas haviam sido escurecidos, como parte do disfarce, criando uma ilusão perfeita. Mas não podia haver qualquer dúvida de que Ori não era mais um samurai ostensivo: o penacho fora cortado e todos os cabelos atrás e nos lados da cabeça aparados na mesma altura dos fios de duas semanas que cobriam o resto.

— Por quê? — indagou Hiraga, desolado.

Ori sorriu, foi sentar perto dele.

— O *Bakufu* procura por *ronin*, não é mesmo? — sussurrou ele, mantendo a voz baixa contra os ouvidos que ambos sabiam que podiam estar escutando.

— Não deixei de ser um samurai, mas agora posso passar por qualquer camponês.

O ar deixou a boca de Hiraga num silvo de admiração.

— Tem toda razão. É brilhante. *Sonno-joi* não depende de um corte de cabelo. Tão simples... mas eu nunca pensaria nisso.

— Ocorreu-me ontem à noite. Pensava em seu problema, Hiraga.

— Cuidado. Meu nome aqui é Nakama Otami.

— Ah, então é esse! Ótimo! — Ori sorriu. — Eu não sabia como chama-lo, por isso usei o código.

— Já encontraram Todo e os outros?

— Ainda não. Continuam desaparecidos. Devem estar mortos. Soube que Joun foi executado como criminoso comum, mas ainda ignoramos com Todo foi capturado.

— Por que veio aqui, Ori? É muito perigoso.

— Não deste jeito, nem à noite, e eu precisava testar o novo Ori, conversar com você. — Contrafeito, ele passou a mão pela cabeça, com os cabelos começando a crescer, coçou-a. Tinha o rosto raspado. — A sensação é horrível, parece suja, de certa forma obscena, mas não importa. Agora estou seguro, posso ir para Quioto. Partirei daqui a dois dias.

Hiraga olhava para sua cabeça, fascinado, ainda aturdido com a espantosa mudança.

— Se alguma coisa o torna mais seguro, não se deve hesitar, só que agora todos os samurais o tomarão por um homem comum. Como pode usar espadas?

— Quando precisar de espadas, usarei um chapéu. E quanto estiver disfarçado, tenho isto.

Ori enfiou a mão boa na manga e tirou uma pistola de dois tiros. O rosto de Hiraga tomou a se iluminar.

— Ei, brilhante! Onde conseguiu?

— Fujiko. Ela me vendeu, com uma caixa de balas. Um cliente deu a ela quando deixou Iocoama. Imagine só! Uma prostituta de baixa classe com um tesouro assim.

Hiraga pegou a pistola com o maior cuidado, sopesou-a, apontou-a, levantou para ver os dois cartuchos no bronze nos canos.

— Pode matar dois homens com isto, antes de ser morto, se estiver bastante perto.

— Um é suficiente para dar tempo de correr e pegar as espadas. — observou Hiraga.

— Ouvimos falar dos soldados. Eu queria verificar se estava bem. *Baka!* Iremos para Quioto juntos e deixaremos este lugar para os cretinos até podermos voltarmos com plena força.

Hiraga sacudiu a cabeça, relatou o que acontecera de fato, depois falou de Tyrer e a descoberta da hostilidade entre franceses e ingleses, para acrescentar excitado:

— É uma das cunhas que podemos cravar entre eles. Faremos com que lutem e vamos deixar que se matem uns aos outros por nós, hem? Devo ficar aqui, entende? É apenas o começo. Precisamos aprender tudo o que eles sabem, ser capazes de agir como eles, assim poderemos destruí-los.

Ori franziu o rosto, considerando as razões a favor e contra; embora não tendo perdoado Hiraga por obrigá-lo a se humilhar, removendo a cruz da mulher, mas tinha de proteger *Sonno-joi*.

— Neste caso, se vai ser nosso espião, terá de se tornar como eles sob todos os aspectos, grudar em sua sociedade como um percevejo, virar um amigo e até mesmo usar roupas de *gai-jin*. — Ao olhar impassível de Hiraga, ele completou: — Por que não? Isso o protegerá ainda mais e tornará mais fácil que eles o respeitem, neh?

— Mas por que eles deveriam me aceitar?

— Não deveriam, mas são tolos. Taira será sua ponta de lança. Pode dar um jeito, ordenar. Pode insistir.

— Por que ele faria isso?

— Use Fujiko.

— Como assim?

— Raiko nos deu a pista: os *gai-jin* são diferentes. Preferem ir para a cama com a mesma mulher. Ajude Raiko a envolvê-lo com uma rede e ele vai virar seu cão fiel, porque será o intermediário indispensável. Diga a Taira, mesmo que esteja furioso com os soldados, que a culpa não foi dele. Voltou à Yoshiwara apesar de todas as dificuldades e arrumou Fujiko para ele na noite de amanhã, *“mas seria muito mais simples para mim, Taira-sama, arrumar esses encontros se tivesse roupas europeias para usar, a fim de passar*

pelas barreiras”, e assim por diante. Faça com que ora que ela se torne disponível, ora não, ponha-o na coleira, e aperte à vontade, entende?

Hiraga começou a rir, baixinho.

— Seria melhor você permanecer aqui, em vez de ir para Quioto. Seus conselhos são muito valiosos.

— Katsumata deve ser alertado. E a mulher *gai-jin*?

— Descobrirei onde exatamente ela se encontra.

— Ótimo. — O vento aumentava e uma rajada passou pela casa, fazendo o papel oleado estalar nas armações, pondo para dançar a chama do lampião. — Você a viu?

— Ainda não. Os criados de Taira, um bando de chineses asquerosos, não falam qualquer língua que eu possa compreender, por isso não consegui descobrir nada por intermédio deles. Mas o prédio maior na colônia pertence ao homem com quem ela vai casar.

— Ela vive lá?

— Não tenho certeza, mas... — Hiraga fez uma pausa, uma idéia aflorando em sua mente. — Se eu pudesse me tornar aceito, teria condições de ir a qualquer parte, descobriria tudo sobre suas defesas, seria capaz até de subir a bordo de seus navios...

— E numa certa noite — disse Ori no mesmo instante, antecipando-se, talvez pudéssemos capturar um dos navios ou afundá-lo.

— Isso mesmo.

Os dois se mostraram exultantes com a perspectiva, enquanto a vela se agita projetando sombras estranhas.

— Com o vento certo — murmurou Ori —, um vento sul, como esta noite com cinco ou seis *shishi*, uns poucos barris de óleo já colocados nos armazéns certos... mesmo que não seja necessário, podemos iniciar incêndios na Yoshiwara. O vento espalharia as chamas para a aldeia e, depois, para a colônia! *Neh?*

— E o navio?

— Na confusão, podemos remar até o maior. Seria fácil, *neh?*

— Fácil, não, mas que golpe!

— *Sonno-joi!*

21

Quinta-feira, 16 de outubro:

— **E**ntre! Ah, bom dia, André. — O tom de Angelique era efusivo, e não combinava com sua ansiedade. — É muito pontual. Está tudo bem com você?

Ele acenou com a cabeça, fechou a porta da pequena sala no térreo, anexa ao quarto, que servia como o *boudoir* de Angelique, na legação francesa. Sentiu-se mais uma vez espantado por ela aparentar tanta calma e ser capaz de manter uma conversa descontraída. Polidamente, inclinou-se para beijar a mão de Angelique, depois sentou à sua frente. A sala era insípida, com cadeiras velhas, uma *chaise longue*, escrivaninha, paredes de reboco, com uns poucos óleos baratos de novos pintores franceses, Delacroix e Corot.

— O exército me ensinou. A pontualidade é quase a santidade.

Ela sorriu, amável.

— Não sabia que estive no exército.

— Tive uma comissão na Argélia durante um ano, quando tinha vinte e dois anos, depois da universidade... nada de espetacular, apenas ajudar a esmagar uma das habituais rebeliões dos nativos. Quanto mais cedo exterminarmos todos os rebeldes, anexando por completo o norte da África, tornando-o território francês, melhor. —

Ele afugentou as moscas, distraído, enquanto a estudava. — Você parece mais linda do que nunca. Seu estado lhe faz bem.

Os olhos de Angelique perderam a cor, tornaram-se duros. A noite anterior fora péssima, sua cama bastante desconfortável, no quarto desarrumado e andrajoso. No escuro, a ansiedade prevalecera sobre a confiança e se tornara cada vez mais nervosa por ter deixado de maneira tão precipitada a suíte confortável ao lado dos aposentos de Struan. A alvorada não melhorara seu humor; outra vez fora torturada pela idéia persistente: os homens causavam todos os seus problemas. A vingança será doce.

— Está se referindo ao meu iminente estado conjugal, não é?

— Claro — respondeu André, depois de uma breve pausa.

Angelique se perguntou, irritada, qual era o problema com ele, por que se mostrava tão grosseiro e distante, como ocorrera na noite anterior, quando tocou piano por um longo tempo, mas sem que a música tivesse o entusiasmo habitual.

André exibia olheiras e o rosto parecia mais encovado do que o habitual.

— Tem algum problema, meu caro amigo?

— Não, minha cara Angelique, absolutamente nenhum.

Mentiroso, pensou ela. Por que os homens mentem tanto, para as outras pessoas e para si mesmos?

— Teve êxito em sua missão?

— Sim e não.

Ele sabia que Angelique girava num espeto e, de repente, teve vontade de fazer com que ela se contorcesse, abanar as chamas para fazê-la gritar, pagar por Hana.

Você é louco, disse a si mesmo. A culpa não é de Angelique. Isso é verdade, mas foi por sua causa que ontem à noite visitei a casa das Três Carpas, falei com Raiko; enquanto conversávamos, em nossa mistura de japonês, inglês e *pidgin* senti de repente que aquela outra noite não passara de um pesadelo terrível e que a qualquer momento Hana apareceria, com um riso nos olhos, meu coração palpitaria, como sempre, deixaríamos Raiko, tomaríamos um banho juntos, comeríamos em particular e faríamos amor sem pressa. Quando compreendi a verdade, que Hana se fora para sempre, tive a sensação de que vermes fervilhavam em minhas entranhas e cérebro e quase vomitei.

— Raiko, preciso saber quem eram os três clientes.

— Sinto muito, Furansu-san. Já disse antes: a *mama-san* dela morreu, pessoas da casa se dispersaram, a Estalagem dos Quarenta e Sete *Ronin* foi destruída.

— Deve haver algum meio de descobrir...

— Não há nenhum. Sinto muito.

— Então me conte a verdade... a verdade de como ela morreu.

— Com sua faca na garganta. Sinto muito.

— Ela se matou? *Haraquiri?*

Raiko respondera com a mesma voz paciente, a mesma voz que usara para contar a mesma história, dar as mesmas respostas às mesmas perguntas, uma dezena de vezes antes:

— O *haraquiri* é o meio antigo, o meio honrado, o único meio de expiar um erro cometido. Hana traiu a você e a nós, a todos os clientes, a si mesma... era esse o seu karma nesta vida. Não há mais nada a dizer. Sinto muito. Deixe-a descansar. O quadragésimo dia depois de sua morte, seu dia de kami, quando uma pessoa renasce ou se torna um kami, já passou. Deixe seu kami, seu espírito descansar. Agora, que outra coisa posso fazer por você?

Angelique sentava empertigada, como fora ensinada desde a infância, angustiada, observando-o, uma das mãos no colo, a outra se abanando contra as moscas. Indagara duas vezes "o que significa sim e não?", mas André não a ouviu, aparentemente em transe. Pouco antes de deixar Paris, seu tio ficara no mesmo estado e a tia comentara:

— Deixe-o em paz. Quem sabe que demônios habitam a mente de um homem quando perturbado?

— Qual é o problema que ele tem?

— Ah, *chérie*, toda a vida é um problema quando o que se ganha não dá para tudo o que se precisa. Os impostos nos sufocam, Paris é uma cloaca de arrogância e ausência de moral, a França desmorona outra vez, o franco compra cada vez menos, o preço do pão dobrou em um ano e meio. Deixe-o em paz. O pobre coitado faz o melhor que pode.

Angelique suspirou. É isso mesmo, um pobre coitado. Amanhã farei o melhor que puder. Falarei com Malcolm, que acertará o pagamento das dívidas. Um homem tão bom não pode continuar na prisão dos devedores. De quanto serão suas dívidas? Uns poucos luíses...

Ela viu André voltar a si e fitá-la.

— Sim e não, André? O que isso significa?

— Sim, elas têm um medicamento, mas não, você ainda não pode tomá-lo porque...

— Mas por que você...

— *Mon Dieu*, seja paciente, e espere até eu terminar de contar o que a *mama-san* me disse. Não pode ter o medicamento agora porque não deve ser tomado antes do trigésimo dia, e de novo no trigésimo quinto, e também porque a beberagem... uma infusão de ervas... deve ser preparada na hora, a cada vez.

As palavras liquidaram a simplicidade do plano de Angelique; André já deveria ter lhe dado aquela altura a poção ou o pó que obtivera na noite anterior, ela tomaria de imediato e iria para a cama, alegando que se sentia com depressão. *Voilà!* Uma pequena dor de barriga e, em poucas horas, um dia no máximo, tudo ficaria perfeito.

Por um momento, Angelique sentiu que todo o seu mundo se distorcia, mas conseguiu aplicar um freio: Pare com isso! Está sozinha. É a heroína, apanhada pelas forças do mal. Deve ser forte, tem de lutar sozinha... mas pode vencê-las!

— Trinta dias?

A voz saiu sufocada.

— Isso mesmo, e repete no trigésimo quinto. Você precisa ser pontual e...

— O que acontece depois, André? Age rápido?

— Pelo amor de Deus, deixe-me acabar. Ela disse que costuma funcionar de imediato. A segunda dose nem sempre é necessária.

— Não há nada que eu possa tomar imediatamente?

— Não. Absolutamente nada.

— Mas ela disse que a tal beberagem dá certo em todas as ocasiões?

— Disse, sim.

A resposta de Raiko a tal pergunta fora outra:

— Nove vezes em dez. Se o medicamento não funcionar, há outros meios.

— Refere-se a um médico?

— Isso mesmo. A poção geralmente funciona, mas é cara. Devo pagar ao fabricante antes que ele me dê. Precisa comprar as ervas...

André tornou a se concentrar agora em Angelique.

— A *mama-san* disse que era eficaz... mas cara.

— Eficaz? Todas as vezes? E não é perigosa?

— Todas as vezes, e não é perigosa. Mas é cara. Ela tem de pagar adiantado ao farmacêutico, para que ele compre as ervas.

— Por favor, pague para mim, e dentro de poucos dias o reembolsarei três vezes mais.

Os lábios de André contraíram-se numa linha fina.

— Já adiantei vinte luíses. Não sou rico.

— Mas quanto pode custar um pequeno medicamento, André, um medicamento tão corriqueiro? Não pode ser muito caro, não é?

— Ela disse que para uma moça precisando de tal ajuda, uma ajuda secreta. Que importância tem o custo?

— Concordo, meu caro André. — Angélique empurrou esse problema para o lado, com a maior cordialidade, ao mesmo tempo em que endurecia seu coração por ele ser tão mercenário. — Dentro de trinta dias poderei pagar qualquer coisa, da mesada que Malcolm me

prometeu. De qualquer forma, tenho certeza de que você poderá providenciar tudo, já que é um homem tão sensato. Obrigada, meu caro amigo. Por favor, diga a ela que minha regra deveria começar daqui a oito dias, exatamente. Quando receberá o medicamento?

— Já lhe disse, um dia antes do trigésimo. Posso ir buscar pessoalmente ou mandar alguém.

— E... o desconforto? Por quanto tempo deve durar?

André sentia-se muito cansado, constrangido, e agora furioso por ter se deixado envolver, por maiores que fossem as vantagens potenciais e permanentes.

— Ela me disse que depende da mulher, da idade, se já fez isso antes. Se nunca fez, deve ser fácil.

— Mas quantos dias de mal-estar?

— *Mon Dieu*, ela não disse e também não perguntei. Se tem perguntas específicas, escreva-as, e tentarei obter as respostas. E, agora, se me dá licença...

André levantou-se. No mesmo instante, ela permitiu que seus olhos se enchessem de lágrimas.

— Oh, André, obrigada! Tem sido tão gentil em me ajudar, e lamento muito tê-lo incomodado!

Ela desatou a chorar, satisfeita por vê-lo se derreter de novo.

— Não chore, Angelique. Não é culpa sua, mas sim... peço desculpas. De ser terrível para você, mas não se preocupe, por favor. Irei buscar o medicamento no momento certo e farei tudo o que

puder para ajudar. Basta escrever as perguntas e trarei as respostas em poucos dias. Sinto muito... é que não tenho me sentido bem ultimamente...

Angelique fingiu confortá-lo. Depois que ele se retirou, avaliou as suas opções, olhando pelas cortinas sujas para a High Street, sem ver nada.

Trinta dias? Não importa. Posso viver com a demora, nada vai atrapalhar, pensou ela, várias vezes, querendo convencer a si mesma. Mais vinte dias não fará a menor diferença.

Para se certificar, ela pegou seu diário, abriu-o, começou a contar. Depois contou e chegou ao mesmo dia, 7 de novembro, sexta-feira. Dia de são Teodoro.

Mesmo assim acenderei uma vela para ele todos os domingos. Não há necessidade de marcar o dia, pensou ela, um tremor lhe percorrendo o corpo. Mesmo assim, fez a pequena cruz no canto. E a confissão?

Deus compreende. Ele compreende tudo.

Posso esperar... mas o que fazer se...

Se não der certo ou se André ficar doente ou se desaparecer ou se morrer ou se a *mama-san* não cumprir o prometido ou qualquer outra coisa dentre mil e um contratempos?

Isso a inquietou. Abalou sua determinação. Lágrimas de verdade molharam as faces. E, de repente, Angelique recordou o que o pai dissera uma ocasião, há muitos anos, pouco antes de abandoná-la e ao irmão menor, em Paris...

— Isso mesmo, ele nos abandonou — disse ela, em voz alta, a primeira vez em que articulava essa verdade. — Não se pode chamar de outra coisa. E por tudo o que sei agora, *Mon Dieu*,

provavelmente foi melhor assim. Ele teria nos vendido, pelo menos me vendido.

O pai citara seu ídolo, Napoleão Bonaparte:

— Um general sábio sempre tem uma linha de retirada planejada, da qual desfechará o golpe da vitória.

Qual é a minha linha de retirada?

Foi nesse instante que uma coisa que André Poncin lhe dissera, semanas antes, aflorou em sua mente. Ela sorriu e toda a angústia se desvaneceu.

Phillip Tyrer dava os retoques finais no esboço da resposta de Sir William ao *roju*. Ao contrário das comunicações anteriores, Sir William enviaria o original em inglês e uma cópia em holandês, a ser preparada por Johann.

— Aqui está, Johann, já acabei.

Ele arrematou com um floreado no “B” final de Sir William Aylesbury, K.C.B.

— *Scheiss in mein Hut!* — exclamou Johann, impressionado. — É a melhor caligrafia que já vi. Não é de admirar que Wee Willie queira que você copie todos Os despachos de Londres.

— *Shigata ga nai!* — disse Tyrer, sem pensar. Não importa.

— Está mesmo se empenhando em seu japonês?

— É verdade, e gostando muito, mas não diga nada a Willie. O que acha da manobra dele?

Johann suspirou.

Com os japas, eu não acho nada. Mas tenho a impressão de que ele ficou é de miolo mole com os rodeios dos japas.

A mensagem dizia:

À Sua Excelência, Nori Anjo, chefe roju. Recebi seu despacho de ontem e comunico que está totalmente rejeitado. Se não pagarem a parcela combinada da indenização pelo assassinato de dois soldados britânicos no prazo marcado, a quantia devida será quadruplicada a cada dia de atraso.

Lamento saber que não controlam seu calendário. Corrigirei essa situação de imediato. Partirei para Quioto em minha nave capitânia, com uma esquadra de escolta, daqui a doze dias, a contar de hoje. Atracarei em Osaca. Com uma escolta montada e o obrigatório canhão de sessenta libras, de nossa real artilharia, para as salvas reais, seguirei para Quioto, em busca de uma reparação para vocês de sua jovem majestade, o xógum Nobusada ou mesmo, se ele não estiver disponível, de sua alteza imperial, o imperador Komei, prometendo honras reais, com uma salva de vinte e um tiros de canhão. Por favor, comunique-lhes nossa chegada iminente, (assinado) Ministro e embaixador de sua majestade britânica, Sir William Aylesbury, K.C.B....

— Imperador? Que imperador?— indagou Johann, irritado.— Só há um midaco ou micado ou qualquer outra coisa parecida, que é uma espécie de papa menor, sem muito poder, ao contrário de Pio IX, que se intromete, conspira e faz política, sempre desejando, como todos os *Gottverdampft* católicos, nos jogar na fogueira!

— Ora, Johann, eles não são tão ruins assim. Agora, os católicos ingleses já podem votar, e até mesmo concorrer ao Parlamento, como todos os outros.

— Quero mais que todos os católicos peguem uma boa sífilis. Sou suíço, e não esquecemos.

— Então por que todos os guardas pessoais do papa são suíços?

— São mercenários católicos. — Johann deu de ombros. — Dê-me logo uma cópia do despacho e começarei a trabalhar.

— Sir Willie diz que não vai renovar o contrato.

— É tempo de seguir adiante, deixar o campo aberto para os mais jovens e mais espertos. — Johann exibiu um sorriso radiante. — Ou seja, você.

— Isso não é nada engraçado. Por favor, mande Nakama entrar. Creio que ele está no jardim. . ,

— Não confie nesse miserável, Phillip. É melhor vigiá-lo com a máxima atenção.

Tyrer se perguntou o que Johann diria se soubesse da verdade sobre Nakama. Um momento depois, Hiraga abriu a porta.

— *Hai, Taira-san?*

— *Ikimasho, Nakama-sensei, meu velho, hai?* Vamos embora, está bem?

Tyrer ainda se sentia admirado com a mudança.

Quando Hiraga chegou naquela manhã, ao raiar o dia, não usava os trajes sujos e puídos e não exibia o corte de cabelo dos samurais: os cabelos curtos eram agora quase iguais a qualquer plebeu. Em seu quimono impecável, engomado, mas comum, com um volumoso chapéu pendendo nas costas, preso pelo cordão, e sandálias com tiras de ouro, ele parecia o filho de um próspero mercador.

— Por Deus, Nakama, você está ótimo assim! — exclamara ele. — O cabelo desse jeito lhe assenta muito melhor!

— Ah, Taira-san — dissera Hiraga, hesitante, com uma humildade simulada, seguindo a trama que formulara junto com Ori —, achar que o que me falar, me ajudar a não querer ser samurai, parar de ser samurai. Breve voltar *Choshu*, virar camponês, como avô ou trabalhar fábrica cerveja ou *saquê*.

— Renunciar a ser samurai? Isso é possível?

— *Hai*. Possível. Por favor, não querer dizer mais, sim?

— Está certo. Só quero acrescentar que é uma sábia decisão. Meus parabéns. Involuntariamente, Hiraga passara a mão sobre a cabeça, sentira a estranheza dos cabelos espetando.

— Breve crescer cabelo, Taira-san, como seu.

— Por que não?

Tyrer usava seus cabelos, naturalmente ondulados, até a altura dos ombros. Ao contrário da maioria, era meticoloso com sua higiene pessoal: havia sempre um *petti point* pendurado por cima de sua cama, bordado pela mãe, dizendo que “*A higiene vem logo depois da pureza*”.

— Como estão seus machucados?

— Eu esquecer.

— Eu esqueci.

— Ah, obrigado, eu esqueci. Algumas boas notícias, Taira-san. — Com muitos floreios, Hiraga comunicou que estivera na Yoshiwara e arrumara Fujiko para aquela noite. — Ela sua. Bom, *neh?*

Por um momento, Tyrer ficara atônito, incapaz de falar. Depois, num súbito impulso, apertara a mão de Hiraga.

— Obrigado, meu caro amigo, muito obrigado!

Ele se recostara, pegara o cachimbo, oferecera um pouco de fumo a Hiraga, que recusara, fazendo esforço para não rir.

— Isso é maravilhoso! — A mente de Tyrer já se projetara para o encontro amoroso, o coração palpitando, a virilidade consciente. — Por Deus, que coisa sensacional!

Tyrer encontrara alguma dificuldade para pôr de lado os pensamentos eróticos e se concentrar na agenda do dia.

— Já arrumou algum lugar para ficar na aldeia?

— Sim. Por favor, vamos agora, sim?

Durante a caminhada até a aldeia japonesa, os dois sempre tomando cuidado para conservar a voz baixa e não falar em inglês quando alguém pudesse ouvir, Tyrer voltara a interrogar Hiraga, minerando diamantes, como os nomes do xógum e do imperador.

Hiraga o levou para a casa do shoya ele inspecionara a loja e o quarto pequeno em que Hiraga deveria ficar. Voltara para a legação satisfeito e tranquilizado.

— Notou como quase ninguém lhe prestou atenção na rua, nem mesmo os soldados, agora que não parece mais um samurai?

— Sim, Taira-san. Pode me ajudar, por favor?

— Qualquer coisa ao meu alcance. O que deseja?

— Usar roupas suas, ficar mais parecido com *gai-jin*, sim?

— Grande idéia!

Chegando à legação, Tyrer seguira direto para falar com Sir William mais excitado, dando-lhe os nomes do xógum e do imperador.

— Achei que ia querer saber logo, senhor. E tenho outra informação, e creio que compreendi corretamente: ele diz que todos os japoneses, até mesmo os *daimios*, precisam de permissão para visitar Quioto, onde vive o imperador.

— O que são os *daimios*?

— É como eles chamam seus reis, senhor. Mas todos, até mesmo eles, devem obter permissão para visitar Quioto... ele diz que o *Bakufu*, que é outro nome para xogunato, como seu serviço público

civil, tem medo de permitir o livre acesso a qualquer um. — Tyrer bem que tentara manter a calma, mas as palavras saíram aos borbotões. — Se isso é verdade, e se o xógum se encontra em Quioto no momento, e o imperador reside ali em caráter permanente, se todo o poder se concentra agora na cidade... se o senhor fosse até lá, isso não significa que passaria por cima do *Bakufu*?

— Uma lógica inspirada — respondeu Sir William, gentilmente, com um suspiro de satisfação, pois já chegara a essa conclusão muito antes da sugestão de Tyrer. — Phillip, creio que vou reformular meu despacho. Volte daqui a uma hora... Fez um bom trabalho.

— Obrigado, senhor. — Tyrer falara então sobre o “novo” Nakama, com um novo corte de cabelo. — Creio que se pudéssemos persuadi-lo a usar roupas européias, ele se tornaria ainda mais maleável... e enquanto ele me ensina japonês, é claro que eu também lhe ensino inglês.

— Uma idéia excelente, Phillip.

— Obrigado, senhor. Providenciarei tudo imediatamente. Posso mandar a conta para nosso cambista pagar?

Um pouco do bom humor de Sir William desaparecera.

— Não temos um excesso de fundos, Phillip, e o Ministério das Finanças... Está bem. Mas apenas um traje, e você é responsável para que a conta seja modesta.

Tyrer se retirara, e agora que concluía seu trabalho no despacho, levava Hiraga ao alfaiate chinês.

A High Street não se encontrava muito apinhada àquela hora do dia, o da tarde, a maioria dos homens nos escritórios, ainda fazendo a sesta ou no clube. Uns poucos bêbados se agrupavam em lugares abrigados no cais, pois o vento ainda soprava forte. Mais tarde, haveria uma partida de futebol, marinha contra o exército, no campo de desfile, e Tyrer aguardava o jogo com ansiedade. Sentia-se assim pelo encontro que teria com Jamie McFay e que não pudera recusar após visitar o alfaiate.

— Ele é o chefe da Struan aqui, Nakama-san, descobriu de alguma forma a sua presença, e que sabe falar inglês. Mas merece confiança.

— So ka? Struan? O homem que vai casar?

— Quer dizer que os criados já lhe falaram sobre a festa de noivado, hem? McFay é apenas o chefe do escritório aqui. O sr. Struan, o *tai-pan*, é quem vai casar. Aquele é o seu prédio, armazém, escritório e residência.

— So ka? — Hiraga estudou o prédio. Concluiu que um ataque seria difícil, e a simples entrada seria um problema. As janelas mais baixas eram gradeadas. — Esse Struan, também sua mulher, ficam aqui?

A mente de Tyrer se desviara para Fujiko e ele respondeu, distraído:

— Struan fica, não tenho certeza sobre ela. Em Londres, este prédio não seria grande coisa, em comparação com as casas comuns, milhares e milhares. Londres é a cidade mais rica do mundo.

— Mais rica que Iedo?

Tyrer riu.

— Mais rica do que vinte ou cinquenta Iedos. Como digo isso em japonês? Hiraga explicou, os olhos perspicazes registrando tudo... não acreditando naquela história sobre Londres, nem na maior parte do que Tyrer lhe dizia, convencido de que eram apenas mentiras para confundi-lo. Passavam agora pelos diversos bangalôs que serviam como legações, esgueirando-se entre o lixo, amontoado por toda parte.

— Por que bandeiras diferentes, por favor?

Tyrer queria praticar o japonês, mas a cada vez que começava, Hiraga respondia em inglês, e no mesmo instante fazia outra pergunta. Mesmo assim, ele explicou, apontando:

— São as legações; aquela é a russa, a americana, a francesa... e ali a prussiana. A Prússia é uma importante nação do continente. Se eu quisesse dizer...

— Ah, sinto muito, ter um mapa do seu mundo, por favor?

— Tenho, sim, e lhe mostrarei com o maior prazer.

Um destacamento de soldados se aproximou e passou, sem lhes dispensar a menor atenção.

— Esses homens da Prússia — disse Hiraga, pronunciando o nome com o maior cuidado — também fazem guerra contra franceses?

— Às vezes. Sem dúvida são belicosos, sempre guerreando contra alguém. Têm um novo rei e seu maior defensor é um príncipe poderoso chamado Bismarck, que está tentando juntar todos os que falam alemão numa grande nação, e...

— Por favor, sinto muito, Taira-san, não tão depressa, sim?

— Ah gomen nasai.

Tyrer repetiu o que dissera, mais devagar, respondeu a mais perguntas, nunca deixando de se espantar com sua quantidade e extensão, admirado com a mente inquisitiva de seu protegido. Ele riu de novo.

— Devemos chegar a um acordo: uma hora sobre o meu mundo, em inglês, a hora sobre o seu, em inglês, e depois uma hora de conversa em japonês. *Hai?*

— *Hai. Domo.*

Quatro cavaleiros a caminho da pista de corridas alcançaram-nos, eles cumprimentaram Tyrer, olharam para Hiraga com a maior curiosidade. Na extremidade da High Street, junto à barreira, filas de cules, com o carregamento da tarde. Mercadorias e alimentos, começavam a passar pela alfândega, sob os olhos vigilantes dos guardas samurais.

— É melhor nos apressarmos, para não nos misturarmos com esse bando disse Tyrer.

Ele atravessou a rua, esgueirando-se entre o estrume de cavalo, parou abruptamente e acenou, ao passarem pela legação francesa. Angelique estava à sua janela, no térreo, as cortinas abertas. Ela sorriu, acenou em resposta. Hiraga fingiu não ter notado o escrutínio a que ela o submeteu.

— Essa é a dama com quem o Sr. Struan vai casar — comentou Tyrer recomeçando a andar. — Muito bonita, não é?

— *Hai.* Aquela sua casa, sim?

— Sim.

— Boa noite, Sr. McFay. Está tudo trancado.

— Boa noite, Vargas.

McFay reprimiu um bocejo e continuou a escrever em seu diário, a última tarefa do dia. Sua escrivaninha se encontrava limpa, a não ser

pelos jornais de duas semanas ainda por ler. A bandeja de entrada estava vazia e a de saída continha as respostas para a maior parte da correspondência de hoje, assim como os pedidos, notas de transporte já assinadas, prontas para serem executadas ao amanhecer, quando os negócios começavam.

Vargas coçou distraído uma picada de pulga, uma constante na Ásia, e guardou a chave da casa-forte na escrivaninha.

— Quer que eu traga mais luz?

— Não, obrigado. Já estou quase acabando. Vejo-o amanhã.

— Os *Choshus* devem chegar amanhã, para tratar das armas.

— Eu não havia esquecido. Boa noite.

Agora que se encontrava sozinho naquela parte do andar térreo, McFay sentiu-se mais feliz, sempre satisfeito por não ter qualquer companhia, sempre seguro dentro de si mesmo. Exceto por Vargas, todos os escriturários, cambistas e demais empregados usavam outra escada, e tinham suas salas nos fundos do prédio. A porta de comunicação entre as duas partes era trancada à noite. Só An Tok e os criados pessoais permaneciam na parte dianteira, que continha os escritórios, a casa-forte, onde ficavam todas as armas, livros de contabilidade e cofres com dólares de prata mexicanos, taéis de ouro e moedas japonesas, e os aposentos, no andar por cima.

A correspondência diária era sempre intensa e ocupava McFay até tarde da noite, aquela em particular mais do que as outras, porque recebera de Nettlesmith o último capítulo de Grandes Esperanças, subira correndo e partilhara sua hora miúda com Malcolm Struan, desfrutando cada página, antes de descer para trabalhar, na maior satisfação, porque tudo acabara bem para Pip e a moça, e agora uma nova epopéia de Dickens seria anunciada na edição do mês seguinte. Pois o relógio de pé tiquetaqueava suavemente. McFay escreveu depressa, com sua letra precisa:

MS ficou furioso com a carta da mãe na correspondência de hoje (Vapor Swift Wind, um dia atrasado, um homem perdido ao cair no mar, ao largo de Xangai, também passou por dificuldades nos

estreitos de Shimonoseki, as baterias da praia disparando talvez vinte tiros, que não atingiram o alvo, graças a Deus!). Minha resposta ao canhoneio da Sra. foi conciliatória (ela ainda não teve conhecimento da festa, o que vai causar uma explosão de Hong Kong a Java), mas duvido que possa tranquilizar as águas agitadas. Informei-a que A se mudara, voltando à legação francesa, mas não creio que isso tenha qualquer importância para a Sra. S, embora MS tenha se mostrado impaciente durante o dia inteiro por A não tê-lo visitado, e gritasse de novo com Ah Tok, deixando-a num ânimo sombrio... que transmitiu a todos os outros criados, infelizmente!

Devo registrar que MS, apesar de toda a sua dor, é muito mais sensato do que eu imaginava, com uma excelente visão dos negócios em geral, inclusive do comércio internacional, e agora aceita minha opinião de que há um grande potencial aqui. Discutimos o problema da Brock e concordamos que não havia nada que pudesse ser feito daqui; mas, assim que ele voltar a HK, tornará a enfrentá-los. Outra vez ele se recusou a considerar o retorno pelo navio de correspondência — Hoag senta em cima da cerca, não é meu aliado, diz que quanto mais Malcolm descansar aqui, melhor será, uma viagem ruim poderia ser traumática.

Tive um primeiro encontro com o tal japonês Nakama (que só pode ser um pseudônimo) e tenho certeza que ele é mais do que finge. Um samurai, um proscrito ronin, que sabe falar um pouco de inglês, corta os cabelos porque decidiu renunciar à sua posição de samurai, que procura usar nossas roupas não pode deixar de ser extraordinário, e precisa ser vigiado com o maior cuidado. Se

metade do que ele diz é verdade, então conseguimos — através de Tyrer, abençoado seja — dar um grande passo à frente em matéria de informações. É uma pena que Nakama nada saiba sobre negócios, sua única informação útil sob esse aspecto foi a de que Osaca é o principal centro comercial do Japão, não Iedo, o que constitui uma razão a mais para pressionar pela abertura daquela cidade, o mais depressa possível, Nakama deve ser cultivado, sem qualquer dúvida, e...

Houve uma batida numa das janelas. McFay olhou para o relógio. São dez horas. Uma hora de atraso. Ora, não importa, o tempo asiático é quase como o nosso.

Sem pressa, ele se levantou, pôs o pequeno revólver no bolso da sobrecasaca, foi até sua porta particular e destrancou-a. Havia duas mulheres da fora, usando mantos com capuz, acompanhadas por um criado. Os três fizeram uma reverência. Ele sinalizou para as duas mulheres entrarem, deu trinta moedas ao homem, que agradeceu, fez outra reverência e se afastou pela rua em direção à Yoshiwara. McFay tornou a trancar a porta.

— Ei, Nemi, você sempre bonita, neh?

McFay sorriu, abraçou uma das mulheres, que o fitou por baixo do capuz com um sorriso radiante, um brilho nos olhos; era sua *musume* há um ano, mantida por ele durante a metade desse período.

— Ei, Jami-san, você bom, hem? Esta *musume* minha irmã, Shizuka. Bonita neh?

Nervosa, a outra moça empurrou o capuz para trás, forçou um sorriso. Ele recomeçou a respirar — Shizuka era tão jovem quanto Nemi, tão atraente e fragrante.

— *Hai!*— exclamou ele.

As duas moças sentiram-se aliviadas por Shizuka ter passado pela inspeção inicial. Era a primeira vez que McFay arrumava uma mulher para outro. Contrafeito, pedira a Nemi para explicar à *mama-san* que a moça seria para o *tai-pan*, por isso tinha de ser especial. As duas

tinham vinte e poucos anos, mal batiam em seu ombro, pareciam um pouco mais à vontade agora, embora conscientes de que o verdadeiro obstáculo ainda teria de ser superado.

— Shizuka, deve compreender, por favor. *Tai-pan* homem importante.
— Virando-se para Nemi e passando a mão pelo lado de seu corpo, na altura do ferimento de Struan, ele acrescentou: — Ela sabe do ferimento, neh?

Nemi acenou com a cabeça, os dentes brancos faiscando.

— Hai, eu explicar, Jami-san. Dozo, deixar casaco aqui, ou lá em cima.

— Lá em cima.

Ele subiu na frente pela escada principal, iluminada por lampiões a óleo, Nemi falando com a nova moça, que prestava atenção a tudo. Era seu costume, de vez em quando, chamar Nemi para passar a noite aqui, o criado voltando pouco antes do amanhecer para escoltá-la até sua pequena habitação, no terreno da estalagem da Alegria Suculenta. O arrendamento da casa por cinco anos, depois de dias negociação, custara-lhe dez soberanos de ouro. Outros dez pelo contrato de Nemi durante o mesmo período, mais um extra para um novo quimono a cada mês, penteados, uma criada pessoal e toda a alimentação, além do *saquê*.

— Mas o que acontece se o fogo destruir a casa, *mama-san*? — indagara consternado por concordar com um preço tão alto.

É verdade que a taxa de câmbio excepcionalmente vantajosa lhes proporcionavam lucro de quatrocentos por cento na maioria dos meses... o que significava que quase todos os estrangeiros podiam ter um *pônei* ou dois, consumir champanhe à vontade e ainda mais importante, no seu caso, contar com a certeza de que os gastos de manutenção de Nemi não representariam mais do que umas poucas despesas.

A *mama-san* se mostrara chocada.

— Comprar como nova. Você pagar metade preço, justo, neh?

Nemi, presente nas negociações finais, soltara uma risada.

— Bastante: fogo na casa, Jami-san, muito *jigjig*, hem?

Ao chegar ao topo da escada, McFay tornou a abraçá-la, feliz, sem qualquer motivo, além do fato de que ela provara valer cada moeda que pagara, proporcionando-lhe muito prazer e paz. Havia uma enorme cadeira de encosto alto no patamar. Nemi tirou seu manto com capuz, dizendo à outra moça que fizesse a mesma coisa e que os deixariam ali. Usavam por baixo quimonos impecáveis, os cabelos arrumados — crisálidas transformando-se em borboletas. Satisfeito, McFay bateu na porta.

— Entre.

Malcolm Struan estava sentado em sua cadeira, um charuto aceso entre os dedos, elegante em seu chambre, mas contrafeito.

— Olá, Jamie.

— Boa noite, *tai-pan*.

As moças se inclinaram, com extrema deferência. McFay não imaginava que quase tudo sobre Malcolm Struan — e também sobre ele próprio, assim como sobre a maioria dos *gai-jin* — era do conhecimento comum, e o tema de ávidas e constantes conversas na Yoshiwara, sua enorme riqueza, o fato de que recentemente se tornara *tai-pan*, as circunstâncias de seu ferimento e o iminente casamento.

— Esta é Shizuka, que ficará com você. O criado virá buscá-la pouco antes do amanhecer, tudo como eu falei. Baterei em sua porta

quando ele chegar. Shizuka pode ser um pouco tímida, mas não haverá maiores problemas. Esta é a minha *musume*, Nemi. Eu... ahn... achei melhor que ela viesse também, na primeira vez, para tornar tudo mais fácil.

As duas fizeram outra reverência.

— Ei, *tai-pan* — disse Nemi, no controle absoluto, satisfeita por conhecê-lo, e confiante em sua escolha —, Shizuka irmã minha, boa *musume*, ei!

Ela acenou com a cabeça, vigorosamente, deu um pequeno empurrão em Shizuka. A moça adiantou-se, hesitante, ajoelhou-se, fez mais uma reverência.

— Estarei em meu quarto, se precisar de mim.

— Obrigado, Jamie.

McFay fechou a porta e seguiu pelo corredor. Sua suíte era arrumada, masculina e confortável. Três cômodos, sala, quarto, quarto extra, todos com lareiras, e um banheiro. Havia carnes frias no aparador, além de pão fresco e um dos pratos prediletos de Nemi, torta de maçã, as maçãs importadas de Xangai. Havia também saquê numa garrafa de água quente, e uísque *Loch Vey*, da destilaria da Struan, que ela adorava. No momento em que a porta foi trancada, ela ergueu-se na ponta dos pés e beijou-o, voraz.

— Não ver seis dias, primeiro cama, depois resto! Era a inversão da ordem habitual. O coração de McFay acelerou, embora não estivesse com pressa.

Ela pegou-o pela mão, levou-o para o quarto e quase que o empurrou na cama. Ajoelhou-se para tirar as botas de McFay, começou a despi-lo, enquanto falava sem parar, no seu *pidgin* apenas meio compreensível, falando que a Yoshiwara fervilhava de atividade, sobre o mundo flutuante, que não precisava se preocupar com Shizuka, ela era cara, mas a melhor, que história era essa de guerra por favor, não queremos a guerra, apenas negócios, tenho um quimono novo, com a carpa da sorte, muito bonito, embora um pouco caro.

— Mas ichiban, Jami-san, vai gostar muito. Agora cama! Obediente, ele se meteu na cama de baldaquino. A noite era perfeita, nem quente, nem fria. Nemi soltou a obi, deixou o quimono cair, depois a roupa de baixo. Completamente nua, sem qualquer sentimento de culpa ou vergonha por sua nudez, como qualquer musume — uma das muitas características que a distinguiam, e que McFay e todos os *gai-jin* achavam espantosa e invejável —, ela tirou os alfinetes dos cabelos, sacudiu-os, fazendo com que caíssem até a cintura, e marchou triunfante para o banheiro, a primeira delícia da noite.

Nemi sentou no vaso sanitário, estendeu a mão, pegou a corrente e puxou a descarga. A água desceu pelo vaso de porcelana, ruidosa, e ela bateu palmas de alegria, como sempre. Não acreditara na primeira vez em que vira isso. — Para onde água ir? — indagara ela, desconfiada. McFay explicara, fizera desenhos, mas ainda assim ela não acreditara, até que ele lhe mostrou os canos, e a levou ao ponto do jardim onde ficava a tampa do bueiro da fossa — todos os canos, caixas-d'água, caldeiras, vasos sanitários, pias, torneiras e três banheiros importados da Inglaterra, Hong Kong e Xangai, onde muitas peças já começavam a ser fabricadas, para os vastos mercados indiano e asiático.

Nemi suplicara permissão para mostrar às amigas. Ele concordara, orgulhoso, porque aquela era a primeira instalação do gênero em

todo o Japão, para tristeza de Sir William e fúria de Norbert Greyforth, e agora o padrão para cerca de uma dúzia de cópias, funcionando direito ou não, embora nem todas com água quente e fria: só o melhor e o mais moderno — e, portanto, britânico — para a Struan.

Assim, as excursões turísticas guiadas de umas poucas privilegiadas, para conhecer a limpeza de Jami-san, tornaram-se um dos maiores atrativos na Iocoama dos *gai-jin*, as *musume* falando sem parar, como aves exóticas, fazendo muitas reverências, prendendo a respiração, puxando a descarga, soltando murmúrios de espanto, aplaudindo.

Nemi lavou as mãos. Com um suspiro de satisfação, foi se deitar nos lençóis, ao lado de McFay.

Phillip Tyrer estava exausto, quase dormindo. Fujiko suportava seu peso sem maiores dificuldades, mas começou a empurrá-lo para o lado, gentilmente.

— *Iyé, matsu*— murmurou ele. — Não, não se mexa... espere.

— Só quero pegar uma toalha, Taira-san. Toalha, entende?

— Ah, sim. Entendo toalha. Você fica, eu pego...

— Oh, não, seria uma vergonha para mim. É meu dever. Deixe-me ir, por favor... não me impeça.

Ela nua, enquanto Tyrer a imobilizava contra seu peito, mas era hábil, conhecia seu ofício muito bem e esperou. Havia sossego no

pequeno quarto agora. A noite lá fora era agradável. O vento sussurrava pelas árvores e arbustos. Umas poucas lufadas contornavam as janelas corrediças, ainda não eram frias, nem sequer desagradáveis. O lampião a óleo bruxuleava.

Um momento depois, Fujiko desvencilhou-se, sem interromper a tranquilidade de Tyrer, e foi para o pequeno banheiro, com sua tina de madeira alta, cheia até a borda de água quente, sobre uma grade de madeira, para permitir que a água escorresse, ao se retirar o batoque. Sabão perfumado, urinol e toalhas limpas. Ela usou uma toalha molhada, enxugou-se em seguida.

Ao retornar ao quarto, levava uma toalha quente, com que limpou Tyrer, para depois enxugá-lo. Ele manteve os olhos fechados durante todo o tempo, quase gemendo de prazer, ao mesmo tempo se sentindo embaraçado porque Fujiko o servia assim, e não o contrário.

— Ah, Fujiko-chan, você é maravilhosa.

— Não, é meu prazer.

Há muito que ela já superara seu espanto e constrangimento pelos estranhos hábitos dos estrangeiros: o fato de raramente se banharem, se sentirem consumidos de vergonha e culpa pelos prazeres do travesseiro, serem possessivos e ficarem furiosos quando ela tinha outros clientes — uma estupidez, pois eles também não eram clientes? — ou se virarem, corando, quando ela se despia para lhes proporcionar prazer ou se cobrirem quando apenas semidespidos, preferindo fornicar no escuro, quando todos sabiam que muito da emoção derivava de ver, examinar e observar ou se tornarem roxos de embaraço quando ela tentava variações normais, Para evitar o tédio e para prolongar e aumentar os momentos com os deuses... o tempo das nuvens e da chuva.

Não, os *gai-jin* não são como nós. Quase sempre preferem a *Primeira Posição com Urgência*, de vez em quando a *Atraindo a Galinha* ou a *Tempo da Flor de Brejeira*, sem me dar qualquer oportunidade de demonstrar minhas habilidades; e se deixassem a luz acesa, eu poderia me posicionar para muitos jogos de levantar, como *Perto e Longe*, *Por Cima do Dragão*, *Plantio da Primavera*, *Furtando o Mel*, que até o rapaz mais inexperiente exigiria e apreciaria, mas um *gai-jin* se desvencilha, com firmeza, embora gentil, puxa-me para o seu lado, beija meu pescoço, me aperta com força e murmura palavras incompreensíveis.

— *Agora vou massageá-lo até o sono.* — murmurou Fujiko.

— *Não compreendo. Massagear?*

— Massagear, Taira-san. Assim.

— Ah, agora entendi. Massagem. Obrigado.

Os dedos de Fujiko eram gentis e maravilhosos e Tyrer resvalou para o sono mal acreditando em sua sorte, orgulhoso de seu desempenho, e porque ela gozara extasiada pelo menos três vezes, contra uma sua... e não importava mais que Raiko tivesse lhe dito naquela manhã que Fujiko precisava visitar sua aldeia, perto de Iedo, para ver o pai doente.

— Mas apenas por poucos dias, Taira-san.

— Oh, sinto muito, Raiko-san. Por favor, quantos dias fora?

— Quantos dias ela ficará fora. Apenas três.

— Ah, obrigado. Quantos dias ela ficará fora?

Tyrer repetira a pergunta também para Fujiko, e seu japonês fora corrigido em todas as ocasiões.

Três dias. Com isso, terei tempo para me recuperar. Por Deus, esta noite foi a melhor de todas! Gostaria de saber o que vai acontecer quando os *roju* receberem nosso despacho. Tenho certeza de que meu conselho é correto e que Nakama diz a verdade... tenho muito a lhe agradecer, Sir William ficou positivamente radiante, e Fujiko...

Embalada pela massagem, a mente de Tyrer mergulhou numa miscelânea de Nakama e Fujiko, sua presença no Japão, tudo tão diferente, o aprendizado de japonês, palavras e frases incessantes aflorando aos borbotões. Os futons eram duros, difíceis de se acostumar, mas ele sentia-se confortável, estendido de barriga para baixo, desfrutando a proximidade de Fujiko. Ah, como estou cansado... Não posso suportar a idéia de "outros clientes", pensou ele. Tenho de fazer com que ela seja só minha. Amanhã pedirei a André para me ajudar.

Sem se virar, ele estendeu a mão para trás, pousou-a na coxa de Fujiko. Pele sedosa, adorável.

Onde eu estava? Ah, sim, os *roju*. Daremos uma lição nos patifes. É lamentável que o navio de correspondência tenha sido o alvo de um bombardeio... temos de fazer com que Shimonoseki se torne seguro e, se o maldito *Bakufu* não tomar as providências necessárias, isso significa que nós mesmos teremos de destruir aquelas baterias. Devo me lembrar de ter cuidado em relação a isso com Nakama, já que ele é também de *Choshu*. Será que poderia usá-lo como um intermediário. E se os *roju* não derem um jeito naqueles demônios de *Satsuma*, nós mesmos é que teremos de esmagá-los. A desfaçatez do *daimio*, dizendo que não consegue encontrar os assassinos de Canterbury, apesar de os miseráveis terem saído de suas fileiras; vi quando cortaram o braço de Canterbury, o sangue esguichando.

Os dedos de Fujiko ficaram imóveis.

— Qual é o problema, Taira-san?

Antes que pudesse pensar, ele a abraçava, querendo apagar a lembrança da *Tokaidô*, e depois que o tremor cessou, Tyrer tornou a se deitar, abraçando-a e sentindo o corpo quente e dócil comprimido contra o seu, amando-a, grato por sua companhia, esperando que os pensamentos terríveis voltassem a seu recesso.

Ela ficou quieta, também esperando, sem pensar em Tyrer, exceto para registrar que, mais uma vez, o *gai-jin* demonstrara ser mesmo estranho, além da compreensão. Era confortável se aconchegar contra ele, e Fujiko sentia-se contente porque a primeira explosão fora alcançada de um modo apropriado, deixando o cliente satisfeito, e assim podia acreditar que merecia a taxa extra.

Quando distribuía os serviços de todas, naquela manhã, Raiko lhe dissera que ia aumentar seu preço, e explicara:

— Mas só com Taira, porque você terá trabalho extra. Lembre-se de que ele pode ser um peixe graúdo para você, Fujiko, um cliente a longo prazo, muito melhor que *Kant-er-bury-san*, se tomarmos cuidado, e se você o agradar. Frenchy diz que ele é um homem importante, por isso deve se empenhar em agradá-lo. Fale apenas japonês, nada de *pidgin*, torne-se uma mestra, encoraje-o, lembre-se de que ele é ridiculamente tímido e não sabe de nada. Nunca deve mencionar *Kant-er-bury*. Vamos fingir que você terá de se ausentar por alguns dias... mas não se preocupe. Já tenho dois clientes para você amanhã, um *gai-jin* à tarde, uma pessoa civilizada à noite...

Com um cliente generoso por um ou dois anos, eu poderia pagar minhas dívidas num instante e a vida seria muito melhor do que ter de aceitar qualquer cliente disponível, pensou Fujiko. Depois, contente, abandonou o presente, como sempre fazia quando se encontrava com um cliente, e projetou-se para o futuro, onde vivia feliz com seu rico marido fazendeiro e quatro ou cinco filhos. Podia contemplar a casa, em meio a vários arrozais, com os brotos verdes do plantio de inverno ou primavera prometendo mais uma colheita abundante, a sogra gentil, satisfeita com ela, um ou dois bois atrelados a um arado, flores no pequeno jardim, e...

— Ah, Fujiko, obrigado! Você é maravilhosa!

Ela se aninhou ainda mais, murmurou que ele era forte e viril.

— O quê? — balbuciou Tyrer, sonolento. Ela respondeu com um movimento íntimo da mão, e ele se contorceu. — Não, Fujiko, por favor, primeiro dormir. Não... por favor, mais tarde...

— Ah, mas um homem forte como você... — insistiu ela, reprimindo seu tédio e continuando, submissa.

Ori bocejou e tirou o olho do buraco.

— Já vi o suficiente — sussurrou ele. — Chocante.

— Concordo. — Hiraga também manteve a voz baixa. — Terrível. O desem-penho de Fujiko foi o pior que já testemunhei. *Baka!*

— Se eu fosse Taira, exigiria meu dinheiro de volta.

— Concordo. *Baka!* Fujiko não conseguirá deixá-lo pronto de novo por horas, e quanto a ele... apenas a Primeira Posição uma vez e ainda falam de dez arremetidas, e tudo acaba, Sobre a Lua, como um pato. Ori teve de levar a mão à boca para reprimir o riso. Depois, com extremo zelo, ajeitou pequenos pedaços de papel para tapar os buracos que haviam feito no canto distante da tela de *shoji*. Juntos, esgueiraram-se entre os arbustos, passaram pelo portão secreto na cerca e voltaram à residência de Ori.

— *Saquê!*

Meio adormecida, a criada pôs a bandeja na frente dos dois, serviu e se afastou ainda tendo dificuldade para não olhar para suas cabeças. Eles brindaram um com o outro, tornaram a encher os copos, o cômodo pequeno e agradável iluminado por velas, com os futons já arrumados no aposento contíguo. As espadas estavam e prateleiras baixas, laqueadas. Raiko violara a regra da Yoshiwara que proibia armas na área porque eles eram *shishi*, por causa do retrato de Hiraga e implorou a ambos, que haviam jurado por *Sonno-joi*, que não usariam as armas contra alguém na casa ou qualquer hóspede, e apenas em defesa.

— Não posso acreditar que Taira se deixasse enganar pelo simulado momento com os deuses, Hiraga, um depois do outro, daquele jeito! A encenação dela foi péssima. Será que ele é mesmo tão estúpido assim?

— Obviamente. — Hiraga riu, esfregou a cabeça, atrás e nos lados, com extremo vigor. — Com uma arma daquele tamanho, ele deveria ter feito com que Fujiko gritasse de verdade... todos os *gai-jin* são assim?

— Quem se importa... no caso dele, é um desperdício.

— Sem a menor sutileza, Ori! Talvez eu devesse arrumar para ele um livro de travesseiro, como uma noiva virgem, hem?

— Melhor matá-lo e incendiar a colônia.

— Seja paciente. Ainda faremos isso. Há bastante tempo.

— Ele é um alvo perfeito e é mais uma oportunidade perfeita — insistiu Ori, uma certa rispidez se insinuando em sua voz.

Hiraga observou-o, toda a sua satisfação desaparecendo no mesmo instante.

— Tem toda razão, mas não agora. Ele é importante demais.

— Você mesmo disse que se os enfurecêssemos bastante, eles bombardeariam Iedo, o que seria maravilhoso para a nossa causa.

— É verdade, mas tempos tempo. — Hiraga não deixava transparecer sua preocupação, pois queria apaziguá-lo, vê-lo sob controle. — Taira vem respondendo a todas as minhas perguntas. Por exemplo, ninguém nos contou que os *gai-jin* lutam entre si como cães selvagens, ainda pior que os *daimios* antes de Toranaga... os holandeses esconderam isso de nós, não é?

— São todos mentirosos e bárbaros.

— Sei disso, mas deve haver centenas de informações assim, que vão nos indicar a maneira como teremos de enfrentá-los... e dominá-los. Precisamos aprender tudo, Ori, e depois, quando integramos o novo *Bakufu*, lançaremos os alemães contra os russos, contra os franceses, contra os ingleses, contra os americanos...

Hiraga estremeceu, ao recordar o pouco que Tyrer lhe dissera sobre a tal guerra civil, as batalhas e baixas, todas as armas modernas, com centenas de milhares de homens armados em combate, e a inacreditável vastidão das terras dos gai-jin.

— Esta noite ele disse que a marinha inglesa domina os oceanos do mundo e pela lei deles é duas vezes maior que as duas marinhas seguintes juntas, com centenas de navios de guerra, milhares de canhões.

— Mentiras. Exageros para assustá-lo. Ele e todos os outros querem nos intimidar... e ele também quer os nossos segredos!

— Só dou a ele o que acho que deve saber — protestou Hiraga, irritado. — Ori temos de aprender tudo o que pudermos sobre eles! Esses cães conquistaram a maior parte do mundo... humilharam a China, incendiaram Pequim, e este ano os franceses se tornaram senhores da Cochinchina e vão colonizar o Camboja.

— É verdade, mas os franceses jogaram príncipes nativos contra o príncipes nativos, como os britânicos na Índia. Mas aqui é o Japão. Somos diferentes... esta é a terra dos deuses. Jamais, nem mesmo com todos os canhões do mundo, eles serão capazes de nos conquistar!

O rosto de Ori contorceu-se de um jeito estranho, e ele acrescentou:

— Podem até seduzir alguns *daimios* para o seu lado, mas o resto do povo japonês haverá de massacrá-los.

— Não sem canhões e conhecimentos.

— Sem canhões, sim, Hiraga-san!

Hiraga deu de ombros e serviu *saquê* para ambos. Havia muitos *shishi* que partilhavam o fervor de Ori... e esqueciam Sun-tzu: Conheça seu inimigo como conhece a si mesmo, e ganhará cem batalhas.

— Torço para que você esteja certo. Enquanto isso, porém, descobrirei o máximo que puder. Ele me prometeu que amanhã vai mostrar um mapa do mundo... chamou-o de "atlas".

— Como sabe que não será falso, inventado?

— Não é provável, eles não iriam falsificar um só para me mostrar. Talvez eu consiga até arrumar uma cópia, podíamos mandar traduzir... e também alguns de seus livros escolares. — O entusiasmo de Hiraga era cada vez maior. — Taira disse ainda que eles têm novas habilidades na arte das contas, ensinadas nas escolas, e medidores de astronomia chamados *lon-gi-tude* e *la-ti-tude*... — Ele pronunciou as palavras em inglês com dificuldade. —... que de alguma forma os guiam com fantástica precisão nos oceanos, a mil ri da terra. Baka que eu saiba tão pouco! Baka que eu não possa ler inglês!

— Mas vai aprender — declarou Ori. — Eu nunca saberei. Você será parte do nosso novo governo... eu nunca serei.

— Por que diz isso?

— Idolatro *Sonno-joi*. Já pensei no meu poema da morte e o falei... para Shorin, na noite do ataque. Baka que ele tenha morrido tão cedo.

Ori esvaziou seu copo, despejou as últimas gotas e pediu outra garrafa. Tornou a fitar Hiraga, os olhos contraídos.

— Ouvi dizer que lorde Ogama prometeu perdoar qualquer *shishi* de *Choshu* que renunciar publicamente a *Sonno-joi*.

Hiraga confirmou com um aceno de cabeça.

— Meu pai me escreveu para dizer isso. Nada significa para nós... para *shishi* de *Choshu*.

— Há um rumor de que Ogama controla os portões, excluindo todos os outros... e até que há novos combates entre suas tropas e os *Satsumas*.

— Muitos *daimios* se extraviam de vez em quando — comentou Hiraga calmamente.

Não lhe agradava o rumo da conversa; já havia notado que Ori se tornava cada vez mais belicoso. Raiko tornara a adverti-lo naquela noite de que Ori era um vulcão fumegante.

— Todos concordamos, Ori, não temos muito tempo, que não ficaríamos sujeitos aos feitos e malfeitos de nossos líderes hereditários.

— Se Ogama controla os portões, pode devolver o poder ao imperador e converter *Sonno-joi* em realidade.

— Talvez ele o faça, talvez até já o tenha feito.

Ori esvaziou o copo.

— Terei o maior prazer em deixar Iocoama. Há veneno no ar. Acho melhor você ir para Quioto comigo. Este ninho de mentirosos pode infeccioná-lo.

— Você estará mais seguro em Quioto sem a minha companhia. Mesmo mudando os cabelos, ainda posso ser reconhecido.

Uma súbita rajada de vento assoviou pelo telhado de colmo e sacudiu uma janela. Eles olharam por um instante e logo voltaram a beber. O *saquê* os relaxara, mas não dissipara as emoções, os pensamentos de morte, com o cerco cada vez mais apertado, a emboscada planejada contra o xógum Nobusada, Shorin e Sumomo e, acima de tudo, o que fazer com a moça *gai-jin*? Hiraga ainda não a mencionara, nem Ori fizera qualquer pergunta a respeito, mas ambos esperavam, contornando a questão central, impacientes, indecisos. Foi Ori quem rompeu o silêncio:

— Quando Akimoto chegar, amanhã, o quanto você vai lhe contar?

— Tudo o que sabemos. Ele viajará com você para Quioto.

— Não. É melhor que ele fique, pois você precisará de um guerreiro aqui.

— Por quê?

Ori deu de ombros.

— Dois podem fazer mais do que um. E agora me diga onde ela está. Hiraga descreveu o lugar. Com precisão.

— Não há barras nas janelas, nem na porta lateral, pelo que pude ver. Durante o dia inteiro ele especulara o que fazer com Ori. Se Ori entrasse na casa e matasse a mulher, poderia viver ou morrer, mas de qualquer forma toda colônia ficaria em tumulto e descarregaria seu ódio nos japoneses mais próximos.

— Concordo que ela é um alvo correto para *Sonno-joi*, Ori, mas ainda não, pelo menos enquanto eu continuar a ser aceito por eles e estiver descobrindo seu segredos.

— Um alvo tão perfeito deve ser atacado de imediato. Katsumata disse que hesitar é perder. Podemos arrancar esses segredos dos livros.

— Já disse que não concordo.

— Na mesma ocasião em que eu a matar, incendiaremos a Yoshiwara e a colônia também ficará em chamas. Nós três aproveitaremos a confusão para escapar. Faremos isso daqui a três dias.

— Não.

— Eu disse sim! Dois ou três dias, não mais do que isso!

Hiraga pensou a respeito, avaliou a posição de Ori. Com o maior cuidado. E frieza. Para tomar de novo a mesma decisão:

— Está proibido.

A determinação categórica deixou Ori humilhado. Pela segunda vez em poucos dias. E, mais uma vez, por causa da mulher.

Não havia qualquer som na sala agora. Ambos mantinham-se impassíveis. Podiam ouvir o vento lá fora. De vez em quando, o papel oleado do *shoji* estalava. Ori tomou um gole de *sakê*, fervendo de raiva, numa determinação inexorável, mas nada deixando transparecer, sabendo que se tivesse os braços tão fortes quanto antes, com a mesma agilidade, estaria se aprontando para saltar em busca de sua espada, a fim de se defender do ataque, que seria inevitável, a menos que se submetesse.

Ora, não importa. Num confronto direto, mesmo que eu me encontrasse em perfeitas condições, Hiraga sempre conseguiria me acertar primeiro. Assim, ele deve ser afastado de meu caminho por outra forma.

Com uma vontade firme, a de sobrepujar o novo inimigo que estava determinado a frustrá-lo, Ori jurou que não seria o primeiro a romper o silêncio, e assim se humilhar. A pressão entre os dois foi aumentando. Em segundos, tornou-se insuportável, aproximando-se do auge...

Passos correndo. A porta de *shoji* foi aberta. Raiko apareceu, muito pálida.

— Há patrulhas de vigilantes do *Bakufu* na ponte e no portão. Vocês devem partir. Depressa!

Os dois ficaram consternados, esquecendo todo o resto. Foram pegar suas espadas.

— Eles virão à Yoshiwara? — perguntou Ori.

— Virão, em grupos de dois e três. Já fizeram isso antes. Evitam os *gai-jin*, mas não a nós.

A voz de Raiko tremia tanto quanto as mãos.

— Há uma saída segura através do arrozal?

— Não, Ori — respondeu Hiraga por ela, pois no dia anterior examinara o como uma possível rota de fuga. — A terra é plana, sem qualquer cobertura. Por uma ri. Se estão bloqueando a ponte e o portão, devem vigiar esse lado também.

— E o que me diz da área *gai-jin*, Raiko?

— A colônia? Eles nunca estiveram lá. Vocês de...

Ela virou-se, ainda mais assustada. Os dois homens desembainharam suas espadas pela metade, enquanto uma criada se aproximava, muito pálida.

— Estão vindo para cá, fazendo uma revista de casa em casa —
balbuciou.

— Avise às outras.

A criada saiu correndo. Hiraga tentou pôr o cérebro para funcionar.

— Raiko, onde fica seu lugar seguro, seu porão secreto?

— Não temos nenhum — respondeu ela, retorcendo as mãos.

— Mas deve haver um, em algum lugar! Abruptamente, Ori
adiantou-se e Raiko recuou, apavorada.

— Onde fica o caminho secreto para a colônia? Depressa!

Raiko quase desmaiou quando ele mudou a posição da mão no cabo da espada. Embora Ori não a ameaçasse, ela sabia que se encontrava à beira da morte.

— Eu... para a colônia? Não tenho certeza, mas há muitos anos fui informada... eu tinha até esquecido. Não tenho muita certeza, mas, por favor, sigam-me sem fazer barulho.

Ficaram bem perto dela, embrenhando-se pelas moitas, indiferentes aos galhos que se empenhavam em lhes bloquear a passagem, a lua ainda clara, no alto do céu, entre as nuvens tangidas pelo vento. Quando chegou a uma parte oculta da cerca, entre sua estalagem e a seguinte, Raiko pressionou um nó na madeira. Um trecho da cerca se abriu, rangendo, as dobradiças de madeira meio emperradas da falta de uso.

Sem perturbar as pessoas que ali estavam, Raiko atravessou aquele jardim até o outro lado. Passou por um portão para outro jardim, deu a volta até os fundos, pulou uma estrutura baixa, de tijolos, à

prova de fogo, que servia para guardar mercadorias valiosas, e se encaminhou para os tanques d'água, que eram enchidos em parte pela chuva, em parte por linhas de cules carregando baldes todos os dias. Ofegante, Raiko apontou a tampa de madeira de um dos poços.

— Acho... acho que é ali.

Hiraga empurrou a tampa para o lado. Havia toscas barras de ferro, enferrujadas, fincadas na parede de alvenaria, para servir de apoio aos pés e mãos, e nenhum sinal de água lá embaixo. Ainda apavorada, ela sussurrou:

— Disseram-me que leva a um túnel... não tenho certeza, mas pelo que me lembro, passa por baixo do canal. Não sei onde vai dar... esqueci por completo. E agora preciso voltar.

— Espere!

Ori postou-se na frente dela, depois pegou uma pedra, largou-a no poço. Ouviram o barulho distante de água.

— Quem fez isto?

— O *Bakufu*, pelo que me contaram, quando construíram a colônia.

— Quem a informou a respeito?

— Um dos criados... esqueci seu nome, mas ele os viu...

Todos olharam na direção da rua principal. Vozes iradas soavam ali.

— Tenho de voltar...

Raiko desapareceu pelo caminho por que viera. Apreensivos, os dois olharam para o fundo do poço.

— Se o *Bakufu* o construiu, Ori, pode ser uma armadilha, para pessoas como nós.

De uma das casas próximas, veio o som de vozes, gritando em inglês:

— Mas o que vocês querem aqui?

— Caiam fora!

Ori enfiou a espada comprida no cinto. Meio sem jeito, por causa do ombro, ele passou por cima da tampa e começou a descer. Hiraga seguiu-o, repondo a tampa no lugar. A escuridão era intensa, e depois de algum tempo os pés de Ori tornaram a pousar em chão firme.

— Tome cuidado. Acho que é uma saliência.

Sua voz soou abafada, com um estranho eco. Hiraga desceu Tateando, foi se postar ao seu lado. Tirou alguns fósforos do bolso na manga, riscou um deles.

— Puxa, onde foi que você conseguiu isso? — indagou Ori, excitado.

— São encontrados por toda parte na legação... aqueles cães são tão ricos que os deixam espalhados. Taira disse que eu podia me servir à vontade. Olhe ali!

À última claridade do fósforo, eles divisaram a entrada do túnel. Estava seca, tinha a altura de um homem. A água enchia o poço, três metros abaixo. Havia uma vela antiga num nicho. Hiraga precisou gastar três fósforos para acendê-la.

— Vamos embora.

O túnel descia. Depois de cinquenta passos, tornou-se úmido, com poças em alguns pontos, inundado em outros trechos. Uma água fétida vazava pelo teto e lados escorados de maneira tosca, a madeira apodrecida, insegura. À medida que foram avançando, o ar tornou-se mais desagradável, a respiração mais difícil.

— Podemos esperar aqui, Ori.

— Não. Vamos continuar.

Estavam suando, em parte por medo, em parte por causa do ar abafado. A chama tremeu, apagou. Praguejando, Hiraga tornou a acender, protegendo com a mão; não restava muito do pavio, nem da vela. Ele seguiu em frente, o nível da água subindo. O túnel continuava a descer, a água agora alcançava seus quadris. Ori escorregou, mas conseguiu recuperar o equilíbrio. Mais vinte ou trinta passos. A água continuava a subir. Chegou à cintura, o teto não muito acima de suas cabeças. E seguiram em frente. A vela diminuindo. Hiraga observava-a, praguejando.

— É melhor voltar e esperar na parte seca.

— Não. Vamos continuar até a vela apagar.

À frente, o túnel se projetava pela escuridão, o teto e a água quase se encontrando. Nauseado, Hiraga foi em frente, tomando cuidado com o fundo escorregadio. Mais passos. O teto quase se comprimia contra sua cabeça. Mais Passos e agora o teto subiu um pouco.

— O nível da água está baixando — murmurou ele, trêmulo de alívio. Passou a andar mais depressa, revolvendo a lama

malcheirosa. Uma curva no túnel, o teto mais alto agora. E foram em frente. Pouco antes de a vela se extinguir por completo, avistaram terra seca e o final do túnel, um poço que subia e descia. Hiraga bateu pelo caminho, incapaz de ver qualquer coisa.

— Estou na beira agora, Ori. Preste atenção, pois vou jogar uma pedra.

A pedra demorou segundos e mais segundos, antes de ricochetear e bater no fundo.

— Deve ser uma queda de trinta metros ou mais — murmurou ele, sentindo um frio no estômago.

— Acenda outro fósforo.

— Só me restam três.

Hiraga acendeu um. Viram degraus de ferro, precários, enferrujados, subindo nada mais.

— Como teve certeza de que Raiko sabia disto?

— Foi uma idéia súbita. Tinha de haver um túnel... eu o teria construído, se estivesse no lugar deles. — A voz de Ori era rouca, a respiração pesada. — Podem estar esperando lá em cima, em emboscada. Vão nos empurrar de volta ou teremos de pular.

— É possível.

— Vamos subir logo. Detesto continuar aqui.

Também contrafeito, Hiraga ajeitou a espada comprida no cinto. Ori recuou, nervoso, a mão no cabo da espada. Abruptamente, os dois se fitaram, talvez perto da segurança, mas nada resolvido entre eles.

A chama do fósforo tremeu e apagou.

Na escuridão, não mais viam um ao outro. Sem pensar, ambos recuaram para as paredes do túnel, longe da beira. Hiraga, mais astuto no combate, abaixou-se, apoiado num joelho, a mão no cabo da espada, pronto para desferir um golpe nas pernas de Ori, se ele atacasse, os ouvidos aguçados, à espera do som de uma lâmina deixando a bainha.

— Hiraga! — A voz de Ori ressoou na escuridão, áspera, fora de alcance, distanciando-se pelo túnel. — Quero a mulher morta e irei em seu encalço... por *Sonno-joi* e por mim. Você quer ficar. Resolva o problema.

Hiraga levantou-se, em silêncio.

— Resolva você — disse ele, mudando de posição, sem fazer qualquer barulho.

— Não posso. Já tentei, mas não consigo encontrar uma solução.

Hiraga hesitou, esperando um truque.

— Primeiro, ponha suas espadas no chão.

— E depois?

— Como ela o obceca acima de *Sonno-joji*, não ficará armado perto de mim em Iocoama. Partirá para Quioto amanhã e contará tudo a

Katsumata, que é o seu líder *Satsuma*. Quando você voltar, faremos tudo o que disse.

— E se eu não voltar?

— Então eu farei sozinho... no momento que julgar mais oportuno.

A voz de Ori tornou-se ainda mais áspera:

— Mas ela pode escapar, neh? E se ela for embora antes do meu retorno?

— Ficarei atento a qualquer notícia de uma viagem e lhe mandarei um aviso. Se você não puder chegar aqui a tempo, eu decidirei. Ela... e seu marido, se até lá estiverem casados... só irão até Hong Kong. Você... ou nós... podemos segui-los até lá.

Ele ouvia a respiração pesada de Ori e esperou, em guarda contra um súbito ataque, sabendo que não podia confiar no outro enquanto a mulher estivesse viva e próxima, mas aquele parecia ser o melhor plano no momento. Matá-lo seria um desperdício, refletiu Hiraga. Preciso de sua sabedoria.

— Você concorda?

Ele esperou. E esperou. Depois:

— Concordo. O que mais?

— Por último: a cruz, você vai jogá-la no poço.

Hiraga ouviu Ori aspirar fundo, em raiva. O silêncio foi se tornando mais e mais opressivo.

— Concordo, Hiraga-san. Por favor, aceite minhas desculpas.

No instante seguinte, os ouvidos aguçados de Hiraga captaram o leve ruído de pano sendo mexido, alguma coisa passou por ele, o retinir de metal batendo na parede do poço, a cruz despencando para o abismo. O som de espadas largadas no chão.

Hiraga acendeu um fósforo. Ori se encontrava de pé, indefeso agora. No mesmo instante, Hiraga se adiantou correndo. Ori recuou, em pânico, mas Hiraga apenas recolheu as espadas. Antes que o fósforo apagasse, ele teve tempo de jogar também as espadas no poço.

— Por favor, Ori, obedeça-me. Assim, nada terá a temer. Subirei primeiro. Espere até eu chamá-lo.

Os degraus estavam cobertos de ferrugem, alguns meio soltos. Era uma subida precária. Depois, lá em cima, Hiraga divisou, agradecido, a boca do poço, aberta para o céu, as estrelas cintilando entre as nuvens. Sons noturnos, o vento e o mar. Ele continuou a subir, com mais cautela ainda. Precisou de toda a sua força para se erguer acima da balaustrada de pedra e espiar ao redor.

O poço abandonado ficava perto da cerca do canal, numa terra de ninguém, ocupada por mato e juncos. A praia não era longe. Casas em ruínas, enormes buracos nos caminhos de terra. O rosnado de um cachorro à procura de comida nas proximidades. Vozes roucas cantando ao vento. Agora Hiraga sabia onde haviam saído. Na cidade dos bêbados.

22

Sexta-feira, 17 de outubro:

Na claridade da manhã, no castelo de Iedo, Misamoto — O pescador, falso samurai e espião de Yoshi — postava-se de joelhos, tremendo todo, na frente do alarmado Conselho de Anciãos, a versão inglesa da resposta de Sir William balançando em sua mão. Ao seu lado, apavorado, um funcionário do *Bakufu*.

— Fale, pescador! — repetiu Anjo, o ancião-chefe, a sala de audiência opressiva, tensa e gelada. — Não importa se não compreende todas as palavras em inglês. Queremos saber se o funcionário do *Bakufu* traduziu a mensagem com toda precisão. É isso exatamente o que a diz a mensagem dos *gai-jin*!

— É, sim... isto é, mais ou menos, Sire — balbuciou Misamoto, tão assustado que mal conseguia falar. — É como disse o honrado representante do *Bakufu*... mais ou menos, Sire... mais... ou...

— Tem alga marinha no lugar da língua e vísceras de peixe em vez de cérebro? Depressa! Lorde Toranaga diz que pode ler inglês... pois leia!

Uma hora antes, Anjo fora acordado pelo nervoso funcionário do *Bakufu* que trouxera a mensagem de Sir William, em inglês e holandês. Anjo convocara às pressas uma reunião do conselho, na qual o funcionário acabara de repetir sua tradução do holandês.

— O que diz o papel em inglês?

— Bom, Sire, é... num...

Outra vez a voz de Misamoto sumiu, sufocada pelo pânico. Exasperado, Anjo olhou para Yoshi.

— Esse cabeça de peixe é seu espião — disse ele, com a frieza na medida certa. — Foi idéia sua chamá-lo. Por favor, faça com que ele fale.

— Diga-nos o que está na mensagem, Misamoto — pediu Yoshi, a voz gelada, embora por dentro estivesse quase cego de frustração e raiva. — Ninguém vai lhe fazer mal. Diga com suas próprias palavras. A verdade.

— Bem, Sire, é mais ou menos... mais ou menos o que o nobre funcionário disse Sire... mas esta carta... não conheço todas as palavras, Sire... mas... mas...

Seu rosto se contraiu em medo. Yoshi esperou por um momento.

— Continue, Misamoto. Não tenha medo. Fale a verdade, qualquer que seja.

Ninguém vai tocar em você. Precisamos conhecer a verdade.

— Bem, Sire, o líder *gai-jin*... diz que vai para Osaca dentro de onze dias, como explicou o nobre funcionário, mas não para fazer uma “visita cerimonial”...

O pescador estremeceu sob o impacto de todos os olhares, tão apavorado que agora seu nariz corria, a saliva pingava do queixo, e depois acrescentou, falando muito depressa:

— Ele não está nada feliz, na verdade está bastante furioso e vai... vai a Osaca com sua esquadra, entrando em Quioto com toda a sua força, canhões de sessenta libras, cavalaria, soldados, para falar com o filho do céu e o lorde xógum... até deu seus nomes, Sire, imperador Komei e o menino Xógum, Nobusada.

Todos ficaram boquiabertos, até mesmo os guardas... normalmente impassíveis e que não deveriam escutar. Misamoto baixou a cabeça para o tatame e manteve-a assim. Yoshi apontou para o funcionário do *Bakufu*, que empalideceu por toda a atenção focalizada nele.

— Isso é correto?

— Visita cerimonial, Sire? Para seus augustos ouvidos, essa deve ser a tradução correta... o palavreado bárbaro é grosseiro e agressivo e deve ser interpretado, acredito com toda sinceridade, como uma visita cerimonial, uma...

— A mensagem fala em “canhões e cavalaria”, essas coisas?

— Em princípio, Sire, a men...

Para espanto de todos, Yoshi quase gritou:

— Sim ou não?

O funcionário engoliu em seco, consternado com a ordem para responder de forma tão direta, o que acontecia pela primeira vez em sua vida, desolado por estar sendo contestado devido à ignorância das regras e costumes elementares da diplomacia.

— Lamento informar que, em princípio, menciona essas coisas, mas tal impertinência é, sem dúvida, um equívoco e...

— Por que não traduziu com precisão?

— Para seus augustos ouvidos, Sire, é necessário interpretar...

— Essas pessoas augustas são nomeadas? Sim ou não?

— Seus nomes constam da mensagem, mas deve...

— Tais pessoas são indicadas por seus nomes corretos?

— Ao que me parece, Sire, os nomes devem ser inter...

— Escreva imediatamente uma tradução exata da mensagem!— As palavras firmes foram pronunciadas com suavidade, mas a veemência ricocheteou pelas paredes de pedra sem adornos. — Exata! E quero que todas as comunicações vindas deles ou para eles também sejam exatas. EXATAS! Um erro e sua cabeça vai rolar para o lixo! E agora saia! Misamoto, fez um bom trabalho. Espere lá fora, por favor.

Os dois homens se retiraram apressados, Misamoto praguejando contra seu infortúnio e o dia em que concordara em acompanhar Perry ao Japão, pensando que o *Bakufu* o receberia com todas as honras por seus conhecimentos excepcionais e lhe daria muito dinheiro... e o funcionário do *Bakufu* jurando vingança contra Yoshi e aquele pescador mentiroso, antes que o conselho tomasse a decisão por ele, um servidor sábio e correto, não poderia evitar.

Yoshi rompeu o silêncio, a mente trabalhando freneticamente para definir o movimento seguinte no incessante conflito.

— Não podemos permitir uma visita armada a Quioto! Isso prova o que venho dizendo há muito tempo: devemos contar com o apoio de homens que falem inglês e tradutores nos quais possamos confiar... e que nos informarão com precisão o que dizem suas torpes mensagens!

— Isso não é necessário — disse Toyama, a papada tremendo de fúria. — Essa impertinência *gai-jin* é insultuosa além da imaginação, equivale a uma declaração de guerra. Tamanha impertinência deve ser respondida com sangue.

Os guardas se agitaram, enquanto ele acrescentava:

— É uma declaração de guerra. Muito bem. Dentro de três ou quatro dias, comandarei o ataque de surpresa contra a colônia e acabarei com esse absurdo de uma vez por todas.

— Isso seria baka. Não podemos. Baka! — Anjo repetiu mais para os guardas do que para os outros, pois era muito fácil que um deles fosse um admirador secreto dos *shishi*, um partidário de *sonno-joi*. — Quantas vezes devo dizer que não podemos atacar ainda, nem mesmo um ataque de surpresa?

Toyama ficou ainda mais furioso.

— Yoshi-san — disse ele —, podemos esmagá-los e incendiar Iocoama, neh? Podemos, neh? Não posso suportar a vergonha! É demais!

— Tem razão, claro que podemos destruir Iocoama, com facilidade, mas Anjo-dono também está correto... não podemos atingir a esquadra. Sugiro que continuemos como antes... — Yoshi falava com uma serenidade que não sentia. — ... fornecendo-lhes sopa aguada, e sem peixe: ofereceremos uma reunião com o Conselho de Anciãos

dentro de trinta dias, permitiremos que esse prazo seja reduzido nas negociações para oito dias e o protelamos pelo máximo possível.

— Só me encontrarei com aqueles cães no campo de batalha.

Yoshi conteve sua irritação.

— Tenho certeza que fará o que for decidido pelo *roju*, mas proponho que seja representado nessa reunião por um impostor... Misamoto.

— Hem?

Todos o fitaram, surpresos.

— Ele será um perfeito substituto.

Anjo interveio:

— Esse estúpido pescador nunca será...

— Vestido com roupas cerimoniais, que aprenderá a usar, em oito dias, tempo mais do que suficiente. Ele parece com um samurai agora, embora não aja como tal. Por sorte, não é estúpido, e se sente tão assustado que fará tudo o que ordenarmos. Mais importante ainda, ele nos dirá depois a verdade, que anda escassa por aqui.

Yoshi viu Anjo ficar vermelho. Os outros fingiram não perceber.

— E que mais, Yoshi-san?

— Realizaremos a reunião aqui no castelo.

— Inadmissível! — gritou Anjo.

— Claro que primeiro vamos propor Kanagawa — explicou-lhe Yoshi, exasperado — e depois nos permitiremos concordar em recebê-los aqui.

— Inadmissível! — insistiu Anjo, com a concordância dos outros.

— Com o castelo como isca, podemos protelar de novo, talvez até por mais um mês... a curiosidade deles vai prevalecer... e ao final só permitimos o acesso a uma área externa. Por que não o castelo? Todos os líderes *gai-jin*, por sua livre e espontânea vontade, ao nosso alcance? Podemos tomá-los como reféns, sua presença aqui nos dá uma dúzia de possibilidades de envolvê-los ainda mais.

Todos o fitaram, aturdidos.

— Tomá-los como reféns?

— Uma possibilidade, entre muitas — explicou Yoshi, paciente, sabendo que precisava de aliados na luta iminente.— Devemos usar astúcia e cordões de seda, a própria fraqueza dos *gai-jin* contra eles, não a guerra... até que possamos igualar com suas frotas.

— E até lá? — indagou Adachi. O homenzinho rotundo era o mais rico de todos e sua linhagem Toranaga comparável à de Yoshi. — Acredita realmente que devemos negociar com esses cães até termos esquadras equivalentes às deles?

— Ou canhões bastante grandes para mantê-los à distância de nossas praias. Só precisamos de um ou dois sacos de ouro para que eles se atropelem no empenho de nos vender os meios com que os

expulsaremos de nossas águas. — Yoshi fez uma pausa, a expressão se tornando sombria. — Ouvi o rumor de que alguns emissários de *Choshu* já estão tentando comprar fuzis dos *gai-jin*.

— Aqueles cães! — exclamou Toyama, furioso. — Sempre *Choshu*. Quanto mais cedo os esmagarmos, melhor.

— E *Satsuma* também — murmurou Anjo, com a concordância geral. Ele olhou para Yoshi, antes de acrescentar: — E os outros!

Yoshi fingiu não compreender a insinuação de seu adversário. Não importa, pensou ele, o dia está chegando.

— Podemos lidar com todos os inimigos, um de cada vez... não juntos. Toyama declarou, em tom ríspido:

— Voto para ordenarmos a todos os *daimios* amigos que aumentem os impostos e tratem de se armar. Eu começarei amanhã.

— “Aconselhar” é uma palavra melhor — interveio Adachi, cauteloso, e esvaziou sua xícara de chá. Flores delicadas ornamentavam as bandejas laqueadas postas diante de todos. Ele reprimiu um bocejo, entediado, ansioso em voltar para a cama. — Por favor, Yoshi-dono, continue a apresentar seu plano. Se não conhecermos todos os detalhes, como poderemos votá-lo?

— Na manhã da reunião, Anjo-sama cairá doente, infelizmente, sentimos muito. Como nem todos os *roju* estarão presentes, não poderemos tomar decisões definitivas, mas escutaremos tudo, e tentaremos chegar a um acordo. Se não for possível, então concordaremos, com a deferência apropriada, em “apresentar seu desejos ao conselho pleno, assim que possível”... e continuaremos a protelar, até deixá-los tão furiosos que eles é que cometerão um erro, e não nós.

— Por que eles haveriam de concordar com outro adiamento? — perguntou Anjo, contente porque não teria um confronto pessoal com os *gai-jin*, mas desconfiando de Yoshi, e especulando qual seria a manobra escusa.

— Os cães já provaram que preferem conversar a lutar, são covardes — disse Yoshi. — Embora pudessem nos dominar com facilidade, é evidente que não têm coragem suficiente para isso.

— E se eles não concordarem, e esse insolente macaco inglês cumprir sua ameaça, e partir para Quioto? O que faremos então? Não podemos permitir isso, em quaisquer circunstâncias!

— Concordo — disse Yoshi, decidido, e todos ficaram tensos. — Isso significa guerra... uma guerra que acabaremos perdendo.

Toyama protestou no mesmo instante:

— É melhor guerreamos como homens do que nos tornarmos escravos, como os chineses, indianos e todas as outras tribos de bárbaros! — O velho examinou Yoshi. — Se eles desembarcarem, você votará pela guerra?

— Mas claro que sim! Qualquer tentativa de desembarcar à força... em qualquer lugar... será enfrentada.

— Ainda bem — disse Toyama, satisfeito.— Neste caso, torço para que eles tentem desembarcar.

— A guerra seria ruim. Creio que eles vão preferir conversar e podemos manobrá-los para que desistam dessa loucura. — A voz de Yoshi tornou-se mais áspera. — E será possível, se formos bastante espertos. Enquanto isso, devemos nos concentrar em questões mais importantes... como Quioto, e recuperar o controle dos portões, como os *daimios* hostis, como obter ouro suficiente para comprar armas, modernizar e equipar nossas forças... e as forças de nosso aliados de confiança... e não permitir que *Choshu*, *Tosa* e *Satsuma* se armem sob o pretexto de nos apoiarem, mas com a intenção secreta de nos atacarem.

— O traidor Ogama deve ser proscrito — declarou Toyama. — Por que não o condenamos publicamente e retomamos os portões?

— Atacá-lo agora seria baka! — respondeu Anjo, irritado. — Serviria apenas para empurrar *Satsuma* e *Tosa* para seus braços, assim como outros que se mantêm em cima da cerca.

Ele mudou de posição, desconfortável, o estômago doendo, a cabeça doendo, sem encontrar alívio com o novo médico chinês que consultara em segredo.

— Vamos combinar o seguinte: Yoshi-dono, por favor, prepare uma resposta aos *gai-jin*, a ser aprovada na reunião de amanhã.

— Certo. Mas o que eu quero saber agora é quem está lhes revelando nossos segredos. Quem é o espião dos *gai-jin*? É a primeira vez que eles mencionam o “jovem” xógum e dão o seu nome, assim como o do imperador. Alguém está nos traindo.

— Vamos empenhar todos os nossos espiões para descobrir isso! Ótimo! Voltaremos a nos reunir amanhã de manhã como sempre, analisaremos o esboço da resposta e decidiremos quanto ao seu plano.— Os olhos de Anjo se estreitaram. — E cuidaremos dos preparativos finais da partida do xógum Nobusada para Quioto.

O sangue se esvaiu do rosto de Yoshi.

— Já discutimos isso uma dúzia de vezes. Em nossa última re...

— A visita será realizada! Ele viajará pela estrada do norte, em vez da *Tokaidô*. Será mais seguro.

— Como guardião, eu me oponho à visita, pelas razões já enunciadas várias vezes... por qualquer estrada!

Toyama interveio:

— É melhor para meu filho ficar em Quioto. Estaremos em guerra muito em breve. Nossos guerreiros não poderão ser contidos por muito mais tempo.

— Não haverá guerra nem visita! — insistiu Yoshi, furioso. — Qualquer das duas coisas nos destruirá. No momento em que um xógum demonstrar submissão, como Nobusada pretende fazer, nossa posição estará arruinada para sempre. O legado declara...

Anjo interrompeu-o:

— O legado não pode prevalecer neste caso.

— O legado Toranaga é nossa única âncora e não podemos...

— Não concordo!

Quase sufocado de raiva, Yoshi fez menção de se levantar, mas foi detido pelas palavras seguintes de Anjo:

— Há uma última questão a decidir hoje: a designação imediata do novo ancião, o substituto de Utani.

Surgiu uma tensão intensa no conselho. Desde o assassinato de Utani, assim como pela maneira de sua morte — o quarto em que ele e o rapaz haviam sido enpalados não fora completamente destruído pelas chamas — e o fracasso das legiões de espiões e soldados em capturar os assassinos, todos os anciãos dormiam com profunda apreensão. Anjo, em particular, ainda se afligia por seu quase assassinato. Exceto por Yoshi, que de vez em quando recebia o apoio de Utani, Nenhum dos outros lamentava sua morte ou como ocorrera, Anjo ainda menos, porque ficara chocado ao descobrir a identidade do amante e passara a abominar Utani ainda mais, pelo roubo em segredo de seu prazer ocasional.

— Vamos votar agora.

— Uma questão de tamanha importância deve esperar até amanhã.

— Sinto muito, Yoshi-sama, mas este é o momento perfeito.

Adachi acenou com a cabeça.

— A menos que o conselho esteja completo, não podemos tomar decisões importantes. Quem você propõe?

— Faço a indicação formal de Zukumura de Gai.

Apesar de seu controle, Yoshi não pôde reprimir uma exclamação de espanto, já que o *daimio* era um simplório, parente e aliado

ostensivo de Anjo.

— Já manifestei minha desaprovação a ele... uma dúzia melhores — declarou Yoshi. — E concordamos com Gen Taira.

— Eu não concordei. — Anjo sorriu apenas com um movimento da boca — Só disse que o consideraria com o devido cuidado. Foi o que fiz e concluí que Zukumura é uma escolha melhor. Agora, vamos votar.

— Não creio que uma votação neste momento seja sensata ou acon...

— Vamos votar! Como conselheiro-chefe, é meu direito submeter qualquer questão à votação! E digo que temos de votar agora!

— Eu voto não! — disse Yoshi, lançando um olhar furioso para os outros dois.

Adachi desviou os olhos, e murmurou:

— Gai tem sido aliado de Muto desde Sekigahara. Sim. Toyama deu de ombros.

— O que vocês quiserem.

Yoshi golpeou violentamente seus dois oponentes com a espada de madeira, o suor escorrendo pelo rosto, recuou, girou, atacou de novo. Os dois homens, hábeis espadachins, desviaram-se para o lado e desfecharam seu próprio ataque, sob a ordem de saírem vitoriosos, o fracasso lhes custando um mês de confinamento nos alojamentos e três meses de pagamento.

Com a maior astúcia, um dos homens fez uma finta, a fim de proporcionar uma abertura ao outro, mas Yoshi se encontrava preparado, esquivou-se sob o golpe e acertou o homem no peito, a espada quebrando com a força do golpe — se a lâmina fosse de verdade, teria quase cortado o homem em dois — e assim eliminando-o da disputa.

No mesmo instante, o outro se adiantou, confiante, para o golpe final, mas Yoshi já não se postava mais no lugar onde deveria estar, abaixando-se quase até o chão e desferindo um golpe de karatê com o pé. O atacante gemeu em agonia quando o lado do pé de Yoshi, duro como ferro, atingiu-o no escroto, fazendo-cair ao chão a se contorcer de dor. Ainda dominado pela raiva, a adrenalina fluindo — Yoshi saltou para o homem caído, erguendo a espada partida, que seria cravada no pescoço do oponente, para o golpe mortal. Mas ele deteve o golpe a uma fração do pescoço, o coração batendo forte, extasiado com sua habilidade e controle, por não ter falhado desta vez, a vitória nada significando. Sua fúria acumulada se dissipou.

Contente agora, ele jogou para o lado a espada de madeira quebrada e começou a relaxar, a sala de exercício despojada, como o resto do castelo. Todos se recuperavam do esforço intenso, o homem no chão ainda se contorcia em dor. Foi nesse instante que Yoshi se surpreendeu ao ouvir palmas suaves. Virou-se, furioso — por seu costume, ninguém jamais era convidado a testemunhar aqueles exercícios, nos quais se podia avaliar a extensão de suas proezas, determinar suas fraquezas e medir sua brutalidade —, mas a raiva também se desvaneceu.

— Hosaki! Quando você chegou? — disse ele, tentando recuperar o fôlego. — Por que não enviou um mensageiro para me avisar de sua vinda?

Yoshi fez uma pausa, o sorriso sumindo.

— Problemas?

— Não, Sire — respondeu a esposa, feliz, ajoelhando-se ao lado da porta. — Nenhum problema, apenas uma abundância de prazer por vê-lo de novo.

Ela fez uma reverência profunda, a saia e o blusão de montaria de seda verde, trajes modestos e marcados por muitas viagens, assim como o sobremanto acolchoado, também verde, o chapéu largo, amarrado sob o queixo, e a espada curta na obi.

— Por favor, desculpe-me por aparecer assim, sem ser convidada e sem trocar de roupa antes, mas não podia esperar para vê-lo... e agora me sinto ainda mais satisfeita, por saber que é um espadachim melhor do que nunca.

Ele fingiu não estar deliciado, adiantou-se, fitou-a nos olhos, inquisitivo.

— Realmente nenhum problema?

— Nenhum, Sire.

Ela estava radiante, com uma adoração ostensiva. Dentes brancos, olhos escuros, num rosto clássico, que não era atraente nem comum, mas não seria esquecido, toda a sua presença irradiando extrema dignidade. Nove anos antes, quando Yoshi tinha dezessete anos, o pai lhe dissera:

— Yoshi, escolhi uma esposa para você. Sua linhagem é Toranaga, como a nossa, embora do ramo menor de Mitowara. Ela se chama Hosaki, significando uma “espiga de trigo”, na língua antiga, um presságio de abundância e fertilidade, e também “ponta de lança”. Não creio que ela venha a lhe falhar em qualquer das duas capacidades...

E não falhara mesmo, pensou Yoshi, orgulhoso. Já tinham dois lindos filhos e uma filha, e ela ainda é forte, sempre sábia, uma competente administradora de nossas finanças, e, o que é raro numa esposa, bastante agradável na cama, embora sem o fogo da minha consorte ou parceiras de prazer, Koiko em particular.

Ele aceitou uma toalha seca do oponente que saíra ileso e acenou com a mão para dispensá-los. O homem fez uma reverência, em

silêncio, ajudou o outro a se levantar, e os dois saíram.

Yoshi ajoelhou-se perto da esposa, enxugando o suor.

— E então?

— Não é seguro aqui, neh? — sussurrou ela.

— Nenhum lugar é seguro.

— Primeiro — acrescentou Hosaki, em voz normal —, primeiro, Yoshi-chan, vamos cuidar de seu corpo: um banho, uma massagem e, depois, conversaremos.

— Boa idéia. Há muito que conversar.

— Há, sim. — Sorrindo, ela se levantou e, em resposta a seu olhar inquisitivo tomou a tranquilizá-lo: — Está tudo bem no Dente do Dragão, seus filhos com plena saúde, sua consorte e o filho dela felizes, seus capitães e servidores atentos e bem armados... tudo como você haveria de querer. Apenas decidi fazer uma visita, num súbito capricho... só para vê-lo e conversar sobre a administração do castelo.

E também por querer ir para a cama com você, meu belo, pensou Hosaki e seu coração secreto, contemplando-o, as narinas absorvendo seu cheiro masculino consciente de sua proximidade, e ansiando, como sempre, por sua força.

Enquanto se encontra longe, Yoshi-chan, posso me manter calma, na maior parte do tempo, mas perto de você... Torna-se então muito difícil, embora eu finja — e como finjo! —, não consigo esconder o ciúme das outras e me comportar como uma esposa perfeita. Mas isso não significa que eu, como todas as esposas não sinta um ciúme violento, às vezes no nível da loucura, desejando matar ou ainda melhor, mutilar as outras, querendo ser desejada e levada para a cama com uma paixão igual.

— Passou muito tempo ausente, marido — murmurou ela, gentilmente, querendo que Yoshi a possuísse agora, no chão, impetuoso, como imaginava que os jovens camponeses faziam.

Era quase meio-dia e um vento suave varria o céu. Estavam no santuário mais íntimo de Yoshi, um conjunto de três aposentos, com tatames, e um banheiro, junto de uma ameia no canto. Hosaki servia-lhe chá, com a elegância de sempre. Desde criança que estudara a cerimônia do chá, assim como Yoshi, mas agora ela se tomara uma sensei, uma mestra do chá. Ambos haviam se banhado e sido massageados. As portas se achavam trancadas, os guardas de vigia, as criadas dispensadas. Yoshi usava um quimono engomado, ela um quimono largo, de dormir, os cabelos soltos.

— Depois de nossa conversa, acho que vou descansar. Assim, estarei com a cabeça desanuviada para esta noite.

— Montou durante todo o percurso?

— Isso mesmo, Sire.

A viagem fora bastante árdua, com pouco sono, troca de cavalos a cada três ri, cerca de quinze quilômetros.

— Quanto tempo levou?

— Dois dias e meio. Trouxe apenas vinte servidores, sob o comando do capitão Ishimoto.— Hosaki riu. — Eu precisava mesmo da massagem e do banho. Mas, primeiro...

— Quase dez ri por dia? Por que a marcha forçada?

— Em grande parte para o meu prazer — respondeu ela, jovial, sabendo que havia tempo suficiente para as más notícias. — Mas,

primeiro, Yoshi-chan, para o seu prazer.

— Obrigado.

Yoshi tomou o chá verde fino da xícara ming, largou-a ao terminar, observando e esperando, impressionado com o controle e tranquilidade da esposa. Após ervir de novo, tomar um gole de seu chá, ela também largou a xícara e disse suavemente:

— Decidi vir até aqui sem demora porque ouvi rumores inquietantes e precisava tranquilizar a mim mesma e a seus capitães de que você estava bem... rumores de que você corria perigo, que Anjo mobilizava o conselho contra você, que o atentado dos *shishi* contra ele e o assassinato de Utani eram parte de uma grande escalada de *Sonno-joi*, que a guerra é iminente, partindo de dentro e de fora, e que Anjo continua a trair, a você e a todo o xogunato. Ele deve estar insano para permitir que o xógum e sua esposa imperial viajem para Quioto, numa demonstração de submissão.

— Tudo isso é verdade ou verdade parcial — respondeu Yoshi, com igual serenidade, deixando a esposa angustiada. — As más notícias

viajam com as asas do falcão, Hosaki, neh? Tudo é pior por causa dos *gai-jin*.

Ele relatou seu encontro com os estrangeiros, falou sobre Misamoto, o espião, e contou com mais detalhes as intrigas no castelo... mas não sobre a suspeita da ligação de Koiko com os *shishi*. Hosaki jamais compreenderia como ela é excitante e essa informação a torna ainda mais excitante, pensou Yoshi. Minha esposa aconselharia o imediato afastamento de Koiko, a investigação e punição, não me dando sossego enquanto isso não fosse feito. Ele concluiu com a presença da esquadra estrangeira às suas portas, a mensagem e a ameaça de Sir William e a reunião daquele dia.

— Zukumura? Um ancião? Aquele cabeça de peixe senil? Um dos seus filhos não casou com uma sobrinha de Anjo? O velho Toyama não votou por ele, não é mesmo?

— Toyama limitou-se a dar de ombros e disse: “Ele ou outro, nada significa, entraremos em guerra em breve. Tenham quem quiserem.”

— Ou seja, na melhor das hipóteses, serão três contra dois, você perdendo.

— Isso mesmo. Agora, não há como conter Anjo. Ele pode fazer o que quiser, votar para aumentar seus poderes, promover-se a tairo, qualquer estupidez que imaginar... como a absurda viagem de Nobusada a Quioto.

Yoshi sentiu outra vez uma pressão no peito, mas tratou de ignorá-la, satisfeito pela oportunidade de falar com franqueza... ao máximo de que era capaz, confiando nela mais do que em qualquer outra pessoa.

— Os bárbaros eram como os imaginava, Sire?

Tudo neles a fascinava. “Conheça seu inimigo como a si mesmo...”
Sun-tzu

Era o principal livro de aprendizado de Hosaki e suas quatro irmãs e três irmãos, tanto como as artes marciais, caligrafia e a cerimônia do chá. Ela e as irmãs também haviam estudado, com a mãe e as tias, tudo sobre a terra e administração financeira, assim como métodos práticos de lidar com homens de todas as classes, e o futuro e a suprema importância. Ela nunca se destacara nas artes marciais, embora soubesse usar uma faca bastante bem.

Yoshi contou a ela tudo o que podia se lembrar, inclusive o que Misamoto dissera sobre a parte das Américas conhecida como Califórnia... e às vezes chamada de terra da montanha de ouro. Os olhos de Hosaki se contraíram, mas ele não percebeu.

Quando Yoshi acabou, ela ainda tinha mil perguntas, mas controlou-se deixando-as para mais tarde, não querendo cansá-lo.

— Ajuda-me a ver tudo com clareza, Yoshi-chan, é um observador extraordinário. O que decidiu?

— Nada, por enquanto... Eu gostaria que meu pai estivesse vivo, sinto falta de seus conselhos... e também dos conselhos da mãe.

— Posso compreender.

Hosaki sentia-se contente por ambos estarem mortos, o pai dois anos antes os problemas da velhice agravados pelo confinamento a que fora submetido por Li — ele tinha cinqüenta e cinco anos —, e a mãe na epidemia de varíola do ano passado. Ambos haviam tornado angustiante a vida de Hosaki, ao mesmo tempo em que mantinham Yoshi sob seu encantamento. Na opinião dela, o pai não cumpria seu dever com a família, tomando decisões erradas com mais frequência do que as certas, enquanto a mãe sempre fora a sogra mais destemperada e difícil de agradar que já conhecera, pior com ela do que com as esposas dos três irmãos de Yoshi.

A única coisa inteligente que eles fizeram em toda a sua vida, refletiu Hosaki, foi concordarem com a proposta de casamento com Yoshi Toranaga apresentada por meu pai. Por isso, tenho de lhes agradecer. Agora, reino sobre o Dente do Dragão e nossas terras, que passarão para meus filhos, fortes, inviolados e dignos do lorde xógum Toranaga.

— É uma pena que eles tenham partido — murmurou Hosaki. — Vou ao santuário deles todos os dias e suplico para ser digna da confiança que me dispensavam.

Yoshi suspirou. Desde a morte da mãe que sentia um vazio, mais ainda do que depois da morte do pai, a quem admirava, mas temia. Sempre que tinha um problema, ou estava com medo, sabia que podia procurá-la, e seria tranquilizado, orientado, receberia uma nova força. Ele murmurou, muito triste:

— Karma que a mãe tenha morrido tão jovem.

— Tem razão, Sire.

Hosaki compreendia a tristeza do marido, pois a mesma coisa ocorria com todos os filhos, cujo primeiro dever é obedecer e respeitar a mãe acima de todas as pessoas... e pela vida inteira. Nunca poderei preencher esse vazio, assim como as esposas dos meus filhos jamais preencherão o que vou deixar.

— Qual é o seu conselho, Hosaki?

— Tenho pensamentos demais para tantos problemas — respondeu preocupada, a mente absorvendo o mosaico de perigos que vinham de todos os lados.— Sinto-me inútil neste momento. Deixe-me pensar com cuidado, esta noite e amanhã... talvez eu possa sugerir alguma coisa que lhe dará uma indicação do que deve fazer e depois, com sua permissão, voltarei para casa no dia seguinte, já que pelo menos uma coisa é certa: precisamos reforçar nossas defesas. Deve me dizer o que fazer. Enquanto isso, permita-me algumas observações imediatas, para sua consideração: aumentar a vigilância de seus guardas e mobilizar discretamente todas as suas forças.

— Eu já havia tomado essa decisão.

— Esse *gai-jin* que o abordou depois da reunião, um francês, pelo que disse... sugiro que aceite seu oferecimento, para ver com seus próprios olhos o interior de um navio de guerra. É muito importante que você mesmo veja... talvez até possa fingir que se torna amigo deles, para depois jogá-los contra os ingleses, neh?

— Também já havia decidido isso.

Ela sorriu para si mesma, baixou a voz ainda mais:

— Por mais difícil que seja, Anjo deve ser removido, em caráter permanente... e quanto mais cedo, melhor. Como é provável agora, você não pode evitar que o xógum e a princesa partam para Quioto... Concordo que ela é, corretamente, do seu ponto de vista, a espiã da corte, uma títere e inimiga. Assim, você deve partir em segredo, logo depois deles, e correr para Quioto, pela *Tokaidô*, que é mais curta, e chegar lá antes... Sorri, Sire?

— Só porque você me agrada. E quando chegar a Quioto?

— Deve se tornar o confidente do imperador... temos amigos na corte que o ajudarão. Depois, uma possibilidade entre dezenas: fazer um acordo secreto com Ogama de *Choshu*, deixá-lo com o

controle dos portões... — Hosaki hesitou, enquanto o marido ficava vermelho. — ...mas apenas enquanto ele for seu aliado declarado contra *Satsuma* e Tosa.

— Ogama jamais acreditaria que eu cumpriria esse acordo... e pode ter certeza que eu não o faria, pois precisamos recuperar os portões a qualquer custo.

— Concordo. Mas a parte final do pacto pode ser outra, se ele concordar numa aliança para um ataque de surpresa a lorde Sanjiro, de *Satsuma*, no momento em que você escolher. Depois que Sanjiro for derrotado, Ogama lhe devolve os portões, e fica em troca com *Satsuma*.

Yoshi franziu o rosto ainda mais.

— É muito difícil derrotar Sanjiro por terra, quando ele se entrincheira por trás de suas montanhas... nem mesmo o xógum Toranaga atacou *Satsuma* depois de Sekigahara, apenas aceitou a submissão pública, os juramentos de fidelidade e controlou-os com gentilezas. E não podemos desfechar um ataque por mar.

Ele pensou por um momento.

— É um sonho, não uma possibilidade concreta. Muito difícil, mas... quem sabe? A próxima sugestão.

— Remover Nobusada em seu caminho para Quioto... é uma chance única.

— Nunca! — Yoshi sentia-se chocado por Hosaki ter pensado da mesma forma que ele ou, então, o que seria ainda pior, ter percebido seu desejo mais secreto. — Seria trair o legado, minha herança, tudo pelo que o lorde xógum Toranaga se empenhou. Aceitei-o como meu suserano, como não podia deixar de fazer.

— Tem toda razão — disse ela no mesmo instante, apaziguando-o, já fazendo uma reverência, preparada e esperando tal reação, mas

precisando articulá-la para ele. — Foi baka de minha parte. Concordo completamente. Sinto mui...

— Ainda bem. Nunca mais pense ou diga isso.

— Claro. Por favor, perdoe-me.

Hosaki manteve a cabeça inclinada pelo tempo apropriado, murmurando desculpas, depois inclinou-se para a frente, tornou a encher a xícara de Yoshi recostou-se, olhos abaixados, esperando que ele lhe pedisse para continuar.

Nobusada deveria ter sido eliminado por seu pai, Yoshi, pensou ela, calmamente... e me espanta que você nunca tenha compreendido isso. Seu pai e mãe — que deveriam lhe dar os conselhos corretos — falharam em seu dever quando aquele menino estúpido foi proposto para xógum, em seu detrimento, pelo traidor Li. Foi Li quem nos impôs a prisão domiciliar, destruiu nossa paz por anos, quase causou a morte de nosso filho mais velho, por causa dos meses em que ficamos tão confinados que todos passamos fome. Sabíamos que ele faria isso muito antes que acontecesse. Afastar Nobusada sempre foi

o caminho óbvio, por mais herética e desagradável que seja tal ação, o único meio de proteger nosso futuro. Se você não quer considerar isso, Yoshi, eu mesma encontrarei uma maneira...

— Foi um mau pensamento, Hosaki. Terrível!

— Concordo, Sire. Por favor, aceite minhas humildes desculpas. — Ela tornou a encostar a cabeça no tatame. — Foi uma estupidez. Não sei de onde vem tanta estupidez. Tem toda razão, é claro. Talvez seja porque me sinto angustiada com os perigos que lhe cercam. Por favor, Sire, permite que eu me retire?

— Daqui apouco. Agora...

Um pouco abrandado, Yoshi gesticulou para que ela servisse mais chá, ainda atordoado pela esposa ter ousado expressar tamanho sacrilégio, até mesmo para ele.

— Posso mencionar um outro pensamento, Sire, antes de ir embora?

— Pode, desde que não seja tão estúpido quanto o último.

Ela quase riu da farpa petulante de menino, que não chegava a penetrar nem mesmo em suas defesas externas.

— Disse, Sire, que o problema mais importante e imediato a resolver com os *gai-jin* é como afundar suas esquadras ou manter seus canhões longe de nossas praias, neh?

— Isso mesmo.

— Pode-se montar canhões em barcaças?

— Como? — Ele franziu o rosto, desviando o pensamento de Nobusada devido a esse novo rumo na conversa. — Acho que sim. Por quê?

— Podemos descobrir com os holandeses. Eles nos ajudariam. Talvez pudéssemos construir uma frota defensiva, mesmo difícil de manobrar, ancorando barcaças no mar, em acessos estratégicos às nossas áreas mais importantes, como nos estreitos de Shimonoseki, e fortificando as entradas de todas as nossas enseadas — Por sorte, são bem poucas, neh?

— Talvez seja possível — admitiu Yoshi, a idéia nunca tendo lhe ocorrido. — Mas não disponho de dinheiro ou ouro em quantidade suficiente para comprar todos os canhões necessários às baterias em terra, muito menos para construir uma frota assim. Nem tempo suficiente, conhecimento ou riqueza para abrir nossas próprias fábricas... nem os homens para operá-las.

— É verdade, Sire. Está sendo sábio. — Uma pausa, e Hosaki, com uma cara triste, respirou fundo. — Todos os *daimios* estão empobrecidos, cheios de dívidas... e nós tanto quanto os outros.

— Hem? — gritou ele. — A colheita?

— Sinto muito trazer más notícias. Menor que a do ano passado.

— Quanto menor?

— Um terço.

— É uma péssima notícia, logo no momento em que eu precisava de uma receita extra! — Yoshi cerrou o punho. — Os camponeses são todos baka!

— Sinto muito, mas a culpa não é deles, Yoshi-chan. As chuvas vieram muito tarde ou muito cedo, o sol também. Os deuses não sorriram para nós este ano.

— Não há deuses, Hosaki-chan, mas há karma. É karma termos uma péssima colheita... mas mesmo assim você terá de pagar os tributos.

Os olhos de Hosaki brilhavam com lágrimas.

— Haverá fome no Kwanto antes da próxima colheita... e se isso acontece conosco, que temos a terra mais fértil para o plantio de arroz em todo o Nipão, o que será dos outros?

A lembrança da grande fome, quatro anos antes, ressurgiu na mente de ambos. Milhares de pessoas morreram de fome, dezenas de milhares nas epidemias inevitáveis que se seguiram. E na outra grande fome, ainda maior, vinte anos antes, centenas de milhares haviam morrido.

— Esta é de fato a terra das lágrimas.

Yoshi balançou a cabeça, distraído. Quando falou, a voz saiu áspera:

— Você vai aumentar os tributos por uma décima parte, todos os samurais receberão uma décima parte a menos. Falaremos com os emprestadores de dinheiro. Eles podem aumentar nossos empréstimos. O dinheiro será gasto em armamentos.

— Está certo. — Uma pausa e Hosaki acrescentou, com extremo cuidado: — Estamos numa situação melhor do que a maioria, só comprometemos a colheita do próximo ano. Mas será difícil conseguir taxas de juros normais.

— O que sei ou me importo com taxas de juros? — disse ele irritado, a cara garrada. — Faça o melhor acordo que puder. Talvez tenha chegado o momento de propor ao conselho um ajuste das “taxas de juros”, como meu bisavô.

Há sessenta e tantos anos, o xógum, sufocado sob o peso das dívidas do pai, oito anos de futuras colheitas empenhados, como todos os *daimios*, e espicaçado pela crescente arrogância e desdém da classe dos mercadores, decretara abruptamente que todas as dívidas estavam canceladas e todas as colheitas futuras livres de dívidas.

Em dois séculos e meio, desde Sekigahara, esse decreto extremo fora promulgado quatro vezes. Causava o caos em todo o país. O sofrimento em todas as classes era imenso, em particular entre os samurais. Os mercadores de arroz, que eram os principais emprestadores de dinheiro, pouco podiam fazer. Muitos foram à bancarrota. Uns poucos cometeram seppuku. Os demais se retraíram da melhor forma que podiam e sofreram também com o desespero geral.

Até a próxima colheita. Os plantadores precisavam, então, dos mercadores e todas as pessoas precisavam de arroz; assim, com o maior cuidado, as vendas eram efetuadas e o dinheiro escasso — e, por isso mesmo, bastante caro — era emprestado para sementes e ferramentas, contra a próxima colheita. Aos poucos de forma modesta, o dinheiro e o crédito alcançavam os samurais, contra seus rendimentos esperados, para subsistência e diversão, sedas e espadas. Não demorava muito para que o excesso de gastos dos samurais se tornasse endêmico. Com uma cautela ainda maior, os emprestadores de dinheiro retomavam suas atividades. Logo era preciso lhes oferecer atrativos, mesmo com relutância, como

certidões de samurai, adquiridas para alguns filhos, e tudo em breve voltava a ser como antes, com os feudos penhorados.

— Talvez deva mesmo fazer isso, Sire.— Hosaki sentia a mesma repugnância que o marido pelos emprestadores de dinheiro. — Tenho estoques secretos de arroz contra a fome. Seus homens poderiam ficar famintos, mas não morreriam de inanição.

— Ótimo. Negocie esses estoques por armas de fogo.

— Sinto muito, mas a quantidade não seria significativa — disse ela, gentilmente, consternada com a ingenuidade de Yoshi, e se apressou em acrescentar, para desviá-lo desse assunto: — Por outro lado, os tributos não proporcionarão o dinheiro que os *gai-jin* vão exigir.

— Neste caso, teremos de recorrer aos emprestadores de dinheiro. Faça qualquer coisa que for necessária. Preciso das armas.

— Está bem. — Hosaki deixou o silêncio se prolongar e, depois, bem devagar, começou a expor um plano por muito tempo ponderado: — Algo que me disse antes de sair de casa me deu uma idéia, Sire. A pequena mina de ouro em nossas montanhas ao norte. Proponho aumentarmos a força de trabalho.

— Mas disse-me muitas vezes que a mina já foi quase exaurida e produz menos receita a cada ano.

— É verdade, mas você me fez compreender que nossos mineiros não são especialistas e me ocorreu que, onde há um veio, pode haver outros também se tivéssemos especialistas para procurá-los. Talvez nossos métodos sejam antiquados. Pode haver técnicos no assunto entre os *gai-jin*.

Ele fitou-a nos olhos.

— Como assim?

— Conversei com Velho Fedorento... — Era o apelido de um holandês, que anos antes fora mercador em Deshima, contratado para ser um dos tutores de Yoshi e induzido a ficar, com o presente de criadas, uma jovem consorte e muito *saquê*, até se tornar tarde demais para partir.— Ele me contou sobre uma enorme corrida do ouro na terra da montanha de ouro que você mencionou, há apenas treze anos, quando *gai-jin* de todas as nações foram roubar uma fortuna da Terra. Houve outra corrida do ouro parecida, há poucos anos, num lugar ao sul daqui... ele chamou-o de terra de van Diemen. Deve haver homens em Iocoama que participaram de uma ou de outra. Especialistas!

— E se eles existirem? — indagou Yoshi, pensando em Misamoto.

— Sugiro que lhes ofereça passagem segura e metade do ouro que descobrirem no prazo de um ano. Há muitos americanos e aventureiros na colônia, pelo que fui informada.

— Gostaria de ver os *gai-jin* vagueando por nossas terras, espionando tudo?

Hosaki balançou a cabeça, depois inclinou-se para a frente, sabendo que tinha a atenção total do marido.

— Mais uma vez, foi você quem proporcionou a solução, Yoshi-chan. Poderia procurar esse importante mercador de Iocoama, em segredo, o mesmo que me contou que achava que ia fornecer fuzis a *Choshu*... concordo que devemos obter fuzis e canhões modernos a qualquer custo, ao mesmo tempo em que impedimos os inimigos de adquiri-los. Poderia lhe oferecer a concessão para a exploração do ouro, com exclusividade. Em troca, ele providencia tudo o que for necessário para a pesquisa e mineração. Só aceitaria um ou dois peritos desarmados e é claro que eles seriam vigiados de perto. Como compensação, receberia adiantado muitos canhões e fuzis, contra a metade do ouro encontrado, e esse mercador concorda em vender armas apenas a você. Nunca a *Choshu*, Tosa ou *Satsuma*. Sorri, Sire?

— E nosso intermediário seria Misamoto?

— Sem a sua sagacidade em descobri-lo e treiná-lo, isto não seria possível.

Ela falou com total deferência e recostou-se, secretamente satisfeita, escutando os comentários de Yoshi e suas respostas, sabendo que ele iniciaria a execução do plano o mais depressa possível, que acabariam conseguindo as armas de alguma forma, sem abrir mão de suas preciosas reservas de arroz. Pouco depois, Hosaki já pôde fingir que se sentia exausta e pedir permissão para descansar.

— Deveria também repousar, Sire, depois de um exercício tão maravilhoso, embora extenuante...

Claro que ele deveria, um homem tão excepcional, pensou Hosaki. E, uma vez no quarto, com muitos elogios, pedindo permissão para massagear os músculos cansados dos ombros, pouco a pouco, com a devida cautela, se tornando mais insinuante, deixando escapar um ou outro suspiro, faria com que ele se tornasse tão íntimo quanto podia desejar. A mesma intimidade que ele tinha com Koiko.

Antes, Koiko pedira permissão para visitá-la, fizera uma reverência, agradecera, dissera que esperava que seus serviços agradassem ao grande lorde, que sentia-se honrada por poder ingressar naquela família, mesmo que por um breve período. Conversaram por algum tempo e, depois, ela se retirou.

Uma beleza e tanto, pensou Hosaki, sem ciúme, nem inveja. Yoshi tem direito a uma diversão, por mais dispendiosa que seja, de vez em quando. A beleza dessas mulheres é muito frágil, transitória, uma vida tão triste, autênticas flores de cerejeira, da árvore da vida. O mundo de um homem é muito mais excitante fisicamente, do que o nosso. Ah, ser capaz de ir de flor em flor, sem angústia ou preocupação...

Se a punição até por uma pequena aventura de nossa parte não fosse tão imediata e severa, as mulheres considerariam a possibilidade com mais frequência Não é verdade? E por que não? Se fosse seguro.

Às vezes, quando Yoshi está ausente, o pensamento de perigo tão intenso e morte imediata é um afrodisíaco quase irresistível. Uma tolice, por um prazer tão fugaz. Ou será que não?

Ela esperou, observando-o, experimentando profunda satisfação, adorando o jogo da vida, enquanto sua mente fervilhava com variações do plano, e como usar a criação de Yoshi, Misamoto.

Começarei logo, pensava ele. Hosaki possui uma boa mente e é hábil em articular minhas idéias. Mas ter aquele pensamento sobre o menino foi baka demais, por mais correta que tal ação pudesse ser, como um ato de interesse do Estado. As mulheres não têm qualquer sutileza.

Na colônia, naquela madrugada, pouco antes da alvorada, Jamie McFay deu um beijo final em Nemi, depois seguindo juntos pelo corredor até a suíte de Malcolm Struan. Ele bateu de leve na porta, que foi aberta no mesmo instante. A jovem, Shizuka, saiu, fechou a porta, exibiu um sorriso curioso e começou a sussurrar para Nemi que, em seguida, pegou McFay pelo braço e levou-o até o patamar.

— O que foi? Má notícia? — indagou ele, nervoso.

Vislumbrara Struan na cama enorme, mergulhado num sono profundo, antes de a porta ser fechada, e tivera a impressão de que estava tudo bem. Nemi não lhe deu qualquer atenção e continuou a interrogar a outra moça. Exasperado, McFay insistiu:

— O que foi, Nemi? Qual a má notícia?

Ela hesitou, e depois, com um fluxo inicial de desculpas em japonês, fitou-o radiante.

— Não má, Jami-san, você ir Yoshiwara amanhã, sim, não?

Ela pôs o manto, começou a descer a escada, mas McFay a deteve.

— Qual é a má notícia, Nemi? — indagou ele, desconfiado.

A moça fitou-o em silêncio por um momento, depois mais japonês que ele não entendeu. Ao final, deu de ombros e arrematou:

— S'gr'd, wakarimasu ka?

— S'gr'dl O que isso significa?

— S'grid, Jami-san, hai?

— Ah, segredo, pelo amor de Deus! Wakarimasu! Qual é o segredo?
Ela suspirou de alívio, tornou a sorrir.

— S'gr'd, bom! S'gr'd, Jami-san, Shizuka, Nemi. Hai? Hai?

— Hai. Manter segredo. E agora o que foi?

Mais japonês e pidgin, incompreensíveis enquanto as duas vestiam os mantos para sair. Frustrada porque não conseguia explicar direito, ou pelo simples fato de ter de explicar, Nemi imitou bastante movimento, e sussurrou:

— Shizuka boa, trabalhar bem noite.

— *Tai-pan*, bem?

Ela revirou os olhos.

— Hai, Jami-san, Shizuka boa!

Todas as perguntas adicionais de McFay só produziram reverências e sorrisos das duas, por isso ele agradeceu a Shizuka, cujos honorários já haviam sido acertados.

— “crédito *tai-pan* grande muito bom”, dissera-lhe a *mama-san*. Pela última vez, Nemi fez com que ele jurasse segredo. O criado à espera levou-as de volta à Yoshiwara.

Perturbado, mas sem saber por que, embora certo de que não lhe fora revelada toda a verdade, McFay voltou na ponta dos pés, parou ao lado da cama, mas Struan continuava num sono profundo, a respiração tranquila. Por isso, ele foi para o escritório e começou a trabalhar.

Até pouco depois das dez horas.

— Olá, doutor. Entre. É um prazer vê-lo de novo. Quais são as novidades?

A expressão de Hoag era sombria.

— Ah Tok mandou me chamar, e acabei de ver Malcolm... essa é a novidade. Eu gostaria que você tivesse me perguntado antes de... ora, Jamie, pelo amor de Deus! — Ele viu McFay corar e se apressou em acrescentar: — Sei que foi ele quem pediu a você para arrumar tudo, mas deveria ter pensado em me perguntar primeiro... Eu diria que era óbvio que seria perigoso, um absurdo tentar tão cedo, depois de um ferimento assim, com metade de suas entranhas costurada, quase ao ponto de rompimento...

Hoag fez uma pausa, sentou e murmurou, mais calmo:

— Desculpe, mas eu tinha de descarregar.

— Não tem problema... É grave?

— Não sei. Há um pouco de sangue na urina e ele sente muita dor nos rins. Parece que a mulher foi muito vigorosa, ele se deixou arrebatado e disse que, quando alcançou o orgasmo, teve um espasmo no estômago, ficou com câibras. Pobre coitado... embora sinta muita dor agora, diz que valeu a pena.

— Ele disse isso?

— E com detalhes... mas não diga que lhe contei, está bem? Dei uma poção para acabar com a dor e ele deve dormir por uma ou

duas horas. Voltarei mais tarde. — Hoag suspirou, levantou-se, com um sorriso desolado. — Recebi outra carta da Sra. Struan. E você?

— Também recebi. Igual às anteriores. Vai ordenar que ele volte a Hong Kong agora?

— Não posso ordenar que ele faça qualquer coisa. Malcolm irá quando quiser; não podemos esquecer que esta é a temporada das tempestades. Ele seria sensato em permanecer aqui... a menos que haja alguma coisa premente em Hon Kong.

— Há dezenas de motivos para voltar... é o centro do poder e não há nada para ele fazer aqui.

Hoag deu de ombros.

— Concordo que Hong Kong seria melhor. Eu planejava voltar no navio de correspondência, mas depois da noite passada acho que esperarei com ele por mais alguns dias.

— Por favor, leve-o com você, no navio de correspondência.

— Já sugeri isso, e recebi como resposta um “não” pouco polido. Esqueça, Jamie. Não há nada de errado em Malcolm continuar repousando aqui, e uma viagem marítima difícil seria extremamente prejudicial, poderia até matá-lo. Por falar nisso, ouvi dizer que pode haver outro baile na próxima terça-feira, com Peitos-de-Anjo como a convidada de honra.

— Malcolm não mencionou nada.

— Sob os auspícios do embaixador Seratard, de ancestral duvidoso, pai de todos os franceses. Bom, tenho de ir agora... mantenha-me informado de tudo o que acontecer por aqui, e se Malcolm pedir por outro encontro similar, consulte-me primeiro, em particular.

— Está certo. Obrigado, doutor.

Mais tarde, Vargas bateu na porta.

— Senhor, Ah Tok diz o que *tai-pan* quer lhe falar.

Subindo a escada, Jamie sentiu uma súbita contração no estômago, imaginando-se no lugar de Malcolm.

— Senhor McFay! — gritou Vargas lá de baixo. — Com licença, mas os samurais de *Choshu* acabam de chegar, para tratar daquela encomenda de rifles.

— Voltarei num instante. McFay bateu e abriu a porta.

— Olá, *tai-pan*— disse ele, gentilmente. Struan estava recostado nos travesseiros, com uma expressão estranha, um sorriso apático. — Como se sente hoje?

— Falou com Hoag?

— Falei.

— Neste caso, já sabe que ela foi bastante satisfatória e... Obrigado, Jamie. Ela ajudou muito, mas... — Struan soltou uma risada nervosa. — ...mas o final me deixou um pouco abalado. Um corpo espetacular. Foi tudo bastante satisfatório. Mas creio que não precisarei de uma repetição do desempenho, até me sentir melhor. Mas pelo menos ela me livrou... do tremendo acúmulo.

Ele fez uma pausa, soltou de novo a risada curta e nervosa.

— Não imaginava, Jamie, como uma mulher tão pequena podia ser tão boa ou tão... pode compreender, não é?

— Claro que posso. Tudo transcorreu de acordo com o plano?

Por um instante, Struan hesitou, mas logo disse, com firmeza:

— Melhor até... quero que você dobre o pagamento dela.

— Está certo.

McFay podia perceber a ansiedade latente e seu coração se confrangeu por Malcolm. Independente do que pudesse acontecer, o encontro com Shizuka tinha de ser mantido em segredo. Se é assim que ele quer, tudo bem. Não cabe a mim decidir. O que está feito está feito. Apenas mais um segredo para acrescentar aos demais.

— Fico contente que tudo tenha corrido bem.

— Melhor do que bem. A moça disse alguma coisa?

— Apenas que ela... ahn... trabalhou a noite inteira... para tentar satisfazê-lo.

Uma batida na porta e Angélique entrou, transbordando de saúde, muito elegante num vestido cor de alfazema, novo, sombrinha, chapéu com plumas, luvas e xale.

— Olá, meu amor, olá, Jamie. Como se sente hoje? Oh, Malcolm, fico tão feliz em vê-lo! — Ela se inclinou para beijar Struan, com extrema ternura. — Oh, *chéri*, como sinto sua falta!

No momento em que a porta se abria, os corações dos dois homens dispararam. O nervosismo de McFay aumentara e, no mesmo instante, seus olhos examinaram a cama e o resto do quarto, à procura de sinais denunciadores. Mas tudo se encontrava em ordem, impecável, os lençóis e fronhas trocados todos os dias — devido mais à meticulosidade de Struan com a higiene, em um nível absurdo, pensou ele —, assim como a camisa. Era ridículo, uma ou duas vezes por mês seriam mais do que suficientes. Por outro lado, ele sabia que o hábito fora instituído por Dirk Struan, e tudo o que o *tai-pan* determinava era lei para Tess Struan e, por conseguinte, para sua família. Struan acabara de fazer a barba, usava um camisolão limpo, e as janelas estavam abertas para a brisa marinha, que dissiparia quaisquer vestígios de perfume. McFay passou a respirar com mais facilidade e foi nesse instante que Angélique anunciou:

— Falei com o Dr. Hoag.

Os dois quase tiveram outro espasmo.

— Meu pobre querido — continuou ela, quase sem pausa —, ele me contou que teve uma péssima noite e que não poderá ir à *soirée* de Sir William hoje. Por isso, achei que devia ficar aqui com você, fazendo-lhe companhia, até a hora do almoço.

Outra vez o sorriso deslumbrante, que seduziu os dois, e Angelique se instalou numa cadeira de encosto alto. Struan sentia-se tonto de amor por ela, ao mesmo tempo em que experimentava uma náusea de culpa. Eu devia estar louco ao querer uma prostituta para substituir o amor da minha vida, pensou ele, deleitando-se com o calor que Angelique irradiava, querendo falar sobre Shizuka e suplicar seu perdão.

A noite começara bastante bem, com Shizuka despindo-se, sorrindo, comprimindo-se contra ele, acariciando, estimulando. Struan também a tocara, acariciando ao mesmo tempo orgulhoso e ansioso. Fora um tanto difícil e doloroso assumir a posição normal, efetuar os movimentos normais, para começar, mas não impossível... até que de repente o rosto e a presença de Angelique dominaram-no por completo, uma pressão involuntária e indesejada. Sua virilidade murchara. E por mais que Shizuka tentasse, e ele também, não voltara mais.

Descansaram um pouco, tentaram de novo, a ânsia horrível agora para ele agravada por uma raiva frenética e impotente, pela necessidade de provar sua capacidade. Mais carícias e tentativas... ela era experiente com as mãos, lábios e corpo, mas nada conseguira que provocasse uma reação de desejo e necessidade muito menos de amor e seu indefinível mistério. Nem qualquer coisa que Shizuka fizesse seria capaz de dissipar o espectro. Ou prevalecer sobre a dor.

Ao final, ela acabara desistindo, o corpo jovem brilhando de suor, ofegante de tanto esforço.

— Gomen nasai, *tai-pan* — sussurrara Shizuka, várias vezes, desculpando-se.

Ao mesmo tempo, ela ocultara sua fúria, quase em lágrimas pela impotência de Struan, pois nunca falhara antes, e esperara que ele chamasse os criados a qualquer momento, para expulsá-la pelo fracasso, por não conseguir despertá-lo, como uma pessoa civilizada deveria fazer. E mais do que qualquer outra coisa, ela sentira-se assediada pela ansiedade, sem saber como explicaria sua inadequação à *mama-san*. Que Buda fosse testemunha: o homem é que fracassou, não eu!

— Gomen nasai, gomen nasai — continuara a balbuciar.

— É o acidente — murmurara Struan.

Ele desprezava a si mesmo, achando que a dor era grotesca. Falara sobre a *Tokaidô*, sobre seus ferimentos, embora soubesse que a mulher não entenderia suas palavras, agoniado de frustração. Passada a tempestade, suas lágrimas secando, Struan fê-la deitar-se ao seu lado, impedira-a de tentar mais uma vez e a fizera compreender que receberia o pagamento em dobro se mantivesse tudo em segredo.

— Segredo, *wakarimasu ka?* — suplicara ele.

— Hai, *tai-pan*, *wakarimasu* — concordara Shizuka, feliz, ao pegar o medicamento que ele pedira, e o embalara até que dormisse.

— Malcolm... — murmurou Angelique.

— O que é? — perguntou Struan no mesmo instante, concentrando-se, o coração batendo forte, lembrando a si mesmo que consumira o resto da poção para dormir de Hoag e que devia pedir a Ah Tok para substituir a mistura... por apenas um dia, ou pouco mais. — Também me sinto satisfeito em vê-la.

— Eu também. Gosta do meu vestido?

— É maravilhoso... e você também.

— Tenho de me retirar agora, *tai-pan*— interveio McFay, vendo como Struan ficara feliz, satisfeito por ele, embora ainda transpirasse. — Os representantes *Choshu* estão lá embaixo... posso continuar as negociações com eles?

— Como decidimos. Mais uma vez, Jamie, obrigado. Mantenha-me informado.

— Malcolm — disse Angelique —, já que Jamie está aqui... pediu-me para lembrá-lo, quando estivéssemos todos juntos, sobre a minha... hum... pequena mesada.

— Claro, claro. Jamie... — Seu ânimo era expansivo, enquanto pegava a mão de Angelique, o prazer evidente da jovem relegando a noite ao esquecimento... para sempre, pensou ele, feliz. Foi uma noite que nunca ocorreu! — Ponha os vales da minha noiva na minha conta pessoal.

Ele experimentou uma pontada de felicidade pela palavra e acrescentou:

— Angel, basta assinar os vales, tudo o que quiser. Jamie cuidará do resto.

— Obrigada, *chéri*, isso é maravilhoso, mas, por favor, posso ter algum dinheiro?

Struan riu, Jamie sorriu.

— Não precisa de dinheiro aqui. Não há necessidade... nenhum de nós anda com dinheiro.

— Mas, Malcolm, eu que...

— Angélique — declarou ele, a voz mais firme —, pagamos tudo em vales, no clube ou em qualquer loja da colônia. É o que todo mundo faz, até mesmo em Hong Kong. Não pode ter esquecido. Impede os

comerciantes de trapacearem e você fica com um registro permanente.

— Mas sempre andei com algum dinheiro, *chéri*, dinheiro meu, para pagar minhas contas pessoais — explicou ela, com uma demonstração externa de absoluta honestidade. — E como meu pai... ora, tenho certeza que compreende.

— Pagar suas próprias contas? Mas que idéia horrível! É uma coisa sem precedentes na boa sociedade. Não precisa se preocupar. — Ele sorriu. — Isso cabe aos homens e os vales são uma solução perfeita.

— Talvez os franceses sejam diferentes. Sempre andamos com dinheiro e...

— Nós também, na Inglaterra e em outros lugares, mas na Ásia todos assinam vales. Qualquer coisa que quiser comprar, basta assinar... ainda melhor, deve ter seu sinete pessoal. Escolheremos o perfeito nome chinês para você.

De um modo geral, era um pedaço retangular de marfim ou osso, tendo esculpido na base caracteres chineses, que soavam como o nome do proprietário. Quando comprimidos contra uma almofada de tinta, e depois no papel, produziam uma impressão singular, quase impossível de falsificar.

— Jamie providenciará tudo para você.

— Obrigada, Malcolm, mas posso ter minha própria conta, *chéri*, já que sou muito eficiente para cuidar de dinheiro.

— Tenho certeza que sim, mas não precisa preocupar sua linda cabecinha com essas coisas. Depois que casarmos, providenciarei tudo, mas aqui é desnecessário.

Angélique mal escutava o que dizia, enquanto distraía Struan com os mexericos da legação francesa, o que lera nos jornais, o que sua

amiga de Paris escrevera sobre uma magnífica residência — lá chamada hotel — nos Champs Élysées, pertencente a uma condessa, mas que em breve estaria disponível, e era muito barata. Plantava as sementes para o futuro glorioso dos dois, fazendo-o rir, esperando que ele se sentisse sonolento, quando então partiria para o almoço no clube com os oficiais franceses, que lhe fariam companhia mais tarde num passeio a cavalo, junto com oficiais da marinha inglesa, depois uma siesta e os preparativos para o sarau de Sir William... não havia motivo para deixar de comparecer, mas antes voltaria para desejar boa noite a seu futuro marido.

Tudo era maravilhoso e terrível ao mesmo tempo, a maior parte de sua mente se concentrava no novo dilema: como conseguir dinheiro. O que vou fazer? Preciso de dinheiro para pagar o medicamento, aquele porco do André Poncin não o adiantará para mim, sei que não. Que se dane ele, e que se dane meu pai também por roubar meu dinheiro! E que se dane AQUELE da *Tokaidô*, nas chamas eternas do inferno!

Pare com isso, e trate de pensar. Lembre-se de que está sozinha e é a única que pode resolver seus problemas!

Meu único objeto de valor é o anel de noivado e não posso vendê-lo, de jeito nenhum. Oh, Deus, tudo ia tão bem, fiquei noiva

oficialmente, Malcolm está melhorando, André vem me ajudando, mas o medicamento é muito caro e não tenho dinheiro, dinheiro de verdade, oh, Deus, o que vou fazer?

Lágrimas afluíram a seus olhos.

— Por Deus, Angelique, o que foi?

— Apenas... apenas me sinto tão infeliz... — soluçou ela, baixando a cabeça para as cobertas da cama. — ...infeliz porque a *Tokaidô* aconteceu... por você ter ficado ferido, e eu... eu também... não é justo!

O cúter de dez remos de Sir William deslizava depressa pelas ondas, a caminho da nave capitânia, ancorada ao largo de Iocoama. Ele se encontrava sozinho na cabine, de pé, usando sobrecasaca e cartola. Mar sereno, a luz se desvanecendo a oeste, as nuvens já cinzentas, mas sem qualquer ameaça aparente de tempestade. Quando o cúter encostou no navio, todos os remos subiram para uma posição vertical. Sir William subiu apressado para o convés principal.

— Boa tarde, senhor — disse o tenente Marlowe, batendo continência. — Por aqui, por favor.

Passaram por fileiras de canhões reluzentes no tombadilho superior — o convés principal, com uma atividade intensa por toda parte, canhões sendo imobilizados em suas posições, cabos enrolados, velas inspecionadas, fumaça saindo pela chaminé — subiram por uma passagem, desceram por outra, para o segundo convés de canhões, onde outros marujos também cuidavam dos equipamentos, e chegaram ao camarote do almirante, na popa. O fuzileiro de sentinela assumiu posição de sentido, enquanto Marlowe batia na porta.

— Sir William?

— Abra logo essa porta, Marlowe, pelo amor de Deus!

Marlowe abriu a porta para Sir William e começou a fechá-la.

— Fique aqui, Marlowe! — ordenou o almirante.

O camarote grande estendia-se por toda a popa do navio, com várias vigias, na mesa grande, cadeiras presas ao chão, um pequeno beliche, vaso sanitário, aparador largo, cheio de garrafas de cristal. O almirante e o general meio que ergueram, numa polidez simbólica, e tornaram a sentar. Marlowe permaneceu junto da porta.

— Obrigado por vir tão depressa, Sir William. Conhaque? Xerez?

— Conhaque, almirante Ketterer. Obrigado. Algum problema?

O homem de rosto vermelho lançou um olhar irritado para Marlowe.

— Faça o favor de servir um conhaque para Sir William, Marlowe.—
Depois, ele jogou um papel em cima da mesa. — Despacho de Hong Kong.

Depois das saudações floreadas habituais, o despacho dizia:

Deve seguir imediatamente, com a nave capitânia e mais quatro ou cinco navios de guerra, para o porto de Boh Chih Seh, ao norte de Xangai (coordenadas no verso), onde se encontra agora abrigada a frota principal do pirata Wu Sung Choi. Há uma semana, um enxame de juncos desse pirata, hasteando com toda arrogância sua bandeira — do Lótus Branco —, interceptou e afundou o navio de correspondência Bonny Sailor, nas águas ao largo da baía de Mirs, o refúgio pirata ao norte de Hong Kong. A esquadra aqui cuidará da

baía de Mirs. Você deve destruir Boh Chih Seh e afundar todas as embarcações que não sejam de pesca, caso o líder, que acreditamos ser Chu Fang Choy, se recusar a arriar sua bandeira e se entregar à justiça de sua majestade.

Cumprida essa missão, envie um navio para cá, com um relatório, e retorne a Iocoama, colocando-se à disposição, como sempre, dos servidores de sua majestade. Mostre este comunicado a Sir William e lhe entregue, por favor, a mensagem anexa. As. Stanshope, K.C.B., governador do Extremo Oriente.

PS: O Bonny Sailor afundou com todas as pessoas a bordo, setenta e seis oficiais e marujos, dez passageiros, inclusive uma inglesa, esposa de um mercador aqui, uma carga de ouro, ópio e arroz no valor de dez mil guinéus. Chu Fang Choy teve a desfaçatez de mandar entregar na casa do governo um saco contendo o diário de bordo e quarenta e três pares de orelhas, com uma carta pedindo desculpas por não ter sido capaz de recuperar as demais. As orelhas da mulher não estavam incluídas e tememos o pior por ela.

— Desgraçados! — murmurou Sir William, experimentando uma náusea adicional ao pensamento de que, já que os piratas eram endêmicos em todas as águas asiáticas, em particular do norte de Cingapura até Pequim, e as frotas do Lótus Branco as mais

abundantes e notórias, a mulher poderia muito bem ter sido sua esposa, que deveria chegar a Hong Kong a qualquer semana, procedente da Inglaterra, com três de seus filhos. — Vão partir com a maré cheia?

— Isso mesmo.

O almirante estendeu um envelope por cima da mesa. Sir William rompeu o lacre e leu:

Prezado Willie: O próximo navio de correspondência levará os recursos para as despesas da legação. Aqui entre nós, Willie, sinto muito, mas não posso lhe fornecer mais soldados no momento, nem navios. Talvez seja possível na primavera. Ordenei o retorno de tropas e navios à Índia, onde as autoridades temem a repetição do grande motim de cinco anos atrás. Além disso, o Punjab está fermentando de novo, os piratas assediam o golfo Pérsico, os malditos nômades da Mesopotâmia cortaram mais uma vez as linhas telegráficas... e outra força expedicionária já começa a ser mobilizada para destruí-los de uma vez por todas!

Como vai o pobre do Struan? É inevitável que haja indagações no Parlamento sobre o "fracasso em proteger nossos cidadãos". As notícias do desastre na Tokaidô devem chegar a Londres dentro de duas semanas e a resposta deles deve demorar mais dois meses. Confio que eles aprovelem represálias rigorosas e nos enviem dinheiro, tropas e navios para executar suas ordens. Enquanto isso, enfrente a tempestade, se houver alguma, da melhor forma que puder. O ataque teve a maior repercussão em Hong Kong. A mãe de Struan ficou furiosa e toda a ralé de mercadores da China aqui (embora ricos do infame comércio de ópio) se mostra revoltada, sua imprensa insidiosa e caluniosa exigindo sua renúncia. Alguma vez foi diferente? Como diria Disraeli. Concluo às pressas, Deus lhe guarde, as. Stanshope, K.C.B., governador.

Sir William tomou um gole grande, torcendo para que seu rosto não deixasse transparecer a ansiedade que sentia.

— Excelente conhaque, almirante.

— Também acho... do meu melhor estoque pessoal, em sua homenagem. O almirante estava furioso porque Marlowe servira quase meio copo a Sir William e não usara o conhaque de segunda classe que guardava para os visitantes. É tão idiota que nunca chegará a almirante, pensou ele.

— O que me diz da ida a Osaca? — perguntou Sir William.

— Osaca? Ah, sim... lamento, mas terá de protelar até meu retorno.

O sorriso quase não pôde ser disfarçado.

— E quando deve voltar?

A angústia de Sir William era cada vez mais profunda.

— Para chegar a nosso destino, seis ou sete dias, dependendo dos ventos. Dois ou três dias em Boh Chih Seh devem ser suficientes. Terei de reabastecer em Xangai. Eu diria que deveremos chegar de

volta a Iocoama, a menos que chegue novas ordens, em... — O almirante emborcou o resto de seu vinho, serviu-se de mais. — Voltaremos em quatro ou cinco semanas.

Sir William terminou de tomar o conhaque, o que o ajudou a atenuar-lhe as náuseas.

— Tenente, pode fazer a gentileza? Obrigado.

Marlowe pegou o copo, com a devida polidez, e tornou a enchê-lo, com o melhor conhaque do almirante, reprimindo sua repulsa por ser um laçao, cansado de seu posto como ajudante-de-ordens... ansioso em voltar a seu próprio navio, para supervisionar a reparação dos estragos causados pela tempestade. Mas pelo menos participarei finalmente de alguma ação, pensou ele, com satisfação, imaginando o ataque ao refúgio dos piratas, com todos os canhões disparando.

— Se não pudermos cumprir nossa ameaça, almirante — disse Sir William — perderemos o prestígio e a iniciativa e correremos um grave perigo.

— A ameaça foi sua, Sir William, não nossa. Quanto ao prestígio, acho que lhe atribui valor excessivo; quanto ao perigo... presumo que se refere à colônia, mas tenho certeza de que os nativos do Japão não ousariam criar qualquer problema de maiores proporções. Não chegaram a incomodá-lo na legação em Iedo, não farão isso em Iocoama.

— Com a esquadra ausente, ficamos desamparados.

— Não exatamente, Sir William — protestou o general, com uma certa irritação. — O exército está aqui, com alguma força.

— É verdade — concordou o almirante. — Mas Sir William também está absolutamente correto ao dizer que é a marinha real que mantém a paz. Planejo levar quatro navios de guerra, senhor, não cinco, e deixar uma fragata aqui. Deve ser suficiente. A Pearl.

Antes de poder se controlar, Marlowe disse:

— Com licença, senhor, mas a Pearl ainda se encontra sob reparos importantes.

— Folgo em saber que se mantém a par da situação de nossa esquadra, Sr. Marlowe, e com os ouvidos bem abertos — disse o almirante, cáustico. — Obviamente, a Pearl não pode participar desta expedição, e por isso é melhor você ir a bordo, providenciar para que fique em condições de navegação oceânica, pronta para qualquer missão, até o pôr-do-sol de amanhã, ou não terá um navio.

— Sim, senhor.

Marlowe engoliu em seco, bateu continência e se retirou apressado. O almirante soltou um grunhido e comentou para o general:

— Um bom oficial, mas ainda imaturo... de uma excelente família naval, dois irmãos, também oficiais, e o pai é almirante em Plymouth. — Ele olhou para Sir William. — Não se preocupe. A fragata estará pronta amanhã, em perfeitas condições... ele é o melhor dos meus comandantes, mas pelo amor de Deus não lhe diga que eu falei isso. Marlowe vai protegê-lo até meu retorno. Se não há mais nada a discutir, senhores, zarparei imediatamente... e lamento muito não poder acompanhá-los no jantar.

Sir William e o general terminaram seus drinques e se levantaram.

— Deus o guarde, almirante Ketterer, e que possa voltar são e salvo, com todos os seus tripulantes — disse Sir William, com absoluta sinceridade.

O general ecoou suas palavras. Um momento depois, o rosto de Sir William se endureceu, e ele acrescentou:

— Se não receber qualquer satisfação do *Bakufu*, partirei para Osaca com foi planejando, com ou sem a Pearl, à frente do exército ou

não... mas, por Deus seguirei para Osaca e Quioto de qualquer maneira!

— É melhor esperar até a minha volta, é melhor ser prudente, é melhor não invocar o nome do Senhor para uma ação tão desaconselhável, Sir William — declarou o almirante, em tom brusco.
— Deus pode decidir de outra forma.

Naquela noitada, pouco antes de meia-noite, Angelique, Phillip Tyrer e Pallidar deixaram a legação britânica e desceram pela High Street a caminho do prédio Struan.

— Ah, não resta a menor dúvida de que Sir William tem um chef modesto! — comentou Angelique, feliz.

Os três estavam vestidos a rigor, e riram do jantar ter sido tão abundante e inglês, especialmente delicioso — rosbife, bandejas de linguiça de porco, siris frescos trazidos no gelo de Xangai pelo navio de correspondência, como parte do serviço diplomático, e por isso imunes à inspeção alfandegária e a impostos. As carnes haviam sido servidas com legumes cozidos, batatas assadas, também importadas de Xangai, e pastelão de Yorkshire, seguindo-se tortas de maçã e tortas de frutas cristalizadas picadas, com todo o clarete, Pouilly Fume, Porto e champanhe que os vinte convidados podiam beber.

— E quando madame Lunkchurch jogou um siri no marido, pensei que ia morrer! — acrescentou ela, rindo ainda mais.

Tyrer, embaraçado, murmurou:

— Receio que alguns dos supostos mercadores e suas esposas são propensos a se mostrarem turbulentos. Por favor, não julgue todos os ingleses pelo comportamento deles.

— É isso mesmo.

Pallidar sentia-se radiante, satisfeito por também ter sido aceito como parte da escolta de Angelique, consciente de que seu uniforme de gala e quepe emplumado faziam com que a sobrecasaca de Tyrer parecesse insípida, a gravata de seda antiquada, e a cartola ainda mais fúnebre.

— Pessoas lamentáveis. Sem a sua presença, a noite teria sido horrível, com toda certeza.

A High Street e suas transversais ainda se achavam movimentadas, com mercadores, escriturários e outras pessoas voltando para casa ou passeando, os bêbados ocasionais deitados no chão, à luz dos lampiões de óleo que as iluminavam. Alguns grupos de pescadores japoneses, carregando remos e redes, com lanternas de papel para iluminar o caminho, subiam da praia, onde haviam deixado seus barcos, na areia ou desciam da aldeia para a pescaria noturna. Angelique parou na porta do prédio da Struan e estendeu a mão para ser beijada.

— Obrigada e boa noite, meus caros amigos. Por favor, não precisam esperar.

Um dos criados poderá me acompanhar até a legação.

— De jeito nenhum! — exclamou Pallidar no mesmo instante, segurando a mão de Angelique, apertando-a por um momento.

— Eu... teremos o maior prazer em esperar — garantiu Tyrer.

— Mas posso demorar uma hora ou uns poucos minutos, dependendo do estado de meu noivo.

Mas os dois insistiram, ela agradeceu, passou pelo vigia noturno armado, vestindo libré, subiu a escada, o vestido farfalhando, o xale

em sua esteira... ainda extasiada com o excitamento da noite e a adoração que a cercara.

— Olá, querido. Só vim lhe desejar boa noite.

Struan usava um elegante chambre vermelho de seda, por cima de camisa e calça folgadas, botas de couro macio, gravata. Levantou-se, a dor abrandada pelo elixir que Ah Tok lhe dera, meia hora antes.

— Sinto-me melhor que em muitos dias, minha querida. Um pouco trêmulo, mas bem... ah, como você está adorável!

A luz do lampião a óleo tornava o rosto encovado de Struan mais bonito do que nunca e Angelique ainda mais desejável. Ele pôs as mãos nos ombros dela para se firmar, sentindo a cabeça e o corpo estranhamente leves. A pele de Angelique era macia, quente ao seu contato. Seus olhos faiscavam e Struan fitou-a, com amor intenso, beijando-a. Gentilmente, a princípio, e depois, quando ela retribuiu, exultando com o sabor e a acolhida de Angelique.

— Eu amo você — murmurou ele, entre beijos.

— Eu também amo você — respondeu ela, acreditando nisso, tonta de prazer, muito feliz por ele parecer melhor, seus lábios fortes, procurando, as mãos fortes, procurando também, mas dentro dos limites... limites que ela, de repente, em delírio, quis ultrapassar. — *Je t'aime, chéri..je t'aime...*

Por um momento, permaneceram abraçados, e depois, com uma força que não sabia que possuía, Struan levantou-a do chão, foi sentar na cadeira grande, ajeitou-a em seu colo, os lábios unidos, um braço seu enlaçando a cintura pequena, uma das mãos num seio, a seda parecendo realçar o calor por baixo. E o espanto dominou-o. Espanto porque agora, quando todas as partes da mulher estavam cobertas, eram proibidas, enquanto na outra noite tudo ficara à mostra, oferecido, também jovem, ele se sentia mais eufórico e estimulado do que nunca, embora ao mesmo tempo controlado, não mais frenético de desejo.

— Muito estranho...

E Struan pensou: não, não é tão estranho assim, a dor foi encoberta pelo medicamento; o resto não, e o resto é meu amor por ela.

— *Chéri?*

— É estranho que eu precise tanto de você, mas sou capaz de esperar. Não por muito tempo, mas posso esperar.

— Por favor, não por muito tempo...

Os lábios de Angélique tornaram a procurar os dele, nada em sua mente além daquele homem, o calor bloqueando sua memória, apagando as preocupações, Os problemas desaparecendo. Para os dois. Até o súbito estampido de um tiro, lá fora nas proximidades.

O clima se desvaneceu, ela se empertigou no colo de Struan e no instante seguinte correu para a janela entreaberta. Lá embaixo, avistou Tyrer e Pallidar. Oh, droga, tinha me esquecido dos dois, pensou ela. Eles olhavam para o interior depois se viraram na direção da cidade dos bêbados.

Angelique esticou a cabeça além da janela, mas viu apenas um vago grupo de homens, na outra extremidade da rua, seus gritos estridentes se perdendo no vento.

— Parece que não é nada demais, Malcolm, apenas uma confusão na cidade dos bêbados...

Brigas e tiros, até mesmo duelos, não eram raros naquela parte de Iocoama. Sentindo-se estranha e enregelada, ao mesmo tempo febril, ela voltou até Struan e fitou-o. Com um pequeno suspiro, ajoelhou-se, pegou a mão dele, comprimiu-a contra a sua face, baixou a cabeça para seu colo; mas a gentileza e os dedos de Struan, acariciando seus cabelos e sua nuca, não afastaram os demônios.

— Devo ir para casa, meu amor.

— É verdade.

Os dedos continuaram a acariciá-la.

— Quero ficar.

— Sei disso.

Struan tinha a impressão de que podia ver a si mesmo de fora, o perfeito cavalheiro, calmo, controlado, ajudando-a a levantar, esperando enquanto ela ajeitava o corpete e os cabelos, arrumava o xale. Depois, de mãos dadas, acompanhou-a até o alto da escada, onde se permitiu ser persuadido a ficar, deixando que a criada a escoltasse até lá embaixo. Na porta, Angélique virou-se, acenou numa despedida amorosa, ele respondeu e depois ela se foi.

Malcolm teve a impressão de que não precisou de qualquer esforço para voltar e se despir. Deixou que a criada tirasse suas botas. Deitou-se, sem ajuda, recostou-se em paz, consigo mesmo e com o mundo. A cabeça ótima, o corpo ótimo, relaxado.

— Como está meu filho? — sussurrou Ah Tok, da porta.

— Na terra da papoula.

— Isso é ótimo. Não há dor para meu filho aí. Ela soprou a chama e deixou-o sozinho.

Mais abaixo, na High Street, o soldado francês de sentinela, o uniforme tão desleixado quanto seu comportamento, abriu a porta da legação para ela.

— *Bonsoir, mademoiselle.*

— *Bonsoir, monsieur.* Boa noite, Phillip, boa noite, Settry.

Fechada a porta, Angélique recostou-se nela por um momento, a fim de se controlar. O prazer da noite desaparecera. Em seu lugar, os espectros pressionavam por atenção. Absorvida em seus pensamentos, ela seguiu pelo corredor para sua suíte, avistou uma luz por baixo da porta de Seratard. Parou e, num súbito impulso, refletindo que podia ser a ocasião perfeita para pedir um empréstimo, bateu na porta e entrou.

— Oh, André! Desculpe. Eu esperava encontrar *monsieur* Henri.

— Ele ainda está com Sir William. Eu estava acabando de preparar um despacho para ele.

André sentava à escrivaninha de Seratard, com muitos papéis espalhados por cima. O despacho era sobre a Struan, sua possível transação de armas com *Choshu* e a possível ajuda que uma possível esposa francesa poderia prestar à incipiente indústria de armamentos da França.

— Divertiu-se bastante? Como está seu noivo?

— Muito melhor, obrigado. O jantar foi magnífico, para quem gosta de comida pesada. Ah, que saudade de Paris...

— Tem razão.

Por Deus, como ela é sedutora, pensou ele, o que o lembrou da infame doença infecciosa que o corroía.

— O que foi? — indagou Angelique, sobressaltada com a repentina palidez de André.

— Nada. — Ele limpou a garganta, fazendo um esforço para controlar o horror. — Apenas os problemas de sempre... nada de grave.

André parecia tão vulnerável, tão desamparado, que abruptamente ela decidiu confiar nele de novo. Fechou a porta, sentou ao seu lado, contou sua história.

— O que vou fazer agora, meu caro André? Não consigo obter nenhum dinheiro... o que posso fazer?

— Enxugue as lágrimas, Angelique, porque a resposta é muito simples. Amanhã ou depois, eu lhe acompanhei para fazer compras — disse ele, a mente lúcida para os problemas mundanos. — Pediu-

me para ajudá-la nas compras, procurar um presente de noivado para *monsieur* Struan, não é mesmo? Abotoaduras de ouro com pérolas e brincos de pérolas para você.

André fez uma pausa, a voz entristeceu quando acrescentou:

— Ah, uma coisa horrível, em algum lugar, no caminho de volta do joalheiro, você perde um par... procuramos por toda parte, mas em vão. Horrível! — Os olhos castanho-claros fixavam-se nos de Angelique. — Enquanto isso, a *mama-san* recebe seu pagamento secreto. Cuidarei para que o par que você “perdeu” mais do que cubra o medicamento e todos os outros custos.

— Você é maravilhoso! — Angelique abraçou-o. — O que eu faria sem a sua ajuda?

Ela tornou a abraçá-lo, agradeceu mais uma vez e saiu da sala quase dançando. André ficou olhando para a porta fechada por um longo tempo. É isso mesmo, pensou, com uma estranha inquietação, cobrirá o medicamento, meus vinte luíses e todas as outras despesas que eu decidir. Pobre criança, não imagina como é fácil manipulá-la.

Está metida num sorvedouro cada vez mais profundo. Não percebe que agora se torna uma ladra e, pior ainda, uma criminosa planejando uma fraude deliberada.

E você, André, é um cúmplice na conspiração.

Ele soltou uma risada, uma risada amarga e irônica. Prove! Ela falará ao tribunal sobre um aborto, com a *mama-san* como testemunha contra mim? O tribunal acreditará na história da filha e sobrinha de criminosos contra a minha?

Não, mas Deus saberá, e muito em breve estarei diante d'Ele.

E Ele saberá que fiz muito pior. E tenciono fazer ainda mais.

As lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

— Ah, miss — disse Ah Soh, tentando ajudar Angelique a se despir, encontrando dificuldade porque ela não parava por um instante sequer, outra vez alegre e buliçosa, seu problema imediato resolvido.
— Miss?

— Está bem, está bem... mas tenho pressa.

Angelique parou ao lado da cama, mas continuou a cantarolar a animada polca, o quarto mais feminino e aconchegante à luz do lampião de óleo do que durante o dia, as janelas de vidro entreabertas, por trás das grades enviesadas.

— Miss, divertiui, hem?

Com extrema habilidade, Ah Soh começou a desprender as tiras da cintura da saia.

— E muito, obrigada — respondeu Angelique, polida.

Não chegava a gostar de Ah Soh, uma mulher de meia-idade, quadris largos, uma criada, em vez de uma autêntica ama.

— Mas ela é muito velha, Malcolm! Não pode arrumar alguém que seja jovem, bonita, e que saiba rir?

— Gordon Chen, nosso comprador, escolheu-a, Angel. Ele garante que é uma pessoa de confiança absoluta; ela pode escovar seus

cabelos, ajudá-la no banho, cuidar de suas roupas européias. É um presente meu para você, enquanto estiver no Japão...

As tiras afrouxaram e a crinolina caiu. Ah Soh fez a mesma coisa com a anágua e, por fim, cuidou da armação de ossos e metais que sustentava a crinolina. Um calção comprido, meias de seda, combinação curta, o espartilho e o corpete que reduziam sua cintura de cinquenta centímetros para quarenta e seis e empurravam os seios para cima, como determinava a moda. Enquanto a criada desfazia o espartilho, Angelique deixou escapar um suspiro de satisfação, saiu do mar de peças de roupa, arriou na cama e permitiu, como uma criança, que Ah Soh a despisse por completo. Obediente, ergueu os braços, para que a camisola estampada fosse enfiada pela cabeça.

— Sente, miss.

— Não esta noite, Ah Soh. Meus cabelos podem esperar.

— Ah, amanhã não bom! Ah Soh brandiu a escova.

— Está bem, está bem...

Angelique tornou a suspirar, saiu da cama, foi sentar à penteadeira, deixou que a criada tirasse os grampos, começasse a escovar seus cabelos. Era uma sensação bastante agradável. Ah, como André é esperto! Torna tudo tão simples... agora posso obter todo o dinheiro de que preciso... como ele é esperto!

De vez em quando, uma brisa amena soprava do mar, fazendo as janelas rangerem. A cem metros dali, no outro lado da rua, as ondas subiam pela praia de seixos, recuavam, tornavam a avançar, com um som agradável, que prometia outra noite suave, acolhida com satisfação por todos na colônia. A esquadra partira ao crepúsculo. As pessoas que não se encontravam embriagadas ou na cama observaram os navios zarpar com graus variados de ansiedade. Todos desejavam boa viagem e rápido retorno. Exceto os japoneses. Ori fora um deles e agora tinha os olhos comprimidos numa fresta de uma das janelas de Angelique, oculto e camuflado pelas camélias altas, que cresciam em abundância ali, plantadas por Seratard, um entusiasta da jardinagem.

Muito antes da meia-noite, Ori postara-se ali, esperando pela mulher. Enquanto o tempo passava, bem devagar, pensara e repensara esquemas diversos, cansado, nervoso, verificando a todo instante se a espada curta estava solta na bainha e a pistola segura na manga do quimono de pescador. Mas quando a vira se aproximando da legação, em companhia dos dois gai-jin, toda a sua exaustão desaparecera.

Por um momento, cogitara sair correndo e matar a todos, mas descartara essa tolice, sabendo que era improvável que pudesse matar os três, mais a sentinela, antes de ser morto. Além do mais, refletira, sombrio, isso liquidaria meu plano de possuí-la mais uma vez, antes de morrer, e depois incendiar a colônia. Sem a minha presença para espicaçá-lo, Hiraga nunca faria isso. Ele é fraco demais agora... contagiado pelos gai-jin. Se Hiraga, o Forte pode sucumbir tão depressa, o que acontecerá com os outros? O imperador está certo ao odiar os gai-jin e querer que sejam expulsos!

Assim, ele contivera sua raiva e se encolhera ainda mais no esconderijo, deixando o tempo passar, planejando para qualquer eventualidade. Não havia a menor possibilidade de passar pelas janelas, a menos que a mulher abrisse as grades. A porta dos fundos não era vigiada, e seria uma possibilidade... além de haver ali diversos apoios para alcançar o andar de cima, se não conseguisse abri-la. Observara Angélique ser despida, em todos os detalhes, a apenas dois passos de distância, no outro lado da parede. Agora, ela

se acomodava para dormir, sob os cuidados da criada. A impaciência de Ori tornou-se quase insuportável.

Antes, uma das patrulhas de soldados e marujos, que circulavam pela colônia durante a noite, a fim de manter a ordem, o detivera de repente, num caminho por trás da High Street. Ele parara sem medo, pois não havia toque de recolher, nem Qualquer parte da colônia era proibida aos japoneses, embora eles procurassem se Manter em sua própria área, numa atitude sensata, e optassem por não provocar o temperamento explosivo dos gai-jin. Infelizmente, porém, o sargento empurrara uma lanterna para cima de seu rosto, fazendo-o dar um pulo para trás, sobressaltado. A espada curta escondida caíra ao chão, com o maior barulho e o sargento gritara:

— Ora, seu desgraçado, sabe muito bem que andar com uma faca assim é proibido, *kinjiru?*

Embora Ori não entendesse as palavras, a regra e a penalidade eram do conhecimento geral. No mesmo instante, ele pegara a espada curta e fugira. O sargento atirara, mas a bala ricocheteara numa parede, inofensiva. Ori pulara um muro baixo e se embrenhara no labirinto de vielas e habitações. A patrulha não se dera ao trabalho de persegui-lo, os homens se limitando a gritar alguns insultos,

afinal, andar com uma faca era uma violação sem maior importância, valia apenas uma surra imediata e o confisco da arma.

Ele tornara a esperar, escondido, até poder se juntar a um grupo de pescadores que desciam para a praia. Voltara depois, escalara a cerca da legação e logo encontrara um lugar seguro. Uma vez ali, encolhera-se ao máximo e começara a esperar.

Naquela manhã, fingira que estava pronto para deixar a Yoshiwara, a caminho de Quioto, como Hiraga exigira.

— Assim que fizer contato com Katsumata, eu lhe enviarei uma mensagem — dissera ele, os lábios semicerrados, numa atitude deliberada. — Cuide para que a mulher não escape!

— Ela é a mulher do *tai-pan* e, por isso, todos os seus passos são vigiados, não haverá a menor dificuldade em descobri-la — respondera Hiraga, com a mesma frieza. — Tome todo cuidado, pois a *Tokaidô* será perigosa... as patrulhas de vigilantes e guardas nas barreiras estarão em alerta total.

— Melhor honrarmos *Sonno-joi*, melhor você permitir que eu fique, melhor incendiarmos Iocoama, Akimoto chega hoje, podemos fazê-lo com a maior facilidade.

— É o que faremos, quando você voltar. Se permanecer agora, cometerá um erro. A mulher virou sua cabeça pelo avesso e tornou-o perigoso, para si mesmo, seus amigos e *Sonno-joi*.

— E o que me diz de você, Hiraga? Os gai-jin lhe transformaram, distorceram seu julgamento.

— Não é assim e digo isso pela última vez.

Sem se preocupar em provocar Hiraga ainda mais, ele explodira:

— Você viu como os gai-jin são a escória, bêbados e repugnantes, brigando como animais, refestelando-se na sujeira da cidade dos bêbados... são esses os homens que você quer conhecer melhor, com os quais deseja parecer?

— Parta logo!

Também furioso, Ori pegara a espada curta e a pistola. Por sugestão de Raiko, juntara-se à procissão diária de criados a caminho do mercado em Kanagawa, onde se podia comprar o melhor *Saquê* e os melhores alimentos. No meio deles, passara pelas barreiras da Yoshiwara e da colônia, a patrulha de vigilantes ainda espreitando entre os guardas, deixando-os tão nervosos quanto os aldeões. No meio do percurso para Kanagawa, o movimento na estrada intenso, ele se desviara para a praia. Ali, subornara um pescador para levá-lo em seu bote à outra extremidade da colônia, perto da cidade dos bêbados, onde se escondera até o anoitecer. Estou fazendo a coisa certa, pensou ele, com absoluta convicção, a brisa que soprava do mar dispersando os insetos noturnos. A mulher é o alvo perfeito para *Sonno-joi*. Não importa o que Hiraga diz, talvez eu nunca mais tenha outra oportunidade de remover seu encantamento. Isso mesmo, cáí sob seu encantamento Ela deve ser um kami, um espírito, uma mulher-lobo que renasceu como gai-jin; nenhuma outra mulher poderia ser virgem, e drogada, e ainda assim tão receptiva, nenhuma outra poderia fazer um homem explodir como eu explodi ou me manter tão transtornado de desejo.

Esta noite a possuirei pela segunda vez. E depois a matarei. Se eu escapar, karma. Se não escapar, karma. Mas ela morrerá por minha mão.

O suor escorria pelo rosto e costas. Mais uma vez, Ori concentrou-se, observando-a através da fresta, tão perto que, se não fosse pela parede, poderia estender a mão e tocá-la. Ela se ajeitou na cama, com uma camisola reveladora. A criada diminuiu a chama do lampião a óleo, deixando apenas tênue claridade.

— Boa noite, miss.

— Boa noite, Ah Soh.

Feliz por ficar sozinha, Angélique aconchegou-se sob as cobertas, vendo as sombras produzidas pela chama dançarem com a aragem, a cabeça encostada no braço. Antes de Kanagawa, o escuro nunca a perturbara; num instante resvalava para o mundo dos sonhos,

acordando revigorada. Desde Kanagawa, no entanto, o padrão mudara. Agora insistia em ter uma luz acesa durante a noite. O sono não vinha com facilidade. A mente logo a conduzia por caminhos de suposições delirantes. As mãos apalpavam os seios. Tornaram-se um pouco mais cheios do que ontem, os mamilos mais sensíveis? Estão, sim... não, é apenas imaginação. E a barriga? Ficou mais redonda? Não, não há qualquer diferença, mas...

Mas havia uma vasta diferença, como a.C. e d.C, e pelo menos uma vez por dia especulo se seria um menino ou uma menina. Ou um demônio, saindo ao pai estuprador. Não, não, nenhuma criança gerada por mim poderia ser um demônio!

Demônio. Isso me lembra que hoje é sexta-feira e daqui a dois dias tenho de ir à igreja, me confessar de novo. As palavras não se tomaram mais fáceis. Como detesto a confissão agora e abomino o padre Leo, um velho gordo, grosseiro, lascivo, fedendo a tabaco. Ele me lembra o confessor de tia Emma em Paris... o velho escocês, recendendo a uísque, cujo francês era tão horrível quanto sua batina. Sorte minha que nem ela nem tio Michel eram fanáticos, apenas simples católicos de domingo. Gostaria de saber como ela está, e também o pobre tio Michel. Amanhã falarei com Malcolm...

O querido Malcolm, tão maravilhoso esta noite, tão forte e sensato... Ah, como eu o desejava! Fico contente em poder conversar com ele. Ainda bem que tia Emma se recusou a aprender francês, por isso tive de aprender inglês. Como ela conseguiu sobreviver em Paris, durante tantos anos, falando apenas inglês? E o que de tio Michel para casar com ela e suportar tantas dificuldades? Embora eu não posso deixar de reconhecer que ela é uma desmazelada e, ele, um vulgar.

Amor! É isso o que ele sempre diria, e ela também, o que aconteceu quando se conheceram, na Normandia, nas férias de verão, ele um servidor público subalterno, ela uma atriz numa companhia shakespeariana itinerante. Foi amor à primeira vista, os dois sempre diriam, e acrescentariam que ela era linda, ele muito bonito. Fugiram juntos, casaram em uma semana, tão romântico, mas não foram felizes para sempre.

Mas nós seremos, Malcolm e eu. Com toda certeza! Amarei Malcolm como uma esposa moderna deve fazer, teremos muitos filhos, serão criados como católicos, não tem importância para ele, que também não é um fanático: *"Não sou mesmo, Angelique. Claro que casaremos de acordo com as tradições protestantes a mãe não admitiria outra coisa. Mas depois podemos ter uma cerimônia católica em particular, se você assim desejar..."*

Não importa que seja secreta, será o verdadeiro casamento — ao contrário do outro —, as crianças serão aceitas na Santa Madre Igreja, viveremos em Paris durante a maior parte do tempo, Malcolm me amará e eu o amarei, faremos amor de forma maravilhosa, pensou ela, o coração começando a palpitar de uma maneira cada vez mais agradável, enquanto a mente vagueava. Mais e mais profundamente. E depois, porque a noite fora maravilhosa, e ela se sentia maravilhosa, além de segura, permitiu que as partes agradáveis do sonho daquela noite aflorassem.

Não podia se lembrar de nenhuma com exatidão. A indignação dissolvia imagens dentro de imagens eróticas dentro de imagens eróticas. Um pequeno ardor, que se transformava em calor irradiando por todo o corpo. Sabendo, mas não sabendo. Sentindo, mas não sentindo, braços fortes que a envolviam, dominada por uma sensualidade nunca antes experimentada, uma abertura, de cabeça, corpo, vida, gloriosamente livre para abandonar todos os freios, para se deleitar com tudo, porque era... apenas um sonho.

Mas acordei, ou quase acordei, e fingi que não, perguntou ela a si mesma, mais uma vez, sempre com um calafrio. Não poderia reagir com tanta lascívia se estivesse acordada — tenho certeza —, mas o sonho era muito intenso e fui levada por uma tempestade a querer mais e mais...

Ela ouviu a porta externa da suíte ser aberta e fechada. Um momento depois, viu a maçaneta girar, a porta do quarto ser aberta, André entrar, sem fazer barulho, e tornar a fechá-la. Ele se encostou na porta, com um sorriso zombeteiro. Angelique sentiu súbito medo.

— O que você quer, André?

Ele não respondeu por um longo momento, depois aproximou-se da cama, fitou-a nos olhos e murmurou:

— Ahn... conversar... está bem? Devemos, não é? Conversar, ou... ou o que...

— Não compreendo...

Mas ela compreendia muito bem, podia perceber o brilho desconcertante em seus olhos, onde poucos minutos antes havia

apenas compaixão. Esforçou-se para manter a voz sob controle, criticando-se por não ter trancado a porta... não havia necessidade onde só havia criados e funcionários da legação, nenhum dos quais ousaria entrar sem permissão.

— Por favor, André, não...

— Precisamos conversar sobre amanhã... e nos tornarmos amigos.

— Por favor, meu caro André, já é tarde, qualquer coisa pode esperar até amanhã. Sinto muito, mas você não tem o direito de entrar aqui sem bater...

Num pânico momentâneo, Angélique recuou para o outro lado da cama, enquanto ele sentava à beira e estendia as mãos em sua direção.

— Pare ou vou gritar!

A risada de André foi baixa e irónica.

— Se gritar, minha cara Angelique, isso atrairá os criados. Abrirei a porta e direi que você me convidou a vir aqui... queria privacidade para conversar sobre sua necessidade de dinheiro... dinheiro para um aborto. — Outra vez o sorriso sarcástico. — O que acha?

— Oh, André, não seja assim, por favor, vá embora... se alguém o visse aqui...

— Primeiro... primeiro um beijo. Ela corou.

— Saia! Como ousa?

— Cale a boca e escute — sussurrou ele, a voz ríspida, a mão segurando o pulso de Angelique, apertando-a com força. — Posso ousar qualquer coisa, e se quiser mais do que um beijo, você vai me dar, de bom grado ou não. Sem a minha ajuda, será descoberta, sem...

— André... por favor, largue-me.

Por mais que tentasse, ela não conseguia se desvencilhar. Com outro sorriso irônico, ele soltou-a.

— Você me machucou — balbuciou Angelique, quase em lágrimas.

— Não quero machucá-la — murmurou ele, a voz gutural parecendo estranha para si mesmo.

Sabia que era uma loucura estar ali, agindo daquela maneira, mas fora dominado por um horror tão súbito e intenso que prevalecera sobre a razão, os pés trazendo-o até ali como se tivessem vontade própria, a fim de forçá-la a... a fazer o quê? Partilhar a degradação dele. Por que não? Clamou o cérebro de André. A culpa é dela, ostentando os peitos e sua clamorosa sexualidade, lembrando-me! Ela não é melhor que uma vagabunda das ruas, talvez não tenha sido estuprada... e não está a fim de capturar Struan e seus milhões por quaisquer meios possíveis?

— Sou seu amigo, Angelique... e não a estou ajudando? Venha até aqui. Um beijo não é um pagamento tão grande assim...

— Não!

— Por Deus, faça isso de bom grado ou pararei de ajudá-la e daqui a um ou dois dias darei um aviso anônimo a Struan e Babcott. É isso o que você quer?

— André, por favor...

Angelique olhou ao redor, procurando desesperada por algum meio de escapar. Não havia nenhum. André se adiantou pela cama, estendeu a mão para o seio, mas ela empurrou-o, começou a resistir, a lutar, a golpear com as unhas direção de seus olhos. Mas ele a imobilizou, deixou-a impotente, por mais que se debatesse. Angelique tinha medo de gritar, sabia que se encontrava acuada, perdida, teria de se submeter. Abruptamente, soaram batidas violentas na janela.

O estrépito repentino arrancou André de sua loucura e fez com que ela soltasse um grito de susto. Transtornado, ele se levantou de um pulo, correu para a porta, destrancou-a, atravessou a sala da suíte, abriu também a porta que dava para o corredor. Depois virou-se, voltou correndo para as janelas, abrindo-as. Em segundos, soltou as trancas, empurrou-as para fora. Nada. Não havia ninguém ali. Apenas os arbustos, ondulando ao vento, o barulho, sem qualquer pessoa no caminho além da cerca.

O soldado de sentinela veio correndo.

— O que está acontecendo?

— Eu é que deveria lhe perguntar, soldado — disse André, o coração apertado, as palavras se atropelando. — Viu alguém... alguma coisa? Eu passava pela porta de *mademoiselle* e ouvi... ou pensei ter ouvido... alguém batendo na janela. Depressa, verifique ao redor!

Por trás dele, Piore Vervene, o *chargé'affaires*, uma vela na mão, entrou no quarto, apressado e ansioso, um chambre por cima do camisolão, a touca torta na cabeça. Outros começaram a se agrupar na porta.

— O que está acontecendo... oh, André! Mas... o que houve? Deu um grito, *mademoiselle*?

— Dei... ele... — balbuciou Angélique.— André... alguém bateu nas janelas e André...

— Eu passava pela porta — explicou André — e entrei correndo... não é verdade, Angelique?

Ela baixou os olhos, aconchegando-se contra as cobertas.

— É, sim... é verdade — murmurou, com medo e odiando-o, mas fazendo um esforço para esconder.

Vervene juntou-se a André na janela, olhou ao redor.

— Talvez tenha sido o vento. Temos súbitas rajadas aqui e as janelas não são muito novas.

Ele sacudiu uma das persianas. Estava mesmo um pouco solta e fez o maior barulho. Vervene gritou para o soldado:

— Dê uma busca meticulosa e volte aqui para comunicar o que descobrir — Ele fechou a janela e trancou-a. — Pronto? Não há mais nada com que se preocupar.

— Sei disso, mas...

Lágrimas de alívio afloraram aos olhos de Angelique.

— *Mon Dieu, mademoiselle*, não há motivos para se preocupar. Não chore.

Está perfeitamente segura, não precisa se preocupar com coisa alguma.

Vervene tirou a touca da cabeça, coçou a calva, aturdido. Foi então que avistou Ah Soh entre as pessoas na porta e gesticulou agradecido para ela.

— Ah Soh, você vai dormir aqui com a miss, está bem?

— Sim, amo.

Ah Soh afastou-se apressada para pegar algumas roupas de cama, e os outros começaram a se dispersar.

— Esperarei com *mademoiselle* Angelique até ela voltar. — Vervene bocejou. — Provavelmente os dois se enganaram e foi apenas o vento. Quem haveria de bater na janela? Não há pirralhos de rua na colônia para fazer brincadeiras assim, ou para tentar furtar qualquer coisa, graças a Deus. Só pode ter sido o vento, não é mesmo?

— Tem toda razão — declarou André, seu pavor agora controlado, temendo que alguém estivesse lá fora, observando... vira a fresta na janela, mas nenhum outro sinal. — Não concorda, Angelique?

— Eu... hum... é possível.

Ela sentia-se perturbada, ainda não recuperada do medo, tanto de André quanto do barulho repentino. Por que ocorrera naquele exato momento? Teria sido alguém ou apenas um vento enviado por Deus... uma autêntica dádiva divina? Vento ou não, pessoa ou não, isso não importa, concluiu ela. O importante é que escapei, amanhã voltarei para junto de Malcolm, não ousou continuar aqui, não devo ficar tão perto de André, é perigoso demais.

— Soou como alguém batendo, mas... mas posso estar enganada. Talvez tenha sido uma súbita rajada.

— Tenho certeza que foi — garantiu Vervene, confiante. — Minhas janelas estão sempre batendo assim e me acordam várias vezes.

Ele tossiu, sentou, olhou gentilmente para André, cujo rosto ainda estava branco.

— Não precisa ficar esperando comigo, meu amigo. Não parece estar muito bem... dá a impressão, que Deus o guarde, de ter uma crise do fígado.

— É possível... e não estou mesmo me sentindo bem. — André olhou para Angelique. — Sinto muito.

Ele fitou-a nos olhos, a voz calma e suave. Parecia ser de novo o velho André, toda estranheza, desejo e violência desaparecidos.

— Boa noite, Angelique. Não precisa mais ter medo de coisa alguma... nunca mais. *Monsieur Vervene* tem toda razão.

— Ahn... concordo. Obrigada, André.

Angelique forçou um sorriso, e ele saiu. Fitara-o bem fundo, querendo encontrar a verdade por trás de seus olhos. A expressão era cordial, nada mais. Mas ela não confiava no que vira. Mesmo assim, sabia que teria de fazer as pazes com André, aceitar seu inevitável pedido de desculpas — fingindo esquecer tudo, concordando que o ataque fora uma loucura momentânea —, e se tornar amigos de novo. Na superfície.

Ela estremeceu. Em seu íntimo, também sabia que tudo o que André exigisse ela teria de ceder. Enquanto ele vivesse.

Ori tremia todo, agachado sob um barco emborcado, na praia de seixos. As ondas se desmanchavam a vinte metros dali.

— Você está completamente baka — balbuciou ele, a fúria dirigida contra ele mesmo.

Antes de compreender o que fazia, batera nas janelas e depois, transtornado com sua estupidez, saíra correndo, pulara a cerca, encontrara o remo usado como camuflagem, ajeitara-o ao ombro e, sem ser detido, atravessara a rua, enquanto vozes gai-jin soavam lá atrás.

Hiraga deve estar certo, pensou ele, nauseado, confuso, o coração doendo no peito, o ombro latejando, e um filete de sangue quente escorrendo da abertura no ferimento causada por sua fuga precipitada. Talvez aquela mulher tenha realmente me deixado louco. Sem qualquer dúvida, foi uma loucura bater na janela... de que isso me serviria? Qual o problema se ela deitasse com outro? Por que isso deveria me enfurecer tanto, fazer o coração explodir em meus ouvidos? Não sou dono dela, nem quero ser, que diferença faz se outro gai-jin a possui, com ou sem violência? Algumas mulheres

precisam de uma certa violência para excitá-las, como muitos homens... ah, espere, teria sido melhor se ela lutasse comigo, em vez de me acolher daquele jeito, por mais drogada que estivesse... ou fingisse estar?

Fingisse?

Era a primeira vez que tal pensamento lhe ocorria. Um pouco da raiva se esvaiu, embora o coração continuasse disparado, as têmperas ainda latejassem. Seria possível que ela estivesse fingindo? Claro que sim, pois seus braços me enlaçaram, suas pernas me envolveram, e seu corpo se mexeu como o de nenhuma outra... todas as parceiras de travesseiro se mexem com sensualidade, soltam gemidos e suspiros, às vezes exibem umas poucas lágrimas e murmuram *"Ah, como você é forte, como me esgota, nunca tive o privilégio de conhecer um homem assim antes..."*, mas todos os clientes sabem que são palavras superficiais, decoradas, parte do treinamento, nada mais do que isso, inexpressivas.

Ela não se comportou assim e cada momento teve um significado para mim. Não importa se ela fingia ou não... provavelmente fingia, pois as mulheres são cheias de astúcia. Não me importo, mas não deveria ter golpeado a janela como um tolo alucinado, revelando minha presença e esconderijo, provavelmente arruinando para

sempre toda e qualquer possibilidade de, novamente, ter acesso àquele lugar.

Outra vez a raiva o dominou. Bateu com o punho na madeira do casco.

— Baka! — sussurrou, com vontade de gritar bem alto.

Passos sobre os seixos. Cauteloso, Ori se encolheu ainda mais nas sombras esquivando-se da claridade desastrosa da lua. Ouviu as vozes de pescadores se aproximando, conversando, censurando-se mais uma vez por não se ter mantido mais alerta. Quase que no mesmo instante, um pescador rude, de meia-idade, contornou a popa do barco e parou.

— Cuidado! Quem é você, estranho?— indagou o homem, furioso, segurando o mastro curto que tinha nas mãos como se fosse um porrete. — O que está fazendo aqui?

Ori não se mexeu, apenas fitou-o com uma expressão irada e aos outros que vieram se postar ao lado do primeiro. Um também era de meia-idade, o outro um jovem, não muito mais velho que Ori.

— Não deve perguntar algo assim a seus superiores — disse ele. — Onde estão suas maneiras?

— Quem é você? Não é um samu...

O homem parou de falar, paralisado, enquanto Ori se levantava de um pulo, a mão na espada, a lâmina começando a sair da bainha, ameaçadora.

— De joelhos, ralé, antes que eu arranque seus corações baka... um corte de cabelos diferente não faz com que eu seja menos samurai!

No mesmo instante, os pescadores caíram de joelhos, baixando a cabeça para a areia, balbuciando desculpas, convencidos da autoridade de Ori, pela maneira como a espada curta era empunhada.

— Calem-se! — gritou Ori. — Para onde estão indo?

— Vamos sair para pescar, lorde, por meia légua de mar. Por favor, perdoe-nos, mas no escuro, com seus cabelos...

— Cale-se! Levem o barco para a água! Depressa!

Saindo pelo mar, são e salvo, a raiva ofuscante controlada, o ar marinho purificando-o, Ori olhou para a colônia. As luzes continuavam acesas nas legações francesa e britânica, no prédio Struan e no clube que Hiraga lhe indicara. Lâmpadas a óleo ao longo da praia, umas poucas janelas iluminadas em outros bangalôs e armazéns, a cidade dos bêbados com a agitação normal, que se prolongaria noite adentro, os lugares que vendiam bebida nunca adormecendo por completo.

Mas toda a sua atenção se concentrou na legação francesa. Por quê? Ele não parava de perguntar a si mesmo. Por que eu haveria de me sentir tão possuído pelo... ciúme? Essa era a verdadeira palavra. Um ciúme insano. Sentir ciúme por causa de travesseiro é baka.

Teria sido por causa do que Hiraga me contou? "*Taira diz que o costume deles é como o nosso na classe dirigente, um homem não vai para a cama com a mulher com quem casará antes do casamento...*" Isso significa que o *tai-pan* não a levará para a cama, e como ela está prometida, ninguém mais tem esse direito. Bati nas janelas para impedir que aquele homem a possuísse... ou para protegê-la?

Ou foi apenas porque não queria que nenhum outro homem a tivesse até que eu pudesse fazê-lo de novo... o que seria uma estupidez ainda maior? Reagi assim Porque fui o primeiro? Isso faz com que seja diferente... por ter sido o único que a possuiu? Lembre-se, os chineses sempre acreditaram que a virgindade é o mais poderoso afrodisíaco entre o céu e a terra. Foi por isso que agi assim?

Não. Foi um súbito impulso. Acho que ela é uma mulher-lobo e deve ser morta... de preferência após deitar com ela mais uma vez... para que eu possa escapar a seu encantamento.

Mas como e quando? Deveria ser agora.

Só que é perigoso demais permanecer na colônia ou na Yoshiwara. Hiraga acabará descobrindo que não fui embora. E serei um homem morto se ele me encontrar. Dá para arriscar mais três dias e, depois, se não conseguir alcançá-la, partir apressado para Quioto, sem que Hiraga descubra? É mais seguro ir agora. O que fazer?

— Você, velho, onde mora?

— Segunda rua, quinta casa, lorde — balbuciou o pescador.

Todos sentiam profundo medo, sabendo que aquele devia ser um dos *ronin* que se esconderam na colônia, a fim de escapar aos vigilantes de Toranaga.

23

Domingo, 19 de outubro:

Os sinos da igreja chamavam os fiéis na manhã clara e agradável.

— Não há muitos fiéis em Iocoama — comentou Jamie McFay para Struan. Os ombros e as costas de McFay doíam, a igreja e o serviço iminente não eram de seu gosto, muito diferente do austero presbiterianismo escocês de sua infância. Uma pausa, e ele acrescentou, cauteloso, inseguro sobre a reação de Struan, depois da briga violenta que haviam tido no dia anterior:

— Não que eu seja um fiel que sempre vai à igreja... não sou mais. Minha mãe continua tão rigorosa como sempre, frequenta três serviços aos domingos.

— Igual à minha, só que na igreja anglicana — murmurou Struan, cansado. Ele andava devagar, meio trôpego, encurvado, apoiado nas bengalas, em meio aos homens que convergiam para a igreja, no final da High Street, um pouco recuada, com seu próprio jardim, num terreno seletto, de frente para o mar.

— Mas a igreja aqui é muito bonita e faz com que Iocoama pareça permanente.

A Santíssima Trindade ou Santíssima Mama, como era reservadamente apelidada, era o orgulho da colônia. Fora consagrada, no ano anterior, pelo bispo de Hong Kong. O campanário era alto e o sino repicava suavemente, lembrando a todos de sua terra natal... tão distante. Madeira, tijolos e reboco de Xangai. Jardim bem cuidado, um pequeno cemitério, com apenas sete sepulturas, pois as doenças eram raras em Iocoama... ao contrário de Hong Kong, com suas pragas e a letal febre do Happy Valley, a malária. Todas as sete mortes haviam sido causadas por Ridente, exceto uma, por velhice. Vinte anos trabalhando na Ásia era algo raro, e mais raro ainda o homem que passava da idade da aposentadoria.

O sino tornou a repicar, ainda não insistente, havia tempo suficiente para que ocupassem os seus lugares, no banco da Casa Nobre, na primeira fila. Preciso de toda ajuda que puder obter, pensou Struan, fervoroso, nunca um devoto, mas sempre um crente. Fico contente que a igreja seja nossa mais que dos outros mercadores.

O terreno e o prédio haviam sido doados à igreja anglicana por todos os mercadores. Fora com entusiasmo que votaram a coleta, quatro horas depois o Yokohama Club abriu suas portas para os negócios, no mesmo dia em que fundara a colônia... por insistência de McFay, agindo sob as ordens de Tess Strum, que garantira cinquenta por cento do custo. Ela assumira também o compromisso de fornecer o sino e mandara fazê-lo na nova fundição da companhia, em Hong Kong. Quando Tyler Brock soubera, tratara de

encomendar, para não ser superado por sua filha apartada e odiada, um vitral em Londres, assim como bancos de carvalho inglês.

— Não tem problema ir à igreja no domingo, uma vez por mês, meu pai costumava dizer, mas nunca na frente da mãe. — Struan sorriu, desolado — Quando era mais jovem, no entanto, ele freqüentava a igreja tanto quanto a mãe agora...

Ele parou por um instante, a fim de recuperar o fôlego, e olhou para o mar Estava encapelado, azul-cinza, o céu salpicado de cúmulos. Uma dúzia ou por aí de navios mercantes se encontravam ancorados no estreito, os ingleses predominando, mas também um americano, um russo, o vapor de correspondência que chegara no dia anterior, a nave capitânia francesa, um vapor de roda e a fragata a vapor de vinte e um canhões Pearl, ainda sem o mastro de proa.

— A gente fica com uma sensação de nudez sem a esquadra, não acha?

— Tem razão. Não são muitos os que deixarão de fazer suas preces hoje. McFay girou a cabeça lentamente, a fim de atenuar a dor no

pescoço.

— Quanto tempo acha que eles ficarão longe?

— Um mês é minha aposta... Bom dia, Sra. Lunkchurch.

Ambos tiraram o chapéu, polidos, Struan meio desajeitado, enquanto ela passava, de anquinhas e touca, o marido a reboque, suado, o rosto coberto de equimoses.

— O que aconteceu com ele?

— Uma briga — respondeu McFay, cauteloso, ainda tentando avaliar o ânimo de Struan, pois não o vira nem tivera notícias desde o dia anterior, exceto por um recado lacônico, naquela manhã, pedindo que o acompanhasse na ida à igreja. Struan recomeçou a andar e ele também. — Parece que ele, Dmitri e uns poucos outros

decidiram visitar a cidade dos bêbados ontem à noite, para uma farra de noite de sábado.

— Ou seja, uma briga a socos?

— Infelizmente, era essa a idéia básica. Dmitri disse que se divertiram um bocado.

Struan notou o súbito brilho nos olhos de McFay.

— Também estive lá, Jamie? — indagou ele, secamente, para sorrir em seguida.

McFay viu o sorriso e experimentou um profundo alívio.

— Ahn... estive, sim, *tai-pan*... também fui... mas apenas para evitar que Dmitri se metesse em alguma encrenca.

— E ele se meteu? — perguntou Struan, com uma pontada de inveja.

— Não, mas... ora, *tai-pan*, foi muito divertido.

— Você é um homem de sorte! Vamos, Jamie, conte-me tudo!

Jamie ouviu e viu a cordialidade e camaradagem francas que receara ter perdido para sempre e ficou radiante, as dores esquecidas, as raivas esquecidas, assim como as preocupações pelo futuro.

— Houve uma espetacular briga de gado no Buli and Cock, a melhor que já tivemos por aqui. Eles têm, agora, uma nova rinha e uma cerveja de Nagasáqui que é melhor do que a nossa Highland Dark!

Dois treinadores do exército enfrentaram dois dos nossos rapazes, Chandler Sykes e Old Bloody.

— Quem?

— É um dos nossos marujos aposentados, um mestre artilheiro, chamado Charlie Bent, ex-tripulante do Lasting Cloud... o mesmo artilheiro que explodiu o junco de guerra de Wu Fang Choi para seu pai, em 1.843. Agora ele tem o apelido de "Old Bloody", o velho sangrento, porque parece um matadouro. Apostei nele até o fim, *tai-pan*, e ganhei vinte e cinco libras. Depois, fomos ao palácio Yokopoko... é a maior taverna da cidade dos bêbados, frequentada principalmente pelo pessoal do exército, a marinha prefere o Friar Tuck, e as duas partes não costumam se encontrar.

Ele riu, antes de continuar:

— Perdi dez libras na roleta e mais cinco nos dados. Não demorou muito para que começasse a maior briga do mundo, os mercadores contra o resto. Acho que ganhamos. E depois voltamos para casa... mas alguns preferiram fazer uma visitinha a Naughty Nellie.

— Você também?

— Hum... eu também, mas apenas para um último drinque, porque a champanhe que ela oferece é a melhor e a mais barata de Iocoama.

— E as mulheres?

McFay soltou outra risada.

— Nada como o Estabelecimento para Moças da Sra. Fortheringill em Hong Kong! Há cerca de uma dúzia de mulheres, a maioria do East End, via Hong Kong, umas poucas de Sydney, na Austrália, filhas de condenadas que cumpriram suas penas e continuaram por lá. Todas são um pouco porcas, não têm nada a ver com meu gosto. — Transbordando de bonomia, ele cumprimentou transeuntes e

acrescentou, sem pensar: — Minhas necessidades são mais do que bem atendidas por Nemi.

Ele olhou para Struan, viu seu rosto tenso. Perdeu a jovialidade no mesmo instante e censurou-se por mencionar Nemi.

— Você está bem, *tai-pan*

— Claro — respondeu Struan, dominado por uma abrupta inveja da força e virilidade do outro homem, não o detestando por isso, mas apenas a si mesmo. — Não suporto mais continuar assim, Jamie. Não pode imaginar como detesto. É muito difícil ser paciente. Mas tenho que ser, sei disso.

Ele forçou um sorriso.

— Nemi? Ah, sim, ela parecia uma moça bastante simpática. E bonita.

Com tremendo esforço, Struan afastou a mente de Shizuka e seu fracasso, a necessidade frenética de ter êxito com Angelique, navegar pelas águas turbulentas à frente e enfrentar a tempestade que a mãe com certeza criaria. Uma coisa de cada vez. Agora, prepare-se para enfrentar a igreja, depois o resto do dia, até seis horas da tarde, quando Ah Tok trará o medicamento:

— Não gostaria de tomar um pouco antes de ir para o templo, meu filho?

— Não, obrigado, mãe. Uma vez por dia é suficiente. O doutor disse que eu deveria ter cuidado.

— O que os demônios estrangeiros sabem?

— Não se esqueça de que também sou um demônio estrangeiro.

— Pode ser, mas é meu filho...

Ah Tok é uma velha megera. Mas posso confiar nela. Não há nada de errado em tomar um pouco uma vez por dia. Posso parar a qualquer momento que quiser. Não preciso durante o dia, embora sempre ajude, é claro. Preciso decidir sobre a carta da mãe, tenho de escrever para ela, despachar pelo navio de correspondência que parte amanhã. É indispensável.

A carta da mãe fora trazida do navio de correspondência por um mensageiro especial, um inevitável parente do *compradore*, Gordon Chen. Mais uma vez, não tinha o "P.S. Eu amo você". E também mais uma vez, a mensagem secreta o enfurecera:

Malcolm: você enlouqueceu por completo? Festa de noivado? Depois que eu o alertei? Por que ignorou totalmente minha carta e meu chamado urgente para voltar? Se não fosse pelo relatório médico do dr. Hoag, recebido hoje, com a notícia inacreditável, eu teria presumido que você sofreu ferimentos na cabeça também, além dos terríveis ferimentos de espada. Exigi que o nosso governador tome as mais rigorosas providências contra esses animais bárbaros e leve os culpados à justiça da rainha de imediato! Se ele não o fizer, adverti-o pessoalmente de que toda a força da Casa Nobre será mobilizada contra esta administração!

Mas já chega disso. É VITAL que você volte a Hong Kong o mais depressa possível, a fim de resolver três problemas. Claro que estou disposta a perdoar sua transgressão, pois ainda é bastante jovem, passou por uma experiência terrível e caiu nas garras de uma mulher muito astuta. Agradeço a Deus por você estar recuperando as forças a cada dia que passa. Pelo relatório do dr. Hoag, tenho certeza que estará em condições de viajar quando receber esta carta (instruí o dr. Hoag a voltar com você e o considero pessoalmente responsável por sua segurança). Reservei as passagens pra os dois no navio de correspondência... mas não para ela, uma atitude deliberada.

É essencial que você volte DEPRESSA E SOZINHO. Primeiro, para se tornar formalmente o tai-pan. Seu avô deixou instruções específicas, por escrito, e DEVEM ser cumpridas antes que você possa ser o tai-pan LEGAL da Struan, independente do que seu pai ou eu lhe deixemos em testamento. Antes de morrer, seu pai, como você

estava ausente, fez-me jurar o que tinha de ser jurado e prometer que exigiria o seu juramento das mesmas condições. Isso deve ser feito sem demora.

Segundo: porque devemos decidir logo como combater o ataque que Tyler Brock desfechou contra nós — mencionei antes que ele conta com o apoio total do Victoria Bank, e hoje ameaça executar nossas notas promissórias, o que nos causaria a ruína, se for bem-sucedido. Gordon Chen sugeriu uma solução, mas é muito arriscada, não pode ser explicada por escrito, e exige a assinatura e participação do tai-pan. Meu meio-irmão, "Sir" Morgan Brock, acaba de chegar a Hong Kong e tem ostentado seu título, que só adquiriu ao persuadir o sogro sem herdeiros a adotá-lo, para logo depois, de uma forma bem conveniente, morrer.

O pobre coitado recebeu alguma assistência? Deus me perdoe, mas dá para duvidar. Tanto ele quanto Tyler Brock proclamam que até o Natal terão nos humilhado e estarão de posse de nosso camarote de organizador de corridas no hipódromo de Happy Valley. A votação para o novo organizador foi ontem. Pelos desejos de seu avô, como em seu nome, mais uma vez lhe dei a bola preta. Deus me perdoe, mas odeio tanto meu pai que isso quase me deixa louca.

Terceiro: a cilada em que você caiu! Não pude acreditar em meus ouvidos sobre essa "festa de noivado" até que a notícia foi confirmada. Torço para que, a esta altura, com a ajuda de Deus, seu bom senso tenha voltado e possa compreender o que lhe aconteceu. Por sorte, você não pode casar sem a minha aprovação, muito menos com a filha católica de um escroque fugitivo (há mandatos judiciais para prendê-lo por suas dívidas). Por uma questão de justiça, devo dizer que entendo a sua situação. Gordon Chen explicou como seria fácil para um jovem como você ser envolvido; portanto, não se desespere. Temos um plano que o arrancará das garras dessa mulher e provará sem a menor sombra de dúvida que ela não passa — sinto muito, meu filho, mas tenho de ser rude — de uma jezebel.

Quando você casar, sua esposa deve ser inglesa, temente a Deus, nunca uma herege, uma dama de boa família, bem-educada e à vontade na SOCIEDADE, digna de ser sua esposa, com um dote apropriado, e qualidades para ajudá-lo em seu futuro. Quando chegar o momento você poderá escolher entre muitas damas condizentes.

Pela mesma correspondência, escrevi para o Dr. Hoag, e também para McFay, expressando meu choque por ele ter permitido que esse noivado estúpido ocorresse. Aguardo ansiosa o momento de abraçá-lo de novo, dentro de poucos dias. Sua mãe afetuosa.

Quase que no mesmo instante, Jamie entrara correndo no quarto, o rosto branco.

— Ela já sabe!

— Também recebi uma carta. Mas não importa.

— Oh, Deus, Malcolm, você não pode se limitar a dizer que não importa! — balbuciara McFay, quase incoerente. Ele estendera a carta que tremia em sua mão. — Tome aqui. Leia você mesmo.

A carta, sem qualquer forma de cumprimento, tinha apenas a assinatura de Tess Struan:

A menos que tenha uma explicação satisfatória do motivo pelo qual permitiu que meu filho (embora ele seja o tai-pan, você deve saber que ainda é menor) se tornasse noivo, sem primeiro obter minha aprovação... a qual DEVE saber que nunca seria concedida, para uma união tão absurda, deixará de ser o chefe da Struan no Japão ao final do ano. Ponha o Sr. Vargas no comando por enquanto e volte com meu filho no navio de correspondência, para resolver essa questão.

Struan devolvera a carta, furioso.

— Não voltarei para Hong Kong agora... só irei no momento em que eu decidir.

— Por Deus, Malcolm, se ela nos ordena que voltemos, então é melhor obedecermos. Há motivos para...

— Não! — explodira ele. — Será que não entende? NÃO!

— Abra os olhos para a verdade! — gritara McFay também. — Você ainda é menor, ela dirige a companhia, há muitos anos. Estamos sob suas ordens e...

— Não estou sob as ordens dela, nem de ninguém! E agora saia!

— Não vou sair, não! Será que não pode perceber que é sensato o que ela pede, não tem nada de difícil? Podemos voltar para cá em duas ou três semanas. Você terá de obter a aprovação de sua mãe em algum momento e, certamente, melhor tentar agora. Abriria o caminho para você, tornaria o nosso trabalho muito mais fácil...

— Não! E... e estou cancelando as ordens dela. A partir de agora, terá de obedecer às minhas ordens. Sou o *tai-pan* da Struan!

— Deve saber que não posso ficar contra ela!

Struan quase tropeçou, a caminho da igreja, ao recordar a terrível pontada de dor nos lombos quando, sem pensar, levantara-se de um pulo e gritara para McFay:

— Tenho de lembrá-lo do seu juramento sagrado de servir ao *tai-pan*, ao TAI-PAN, pelo amor de Deus, quem quer que ele seja, não à porra da sua mãe? JÁ ESQUECEU?

— Mas você não...

— A quem você vai obedecer, Jamie? A mim ou à minha mãe?

Um vasto abismo abriu-se entre os dois, houvera mais raiva, mais palavras, mas ele acabara prevalecendo. Era uma batalha de cartas marcadas. A cláusula constava de todos os contratos de trabalho, as pessoas tinham de assinar e ainda jurar por Deus, de acordo com as instruções do fundador.

— Está bem, eu concordo! — dissera McFay, entre os dentes semicerrados. — Mas exijo... desculpe, solicito o direito de escrever para ela e comunicar minhas novas ordens.

— Faça isso e envie a mensagem pelo navio de correspondência. Aproveite para informar que o *tai-pan* ordenou que você permaneça aqui, que somente eu posso despedi-lo, e é o que farei, se tiver algum problema... e que se quero ficar noivo, menor ou não, a decisão cabe apenas a mim.

Depois, ele tornara a arriar na cadeira, quase dobrando de dor.

— Por Deus, *tai-pan* — balbuciara McFay —, ela vai me dispensar, quer você goste ou não. Estou perdido.

— Ela não pode dispensá-lo sem a minha concordância. Está em nossos estatutos.

— É possível. Mas quer você goste ou não, ela pode converter minha vida e a sua num inferno.

— Não, porque você está apenas fazendo o que eu quero. Encontra-se nos limites da lei de Dirk... e é isso o que a governa, acima de todo o resto.

Ele recordara as inúmeras ocasiões em que a mãe invocara o nome de Dirk Struan para seu pai, para ele, ou para seus irmãos e irmãs, numa questão de negócios, de moral ou da própria vida. E o pai e a mãe disseram mil e uma vezes que eu seria o *tai-pan* depois dele, e

todos aceitaram, em particular tio Gordon. As formalidades podem esperar, ela apenas tenta usar um pretexto adicional para me controlar... afinal, fui preparado durante toda a minha vida para o cargo, sei como lidar com ela e sei qual é o problema aqui.

— Sou o *tai-pan*, e agora... agora, se me dá licença, tenho muito trabalho a fazer.

No instante em que ficara sozinho, ele gritara por Ah Tok.

Foi uma ocasião em que eu realmente precisava do medicamento, funcionava muito bem, salvou-me de toda aquela dor e angústia, proporcionou-me coragem de novo, e mais tarde um momento feliz com Angelique. Ah, meu anjo de volta à suíte ao lado da minha, graças a Deus, tão próxima, tão atraente, tão sedutora mas eu bem que gostaria que a ânsia não surgisse ao pensar nela, e que isso não levasse à dor mais intensa, com a manhã ainda nem atingindo a metade, um sermão interminável pela frente, um almoço para suportar... e mais de oito horas até o próximo...

— Desculpe por ontem — disse McFay. — Sinto muito.

— Não foi nada. Serviu para expor os problemas e acertá-los — respondeu Struan, com uma estranha força. — Agora a companhia tem um líder autêntico Admito que meu pai não era muito eficaz e passou a maior parte dos seus últimos anos embriagado, com a mãe fazendo o melhor que podia, mas que não foi suficiente para nos manter à frente da Brock... vamos ser francos e reconhecer que eles são mais fortes, mais ricos e mais sólidos do que nós e que teremos muita sorte se resistirmos à atual tempestade. Veja o caso do Japão... as operações aqui mal dão para pagar as despesas.

— Tem razão, a curto prazo, mas não podemos esquecer que serão bastante lucrativas a longo prazo.

— Não da maneira como você as tem dirigido até agora. Os japoneses não nos compram quaisquer mercadorias lucrativas. Nós compramos seda e bichos-da-seda, uns poucos objetos laqueados e o que mais? Nada de valor. Eles não têm indústrias e parecem não querer nenhuma.

— É verdade, mas devemos lembrar que a China demorou anos para se abrir. E ali temos o ópio, o chá e a prata.

— Tem razão, mas a China é diferente. Existe ali uma civilização antiga e refinada. Temos amigos na China e, também, como você costuma dizer, um padrão de comércio. Minha opinião é de que devemos acelerar as coisas aqui para sobreviver ou fecharmos.

— Assim que Sir William resolver o problema com o *Bakufu*...

— Que se dane isso! — exclamou Struan, a voz estridente.— Estou cansado de ficar empacado numa cadeira e ouvir as pessoas dizerem que devemos esperar até que Sir William ordene que a esquadra e o exército cumpram o seu dever. Quero estar presente na próxima reunião com o *Bakufu*... ou melhor ainda, arrumaremos uma reunião particular para mim primeiro.

— Mas, *tai-pan*...

— Cuide disso, Jamie. É o que quero. E providencie depressa.

— Não sei como é possível.

— Pergunte ao samurai domado de Phillip Tyrer, Nakama. Melhor ainda, promova um encontro secreto com ele, para que Phillip não fique comprometido.

McFay transmitira-lhe todas as informações fornecidas por "Nakama".

— É uma boa idéia — declarou ele, com sinceridade, animado com o queixo erguido e fogo que ardia em Struan. Talvez, depois de muito tempo, pensou e haja alguém aqui que possa fazer com que as coisas aconteçam. — Falarei com Phillip logo depois da igreja.

— Quando parte o próximo navio para San Francisco?

— Dentro de uma semana, o mercante confederado Savannah Lady.
— McFay baixou a voz, cauteloso, pois um grupo de mercadores passava por eles. — Nossa encomenda de *Choshu* segue nesse navio.

— Em quem podemos confiar para viajar no navio, numa missão especial? — perguntou Struan, pondo seu plano em execução.

— Vargas.

— Ele não, pois é necessário aqui.

Struan tornou a parar, as pernas doloridas, claudicou até o lado do passeio, onde havia um muro baixo, em parte para descansar, mas também para manter a conversa em particular.

— Quem mais? Tem de ser bom.

— O sobrinho dele, Pedrito... é um rapaz esperto, parece mais português do que Vargas, não tem nada de chinês em seu rosto, fala português, espanhol, inglês e cantonês... e é bom com os números. Seria aceitável, tanto no norte, quanto na confederação. O que tem em mente?

— Reserve passagem para ele nesse navio. Quero que ele siga com a encomenda, que vamos quadruplicar, e também pedir...

— Quatro mil fuzis? — murmurou McFay, espantado.

— Isso mesmo. Mande também uma carta para a fábrica, pelo navio de correspondência de amanhã, avisando que devem esperá-lo. O navio fará conexão com o vapor da Califórnia que zarpa de Hong Kong.

McFay ressaltou, apreensivo:

— Mas só recebemos uma entrada em ouro para cobrir duzentos... teremos de pagar toda a encomenda, pois essa é a política da fábrica. Não acha que seria um risco excessivo?

— Algumas pessoas podem pensar assim, eu não.

— Mesmo com um carregamento de dois mil... o almirante fica histérico com a importação de armas de fogo e ópio... sei que ele não pode fazer nada por lei — acrescentou McFay —, mas, se quiser, ainda pode confiscar uma carga sob a alegação de emergência nacional.

— Ele não descobrirá nada, até ser tarde demais... você será esperto o suficiente para enganá-lo. Prepare uma carta para acompanhar o pedido, enviando uma cópia pelo navio de correspondência... cuide

disso pessoalmente, Jamie, em sigilo... solicitando à fábrica um serviço especial para essa encomenda e também que nos nomeie seus agentes exclusivos para a Ásia.

— É uma excelente idéia, *tai-pan*, mas aconselho com veemência a não aumentar a encomenda.

— Faça um pedido de cinco mil fuzis e enfatize que negociaremos um contrato ainda mais atraente. Não quero que Norbert se antecipe a nós nesse negócio.

Struan recomeçou a andar, a dor pior agora. Sem olhar para McFay, sabia o que o outro estava pensando e disse, irritado:

— Não há necessidade de confirmar com Hong Kong primeiro. Faça o que estou mandando. Assinarei o pedido e a carta.

Depois de uma pausa, McFay acenou com a cabeça.

— Como quiser.

— Ótimo. — Ele percebeu a relutância na voz de McFay e decidiu que aquele era o momento. — Estamos mudando nossa política no Japão. Eles gostam de matar por aqui, não é mesmo? Segundo esse Nakama, muitos de seus reis estão dispostos a se revoltarem contra o *Bakufu*, que sem dúvida não é nosso amigo. Pois vamos ajudá-los a fazer o que querem. Venderemos o que pedirem: armamentos, alguns navios, até mesmo uma fábrica de canhões, talvez duas, tudo em quantidades crescentes... em troca de ouro e prata.

— E se eles voltarem as armas contra nós?

— Uma única vez será suficiente para lhes ensinarmos uma lição, como aconteceu em todas as outras partes do mundo. Venderemos mosquetes, alguns fuzis de carregar pela culatra, mas não metralhadoras, nem os canhões maiores, nem os navios de guerra mais modernos. Daremos ao freguês o que ele quer comprar.

Angelique ajoelhou-se diante da tela do pequeno confessionário, ajeitou-se da melhor forma que as saias volumosas permitiam e iniciou o ritual, as palavras em latim saindo quase unidas, como era normal para os que não liam nem escreviam a língua, mas haviam aprendido as obrigatórias orações e respostas desde a infância, pela constante repetição.

— Perdoe-me, padre, pois eu pequei...

No outro lado da tela, o padre Leo estava mais atento do que o habitual. Em circunstâncias normais, escutava com a metade de um ouvido, certo de que seus penitentes mentiam, os pecados inconfessos, o nível de transgressão elevado — mas não maior que nas outras colônias na Ásia —, e as penitências que ordenava eram

cumpridas apenas de uma maneira superficial ou totalmente ignoradas.

— Muito bem, minha criança, você pecou — disse ele, em sua voz mais agradável, com um francês de forte sotaque. Tinha cinquenta e cinco anos, era corpulento e barbudo, ordenado há vinte e sete anos, em grande parte satisfeito com as migalhas de vida que julgava que Deus lhe permitia. — Que pecados cometeu esta semana?

— Esqueci de pedir perdão à Madona em minhas orações uma noite — respondeu ela, com uma calma absoluta, cumprindo seu pacto. — Também tive muitos pensamentos e sonhos ruins e fiquei com medo, esqueci que me encontrava nas mãos de Deus...

Em Kanagawa, no dia seguinte àquela noite — depois de pensar numa saída para sua catástrofe —, Angelique ajoelhou-se chorando diante do pequeno crucifixo que sempre levava a toda parte.

— Mãe de Deus, não há necessidade de explicar o que aconteceu e de como pequei de forma terrível — soluçara ela, rezando com todo

o fervor de que era capaz. — Também não preciso explicar que não tenho ninguém a quem recorrer, ou que preciso desesperadamente de sua ajuda, ou que é óbvio que não posso contar a ninguém, nem mesmo na confissão, não ousou confessar o que ocorreu. Isso destruiria minha única chance... E ela acrescentara:

— Assim, de joelhos, eu lhe suplico, por favor, que façamos um pacto: quando eu disser na confissão esqueci de pedir perdão à Madona em minhas orações uma noite, isso significa na verdade que estou confessando, contando tudo o que lhe falei, e que viu acontecer comigo, junto com as pequenas mentiras que terei de inventar para me proteger. Suplico perdão por pedir isso, mas preciso de sua ajuda, não tenho mais ninguém a quem possa recorrer. Sei que vai me perdoar, e sei também que vai compreender, porque é a Mãe de Deus e uma mulher... vai compreender, e tenho certeza que me absolverá...

Ela podia ver o perfil de padre Leo por trás da tela, sentir o cheiro de vinho e alho em sua respiração. Suspirou, agradeceu à Madona, com toda força de seu coração, por ajudá-la.

— Perdoe-me, padre, pois eu pequei.

— Esses pecados não parecem ser tão terríveis, minha criança.

— Obrigada, padre.

Ela reprimiu um bocejo, preparando-se para aceitar a modesta penitência habitual, depois persignar-se, ser absolvida, agradecer ao padre e se retirar. Almoço no clube com Malcolm e Seratard, sesta em minha linda suíte ao lado dos aposentos de Malcolm, jantar na legação Rus...

— Que tipo de maus pensamentos você teve?

— Ora, apenas impaciência — respondeu Angelique, sem pensar. — E também não me sinto contente por me entregar nas mãos de Deus.

— Impaciência com o quê?

— Ahn... impaciência com minha criada — murmurou ela, confusa, tomada de surpresa. — E também porque meu noivo não se encontra nas melhores condições físicas, como eu gostaria.

— Ah, sim, o *tai-pan* é um excelente rapaz, mas neto de um grande inimigo da verdadeira igreja. Ele lhe falou sobre seu avô, Dirk Struan?

— Algumas histórias, padre — respondeu Angelique, ainda mais perturbada. Sobre a minha criada, fiquei impa...

— Malcolm Struan é um bom rapaz, não como o avô. Pediu a ele para se tornar católico?

A cor se esvaiu do rosto de Angelique.

— Já conversamos a respeito, mas é uma questão muito delicada, e é claro que não pode ser precipitada.

— Tem razão. — O padre Leo ouvira-a respirar fundo, percebera sua ansiedade. — E concordo que é de extrema importância, para ele e para você.

O padre franziu o rosto, a experiência lhe dizendo que a moça escondia muita coisa... não que isso fosse algo fora do normal, refletiu ele.

Já ia deixar o assunto por aí, mas de repente compreendeu que se tratava de uma oportunidade concedida por Deus para salvar uma alma e ao mesmo tempo realizar um empreendimento valoroso. A vida em Iocoama, ao contrário do que acontecia em seu amado e feliz Portugal, era insípida, com pouco a fazer, exceto pescar, beber, comer e rezar. Sua igreja era pequena e pobre, seu rebanho escasso e ímpio, a colônia uma autêntica prisão.

— Tal conversa pode ser delicada, mas deve ser realizada. A alma imortal do seu noivo corre um risco total. Rezarei por seu sucesso. Seus filhos serão criados na Santa Madre Igreja... ele já concordou com isso, não é?

— Também já conversamos a respeito, padre — respondeu Angelique forçando um tom jovial. — Claro que nossos filhos serão católicos.

— Se não forem, você os lançará à danação eterna e sua alma imortal também correrá perigo. — Ele sentiu-se satisfeito ao ver Angelique estremecer. Ótimo, pensou, um golpe pelo Senhor, contra o anticristo. — Isso deve ser acertado formalmente antes do casamento.

O coração de Angelique disparara, a cabeça doía com a apreensão que tentou impedir que transparecesse na voz, acreditando absolutamente em Deus e no diabo, na vida eterna e na danação eterna.

— Obrigada por seu conselho, padre.

— Falarei com o Sr. Struan.

— Oh, não, padre, por favor, não! — suplicou ela, num súbito pânico. — Isso seria... sugiro que seria insensato.

— Insensato?

O padre contraiu os lábios, coçando distraído os piolhos que habitavam em sua barba, cabelos e batina velha, logo concluindo que o possível golpe da conversão de Struan era um prêmio pelo qual valia esperar, e que precisava de um cuidadoso planejamento.

— Rezarei pela orientação de Deus, e para que Ele a guie também. Mas não se esqueça de que é menor, assim como seu noivo. Suponho que, na ausência de seu pai, *monsieur* Seratard seria

legalmente considerado como o tutor. Antes que qualquer casamento possa ser realizado ou consumado, a permissão deve ser concedida, e essas e outras questões resolvidas, para a proteção de sua alma.

Ele estava radiante, mais do que um pouco satisfeito.

— Agora, como penitência, diga dez ave-marias e leia as epístolas de são João duas vezes, até o próximo domingo... e continue a rezar pela orientação de Deus.

— Obrigada, padre.

Agradecida, Angélique persignou-se, inclinou a cabeça para a bênção.

— *In nomine Patri et Spiritu sancti, absolvo tuum.* — O padre fez o sinal cruz sobre ela. — Reze por mim, minha criança.

O ritual estava encerrado, e o padre Leo já começava, em sua mente, com Malcolm Struan.

Ao crepúsculo, Phillip Tyrer sentava de pernas cruzadas, diante de Hiraga, numa pequena sala particular de um restaurante também pequeno, meio escondido ao lado da casa do *shoya*, o ancião da aldeia. Eram os únicos fregueses e aquela era a primeira refeição japonesa autêntica, com um anfitrião japonês, que Tyrer experimentava. Sentia fome, e estava disposto a provar tudo.

— Obrigado por me convidar, Nakama-san.

— O prazer é meu, Taira-san. Posso dizer que seu sotaque japonês está melhorando? Por favor, coma.

Sobre a mesa baixa, entre os dois, a criada pusera muitos pratos pequenos, com diferentes alimentos, alguns quentes, alguns frios, em bandejas decorativas laqueadas. Telas de *shoji*, tatames, pequenas janelas corrediças se abrindo para a escuridão crescente, lampiões a óleo irradiando uma luz agradável, arranjo de flores no canto. Havia ao lado outra sala particular e depois o resto do restaurante, não muito mais que um corredor, com janelas que davam para uma viela, que levava à rua — um braseiro para cozinhar, barris de *saquê* e cerveja, uma cozinheira e três criadas.

Hiraga e Tyrer usavam quimonos de dormir, com faixas folgadas. Tyrer desfrutava o conforto inesperado e Hiraga sentia-se aliviado por ter tirado os trajes europeus, que usara durante o dia inteiro. Os dois haviam se banhado e recebido massagens na casa de banhos próxima.

— Por favor, coma.

Desajeitado, Tyrer usou os pauzinhos. Em Pequim, a embaixada aconselhara a não aceitar alimentos chineses:

—... a menos que queira ser envenenado, meu caro. Esses patifes realmente comem cachorro, bebem bÍlis de cobra, empanturram-se com insetos, qualquer coisa, e possuem uma crença espantosa, mas universal, de que tudo sob o céu pode ser comido. Uma coisa horrível!

Hiraga corrigiu a maneira como ele usava os pauzinhos.

— Assim.

— Obrigado, Nakama-san. Muito difícil. — Tyrer soltou uma risada.— Não engordar vou comendo isto.

— Não vou engordar comendo isto — disse Hiraga, ainda não cansado de corrigir o japonês de Tyrer, pois descobrira que gostava de ensinar.

Tyrer era um discípulo capaz, com uma admirável memória e uma feliz disposição... e ainda mais importante para Hiraga, uma contínua fonte de informações.

— Ah, desculpe, não vou engordar comendo isto. Mas o que é esta comida?

— É o que chamamos de *tempura*, peixe frito na massa de farinha com ovos.

— Como é feito?

Tyrer escutou a explicação com absoluta atenção, perdendo muitas palavras, mas compreendendo o essencial, assim como sabia que o outro homem também perdia muitas palavras em inglês. Falamos mais inglês do que japonês, pensou ele, contrariado, mas não importa. Nakama é um grande mestre e parece que chegamos ao melhor acordo possível — sem ele, eu não estaria aqui, provavelmente já teria morrido, e com certeza nunca alcançaria o prestígio que adquiri com Marlowe Pallidar e Wee Willie Winkie, muito menos obteria as valiosas informações que me são fornecidas.

Tyrer sorriu. Agradava-lhe ser capaz de pensar em Sir William agora pelo apelido, quando apenas poucos dias antes tinha pavor do homem.

— Ah, agora entendo! Também usamos uma massa assim!

— Essa comida a seu gosto, Taira-san? — perguntou Hiraga, passando para o inglês.

— Sim, obrigado. — Sempre que podia, Tyrer respondia em japonês.
— Obrigado por tudo, massagem, banho, agora como, desculpe, agora calmo e feliz.

Alguns dos alimentos ele achava saborosos, como *tempura eyakitori*, pedaços de galinha grelhados com um molho agri-doce. Descobriu que *anago* era enguia grelhada com um molho doce-azedo, que apreciava bastante. Sushi, fatias cruas de peixe, de diferentes cores e texturas, sobre uma bola de arroz, fora difícil de engolir a princípio, mas tornava-se saboroso quando mergulhado num misterioso molho salgado, chamado soy ou soya. Afinal, pensou ele, o pai me aconselhou a experimentar tudo:

— Meu filho, já que insiste nessa idéia drástica de se tornar intérprete de japonês, então aconselho que mergulhe no modo de vida deles, seus alimentos, e assim por diante... sem esquecer que é um cavalheiro inglês, com suas obrigações, um dever cora a coroa, o império e Deus...

Ele se perguntou o que o pai diria a respeito de Fujiko. Ela é sem dúvida parte do modo de vida deles. Radiante, Tyrer apontou com um pauzinho.

— O que é isto?

— Oh, desculpe, Taira-san, mas é falta de educação apontar com a extremidade fina do *rashi*. Por favor, use a outra extremidade. Isto é *wasabeh*.

Antes que Hiraga pudesse detê-lo, Tyrer pegou o nódulo de pasta verde e pôs na boca. No mesmo instante, sua boca pegou fogo, ele ofegou, os olhos lacrimejando, quase cego. A ardência passou depois de algum tempo, mas deixou-o ofegante.

— Por Deus — disse Hiraga, copiando Tyrer, esforçando-se para não rir. — Wasabeh não se comer, apenas pôr um pouco no soy para torná-lo picante.

— Engano meu — balbuciou Tyrer, ainda meio sufocado. — Por Deus, isso é letal, pior do que pimenta! Próxima vez, eu cuidadoso.

— Muito bom para homem que começa, Taira-san. E aprender japonês bem depressa, muito bom.

— Domo, Nakama-san, domo.

O mesmo com você, em relação ao inglês. Satisfeito com o elogio, Tyrer concentrou-se em ser mais hábil. A próxima coisa que experimentou foi tako, tentáculo de polvo. Tinha um gosto de borracha, mesmo com soy e wasabeh.

— Isto é saboroso, gosto muito.

Estou faminto, pensou Tyrer. Gostaria de mais galinha, outra tigela de arroz, mais vinte camarões no tempura. Hiraga come que nem um bebê. Mas não importa. Tenho um samurai como anfitrião, não faz uma semana que ele nos ajudou a sair da legação em Iedo sem um incidente internacional, não se passaram seis semanas desde que conheci André e já sei falar um pouco de japonês, já sei mais sobre os seus costumes que a maioria dos mercadores, que aqui se encontram desde o início. Se puder continuar assim, serei promovido a intérprete oficial em poucos meses e ganharei um salário condizente... quatrocentas libras por ano! Hurra... ou Banzai, como dizem os japoneses. Na atual taxa de câmbio, posso muito bem comprar outro pônei, mas antes disso...

Seu coração se acelerou.

Antes disso, comprarei o contrato de Fujiko. Nakama prometeu ajudar e assim não terei problemas. Ele garantiu. Talvez possamos começar esta noite... graças a Deus, Fujiko voltou da visita à avó. Creio que não deveria, porque hoje é domingo, mas não importa. Karma.

Ele suspirou. Entre André e Nakama descobrira essa palavra e a maneira maravilhosa como se tomara uma panaceia para todos os acontecimentos, bons ou maus, sobre os quais não tinha controle.

— Karma!

— O quê, Taira-san?

— Nada. A comida é boa.

— A comida é boa — arremedou Hiraga. — Obrigado, eu satisfeito.

Ele pediu mais cerveja e *saquê*. A porta de *shoji* foi aberta e as bebidas apareceram, numa bandeja trazida por uma criada de rosto jovial, que ofereceu um sorriso radiante a Hiraga e outro tímido a Tyrer. Quase sem pensar, Hiraga acariciou sua bunda.

— Gostaria de experimentar Sobre a Montanha?

— Mas que homem terrível! Sobre a Montanha? Oh, não, não, para mim nem sob, mas posso tocar a flauta, por um oban de ouro!

Ambos riram, pois um oban de ouro era preço afrontoso, a taxa que uma cortesã de primeira classe poderia cobrar por um serviço assim. A criada serviu o *saquê*, encheu a caneca de Tyrer e se retirou.

— O que ela diz, Nakama-san?

Ele sorriu.

— Sinto muito, difícil explicar, ainda não ter palavras suficientes. Apenas gracejo, gracejo homem-mulher, entende?

— Wakarimasu. Igreja hoje, você gostar?

Com a aprovação de Sir William e o ansioso consentimento do reverendo Michaelmas Tweet, ele levara Hiraga para a galeria do coro. Vestindo as suas novas roupas ocidentais, prontas com a habitual e inacreditável rapidez pelo alfaiate japonês, Hiraga passava por eurasiático, mal sendo notado. A não ser por Jamie McFay, que piscara discretamente.

— Igreja boa, sua explicação também — respondeu Hiraga.

Por dentro, no entanto, ele ainda tentava colocar todas as informações de Tyrer na devida perspectiva, assim como a espantosa visão de todos aqueles homens adultos e duas mulheres de aparência repulsiva, cantando em uníssono, levantando, sentando, entoando solenes as orações, inclinando a cabeça, para o Deus muito estranho dos *gai-jin*, que era na verdade, como Tyrer explicara depois do serviço três pessoas ao mesmo tempo, o Pai, o Filho, que fora crucificado como um criminoso comum, e um kami.

— So ka? — dissera Hiraga, perplexo. — Assim, Taira-san, mulher nome Madona não deus tem filho Deus... mas ela não Deus... e ela deitar com kami que não Deus, mas como hatomoto de Deus com asa, que não marido, e marido que também não Deus, mas pai é, assim pai de seu filho ser avô, neh?

— Não, não houve travesseiro. Deve entender...

Ele tornara a escutar e acabara fingindo que compreendia, a fim de poder interrogar Taira sobre a hostilidade entre as duas igrejas, pois notara que a mulher de Ori não se encontrava presente ali, e

perguntara por quê. Duas igrejas, igualmente poderosas, sempre em guerra! E Ori queria que eu renunciasse a essas informações. Baka!

E quando, a cabeça doendo de tanta concentração, ele descobrira a razão para o cisma — e a resultante escalada de ódio, matanças e guerras universais —, tivera certeza de que em algumas áreas os *gai-jin* eram totalmente loucos: a divisão ocorrera apenas porque um velho bonzo chamado Lutero, trezentos e tantos anos antes, apresentara uma interpretação diferente de alguma pequena questão de dogma, que havia sido inventada por outro bonzo quatorze ou quinze séculos antes dele. Esse homem, obviamente outro doido, determinara, entre outras coisas, que a pobreza devia ser procurada, e que não deitar com mulheres mandaria um homem, depois da morte, para um lugar chamado Paraíso, onde não havia *saquê*, nem comida, nem mulheres, e ele se transformava numa ave.

Os bárbaros estão além da compreensão. Quem poderia querer ir para um lugar assim? Qualquer um podia perceber que o velho bonzo era como qualquer outro tolo ambicioso e descontente, que apenas queria, depois de uma vida inteira fingindo ser casto, ter uma esposa ou concubina, como qualquer bonzo ou homem comum que tivesse um pouco de sensatez.

— Taira-san — murmurara ele, atordoado —, precisar banho, massagem, *saquê*, você também, depois comida. Vir comigo, por favor.

A princípio, ele se preocupara com o convite. O ancião da aldeia, o *shoya*, poderia assim descobrir que ele falava inglês.

— Ah, como é maravilhoso falar *gai-jin*, eu bem que gostaria, Otami-san! exclamara o *shoya*, com uma admiração evidente. — Posso lhe dizer mais uma vez que apoio *Sonno-joji*, e também que designei o mais esperto dos meus filhos para um bonzo *gai-jin*, com ordens para fingir que se converte às suas crenças ridículas, a fim de poder aprender a língua e os costumes deles.

— Pode cuidar para que os criados sejam seguros?

— Será protegido como se fosse da minha família. Como segurança extra, sugiro que reserve o restaurante inteiro e que mande esse Taira falar apenas japonês na casa de banho. Você diz que aprende depressa?

— E muito.

— Seus segredos estão seguros comigo. *Sonno-jo!*

Hiraga sorriu, ao recordar o fervor com que o *shoya* o apoiara, embora não acreditasse nele. Eu gostaria de saber o que ele faria se soubesse de nosso plano de incendiar Iocoama. Iria se cagar todo e, antes mesmo de se limpar, correria para o *Bakufu*, bateria com a cabeça no chão, em sua pressa de servi-lo, e me trairia.

Baka!

Tyrer continuava a comer, com a maior voracidade. Embora ainda estivesse com fome, Hiraga apenas remexia a comida, de acordo com o costume e treinamento japonês tradicional, de se disciplinar a ficar satisfeito com pouco, já que havia mais tempos de escassez que de abundância, a suportar o frio e a dor com fortaleza, já que

havia mais dias ruins do que bons, mais frio do que calor, e por isso era melhor estar preparado. Menos é melhor do que mais. Exceto pelo *saquê*. E por fornicar. Ele sorriu.

— *Saquê!* Taira-san, tampai!

Aquele frasco acabou num instante. Ele pressionava Tyrer a beber, fingindo que era um importante costume japonês brindarem um ao outro. Não demorou muito para que Tyrer, na maior felicidade, se pusesse a falar sobre as guerras dos *gai-jin*, a extensão do império britânico, as mercadorias que fabricavam e em que quantidades. Por causa da sinceridade de Tyrer — a possível sinceridade — e seu “Juro por Deus que é verdade!”, Hiraga decidiu aceitar as informações, mesmo que assustadoras ou absurdas, até ser provado que eram falsas. Uma hora a estudar o atlas escolar e os mapas de Tyrer deixara-o chocado.

— Mas, por favor, como pode país tão pequeno como Inglaterra dominar tantos?

— Há muitas razões. — Tyrer sentia-se relaxado, satisfeito consigo. Esquecendo por um momento de usar palavras e idéias simples, ele explicou, com toda ingenuidade: — Isso mesmo, são muitas as razões. Por causa de nossa educação superior... nosso aprendizado superior, entende?... uma herança superior, uma sábia e benevolente rainha, e nossa forma de governo, singular e especial, com o Parlamento, que nos proporciona leis e liberdades melhores. Ao mesmo tempo, somos abençoados, uma ilha-fortaleza, o mar nos protege, nossas esquadras controlam os caminhos marítimos para o comércio, por isso fomos capazes de desenvolver habilidades superiores na paz, de inventar e experimentar. Como comerciamos mais, temos mais capital, Nakama-san, mais dinheiro do que qualquer outro país... e somos muito hábeis em “dividir para dominar”, uma antiga lei dos romanos...

Ele riu, terminou de tomar o *Saquê*.

— E o mais importante de tudo, como já falei antes, temos o dobro de canhões, navios e poder de fogo dos dois países seguintes... metade dos navios do mundo é britânica, com tripulantes e artilheiros britânicos.

Há muitas palavras e idéias que não consigo entender, pensou Hiraga, a cabeça girando. Romanos? Quem são eles?

Se metade do que Taira diz é verdade, não, uma centésima parte, então levaremos décadas para alcançá-los. É isso mesmo, refletiu Hiraga, mas com tempo haveremos de alcançá-los. Também vivemos numa ilha. Melhor do que deles, esta é a terra dos deuses, homem por homem somos mais resistentes, mais fortes, melhores guerreiros, temos disciplina e mais coragem; acima de tudo acabaremos vencendo porque não temos medo de morrer!

Mesmo hoje, posso conceber meios de confundi-los que não seria capaz de imaginar há poucos dias.

— Honto — murmurou ele.

— “Honto”, Nakama-san? A verdade? O que é verdadeiro?

— Basta pensar no que você dizer. Tanta verdade. Por favor, dizer antes... Kampai!

— Kampai! É tempo visitarYoshiwara, neh?

Tyrer reprimiu um bocejo de satisfação, cansado de perguntas, mas sentindo-se muito bem.

— Eu não esquecer, Taira-san.— Hiraga ocultou um sorriso. Já combinara que Fujiko não estaria disponível naquela noite. — Terminar *saquê*, última pergunta, depois ir. Por favor, dizer antes sobre máquinas fazendo máquinas? Como ser possível?

Tyrer lançou-se em outra resposta entusiasmada, explicando que os britânicos eram os líderes no que fora apelidado de Revolução Industrial:

— O motor a vapor, ferrovias, navios de aço e ferro, teares, semeadoras automáticas, produção em massa, colheitadeiras, tudo isso é invenção nossa, canhões de sessenta libras, submersíveis,

anestésicos, novos medicamentos, navegação... há quatro anos, estendemos o primeiro fio de telégrafo através do Atlântico, por uma distância de mil léguas ou mais. — Ele decidiu não mencionar que o cabo queimara em menos de um mês e tivera de ser substituído. — Inventamos os geradores elétricos, a iluminação a gás...

Hiraga logo ficou tonto do esforço de concentração e de seu desejo desesperado de compreender tudo, quando não conseguia entender quase nada, mas também porque achava incompreensível que uma autoridade tão importante quanto Taira respondesse a qualquer pergunta que um inimigo fizesse, pois sem dúvida eram inimigos.

Preciso aprender inglês mais depressa, de um jeito ou de outro. E vou aprender. Uma batida gentil na porta, que foi aberta em seguida.

— Por favor, desculpe interromper, Otami-san — disse a criada —, mas o *shoya* solicita um momento do seu tempo.

Hiraga acenou com a cabeça, disse a Tyrer que voltaria num instante e seguiu a criada para a viela, que estava vazia, e depois até a rua

movimentada. Os pouco pedestres que notaram sua presença fizeram reverências polidas, como se dirigia a um mercador, não a um samurai, obedecendo às ordens do *shoya*. Ótimo.

O *shoya* esperava numa sala interna, ajoelhado por trás da mesa, o braço apoiado num descanso. Um gato enroscava-se ao seu lado. Ele fez uma reverência.

— Sinto muito incomodá-lo, Otami-san, mas achei que seria melhor falar aqui, caso o *gai-jin* compreenda nossa língua melhor do que finge.

Hiraga franziu o rosto, acocorou-se, respondeu à reverência, com uma atenção total.

— O que é, Ryoshi-san?

— Há várias coisas que deve saber, Otami-sama.

O homem de rosto forte serviu chá verde nas xícaras pequenas, de um bule de ferro em miniatura. O chá era magnífico, tão excepcional quanto as xícaras de porcelana fina, aromático e delicado. O pressentimento de Hiraga aumentou. O *shoya* tomou um gole, depois tirou um pergaminho da manga e abriu-o. Era outra cópia do cartaz: O *Bakufu* oferece uma recompensa de dois koku por este revolucionário assassino de muitos nomes, um dos quais é Hiraga...

Hiraga pegou o cartaz, fingindo que era a primeira vez que o via. Soltou um grunhido, numa atitude neutra, e devolveu o cartaz.

O homem mais velho encostou a ponta na chama da vela. Ambos observaram o papel se enroscar, virar cinza, ambos sabendo que o disfarce de Hiraga, com o novo corte de cabelo, crescendo depressa, era muito bom.

— O *Bakufu* tornou-se obcecado na perseguição aos nossos bravos *shishi*.

Hiraga acenou com a cabeça, mas não disse nada, esperando. Distraído, o *shoya* afagou o gato, que ronronou baixinho.

— Dizem que lorde Yoshi está enviando um emissário para negociar armas com o chefe *gai-jin*. Com toda certeza, um lorde de sua posição oferecerá preços mais altos do que... do que emissários de *Choshu*. — Uma pausa, e ele acrescentou: — Os *gai-jin* venderão a quem pagar mais.

Hiraga já ouvira falar dos samurais de *Choshu* que visitaram a Casa Nobre por intermédio de Raiko — quase todos na Yoshiwara estavam a par das negociações — e convencera-se de que, se soubesse seus nomes verdadeiros, haveria de conhecê-los pessoalmente, ou pelo menos suas famílias. Apenas um ano antes, um meio-irmão, que também cursara a escola de inglês em Shimonoseki, integrara a equipe enviada para comprar as primeiras cem armas de fogo. É curioso que seja na mesma companhia possuída pelo *tai-pan* que em breve estará morto, pensou Hiraga, tanto ele quanto sua mulher, e todos naquela cloaca do mal.

— Os *gai-jin* não têm honra.

— Repulsivo. — Outro gole de chá. — Há muita atividade no castelo em Iedo. Dizem que o xógum e a princesa imperial planejam partir para Quioto dentro de uma ou duas semanas.

— Por que fariam isso? — indagou Hiraga, simulando um desinteresse que não enganava a nenhum dos dois.

O homem mais velho riu.

— Não sei, Otami-san, mas é muito curioso que o xógum deixe seu covil neste momento para viajar por muitos quilômetros perigosos, a fim de visitar o covil de muitos inimigos, quando sempre mandou um laçao, desde o início.

O gato esticou-se e o *shoya* coçou sua barriga, enquanto acrescentava pensativo:

— Os *roju* estão aumentando os tributos em todas as terras de Toranaga, para pagar por quaisquer quantidades de armas e canhões que possam ser compradas, exceto por *Satsuma*, Tosa e *Choshu*.

Hiraga sentiu a ira latente do *shoya*, embora nada transparecesse, nem mesmo seu divertimento: Para que servem os camponeses e mercadores, se não para pagar tributos?

— A menos que o filho do céu possa usar seu poder celestial, o *Bakufu* vai outra vez mergulhar o Nipão numa eterna guerra civil.

— Concordo.

Hiraga pensou: Até que ponto concorda realmente, velho? Ele pôs essa questão de lado, para ponderar sobre a melhor maneira de desviar o *Bakufu* e Yoshi Toranaga desse curso. Akimoto deveria

partir de imediato para Iedo e a casa da Glicínia, pois há dias que não temos notícias de Koiko e sua *mama-san*... talvez devêssemos ir jun...

— Por fim, parece que seu amigo *shishi*, Ori-san, não foi para Quioto, como estava planejado — informou o *shoya*.

Os olhos de Hiraga tornaram-se frios, quase como os de um réptil. O *shoya* conteve um tremor. Alerta no mesmo instante, o gato se ergueu num movimento suave e observou, cauteloso. Hiraga rompeu o silêncio:

— Onde ele está?

— Naquela parte da colônia onde os *gai-jin* de baixa classe vivem, bebem e fornicam.

Perto da meia-noite, André Poncin bateu na porta da Casa das Três Carpas. O porteiro deixou-o entrar no mesmo instante. Raiko recebeu-o muito bem, e logo estavam tomando *saquê*, conversando sobre as últimas notícias da Yoshiwara e da colônia — ela era uma fonte de informações para André e vice-versa —, na mistura habitual de japonês e inglês.

—... e a patrulha de vigilantes revistou todas as casas, Furansu-san! Como se escondêssemos criminosos! É contra as regras da Yoshiwara. Sabemos como manter cheias nossas tigelas de arroz: promovendo a paz e evitando as encrencas. Os vigilantes continuam no portão principal, olhando furiosos para os transeuntes.

Raiko abanou-se, recordando sua fuga por um triz, e desejou nunca ter convidado os *shishi* para se refugiarem em sua casa. É tempo de todos irem para longe daqui, pensou ela, vigilantes e *shishi*, por mais que eu goste de Hiraga.

— Eu gostaria que eles fossem embora.

— Que criminosos procuram? — perguntou André.

— Traidores, em geral os *ronin*. Mas qualquer um contra eles é um traidor. Os *ronin* são as presas habituais.

— O *Bakufu* pode ser derrubado? Uma revolução?

Ela riu baixinho, esvaziou o frasco, pegou outro.

— *Bakufu* é como piolhos numa prisão... você destrói mil e só faz abrir espaço para mais cem mil. Não, o *Bakufu* e o xogunato são o

Nipão, conosco para sempre.

— Taira-san esta noite aqui?

Raiko sacudiu a cabeça.

— A mulher que ele queria não estava disponível. Ofereci outra, mas ele recusou e foi embora. Curioso, neh? Um jovem curioso, em muitas coisas, embora talvez um bom freguês. Obrigada por apresentá-lo à minha humilde casa.

— Esse japonês, sensei, o mestre, o samurai que Taira descobriu... quem é ele, Raiko?

— Não sei. Ouvi dizer que é um homem de Iedo e mora agora na colônia, na aldeia.

— Taira-san fala com Fujiko sobre ele?

— Ela nunca mencionou, mas também não perguntei. Talvez eu saiba alguma coisa na próxima vez, Furansu-san.

André não acreditava nela, mas também não tinha importância, pensou ele; quando estiver disposta, Raiko me contará tudo o que sabe.

— Arrumou o medicamento?

— Claro. Tudo o que eu puder fazer para ajudar um cliente predileto é meu propósito na vida.

Ele pôs na mesa o par de brincos de pérolas. Os olhos de Raiko faiscaram. Não fez qualquer movimento para pegá-los, mas André teve certeza que ela os avaliara mentalmente no mesmo instante, determinando a qualidade, o custo e o valor de revenda.

— Pediram-me que lhe desse isto como presente — comentou ele, jovial. Raiko sorriu, insinuante, fingiu estar emocionada, embora já soubesse que o pagamento seria em jóias, que não poderiam ser revendidas em Iocoama. Seus dedos tremiam quando estendeu-os para pegar os brincos. Mas André se antecipou, recolheu-os, simulou que os examinava com o máximo de atenção.

Seu plano para Angelique funcionara com perfeição. Criados da Casa Nobre haviam vasculhado as ruas em vão. A ansiedade e as lágrimas de Angelique foram genuínas e ela sussurrara em particular:

— Oh, André, fiz o que era certo? Malcolm ficou transtornado... eu não tinha idéia de que os brincos eram tão caros.

— Mas ele não disse para você assinar tudo o que quisesse? Não é culpa sua não ter perguntado o preço... e ele gostou das

abotoaduras, não é?

— Gostou, sim, mas...

— Sobrará o suficiente para alguma necessidade... um crédito contra qualquer eventualidade, Angelique.

André sorriu para si mesmo e voltou a concentrar sua atenção em Raiko.

— Vale muitas vezes o custo do medicamento.

— O preço de compra, sem dúvida. Mas tenho de mandar para a Yoshiwara de Iedo ou de Nagasáqui. Uma venda difícil. Mas, por favor, não se preocupe. Ajudarei a se livrar de uma criança indesejada.

— Não é minha — protestou ele, um tanto brusco.

— Ah, por favor, desculpe. — Raiko acreditou nele e refletiu que era melhor assim, bastante aliviada, pois não queria mais complicações com aquele cliente.

— Não é da minha conta.

— Só estou ajudando a amiga de um amigo. Na cidade dos bêbados.

— Por favor, desculpe-me. Ele sorriu, sem qualquer humor.

— Conhece pérolas. Estas valem cinqüenta vezes o custo do medicamento Raiko manteve o sorriso, a voz suave, mas por dentro estava rangendo os dentes.

— Mandarei avaliar. Claro que valem mais que o custo do medicamento.

— Sei disso.

André estendeu a mão aberta, e ela pegou os brincos. As pérolas eram quase pretas. Pérolas da ilha do Sul. Raiko encostou-as nos dentes, para sentir se eram frias, mordeu-as com extremo cuidado, mas não ficaram marcadas. Convencida agora de que eram genuínas e preciosas, ela murmurou:

— O preço, caro amigo?

— O preço é todo o medicamento, mesmo que falhe na primeira vez. O que for necessário, se a poção não fizer efeito, entendido? O que for preciso... qualquer coisa... para tirar a criança. Certo?

— Certo — concordou Raiko, feliz, sabendo que era um grande negócio. — Uma garantia... da remoção, da eliminação.

— Mais vinte oban de ouro — acrescentou ele, deliciado ao ver o rosto de Raiko se contrair num horror sincero, embora ainda fosse menos de um terço do que conseguiria na venda... o engaste era de pouco valor, mas ele cuidara para que o joalheiro chinês usasse apenas as melhores pérolas. Ela se lamentou, praguejou, barganharam por algum tempo, ambos apreciando a confrontação, ambos sabendo que o verdadeiro custo do medicamento e do conselho médico não representavam muita coisa para uma *mama-san* de bordel. Logo estavam prestes a fechar o negócio e foi nesse instante que o ânimo de Raiko mudou abruptamente; ela fitou-o de maneira estranha, gostando dele, triste por seu destino, e pensou: Devo interferir com o karma?

— O que é? — indagou André, desconfiado.

— Deixe-me pensar por um momento, Furansu-san.

Depois, numa voz muito diferente, afetuosa e suave, como nos velhos tempos, quando ele fora seu primeiro freguês, e oferecia vinho e jantar a toda a casa, para comemorar a abertura, Raiko disse:

— Desde que nos conhecemos, muita água passou sob muitas pontes, houve tempos de prazer e riso em nosso mundo flutuante e também, como acontece nessa vida, de tristeza e um lago de lágrimas, mas não por opção minha. Lembrei de repente que a última vez em que barganhamos assim foi pelo contrato de Hana.

O rosto de André transformou-se numa máscara.

— Não vamos falar de Hana.

— Ah, sinto muito, mas eu gostaria, por favor, porque posso ter uma solução para ela.

— Não há nenhuma — protestou ele, irritado. — Não há cura, Hana morreu, e nada tem a ver com pérolas!

— Tem razão. Por favor, fique calmo e escute. Talvez eu possa encontrar outra Hana, parecida, mas que já tenha a doença chinesa.

— Não é possível! — exclamou André, chocado. — A doença é horrível.

— Pode ser, perto do fim — insistiu ela, paciente. — Muitas vezes nada aparece por anos. Você não é feio, nada aparece no seu rosto, Furansu-san... talvez se passem anos antes que a doença se manifeste. Depende do seu karma. Devo procurar uma jovem nessas condições?

Ele fez menção de falar, desistiu, sacudiu a cabeça.

— Se eu conseguisse encontrar uma nova Hana, Furansu-san, e se você...

— Não é possível.

—... se você a aprovasse, e ela também o aprovasse, poderiam ficar juntos até... até que você decida... — Raiko deu de ombros. — Nunca importa o futuro, hoje é hoje, e esta é a regra do nosso mundo flutuante. Manteria a moça aqui, eu providenciaria a construção de uma nova casa, pois a outra foi destruída, como não podia deixar de ser. Você a trataria como Hana, em todas as coisas, o mesmo preço de contrato, o mesmo dinheiro mensal para roupas e alojamento, e ela o servirá com exclusividade.

Os olhos de Raiko o fixavam, e André compreendeu que ela podia ver em sua alma, contemplá-lo a se contorcer numa esperança súbita e frenética, ansiando em aceitar o que o livraria do tormento — a notícia do seu karma viajara com a velocidade da luz e, agora, todas as casas vedavam o seu acesso, com extrema polidez, sem

dúvida, mas ainda assim o impediam de chegar a qualquer travesseiro, o que só era possível na cidade dos bêbados — mas também seria uma eterna espada de Dâmocles pairando sobre sua cabeça. E, ainda pior, seu ímpeto sexual não diminuía, ao contrário, aumentara, a obsessão maior do que antes, e que já o levava à insanidade de duas noites atrás, com Angelique, não que deixasse de desejá-la agora, ainda a queria, com mais intensidade do que nunca, e sabia que, sem um meio de descarregar, tentaria de novo, e não falharia na próxima vez. Mãe Abençoada, ajude-me, pensou ele, quase em lágrimas, pois não quero infeccioná-la também.

— Há outra possibilidade — continuou Raiko, com um olhar estranho. — Podemos conversar sobre isso depois. Agora, Hana.

— Não quero falar sobre Hana!

— Tenho de fazê-lo, Furansu-san. Agora. Queria saber como ela morreu, neh?

Ele focalizou os olhos, quase parou de respirar, enquanto ela acrescentava:

— Depois que você foi embora correndo, naquela noite, e ela me contou o motivo, chorando, também fiquei chocada. Mandei que deixasse a casa e insultei-a com veemência, embora fosse como uma filha para mim. Claro que você estava certo e deveria tê-la matado, não apenas agredido, antes de ir embora, e claro que a *mama-san* dela deveria ter me contado, e ela própria me avisado no mo...

— Fale devagar... mais devagar.

— Por favor, desculpe, mas é muito difícil devagar. Ela deveria ter me contado no momento em que soube. Fiquei furiosa e deixei que ela tentasse alcançá-lo, o que não consegui. E foi então que uma das criadas... Mieke... veio me avisar que Hana tentara o haraquiri...

Raiko suave agora. Não fora a primeira tentativa de suicídio em que estive envolvida. Houvera dezenas em seus quarenta e cinco anos como aprendiz, cortesã e *mama-san*... afinal, ela nascera no mundo dos salgueiros, sua mãe uma cortesã especialista do segundo grau. Muitas tentativas tiveram êxito, poucas por faca, a maioria por veneno ou afogamento, alguns suicídios duplos, entre amantes, o

homem sempre pobre, às vezes até samurai. Mas o de Hana fora o pior.

Quando entrara correndo no quarto, Raiko encontrara a jovem em agonia chorando, desamparada, o pescoço cortado várias vezes, mas sem nenhuma veia ou artéria rompida, e a traquéia apenas arranhada. Um pouco de ar borbulhava do corte, que sangrava bastante, mas não de forma letal. Ela estava arriada nos futons, a faca bem perto, mas a mão não conseguia empunhá-la, e cada vez que ela tentava erguê-la, escapulia de seus dedos, e durante todo o tempo Hana chorava, sufocava e vomitava, suplicando perdão, balbuciando... ajude-me... ajude-me... ajude-me...

— Ela se encontrava além de todo e qualquer desejo de vida, Furansu-san — comentou Raiko, com uma profunda tristeza.— Já vi muitas assim e tenho certeza. Se sobrevivesse, haveria de tentar de novo e de novo, sem desistir. Neste mundo, pelo menos no nosso, chega um momento em que é bom e sábio ir para o além. Acabamos com o sofrimento de animais... é certo proporcionar o mesmo alívio a uma pessoa. Por isso, nós a ajudamos. Tratamos de acalmá-la e limpá-la, ajudamo-la a sentar, ela teve tempo de dizer *Namu Amida Butsu*, e depois segurei a faca sob sua garganta, e Hana caiu por cima, serena. Foi assim que ela morreu.

— Você... em parte... a matou?

— Era meu dever, como sua *mama-san*.

Raiko tornou a hesitar, suspirando. Não havia necessidade de mais lágrimas. Há muito que foram derramadas. Não me restou mais nenhuma. Quantas vezes, quando tinha a idade de Hana, odiando minha vida e a maneira como tinha de ganhar meu arroz, não cogitei da mesma fuga, uma ocasião até cortei os pulsos, para ser socorrida e salva por minha *mama-san*, que me aplicou uma surra impiedosa, assim que fiquei boa. Mas ela estava certa, minha *mama-san*, assim como eu, porque sabia que minha intenção não era tão determinada quanto a de Hana, e agora não posso sequer recordar o rosto do rapaz que ela me proibira, só me lembro que era um poeta

— Antes de morrer, Hana pediu-me que lhe transmitisse seu pedido desculpas. Que suplicasse perdão por ela.

— Você... você perdoa?

Que estranha pergunta!, pensou Raiko, surpresa.

— Hana era como flor de cerejeira do ano passado, dispersa pelo vento, não há necessidade de perdoar ou deixar de perdoar. Apenas uma pétala do mundo dos salgueiros. Ela existiu, mas não existiu. Pode compreender?

Na maior confusão, André acenou com a cabeça, sem entender todas as palavras, mas compreendendo o que ela fizera e o motivo. Odiava-a e abençoava-a, sentia-se aliviado, triste, suicida, cheio de esperança.

— Três homens, três antes de mim. Quem?

— Não sei, sinto muito, exceto que eram japoneses. Verdade.

Raiko falou com os olhos limpos, os nomes gravados no seu coração mais secreto, esperando para usá-los se fosse necessário, a favor ou contra o *Bakufu*.

— Sobre isto... — Ela abriu a mão. As pérolas faiscaram à luz do lampião a óleo, sedutoras. — Vamos combinar que eu lhe darei um terço do que obtiver com a venda, mais todos os medicamentos, e o mais que for necessário. Um terço seria...

Ela parou de falar subitamente, quando amiga na cidade dos bêbados adquiriu a definição apropriada.

O medicamento é para a mulher que vai casar com o *tai-pan*, disse a si mesma, excitada. Afinal, foi ela quem teria perdido alguma jóia ontem e não pensei duas vezes a respeito. Só pode ser ela, as pérolas confirmam... e, se é ela, o aborto ser sem a aprovação ou conhecimento do *tai-pan*, caso contrário Jami-san seria o intermediário, não Furansu-san.

— Um terço seria justo — declarou Raiko.

Já ia acrescentar, presunçosa, “para a jovem *gai-jin* que vai casar com o *tai-pan*”, mas percebeu o olhar sombrio com que Furansu-san contemplava sua xícara e concluiu que não havia necessidade ainda de revelar que deduzira “quem”.

Esta noite foi muito lucrativa, pensou ela, exultante. O conhecimento de um aborto secreto por uma dama tão importante a ser guardado, ou revelado, pode ser extremamente valioso, para a própria dama, antes ou depois do casamento, ou para esse *tai-pan*, que é tão rico quanto Adachi de Mito, antes ou depois do casamento, ou até mesmo para um dos seus muitos inimigos.

Depois: através de Hiraga, tenho esse Taira preso com firmeza ao portão de jade de Fujiko... o que há nessa mulher para tanto atrair olhos redondos? E, por último, mas nem por isso menos importante, a solução para Furansu-san, meu precioso espião *gai-jin*, aflorou.

Raiko sentiu vontade de gritar de alegria, mas teve o cuidado de conservar sua expressão mais modesta e sincera.

— Um terço, Furansu-san?

Desolado, ele fitou-a, balançou a cabeça em concordância.

— Avisou à dama que há um risco?

— Que risco? Disse que o medicamento faz efeito na maioria das vezes.

— É verdade, na maioria das vezes. Mas se não der certo, nós... Ora, não vamos nos preocupar com isso agora. Vamos esperar que Buda sorria para ela e que seu karma seja ter uma libertação sem problemas, para depois aproveitar as coisas boas da vida. — Raiko fitou-o nos olhos. — E você também. Neh?

André sustentou seu olhar.

Quinta-feira, 6 de novembro:

Sua queridíssima Colette: As semanas passaram correndo; amanhã é meu dia especial, escreveu Angelique, excitada de expectativa. Sinto-me tão bem que mal posso acreditar. Meu sono é maravilhoso, tenho as faces rosadas, todos me elogiam, e meu corpo está melhor do que nunca... Nenhum sinal, nada, pensou ela. Absolutamente nada. Os seios um pouco sensíveis, mas isso é apenas imaginação... e amanhã tudo estará acabado.

Ela sentava à escrivaninha, em sua suíte, de frente para a baía, a ponta da língua entre os lábios, cautelosa demais para escrever qualquer coisa que pudesse comprometê-la. É um presságio de sorte que seja o dia dele para assinalar meu novo começo.

Amanhã é dia de são Teodoro, o meu novo santo padroeiro. Afinal, Colette, pelo casamento eu me torno britânica (não inglesa, porque Malcolm é escocês, e em parte inglês), e são Teodoro é um dos poucos santos dos britânicos. Ele também se tornou britânico (era grego), há mil e duzentos anos, e foi arcebispo de Canterbury...

A pena com ponta de aço hesitou, já que esse nome trazia fantasmas das brumas, mas ela não os admitiu, e fez com que resvassem de volta às profundezas.

...isso significa que ele foi como o papa das Ilhas Britânicas. Reformou a Igreja, afastou os malfeitores e acabou com os costumes pagãos, foi santo e generoso, em particular com as mulheres, viveu até a idade espantosa de oitenta e oito anos e se mostrou, em resumo, um maravilhoso homem da verdadeira Igreja. Vou celebrá-lo com um dia especial de jejum e, daqui a três dias, com uma festa! O padre Leo me falou sobre ele. Confesso que não gosto do padre Leo, pois ele é muito malcheiroso (tenho de usar um lenço perfumado no confessionário — ele faria você desfalecer, minha cara Colette). No domingo passado tive depressão, e certamente perderei a missa neste domingo também. Lembra como costumávamos fazer isso, no tempo da escola, embora eu creia que jamais saberei como evitávamos as repreensões.

Lembranças de Colette, a escola e Paris distraíram-na por um momento. Ela olhou pela janela para o oceano, de um cinza escuro, tempestuoso, um vento forte criando vagalhões, que corriam para desabar na praia, a uma centena de metros de distância, no outro lado do passeio — navios mercantes ancorados, pequenas embarcações carregando ou descarregando, o único navio de guerra — a fragata Pearl, esplendorosa com seu novo mastro e nova pintura, aproximando-se para atracar de volta de Iedo.

Mas Angelique não viu realmente nada disso, seus olhos concentrados no futuro róseo que a mente prometia. Ali, em sua suíte, fazia calor, reinava a calma, o vento não soprava, as janelas bem vedadas, um fogo ardendo na lareira, com Malcolm Struan cochilando confortável numa poltrona de veludo vermelho, jornais, cartas e faturas em seu colo e espalhados em torno dos pés. A porta de ligação entre as suítes estava aberta. A porta para o corredor da suíte de Angelique destrancada. Era o novo hábito dos dois. Mais seguro assim, haviam concordado, haveria bastante tempo no futuro para a privacidade.

Havia dias em que ele chegava cedo e conduzia os negócios do *boudoir* de Angelique, até o meio-dia, quando cochilava por alguns minutos, antes do almoço; em outros dias, ele permanecia em sua suíte; e havia ainda os dias em que descia claudicando para o escritório no térreo. Sempre dizia que ela seria bem-vinda ali, mas Angelique sabia que era apenas por polidez. Lá embaixo era o domínio dos homens. Ela sentia-se muito satisfeita por Malcolm estar trabalhando; McFay lhe dissera que desde que “o *tai-pan* assumiu o

comando, tudo se tornou mais eficiente, temos grandes planos em preparativos, e nossa companhia se agita...”

Era o que também acontecia com ela. Sem medo pelo dia de amanhã. Ao contrário, aguardava ansiosa o encontro com André, à noite, na legação. Juntos, haviam imaginado uma desculpa e ela voltaria para lá amanhã, por três dias, enquanto seus aposentos aqui eram repintados, feitas novas cortinas para as janelas e a cama, com sedas que escolhera no armazém.

— Ora, Angel — protestara Struan —, só ficaremos aqui por mais umas poucas semanas e a despesa...

Uma risada e um beijo fizeram-no mudar de idéia. Ah, já começo a amá-lo, e adoro o jogo de impor minha vontade!

Angelique sorriu, e recomeçou a escrever:

Colette querida, tenho mais energia do que em qualquer outra ocasião anterior. Ando a cavalo todos os dias — nada de excursões, o que torna a colônia restritiva —, mas muitos galopes em torno da pista de corrida, com Phillip Tyrer, Settry (Pallidar), que é o melhor cavaleiro que já conheci, às vezes com oficiais de cavalaria franceses e ingleses, sem esquecer o pobre Marlowe, que vem se revelando um homem excepcional, mas infelizmente não é um cavaleiro. Todos partiram há três dias, numa viagem a Iedo, onde Sir William e os ministros estão tendo A REUNIÃO com o gabinete nativo e o rei deles, chamado XÓGUM.

Malcolm melhora a cada dia, mas muito devagar, ainda anda com dificuldade. Continua maravilhoso — exceto nos dias de correspondência (duas vezes por mês), quando se mostra furioso com tudo e com todos, até comigo. Isso acontece apenas porque sempre recebe cartas da mãe (começo a odiá-la), que reclama amargurada de sua permanência aqui, insiste em seu retorno imediato a Hong Kong. Três dias atrás foi pior do que o habitual. Um dos clíperes da Casa Nobre chegou, desta vez com outra carta e uma convocação verbal, transmitida pelo capitão, que disse: “Eu agradeceria, senhor, se pudesse vir para bordo no momento em que descarregarmos a carga especial. Nossas ordens são para escoltá-lo e ao Dr. Hoag até Hong Kong, o mais depressa possível...”

Nunca tinha ouvido uma linguagem assim, Colette! Pensei que o pobre Malcolm ia sofrer um ataque apoplético. O capitão ficou atordoado e se retirou apressado. Mais uma vez, implorei a Malcolm para fazermos o que ela quer, mas... ele se limitou a resmungar:

“Partiremos quando eu decidir, e ponto final! Nunca mais torne a tocar nesse assunto!” Iocoama é muito TEDIOSA e eu gostaria muito de voltar a Hong Kong e à civilização.

Para passar o tempo, venho lendo tudo o que posso encontrar (os jornais, além das notícias sobre a moda e a vida em Paris, são de fato muito interessantes, como fiquei surpresa ao descobrir, o que me levou a compreender que tenho sido uma desmiolada).

Mas devo me preparar para todas as *soirées* que terei de oferecer por meu marido, recebendo seus convidados importantes... assim como suas esposas. Por isso, tenciono aprender sobre comércio, ópio, chá, algodão, bicho-da-seda... Mas é preciso tomar bastante cuidado. Na primeira vez em que tentei conversar sobre um artigo relatando a lamentável situação da indústria da seda francesa (e é por isso que os bichos-da-seda japoneses são tão valiosos), Malcolm disse: “Não preocupe sua linda cabecinha com essas coisas, Angel...” E NÃO consegui dizer uma única palavra, nem mesmo como um aparte. Para ser franca, ele ficou na maior irritação quando sugeri que a Struan poderia abrir uma fábrica de seda na França...

Ah, minha querida Colette, eu gostaria que você estivesse aqui, e assim poderia lhe contar tudo o que tenho guardado no coração... sinto muita saudade, mas muita mesmo...

A ponta de aço, montada num cabo de osso, começou a borrar o papel. Angelique enxugou-o com extremo cuidado e limpou a ponta, admirada por ser tão fácil, a ponta voltando a ser como nova. Até poucos anos antes, a pena de escrever era a mais comum, e ela teria de usar uma faca especial, cortar uma nova ponta, parti-la para durar mais uma ou duas páginas, enquanto que aquelas penas Mitchell, produzidas em massa em Birmingham, duravam por dias e dias, e eram vendidas em diversos tamanhos, para agradar à fantasia e caligrafia de cada pessoa.

Por trás dela, Struan remexeu-se, mas não acordou. Adormecido, ele tem um rosto impecável, pensou Angelique. Atraente e forte... A porta foi aberta, e Ah Soh entrou.

— Miss, almoço, querer aqui ou lá embaixo, hem?

Struan despertou no mesmo instante.

— Sua patroa vai comer aqui — disse ele, bruscamente, em cantonês. — Eu almoçarei lá embaixo, em nossa sala de jantar principal, e avise ao cozinheiro que é melhor a comida estar excepcional.

— Sim, *tai-pan*.

Ah Soh retirou-se, quase correndo.

— O que disse a ela, Malcolm?

— Apenas que você almoçaria aqui... vou comer lá embaixo. Convidei Dmitri, Jamie e Norbert. — Ele olhou para ela, delineada contra a luz. — Você está linda.

— Obrigada. Posso almoçar com vocês? Eu gostaria.

— Lamento, mas temos negócios a discutir.

Com um grande esforço, Struan levantou-se e ela entregou-lhe as duas bengalas. Antes de pegá-las ele abraçou-a e Angelique permitiu que seu corpo se comprimisse contra o dele, disfarçando a irritação por ter sido preterida mais uma vez... não tinha para onde ir, nada a fazer, exceto escrever, ler alguma coisa e esperar. Era uma vida muito maçante...

Lun Dois cortou a primeira das enormes tortas de maçã em quartos, que passou Para pratos de peltre, despejou o creme espesso por cima, em porções generosas, e serviu os quatro homens.

— Deus Todo-Poderoso, onde conseguiu isso? — indagou Norbert Grey-forth.

Dmitri acrescentou, com igual espanto:

— É inacreditável!

— O creme? — McFay arrotou. — Desculpem. Com os cumprimentos do *Tai-pan*.

Dmitri levou a colher cheia à boca.

— A última vez que comi creme foi em Hong Kong, há seis meses. Hum... este é maravilhoso. É uma nova exclusividade da Casa Nobre?

Malcolm sorriu.

— Nosso último clíper, que chegou há poucos dias, trouxe três vacas. Foram desembarcadas à noite e, com a ajuda do intendente do exército, ficaram escondidas entre os cavalos... não queremos que sejam sequestradas ou que a alfândega japonesa comece a fazer perguntas. As vacas são vigiadas dia e noite.

Ele não podia conter sua satisfação pelo efeito do creme, depois de uma lauta quantidade de carne, batatas assadas, legumes frescos, um pastelão do faisão local, queijos franceses e ingleses... tudo acompanhado por cerveja, Château Haut-Brion 1.846, um excelente Chablis e porto.

— Vamos iniciar um rebanho aqui, se elas se aclimatarem, e uma fábrica de laticínios... subsidiária da que temos em Hong Kong... foi uma idéia de Jamie, e é claro que a produção estará disponível para todos.

— Aos habituais preços “nobres”? — disse Norbert, sarcástico, numa irritação óbvia por não ter tomado conhecimento antes daquele novo empreendimento da Struan.

— Com lucro... mas razoável — declarou Struan. Ele ordenara que as vacas fossem trazidas de Hong Kong no momento em que chegara a Iocoama. — Mais, Dmitri?

— Obrigado. Uma torta deliciosa, Malc!

— Quais são as notícias de sua terra? — perguntou Jamie, para romper a tensão entre Struan e Norbert Greyforth.

— Horríveis. Não podiam ser piores. Os dois lados continuam a se engalfinhar, com fuzis e artilharia de longo alcance... as mortes são cada vez mais numerosas. É a loucura do Novo Mundo.

— O mundo inteiro enlouqueceu, meu caro amigo — disse Norbert.
— Mas a guerra é um bom negócio, sem a menor dúvida, para os afortunados.

Uma pausa e ele acrescentou, só para provocar Struan:

— A Brock tem todo o açúcar havaiano que você precisar, a preços razoáveis.

— Seria uma mudança e tanto se qualquer coisa fosse razoável — comentou Dmitri, jovial.

Ele sabia de tudo sobre os imensos prejuízos que a Struan sofreria por causa do golpe de Tyler e Morgan Brock, mas deu de ombros para si mesmo. Não estou na guerra deles, já tenho a minha com que me preocupar. Deus do céu, como vai terminar?

— A guerra nunca é boa para o povo. O custo será tremendo... já souberam que Lincoln conseguiu fazer com que o Congresso aprovasse seu imposto de renda para pagar a guerra?

Todos os outros ficaram imóveis por um instante.

— Qual é a taxa?

— Três centavos por dólar — respondeu ele, com uma fúria intensa, o que fez com que todos rissem.

— Tem certeza?

— Recebi a informação hoje, por um mensageiro especial que chegou no Calif Belle.

— Três por cento? Vocês têm muita sorte, Dmitri — disse Jamie, seu prato quase vazio. — Eu esperava quinze.

— Ficou louco? Haveria uma revolução.

— Já estão metidos em uma. Seja como for, é a mesma coisa que nós, só que o de vocês será apenas por três anos, isso... ei, espere um pouco — disse Jamie, alteando a voz —, isso é o que Lincoln prometeu, jurou que seria apenas por três anos, segundo o último Frisco Chronicle, se o Congresso aprovasse. Três anos.

— É verdade, mas você conhece os desgraçados dos políticos, Jamie, depois que aprovam um imposto, no Congresso ou no Parlamento, nunca mais o revogam. São uns safados, todos eles. Três por cento é apenas o começo.

— Tem toda razão — interveio Norbert, também irritado, virando-se em seguida para Lun. — Vou querer outra fatia, com bastante creme. Tem toda razão sobre os impostos, Jamie. Bloody Pitt, o patife que inventou o imposto de renda, prometeu a mesma coisa e depois voltou atrás, como vai acontecer com Lincoln. Todos os políticos são mentirosos, mas Robert Peei devia ter sido açoitado.

— Robert Peei, o mesmo sujeito que criou uma força policial, os Peelers? — perguntou Dmitri, pegando outra colher de creme.

— O próprio. Os Peelers até que foram uma boa idéia... embora não fosse uma idéia só dele. Bem que poderíamos aproveitar alguns aqui, não resta a menor dúvida... mas imposto de renda? Uma coisa monstruosa!

Malcolm comentou:

— Peei foi um bom primeiro-ministro. Ele...

Norbert ignorou-o deliberadamente:

— Só tivemos esse maldito imposto por dois curtos períodos, durante as guerras napoleônicas, o que era bastante justo, mas foi rejeitado para sempre em 1.815, logo depois de Waterloo. Mas isso

não impediu que Peei o trouxesse de volta em 1.841, a sete pence por libra, três por cento, como Jamie disse. E apenas por três anos. Mas ele não repudiou a promessa, com o apoio de todos os outros patifes? Vai permanecer para sempre, e aposto vinte guinéus contra um quarto de penny furado como Lincoln fará a mesma coisa. Vocês estão perdidos, Dmitri. Nós também, por causa do Peei, um desgraçado.

O tom era incisivo, para irritar Struan, embora ele concordasse, em particular, com a avaliação geral que o outro fizera de Peei. O bom humor de Struan se evaporava depressa.

— Conhaque, Lim, e depois feche a porta!

Lim serviu doses generosas e se retirou em seguida, junto com os outros quatro criados de libré. Norbert arrotou.

— O creme estava ótimo, jovem Malcolm. Agora, pode explicar a que devemos o prazer de tal banquete?

O ânimo à mesa grande mudou. Tomou-se mais sério.

— O que preocupa todos os mercadores. Sir William e a nossa exclusão da reunião com o xógum e o *Bakufu*.

— Concordo que o patife devia ser decapitado. Nunca ouvi falar de nada assim, em toda a minha vida!

— É verdade — disse Struan. — No mínimo, deveríamos ter um representante no encontro.

— Concordo — disse Dmitri, mais preocupado com os acontecimentos na América. Um irmão já morrera. Os distúrbios pela escassez de alimentos eram iminentes. — Nosso homem até que é um bom sujeito, mas é um ianque. Sugeri que me designasse para seu vice, mas ele recusou. O que tem em mente, Malc?

— Uma delegação conjunta, para garantir que isso nunca mais aconteça, um protesto ao governador e...

— Stanshope é um idiota, — interveio Norbert, com um sorriso insinuante —, mas fará o que sua mãe mandar.

— Ele não é nosso títere, se é isso o que deseja insinuar — declarou Struan, os olhos tão frios quanto a voz.

— Títere ou não, ele poderá dispensar Wee Willie? — indagou Dmitri.

— Não — respondeu Struan.— Essa decisão tem de partir de Londres. Minha idéia é que se William não concordar que devemos participar de quaisquer negociações no futuro, então vamos aconselhar Stanshope a adotar tal medida como política oficial... e ele pode fazer isso. Afinal, somos nós que pagamos os impostos,

somos nós que negociamos com os chineses. Por que não acontece a mesma coisa aqui? Unidos, poderemos conseguir. Norbert?

— Aquele patife é capaz de concordar com qualquer coisa para tornar sua vida mais simples, só que não vai adiantar coisa alguma.
— Norbert assumiu uma expressão sombria. — William não é todo o nosso problema. Temos o almirante. Precisamos de um novo almirante. É mais importante do que afastar William. É ele que não quer bombardear os miseráveis, como deveria fazer. É ele, não William... qualquer tolo pode perceber isso.

Norbert terminou o conhaque, tornou a encher o copo e acrescentou, fingindo não notar como sua intervenção abalara Struan e irritara McFay:

— Mais uma vez, meus cumprimentos pelo creme, mas o conhaque não está à altura. Posso lhe mandar um barril do nosso Napoleon?

Com algum esforço, Struan manteve o controle.

— Por que não? Talvez seja mesmo melhor. Mas a sua solução para o nosso problema também é melhor?

— Minha solução é bem conhecida — declarou Norbert, o tom ríspido. — Exigir que eles entreguem os assassinos de Canterbury e paguem a indenização. Se não houver qualquer ação, três dias depois arrasamos Iedo. Quantas vezes temos de dizer isso? Mas os idiotas que temos aqui não querem aplicar as represálias normais, a única ação que os nativos compreendem... ou qualquer outro jogo diga-se de passagem. E até que a marinha tome a iniciativa, todos nós corremos perigo.

O silêncio foi se tornando opressivo. McFay evitou que os pensamentos transparecessem em seu rosto, preocupado com a possibilidade de Struan ter uma confrontação com aquele homem muito mais velho e experiente. Também sentia-se contrariado por não ter sido informado do verdadeiro motivo para a reunião, carecendo assim da oportunidade de dar alguns conselhos antes.

— Seja como for, Norbert, concorda que você, Dmitri e o *tai-pan*, representando a maioria, devem procurar Wee Willie, assim que ele

voltar?

— Claro que devemos procurá-lo, mas não vai adiantar nada. — Norbert tomou mais um gole de conhaque, sentindo-se melhor pela discussão. — Sei o que diriam o Sr. Brock, um autêntico *tai-pan*, e Sir Morgan. Tyler Brock diria, com muitas palavras rudes dos anglo-saxões, que o almirante é que estraga tudo, que William não passa de um miserável arrogante que não vai mudar, e que falará pessoalmente com Stanshope, que também é um tolo, e que pelo primeiro navio de correspondência escreverá para os nossos amigos no Parlamento, para que protestem com veemência.

Enquanto falava, ele acendeu um charuto e depois acrescentou, através da fumaça, a voz escarninha:

— E diria também que, embora nossos amigos sejam mais poderosos do que os seus, e farão mais do que os seus, a solução vinda de lá vai demorar pelo menos cinco ou seis meses, e por isso você deveria tirar o rabo da cadeira, já que é o responsável, e resolver logo o problema, ou virá ao Japão para quebrar algumas cabeças.

Struan sentiu a onda de raiva, assim como o fluxo de medo, coisas que sempre ocorriam à menção do nome de Tyler Brock, ou quando lia a seu respeito nos jornais, ou o via nas ruas de Hong Kong, ou nas corridas de cavalo.

— Então qual é a solução?

— Não tenho nenhuma. Se a tivesse, claro que já a teria posto em prática. — Norbert soltou um arrote. — Como o seu japonês secreto e a concessão de mineração, que nunca vai obter.

Struan e McFay ficaram aturdidos.

Duas semanas antes, Vargas sussurrara excitado que fora procurado por um dos seus fornecedores de seda, agindo como intermediário de um certo lorde Ota, que queria se encontrar com o *tai-pan* em segredo, “para negociar a concessão exclusiva à Struan da mineração de ouro em seus domínios, que incluíam a maior parte do Kwanto, a área abrangendo quase todas as planícies e montanhas em torno de Iedo, em troca do comércio de armamentos”.

— Sensacional! — exclamara Struan. — Se for de boa fé, pode ser uma grande abertura para nós. Não concorda, Jamie?

— Se for uma proposta genuína, claro que sim.

— Aqui está a credencial deles.

Vargas mostrara a folha de papel-de-arroz da melhor qualidade, com colunas de caracteres em estilo chinês, lacrada com requinte.

— Este lacre é de lorde Ota, e este aqui de um dos *roju*, lorde Yoshi. Há duas condições: que a reunião seja realizada em Kanagawa, e que tudo seja mantido em segredo do *Bakufu*.

— Por quê? E por que Kanagawa? Por que não aqui?

— Eles apenas disseram que é o lugar em que deve ser feita a reunião e que chegariam à noite na legação em Kanagawa. O encontro pode ocorrer ali.

— Pode ser uma armadilha, *tai-pan* — alertara Jamie. — Não se esqueça de que Lun foi assassinado na legação e os assassinos...

O entusiasmo de Malcolm murchara com a lembrança. Mas tratara de afastar essa possibilidade.

— Há soldados ali para nos protegerem.

— Eles garantiram que seus representantes estariam desarmados, senhor — ressaltara Vargas —, e insistiram na necessidade de sigilo.

— É arriscado demais para você, *tai-pan* — dissera Jamie. — Irei com Vargas, que pode servir como intérprete.

— Lamento, Sr. McFay, mas eles querem falar pessoalmente com o *tai-pan* — explicara Vargas. — E parece que não há necessidade de um intérprete... eles levariam alguém que sabe falar inglês.

— É perigoso demais, *tai-pan*.

— Pode ser, mas também é uma oportunidade boa demais para se perder, Jamie. Nada assim jamais foi oferecido a qualquer um de nós. Se pudéssemos fechar um negócio desses, e melhor ainda em segredo, daríamos um gigantesco passo à frente. Quais são as condições para o acordo, Vargas?

— Eles não disseram, *tai-pan*.

— Não tem importância. Aceite o convite e nos reuniremos o mais depressa possível. Uma condição: o Sr. McFay irá comigo. Jamie, seguiremos de barco. Providencie um palanquim para eu usar em Kanagawa.

A reunião fora rápida e inesperadamente direta. Dois samurais. Um, que dissera se chamar Watanabe, falava uma mistura de inglês e gíria americana, o sotaque americano:

— Lorde Ota quer dois mineiros. Expertos. Poderão ir a qualquer lugar em suas terras... com guias. Sem armas. Ele garante salvo-conduto, dá bons alojamentos, comida, com todo *saquê* que puderem beber e mulheres de sobra. Contrato de um ano. Vocês ficam com metade do ouro que eles encontrarem, fornecem de

graça todos os equipamentos de mineração e capatazes para supervisionar seus homens, se descobrirem um veio. E cuidam das vendas. Se der certo, ele renova por um segundo ano e um terceiro, mais até... se a Casa Nobre agir direito. Concorda?

— Eles só vão procurar ouro?

— Claro que ouro. Lorde Ota diz que tem uma pequena mina, talvez mais nas proximidades. Vocês cuidam das vendas. Homens devem ser bons, devem ter experiência dos campos da Califórnia e Austrália. Concorda?

— Concordo. Levará algum tempo para encontrar os homens.

— Quanto tempo?

— Duas semanas, se houver algum na colônia... seis meses, se tivermos de trazê-los da Austrália ou América.

— Quanto mais cedo, melhor. Agora: quantos fuzis têm à venda neste momento?

— Cinco.

— Lorde Ota compra e também todos os fuzis de *Choshu* que combinaram, quando chegarem. Mesmo preço.

— Esses rifles já estão prometidos. Podemos fornecer outros.

— Lorde Ota quer fuzis de *Choshu*... quer todos. Paga mesmo preço. Todas as armas de *Choshu*, entende? E todas as outras que puder obter. Só vende a ele no Nipão, só a ele, entendido? Mesmo com

canhões e navios... tudo que puder obter. Ele paga em ouro. Quanto mais descobrirem, mais terão.

Nem Malcolm Struan nem McFay conseguiram demover o homem de sua posição. Ao final, Struan concordara e marcaram outra reunião, um mês depois, quando a companhia apresentaria um contrato simples, especificando suas garantias, e também os dossiês dos dois homens. Depois que os samurais se retiraram, deram os parabéns um ao outro.

— Jamie, vá procurá-los na cidade dos bêbados. Pelo amor de Deus, apresse-se e tome todo cuidado, antes que Norbert descubra.

— Pode deixar comigo.

Em poucos dias, McFay descobrira dois homens qualificados, um americano e um cômico que era mineiro de estanho. Ambos haviam trabalhado nos campos de ouro perto de Sutter's Mill, na Califórnia, e nas descobertas em Anderson's Creek, na Austrália. No dia seguinte, os mineiros deveriam concluir a lista dos equipamentos

que iriam precisar, e acertar os detalhes de seus contratos. Agora, consternados, Struan e McFay ouviram Norbert dizer:

— Já fechei esse negócio, jovem Malcolm. Está feito, pode esquecer. Levei a melhor e já despachei os dois para Iedo, ao encontro do samurai Watanabe. Onde será que aquele miserável aprendeu o inglês americano? Ele lhe contou? Ora, não importa. Meio a meio em qualquer ouro que descobrirmos é um bom negócio. — Sua risada se tornou ainda mais desdenhosa. — Quanto a William, eu o verei assim que ele voltar, não há problema. Dmitri, você me acompanha. Providenciarei tudo.

Ele fez uma pausa, olhando para Struan, os lábios se contraindo.

— Já que você não estará aqui, levarei Jamie comigo.

— Como?

Norbert tornou a arrotar.

— Não circulou a notícia de que sua mãe ordenou que voltasse a Hong Kong pelo próximo navio?

Jamie ficou vermelho.

— Escute aqui, Nor...

— Não se meta nisso, Jamie — gritou Struan. — Norbert, eu o aconselharia a escolher suas palavras com mais cuidado.

— É mesmo, meu jovem? Não ouvi direito que ela o quer de volta, mandou que embarcasse imediatamente, e seu capitão tem ordens para levá-lo de qualquer maneira?

— Isso não é da sua conta! Eu o aconselho...

— Tudo que acontece em Iocoama é da minha conta! — berrou Norbert. — E não aceitamos conselhos de ninguém da Struan, muito menos de um garoto que mal saiu das fraldas!

McFay levantou-se de um pulo, Struan pegou seu copo de conhaque e jogou o conteúdo na cara de Norbert.

— DeusTodo-Poderoso...

— Trate de se retratar, Norbert! — bradou Struan, com Dmitri e McFay estupefatos com a escalada da discussão. — Retire tudo o que disse ou exijo uma satisfação!

— Pistolas ao amanhecer? — escarneceu Norbert, a ação ainda melhor do que esperava. Abruptamente, ele puxou a metade da toalha da mesa, para enxugar o rosto, derrubando os copos. — Perdoem-me pela confusão, mas vocês dois são testemunhas de que eu disse apenas a verdade!

— Peça desculpas... sim ou não?

Norbert pôs as mãos na mesa, olhando furioso para Malcolm Struan, que sustentou seu olhar, com uma raiva intensa.

— Você recebeu a ordem de voltar, tem vinte anos e, assim, ainda é menor perante a lei, e pode-se dizer que mal deixou as fraldas. É a verdade, e aqui vai outra: eu poderia estourar seus miolos, ou cortá-los, com uma das mãos amarrada nas costas. Afinal, você nem sequer consegue ficar em pé direito para lutar, não é mesmo?

A voz era incisiva, impregnada de desprezo.

— Você é um aleijado, jovem Malcolm, e esta é a verdade de Deus! Outra verdade: sua mãe dirige a Struan, vem fazendo isso há anos, e está arrasando a companhia... pergunte a Jamie ou a qualquer outro que seja bastante honesto para lhe responder! Pode se intitular *tai-pan*, mas não é, não é um Dirk Struan, não é o *tai-pan*, e nunca será! Já Tyler Brock é o *tai-pan* e seremos a Casa Nobre antes do Natal. Duelo? Você está louco, mas se é isso o que quer, a qualquer momento!

Ele saiu, batendo a porta.

— Eu gostaria que vocês dois fossem meus padrinhos — murmurou Malcolm, tremendo de raiva.

Dmitri levantou-se, trêmulo.

— Malc, você está louco. Duelar é contra a lei, mas tudo bem. Obrigado pelo almoço.

Ele também saiu. Struan tentou recuperar o fôlego, o coração doendo. Olhou para McFay, que o fitava como se estivesse diante de um estranho.

— Tem razão, Jamie, é uma loucura, mas também Norbert é o melhor da Brock & Sons. Ele levou a melhor sobre você e...

— Lamento a...

— Também lamento. Mas a verdade é que eu não falei a ninguém sobre os mineiros, Vargas nada sabia a respeito, e portanto só pode ter vazado por seu intermédio. Você é o melhor que temos na companhia, mas Norbert vai acabar conosco aqui. Uma bala na cabeça do desgraçado é a melhor maneira de acabar com ele... ou qualquer dos malditos Brocks! Depois de uma pausa, McFay disse:

— Lamento ter falhado, lamento muito, mas... mas não quero ter parte em qualquer duelo, não quero me envolver na sua vendeta. É uma insanidade.

A palidez de Struan aumentou.

— Vamos falar de você. Ou mantém seu juramento sagrado de me apoiar ou está liquidado. Tem três dias para se decidir.

No início daquela manhã, Settry Pallidar e uma tropa de dragões montados seguiu à frente da procissão pela ponte sobre o primeiro fosso do castelo de Iedo.

Passaram entre fileiras de samurais uniformizados, impassíveis, ombro a ombro — milhares de outros haviam margeado todo o percurso —, atravessaram a ponte levadiça e cruzaram os portões de ferro maciço. À frente estavam seus guias, samurais carregando estandartes de três metros de altura, com as insígnias dos *roju*, três flores de cerejeira entrelaçadas.

Por trás dos dragões, havia meia centena de Highlanders, precedidos pela banda de vinte homens, com seu gigantesco mestre, gaitas de foles a emitir sons agudos, e depois o grupo de ministros, com seus assistentes, todos montados. Os ministros usavam trajes de corte, tricórnios, espadas cerimoniais, casaca ou sobrecasaca contra a brisa constante, à exceção do russo, que vestia um uniforme de cossaco, com capa, e montava o melhor cavalo que existia no Japão, um garanhão castanho, que contava com um bando de vinte cavaleiros para cuidá-lo e protegê-lo com suas próprias vidas. Phillip Tyrer e Johann integravam a comitiva de Sir William, André Poncin acompanhava Henri Seratard. Uma companhia de soldados ingleses vinha na retaguarda.

Dois pequenos canhões puxados por cavalos, com suas carroças de carga e guarnições, permaneceram no outro lado da ponte. Isso fora o assunto de dias de discussão, Sir William insistindo que a presença do canhão cerimonial era uma cortesia costumeira à realeza, o *Bakufu* alegando que quaisquer armas *gai-jin* eram contra a lei, um insulto a seu reverenciado xógum. O acordo, depois de uma semana de negociações, fora de que o canhão ficaria fora da ponte, as salvas

reais não seriam disparadas até que os *roju* concedessem a permissão formal por unanimidade.

— Nenhuma munição deve ser desembarcada, sinto muito...

Esse problema fora resolvido com a ajuda do almirante francês. Durante uma das intermináveis reuniões, ele aproximara sua nave capitânia de terra e disparara uma bordada de artilharia, sem muita precisão, as balas passando sobre a colônia para caírem, inofensivas, nos arrozais além, mas apavorando todos os japoneses que ouviram os tiros.

— Se não pudermos desembarcar munição — explicara Sir William, insinuante —, então teremos de disparar as salvas do mar desse jeito... pedimos que usasse tiros de pólvora seca, mas imagino que ele entendeu mal a mensagem problemas de linguagem... e sentiremos muito se atingirem sua cidade, mas a culpa será de vocês. Terei de explicar isso em detalhes a seu imperador Komei canhoneio e os rifles, pois constituem uma honra real, um símbolo de respeito para homenagear seu xógum. Explicarei tudo isso quando nos encontrarmos com seu imperador Komei, na visita a Quioto, que já adiei três vezes, a pedido de vocês e que marcarei quando a minha esquadra mais poderosa voltar do ataque a uma

boa parte da costa da China, habitada por piratas miseráveis, que tiveram a ousadia de atacar um pequeno navio britânico!

A oposição do *Bakufu* ruíra por completo. Assim, todos os fuzis estavam carregados, e todos os soldados avisados de que poderia ocorrer uma luta, mas que em nenhuma circunstância, e sob pena da mais rigorosa punição, deveria haver provocações a algum japonês.

— E o que fará a fragata H.M.S. Pearl, Sir William? — indagara o general, na última reunião.

— Pode nos levar a Iedo, e depois voltar para cá, caso nossos anfitriões resolvam desfechar um ataque de surpresa contra a colônia durante nossa ausência... a Pearl daria cobertura a uma evacuação.

— Pelo bom Deus, senhor, se acha que há essa possibilidade, por que assume o risco? — dissera o general, preocupado. — Os outros ministros não seriam uma grande perda, mas haveria um incidente

internacional se alguma coisa lhe acontecesse. Afinal, senhor, representa o império. Não deve arriscar sua pessoa.

— É parte do meu trabalho, meu caro general.

Sir William sorriu para si mesmo, ao recordar como mantivera a voz calma, falando como se fosse um gracejo. O general acenara com a cabeça, solene, acreditando que era verdade. O pobre coitado é um pateta, mas isso faz parte de suas funções, sem dúvida, pensou Sir William, jovial, para depois descartar tudo e se concentrar apenas no castelo e na iminente reunião, a culminação de meses de negociações, e que daria legalidade ao tratado e à abertura dos portos do tratado. E foram aqueles poucos disparos franceses que produziram o milagre, pensou ele, sombrio. Maldito Ketterer, mas graças a Deus que suas operações na China correram bem, segundo os últimos despachos, e ele voltará em breve. Se pôde bombardear a costa da China, por que não aqui... ora, ele que se dane!

E que se dane também este castelo.

De longe, não parecia muito imponente; quanto mais se aproximavam, porém, mais se tornava imenso, com oito círculos de estruturas que pareciam alojamentos como defesas externas. Depois, o castelo propriamente dito, elegante, com lindas proporções, pensou Sir William, o fosso com quase duzentos metros de extensão, as muralhas exteriores muito altas, com uns dez metros de espessura, feitas com enormes blocos de granito. Nem mesmo nossos canhões de sessenta libras poderiam destruí-las, concluiu ele, impressionado. E, lá dentro, só Deus sabe quantas fortificações cercam a torre central. E o acesso só é possível através do portão ou por cima das muralhas, num ataque frontal, que eu não gostaria de ordenar. Deixar o castelo à míngua? Só Deus sabe quantos depósitos de alimentos existem aqui... ou quantos soldados pode alojar. Milhares.

Além dos portões, o caminho se estreitava, numa área dominada por arqueiros, abrigados em fendas defensivas, ou em parapeitos dez metros acima do solo. O caminho levava a outro pátio confinado, com outros portões fortificados, outro pátio, mais portões, no que devia ser um labirinto de passagens, terminando na torre central, e sempre deixando uma força hostil à mercê dos defensores por cima.

— Desmontamos aqui, Sir William — anunciou Pallidar, parando o cavalo e batendo continência.

Ele era o comandante da escolta. Estava acompanhado por oficiais samurais, a pé, que apontaram para uma enorme porta, sendo aberta naquele momento.

— Está certo. Sabe o que tem de fazer?

— Claro. Mas não tenho a menor esperança de lhe dar cobertura, ou até sair daqui lutando, mesmo enfrentando arcos e flechas.

— Não planejo lutar contra ninguém, capitão.— Sir William sorriu. Virou-se na sela, fez sinal para todos desmontarem. — Um castelo e tanto, hem?

— Melhor do que qualquer outro sobre o qual já li ou ouvi falar — comentou Pallidar, apreensivo. — Superior a tudo que os cruzados enfrentaram. Faz com que pareça bem pequeno o enorme castelo dos Cavaleiros de São João, em Malta. Ótimo para se defender, mas eu detestaria ter de atacá-lo.

— Foi o que também pensei. Phillip! — chamou Sir William. — Pergunte a alguém onde se pode urinar por aqui.

Tyrer aproximou-se apressado de um dos oficiais samurais, fez uma reverência polida, e lhe sussurrou. O homem soltou um grunhido e acenou para um biombo.

— Há baldes ali, senhor, e creio que ele disse que há baldes também no canto da maioria dos cômodos, caso alguém sinta uma súbita necessidade.

— Ainda bem. É sempre melhor se aliviar antes de uma reunião... de qualquer maneira, uma bexiga forte é uma dádiva importante para um diplomata.

Depois que Sir William e os outros ministros urinaram, ele conduziu-os através da porta: Seratard, conde Zergeyev, von Heimrich, van de Tromp, Adamson e um recém-chegado, pelo último navio de correspondência, o burgomestre Fritz Erlicher, da Confederação Helvética — Suíça —, um gigante barbudo da capital, Berna, que falava francês, inglês, alemão, holandês e muitos dialetos alemães.

Phillip Tyrer e Johann seguiam logo atrás, com André Poncin caminhando ao lado de Seratard.

A sala de audiências tinha quarenta metros quadrados, teto alto, vigas grossas, muito limpa, arejada, paredes de pedra com fendas para arqueiros como janelas. Havia samurais impassíveis postados ao longo das paredes. Duas fileiras de meia dúzia de cadeiras, de frente umas para as outras, na outra extremidade. Muitas Portas. Apenas criados presentes para recebê-los. Um funcionário do *Bakufu*, vestido com requinte, embora subalterno, apontou para as cadeiras, sem fazer reverência, enquanto criados traziam pequenas bandejas, dizendo em holandês:

— Por favor, sentem para o chá.

Sir William percebeu que Johann conversava com seu ministro suíço e disse irritado:

— Phillip, pergunte a esse sujeito onde está o Conselho de Anciãos, os *roju*.

Disfarçando seu nervosismo, consciente de que todos os olhos fixavam-se nele, e sentindo vontade de urinar outra vez, Phillip Tyrer aproximou-se do representante do *Bakufu* e ficou esperando que ele fizesse uma reverência. O homem não fez, apenas o fitou com firmeza, e por isso Tyrer disse, em tom ríspido:

— Onde estão suas maneiras? Faça uma reverência! Sou um lorde em meu país e represento estes altos lordes!

O homem ficou vermelho, fez uma reverência profunda, murmurou um pedido de desculpas. Tyrer sentiu a maior satisfação por ter tido a cautela de pedir a Nakama que lhe ensinasse algumas frases fundamentais. Interpelou o homem de uma forma ainda mais autoritária:

— Onde estão seus superiores, os *roju*?

— Ah, sinto muito, por favor, desculpe, lorde — balbuciou o homem.
— Eles pedem que esperem aqui... ahn... descansando da viagem.

Tyrer não entendeu todas as palavras, mas captou a essência.

— E depois?

— Terei a honra de conduzi-los ao local da reunião — respondeu o homem, os olhos cautelosamente abaixados.

Mais uma vez, para seu enorme alívio, Tyrer compreendeu. Enquanto relatava a conversa a Sir William, podia sentir um suor frio nas costas e refletiu que tivera sorte até agora.

Sir William soltou um grunhido e inclinou-se para os outros.

— Açam que devemos esperar, senhores? Eles estão atrasados... tínhamos combinado que entraríamos direto na reunião... não quero esperar nem aceitar o chá como desculpa.— À aprovação geral, ele acrescentou:— Ótimo. Phillip, diga a esse sujeito que viemos aqui para falar com os *roju*. É o que queremos fazer. Agora.

— Até que ponto... hum... deseja que eu me mostre veemente, senhor?

— Pelo amor de Deus, Phillip, se eu quisesse que você fosse prolixo e diplomático, teria sido eu mesmo prolixo e diplomático. A função de um intérprete é traduzir exatamente o que foi dito, não dar a sua interpretação das palavras.

— O grande lorde diz: quer ver *roju* agora. Agora!

O funcionário do *Bakufu* ficou chocado pela falta de polidez, uma afronta inédita, e se descobriu num dilema. Suas instruções haviam

sido claras: Os gai-jin ficarão esperando por um período apropriado para “perderem a pose”, cerca meia vela, quando enviaremos um aviso, e poderá conduzi-los à nossa presença. Ele se apressou em dizer:

— Claro que os levarei, assim que acabarem de tomar o chá e estiver tudo pronto para a recepção perfeita, mas sinto muito, não é possível agora, porque as augustas pessoas não vestiram ainda os trajes corretos, e assim não é possível atender ao pedido inconveniente de seu amo, intérprete-san.

— Por favor, fale de novo, não tão depressa — pediu Tyrer, angustiado.

Outro fluxo de japonês e ele disse:

— Sir William, acho que está dizendo que temos de esperar.

— É mesmo? Por quê?

— Meu amo diz, por que esperar?

Mais japonês, que Tyrer não entendeu, e por isso o homem passou para o holandês. Erlicher interveio na conversa, irritando ainda mais Sir William e os outros. Ao final, Erlicher disse:

— Parece, Sir William, que os *roju* não estão... como se diz... ah, sim... ainda não estão prontos, mas assim que estiverem seremos levados à sala de audiência.

— Por favor, diga a esse sujeito, com toda a rispidez necessária, para nos levar até lá imediatamente, que chegamos na hora marcada, e que as reuniões de alto nível sempre começam na hora, porque as duas partes têm outros importantes problemas de Estado a tratar, como já expliquei cinqüenta vezes! E diga a ele para se apressar!

Erlicher transmitiu a mensagem, com a maior satisfação; por mais que o homem se contorcesse, insistisse e até suplicasse, acabou fazendo uma reverência e depois, tão devagar quanto possível, levou-os por uma porta, através de um corredor... depois de enviar um mensageiro para alertar o conselho sobre a espantosa impertinência dos *gai-jin*.

Outro corredor, e na extremidade samurais abriram imensas portas, o funcionário caiu de joelhos, inclinou a cabeça até o chão. Quatro homens em trajes de seda requintados, espadas à cinta, sentavam em cadeiras no outro lado da vasta sala de audiência, numa plataforma. A cadeira central se achava vazia. Na frente, num nível mais baixo — o que todos os ministros perceberam no mesmo instante —, havia seis cadeiras para os representantes estrangeiros; entre as duas fileiras, ajoelhava-se o intérprete oficial. Cerca de cem oficiais samurais ajoelhavam-se num semicírculo, de frente para a porta; quando Sir William entrou, todos os samurais na sala se inclinaram. Os quatro *roju* permaneceram imóveis. Sir William e os outros fizeram uma reverência polida e depois foram ocupar seus lugares.

— Em nenhuma circunstância ministros de nações civilizadas ajoelham-se e inclinam a cabeça até o chão — declarara Sir William —, não importa quais sejam os costumes de vocês, se fazem isso ou não, e ponto final!

Phillip Tyrer, agora um conhecedor de reverências, graças a Nakama, notou que cada vez que um ancião inclinava a cabeça, era o gesto de um superior para um inferior. Não importa, pensou ele, intimidado e excitado, estamos agora no santuário interior. Quando o xógum virá ocupar a cadeira vaga? Um menino? Gostaria de saber como ele parece e o que...

Um ancião começou a falar. Com súbito sobressalto, Tyrer reconheceu-o como o jovem emissário que participara da reunião anterior na legação em Iedo Também reconheceu o homem nervoso e moreno sentado a seu lado, que se mantivera calado durante todo o tempo no encontro anterior, mas observara a tudo com a maior atenção, os olhos contraídos.

Por que dois anciãos foram se encontrar conosco sem anunciar suas posições? ele perguntou a si mesmo. Espere um pouco, o representante mais jovem não se apresentara como Tomo Watanabe, isso mesmo, e dissera ser "funcionário subalterno, segunda classe". Um nome falso, era óbvio. Mas por quê? E por que o disfarce?

Apreensivo, Tyrer deixou o problema para ser resolvido mais tarde e concentrou-se no que o homem dizia, sem compreender quase nada, como fora avisado antes que aconteceria por Nakama, que lhe

explicara que as palavras em voga na corte, as que deveriam ser usadas, tinham significados diferentes, até mesmo conflitantes, das palavras e frases do japonês comum.

Sua concentração vacilou. O terceiro ancião era rotundo, rosto balofo, mãos femininas, por fim, de fato, um ancião, cabelos brancos, rosto encovado, com enorme cicatriz na face esquerda. Todos tinham pouco mais de um metro e meio, os mantos pareciam asas, calças largas, chapéus laqueados, amarrados sob o queixo, bastante impressionantes, acima de tudo por sua dignidade imóvel. O intérprete japonês falou em holandês:

— O *roju*, o Conselho de Anciãos do xogunato, dá as boas-vindas aos representantes estrangeiros, e deseja que apresentem seus documentos, como foi combinado.

Sir William suspirou, mesmerizado pela cadeira vazia.

— Muito bem, Johann, vamos começar. Pergunte a eles se não devemos esperar até que o xógum nos honre com a sua presença.

A indagação foi traduzida para o holandês, depois para o japonês, houve muita discussão, antes que o ancião mais jovem, Yoshi, fizesse um pronunciamento, traduzido de forma lenta e meticulosa para o holandês, e depois para o inglês.

— Basicamente, sem o palavrório habitual, Sir William, o porta-voz diz que o xógum não deve ser esperado nesta reunião, que será apenas com os *roju*. O xógum aparecerá mais tarde.

— Não foi isso o que combinamos e torno a informá-los de que credenciais ministeriais só são apresentadas a chefes de Estado, neste caso o xógum, e assim não podemos continuar a reunião.

Outras traduções e em seguida, para desprazer dos ministros:

— O ancião diz que o xógum teve de viajar para Quioto, com urgência, e lamenta não ter o prazer de encontrá-los, mas podem

apresentar suas credenciais aos *roju*, já que eles têm autoridade para aceitá-las.

Novamente as traduções, a irritação de Sir William transformando-se numa raiva ostensiva, mais argumentos dos dois lados, mais tempo consumido, depoi um pergaminho, cheio de caracteres, com um lacre imponente, manipulado como se fosse o Santo Graal, foi apresentado a Sir William por um funcionário ajoelhado.

— Phillip, pode ler isto?

— Não, senhor. Sinto muito.

— Não precisa se preocupar.— Sr William suspirou, virou-se para os outros. — Isto é bastante impróprio.

— Também acho — declarou von Heimrich, friamente.

— Inaceitável — acrescentou o conde Alexi Zergeyev.

— Um precedente perigoso — comentou Adamson.

— Fora do comum, sem dúvida, pois eles prometeram a presença do xógum — disse Seratard, em francês. — Mas podemos, apenas para esta reunião, concordar com o pedido... o que acham, meus amigos?

Ele teve o cuidado de ocultar sua irritação e manteve a voz suave e gentil, como André Poncin, a seu lado, sugerira num sussurro cauteloso, ao entrarem na sala, acrescentando:

— Tome cuidado, Henri. O porta-voz dos *roju* é o mesmo funcionário do *Bakufu* que eu... a que fizemos a oferta depois da outra reunião, de visitar um navio de guerra, lembra? *Mon Dieu*, achei que ele era importante, mas nunca um dos anciãos! Se pudéssemos atraí-lo para o lado da França, seria um golpe maravilhoso...

O conde Zergeyev declarou:

— Concordar criará um deplorável precedente.

— Será apenas por esta reunião. Certo?

— Não importa, é como vento no rabo de uma vaca — interveio o suíço, Erlicher. — Vamos continuar.

Eles continuaram a discutir. Tyrer escutava, mas mantinha sua atenção nos anciãos, embora não de uma forma ostensiva, fascinado por eles, querendo aproveitar aquela oportunidade excepcional de aprender o máximo sobre o conselho, no mínimo de tempo. O pai lhe inculcava desde cedo:

— Em qualquer reunião, sempre observe as mãos e os pés dos oponentes, pois são reveladores, assim como os olhos e os rostos, só que estes em geral podem ser controlados com facilidade. Concentre-se! Observe, mas com cautela, ou as indicações para lhe dizer o que a pessoa realmente pensa serão encobertas. Lembre-se, meu filho, de que todos exageram, todos mentem, em graus diversos.

As mãos e os pés do ancião moreno, de olhos irrequietos, se mexiam a todo instante, pequenos movimentos nervosos, enquanto os do ancião jovem se mantinham imóveis. De vez em quando, como na outra reunião, ele via o homem que apelidara de “Olhos Matreiros” sussurrar para o jovem ancião, o porta-voz... e só para ele. Por quê? — perguntou Tyrer a si mesmo. — E por que Olhos Matreiros nunca participa das conversas entre eles, aparentemente descartado pelos outros, mantendo os olhos fixados sempre nos ministros, nunca nos intérpretes? Abruptamente, Sir William apontou para a cadeira vazia.

— Se o xógum não era esperado nesta reunião, e há cinco anciãos no conselho, por que há uma cadeira vaga?

Outra vez as traduções, para um lado e outro, antes da resposta:

— Ele diz que o presidente do conselho, lorde Anjo, acaba de cair doente e não pôde comparecer, mas que isso não importa, porque eles têm autoridade para decidir. Por favor, continuem.

Von Heimrich disse, num francês impecável, como uma afronta a Seratard:

— Isso não invalida esta reunião, já que eles sempre ressaltaram a natureza “unânime” deste conselho? Cinco homens. Pode ser outra artimanha a ser usada no futuro, a fim de repudiar toda a reunião.

E começou outra discussão. Apenas Sir William permaneceu em silêncio. Conseguia evitar que a fúria e ansiedade transparecessem em seu rosto. É evidente que haviam sido enganados mais uma vez. O que fazer? E foi então que ele se ouviu dizer, em voz firme:

— Muito bem, aceitaremos a autoridade deles como um ato de boa fé de seu xógum, mas apenas para esta reunião. Comunicaremos a nossos governos que o acordo anterior não foi cumprido e seguiremos para Quioto, o mais depressa possível, afim de apresentarmos nossas credenciais ao xógum... e ao imperador Komei... com uma escolta mais do que apropriada.

Enquanto Johann começava a traduzir para o holandês, o conde Zergeyev murmurou:

— Bravo... é a única maneira de lidar com os *matyeryebitzl*

Von Heimrich e van de Tromp, o holandês, concordaram no mesmo instante, com as objeções de Seratard, Adamson, o americano, e Erlicher.

O intérprete japonês deixou escapar uma exclamação de espanto e disse em voz alta que tinha certeza que não entendera direito. Johann proclamou que não havia qualquer mal-entendido. Durante essa discussão, Sir William fechou os ouvidos a eles, observando com total atenção os rostos dos *roju*, enquanto ouviam seu

intérprete. Em graus diversos, todos se mostraram apreensivos. Ótimo, pensou ele.

— Com o palavrório habitual, Sir William, mas com uma carga grande de desculpas polidas desta vez, ele diz que não será possível ver o xógum em Quioto, o tempo é inclemente nesta época do ano, mas nos asseguram que assim que ele voltar, etc.

Sir William sorriu, sem qualquer humor.

— Diga a eles o seguinte: Com o tempo inclemente ou não, visitaremos o imperador em futuro próximo. Ressalte isso, Johann. Só nesta base continuaremos a reunião.

Os *roju* receberam o aviso num silêncio impassível.

Depois, Sir William primeiro, os outros em seguida, levantaram-se, fizeram uma reverência, enunciaram seu posto e o país que representavam e apresentaram suas credenciais. Foram aceitas com dignidade. A cada vez, os *roju* retribuía a reverência, respeitosos.

— Agora — disse Sir William, empinando o queixo — vamos passar para o segundo ponto da reunião. O governo de sua majestade real firma que na sexta-feira, dia 12 de setembro, no ano de Nosso Senhor de 1862, um cavalheiro inglês foi abominavelmente assassinado por samurais do contingente de *Satsuma*, sob o comando de seu rei, Sanjiro. Dois outros foram feridos. O governo de sua majestade exige que os assassinos sejam entregues, ou condenados em público, de acordo com a lei japonesa, que uma reparação de cem mil libras esterlinas em ouro seja paga de imediato, um pedido de desculpas publicado e a promulgação de uma garantia oficial de que isso não tornará a acontecer. E mais: o segundo e último pagamento de cinco mil libras esterlinas em ouro como reparação pelos assassinatos do sargento Gunne do cabo Roper, em nossa legação, no ano passado, com semanas de atraso, terá o pagamento efetuado em ouro dentro de três dias ou a quantia dobrará em cada dia subsequente...

Sir William deu tempo para que Johann traduzisse palavra por palavra, mas não permitiu qualquer discussão, até concluir a lista. Adamson também exigiu uma reparação pelo assassinato de um funcionário americano e, por último, o ministro russo se manifestou. As medalhas retinindo no uniforme de alamares dourados, o conde Zergeyev declarou:

— Um oficial e um soldado russos do nosso navio de guerra Gudenev foram retalhados até a morte em Iocoama, no dia 16 de fevereiro do ano passado. — Para consternação dos outros, ele acrescentou: — Como reparação, o czar de todas as Rússias, Alexandre II, exige as ilhas Kurilas.

Durante as traduções, Sir William inclinou-se e sussurrou em russo, num tom jovial:

— Uma boa pilhéria, conde Alexi, pois é claro que o governo de sua majestade nunca poderia concordar com tal intromissão em nossa esfera de influência.

— Talvez sim, talvez não. A guerra na Europa é iminente outra vez. Muito em breve teremos de definir quem são os nossos amigos e quem são os inimigos.

Sir William riu.

— O que é sempre um problema para determinados países. O Reino Unido não tem inimigos permanentes, apenas interesses permanentes.

— É verdade, meu caro amigo, mas esqueceu de acrescentar “não tem amigos permanentes”. Agora, com Vladivostok, também somos uma potência do Pacífico.

— O poder de mar a mar? O sonho dos czares, hem?

— Por que não? Melhor nós do que outros — disse o conde Alexi, incisivo, para depois dar de ombros. — As Kurilas? Se não elas, algumas outras ilhas... para proteger Vladivostok.

— Devemos discutir sua “curiosa” presença no Pacífico em condições mais adequadas. Meu governo está muito interessado.

Seratard, sem entender russo e furioso por sua exclusão dessa conversa, disse friamente, em francês:

— Espero que esteja mantendo em primeiro plano os interesses franceses, Sir.

— Como sempre, *monsieur*, os interesses dos bravos aliados ocupam um lugar de destaque no pensamento do Ministério do Exterior de sua majestade.

Johann interveio, cansado:

— Sir William, o ancião diz... apenas reitera a posição anterior, que eles não têm jurisdição sobre *Satsuma*, não sabem quem são os

assassinos, e acham que qualquer reparação deve ser exigida de *Satsuma*, através dos canais competentes é claro.

— Que canais competentes?

As traduções, de novo.

— Por intermédio deles, que reapresentarão o pedido a *Satsuma*.

— Não é um pedido, por Deus! Vamos tentar pela última vez, ressalte isso Johann, por um caminho diferente. Pergunte se eles punem os assassinos e diga ao intérprete que exijo um sim ou não. Só isso.

As traduções.

— Ele diz, Sir William, que em algumas circuns...

— Assassinato! Sim ou não! Phillip, diga isso em japonês!

Tyrer sentiu o estômago embrulhar. Estivera observando o ancião moreno sussurrar mais uma vez, mas levantou-se de um pulo.

— Honrados lordes, por favor, perdoem meu péssimo japonês, mas meu superior pergunta se quando assassinato, vocês matam assassino, sim ou não, por favor.

Silêncio. Os anciãos olharam para Yoshi, que olhou para Tyrer, as mãos mexendo no leque. O homem ao seu lado sussurrou alguma coisa e ele acenou com a cabeça.

— A pena para assassinato é morte.

— Ele diz que sim, senhor. Para assassinato, a pena é de morte.

Tyrer aprendera essas palavras essenciais com Nakama, que também lhe explicara o código penal japonês e seu rigor.

— Diga-lhe obrigado.

— Meu superior diz obrigado, lorde.

— Agora, pergunte a ele: É correto exigir reparação por um crime assim, sim ou não?

— Lorde, por favor, desculpe, mas é... é.... eu... — Tyrer parou, com um súbito branco. — Desculpe, Sir William, mas não conheço a palavra para “reparações”.

André Poncin interveio:

— A palavra é bakkin, Sir William, pouco conhecida. Posso tentar, por favor?

— Claro.

— Honrados lordes — disse Poncin, com uma reverência profunda, deixando Tyrer agradecido por salvá-lo —, meu superior pergunta se correto, humildemente pede justiça e pagamento para família, por assassinato, uma multa contra *Satsuma*?

— Contra *Satsuma*, sim — respondeu Yoshi, com um sorriso fugaz. André deixou escapar um suspiro de alívio.

— Ele diz que sim, Sir William, mas a reparação deve ser exigida de *Satsuma*. Antes que Sir William pudesse formular outra pergunta, Poncin, em seu mais perfeito e ensaiado japonês, para surpresa de Tyrer, começou a oferecer a fórmula salvadora que imaginara:

— Honrado lorde, em nome de meu superior, humildemente sugiro que o *roju* talvez *condere*, ah, desculpe, talvez considere emprestar *Satsuma* primeiro pagamento, um quinto. Isto oferece agora, dá tempo *Satsuma*, cobra resto de *Satsuma*. Por favor?

Desta vez todos perceberam o interesse do jovem ancião. No mesmo instante, ele iniciou uma conversa sussurrada com os outros. André viu que Tyrer o fitava com o rosto franzido e sacudiu a cabeça de leve, num pedido silencioso para que não interferisse. Depois de um momento, Yoshi disse:

— Talvez seja possível oferecer um vigésimo, a ser pago em cem dias, contra a dívida óbvia de *Satsuma*.

— Honrados lordes...

— O que ele e o ancião estão dizendo, Phillip?

— Só um instante, Sir William — disse André, em tom amável, mas com vontade de esganá-lo. — Honrados lordes, meu superior recomendaria um décimo, em sessenta dias. Sinto muito, por favor, desculpem péssima pronúncia, mas humildemente, muito humilde, peço que sim.

Bastante aliviado, Poncin observou os anciãos iniciarem a discussão e tornou a arriscar:

— Desculpe, Sir William, mas como Phillip pode confirmar, sugeri que eles considerem o pagamento adiantado, em nome de *Satsuma*, que deve pagar, dizem eles, com toda razão, toda e qualquer reparação.

— É mesmo? E eles vão aceitar? — Sir William fitou-o surpreso, esquecendo o cansaço. — Bom trabalho... se eles aceitarem, então posso fazer concessões, hem? Vocês concordam?

Por uma questão de cortesia, ele virou-se para os outros, à espera de suas opiniões. Por trás dele, Tyrer assoviou baixinho, tendo compreendido a maior parte do que Poncin dissera em japonês e percebido a maneira como ele manipulava o ancião e o ministro, assim como a ligeira, mas importante diferença na tradução para o inglês. André é muito esperto, mas o que está tramando? A idéia é dele ou de Seratard? Outra vez Olhos Matreiros se pôs a sussurrar, em tom confidencial, para o jovem ancião, cuja atenção se concentrava nos ministros. É quase como...

Subitamente, foi como se cataratas tivessem sido removidas de seus olhos e pudesse enxergar com clareza de novo. Ainda mais do que isso, agora via os anciãos com olhos objetivos, não mais com a visão indireta e preconceituosa de um suposto homem civilizado, contemplava-os como pessoas também civilizadas, também simples ou complexas, mas pessoas, e não mais como exóticos, misteriosos ou estranhos "japos", uma posição que despertava o ressentimento de Nakama, Fujiko e até mesmo André de diversas maneiras, e com toda razão.

Deus Todo-Poderoso, Olhos Matreiros entende o inglês, ele sentiu vontade de gritar, extasiado. Esta é a única explicação, ele é um espião do *roju*, é tão ancião quanto eu, e por esse motivo os outros não lhe dão a menor atenção em suas discussões. O que mais? Ele deve ser o espião de Watanabe, porque é o único para quem sussurrou até agora... preciso descobrir seus nomes verdadeiros e interrogar Nakama a respeito. Watanabe é o mais poderoso deste bando, o presidente em exercício. O presidente ausente? Preciso descobrir seu verdadeiro nome também O que mais? Onde André...

Ele se concentrou, enquanto Yoshi falava ao intérprete. Sua voz se tornara incisiva. O intérprete ficou ainda mais alerta, seu holandês foi vinte vezes mais sucinto. Johann traduziu, tentando conter seu espanto:

— O *roju* concorda que neste caso é correto pedir uma reparação, de *Satsuma*, que cem mil parece uma quantia razoável para um nobre, mas não podem dizer se o lorde *Satsuma* também vai considerar assim. Como um gesto de amizade para os britânicos e com as outras nações, o *roju* adiantará uma décima parte, em setenta dias, por conta de *Satsuma*... enquanto os pedidos formais britânicos são encaminhados a *Satsuma*. Em relação ao pedido do ministro russo, como acontece com a pátria dele, o território japonês é território japonês, e é... Imagino que a palavra seria inviolável ou inegociável.

Sem ser óbvio, Sir William pôs a mão sobre a do conde Alexi, a fim de impedir sua explosão, enquanto murmurava, em russo:

— Deixe como está, Alexi.

Depois, em voz alta, ele acrescentou para Johann, disposto a negociar um prazo menor e uma quantia menor:

— Excelente, Johann. Por favor, diga a eles... Ele parou de falar quando Tyrer sussurrou:

— Com licença, senhor. Sugiro que aceite de imediato, mas insista que precisa saber os nomes deles.

Foi quase como se Tyrer não tivesse falado, pois Sir William continuou sem pausa e sem mudança da expressão:

— Johann, por favor, diga a eles que a sugestão é aceitável para o governo de sua majestade, no mesmo espírito de amizade. Em relação ao ministro da corte de São Petersburgo, tenho certeza que ele consultará seu governo, que concordará, com toda certeza, que um acordo monetário será satisfatório.

Sem dar tempo ao conde Alexi de protestar, ele tratou de acrescentar:

— Em relação ao nosso outro problema premente, os estreitos de Shimonoseki: todos os governos estrangeiros protestam contra baterias de terra disparando sobre seus navios, ao passarem em paz por aquela área.

Sir William repetiu as datas e os nomes dos navios, coisas que já haviam sido o tema de uma correspondência veemente.

— Eles dizem que transmitirão a queixa, Sir William, com a alegação habitual, de que não têm controle sobre *Choshu*.

— Diga o seguinte, Johann: No espírito cordial desta reunião, permitam-me sugerir que é difícil, se não mesmo impossível, para os governos estrangeiros negociarem com o *Bakufu*, que parece não exercer qualquer autoridade sobre seus vários reinos ou Estados. Sendo assim, o que devemos fazer? Negociar diretamente com o xógum, que assinou nossos tratados... ou com o imperador Komei?

— O governo legal do Nipão é o xogunato, o supremo soberano do xogunato é o xógum, que governa em nome do filho do céu, os *roju* são os supremos conselheiros do xogunato, e seus representantes constituem o *Bakufu*. Em todos os casos, os governos estrangeiros devem negociar diretamente com o xogunato.

— Sendo assim, como podemos garantir a travessia segura de todos os navios que passam por Shimonoseki?

Mais discussão exaustiva, e sempre variações da mesma resposta, que não chegava a ser uma resposta, por mais que Sir William tentasse esclarecê-la. As bexigas pareciam estourar outra vez, a impaciência era geral, a fadiga aumentava. Três horas haviam transcorrido desde o início da reunião. Sir William sorriu para si mesmo.

— Muito bem. Diga o seguinte: presumindo que não haverá novos ataques, e que nossos protestos veementes serão encaminhados ao *daimio* de *Choshu* imediatamente, aceitamos, no espírito desta nova cordialidade, a posição deles para uma nova reunião, daqui a cem dias.

Uma hora de manobras adicionais.

— O *roju* concorda com uma segunda reunião, dentro de cento e cinqüenta e seis dias, aqui em Iedo, e deseja declarar esta reunião encerrada.

— Ótimo — disse Sir William, reprimindo um bocejo. — Agora, gostaria por favor que eles nos dessem seus nomes, verbalmente, e depois por escrito, em caracteres, no documento formal que trocaremos daqui a três dias, confirmando os acordos.

Novas traduções, pequenos detalhes alterados, e finalmente:

— Sir William, ele diz que terá os papéis prontos em uma semana, o intérprete fornecerá seus nomes, e a reunião está encerrada.

A medida que cada um era apresentado, o ancião acenava com a cabeça, mantendo o rosto impassível.

— Lorde Adachi de Mito, lorde Zukumura de Gai, lorde Yoshi de Hisamatsu...

Tyrer ficou na maior satisfação ao constatar que Olhos Matreiros, o último na fila, suava bastante, remexendo os pés e as mãos, e que seu movimento de cabeça não tinha a mesma altivez dos outros:

— Lorde Kii de Zukoshi.

— Por favor, transmita a todos nossos agradecimentos. Como foi combinado antes, ordenarei agora as salvas reais.

— Lorde Yoshi diz que, infelizmente, um dos seus membros está ausente. Como ficou acertado antes, é necessária a aprovação unânime do *roju* para o disparo de qualquer canhão.

Abruptamente, o bom humor de Sir William se desvaneceu. Os outros ministros ficaram chocados.

— E os nossos acordos? — indagou ele, em tom brusco. — Também precisa de uma aprovação por unanimidade?

Mais discussão, em meio a muita tensão, advertências murmuradas entre ministros. Depois, Johann informou, contrafeito:

— Lorde Yoshi diz que esta reunião conta com a autoridade do xógum e do presidente para aceitar credenciais, escutar e recomendar. Vão recomendar os acordos por unanimidade. Como ficou combinado antes, a aprovação para disparar o canhão exige a unanimidade dos anciãos. Por isso, embora lamentando, eles não podem permitir.

O silêncio tornou-se opressivo, enquanto Sir William e os outros compreendiam a armadilha em que haviam caído. Não havia opção desta vez, pensou ele sentindo um frio no estômago.

— Capitão Pallidar!

— Pois não, senhor?

Pallidar adiantou-se, o coração disparado, sabendo também, como todos diante do conselho, que Sir William não tinha alternativa agora, a não ser dar a ordem para disparar as salvas, qualquer que fosse o custo, ou a mesma desculpa seria usada com certeza para repudiar o acordo.

Enquanto ele batia continência, Seratard interveio, com sua voz mais suave e diplomática:

— Sir William, tenho certeza que o acordo é de boa fé, será implementado, e deve ser aceito. Recomendo que faça isso... todos recomendamos, não é mesmo, senhores?

Houve um alívio geral pela sugestão que salvava as aparências, e o ministro francês tratou de acrescentar:

— Também recomendamos que, nas circunstâncias, as salvas podem ser ignoradas. Concorda, Sir William, em nosso nome?

Sir William hesitou, com uma expressão sombria. Para espanto de todos, Seratard declarou, altivo:

— André, diga a eles, em nome da França, que darei minha garantia pelo primeiro pagamento.

Antes que Sir William pudesse falar qualquer coisa, André se inclinou, edisse:

— Meu superior diz, honrados lordes, ele feliz *roju* dar papel uma semana, concordar emprestar *Satsuma* primeiro dinheiro, em setenta dias. Diz também que França, como amiga do Nipão, sente-se honrada dar garantia pessoal ao ministro britânico, contra primeiro pagamento. Também honrado receber todos ou todo *roju*, qualquer dia, pessoalmente, no navio ou outro lugar. Humildemente agradeço, honrados lordes.

Os olhos contraídos, Yoshi disse:

— Agradeça a seu amo. A reunião está encerrada.

Um oficial samurai gritou “Kerei!”— saudação —, e todos os outros fizeram uma reverência, mantendo essa posição enquanto os *roju* se levantavam e respondiam, com contida polidez. Não restava a Sir William e aos demais outra alternativa senão seguir o exemplo, enquanto Yoshi saía à frente por uma porta invisível atrás da plataforma. No mesmo instante os samurais se empertigaram e retomaram seu olhar firme e desconfiado.

— Muito satisfatório, Sir William — disse Seratard, expansivo, em francês, pegando-o pelo braço, ansioso em distraí-lo outra vez. — Agiu muito bem.

— Seus superiores no Élysée ficarão furiosos com você quando pedirmos as dez mil libras em ouro — comentou Sir William, um pouco contrariado, mas não muito, pois dera um gigantesco passo à frente, à exceção da salva de canhão. — Mas quer fiquem furiosos ou não, Henri, foi um gesto magnífico, embora dispendioso.

Serata riu.

— Vinte guinéus dizem que eles vão pagar.

— Apostado. Jantarão conosco na legação?

Eles começaram a sair, indiferentes aos olhares arrogantes e belicosos.

— Não, obrigado. Já que concluímos nossos negócios aqui, acho melhor voltar para Iocoama agora, em vez de esperar até amanhã.

Há tempo suficiente, e o mar está calmo. Por que esperar pela Pearl? Junte-se a nós, em nossa nave capitânia, e poderemos jantar durante a viagem.

— Obrigado, mas prefiro esperar até amanhã. Quero me certificar de que todos os homens voltaram sãos e salvos para nossos transportes.

Por trás deles, despercebido na multidão, Tyrer esperou por André, que se ajoelhou para ajustar a fivela de um sapato. Sem notar que Tyrer o observava, ele iniciou uma conversa sussurrada com o intérprete japonês. O homem hesitou, depois acenou com a cabeça, fez uma reverência.

— Domo.

André virou-se e deparou com Tyrer a observá-lo. Por uma fração de segundo, ele se mostrou perplexo, depois sorriu e adiantou-se.

— E então, Phillip, não acha que tudo correu muito bem? Você se saiu muito bem, e posso dizer que ganhamos o dia.

— Eu não. Foi você quem salvou o dia... e livrou minha cara, pelo que agradeço. — Tyrer franziu o rosto, inquieto, acompanhando a procissão. — Mesmo assim, embora você tenha superado o impasse de maneira brilhante, o que disse em inglês e o que foi dito em japonês foram coisas diferentes, não é mesmo?

— Não tão diferente assim, *mon ami*, não o suficiente para ter alguma importância.

— Não creio que Sir William concordaria.

— Talvez sim, talvez não. Talvez você tenha se enganado. — André forçou uma risada. — Nunca é sensato provocar a irritação de um ministro, hem? Lembre-se de que em boca fechada não entra mosca.

— Na maioria das vezes, é isso mesmo. O que disse àquele intérprete?

— Agradei a ele. *Mon Dieu*, minha bexiga está me matando... e a sua?

— A mesma coisa — concordou Tyrer, certo de que André mentia sobre o intérprete.

Mas também por que não o faria? — refletiu ele, com sua nova percepção. André é inimigo; se não inimigo, pelo menos oposição, e todas as nuances foram para beneficiar Seratard, a França e André. Muito justo. O que ele poderia pedir em segredo? Transmitir uma mensagem, sem dúvida, mas qual? Que mensagem secreta? O que eu pediria secretamente?

— Pediu uma reunião particular com lorde Yoshi, hem? — sugeriu Tyrer arriscando um palpite. — Para você e *monsieur* Seratard.

A expressão de André Poncin não se alterou, mas Tyrer notou que ficaram brancas as articulações da mão direita, pousada na espada cerimonial.

— Phillip — murmurou ele —, tenho sido um bom amigo desde a sua chegada, ajudando-o a começar a aprender o japonês, apresentando-o às pessoas não é mesmo? Não interferei com seu samurai particular... Nakama... embora fosse informado de que ele tem outros nomes. Não...

— Que outros nomes?— indagou Tyrer, subitamente nervoso, sem saber por quê. — O que sabe sobre ele?

André continuou, como se Tyrer não tivesse falado:

— Não tentei interrogá-lo, nem a você sobre ele, embora o advertisse contra os japoneses, todos eles. Já é tempo de você me falar a respeito desse Nakama, como um amigo. Lembre-se, Phillip, de que estamos no mesmo lado. Somos servidores, não os chefes, somos amigos e estamos no Japão, onde os gai-jin devem se ajudar uns aos outros... como fiz ao apresentá-lo a Raiko, que o levou a

Fujiko, não é? Boa moça, a Fujiko. É melhor ter um pouco do realismo gaulês, Phillip, é melhor manter as informações sigilosas em sigilo, é melhor tomar cuidado com seu Nakama, e não esquecer o que eu disse uma dúzia de vezes: no Japão, só há soluções japonesas.

Quase ao pôr-do-sol, nesse mesmo dia, Yoshi avançou por um corredor de pedra escuro e ventoso, na torre do castelo. Usava agora seu quimono característico, com duas espadas, e um manto de montaria com capuz por cima. A cada vinte passos havia tochas acesas, em suportes de ferro, ao lado de aberturas para arqueiros, que também serviam como janelas. Lá fora, o ar era frio. Havia uma escada circular à frente. Levava a seu estábulo particular, lá embaixo. Ele desceu correndo os degraus.

— Alto! Quem... ah, desculpe, lorde!

O samurai de sentinela fez uma reverência. Yoshi balançou a cabeça e seguiu em frente. Por todo o castelo, soldados, cavaleiros e criados se preparavam para dormir, ou para os serviços noturnos, seguindo o costume universal de deitar ao cair da noite. Só os prósperos tinham luz à noite, para ver, ler ou se divertir.

— Alto! Ah, desculpe, Lorde.

A sentinela se inclinou e o mesmo fizeram as duas seguintes. No pátio do estábulo, concentrava-se uma guarda pessoal de vinte homens, junto a seus pôneis. Entre eles se encontrava Misamoto, o pescador, samurai e ancião de faz-de-conta. Agora, vestia-se pobremente, como um infante comum, desarmado e assustado. Havia também ali dois palanquins fechados, bastante leves, projetados para transporte rápido. Cada um se encaixava em duas hastes, com arreios para pôneis de sela nas extremidades. Todos os cascos estavam cobertos e tudo aquilo fazia parte de um plano formulado por Yoshi, junto com Hosaki, alguns dias antes.

A janela de um palanquim foi entreaberta. Ele viu Koiko espiar. Ela sorriu, acenou com a cabeça em cumprimento. A janela foi fechada.

A mão de Yoshi apertou o cabo da espada. Ele foi abrir a porta do palanquim, o suficiente para se certificar de que era ela mesma, e que se encontrava sozinha. Quando era muito jovem, o pai lhe inculcava com veemência, palavra por palavra, a primeira lei da sobrevivência:

— Se for apanhado desprevenido, traído desprevenido, morto desprevenido, é porque falhou em seu dever comigo e com você mesmo. A culpa será toda sua, porque deixou de verificar pessoalmente e de planejar contra qualquer eventualidade. Não há desculpa para o fracasso, exceto o karma... e os deuses não existem!

Um sorriso rápido para tranquilizá-la. Yoshi fechou a porta e foi verificar se o outro palanquim se achava desocupado, disponível para seu uso, caso precisasse. Satisfeito, deu o sinal para os homens montarem. Isso foi feito num silêncio quase total, o que também o agradou... ordenara que todas as armaduras e arreios fossem abafados. Uma última conferência silenciosa, mas ele não pôde sentir qualquer sinal de perigo. O fuzil novo estava num coldre na sela, a bolsa de munição cheia, as outras quatro armas penduradas nos ombros de seus atiradores de mais confiança. Sem qualquer barulho, ele subiu na sela. Outro sinal. A guarda avançada e o porta-estandarte partiram. Yoshi seguiu atrás, com os dois palanquins e os outros homens em sua esteira.

O progresso foi rápido e quase silencioso. Percorreram a passagem para a fortificação seguinte, longe dos caminhos e dos portões principais. Em cada posto de controle, as sentinelas gesticulavam para que passassem, sem qualquer dificuldade. Em vez de entrar no labirinto do castelo, foram para um prédio grande, no lado norte, junto a uma das maiores fortificações. Havia uma guarda enorme no lado de fora. No momento em que Yoshi foi reconhecido, as portas altas foram abertas, para deixá-lo passar. Lá dentro, havia um picadeiro grande, de terra batida, todo fechado, teto alto, em abóbada, com uma galeria para observadores. Umhas poucas tochas, aqui e ali. As portas foram fechadas depois que eles entraram.

Yoshi trotou até a vanguarda da coluna e atravessou a arcada no outro lado, passando por baias e salas de arreios. Todas estavam vazias. Aquela área tinha um calçamento de pedra, o ar impregnado pelo cheiro de esterco, urina e suor. Mais além, recomeçava o chão de terra batida e havia outra arcada, dando para um picadeiro interno, bem menor. Terminava em mais uma arcada, mal iluminada. Yoshi esporeou seu pônei, mas parou subitamente.

A galeria em torno do picadeiro se encontrava repleta de arqueiros em silêncio. Nenhum tinha flechas em seus arcos, mas todos no picadeiro sabiam que morreriam... se fosse dada a ordem.

— Ah, Yoshi-sama. — A voz áspera de Nori Anjo veio da semi-escuridão por cima, e Yoshi teve uma dificuldade momentânea para localizá-lo. Depois o viu sem armadura, sentado no fundo da galeria, ao lado da escada. — Na reunião desta tarde, não nos disse que ia deixar o castelo com homens armados como... como o quê? Como ninja?

Um murmúrio de raiva espalhou-se pelos homens de Yoshi, mas ele riu, o que rompeu a tensão, em baixo e em cima.

— Não ninja, Anjo-sama, embora sem dúvida com o máximo de discrição possível. É uma boa idéia testar as defesas, sem avisar. Sou o guardião do castelo além de guardião do xógum. E você? A que devo este prazer?

— Está apenas testando nossas defesas?

— Matando três pombas com uma única flecha. — O humor desaparecera da voz de Yoshi, e todos sentiram um calafrio, especulando por que três, e o que isso significava. — E você? Por que tantos arqueiros? Para uma emboscada, talvez?

A risada rude ecoou pelo picadeiro, tornando-se ainda mais agressiva. Mãos apertavam armas, embora ninguém fizesse qualquer movimento ostensivo.

— Emboscada? Oh, não, não uma emboscada... uma guarda de honra. No momento em que fui informado que você planejava uma patrulha com os cascos abafados... estes homens estão aqui apenas para homenageá-lo e mostrar que nem todos nós dormimos, que o castelo se encontra em boas mãos e não há necessidade de um guardião.

Anjo gritou uma ordem. No mesmo instante, os arqueiros desceram a escada correndo e formaram duas filas, por toda a extensão do picadeiro, com Yoshi e seus homens no meio. Fizeram uma reverência formal. Yoshi e seus homens retribuíram, também formais. Mas nada mudara, a armadilha continuava pronta para ser acionada.

— Precisa de armas para testar as defesas?

— Nosso conselho aconselhou todos os *daimios* a se armarem com armas modernas — respondeu Yoshi, a voz calma, mas por dentro furioso por alguém ter revelado seu plano e por não ter previsto uma emboscada. — Estes são os primeiros dos meus novos fuzis. Desejo acostumar meus homens a carregá-los.

— Sensato, muito sensato. Mas vejo que carrega um. Lorde Yoshi também precisa se acostumar a andar com uma arma assim?

Fervendo de ódio pelo escárnio, Yoshi olhou para o fuzil no coldre, odiando todas as armas de fogo e abençoando a sabedoria de seu homônimo ao proibir a fabricação ou importação no dia em que se tornara xógum. E isso, mais do que qualquer outra coisa, garantiu a nossa paz por dois séculos e meio, pensou ele, sombrio. As armas de fogo são infames, covardes, dignas dos repulsivos gai-jin. Armas que podem matar a mil passos de distância, de tal forma que talvez você nunca possa ver quem mata, ou quem o matou, armas que qualquer idiota, maníaco, assaltante, homem ou mulher de baixa extração podem usar contra qualquer um, até mesmo o lorde mais elevado, com impunidade, capazes de liquidarem o mais experiente espadachim. E agora tenho de carregar um fuzil... os gai-jin nos forçaram a isso.

Com o escárnio de Anjo ressoando em seus ouvidos, ele tirou o fuzil do coldre, puxou a trava de segurança, como Misamoto mostrara, apontou, puxou o gatilho, as balas entrando na culatra automaticamente, cinco balas disparadas para as vigas do teto, com estampidos ensurdecedores, o fuzil quase escapulindo de suas mãos, com uma força inesperada. Todos se dispersaram, até mesmo seus homens, uns poucos derrubados pelos pôneis assustados que empinaram. Anjo e seus guardas se jogaram ao chão, antecipando mais disparos, letais desta vez, cada homem na sala apavorado com a rapidez dos tiros.

Em total silêncio, todos esperaram, prendendo a respiração, e depois, porque não houve seqüência, compreenderam que Yoshi apenas fizera uma demonstração do fuzil. Os arqueiros se apressaram em retornar suas posições, embora cautelosos, em torno dos homens de Yoshi, que também retomavam a ordem anterior. Anjo se levantou e gritou:

— Qual o significado disso?

Tão indiferente quanto podia aparentar, com o coração batendo forte, Yoshi continuou a acalmar seu pônei, puxou a trava de

segurança e estendeu o fuzil no colo, disfarçando sua satisfação pelo sucesso da ação, tão impressionado quanto os outros pelo poder do fuzil — já disparara antes fuzil de carregar pelo cano e algumas antiquadas pistolas de duelo, contra alvos, mas nunca um fuzil de carregar pela culatra, com cartuchos.

— Eu queria lhe mostrar o valor de um desses. Em determinadas circunstâncias, são melhores do que espadas, em particular para os *daimios*. — Ele ficou contente ao constatar que sua voz soava calma.
— Por exemplo, quando você foi emboscado, há poucas semanas, poderia ter usado um, neh?

Trêmulo, Anjo tratou de controlar sua ira, convencido agora de que corria grande perigo, sua vida sob ameaça, e também certo de que se ordenasse a prisão de Toranaga, como planejara, as balas crivariam seu corpo... em nome de todos os deuses, onde e como esse cão aprendeu a atirar, e por que não fui informado que ele se tornou um perito?

E ser lembrado do incidente com os *shishi* era um insulto público adicional, pois todos sabiam que não fora bastante bravo, fugira para a segurança, sem chegar a duelar uma única vez com os atacantes e ainda por cima, depois de os feridos serem capturados, ordenara que fossem executados de uma maneira desonrosa.

— Em algumas circunstâncias, Yoshi-sama, em algumas, mas duvido se sua arma ou quaisquer outras teriam algum valor esta noite. Duvido muito. Posso lhe perguntar seu propósito esta noite? Visitar nossas defesas externas e voltar? Ou uma de suas “pombas” está de partida para outro lugar?

Ambos sabiam que Yoshi não precisava justificar suas entradas ou saídas do castelo.

— Isso depende do que eu encontrar lá fora — disse ele, em tom brusco. — Posso decidir voltar ao meu domínio por um dia ou dois, talvez não... mas é claro que o mantereii informado.

— O conselho sentiria falta de sua presença, mesmo que seja por uns poucos dias. Há muito a ser feito e teremos de tomar as decisões de qualquer maneira mesmo com sua ausência.

— Como concluímos esta tarde, não há nada de importante a ser decidido Além disso, felizmente, nada de grande monta pode ser resolvido sem a presença dos cinco anciãos.

— Há o problema do acordo com os gai-jin.

— Isso também ficou decidido esta tarde.

A reunião do conselho, depois da saída dos gai-jin, fora feliz e repleta de risos para variar, pela humilhação do inimigo, que mais uma vez fora logrado. Anjo, Toyama e Adachi haviam lhe dado os parabéns pela maneira hábil com que conduzira a confrontação, e por sua compreensão dos gai-jin, Zukumura pouco falando,

limitando-se a alguns murmúrios de débil mental de vez em quando. Anjo comentara, rindo:

— Concordar em adiantar uma ninharia para afastá-los e a seus navios de Iedo, enquanto controlamos *Satsuma*, foi muito hábil, Yoshi-sama. Muito. Ao mesmo tempo, adiamos por tempo indefinido a ameaça de eles irem a Quioto e os fizemos concordar que a culpa toda é de *Satsuma*.

Toyama dissera:

— E agora declaramos guerra a *Satsuma*? Isso é ótimo!

— Não, não a guerra, pois há outros meios de submeter aquele cão.
— Anjo sentia-se confiante com seu conhecimento recém-adquirido.
— Você estava certo sobre os gai-jin, Yoshi-sama. Foi muito interessante constatar como a hostilidade entre eles se encontra bem perto de suas superfícies repugnantes.

Ele e Toyama haviam acompanhado a reunião por trás da plataforma, a parede ali lhes permitindo ver tudo, sem serem vistos.

— Isso mesmo, repugnantes. Pudemos até sentir o cheiro deles. Nauseante. Ordenei que a sala de audiência fosse lavada e destruídas as cadeiras em que eles sentaram.

— Excelente! — exclamara Adachi. — Fiquei arrepiado durante todo o tempo em que estive lá. Yoshi-sama, posso lhe perguntar sobre aquele macaco Misamoto, ele realmente contou tudo o que os gai-jin disseram? Não consegui ouvir uma só palavra.

— Nem tudo — explicara Yoshi —, mas o suficiente para me dar algumas indicações adiantadas, e apenas quando eles falavam inglês. Misamoto disse que na maior parte do tempo eles falavam outra língua, ele achou que era francês. Isso comprova outro pronto: precisamos de intérpretes de confiança. Proponho abriremos uma escola de línguas para nossos filhos mais brilhantes imediatamente.

— Escola? — murmurara Zukumura. — Que escola? Ninguém lhe dera atenção.

— Discordo — declarara Toyama, a papada tremendo. — Quanto mais nossos filhos se aproximarem dos gai-jin, mais infectados se tornarão.

— Não — anunciara Anjo —, escolheremos pessoalmente os estudantes... devemos ter homens de confiança que conheçam as línguas dos bárbaros. Vamos votar. O *Bakufu* receberá a ordem de criar sem demora uma escola de línguas. Todos concordam? Ótimo. Agora, a carta dos gai-jin: vamos continuar na tática de Yoshi-sama, no dia anterior ao marcado para a entrega, diremos que ficará pronta "o mais depressa possível"? Todos concordam?

— Sinto muito, mas não concordo — dissera Yoshi. — Devemos fazer exatamente o oposto. Entregaremos a carta no prazo e também efetuaremos o segundo pagamento da chantagem na data marcada.

Todos se mostraram surpresos e Zukumura murmurara:

— Carta?

Yoshi expusera sua posição, com extrema paciência:

— Devemos manter os gai-jin desconcertados. Eles ficarão esperando uma protelação, o que não acontecerá. Assim, eles acreditarão que o prazo de cento e cinquenta e seis dias também é certo, mas claro que não será. Vamos adiar e adiar, torcendo para que isso os deixe furiosos.

Todos riram com ele, até mesmo Zukumura, que não compreendia por que riam, mas rira assim mesmo... e ainda mais quando Yoshi relatara quantas vezes quase caíra na gargalhada durante a reunião, vendo como a impaciência dos gai-jin arruinava sua posição de barganha, já ilusória.

— Sem o cão matador, o amo é tão fraco quanto um filhote contra um homem com uma vara.

— Como? Um homem com uma vara? — indagara Zukumura, uma expressão aturdida nos olhos de peixe morto. — Que cão?

Muito do bom humor de Yoshi se desvanecera, ao lembrar que agora teria de suportar aquele débil mental para sempre. Mesmo assim, explicara que sem força para sustentar suas queixas, ou sem a determinação de usá-la, o inimigo era impotente.

— Força? Não compreendo, Yoshi-sama. Que força?

— O poder! — exclamara Anjo, impaciente. — O poder! Seus canhões e suas esquadras, Zukumura! Ora, não importa!

Toyama, o velho, declarara, com veemência:

— Enquanto eles estão sem sua esquadra, deveríamos destruí-los... são arrogantes demais, com uma atitude grosseira, e seu porta-

voz... Estou contente por não ter participado da reunião, Yoshi-sama, pois acho que teria explodido. Vamos destruí-los agora.

— Quem? Destruir quem?

— Cale a boca, Zukumura — dissera Anjo, cansado —, e limite-se a votar quando eu mandar. Yoshi-sama, concordo com seu raciocínio. Enviaremos a carta no prazo, e a segunda parte do dinheiro da chantagem conforme o combinado. Todos a favor? Ótimo. Agora que já lidamos com os gai-jin, e o xógum e a princesa se encontram sãos e salvos viajando pela estrada do norte, não há muito o que fazer durante a próxima semana.

— Permitir a partida deles foi uma decisão equivocada que se voltará para nos atormentar — comentara Yoshi.

— Neste caso, você está errado. Por favor, prepare um plano, apresente suas idéias sobre a melhor maneira de subjugar o cão Sanjiro e *Satsuma*. Voto para nos reunirmos de novo daqui a duas semanas, a menos que surja uma emergência antes...

Mais tarde, retornando a seus aposentos, Yoshi não conseguira imaginar nenhuma emergência em potencial que exigisse sua presença em Iedo... nem mesmo o segundo convite, discreto e sussurrado, para visitar o navio de guerra francês, que ele não aceitara, nem recusara, mas deixara em aberto, pelas semanas subsequentes, já que não se tratava de um assunto urgente. Por isso, resolvera pôr em prática imediatamente o plano que formulara junto com a esposa, Hosaki. Agora, Anjo e seus arqueiros barravam seu caminho.

O que fazer?

— Boa noite, Anjo-sama — disse ele, tomando sua decisão. — Como sempre, eu o mantereii informado.

Ocultando sua apreensão e sentindo-se exposto, Yoshi esporeou o pônei, encaminhando-se para a arcada no outro lado. Nenhum dos arqueiros se mexeu, esperando por uma ordem. Seus homens e os dois palanquins seguiram-no, todos se sentindo também indefesos.

Anjo observou-os se afastarem. Enfurecido. Se não fosse pelos fuzis, eu o prenderia, conforme o planejado. Sob que acusação? Traição, conspirar contra o xógum! Mas Yoshi nunca seria levado a julgamento, de jeito nenhum, sinto muito, meus amigos, ele foi morto quando tentava escapar à justiça.

Uma súbita pontada de dor nas entranhas fê-lo tatear à procura de um assento. Médicos baka! Deve haver uma cura, disse a si mesmo, e depois lançou mais imprecações contra Yoshi e seus homens, que haviam desaparecido sob a arcada distante.

Yoshi respirava melhor agora, não mais dominado pelo suor do medo. Continuar a avançar pelas fortificações, passando por corredores mal iluminados, por mais baias e salas de arreios, até alcançar o muro no outro lado, revestido de madeira. Alguns homens desmontaram e acenderam as tochas dos suportes na parede.

Com seu chicote, Yoshi apontou para o puxador em um lado. Seu ajudante desmontou, deu um puxão firme. Toda uma parte do muro se abriu, revelando um túnel, bastante alto e largo para que dois homens pudessem cavalgar juntos por ali, lado a lado. No mesmo instante, ele tornou a esporear o pônei. Depois que os palanquins e o último homem passaram, a porta foi fechada de novo e Yoshi deixou escapar um suspiro de alívio. Foi só então que guardou o fuzil no coldre.

Se não fosse por você, fuzil-san, pensou eie, afetuoso, eu poderia estar morto ou no mínimo seria um prisioneiro. Às vezes posso compreender que um fuzil era de fato, melhor do que uma espada. Merece ter um nome — era um antigo costume xintoísta dar nomes a espadas e outras armas especiais, até mesmo a pedras ou árvores. Vou chamá-lo de “Nori”, que também pode significar “alga marinha”, e é uma referência a Nori Anjo, para lembrar que me salvou dele, e que uma de suas balas pertence a ele, na cabeça ou no coração.

— Puxa, lorde, seus tiros foram um espetáculo maravilhoso para se contemplar — comentou seu capitão, aproximando-se.

— Obrigado, mas você e todos os homens receberam ordem de ficar em silêncio até eu permitir que falassem. Está rebaixado. Passe para a retaguarda.

Desolado, o homem se afastou, e Yoshi chamou o segundo no comando.

— Você é o capitão agora.

Ele virou-se na sela e continuou a seguir em frente, liderando a marcha. O ar no túnel era abafado. Era um dos muitos caminhos de fuga secretos do castelo. Com seus três fossos e imensa torre de menagem, o castelo levava quatro anos para ser construído — quinhentos mil homens, por sugestão do xógum Toranaga, e sem qualquer custo para ele, haviam trabalhado dia e noite, orgulhosos, até sua conclusão.

O chão do túnel descia um pouco, virando para um lado e outro, as paredes escavadas na rocha em alguns trechos, revestidas com tijolos em outros, o teto escorado aqui e ali, mas tudo em boas condições de conservação. Sempre descendo, mas sem perigo.

Agora, a água vazava dos lados, o ar se tornou mais fresco, e Yoshi compreendeu que passavam sob o fosso. Aconchegou-se no manto, detestando o túnel, quase tonto de claustrofobia... um legado do tempo em que ele, a esposa e os filhos ficaram confinados por quase meio ano em cômodos que pareciam masmorras, por ordem do tairo Li, não fazia tanto tempo assim. Nunca mais ficarei confinado, jurara ele, nunca mais.

Não demorou muito para que o túnel começasse a subir e logo eles saíram na outra extremidade, numa casa. Era um lugar seguro, que pertencia a um leal vassalo do clã Toranaga, que fora avisado antes e os esperava. Aliviado não ter deparado com mais problemas, Yoshi gesticulou para que a guarda avançada partisse.

A noite era agradável e atravessaram a cidade por caminhos pouco conhecidos, até chegar aos arredores e encontrar a primeira barreira na *Tokaidô*. Ali, guardas hostis tornaram-se dóceis assim que viram o estandarte de Toranaga. Apressaram-se em abrir a barricada, fizeram suas reverências e tornaram a fechá-la, depois que todos passaram, curiosos, mas nenhum bastante estúpido para fazer perguntas.

A estrada se bifurcava pouco depois da barreira. Um dos caminhos seguia para o norte, pelo interior, na direção das montanhas; numa

viagem normal, alcançariam o castelo de Yoshi, o Dente do Dragão, em três ou quatro dias. Satisfeita, a guarda avançada pegou essa estrada, voltando para sua terra... para seus lares, pois a maioria não via a família, noivas ou amigos há quase um ano. Meia légua adiante, ao se aproximarem de uma aldeia, onde havia uma boa aguada e uma fonte quente Yoshi gritou "guardas!", fazendo sinal para que voltassem.

O novo capitão da escolta foi parar ao seu lado e quase disse "Sire?", mas controlou-se a tempo e esperou. Yoshi apontou para uma estalagem, como se tomasse uma decisão repentina.

— Paramos ali. — O lugar era chamado de Sete Estações da Felicidade. — Não há necessidade de silêncio agora.

O pátio era limpo, calçado com pedras. No mesmo instante, o proprietário, criadas e criados saíram apressados, com lanternas, fazendo reverências, ansiosos em agradar, honrados com a importância do hóspede esperado. Criadas cercaram o palanquim, para cuidar de Koiko, enquanto o proprietário, um velho magro e calvo, asseado e bem arrumado, claudicando um pouco ao andar, conduzia Yoshi ao melhor e mais isolado bangalô. Era um samurai aposentado, chamado Inejin, que decidira raspar o penacho e se tornar um estalajadeiro. Secretamente, ainda era *hatomoto* — um

samurai privilegiado —, um dos muitos espiões de Yoshi que se espalhavam pelos arredores de Iedo e por todos os acessos ao Dente do Dragão. O novo capitão, consciente de sua responsabilidade, acompanhou-o com quatro samurais, mais Misamoto e seus dois guardas.

O capitão se certificou de que o bangalô era seguro. Depois, Yoshi acomodou-se na varanda, sobre uma almofada, de frente para os degraus, o capitão e os outros samurais ajoelhados de guarda por trás. Ele notou que a criada que servia o chá tinha um rosto viçoso, fora bem escolhida, o chá parecendo mais saboroso por isso. Quando achou que já estava pronto, Yoshi acenou para que as criadas e servos se afastassem e ordenou:

— Por favor, traga-os para cá, Inejin.

Momentos depois, Inejin voltou, acompanhado pelos dois garimpeiros gai-jin. Um alto, o outro largo, ambos encovados, de aparência rude, barbudos, com roupas sujas, gorros ensebados. Yoshi estudou-os, curioso, com profunda aversão, considerando-os mais como criaturas do que como homens. Ambos estavam apreensivos. Pararam perto dos degraus, fitando-o, aturdidos. O capitão gritou:

— Curvem-se!

Como eles continuassem imóveis, apenas fitando-o, sem compreender, ele acrescentou para dois samurais:

— Ensinem-lhes as boas maneiras.

Em segundos, eles estavam de joelhos, a cara na terra, praguejando pela estupidez em aceitar um emprego tão perigoso.

— Mas que merda, Charlie — dissera o garimpeiro da Cornualha, na cidade dos bêbados, poucos dias antes, depois da conversa com Norbert Greyforth — O que temos a perder? Nada! Estamos passando fome, sem dinheiro, sem trabalho, sem crédito... não há um único bar em Yokopoko que nos sirva uma cerveja, ninguém que nos ofereça uma cama, um pedaço de pão, muito menos uma mulher. Nenhum navio nos dá passagem. Estamos empacados aqui e

não demora muito para que os *peelers* da Austrália desembarquem aqui, ou os seus policiais de San Francisco, e nos meterão em correntes, enforcanao-me por esfaquear alguns garimpeiros sífilíticos que não respeitavam o terreno dos outros, e a você por roubar e atirar em alguns banqueiros desgraçados.

— Confia naquele miserável do Greyforth?

— Onde está sua honra, eu sou um velho galo de briga! Acertamos com ele, certo? Ele fez o que prometeu, certo? Deu vinte libras para a gente pagar o que devia e se livrar da cadeia, mais vinte para ficar no banco até a gente voltar, todas as picaretas, pólvoras e mercadorias de que precisamos, e mais um contrato jurado na frente do pregador, de que vamos ficar com duas partes de cada cinco mandadas para Yoko, certo? Tudo o que ele prometeu, certo? É um sujeito duro, mas todos os duros são trapaceiros.

Os dois haviam caído na gargalhada, com o outro dizendo:

— Você tem toda razão.

— Somos os garimpeiros, certo? Nós é que encontramos os veios, certo? Na terra dos japas, onde estamos sozinhos, certo? Podemos esconder uma parte, hem? E levar sem que ninguém saiba, certo? Todo o grude, bebida e mulher por um ano, uma vida e tanto na Yoshiwara, e a oportunidade de explorar uma mina de ouro? Eu entro nessa, mesmo que você não tope...

Agora, a situação era muito diferente.

— Façam com que sentem, sem machucá-los. Misamoto!

Misamoto caiu de joelhos no mesmo instante. Ao verem-no, os dois garimpeiros se mostraram um pouco menos preocupados.

— São esses os homens com quem se encontrou no cais ontem?

— Sim, Sire.

— Eles o conhecem como Watanabe?

— Sim, lorde.

— Ótimo. Eles não sabem nada sobre seu passado?

— Não, lorde. Fiz tudo como mandou, tudo...

— Disse que aprendeu inglês com marujos em Nagasáqui?

— Disse, lorde.

— Ótimo. Agora, diga primeiro que eles serão bem tratados e que não precisam ter medo. Como eles se chamam?

— Escutem, vocês dois, este é o chefe, lorde Ota — disse Misamoto, como fora instruído por Yoshi, seu sotaque americano compreendido sem dificuldade. — Falei que deviam se curvar ou seriam obrigados. Ele diz que serão bem tratados e quer saber seus nomes.

— Sou John Cornishman e ele é Charlie Yank, e até agora ainda não tivemos nada para comer ou beber.

Da melhor forma que podia, Misamoto traduziu os nomes.

— Não diga nada a meu respeito, nem o que você fez desde que o tirei da prisão... lembre-se, tenho ouvidos por toda parte, e saberei.

— Não falharei, lorde.

Misamoto fez uma reverência profunda, escondendo seu ódio, desesperado em agradar, apavorado com seu futuro.

— Muito bem.

Por um momento, Yoshi considerou-o. Em dois meses e pouco, desde que recrutara Misamoto para seu serviço, o homem mudara de uma forma radical, por fora. Agora, tinha o rosto raspado, a cabeça também raspada, com exceção do penacho, ao estilo dos samurais. Uma higiene forçada melhorara bastante sua aparência, e embora fosse deliberadamente mantido com os trajes da mais baixa classe de samurais, parecia um samurai agora, e usava as duas espadas como se lhe pertencessem. É verdade que as espadas eram falsas, apenas os cabos, sem lâminas dentro das bainhas.

Até agora, Yoshi estava satisfeito com seu desempenho, e ficara atônito ao vê-lo com os trajes e o chapéu de um ancião, sem reconhecê-lo. Uma boa lição a lembrar, pensara ele na ocasião: como é fácil parecer o que não se é!

— É melhor você não falhar mesmo — disse ele, olhando em seguida para os dois guardas de Misamoto. — Vocês são responsáveis pela segurança desses dois homens. A senhora Hosaki providenciará mais guardas e guias também, mas vocês são responsáveis pelo sucesso do empreendimento.

— Sim, lorde.

— E quanto a este falso Watanabe — acrescentou Yoshi, a voz suave, mas ninguém se iludiu com isso —, deve ser tratado como samurai, embora do grau mais baixo. Mas se ele desobedecer às ordens, ou tentar escapar, vão amarrar suas mãos e pés e arrastá-lo à minha presença. Vocês são os responsáveis.

— Sim, lorde.

— Não vou fracassar, lorde — murmurou Misamoto, o rosto pálido, uma parte do seu terror contagiando os garimpeiros.

— Diga a esses homens que eles estão seguros. E também que você será seu ajudante e mestre, não há necessidade de ficarem assustados, se obedecerem. Diga a eles que espero rápido sucesso na busca.

— O chefe diz que não precisam ter medo.

— Então por que você está se mijando de medo?

— Vá se foder. Eu... estou no comando e é melhor terem boas maneiras.

— Melhor é você tomar cuidado com a gente ou assim que ficarmos a sós vamos arrancar seus ovos e fritar. Onde estão a porra do grude, a bebida e as mulheres que nos prometeram?

— Terão tudo daqui a pouco, e acho melhor se mostrarem polidos... na presença desses sujeitos — advertiu Misamoto, cauteloso. — Eles podem ser como um gato com uma abelha no rabo. E o chefe diz que é melhor encontrarem o ouro bem depressa.

— Se houver ouro, vamos encontrá-lo, *Wotinabey*, seu velho sacana. Se não estiver lá, é porque não existe nada, certo, Charlie?

— Eles agradecem por sua bondade, lorde — disse Misamoto, já não tão assustado, pois compreendera que se os homens encontrassem ouro, ele seria o primeiro a saber, já que os acompanharia. — Prometem tentar encontrar tesouros o mais depressa possível. Respeitosamente perguntam se podem ter alguma coisa para comer e beber e quando podem começar a trabalhar.

— Explique a eles que compensa ser paciente, compensa ser polido e diligente. Ensine-lhes as maneiras corretas, como fazer reverências e assim por diante. Você é o responsável.

Enquanto Misamoto traduzia, Yoshi gesticulou para seu ajudante, que trouxe as duas capas curtas que Hosaki mandara fazer, como se fossem coletes, presas por laços. Na frente e atrás, havia caracteres escritos a tinta, que diziam: Este gai-jin é um servidor pessoal e garimpeiro, sob a minha proteção, e tem permissão, desde que acompanhado por guias oficiais, com os documentos corretos, para garimpar em qualquer parte dos meus domínios. Todos têm a obrigação de ajudá-lo nesse trabalho. Ao final, havia seu lacre pessoal.

— Diga a eles que devem usar isto sempre, que lhes dará salvo-conduto... explique o que está escrito.

Misamoto tornou a obedecer, sem pensar, e mostrou aos dois homens como vestir a capa. Agora cautelosos, simularam paciência e humildade que nada tinham a ver com sua natureza e criação.

— Charlie — sussurrou o cômico, ajustando os laços, mal mexendo os lábios para falar, como a maioria dos ex-condenados sabia fazer, pois passara quatro anos de trabalhos forçados no sertão australiano por se apoderar das concessões de garimpo de outros —, perdido por um penny, perdido pela porra de uma libra.

O americano sorriu, subitamente mais à vontade.

— Espero que valha mais do que uma libra, meu velho...

Yoshi observava-os. Depois de se sentir satisfeito, gesticulou para Misamoto.

— Leve-os com você e espere no pátio.

Depois que eles se retiraram, com as reverências apropriadas, desta vez sem qualquer ajuda, Yoshi mandou que todos se afastassem, à exceção de Inejin.

— Sente-se, velho amigo. — Ele indicou os degraus, onde o velho poderia sentar confortavelmente, já que tinha o quadril esquerdo arrebentado de uma queda de cavalo e era-lhe impossível ajoelhar.
— Quais são as novidades?

— Tudo e nada, lorde. — Durante três séculos, Inejin e seus antepassados haviam servido àquele ramo dos Toranagas. Como um *hatomoto*, não tinha medo de dizer a verdade, mas a obrigação de fazê-lo. — A terra tem sido trabalhada com diligência, adubada da maneira correta, mas os camponeses dizem que este ano haverá fome, até mesmo aqui, no Kwanto.

— Até que ponto a fome será severa?

— Precisaremos este ano de arroz de outros lugares para ficarmos seguros e em outros lugares será ainda pior.

Yoshi recordou o que Hosaki já lhe dissera e sentiu-se contente pela previdência e prudência da esposa. Também sentia-se contente por ter um vassalo como Inejin — era muito raro encontrar um homem no qual se pudesse ter confiança total, e ainda mais raro encontrar alguém que falasse a verdade, baseada no conhecimento real, e não por razões de melhoria pessoal.

— O que mais?

— Todos os samurais leais estão fervendo de impaciência pelo impasse entre o *Bakufu* e os lordes rebeldes de *Satsuma*, *Choshu* e Tosa. Os samurais deles também estão descontentes, em grande parte por causa dos problemas habituais, as taxas de pagamento fixadas há um século causam dificuldades cada vez maiores e é cada vez mais difícil pagar os juros das dívidas crescentes e comprar arroz e outros alimentos, a preços cada vez maiores.

Inejin tinha consciência profunda do problema, já que a maior parte de sua família, espalhada por várias regiões, ainda na classe dos samurais, vinha sofrendo bastante. Depois de uma pausa, ele acrescentou:

— Os *shishi* conquistam adeptos todos os dias, se não abertamente, pelo menos em segredo. Os camponeses continuam dóceis, os mercadores nem tanto, mas todos, exceto a maioria dos mercadores de Iocoama e Nagasáqui, gostariam que os gai-jin fossem expulsos.

— E *Sonno-joi*?

Outra pausa e o velho respondeu:

— Como muitas coisas neste mundo, lorde, esse grito de batalha é em parte correto, em parte errado. Todos os japoneses detestam os gai-jin... são piores do que os chineses, piores do que os coreanos... todos querem que eles saiam daqui, todos reverenciam o filho do céu, e acham que o seu desejo de expulsá-los é a política certa. De seus vinte homens aqui esta noite, creio que os vinte apoiariam essa parte de *Sonno-joi*. Como o lorde também concorda, desde que seja o xogunato que exerça o poder temporal de executar os desejos do filho do céu, de acordo com os procedimentos fixados pelo xógum Toranaga.

— Tem toda razão — concordou Yoshi.

No fundo, porém, ele sabia que se tivesse o poder, nunca teria permitido o primeiro tratado, e assim não haveria necessidade de o imperador interferir nos assuntos do xogunato; também nunca permitiria que homens de mentalidade mesquinha cercassem o filho do céu para desorientá-lo.

Mesmo assim, contrário a *Sonno-joi*, agora convidaria alguns dos gai-jin a entrarem no país, enquanto houvesse tempo. Mas apenas em suas condições. E apenas para o comércio que desejasse. Será apenas com esquadras e canhões como os deles que poderemos lhes negar o acesso à nossa terra, pensou Yoshi, expulsá-los de nossos mares, e finalmente cumprir nosso destino histórico de pôr o imperador no trono do dragão da China. E quando isso acontecer, com todos os milhões de chineses e nosso *bushido*, todo o mundo dos gai-jin nos obedecerá.

— Continue, Inejin.

— Não há muito mais a dizer que já não saiba, lorde. Muitos receiam que o menino xógum nunca se tornará um homem, muitos se mostram perturbados por um conselho que não é tão sábio quanto deveria, muitos estão chocados porque seu prudente conselho contra a viagem dele a Quioto como um suplicante foi ignorado, muitos lamentam que não controle o *roju* para impor as mudanças necessárias: o *Bakufu* passando a ser incorruptível, hábil... e acabando com a podridão.

— O xógum é o xógum — declarou Yoshi, em tom brusco. — Todos devem apoiá-lo, e também a seu conselho. Ele é nosso suserano e por isso merece nosso apoio.

— Concordo inteiramente, Sire, apenas relato as opiniões dos samurais da melhor forma que posso. Poucos querem a queda do *Bakufu* e do xogunato. Apenas uns poucos tolos acreditam que o imperador pode governar o Nipão sem a ajuda do xogunato. Mesmo entre os *shishi*, poucos realmente acreditam que o xogunato deve ser extinto.

— E daí?

— A solução é óbvia: de alguma forma, mãos fortes devem assumir o controle, e governar como fez o xógum Toranaga. — Inejin ajeitou a perna de um jeito mais confortável. — Por favor, perdoe-me por falar tanto. Devo dizer que me sinto muito honrado por sua visita.

— Obrigado, Inejin — murmurou Yoshi, pensativo. — Não há notícias de *daimios* mobilizando forças contra nós?

— Não, lorde, não nesta área, embora eu tenha ouvido dizer que Sanjiro pôs *Satsuma* em pé de guerra.

— E *Choshu*?

— Ainda não, mas Ogama tornou a reforçar a guarnição que domina os portões e aumentou o número de baterias de terra em Shimonoseki.

— Hum... Seus armeiros holandeses?

Inejin confirmou com um aceno de cabeça.

— Espiões me dizem que eles treinam seus artilheiros e fabricam quatro canhões por mês, no novo arsenal de *Choshu*. Esses canhões são logo levados para os redutos. Muito em breve, os estreitos se tornarão inexpugnáveis.

O que é bom e mau ao mesmo tempo, pensou Yoshi — bom ter tal opção, mau que esteja em mãos inimigas.

— Ogama planeja intensificar os ataques aos navios?

— Fui informado que não, pelo menos por enquanto. Mas ele ordenou que suas baterias destruíssem todos os navios gai-jin e fechassem os estreitos em caráter permanente, quando lhes enviasse uma senha em código. — Inejin inclinou-se para a frente e sussurrou: — “Céu escarlate.”

Yoshi ficou aturdido.

— A mesma que o xógum Toranaga usava?

— É o rumor que está circulando.

A mente de Yoshi estava em turbilhão. Isso significa que Ogama, como o meu antepassado, pretende também desfechar um ataque de surpresa... poder supremo sendo o prêmio?

— Pode obter uma prova?

— Com o tempo. Mas essa é a senha atual. Quanto ao verdadeiro plano de Ogama... — Inejin deu de ombros. — Ele controla os portões agora. Se pudesse persuadir Sanjiro a lhe empenhar sua lealdade...

Houve um momento de silêncio, longo e opressivo.

— Fez um bom trabalho.

— Outro fato interessante, Sire. Lorde Anjo tem uma doença do estômago. — Os olhos de Inejin se iluminaram ao registrarem o interesse imediato de Yoshi. — Um amigo de um amigo em quem eu confio me diz que ele consultou em segredo um médico chinês. A doença é a da deterioração e não pode ser curada.

Yoshi soltou um grunhido, em parte de uma pontada gelada de ansiedade pela possibilidade de contrair a mesma doença — quem

sabe como ou de onde — ou já tê-la em suas entranhas, esperando o momento de se manifestar.

— Quanto tempo ele viverá?

— Meses, talvez um ano, não mais. Mas deve se manter duplamente em guarda, Sire, porque meu informante diz que, enquanto o corpo se deteriora, sem qualquer sinal externo, a mente continua lúcida, apenas se distorce por caminhos perigosos e implacáveis.

Como a estúpida decisão de permitir que a princesa prevaleça, pensou Yoshi, a cabeça fervilhando com as novas informações.

— E que mais?

— Sobre os *shishi* que atacaram lorde Utani e seu amante, Sire. Foram liderados pelo mesmo *shishi* de *Choshu* que atacou lorde

Anjo... Hiraga.

— Aquele cujo cartaz foi enviado a todas as barreiras?

— Isso mesmo, Sire, Rezan Hiraga. Pelo menos foi esse o nome indicado pelo *shishi* capturado, antes de morrer. Provavelmente é falso. Outro nome com que se apresenta é Otani.

— Conseguiram capturá-lo? — indagou Yoshi, esperançoso.

— Não, Sire, ainda não, e infelizmente perdemos todas as pistas. Assim, ele deve estar em outro lugar. Talvez em Quioto. — Inejin baixou a voz ainda mais.

— Correm rumores de que haverá outro ataque dos *shishi* em Quioto. Há indícios de que estão se concentrando ali. Em grande quantidade.

— Que tipo de ataque seria? Um assassinato?

— Ninguém sabe, por enquanto. Talvez outro atentado. O líder *shishi* com o codinome de “Corvo” teria determinado a convocação. Estou tentando descobrir quem ele é.

— Ótimo. De um jeito ou de outro, os *shishi* devem ser destruídos. — Yoshi pensou por um instante. — O veneno deles poderia ser dirigido contra Ogama ou Sanjiro, os verdadeiros inimigos do imperador?

— Seria muito difícil, Sire.

— Descobriu quem informou aos *shishi* sobre Utani? Sobre seu encontro amoroso?

Depois de uma pausa, Inejin respondeu:

— Foi a criada da dama, Sire, quem sussurrou para a *mama-san*, que sussurrou para eles.

Yoshi suspirou.

— E a dama?

— A dama parece ser inocente, Sire.

Yoshi tornou a suspirar, satisfeito por Koiko não estar envolvida, mas lá no fundo ainda não convencido.

— A criada está conosco agora... cuidarei dela. Providencie para que a *mama-san* nada desconfie. Acertarei as contas com ela quando voltar. Já descobriu quem é o outro espião, o que vem fornecendo informações para os gai-jin?

— Não com certeza, Sire. Fui informado que o traidor se chama Ori... ou esse é um pseudônimo... não sei o nome completo, um *shishi* de *Satsuma*, um dos homens de Sanjiro, um dos dois assassinos da *Tokaidô*.

— Foi inepto ao matar apenas um, quando os quatro constituíam um alvo fácil. Onde está o traidor agora?

— Em algum lugar da colônia de Iocoama, Sire. Ele se tornou um confidente secreto do jovem intérprete inglês e do francês de que me falou.

— Ah, ele também... — Yoshi ficou em silêncio por um momento, pensativo. — Silencie esse Ori imediatamente.

Inejin inclinou a cabeça, aceitando a ordem.

— O que mais?

— Isso encerra meu relatório.

— Obrigado. Trabalhou bem.

Yoshi acabou de tomar o chá, imerso em pensamento. O luar projetava estranhas sombras. O velho rompeu o silêncio:

— Seu banho está pronto, Sire, e imagino que tenha fome. Tudo se encontra à sua espera.

— Obrigado, mas faz uma noite tão boa que partirei agora mesmo. Há muito o que fazer no Dente do Dragão. Capitão!

Todos se reuniram num instante. Koiko e sua criada voltaram a vestir as roupas de viagem e ela entrou no palanquim. Com a devida deferência, Inejin, sua família, criadas e servidores saudaram o hóspede, no momento da partida.

— O que faremos com toda a comida que preparamos? — indagou hesitante a esposa, uma mulher pequena, de rosto redondo, também descendente de samurais.

Ela preparara as iguarias às pressas, mas com extremo cuidado, tudo comprado a um vasto custo, para conquistar o suserano naquela visita inesperada — mais de três meses de lucro investido em uma única refeição.

— Vamos comê-la — murmurou Inejin, observando o cortejo se afastar, através da aldeia adormecida, até desaparecer. — Foi muito bom tornar a vê-lo, uma grande honra.

— Foi, sim — murmurou ela, submissa, seguindo-o para o interior do prédio.

A noite era amena, com luar suficiente para se divisar tudo. Além da aldeia, a estrada de terra, a estrada seguia para o norte, sinuosa, com aldeias a intervalos de poucos quilômetros, todas as terras ao redor exploradas por Yoshi desde a sua infância. Reinava um silêncio profundo. Ninguém viajava àquela hora da noite a não ser os salteadores, os *ronin* e a elite. Vadearam um córrego, o terreno mais aberto naquele ponto. No outro lado, Yoshi parou e fez um sinal para o capitão.

— Pois não, Sire?

Sob o crescente excitação de todos, Yoshi virou-se na sela e apontou para leste e para o sul, na direção da costa.

— Estou mudando meu plano — anunciou ele, como se fosse uma decisão repentina, e não uma coisa planejada por vários dias. — Agora vamos seguir por este caminho, até a *Tokaidô*, mas contornaremos as três primeiras barreiras, e em seguida voltaremos à estrada, pouco depois do amanhecer.

Não havia necessidade de perguntar para onde estavam indo.

— Marcha forçada, Sire?

— Isso mesmo. E agora chega de conversa. Vamos embora!

Cento e vinte léguas, dez ou onze dias, pensou Yoshi. E, depois, Quioto e os portões. Meus portões.

IOCOAMA

No final da tarde desse mesmo dia, Hiraga esgueirou-se para os fundos de um barraco, na beira da cidade dos bêbados, onde um marujo pequeno e imundo o esperava, bastante nervoso.

— Dê-me o dinheiro, companheiro — disse o homem.

— Sim. Revólver, por favor?

— Num dia você está grã-fino, no outro parece um pobre coitado bexiguento. — O homem tinha uma barba grisalha, um olhar desconfiado, com uma faca afiada na cintura, outra numa bainha no antebraço. Quando Hiraga o abordara pela primeira vez, na praia, usava as roupas que Tyrer providenciara. Hoje usava uma túnica encardida de trabalhador, calça puída e botinas surradas. — Qual é o seu jogo?

Hiraga deu de ombros, sem compreender.

— Revólver, por favor.

— Revólver, hem? Já sei que é isso o que quer.

Os olhos astutos esquadriharam ao redor, pela área coberta de mato e com pilhas de lixo entre a cidade dos bêbados e a aldeia

japonesa — um lugar chamado de terra de ninguém pelos moradores locais —, mas não avistou ninguém a espreitá-los.

— Onde está a grana? — indagou ele, irritado. — O dinheiro, pelo amor de Deus, os mexicanos!

Hiraga enfiou a mão no bolso da túnica, achando tudo desconfortável e estranho, as roupas compradas especialmente para o encontro. Três dólares de Prata mexicanos faiscaram em sua mão.

— Revólver, por favor.

Impaciente, o marujo meteu a mão por dentro da camisa e mostrou o Colt.

— Leva a arma quando me entregar o dinheiro.

— Balas, por favor?

O homem tirou do bolso da calça um pano imundo, com uma dúzia ou mais de cartuchos.

— Um negócio é um negócio, e minha palavra é minha palavra.

O marujo estendeu o braço para o dinheiro, mas antes que pudesse apanhá-lo Hiraga fechou a mão.

— Não roubado, sim?

— Claro que não foi roubado!

Hiraga abriu a mão. O homem pegou as moedas, na maior ganância, examinou-as com todo cuidado, para se certificar que não estavam lascadas, nem eram falsificadas, os olhos astutos se desviando para um lado e outro durante todo o tempo. Depois de se convencer que o dinheiro era genuíno, ele entregou o Colt e as balas e se levantou.

— Não seja apanhado com isso, companheiro, ou vai balançar na ponta de uma corda. Claro que é roubado.

O marujo soltou uma risada desdenhosa e se afastou apressado, como o rato com que se parecia.

Hiraga voltou meio agachado para a relativa segurança da aldeia japonesa... segura apenas pelo tempo em que a ralé e os bêbados não decidissem atacá-la. Não havia polícia ou sentinelas para proteger os aldeões. Apenas uma patrulha ocasional da marinha ou do exército passava de vez em quando pela rua principal, e os homens raramente tomavam o partido dos japoneses nos tumultos.

Hiraga levava vários dias para acertar a transação, pois é claro que não podia pedir a ajuda de Tyrer. Ninguém na Yoshiwara possuía uma arma de fogo. Raiko dissera, apreensiva:

— Só os gai-jin têm, Hiraga-san, sinto muito. É perigoso para uma pessoa civilizada ser apanhada com uma arma assim.

Akimoto interviera, ameaçador:

— Se meu primo quer uma arma assim, trate de arrumar logo para ele, Raiko! Você pode fazer qualquer coisa, neh? Como pagamento, eu a levarei para a cama de graça...

Ele se esquivara à almofada que Raiko lhe jogara, os dois rindo. Raiko acrescentara, abanando-se:

— Ah, Hiraga-san, sinto muito, mas suplico que tire esse homem horrível daqui. Duas das minhas garotas já exigiram um dia de folga para se aliviarem da investida do yang dele...

Quando ficaram a sós, Akimoto comentara, muito sério:

— Talvez seja melhor você mudar de idéia, esquecer essa arma. Deixe-me tentar persuadir Ori a se encontrar conosco aqui.

Hiraga sacudira a cabeça, satisfeito pela companhia do primo jovial.

— Ori tem uma pistola e vai usá-la no momento em que nos avistar. Já tentei por todos os meios atraí-lo para fora da cidade dos bêbados e não consegui. Se o emboscar com uma arma de fogo, vai parecer que foi um gai-jin. A qualquer dia ele vai tentar outra vez se encontrar com aquela mulher; estarei perdido aqui no instante em que isso acontecer.

— Talvez ele se canse de esperar. Todos os homens na aldeia foram avisados para vigiá-lo e ninguém vai tirá-lo daqui pelo mar.

— Quem ousaria confiar num aldeão?

Akimoto propusera:

— Neste caso, deixe-me fazer o serviço, quando conseguir a arma.

Ele era muito maior do que Hiraga, que não o reconhecera quando chegara, pois Akimoto também cortara os cabelos da mesma forma.

Ao final, Hiraga abordara o marujo na praia, fingindo ser um mercador chinês visitante de Hong Kong, e acertara o negócio, sua única condição a de que a arma não fosse roubada. Mas é claro que seria roubada...

Akimoto o aguardava na casa da aldeia que haviam alugado por um mês e comentou, rindo:

— Puxa, primo, peço que me desculpe. Não há necessidade de perguntar se conseguiu, mas parece tão engraçado nessas roupas... se os nossos camaradas *shishi* pudessem vê-lo agora...

Hiraga deu de ombros.

— Desse jeito posso passar pelos cules gai-jin, não importa de onde venham. Todos os tipos de gai-jin e cules se vestem assim na cidade dos bêbados. — Ele se ajeitou de uma forma mais confortável, com o escroto dolorido. — Não consigo entender como eles podem usar roupas tão pesadas, calças que dão cãibras e casacos apertados, durante todo o tempo... e quando faz calor, são horríveis, a gente sua como uma fonte.

Enquanto falava, ele examinava o Colt, avaliava o peso, mirava.

— É pesado.

— *Saquê?*

— Obrigado. Depois, acho que vou descansar até o pôr-do-sol.

Hiraga carregou o revólver, bebeu algum *saquê* e deitou, satisfeito consigo mesmo. Fechou os olhos, começou a meditar, Quando em paz, permitiu que a mente vagueasse. Pegou no sono num instante. Acordou ao pôr-do-sol. Akimoto continuava de guarda. Ele olhou pela pequena janela e murmurou:

— Não haverá tempestade nem chuva esta noite.

Pegou um lenço e amarrou-o em torno da cabeça, como vira os gai-jin de baixa classe e os marujos fazerem. Akimoto sentiu-se de repente invadido pelo medo.

— E agora?

— Agora — respondeu Hiraga, escondendo o revólver por baixo do cinto — vou à procura de Ori. Se eu não voltar, mate-o você.

A maioria dos aldeões nas ruas não o reconheceu, os poucos que perceberam fizeram uma reverência nervosa, como se ele fosse um gai-jin, não um samurai, conforme lhes ordenara. Em seus trajes europeus, para a maioria dos *gai-jin* ele seria apenas outro eurasiático ou um mercador chinês de Hong Kong, Xangai ou Manila, a qualidade das roupas e o porte indicando sua posição riqueza.

— Mas jamais esqueça, Nakama-san — advertira Tyrer, várias vezes — Por por mais rico que pareça, as roupas elegantes não vão

protegê-lo de perseguição e insultos da ralé, se for sozinho à cidade dos bêbados ou a qualquer outro lugar.

Na primeira vez em que saía à procura de Ori, assim que ouvira o *shoya* revelar que o amigo desobedecera sua ordem, Hiraga entrara na cidade dos bêbados com as roupas fornecidas por Tyrer. Quase que no mesmo instante, fora acuado por um bando turbulento de bêbados, escarnecendo e insultando, logo partindo para a agressão. Só a sua habilidade no caratê, uma arte ainda desconhecida dos gai-jin pudera salvá-lo. Batera em retirada, furioso, deixando em sua esteira duas cabeças quebradas e mais um homem entrevado.

— Descubra imediatamente o lugar exato em que Ori se esconde! — dissera ele ao *shoya*. — Quero saber o que ele está fazendo e como vive!

Na noite seguinte, o *shoya* desenhara um mapa tosco.

— A casa é aqui, neste lado, de frente para o mar, perto de um cais. É uma casa para os bêbados dormirem, homens da mais baixa classe. Ori-san aluga um quarto, pagando o dobro, pelo que fui

informado. Um lugar horrível, Hiraga-san, sempre cheio dos piores homens. Não pode ir lá sem um plano especial. É tão importante assim que ele seja mandado embora?

— É, sim. Sua aldeia corre risco com a permanência de Ori aqui.

— So ka!

Dois dias depois, o *shoya* avisara que a casa de Ori pegara fogo durante a noite e os corpos de três homens haviam sido encontrados nas ruínas.

— Pelo que me contaram, Hiraga-san, o “nativo” era um deles — arrematara o *shoya*, com evidente satisfação.

— Uma pena que toda aquela área não se incendiasse também, matando todos os gai-jin que vivem ali.

— Tem razão.

A vida voltara a ser calma. Hiraga continuara a passar bastante tempo com Tyrer, contente em aprender e ensinar, sem imaginar como seus conhecimentos eram importantes e informativos para Tyrer, Sir William e Jamie McFay. Durante a metade de um dia, estivera a bordo da fragata britânica, em companhia de Tyrer. A experiência o deixara abalado, e mais determinado do que nunca a descobrir como aqueles homens que desprezava eram capazes de inventar e fabricar máquinas e navios de guerra tão incríveis, como pessoas tão indignas, de uma terra mínima, menor que o Nipão — a se acreditar em Tyrer —, podiam ter adquirido a vasta riqueza necessária para possuir tantos navios, exércitos e fábricas, e ao mesmo tempo dominar todas as rotas marítimas e grande parte do mundo.

Naquela noite, ele se embriagara até a insensibilidade, a mente desorientada exultante num instante, no abismo no seguinte, sua crença na invencibilidade absoluta do *bushido* e da terra dos deuses profundamente abalada.

Passava a maioria das noites com Akimoto na Yoshiwara, ou nas casas que ocupavam na aldeia, planejando e partilhando seus conhecimentos dos gai-jin, embora mantivesse em segredo a extensão de sua apreensão. Sempre, porém, reforçava a rede em torno de Tyrer, manipulando-o:

— Ah, sinto muito, Taira-san, contrato Fujiko levar muitas semanas, Raiko difícil de negociar, contrato caro, ela ter muitos clientes, muitos, sinto muito, ela ocupada esta noite, talvez amanhã...

Poucos mais de duas semanas antes, para fúria de Hiraga, o *shoya* descobrira que Ori não morrera no incêndio:

—... e sinto muito, Hiraga-san, mas fui informado que Ori se tornou rico de repente, gasta dinheiro como um *daimio*. Agora ele mora em vários aposentos em outra casa de bebida.

— Ori rico? Como é possível?

— Não sei, Sire.

— Mas sabe onde fica sua nova casa?

— Sei, Sire. Aqui está o mapa. Sinto muito se...

— Não importa — dissera Hiraga, na maior irritação. — Esta noite vamos queimá-la também.

— Sinto muito, Hiraga-san, mas isso não será mais tão fácil.

O *shoya* mostrava-se exteriormente penitente, mas por dentro sentia uma fúria igual porque sua primeira e imediata solução para o problema do *ronin* louco não alcançara o objetivo pelo qual fora pago.

— Não mais é fácil porque esta casa é isolada, e parece que ele tem muitos guardas... guardas gai-jin! — acrescentara o *shoya*.

Com toda objetividade, Hiraga avaliara as consequências. Enviara uma carta afável para Ori, por um dos aldeões, que vendia peixe na cidade dos bêbados, dizendo que sentia-se muito satisfeito por saber que ele continuava vivo, não morrera no terrível incêndio, como haviam-no informado, e também que se tornara próspero. Sugerira um encontro naquela noite na Yoshiwara, já que Akimoto queria conversar sobre questões dos *shishi* da maior importância.

Ori respondera por carta, sem demora: “Não na Yoshiwara, nem em qualquer outro lugar, não até que nosso plano de *Sonno-joi* seja executado e a colônia incendiada. Antes que você, Akimoto ou qualquer outro traidor se aproxime de mim, será fuzilado.”

— Ele sabe que o incêndio não foi um acidente — comentara Akimoto. — Claro que sabe. Mas onde conseguiu o dinheiro?

— Só pode ter sido roubando, neh?

Outras mensagens receberam a mesma resposta. Uma trama insidiosa falhara. Por isso, Hiraga comprara o revólver e formulara novo plano. Agora chegara o fomento, aquela noite era perfeita. Os últimos raios do sol poente guiaram-no através da terra de ninguém e ao longo das ruas fétidas, cheias de buracos perigosos. Os homens que passaram por ele mal o fitaram, exceto para gritar que saísse da frente.

Ori enfiou a mão ao acaso no pequeno saco com moedas na mesa ao lado da cama e tirou uma. Era um *mex* lascado, agora com a metade do seu valor normal. Embora ainda fosse cinco vezes mais do que o preço combinado, ele entregou a moeda à mulher nua. Os olhos dela se iluminaram, inclinou a cabeça em um cumprimento murmurando agradecimentos abjetos e intermináveis.

— Você é um cavalheiro de verdade, amor.

Ele observou-a, distraído, enquanto ela punha o vestido velho e esfarrapado atônito por se encontrar ali, sentindo repugnância por tudo naquele quarto, a cama, a casa, o lugar, pelo corpo pálido e ossudo da *gai-jin*, com nádegas flácidas, que fantasiara ser capaz de extinguir o incêndio que o enlouquecia, mas apenas servira para tornar sua necessidade ainda pior, pois aquela mulher não se comparava em coisa alguma com ela.

A mulher não lhe dava qualquer atenção agora. Realizara seu trabalho e só restava murmurar os costumeiros agradecimentos e mentiras sobre o desempenho do homem — neste caso, não eram mentiras, pois o órgão, no que carecia de tamanho, compensava em força e vigor — e depois escapar dali, guardando sua nova riqueza, sem problemas adicionais. O vestido desceu pelos ombros magros e à mostra, até se arrastar pelo tapete puído, que cobria em parte o assoalho de tábuas ásperas. Anágua rasgada, sem o calção por baixo. Cabelos castanhos escorridos, uma grossa camada de ruge. Ela parecia ter quarenta, embora tivesse dezenove, uma menina de rua de Hong Kong, pais desconhecidos, vendida para uma casa de *Wanchai* oito anos antes, por sua mãe adotiva.

— Quer que eu volte amanhã?

Ori deu de ombros, apontou para a porta, o braço ferido já curado, e tão bom quanto jamais poderia ficar, nunca com a mesma força anterior, nem tão ágil com uma espada, mas bastante bom para enfrentar um espadachim médio, e ainda melhor com uma arma de fogo. Sua pistola estava em cima da mesa, nunca a deixava longe do alcance da mão.

A mulher forçou um sorriso, enquanto recuava, murmurando mais agradecimentos, contente por sair dali sem uma surra, e sem ter de suportar as práticas sórdidas que recebera.

— Não se preocupe, Gerty — sua madame lhe dissera —, os chineses são iguais a todos os outros, às vezes um pouco exigentes, mas esse sujeito é tão rico que deve dar o que ele pedir, e bem depressa, para receber um bom pagamento.

Ela não precisara fazer muita coisa extra, limitara-se a suportar seus movimentos frenéticos com estoicismo, soltando os grunhidos necessários de prazer simulado.

— Adeus outra vez, amor.

Ela saiu, o *mex* escondido no corpete sujo, que mal cobria os seios flácidos com outra moeda, de um vigésimo do seu valor, na mão.

Lá fora, no patamar, estava Timee, um rude marujo eurasiático, de sangue misturado, mas de predominância chinesa. Ele fechou a porta e agarrou-a pelo braço.

— Fique de bico fechado, sua puta bexiguenta — sussurrou ele, forçando-a a abrir a mão para pegar a moeda, e depois xingando-a em chinês e inglês gutural pelo ganho exíguo. — Por que não agradou o homem, sua puta?

Ele deu-lhe um cascudo e Gerty tropeçou, quase rolou pela escada; mas, assim que recuperou o equilíbrio, a uma distância segura, ela virou-se e gritou com mais veneno ainda:

— Vou contar a Madame Fortheringill sobre você! Ela dará um jeito em você!

Timee cuspiu na direção dela, bateu na porta, tornou a abri-la.

— *Musume* boa, hem? — indagou ele, insinuante.

Ori sentava agora a uma mesa velha, junto da janela. Usava uma camisa ordinária e calção, com as pernas à mostra, os pés descalços, a espada curta numa bainha no cinto. O saco de dinheiro se encontrava em cima da mesa. Ele percebeu os olhos contraídos se fixarem no saco. Indiferente, pegou outro dólar mexicano e jogou-o para Timee. O marujo de ombros largos pegou-o no ar, levou a mão ao topete, com um sorriso de poucos dentes, quebrados e amarelados.

— Obrigado. Grude, Guv? — Timee passou a mão pela barriga enorme. — Grude, wakarimasu ka?

A comunicação entre os dois era pela linguagem dos sinais e um pouco de *pidgin*. Timee era o principal guarda-costas de Ori. Outro vigiava lá embaixo, no bar, e havia um terceiro na viela. Ori sacudiu a cabeça.

— Não — disse ele, usando uma das palavras que aprendera, e depois acrescentou, acenando para que Timee se retirasse: — Ceveja.

Sozinho finalmente, ele olhou pela janela. O vidro estava rachado, com sujeira de mosca por toda parte, um canto faltando. A janela dava para a fachada de outro prédio quase em ruínas, um albergue de madeira, a dez metros de distância. O ar recendia a umidade e ele sentia a pele imunda; ficou arrepiado ao pensamento do corpo daquela mulher num contato suado, sem qualquer possibilidade de um civilizado banho japonês depois, embora pudesse tomá-lo sem qualquer problema na aldeia japonesa, a duzentos metros dali, no outro lado da terra de ninguém.

Mas, para isso, correria o risco de encontrar Hiraga e seus espiões à espera, pensou ele, Hiraga, Akimoto e todos os aldeões, que merecem ser crucificados como criminosos comuns, por tentarem impedir meu grandioso projeto. Ralé! Todos eles. Ousando tentar me matar pelo fogo, ousando envenenar o peixe... foi o karma que levou aquele gato a roubá-lo antes que eu pudesse detê-lo, para morrer momentos depois, vomitando, no meu lugar.

Desde então, ele comia com parcimônia, e apenas arroz, que cozinhava pessoalmente, numa panela na grelha, com um pouco de carne ou peixe feita para os outros pensionistas e os clientes do bar, fazendo Timee provar na sua frente, como uma proteção adicional.

A comida é horrível, este lugar é horrível, aquela mulher é horrível e só conseguirei esperar mais uns poucos dias antes de enlouquecer. Os olhos desviaram-se para o saco de dinheiro. Os lábios se repuxaram, deixando os dentes à mostra, num sorriso mórbido.

Na noite do incêndio, na outra choupana, em que dormia num catre, numa alcova mínima, nos fundos do bar, custara-lhe o que restava de seu dinheiro. Muito antes que os outros no albergue

despertassem, seu faro para o perigo, aguçado em uma vintena de incêndios desde a infância, alertara-o de repente, arrancando-o do sono, para descobrir as chamas já lambendo a escada de madeira por cima, e a tempo de ver outra cabaça com óleo, um trapo em fogo no gargalo, sendo arremessada para o bar.

Um cão histérico descera a escada em disparada e se juntara a dois gatos que tentavam escapar, frenéticos. Os três animais desataram a correr em torno do bar, derrubando garrafas de bebida, que se espatifavam no chão de pedra, alimentando o incêndio. Soaram gritos no andar por cima, apinhado. Homens seminus desceram a escada, em pânico, as chamas queimando-os, enquanto corriam para a rua. O fogo alcançara a escada. Uma súbita língua de fogo se elevava pelo corrimão, junto da parede seca. O calor no bar era sufocante, gerando um vento que transformava o incêndio num matadouro implacável. Os lados da porta da frente começaram a arder, com a maior intensidade, as chamas quase obstruindo-a. Mais homens desceram correndo a escada, em tumulto, tropeçando uns nos outros, no desespero de atravessar as chamas para sair dali, alguns já com partes das roupas vestidas às pressas pegando fogo. Apenas uns poucos minutos haviam transcorrido desde que começara o incêndio criminoso, mas agora o fogo tinha total domínio, o prédio estava condenado.

Em seu cubículo, Ori não sentira qualquer medo, treinado para situações de incêndio, a salvo da fumaça turbilhonante, estendido no chão, a boca já coberta por um pano encharcado em cerveja, a rota de fuga de emergência automaticamente definida, desde o momento

em que ali chegara. Como sempre, a segurança dependia da recusa em se entregar ao pânico e, desta vez, a saída era uma pequena janela fechada, no outro lado do bar, longe da escada em chamas, uma janela que dava para a viela nos fundos.

Ori já ia escapar por ali quando avistara o corpulento proprietário, de camisolão, uma touca com borla, descendo a escada, a lutar com outros homens apavorados, uma caixa de ferro debaixo do braço. Furioso, o proprietário empurrara outro homem à sua frente para as chamas, mas apenas para que as mesmas chamas o convertessem numa tocha humana, gritando; no instante seguinte a escada desabara, arrastando-o e a dois outros para o fogo, vedando qualquer possibilidade de fuga por ali. A caixa escapara dos braços impotentes do proprietário, deslizara pelo chão. Um homem bastante queimado conseguira escapar das chamas, cambaleando para fora. O fogo, voraz, consumira o proprietário e os dois outros homens, e dera a impressão de que se projetava para a caixa, com a mesma voracidade.

Sem qualquer hesitação, Ori correria pelas chamas, pegara a caixa e disparara para a janela, arrebatando sem dificuldade as persianas apodrecidas, escapando são e salvo para a viela dos fundos e o ar fresco. Abaixado, saíra correndo para a cerca oposta, pulara-a e se esgueirara pelo lixo e o mato, ainda agachado, através da terra de ninguém, na direção do poço abandonado.

Ali chegando, ofegante, olhara para trás, cauteloso. As chamas do albergue elevavam-se pelo céu. Homens se agrupavam ao redor, gritando e praguejando. Dois homens saltaram de janelas do segundo andar. Outros, com baldes cheios de água, molhavam as construções ao lado, clamando por ajuda.

Ninguém o notara.

Sob a cobertura do tumulto, ele encontrara uma barra de ferro quebrada, arrombara a caixa, ao mesmo tempo em que afugentava os enxames de insetos noturnos. O tesouro lá dentro fizera-o vibrar. Pusera dois sacos de moedas nos bolsos da calça, outro no bolso da túnica. Com o maior cuidado, enterrara a dúzia de sacos restantes em diferentes lugares, e também a caixa.

Na manhã seguinte, vagueara pela cidade dos bêbados, até encontrar um albergue mais isolado, longe do prédio transformado em cinzas. Dez *mex* na mão do proprietário, e o peso remanescente do saco, garantiram-lhe serviço imediato e untuoso, um quarto grande, à sua escolha. O proprietário, um homem de olhos azuis fundos e brilhantes — como os dela, pensara Ori, com um súbito e intenso anseio —, apontara para o saco:

— Vão acabar tirando isso de você, meu jovem china.

Ori não entendera as palavras. O significado, no entanto, logo se tornara claro, e produzira Timee. Ori também concluía que se Timee fosse bem pago, assim como o proprietário, estaria seguro ali ou na rua; quando saísse, seu quarto seria sagrado. Como precaução, sabendo o perigo de depositar toda a sua confiança naqueles homens, Ori também deixara patente, com mais linguagem de sinais e muita paciência, que aqueles sacos constituíam apenas uma parte de sua riqueza, que se encontrava na aldeia, bem guardada, e que se achava disposto a gastá-la com generosidade, por sua proteção, e qualquer outra coisa de que precisasse.

— Você é o Guv, basta dizer o que quer e a gente providencia. Meu nome é Bonzer e sou australiano.

Como quase todas as pessoas na cidade dos bêbados, ele coçava a todo instante as picadas de pulgas e piolhos, os poucos dentes tortos, e fedia demais.

— Guv? Significa *Ichiban!*, Número Um. *Wakarimasu ka?*

— *Hai, domo.*

A porta foi aberta, interrompendo a sequência de pensamentos de Ori. Timee trouxera-lhe uma caneca de cerveja.

— Guv, vou papar alguma coisa agora. — Ele tossiu. — Grude, comida, *wakarimasu ka?*

— *Hai.*

Acerveja saciou a sede de Ori, mas não aquietou sua mente. Não se comparava à cerveja da aldeia. Nem à de sua terra, *Satsuma* ou da Yoshiwara ou da Estalagem das Flores da Meia-Noite, em Kanagawa. Ou de qualquer outro lugar.

Devo estar enlouquecendo, pensou ele, atordado. Aquela puta *gai-jin*, com sua pele de barriga de sapo e cheiro de peixe, foi pior do que a pior das velhas megeras que já tive, mas mesmo assim desfrutei as nuvens e a chuva duas vezes e queria mais e mais.

O que há com elas? Deve ser pelos olhos azuis, a pele branca, os cabelos púbicos claros... nisso, aquela puta não era muito diferente dela, embora o fosse em todo o resto. Inconsciente, seus dedos reviraram a cruz que usava no pescoço meio escondida. Os lábios se contraíram num sorriso torto. No túnel, enganara Hiraga. O pedaço de metal que jogara longe fora seu último *oban* de ouro. Estou contente por ter ficado com a cruz... para me lembrar constantemente. E foi mais do que útil sob outros aspectos, fazendo esses estúpidos *gai-jin* pensarem que sou cristão. O que há nas suas mulheres que me deixa louco?

É o karma, disse ele a si mesmo, decidido, karma que não haja resposta, nunca haverá, exceto... exceto despachá-la para o outro mundo.

O pensamento do pescoço dela em suas mãos, sua virilidade a penetrá-la, deixou sua pele arrepiada, o anseio renovado, como se a outra não tivesse existido. Mais uma vez, o quarto parecia balançar, ameaçava sufocá-lo. Por isso, Ori se levantou, pôs a pistola no bolso, vestiu um gibão de couro e desceu.

— Guv?

Timee tossiu, levantou-se da frente de um prato cheio de arroz e guisado, para acompanhá-lo, mas Ori fez-lhe sinal e ao outro homem lá em cima que ficassem, e saiu para a rua.

Hiraga avistou-o no mesmo instante. Ele se postava no outro lado da rua suja e movimentada, sentado num banco, na frente de um bar imundo. Tinha na sua frente uma caneca de cerveja intocada, com homens ruidosos ao redor, bebendo, de pé ou arriados nos bancos, já embriagados, alguns seguindo para suas pensões, outros bares ou casas de jogo, que se agrupavam ali, formando um cortiço, igual ou pior que os de Londres. Os homens eram trabalhadores políglotas, europeus e asiáticos, armados no mínimo com uma faca, e vestidos de maneira parecida com a dele, saindo do trabalho durante o dia inteiro nas fábricas de velas e lojas que abasteciam os navios, alguns mecânicos, uma profissão nova, ou procedentes de qualquer uma das dezenas de atividades relacionadas com os navios. Junto

com mendigos e vagabundos havia padeiros, açougueiros, cervejeiros, agiotas e outros, que sustentavam ou sugavam aquela parte de Iocoama, separada da aldeia e da cidade dos nobres, como todos chamavam o setor dos mercadores, por consenso mútuo.

— Deve haver umas cento e cinqüenta almas na cidade dos bêbados e a maioria é formada por vagabundos — explicara-lhe Tyrer. — Eles têm poucas regras. É cada um por si, mas ai daquele que for apanhado roubando, pois a turba vai espancá-lo até a morte. Não existe lei, exceto as patrulhas da marinha e exército à procura de desertores, ou apenas tentando manter a paz entre seus homens, acabando com brigas e outros distúrbios. Há bares em que se vende cerveja e gim. O gim é uma bebida ordinária que pode matar, se não se tomar cuidado... aberto enquanto houver fregueses, o que também acontece com as casas de jogo. Não se aventure em nenhuma, nem nacasa de Madame Fortheringill, pois ela detesta japoneses, por causa do baixo custo da Yoshiwara... abençoada seja! Na outra extremidade, perto do portão sul, junto da Hoag Lane, fica a pior parte da cidade dos bêbados. Nunca estive lá, e é melhor você também se manter à distância. É ali que os mais depravados e perdidos tentam sobreviver. Ópio, mendigos, homens que se prostituem. Matadouro. Cemitério. Doença. E incontáveis ratos...

O pouco que Hiraga entendera o levava a desejar, ainda mais, conhecer o lugar pessoalmente. Aquela noite era a sua primeira oportunidade. Exceto por uns poucos insultos distraídos, que poderiam se aplicar a qualquer um, ninguém o incomodou, enquanto seguia Ori, restando ainda claridade suficiente no crepúsculo.

Sua presa se encaminhou para a praia, aparentemente sem propósito, e sem qualquer dos guardas-costas contra os quais fora alertado. O excitamento de Hiraga foi aumentando. O contato com o revólver no bolso lhe proporcionava uma sensação agradável. Os dedos ansiavam em pegá-lo, mirar, puxar o gatilho, para acabar com a ameaça ao seu futuro aqui, e depois iniciar a retirada controlada para a segurança, através da terra de ninguém, ou ao longo da praia, até a legação.

Aproximavam-se agora da pequena praça principal, ao lado do passeio e da praia, onde bares, casas de pasto e pensões disputavam a freguesia. Era a extremidade da colônia, o trecho mais estreito, espremido entre o mar e a cerca em que se situava o portão sul. Como no portão norte, a cerca era resistente e alta, estendia-se até o mar. A única abertura era o portão sul, fortemente guardado.

A praça estava apinhada, a maior parte constituída por soldados e marujos britânicos, com uns poucos franceses, americanos, russos e eurásianos. Ori esgueirou-se entre eles, foi até a beira do passeio. Contemplou o mar, escuro, com ondas de um metro de altura. Para o norte, a menos de um quilômetro de distância, ele podia avistar as luzes das casas de comércio se acendendo, o que também acontecia

na legação francesa. E no andar superior do prédio da Struan, que dominava a área do cais, junto com o prédio da Brock.

Esta noite? Devo tentar esta noite?

Seus pés começaram a levá-lo nessa direção. Um súbito rumor, o barulho como o de um trem expresso, uns poucos metros abaixo da superfície, a terra tremeu, e Ori, como todas as outras pessoas na praça, cambaleou, nauseado, acabou caindo de quatro, enquanto a terra subia e descia, para depois parar. Um momento de silêncio, que parecia um grito estridente lançado para o céu. Depois, soaram alguns lamentos, berros, imprecações, que logo foram interrompidos por outro tremor. A terra tornou a se empinar, não tanto quanto antes, mas ainda assim de uma forma bastante terrível, os tremores se prolongaram pelo que pareceu muito tempo, até pararem de novo. Telhas caíram de um telhado. Pessoas corriam ou rastejavam para a segurança. Silêncio de novo, quase palpável, homens silenciosos, gaiotas silenciosas, todos os animais silenciosos. A terra esperando, tudo operando. Estendidos no chão, rezando, praguejando. E esperando.

— Já acabou, pelo amor de Deus? — gritou alguém.

— Já...

— Não...

— Eu espero...

Outro rumor. Gargalhos de medo. O barulho aumentou, a terra se contorceu soltando um berro, voltou a ficar imóvel. Vários barracos desabaram. Brados de socorro. Ninguém se mexeu.

Mais uma vez, todos prenderam a respiração. Expectativa. Gemidos, orações súplicas, lamúrias, imprecações. À espera do próximo tremor. O maior de todos Esperando, mas não veio mais nada.

Por enquanto.

Momentos que se transformaram numa eternidade de espera. Depois, Ori sentiu que já acabara e levantou-se, o primeiro na praça, o coração disparado em alegria por não ter morrido desta vez, por continuar vivo e intacto, por renascer são e salvo, mas instintivamente preparado para o próximo perigo, um ímpeto imediato de fogo, que era uma consequência normal, e o maior de todos os riscos a se enfrentar. Cada terremoto era a nêmesis de alguém, um renascimento para todos os outros, e desde tempos imemoriais era encarado assim pelos que viviam na terra dos deuses, que era também chamada de terra das lágrimas.

Abruptamente, o estômago de Ori teve o seu tremor particular. No outro lado da praça, por cima da massa de pessoas ainda estendidas no chão, muitas vomitando e praguejando, ele avistou Hiraga, também de pé, observando-o. Cinqüenta metros além de Hiraga, a maioria dos guardas samurais também já se levantara... e alguns estudavam os dois com uma curiosidade inequívoca.

Quase no mesmo instante em que Ori sentira que o terremoto terminara e se levantara de um pulo, Hiraga e os samurais haviam feito a mesma coisa, numa reação espontânea, experimentando idêntico alívio e renascimento. Hiraga só compreendeu que estava de pé quando percebeu Ori a fitá-lo. Amarrou a cara. Avançou na direção de Ori, enquanto a praça voltava à vida, os homens se

levantando, ruidosos, cambaleando. Atordoado, Ori se virou para fugir, mas homens assustados e irados, alguns rindo histéricos, outros balbuciando agradecimentos a Deus, barraram sua passagem — e a perseguição de Hiraga — com gritos de “Mas o que você...”

— Quem você pensa que é me empurrando desse jeito?

— Ei, é um maldito japa!

Foi então que alguém berrou:

— OLHEM! FOGO!

Assim como todos os outros, Ori olhou para o norte. Havia um prédio em chamas na extremidade do passeio. Ele o reconheceu como o quartel-general de dois andares da Struan. Ou talvez o prédio ao lado. Indiferente a todos, Ori saiu correndo.

Hiraga partiu em seu encalço, mas foi nesse momento que um bar desabou, fazendo as pessoas à sua frente correrem para todos os lados, esbarrando nele e quase derrubando-o. Hiraga fez um tremendo esforço para manter o equilíbrio, em meio ao tumulto. Naquela parte da praça, os homens corriam em círculos, a esmo, bloqueando seu caminho. Por um segundo, ele ainda divisou Ori e depois as ruínas do bar pegaram fogo; a multidão recuou, engolfando-o por completo.

Quando Hiraga recuperou o equilíbrio, Ori já desaparecera; por mais que tentasse forçar a passagem para o lugar em que o vira pela última vez, menos progresso conseguia fazer e mais furiosa a multidão se tornava.

— Ei, por que está me empurrando?

— Mas é outro japa desgraçado!

— Vamos dar uma lição no patife!

Depois que Hiraga apaziguou a todos, recuou e deu a volta, encontrando um caminho para a beira da praça, Ori não corria pelo passeio, na direção do incêndio, como ele esperava, nem se afastava pela praia... mas desaparecera por completo.

No prédio da Struan, Jamie McFay subiu correndo a escada, na semi-escuridão, em meio a gritos de alarme de “fogo!”, um lampião a óleo balançando em sua mão, o único candelabro aceso em toda a área da escadaria ainda a balançar devido aos choques. Ele alcançou o patamar, avançou pelo corredor, até a porta aberta de Struan.

— *Tai-pan*, você está bem?

O quarto estava escuro, a não ser por um brilho ominoso que dançava pelas cortinas da janela. Struan se encontrava caído ao chão, atordoado, meio vestido para o jantar, sacudindo a cabeça para tentar desanuviá-la, os dois lampiões espatifados, o pavio aberto de um que estava escondido pela cômoda crepitando sobre o tapete encharcado de óleo.

— Acho que sim — balbuciou ele. — Devo ter batido com a cabeça quando caí. Oh, Deus, Angelique!

— Deixe-me ajudá-lo...

— Posso me levantar sozinho, Jamie! Vá ver como ela está!

Jamie tentou a maçaneta da porta de comunicação. Trancada pelo outro lado. Foi nesse instante que o tapete pegou fogo. Struan arrastou-se para longe do fogo, gritando de dor. Antes que as

chamas pudessem se espalhar, Jamie tratou de apagá-las com os pés. Em sua pressa para ajudar Struan a escapar, puxou-o de uma forma um tanto rude.

— Por Deus, Jamie, tome cuidado!

— Desculpe. Eu não...

— Não tem importância — murmurou Struan, sentindo uma pontada de dor do lado, onde batera com força ao cair, mais pulsações no estômago, onde antes não havia nenhuma, e as habituais sob o ferimento já cicatrizado, mas ainda dolorido. — Onde é o incêndio?

— Não sei. Estava lá embaixo e...

— Mais tarde... Angelique!

Jamie saiu para o corredor e a fumaça que vinha da outra extremidade fê-lo tossir. Bateu na porta de Angelique, tentou a maçaneta... trancada por dentro também. Ele jogou o ombro contra a madeira perto do batente e conseguiu arrombar a porta. O *boudoir* se achava vazio, um lampião caído de lado, ainda aceso, o óleo pingando sobre a cômoda, outro espatifado no chão, mais óleo por toda parte. Jamie apagou o pavio, correu para o quarto. Encontrou-a na cama, tão pálida quanto seu penhoar, os olhos fixados no lustre que ainda balançava incongruentemente aceso.

— Você está bem, Angelique?

— Oh, Jamie... — murmurou ela, hesitante, a voz parecendo muito distante — Estou, sim... deitei um pouco antes de me vestir para o jantar e, de repente o quarto começou a balançar. Pensei que era um sonho, mas depois os lampiões caíram e quebraram... *Mon Dieu*, foi o barulho do prédio sacudindo que mais me assustou... Oh, Malcolm...

— Ele está bem, e é melhor você se vestir depressa, enquanto pode. Não de...

O sino de alarme de incêndio, no escritório próximo do mestre do porto, começou a repicar, provocando um sobressalto nos dois. Com súbita apreensão, Angélique sentiu o cheiro de fumaça, ouviu os gritos abafados lá fora e divisou o clarão através das cortinas da janela.

— Estamos pegando rogo?

— Não há com que se preocupar por enquanto, mas é melhor se vestir tão depressa quanto puder, e passar para o quarto ao lado. Deixarei a porta de ligação destrancada.

McFay saiu apressado. Ela se levantou. Sob o penhoar, usava calça comprida e espartilho. Tratou de vestir a saia, que havia deixado sobre a cama, e pegou um xale.

— Não aconteceu nada com ela, *tai-pan* — ouviu Jamie dizer, enquanto destrancava a porta de ligação. — Está se vestindo. Deixe-me ajudá-lo a descer...

— Só quando ela descer também.

Jamie fez menção de falar, mudou de idéia, os dois ainda se lembrando do conflito na hora do almoço, sem a menor disposição de fazer qualquer concessão. Foi abrir a janela. No jardim da frente e na rua lá embaixo, havia escriturários e criados, inclusive Vargas, assim como curiosos e homens das várias legações, mas ele não avistou as chamas.

— Vargas! — gritou McFay. — Onde é o nosso incêndio?

— Não temos certeza, senhor, mas achamos que é apenas parte do telhado. Alguns homens já estão lá, junto com o comandante dos bombeiros, mas todo o segundo andar da Brock pegou fogo.

Jamie não podia ver o prédio ao lado, por isso voltou apressado ao *boudoir* de Angelique e abriu as cortinas. O fogo dominava boa parte da frente do prédio da Brock — uma estrutura de dois andares, parecida com a Struan — onde deveriam ser os quartos principais. A fumaça saía pelas janelas abertas. Dava par ver as fileiras de homens, os baldes com água passando de mão em mão no esforço para se apagar o incêndio, sob a supervisão de Norbert Greyforth — as equipes de fogo da Brock eram treinadas com a mesma frequência e rigor com que ele próprio cuidava do pessoal da Struan. Empurradas pela brisa, as chamas se projetavam, junto com a fumaça, para cobrir o espaço.

É muito azar ser atingido pelo fogo deles, pensou Jamie, amargurado, para depois inclinar-se pela janela e gritar:

— Vargas, traga homens e água aqui para cima... molhem todo este lado! Depois que estivermos seguros, ajude Norbert!

Espero que o patife queime, e toda a Brock junto com ele, pois isso resolveria para sempre o problema daquele estúpido duelo.

Não havia outros incêndios que pudesse ver dali, além do que ardia junto ao passeio, na cidade dos bêbados, e dois na Yoshiwara. O cheiro de madeira queimada, de óleo e pano em chamas e do piche que usavam nos telhados prevalecia sobre tudo, embora a brisa trouxesse a maresia. Inexoravelmente, sua atenção retornou às chamas na Brock, que tanto os ameaçava. O vento as empurrava cada vez para mais perto. Desejou que se apagassem, com medo do fogo — a chácara em que nascera pegara fogo numa horrível noite de inverno, quando era menino, o pai, embriagado como sempre, e o irmão caçula morreram; ele, a mãe e a irmã escapando por um triz, salvando suas vidas e pouco mais, indo para uma casa de indigentes, em que trabalharam demais por anos a fio, até serem salvos por Campbell Struan, parente de Dirk Struan, em cujas terras seu pai labutara.

— Vargas! Depressa, pelo amor de Deus!

— Já estamos indo, senhor!

Agora o passeio se tornara atulhado, todo mundo nas ruas, dispostos a ajudar e a dar conselhos, outros aos gritos formando uma linha de baldes com água, desde o imenso reservatório de incêndio, cheio de água do mar, de fácil alcance, unidades do exército alojadas em barracas juntaram-se à multidão. Samurais

acorririam, vindos do portão norte, para ajudar, pois qualquer fogo também os ameaçava. Para o sul, no outro lado do canal, uma das casas da Yoshiwara estava em chamas, com mais gritos trazidos pelo vento, mas esse incêndio parecia contido, não constituía um perigo maior, e graças a Deus não era perto do lugar em que Nemi deveria estar.

O suor escorria por suas costas. Sentia intenso alívio por nada ter acontecido a Malcolm. Desde o almoço que ficara remoendo em seu escritório, furioso porque sua busca por garimpeiros vazara, na mais profunda ansiedade pelo duelo e seu próprio futuro. Nunca antes imaginara que poderia se envolver numa briga assim, ou que seria forçado a deixar a Casa Nobre e o Japão, exceto por doença ou acidente, antes de se aposentar, daqui a cinco anos, com a idade madura de quarenta e quatro, após vinte e cinco anos de bons serviços, subindo degrau por degrau. Agora, com Malcolm alienado, e Tess Struan furiosa com ele, sua promoção, aposentadoria... todo o seu futuro corria perigo.

O que fazer, era isso que o preocupava, até que os tremores viraram o mundo de cabeça para baixo, sua precária mortalidade outra vez se tornara manifesta; e depois, quando o terremoto cessara e pudera se levantar, cambaleando, suas glândulas e a lembrança das dívidas que ele e sua família tinham com os Struans o fizeram subir correndo, apavorado pela segurança de Malcolm... afinal, era ele quem estava no comando, e aquele rapaz era pouco mais que um inválido. *Tai-pan!* Sinto muito, Malcolm, Norbert tem razão, sua mãe é que tem o comando. Se você não estivesse ferido, teria corrido de

volta a Hong Kong quando ela ordenou, nada disso aconteceria, você assumiria as rédeas e daqui a um ano, ou por aí, estaria...

— Jamie... pode me ajudar?

Aturdido, ele virou-se. Angelique estava parada à porta, de costas, a frente do vestido suspenso, a parte de trás aberta. Por um segundo, ele sentiu-se tentado a gritar: Essa droga de vestido é uma loucura, estamos quase em chamas! Mas não o fez, apenas se apressou em abotoar o vestido, ajeitou um xale sobre seus ombros, e levou-a para o quarto ao lado, onde ela se projetou no mesmo instante para os braços abertos de Struan. Alguns homens passaram correndo pela porta aberta, carregando baldes cheios.

— É melhor saírem, senhor! — gritou alguém.

— Tempo de partir, *tai-pan*. Está bem?

— Estou, sim.

Malcolm encaminhou-se para a porta, tão depressa quanto podia. Com as duas bengalas ele era lento... desastrosamente lento, se houvesse uma emergência, como todos os três sabiam, Struan ainda mais. Agora havia o barulho de pés no sótão, homens tentando apagar as chamas, o cheiro de fumaça cada vez pior, aumentando a ansiedade.

— Jamie, leve Angelique para fora. Irei atrás.

— Apóie-se em mim, e...

— Pelo amor de Deus, faça o que estou mandando e depois volte, se for necessário!

Jamie corou. Pegou Angelique pelo braço, e os dois se apressaram em deixar o prédio, homens ultrapassando-os com baldes vazios, outros entrando com baldes cheios.

No momento em que ficou sozinho, Struan voltou até a arca de gavetas, vasculhou sob algumas roupas e encontrou o pequeno vidro que Ah Tok reabastecera naquela tarde. Tomou a metade do líquido marrom, tapou o vidro, guardou-o no bolso da sobrecasaca, deixando escapar um suspiro de alívio.

Angelique foi levada pela escada e saiu pela porta da frente. Respirou fundo o ar puro.

— Vargas! — gritou Jamie. — Cuide de miss Angelique por um momento.

— Pois não, senhor.

— Por favor, permita que eu ajude, *monsieur* — interveio pomposo Pierre Vervene, o diplomata francês. — Escoltarei *mademoiselle* Angelique até nossa legação... ela poderá esperar ali em segurança.

— Obrigado.

Jamie voltou correndo para o prédio. Angelique pôde perceber agora que o telhado estava ardendo, não muito, no momento, mas perto das suítes, as chamas da sede da Brock ainda se projetando até o lado. Samurais bem treinados, com quimonos amarrados para não atrapalharem, mascarados contra a aspiração de fumaça, encostaram escadas numa das paredes. Alguns subiram, enquanto outros, com gestos e gritos, mandaram que os homens trouxessem baldes com água, passados aos que se encontravam no topo das escadas e lançados onde era mais importante. Uma língua de fogo impetuosa avançou para um dos homens, mas ele se esquivou, cobriu o rosto, manteve a posição, e logo voltou a combater o incêndio. Ela prendeu a respiração, pensando como aquele homem era forte e corajoso, e como Struan se mostrara impotente, quão pouco pudera fazer para protegê-la numa emergência, como era mais e mais um peso inútil, mais e mais um inválido, a cada dia mais rabugento, menos e menos divertido. O que será do meu futuro? Um tremor percorreu seu corpo.

— Não há nada com que se preocupar, *mademoiselle* — disse Vervene, em francês, uma touca de borla cobrindo a calva. — Venha comigo. Está sã e salva agora. Os terremotos são bastante comuns por aqui.

Ele pegou-a pelo braço, a fim de levá-la até a legação francesa, através dos homens que enxameavam no passeio, assistindo ao espetáculo ou ajudando a combater o incêndio.

Ori avistara-a no momento em que saíra para a rua.

Encontrava-se à margem da multidão, na entrada da viela ao lado da legação francesa, perto do portão norte. Suas roupas e gorro de trabalhador não eram muito diferentes dos trajes usados por muitos

homens ao seu redor, camuflando-o bem. Daquela posição, podia observar a maior parte do passeio, a frente do prédio da Struan e a rua ao lado, um prolongamento da rua principal da aldeia.

Ele parou de observá-la e esquadrinhou tudo ao redor, à procura de Hiraga ou Akimoto, certo de que espreitavam de algum lugar nas proximidades, ou em breve o fariam, seu coração ainda disparado da frenética corrida desde a cidade dos bêbados. No instante em que percebera o fogo no prédio da Struan e o trecho aberto do passeio, compreendera que estava fadado a ser apanhado, se tentasse escapar por aquele caminho, ou pela praia... e não havia tempo de buscar Timee para lhe dar cobertura.

Não que eu possa confiar naqueles cães, pensou ele, o coração palpitando ainda mais por Angelique estar tão perto.

Agora, a apenas vinte metros de distância.

Aqueles por quem ela passava no passeio tiravam o chapéu, murmuravam cumprimentos, a que Angelique respondia distraída. Ori poderia naquele momento procurar segurança ainda maior, mas

não o fez, apenas tirou seu gorro, como os outros, e fitou-a. Barba curta, rosto forte, olhos curiosos, os cabelos rentes, mas penteados. Os olhos de Angelique passaram por ele, mas ela não o viu de fato, nem Vervene, que falava em francês, muito amável.

Passaram a poucos metros de distância. Ori esperou até que entrassem na legação francesa — não havia sentinelas ali agora, todos haviam ido participar do combate ao incêndio — e depois se afastou pela viela. Assim que se certificou de que ninguém o observava, pulou a cerca da legação, como fizera antes, e se encaminhou para o seu ponto de emboscada anterior, sob a janela de Angelique. Naquela noite as janelas estavam destrancadas, sem barras, assim como a porta interna. Ele podia avistar o corredor, através do quarto, e viu-os quando entraram num cômodo no outro lado, que ficou com a porta entreaberta.

Agora que se encontrava seguro, sem ninguém a observá-lo, Ori verificou sua pistola, ajeitou a faca, para que ficasse solta na bainha. Depois se acorou respirou fundo, pôs-se a pensar. A partir do momento em que vira Hiraga, e quase que no mesmo instante o incêndio no prédio da Struan, saíra correndo às cegas, deixando que o instinto o guiasse. Isso não serve mais, disse a si mesmo agora.

Tenho de planejar. E depressa.

As janelas abertas eram como um imã. Ele esgueirou-se sobre o peitoril da janela e entrou no quarto.

26

— **P**or que não dormem aqui esta noite, *mademoiselle, monsieur* Struan? — sugeriu Vervene. — Temos bastante espaço.

Era quase a hora do jantar, e se haviam reunido na principal sala de recepção da legação francesa, tomando champanhe. Jamie acabara de chegar para informar que o incêndio fora apagado, sem danos maiores, apenas os prejuízos causados pela água na suíte de Angélique, um pouco na de Struan.

— Se quiser, pode ocupar meus aposentos, *tai-pan* — propôs Jamie.
— Dormirei em outro lugar, e miss Angelique pode ficar no quarto de Vargas.

— Não há necessidade, Jamie — disse Angelique. — Podemos ficar aqui, sem incomodar ninguém. Afinal, eu ia mesmo me mudar para cá amanhã. Concorda, *chéri*?

— Acho que eu me sentiria mais à vontade em minha própria suíte. Será que posso, Jamie?

— Claro que sim. Mal foi afetada. Miss Angelique, gostaria de ficar nos meus aposentos?

— Não, Jamie. Passarei a noite aqui.

— Então está tudo acertado — declarou Struan, com uma estranha expressão nos olhos, sentindo-se muito cansado, a maior parte da dor ainda amortecida pelo ópio, mas não a raiva profunda contra Norbert Greyforth.

— *Monsieur* Struan, quero que tenha certeza de que também é bem-vindo aqui — disse Vervene. — Temos aposentos suficientes, já que o ministro e sua equipe se encontram em Iedo, por mais alguns dias.

— Oh! — Angélique se mostrou visivelmente chocada. André teria de buscar o medicamento no dia seguinte. Todas a fitaram, surpresas, e ela se apressou em acrescentar:— Mas André me disse que todos voltariam o mais tardar até amanhã de manhã, depois da reunião hoje com o xógum.

— Depende da pontualidade do xógum, e de como a reunião vai transcorrer... nossos anfitriões não são modelos internacionais de pontualidade, não é mesmo? — Vervene riu da própria piada. — Nunca se sabe o que pode acontecer nessas reuniões oficiais. Pode levar apenas um dia ou até uma semana. Outro conhaque, *monsieur* Struan?

— Quero, sim, obrigado.

— Mas André disse que a reunião seria esta manhã e que no máximo estariam de volta amanhã!

Angelique fez um esforço para conter as lágrimas, que ameaçavam escorrer por suas faces.

— Qual é o problema, Angel? — indagou Struan, irritado. — Faz alguma diferença quando eles vão voltar?

— Não, mas... mas eu apenas detesto quando alguém diz uma coisa que não é verdade.

— Provavelmente se enganou, e é um absurdo se sentir transtornada com uma coisa tão insignificante. — Struan tomou um

gole grande de conhaque.— Pelo amor de Deus, Angel, pare com isso!

— Talvez eles voltem amanhã, *mademoiselle* — interveio Vervene, sempre o diplomata.

Uma vaca estúpida, pensou ele, por mais apetitosos que sejam seus seios e beijáveis seus lábios, como se isso tivesse alguma importância. Depois de uma pausa, ele acrescentou, com seu sorriso mais insinuante:

— Ora, não importa. O jantar será servido dentro de uma hora. *Monsieur*McFay, vai nos acompanhar?

— Obrigado, mas não posso. É melhor eu me retirar agora. — Na porta, *McFay* hesitou. — *Tai-pan...* ahn... devo voltar para buscá-lo?

— Sou capaz de andar duzentos metros sozinho — protestou Struan, em tom brusco. — Perfeitamente capaz!

E de puxar um gatilho esta noite, ou em qualquer outra noite, ele teve vontade de acrescentar.

Pouco antes de virem para cá, Norbert Greyforth fizera uma pausa no trabalho, o incêndio na Brock quase controlado, e se aproximara pela rua, sem que ele percebesse. Jamie, ao seu lado, orientava Vargas e os outros no combate às chamas, com o Dr. Hoag e o Dr. Babcott nas proximidades, cuidando de queimaduras e de uns poucos ossos fraturados.

O elixir de Ah Tok promovera sua magia habitual e Struan sentia-se bem e confiante, apesar de estranho e querendo dormir, como sempre... fantasiava que dormir o levaria a sonhar, e o sonho seria sobre amar, um contato com a moça japonesa ou com Angelique, com uma paixão cada vez mais intensa, a necessidade delas tão grande quanto a sua, em total erotismo. E, de repente, abruptamente, ele fora arrastado ao presente implacável.

— Boa noite, Jamie. Uma coisa terrível, hem?

— Ah, Norbert — dissera Struan, a polidez ajudada pela euforia. — Lamento o seu azar. Acho que...

Norbert o ignorara, numa atitude deliberada.

— Por sorte, Jamie, não houve danos em nossos escritórios, depósitos ou casas-fortes, tenho certeza de que ficará satisfeito em saber... apenas nos outros aposentos.

Depois, ele simulara ver Struan pela primeira vez, e sua voz se tornara mais alta, mais zombeteira, para que todos ouvissem:

— Ora, ora, se não é o jovem *tai-pan* da Casa Tão Nobre! Uma péssima noite para você, meu rapaz, não me parece muito bem... perdeu seu leitinho, hem?

A euforia de Struan se dissipara. Através do nevoeiro do opiato, compreendera que se confrontava com o mal, o inimigo à sua frente.

— Não, mas você perdeu as boas maneiras.

— Boas maneiras não são o seu forte, rapaz. — Norbert soltara uma risada. — Isso mesmo, não sofremos prejuízos maiores. Na verdade, nosso novo empreendimento em mineração faz com que sejamos a Casa Nobre no Japão, e muito em breve seremos também em Hong Kong, até o Natal. É melhor voltar correndo para casa, Malcolm.

— O nome é Struan — respondera ele, vendo-se alto, forte e onipotente, sem tomar conhecimento dos outros ao redor, ou que Jamie e Babcott estivessem tentando intervir. — Struan!

— Gosto de jovem Malcolm, jovem Malcolm.

— Na próxima vez em que me chamar assim, eu o chamarei de bastardo sem mãe e estourarei seus miolos, sem esperar que apresente seus padrinhos!

Houve um silêncio profundo nesse instante, realçado ainda mais pelo crepitar das chamas e o zunido do vento. A notícia do desafio na hora do almoço espalhará-se em poucos minutos, e todos aguardavam o próximo movimento no jogo, que vinha fermentando desde que o avô de Malcolm, Dirk Struan, morrera antes de poder matar Tyler Brock, como jurara fazer.

A mente de Norbert Greyforth trabalhara depressa. Mais uma vez, ele avaliara seu futuro e sua posição na Brock, considerando com cuidado o que deveria fazer — as apostas eram imensas. Era bem recompensado... enquanto obedecesse às ordens. A última carta de Tyler Brock abrira uma porta para o paraíso, dizendo-lhe expressamente para *“provocar Malcolm Struan até o limite, enquanto ele está doente, ferido e sem a proteção da minha filha insuportável, que Deus a condene ao inferno! Haverá cinco mil guinéus por ano, durante dez anos, se esse rapaz for destruído enquanto estiver no Japão... e você pode adotar qualquer providência que for necessária”*.

Norbert completaria trinta e um anos dentro de seis dias. Aos quarenta, a idade normal da aposentadoria, o mercador médio na China já era um velho. Cinco mil por dez anos era sem dúvida uma quantia nababesca, o suficiente para ele e seus descendentes, o suficiente para comprar uma vaga no Parlamento, para se tornar um esquire com um solar, casar com uma jovem que lhe traria um bom dote de boa terra do Surrey.

Era fácil decidir. Ele aproximara o rosto de Struan, e ficara satisfeito ao perceber a dor sob a pele esticada... de uma altura superior, agora que Struan se encolhera sobre as bengalas.

— Escute aqui, jovem Malcolm, você jogou conhaque em minha cara no almoço e pode beijar meu rabo no jantar.

— E você é um bastardo sem mãe!

O homem mais velho soltara uma risada escarninha, cruel.

— E você é um bastardo sem mãe ainda maior, mais do que isso, é...

Babcott se interpusera entre os dois, sua enorme altura e corpulência ofuscando-os.

— Parem com isso, vocês dois! — gritara ele, furioso. — Este é um lugar público e tais divergências devem ser acertadas em particular, como fazem os cavalheiros!

— Ele não é um cava...

— Em particular, Malcolm, como cavalheiros — gritara Babcott, ainda mais alto. — Norbert, qual é o seu desejo?

— Um duelo não é minha opção, mas é isso que esse bastardo quer e assim será! Esta noite, amanhã, quanto mais depressa, melhor!

— Nem esta noite, nem amanhã, nem em qualquer outro dia, pois duelar é contra a lei, mas estarei em seu escritório amanhã, às onze horas.

Babcott olhara para Struan, sabendo que ninguém ali poderia evitar um duelo, se era esse o desejo de ambos. Percebera as pupilas dilatadas e sentira-se triste por Struan, mas ao mesmo tempo furioso. Há algum tempo que ele e Hoag tinham diagnosticado o vício, mas nada do que fizeram ou disseram causara qualquer impressão e também não eram capazes de impedir o acesso ao vício.

— Eu o verei ao meio-dia, Malcolm. Enquanto isso, como a maior autoridade britânica em Iocoama no momento, ordeno que vocês dois não dirijam a palavra um ao outro, nem se agridam, em particular ou em público...

Ora, não importa o desgraçado do Babcott, pensou Struan agora, ainda mais confiante, o conhaque se somando muito bem ao opiato. Amanhã ou depois mandarei Jamie, não, mandarei Dmitri falar com Norbert... não Jamie, pois ele não merece mais minha confiança. Marcaremos o duelo no hipódromo e a Casa Nobre dará a Norbert um funeral nobre... e também ao miserável do Brock, se algum dia ele aparecer por aqui! Ambos esqueceram que você foi o melhor atirador com revólver em Eton, e duelou com aquele canalha do Percy Quill por chamá-lo de china. Matou-o também, e foi expulso da escola por isso, embora o caso tenha sido abafado por papai, por alguns milhares de guinéus. Norbert vai receber o castigo que merece...

Uma comoção na sala atraiu sua atenção. Seratard acabara de entrar, sendo cercado e cumprimentado pelos outros, com André Poncin logo atrás. Através do nevoeiro em sua mente, ouviu Seratard dizer que a reunião em Iedo fora rapidamente concluída, depois que "rompemos o impasse e a proposta francesa foi aceita, por isso não havia necessidade de ficar..."

Seus ouvidos pararam de escutar quando os olhos focalizaram André. O belo e elegante francês, de feições aquilinas e porte ereto, sorria para Angelique, que também sorria em retribuição, com uma felicidade que há dias não demonstrava. O ciúme começou a dominá-lo, mas Struan tratou de reprimi-lo. Não é culpa dela, pensou ele, cansado, nem de André; Angelique vale um sorriso, e não tenho sido boa companhia, estou diferente, cansado de tanta

dor, desamparado ainda por cima. Mas eu amo essa mulher e preciso dela desesperadamente.

Ele fez um esforço para se levantar, pediu desculpas por ter de se retirar, agradeceu a hospitalidade. Seratard se mostrou muito simpático, como sempre:

— Mas não quer ficar? Lamento muito o incêndio... não sentimos nada no mar, nem mesmo houve uma onda maior. Não se preocupe com sua noiva, teremos o maior prazer em lhe fazer companhia, *monsieur*, enquanto for necessário e reparam seus aposentos. É claro que será bem-vindo aqui no momento em que desejar, *monsieur*.

Ele acompanhou-os até a porta, Angelique insistindo em pegar o braço de Struan e ir junto até sua residência.

— Estou bem, Angel — murmurou Struan, amando-a mais do que nunca.

— Sei disso, meu amor, mas é meu prazer — disse ela, cheia de boa vontade, agora que André voltara.

Só mais algumas horas e depois estarei livre, pensava Angelique.

O jantar foi um grande sucesso, com Angelique radiante, Seratard exuberante por seu sucesso em Iedo, regalando-os com suas façanhas na Argélia, onde fora a autoridade encarregada de subjugar os nativos, antes de ser enviado para o posto atual, Vervene disputando sua atenção durante o tempo inteiro, relatando versões heróicas de seus feitos anteriores, todos inebriados por sua companhia e pelo vinho abundante, uma garrafa de borgonha por pessoa, com champanhe antes para atizar as papilas gustativas, e depois para aquietar o estômago. André Poncin começou a relatar histórias picantes de Hong Kong, Xangai e Kowloon, onde os aldeões acreditavam de vez em quando na praga do pênis, que faria com que esse apêndice desaparecesse em seus corpos, por isso todos os homens amarravam um cordão ao redor, prendendo-o no pescoço, a fim de evitar a catástrofe.

— Oh, André, isso é impossível, e uma impertinência de sua parte!
— exclamou Angelique.

Ela abanou o leque, em meio aos risos e protestos de André de que era a verdade absoluta, sabendo que chegara o momento de se retirar. Terminou de tomar o segundo copo alto de champanhe, que acompanhou muito bem as três taças anteriores de *Château d’Arcins*, deixando-a ainda mais jovial... e se somando ao alívio por André ter voltado quando prometera e ao prazer por falar francês durante toda a noite, prevalecendo sobre sua cautela habitual.

— Agora vou deixá-los com seus charutos e conhaque... e com suas histórias maliciosas!

— Fique mais um pouco — pediu Seratard. — André vai tocar para nós.

— Esta noite, não — apressou-se em dizer André. — Se não se importam, há alguns papéis que preciso preparar para amanhã. Sinto muito.

— Tudo pode esperar, o prazer antes dos negócios — insistiu Seratard, como uma ordem jovial. — Esta noite devemos ter música para arrematar o dia, alguma coisa romântica para Angelique.

— Deixe-o descansar um pouco, Henri — interveio ela, o vinho tornando suas faces rosadas, satisfeita porque André se mostrava obviamente ansioso em buscar o medicamento prometido. — Afastou-o dos seus negócios por tempo demais. Afinal, ele não é um dos seus funcionários.

— André adorará tocar para nós.

— Ah, André deve sempre obedecer, hem? Pois eu devo lhe ordenar, *monsieur le ministre*, que o dispense por esta vez... e a mim também, pois é hora de ir me deitar.

Angelique levantou-se, os joelhos um pouco bambos. Todos a cercaram protestando com veemência.

— Mas estarei aqui amanhã, e pelo menos por mais três dias. — Ela estendeu a mão para André, com um sorriso especial. — Pode se retirar agora. Eu lhe ordeno que cuide dos nossos interesses.

— Pode contar com isso, Angelique.

— Um último drinque...

Ela se permitiu ser persuadida a levar o copo, e depois todos a escoltaram até seus aposentos, para se certificarem de que as trancas nas janelas do *boudoire* do quarto estavam bem seguras.

— Resolvemos trocar todas as venezianas desde a última vez em que estive aqui — explicou Vervene, que já lhe dissera isso antes,

os cabelos escassos desgrenhados, radiante e meio tonto. — Não bateram nem mesmo na tempestade da semana passada.

Todos os olhos notaram a camisola e o penhoar verdes, quase transparentes, estendidos na cama, arrumada de forma convidativa pela corpulenta criada, que observava a cena e esperava com expressão desaprovadora. Os lampiões a óleo projetando claridade tênue e criando bruma tornavam o quarto ainda mais sedutor, mais provocante.

Houve mais murmúrios de boa noite e sonhos felizes, com evidente relutância, e depois ela ficou a sós com Ah Soh, a porta para o corredor trancada. A criada despiu-a, escovou seus cabelos, guardou o vestido no armário, junto com suas outras roupas, a lingerie na arca de gavetas, enquanto Angelique cantarolava feliz, contente por se encontrar ali, a salvo para amanhã, exultante por estar sozinha, e porque o incêndio e o terremoto não haviam machucado ninguém nem interferido com seus planos; ao contrário, tornara-os ainda mais simples.

Promoverei a paz entre Malcolm e Jamie, é prejudicial o afastamento dos dois, pensou ela, exuberante, ainda com sede, mas dominada pela satisfação que o vinho proporcionava. Graças a Deus por André.

Eu me pergunto como é a Yoshiwara e sua mulher. Vou encorajá-lo a me falar sobre ela, a fim de podermos rir juntos.

— Boa noite, miss.

Ah Soh se encaminhava a passos pesados para o divã no boudoir. A última vez em que dormira ali, mesmo com a porta do quarto fechada, seus roncos haviam sido ensurdecedores, deixando Angelique ainda mais transtornada.

— Não, Ah Soh, não precisa dormir aqui. Pode ir agora, e volte com o café da manhã, está bem?

A mulher deu de ombros.

— Boa noite, miss.

Angelique trancou a porta depois que a criada saiu e na luz aconchegante, sozinha, e finalmente em paz, girou indolente ao ritmo de uma valsa cantarolada. Um momento depois, seus ouvidos captaram os acordes abafados do piano. Ah, é Henri, concluiu ela, reconhecendo seu jeito de tocar. Ele é um bom pianista, melhor do que Vervene, mas não se compara a André. *Chopin*. Uma música suave, delicada, romântica.

Ela se balançou ao ritmo da adorável melodia, e depois viu seu reflexo no espelho alto. Contemplou-se por um instante, de um lado e de outro, depois levantou os seios, como costumava fazer quando ficava a sós com Colette, ajeitando-os de várias maneiras, para verificar se assim se tornavam mais ou menos desejáveis.

Um gole de champanhe, as borbulhas fazendo cócegas, a música e o álcool a acalentando. Um impulso súbito e excitado levou-a a deixar o penhoar cair, e depois levantou a camisola, mais e mais alto, admirando a imagem no espelho, as pernas e a virilha, os quadris e os seios, e depois a nudez total, posando de várias maneiras, usando a camisola arrepanhada para encobrir ou revelar.

Outro gole de champanhe. Depois, ela mergulhou um dedo no copo e levou o líquido aos mamilos endurecidos, como lera que as grandes cortesãs parisienses faziam, às vezes usando o *Château d'Yquem* doce ali, e também em outros lugares. É curioso que duas das mais famosas cortesãs no centro do mundo sejam inglesas.

Angelique riu para si mesma, arrebatada pela noite, a música e o vinho. Depois que eu tiver um ou dois filhos e completar vinte e um anos"; quando Malcolm tiver uma amante e eu me encontrar preparada para um amante especial, é o que farei... para o prazer dele e o meu, e antes disso para o de Malcolm.

Outro gole, mais outro, e ela acabou o champanhe, lambendo a última gota, lânguida, observando pelo espelho, a língua escorregando em torno do copo, brincando com o copo. Com outra risada, largou o copo na penteadeira, não notou quando caiu para o tapete, os ouvidos sintonizados apenas em Chopin, a atenção em suas paixões latentes — os olhos fixados no espelho, agora a imagem refletida mais próxima, numa intimidade despudorada.

Lentamente, Angelique inclinou-se para a frente, abaixou o pavio no lampião, as sombras se tornando mais suaves agora, e depois recuou um pouco, a pessoa no espelho ainda ali, fascinante, sensual. Os dedos entraram em movimento, como que dotados de

vida própria, vagueando, acariciando, o coração disparado, palpitando com o prazer crescente. Os olhos fechados agora, imaginando Malcolm alto, forte e com um cheiro irresistível, levando-a para o quarto, estendendo-a sobre as cobertas, deitando com ela, também nu, seus dedos vagueando, acariciando.

Ori empurrara a porta do armário no outro cômodo, saíra sem fazer barulho, e agora se encontrava nas sombras profundas perto da porta entreaberta, observando-a, o coração ressoando em seus ouvidos. Fora fácil para ele esconder-se entre as caixas, vestidos e anáguas pendurados, mais fácil ainda recuar para fundo, a fim de se tornar invisível, quando a criada abrisse o armário. Fora fácil também ouvir os últimos estalidos das trancas, e perceber quando Angelique ficara a sós.

Na semi-escuridão do quarto, ela estava deitada na cama, os olhos fechados um pequeno tremor percorrendo seu corpo de vez em quando, o rosto nas sombras' o corpo em parte nas sombras,

sombras que dançavam nos movimentos da pequena chama, agitada pelas correntes de ar. Sem fazer barulho, Ori saiu da escuridão para o limiar. Fechou a porta, com um estalido. A música distante abafou o ruído. Angélique abriu os olhos, focalizou, e avistou-o.

Algum sentido lhe disse que era ele — o assassino da *Tokaidô*, o pai da criança que nunca deveria nascer, que a violara, mas não deixara lembrança de dor ou estupro, apenas sonhos parcialmente eróticos, metade de sono, metade de vigília... e que ela se encontrava indefesa, e naquela noite seria assassinada.

Os dois mal respiravam. Imóveis. Esperando que o outro tomasse a iniciativa. Ainda em choque, Angélique contemplou sua juventude, não devia ser muito mais velho do que ela, um pouco mais alto, uma espada-faca embainhada na cintura, a mão direita no cabo, barba e cabelos curtos e bem aparados, ombros largos, quadris estreitos, camisa ordinária, calções largos, pernas musculosas, sandálias de camponês. O rosto na sombra.

É apenas outro sonho, com toda certeza, não precisa ter medo...

Aturdida, ela soergueu a cabeça, apoiou-a na mão, gesticulou para que ele se deslocasse para a luz.

Por um momento envolvido no mesmo estado de irrealidade e sonho, Ori obedeceu; quando ela viu as feições marcantes, tão diferentes, os olhos escuros cheios de anseio, abriu a boca para indagar quem é você, qual é o seu nome, mas ele pensou que seria um grito, e por isso saltou para a frente, em pânico, a lâmina se aproximando com violência da garganta de Angelique.

— Não, por favor — balbuciou ela, a cabeça descaindo para o travesseiro. Ao constatar que ele não a compreendia, sacudiu a cabeça, apavorada, cada parte de seu ser bradando em desespero. Você vai morrer, não há escapatória desta vez!

— Não... por favor...

O pavor deixou o rosto de Ori, que ficou imóvel, o coração trovejando tanto quanto o dela, depois levou um dedo aos lábios, advertindo-a a se manter em silêncio, a não se mexer.

— *Iyé*— sussurrou ele, a voz rouca, e acrescentou: — Não.

Uma gota de suor escorreu por seu rosto.

— Eu... não... não farei qualquer barulho — murmurou ela, o terror a confundindo.

Angelique puxou o lençol sobre a virilha. Ele arrancou-o no mesmo instante. O coração dela parou. Mas nesse segundo ela soube; um instinto primitivo na mente a impelira para um plano diferente e sentiu-se invadida por um conhecimento latente, recém-descoberto. Seu horror começou a se desvanecer. Vozes interiores pareciam sussurrar: Tome cuidado, podemos guiá-la. Observe seus olhos, não faça qualquer movimento brusco, primeiro a faca...

O coração batendo forte, Angelique observou os olhos do homem, levou um dedo aos lábios, como ele fizera, apontou para a lâmina,

gesticulou para que a afastasse.

Ori era como uma mola presa, esperando que ela corresse para a porta a qualquer instante e gritasse; sabia que podia silenciá-la com a maior facilidade, mas isso não se enquadrava em seu plano. A mulher só deveria tentar fugir no momento em que ele assim quisesse, gritar para atrair o inimigo; quando isso acontecesse, ele a mataria e depois esperaria pela chegada dos homens, soltaria o brado de "*Sonno-jo!*", viraria a faca contra si mesmo e morreria, cuspidando em seus rostos. Era esse seu plano — um entre os muitos que cogitara: possuí-la como um desvairado e depois matá-la e a si mesmo, ou apenas matá-la de imediato, sem qualquer barulho, como já deveria ter feito antes, por mais que a desejasse agora, deixando os caracteres de *Tokaidô* nos lençóis, como antes, para em seguida escapar pela janela. Só que a mulher não estava reagindo como ele previra. Os olhos firmes, a mão gesticulando para que ele afastasse a faca, os olhos azuis da cor do céu indagando, não suplicando, a tensão evidente, mas sem qualquer terror agora. Um meio sorriso estranho. Por quê?

A lâmina não se movia.

Seja paciente, as vozes sussurraram para Angelique...

Ela tornou a gesticular para que o homem retirasse a ponta da lâmina, sem pressa, querendo dominá-lo. Os olhos de Ori se contraíram ainda mais. Com esforço, ele desviou os olhos, só para ser inexoravelmente atraído de volta. O que ela está planejando? Cauteloso, ele baixou a faca, esperou, pronto para atacar.

Estava de pé ao lado da cama. Lentamente, as mãos da mulher começaram a desabotoar sua camisa e pararam de repente. A cruz no pescoço de Ori faiscou à luz do lampião — sua cruz. A maneira súbita com que reencontrava milagrosamente uma coisa que julgara perdida para sempre deixou-a exultante; como se estivesse num sonho, observou seus dedos tocarem a cruz, tremendo um pouco, com uma insólita satisfação por constatar que ele passara a usá-la, uma parte dela a fazer parte do homem para sempre, assim como uma parte dele se enraizara nela. Mas nem mesmo a cruz, sua cruz, a desviou.

Com extremo cuidado, ela tirou-lhe a camisa, descendo pelo braço direito, por cima da faca, empunhada com firmeza, uma constante ameaça. O olhar intenso de Angélique correu por seu corpo, o ferimento no ombro, recém-cicatrizado, o corpo musculoso. E voltou ao ferimento.

— *Tokaidô* — murmurou ela, não uma pergunta, embora Ori a tomasse como tal.

— *Hai* — sussurrou ele, contemplando-a, esperando, sufocado de desejo. — *Hai*.

A cruz tomou a faiscar.

— *Kanagawa?*

Ele acenou com a cabeça, mal respirando, enfeitiçado, e Angelique sentiu-se contente por ter acertado logo de saída. Agora que o homem se encontrava quase nu, ela sentiu-se ainda mais segura do plano que afluera em sua mente. Estendeu a mão, tocou no cinto, sempre fitando-o nos olhos, com um ligeiro tremor. Sentiu uma corrente percorrer seu corpo por essa vitória.

Não tenha medo, disseram as vozes. Continue...

Os dedos de Angelique encontraram a fivela. Abriram-na. O cinto caiu, a bainha da faca junto. O calção escorregou pelas pernas. Por baixo, ele usava uma tanga. Com tremendo esforço, Ori permaneceu imóvel, o corpo bem equilibrado sobre as duas pernas, um pouco entreabertas, todo o corpo vibrando com as batidas do coração, os olhos fixados nos da mulher.

Continue, sussurraram as vozes, não tenha medo...

Abruptamente, a imagem dele na teia, que incontáveis gerações de mulheres — indefesas na mesma armadilha masculina — ajudaram-na a tecer e fez com que sua determinação se elevasse de maneira inesperada, aguçando sua percepção, tornando-a integrada à noite, mas ao mesmo tempo apartada, capaz de observar a si mesma e a ele, os dedos soltando o cordão, para vê-lo sem qualquer adorno.

Angelique nunca vira um homem assim antes. A não ser pelo ferimento, ele não tinha qualquer imperfeição. Assim como ela.

Por mais um momento, Ori continuou a controlar seu desejo, mas depois a vontade desapareceu, ele jogou a faca na cama e cobriu-a. Mas ela se fechou como uma ostra, desviou-se, e Ori fez o mesmo, pegando a faca, antes que a mulher a alcançasse. Só que ela não tentou isso, apenas ficou estendida ali, observando-o se ajoelhar na cama, a lâmina erguida, outro falo apontando em sua direção.

No sonho acordado, Angelique balançou a cabeça, dizendo-lhe para largar a faca, esquecê-la, deitar ao seu lado.

— Não há pressa — murmurou ela, sabendo que ele não compreenderia as palavras, apenas os gestos. — Deite aqui.

E mostrou-lhe onde.

— Não, seja gentil. — Ela mostrou como. — Beije-me... não, não assim, com tanta brutalidade... mais delicado...

Angelique mostrou tudo o que queria, e também o que ele queria, avançando, recuando, os dois se tornando muito excitados e, depois, quando finalmente se uniram, ela implodiu para levá-lo sobre a crista e aos dois para o abismo.

Quando os ofegos diminuíram e seus ouvidos puderam escutar, a música ainda soava, mas distante. Nenhum som de perigo, apenas os ofegos do homem acompanhando os seus, o corpo leve se adaptando com perfeição. E pertencendo. Era o que ela não podia entender — como ou por que o homem parecia pertencer. Ou como e por que ela se sentira tão emocionada ou consumida por tamanho êxtase. Ele começou a se afastar.

Não, as vozes apressaram-se em dizer, não o deixe sair, tome cuidado, o perigo ainda não terminou, persista no plano...

E por isso ela apertou-o em seus braços.

Dormiram por cerca de uma hora. Quando Angelique despertou, ele dormia ao seu lado, a respiração suave, o rosto jovem imperturbável, a mão direita segurando o cabo da faca, a esquerda tocando a cruz que usava com a maior descontração.

Foi meu primeiro presente, disse mamãe, logo no meu primeiro dia de vida, tendo usado desde então, apenas a corrente mudando. É dele agora ou meu... ou nosso?

O homem abriu os olhos e ela estremeceu.

Por um momento, Ori não soube direito onde se encontrava, ou se era um sonho, mas depois a viu, ainda linda, ainda desejável, ainda ao seu lado, com aquele estranho meio sorriso, envolvendo-o por completo. Encantado, estendeu a mão para ela, que reagiu, e se uniram outra vez, mas agora sem raiva ou pressa. Apenas querendo prolongar.

Depois, mal desperto, Ori teve vontade de lhe dizer como fora intenso o momento das nuvens e chuva, o quanto a admirava e era grato... atormentado por uma profunda tristeza por ter que encerrar sua vida, esta vida. Mas não triste por sua própria morte ser iminente. Agora, por causa da mulher, morreria realizado, a morte dela consagrando a causa justa de *Sonno-joi*.

Ah, pensou ele, com súbita satisfação, em troca de tal dádiva, talvez uma dádiva igual, um presente de samurai, uma morte de samurai: sem gritos nem terror, um momento viva, no outro morta. Por que não?

Em paz total, a mão na faca desembainhada, ele se permitiu mergulhar num sono sem sonhos.

Os dedos de Angelique o tocaram. No mesmo instante ele despertou, em guarda, a mão no cabo da faca. Viu-a gesticular para a janela com cortina e levar um dedo aos lábios. Um assovio lá fora se aproximava. O som passou pela janela e se afastou.

Ela suspirou, aconchegou-se contra Ori, beijou-o no peito e depois, parecendo muito feliz, apontou para o relógio na cômoda, que marcava 4:16 h, outra vez para a janela. Saiu da cama e fê-lo compreender, através de sinais, que deveria se vestir, partir agora, para voltar com a noite, pois a janela estaria destrancada. Ori balançou a cabeça, fingindo provocá-la, e ela voltou apressada, as sombras e a visão de seu corpo proporcionando a ele intensa satisfação. Angelique ajoelhou-se ao lado da cama e sussurrou, suplicante:

— Por favor... por favor...

Ori sentiu profunda exultação. Nunca antes, em toda a sua vida, vira tal expressão no rosto de uma mulher, uma paixão tão grande, além de sua compreensão — não havia palavra para amor em japonês. Dominou-o por completo, mas não o desviou de sua decisão.

Seria fácil fingir concordar, indicar que partiria agora e voltaria ao anoitecer.

Enquanto ele se vestia, Angélique permaneceu bem perto, ajudando-o, relutante em deixá-lo se retirar, querendo que ficasse, protetora. Com um dedo nos lábios quase infantil, ela entreabriu a cortina, abriu a janela, sem fazer barulho, esquadrinhou lá fora.

O ar era fresco. Uma insinuação do amanhecer. O céu salpicado de nuvens O mar calmo, sem qualquer som ou sinal de perigo, apenas o suspiro das ondas na praia de areia. Ao longo da High Street, apenas filetes de fumaça restavam dos incêndios. Ninguém por perto, a colônia se encontrava em paz, adormecida.

Ori parou logo atrás da mulher e compreendeu que aquele era o momento perfeito. Sua mão apertou o cabo da faca, as articulações esbranquiçadas. Mas não desfechou o golpe, pois ela se virou com tanta ternura e preocupação que sua determinação se desvaneceu, além do fato de ainda se sentir obcecado pelo desejo. Ela beijou-o, tornou a se inclinar na janela, olhou para um lado e outro, a fim de se certificar de que não havia ninguém por perto.

— Ainda não — murmurou ela, ansiosa, fazendo-o esperar, seu braço enlaçando-o pela cintura.

E quando teve certeza, Angelique tornou a se virar, beijou-o mais uma vez, e depois fez-lhe um sinal para que se apressasse. Ele passou sobre o peitoril, em silêncio; no momento em que se afastava pelo jardim, ela fechou e trancou a janela e seus gritos ressoaram pela noite!

— Socorro! Socorro!

Ori ficou paralisado. Mas apenas por um instante. Tremendo de raiva, bateu nas janelas, os gritos incessantes da mulher e a certeza de que fora enganado o deixando transtornado. Dedos agora transformados em garras arrancaram uma veneziana, estavam prestes a abrir a janela. Foi nesse segundo que um dos soldados franceses de sentinela surgiu da esquina no canto do prédio, o rifle erguido, pronto para disparar. Ori viu-o e foi mais rápido, sacou a pistola, puxou o gatilho, mas errou os dois tiros, pois nunca antes disparara uma arma de fogo, as balas ricocheteando na parede e se perdendo na noite.

O soldado não errou na primeira vez, nem na segunda, nem na terceira. Dentro do quarto, Angelique se encolheu toda, com as mãos nos ouvidos, exultante, angustiada, sem saber o que pensar, o que fazer, se ria ou chorava, certa apenas de que vencera, e que agora estava segura e vingada, com as vozes interiores se

regozijando durante todo o tempo: Você triunfou, agiu muito bem, foi maravilhosa, executou o plano com perfeição, agora se tornou a salvo daquele homem para sempre!

— Será mesmo? — balbuciou ela.

Claro que sim, está sã e salva, ele morreu, é verdade que há sempre um preço, mas não se preocupe, não tenha medo...

Que preço? O que... Oh, Deus, esqueci a cruz! Ele ainda está com a minha cruz!

Em meio ao crescente tumulto lá fora, com batidas cada vez mais fortes em sua porta, ela começou a tremer. Incontrolável.

Sexta-feira, 7 de novembro:

À tarde, a fragata H.M.S. Pearl voltou de Iedo, com todas as velas içadas, e seguiu para o seu ancoradouro habitual, na movimentada enseada de Iocoama. A bandeira de Sir William se encontrava hasteada no mastro principal. Outras bandeiras pediam a vinda imediata de seu cúter respectivo, mas eram desnecessárias, porque o barco já o esperava no mar, com o cúter a vapor da Struan ao lado... e Jamie impaciente na proa. Todos na praia que avistaram a Pearl ficaram observando, a fim de conferir se seu comandante se encontrava à altura do ímpeto arrogante da embarcação, o vento irregular e a velocidade sob as velas tornando a manobra arriscada.

A proa levantava uma onda alta, no mar ondulado. No último segundo, a Pearl virou contra o vento e parou, tremendo toda, o gurupés por cima da bóia a sotavento. No mesmo instante, marujos em uniformes impecáveis lançaram os cabos de amarra sobre os postes de amarração, segurando a fragata, enquanto outros se empenhavam em ferrar as velas. Nada mau, pensou Jamie, orgulhoso, para depois gritar:

— Para a frente, a toda velocidade! Vamos encostar! — Ele queria ser o primeiro a interceptar Sir William, como Malcolm ordenara. — Depressa, Tinker, pelo amor de Deus!

— Sim, senhor!

Tinker, o timoneiro da Struan, ofereceu um sorriso radiante e desdentado, já prevendo a ordem, e aumentou a velocidade. Era um veterano, tatuado, de rabicho grisalho, antigo contramestre de um dos clíperes da companhia. Ao passar pelo cúter de oito remos de Sir William, para desolação de seus tripulantes, Tinker cuspiu a seiva de tabaco no mar e lhes mostrou um dedo, num gesto jovial, antes de ocupar a vaga no costado da fragata. Jamie subiu pela escada. No convés principal, levantou a cartola para o oficial de serviço ali, um guarda-marinha imberbe.

— Permissão para subir a bordo. Mensagem para Sir William. O guarda-marinha bateu continência.

— Pois não, senhor.

— O que foi, Jamie? Qual o problema agora? — gritou Sir William da ponta de comando, com Phillip Tyrer e o capitão Marlowe ao seu lado.

— Desculpe, senhor, mas a colônia se encontra no maior tumulto, e o Sr. Struan achou que eu devia lhe fazer um relato dos acontecimentos.

— Pode usar meu camarote, Sir William — sugeriu Marlowe.

— Obrigado. É melhor você vir também, já que é “o almirante no comando de nossa defesa naval”, mesmo que em caráter temporário.

Marlowe riu.

— Eu bem que poderia aproveitar o salário, senhor, se não também o posto mesmo que em caráter temporário.

— É o que todos nós gostaríamos. Venha também, Phillip.

Eles seguiram-no, Marlowe por último. Antes de deixar a ponte de comando, Marlowe chamou seu imediato e ordenou:

— Quero a casa de máquinas pronta para uma partida súbita, todos os canhões limpos, oleados e preparados, a tripulação pronta para assumir os postos de combate.

Foram sentar no camarote pequeno e austero, com um beliche, banheiro particular e uma mesa de cartas.

— O que houve, Jamie?

— Primeiro, Sir William, o *tai-pan* e todos os outros mercadores querem lhe dar os parabéns por uma reunião bem-sucedida.

— Obrigado. Qual é o problema?

— No início desta manhã, um japa tentou entrar no quarto de Angelique, na legação francesa, e foi morto pelas sentinelas. O Dr. Hoag e o Dr. Babcott...

— Deus Todo-Poderoso, ela ficou ferida?

Para alívio de todos, Jamie sacudiu a cabeça.

— Não, senhor. Ela diz que ouviu-o mexendo na janela e desatou a gritar...

— E havia alguém ali, como na última vez! — exclamou Tyrer. — Não era apenas o vento sacudindo a janela!

— É o que nos sentimos propensos a pensar — disse Jamie. — Babcott e Hoag foram chamados... ela se encontrava em estado de choque, não ferida, como já ressaltei, mas não parava de tremer. Os dois deram uma olhada no morto, e Hoag confirmou sem hesitação que era o mesmo homem que operara em Kanagawa...

Phillip Tyrer soltou um murmúrio de espanto, e Marlowe fitou-o, enquanto Jamie continuava:

—... e desconfiamos ter sido um dos assassinos de Canterbury, o mesmo que pode ter aparecido em nossa legação em Kanagawa, e que o capitão Marlowe e Pallidar tentaram capturar.

— Essa não! — Sir William olhou para Tyrer, que empalidecera. — Será que pode identificá-lo, Phillip?

— Não sei... acho que não. Talvez Malcolm possa, mas não tenho certeza.

A mente de Sir William já se projetara além do fato: Se é o mesmo nome então é provável que os dois assassinos estejam mortos; e como isso afeta nossa exigência de indenização?

— Na legação francesa, hem? É espantoso que tenham morto o patife, a segurança deles é abominável, e a mira dos soldados, ainda pior. Mas por que o homem foi até lá? Estava atrás de Angelique ou de quê?

— Não temos a menor idéia, senhor. Também descobrimos que era católico... ou pelo menos usava uma cruz. O que...

— Isso é muito estranho. Mas... espere um pouco. Angelique estava lá? Pensei que ela havia retornado ao prédio da Struan.

— E tinha, mas seus aposentos foram atingidos pelo fogo. Esqueci de mencionar, senhor, que depois do terremoto tivemos um pequeno incêndio, o que também aconteceu com Norbert. A...

— Alguém saiu ferido?

— Não, senhor, graças a Deus, nem em qualquer outra parte da colônia, pelo que sabemos. Os franceses ofereceram-lhe acomodações, mas...

— Malcolm Struan também se hospedou lá?

Jamie suspirou pelas contínuas interrupções.

— Não, senhor. Ele ficou em nosso prédio.

— Neste caso, vocês não devem ter sofrido grandes danos.

— Não, senhor, felizmente. Também não houve grandes danos no resto da colônia, embora Norbert tenha perdido quase todo o seu andar superior.

— O que deve tê-lo deixado satisfeito. Muito bem, a moça nada sofreu e o atacante morreu; qual o motivo da confusão?

— É o que estou tentando explicar, senhor.— Jamie passou a falar depressa, recusando-se a permitir desta vez que Sir William o interrompesse com qualquer pergunta. — Alguns idiotas na cidade dos bêbados, ajudados, lamento dizê-lo, por alguns dos nossos mais estúpidos mercadores, concluíram que todos os japoneses na aldeia eram responsáveis, e há cerca de duas horas formou-se uma turba que começou a surrar todos os que conseguiam encontrar, o que atraiu os samurais, furiosos. Os soldados e pessoal da marinha os confrontaram, e agora nos encontramos num impasse, os dois lados armados, reforçados, tornando-se mais ameaçadores a cada minuto, com a presença de uma parte de nossa cavalaria, o general no comando, ansioso em dar a ordem para uma carga, como a da brigada ligeira em Balaclava.

Mas que idiota! — pensou Sir William.

— Vou desembarcar imediatamente.

— Mandarei um destacamento de fuzileiros acompanhá-lo, senhor —
anunciou Marlowe. — Ordenança!

A porta do camarote foi aberta no mesmo instante.

— Pois não, senhor?

— Quero o capitão dos fuzileiros e um destacamento de dez
homens, com um sinaleiro, no convés principal o mais depressa
possível! — Para Jamie, Marlowe acrescentou: — Qual é o local
exato da confusão?

— Na extremidade sul da aldeia, perto da terra de ninguém.

— Sir William, ficarei de prontidão, perto do local. Qualquer problema, use meu sinaleiro, e poderá dispor de uma barragem de artilharia.

— Obrigado, mas duvido que venha a precisar de apoio naval.

Jamie interveio:

— Outro problema é...

— Conte-me quando estivermos no cúter. — Sir William já se encaminhava para o convés principal. — Seguiremos no seu, que é mais rápido. Vamos para o atracadouro na cidade dos bêbados.

Momentos depois, o cúter da Struan deslizava pela enseada a toda velocidade os fuzileiros agrupados na popa, Sir William, Jamie e Tyrer em relativo conforto na cabine no meio da embarcação.

— E agora, Jamie, pode me dizer qual é o outro problema?

— É o não tão domado samurai do Sr. Tyrer, Nakama. — Jamie lançou um olhar rápido para Phillip. — Parte da turba o atacou, mas ele conseguiu se desvencilhar, pegou espadas e revidou, cortando um dos bêbados, um australiano, embora sem maior gravidade, e teria matado os outros, se não fugissem. Alguns pegaram armas de fogo, voltaram correndo e quase o liquidaram. Ele se refugiou num armazém na aldeia, creio que em companhia de outros samurais... e há uma dúzia ou mais de maníacos cercando o lugar, dispostos a linchá-lo.

Sir William se mostrou aturdido.

— Um linchamento? Na minha jurisdição?

— Isso mesmo, senhor. Tentei persuadi-los a deixarem Nakama em paz, mas eles me mandaram embora. A culpa inicial não foi de Nakama, Sir William, posso garantir. Eu o vi na High Street sem ameaçar ninguém.

— Ainda bem — murmurou Sir William, a voz tensa. — Por sorte, temos uma lei para os ricos que também vale para os pobres e para todas as pessoas sob a nossa proteção. Se ele for linchado, linharemos os linchadores. Estou cansado da cidade dos bêbados e dos absurdos da ralé que vive ali. Até recebermos um destacamento de *peelers* de Londres, vamos formar nossa própria força policial. Serei o chefe. Jamie, você é o subchefe de polícia temporário, com Norbert como o outro subchefe... também temporário.

— De jeito nenhum, Sir Wi...

— Então será Norbert sozinho — disse Sir William, suavemente.

— Está bem, está bem — murmurou Jamie, insatisfeito, sabendo que a tarefa seria das mais ingratas. — Norbert, hem? Já ouviu falar do problema entre Norbert e o *tai-pan*

— O que houve com eles?

Jamie relatou a briga e o desafio.

— Estão apostando cinco contra um como em qualquer madrugada os dois vão se esgueirar para um lugar isolado e um deles acabará morto.

Sir William ergueu o olhar e comentou, cansado:

— Passo três dias fora, e os problemas logo se acumulam. — Ele pensou por um momento. — Phillip, ordene aos dois que compareçam ao meu escritório amanhã de manhã, na primeira hora.

A voz mudou, e os outros dois homens estremeeceram ao veneno que exalava quando ele acrescentou:

— Aconselhe aos dois, de antemão, que é melhor se mostrarem sensatos e dóceis e aceitarem minha gentil homilia. Timoneiro! Vamos mais depressa, pelo amor de Deus!

— Sim senhor...

— Trouxe minha mala, Phillip?

— Trouxe, senhor.

Tyrer agradeceu a Deus por ter se lembrado.

Hiraga espiava por uma fresta da porta-barricada do armazém do *shoya*, observando os homens furiosos, aos gritos, armados com pistolas e mosquetes. O suor escorria pelo seu rosto. Sentia-se sufocado de raiva, e também com algum medo, embora o ocultasse dos outros. O sangue de um ferimento ligeiro nas costas manchava a camisa... tirara a sobrecasaca ao correr para o prédio, em busca de suas espadas. O *shoya* se encontrava ao seu lado, bastante nervoso, desarmado, exceto por um arpão de pesca... só os samurais podiam carregar armas, sob pena de morte.

Ali estava também um *ashigaru* de cabeça branca, um infante, que olhava para Hiraga com respeito e confusão: respeito por sua capacidade de lutar e porque se tratava, sem dúvida, de um *shishi*; confusão porque ele usava roupas de *gai-jin*, tinha os cabelos compridos como os deles, parecia viver na colônia, e mesmo assim estivesse sujeito àqueles ataques injustificados.

Os nojentos *gai-jin*, pensou ele, como se uma tentativa de assalto fracassada, por parte de um *ronin* maluco, tivesse alguma importância... era evidente que o homem não passava de um *ronin* ladrão, não estava atrás da moça, pois nenhum homem civilizado poderia querer uma mulher assim. O tolo fora morto com toda razão, por sua impertinência, e ninguém mais saíra ferido; assim sendo, por que tanta violência? Os *gai-jin* são doidos!

— Há alguma saída pelos fundos? — indagou ele.

O *shoya* sacudiu a cabeça, muito pálido. Era a primeira vez que ocorria ali um grande distúrbio, com tantos *gai-jin* ameaçando violência. E ele se encontrava diretamente envolvido; afinal, não dera abrigo àquele *shishi*? Até mesmo o *ronin* doido estivera em sua casa, e ele não os denunciara, como tinha a obrigação de fazer... e não apenas ele, mas também todo e qualquer estranho?

— É inevitável uma investigação do *Bakufu* — lamentara sua esposa, uma hora antes. — Seremos chamados para depor. Os vigilantes continuam na casa da guarda. Perderemos tudo, inclusive nossas cabeças, *Namu Amida Butsu*.

Ela e a filha mais velha faziam compras no mercado de legumes quando os primeiros homens da turba apareceram na aldeia, gritando ameaças, derrubando cestos, empurrando e agredindo todos os japoneses, que correram para suas casas em pânico.

— Lamento muito, Sire — conseguiu balbuciar o *shoya*. — Estamos cercados... há mais *gai-jin* nos fundos.

Além da dúzia ou mais de homens lá fora, confrontando-os, quase todos os habitantes da colônia se agrupavam nos dois lados da terra de ninguém. A maioria começara como espectadora de uma possível briga, mas agora muitos haviam sido pressionados a participar da violência por um núcleo de agitadores querendo vingança. Por trás daqueles que estavam na rua da aldeia havia vinte samurais da guarnição do portão norte. Na frente, postavam-se os guardas do portão sul. Nenhum dos samurais desembainhara suas espadas até agora, mas todos mantinham as mãos nos cabos, liderados pelos oficiais. O mesmo acontecia com os soldados que os confrontavam, os rifles de prontidão, a dúzia de cavalaria e seus cavalos, esperando pelas ordens, o general ali perto... todos confiantes e ansiosos por um combate.

Mais uma vez, o oficial japonês mais graduado gritou, por cima do clamor, para os *gai-jin* se dispersarem, e mais uma vez o general

gritou arrogante — com um subsequente clamor de aprovação — para que os samurais se dispersassem, nenhum dos lados compreendendo o outro, nem querendo compreender.

Hiraga mal podia ouvir o general entre os gritos de um lado e outro. Tolo, pensou ele, fervendo de raiva, mas não tão tolo quanto o louco do Ori. Ainda bem que ele morreu! Uma estupidez fazer o que ele fez, sem conseguir nada, apenas criar uma encrenca, uma estupidez total! Eu deveria tê-lo matado no momento em que o surpreendi usando a cruz daquela mulher... ou no túnel.

No momento em que os gritos de alerta da mulher romperam o silêncio da noite, seguidos pelos disparos de rifle, ele e Akimoto se encontravam agachados na aldeia, perto do prédio da Struan, à espera de Ori, na expectativa de interceptá-lo... não haviam visto Angelique ir para a legação, por isso presumiam que ele se encontrava em algum lugar por ali, talvez mesmo dentro do quartel-general da companhia.

Na confusão subsequente, juntaram-se à crescente massa de homens semidespidos que convergiam para a legação, camuflados pelas roupas e gorros de trabalhador.

Em choque, Hiraga e Akimoto viram a chegada dos dois médicos e, pouco depois, o corpo de Ori ser arrastado para fora. No mesmo instante, Hiraga gesticulara para Akimoto e os dois se esgueiraram pela noite, bastante nervosos. Ao chegarem ao esconderijo na aldeia, Hiraga dissera:

— Que Ori renasça como um sórdido *gai-jin* e não como samurai! Foi como atçar um ninho de vespas. Volte para a Yoshiwara o mais depressa possível, trate de se esconder no túnel e espere ali, até eu mandar um recado ou for procurá-lo.

— E você?

— Sou um deles — murmurara Hiraga, com um sorriso irônico. — Tyrer é meu protetor, assim como o líder dos *gai-jin*, e por isso todos sabem que sou seguro.

Mas eu estava enganado, pensou ele agora, amargurado, o ânimo dos homens lá fora se tornando cada vez mais agressivo.

Duas horas antes, no momento em que a fragata Pearl fora avistada no horizonte, ele deixara a aldeia, subira pela High Street, a caminho da legação britânica, com toda uma lista de traduções de frases que Tyrer lhe pedira para fazer, durante sua ausência. Estava absorto em seus pensamentos, mais do que um pouco ansioso em ouvir as notícias sobre a reunião em Iedo, quando rostos furiosos de *gai-jin* o arrancaram de seus devaneios.

— É o japa de Tyrer...

— Ele não é samurai...

— Ei, macaco, você é um samurai...

— Ele parece com aquele outro patife...

— É verdade... os cabelos do mesmo jeito...

— Vamos dar uma lição em todos vocês para não se meterem com nossas mulheres...

Sem aviso, alguém o empurrara pelas costas, derrubando-o, a cartola rolara pela rua, fora pisoteada na lama, sob gargalhadas estrondosas, e outros homens se puseram a chutá-la, esbarrando uns nos outros na precipitação. Isso lhe proporcionara uma folga, permitindo que usasse seu físico superior e juventude para se levantar, romper a barreira de atacantes e escapar, perseguido pelos *gai-jin*.

Descera pela viela ao lado do prédio da Struan, alcançara a área da aldeia, enquanto os guardas samurais vinham correndo dos dois portões, para verificar o que estava acontecendo. Mais homens bloqueavam o acesso ao esconderijo em que escondera a pistola, por isso Hiraga correria para o armazém do *shoya*, pegara espadas inadequadas e se virara para resistir ao ataque. Sua carga furiosa

surpreendera os agressores, dispersando-os, três caíram, um deles ferido, e os outros trataram de escapar. Em algum ponto da rua, um homem disparara um mosquete, a bala passando inofensiva, e mais homens com armas de fogo se agruparam. Em meio à confusão de samurais e *gai-jin*, ele e o *ashigaru* haviam conseguido se refugiar no armazém.

Agora, os três se abaixaram de repente, quando uma bala foi espatifar um vaso ornamentado. Nos fundos da casa, uma criança choramingou, apenas para ser silenciada imediatamente.

Lá fora, os gritos aumentaram. Lunkchurch, violento, sob os efeitos do conhaque que sempre tomava à tarde, berrou:

— Vamos tacar fogo... queimar os desgraçados...

— Você perdeu o juízo? Toda Yokopoko pode pegar fo...

— Vamos queimá-los, por Deus! Quem tem um fósforo?

Assim que o cúter da Struan encostou no cais da cidade dos bêbados, todos desembarcaram apressados e correram para a praça, com os fuzileiros à frente.

Avistaram as costas dos samurais que confrontavam aquela parte da turba. No mesmo instante, o capitão pôs seu plano em execução. A uma ordem sua, os homens formaram uma cunha, os rifles de prontidão, e avançaram pelo espaço entre os dois lados. Viraram-se para encarar os habitantes da cidade dos bêbados que recuaram e se dividiram em dois grupos, ainda aos gritos, mas agora um pouco alarmados. Tyrer correu para a frente dos samurais, que também se mostravam alarmados com o súbito aparecimento dos soldados disciplinados, fez uma reverência e gritou, em japonês:

— Por favor, senhor oficial, todos os homens ficar aqui, seguros. Por favor saúdem meu superior, lorde dos *gai-jin*.

Numa reação automática, o perplexo samurai retribuiu a reverência de Tyrer. No momento em que se empertigava, Sir William, afogueado da corrida a que não estava acostumado, parou por um instante e fitou o samurai. Tyrer tornou-se a se inclinar para o homem e gritou:

— Saúdem!

O oficial e todos os seus homens fizeram uma reverência. Sir William retribuiu. Os samurais voltaram a se controlar.

Sir William virou-se, aproximou-se dos fuzileiros, que ganhavam terreno empurrando para trás, com seus fuzis, os homens mais adiantados.

— Saiam daqui! Recuem... recuem! — berrava o jovem capitão, a adrenalina sendo injetada na circulação.

Ele se encontrava logo atrás de seus homens, e ao constatar que a ordem não era cumprida com a presteza que desejava, gritou:

— CALAR BAIONETAS!

Os fuzileiros recuaram dois passos, fixaram as baionetas, apontaram-nas para a multidão, cada fuzileiro escolhendo um alvo, cada um se tornando uma engrenagem de uma máquina de matar, que era famosa e temida no mundo inteiro.

— PREPARAR A CARGA!

Sir William, Tyrer e McFay pararam de respirar. Assim como todos os outros. Silêncio imediato. No instante seguinte, o espírito maligno que existe em todas as turbas se dissipou e os homens ali se transformaram numa ralé assustada, que tratou de se dispersar e fugir em todas as direções. O capitão não esperou nem um segundo.

— Portar fuzis e me sigam!

Ele conduziu seus homens em marcha acelerada para a aldeia, onde a maioria dos mercadores, soldados, uma dúzia de cavalarianos e samurais se concentrava, todos ainda alheios à presença de Sir William e seus fuzileiros. Mais uma vez, a cunha se formou, mas quando se aproximaram por trás da massa aos berros ouviram o general gritar:

— Pela última vez, ordeno que se dispersem ou vou expulsá-los...

O resto das palavras foi abafado por um rugido da multidão, prestes a explodir. O capitão decidiu que não havia tempo a perder.

— Alto! Uma rajada por cima das cabeças! FOGO!

A rajada prevaleceu sobre o barulho e a fúria e atraiu atenção imediata, até mesmo dos despreparados cavalarianos. Todos se abaixaram ou se viraram. Sir William, em silêncio, vermelho de raiva, avançou pelo espaço entre os dois lados. Mais adiante, Lunkchurch e seus companheiros ficaram paralisados. Ele tinha na mão um segundo trapo em chamas, pronto para arremessá-lo, o primeiro já tendo caído na varanda, junto à parede de madeira, o fogo se espalhando. Ao avistarem Sir William e os fuzileiros, desapareceram pelas ruas transversais, correndo desordenados para suas casas. Todos os outros olhos fixaram-se em Sir William. Ele ajeitou a cartola na cabeça, tirou um papel do bolso e disse, em voz áspera:

— Vou ler para vocês a Lei do Motim de sua majestade: se esta assembléia não se dispersar imediatamente, todos os homens, mulheres e crianças estão sujeitos à prisão e...

As palavras seguintes se perderam sob os resmungos e imprecções gerais, mas a turba começou a se dispersar.

A Lei do Motim de 1715 fora promulgada pelo Parlamento depois da rebelião jacobita, que só fora contida e sufocada por uma ação implacável. A nova lei visava a deter qualquer dissidência não autorizada na fonte. Concedia a todos os magistrados e juizes de paz o direito e o dever de ler os termos da lei para qualquer grupo de mais de doze pessoas consideradas uma ameaça à paz no reino, cabendo aos amotinados apenas ouvir e obedecer. Quem não se dispersasse num prazo de quarenta e cinco minutos ficava sujeito à detenção imediata, encarceramento e, se provada a culpa, pena de morte ou o banimento pelo resto da vida, a critério de sua majestade.

Não houve necessidade de Sir William concluir a leitura. A rua da aldeia se esvaziou, exceto pelos soldados, o general e os samurais.

— Phillip, vá falar com eles, diga-lhes para voltarem para suas casas, por favor.

Ele observou por um momento, enquanto Tyrer se adiantava, fazia uma reverência para o oficial dos samurais, que retribuiu. É um bom

rapaz, pensou Sir William, antes de se virar com os olhos frios para o general, afogueado e suando.

— Bom dia, Thomas.

— Bom dia, senhor.

O general bateu continência. Com firmeza... mas apenas por causa dos soldados ao seu redor. Sir William não levantou a cartola em resposta. Palhaço estúpido, pensou ele.

— Um dia agradável, não? — disse ele, jovial. — Sugiro que dispense seus homens.

O general gesticulou para o oficial de cavalaria que, em segredo, se sentia mais do que um pouco satisfeito pela chegada de Sir William naquele momento, sabendo muito bem que a culpa não era dos

japoneses e que já deveria ter partido com a sua tropa atrás da turba. Um bando de patifes indisciplinados e turbulentos, pensou o oficial.

— Sargento! — gritou ele.— Leve todos os homens de volta ao acampamento e dispense-os! Agora!

Os soldados começaram a se afastar. Tyrer fez uma última medida para o oficial dos samurais, bastante satisfeito consigo mesmo, e depois observou-os subirem pela rua, na direção do portão norte.

— Um bom trabalho, Phillip — comentou Jamie McFay.

— Acha mesmo? — murmurou Tyrer, simulando modéstia. — Não foi grande coisa.

Jamie McFay soltou um grunhido. Estava suando, o coração batia forte convencido até um instante atrás que era inevitável que alguém disparasse um tiro ou desembainhasse uma espada.

— Foi por pouco. — Ele olhou para Sir William, absorvido numa conversa particular com o general, agora ainda mais velho, e acrescentou, em voz baixa, com um sorriso: — Wee Willie está passando uma descompostura nele. O idiota bem que merece a lição.

— Ele é... — Tyrer parou de falar, sua atração atraída para um ponto acima da rua. Samurais corriam para um armazém em chamas no lado leste. — Por Deus, é a casa do *shoya*!

Tyrer saiu em disparada, com McFay em seus calcanhares. Vários samurais haviam subido para a varanda, batendo com os pés nas chamas, enquanto outros corriam para os enormes barris com água, cercados por baldes, mantidos a intervalos por toda parte, para aquelas emergências. Quando Tyrer e McFay alcançaram o local, o incêndio já se encontrava sob controle. Mais meia dúzia de baldes, e as últimas chamas chiaram e morreram. A parede externa do armazém fora destruída. Lá dentro, viram o *shoya*, tendo a seu lado um *ashigaru*, um infante. Os dois saíram para a varanda. O *shoya* ajoelhou-se e fez uma reverência, o *ashigaru* apenas inclinou a

cabeça. Ambos murmuraram agradecimentos. Para espanto de McFay, não havia sinal de Hiraga, o homem que ele e Tyrer conheciam apenas como Nakama. Mas antes que qualquer dos dois pudesse falar, o oficial samurai já começara a interrogar o *shoya* e o infante.

— Como o fogo começou?

— Um estrangeiro jogou um pano em chamas na parede, senhor.

— Merda de cão, todos eles! Quero que faça um relatório, explicando a causa deste distúrbio. Até amanhã, *shoya*.

— Pois não, senhor.

O oficial, de rosto bexiguento, trinta e tantos anos, esquadrinhou o armazém.

— Onde está o outro homem?

— Como, senhor?

— O outro homem, o japonês que foi perseguido até aqui pelos gai-jin? —explicou ele, irritado. — Responda logo!

O ashigaru fez uma vênia polida.

— Desculpe, senhor, mas não havia mais ninguém aqui.

— Eu vi quando ele correu para cá... empunhando espadas! — Ele virou-se para os seus homens. — Quem o viu?

Todos o fitaram, apreensivos, sacudiram a cabeça. O rosto do oficial se avermelhou.

— Revistem o armazém!

A busca foi meticulosa, mas produziu apenas a família e os criados do *shoya*, que se ajoelharam para fazer uma reverência e permaneceram de joelhos. Todos negaram ter visto mais alguém. Um momento de silêncio; depois, Tyrer e McFay ficaram aturdidos ao ver o oficial perder a calma e desatar a vociferar.

Estóicos, o *ashigaru* e todos os soldados permaneceram em posição de sentido, rígidos, os aldeões de joelhos, a cabeça encostada no chão, tremendo sob as invectivas. Sem aviso, o oficial se adiantou e acertou um tapa com o dorso da mão no *ashigaru*. O homem permaneceu tão impassível quanto podia sob a chuva de golpes e insultos. A uma ordem estridente do oficial, o *shoya* levantou-se e permaneceu imóvel, enquanto o homem, frenético, o agredia no rosto, várias vezes, com extrema crueldade, as mulheres e crianças tentando não estremecer a cada golpe.

Tão subitamente quanto haviam começado, os golpes cessaram. Os dois homens fizeram reverências profundas, os rostos agora com as marcas dos tapas. O *shoya* tornou a se ajoelhar. Formalmente o oficial retribuiu, todos os vestígios de sua ira desaparecidos. Seus homens entraram em formação, e ele os conduziu para o portão norte, como se nada tivesse acontecido. Tyrer e McFay observaram os samurais se afastando, confusos. Um momento mais tarde, quando era correto fazê-lo, o *shoya* tornou a se levantar, acompanhado pelas mulheres e crianças. Entraram na casa e ele logo começou a supervisionar os reparos na parede. A atividade na aldeia foi reiniciada.

— Mas o que foi isso? — indagou McFay.

— Não sei — respondeu Tyrer, ambos chocados pela brutalidade e sua aceitação impassível. — Só entendi uma ou outra palavra... acho que tinha alguma coisa a ver com Nakama, todos disseram que ele nunca esteve aqui.

— É impossível... tenho certeza de que ele se encontra aí dentro. Eu mesmo vi quando entrou. — McFay enxugou o suor da testa. — Mas

por que suportar a agressão daquele desgraçado? O homem é um lunático. Repare neles agora, agindo como se nada tivesse acontecido. Por quê?

— Não sei... talvez Nakama possa explicar. — Tyrer estremeceu.— Mas uma coisa posso garantir: eu não gostaria de ficar sob o poder dessa gente. Nunca.

— Olá, Angel. Como você está?

— Olá, querido. Eu me sinto melhor agora, obrigada.

Angelique exibiu um sorriso desolado, enquanto Struan entrava e fechava a Porta. Ela se encontrava apoiada em travesseiros, em sua cama, na legação francesa, o sol do fim de tarde passando pela janela e projetando a sombra de um guarda, agora postado ali em caráter permanente.

Nas primeiras horas daquela manhã, quando Struan viera correndo — claudicando — para o seu lado, Angelique resistira às suas súplicas para se mudar ainda com bastante autocontrole para se lembrar de que deveria permanecer ali, porque naquela noite André Poncin entregaria o medicamento que a livraria da presença maligna em seu corpo. É isso mesmo, ela sentira vontade de gritar, André vai ajudar-me a me livrar do mal que carrego dentro de mim, e de todo o mal que já cometi.

— Oh, *Mon Dieu*, Malcolm, estou bem, e não quero sair daqui!

— Por favor, minha querida, não chore.

— Então me deixe ficar. Estou bem, Malcolm, bastante segura, como sempre, e o Dr. Babcott me deu uma coisa para acabar com este

tremor... não é mesmo, doutor?

— É, sim, Malcolm — dissera Babcott —, não se preocupe, por favor. Angelique nada sofreu e estará perfeitamente recuperada quando acordar. Seria melhor não tirá-la daqui. Não há motivo para preocupações.

— Mas eu me preocupo!

— Esta noite talvez ela possa vol...

— Não! — balbuciara ela, as lágrimas escorrendo. — Não esta noite. Talvez amanhã.

Graças a Deus pelas lágrimas, pensou ela de novo, enquanto observava Malcolm se aproximar da cama, sabendo que essa arma contra os homens, uma dádiva divina, podia ser considerada uma

fraqueza, mas era na verdade um poderoso escudo. O sorriso de Malcolm era afável, mas ela notou suas olheiras, a expressão estranha e um ar de cansaço.

— Passei por aqui antes, mas você estava cochilando e não quis incomodá-la.

— Você nunca me incomoda. — A preocupação e o amor de Malcolm eram tão ostensivos que ela teve de fazer um esforço para não revelar a verdade. — Não se preocupe, meu querido, prometo que tudo voltará a ser maravilhoso muito em breve.

Ele sentou-se numa cadeira, ao lado da cama, relatou o tumulto e como Sir William o controlara num instante.

— Ele é um bom homem, sob muitos aspectos — comentou Struan, enquanto pensava que o mesmo não se podia dizer de outros.

Ele e Norbert já haviam recebido a convocação para comparecer ao escritório de Sir William na manhã seguinte e, logo em seguida, tiveram uma reunião particular.

— Não é da conta de Wee Willie — concordara Norbert, irritado.— Ele deve se concentrar nos japoneses e em chamar a esquadra de volta. Ouvi dizer que o intruso foi identificado por você como um dos assassinos de Canterbury, o outro desgraçado da *Tokaidô*. É verdade?

— Não o identifiquei. Acho que era outro homem, embora ele tivesse sido baleado. Hoag garantiu que era o mesmo que ele operara em Kanagawa.

— Por que ele estava na janela de Angelique?

— Não sei... é muito estranho. Suponho que era apenas um ladrão.

— É mesmo esquisito. E católico ainda por cima. Não dá para entender...

Struan percebeu que Angelique esperava que ele continuasse e indagou-se se deveria abordar o assunto, os motivos daquele homem, perguntar o que ela pensava, dar suas opiniões, mas viu-a tão pequena e indefesa que decidiu esperar por outra ocasião, outro dia. Afinal, o canalha morrerá, quem quer que fosse, o que resolvia tudo.

— Quando eu voltar, depois do jantar, trarei o último número de Illustrated London News, onde há uma excelente reportagem sobre a última moda em Londres...

Angelique escutava apenas com meia atenção, evitando olhar para o relógio na cornija da lareira, que tiquetaqueava os minutos com extrema lentidão. André informara que retornaria da Yoshiwara por volta das nove horas daquela noite, que ela deveria esperá-lo com um bule quente de chá verde e alguma coisa para comer, já que a poção poderia ter gosto horrível. Também deveria providenciar algumas toalhas e a não tomar mais do medicamento para dormir de Babcott.

Ela tornou a olhar para o relógio: 6:46 h. É uma longa espera, pensou Angelique, sua ansiedade aumentando. E foi então que as vozes interiores ressurgiram. Não se preocupe, sussurraram, as horas passarão depressa, depois você ficará livre, não se esqueça de que venceu, Angelique, foi corajosa e esperta, fez tudo com perfeição — não se preocupe com coisa alguma, você viveu e ele morreu, era a única maneira para você sobreviver, você ou qualquer outra mulher — muito em breve estará livre dele, da coisa, e tudo o que aconteceu antes não passará de um pesadelo...

Estarei livre, graças a Deus, graças a Deus.

O alívio a dominou e ela sorriu para Struan.

— Sua aparência é maravilhosa, Malcolm. Essas roupas estão perfeitas em você.

A jovialidade de Angelique arrancou-o da depressão; tudo ao seu redor era lúgubre... exceto ela. Ele também sorriu, radiante.

— Oh, Angel, se não fosse por você, acho que eu explodiria.

Naquela noite ele se dera ao trabalho de escolher com o maior cuidado as roupas de seda certas, as melhores botas de cano curto, de pelica de corça, uma camisa de seda branca com pregas, gravata branca com um alfinete de rubi que o pai lhe dera em seu último aniversário, de vinte anos, a 21 de maio. Só mais seis meses e serei livre, pensou ele, livre para fazer o que bem quiser.

— Você é a única coisa que me mantém são, Angel — acrescentou ele.

Seu sorriso expulsou os últimos demônios que ainda atormentavam Angelique e ela disse:

— Obrigada, meu querido. Explodir? Por quê?

— Os problemas nos negócios — respondeu Struan, evitando as verdadeiras questões. — Os miseráveis dos políticos vivem prejudicando nossos mercados, em sua busca habitual e obsessiva de poder pessoal, dinheiro e promoção. Nunca muda, não importa qual seja o país, credo ou cor. De modo geral, a situação da Casa Nobre é excelente, graças a Deus.

Ele se absteve de comentar a crise que enfrentavam com o açúcar havaiano e a crescente pressão da Brock sobre os mercados e fontes de crédito da Struan.

Ontem mesmo chegara uma carta ostensivamente hostil do Victoria Bank, o banco central de Hong Kong, dominado pela Brock, cópia da que fora enviada a Tess Struan, como diretora-executiva da Casa Nobre. Sua cópia estava endereçada a M. Struan, esquire, Iocoama, apenas para sua informação:

Madame: Esta é apenas para lembrar que a Struan tem dívidas duvidosas e promissórias demais apoiadas em patrimônio incerto,

com lucros indefinidos. A maior parte dos compromissos vence a 31 de janeiro, e quero informar-lhe, madame, mais uma vez, que o pagamento de todos os compromissos com este banco terá de ser efetuado nos prazos acertados. Tenho a honra de ser seu obediente servidor.

Não importa o que digam esses desgraçados, pensou ele agora, com absoluta convicção, encontrarei um meio de superá-los e prevalecer sobre todos os Brocks. Matar Norbert será um bom começo. Nossos gerentes e empregados são excelentes, nossa frota ainda é a melhor e nossos capitães são leais.

— Os Brocks e os rumores não têm a menor importância, Angel, podemos lidar com eles, como sempre fizemos. A guerra civil americana aumentou muito os nossos lucros. Estamos ajudando o Sul a contrabandear o algodão através do bloqueio nortista, até nossas tecelagens em Lancashire, levando de volta toda a pólvora, balas, rifles e canhões que Birmingham pode produzir, metade para o Sul, metade para o Norte... com tudo o mais que nossas fábricas podem inventar e fornecer, máquinas, prensas, sapatos, navios, até cera de lacre. A produção britânica é gigantesca, Angelique, mais de cinquenta por cento dos bens industriais do mundo. Temos também o nosso comércio de chá e de ópio de Bengala para a China, uma colheita excepcional este ano... tenho uma idéia para comprar o algodão indiano, a fim de compensar a escassez do americano... além de todas as nossas cargas normais. A Inglaterra é o país mais rico e mais próspero do mundo, e você é linda!

— Obrigada, gentil senhor! *Je faime...* amo de verdade, Malcolm. Sei que sou uma pessoa muito difícil, mas amo você, prometo que serei uma esposa maravilhosa, e...

Ele se levantara da cadeira e interrompeu-a com um beijo... o cheiro forte de charuto e brilhantina viril e agradável. Os braços que a enlaçaram eram musculosos, uma das mãos se desviando para os seios, e ela sentiu a rudeza agressiva, os lábios duros com ligeiro gosto de conhaque. O oposto dele.

Esqueça-o, sussurraram as vozes.

Não posso, ainda não.

Inclinar-se para ela foi uma tensão excessiva para os músculos da barriga e as costas doloridas de Malcolm; por isso, ele se empertigou, com algum esforço, mesmo sabendo que sentiria o

maior prazer em possuí-la agora — se tivesse sua aquiescência —, qualquer que fosse a dor.

— Quanto mais cedo nos casarmos, melhor — murmurou ele, certo de que sentira uma reação nos lábios, seios e corpo de Angelique.

— Também acho...

— No Natal. No mês que vem.

— Acha mesmo... sente, meu querido, descanse um pouco. Precisamos conversar... quando voltaremos a Hong Kong?

— Ahn... ainda não decidi.

Muito da jovialidade de Malcolm se dissipou diante da perspectiva de ter de enfrentar a mãe.

— Talvez devêssemos voltar na próxima semana e...

— Só depois que eu estiver em condições.

E quando não estiver mais tomando a poção para a dor, pensou ele, as entranhas ardendo; só assim poderei enfrentar a mãe, os Brocks, e aquele banco miserável. Pouco antes de sair para a legação, ele tomara a segunda dose do dia, mais cedo do que o habitual.

Tomarei uma última antes de dormir e, a partir de amanhã, será tudo diferente. Apenas uma dose por dia, daqui por diante. Não poderia começar a fazer isso hoje... com a noite de ontem, o problema de Norbert e... ora, ontem foi um dia terrível demais.

— Não perturbe sua linda cabecinha com essas coisas.

— Mas eu me preocupo com você, e muito, Malcolm. Jamais haveria de querer interferir em qualquer coisa, mas não posso deixar de me preocupar com você. E há algo que acho que devo mencionar. O problema entre você e Jamie. Não há alguma coisa que eu possa...

O súbito sorriso de Malcolm a fez parar de falar.

— Está tudo bem com Jamie agora, minha querida. É a boa notícia de hoje. Mandei chamá-lo ao final da tarde, e ele se desculpou por ser tão difícil. Até renovou seu juramento de me apoiar em tudo... mas tudo mesmo.

— Mas isso é maravilhoso! Não imagina como me sinto satisfeita. Pouco antes de sua vinda, Jamie McFay pedira para lhe falar.

— Lamento interrompê-lo, mas queria desanuviar o ar carregado e tentar fazer as pazes... e tentar também, pela última vez, dissuadi-lo do duelo. Norbert fará tudo o que puder para matá-lo.

— Desculpe, mas isso não é da sua conta, e pode ter certeza de que eu também tentarei matá-lo. Mas concordo que é uma boa idéia desanuviar o ambiente, de uma vez por todas. Jamie, vai obedecer a mim como o *tai-pan* ou pretende renunciar a seu juramento?

— Claro que obedecerei ao *tai-pan*, como jurei.

— Ótimo. Depois do encontro com Sir William amanhã, pergunte em particular a Norbert se a próxima quarta-feira lhe convém...isso mesmo, Jamie, sei que é o aniversário dele. No hipódromo, por trás da arquibancada, ao amanhecer. Jure segredo, por sua cabeça. Não conte nem mesmo a Dmitri.

— Se você o matar, terá de deixar o Japão imediatamente.

— Já pensei nisso. Nosso clíper Storming Cloud estará na enseada. Embarcaremos nele e partiremos para Hong Kong. Poderei... ora... dar um jeito na situação, aconteça o que acontecer.

— Detesto toda essa idéia.

— Posso entender, mas isso não faz a menor diferença. Lembre-se de seu juramento; pretende mantê-lo?

— Claro.

— Obrigado, Jamie. Vamos ser amigos de novo...

Em meio a seu entusiasmo, ele ouviu Angelique dizer:

— Ah, isso me deixa muito feliz!

Malcolm teve de se esforçar para não dizer que marcara a data para o duelo, quando finalmente começaria sua vingança contra a casa dos Brocks. Angel saberá muito em breve, e se sentirá orgulhosa de mim, pensou ele, confiante.

— Não precisa se preocupar com Jamie, minha querida, nem com Hong Kong. Ou qualquer outra coisa.

— Malcolm, meu caro, posso escrever para sua mãe? — perguntou ela.

Angelique sabia que devia começar a atrair a inimiga para a batalha. André avisara que o poder de Tess Struan dentro da companhia era imenso e que ela exercia uma vasta influência sobre Malcolm, seus irmãos e irmãs. Lembrara também que ele ainda não alcançara a maioria e, assim, o casamento não poderia se realizar por vários meses ainda sem o consentimento da mãe; sem a sua boa vontade, talvez jamais viesse a se consumir. Como se eu precisasse de algum lembrete, pensou Angelique.

— Quero assegurar a ela minha eterna afeição e minha promessa de ser a melhor nora no mundo inteiro.

Ele se mostrou radiante com a idéia.

— Excelente idéia! Escreverei uma carta, também, e mandaremos as duas juntas. — Malcolm pegou a mão de Angelique. — Não existe nenhuma mulher tão maravilhosa quanto você, tão ponderada e gentil; tenho certeza de que a mãe vai amá-la tanto quanto eu.

Hiraga disse, mais uma vez:

— Quando os *gai-jin* fugiram, *shoya* disse para eu ir depressa... ele muito medo samurais, muito medo.

— Posso imaginar.

Tyrer mudou de posição na cadeira. Hiraga, sentado à sua frente, também se sentia desconfortável. A sala do pequeno bangalô no terreno da legação, que Tyrer partilhava com o Dr. Babcott, era escassamente mobiliada, com poucas cadeiras, duas escrivaninhas, e o cheiro de unguentos e poções nas prateleiras ao longo de uma parede. As janelas se achavam abertas para a noite; embora não estivesse frio, Hiraga estremecia de vez em quando, ainda perturbado por sua quase captura. No momento em que os atacantes fugiram, criando as condições para que escapasse pelos fundos, ele dissera ao *shoya* e ao *ashigaru*:

— Sabem o que acontecerá se eu for apanhado aqui. É melhor o silêncio, o silêncio e uma surra rápida, que logo será esquecida, do

que uma viagem até a prisão, da qual nenhum de nós... nem sua esposa e filhos... sobreviverá. *Sonno-jo!*

Tyrer acrescentou:

— Mas não entendo por que o oficial num momento parecia normal, e no instante seguinte se tornou um bruto, para logo voltar a ser normal, com todos fingindo que nada acontecera.

Hiraga suspirou.

— Tudo muito simples, Taira-san. O capitão certo que *ashigaru* mentiu... certo ele não dizer a verdade, certo *shoya* não dizer a verdade, e homens não dizer a verdade, por isso bater neles para salvar aparências... não dizer verdade a samurai é muito ruim, contra lei, por isso muito ruim. Punição correta, todos felizes, não mais problemas.

— Talvez para eles, mas nós ainda temos muitos problemas — murmurou Tyrer, sombrio. — Sir William não está nada feliz, nem com o miserável que foi morto... nem com você.

— Eu não problema, eu não atacar, homens me atacar.

— Desculpe, Nakama, mas não é essa a questão. Ele diz que você é uma complicação incômoda e desnecessária. Sinto muito, mas ele tem razão. As autoridades saberão em breve de sua presença aqui, se é que já não sabem. Vão exigir que o entreguemos... não poderemos evitar; mais cedo ou mais teremos de atender ao pedido.

— Por favor? Não entender.

Tyrer precisou de várias tentativas, com palavras mais simples, para deixar o significado bem claro, e depois acrescentou:

— Sir William mandou lhe dizer que é melhor você ir embora, desaparecer enquanto pode.

O coração de Hiraga quase parou. Desde que escapara da armadilha na aldeia que vinha procurando, frenético, uma maneira de anular as conseqüências inevitáveis do tumulto e de ter sido visto... o oficial dos samurais deduziria, com toda certeza, que havia um *shishi* à solta na colônia. Nenhuma solução lhe ocorreria, exceto a de que deveria continuar escondido ali. Tentar fugir agora seria ainda mais perigoso. A vigilância dos samurais devia ter aumentado ainda mais... e se soubessem que Hiraga era o mesmo homem do cartaz...

Ele sentiu vontade de gritar bem alto, a mente abalada pela sucessão rápida e incontrolável dos acontecimentos, as profundezas do pânico e medo que suportara desde a traição de Ori. Depois, seus ouvidos sintonizaram, e ouviu uma palavra-chave na arenga de Tyrer sobre como lamentava “a perda de um aliado tão valioso na busca por conhecimento do Japão, mas parece que não há nenhuma maneira de evitar...” Sua cabeça voltou a ficar lúcida.

— Tenho idéia, Taira-san. Ruim para mim ir agora, certo morrer. Quero ajudar amigos ingleses, ser valioso aliado, muito valioso amigo. Conhecer sobre *daimio Satsuma*, conhecer segredos *Satsuma*. *Shoya* dar muita mande... desculpe dar muita informação. Posso

explicar como fazer *Satsuma* obedecer, talvez mesmo *Bakufu* obedecer. Quero ajudar. Perguntar Sir William: eu dar informação para manter *gai-jin* seguro, você manter eu seguro, e dar informações eu, troca justa amigos, neh?

Excitado, Tyrer avaliou a oferta: Sir William com certeza vai concordar, mas apenas se as informações forem de fato valiosas, e apenas se vierem do interrogatório direto do próprio Nakama. Isso significa... oh, Deus, não posso! “Eu teria de revelar a Willie o segredo de que você fala inglês. Não há como evitá-lo e não posso dizer que tenho ocultado uma informação tão vital, pois seria demitido, sem a menor dúvida. Não posso assumir esse risco, não quando Willie se encontra num ânimo tão terrível!” Melhor seria que Nakama partisse antes de sua cabeça rolar e haver um incidente internacional.

— Desculpe — murmurou Tyrer, desesperado —, mas não é possível.

— Ah, sinto muito, talvez ter tempo. — Hiraga fez uma manobra final para ganhar tempo. — Ter mensagem de Fujiko... iii, Taira-san, fazer grande marca nela, agora Fujiko pensar você ser muito melhor amigo. *Mama-san* dizer sinto muito, mas Fujiko começar ontem doença de mulher, doença mensal, assim não poder receber você por um dia, dois dias.

Ele percebeu o desapontamento imediato de Tyrer, seguido pela resignação e a expectativa, em rápida sucessão.

Tonto de alívio, relaxou um pouco, ao mesmo tempo espantado mais uma vez, por constatar que um homem, ainda mais uma autoridade tão importante quanto Taira, se permitisse demonstrar seus sentimentos interiores de maneira tão ostensiva, em particular na presença de um inimigo. Aqueles bárbaros ficavam além da imaginação.

— Tome aqui — acrescentou ele, estendendo o leque com os caracteres que preparara. — Poema, Fujiko escrever: “Contando horas, muito triste. Horas passar depressa quando seu sol brilhar em mim, depois não triste, tempo parar.”

Ele observou Tyrer pegar o leque, reverente, satisfeito com sua escolha das palavras, embora tivesse se irritado com a incompetência de Fujiko na escrita. Mesmo assim, refletiu Hiraga, o efeito parece ser perfeito.

— Sobre chefe *gai-jin*, ter um plano, mas primeiro reunião com xógum, Taira-san, foi boa, sim?

Akimoto foi dominado por um acesso de risada, tão contagiante que Hiraga não pôde deixar de acompanhá-lo.

— Puxa, Hiraga-san, foi brilhante manipular o *gai-jin* desse jeito! Brilhante! *Saquê*, traga mais *saquê*!

Estavam refestelados no aposentado isolado no terreno da Casa das Três Carpas, as janelas de *shoji* fechadas contra os insetos noturnos. Ramos de bordo de outono num vaso verde decoravam o lugar. Lampiões a óleo. As espadas em prateleiras ao lado. Depois que a criada se retirou, eles tornaram a encher os copos, beberam, e Akimoto indagou:

— O que aconteceu em seguida?

— Depois que o peixinho Taira engoliu a isca, fomos nos curvar diante do grande mero, que engoliu nós dois. Eu disse a ele que, sem que Taira soubesse, falava um pouco de inglês, aprendido com os holandeses em Deshima...

— O que não é mentira — comentou Akimoto, tornando a encher os copos. Ele cursara a mesma escola para os talentosos samurais de *Choshu*, em Shimonoseki, mas não fora selecionado para o curso de línguas; em vez disso, recebera a ordem de se especializar em assuntos navais ocidentais, com aulas de um capitão holandês aposentado.

— Baka que eu nunca tenha aprendido holandês ou inglês. O que disse o líder dos *gai-jin*?

— Não muita coisa. Taira fingiu se mostrar também espantado, como havíamos combinado. Foi fácil desviar o homem com informações sem importância sobre *Satsuma*, Sanjiro e sua fortaleza em Kagoshima, um pouco de sua história, e assim por diante.

Hiraga falava descontraído sobre o encontro, que não transcorrera com tanta facilidade. As perguntas haviam sido objetivas e tivera alguma dificuldade para convencer o líder de que sua simulada sinceridade era genuína. Ansioso em obter permissão de ficar, ele dissera mais do que desejava, não apenas sobre a situação política dos lordes exteriores de *Satsuma* e Tosa, mas também sobre seu próprio feudo, *Choshu*, e até mesmo sobre os *shishi*.

Sentiu o estômago embrulhar mais uma vez ao recordar os olhos azuis e frios, parecidos com os de um peixe, que o fitavam fixamente, e conseguiram de alguma forma arrancar mais informações do que queria oferecer. Ao final, o comentário brusco:

— Vou considerar a permissão para que você continue aqui por mais alguns dias. Tornaremos a conversar amanhã. Enquanto isso, deve voltar à legação, como medida de segurança.

— Melhor eu ficar com *shoya*, Sir William.

— Vai se mudar para a legação esta noite e permanecer com o Sr. Tyrer. Só poderá sair com permissão dele ou minha. Quanto estiver na rua, tomará todo cuidado para evitar uma provocação a qualquer de nossos homens. Tem de obedecer sem hesitação ou será conduzido ao portão norte... imediatamente!

Mais uma vez, ele simulara submissão, desmanchara-se em agradecimentos abjetos, mas fervendo de raiva por dentro, pela ausência de boas maneiras do homem. Ainda sentia-se furioso, e mais determinado do que nunca a executar o plano de Ori, de incendiar a colônia... no momento em que julgasse mais oportuno. Todos os deuses, se é que existiam, amaldiçoavam todos os *gai-jin*.

— *Saquê?* — indagou Akimoto, um filete escorrendo pelo queixo.

— Quero, sim, obrigado. — O rosto de Hiraga se contraiu em ira.— Ori. Baka que ele tenha morrido antes que eu pudesse matá-lo!

— Tem razão. Mas agora ele morreu, assim como Shorin. Os dois só serviam para criar problemas, como todos os *Satsumas*. Os homens — ele se apressou em acrescentar, lembrando a irmã de Shorin, Sumomo —, não as mulheres.

— Os *Satsumas* são difíceis, concordo — murmurou Hiraga, com expressão sombria. — Quanto a Sumomo, não sei onde devo procurar notícias suas, onde ela se encontra, se chegou em casa sã e salva... talvez ela tenha levado semanas para voltar e mais semanas se passariam antes que o pai enviasse notícias para cá. Teríamos de esperar por uns dois meses, talvez três.

— Pediu a Katsumata para velar por ela. Ele deve ter espiões daqui até Quioto. E Sumomo sabe cuidar de si mesma. Terá notícias em breve. — Akimoto coçou a virilha, irritado. Era desconcertante ver Hiraga tão perturbado. — Já deve saber que estamos quase acuados aqui. As patrulhas de vigilantes do *Bakufu* foram reforçadas e vagueiam por toda parte, ao acaso. Todas as *mama-sans* andam

nervosas; depois do tumulto de hoje é possível que Raiko... não nos deixe ficar por muito mais tempo.

— Ficaremos enquanto pudermos pagar. E, enquanto o túnel permanecer seguro, poderemos escapar pelo mar, se for necessário. Maldito Ori!

— Esqueça-o — disse Akimoto, impaciente. — O que devemos fazer?

— Esperar. Os *gai-jin* nos proporcionarão cobertura... Taira dará um jeito.

— Por causa de Fujiko? O homem é louco. O que ele vê naquela porca? Não consigo entender. Ela não passa de uma porca. — Akimoto soltou uma risada, passou os dedos pelos cabelos que começavam a crescer. — Acho que vou experimentá-la um dia desses, só para ver se ela tem algo especial... embora esteja contaminada.

— Experimente-a esta noite, se quiser. Taira não vai usá-la.

— Raiko já deve tê-la entregue a outros clientes... é gananciosa demais.

— Só que Fujiko já está paga.

— Como assim?

— Meu novo acordo é que Raiko não oferecerá Fujiko a outros sem que ela e eu concordemos primeiro... a fim de que eu possa mantê-la disponível para Taira a qualquer momento, em caso de necessidade. Experimente-a, se quiser. Ela é muito barata.

— Ainda bem. Preciso de todo o dinheiro que me resta. Raiko me arrancou um adiantamento, resmungando sobre a extensão do meu crédito. — Akimoto sorriu, esvaziou o *saquê* do frasco em seu copo.

— Quero subornar um dos pescadores para me levar até a fragata... talvez eu consiga subir a bordo de um navio de guerra, fingindo vender peixe. Preciso conhecer o interior de uma casa de máquinas, de um jeito ou de outro.

O estômago tornou a se contrair quando ele pensou em sua própria visita.

— Talvez eu possa convencer Taira a me levar de novo, junto com você desta vez. Posso fingir que você é filho de um importante mercador de *Choshu*, construtor de navios, ansioso em fazer negócios com eles... mas todos os negócios devem ser mantidos em segredo do *Bakufu*.

Segredo? Por quanto tempo mais permaneceremos em segredo aqui? Um tremor percorreu o corpo de Hiraga.

— Faz frio esta noite — murmurou ele, para disfarçar o medo.

E Akimoto, mais uma vez, fingiu não perceber.

A poucos metros dali, Raiko, em seus aposentos, terminava de se maquilar e de se vestir para a noite. Decidiu pôr o novo quimono rosa. Uma garça enorme ornamentava as costas, bordada com filamentos de ouro. Cobiçara-o por muitos meses. Agora era seu, pago com parte do lucro imenso obtido na venda dos brincos de pérolas. Descobrira, ao final, que eram mais valiosos do que estimara.

O kami e os deuses que velam pelas *mama-sans* olhavam por mim naquele dia, pensou ela, feliz. Um grande negócio, todo o lucro lhe cabendo, menos a parte de Furansu-san. O dinheiro para o medicamento mal podia ser levado em consideração, embora ela tivesse registrado um débito substancial em seus livros. Raiko sorriu para si mesma. O custo nada representava, mas o conhecimento da planta, quem podia colhê-la, em que momento correto, como preparar a infusão, ah, tudo isso valia qualquer coisa que o mercado pudesse pagar.

— A princesa *gai-jin* será um valioso trunfo, a longo prazo — murmurou ela, contente, satisfeita com o que via no espelho de corpo inteiro.

Era o único moderno em toda a Yoshiwara, presente de um cliente, importado da Inglaterra especialmente para ela. Sua testa se franziu um pouco ao pensar nele: *Kanterberri*, o *gai-jin* que fora morto na *Tokaidô* por aqueles tolos, Ori e Shorin. Baka! Era um bom cliente, o que mais apreciava meus serviços para lhe oferecer a amante perfeita, Akiko, cujo nome é agora Fujiko... é muito conveniente para nós que nossos *gai-jin* ingleses raramente partilhem suas mulheres, preferindo fornicar em segredo, com uma única mulher, mantendo-a sem que ninguém mais saiba em nosso mundo flutuante, que se baseia na discrição e sigilo.

Taira não sabe de nada, Fujiko tem uma nova vida, um novo amante. É melhor para todos.

— O *gai-jin* Furansu-san acaba de chegar.

— Obrigada.

Raiko certificou-se de que a poção estava correta e colocou-a na mesa ao seu lado. Depois de manter André à espera pelo tempo apropriado, nem de menos, nem de mais, ela mandou chamá-lo.

— Ah, Furansu-san, seja bem-vindo à minha humilde casa. — Ela serviu seu melhor *saquê* em copinhos que pareciam dedais e fez um brinde. — Está com uma ótima aparência.

— Saúde! Dez mil verões — disse André, polido.

Raiko discorreu sobre o tempo e os negócios, só depois entrando no assunto principal.

— Sua escolna dos brincos foi mais perfeita do que eu imaginava e sua parte é pouco mais que o dobro do que pediu.

Os olhos de André se arregalaram.

— Tanto assim?

— É, sim.

Ela serviu mais *saquê*, exultante com sua perspicácia por conta de ambos depois que um acordo de negócios era acertado, tornava-se uma questão de honra fazer com que fosse cumprido de uma forma rigorosa.

— Meu banco, o Gyokoyama, encontrou o cliente certo, um mercador chinês de seda e ópio de Xangai, em visita a Kanagawa. — Outro sorriso e ela acrescentou suavemente: — Ele avisou que teria mercado para todas as jóias que eu possa fornecer.

O sorriso de André foi igual ao dela, ele tomou o *saquê*, estendeu o copo para uma nova dose, e fez um brinde:

— Às futuras jóias!

— A próxima coisa...

— Antes da próxima, Raiko. Por que ele pagou tanto?

— Em tempos difíceis, um homem sábio põe parte de sua riqueza em coisas pequenas, que possa carregar na manga. Ele não é tolo... cheguei até a pensar em ficar com os brincos, pelo mesmo motivo.

O interesse de André fora aguçado.

— Os tempos são difíceis na China?

— Ele disse que toda a China se encontra em revolta, a fome prevalece, os negócios dos *gai-jin* em Xangai são menores do que os habituais, mas agora que a esquadra inglesa devastou a costa de Mirs, afundando muitas embarcações dos piratas do Lótus Branco, as rotas marítimas se tornarão mais seguras, pelo menos por algum tempo, e o comércio ao longo do Yang-Tsé deva aumentar na primavera. Pelo que ouvi dizer, Furansu-san, eles afundaram centenas de juncos e massacraram milhares de pessoas, muitas aldeias viraram cinzas. — O medo de Raiko era evidente. — O poder de matança dos ingleses é terrível.

Ela estremeceu, sabendo que os japoneses podiam desprezar os chineses como fracos, mas partilhavam a mesma fobia: o temor aos *gai-jin* e a obsessão em mantê-los longe de suas terras para sempre.

— As esquadras *gai-jin* vão nos atacar quando voltarem?

— Vão, sim, Raiko, se o *Bakufu* não pagar o dinheiro das reparações. Haverá guerra. Não aqui, em Iocoama, mas em Iedo.

Raiko estudou seu copo por um momento, especulando como poderia se proteger ainda mais, e converter aquela informação em lucro, mais do que nunca convencida de que deveria, de alguma forma, livrar-se de Hiraga e Akimoto, antes que descobrissem que estava implicada no desastre de Ori, já que o abrigara, e aos outros dois, por mais justa que fosse a causa de *Sonno-joi*. Uma onda de apreensão a invadiu e ela se abanou, queixando-se de que o *saquê* era muito forte.

— Karma — murmurou ela, trocando o “pode ser” pelo “é”. — Agora, as boas notícias. Há uma moça que eu gostaria que você conhecesse.

O coração de André deu a impressão de que parava por um instante; quando recomeçou, estava mais fraco do que antes.

— Quando?

— Deseja vê-la antes de discutirmos as questões de negócios ou depois?

— Antes, depois, não faz diferença. Pagarei o que pedir, se ela me agradar.

Outra vez um dar de ombros gaulês, e o desespero patente e ostensivo. O que não deixou Raiko nem um pouco comovida. A fome de yang por yin é a essência do nosso mundo e, sem isso, o mundo flutuante não mais flutuaria.

É estranho que a obsessão de yang em se juntar a yin — entrando e saindo, arremetendo no portão, mais dor do que prazer, desespero ao final, desespero para continuar, se terminar nunca é suficiente, se não terminar é gemer pela noite afora — seja tão transitória, yin nunca absorvendo tudo. Nesse ponto, as mulheres são abençoadas, embora os deuses, se é que existem deuses, tenham conferido aos mortais um destino cruel.

Por três vezes tentei seguir adiante, sempre porque minha yin ansiava pelo possuidor de um yang em particular — quando um

yang é sempre mais ou menos a mesma coisa —, sempre escolhas inúteis, que nada proporcionaram, além de sofrimento, sem qualquer futuro, e por duas vezes minha paixão não foi correspondida. Que absurdo! Por quê? Ninguém sabe.

E não importa. Agora, o anseio da yin pode ser saciado com a maior facilidade e para uma *mama-san* é até uma diversão. Sempre é fácil contratar um yang, ou harigata, ou convidar uma das damas para a sua cama. Fujiko, por exemplo, que parece apreciar a diversão, e cujos beijos podem ser celestiais.

— Raiko me conhece bem, não é mesmo? — indagou André.

Ela pensou: Claro que conheço.

— E eu conheço Raiko. Na verdade, não conhece.

— Somos velhos amigos, e amigos sempre se ajudam.

É verdade, tem toda razão, só que nós dois não somos velhos amigos — não no antigo sentido asiático — e nunca seremos. Afinal, você é um *gai-jin*.

— Furansu-san, velho amigo. Arrumarei um encontro, você e essa dama. André sentiu-se ansioso e tentou esconder.

— Está certo. Obrigado.

— Será em breve. Por último, o medicamento.

Raiko inclinou-se para o lado da mesa. O pequeno pacote fora amarrado com perfeição, num quadrado de seda castanho-avermelhada, uma apresentação sedutora, como se fosse um presente dispendioso.

— Escute com todo cuidado.

Mais uma vez, suas instruções foram explícitas. Ela fez André repetir, até ter certeza de que ele entendera tudo.

— Raiko-san, por favor, diga a verdade: o medicamento é perigoso, sim ou não?

— A verdade? Não sou uma pessoa séria? Sou Raiko das Três Carpas. Já não lhe disse tudo? É claro que pode ser perigoso e é claro que não é perigoso! Trata-se de um problema comum, que acontece durante todo o tempo, com todas as mulheres, e a cura raramente constitui um problema. Sua princesa é jovem e forte, e por isso deve ser fácil, sem problemas.

— Princesa? — André assumiu uma expressão brutal. — Sabe para quem é?

— Foi fácil adivinhar. Quantas mulheres existem na colônia, bastante especiais para que você as ajude? Não se preocupe, velho amigo. Segredo é segredo comigo.

Depois de uma pausa, ele perguntou:

— Qual é o problema possível?

— Dor de estômago e nenhum efeito, apenas muito enjoo. Neste caso, devemos tentar uma segunda vez, com um medicamento mais forte. Se isso não der certo, então há outro meio.

— Qual?

— Haverá tempo suficiente para falar disso mais tarde. — Confiante, Raiko afagou a seda. — Isto deve ser tudo o que é necessário.

28

— Você compreendeu tudo, Angelique?

— Claro, André — respondeu ela, os olhos fixados no embrulho de seda. Sua salvação estava ali, em cima da mesa de André Poncin. Falavam em voz baixa, apesar de manter a porta da sala fechada, como precaução contra ouvidos indesejáveis.

O relógio bateu dez horas da noite. Ele tornou a fitá-la, inquieto.

— A *mama-san* disse que seria melhor se você estivesse em companhia de sua criada.

— Isso não é possível, André. Não posso confiar em Ah Soh, nem em qualquer outra pessoa... não disse isso a ela?

— Disse, mas foi o que ela falou.

Da outra extremidade do corredor vinham os sons abafados de homens rindo, à mesa de jantar, da qual ela acabara de se retirar — Seratard, Vervene, Dmitri e uns poucos oficiais franceses — alegando cansaço e que queria se deitar cedo. Indo para sua suíte por acaso avistara André em sua sala, conforme a combinação anterior.

— Acho que nós... é melhor verificarmos se está tudo aí.

Ele não fez o menor movimento para abrir o embrulho. Em vez disso, limitou-se a ajeitar um canto, com evidente nervosismo.

— Se Ah Soh não estiver presente para ajudar, quem... quem vai dar um jeito... jogar fora os vidros e ervas... você não pode deixar tudo no quarto, e ainda precisará de alguém para fazer a limpeza.

Por um momento, o cérebro de Angelique ficou confuso, pois não considerara esse problema.

— Hum... não precisarei de ajuda, não haverá... nada além dos vidros e ervas... e toalhas. Não posso confiar em Ah Soh, é óbvio que não posso confiar nela, nem em qualquer outra pessoa, exceto você. Não precisarei de ajuda.

Sua ansiedade em iniciar o tratamento e acabar com aquilo para sempre prevalecia sobre todas as preocupações que a angustiavam.

— Não se preocupe. Trancarei a porta e... direi a ela que vou dormir até tarde e não quero que ninguém me incomode. Afinal, tudo deve terminar em poucas horas, até o amanhecer, não é mesmo?

— Se Deus quiser, é isso mesmo. Foi o que a *mama-san* me disse. Ainda acho que deve correr o risco com Ah Soh.

— É evidente que você não está pensando direito. Absolutamente não. Você é o único em quem posso confiar. Bata em minha porta bem cedo, deste jeito.

Angelique bateu na mesa três vezes, uma pausa, outra batida.

— Só abrirei a porta para você.

Impaciente, ela abriu o embrulho. Lá dentro havia dois vidros pequenos, tapados com rolha, e um maço de ervas.

— Tomo um vidro agora, e depois...

— *Mon Dieu*, não! — interrompeu-a André, cansado, os nervos tão tensos quanto os dela. — Deve fazer tudo na ordem correta, Angelique. Primeiro, faça uma infusão com as ervas na chaleira com água quente. Depois que estiver pronta, beba o conteúdo de um vidro, de uma só vez, e não se preocupe se o gosto for horrível. Use um chá verde com mel ou um doce para dissipar o gosto.

— Tenho alguns chocolates suíços que *monsieur* Erlicher me deu. Acha que servirão?

— Claro. — André pegou um lenço para enxugar o suor das mãos, sua imaginação projetando as cenas mais tétricas. — Depois que a infusão estiver morna, talvez em meia hora, beba a metade... o gosto também não será agradável. Relaxe em seguida, espere, tente dormir.

— Haverá alguma reação? Sentirei qualquer coisa de imediato?

— Não. Eu já disse que não! A *mama-san* me garantiu que normalmente nada acontece até algumas horas depois... deve ser como uma forte dor de barriga.

Quanto mais ele falava a respeito, menos lhe agradava seu envolvimento. E se alguma coisa saísse errada? *Mon Dieu*, espero que não haja uma segunda vez, pensou, contrafeito, e tratou de reprimir os maus pressentimentos — e o embaraço — procurando ser objetivo.

— Deve ser apenas como uma dor de barriga — repetiu ele, suando cada vez mais. — É o início, Angelique, uma cólica. Vou voltar ao início. Tome o primeiro vidro, depois beba a metade da infusão, a metade, lembre-se de que deve fazer tudo na sequência correta... relaxe, tente dormir um pouco, quanto mais relaxada estiver, mais fácil será. Assim que as cólicas começarem, tome o outro vidro, acompanhado por um pouco de mel ou um doce, e depois deve começar... a *mama-san* disse que seria como uma menstruação mensal mais forte... por isso deve estar preparada... com uma toalha.

André fez uma pausa, tornou a usar o lenço.

— É uma noite abafada, não acha?

— Está frio e não precisa ficar nervoso. — Angelique abriu um dos vidros, cheirou o conteúdo. Torceu o nariz.— É pior do que um banheiro de rua parisiense em agosto.

— Tem certeza que não vai esquecer a seqüência?

— Absoluta. Não se preocupe, eu...

Uma batida na porta provocou-lhes sobressalto. Angelique recolheu apressada os dois vidros e o maço de ervas, guardou tudo na bolsa.

— Entre — disse André.

O Dr. Babcott ocupava todo o vão da porta.

— Ah, Angelique, a criada me avisou que você estava aqui. Vim na esperança de conversar com você por um momento. Boa noite, André.

— Boa noite, *monsieur*.

— Estou muito bem, doutor — disse ela, com súbita pontada de inquietação, sob o olhar penetrante do médico. — Não precisa se preo...

— Só queria tirar sua temperatura, contar a pulsação e verificar se precisa de um sedativo. É sempre melhor prevenir.

Como ela começasse a protestar, Babcott acrescentou, em tom firme, mas gentil:

— É melhor prevenir, Angelique, é sempre mais seguro, e não vai demorar mais do que um minuto.

— Está bem.

Ela desejou boa noite a André e seguiu em frente, pelo corredor, a caminho de sua suíte. Ah Soh esperava no *boudoir*.

— Ah Soh — disse Babcott, polidamente, em cantonês —, só volte quando eu chamá-la, por favor.

— Pois não, honorável doutor. Obediente, ela se retirou.

— Eu não sabia que você falava chinês, George — comentou Angelique, enquanto ele sentava ao seu lado e começava a contar a pulsação.

— Falei cantonês. Os chineses não possuem uma única língua, Angelique, mas centenas de línguas diferentes, embora tenham apenas uma forma de escrever, que todos podem compreender. Curioso, não acha?

É muita estupidez me explicar o que já sei, pensou ela, impaciente, sentindo vontade de gritar com ele. Vamos, apresse-se! Como se eu não tivesse visitado Hong Kong, como se Malcolm e todos os outros não tivessem me contado isso uma centena de vezes... como se eu tivesse esquecido que você é a causa de todo o meu infortúnio.

— Aprendi quando trabalhava em Hong Kong — continuou Babcott, distraído. Ele encostou a mão na testa de Angelique, tornou a verificar o pulso, notou que o coração estava acelerado, havia um brilho de suor no rosto... nada com que se preocupar, levando em consideração a provação por que ela passara.

— Umas poucas palavras, aqui e ali. Passei dois anos no hospital geral... seria ótimo se tivéssemos uma instalação igual aqui.— Ele manteve as pontas dos dedos pousadas de leve no pulso de Angelique. — Os médicos chineses acreditam que há sete níveis de batimentos cardíacos ou pulsações. Alegam que podem senti-los, sondando mais e mais fundo. É seu principal método de diagnóstico.

— E o que está ouvindo em meus sete corações?

Angelique fez a pergunta num súbito impulso, apreciando o calor daquelas mãos curativas e desejando muito, apesar de seu ódio, poder confiar nele. Nunca sentira mãos assim, nem a sensação agradável que pareciam irradiar acalmando-a.

— Não ouço nada além de boa saúde — respondeu Babcott.

Ele especulou se haveria algum fundo de verdade na teoria das sete pulsações. Em seus anos na Ásia, testemunhara percepções e curas extraordinárias por parte de médicos chineses... assim como uma abundância de bobagens supersticiosas. O mundo é estranho, mas as pessoas são ainda mais estranhas. Ele tornou a estudar Angelique. Seus olhos eram cinzas, penetrantes e gentis. Mas havia sombras no fundo, e ela percebeu-as.

— O que o perturba? — perguntou ela, com repentino medo de que Babcott tivesse diagnosticado sua verdadeira condição.

Ele hesitou, depois enfiou a mão no bolso e tirou um pedaço de papel de seda, que embrulhava sua cruz de ouro.

— Creio que isto é seu.

Numa violenta agitação, Angélique ficou olhando fixamente para a cruz, os lábios ressequidos, sem se mexer, embora a cabeça conjurasse uma negativa imediata, um dar de ombros indiferente, que foram substituídos no mesmo instante nauseante por:

— Eu... perdi uma assim... tem certeza que é minha? Onde a encontrou?

— Pendurada no pescoço do intruso.

— No pescoço dele? Mas... que coisa estranha!

Angélique ouviu sua voz, observou a si mesma, como se fosse outra pessoa, forçando-se a manter o controle, embora sentisse vontade de gritar bem alto, pois sabia que se encontrava de novo numa situação crítica... enquanto seu cérebro, frenético, procurava por uma explicação plausível.

— Pendurada no pescoço daquele homem?

— Isso mesmo. Eu a tirei do cadáver. Na ocasião, não pensei duas vezes a respeito, só me ocorreu que ele era um convertido católico. Depois, quase que por acaso, vi a inscrição... mal dá para notar. — Uma risada curta e nervosa. — Minha visão é melhor do que a de Hoag. "Para Angelique, de Mama, 1844."

A boca de Angelique murmurou:

— Pobre mamãe... ela morreu ao dar à luz meu irmão, apenas quatro anos depois.

Ela viu seus dedos pegarem a cruz, os olhos examinarem-na, meio contraídos à luz do lampião a óleo, incapazes de ler com clareza a inscrição mínima... e amaldiçoando a escrita. O instinto logo a dominou, e ela disse:

— Eu a perdi, ou pensei ter perdido, na *Tokaidô*, talvez em Kanagawa, na noite em que fui visitar Malcolm, lembra?

— Claro que lembro. Uma noite terrível, depois de um dia terrível. — Babcott levantou-se, hesitante. — Eu... hum... achei que devia devolvê-la.

— Obrigada. Fico contente por tê-la de volta. Muito contente mesmo. Mas, por favor, sente-se de novo, fique mais um pouco — convidou Angelique, por mais que quisesse que ele fosse logo embora. — Quem era ele... aquele homem, como encontrou a cruz? E onde?

— Nunca saberemos, não agora. — Babcott observou-a por um momento. — Malcolm lhe contou que achamos que era um dos demônios assassinos da *Tokaidô*, embora nem ele nem Phillip tivessem certeza?

Apesar do seu medo, debatendo-se naquela nova armadilha, Angelique experimentou um impulso quase irresistível de cair numa gargalhada histérica e dizer: Ele não era um demônio, não para

mim, não na primeira vez, deixou-me viver naquela ocasião, e também não foi um demônio depois que lhe tirei a roupa. Não me matou, embora eu soubesse que era essa a sua intenção, tenho certeza de que faria isso, um momento antes de eu persuadi-lo a partir... Não, não era um demônio, mas mesmo assim merecia morrer, tinha de morrer...

Mon Dieu, ainda nem sei o seu nome, fiquei tão confusa que me esqueci de perguntar... devo estar enlouquecendo por pensar nessas coisas.

— Quem era ele?

— Ninguém sabe. Ainda. O rei de *Satsuma* pode dizer o seu nome, agora que ele morreu, mas é bem provável que dê um nome falso. São todos mentirosos... não é bem assim, acontece apenas que aquilo a que chamamos de mentira parece ser um modo de vida para eles. O homem deve ter encontrado a cruz em Kanagawa. Não lembra exatamente quando descobriu que a perdera?

— Não, não lembro. Só percebi quando voltei para cá. — Ela tornou a constatar que os olhos de Babcott a sondavam bem fundo, e sua mente bradou: Minha pulsação ou pulsações lhe revelaram a minha verdadeira condição? — Mas foi encontrada, graças a Deus. Não tenho palavras para agradecer. Mas por que ele a usava é uma coisa que não consigo entender.

— Concordo que é muito estranho. O silêncio foi se tornando opressivo.

— O que o Dr. Hoag acha?

Babcott fitou-a nos olhos, mas ela não foi capaz de ler o que ele de fato pensava.

— Não perguntei. Preferi não conversar a respeito com ele, nem com Malcolm. — Seus olhos tornaram a se fixar nos de Angelique, deram a impressão de que assumiam uma cor mais profunda. — Hoag é um homem da Struan... e sua tigela de arroz vem de Tess Struan. Não sei por que, mas achei que deveria conversar com você primeiro.

Outra vez um silêncio prolongado. Angélique desviou os olhos, sem confiar em si mesma, desejando poder confiar no médico, querendo confiar em mais alguém além de André — o fato de ele saber já era bastante terrível —, mas convencida de que isso era impossível. Tinha de se ater ao plano: estava sozinha, devia se salvar por si mesma.

— Talvez... não, com certeza, ele deve ter encontrado minha cruz em Kanagawa, deve ter me visto ali, e talvez... — Ela fez uma pausa, e logo acrescentou, apressada, persuadindo-o, inventando enquanto falava: — Talvez ele a tenha guardado para se lembrar de mim... não sei realmente... para quê?

Babcott comentou, contrafeito:

— Obviamente, minha cara, com a intenção de atacá-la, de possuí-la, de uma forma qualquer, para matá-la. Desculpe, mas deve ser essa a verdade. Pensei a princípio, como todos os outros, que ele era apenas um desses proscritos chamados *ronin*, mas sua cruz mudou essa perspectiva. No momento em que descobri que pertencia a você... como disse, ele deve tê-la visto na *Tokaidô*,

seguiu Malcolm e Phillip Tyrer até Kanagawa, junto com o outro, pretendendo liquidá-los, talvez para evitar a identificação. Foi então que tornou a vê-la, encontrou a cruz e decidiu guardá-la, só porque era sua. Perseguiu-a até aqui, tentou entrar em seu quarto, querendo... desculpe ter de dizer de novo... querendo possuí-la a qualquer custo. Não se esqueça de que seria fácil para um homem assim sentir-se atraído por uma mulher como você, ficar completamente obcecado.

Pelo modo como ele falou, deixou claro que também se encontrava sob o encantamento de Angelique. Ainda bem que ele compreendeu a verdade, pensou ela, aliviada por outro risco ter sido eliminado. Sua mente desviou-se para os vidros e para o dia seguinte, quando estaria purificada, pronta para iniciar uma vida nova, com um futuro maravilhoso.

— Os japoneses são curiosos — continuou Babcott. — Diferentes. Acima de tudo, diferentes num ponto importante, o de não terem medo de morrer. Quase que dão a impressão de que procuram a morte. Você teve muita sorte em escapar. Bom, acho melhor eu ir agora.

— Muito obrigada por tudo. — Ela pegou a mão de Babcott, comprimiu-a contra seu rosto. — Vai contar a Malcolm e ao Dr.

Hoag? Assim acabaremos logo com isso.

— Deixarei Malcolm aos seus cuidados. — Por um instante, ele pensou em pedir a ajuda de Angelique para o problema do vício em ópio de Malcolm, mas concluiu que ainda não era uma coisa urgente; além do mais era responsabilidade sua, não dela. Pobre Angelique, já sofreu demais. — Quanto a Hoag, por que isso seria da sua conta ou dos intrometidos e intrigantes de Iocoama? Não é da conta deles, nem da minha, não é mesmo?

Ele contemplou os olhos claros de Angelique, no rosto risonho e radiante, a pele translúcida, toda ela irradiando juventude e saúde, com a sensualidade magnética e inconsciente que sempre a envolvia, e que parecia ter aumentado de poder, contra todas as expectativas médicas. Espantoso, pensou Babcott, sentindo a maior admiração por tamanha flexibilidade. Eu gostaria apenas de conhecer seu segredo, descobrir por que algumas pessoas vicejam em adversidades que destruiriam a maioria das outras.

Abruptamente, a sua parte de médico desapareceu. Não posso culpar aquele *ronin*, nem Malcolm, nem qualquer outro homem, por ser louco por ela, pois também a desejo.

— É curioso o que aconteceu com sua cruz — murmurou ele, a voz meio rouca, nem um pouco envergonhado por isso. — Mas também a vida é uma sucessão de curiosidades, não é mesmo? Boa noite, minha cara. Duma bem.

A primeira cólica arrancou-a de um sono irrequieto, povoado por demônios aprisionados, grosseiros, estupradores com olhos negros como carvão, as mulheres grávidas, os homens com chifres, afastando-a de Tess Struan, que montava guarda sobre Malcolm como um espírito maligno. Uma segunda cólica veio logo em seguida, e despertando-a para a realidade, para o que estava acontecendo.

O alívio por ter começado ofuscou as horas anteriores de apreensão, que lhe pareceram uma eternidade antes de conseguir adormecer.

Passava um pouco das quatro horas da madrugada agora. Eram quase duas e meia na última vez em que consultara o relógio. Outra cólica, mais forte do que a anterior, sacudiu todo o seu corpo, levando-a a se concentrar na seqüência.

Os dedos trêmulos tiraram a rolha do segundo vidro. Outra vez ela engasgou com o gosto pútrido e quase vomitou o líquido, mas conseguiu mantê-lo no estômago, que se contraía em repulsa, com a ajuda de uma colher de mel.

Recostou-se nos travesseiros, ofegando. Um fogo parecia se espalhar, a partir do estômago. Em poucos momentos, o suor porejou por todo o corpo. Mas logo passou, deixando-a inerte, encharcada, mal respirando.

Esperando. Como antes, nada. Apenas uma inquietação nauseante, a mesma que experimentara antes, após horas de ansiedade, ao mergulhar no sono perturbado. Sua consternação aumentou.

— Santa Mãe, faça com que funcione — balbuciou ela, em meio às lágrimas. Mais espera. Ainda nada. Os minutos foram passando.

E então, ao contrário de antes, uma cólica surpreendentemente diferente quase a dobrou. Outra. Apenas suportável. Mais, ainda suportável. Ela se lembrou da segunda metade da infusão, sentou na cama, começou a tomá-la, aos goles. O gosto era ruim, mas não tanto quanto o líquido nos vidros.

— Graças a Deus não tenho mais que beber aquilo — murmurou ela. Tomou outro gole. E mais outro. Depois de cada gole, uma mordida no chocolate...

Outras cólicas, mais fortes agora. Num ritmo crescente. Não se preocupe, tudo está acontecendo conforme André explicou, pensou ela. Os músculos da barriga começavam a parecer distendidos e doloridos. Mais goles, mais cólicas, e depois o último gole desceu por sua garganta. O pote de mel quase vazio... o resto do chocolate, mas agora nem mesmo sua doçura podia se sobrepor ao gosto bilioso. Uma aragem passou por baixo da porta do *boudoir*, balançando a chama do lampião na mesa ao lado da cama, fazendo com que as sombras na parede mudassem e dançassem. Com o maior estoicismo, Angélique recostou-se, contemplou-as, as mãos comprimindo a barriga contra as pontadas de dor, os músculos contraindo-se e relaxando, cada vez mais tensos, saltando sob seus dedos.

— Observe as sombras, pense em coisas boas — sussurrou ela. — O que você vê?

Navios e velas, os telhados de Paris, arbustos, ali está a guilhotina, não, não a guilhotina, mas um caramanchão, coberto por roseiras por que é o nosso chalé no campo, perto de Versailles, para onde iríamos na primavera e o verão, enquanto crescíamos, meu irmão e eu, a querida mamãe, há tanto morta, e o pai, que só Deus sabe onde se encontra, a tia e o tio nos amando, mas não sendo capazes de substituir a queri...

— Oh, *Mon Dieu!* — balbuciou ela, quando o primeiro dos violentos espasmos a dominou.

Soltou um grito no seguinte, enfiou parte do lençol na boca, frenética, a fim de sufocar os berros, que saíam contra a sua vontade, e teriam atraído todo mundo na legação, para bater na porta trancada.

E foi então que começaram os calafrios. Pingentes de gelo em suas entranhas. E mais violência, vinte vezes pior do que em suas piores cólicas mensais. O corpo estremecia sob a pressão, pernas e braços se agitavam no ritmo das ondas de tormento que subiam da virilha para a cabeça.

— Vou morrer... vou morrer... — gemeu Angelique, os dentes rangendo no lençol, abafando os gritos.

Mais e mais espasmos, mais e mais calafrios, até que tudo cessou. Abruptamente.

A princípio, ela pensou que morreria de fato, mas logo os sentidos recuperaram o foco e percebeu que o quarto parara de girar, a chama do lampião se tornara baixa, mas ainda ardia, pôde ouvir o tiquetaque do relógio. Os ponteiros indicavam 5:42 h.

Angelique fez um esforço para sentar na cama, sentindo-se horrível. Uma olhada no espelho de mão assustou-a. O rosto pálido, cabelos grudados na cabeça pelo suor, lábios descoloridos pelo medicamento. Enxaguou a boca com um pouco do chá verde, cuspiu no urinol, que tornou a empurrar para baixo da cama. Encontrou a maior dificuldade para tirar a camisola suja, usou uma toalha úmida para limpar o rosto e o pescoço da melhor forma que podia, escovou os cabelos e tornou a se estender na cama, exausta, mas sentindo-se melhor pelos cuidados que se dispensara. Foi só nesse momento que notou a mancha vermelha na camisola, jogada ao acaso no tapete puído.

Um rápido exame confirmou que o sangue continuava a escorrer. Ela ajeitou uma toalha limpa entre as pernas e recostou-se mais uma vez, perto do amanhecer, quase afundando no colchão de fadiga. Um calor espalhou-se pelo corpo cansado. O fluxo aumentou.

29

Domingo, 9 de novembro:

— Ilustre Chen disse para lhe contar tudo o que possa afetar o *tai-pan*, irmã mais velha — Ah Soh sentiu-se apreensiva. — Uma noite antes de Púbis Dourado iniciar sua purgação do mês, ela...

— Ah, então foi por isso que ela ficou na cama e não viu meu filho — comentou Ah Tok. Estavam em seu quarto, no final do corredor, a salvo de ouvidos bisbilhoteiros. — Ele ficou como uma criança na dentição durante o dia inteiro, pior esta manhã. É tempo de voltarmos para casa.

— Tem razão. Mas escute o resto: ela diz que é a purgação do mês, mas conheço suas datas tão bem quanto as minhas. Não parece possível. Normalmente, ela é como qualquer jovem virgem civilizada, regular, mas...— Ah Soh puxou sua bata, nervosa. —... mas agora me lembro, a última foi bastante escassa, quase como se a tivesse perdido.

A mulher mais velha arrotou, levou um palito aos dentes.

— Perder, ou ter pouco, ou ser irregular, com toda a ansiedade pelos ferimentos de meu filho, e pelos bárbaros infames e assassinos que nos cercam aqui, é uma coisa comum, não há nada de excepcional.

Na mesa entre as duas havia várias tigelas, com os restos do almoço de Ah Tok: sopa agridoce, ensopado de legumes fritos, peixe com gengibre e soja, iscas de carne de porco em molho de feijão preto, camarões ao alho e arroz.

— É normal, irmã mais nova — acrescentou Ah Tok.

— O que não é normal é que na manhã de ontem, quando levei seu chá e água quente para o banho, tive de bater várias vezes para despertá-la e ela não me deixou entrar, apenas gritou rudemente “Vá embora!”, através da porta, naquela sua voz vulgar, e depois...
— Ah Soh pediu-lhe que baixasse a voz, numa atitude dramática.
—... apenas poucos minutos mais tarde, Grande Nariz Pontudo, aquele outro tipo de demônio estrangeiro que os nossos demônios estrangeiros chamam de comedores-de-rãs, bateu de leve na porta,

assim... — Ela bateu na mesa três vezes e, depois, uma quarta. — E ela o deixou entrar no mesmo instante!

Ah Tok piscou os olhos, surpresa.

— No mesmo instante? Ele? O francês? Ela deixou aquele homem entrar, mas não a você? E você viu isso?

— Vi, sim, mas ele não me viu.

— Foi muita esperta, irmã mais nova. Continue.

— Ele ficou lá dentro por alguns minutos e saiu carregando coisas embrulhadas num pedaço de seda marrom. Como um ladrão na noite mais escura. Mas não me viu a espioná-lo. — Ah Soh fez uma pausa, adorando, como todos os chineses, ser a mensageira de intrigas e segredos. — Também não me viu quando o segui.

— Por todos os deuses, grandes e pequenos, é mesmo? — Ah Tok serviu dois copos do madeira, que ambas saborearam. — Vida longa, irmã mais nova, que o seu portão de jade nunca a incomode. Continue.

— Ele desceu até a praia, entrou num bote e remou para o mar. Depois de algum tempo, eu o vi largar o que tirara do quarto na água.

— Não!

— É verdade. Ele voltou em seguida, mas não me viu. Em momento nenhum.

— O que podia ter sido?

Ah Soh inclinou-se mais um pouco.

— Quando miss me deixou entrar, olhei ao redor com a maior atenção. Sua cama e camisola estavam encharcadas de suor, e ela parecia ter sofrido um acesso da febre do Happy Valley. Suas toalhas íntimas se encontravam encharcadas também, mais pesadas do que habitualmente. Ela me mandou limpar tudo, trazer toalhas quentes, e não deixar ninguém entrar... nem mesmo o *tai-pan*. Assim que acabei o que era necessário, ela arriou na cama e voltou a dormir.

— Isso não é estranho, mas a presença de Nariz Pontudo é! — Ah Tok balançou a cabeça, ponderada. — É como bosta de burro, brilhante por fora, mas nem por isso deixa de ser bosta. É evidente que ele jogou fora alguma coisa por ela.

Ah Soh hesitou.

— Seu honrado filho... há alguma possibilidade de que ele tenha deitado com a miss?

Ah Tok soltou uma risadinha.

— Tenho certeza que tentou, mas Púbis Dourado não permitiu que seu talo celestial desfrutasse o rompimento de seu portão, embora ela o pavoneie sempre que pode. Ouvi-o balbuciando o nome dela no sono, pobre coitado. Uma coisa horrível. Se ela fosse uma pessoa civilizada, eu poderia acertar o preço e estaria tudo resolvido.

Ah Soh observou Ah Tok pegar um pedaço da cabeça do peixe com os pauzinhos, pensativa, limpar a espinha e cuspi-la na tigela. A mulher mais jovem teria com o maior prazer partilhado aquelas sobras, já que seu cozinheiro não era tão bom quanto o de Ah Tok.

— Como anda o seu cozinheiro agora? — perguntou ela, com um ar inocente.

— Melhorando. O cão vem da minha aldeia e por isso parecia prometer. Continuo a treiná-lo, é claro. — Ah Tok fez uma careta. — Desconcertante, irmã mais nova. Como está a imperatriz hoje?

— Irritada, como sempre. O fluxo continua, mais forte do que o normal. O gigante da medicina foi vê-la esta manhã, mas ela não o recebeu, pediu que eu o mandasse embora. Há alguma coi...

— Ela já viu meu filho?

— Vai se encontrar com ele esta tarde.

— Ótimo. Hoje a língua dele parece uma áspide, por causa da mãe. Nariz Pontudo e Púbis Dourado numa conspiração secreta? Isso cheira mau, muito mau. Mantenha os olhos e ouvidos bem abertos, irmã mais nova.

— Há mais uma coisa.

Ah Soh revirou os olhos em excitação. Enviou a mão no bolso, pôs uma rolha em cima da mesa. A parte inferior tinha uma mancha púrpura, quase preta.

— Encontrei isto debaixo da cama, quando me abaixei para pegar o urinol. O rosto encarquilhado de Ah Tok contraiu-se ainda mais, em perplexidade.

— E daí?

— Cheire, irmã mais velha.

Ah Tok obedeceu. O odor era pungente, um pouco familiar.

— Oque é?

— Não tenho certeza... mas para mim o cheiro é de Escuro da Lua. Acho que o vidro que essa rolha tapava continha Escuro da Lua... junto com outras ervas.

A mulher mais velha soltou uma exclamação de espanto.

— O expulsor? Para causar um aborto? Impossível! Por que ela haveria de fazer isso?

— Seria terrível para seu filho ser chamado de pai antes do casamento, não é mesmo? Sabe como os demônios estrangeiros são com o casamento, escândalos e virgindade, nada de fornicação antes do casamento... o homem é sempre o culpado, uma tolice. Seria ruim para seu filho. Teria que dar explicações a tai-tai Tess e também ao mesquinho e vingativo deus dos demônios estrangeiros.

As duas mulheres estremeeceram. Ah Tok tornou a farejar a rolha.

— Acha que Nariz Pontudo jogou o vidro no mar?

— Também está faltando um bule de chá, que pode ter servido para as outras ervas. Ela havia pedido também água quente e mel.

— Para tirar o gosto! É isso mesmo! — Solene, Ah Tok acrescentou:
— Meu filho é... é bastante desequilibrado por essa mulher.

— O que devemos fazer?

— Agiu bem ao me contar. Escreveremos para ilustre Chen e mandaremos a rolha para ele, pela primeira correspondência. Ele saberá se você está certa e nos dirá o que fazer.

Trêmula, Ah Tok serviu mais vinho para ambas.

— Mantenha os olhos bem abertos, fique de boca fechada como uma ostra, e farei a mesma coisa... nem uma única palavra para ela, meu filho, ou qualquer outra pessoa, até que o ilustre Chen nos diga o que fazer.

Malcolm Struan claudicava pela High Street, a caminho do prédio Struan, apoiado em suas bengalas. O céu estava nublado, um vento fraco soprava do mar, a tarde era fria, e sua preocupação mais

angustiante desaparecera. Vira Angelique, convencendo-se de que ela estava bem, mais adorável do que nunca, embora pálida e sonolenta, fizera isso. Permanecera em seu quarto por alguns minutos apenas, não querendo cansá-la.

Alguns mercadores montados pararam seus cavalos, polidamente, para deixá-lo passar, erguendo os chicotes em saudação.

— Bom dia, *tai-pan* — disse Lunkchurch, tão risonho quanto os outros. — Estará no clube ao pôr-do-sol?

— O que vai acontecer? — perguntou Struan.

Lunkchurch sacudiu o polegar para o vapor de casco preto, com dois mastros, ancorado na enseada, perto da fragata de Marlowe. Exibia a bandeira da Brock & Sons.

— Aquele navio e suas notícias. Norbert convocou uma reunião; apenas os mercadores, sem a presença de Sir William.

— Eu ia fazer a mesma coisa. Ao pôr-do-sol, ótimo, estarei lá — disse Malcolm, muito tenso.

O Ocean Witch — todos os principais navios da Brock tinham Witch como segundo nome, enquanto a Struan usava Cloud — chegara inesperadamente na noite anterior, com notícias, correspondência e as últimas edições dos jornais de Hong Kong.

Os editoriais de todos os jornais falavam do almirante Ketterer e de seu ataque bem-sucedido aos ninhos dos piratas chineses, na área da baía de Mirs, informando que ele se encontrava a caminho de Xangai, para reabastecimento. O Guardian, em letras grandes, resumira a situação:

Num despacho para o governador, o almirante Ketterer escreveu que haviam sofrido algumas baixas, porque as baterias costeiras chinesas estavam equipadas com canhões modernos... canhões fabricados em Birmingham, saídos de Hong Kong, adquiridos por

meios legais ou ilegais por Wu Sung Choi, o líder das frotas do Lótus Branco, que infelizmente não foi capturado, nem morto.

Por mais espantoso que possa parecer, o almirante recomendou, por causa desse pequeno incidente (os canhões foram destruídos por um destacamento de fuzileiros que desembarcou na praia), que todas as vendas de armas — e de ópio — fossem declaradas ilegais, proibidas em toda a Ásia, de imediato, em particular na China e no Japão, com as penalidades mais rigorosas para qualquer violação.

Essa injustificada interferência no comércio legítimo, essa inadmissível imputação de culpa a todos os mercadores na China — renomados por seu senso de justiça, por sua intrépida capacidade de desenvolver o império. Pela lealdade a sua majestade, que Deus a abençoe, e por colocarem a pátria acima do lucro — merecem os protestos mais vigorosos.

Os editores gostariam de perguntar ao almirante: quem fornece os impostos para pagar pela maior marinha que o mundo já conheceu (da qual ele é, sem dúvida, um membro extraordinário, embora desinformado sobre questões vitais do interesse da coroa), sem a qual nosso império deixa de existir: apenas e sempre os incansáveis mercadores e seu ofício...

— Ketterer é um idiota — disse Struan. — Norbert tem razão nesse ponto. Talvez agora Sir William veja a luz e peça um substituto imediato. Temos de lidar com os japas aqui e Ketterer não vai fazer nada sem ordens expressas.

— Não resta a menor dúvida de que precisamos de um homem com muita coragem — concordou Lunkchurch. — Ketterer é muito fraco.

Um dos outros homens interveio:

— Ei, Charlie, ele destruiu os piratas quando recebeu a ordem e fará a mesma coisa aqui. Que diferença pode haver em alguns meses a mais? — Uma pausa e ele indagou, ansioso: — Ei, *tai-pan*, podemos saber como está miss Angel?

— Está bem agora.

— Graças a Deus!

A notícia de que ela se encontrava acamada circulara depressa pela colônia, no dia anterior, e a preocupação aumentara ao se saber que se recusara a receber Babcott, Hoag, e até mesmo o *tai-pan*.

— Por Deus, é a comida francesa, ela está envenenada... Não, pegou a praga deles... Os franceses não têm pragas, apenas piolhos... Todos temos piolhos... Ouvi dizer que foi cólera...

Um alívio universal se espalhou por Iocoama ao meio-dia de hoje, quando o ministro Seratard divulgara um boletim oficial, informando que ela gozava de perfeita saúde, apenas sofria uma indisposição temporária... e logo as pessoas sussurraram que se tratava do incômodo mensal.

— Minha noiva está bem — reiterou Malcolm, orgulhoso.

— O que é um alívio — comentou Lunkchurch. — Já soube que o Witch vai zarpar com a maré alta esta noite?

Malcolm olhou para o mar, muito de sua inquietação voltando. Ontem à noite, ao ser informado da chegada do navio, fora dominado por um pânico súbito e nauseante, pensando que Tyler Brock ou Morgan Brock podiam estar a bordo. Só conseguira pensar com clareza quando Jamie lhe assegurara que não.

Por que Tyler Brock me deixa apavorado, mesmo agora? — ele perguntou a si mesmo, mais uma vez. Posso compreender tal reação quando eu era pequeno, mas agora sou quase da sua altura, embora Tyler continue tão feio quanto sempre, o rosto rude, a boca suja, com a barriga imensa, o único olho sempre injetado. Qual é o problema? Há muitos homens como ele em Hong Kong, até mais feios. E vários são inimigos. Mas não me assustam. Tyler sempre foi nosso inimigo e conseguimos detê-lo em todas as ocasiões... Dirk fez isso, meu pai também, até a mãe, e eu devo, mas... Por Deus Todo-Poderoso, detesto aquele canalha, pelo sofrimento que causou à mãe e à nossa família! Ele respirou fundo, voltou a se concentrar no Ocean Witch.

— Mas ele só deveria partir daqui a dois dias.

— É esse o rumor.

— Mas por que uma mudança de plano tão repentina?

— Não sei, mas é essa a notícia que começou a circular.

— Saberemos de tudo em breve. Bom dia.

Malcolm tratou de reprimir seu presságio e se afastou. Mais adiante ficava o prédio da Struan, para onde seguia, e depois a torre da Santíssima Trindade. Fora ao serviço cedo naquela manhã, orara por Angelique e para ter mais força, sentindo-se melhor em seguida. Mas que Deus amaldiçoe todos os Brocks para sempre, que me permita matar Norbert e...

— *Tai-pan!*

Arrancado de seu devaneio, ele se virou. Phillip Tyrer se aproximava apressado, vindo da legação britânica.

— Desculpe, mas todos queremos saber como está miss Angelique.

— Está bem.

Por trás de Tyrer, Malcolm avistou Sir William, observando-o de uma das janelas do térreo. Acenou com uma bengala, fez o gesto de polegar para cima, meio sem jeito, e Sir William acenou em resposta. Pouco antes de o ministro britânico recuar, Malcolm vislumbrou um outro homem ao seu lado.

— Aquele é seu samurai domado, Nakama?

— Quem? Ah, sim, o próprio. Ela está mesmo bem?

— Claro que sim.

— Graças a Deus! Ficamos todos na maior preocupação! — Phillip Tyrer exibia uma expressão radiante, uma imagem de saúde, corado, forte, mais alto, apenas porque Struan agora andava encurvado. — Você também parece muito melhor.

— Eu bem que gostaria que isso fosse verdade. — Abruptamente, a inveja de Malcolm levou-o a dizer, em tom um tanto brusco: — Soube que Nakama vem lhe fornecendo todos os tipos de informações, a você e a Sir William.

O sorriso de Tyrer se desvaneceu.

— É verdade.

— O acordo foi que você passaria as informações para Jamie e eu. Sobre tudo. Não é verdade?

— É, sim, mas Sir William... ele vem tentando descobrir qual é a situação política no Japão e...

— A política e os negócios de um país são como um par de luvas, Phillip. Não poderia nos visitar amanhã, antes do almoço? Eu me sentiria grato por saber das novidades. — Malcolm forçou um sorriso. — Por favor, transmita meus cumprimentos a Sir William. Até amanhã.

Ele seguiu claudicando pela rua, furioso consigo mesmo por ter sido tão cáustico, desesperado por andar daquele jeito, subiu a escada do prédio da Struan, a caminho de seus aposentos. As costas e a

barriga doíam, de forma alarmante. Não mais do que o habitual, pensou ele, irritado, e isso não era motivo para ser ríspido com Phillip. Ele apenas tentava ser simpático. Mas não importa, um pouco do elixir de Ah Tok e voltarei a me sentir bem. Convidarei Phillip para jantar, e...

— *Tai-pan!*

— Olá, Jamie. — Malcolm parou no meio da escada. — Já soube que o Ocean Witch vai zarpar antes do prazo previsto? Talvez com a maré cheia desta noite?

— Era o que eu ia lhe contar. Ovi o rumor, tentei obter uma confirmação de Norbert, mas ele se encontra ocupado no momento... Como está Angelique?

— Muito bem — respondeu Malcolm, distraído. — É melhor apertar logo nossa correspondência, se o Witch partir mesmo mais cedo.

— Pode deixar que cuidarei de tudo. Irei buscar suas cartas assim que receber uma confirmação.

Jamie franziu o rosto, ao perceber como Malcolm parecia distante.

— Mande alguém procurar Angelique, pois ela também tem correspondência para enviar.

A carta para a mãe dele, escrita e reescrita, até ambos ficarem satisfeitos. É uma boa carta, pensou Malcolm.

— Achou-a realmente bem, *tai-pan*?

— Maravilhosa!

Malcolm sorriu, as dores momentaneamente esquecidas, o Witch esquecido. Angelique parecia espetacular na cama, viçosa, embora pálida, feliz e atenciosa, bastante satisfeita por vê-lo.

— Ela disse que amanhã à noite já terá se recuperado por completo, Jamie. Por que não realizamos um grande jantar aqui? Nós, Dmitri, Babcott, Marlowe, se estiver de folga, e Pallidar, pois os dois são ótimas companhias, apesar de adularem Angelique como cachorrinhos.

— E o que me diz de Phillip e Sir William?

— Phillip, sim, mas não Sir William... não, é melhor deixá-los de fora. O que acha do conde Zergeyev? Ele sempre nos proporciona boas risadas.

— Se o convidar, terá de incluir todos os ministros... não poderia deixar Sir William de fora.

— Tem razão. Providencie um jantar simples, e deixaremos para convidá-los outra noite.

— Cuidarei de tudo.

Jamie sentia-se contente por ter restabelecido o relacionamento amigável com Malcolm. Entraram juntos na suíte. Todos os danos causados pelo incêndio já haviam sido reparados, embora ainda restasse um leve cheiro de fumaça.

— O que acha de Ketterer?

— Ele tem de defender nossos interesses ou cai fora. — Malcolm sentou à sua escrivaninha, começou a empilhar a correspondência que queria enviar. — A mãe já teve ter conversado a respeito com o governador.

— É verdade.

Malcolm levantou os olhos subitamente, percebendo certa estranheza na voz de Jamie. Depois de um momento, ele comentou:

— É curioso como nos sentimos confiantes de que ela fará isso e não temos a menor confiança de que serei capaz de persuadi-la a aprovar meu casamento.

— Não sei como responder a isso, *tai-pan*— murmurou Jamie, com alguma tristeza —, se é uma pergunta.

Malcolm balançou a cabeça, devagar, observando o rosto firme e curtido pelo tempo, o corpo forte e resistente, e especulou se também seria assim ao completar trinta e nove anos... daqui a dezenove anos.

— Recebeu outra carta dela?

— Recebi, trazida pelo Ocean Witch, e não contém boas notícias, lamento dizer.

— É mesmo? Sente-se, Jamie. O que ela diz?

— Desculpe, mas... Ela reiterou a ordem para que eu ajude o Dr. Hoag a despachá-lo de volta para Hong Kong imediatamente, confirmando que seria despedido ao final do mês, se isso não acontecer.

— Pode esquecer. Escreveu para ela, como eu mandei, dizendo que deve obedecer às ordens do *tai-pan*, às minhas ordens, e não às dela?

— Escrevi.

— Eu também. Ponto final neste assunto. Sua carta e a minha devem ter cruzado com a dela. — Malcolm acendeu um charuto, percebeu que seus dedos tremiam. — Você nunca fumou?

— Nunca. Experimentei uma vez e não gostei.

— Esqueça essa bobagem de dispensa. Quais são as outras más notícias?

— Tenho toda a correspondência e recortes à sua espera, quando quiser. Os negócios andam ruins por toda parte. Perdemos o Racing Cloud... já deveria ter chegado a San Francisco há muito tempo.

— Mas que droga!

O Racing Cloud integrava a frota de clíperes, vinte e dois navios. Os clíperes, com três mastros, dominavam os mares, eram muito mais velozes nas rotas marítimas de longo curso do que os pesados vapores, que tinham de carregar o carvão. Sua carga era de chá, seda e especiarias, mercadorias sempre muito procuradas e agora, por causa da guerra americana, astronômicamente valiosas... ainda mais se desviadas para o Sul.

— O seguro nos dá cobertura, não é?

— Receio que não. Isso nunca ocorre, nem mesmo por parte do Lloyd's. Podem alegar que foi um ato de guerra. Afinal, é uma zona de guerra.

— Tem razão. Vai nos custar um bom dinheiro. E é lamentável a perda da tripulação. O capitão não era Caradoc?

— Isso mesmo. Eles devem ter enfrentado um furacão... há informações sobre vários, ao largo do Havaí, embora estejam atrasados este ano. O imediato era meu primo, Duncan McGregor.

— Sinto muito.

Ainda mais deprimido, Struan olhou para a cômoda, onde o elixir o esperava. Fico imaginando se as mesmas tempestades não afundaram também o Savannah Lady, junto com o jovem Pedrito Vargas e nosso pedido para cinco mil fuzis, pensou ele, distraído. O que o lembrou de uma coisa.

— Aqueles canhões na baía de Mirs... não foram vendidos por nosso intermédio, não é?

— Não, ao que eu saiba.

Era a resposta normal a tal pergunta. Ambos tinham conhecimento das grandes vendas de armas para os mercadores chineses, que sempre representavam o governo manchú. O que acontecia depois da entrega em Cantão ou Xangai era outro problema.

Malcolm pensou: Sou capaz de apostar cinqüenta mex contra um dólar que eram nossos, de um jeito ou de outro. Ele estava a par de um dos maiores segredos da Struan: o tênue relacionamento de amigo-inimigo entre a Casa Nobre e os mercadores marítimos Wu Chois do Lótus Branco, iniciado pelo avô e mantido por seu pai. E o que eu farei em relação a eles? — perguntou-se Malcolm, subitamente cansado de Iocoama, e ansioso em assumir o manto e os segredos do avô... e confrontar a mãe.

— Daqui a uma semana ou por aí — murmurou ele.

— Como, *tai-pan*?

— Nada. O que mais, Jamie?

McFay passou a falar sobre a queda dos preços das mercadorias que vendiam e a escalada dos preços das mercadorias que tinham de

comprar, as demandas de crescentes salários de risco para os marujos, muitos dos quais eram de descendência anglo-americana, e não gostavam de ser atacados por navios de guerra do Norte e do Sul.

— Eu poderia continuar para sempre. A Rússia e a França parecem ansiosas por uma guerra e, por isso, a Europa se transformou num barril de pólvora. Por toda a Índia, muçulmanos e hindus estão se matando, incendiando as colheitas. O mundo inteiro enlouqueceu. — Ele hesitou. — Mais urgente, o Victoria Bank escreveu de novo sobre o empréstimo. As promissórias vencem...

— Já sei de tudo a respeito; eles que se danem. O banco é controlado pelos Brocks e nos deixou na mão, ao financiar o açúcar havaiano para eles. Estão querendo nos levar à bancarrota. Que se danem. — A voz de Malcolm engrossara. Pontadas de dor se irradiavam da barriga. — Acho que vou terminar minha correspondência, caso o Witch parta à noite. Por que ele vai voltar tão depressa?

Depois de um momento, Jamie deu de ombros.

— Não sei, mas concordo num ponto: qualquer notícia relacionada com a Brock é má notícia.

A reunião no clube logo degradingolara para os gritos e imprecações habituais, os homens furiosos, muita bebida, todo mundo falando ao mesmo tempo e ninguém escutando, com um único tema unindo a todos:

— Que Deus amaldiçoe todos os governos, todos os coletores de impostos e todos os almirantes e generais, gordos peidorrentos que não conhecem seu lugar, não fazem o que deveriam fazer, que é ouvir a comunidade dos negócios e cumprir o que a gente mandar!

— É isso mesmo, Lunkchurch. Eu proponho...

O que quer que o homem pretendia propor se perdeu no tumulto, enquanto vários gritavam:

— Vamos tirar Wee Willie do cargo!

Exasperado, Norbert abriu caminho pela multidão, saindo do canto do bar, onde iniciara a reunião, e se encaminhou para Malcolm Struan, sentado ao lado da porta, junto com Jamie. Dmitri gritou:

— Nenhuma conclusão, Norbert?

— O que você esperava? Cabe aos *tai-pans*, como sempre. Jamie, você e... Norbert já ia espicaçar Malcolm, chamando-o de jovem Struan, mas recordou a ameaça brusca e incisiva de Sir William para não provocá-lo, em público ou em particular. Além disso, podia sentir a carta de Tyler Brock ardendo em seu bolso. Olhou para Malcolm e acrescentou, polido:

— Vocês dois poderiam fazer o favor de me acompanhar... para uma conversa particular? E você também, Dmitri?

Malcolm imaginara que Norbert passaria por ele apenas com um breve aceno de cabeça.

— Claro. Onde? Lá fora?

— No meu escritório, se não se incomodam. Os três seguiram-nos. Todos de guarda.

— O Ocean Witch vai zarpar com a maré cheia? — perguntou Malcolm.

— Vai, sim. Dmitri indagou:

— Por que a repentina mudança de planos, Norbert?

— Ordens de Tyler.

Norbert notou a súbita sombra que passou pelo rosto de Malcolm e sorriu para si mesmo.

Seu escritório temporário era no térreo, enquanto se efetuavam os reparos nos estragos causados pelo incêndio lá em cima. A escada central ficara enegrecida, havia buracos no telhado, cobertos por pedaços de lona.

— Uma coisa terrível, o fogo, mas acontece com todo mundo de vez em quando. Por sorte, como eu disse, o cofre não foi atingido, nem

os livros e o armazém. — Ele apontou para poltronas de couro. — Sentem-se, por favor.

Havia copos e bebidas no aparador, uísque, conhaque, gim, vinhos, champanhe já no gelo. Seu criado número um chinês esperava para servir. A cautela de todos aumentou.

— Qual é seu prazer?

— Champanhe — respondeu Malcolm, acompanhado pelos outros.

Ele sentia-se bem agora, o elixir o estimulando, como sempre, a se sentir íntegro, além de atenuar a dor. Depois que todos os copos estavam cheios, Norbert sacudiu o polegar para o criado, que fez uma reverência e se retirou.

— Saúde!

Todos responderam ao brinde. Ele sentou-se à beira da mesa, alto, esguio e confiante.

— Estamos a salvo de ouvidos bisbilhoteiros aqui. Primeiro, nós, representando as três maiores companhias, devemos escrever em conjunto uma queixa a Wee Willie, não que vá adiantar grande coisa, e ao almirante... todos concordamos que ele é um estorvo. Não há motivo para que você deixe de participar nisso, Dmitri, pois a Cooper-Tillman também tem muito a perder aqui, tanto quanto nós. Ao mesmo tempo, devemos promover uma campanha no Parlamento, a Struan e nós, para resolver o problema do Japão de uma vez por todas... ou esmagamos os japas e os colocamos em seu lugar, ou vamos embora.

— Não vamos deixar o Japão — declarou Malcolm, fazendo McFay relaxar um pouco.

— Nem nós — disse Norbert. — É apenas uma manobra para persuadir aqueles desgraçados no Parlamento.

Ele pegou uma pasta na mesa arrumada, tirou uma folha de papel.

— Tenho aqui um despacho secreto de Londres, de um dos nossos observadores, trazido pelo Ocean Witch, datado de 16 de setembro.

— Chegou bem depressa — comentou Jamie, por todos.

— Nós sempre nos mantemos em dia, Jamie. Tyler mandou partilhar a informação com vocês três. Vou ler: *O primeiro-ministro e o ministro das finanças concordaram ontem, numa reunião particular, aumentar o imposto sobre o chá para quatro pence por libra, um penny no quartilho de cerveja, um xelim em todo o conhaque e vinhos importados, dobrar a taxa do tabaco... — Todos estavam aturdidos. —... dobrar a taxa de importação do algodão...*

— Essa não! — explodiu Dmitri. — É uma loucura! O algodão e o tabaco são as únicas colheitas que temos no Sul para nos render

algum dinheiro! Se fizerem isso, o que vai acontecer com a nossa guerra, e com as tecelagens de vocês em Lancashire?

— Nós não temos tecelagens de algodão, mas a Struan tem. Há mais: Para conter certas facções poderosas nos dois lados do Parlamento, eles vão ordenar, ainda, que todas as plantações de ópio em Bengala sejam queimadas e as plantações de chá...

— Oh, Deus! — Struan estava transtornado, Jamie roxo e Dmitri em choque. — Como vamos negociar com a China? Ópio por prata, e...

— O Parlamento não se importa com o nosso triângulo celestial — comentou Norbert, sombrio. — Não se interessa pela Ásia, a China ou o comércio, só se preocupa em permanecer no cargo. Querem replantar toda a área com chá.

Ele tornou a guardar o papel na pasta, sentou de novo à mesa, sabendo que os outros adorariam conhecer a veracidade do documento e o que mais continha.

— O velho mandou dizer a vocês que temos um informante próximo do gabinete do primeiro-ministro, que suas revelações sempre se mostraram autênticas no passado, e essa é a verdade de Deus. Declarou também que temos de afastar essa dupla, e depressa. Dmitri, você deve pressionar pelo seu lado. Tyler garante que faremos tudo o que for necessário, e pede a vocês para agirem da mesma forma. Concordam?

— Claro que concordo — respondeu Dmitri. — Não dá para acreditar.

— Eu também concordo. — Struan ergueu seu copo, especulando onde estaria a armadilha de Tyler Brock. — Que eles venham a arder no inferno.

Solenes, os outros beberam junto com ele. Norbert tornou a encher os copos. Seu rosto se contraiu ao focalizar Struan.

— O próximo assunto: todos estão a par do nosso duelo. Não preciso de padrinhos e marcamos para o amanhecer de quarta-feira. Sinto muito, mas parto no Ocean Witch esta noite, por ordem de Tyler. Portanto, a quarta-feira está cancelada. Sugiro...

— Por que adiar, se ainda resta bastante claridade agora?

As palavras saíram antes que Malcolm pudesse contê-las e ele sentiu-se satisfeito por ter reagido com tanta rapidez e firmeza, embora tivesse a súbita impressão de que o cérebro se dilatara. Jamie empalideceu, o silêncio prolongou-se.

— Não agora. — Os olhos faiscando, escondendo seu divertimento, Norbert virou-se para Jamie e Dmitri, os padrinhos formais de Malcolm. — Sugiro que adiemos, num acordo de cavalheiros, até meu retorno, daqui a umas três semanas, está bem? Poderá então ser no dia seguinte, ou em qualquer outra data que escolherem.

— Acho melhor assim — disse Jamie. — Concorda, *tai-pan*? Depois de um momento, a pressão na cabeça de Struan se dissipou.

— Concordo.

Ele não se sentia satisfeito, nem desapontado, apenas contente por haver reiterado o desafio. Não notou que Jamie e Dmitri disfarçavam seu alívio. Terminaram seus drinques e se retiraram.

Assim que ficou a sós, Norbert pegou a carta de Tyler Brock e releu-a, as palmas suadas. A primeira parte versava sobre as informações do espião e finalizava assim: “Leve o seu rabo para o Ocean Witch e parta com a primeira maré cheia, só você, sem outros passageiros. Traga seus livros, o contrato de exploração de ouro com os japas e todos os lingotes em seu poder. Vamos nos encontrar em Xangai, em segredo. — é o primeiro porto de escala do Witch, embora o manifesto diga que seguirá direto para Hong Kong —, Morgan, eu e você, o mais depressa possível, sem que ninguém saiba. Quando voltar a Iocoama, talvez passe a dormir no quarto de Malcolm Struan, é isso mesmo, com a língua de sua prostituta babando em você, se isso for do seu agrado... pois muito em breve ela também estará à venda. Acabamos de saber que o pai dela fugiu de Bangkok, como já havia fugido de Hong Kong, após cometer mais fraudes e trapanças. Desta vez são as autoridades franceses que estão à sua procura. E vão capturá-lo, julgá-lo e depois a guilhotina... os franceses não são como os nossos *peelers*, sempre delicados. Missus manda lembranças.”

30

QUIOTO

Domingo, 16 de novembro:

Muito depois do escurecer, Yoshi e sua guarda, em silêncio e disfarçada com roupas de soldados comuns, seguiam cansados pelas ruas desertas da cidade adormecida, a antiga capital, onde os imperadores e a corte imperial haviam vivido por séculos.

A cidade fora construída ao estilo chinês, com ruas retas, as ruas transversais formando ângulos retos, com o vasto palácio proibido e seus jardins na área central. Apenas os telhados podiam ser avistados por trás dos muros altos... com seis portões. Yoshi evitou-os com o maior cuidado, querendo se esquivar às patrulhas de Ogama e aos samurais que guardavam os portões. Ao chegar ao complexo do xogunato, sem ser anunciado, ele foi direto para seus aposentos, e logo afundou agradecido numa banheira fumegante, em que oito pessoas caberiam com a maior facilidade.

— Quantos guerreiros tenho em Quioto, Akeda? — perguntou ele, as dores dos dias de marcha forçada começando a desaparecer.

Com expressão sombria, o velho general arriou na água, com apenas um metro de profundidade, ao seu lado. A casa de banho situava-se no reduto interior, todas as criadas haviam sido dispensadas, e sentinelas postadas nos acessos.

— Oitocentos e dois, dos quais oitenta estão doentes ou se recuperando de ferimentos, todos jurados a você, todos de confiança, todos montados. Mais os dezoito que você trouxe.

No momento em que Yoshi chegara, Akeda dobrara a guarda. Era um hatomoto vigoroso, de uma família que servia há gerações ao clã Toranaga, e agora comandava sua guarnição em Quioto.

— Não é o suficiente para protegê-lo — acrescentou ele, em sua voz rouca.

— Estou seguro aqui.

Pela lei do legado, aquele era o único complexo defensável em Quioto, capaz de alojar cinco mil homens, se fosse necessário, todos os outros *daimios* restritos a um máximo de quinhentos homens — com não mais que dez *daimios* juntos em Quioto em qualquer momento, suas idas e vindas controladas com rigor. O tempo e o

fraco Conselho de Anciãos reduziram o efetivo do xogunato a menos de mil.

— Duvida disso, Akeda?

— Dentro dos nossos muros, não. Referia-me ao exterior.

— Aliados? Com quantos *daimios* posso contar?

Akeda deu de ombros, irritado.

— Foi um grande erro se sujeitar a tamanho risco, viajando com poucos guardas, e ainda mais perigoso vir para Quioto. Se eu tivesse sido avisado antes, poderia sair para encontrá-lo com um destacamento e escoltá-lo até aqui. Se seu pai estivesse vivo, teria proibido essa...

— Mas meu pai não está vivo. — Os lábios de Yoshi se contraíram numa linha dura. — Aliados?

— Se erguesse seu estandarte em Quioto, Sire, seu estandarte pessoal, a maioria dos *daimios* e a maioria dos samurais correriam para o seu lado, aqui e por toda a terra, mais do que o suficiente para impor qualquer coisa que quisesse.

— Isso pode ser interpretado como traição.

— Sinto muito, mas a verdade é, em geral, traiçoeira no seu nível, lorde... e muito difícil de se encontrar. — O rosto velho e enrugado se desmanchou num sorriso. — A verdade: se erguer a bandeira do xogunato, não terá o apoio de quase nenhum dos *daimios* daqui contra Ogama de *Choshu*, não enquanto ele controlar os portões.

— Quantos samurais Ogama mantém aqui?

— Dizem que mais de dois mil, homens escolhidos a dedo, todos em casas de guarda fortificadas ao redor do palácio, perto dos guardas nominais em nossos portões. — Akeda tornou a sorrir, sem humor, ao ver os olhos de Yoshi se contraírem. — Todo mundo sabe que é contra a lei, mas ninguém lembrou a ele, ninguém resistiu. Ogama vem trazendo seus homens em grupos de dez e vinte desde que expulsou a raposa velha do Sanjiro, com Katsumata e seus *Satsumas*. Já sabe que eles escaparam de barco para Kagoshima?

Akeda arriou ainda mais na água, antes de acrescentar:

— Correm rumores que Ogama tem mais dois a três mil samurais de *Choshu* numa distância de dez ri.

— É mesmo?

— Seu controle sobre Quioto aumenta mais um pouco a cada dia, suas patrulhas dominam as ruas, exceto pelos bandos ocasionais de *shishi*, que lutam com qualquer um que eles imaginem que não respeita *Sonno-joi*, nós em particular, e todos os aliados do xogunato. São tolos, porque também nos opomos aos *gai-jin* e seus nefandos tratados, queremos que sejam expulsos.

— Os *shishi* estão muito fortes aqui?

— Estão, sim. Circulam rumores de que se preparam para algum golpe grande. Há cerca de uma semana alguns deles atacaram uma patrulha de Ogama, chamando-o abertamente de traidor. Ogama ficou furioso e, desde então, vem caçando-os. Há...

Uma batida na porta interrompeu-o. O capitão da guarda abriu a porta.

— Com licença, lorde Yoshi. Um emissário de lorde Ogama está no portão, solicitando uma audiência.

Os dois homens ficaram surpresos. Yoshi disse, irritado:

— Como ele descobriu que cheguei? Percorremos disfarçados as últimas cinqüenta ri. Esperei nos arredores de Quioto até escurecer, contornamos as barreiras, e não deparamos com nenhuma patrulha. Deve haver um espião aqui.

— Não há espiões aqui dentro — garantiu Akeda. — Juro por minha cabeça, Sire. Lá fora, há legiões, por toda parte, espiões de Ogama, os *shishi*, e outros... e não é um homem que consegue se disfarçar com facilidade, Sire.

Yoshi tomou uma decisão.

— Capitão, diga a ele que estou dormindo e não posso ser incomodado. Peça-lhe para voltar pela manhã, quando será recebido com todas as honras.

O capitão fez uma reverência, já começava a se retirar quando Akeda acrescentou:

— Ordene um alerta total para a guarnição inteira!

Assim que voltaram a ficar a sós, Yoshi disse:

— Acha que Ogama ousaria me atacar aqui? Seria uma declaração de guerra.

— Não estou interessado no que ele pode ousar, Sire, mas apenas na sua segurança. É minha responsabilidade agora.

O calor da água se infiltrava agora pelas articulações de Yoshi e ele se recostou, deixando que a sensação agradável o envolvesse, contente por Akeda estar no comando, tranquilizado por sua presença, embora não se influenciasse por suas opiniões. Não previra ser descoberto tão depressa. Ora, não importa, pensou ele, meu plano ainda é bom.

— Quem é o adepto subserviente de Ogama, seu intermediário na corte?

— O príncipe Fujitaka, primo em primeiro grau do imperador... o irmão de sua esposa é o camareiro imperial.

Yoshi soltou um assovio, e o general acenou com a cabeça, sombrio.

— Muito difícil romper um vínculo assim, a não ser com uma espada.

— Impensável! — sentenciou Yoshi, que pensou: a menos que seja possível. De qualquer forma, era uma estupidez dizer algo assim em voz alta, mesmo em particular. — Quais são as notícias sobre o xógum Nobusada e a princesa Yazu?

— São esperados dentro de uma semana e... Yoshi levantou os olhos abruptamente.

— Eles não deveriam chegar por mais duas ou três semanas.

A voz do velho soou ainda mais rouca:

— A princesa Yazu ordenou que a comitiva voltasse à *Tokaidô* e continuasse pelo caminho mais curto, sem dúvida ansiosa em ver o irmão, levar o marido para demonstrar sua submissão, contra toda a tradição... e acabar com o xogunato o mais depressa possível, entregar o comando a Ogama.

— Mesmo aqui, velho amigo, deve tomar cuidado com o que diz.

— Estou muito velho para me preocupar com isso agora... agora que seu pescoço se encontra entre as garras de Ogama.

Yoshi chamou as criadas para que trouxessem toalhas e enxugassem os dois, ajudando-os a vestir yukatas limpos. Pegou suas espadas e disse, por fim:

— Desperte-me ao amanhecer, Akeda. Tenho muito o que fazer.

Pouco antes do amanhecer, nos subúrbios ao sul, onde o rio fazia uma curva para o sul, na direção de Osaca e do mar, a vinte e tantas ri de distância, onde os caminhos, ruas e vielas eram irregulares e tortuosos, tão diferentes da rigidez das linhas retas da parte central da cidade, onde era intenso o cheiro de fezes, lama e vegetação em decomposição, Katsumata, o líder dos *shishi* de *Satsuma* e confidente de lorde Sanjiro, acordou de repente, saiu de baixo das cobertas e ficou de pé no aposento escuro, escutando com o máximo de atenção, a espada de prontidão.

Nenhum som de perigo. Lá de baixo vinham os sons abafados das criadas e servos, acendendo os primeiros fogos do dia, cortando legumes, preparando os alimentos. Seu quarto era no segundo andar, sob as vigas, na Estalagem dos Pinheiros Sussurrantes. Um cachorro latiu à distância.

Há alguma coisa errada, pensou ele.

E foi abrir a porta, sem fazer barulho. Havia mais quartos ao longo do corredor, três ocupados por outros *shishi*, dois em cada um. O último era para as mulheres da estalagem.

Num lado, havia uma pequena janela, dando para o pátio. Nada se mexia lá embaixo. Mais uma vez, seus olhos esquadriharam a área, o portão, a rua além. Nada. De novo. Nada. E, de repente, um brilho, mais sentido do que visto. No mesmo instante, Katsumata abriu as portas e sussurrou a palavra código. Os seis homens levantaram-se de um pulo, o sono se dissipando por completo, e correram atrás dele, empunhando suas espadas. Desceram pela escada precária, atravessaram a área da cozinha, saíram pela porta dos fundos. Pularam a cerca para o jardim ao lado, numa retirada

ensaiada com extremo cuidado, passaram para o jardim seguinte, e mais outro, até alcançarem a viela. Seguiram por ali, mas logo se desviaram por uma passagem entre duas choupanas. Na extremidade daquele beco sem saída, ele virou à esquerda e abriu uma porta. A lança do guarda alerta ameaçou sua garganta.

— Katsumata-san! O que aconteceu?

— Alguém nos traiu — sussurrou Katsumata, ofegante, e gesticulou para um jovem de *Choshu*, também esguio, duro como aço, mas com metade de sua idade, dezenove anos. — Dê a volta, veja tudo e volte. Não se deixe observar, nem ser apanhado!

O jovem desapareceu. Os outros seguiram Katsumata para o interior da choupana. Havia vários cômodos lá dentro, a construção ligada às outras nos lados, abrigando mais *shishi*. Vinte, no total, todos armados, capitães de células de *shishi* na maior parte, agora alertas, prontos para o combate ou a retirada... inclusive Sumomo, a irmã de Shorin, noiva de Hiraga. Todos se agruparam em silêncio, aguardando as ordens.

Quando eles escapavam da estalagem, nenhum dos servidores ou criadas deu atenção à partida abrupta, continuando a trabalhar como se nada tivesse acontecido. Todos ficaram paralisados alguns segundos mais tarde, quando uma patrulha de Ogama entrou pela porta da frente e começou a revistar os quartos, acordando hóspedes, as mulheres e a *mama-san*, enquanto outros subiam a escada para vasculhar os aposentos do segundo andar. Gritos de surpresa, medo e protesto, lamentos das mulheres que agora ocupavam os quatro quartos que antes alojavam os *shishi*... tudo parte do meticuloso planejamento de Katsumata.

No tumulto subsequente, aos berros e indignação da *mama-san*, o enfurecido oficial de Ogama perguntou para onde tinham ido os proscritos *ronin*, chegou a esbofetear alguns criados, foi tudo em vão. Todos tremiam, alegando inocência:

— *Ronin?* — bradou a *mama-san*. — Em minha respeitável casa, que nunca deixou de cumprir a lei? Jamais!

Assim que a patrulha se retirou e todos se encontravam seguros, a *mama-san* praguejou, os criados praguejaram, todos amaldiçoaram o espião que os traíra.

— Katsumata-san, quem foi?— indagou Takeda, um jovem de *Choshu*, vinte anos, corpulento, quase sem pescoço, parente de Hiraga, o coração ainda disparado da fuga por um triz.

Katsumata deu de ombros.

— Karma se o descobrirmos, karma se não descobrirmos. Prova apenas o que incuto em vocês: estejam preparados para a traição, a fuga a qualquer instante, a luta a qualquer instante, não confiem em homem ou mulher, exceto num *shishi* e em *Sonno-joi*.

Todos no pequeno aposento apinhado acenaram com a cabeça.

— E o que nos diz de lorde Yoshi? Quando vamos atacá-lo?

— Quando ele estiver fora dos muros.

A notícia da súbita chegada de Yoshi viera durante a noite, tarde demais para interceptá-lo.

— Mas temos partidários lá dentro, sensei — insistiu Takeda. — Seria o lugar certo para surpreendê-lo, aproveitar que ele se sente seguro, deixa a guarda relaxar.

— A guarda de Yoshi nunca relaxa. Jamais se esqueçam disso. Quanto ao nosso pessoal com ele, dentro dos muros, suas ordens são para permanecerem quietos e ocultos, já que sua presença e informações são valiosas demais para se arriscar. No evento improvável do xógum Nobusada escapar à nossa emboscada, eles se tornarão ainda mais necessários.

Muitos sorrisos sinistros, mãos apertando o punho da espada. A emboscada fora planejada para o anoitecer, dali a cinco dias, em Otsu, a última estação de posta antes de Quioto. Havia apenas umas poucas estalagens na estrada do norte e na *Tokaidô* consideradas lugares de descanso apropriados para pessoas tão augustas, com

seus inúmeros guardas, criadas e servidores. Assim, era fácil conhecer as paradas noturnas e postar espiões nelas.

Dez *shishi* haviam sido designados para a missão suicida e já se encontravam em Otsu, preparando-se para o ataque. Cada um dos cento e sete *shishi* reunidos em várias casas seguras de Quioto suplicara sua inclusão na emboscada. Por sugestão de Katsumata, haviam tirado a sorte. Três *Choshus*, três *Satsumas* e quatro Tosas conquistaram a honra, já instalados perto do alvo, na Estalagem das Muitas Flores.

— Mais cinco dias apenas e, depois, *Sonno-jo* será uma realidade! — sussurrou Sumomo, excitada. — O *Bakufu* nunca vai se recuperar desse golpe.

— Nunca mesmo!

Katsumata sorriu para ela, apreciando-a, a melhor de todas as suas discípulas — como Hiraga era o melhor entre os homens, atrás apenas de Ori —, admirando sua bravura, determinação e habilidades. Ela também se oferecera para a emboscada, mas

Katsumata proibira, considerando-a uma arma valiosa demais para desperdiçar numa iniciativa de alto risco. Ele sentia-se contente por ter ordenado que Sumomo esperasse aqui, prevalecendo sobre a ordem de Hiraga, que a mandara voltar para a casa do pai dele. Sumomo trouxera as últimas informações de Iedo: a confirmação dos rumores sobre uma trégua negociada entre o *Bakufu* e os *gai-jin*, o fracasso do ataque ao ministro-chefe Anjo, mas o êxito no assassinato de Utani, com o incêndio de sua mansão. E, mais importante ainda, a confirmação da divergência entre Anjo e Yoshi Toranaga.

— Não sei de onde veio essa informação — sussurrara ela para Katsumata —, mas a *mama-san* disse que era da fonte que você conhece.

Sumomo também relatara os fatos da morte de Shorin. Mas não sabia mais nada sobre Ori ou Hiraga, a não ser que o ferimento de Ori estava sarando, ambos se escondiam na colônia em Iocoama, junto com Akimoto, e Hiraga se tornara, por algum milagre, confidente de um dos líderes dos *gai-jin*.

— Tem toda razão, Sumomo, o *Bakufu* nunca vai se recuperar — concordou Katsumata. — Nosso próximo golpe encerrará o xogunato de Toranaga para sempre.

Logo depois da bem-sucedida eliminação do xógum Nobusada — deixando a princesa Yazu ilesa, a qualquer custo —, os *shishi* desfechariam um ataque em massa contra o quartel-general de Ogama, para assassiná-lo; ao mesmo tempo, Katsumata e outros capturariam os portões, hasteando o estandarte de *Sonno-joi*, declarando que o poder voltava ao imperador, a quem todos os verdadeiros *daimios* e samurais se apresentariam para prestar obediência.

— *Sonno-joi* — murmurou ela, exultante, como todos os outros. Exceto Takeda, um dos *shishi* de *Choshu*. Ele mudou de posição, inquieto.

— Não tenho certeza sobre o assassinato de Ogama. Ele é um bom *daimio*, um bom líder... impediu que Sanjiro tomasse o poder, impediu que Tosa tomasse o poder, é o único *daimio* a cumprir a ordem do imperador de expulsar os *gai-jin*. Afinal, não foi Ogama quem determinou o fechamento dos estreitos de Shimonoseki? Só nossos canhões se opõem aos navios *gai-jin*... apenas as forças de *Choshu* se mantêm na linha de frente, não é mesmo?

— É verdade, Takeda — disse um renomado *shishi* de *Satsuma*. — Mas o que sensei Katsumata sempre nos lembrou? Que Ogama mudou, agora que roubou o controle. Se ele respeitasse o imperador, seria muito simples, agora que controla os portões, declarar *Sonno-joi* e devolver todo o poder ao imperador. E isso o que faremos quanto tivermos os portões.

— Eu sei, mas...

— Muito simples para ele, Takeda. Mas o que Ogama fez? Apenas usou o poder para manipular a corte em seus caprichos. Quer ser o xógum. Nada menos.

Soaram murmúrios de concordância e depois Sumomo declarou:

— Por favor, Takeda, desculpe-me, mas Ogama é uma grande ameaça. Todos sabem que sou uma *Satsuma*, assim como o sensei Katsumata, concordamos que Sanjiro tem feito algumas coisas boas, mas nada por *Sonno-joi*. Por isso, ele deve renunciar ao poder, de bom grado ou pela força, e é o que vai acontecer. O mesmo se aplica a Ogama. Reconheço que ele fez algumas coisas boas, mas

agora está errado. A verdade é que nenhum *daimio* com o controle dos portões, tão perto de se tornar o xógum, renunciará ao poder de bom grado.

— E se pedíssemos a Ogama? — sugeriu Takeda.

— Desculpe-me, por favor, mas tal petição não teria o menor valor. Quando tomarmos posse dos portões, a fim de evitar a guerra civil e a possibilidade de algum *daimio* se sentir tentado outra vez, devemos ir além e solicitar ao imperador a abolição do xogunato, do *Bakufu* e de todos os *daimios*.

Em meio a comentários surpresos diante de proposta tão radical, Takeda explodiu:

— Mas isso é uma loucura! Sem o xogunato e sem os *daimios*, quem vai governar? Haverá o caos! Quem paga nossos estipêndios? Os *daimios*! Os *daimios* possuem todos os koku de arroz...

Katsumata interveio:

— Deixe-a concluir, Takeda, e depois poderá dizer o que quiser.

— Sinto muito, Takeda, mas essa é uma idéia de Hiraga-san, não minha. Hiraga disse que, no futuro, os *daimios* serão apenas chefes nominais, e só os bons, que o poder será exercido por conselhos de samurais, de todos os níveis, baseados na igualdade, e esses conselhos decidirão tudo, dos estipêndios a que *daimio* é digno, e quem o sucederá.

— Nunca dará certo — insistiu Takeda. — É uma péssima idéia.

Muitos discordaram, a maioria apoiou Sumomo, mas Takeda ainda não se convencera. Ao final, ela perguntou:

— Sensei, é uma péssima idéia?

— É uma boa idéia, se todos os *daimios* concordarem — respondeu Katsumata.

Ele sentia-se satisfeito por constatar que seus ensinamentos davam frutos, que os *shishi* queriam chegar ao futuro pelo consenso. Como os outros, Katsumata estava acorado, falando pouco, sua mente concentrada na traição, fervendo de raiva por aquele novo atentado contra a sua vida, e a fuga por um triz.

Por bem pouco desta vez, pensou ele, o gosto de bÍlis outra vez na boca. O cerco se aperta. Quem é o traidor? Só pode estar aqui. Nenhuma das outras unidades de *shishi* sabia que eu passaria a noite na estalagem dos Pinheiros Sussurrantes. O traidor se encontra aqui. Quem é ele... ou ela? Quem?

— Continue, Sumomo.

— Eu só queria acrescentar... Takeda-san, você é *Choshu*, assim como Hiraga-san, há outros de Tosa, o sensei, eu e muitos mais de *Satsuma*, inúmeros dos outros feudos, mas acima de tudo somos *shishi*, com deveres que prevalecem sobre a família, sobre o clã. Na Nova Ordem, esta será a lei... a primeira lei para todo o Nipão.

— Se essa vai ser a lei... — murmurou um dos homens, coçando a cabeça. — Sensei, quando o filho do céu recuperar o poder, o que iremos fazer, todos nós?

Katsumata olhou para Takeda.

— O que você acha?

— Não estarei vivo e, assim, isso não tem a menor importância. *Sonno-joi* é suficiente, a única coisa que me interessa.

— Alguns de nós devem sobreviver para participar da nova liderança — disse Katsumata. — Mais importante por enquanto: Yoshi Toranaga. Como eliminá-lo?

— Quando ele sair de seu refugio, devemos estar preparados — propôs alguém.

— Isso é claro — disse Takeda, irritado. — Mas ele estará cercado por guardas; duvido muito que consigamos sequer nos aproximar de sua pessoa. O sensei disse que não podemos acionar nossos homens lá dentro. Portanto, terá de ser no lado de fora, mas será muito difícil.

— Meia dúzia de nós, com flechas, nos telhados?

— Uma pena não termos um canhão — comentou outro. Continuaram ali, à claridade crescente, cada um imerso em seus pensamentos, visando Yoshi como o troféu maior. Mas os cinco dias de expectativa eram mais importantes, depois o ataque a Ogama... a única maneira de conquistar os portões.

— Talvez seja mais fácil para uma mulher se infiltrar no bastião de Toranaga, neh? — sugeriu Sumono. — E uma vez lá dentro...

Ela sorriu, sem concluir a frase.

Nuvens cobriam o céu agora. A tarde era sombria. Mesmo assim, as ruas largas nos arredores do quartel do xogunato estavam apinhadas de moradores da cidade, comprando e vendendo no mercado em frente à entrada principal, junto com sacerdotes budistas vestidos de laranja, as inevitáveis tigelas de esmolas estendidas, samurais desfilando de um lado para outro, sozinhos ou em grupos. As patrulhas de Ogama eram proeminentes, cada homem com a insígnia do feudo bordada na roupa. Katsumata, Sumomo e meia dúzia de *shishi* circulavam entre a multidão,

disfarçados, usando enormes chapéus cônicos. Donas de casa, criadas, servos, varredores de rua, coletores de adubo noturno, carregadores e vendedores ambulantes, emprestadores de dinheiro, escritores de cartas, adivinhos, palanquins e pôneis para samurais e bem-nascidos, mas nunca, em parte alguma, um veículo com rodas.

Todas as pessoas que passavam pelos portões do xogunato, abertos agora, mas com uma forte guarda, faziam uma reverência polida, de acordo com as respectivas posições, e seguiam adiante, apressadas. A notícia de que o guardião do herdeiro chegara, sem qualquer pompa, o que era inacreditável, correra num instante por toda a cidade... e isso, somando-se aos rumores sobre a iminente visita, sem precedentes na memória histórica, do próprio xógum, árbitro da Terra, personagem aterrador, envolto por mistério, quase tanto quanto o filho do céu, e até casado, segundo se dizia, com uma das irmãs da divindade, era quase demais para se suportar.

Os samurais, preocupados, começaram a verificar a prontidão de suas armas e armaduras, os *daimios* e seus conselheiros de confiança tremeram com a notícia, avaliando suas posições, o que fazer, e como evitar qualquer ação decisiva, quando ocorresse o inevitável, a confrontação entre lorde Yoshi e lorde Ogama.

A atividade na rua diante dos portões do quartel do xogunato cessou no momento em que um cortejo armado saiu, com os estandartes de Yoshi à frente, soldados cercando um palanquim fechado, mais soldados na retaguarda. No mesmo instante, todos nas proximidades se ajoelharam, encostaram a cabeça no chão, os samurais permaneceram imóveis, fazendo uma reverência profunda, até o cortejo passar. Só depois que Yoshi e seus homens desapareceram é que ressurgiu um arremedo de normalidade. A não ser pelo fato de Katsumata e seus companheiros seguirem o cortejo, com extrema cautela.

A menos de um quilômetro dali, similar cortejo armado também deixou o quartel principal de *Choshu*, com os estandartes de Ogama à frente, e sob demonstrações de submissão ainda maiores. Há dias que ele fora alertado sobre a chegada de seu inimigo, assim como vinha monitorando o progresso do xógum Nobusada. Seus conselheiros haviam recomendado que emboscasse e destruísse Yoshi nos arredores de Quioto, mas Ogama não acatara a sugestão.

— É melhor que ele se torne meu peão. Depois que estiver aqui, onde poderá se esconder, para onde poderá fugir?

Os detalhes para a reunião urgente solicitada por Ogama haviam sido acertados pelos conselheiros de ambos. Deveria ocorrer no

pátio vazio de um quartel neutro, eqüidistante dos dois quartéis-generais. Cada um levaria cem guardas. Apenas vinte estariam montados. Ogama e Yoshi iriam em palanquins blindados e protegidos. Um conselheiro para cada um. Chegariam ao mesmo tempo.

Em poucos momentos, espiões levaram a notícia para o palácio, para grupos de *shishi* e para os *daimios*, informando que os dois homens mais perigosos do Nipão haviam saído para as ruas em colunas armadas, no mesmo instante, por mais espantoso que isso pudesse parecer. Um espião logo encontrou Katsumata e sussurrou o local do encontro; quando os samurais de Ogama e Yoshi passaram pelos portões neutros, Katsumata e trinta homens se encontravam postados nas proximidades... para o caso de surgir a oportunidade de um ataque suicida.

O pátio tinha cem metros quadrados, com paredes de madeira leves, fáceis de romper, o alojamento de um só andar e o estábulo também eram de madeira, escurecida pelo tempo. Guardas dos dois lados ocuparam posições opostas e outros levaram quatro cadeiras dobráveis para o centro do pátio.

Os dois homens saíram juntos dos palanquins, encaminharam-se para as cadeiras e sentaram-se. Depois, o general Akeda e

Basushiro, o principal conselheiro de Ogama, sentaram-se ao lado deles. Basushiro estava na casa dos quarenta anos, um samurai de olhos estreitos, estudioso, de uma família de chefes hereditários da burocracia de *Choshu* há gerações. Houve reverências formais, e em seguida os olhos dos dois líderes se encontraram.

Yoshi era dois anos mais moço que Ogama — vinte e seis anos — e alto, enquanto o outro era baixo e corpulento. Yoshi tinha o rosto raspado, em contraste com a barba cerrada negro-azulada de Ogama. A linhagem de Yoshi era mais nobre, embora a de Ogama fosse igualmente antiga, também renomada, os dois se equilibrando em determinação implacável, ambição e dissimulação.

Sem pressa, dispensaram o tempo necessário aos cumprimentos obrigatórios e perguntas polidas, com esquivas e evasivas, esperando pelo início... as mãos nos punhos das respectivas espadas.

— Sua vinda é uma agradável surpresa, lorde Yoshi.

— Tinha de vir para verificar pessoalmente que os rumores delirantes que ouvi não eram verdadeiros.

— Que rumores"

— Entre vários, o de que as forças de *Choshu* impedem os representantes do xogunato, os representantes legais, de assumirem suas posições em torno dos portões.

— Uma medida necessária para proteger a divindade.

— Desnecessária e contra a lei.

Ogama riu.

— A divindade prefere minha proteção ao traiçoeiro Conselho de Anciãos, que assinou os tratados com os *gai-jin* contra seu desejo e continua a negociar com eles contra sua vontade, em vez de expulsá-lo, como ele pediu. — Ele fez um sinal para Basushiro. — Por favor, mostre a lorde Yoshi.

O pergaminho, assinado pelo imperador, solicitava “ao lorde de *Choshu* para assumiro comando dos portões, até que seja resolvida a lamentável questão dos *gai-jin*”.

— Não é da competência da divindade decidir sobre problemas temporais. Esta é a lei... e devo lhe pedir que se retire.

— Lei? Está se referindo à lei de Toranaga, a lei do xogunato imposta à força pelo primeiro de sua linhagem, e que repudiou o direito antigo de o imperador governar, concedido pelo céu.

Os lábios de Yoshi contraíram-se numa linha fina e dura.

— O céu concedeu ao imperador o direito de interceder entre nós, mortais, e os deuses, em todas as questões espirituais. As questões temporais sempre estiveram na esfera de competência de mortais, de xóguns. O imperador concedeu ao xógum Toranaga e seus descendentes o direito perpétuo de cuidar de todas as questões temporais.

— Repito que o imperador foi forçado a concordar...

— E eu repito que esta é a lei da terra, que nos manteve em paz por dois séculos e meio.

— Não é mais válida. — Ogama acenou com o papel. — O que um imperador anterior foi obrigado a conceder, este imperador cancelou, por sua livre e espontânea vontade.

A voz de Yoshi tornou-se mais suave, mais perigosa:

— Um equívoco temporário. É evidente que o filho do céu recebeu conselhos indevidos de descontentes interesseiros, como em breve vai compreender.

— Está me acusando?

Os quatro homens apertaram o punho de suas espadas.

— Apenas ressalto, lorde Ogama, que seu pedaço de papel foi obtido por falsas informações e não está de acordo com a lei. A presença é e sempre foi cercada por homens ambiciosos... e mulheres também. Foi por isso que ele concedeu direitos perpétuos ao xógum Toranaga e ao xogunato para orientá-lo em todas as questões...

Uma gargalhada interrompeu-o e deixou todos os samurais ao longo dos muros ainda mais nervosos.

— Orientar? Orientar, você disse? A divindade ser orientada por Anjo Nori, Toyama, Adachi, e agora aquele retardado do Zukumura? Por tolos incompetentes, que prevalecem sobre você quando querem, fazem acordos estúpidos com os infames *gai-jin*, contra os conselhos de todos os *daimios*, acordos que expõem a terra dos deuses e todos nós à destruição? — O rosto de Ogama contraiu-se em raiva. — Ou ele deve esperar a orientação do menino Nobusada sobre a melhor maneira de tirar castanhas do fogo?

— Você e eu, Ogama-dono, não precisamos esperar — disse Yoshi, suavemente, sabendo que sua maior força era se manter calmo. — Vamos discutir isso em particular... só nós dois.

— Quando?

— Agora.

Desconcertado por um instante, Ogama hesitou. Olhou para Basushiro. O homenzinho sorriu apenas com o rosto.

— Eu diria que assuntos importantes devem ser discutidos em aberto, Sire, não que meus pobres conselhos sejam de algum valor. Os acordos particulares podem às vezes ser mal interpretados, por qualquer dos lados... esta era a regra de seu honrado pai.

Os olhos de Ogama tornaram a se fixar em Yoshi.

— A visita do xógum ao imperador, para demonstrar sua submissão, “pedir conselho”, pela primeira vez em todo o período Toranaga, isso nega a própria essência de sua estrutura Toranaga, não é mesmo? Pior ainda, prejudica qualquer futuro acordo entre o filho do céu e... futuros líderes, pois é claro que mortais governarão, não é mesmo?

— Em particular, Ogama-dono.

Ogama hesitou de novo, os olhos escuros se contraindo no rosto curtido. Contra a sua vontade, apesar de saber que aquele homem

era o único que tinha o potencial de mobilizar oposição suficiente para impedi-lo de alcançar o prêmio que procurava, ele gostava da confrontação, do encontro cara a cara. Acenou com a mão, dispensando Basushiro, que obedeceu no mesmo instante, embora com uma desaprovação ostensiva. Akeda fez uma reverência e também se afastou, ainda mais vigilante pela esperada traição, sobre a qual fora alertado.

— So ha?

Yoshi inclinou-se um pouco para a frente, manteve a voz baixa, os lábios mal se mexendo, para o caso de Basushiro, que se postara além da possibilidade de ouvir, conhecer leitura labial:

— A votação do conselho foi de quatro a um a favor da visita do xógum. Fui o único contra. Claro que a visita é um grande erro, mas Anjo não pode e não quer compreender isso. O atual conselho votará como ele quiser, sobre qualquer assunto. Nobusada é um títere, até completar dezoito anos, daqui a dois, quando poderá formalmente promover muitas mudanças e criar diversos problemas, se assim desejar. Isso responde a todas as suas perguntas?

Ogama franziu o rosto, atônito com a franqueza do oponente.

— Disse “em particular”, Yoshi-dono, e o que me disser em particular relatarei mais tarde para meus conselheiros, e você fará a mesma coisa.

— Alguns segredos ficam mais bem guardados entre líderes do que... — Yoshi fez uma pausa, antes de acrescentar, incisivo: —... do que entre certos servidores.

— E o que isso significa?

— Você tem espiões... servidores... dentro dos meus portões, neh? De que outra forma poderia saber tão depressa da minha chegada? Não pensa que não tenho homens aqui e espiões dentro dos seus muros, não é mesmo?

A expressão de Ogama se tornou mais sombria.

— Que segredos?

— Segredos que devemos guardar. Por exemplo, Anjo está muito doente, e morrerá em um ano... ou no mínimo terá de renunciar.— Yoshi percebeu o lampejo imediato de interesse, que Ogama não foi capaz de ocultar. — Se quer uma prova, posso lhe dizer como seus espiões devem fazer para confirmar.

— Seria ótimo, obrigado — disse Ogama, registrando a informação para ação imediata, sem esperar por orientação. — Claro que eu gostaria de ter meios de confirmar uma notícia tão agradável. E daí?

Yoshi baixou a voz ainda mais:

— Durante esse ano... se fôssemos aliados... seria fácil garantir a sua designação para ancião. E depois, juntos, aprovaríamos os outros três.

— Duvido muito que pudéssemos concordar, Yoshi-dono — disse Ogama, com um sorriso irônico — nem sobre um conselho, nem sobre qual dos dois seria o tairo, o líder.

— Mas eu votaria em você.

— Por que seria tão estúpido? — indagou Ogama, impassível. — Deve saber que eu trataria de destruir seu xogunato, o mais depressa possível.

— Na forma como ele existe agora, concordo que devemos mesmo destruí-lo. Eu bem que gostaria de fazê-lo agora. Se tivesse o poder, já o teria feito, promovido reformas, aproveitando as sugestões de um conselho de todos os *daimios*, inclusive os lordes exteriores.

Ele percebeu o espanto de Ogama aumentar e compreendeu que estava prevalecendo.

— Mas não posso fazer nada agora, devo esperar que Anjo renuncie ou morra.

— Por que não mais cedo em vez de mais tarde, hem? Se ele é a pústula que o incomoda, fure-a! Não estão juntos no castelo em Iedo?

— Isso precipitaria a guerra civil que não quero, que não interessa a nenhum *daimio*. Concordo que o xogunato e o *Bakufu* devem ser reorganizados de uma maneira radical... suas opiniões e as minhas são bastante similares. Sem o seu apoio, eu não poderia efetuar as reformas. — Yoshi deu de ombros. — Pode ser difícil acreditar, mas isto é uma oferta.

— Com Anjo fora do caminho, você poderia fazer qualquer coisa que quisesse. Poderia atrair Sanjiro e o tolo de Tosa, talvez os dois juntos, não é mesmo? Se vocês três se aliassem contra mim, eu poderia me considerar um homem morto e meu feudo acabar.

Depois, você os divide, e assume o poder total. — Os lábios de Ogama se contraíram num sorriso que não era um sorriso. — Ou, o que é mais provável, eles permanecem unidos contra você.

— Muito mais provável. Assim sendo, por que não ficar com o poder para nós, em vez de deixar para eles? Primeiro, juntos, esmagamos Tosa.

Outra vez a risada curta e ríspida.

— Não seria fácil, não com Sanjiro e suas legiões de *Satsuma* prontos para partirem em socorro de Tosa... ele nunca permitiria que esmagássemos Tosa, pois ficaria isolado e seria nosso alvo seguinte. Nem sequer permitiria que eu sozinho destruísse Tosa, o que poderia fazer, no momento oportuno, muito menos aceitaria uma aliança entre nós. Não é possível separá-los, embora se odeiem mutuamente. Ao final, conseguiríamos derrotá-los, mas não temos condições de manter uma guerra prolongada... ainda mais com os *gai-jin* em nossas praias, ansiosos em nos explorar.

— Vamos deixar os *gai-jin* de lado por enquanto, exceto para dizer que me oponho aos tratados, quero que todos os *gai-jin* sejam expulsos, quero... com todo o meu empenho... cumprir o desejo do imperador, quero que os anciãos sejam substituídos e a maioria do *Bakufu* dispensada.

Ogama deixou que seu espanto prevalecesse, mais uma vez, incapaz de acreditar nos próprios ouvidos.

— Tais pensamentos particulares, pensamentos letais, expressos com tanta franqueza, não permanecerão em segredo por muito tempo. Se forem verdadeiros.

— São verdadeiros, mas apresentados em particular, entre nós. Eu me arrisco com você, sem dúvida. Mas há um propósito: o Nipão. Proponho uma aliança secreta: juntos, podemos controlar todo o poder. Você é um bom líder, domina os estreitos de Shimonoseki. Mas seus canhões não podem deter os navios *gai-jin* até conseguirmos comprar ou construir uma esquadra igual, além de modernizar nossos exércitos... navios, canhões, fuzis dos *gai-jin*, tudo o que precisarmos. E você é bastante forte e bastante inteligente para perceber os problemas com que nos defrontamos.

— Quais são esses problemas?

— Os cinco principais: um xogunato fraco, estúpido e ultrapassado, apoiado por um *Bakufu* ainda mais estúpido; segundo, a nação está dividida; terceiro, os *gai-jin* e nossa necessidade de modernizar, antes que seus navios, canhões e rifles nos escravizem, como fizeram com a China; quarto, como eliminar todos os *shishi*, cuja influência cresce, apesar de ainda serem poucos; e quinto, a princesa Yazu.

— Concordo com os quatro primeiros. Mas por que ela é um problema?

— Nobusada é um menino, impertinente e simplório, e creio que continuará assim. Por outro lado, ela é forte, instruída e astuciosa... uma astúcia além dos seus anos.

— Mas é uma mulher — interrompeu-o Ogama, irritado. — Não tem exército, não tem recursos e depois que se tornar mãe todas as suas energias serão consumidas com os filhos. Está vendo fogo numa tigela com água.

— Mas digamos que o marido dela seja impotente.

— Como?

— É isso o que os médicos dele me contam. E digamos que ele esteja totalmente sob o encantamento da mulher... acredite em mim, a princesa possui toda a astúcia e insídia de uma mulher-lobo! Esta visita é idéia dela, o início de seu plano, de submeter o marido e, por seu intermédio, todo o xogunato às garras dos sicofantas da corte, que não têm qualquer experiência temporal, dariam conselhos errados à divindade e arruinariam a todos nós.

— Ela jamais conseguiria isso, por mais esperta que seja — declarou Ogama. — Nenhum *daimio* aceitaria tamanha loucura.

— Primeiro passo: a visita. Segundo passo: o xógum fixa residência permanente no palácio. Daí por diante, com o apoio dos pedidos do imperador, irmão dela, as decisões são tomadas por todos os amigos da princesa, um dos quais é seu príncipe Fujitaka.

— Não acredito nisso!

— Claro que ele nunca vai admitir. Posso lhe apresentar provas, dentro de algum tempo, de que ele na verdade não trabalha por você, mas sim contra você. — Yoshi continuava a falar em voz baixa, impregnada de sinceridade. — Depois que Nobusada ficar para sempre dentro dos muros, ela é quem vai governar. É por isso que constitui um problema.

Ogama suspirou, recostou-se, avaliando mais uma vez as palavras de seu adversário, muitas das quais eram verdadeiras, especulando até que ponto podia confiar nele. Sem a menor dúvida, uma aliança secreta oferecia boas possibilidades, se o preço obtido fosse bastante alto.

— A solução para ela é romper o casamento — murmurou ele. — Foi pedida a aprovação do imperador para o casamento, não é? Talvez o imperador tenha o maior prazer em solicitar a anulação. Assim, você a neutraliza e recupera o apoio dos muitos que detestam a ligação com Toranaga como uma grosseira impertinência... o que não é minha opinião.

Ele acrescentou a última frase ao perceber um súbito rubor em Yoshi. Não queria um choque ostensivo por enquanto, ainda restava muito para ouvir e decidir. Depois de um momento, Yoshi acenou com a cabeça.

— Uma boa idéia, Ogama-dono. Não havia me ocorrido. — E não ocorrera mesmo. Quanto mais pensava a respeito, mais atraentes pareciam as possibilidades. — Isso deve ter prioridade. Excelente.

No outro lado da praça, um cavalo relinchou, irrequieto, empinou. Os dois observaram, enquanto o soldado acalmava o animal. Ogama especulou, em seu coração mais secreto, se depois que eliminasse Yoshi, em seguida Nobusada, o resto dos Toranagas e seus aliados, tornando-se o xógum, deveria herdar também a princesa imperial.

Nenhuma mulher jamais seria um problema para mim, ela geraria filhos tão depressa que até os deuses sorririam.

— Qual é sua proposta? — perguntou ele, a cabeça fervilhando com os caminhos espetaculares que uma aliança temporária lhe abririam.

— Fazemos um acordo secreto a partir de hoje, para juntar forças, exercer influência e formular planos: primeiro, para esmagar os *shishi*; segundo, para neutralizar Anjo e Sanjiro de *Satsuma*; terceiro, para um ataque de surpresa a Tosa, como prioridade. No momento em que Anjo morrer ou renunciar, proporei seu nome para substituí-lo como ancião e garanto sua escolha. Ao mesmo tempo, Zukumura renuncia e poremos em seu lugar alguém que escolheremos de antemão. Três a dois. Conservo Toyama e Adachi é substituído por seu indicado. Eu voto para que você seja o líder do conselho.

— Com o cargo de tairo.

— Para ser ministro-chefe do conselho, já é suficiente.

— Talvez não. Em troca de quê?

— A partir de hoje, os feudos de Tosa e *Satsuma* são considerados inimigos. Você empenhará todas as forças necessárias para um ataque conjunto a Tosa, assim que for viável. Dividimos o feudo.

— Como ele é um lorde exterior, suas terras devem ir para para um lorde exterior.

— Talvez sim, talvez não — disse Yoshi, tranquilo. — Você concorda que nunca vai se aliar com Tosa e *Satsuma* contra mim, nem contra o xogunato. Se por acaso Tosa ou *Satsuma* o atacarem, juntos ou separados, eu me comprometo a apoiá-lo de imediato, com uma força maciça.

— O que mais? — indagou Ogama, impassível.

— Você concorda que não vai tomar partido contra mim, assim como eu concordo que não tomarei partido contra você.

— O que mais?

— De hoje em diante, discretamente, cada um à sua maneira, trabalhamos para anular o casamento.

— O que mais?

— Por último: os portões. Você concorda que forças legais e legítimas do xogunato recuperem o controle, a partir do alvorecer de amanhã.

Ogama amarrou a cara.

— Já lhe mostrei que sou o representante legal e legítimo da divindade.

— Já ressalttei que, embora o documento tenha sido assinado de forma correta, a assinatura foi lamentavelmente obtida por meios indevidos.

— Sinto muito, mas a resposta é não.

— Os portões devem retornar ao controle do xogunato.

— Neste caso, não temos mais nada a conversar.

Yoshi suspirou, os olhos contraídos.

— Neste caso, lamento dizer, haverá novo pedido do imperador... para você deixar os portões e abandonar Quioto, com todos os seus homens.

Com a mesma frieza, Ogama sustentou o olhar de Yoshi.

— Duvido.

— Eu, Yoshi Toranaga, garanto isso. Daqui a seis ou sete dias, o xógum Nobusada e sua esposa estarão dentro do palácio. Como guardião, tenho acesso imediato a ele... e a ela. Ambos aceitarão a correção dos meus argumentos... sobre os portões e muitas outras coisas.

— Que outras coisas?

— Os portões não deveriam ser um problema para você, Ogama-dono. Eu daria garantias de que não alardearia isso em seu detrimento, aceitando “agradecido o seu generoso convite para assumir o controle” e não os fortificaria contra você. O que é tão difícil assim? Os portões, de modo geral, não passam de um símbolo. Advirto-o formalmente: para manter a paz e garantir a ordem na terra, até a morte ou renúncia de Anjo, o xogunato deve ter o controle dos portões.

Ogama hesitou, num dilema. Yoshi podia facilmente providenciar outra “solicitação” do imperador, que ele teria de aceitar.

— Eu lhe darei uma resposta dentro de um mês.

— Sinto muito, mas o limite é daqui a seis dias, ao meio-dia.

— Por quê?

— Nobusada chega a Otsu daqui a cinco dias. Ao anoitecer do sexto dia, Nobusada passará pelos portões. Exijo a posse, mesmo que seja temporária, antes disso.

Yoshi falou com a maior gentileza, uma polidez extrema. Seus olhos tornaram a se encontrar. Em voz neutra, mas também polida, Ogama disse:

— Pensarei a respeito de tudo isso, Yoshi-dono.

Depois, ele fez uma reverência, Yoshi retribuiu, os dois foram para seus palanquins, e todos na praça suspiraram de alívio, porque a provação terminara e o esperado banho de sangue não se consumara.

Sexta-feira, 21 de novembro:

A estação de posta de Otsu estivera movimentada durante o dia inteiro, num crescendo de excitação, a expectativa acompanhada pelo medo, nos preparativos finais para a escala naquela noite dos augustos visitantes, o xógum Nobusada e a princesa Yazu. Há semanas que os cidadãos varriam as ruas, limpavam todas as habitações e privadas externas... telhados, paredes, poços, jardins, novos ladrilhos, *shojis*, tatames. A estalagem das Muitas Flores, a melhor e a maior de Otsu, ainda se encontrava num estado de quase pânico.

Começara no momento em que se soubera que os abençoados visitantes haviam declinado a hospedagem no castelo próximo de

Sakamoto, pertencente ao xogunato, que ornamentava a região antes mesmo de Sekigahara, preferindo a estalagem.

— Tudo deve ser perfeito! — gemia o proprietário, extasiado, mas ao mesmo tempo apavorado. — Qualquer coisa que não estiver perfeita valerá a degola ou no mínimo uma surra de chicote, quer seja homem, mulher ou criança! A história da honra que nos foi concedida nesta única noite será lembrada pelos tempos afora... o nosso sucesso ou fracasso! O lorde xógum em pessoa? Com toda a sua glória? E a esposa, uma irmã da divindade? Oh ko...

Ao final da tarde, velado, cercado por guardas e conselheiros, a salvo de qualquer observador, o xógum Nobusada deixou apressado seu palanquim e atravessou os portões para a área isolada da estalagem que lhe fora reservada, acompanhado pela princesa imperial e sua comitiva de guardas pessoais, servidores, damas de companhia e criadas. Havia quarenta bangalôs tradicionais, cada um com quatro cômodos, em torno do santuário interior dos aposentos e casa de banho do xógum. Muitos tinham varandas interligadas, num labirinto de agradáveis caminhos, pontes sobre laguinhos e regatos, que desciam das colinas, tudo cercado por uma sebe espessa e aparada.

O quarto era aconchegante e impecável, com novos tatames e braseiro polidos. Nobusada tirou o chapéu velado e as roupas externas, cansado e irritado. Como sempre, o palanquim fora desconfortável e houvera solavancos.

— Já detesto este lugar — disse ele a seu camareiro, cuja cabeça encostava no chão, ao lado de uma fileira de criadas. — É muito pequeno e fedorento. Sinto todo o corpo dolorido. Já aprontaram o banho?

— Já, sim, Sire, tudo como determinou.

— Otsu finalmente, Sire — disse a princesa Yazu, o tom jovial, entrando junto com algumas damas de companhia. — Amanhã chegaremos a casa e tudo será maravilhoso.

Ela tirou também o enorme chapéu velado e as roupas externas, jogando tudo ao chão. As criadas se apressaram em recolhê-las.

— Amanhã estaremos em casa! Em casa, Sire! Valeu a pena seguir pelo caminho mais rápido, neh?

— Claro que sim, Yazu-chan — murmurou Nobusada, sorrindo, contagiado pela exuberância da esposa.

— Vai conhecer todos os meus amigos, primos, tias, tios, irmã mais velha e irmã mais nova, meu querido meio-irmão Sachi, ele tem nove anos... — Ela rodopiou, na maior felicidade. —... e centenas de outros parentes. Dentro de poucos dias conhecerá o imperador, que o receberá como se fosse um irmão também, e resolverá todos os nossos problemas. Depois, poderemos viver em tranquilidade para sempre. Faz frio aqui. Por que não está tudo pronto? E o banho?

O camareiro, corpulento e grisalho, de cinqüenta anos, com poucos dentes e enorme papada, chegara um dia antes, com um grupo de criadas e cozinheiros, a fim de aprontar os aposentos e preparar os alimentos e frutas, com uma abundância de arroz polido, para o delicado estômago do xógum, e que a princesa exigia. Havia magníficos arranjos de flores, feitos por um mestre de ikebana. Mais uma vez, o camareiro fez uma reverência, enquanto a amaldiçoava no íntimo.

— Os braseiros extras já estão prontos, alteza imperial. O banho também, assim como a refeição leve que pediu, junto com o xógum Nobusada. O jantar já foi preparado, será suntuoso...

— Emiko! Nosso banho!

No mesmo instante, a principal dama de companhia se adiantou e levou-a pelo corredor, cercada pelas outras e por várias criadas, como a rainha que era. Nobusada lançou furioso olhar para o camareiro e bateu com o pé, bem pequeno.

— Por que me deixam esperando? Mostre-me o banho e mande chamar a massagista. Quero uma massagem nas costas agora. E providencie para que não haja qualquer barulho... proíbo o barulho!

— Pois não, Sire. O capitão dá essa ordem todos os dias. Mandarei a massagista para a casa de banho. Sako estará...

— Sako? Ela não é tão boa quanto Meiko... Onde está Meiko?

— Sinto muito, Sire, mas ela ficou doente.

— Diga a ela para melhorar até o pôr-do-sol! Não é de admirar que ela esteja doente, pois eu também me sinto mal! Que viagem horrível! Baka! Quantos dias na estrada? Deve ter sido no mínimo cinqüenta e três, e menos do que... por que toda a pressa...

O capitão da escolta esperava pelo camareiro no jardim. Era barbudo, experiente, na casa dos trinta anos, um mestre renomado com a espada. Seu ajudante de ordens se aproximou.

— Está tudo em ordem, senhor.

— Ótimo. Já deve ser rotina, a esta altura. — A voz soou cansada e nervosa. Ambos usavam armaduras leves de viagem, chapéu e duas espadas, por cima da túnica do xogunato. — Só mais um dia... e depois nossos problemas vão piorar. Ainda não posso acreditar que o conselho e o guardião tenham permitido uma viagem tão perigosa.

O ajudante-de-ordens ouvira o mesmo protesto todos os dias.

— Tem razão, capitão. Mas pelo menos estaremos em nosso quartel, com mais centenas de homens.

— Não é suficiente, nunca é suficiente. Não deveríamos ter partido. Mas aconteceu e karma é karma. Inspeccione o resto dos homens e verifique se é correta a escala dos guardas. E mande o mestre dos cavalos dar uma olhada em minha égua, acho que o casco esquerdo partiu... — Ferrar cavalos era algo desconhecido no Japão na ocasião. — Ela quase refugou ao passar pela barreira, mas depois se recuperou. Volte para me apresentar um relatório.

O homem se afastou, apressado. O capitão sentia-se mais satisfeito do que o habitual. A inspeção da estalagem e do terreno, dentro das

altas cercas de bambu do perímetro externo, e daquele setor em particular, cercado por sebes, com um único portão, deixara-o convencido de que o conjunto de bangalôs do xógum seria fácil de defender. A estalagem fora vedada a quaisquer outros viajantes naquela noite, as sentinelas conheciam a senha e todos se mantinham em alerta máximo. Ninguém podia se aproximar a menos de cinco metros do xógum e sua esposa sem permissão e ninguém, jamais, com qualquer arma... exceto o guardião, os anciãos do conselho e ele próprio, com os guardas que o acompanhassem. A lei era bastante conhecida, a punição para uma aproximação armada era a morte, tanto para o homem armado quanto para os guardas desatentos... a menos que fossem perdoados pelo xógum pessoalmente.

— Ah, camareiro! Houve alguma mudança de planos?

— Não, capitão. — O velho suspirou, coçou a testa, a papada tremendo. — Os augustos estão se lavando, como sempre; depois descansarão, como sempre; depois irão para o banho real e receberão uma massagem ao pôr-do-sol, como sempre; depois jantarão, como sempre; jogarão Go, como sempre, e irão se deitar. Tudo em ordem?

— Por aqui, sim.

O capitão tinha um destacamento de cento e cinqüenta samurais dentro do conjunto, que media cerca de duzentos metros quadrados. Uma unidade de dez homens guardava a única entrada, uma ponte sobre um regato, que levava aos portões ornamentados. Ao longo de toda a sebe do perímetro, havia samurais postados a intervalos de dez passos. Seriam substituídos por unidades dos seiscentos samurais nos alojamentos junto ao portão principal ou instalados em estalagens próximas. Patrulhas vasculhavam o jardim e a cerca, com extrema discricção, já que qualquer barulho e a presença óbvia de samurais irritavam a princesa e, em conseqüência, seu marido.

Acima deles, as nuvens pareciam engrossar, o sol enevoado ainda não alcançara o horizonte. Um vento alto tangia as nuvens. Fazia frio e tudo indicava que esfriaria ainda mais. Os servos acendiam lanternas entre os arbustos, a luz já refletida nos laguinhos, brilhando nas pedras umedecidas um momento antes para se obter esse efeito.

— É lindo — murmurou o capitão. — De longe a melhor, embora a maioria das outras estalagens também fosse boa.

Era a primeira vez que ele realizava uma viagem assim. Durante toda a sua vida estivera dentro ou nos arredores do castelo de Iedo, com Nobusada ou nas proximidades, ou junto do xógum anterior.

— Não resta a menor dúvida de que é lindo, mas eu preferia ter o lorde xógum e sua esposa no castelo Sakamoto. Você deveria ter insistido.

— Bem que tentei, capitão, mas... mas ela decidiu.

— Ficarei mais contente quando estivermos em nosso quartel e eles dentro dos muros do palácio... e ainda mais contente quando voltarmos, sãos e salvos, ao castelo em Iedo.

— Eu também — disse o camareiro, em particular cansado do xógum e da princesa, sempre encontrando defeitos, impertinentes e petulantes. Ainda assim, pensou ele, as costas doendo, querendo também um banho e uma massagem, e as atenções de seu jovem amigo, acho que eu seria igual, se fosse tão exaltado quanto eles, tão mimado, e tivesse apenas dezesseis anos. — Posso perguntar qual é a senha, capitão?

— Até a metade da noite será “arco-íris azul”.

A duzentos metros dali, na margem leste da aldeia, havia uma velha casa de camponeses, meio em ruínas, ao final de uma viela, não muito longe da *Tokaidô* e da barreira de Otsu. Lá dentro, o líder do grupo de ataque dos *shishi*, um jovem de *Choshu* chamado Saigo, olhava ameaçador para o camponês, sua esposa, quatro filhos, pai e mãe, irmão e uma criada, ajoelhados num canto, apavorados. Aquele era o único cômodo, e servia tanto como área de comer quanto para dormir. Umas poucas galinhas esqueléticas, numa gaiola de ripas, cacarejavam nervosas.

— Lembrem-se do que eu disse. Vocês não sabem de nada, não viram nada.

— Sim, lorde, claro, lorde — balbuciou o velho.

— Cale-se! Fiquem de costas, virados para a parede, e fechem os olhos, todos vocês! Cubram os olhos com suas faixas!

Todos obedeceram no mesmo instante.

Saigo tinha dezoito anos, era alto e forte, com um rosto bonito e rude, usava uma túnica escura curta e calça iguais às dos samurais na estalagem, duas espadas, sandálias de vime, sem armadura. Após se certificar de que os camponeses se encontravam bem vendados, além de dóceis, foi sentar-se ao lado da porta, espiou pelos rasgões no papel da parede, e pôs-se a esperar.

Podia avistar a barreira e as casas da guarda com toda a nitidez. Ainda não era o pôr-do-sol, por isso a barreira continuava aberta para os retardatários. Ele e seus homens haviam levado vários dias para encontrar aquele lugar, ideal para seus propósitos. A porta dos fundos dava para um labirinto de vielas e passagens, perfeito para uma retirada súbita. Naquela tarde, no momento em que a comitiva do xógum passara pela barreira, ele tomara posse da casa.

Passos. Sua mão ajeitou a espada, depois relaxou. Outro jovem entrou, em silêncio, seguido por mais um, de uma direção diferente. Logo havia mais sete lá dentro. Um permanecia de guarda lá fora, outro na esquina da viela com a *Tokaidô*, com um outro escondido na aldeia, para atuar como mensageiro e partir a galope, a fim de transmitir a boa notícia do êxito do atentado a Katsumata, em Quioto, o que seria o sinal para atacar Ogama e os portões. Eram jovens determinados, vestidos como ele, sem armadura ou identificação, antigos *goshi* — o grau mais baixo de samurai — e agora *ronin*, todos mais ou menos da mesma idade, de dezenove a vinte e dois anos. Apenas Saigo, com dezoito anos, e Tora, com dezessete, o segundo no comando, eram mais novos. A aragem que entrava pelas frestas da janela fazia-os estremecer... isso e mais a tensão.

Através de sinais, ele indicou que todos deveriam verificar suas espadas, shuriken e outras armas letais... não havia necessidade de palavras durante toda a operação. Todo o planejamento fora definido ao longo de vários dias. Haviam concordado que o ataque deveria ser desfechado em silêncio. Um olhar pela janela. O sol encostava no horizonte, o céu ainda era claro. Chegara o momento.

Solene, Saigo fez uma reverência para seus companheiros, que retribuíram. Ele tornou a se virar para os camponeses.

— Três homens estarão lá fora — avisou, em tom ríspido. — Qualquer sussurro de vocês, até eu voltar, e eles incendiarão tudo.

Outra vez o velho balbuciou um assentimento.

Saigo gesticulou para os outros. Todos o seguiram, inclusive o guarda lá fora, e o que se postava na esquina. Não era mais possível voltar atrás. Os que eram budistas murmuraram uma prece final diante de um santuário, enquanto os xintoístas acendiam um último bastão de incenso, juntando seus espíritos ao filete de fumaça, que representava a fragilidade da vida. Todos haviam escrito seus poemas de morte, que estavam nos bolsos das túnicas. Orgulhosos, indicaram seus feudos corretos, apenas os nomes eram falsos.

Na via, dividiram-se em duplas, seguindo por caminhos separados. Logo assumiram suas posições, agachados entre o mato alto junto acerca do perímetro, nos fundos da estalagem, à vista uns dos outros, Saigo no canto sudeste. A cerca tinha três metros de altura, resistente, de bambus gigantes, com espigões no topo. Àquela altura, as sombras começavam a perder as formas face ao crepúsculo que se adensava.

Esperando. Coração batendo forte dentro do peito, palmas suadas, atentos ao menor ruído de uma patrulha inimiga. Um gosto estranho e forte em cada boca.

Pontadas de dor nas virilhas. Em algum lugar nas proximidades, um grilo iniciou seu chamado urgente de acasalamento, lembrando Saigo de seu poema de morte:

Um grilo com seu canto alegre,

Mesmo assim morre num instante,

Melhor partir alegre do que triste.

Ele sentiu os olhos se enevoarem, da mesma forma que acontecia com o céu. Era lindo experimentar tamanha felicidade e, ao mesmo tempo, uma tristeza tão profunda.

Podiam ouvir vozes no outro lado da cerca, servos, criadas, samurais ocasionais, o retinir de pratos de metal, pois a cozinha não era muito distante. Esperando. O suor escorria pelo rosto de Saigo. De repente ele ouviu o farfalhar quase imperceptível de um quimono e uma moça sussurrar:

— Arco-íris azul... Arco-íris azul.

Silêncio. E outros sons da estalagem. Saigo gesticulou para Tora, ao seu lado. O jovem se encaminhou apressado para as outras unidades, sem fazer qualquer barulho, transmitiu a senha e voltou. A um sinal de Saigo, cada dupla pegou a escada feita com antecedência, camuflada e escondida na vegetação, e a encostou na cerca. Saigo tornou a observar o céu. No momento em que a última réstia do sol desapareceu, outro sinal, e todos subiram, passaram por cima da cerca ao mesmo tempo, pularam para o chão no outro lado e ficaram agachados, imóveis, entre os arbustos bem cuidados, mas prontos para um ataque frontal imediato.

Por milagre, nenhum alarme ainda. Levantaram os olhos, cautelosos. À frente, a sessenta metros de distância, ficava a seção reservada ao

xógum, os telhados de colmo aparecendo por cima das sebes altas e cerradas, os telhados dos aposentos e casas de banho centrais um pouco mais elevados. A entrada principal situava-se um pouco longe, as portas ainda abertas. Tudo exatamente como esperavam. Exceto pelos guardas, muito mais numerosos do que fora previsto. A bília subiu a cada boca.

À direita ficava a cozinha principal, com enormes caldeirões fumegantes e uma concentração de servidores... com mais guardas ali. À esquerda e ao redor do conjunto havia diversos bangalôs de hóspedes, em outros jardins, com regatos e pontes, cada um com seu caminho de entrada bem cuidado, serpeando entre os arbustos. Silêncio ali, sem luzes no interior, apenas uma lanterna acesa na varanda da frente. Mais angústia, pois esperavam que aqueles bangalôs estivessem ocupados, para servir como cobertura e diversão necessária.

Karma, pensou Saigo. Mesmo assim, nossas posições foram bem previstas, assim como as do inimigo, o plano é bom, e conhecemos a senha. Durante as duas semanas anteriores, disfarçado como samurai comum a viajar, ele encontrara a cortesã apropriada e se insinuara em suas emoções, fazendo com que o conduzisse por uma excursão secreta pelo terreno... até mesmo aos lugares em que os augustos viajantes deveriam repousar.

— Por que não? — sussurrara ele. — Quem vai saber? Eles só chegarão daqui a alguns dias... ah, você é tão bela! Vamos nos unir onde um xógum e uma irmã do filho do céu vão deitar... será uma coisa que contaremos para nossos netos. Acho que nunca a deixarei...

Fora também fácil descobrir uma criada da casa de banho, que era adepta secreta dos *shishi*, e persuadi-la que não haveria risco em escutar e sussurrar umas poucas palavras para a noite.

Ele sentiu Tora tocar em seu braço. Ansioso, o jovem apontou. Uma patrulha passara pelos portões. Começava a circular pelos jardins. Pequenas poças de luz brilhavam sob as lanternas. Era inevitável que a patrulha viesse para aquele lado, passasse muito perto. O sinal de Saigo, o pio de uma ave noturna, deu a ordem.

No mesmo instante, todos abaixaram-se ainda mais entre as folhagens, cabeças curvadas, mal respirando. A patrulha aproximou-se e logo passou, sem avistá-los... como Katsumata previra, ao sugerir o plano de ataque:

— Inicialmente, será fácil passarem despercebidos no escuro. Nunca esqueçam que a surpresa está do lado de vocês. Sua infiltração será inesperada. Quem ousaria atacar o xógum, quando ele se encontra cercado por tantos homens? E numa estação de posta? Impossível! Lembrem-se de que num ataque furtivo, de surpresa e veloz, dois ou três de vocês alcançarão a parte central... e um só é suficiente.

Saigo observou o inimigo se afastar. Uma exultação maravilhosa dominou-o, toda a sua confiança voltou. Outra curta espera, até a patrulha inimiga sumir de vista, e ele gesticulou a fim de que os grupos de ataque se deslocassem para as posições predeterminadas. Protegidos pelos arbustos, quatro homens se esgueiraram para a sua direita, dois para a esquerda. Assim que todos se postaram nos lugares certos, ele respirou fundo, para ajudar a diminuir as batidas do coração. O sinal, outra vez o pio de uma ave noturna, deu a ordem para começar.

No mesmo instante, a dupla na extrema direita saiu dos arbustos para o caminho, ajustando os cordões das calças, e começou a se afastar, de braços dados, como amantes. Momentos depois, foram notados pelos guardas no ponto mais próximo da sebe.

— Alto, vocês dois!

Os dois jovens obedeceram e um deles gritou:

— Arco-íris azul, Arco-íris azul, lorde sargento.

Ambos riram, simulando constrangimento por serem vistos, e continuaram a andar, de mãos dadas.

— Alto! Quem são vocês?

— Ah, sinto muito, apenas amigos, num passeio noturno — disse o jovem, em sua voz mais suave e gentil. — Arco-íris azul. Esqueceu a senha?

Um dos samurais soltou uma risada e comentou:

— Se o capitão os apanhar “passeando” pelas moitas por aqui, terão mais que um arco-íris azul e receberão outro tipo de carícias!

Mais uma vez, os dois jovens fingiram rir. Sem pressa, continuaram a andar, ignorando gritos mais estridentes para que parassem. O sargento acabou berrando:

— Vocês dois, venham até aqui imediatamente!

Eles fitaram-no por um momento, murmurando queixosos que não havia mal nenhum no que faziam. Saigo e os outros, aproveitando a manobra diversionária, deslocaram-se para as posições finais. Tensos no excitação de não terem sido notados, descansaram por um segundo, sabendo que aquela diversão estava quase encerrada. O pio de ave noturna que Saigo emitiu desta vez foi bastante alto para alcançar os dois jovens.

Sem hesitação, eles fingiram rir e saíram correndo, joviais, para longe dos guardas, de mãos dadas, como se estivessem empenhados numa brincadeira. Passaram por um ponto de luz, o que permitiu que fossem vistos com clareza, pela primeira vez. Com um grito de raiva, o sargento e quatro homens partiram em seu encalço. Sentinelas no portão principal esquadriharam a escuridão, para descobrir o que estava acontecendo, e os guardas ao longo da sebe, que podiam ver a cena, gritaram para outros, todos entrando em alerta.

Os dois *shishi* foram logo cercados. Costas contra costas, as espadas em posição, permaneceram em silêncio, sob uma barragem de perguntas; não havia nada de efeminado agora em suas posturas, ou na maneira como os lábios eram repuxados, deixando os dentes à mostra.

Enfurecido, o sargento deu um passo à frente. O jovem diante dele se preparou. A mão direita entrou pela manga, saiu com um shuriken e, antes que o sargento pudesse se esquivar, o círculo de aço de cinco pontas cravou-se em sua garganta. Ele caiu, sufocado no próprio sangue a borbulhar. Os dois *shishi* partiram para o ataque, mas não podiam romper o cerco, e embora lutassem bravamente, ferindo três samurais, não tinham como resistir aos outros, que queriam desarmá-los, capturá-los vivos, mas não conseguiram.

Um dos jovens recebeu um golpe de espada na parte inferior das costas e soltou um grito, ferido gravemente, mas não o suficiente para uma morte imediata. O outro virou-se para ajudá-lo e, nesse instante, sofreu um golpe fatal, caindo no chão, agonizante.

— *Sonno-joi*— balbuciou ele.

Transtornado, o outro ouviu-o, fez uma última e impotente tentativa de se atracar com um atacante e depois, abruptamente, virou a ponta de sua espada para si mesmo e tombou por cima.

— Chamem o capitão! — ofegou um samurai, o sangue escorrendo de um corte de espada no braço.

Outro samurai saiu correndo, enquanto os demais se agrupavam em torno dos corpos, o sargento ainda a gotejar sangue, embora morresse depressa.

— Nada podemos fazer por ele. Nunca vi um shuriken ser lançado tão depressa.

Alguém virou os dois corpos de barriga para cima.

— Olhem só, poemas de morte! São *shishi...* e ambos *Satsumas!* Devem ter enlouquecido...

— *Sonno-jo!* — murmurou outro. — Isso não é loucura.

— É loucura dizer em voz alta — advertiu-o um *ashigaru* de rosto calejado. — Se um oficial o ouvisse...

— Esses cães sem mãe sabiam a senha! Há um traidor aqui!

Todos se entreolharam, ainda mais nervosos. À direita, o pessoal da cozinha estava paralisado, sem saber o que acontecia. Muitos samurais haviam deixado seus postos na sebe e olhavam aturdidos para os corpos, proporcionando a oportunidade que Katsumata e Saigo haviam planejado.

Saigo fez outro sinal. Seus dois guerreiros mais fortes deixaram as moitas na extrema direita e correram para o canto sudeste. Foram avistados quase que no mesmo instante. Praguejando, os dois samurais mais próximos correram para interceptá-los, enquanto outros partiam em sua ajuda. E começou um violento combate corpo a corpo, a escuridão auxiliando os atacantes. Um defensor soltou um grito e caiu, com o braço quase todo cortado. Mais samurais foram atraídos da sebe, bem na frente de Saigo. Pouco antes que os samurais subjugassem os dois guerreiros, eles interromperam o combate, numa manobra coordenada, e fingiram correr em desordem para a cerca, perto da cozinha, afastando-se do local em que se encontravam Saigo e as outras três duplas. Enquanto corriam, desenrolaram cordas que levavam na cintura, com ganchos na extremidade. Ao se aproximarem da cerca, arremessaram as cordas para o alto, com extrema habilidade, prendendo os ganchos no topo. Começaram a subir, com os perseguidores redobrando seus esforços.

A esta altura, toda a atenção se concentrava naqueles dois. Os guardas perto da entrada e no outro lado do complexo do xógum, ainda sem saber exatamente o que acontecia, exceto que havia dois *ronin* à solta na área, e agora tentando escapar por cima da cerca,

correram para interceptá-los. Outros também dispararam pelo lado de fora da cerca, a fim de esperá-los ali.

Um dos *shishi* alcançou o alto da cerca, mas antes que pudesse transpô-la, uma faca empalou-o, e ele caiu para trás, entre as moitas. O outro homem abandonou sua corda, saltou para o lado do amigo e apenas teve tempo de vê-lo enfiar a própria faca na garganta, para evitar a captura vivo, antes de tombar sob uma chuva de golpes. Virou-se e lutou com extraordinária força, mas foi logo desarmado e imobilizado no chão por quatro samurais.

— Quem são vocês? — indagou um samurai, esbaforido. — Quem são vocês e o que pretendiam fazer?

— *Sonno-jo!*... obedecem a seu imperador — balbuciou o homem, e tentou de novo se desvencilhar das mãos que o seguravam, mas não conseguiu.

Outros se agrupavam ao seu redor e ele sentiu-se confiante de ter cumprido seu papel no ataque, satisfeito por ser capaz de continuar a manobra diversionária por mais algum tempo, sem medo da

captura, pois tinha um frasco com veneno na gola do quimono, ao alcance dos dentes.

— Sou Hiroshi Ishii, de Tosa, e exijo falar com o xógum!

Do lugar em que se escondiam, Saigo e seus outros cinco homens podiam ouvir o companheiro, mas a atenção deles se concentrava na sebe em frente e na entrada no outro lado. Os poucos guardas remanescentes haviam se afastado para o cerco ao homem condenado, e agora, finalmente, o alvo se encontrava aberto.

— Atacar!

Os seis homens se levantaram de um pulo e avançaram, Saigo e Tora na vanguarda. Haviam percorrido talvez a metade da distância quando soou um grito de advertência e os samurais cercando os corpos da primeira dupla correram de volta para interceptá-los. No mesmo instante, Ishii redobrou os esforços para escapar, gritando e se debatendo, para distrair aqueles que o seguravam, mas um punho cerrado acertou-o, lançando-o na inconsciência.

— Vocês dois fiquem aqui! — balbuciou o samurai, lambendo os dedos esfolados. — Não matem o filho de um cão. Vamos precisar dele vivo.

Ele se levantou, com alguma dificuldade, claudicou atrás dos outros, com um profundo corte de espada na coxa.

Alguns defensores estavam quase alcançando os seis *shishi*, que ainda corriam direto para a sebe.

— Agora! — ordenou Saigo.

No mesmo instante, a dupla à sua direita se virou, assumindo posições defensivas, com shurikens nas mãos. Cautelosos, os samurais reduziram o ritmo da corrida, desviando-se para a esquerda e direita, efetuaram fintas e depois atacaram, os shurikens

encontrando alvos, mas sem ferir com maior gravidade, e logo outro combate começou, seis samurais contra os dois.

Reforços corriam do portão principal, outros do primeiro ponto de diversão, e todos, defensores e atacantes, convergindo para a estrela-guia — o portão para o refúgio do xógum. Quando os homens do portão principal da estalagem perceberam, horrorizados, que as sebes e a entrada haviam ficado completamente desguarnecidas — embora as portas estivessem fechadas —, com Saigo e os outros três correndo depressa, não muito longe da sebe, desviaram o curso, para se posicionarem entre os *shishi* e a entrada, deixando aos outros o encargo de atacá-los. Frenéticos, correram para proteger o portão. Por trás de Saigo e Tora, os dois guerreiros atacavam, recuavam, ainda cobrindo sua retaguarda. Ambos haviam sofrido ferimentos, mas dois samurais se contorciam de dor no chão. Quatro contra dois, com outros não muito longe.

— Agora! — ordenou Saigo.

A dupla à sua esquerda desviou-se para a entrada. Era certo que a alcançariam antes dos defensores, e isso fez com que outros avançando para Saigo também mudassem de direção, seguindo para a entrada. No mesmo instante, Saigo e Tora se viraram e foram se juntar ao combate logo atrás. A carga impetuosa derrubou dois dos

quatro samurais restantes e ajudou a eliminar o resto do contingente inimigo... apenas Saigo e Tora, embora ofegantes, continuavam ilesos. No mesmo instante, Saigo ordenou:

— Agora!

Os dois homens entoaram "*Sonno-jo!*" e correram para apoiar o ataque à entrada, atraindo mais samurais, e deixando Saigo e Tora para retomar a carga na direção da sebe.

A primeira dupla de *shishi* atacando o portão alcançou a trilha estreita, correu para as portas. Um deles começou a abri-las. Nesse instante uma flecha se cravou na madeira e, logo em seguida, os dois atacantes foram atingidos, crivados de flechas disparadas por arqueiros entre os reforços. Gritaram, tentaram continuar, impotentes, e morreram de pé. A segunda dupla chegou ao caminho. Um correu para o samurai mais próximo entre os que se aproximavam, o outro para o portão, tropeçou nos cadáveres dos companheiros e morreu com quatro flechadas. Apenas uns poucos minutos haviam transcorrido desde o início.

O acesso ao caminho se encontrava aberto agora. Dentro em pouco, o mais veloz dos defensores alcançaria a entrada e, então, não haveria a menor possibilidade de que Saigo e Tora, quase ao final de sua corrida para a sebe, e devendo se desviar para o portão a qualquer instante, atingissem o seu objetivo. Por isso, os defensores diminuíram o ritmo, os arqueiros miraram sem pressa, confiantes na vitória. Para espanto de todos, no entanto, Saigo e Tora, em vez de correr ao longo da sebe, continuaram em linha reta e se lançaram contra a sebe, lado a lado.

O impulso fez com que passassem por ela, assim como a precisão do salto. Nos dias anteriores, Saigo descobrira que os galhos se entrelaçavam, mas os troncos eram separados por cerca de meio metro, e concluíra que um bom impulso, se efetuado no ponto correto, permitiria a passagem para o outro lado.

E foi o que conseguiram, embora os galhos os deixassem com o rosto e braços ensangüentados. Os dois se encontravam no ponto exato que Saigo planejara — o caminho sinuoso ao lado da varanda, que levava à casa de banho. Por um momento, não havia ninguém à vista, e depois vários servos e criadas apavoradas os contemplaram de uma porta, para desaparecer em seguida. Saigo seguiu à frente na corrida silenciosa pelo caminho, subiram os degraus, contornaram o canto da varanda. Dois homens ansiosos surgiram do nada, desarmados e despreparados, um deles o camareiro. Saigo golpeou os dois, o camareiro sofreu morte instantânea, o outro ficou ferido, e ele continuou a avançar. Tora acabou de liquidar o segundo homem, pulou sobre os corpos e foi em seu encalço.

Avançaram pela varanda, contornaram o canto, arremeteram pela tela leve de *shoji* para entrar na casa de banho. Criadas seminuas olharam para eles, em pânico: espadas ensangüentadas, os rostos cortados e pingando sangue, quimonos rasgados. O ar era quente, úmido, com uma suave fragrância.

Saigo soltou um berro de raiva. A banheira rasa e fumegante, alimentada por uma fonte de água quente, estava vazia, assim como as quatro caixas de vapor feitas de madeira e as mesas de massagem, exceto uma. Ele absorveu no mesmo instante cada detalhe da moça pequena e nua estendida ali, os olhos chocados, a boca entreaberta, dentes enegrecidos, os cabelos pretos torcidos numa toalha branca, mais toalhas por baixo do corpo, seios diminutos, mamilos de um marrom escuro, as curvas sedutoras, a pele dourada agora rósea do calor do banho, oleosa e fragrante... e a massagista cega, seminua, de pé ao seu lado, imóvel, a cabeça inclinada, escutando com total concentração.

Seria muito fácil matar a moça e todas as outras, mas suas ordens eram para não atacar a princesa, a qualquer custo. Mesmo assim, sua fúria por ter sido enganado — o momento que escolhera fora perfeito, as informações eram perfeitas, e o padrão do xógum nunca variava — fez com que sua cabeça parecesse que iria explodir. A fúria se transformou em desejo, e ele estremeceu, querendo aquela

mulher, agora, depressa, brutalmente, de qualquer maneira, a esposa antes do marido, a morte para ambos, mas só depois de possuí-la.

Os lábios se afastaram dos dentes, e ele arremeteu pela distância que os separava. As criadas se dispersaram, uma desmaiou, a princesa ofegou, permaneceu imóvel, apavorada. Mas a obsessão pelo xógum prevaleceu, e Saigo passou por ela, continuou até a porta de *shoji*, contra a qual se lançou, e continuou a correr, determinado, com Tora logo atrás, por outras varandas, a caminho dos aposentos de sua presa, os jardins à direita, cômodos à esquerda — não era mais um homem racional, mas sim um animal enfurecido, empenhado em matar. Portas de *shoji* foram abertas, rostos apareceram. Criadas, damas de companhia e servos, atraídos pela comoção, vestidos ou semidespidos para a noite, a cama ou o banho, olharam aturdidos para eles.

Não havia guardas naqueles cômodos. Ainda.

Nem qualquer oposição. Ainda.

Mais alguns cômodos para ultrapassar, portas, rostos, e depois ele viraria o último canto, a última varanda. A expectativa de Saigo aumentou ainda mais, pois o caminho era coberto e magnífico, jardins à direita e esquerda, sem ter mais de se preocupar com outros cômodos e guardas à espera, e ao final os aposentos do xógum, onde ele próprio deitara em segredo, com sua cortesã.

Todos os sentidos alertas para o perigo esperado, Tora poucos passos atrás, correndo na mesma velocidade, os sons de inimigos se aproximando. Passaram por outro cômodo. Só mais uma porta, o derradeiro perigo. Rostos na porta, um médico e um jovem tossindo, fitando-os chocados, depois ele virou a curva e iniciou a carga final, junto com Tora.

Os dois homens estacaram abruptamente. Seus corações pararam. Diante deles, um oficial e três samurais saíram pela porta do santuário, empunhando suas espadas, à espera. Uma hesitação mínima e depois Saigo correu para a morte, a sua ou a deles, Tora com o mesmo empenho, pois apenas aqueles quatro homens se interpunham entre eles e o xógum que protegiam.

— *Sonno-jo!*

O capitão sustentou a primeira carga, aparou o golpe, as espadas se juntaram, e depois ele virou a sua, atacou Saigo, enquanto dois outros samurais avançavam para Tora, o último permanecendo de reserva, como fora ordenado. Outra sucessão de violentos golpes e contragolpes, Saigo com uma confiança absoluta, tão perto do sucesso, pressionando no ataque, sentindo-se um super-homem, e sua lâmina parecendo imbuída de vontade própria, procurando a carne inimiga, como destruiria, dentro de mais alguns segundos, o menino xógum...

Houve um clarão ofuscante por trás de seus olhos, o latejar na cabeça aumentou, e ele viu de repente o médico e o menino, lembrou que alguém lhe dissera que havia um rumor de que o xógum sofria de uma tosse seca constante... não havia retratos dele, é claro, e nenhum dos shishi jamais o vira.

— Se não o encontrarem na casa de banho — dissera Katsumata, — poderão reconhecê-lo pelos dentes enegrecidos, a tosse, a proximidade da princesa, a qualidade de suas roupas... e lembrem-se de que tanto ele quanto a princesa detestam guardas por perto.

Com uma força tremenda, aumentada ao máximo, uivando como uma besta selvagem, Saigo atacou o capitão, que escorregou no chão envernizado e por um instante ficou desamparado. Mas Saigo não desfechou o golpe fatal; em vez disso, virou-se para o menino... e o último samurai encontrou a oportunidade por que esperava, segundo as ordens. Sua espada penetrou fundo no flanco de Saigo, que nada sentiu, e golpeou impotente o fantasma do xógum à sua frente, várias vezes, resvalou para o chão ainda atacando, já morto, mas sem o saber.

O capitão levantara-se de um pulo e correu para atacar Tora, acertou-o em cheio e depois, guerreiro experiente, retirou a espada e decapitou-o de um só golpe.

— Façam a mesma coisa com ele — balbuciou o capitão, apontando para Saigo.

Seu peito arfava, enquanto tentava recuperar o fôlego. Correu de volta pela varanda. Encontrou ali homens que vinham da entrada, liderados por seu segundo no comando. O capitão xingou-o, empurrou-o para o lado, seguiu em frente, dizendo:

— Cada homem neste turno deve se apresentar na praça diante da estalagem, desarmado e de joelhos! Você também!

O coração batendo forte, ele sentia uma fúria intensa, ainda não controlara seu pânico. Pouco antes do pôr-do-sol, Nobusada mandara chamá-lo e dissera, impertinente:

— Tire todos os guardas do lado interno da sebe. É um absurdo tê-los aqui. Os aposentos são pequenos e horríveis. Será que você é tão impotente e inepto que nem é capaz de garantir a segurança nesta estalagem pequena e sórdida? Temos de nos banhar com guardas, dormir com guardas, comer com eles nos olhando? Quero que se retirem. Esta noite proíbo todos os guardas aqui!

— Mas devo insistir, Sire...

— Não vai insistir em nada. Não haverá guardas no lado de dentro da sebe esta noite. A reunião está encerrada!

Não havia nada que o capitão pudesse fazer, mas também não havia necessidade de se preocupar. Claro que tudo estava seguro.

Ao ouvir os primeiros ruídos distantes e abafados do ataque, ele efetuava um circuito final e satisfatório pelo lado interno da sebe, acompanhado por quatro homens — a sebe também funcionava como uma barreira para o som. Ao chegar à entrada, ele ficara consternado ao ver quatro homens correndo para a sebe, e dois para o portão. Seu primeiro pensamento fora o xógum, e partira para a casa de banho, encontrando no caminho o camareiro, que lhe perguntara:

— O que está acontecendo?

— Alguns homens nos atacam! Tire o xógum do banho!

— Ele foi falar com o doutor...

Outra corrida em pânico, passando pela casa de banho, até os aposentos, para descobri-los vazios, uma criada assustada informando que o lorde xógum se encontrava num dos aposentos ao lado da varanda, e depois a saída para o corredor, deparando com dois homens atacando, sem meios de proteger o xógum, mas concluindo que se os atacantes corriam para cá é porque talvez tivessem perdido seu suserano...

O capitão sabia agora que não sobreviveria se não encontrasse o xógum vivo. O que não demorou a acontecer. Nobusada tossia e tremia, ainda assustado, cercado por várias pessoas, que aumentavam o tumulto. O capitão logo verificou que a princesa estava ilesa, embora também histérica. Seu pânico se dissipou. Ignorou o acesso de raiva de Nobusada e disse, numa voz gelada, que intimidou todos os soldados nas proximidades:

— Mandem um mensageiro e quatro homens a toda velocidade para levarem um relatório antecipado. Exceto pelos homens deste turno, todos os guardas entram de serviço agora, dentro do conjunto, cinqüenta homens em torno dos aposentos, dois homens no canto de cada varanda. E dez homens sempre à vista do lorde xógum, até que ele esteja são e salvo dentro dos muros do palácio.

No meio da manhã seguinte, dentro dos muros do palácio, Yoshi atravessava apressado o círculo exterior de jardins, sob uma chuva leve. O general Akeda caminhava ao seu lado.

— É perigoso demais, Sire — disse ele, com medo que cada moita, por mais bem cuidada que fosse, pudesse esconder um inimigo.

Os dois usavam armaduras leves e espadas, um fato raro ali, onde todos os samurais e todas as armas eram proibidos, exceto pelo xógum no poder e uma guarda imediata de quatro homens, o líder dos anciãos e o guardião do herdeiro.

Era quase meio-dia. Os dois estavam atrasados e nem notaram a beleza ao redor, lagos e pontes, arbustos floridos, árvores podadas e cuidadas ao longo dos séculos. Sempre que um jardineiro os via,

fazia uma reverência e se mantinha na posição até que sumissem de vista. Usavam mantos de palha por cima das armaduras, para se protegerem da chuva. Uma chuva intermitente caía durante toda a manhã. Yoshi acelerou os passos.

Não era a primeira vez que ele se encaminhava apressado para uma reunião clandestina na área do palácio... seguro, mas nunca totalmente seguro. Era muito difícil ter uma reunião com segurança absoluta em qualquer parte — sempre havia o receio de uma emboscada, veneno, arqueiros escondidos ou inimigos armados com mosquetes. O mesmo se aplicava a todos os outros *daimios*. Ele sabia que seu fator de segurança era bastante baixo. Tio baixo, na verdade, que seu pai e avô haviam-lhe ensinado a aceitar o fato de que a morte de velhice não tinha lugar no karma da família.

— Estamos tão seguros quanto em qualquer outro lugar do mundo
— comentou ele. — Seria inconcebível romper uma trégua aqui.

— A não ser por Ogama. É um mentiroso e impostor, deveria servir de alimento para os abutres, a cabeça espetada num chuço.

Yoshi sorriu e sentiu-se melhor. Desde que chegara a notícia assustadora do ataque *shishi*, no meio da noite, ele estivera mais nervoso do que nunca... mais do que na ocasião da morte do tio, quando fora preterido na escolha do novo xógum, com a indicação de Nobusada, mais do que na época em que o tairo Li o prendera, ao pai e toda a família, mantendo-os cativos em sórdidos aposentos. Providenciara o envio de duzentos homens para receber a comitiva na barreira de Quioto, e ao amanhecer despachara Akeda em segredo para relatar a Ogama o que acontecera, e por que tantos homens equipados para a guerra deixavam sua estacada.

— Transmita a Ogama todas as informações que recebemos e responda às suas perguntas. Não quero erros, Akeda.

— Não haverá nenhum da minha parte, Sire.

— Ótimo. Depois, entregue a carta e solicite uma resposta imediata. Yoshi não revelara a Akeda o que a carta continha, nem seu general perguntara.

Assim que Akeda voltara, Yoshi pedira:

— Conte-me exatamente o que ele fez.

— Ogama leu a carta duas vezes, cuspiu, praguejou, passou-a a seu conselheiro, Basushiro, que leu também, mantendo impassível aquela sua cara bexiguenta e repulsiva, sem nada deixar transparecer, e depois disse: “Talvez devêssemos conversar sobre isto em particular, Sire.” Eu lhes disse que esperaria. Depois de algum tempo, Basushiro voltou e declarou: “Meu lorde concorda, mas irá armado, e eu também.” O que está acontecendo, Sire?

Yoshi contou e o velho se mostrou espantado.

— Pediu para se encontrar com ele a sós? E eu serei o único guarda? É uma loucura! Só porque ele disse que irá apenas com Basu...

— Chega!

Yoshi sabia que os riscos eram enormes, mas tinha de jogar mais uma vez, precisava de uma resposta para a sua proposta sobre os portões; quando se preparava para sair, um dos muitos espiões do xogunato relatara certas conversas entre o *shishi* Katsumata e os outros na Estalagem dos Pinheiros Sussurrantes, deixando-o exultante por ter pedido o encontro.

— Lá está ele!

Ogama se encontrava parado sob uma árvore de galhos enormes, onde fora marcado o encontro, com Basushiro ao seu lado. Ambos estavam visivelmente desconfiados, esperando uma traição, mas não pareciam tão nervosos quanto Akeda. Yoshi propusera que Ogama entrasse pelo portão sul, ele usaria o portão leste, deixando seu palanquim e os guardas do lado de fora, com o salvo-conduto garantido. Depois da reunião, todos os quatro sairiam juntos pelo portão leste.

Como antes, os dois adversários se adiantaram, para conversarem a sós. Akeda e Basushiro ficaram observando, muito tensos.

— Mas que coisa! — exclamou Ogama, depois dos cumprimentos formais. — Uns poucos *shishi* atacam através de centenas de guardas, como uma faca passando pela bosta, e quase alcançam o banheiro de Nobusada, a esposa nua e o leito, antes de serem apanhados. Dez homens, você diz?

— Três eram *ronin* de *Choshu*, os dois que passaram pela sebe eram *Choshus*, um deles o líder.

Yoshi ainda não superara seu susto pelo ataque e especulou se ousaria desembainhar a espada naquela excepcional oportunidade de desafiar Ogama sozinho, já que Basushiro não representava nenhuma ameaça física, com ou sem Akeda.

Preciso de Ogama morto, de um jeito ou de outro, pensou ele, mas não agora, não quando dois mil *Choshus* ocupam os portões e me mantêm imobilizado.

— Todos morreram sem causar maiores danos, exceto a alguns guardas, os sobreviventes não continuarão neste mundo por muito mais tempo. É verdade o que dizem, que você ofereceu anistia a todos os *ronin* de *Choshu*? — Havia algum nervosismo em sua voz, e Yoshi especulou de novo se Ogama tivera alguma participação secreta no planejamento, que fora impecável, e que deveria ter tido êxito, a se dizer a verdade. — Quer fossem *shishi* ou não?

— É verdade — respondeu Ogama, apenas a boca sorrindo. — Todos os *daimios* deveriam fazer a mesma coisa, uma maneira simples e rápida de controlar os *ronin*, quer sejam ou não *shishi*. Eles constituem uma pestilência que deve ser contida.

— Concordo. Só que a anistia não vai detê-los. Posso perguntar quantos dos seus *ronin* aceitaram a oferta?

Ogama soltou uma risada.

— Com toda certeza, não os que participaram do ataque! Um ou outro até agora, Yoshi-dono. Quantos são, no total? Uma centena? Não devem chegar a duzentos, dos quais vinte ou trinta podem ser

de *Choshu*. Mas não importa se são *Choshus* ou não. — O rosto endureceu. — Não planejei o ataque, se é isso o que está pensando, nem sabia a respeito.

O sorriso sombrio ressurgiu.

— É inadmissível acalentar um pensamento tão traiçoeiro, não é mesmo? Seria fácil acabar com os *shishi*, se você e eu quiséssemos... mas o lema deles não é tão fácil de se suprimir, se é que deve ser suprimido. O poder deve voltar ao imperador, os *gai-jin* devem ser expulsos. *Sonno-joi* é um bom lema, não concorda?

— Eu poderia dizer muitas coisas, Ogama-dono, mas aliados não devem se provocar. Somos aliados? Você concorda?

Ogama acenou com a cabeça.

— Em princípio, sim.

— Ótimo. — Yoshi disfarçou o espanto por Ogama ter concordado com suas condições. — No prazo de um ano, você será o chefe dos anciãos. A partir de meio-dia, minha guarnição assume os portões.

Ele virou-se para ir embora.

— Tudo como disse. Exceto os portões.

A veia na testa de Yoshi saltou.

— Mas expliquei que preciso dos portões.

— Sinto muito. — A mão de Ogama não segurara o punho da espada, embora os pés assumissem uma posição melhor para o combate. — Aliados secretos, sim, guerra com Tosa, sim, com *Satsuma*, sim, os portões, não. Sinto muito.

Por um momento, Yoshi Toranaga não disse nada. Fitou Ogama, que sustentou seu olhar, sem medo, esperando, pronto para lutar, se fosse necessário. Depois, Yoshi suspirou, removeu as gotas de chuva da beira do chapéu de aba larga.

— Quero que sejamos aliados. E aliados devem se ajudar mutuamente. Talvez eu chegue a um acordo, mas primeiro lhe darei algumas informações especiais: Katsumata está aqui, em Quioto.

O sangue afluiu ao rosto de Ogama.

— Não é possível. Meus espiões teriam me avisado.

— Ele está aqui e há algumas semanas.

— Não há homens de Sanjiro em Quioto, muito menos esse. Meus espiões teriam...

— Sinto muito — insistiu Yoshi, a voz insinuante —, mas ele se encontra aqui em segredo, não como batedor e espião de Sanjiro, pelo menos não abertamente, Katsumata é *shishi*, um sensei de *shishi*, e o líder dos *shishi* aqui, com o codinome de Corvo.

Ogama estava aturdido.

— Katsumata é o líder *shishi*?

— Isso mesmo. E um pouco mais. Pense por um momento: ele não é o conselheiro e tático mais antigo e de maior confiança de Sanjiro? Não o enganou, por conta de Sanjiro, com seu falso pacto e a

manobra para frustrá-lo em Fushimi, permitindo que Sanjiro escapasse? Isso não significa que Sanjiro de *Satsuma* é secretamente o verdadeiro líder dos *shishi*, e que todos os assassinatos fazem parte de seu plano geral de derrubar a todos nós, a você em particular, para se tornar o xógum?

— Esse sempre foi o objetivo de Sanjiro, não resta a menor dúvida
— murmurou Ogama, confuso, percebendo que muitas ocorrências até então inexplicadas agora se ajustavam nos lugares devidos. — Se ele controla também todos os *shishi*...

Ogama fez uma pausa, subitamente furioso por Takeda nunca lhe ter contado. Afinal, Takeda não é meu espião, um verdadeiro vassalo secreto?

— Onde está Katsumata neste momento?

— Uma de suas patrulhas quase o emboscou na Estalagem dos Pinheiros Sussurrantes, há poucos dias.

A cor voltou ao rosto de Ogama.

— Ele se encontrava ali? Fomos informados que alguns *shishi* dormiam ali, mas eu nunca soube...

Mais uma vez, ele quase sufocou de raiva por Takeda não ter avisado que seu odiado inimigo estava ao seu alcance. Por quê? Ora, não importa, seria fácil cuidar de Takeda. Primeiro, porém, Katsumata. Não esqueci que Katsumata frustrou meu ataque de surpresa a Sanjiro. Se não fosse por Katsumata, Sanjiro teria morrido, eu me tornaria o lorde de *Satsuma* e não haveria a menor necessidade de conversar com Yoshi Toranaga... ele se poria de joelhos diante de mim.

— Onde ele está neste momento? Sabe o local?

— Sei onde é a casa segura em que ele esteve ontem à noite, onde talvez apareça também esta noite. — Uma pausa, e Yoshi acrescentou, a voz bem suave:— Há mais de cem *shishi* em Quioto. Eles já planejam um ataque em massa contra você.

Ogama sentiu um calafrio, sabendo que não existia nenhuma defesa eficaz contra um fanático assassino que não tinha medo de morrer.

— Quando?

— Deveria ser amanhã, ao crepúsculo... se o ataque contra o xógum fosse bem-sucedido. Depois que você morresse, com a ajuda de partidários entre suas tropas, eles tomariam os portões.

Ogama precisou recorrer a todo seu controle para não revelar a Yoshi que deveria ter uma reunião secreta com Takeda, no dia seguinte, ao crepúsculo, momento perfeito para um ataque de surpresa.

— E agora que foi um fracasso?

— A informação que recebi foi de que os líderes se reunirão esta noite para decidir. Agora, formalmente, você se encontra no topo da lista, logo depois do meu nome e de Nobusada.

— Por quê? — indagou Ogama, veemente. — Eu apoio o imperador, apoio a luta contra os *gai-jin*.

Yoshi absteve-se de sorrir, sabendo o que era melhor.

— Vamos juntar nossas forças esta noite. Sei onde fica o ponto de reunião, onde Katsumata e a maioria dos líderes devem se encontrar esta noite... há um toque de recolher do amanhecer ao anoitecer naquela parte da cidade.

Ogama exalou.

— E o preço?

— Primeiro, tenho mais uma informação que afeta bastante a nós dois.

Aumentando a apreensão de Ogama, Yoshi relatou os detalhes da reunião dos anciãos com Sir William e os outros ministros, falou de seu espião Misamoto, da ameaça de Sir William de efetuar em breve uma incursão armada a Quioto, assim que sua esquadra voltasse, e como a ameaça e o pagamento haviam sido protelados por um estratagema.

— A esquadra deles não passará por Shimonoseki... se eu assim ordenar.

— Podem fazer o percurso mais longo, contornando a ilha do Sul.

— Percurso mais longo, percurso mais curto, não faz diferença. Se desembarcarem em Osaca, ou nas proximidades, eu... ou nós vamos destruí-los.

— Na primeira vez. Com grandes perdas, mas conseguiremos, os *gai-jin* serão rechaçados. Há dois dias, no entanto, recebi um relatório secreto do departamento do *Bakufu* que lida com as informações da China. — Yoshi estendeu o pergaminho. — Leia você mesmo.

— O que diz? — perguntou Ogama, bruscamente.

— Que a esquadra de Iocoama, enviada para punir o afundamento de um único navio britânico, devastou vinte léguas da costa da China, ao norte de Xangai, incendiando todas as aldeias, afundando todas as embarcações.

Ogama cuspiu.

— Piratas. Ninhos de piratas.

Ele sabia bastante sobre a região. No passado, fora uma política histórica embora secreta de *Choshu* — e também de *Satsuma* — enviar atacantes à costa da China para saquear implacavelmente, de Xangai, para o sul, além de Hong Kong, até o estreito de Taiwan. Os chineses chamavam-nos de wako, piratas, odiando-os e temendo-os tanto que por séculos os imperadores da China haviam proibido que qualquer japonês desembarcasse em suas praias; todo o comércio entre as duas terras era conduzido apenas por não-japoneses.

— Piratas, sim, mas aquela escória nada tem de covarde. Não faz muito tempo, um exército desses mesmos *gai-jin* humilhou toda a China, pela segunda vez, incendiou o palácio de verão do imperador e Pequim a seu capricho. Suas esquadras e exércitos possuem tremendo poder.

— Estamos no Nipão, não na China. — Ogama deu de ombros. Não se sentia disposto a revelar seus planos para a defesa de *Choshu*. E

pensou: minhas costas são escarpadas, infestadas de rochedos, difíceis de invadir, bastante defensáveis, muito em breve se tornarão inexpugnáveis, assim que todas as fortificações ficassem prontas e seus guerreiros ocupassem seus postos. — E nós não somos chineses.

— Minha opinião é de que precisamos de paz entre todos os *daimios* para ganhar tempo, manipular os *gai-jin*, descobrir tudo sobre seus canhões secretos, armas secretas, navios secretos, saber como o povo de uma ilha tão pequena e repulsiva, menor que a nossa terra, tornou-se o mais rico do mundo e domina a maior parte.

— Mentiras, mentiras espalhadas para assustar os covardes aqui.

Yoshi sacudiu a cabeça.

— Não acredito nisso. Primeiro, devemos aprender, depois poderemos destruí-los, o que é impossível agora.

— Não é, não. Esta é a terra dos deuses. Tenho uma fábrica de canhões em *Choshu*, em breve haverá outras. *Satsuma* tem três pequenos navios a vapor, o início de um estaleiro; logo terá outros.
— O rosto de Ogama se contraiu. — Podemos destruir Iocoama e essa esquadra, e estaremos preparados quando os outros voltarem.

Yoshi ocultou sua surpresa pela veemência e intensidade do ódio, secretamente exultante por ter descoberto outra arma que podia usar.

— Concordo. É esse o meu objetivo. Como pode ver, Ogama-dono — disse ele, como se estivesse bastante aliviado —, pensamos da mesma maneira, embora talvez de pontos de vista diferentes. Vamos destruí-los, mas no momento certo, o momento que escolhermos, após extrairmos os seus conhecimentos, depois que nos derem os meios para frustrarmos seus planos e partirmos suas cabeças.

Uma pausa, e Yoshi acrescentou, a voz firme:

— Dentro de um ano, você e eu controlaremos o conselho e o Bakufit. Em três ou quatro anos, podemos comprar muitos fuzis,

canhões e navios.

— Pagos como? Os *gai-jin* são gananciosos.

— Um meio é carvão para seus navios. Outro é ouro. Yoshi explicou seu esquema de exploração.

— Muito esperto — murmurou Ogama, os lábios se contraindo num estranho sorriso. — Temos em *Choshu* carvão, ferro e árvores para navios.

— E já uma fábrica de armamentos.

Ogama riu, uma boa risada, e Yoshi riu também, sabendo que conseguira uma abertura.

— É verdade, e minhas baterias aumentam a cada mês. — Ogama ajeitou o manto, sob a chuva crescente, e acrescentou, incisivo: — Assim como minha determinação em disparar contra os navios inimigos, no momento em que desejar. São essas todas as suas informações, Yoshi-dono?

— Por enquanto. Posso aconselhá-lo a relaxar um pouco a pressão no estreito... de qualquer forma, é seu para fazer o que bem quiser. Isso é tudo, por enquanto, mas como aliado você receberá todos os tipos de informações sigilosas.

— Como aliado, eu esperaria as informações sigilosas.

Ogama balançou a cabeça, meio para si mesmo. Olhou para Basushiro, depois mudou de idéia sobre consultá-lo. Yoshi tem razão, pensou ele, os líderes devem ter segredos.

— Já falamos o suficiente. Katsumata: perguntei o preço. Um ataque conjunto esta noite.

— O que um aliado muito importante ofereceria?

Ogama esticou-se para aliviar a tensão no pescoço e ombros, esperando por essa indagação... pois apesar de toda a sua bravata, nada tinha de tolo. Haveria tempo suficiente para mudar uma oferta, pensou ele, embora nenhum de nós dois jamais perderia a honra barganhando como os desprezados mercadores de arroz de Osaca.

— Você pode guarnecer os portões por um mês, apenas vinte homens em cada um dos seis portões, com duzentos de meus homens estacionados nas proximidades... — Ogama sorriu —... mas não bastante perto para embarcá-lo. Qualquer pessoa entrando ou saindo receberá permissão de seu oficial nos portões, como é correto... depois de uma prévia e discreta consulta ao meu... ao meu oficial de ligação.

— Consulta?

— Consulta, como é de praxe entre aliados sigilosos, para que se possa chegar a um consenso sem maiores dificuldades. — O sorriso desapareceu. — Se mais de vinte de seus homens aparecerem, os meus homens recuperam a posse e todos os acordos são cancelados. Concorda?

Os olhos de Yoshi se tornaram impassíveis. Não havia necessidade de ameaças, pois era óbvio que qualquer manobra escusa de um dos lados cancelaria todos os acordos.

— Prefiro quarenta homens em cada portão... podemos aceitar sem problemas os detalhes da mudança da guarda... e eu guarneço os portões enquanto o xógum Nobusada e a princesa Yazu permanecerem lá dentro.

Ogama percebera a mudança.

— O xógum Nobusada, sim, mas não a princesa, que... que pode continuar lá dentro para sempre, não é mesmo? Quarenta? Está certo, quarenta em cada portão. E é claro que o irmão dela, o filho do céu, não revogará seu memorial, sua solicitação para que eu vigie os portões contra seus inimigos.

— O filho do céu é o filho do céu, mas duvido que haja cancelamento enquanto as forças do xogunato estiverem exercendo seus direitos históricos.

— Vamos esquecer essa conversa polida e falar às claras: aceitarei um artifício para salvar as aparências nos portões, em troca de Katsumata e todo o resto... seus homens se tornam a guarda de honra, seus estandartes podem ficar lá. Concordo com muito do que você disse, isso mesmo, com muita coisa, mas não renuncio à minha oposição aos "direitos históricos", ao xogunato e ao *Bakufu*...

Ogama fez uma pausa; e porque queria de fato o que lhe era oferecido, fez outra concessão:

—... ao atual xogunato e *Bakufu*, Yoshi-dono. Por favor, desculpe minha franqueza. Seria ótimo se pudéssemos ser aliados. Eu não imaginava que seria possível, nem que pudesse concordar com qualquer coisa.

Yoshi acenou com a cabeça, ocultando seu júbilo.

— Sinto-me feliz por podermos concordar, e digo com franqueza que se podemos concordar em grandes mudanças, também chegaremos a um acordo nas pequenas. Por exemplo, se tal memorial viesse do imperador, seria uma falsificação.

O sorriso de Ogama agora foi genuíno, e ele achou que chegara a um acordo perfeito.

— Ótimo. Agora, vamos cuidar de Katsumata.

O ataque ao esconderijo dos *shishi* começou poucas horas antes do amanhecer. A surpresa foi perfeita. Katsumata, todos os sublíderes e muitos outros se encontravam no local. Inclusive Sumomo.

O primeiro momento em que os dois vigias perceberam o perigo foi quando uma das choupanas, quase no final da viela, lamacenta da chuva, irrompeu em chamas, aos gritos abafados de alarme dos ocupantes e vizinhos próximos. No mesmo instante, esses homens e mulheres — todos infiltrados em segredo pelo *Bakufu*—, saíram para a viela, num pânico simulado, a manobra diversionária ajudando a encobrir a aproximação furtiva da força atacante. Quando as sentinelas foram investigar, flechas zumbiram pela noite e as liquidaram. Um dos homens ainda gritou em advertência antes de morrer.

A força principal surgiu da noite para cercar toda aquela área de habitações miseráveis. A maioria dos homens era de Ogama, a seu pedido. Yoshi concordara, dizendo que enviaria uma tropa simbólica, de homens escolhidos a dedo, sob o comando de Akeda.

Num instante, muitos dos atacantes acenderam tochas, que iluminaram parcialmente a cabana que era o alvo principal, por trás e pela frente. Uma saraivada de flechas penetrou por todas as aberturas e pontos fracos. Depois, num movimento inesperado, os

quatro homens de Yoshi armados com fuzis ocuparam suas posições, dois atrás do conjunto de cabanas, dois na frente, e dispararam várias rajadas, através das paredes de papel.

Por um momento, houve um silêncio atordoado — samurais, *shishi* e todos os moradores igualmente chocados —, pois o som de tiros em rápida sucessão era algo sem precedentes. O silêncio logo foi rompido, enquanto todos, menos os atacantes, dispersavam-se em busca de cobertura, e os feridos lá dentro soltavam gritos de dor. Uma cabana ao lado da primeira que se incendiara também pegou fogo, as chamas se espalharam depressa para a casa ao lado, para outra e mais outra, até que os dois lados da extremidade da vila se transformaram num inferno, com muitas famílias acuadas.

O capitão de Ogama que liderava o ataque não deu a menor atenção a esse perigo, que ameaçava apenas os habitantes. Ordenou a primeira onda de ataque, ignorando o conselho de Yoshi para atear fogo às cabanas, e deixar que seus homens com rifles liquidassem os *shishi*, à medida que saíssem em busca de cobertura. Quatro atacantes de Ogama tombaram sob uma impetuosa incursão de *shishi*, pela porta da frente e janelas laterais. Começou uma luta generalizada, tanto ali como nos fundos, enquanto outra incursão furiosa era contida, homens se debatendo, estorvados pelo espaço restrito, a lama e a semi-escuridão. Dois homens ultrapassaram o cerco, só para serem retalhados por outros, esperando em emboscada. Outra rajada contra a cabana foi seguida por mais uma tentativa de fuga, por parte de um grupo frenético de *shishi*, numa missão impossível, já que outro círculo de samurais os aguardava

mais além, e depois um terceiro. A fumaça dos incêndios começou a atrapalhar os atacantes e atacados.

Uma ordem de Akeda. Seus homens com tochas aproximaram-se correndo das cabanas e as arremessaram nos telhados e através das paredes de *shoji*, recuando apressados, em seguida, para oferecer uma área desimpedida aos seus companheiros com fuzis. Mais disparos, mais mortes, enquanto outro bando de *shishi* saía correndo para se juntar ao confuso combate. O cheiro de fumaça, lixo, sangue, fogo, carne queimada e morte impregnava a noite úmida. A chuva virou uma garoa.

Protegidos por guardas pessoais, Ogama e Yoshi observavam de um posto de comando, longe do fogo e do combate. Ambos usavam armaduras e espadas; Yoshi tinha seu fuzil pendurado no ombro. Havia alguns representantes do *Bakufu* ao lado deles. Na confusão furiosa, ficaram surpresos ao avistar um *shishi* romper o círculo de atacantes, correr pela viela e se esgueirar por um caminho transversal, evitando os samurais de *Choshu*.

— Aquele é Katsumata? — gritou Ogama.

Suas palavras foram abafadas no momento em que Yoshi, sem a menor hesitação, mirou o fuzil, atirou, tornou a carregar, disparou de novo. O homem caiu, gritando. Ogama e todos ao redor recuaram, pois não esperavam que Yoshi se envolvesse pessoalmente. Sem pressa, Yoshi apontou mais uma vez para o homem, que se contorcia na lama, impotente. Abala arremessou o corpo para trás. Um uivo final e torturado e o homem ficou inerte.

— Não é Katsumata — murmurou Yoshi, desapontado.

Ogama soltou uma imprecisão, pois sua visão noturna não era muito boa. Desviou os olhos do corpo para fixá-los no fuzil, folgado nas mãos de Yoshi, reprimindo um tremor.

— Usa isso muito bem.

— É fácil aprender, Ogama-dono, bastante fácil. — Com uma despreocupação cuidadosa, Yoshi pôs outra bala na culatra, convencido de que aquele era o primeiro fuzil que Ogama via. Trouxera os homens com os fuzis deliberadamente, para impressioná-lo, mantê-lo hesitante, fazer com que se tomasse mais

cauteloso em qualquer tentativa de assassinato. — Matar assim é repulsivo, covarde, desonroso.

— É mesmo. Posso examinar a arma, por favor?

— Claro. — Yoshi puxou a trava de segurança. — É um fuzil americano... o último modelo de carregar pela culatra. Receberei cinco mil em breve.

Ele exibiu um sorriso fugaz, recordando que se apropriara da encomenda de Ogama, antes de acrescentar:

— Meu ancestral foi sábio ao proibir todas as armas de fogo... qualquer pessoa pode usar uma dessas para matar, de perto ou a distância, *daimio*, mercador, assaltante, *ronin*, camponês, mulher, criança. Meu ancestral foi muito sábio. É uma pena que não possamos fazer a mesma coisa, mas os *gai-jin* tornaram isso impossível.

O fuzil pareceu estranho para Ogama, mais pesado do que uma espada, oleado e mortífero, e isso aumentou o entusiasmo do ataque, as mortes, os gritos, a batalha, saber que Katsumata se encontrava de fato lá dentro, como seus espiões haviam informado, e que muito em breve a cabeça de seu odiado inimigo estaria em exposição. Tudo se somava para deixá-lo com uma incômoda náusea.

Era bom matar assim, sem correr qualquer perigo pessoal, pensou ele, os dedos acariciando o cano, mas Yoshi tem razão, mais uma vez. Nas mãos erradas... todas as outras mãos seriam erradas. Cinco mil? Isso tornaria muito difícil um combate. Encomendei apenas duzentos e cinquenta... de onde ele tira o dinheiro, já que suas terras se acham tão endividadas quanto as minhas... ah, sim, esqueci, negociando concessões de mineração. Muito esperto. Farei a mesma coisa. Esta noite ele trouxe quarenta homens. Por que quarenta? Para me lembrar que concordei com uma guarnição de quarenta em cada portão? Quarenta homens com fuzis poderiam dizimar meus duzentos, a menos que estivessem igualmente armados.

— Tem mais fuzis aqui? — indagou ele.

Yoshi decidiu ser franco.

— Não, por enquanto.

Pensativo, Ogama devolveu o fuzil e concentrou sua atenção nas cabanas. Os sons da batalha diminuían, o ruído dos incêndios aumentava, mais e mais habitantes tentavam apagá-los, em fileiras, passando baldes com água. Os telhados e as paredes das cabanas principais ardiam agora. Houve outro combate desesperado, corpo a corpo, enquanto mais *shishi* deixavam as cabanas em chamas, muitos já feridos.

— Katsumata não está entre eles — disse Yoshi.

— Talvez ele tenha tentado escapar pelos fundos.

Ali, fora das vistas dos dois, já havia cinco *shishi* mortos no chão de terra, junto com oito samurais de Ogama, e seis feridos. Outra batalha entre três *shishi* e dez samurais de Ogama se aproximava de

sua conclusão inevitável. Um brado final de “*Sonno-jo!*” e os três homens correram para a morte. Trinta samurais de *Choshu* aguardavam a próxima tentativa de fuga. Saía fumaça pelas aberturas nas paredes de *shoji*. Um cheiro de carne queimada impregnava o ar. Nenhum movimento no interior. Um oficial gesticulou para um samurai.

— Relate ao capitão o que aconteceu aqui e pergunte se devemos esperar ou entrar.

O homem saiu correndo.

A escaramuça terminou, como todas as outras. Os três *shishi* morreram bravamente. Havia mais doze mortos, dezessete samurais de *Choshu* e um dos homens de Yoshi. Quatorze feridos, três *shishi* impotentes, desarmados, ainda vivos. O capitão ouviu o relatório.

— Diga ao oficial para esperar e matar quem tentar sair. — Ele chamou um grupo mantido em reserva. — Esvaziem as cabanas enquanto ainda há tempo. Matem qualquer um que não se render, menos os feridos.

No mesmo instante, os homens encaminharam-se para a porta. Lá dentro, soaram gritos e depois houve silêncio. Um dos homens saiu, o sangue escorrendo de um talho profundo na coxa.

— Meia dúzia de feridos, muitos cadáveres.

— Traga-os para fora antes que o telhado desabe.

Os cadáveres e os feridos foram alinhados diante de Yoshi e Ogama, com os representantes do *Bakufu* logo atrás. As tochas projetavam estranhas sombras. Vinte e nove mortos. Onze feridos impotentes. Katsumata não se encontrava entre eles.

— Onde ele está? — berrou Ogama para seu capitão, furioso.

Yoshi também se sentia irritado, sem saber exatamente quantos inimigos havia lá dentro ao começar a batalha.

— Sire, juro que ele estava lá dentro antes de começar e não saiu — respondeu o capitão, caindo de joelhos.

Ogama aproximou-se do mais próximo *shishi* ferido.

— Onde ele está?

O homem lançou-lhe um olhar furioso, através da dor.

— Quem?

— Katsumata! Katsumata!

— Quem? Não conheço... nenhum Katsumata. *Sonno-joi*, traidor! Mate-me, acabe logo com isso!

— Daqui a pouco — disse Ogama, através dos dentes semicerrados. Todos os feridos foram interrogados. Ogama examinou cada rosto — Katsumata não estava ali. Nem Takeda.

— Matem todos.

— Deixe-os morrer honrosamente, como samurais— sugeriu Yoshi.

— Está bem.

Ambos se viraram para ver o desabamento do telhado e das paredes da cabana, numa chuva de fagulhas, arrastando as cabanas adjacentes. A chuva fina recomeçara.

— Capitão! Apague o incêndio. Deve haver um porão, um esconderijo, se esse monte de bosta não é um tolo incompetente.

Ogama se afastou, dominado pela raiva, pensando que fora enganado, de alguma forma. Um oficial aproximou-se de Yoshi, bastante nervoso.

— Com licença, Sire — murmurou ele. — A mulher também não está aqui. Devia haver...

— Que mulher?

— Ela era jovem. Uma *Satsuma*. Estava com eles há algumas semanas. Achamos que era a companheira de Katsumata. Lamento dizer que também não encontramos Takeda.

— Quem?

— Um *shishi* de *Choshu* que temos vigiado. Talvez ele fosse espião de Ogama... foi visto se esgueirando furtivo para o quartel-general de Ogama no dia anterior ao fracasso de nosso outro ataque a Katsumata.

— Mas Katsumata e esses outros dois não estavam lá dentro?

— Com toda certeza, Sire. Todos os três.

— Então há um porão ou um caminho secreto de fuga.

Descobriram ao amanhecer. Um alçapão sobre um túnel estreito, com espaço apenas suficiente para se rastejar até a outra extremidade, a uma boa distância, num jardim coberto pelo mato de uma casa vazia. Furioso, Ogama chutou a entrada camuflada.

— Baka!

— Vamos oferecer uma recompensa pela cabeça de Katsumata — propôs Yoshi. — Uma recompensa muito especial.

Ele também sentia-se furioso. Era óbvio que o fracasso afetava o relacionamento manipulado e iniciado com tanta dificuldade. Mas Yoshi era astuto demais para mencionar Takeda ou a mulher... ela não tinha a menor importância.

— Katsumata deve ter permanecido em Quioto. O *Bakufu* vai ordenar que ele seja procurado, capturado e que nos tragam sua cabeça.

— Meus partidários farão a mesma coisa.

Ogama ficou um pouco apaziguado. Também estivera pensando em Takeda, especulara se sua fuga era um bom ou mau presságio. Ele olhou para o capitão que se aproximara.

— Oque é?

— Deseja ver as cabeças agora, Sire?

— Claro. Yoshi-dono?

— Eu também quero ver.

Os *shishi* feridos haviam recebido permissão para morrer honrosamente, sem mais dor. Foram decapitados de acordo com o ritual, as cabeças lavadas e agora alinhadas. Quarenta. Outra vez esse número, pensou Ogama, apreensivo. Será um presságio? Mas ele escondeu sua inquietação e não reconheceu nenhum dos homens.

— Já os vi — declarou ele, formalmente, no amanhecer chuvoso.

— Já os vi — acrescentou Yoshi, com a mesma solenidade.

— Ponham as cabeças em chuços, vinte diante dos meus portões, vinte diante do quartel-general de lorde Yoshi.

— E o cartaz, Sire? — indagou o capitão.

— O que sugere, Yoshi-dono?

Depois de uma pausa, sabendo que era outra vez submetido a um teste, Yoshi disse:

— Os dois cartazes podem avisar o seguinte: Estes proscritos, *ronin*, foram punidos por crimes contra o imperador. Que todos tenham cuidado com seus atos iníquos. Acha satisfatório?

— Acho. E a assinatura?

Ambos sabiam que isso era muito importante, uma questão de difícil solução. Se Ogama assinasse sozinho, seria uma indicação de que tinha a posse legal dos portões; se fosse Yoshi, indicaria que Ogama se encontrava subordinado a ele, o que era verdade, em termos legais, mas inadmissível. O sinal do *Bakufu* insinuaria a mesma coisa.

Um sinal da corte representaria uma intromissão indevida em assuntos temporais.

— Talvez estejamos dando importância demais a esses tolos — comentou Yoshi, simulando desprezo.

Seus olhos se contraíram quando, por cima do ombro de Ogama, avistou Basushiro e alguns guardas dobrarem a esquina da viela enlameada e se aproximarem correndo. Ele tornou a fitar Ogama.

— Por que não deixar suas cabeças em chuços aqui? Por que lhes conceder a honra de um cartaz? Aqueles que quiserem saber o que aconteceu aqui logo tomarão conhecimento de tudo... e ficarão intimidados. Neh?

Ogama sentiu-se satisfeito com a solução diplomática.

— Excelente! Concordo. Vamos nos encontrar de novo ao pôr-do-sol, e... Ele parou de falar, ao perceber a aproximação apressada de Basushiro, suado e ofegante. Foi ao seu encontro.

— Mensageiro de Shimonoseki, Sire — balbuciou Basushiro.

O rosto de Ogama tornou-se uma máscara. Ele pegou o pergaminho, foi até uma tocha. Todos o observavam enquanto abria a mensagem... e Basushiro segurava um guarda-chuva sobre sua cabeça.

A mensagem era do capitão que comandava a guarnição no estreito, datada de oito dias antes, despachada com o máximo de presteza, os homens galopando dia e noite, com a mais alta prioridade:

Sire, ontem a esquadra inimiga retornou, consistindo em nave capitânia e mais sete navios de guerra, todos a vapor, alguns rebocando barcaças com carvão, entraram no estreito. Seguindo suas instruções, de que não deveríamos atacar navios de guerra inimigos sem suas ordens por escrito, deixamos passar.

Depois da passagem da armada, uma fragata a vapor, com a bandeira francesa, voltou, numa demonstração de arrogância, e disparou sucessivas cargas de artilharia contra nossas quatro baterias na extremidade leste do estreito, destruindo-as, antes de tornar a se afastar. Mais uma vez, abster-me de retaliar, cumprindo suas ordens. Se atacado no futuro, solicito permissão para afundar o atacante.

Morte a todos os *gai-jin*, Ogama sentiu vontade de gritar, cego de raiva por toda uma esquadra inimiga ter passado ao seu alcance, como Katsumata, mas acabasse escapando à vingança... como Katsumata. Salpicos de saliva espumante surgiram nos cantos de seus lábios.

— Prepare novas instruções: ataque e destrua todos os navios de guerra inimigos.

Basushiro, ainda tentando recuperar o fôlego, murmurou:

— Permite-me sugerir, Sire, que considere “se mais de quatro ao mesmo tempo”? Sempre quis manter a surpresa.

Ogama limpou a boca, acenou com a cabeça, o coração batendo forte ao pensamento de tantos navios que poderia ter destruído. A chuva aumentara e tamborilava no guarda-chuva. Além de Basushiro, ele avistou Yoshi e diversos oficiais, esperando, observando-o, e avaliou se deveria tratar Yoshi como inimigo ou aliado, as implicações da esquadra, sua arrogância, e a própria impotência sufocando-o.

— Yoshi-dono!

Ele fez um sinal para Yoshi, e os dois, juntamente com Basushiro, afastaram-se para um ponte mais isolado.

— Leia; por favor.

Yoshi leu rapidamente. Apesar de todo o seu controle, a cor se esvaiu do rosto.

— A esquadra seguia para o mar interior, na direção de Osaca? Ou ia para o sul, na direção de Iocoama?

— Para o sul ou não, os próximos navios de guerra que passarem por minhas águas serão afundados! Basushiro, mande homens imediatamente para Osaca...

— Espere um instante, Ogama-dono — murmurou Yoshi, querendo tempo para pensar. — Basushiro, qual é a sua sugestão?

O homenzinho respondeu sem hesitar:

— Sire, no momento presumo que o destino é Osaca e que devemos nos preparar, juntos, para defendê-la. Já enviei espiões urgentes para descobrir o curso da esquadra.

— Ótimo. — Com a mão trêmula, Ogama limpou a chuva do rosto.
— Toda a esquadra *gai-jin* em meu estreito... eu deveria estar lá!

Basushiro declarou:

— É mais importante que proteja o imperador contra seus inimigos, Sire, e seu comandante agiu certo ao não disparar contra um único navio. Com toda certeza, era um stratagema para verificar sua força. Ele tinha razão ao não revelar suas defesas. Agora que a armadilha está preparada, deseja acioná-la. Como apenas um navio de guerra inimigo voltou para bombardear algumas posições mais fracas e depois partiu às pressas, presumo que o comandante da esquadra estava com medo, não se encontrava preparado para um ataque total ou para desembarcar tropas, iniciando uma guerra que nós terminaremos.

— É verdade. Um stratagemma? Concordo. Yoshi-dono — disse Ogama, decidido —, devemos iniciar logo a guerra. Um ataque de surpresa a Iocoama, quer eles desembarquem ou não em Osaca.

Yoshi não pôde responder de imediato, quase tonto com uma súbita apreensão, que tentava ocultar. Oito navios de guerra? Quatro a mais do que haviam partido para a China, o que significava que os *gai-jin* haviam reforçado sua esquadra. Por quê? Para retaliar pelos ataques de *Satsuma* e ainda pelos ataques de Ogama a seus navios. E agirão como fizeram na China. O navio *gai-jin* foi afundado no estreito de Taiwan, mas eles devastaram a costa chinesa, a centenas de léguas de distância.

Qual é o alvo mais fácil para eles no Nipão? Iedo.

Ogama compreendeu isso e seu plano secreto é justamente provocar os *gai-jin*. Se eu fosse o líder *gai-jin*, destruiria Iedo. Eles não sabem, mas Iedo é indivisível do nosso xogunato. Se Iedo acabar, o xogunato Toranaga também acaba, e a seguir a terra dos deuses ficará exposta a toda e qualquer violação.

Portanto, isso deve ser evitado, a qualquer custo.

Pense! Como conter os *gai-jin*, e também Ogama, cuja solução é oferecer nossas cabeças ao carrasco... mas não a dele?

— Concordo com seu sábio conselheiro, devemos nos preparar para defender Osaca — disse Yoshi, o estômago revirado. Depois, sua ansiedade pela segurança de Iedo prevaleceu. — Quer o destino seja Osaca, agora ou mais tarde, o fato é que uma esquadra de guerra voltou. A menos que tenhamos muito cuidado, a guerra será inevitável.

— Já chega de sermos cautelosos. — Ogama inclinou-se para Yoshi. — Eu digo que não importa se eles vão ou não desembarcar suas tropas em Osaca, devemos extirpar a pústula que tanto nos incomoda e exterminar Iocoama. Agora! Se você não quiser fazer isso, sinto muito, eu farei.

LIVRO TRÊS

32

IOCOAMA

Sábado: 29 de novembro:

— **P**assamos pela esquadra há dois dias, Sr. Malcolm, Jamie — disse o capitão do clíper, em tom jovial, disfarçando seu choque pela mudança em Malcolm, que conhecia desde que nascera, com quem rira e bebera apenas três meses antes, em Hong Kong; ele tinha agora as feições pálidas e encovadas, uma estranha expressão nos olhos, precisava de bengalas para andar ou mesmo ficar de pé. — Estávamos com todas as velas içadas, um vento de popa de força seis, navegando bem depressa, enquanto eles seguiam mais devagar, uma providência sensata, para não perder as barcaças de carvão que rebocavam.

Seu nome era Sheeling, e acabara de desembarcar de seu navio, o *Dancing Cloud*, cuja chegada fora inesperada. Tinha quarenta e dois anos, era alto, barbudo, o rosto curtido, trabalhava para a Casa Nobre há vinte e oito anos.

— Nós apenas os saudamos e continuamos em frente.

— Chá, capitão? — perguntou McFay, servindo automaticamente, sabendo por longa experiência que era a sua bebida predileta.

Enquanto estava no mar, ele sempre tomava chá com açúcar e leite condensado, de dia ou de noite. Estavam na suíte de Malcolm, sentados à mesa grande. Jamie, como o *tai-pan*, mal prestava atenção ao relato, os olhos fixados na bolsa de correspondência lacrada, com o emblema da Casa Nobre, sob o braço esquerdo de Sheeling.

O capitão tinha um gancho no lugar da mão esquerda. Quando era aspirante da marinha, durante uma viagem pelo rio *Yang-tsé*, negociando ópio, piratas da frota do Lótus Branco cercaram sua lancha e, no combate, lhe cortaram a mão esquerda. Depois, ele fora enaltecido por sua bravura. Seu amado ídolo, Dirk Struan, trouxera-o de volta do abismo e o pusera para trabalhar com o comandante de sua frota, Orlov, o Corcunda, que recebera ordens para lhe ensinar tudo o que sabia.

— Claro! — exclamou Sheeling, sorridente. Ele tomou um gole enorme. — Excelente, Jamie! Preferia um uísque, como sabe muito bem, mas isso terá de esperar até Honolulu... planejo partir imediatamente, só vim...

— Honolulu? — disseram Struan e Jamie, quase ao mesmo tempo.

Não era uma escala habitual para os clíperes da companhia, atravessando o Pacífico até San Francisco e voltando o mais depressa possível.

— Qual é sua carga? — indagou Malcolm, quase acrescentando “*tio Sheeley*”, o nome que usava nos bons tempos de sua infância.

— As coisas de sempre, chá e especiarias para San Francisco. Mas tenho ordens para entregar correspondência a nossos agentes no Havaí.

— Ordens da mãe?

Sheeling acenou com a cabeça, uma expressão de simpatia nos olhos cinza. Ouvira rumores, e se encontrava a par de parte do problema entre mãe e filho — o noivado de Malcolm e a oposição da mãe eram o tema de todas as conversas em Hong Kong —, mas tinha instruções rigorosas para não mencionar o assunto.

— Como estão os negócios no Havaí? — perguntou Malcolm, sentindo nova pontada de ansiedade. — Ela disse?

— Não. A Sra. Struan apenas me ordenou que passasse por lá.

Uma rajada de vento sacudiu as persianas. Eles olharam pela janela. Na baía: o clíper de três mastros estava ancorado, balançando nas ondas, as velas prontas para serem içadas de novo, disposto a se lançar ao mar outra vez, para enfrentar os ventos, bons e maus, qualquer coisa que tivesse pela frente. Os três homens se enfunaram, como velas de orgulho, e Sheeling experimentou intensa satisfação por comandar aquele rei dos mares. Tornou a concentrar sua atenção em Malcolm, coçou o pescoço com o gancho, distraído.

— Recebi a ordem de vir até aqui pelo mesmo motivo: a correspondência. — Ele entregou a bolsa. — Podem me dar um recibo de entrega, por favor?

— Claro. — Malcolm acenou com a cabeça para Jamie, que começou a escrever o recibo. — Quais são as novidades em Hong Kong?

— Eu diria que a maior parte consta da correspondência, mas também trouxe os últimos jornais, de Hong Kong e de Londres...

deixei lá embaixo, no seu escritório.

Sheeling tomou o resto do chá, ansioso em partir. Aquela seria sua quarta visita havaiana, ao longo dos anos, e conhecia a beleza de suas mulheres, a natureza excepcional, irradiando alegria, um lugar em que o dinheiro quase não era uma consideração, muito diferente de Hong Kong, Xangai ou qualquer outro porto em que já estivera. Desta vez comprarei alguma terra, em segredo. Sob um nome diferente. Irei para o Havaí no ano que vem, quando me aposentar, e ninguém precisa saber disso. O pensamento de largar a esposa, uma megera consumada, e os filhos vorazes, em Londres, papai me compra isto, papai me compra aquilo — não que os visse com freqüência —, deixou-o contente.

— Eu me referia às notícias locais de Hong Kong — explicou Struan.

— Ah, sim. Primeiro, sua família está muito bem, a Sra. Struan, seu irmão, suas irmãs, embora o jovem Duncan estivesse com outra gripe forte no momento em que parti. Quanto a Hong Kong, as corridas continuam sensacionais, assim como a comida, o estabelecimento da Sra. Fortheringill continua a prosperar, apesar de uma recessão, a Casa Nobre permanece em seu curso, como você já sabe melhor do que eu, bem como os rumores habituais de que sua situação não é das melhores, provavelmente espalhados pelos Brocks, mas isso também é habitual, nunca muda. — Sheeling levantou-se. — Agradeço todas as gentilezas, mas é melhor eu partir agora, aproveitar a maré.

— Não vai pelo menos ficar para almoçar?

— Não, obrigado. É melhor eu...

— Que rumores? — indagou Malcolm, em tom ríspido.

— Nada que valha a pena repetir, Sr. Malcolm.

— Por que não me chama de *tai-pan*, como todos os outros? — disse Malcolm, irritado, o medo do que podia haver na correspondência a corroê-lo. — Eu sou, não é mesmo?

A expressão de Sheeling não se alterou; gostava de Malcolm, admirava-o, lamentava pelo fardo que ele tinha agora de carregar.

— É, sim, e tem toda razão, chegou a hora de eu parar de chamá-lo de “Sr. Malcolm”. Mas, pedindo perdão, seu pai me disse exatamente a mesma coisa depois que se tornou o *tai-pan*, quando o tufão matou o... matou o *tai-pan*, Sr. Dirk. Como sabe, ele era muito especial para mim, e perguntei ao meu comandante, capitão Orlov, se podia conversar com o Sr. Culum. O capitão concordou, e eu disse ao seu pai que sempre chamaria o Sr. Dirk de *tai-pan*. E indaguei se, como um favor especial, poderia chamá-lo apenas de senhor, ou mister Struan. Ele disse que eu podia. Foi um favor especial. Poderia...

— Pelo que sei, o capitão Orlov chamava meu pai de *tai-pan* e meu pai também era especial para ele, talvez ainda mais.

— É verdade — murmurou o capitão, empertigando-se. — Quando o capitão Orlov desapareceu, seu pai me pôs no comando da frota. Servi a seu pai com todo o meu empenho, como também servirei a você, e a seu filho, se viver por tanto tempo. Como um favor especial, poderia tratá-lo da mesma maneira que a seu pai?

Sheeling era mais do que valioso para a Casa Nobre. Todos os três sabiam disso. E também conheciam sua inflexibilidade. Malcolm acenou com a cabeça, mas sentia-se magoado.

— Eu lhe desejo uma viagem segura, capitão.

— Obrigado, senhor. E... e boa sorte, Sr. Struan, em tudo. E a você também, Jamie.

Enquanto ele se encaminhava para a porta, Malcolm rompeu o primeiro lacre. Antes que o capitão tocasse na maçaneta, a porta foi aberta pelo outro lado. Era Angelique. Touca, vestido azul marinho, luvas, sombrinha. Todos os três homens prenderam a respiração por sua radiância.

— Oh, desculpe, *chéri*. Não sabia que estava ocupado...

— Não tem problema, pode entrar. — Malcolm levantou-se com dificuldade. — Quero apresentá-la ao capitão Sheeling, do *Dancing Cloud*.

— Ah, *monsieur*, é um lindo navio! Tem muita sorte.

— Também acho, miss. Obrigado — disse Sheeling, retribuindo o sorriso. Por Deus, pensou ele, nunca a tendo visto antes, quem pode culpar Malcolm? — Bom dia, miss.

Ele bateu continência e se retirou, embora não desejasse sair agora, pelo menos por mais algum tempo.

— Desculpe interromper, Malcolm, mas disse que eu viesse buscá-lo para o almoço, que será com Sir William... e espero que não tenha esquecido que marquei uma aula de piano com André esta tarde e combinei para tirarmos nosso daguerreótipo às cinco horas. Olá, Jamie.

— Nosso retrato?

— Isso mesmo. Lembra daquele italiano engraçado que chegou com o último navio de correspondência, procedente de Hong Kong, para passar uma temporada aqui? Ele faz retratos e garante que vamos ficar muito bonitos!

A maior parte da preocupação de Malcolm se dissipou e ele sentiu toda a presença de Angelique, babando por ela, embora a tivesse visto apenas uma hora antes — café em sua suíte às onze horas, um hábito que ela instituía, e que ele adorava. Durante as últimas duas ou três semanas, a disposição amorosa de Angelique parecia ter desabrochado ainda mais, apesar de ela consumir muito do seu tempo em passeios a cavalo, prática de arco e flecha, aulas de piano, planejando saraus, ou escrevendo seu diário ou cartas, o que era um modo de vida para todos. Mas, a cada momento que passava em sua companhia, ela era tão atenciosa e terna quanto uma mulher podia ser. O amor e a necessidade que sentia dela cresciam a cada dia, sufocando-o com seu poder.

— O almoço será a uma hora, querida, e passa um pouco de meio-dia —disse Malcolm e, por mais que não quisesse que ela se retirasse, acrescentou: — Pode nos dar alguns minutos?

— Claro.

Com extrema graça, Angelique pareceu dançar até ele, beijou-o e foi para sua suíte, ao lado. Seu perfume perdurou como uma lembrança deliciosa.

Os dedos de Malcolm tremeram ao romperem o último lacre. Havia três cartas lá dentro. Duas de sua mãe, uma para ele, outra para Jamie. A terceira carta era de Gordon Chen, o *compradore* da companhia e seu tio.

— Tome aqui — murmurou ele, entregando a carta para Jamie.

Seu coração batia forte, desejando que Sheeling não tivesse chegado. As outras duas cartas ardiam em seus dedos.

— Vou deixá-lo sozinho — disse Jamie.

— Não. As más notícias precisam de companhia. — Malcolm levantou os olhos. — Abra a sua.

Jamie obedeceu e leu rapidamente. Seu rosto ficou vermelho.

— É particular, Jamie?

— Diz o seguinte: “Caro Jamie”... é a primeira vez que ela usa esse tratamento em muito tempo... “você pode mostrar esta carta a meu filho, se assim o desejar. Estarei enviando Albert MacStruan, assim que puder providenciar, do nosso escritório em Xangai. Deve aceitá-lo como seu sub e lhe ensinar tudo o que puder sobre a nossa operação japonesa, para que, a menos que duas coisas aconteçam, ele possa assumir o comando, quando você deixar a companhia. A primeira coisa é o retorno de meu filho a Hong Kong até o Natal. A segunda é você acompanhá-lo.” — Jamie fitou-o, desolado. — É isso. E mais a assinatura.

— Não, não é isso! — exclamou Malcolm, sentindo que o próprio rosto se tornava quente. — Assim que Albert chegar, terá de voltar no mesmo navio.

— Não há mal nenhum em deixá-lo ficar por alguns dias, dar uma olhada nas coisas. É um bom sujeito.

— A mãe... nunca imaginei que ela pudesse ser tão cruel: se eu não obedecer e me submeter, você está despedido...

Os olhos de Malcolm desviaram-se para a cômoda. Durante as últimas semanas, fizera um imenso esforço para limitar seu consumo a uma vez por dia, mas houvera ocasiões em que fracassara.

— O láudano com moderação, Malcolm — dissera o Dr. Babcott —, é uma panacéia para a dor.

Ele pedira que Malcolm lhe mostrasse o medicamento, não para tirá-lo, apenas para verificar o conteúdo.

— É uma poção bastante forte. Lembre-se de que não é uma cura e, para algumas pessoas, se torna um vício.

— Não para mim. Preciso disso por causa da dor. Acabe com a dor e eu deixarei de tomar.

— Lamento, meu amigo, mas eu bem que gostaria de poder. Seus órgãos internos foram bastante lesionados, não demais, graças a Deus, mas mesmo assim levará algum tempo para uma cura completa.

Tempo demais, pensou Malcolm agora, ou estou pior do que Babcott quer admitir? Ele olhou para as duas cartas, relutando em abri-las. Era muita sordidez usar Jamie como arma.

— Uma indignidade.

— Sua mãe tem certos direitos — murmurou Jamie.

— Ela não é *tai-pan*, eu é que sou. O testamento do pai foi claro. — A voz de Malcolm era apática, os pensamentos em turbilhão. — Acho que o velho tio Sheeley tinha razão, você tem de fazer jus ao título, não é mesmo?

— Você é o *tai-pan*. — Jamie falou com extrema gentileza, embora soubesse que não era verdade. — É estranho que Sheeling tenha se referido a Orlov. Há anos que eu não pensava nele. Eu me pergunto o que aconteceu com ele.

— Eu também — disse Malcolm, distraído. — O pobre coitado se tornou um homem marcado depois que explodiu em pleno mar o filho número um de Wu Sung Choi. Deve ter sido seqüestrado pelos piratas do Lótus Branco. Macau é um lugar perigoso, de fácil acesso à China, e o Lótus Branco tem espiões por toda parte. Eu detestaria estar na lista deles...

A voz definhou. Ele baixou os olhos para as cartas, absorto em seus pensamentos. Jamie esperou um pouco e depois disse:

— Dê-me um grito, se eu puder ajudar. Vou examinar o resto da correspondência.

Ele saiu. Malcolm não ouviu a porta fechar. Havia o pós-escrito “eu amo você” na carta da mãe, o que indicava que não continha nenhuma mensagem secreta:

Meu querido mas pródigo filho: Eu planejava viajar no Dancing Cloud, mas decidi contra isso no último minuto, já que Duncan

passava mal, com o crupe outra vez. Talvez o que eu tenha a dizer seja melhor por escrito, pois assim não haverá equívocos.

Recebi suas mal-avisadas cartas sobre o que vai fazer e o que não vai fazer, sobre seu "noivado", Jamie McFay, miss Richaud, etc. — e sobre os cinco mil fuzis. Escrevi imediatamente e cancelei essa encomenda extravagante.

Chegou o momento para decisões às claras. Já que você não se encontra aqui, e não quer fazer o que peço, eu as tomarei. Para o seu conhecimento particular, tenho o direito de fazer isso.

Quando seu pai estava morrendo, pobre homem, não havia tempo de esperar pelo seu retorno, e por isso, quase que no último alento, ele me tornou tai-pan de fato, de acordo com todos os dispositivos no testamento e legado de Dirk —alguns deles terríveis —, todos os quais têm de ser aceitos, diante de Deus, e devem ser mantidos em segredo, de tai-pan para tai-pan. Na ocasião, era nossa expectativa que eu passaria o comando para você, assim que voltasse. Uma das leis fixadas por Dirk diz o seguinte: É dever do tai-pan jurar absoluta convicção na integridade de seu sucessor. Não posso fazer isso por você no momento. Tudo isso, mais o que se segue, repito, é apenas para seu conhecimento particular — prejudicaria a Struan, se fosse divulgado, e por isso deve destruir a carta depois de lê-la.

Pela correspondência de hoje para a Escócia, ofereci o posto de tai-pan a seu primo Lochlin Struan, filho de tio Robb, com quatro condições: primeiro, que ele venha imediatamente para Hong Kong, e passe três meses em treinamento aqui; como você sabe, ele é bem versado nas operações da companhia, mais do que você em tudo o que se refere à Grã-Bretanha, embora você seja de longe mais capacitado e melhor treinado; segundo, que ele concorde em manter tudo isso em segredo; terceiro, que ao final do período de experiência, diante de Deus, farei a escolha final entre vocês dois, e minha decisão será inapelável, é claro; quarto, que se você recuperar o juízo perfeito, ele concorda que eu devo escolhê-lo, mas ele será o seguinte, caso você não tenha filhos, com Duncan em terceiro.

Recuperar seu juízo perfeito, meu filho, significa voltar a Hong Kong de imediato, o mais tardar até o dia de Natal, sozinho, a não ser pela companhia de Jamie McFay (e do Dr. Hoag, caso queira que ele viaje junto), para conversar sobre seus planos futuros, assumir os deveres prementes e se preparar para a posição para a qual foi treinado durante toda a sua vida. Caso você demonstre ser satisfatório, eu o promoverei a tai-pan quando completar vinte e um anos, a 21 de maio.

Mostrei esta carta a Gordon Chen e pedi-lhe que comentasse o que julgasse necessário, pois nosso comprador deve, mas DEVE mesmo, pela Lei de Dirk, participar de todas as discussões sobre o poder. Sua mãe devotada. PS. Eu amo você, e um P.P.S.: Obrigada por sua informação sobre o Parlamento, mais uma manifestação da habitual estupidez deles (via o estranho canal do nosso arquiinimigo Greyforth. Tome cuidado com ele, é um homem que não nos deseja

nada de bom, mas você já sabe disso melhor do que eu). Mas é verdade, ouvimos os rumores, embora o governador ainda negue qualquer conhecimento. Escrevi para os nossos parlamentares aos primeiros rumores, dizendo-lhes que acabassem com esse absurdo, se for verdade, e para Bengala, alertando todo mundo ali. Depois de sua carta, escrevi de novo. É realmente hora de você voltar para casa, assumir seu dever e enfrentar nossos crescentes problemas.

— Dever! — gritou Malcolm para a parede.

Ele amassou a carta numa bola, arremessou-a contra a parede com toda força, machucando-se com a própria violência. Levantou-se, cambaleando, claudicou até a cômoda. O vidro continha sua dose noturna. Ele tomou tudo, quebrou o vidro no tampo de carvalho, praguejando, e quase caiu, ao tatear de volta para a cadeira.

— Ela não pode fazer isso! Não pode! Aquela... aquela desgraçada não pode fazer isso... não pode! "Voltar sozinho" significa sem Angel... não farei isso e ela não vai interferir...

Malcolm continuou a meio pensar e meio falar, as imprecações se sucedendo, até que o opiato entrou na corrente sanguínea e começou a proporcionar o alívio letal.

Depois de algum tempo, ele notou a outra carta, do *compradore*, Gordon Chen meio-irmão de seu pai, um dos muitos filhos ilegítimos de Dirk Struan.

— Conhecemos no mínimo três — disse ele, em voz alta.

Meu querido sobrinho: Já escrevi para dizer o quanto lamento sua desventura, os ferimentos, o acidente. Lamento ainda mais saber que há uma desavença entre você e sua mãe, que pode se tornar perigosa e até desintegrar a Casa Nobre — portanto, é meu dever comentar e aconselhar. Ela me mostrou a carta que escreveu para você. Não lhe mostrei a minha, nem mostrarei. Na minha, tratarei apenas da posição de tai-pan, e darei o meu conselho muito particular sobre a moça: seja chinês.

Fatos: embora você seja formalmente o herdeiro de meu meio-irmão, sua mãe alega corretamente que não passou pela cerimônia obrigatória, confirmações, juramentos e assinaturas determinados pelo testamento e legado de meu honrado pai, que são necessários antes que se torne tai-pan. Para que tudo seja válido, deve ser testemunhado pessoalmente e confirmado por escrito pelo atual compradore, que deve ser do meu ramo da casa de Chen. Só assim o escolhido vira o tai-pan.

Antes de morrer, seu pai designou sua mãe para tai-pan. Foi feito da maneira correta, com todos os detalhes obrigatórios. Eu testemunhei. Ela é tai-pan, legalmente, e tem o poder sobre a Casa Nobre. É verdade que seu pai e sua mãe esperavam que o cargo fosse transmitido logo para você, mas ela também está certa ao dizer que uma das obrigações do tai-pan é atestar diante de Deus a integridade de seu sucessor, e também é verdade que a Casa Nobre só é dirigida por quem o tai-pan, seja homem ou mulher, decidir escolher, cabendo-lhe também determinar o momento da sucessão. Meu único conselho é o seguinte: seja sensato, engula seu orgulho, volte imediatamente, submeta-se, aceite um período de "experiência", volte a ser um filho obediente, honrando seus ancestrais, para o bem da Casa. Obedeça à tai-pan. Seja chinês.

Malcolm Struan ficou olhando fixamente para a carta, seu futuro em ruínas, tudo mudado. Então ela é *tai-pan!* A mãe! Se tio Gordon

assim o diz, é verdade! Ela me privou do meu direito hereditário, a mãe fez isso comigo!

Mas não é o que ela realmente queria, ao longo dos anos? Não foi ela quem sempre adulou, suplicou, conspirou, fez tudo o que era necessário, para dominar o pai, a mim, a todos nós? Suas irritantes orações familiares todos os dias, a igreja duas vezes aos domingos, nós a seguindo, quando uma única vez é mais do que suficiente. E a bebida? "A embriaguez é uma abominação", citações da Bíblia o dia inteiro, ao ponto da insanidade, sem qualquer diversão em nossas vidas, a quaresma respeitada ao pé da letra, jejum, censuras à exuberância de Dirk Struan, que Deus o amaldiçoe, sempre dizendo como era terrível ter morrido tão jovem... nunca dizendo que ele morreu no tufão com a amante chinesa nos braços, um fato que era e ainda é o escândalo da Ásia... sempre com sermões sobre os males da carne, a fraqueza do pai, a morte de minha irmã e dos gêmeos...

Subitamente, ele se empertigou na cadeira. Insanidade? É isso mesmo! Eu poderia interná-la num hospício? Talvez ela seja insana. Será que tio Gordon me ajudaria... Pare! Eu é que estou louco. Eu que...

— Malcolm, está na hora do almoço.

Ele levantou os olhos e se descobriu a falar com Angelique, dizendo como ela estava bonita, mas será que se importaria de ir sozinha, pois ainda havia umas poucas coisas importantes a serem decididas, cartas a escrever — não, nada que a afetasse, apenas problemas de negócios —, durante todo tempo recordando o “volte sozinho” e “submeta-se, ela é *tai-pan*” martelando em sua mente.

— Por favor, Angelique.

— Claro, se é isso o que você quer. Mas tem certeza de que se sente bem, meu amor? Não está com febre, não é?

Malcolm permitiu que ela pusesse a mão em sua testa, puxou-a para seu colo, beijou-a, Angelique retribuiu, soltou uma risada alegre, ajeitou o corpete, disse que voltaria depois da aula de piano, que ele não precisava se preocupar, e deveria usar um traje de noite para o retrato, garanto que vai ficar impressionado com o meu novo vestido de baile.

E depois ele voltou a ficar sozinho, com seus pensamentos, as mesmas palavras remoendo no cérebro: “volte sozinho... Ela é *tai-pan*.” Como a mãe ousa cancelar a encomenda dos fuzis... o que ela sabe deste mercado?

Tai-pan legalmente. Portanto, ela é quem manda. Com toda certeza, até eu completar vinte e um anos, e mesmo depois. Até que ela não seja mais. Até...

Ah, essa é a solução? Foi o que tio Gordon quis dizer ao escrever "seja chinês"? Ser chinês como? Apenas ser paciente? Como um chinês enfrentaria minha situação?

E pouco antes de mergulhar em seu sono especial, Malcolm sorriu.

Era sábado, uma tarde agradável, e uma partida de futebol fora marcada. A maior parte da colônia foi assistir, com as brigas e histeria habituais, um delírio quando um lado ou outro marcava um

gol, exército contra marinha, cinqüenta homens de cada lado. O placar era exército 2 marinha 1, e o primeiro tempo ainda não terminara. As substituições e brigas eram permitidas, quase tudo era permitido, e o único objetivo era forçar a bola a passar entre as estacas do adversário.

Angelique, sentada à altura do campo, entre Sir William e o general, estava cercada pelos demais convidados do almoço — Seratard e os outros ministros, André e Phillip Tyrer —, que haviam decidido assistir ao jogo. Havia ainda ali, disputando sua atenção, oficiais britânicos e franceses, inclusive Settry Pallidar e Marlowe, o único oficial da marinha britânica. Jamie sentava perto. Quando ela voltara apressada para dizer a Malcolm que cancelara a aula de piano, o que era outra desculpa para não ter de ficar sentada com ele, e perguntar se não gostaria de ir ao jogo, encontrara-o dormindo. Por isso, pedira a Jamie para acompanhá-la.

— É melhor mesmo deixá-lo dormir... escreverei um bilhete — dissera Jamie satisfeito por qualquer pretexto para distraí-lo do desastre iminente. — É uma pena que ele não possa assistir ao jogo. Malcolm era um entusiasta dos esportes, como sabe, um grande nadador, excelente no críquete e também no tênis. É triste que ele esteja... que não seja mais como antes.

Angelique percebera que Jamie estava tão sombrio quanto Malcolm, mas não tinha importância, pensara ela, os homens em geral são sérios demais, e era ótimo ter uma companhia, para frustrar os

outros. Desde o grande dia, quando a coisa que crescia em seu ventre deixara de existir, e recuperara a saúde e o vigor, sentindo-se melhor do que nunca, ela concluía que seria uma insensatez ficar a sós com qualquer um deles. Exceto André. Para sua satisfação, ele mudara, não era mais ameaçador, nem se referia à ajuda que lhe prestara, o que ela preferia esquecer. Também não a fitava mais com grosseria, com olhos em que se podia perceber facilmente a crueldade, embora a crueldade ainda espreitasse em seu íntimo.

Era importante mantê-lo como amigo, pensou Angelique, consciente de sua vulnerabilidade. Escute, mas seja cautelosa. Algumas coisas que ele diz são boas: “Esqueça o que aconteceu antes, pois nunca aconteceu.”

André tem razão. Nada aconteceu. *Nada, exceto que ele está morto.* Amo Malcolm, gerarei seus filhos, serei a esposa perfeita, uma grande anfitriã, e nosso salão em Paris será...

Uma gritaria atraiu sua atenção. Um bando de jogadores da marinha forçara a passagem da bola entre os postes do adversário, mas os homens do exército tiraram a bola lá de dentro, e agora começara um tumulto geral, a marinha insistindo que fora gol, o exército contestando. Dezenas de marujos entraram no campo para se juntar à confusão, seguidos pelos soldados, e logo a briga se tornou generalizada, mercadores e outros aplaudindo e rindo, apreciando o espetáculo, enquanto o árbitro, Lunkchurch, tentava

desesperadamente permanecer fora da luta e ao mesmo tempo restabelecer um pouco de ordem no campo.

— Ei, olhem só... o pobre coitado está sendo chutado até a morte!

— Não precisa se preocupar, Angelique, é apenas uma brincadeira mais rude — disse o general. — É claro que não foi gol.

O homem era da marinha e por isso não o interessava. Sir William, no outro lado de Angelique, também se encontrava tão excitado quanto os outros, pois não havia nada como uma boa briga para alegrar os espíritos. Mesmo assim, consciente da presença de Angelique, inclinou-se para o general e disse:

— Não acha que devemos continuar com o jogo, Thomas?

— Tem toda razão. — O general gesticulou para Pallidar. — Acabe com essa briga, por favor... argumente com eles.

Pallidar, dos Dragões, entrou no campo, sacou seu revólver e disparou para o ar. Todos ficaram paralisados.

— Escutem bem! — gritou ele, atraindo a atenção geral. — Todos fora do campo, à exceção dos jogadores. A ordem do general: outra confusão e a partida está cancelada; os envolvidos serão disciplinados. Vamos logo!

O campo começou a se esvaziar, muitos claudicando, os feridos sendo arrastados por seus companheiros.

— E agora, senhor árbitro, foi gol ou não?

— Bom, capitão, sim e não...

— Foi gol ou não?

O silêncio era opressivo. Lunkchurch sabia que qualquer coisa que dissesse seria errada. Decidiu que a verdade era melhor:

— Um gol da marinha!

Entre aplausos e vaias, ameaças e contra-ameaças, Pallidar voltou, empertigado, muito satisfeito consigo mesmo.

— Oh, Settry, que bravura! — exclamou Angelique, com tanta admiração que Marlowe e os outros sentiram-se roídos de ciúme.

— Bom trabalho, meu caro — comentou Marlowe, relutante, enquanto o jogo, a luta, recomeçava, sob aplausos, abafados por vaias e imprecações.

— Um bom jogo, Thomas, não acha? — disse Sir William.

— É evidente que não foi gol. O árbitro...

— Conversa fiada! Cinco guinéus dizem que a marinha vai ganhar.

O pescoço do general assumiu uma tonalidade vermelha mais escura, o que deixou Sir William satisfeito e ajudou-o a superar o mau humor. Ultimamente só havia brigas e discussões na colônia e na cidade dos bêbados, cartas irritantes, protestos do *Bakufu* e da alfândega, e ele não esquecera a estupidez do general durante o motim.

Aumentando seus pesares, o último navio de correspondência só trouxera mais notícias ruins e prognósticos sombrios do Ministério do Exterior, alertando que a falta de apoio financeiro no Parlamento acarretaria grandes cortes no pessoal diplomático e *“embora os cofres do império estejam abarrotados, não haverá aumentos de salário este ano. A guerra americana promete ser a mais brutal da história, por causa da invenção recente da granada, cartucho de bronze, fuzil de carregar pela culatra, metralhadora e canhão de carregar pela culatra; com a derrota das forças da União em Shiloh e na segunda batalha de Bull Run, prevê-se, no momento, que a guerra será vencida pelos Confederados, a maioria dos analistas na City já concluiu que o presidente Lincoln é fraco e ineficaz, mas devo ressaltar, meu caro Willie, que a política de sua majestade continua a mesma: apoiar os dois lados, manter a cabeça abaixada e permanecer fora desse conflito...”*

As notícias européias também eram ruins: *tropas de cossacos russos haviam massacrado milhares de poloneses em Varsóvia, que realizavam uma manifestação contra o domínio russo; o príncipe Von Bismarck fora designado ministro-presidente da Prússia e corriam rumores de que se preparava para a guerra contra a França expansionista; a Áustria-Hungria e a Rússia pareciam se encontrar à beira da guerra outra vez; era inevitável a ocorrência de mais combates nos Bálcãs...*

E assim por diante, *ad nauseam*, pensou Sir William, franzindo o rosto. Nada muda! E não posso acreditar que o *Bakufu* fará tudo o que prometeu, o que significa que terei de impor nossa presença aqui. Ensinarei aos japoneses que uma promessa é uma promessa, se feita à soberania britânica, e lembrar a mesma coisa a Zergeyev, Seratard e aos outros.

Bombardear Iedo seria a solução mais simples e mais fácil, o que os tornaria submissos num instante. Mas tenho o problema de Ketterer... talvez sua incursão pelos livros de história o tenha mudado. Que esperança...

— Um rublo por seus pensamentos, Sir William — disse o conde Zergeyev, com um sorriso, oferecendo um frasco de prata com o

brasão da família gravado em ouro. — Vodca é bom para pensamentos.

— Obrigado.

Sir William tomou um gole, sentiu o fogo descer pela goela, lembrando-o de todos os momentos maravilhosos na embaixada em São Petersburgo, quando ainda se encontrava na casa dos vinte anos, um centro do poder, não um posto de fronteira como Iocoama, bebendo e se divertindo, bailes, balés, *dachas*, vida noturna, luxo — para os poucos privilegiados —, excitação e intriga, jantares maravilhosos e Vertinskya, nunca longe de seus pensamentos.

Por cinco de seus sete anos ali, ela fora sua amante, a filha mais nova de um ourives muito apreciado na corte, uma artista como o pai, que nunca se incomodara com a ligação, a mãe russa do próprio William gostando da moça e querendo o casamento dos dois.

— Sinto muito, mamãe, mas não há a menor possibilidade, por mais que eu deseje. O ministério nunca aprovaria. Terei de casar com Daphne, a filha de Sir William. Sinto muito...

Ele tornou a beber, a angústia pela separação ainda persistente.

— Estava pensando em Vertinskya — disse ele, em russo.

— Ah, sim! As moças da Mãe Rússia são muito especiais — comentou Zergeyev, compadecido, na mesma língua. — O amor delas, se um homem recebe essa bênção, é eterno, duas vezes eterno.

A ligação contara com a indulgência dos círculos diplomáticos e fora bem documentada pela Cheka, a polícia secreta do czar, e por isso parte do dossiê de Sir William, que Zergeyev lera, como não podia deixar de ser. Uma estupidez a moça se matar, pensou ele; nunca tivera certeza se William tomara conhecimento do suicídio, ocorrido pouco depois de seu retorno a Londres. Isso nunca fora parte do plano, nem era seu dever lhe contar. Por que ela fizera isso? Por causa de um homem tão rústico? Não era possível, com toda certeza; mas qualquer que fosse o motivo, era uma pena, pois sua utilidade, para nós dois, teria se prolongado por muitos mais anos.

— Talvez o seu Ministério do Exterior o envie de novo para lá... e há outras Vertinskyas.

— Não há muita possibilidade de que isso venha a acontecer, infelizmente.

— Vamos torcer. A outra esperança, *mon ami*, é que seu lorde Palmerston veja a lógica que devemos ficar com as Kurilas. Como os Dardanelos... os dois lugares têm de ser russos.

Sir William percebeu o brilho nos olhos escuros.

— Também não há muita possibilidade.

O apito do meio tempo soou, o placar ainda era de dois a dois, com recriminações, elogios e promessas de terríveis punições para os perdedores. No mesmo instante, Marlowe aproximou-se de Jamie.

— Acha que o Sr. Struan e... hum... e miss Angelique gostariam de se juntar a mim a bordo do *Pearl* para o almoço e um dia de passeio? — Uma pausa, e ele acrescentou, como se fosse um

pensamento repentino: — Preciso fazer algumas experiências, assim que a esquadra voltar, e seria um prazer tê-los a bordo.

— Creio que gostariam. Por que não pergunta a ele?

— Quando seria o melhor momento?

— Qualquer dia por volta das onze horas... ou pouco antes do jantar.

— Muito obrigado. — Marlowe estava radiante, mas logo percebeu a palidez de Jamie. — Você está bem?

— Estou, sim, obrigado.

Jamie forçou um sorriso e afastou-se. Estivera considerando seu futuro. Poucas semanas antes, escrevera para Maureen Ross, sua noiva, na Escócia, dizendo que não esperasse mais por ele — quase três anos desde que a vira pela última vez, cinco anos de noivado —,

que sentia muito, sabia que fora abominável mantê-la à espera por tanto tempo, mas finalmente se convencera, de forma absoluta, que o Oriente não era lugar para uma dama, e também que a Ásia não era seu lar, nem Iocoama, Hong Kong, Xangai, ou qualquer outro lugar, mas vivia aqui, e não tinha a menor intenção de ir embora. Sabia que fora injusto com ela, mas o noivado estava encerrado. Aquela seria a última carta.

Por dias sentira-se nauseado, antes de escrever, como também depois de escrever, e depois da partida do navio de correspondência. Esse capítulo estava concluído. E agora o capítulo Struan, que parecia tão promissor, com uma promoção inevitável no próximo ano, também vai terminar. Ah, Deus Todo-Poderoso! Não há a menor possibilidade de Malcolm voltar atrás e assim só me restam mais umas poucas semanas para decidir o que fazer... e não posso esquecer que Norbert voltará antes disso. E então? Será que vão mesmo travar um duelo? Farão o que bem quiserem, mas ainda assim você tem de proteger Malcolm, da melhor forma que puder.

E, depois, um novo emprego. Onde? Eu gostaria de ficar aqui, pois tenho Nemi, uma vida boa, com um futuro em aberto para construir. Hong Kong e Xangai já estão em grande parte construídas, com uma forte estrutura instalada — grande se você é um Struan, um Brock, um Cooper, e assim por diante, mas difícil de romper em caso contrário. A primeira opção seria aqui. Com quem? Com Dmitri, na Cooper-Tillman?

Poderiam me aproveitar? Claro, mas não como o homem principal. Na Brock? Claro, também, até pensei nisso nas profundezas da injustiça de Tess Struan, mas não serei o primeiro com Norbert aqui... mas se Malcolm o matasse, que golpe seria, que vingança! Lunkchurch? Com toda certeza, mas quem poderia querer trabalhar para aquele patife grosseiro? Que tal trabalhar por conta própria? Seria o melhor, todavia também o mais arriscado, e quem o patrocinaria? Precisaria de dinheiro. Tenho algum guardado, mas não o suficiente. Precisaria de muito para começar, muito para cumprir os prazos de espera, para cartas de crédito e seguros, tempo para arrumar agentes em Londres, San Francisco, Hong Kong, Xangai e toda a Ásia, Paris... e Londres, São Petersburgo. Não posso esquecer que os russos são grandes compradores de chá, negociarão zibelinas e outras peles, que proporcionam grandes lucros, e ainda têm contatos no Alasca russo e postos comerciais em toda a costa oeste sul-americana. Uma boa idéia, mas arriscada, um prazo prolongado entre a compra, a venda e o lucro, muitos riscos para os navios, as perdas no mar e para a pirataria...

Perto dali, Phillip Tyrer também tinha os olhos perdidos na distância. Pensava em Fujiko, e quase soltou um gemido alto. Na noite anterior, com seu amigo Nakama — Hiraga — para ajudá-lo, tentara iniciar as negociações para a sua exclusividade. *Mama-san* Raiko revirara os olhos, sacudira a cabeça, dizendo Sinto muito, duvido que seja possível, a moça é muito valiosa, procurada por muitos *gai-jin* importantes, com a insinuação de que até Sir William era cliente ocasional, embora nunca o mencionasse pelo nome, o que deixara Tyrer inquieto e ainda mais ansioso.

Raiko dissera que antes mesmo de discutir os detalhes financeiros e outros, teria primeiro de perguntar a Fujiko se consideraria a possibilidade, aumentando seu choque ao acrescentar que seria melhor se ele não tornasse a vê-la até e a menos que um contrato fosse acertado. Levara mais meia hora para se chegar a um compromisso, sugerido por Nakama: durante o período de espera, ele poderia se encontrar com Fujiko, mas nunca mencionaria a questão, nem discutiria o problema diretamente com ela, já que a responsabilidade era da *mama-san*.

Graças a Deus por Nakama, disse ele a si mesmo, num ímpeto de ansiedade, quase estraguei tudo. Se não fosse por Nakama...

Seus olhos focalizaram e ele viu Seratard e André Poncin absorvidos numa conversa particular; não muito longe, Erlicher, o ministro suíço, também mantinha uma conversa particular, com Johann, que se concentrava em cada palavra.

O que é tão urgente e importante para que esses homens discutam durante uma partida de futebol, especulou Tyrer, lembrando a si mesmo que era melhor não se entregar a devaneios, devia ser adulto e consciente de que nem tudo corria bem no Japão; tinha de cumprir seu dever para com a coroa e Sir William... Fujiko podia esperar até a noite, quando talvez obtivesse uma resposta.

Maldito Johann! Agora que o astuto suíço estava deixando seu posto como intérprete, seu fardo aumentava, deixando-lhe pouco tempo para dormir e se divertir. Ainda naquela manhã, Sir William tivera uma explosão, injusta, pensou Tyrer, amargurado:

— Pelo amor de Deus, Phillip, você tem de dedicar mais horas ao trabalho! Quanto mais depressa se tornar fluente, melhor para a coroa; quanto mais depressa Nakama for fluente em inglês, melhor para a coroa. Faça jus ao dinheiro que recebe, pare de relaxar, pressione Nakama, faça-o merecer o seu pão de cada dia ou ele irá embora!

Hiraga estava na legação, lendo em voz alta uma carta que Tyrer escrevera para Sir William, e que ele ajudara a traduzir, para ser entregue no dia seguinte ao *Bakufu*. Embora não entendesse muitas palavras, sua leitura vinha melhorando depressa.

— Você tem aptidão para o inglês, meu caro Nakama — dissera Tyrer, várias vezes.

Isso o agradara, embora normalmente os elogios ou críticas de um *gai-jin* não tivessem a menor importância. Ao longo das semanas, a maior parte de suas horas acordado fora consumida em absorver palavras e frases, repetindo-as muitas vezes, a tal ponto que a linguagem de seus sonhos se tornara misturada.

— Por que quebrar a cabeça, primo? — perguntara Akimoto.

— Devo aprender o inglês o mais depressa possível. Há muito pouco tempo, o líder *gai-jin* é grosseiro e destemperado, e não faço idéia de por quanto tempo mais poderei ficar aqui. Mas, se conseguir aprender a ler, Akimoto, quem sabe quantas informações poderei obter? Não pode acreditar no quanto eles são estúpidos em relação a seus segredos. Há centenas de livros, panfletos e documentos por toda parte. Tenho acesso a tudo, posso ler qualquer coisa e Taira sempre responde às minhas perguntas mais óbvias.

A conversa ocorrera na noite anterior, na casa segura que tinham na aldeia, e ele estava com uma toalha molhada em torno da cabeça dolorida. Não mais se encontrava confinado à legação. Podia agora ficar na aldeia, se assim desejasse, embora em muitas noites se

sentisse cansado demais para sair, e dormisse numa cama extra no bangalô que Tyrer partilhava com Babcott. Por necessidade, George Babcott tivera de saber tudo a seu respeito.

— Maravilhoso! Nakama poderá me ajudar também com meu japonês e com o meu dicionário! Vou organizar as aulas, fazer um curso intensivo!

O sistema de Babcott era bastante radical. Aprender era uma diversão, e logo quase se desenvolvera num jogo, um jogo hilariante para determinar quem podia aprender mais depressa, um estilo novo para Hiraga e Tyrer, que encaravam o estudo como uma coisa séria, a ser absorvida pela decoração e repetição.

— As aulas se tornam muito rápidas, Akimoto, e fica mais fácil a cada dia... faremos a mesma coisa em nossas escolas quando *sonno-joi* assumir o poder.

Akimoto rira.

— Mestres gentis e bondosos? Sem surras? Nunca! Mais importante, o que me diz da fragata?

Ele dissera a Akimoto que Tyrer prometera pedir a um capitão amigo permissão para levar os dois a bordo, explicando que Akimoto era filho de um rico construtor de barcos de Choshu, viria visitá-lo por alguns dias e poderia ser um amigo valioso no futuro.

Pela janela aberta, Hiraga ouvia os gritos da multidão no campo em que se jogava a partida de futebol. Suspirou e pegou o dicionário escrito a mão de Babcott. Era o primeiro dicionário que ele já vira e o primeiro inglês-japonês e japonês-inglês que já existira, Babcott o fizera com listas de palavras e frases recolhidas por ele próprio, por mercadores e sacerdotes, tanto católicos quanto protestantes, e com outras traduzidas de equivalentes holandês-japonês. No momento, o dicionário ainda era pequeno. Mas aumentava a cada dia, e o fascinava.

Pelo que se dizia, cerca de dois séculos antes um padre jesuíta chamado Tsukku-san escrevera uma espécie de dicionário português-japonês. Antes disso, jamais existira um dicionário japonês de qualquer tipo. Com o passar do tempo, haviam aparecido uns poucos dicionários holandês-japonês, guardados com o maior cuidado.

— Não precisa trancar isto, Nakama — declarara Babcott no dia anterior, deixando-o espantado. — Esse não é o estilo britânico. Temos de espalhar as informações, deixar que todos aprendam; quanto mais pessoas instruídas, melhor será para o país. — Ele sorrira, antes de acrescentar: — É claro que nem todos concordam comigo. Seja como for, na próxima semana, com a ajuda de nossos prelos...

— Prelos, por favor?

Babcott explicara:

— Muito em breve começaremos a imprimir coisas, e, se prometer escrever uma história de Choshu, prometo que darei uma cópia do meu dicionário só para você.

Uma semana antes, impressionado, Hiraga mostrara a Akimoto um exemplar do *Yokohama Guardian*.

— São as notícias do dia, do mundo inteiro, e eles preparam uma versão nova todos os dias, com quantas cópias quiserem... milhares,

se for necessário...

— Impossível! — protestara Akimoto. — Nossos melhores blocos de impressão não podem...

— Vi eles fazerem, Akimoto. É tudo com máquinas. Arrumam as palavras no que eles chamam de tipos, em linhas, lêem da esquerda para a direita, o oposto de nós, que lemos da direita para a esquerda e para baixo nossas colunas de caracteres, coluna por coluna. É incrível. Vi o homem da máquina fazer palavras com símbolos individuais, chamados "*letras romanas*"... dizem que todas as palavras em qualquer língua podem ser escritas com apenas vinte e seis desses símbolos e...

— Impossível!

— Escute o resto. Cada letra ou símbolo sempre tem o mesmo som; assim, outra pessoa pode ler as letras individuais ou formar palavras com elas. Para fazer este "*papel de notícias*", o impressor usa combinações de pequenas peças de ferro com o símbolo cortado na extremidade... desculpe, não é bem ferro, mas uma espécie de ferro que eles chamam de "*aço*". O homem pôs as letras numa caixa, besuntada com tinta, passou o papel por cima, e apareceu uma nova

página impressa, que continha uma coisa que eu escrevera um momento antes. E Taira leu exatamente! Um milagre!

— Mas como podemos fazer isso com a nossa língua? Cada palavra é um caractere especial, com até cinco ou sete maneiras diferentes de dizer, nossa escrita é diferente e...

— O doutor gigante escuta quando eu digo uma palavra japonesa, escreve em suas letras romanas, e depois Taira diz a palavra, só lendo os símbolos.

Fora preciso mais explicação de Hiraga para convencer Akimoto. Ao final, ele comentara, exausto:

— Tantas coisas novas, idéias novas, muito difícil para mim compreender, ainda mais explicar. Ori era um tolo por não querer aprender.

— Ainda bem, para nós, que ele morreu, foi enterrado e esquecido pelos *gai-jin*. Durante dias, pensei que estávamos perdidos.

— Eu também.

Hiraga encontrou a palavra em inglês que procurava, “reparações”. A tradução japonesa era a seguinte: “*dinheiro a ser pago por um crime admitido*”. Isso o deixou perplexo. O *Bakufu* não cometera nenhum crime. Dois Satsumas, Ori e Shorin, haviam apenas matado um *gai-jin*, agora ambos estavam mortos, dois por um *gai-jin*, nada mais justo. Por que deveriam exigir “reparações”, ele pronunciou a palavra em voz alta, o som mais próximo de que sua língua era capaz.

Levantou-se da mesa, para atenuar a pressão nos joelhos, já que era difícil sentar como um *gai-jin* durante o dia inteiro, e foi até a janela. Usava suas roupas ocidentais, mas tinha um *tabe* macio nos pés, pois ainda achava as botinas inglesas desconfortáveis demais. O dia ainda era bom, os navios ancorados, barcos pesqueiros e outras embarcações deslizando de um lado para outro. A fragata o atraía. Seu entusiasmo aumentou. Muito em breve conheceriam seu interior, veriam as grandes máquinas a vapor de que Taira lhe falara. Ele olhou para uma fotografia recortada de uma revista e pregada na parede, do Grande Navio, um enorme navio de ferro que estava sendo construído na capital britânica, Londres, o maior que ele já vira, vinte vezes maior do que a fragata na baía. Era enorme demais para se conceber... era-lhe impossível compreender até mesmo “fotografar”, quase uma forma de magia. Hiraga estremeceu, depois percebeu que a porta para o corredor se achava entreaberta e, no outro lado, ficava a porta de Sir William. Pelo que ele sabia, não

havia ninguém na legação, todos tinham saído para assistir ao jogo de futebol, e não eram esperados até o final da tarde.

Sem fazer barulho, ele foi abrir a porta de Sir William. Havia muitos papéis em cima da escrivaninha requintada, meia centena de livros nas prateleiras desarrumadas, um retrato da rainha deles e outros quadros nas paredes. Uma coisa nova num aparador. Um retrato numa moldura de prata. Hiraga viu apenas feiúra, uma mulher *gai-jin* vestida de maneira esquisita, com três crianças, e concluiu que devia ser a família de Sir William, a qual Tyrer comentara que deveria chegar em breve.

Ainda bem que sou japonês, e civilizado, com um pai, mãe, irmãos e irmãs bonitos, e com Sumomo para casar, se o casamento for meu karma. Sentiu-se feliz ao pensar que ela se encontrava em sua casa, sã e salva, mas depois, parado ali diante da mesa, a boa sensação logo se dissipou. Recordou todas as ocasiões inquietantes e nauseantes em que se postara de pé diante do líder *gai-jin* sentado respondendo a perguntas sobre Choshu, Satsuma, *Bakufu*, Toranagas, as perguntas se estendendo a todos os aspectos de sua vida pessoal e da vida no Nipão, agora quase uma ocorrência diária, os olhos de peixe lhe arrancando a verdade, por mais que preferisse mentir e confundir.

Hiraga teve o cuidado de não tocar em nada, presumindo que havia uma armadilha qualquer à sua espera, como ele teria feito, se deixasse um *gai-jin* sozinho num lugar importante. Foi nesse

instante que ouviu uma voz irada lá fora e voltou apressado à janela de Tyrer para espiar. Para seu espanto, avistou Akimoto no portão, fazendo uma reverência para o guarda, que gritava e lhe apontava seu fuzil com baioneta. Seu primo usava roupas de trabalhador *gai-jin* e era evidente que estava muito nervoso. Hiraga saiu apressado, com um sorriso no rosto, tirou o chapéu para o guarda.

— Bom dia, senhor sentinela, esse meu amigo.

O guarda conhecia Hiraga de vista, sabia que era uma espécie de intérprete, e tinha passe permanente para entrar e sair da legação. Respondeu em tom cáustico, com palavras incompreensíveis, acenou para que Akimoto se afastasse e ordenou a Hiraga que dissesse "*a este macaco para tomar cuidado ou vai levar um tiro na cabeça*". O sorriso de Hiraga manteve-se firme.

— Eu levar ele embora, sinto muito.

Pegando Akimoto pelo braço, Hiraga levou-o apressado por uma viela, que se estendia até a aldeia.

— Você enlouqueceu? Vir aqui...

— Concordo. — Akimoto ainda não se recuperara do susto de uma baioneta a um centímetro de sua garganta. — Concordo, mas o *shoya*, o ancião da aldeia, pediu que eu viesse chamá-lo, com urgência.

O *shoya* gesticulou para que Hiraga sentasse no outro lado da mesa baixa. Aqueles aposentos particulares, por trás de sua loja deliberadamente pobre e desarrumada, eram impecáveis, o tatame e os papéis da janela de *shoji* da melhor qualidade. A gata se refestelava em seu colo, os olhos malignos fixados no intruso. Havia xícaras de porcelana branca e verde em torno de um pequeno bule de chá de ferro.

— Por favor, um pouco de chá, Otami-san, lamento pela inconveniência — disse ele, usando o nome indicado por Hiraga.

Serviu o chá, depois afagou a gata, suas orelhas tremeram, numa reação nervosa. — Por favor, peço desculpas por interrompê-lo.

O chá era aromático, de boa qualidade. Hiraga fez um comentário polido a respeito, sentindo-se contrafeito na presença do *shoya* com suas roupas européias. Era difícil sentar com aquele traje, e a ausência das espadas o perturbava. Depois das cortesias costumeiras, o *shoya* balançou a cabeça, meio para si mesmo, e fitou seu convidado, os olhos impassíveis na máscara de amabilidade.

— Chegaram notícias de Quioto, e achei que deveria ser informado imediatamente.

A inquietação de Hiraga aumentou.

— Que notícias?

— Parece que dez *shishi* de Choshu, Satsuma e Tosa atacaram o xógum Nobusada, em Otsu. A tentativa de assassinato fracassou e todos foram mortos.

Hiraga fingiu desinteresse, mas sentiu um calafrio por dentro. Quem seriam os dez e por que haviam fracassado?

— Quando foi isso?

O *shoya* nada vira para indicar se Hiraga sabia ou não do ataque.

— Há oito dias.

— Como pôde saber em tão pouco tempo?

Para seu espanto, o *shoya* enfiou a mão na manga e tirou um pequeno cilindro. Lá dentro havia um rolo de papel muito fino.

— Isto chegou hoje. Nossa *zaibatsu* da Gyokoyama tem pombos-correios para notícias importantes. — A mensagem chegara no dia anterior, mas ele precisara de tempo para decidir como lidaria com Hiraga. — Importante ter informações rápidas e acuradas, *neh?*

— Foram mencionados nomes?

— Não, nenhum nome, sinto muito.

— É a única informação?

Os olhos faiscaram. Para choque de Hiraga, ele acrescentou:

— Na mesma noite, em Quioto, lorde Yoshi e lorde Ogama, com suas forças, atacaram o quartel-general *shishi*, surpreendendo a todos e massacrando-os. Quarenta cabeças foram espetadas em chuços diante das ruínas. — O homem mais velho manteve o sorriso fora do rosto. — Otami-sama, quarenta seriam uma porcentagem grande dos nossos bravos *shishi*?

Hiraga deu de ombros, disse que não sabia, torcendo para que o *shoya* não pudesse determinar se mentia. Sua cabeça doía ao especular quem teria morrido, quem sobrevivera, quem os traía, e como inimigos que nem Yoshi e Ogama Podiam agir juntos.

— Por que está me contando tudo isso?

Por um momento, o *shoya* baixou os olhos para a gata, seus olhos se abrandaram, os dedos começaram a afagar sua cabeça, a gata fechou os olhos em prazer, as unhas se estendendo e retraíndo, sem ameaça.

— Parece que nem todos os emboscados foram liquidados — murmurou ele. — Dois escaparam. O líder, às vezes chamado de Corvo, cujo nome verdadeiro é Katsumata, conselheiro de confiança de Sanjiro de Satsuma, e um líder *shishi* de Choshu chamado Takeda.

Hiraga ficou bastante abalado ao descobrir que se sabia tanto, seus músculos se contraíram, pronto para atacar, matar com as próprias mãos. A boca se abriu mas ele não disse nada.

— Por acaso conhece essa Takeda, Otami-sama?

Hiraga teve um ímpeto de raiva pela impertinência, sentiu que o rosto corava, mas conseguiu manter algum controle.

— Por que me pergunta isso, *shoya*?

— Meu superior na Gyokoyama mandou, Otami-sama.

— Por quê? O que tudo isso representa para mim?

O *shoya*, para acalmar os próprios nervos — embora tivesse uma pequena pistola carregada na manga — serviu mais chá para os dois, sabendo que era um jogo perigoso e que não se devia brincar com aquele *shishi*. Mas ordens eram ordens, e o zaibatsu de Gyokoyama determinara que qualquer coisa fora do normal, em qualquer uma das centenas de sucursais, devia ser comunicada

imediatamente. Em particular na sucursal de Iocoama, mais importante agora que a de Nagasáqui, já que se tratava da principal base dos *gai-jin*, e portanto o melhor posto de observação dos estrangeiros... e ele fora o escolhido para esse cargo de destaque. Por obrigação, enviara através de pombos-correios a notícia da chegada daquele homem, da morte de Ori, de todos os eventos subseqüentes e das ações que ele efetuara... todas as quais haviam sido aprovadas.

— A Gyokoyama...

Ele seguia as instruções, mas com extremo cuidado, pois podia perceber que Hiraga ficara nervoso com as revelações, e fora justamente esse o propósito. Seus superiores em Osaca haviam escrito: *Trate de deixar desequilibrado esse shishi, cujo nome verdadeiro é Rezan Hiraga, o mais depressa possível. Os riscos serão grandes. Esteja armado e converse quando ele não estiver...*

— ...meus superiores acharam que talvez Ihe possam ser úteis, assim como você poderia ser de grande valor para eles.

— Úteis para mim? — Hiraga se encontrava prestes a explodir, a mão direita procurando nervosamente o punho da espada, que não estava ali. — Não posso ordenar impostos. Não tenho nenhum *koku*.

Que proveito tenho para parasitas, pois os emprestadores de dinheiro não passam disso, para a grande Gyokoyama?

— É verdade que os samurais acreditam nisso, sempre acreditaram. Mas temos dúvidas se o seu *sensei* Taira concordaria.

— Como? — Hiraga ficou aturdido de novo. — O que Taira tem a ver com tudo isso?

— Criada! Saquê! — Tornando a se virar para Hiraga, o *shoya* acrescentou: — Peço sua paciência, mas meus superiores... Sou um velho.

Ele falava em tom de humildade, autodepreciativo, sabendo que seu poder na Gyokoyama era grande, que seu *yang* ainda funcionava com perfeição, e que se necessário poderia atirar naquele homem, deixá-lo entredado e entregá-lo aos vigilantes do *Bakufu*, que ainda guardavam os portões.

— Sou um velho e vivemos em tempos perigosos.

— É mesmo — murmurou Hiraga, através dos dentes semicerrados.

O saquê chegou num instante, a criada serviu depressa e se retirou logo. Hiraga bebeu, e sentiu-se satisfeito por isso, embora simulasse o contrário, aceitou mais, tomou tudo.

— O que há com Taira? E melhor explicar direito.

O *shoya* respirou fundo e se lançou ao que sabia que seria a maior oportunidade de sua vida, com várias implicações para o *zaibatsu*, e todas as suas futuras gerações.

— Desde que chegou aqui, Otami-sama, tem especulado como e por que os *gai-jin* ingleses dominam grande parte do mundo além de nossas praias, embora sejam de uma pequena ilha-nação, até menor do que a nossa, pelo que ouvi dizer...

Ele fez uma pausa, divertido com a súbita impassibilidade no rosto de Hiraga.

— Ah, sinto muito, mas já devia saber que ouviram as conversas com seu amigo, agora morto, e com seu primo. Mas posso lhe assegurar que suas confidências estão seguras, seus objetivos e os dos *shishi* são os mesmos da Gyokoyama. Pode ser importante para você... Acreditamos que conhecemos um importante segredo que você procura.

— É mesmo?

— É, sim. Estamos convencidos de que o grande segredo deles é emprestar dinheiro, os serviços de financia...

Sua voz foi abafada quando Hiraga teve um paroxismo de riso desdenhoso. A gata foi arrancada de sua tranqüilidade, suas garras passaram pelo quimono do *shoya*, foram se cravar na carne. Cauteloso, ele removeu as garras, começou a acalmá-la, controlando sua fúria, ao mesmo tempo em que desejava incutir um pouco de juízo naquele jovem insolente. Mas isso acabaria lhe custando a vida... pois teria depois de enfrentar Akimoto e outros *shishi*. Obstinado, ele esperou, sabendo que a missão de que fora incumbido por seus superiores era impregnada de perigos: "Sonde

esse jovem, descubra quais são seus verdadeiros objetivos, seus verdadeiros pensamentos, desejos e fidelidades, use-o, pois ele pode ser um instrumento perfeito..."

— Você está louco. É tudo consequência de suas máquinas, canhões, riquezas e navios.

— Exatamente. Se tivéssemos essas coisas, Hiraga-sama, poderíamos... — No instante em que usou o nome verdadeiro, o que fora deliberado, ele viu todo o riso desaparecer e os olhos entrarem em foco, ameaçadores. — Meus superiores disseram para usar seu nome apenas uma vez, só para que soubesse que merecemos confiança.

— Como eles sabem?

— Mencionou a conta de Shinsaku Otami, o nome em código de seu honrado pai, Toyo Hiraga. Como não podia deixar de ser, isso está escrito nos livros de registros mais confidenciais.

Hiraga foi dominado por uma raiva intensa. Nunca lhe ocorrera que os emprestadores de dinheiro pudessem ter livros confidenciais; como todos, dos mais baixos aos mais altos, precisavam de seus serviços de vez em quando, eles teriam acesso aos conhecimentos mais sigilosos, sempre registrados, sempre perigosos, que podiam usar como instrumento de pressão para obterem novas informações, a que não deveriam ter acesso... como poderiam descobrir alguma coisa sobre os nossos *shishi*, a não ser por meios escusos... e como esse cão ousa usar isso contra mim? Com toda razão, os mercadores e emprestadores de dinheiro são desprezados, não merecem a menor confiança e devem ser exterminados. Quando *sonno-joi* se tornar um fato concreto, nosso primeiro pedido ao imperador será uma ordem para a destruição de todos eles.

— Cale-se!

O *shoya* estava preparado, consciente de que a fronteira entre um súbito ataque desvairado e a sanidade se encontrava esticada ao ponto de rompimento, que nunca se podia confiar num *shishi* e, por isso, mantivera a mão no bolso na manga. Falou numa voz suave, embora fosse evidente a ameaça ou promessa:

— Meus superiores mandaram lhe dizer que seus segredos e os de seu pai, honrados clientes, embora registrados, são confidenciais, absolutamente confidenciais... entre nós.

Hiraga suspirou, inclinou-se para trás, a ameaça purificando sua cabeça da raiva inútil, e analisou tudo o que o *shoya* lhe dissera, a ameaça — ou promessa — e todo o resto, o perigo que o próprio homem representava, a Gyokoyama e similares, avaliou sua possível decisão, a herança e o treinamento em jogo.

As opções eram simples: matar ou não matar, escutar ou não escutar. Quando ele era pequeno, a mãe lhe dissera:

— Tome cuidado, meu filho, e jamais se esqueça de uma coisa: matar é fácil, desmatar é impossível.

Por um momento, a mente se fixou na mãe, sempre sábia, sempre o acolhendo com a maior alegria, sempre com os braços estendidos... mesmo quando passara a sentir dores nas articulações, que a deixaram mais e mais entrevada a cada ano.

— Muito bem, *shoya*, vou escutar, só uma vez.

Foi a vez do *shoya* suspirar, uma profunda ravina transposta. Ele serviu mais saquê.

— *A sonno-joi e aos shishi!*

Os dois beberam. Ele tornou a encher os copos.

— Por favor, Otami-sama, seja paciente comigo, mas estamos convencidos de que podemos ter tudo o que os *gai-jin* possuem. Como sabe, no Nipão o arroz é uma moeda, os mercadores de arroz são banqueiros, emprestam dinheiro a plantadores contra futuras colheitas, para comprar sementes, e assim por diante, sem o dinheiro não haveria colheitas na maioria dos anos e, em conseqüência, também não haveria impostos a coletar; eles emprestam aos samurais e daimios para sua subsistência, contra pagamentos futuros, estipêndios futuros, tributos futuros, e sem esse dinheiro a vida seria difícil. O dinheiro torna qualquer modo de vida possível. O dinheiro, sob a forma de ouro, prata, arroz ou seda, até mesmo esterco, o dinheiro é a roda da vida, faz as engrenagens funcionarem e...

— Vamos direto à questão. O segredo.

— Ah, sinto muito. A questão é que de alguma forma, por mais incrível que possa parecer, os emprestadores de dinheiro *gai-jin*, os banqueiros... é uma profissão honrada no mundo deles... encontraram um meio de financiar todas as suas indústrias, máquinas, navios, canhões, prédios, exércitos, tudo e qualquer coisa, com lucro, sem usar ouro de verdade. Não poderia haver tamanha quantidade de ouro no mundo inteiro. De algum modo, eles podem efetuar vastos empréstimos usando a promessa de ouro, ou fingir que é ouro, e só isso os torna fortes, pois tudo indica que fazem isso sem aviltar sua moeda, como acontece com os daimios.

— Fingir que é ouro? Mas do que está falando? Seja mais explícito!

O *shoya* removeu uma gota de suor do lábio, excitado agora, o saquê ajudando sua língua, ainda mais porque, agora, começava a acreditar que era possível que aquele jovem pudesse ajudar a resolver o enigma.

— Desculpe se sou complicado, mas sabemos o que eles fazem, embora ainda não como fazem. Talvez o seu Taira, esse *gai-jin* que é uma fonte de informações, que você drena com tanta habilidade, talvez ele saiba, e possa explicar como fazem isso, as artimanhas, os segredos. Depois, você nos conta tudo, e poderemos tornar o Nipão tão forte quanto cinco Inglaterras. Quando vocês alcançarem *sonno-*

joi, nós e os outros emprestadores de dinheiro poderemos nos unir para financiar todos os navios e armas de que o Nipão vai precisar...

Cauteloso, ele discorreu sobre o tema, respondendo às perguntas com eloqüência, guiando Hiraga, ajudando-o, lisonjeando-o, enchendo-o de saquê e informações, impressionado com sua inteligência, ao longo das horas, atizando sua imaginação, até o pôr-do-sol.

— Dinheiro, hem? Eu ad... eu admito, *shoya* — disse Hiraga, a voz um pouco engrolada, meio tonto do álcool, a cabeça quase explodindo com tantas idéias novas e inquietantes, que conflitavam com muitas convicções profundas — admito que o dinheiro nunca me inte... nunca me interessou. E jamais entendi direito o dinheiro, apenas sua falta.

Um arroto quase o sufocou, e ele continuou:

— Mas acho que posso entender agora e creio que Taira vai me contar tudo.

Hiraga tentou se levantar, mas não conseguiu.

— Posso lhe oferecer um banho e mandar chamar uma massagista?

O *shoya* persuadiu-o a aceitar com a maior facilidade, chamou um servo para ajudá-lo e entregou Hiraga a mãos fortes e gentis... que logo o fizeram roncar, mergulhar no esquecimento.

— Bom trabalho, *Ichi-chan* — sussurrou sua esposa, quando era seguro, fitando-o com uma expressão radiante. — Você foi perfeito, *neh?*

O *shoya* também se mostrava radiante e falou baixinho:

— Ele é perigoso, sempre será, mas demos o primeiro passo, e essa é a parte mais importante.

Ela acenou com a cabeça, satisfeita porque o marido acatara seu conselho de chamar Hiraga naquela tarde, estar armado, e não ter medo de usar a ameaça. Ambos conheciam os riscos, mas também, ela lembrou a si mesma, o coração ainda batendo forte de escutar a confrontação, esta é uma oportunidade enviada pelos deuses, e os ganhos são proporcionais aos riscos. Com o êxito, refletiu ela, rindo para si mesma, ganharemos a posição de samurais, nossos descendentes serão samurais, e meu *Ichi* será um dos superiores da Gyokoyama.

— Foi muito sensato ao dizer que apenas dois escaparam, não três, e ao não revelar o que mais sabemos.

— É importante manter alguma coisa em reserva. Para controlá-lo ainda mais.

Ela acariciou o marido, numa atitude maternal, tornou a dizer como ele era esperto, e não o lembrou que isso também fora sugestão sua. Deixou que sua mente vagueasse por um momento, ainda perplexa pela partida dos dois *shishi* para Iedo, assim se arriscando à captura ou traição. E ainda mais desconcertante era o motivo pelo qual a moça, Sumomo, a possível futura esposa de Hiraga, ingressara na casa de Koiko, a mais famosa cortesã de Iedo, agora a dama de prazer de lorde Yoshi. Não dava para entender. Um pensamento errante desabrochou.

— Ichi-chan — disse ela, suavemente —, uma coisa que falou antes me deixou com vontade de perguntar: se esses *gai-jin* são tão espertos, banqueiros tão mágicos, não seria sensato para você iniciar um empreendimento cuidadoso com um deles, de maneira discreta, bem discreta?

Os olhos do marido fixaram-se nos seus, ela percebeu o início de um sorriso de intensa satisfação, e acrescentou:

— Toshi tem dezenove anos, o mais esperto dos nossos filhos, e poderia ser o nosso representante, neh?

33

Segunda-feira, 1º de dezembro:

Norbert Greyforth saiu para o tombadilho do navio de correspondência, contornando o promontório. Vinha de Hong Kong, com escala em Xangai, e agora chegava a Iocoama. Ele acabara de fazer a barba, usava cartola e sobrecasaca contra o frio do amanhecer, e viu o capitão e outros na ponte de comando, na frente da chaminé, com seu rolo de fumaça acre na esteira, os marujos se preparando para ancorar, as velas içadas nos três mastros. Na coberta de proa, por trás de grades trancadas, que os separavam por completo do resto do navio, viajavam os passageiros de terceira classe, a ralé da Ásia, abrigados sob toldos de lona. As grades eram praxe em todos os navios de passageiros, contra qualquer tentativa de pirataria daquela área.

O vento era firme, trazia um cheiro agradável, o ar puro, muito diferente lá de baixo, onde o fedor de óleo e fumaça de carvão impregnava tudo, as vibrações e o barulho do motor deixavam qualquer um com dor de cabeça. O *Asian Queen* não desenvolvia a velocidade possível há horas, batalhando contra o vento. Por mais que detestasse vapores, Norbert sentia-se satisfeito, pois de outra forma sofreriam vários dias de atraso. Mordeu a extremidade de um charuto, cuspiu no mar, ergueu as mãos em concha para acendê-lo.

A colônia parecia a mesma de sempre. As casas da guarda dos samurais e as alfândegas, ao norte e ao sul, fora da cerca, alcançadas por pequenas pontes, fumaça saindo por várias chaminés, homens andando pelo passeio, cavaleiros exercitando seus pôneis no hipódromo, a cidade dos bêbados na sujeira habitual, com poucos dos danos do incêndio e terremoto reparados, contrastando com as fileiras disciplinadas de barracas do acampamento no penhasco, onde os soldados faziam ordem-unida, o toque de corneta projetando-se pelo mar. E mais adiante, como se espiassem por cima da cerca, os telhados da Yoshiwara. Ele sentiu alguma emoção, nada como o normal, pois ainda se encontrava saciado das aventuras em Xangai, a mais rica, devassa e tumultuada cidade da Ásia, com as melhores corridas, casas de jogo, bordéis e bares, comida européia por toda parte.

Não importa, pensou ele, darei a Sako a peça de seda, isso fará sua arma palpitar... e quem sabe?

Os olhos de Norbert passaram pelos mastros de bandeira das diversas legações, contraíram-se ao ver o prédio da Struan e depois fixaram-se no seu quartel-general. Durante as três semanas de sua ausência, os reparos externos no último andar haviam sido concluídos, ele ficou satisfeito ao constatar, não restava mais qualquer sinal dos danos causados pelo incêndio. Ainda estava muito longe para reconhecer as pessoas que entravam e saíam dos prédios na High Street, mas depois vislumbrou uma touca azul, um vestido de anquinhas e uma sombrinha se encaminhando para a legação francesa. Só havia uma mulher assim, pensou ele. Peitos-de-Anjo! E foi como se pudesse farejar o perfume que a envolvia. Será que ela

sabe do duelo? Morgan Brock caíra na gargalhada quando lhe contara.

— Tem o meu consentimento para estourar os miolos dele ou seus colhões. E, em vez de pistolas, use espadas, e fará jus à sua gratificação.

Os barcos já haviam zarpado ao encontro do navio de correspondência. Irritado, ele notou que a lancha a vapor da Struan esperava perto da barra, a primeira da fila, com Jamie McFay na popa. Sua lancha a remos era a segunda. Não importa, pois não vai demorar muito para que aquela lancha seja minha, assim como o prédio, com você e todos os malditos Struans em desgraça ou mortos, embora talvez eu lhe dê um emprego, Jamie, talvez, só por diversão. Ele viu McFay levar o binóculo aos olhos e compreendeu que seria avistado. Ofereceu um aceno, cuspiu para o lado e desceu para seu camarote.

— Bom dia, Sr. Greyforth — disse Edward Gornt, com seu charme sulista. Ele estava parado na porta do camarote no outro lado, um jovem alto, embora um tanto franzino, de boa aparência, da Virgínia, vinte e sete anos, com olhos castanhos, cabelos castanhos. — Estive observando do convés de popa. Nada como Xangai, não é mesmo?

— Sob mais aspectos do que pode imaginar. Já arrumou suas malas?

— Já, sim, senhor. Está tudo pronto.

O sotaque era mínimo, ele falava muito mais como um inglês do que como um sulista.

— Ótimo. Sir Morgan mandou eu lhe entregar isto quando chegássemos. Norbert tirou um envelope de sua valise e entregou-o. Quanto mais pensava a respeito de toda a viagem, mais aturdido ficava. Tyler Brock não fora a Xangai. Em vez disso, enviara um bilhete curto, cumprimentando Greyforth e dizendo-lhe que obedecesse a seu filho, Morgan, como se fosse ele a dar as ordens. Sir Morgan Brock era barrigudo e calvo, não tão rude quanto o pai, mas também barbudo, e com o mesmo temperamento mesquinho. Ao contrário do pai, era treinado em Londres, na Thradneedle Street, o centro dos mercados de valores do mundo, e de todo o comércio internacional. Assim que Greyforth chegara, Morgan expusera os planos para a destruição da Struan.

Era infalível.

Há um ano, ele, o pai e seus associados na diretoria do Victoria Bank, de Hong Kong vinham comprando as promissórias da Struan. Agora, com o apoio de toda diretoria, só precisavam esperar até o dia 30 de janeiro para a execução das dívidas. Não havia a menor possibilidade de a Struan saldar tudo nesse prazo. Na data fatal, o banco passaria a possuir a Struan, com todo o seu patrimônio. Quando Morgan açambarcara o mercado de açúcar havaiano, com uma manobra astuciosa para excluir a Struan, que contava com os lucros anuais dessas operações para pagar o serviço das dívidas, fizera com que a liquidação se tornasse inevitável. E desfechara outro golpe, ainda maior: com extrema habilidade, Morgan negociara essas colheitas com importadores da União e da confederação, em troca de mercadorias do Norte e algodão do Sul para o imenso mercado britânico, que só podia ser atendido, nos termos da lei, por navios britânicos... os navios deles.

— É um esquema genial, Sir Morgan, meus parabéns! — dissera Norbert, impressionado, pois faria com que a Brock se tornasse a mais rica companhia comercial da Ásia, a Casa Nobre, e garantiria seu estipêndio de cinco mil guinéus por ano.

— Compraremos a Struan a dez *pennies* por libra do banco, isso já foi acertado, Norbert, a frota, tudo — explicara Sir Morgan, a barriga enorme tremendo no riso. — Você poderá se aposentar em breve, e estamos gratos por seus serviços. Se tudo correr bem em Iocoama, pensaremos em mais cinco mil por ano como gratificação. Cuide bem do jovem Edward, mostre-lhe tudo.

— Com que propósito? — indagara Norbert, atordoado pela perspectiva daquela vasta soma todos os anos.

— Com qualquer propósito que eu quiser — respondera Sir Morgan, em tom brusco. — Mas já que pergunta, talvez eu queira que ele assuma o comando no Japão, tome o seu lugar quando você for embora, se tiver condições para isso. A Rothwell está lhe dando um mês de licença... — Era a companhia em que Gornt trabalhava há três anos, uma das mais antigas empresas em Xangai, associada da Cooper-Tillman, a maior companhia comercial americana na China, e com a qual tanto a Brock quanto a Struan mantinham amplas relações de negócios. —... e será tempo suficiente para o rapaz decidir. Talvez ele o substitua quando você se aposentar.

— Acha que ele tem experiência suficiente, Sir Morgan?

— Cuide para que ele tenha até o momento em que você se retirar... é a sua função, ensinar tudo, preparar o rapaz. Mas não pressione demais, pois não quero que ele fique apavorado.

— Quanto devo lhe contar?

Depois de pensar um pouco, Sir Morgan dissera:

— Tudo sobre os nossos negócios no Japão, o plano de vender armas e contrabandear ópio, se aqueles desgraçados no Parlamento conseguirem o que estão querendo. Relate a ele suas idéias sobre a abertura do comércio de ópio, ignorando qualquer embargo, se houver algum, mas não diga nada sobre as provocações a Struan ou sobre o nosso plano para destruí-los. O rapaz já conhece Os Struans, não existe nenhum amor por eles na Rothwell. Sabe que eles são a escória, está a par de todas as iniquidades cometidas pelo velho Dirk, como assassinar meu meio-irmão, e todo o resto. É um bom rapaz, e por isso pode contar o que quiser... mas não fale sobre o açúcar!

— Como achar melhor, Sir Morgan. O que me diz do dinheiro em espécie e papéis que eu trouxe? Vou precisar de reposição para pagar as armas, sedas e outras mercadorias este ano.

— Mandarei de Hong Kong quando voltar. Outra coisa, Norbert: você fez um bom trabalho ao passar a perna na Struan na oferta dos japas para a exploração de ouro... se isso der resultado, terá uma participação. Quanto a Edward, depois do mês de experiência, mande-o de volta a Hong Kong, com um relatório confidencial para o Velho. Gosto do rapaz, ele é muito bem considerado em Xangai e na Rothwell... e filho de um velho amigo.

Norbert especulara sobre quem seria o “*velho amigo*” e sobre a dívida que Sir Morgan tinha com o homem para valer tanto empenho, já que era insólito para ele ser gentil com alguma pessoa. Mas era esperto demais para perguntar e se mantivera calado, feliz por saber que o problema de permanecer nas boas graças dos Brocks não o perturbaria por muito mais tempo.

Edward Gornt demonstrara ser bastante simpático, retraído, um bom ouvinte, mais inglês do que americano, inteligente, e um não-bebedor, o que era raro na Ásia. A avaliação imediata de Greyforth fora a de que Gornt era totalmente inadequado ao comércio na China, rude, aventureiro, com muita bebida... um peso-leve em tudo, exceto nas cartas. Gornt era um excepcional jogador de *bridge*, tinha muita sorte no pôquer, uma tremenda virtude na Ásia, mas mesmo nisso era acadêmico, pois nunca jogava com apostas altas.

Ele estava convencido de que Edward Gornt não agradaria aos Brocks por muito mais tempo e nada na viagem de volta o fizera mudar de idéia. De vez em quando, percebera certa estranheza no fundo de seus olhos. O garoto não passa de um fraco, está fora de sua profundidade, e sabe disso, pensou ele, observando-o ler a carta de Morgan. Mas não importa; se alguém pode fazê-lo crescer, sou eu.

Gornt dobrou a carta, guardou-a no bolso, junto com o maço de dinheiro que o envelope continha.

— Sir Morgan é muito generoso, não acha? — comentou ele, com um sorriso. — Nunca pensei que ele... mal posso esperar para começar, aprender tudo. Gosto de trabalho e ação, farei o melhor que puder para agradá-lo, mas ainda não tenho certeza se devo deixar a Rothwell, e... nunca pensei que ele sequer cogitaria de mim para chefiar a Brock no Japão, se e quando você se aposentar. Nunca.

— Sir Morgan é um patrão exigente, difícil de agradar, como o nosso *tai-pan*, mas generoso se você fizer o que ele mandar. Um mês será suficiente. Sabe manejar uma arma?

— Claro.

A súbita franqueza deixou Norbert surpreso.

— De que tipo?

— Revólveres, pistolas, rifles, espingardas. — Outro sorriso. — Nunca matei ninguém, nem índios, mas fui o segundo colocado no tiro ao prato em Richmond, há quatro anos. — Um momento de hesitação. — Esse foi o ano em que fui para Londres, a fim de ingressar na Brock.

— E não queria partir? Não gostou de Londres?

— Não e sim. Minha mãe morrera e meu pai achou que seria melhor que eu saísse para o mundo, Londres sendo o centro do mundo, por assim dizer. Londres é espetacular, Sir Morgan foi muito gentil, o homem mais bondoso que já conheci.

Norbert esperou, mas Gornt não ofereceu mais nenhuma informação, absorto em seus pensamentos. Sir Morgan só lhe dissera que Gornt passara um ano satisfatório com a Brock em Londres, junto com o último e mais novo filho de Tyler Brock, Tom. Depois desse ano, ele arrumara o emprego na Rothwell.

— Conhece Dmitri Syborodin, que dirige a Cooper-Tillman aqui?

— Não, senhor. Só de reputação. Meus pais conheciam Judith Tillman, a viúva de um dos sócios originais. — Os olhos de Gornt se contraíram, e Norbert tornou a notar algo estranho neles. — Ela também não gostava de Dirk Struan, odiava-o, para ser mais preciso, culpava-o pela morte de seu marido. Os pecados dos pais passam adiante, não é mesmo?

Norbert riu.

— É verdade.

— Mas falava sobre Dmitri Syborodin, não é, senhor?

— Vai gostar dele, é sulista também. — O sino de desembarque soou. Os olhos de Norbert faiscaram. — Vamos para terra. Haverá ação muito em breve.

— Homem quer ver *tai-pan*, hem? — disse Ah Tok.

— Fale como civilizada, mãe, não essa algaravia — respondeu Malcolm, em cantonês. Ele estava na janela do escritório, com o binóculo, estivera observando o desembarque dos passageiros do navio de correspondência. Vira Norbert Greyforth, e agora sentia-se muito bem. — Que homem?

— O demônio estrangeiro bonzo que mandou chamar, o bonzo que cheira mal — murmurou ela. — Sua velha mãe está trabalhando demais e seu filho não quer escutar! Devemos voltar para casa.

— Já lhe disse para não mencionar a volta para casa — declarou Malcolm, ríspido. — Faça isso mais uma vez e a mandarei embora na próxima lorchá imunda, onde vai vomitar até seu coração, se tiver um, e no mínimo o deus do mar vai engoli-la! Mande o demônio estrangeiro entrar.

Um sorriso surgiu em seu rosto, e um pouco da sensação agradável retornou. Ah Tok saiu resmungando. Há dias que vinha insistindo na volta a Hong Kong, por mais que ele lhe dissesse para não fazê-lo. Malcolm tinha certeza que ela recebera ordens de Gordon Chen para pressioná-lo.

— Mas não voltarei enquanto não estiver pronto! — disse ele, em voz alta.

Claudicando, foi para sua escrivaninha, contente porque em breve acertaria as contas com Norbert e poria em execução seu glorioso plano.

— Bom dia, reverendo Tweet. Foi muita gentileza sua atender de imediato ao meu chamado. Xerez?

— Obrigado, Sr.... hum... *tai-pan*. Abençoado seja.

O xerez foi tomado num único gole, nervoso, embora Malcolm tivesse escolhido, deliberadamente, um copo grande.

— Admirável... *tai-pan*. Ah, quero, sim, obrigado. Mais uma dose, pequena desta vez. — O homem desmazelado acomodou-se na cadeira alta, com um sorriso apreensivo. A barba era toda manchada de tabaco. — Em que posso ajudá-lo?

— É sobre miss Angelique e eu. Quero que nos case. Na próxima semana.

— Como? — O reverendo Michaelmas Tweet quase deixou cair o copo, a dentadura chocalhando, ele balbuciou: — Impossível!

— Não é, não. Há muitos precedentes para reduzir os proclamas que devem ser lidos na igreja em três domingos sucessivos para apenas um.

— Mas eu não posso... você é menor, e ela também, uma católica ainda por cima, não é possível... não posso fazer isso.

— Claro que pode. — Confiante, Malcolm repetiu o que Heatherly Skye mais conhecido por “Heavenly”, o celestial, o único advogado em Iocoama, além de juiz de instrução e agente de seguros, lhe dissera: — O fato de que sou menor de idade só se aplica no Reino Unido, não nas colônias, ou no exterior, e só quando pai está vivo. O fato de ela ser católica não tem importância, se não importa para mim. E ponto final. Terça-feira, dia 9, é uma ocasião auspiciosa para casa. Manteremos tudo na maior discricão até lá.

Para diversão de Malcolm, a boca de Michaelmas Tweet abriu e fechou, com a de um peixe, nenhum som saiu. Trêmulo, o clérigo levantou-se, serviu-se de mais xerez, tornou a arriar na cadeira.

— Não posso.

— Procurei orientação legal e fui informado de que posso. Também tenciono conceder a você e sua igreja um estipêndio extra... quinhentos guinéus por ano.

Ele sabia que o homem ficaria fisgado pela oferta, três ou quatro vezes o seu salário atual, e o dobro do que o advogado aconselhara: Não estrague o velho peidorrento!

— Estaremos na igreja no domingo para ouvirmos a leitura dos proclamas. Terça-feira será o grande dia, e você receberá cem guinéus adiantados por seu trabalho. Obrigado, reverendo.

Ele se levantou, mas Tweet não se mexeu. Havia lágrimas em seus olhos.

— Qual é o problema?

— Não posso fazer o que me pede — balbuciou Tweet. — Não é possível. Deve compreender... mesmo que esse conselho seja correto, o que duvido... sua mãe me escreveu, formalmente, pela última correspondência, dizendo... que seu pai a tornara a guardiã legal dos filhos, e você fora proibido de casar.

As lágrimas escorriam pelas faces, os olhos remelentos estavam injetados.

— Deus do Céu, é tanto dinheiro, mais do que já sonhei, mas não posso, não posso ir contra a lei, nem contra sua mãe. Oh, Deus, não!

— Mil guinéus

— Oh, Deus, não, não... por mais que eu queira o dinheiro... não entende... o casamento não seria legal... é contra a lei da Igreja. Deus sabe que sou um grande pecador, mas não posso fazer isso... se ela escreveu para mim, também escreveu, com toda certeza, para Sir William, que deve sancionar um casamento assim. Deus me perdoe, mas não posso...

Ele saiu da sala, cambaleando. Malcolm ficou olhando para suas costas. Incapaz de falar, a mente atordoada, a sala se transformando de repente num túmulo. O plano, formulado com a ajuda de Heatherly Skye, era perfeito. Fariam um casamento discreto, com a presença apenas de Jamie, talvez Dmitri, e em seguida ele partiria para Hong Kong, depois do duelo, chegando ali antes do Natal, como a mãe pedira, e antes que ela pudesse receber a notícia. Angélique seguiria no navio seguinte.

— Aqueles a quem Deus juntou que nenhum homem... ou mulher... separe — entoara Skye, quando ele o consultara.

— Perfeito!

— Obrigado, *tai-pan*. Meus honorários são cinquenta guinéus. Poderia... hum... me dar um adiantamento... em dinheiro, por favor?

Cinquenta guinéus eram um absurdo. Mesmo assim, Malcolm Struan lhe dera dez soberanos, com vales da Casa Nobre para o restante, e voltara para casa, sentindo-se mais satisfeito que em qualquer outro momento das últimas semanas.

— Parece muito feliz hoje, Malcolm. Boas notícias?

— Isso mesmo, minha querida Angel, mas só partilharei com você amanhã. Quando veremos nosso retrato? Seu vestido estava maravilhoso.

— Demora um pouco para revelar, o que quer que isso signifique. Talvez amanhã. Você estava muito bonito.

— Acho que devemos dar uma festa. Será maravilhoso...

Mas agora, com a festa marcada para aquela noite, não seria tão maravilhoso assim. Malcolm sentia uma profunda depressão. Haveria algum meio de forçar Tweet? Deveria procurá-lo de novo amanhã, depois de passado o choque inicial? Mais dinheiro? Sir William? Uma súbita idéia. Ele tocou a sineta.

— Pois não, *tai-pan*?

— Vargas, corra até a igreja católica, e procure o padre Leo. Pergunte a ele se pode me fazer uma visita.

— Claro, *tai-pan*. Quando ele deve vir?

— Agora, o mais depressa possível.

— Agora, *tai-pan*? Mas é hora do almoço...

— Agora, por Deus! — gritou Malcolm, na maior frustração por ter de pedir a outros as coisas mais simples, que poderia fazer pessoalmente antes da Tokaidô, que Deus amaldiçoe aquele porco, que Deus amaldiçoe a Tokaidô, é como a.C. e d.C para mim, só que o mal é agora, não o bem. — Agora. E trate de se apressar!

Vargas estava pálido ao sair apressado. Enquanto esperava, Malcolm tentou pensar numa maneira de pressionar Tweet, deixou a mente vagar, enquanto os minutos passavam devagar, e foi se tomando cada vez mais enfurecido e determinado.

— Padre Leo, *tai-pan*.

Vargas deu um passo para o lado e fechou a porta depois que o sacerdote entrou.

O padre tentou disfarçar seu nervosismo. Por várias vezes se encaminhara para aquele prédio, a fim de discutir a conversão de Struan ao catolicismo, mas sempre parara no meio do caminho, prometendo a si mesmo que voltaria no dia seguinte, mas nunca se aproximando de seu objetivo, com medo de cometer um erro, tropeçar nas palavras. Em desespero, procurara André Poncin, a fim de arrumar um encontro. Sentira-se chocado pela maneira como Poncin e depois o próprio ministro francês — que raramente lhe falava — haviam reagido, dizendo que tal conversa era prematura, que o trabalho de Deus exigia paciência e prudência, proibindo o contato, pelo menos por enquanto.

— Bom dia — murmurou Malcolm.

Era a primeira vez que qualquer um dos mercadores protestantes o convidava para ir a seu escritório. Por todo o mundo protestante, os sentimentos contra os católicos e seus sacerdotes eram antagônicos, com acusações de *pogroms sangrentos* e guerras religiosas, recentes e jamais esquecidas, lembrando-os do controle implacável que exerciam sobre os convertidos e os países que dominavam... e os protestantes eram igualmente detestados pelos católicos, e ainda por cima hereges segundo as convicções católicas.

— As bênçãos de Deus para você — murmurou padre Leo, hesitante. Antes de deixar seu pequeno bangalô, ao lado da igreja, ele fizera uma prece para que o chamado fosse sobre o que tanto ansiava. — O que deseja, meu filho?

— Quero que celebre meu casamento com miss Angelique.

Malcolm sentiu-se espantado por constatar que sua voz soava muito calma, com uma repentina consternação por ter dito aquilo, até por chamar o padre, compreendendo claramente as implicações do que pedira — *A mãe terá um ataque, nossos amigos e todo o nosso mundo vão pensar que enlouqueci...*

— Deus seja louvado! — exclamou o padre Leo, extasiado, em português: os olhos fechados, os braços erguidos para o céu. — Como são maravilhosos os caminhos de Deus! Eu agradeço, Senhor, agradeço por ter respondido às minhas preces, e que eu seja digno do Seu favor!

— O que disse? — indagou Malcolm.

— Ah, desculpe, meu filho — disse ele, voltando a falar em inglês. — Apenas agradecia a Deus por ter lhe mostrado a luz, em sua misericórdia.

— Ahn... xerez?

Malcolm não pôde pensar em outra coisa para dizer.

— Obrigado, meu filho... mas, primeiro, não quer rezar comigo?

O padre ajoelhou-se, fechou os olhos, uniu as mãos em oração. Embaraçado pela sinceridade do homem — embora ignorando a oração como insignificante — e de qualquer forma incapaz de se ajoelhar, Malcolm permaneceu sentado, fechou os olhos, fez uma pequena prece a Deus, certo de que Deus compreenderia seu lapso momentâneo, tentando se convencer de que era certo pedir àquele homem para fazer o que era necessário.

Não importava o fato de que a cerimônia provavelmente seria inválida em seu mundo. Seria válida para Angelique. Poderia se unir a ele no leito conjugal com a consciência limpa. E depois que assentasse a tempestade inicial em Hong Kong, e sua mãe fosse conquistada — ou mesmo que não fosse —, assim que ele alcançasse a maioridade, em maio, uma cerimônia apropriada corrigiria qualquer pequeno erro.

Ele entreabriu os olhos. Padre Leo ainda continuava perdido no latim incompreensível. A oração se arrastou, interminável, seguida pela bênção. Quando acabou, padre Leo levantou-se, os olhinhos pretos faiscando, entre as bochechas morenas.

— Por favor, permita que eu sirva o xerez, para poupá-lo da dor, senhor, pois agora sou também seu servidor — disse ele, na maior jovialidade. — Como estão seus ferimentos? Sente-se melhor?

— Um pouco. Agora... — Malcolm descobriu que não era capaz de chamá-lo de “padre”. — Agora, sobre o casamento, eu...

— Será celebrado, meu filho, e celebrado de uma maneira maravilhosa, eu prometo. — Como são extraordinárias as obras de Deus, pensou padre Leo. Não violei a promessa que fiz ao ministro Seratard, e Deus trouxe esse pobre rapaz para mim. — Não se

preocupe, senhor, é a vontade de Deus ter me chamado, e tudo será feito pela glória de Deus.

Padre Leo entregou um copo cheio a Malcolm, serviu-se em outro, derramando um pouco.

— À sua futura felicidade e à misericórdia de Deus!

Ele bebeu, depois sentou na cadeira, com tanta benevolência — a mesma cadeira que bem pouco tempo antes fora ocupada com tamanha rejeição —, que Malcolm sentiu-se ainda mais apreensivo.

— Agora, seu casamento será o melhor e o maior jamais realizado.
— O padre pôs-se a discorrer a respeito, com um entusiasmo tão intenso que Malcolm ficou ainda mais deprimido, pois queria que aquele casamento temporário fosse o mais discreto possível. — Devemos ter um coro e um órgão, novas vestimentas, taças de prata para a comunhão. Mas antes desses detalhes, meu filho, há muitos planos maravilhosos para acertar. As crianças, por exemplo, agora serão salvas, serão católicas, salvas do purgatório e das agonias das chamas eternas do inferno!

Malcolm limpou a garganta.

— Certo. O casamento deve ser na próxima semana; terça-feira é o melhor dia.

Padre Leo piscou, aturdido.

— Mas temos de pensar na sua conversão, meu filho. Isso leva tempo, e...

— Eu... não quero me converter, ainda não, embora concorde que as crianças serão católicas. — Serão criadas muito bem, serão inteligentes, raciocinou Malcolm, sentindo-se mais angustiado a cada momento. Poderão escolher por si mesmas, quando se tomarem adultas... Mas o que estou pensando? Muito antes disso, casaremos da maneira certa, numa igreja apropriada. — Por favor, na próxima semana. Terça-feira.

Os olhos do padre não mais sorriam.

— Não vai abraçar a verdadeira fé? E a sua alma imortal?

— Não, obrigado, não no momento, mas é claro que pensarei a respeito. As almas das crianças... isso é o importante... — Malcolm tentou parecer mais coerente. — Eu gostaria que o casamento fosse discreto, uma cerimônia simples, na terça-feira...

— E sua alma imortal, meu filho? Deus lhe mostrou a luz, sua alma é ainda mais importante do que esse casamento.

— Já disse que pensarei a respeito. Agora, vamos tratar do casamento. Terça-feira é o dia perfeito.

O padre largou o copo, a mente atordoada com alegrias, esperanças, indagações, medos, sinais de perigo.

— Mas isso não será possível, meu filho, por muitas razões. A moça não é menor de idade? É preciso obter a aprovação do pai dela, com

os documentos necessários. E o mesmo acontece com você, não é mesmo?

— O problema de ser menor? — Malcolm forçou uma risada. — Não se aplica ao meu caso, não quando o pai está morto. É a lei inglesa. Verifiquei com... o Sr. Skye.

Ele quase disse Heavenly e se arrependeu no mesmo instante de ter mencionado o advogado, pois recordou que Angelique lhe dissera que o padre Leo detestava o homem, detestava o apelido, considerando-o uma abominação, já que era um agnóstico declarado.

— Essa pessoa? — A voz de padre Leo se tornou dura de repente. — Sua opinião terá de ser confirmada por Sir William, pois ele não merece a menor confiança. Quanto ao pai da senhorita, ele pode vir de Bangkok, não é?

— Ele... Creio que ele voltou para a França. Mas sua presença não será necessária. Tenho certeza que monsieur Seratard poderá representá-lo. Terça-feira será o melhor dia.

— Mas por que a pressa, meu filho? Ambos são jovens, têm muita vida pela frente, e é preciso considerar sua alma. — Padre Leo tentou um sorriso. — Foi a vontade de Deus que o enviou para mim e dentro de um ou dois meses...

— Não, não pode ser dentro de um ou dois meses — insistiu Malcolm, prestes a explodir, a voz estrangulada. — Na terça ou quarta-feira, por favor.

— Reconsidere, meu filho. Sua alma imortal deve...

— Esqueça minha alma... — Malcolm fez uma pausa, para se controlar. — Pensei em oferecer uma doação à igreja, embora não seja... não seja no momento a minha igreja... uma doação generosa.

Padre Leo ouviu o “no momento”, reparou como a palavra “generosa” fora pronunciada, sempre consciente de que o trabalho de Deus neste mundo exigia servidores práticos e soluções pragmáticas. E recursos. E influência. E esses dois fatores essenciais só vinham dos bem-nascidos e ricos, não havia necessidade de lembrá-lo de que o *tai-pan* da Casa Nobre era as duas coisas, ou que hoje já fora dado um passo gigantesco a serviço de Deus: fora-lhe pedido um favor, e as crianças seriam salvas, mesmo que aquele pobre pecador ardesse no tormento eterno. Um calafrio percorreu-

lhe o corpo, em consternação por aquele jovem e todos os que sofriam desnecessariamente tamanho horror por toda a eternidade, quando a salvação era tão fácil de se alcançar.

Ele empurrou esse problema para o lado. A vontade de Deus é a vontade de Deus.

— O casamento será celebrado, meu filho, não se preocupe, eu prometo... mas não na próxima semana, nem na seguinte, pois há muitas barreiras.

Malcolm tinha a sensação de que seu coração estava prestes a explodir.

— Deus Todo-Poderoso, se não pode ser na próxima semana, ou na seguinte, então não adianta. Tem de ser agora... ou nada.

— Mas por quê? E por que um casamento particular, meu filho?

— Tem de ser agora ou nada — repetiu Malcolm, o rosto contraído.
— Vai descobrir que sou um bom amigo... preciso de sua ajuda...
Pelo amor de Deus, é uma coisa tão simples nos casar!

— É, sim, por Deus, mas não por nós, meu filho. — O padre suspirou, levantou-se. — Pedirei a orientação de Deus. Duvido que... mas talvez. Talvez. Precisarei ter muita certeza.

As palavras pairaram no ar.

— Detesto pôr fezes no seu buquê de rosas, *tai-pan* — declarou Heavenly Skye, unindo as pontas dos dedos, arriado por trás de sua escrivaninha, na sala pequena e miserável. — Mas já que pede meu conselho profissional, eu diria que seu padre Leo não merece a menor confiança, a menos que se converta. Não há a menor possibilidade de que isso possa ser feito a tempo, e eu não aconselharia, de jeito nenhum. Ele vai se esquivar como um fogo-

fátuo, suas datas vitais vão passar, e se sentirá cada vez mais angustiado.

— Mas o que posso fazer, Heavenly?

Skye hesitou, assoou o nariz bulboso, limpou o *pince-nez*, um recurso predileto para ganhar tempo e se controlar, ou para encobrir um lapso, ou até mesmo, como naquele caso, para conter um sorriso radiante.

Era a primeira vez que alguém importante o consultava desde que abrisse seu próprio escritório, *H. Skye, Esq., antes Moodle, Putfield & Leech, Procuradores e Advogados, Londres*, inicialmente em Calcutá, dez anos antes, depois em Hong Kong, e agora aqui. Depois de tanto tempo, tinha um cliente perfeito, em potencial: rico, dominado pela ansiedade, com um problema simples, que podia se tornar cada vez mais complicado, várias possibilidades a longo prazo, do princípio ao fim. E grandes honorários por uma solução, e eram várias, algumas boas, algumas Violentas.

— Não posso imaginar uma situação mais difícil — disse ele, solene desempenhando seu papel, gostando e admirando o jovem, não apenas como cliente, e depois ofereceu uma chave: — O nó górdio, hem?

Malcolm sentia-se angustiado. Era evidente que Heavenly tinha razão, o padre Leo não merecia confiança. Mesmo que eu me convertesse... não posso, seria demais... Ele levantou os olhos, abruptamente.

— Nó? Nó górdio? Isso foi resolvido! Ulisses cortou-o em dois. Não, foi Hércules.

— Desculpe, mas foi Alexandre, o Grande, em 333 a.C.

— Não importa quem o tenha feito, meu problema é... Heavenly, ajude-me a cortar meu nó, e terá minha eterna gratidão e quinhentos guinéus...

O sinal de aviso do mestre do porto ressoou pela colônia. Eles olharam pelas janelas sujas. O escritório de Skye ficava no prédio e armazém de Lunkchurch, cheio de livros, de frente para o mar. Para a alegria de ambos, a esquadra contornava o promontório, a nave capitânia à frente, bandeiras hasteadas. Sentiram o maior orgulho, e alívio ao mesmo tempo. Salvas de canhões trovejaram da praia e

dos navios, o *H.M.S. Pearl* o mais exuberante, a esquadra respondendo. Os dois homens soltaram gritos de alegria e Skye comentou:

— Podemos agora lidar com os japas e dormir em paz em nossas camas. — Indiretamente, ele voltou ao assunto em questão, invejando-o por Angelique, e determinado a ajudar. — Não é difícil resolver o problema dos japas, Willie precisa apenas ser objetivo e decidido. O velho punho de ferro em luva de ferro, ou veludo, aplica-se na maioria dos casos, se não mesmo em todos. Como acontece com o seu.

Malcolm Struan fitou-o nos olhos.

— Como? Como? Se resolver meu problema, você pode... pode indicar seu preço. — Cansado, ele pegou suas bengalas. — Dentro de limites razoáveis.

— Um momento, *tai-pan!* — exclamou Skye, limpando os óculos.

Meu preço não será apenas dinheiro, não da Casa Nobre, cuja influência pode me ajudar a ser juiz em Hong Kong, ah, que alegria será! Meu único dilema é se devo revelar a solução agora, ou esperar, e me arriscar a perder a iniciativa. De jeito nenhum! Uma ave na cama vale duas na Yoshiwara.

Não mais solene, ele tornou a ajeitar o pince-nez na ponta do nariz, agora como portas gêmeas dominando o rosto rosado e infantil, que parecia transbordar ao redor.

— Tive uma idéia repentina, *tai-pan*. Poderia resolver seu problema, no prazo que precisa. Por que não faz a mesma coisa que sua mãe?

Malcolm se mostrou aturdido por um instante e, depois, o significado se tornou claro.

— Ah, fugir para casar? Pensei nisso — disse ele, irritado —, mas ir para onde, e quem iria celebrar a cerimônia, já que estamos a um milhão de quilômetros de Macau?

— O que Macau tem a ver com isso? — indagou Skye.

— Todos sabem que o pai e a mãe fugiram e casaram na igreja anglicana em Macau, a cerimônia realizada depressa, por causa da influência do avô.

Skye sorriu, sacudiu a cabeça.

— Essa é a história publicada, mas não a verdadeira. Seu capitão Orlov casou-os a bordo do clíper China Cloud, em viagem de Macau para Hong Kong... seu avô tornara seu pai mestre para essa curta viagem e, como sabe, a lei do *tai-pan* é de que no mar o mestre era a lei do navio.

Struan estava espantado.

— Não acredito nisso.

— O primeiro atributo de um bom advogado, e sou um bom advogado, Sr. Struan, é ser um bom ouvinte, o segundo é ter um faro para fatos e segredos, o terceiro, ser discreto. É fundamental saber tudo o que puder sobre seus clientes em potencial mais importantes... o melhor para ajudá-los na adversidade.

Ele aspirou uma pitada de rapé, espirrou.

— A Casa Nobre é a primeira na Ásia, a fonte de lendas, e por isso, quando cheguei a Hong Kong, interessei-me em separar os fatos dos mitos sobre os Struans, os Brocks, os americanos Cooper e seu sócio Wilf Tillman, até mesmo o russo Zergeyev. Eu acho...

Ele parou de falar. Os olhos do jovem haviam se tornado vidrados, perdidos na distância, deixara de escutar, a mente com certeza na solução, à medida que aflorava à superfície, e preenchia seu firmamento.

— Sr. Struan!

— Oh, desculpe... O que estava dizendo?

— Fico satisfeito por lhe oferecer a solução. Há dificuldades, sem dúvida, mas possuo navios, dispõe de capitães, e o capitão de um navio britânico, em determinadas situações, pode efetuar um casamento. Como é o *tai-pan*, pode dar a ordem. *Quod erat demonstrandum*.

— Heavenly, você é fantástico! — exclamou Malcolm. — Tem certeza sobre minha mãe e meu pai?

— Tenho, sim. Um dos meus informantes foi Morley Skinner, proprietário do *Oriental Times*, um contemporâneo de Dirk Struan, um velho que adorava contar histórias sobre os velhos tempos. Também obtive informações da Sra. Fortheringill, antes de sua morte, e... Já notou como são poucas as pessoas que se mostram dispostas a escutar os velhos, que testemunham todos os tipos de eventos? Skinner morreu há cerca de oito anos. Chegou a conhecê-lo?

— Não. — Um pouco da esperança de Malcolm se evaporou. — Se essa história fosse verdadeira, todos em Hong Kong a conheceriam.

— Dirk Struan resolveu abafá-la, achando que um “discreto casamento na igreja” era mais conveniente. Era bastante poderoso para conseguir isso e até persuadiu os Brocks a concordarem. Mas a história é verdadeira.

— Mas se ele... — Malcolm fez uma pausa; era um prazer contemplar sua expressão. — Mas não importa se é verdadeira ou falsa, não é mesmo?

— Tem razão. A verdade é muito importante porque lhe proporciona ampla defesa contra sua mãe. Afinal, só está fazendo a mesma coisa que ela, seguindo seu exemplo.

— Por Deus, Heavenly, você tem toda razão outra vez! — E depois, mais excitado: — Dispõe de alguma prova?

Claro, meu tolo rapaz, pensou Skye, mas não vai obter tudo de uma só vez.

— Tenho, sim, em Hong Kong. Precisarei de dinheiro para as despesas, a fim de ir até lá imediatamente... a serem deduzidas dos

meus honorários. Digamos cinco mil, incluindo a prova... e sempre desde que minha solução corte o seu nó górdio. Quando você voltar a Hong Kong, depois do casamento, terei todas as provas de que puder precisar.

— E eu pensava que estava perdido!

Malcolm recostou-se na cadeira. Não havia mais nada agora para detê-lo. E aquele fato desanuviava sua mente de muitos demônios, os demônios da noite, do dia e do futuro.

— Que outros “fatos” você conhece a meu respeito e de meu passado?

— Muitos, Sr. Struan — respondeu Skye, sorrindo. — Mas não são para agora, embora preciosos.

Malcolm Struan seguia para casa, mais feliz do que podia se lembrar, as bengalas e a dor não o incomodando tanto quanto de hábito.

E por que não? — ele quase cantou. Casaria na semana seguinte com a moça mais linda do mundo, a mãe envolvida de uma maneira impecável — mal posso esperar para ver sua cara —, tenho uma festa esta noite, que agora será uma autêntica comemoração, e Norbert voltou no momento oportuno para ser enviado ao encontro de seu Criador. — Viva!

Na maior jovialidade, ele cumprimentava e acenava para as pessoas por quem passava. Era popular, além de lastimado, respeitado como o *tai-pan* da Casa Nobre, ainda mais invejado como o futuro e adorado marido da favorita da colônia.

O sol rompeu pelas nuvens, o que combinava com seu ânimo, fez o mar faiscar, enquanto a esquadra se dispersava na baía, o barco de Sir Wi Hiam aproximando-se da nave capitânia, o navio de correspondência cercado por outras embarcações. Seu próprio navio mercante, Lady Tess, que navegava entre Iocoama, Xangai e Hong Kong, fazia escalas em todos os portos principais até Londres, e

depois voltava, estava preparado para zarpar, e deveria partir naquela noite.

Seu capitão era Lavidarc Smith, enorme e ruidoso, há muitos anos na companhia, como a maioria dos nossos capitães, mas jamais gostei muito dele. Preferia que o velho tio Sheley nos casasse e abençoasse. Uma pena que eu não soubesse o que sei agora quando ele passou por aqui. Ora, não importa. De qualquer forma, não posso manter Lavidarc aqui, e amanhã seria impossível, já que preciso primeiro cuidar de Norbert.

E Vincent Strongbow, do *Prancing Cloud* deve chegar no domingo e partirá para Hong Kong na quarta-feira. Isso me dá bastante tempo para matar Norbert e embarcar antes que Sir William me pegue. Não devo me demorar aqui, estarei muito mais seguro em Hong Kong, onde temos um poder real, e Angel... minha esposa a essa altura... poderá me seguir duas ou três semanas depois.

Portanto, tudo está resolvido. E Heavenly tem razão mais uma vez: devo ter muito cuidado, não contar a ninguém, nem mesmo a Angel, até pouco antes do momento. Posso confiar nele; jurou segredo, e seus honorários serão pagos ao longo do ano, o que me garantirá sua devoção. Ah, cinco mil! Mas não importa, ele me ofereceu a solução, o problema não mais existe, graças a Deus!

Outra decisão: vou reduzir o medicamento, até mesmo me abster por completo. Tenho um dever com Angel, de ficar bom e forte, sem acessórios. E estar em condições de assumir a Casa Nobre. Com Angel ao meu lado, posso...

Cavalos passando a trote interromperam seu devaneio. Ele acenou para os cavaleiros e viu que se encontrava perto da igreja, o sol brilhando na torre, o cheiro do mar, cavalos, terra e vida em suas narinas. Em súbita gratidão, pensou em entrar para fazer uma oração de agradecimento, quando notou a lancha a vapor da companhia aproximando-se do cais, com Jamie na popa, a cabeça inclinada para um jornal, e isso o lembrou da correspondência. Mudou de direção e alcançou o cais antes de a lancha atracar.

— Jamie! — gritou ele, por cima do barulho do motor.

Acenou, enquanto a lancha encostava nas estacas, cheias de algas e cracas. Viu Jamie contrair os olhos contra o vento, e depois acenar em resposta. Um olhar para seu rosto foi suficiente.

— Vou subir a bordo.

Meio desajeitado, ele passou para o convés, pois era difícil andar numa superfície inclinada com duas bengalas, mas conseguiu chegar à popa e permitiu que Jamie o segurasse pelo braço e o ajudasse a descer os três degraus para a cabine. Era espaçosa e privativa, com bancos em torno de uma mesa, armários por baixo. A correspondência estava sobre a mesa, em maços impecáveis, separada em cartas, jornais, revistas e livros. Malcolm viu no mesmo instante uma carta de sua mãe no alto da pilha que lhe era destinada, sua letra inconfundível. Outra carta dela, para Jamie, já se encontrava aberta na mesa.

— Fico contente em vê-lo, *tai-pan*.

— O que é agora?

— Tome aqui, leia você mesmo.

Para sua informação, meu filho não pode casar até alcançar a maioridade, em quaisquer circunstâncias. Já comuniquei isso ao reverendo Michaelmas Tweet, a Sir William (por esta remessa de correspondência) e publiquei um aviso na edição de hoje do Oriental Times (anexo). Também avisei aos capitães de todos os nossos navios passando por essas águas e ordenei que espalhassem essa informação, e também notifiquei o almirante Ketterer (por esta correspondência), no caso de ele se sentir tentado por uma cerimônia de capitão. O que meu filho fizer depois de completar vinte e um anos passa a ser problema dele, é claro. Até esse momento, diante de Deus, protegerei seus interesses e os nossos da melhor forma que puder.

O ar foi expelido dos pulmões de Malcolm, o sangue se esvaiu do rosto. Abriu sua própria carta. Era quase que uma cópia da outra, só que pessoal, endereçada a *Meu querido filho*, e terminava assim:

Isto é realmente para o seu próprio bem, meu filho. Lamento dizer que o sangue da moça é ruim: fomos informados de que as autoridades da Indochina francesa agora perseguem o pai dela, por fraude, e você já sabe que um tio se encontra na prisão dos devedores, em Paris. Se precisa tanto dela, faça com que se torne sua amante, por mais que eu desaprove, mas só vai acarretar mais problemas para si mesmo, tenho certeza. E saiba que jamais vou querer conhecê-la.

Confio que terei o prazer de vê-lo antes do Natal, quando toda essa história lamentável talvez já pertença ao passado. Deveria escrever sobre os infames Brocks, mas esse assunto deve ser resolvido aqui, não em Iocoama.

Sua mãe afetuosa.

Havia o “PS. Eu amo você”, o que indicava a inexistência de uma mensagem secreta.

Lentamente, Malcolm rasgou a carta em pedacinhos. Esse controle agradou-o, mas não dissipou a fúria pelo impasse em que a mãe o deixara, e ele murmurou, sem saber que falava em voz alta:

— Aquela mulher é uma megera... uma megera gerada por demônios, uma bruxa... como ela podia saber...

McFay observava-o e esperava, na maior preocupação. Quando pôde pensar direito, Malcolm perguntou:

— O que diz o jornal?

O aviso era breve:

A Sra. Tess Struan, diretora em exercício da Struan, anunciou hoje que a Casa Nobre promoverá grande comemoração por ocasião do 21º aniversário de seu filho mais velho, Malcolm, e sua posse formal no posto de tai-pan, a 21 de maio do próximo ano.

— Não há muito mais que ela possa fazer para me solapar, não é mesmo. Jamie? — comentou ele, com um sorriso amargo.

— Não — respondeu Jamie, o coração se confrangendo por ele. Malcolm contemplou os navios, o horizonte, com Hong Kong mais

além, com todos os seus amigos, e inimigos também. Agora, a mãe se situava no topo da segunda lista.

— É engraçado, de certa forma. Poucos momentos antes, eu me sentia na crista da onda...

Um tanto apático, ele relatou a Jamie sua grande idéia, a recusa de Tweet, e o plano maravilhoso de Heavenly.

— Mas tudo isso é lixo agora.

Jamie sentia um choque tão grande quanto o de Malcolm. Não conseguia pensar direito.

— Talvez... talvez seja possível persuadir Tweet. Quem sabe se uma grande contribuição...

— Ele recusou isso. E o padre Leo também.

— Oh, Deus! Você pediu a ele?

Malcolm relatou o encontro, deixando Jamie ainda mais chocado.

— Se está disposto a chegar a tais limites, *tai-pan*... talvez... possamos encontrar outro capitão.

— Não há muitas possibilidades agora, Jamie. E, de qualquer forma, Heavenly ressaltou que tudo deveria ser discreto, até acabar, pois Sir William pode proibir, já que Angelique e eu somos menores. E se a mãe enviou um aviso formal a Sir William, ele terá de contar a Seratard. Ela venceu... que Deus a amaldiçoe!

Malcolm tornou a desviar os olhos para o horizonte. No passado, quando uma catástrofe ocorria, como na ocasião em que os gêmeos haviam se afogado — embora a mãe nunca o tivesse dito expressamente, ele sempre achava que ela o culpava, pois nada teria acontecido se estivesse presente —, Malcolm sentia as lágrimas aflorando, como agora, mas tratava de reprimi-las, o que agravava ainda mais o sofrimento. Fazia isso porque “um *tai-pan* nunca

chora". Ela sempre lhe inculcava tal idéia. Era a primeira coisa que podia recordar a mãe dizendo:

— O *tai-pan* nunca chora, paira acima disso, continua a lutar, como Dirk, nunca chora, suporta o fardo.

Repetira muitas e muitas vezes, embora as lágrimas sempre escorressem dos olhos do pai com a maior facilidade.

E eu jamais compreendi como ela sentia desprezo por ele.

Ela nunca chorou, nem uma única vez, ao que eu possa me lembrar.

Não vou chorar. Suportarei o fardo. Jurei que seria digno de me tornar *tai-pan* e assim será. Nunca mais ela será a "mãe" para mim. Nunca. Tess. Isso mesmo, Tess, eu suportarei.

Seus olhos focalizaram Jamie. Sentia-se muito velho, muito solitário.

— Vamos desembarcar.

Jamie fez menção de dizer alguma coisa, parou. Sua expressão era estranha.

Depois, ele apontou para o banco no outro lado. Mais pacotes de correspondência ali.

— O que é?

— É... a correspondência de Wee Willie. Bertram, o novo assistente da legação, estava doente, e por isso eu propus... buscar a correspondência para eles

Os dedos de Jamie se mostravam tão trêmulos quanto a voz. Ele pegou o maço de cartas. O cordão cruzado tinha o lacre do governo no centro, mas ainda assim foi fácil folhear pelos cantos, e encontrar

as duas cartas de Tess Struan. Para Sir William e o almirante Ketterer.

— Com um pouco de tempo, e sorte, nós... você... eu poderia tirar essas cartas

Os cabelos na nuca de Malcolm se arrepiaram. Roubar o correio real era um crime punido com a força.

34

Os dois homens ficaram olhando para o maço de cartas, atordoados, dominados pelo medo. A cabine era claustrofóbica. Malcolm não disse nada, limitou-se a observar Jamie, que também se manteve calado, os dois se sentindo esgotados. Depois, tomando a decisão por ele, os dedos trêmulos de Jamie puxaram o cordão, mas isso levou Malcolm a tomar sua própria decisão. Ele se inclinou para pegar o maço de cartas.

— Não, Jamie, não deve fazer isso.

— É o único jeito, *tai-pan*.

— Não é, não.

Malcolm ajeitou o cordão, aliviado ao constatar que o lacre não fora rompido, alisou as cartas, e largou o maço sobre o outro, o contato odioso.

— Não é certo — murmurou ele, a voz tão fraca quanto os joelhos, desprezando sua fraqueza... mas seria fraqueza? — Nunca me perdoaria se você... se você fosse apanhado e eu não tenho a coragem... além de achar que não é certo.

O rosto de Jamie ficara molhado de suor.

— Certo ou não, ninguém vai saber. Se não fizermos isso, você não terá a menor chance. Talvez possamos encontrar um capitão... até mesmo da Brock, um navio deles é esperado na próxima semana.

Malcolm sacudiu a cabeça, a mente vazia. Uma onda jogou a lancha contra o cais, fazendo os cabos rangerem. Com um esforço, ele se concentrou. Durante toda a sua vida, sempre que se encontrava num dilema, perguntava a si mesmo o que faria Dirk Struan, o *tai-pan*... mas nunca obtivera uma resposta concreta. Ao final, exausto, ele indagou:

— O que ele faria, Jamie... o que Dirk Struan faria?

No mesmo instante, a memória de Jamie conjurou o gigante impetuoso, nas poucas vezes em que o vira, ou estivera em sua companhia por alguns minutos... ainda jovem, quando começara a trabalhar na companhia.

— Ele... — Depois de um momento, um sorriso começou a se insinuar. — Ele faria... Dirk... é isso mesmo. Acho que ele mandaria

todo mundo desembarcar, e sairia sozinho com a lancha, para “testar alguma coisa que parece errada”, e depois... depois que estivesse longe da praia, em águas profundas, abriria calmamente as válvulas e, enquanto a água entrasse, verificaria se toda esta correspondência estava bem presa, sem o risco de se soltar e flutuar, em seguida iria para a popa, acenderia um charuto, esperaria até a lancha afundar, e nadaria para a praia. Ele interferiu com a correspondência? “Mas que idéia, rapaz!” — O sorriso de Jamie era agora seráfico. — Por que não?

Antes da Tokaidô, Malcolm era um excelente nadador. Agora, sabia que afundaria como uma âncora.

— Eu nunca chegaria à praia.

— Mas eu não teria dificuldade, *tai-pan*.

— Acontece que o problema não é seu, Jamie; e mesmo que o fizesse, isso só me concederia cerca de uma semana, o que não seria grande coisa. Não podemos interferir com o correio real. Vamos esquecer que tudo isso aconteceu. Certo? — Malcolm estendeu a mão. — Você é um amigo de verdade, o melhor que já tive. Lamento tê-lo tratado tão mal.

Jamie sacudiu a mão dele com vigor.

— Não me tratou tão mal assim e mereci tudo o que disse. Não houve conseqüências. *Tai-pan...* por favor, seria muito fácil.

— Obrigado, mas não.

Pela décima milésima vez, Malcolm compreendeu que não era Dirk Struan e nunca poderia fazer tudo aquilo de que o *tai-pan* era capaz; naquele caso, remover as cartas sem hesitação ou afundar toda a correspondência. Antes da Tokaidô talvez eu ousasse, mas agora... agora é cinquenta vezes pior. Tokaidô, sempre a Tokaidô, pensou ele, a palavra gravada a fogo em sua mente, tão frustrado que sentia vontade de gritar.

— Tenho de enfrentar o problema sozinho.

Ele desembarcou, foi para sua suíte, claudicando. O vidro pequeno estava cheio, mas ele não tomou nada, tornou a guardá-lo na gaveta. Sentindo bastante dor, puxou sua cadeira para mais perto da janela e desabou nela, aliviado.

Vou vencer, prometeu a si mesmo. Por favor, Deus, ajude-me. Não sei como, mas hei de ter Angelique, dominar a dor, o ópio, a Tokaidô, Tess, vou vencer de qualquer maneira...

Seu sono foi profundo e repousante. Quando acordou, deparou com Angelique, sentada perto, sorrindo-lhe.

— Boa tarde, querido. Puxa, você dormiu muito bem! Já é quase hora de trocar de roupa para a festa. — Os olhos de Angelique faiscavam. Ela se adiantou, beijou-o, ajoelhou-se ao seu lado. — Como se sente?

— Ver você me deixa muito feliz.

A voz de Malcolm estava impregnada de amor, mas não ocultava a preocupação interior.

Isso a decidiu. Era importante tirá-lo de sua seriedade habitual, a fim de que pudesse desfrutar a festa naquela noite, que prometera que seria uma comemoração.

— Tenho uma surpresa para você — anunciou Angelique, maliciosa.

— O que é?

Ela se levantou, começou a rodopiar, como se estivesse dançando, o vestido de tarde sibilando. De repente, soltou uma risada e exclamou:

— Olhe!

Angelique levantou as saias e as anáguas, revelando toda a extensão das pernas perfeitas, realçadas por meias de seda, ligas elegantes sob os joelhos, uma calcinha rendada em diversas

camadas. Ele esperava pelo calção tradicional, que tudo encobria. A visão deixou-o sem fôlego.

— Oh, Deus... — balbuciou ele.

— É para o seu prazer apenas, meu querido — disse ela, inebriada por sua ousadia, rindo do rubor de Malcolm, para depois, contente, levantar as saias por cima da cabeça por um instante, deixando-as cair em seguida, se abanando, esbaforida. — É a última moda, não se usam mais aqueles calções horríveis. O colunista de *Le Figaro* diz que hoje em dia algumas das mais famosas damas de Paris nem mesmo usam calcinhas na Ópera... em ocasiões especiais... para o prazer secreto de seus amantes!

— Não ouse fazer isso! — exclamou Malcolm, rindo também, arrebatado pela exuberância dela. Ele pegou-a pela mão, puxou-a para seu colo. — O simples pensamento me levaria à loucura.

Angelique comprimiu a cabeça contra seu ombro, satisfeita por seu estratagema ter dado certo.

— Acho que vou sussurrar em seu ouvido durante o jantar, algumas vezes, ou quando estiver dançando, que esqueci de vesti-las... só para provocar meu príncipe encantado, mas apenas depois que casarmos, e só para diverti-lo. Não se importa, não é, *chéri*... a nova moda, sem aqueles calções horríveis?

— Claro que não — respondeu Malcolm, como um homem experiente, embora secretamente não o fosse. — Se é a moda, então é a moda.

— Disse que a festa desta noite seria uma celebração? A maior parte da jovialidade de Malcolm se desvaneceu.

— Deveria ser, mas... Seja paciente comigo, Angel. Dentro de poucos dias poderei lhe contar o verdadeiro motivo... apenas tive de adiar um pouco. Enquanto isso, saiba que amo você, amo você, amo você...

O tempo mudou à noite, mas isso não arrefeceu o clima da festa de Malcolm. A sala de jantar principal do prédio Struan fora construída para grandes ocasiões e ofuscava todas as outras instalações particulares da colônia, exceto o clube. Prataria faiscante, copos de cristal, a melhor porcelana de Pequim, os trinta e tantos convidados em trajes a rigor ou uniformes de gala. Hoag declinara o convite, pois estava com febre.

O jantar foi lauto, como sempre, e prolongado. Agora, sob aclamações, a mesa comprida foi encostada na parede — uma ocorrência rara, mas quase obrigatória sempre que Angelique se encontrava presente, todos os convidados querendo dançar com ela. Menos Jamie... mas apenas por aquela noite. Como combinara antes com Malcolm, Jamie retirou-se discretamente, durante a confusão do deslocamento da mesa.

— Desculpe, mas não sinto vontade de dançar e vou embora, *tai-pan*.

— Ambos juramos esquecer o episódio da lancha hoje.

— Não é isso. Quero apenas ordenar meus pensamentos.

Naquela noite, Angelique era a única mulher presente, já que as outras duas como Hoag, estavam lamentavelmente doentes, e ela foi escoltada ao ritmo vertiginoso de valsas e polcas tocadas por André Poncin, num piano de cauda importado sob aplausos gerais na primavera. Uma dança por convidado era a regra, ela tinha permissão para descansar depois de quatro danças, e podia parar sempre que quisesse. Seu rosto resplandecia; usava um vestido novo de seda, vermelho e verde, mas sem a armação de uma saia-balão, o que realçava a cintura fina e o busto cheio, os mamilos quase à mostra, na moda decretada por Paris, deplorada pelo clero ausente, e devorada por todos os homens na sala.

— Já chega, *mes amis* — anunciou ela, depois de uma hora, sob os lamentos e súplicas daqueles que ainda não haviam dançado, e voltou para Malcolm, abanando-se, exultante.

Ele sentava numa enorme cadeira de carvalho, toda lavrada, à cabeceira da mesa, embalado pelo vinho e conhaque. Gostava de apreciá-la tanto quanto qualquer outro, embora se sentisse, como sempre, profundamente frustrado por não ter reivindicado a primeira dança, nem a última, como seria seu direito. Antes, era um grande dançarino.

Angelique acomodou-se no braço da cadeira. Malcolm passou o braço por sua cintura, enquanto ela estendia o seu pelos ombros dele.

— Você dança maravilhosamente, Angel.

— Nenhum deles é tão bom quanto você — sussurrou ela. — Foi o que primeiro me atraiu em você, príncipe encantado...

Gritos de expectativa interromperam-na. Para seu constrangimento e consternação, os dedos de André iniciaram os primeiros acordes do canção, lentos e sedutores. Angelique sacudiu a cabeça, não se mexeu.

Para sua surpresa, sob gargalhadas, Pallidar e Marlowe foram para o centro da sala, toalhas presas em torno do uniforme, como saias, o ritmo alegre da música se acelerou, e eles iniciaram uma paródia hilariante da dança que escandalizava o mundo civilizado, fora de Paris, cada vez mais depressa, erguendo as falsas saias mais e mais alto, os pés subindo mais e mais, sob gritos, zombarias e risadas, todos batendo os pés em acompanhamento, até que os dois homens, de rosto vermelho e suando, nos uniformes apertados, tentaram um *split* e desabaram no chão, aos brados de “*bis! bis!*” e aplausos ensurdecedores.

Rindo com os outros, Malcolm largou-a, e ela se adiantou para ajudá-los a levantar, dando os parabéns e elogiando seus esforços. Pallidar ofegava e simulou um gemido.

— Acho que entortei as costas para sempre.

— Champanhe para o exército e rum para a marinha! — gritou Angelique.

Ela deu os braços aos dois e levou-os até Malcolm, para mais elogios. Sorrindo para ele, comentou:

— Nada de canção para mim, não é mesmo, querido?

— Seria demais.

— Concordo — disse Marlowe.

— Também acho — arrematou Malcolm, partilhando o sorriso secreto com a noiva, num agradável excitação.

Ao recomeçar a tocar, André escolheu uma valsa. Era apenas o suficiente para ela mostrar os tornozelos enquanto rodopiava, mas não o bastante para revelar a ousada ausência das pantalonas. Fora ele quem lhe mostrara o artigo em *Le Figaro*, encorajara-a, e partilhava o segredo. Durante toda a noite, observara-a e aos homens que a adulavam — Babcott pairando acima de todos os outros, depois os esplendorosos Pallidar e Marlowe, tentando afastá-lo do círculo íntimo —, saboreando seus segredos, e também, no momento, a vida dentro de uma vida que ele levava. Angelique dançava agora com Sir William. Rindo para si mesmo, André deixou a mente vaguear, enquanto os dedos continuavam a tocar. O que fariam todos se soubessem o que sei? Sobre os brincos, o aborto, e

como me livrei da prova? Todos se voltariam para ela como se fosse uma leprosa, inclusive o apaixonado Struan, ele mais ainda.

Se as coisas fossem diferentes, e eu estivesse em Paris com ela, apoiado pelo poder e dinheiro da Casa Nobre, com um marido que a adora, mas inválido, quantos segredos poderia obter! Angelique precisaria de um treinamento mais extenso nas artes femininas, não tão gentis quanto se podia imaginar, suas garras teriam de ser afiadas, mas depois se tornaria uma clássica, qualquer salão e qualquer cama a acolheriam com o maior prazer, e depois que experimentasse o Grande Jogo, aquela menina tão astuta haveria de se empenhar com a maior satisfação.

E na minha cama? Agora ou mais tarde, com toda certeza, se eu quisesse pressioná-la, mas não a desejo mais, e não a terei, exceto por vingança. Ela é muito mais divertida como um joguete, e há bem pouca coisa neste mundo para divertir...

— Uma idéia sensacional, André! — exclamou Phillip Tyrer, radiante, ao seu lado. — Settry disse que você tramou tudo com eles.

— O quê?

— O cançã!

— Ah, sim... — Os dedos de André continuaram a tocar a valsa por mais um momento, mas logo pararam. — É tempo para uma pausa. Vamos tomar um drinque.

Ele concluiu que agora, sendo quase público, seria uma ocasião perfeita para controlar Tyrer.

— Ouvi dizer que o contrato de uma certa dama vale o salário de um ministro — comentou ele, em francês.

O rosto de Tyrer se avermelhou em embaraço, ele correu os olhos ao redor André acrescentou:

— Por Deus, Phillip, parece até que eu poderia ser indiscreto a esse ponto Não se preocupe, meu amigo, pois sempre defendo seus interesses. — Ele sorriu recordando o encontro dos dois no castelo

em Iedo. — Afinal, as questões do coração nada têm a ver com as questões de Estado, embora eu acredite que a França deveria partilhar os despojos do mundo com a Grã-Bretanha... não concorda?

— Eu... concordo, André. Mas... as negociações não correm muito bem, infelizmente, ainda estamos num impasse.

— Não acha que é melhor falar em francês?

— Tem razão. — Tyrer usou seu lenço como um *dândi* o faria, para enxugar o suor repentino. — Nunca pensei que seria tão difícil.

André fez um sinal para que ele chegasse mais perto.

— Posso lhe dizer como acertar tudo: não a veja esta noite, embora tenha um encontro marcado. — Ele quase riu quando Tyrer ficou boquiaberto. — Quantas vezes já expliquei que existem bem poucos segredos por aqui? Talvez eu possa ajudar... se você precisar de ajuda.

— Claro que preciso. Seria um grande favor.

— Neste caso...

Os dois olharam para a mesa de roleta, que fora armada na outra extremidade da sala, onde houve uma explosão de risos e aplausos quando Angelique ganhou no duplo zero... não era jogo a dinheiro naquela noite, apenas moedas chinesas de bronze, sem valor. Vargas atuava como *crupiê*. Tyrer suspirou.

— Sorte no jogo e sorte no amor.

— Ela trabalha para isso — murmurou André, irritado com Angelique. — E você deveria fazer a mesma coisa. Não compareça ao encontro desta noite com Fujiko. Claro que sei que Raiko arrumou tudo por sua súplica... e não foi Raiko quem me contou, diga-se de passagem, mas uma de suas criadas. Não vá, e não mande nenhum aviso, apenas procure outra casa, a estalagem dos Lírios, por exemplo, pegue qualquer moça ali, a mais bonita se chama Yuko.

— Mas eu não quero, André...

— Se não quiser levá-la para a cama, apenas faça com que ela o sirva por outros meios, trate de se embriagar, ou finja estar bêbado, e pode ter certeza de que não vai desperdiçar seu dinheiro. Amanhã, quando Nakama mencionar Fujiko, ou qualquer coisa sobre o contrato e Raiko, demonstre indiferença, e de noite repita o desempenho.

— Mas...

— Sempre que Nakama mencionar qualquer coisa, banque o indiferente, não diga nada, apenas que a estalagem dos Lírios parece muito promissora, ordene em tom ríspido que ele não torne a falar no assunto. Entendido até aqui?

— Entendido, mas você não acha...

— Não, não acho, a menos que você prefira ser levado à loucura e não queira ter Fujiko a um preço relativamente razoável... e de qualquer maneira, Phillip você vai continuar no impasse. O que não importa. Não é justo que tenha de mendigar, é uma questão de honra. Não discuta esse plano com Nakama, e mantenha o esquema por uma semana, no mínimo.

— Por Deus, André, uma semana?

— O melhor seriam três semanas, meu velho amigo. — André se divertiu com a expressão angustiada de Tyrer. — Não apenas estou lhe poupando muito dinheiro com isso, mas também um oceano de aborrecimentos. É importante que comporte como se não desse a menor importância, que se mostre irritado com as protelações, os encontros desmarcados e o preço absurdo pedido por Raiko... ainda mais por se tratar de alguém tão importante como você! Será uma boa coisa deixar Nakama desconcertado. Mas não muito, pois ele é um sujeito esperto, não é mesmo?

— É, sim... inteligente e perceptivo.

Também acho, pensou André, e muito em breve chegará o momento de partilhar tudo comigo, tanto o que ele lhe contou, como o que consegui descobrir por mim mesmo. É curioso que Nakama fale

inglês... graças a Deus que meus espiões têm ouvidos bem abertos, além dos olhos. Isso explica muita coisa, embora eu não entenda por que ele não fala em inglês comigo, nem mesmo em japonês, sempre que o encontro sozinho. Deve ser porque Willie deu essa ordem.

— Tenho certeza que Raiko vai me pedir uma dúzia de vezes para interceder, promover um encontro — continuou André. — Depois de uma semana, concordarei em atendê-la, mas com evidente relutância. Não deixe que Nakama faça isso, não permita que ele entre no jogo. Ao se encontrar com Raiko, banque o duro e aja da mesma forma com Fujiko. Terá de parecer convincente, Phillip.

— Mas...

— Diga a Raiko que ela estava correta ao considerar os interesses de seu cliente, os seus interesses, em primeiro lugar... ainda mais porque você é uma autoridade importante, repise isso... dando-lhe tempo para pensar no assunto com o maior cuidado. E concorde que é melhor ser prudente, que comprar agora o contrato da "mulher" não é uma boa idéia. Diga "mulher", em vez de Fujiko... não se esqueça que do ponto de vista delas você apenas negocia no momento o preço de uma mercadoria, não a dama que adora. Agradeça a Raiko, declare que com a sua ajuda pôde pensar melhor, e acha agora que seria um erro comprar um contrato. Vai apenas alugar os serviços da "mulher" de vez em quando, e se a "mulher"

estiver ocupada, *shigata ga nai...* não tem importância... a vida é curta, etc.

Tyrer escutava com toda atenção, sabia que André tinha razão, e se angustiou à perspectiva de não ver Fujiko por uma semana, já imaginando-a a sofrer sob o peso de cada *gai-jin* em Iocoama.

— Eu... concordo com tudo o que disse, André, mas acho que não serei capaz... de fazer a encenação.

— Tem de fazer. Por que não? Afinal, eles representam durante todo o tempo. Ainda não percebeu que essa gente vive a mentira como se fosse a verdade e a verdade como se fosse mentira? As mulheres não têm opção, ainda mais no mundo flutuante. Os homens? São ainda piores. Lembre-se do *Bakufu*, o Conselho do Anciãos, e também de Nakama, especialmente de Nakama. Eles são mestres consumados no jogo, não se iluda. Por que ser um otário, por que deixar Raiko, humilhá-lo, e ao mesmo tempo entregar em suas mãos um ouro que não tem condições de dispensar... nunca terá... só por que tenta aplacar uma ânsia interminável que Deus implantou em nós?

André estremeceu. Conhecia muito bem essa armadilha. Caíra nela. Raiko o pressionara muito além de seus limites financeiros. Isso não

é verdade, disse ele a si mesmo, irritado. Pode distorcer a verdade e a mentira para outras pessoas, mas não faça isso com você próprio, com seu eu secreto, ou estará perdido. A verdade é que me lancei ao limite, fui além, com a maior satisfação. Há dezessete dias.

No instante em que Raiko me apresentou à moça...

No instante em que a vi, com seus cabelos negros, pele de alabastro, olhos fascinantes, compreendi que daria a Raiko até minha alma, e mergulharia no abismo eterno para possuí-la. Eu, André Eduard Poncin, servidor da França, mestre da espionagem, assassino, perito na vileza da natureza humana, eu, o grande cínico, me apaixonei à primeira vista. Uma loucura! Mas a verdade.

Assim que a moça se retirou, eu, desamparado, emocionado, balbuciei:

— Raiko, por favor, pago qualquer coisa que pedir.

— Sinto muito, *Furansu-san*, mas custará mais dinheiro do que me agrada mencionar, mesmo que ela concorde em ficar com você... o que ainda não ocorreu.

— Pago qualquer dinheiro. Por favor, pergunte se ela aceita.

— Está bem. Por favor, volte amanhã, ao anoitecer.

— Não. Por favor. Pergunte agora... eu espero.

E ele tivera de esperar quase duas horas. Enquanto esperava, angustiado, rezara e torcera, morrera, e tornara a morrer. Quando Raiko voltara, ele vira sua expressão determinada, começara a morrer mais uma vez, mas ressuscitara quando ela dissera:

— O nome dela é Hinodeh, que significa alvorecer. Tem vinte e dois anos, diz que sim, mas há condições. Além do dinheiro.

— Tudo o que Hinodeh quiser.

— É melhor escutar primeiro. — Raiko parecia mais sombria do que ele jamais a vira. — Hinodeh diz que será sua consorte, não cortesã, por um ano e um dia. Se nesse último dia ela decidir continuar com você, vai lhe dar seu *inochi*, seu espírito, e passará mais um ano em sua companhia, e outro, mais outro, ano a ano, até decidir deixá-lo ou você se cansar dela. Se ela decidir ir embora, você jura que vai liberá-la, sem problemas.

— Concordo. Quando começamos?

— Espere, *Furansu-san*, há muito mais. Não haverá espelhos em sua casa e você não levará nenhum. Quando ela se despir, o quarto estará sempre no escuro-exceto uma vez, a primeira. Apenas uma vez, *Furansu-san*, poderá vê-la. Depois, no momento em que qualquer... qualquer marca desfiguradora aparecer, ou quando ela

quiser lhe pedir, você deverá sem hesitação fazer uma reverência, abençoá-la, ser sua testemunha, e entregar a taça de veneno, ou faca, assistir e esperar até que ela esteja morta, para honrar seu sacrifício.

A mente de André entrara em vertigem, fora de controle.

— Morta?

— Ela disse que prefere a faca, mas não sabia qual seria a escolha de um *gai-jin*.

Quando conseguira pôr o cérebro para funcionar, André murmurara:

— Eu... eu serei o juiz... se a marca desfiguradora aparecer?

Raiko dera de ombros.

— Em você ou nela, não importa. Se ela resolver pedir, você deve cumprir sua promessa. Tudo ficará por escrito no contrato. Concorda?

Depois de absorver isso, em todo o seu horror, de aceitar, ele indagara:

— Quer dizer que a doença nela ainda se encontra no início, não há marcas?

Os olhos de Raiko se mostraram implacáveis, a voz era gentil, mas inexorável:

— Hinodeh não tem doença, *Furansu-san*, absolutamente nenhuma. É imaculada.

A cabeça de André parecia prestes a explodir, com o “*é imaculada*” ressoando pelo cérebro, junto com o brado para si mesmo “*mas você é impuro!*”

— Por quê? Por que ela concorda? Por quê? Ela não sabe que estou doente?

Uma criada, esperando lá fora, na varanda, assustara-se com seu grito e abrira a porta de shoji. Raiko acenara com a mão e a criada, obediente, tornara a fechá-la. Com extrema delicadeza, Raiko tomara um gole de saquê.

— Claro que ela sabe, *Furansu-san*. Sinto muito.

Ele removera a saliva dos cantos da boca.

— Então por que... ela concorda?

Outra vez uma expressão estranha.

— Hinodeh não quis me dizer. Sinto muito. É parte do meu acordo com ela. Não devo pressioná-la para saber, o que deve constar do seu acordo com ela. Não podemos pressioná-la. Ela diz que contará tudo no momento que julgar mais conveniente. — Raiko soltara um suspiro profundo. — Sinto muito, mas você deve concordar com isso, como parte do contrato. É essa a condição final.

— Concordo. Por favor, prepare o contrato...

Depois de uma longa agonia — apenas uns poucos dias —, o contrato fora assinado e lacrado, e André se encontrara com Hinodeh, ele impuro, ela pura, em toda a sua glória, e amanhã haveria outro encontro...

André quase deu um pulo quando alguém pôs a mão em seu ombro e descobriu-se de volta à enorme sala do prédio Struan. Era Phillip, que disse:

— Você está bem, André?

— Como? Ah, claro... — O coração de André palpitava, um suor frio deixava toda a sua pele arrepiada, na lembrança do “*imaculada*” e “*primeira vez*”, de todo o horror da situação... temendo o dia seguinte. — Desculpe, eu... senti um súbito calafrio.

No mesmo instante, ele experimentou a sensação de que a sala o pressionava ameaçando sufocá-lo, precisava sair dali, respirar um pouco de ar fresco. Levantou-se, meio trôpego, balbuciando:

— Peça... peça a Henri para tocar... eu... não me sinto bem... tenho de ir embora...

Aturdido, Tyrer observou-o se afastar. Babcott veio da mesa de roleta.

— O que houve com ele? O pobre coitado dá a impressão de que acaba de ver um fantasma.

— Não sei, George. Num momento ele estava bem, no seguinte ficou branco que nem um lençol, o suor escorrendo.

— Foi alguma coisa na conversa?

— Acho que não. Ele apenas me aconselhava sobre o que fazer com Fujiko e Raiko, nada que o envolvesse pessoalmente.

Os dois olharam André se retirar, como se a sala estivesse vazia. Babcott franziu o rosto.

— Uma atitude insólita, pois ele é geralmente afável. — Pobre coitado, deve ser sua aflição... eu bem que gostaria de poder lhe proporcionar uma cura, bem que gostaria que Deus nos oferecesse uma cura.

— Por falar nisso — disse Tyrer —, eu não sabia que você era um dançarino tão hábil.

— Nem eu — respondeu o gigante, com uma risada trovejante. — Fui inspirado... ela inspira qualquer um. Normalmente, danço como um rinoceronte.

Os dois contemplaram Angelique, através da sala.

— Uma constituição extraordinária a dessa moça... e que riso maravilhoso, contagiante!

— Tem razão. Malcolm é mesmo um sujeito de sorte. Com licença. Tenho de pedir a Henri para substituir André...

Tyrer afastou-se. Babcott tornou a observar Angelique. É curioso que um médico possa examinar uma paciente sem se sentir excitado, pensou ele, mesmo sendo uma mulher assim. E não fiquei, nas ocasiões em que ela me consultou em Kanagawa, ou aqui, embora nunca houvesse um exame íntimo, pois não havia necessidade, exceto por sua menstruação intensa demais, há poucas semanas, quando um exame mais meticuloso era indicado, só que ela nunca permitiu. Nunca a vi tão pálida, com os lábios tão exangues. Pensando nisso, ela se comportou de maneira estranha, nem me deixou chegar perto, apenas me permitiu entrar no quarto, por um breve instante, quase como um estranho, quando na noite anterior — na ocasião em que lhe devolvi sua cruz — escutei o que havia em

seu coração, auscultei seu peito e costas, verifiquei o estômago, e ela reagiu como uma paciente normal. Lembro que tinha a pulsação um pouco acelerada, sem qualquer motivo aparente. Um comportamento curioso.

Será que deixei de perceber alguma coisa? — ele perguntou a si mesmo, observando-a à mesa da roleta, transbordando de vida, batendo palmas com infantil júbilo ao ganhar, no vermelho ou no preto, Zergeyev e os outros lhe ensinando a arte do jogo. E é estranho que ela não use sua cruz, como a maioria dos católicos, ainda mais quando foi um presente da mãe adorada.

— Grande festa, Malcolm — disse Sir William, aproximando-se, a reprimir um bocejo. — Mas é tempo de me recolher.

— Outro conhaque?

Malcolm estava sentado perto do canto da lareira, o fogo agora reduzido a brasas.

— Não, obrigado. Já bebi o suficiente. Grande dama, Malcolm, grande diversão.

— É verdade — concordou Malcolm, orgulhoso.

Ele sentia-se melhor, com o vinho e o conhaque, que amorteciam a dor e acalmavam seu pânico persistente pelo futuro. Não tão forte quanto o medicamento, pensou ele. Mas não tem importância, é um começo.

— Bom... boa noite. — Sir William esticou-se. — Ah, antes que eu me esqueça, você poderia me procurar amanhã, a qualquer hora que quiser.

Malcolm levantou os olhos abruptamente, a lembrança da carta da mãe deixando seu estômago gelado outra vez.

— Por volta de onze horas está bem?

— Perfeito. Se quiser mudar, não tem problema.

— Não. Irei às onze horas. Sobre o que deseja me falar, Sir William?

— Pode esperar. Não há nada que não possa esperar.

— Sobre o que, Sir William?

Ele percebeu a compaixão nos olhos que o estudavam. Seu desconforto aumentou.

— É sobre a carta de minha mãe, não é mesmo... ela disse que lhe escreveria pela correspondência que chegou hoje.

— É isso mesmo, mas apenas em parte. Fui informado que deveria esperar uma carta. O primeiro assunto é Norbert, agora que ele voltou. Espero que já tenham esquecido essa bobagem de duelo.

— Claro.

Sir William soltou um grunhido, sem estar convencido, mas deixou o caso por aí. Não podia fazer mais do que advertir as duas partes e, depois, se insistissem, impor a lei.

— Vocês dois estão avisados.

— Obrigado. E qual é o segundo assunto?

— Recebi a comunicação oficial do plano do governo de proibir todo o comércio de ópio por cidadãos britânicos, todo o transporte em navios britânicos, destruir as plantações de ópio em Bengala, substituindo-as por chá. Como liderava a delegação para pedir e se queixar dos rumores, eu queria que fosse o primeiro a saber.

— Isso vai arruinar nosso comércio asiático, todo o comércio na China, e transtornar por completo a economia britânica.

— A curto prazo, vai sem dúvida causar um grande problema para o Tesouro mas é o único curso moral possível. Essa providência já deveria ter sido adotada há alguns anos. É claro que compreendo o insolúvel triângulo prata-ópio-chá e o caos que a receita perdida acarretará para o Tesouro.

Sir William assoou o nariz, já cansado do problema que há anos afligia o Ministério do Exterior.

— Acho que peguei um resfriado. Sugiro que convoque uma reunião para a próxima semana, a fim de discutir como podemos reduzir a confusão.

— Está certo.

— Cultivar nosso próprio chá é uma boa idéia, Malcolm — comentou Sir William. — Mais do que isso, uma idéia maravilhosa! Pode interessá-lo saber que as primeiras plantações experimentais em Bengala estão produzindo colheitas de sementes contrabandeadas da China, levadas para *Kew Gardens* por Sir William Longstaff, o governador de Hong Kong no tempo de seu avô, quando voltou para casa.

— Sei disso, e até provei o chá, que é amargo e preto, sem nada da delicadeza do chá chinês, ou até mesmo do japonês — respondeu Malcolm, impaciente. O chá podia esperar até o dia seguinte. — O que mais?

— Por último, a carta de sua mãe — acrescentou Sir William, mais formal. — Não é política do governo de sua majestade, nem de seus representantes, interferir com a vida particular de seus cidadãos. Mas sua mãe ressalta que você é menor de idade e ela é sua tutora legal. Sou obrigado a não aprovar qualquer casamento sem o consentimento da tutora legal, neste caso das duas partes. Lamento muito, mas é a lei.

— As leis são feitas para serem violadas.

— Algumas leis, Malcolm — disse Sir William, gentilmente. — Não sei qual é o problema entre você e sua mãe, nem desejo saber... ela chamou minha atenção para o aviso no Times, que pode ser interpretado de várias maneiras, nem todas boas. Quando você voltar a Hong Kong, tenho certeza que poderá trazê-la para o seu lado. Além disso, de qualquer forma, você alcançará a maioria em maio. e não falta muito.

— Errado, Sir William — disse Malcolm, recordando o mesmo conselho de Gordon Chen... um conselho de homens que não sabem o que é o amor, pensou ele, sem rancor, apenas sentindo pena. — Falta um milhão de anos.

— Seja como for. Tenho certeza que tudo acabará dando certo para os dois. Henri também pensa assim.

— Conversou a respeito com ele?

— Em particular, é claro. O cônsul francês em Hong Kong está... hum... a par de Angélique e sua afeição por você, a afeição mútua.

Ela é uma pessoa maravilhosa, dará uma esposa maravilhosa, independentemente do problema com seu pai.

Malcolm ficou vermelho.

— Também sabe de tudo a respeito dele?

Os sulcos no rosto de Sir William se tomaram ainda mais profundos.

— As autoridades francesas no Sião estão bastante preocupadas. Como não podia deixar de ser, informaram Henri, que me passou as informações, pedindo ajuda. Lamento, mas é uma questão de interesse oficial. Já deve saber disso. Afinal, qualquer coisa relacionada com a Casa Nobre é uma questão de interesse. — Uma pausa, e ele acrescentou, com alguma tristeza, pois gostava de Malcolm e lamentava o barbarismo na Tokaidô: — O preço da fama, hem?

— Se... se souber de alguma coisa, eu agradeceria se pudesse ouvir primeiro, em particular, o mais depressa possível.

— Está certo, posso mantê-lo informado. Em particular.

Malcolm estendeu a mão para a garrafa de conhaque.

— Tem certeza que não quer?

— Não, não quero. Obrigado.

— Há alguma solução para o meu problema?

— Eu lhe diria se houvesse. — Sir William manteve a voz formal, para encobrir uma súbita irritação. Como se uns poucos meses pudessem fazer alguma diferença, já que a moça não está morta, ao contrário de Vertinskya, e continua a ser maravilhosa. — Seu aniversário é iminente, e Hong Kong fica a apenas oito ou nove dias de viagem. Claro que terei o maior prazer em recebê-lo às onze horas de amanhã, ou em qualquer outra ocasião, mas isso era tudo

que eu tinha para falar. Boa noite, Malcolm, e mais uma vez, obrigado pela festa.

Já passava de meia-noite. Malcolm e Angelique beijavam-se ardentemente no corredor, fora de suas suítes adjacentes. O corredor estava escuro, havia apenas umas poucas luzes noturnas. Ela tentava contê-lo, mas também gostava, mais e mais a cada dia, o calor de Malcolm esquentando-a mais do que no dia anterior... e naquela noite a necessidade de ambos era quase irresistível.

— *Je t'aime* — murmurou Angelique, sincera.

— *Je t'aime aussi, Angel.*

Ela tornou a beijá-lo, depois cambaleou para trás, mais uma vez, quando já se encontrava na beira do abismo, e manteve-o a distância, enquanto recuperava o fôlego.

— *Je t'aime...* foi uma festa adorável.

— Você foi como champanhe.

Ela beijou-o na orelha, seus braços o enlaçaram. Antes da Tokaidô, teria ficado na ponta dos pés. Não notava isso, mas Malcolm sabia.

— Lamento ter de dormirmos separados.

— Eu também, mas não falta muito agora. — Abruptamente, a dor se manifestou, mas ele a suportou por mais um momento. Fitou-a nos olhos. — Só mais um pouco. Durma bem, minha querida.

Os lábios se encontraram, eles murmuraram boa-noite, várias vezes, e depois Angelique se foi. Trancou sua porta. Malcolm pegou as bengalas, claudicou até seus aposentos, feliz e triste, preocupado e sem qualquer preocupação. A noite fora um sucesso. Angelique ficara contente, os convidados haviam se divertido, ele reprimira o desapontamento pelo fracasso de seu plano e confrontara o problema da correspondência, não permitindo que Jamie tomasse a decisão em seu lugar.

E fora a decisão certa, pensou ele, embora Dirk pudesse ter feito melhor. Não importa, nunca poderei ser como ele, Dirk morreu, eu estou vivo, e Heavenly prometeu encontrar uma solução para as cartas dele, dar um novo rumo ao meu destino:

— Deve haver uma solução, *tai-pan*. Descobrirei alguma coisa antes de partir para Hong Kong, pois precisará daquela prova, independentemente do que venha a acontecer.

Os olhos de Malcolm desviaram-se para a porta de comunicação, ainda trancada à noite, em caráter permanente, por consenso mútuo. Não vou pensar em Angelique, na tranca, ou que ela está sozinha. Nem sobre o meu fracasso ou nosso casamento. Fiz essa promessa antes e a cumprirei. Amanhã cuidarei do amanhã.

A meia garrafa de vinho habitual esperava na mesinha-de-cabeceira, com algumas frutas — entre as quais mangas de Nagasáqui —, queijo inglês, chá frio, que ele sempre tomava em vez de água, um copo e o vidro pequeno. A cama estava preparada, seu camisolão estendido em cima. A porta foi aberta.

— Olá, *tai-pan*.

Era Chen, seu criado número um, com o sorriso largo, de muitos dentes, que sempre o agradava. Chen cuidava dele desde que podia se lembrar, assim como Ah Tok sempre fora sua ama, ambos de uma lealdade total, possessivos, sempre em desavença. Era um homem atarracado, muito forte, o rabicho exuberante, o rosto redondo, com um sorriso permanente, que nem sempre se transmitia aos olhos.

— Seu banquete foi digno do imperador Kung.

— Ah! — exclamou Malcolm, azedo no mesmo instante, sabendo o que o velho insinuava. — Que a grande vaca possa urinar em suas gerações imediatas. Faça logo o seu trabalho, guarde suas opiniões

para si mesmo, e não se comporte como se tivesse nascido sob o signo do macaco.

Era o signo zodiacal para as pessoas espertas. O aparente gracejo de Chen, como a maioria em chinês, possuía muitos significados: o imperador Kung, que reinara na China quase quatro milênios antes, era famoso por três coisas, seus gostos epicuristas, os lautos banquetes que promovia, e seu “livro”.

Naquela época, não havia livros como se conhecia hoje, apenas pergaminhos. Ele preencheria um pergaminho com um tratado detalhado, o primeiro “livro de travesseiro”, a fonte de todos os outros que, por definição, versavam sobre as conjunções de homem e mulher, em todas as suas possibilidades e riscos, como melhorar o momento do orgasmo, os nomes para as diversas posições e suas minúcias, descrições de artefatos, poções, técnicas — arremetidas profundas e superficiais —, como escolher a parceira física certa, e dizendo, entre outras sabedorias:

...obviamente, um homem cujo Monge Caolho tenha o infortúnio de ser pequeno não deve se lançar a um embate com um Portão de Jade como o de uma égua.

Que seja conhecido por todos os tempos, os deuses determinaram que essas partes podem parecer iguais, mas apesar disso variam bastante. Deve-se usar de extremo cuidado para evitar a armadilha dos deuses, que enquanto concediam ao homem os meios, assim como uma necessidade tão forte e tão permanente quanto a agulha que procura a Estrela do Norte, para saborear o Céu na Terra — o momento das Nuvens e da Chuva é assim —, ao mesmo tempo, para sua diversão, criaram múltiplos obstáculos no caminho da busca do yang pela yin, alguns fáceis de evitar, a maioria impossível, todos complexos. Como o homem deve saborear tanto quanto puder do Céu enquanto estiver na Terra — quem sabe se os deuses são realmente deuses —, o Too, o Caminho para a Ravina Deslumbrante, deve ser visto, examinado, perseguido e estudado com uma intensidade maior do que a transmutação de chumbo em ouro...

Chen circulou pelo quarto, magoado, mas ao mesmo tempo satisfeito pelo conhecimento de seu amo. Apenas cumpria seu dever, chamando a atenção para a força da *yin*, em particular naquela noite, com tanta ostentação, a dança e os beijos, provocando o *yang* do amo, e sobre isso o imperador fora bastante específico: Um *yang* nervoso e não satisfeito em qualquer casa, se for o do amo, vai transtornar toda a casa, e por isso todos devem envidar esforços para aliviar o desamparado.

E nossa casa se encontra em turbilhão, pensou Chen, contrariado. Ah Tok se mostra mais difícil do que nunca. Ah Soh resmungo pelo trabalho extra e a preocupação, os cozinheiros se queixam da perda de apetite do amo, os criados lamentam que nada o agrada, e tudo porque essa prostituta bárbara, que mais parece uma vaca, não quer cumprir o seu dever. A opinião geral entre os criados era a de que ela devia possuir uma dessas *ravinas vorazes* contra as quais o imperador Kung alertara:

Há algumas que os deuses aliaram aos demônios, com uma força magnética tão grande que levam os homens à loucura, e os fazem esquecer uma verdade imortal, a de que uma Yin é como qualquer outra quando a necessidade é intensa, e pior, quando tal Ravina finalmente se abre para receber o Yang, esse Céu se torna o Inferno, pois nunca há suficiente.

— Ah, *tai-pan* — disse Chen, ajudando-o a se despir —, esta pessoa apenas dizia que seu banquete agradou a todos.

— Seu amo e senhor sabe exatamente o que você quis dizer.

Malcolm tirou a camisa, com alguma dificuldade. Seu tio, Gordon Chen quem muito prezava, instruíra-o sobre a obra do imperador Kung, ressaltando que aquelas informações, assim como outros importantes conhecimentos sobre *yang* e *yin*, deveriam ficar entre os dois, sendo mantidos em segredo de sua mãe.

— Você não passa de um patife impertinente — acrescentou Malcolm, em inglês, sua principal defesa contra Chen e Ah Tok. Ele jamais conseguia levar a melhor sobre eles em cantonês, mas enfurecia-os quando falava em inglês — E sei que estava tentando depreciar a ama. Mas, por Deus, é melhor parar com isso.

O rosto redondo se contraiu.

— *Tai-pan* — disse Chen, em seu melhor cantonês, enquanto o ajudava a deitar —, esta pessoa só tem os interesses do amo acima de qualquer outra coisa.

— Essa não! — escarneceu Malcolm. — Palavras de uma língua viperina são tão preciosas quanto espinhas de peixe mofadas para um homem faminto.

Ele percebeu um envelope na cômoda e perguntou:

— O que é aquilo?

Chen foi buscar, apressado, feliz porque a conversa se desviara de sua pessoa.

— Um demônio estrangeiro chegou esta noite à sua procura. Nosso cambista Vargas o recebeu. O demônio estrangeiro disse que a carta era urgente, por isso Vargas pediu que ele a deixasse aqui, para o caso de nosso ilustre amo querer lê-la de noite.

A letra não era familiar.

— Que demônio estrangeiro?

— Não sei, *tai-pan*. Deseja mais alguma coisa?

Malcolm sacudiu a cabeça, bocejou, pôs o envelope na mesinha-de-cabeceira e dispensou-o. O vidro de medicamento parecia chamá-lo.

— Não vou tomar — murmurou ele, a voz firme.

Estendeu a mão para diminuir a chama do lampião a óleo, mudou de idéia e abriu a carta, com súbita expectativa, pensando que podia ser de Heavenly, ou mesmo do padre Leo.

Prezado Sr. Struan: Talvez eu possa me apresentar, Edward Gorra, da Rothwell, de Xangai, antes da Virgínia, no momento aqui em

Iocoama, para treinamento com o Sr. Norbert Greyforth, a pedido de Sir Morgan Brock.

O Sr. Greyforth pediu-me para representá-lo, como seu padrinho, na questão particular, embora premente, do duelo para o qual o desafiou. Talvez seja melhor eu procurá-lo amanhã? A parte da manhã seria mais conveniente, por volta de meio-dia, digamos? Tenho a honra de ser seu servidor obediente, Edward Gornt.

A assinatura era tão impecável quanto a letra no resto da carta.

35

Terça-feira, 2 de dezembro:

— **B**om dia, Sr. Gornt. Permita que lhe apresente o Sr. McFay, chefe da Struan no Japão. Por favor, fique à vontade... você também, Jamie. Café, chá, xerez, champanhe?

— Nada, obrigado, Sr. Struan.

— O Sr. McFay é um dos meus padrinhos. Os detalhes, pelo que creio, devem ser acertados entre os padrinhos, não é mesmo?

— É, sim, senhor. Já me encontrei com o Sr. Syborodin, mas não conversei nada com ele, de acordo com os desejos do Sr. Greyforth.

Os dois jovens se estudaram. Desde o primeiro instante, ambos haviam experimentado a mesma sensação estranha: uma intensa atração pelo outro. E cada um pensou: É estranho que se possa

simpatizar de imediato com algumas pessoas, sem qualquer razão aparente, enquanto se detesta outras, até com uma profunda repulsa, e se ignora muitas. Mesmo assim, ambos tinham certeza que a afinidade inicial, por maior que fosse, não faria a menor diferença. Muito em breve — hoje, amanhã, talvez nos minutos seguintes — alguma coisa faria com que revertissem a normalidade, à confortável hostilidade histórica que unia suas firmas, e se prolongaria pelos tempos afora, descartando aquela primeira afinidade como uma aberração peculiar.

— Em que eu... em que nós podemos servi-lo? — indagou Malcolm.

O sorriso de Gornt era genuíno, os dentes brancos, como os de Malcolm. Ele era da mesma altura, um pouco mais franzino, as roupas menos elegantes, cabelos escuros em contraste com os castanhos-avermelhados de Malcolm, olhos castanhos, não azuis.

— O Sr. Greyforth queria confirmar datas, armas, etc.

Jamie interveio:

— Sabe que tudo isso é contra a lei, Sr. Gornt, e que o duelo foi formalmente proibido por Sir William?

— Sei, sim, Sr. McFay.

Jamie mudou de posição na cadeira, contrafeito, detestando seu envolvimento mais do que nunca, e ainda mais inquieto pelo insólito clima na sala. Não podia entender. Onde deviam prevalecer frieza e hostilidade, parecia mais um momento de expectativa, bastante agradável e predeterminado.

— Isso dito, o que Norbert tem em mente?

— Hoje é terça-feira. Pode ser daqui a uma semana?

— Prefiro na quarta-feira, dia 10 — declarou Malcolm, no mesmo instante

Ele formulara um plano durante a madrugada. Perdera o sono. Lutara contra o dragão que havia no pequeno vidro, e vencera, embora a batalha cobrasse um tributo, e a medida daquela manhã fora um alívio patético.

O *Prancing Cloud* chegaria no domingo, e deveria partir ao anoitecer da quarta-feira. Combinaria em segredo com o capitão para zarpar assim que ele embarcasse, depois do duelo. Ou já teria enviado Angelique para o navio, ou providenciaria para que Jamie a escoltasse até Hong Kong no próximo navio, o que só seria decidido no último momento, ao final da terça-feira. Talvez fosse melhor levar Jamie junto com Angelique, assim anulando parte da fúria de sua mãe contra Jamie, pela obediência a um dos seus desejos, o que talvez a levasse a revogar sua ordem de demissão... devia isso a Jamie, por tentar ajudá-lo, por todos os meios. Se Angelique estivesse a bordo, talvez encontrasse uma maneira de persuadir o capitão Strongbow a esquecer a ordem de sua mãe.

É uma chance difícil, refletiu ele, mas um coração fraco jamais conquistou uma bela dama, e é o melhor que posso fazer.

— Prefiro a quarta-feira.

— Imagino que não haverá qualquer problema, senhor. Quanto ao lugar, sugerimos que seja ao amanhecer, na terra de ninguém, entre a aldeia e a cidade dos bêbados, não no hipódromo, pois se trata de um lugar público demais, com cavaleiros por ali desde o início da manhã.

Malcolm riu, sem saber por quê.

— Uma boa escolha — disse ele, antes que Jamie pudesse responder. Muito melhor para mim, mais isolado, mais perto do mar, será bem mais fácil seguir para o clíper do cais na cidade dos bêbados. — É evidente que já conhece muito de Iocoama, embora esteja aqui há apenas um dia.

— A sugestão foi do Sr. Greyforth, mas verifiquei os dois locais esta manhã. A terra de ninguém é melhor, mais segura.

— Então isso está combinado. Será difícil para mim caminhar dez passos. Sugiro que devemos assumir nossas posições e, à ordem de alguém, a sua, se assim desejar, podemos apontar e atirar.

— Consultarei o Sr. Greyforth.

— Mais alguma coisa?

Gornt hesitou, depois olhou para Jamie.

— Podemos acertar os outros detalhes mais tarde, como devemos chegar, por que caminhos, em que médico podemos confiar, etc. Por último...

— Parece muito bem informado sobre duelos, Sr. Gornt. — murmurou Jamie. Já esteve envolvido em algum?

— Alguns, Sr. McFay. Como participante uma vez; duas como padrinho, quando estudava na Universidade de Richmond. — Outra vez o sorriso, efusivo, entretanto, sincero. — Levamos muito a sério as questões de honra no Sul, senhor.

Com a agradável irrealidade da conversa e sua convicção de que o *tai-pan* caíra na armadilha preparada por Greyforth — apesar da obstinação de Malcolm — fizeram com que Jamie perdesse o controle.

— Então deve saber que Norbert estava errado! — exclamou ele, furioso. — Norbert fez tudo o que podia para provocar o *tai-pan*, agiu assim várias vezes, e não resta a menor dúvida de que deveria pedir desculpas, para podermos pôr um ponto final nessa estupidez!

— Jamie! — protestou Malcolm.

Se não fosse pelo que acontecera no dia anterior, ele teria pedido a Jamie que se retirasse. Mas a dívida de ontem era vasta e eterna, por isso Malcolm limitou-se a dizer ao amigo de verdade que era Jamie:

— Não é problema seu, e sei muito bem como se sente. — Ele tornou a olhar para Gornt. — Jamie está certo. Norbert tem se comportado de uma maneira deplorável.

Gornt não respondeu. Malcolm deu de ombros, sorriu.

— Destino. Também não é problema seu, Sr. Gornt. Portanto, já foi participante uma vez e padrinho duas vezes. É evidente que venceu. E o outro homem?

— Não o matei, senhor, nem tentei matá-lo. Apenas o feri.

Os dois se observaram, avaliando um ao outro. Jamie disse, nervoso:

— Então está tudo acertado.

— Isso mesmo, exceto as armas. O Sr. Greyforth escolhe espadas. Malcolm ficou boquiaberto, Jamie empalideceu.

— Pistolas de duelo foi o combinado — disse Jamie. — Acertamos isso.

— Sinto muito, senhor, mas não foi nada acertado. O Sr. Greyforth, como a parte desafiada, tem o direito de escolher as armas.

— Mas foi acer...

— Jamie, deixe-me cuidar disso — interveio Malcolm, atônito com seu desapego, já esperando alguma sujeira de Norbert. — Sempre foi presumido que éramos cavalheiros e usaríamos pistolas.

Lamento, mas não são essas as minhas instruções, senhor. Quanto a cavalheiros, meu principal assim se considera e escolhe defender sua honra com Uma espada, o que é bastante costumeiro.

— Obviamente, isso não é possível.

— O Sr. Greyforth também disse... devo ressaltar que não aprovo, e foi o que declarei a ele... também disse que se o senhor quiser

poderia concordar com facas, espadas ou lanças.

Jamie começou a se levantar, mas Malcolm o deteve.

— No meu atual estado, isso é impossível — disse ele, para depois se controlar e acrescentar, com firmeza: — Se é uma manobra para Norbert resguardar sua honra, me humilhar e cancelar o duelo, então eu o desprezo, e sempre o considerarei indigno.

Jamie admirou e detestou essa explosão, ao mesmo tempo, mas de repente compreendeu que poderia ser um meio de salvar as aparências para ambos.

— *Tai-pan*, não acha que...

— Não. Sr. Gornt, é evidente que não posso, neste momento, sequer usar uma espada. Por favor, peça a Norbert para aceitar pistolas.

— Pois não, senhor, claro que pedirei. O primeiro dever de um padrinho é tentar promover uma reconciliação e parece-me que há espaço suficiente para os dois cavalheiros na Ásia. Falarei com o Sr. Greyforth.

— Poderá me encontrar aqui a qualquer momento, Sr. Gornt — disse Jamie. — Tudo o que eu puder fazer para ajudar a acabar com essa insanidade, basta me avisar.

Gornt acenou com a cabeça, começou a se levantar, mas parou quando Malcolm indagou:

— Poderíamos ter uma conversa em particular, Sr. Gornt? Não se importa, não é, Jamie?

— Claro que não. — Jamie apertou a mão de Gornt, e acrescentou para Malcolm: — Há uma reunião de todos os mercadores para discutir a bomba de Sir William, ao meio-dia, no clube.

— Eu irei, Jamie, embora tenha certeza de que não haverá qualquer discussão objetiva, apenas muitos gritos e explosões.

— Também acho. Até mais tarde, *tai-pan*.

Jamie se retirou. A sós na sala, os dois homens se estudaram, mais uma vez.

— Está a par da estupidez do Parlamento?

— Estou, sim, senhor. Todos os governos são estúpidos.

— Gostaria de me acompanhar num copo de champanhe?

— Uma celebração?

— Isso mesmo. Não sei por que, mas me sinto satisfeito por conhecê-lo.

— Ah, então sente a mesma coisa? Não é certo, não acha?

Malcolm sacudiu a cabeça, tocou a sineta. Chen apareceu. Depois que o champanhe foi aberto e servido, ele saiu, os olhinhos escuros saltando de um homem silencioso para outro homem silencioso.

— Saúde!

— Saúde! — respondeu Gornt e saboreou o champanhe.

— Tive a impressão de que você queria me falar em particular.

Gornt riu.

— Queria mesmo. É perigoso um inimigo ser capaz de ler seus pensamentos, hem?

— E muito, só que não precisamos ser inimigos. A Rothwell é uma boa cliente, o ódio e rivalidade entre os Struans e os Brocks não devem afetá-lo, independente do que Tyler ou Morgan possam dizer.

Baixou os olhos para o copo de cristal lapidado e as borbulhas do champanhe indagando-lhes se estava correto ao pensar que o momento oportuno era agora ou se deveria esperar. Os olhos castanhos-amarelados tornaram a avaliar Struan. Decidiu correr o perigo.

— Tem a reputação de gostar de segredos e ser digno de confiança.

— Você também é assim?

— Em questões de honra, sou. Sua reputação... gosta de histórias, legendas?

Malcolm fez um esforço para se concentrar, desconcertado com a irrealidade da reunião e com o homem à sua frente.

— Algumas mais do que outras.

— Estou aqui sob um falso pretexto. — O sorriso repentino de Gornt iluminou a sala. — Por Deus, não posso acreditar que estou de fato aqui, com o futuro *tai-pan* da Casa Nobre! Esperei e planejei por tanto tempo para esta reunião e agora chegou o momento. Antes de vir para cá, eu não tinha a menor intenção de dizer qualquer coisa agora, exceto o que o Sr. Greyforth me pediu para falar. Mas agora?

Ele ergueu o copo.

— À vingança.

Malcolm pensou a respeito por um instante, sem medo, fascinado, depois bebeu, serviu-se de mais champanhe.

— É um bom brinde na Ásia.

— Em qualquer lugar. Primeiro: preciso de sua palavra de honra, a honra do *tai-pan* da Casa Nobre, diante de Deus, de que tudo o que eu disser permanecerá em segredo entre nós, até que eu o libere.

Malcolm hesitou.

— Desde que seja uma história. E ele fez o juramento.

— Obrigado. Vamos à história. Estamos seguros aqui? Alguém pode nos ouvir?

— Na Ásia, quase sempre. Sabemos que as portas têm ouvidos, assim como paredes, mas posso dar um jeito. Chen!

A porta foi aberta no mesmo instante. Em cantonês, Malcolm ordenou:

— Fique longe da porta, mantenha todos afastados, até mesmo Ah Tok!

— Pois não, *tai-pan*. A porta foi fechada.

— Agora está seguro, Sr. Gornt. Conheço Chen durante toda a minha vida, e não fala inglês... eu acho. Fala xangainês?

— Um pouco, assim como o dialeto Ning poh.

— Estava dizendo?

— É a primeira vez que conto a história a alguém — afirmou Gornt e Malcolm acreditou. — Era uma vez uma família que foi para a Inglaterra, saindo de Montgomery, Alabama... seu lar por gerações... pai, mãe, dois filhos, um garoto e uma menina. Ela tinha quinze anos, seu nome era Alexandra, e o pai era o mais jovem de cinco irmãos, Wilf Tillman o mais velho.

— O co-fundador da Cooper-Tillman? — indagou Malcolm, surpreso.

— Isso mesmo. O pai de Alexandra era um pequeno corretor de chá e algodão, um investidor com o irmão Wilf na Cooper-Tillman. Foi para Londres trabalhar com a Rothwell, num contrato de três anos, como assessor no algodão... a Cooper-Tillman era a maior fornecedora. Permaneceram em Londres pouco menos de um ano. Infelizmente, os pais adoeceram, o que não é de admirar, com o *fog*, aquele clima horrível. Eu mesmo quase morri quando estive lá... passei dois anos em Londres em treinamento na Brock, e mais um na Rothwell. Mas voltemos à história. Os Tillmans decidiram voltar para casa. No meio do Atlântico, Alexandra descobriu que estava grávida.

— Que coisa terrível! — murmurou Malcolm.

— É verdade. O choque matou seu adorado pai, somando-se à doença. Ele tinha trinta e sete anos. Foi sepultado no mar. O atestado de óbito assinado pelo capitão dizia apenas “convulsão cerebral”, mas tanto ela quanto a mãe sabiam que a verdadeira causa fora a má notícia. Alexandra tinha só dezesseis anos, tão bonita quanto um retrato. Isso foi em 1835, há vinte e sete anos. Alexandra teve um filho, eu. Para uma moça solteira ter um filho ilegítimo, ser uma decaída... ora, Sr. Struan, não preciso lhe dizer que estigma e desastre isso é, ainda mais na região da Bíblia do Alabama, onde vivia a nossa família, e entre os aristocráticos Tillmans. Falamos antes sobre honra. É verdade o que eu disse, que levamos a honra muito a sério, assim como a desonra. Posso?

Gornt gesticulou para a garrafa de champanhe.

— Por favor.

Malcolm não sabia o que dizer. A voz era cadenciada, agradável, imparcial, apenas alguém relatando uma história. Por enquanto, pensou ele, sombrio.

Gornt serviu Struan, depois a si mesmo.

— Minha mãe e a mãe dela foram relegadas ao ostracismo pela sociedade, e também pela família Tillman, até mesmo seu irmão virou-se contra ela. Quando eu tinha três anos, minha mãe conheceu um virginiano, um inglês transplantado... Robert Gornt, um cavalheiro, exportador de tabaco e algodão, um entusiasmado jogador de cartas de Richmond... e os dois se apaixonaram. Deixaram Montgomery, foram casar em Richmond. A história que inventaram foi de que ela era viúva, casada aos dezesseis anos com um oficial de cavalaria ianque, que morrera nas guerras contra os índios *sioux*. Ela tinha dezenove anos na ocasião. Tudo correu mais ou menos bem por vários anos. Até 1842... um ano depois que Dirk Struan fundou Hong Kong praticamente sozinho, o ano antes de você nascer. 1842 foi um péssimo ano para Hong Kong, com a praga da febre do *Happy Valley*, a malária, a guerra do ópio com a China, o grande tufão que destruiu a cidade, e ainda pior para a Casa Nobre, porque o mesmo tufão matou o grande Dirk Struan.

Um gole de champanhe.

— Ele foi responsável pela morte de Wilf Tillman e pela ruína da família Tillman.

— Não sei de nada a respeito. Tem certeza?

Gornt exibiu seu sorriso, sem qualquer hostilidade por trás.

— Tenho, sim. Wilf Tillman caiu doente, com a febre do Happy Valley. Dirk Struan tinha quinino, que poderia curá-lo, mas não quis lhe dar, nem vender, pois queria-o morto; assim Como Jeff Cooper.
— Um certo nervosismo insinuou-se na voz— o ianque de Boston queria-o morto.

— Por quê? E por que o *tai-pan* haveria de querer a morte de Tillman?

— Ele o odiava... tinha opiniões diferentes de Wilf. Entre outras razões, Wilf tinha escravos, que não eram ilegais na ocasião, e também não são agora, no Alabama. E para ajudar Cooper a assumir o controle da firma. Depois que Wilf morreu, Jeff Cooper comprou sua parte por uma ninharia e cortou minha família do dinheiro restante. Dirk foi o responsável.

— Temos um empreendimento comum com a Cooper-Tillman na exploração de quinino, Sr. Gornt, e somos amigos antigos. Quanto

ao resto, nada sei a respeito, nem acredito. Verificarei essa história assim que voltar a Hong Kong.

Gornt deu de ombros.

— Anos mais tarde, Cooper admitiu que nunca aprovara Wilf Tillman. Suas palavras exatas foram: *"Escute, meu jovem, Wilf mereceu tudo o que recebeu, era um escravocrata e um inútil, nunca se empenhou num único dia de trabalho em toda a sua vida, seu cavalheiro sulista era infame. Dirk teve razão ao dar o pouco quinino de que dispunha a outros, que julgava mais merecedores. Foi meu trabalho, só meu, que fez a companhia que pagou sua mãe, seu padrasto e você por todos aqueles anos..."*

O rosto de Gornt se contraiu, mas ele logo recuperou a calma. Exteriormente.

— Ele disse mais algumas coisas... que não são importantes agora. Mas cortar os recursos, nosso dinheiro legítimo, foi muito importante. Foi nessa ocasião que começaram as brigas entre o padrasto e a mãe, e nossa vida se deteriorou. Só muitos anos mais tarde é que descobri que ele casou com a mãe por dinheiro, que seus negócios de algodão e tabaco eram imposturas, não passava de um jogador, não dos mais bem-sucedidos, e que ela sempre o

encobriu. A mãe me contou tudo isso quando estava morrendo. Mas ele não era mau comigo, apenas me ignorava, fui ignorado durante toda a minha vida. Agora, chegou o momento da vingança.

— Não vejo por que deve me culpar.

— E não o culpo.

Malcolm não entendeu.

— Pensei que “espadas ou punhais” eram apenas o começo.

— Não foi idéia minha, já falei. E disse ao Sr. Greyforth que não daria certo. Todos rirão dele, se tentar insistir.

Depois de uma pausa, Malcolm comentou:

— Fala como se não gostasse dele.

— Não gosto nem desgosto. Estou aqui para aprender, por um mês, e depois assumir o comando, quando ele se aposentar, no próximo ano. Esse é o plano... Se eu decidir ingressar na Brock.

— Pode assumir o comando mais cedo do que imagina. — A voz de Malcolm endurecera. — Na próxima quinta-feira... eu espero.

— Está mesmo decidido em realizar o duelo?

— Estou.

— Posso perguntar o verdadeiro motivo?

— Ele fez de tudo para me provocar, por orientação dos Brocks, com toda certeza. Será melhor para a Struan se ele for removido.

— Tentará me remover quando eu for contra a Struan?

— Vou me opor a você, competir com você, detê-lo se puder... mas não quereria duelar com você. — Malcolm sorriu, um bom sorriso. — É uma conversa maluca, Sr. Gornt. É um absurdo sermos tão francos e sinceros, mas é o que ocorre. Falou em "*vingança*". Está mesmo determinado a se vingar de nós, pelo que meu avô teria feito com Wilf Tillman?

— Estou — respondeu Gornt, sorrindo. — No momento oportuno.

— E Jeff Cooper?

O sorriso desapareceu.

— Também cuidarei dele. No momento oportuno. — E depois, por um momento, a voz de Gornt se tornou impregnada de veneno. — Mas isso não é toda a vingança que procuro. Quero destruir Morgan Brock e, para isso, preciso de sua ajuda...

Ele desatou a rir.

— Desculpe, Sr. Struan, mas se pudesse ver a sua cara...

— Morgan? — balbuciou Malcolm.

— Isso mesmo. Não posso fazê-lo sozinho. Preciso de sua ajuda, o que é irônico, não acha?

Malcolm levantou-se, sacudiu-se todo, como um cachorro, esticou-se, tornou a sentar, o coração disparado. Serviu-se de mais champanhe, derramando um pouco na mesa, tomou um gole enorme. Durante todo o tempo, Gornt o observava e esperava, satisfeito com o efeito de suas palavras. Malcolm levou algum tempo para conseguir falar de novo.

— Morgan? Mas por quê?

— Porque ele seduziu minha mãe quando ela tinha quinze anos, arruinou sua vida e a abandonou. A Bíblia diz que matar seu pai, patricídio, é um ato infame. Minha mãe me fez jurar que eu não faria isso, quando me contou toda a verdade, pouco antes de morrer. Por esse motivo, não vou matá-lo, apenas arruiná-lo. — As palavras soavam incisivas, sem emoção. — E para fazer o que tenho de fazer, preciso da Struan.

Malcolm respirou fundo, tornou a sacudir a cabeça. Nada fazia sentido para ele, embora acreditasse em tudo... até mesmo no comportamento de Dirk Struan. Tenho muito que aprender, pensou ele, enquanto Gornt continuava a falar, explicando que Morgan tinha vinte anos na ocasião, era aprendiz na Rothwell, residia na casa da companhia, por isso era fácil para ele se esgueirar até o quarto de Alexandra.

— O que uma garota de quinze anos podia saber, ainda mais uma clássica Idade sulista, resguardada como uma planta rara? Rothwell despediu-o ao descobrir, mas o velho Tyler Brock riu, comprou em segredo o controle da companhia, e...

Malcolm ficou chocado.

— Brock controla a Rothwell?

— Controlou, por algum tempo, apenas o suficiente para demitir Rothwell e todos os seus diretores e nomear novos. Quando Jeff Cooper descobriu, tinha bastante influência para forçar o velho Brock a fazer um acordo particular, meio a meio. Em troca, Jeff dirigiria a companhia e manteria o acordo em segredo, em particular da Struan. O acordo continua em vigor.

— Dmitri sabe?

— Não. Nem o Sr. Greyforth. Descobri os detalhes por acaso, quando estava em Londres.

A mente de Malcolm funcionava a todo vapor. A Struan mantivera seu relacionamento com a Rothwell ao longo dos anos, mas ninguém jamais dissera que haviam sido tratados de uma maneira indevida ou ludibriados. Depois, uma coisa que Gornt dissera aflorou em sua mente.

— Morgan sabe que você descobriu tudo?

— Escrevi para ele em Londres, quando mamãe morreu. Ele respondeu que era tudo novidade, e negou, mas me convidou a visitá-lo, se algum dia fosse a Londres. E eu fui. Mais uma vez, ele negou. Nada tinha a ver com isso, garantiu, fora culpado pelos atos de outro aprendiz, não fizera coisa alguma. Eu passava necessidade na ocasião, por isso ele me arrumou um emprego e depois me ajudou a ingressar na Rothwell.

Gornt suspirou.

— Mamãe me contou que Morgan, ao ser confrontado por Rothwell, disse que “casaria com a vagabunda se seu dote fosse de dez mil libras por ano”. — Um tremor percorreu seu corpo, embora o rosto não se alterasse, nem a voz suave. — Eu poderia perdoar tudo a Morgan, mas nunca isso, nunca “a vagabunda”. Foi Rothwell quem

escreveu isso. Ele já morreu, mas sua carta continua intacta. Obrigado por escutar.

Gornt levantou-se, esticou-se todo, encaminhou-se para a porta.

— Espere! — disse Malcolm, surpreso. — Não pode parar nesse ponto!

— Nem tenciono, Sr. Struan, mas esse tipo de conversa, confissão talvez seja uma palavra melhor, é extenuante. E também não devo passar tempo demais aqui ou o Sr. Greyforth pode ficar desconfiado. Acertarei as pistolas, o disparo a vinte passos e voltarei em seguida.

— Espere um pouco, pelo amor de Deus! De que ajuda precisa? E por que eu deveria ajudá-lo? O que quer de mim?

— Não muito, na verdade... você pode matar Norbert Greyforth, mas isso não é essencial. — Gornt riu, mas logo voltou a se mostrar sério. — Mais importante é o que eu posso fazer por você. Antes do final de janeiro, os Brocks destruirão a Struan, mas isso você já sabe ou deveria saber. Posso detê-los, por um preço. Como Deus é

testemunha, posso fornecer a informação capaz de virar o ímpeto dos Brocks contra eles próprios e destruir sua companhia para sempre.

Malcolm sentiu-se tonto. Se conseguisse livrar a Struan da situação crítica em que se encontrava, sua mãe concederia tudo o que quisesse. Conhecia-a muito bem. Ela me dará tudo o que eu pedir, qualquer coisa, pensou ele; se eu quisesse que ela se tornasse católica, faria até isso!

Qualquer que fosse o custo, ele sabia que pagaria, e pagaria com a maior satisfação.

— O preço... além da vingança?

— Quando eu voltar.

Malcolm esperou o dia inteiro, mas o estranho não voltou. O que não o preocupou. Jantou sozinho naquela noite. Angelique dissera estar cansada, eram festas demais, muitas noites acordada; dormir cedo lhe faria bem.

— Assim, meu querido Malcolm, vou comer uma refeição leve no quarto, escovar os cabelos e mergulhar nos sonhos. Esta noite eu o amo e o deixo... ficará abandonado.

Ele não se importou. Seu cérebro transbordava com tanta esperança que tinha receio de lhe confidenciar tudo, se ela ficasse... e quando Jamie apareceu, no início da noite, teve de fazer um grande esforço para se controlar e não revelar a fantástica notícia.

— Heavenly encontrou uma solução? — perguntou Jamie.

— Ainda não. Por quê?

— Você parece tão... tão... como se todo o peso do mundo tivesse sido removido de seus ombros. Não o vejo com uma cara tão boa há semanas. Recebeu boas notícias, não é?

Malcolm sorriu.

— Talvez eu tenha superado uma etapa e agora começo a melhorar de fato.

— Espero que sim. Seu acidente por cima de todo o resto... Juro que não sei como você consegue. Com tudo o que aconteceu nas últimas semanas, eu me sinto muito cansado, e o tal de Gornt foi a última gota. Há alguma coisa nele que me assusta.

— Como assim?

— Não sei, apenas um pressentimento. Talvez ele não seja tão inofensivo quanto aparenta. — Jamie hesitou. — Tem um minuto

para conversar?

— Claro. Sente-se. Quer um conhaque? Pode se servir.

— Obrigado.

Jamie serviu-se uma dose da garrafa no aparador, depois puxou a outra cadeira de encosto alto para o lado do fogo, sentou diante de Malcolm. As cortinas haviam sido fechadas para a noite, o aposento era aconchegante. A fumaça de lenha exalava um cheiro agradável, e o som dos sinos dos navios da esquadra na baía também soava confortador.

— Duas coisas: de um jeito ou de outro, quero voltar a Hong Kong por alguns dias, antes do Natal.

— Para ver a mãe?

Jamie acenou com a cabeça, tomou um gole do conhaque.

— Gostaria de viajar no *Prancing Cloud*. Vai atracar... Por que o sorriso?

— Você se pôs um passo à minha frente. Eu já planejava embarcar nele.

Jamie piscou, aturdido, depois sorriu, satisfeito.

— Mudou de idéia e vai fazer o que ela diz?

— Não exatamente.

Malcolm relatou seu plano sobre o *Prancing Cloud* e viu a euforia de Jamie se dissipar.

— Não se preocupe. Sou muito melhor atirador do que Norbert e, se ele concordar em atirar de vinte passos de distância, sem a caminhada, pode se considerar tão morto quanto o *Dodô*... se eu decidir matá-lo. Esqueça Norbert. Angelique: se nós não pudermos contrabandear-la para bordo sem ninguém saber, e digo "nós" porque você sempre participou do plano, terá de levá-la no próximo navio. Portanto, de um jeito ou de outro, estará em Hong Kong antes do Natal.

Jamie hesitou.

— A Sra. Struan ficará na maior irritação ao descobrir que Angelique nos acompanha.

— Deixe que eu me preocupe com isso.

— Vou me preocupar de qualquer maneira. O que me leva à questão essencial: quando eu deixar a Struan, pensei em tentar iniciar minha própria firma, e gostaria de conversar sobre isso. Saber se você tem objeções.

— Ao contrário, eu faria tudo o que pudesse, a companhia também, para ajudá-lo, por todos os meios possíveis. Mas isso não vai acontecer por mais alguns anos.

— Creio que ela já decidiu que eu tenho de sair.

— Eu protestaria contra isso com todo o meu empenho! — exclamou Malcolm, surpreso. — Você merece uma promoção, um aumento, a companhia não vai querer perdê-lo. Ela sabe disso. É uma idéia absurda.

— Pode ser, mas se for necessário... seja paciente comigo, *tai-pan*, se for necessário, você teria objeções?

— A você se estabelecer por conta própria? Não. Mas detesto a idéia e a Struan sairia perdendo. Juro por Deus que não vai acontecer, e se você me pedisse para sair, eu encontraria um meio de fazê-lo ficar... de persuadi-lo a ficar. Pode ter certeza.

— Muito obrigado.

Jamie tomou um gole grande do conhaque, sentindo-se um pouco melhor. Não pelo calor do conhaque, mas pelo que Malcolm acabara de falar. As últimas semanas haviam sido terríveis. Ontem, por causa da carta da Sra. Struan, tivera de confrontar uma verdade imortal: por mais leal que você seja a uma companhia por mais serviços que preste, a companhia pode e vai dispensá-lo quando quiser sem o menor escrúpulo. E o que é "*a companhia*"? Apenas um grupo de homens e mulheres. Pessoas. Como a Sra. Struan, por exemplo.

Pessoas constituem "*a companhia*", e as que detêm o comando podem e sempre vão se esconder por trás dessa fachada, que "*a companhia deve sobreviver*" ou "*para o bem da companhia*" e assim por diante, arruinando ou promovendo por motivos pessoais, hostilidades ou ódios.

E não se esqueça que quase todas as companhias hoje em dia são familiares. Ao final, é a "*família*" que prevalece. O sangue fala mais alto do que a competência. Eles podem brigar entre si, mas ao final costumam se unir diante do inimigo, que pode ser qualquer um que não pertença à família. Por isso é que Alfred MacStruan foi escolhido para assumir o comando no Japão. E não há nada que eu possa fazer a respeito. Talvez os negócios de família sejam mais humanos, sejam melhores do que as instituições anônimas, burocráticas e impessoais, mas mesmo nelas, talvez ainda mais, você fica sujeito ao círculo da camaradagem. E, de qualquer forma, sai perdendo...

Na noite passada, numa atitude atípica, Jamie se embriagara em sua pequena casa na Yoshiwara, não encontrando conforto em Nemi. Cada vez que pensava na verdade sobre “a companhia” — somando-se ao crime que quase cometera, a injustiça de Tess Struan, a teimosia de Malcolm, e sua própria estupidez, sabendo que se não fosse detido teria violado a correspondência, arrancado as cartas e jogado no mar —, sua cabeça desatava a girar, e só mais um copo de rum interrompia a vertigem, até que nada mais podia controlá-la. Nemi não pudera ajudar.

— Jami, o que houve? Jami! Jami!

— Foi Maquiavel quem disse melhor — murmurara ele, a voz engrolada, as palavras incoerentes. — Não deposite sua confiança em príncipes sanguinários, pois eles sempre podem alegar a conveniência. Príncipes sanguinários, um *tai-pan* sanguinário, a mãe de um *tai-pan*, filhos de Dirk Struan e seus netos...

E, depois, ele desatara a chorar. Foi a primeira vez em anos, pensou agora, consternado. A última aconteceu logo depois que cheguei a Hong Kong, há vinte anos, e soube que a mãe morreria, enquanto me encontrava no mar. Ela já devia saber que estava morrendo quando parti.

— Faça uma boa viagem, meu filho querido, ganhe nossa fortuna e escreva todas as semanas...

Se não fosse por ela, todos nós teríamos morrido; foi sua força que nos manteve vivos, até que Struan surgiu e mudou nosso destino.

Chorei até a última lágrima. Como ontem à noite, embora as lágrimas fossem diferentes. Estava chorando por minha inocência perdida. Não posso acreditar que tenha sido tão ingênuo a ponto de acreditar na "companhia". Dirk teria me deixado na mão? Nunca. O *tai-pan* não me abandonaria, não poderia fazê-lo, mas ele é apenas uma lenda. Tenho de encontrar a coragem para me estabelecer por conta própria. Estou com trinta e nove anos, velho na Ásia, embora não me sinta velho, como um navio sem leme. E o mesmo ocorre com Malcolm... Ou será que não? Ele fitou-o, ainda notando a mudança. Malcolm está diferente, mais como era antes pensou Jamie. Mais adulto... isso é possível? Não sei, mas de qualquer maneira seu destino já foi determinado, como o meu.

— Fico contente por não termos violado a correspondência... Não tenho palavras para expressar o quanto lamento ela tê-lo bloqueado.

— Eu também.

Malcolm relatara a Jamie o que Sir William dissera sobre o aviso da chegada da carta, e também sobre o ópio e as plantações de Bengala, notícias que haviam se espalhado naquela manhã, deixando a colônia em frenesi. A reunião ao meio-dia no clube fora mais tumultuada que o habitual, com uma moção unânime para que Sir William fosse enforcado ou, no mínimo, afastado do posto, se tentasse impor a estupidez do Parlamento. Malcolm percebeu que Jamie sentia-se muito infeliz e mais uma vez ficou tentado a revelar o novo e maravilhoso fato chamado Gornt. Mas lembrou o juramento.

— Estou muito confiante agora, Jamie. Não se preocupe. Vai à Yoshiwara esta noite?

— Não imediatamente, embora precise ver Nemi. — Jamie sorriu, desconsolado. — Tomei uma bebedeira na noite passada e quero levar um presente para ela. Não que seja necessário, mas Nemi é uma ótima pessoa e me proporciona boas risadas. Primeiro, tenho de conversar com Nakama. Phillip pediu-me para ter uma reunião de meia hora com ele. Parece que Nakama interrogou-o sobre negócios e bancos, capital, essas coisas... Phillip quer que eu lhe explique os rudimentos.

— O que é bastante curioso.

— Também acho. O patife tem uma mente inquisitiva. É uma pena que não seja tão franco conosco.

— Negocie os seus conhecimentos por alguma coisa que queremos saber. Creio que terei uma conversinha com Phillip amanhã. Peça a ele para me procurar, está bem? — A voz de Malcolm endureceu. — Devemos partilhar todas as informações... não foi esse o acordo?

— Foi, sim. — Jamie terminou o conhaque. — Obrigado... e obrigado também pela conversa.

Ele se levantou e acrescentou, com absoluta sinceridade:

— Torço com todo o meu coração para que tudo dê certo para você, Malcolm.

— Sei disso, Jamie. Também vai dar certo para você. Boa noite.

No silêncio do aposento, Malcolm esticou as pernas na direção do fogo, contente, ansioso pelo dia seguinte, na expectativa do novo encontro com Gornt.

Qual poderia ser o preço? especulou ele, contemplando o fogo. Podia ouvir vozes dentro do prédio e também lá fora, na praia. Risos ocasionais, uma ou outra canção. John Marlowe o procurara naquela tarde, trazendo uma mensagem do comandante, se ele poderia ir à nave capitânia no dia seguinte, se não fosse inconveniente, ou então ao escritório de Sir William.

— Posso ir ao gabinete de Sir William. A que horas?

— Meio-dia?

— Combinado. Qual é o problema?

— Não sei — respondera Marlowe. — Mas aposto que não é para conversa sobre o tempo.

Desde que voltara da campanha na baía de Mirs e de Hong Kong, o almirante Ketterer se mostrava furioso com os comentários adversos e críticos nos jornais e ainda mais irritado porque canhões de fabricação britânica haviam disparado contra seus navios.

— Creio que ele não gostou nem um pouco de alguns dos comentários mais rudes na reunião de hoje.

— Ele é mesmo metido a brigão — disse Malcolm, rindo, ainda inebriado pelas informações de Gornt.

Marlowe rira também.

— Pelo amor de Deus, não diga isso em seu convés ou todo o navio explodiria! Antes que eu me esqueça, minha viagem de testes foi aprovada, para segunda ou terça-feira, o tempo permitindo. Qual é o melhor dia para vocês dois?

— Quanto tempo ficaremos no mar?

— Zarparemos ao amanhecer e voltaremos no máximo até o pôr-do-sol.

— Terça-feira.

Um carvão caiu da grade, mas sem qualquer conseqüência. Malcolm empurrou-o com o atizador, remexeu as brasas. As chamas alaranjadas se elevaram um pouco, mas logo tornaram a morrer, projetando imagens. Imagens positivas. Suas e dela. Malcolm olhou para a porta de comunicação. Não vinha qualquer som do outro lado.

Gornt é a chave para Tess.

É irônico que ele precise de mim, tanto quanto preciso dele, e somos inimigos. Tenho o pressentimento de que sempre será assim. Qual será o seu preço? Deve ser alguma coisa que eu possa oferecer. Gornt é bastante sensato para pedir algo assim. Por que tenho tanta certeza? A vingança é um motivo forte demais, sei disso.

Na estalagem dos Lírios, Phillip Tyrer estava sendo massageado por uma corpulenta japonesa, com braços maciços, os dedos de aço encontrando os pontos de pressão, nos quais ela tocava, como se formassem um teclado, sob os seus gemidos de prazer. A casa não era tão refinada ou cara quanto a das Três Carpas, mas a massagem era a melhor que ele já recebera e servia para afastar seus pensamentos de Fujiko, Nakama, André Poncin e Sir William, que estivera furioso durante toda a manhã, culminando ao meio-dia, quando o veneno violento do clube quase explodira os telhados de Iocoama.

— Como se fosse culpa minha o Parlamento ter enlouquecido! — gritara Sir William à mesa do almoço, com a presença do almirante, igualmente furioso. — Acha que é, Phillip?

— Claro que não, Sir William — respondera ele, participante do almoço contra a sua vontade, o general como o terceiro convidado.

— O Parlamento sempre foi arbitrário e estúpido! Por que não deixa o Ministério do Exterior cuidar das colônias, e acabar logo com toda essa aflição? Quanto a essa gentalha, esses homens que se intitulam mercadores, só posso dizer que me deixam com vontade de vomitar!

O almirante resmungara:

— Cinquenta vergastadas fariam com que todos entrassem na linha, por Deus! Todos, sem exceção, especialmente os jornalistas! São uns canalhas, todos eles!

O general declarara, presunçoso, ainda agastado pela descompostura que Sir William lhe passara por ocasião do motim:

— O que pode fazer, meu caro Sir William, a não ser suportar como um homem? E no seu caso, almirante, meu velho companheiro, estava realmente pedindo por isso, ao fazer declarações políticas em público. Sempre pensei que a primeira regra para quem se torna almirante ou assume as estrelas de general era a de manter a calma, ser circunspecto nas orações públicas e sofrer em silêncio.

O pescoço do almirante Ketterer se tornou púrpura. Sir William conseguiu interromper a salva seguinte, ao dizer:

— Phillip, tenho certeza que há uma abundância de trabalho à sua espera. Toda a correspondência precisa ser copiada e o protesto ao *Bakufu* deve ser despachado ainda hoje.

Ele escapara do almoço, agradecido. Nakama o cumprimentara com a maior afabilidade.

— Ah, Taira-sama, espero que esteja se sentindo melhor. *Mama-san* Raiko me pede para perguntar como está sua saúde, pois não foi ao

encontro com Fujiko, que está em lágrimas... que estava em lágrimas e...

— Minha saúde está ótima. Passei momentos muito agradáveis ontem à noite, na estalagem dos Lírios — dissera ele, atônito ao constatar que as previsões de André eram acuradas. — Fujiko? Começo a ter dúvidas sobre o contrato.

Ele ficara bastante satisfeito ao perceber o espanto de Nakama, e mais ainda porque podia usar seu susto pelo mau humor de Sir William durante a manhã e no almoço para implementar o plano de André.

— Mas, Taira-sama, eu...

— E não vamos mais falar em inglês, também não quero ouvir perguntas sobre negócios. Pode conversar com McFay-sama da Casa Nobre e ponto final...

Tyrer gemeu alto, quando a massagista apertou-o ainda mais fundo. Os dedos pararam no mesmo instante.

— *Iyé, dozo...* — murmurou ele, em japonês. — Não, por favor, não pare. A mulher riu e respondeu:

— Não se preocupe, lorde. Quando eu acabar de trabalhar este seu corpo pálido e sem força, estará preparado para três dos melhores lírios da casa.

Tyrer agradeceu, sem compreender, mas também não se importando com isso.

Depois de três horas com Nakama, conversando só em japonês, e de ouvir mais comentários dele sobre Raiko e sua estalagem — como André previra — sua cabeça girava.

Depois de algum tempo, a massagista iniciou os contatos calmantes, com mãos experientes, usando óleo aromático. Ao terminar, enrolou-o com uma toalha quente e se retirou. Tyrer cochilou, mas despertou no instante em que a porta de shoji foi aberta, uma moça entrou, ajoelhou-se ao seu lado. Ela sorriu, Tyrer retribuiu, disse que se sentia cansado, que ela apenas ficasse sentada ali, até que ele

acordasse, seguindo as instruções de André. A moça acenou com a cabeça tornou a sorrir, muito contente. Receberia seus honorários de qualquer maneira.

André é um gênio, pensou ele, também contente, mergulhando num sono feliz.

Aquela noite foi a segunda vez que André visitou Hinodeh. Fazia exatamente dez dias, vinte e duas horas e sete minutos que ele a contemplara em toda a sua glória, a noite gravada em sua mente para sempre.

— Boa noite, *Furansu-san* — dissera ela, tímida, seu japonês melodioso. A ante-sala ficava junto à pequena varanda, o bangalô no meio dos jardins das Três Carpas, tão fragrante quanto a própria Hinodeh. Os dourados e marrons de seu quimono de inverno fizeram movimentos graciosos, quando ela se inclinara e gesticulara para a

almofada à sua frente. Por trás dela, a shoji para o quarto se encontrava entreaberta, apenas o suficiente para que ele pudesse ver os futons e cobertas, que seriam o primeiro leito partilhado.

— O saquê está como fui informada que gostaria. Frio. Sempre toma saquê frio?

— Sempre. Gosto melhor assim.

Ele se descobrira a gaguejar, seu japonês saindo um tanto ríspido, as mãos pareciam atrapalhar, as palmas suadas. Ela sorria.

— Esquisito tomar bebidas frias no inverno. Seu coração é frio no inverno e verão?

— Ah, Hinodeh — murmurara André, a pulsação ressoando nos ouvidos e garganta —, acho meu coração como pedra, por muito tempo agora, pensar em você, não saber se quente, frio, ou o quê. Você é linda.

— Só para o seu prazer.

— Raiko-san contar tudo a você sobre eu?

Os olhos de Hinodeh eram serenos, no rosto alvo, as sobrancelhas arrancadas, com meias-luas pintadas no lugar, a testa alta, bico-de-viúva, cabelos pretos, empilhados, presos com travessas de casco de tartaruga, que André logo ansiara em soltar.

— Esqueci o que Raiko-san me contou. O que você me disse antes da assinatura foi aceito e esquecido. Começamos esta noite. É o nosso primeiro encontro. Deve me falar sobre você, tudo o que quiser que eu saiba. — Os olhos dela absorveram um pouco de luz e se contraíram, divertidos. — Haverá bastante tempo, não é?

— Haverá, sim, por favor. Para sempre, eu espero.

Depois que todas as cláusulas do contrato haviam sido acertadas, ao longo dos dias e postas no papel, lidas e relidas, nos termos mais simples, para que ele pudesse entender, André estava pronto para assinar, na presença de Hinodeh e Raiko. Tivera de recorrer a toda a sua coragem:

— Hinodeh, por favor, desculpe, mas a verdade tem de ser dita. A pior.

— Por favor, não há necessidade. Raiko-san me contou.

— Sim, mas, por favor, desculpe...

As palavras saíram hesitantes, embora as tivesse ensaiado uma dúzia de vezes, novas ondas de náusea invadindo-o.

— Devo dizer uma coisa: peguei doença ruim de minha amante, Hana. Sem cura possível, sinto muito. Nenhuma. Você pegar também, se virar minha consorte, sinto muito.

O céu invisível parecera se abrir para ele, enquanto esperava.

— Compreendo e aceito isso, escrevi no contrato que o absolvo de qualquer culpa em relação a nós, entende?

— Ah, culpa, entendo culpa. Obrigado...

Ele tivera de pedir licença, saíra correndo, com uma náusea violenta, mais nauseado que em qualquer outra ocasião anterior de sua vida, mais do que ao descobrir que estava doente ou depois que encontrara Hana morta. Não se desculpava ao voltar, nem uma desculpa era esperada. As mulheres compreendiam.

— Antes de eu assinar, *Furansu-san* — dissera ela —, é importante para mim perguntar se promete me dar a faca ou veneno, como está acertado no contrato?

— Sim..

— Obrigada. Ambas as coisas importantes não precisam ser mencionadas de novo. Concorda, por favor?

— Sim — murmurara ele, abençoando-a.

— Então está tudo resolvido. Pronto, já assinei. Assine também, *Furansu-san*. Raiko-san é nossa testemunha. Ela diz que nossa casa ficará pronta em três dias. No quarto dia, a contar de hoje, me sentirei honrada em recebê-lo.

No quarto dia, sentado diante dela, no refúgio particular dos dois, André ficara atordoado com sua beleza, os lampiões a óleo brilhantes, mas não em excesso.

— Esta casa agrada você, Hinodeh? — indagara ele, tentando parecer interessado, mas apenas obcecado por tê-la sem adornos.

— É mais importante que lhe agrade, *Furansu-san*.

André sabia que ela apenas fazia aquilo para o que fora treinada, suas respostas ações seriam automáticas, empenhando-se ao máximo para deixá-lo à vontade, independentemente do que sentisse por dentro. Com a maioria dos homens japoneses, ele podia em geral perceber o que pensavam, mas isso quase nunca acontecia com as mulheres... mas também o mesmo ocorre com a maioria das mulheres francesas, pensara ele. As mulheres são muito mais reservadas do que os homens, e também muito mais práticas.

Hinodeh parecia muito serena, sentada ali, imóvel, refletira André. Ela está vulcânica, triste, apavorada... ou com tanto medo e aversão que se tornou entorpecida?

Mãe Santa, perdoe, mas não me importo, não no momento, talvez mais tarde me importe, mas não agora.

Por que ela concordara? Por quê?

Mas isso nunca deve ser perguntado. Jamais. É difícil obedecer a essa cláusula, mas é um tempero adicional, ou a questão que vai me destruir... destruir a nós. Ora, que se dane, tenho de me apressar!

— Gostaria de comer?

— No momento, eu... não sentir fome.

André não conseguia desviar os olhos da moça, nem ocultar seu desejo. O suor escorria pelo corpo.

O sorriso de Hinodeh não se alterara. Um suspiro. Depois, cada movimento lento, os dedos compridos soltaram a *obi*, ela se levantara, deixara o quimono exterior cair, durante todo o tempo observando-o, tranqüila como uma estátua. O quimono interno também caíra, em seguida a primeira combinação, a segunda, e finalmente a tanga. Ela se virara sem pressa, mostrando-se, parada de frente. Perfeita em tudo.

Mal respirando, André a contemplara a se ajoelhar, pegar seu copo, tomar um gole, mais outro, a pulsação em sua cabeça, pescoço e

virilha o pressionando ao limite do controle.

Planejara ao longo dos dias ser galante com as palavras, gestos e movimentos, gaulês e japonês, vivido e prático, o melhor amante que ela já tivera, que jamais teria, sem arrependimentos, que a primeira união fosse uma experiência memorável e maravilhosa. Fora memorável, mas não maravilhosa. Sua vontade ruíra. Agarrara Hinodeh, levara-a às pressas para os futons, e ali se mostrara subumano.

Não a via desde aquela noite, nem a Raiko, evitando-as, abstendo-se de visitar a Yoshiwara. Enviara uma mensagem a Hinodeh no dia seguinte, dizendo que a informaria quando tencionava visitá-la de novo. No intervalo, efetuara outro pagamento em ouro a Raiko, seu salário comprometido por dois anos para cobrir o preço do contrato... e mais ainda.

Ontem, mandara avisar que a visitaria esta noite.

Ele hesitou, no limiar da varanda. Telas de shoji fechadas para a noite. Uma luz dourada no interior parecia chamá-lo. Sua pulsação era disparada; como antes, sentia um aperto na garganta. Vozes interiores se manifestavam, com uma linguagem vil contra ele, clamando que fosse embora, que se matasse... qualquer coisa para

evitar os olhos de Hinodeh, a repulsiva imagem refletida de si mesmo que havia ali. Deixe-a em paz!

Todo o seu ser queria fugir, e todo o seu ser queria possuí-la outra vez, de qualquer maneira, por todas as maneiras, pior do que antes, qualquer que fosse o custo, odiando a si mesmo, melhor morrer, acabar com tudo, mas primeiro ela. Não posso evitar.

André forçou os pés a saírem dos sapatos, abriu a porta. Ela se encontrava ajoelhada, exatamente como antes, com a mesma roupa, o mesmo sorriso, a mesma beleza, a mesma mão delicada gesticulando para que ele sentasse, a mesma voz gentil.

— O saquê está como fui informada que gostaria. Frio. Sempre toma saquê frio?

Ele ficou boquiaberto. Os olhos que exprimiam tanto ódio, quando se afastara cambaleando na última vez, agora sorriam, com a doce timidez do primeiro momento.

— Como?

E ela repetiu, como se nunca tivesse falado antes, no mesmo tom:

— O saquê está como fui informada que gostaria. Frio. Sempre toma saquê frio?

— Eu... hum... sim.

André mal ouviu suas palavras, com um troar nos ouvidos. Ela sorriu.

— Esquisito tomar bebidas frias no inverno. Seu coração é frio no inverno e no verão?

Como um papagaio, ele balbuciou as respostas corretas, não encontrando qualquer dificuldade para recordar cada palavra e acontecimento, gravados de forma indelével; e embora sua voz fosse

trêmula, Hinodeh parecia não ouvir, apenas se comportava como antes, os olhos serenos.

Nada mudara.

— Gostaria de comer?

— No momento, eu... não sentir fome.

O sorriso de Hinodeh não foi diferente. Nem o suspiro. Ela se levantou. Mas agora apagou os lampiões a óleo, foi para o quarto, apagou também os que haviam ali.

Quando seus olhos ajustaram-se à escuridão, André constatou que havia apenas uma claridade mínima do lampião na varanda, passando pelas telas de shoji, mal dava para divisar os contornos de Hinodeh. Ela estava se despindo. Momentos depois, o som das cobertas sendo puxadas.

André se levantou com algum esforço, foi para o quarto, sabendo que ela tentava salvar as aparências, enquanto ele queria apagar o que nunca poderia ser apagado.

— Da minha mente, nunca — sussurrou ele, dominado pela angústia, o rosto molhado pelas lágrimas. — Não sei sobre você, Hinodeh, mas eu jamais esqueci. Sinto muito, mas muito mesmo. *Mon Dieu*, como eu gostaria...

— *Nan desu ka, Furansu-sama?*

André demorou um pouco para se ajustar ao uso do japonês, e depois balbuciou:

— Hinodeh, eu dizer... apenas agradecer, Hinodeh. Por favor, desculpe, sinto muito...

— Mas não há nada para desculpar. Esta noite começamos. É o nosso princípio.

Quarta-feira, 3 de dezembro:

Hiraga percebeu seu reflexo de passagem na janela do açougue e não se reconheceu. Os transeuntes na High Street mal o notavam. Ele voltou, contemplou a imagem meio difusa... seu novo disfarce. Cartola, colarinho alto e gravata, uma sobrecasaca de ombros largos e apertada na cintura, de casimira escura, colete de seda azul, atravessado por uma corrente de aço inoxidável, ligada ao relógio de algibeira, calça justa, botinas de couro. Tudo presente do governo de sua majestade, exceto o relógio, dado por Tyrer... pelos serviços prestados. Hiraga tirou a cartola, tornou a se contemplar, de um lado e de outro. Agora os cabelos cobriam toda a cabeça, crescendo depressa, ainda não tão compridos quanto os de Phillip Tyrer, mas sem dúvida bastante longos para serem considerados europeus. Rosto raspado. A qualidade e o baixo custo das lâminas britânicas haviam-no impressionado bastante, outro exemplo espetacular das proezas industriais.

Ele sorriu para si mesmo, satisfeito com o disfarce, puxou o relógio, admirando-o, verificou a hora: 11:16 h. Como se dezesseis minutos importassem, pensou Hiraga, desdenhoso, embora contente por ter aprendido tão depressa o sistema de determinar a hora dos *gai-jin*. Aprendi muita coisa. Ainda não o suficiente, mas já é um começo.

— Não quer comprar um bom pernil de carneiro australiano congelado, que veio do porão de gelo do navio de correspondência? Ou que tal um bom toucinho de Hong Kong?

O açougueiro era barrigudo, careca, com braços que pareciam canhões e avental todo manchado de sangue.

— Como? — Hiraga notou as carnes e vísceras penduradas no outro lado da janela, com seus enxames de moscas. — Não, obrigado. Eu apenas olhando. Bom dia, senhor.

Ele esforçou-se para ocultar sua repulsa. Com um floreio, repôs a cartola na cabeça, do jeito como Tyrer ensinara, e continuou a descer pela High Street, na direção da cidade dos bêbados e da

aldeia. A todo instante, levantava a cartola polidamente para outros pedestres e cavaleiros, que respondiam da mesma forma. Isso o agradou ainda mais, porque significava aceitação, pelos padrões dos *gai-jin*, muito diferentes dos costumes japoneses... dos padrões civilizados.

Tolos. Só porque uso suas roupas, e começo a me comportar como eles, pensam que mudei. Ainda são o inimigo, até mesmo Taira. Uma estupidez de Taira mudar de idéia em relação a Fujiko. O que há com ele? Isso não se ajusta ao meu plano.

Hiraga avistou Struan, saindo de seu prédio, claudicando, junto com Jamie McFay, a mulher de Ori entre os dois, numa conversa animada. O que o lembrou de seu encontro com o número dois da Casa Nobre. Sua cabeça ainda girava dos fatos e números ocidentais e ainda se sentia tonto de todas as informações que McFay lhe arrancara, sobre os emprestadores de dinheiro e mercadores de arroz, como a Gyokoyama.

— Jami-san, talvez encontrar um desses homens, se segredo — dissera ele, em desespero para escapar. — Eu intérprete se guardar segredo.

O *shoya* o esperava. Percebendo a ansiedade do homem em saber de tudo o que descobrira, Hiraga brincou com ele, aceitou o oferecimento de uma massagem. Depois, relaxado numa *yukata*, e durante um almoço requintado de arroz, lula seca, fatias tão finas quanto folhas de papel de perca-do-mar com soja, *daikon* — rábano — e saquê, ele disse que conversara com importantes *gai-jin*, e que haviam respondido às suas perguntas. Tomou um gole de saquê, sem acrescentar mais nada. Informações importantes precisavam de encorajamento. Reciprocidade.

— Quais são as notícias de Quioto?

— É tudo muito estranho — comentou o *shoya*, contente por receber aquela abertura. — Meus superiores informaram que o xógum e a princesa Yazu chegaram sãos e salvos e já se encontram no interior do palácio. Mais três emboscadas de patrulhas de Ogama a grupos de *shishi*... não, sinto muito, ainda não tenho detalhes de quantos foram mortos. Lorde Ogama e lorde Yoshi quase não saem de trás de seus muros... Mas samurais do xogunato agora guardam os portões, como no passado.

Os olhos de Hiraga se arregalaram.

— É mesmo?

— É, sim, Otami-sama. — O *shoya* ficou deliciado por a isca ter sido mordida. — Por mais estranho que possa parecer, há patrulhas secretas de samurais de Ogama nas proximidades e, de vez em quando, os capitães conferenciam em segredo.

Hiraga soltou um grunhido.

— Curioso...

O *shoya* balançou a cabeça e deu um puxão na linha, como bom pescador que era.

— Ah, sim... talvez não seja de grande importância para você, mas meus superiores acreditam que os dois *shishi* que mencionei antes, Katsumata e o *shishi* de Choshu chamado Takeda, escaparam à captura em Quioto e agora viajam pela Tokaidô.

— Para Iedo?

— Meus superiores não disseram. É óbvio que a notícia não tem qualquer valor.

O *shoya* tomou outro gole de saquê, escondendo seu divertimento pela tentativa de Hiraga de encobrir seu interesse intenso.

— Qualquer coisa relacionada com os *shishi* pode ser de significado.

— Neste caso... embora seja insensato relatar rumores — disse o *shoya* simulando embaraço e julgando o momento oportuno para puxar o peixe para terra —, eles avisam que circula uma história pelas estalagens de Quioto de que uma terceira pessoa também escapou da primeira emboscada. Uma mulher, samurai, hábil na arte do *shuriken*... o que foi, Otami-sama?

— Nada, nada... — Hiraga fez um esforço para manter a compostura, mil perguntas ricocheteando em sua mente. Apenas uma mulher samurai na escola de Katsumata já adquirira essa

habilidade. — O que estava dizendo, *shoya*? Uma mulher de linhagem samurai escapou?

— É apenas um rumor, Otami-sama. Uma tolice. Saquê?

— Obrigado. Essa mulher... dizem mais alguma coisa a seu respeito?

— Não. Mal vale a pena relatar rumor tão tolo.

— Talvez possa descobrir se essa bobagem tem algum fundo de verdade. Eu gostaria de saber. Por favor.

— Neste caso... — murmurou o *shoya*, registrando a grande concessão do “*por favor*”, com um vestígio de humildade na voz. — Qualquer serviço para você e sua família, clientes valiosos, é uma honra para a Gyokoyama.

— Obrigado.

Hiraga terminou seu saquê. *Sumomo estivera em Quioto com Katsumata*. Onde ela se encontra agora? Por que não foi para Shimonoseki, como ordenei? O que fazia em Quioto? E onde está agora?

Em retribuição, e com algum esforço ele pôs essas e outras indagações de lado, para análise posterior, e tratou de se concentrar. Tirou do bolso um maço de anotações e começou a explicar, repetindo em parte o que "Taira" e "Mukfey" haviam lhe dito, ao longo de horas. O *shoya* escutou com uma total atenção, grato porque a esposa os ouvia escondida e anotava tudo.

Quando Hiraga discorreu sobre empréstimos, financiamentos e atividades bancárias — não dava para entender a maior parte do que ele disse —, o *shoya*-impressionado com sua memória e percepção de coisas que lhe eram completamente estranhas, não pôde deixar de comentar:

— Extraordinário, Otami-sama.

— Outra questão importante. — Hiraga respirou fundo. — Mukfey disse que os *gai-jin* têm uma espécie de mercado, *shoya*, um *stoku markit*, onde as únicas mercadorias negociadas, compradas e vendidas, são pequenos pedaços de papel impressos, chamados *stoku* ou *sheru*, que de alguma forma representam dinheiro, grandes quantidades de dinheiro, cada *stoku* sendo parte de uma *kompeni*.

Ele tomou um pouco de chá. Constatando a falta de compreensão do *shoya*, respirou fundo outra vez.

— Digamos que o daimio Ogama deu toda Choshu, toda a terra e produto da terra a uma *kompeni*, a *Choshu Kompeni*, e determinou que a *kompeni* fosse dividida em dez mil partes iguais, dez mil *sheru*, entende?

— Eu... acho que sim. Por favor, continue.

— Assim, a *stoku* da *Choshu Kompeni* é dez mil *sheru*. Em seguida, o daimio, por conta da *kompeni*, oferece todas ou parte das *sheru* para alguém com dinheiro. Em troca de seu dinheiro, o homem ou mulher recebe esse pedaço de papel dizendo quantas *sheru* da *Choshu Kompeni* ele comprou. A pessoa possui assim essa parte da *kompeni* e, com isso, a mesma proporção de sua riqueza. O dinheiro que ele e outros pagam para a *kompeni* se torna então o *kaipital*,

acho que foi isso que Mukfey disse, o dinheiro que eles precisavam para dirigir e melhorar a riqueza da *kompeni*, para pagar estipêndios, reivindicar terras, comprar armas, sementes, melhorar barcos de pesca, para pagar qualquer coisa que seja necessária para aumentar e fazer *Choshu* prosperar, para tornar mais alto o valor da *kompeni*.

Hiraga fez uma pausa.

— Mufkey explicou que... Ele disse que em qualquer mercado, *shoya*, os preços mudam, em tempos de fome até todos os dias, não é mesmo? É o que também acontece todos os dias nesse *stoku markit*, com centenas de diferentes *kompeni*, compradores e vendedores. Se a colheita de Choshu é enorme, o valor de cada parte da *Choshu Kompeni* será alto, se for pequena, fica baixo. O valor de cada *sheru* também varia. Está entendendo?

— Acho que sim — murmurou o *shoya*, compreendendo tudo muito bem, discretamente entusiasmado, cheio de idéias e perguntas.

— Ótimo.

Hiraga sentia-se cansado, mas fascinado por aquelas novas idéias, embora às vezes se perdesse em seu labirinto. Nunca barganhara num mercado, ou numa estalagem, apenas pagava o que lhe pediam, quando pediam, nunca em toda a sua vida protestara contra o custo de qualquer coisa ou pelo valor de uma conta... exceto desde que se tornara ronin. As contas eram sempre enviadas para quem recebia seu estipêndio, se você era um samurai. Se solteiro, normalmente para sua mãe. Comprar e cuidar do dinheiro era trabalho de mulher, nunca de homem.

Você comia o que ela — mãe, tia, avó, irmã ou esposa — comprava com seu estipêndio, vestia ou se armava da mesma maneira. Sem estipêndio, passava fome, você e sua família, ou se tornava ronin, ou tinha de renunciar voluntariamente à condição de samurai e se tornar camponês, um trabalhador, senão pior ainda, um mercador.

— *Shoya* — disse ele, franzindo o rosto —, os preços variam num mercado de comida ou peixe. Mas quem decide o preço?

A guilda de pescadores ou camponeses, o *shoya* poderia responder, ou mais provavelmente os mercadores, que possuíam de fato a produção, tendo emprestado o dinheiro para comprar as redes ou sementes. Mas ele era cauteloso demais, e a maior parte de sua energia se concentrava em tentar se manter impassível, diante de tantas informações de valor inestimável, mesmo que incompletas.

— Se há muitos peixes, são mais baratos do que na ocasião em que há poucos. Depende da pescaria ou da colheita.

Hiraga balançou a cabeça. Era evidente que o *shoya* estava sendo desonesto escondendo a verdade ou distorcendo-a. Mas isso é apenas o normal para mercadores e emprestadores de dinheiro, pensou ele, decidindo de repente manter em reserva qualquer encontro entre Mukfey e aquele homem, e também deixar para mais tarde a última informação sobre *kompeni*, que por algum motivo não podia compreender, e o intrigava mais do que o resto: que se fosse você quem formava a *kompeni*, decidia quantas *stoku* reservava para si mesmo, sem pagamento, e se o número equivalesse a cinquenta e um ou mais de cada cem, então você tinha o poder sobre a *kompeni*. Mas por que...

Sua cabeça quase explodiu com a súbita compreensão: *Sem nenhum desembolso, você se toma o xógum da kompeni, e quanto maior a kompeni, maior o xógum... sem desembolso!*

Quando *sonno-joi* for um fato, pensou ele, nós — o conselho de samurais — vamos recomendar ao imperador que apenas o nosso conselho poderá formar *kompeni*, e assim, depois de tanto tempo, vamos controlar todos os parasitas, os mercadores e emprestadores de dinheiro!

— Otami-sama — disse o *shoya*, sem ter percebido qualquer mudança em Hiraga, sua própria mente em turbilhão pelas maravilhosas informações que obtivera —, meus superiores ficarão muito agradecidos, tanto quanto eu. Depois que conseguirmos avaliar todos os seus brilhantes pensamentos e idéias, eu poderia ter uma oportunidade de fazer umas poucas perguntas insignificantes?

— Claro — respondeu Hiraga, exultante com o futuro róseo. Quanto mais perguntas, melhor... pois me obrigarão a compreender primeiro. — Talvez quando tiver mais notícias sobre Ogama e Yoshi, ou os *shishi*, ou aquela mulher. Shuriken, você disse?

— Farei o melhor que puder — respondeu o *shoya*, sabendo que um acordo fora fechado. Depois, sua mente levou-o de volta a uma peça essencial do quebra-cabeça que estava faltando. — Por favor, posso perguntar o que é essa *komeni*? E como parece?

— Não sei — respondeu Hiraga, também perplexo.

— Ainda bem que foi pontual, Sr. Struan — disse o almirante Ketterer, ríspido.

— Não é o normal para... hum... mercadores. — Ele ia dizer “vendeiros”, mas decidiu que havia tempo mais tarde para uma salva. — Sente-se, por favor. Aceita um xerez?

— Um seco. Obrigado, almirante.

O ordenança serviu um copo, reabasteceu o porto do almirante e se retirou. Eles levantaram o copo, sem qualquer cordialidade. Não havia outros papéis na mesa além de um documento oficial, um envelope aberto, e uma carta. Malcolm reconheceu a letra da mãe.

— Em que posso servi-lo? — perguntou ele.

— Sabe que alguns dos meus marujos foram mortos por piratas chineses, disparando canhões britânicos baseados na praia, durante o combate na baía de Mirs. Canhões britânicos.

— Já li os relatórios a respeito, mas não sei com certeza se eram mesmo de fabricação britânica.

— Pois eu tenho. Certifiquei-me pessoalmente. — Irritado, o almirante pegou o documento. — A investigação inicial do governador sugere que os prováveis culpados foram a Struan ou a Brock.

Malcolm sustentou sem medo o olhar do homem mais velho, de rosto corado.

— Ele pode sugerir o que quiser, almirante, mas é melhor que qualquer acusação formal esteja sustentada por provas, ou ficaríamos muito aborrecidos, e os Brocks apopléticos. Não estou a par de nenhum negócio assim e, de qualquer forma, a venda de

armamentos não é proibida pelo Parlamento. Norbert Greyforth sabe de alguma coisa?

Jamie o avisara que Greyforth também fora convocado pelo almirante, às dez e meia, mas só aparecera às onze horas, e que a reunião durara apenas três minutos. O pescoço de Ketterer ficou vermelho, ao recordar a reação inflamada de Greyforth.

— Não. Aquele... aquele sujeitinho impertinente recusou-se a discutir o assunto. E você?

— Não sei o que quer discutir, almirante.

— A questão da importação e venda de armamentos para os nativos aqui. E navios de guerra. E ópio.

Malcolm disse, com o maior cuidado:

— Somos mercadores na China e negociamos de acordo com as leis britânicas. Nenhuma dessas mercadorias é proibida por lei.

— O ópio em breve será.

— Quando isso acontecer, deixará de ser negociado.

— É contra a lei chinesa, agora, e contra a lei nativa aqui!

— A Struan não negocia ópio aqui, deixe-me repetir, não negocia ópio aqui, embora não seja contra a lei britânica.

— Mas reconhece que o comércio é pernicioso e imoral.

— Reconheço, mas no momento é aprovado pelo governo de sua majestade e, infelizmente, é a única mercadoria que podemos negociar pelo chá da China, do qual o Parlamento obtém enormes tributos.

— Conheço muito bem o problema da China. Gostaria que você e sua companhia se antecipassem à lei agora, concordando voluntariamente em nunca importarem ópio para o Japão.

— Não estamos negociando ópio aqui.

— Ainda bem. Se eu descobrir navios transportando ópio, tenciono confiscar a carga e o navio.

— Eu diria que seria um risco legal, almirante. Sir William concordou ou aprovou sua intenção?

— Ainda não. Eu gostaria que você e os outros... mercadores fizessem isso de bom grado. E que o mesmo acontecesse com os fuzis de carregar pela culatra, cartuchos, canhões e navios de guerra.

— Greyforth concordou com uma proposta tão espantosa?

O pescoço tornou a ficar vermelho.

— Não.

Malcolm pensou por um momento. Ele e Jamie haviam concluído antes que seria esse o tema da reunião com o almirante. E mais a carta de sua mãe.

— Teremos uma reunião com Sir William dentro de poucos dias — disse ele. — Eu me sentiria honrado se comparecesse, como meu convidado especial. Todos os mercadores ouviriam o que tem a dizer.

— Minhas posições já são bem conhecidas. Vocês, entre todas as pessoas, deveriam saber de que lado do pão está a manteiga, que sem a esquadra para protegê-los e às suas rotas comerciais, ficariam desamparados. Se abastecem os nativos com canhões, ameaçam a marinha real, ajudam a afundar seus próprios navios, assassinam seus compatriotas e se expõem à ruína!

— Se tomar o exemplo da China ou de qualquer outro...

— É justamente o meu ponto, Sr. Struan! — exclamou o almirante.
— Se os nativos não tivessem nossos armamentos, o motim nunca teria ocorrido, as revoltas por toda parte seriam contidas mais depressa, os selvagens no mundo inteiro poderiam ser educados com mais facilidade, o comércio útil seria conduzido em paz e a ordem no mundo floresceria, sob a benevolência da *Pax Britannica*. E piratas miseráveis não teriam os meios de disparar contra a minha nave capitânia! E sem a marinha real dominando os mares, não há Pax Britannica, não há império britânico, nem comércio, e voltaremos à idade das trevas!

— Confidencialmente, tem toda razão, almirante — disse Malcolm, com um fervor simulado.

Ele seguia o conselho de tio Chen:

— Quando um mandarim está furioso com você, por qualquer motivo, trate logo de concordar “confidencialmente” que ele tem

toda razão. Sempre poderá assassiná-lo mais tarde, quando ele estiver dormindo.

Ao longo dos anos, eleja se envolvera na mesma discussão com o exército, marinha e representantes do governo. E testemunhara o pai e a mãe discutindo, o pai pelo livre comércio, a mãe pela moralidade, o pai esbravejando sobre o insolúvel triângulo do ópio, a mãe veemente contra o ópio mesmo assim — e também contra a venda de armas —, a verdade dos dois lados, ambos inflexíveis, a discussão sempre terminando com o pai bebendo até o estupor, a mãe sorrindo, com aquele seu sorriso fixo e irritante, que nada podia dissipar, e sempre a farpa final do pai:

— Meu velho... e seu príncipe encantado... o grande demônio de olhos verdes Dirk foi quem iniciou o comércio, com isso prosperamos e que Deus nos ajude!

Muitas vezes ele especulara — mas nunca ousara perguntar — se a mãe realmente era apaixonada pelo pai, em vez do filho, e só aceitara o filho porque não podia ter o pai. Sabia que nunca perguntaria, e se o fizesse, ela apenas exibiria aquele seu sorriso fixo e responderia: “Ora, Malcolm, não seja absurdo.”

— Confidencialmente, tem toda razão, almirante — repetiu ele.

Ketterer tomou o resto do porto em seu copo, serviu-se de mais.

— Já é alguma coisa, por Deus! — O almirante levantou os olhos. — Sendo assim, vai providenciar para que a Struan não se empenhe na venda de armas aqui?

— Claro que vou levar em consideração tudo o que disse e consultar os outros mercadores.

Ketterer tirou um lenço do bolso, assoou o nariz, aspirou uma pitada de rapé, espirrou, tornou a assoar o nariz. Depois que a cabeça desanuviou, os olhos irados fitaram o jovem, irritado por não perceber qualquer enfraquecimento.

— Pois então deixe-me expor o problema de outra maneira. *Confidencialmente*, você concorda que ajudar os japas a adquirir canhões, canhões britânicos, qualquer maldito canhão, ou navios de guerra britânicos, é uma estupidez?

— Se eles tivessem uma marinha comparável à nossa seria um er...

— Um desastre! Um desastre total e uma estupidez!

— Concordo.

— Ótimo. Gostaria que persuadissem todos os outros mercadores a partilhar de sua opinião: nada de armas de fogo aqui, canhões em particular, nem ópio. *Confidencialmente*, é claro.

— Terei o maior prazer em expor essas opiniões, almirante.

Ketterer soltou uma risada. Malcolm começou a se levantar, não querendo ser acuado.

— Um momento, Sr. Struan. Mais outro assunto, antes de se retirar. Um assunto particular. — O almirante gesticulou para o envelope e a carta na mesa. — Aquilo. Da Sra. Struan. Já sabe do que se trata?

— Sei, sim.

Ketterer empurrou a carta para o centro da mesa.

— Sua Casa Nobre é supostamente a primeira da Ásia, embora eu tenha sido informado que a Brock começa a ultrapassá-la agora. Mas não importa qual tenha a Primazia, podem ser um conduto para o bem. Eu gostaria que você e sua companhia estivessem comigo nesta causa justa. Muito justa, Sr. Struan.

Exasperado, Malcolm não disse nada, considerando que já respondera, e não se sentia disposto a ouvir outro sermão. Incisivo, Ketterer acrescentou:

— *Confidencialmente*, aqui entre nós, não costumo aceitar cartas assim de visitantes, em circunstâncias normais. Nem é preciso dizer que as regras e regulamentos a marinha real só interessam à

marinha real. — Um gole do porto, um arrote reprimido. — O jovem Marlowe convidou-o e... à sua noiva para viajarem no Pearl, durante sua viagem de testes. Na terça-feira. Pelo dia inteiro. — Os olhos penetraram fundo pelos de Malcolm. — Não é verdade?

— É, sim, senhor — murmurou Struan, a mente em espasmo, com a sensação de que fora traído pelos ouvidos.

— Claro que minha permissão é necessária. — O almirante deixou a frase flutuar no ar, antes de acrescentar: — Por falar nisso, Sr. Struan, esse tencionado duelo é desaconselhável, e muito.

Malcolm piscou aturdido pelo *non sequitur*, e tentou se concentrar, enquanto o almirante continuava:

— Por mais que o tal de Greyforth mereça ser mandado desta para a melhor o mais depressa possível, duelar é contra a lei e uma imprudência, sempre pode haver erros. E terríveis. Entendido?

— Sim, senhor. Obrigado pelo conselho, mas estava dizendo...

— *Obrigado*, Sr. Struan — disse o almirante, levantando-se. — Obrigado por ter vindo me falar. Tenha um bom dia.

Atordoado, Malcolm também se levantou, sem saber se entendera direito.

— Quis dizer que eu...

— Quis dizer apenas o que falei, senhor. — A voz era cáustica, incisiva. — Assim como disse, confidencialmente, que levará em consideração tudo o que falei, também devo ressaltar, confidencialmente, que levarei em consideração tudo o que falar e fizer... até a meia-noite de segunda-feira. Tenha um bom dia.

Lá fora, o ar era puro e agradável, não havia complicações. Malcolm respirou fundo, várias vezes, até que sua força espalhou-se pela cabeça e peito. Esgotado e exultante, arriou no primeiro banco, e ficou olhando fixamente para a esquadra, sem vê-la.

Será que entendi Ketterer direito, Malcolm perguntou a si mesmo, muitas vezes, transbordando de esperança, ele pode estar mesmo disposto a esquecer a carta da mãe, dar permissão a Marlowe de nos receber a bordo e não proibi-lo de nos casar?

— Ketterer repisou o “confidencialmente” — murmurou Malcolm — e acentuou o “aqui entre nós”.

Isso significa que ele vai se manter quieto, se eu fizer a minha parte? O que posso fazer e dizer, antes da noite de segunda-feira, para persuadir o patife, pois é isso que ele é, um chantagista sem moral?

Besteira! É um negócio — ele me ofereceu um acordo —, um negócio maravilhoso para mim, e sem nada de ruim para ele. Eu

teria de ser cuidadoso, os outros mercadores não aceitarão de bom grado um embargo voluntário. E tudo terá de ser feito às claras, porque o homem é esperto e não vai se satisfazer com meras promessas.

Em quem posso confiar com essa nova reviravolta no emaranhado da minha vida? Heavenly, Jamie? Marlowe? Claro que ele não. Angel? Não. Não ela. Se tio Chen estivesse aqui, seria ele, mas acontece que não está. Quem, então? Ninguém. É melhor não contar a ninguém!

Tem de fazer tudo sozinho... não é isso o que a mãe comentou que Dirk sempre dizia ao pai sobre ser o *tai-pan*? "É ficar sozinho, assumir a responsabilidade sozinho essa é a alegria e o sofrimento." O que posso fazer sobre os canhões e...

— Boa tarde, Sr. Struan.

— Como? Ah, olá, Sr. Gornt.

— Parecia tão triste que não pude deixar de interrompê-lo.

— Não, não estou triste — murmurou Malcolm, cansado. — Apenas pensava.

— Desculpe. Neste caso, é melhor eu deixá-lo sozinho de novo, senhor.

— Não, por favor. Sente-se. Falou num preço, não é mesmo?

Edward Gornt acenou com a cabeça.

— Peço desculpas por não procurá-lo antes, senhor, mas acontece que o Sr. Greyforth não queria... ver a luz. Agora ele concorda com pistolas, pistolas de duelo de cano duplo, e um tiro ou dois, à sua escolha, a vinte passos.

— Ótimo. Que mais?

— Tentei dissuadi-lo do duelo, mas ele insistiu: “Não, a menos que Malcolm Struan peça desculpas publicamente.” Ou outras palavras com esse sentido.

— Certo. Mas vamos falar do outro assunto. Não há paredes ou portas aqui. — Malcolm gesticulou para o passeio quase deserto. — O preço?

— Também achei que este lugar era perfeito, mas não podemos passar muito tempo aqui e precisamos tomar cuidado, pois o Sr. Greyforth pode estar nos observando com um binóculo.

— E está?

— Não sei com certeza, senhor, mas sou capaz de apostar que sim.

— Vamos deixar a conversa para outro lugar? Mais tarde?

— Não. Aqui está bom. Mas ele é muito astuto, e não quero que fique desconfiado. O preço: se minha informação ajudar a frustrar o plano de Morgan para destruí-los, e levar os Brocks à bancarrota.

— Conhece os detalhes?

Gornt riu baixinho.

— Conheço, e muito bem, embora nem Morgan nem o Velho Brock saibam que eu sei. Nem o Sr. Greyforth. — Ele baixou a voz ainda mais, os lábios mal se movendo. — Tudo isso deve ser mantido em segredo entre nós, mas o preço é você liquidar Morgan Brock, pressioná-lo até a bancarrota, levá-lo à prisão, se for Possível... e se for necessário acabar com Tyler também, não me importo, mas dos destroços vai garantir que terei cinquenta por cento de participação na Rothwell, livres e desimpedidos. Também terá de me ajudar a levantar no Victoria Bank os recursos necessários para comprar a metade de Jeff Cooper. Durante dez anos, não vai me pressionar de outra forma que não como um concorrente normal, proporcionando-me a condição de nação favorecida em todos os negócios... tudo constando de um contrato, escrito e assinado por você. Depois de dez anos, pode tirar as luvas.

— Concordo — respondeu Malcolm no mesmo instante, pois esperava por condições mais difíceis. — Mas os miseráveis do Victoria não são nossos amigos. Foi Brock quem iniciou o banco, e sempre nos excluiu. Portanto, não seremos de grande ajuda nesse ponto.

— Tal situação vai mudar em breve, senhor. Daqui a pouco todos os diretores vão peidar, se lhes disser peidem. Tudo isso deve ser mantido em segredo, é claro. O que planeja fazer depois do duelo?

Malcolm não hesitou, embora estranhasse poder confiar naquele homem tão depressa, e falou sobre o embarque no *Prancing Cloud*.

— Parto do pressuposto que serei o vencedor e não ficarei gravemente ferido. — Uma pausa e ele acrescentou, confiante: — Depois que chegar a Hong Kong, poderei esfriar as coisas.

— Tem condições de atirar direito apoiado nas bengalas?

— Uma é suficiente para me equilibrar por tão pouco tempo. — Malcolm sorriu. — Tenho praticado.

— Quero propor agora uma manobra para evitar as repercussões legais. Deu certo na Virgínia e o mesmo deve acontecer aqui, caso qualquer dos dois seja morto. Cada um escreve uma carta para o outro, datada e entregue na noite anterior ao duelo, dizendo que concordam, por consenso mútuo, em cancelar o duelo, e que “num encontro amanhã, na terra de ninguém, ambos aceitarão, como cavalheiros, um pedido de desculpas mútuo e simultâneo”. — Gornt sorriu. — Nós, os padrinhos, vamos testemunhar que, tragicamente, enquanto mostravam suas pistolas um ao outro, uma delas disparou, num lamentável acidente.

— Uma boa idéia. Norbert concordou?

— Concordou. Eu lhe entregarei a carta dele na terça-feira. Mande a sua pelo Sr. McFay. Mas é melhor manter em segredo, pois se trata de um stratagem.

“Terça-feira” continuava ecoando na mente de Malcolm, mas ele forçou para o lado. Gornt dizia, descontraído:

— Depois do duelo... seria melhor se o matasse, em vez de apenas feri-lo... irei para o clíper com você. Em troca do contrato escrito, explicarei em detalhes como pode arruinar totalmente a rede de segurança financeira da Brock, com um pacote de cópias autenticadas de cartas e documentos, o suficiente para qualquer tribunal de justiça e outros que lhe proporcionarão os meios de pressionar o Victoria.

Malcolm experimentou uma intensa exultação.

— Por que não agora? Por que esperar até quarta-feira?

— O Sr. Greyforth pode matá-lo — disse Gornt, calmamente. — Neste caso, as informações seriam desperdiçadas e eu correria um risco sem qualquer proveito.

Depois de uma pausa, Malcolm indagou:

— Digamos que ele me mate, ou me deixe gravemente ferido... como obteria a vingança que deseja?

— Procuraria a Sra. Struan imediatamente. Mas não creio que será necessário. Aposto no senhor, não nela.

— Ouvi dizer que não jogava, Sr. Gornt.

— Cartas, a dinheiro, não, senhor, nunca... constatei a inutilidade disso por meu padrasto. Com a vida? Até o limite. — Gornt sentiu que os olhos o fitavam e murmurou: — Alguém nos observa.

Ele olhou ao redor. Era Angelique, saindo do prédio Struan, no outro lado da rua. Ela acenou. Malcolm acenou em resposta e levantou-se. Os dois homens observaram-na se aproximar.

— Olá, Angel — disse Malcolm, afetuoso, as palavras do almirante afluando em sua mente. — Quero apresentá-la ao Sr. Edward Gornt, da Rothwell, de Xangai. Minha noiva, *mademoiselle* Richaud.

— Madame!

Gornt pegou a mão de Angelique e beijou-a, galante.

— Sr. Gornt — murmurou ela, lendo seus olhos.

Houve um silêncio abrupto e curioso entre os três, e depois, sem qualquer razão aparente, desataram a rir.

— O que foi? — indagou ela, sentindo o coração acelerar.

— *Joie de vivre* — disse Gornt.

Angelique fitou-o, gostando do que via, animada pelo sorriso, depois pegou o braço de Malcolm, já relatando o encontro, na carta que interrompera:

Confesso, minha cara Colette, que os vi no passeio, assim resolvi pôr minha melhor touca e pegá-los de surpresa. Tratei logo de passar o braço pelo de Malcolm (DEFENSIVAMENTE), pois esse recém-chegado é alto e bonito, com um brilho malicioso por trás dos olhos, que percebi no mesmo instante, embora Malcolm não devesse estar consciente, ou se mostraria mais ciumento que o habitual, o pobre querido! Eu queria conhecer esse estranho alto casualmente. Ele tem um ligeiro sotaque sulista, ombros largos, cintura estreita, deve ser um esgrimista, e um magnífico dançarino... espero que seja um amigo, pois preciso de muitos por aqui...

— Ah, *chéri*... — murmurou ela, abanando-se contra o imediato e agradável calor interno, uma reação felina subconsciente à

masculinidade de Gornt. — Desculpe, eu não queria interromper uma conversa importante...

— Não interrompeu, Angel — declarou Malcolm.

— Eu já ia embora—acrescentou Gornt. Não havia necessidade de esconder toda a sua admiração. — Foi um prazer conhecê-la, madame. — Ele fez uma reverência. — Bom dia, senhor. Ficarei em contato.

Eles observaram-no se afastar.

— Quem é o Sr. Gornt?

Malcolm disse, mas nada contou sobre o verdadeiro Sr. Gornt, seus pensamentos voltados para a próxima terça-feira.

— Mais porco no molho de feijão preto, irmã mais nova? — perguntou Ah Tok mastigando um pedaço de peixe.

— Obrigada. — Ah Soh inclinou-se com os pauzinhos para reabastecer sua tigela, mas mudou de rumo, optando pelo camarão frito que vinha cobiçando. — Por favor, continue, irmã mais velha.

As duas se encontravam no quarto de Ah Tok, o almoço servido em vários pratos, junto com um bule de chá de jasmim fresco.

— É muito difícil. Ilustre Chen não deu instruções precisas.

— Ele não costuma agir assim. — Ah Soh serviu-se de mais pedaços suculentos de carne de vaca, num molho de ostra. — É muito estranho.

— Concordo, mas também sua nova concubina, a prostituta de Soo Chow vem com certeza absorvendo a maior parte de sua concentração.

— É verdade que ela tem quatorze anos, sem pêlos púbicos?

Ah Tok pegou outra cabeça de peixe, sugou a carne, com satisfação.

— Só o povo do alho de Chosen é que não tem pêlos púbicos.

Ela cuspiu as espinhas no chão, selecionou outro pedaço.

— Interessante. Será por causa de todo o alho que comem? Posso reler a carta dele, irmã mais velha?

A carta dizia:

Saudações, Ah Tok, sexta prima em segundo grau. Fez muito bem ao me consultar de imediato. A rolha do vidro revelou vestígios claros de Escuro da Lua, que deve ser o expulsor da terra do cão no mar Oriental. Um aborto! A prostituta foi sensata e insensata ao usá-lo, o amo sensato e insensato ao propô-lo. Até sabermos se foi ele quem tomou a decisão, ou se foi ela sem o conhecimento do amo, você não deve fazer nada. Prima, escute-o dormindo — ele sempre murmurou no sono, desde criança —, talvez ele diga mais alguma coisa. Instrua Ah Soh a fazer a mesma coisa, e as duas serão como morcegos. Obedeçam, e sejam persistentes.

— O que ele quis dizer em ser como morcegos? — indagou Ah Soh, irritada.

— Morcegos são silenciosos, mas guincham. Os morcegos podem voar no escuro, mas são cegos durante a claridade, são invisíveis à noite, desamparados de dia. Seus excrementos são valiosos, mas fedem demais. O que ele quis dizer?

— Olhos, ouvidos e narinas abertos, como um morcego, e vigiar onde larga seu excremento! — Ah Tok soltou uma risada. — Dez mil verões para Chen da Casa Nobre, pois sem ele não saberíamos que o portão de jade da mulher esteve na porta de meu filho!

— Como sabemos que foi ele? — especulou Ah Soh, com um vigoroso arrote. — Como sabemos que foi mesmo o amo, e não algum outro?

Ela baixou a voz, olhou ao redor, como se esperasse que ouvidos estranhos pudessem estar ouvindo. Os pauzinhos de Ah Tok hesitaram em pleno ar.

— Alguém como Nariz Pontudo, o mesmo tipo de demônio estrangeiro que é hem? Os dois são muito íntimos, como piolhos na virilha de um mendigo, e não foi ele quem jogou ao mar o vidro e as outras provas?

A velha Ah Tok não estava mais rindo.

— *Fang pi!* — exclamou ela, usando a imprecção rara. — É sobre isso que mestre Chen deve ter nos advertido! Morcegos dão voltas enquanto voam, não pousam no primeiro galho, e mesmo depois ficam pendurados de cabeça para baixo. Ele está nos dizendo para descobrir que *yang* possuiu aquela *yin*! É isso mesmo! Concordo que é possível que Nariz Pontudo tenha feito meu filho usar um chapéu verde!

— O amo enganado! — Ah Soh revirou os olhos para o céu. — É verdade que Nariz Pontudo passou bastante tempo no quarto dela para... Ela parou de falar de repente, boquiaberta, e depois acrescentou:

— Mas é isso mesmo! Lembra o que aconteceu há algumas semanas, quando ela me mandou embora, e mais tarde gritou, porque pensava que alguém tentava entrar em seu quarto por fora, quando era apenas o vento sacudindo as janelas? Recordo tudo agora, cheguei a seu lado mais depressa que um morcego, mas Nariz Pontudo já se encontrava ali, e os dois... agora que penso a respeito, os dois estavam mais brancos que um cadáver de cinco dias! Teria sido a ocasião em que seu *yang*...

— Quando foi isso, irmã mais nova? O dia? Quando?

— Foi no dia... o dia seguinte ao amo trazer aquela prostituta nativa do bordel no outro lado do canal.

As duas puseram-se a fazer contas, as mentes tão velozes quando o ábaco. Hoje era o décimo segundo mês, quinto dia.

— Seria o décimo mês, décimo oitavo ou décimo nono dia, irmã mais velha.

— Não havia tempo suficiente, a menos que Escuro da Lua tenha sido tomado antes do prazo. — Distraída, Ah Tok sugou mais um pedaço de peixe, depois cuspiu as espinhas, com um ar de convicção. — Eles devem ter deitado juntos antes. A prostituta teve muitas oportunidades, não é mesmo? Ela estava sempre naquela casa bárbara, antes de vocês duas se instalarem aqui.

— Tem razão, como sempre, irmã mais velha. Devemos informar ilustre Chen imediatamente.

— Mas por que ela entregara seu portão de jade a um demônio estrangeiro tão feio, quando meu filho se mostra ansioso em possuí-lo?

Ah Soh deu de ombros.

— Bárbaros! Quem sabe o que eles pensam? Deve contar ao amo.

Tonta de excitação, Ah Tok olhou para seu bar. Madeira, uísque, conhaque.

— Precisamos de força! — Ela escolheu o uísque, serviu duas doses enormes. — Ao trabalho! Devemos planejar, conspirar e pensar como fazer para que a prostituta e seu amante revelem a verdade!

— Muito bem! Juntas, conseguiremos!

— Mas nenhuma insinuação a meu filho, pois seria insensato para nós sermos portadoras de más notícias. Até termos certeza. — Elas bateram os copos. — Por todos os deuses, grandes e pequenos, ninguém vai enganar meu filho, fazê-lo usar o chapéu verde, e depois levar uma vida longa e feliz!

— Boa noite, padre Leo — disse Angelique, polida.

Ela se ajoelhou e beijou sua mão, descobrindo ser difícil conter a repulsa pelo intenso odor que ele exalava. Estavam sozinhos na pequena igreja, a nave mal iluminada, apenas umas poucas velas ardendo, o sol poente entrando pelo vitral pequeno e malfeito. Havia poucos católicos na colônia, a receita era ínfima, mas mesmo assim o altar e o crucifixo eram suntuosos. Lá fora, ao pôr-do-sol, Vargas esperava, para escoltá-la de volta.

— Queria me falar? — perguntou ela, inocente, sabendo que faltara de novo à missa no domingo. A touca rosa fora escolhida com todo cuidado, assim como o xale comprido de *cashmere*, caindo sobre o vestido de tarde, de uma seda escura. — Está com uma ótima aparência, padre.

— Fico contente em vê-la, minha criança — disse ele, com seu forte sotaque português. — Não compareceu à missa mais uma vez.

— São os vapores, padre. Ainda me recupero do distúrbio... e o Dr. Babcott aconselhou repouso — respondeu Angelique, pensando no que usaria naquela noite, para o banquete de aniversário do ministro russo, e o que poderia fazer para distrair Malcolm até lá. — Tenho certeza que me sentirei melhor na próxima semana.

Folgo em saber, minha jovem mentirosa, pensou Leo, desgostoso com a perfídia da humanidade. É uma impiedade dançar à noite e mostrar as partes desvestidas.

— Não importa. Ouvirei sua confissão agora.

Angelique quase que poderia bocejar, de tão previsível que ele era. Obediente, seguiu-o ao confessionário, ajoelhou-se, cumpriu o ritual, contente pela tela que os separava, confortada pelo pacto que fizera com a Virgem Maria, repetindo o código, fervorosa, como sempre:

—... e mais uma coisa, padre, esqueci de pedir perdão à Santa Mãe em minhas orações.

A absolvição foi rápida, uma modesta penitência de umas poucas ave-marias, e ela se sentiu melhor por isso. Começou a se levantar...

— Agora, minha criança, um problema particular. Há dois dias, o Sr. Struan mandou me chamar, para uma conversa confidencial, e pediu-me para casar vocês dois.

Angelique ficou boquiaberta, depois exibiu um sorriso glorioso.

— Oh, padre, que maravilha!

— Tem toda razão, minha criança. “Por favor, case-nos o mais depressa possível”, pediu o jovem Sr. Struan. Mas é difícil. — Noite e dia, ele remoera o problema. Enviara no mesmo dia uma carta urgente para o bispo de Macau, líder espiritual católico na Ásia, suplicando conselho, também urgente. — Muito difícil para nós.

— Por que, padre?

— Porque ele não é católico, e...

— Mas ele concordou que nossos filhos serão criados na verdadeira igreja. Foi o que me prometeu.

— É verdade, minha criança, ele me disse a mesma coisa. Mas o jovem Sr. Struan ainda não alcançou a idade para casar sem permissão, nem você. Mas eu queria lhe dizer, em segredo, que mesmo assim solicitei a Sua Eminência permissão para celebrar a cerimônia, pela maior glória de Deus, até mesmo... com ou sem

aprovação de seu pai. Soube que seu pai desapareceu, em algum lugar da Indochina francesa ou Sião.

Os detalhes sobre as fraudes e a fuga do pai haviam circulado pela colônia, mas ninguém contara nada a Angelique, por deferência, nem a Struan.

— Se Sua Eminência concordar, tenho certeza que o senhor Seratard, *in lócus parentis*, também concordará.

O aperto na garganta de Angelique não desapareceu.

— Quanto tempo vai demorar para Sua Eminência responder... conceder sua aprovação?

— Até o Natal, ou pouco depois, antes disso, se estiver em Macau, e não viajando, em visita aos fiéis na China, e se for a vontade de Deus.— Como sempre, ele sentava do outro lado sem olhar para a tela, um ouvido próximo, para garantir a privacidade sussurrada, mas agora virou o rosto e pôde divisá-la, vagamente. — A questão

sobre a qual desejo conversar, em particular, é a conversão do senhor Struan.

Ela ficou outra vez aturdida.

— Ele disse que se converteria?

— Não. Ainda não enxergou a luz, e é sobre isso que quero falar.

Padre Leo inclinou-se para mais perto da tela, saboreando a proximidade de Angelique, dominado por um desejo que sabia ser ímpio, enviado por Satã, o mesmo contra o qual lutava todos os dias e noites, de joelhos... o mesmo que enfrentava, com igual tormento, desde que ingressara na Igreja.

Que Deus me dê força, e que me perdoe, pensou ele, quase em lágrimas, querendo estender as mãos, acariciar os seios e o resto da moça, tudo oculto pela tela e o xale, pelo resto das roupas e a ira de Deus.

— Você deve ajudá-lo a adotar a verdadeira fé.

Angelique mantinha-se tão longe da tela quanto podia. Entreabriu as cortinas, Para reduzir a claustrofobia que a estrutura em forma de caixa lhe proporcionava. Os confessionários nunca foram assim, pensou ela, estremeando. Só depois... depois do que nunca aconteceu.

— Eu ajudarei, padre, faço tudo o que posso — murmurou ela, o nervosismo aumentando, e de novo fez menção de se retirar.

— Espere!

A violência na voz a chocou.

— Padre?

— Por favor... espere, por favor, minha criança.

A voz era afável agora, mas a afabilidade era forçada, e isso a assustou, pois não era a voz de um padre, sacrossanta, num lugar santificado, mas a de um estranho.

— Devemos conversar sobre esse casamento, minha criança, sobre a conversão de seu noivo. É preciso tomar muito cuidado com as influências malignas. A conversão é indispensável, como um preparativo para... para a eternidade.

— “Indispensável”, padre? — murmurou Angelique. — Ia dizer “indispensável como um preparativo para o casamento”!

— Para... para a eternidade.

Ela fitou a sombra no outro lado da tela, convencida de que ele mentia, consternada por sequer considerar essa possibilidade, muito menos acreditar nela.

— Ajudarei em tudo o que puder, padre.

Ela se levantou, abriu as cortinas, em busca de ar. Mas padre Leo postou-se em seu caminho. Angelique notou o suor em sua testa e que ele pairava acima dela, em altura e volume.

— É para o bem dele, para sua própria salvação. A dele, minha criança. Seria melhor... seria melhor antes.

— Está dizendo, padre, que a conversão de Malcolm é indispensável para que possa nos casar? — indagou ela, apavorada.

— Não cabe a mim determinar as condições. O que Sua Eminência decidir vai nos orientar, pois somos servidores fiéis.

— Na igreja de meu noivo, ninguém disse que devo me tornar protestante. É claro que também não posso forçá-lo.

— É preciso que ele enxergue a verdade! Esse casamento é uma dádiva de Deus. Protestante? Essa heresia? Apostasia? Inadmissível! Estaria perdida para sempre, condenada, excomungada, sua alma eterna consignada ao tormento permanente no fogo, ardendo pelos tempos afora!

Angelique manteve os olhos baixos, era quase incoerente.

— Para mim, sim, para ele... milhões de pessoas acreditam de uma forma diferente.

— Todos estão loucos, perdidos, condenados e arderão para sempre!
— A voz era ainda mais dura. — É isso mesmo! Devemos converter os pagãos! Malcolm Struan deve se con...

— Tentarei, padre. Adeus. Obrigada... tentarei.

Ela contornou-o, afastou-se apressada. Virou-se ao chegar à porta, por um momento, fez uma genuflexão e saiu para a luz. O padre continuou parado na nave de costas para o altar, sua voz ressoando pela igreja:

— Seja um instrumento de Deus, converta os pagãos, se ama a Deus, salve esse homem, salve-o do purgatório, se ama a Deus, salve-o, ajude-me a salvá-lo das chamas do inferno, salve-o para a glória de Deus, tem de fazer isso... antes de casar, salve-o, deixem-nos salvá-lo...

Naquela noite, uma patrulha de samurais saiu da casa da guarda no portão norte. Eram dez guerreiros, armados com espadas e uma armadura leve de combate, um oficial no comando. Atravessaram a ponte, passaram pela barreira, entraram na colônia. Um homem carregava um estandarte alto e estreito, com caracteres escritos. O samurai na vanguarda erguia uma tocha, que projetava estranhas sombras.

A High Street e o passeio a beira-mar ainda se encontravam bastante movimentados, no princípio de noite agradável. Mercadores, soldados, marujos, lojistas dando uma volta, ou parados em grupos, conversando e rindo, aqui e ali, com umas poucas canções e bêbados, um ou outro cautelosos prostitutas. Na praia, alguns marujos haviam acendido uma fogueira e dançavam uma *hornpipe* ao redor, embriagados, com um travesti no meio. Podia-se ouvir a distância o clamor habitual na cidade dos bêbados.

A presença ominosa foi logo notada. Todos pararam no mesmo instante. As conversas foram interrompidas no meio de uma frase. E depois cessaram por completo. Todos os olhos se viraram para o norte. Os mais próximos da patrulha trataram de sair da frente. Mais que uns poucos tatearam à procura do revólver e praguejaram por não encontrá-lo no bolso ou no coldre. Outros recuaram e um soldado de folga saiu correndo por uma viela para chamar o plantão noturno dos fuzileiros.

— Qual é o problema, senhor? — perguntou Gornt.

— Ainda nenhum — respondeu Norbert, com uma expressão sombria.

Os dois integravam um grupo no passeio, mas ainda longe dos samurais, que não prestaram qualquer atenção aos homens silenciosos que os observavam, caminhando encurvados, os passos irregulares, como era seu costume. Lunkchurch aproximou-se.

— Está armado, Norbert?

— Não. E você?

— Também não.

— Eu estou, senhor. — Gornt sacou sua pequena pistola. — Mas não fará muita diferença, se eles forem hostis.

— Quando em dúvida, meu jovem — disse Lunkchurch, a voz rouca —, saia correndo, é o que sempre falei.

Ele estendeu a mão para Gornt, antes de se afastar, apressado:

— Barnaby Lunkchurch, Sr. Gornt. Prazer em conhecê-lo. Seja bem-vindo a Yokopoko. Até mais tarde, no clube. Ouvi dizer que joga bridge. Será ótimo sentarmos para uma partida.

Todos trataram de se manter fora do alcance. Os bêbados se tornaram subitamente sóbrios. Cada um se encontrava de guarda, pois era muito bem conhecida a rapidez de uma repentina corrida de samurai brandindo as espadas. Norbert já escolhera uma linha de retirada, caso se tornasse necessário. Depois ele viu o pelotão de fuzileiros sair por uma rua transversal, em passo acelerado, os fuzis de prontidão, um sargento à frente, para assumir uma posição de vigia embora não provocadora. Norbert relaxou e comentou:

— Não há mais nada com que se preocupar agora. Sempre anda com isso Edward?

— Sempre, senhor. Pensei que tinha lhe dito.

— Não, não disse — respondeu Norbert, em tom ríspido. — Posso vê-la?

— Claro. Está carregada.

A pistola era pequena, mas mortífera. Cano duplo. Dois cartuchos de bronze. Coronha revestida de prata. Norbert devolveu-a.

— Muito boa. É americana?

— Francesa. Meu pai me deu quando fui para a Inglaterra. Disse que a ganhara de um jogador num barco no Mississippi, a única coisa que me deu em toda a sua vida. — Gornt riu baixinho, os dois observando os samurais se aproximarem. — Até durmo com ela, senhor, mas só a disparei uma vez. Foi contra uma dama que se esgueirava com minha carteira na calada da noite.

— Acertou-a?

— Não, senhor. Nem estava tentando. Queria apenas assustá-la. Uma dama não deve roubar, não é mesmo, senhor?

Norbert soltou um grunhido e voltou a se fixar nos samurais, considerando Gornt sob uma nova luz, mais perigosa.

A patrulha foi andando pelo meio da rua, as sentinelas na frente das legações britânica, francesa e russa — as únicas com guardas permanentes — aprontando seus fuzis, já alertadas.

— Soltar as travas de segurança! Não atirem, até eu mandar! — resmungou o sargento. — Grimes, vá avisar ao comandante. Ele está com os russos, a terceira casa descendo a rua.

O soldado se afastou. Os lampiões ao longo do passeio piscavam. Todos esperavam, ansiosos. O oficial dos samurais continuou a avançar, impassível.

— Um desgraçado de mau bofes, não acha, sargento? — sussurrou um soldado, as mãos empunhando o fuzil.

— Todos são desgraçados de maus bofes. Trate de se controlar.

O oficial alcançou o prédio da legação britânica e gritou uma ordem. Seus homens pararam, entraram em formação diante do portão. Ele se adiantou, falou ao sargento num japonês gutural. Um silêncio opressivo. Mais palavras, impacientes, imperiosas, obviamente ordens.

— O que você quer? — perguntou o sargento, meio metro mais alto. Outra vez as frases ásperas, mais furiosas.

— Alguém entende o que ele está dizendo? — gritou o sargento.

Não houve resposta, até que Johann, o intérprete, saiu da beira da multidão. fez uma reverência ao oficial dos samurais, que retribuiu de forma superficial, e lhe falou em holandês. O oficial respondeu em holandês, procurando as palavras Johann explicou:

— Ele traz uma mensagem, uma carta para Sir William, e tem de entregá-la pessoalmente.

O oficial começou a se encaminhar para o portão da legação, e todos os fuzis foram erguidos. Ele parou. Uma furiosa tirada contra o sargento e os soldados. Todos os samurais tiraram um quarto das espadas das bainhas, assumiram uma posição defensiva. Ali perto, a patrulha dos fuzileiros assumiu ordem de combate. Todos esperavam pelo primeiro erro.

Nesse momento, Pallidar e dois outros oficiais dos dragões saíram apressados da legação russa, um pouco adiante, em uniformes de gala, com suas espadas.

— Eu assumo o comando, sargento — declarou Pallidar. — Qual é o problema?

Johann informou-o. Pallidar, a esta altura bem versado nos costumes japoneses, fez uma reverência para o oficial samurai, esperou uma retribuição igual.

— Diga a ele que receberei a carta. Sou o ajudante-de-ordens de Sir William.

— Ele diz: Sinto muito, as ordens são para entregar pessoalmente.

— Diga-lhe que estou autorizado...

A voz de Sir William interrompeu-o:

— Capitão Pallidar... espere um momento! Johann, de quem é a carta?

Ele estava parado na entrada da legação russa, com Zergeyev e outros ao seu lado. O oficial apontou para o estandarte, gritou mais algumas palavras, e Johann traduziu:

— Ele diz que é do tairo, mas creio que se refere ao roju, o Conselho dos Anciãos. Recebeu ordem de entregá-la pessoalmente.

— Está certo. Vou recebê-la. Mande ele vir até aqui.

Johann obedeceu. Altivo, o oficial samurai fez sinal para que Sir William se adiantasse. Mas Sir William gritou, ainda mais ríspido, com menos cortesia ainda:

— Diga a ele que estou jantando. Se não quiser vir até aqui imediatamente, pode entregar a carta amanhã.

Johann era muito experiente para traduzir exatamente, e apenas deu ênfase suficiente para transmitir o significado. O oficial samurai respirou fundo, em fúria, depois avançou através do portão russo, passou pelos dois enormes guardas barbudos e parou diante de Sir William, esperando por uma reverência.

— Keirei! — berrou Sir William. Saudação! Era uma das poucas palavras em japonês que ele se permitira aprender. — Keirei!

O oficial corou, mas fez uma reverência, numa reação automática. Inclinou-se Como se fosse um igual, e sentiu-se ainda mais irritado quando Sir William apenas acenou com a cabeça, como se fosse um inferior. Mas também, pensou o oficial, esse homenzinho fétido é o líder *gai-jin*, com uma reputação de ira tão vil quanto seu cheiro. Quando atacarmos, eu mesmo o matarei.

Ele pegou o pergaminho, deu um passo à frente, entregou-o, recuou, fez uma reverência perfeita, esperou até que houvesse uma retribuição, embora grosseira, satisfeito por ter levado a melhor sobre o inimigo. Para descarregar sua raiva, gritou com seus homens, e afastou-se como se eles não existissem. Todos seguiram-no, também furiosos pela grosseria do *gai-jin*.

— Onde está Tyrer? — indagou Sir William.

— Mandarei alguém chamá-lo — disse Pallidar.

— Não precisa. Peça a Johann para vir até aqui.

— Se está em holandês, posso ler a mensagem, Sir William — interveio Erlicher, o ministro suíço.

— Obrigado, mas é melhor Johann, já que ele conhece japonês também.

Sir William não queria partilhar, de antemão, nada com ninguém, ainda mais com um estrangeiro que representava uma nação pequena, mas em crescimento com uma bem desenvolvida indústria bélica ansiosa por exportações, com uma reputação baseada na qualidade extraordinária e única de seus relojoeiros, uma das poucas áreas em que os fabricantes britânicos não podiam competir.

A sala de jantar, o maior cômodo do prédio, tinha uma mesa para vinte pessoas, com prataria e louça da melhor qualidade. Todos os ministros ali se encontravam, à exceção de von Heinrich, que continuava doente, além de Struan, Angelique, à cabeceira da mesa, alguns oficiais franceses e britânicos, com dois criados de libré por trás de cada lugar, e mais para servir.

— Posso usar a ante-sala, conde Zergeyev? — perguntou Sir William, em russo.

— Claro.

O conde Zergeyev abriu a porta. Esperaram por um momento, até que Johann entrasse, apressado, e depois ele fechou a porta.

— Boa noite, Sir William — disse Johann, satisfeito por ter sido chamado.

Seria o primeiro a saber qual era o problema e poderia continuar a ser útil para o ministro de seu país. Rompeu o lacre do pergaminho e também sentou-se.

— Em holandês e japonês. É curta.

Ele correu os olhos depressa pela carta, franziu o rosto, releu-a, outra vez, soltou uma risada nervosa.

— Está endereçada ao ministro britânico e diz: *“Comunico por este despacho. Por ordem do xógum Nobusada, recebida de Quioto, todos os portos serão fechados imediatamente e todos os estrangeiros expulsos e obrigados a partir, pois não pre...”*

— Expulsos? Obrigados a partir?

O berro de Sir William passou pela porta. Os convidados para o jantar caíram num silêncio apreensivo. Johann estremeceu.

— Isso mesmo, senhor. Sinto muito. É o que diz aqui: *“...e obrigados a partir, pois não precisamos nem queremos quaisquer negócios entre estrangeiros e nosso povo. Envio este comunicado antes de uma reunião imediata para acertar os detalhes da retirada urgente de Iocoama. Respeitosa comunicação.”*

— Respeitosa? Mas que maldita impertinência...

A explosão continuou. Assim que Sir William fez uma pausa para respirar, Johann disse:

— Está assinada por “*Nori Anjo... Tairo*”. Pelo que sei, Sir William, isso é quase como ditador.

37

QUIOTO

Quinta-feira, 4 de dezembro:

Yoshi Toranaga estava lívido.

— Quando a designação de tairo foi confirmada?

— Anteontem, Sire, pelo pombo-correio para lorde Anjo, em Iedo. — Wakura, o lorde camarista, chefe dos funcionários do palácio, falava em voz suave, indiferente à ira ostensiva de seu convidado, e disfarçando sua alegria, pois aguardara ansioso por aquele encontro, em seus aposentos, dentro do palácio. — O pergaminho formal, assinado pelo xógum, a pedido do filho do céu, foi enviado, se não me engano, para entrega urgente a lorde Nori Anjo no mesmo dia.

Isso deixou Yoshi ainda mais furioso. Seu ancestral, o xógum Toranaga, determinara que os pombos-correios seriam propriedade exclusiva do xogunato. Ao longo de dois séculos e meio esse método de comunicação entrara em declínio, por ser desnecessário, e agora era usado apenas para anunciar ocorrências vitais, como a morte de um xógum ou de um imperador. O *Bakufu* optava por ignorar que há anos alguns emprestadores de dinheiro da zaibatsu de Osaka vinham usando pombos-correios em segredo... o que os deixava expostos a medidas punitivas, tributos extras, ou favores, se o *Bakufu* decidisse impor a lei.

— E quando será entregue o insensato ultimato aos *gai-jin*? — perguntou Yoshi.

— Imediatamente, Sire. O pedido imperial foi incluído na mesma mensagem por pombo-correio, confirmado pelo xógum Nobusada, e com a ordem para apresentação imediata.

— A ordem é *baka*, a pressa ainda mais *baka*! — Yoshi ajeitou o manto alcochoado nos ombros. A chuva miúda que caía nos jardins lá fora acrescentava umidade ao frio. — Mande outro pombo-correio cancelando a ordem.

— Se dependesse de mim, Sire, faria isso sem hesitar, já que está sugerindo Assim que se retirar, Sire, solicitarei permissão, mas imagino que será tarde demais. O líder *gai-jin* já deve ter recebido a ordem, que pode até ter sido entregue ontem.

Wakura, feliz, manteve o rosto e a atitude de um penitente. Isso era a culminação de anos de intriga em apoio aos desejos do imperador, a opinião da maioria dos daimios, a maioria dos nobres da corte, de Ogama, que no momento detinha o poder em Quioto, embora os portões fossem mais uma vez ostensivamente guardados pelo odiado xogunato — mas apenas com a permissão de Ogama —

também da princesa Yazu e, o mais importante de tudo, em apoio às suas próprias posições.

A escolha hábil e sagaz do momento oportuno, poucos dias antes, o deixara na maior satisfação. Abordara a princesa durante seu passeio matutino pelos jardins do palácio e, num único movimento, neutralizara o xogunato, o *Bakufu* e Yoshi, o mais perigoso de seus inimigos.

— Princesa imperial, soube que alguns cortesãos próximos do divino, com seus interesses em mente, sussurram que o lorde, seu marido, deveria designar lorde Nori Anjo como tairo, o mais depressa possível.

— Anjo? — dissera ela, incrédula.

— Pessoas de sabedoria, princesa, acreditam que deve ser feito depressa, e com absoluta discrição. As conspirações em Iedo abundam e isso evitaria a interferência de... de inimigos ambiciosos, inimigos que tentam a todo instante arruinar seu reverenciado marido e que têm ligações com os infames *shishi*. Lembre de Otsu!

— Como se eu pudesse esquecer! Mas Anjo... não que eu tenha qualquer influência para conseguir uma coisa assim... é um tolo. Como tairo, ele se tornará ainda mais arrogante.

— É verdade, mas elevá-lo acima dos outros anciãos pode ser um pequeno preço a pagar para fazer com que seu lorde xógum fique mais seguro durante sua minoridade e frustrar seu... seu único rival, lorde Yoshi.

— Um tairo poderia removê-lo de sua posição de guardião?

— Provavelmente, princesa. Outro ponto em favor de Anjo, sussurram os sábios, é o fato de ele ser o instrumento perfeito a se usar contra os gai-jin: simplório, mas obediente às solicitações imperiais. O divino notaria tal lealdade, e sem dúvida recompensaria os serviços prestados. Se for feito depressa, de maneira discreta, pelo que dizem os sábios, seria o melhor.

Fora muito fácil plantar a semente que desabrocharia como uma de minhas orquídeas de estufas superfertilizadas... como fui previdente ao manobrar para o casamento dela. As palavras da princesa nos ouvidos daquele jovem obtuso, a cooperação de alguns nobres dependentes, meus próprios conselhos, logo procurados e prontamente oferecidos, e tudo ficou resolvido.

E agora é a sua vez, Toranaga Yoshi, pensou ele, feliz, Yoshi, o belo, o astuto, forte, o usurpador bem-nascido, esperando e farejando nas asas do poder, pronto para iniciar a guerra civil que eu e todos tememos, à exceção de uns poucos nobres radicais, a guerra que vai esmagar a ressurgência do poder imperial, e mais uma vez deixar a corte imperial sob o tacão de qualquer belipotentado salteador que dominar os portões e poderá, com isso, reduzir nossos estipêndios e nos transformar de novo em mendigos.

Ele conteve um tremor. Há não muitas gerações, o imperador de então tinha de vender sua assinatura nas ruas de Quioto, a fim de levantar dinheiro para comer. Há não muitas gerações, os casamentos na corte eram arrumados para daimios ambiciosos e arrivistas, que mal pertenciam à classe dos samurais, tendo como uma única qualificação para uma posição superior o sucesso na guerra e o dinheiro. Há não muitos anos...

Não, pensou ele, nada disso vai acontecer. Depois que *sonno-joi* for um fato, nossos leais amigos *shishi* vão se dispersar e voltar para seus feudos, todos os daimios se submeterão a ele, nós da corte vamos reinar, e nossa época áurea voltará.

Wakura tossiu, ajeitou as mangas enormes do requintado traje da corte mais a seu gosto, observando Yoshi, os olhos contraídos no rosto maquilado, de acordo com o costume da corte.

— Sem dúvida, Sire, a ordem para expulsar os *gai-jin* é boa. A sábia e antiga aversão do imperador aos *gai-jin* e aos tratados será concretizada e nossa terra dos deuses se livrará deles para sempre. Isso deve agradá-lo também, lorde Yoshi.

— Se a ordem fosse significativa, sim. Se fosse obedecida, sim. Se tivéssemos os meios para impô-la, sim. Mas nada disso vai acontecer. Por que não fui consultado?

— Você, Sire?

As sobrancelhas pintadas de Wakura se altearam.

— Sou o guardião do herdeiro por designação imperial. O menino é menor de idade, não é responsável por sua assinatura.

— Oh, Sire, sinto muito... se dependesse de mim, é claro que sua aprovação seria procurada em primeiro lugar. Por favor, não me culpe, Sire. Não posso decidir nada, apenas fazer sugestões. Sou apenas um servidor da corte, do imperador.

— Eu deveria ter sido consultado!

— Concordo, Sire, mas estes são tempos estranhos.

O rosto de Yoshi era tenso. Os danos já haviam se consumado. Ele teria de arrancar o xogunato de seu próprio esterco. Idiotas! Como?

Primeiro Anjo... de um jeito ou de outro. Minha esposa tinha razão.

Ah, Hosaki, como sinto falta dos seus conselhos! Pensando na família, seus olhos vaguearam para fora e no mesmo instante a fúria pareceu se dissolver. Além da janela de shoji, avistou seus guardas, esperando ao abrigo do telhado requintado, os jardins por trás, a

chuva indulgente, faiscando nos vermelhos, dourados e marrons combinados com o maior cuidado, uma imagem agradável para a vista e a alma... tão diferente de Iedo, pensou ele, distraído. Hosaki gostaria daqui grande mudança em nossa vida austera. Ela aprecia a beleza e gostaria daqui.

Seria muito fácil se deixar embalar, pelo tempo e os jardins, os céus gentis e a chuva delicada, a melhor música, poesia, alimentos exóticos, beldades de pele de alabastro da corte e também do mundo flutuante de Quioto, Shimibara, o mais procurado em todo o Nipão, sem qualquer preocupação no mundo, exceto a de procurar o próximo prazer.

Desde que chegara a Quioto, além da paz temporária com Ogama, pouco realizara, além dos tempos de prazer... tão raros para ele. O prazer com Koiko, o treinamento diário com espada e artes marciais, massagens maravilhosas —Quioto era famosa por isso — banquetes em cada refeição, jogar Go e xadrez escrever poesia.

Como foi sábio meu ancestral ao confinar o imperador e esses sicofantas vestidos com tanto exagero a Quioto, e construir sua própria capital em Iedo, longe de suas seduções e tortuosas manipulações... e como foi sábio ao proibir um xógum de vir para esta armadilha de mel.

Eu deveria ir embora. Mas como posso partir sem Nobusada?

A corte praticamente o afastara dele. E o próprio Nobusada não queria vê-lo. Por duas vezes, o jovem cancelara uma reunião no último momento, alegando um resfriado. O médico confirmara oficialmente o resfriado, mas seus olhos revelavam que era apenas um pretexto.

— Mas a saúde do lorde xógum me preocupa, lorde Yoshi. Sua constituição não é forte e sua virilidade deixa muito a desejar.

— A culpa é da princesa?

— Não, Sire. Ela é vigorosa, sua *yin* ampla é bastante sedutora para satisfazer o mais exigente *yang*.

Yoshi interrogara o médico com o maior cuidado. Nobusada nunca fora um espadachim ou caçador, alguém que gostasse da vida ao ar livre, como o pai e os irmãos, preferindo os esportes mais fáceis da falcoaria e arco e flecha, ou, ainda mais, as competições de poesia e caligrafia. Entretanto, não havia nada de errado com isso.

— Seu pai ainda é bastante vigoroso e a família é conhecida pela longevidade. Não há motivo para alarme. Dê-lhe uma de suas poções, convença-o a comer mais peixe, menos arroz polido, menos dos alimentos exóticos que a princesa tanto aprecia.

Ela participara do único encontro que ele tivera com seu pupilo, poucos dias antes. E tudo saíra errado. Nobusada recusara-se a considerar o retorno a Iedo, recusara-se até mesmo a discutir uma possível data, recusara seus conselhos em todas as outras questões, escarnecendo dele com Ogama:

— O Choshu controla as ruas, os homens de Ogama estão eliminando os infames *shishi*, primo. Não estou seguro cercado por nossos próprios guerreiros. Só me sinto seguro aqui, sob a proteção do imperador!

— Isso é um mito. Só ficará seguro no castelo de Iedo.

— Sinto muito, lorde Yoshi — interviera a princesa, a voz doce e insinuante — mas a umidade em Iedo é muito grande, o clima não

se compara com o de Quioto. e a tosse do meu marido precisa de proteção.

— É isso mesmo, Yazu-chan, e eu gosto daqui, primo, pois pela primeira vez na vida estou livre, não confinado àquele castelo horrível! Aqui sou livre para vaguear, cantar, tocar, e me sinto seguro, estamos seguros, a tal ponto que posso ficar para sempre! Por que não? Iedo é uma cidade suja e fedorenta; governar daqui seria maravilhoso!

Yoshi ainda tentara argumentar, mas fora tudo em vão. E de repente Nobusada declarara, impulsivo:

— O que mais preciso, acima de tudo, até alcançar a maioridade, e não falta muito agora, primo, o que preciso é de um líder forte, um tairo. Nori Anjo seria perfeito.

— Ele seria péssimo para você e o xogunato — insistira Yoshi, paciente, e explicara mais uma vez, só que não fizera a menor diferença. — Seria uma insensatez...

— Não concordo, primo. Anjo me escuta, a *mim*, o que você nunca faz. Eu disse que queria apresentar meus respeitos ao divino, meu cunhado, ele concordou, e aqui estou, enquanto você se opôs! Ele me escuta! A mim! A mim, o xógum! E não se esqueça de que qualquer um é melhor do que você! Nunca será o *tairo*, nunca mesmo!

E ele deixara os dois, jamais acreditando — apesar da risada desdenhosa e irritante de Nobusada em sua esteira — que o tairo Anjo poderia se tornar uma realidade.

Mas agora é um fato, pensou ele, sombrio, consciente de que o lorde camarista Wakura o observava.

— Deixarei Quioto nos próximos dias — anunciou Yoshi, tomando uma súbita decisão.

— Mas não passou muito tempo aqui, Sire — comentou Wakura, dando os parabéns a si mesmo. — Nossa acolhida foi tão horrível assim?

— Não, não teve nada de horrível. Quais são as outras informações lastimáveis que tem para mim?

— Nenhuma, Sire. Sinto muito se relatei alguma coisa que o desagradou. Wakura tocou uma sineta. No mesmo instante, um criado todo maquilado entrou, com chá e um prato de tâmaras, os dentes também pintados de preto.

— Obrigado, Omi.

O rapaz sorriu para ele e se retirou.

— As tâmaras são as mais doces que já provei. De Satsuma.

Eram grandes, ressecadas ao sol, com mel. Os olhos de Yoshi se contraíram. Pegou uma; não era por coincidência que vinham de Satsuma.

— São excelentes.

— São mesmo. Uma pena que o daimio Sanjiro não seja tão doce quanto as frutas e outros alimentos que seus camponeses-soldados cultivam. É curioso o samurai em Satsuma pode ser as duas coisas sem perda de casta.

Yoshi escolheu outra tâmara.

— Curioso? É apenas o costume antigo deles. Um mau costume. É sempre melhor que os homens sejam samurais ou camponeses, uma coisa ou outra, de acordo com o legado.

— Ah, sim, o legado. Mas também o xógum Toranaga permitiu que a família conservasse seu feudo e suas cabeças, depois de Sekigahara, embora tivessem lutado contra ele. Talvez ele gostasse de suas tâmaras também. Interessante, neh?

— Talvez o xógum Toranaga se satisfizesse por eles terem encostado a cabeça na terra à sua frente, humildemente lhe concedendo o poder sobre Satsuma jurando fidelidade perpétua, e com humildade

ainda maior agradeceram quando lhes foi concedido Satsuma como feudo.

— Ele foi um sábio soberano, muito sábio. Mas agora os Satsumas sob Sanjiro não são mais tão humildes.

— Isso também ocorre com outros — murmurou Yoshi.

— Como eu disse, vivemos em tempos estranhos. — Wakura demorou a escolher outra tâmara. — O rumor é de que ele prepara suas legiões para a guerra, apronta todo o feudo para a guerra.

— Satsuma sempre se mantém em pé de guerra. Outro costume antigo. Deve me dar o nome de seu fornecedor de tâmaras. Podemos aproveitar um fornece assim em Iedo.

— Será um prazer — respondeu Wakura, sabendo que nunca revelaria sua rede de espiões. — Alguns sábios conselheiros sugerem que desta vez Sanjiro realmente levará a guerra a todo o território.

— Guerra contra quem, lorde camarista?

— Presumo que contra todos aqueles que Sanjiro considera seus inimigos.

— E quem são eles? — indagou Yoshi, paciente, querendo que Wakura contasse tudo.

— Circulam rumores de que será contra o xogunato. Sinto muito.

— Ele se arrependeria se tentasse a guerra contra a lei da terra, lorde camarista. Esses sábios conselheiros que você mencionou talvez devessem aconselhá-lo a não ser tão estúpido. E os conselheiros também podem ser estúpidos, neh?

— Concordo — disse Wakura, sorrindo apenas com um retorcer da boca.

— E eu concordo que Sanjiro é combativo, mas não é estúpido. E o mesmo se pode dizer de Ogama de Choshu. E de Yodo de Tosa. Todos os lordes exteriores são militantes e manipuladores, sempre foram... como alguns altos funcionários da corte, mal orientados e ambiciosos demais.

— Mesmo que isso fosse verdade, Sire, o que uns poucos cortesãos poderão fazer contra o poderoso xogunato, quando toda a corte não possui exércitos, possui terras, nem koku, e todos dependem da generosidade do xogunato para seus estipêndios?

Yoshi sorriu também, um sorriso torcido.

— Eles promovem o descontentamento entre os daimios ambiciosos. E isso me lembra de uma coisa... — acrescentou ele, concluindo que Wakura fora longe demais e precisava de um açoite —... talvez, neste maravilhoso enclave, vocês ainda não saibam, mas haverá fome por todo o Nipão no próximo ano, inclusive no Kwanto. Corre o rumor de que o estipêndio da corte será cortado, este ano e no próximo, creio que pela metade.

Ele ficou contente ao ver que os olhos de Wakura quase se tornaram vinhos e arrematou:

— Sinto muito.

— Eu também sinto muito, pois seria lamentável. Os tempos já são bastante difíceis agora.

Wakura reprimiu o impulso de gritar e ameaçar, tentando avaliar o poder de Yoshi para promover e impor tal redução. Ele não é o único a querer isso, os daimios vivem se queixando, e é claro que o Conselho de Anciãos concordaria. Mas o tairo Anjo não permitiria, pois tem de fazer o que queremos. Ogama? Aquele cão arrogante aprovaria a redução, assim como Sanjiro e todos os outros. É melhor Anjo impor sua vontade! Wakura exibiu seu melhor sorriso.

— O príncipe conselheiro pergunta se lhe daria suas opiniões num memorial sobre Satsuma, Choshu e Tosa, em particular o perigo que Satsuma representa, e como, no futuro, a corte pode ajudar o xogunato... e evitar mal-entendidos.

— Eu teria o maior prazer — respondeu Yoshi, animando-se um pouco, pois seria uma oportunidade maravilhosa.

— Por último, tenho a honra de comunicar que o divino chamou-o, como seu convidado pessoal, o xógum Nobusada, alguns daimios, inclusive os de Tosa, Choshu e Satsuma, para o Festival do Solstício de Inverno. Os convites para Tosa e Satsuma já foram enviados, o seu e o de lorde Ogama serão apresentados com a devida cerimônia amanhã, mas eu queria ter o prazer de informá-lo.

Yoshi ficou aturdido, pois era uma honra excepcional para qualquer um fora do círculo íntimo. O solstício era naquele mês — o décimo segundo mês —, no vigésimo segundo dia. Dentro de dezesseis dias. As festividades se prolongariam no mínimo por uma semana, talvez mais. Ele poderia partir depois, haveria tempo suficiente para lidar com Anjo.

Espera! Esqueceu o que diz o legado: Tome cuidado ao acampar no covil do céu. Não é para nós. Somos homens, eles são deuses, e os deuses são como pessoas, ciumentos como as pessoas, e a intimidade gera o desprezo deles. A morte de nossa linhagem agradaria a esses falsos deuses. E isso só pode acontecer em seu covil.

Yoshi experimentou um súbito temor. O convite não podia ser recusado.

— Obrigado — murmurou ele, fazendo uma reverência.

Ao meio-dia, o vigia *shishi* postado diante do quartel-general de Toranaga observou quarenta samurais e porta-estandartes saírem e descerem pela rua, em direção ao portão leste do palácio. Era a troca de guarda rotineira do meio-dia. A maioria levava lanças, todos tinham duas espadas, mantos de chuva, e os chapéus de palha grandes e cônicos.

O *shishi* bocejou, ajeitou seu próprio manto nos ombros, quando uma chuva leve começou a cair, deslocou seu banco para baixo do toldo da barraca que vendia talharim, sopa e chá e pertencia a um simpatizante. Ele se encontrava de serviço desde o amanhecer. Tinha dezoito anos, uma barba cerrada. Um ronin de Satsuma.

Antes de deixar Quioto, o líder, Katsumata, ordenara uma vigilância rigorosa aos quartéis-generais de Toranaga e Ogama.

— No momento em que houver uma chance de atacar qualquer um dos dois, terá de ser fora de seus muros e com possibilidade concreta de sucesso... será desfechada uma investida de um só homem. Um único homem, não mais do que isso. Os *shishi* devem ser resguardados, mas também temos de estar preparados, Um ataque de surpresa é a nossa única oportunidade de vingança.

No portão, vários carregadores com cestos de legumes e peixes frescos pararam na barreira. Guardas atentos os inspecionaram, cada um com igual cuidado, e depois gesticularam para que passassem.

O jovem tornou a bocejar. Não havia a menor possibilidade de passar pelas barreiras. Ele especulou por um momento se a moça Sumomo conseguira entrar e se instalar lá dentro, como Katsumata concordara. Fora um milagre aqueles três escaparem pelo túnel. Um autêntico milagre. Mas onde eles estão agora? Não se tivera mais notícias de qualquer um desde a fuga milagrosa. Mas que importância isso tem? Devem estar seguros, como nós... Contamos

com protetores importantes. Vamos nos reagrupar mais tarde. Teremos a nossa vingança. *Sonno-joi* vai acontecer.

Ele observou os guardas virarem a esquina e sumirem de sua vista. Sentia-se cansado agora, mas o pensamento de futons quentes e de sua amante à espera dissipou a maior parte da exaustão.

A patrulha do xogunato chegou ao portão leste. Havia uma casa de guarda encostada nos muros, estendendo-se pelos dois lados do portão, capaz de abrigar quinhentos homens e cavalos, se fosse necessário. O portão tinha seis metros de altura, a madeira reforçada por ferro, com um portão muito menor ao lado, que permanecia aberto. Os muros do perímetro eram mais altos, antigos, de pedra.

Por um instante, os novos guardas se misturaram ruidosamente aos antigos, todos bem agasalhados. Oficiais inspecionaram homens e

armas, a guarda de saída começou a entrar em formação. Um oficial e um *ashigaru*, um infante, do grupo substituto, atravessaram a rua. A chuva parou. O sol irrompeu entre as nuvens. Os dois homens seguiram por outra rua e entraram em outro quartel, igual a muitos que havia em Quioto. Ali se encontravam alojados duzentos samurais de Ogama a alguma distância do portão, mas bastante perto.

— Quarenta homens, aqui estão seus nomes — disse o oficial a seu equivalente, fazendo uma reverência. — Nada de novo a informar.

— Ótimo. Os dois venham comigo, por favor.

O oficial de Ogama estudou a lista de nomes, enquanto os conduzia através a seus homens. Entraram numa sala vazia, com uma porta fechada no outro lado. O oficial bateu, abriu-a em seguida. Na outra sala só havia tatames e uma mesa baixa. Ogama estava de pé na janela, armado, cauteloso, mas sozinho. Os dois oficiais deram passos para os lados e se curvaram.

O ashigaru tirou o chapéu grande e se revelou como Yoshi. Em silêncio, ele entregou a espada longa a seu oficial, mantendo a curta, e entrou na sala. A porta foi fechada. Os dois oficiais deixaram

escapar um suspiro. Estavam suados. Dentro da sala, Yoshi fez uma reverência.

— Obrigado por concordar com este encontro.

Ogama retribuiu a reverência, gesticulou para que Yoshi sentasse na sua frente.

— O que é tão urgente e por que tamanho sigilo?

— Más notícias. Você disse que aliados devem partilhar informações confidenciais. Sinto muito, mas Nori Anjo foi designado tairo.

A notícia deixou Ogama visivelmente abalado, e ele escutou com a maior atenção, enquanto Yoshi falava. Quando Yoshi falou sobre o convite imperial, um pouco de sua ira se dissipou.

— Ah, quanta honra e reconhecimento, no momento devido!

— Foi o que também pensei. Até sair do palácio. Só então percebi a profundidade da armadilha.

— Que armadilha?

— Ter os lordes de Satsuma, Tosa, você e eu, todos no mesmo lugar, ao mesmo tempo? Em trajes cerimoniais? Dentro dos muros do palácio? Sem armas nem guardas?

— O que Wakura poderia fazer? Ou qualquer dos outros? Eles não têm samurais... nem exércitos, nem dinheiro, nem armas. Absolutamente nada!

— É verdade, mas pense um pouco: quando nós quatro estivermos diante do filho do céu, juntos, seria o momento certo para alguém... Wakura, príncipe Fujitaka, o xógum Nobusada, ou a princesa... sugerir que, *“como um presente para o divino, agora é o momento para os quatro maiores daimios da terra expressarem sua lealdade, oferecendo seus poderes a ele”*.

A expressão de Ogama tornou-se sombria.

Nenhum de nós concordaria. Iríamos tergiversar, ganhar tempo, até mesmo mentir...

— Mentir? Para o filho do céu? Nunca. Escute mais: digamos que o príncipe conselheiro, antes da cerimônia, em particular, sugerisse o seguinte: *“Lorde Ogama, o filho do céu deseja adotá-lo, torná-lo príncipe Ogama, capitão da guarda Imperial, lorde comandante dos portões, membro do Novo Conselho Imperial dos Dez, que governará no lugar do xogunato Toranaga usurpador. Em troca...”*

— Que Conselho de Dez?

— Espere... *“em troca precisa apenas reconhecê-lo por quem ele é: o filho do céu, imperador do Nipão, possuidor das insígnias sagradas... orbe, espelho e cetro... descendente dos deuses e com ascendência sobre todos os homens; em troca, você dedica seu feudo e samurais a serviço dele e cumprirá seus desejos que serão exercidos através da Corte Imperial dos Dez!”*

Ogama fitava-o aturdido, gotas de suor no lábio superior.

— Eu... eu nunca renunciaria a Choshu!

— Talvez sim, talvez não. Talvez o porta-voz imperial diga também que o imperador o confirmará em seu feudo, como lorde de Choshu, conquistador dos *gai-jin*, guardião dos estreitos, sujeito apenas a ele, e ao Conselho Imperial dos Dez.

— Quem mais integra o conselho? — perguntou Ogama, a voz rouca.

Yoshi removeu o suor da testa. Todo o plano aflorara de repente, quando chegara a seu quartel. O general Akeda precipitara a conclusão com um comentário casual sobre como era insidioso o pensamento em Quioto, o que parecia impregnar o próprio ar que respiravam, que qualquer coisa considerada um prêmio num instante podia se tornar uma cilada no momento seguinte.

Sentira-se até fisicamente doente, sabendo que se poderia deixar seduzir com a mesma facilidade de qualquer outro... hoje mesmo, pouco antes, deixara-se embair para um falso senso de segurança, até compreender que ficaria isolado.

— Aí está, Ogama-sama, já se sente tentado. Quem mais está no conselho? Como se tivesse alguma importância o que lhe dissessem. Seria um contra os indicados deles. Lorde Sanjiro também. O lorde camarista Wakura e sua laia dominariam.

— Não concordaríamos. Eu não...

— Sinto muito, mas você concordaria... eles podem oferecer honrarias para tentar um kami... a maior tentação sendo a de que pretenderiam substituir o xogunato Toranaga pelo xogunato do Conselho dos Dez! Claro que não me seria oferecido um lugar no Conselho de Dez, nem a qualquer outro Toranaga, à exceção de Nobusada, que já é controlado por eles, por causa daquela princesa, como adverti. — A raiva de Yoshi era intensa. — Anjo é o primeiro passo.

Quanto mais os dois homens consideravam os desdobramentos, mais podiam perceber as incontáveis armadilhas pela frente. Ogama disse, a voz rouca:

— As festividades se prolongariam por semanas ou mais... seríamos obrigados a oferecer banquetes à corte, e uns aos outros. Venenos lentos poderiam ser introduzidos.

Yoshi estremeceu. Durante toda a sua vida, sentira um medo profundo de ser envenenado. Um tio predileto morrera em grande agonia, o médico dizendo “causas naturais”, mas o tio era uma farpa incômoda no flanco de um *Bakufu* hostil e sua morte fora bastante conveniente. Talvez o envenenamento, talvez não. A morte do xógum anterior, no ano em que Perry voltara, um dia saudável, no outro morto, também muito conveniente para o tairo Li, que o odiava e queria um títere — Nobusada — em seu lugar.

Rumores, jamais comprovados, mas o veneno era uma arte antiga no Nipão, assim como na China. Quanto mais Yoshi argumentava consigo mesmo — se a morte por envenenamento fosse seu karma —, mais cuidava para que seus mais cuidava que seus cozinheiros fossem de confiança, e se mostrava cauteloso com tudo o que comia, mas isso não eliminava o pânico que o dominava de vez em quando.

Abruptamente, Ogama cerrou o punho e bateu forte na palma da outra mão.

— Anjo tairo! Não posso acreditar!

— Nem eu.

Ao enviar o mensageiro para marcar aquele encontro secreto, Yoshi pensara como era irônico que agora ele e Ogama tivessem de fato de trabalhar juntos, se quisessem sobreviver. Não poderiam mais sobreviver isolados. Pelo menos no momento.

— Como podemos impedir que isso aconteça? Posso perceber que eles seriam capazes de me tentar.

Ogama cuspiu no tatame em aversão.

— Eles podem tentar qualquer um, Ogama-domo.

— São como Kamis-lobos, isso eu posso entender. Estamos acuados. Se o divino nos convidar, seus sequazes insidiosos vão nos destruir. Vamos reunir as pessoas de quem você falou ou... Mandarei chamar Basushiro, pois sua mente é como a de uma serpente!

— Só estaremos acuados se aceitarmos o convite amanhã. Proponho que ambos deixemos Quioto esta noite, em segredo. Se não estivermos aqui... O que acha da idéia?

O sorriso súbito de Ogama era extasiado, mas se dissipou no instante seguinte. Yoshi percebeu o motivo e acrescentou:

— Uma manobra assim exige uma grande confiança entre nós.

— Tem razão. O que você propõe como precaução contra quaisquer erros?

— Não posso cobrir todas as alternativas, mas isso é temporário: ambos deixaremos Quioto esta noite, concordando em permanecer fora pelo menos por vinte dias. Seguirei imediatamente para Iedo e cuidarei de Anjo, tentando neutralizá-lo, e lá permanecerei até que isso seja consumado. O general Akeda ficará no comando aqui, como sempre, e dirá que tive de voltar de repente para o Dente do Dragão, uma doença na família, mas logo voltarei. Você vai para Fushimi, passa a noite ali. Amanhã, ao pôr-do-sol, depois que o convite deixou de alcançá-lo... porque ninguém, nem mesmo Basushiro, sabe onde se encontra, hem?

— É muito perigoso não contar a ele, mas continue.

— Deixo isso ao seu critério. Mas amanhã, ao pôr-do-sol, você manda entregar uma mensagem ao príncipe Fujitaka, convidando-o para um encontro Particular na manhã seguinte, talvez nas ruínas de Monoyama... — Era um dos lugares prediletos para excursões dos habitantes de Quioto. — Quando se encontrar com ele, manifeste seu espanto pelo “convite” e lamente não estar presente para aceitá-lo. Enquanto isso, é melhor ele garantir que não haverá outros convites até seu retorno. “E quando pretende voltar?” Você não tem certeza. Os *gai-jin* ameaçam com um iminente desembarque em Osaca. Você precisa ir até lá, fazer planos. Deixe claro para ele que é melhor não haver outros súbitos convite imperiais... por mais que humildemente agradeça... até decidir se vai aceitá-los

Ogama soltou um grunhido. Baixou os olhos para o tatame, perdido em seus pensamentos. Só depois de algum tempo é que falou:

— O que me diz de Sanjiro e de Yodo de Tosa? Eles virão, com uma força militar cerimonial, mas ainda assim com uma força.

— Diga a Fujitaka para providenciar o adiamento de seus convites... ele deve sugerir ao divino que este solstício está carregado de maus presságios.

— Uma boa sugestão. Mas o que fazer se eles não adiarem?

— Fujitaka dará um jeito.

— Se é tão fácil, por que não ficar, até mesmo com os convites? Basta eu dizer a Fujitaka para fazer a sugestão sobre os maus presságios. O festival é cancelado, não é mesmo? Isso pressupõe que Fujitaka tem o poder de sugerir ou dessugerir.

— Com Wakura, ele pode fazer isso. Creio que a insídia em Quioto impregna o ar que respiramos... cairíamos numa cilada.

Era o melhor que ele podia fazer. Não convinha a seus propósitos que Ogama ficasse sozinho em Quioto e ainda havia o problema dos portões a resolver.

— Eu poderia passar vinte dias em Fushimi ou Osaca — murmurou Ogama.

— Não poderia voltar a Choshu, pois isso deixaria minha posição em Quioto... ficaria exposto a um ataque.

— De quem? Não meu... somos aliados. Hiro não estará aqui, nem Sanjiro. Pode ir até Choshu, se assim desejar. Pode confiar em Basushiro para manter sua posição aqui.

— Não se pode confiar tanto assim num vassalo — declarou Ogama, irritado.

— O que me diz dos *shishi*?

— Basushiro e o meu Akeda continuarão a esmagá-los... nossos espiões do *Bakufu* continuarão a procurá-los.

Ogama franziu o rosto.

— Quanto mais penso a respeito, menos me agrada. Há perigos demais, Yoshi-dono. Fujitaka vai me dizer, com toda certeza, que seu convite também não foi entregue.

— Vai ficar surpreso. Sugiro que diga que minha desculpa sobre uma doença na família deve ser uma cobertura e que é mais provável que eu esteja correndo para Iedo, a fim de ver o que posso fazer para impedir que os *gai-jin* concretizem sua ameaça contra Quioto... e para garantir que abandonem Iocoama. — O rosto de Yoshi endureceu. — O que não vai acontecer.

— Então vamos obrigá-los a partir.

— No momento oportuno, Ogama-dono. — O rosto de Yoshi se tornou ainda mais duro. — Tudo o que eu previ aconteceu. Acredite em mim, não conseguiremos forçar os *gai-jin* a irem embora. Ainda não.

— Então quando?

— Em breve. Mas esse problema deve ser deixado de lado, por enquanto. A coisa mais importante agora é nos protegermos. Duas coisas: devemos partir juntos e voltar juntos. Permanecemos aliados secretos, até que, formalmente, num e encontro pessoal, a sós, decidamos o contrário.

Ogama riu, mas não disse nada. Yoshi acrescentou:

— E por último: durante a minha ausência, nosso acordo sobre os portões continua em vigor.

— Sua mente pula como um gato com espinhos nas patas. — Ogama limpou a garganta, ajeitou os joelhos de uma maneira mais confortável. — Talvez eu concorde, talvez não. Isso é muito importante para decidir de imediato. Preciso conversar com Basushiro.

— Não. Converse comigo. Posso lhe dar conselhos melhores, porque sei mais, e também, ainda mais importante, porque neste caso os seus interesses são meus... e não sou um vassalo que tem de procurar por pequenos favores.

— Só os grandes. Como os portões.

Yoshi riu.

— Este é pequeno, em comparação com alguns que vai me conceder, e eu concederei a você, quando se tornar o tairo.

— Então me conceda um favor agora, enquanto ainda não sou: a cabeça de Sanjiro.

Yoshi fitou-o nos olhos, escondendo sua surpresa. Não esquecera o que Inejin, seu espião-estalajadeiro na estrada para o Dente do Dragão, falara a respeito de Ogama e “céu escarlate”. Inejin contara como Ogama, com o apoio de Sanjiro, ou pelo menos sua neutralidade, prevaleceria sobre o xogunato, com a tática histórica da preferência dos daimios, um ataque de surpresa.

— Poderia se contentar com seus ovos? — indagou Yoshi, expondo o plano que vinha depurando há meses.

Ogama desatou a rir.

A guarnição substituída no portão leste voltou para o quartel, quatro homens lado a lado, Yoshi no meio, disfarçado como um infante. Embora tivessem sido avisados de antemão para tratá-lo como tal, os homens tinham dificuldade para não lançar olhares de esguelha ou pedir desculpas ao chegarem muito perto. Um dos soldados era um informante *shishi*, chamado Wataki. Não tivera a menor oportunidade para alertar sobre aquela excepcional oportunidade para uma emboscada.

Yoshi sentia-se cansado, mas contente. Ogama acabara concordando com tudo, por isso ele podia agora deixar Quioto, com os portões a salvo, nas mãos do xogunato, e o próprio xogunato a salvo.

Por algum tempo... tempo suficiente, pensou ele. Meu jogo é alto, e o plano cheio de buracos, que vão preocupar Ogama, se por acaso os perceber. Mas não importa, tenho certeza que, de qualquer maneira, ele planeja me trair. Era o melhor que eu podia fazer, e deve funcionar. Impossível para mim aceitar o convite imperial.

O dia melhorara agora, o sol disputava com as nuvens a posse do céu. Yoshi mal notou, assim como não prestava atenção ao ambiente, a mente ocupada com todos os detalhes de sua partida, a quem contar, o que fazer em relação a Koiko e ao general Akeda, quem levar em sua companhia, e sua preocupação geral: chegaria a tempo de atenuar ao mínimo os danos a Iedo?

Primeiro, um banho e massagem, as decisões depois...

Seus olhos focalizaram, e ele se tornou consciente das ruas, enquanto marchavam, os pedestres, barracas, pôneis, kagas, palanquins, as casas e choupanas, crianças e vendedores de peixe, ambulantes diversos, adivinhos, escribas, toda à movimentação dos mercados. Era uma experiência completamente nova para ele ser um entre muitos, incógnito na coluna, e passou a desfrutar aquela perspectiva tão diferente. Não demorou muito para que se tornasse boquiaberto como alguém do interior com as vistas, sons e cheiros da cidade grande, que nunca vira antes querendo parar, misturar-se à multidão, conhecê-la melhor, saber o que as pessoas pensavam, faziam, comiam, onde dormiam.

— Soldado — sussurrou ele para o jovem ao seu lado —, aonde vai quando está de folga?

— Eu, lorde? — balbuciou o homem, e quase deixou cair a lança, apavorado pelo altíssimo lhe dirigir a palavra, querendo se ajoelhar no mesmo instante. — Eu... eu vou beber, Sire.

— Não me chame de “Sire” — sussurrou Yoshi, surpreso pela súbita confusão causada por sua pergunta em todos os que se encontravam perto, alguns dos quais perderam o passo, e quase saíram de formação. — Aja normalmente... não olhe para mim! Todos vocês!

O soldado desculpou-se, e os outros ao redor tentaram fazer o que ele ordenara, achando quase impossível, agora que lorde Yoshi rompera o encantamento da invisibilidade. O sargento olhou ao redor, retornou apressado.

— Está tudo bem, lorde? Há...

— Está, sim, sargento. Volte a seu posto!

Automaticamente, o sargento fez uma reverência e obedeceu, os soldados retomaram o passo e seguiam adiante... o quartel a menos de cem metros de distância. Para alívio de Yoshi, aquela pequena confusão passou despercebida pela multidão, que se inclinava à passagem da coluna.

Mas foi observada por dois homens mais adiante. Eram o vigia *shishi*, Izuru e seu substituto, Rushan, um jovem ronin de Tosa, que naquele momento chegara à barraca na rua, não muito longe do portão Toranaga.

— Estou bêbado, Rushan? Um sargento fazendo uma reverência para um infante? Um sargento?

— Eu também vi, Izuru — sussurrou o outro. — Olhe para o soldado. Pode vê-lo agora, o mais alto, quase no final da coluna, veja como ele segura a lança. Não está acostumado a isso.

— Certo, mas... O que há com ele?

— Repare como os outros o observam, furtivamente!

Com crescente excitação, eles ficaram observando o soldado, enquanto a coluna se aproximava. Embora as armas, o uniforme e todo o resto fossem iguais, havia uma grande diferença inequívoca: no porte, no passo, nas qualidades físicas do homem, por mais que ele tentasse se encolher.

— Lorde Yoshi! — murmuraram os dois ao mesmo tempo.

Rushan acrescentou, no instante seguinte:

— Ele é meu.

— Não, meu — protestou Izuru.

— Eu o vi primeiro! — insistiu Rushan, decidido, tão impaciente que mal conseguia falar.

— Nós dois, juntos, teremos uma chance maior.

— Não. Fale baixo. Um homem de cada vez, foi essa a ordem de Katsumata, e concordamos. Ele é meu. Dê o sinal no momento oportuno.

O coração disparado, Rushan esgueirou-se entre os fregueses e pedestres, a fim de assumir uma melhor posição de ataque.

A nova posição de Rushan era à beira da rua. Um último olhar para situar sua presa. Depois, ele sentou no banco, de costas para a coluna, os olhos no amigo Izuru, absolutamente em paz. Seu poema de morte para os pais estava nas mãos do *shoya* da aldeia, entregue anos antes, quando ele e dez outros estudantes samurais haviam se rebelado. Eram todos *goshi* e lhes fora negado o ingresso na escola para instrução superior, porque os pais não tinham recursos para pagar os subornos necessários às autoridades locais. Mataram as autoridades, declararam-se ronin, a favor de *sonno-joi*, e fugiram.

Dos dez, apenas ele continuava vivo. Muito em breve morreria, pensou, exultante, sabendo que se encontrava preparado, treinado, no auge de sua força, e que Izuru seria sua testemunha.

Izuru tinha o mesmo fervor. Já determinara seu próprio plano de ataque, se Rushan falhasse. Confiante, ele se deslocou para uma posição melhor. Seu olhar desviou-se da patrulha, foi se fixar no

portão. Os guardas ali se preparavam para o ritual de inspecionar os outros de volta, na passagem pela barricada. Percebeu no mesmo instante que a atividade era maior, com mais ordens gritadas do que o habitual, os homens mais alertas, mais nervosos.

Ele praguejou para si mesmo. Os homens sabem! Claro que sabem, e sabem desde que a coluna partiu! Isso explica por que se mostraram tão irrequietos e irritados durante toda a manhã. Todos sabiam que lorde Yoshi se encontrava lá fora disfarçado. Mas por quê? E onde ele esteve? Ogama! Mas por quê? Planejaram outra emboscada contra nós? Fomos traídos de novo?

Seus olhos se deslocavam de um lado para outro, jamais esquecendo Rushan, avaliando as distâncias e os tempos. Já havia muitas pessoas nas proximidades fazendo a reverência. A qualquer momento o comandante da coluna a faria parar, o oficial no Portão se adiantaria para recebê-lo, ambos fariam uma reverência, juntos inspecionariam os homens que voltavam, que depois seguiriam em frente. O oficial ergueu a mão. A coluna parou. "Agora!", Izuru quase disse em voz alta, enquanto gesticulava. Rushan viu o sinal e correu para a retaguarda da coluna de vinte metros, a espada comprida empunhada pelas duas mãos.

Ele passou pelos dois primeiros homens, derrubando-os, antes que os samurais sequer compreendessem que estavam sendo atacados, e desferiu um golpe contra Yoshi, que o fitou aturdido por uma fração de segundo. Só o aguçado instinto de Yoshi o levou a

arremeter na direção do golpe fatídico, desviando-o para um soldado estupefato ao seu lado, que soltou um grito e caiu.

Gritando "*sonno-joi!*", na súbita confusão ao seu redor, Rushan puxou a lâmina, enquanto os outros soldados tentavam abrir espaço, empurrando-se uns aos outros, mais guardas correndo do portão, espectadores por toda parte boquiabertos e paralisados. Wataki, o informante *shishi*, estava tão surpreso quanto qualquer dos soldados, e apavorado com a perspectiva de ser envolvido ou traído por aquele *shishi*, que parecia ter surgido do nada.

Wataki viu Rushan golpear de novo, e prendeu a respiração. Mas Yoshi recuperara o equilíbrio, embora ainda não tivesse tido tempo de desembainhar a espada, e por isso usou a haste da lança contra o golpe. A espada de Rushan cortou-a com a maior facilidade, mas a lâmina se desviou, perdeu o impulso, proporcionando a Yoshi apenas o tempo suficiente para se adiantar e segurar o cabo da espada na mão esquerda.

No mesmo instante, Rushan estendeu a mão direita para a espada curta, tirou-a, e desferiu um golpe contra a barriga, uma manobra clássica no combate corpo a corpo. Outra vez Yoshi se achava preparado. Largara a lança, e esticou o antebraço direito contra o pulso de Rushan, desviando a lâmina para seu manto, onde ficou presa. Rushan largou a espada curta, e a mão, agora uma arma mortífera, com dedos que pareciam garras, duros como pedra, as

unhas afiadas, avançou para os olhos de Yoshi. As unhas erraram os olhos, mas afundaram logo abaixo.

Yoshi soltou um grito. Um homem menos treinado afrouxaria a pressão no cabo da espada comprida do atacante e logo morreria. Às cegas, ele continuou a segurá-lo, agora com as duas mãos, enquanto o homem se debatia, impotente, agora fora de controle. Isso deu a um soldado por trás de Rushan a abertura para agarrá-lo em torno da garganta, e Wataki, sabendo que a luta estava perdida, apavorado com a possibilidade do *shishi* ser capturado vivo, enfiou sua espada curta na parte inferior das costas. A força do golpe fez com que a lâmina atravessasse o corpo. Rushan gritou. O sangue saiu pela boca, mas ele continuou a lutar, enquanto a morte o envolvia, até ficar inerte. Mal transcorrera um minuto desde o primeiro ataque.

Embora suas próprias glândulas gerassem o pânico, Yoshi sentiu a vida se esvaír do homem. E o súbito peso do corpo contra o seu. Mas não o largou, até ter certeza de que o homem morreria mesmo. Ainda assim, esperou que outras mãos puxassem o cadáver, antes de soltá-lo.

O sangue o cobria. Percebeu num instante que não era seu. A sorte não dissipou sua fúria pela falta de alerta dos homens próximos, que não o cercaram numa rede protetora, deixando-o com o encargo de combater o atacante. Xingou-os, ordenou que toda a patrulha entrasse, ficasse de joelhos, as espadas quebradas, à exceção dos

dois que o haviam ajudado. Depois, ofegante, olhou ao redor. A rua movimentada se esvaziara.

Quando os gritos e a escaramuça em torno do solitário atacante foram entendidos e Yoshi se desvencilhara, sendo reconhecido, um murmúrio de espanto passara pela multidão. No mesmo instante, dois ou três se afastaram, desviando os olhos. Outros seguiram o exemplo. O filete cauteloso se transformara numa torrente, ninguém querendo ser mantido como testemunha ou mesmo acusado de cumplicidade.

Izuru foi um dos primeiros a se retirar, ao constatar que não havia qualquer expectativa razoável de êxito num segundo ataque. Rushan se atrapalhara todo no ataque, pensou ele, enquanto seguia pela rua transversal predeterminada, sob a proteção da multidão fugindo do local. O tolo deveria ter cortado a cabeça de um dos dois primeiros, como uma manobra diversionária, e depois, na recuperação, usando a mesma força rápida e brutal para golpear o alvo principal, na altura da cintura. Não haveria a menor probabilidade de Yoshi escapar a um golpe assim. Absolutamente nenhuma. Uma oportunidade excepcional desperdiçada! E quanto a permitir que Yoshi segurasse o cabo da espada, aparando o golpe contra a barriga...

Rushan merecia ser capturado vivo e usado para prática de espada! Espere, talvez tenha sido melhor assim. Se Rushan se mostrara tão inepto em seu supremo duelo, seria bem provável que cedesse sob

interrogatório, revelando as casas seguras, as que conhecia. Não se pode confiar no pessoal de Tosa, *shishi* ou não!

Mas por que Toranaga Yoshi assumira um risco tão grande?

Soaram gritos lá atrás. Soldados perseguiram os retardatários na multidão, a fim de deter algumas testemunhas. Não havia chance de que o pegassem, por isso não precisava se apressar.

A chuva recomeçou. O vento aumentou. Ele aconchegou o manto em torno dos ombros, contente por usá-lo, e também o chapéu. Desceu por uma viela cheia de poças d'água, entrou em outra, atravessou uma ponte, as tábuas escorregadias. Logo se descobriu seguro, num labirinto de ruas pequenas, levando a uma entrada no muro dos fundos de uma enorme residência. O guarda reconheceu-o, deixou-o passar, indicando a casa segura dos *shishi*, perdida nos vastos jardins. O uniforme do homem exibia a insígnia do lorde camarista Wakura.

Na rua em que ficava o quartel-general de Toranaga, o vendeiro era conduzido para a casa da guarda, protestando aos brados que nada sabia, não era ninguém, e suplicando para que o deixassem ir embora... não ousara desaparecer junto com os outros, pois era bastante conhecido ali. Uns poucos retardatários, apanhados antes

de escaparem, eram empurrados atrás dele. O toldo da barraca sacudia ao vento e chuva.

Koiko dava os retoques finais na maquilagem, com a ajuda de um espelho de mão de aço polido. Os dedos tremiam um pouco. Mais uma vez, ela efetuou um esforço consciente para esvaziar a mente e confinar seus medos, por Yoshi e por causa dele, por si mesma e por sua própria causa. As duas outras mulheres, Teko, sua *maiko* — aprendiz — e Sumomo, observavam atentamente. O quarto era pequeno e funcional, como o resto da suíte, adjacente aos aposentos de Yoshi, o suficiente para ela, quando dormia sozinha, e uma criada. Os outros aposentos, para suas atendentes, ficavam mais adiante.

Ao terminar, ela contemplou seu reflexo. Não podia detectar linhas de preocupação; quando ensaiou um sorriso, a pele do rosto se contraiu apenas no lugares corretos, os olhos eram brancos onde deveriam ser brancos, escuros onde deveriam ser escuros, sem deixar transparecer coisa alguma de sua profunda ansiedade. Isso a agradou. Teve um vislumbre de Sumomo. Sem saber que era

observada, Sumomo exibiu por um momento um rosto aberto. Koiko sentiu o estômago revirar, percebendo conflitos demais ali.

Treinamento, treinamento, treinamento, o que seríamos sem isso, pensou ela, e virou-se para fitá-las. Teko, pouco mais que uma criança, pegou o espelho sem que fosse pedido, ajeitou uma mecha desgarrada no lugar, com extrema habilidade.

— É uma beleza, dama Koiko — murmurou Sumomo, fascinada.

Era a primeira vez que ela tinha permissão para entrar nos aposentos particulares de Koiko. Os segredos do processo de beleza haviam sido uma revelação, além de toda a sua experiência.

— É mesmo — concordou Koiko, pensando que ela se referia ao espelho, a perfeição de sua superfície tornando-o de valor quase inestimável. — E é também um espelho generoso. Poucos o são, Sumomo... é essencial nesta vida que uma mulher tenha um espelho generoso para se contemplar.

— Oh, não! Eu falava de toda a imagem que projeta, não disso — explicou Sumomo, embaraçada. — Do quimono ao penteado, a escolha das cores, como maquia os lábios e sobrancelhas, tudo enfim. Obrigada por me permitir testemunhar.

Koiko riu.

— Espero que com ou sem tudo isso o efeito não seja muito diferente!

— É a pessoa mais linda que já conheci! — exclamou Sumomo.

Em comparação com Koiko, ela sentia-se como uma camponesa, sem qualquer sofisticação, inepta, bovina, toda dedos, cotovelos e pés enormes, pela primeira vez em sua vida consciente da falta de feminilidade. O que meu amado Hiraga pode ver em mim? — perguntou a si mesma, consternada. Não sou nada, desgraciosa, nem mesmo uma Choshu, como ele. Não lhe trago terras, nem prestígio, nem dinheiro, e tenho certeza que, no fundo, seus pais me desaprovam — E provavelmente a mais linda que jamais verei!

E Sumomo pensou: Todas as damas do mundo flutuante são como você? Até mesmo a *maiko* será deslumbrante quando crescer, embora não como sua ama. Não é de admirar que os homens casem com mulheres como eu só para cuidar de suas casas, gerar seus filhos, porque lhes é fácil demais idolatrar em outras partes, desfrutar a beleza em outras partes.

Com a sinceridade, Koiko percebeu a infelicidade e inveja, que não podiam ser escondidas.

— Você também é bonita, Sumomo — murmurou ela, há muito consciente que causava esse efeito em muitas mulheres. —Teko-chan, pode ir agora, mas prepare tudo para mais tarde... e providencie para que não sejamos incomodadas, Sumomo e eu.

— Pois não, ama.

Teko tinha onze anos. Como acontecera com Koiko, seu contrato fora firmado a *mama-san* da casa da Glicínia por seus pais camponeses, quando tinha sete anos. Sua vida lucrativa começaria quando estivesse com quatorze ou quinze anos. Até lá, e enquanto a *mama-san* quisesse, o contrato tornava a *mama-san* responsável por seu sustento, roupas e treinamento para uma vida no mundo flutuante, e também, se ela demonstrasse aptidão, em suas várias artes: como

música, dançarina, poeta ou conversadora, se não mesmo todas elas. Se a *maiko* provasse ser impossível de ser treinada, ou uma pessoa difícil, a *mama-san* poderia revender o contrato, a seu critério; mas se a escolha fora sábia, como no caso de Koiko, o considerável desembolso financeiro e risco assumido da *mama-san* teriam uma retribuição abundante, em dinheiro e reputação. Nem todas as *mama-sans* eram atenciosas, gentis ou pacientes.

— Saia, agora, e vá praticar suas escalas — disse Koiko.

— Pois não, ama.

Teko sabia que fora abençoada ao ser designada para aprendiz com Koiko, a quem adorava, empenhando-se ao máximo para agradá-la. Ela fez uma reverência perfeita e se retirou, com seu charme irrepreensível.

— Muito bem.

Koiko fitou Sumomo, sentindo apreensivo fascínio por ela, seu olhar direto, o comportamento e a força. Desde que concordara em

permitir sua estada, cinco dias antes, quase não houvera oportunidade de conversarem a sós. Agora, chegara o momento. Ela abriu um compartimento mental: Katsumata.

Ah, meu amigo, o que fez comigo?

Ele a abordara durante sua visita à *mama-san* de Quioto, que por instigação de Meikin, sua própria *mama-san* em Iedo, providenciara criadas, cabeleireira, massagistas, durante sua permanência na cidade. Só Teko e uma criada vieram com ela de Iedo.

— Peço um favor por uma vida inteira — dissera Katsumata.

— Não deve! — protestara ela, chocada ao vê-lo, chocada por saber que ele a deixaria em perigo por aquele encontro clandestino, e chocada por Katsumata lhe pedir um favor que teria, sem dúvida, terríveis conseqüências. Uma vez concedido, nenhum outro favor jamais poderia ser pedido à mesma pessoa, pois a dívida inerente seria enorme. — Concordamos, quando lorde Toranaga Yoshi me acolheu, que todos os contatos pessoais entre nós deveriam cessar, exceto numa emergência.

— É por isso que lhe peço o favor de uma vida inteira.

Sete anos atrás, em Iedo, quando ela tinha quinze anos, Katsumata fora seu primeiro cliente. Logo se tomara muito mais: amigo, guru e mestre extraordinário. Abrira seus olhos para o mundo, para a importância do mundo real, assim com o mundo flutuante. Ao longo dos anos, Katsumata lhe ensinara a cerimônia do chá, a arte do debate, caligrafia, sobre poesia e os significados profusos da literatura política, relatara suas idéias e planos para o futuro, como aquele seu pequeno bando de acólitos samurais dominaria toda a terra, mostrara como havia um lugar vital para ela no quebra-cabeça chamado *sonno-joi*.

— Como cortesã de suprema classe, você se tornará a confidente de poderosos e como a esposa de um deles, pois assim casará, não se preocupe, terá filhos samurais, será indispensável para o novo futuro, com uma parcela do poder. Nunca se esqueça disso!

Meikin, sua *mama-san*, era partidária; assim, naturalmente, ela concordara, a imaginação devorada por sua bravura, coragem e seu grupo de *shishi*, o início de sua fortuna.

— Nossa sorte acabou — dissera ele e relatara a emboscada da noite anterior, sua fuga com mais duas pessoas. — Fomos traídos...

não sei por quem, mas temos de nos dispersar... por enquanto.

— As cabeças de quarenta *shishi* espetadas em chuços? — sussurrara ela, transtornada.

— Isso mesmo, quarenta. E quase todos eram líderes. Só três escapamos, outro *shishi*, e uma moça... uma pupila minha. Preste atenção, Koiko-chan, pois não há muito tempo. O favor de uma vida inteira que quero lhe pedir é guardar essa moça, enquanto permanecer em Quioto, abrigá-la em sua casa, até mesmo levá-la de volta a Iedo, e...

— Por mais que eu quisesse, sinto muito, seria difícil demais já que o general Akeda é muito rigoroso com as pessoas. Trataria de interrogá-la pessoalmente... foi o que fez com todas as minhas ajudantes.

Koiko falara com o máximo de gentileza que podia, embora por dentro se sentisse horrorizada por ele ousar lhe fazer uma sugestão tão perigosa, a de acolher uma fugitiva *shishi*, mesmo que inocente.

— Claro que será difícil, mas tenho certeza de que você poderá arrumar tudo sem que ele a veja.

— Não creio que seja possível e temos de pensar também em lorde Yoshi.

Ela deixara esse problema adicional no ar, torcendo frenética para que ele retirasse o pedido de favor. Mas Katsumata insistira, suave, observando-a com seus olhos penetrantes e compulsivos, explicando que Sumomo ficaria segura com Koiko, que era samurai, noiva de um importante *shishi*, merecia toda confiança.

— Sinto muito, mas tenho de lhe pedir isso, por *sonno-joi*. Ela é de confiança. E se houver algum problema, mande-a embora. Ela fará qualquer tarefa que mandar... Agora tenho de ir, Koiko-chan. Um favor de uma vida inteira, para um velho amigo.

— Espere. Se... Terei de consultar o general Akeda, mas mesmo que possa evita-lo, devo consultar o resto do meu pessoal. E o que lhes direi? Não conheço essas pessoas de Quioto, não sei como elas são.

—A *mama-san* garante que merecem toda confiança — dissera Katsumata, com plena convicção. — Falei com ela, e obtive sua aprovação, Koiko, caso contrário não faria a sugestão. Diga a verdade, que Sumomo é uma moça voluntariosa, e que seu guardião... um velho cliente... quer reprimi-la, treiná-la nas úteis artes femininas. Não posso levá-la comigo e quero deixá-la protegida aqui. Tenho uma obrigação com seu noivo. Ela obedecerá a você em tudo.

Koiko estremeceu ao pensar no perigo a que se expunha, e também as pessoas pelas quais era responsável, Teko e suas atendentes, quatro criadas, uma cabeleireira e uma massagista. Felizmente, todas haviam concordado em aceitar aquela estranha e em ajudar a mudar seus hábitos... e o interrogatório de Akeda não descobrira qualquer falha.

Ah, Katsumata, pensou ela, você sabia que eu nada podia lhe recusar. É curioso com que rapidez você foi além de precisar de meu corpo, por uns poucos meses, querendo em vez disso possuir e expandir minha mente. Ainda estou presa por argolas de ferro, tenho uma dívida profunda. Sem você e o conhecimento que me proporcionou, eu não me encontraria no pináculo que alcancei agora... capaz de enganar o maior homem da terra.

— Sente-se, Sumomo. Dispomos de um pouco de tempo agora, antes de eu sair. Ninguém poderá nos ouvir aqui.

— Obrigada.

— Minhas atendedoras estão preocupadas com você.

— Por favor, desculpe-me se não tenho sido correta.

Koiko sorriu.

— As criadas indagam se você tem uma língua na cabeça, todas concordam que sua cortesia precisa melhorar, e podem compreender um guardião querendo que mude.

— Preciso mesmo melhorar — murmurou Sumomo, sorrindo também.

Os olhos de Koiko se contraíram. A jovem à sua frente não era desgraciosa, tinha um corpo esguio e forte, o rosto sem maquilagem, o viço da juventude e saúde compensando essa deficiência. Seus cabelos são bons, mas precisam ser arrumados, refletiu ela, crítica. O estilo de Quioto lhe seria conveniente, com bons óleos nas mãos e braços, um pouco de sombra nas faces, um toque de cor nos lábios. A moça promete. Devemos nos banhar juntas, e assim saberei mais, embora duvide que ela possa se adaptar à nossa vida, mesmo que assim quisesse.

— Você é virgem, não é?

A moça corou, soltou uma risada contrafeita.

— Ah, sinto muito, claro que é. Por um momento, esqueci que não pertence ao nosso mundo. Por favor, desculpe, mas é raro para nós conhecermos forasteiras, ainda menos uma dama samurai, e ter uma em nossa casa, mesmo que por um curto período, é quase desconhecido.

— É assim que nos chamam, forasteiras?

— É, sim. Nosso mundo flutuante nos mantém apartadas. Veja a pequena Teko. Muito em breve sua outra vida terá desaparecido e ela só conhecerá a minha. É esse meu dever, treiná-la, mantê-la gentil e generosa, disposta a se sacrificar pelo prazer do homem... não por seu impulso. — Os olhos de Koiko adquiriram um súbito brilho. — É isso o que mantém os homens felizes e contentes, o prazer em todas as suas manifestações, *neh?*

— Sinto muito, mas não compreendo essas “manifestações”.

— Querem dizer “aparências ou qualidades” para demonstrar prazer em todos os seus graus.

— Ah, obrigado — disse Sumomo, impressionada. — Por favor, desculpe-me. Nunca imaginei que as damas do mundo flutuante eram tão... claro que presumia que eram bonitas, mas nunca tão belas quanto você. Também nunca pensei que pudessem ser tão instruídas e consumadas.

Nos poucos dias que já passara ali, ouvira Koiko cantar, tocar o *samisen*, e se sentira inspirada pela qualidade incomparável e seu repertório... ela também podia tocar o *samisen*, apenas um pouco, e sabia como era difícil. Ouvira-a ensinar a Teko a arte do *haiku* e outras poesias, como refinar uma frase, sobre sedas, como são

produzidas, a urdidura, a trama e outros mistérios, os primórdios da história e maravilhas similares, um vasto âmbito de conhecimentos. Sumomo fez uma reverência, em tributo.

— Quero que saiba que me espanta, dama.

Koiko riu suavemente.

— Aprender é a parte mais importante de nosso trabalho. É fácil satisfazer o corpo de um homem... um prazer transitório... mas é difícil agradá-lo por um prazo mais prolongado, envolvê-lo, conservar seu favor. Isso deve vir através dos sentidos da mente. Para consegui-lo, é preciso treinar com extremo cuidado. Você deve começar a fazer isso também.

— *“Quando há flores de cerejeira para admirar, quem olharia para pontas de cenoura?”*

— Quando um homem está faminto, procura cenouras, não flores de cerejeira, e ele se mostra faminto a maior parte do tempo.

Koiko esperou, divertida. Viu Sumomo baixar os olhos, desorientada.

— Cenoura é comida de camponês, dama — murmurou ela, num fio de voz. — Sinto muito.

— Cerejas são um gosto adquirido, assim como suas flores. As cenouras podem oferecer muitos sabores, se tratadas da forma apropriada.

Mais uma vez ela esperou, mas Sumomo continuou de olhos baixos.

— Não em enigmas, para não deixá-la confusa. Não é sexo que os homens realmente procuram em meu mundo, mas romance... nosso fruto mais proibido.

Sumomo ficou surpresa.

— É mesmo?

— É, sim, para nós. Um fruto venenoso. Os homens procuram romance em seu mundo também, a maioria, e não é proibido para você, não é?

— Não.

— Seu futuro marido não é diferente, também procura romance, onde quer que esteja disponível. É melhor oferecer-lhe isso em casa, o máximo que puder, por tanto tempo quanto puder. — Koiko sorriu.
— Assim, poderá ter cerejeiras e também boas cenouras. Os temperos podem ser adquiridos com a maior facilidade.

— Pois então me ensine, por favor.

— Fale- sobre esse homem, seu futuro marido.

— O nome dele é Oda, Rokan Oda — respondeu Sumomo, usando o nome de cobertura que Katsumata lhe fornecera. — O pai é um *goshi*... e ele vem de Kanagawa, em Satsuma.

— E seu próprio pai?

— É como eu disse, dama. Ele é da linhagem Fujahito. — Sumomo usava o seu novo nome de cobertura. — É de uma aldeia próxima e também *goshi*.

— Seu guardião diz que Rokan Oda é importante.

— Ele é muito generoso, dama, embora Oda-sama seja um *shishi* e tenha participado do ataque a lorde Anjo, nos portões de Iedo, e também matado o velho Utani.

Katsumata lhe dissera que seria melhor contar a verdade sempre que possível, pois assim haveria menos mentiras a recordar.

— Onde ele está agora?

— Em Iedo, dama.

— Quanto tempo quer ficar comigo?

— Por mim, dama, tanto tempo quanto puder. Meu guardião disse que Quioto era um lugar perigoso para mim. Não posso voltar para casa, porque meu pai desaprova o que faço, assim como os pais de Oda-sama o desaprovam, por minha causa.

Koiko franziu o rosto.

— Isso tornará a vida impossível.

— É verdade. Karma é karma, e o que tiver de ser será. Apesar de eu não ser de valor para ninguém, e creio que desconhecida para o *Bakufu*, *sensei* Katsumata aprova meu Oda-sama e aceitou a responsabilidade. Ele disse que devo lhe obedecer em todas as coisas.

— Melhor seria obedecer a seus pais, Sumomo.

— Sei disso, mas meu Oda-sama proibiu.

Uma boa resposta, pensou Koiko, vendo o orgulho e a convicção. Triste, ela olhou pela janela entreaberta. Aquele romance proibido acabaria com certeza como tantos outros. Em suicídio. Juntos, se Sumomo fosse abençoada. Ou ela sozinha, quando aquele Oda obedecesse a seus pais, como deveria, e tomasse uma esposa aceitável.

Ela suspirou. No jardim, o crepúsculo transformava-se em noite. Uma suave brisa.

— As folhas sussurram umas para as outras. O que estão dizendo?

Sumomo disfarçou sua surpresa, prestou atenção e disse, depois de um momento:

— Sinto muito, mas não sei.

— Fique escutando durante a minha ausência. É importante saber o que as folhas sussurram. Passará esta noite aqui, Sumomo. Talvez eu volte, talvez não. Se eu voltar, conversaremos mais um pouco e você me dirá. Se eu não voltar continuaremos a conversa amanhã, e poderá então me dizer. Quando Teko voltar para arrumar os futons, diga a ela que quero que vocês duas façam um *haiku*. — Koiko pensou por um instante, depois sorriu. — Um *haiku* sobre uma lesma.

— Olá, Koiko — murmurou Yoshi, apático.

Ele estava de costas para a parede, a mão perto da espada, numa *yukata* púrpura de seda. Por fora, parecia calmo, mas Koiko percebeu que ele se sentia solitário, assustado, precisando de outras habilidades.

Seu sorriso daria para iluminar o dia mais tenebroso. No mesmo instante, ela viu os olhos de Yoshi abrandarem. Muito bem, o primeiro obstáculo.

— Tenho um poema para você — anunciou ela, com um ar solene, simulado.

Não é fácil

Ter certeza

Que ponta é o que

De uma lesma em repouso!

A risada de Yoshi ressoou pelo aposento. Muito bem, o segundo obstáculo.

— Estou satisfeita por ter me permitido vir para Quioto em sua companhia.

Os olhos de Yoshi assumiram um certo brilho, e ela se animou. Instintivamente, mudou o que ia dizer, que ele era muito bonito nas luzes bruxuleantes da noite. Em vez disso, murmurou o que havia em seu íntimo:

Foram tristes tempos

Quando, sem você,

Contemplei os dias subirem

Para descerem de novo.

Koiko ajoelhou-se à sua frente e ele se inclinou, pegou sua mão. Não havia necessidade de palavras. Para nenhum dos dois. Agora Yoshi sentia-se em paz, a tensão desaparecida, a solidão esquecida, junto com o medo. E Koiko também se sentia em paz. Tanta energia dispensada para tirá-lo de si mesmo. Tanta coisa revelada. Era uma insensatez revelar demais.

Você é muito importante para mim, ele estava dizendo, sem falar, usando a linguagem dos amantes.

E você me concede uma grande honra, respondeu Koiko, um ligeiro franzido na testa. Seus dedos acariciam o dorso da mão de Yoshi, delicados, dizendo eu amo você.

Olhos se encontraram. Ela ergueu a mão de Yoshi, roçou os lábios. O silêncio os envolvia, começou a se tornar opressivo. Num súbito movimento, Koiko foi para o lado dele, abraçou-o com força. Sua risada foi melodiosa.

— Estamos sérios demais para mim, Tora-chan! — Ela abraçou-o de novo, aninhou-se em seu peito. — Você me faz muito feliz.

— Não mais do que eu — murmurou Yoshi, contente porque a tensão se dissipara.— Você é adorada, assim como seus poemas.

— Aquele sobre a lesma era de Kyorai.

Ele riu.

— É de Koiko, o Lírio! É, não era.

Ela se aconchegou ainda mais, apreciando seu calor e força.

— Quase morri quando soube do que aconteceu esta manhã.

— Vida — disse ele. — Eu deveria estar mais alerta, mas me sentia fascinado pela rua.

Yoshi contou como tudo lhe parecera diferente.

— Foi uma experiência excepcional... a sensação de invisibilidade... boa demais para não experimentá-la de novo, por maior que seja o perigo. O perigo acrescenta um tempero? Experimentarei de novo em Iedo. Será mais fácil à noite; treinarei guardas especiais para me acompanharem.

— Por favor, desculpe, mas sugiro que tenha um certo comedimento no consumo dessa droga.

— É o que pretendo. — Os braços de Yoshi a apertaram, ambos se sentindo confortáveis. — Mas pode muito bem se desenvolver num vício.

Yoshi dormia no cômodo ao lado. Como todo o complexo de alojamentos, os aposentos eram masculinos, com um mínimo de móveis, o tatame de primeira qualidade, mas precisando ser

trocado. Não terei nenhum desagrado ao sair daqui, pensou ele. Seus ouvidos captaram o som de passos se aproximando, e a mão deslocou-se para o cabo da espada. Os dois ficaram tensos.

— Sire? — disse uma voz abafada.

— O que é? — perguntou Yoshi.

— Sinto muito incomodá-lo, Sire, mas acaba de chegar uma carta do Dente do Dragão.

Sem precisar que lhe fosse pedido, Koiko foi para o lado da porta, fora do caminho, e ali se manteve, de guarda. Yoshi aprontou-se.

— Abra a porta, sentinela — ordenou ele.

A porta foi aberta. O homem hesitou, vendo Yoshi numa posição de defesa-ataque, a espada solta na bainha.

— Entregue o pergaminho à dama Koiko.

O homem obedeceu e se retirou em seguida. Depois que ele chegou ao final do corredor e passou pela porta que havia ali, Koiko fechou a porta do aposento. Foi entregar o pergaminho a Yoshi e ajoelhou-se na sua frente. Ele rompeu o lacre. A carta da esposa indagava por sua saúde, comunicava que os filhos e o resto da família passavam bem e aguardavam ansiosos por seu retorno. Depois, as informações começavam:

Os garimpeiros estiveram viajando diligentes, acompanhados por seu vassalo Misamoto. Ainda não encontraram ouro, mas informam a existência de grandes — a palavra que usaram foi "imensos"— depósitos de carvão de alta qualidade, fácil de extrair, próximo à superfície. Soube que eles dizem que isso é o "ouro negro" e poderia ser lucrativamente negociado com os gai-jin por dinheiro. Eles continuam a procurar. Recebemos a notícia de que Anjo foi feito tairo, e se gaba de que você será em breve convidado a se retirar do Conselho de Anciãos. Próximo assunto, o confidente que você visitou a caminho de Quioto diz o seguinte: a palavra de código que ele lhe

deu a respeito de um inimigo é correta, e que há um plano similar pronto, como a política de estado do inimigo.

Céu Escarlate. Portanto, um ataque-relâmpago é “*Política de Estado*”! Meu acordo com Ogama será mantido?

Ele pôs essa questão de lado, para analisá-la mais tarde, e continuou a ler:

O ronin, Ori, que se tornou um espião gai-jin, morreu no acampamento gai-jin. Acredita-se que o outro ronin, Hiraga, também se encontre ali. Seu espião diz também que interceptou a “criada” que você mandou de volta, como ordenado, e despachou-a para o norte, para um bordel muito pobre. O amante ronin dela foi morto.

Yoshi sorriu. Era a criada de Koiko que sussurrara sobre o encontro secreto de Utani para seu ronin *shishi*. No meio do caminho para Quioto, ele a dispensara, mandando-a de volta a Iedo, por causa de uma desconsideração imaginária... e é claro que Koiko não fizera qualquer objeção. Ótimo, pensou ele. Utani está vingado, mesmo que em pequena escala.

Próximo assunto, a Gyokoyama: Concluí as negociações de dinheiro. Posso usar a possibilidade de carvão como uma garantia adicional para quaisquer armamentos encomendados? Talvez devêssemos tentar negociar com os gai-jin diretamente, talvez usando Misamoto? Por favor, dê-me seu conselho. Sire, sinto muita falta de sua presença e sábios conselhos. Por último, sinto muito, mas a escassez de víveres começou.

Yoshi releu a carta. Conhecendo Hosaki muito bem, sabia que a maneira como ela usara "*garantia adicional*" significava que a negociação fora difícil e o preço alto. Não importa, no próximo ano não haverá escassez, e a Gyokoyama, se eles continuarem a viver por tanto tempo nas terras que controlo, será paga.

Ele olhou para Koiko. Ela tinha o olhar perdido no espaço, mergulhada em sonhos que Yoshi sabia que nunca poderia partilhar.

— Koiko?

— Ah... Pois não, Sire?

— Em que está pensando?

— O que as folhas sussurram para as folhas.

Intrigado, ele comentou:

— Depende da árvore.

Ela sorriu, um doce sorriso.

— Um bordo, um bordo vermelho.

— Em que época?

— No nono mês.

— Se estiverem observando, sussurram: “Em breve tombaremos para nunca mais voltar. Mas eles são abençoados. Crescem na árvore da vida. O sangue deles é o nosso sangue.”

Koiko bateu palmas, sorrindo.

— Perfeito! E se fosse um pinheiro, na primavera?

— Não agora, Koiko-chan. Mais tarde.

Percebendo a súbita seriedade, ela também ficou séria.

— Más notícias, Sire?

— Não e sim. Partirei ao amanhecer.

— Para o Dente do Dragão?

Ele hesitou e Koiko especulou se cometera um erro ao perguntar, mas Yoshi pensava no que fazer com ela. Antes, avaliando a necessidade de outra marcha forçada, decidira seguir à frente e ela iria atrás, o mais depressa que pudesse. Agora, contemplando-a, não queria que Koiko ficasse longe. Seu palanquim os atrasaria. Ela sabia cavalgar, embora não muito bem, e a viagem seria árdua. De qualquer forma, o plano que combinara com Akeda persistiria:

— A primeira coluna de quarenta homens, com um duble usando uma das minhas armaduras leves, parte pouco antes do amanhecer, e segue sem pressa, de uma maneira óbvia, para a estrada do Norte. No meio do caminho para Iedo, fará a volta, retornando para cá, meu duble desaparecendo. A segunda coluna, a minha, com os homens que trouxe de Iedo, partirá pouco depois da primeira, e seguirá depressa para a Tokaidô. Marcha forçada, sob o comando do mesmo capitão. Estarei disfarçado como um samurai de cavalaria comum, e assim permanecerei, até me encontrar são e salvo no castelo em Iedo.

— Muito perigoso, Sire — protestara o general Akeda.

— Também acho. Você ficará vigiando Ogama. Será vantajoso para ele se eu conseguir controlar Anjo.

— Tem razão. Mas é um alvo irresistível lá fora e bem fácil. Veja o que aconteceu hoje. Deixe-me acompanhá-lo.

— Impossível. Se Ogama decidir desfechar sua ofensiva, atacará primeiro aqui... é melhor esperar por isso. Deve repeli-lo a qualquer custo.

— Não falharei, Sire — garantira o velho general.

E eu não falharei no empenho de alcançar Iedo, pensou Yoshi, com igual confiança. Quanto ao ataque, só faz me lembrar que não foi o primeiro e não será o último.

Ele constatou que Koiko o observava. É mais fácil ser equilibrado quando ela está perto de mim. A luz do lampião faiscava em seus lábios e olhos, ele admirou a curva das faces, a coluna do pescoço, os cabelos pretos, as dobras impecáveis do quimono, deixando à mostra um pouco de sua pele alva. Curvas suaves, a postura perfeita, as mãos, como flores, pousadas no colo de seda azul.

Ela teria de viajar sem bagagem. E sem criadas. Teria de se contentar com que pudesse encontrar nas sucessivas estalagens. O que a desagradaria, pois ela gosta de perfeição. Talvez rejeite essa desconsideração e o que seria para ela uma pressa desnecessária. Yoshi recordou a primeira vez que sugerira isso.

Acontecera há não muito tempo, logo depois que decidira obter sua exclusividade, e dissera à *mama-san*, Meikin, que partisse com ela para o Dente do Dragão, a fim de acertar tudo com sua esposa, o mais depressa possível — Hosaki julgara, de forma correta, que precisava se encontrar pessoalmente com a *mama-san* e Koiko, já que o compromisso financeiro seria enorme.

Meikin disse-lhe que seria preciso pelo menos uma semana para planejar a viagem, pois Koiko levaria sua cabeleireira, a massagista e três criadas.

— Ridículo! — protestara ele, impaciente. — Não há necessidade de tantas atendentes para uma viagem tão curta, e seria uma despesa desnecessária. Vocês duas partirão de imediato.

Elas haviam obedecido. E viajaram sem atendentes. Levaram três dias para chegar à primeira estação de posta, fora de Iedo, mais três

dias até a seguinte. Furioso, ele percorrera a mesma distância, a cavalo, do amanhecer ao crepúsculo.

— Lorde Yoshi! — exclamara Meikin, cumprimentando-o efusiva, com uma surpresa simulada. — Que prazer vê-lo aqui!

— Por que tanta demora?

— Demora, Sire? Recebemos a ordem de partir imediatamente. Estamos fazendo o que mandou.

— Mas por que levaram tanto tempo para chegar aqui?

— Tanto tempo, Sire? Não nos ordenou uma marcha forçada.

— Terão de se apressar! — dissera ele, ríspido. — Avise a Koiko que desejo vê-la.

A *mama-san* fizera uma reverência e seguira apressada para os aposentos de Koiko, deixando-o a ferver de raiva. Ao voltar, ela anunciara, feliz:

— Koiko-san se sentirá honrada em recebê-lo, Sire, o mais depressa possível. Assim que puder arrumar uma criada conveniente para ajudá-la com os cabelos. Ela lamenta, mas seria impertinente recebê-lo sem os devidos preparativos que uma pessoa tão honrada e reverenciada esperaria, e acrescenta, humildemente: “Por favor, tenha a gentileza de esperar, serei tão rápida quanto for possível, assim que as criadas chegarem.”

Irritado, ele compreendera que teria de esperar, não importava o quanto insistisse. Seu único recurso era irromper no quarto de Koiko e perder a classe, destruindo toda e qualquer possibilidade de tê-la outra vez à sua disposição.

Quem ela pensa que é? — Yoshi tivera vontade de gritar.

Mas não o fizera. Sorrira para si mesmo. Quando se compra uma espada excepcional, espera-se que seja feita do melhor aço, com o gume mais afiado, como se tivesse um fogo próprio. Ele acenara com a cabeça e dissera, com frieza:

— Mande trazer as criadas... assim como a cabeleireira e a massagista... de Iedo, o mais depressa possível. É culpa sua que não estejam aqui, pois deveria ter me dito como eram importantes para a dama Koiko. Ela está correta ao não me receber de maneira imprópria. Espero que isso nunca mais torne a acontecer!

Meikin o inundara de desculpas, fizera uma reverência abjeta, e ele rira por todo o caminho de volta a Iedo, tendo levado a melhor sobre as duas, fazendo com que ambas se humilhassem e dando uma advertência firme: Nunca mais tentem me manipular.

Os olhos de Koiko não se haviam desviado de seu rosto em momento nenhum, observando e esperando.

— Quando sorri, Sire, isso me deixa muito feliz.

— De que estou sorrindo?

— De mim, Sire. Creio que é porque o ajudo a rir da vida, e embora o tempo do Homem neste mundo seja apenas uma rápida caçada por abrigo, antes de a chuva cair, permite-me de vez em quando que lhe proporcione um abrigo contra a chuva.

— Tem razão — murmurou Yoshi, satisfeito. Se deixá-la aqui, não a verei por semanas, e a vida é apenas uma flor de cerejeira, exposta a um vento instável, que não conhece amo... minha vida, a vida de Koiko, toda e qualquer vida. — Não quero deixá-la aqui.

— Será bom voltar para casa.

Em seu coração secreto, ele pensou em Meikin. Não esqueci que ela é uma informante *shishi*, assim como sua criada. Foi uma estupidez da *mama-san* expor você ao perigo, possibilitar o risco de eu pensar que você também faz parte dessa escória assassina.

Algumas de suas criadas sabem cavalgar, Koiko?

— Não sei, Sire. Imagino que pelo menos uma deve saber.

Se você fosse comigo, teria de ir a cavalo também, com apenas uma criada, e viajar sem bagagem, pois um palanquim me atrasaria. Mas posso dar um jeito Para que viaje sem pressa, com todas as criadas, se assim preferir.

Obrigada, mas já que me prefere em sua companhia, sua preferência também é a minha. Se eu me tornar um fardo, poderá então decidir com a maior facilidade. Agradeço a honra de ter me chamado.

— Mas há alguma criada, uma criada aceitável, que possa acompanhá-la a cavalo? Se não houver, você pode partir depois, o mais depressa que for possível.

Mais uma vez, ele oferecia a Koiko a oportunidade de recusar de uma forma graciosa, sem ofensa.

— Há uma, Sire — respondeu ela, num súbito impulso. — Uma nova *maiko*, não chega a ser uma criada, mas uma aprendiz, e um pouco mais. Seu nome Sumomo Fujahito, filha de um *goshi* de Satsuma, pupila de um velho amigo, um cliente que foi bom para mim há muitos anos.

Ele escutou, enquanto Koiko falava sobre Sumomo. Era muito bem versado nos costumes do mundo flutuante para indagar sobre o outro cliente. Intrigado, ele mandou chamar a moça.

— Quer dizer que seu pai desaprova seu futuro casamento?

— Sim, lorde.

— É imperdoável não obedecer aos pais.

— Sim, lorde.

— Vai lhes obedecer.

— Sim, lorde. — Ela fitou-o, sem medo. — Já disse a eles, humildemente, que obedecerei, mas que morrerei antes de casar com qualquer outro homem.

— Seu pai deveria tê-la internado num convento por tal impertinência.

Depois de uma pausa, Sumomo murmurou:

— Sim, lorde.

— Por que está aqui, em Quioto, e não em sua terra?

— Eu... fui enviada para ser retreinada por meu guardião.

— Ele tem feito um trabalho ruim, não é?

— Sinto muito, lorde.

Ela inclinou a cabeça para o tatame, polida, com graça, mas Yoshi tinha certeza que sem qualquer penitência. Por que desperdiçar meu tempo? — pensou ele. Talvez porque eu esteja acostumado com a obediência absoluta de todos, exceto Koiko, que deve ser manobrada como um barco instável num vento forte, talvez porque possa ser divertido controlar essa jovem, treiná-la para o punho como o falcão-peregrino implume que ela parece ser, usar seu bico e garras para os meus propósitos, não para o seu lorde de criação Oda.

— O que fará quando esse Oda, esse *goshi* de Satsuma, decidir obedecer a seus pais, como tem o dever, e tomar outra mulher para esposa?

— Se ele me aceitar como uma consorte, mesmo sem intimidade, ficarei contente. Como uma mulher ocasional, ficarei contente. E no momento em que ele se cansar de mim, ou me dispensar, será o dia em que morrerei.

— É uma moça estúpida.

— Sim, lorde. Por favor, desculpe, esse é o meu karma.

Ela baixou os olhos, permaneceu imóvel. Divertido, Yoshi lançou um olhar para Koiko, que aguardava sua decisão.

— Digamos que seu lorde suserano, Sanjiro, ordenasse que casasse com outro homem e também ordenasse que não cometesse seppuku.

— Sou samurai e obedeceria sem hesitar — disse Sumomo, orgulhosa —, assim como também obedecerei a meu guardião e a Oda-sama. Mas a caminho do banquete de casamento poderia ocorrer um lamentável acidente.

Ele soltou um grunhido.

— Você tem irmãs?

Sumomo se surpreendeu com a pergunta.

— Sim, lorde. Três.

— São tão estúpidas e difíceis quanto você?

— Elas... não, Sire.

— Sabe cavalgar?

— Sei, Sire.

— O suficiente para viajar até Iedo?

— Sim, Sire.

— Koiko, tem certeza que ela pode agradá-la, se eu concordar?

— Acho que sim, Sire. Só receio que possa decepcioná-lo por minha falta de habilidade.

— Nunca vai me decepcionar, Koiko-chan. Muito bem, Sumomo, tem certeza de que será capaz de agradar a dama Koiko?

— Tenho, Sire, e a protegerei com a minha vida.

— Vai também melhorar suas maneiras, tornar-se menos arrogante, mais feminina e menos *Domu-Gozen*?

Era uma famosa samurai, amante de um xógum, uma assassina impiedosa, que séculos atrás se lançava à batalha ao lado de seu amante, igualmente violento. Ele viu os olhos de Sumomo se arregalarem e ela pareceu ainda mais jovem.

— Oh, não, não sou como ela... de jeito nenhum, lorde. Eu daria qualquer coisa para ser um pouquinho como a dama Koiko. Qualquer coisa.

Yoshi escondeu seu riso, enquanto Sumomo devorava a primeira isca que lhe lançara.

— Pode ir agora. Decidirei mais tarde.

Quando ficaram a sós de novo, ele soltou uma risada.

— Uma aposta, Koiko? Um quimono novo como Sumomo estará treinada quando chegarmos a Iedo... se eu decidir levar as duas comigo.

— Treinada de que modo, Sire?

— Concordará satisfeita em voltar para a casa dos pais, obedecer-lhes e casar sem *seppuku*.

Koiko balançou a cabeça, sorrindo.

— Sinto muito, mas qualquer que fosse a aposta, Sire, receio que você perderia.

O fato de que ela podia considerar que ele era capaz de cometer um erro de julgamento fez com que Yoshi perdesse um pouco de seu

bom humor.

— Um quimono contra um favor — disse ele, ríspido, não pretendendo aquela rispidez.

— Aceito — respondeu Koiko, rindo. — Mas só se, com o presente do quimono, você concordar em receber o favor que vai me pedir.

Os olhos de Yoshi faiscaram de admiração pelo jeito como ela convertera seu equívoco num gracejo. Era um erro tentar uma mulher a uma aposta, qualquer aposta. E um erro se sentir confiante sobre as astúcias de uma mulher... um caminho certo para o desastre.

38

ALDEIA SAKONOSHITA

Sábado, 6 de dezembro:

Na estrada tokaidô, cerca de sessenta quilômetros a leste de Quioto, nas montanhas, ficava a sexta estação de posta, a aldeia de Sakonoshita. Enquanto o crepúsculo se adensava, o último dos viajantes e carregadores, encurvado contra o vento forte, passou apressado pela barreira, antes que fosse fechada. Todos estavam cansados e ansiosos por comida quente, saquê quente, por calor, até os guardas na barreira, uma meia dúzia, que batiam com os pés calçados com sandálias de palha contra o frio, verificando documentos de identidade ao acaso.

— Vai nevar esta noite — comentou um deles. — Detesto o inverno, detesto o frio, detesto este posto.

— Você detesta tudo.

— Nem tudo. Gosto de comer e fornicar. Na próxima vida, quero nascer filho de um emprestador de dinheiro e mercador de arroz de Osaca. Assim poderei comer, beber e fornicar só o melhor, e me manter aquecido, enquanto meu pai me compra uma posição de *hirazamurai* ou pelo menos de *goshi*... não de um mero e desprezado *ashigaru*.

— Sonhador! Renascerá como um camponês sem terra ou um dócil menino para divertir os outros, num bordel de décima categoria. Feche a barreira.

— Ainda não está escuro.

Deixe os retardatários congelarem, ou pagarem o habitual. Se o capitão ouvir, você vai se descobrir na ilha do Norte, onde dizem que o pau congela quando se tenta mijar.

O guarda olhou pela estrada, que seguia sinuosa na direção de Quioto, agora vazia, sob o céu escuro e ameaçador. Uma rajada de vento sacudiu os mantos de palha.

— Depressa, seu idiota! — gritou ele, impaciente, para um carregador seminu, cambaleando sob uma pesada carga.

Ele baixou a primeira barra, o rosto gretado pelo vento, e depois a segunda tomando a barreira firme, e se afastou em busca de abrigo e de uma sopa quente.

— Ei, olhe ali! — Uma falange de cavaleiros contornava a curva da estrada — Abra a barreira!

— Eles que esperem. Estão atrasados.

O guarda usou o dorso da mão para limpar um persistente corrimento do nariz contraíndo os olhos contra o vento. Assim como os outros guardas, examinou os cavaleiros, calculou que eram trinta ou quarenta, cansado demais para contar com precisão. Como não havia estandartes, não devem ser importantes. Cobertos da poeira

da viagem, os pôneis escumando. Havia duas mulheres no centro, escarranchadas, usando chapéus grandes com véus, presos por baixo do queixo. Ele riu para si mesmo. Não vão conseguir aposentos esta noite, não poderão dormir aconchegados, pois a aldeia está lotada. Pois que se danem.

Quando o grupo se aproximou, o capitão Abeh, na vanguarda, gritou:

— Abram a barreira!

— Estou indo, estou indo — resmungou o guarda, sem a menor pressa. Arrependeu-se um momento depois. Abeh saltou da sela, O golpe deixou o guarda sem sentidos.

— Abram a barreira! — berrou Abeh de novo, furioso.

Dois outros cavaleiros haviam desmontado também, Yoshi, com um lenço cobrindo o rosto, e Wataki, que fora recompensado por ajudar a salvar a vida de Yoshi. Um oficial saiu da casa da guarda, aturdido ao deparar com seu homem estendido no chão, inconsciente.

— O que está acontecendo aqui? Você está preso!

— Abram logo essa barreira!

— Você está preso!

Abeh contornou a barreira e ninguém podia se equivocar quanto ao perigo.

— Abram a barreira, depressa!

Guardas correram para obedecer, mas o oficial ainda insistiu:

— Quero ver os documentos de identidade, e...

— Escute aqui, seu macaco! — O capitão Abeh foi até o oficial, que ficou paralisado. — Visitantes importantes exigem boas maneiras, sem nenhum atraso numa noite fria, e ainda nem é o pôr-do-sol.

Com isso, ele desferiu um golpe no lado da cabeça do oficial, que cambaleou, para logo ser derrubado com um segundo golpe violento. Para os estupefatos guardas, Abeh acrescentou:

— Digam a esse tolo para se apresentar a mim ao amanhecer, ou vou usá-lo para prática de espada, assim como ao resto de vocês!

Ele acenou para que o cortejo passasse pela barreira, depois tornou a montar, e foi atrás. Poucos minutos mais tarde, já providenciara os melhores aposentos, na melhor estalagem. As pessoas para as quais estavam reservados fizeram reverências enquanto fugiam, gratas pelo privilégio de desocupá-los... ricos mercadores, outros samurais, nenhum dos quais disposto a uma briga até a morte, que seria inevitável se resistissem.

Yoshi tirou o chapéu e o lenço depois que as portas de *shoji* foram fechadas. O rotundo proprietário da estalagem dos Sonhos Agradáveis se encontrava de joelhos ao lado da porta, cabeça inclinada, esperando por ordens. Sua mente ressoava com imprecações por não ter sido avisado antes para a chegada daqueles retardatários, que iam perturbar sua tranqüilidade... quem quer que fossem. Não reconhecera ninguém e achava estranho que não exibissem estandartes, vestissem uniformes e símbolos simples do *Bakufu*, e não usassem nomes. Já percebera que até mesmo aquele samurai, agora tratado com tanto respeito em particular pelo infame capitão, recebendo seus aposentos mais caros, não era tratado pelo nome, nem pelo posto. E quem seriam as duas mulheres? A esposa e criada de um daimio? Ou apenas duas prostitutas de alta classe? A notícia da chegada do grupo espalhara-se depressa pela estalagem. O estalajadeiro já oferecera uma recompensa à criada que descobrisse a identidade deles.

— Seu nome, estalajadeiro? — perguntou Yoshi.

— Ichi-jo, Sire.

Ele achou que "Sire" era o título mais seguro.

— Primeiro um banho, depois massagem, a comida em seguida.

— Pois não, Sire. Posso ter a honra de lhe mostrar o caminho pessoalmente?

— Mande uma criada para cuidar disso. Comerei aqui. Obrigado. Pode ir agora.

O homem fez uma reverência untuosa, levantou-se e afastou-se bamboleando.

O capitão Abeh confirmou as disposições de segurança: sentinelas cercariam o bangalô de oito cômodos. Os aposentos de Koiko davam para a varanda, que seria vigiada durante todo o tempo. Entre seus aposentos e os de Yoshi, haveria um cômodo com mais dois guardas.

— Está certo, capitão. E agora vá dormir um pouco.

— Obrigado, mas não me sinto cansado, senhor.

Yoshi ordenara que o tratassem como um *goshi* comum, exceto em particular, quando o tratariam apenas como “senhor”.

— Mas terá de dormir. Preciso de você alerta. Ainda teremos muitos dias de viagem.

Yoshi percebeu um súbito brilho no fundo dos olhos injetados de fadiga do jovem e indagou:

— Oque é?

Apreensivo, Abeh murmurou:

— Desculpe, por favor, mas se é urgente a viagem para Iedo, seria mais seguro se fosse escoltado à frente da dama.

— Vá dormir — reiterou Yoshi. — Homens cansados cometem erros. Foi também um erro agredir o oficial. O guarda já era suficiente.

Ele dispensou o homem. Abeh fez uma reverência e se retirou, criticando a si mesmo pela estupidez de dizer uma coisa tão óbvia. Por três vezes ele fizera paradas desnecessárias naquele dia e duas no anterior. Foi verificar todas as sentinelas, seguiu para seu quarto e deitou-se. Em poucos momentos, mergulhou em profundo sono.

Depois do banho e da massagem, depois da comida, ingerida devagar, embora estivesse faminto, Yoshi saiu para o corredor. A decisão de trazer Koiko fora fácil. Ocorrera-lhe que ela seria um chamariz perfeito e dissera a Akeda para cuidar que todos soubessem que apenas a enviava sob escolta para Iedo, enquanto ele seguia separado.

— Perfeito! — concordara Akeda.

Ele entrou no cômodo exterior. Estava vazio, a porta de *shoji* fechada.

— Koiko? — chamou Yoshi, acomodando-se em uma das duas almofadas. A porta de *shoji* foi aberta. Sumomo se encontrava ajoelhada ali, segurando-a para Koiko, os olhos no tatame, os cabelos levantados, ao estilo de Quioto, as sobrancelhas depiladas, um pouco de maquiagem nos lábios. Uma melhoria agradável, pensou ele.

No momento em que o viu, Koiko também se ajoelhou, e as duas fizeram uma reverência ao mesmo tempo. Yoshi notou que a de Sumomo era perfeita, com a mesma graciosidade de Koiko, e isso também o agradou. Não havia qualquer sinal de que a viagem árdua afetara Sumomo. Ele retribuiu a saudação. As camas de futon já haviam sido arrumadas.

Koiko passou para o outro cômodo, sorrindo, e Sumomo fechou a porta de *shoji*.

— Como se sente, Tora-chan?

A voz de Koiko era doce, como sempre, o penteado perfeito, mas o quimono era o mesmo da noite anterior, o que jamais acontecera antes. Apreensivo, Yoshi notou um certo desconforto, quando ela se instalou na outra almofada.

— A viagem está sendo difícil demais para você?

— Os primeiros dias não podiam deixar de ser um pouco árdus, mas logo estarei tão resistente quanto... — Havia um brilho divertido nos olhos de Koiko. —... quanto *Domu-Gozen*.

Ele sorriu, mas sabia que cometera um erro de julgamento. Três estações de posta haviam sido cobertas no dia anterior, e o mesmo hoje, mas em nenhum dos dias fora percorrida a distância que ele desejava. A viagem a extenuava. Cometi um erro que não deveria ter ocorrido. Ela nunca vai se queixar, irá além de seu limite, pode até se prejudicar.

Preciso de tanta pressa? Claro que sim. Ela estará segura num palanquim, com uma escolta de dez homens? Com toda certeza. Seria sensato reduzir minha guarda em tantos homens? Não. Poderia chamar mais homens de Iedo esta noite, mas isso me custaria cinco ou seis dias. O instinto me diz que devo me apressar, os *gai-jin* são

imprevisíveis. Anjo também, e até Ogama... que ameaçou: “Se você não cuidar deles, *eu cuidarei.*”

— Koiko-chan, vamos para a cama. Amanhã é amanhã.

De madrugada, Sumomo ficou deitada nos futons quentes, debaixo de cobertas, no quarto externo, um braço sob a cabeça, sonolenta, mas não cansada, e tranqüila.

A respiração de Yoshi era irregular, a de Koiko quase imperceptível. Ela podia ouvir os sons da noite lá fora. Um cachorro latindo em algum lugar, insetos noturnos, o vento na folhagem, um guarda murmurando para outro de vez em quando, o barulho de pratos e panelas na cozinha, onde o pessoal começava a trabalhar ainda cedo.

Seu primeiro sono fora ótimo. Os dois dias de exercícios vigorosos e liberdade haviam-na deixado vibrante. E também sentia-se satisfeita com os elogios de Koiko pela maneira como arrumara os cabelos naquela noite —ensinada por Teko — e acrescentara um pouco de cor aos lábios.

Tudo estava dando certo, melhor do que ela sonhara. Seu objetivo imediato fora alcançado. Fora aceita. E se encontrava a caminho de Iedo. Ao encontro de Hiraga. Integrava a comitiva de Yoshi e se mantinha contida. Katsumata lhe dissera:

— Não seja impetuosa. Não assumo nenhum risco, em qualquer circunstância, a menos que haja uma possibilidade de escapar. Perto dele, você é de grande valor. Não arruíne isso, nem envolva Koiko.

— Ela nada saberá a meu respeito?

— Apenas o que eu disse a ela, o mesmo que você sabe.

— O que significa que ela já está envolvida, não é? Falo isso porque o seu Yoshi pode me aceitar.

— Ele é que tomará a decisão, não ela. Seja como for, Sumomo, ela não é sua cúmplice. Se descobrisse suas verdadeiras ligações, em particular com Hiraga, e seus possíveis propósitos, trataria de detê-la... nem poderia agir de outra forma.

— Possíveis propósitos? Por favor, qual é o meu dever principal?

— Estar pronta. Melhor uma espada à espera do que um cadáver.

Não tenho espada, pensou Sumomo. Talvez pudesse tirar uma de um guarda, se conseguisse pegá-lo de surpresa. Tenho três *shuriken*, com veneno nas pontas, escondidos no fardo ao meu lado, sem falar na faca na *obi*, que sempre levo para toda parte. Mais do que suficiente, num ataque de surpresa. A vida é mesmo muito estranha. É estranho que eu prefira estar sozinha, com minha própria missão... tão diferente de nossa vida normal, sempre integrando uma unidade, todos pensando como uma só pessoa, concordando como uma só pessoa, em nossa cultura de consenso. Eu gostava de integrar uma unidade de *shishi*, mas... mas, para ser honesta...

— Seja sempre honesta com você mesma, Sumomo-chan — dissera-lhe o pai, muitas e muitas vezes. — É esse o seu caminho para o futuro, para se tornar uma líder.

Para ser honesta, descubro ser difícil reprimir meu impulso para conduzi-los até mesmo aos *shishi*, para fazer com que sigam o caminho correto, assumam o pensamento certo.

Será meu *karma* liderar? Ou morrer irrealizada, porque é uma autêntica estupidez uma mulher desejar ser líder no mundo do Nipão. É estranho querer o impossível. Por que sou assim, não como as outras mulheres? É porque o pai não teve filhos, e tratou a nós, as filhas, como filhos, dizendo-nos que devíamos ser fortes, manter a cabeça erguida, e nunca ter medo, até mesmo me permitindo contra o conselho da mãe, seguir Hiraga e sua estrela, também impossível...

Ela sentou nos *futons* por um momento, ajeitando os cabelos, para tentar desanuviar a cabeça, e evitar que a mente se turvasse com tantos pensamentos novos e incontroláveis. Tornou a deitar. Mas o sono não veio, apenas permutações de Hiraga, Koiko, Yoshi, Katsumata, ela própria. Muito estranho, sobre Yoshi.

— Devemos matá-lo e ao xógum — dissera Katsumata, ao longo dos anos, muitas e muitas vezes, suas palavras reiteradas por Hiraga. — Não por eles próprios, mas pelo que representam. O poder nunca voltará para o imperador enquanto eles permanecerem vivos. Por isso eles devem ser eliminados, principalmente Yoshi... ele é a cola que segura o xogunato. *Sonno-joi* é nosso farol, qualquer sacrifício deve ser feito para alcançá-lo!

Uma pena matar lorde Toranaga. Outra pena ele ser um bom homem, não vil, ao contrário de Anjo, embora eu nunca o tenha visto. Talvez Anjo seja também um homem gentil e tudo o que se diz a seu respeito não passe de mentiras de tolos invejosos.

Neste curto período, tenho visto Yoshi como ele é: dinâmico, gentil, forte, sábio e impetuoso. E Koiko? Ela é maravilhosa e me parece muito triste que esteja condenada. Lembre-se do que ela disse:

— A maldição de nosso mundo é que, por mais que nos condicionemos e sejamos treinadas para adquirir todas as defesas, adquirir a determinação de tratar um cliente apenas como um cliente, de vez em quando sempre aparece alguém que transforma sua cabeça em geléia, sua força de vontade em espuma e sua virilha numa bola de fogo. Quando isso acontece, é terrível, de uma forma

assustadora e gloriosa. Você fica perdida, Sumomo. Se os deuses a favorecem, os dois morrem juntos. Ou você morre quando ele vai embora ou se permite continuar viva, embora esteja morta por dentro.

— Não permitirei que isso aconteça quando eu crescer — declarara Teko, ouvindo a conversa. — Não comigo. Já teve sua cabeça transformada em geléia, ama?

Koiko rira.

— Muitas vezes, criança, e esqueceu uma de suas lições mais importantes: fechar os ouvidos quando outras pessoas estiverem conversando. Vá se deitar agora.

Será que a cabeça de Koiko virou mesmo geléia? Claro.

Como uma mulher, sei que ela considera lorde Yoshi mais do que um cliente, apesar de ela tentar escondê-lo. Como vai terminar? É triste, muito triste. Ele nunca a fará sua consorte.

E eu? O mesmo acontecerá comigo? Acho que sim — o que eu disse a lorde Yoshi era a verdade: não terei outro marido que não seja Hiraga.

— É a verdade... — murmurou ela, o que a levou por uma espiral descendente — Pare com isso!

E tratou de seguir o método da infância, quando a mãe sempre arrulhava:

— Pense apenas coisas boas, pequena, pois este é o mundo das lágrimas muito em breve. Pense coisas ruins e, num piscar de olhos, estará mergulhada no mais escuro poço do desespero. Pense coisas boas...

Sumomo fez um esforço e mudou a mente: só Hiraga fazia com que sua vida valesse a pena.

Um calafrio percorreu seu corpo, quando um novo conceito aflorou, com a força chocante da realidade: *Sonno-joi* é uma tolice! Não passa de um lema. Como se pudesse mudar qualquer coisa. Uns poucos líderes mudarão e isso será tudo. Com os novos, as coisas serão melhores? Não, exceto se Hiraga for um deles, talvez se Katsumata for, mas, sinto muito, eles não viverão por tanto tempo assim.

Então por que segui-los?

Uma lágrima escorreu-lhe pela face. Porque Hiraga transforma minha cabeça em geléia, minha virilha...

Ao amanhecer, Yoshi saiu da cama, passou para o cômodo externo, ajeitou a *yukata* de dormir, a respiração visível no ar frio. Koiko remexeu-se, viu que ele estava bem e voltou a cochilar. No outro cômodo, os futons e cobertas de Sumomo já estavam guardados no

armário, a mesa baixa posta para a primeira refeição do dia, as duas almofadas nos lugares corretos.

Lá fora, o frio era mais intenso. Ele calçou as sandálias de palha, atravessou a varanda para ir à privada, acenou com a cabeça para o criado à espera, escolheu um balde vazio na fileira que havia ali e urinou. O fluxo era forte, e isso o agradou. Havia outros homens ao seu lado. Yoshi não lhes dispensou qualquer atenção nem eles o fitaram. Ele dirigiu o fluxo para o constante enxame de moscas, não esperando afogar alguma.

Ao terminar, ele foi para a outra parte, agachou-se sobre um buraco vazio no banco, com homens e algumas mulheres nos dois lados, inclusive Sumomo. Em sua mente, Yoshi se encontrava sozinho, ouvidos, olhos e narinas fechados contra a presença dos outros, que também faziam a mesma coisa. Essa capacidade imperativa era cultivada desde a infância.

— Você deve se empenhar nisso mais do que em qualquer outra coisa ou sua vida se tornará insuportável — haviam incutido nele, como em toda criança. — Ali onde convivemos lado a lado, crianças, pais, avós, criados e outras pessoas, onde todas as paredes são de papel, a privacidade tem de ser cultivada em sua cabeça e só pode existir ali, por você e também como uma polidez essencial aos outros. Só assim poderá permanecer tranquilo, só assim será civilizado, só assim, conseguirá permanecer são.

Distraído, Yoshi afugentou as moscas. Uma ocasião, quando era pequeno, perdera a paciência com duas ou três moscas que o atormentavam e tentara esmagá-las. O que lhe valera um imediato tapa, a face ardendo em dor, e mais ainda pela vergonha que lhe causara o pesar da mãe, a necessidade de aplicar a punição.

— Sinto muito, meu filho — murmurara ela. — As moscas são como o nascer e o pôr-do-sol, inevitáveis, exceto que podem ser um tormento... se você lhes permitir. Deve aprender a ignorá-las. Todos os dias, pelo tempo que for necessário por quantos dias forem necessários, fique de pé ali, por favor, deixe que as moscas pousem em seu rosto e mãos, sem se mexer. Até que elas se tornem nada. Moscas nada devem ser... use sua vontade, pois é para isso que a possui. Nada devem representar para você, pois assim não arruinarão sua harmonia, nem também, o que é ainda pior, a harmonia dos outros...

Agora, sentado ali, Yoshi sentia as moscas em suas costas e rosto. Não o incomodavam.

Ele acabou num instante. O papel-de-arroz era de boa qualidade. Sentindo-se vivo e bem, Yoshi estendeu as mãos para que o criado despejasse água. Depois que as mãos ficaram limpas, ele molhou o

rosto com água de outro recipiente, estremeceu, aceitou uma pequena toalha, enxugou-se, voltou à varanda e conscientemente abriu os sentidos.

Ao seu redor, a estalagem despertava, os poucos pôneis sendo selados e escovados, homens, mulheres, crianças e carregadores já comendo, conversando ruidosamente ou partindo para a próxima etapa da viagem, indo ou vindo de Quioto. Na área comum, perto da entrada, Abeh inspecionava homens e equipamentos. Ao avistar Yoshi, ele foi ao seu encontro.

Porque havia pessoas por perto, o capitão não fez uma reverência, descobrindo que era algo muito difícil. O uniforme era elegante e ele parecia revigorado.

— Bom dia. — Ele teve de fazer um grande esforço para não acrescentar “senhor”. — Já estamos prontos para partir, no momento que desejar.

— Depois da primeira refeição. Providencie um palanquim para a dama Koiko.

— Imediatamente. Para pôneis ou carregadores?

— Pôneis.

Yoshi voltou a seus aposentos e comunicou a Koiko que ela não precisaria cavalgar naquele dia. Viajaria de palanquim, e ao cair da noite ele verificaria o progresso, para decidir como seria o resto da viagem. Sumomo cavalgaria, como antes.

Ao cair da noite, haviam coberto apenas duas estações de posta.

HAMAMATSU

Yoshi escolheu a estalagem das Garças Azuis para a noite, nem a melhor, nem a pior da aldeia, Hamamatsu — um conjunto aprazível de casas e estalagens à beira da Tokaidô, renomada por seu saquê, no ponto em que a estrada dava uma volta e descia em direção ao mar.

Depois de comer sozinho, como sempre fazia, Yoshi foi se juntar a Koiko — se comessem juntos, invariavelmente, pelo costume, ela quase nada comeria, fazendo uma refeição antes, a fim de poder se concentrar nas necessidades dele. Naquela noite, Yoshi estava com vontade de jogar *Go*. Era um jogo complexo de estratégia, com pedras brancas e pretas, cada um dos dois jogadores tentando bloquear e capturar as pedras do outro.

Ambos eram bons jogadores, mas Koiko era uma virtuose, a tal ponto que podia, quase sempre, vencer ou perder a seu critério. Isso tornava o jogo duas vezes mais difícil para ela. Yoshi lhe ordenara que nunca perdesse deliberadamente, mas ele próprio era mau perdedor. Se ela ganhasse num dia errado, ele ficava irritado. Uma vitória num de seus dias ruins acabava com todo o mau humor. Naquela noite ele venceu, por pouco.

— Oh, Sire, me destruiu por completo! E eu pensava que ia vencer!

Estavam em seu quarto, com as pernas no reduzido espaço sob a mesa baixa, com um pequeno braseiro, envoltos por um grosso pano acolchoado, para impedir a entrada de aragens e manter o calor dentro.

— Está bem aquecido, Sire?

— Estou, sim, Koiko, obrigado. Ainda sente dores?

— Não tenho mais nenhuma. A massagista foi muito eficiente esta noite, — Ela gritou: — Sumomo, saquê e chá, por favor!

No outro cômodo, Sumomo pegou o frasco e o bule de chá em outro braseiro, abriu a porta de shoji e entrou. Serviu os dois e Koiko balançou a cabeça, em satisfação.

— Aprendeu a cerimônia do chá, Sumomo? — perguntou Yoshi.

— Aprendi, Sire, mas receio que me falte habilidade.

— Lorde Yoshi é um mestre — comentou Koiko, tomando um gole de saquê. Suas nádegas e costas doíam dos solavancos no palanquim durante o dia, as coxas de dois dias a cavalgar, e a cabeça do esforço para perder, enquanto dava a impressão de que cobiçava a vitória. Tudo isso ela escondia, e também seu desapontamento pelo pouco progresso naquele dia. Era evidente que isso decepcionara Yoshi. Mas ambos sabíamos que outra marcha forçada não será possível, pensou ela. Ele deve continuar sozinho, e eu o seguirei. E será bom me manter a distância por algum tempo. Esta vida é cansativa, por mais maravilhoso que ele seja. beberam em silêncio, rompido por Yoshi:

— Amanhã, bem cedo, partirei com trinta homens, deixando dez para escolta-la sob o comando de Abeh. Poderá me seguir mais devagar.

— Certo. Com sua permissão, posso segui-lo o mais depressa que puder?

Ele sorriu.

— Isso muito me agradaria, mas desde que chegue sem dores, no corpo ou no espírito.

— Mesmo que tal acontecesse, seu sorriso me curaria no mesmo instante. Outro jogo?

— Boa idéia, mas não *Go*.

Koiko riu.

— Neste caso, devo fazer alguns preparativos.

Ela se levantou, foi para o aposento externo, fechando a porta de shoji. Yoshi ouviu-a falando com Sumomo, mas não prestou atenção, sua mente absorvida pelo dia seguinte, Iedo e os *gai-jin*.

Suas vozes se perderam na distância, quando elas saíram. Ele terminou o saquê, apreciando-o, foi para o outro quarto, onde os futons e as colchas se achavam estendidos sobre o tatame impecável. Paisagens de inverno e cores fortes eram os ornamentos predominantes. Yoshi tirou a *yukata* acolchoada, estremeceu e enfiou-se sob as cobertas.

Quando Koiko voltou, ouviu-a andar por um momento no outro cômodo, e depois entrar no banheiro, onde havia recipientes para a noite, caso fossem necessários, assim como jarros com água para se beber e outros para se lavar.

— Mandei Sumomo dormir em outro quarto esta noite — avisou ela.
— Também pedi a Abeh para postar um guarda lá fora, com ordens para não deixar ninguém nos incomodar.

— Por que fez isso?

Ela entrou no quarto.

— É a nossa última noite por algum tempo... mencionei para ele que não viajaria em sua companhia amanhã... e o quero todo para mim.

Sem pressa, Koiko tirou o quimono e aconchegou-se ao seu lado. Embora já a tivesse visto nua muitas vezes, sentido seu contato outras tantas, e dormido com ela em inúmeras ocasiões, aquela noite foi a melhor de todas.

QUIOTO

No palácio em Quioto, um dos espiões do lorde camarista bateu na porta de seu quarto, acordando-o, e entregou o recipiente de mensagem levada por pombo-correio.

— Isto acaba de ser interceptado, lorde.

O pequeno cilindro era endereçado ao conselheiro-chefe do *Bakufu* no palácio, Saito, e tinha o sinete pessoal do tairo Nori Anjo. Ele hesitou, depois rompeu o lacre com a unha bem cuidada.

Anjo enviara a mensagem ao amanhecer:

O líder gai-jin rejeitou insolentemente a ordem imperial para deixar Iocoama e eles estão se preparando para nos invadir. Prepare a ordem de mobilização nacional para assinatura do imperador; por este documento apresento a solicitação formal para que o imperador a assine de imediato. Depois, mande cópias urgentes para todos os daimios. Providencie para que o xógum Nobusada retorne a Iedo sem demora, a fim de comandar nossas forças. A princesa Yazu pode — e de preferência deve — permanecer em Quioto. Lorde Yoshi também deve receber a solicitação formal para voltar o mais depressa possível.

O lorde camarista pensou por um instante, concluindo presunçoso que a iniciativa de Saito seria indeferida, e o imperador aconselhado a nunca assinar uma ordem de mobilização. Com o maior cuidado, ele repôs a mensagem no cilindro e tornou a lacrá-lo, com sua cópia secreta do sinete.

— Pode levar e providencie a chegada ao destinatário — ordenou ele.

Ao ficar sozinho de novo, Wakura riu. Guerra! Ótimo. Anjo fora a escolha perfeita para tairo. Todos se afogarão em sua própria urina,

os *gai-jin*, Yoshi, todos eles.

Exceto a princesa. Ela ficará para se tornar uma viúva... e quanto mais cedo, melhor.

39

ALDEIA HAMAMATSU

Segunda-feira, 8 de dezembro:

Sumomo acordou muito antes da primeira claridade. Tivera um pesadelo. Não estava mais na Tokaidô, com Koiko e Iorde Yoshi, mas de volta a Quioto, perseguida por soldados do *Bakufu*, comandados por Abeh, acuada na casa em chamas dos *shishi*, gritos por toda parte, sangue por toda parte, armas de fogo disparando, espremendo-se em pânico pelo túnel estreito, por trás de Takeda e Katsumata, o buraco mal dando para passar, rastejando, os lados parecendo comprimi-la, deixando-a toda esfolada, cada vez mais estreito. O ar, impregnado de poeira, não era suficiente para sua respiração. Os pés de Takeda logo à frente, enquanto ele se arrastava, ofegando, alguém ou alguma coisa atrás dela, e depois Takeda se transformou em Yoshi, chutando-a, detendo-a, para em seguida desaparecer... e não havia mais nada à frente, apenas um caixão de terra.

Quando o coração se acalmou e os olhos puderam focalizar, na luz tênue da chama do lampião, ela viu um dos guardas observando-a, de seus *futons*. Ontem à noite ela acompanhara Koiko para uma conversa com Abeh, que lhe dissera para dormir no aposento comunal, havia espaço suficiente para ela num lado, e era um arranjo bastante satisfatório. Quatro guardas usavam o aposento, dois dormindo, dois de vigia. Fora ali que Sumomo arrumara sua cama e não conseguira dormir com facilidade, pois ouvira Yoshi dizer a Koiko que não mais viajariam juntos. Ouvira também Koiko dizer a Abeh:

— Lorde Yoshi decidiu que, a partir de amanhã, eu e meu grupo viajaremos mais devagar.

— O que ele deseja que se faça, dama?

— Ele disse que quer deixá-lo aqui, com dez homens, para me escoltar até Iedo. Sinto muito ser um problema.

— Não é problema para mim, dama, desde que ele esteja seguro.

Seguro e fora de alcance, pensara Sumomo, consternada pela mudança no plano. Muita coisa poderia sair errada dali até Iedo.

Ela acabara dormindo. Para sonhar. Não costumava sonhar. Ao final da noite e no início da manhã ela sempre dizia uma prece, *Namu Amida Butsu*, apenas o nome do Buda Amida, o que seria suficiente, se houvesse um deus para se orar. Mas esquecera na noite passada. Agora, em silêncio, ela enunciou as palavras e fechou os olhos.

Em momentos, retornou à cabana dos *shishi*.

Fora a pior experiência de sua vida, o ataque inesperado, os tiros passando pelas paredes, e no instante seguinte a cabeça do jovem ao seu lado explodira, sem tempo para que ele sequer gritasse. Mas outros gritaram, em parte por pânico, em parte por agonia, enquanto as balas continuavam a ser disparadas. Katsumata, paralisado por um instante, logo orientara a defesa, ordenando que alguns atacassem pela frente, outros pelo fundo. As duas cargas foram rechaçadas. Sumomo não sabia onde se esconder, tinha certeza de que estava tudo perdido, as chamas começavam a envolvê-los, mais gritos soavam, mais sangue era derramado, o fim se aproximava. A prece murmurada, *Namu Amida Butsu, Namu Amida Butsu*, e depois mãos a agarraram rudemente, empurraram-na para o buraco, atrás de Takeda — que, frenético, puxara outro de sua frente, e Katsumata fizera a mesma coisa —, enquanto seu salvador *shishi*, cujo rosto ela nunca vira, era morto na luta que se seguira, e que bloqueara o caminho de fuga, até que era tarde demais.

De alguma forma, saíra da escuridão impregnada de ódio para o ar puro. A fuga, a corrida em pânico parecendo interminável, o peito prestes a explodir, e Katsumata os levara, dando muitas voltas, até seu refugio de última instância. A porta dos fundos de Iwakura. E ali, sem demora, fora realizado um conselho de guerra *shishi*.

Sugiro que nos dispersemos por enquanto — propusera Katsumata.
— Vamos nos reagrupar e nos reencontrar na primavera, no terceiro ou quarto mês. Lançaremos nova ofensiva na primavera.

— Por que esperar? — indagara alguém.

— Porque fomos traídos, porque há um espião em nosso meio ou entre nossos protetores. Fomos traídos. Agora, devemos nos resguardar e nos dispersar.

E fora o que acontecera.

— Sumomo, você irá para Koiko...

Mas antes disso, sua desorientação fora terrível, com lágrimas inexplicáveis, o coração disparado, o pânico muito fácil.

— Vai passar, Sumomo — garantira Katsumata.

Mais uma vez, ele acertara. Dera-lhe uma poção, que a fizera dormir e a acalmara. Ao se encontrar com Koiko, já voltara a ser como antes... isto é, quase, não de todo.

— Quando sentir o medo retomando, tome o medicamento, mas só um pequeno gole — recomendara ele. — Dentro de uma ou duas semanas, estar perfeita de novo. Lembre-se sempre de que *sonno-joi* precisa de você perfeita...

Sumomo saiu de seu devaneio, suando outra vez, ameaçada pelo medo. Ainda era noite. Estendeu a mão para o fardo ao lado de sua cabeça, onde guardava o vidrinho. Mas não encontrou o fardo. Não o trouxera, ao trocar de aposentos. Não importa, pensou ela, não preciso disso, posso muito bem dispensá-lo.

Repetiu essa determinação várias vezes, contorcendo-se na cama, as cobertas úmidas e pegajosas ao seu redor. E depois notou que o guarda continuava a observá-la.

— Um pesadelo, *neh?*— sussurrou ele, gentil.

Ela acenou com a cabeça, sem dizer nada.

— Eu poderia lhe dar bons sonhos.

O guarda puxou sua colcha para o lado, num convite. Sumomo sacudiu a cabeça. Ele deu de ombros, virou-se para o outro lado e esqueceu-a, considerando-a estúpida por rejeitar tal prazer. Sem se sentir ofendida, ela também virou de costas, apenas um pouco divertida. Estendera a mão para a faca na obi, dentro da bainha. O contato proporcionou-lhe a paz de que precisava. Um último *Namu Amida Butsu*.

Sumomo fechou os olhos e dormiu sem sonhos.

Koiko estava acordada e satisfeita. Ainda não era o amanhecer. Yoshi dormia ao seu lado, sereno. Era agradável ficar deitada ali, à deriva, sabendo que não teria de suportar o desconforto de outro dia num palanquim, aos solavancos, jogada de um lado para outro, por causa de uma pressa inconveniente. E também porque sua noite fora tranqüila. Yoshi mergulhara num sono profundo. De vez em quando um pequeno ronco o sacudia, mas isso não a incomodava.

— Treinem seus ouvidos, damas — dizia sempre a cortesã aposentada, com uma risada desdentada, para todas as *maiko* na escola. — Passarão suas vidas profissionais em companhia de velhos. Todos os homens roncam, mas os velhos roncam ainda mais, só que não podemos esquecer que são eles que pagam... os jovens levam flores e também roncam.

Entre todos os homens com os quais ela já deitara, Yoshi era o mais sereno no sono. Desperto, era o mais difícil. Para se antecipar. Para satisfazer. Não fisicamente. Em termos físicos, ele era forte e experiente; por mais que Koiko fosse treinada a permanecer alheia dentro de um abraço, ele sempre a atraía, e na maioria das noites ela também alcançava o esplendor do prazer.

Katsumata era mais como um mago. Acariciava sua imaginação e pensamentos, estimulando-a além de qualquer coisa que ela pudesse imaginar. Ficava exultante quando ela adquiria uma nova habilidade... como treinar os ouvidos para captar as palavras quase inaudíveis.

— É onde se encontra o conhecimento dourado, as partes importantes, sinais de perigo, de segurança, do que existe dentro do coração secreto dentro do coração secreto. Lembre-se de que todos nós neste mundo, homens e mulheres, possuímos três corações, um para o mundo inteiro ver, um para a família, e um só para nós. Alguns homens têm seis corações. Yoshi é assim. Ele é seu objetivo, aquele para quem você deve ser o farol.

Ela riu para si mesma, recordando como dissera que lorde Yoshi se encontrava completamente além de seu alcance. Katsumata sorria, seu sorriso especial, e a exortara a ter paciência.

— Dispõe de bastante tempo. Está com dezoito anos, e não há muito mais que eu possa lhe ensinar. Deve começar a se expandir por si mesma. Como todo estudante devotado, deve seguir a mais importante lei para todos os que aprendem: recompense seu mestre fazendo com que seja seu dever superá-lo! Seja paciente, Koiko. No momento oportuno, sua *mama-san* e eu providenciaremos para que lorde Yoshi tome conhecimento de sua existência...

E fora o que acontecera. Em um ano. O primeiro convite para ir ao castelo viera seis meses e cinco dias antes. O coração disparado, com medo de fracassar, mas tal não acontecera. Estava preparada, e cumprira seu dever com o mestre.

Mas sou guia para Yoshi? Sei que ele gosta de mim, aprecia minha companhia e minha mente. Para onde devo guiá-lo? Katsumata jamais disse, apenas me falou que se tornaria evidente.

— *Sonno-joi* resume tudo. Envolve lorde Yoshi. Ajude-o a mudar. Pouco a pouco você o ajudará a se deslocar cada vez mais para o nosso lado. Nunca esqueça, ele não é inimigo; ao contrário, é vital para nós, vai chefiar o novo *Bakufu*, formado por samurais leais, como tairo... não haverá mais qualquer necessidade de um xógum ou do xogunato... apoiado por nosso novo e permanente Conselho dos Samurais...

Eu me pergunto como será a nova era, se viverei para vê-la, pensou Koiko, deitada ali, confortável. Agora... o que fazer com Sumomo?

Fora desnecessário mandá-la para outro aposento... como se importasse a sua presença no cômodo ao lado, já que não escutaria os gritos e movimentos. Mas não fora esse o motivo. Quando Yoshi dissera que ela não o acompanharia pelo resto da viagem, Koiko tivera a impressão de ouvir movimento no cômodo externo, como se Sumomo chegasse mais perto e tentasse ouvir o que diziam, uma espantosa invasão da privacidade, um comportamento inadmissível.

Só uma intrometida impertinente faria tal coisa, pensara ela. Ou uma espia. Ah! Katsumata se empenha com frieza em um de seus intrincados jogos dentro de Jogos, usando-me para infiltrar uma espia, a fim de vigiar Tora-chan e eu? Lidarei Com ela amanhã; até lá, Sumomo pode dormir em outro lugar.

Isso acertado, dizendo a Sumomo apenas que lorde Yoshi preferia ficar sozinho, ela voltara, revistara apressada o fardo da moça, sem saber por que, pois não tinha certeza se houvera mesmo uma tentativa de espioná-los.

Não havia nada de excepcional ali. Umas poucas roupas, um vidro com algum medicamento, mais nada. O quimono para usar durante o dia, dobrado de uma maneira impecável, era comum, não merecia mais que um olhar superficial.

Aliviada, Koiko arrumara tudo como antes. Quanto ao vidro... poderia ser ali veneno?

Antes de voltar para Yoshi, ela decidira se certificar que não era um veneno. Sumomo tomaria um pouco. Nunca era errado tomar as providências devidas contra um perigo em potencial. Yoshi dissera:

— Foi isso que matou Utani. Ele não postou sentinelas como devia.

Sinto muito, mas o que matou Utani foi a notícia do encontro amoroso sussurrada para a minha criada por um samurai da guarda, e que eu lhe permiti que passasse adiante, para Meikin, que a transmitiu a Hiraga. O que Hiraga anda fazendo neste momento? Como um cliente, nas duas vezes em que o foi, quando eu tinha dezesseis anos, Hiraga não foi melhor ou pior do que os outros anônimos, mas como um *shishi*, o melhor. Curioso...

Yoshi fungou no sono, mas não despertou. A mão de Koiko o tocou por um instante, absorvendo seu calor. Durma, meu querido, você me agrada mais do que ousar dizer a mim mesma, refletiu ela, e depois continuou a pensar sobre o passado.

Curioso que eu me lembre apenas de dois rostos, entre todos os outros: só Katsumata e Hiraga. Curioso que eu tenha sido preparada para ser a dama de lorde Toranaga Yoshi... por algum tempo. Sou mesmo afortunada. Um ano, talvez dois, não mais do que três, e depois me casarei. Tora-chan escolherá o marido para mim. Quem quer que seja, será um samurai. Quantos filhos terei? A velha adivinha disse três filhos e duas filhas, o monge chinês falou em dois filhos e duas filhas.

Koiko sorriu para si mesma. Serei sensata nos cuidados com a casa de meu marido, uma boa mãe para meus filhos, rigorosa com as filhas, que haverão de casar muito bem.

Ela acordou poucos segundos antes de Yoshi. Ele se levantou prontamente, num momento adormecido, no seguinte pronto para iniciar o dia. Koiko estendeu seu yukata acolchado, depois ajeitou o próprio quimono, foi abrir uma porta de shoji, depois a outra, ajoelhou-se, ajudou-o a calçar as sandálias de palha. O guarda começou a fazer uma reverência, conteve-se a tempo e observou

todos ao redor mais uma vez, enquanto Yoshi saía para a área da privada.

Sumomo estava ajoelhada perto da porta, esperando paciente, uma criada ao seu lado, com um braseiro, chá quente, e as bandejas da primeira refeição.

— Bom dia, ama. Faz frio esta manhã. Posso aprontar o chá?

— Pode, sim, por favor, Sumomo, e depressa como um piscar de olhos. Feche a porta, pois o frio é intenso. — Koiko voltou apressada para o seu aposento interno, acrescentando: — Partiremos no meio da manhã, Sumomo. Podemos trocar para as roupas de viagem na ocasião.

— Pois não, ama.

Sumomo ainda se encontrava parada na porta externa, tentando esconder seu choque. Percebera no mesmo instante que seu fardo fora mexido, o nó que prendi o quadrado de seda não era

exatamente igual ao que fizera. Seu quimono do dia estava dobrado ao lado, de um jeito impecável, mas também fora mexido.

Mal respirando, ela esperou que a criada se retirasse, depois desdobrou o quimono. Seu coração só recomeçou a bater quando os dedos sentiram os shuriken escondidos no bolso secreto na manga.

Mas espere, pensou ela, o sangue afluindo ao rosto, só porque continuam no lugar, isso não significa que alguém não os descobriu! Não entre em pânico! Pense! Quem revistaria meu fardo aqui, e por quê? Um ladrão? Nunca! Aheh? Um guarda? Koiko? Yoshi? Se fosse um deles, é lógico concluir que eu já estaria morta a esta altura, ou pelo menos amarrada, respondendo a perguntas, e...

— Sumomo, o chá está pronto?

— Já vou levar, ama...

Apressada, e por causa do frio, ela pôs o quimono por cima do yukata de dormir — já fizera a lavagem matutina, escovara os dentes e os cabelos, ainda presos numa trança convencional —,

amarrou a obi e repôs a faca na bainha, a mente funcionando em plena velocidade durante todo o tempo: Foi um deles? Talvez a pessoa que revistou minhas coisas não tenha sido muito meticulosa. Poderia não perceber os shuriken, o que seria fácil se não esperasse encontrá-los. Teria sido alguém sem experiência? Koiko? Por que ela revistaria minhas coisas agora? Claro que isso já ocorrera, por outras criadas, quando se apresentara nos aposentos de Koiko... os shuriken estavam em sua pessoa.

Enquanto a mente disparava, ela ajeitou a papa de arroz para mantê-la quente, fez o chá e levou uma taça para o banheiro, onde Koiko terminava de se banhar dos baldes com água quente, fragrante de extrato de flores. A água era entregue ao amanhecer, através de um pequeno alçapão, a fim de que nada se derramasse nos tatames, e os hóspedes não fossem incomodados. Os recipientes noturnos eram removidos da mesma maneira.

— Vou usar meu quimono marrom com a carpa — disse Koiko, tomando um gole do chá, agradecida, o frio enrugando sua pele, por mais que quisesse fingir que o frio não existia — junto com a obi dourada.

Sumomo afastou-se para cumprir a ordem, o coração ainda pesado, pegou as roupas, ajudou Koiko a se vestir.

Depois que a obi foi amarrada, para sua satisfação, Koiko ajoelhou-se sobre um dos *futons*. Sumomo ajoelhou-se por trás, a fim de escovar seus cabelos lustrosos, que desciam até a cintura.

— Vai muito bem, Sumomo. Está aprendendo. Mas, por favor, faça os movimentos mais longos e mais suaves.

Lá fora, o ritmo do despertar na estalagem aumentava. Criadas, soldados e outras pessoas gritavam. A voz de Abeh, depois a de Yoshi. As duas mulheres prestaram atenção, mas não conseguiram distinguir o que foi dito. As vozes se afastaram.

— Mais vinte escovadelas, depois vou comer e tomar mais um chá. Sente fome?

— Não, ama, obrigada. Já comi.

— Não dormiu bem? — indagou Koiko, notando um certo nervosismo moça.

— Não, dama Koiko. Sinto muito lhe contar meu problema, mas às vezes tenho dificuldade para dormir e tenho pesadelos quando pego no sono — disse Sumomo, ingenuamente, ainda distraída. — O doutor me deu um medicamento para me acalmar. Esqueci de torná-lo ontem à noite, quando mudei de aposento.

— Ah, é isso? — Koiko escondeu seu alívio. — Talvez devesse tomar um pouco agora.

— Pode esperar e...

— Por favor, eu insisto. É importante que você esteja calma.

Obediente e agradecida, Sumomo foi pegar o vidro. Não fora mexido. Ela tomou um gole, tornou a arrolhar. O calor interior começou a se espalhar quase que no mesmo instante.

— Obrigada, ama — murmurou ela, voltando a escovar os cabelos de Koiko.

Depois da papa de arroz quente, pickles, enguia assada fria com molho agri-doce e bolinhos de arroz, Koiko disse:

— Sente-se, por favor, Sumomo, e sirva-se de chá.

— Obrigada, Ama.

— Lorde Yoshi decidiu que não devo acompanhá-lo mais, e sim segui-lo de palanquim, num ritmo mais moderado.

— Alguns guardas mencionaram isso, enquanto eu a esperava. Tudo estará pronto para o momento em que desejar partir.

— Ótimo. — Agora que descobrira a verdade sobre o vidro, Koiko sentia-se mais tranqüila, mas isso não alterou sua decisão de ser

prudente... seu dever com Katsumata já cumprido. — Agora, já saiu de Quioto, sã e salva.

Ela falou com voz suave e Sumomo sentiu o estômago se contrair. Teria entrado em pânico, não fosse pelo elixir, enquanto Koiko acrescentava:

— É tempo de nos separarmos, Sumomo. Hoje. Tem dinheiro?

— Não, ama. — Sumomo queria dar a impressão de que era indiferente a esse problema. — Mas seria possí...

— Não precisa se preocupar, pois posso lhe dar algum. — Koiko sorriu, não compreendendo a confusão da moça, e continuou, em tom firme: — Seus documentos estão em ordem?

— Estão, sim, mas posso...

— É melhor para nós duas. Considerarei todas as possibilidades. Será melhor eu viajar sozinha. Você pode ficar aqui ou voltar para sua casa em Satsuma...eu aconselharia isso... ou seguir sozinha para Iedo.

— Mas, por favor, posso ficar com você?

— É mais sensato você seguir seu caminho agora... claro que compreendo que a aceitei como um favor excepcional para seu guardião. Agora, está sã e salva.

— Mas... o que vai fazer sem criada? Quero servi-la e...

— Tem sido muito boa, mas posso contratar alguém. Por favor, não se preocupe com isso. Pretende voltar a Quioto?

Como Sumomo não respondesse, apenas a fitasse em silêncio, aturdida, Koiko acrescentou, gentilmente:

— O que seu guardião disse que deveria fazer ao me deixar?

— Ele... ele não disse.

Koiko franziu o rosto.

— Mas com certeza deve ter um plano.

— Tenho, sim, ama — balbuciou Sumomo, cada vez mais confusa. — Ele me disse que eu deveria acompanhá-la até Iedo. Depois, se esse fosse o seu desejo, eu deveria ir embora.

— Ir para onde?

— Para... para me encontrar com Oda-sama.

— Claro, claro. Mas em que lugar de Iedo?

— Não sei. Posso servir...

— Não tem certeza, Sumomo? — O rosto de Koiko franziu-se ainda mais.

— Tem outra família com que ficar, se ele não estiver lá?

— Hum... há uma estalagem em que devem saber onde ele está ou encontrarei uma mensagem à minha espera. Juro que não serei um fardo durante a viagem, de jeito nenhum... tem me ensinado tanta coisa...

Quanto mais Koiko escutava a moça insistir — tolamente, pensou ela, pois deve ser óbvio que já tomei minha decisão —, menos gostava do que ouvia, da agitação de Sumomo, da maneira como falava e baixava os olhos.

Ela fechou os ouvidos aos argumentos por um instante e aproveitou o tempo para ordenar seus pensamentos. Tornaram-se mais sombrios.

— Seu guardião também foi para Iedo?

— Não sei. Por favor, deixe-me servir...

— Esse Oda-sama é um Satsuma... faz parte da guarnição de Satsuma?

— Não. — Sumomo se censurou no mesmo instante, pois deveria ter respondido "Não sei". — Os Satsu...

— Então o que ele está fazendo em Iedo?

— Não sei, dama — murmurou Sumomo, hesitante, sem a necessária rapidez de raciocínio, mais assustada a cada momento. —

Não o vejo há quase um ano... apenas me informaram que o encontraria em Iedo.

Os olhos de Koiko penetraram nos dela, a voz se tornou incisiva:

— Seu guardião disse que esse Oda-sam era *shishi*. Portanto, ele...

A voz murchou, como se, ao pronunciar a palavra em voz alta, a enormidade do que fizera e arriscara, ao concordar em aceitar a companhia daquela moça, a sufocasse.

— Os *shishi* acham que lorde Yoshi é seu principal inimigo — balbuciou ela. — E se ele é o inimigo...

— Não, dama, ele não é, apenas o xogunato, o *Bakufu* é o inimigo, ele está acima de tudo isso, não é inimigo — protestou Sumomo, com veemência, a mentira saindo fácil, para depois acrescentar, antes que pudesse se controlar: — Katsu... meu guardião incutiu isso em todos nós.

— Em todos vocês? — O rosto de Koiko ficou branco. — *Namu Amida Butsu! Você é um de seus acólitos!*

Katsumata lhe dissera que umas poucas moças estavam sendo treinadas por ele para integrarem seu bando de guerreiros.

— Ele... ele também a treinou.

— Sou apenas uma humilde servidora leal, dama — murmurou Sumomo fazendo um esforço para manter o controle e exibir um ar inocente.

Koiko olhou ao redor, na maior incredulidade, sua mente quase parou; o mundo ditoso em que vinha habitando desmoronava de repente.

— Você é um deles!

Sumomo sustentou o olhar, sem saber como se livrar do abismo que se abria à frente delas.

— Dama, por favor, vamos pensar com clareza. Eu... não sou uma ameaça para você, nem você para mim, vamos deixar assim. Jurei protegê-la, e o farei, a lorde Yoshi também, se necessário. Deixe-me viajar em sua companhia. Juro que irei embora no momento em que alcançar Iedo. Por favor. — Seus olhos suplicavam que Koiko concordasse. — Nunca se arrependerá dessa gentileza. Por favor. Meu guardião pediu um favor de vida inteira. Por favor, eu a servirei...

Koiko mal ouvia as palavras. Observava-a como um camundongo olharia uma serpente pronta para o bote, sem qualquer pensamento em sua cabeça agora a não ser como escapar, como fazer com que tudo aquilo fosse um sonho. É um sonho? Seja sensata, sua vida está em jogo, mais do que sua vida, deve manter o controle.

— Dê-me sua faca.

Sumomo não hesitou. Enfiou a mão por dentro da obi, entregou a faca na bainha. Koiko pegou a lâmina como se estivesse em brasa. Sem saber o que mais fazer com aquilo, jamais tendo manipulado, possuído ou precisado antes de uma faca, todas as armas eram proibidas no mundo flutuante, ela a enfiou em sua própria obi.

— O que quer conosco? — indagou ela, a voz quase inaudível. — Por que está aqui?

— Só desejo viajar em sua companhia, dama — respondeu Sumomo, como se falasse a uma criança, sem compreender que seu rosto se tornara duro. — Apenas viajar em sua companhia, não há outro motivo.

— Fazia parte dos assassinos que atacaram o xógum Nobusada?

— Claro que não. Sou apenas uma leal partidária, uma ami...

— Mas foi você a espia que sussurrou que meu lorde ia deixar seu quartel para se encontrar com Ogama... foi você!

— Não, dama, juro que não fui eu. Já disse que ele não é o inimigo, o atacante não passava de um louco solitário, não era um dos nossos...

— Tem de partir... deve partir... — insistiu Koiko, num fio de voz. — Por favor, vá embora. Agora, por favor. Depressa.

— Não há necessidade de se preocupar ou ter medo. Nenhuma.

— Mas eu sinto. Estou apavorada com a possibilidade de que alguém venha a denunciá-la. Yoshi...

As palavras pareceram ficar suspensas no ar, entre as duas. Os olhos se encontraram, Sumomo determinada, Koiko desamparada e se intimidando sob a força daquele olhar. As duas davam a impressão de terem envelhecido, Koiko angustiada por ter sido tão ingênua, por seu ídolo tê-la usado de uma forma tão insidiosa. Sumomo furiosa por ter sido tão estúpida ao não concordar de imediato quando a prostituta intrometida propusera que ela fosse embora. Tola, tola, as duas pensavam naquele momento.

— Farei o que está dizendo — murmurou Sumomo. — Irei embora, apesar...

A porta de shoji foi aberta. Yoshi entrou, lépido, encaminhou-se para o cômodo interno. O transe das duas se dissipou. Fizeram uma reverência apressada. Ele parou no meio de um passo, todos os sentidos bradando perigo.

— O que houve? — indagou ele, ríspido, pois percebera o instante de medo, antes de as cabeças se inclinarem.

— Na... nada, Sire — respondeu Koiko, recuperando o controle, enquanto Sumomo se apressava para o braseiro, a fim de buscar chá fresco. — Deseja um chá? Talvez a primeira refeição?

Os olhos de Yoshi deslocaram-se de uma mulher para outra.

— O que houve? — perguntou ele de novo, devagar, as palavras como pingentes de gelo.

Sumomo ajoelhou-se, humilde.

— Sentimos muito não podermos acompanhá-lo, Sire. Era por isso que a dama Koiko se mostrava tão triste. Posso servir o chá, Sire?

O silêncio foi se tornando opressivo. Yoshi cerrou os punhos na altura dos quadris, o rosto duro, as pernas nuas bem plantadas no chão.

— Koiko! Diga-me tudo! Agora!

A boca de Koiko começou a se mexer, mas as palavras não saíram. O coração de Sumomo parou, e depois trovejou em seus ouvidos, enquanto Koiko se levantava, lágrimas escorrendo, e balbuciava:

— Deve compreender... ela não é o que...

No mesmo instante, Sumomo ficou de pé, a mão direita entrou na manga e saiu com um shuriken. Yoshi rangeu os dentes ao vê-lo. O braço de Sumomo se contraiu para o lançamento — ele estava desarmado, um alvo aberto, suas espadas no cômodo interno. Yoshi desviou-se para a esquerda, na esperança de que o movimento pudesse confundi-la, preparando-se para arremeter contra a moça, os olhos fixados em sua mão. Imperturbável, Sumomo mirou seu peito e lançou o *shuriken*.

O círculo de aço com pontas afiadas girou pelo ar. Frenético, Yoshi arqueou corpo, desviou-se. Uma das pontas pegou a beira de seu quimono e cortou o pano, mas não atingiu a carne, desaparecendo pela tela de shoji e se cravando num dos postes do cômodo interno, enquanto Yoshi, desequilibrado pelo esforço extremo, esbarrava numa parede e caía ao chão.

Por um instante, tudo parecia um sonho lento...

Sumomo, estendendo a mão pela manga, a fim de pegar o próximo *shuriken* via apenas o grande inimigo, caído no chão, impotente, e sua prostituta retardada que causara aquela conclusão desnecessária, a fitá-la boquiaberta, um pilar de medo... mas não

sentia medo, apenas exultação, certeza de que o momento era seu zênite, a culminação por que nascera, para a qual fora treinada durante toda a sua vida, e que agora, invencível campeã dos *shishi*, haveria de consumir, morrendo em seguida, para viver por toda a eternidade na lenda...

Koiko, de pé, paralisada, consternada por ter sido enganada por seu guru, que era como um deus, mas a traíra, só lhe dissera mentiras, a moça também uma impostora, e por causa deles acontecia agora aquela conspiração monstruosa: seu benfeitor morreria, e mesmo que não morresse, ela cairia em desgraça, a morte inevitável, pela mão dele ou dos guardas, tudo nesta vida desperdiçado, jamais casaria com seu samurai, nunca teria filhos, nunca nesta vida, era melhor encerrá-la depressa, por sua própria mão, do que deixar que ele cuidasse disso, mas como, como, e foi então que ela se lembrou da faca de Sumomo...

Yoshi, virando-se no chão, frenético para ver o próximo arremesso, ajeitando os pés sob o corpo para a carga que tinha de fazer, ou morrer, tudo levando muito tempo, a mente explodindo, clamando que acolhera uma víbora, e depois seus olhos divisaram a mão de Sumomo, com o segundo shuriken —quantos ela tinha? —, os lábios dela repuxados, os dentes muito brancos à mostra... E o instante de paralisia terminou.

Sumomo hesitou, exultante no triunfo, mas o momento foi longo demais, e ela viu Koiko sair do transe, a faca em sua mão. Numa

reação instintiva, mudou o alvo, conteve-se, hesitou de novo, apontou para Yoshi mais uma vez, iniciou o lançamento, mas nesse instante Koiko arremeteu para a frente, tropeçou na bainha e tombou em sua direção.

O shuriken girando cravou-se no peito de Koiko, que gritou, e isso deu tempo a Yoshi para se lançar do chão contra Sumomo. Ele pegou-a pelo tornozelo, derrubou-a, os dedos procuraram sua garganta, mas ela era como uma enguia, desvencilhou-se, treinada em artes marciais, a mão procurando o último shuriken. Antes que pudesse alcançá-lo, os dedos de ferro de Yoshi agarraram parte de seu quimono, rasgaram metade da manga, inibindo-a. Outra vez Sumomo se desvencilhou, ficou de pé, em um segundo, mas agora ele também se levantara.

Ela soltou um estridente grito de batalha, estendeu a mão para trás, efetuou o lançamento. Ele estava paralisado, morto... só que a mão de Sumomo estava vazia-o movimento era apenas uma finta, o último shuriken ainda preso na manga rasgada. Enquanto tentava pegá-lo, a porta de shoji por trás dela foi aberta pelo guarda.

— Depressa! — gritou ela, apontando para Koiko, a se contorcer e gemer no chão.

E quando o guarda correu para a frente, Sumomo tirou sua espada comprida da bainha, ergueu-a, golpeou, feriu-o, e no mesmo movimento se virou para Yoshi. Mas ele saltara um passo para trás, passara por cima do corpo de Koiko, e agora corria para o cômodo interno, em busca de suas espadas, irrompendo pela porta de *shoji* fechada, com Sumomo em seu encalço.

A espada de Yoshi saiu da bainha. Ele girou, aparou o primeiro golpe violento, deu a volta no espaço restrito. Destemida, Sumomo atacou de novo, o golpe também foi aparado, enquanto os dois avaliavam um ao outro. Outra sucessão de golpes, ela era uma hábil espadachim, assim como Yoshi.

Agora ele atacou, foi contido, os dois recuaram, circularam, e depois Sumomo recuou pela porta, em busca de mais espaço, seguida por Yoshi. Os dois circularam, procurando uma abertura. Soaram gritos lá fora. Guardas convergiam, o samurai ferido bloqueava parcialmente a porta. Sabendo que restava pouco tempo, Sumomo aumentou a pressão, avançou, depois girou, ficando de costas para a porta, e os dois se atacaram, golpe e contragolpe. Yoshi virou-se, forçando-a a dar outra volta, mas perdeu a iniciativa. Ele viu Abek correr para as costas da moça, a espada erguida, e gritou:

— Não! Deixe-a comigo!

Quase foi decapitado por isso, e recuou, numa desordem temporária. Obediente, Abeh parou. Outra escaramuça furiosa, Yoshi recuperando o equilíbrio bem a tempo. Eram adversários à altura, Yoshi muito mais forte, embora não com tanta prática.

Os punhos das espadas engancharam. Sumomo logo se desvencilhou, sabendo que ele prevaleceria nessa posição, recuou, fez uma finta, avançou numa carga cega, heterodoxa, o gume da espada cortou o ombro de Yoshi. Teria estropiado um lutador menos hábil, mas ele previra o golpe, e sofreu apenas um pequeno ferimento, embora gritasse, baixasse a guarda, simulando uma dor intensa. Descuidada, Sumomo adiantou-se para o golpe de misericórdia. Mas o inimigo não se encontrava exatamente onde esperava. Yoshi ergueu a espada do chão, surpreendendo-a. O golpe cortou o pulso esquerdo de Sumomo, jogando-o longe, com a espada, os dedos ainda presos no punho.

Ela olhou para o coto do braço, aturdida, o sangue esguichando, e soltou um terrível grito. Não havia dor. A outra mão segurou o coto, diminuindo o fluxo. Guardas se adiantaram para agarrá-la, mas outra vez Yoshi mandou que se bastassem, o peito arfando, enquanto tentava recuperar o fôlego, observando-a lentamente.

— Quem é você?

Sumomo Fujahito... *shishi* — balbuciou ela, a coragem e a força se desvanecendo depressa, para depois, com o último alento, arrematar: — Sonno-joi

Sumomo largou o coto, tateou à procura do último shuriken, encontrou-o, espetou uma das pontas envenenadas no braço, inclinou-se para a frente, a fim de cravá-lo. Mas Yoshi estava preparado.

O golpe violento acertou-a com perfeição, no ponto em que o pescoço se encontrava ao corpo, a lâmina foi cortando, saiu por baixo do braço. Todos os espectadores prenderam a respiração, como se fossem um só, convencidos de que haviam testemunhado um acontecimento que seria transmitido de boca em boca por séculos, provando que aquele homem fora um digno descendente do grande xógum e portador de seu nome. Mas todos ficaram também abalados, à visão de tanto sangue. Abeh foi o primeiro a recuperar a voz.

— O que aconteceu, lorde?

— Eu venci — disse Yoshi, sombrio, examinando seu ombro, o sangue manchando o quimono, uma dor no lado, o coração ainda batendo forte. — Chame um médico... e depois partiremos.

Homens saíram correndo para cumprir sua ordem. Abenh desviou os olhos do cadáver de Sumomo. Koiko gemia e se contorcia no chão, as unhas cortando o tatame. Ele avançou em sua direção, mas parou quando Yoshi disse:

— Cuidado, seu tolo! Ela era parte da conspiração! Cauteloso, Abenh chutou a faca de Sumomo para um lado.

— Vire-a! — ordenou Yoshi.

Ele obedeceu, empurrando-a com o pé. Havia apenas um sinal mínimo de sangue. O shuriken prendera o quimono na pele, estancando a hemorragia, mais da metade do aço cravado. Além da agonia pulsante, que contorcia seu rosto em ondas sucessivas, ela continuava fascinante como antes.

Yoshi sentia um ódio intenso.

Nunca estivera tão perto da morte. O outro ataque não fora nada, em comparação com aquele. Não podia entender como conseguira resistir ao ataque traiçoeiro. Sabia que estivera derrotado em meia dúzia de momentos e o terror à beira do abismo não fora como o imaginara. O terror degrada qualquer um, pensou ele, querendo retalhar Koiko em pedaços, na sua fúria, pela traição, ou deixá-la perecer em agonia.

As mãos de Koiko apertavam o peito, em total impotência, onde a dor profunda se concentrava, numa tentativa de arrancar a coisa que a causava. Mas ela não podia. Um tremor sacudiu seu corpo. Os olhos se abriram, focalizaram Yoshi, parado ali, a mão esquerda deixou o peito, subiu para o rosto, procurou ajeitar os cabelos, para ele.

— Ajude-me, Tora-chan — soluçou ela, as palavras truncadas. — Por favor, ajude-me... dói muito...

— Quem a mandou? E a ela? Quem?

— Ajude-me... por favor... dói, dói muito... tentei salvar... salvar...

A voz definhou, e ela se viu outra vez com a faca na mão, Yoshi indefeso, heroicamente cumprindo seu dever, correndo para entregar a faca que ela própria não podia usar, para impedir a traidora de feri-lo com o aço voador, recebendo-o no lugar dele, salvando sua vida, para que ele a recompensasse e perdoasse, não que fosse culpada de qualquer coisa, apenas de servi-lo, agradá-lo, adorá-lo.

— O que faremos com ela? — perguntou Abeh, contrafeito, certo que o *shuriken* era envenenado, e que a morte era inevitável, alguns venenos mais cruéis do que outros.

Jogue-a num monte de esterco, foi o pensamento imediato de Yoshi, o estômago cheio de uma bÍlis amarga, e deixe-a com sua dor, para os cães se divertirem. Ele franziu o rosto, atormentado agora, vendo que Koiko ainda era bela, ainda era desejável, apenas o gemido ressaltando em sua percepção que uma era terminara.

Agora e para sempre, ele estaria sozinho. Koiko destruía a confiança. Se aquela mulher, a quem dispensara tanta afeição, fora capaz de traí-lo, qualquer outra pessoa também poderia fazê-lo. Nunca mais poderia confiar numa mulher, nem partilhar tanta coisa. Jamais. Koiko destruía essa parte dele para sempre. Seu rosto se fechou.

— Jogue-a...

E foi então que ele se lembrou dos poemas tolos e dos poemas felizes de Koiko, todo o riso e prazeres que ela lhe proporcionara, os bons conselhos, incontáveis satisfações. Abruptamente, ele foi dominado por uma imensa tristeza pela crueldade da vida. Ainda tinha a espada na mão. O pescoço dela era bem pequeno. O golpe foi gentil.

— *Sonno-joi*, hem? — murmurou ele, desorientado por sua perda.

Malditos *shishi*, é culpa deles a morte de Koiko. Quem enviou Sumomo? Katsumata! Só pode ser, os mesmos golpes com a espada, a mesma astúcia. Já por duas vezes seus assassinos quase me mataram. Não haverá uma terceira vez. Exterminarei todos. Até que eu esteja morto, Katsumata é inimigo, todos os *shishi* são inimigos. Amaldiçoados *shishi*... e amaldiçoados *gai-jin*!

É no fundo culpa deles, dos *gai-jin*. São uma praga. Se não fosse por eles, nada disso teria acontecido, não haveria os repulsivos tratados, nem *shishi*, nem *sonno-joi*, nem a ferida infeccionada de Iocoama.

Amaldiçoados *gai-jin*. Agora eles vão pagar.

40

IOCOAMA

NA tarde do mesmo dia, Jamie McFay saiu furioso do escritório do Yokohama Guardian. Ajeitou a última edição do jornal debaixo do braço e seguiu apressado pela High Street. A brisa era fria, com o cheiro de maresia, o mar estava encapelado, cinzento e inóspito. As passadas eram tão iradas quanto seu ânimo. Eu bem que gostaria que Malcolm tivesse me contado, pensou McFay. Ele perdeu o juízo, enlouqueceu por completo. Vai dar a maior encrenca.

— Qual é o problema? — perguntou Lunkchurch, vendo o jornal dobrado, preocupado com a pressa incomum de Jamie. Ele próprio ia buscar seu jornal, antes da sesta, e parara por um momento para urinar na sarjeta. — O duelo saiu no jornal, foi noticiado?

— Que duelo? — A voz de McFay era ríspida. Circulavam rumores de que ocorreria a qualquer momento, embora até agora ninguém tivesse sussurrado que seria depois de amanhã, na quarta-feira. — Pelo amor de Deus, pare de espalhar essa história!

— Sem ofensa, meu velho. — O homem enorme e corado abotoou-se, levantou o cinto por cima da pança, só para que escorregasse de novo. — Mas qual é o problema? Ele cutucou o jornal, antes de acrescentar:— O que o porra do Nettlesmith escreveu que o deixou tão irritado?

— Apenas a mesma coisa de sempre — respondeu McFay, evitando o verdadeiro motivo. — Seu editorial afirma que a esquadra está quase pronta para atacar, o exército afia suas baionetas, e dez mil sipaios virão da Índia para nos ajudar.

— Tudo mentira!

— E isso mesmo. Ainda por cima, o desgraçado do governador está fazendo tudo o que pode, como sempre, para arruinar a economia de Hong Kong. Nettlesmith republicou um editorial do *Times* elogiando o plano de queimar nossas plantações de ópio em Bengala, replantar tudo com chá, uma idéia que vai provocar ataques cardíacos por toda a Ásia... como se os paladares em qualquer lugar fossem se satisfazer com aquela porcaria de *Darjeeling*! Os idiotas vão nos arruinar, e também a economia britânica, ao mesmo tempo. Tenho de ir agora. Vejo-o mais tarde, na reunião.

— Essas porras de reuniões! Uma porra de perda de tempo! A porra do Governo! Devíamos ir para as porras das barricadas, como as porras dos franceses! Deveríamos estar bombardeando Iedo neste momento! Wee Willie não tem colhões e quanto a porra do Ketterer...

Lunkchurch continuou a vociferar por muito tempo depois de Jamie ter se afastado. Outras pessoas nas proximidades franziram o rosto e depois aceleraram os passos, a caminho do escritório do jornal.

Malcolm Struan levantou os olhos quando Jamie bateu na porta. Viu o jornal no mesmo instante.

— Ótimo. Eu já ia perguntar pelo jornal.

— Fui buscar um exemplar. Um passarinho me sussurrou que deveria.

— Ahn... — Malcolm sorriu. — Minha carta foi publicada?

— Deveria ter me avisado, a fim de que eu pudesse pensar numa maneira de diminuir o impacto.

— Acalme-se, pelo amor de Deus! — disse Malcolm, jovial. Ele pegou o jornal, abriu na seção de cartas. — Não há nada de errado em assumir uma posição moral. O ópio é imoral, e o mesmo acontece com o contrabando de armas, e não falei nada antes porque queria surpreendê-lo também.

— E pode ter certeza de que conseguiu! Isto vai enfurecer todos os mercadores por aqui e pelo resto da Ásia e vai provocar reações.

Precisamos de amigos, tanto quanto eles precisam de nós.

— Concordo. Mas por que minha carta deve provocar reações? Ah, aqui está!

A carta ocupava a posição principal, com o título em destaque: CASA NOBRE ASSUME POSIÇÃO NOBRE!

— Bom título. Gosto disso.

— Desculpe, mas eu não gosto. Vai provocar reações porque todos sabem que temos de usar essas mercadorias ou estamos perdidos. Você é o *tai-pan*, mas não pode... — Jamie fez uma pausa. Malcolm sorria, imperturbável. — O que me diz dos fuzis para Choshu? Aceitamos o dinheiro deles, embora você concordasse em preteri-los pelo outro homem, Watanabe, lorde qualquer coisa... e a encomenda que aumentou para cinco mil?

— Tudo no momento oportuno.

Malcolm permanecia calmo, embora lembrasse que a mãe cancelara a encomenda, e que ele a reconfirmara no mesmo instante, pelo correio mais rápido possível. Fora uma tolice da mãe, que nada entendia do Japão. Mas não importa, mais uns poucos dias, e ela será contida.

— Enquanto isso, Jamie — acrescentou ele, descontraído —, não há mal nenhum em assumir uma posição moral em público, não é mesmo? Não acha que devemos nos inclinar aos tempos?

McFay piscou os olhos, aturdido.

— Está querendo dizer que se trata de uma artimanha? Para confundir oposição?

— Inclinarmos aos tempos — repetiu Malcolm, feliz.

A carta defendia a proscricção do ópio e de armas, conforme o almirante queria e o enquadrava como partidário da veemente posição do almirante e do novo plano proposto pelo governo para a Ásia: *Devemos encontrar meios imediatos de alterar nosso comércio, para a maior glória de sua majestade a rainha, Deus a abençoe e de nosso império britânico. A Casa Nobre orgulha-se de tomar a dianteira*, escrevera ele, entre outras efusões floreadas, assinando O *tai-pan* da Struan, como seu pai e avô haviam feito, em cartas para a imprensa.

— Achei que expus tudo muito bem, Jamie. Não concorda?

— Claro que sim. Você me convenceu. Mas se é apenas para... — Ele já ia dizer “amansar”, mas a quem e por quê? — Se é apenas uma manobra, por que fazer isso? Não poderia haver pior momento. Você vai ser contestado na reunião.

— Pois que o façam.

— Vão pensar que enlouqueceu.

— Deixe-os pensar o que quiserem. Dentro de poucas semanas terão esquecido e, de qualquer maneira, já estaremos em Hong Kong a essa altura. —Malcolm estava radiante, no maior bom humor. — Não se preocupe. Sei exatamente o que estou fazendo. Faça-me um favor: mande um recado para o almirante, dizendo que eu gostaria de vê-lo antes do jantar. Também quero falar com Marlowe, assim que ele desembarcar. Os dois jantarão conosco às oito horas, não é?

— É, sim. Ambos aceitaram. — McFay suspirou. — Quer dizer que vai continuar a me manter em suspense sobre o motivo?

— Já disse que não precisa se preocupar. Tudo está perfeito. Agora, muito mais importante, precisamos preparar as encomendas de sedas para a próxima temporada. Cuide para que Vargas tenha os livros atualizados. Quero conversar com o nosso cambista sobre a moeda que usaremos e os recursos para a operação o mais depressa possível... e não se esqueça de que amanhã Angel e eu passaremos o dia inteiro ausentes, com Marlowe, a bordo da Pearl.

Ele teria dançado uma *jiga*, se pudesse, mas as pernas e a barriga doíam mais do que o habitual. Não tem importância, pensou, amanhã é o grande dia. Já estou quase conseguindo o que quero, e depois que se danem todos.

Jamie achava-o muito estranho, não entendia mais nada. Cada navio procedente de Hong Kong trazia cartas para ambos, de Tess Struan, cada vez mais vituperiosas. Apesar disso, Malcolm se mostrava completamente à vontade, tal como era antes da Tokaidô, bem-humorado, lúcido, atento, dedicado aos negócios, embora ainda em extremo desconforto e andando mal. Ainda por cima, havia o risco iminente do duelo na quarta-feira, depois de amanhã.

Por três vezes, McFay procurara Norbert Greyforth, na tentativa de promover um acordo, até recrutando a ajuda de Gornt, mas nada fora capaz de dissuadi-lo.

— Jamie, diga àquele sujeito que tudo depende dele — respondera Norbert. Afinal, foi ele quem começou esta merda. Se me pedir desculpas, eu aceitarei... se for um pedido público, e põe público nisso!

McFay mordeu o lábio. Seu último recurso era sussurrar a hora e o local para Sir William, mas detestava a idéia de violar seu juramento solene.

— Vou me encontrar com o patife do Gornt para acertar os últimos detalhes, às seis horas.

— Ótimo. Lamento que você não goste de Gornt, Jamie, pois ele é um bom sujeito. É mesmo. Convidei-o para esta noite. — Imitando o sotaque escocês, Malcolm acrescentou, divertido: — O prazer da sua companhia ao jantar.

McFay sorriu, acalmado pela cordialidade.

— Posso...

Uma batida na porta interrompeu-o.

— Entre.

Dmitri entrou, como um furacão, deixando a porta aberta em sua esteira.

— Você enlouqueceu, Malc? Como a Struan pode apoiar esses idiotas sobre o ópio e armas?

— Não há mal nenhum em assumir uma posição moral, Dmitri.

— Mas é mesmo uma loucura! Se a Struan assumir essa posição, nós todos teremos de lutar contra a correnteza! O desgraçado do Wee Willie vai usar isso para...

Ele parou de falar, quando Norbert Greyforth também entrou na sala, sem bater.

— Você ficou louco? — berrou Norbert, inclinando-se sobre a mesa e sacudindo o jornal diante do rosto de Malcolm. — O que diz do nosso acordo para agirmos juntos?

Malcolm fitou-o nos olhos, odiando-o, no mesmo instante lívido.

— Se quer um encontro, marque antes — disse ele, com extrema frieza, mas controlado. — Estou ocupado. E agora saia. Por favor!

Norbert corou, também advertido por Sir William de que deveria se comportar ou sofrer as conseqüências. Seu rosto contraiu-se em raiva.

— Quarta-feira, cedo, por Deus! Não deixe de aparecer! Ele virou-se e saiu, batendo a porta.

— Um desgraçado grosseiro — murmurou Malcolm.

Em circunstâncias normais, Dmitri teria rido, mas agora sentia-se preocupado demais.

— Já que estamos no assunto, é melhor eu lhe dizer logo que não vou participar da "reunião" da quarta-feira.

— Isso não é problema, Dmitri. — A cor começava a voltar ao rosto de Malcolm. — Ainda tenho a sua palavra de honra de cavalheiro de que não vazará coisa alguma.

— Claro. — Dmitri não pôde mais se conter e explodiu: — Mas não faça isso! Pode ser gravemente ferido!

— Já estou gravemente ferido agora, meu caro. Por favor, não se preocupe. Se Norbert comparecer ao encontro, ele...

Malcolm ia dizer que ele podia ser considerado um homem morto, e tentou explicar o plano de Gornt a Dmitri — já o explicara a McFay, que o aprovara relutante, como viável —, mas decidiu não fazê-lo. Em vez disso, ele comentou:

— Já ofereci um acordo particular a Norbert, mas ele rejeitou. E não vou rastejar em público. E já que você está aqui, Dmitri, o que pode me dizer sobre a Colt Armaments? Ouvi dizer que a Cooper-Tillman tem um bloco de ações que está querendo vender. Eu gostaria de comprar.

— Mas como soube? — Dmitri lançou um olhar para McFay, também atônito, mas conseguindo esconder. — Onde ouviu essa história?

— Um passarinho me contou.

Malcolm não deixou sua exultação transparecer. Edward Gornt lhe dera essa informação, entre outras sobre a Brock e a Cooper-Tillman, para provar sua sinceridade sobre a grande informação que revelaria a respeito dos Brocks.

— Por que esperar para me contar, Sr. Gornt? — indagara ele. — Se a informação é tão boa quanto diz, será preciso cuidar de tudo imediatamente.

— Tem razão, *tai-pan*, terá de ser o mais depressa possível. Mas vamos deixar como combinamos. Quarta-feira será o dia. Enquanto isso, já que teremos um relacionamento longo e feliz, por que não abandonamos o "senhor"? Chame-me apenas de Gornt e continuarei a tratá-lo de "*tai-pan*", até nos encontrarmos em Xangai ou Hong Kong... depois que Sir Morgan estiver arruinado. Talvez então possamos usar o primeiro nome, está bem?

Malcolm observou Dmitri, seu excitamento aumentando. Havia muitas coisas boas ocorrendo agora.

— O que me diz, companheiro? Jeff Cooper está mesmo disposto a vender e você tem a autoridade necessária para negociar?

— Estou autorizado a negociar, mas...

— Não há nenhum mas. A autorização é por escrito?

— É, sim, e ele pode vender a metade. Ao preço certo... 16,50 por ação.

— Nada disso... é sua proposta de negociante. Dou 13,20, nem um centavo a mais. Podemos assinar uma carta de intenções, com a data de hoje. Quarenta mil ações.

Dmitri ficou espantado, mas logo se recuperou... quarenta mil ações eram exatamente a quantidade certa. O preço de 13,20 era baixo. Oferecera as ações a Morgan Brock, que propusera 12,80, um preço de liquidação, com um ano para pagar, o que tornava a proposta inaceitável, embora fosse quase impossível encontrar um comprador para um bloco de ações tão grande. Onde Malc obtivera a informação?

— O preço de 13,20 está longe de ser suficiente.

— Pago 13,20 hoje, amanhã será 13,10. E na quarta-feira retiro a oferta. — Gornt lhe dissera que Cooper precisava vender depressa, para investir em um novo empreendimento nos Estados Unidos, a fabricação de couraçados... a serem vendidos a qualquer marinha. — Tenho bastante tempo, mas o mesmo não acontece com o velho Jeff.

— O que está querendo dizer com isso?

— Apenas o que eu falei, que tenho tempo, e Jeff não tem. — Uma pausa, e Malcolm acrescentou, jovial: — Nem as marinhas da União ou Confederação, com a guerra indo tão mal para os dois lados.

— Besteira de seus espões — disse Dmitri. — Não há negócio abaixo de 15,20.

— Sonhador. Pago 13,20 em ouro, um saque à vista em nosso banco, assim que chegar a Boston.

Dmitri abriu a boca, mas Jamie McFay apressou-se em intervir:

— *Tai-pan*, pode ser uma boa idéia levar em consideração...

—... obter a aprovação de HK — concluiu Malcolm por ele. — Ora, Jamie, já discutimos isso, e resolvemos o assunto de uma vez por todas. — A voz era calma, num tom que não admitia contestação. — Certo?

— Certo. Desculpe.

Ainda muito calmo, Malcolm indagou:

— E então, Dmitri, sim ou não?

Dmitri fitava-o com um respeito renovado. O pagamento imediato já o levava a tomar sua decisão.

— Negócio fechado.

Ele estendeu a mão e Malcolm apertou-a. McFay disse:

— Prepararei o documento esta tarde; ficará pronto para assinarem às cinco horas. Combinado?

— Ótimo. Obrigado por ter vindo, Dmitri. É sempre bem-vindo. Não se esqueça do jantar às oito e meia.

Depois que Dmitri se retirou, McFay não pôde mais se conter.

— É um bocado de dinheiro.

— Dá 528 mil dólares, para ser mais preciso. Mas a Colt tem uma encomenda de cem mil fuzis de um tipo radicalmente novo. Quando nossa carta de crédito chegar a Boston, as ações já terão dobrado de preço e ganharemos meio milhão de dólares.

— Como pode ter certeza?

— Apenas tenho.

— Vai assinar a nota promissória?

— Vou. E se me disser que não tenho autoridade, por causa do que minha mãe disse ou deixou de dizer, não darei a menor atenção, e assinarei de qualquer maneira. — Malcolm acendeu um charuto, e continuou: — Se a nota promissória não for honrada, vai provocar uma reação, e arruinará a Struan como nenhuma outra coisa em nossa história. Sou o *tai-pan*, quer goste ou não, até renunciar ou morrer, não importa o que ela diga.

Os dois observaram um anel de fumaça subir e desaparecer, e depois McFay acenou com a cabeça, devagar, suas apreensões superadas pela estranha segurança e autoridade de Malcolm, como nunca experimentara antes.

— Sabe o que está fazendo, não é?

Os olhos de Malcolm se iluminaram.

— Sei de muitas coisas que ignorava quando vim para cá. Por exemplo, Se você insistir em sair... Ora, Jamie, tenho certeza de que no fundo do coração já tomou a decisão. Por que não deveria? Foi

tratado de maneira vergonhosa, e sei que não o ajudei muito, mas tudo isso já passou. Quero que saiba que eu faria a mesma coisa se estivesse no seu lugar. Já decidiu, não é mesmo?

McFay engoliu em seco, desarmado.

— Já, sim. Vou sair, mas só depois que os negócios da Struan aqui estiverem no nível ideal, daqui a seis meses, ou por aí, a menos que ela me mande embora antes. Por Deus, não quero sair, mas devo!

Malcolm riu.

— Você assumiu uma posição moral.

McFay riu também.

— É uma loucura.

— Não é, não. Eu faria a mesma coisa. E tenho certeza de que será um grande sucesso, tanto que cem mil dos dólares que acabei de ganhar... tenho de fazer isso, Jamie, ninguém pode fazê-lo... serão um investimento na McFay Trading. Por...

Ele ia dizer quarenta e nove por cento das ações, mas resolveu mudar, para permitir que McFay mantivesse as aparências, e pensou: Você merece, meu amigo. Jamais esquecerei aquela correspondência pela qual poderia ser enforcado, pois tenho certeza que Sir William descobriria.

—... uma participação de sessenta por cento?

— Vinte e cinco — disse McFay, sem pensar.

— Cinquenta e cinco?

— Trinta e cinco.

— Quarenta e nove por cento?

— Negócio fechado!

Os dois riram e Malcolm disse o que McFay estivera pensando:

— Se as ações dobrarem. — E acrescentou, sério: — Se tal não acontecer, encontrarei outro meio.

McFay fitou-o pelo que pareceu um longo tempo, a mente repleta de perguntas, mas sem respostas. Por que Malcolm mudou? Por causa de Heavenly? O negócio da correspondência? O duelo? Claro que não. Por que ele quer conversar com o almirante? Por que gosta de Gornt, que é acima de tudo um astuto?

E por que falei sim, que pretendo ir embora, antes de pensar duas vezes, tomando uma decisão em que venho pensando há meses, que devo assumir o risco antes de morrer? Ele viu Malcolm observando-o, fraco no corpo, mas tranqüilo e firme. Retribuiu o sorriso, contente por estar vivo.

— Sei disso. E tenho certeza que vai conseguir.

Angelique fazia sua sesta antes do jantar, um fogo de carvão brilhando alegre no braseiro. As janelas estavam fechadas contra o vento, e ela se enroscava sob as cobertas e lençol de seda, meio adormecida, meio desperta, uma das mãos entre as pernas, como Colette lhe ensinara no convento, quando se deitavam na mesma cama depois que as freiras haviam deixado o dormitório, a roncar por trás das cortinas de seus cubículos. Acariciando-se, beijando-se, sussurrando e rindo sob as cobertas, as duas jovens partilhavam segredos, sonhos e desejos, fingindo serem amantes adultas... como era descrito nos folhetins românticos que circulavam nas ruas, proibidos, mas contrabandeados pelas criadas, e passando de mão

em mão entre as alunas, tudo faz-de-conta, saudável, divertido e inofensivo.

Sua mente se projetara para Paris, ao encontro do futuro maravilhoso pela frente, Malcolm contente ao seu lado, ou já tendo saído para o escritório da Struan, agora sediado em Paris, rico e alto, seus problemas de saúde apenas uma lembrança distante, os problemas dela nem sequer uma lembrança, um filho no quarto ao final do corredor da mansão, velado por uma babá e outras criadas, o corpo dela outra vez forte e saudável, como agora, o parto fácil. Faria uma visita com Colette à fábrica de seda fabulosamente bem-sucedida da Struan, que ela persuadira Malcolm a construir, depois de aprender tudo sobre a cultura do bicho-da-seda. Ela acabara de escrever:

Ah, Colette, esses insetos são extraordinários, comem folhas de amoreira como alimento, depois a gente seca os casulos e desenrola a seda... Nunca pensei que pudesse me sentir tão interessada. Vargas é o meu informante secreto, e trouxe o vendedor de seda para me mostrar alguns, mas preciso tomar o maior cuidado. Comecei a falar sobre a minha idéia para uma fábrica com Malcolm e Jamie, e eles riram. Malcolm me disse para não ser tola, a produção de seda era um negócio bastante complexo (como se eu não soubesse) e que não devia preocupar minha cabeça com coisas assim. Acredito que eles querem que sejamos casulos, para nos

usarem e abusarem a seu capricho, e isso é tudo. Colette, mande-me todos os livros sobre seda que puder encontrar...

Seria maravilhoso possuir seu próprio escritório, e uma porção de dinheiro, pensou ela. Vivendo em Paris, poderei fazer visitas a Londres, de vez em quando a Hong Kong, com jantares, saraus e bailes espetaculares para meu príncipe encantado e seus amigos especiais...

Ela olhou para a carta, em cima da escrivadinha, já lacrada. Mais segredos partilhados, pelo menos em parte.

Esse Edward Gornt está se tornando um amigo de verdade, encantador e atencioso, um amigo de verdade, não como André. Tenho certeza, minha querida Colette, que ele será um amigo pelo resto da vida, porque Malcolm também parece gostar de sua companhia. O que é muito estranho, já que Edward trabalha para

aqueles horríveis Brocks, sobre os quais já lhe escrevi, e para Norbert Greyforth, que parece mais venenoso a cada dia que passa, como o bruxo que ele é! Esta noite teremos outro GRANDE sarau. Todos vão comparecer, André tocará ao piano, Edward é um dançarino e tanto, leve como uma borboleta...

Ela não escrevera que na última vez em que haviam dançado, em um jantar oferecido por Sir William, ele segurara sua mão de maneira diferente, perigosa, com pressões suficientes para serem expressivas, até um momento em que seu dedo mínimo se contraía para tocar no dela: a linguagem dos amantes, quero você na cama, sim ou não, e quando... não diga não!

Ela retirara a mão, com frieza, firme. Gornt nada dissera, seus olhos sorriam, e ela sabia que ele sabia que não estava realmente zangada, apenas era inacessível, comprometida.

E também não estava zangada com André, zangada de verdade. Poucos dias antes, haviam se encontrado por acaso na legação francesa.

— Você está muito bem, Angélique. Fico contente em vê-la. Podemos conversar por um momento, em particular?

Ela respondera que sim, e quando se encontravam a sós, André falara do dinheiro que lhe emprestara.

— Estou numa situação difícil. Poderia me pagar, por favor?

— Mas pensei... que a outra transação cobriu isso.

O coração de Angélique quase parara, ao lembrar-se do estratagema dos brincos perdidos.

— Lamento, mas não cobriu. Só deu para pagar os conselhos e medicamentos da *mama-san*.

Ela corara subitamente.

— Combinamos não mencionar o assunto, nunca mais, não se lembra? — murmurara ela, querendo gritar com ele por violar o acordo solene. — Nunca aconteceu, foi isso o que acertamos... não passou de um pesadelo!

— Concordo, nunca aconteceu, mas foi você quem mencionou a transação, Angelique, e eu não falei a respeito, apenas sobre o dinheiro. Sinto muito, mas preciso com urgência.

O rosto de André se tornara frio. Cautelosa, ela reprimira sua raiva, amaldiçoando-o por perturbar sua paz. Convencera-se de que nada jamais acontecera. e exceto pelo único homem que podia contestá-la, nada acontecera mesmo. Essa era a verdade. Exceto para ele.

— Sobre o dinheiro, meu caro amigo, eu o devolverei assim que puder. Malcolm não me dá dinheiro, como sabe, apenas me deixa assinar vales.

— Neste caso, talvez seja melhor providenciarmos outra “perda”.

— Não! — protestara ela, a voz suave, pondo a mão no braço de André para atenuar o relance de irritação. — Essa não é uma boa idéia.

Embora ela tivesse eliminado todo o incidente da mente, em sua maior parte, sempre que voltava para atormentá-la, em particular à noite, tinha consciência de que fora um erro terrível.

— Talvez eu possa pensar em outro meio.

— Preciso do dinheiro agora, até quarta-feira, o mais tardar. Sinto muito.

— Tentarei arrumá-lo. Juro que tentarei.

E fora o que fizera. No dia anterior falara com Henri Seratard, suplicara em lágrimas, dizendo que precisava do dinheiro para uma

surpresa que faria a Malcolm, que sempre ficaria em dívida com ele, e assinara outro papel, apresentando seu anel de noivado de diamante como garantia.

Com toda sensatez, tomara emprestado o dobro do que devia. E naquela manhã pagara André, que lhe agradecera. Não havia motivo para continuar zangada com ele. É um bom amigo, de confiança, e me emprestou o dinheiro. Para que eu precisava? Esqueci, *Sans faire rien*, era uma dívida saldada. Entregara a metade do resto a McFay.

— Jamie, poderia enviar isto para minha querida tia em Paris? Ela é pobre e meu querido tio também.

Sentira-se satisfeita por finalmente poder ajudá-los, e mais ainda porque, como esperava, McFay contara a Malcolm, que a interrogara a respeito.

— Ah, meu querido, pedi emprestado a *monsieur* Seratard. Não queria pedir dinheiro a você e não podia mandar um vale assinado. Espero que não se importe, mas ofereci algumas jóias como garantia.

Ele a censurara e dissera que cuidaria da dívida com Seratard, mandaria Jamie providenciar um fundo para ela, contra o qual poderia sacar, bastava avisá-lo do destino do dinheiro, e que dobraria o que desejasse enviar aos tios.

E tudo muito fácil quando se usa a inteligência. Um calor percorreu seu corpo ao recordar como lhe agradecera por sua gentileza, beijando-o afetuosamente e como ele retribuía. Teria gostado de ir além, muito além.

Seus dedos a distraíram. A sensualidade suave e experiente agradou-a, fechou os olhos e se imaginou com Colette, só que isso não durou muito. Como sempre, *e/e* assomou em primeiro plano à sua mente, intenso, quase vivo, trazendo os detalhes do último encontro, quando ela se tornara deliberadamente devassa e fizera tudo que sonhara ser possível... para salvar sua vida, sem saber que gostaria tanto quanto *e/e*.

Querida Virgem Maria, ambas sabemos que foi apenas para salvar minha vida... não é verdade? Mas também é verdade... ah, como sou afortunada em poder lhe falar com toda franqueza, diretamente, sem ter de passar por aquele horrível padre Leo... mas também é verdade, aqui entre nós, mulheres, que de alguma forma devemos nos livrar *de/e*, da lembrança das duas noites e do êxtase, antes que isso me leve à insanidade.

Raiko estava irritada.

— *Furansu-san*, aceitarei este pagamento parcial, mas nosso acordo foi bastante claro e objetivo.

— Sei disso. — André detestava ficar devendo, uma fobia, para ela mais do que a qualquer outra pessoa, não apenas porque a obrigação de pagar dentro do prazo vinha lhe causando pesadelos, mas também porque Raiko controlava sua Hinodeh por completo, e suspenderia o relacionamento sem hesitação, caso não cumprisse o acordo. E neste caso ele se mataria. — Muito em breve poderei lhe dar um grande pagamento. Brincos.

— Ah, então é isso? Ótimo. — Raiko sorriu. — Posso presumir que Hinodeh continua a seu gosto, ainda o agrada?

Suas preocupações o abandonaram por um momento abençoado.

— Ela... é tudo com que eu sonhava. Mais até. Raiko sorriu de uma maneira estranha.

— É insensato ser tão franco, meu amigo.

Um dar de ombros gaulês.

— Você me prestou o favor de uma vida inteira. Não tenho palavras suficientes para agradecer.

Os olhos faiscaram no rosto redondo de Raiko, já inchado de tanto beber, embora ainda fosse o crepúsculo. A maquilagem era boa, o

quimono caro, o fim de tarde frio, mas seus aposentos eram aquecidos, e toda a estalagem convidativa.

— Ouvi dizer que sua princesa *gai-jin* anda muito saudável.

— É verdade. — Por um momento, André pensou em Angelique, com sua permanente sexualidade. — Acho que ela daria uma excelente dama da noite.

Raiko inclinou a cabeça para um lado, incapaz de resistir à tentação de levar o comentário a sério.

— Seria muito interessante para mim. Poderia obter os melhores preços... os melhores mesmo... muitos em Iedo pagariam alto para experimentar uma pessoa assim. Conheço um rico mercador de arroz, muito rico e muito velho, ela não teria a menor dificuldade para satisfazê-lo, que pagaria uma grande quantia para ser o primeiro a examinar um portão de jade desse tipo, e seria fácil ensinar a ela como se tornar uma virgem de novo, *neh?*

André riu.

— Falarei com ela. Talvez um dia...

— Ótimo. O melhor preço e tudo em segredo. Esse mercador de arroz... ak quanto ele pagaria! Ela não apresenta outros sinais?

— Outros sinais? Que tipo de sinais?

— O medicamento varia para diferentes damas. Às vezes pode torná-la muito mais... muito mais ardentes, mais difíceis de satisfazer. Às vezes aumenta a possibilidade de engravidar, às vezes destrói toda e qualquer possibilidade. Estranho, *neh?*

Ele não se sentia mais divertido.

— Não me contou isso antes.

— Faria alguma diferença?

Depois de um momento, André sacudiu a cabeça. Ela tomou um gole de saquê.

— Por favor, perdoe-me por falar em dinheiro, mas um oban de ouro não compra mais o que deveria comprar. As autoridades aviltaram nossa moeda e fedem, como peixe de oito dias misturado com bosta de cachorro!

— Tem toda razão.

Ele não entendera todas as palavras, mas absorvera o sentido de autoridade e peixe podre e sentia a mesma repulsa. Seratard recusara-se a dar o adiantamento obre o salário que esperava, alegando escassez de fundos na legação.

— Mas só estou pedindo o que terá de me pagar ao longo do ano, Henri. Apenas umas poucas moedas de ouro. Não sou o seu mais valioso assessor aqui?

— Claro que é, meu caro André, mas não se pode tirar vinho de um barril vazio... apenas uma enxaqueca!

Ele bem que tentara outro recurso, mas fora em vão. Portanto, agora só lhe restavam dois caminhos. Angelique ou aquela *mama-san*.

— Raiko-san, você é muito esperta, eu acho. Deve haver uma maneira de nós dois aumentarmos o dinheiro normal, *neh*? O que podemos vender?

Ela baixou os olhos para a mesa, a fim de esconder a expressão que havia neles, e indagou:

— Saquê?

Serviu sem esperar por uma resposta. Por ele, o saquê era frio. Os olhos de Raiko eram fendas mínimas, e se perguntou até que ponto podia confiar nele. Como um gato pode confiar num camundongo acuado.

— Informação tem um preço. *Neh?*

Ela falou em tom de indiferença. André fingiu estar surpreso, deliciado por ela ter mordido a isca com tanta facilidade. Até demais? Provavelmente não. Ela ser apanhada pelo *Bakufu*, ou ele por seus superiores, acarretava a mesma penalidade: uma morte agoniada.

Sir William pagaria muito bem pela informação certa, Henri não pagaria coisa alguma... que Deus despachasse os dois para o inferno!

— Raiko-san, o que está acontecendo em Iedo?

— Mais importante, o que está acontecendo aqui? — disse ela no mesmo instante, iniciando as negociações. — Guerra, não é? Terrível! A cada dia, mais soldados disparando no estande de tiro, mais canhões atirando, assustando minhas damas.

— Por favor, fale mais devagar.

— Ah, sinto muito.

Raiko passou a falar de forma mais pausada, dizendo como a Yoshiwara se encontrava assustada, descrevendo um quadro local interessante, mas sem nada que ele já não soubesse. E André disse coisas sobre a esquadra e o Exército que tinha certeza que ela também já sabia. Beberam em silêncio, e depois Raiko murmurou:

— Acho que certas autoridades pagariam muito para saber o que o líder *gai-jin* planeja fazer, e quando.

Ele acenou com a cabeça.

— Sei disso. Também acho que o nosso líder pagaria muito para saber tudo sobre as forças samurais do Nipão, onde se concentram, quem comanda, sobre esse tairo que envia mensagens tão grosseiras.

Raiko exibiu um sorriso radiante, levantou sua taça de porcelana.

— A uma nova sociedade. Muito dinheiro por uma pequena conversa. Ele brindou e disse, cauteloso:

— Uma pequena conversa, sem dúvida, mas deve ser uma pequena coisa importante, para se obter um dinheiro de verdade.

Raiko simulou estar chocada.

— Por acaso sou uma prostituta de terceira classe sem qualquer cérebro? Sem honra? Sem compreensão? Sem ligações, sem... — Mas ela não pôde continuar assim, e soltou uma risada. — Nós dois

nos entendemos muito bem. Venha amanhã, ao meio-dia, e conversaremos. Agora, vá ver sua adorável Hinodeh. Aproveite-a, e aproveite também a vida, enquanto todos nós ainda a temos.

— Obrigado, mas não agora. Por favor, avise-a que chegarei mais tarde. — André sorriu para ela, apreciando-a. — E você, Raiko?

— Não tenho nenhuma Hinodeh para procurar, com que sonhar, para escrever poemas, e me encher de êxtase. Outrora foi diferente, mas agora sou mais sensata, gosto de saquê e de ganhar dinheiro, de ganhar dinheiro e saquê. Saia agora. — Ela soltou uma risada brusca. — Mas volte amanhã. Ao meio-dia.

Depois que ele se retirou, Raiko mandou que as criadas trouxessem mais saquê, só que desta vez quente, e não mais a incomodassem. Vendo tanta cordialidade no rosto de André, misturada com a profundidade de sua paixão por Hinodeh, ela experimentara o início da tristeza, e por isso o despachara.

Não podia permitir uma testemunha de sua angústia, das lágrimas abjetas que derramou, incapaz de contê-las, incapaz de controlar seu sofrimento, ao mesmo tempo em que desprezava a fraqueza interior que lhe impunha um frenético anseio por sua juventude,

pela moça que já fora, desaparecida há bem pouco tempo atrás, para nunca mais voltar.

Não é justo, não é justo, não é justo, lamentou-se ela, erguendo a taça. Não sou a velha megera que contemplo no espelho, eu sou eu, Raiko, a bela, cortesã de segunda classe, eu sou eu, sou eu, sou eu...

— Ah, Otami-sama — disse o *shoya*. — Boa noite. Sente-se, por favor. Chá? Saquê? Lamento incomodá-lo de novo, mas acabo de receber uma mensagem de meus superiores. Chá?

Hiraga sentou na almofada em frente, na sala agradável, contendo sua impaciência. Agradeceu e aceitou a xícara obrigatória.

— Como vai? — perguntou ele, polido, o coração batendo mais depressa do que gostaria.

— Preocupado, Otami-sama. Parece que os *gai-jin* estão muito determinados desta vez, há movimentos de tropas em demasia, os navios preparam seus canhões, correm rumores sobre a chegada de mais navios. Soube alguma coisa de seu *gai-jin* Taira?

Hiraga já pensara a respeito. Tyrer e todo o pessoal da legação andavam agitados desde o ultimato do tairo Anjo, Sir William gritando mais do que o habitual, Johann o intérprete passando horas trancado com Tyrer, reescrevendo cartas para o *Bakufu*, só de vez em quando lhe pedindo para refinar uma frase.

— É mais fácil se me mostrar a carta, Taira-sama — dizia ele, sempre, querendo saber o que seria enviado.

— Está certo, mas só esta frase, por enquanto... — sempre respondia Taira, inquieto, todos os dias a mesma coisa, o que aumentava a apreensão de Hiraga.

Era evidente que já não confiavam nele como antes, e isso depois que passara dia e noite trabalhando para aprender a língua deles, e lhes dera uma porção de informações. Cães *gai-jin* desprezíveis, pensara ele, com medo de que a qualquer dia Sir William pudesse ordenar sua expulsão, já que seu cartaz ainda ocupava lugar de destaque na casa da guarda dos samurais, com as patrulhas de vigilantes verificando todos os japoneses que entravam e saíam da colônia.

As patrulhas de vigilantes não deveriam ser permitidas. Os *gai-jin* são idiotas demais... com o poder marítimo que possuem, eu não permitiria “guardas inimigos” num raio de uma légua! Anjo também é um idiota, por se enfurecer com eles, usando maneiras tão vis, tanta arrogância, quando a esquadra ainda se encontra aqui. Todos enlouqueceram no Conselho de Anciãos!

— As autoridades *gai-jin* me dizem muitas coisas, *shoya* — murmurou ele. — Por sorte, estou a par de seus segredos. É possível que eu possa avisá-lo a tempo se algum perigo lhe ameaçar. Enquanto isso, aconselhei-os a tomarem cuidado para não incomodá-lo, nem à aldeia.

O *shoya* inclinou-se até o tatame, agradecendo, e depois comentou:

— Estes são momentos terríveis, a guerra é terrível, e os impostos serão aumentados de novo.

Otimo, pensou Hiraga, a cabeça doendo, tem condições de pagar, mas isso não vai fazer com que você ou qualquer outro da Gyokoyama coma ou beba menos, nem que suas esposas e mulheres se vistam com menos luxo, mas apenas seus fregueses. Parasitas! Já estão violando as antigas leis da extravagância ao permitirem que suas mulheres usem cores proibidas nas roupas, como o vermelho, e ao fazerem o que bem quiserem em suas casas, sem qualquer repressão do *Bakufu*, o que é uma estupidez. Quando assumirmos o poder, haverá um ajuste de contas.

Vamos, velho tolo, fale logo o que quer. Não posso desperdiçar a noite inteira aqui, e não vou me rebaixar e perguntar. Tenho mais estudos a fazer esta noite e outro livro para tentar ler.

Talvez eu possa resguardar seus interesses — disse ele, incisivo.

Mais uma vez, o *shoya* agradeceu.

A mensagem que recebi se relacionava com a moça sobre a qual você perguntou. Há quatro dias lorde Yoshi deixou Quioto, em segredo, pouco antes do amanhecer, com um pequena escolta, disfarçado como um dos soldados. Ela também foi. No grupo... Está se sentindo bem, Otami-sama?

— Estou, sim — balbuciou Hiraga. — Por favor, continue, *shoya*.

— Claro. No grupo ainda seguia, montada, a cortesã Koiko, a moça que é sua nova *maiko*...

— Nova o quê? — murmurou Hiraga, o nome “Koiko”, com tudo o que implicava, ressoando por todos os cantos de sua mente.

— Por favor, posso lhe oferecer chá ou saquê? — indagou o *shoya*, percebendo o impacto de sua notícia. — Ou talvez uma toalha quente. Posso pedir alguma coisa...

— Não, continue — pediu Hiraga, a voz rouca.

— Não há muito mais. Como sabe, a dama Koiko é a mais famosa das cortesãs de Iedo e, agora, a companheira de lorde Yoshi. A moça lhe foi encaminhada há dez dias.

— Por quem?

— Ainda não sabemos, Otami-sama — disse o *shoya*, guardando essa informação para outra ocasião. — Parece que a dama Koiko aceitou a moça como *maiko* depois que ela foi pessoalmente entrevistada e aprovada por lorde Yoshi. É a única outra mulher na comitiva. Seu nome é Sumomo Fujahito.

Não há equívoco, Hiraga teve vontade de gritar, esse é o codinome que Katsumata deu a ela; portanto, ele a despachou para o ninho das vespas, mas por quê?

— Em que direção lorde Yoshi seguiu?

— Há quarenta samurais acompanhando-o, todos montados, mas sem carregar estandartes, e o próprio lorde Yoshi, como eu disse, está disfarçado. Saíram de Quioto pouco antes do amanhecer, há três dias, seguindo pela Tokaidô em marcha forçada, a caminho de Iedo, pelo que presumem meus superiores.

O *shoya* ocultou seu espanto pela veemência no rosto do jovem.

— Marcha forçada, hem? Quando eles poderiam alcançar Kanagawa?
— Era a última estação de posta antes de Iedo. — Daqui a dez ou doze dias?

— É bem provável, embora com duas mulheres viajando... minha mensagem dizia que as duas cavalgavam... mas já mencionei isso... ah, sim, esqueci, lorde Yoshi disfarçava-se como um *ashigaru* comum. Mas suponho que é possível alcançarem Kanagawa nesse prazo.

Atordado, Hiraga tomou mais saquê, mal sentindo o gosto, agradeceu pela informação, disse que tornariam a se encontrar no dia seguinte e saiu, seguindo para a choupana na aldeia que partilhava com Akimoto.

As ruas da aldeia estavam quietas. As lojas fechavam ao anoitecer. As luzes por trás das telas de *shoji* faziam com que as habitações parecessem convidativas. Exausto, em turbilhão pela notícia, ele tirou a cartola, passou os dedos pelos cabelos, coçou o crânio, ainda não de todo acostumado à cabeleira ao estilo europeu, embora já mal notasse o desconforto da calça e do colete e se sentisse contente por usá-los, contra o frio da estação. Nem mesmo coçar vigorosamente atenuou a confusão e a dor na cabeça; por isso, ele sentou num banco próximo — difícil se agachar naquela calça justa — e contemplou o céu.

Koiko! Lembrava-se das duas ocasiões em que estivera com ela, uma ocasião à tarde, e a outra durante a noite. As duas haviam sido caras, bem caras, mas valeram a pena. Katsumata lhe dissera que nunca mais encontraria uma textura de pele assim, nem cabelos tão sedosos, nem tamanha fragrância, nem uma risada tão gentil nos olhos de uma mulher, jamais conseguiria experimentar outra vez tanto calor, explodindo pelo corpo, deixando-o com vontade de morrer, numa alegria intensa.

— Ah, Hiraga, morrer naquele momento — dissera Katsumata —, no auge, e levar isso com você para o além... se é que existe um além... seria a perfeição. Ou se não há nenhum além, ter a certeza ao saltar para o nada que experimentou o melhor, morrer no zênite... não seria uma totalidade de vida?

— É verdade, mas acho que é um tremendo desperdício. Por que treiná-la para Yoshi?

— Porque ele é a grande chave para *sonno-joi*, a favor ou contra, e porque ela é a única que já conheci que pode encantá-lo e, assim, atraí-lo para o nosso lado ou despachá-lo para o além. Ele pode ser a chave para *sonno-joi*, a favor ou contra... e esse é um segredo nosso, meu e seu... mas é claro que morrerá de qualquer maneira, no momento que nós decidirmos.

Isso significa que Katsumata enviou Sumomo para ser a adaga do ato? Ou foi para manter Koiko a salvo de traidores? Ou até mesmo para resguardar Yoshi de um traidor interno?

Eram muitas perguntas sem respostas.

Hiraga levantou-se, recomeçou a andar, a cabeça doendo mais do que nunca. Amanhã Akimoto irá com Taira a um navio de guerra. Hiraga pedira para ir também, mas não fora atendido.

— Sinto muito — dissera-lhe Tyrer. — Sir William autorizou seu amigo, Sr. Saito, a me acompanhar, mas só ele. E sem armas, é claro. É verdade que a família dele é a maior construtora de navios de Shimonoseki?

— É, sim, Taira-sama. O pai dele é o chefe da família.

— Mas os samurais não têm permissão para tratar de negócios.

— Isso é correto, Taira-sama — dissera ele, pois Tyrer era um discípulo esperto demais, e tinha de fazer com que a mentira parecesse verdadeira. — Mas muitas famílias de samurais fazem acordos com emprestadores de dinheiro e fazedores de barcos para cuidarem do trabalho, *neh?* A família dele é muito importante.

Uma semana antes, ele introduzira o caso de Akimoto, com essa ficção, durante uma de suas intermináveis reuniões com Sir William, na qual ficara de pé, respondendo a perguntas, e descobrindo bem pouca coisa em resposta.

— Seu nome é Saito, Sir William, família rica, vir aqui para ver navios da grande marinha britânica, ouvir grandes histórias sobre a grande marinha britânica. Talvez os dois poder trabalhar juntos, poder fazer fábrica de grandes navios.

Não chegava a ser uma mentira total. Por gerações, os antepassados de Akimoto viveram numa aldeia de pescadores, uma das três famílias de *ashigari* que agiam ali como uma espécie de policiais para o pai de Hiraga, chefe da família de *hirazamurai* mais próxima, também há gerações. Akimoto, pessoalmente sempre se interessara pelo mar e navios de guerra. O pai de Hiraga arrumara para que Akimoto ingressasse na escola de samurais de Choshu, ordenando-lhe que aprendesse tudo o que pudesse do marujo holandês que era o *sensei*, porque muito em breve o *daimio* Ogama precisaria de oficiais para comandar os navios de Choshu e para liderar sua marinha.

— Ah, primo, ainda não posso acreditar que conseguiu persuadi-los a me deixar aprender seus segredos de guerra — comentara Akimoto anteontem.

Hiraga suspirou. Já percebera que qualquer coisa relacionada com “negócios” atraía a atenção imediata dos *gai-jin*. Poesia, nem um pouco, caligrafia, muito menos, a fabricação de espadas apenas um pouco, política, sim, mas apenas no que afetava o comércio, mas a oportunidade de fazer alguma coisa para vender por lucro — qualquer coisa, um navio ou um canhão, uma taça, uma faca, uma

peça de seda — proporcionava resultados imediatos. Eles são piores que os ricos mercadores! Alimentam-se de dinheiro!

Ontem à noite, Akimoto bebera além da conta, o que era raro, e começara a divagar sobre dinheiro e os *gai-jin*.

— Você tem razão, Hiraga, esse é um dos segredos deles: o culto ao dinheiro. Dinheiro! Você é muito esperto ao perceber isso tão depressa! Olhe só para aquele cão que é o *shoya*! Repare como ele se torna todo ouvidos quando você conta o que Taira ou aquele outro cão *gai-jin* disseram sobre seus métodos sujos de negócios, como extorquem dinheiro dos outros por todos os meios que puderem, chamando de lucro, como se lucro fosse uma palavra pura, alimentando uns aos outros como piolhos. Quando você fala sobre dinheiro, aquela cabeça de peixe podre que é o *shoya* não oferece seu melhor saquê, para encorajá-lo a dizer mais e mais? Claro que sim. Ele é como os *gai-jin*, idolatra o dinheiro, arrancando-o de nós, samurais, deixando-nos a cada ano mais endividados, quando não cria nada, absolutamente nada! Deveríamos matá-lo e fazer o que Ori disse, incendiar esta cloaca fedorenta...

— Acalme-se! Qual é o problema?

— Não quero me acalmar. Quero ação, uma luta, ataque! Estou cansado de ficar sentado a esperar.

Akimoto estava afogueado, a respiração pesada, olhos injetados, e não apenas de saquê. Seu punho enorme batera no tatame.

— E estou cansado de ver você estudar durante a noite inteira, a cabeça num livro. Se não tomar cuidado, vai estragar seus olhos, arruinar o braço da espada, e será um homem morto. Atacar, é para isso que estamos aqui... quero *sonno-joi* agora, não mais tarde!

— Sem conhecimento e paciência... quantas vezes tenho de lhe dizer isso?

Parece com Ori ou aquele tolo do Shorin. Por que se mostra tão ansioso em por a cabeça no garrote dos vigilantes?

— Não é isso, mas... Você tem razão, Hiraga. Por favor, desculpe, mas...

A voz definhara, e Akimoto tomara mais saquê.

— O que lhe está realmente perturbando? A verdade.

Akimoto hesitara.

— Soube por meu pai. — Depois de um momento, as palavras saíram num fluxo rápido. — A carta chegou através da *mama-san* de Kanagawa... há fome na aldeia, em todo o distrito, sua família também foi afetada, lamento informar. Dois de meus primos pequenos já morreram. Três dos meus tios renunciaram à condição de samurais e suas espadas... venderam-nas como parte do pagamento ao prestador de dinheiro, espadas que usaram em Sekigahara... para se tornarem pescadores, pelo menos estão trabalhando nas redes para os donos dos barcos, do amanhecer ao anoitecer, só para ganhar um pouco de dinheiro! Tomiko, a filha viúva de uma tia, que vive conosco, teve de vender sua menina pequena para um corretor de crianças. Recebeu o suficiente para alimentar o resto da família por meio ano... os dois filhos e o pai inválido. Uma semana depois ela deixou o dinheiro no bule do chá, para que minha mãe o encontrasse, e jogou-se do penhasco. O bilhete dizia que tinha o coração partido por ser obrigada a vender a própria filha, mas o dinheiro podia ajudar a família, e não devia ser desperdiçado com outra boca inútil...

As lágrimas escorriam por suas faces, mas não havia qualquer som de choro na voz, apenas raiva.

— Uma ótima moça, excelente esposa de meu amigo Murai... lembra dele, um dos nossos *ronin* de Choshu, que morreu no ataque ao tairo Li? Estou lhe dizendo, primo, é horrível ser samurai quando você perde a honra, não recebe um estipêndio, não tem para onde ir, e ser *ronin* é ainda pior. Mesmo assim, eu... mas você tem razão mais uma vez... acho que teremos de imitar os repulsivos *gai-jin* se quisermos navios de guerra, até eu sei que eles não crescem em arrozais, e devemos encontrar meios para ganhar o sórdido dinheiro e ser como os sórdidos mercadores de arroz e emprestadores de dinheiro. O sórdido dinheiro, os sórdidos *gai-jin*, os sór...

— Pare com isso! — interrompera-o Hiraga, o tom ríspido, estendendo outro frasco com saquê. — Você está vivo, trabalhando por *sonno-joi*, amanhã visitará um navio de guerra para aprender, e isso é suficiente, primo.

Atordado, Akimoto balançara a cabeça, enxugando as lágrimas.

— Havia mais notícias? De meu pai, minha família?

— Leia você mesmo.

E ele lera: Se Hiraga estiver com você, diga a ele que sua família se encontra numa situação difícil, a mãe está doente, eles não têm dinheiro nem crédito. Se de tiver condições de mandar algum, ou arrumar um crédito, salvará vidas... mas é claro que o pai dele jamais pedirá. Diga-lhe, também, que sua futura esposa ainda não chegou aqui, e que seu pai teme pela segurança dela.

Não há nada que eu possa fazer por eles agora, pensou Hiraga, aproximando-se do refugio na aldeia, outra vez angustiado. O vento da noite aumentou, agitando os telhados de colmo, mais frio do que antes. Não há nada que eu possa fazer, o sórdido dinheiro! Akimoto está certo. Devemos executar o plano de Ori. Uma noite como esta seria ideal. Duas ou três cabanas incendiadas e o vento sopraria as chamas de casa em casa, provocando um grande incêndio. Por que não esta noite? Assim, os sórdidos *gai-jin* teriam de embarcar em seus navios, e iriam embora Ou será que não? Não estarei apenas me iludindo, e nosso karma é ser dominado por eles?

O que fazer?

Katsumata sempre disse: Quando em dúvida, aja!

Sumomo? A caminho de Iedo? Sua pulsação acelerou, mas nem mesmo a lembrança dela removeu o remorso por sua família. Devemos casar agora, casar aqui, enquanto há tempo? É impossível voltar para casa, a viagem levaria meses, e é vital continuar aqui, o pai compreenderá.

Ou será que não? É mesmo vital ou apenas tento me enganar? E por que Katsumata mandou Sumomo ficar junto de Yoshi? Ele não a arriscaria por nada.

Nada! Eu não sou nada. Do nada para o nada, fome de novo, sem dinheiro, sem crédito, sem qualquer meio de ajudar. Sem *sonno-joi*, não há nada que possamos fazer...

E, de repente, foi como se uma pele que encobria parte de sua mente se desfizesse, e ele recordou Jamie explicando alguns aspectos dos negócios dos *gai-jin* que o haviam chocado. Momentos

depois, Hiraga bateu de novo na porta do *shoya*, e sentou-se à sua frente.

— *Shoya*, achei que deveria mencionar, para que possa se preparar. Creio que persuadi o mestre em negócios dos *gai-jin* a recebê-lo em sua mansão, depois de amanhã, pela manhã, para responder a perguntas. Serei seu intérprete.

O *shoya* agradeceu, e se inclinou para ocultar sua intensa satisfação. Hiraga continuou, a voz suave:

— *Jami Mukfey* me disse que era um costume *gai-jin* cobrar um pagamento, por isso e por todas as outras informações que já lhe forneceu. O equivalente a dez koku.

Ele enunciou a quantia espetacular como se fosse uma ninharia, e viu o *shoyn* empalidecer, mas não explodir, como esperava, por ouvir tamanha mentira.

— Impossível! — disse o *shoya*, a voz estrangulada.

— Foi o que eu disse a ele, mas *Mukfey* insistiu que você, como homem de negócios e banqueiro, compreenderia como suas informações eram valiosas, e que até consideraria a possibilidade...
— Mais uma vez Hiraga fez um esforço para se controlar. —... de ajudá-lo a começar um negócio, o primeiro de seu tipo, ao estilo *gai-jin*, para negociar com outros países.

Não chegava também a ser uma mentira total. McFay dissera-lhe que teria interesse em se encontrar e conversar com um banqueiro japonês — Hiraga exagerara a importância do *shoya* e sua posição na Gyokoyama — que mais ou menos qualquer dia seria conveniente, com um aviso prévio de um dia, e que haveria muitas oportunidades para cooperação.

Ele observou o *shoya*, exultante ao ver tanta transparência, o homem visivelmente excitado pelas oportunidades potenciais de usar os conhecimentos de *Mukfey* para o lucro e ser o primeiro a realizar um negócio assim.

— Muito importante ser o primeiro — explicara *Mukfey*. — Seu amigo japonês compreenderá isso, se for de fato um homem de negócios. É fácil para mim ajudá-lo com os nossos negócios com

seda e fácil também para seu amigo japonês fazer a mesma coisa com outros produtos e conhecimentos japoneses.

Hiraga precisara fazer um tremendo esforço para compreender o que o homem dizia. Deixou agora o *shoya* sonhar e se preocupar por um momento, antes de acrescentar:

— Embora eu não entenda as questões de negócios, *shoya*, talvez consiga reduzir esse preço.

— Se conseguisse isso, Otami-sama, agradaria muito a um pobre velho, um mero servidor da Gyokoyama, pois eu teria de suplicar a permissão de meus superiores para pagar qualquer coisa.

— Talvez eu possa reduzir para três koku.

— Meio koku talvez seja possível.

Hiraga censurou a si mesmo. Esquecera a Regra de Ouro Número Um, como *Mukfey* a chamara:

— Ao negociar, seja paciente. Sempre pode reduzir o preço, mas nunca pode tornar a subi-lo. Outra coisa: nunca tenha medo de rir, chorar, gritar ou fingir que vai embora.

Agora, ele disse:

— Pedindo dez, duvido que *Mukfey* queira reduzir abaixo de três.

— Meio já é muito alto.

Se tivesse uma espada, ele poria a mão no punho e diria: “Três ou corto sua cabeça asquerosa!” Em vez disso, balançou a cabeça, com um ar de tristeza.

— Tem toda razão.

Hiraga começou a se levantar.

— Talvez meus superiores concordem com um.

Hiraga já estava quase na porta.

Sinto muito, *shoya*, mas eu ficaria constrangido se tentasse barganhar tão barato um...

— Três!

O *shoya* ficara vermelho. Hiraga tornou a sentar. Demorou um pouco a se ajustar ao novo mundo e só depois disse:

— Tentarei fazer o acerto em três. Estes são momentos difíceis. Acabo de saber que há fome na minha aldeia, em Choshu. Terrível, *neh?*

Ele viu os olhos do *shoya* se contraírem.

— É, sim, Otami-sama. Muito em breve haverá fome por toda parte, até mesmo aqui.

Hiraga balançou a cabeça.

— Sei disso.

Ele esperou, deixando que o silêncio se tornasse opressivo. *Mukfey* explicara o valor do silêncio na negociação, que uma boca fechada no momento oportuno faz com que o oponente se sinta nervoso — pois a negociação é uma luta como qualquer outra — e obtém concessões que você nunca sonharia em pedir.

O *shoya* sabia que se encontrava acuado, mas ainda não determinara qual a extensão da armadilha, nem o preço que teria de pagar. As informações que recebera até agora valiam dez vezes mais que aquela quantia. Mas seja cauteloso, esse homem é perigoso, esse Hiraga Otami-sama aprende muito depressa, pode ou não estar dizendo a verdade, pode ou não ser um mentiroso. De qualquer forma é melhor ter um samurai astuto do seu lado do que contra.

— Nos tempos difíceis, amigos devem ajudar amigos. É possível que a Gyokoyama possa arrumar um pequeno crédito para ajudar. Como já falei antes, Otami-sama, seu pai e a família são clientes respeitados e valiosos.

Hiraga reprimiu as palavras iradas com que, em circunstâncias normais, teria reagido a tratamento tão condescendente.

— Seria esperar demais — disse ele, tateando o caminho naquele novo mundo de lucro e perda... o lucro de uma pessoa é o prejuízo de outra, explicara *Mukfey* muitas vezes. — Qualquer coisa que a grande Gyokoyama puder fazer contará com meu reconhecimento. Mas a rapidez é muito importante. Posso ter a certeza de que eles compreenderão isso?

— Seria imediato. Providenciarei tudo.

— Obrigado. Talvez até eles considerem um crédito substancial, talvez um empréstimo direto, quem sabe de um koku... — Ele percebeu o brilho de raiva nos olhos, controlado no mesmo instante, e se perguntou se não teria ido longe demais. — ...por serviços prestados pela família.

Outro silêncio, e depois o *shoya* disse:

— No passado... e no futuro.

Os olhos de Hiraga se tornaram tão frios quanto os do *shoya*, embora sua boca também sorrisse. E ainda no novo mundo, não sacou o pequeno revólver que agora sempre carregava, não abriu um buraco nele por sua grosseria.

— Claro. — Uma pausa, e Hiraga acrescentou, a voz suave: — Até depois de amanhã, *neh?*

O *shoya* acenou com a cabeça, fez uma reverência.

— Até lá, Otami-sama.

Outra vez na rua, oculto pela noite, Hiraga permitiu que seu triunfo se elevasse com sua alma. Um koku inteiro e os créditos, agora só precisava imaginar como trocar os três koku que o *gai-jin Mukfey* não pedira, nem precisava, em arroz de verdade, ou dinheiro de verdade, que também pudesse enviar para o pai.

Tanto por tão pouco, pensou ele, exultante, ao mesmo tempo em que se sentia conspurcado, precisando de um banho.

Ah, almirante — disse Malcolm Struan —, podemos ter uma conversa em particular?

— Pois não, senhor.

O almirante Ketterer levantou-se, um dos vinte convidados ainda à mesa na sala grande do prédio da Struan, saboreando o porto, que Angelique deixara, antes de se retirar. Ketterer usava o uniforme para a noite, calça até os joelhos, meias brancas de seda, fivelas de prata nos sapatos, mais rubicundo do que o habitual, depois de devorar uma sopa hindu com caril, peixe grelhado, uma porção dupla de rosbife, pastelão de Yorkshire com batatas assadas, legumes importados da Califórnia, um bolo de galinha e faisão, pedaços de salame de porco fritos, seguindo-se uma torta de maçã seca californiana, com bastante do agora famoso creme da Casa Nobre, e, para encerrar, o *rerebit*, queijo derretido com cerveja e servido sobre torradas. Champanhe, xerez, clarete — Château Lafite de 1837, o ano em que a rainha Victoria subira ao torno —, porto e madeira.

— Bem que estou precisando de respirar um pouco de ar fresco — acrescentou o almirante.

Malcolm seguiu à frente para as portas laterais de vidro, a boa comida e o vinho amortecendo a dor. Fazia um pouco de frio lá fora, mas era revigorante, depois do ar abafado na sala.

— Charuto?

— Obrigado.

Número Um Chen pairava ao fundo com a caixa. Depois que os charutos foram acesos, ele desapareceu na fumaça.

— Viu minha carta hoje no *Guardian*, senhor?

— Vi, sim. Apresentou seus argumentos muito bem.

Malcolm sorriu.

— Se o ninho de vespas de protestos que agitou na reunião desta tarde serve de indicação, a carta expôs a sua posição com bastante clareza.

— Minha posição? Espero que seja a sua também.

— Claro, claro. Amanhã...

Ketterer interrompeu-o, um tanto brusco:

— Já que partilha uma posição absolutamente correta e moral, eu esperava que um homem com seu incontestável poder e influência assumiria a dianteira, de maneira formal, proibindo todo e qualquer contrabando nos navios da Struan, acabando logo com esse problema.

— Todo o contrabando já foi proscrito, almirante. Mas, devagar se vai bem longe. Dentro de um ou dois meses, isso acontecerá com a maioria.

O almirante limitou-se a altear as sobrancelhas hirsutas, soprou a fumaça do charuto, desviou sua atenção para o mar. A esquadra era

imponente, sob as luzes de ancoragem.

— Parece que pode haver uma tempestade esta noite ou amanhã. Eu diria que não é o tempo apropriado para um passeio, ainda mais em se tratando de uma dama.

Ansioso, Malcolm levantou os olhos para o céu, farejou o vento. Não havia sinais de perigo. O tempo no dia seguinte era uma grande preocupação e ele fizera de tudo para verificá-lo. E constatara, para sua alegria, que a previsão era a mesmo dos últimos dias, mar sereno, ventos amenos. Marlowe confirmara antes do jantar e embora ainda não tivesse recebido a aprovação final para zarpar — nem estivesse a par do verdadeiro motivo pelo qual Malcolm precisava embarcar, com Angelique —, a viagem estava marcada, no que lhe dizia respeito.

— É essa a sua previsão, almirante? — perguntou Malcolm.

— Do meu experto em meteorologia, Sr. Struan. Ele aconselhou a cancelar qualquer viagem experimental amanhã. É melhor aproveitar esse tempo para preparar o ataque a Iedo. Não concorda?

O tom do almirante era de jovialidade forçada.

— Sou contra a destruição de Iedo — disse Malcolm, distraído, a mente concentrada naquele novo e inesperado problema, a recusa do almirante em aceitar apenas sua carta, que ele estava confiante que seria mais do que suficiente.

Tudo corre à perfeição, exceto por esse homem, pensou ele, contendo sua raiva, tentando pensar numa saída para o dilema. O *Prancing Cloud* chegara no prazo previsto e descarregava as mercadorias que trouxera, o capitão Strongbow já informado das novas ordens secretas sobre o horário de partida diferente na quarta-feira, e Edward Gornt também preparado para transmitir a informação sobre os Brocks, assim que o duelo terminasse.

— Também me oponho — disse o almirante. — Não temos ordens formais para a guerra. Mas estou curioso para saber suas razões.

— Usar um martelo para matar uma vespa não apenas é uma tolice, mas também pode provocar hemorróidas.

Ketterer riu.

— Essa é muito boa, Struan! Hemorróidas, hem? Mais da sua filosofia de chinês?

— Não, senhor. Dickens. — Ele esticou as costas, tornou a se apoiar nas bengalas. — Eu ficaria muito satisfeito, senhor, e Angelique também, se pudéssemos embarcar no Pearl, com o capitão Marlowe, e partirmos até ficar fora de vista da terra, amanhã, mesmo que seja por um curto período.

Heavenly o aconselhara: como o precedente que Malcolm vinha usando, o casamento de seus pais, ocorrera entre Macau e Hong Kong, fora de vista da terra, ele deveria fazer a mesma coisa, por medida de segurança.

— Com sua bênção, é claro, almirante.

— Muito me agradaria ver a Casa Nobre tomar a dianteira no Japão. É óbvio que você não dispõe do tempo suficiente. Sugiro que dez

dias seriam o necessário para se tomar todas as providências práticas.

Ketterer virou-se para voltar à sala.

— Espere! — exclamou Malcolm, dominado pelo pânico. — Digamos que faça um anúncio neste momento, para todos os presentes, de que vamos cancelar os embarques de armas para o Japão, daqui por diante. Isso o satisfaria?

— Mais importante, isso satisfaria a você? — perguntou o almirante, gostando de ver o homem que representava tudo o que ele desprezava a se contorcer no espeto. — O que me diz?

— O que... o que posso fazer ou dizer, senhor?

— Não cabe a mim dirigir seu "negócio". — A maneira como Ketterer pronunciou a palavra, impregnada de desdém, fazia com que fosse uma coisa obscena. — Parece-me que tudo o que é bom para o Japão também é bom para a China. Se proibir as armas aqui, por

que não fazer a mesma coisa na China, em todos os seus navios... e tomar a mesma decisão em relação ao ópio?

— Não posso fazer isso — disse Malcolm. — Isso acabaria conosco. O ópio não é contra a lei. Mais do que isso, as duas atividades são legais...

— Interessante... — Outra vez, a palavra estava impregnada de sarcasmo. — Devo lhe agradecer por um excelente jantar, como sempre, Sr. Struan. E agora, peço que me dê licença, pois terei muito o que fazer amanhã.

— Espere! — pediu Malcolm, trêmulo. — Por favor, ajude-me. O dia de amanhã é importante demais para mim. Juro que o apoiarei em tudo, seguirei à frente dos outros, mas tem de me ajudar amanhã. Por favor!

O almirante Ketterer contraiu os lábios, pronto para encerrar aquela conversa inútil. Pois não se trata de outra coisa, embora não reste a menor dúvida de que poderia muito bem aproveitar um partidário entre aqueles desgraçados asquerosos, se há um décimo de verdade nas injúrias que teriam dito na tal reunião. Suponho que este não é dos piores, se fosse possível confiar nele... em comparação com os outros, em comparação com aquele monstro do Greyforth.

— Quando é seu duelo?

Malcolm ia responder com a verdade, mas conteve-se a tempo.

— Responderei se insistir, senhor, e lembro o que disse sobre duelos. Mas devo ressaltar que, em questões de honra, minha família tem sido muito séria há pelo menos duas gerações e não quero que pensem que sou deficiente nesse ponto. É uma tradição, como a da marinha, imagino. Muito da magia da marinha real tem a ver com isso, tradição e honra, não é mesmo?

— Sem isso, a marinha real não seria a marinha real.

Ketterer tirou outra baforada do charuto. Pelo menos o jovem patife compreende, embora isso não altere a balança. A verdade é que a mãe do pobre tolo tem toda razão ao desaprovar o casamento... a moça é muito bonita, sem dúvida, mas não a escolha certa, tem sangue ruim, uma linhagem francesa. Estou lhe prestando um favor.

Será mesmo?

Não se lembra de Consuela di Mardos Perez, de Cádiz?

Ele a conhecera quando era um aspirante no Royal Sovereign, durante uma visita de cortesia àquele porto. O almirantado lhe recusara permissão para casar, o pai também se opusera, quando, finalmente, conseguira superar as resistências, e obtivera os conhecimentos necessários, voltara correndo para descobrir que a moça ficara noiva de outro. Ela também era católica, pensou o almirante, triste, ainda a amando, depois de tanto tempo.

O fato de a moça ser católica deixa todo mundo enlouquecido, como a mãe de Struan, sou capaz de apostar. Como se isso fizesse alguma diferença. É verdade que a família de Consuela era boa, o que não acontece com a família dessa moça. E é verdade também que ainda a amo. Depois dela, não houve mais ninguém. Jamais desejei casar, não depois de perdê-la, por algum motivo não podia. O que me levou a empenhar tudo na marinha, o que evitou que minha vida fosse um total desperdício.

Será mesmo?

— Vou tomar outro porto — anunciou o almirante. — O que deve demorar de dez a quinze minutos. O que você pode fazer para assumir uma posição de vanguarda em dez ou quinze minutos?

41

Gornt desceu apressado os degraus do prédio da Struan e saiu para a noite, seguindo os outros convidados que deixavam a festa, numa conversa animada, agasalhados, segurando o chapéu contra o vento. Criados esperavam com lanternas para guiar alguns até suas casas. Depois de um boa-noite polido, mas apressado, ele foi para o prédio ao lado, o da Brock. O guarda, um sique alto, de turbante, bateu continência, observou-o subir a escada de dois em dois degraus e ir bater na porta de Norbert Greyforth.

— Quem é?

— Sou eu, senhor, Edward. Desculpe, mas é importante.

Houve um resmungo irritado, e depois a tranca foi aberta. Norbert tinha os cabelos desgrenhados, usava um camisolão, touca e meias de dormir.

— O que aconteceu?

— Struan. Ele acaba de anunciar que daqui por diante vai empenhar a Casa Nobre no embargo de todas as armas e de todo o ópio no Japão, ordenar a mesma coisa no comércio com a China, e por toda a Ásia.

— O que é isso? Uma piada?

— Não, Sr. Greyforth, não é uma piada. Foi durante a festa... o que ele disse na presença de todos, há poucos minutos, Sir William, a maioria dos embaixadores estrangeiros, o almirante, Dmitri... as palavras exatas de Struan, senhor: *"Quero fazer uma declaração formal. De acordo com a minha carta Publicada hoje no Guardian, decidi que não mais transportaremos armas de fogo ou ópio em*

nossos navios ou a Struan os negociará, daqui por diante, no Japão e na China.”

Norbert começou a rir.

— Entre. Isso merece uma comemoração. Ele acaba de liquidar a Struan. E nos transformar na Casa Nobre.

Ele estendeu a cabeça para o corredor e chamou seu empregado número um.

— Lee! Champanhe, depressa! Entre, Edward, e feche a porta. Está ventando, e faz bastante frio para congelar os ovos de um macaco de bronze.

Norbert acendeu o lampião a óleo. Seu quarto era grande, com uma vasta cama de dossel, o chão atapetado, óleos nas paredes de navios da Brock... sua frota menor que a da Struan, mas com o dobro de vapores. Alguns quadros haviam sido chamuscados pelo incêndio, e o teto também ainda não fora reparado de todo. Havia

livros empilhados nas mesas de canto, e um aberto em cima da cama.

— O pobre coitado endoidou de vez. — Norbert soltou outra risada.
— A primeira coisa que temos a fazer é cancelar o duelo, para mantê-lo vivo. Agora, é isso que...

O sorriso desapareceu.

— Ei, espere um pouco, do que estou falando? É tudo uma tempestade num penico. Ele não é o *tai-pan* da Struan mais do que eu. Você bancou o tolo. Qualquer coisa que ele disser nada significa; e por mais que sua mãe, que não larga a Bíblia deseje fazer isso, jamais concordaria. Nem poderia, pois sabe que tal atitude arruinaria a companhia.

Gornt sorriu.

— Eu discordo.

Norbert fitou-o nos olhos.

— Como?

— Ela vai concordar.

— É mesmo? Por quê?

— Segredo.

— Que tipo de segredo?

Norbert olhou para a porta, aberta nesse instante. Lee, um idoso cantonês, com um rabicho comprido e grosso, vestindo uma libré impecável — casaco branco, calça preta — entrou com os copos,

champanhe num balde com gelo, uma toalha no braço. Momentos depois, a champanhe foi servida. Depois que Lee se retirou, fechando a porta, Norbert levantou seu copo.

— Saúde e morte a todos os Struans. Que segredo?

— Disse-me para tentar fazer amizade com ele. Foi o que fiz. Agora, ele confia em mim. Primeiro...

— Confia mesmo?

— Até certo ponto, mas melhora a cada dia que passa. Primeiro, sobre esta noite. O motivo para ele escrever a carta e fazer o anúncio foi obter o favor do almirante, em segredo.

— Como assim?

— Posso?

Gornt apontou para a garrafa de champanhe.

— Claro. Sente-se e explique.

— Ele precisa da aprovação do almirante para embarcar na Pearl e esse é p mo...

— Mas do que está falando?

— Ouvi-os por acaso, conversando em particular... eles saíram depois do jantar. Eu olhava alguns quadros ali perto... tinha notado duas obras de Aristotle Quance... e escutei o que diziam. — Gornt relatou quase que palavra por palavra. — Ao final, Ketterer disse: “Vamos ver o que você pode fazer em dez ou quinze minutos”

— Isso foi tudo? Nada sobre o que há a bordo, o que há de tão importante na Pearl?

— Não, senhor.

— Estranho, muito estranho. O que poderia ser?

— Não sei. Toda a noite foi estranha. Durante o jantar, percebi Struan olhando na direção do almirante por várias vezes, mas nunca seus olhos se encontraram. Era como se o almirante evitasse deliberadamente, mas sem ser óbvio demais. Foi isso que despertou minha curiosidade, senhor.

— Onde o almirante estava sentado?

— Ao lado de Angelique, no lugar de honra, à sua direita, com Sir William no outro lado. Deveria ser o contrário... outro fato curioso. Fiquei ao lado de Marlowe, que contemplava Angelique extasiado, e falou sobre assuntos navais, tudo muito aborrecido, nada sobre qualquer viagem amanhã, embora eu tenha a impressão de que Struan já planejara tudo, na dependência da aprovação do almirante. Depois que o almirante foi embora, puxei conversa com Marlowe sobre amanhã, mas ele disse apenas: "Talvez eu faça uma

pequena viagem experimental, meu caro, se o Velho aprovar. Por que pergunta?" Expliquei que gostava de navios e indaguei se podia ir também. Ele riu, disse que arrumaria uma viagem para mim no futuro, e depois se retirou também.

— Nada sobre Struan e a moça?

— Não, senhor. Mas Marlowe não despregava os olhos dela.

— Por causa dos peitos dela. — Norbert soltou um grunhido. — Quando Struan fez o comunicado, o que aconteceu?

— Primeiro, houve silêncio, depois o pandemônio, perguntas, algumas risadas, umas poucas vaias. Marlowe e os outros oficiais da marinha aplaudiram, em meio a muitas manifestações de raiva. McFay empalideceu, Dmitri quase cuspiu, Sir William ficou olhando para Struan, balançou a cabeça, como se o pobre coitado fosse alvo de compaixão. Concentrei-me em Ketterer. Ele não deixou transparecer coisa alguma, não disse nada a Struan, além de murmurar um "*Interessante*", levantou-se em seguida, agradeceu o jantar e foi embora. Struan fez menção de detê-lo, começou a perguntar por amanhã, mas o almirante não ouviu, ou fingiu que não ouvia, e saiu, deixando Struan trêmulo. Ao mesmo tempo, senhor, todos falavam, e ninguém escutava, como em um mercado

chinês, não poucos furiosos, gritando com Struan que ele era louco, e como podíamos continuar no comércio... sabe como é, o óbvio e a verdade.

Norbert esvaziou seu copo. Gornt pegou a garrafa para servi-lo de novo, mas ele sacudiu a cabeça.

— Não gosto de tomar muito champanhe de noite, pois me faz peidar. Sirva-me um *scotch*... a garrafa está ali. — O ali era um aparador, de carvalho, escalavrado pelo tempo, com um velho relógio marítimo em cima. — O que há a bordo da *Pearl* que ele tanto deseja?

— Não sei.

— O que Struan fez depois que Ketterer saiu?

— Apenas sentou, tomou um drinque grande, com o olhar perdido no espaço, murmurou boa noite, distraído, quando as pessoas começaram a se retirar, sem prestar qualquer atenção a Angelique, outro fato esquisito. Quanto a ela, apenas observava tudo de olhos

arregalados, deixando de ser por uma vez o centro das atenções, sem entender o que acontecia, o que me leva a supor que Struan nada lhe confiara. Achei melhor vir correndo lhe dar a notícia, e por isso não fiquei por mais tempo.

— Falou sobre um segredo, não é mesmo? Que segredo? Por que a megera da Tess Struan concordaria em cometer um suicídio comercial?

— Por causa do plano de Sir Morgan, senhor.

— Como?

— Sir Morgan. — Gornt exibiu um sorriso largo. — Antes de nossa partida de Xangai, Sir Morgan me disse, em particular, que ele e o Sr. Brock haviam planejado e estavam executando um esquema para arruinar a Struan, e acabar com a companhia de uma vez por todas. Contou que o plano envolvia o açúcar havaiano, o Victoria Bank, e...

— O quê? — Norbert estava surpreso, lembrando que Sir Morgan dissera expressamente que não revelara a Gornt nenhum detalhe do

golpe, e não queria que ele soubesse de nada, “*embora o rapaz seja de confiança, e não haja mal algum em deixá-lo se insinuar no círculo de Struan para ver o que pode descobrir*”. — Morgan contou os detalhes? Explicou a operação?

— Não, senhor. Pelo menos só me disse o que tinha de transmitir a Struan, tão secretamente quanto possível.

— Por Deus! — exclamou Norbert, exasperado. — É melhor você começar desde o início.

— Ele disse que eu não deveria lhe contar nada sobre a minha participação até que o consumasse, até fazer tudo o que me mandou. E consegui. Conquistei a confiança de Malcolm Struan, por isso agora posso contar. — Gornt tomou um gole do champanhe. — Excelente champanhe, senhor.

— Fale logo!

— Sir Morgan me mandou contar uma série de histórias a Malcolm Struan... disse que eram bem próximas da verdade, para fisgar

Struan, e por seu intermédio a verdadeira *tai-pan*, Tess Struan. E posso quase garantir, senhor, que o último *tai-pan* Struan ficou firmemente fisgado. — Em poucas palavras, Gornt relatou a substância do que dissera a Malcolm Struan. Ao final, soltou uma risada e acrescentou: — Devo lhe fornecer “*os detalhes secretos*” depois do duelo, a caminho de seu navio.

— O que dirá a ele?

O homem mais velho escutou com toda atenção. Conhecendo os detalhes verdadeiros, sentiu-se fascinado ao ouvir mais da astúcia de Morgan. Se Tess Struan agisse sob aquelas falsas informações, proporcionaria a Sir Morgan as poucas semanas extras que ele queria.

— Mas já é infalível agora, Sir Morgan — dissera Norbert em Xangai, ao tomar conhecimento do plano —, não precisa de tempo extra. Posso fazer minha parte em Iocoama antes do Natal.

— Sei que pode e o fará. Mas papai e eu gostamos de ser mais seguros do que seguros; o tempo extra manterá nossos pescoços longe do laço e nossos rabos fora da prisão.

Norbert reprimiu um tremor ao pensamento de ser apanhado. Não haveria o laço do carrasco, mas a prisão por fraude era mais do que provável e a cadeia dos devedores uma certeza. Sir Morgan é mesmo um patife astuto, é típico dele me dizer uma coisa e outra a Gornt. Ele me salvou de um risco, o de matar Struan. Portanto, será a Inglaterra para mim, com cinco mil por ano, mas perco o melhor, um solar, ficar rico. Melhor seguro do que arrependido depois.

Ele suspirou. Aguardava ansioso a oportunidade de meter uma bala em Malcolm e colher o creme. As palavras do velho Brock estavam gravadas em sua memória:

— Norbert, você ficará com o creme na aposentadoria. Sua gratificação será de cinco mil guinéus por ano se o matar. Por um ferimento grave, mil guinéus.

Sorrindo, ele comentou agora:

— Morgan é muito esperto, formulou um plano infalível. — Para se certificar, testando o rapaz, Norbert acrescentou: — Não concorda?

— Como, senhor?

— As pequenas mudanças fazem toda a diferença, não é?

Ele observava Gornt com a maior atenção.

— Lamento, senhor, mas não conheço os detalhes... a não ser o que ele me disse e me mandou transmitir para Struan.

— Vou tomar outro *scotch*... sirva-se de champanhe — disse Norbert, satisfeito.

Ele bebeu em silêncio, até ter pensado em tudo, antes de voltar a falar:

— Continue a agir como se não tivesse me contado nada. Cancelarei o duelo amanhã. Não posso agora matá-lo, nem deixá-lo fora de ação.

— Tem toda razão, senhor, foi o que também pensei. — Gornt entregou-lhe a carta de Malcolm Struan, igual à que Gornt já assinara. — Ele me pediu para trazer isto. Mas sugiro que não cancele amanhã, pois pode deixá-lo desconfiado... e talvez possamos descobrir o que há de tão importante na *Pearl*, se ele for, ou se não for.

— É isso mesmo, Edward, boa idéia. — Norbert soltou uma risadinha. — portanto, na quarta-feira, o jovem Struan se lança no caminho do desastre, hem?

Gornt sorriu.

— E segue feliz, senhor. A Casa Nobre deles está liquidada e a nossa começa.

— É verdade. — O calor do *scotch* misturava-se ao calor do futuro.
— Então decidiu se juntar a nós?

— Se me aprovar, senhor. Sir Morgan disse que teria de me aprovar.

— Continue assim, e está aprovado. Fez um bom trabalho hoje, de primeira. Boa noite.

Norbert trancou a porta depois que Gornt saiu. Antes de voltar para a cama, usou o urinol, e sentiu-se ainda melhor. Seu copo estava na mesinha ao lado da cama, sobre uma pilha de livros e revistas, ainda um quarto cheio. Recostou-se nos travesseiros altos que preferia e pegou o livro aberto, *Cidade dos Santos*, o relato de Burton sobre sua visita aos misteriosos e polígamos mórmons em Salt Lake City, Utah. Burton era o mais famoso aventureiro e explorador do mundo falava trinta ou mais línguas e suas façanhas e idiossincracias eram lidas avidamente nos menores detalhes.

Ele leu alguns parágrafos e depois, distraído, largou o livro. Não é tão bom quanto *Peregrinação a El-Medina e Meca*, pensou, ou o relato da descoberta do lago Tanganica.

Entre tantas bocetas mórmons, era de se pensar que Burton, defensor ostensivo da poligamia, que qualquer tolo sabe ser a coisa certa, descreveria suas conquistas, pois já fez isso muitas vezes, em outros livros, com detalhes suficientes para deixar um velho todo excitado. Alguns jornais haviam noticiado que ele tivera treze, todas ao mesmo tempo, oferecidas pessoalmente por Brigham Young, líder da Igreja dos "Santos do Último Dia" e governador de Utah. Que mentirosos!

Mas, por Deus, que homem... ele fez mais e viu mais do que qualquer outro inglês vivo, e deixa qualquer um ainda mais orgulhoso de ser inglês. E com toda a liberdade de ir para onde quiser, de viver como quiser, não dá para entender por que tinha de voltar para a Inglaterra e casar com uma boa inglesa, como algum homem normal. É verdade que ele a deixou depois de um mês; dizem que agora se encontra em algum lugar desconhecido, talvez em Hindu Kush, ou na terra secreta no topo do mundo, vivendo com os gigantes da neve...

Norbert tomou mais um gole do *scotch* e pensou em Gornt. Esse rapaz não é tão esperto quanto pensa. Qualquer um pode perceber o que vai acontecer na *Pearl* e por quê. Ketterer pode manter em segredo, Wee Willie também, mas Michaelmas Tweet não pode, nem Heavenly, quando bebe demais, e assim tomei conhecimento das cartas de Tess Struan, e que ela pressionou Wee Willie, bloqueou a igreja, bloqueou todos os capitães de navios, e até a marinha, por intermédio de Ketterer... só que ela não tem poder sobre a marinha! E é Marlowe quem manda a bordo da *Pearl*. Marlowe pode casá-los... se Ketterer permitir.

Norbert riu.

Mas Ketterer odeia os Struans porque eles venderam canhões aos piratas do Lótus Branco, como nós, que vendemos a qualquer maldito belipotentado que quiser comprá-los, e continuaremos a fazer isso, mesmo que a Struan desista, e por que que não? É um negócio legal, e sempre será. O Parlamento precisa das fábricas de armamentos, porque se trata de um grande negócio, e todos os governos gostam da guerra... porque as guerras constituem um grande negócio, e acima de tudo porque a guerra encobre a sua própria incompetência.

Que se danem os governos!

Ketterer odeia a Struan. Apesar de toda a sua arrogância, ele não é nenhum tolo e vai querer resultados práticos por um favor. O que não pode obter — as declarações daquele jovem tolo nada significavam — e por isso faz um jogo de gato e rato com Struan. Talvez deixe que Struan e sua jovem amante embarquem, talvez não, mas de qualquer forma Marlowe não terá permissão para casá-los... Ketterer quer ver Struan rastejar. O patife também me faria rastejar, se tivesse alguma chance, e ainda por cima me presentearia com cem vergastadas.

Um gole grande do bom *scotch* deixou-o no melhor humor e ele riu. O jovem Struan está bloqueado: não terá um casamento na *Pearl* e voltará para Hong Kong, com ou sem sua amante, ao controle da mãe. É curioso que eu tenha de deixá-lo vivo, quando planejava obter a recompensa oferecida pelo Velho, que me disse:

— Mas não conte nada a Morgan, Norbert, pois ele é contra mortes, embora queira ver o jovem Struan afundado na merda e a mãe também! Não se esqueça disso ou arrancarei suas tripas para fazer ligas.

Devo suspender o duelo? Pensarei a respeito. Com o maior cuidado. Preciso da gratificação extra.

É típico de Morgan dar instruções secretas a Gornt e me manter na ignorância. O que mais ele disse que Gornt não me contou? Não importa, Morgan é astuto, com toda a coragem do Velho, só que mais insinuante, mais moderno, sem loucuras, sem riscos... sem nenhuma das obsessões brutais e implacáveis de seu pai. Morgan é o nosso verdadeiro *tai-pan* e será o *tai-pan* da nova Casa Nobre. Foram necessários apenas vinte anos para destruir a companhia de Dirk, a maior que já existiu na Ásia.

Satisfeito, Norbert terminou de tomar o *scotch*, apagou a luz e acomodou-se, com um bocejo. Lamento não ter conhecido o Velho em seu auge, nem o *tai-pan*, O Demônio de Olhos Verdes, que só os ventos malignos do Grande Tufão conseguiram matar. Ainda bem que este jovem tolo não herdou nenhuma de suas qualidades.

O último convidado já se retirara. Apenas Angelique, Jamie McFay e Malcolm continuavam na sala. As brasas na enorme lareira de canto luziam quando uma aragem descia pela chaminé, para depois se apagarem. Malcolm, em silêncio, o rosto franzido, olhava para a lareira, vendo imagens nas brasas. Angelique sentava no braço de sua poltrona, apreensiva. McFay estava encostado na mesa.

Boa noite, *tai-pan* — disse ele.

Malcolm saiu de seu devaneio.

— Hum... Espere um pouco. — Ele sorriu para Angelique. —
Desculpe Angel, mas tenho algumas coisas para discutir com Jamie.
Você se importa de nos deixar a sós?

— Claro que não. Boa noite, Jamie. — Ela inclinou-se, beijou Struan
afetuosamente. — Boa noite, Malcolm. Durma bem.

— Boa noite, querida. Devemos partir cedo.

— Está bem... mas, por favor, Malcolm, posso perguntar o motivo de
toda aquela gritaria? Não entendi nada. Pode me explicar?

— Foi inveja, nada mais.

— Mas é claro! Como você se mostrou forte e moderno! E tem toda razão sobre os canhões e o ópio... foi muito sensato, *chéri*. Obrigada. — Ela tornou a beijá-lo. — A que horas vamos sair amanhã de manhã? Estou tão excitada... a viagem será uma *change superbe*.

— Pouco depois do amanhecer. Cuidarei para que seja acordada a tempo, mas não se surpreenda se... se houver uma mudança de plano. Marlowe disse que o tempo pode mudar.

— Mas ele jurou que o vento amainaria e seria um dia maravilhoso para um passeio.

— Eu disse “pode mudar”, Angel. — Malcolm abraçou-a. — Se não for amanhã, será no primeiro dia possível. Ele prometeu.

— Espero que seja amanhã. *Je t’aime, chéri*.

— *Je t’aime*.

Depois que ela saiu, o silêncio na sala se tornou ainda mais opressivo. Chen tornou a dar uma espiada pela porta e Malcolm ordenou:

— Feche a droga dessa porta e não volte.

A porta foi fechada com vigor. Jamie fez menção de falar, mas Malcolm levantou a mão.

— Não diga nada sobre navios, canhões ou ópio. Por favor.

— Está bem.

— Sente-se, Jamie.

Malcolm pensara em todas as respostas do almirante e formulara um plano para cada uma das várias possibilidades: se o almirante decidisse que podiam fazer a viagem com sua bênção, ou se a viagem se realizasse, mas com Marlowe proibido de celebrar a cerimônia, ou se a viagem fosse adiada para algum momento do futuro. Por enquanto, ele pôs de lado as contramedidas.

— Gostaria que mandasse nosso cúter a vapor se aproximar da *Pearl* pouco antes do amanhecer. O contramestre deve descobrir com Marlowe se nossa viagem continua de pé, ou não. Qualquer que seja a resposta, peça ao contramestre para vir até aqui me informar. Certo?

— Claro.

— Escrevi a carta para Norbert e entreguei a Gornt esta noite. Portanto, essa parte ficou resolvida. Esqueci alguma coisa?

— Sobre quartá-feira?

— Isso mesmo.

— Nada, ao que eu saiba. Já definiu os caminhos e horários, as pistolas serão comuns, não haverá médicos presentes, já que tanto Babcott quanto Hoag são considerados inseguros. As cartas são suas únicas defesas. Não haverá testemunhas, além de Gornt e eu.

— Ótimo. Está pronto para partir com o *Prancing Cloud*?

— Mandarei uma valise para bordo junto com a nossa correspondência amanhã. Ninguém deve notar. E seus baús?

— Só vou levar um. Despache para bordo amanhã... e se alguém disser qualquer coisa, são algumas roupas que estou enviando na frente, à espera do meu retomo a Hong Kong para o Natal.

— Chen vai arrumar tudo para você?

— Não há outro jeito. Pedirei que ele jure segredo, mas é claro que isso só funcionará para a nossa sociedade, não entre os chineses. Terei de levá-lo comigo. Ah Tok é um problema, mas pode permanecer aqui, à espera de nossa “mudança de verdade”. Será preciso revelar o segredo a Ah Soh. Ela irá conosco para Hong Kong.

— E Angelique?

— Não há necessidade de dizer nada a ela. Se sairmos na *Pearl*, Ah Soh pode arrumar roupas num baú, e mandar para bordo com a mesma desculpa, depois do anoitecer de amanhã, como precaução. Certo?

— Certo.

— Na manhã de quarta-feira, nós dois sairemos pelos fundos, como planejamos. Pouco depois, Chen, Ah Soh e Angelique, usando um capuz, atravessarão a estrada para o nosso cais, onde você terá o cúter a vapor esperando para levá-los ao clíper...

— Desculpe me intrometer, mas se esse é o plano final, acho melhor um cúter a remo, pois faz menos barulho. Por segurança, o cúter a vapor deve ficar à nossa disposição no cais da cidade dos bêbados.

— Tem toda razão, Jamie, é melhor assim. Obrigado. Portanto, um cúter a remo. Depois de resolver o problema de Norbert, iremos para bordo o mais depressa possível. Diga a Vargas amanhã para marcar uma reunião com nossos fornecedores japoneses de seda na sexta-feira. Procure dar a impressão de que temos uma agenda lotada para o resto desta semana e a outra, certo?

— Certo.

Mais alguma coisa, Jamie?

— Posso fazer uma sugestão?

— Claro.

Depois da viagem de amanhã na *Pearl*... — McFay hesitou. — Você disse que pode haver uma mudança de plano... por causa do tempo? A previsão é de tempo bom, não é mesmo?

— É, sim. Falei isso apenas para o caso de Marlowe ter de permanecer no porto. Com todos os preparativos da esquadra para bombardear Iedo, ou apenas ameaçar, nunca se sabe o que Ketterer ou Sir William podem decidir. Qual é a sua sugestão, Jamie?

— Para dizer a verdade, tenho duas. Depois que voltar amanhã... Marlowe garantiu que estariam aqui ao pôr-do-sol... por que você e Angelique não vão jantar no *Prancing Cloud*, com o capitão Strongbow, e até passam a noite a bordo? Ao amanhecer, nós dois poderíamos desembarcar, e...

— Esse plano é melhor, Jamie, muito melhor! — disse Struan no mesmo instante, radiante. — Assim, Angelique já estará a bordo, junto com sua bagagem e não teremos de nos preocupar com ela. Depois de Norbert, poderemos voltar direto. Grande idéia, Jamie. Nossas coisas podem ser mandadas para bordo com Chen e Ah Soh, não há motivo para que eles não fiquem a bordo também. Ninguém deve desconfiar de coisa alguma.

O sorriso de Malcolm era efusivo e genuíno.

— Foi muito hábil de sua parte pensar nisso. Você é inteligente e é por isso que não quero que deixe a Struan.

Jamie deu um sorriso triste.

— Veremos.

— Antes que eu me esqueça, caso haja um acidente — disse Malcolm, os olhos serenos, sem medo. — Se eu for ferido, mas tiver mobilidade suficiente para embarcar, é o que quero fazer. Se houver uma emergência mais grave, chame Babcott ou Hoag. De qualquer forma, planejo levar Hoag para bordo. Vamos levá-lo de volta a Hong Kong.

— Verifiquei na clínica em Kanagawa, mas eles só vão para lá na quinta-feira. Portanto, os dois estarão aqui.

— Você pensa em tudo.

— Nem tudo. Gostaria de poder, e assim encontraria um meio de cancelar o duelo.

— Não haverá nenhum acidente.

— Rezo para que você esteja certo. Mas, independentemente do que acontecer, é melhor eu ficar aqui, até você voltar, ou mandar me chamar.

— Mas a mãe disse em sua carta...

— Eu sei. Vamos ser francos, *tai-pan*. Estou fora, de um jeito ou de outro. É melhor eu continuar aqui, para lhe dar cobertura, se Norbert escapar, ou se não escapar, e ficar de olho em Gornt. Sinto muito, mas ainda não confio naquele sujeito. Meu trabalho é aqui, não em Hong Kong. Sairei na primavera. É o melhor e devemos combinar tudo agora... e depois esperar até você completar vinte e um anos.

Os dois se fitaram nos olhos. Romperam o contato visual abruptamente, quando carvões em brasa caíram na lareira, faiscando por um momento, e depois morrendo sem perigo.

— Você é um amigo maravilhoso, Jamie. Com toda sinceridade.

— Não sou, não, apenas tento cumprir meu juramento... ao *tai-pan* da Casa^ Nobre.

André e Phillip Tyrer estavam na frente da legação britânica.

— A idéia de Malcolm de um embargo, embora moral, seria um desastre para todas as companhias comerciais da Ásia — comentou Tyrer —, inclusive de vocês, mesmo que não sigam o exemplo, nem os alemães, os russos e os ianques.

O vento agitava seus cabelos, mas ele não sentia frio, com todo o álcool que consumira, com o intenso excitamento.

— Sir William duvida que o governador de Hong Kong aprove quaisquer ordens do Parlamento nesse sentido, vai tentar ganhar todo o tempo possível. É claro que não posso falar oficialmente por qualquer dos dois, e além do mais o Parlamento é a própria lei. — Tyrer deixou escapar um bocejo. — Estou exausto. E você?

— Tenho um encontro.

— Ahn... — Tyrer percebeu o brilho de expectativa. — Um homem de sorte! Ultimamente tem parecido mais feliz, muito mais feliz. Estávamos todos preocupados.

André passou para o francês, baixou a voz:

— Estou bem agora, o melhor que já me senti. Não dá para descrever como me sinto feliz. A moça me trata como um rei... é a melhor que já encontrei. Chega de aventuras para mim. Tenho uma exclusiva.

— Isso é ótimo.

— Por falar nisso, como vai você com Fujiko? Raiko está ficando nervosa e ela também. Soube que a pobre moça anda angustiada, chora o tempo todo.

— É mesmo? — Tyrer sentiu uma pontada na virilha. — Então seu conselho foi acertado.

Ele mal percebeu que respondera em francês; passara a maior parte da noite conversando inglês misturado com francês com Seratard, Zergeyev e os outros ministros.

— Eu diria que você foi bastante duro pelo tempo necessário. Não precisa magoar ninguém, pois são boas pessoas. E ambas se arrependem de tê-lo irritado.

Poucas noites antes, Raiko o interceptara, indagando mais uma vez pelo pagamento atrasado. Depois que ele a acalmara com a promessa de que esperava receber fundos substanciais a qualquer momento — apostando que Angélique arrumaria o dinheiro —, Raiko o interrogara sobre Tyrer.

— O que há de errado com o homem? Seria um serviço para ele, para mim, para Fujiko e também para você, velho amigo, corrigir qualquer coisa que precise ser corrigida. É evidente que ele foi seduzido pelas prostitutas da Estalagem dos Lírios. Nestes tempos difíceis, isso nos ajudaria muito, assim como a você, se o convencesse a voltar. A pobre moça já pensa em suicídio.

Ele não acreditara nisso, mas Raiko se mostrara disposta a torcer a faca chamada *Hinodeh*.

— Phillip, você fez o jogo com perfeição. Marcarei um encontro e reabriremos as negociações.

— Não sei, não, André. Eu... hum... devo confessar que experimentei outra garota, uma vez... a estalagem que você recomendou não é tão ruim assim... e estive pensando que talvez uma mulher permanente não seja uma boa idéia. Afinal é uma despesa enorme e preciso de um pônei para o pólo...

— Há pontos favoráveis e pontos desfavoráveis em ter sua garota exclusiva — disse André, escondendo sua angústia. — Talvez a melhor idéia seja iniciar as conversas para um contrato dependendo de “uma melhoria no relacionamento”.

— Ou seja, pegar o bolo e comê-lo?

— Por que não? Afinal, todas não se encontram ali para o nosso prazer? É verdade que Fujiko e Raiko são muito especiais.

André falava em tom persuasivo, não querendo que Tyrer escapasse do anzol de Fujiko, assim como também não queria ficar submetido a Raiko. Ter uma associação secreta com ela era uma coisa, colocar-se à sua mercê era outra muito diferente. Marcaria o encontro e o

resto dependeria delas, teriam de seduzir Tyrer a seu estado de paixão anterior.

— Deixe as duas comigo. Que tal amanhã? Posso prometer que terá uma recepção calorosa.

— É mesmo? Hum... está bem.

— Phillip... — André tornou a olhar ao redor. — Henri está mais do que ansioso em apoiar as iniciativas de Sir William para punir com rigor esse idiota do tairo Anjo... o cretino foi longe demais desta vez. Sir William poderia recebê-lo para uma conversa particular amanhã? Henri tem algumas idéias que gostaria de expor, confidencialmente.

— Tenho certeza que sim.

Tyrer se tornou atento no mesmo instante, esquecendo o cansaço, pois era uma agradável surpresa. De um modo geral, Seratard lançava uma iniciativa francesa, da qual eles só tomavam conhecimento quando se encontrava em execução. Como o convite secreto a lorde Yoshi para visitar a nave capitânea francesa, que

havam acabado de descobrir, por intermédio de suas próprias fontes... criados chineses na legação francesa tinham ouvido André e Seratard planejando, transmitiram a número um Chen, que dissera a Struan, que contara a ele, que relatara tudo a Sir William.

— Um conselho de guerra? Os dois?

— Sugiro nós quatro — disse André. — Eles vão precisar de ajudantes para pôr suas idéias em execução, mas quanto menos gente, melhor. Se mais tarde quiserem chamar o almirante e o general, tudo bem. Mas só mais tarde, entende?

— Uma *Entente Cordiale*! Falarei com o Velho pela manhã. Que tal às onze horas?

— Não pode ser às dez? Tenho um compromisso ao meio-dia.

André já acertara tudo com Seratard, ao voltar do encontro com Raiko:

— Henri, a reunião pode ser muito importante, e quanto mais a mantivermos em segredo dos outros ministros, melhor. Desta vez temos de fingir que estamos cem por cento com os britânicos. Eles é que têm os navios de guerra, não nós. Devemos encorajá-los a entrarem em guerra.

— Por quê?

— Estou deduzindo, pelas informações que Tyrer obteve de seu samurai domado Nakama... Henri, o japonês de Tyrer é espantosamente bom para o pouco tempo em que ele se encontra aqui. Tyrer possui uma aptidão extraordinária, e por isso devemos observá-lo com atenção, reforçar os laços de amizade. Tyrer descobriu que não há nenhum amor perdido entre esse Anjo e Toranaga Yoshi, que é um aristocrata como você, enquanto Anjo é mais um plebeu.

Divertira-o ver Seratard estufar com a lisonja... e não era mais aristocrata do que ele.

— Secretamente, encorajamos os britânicos a esmagar Anjo, enquanto nos distanciamos no último momento do conflito real, e ao mesmo tempo cultivamos Yoshi, como uma política nacional urgente e sigilosa. Vamos convertê-lo em aliado, devemos fazer isso, e depois, por seu intermédio, jogaremos os britânicos de volta ao esgoto, e controlaremos a presença estrangeira aqui.

— Como faríamos isso, André? Como podemos cultivá-lo?

— Deixe tudo comigo. — Ele apostava de novo que, através de Raiko, fornecendo a ela informações importantes, assim como dinheiro, poderia fazer os contatos certos para se aproximar de Yoshi. — Ele será nossa chave para abrir o Japão. Teremos de investir algum dinheiro, não muito. Mas no bolso certo...

Ele fizera uma pausa, soltara uma risadinha.

— Garanto o sucesso. Ele será nosso cavaleiro da reluzente armadura. Vamos ajudá-lo a se tornar Sir Galahad para arruinar os planos do rei Arthur de Wee Willie.

Por que não, ele disse a si mesmo, mais uma vez, parado ali, com Tyrer, outra peça essencial no tabuleiro de xadrez do domínio francês na Ásia. Phillip vai...

Por Deus! Ele quase explodiu quando a idéia incrível aflorou em sua mente: Se Struan morrer no duelo, e Angelique se tornar uma carta livre, ela poderia vir a ser uma Guinevere para esse japonês Yoshi? Por que não? Talvez ele apreciasse uma iguaria diferente. Através de Raiko, quem sabe se Angelique... pois ela ficaria perigosamente sem recursos e com isso seria vulnerável.

André riu, pôs a idéia de lado, como inebriante demais para considerar naquela noite.

— Phillip — disse ele, querendo que o inglês o considerasse seu melhor amigo —, se pudermos ajudar nossos superiores a chegar a uma solução definitiva e a pusermos em prática... o que acha disso?

— Seria maravilhoso, André!

— Um dia você será o embaixador aqui.

Tyrer riu.

— Não diga bobagem.

— Falo sério. — Apesar do fato de que sempre estariam em lados opostos e de sua necessidade de influenciá-lo, ele gostava sinceramente de Tyrer. — Dentro de um ano, você estará falando e escrevendo um japonês fluente, terá a confiança de Wee Willie, e contará com seu trunfo, Nakama, para ajudá-lo. Por que não?

— Por que não? — repetiu André, sorrindo. — É uma idéia agradável para encerrar uma noite. Bons sonhos, André.

Quase ninguém na colônia dormia tão contente quanto Angelique — a bomba lançada por Struan naquela noite, somada à ansiedade pela guerra iminente, no Japão e na Europa, manteve a maioria acordada.

— Como se não fosse suficiente ter de me preocupar com a nossa própria guerra civil — murmurou Dmitri para seu travesseiro, na profunda escuridão de seu quarto, no prédio da Cooper-Tillman.

As notícias que chegavam dos Estados Unidos eram cada vez piores, qualquer que fosse o lado que se apoiasse, e ele tinha parentes tanto no Sul quanto no Norte.

As baixas eram terríveis nos dois lados, havia pilhagens e incêndios, atrocidades, brutalidades, corrupções, tragédias monstruosas. Um tio escrevera de Maryland para informar que cidades inteiras eram incendiadas e saqueadas pelos guerrilheiros de Quantrill, do Sul, e pelos Jayhawkers, do Norte, e que os homens mais importantes do Norte haviam comprado para si mesmos e para seus filhos, legalmente, a isenção do serviço militar: *A guerra está sendo travada pelos pobres, os desnutridos, os mal equipados. É o fim de nosso país, Dmitri...*

Seu pai escrevera de Richmond, dizendo a mesma coisa: *Não restará mais nada se a guerra se prolongar por outro ano. Absolutamente nada. É terrível ter de lhe contar, meu filho querido, mas seu irmão Janny foi morto na segunda batalha de Buli Run, pobre rapaz, nossa cavalaria foi dizimada, houve uma carnificina...*

Dmitri revirava-se na cama, tentando pôr de lado o sofrimento de sua nação, mas não conseguia.

No clube, ainda havia discussões ruidosas e embriagadas entre os poucos mercadores que ainda se encontravam no bar. Uns poucos oficiais do exército e da marinha, Tweet e outros sentavam-se às mesas espalhadas pela sala, tomando o último drinque da noite.

Perto da janela, o conde Zergeyev e o recém-chegado ministro suíço, Fritz Erlicher, sentavam-se a uma mesa. O russo escondia seu divertimento e inclinou-se por cima dos copos de porto.

— São todos tolos, *Herr* Erlicher — disse ele, acima do burburinho.

— Acha que o jovem Struan pretende mesmo fazer o que disse?

— Ele falou sério, mas resta saber se essa política será ou não implementada. — Falavam em francês e Zergeyev explicou o conflito entre mãe e filho na Struan. — É esse o rumor atual, ela controla tudo, embora ele tenha o título legalmente.

— Se for implementada, seria bom para nós.

— Ah! Tem uma proposta?

— Uma idéia, conde Zergeyev.

Erlicher desfez o nó da gravata, passou a respirar com mais facilidade. O ar no clube era enfumaçado e abafado, o cheiro de cerveja e urina intenso, e a serragem no chão precisava ser trocada.

— Somos uma nação pequena e independente, com poucos recursos, mas com muita coragem e habilidade. Os britânicos, por quem vocês não sentem o menor amor, monopolizam a maior parte da fabricação de armamentos e a venda por toda a Europa... embora a fábrica de Krupp pareça promissora. — O homem barbudo e corpulento sorriu. — Soubemos que a Mãe Rússia possui substancial interesse nessa fábrica.

— Você me espanta.

Erlicher riu.

— Espanto a mim mesmo às vezes, *Herr* conde. Mas eu queria mencionar que dominamos os fundamentos da fundição de canhões e outras armas. Em particular, posso informá-lo que estamos negociando com a Gatling para fabricar sua metralhadora, sob

licença. Já temos condições de abastecê-los com quaisquer armas que possam precisar, a longo prazo.

— Obrigado, meu caro senhor, mas não precisamos disso. O czar Alexandre II é um reformador, amante da paz, no ano passado emancipou nossos escravos, e este ano iniciou a reforma do exército, marinha, burocracia, judiciário, educação, de tudo enfim.

Erlicher sorriu.

— E, enquanto isso, ele preside a maior conquista territorial da história, subjugando mais povos do que qualquer outro soberano, à exceção de Genghis Khan e suas hordas mongóis. Genghis avançou para oeste... — O sorriso se alargou. — ...enquanto as hordas do seu czar espalham-se para leste. Por todo o continente! Imagine só! Por todo o continente, até o mar, através da Sibéria, até a península de Kamchatka. E isso não é o fim, não é mesmo?

— Não é? — murmurou o conde, sorrindo.

— Ouvimos dizer que o czar espera passar por sua nova fortaleza em Vladivostok para as ilhas japonesas, seguir para o norte, até as Kurilas, mais para o norte, até as Aleutas, para fazer a junção com o Alasca russo, que se estenderá até o norte da Califórnia. Enquanto o mundo dorme. Espantoso. — Erlicher tirou do bolso sua caixa de charutos, ofereceu. — Por favor... são os melhores cubanos.

Zergeyev pegou um charuto, cheirou-o, rolou-o entre os dedos, aceitou a chama estendida.

— Obrigado. E mesmo excelente. Todos os suíços são sonhadores como você?

— Não, conde. Somos amantes da paz, bons anfitriões de amantes da paz, mas permanecemos em nossas montanhas, bem-armados, observando o mundo exterior. Por sorte, nossas montanhas são inóspitas para aqueles que aparecem sem serem convidados.

Outra explosão de gritos distraiu-os por um momento, Lunkchurch, Swann, Grimm e outros mais clamorosos do que o habitual.

— Nunca estive na Suíça. Você deveria conhecer a Rússia. Temos muitas vistas para regalar os olhos.

— Já estive em sua linda São Petersburgo. Há três anos, passei alguns meses em nossa embaixada ali. A melhor cidade da Europa, em minha opinião, para quem é da nobreza, rico ou diplomata. Deve sentir muita saudade.

— Morro de saudade, mais do que pode imaginar. — Zergeyev suspirou. — Não demora muito agora para que eu volte. Já fui informado de que meu próximo posto será Londres... e aproveitarei para visitar suas montanhas.

— Eu me sentirei honrado em ser seu anfitrião. — Erlicher puxou o charuto, soltou um anel de fumaça. — Então, minha sugestão de um negócio não o interessa?

— É verdade que os britânicos monopolizam todos os tipos de empreendimentos, todas as rotas marítimas e os mares, todas as riquezas das terras subjogadas... — Não havia qualquer condescendência no sorriso de Zergeyev. — ...coisas que deveriam ser partilhadas.

— Neste caso, não deveríamos voltar a conversar num ambiente mais tranquilo?

— Durante o almoço, por que não? Sem dúvida, eu comunicaria tudo a meus superiores. Se houver uma necessidade futura, onde posso encontrá-lo ou a seus superiores?

— Aqui está meu cartão. Se perguntar por mim em Zurique, não terá qualquer dificuldade para me encontrar.

Erlicher observou-o ler a caligrafia magnífica do novo e milagroso processo de impressão que haviam acabado de inventar. O conde Zergeyev tinha feições elegantes, um aristocrata em todos os poros, com roupas impecáveis, enquanto sabia que as suas eram medíocres e que seus antepassados haviam sido meros camponeses. Mas não o invejava. {

Sou um suíço, pensou ele. Sou livre. Não tenho de fazer uma reverência, ajoelhar ou tirar o chapéu para qualquer rei, czar, sacerdote ou homem — se não quiser. De certa forma, este pobre coitado ainda é um servo. Graças a Deus por minhas montanhas e

meus vales, por meus irmãos e irmãs, por viver entre eles, todos livres, como eu sou livre, e assim permanecerei.

Perto do balcão, meio bêbado, cambaleando, Lunkchurch apoiava-se comicamente em outro homem e berrava a plenos pulmões:

— Que a porra do Struan perdeu a porra do juízo é uma porra...

— Por favor, Barnaby, pare de usar essa linguagem infame! — gritou o reverendo Tweet, abrindo caminho para a porta, o colarinho um pouco torto, o rosto vermelho e suado. — Quando se pensa a respeito, de um ponto de vista justo e inglês, não se pode deixar de reconhecer que o jovem Struan assumiu a posição moral correta.

Lunkchurch, completamente embriagado, fez um gesto grosseiro para o reverendo.

— Enfie a porra da santimônia na porra do rabo!

Roxo de raiva, o reverendo Tweet cerrou o punho e desferiu um golpe ineficaz. Os mais próximos de Lunkchurch o arrancaram do caminho, como sempre, enquanto outros cercavam Tweet, procurando acalmá-lo. Depois, Charlie Grimm, sempre disposto a aceitar um desafio, qualquer desafio, berrou acima do tumulto, e de seu próprio nevoeiro da embriaguez:

— Barnaby, prepare-se para encontrar seu criador!

Atenciosos, os homens ao redor se afastaram para lhes dar espaço, e os dois, sob aclamações, começaram a se esmurrar, com o maior empenho.

— Drinques por conta da casa! — ordenou o chefe dos *barmen*, para os que ainda se encontravam no clube. — *Scotch* para o reverendo, porto para o conde e seu convidado. E agora vocês dois parem de brigar!

Tweet aceitou o uísque e cambaleou para uma mesa bem distante dos dois brigões, que agora rolavam pelo chão, a beligerância ainda intensa. O *barman* suspirou, esvaziou um balde de água suja sobre eles, contornou o balcão, pegou um em cada mão e expulsou-os para a High Street, sob mais aplausos.

— Senhores, por favor, está na hora de fechar! — anunciou ele, sob vaias que logo cessaram.

Todos terminaram seus drinques e começaram a se retirar. Zergeyev e Fritz Erlicher ergueram o chapéu polidamente para o clérigo.

— Reverendo — disse Swann, o mercador magro que atuava como diácono —, que tal procurar pelos pecadores na cidade dos bêbados?

— Como se diz, Sr. Swann, já estou indo.

Em sua pequena casa, na Yoshiwara, Hinodeh esperava. *Furansu-san* dissera que viria naquela noite, mas podia se atrasar. Ela estava vestida para se despir, o quimono de noite e os quimonos interiores da melhor qualidade, os cabelos a rebrilhar, travessas de casco de tartaruga e de prata ornamentando o penteado armado, que deixava à mostra nuca impecável, as travessas ali só para serem tiradas... para permitir que os cabelos caíssem até a cintura, escondendo o erótico.

Gostaria de saber o que há de tão erótico na nuca de uma mulher para excitar os homens, especulou ela; e por que escondê-la é também erótico? Ah, como os homens são estranhos! Mas Hinodeh sabia que deixar os cabelos caírem excitava *Furansu-san*, tanto quanto qualquer outro cliente, e essa era a sua única concessão ao pacto entre os dois. Não fazia qualquer outra coisa na luz.

No escuro, antes do amanhecer, quando estavam juntos, sua *maiko* acordava, e ela se vestia sem acender qualquer luz, quer ele despertasse também, ou não. Depois, ia para o outro quarto, fechava a porta, que a *maiko* ficava vigiando, e voltava a dormir, se por acaso se sentia cansada. *Furansu-san* concordara que nunca entraria naquele santuário... depois da primeira vez, ela insistira:

— Dessa maneira, a privacidade da noite pode se estender pelo dia.

— Como assim?

— Com isso, o que você viu uma vez nunca vai mudar, não importa o que os deuses determinem.

Um tremor percorreu seu corpo. Por mais que tentasse, não podia reprimir a sensação de que a semente do vil deus Pústula, implantada por *Furansu-san* dentro dela, estava adquirindo força, crescendo, preparando-se para irromper por toda parte. Todos os dias, ela se examinava. De uma forma meticulosa. Só podia confiar em Raiko para verificar naqueles pontos que ela não podia ver e que ainda continuavam imaculados.

— Todos os dias é demais, Hinodeh — dissera Raiko, antes de concordar com o contrato. — Pode não acontecer nada por anos...

— Sinto muito, Raiko-san. Todos os dias é uma condição.

— Por que resolveu concordar? Tem um bom futuro em nosso mundo. Talvez nunca alcance a primeira classe, mas é instruída, sua *mama-san* diz que tem uma longa lista de clientes, que está satisfeita com você, disse que poderia casar com um próspero mercador, fazendeiro ou fabricante de espadas, que é sensata, e não lhe faltaria uma boa união.

— Agradeço sua preocupação, Raiko-san, mas acertou com minha *mama-san* que nunca me interrogaria, nem bisbilhotaria meu passado, para descobrir de onde vim ou procurar explicações. Em troca, partilha com ela uma porcentagem do dinheiro que ganharei este ano, e talvez no outro. Deixe-me repetir: aceitei o contrato porque é o que desejo.

Isso mesmo, é o que desejo, e me sinto afortunada.

Tinha agora vinte e dois anos. Nascera numa fazenda nos arredores de Nagasáqui, na província de Hizen, na ilha do Sul. Aos cinco anos, fora convidada a ingressar no mundo flutuante por uma das muitas intermediárias que viajavam pelo país à procura de crianças que pudessem se tornar gueixas, pessoas das artes, as que podiam ser treinadas, como Koiko, nas artes, e não apenas como uma *netsujo-jin*, uma pessoa para a paixão. Seus pais concordaram, receberam dinheiro e uma nota promissória para cinco pagamentos anuais, a começar dez anos depois, a quantia dependendo do sucesso da criança.

Como uma pessoa da arte, ela não fora bem-sucedida — nem na samisen, a guitarra de três cordas, no canto, na dança, ou como atriz —, mas como uma pessoa de prazer, desde os quinze anos, quando fizera sua estréia, mais instruída do que suas contemporâneas, logo se tornara importante para sua *mama-san* e para si mesma. Naquele tempo, seu nome era Gekko, Raio de Luar, e embora houvesse muitos estrangeiros em Nagasáqui na ocasião, ela não conhecia nenhum, pois sua casa atendia apenas a japoneses, da mais alta ordem.

Em certo mês de outubro, o mês sem deuses, ela recebera um novo cliente. Era um ano mais velho do que ela, dezoito anos, um *goshi*, filho de um *goshi* — um espadachim médio, soldado médio, mas para ela a pessoa dos sonhos. Seu nome era Shin Komoda.

A paixão entre os dois desabrochara. Por mais que a *mama-san* tentasse reprimir o magnetismo mútuo — o rapaz era pobre, suas contas não eram pagas —, nada que ela pudesse dizer ou fazer tivera qualquer efeito. Até a primavera do ano seguinte. Sem dizer a Gekko, a *mama-san* fora à casa do rapaz, fizera uma reverência diante de sua mãe e pedira o pagamento, polidamente. Não havia dinheiro para pagar. A mãe pedira tempo. O rapaz fora proibido de ver Gekko outra vez. Ele simulou acatar a ordem dos pais, mas tal não aconteceu. Uma semana depois, disfarçados, eles fugiram juntos, desaparecendo no vasto porto. Ali, com os nomes trocados, e com algum dinheiro que Gekko guardara, além das jóias que

trouxera, compraram passagens de terceira classe num navio de cabotagem que partia naquele dia para Iedo.

Em uma semana, Shin Komoda fora desonrado em sua aldeia e declarado *ronin*. A *mama-san* procurara de novo sua mãe. Era uma questão de honra que as contas do filho fossem pagas. Os cabelos compridos e belos constituíam o único bem de valor e o orgulho da mãe. Com a concordância do marido, ela fora a um fabricante de perucas de Nagasáqui. O homem comprara seus cabelos sem hesitação. O dinheiro fora suficiente para saldar as dívidas do filho. Assim, para eles, a honra fora resguardada.

Em Iedo, ao final do dinheiro, Gekko e Shin conseguiram encontrar alojamentos seguros nos cortiços da cidade. E um sacerdote budista para casá-los. Sem documentos, qualquer dos dois, e seu verdadeiro passado apagado, a vida era difícil, quase impossível, mas por um ano viveram felizes, conseguindo se sustentar no limiar da pobreza. O que não importava, pois se deleitavam na companhia um do outro, o amor aumentou e foi frutuoso. Embora o dinheiro de Gekko minguasse até acabar, por mais que ela tentasse ser prudente, e o pagamento de Shin mal desse para alimentá-los — só conseguira arrumar trabalho como guarda bordel de baixa classe, que nem ao menos ficava na Yoshiwara de Iedo —, não tinha importância.

Nada mais importava. Estavam juntos. Sobrevivendo. Ela mantinha os dois pequenos aposentos impecáveis, converteu-os num palácio e

santuário para ele e a criança. Por mais que Gekko propusesse, ele sempre recusava.

— Nunca, mas nunca mesmo, nenhum outro homem haverá de conhecê-la! Quero que jure!

E ela jurara. Quando o filho tinha um ano de idade, Shin morrera numa briga. Com sua morte, a luz se apagara em Gekko.

Uma semana depois, a *mama-san* do bordel lhe fizera uma proposta. Ela agradecera e recusara, dizendo que voltaria para sua casa em Nara. Comprara no mercado uma vela nova, vermelha, e acendera-a naquela noite, quando o menino dormia, para observá-la e pensar no que deveria fazer, até que a chama se extinguísse, prometendo aos deuses que, ao final, decidiria o que era melhor para o filho, pedindo-lhes ajuda para tomar a decisão mais sábia.

A chama se extinguiu, e a decisão fora simples e correta: Deveria mandar o filho para os pais de Shin. O menino iria sozinho — fingiria que ela e o marido haviam cometido o *jinsai*, o suicídio ritual conjunto, como expiação aos pais de Shin pelo sofrimento que haviam lhe causado. Para ser aceito, o filho deveria ter pelo menos um ano de dinheiro, de preferência mais. Deveria estar bem vestido e viajar com uma ama de confiança, o que implicava mais dinheiro.

Só assim ele poderia obter sua herança, virar um samurai. Por último, não havia sentido em obedecer ao juramento feito a um morto, quando o futuro do filho vivo se encontrava em jogo.

Pela manhã, ela deixara o filho com uma vizinha, com o resto do dinheiro comprara o melhor quimono e a melhor sombrinha que pudera encontrar no mercado dos ladrões. Depois, sem mais nenhum dinheiro, fora à melhor cabeleireira, perto dos portões da Yoshiwara de Iedo. Ali, trocara um mês de ganhos futuros pelo penteado mais moderno, massagem, maquilagem, manicure, pedicure e outros cuidados... e informações.

As informações custaram mais um mês.

Naquela tarde, ela passara pelos portões, e fora direto para a casa da Glicínia. A *mama-san* era igual a todas as outras que já conhecera, sempre a perfeição no traje e no penteado, sempre um pouco corpulenta demais, com uma maquilagem que mais parecia uma máscara, olhos gentis com os fregueses, mas que podiam se tornar duros como granito de um momento para outro, olhos que podiam fazer as moças tremerem de medo, e sempre exalando a fragrância do melhor perfume que podia comprar, mas nem assim encobrindo o cheiro persistente de saquê. Aquela *mama-san* era magra, e seu nome era Meikin.

— Sinto muito, mas não aceito damas sem documentos nem história
— dissera a *mama-san*. — Respeitamos a lei aqui.

— Sinto-me honrada em saber disso, madame, mas tenho uma história, e com sua ajuda posso inventar outra, para satisfazer os mais inquisitivos representantes do *Bakufu*, e ao mesmo tempo resistir à investigação mais meticulosa de um bisbilhoteiro.

Meikin riu. Os olhos permaneceram sérios.

— Que treinamento você teve, onde? E qual é o seu nome?

— Meu nome é Hinodeh. O onde não tem importância, não é?

Gekko falara sobre as mestras de gueixa, e seu fracasso em corresponder às expectativas. Depois, relatara seu treinamento prático, os tipos de clientes que tivera e quantos.

— Interessante. Mas, sinto muito, não tenho vaga aqui, Hinodeh — dissera a mulher, com extrema gentileza. — Volte amanhã. Farei indagações, talvez alguma amiga possa aceitá-la.

— Por favor, posso pedir que reconsidere? — Claro que no dia seguinte ela também não seria admitida, sob algum pretexto. — Afinal, é a melhor, a mais digna de confiança.

Ela rangera os dentes e acrescentara, a voz suave, torcendo para que a informação fosse correta:

— Até mesmo os *shishi* sabem disso.

A cor se esvaíra do rosto da *mama-san*, embora sua expressão não se alterasse.

— Você e seu amante fugiram e agora ele a abandonou?

— Não, madame.

— Neste caso, ele morreu.

— Isso mesmo, madame.

— E teve uma criança ou crianças?

— Um filho.

A mulher mais velha suspirou.

— Um filho. Ele está com você?

— Está com a família do pai.

— Qual é a idade dele?

— Um ano e três meses.

Meikin pedirá chá e beberam em silêncio. Gekko tremia por dentro, com medo de ter ido longe demais na ameaça, convencida de que a outra mulher especulava de onde vinha a informação, e como ela, uma estranha — um fato bastante perigoso, por si só —, tomara conhecimento. Ou se ela era uma espiã do xogunato. Se eu fosse uma espiã, raciocinara Gekko, com toda certeza não diria isso, não na primeira entrevista. Ao final, a *mama-san* dissera:

— Não poderá ficar aqui, Hinodeh, mas tenho uma irmã que possui uma excelente casa na rua seguinte. Há um preço para a apresentação.

— De antemão, devo lhe agradecer humildemente por ajudar.

— Primeiro, tem de jurar que vai eliminar os maus pensamentos de sua cabeça. Para sempre.

— Por minha vida.

— Pela vida de seu filho é melhor.

— Pela vida de meu filho.

— Segundo, será uma exemplar dama do nosso mundo, calma, obediente, merecedora de confiança.

— Por minha vida e pela vida do meu filho.

— Terceiro... o terceiro pode esperar até sabermos se minha irmã concorda em socorrer a pessoa que vejo diante de mim.

O terceiro era uma questão de dinheiro, a divisão entre as duas *mama-sans*. Tudo fora acertado de maneira satisfatória. Gekko fizera um acordo financeiro com a vizinha, para que cuidasse de seu filho, visitando-o em segredo a cada duas semanas, pela manhã, no seu dia de folga, a mentira que dissera a Meikin não chegando a ser uma mentira total, já que ele seria enviado mesmo para a família do pai.

E logo, mais uma vez, ela se tornara popular, mas não bastante popular, o pagamento à cabeleireira tornara-se contínuo, o que também acontecia com a massagista, com a mulher que fazia suas roupas. Nunca restava o suficiente para guardar. A esta altura, o filho era um segredo aberto, pois as duas *mama-sans* a vigiavam, mandaram segui-la. Nunca lhe mencionaram o filho, compreendendo a situação, com compaixão. Até que um dia sua *mama-san* a chamara e falara sobre o *gai-jin* que pagaria bastante, adiantado, para enviar o filho ao seu futuro, com dinheiro para dois anos de sustento, no mínimo dois, e ainda restaria o suficiente para garantir sua viagem são e salvo até o lugar em que viveria.

Ela aceitara com alegria.

Depois da primeira noite terrível, sentira vontade de acabar com sua vida, o homem era bestial. Por mais que chorasse e suplicasse, Raiko recusara, implacável, pois avisara-a antes que isso não seria

possível, pelo menos por um mês. Por sorte, houvera dias para a recuperação e para as duas planejarem uma defesa. E essa defesa conquistara o animal, como ela se referia ao *gai-jin*, e conseguira mudá-lo, temporariamente. Agora, ele se mostrava dócil, chorava muito, exigia paixão em todas as suas aberrações, mas por baixo de seu comportamento manso e agradável dava para sentir a violência, ainda borbulhando, pronta para explodir.

No ambiente tranqüilo e agradável, Hinodeh agora esperava, os nervos tensos. No momento em que ele bateu no portão da rua, sua *maiko* veio correndo para avisá-la. Como ainda tinha tempo, ela sentou na posição do lótus, para meditar, enviou sua mente para zen. E logo estava preparada.

A união com o animal era suportável. Curioso como ele é diferente, pensou Hinodeh, com uma compleição diferente de uma pessoa civilizada, um pouco mais comprido e mais largo, mas sem a firmeza e a força de uma pessoa civilizada.

Muito diferente de Shin, que era doce, suave e forte. Curiosamente, não havia em seu marido qualquer sinal de seu ancestral *gai-jin*, Anjin-san, que dois séculos e meio antes assumira o nome de Komoda para sua segunda família, em Nagasaqui; a primeira família vivia em Izu, onde ele construía navios para seu suserano, o xógum Toranaga.

Graças a todos os deuses por ele. Por sua causa, meu Shin pôde nascer, e nasceu samurai, assim como nosso filho.

Ela sorriu, feliz. O filho partira há quase três semanas, com dois criados de confiança. Levavam um título financeiro, a ser sacado da Gyokoyama, em nome da mãe de Shin, para quase três anos de casa e comida para o menino, e também para os avós.

Tudo resolvido, pensou ela, orgulhosa. Cumpri meu dever para com nosso filho, Shin-sama. Protegi sua honra. Tudo estava em ordem. Até mesmo a indagação final de Raiko, antes de acertarem a derradeira cláusula do contrato com o animal:

— Por último, Hinodeh, o que devo fazer com o seu corpo?

— Jogue-o na pilha de estrume, pois nada importa, Raiko-san, ele já está profanado. Deixe-o para os cães.

LIVRO QUATRO

42

IOCOAMA

Terça-feira, 9 de dezembro:

Na claridade que antecedia o amanhecer, o cúter da Struan afastou-se da fragata *Pearl* e voltou para o cais da companhia. Desenvolvia a velocidade máxima, deixando uma trilha de fumaça em sua esteira. O vento era firme, soprando de terra, com o céu nublado, que prometia se abrir por volta de meio-dia.

O binóculo do contramestre fixava as janelas do prédio da Struan. Havia uma luz acesa, mas não dava para determinar se Struan se encontrava ali ou não. E foi nesse momento que o motor engasgou, parou, e seus colhões pareceram subir, atingindo-o no queixo. Toda a vibração do barco cessou. Poucos segundos depois, o motor pegou de novo, mas tornou a engasgar, pegou mais uma vez, só que agora fazia um barulho estranho.

— Deus Todo-Poderoso! Roper, desça para ver o que aconteceu! — gritou ele para o mecânico. — E vocês outros, tratem de pegar remos, para o caso de enguiçarmos... McFay vai nos esfolar vivos se pararmos... Roper, qual é o problema, pelo amor de Deus? Diga logo o que aconteceu!

Outra vez ele fixou o binóculo na janela. Nenhum sinal de ninguém. Mas Struan se encontrava ali, seu binóculo focalizando o cúter. Observava-o desde que alcançara a fragata. Ele praguejou, pois agora podia ver o contramestre com toda clareza, e o homem deveria saber que era observado, poderia facilmente transmitir um sinal, sim ou não.

— A culpa não é dele — murmurou Malcolm. — Foi você quem esqueceu de combinar um sinal. Idiota!

Ora, não tinha importância, pois o tempo era bom, não havia qualquer prenúncio de uma tempestade, e uma pequena chuva não afetaria a *Pearl*. Ele tornou a focalizar a nave capitânia. Seu cúter voltava de uma visita à *Pearl*. Devia ter ido até lá para entregar as ordens.

A porta por trás dele foi aberta, e Chen entrou, jovial, trazendo uma xícara de chá fumegante.

— Bom dia, *tai-pan*. Não está mais dormindo, um bom chá, *chop chop*?

— Quantas vezes tenho de lhe dizer para falar uma língua civilizada e não *pidgin*? Seus ouvidos ficaram entupidos com a bosta dos ancestrais e seu cérebro coalhou?

Chen manteve o sorriso no rosto, mas soltou um resmungo interior. Esperava que o gracejo arrancasse uma risada de Struan.

— Ah, sinto muito. — Ele acrescentou a tradicional saudação chinesa, o equivalente a “bom dia”. — Já comeu arroz hoje?

— Obrigado.

Pelo binóculo, Malcolm viu um oficial sair do cúter e subir para a nave capitânia. Nada que indicasse qualquer coisa. Droga!

Ele pegou a xícara.

— Obrigado.

No momento, não sentia qualquer dor especial, apenas a dor constante normal, suportável. Já tomara sua dose matutina. Durante a última semana, conseguira reduzir a quantidade. Agora, tomava uma dose pela manhã e outra à noite, mas jurara que, no futuro, tomaria apenas uma por dia, se tudo corresse bem hoje.

O chá estava ótimo, misturado com leite de verdade, engrossado com açúcar, e por ser o primeiro do dia, continha um pouco de rum, uma tradição iniciada por Dirk Struan, como dissera seu pai.

— Chen, pegue meu culote grosso e uma camisa. Vou usar também um casaco.

Chen ficou surpreso.

— Ouvi dizer que a viagem foi cancelada, *tai-pan*.

— Em nome de todos os deuses, quando ouviu isso?

— Ontem à noite, *tai-pan*. Quinto primo na casa do chefe demônio estrangeiro ouviu-o falando com Nariz de Cogumelo Esmagado do grande navio, que disse: “Não viagem.”

Malcolm sentiu um frio no estômago e foi até a janela. Chocado, viu o cúter balançando a duzentos metros da praia. Sem ondas na proa. Pôs-se a praguejar, furioso, e depois avistou a fumaça começando a sair pela chaminé, as ondas na proa aparecerem, enquanto o cúter adquiria velocidade. Esquadrinhou o convés com o binóculo, mas só pôde ver o contramestre gritando, com os remos num lado, para o caso de outro colapso. Àquela velocidade, o cúter alcançaria o cais da companhia em menos de dez minutos.

Ele se vestiu, ajudado por Chen. Uma rápida olhada indicou que o cúter se encontrava quase atracando. Ele abriu a janela, esticou a cabeça para fora enquanto o contramestre subia para o cais e desatava a correr, tão depressa quanto a enorme barriga permitia.

— Ei, contramestre!

O homem grisalho ofegava ao se aproximar da janela.

— O Capitão Marlowe envia seus cumprimentos — balbuciou ele. — Espera senhor e a dama a bordo.

Struan deixou escapar um grito de alegria. Mandou chamar Ah Soh e ordenou-lhe que acordasse e vestisse Angelique, o mais depressa possível. Depois, em voz baixa, acrescentou:

— Preste atenção, Chen, e não me interrompa, ou vou explodir como uma bomba...

Ele deu instruções sobre o que embalar, e o que ordenar que Ah Soh embalasse, para depois despachar os baús para o *Prancing Cloud*, ao pôr-do-sol.

— A dama e eu jantaremos a bordo, e também dormiremos ali. Vocês dois também ficarão no navio, e voltarão para Hong Kong conosco...

— Hong Kong! Ah, *tai-pan*...

— ...e ambos ficarão com a boca mais fechada do que o ânus de uma mosca ou pedirei a Chen da Casa Nobre para remover seus nomes do livro da família.

Chen empalideceu. Malcolm nunca usara essa ameaça antes. O livro da família era a ligação de todo chinês do sexo masculino com a imortalidade, com seus ancestrais no passado místico e com os descendentes distantes, quando ele próprio seria considerado um remoto ancestral. Sempre que nascia um chinês no mundo, seu nome era escrito nos registros da aldeia ancestral. Sem isso, ele não existia.

— Pois não, amo. E Ah Tok?

— Falarei com ela. Vá chamá-la.

Chen passou pela porta. Ah Tok esperava ali fora. Ele se afastou apressado. Ela entrou. Struan comunicou que decidira que ela iria no navio seguinte e ponto final.

— *Oh ko*, meu filho — murmurou Ah Tok, na voz mais suave. — O que decide para sua velha mãe não é o que sua velha mãe decide que é melhor para si mesma e para seu filho. Voltaremos para casa. Manteremos silêncio. Nenhum dos fétidos demônios estrangeiros jamais saberá. Mas é claro que todas as pessoas civilizadas vão se interessar pela trama. Voltaremos para casa juntos. Vai levar sua prostituta com você?

Ela resistiu às invectivas de Malcolm, ordenando-lhe que nunca mais usasse aquela palavra... ou qualquer outra parecida.

— Ah... — murmurou ela, ao se retirar, a voz definhando a pouco e pouco, — por sua velha mãe não chamará aquela prostituta de sua prostituta outra vez, mas e todos os deuses são testemunhas de que se não é prostituta que devo chamá-la, então prostituta não é o tratamento correto? Meu filho está demente...

Mas a raiva de Malcolm se evaporou quando viu Angelique.

— Ah, mas você está linda!

Ela usava um traje de montaria, botas, saia comprida, justa na cintura, colete, gravata e casaco, um chapéu com uma pluma verde e luvas, mas sem o chicote.

— Achei que seria o melhor para um passeio de barco, querido. — murmurou Angelique, com um sorriso glorioso.

— Sejam bem-vindos a bordo.

Marlowe esperava-os no alto da escada, esplêndido em seu uniforme. Antes de passar para o convés, Malcolm, meio desajeitado, apoiou-se com a mão esquerda, Angelique segurando suas muletas, e ergueu a cartola, formal.

— Permissão para ir a bordo?

Marlowe bateu continência, com um sorriso.

— Sejam bem-vindos. Posso?

Ele ofereceu o braço a Angelique, tonto pela intensidade do sorriso dela e pelo corte do casaco, que realçava o corpo. Levou-os para a ponte de comando, à frente da chaminé. Esperou que Malcolm se acomodasse numa cadeira, antes de dizer a seu número um, Davyd Lloyd:

— Vamos zarpar, *mister* Lloyd. Um quarto à frente e mantenha uma velocidade firme.

A *Pearl* zarpou, impulsionada pelo motor a vapor.

— Assim que nos afastarmos, vamos aumentar a velocidade — explicou Marlowe. — O almirante ordenou que conduzíssemos os testes à vista da nave capitânia.

A felicidade de Struan se desvaneceu.

— À vista dele? Não vamos sair para alto-mar?

Marlowe riu.

— Acho que ele gosta de manter seus “filhos” sob rédea curta. Mas prometo que será divertido.

Ou seja, estamos a bordo, mas não pelo motivo certo, pensou Struan. O desgraçado é um sádico! E se o almirante estivesse a bordo naquele momento, ele tinha certeza de que o mataria com a maior satisfação. Isto é, não chegaria a esse ponto, mas daria uma boa lição no patife. Ele vai se arrepender de não ter me ajudado. Quando eu voltar, inverterei tudo e criarei um problema que ele nunca mais vai esquecer.

Mas, até lá, o que faço agora?

Havia tanta coisa acontecendo que Marlowe e Angelique não notaram seu desespero, que Struan se esforçou em ocultar. A fragata avançava pelo meio da esquadra, com inúmeros marujos e oficiais dos outros navios admirando Angelique, e alguns também a maneira impecável como a *Pearl* era manobrada. A bordo da nave capitânia francesa, o vapor de roda de vinte e um canhões, por que passaram bem perto, os marujos assoviaram e acenaram, deixando consternados os oficiais britânicos.

Por Deus, pensou Marlowe, que péssimos modos, e que disciplina ainda pior. Mesmo assim, ele observou com um ar afável, enquanto Angelique acenava em resposta, sob um coro de assovios e gritos. Para distraí-la, Marlowe comentou:

— Vamos realizar testes de velocidade, Angelique, primeiro sob vapor, e depois com as velas. Temos de verificar o novo mastro. Não se lembra, mas perdemos nosso mastro anterior na tempestade. Vai ver...

Ele continuou a falar, explicando isso e aquilo, respondendo as perguntas que Angelique se sentiu na obrigação de fazer.

Ela simulava interesse, mas no fundo queria apenas ficar em silêncio, sentir o vento desmanchar seus cabelos, agora que tirara o chapéu, e se deleitava com a nova liberdade, querendo que o ar marinho dissipasse o mau cheiro sempre presente de locoama, um fato da vida ali, e também em Hong Kong, de tal forma que mal se notava, querendo apenas olhar para o futuro, sonhar com o canal da Mancha, os mares azuis, a bela costa da França, o retorno à sua terra. Nós, franceses, desejamos demais nossa terra, enquanto os ingleses parecem ser capazes de se sentir à vontade em qualquer lugar, não precisam realmente da Inglaterra, não como nós precisamos da França...

— Vamos ancorar ao meio-dia — disse Marlowe, na maior alegria por ser o capitão da *Pearl*. — Servirei um almoço leve em meu camarote, e há um beliche ali, se quiser fazer uma sesta...

A manhã transcorreu muito agradável. A cada meia hora, o sino do navio anunciava as manobras. Até mesmo Malcolm foi arrancado de seu desespero, enquanto a fragata navegava de uma extremidade a outra da baía, fazia a volta, disparava na direção oposta.

— Daqui a pouco — informou Marlowe — vamos suspender o vapor, e usar apenas as velas.

— Eu prefiro as velas — disse Angelique. — O barulho do motor é horrível. Velejar é mais agradável. Não concorda, Malcolm *chéri*?

— Claro que sim — respondeu Malcolm, contente, o braço em torno da cintura dela, amparando-a contra a inclinação do convés.

— Também concordo, assim como todos os homens da marinha britânica. Claro que ainda temos de velejar durante a maior parte do tempo... não podemos carregar combustível suficiente e o carvão é imundo! Mas, numa noite de tempestade, quando o porto se encontra logo à frente, com o vento contrário, ou o inimigo tem o dobro de canhões, mas usa as velas, e você não, temos de abençoar o velho Stephenson e os engenheiros britânicos por nos proporcionarem a bênção de ir contra o vento. Eu gostaria de levá-los lá embaixo, mas há poeira de carvão por toda parte, um barulho insuportável.

— Mesmo assim, eu adoraria dar uma espiada. Posso?

— Claro. Malcolm?

— Não, obrigado... podem ir vocês dois.

Ele visitava as casas de máquinas de seus vapores desde que era menino; os motores nunca o haviam interessado, apenas sua eficiência, custo e a quantidade de carvão que consumiam.

Antes de deixar a ponte de comando, Marlowe verificou a posição da fragata e o vento. Estavam a três quartos de milha da praia, bem distantes da esquadra e dos navios mercantes.

— Número Um, assumo o comando. Quando emparelharmos com a nave capitânia, suspenda o vapor e ize as velas, com curso para leste.

— Certo, senhor.

Malcolm observou Marlowe conduzir Angelique para a passagem no meio do navio, com uma pontada de inveja pelos passos ágeis do oficial britânico, ao mesmo tempo divertido com o charme contagioso com que ele envolvia Angelique. Respirando fundo, Malcolm relaxou na cadeira. O mar, o céu, o vento e o espaço haviam dissipado seu desalento. Era ótimo estar no mar, maravilhoso ser parte de um navio de guerra tão eficiente, bem cuidado e orgulhoso, ainda melhor estar confortável e seguro nas ondas. Sua mente projetou planos diferentes para enfrentar o amanhã e os dias subsequentes.

Joss, o destino. Não vou me preocupar com coisa alguma, ele prometeu a si mesmo. Lembre-se de seu juramento e da nova era!

Depois que Gornt chegara a Iocoama, como uma dádiva do céu, Malcolm agradecera a Deus pela perspectiva de salvação, e jurara que, se a informação de Gornt fosse mesmo o que ele alegava, faria sempre o melhor que pudesse, e não se contentaria com menos. Com informações suficientes para destruir os Brocks, ele tinha certeza, acima e além de qualquer dúvida, que a mãe viria para o seu lado. Angelique era tudo o que importava, assim como ser *tai-pan*, mas não apenas no nome.

Naquela mesma noite, fora impelido a se contemplar no espelho. Tinha de ser feito. Alguma força o obrigara a ver de verdade, pela primeira vez em anos, a se estudar de fato, profundamente, e não apenas o rosto.

Ao final, pensara: É isso o que você é, continua ferido gravemente por dentro, não pode se empertigar direito, suas pernas não funcionam como deveriam, mas pode ficar de pé, pode andar, e vai melhorar. O resto do seu corpo funciona e a mente também. Aceite. Lembre o que a mãe e o pai sempre lhe disseram, desde que era criança: “Aceite seu *joss*, é o que Dirk Struan sempre dizia. Dirk não tinha a metade de um pé e isso não o impedia de fazer as coisas. Dirk foi baleado e cortado uma dúzia de vezes, quase morreu em Trafalgar como carregador de pólvora, quase foi destruído por Tyler Brock meia dúzia de vezes. Aceite seu *joss*. Seja chinês, era o conselho de Dirk. Faça o melhor que pode e o resto que se dane.

Seu coração batera forte. Dirk, Dirk, Dirk. Que se dane Dirk Struan! Detesto quando jogam Dirk na minha cara, sempre me apavorei com a possibilidade de não ser capaz de me mostrar à altura de sua imagem impossível. Admita-o!

O reflexo não respondera. Mas ele o fizera.

— Tenho o sangue dele, tenho sua Casa Nobre para dirigir, sou *tai-pan*, faço o melhor que posso, mas nunca ficarei à sua altura, admita isso, que Deus o amaldiçoe, é essa verdade! É esse meu *joss*.

Ótimo, seu reflexo parecera dizer. Mas por que odiá-lo? Ele não o odeia. Por que odiá-lo como tem odiado por toda a sua vida... porque o odiou por toda a vida, não é mesmo?

— Isso é verdade, eu o odeio, sempre odiei!

Dizer em voz alta deixara-o chocado. Mas era verdade... todo o amor e respeito não passavam de uma impostura. Sempre o odiara, mas de repente, na frente do espelho, não mais o fazia. Por quê?

Não sei. Talvez seja por causa de Edward Gornt, talvez ele seja o bom espírito que me libertou do passado, assim como quer se libertar do seu. Morgan não envenenou sua vida, a de sua mãe e a de seu pai? Não que Dirk envenenasse a minha, mas seu espectro se interpôs entre a mãe e o pai e envenenou-os... não era esse o *joss* deles, que o pai morresse odiando-o, e por mais que a mãe o idolatre abertamente... também não o odeia, no fundo de seu coração, por ele não ter casado com ela?

Ali, na ponte de comando da fragata, Malcolm recordou o suor frio que o encharcara, e depois mais tarde, bebendo algum uísque, mas não a outra coisa, rompendo sua obsessão naquele momento, e tomando conhecimento de outra verdade: ansiava pela poção, tornara-se um viciado.

Verdades demais confrontadas. Não era fácil encarar a si mesmo, a missão mais difícil — e mais perigosa — que um homem pode realizar, e deve fazer pelo menos uma vez na vida, para ficar em paz. E foi o que eu fiz, gostando ou não.

— Número Um — disse o jovem sinaleiro ao tenente Lloyd, a luneta focalizada em seu equivalente distante — mensagem da nave capitânia, senhor.

Dois conveses abaixo, a casa de máquinas era uma masmorra de calor e barulho vibrando, poeira, escuridão e mau cheiro, iluminada

por quadrados de carvões em brasa, quando foguistas seminus abriam as fornalhas sob as enormes caldeiras para jogar mais carvão ou retirar as brasas para a entrada de mais e mais carvão.

Angelique e Marlowe estavam parados numa das grades de ferro por cima, o ar impregnado pelo cheiro de coque, fogo, óleo ardendo, suor e vapor. Os corpos lá embaixo brilhavam de suor, homens barrigudos, com músculos estufados, as pás raspando no convés de ferro para ficarem cheias de carvão, que era lançado com um movimento hábil na fornalha, e espalhado numa camada igual, para pegar fogo no mesmo instante, e logo precisar de reabastecimento.

Na direção da popa, o motor vibrando brilhava de cuidado e óleo, mais homens usando latas com bicos compridos esguichavam óleo nas juntas, enquanto outros limpavam com refugos de algodão, outros cuidavam dos mostradores, bombas e válvulas, o motor girando o hélice contra a pressão do mar. Jatos de vapor das válvulas, mais óleo e limpeza, uma constante atenção dispensada aos êmbolos, alavancas, engrenagens, mais carvão jogado nas fornalhas. Angelique achou tudo muito excitante... os homens lá embaixo pareciam alheios à presença deles.

Orgulhoso, Marlowe apontava e explicava, por cima do barulho, e ela respondia com um aceno de cabeça, um sorriso de vez em quando, segurando em seu braço de leve, para se firmar, sem ouvir nada, nem preocupada em escutar dominada pela casa de máquinas, que lhe parecia um Valhalla masculino, onde máquinas casavam com

homens, agora eram parte deles, primitivas, mas ao mesmo tempo futuristas, escravos cuidando de seus amos, e não o contrário.

Sem ser percebido, o sinaleiro aproximou-se por trás e bateu continência. Não sendo visto, ele se adiantou, bateu continência de novo e rompeu o encantamento de Angelique. Entregou a mensagem escrita a Marlowe, que a leu rapidamente depois balançou a cabeça para o sinaleiro e gritou:

— Mensagem recebida! — Ele inclinou-se para Angelique e acrescentou: — Sinto muito, mas temos de subir agora.

Nesse momento, ouviu-se ali embaixo o sino da ponte de comando. O oficial de máquinas apressou-se em cumprir a ordem. Homens correram para fechar válvulas, abriram outras, acionaram alavancas, verificaram os mostradores. À medida que a força do vapor diminuía, o enorme eixo e o motor se tornaram mais lentos, o barulho diminuiu, os foguistas apoiaram-se agradecidos em suas pás, os peitos arfando para aspirar o ar impregnado de poeira de carvão, torceram as toalhas penduradas no pescoço. Um homem virou-se, praguejou, sua voz ainda abafada pelo barulho, abriu a calça e urinou sobre os carvões, num jato que terminou em vapor, sob as risadas dos outros. Marlowe apressou-se em pegar Angelique pelo braço e tirou-a dali. Um foguista a notou, depois outro, e antes que ela desaparecesse, todos olhavam em silêncio para seu vulto se afastando. Assim que ela saiu, um deles fez movimentos obscenos, sob mais risadas, misturadas com um silêncio repentino e triste.

No convés lá em cima, com a súbita falta de barulho, aspirando o ar marinho, ela sentiu-se tonta por um instante, e apoiou-se no braço de Marlowe.

— Você está bem?

— Estou, sim. Obrigada, John. Foi... extraordinário.

— Acha mesmo? — murmurou ele, distraído, sua atenção nos marujos no cordame, içando e ajustando as velas. — Imagino que é a reação de todo mundo, na primeira vez. No mar, durante uma tempestade, as coisas lá embaixo não são fáceis. Foguistas e engenheiros formam uma raça à parte.

Marlowe conduziu-a até Malcolm.

— Lamento, mas tenho de deixá-los por um momento.

Ele desceu para seu camarote, que ficava na popa. O fuzileiro de sentinela bateu continência à sua passagem. O cofre da fragata ficava embaixo de seu beliche. Marlowe abriu-o, nervoso. A mensagem do almirante era curta: "Cumpra as ordens lacradas, I/A16/12." Havia no cofre o diário de bordo, códigos, dinheiro para pagamento, livro de pagamento, livro de punições, manuais, manifestos, recibos, os regulamentos navais e vários envelopes lacrados, que recebera da capitânia naquela manhã.

As mãos tremiam um pouco quando ele encontrou o envelope correto. Seria a ordem de retornar à esquadra ou de se preparar para a guerra? Marlowe sentou à mesa, cercada por cadeiras, tudo aparafusado no convés, e rompeu o lacre.

— Foi extraordinário lá embaixo, Malcolm! Terrível, de certa forma, todos aqueles homens, uma coisa espantosa... e se é assim num

pequeno navio como este, como seria num grande vapor... como, por exemplo, o *Great Eastern*?

— É de fato um navio incrível, Angel. Testemunhei seu lançamento no Tamisa, na última vez em que estive em Londres, há quatro anos, quando concluí a escola... e não pode imaginar como me senti contente por terminar os estudos. O navio é todo de ferro, quatro toneladas, o maior do mundo até agora, construído para transportar emigrantes, milhares de cada vez, até a Austrália. O lançamento prolongou-se por semanas... foi efetuado de lado e quase afundou. O pobre Brunel, que projetou e construiu o navio, quebrou muitas vezes, arrastando várias companhias na queda. Era um navio azarado, pegou fogo na viagem inaugural, quase naufragou... e isso o matou. Nunca viajarei nele... azarado como é, desde o início...

Malcolm avistou Marlowe aproximando-se pelo convés e franziu o rosto. Não havia agora qualquer sinal de jovialidade no rosto do oficial. O contramestre badalou o sino oito vezes. Meio-dia.

— Assuma o comando, Número Um — disse Marlowe.

— Pois não, senhor.

— Por que não leva *miss* Angelique para a proa? Talvez ela goste de examinar de perto os nossos canhões.

— Com prazer. Vamos, *miss*?

Obediente, Angelique seguiu-o pelo convés. Ele era baixo, sardento, e da sua altura.

— É galês, Sr. Lloyd? — perguntou ela.

Ele riu e respondeu numa voz monótona:

— Tão galês quanto as colinas de Llandridod Wells, onde nasci.

Angelique riu também, inclinou-se contra o convés inclinado e sussurrou:

— Por que estou sendo afastada como uma colegial?

— Não faço a menor idéia, *miss*. — Ela viu os olhos castanhos de Lloyd se desviarem para trás, e depois se fixarem nela. — O capitão quer falar sobre o almoço, com certeza, ou perguntar a ele, a seu homem, se quer usar o banheiro. Conversa de homem.

Os olhos sorriam enquanto ele falava.

— Gosta dele, não é?

— O capitão é o capitão. E agora os canhões, *miss*!

A risada de Angelique ressoou, os marujos nas proximidades ficaram encantados. Malcolm e Marlowe, na ponte de comando, também

ouviram, e viraram-se para olhar.

— Ela é uma imagem graciosa, Malcolm.

— Também acho. Mas estava me falando do almoço.

— Acha que é satisfatório? O cozinheiro é de primeira classe na torta de maçã.

O cardápio seria guisado de peixe, pastelão e bolinhos fritos de galinha e carne de porco, galinha assada fria, queijo Cheddar e torta de maçã.

— Tenho duas garrafas de Montrachet 55, geladas, que venho guardando para uma ocasião especial, e um Chambertin 52.

— Você vive muito bem — comentou Malcolm, impressionado.

Marlowe sorriu.

— Nem tanto, mas é um dia especial, e para dizer a verdade, sursupiei o Chambertin... era o favorito do meu velho. E ele me deu duas caixas do Montrachet, quando parti.

— Ele é da marinha?

— É, sim. — A maneira como Marlowe falou expressava surpresa pela pergunta. — É comandante-em-chefe em Plymouth.

Ele hesitou, fez menção de falar, parou.

— Qual é o problema? Recebeu ordem para voltarmos?

— Não. — Marlowe fitou-o nos olhos. — Esta manhã me entregaram diversas ordens lacradas, junto com a permissão de trazê-lo para bordo, e voltar ao pôr-do-sol, sem falta. Há poucos minutos, a nave capitânia ordenou-me que abrisse um dos envelopes lacrados. Não havia uma ordem expressa para lhe contar, nem para deixar de contar. Talvez você possa me explicar tudo. A mensagem dizia: “Devo um favor peculiar ao Sr. Struan, e você pode, *se assim o desejar*, concedê-lo.”

O mundo parou para Malcolm Struan. Não sabia se estava vivo ou morto, a cabeça girava, e com certeza teria caído se não estivesse sentado.

— Deus Todo-Poderoso! — exclamou Marlowe. — Contramestre, vá buscar uma dose de rum, o mais depressa possível!

O contramestre afastou-se, enquanto Malcolm conseguia balbuciar:

— Não, não precisa... estou bem... mas, para ser franco, um trago de rum seria ótimo.

Ele podia ver os lábios de Marlowe se mexendo, e sabia que era sacudido, mas seus ouvidos não escutavam coisa alguma além das batidas do próprio coração. Um momento depois, no entanto, sentiu o vento no rosto e o som do mar retornou.

— Tome aqui, senhor — disse o contramestre, aproximando o copo de seus lábios.

O rum escorreu pela garganta. Em segundos, Struan sentiu-se melhor. Fez menção de se levantar.

— Melhor ir devagar, senhor — murmurou o contramestre, preocupado. — Parece que viu um fantasma.

— Não um fantasma, contramestre, mas vi um anjo... seu capitão! Marlowe ficou aturdido, e Malcolm acrescentou, tropeçando nas palavras.

— Não estou louco. John... desculpe, capitão Marlowe... há algum lugar aqui em que possamos ter uma conversa em particular?

— Claro. Aqui mesmo.

Contrafeito, Marlowe gesticulou para o contramestre, que deixou a ponte de comando. Só o timoneiro e o sinaleiro permaneceram.

— Sinaleiro, vá para a proa. Timoneiro, tape os ouvidos.

Struan disse:

— Meu pedido peculiar é o seguinte: quero que você navegue para alto-mar e celebre meu casamento com Angelique.

— Como?

Foi a vez de Marlowe ficar atordoado. Ouviu Malcolm repetir, e balbuciou:

— Você está mesmo louco!

— Não, não estou. — Malcolm tinha o controle agora, seu futuro em jogo, com as palavras do almirante, *e você pode, se assim o desejar, concedê-lo*, gravadas em seu cérebro. — Deixe-me explicar.

E ele começou. Poucos minutos mais tarde, o camareiro subiu à ponte de comando e logo se retirou. Voltou mais tarde, para anunciar:

— Com os cumprimentos do cozinheiro, senhor, o almoço está servido em seu camarote.

Marlowe, no entanto, acenou-lhe outra vez para que se retirasse, concentrado, não querendo interromper.

— ...e esse é o motivo — concluiu Malcolm —, o porquê do almirante, meu, seu, de minha mãe. Agora, por favor, vai conceder meu favor peculiar?

— Não posso. — Marlowe sacudiu a cabeça. — Sinto muito, meu velho. Nunca casei ninguém e duvido que os regulamentos permitam.

— O almirante lhe deu permissão para fazer o que eu pedisse.

— Ele teve o maior cuidado: "*conceder, se eu assim o desejar*". Por Deus, meu caro, isso é pôr meu pescoço no laço do carrasco. — Marlowe sentia a boca ressequida, enquanto previa todos os tipos de desastres futuros. — Não conhece Ketterer como eu, nem qualquer outro oficial superior, diga-se de passagem! Se eu escolher errado neste caso, ele vai me esfolar vivo, minha carreira estará liquidada...

Ele fez uma pausa para respirar, balançou a cabeça, e acrescentou:

— Não poderia fazer isso de jeito nenhum, não...

— Por que não? Não nos aprova?

— Claro que aprovo vocês dois, mas sua mãe não... isto é, ela diz não ao casamento, Sir William meteu-se na história, a igreja não vai celebrar o casamento, nem os outros capitães, e não posso esquecer que os dois são legalmente menores de idade, e por isso, se eu me envolvesse... afinal, ela é menor, e não pode... não posso assumir o risco... — Marlowe teve uma súbita idéia, olhou na direção da praia — A menos que sinalize para Ketterer. Pedirei permissão.

— Se fizer isso, perderá prestígio para sempre. Se Ketterer quisesse que você fizesse isso, teria dito expressamente.

Marlowe tornou a olhar para ele, irritado. Releu a mensagem do almirante, soltou um grunhido. Seu futuro estava em jogo. Deus Todo-Poderoso, por que os comvidei para um passeio? Lembrou o que o pai sempre dizia: Na marinha, você comanda seu navio pelas normas e regulamentos, exceto se for o maldito Nelson, e só existiu um Nelson!

— Lamento, meu caro, mas não é possível.

— Você é a nossa última esperança... e agora a nossa única esperança.

— Lamento, mas a resposta é não.

Struan suspirou, relaxou um pouco, e jogou seu último trunfo.

— Angel!

Ela ouviu-o na segunda chamada e voltou, com o tenente Lloyd ao seu lado.

— Angel, gostaria de casar hoje, neste momento? — indagou ele, amando-a demais. — John Marlowe pode celebrar a cerimônia, se quiser. O que acha?

Angelique mostrou-se espantada, e não ouviu Marlowe dizer que lamentava muito, mas não podia fazê-lo. Só que ele foi detido pelo ardor do abraço e beijo de Angelique, que depois fez a mesma coisa com Struan, várias vezes.

— Mas claro que eu adoraria! Oh, John, seria maravilhoso... obrigada, muito obrigada... seria maravilhoso... por favor...

Ela suplicou com outro abraço, e Marlowe se ouviu dizer:

— Claro, claro... por que não? Terei o maior prazer.

Ele falou as palavras fatídicas baixinho, embora se sentisse por dentro mais furioso do que nunca, e ainda tivesse a intenção de dizer não. O timoneiro sacramentou a questão com um grito alegre:

— Três vivas para o capitão Marlowe! Teremos um casamento a bordo!

O almoço foi um hilariante festim pré-nupcial, apenas dois ou três copos de vinho para testar e saborear a qualidade excepcional, o resto deixado para mais tarde, com todos muito excitados, e ansiosos em começar logo. Depois de tomar a decisão, Marlowe ordenou que a fragata partisse para alto-mar com todas as velas içadas e tornou-se o mais entusiástico partidário, querendo que a cerimônia fosse memorável e perfeita. Mas antes de propor um brinde pré-nupcial, ao final da refeição, ele disse, solene:

— Só Deus sabe se será mesmo legal, mas nada pude encontrar nos regulamentos navais para dizer que não será, ou que não pode ser consumado, nada se refere à idade das pessoas, apenas que ambos devem declarar sua concordância formal, diante de testemunhas, que dão seu consentimento por livre e espontânea vontade, e assinarem um depoimento, que incluirei no diário de bordo. Ao desembarcarmos, todo o inferno ficará à solta, além dos

parabéns. Talvez devam providenciar uma cerimônia religiosa, pois as duas Igrejas vão protestar com veemência pelo que vamos fazer.

Angelique percebeu uma certa apreensão por trás das palavras.

— Mas está tudo bem, não é, John? Malcolm me falou sobre as oposições e o padre Leo... — Ela torceu o nariz, em repulsa. — Você não vai se meter numa encrenca, não é?

— Nem pense nisso, pois o almirante deu permissão — respondeu Marlowe com mais entusiasmo do que sentia. — Mas chega de falar sobre isso. À saúde de vocês e às futuras gerações!

Angelique começou a se levantar para beber também, mas Struan a deteve.

— Desculpe, querida, mas dá azar beber à própria saúde. É um velho costume. Além disso, a bordo dos navios da marinha real, as pessoas sempre fazem o brinde sentadas.

— Ah, sinto muito!

Sua mão esbarrou num copo, jogando-o contra outro, que começou a retinir. No mesmo instante, Marlowe e Struan se inclinaram para interromper a vibração. Malcolm explicou:

— É outra antiga superstição do mar, querida. Se você deixa o retinido de um copo acabar por si mesmo, um marujo se afoga em algum lugar do mundo.

— Ahn... — O rosto de Angelique perdeu o brilho. — Eu gostaria de saber disso antes. Muitas vezes, no passado...

— Não precisa se preocupar — interrompeu-a Marlowe. — Se você não sabe, então a superstição não conta. Certo, Malcolm?

— É isso mesmo. Eu gostaria de propor um brinde, Angelique, a John Marlowe, capitão da marinha real, cavalheiro, e o melhor amigo

que temos!

O pequeno camarote transbordava de conversa animada e risos. Lloyd veio anunciar que estava tudo pronto no convés superior. Um último beijo entre os dois, muito terno, e foram para o convés, onde ficaram de mãos dadas.

A fragata navegava a favor do vento, as velas enfunadas. Os marujos que podiam ser dispensados de suas funções entraram em formação no convés, arrumados e empertigados, virados para o tombadilho superior, onde Malcolm e Angelique postavam-se diante do capitão. Marlowe era ladeado por uma guarda de honra de dois fuzileiros. Abriu o livro dos regulamentos navais na página certa e gesticulou para que o corneteiro dos fuzileiros desse uma clarinada. O contramestre soprou seu apito e os marujos assumiram posição de sentido.

— Estamos aqui reunidos como testemunhas do casamento destas duas pessoas, à vista de Deus...

As ondas encapeladas não os incomodavam, nem o vento, que soprava em rajadas cada vez mais fortes. Havia nuvens nimbos no horizonte, ainda não ameaçadoras, mas potencialmente perigosas. O céu continuava claro, e Marlowe especulou, por um instante, se o

tempo não seria um presságio. Ainda não havia motivo para alarme, pensou ele. A cerimônia foi logo concluída, estranhamente rápida para todos, quase um anticlímax para Malcolm. Ele usara o anel de sinete de seu dedo mínimo como o anel de casamento. Era grande demais para Angelique, mas ela o segurou com firmeza, contemplando-o na maior incredulidade.

— Agora, eu os declaro marido e mulher.

Enquanto eles se beijavam, soaram exclamações estrondosas, até que Marlowe ordenou:

— Vamos interromper esse abraço!

Ele ordenou em seguida que fosse servida uma dose de rum a todos os tripulantes, sob mais aclamações.

— Sra. Struan, posso ser o primeiro a lhe dar os parabéns?

Angelique abraçou-o, comovida, lágrimas de alegria escorrendo por suas faces.

— Obrigada, muito obrigada...

— De nada — murmurou Marlowe, embaraçado, e depois apertou a mão de Struan. — Parabéns, meu velho. Por que nós não...

Uma breve rajada fez as velas estalarem.

— Por que vocês dois não descem? — sugeriu ele. — Irei me juntar a vocês daqui a pouco.

Marlowe virou-se, esquecendo-os pelo momento, para cuidar de seu navio.

— Vamos dar a volta, Número Um. Fixe um curso para Iocoama, sob velas até novas ordens. Ligaremos o vapor para ancorar... e talvez

enfrentemos alguma chuva. Sinaleiro, dê-me seu bloco. Quando estivermos à vista da nave capitânia, transmita isto.

Edward Gornt sentava à vontade junto da janela panorâmica do prédio da Brock, os pés em cima de uma cadeira, contemplando a baía. As nuvens haviam se espalhado e prometiam uma tempestade, embora naquela época do ano se dissipassem tão depressa quanto surgiam. Por trás dele, Norbert Greyforth se encontrava sentado à sua escrivaninha, absorvido no trabalho. Havia observado a *Pearl* sumir no horizonte, mas não atribuíram qualquer significado especial a isso.

— Imagino que é parte dos testes que estão realizando, senhor — dissera Gornt. — Ainda não consigo conceber o que há de tão importante a bordo.

Norbert balançara a cabeça, secretamente divertido, e voltara a assinar e conferir documentos e manifestos. Havia um cargueiro da Brock no porto, deveria zarpar dentro de poucos dias, e toda a carga que levaria do Japão tinha de ser contabilizada: vinte quilos de ovos de bicho-da-seda para o mercado francês — trinta a cinquenta mil ovos em cada trinta gramas —, fardos de seda crua e panos de seda para o mercado de Londres, objetos laqueados, barris de saquê que estavam tentando introduzir no mercado inglês, e também para os japoneses nas Filipinas, cerâmicas baratas como lastro, carvão, qualquer coisa e tudo que pudesse encontrar um mercado, junto com o resto da carga trazida antes que não fora vendida e seria agora negociada na volta. Algumas armas de fogo e ópio, em caixotes especiais.

— Charuto? — indagou Gornt.

— Obrigado.

Eles acenderam os charutos finos e compridos, saboreando-os.

— Marquei um encontro com McFay para finalizar os acordos para amanhã, senhor.

— Ótimo.

Norbert soprou para o alto uma nuvem de fumaça, assinou o último documento. Tocou uma sineta. Um momento depois, seu escriturário-chefe e cambista entrou na sala.

— Está tudo pronto, Pereira.

— Certo, senhor. — Aquele homem pequeno e louro, com olhos orientais, era um eurasiático de Macau, como muitos que trabalhavam em todas as grandes companhias. — O que faremos com as cargas especiais, senhor?

— Fiquem fora do manifesto e deverão ser entregues aos cuidados especiais do capitão.

— Corre um rumor de que a marinha vai subir a bordo e fiscalizar a carga ao acaso.

— Pois que façam isso. Nenhuma de nossas cargas especiais é ilegal, não importa o que os idiotas dos Struans façam.

Norbert dispensou-o e concentrou toda a sua atenção em Gornt. Alguma coisa nele deixava-o desconfiado.

— Edward, talvez eu devesse cancelar o duelo, comunicar a Struan esta noite que aceito seu compromisso, pois ele já mordeu a isca, não é mesmo? Talvez seja melhor deixá-lo ir para Hong Kong, para se afundar ainda mais na merda, pensando que venceu. O que acha?

— Pode fazer isso, mas por que poupá-lo de uma noite de medo? Ele está apavorado, com toda certeza... por que confortá-lo? Struan por acaso o confortaria?

Norbert observou-o com toda atenção, viu o lábio superior se contrair ligeiramente, numa satisfação insidiosa. Riu para si mesmo, pensando no quanto aquela noite poderia ser especial para Struan, se Ketterer fosse um homem diferente, e que a perspectiva do

duelo, agora mais do que nunca, tiraria o que restava do sono de Struan.

— Não pensei que se ajustasse a nós, os Brocks. A vingança é doce para você também?

— Para mim, senhor? — Gornt alteou as sobrancelhas. — Eu pensava no senhor... estou aqui para servi-lo, não foi essa a idéia?

— É verdade. — Norbert ocultou seu sorriso. — Muito bem, deixaremos para amanhã. Mas agora...

Seus olhos aguçados divisaram uma mancha no horizonte, através da janela Por trás de Gornt.

— Será a *Pearl*?

Ele se levantou, foi até janela, focalizou seu binóculo. Era mesmo a fragata.

— Vem firme como foi — murmurou Gornt.

Gornt se perguntou o que isso podia significar. A *Pearl* se achava no processo de ferrar as velas, com nuvens pretas por trás.

— O vento está aumentando por lá — comentou Gornt, também focalizando seu binóculo.

A fumaça da fragata formava um ângulo ao sair da chaminé. O resto da esquadra e os navios mercantes estavam ancorados na baía. Umas poucas cristas espumantes. Norbert virou seu binóculo para o *Prancing Cloud*. Nada de estranho acontecendo ali. E depois para a nave capitânia. Também nada. Voltou a observar a fragata. E ficaram esperando. A *Pearl* aproximava-se depressa. A nave capitânia outra vez. Nada. A fragata. Norbert pôde reconhecer apenas Angelique, de pé ao lado de um homem, que devia ser Struan.

— Olhe ali! — exclamou Gornt de repente, excitado. — Pode ver o sinaleiro?

— Onde? Ah, sim, estou vendo.

— Ele está transmitindo uma mensagem para a nave capitânia, fazendo os primeiros sinais com as bandeiras. “Capitão da *Pearl* para almirante. A mensagem diz: P-E-D-I-D-O C-O-N-C-E-D-I-D-O” — Perplexo, Gornt olhou para Norbert por um instante. — O que isso significa?

— Observe a nave capitânia, à espera de alguma resposta!

Gornt obedeceu e Norbert acrescentou:

— Onde aprendeu a ler as bandeiras de sinalização da marinha?

— Em Norfolk, Virgínia, senhor. Quando era garoto, gostava de observar os navios, os nossos e os britânicos. Tornou-se uma espécie de passatempo. Depois, meu pai comprou um livro americano e outro britânico, com a maioria das frases padrões e alguns de seus códigos. Costumava ganhar apostas para meu pai quando ele recebia oficiais, em geral para jogar cartas. Minha mãe e ele gostavam de receber, sempre com a maior generosidade, antes do desastre com o algodão, quando perderam a maior parte de seu dinheiro.

— Pode ler todas as bandeiras? Todos os códigos? — perguntou Norbert, especulando como poderia aproveitar esse conhecimento de Gornt. — Seria capaz de ler as bandeiras da Struan, de navio para navio, ou de navio para terra?

— Se usarem os códigos internacionais de sinalização, embora seja provável que eles também tenham, como a Brock, códigos especiais... Espere um instante, uma mensagem da nave capitânia, no código normal. "Para capitão da *Pearl* de almirante Ketterer: Volte imediatamente a seu ancoradouro." Em seguida: "Quando ancorado em segurança, apresente-se na nave capitânia." Em seguida as letras "C-O-M E-L-E". Última bandeira padrão: "Acuse recebimento." — Gornt lançou um olhar rápido para trás. — "Com ele", Sr. Gornt? Seria Struan?

— No alvo!

— Bandeira acusando o recebimento. — Gornt baixou o binóculo, esfregou os olhos, pois a concentração deixara-o com dor de cabeça.
— No alvo? Sabe o que tudo isso significa?

— O que havia de tão importante a bordo da *Pearl*? Capitão desgraçado Marlowe, da marinha real.

Norbert não demorou muito a explicar.

— Casados? — disse Gornt. — Mas é brilhante, senhor!

— Nunca pensei que Ketterer fosse concordar, mas parece que foi isso mesmo. Por quê? Ele não tem nada a ganhar. — Norbert ficou perplexo, mas depois exibiu um sorriso rancoroso. — A menos... a menos que ele tenha chamado os dois para passar uma descompostura em Marlowe e desfazer o casamento de imediato... para espetar a faca ainda mais em Struan, torturá-lo mais um pouco.

— E ele pode fazer isso?

— Aquele patife pode fazer o que bem quiser, verdade seja dita. — Norbert cuspiu na escarradeira e jogou a ponta do charuto ali. — Todos os homens a bordo da esquadra têm o dever de obedecer a ele e nenhum se esquiva!

— Está querendo dizer que ele pode obrigá-los a irem contra a lei?

— Vamos pôr de outra maneira: eles têm de obedecer imediatamente ou sofrer as conseqüências... que variam do açoite à passagem por baixo da quilha, preso por uma corda. Se ele quisesse, poderia enforcar qualquer homem e depois alegar que foi enganado pelos subalternos... escapando de qualquer corte marcial. Enquanto isso, você está morto.

— Então como o senhor pode... se opor a ele com tanta veemência, Sr. Greyforth?

— Porque Ketterer respeita a lei, eles são condicionados assim na marinha real, a obedecer às ordens de quem está por cima, mas

acima de tudo porque contamos com Wee Willie... que ocupa uma posição superior. Ele é a nossa proteção contra Ketterer, o general, os japas, e todos os outros inimigos... mas isso não salvará o jovem Struan da fleuma de Ketterer.

— Ou seja, capitão Marlowe, o pedido especial que o Sr. Struan lhe fez foi o de navegar para alto-mar... e casá-lo com *miss* Angelique Richaud?

— Isso mesmo, senhor.

Marlowe se encontrava em posição de sentido, incapaz de ler o rosto do almirante. Ketterer se achava ladeado à mesa, no enorme camarote na popa, pelo capitão da nave capitânia. Por trás deles, seu ajudante-de-ordens também se mantinha imóvel.

— E fez isso, sabendo que ambos eram menores?

— Sim, senhor.

— Por favor, apresente-me um relatório, por escrito, até o pôr-do-sol, especificando suas razões, exatamente, e relatando o que ocorreu, exatamente. Dispensado.

Marlowe bateu continência e começou a se retirar, enquanto Ketterer se virava para o capitão, um homem feio e rude, o rosto curtido, conhecido pelo rigor de sua disciplina, e pelo culto aos regulamentos navais.

— Capitão Donavan, poderia fazer o favor de pesquisar a situação legal?

— Pois não, senhor.

Seus olhos azuis tinham uma expressão implacável.

— Obrigado. Isso é tudo... por enquanto.

Foi a última coisa que Marlowe ouviu, antes de fechar a porta, e teve a sensação de que seu coração recomeçava a bater. Struan esperava na ante-sala. Os fuzileiros montavam guarda, desconfiados.

— Por Deus, você se estrepou?

— Não, absolutamente. — Marlowe esforçava-se para aparentar calma. — O almirante, corretamente, quer um relatório por escrito, isso é tudo. Voltarei para meu navio. Vejo-o mais tarde. Antes que ele pudesse se retirar, a porta do camarote foi aberta e Marlowe morreu mais um pouco. O capitão Donovan passou por ele, mal reconhecendo sua presença ou a sua continência. Da porta, o ajudante-de-ordens anunciou:

— Sr. Struan, o almirante apresenta seus cumprimentos e pede que faça gentileza de entrar, por favor.

Struan entrou claudicando no camarote. O ajudante-de-ordens não o seguiu, mas fechou a porta e ficou esperando ali. Antes de se retirar, Marlowe fitou-o, mas seus olhos nada deixaram transparecer... e é claro que nenhum dos dois diria qualquer coisa na presença dos fuzileiros. Ketterer gesticulou para que Malcolm sentasse.

— Por um lado, posso lhe dar os parabéns — disse ele, com uma formalidade sombria, estendendo a mão.

— Obrigado, senhor. — Malcolm pegou a mão estendida, sentindo que o aperto do almirante era firme, mas a palma macia. — E por outro?

— Por outro, parece que vai ter um trabalho dobrado para cumprir suas promessas.

— Como assim?

— Parece que atçou uma cova de serpentes malignas entre seus companheiros. Sir William vem sendo assediado por queixas.

— Como eu disse antes, farei o melhor possível.

— Deve fazer mais do que isso, Sr. Struan.

— Desculpe, almirante, mas o que isso significa?

— Significa nada mais ou menos do que já prometeu.

No curto silêncio que se seguiu, Malcolm decidiu que não se deixaria ser sufocado, mas também não esqueceria que aquele homem tornara seu casamento possível... não, não possível, ele se corrigiu no mesmo instante, "permitira" que fosse possível. John Marlowe tivera a coragem de tomar a iniciativa.

— O capitão Marlowe não se meteu em nenhuma encrenca, não é?

— O capitão Marlowe está sujeito aos regulamentos navais.

— Sei disso, mas creio que ele nos casou de acordo com os regulamentos navais, senhor. Li o parágrafo antes e não havia qualquer referência à questão da idade.

— Os regulamentos também declaram que qualquer casamento assim fica sujeito à revisão imediata para determinar a sua viabilidade. É o que acontece neste caso.

— Ou seja, estou casado, mas ao mesmo tempo não estou. É isso o que está querendo dizer?

— Apenas ressalto, Sr. Struan, que todas as ocorrências fora do normal estão sujeitas a uma revisão, o que é a norma na marinha

real.

Malcolm forçou um sorriso.

— Correto, senhor. Minha... — Ele quase usou a palavra “leitura”, mas pensou duas vezes e trocou-a. — ...minha compreensão da ordem, senhor, é de que lhe dava permissão.

Ketterer alteou uma sobrancelha.

— O capitão Marlowe lhe mostrou uma mensagem lacrada que enviei para ele?

— Pelo que compreendi, senhor, a ordem lhe concedia uma permissão qualificada... e confesso que me empenhei em perguntar as palavras exatas e persuadi-lo de que era esse o caso.

— Era o que eu esperava que fizesse — comentou o almirante, secamente. — Portanto, era uma permissão qualificada?

— Minha ordem foi enunciada com clareza: Se você solicitasse um favor peculiar, ele poderia concedê-lo, se assim o desejasse. Ontem à noite, não mencionou que gostaria de ir para alto-mar? Seu pedido peculiar poderia ser apenas isso... as ordens dele eram para realizar os testes à vista da nave capitânia.

Struan se esforçava para manter o controle, sentindo os recifes do desastre sob seus pés.

— Tem razão, senhor, poderia pensar assim. Se houve algum mal-entendido, foi meu, não do capitão Marlowe.

— Anotarei isso, Sr. Struan.

Malcolm observava o homem mais velho com todo cuidado, e escutava com mais atenção ainda, querendo descobrir para onde o almirante ia, agora com receio de que houvesse uma continuação do

jogo de gato e rato. Estou outra vez em suas garras... nunca conseguirei escapar?

— Posso perguntar, almirante, por que deu ao capitão Marlowe o que foi talvez uma permissão qualificada, mas que eu certamente interpretaria da maneira errada? — Ele manteve o rosto impassível, não esquecendo que estava casado, até que a cerimônia fosse declarada ilegal. — Nunca pensei que o faria, ontem à noite.

Durante a noite, Ketterer fora assediado pela presença de Consuela. “Dê uma chance a esse rapaz, Charles”, dissera ela, com aquele seu sotaque melodioso e adorável, tão sensual na memória quanto a profundidade de seus olhos castanhos em vida. “Nunca nos deram uma chance. Sendo assim, por que não dar a ele? E não se esqueça de que você não era muito mais velho do que ele na ocasião. Obteve dele um gigantesco passo à frente e pode ter certeza de que o rapaz cumprirá sua promessa. Por que não ser generoso... como os nossos pais e o infame almirantado não o foram? Ele está muito apaixonado, Charles, como acontecia com você, mas ao contrário de você, já sofreu um golpe cruel, pelo capricho de Deus...”

Ele acordara com as palavras de Consuela ressoando em seus ouvidos, a maneira como ela pronunciava seu nome ainda fazendo o coração disparar, mesmo depois de tantos anos. Mas não é a mesma coisa, pensara ele, endurecendo seu coração. Os Struans são contrabandistas de ópio, contrabandistas de armas... não esquecerei meus marujos mortos. Sinto muito, meu amor há tanto tempo

perdido, mas o casamento será declarado ilegal imediatamente... Struan não vai se livrar tão fácil. O dever é o dever.

Agora, olhando para Struan, recordando a maneira como ele entrara, determinado a parecer forte, quando Hoag e Babcott haviam confirmado em particular que ele sentia uma dor quase que constante, e era duvidoso que algum dia voltasse a correr, ou que pudesse andar a cavalo sem problemas, recordando as palavras *ao contrário de você... pelo capricho de Deus...* Ketterer suspirou.

— Um súbito capricho, Sr. Struan — disse ele, resolvendo ser indulgente —, somado à convicção de que vai fazer o que prometeu.

O almirante levantou-se, com um sorriso nos olhos, foi até o aparador sentindo-se curiosamente jovem.

— Aceita um xerez?

— Obrigado.

Struan começou a se levantar, mas balançou, fraco de alívio pela admissão de Ketterer.

— Pode deixar que eu levo até aí. Tio Pepe? Ótimo. Saúde!

Tocaram os copos. Ketterer tomou um gole grande.

— Escute, meu jovem — disse ele, a voz inesperadamente suave e gentil — terei de consultar Sir William, é claro, e vou persuadi-lo a ler os regulamentos navais. É mais do que provável que o relatório do capitão Marlowe seja aceito, depois das devidas considerações... devemos cuidar para que nossos oficiais sempre estejam conscientes das consequências da ação independente, mas ele não se encontra em nenhuma "encrenca", para repetir seu termo. Só que isso é outro segredo entre nós. Entendido?

— Claro, senhor. Obrigado. Cumprirei o que prometi. — Malcolm respirou fundo. — Então meu casamento é legal?

— Isso depende do seu ponto de vista. No que me diz respeito, no que se refere à marinha, essa é a minha convicção, e portanto deve ser legal. Quanto às duas Igrejas envolvidas, e às inevitáveis objeções jurídicas que terá de enfrentar, sugiro que corra as escotilhas, e se prepare para o pior. Mais uma vez, meus parabéns, por um lado. E transmita meus cumprimentos à Sra. Struan... em particular, é claro.

43

Ao anoitecer, A notícia já se espalhara por toda a colônia, cidade dos bêbados e Yoshiwara.

As especulações foram imediatas, ruidosas, com muitas discussões, teorias contra e a favor do casamento, alguns prevendo que a cerimônia era totalmente ilegal, outros repudiando isso, com a maior veemência, muitos dos mercadores mais belicosos — e todos os moradores da cidade dos bêbados — usando palavras de baixo calão, gestos obscenos e punhos cerrados para defender suas posições, enquanto uns poucos dos mais sensatos diziam:

— Ah, o jovem patife esperto, então foi por isso que ele apoiou o almirante! Foi um acordo! Muito hábil... eu faria a mesma coisa, se estivesse no lugar de Struan. E agora que ele tem a garota, ainda será contra o comércio de ópio, contra o comércio de armamentos? Não há a menor possibilidade...

Por causa da notícia, irromperam várias brigas na cidade dos bêbados e um bar foi destruído pelo fogo. Circulou o rumor de que o padre Leo sofrera um ataque apoplético e agora se encontrava prostrado diante do seu altar, enquanto o reverendo Tweet, naquele exato momento, protestava com veemência num encontro com Sir William. No clube, Lunkchurch e Grimm, inevitavelmente em lados opostos, iniciaram mais uma batalha e foram jogados na rua.

Malcolm e Angelique estavam na cabine da lancha da companhia. Aproximaram-se do cais, de mãos dadas, e avistaram um grupo à espera ali, para lhes dar os Parabéns, com Jamie McFay à frente. A prometida tempestade não se concretizara e apenas caíra um chuvisco no final da tarde. O vento ainda soprava forte, o céu continuava nublado, mas isso não arrefeceu a explosão de boas-vindas. Lá vamos nós, Sra. Struan — disse Malcolm, abraçando-a.

Ela beijou-o e sussurrou:

— É verdade, meu marido querido. Oh, Malcolm, parece tão estranho, tão maravilhoso... Não é um sonho, não é?

— Não, embora eu também sinta a mesma coisa.

O Cúter balançava no mar agitado, jogando-os um contra o outro, aos risos, e que aproximou de lado do cais, entre gritos e aplausos, na atracação mais impecável que o contramestre já efetuara.

— Depressa nos cabos, rapazes! — ordenou ele.

Mas nem havia necessidade, pois mãos ansiosas recolheram os cabos, prenderam nos postos, com vários marujos se adiantando para ajudar.

— Parabéns, *tai-pan*, Sra. Struan! — gritou Jamie.

Os gritos e aclamações chegaram ao clube, no outro lado da High Street. Todos saíram para a rua, tirando o chapéu, até mesmo a Sra. Lunkchurch e a Sra. Grimm, contagiadas pelo espírito festivo.

Gornt e Norbert Greyforth observavam de janelas do segundo andar do prédio da Brock. Todos os criados chineses agrupavam-se diante das casas, de olhos esbugalhados, enquanto os samurais no portão norte se mostravam aturdidos. Os ministros e suas equipes saíram das respectivas legações: Sir William, com uma expressão severa, acompanhado por um risonho Phillip Tyrer e por Michaelmas Tweet, com um ar sombrio, furioso; Zergeyev radiante, aplaudindo com o maior entusiasmo; Dmitri, gritando parabéns e acenando com uma bandeira americana; e Seratard e André, divididos entre a exultação pelo fato de o casamento ter se consumado e a irritação por não terem sido consultados.

— André, traga-a o mais depressa possível. *Jésus*, a estúpida *gamine* deveria ter nos transmitido o segredo... era sua função controlá-la!

— Seratard falou pelo canto da boca, enquanto acenava com vigor, em resposta ao aceno de Angelique. — Struan deve fazer um testamento de acordo com o Código Napoleão imediatamente. Cuide disso. Só Deus sabe que truques sujos William vai tentar, a favor ou contra... mas independentemente do que ele disser, nossa posição é de que se trata de um casamento legal, mas devemos exigir que se conforme à lei francesa. Fale com o padre Leo. Ele celebrará um casamento apropriado na semana que vem... *Mon Dieu*, olhe só para aqueles cretinos!

Angelique e Struan eram assediados por todos os lados. Com crescente dificuldade, tentaram abrir caminho pela multidão. Todos queriam beijar a noiva, como tinham direito, mas eram impedidos por outros, aumentando o tumulto.

Ela começou a entrar em pânico. Isso aumentou a tensão dos que se encontravam mais próximos. A multidão turbilhonava, ameaçava sufocá-la, Struan fazendo um esforço para se manter ao seu lado. Jamie pôs-se a empurrar com vigor as pessoas à frente, alguém desferiu um soco e começou uma briga violenta. Sir William gritou para os fuzileiros de sentinela:

— Vão até lá e abram caminho para os dois! Depressa, pelo amor de Deus, ou eles serão esmagados! — Os quatro homens desataram a correr, enquanto ele acrescentava: — Phillip, trate de supervisioná-los; leve Struan à minha sala o mais depressa possível.

O sargento berrou:

— Ei, vocês aí!

O demônio da turbulência, que às vezes se manifestava numa multidão sem qualquer razão aparente, desapareceu por completo. Calmo e firme, o sargento forçou a passagem entre as pessoas.

— Comportem-se, dêem espaço à moça!

Todos obedeceram e Struan alcançou Angelique.

— Você está bem, Angel?

— Estou, sim, amor. — Agora que havia mais espaço, o pânico dissipou-se. Ela ajustou o chapéu e constatou que a pluma quebrara.
— Olhe só para isso!

— Deixem-me ajudá-los! — disse Tyrer, solene. — Vocês todos, tratem de se afastar! Deixaram a pobre moça assustada. Você está bem, Angelique? Malcolm?

— Claro que estamos — respondeu Malcolm. Agora que ela estava segura, sua felicidade voltou e ele acrescentou: — Obrigado pela recepção! Drinques por conta da Casa Nobre! O bar do clube está franqueado a todos e assim continuará até segunda ordem!

Houve uma debandada geral nessa direção. Um momento depois, só Malcolm, Angelique, McFay e Phillip Tyrer permaneceram ali. E a presença azeda de Michaelmas Tweet, que disse:

— Sr. Struan, a cerimônia não é legal e devo adverti-lo...

— Pode estar certo, reverendo, mas fui informado do contrário — interrompeu-o Malcolm, com firmeza, já tendo formulado um plano para Tweet, outro para o padre Leo, e um terceiro para Sir William. — Não obstante, creio que há uma solução feliz. Não gostaria de ir amanhã ao meu escritório, por volta de meio-dia? Posso lhe assegurar que tudo acabará bem.

Depois, ele sussurrou para Jamie:

— Tire-o daqui.

E acrescentou para os outros:

— Sigam para o escritório, o mais depressa que puderem.

Eles tiveram de passar pelo meio de alguns retardatários, até que Angelique murmurou:

— Phillip, vamos mais depressa!

Ela correu na frente com ele, a fim de evitar o padre Leo, que se aproximava pela rua, o mais depressa que sua corpulência e a batina permitiam. Entrando no saguão, onde quase todo o pessoal esperava em fila, com Vargas à frente, Chen com um sorriso frio, Angelique soltou uma risada nervosa.

— Não queria ter de falar com ele.

— Por que não? — O sorriso de Tyrer era radiante. — Você está casada e Ponto final... pelo menos Sir William vem cuspidando fogo desde que soube, amaldiçoando a marinha, Ketterer, Marlowe... por isso, acho que estão mesmo casados, e tudo o que quero dizer é meus parabéns, e posso beijar a noiva?

Ele não esperou e beijou-a como um irmão. Angelique abraçou-o e deixou escapar outro suspiro de alívio. Struan entrou, junto com McFay.

— Tranquem a porta — ordenou ele.

Ajudado por Vargas, McFay obedeceu, empurrando para fora, polida mas firmemente, uns poucos mercadores mais persistentes. Bateram e trancaram a porta no instante em que o padre Leo ali chegou, tentou a maçaneta, depois martelou-a, como se fosse um portal de catedral.

Mas ninguém prestava a menor atenção, escapando para o escritório, com um bando de crianças levadas, e ali arriaram em

cadeiras. Exceto Malcolm.

— Champanhe, Chen. Obrigado, Vargas. Voltaremos a conversar mais tarde — disse ele, interrompendo as congratulações. E acrescentou em cantonês para Chen: — Traga logo o champanhe, seu fingido.

Jamie McFay fechou a porta depois da saída de Chen e sentou na última cadeira.

— Ah! — exclamou Malcolm, borbulhante como o champanhe.— Nunca imaginei que seria assim. Phillip, mais uma vez obrigado pelos votos de felicidade. Obrigado a você também, Jamie. Você está bem, Angel?

— Estou, sim, Sr. Struan, maravilhosa.

— É uma notícia sensacional, Malcolm — disse Tyrer.—E antes que eu me esqueça, Sir William deseja lhe falar, o mais depressa possível.

A maneira como ele falou, especulativa, como se fosse uma coisa irrelevante quando todos sabiam que recebera a ordem aos berros, causou repentino silêncio rompido quando todos desataram num riso histérico.

— Amanhã de tarde, com o maior prazer — respondeu Malcolm.

Logo os copos ficaram cheios, foram esvaziados ainda mais depressa, enchidos de novo, todos falando em voz alta, sem que ninguém escutasse. A porta foi aberta. Vargas fez um sinal para McFay, lhe sussurrou alguma coisa. Jamie acenou com a cabeça.

— Já estou indo. *Tai-pan*, pode me dar licença? E há um recado para Ange... para a Sra. Struan: o Sr. Seratard quer dar seus parabéns pessoalmente, na legação, o mais depressa possível, e... o padre gostaria de lhes falar por um momento.

— Jamie, primeiro termine seu drinque. Vargas, mande avisar a Seratard que o poremos no alto da lista, mas antes diga ao padre

Leo para me procurar aqui no escritório amanhã, às cinco horas da tarde.

Vargas se retirou. Malcolm percebeu uma apreensão no rosto de Angelique.

— Falarei sozinho com ele, Angel. Não precisa se preocupar com isso. Prometo que a situação estará calma até o domingo. Tenho tudo sob controle. Assim que escurecer, voltaremos ao cúter.

— Ao cúter? Para que, Malcolm?

— Outra surpresa. Vamos jantar no *Prancing Cloud* e passar a noite ali. Haverá mais surpresas amanhã, muitas e muitas, inclusive um plano para a lua-de-mel. Sairemos dentro de uma hora; você nem precisa trocar de roupa. Mandei Ah Soh embalar algumas roupas para você, que já foram levadas para bordo. — Para Jamie, ele acrescentou: — Tem mesmo de sair? Qual é o problema?

— Marquei um encontro com Gornt e esqueci-o por completo, no entusiasmo. Ele espera na minha ante-sala. Pedi a Vargas para

transmitir aos dois seus parabéns e também os de Norbert.

— Agradeça a ele por mim, mas não demore muito.

— Agradeça também por mim, Jamie — disse Angelique.

— Pois não, Sra. Struan.

MacFay tentava se acostumar com as palavras, achando difícil e artificial, as palavras lembrando Tess Struan, e agora ele se sentia bilioso sempre que pensava nela. No momento em que soubera do casamento, o motivo para a carta de Malcolm ao *Guardian* e do anúncio da noite anterior havia se tornado evidente, até mesmo a ocasião escolhida para o duelo, tudo passara a se encaixar.

Casados! Oh, Deus!

As implicações para Malcolm eram imensas. Para ele próprio, não importava que tivesse feito as pazes com Malcolm e consigo mesmo. Duvidava da possibilidade de algum dia fazer as pazes com Tess Struan. Embora ela fosse uma Struan fanática, ao mesmo tempo herdara a sede e a necessidade implacável de vingança do pai. Ele testemunhara essa vingança em cima do contramestre que comandava o barco que emborcara, afogando os gêmeos e seu segundo filho. Acusara-o de assassinato, exigindo que fosse enforcado. O juiz considerara-o culpado de negligência, causando homicídio involuntário, e lhe aplicara a pena máxima, dez anos de trabalhos forçados na prisão de Hong Kong, a que o homem não sobreviveria. Negligente? Não fora bem assim, McFay e a maioria pensaram na ocasião, a tempestade fora repentina, como costumava acontecer naquela estação, um lamentável acidente. Mas ela era Tess Struan, da Casa Nobre. O verdadeiro erro do contramestre, refletiu ele agora, com tristeza, fora ter sobrevivido e deixado as crianças morrerem.

— Angélique — disse Malcolm —, por que não vai se lavar? Farei a mesma coisa, e partiremos dentro de uma hora... só tenho umas poucas coisas para acertar com Jamie.

Os dois trocaram um beijo e ela se retirou. Malcolm disse a Chen, em cantonês, que providenciasse água quente para ele e sua esposa e acrescentou em seguida:

— Depois, iremos para o *Prancing Cloud*. Está tudo preparado?

— Está, sim, amo.

— Ótimo, e é melhor vocês três se manterem tão silenciosos quanto morcegos e tão contentes como porcos na bosta, mais do que nunca!

Para Tyrer, ele acrescentou, jovial, em inglês:

— Phillip, pode nos dar licença? A partir de amanhã, iniciaremos as comemorações, com banquete de casamento, e assim por diante, convites formais. Por favor, transmita meus cumprimentos a Sir William e não conte a ninguém que passaremos esta noite no *Prancing Cloud*... nem mesmo a Sir William. Não quero faceiros bêbados circulando o navio durante toda a noite. Desejamos ter privacidade, entende?

— Claro que entendo, e mais uma vez meus parabéns.

Tyrer sentiu-se satisfeito por sair dali. Ainda precisava se reunir com Hiraga para concluir outro despacho brusco para o tairo Anjo, antes de poder atravessar a ponte ao encontro de Fujiko. Depois do conselho de guerra naquela manhã, entre William e Seratard, com a presença dele e André, na qual haviam sido definidos os detalhes finais para o iminente bombardeio e a campanha punitiva contra Iedo.

André lhe sussurrara:

— Já acertei tudo. Fujiko está ansiosa em vê-lo. Até insiste em lhe servir um banquete japonês. Portanto, chegue lá com fome e com sede, mas não esqueça de bancar o durão.

Depois que os outros saíram, um pouco da fadiga de Malcolm transpareceu.

— Jamie, pode me servir um copo? Obrigado. Tudo foi organizado?

— Para esta noite, sim, e para amanhã também. Ah Tok e Ah Soh já se encontram a bordo, com os baús, Chen irá com você e a Sra.

Struan. Até onde posso determinar, só eles, Strongbow, eu e agora Phillip sabem que vocês dormirão no *Prancing Cloud*.

— Ótimo. Phillip foi um erro, mas não importa. Eu me deixei levar pela exuberância, mas não deve haver problemas. Não creio que ele fale. O que Gornt quer?

— Apenas acertar os detalhes finais. — McFay fitou-o nos olhos. — Seu casamento não deve fazer uma diferença agora?

— Poderia, mas não fará, a menos que Norbert peça desculpas.

— Gornt queria trocar uma palavra com você em particular, se tiver um momento disponível.

— Está certo. Diga a ele para vir me falar agora, e depois acerte os últimos detalhes.

A cordialidade de Gornt povoou a sala. Para Malcolm, ele parecia um velho companheiro.

— Champanhe?

— Obrigado, *tai-pan*. Posso lhe dar os parabéns?

— Claro que pode. Saúde!

— À sua também, senhor.

— Desculpe, mas precisamos ser rápidos. Teremos bastante tempo amanhã. Qual é o problema?

— Eu queria lhe dizer, em particular, que o Sr. Greyforth vai aceitar um acordo. Não haverá duelo.

Struan sorriu.

— É a melhor notícia que recebi... não, a segunda melhor notícia que tive hoje!

— Tem razão. — Gornt franziu o rosto. — Se ele fala sério.

— Como assim?

— Acho que deve se preparar para uma traição. Lamento ser um balde de água fria num grande dia, mas queria alertá-lo. Sei que ele vai mudar de idéia.

Malcolm observou-o em silêncio por um instante, depois balançou a cabeça, imperturbável.

— Com Norbert e todos os Brocks, esperamos a traição a qualquer momento — Eles bateram seus copos. — Saúde... e riqueza... e felicidade!

A sala parecia cheia de calor para ambos, mas Malcolm notou algo estranho em Gornt, e não pôde determinar o que era.

— Ainda planeja me dar amanhã a informação de que preciso?

— Claro. — Gornt levantou-se. — E meu contrato?

— Já ficou pronto. Minha assinatura pode ser testemunhada amanhã.

— Obrigado. Até amanhã, e mais uma vez meus parabéns.

Outra vez Malcolm sentiu algo mais que um estranho humor nele.

— Aguarda a ocasião com a mesma ansiedade que eu.

Os olhos de Gornt pareceram entrar em foco.

— É isso mesmo. Será outro grande dia, com um final e um começo.

Lá em cima, Angelique se postava diante do espelho, virando distraída o anel de sinete em seu dedo. Estava sozinha pela primeira vez naquele dia, na privacidade de seu quarto, com a porta trancada, e o clamor das verdades e paradoxos a dominara abruptamente, assim que sentara: tudo acontecia muito depressa, casada, mas sem esperar por isso, nunca daquela maneira, não a bordo de um navio, esperando e rezando, mas não acreditando que

fosse possível, tantos eram os obstáculos entre os dois; casada, mas não aos olhos de Deus, casada com um homem que me empenhei em conquistar, persegui com denodo, e encorajei a me perseguir; o homem a quem adoro, mas que enganei — o estupro não foi culpa minha, o aborto era necessário, os brincos o único recurso, o sigilo a maneira de proteger minha vida, mas ainda assim trapaceei —, esse homem, que me ama até a loucura, arriscando tudo, de quem roubei, a quem enganei e atraí para um leito nupcial maculado, e no entanto...

Por três vezes, ao voltarmos para terra, tentei lhe contar.

Não foi verdade, a parte dos brincos, quis lhe dizer, mas em cada ocasião sua exultação prevaleceu, e me deteve, enquanto ele despejava a verdade sobre sua mãe e as cartas — e Skye, padre Leo, o sacerdote inglês, o almirante, e Sir William —, como fora bloqueado em todos os seus esforços, para só triunfar no final... venci, minha amada esposa, conquistei você, e agora ninguém vai tirá-la de mim...

Os dois abraçados, com lágrimas de êxtase.

Como Deus é testemunha, sei que ele seria destruído se eu começasse a falar, e tenho certeza de que se começasse, o resto

sairia. E meu pobre adorado morreria. Pois é isso o que ele é, o homem mais adorado em minha vida. Sei agora que o amo com a mesma força... ninguém seria capaz de tentar com tanto afinco, superando tantas barreiras. E, no entanto...

O que devo fazer?

Ela viu seu próprio rosto a contemplá-la. Não gostando de se ver tão indefesa, tratou de baixar os olhos. Viu seus dedos girando o anel, para um lado e outro, como André fazia com seu anel de sinete. O anel de Malcolm era de ouro, pesado, com o timbre da Struan: o leão da Escócia entrelaçado com o dragão da China. Será o bem com o mal?, ela perguntou a si mesma, com um súbito calafrio.

Para se distrair, começou a escovar os cabelos, com vigor, mas isso não a ajudou. Os pesamentos sinistros voltaram, mais depressa, cada vez mais depressa, todos... e também *e/e*.

Tudo se tornou um vômito fétido, prestes a se despejar. Angélique sentiu-se tonta, comprimiu as mãos contra as têmporas.

— Não... você deve ser forte... deve ser forte... está sozinha... deve...

O murmúrio cessou quando outro pensamento afugentou os doentios e ela acrescentou, em voz alta, mais firme:

— *Mas você não está sozinha.* Há duas pessoas agora, e Malcolm precisa de você... são os dois, você e Malcolm, e ele precisa de você, Malcolm, seu marido...

A imagem expandiu-se em sua mente, preenchendo-a por completo, e depois ela ouviu-o chamando lá de baixo, a voz jovial:

— Angel, é hora de partirmos... depressa!

Ela continuou a se arrumar, sem qualquer pressa, foi se ajoelhar diante da imagem da Santa Virgem e se entregou por completo: "Mãe de Deus, perdoe esta pecadora. Pequei de forma lamentável e suplico seu perdão. Pequei de forma lamentável, vivo uma mentira, mas juro que serei a melhor esposa que puder, por tanto tempo

quanto me for permitido, pois amo esse homem com toda a força do meu coração...”

— É um prazer tornar a vê-la, Raiko-san — disse Meikin, com um sorriso, ajoelhada na frente da outra. — Já faz muito tempo.

Ela era a *mama-san* da casa da Glicínia, que supervisionava Koiko, e as duas se encontravam no santuário mais privado de Raiko.

— É verdade e agradeço pela honra. — Raiko sentia-se feliz por rever sua velha amiga, embora mais do que um pouco surpresa por Meikin ter respondido tão prontamente a seu convite para uma conversa de negócios. — Por favor, Sirva-se da comida. A enguia está ótima. Saquê ou conhaque dos *gai-jin*?

— Primeiro saquê, por favor.

Meikin recebeu a taça de uma criada atenciosa. Os negócios por aqui devem andar muito bem, pensou ela, notando os ornamentos dispendiosos daquela habitação isolada e segura dentro dos muros da casa das Três Carpas.

— Embora os tempos sejam difíceis, os *gai-jin* não têm muita noção do valor do dinheiro, e por mais repulsivos que possam ser, os lucros são altos, e pequeno o custo de água quente, toalhas limpas e perfume.

As duas riram, observaram e esperaram. Meikin provou o sushi — delicioso — e pôs-se a comer, em quantidade incrível para uma mulher tão pequena. Seu quimono de viagem era deliberadamente medíocre. Qualquer um que a visse presumiria que era esposa de um pequeno mercador, não uma das *mama-sans* mais ricas de Iedo, proprietária da mais dispendiosa casa do prazer da cidade, na maior Yoshiwara da terra — recentemente reconstruída e renovada, depois do incêndio do ano passado —, a *mama-san* de dez das mais talentosas gueixas, vinte das mais adoráveis cortesãs, além de dona do contrato de Koiko, o Lírio. Ela correu os olhos pelo santuário interior de Raiko, reservado para ocasiões especiais, admirando as sedas excepcionais, as almofadas, os tatames, conversando enquanto comia especulando sobre os motivos para o encontro.

Depois que as duas comeram, as criadas foram dispensadas e Raiko serviu seu melhor conhaque.

— Saúde e dinheiro!

— Dinheiro e saúde! — A qualidade da bebida era superior a qualquer coisa que Meikin já provara. — Os *gai-jin* têm seus pontos favoráveis.

— No mundo dos vinhos e bebidas fortes, sim, mas não em seus apêndices — comentou Raiko, com sabedoria. — Por favor, permita que eu lhe dê uma garrafa. Um dos meus clientes é Furansu.

— Obrigada. Fico contente por saber que os negócios vão bem, Raiko-chan.

— Poderiam ser melhores, sempre.

— E Hinodeh? — indagou Meikin, que possuía a metade do contrato. Quando Hinodeh a procurara pela primeira vez, ela a encaminhara para uma prima, a *mama-san* de outra casa que possuía. Mais tarde, por acaso, soubera do pedido estranho e heterodoxo de Raiko para um tipo especial de moça. Fora fácil acertar tudo, pois Raiko era uma velha amiga, conhecida ao longo dos anos, merecedora de sua confiança, desde o tempo em que eram *maiko*, em que eram cortesãs. — O arranjo continua a ser satisfatório?

— Tenho outro pagamento para você, embora o homem esteja atrasado.

Meikin riu.

— Não estou surpresa. Você é uma maravilhosa negociadora.

Ela fez uma reverência em agradecimento.

— Ele promete uma quantia maior dentro de poucos dias. Talvez mais brincos.

— Ah! — Meikin vendera os outros, com grande lucro. — Esse negócio tem sido bastante satisfatório.

A entrada que o cliente pagara pelo contrato de Hinodeh fora mais do que suficiente para absorver todos os custos pelo menos por um ano.

— Como ela está?

Raiko relatou o primeiro encontro e os subsequentes, a outra mulher demonstrando o maior interesse.

— Ela tem toda razão em chamá-lo de animal — comentou Meikin.

Ele não é tão mau assim. Acho que a doença o deixa enlouquecido de vez em quando. Pelo menos Hinodeh conhece o pior e aceita que o homem é seu *karma*.

— Posso perguntar se ainda não há sinais?

— Nenhum, absolutamente nenhum. Mas todos os dias ela me faz examinar partes que não pode ver pessoalmente, nem com um espelho.

— É estranho, Raiko-chan. — Meikin ajeitou uma travessa nos cabelos. — Quando e se aparecer alguma coisa que não possa ser ocultada... ela vai procurar a faca?

Raiko deu de ombros.

— Nunca se pode saber com certeza.

— Por acaso ela lhe contou por que aceitou esse *karma*?

— Não. Gosto dela, e posso ajudar, mas apenas um pouco. Mas é muito estranho ela nada nos contar, *neh*?

Raiko tomou um gole do conhaque, cativada pelo calor interior, e o prazer excepcional de receber sua amiga mais antiga e de maior confiança. As duas haviam sido inseparáveis quando *maiko*, amantes na juventude, e sempre trocado confidências... as confidências seguras.

— Esta noite ele a visita. Se desejar, poderá observá-los por algum tempo.

Meikin riu.

— Há muito que já perdi o interesse e excitação pelas atividades dos outros, vigorosos e ardentes... até mesmo dos bem-dotados *gai-jin*.

Ela sentia-se feliz demais pela companhia da velha amiga para contar a história triste de Gekko e Shin Komoda, que insistira em saber, antes de mandá-la para Iocoama.

Quando Hinodeh morrer, Raiko-chan, eu lhe direi tudo, e poderemos partilhar uma lágrima pelos pesares que nós, mulheres, temos de suportar. Até lá, o segredo de Hinodeh estará seguro, como combinamos, o nome de seu filho seguro, e também o lugar para onde foi enviado. Ela sentiu um calor percorrer seu corpo, adorando os segredos e o jogo da vida.

— Portanto, Hinodeh está assentada. Ótimo. E agora?

— Agora — disse Raiko, baixando a voz —, posso ter informações importantes sobre os planos de batalha dos *gai-jin*.

A cor aumentou no rosto de Meikin, que se tornou tão tensa quanto a outra mulher.

— Contra Iedo?

— Isso mesmo.

— Pode ser uma informação valiosa, mas seria um conhecimento perigoso... perigoso demais.

— Concordo, e ainda mais perigoso para aproveitar, embora de valor excepcional para a pessoa correta.

Meikin removeu uma gota de conhaque, que poderia passar por transpiração.

— E depois que tal conhecimento é comprado, provado ser correto ou incorreto, cabeças têm o hábito de rolar.

— É verdade.

Raiko compreendia o perigo, mas sentia-se mais excitada do que em qualquer outra ocasião nos últimos anos. Nunca participara do fluxo da política em Iedo, mas a proximidade de Hiraga, as informações sobre os *shishi* que obtivera por seu intermédio — e os segredos sobre ele e Ori que o *shoya* lhe revelara — haviam aguçado seu apetite. Isso e mais seu relacionamento com *Furansu-san*, sabendo por ele sobre os *gai-jin*, paradoxalmente a fonte de toda a sua riqueza, e ao mesmo tempo os inimigos de sua sagrada terra dos deuses. E também por causa de sua repulsa ao *Bakufu* e Anjo, que haviam assassinado outra velha amiga, Yuriko, *mama-san* da casa dos Quarenta e Sete Ronin, por ter abrigado alguns *shishi*.

Ela estremeceu ao pensamento de sua própria cabeça adornando um chuço, dominada pelo medo, mas também experimentando um estranho êxtase. Yuriko já fora imortalizada nas gravuras de *ukiyo-e* do mundo flutuante, seu nome o novo predileto das gueixas, e muito em breve haveria uma peça *nô* apresentando-a como heroína.

— Você tem razão — sussurrou ela —, mas certas informações podem valer o risco. E se... se eu tivesse um conhecimento secreto do que... do que altas autoridades planejam em segredo contra os *gai-jin*, poderia também aproveitar, em benefício mútuo.

O suor se acumulara na beira de sua peruca requintada. Ela removeu-o com um papel de seda rosa.

— Está quente, *neh?*

— Não tão quente quanto o fogo em que poderíamos nos meter.

— Quanto valeria o dia inicial do ataque... e o plano de batalha dos *gai-jin?*

Furansu-san lhe dera naquela manhã detalhes mais do que suficientes para tentar até o mais cético dos compradores a ser generoso.

Meikin sentiu o coração bater forte. Já esperava que o convite de Raiko seria para tratar de alguma coisa assim. Durante os últimos dois anos, ela insinuara indiretamente o potencial, estimulada pelo *sensei* Katsumata, para quem qualquer informação sobre os *gai-jin* era valiosa. E também porque, pouco tempo antes, houvera instruções secretas a todos os espiões do *Bakufu*, com promessas de ricas recompensas, para se concentrarem em Iocoama, e

descobrirem os segredos dos *gai-jin*, e quem andava fornecendo ao inimigo informações proibidas sobre as coisas japonesas. O fato de Raiko ter feito o primeiro movimento ostensivo era crucial; na verdade, era a única pessoa em quem podia confiar num jogo tão arriscado.

— Quando será o ataque?

— Seria possível obter algum segredo importante para os *gai-jin*, como parte da troca?

Meikin acomodou-se confortável, pensou por um longo tempo.

Com toda certeza, Raiko merecia toda confiança... até sua vida ser ameaçada. E também não restava a menor dúvida de que um canal para informações, numa base contínua, seria valioso, não apenas pelo dinheiro, mas ainda pela causa — *sonno-joi* — que ela apoiava com todo entusiasmo. E também porque podia ser usado para abastecer os *gai-jin* com informações falsas, fabricadas com o maior cuidado.

— Raiko, minha velha amiga, não tenho qualquer dúvida de que o tairo Anjo e até Yoshi pagariam muito bem para conhecer essas datas, entre outros detalhes, mas é muito difícil, infelizmente, encontrar um meio de pôr as informações nas mãos deles, e o dinheiro nas nossas, sem comprometer qualquer das duas.

— Conhaque, Meikin-chan? — Raiko serviu, tonta de excitação. — Se há alguém que pode resolver esse problema, é você.

As duas avaliaram uma à outra, e sorriram.

— Talvez.

— Tenho certeza. E, agora, talvez já seja o suficiente, por enquanto. Podemos continuar mais tarde, ou amanhã, se assim desejar. Posso planejar sua diversão noturna, se não estiver cansada?

— Obrigada. Não, não estou cansada. A barca que me trouxe de Iedo é confortável e não estava muito cheia, o mar se manteve sereno, e minhas criadas providenciaram para que o capitão

atendesse a todos os meus desejos.— Meikin chegara aos cais da aldeia pouco antes do anoitecer. — Posso perguntar o que sugere?

— Temos gueixas, mas não à altura de seus padrões. Há alguns jovens que podem ser adequados. — Os olhos de Raiko faiscaram com seu sorriso, recordando os bons tempos da juventude. — Ou talvez uma *maiko*?

Meikin riu, tomou outro gole de conhaque.

— Isso seria uma diversão agradável, e me lembraria dos velhos tempos Raiko-chan. Ela me ajudará a pensar, me ajudará a verificar se posso lhe fornecer o que precisamos. Boa idéia. E concordo que já falamos sério o bastante por enquanto. Vamos conversar agora sobre os tempos áureos, como andam os negócios, e como vai seu filho.

— Ele está bem, ainda subindo na escada da Gyokoyama.

— Posso interceder junto a eles... embora sem dúvida isso seja desnecessário. Um excelente banco, o melhor, obtenho os juros mais

altos, e meus depósitos são diversificados, como segurança... a fome se aproxima, e por isso tenho investido muito no arroz futuro. Seu filho tem vinte e quatro anos, *neh?*

— Vinte e seis. E sua filha?

— Graças a todos os deuses ricos e pobres, consegui casá-la com um *goshi*, e assim seus filhos serão samurais. Ela já tem um menino, mas o marido é muito dispendioso! — Meikin balançou a cabeça de um lado para outro, depois riu. — Mas não devo me queixar. Apenas converto os pingos imprestáveis de uns poucos velhos ricos numa herança que nunca sonhamos possível. *Neh?*

O som de passos misturou-se ao das risadas. Uma batida na porta de *shoji*.

— Ama?

— O que é, Tsuki-chan?

A *maiko* entreabriu a porta, de joelhos, fitou-as com um sorriso inocente.

— Sinto muito, mas *shoya* Ryoshi, o ancião da aldeia, suplica ser recebido, e ser seu hóspede.

Raiko franziu as sobrancelhas.

— Meu hóspede?

— Isso mesmo, ama.

Meikin também franziu o rosto.

— Ele costuma saudar visitantes?

— Só os mais importantes, e sem dúvida você é importante, e sua presença uma honra para todos nós. Com toda certeza, ele foi informado de sua chegada. Sua rede de informações é ampla, Meikin-chan, e ele merece confiança absoluta... e ainda por cima é o chefe da Gyokoyama em Iocoama. Vamos recebê-lo?

— Está certo, mas apenas por um momento. Fingirei uma dor de cabeça e, depois, poderemos continuar nossa conversa até a refeição noturna.

— Pequena — disse Raiko —, traga o *shoya* aqui, mas antes avise às criadas para providenciarem chá fresco e saquê quente... e tirem estes copos, esconderem meu conhaque. Meikin-chan, se ele soubesse que tenho uma garrafa, seria uma presença diária!

Tudo foi feito depressa, a mesa se encontrava limpa e perfeita, os hálitos das duas purificados com ervas, antes do *shoya* entrar e fazer uma reverência.

— Por favor, damas, peço desculpas — disse ele, com uma ansiedade inconveniente, ajoelhando-se. — Por favor, perdoem meus péssimos modos, chegando sem marcar encontro, mas queria prestar minha homenagem a uma figura tão augusta, e dar as boas-vindas à minha aldeia.

Ambos ficaram surpresas por ele parecer tão solene, já que aquela não era uma ocasião formal. Meikin nunca o encontrara antes, mas seu contato na Gyokoyama o mencionara, garantindo que se tratava de um homem de integridade. Por isso, sua resposta foi tão polida e entusiástica quanto convinha a uma pessoa eminente da maior cidade do mundo, cumprimentando-o pela situação da Yoshiwara, e o pouco que vira da aldeia.

— É um homem de grande reputação, *shoya*.

— Obrigado, obrigado.

— Chá ou saquê? — perguntou Raiko.

Ele hesitou, fez menção de falar, parou. O clima na sala mudou. Raiko rompeu o silêncio:

— Por favor, *shoya*, desculpe-me, mas qual é o problema?

— Sinto muito... — Ele olhou para Meikin. — Sinto muito, dama, é uma cliente muito prezada por nossa companhia... Eu...

O *shoya* enfiou a mão trêmula na manga, tirou um pedaço de papel, estendeu para ela. Meikin contraiu os olhos.

— O que é isto? O que diz aqui? Não consigo ler uma escrita tão pequena.

— É uma men... uma mensagem de pombo-correio.

O *shoya* tentou falar de novo, não foi capaz, apontou para o papel, atordoadado.

Sobressaltada, Raiko pegou-o, aproximou-o da luz. Seus olhos correram pela escrita pequena. Ela empalideceu, ficou tonta, quase desfaleceu, arriou sobre os joelhos.

— Diz aqui: *Uma tentativa de assassinato contra lorde Yoshi, ao amanhecer, na aldeia Hamamatsu, fracassou. A assassina shishi solitária foi morta por ele. A dama Koiko também morreu na luta. Comunique nossa grande tristeza à casa a Glicínia. Mais informações assim que for possível. Namu Amida Butsu...*

Meikin também empalideceu. Balbuciou “Koiko morta?”, sem que nenhum som saísse.

— Deve ser um engano! — exclamou Raiko, angustiada. — Só pode ser! Koiko morta? Quando aconteceu? Não há data! *Shoya*, como... Deve ser mentira, só pode ser mentira...

— Sinto muito, mas a data está em código no alto — murmurou ele. Aconteceu ontem, perto do amanhecer. Em Hamamatsu, uma estação de posta na Tokaidô. Não há engano, dama, sinto muito.

— *Namu Amida Butsu!* Koiko? Koiko morta?

Meikin fitou-a, as lágrimas escorrendo pelas faces, e desmaiou.

— Criadas!

Elas vieram correndo, trouxeram sais de cheiro e toalhas molhadas, cuidaram de Meikin e de Raiko, que tentava recuperar o controle, a fim de determinar como aquilo a afetaria. Pela primeira vez não tinha certeza se devia continuar a confiar em Meikin, ou se a amiga se tornara um risco, e devia ser evitada.

O *shoya* continuava ajoelhado, imóvel. Fora necessário — e ainda era — que ele fingisse estar assustado e consternado por ser o portador de más notícias, mas no fundo sentia-se contente por estar vivo para testemunhar aqueles acontecimentos espantosos.

Não mostrara a segunda mensagem. Era só para ele, em código, e dizia: Assassina era Sumomo. Acredita-se que Koiko estava implicada na conspiração, foi ferida com shuriken e depois decapitada por Yoshi. Prepare-se para encerrar as contas de Meikin. Evite mencionar Sumomo. Proteja Hiraga como um tesouro nacional, suas informações são de valor inestimável. Pressione-o por mais, sua família está sendo refinanciada, como foi combinado. Solicitamos com urgência os planos de guerra dos *gai-jin*, a qualquer custo.

No momento em que recebera a mensagem, ele verificara em seus livros as contas de Meikin, calculando o que sua sucursal lhe devia, embora conhecesse a quantia com precisão. Não precisava se preocupar com essa parte. Quando ela fosse despachada para o outro mundo por lorde Yoshi, ou se conseguisse escapar da armadilha, de qualquer forma o banco lucraria. Se ela morresse, outra *mama-san* tomaria seu lugar, e usariam o que restasse de sua riqueza para financiar a substituta. A Gyokoyama monopolizava todas as operações bancárias na Yoshiwara, uma imensa e permanente fonte de receita.

Como a vida é irônica, pensou ele, especulando o que aquelas duas pensariam se conhecessem o motivo para o controle indissolúvel da Gyokoyama. Um dos maiores segredos da zaibatsu era o fato de ter sido fundada não apenas por uma *mama-san*, mas também uma mulher de gênio.

No início do século XVII, com a aprovação entusiástica do xógum Toranaga, ela projetara um distrito murado, onde no futuro todas as casas de prazer de Iedo, altas e baixas, teriam de conduzir seus negócios, exclusivamente — naquele tempo, os bordéis espalhavam-se por toda a cidade —, um lugar chamado Yoshiwara, a área dos juncos, que fora oferecido por Toranaga. Depois, ela criara uma nova classe de cortesãs, as gueixas, treinadas e qualificadas nas artes, que não eram disponíveis para o travesseiro, em caráter rotineiro.

Mais tarde, ela passara a emprestar dinheiro, concentrando-se na Yoshiwara de Iedo, para em seguida estender seus tentáculos a todas as outras, à medida que eram institucionalizadas por todo o país, já que o xógum Toranaga previra, sabiamente, que em tais distritos as prestadoras de serviços e seus clientes seriam controlados e taxados com mais facilidade.

Por último, o que fora incrível naquele tempo, ela persuadira o xógum Toranaga — ninguém sabia ainda como — a fazer de seu filho mais velho um samurai. Em pouco tempo, seus outros filhos prosperaram: na construção de barcos, como mercadores de arroz, fabricantes de saquê e cerveja, e seus descendentes eram hoje proprietários ou silenciosos controladores de uma vasta rede de negócios. Em poucos anos, ela obtivera permissão para que o ramo samurai assumisse o nome de Shimoda. Agora, o Shimoda era daimio hereditário do pequeno, mas próspero feudo do mesmo nome, em Izu. Fora ela quem escolhera a inscrição sobre o portão da Yoshiwara: *O desejo não pode esperar, deve ser satisfeito*. Morrera aos noventa e dois anos de idade. Seu nome de *mama-san* era Gyoko, dama sorte.

— *Shoya* — disse Meikin, entre soluços —, por favor, aconselhe-me sobre o que devo fazer.

— Deve esperar, dama, ser paciente e esperar — respondeu ele, hesitante, ainda exibindo sua máscara de apreensão.

Também notou, de imediato, que os soluços podiam ser mais altos e mais desesperados, mas os olhos se mostravam mais impiedosos do que jamais os vira.

— Esperar? Esperar pelo quê? Esperar, é claro, mas o que mais?

— Ainda não sabemos de tudo, não conhecemos os detalhes, dama, o que de fato aconteceu. Sinto perguntar, mas há alguma possibilidade de que a dama Koiko participasse da conspiração?

Ele cravava e torcia uma faca no ferimento já aberto, pelo puro prazer do tormento. Embora a Gyokoyama não tivesse provas, desconfiava que Meikin dispensava perigoso apoio a *sonno-joi*, e tinha ligações com o Corvo — contra as advertências indiretas deles —, outro motivo para que fosse aconselhada a comprar arroz futuro, não apenas como um investimento sensato, mas também como uma precaução do banco contra uma possível acusação e condenação.

— Koiko numa conspiração? Minha beleza, meu tesouro? Claro que não! — explodiu Meikin. — De jeito nenhum!

— Meikin-san, pode ter certeza de que lorde Yoshi, ao voltar, mandará procurá-la, como a *mama-san* de Koiko. E para o caso, sinto muito ter de dizer isso, para o caso de inimigos terem sussurrado contra você, seria sensato ter... ter prontos símbolos de... de seu respeito.

Não havia razão para qualquer das mulheres perguntar que inimigos. O sucesso gerava a inveja e ódios secretos por toda parte — em particular entre os melhores amigos —, e no mundo flutuante, um mundo só de mulheres, mais que em qualquer outro lugar. E as duas eram bem-sucedidas.

Meikin já superara o choque inicial e sua mente se concentrava nos meios de escapar — caso Yoshi desconfiasse, ou Koiko a tivesse denunciado, ou ele tivesse provas de que tanto ela quanto Koiko apoiavam *sonno-joi*, os *shishi*, e conheciam Katsumata. Não havia nenhuma maneira real de escapar, nem para outra identidade, nem para outro lugar, pois o Nipão era todo muito bem compartimentado. Por toda a terra, dez chefes de família constituíam a unidade básica responsável por seu próprio comportamento e obediência à lei, dez dessas unidades formavam outro agrupamento, também responsável, dez agrupamentos formavam outro e assim por diante, até o supremo mandante das leis, o daimio. Portanto, ela não podia fugir para parte alguma, não tinha onde se esconder.

— O que eu poderia dar ao grande lorde Yoshi? — indagou Meikin, a voz rouca, sentindo-se mais desesperada do que nunca antes.

— Talvez... talvez informações.

— Que tipo de informações?

— Sinto muito, mas não sei — respondeu o *shoya*, com uma tristeza simulada.

Amanhã poderia ser diferente, mas naquela noite ele ainda precisava fingir, manter as aparências, independentemente do que pensasse da estupidez das duas! Pois era uma estupidez abraçar a sedição com um pênis, ainda mais quando os possuidores *shishi* eram poucos, e quase todos estavam sendo dispersados ou mortos, continuando a cometer o mais imperdoável dos pecados: o fracasso.

— Não sei, dama, mas lorde Yoshi deve estar preocupado, bastante preocupado, com o que a infame esquadra dos *gai-jin* pode fazer. Eles se preparam para a guerra, *neh?*

No momento em que disse isso, ele percebeu que os olhos de Meikin se tornaram ainda mais frios, fixados em Raiko, que corou um pouco. Ah, pensou ele, exultante, elas já sabem... e não podia deixar de ser assim, já que deitam com os abomináveis *gai-jin*! Por todos os deuses, se existem deuses, o que elas sabem a Gyokoyama deve saber também, e o mais depressa possível.

— Essa notícia pode... atenuar a dor de lorde Yoshi — acrescentou ele, balançando a cabeça, com o ar sensato de banqueiro. — E também a sua.

A meia centena de passos de distância, numa habitação dentro dos muros, no meio dos jardins, Phillip Tyrer sentava de pernas cruzadas, de banho tomado, repleto de comida e saquê, nu sob o *yukata*, e num estado de êxtase. Fujiko ajoelhava-se por trás, as mãos experientes massageando os músculos de seu pescoço, encontrando os pontos de prazer e dor. Ela usava um *yukata* de dormir, os cabelos soltos, e agora chegou mais perto, mordeu delicadamente o lóbulo de sua orelha, perto do centro, o ponto mais erótico. Sua língua aumentou o prazer de Tyrer ainda mais.

Os dedos se insinuaram sensuais por seus ombros, em movimentos rápidos, dissipando suas preocupações, as reuniões com Sir William e Seratard, ajudando seu chefe a lidar com aquele francês e suas constantes e insidiosas tentativas de conquistar uma vantagem, por menor que fosse, quando a verdade, pensara ele, que o homem contava apenas com dois navios medíocres, quando nós temos uma esquadra inteira de navios de primeira linha, tripulados por homens, não por sicofantas.

Tomando anotações, e depois ordenando tudo em dois planos de batalha alternativos, em inglês e francês diplomáticos corretos para os respectivos governos, e em ordens mais objetivas mais para o almirante e o general executarem, o tempo passando depressa, e a dor de cabeça aumentando. Mas André fora um trunfo na reunião daquela manhã, bem preparado, durante todo o tempo sugerindo idéias e datas, manobrando os dois participantes principais a concordarem e tomarem decisões, todos os quatro fazendo um juramento de sigilo.

E, finalmente, deixando a legação, atravessando a ponte, batendo na porta, aberta no mesmo instante pela própria Raiko, que fizera uma reverência, atravessando o jardim, tomando um banho, comendo e bebendo, mas antes disso Raiko começara por fim a tratá-lo como uma autoridade importante merecia.

Já não era sem tempo, pensou ele, mais do que um pouco satisfeito, cada nervo sintonizado com os dedos de Fujiko...

A maior parte da mente de Fujiko se concentrava na advertência de Raiko: — Alguma pessoa de baixa classe, vil e faminta, da casa do Lírio, seduziu nosso lorde *gai-jin* a se afastar de nós. A grande custo, consegui atraí-lo de volta, fazendo muitas concessões aos intermediários. Não falhe esta noite, pois pode ser a sua última chance de prendê-lo a nós com cordões de seda. Use todos os recursos, todas as técnicas... até mesmo a lua por trás da montanha.

Fujiko hesitou. Nunca tentara aquilo antes, nem mesmo no embate mais ardente. Não importa, ela disse a si mesma, estóica, é melhor uns poucos momentos insólitos de comportamento excêntrico... do que não ter nenhum pagamento *gai-jin* esta noite, nenhum pagamento para um ano de lazer.

Enquanto seus dedos chegavam mais perto, os suaves murmúrios começavam, imagens de devaneio de sua casa de fazenda passaram a se intrometer, as crianças, o marido maravilhoso, os arrozais, tudo lindo, espetacular... Com firmeza, ela relegou as imagens para o fundo da mente. Até o cliente adormecer, ordenou a si mesma.

Esta noite você vai seduzir o cão ingrato para sempre! É uma questão de honra para toda a casa das Três Carpas! Preterida por uma pessoa de baixa classe da casa do Lírio?

De jeito nenhum!

O clíper *Prancing Cloud* deu um puxão na âncora, com a mudança da maré noturna.

— Está bem seguro, senhor — disse o primeiro-piloto.

O capitão Strongbow acenou com a cabeça, e continuou a fumar seu cachimbo. Estavam no tombadilho superior. O vento fazia ranger a mastreação por cima. Strongbow era um corpulento homem de cinquenta anos, perspicaz e experiente.

— Será uma boa noite, mister, fresca, mas não fria. — Ele sorriu, e acrescentou baixinho: — Boa para os nossos hóspedes, hem?

O primeiro-piloto, também alto, duro e curtido, mas com a metade de sua idade, olhou para os dois hóspedes, e sorriu também.

— Tem toda razão, senhor.

Angelique e Malcolm se encontravam no convés principal lá embaixo, apoiados na amurada, contemplando as luzes de Iocoama. Malcolm vestia uma sobrecasaca por cima da camisa e calça informais, com sapatos macios nos pés, e pela primeira vez, sem muito desconforto, usava apenas uma bengala a bordo. Angelique tinha um grosso xale vermelho em torno dos ombros, com um vestido longo e folgado. Estavam perto de um canhão. O navio tinha dez canhões de trinta libras, a bombordo e boreste, com cachorros de proa e popa, e seus artilheiros eram tão competentes quanto os da marinha real. O que era o orgulho de Strongbow. O mesmo não se aplicava a todos os clíperes, outros navios mercantes e vapores.

— Lindo, não é, minha querida esposa? — murmurou Malcolm, genuinamente feliz, uma das poucas ocasiões em sua vida.

— Esta noite tudo no mundo é lindo, *mon amour* — disse ela, aconchegando-se contra ele.

Haviam acabado de jantar, e esperavam que o camarote que ocupavam fosse devidamente preparado. Era grande, e ocupava toda a extensão da popa. Os alojamentos do capitão, a menos que o *tai-pan* estivesse a bordo — uma das muitas leis fixadas por Dirk

Struan, trinta anos antes, a frota ainda governada por suas determinações, até os mínimos detalhes, a melhor paga, limpeza, treinamento-prontidão para o combate.

Strongbow observava a maré, avaliando-a. Naquelas águas, uma mudança na maré podia anunciar a chegada, horas depois, de uma *tsunami*, uma onda gigantesca gerada talvez a mil e quinhentos quilômetros de distância, por um terremoto suboceânico, que engolfaria qualquer coisa em seu caminho no mar, e as cidades costeiras, quando encontrasse terra pela frente.

Depois de constatar que a alteração fora normal, ele tornou a olhar para Struan. Sentia-se contente por tê-lo a bordo, e a nova ordem para zarpar amanhã cedo, seguindo a toda velocidade para Hong Kong, sabendo, como todos sabiam, que ela ordenara que o rapaz voltasse para casa, semanas antes. Mas ele sentia-se perturbado por levar também a moça.

Não sei se conseguirei chamá-la de Sra. Struan... afinal, só há uma assim, pensou Strongbow. E o jovem Malcolm casou? Apesar das ordens dela? Apesar de sua oposição? Ele deve ter enlouquecido! O casamento é legal? Pela lei do mar, é, sim, se eles fossem adultos, mas acontece que não são. Será revogado? Um penny partido ao meio contra um guinéu de ouro. Ela terá vinte meios de anulá-lo, sem a menor dificuldade.

E o que será da moça? O que vai lhe acontecer? E o jovem Malcolm? Como ele poderia vencê-la? Fico contente por não ter sido eu quem os casou, graças a Deus. Concordaria em casá-los, se ele me pedisse? Claro que não! Jamais!

Ela vai cuspir fogo, indignada por eles serem menores de idade e pelo fato de a moça ser católica. Será a causa de uma batalha real, desta vez mãe contra filho, um combate até a morte, sem regras, e todos sabemos que ela é uma gata selvagem quando provocada — pior do que a minha Cat —, embora o jovem Malcolm tenha mudado, esteja mais duro do que antes, mais determinado do que nunca. Por quê? Por causa da moça? Só Deus sabe, mas é uma mudança bem-vinda, será ótimo ter outra vez um *tai-pan* de verdade, um homem.

Não resta a menor dúvida de que o jovem Malcolm está perdidamente apaixonado por ela. Quem pode culpá-lo? Não eu! Casaria com ela, se tivesse a oportunidade, mas desta vez não vou me apressar em apresentar um relatório, prefiro correr para beber, ir para a cama com a minha Cat. Ele riu. Cat era sua amante há anos, uma moça de Xangai cujo temperamento e ciúme eram legendários, mas cujo ardor era incomparável.

— O que acha da mudança de ordens, senhor?

Strongbow deu de ombros. Era certo que não havia necessidade de Malcolm voltar às pressas para terra, antes do amanhecer, para tornar a voltar ao navio em seguida, ainda mais andando tão mal... com uma ou duas bengalas, não fazia diferença. Qualquer problema, coisas a assinar, poderiam ser trazidas para bordo por McFay. Mas, afinal, o que Jamie anda escondendo? Alguma coisa que cheira mal... por que então todo o sigilo, todas as licenças em praia da tripulação canceladas?

Ele ouvira rumores sobre um iminente duelo. Era o tipo de aventura tola a que Struan seria precipitado por seu orgulho, um problema a resolver antes da partida, qualquer coisa para humilhar os Brocks, quando todos sabem que deveríamos fazer as pazes, a rivalidade já foi longe demais, eles estão em ascendência, e nos sufocando por todos os lados. Estaremos hasteando a bandeira deles no Natal? Por Deus, espero que não!

O jovem idiota não saiu ao pai, muito menos ao avô. Ah, que homem aquele! Strongbow navegara diversas vezes com Dirk Struan, negociando ópio ao long da costa chinesa, primeiro como um aprendiz, depois como ajudante do artilheiro e terceiro-piloto, sob o comando de Stride Orlov, o Corcunda... comandante da frota de clíperes abaixo do *tai-pan*.

Ele viu Malcolm passar o braço em torno da moça, que se aconchegou ainda mais, e seu coração se confrangeu pelos dois. Era difícil crescer, difícil ser o *tai-pan* da Casa Nobre, ou quase o *tai-pan*, com um avô assim... e com uma mãe assim. Decidido, ele atravessou o tombadilho superior e olhou na direção do mar. O primeiro-piloto seguiu-o. Ambos levantaram os olhos para as velas recolhidas, onde se empoleiravam umas poucas aves marinhas, gritando. Uma delas mergulhou lá de cima, e eles a acompanharam até que desapareceu na escuridão, para a pescaria noturna. Outra seguiu-a, também silenciosamente.

Malcolm e Angelique não haviam saído do lugar, perdidos em sua serenidade. A ampulheta de meia hora na ponte de comando se esvaziou. No mesmo instante, o oficial de vigia virou-a, e tocou seis badaladas. Onze horas da noite. O som foi repetido por outros navios na baía. Os dois saíram de seu devaneio.

— Já é hora de descer, Angel?

— Daqui a pouco, meu amado. Chen disse que nos avisará quando o camarote ficar pronto.

Ela pensara várias vezes nisso desde que Malcolm indagara se não gostaria de casar hoje... Angelique sorriu, beijou-o no queixo,

preparada, em paz.

— Sabe, meu querido marido, prometo que teremos uma vida maravilhosa. Não sentirá mais dor, e vai recuperar toda a sua forma física. Promete?

— Mil vezes... minha esposa querida.

Mais aves marinhas alçaram vôo do cordame. Chen subiu e disse que tudo já fora arrumado como o *tai-pan* ordenara. Malcolm declarou, em cantonês:

— Lembre-se de uma coisa: não acorde a tai-tai quando for me chamar. Tai-tai significava suprema do supremo, primeira esposa... que era a suprema lei dentro de qualquer casa chinesa, assim como o marido era supremo lá fora.

— Durma bem, amo, dez mil filhos, *miss*.

— Tai-tai — corrigiu Malcolm.

— Dez mil filhos, tai-tai.

— O que estavam falando, Malcolm? — indagou ela, sorrindo.

— Ele lhe desejava um feliz casamento.

— *Dohjeh*, Chen — disse ela. Obrigada.

Chen esperou até que os dois se despedissem dos oficiais do navio e descessem, Malcolm usando apenas uma bengala, apoiando-se em Angelique com a outra mão. Ah, pensou ele, encaminhando-se para a passagem do castelo de proa, que todos os deuses, grandes e pequenos, protejam o amo, e lhe proporcionem uma noite que compense toda a dor, passada e futura, mas primeiro se lembrem de mim e de meus problemas, e expliquem ao ilustre Chen e à tai-tai Tess que nada tive a ver com esse casamento. Do tombadilho superior, Strongbow observou Chen descer.

— Todos os criados já foram deitar?

— Pusemos redes na sala de velas de boreste. Ficarão bem ali, a menos que enfrentemos uma tempestade.

— Ótimo. Não quer tomar seu chá agora, *mister*?

— Quero, sim, obrigado. Voltarei mais alerta.

O primeiro-piloto tinha naquela noite o turno de vigia de meia-noite às quatro horas da madrugada e desceu do tombadilho superior em passos ágeis. O camarote ficava na extremidade do corredor da popa. A porta estava fechada. Ele ouviu o barulho da tranca sendo empurrada. Sorrindo, assoviando silenciosamente uma jiga, ele seguiu para a cozinha.

Malcolm encostou-se na porta, palpitando de expectativa, determinado a andar sem ajuda até o leito nupcial. Angelique parara ao lado do beliche e o fitava. O camarote fora todo arrumado. E aquecido. A enorme mesa de jantar e as cadeiras eram presas no chão. Assim como o beliche espaçoso, também preso no chão, cabendo duas pessoas sem qualquer problema, outra das leis do *tai-pan*. Era alto, e a cabeceira se situava bem no centro da antepara da popa, com proteções de lona contra o balanço do navio, quando navegassem com todas as velas içadas. Agora, estavam dobradas. Havia a bombordo um pequeno banheiro e vaso sanitário, e a boreste um armário para roupas. De uma viga do teto pendia um lampião a óleo, projetando sombras agradáveis.

Os dois hesitavam, inseguros.

— Angel...

— O que é, *chéri*?

— Eu amo você.

— Também amo você, Malcolm. E me sinto muito feliz.

Ainda assim, nenhum dos dois se mexeu. O xale de Angélique caía um pouco, revelando os ombros e o vestido verde-claro, de cintura alta, ao estilo Império, as dobras de seda se acumulando sob o busto, que subia e descia, no ritmo de seu coração. O vestido era a mais avançada *haute couture*, tirado do último número de *L'Illustration* enviado por Colette, ainda não em plena voga, ousado na sua simplicidade. Quando ela se apresentara para o jantar, os dois homens — Malcolm e Strongbow, como convidado — não puderam conter um murmúrio de admiração.

Os olhos dela eram espelhos dos olhos de Malcolm, e agora, incapaz de suportar a expectativa e a necessidade dele, que parecia se projetar, envolvê-la e sufocá-la. Angélique correu para seus braços. Ardente. O xale caiu no convés, sem ser notado. Um pouco tonta, ela sussurrou:

— Vamos, *chéri*...

Pegou-a pela mão e sustentou parte de seu peso. Fez outra prece silenciosa por ajuda, aniquilando o passado e o futuro, para se abandonar por completo ao presente, e conduziu-o para o beliche, determinada a ser tudo o que ele desejava e esperava. Desde a cerimônia súbita e inacreditável hoje, Angelique vinha planejando para aquele momento, para o seu papel, analisando suas próprias idéias e o que Colette contara sobre a maneira como algumas damas da corte se comportavam na primeira noite:

— É importante, Angelique, ser a guia, controlar o ganhão como uma boa amazona deve fazer, com mãos fortes, rédea curta, com firmeza, mas também com gentileza, para remover a violência inicial até mesmo do mais dócil dos maridos, para atenuar a dor. Esteja preparada...

A impaciência de Malcolm era tremenda, as mãos enormes vagueavam por toda parte, os lábios se mostravam fortes e insistentes.

— Deixe-me ajudá-lo — murmurou ela, a voz rouca, também querendo começar logo.

Tirou a sobrecasaca dele, depois a camisa, teve um arrepio ao ver a extensão da cicatriz na cintura.

— *Mon Dieu*, eu havia esquecido como você foi gravemente ferido...

A paixão de Malcolm murchou, mas não o trovejar de seu coração. Todo instinto o levava a querer se enrolar com a camisa ou o lençol, mas forçou-se a não fazê-lo. A cicatriz era um fato de sua vida.

— Desculpe.

— Não tem de que se desculpar, *mon amour* — balbuciou ela, com lágrimas nos olhos, apertando-o com força. — Eu é que peço desculpas, por recordar todo aquele horror...

— Não pense mais nisso, minha querida. É *joss*. Muito em breve, será apenas um pesadelo distante para nós dois. Prometo.

— Sei disso, meu querido. Foi uma tolice da minha parte.

Angelique continuou a abraçá-lo. Depois que a angústia por ele diminuiu, sentiu raiva de si mesma, removeu suas lágrimas — e, com elas, sua tristeza momentânea —, beijou-o às pressas, fingindo que nada acontecera.

— Sinto muito, meu querido, foi uma bobagem minha. E agora sente ali por um instante.

Malcolm obedeceu. Observando-o com os olhos meio fechados, mas brilhantes, ela soltou o cinto de seda, abriu os botões nas costas e deixou o vestido cair, como planejara. Ficou apenas com meia combinação e a pantalone. Ele estendeu os braços, mas Angelique riu, esquivou-se, foi até o baú em que estavam seu espelho, pomadas e perfumes. Sem qualquer pressa, passou perfume atrás das orelhas, nos seios, provocante e sedutora. Mas ele não se importou, fascinado por ela, que lhe explicara várias vezes, em palavras diferentes:

— Os franceses são diferentes de vocês, meu querido Malcolm. Somos francos sobre o amor, recatados, e ao mesmo tempo não recatados, o oposto dos ingleses. Achamos que o amor deve ser como uma refeição maravilhosa, uma emoção para os sentidos, todos os sentidos, e não da maneira como se ensina às nossas pobres irmãs inglesas e seus irmãos... uma coisa que deve ser feita depressa, no escuro, acreditando por algum motivo que o ato é sórdido, e os corpos vergonhosos. Vai ver só, quando casarmos...

E agora eram casados. Ela era sua esposa, e se mostrava coquete, para seu prazer, proporcionando-lhe intensa alegria e vibração. Graças a Deus por isso, pensou Malcolm, com um alívio monumental, pois se preocupara por semanas, recordando a moça da Yoshiwara, quando nada dera certo.

— Angel... — balbuciou ele, a voz rouca.

Tímida, ela tirou a pantalone e a anágua, foi até o lampião, abaixou o pavio, deixando apenas a claridade necessária, mais adorável do que Malcolm imaginara. — a visão de seu corpo nu era como um sonho, e ao mesmo tempo de uma realidade profunda e angustiante. Sem pressa, ela foi para o outro lado do beliche, deitou-se ao seu lado.

Sussurrando palavras de amor, as mãos tocando, explorando, a respiração de Malcolm pesada, seu corpo chegando mais perto, lábios quentes, beijos ardentes. As mãos de Angelique, hesitantes, sob um cuidadoso controle, também explorando, toda a sua mente concentrada na imagem de primeiro amor feliz e inocente que queria transmitir... ansiosa em agradar, mas também um pouco assustada.

— Oh, Malcolm... Malcolm...

Murmurando e beijando-o, amando-o profundamente, rezando para que fosse verdade o que Babcott dissera, em resposta às suas perguntas:

— Não se preocupe. Por algum tempo, ele não será capaz de montar a cavalo direito, nem poderá dançar uma polca da maneira correta, mas isso não importa, pois será capaz de guiar uma charrete, comandar um navio, dirigir a Casa Nobre, gerar muitos filhos... e ser o melhor marido do mundo...

A necessidade que ela sentia era muito forte agora. Mas tratou de abrandá-la, conteve o desejo, apegando-se ao plano, ajudando e guiando, e depois veio um ofego estridente, mas ela não titubeou, apertou-o com força agora, reagindo e reagindo, até que ele gritou, todo o corpo de Angelique abalado pelas contorções do orgasmo

dele, com gemidos que se prolongaram, intermináveis, e depois seu corpo desamparado, ofegante, a esmagá-la... mas sem sufocá-la.

Como é estranho que eu possa suportar seu peso com tanta facilidade, tudo se ajustando com perfeição, pensou ela, sua boca sussurrando palavras doces e ternas, Calmando os gemidos arfantes, contente porque a primeira união fora consumada de uma forma tão agradável.

Malcolm se encontrava apenas meio consciente, perdido em algum estranho platô, sem peso, vazio, sem nada sentir, ao mesmo tempo saciado de amor por aquela incrível criatura, que era, nua, tudo o que ele imaginara, e muito mais. Seu cheiro, gosto e essência. Cada parte dele satisfeita. Tudo valera a pena. Em euforia. Agora ela é minha, fui homem, ela se mostrou mulher... oh, Deus, espero não tê-la machucado.

— Você está bem, Angel? — murmurou ele, a voz ainda rouca, o coração quase parando, mal conseguindo falar. — Não a machuquei?

— Oh, não, meu querido... eu o amo demais.

— Também amo você, Angel, e não tenho palavras para expressar o quanto.

Ele beijou-a, começou a erguer o corpo, apoiado nos cotovelos.

— Não, não se mexa, ainda não, por favor, eu gostaria que... O que foi querido?

Subitamente nervosa, Angélique contraiu os braços, que o enlaçavam.

— Nada, nada... — balbuciou ele, tentando resistir à dor repentina, que partira da virilha, e se irradiara até a base do crânio, quando se movimentara.

Cauteloso, ele tentou de novo, e desta vez foi melhor. E conseguiu não gemer.

— Não se mexa, Malcolm — disse ela, com toda ternura. — Fique quieto, descanse, *mon amour*, gosto de você assim... por favor...

Agradecido, ele obedeceu, começando a sussurrar o quanto a amava, confortável, sereno, tão satisfeito que pôde resvalar para o sono, um sono profundo. O sino do navio badalou uma vez, meia-noite e meia, mas ele não se mexeu. Angelique continuou deitada da mesma maneira, tranquila, satisfeita, seu futuro conquistado, desfrutando o sossego do camarote, as madeiras rangendo de vez em quando, as ondas batendo contra o casco, saboreando também a sensação de realização.

Sem despertá-lo, ela saiu de baixo de seu corpo, foi ao banheiro, lavou-se. Suspirou, pediu perdão. Um pequeno talho com a ponta de uma faquinha. André dissera:

— É difícil para um homem, quase impossível, determinar se a mulher é virgem ou não na noite de núpcias, se ele não tem motivos para desconfiar. Um pouco de medo, um gemido no momento certo, um pouco de sangue denunciador, o sinal incontestável, e pela manhã tudo estará como deve ser.

Que cínico terrível é André, pensou ela. Que Deus me proteja dele, e me perdoe por meus pecados. Sinto-me contente por estar casada,

a caminho de Hong Kong muito em breve, para nunca mais ter de pensar nele, apenas no meu Malcolm...

Angelique voltou ao beliche quase dançando. Tornou a se deitar, segurou a mão de Malcolm, fechou os olhos, imagens gloriosas do futuro aflorando em sua mente. Eu o amo tanto...

Ela despertou subitamente, pensando que experimentara outro terremoto. O camarote se encontrava às escuras, a única claridade era a chama mínima do lampião, balançando um pouco. E depois ela se lembrou de tê-lo diminuído, e compreendeu que o som que a acordara era do sino do navio, e não o da catedral durante o terremoto de seus sonhos. Agora, o terremoto era apenas o balanço do navio, sem nada do pesadelo. E depois, vendo-o estendido ao seu lado, experimentou um amor profundo, diferente de qualquer coisa antes, sabendo que estavam casados, e que isso também não era um sonho.

Quatro badaladas? Duas ou seis horas da manhã? Não, sua tola, não pode ser, pois neste caso haveria claridade além das vigias, e Malcolm dissera que precisava desembarcar antes de poderem levantar âncora, a caminho da civilização, para enfrentar o dragão em seu covil... não, para cumprimentar uma sogra que vou envolver e seduzir, que logo vai me amar, e se tornar a avó perfeita.

Ela observou-o na semi-escuridão. Malcolm dormia de lado, a cabeça aninhada no braço direito, o rosto sem as linhas da preocupação, a respiração suave, o corpo quente, com seu cheiro viril e agradável. Este é meu marido, eu o amo, sou apenas dele, o outro nunca aconteceu. Como sou afortunada!

Sua mão começou a tocá-lo. Ele se mexeu. Também estendeu a mão para ela. Não de todo desperto, ele murmurou:

— Olá, Angel.

— *Je t'aime.*

— *Je t'aime aussi.*

A mão de Malcolm procurou-a. Ela reagiu. Apanhado de surpresa, ele virou-se para Angelique, prendeu a respiração, quando uma dor intensa saltou para o fundo de seus olhos. Depois a dor passou, ele exalou.

— *Je t'aime, chéri.* — Ela inclinou-se para beijá-lo, e sussurrou entre os beijos: — Não, não se mexa, continue deitado assim, fique quieto.

Angelique soltou uma risadinha e acrescentou, a voz rouca de desejo:

— Fique imóvel, *mon amour.*

Em momentos, a paixão dominou-o. Excitado e vidrando, tudo esquecido, ora a sensualidade partilhada, ora os movimentos bem lentos, ora mais rápidos, outra vez lentos, mais profundos, a voz gutural de Angelique a instá-lo, ele reagindo, e continuando sempre, sem parar, cada vez mais forte, todas as suas glândulas, músculos e anseio se concentrando, até que ela ficou próxima, muito próxima,

se afastando, próxima de novo, enlaçando-a, ajudando-a, arremetendo, até sentir o corpo de Angelique se desvanecendo, seu peso desaparecer, tudo sumir, e ela arriou por cima dele, com seus espasmos e gritos, fazendo com que a penetrasse ainda mais fundo, o corpo de Malcolm se comprimindo contra o dela por vontade própria, descarregando por vontade própria, até que passou o último espasmo, frenético, bem-vindo, e todos os movimentos cessaram.

Apenas respirações ofegantes se misturavam, o suor se misturava, os corações se misturavam.

Depois de algum tempo, Malcolm se tornou consciente. O peso adormecido de Angelique em seu peito não era nada. Ele continuou deitado assim, em espanto, vibrante, eufórico, um braço a mantê-la segura na posição, sabendo que ela era tão bela quanto uma esposa podia ser. A respiração de Angelique esfriava suas faces, longa, lenta, profundamente. Ele tinha a cabeça lúcida, uma visão clara do futuro, sem qualquer resquício de dúvida. Com uma segurança absoluta de que acertara ao casar com ela, certo de que agora poderia encerrar o conflito com sua mãe, e juntos destruiriam os Brocks, assim como ele acabaria com Norbert, acabaria com as vendas de ópio e canhões, persuadiria Jamie a permanecer e dirigiria a Struan como devia ser dirigida... como o *tai-pan* gostaria que fosse dirigida. Até que, com o passar do tempo, cumpriria seu dever, e faria com que a Casa Nobre voltasse a ser a primeira na Ásia, para entregá-la ao próximo *tai-pan*, o primogênito, a quem dariam o nome de Dirk, o primeiro de muitos filhos e muitas filhas.

Por quanto tempo ficou assim, ele não sabia, com uma suprema confiança, transbordando de alegria e êxtase, seus braços a envolvê-la, amando-a, aspirando sua respiração, mais feliz do que jamais se sentira, do que jamais poderia se sentir, seus lábios dizendo a ela que a amava, a mente o levando ao sono, em bem-aventurança, para longe da recordação daquela terrível, maravilhosa, angustiante suprema explosão de imortalidade, que parecera dilacerá-lo por completo.

45

Quarta-feira, 10 de dezembro:

Ao amanhecer cinzento, Jamie McFay subiu apressado do cais da cidade dos bêbados, e virou a esquina. Avistou Norbert e Gornt na terra de ninguém, esperando onde deveriam esperar, notando sem interesse a pequena valise na mão de Gornt, que devia conter as pistolas de duelo que haviam combinado. Além dos três — e

enxames de moscas —, o vazadouro fétido e cheio de mato se encontrava deserto. Ele não cruzara com ninguém, exceto bêbados encolhidos e roncando nos cantos de barracos, estendidos em bancos, ou no chão. E não reparara neles.

— Desculpem — balbuciou ele, esbaforido. Como os outros dois, também usava uma sobrecasaca e chapéu, contra o ar frio e úmido do amanhecer. — Lamento o atraso, mas...

— Onde está o *tai-pan* da Casa Maldita? — indagou Norbert, grosseiramente, empinando o queixo. — Ele é covarde ou o quê?

— Vá se foder! — berrou Jamie, o rosto tão branco quanto o céu nublado. — Malcolm morreu! O *tai-pan* está morto!

Ele viu-os se desmancharem em espanto e também ainda não podia acreditar.

— Acabo de voltar do navio. Fui buscá-lo antes do amanhecer, pois eles... ele passou a noite a bordo do *Prancing Cloud*. Estava...

As palavras lhe faltaram. As lágrimas afloraram, e ele recordou toda a cena, Strongbow na amurada, pálido e assustado, gritando, antes mesmo que ele subisse a bordo, que o jovem Malcolm morrera, que mandara seu cúter buscar um médico, mas o *tai-pan* já estava morto.

E depois a subida pelos degraus. Notara Angelique encolhida num canto do tombadilho superior, envolta por cobertores, o primeiro-piloto ao lado, mas passara apressado pelos dois, rezando para que não fosse verdade, para que fosse apenas um pesadelo, antes de descer.

Encontrara o camarote todo iluminado. Malcolm estava deitado de costas no beliche. Os olhos fechados, sereno na morte, sem preocupações, um lençol levantado até o queixo. Ocorrera a Jamie que o amigo parecia como nunca o vira antes, numa paz suprema.

— Foi... foi Chen... — dissera Strongbow, falando num fluxo rápido, transtornado — ...foi o criado Chen quem o encontrou assim, Jamie. Veio acordá-lo há uns dez ou quinze minutos, Jamie, e o descobriu... pode-se destrancar a porta por fora, como acontece na maioria dos camarotes de navios... ele abriu a porta, viu os dois dormindo, como pensou. Ela dormia, mas não Malcolm. Ele sacudiu-o, percebeu que

Malcolm estava morto, e quase morreu também. Saiu correndo, foi me chamar, e a esta altura ela já acordara. A pobre coitada não parava de gritar desesperada, gritava tanto que deixava todo mundo nervoso, tirei-a do camarote mandei que o primeiro-piloto cuidasse dela e voltei para cá, mas não havia qualquer equívoco, pobre rapaz, ele estava como você o vê agora, só que fechei seus olhos, mas olhe... olhe isso...

Tremendo, Strongbow puxara o lençol. Malcolm estava nu, a parte inferior do corpo numa poça de sangue, já ressequido agora, formando uma crosta, o colchão encharcado.

— Ele... deve ter sofrido uma hemorragia, só Deus sabe por que, mas suponho...

— Oh.Deus!

Jamie cambaleara para uma cadeira, praguejara, atordoado. Malcolm?

— O que vou fazer agora? — perguntara a si mesmo, desolado.

A voz de Deus ressoara pelo camarote, na resposta:

— Empacote-o em gelo e mande-o para casa!

Assustado, ele se levantara de um pulo. Strongbow o fitava, perplexo, e no mesmo instante Jamie compreendera que fora o capitão que respondera, sem ter percebido que ele próprio fizera a pergunta em voz alta.

— Isso é tudo o que pode dizer, pelo amor de Deus? — gritara ele.

— Desculpe, Jamie, não tive a intenção... não queria... — Strongbow enxugara o suor da testa. — O que você quer que eu faça?

Depois de outro século, os ouvidos ainda ressoando, a cabeça latejando, ele murmurara:

— Não sei.

— Normalmente, nós o sepultaríamos no mar, pois não posso manter... mas você pode sepultá-lo em terra... o que quer que eu faça?

A mente de Jamie parecia funcionar muito devagar. Só então notara Ah Tok, agachada perto do beliche, pequena, uma velha megera agora, balançando sobre os calcanhares, a boca se mexendo, mas sem que qualquer som saísse.

— Ah Tok, pode subir agora, não há nada que possa fazer aqui, está certo?

Ela não lhe prestara qualquer atenção. Continuara a se balançar para a frente e para trás, a boca se mexendo em silêncio. Ele tentara de novo, mas fora em vão. Acrescentara para Strongbow:

— É melhor você esperar aqui, até a chegada de Babcott ou Hoag.

Ele tornara a subir, fora se ajoelhar ao lado de Angelique, ainda no escuro antes do amanhecer. Mas ela também não respondera, por mais ternamente que falasse, dizendo como lamentava, que gostaria de ajudá-la. Por um instante, ela ainda levantara os olhos, sem reconhecimento, enormes olhos azuis na brancura do rosto, depois voltara a se encolher dentro dos cobertores, olhando sem ver para o convés.

— Vou desembarcar, Angelique, desembarcar. Está me entendendo? E... é melhor contar a Sir William, entende?

Ela acenara com a cabeça apática, e Jamie a tocara como um pai faria. Antes de deixar o navio, ainda dissera a Strongbow:

— Ponha a bandeira a meio mastro, todos os tripulantes devem permanecer a bordo, sua ordem de zarpar está cancelada. Voltarei assim que puder. E acho melhor não tocar em cada, até a chegada de Babcott ou Hoag.

Voltando para a praia, ele experimentara uma náusea violenta, e agora se descobria diante de Norbert e Gornt. Gornt estava chocado, e os olhos de Norbert faiscaram. Em meio à sua angústia, ouviu-o dizer:

— Malcolm está morto? Mas como ele morreu?

— Não sei — respondeu Jamie, meio sufocado. — Mandamos chamar Babcott, mas parece que foi uma hemorragia. Agora, tenho de comunicar a Sir William.

Ele se virou para ir embora, mas a risada escarninha de Norbert deteve-o.

— Está querendo dizer que o jovem patife morreu fodendo? Morreu em ação? Vim aqui para matá-lo, mas ele se fodeu ao passar pelos portais de pérola? O velho Brock vai ter um acesso de riso...

Cego de raiva, McFay desferiu um golpe, o punho direito acertando o rosto de Norbert, que cambaleou para trás. McFay errou um violento *uppercut* com a esquerda, perdeu o equilíbrio, caiu de joelhos.

Norbert virou-se com a agilidade de um gato, berrando em fúria, o rosto ensanguentado, o nariz achatado, e deu um chute contra a cabeça de Jamie. A ponta de sua botina atingiu a gola de McFay, o que desviou e amorteceu o impacto, ou teria quebrado o pescoço, em vez de jogá-lo de costas no chão. Norbert limpou o sangue do rosto, enquanto corria para a frente, desferindo outro chute brutal. Mas desta vez Jamie se encontrava preparado e contorceu-se para o lado, antes que Norbert conseguisse alcançá-lo de novo, e levantou-se, os punhos cerrados, o braço esquerdo inútil por um momento.

Por um segundo, os dois se encararam, a dor ofuscada pelo ódio. Gornt tentou detê-los, mas no mesmo instante os dois homens atacaram, desvairados, empurrando-o para o lado, como uma folha. Punhos, pés, todos os golpes sujos, uma briga de rua. Joelhos na virilha, unhas rasgando, arrancando pedaços de roupa e cabelos, qualquer coisa para destruir o outro, a hostilidade de anos irrompendo numa ferocidade incontrolável. Eram da mesma altura, mas Jamie tinha quinze quilos a menos, Norbert era mais duro, mais brutal. Uma faca apareceu em sua mão. Tanto Jamie quanto Gornt gritaram quando ele arremeteu, errou, recuperou o equilíbrio, atacou de novo, e desta vez arrancou sangue, Jamie meio desajeitado, perdendo, prejudicado pelo ombro lesionado. Com um vitorioso grito de guerra, Norbert avançou, para mutilar, não para matar. Só que ao mesmo tempo o punho de Jamie acertou na ponte de seu nariz, esmagando-o desta vez, e Norbert caiu gemendo, ficou no chão, de quatro, sem ver coisa alguma, dominado pela dor, derrotado.

Jamie parou na frente dele, ofegante. Gornt esperou que ele liquidasse o oponente, com um chute na virilha, outro na cabeça, e depois talvez usasse calcanhar para esmagar seu rosto para sempre.

Era o que ele faria... afinal, não era atitude de um cavalheiro sacar, ou escarnecer da morte de outro homem, mesmo um inimigo, pensou ele, sentindo uma satisfação intensa pela vitória de McFay.

A morte de Malcolm não o agradara nem um pouco. Era a única opção para a qual não planejara, não hoje. Agora, seu esquema teria de ser revisto, depressa. Em nome de Deus, como? Talvez aquela briga pudesse ser aproveitada, especulou avaliando as possibilidades, enquanto esperava para saber o que Jamie faria em seguida.

Agora que vencera, a raiva de Jamie se dissipou. Seu peito arfava. Bólis e sangue enchiam sua boca. Ele cuspiu. Por anos, tivera vontade de humilhar Norbert, e agora o conseguira, desferrara-se de uma vez por todas... e ainda por cima vingara Malcolm, que fora provocado deliberadamente.

— Norbert, seu filho da puta — balbuciou ele, atônito pelo som de sua voz e por se sentir tão mal —, se disser mais alguma coisa contra o meu *tai-pan*, qualquer coisa, ou rir dele pelas costas, juro que vou transformá-lo em picadinho.

Atordoadado, ele passou cambaleando por Gornt, mal o vendo, a caminho do cais. Dez ou quinze metros depois, seu pé pisou num

buraco, e ele caiu, praguejando, e ficou de quatro, alheio aos outros, exausto.

Norbert começava a se recuperar, cuspiendo sangue, o nariz quebrado, uma massa de dor, tremendo de raiva por ter sido derrotado. E apavorado. O velho Brock não vai perdoá-lo, seu cérebro bradou, vai perder sua gratificação e o estipêndio que ele prometeu, será alvo de riso em toda a Ásia, vencido, humilhado para sempre pelo filho da puta do Jamie, que nem de longe é do seu tamanho, um lacaio da Struan...

Ele sentiu que alguém o ajudava a levantar. Trôpego, forçou os olhos a se abrirem. Ofegando para respirar, confuso, o rosto e a cabeça em fogo, os olhos inchados, fechados quase que por completo, ele viu McFay se levantando com dificuldade, a poucos passos de distância, de costas, Gornt meio na sua frente, ainda segurando a pistola de duelo de cano duplo.

Meio louco de dor, um emaranhado de pensamentos afloraram: Não posso errar a esta distância, Gornt é a única testemunha, diremos no inquérito que *"McFay tentou pegar a arma, Sir William, tivemos uma briga, mas foi ele que me acertou primeiro, Edward, diga a verdade de Deus, e depois foi terrível, estávamos engalfinhados, e não sei como a arma disparou, o pobre Jamie..."*

Norbert pegou a pistola, levantou-a.

— Jamie! — gritou Gornt, em advertência.

McFay virou-se, surpreso, entreabriu a boca ao deparar com a arma apontada, enquanto Norbert ria e puxava o gatilho. Mas Gornt estava preparado e, com outro grito de advertência, desviou o tiro para cima. Em seguida, de costas para McFay, encobriu a pistola com seu corpo, segurando-a com as duas mãos, demonstrando uma força surpreendente, e simulou luta momentânea com Norbert pela posse da arma. E durante todo o tempo fixava os olhos de Norbert, que só viu, transtornado, a morte na sua frente. Ele virou o cano para o peito de Norbert e apertou o segundo gatilho. Norbert teve morte instantânea. Depois, fingindo estar transtornado, Gornt deixou o corpo cair. Tudo levara apenas uns poucos segundos.

— Deus Todo-Poderoso! — balbuciou Jamie.

Consternado, ele se adiantou, cambaleando, arriou de joelhos ao lado do corpo.

— Por Deus, senhor, eu não sabia o que fazer. O Sr. Greyforth ia alvejá-lo pelas costas e tudo o que fiz... oh, Deus, Sr. McFay... viu o que ele ia fazer, não é mesmo, ainda gritei em advertência, mas... ele ia matá-lo...

Era fácil convencer McFay, que se afastou de olhos turvos, trôpego, para buscar ajuda.

Sozinho agora, em segurança, Gornt deixou escapar um suspiro. Satisfeito consigo mesmo. Exultante por ter previsto o que Norbert faria e apostado sua vida nisso.

— Quando está jogando, o tempo e a execução devem ser perfeitos — dizia sempre o seu padrasto, ao lhe ensinar a arte do baralho. — Às vezes surge uma grande chance, jovem Eddie, uma dádiva das Parcas. Elas lhe oferecem alguma coisa especial, você aproveita, e tira a sorte grande, mata o adversário. Ganha tudo, e não pode fracassar, se elas oferecerem de fato, pois sempre escolhem o momento perfeito. Mas não se deixe enganar pelo demônio... ele vai enganá-lo, sua oferta pode parecer com a outra, mas é diferente, reconhecerá a diferença quando surgir em seu caminho...

Gornt sorriu, sarcástico. O padrasto não se referia a matar literalmente, mas fora assim que ocorrera para ele. Sua dádiva das

Parcas fora Norbert. O momento perfeito, o assassinato perfeito, o álibi perfeito. Norbert tinha de ser despachado para o outro mundo, por muitos motivos. Um deles era porque Norbert poderia evitar parte do desastre para os Brocks, desviando-o para a Struan. Outro porque o velho Brock ordenara que Norbert matasse de qualquer maneira que pudesse, e um terceiro — o mais importante — porque Norbert era vulgar, não tinha boas maneiras, nenhuma sutileza, nem senso de honra, nunca fora nem seria um cavalheiro.

As moscas já enxameavam ao redor do cadáver. Gornt afastou-se um pouco, acendeu um charuto. Seus olhos vasculharam a terra de ninguém, através da neblina. Ainda não havia olhos estranhos, nenhum movimento. O amanhecer mal rompia o céu nublado. Enquanto esperava, ele retirou os cartuchos da outra pistola, a pistola de Malcolm, que Norbert insistira em levar. Sorriu para si mesmo. Teria feito a troca, dando a Norbert as balas de pólvora seca, se ele decidisse lutar mesmo o duelo, em vez de cancelá-lo, como fora combinado.

Norbert era sem dúvida um desgraçado, pensou ele. Boa viagem. Mas lamento por Malcolm. Não importa, agora irei para Hong Kong, e farei o acordo com sua mãe... o que será mais seguro e melhor. Norbert tinha razão, ela é a verdadeira *tai-pan*. Negociarei o que teria dado a Malcolm, os meios reais e as provas para destruir a Brock and Sons... para esmagar Morgan, o diabo encarnado.

A vingança é minha, disse o Senhor. Mas não para mim, Edward Gornt, o filho de Morgan. Ah, pai, se ao menos soubesse como a vingança será gloriosa, com é correto o parricídio! Em pagamento pelo "*casarei com aquela vagabunda se ...*"

É irônico, Morgan, você passou a vida tentando arruinar sua única irmã e a família dela — seu pai, a mesma coisa, com sua única filha —, e eu sou seu único filho, e Nêmesis, protegendo a ela para arruiná-lo.

Será mais seguro e melhor negociar com Tess do que com Malcolm. Ela me entregará a *Rothwell* em Xangai e subscreverá os empréstimos no Victoria Bank que eu precisar, e ainda me conseguirá um assento no conselho de administração. Não, não isso, ela vai me considerar uma ameaça, com toda razão, a vaga só virá mais tarde. Enquanto isso, o próximo na lista, Cooper-Tillman.

Enquanto isso, o que fazer? Partir para Hong Kong o mais depressa possível. É curioso que Norbert tenha morrido e Malcolm também. Muito estranho.

Morte em ação? Que maneira de morrer!

Ao remover Malcolm, as Parcas me concederam outro prêmio. Angelique. Ela é livre e rica agora, tem a riqueza da Casa Nobre. Seis meses é o prazo perfeito, tempo suficiente para o luto, e para que eu possa me organizar. A esta altura, Tess Struan ficará contente em vê-la longe de Hong Kong. E casada. E se ela estiver grávida? Deixarei para me preocupar com isso mais tarde, pois é um se. De qualquer maneira, não faz diferença, assumirei a Casa Nobre mais cedo do que planejava.

Sua risada baixa misturou-se com o zumbido das moscas.

— O Dr. Babcott está lá fora, Sir William — anunciou Tyrer.

— Pois mande-o entrar, pelo amor de Deus! George, bom dia... o que aconteceu com o pobre coitado? Uma notícia terrível! E como está Angelique? Já soube de Norbert? O desgraçado tentou atirar em Jamie pelas costas há cerca de duas horas!

— Já soube. — Babcott não fizera a barba e se encontrava visivelmente transtornado. — Hoag levou Angelique para a legação francesa, todos desembarcamos juntos... e ela não queria voltar para o prédio da Struan.

— Posso compreender. Não a culpe por isso. Como ela está?

— Em choque, como não podia deixar de ser. Nós lhe demos sedativos, foi horrível para ela... passou por maus momentos aqui, a Tokaidô, depois aquele maldito ronin, agora isto. É muito azar. Ela ficou bastante abalada.

— E isso vai fazê-la perder o juízo?

— Espero que não, mas nunca se sabe. Ela é jovem e forte, mas... nunca se sabe. Por tudo o que é sagrado, espero que não. — A

preocupação dos dois era evidente. — Uma coisa terrível, parece que tudo é inútil.

Sir William balançou a cabeça.

— Devo confessar que fiquei furioso com o casamento, mas quando recebi a notícia, esta manhã, daria qualquer coisa para que não tivesse acontecido. — Seu rosto se endureceu. — Viu o corpo de Norbert?

— Não. Hoag cuidará disso, assim que assentar Angelique. Achei melhor vir direto para cá, e lhe contar tudo.

— Fez bem. O que aconteceu com Malcolm?

Apesar de sua angústia, Babcott tornou-se frio e objetivo:

— Hemorragia. Uma artéria ou veia rompeu-se. Durante a noite, enquanto ele dormia, sem qualquer dor ou contorções, ou ele a teria acordado. A vida simplesmente se esvaiu de seu corpo. Farei uma necropsia, que é indispensável para o atestado de óbito.

— Muito bem, se é isso o que recomenda. — Sir William desligou a mente desse processo macabro, considerando-o desagradável, também não gostando de estar perto do médico, de qualquer médico, com as roupas sempre manchadas de sangue aqui e ali, e sempre com um tênue cheiro de substâncias químicas e ácido carbólico, por mais que se limpassem. — Pobre jovem Struan. Terrível. Ele sangrou até a morte?

— Isso mesmo. Pelo que vale, Malcolm... ele parecia o homem mais sereno que já vi na morte, como se a desejasse.

Sir William mexeu num tinteiro na mesa.

— George, ele poderia estar... terminando... seria essa a causa? Um tremendo excitamento?

— Deve ter sido isso o que aconteceu. Não o orgasmo propriamente dito, mas a tensão incontrolável que gera poderia com a maior facilidade dilacerar tecidos enfraquecidos ou causar um rompimento. Os órgãos genitais se encontravam em perfeitas condições, mas a cavidade estomacal era fraca. Reparei a maior parte do intestino grosso, suturei algumas artérias, pois o ferimento foi bastante grave. Ele não estava se recuperando como eu gostaria e o fígado...

— Não preciso dos detalhes agora — interrompeu-o Sir William, supersensível, já sentindo um pouco de náusea. — Por Deus, o jovem Struan! Parece impossível... e Norbert ainda por cima! Se não fosse por Gornt, teríamos um assassinato em nossas mãos. Aquele sujeito merece uma medalha. Ele disse, antes que eu me esqueça, que Jamie foi provocado, e Norbert fez jus ao castigo. Sabia e Malcolm e Norbert iam se encontrar na cidade dos bêbados para um duelo?

— Não, até um momento atrás. Phillip me contou. Loucos, os dois. E você os advertiu!

— É verdade. Os idiotas, embora Gornt jure que ambos haviam concordado em aceitar as desculpas um do outro. Mas ele também contou que Norbert lhe disse esta manhã que mudara de idéia e pretendia matar Struan. O miserável! — Aflito, Sir William mexeu nas coisas em sua mesa, endireitando papéis, o pequeno retrato com moldura de prata. — O que faremos agora?

— Em relação a Norbert?

— Não, Malcolm. O que faremos com Malcolm?

— Efetuarei a necropsia hoje, ao final da tarde. Tomei a liberdade de providenciar o envio do corpo para Kanagawa... será mais fácil ali. Hoag funcionará como meu assistente e você receberá um relatório pela manhã. Assinaremos o atestado de óbito e tudo será normal.

— Estou me referindo ao corpo — explicou Sir William, irritado.

— Pode sepultá-lo como quiser. Com este tempo, não há pressa, pois ficará bem preservado.

— Haverá tempo para enviar o *Prancing Cloud* a Hong Kong e descobrir que sua... o que a Sra. Struan deseja fazer? Afinal, ela pode querer sepultá-lo lá e...

— Por Deus, eu não gostaria de transmitir essa notícia a ela!

— Nem eu. — Sir William puxou a gola. Como sempre, fazia frio no escritório, o fogo de carvão era mínimo e uma aragem forte entrava pelas janelas mal-ajustadas. — Hoag é o médico da família, ele pode ir. Mas o que eu quero saber, George, é se o corpo ficará preservado por tanto tempo. Levar a notícia para ela, voltar, pegar o corpo... e se for isso o que ela quiser?

— É melhor você tomar a decisão, sepultá-lo aqui ou despachá-lo para Hong Kong imediatamente. Nós o conservaríamos em gelo, cercaríamos o caixão com gelo, sob uma cobertura de lonas, não deve haver maiores problemas.

Sir William acenou com a cabeça, repugnado.

— Phillip! — gritou ele pela porta. — Peça a Jamie para vir até aqui o mais depressa possível! George, acho que a decisão mais sensata, desde que... desde que o corpo fique preservado, é mandá-lo de volta. Qual é a sua opinião?

— Concordo.

— Ótimo. Obrigado. Mantenha-me informado sobre Angelique. Também não esqueça do nosso jantar esta noite. E a nossa partida de bridge?

— É melhor adiar as duas coisas para amanhã.

— Tem razão, será melhor assim. Obrigado outra vez... droga, eu já ia esquecendo. O que faremos com Norbert?

— Um enterro rápido, logo esquecido, e nunca lamentado.

— Terei de realizar um inquérito. Edward Gornt é americano, um cidadão estrangeiro... ele está preparando um depoimento assinado. Ainda bem que Adamnson está de licença, pois ia querer se

intrometer. Ele é advogado, não é mesmo. além de *chargéd'affaires* dos Estados Unidos?

— De qualquer forma, não importa. Hoag e eu podemos dar o testemunho médico. — Babcott levantou-se e acrescentou friamente: — Mas o “tiro pelas costas”? Não é uma boa propaganda para Iocoama.

— É o que estou pensando. — O rosto de Sir William se contraiu. — Não gostaria que isso transpirasse.

— Para os nossos anfitriões?

— Isso mesmo. Eles terão de ser informados, é inevitável. Mas também não posso fazer um relato formal do que aconteceu exatamente. É óbvio que Norbert sofreu uma morte acidental. E Struan?

— Diga-lhes a verdade — respondeu Babcott, consternado com a perda, furioso consigo mesmo por seu trabalho não ter sido bastante bom, e porque desejava, desesperadamente, não como médico,

tomar Angelique em seus braços para protegê-la de tudo. — E a verdade é que a morte desnecessária e prematura daquele jovem extraordinário pode ser atribuída aos ferimentos sofridos no ataque sem qualquer provocação na Tokaidô!

Sir William acrescentou, amargurado:

— Por assassinos miseráveis que ainda não foram levados à justiça. Tem toda razão.

Ele deixou Babcott se retirar, acenou para que Tyrer ficasse longe e foi se postar à janela, perturbado por sua atual impotência. Tenho de enquadrar o *Bakufu* o mais depressa possível ou estaremos liquidados, e nossa idéia de abrir o Japão se perderá. Eles não farão isso por si mesmos; assim, temos de ajudá-los. Mas eles precisam se comportar como pessoas civilizadas, que respeitam as leis... enquanto isso, o relógio continua batendo; sei, lá no íntimo, que uma noite dessas eles nos atacam, vão nos tacar fogo, e tudo acabará. Tão certo quanto Deus fez as maçãs!

Claro que haveria uma retaliação... com a perda de muitas vidas. Mas terei fracassado em meu dever, todos estaremos mortos, o que é um pensamento dos mais desagradáveis. Se ao menos Ketterer

não fosse tão teimoso... Como posso submeter o desgraçado obstinado à minha vontade?

Ele suspirou, conhecendo uma resposta: primeiro, terá de fazer as pazes com ele!

O encontro tempestuoso na noite passada, por causa do ostensivo descaso do almirante ao pedido da Sra. Struan e ao seu próprio conselho, que não suspeitava do verdadeiro motivo, até arrancá-lo pouco antes de Jamie McFay, acabara se deteriorando para uma confrontação aos gritos:

— Foi um erro permitir que Marlowe...

— Achei que era melhor assim! E agora vai me escutar...

— Melhor? Mas que droga! Acabei de saber que você achou melhor interferir estupidamente em questões políticas e comerciais, tentando negociar um acordo não compulsório com o pretendente ao trono Struan, alienando assim a verdadeira chefe para sempre! Não é verdade?

— E o senhor está querendo interferir em questões que são uma prerrogativa exclusiva do Parlamento, como a declaração de guerra, e o verdadeiro motivo para ser tão desavisado, em sua linguagem, para se mostrar tão transtornado, é o fato de que eu não quero iniciar uma guerra que não podemos vencer, que não podemos sustentar com nossas forças atuais, se é que o conseguiríamos sob quaisquer circunstâncias; na minha opinião qualquer ataque à capital será considerado pelos nativos, com toda razão, como um ato de guerra, e não um incidente. Boa noite!

— Mas concordou em aju...

— Concordei em exhibir alguns sabres, disparar alguns tiros de exercício para impressionar os nativos, mas não concordei em bombardear Iedo, e não o farei jamais, a menos que me apresente uma autorização por escrito, aprovada pelo almirantado. Boa noi...

— A marinha e o exército estão sujeitos ao controle civil, e sou eu quem manda aqui!

— É, sim, mas só se eu concordar! — berrara o almirante, o rosto e o pescoço roxos. — Não manda em meus navios, e até eu receber ordens em contrário aprovadas pelo almirantado, comandarei minha esquadra como achar melhor! Boa noite!

Sir William foi sentar à sua escrivaninha. Suspirou, pegou uma pena e escreveu em seu papel timbrado:

Prezado almirante Ketterer: Muito do que disse ontem à noite era correto. Por favor, desculpe o uso de algumas palavras desavisadas no calor do momento. Talvez queira fazer a gentileza de me procurar esta tarde. Já deve ter sido informado da triste morte do jovem Struan, que segundo o Dr. Babcott pode ser atribuída aos ferimentos recebidos no ataque sem qualquer provocação na Tokaidô. Apresentarei outro protesto ao Bakufu, mais severo, pelo falecimento desse extraordinário cavalheiro inglês, e ficaria muito satisfeito em ouvir seus conselhos sobre os termos em que deve ser redigido. Com toda sinceridade, meu prezado senhor, permaneço seu servidor obediente.

— O que tenho de fazer pela Inglaterra — murmurou ele.

Depois, enquanto assinava a mensagem, e cobria com pó para secar a tinta, Sir William gritou:

— Phillip!

— Pois não, senhor?

— Tire uma cópia e depois despache para Ketterer, por mensageiro especial.

— Jamie acaba de chegar, senhor, e há uma delegação pedindo que decrete um dia de luto.

— Recusado! Mande Jamie entrar.

Jamie estava bastante machucado, o ombro agora enfaixado.

— Sente-se melhor, Jamie? Ótimo. George Babcott já me apresentou um relatório. — Sir William relatou o que se dissera sobre o corpo de Malcolm. — O que acha devemos fazer?

— Devemos mandá-lo para Hong Kong, senhor.

— É o que também penso. Você vai... acompanhá-lo?

— Não, senhor. A Sra. Struan... receio que ela não me aprove mais e, se eu voltar, só vai agravar uma situação que já é terrível para ela, a pobre dama. Aqui entre nós, estarei despedido ao final do mês.

— Mas por quê? — indagou Sir William, chocado.

— Não importa, não agora. Angelique, a nossa Sra. Struan, irá junto, assim o Dr. Hoag... Já sabia que ela mudou de idéia, e decidiu permanecer em seus aposentos, conosco, e não mais na legação francesa?

— Não, não sabia, mas acho que é melhor assim. Como ela está?

— Hoag diz que o melhor que se podia esperar, o que quer que isso signifique. Despacharemos o *Prancing Cloud* assim que nos autorizarem. Quando poderá ser?

— George disse que efetuará a necropsia ainda hoje e assinará o atestado de óbito. Terei providenciado tudo até amanhã. O clíper pode zarpar amanhã. O único problema seria Angelique, quando ela teria condições para viajar. — Sir William fitou-o nos olhos. — Qual é a situação dela?

— Não sei, não realmente. Não a vejo desde... desde que ela foi para bordo. Não falou comigo desde então, nem uma única vez, não

demonstra qualquer lucidez. Hoag ainda continua com ela. — Jamie tentou conter sua angústia. — Só nos resta torcer.

— Um azar terrível. Isso mesmo, não há qualquer dúvida a respeito. Agora, vamos falar sobre Norbert. Teremos de realizar um inquérito.

— Sei disso. — Jamie levou a mão ao rosto, afugentando uma mosca impertinente, que procurava o sangue ressequido. — Gornt salvou minha vida.

— É verdade. Ele será elogiado por isso. Jamie, o que fará quando deixar a Struan? Voltará para casa?

— Aqui é a minha casa... aqui ou na China. Encontrarei algum meio de abrir minha própria firma.

— Seria ótimo, pois eu não gostaria de perdê-lo. Não posso imaginar a Casa Nobre aqui sem você.

— Nem eu.

À medida que o dia passava, a mortalha sobre Iocoama se adensava. Choque, incredulidade, raiva, medo da guerra, medo em geral — a Tokaidô recordada —, misturando-se com muitos comentários vulgares sussurrados, mas com extrema cautela de quem os dizia, pois Angel tinha defensores violentos, e qualquer comentário rude ou risada escarninha insinuava desrespeito. Malcolm não foi tão afortunado. Tinha inimigos, muitos se mostravam contentes em escarnecer, felizes porque outro desastre se abatera sobre a descendência de Dirk Struan. E os dois sacerdotes, sob vários aspectos, também se sentiam satisfeitos, vendo a retaliação de Deus.

— André — disse Seratard à mesa do almoço, na legação, tendo Vervene como o terceiro homem —, ele deixou um testamento?

— Não sei.

— Tente descobrir. Pergunte a ela ou a Jamie... é provável que ele saiba mais.

André Poncin balançou a cabeça, desolado, na maior preocupação. A morte de Struan acabara com seu plano de arrancar mais dinheiro de Angelique, a fim de pagar Raiko.

— Está certo.

— É muito importante que continuemos a ressaltar sua cidadania francesa a fim de protegê-la, quando a sogra tentar anular o casamento.

Vervene interveio:

— O que o faz ter tanta certeza de que ela agirá assim, que vai se mostrar tão antagônica?

— *Mon Dieu*, isso é óbvio! — respondeu André por Seratard, irritado
— A atitude dela será a de que Angelique “assassinou” seu filho. Todos sabemos que ela a odiava antes, quanto mais agora? É inevitável que acuse Angelique só Deus sabe de quantas insídias, por causa do seu deturpado dogma sexual anglo-saxão em particular, se não em público. E não se esqueça de que ela é uma protestante fanática.

Ele virou-se para Seratard e acrescentou:

— Henri, talvez seja melhor eu procurar Angelique.

André já a interceptara e sussurrara que ela deveria voltar para o prédio da Struan, em vez de ficar na legação:

— Pelo amor de Deus, Angelique, seu lugar é com o pessoal de seu marido! Era tão óbvio que ela deveria reforçar sua posição na Struan — a qualquer custo — que André quase lhe gritara, mas a súbita ira

se transformara em compaixão ao perceber a profundidade de seu desespero.

— É melhor eu ir agora.

— Por favor, faça isso.

André saiu e fechou a porta.

— O que há com ele? — perguntou Vervene, fungando.

Seratard pensou, antes de responder, e concluiu que já estava na hora.

— É provável que seja a sua doença... a doença inglesa.

Vervene baixou o garfo, chocado.

— Sífilis?

— André me contou há algumas semanas. Você deve saber, o único em toda a equipe, já que essas explosões podem se tornar mais freqüentes. Ele é valioso demais para que o despachemos de volta.

André anunciara que tinha uma nova fonte de informações, muito bem situada:

— O homem diz que lorde Yoshi voltará a Iedo dentro de duas semanas. Por uma quantia relativamente modesta, ele e seus contatos no *Bakufu* garantem uma reunião particular, a bordo de nossa nave capitânia.

— Quanto?

— O encontro valeria qualquer coisa que custasse.

— Concordo, mas quanto? — insistira Seratard.

— O equivalente a quatro meses do meu salário —, respondera André amargurado —, uma ninharia. Por falar nisso, Henri, preciso de um adiantamento ou a bonificação que me prometeu há vários meses.

— Nada ficou acertado, meu caro André. Na ocasião oportuna, você receberá, mas agora não pode ter nenhum adiantamento, lamento muito. Muito bem, concordo com a quantia pedida, depois do encontro.

— Metade agora, metade depois. Ele também me contou, sem cobrar, que o tairo Anjo está doente e pode não durar um ano.

— Ele tem alguma prova disso?

— Ora, Henri, sabe muito bem que tal prova não é possível!

— Diga a seu contato para fazer esse macaco tairo procurar Babcott para um e... eu lhe darei um aumento de cinqüenta por cento.

— O dobro do salário de hoje, o dobro, e precisarei dar a meu contato um adiantamento substancial.

— Cinqüenta por cento a partir do dia do exame, e trinta mexicanos de ouro, cinco adiantados, e o resto depois. E mais nada.

Serataud percebera a esperança de André aumentar. Pobre André, começa a perder a classe antiga. Claro que compreendo que uma grande parte do dinheiro ficará grudada em seus dedos, mas não importa, tratar com espiões é um negócio sujo, e André é particularmente sujo, embora muito esperto. E infeliz.

Ele estendeu a mão, e pegou a última fatia do único queijo Brie, que chegara no gelo, a um custo fantástico, no último navio de correspondência.

— Seja paciente com o pobre coitado, Vervene, está bem?

Todos os dias ele esperava descobrir sinais da doença, mas nada surgira até agora; todos os dias André parecia um pouco mais jovem, perdendo a expressão atormentada anterior. Só o seu temperamento se deteriorara.

Mon Dieu! Um encontro particular com Yoshi! E se Babcott pudesse examinar aquele cretino do Anjo, talvez até mesmo curá-lo, por iniciativa minha — não importa que Babcott seja inglês, negociarei esse golpe com Sir William por alguma outra vantagem —, teremos dado um tremendo passo à frente. Ele ergueu seu copo.

— Vervene, *mon brave*, a sífilis para os ingleses, e Vive Ia France!

Angelique estava deitada na cama de dossel, apática, recostada em travesseiros empilhados, nunca mais pálida ou mais etérea. Hoag se acomodara numa cadeira ao lado da cama, cochilando. O sol do fim de tarde rompeu as nuvens por um momento, para animar um dia sombrio, de vento constante. Na baía, os navios puxavam os cabos das âncoras. Meia hora antes — para ela, um minuto ou uma hora eram a mesma coisa — o canhão de sinalização anunciara a iminente chegada do navio de correspondência, despertando-a, não que estivesse de fato dormindo, apenas oscilava entre a consciência e a inconsciência, sem qualquer fronteira definida. Seus olhos vaguearam além de Hoag. Viu a porta para os aposentos de Malcolm... não os seus aposentos, nem os aposentos deles, agora apenas aposentos para outro homem, outro *tai-pan*...

As lágrimas ressurgiram, em dilúvio.

— Não chore, Angelique — murmurou Hoag, com extrema ternura, cada fibra concentrada, atento a sinais indicadores de algum desastre. — Está tudo bem agora, a vida continua, você vai se recuperar.

Ele segurava a mão dela. Com um lenço, Angelique removeu as lágrimas.

— Eu gostaria de tomar um chá.

— Agora mesmo.

O rosto feio de Hoag se encheu de alívio. Era a primeira vez que ela falava desde a manhã, de forma apropriada, coerente, e os primeiros momentos de volta eram sempre indicadores vitais. Quase dando vivas, Hoag abriu a porta pois embora Angelique falasse num fio de voz, não havia histeria, nem por baixo nem por trás, a luz em seus olhos era boa, o rosto não se achava mais inchado das lágrimas, e a pulsação, que ele contara enquanto segurava sua mão, era firme e forte, noventa e oito por minuto, não mais disparada de uma maneira assustadora.

— Ah Soh — disse ele, em cantonês —, traga um chá fresco para sua ama, mas não fale nada e saia logo em seguida.

Hoag voltou a sentar ao lado da cama.

— Sabe onde está, minha cara?

Angelique limitou-se a fitá-lo.

— Posso fazer algumas perguntas? Se estiver cansada, basta me dizer, e não tenha medo. Lamento, mas é importante para você, não para mim.

— Não tenho medo.

— Sabe onde está?

— Em meus aposentos.

A voz era monótona, os olhos vazios. A preocupação de Hoag aumentou.

— Sabe o que aconteceu?

— Malcolm morreu.

— Sabe por que ele morreu?

— Morreu em nossa noite de núpcias, na cama nupcial, e eu sou a responsável.

Sinos de advertência repicaram no fundo da mente de Hoag.

— Está enganada, Angelique. Malcolm foi morto na Tokaidô, há vários meses — disse ele, a voz calma e firme. — Lamento, mas essa é a verdade. Ele vivia de tempo emprestado desde então. Não foi culpa sua, nunca foi culpa sua, mas sim a vontade de Deus, e

posso lhe assegurar uma coisa, com todo o meu coração, nós, Babcott e eu, nunca vimos um homem mais sereno, mais em paz na morte, nunca mesmo.

— Sou culpada.

— A única coisa pela qual você é responsável foi a alegria nos últimos meses de sua vida. Ele a amava, não é mesmo?

— Amava, mas morreu, e...

Angelique quase acrescentou e o outro homem também, nem sequer sei seu nome, mas ele também morreu, e me amava também, mas morreu, e agora Malcolm está morto, e...

— Pare com isso!

A voz ríspida arrancou-a da beira do abismo. Hoag recomeçou a respirar, sabia que aquilo tinha de ser feito, e depressa, ou ela estaria perdida, como outros que já vira antes. Precisava livrá-la do demônio que espreitava em algum lugar de sua mente, prestes a irromper, esperando para dar o bote, para transformá-la numa lunática incoerente ou no mínimo para afetá-la de uma forma radical.

— Sinto muito, mas você tem de entender isso da maneira correta. Só é cul... — em pânico, ele se conteve, antes de usar essa palavra, e trocou-a. — ...responsável pela alegria de Malcolm. Repita para mim. Só é res...

— Sou culpada.

— Diga comigo: só sou responsável por sua alegria — disse Hoag, com extremo cuidado, mais uma ordem, notando com alarme as pupilas anormais, revelando que ela retornava para a beira do abismo.

— Sou cul...

— Responsável, que droga! — exclamou ele, com uma ira simulada.
— Diga comigo, só sou responsável por sua alegria! Responsável por sua alegria! Diga isso!

Ele viu o suor aflorar na testa, ela disse outra vez a mesma palavra, ele interrompeu-a, repetiu a palavra correta, “responsável, responsável por sua alegria!”, e mais uma vez ela disse a outra palavra, sendo corrigida, e enquanto isso Ah Soh trouxe o chá, mas nenhum dos dois a viu, e ela fugiu em terror, enquanto Hoag continuava a ordenar, Angelique continuava a recusar, até que, de repente, ela gritou em francês, a voz estridente:

— Está bem, está bem, só sou responsável por sua alegria, mas ainda assim ele está morto, morto, morto... meu Malcolm está morto!

Hoag tinha vontade de abraçá-la, murmurar que estava tudo bem, mas não o fez, julgando que era cedo demais. Sua voz era dura, mas não ameaçadora, e ele disse, em seu bom francês:

— Obrigado, Angelique, mas agora falemos em inglês. Lamento muito, todos lamentamos que seu adorável marido tenha morrido, mas a culpa não é sua. Diga isso!

— Deixe-me em paz! Saia daqui!

— Quando você disser que não foi culpa sua.

— Não... não... deixe-me em paz!

— Quando disser que não foi culpa sua!

Angelique fitou-o, odiando seu algoz, mas depois gritou, estridente:

— Não foi culpa minha, não foi culpa minha, não foi culpa minha! E agora que está satisfeito, trate de sair daqui!

— Depois que me disser que compreende que seu Malcolm morreu, mas você não é absolutamente culpada por isso.

— Saia!

— Diga isso! Vamos, diga logo!

Subitamente, a voz de Angelique tornou-se como o uivo de uma besta selvagem:

— Seu Malcolm morreu, seu Malcolm morreu, morreu, morreu, morreu, mas não é cul... você não é culpada... não é culpada... culpa...

Tão abruptamente quanto começara, a voz se transformou numa lamúria:

— ...não é culpada, não sou culpada, não sou mesmo, oh, meu querido sinto muito, sinto muito, não o quero morto, oh, Santa Mãe, ajude-me, ele está morto, e eu me sinto horrível, oh, Malcolm, por que você morreu, eu o amava tanto, tanto, tanto... oh, Malcolm...

Desta vez ele a abraçou, apertou-a com firmeza, absorvendo os tremores e os soluços profundos. Depois de algum tempo, a voz definiu, os soluços diminuíram, e Angélique mergulhou num sono irrequieto. Ainda abraçando-a, gentilmente, mas com firmeza, suas próprias roupas grudadas no corpo pelo suor, Hoag manteve-se imóvel, até que o sono se tornou profundo. Só então a soltou. Sentia uma dor intensa nas costas, e empertigou-se com cuidado, torturado, os músculos em espasmo. Quando conseguiu relaxar os ombros e o pescoço, ele sentou, para recuperar as forças.

Foi por pouco, pensou Hoag, o prazer por ter vencido desta vez eliminando parte da dor, contemplando-a como ela era, jovem, bela e segura.

Sua memória voltou a Kanagawa, à outra moça, a irmã japonesa do homem que ele operara, igualmente jovem e bela, só que japonesa. Qual era mesmo seu nome? Uki alguma coisa. Salvei seu irmão para que atormentasse ainda mais esta pobre criança. Estou contente por ela ter escapado. Mas será mesmo que escapou? Uma linda mulher. Como era minha pobre e querida esposa. Como foi terrível e insensato da minha parte, como foi insano tirá-la da Índia, para uma morte prematura em Londres.

Dharma? Destino? Como esta criança e o pobre Malcolm. Coitados dos dois, coitado de mim. Não, não coitado de mim, pois acabei de salvar uma vida. Você pode ser atarracado e feio, meu velho, pensou ele, verificando o pulso de Angelique, mas, por Deus Todo-Poderoso, é um bom médico, e um bom mentiroso... não, não bom, apenas afortunado. Desta vez.

46

Quinta-feira, 11 de dezembro:

— **B**oa tarde, Jamie — disse Phillip Tyrer, triste. — Com os cumprimentos de Sir William, aqui estão três cópias do atestado de óbito, uma para você, uma para Angelique, e a outra para

Strongbow levar com o corpo. Ele achou que o original deve seguir pela mala diplomática para o gabinete do governador, e ser entregue ao juiz principal de Hong Kong, que providenciará o registro, e depois encaminhará a Sra. Struan. Terrível, não é, mas aconteceu.

— Tem razão.

A correspondência que acabara de chegar se achava empilhada na mesa de Jamie, além de vários documentos sobre negócios que tinham de ser acertados. Ele tinha os olhos injetados de cansaço.

— Como está Angelique?

— Ainda não a vi, mas Hoag passou aqui pela manhã. Disse que é melhor deixá-la sossegada, até ela tomar a iniciativa do primeiro contato, mas acho que está melhor do que ele esperava. Angelique dormiu por mais de quinze horas. Em sua opinião, ela deve estar bastante bem para viajar amanhã, e recomendou que Quanto mais cedo partisse, melhor. Ele também irá, como não podia deixar de ser.

— Quando o *Prancing Cloud* deve zarpar?

Amanhã. Com a maré noturna. Strongbow estará aqui a qualquer momento para receber as novas ordens. Tem alguma correspondência para enviar?

— Claro que sim. Uma mala diplomática. Avisarei a Sir William. Ainda não posso acreditar que Malcolm esteja morto. Ah, por falar nisso, a audiência sobre a morte de Norbert foi marcada para as cinco horas. Gostaria de jantar comigo depois?

— Obrigado, mas esta noite não será possível. Vamos deixar para amanhã, se tudo correr bem. Confirmaremos depois do desjejum.

Jamie especulou se deveria contar a Tyrer as maquinações de seu amigo samurai Nakama e a reunião com o prestador de dinheiro local... que Nakama não queria que chegasse ao conhecimento de Tyrer e Sir William. A sugestão de Nakama o intrigara, embora acolhesse com satisfação a oportunidade de conversar diretamente com um homem de negócios, mesmo de importância menor.

A reunião marcada para o dia anterior fora cancelada, é claro. Ele considerara o adiamento para a próxima semana, mas decidira se encontrar com o homem naquela noite... poderia distraí-lo por um momento da tragédia.

Não é da conta de Phillip... e não se esqueça que Phillip e Wee Willie andaram ocultando todos os tipos de informações, quando o acordo era para que tudo fosse partilhado.

— Até mais tarde, Phillip. E obrigado por isto.

— Até mais tarde, Jamie.

Os atestados de óbito eram assinados por Babcott e Hoag. A autópsia confirmara o que já se dissera sobre a morte, *causada por hemorragia interna de uma artéria rompida, que cessara de funcionar corretamente, a condição de enfraquecimento podendo ser atribuída, de forma direta, aos ferimentos sofridos durante o incidente sem qualquer provocação na Tokaidô.*

Jamie acenou com a cabeça para si mesmo. Os médicos haviam contornado a questão do motivo do rompimento. Não havia razão para ser mais específico, a menos que alguém exigisse uma resposta mais específica. Alguém como Tess Struan, pensou ele, sentindo uma pontada de dor no estômago. É inevitável que ela pergunte e o que Hoag dirá então? O mesmo que me disse esta manhã:

— Na condição de Malcolm, Jamie, tal rompimento poderia ser causado por qualquer um de meia dúzia de movimentos bruscos, como dormir de mau jeito, virar-se de repente porque teve um pesadelo, até mesmo a pressão de um intestino com prisão de ventre.

— Ou mais ainda durante o intercuro sexual?

— Essa é uma das várias possibilidades. Por quê?

— Ora, você conhece Tess Struan muito bem.

— Não vou culpar Angelique, se é isso o que quer saber. Afinal, há necessidade de duas pessoas para o ato, e ambos sabemos que ele

fez de tudo para casar, estava perdidamente apaixonado.

— Não estou querendo saber de nada, Doc. Tess vai culpá-la de qualquer maneira, independente do que diga o atestado.

— Concordo, Jamie, mas ela não terá nenhuma ajuda da minha parte. Nem de George. É evidente que um intenso orgasmo causou o rompimento e o subsequente sono eufórico dos dois encobriu o problema. Isso é lógico, mas nada pode ser provado; e mesmo que fosse possível, ela não tem a menor culpa, absolutamente nenhuma...

Pobre Angelique, ela será culpada, como eu também. Mas não importa no meu caso.

— Quem é? Pode entrar. Ah, olá, Edward.

— Tem um segundo? — perguntou Gornt.

— Claro.

Desde ontem, seu relacionamento com Gornt era diferente. Insistira num tratamento pelo primeiro nome. Por Deus, pensou Jamie, como me enganei em relação a ele!

— Sente-se. Já falei uma dúzia de vezes, mas obrigado de novo... você salvou minha vida.

— Não foi nada. Só estava cumprindo meu dever.

— Graças a Deus por isso. Em que posso ajudá-lo?

— Corre o rumor de que vai enviar o corpo de Malcolm para Hong Kong,

onde será sepultado, e eu gostaria de saber se pode me arrumar uma passagem em seu navio.

— Claro. — Jamie hesitou. — Para apresentar seu relatório a Tyler Brock e Morgan?

Gornt sorriu.

— Não podemos evitar a verdade, Jamie. Levarei o resultado do inquérito, mas cabe a mim lhes contar diretamente, de homem para homem.

— Tem razão. — A tristeza tornou a dominar Jamie. — Lamento que Malcolm não esteja vivo para saber o que você fez por mim, e lamento também que agora ele não possa mais ser seu amigo, pois sei que o admirava muito. Lamento ainda que você trabalhe para eles.

— Depois do encontro, é bem provável que deixe de trabalhar. Só fui emprestado pela Rothwell. Portanto, isso não tem muita importância. Voltarei para Xangai, depois de Hong Kong.

— Se eu puder ajudá-lo por qualquer meio, basta me dizer.

— Não me deve nada, Jamie, pois apenas cumpri meu dever. Mas um homem sempre precisa de um amigo de verdade. Obrigado, e se me encontrar perdido, pedirei sua ajuda. Posso contar com um camarote no *Prancing Cloud*?

— O navio vai zarpar amanhã de noite.

— A Sra. Struan também irá com ele? É difícil pensar em Malcolm como morto, não é?

— É, sim. O Dr. Hoag diz que ela terá condições de viajar até amanhã.

— Tremenda falta de sorte. Terrível. Obrigado, e até mais tarde.

Jamie observou-o sair, com uma estranha inquietação. Nada que pudesse definir. Acho que apenas me sinto tão desorientado que qualquer coisa me parece esquisita. Por Deus, até Hoag se comportou de um modo insólito, mas também sem nada de específico.

Ele se forçou a trabalhar por algum tempo e depois, precisando de alguns documentos na mesa de Malcolm, levantou-se, foi andando pelo corredor, até a sala do *tai-pan*. Ergueu a mão para bater, num gesto automático. Desolado, não o fez, abriu a porta e parou no meio de um passo. Angelique sentava-se na cadeira de Malcolm, por trás da mesa de Malcolm. Heavenly Skye, sentado no outro lado, estava dizendo:

— Pelo que sei...

Ele virou a cabeça.

— Olá, Jamie — disse Angelique, a voz calma. O vestido escuro realçava a textura de alabastro da pele, os cabelos erguidos acima do pescoço longo, os olhos claros, uma tênue cor natural nos lábios.
— Como se sente?

— Ahn... estou bem — balbuciou Jamie, perplexo com seu controle e nova beleza... diferente de antes, agora um tanto distante, inacessível, mas ainda mais atraente. — Desculpe, mas eu não esperava... O Dr. Hoag disse para não incomodá-la até que me chamasse. Como se sente agora?

— Pedi a ele para fazer isso. Eu... estou bem, obrigada. Havia algumas coisas que eu queria acertar esta manhã. Fiquei desolada ao saber... do seu encontro fatídico com Norbert Greyforth. Pobre Jamie, saiu todo machucado... não sofreu nada mais grave, não é?

— Não, obrigado. — Jamie sentia-se cada vez mais desconcertado. A voz de Angelique era calma, calma demais, e havia nela uma certa dignidade, que no momento ele não podia definir. — Já soube que Edward Gornt salvou minha vida?

— Já, sim. Ele próprio me contou, há poucos minutos... para ser mais precisa, não foi bem assim. Ele veio apresentar suas condolências e o recebi. Foi o Sr. Skye quem me falou sobre sua bravura. E sobre o duelo.

— Ahn...

Jamie teve vontade de amaldiçoar Skye por sua interferência.

— Pobre Malcolm... — murmurou Angelique. — Fico satisfeita por não ter sabido antes dessa insensatez, pois a teria impedido, de alguma forma. Por sorte, Edward estava lá. Como algumas pessoas podem ser tão horríveis?

— Tem razão, mas o mais importante agora é: como você está realmente?

— Não muito bem, nem muito mal. Sinto-me vazia.

— Essa é a palavra certa. Também me sinto vazio.

Jamie olhou para Heavenly, que sorriu, neutro. O silêncio foi se tornando opressivo. Contrafeito, ele percebeu que ambos queriam

que se retirasse.

— Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Não no momento, Jamie. Obrigada.

Ele acenou com a cabeça, pensativo.

— Preciso pegar alguns documentos.

— À vontade, por favor.

Angelique recostou-se na cadeira, que a ofuscava, calma, sob controle. Embaraçado, Jamie pôs-se a vasculhar as bandejas de Entrada e Saída, decidiu levar tudo, pôs uma em cima da outra.

— Se precisar de alguma coisa... basta me chamar.

— Depois que o Sr. Skye e eu terminarmos, podemos conversar por alguns minutos, se você estiver livre.

— Quando quiser. Toque aquela sineta.

Skye interveio:

— Jamie, por acaso já recebeu o atestado de óbito?

— Já, sim.

— Posso ver uma cópia, por favor?

Jamie fitou-o nos olhos.

— Com que propósito?

— Para examiná-lo.

Angelique disse:

— Mal... meu marido havia contratado os serviços do Sr. Skye... sabia disso, não é, Jamie?

— Sabia. — Jamie percebera como ela trocara de Malcolm para meu marido, e viu Heavenly balançar a cabeça, em aprovação, o que acionou um sinal de perigo em sua mente. — E daí?

Skye explicou, a voz suave:

— Quando soube da desastrosa notícia, senti-me na obrigação de oferecer meus serviços à viúva... — A palavra foi realçada de forma imperceptível. —...que aceitou. O *tai-pan* pedira-me para realizar uma certa pesquisa, e achei que a Sra. Struan poderia desejar que eu continuasse.

— Certo.

Jamie acenou com a cabeça, polido, e começou a se retirar.

— E o atestado de óbito, Jamie?

— O que deseja fazer, Angelique... Sra. Struan?

— O Sr. Skye é meu advogado agora, Jamie. Ele compreende essas coisas, o que não acontece comigo, e concordou em me representar. — A voz era incisiva, sem qualquer emoção. — Eu gostaria, por favor, que lhe prestasse toda ajuda que ele precisar.

— Claro. Se quiser me acompanhar, Heavenly...

Jamie saiu, foi para sua sala, ficou de pé atrás da mesa, fingindo procurar entre os papéis que guardara na gaveta, por segurança.

— Pode fechar a porta, por favor? Tem uma aragem entrando.

O homenzinho obedeceu, e Jamie acrescentou, mantendo a voz baixa, mas sem qualquer possibilidade de equívoco no tom ameaçador:

— Escute, se você a enganar, fizer qualquer coisa que não deve, cobrar demais, vou arreventá-lo todo.

O homenzinho chegou mais perto, os óculos rachados e sujos.

— Nunca fiz isso com nenhum cliente, em toda a minha vida — disse ele, Sibilando como uma cobra. — Umas poucas contas grandes, é verdade, mas nunca mais do que o mercado podia absorver. Aquela mulher precisa de ajuda, e sou eu quem pode dar, não você.

— Posso, e darei, por Deus!

— Não concordo. Malcolm me contou que a outra Sra. Struan, a mulher em Hong Kong, o despediu. Verdade ou mentira? E é verdade ou mentira que você e Malcolm vinham recebendo cartas furiosas dela, até ameaçadoras, há semanas, cartas paranóicas contra minha cliente e o noivado, com todos os tipos de acusações infundadas? É verdade ou mentira, pelo amor de Deus, que aquela moça precisa de amigos?

— Concordo que ela precisa de amigos, e não me oponho a que tenha um advogado, mas quero ter certeza de que você agirá de uma maneira correta.

— Nunca enganei um cliente em toda a minha vida. Posso ser um advogado morto de fome, mas sou muito bom, Jamie, e quero

lembrá-lo de que estarmos do mesmo lado. Ela precisa de amigos, Malcolm a amava, e você era amigo de Malcolm... ele me falou sobre as cartas pelas quais você se arriscaria à força.

— Não importa o que...

— Não quero discutir com você, Jamie. Ela é minha cliente, e jurei que faria o melhor que puder para ajudá-la. O atestado de óbito, por favor.

Irritado, Jamie abriu a gaveta, entregou uma cópia.

— Obrigado... ah, três, hem? Uma para os seus arquivos, outra para acompanhar o corpo, e a terceira para ela. Absolutamente correto, embora eu me sinta surpreso por terem se lembrado dela. O original segue para Hong Kong por mensageiro especial. — Heavenly examinou o documento. — Deus Todo-Pode-roso!

— Qual é o problema?

— Hoag e Babcott. Eles podem ser bons médicos, mas são um desastre como testemunhas de defesa. Merda! Eu deveria ter sido informado antes que eles escrevessem isto... qualquer idiota poderia lhes indicar uma redação melhor.

— Mas do que está falando?

— Assassinato ou, pelo menos, uma acusação de assassinato.

— Ficou louco?

— Não seria a primeira vez para Tess Struan. Lembra do contramestre? Todos em Hong Kong sabiam que foi um acidente, mas ela acusou-o de assassinato, o pobre coitado foi considerado culpado de homicídio involuntário e condenado a dez anos!

— Foi o júri quem o considerou culpado, não Tess, e...

— Mas foi ela quem apresentou a acusação! — retrucou Skye, mantendo a voz baixa. — E também vai apresentar uma acusação neste caso. Se isto for lido no tribunal, num processo criminal ou cível, nosso advogado oponente alegaria que ele morreu fodendo... por favor, perdoe minha vulgaridade... “e a outra metade do ato está sentada ali, no banco dos réus, senhoras e senhores do júri, uma mulher cujo pai é um criminoso fugitivo, cujo tio se encontra numa prisão francesa, uma aventureira sem dinheiro, uma Jezebel que seduziu insidiosamente aquele pobre rapaz, menor de idade, levando-o ao casamento, e depois, senhoras e senhores do júri, com uma perfídia deliberada, seduziu-o a uma morte prematura... *com uma perfídia deliberada...* sabendo muito bem que os ferimentos do pobre rapaz fariam o trabalho por ela!” Verdade ou mentira?

Jamie sentou, mais pálido do que antes. As palavras de Hoag afluíram e sua mente.

— O que pretende fazer?

— Primeiro, tentarei mudar esta redação. Não creio que eles concordem, mas tentarei. Tem o testamento de Malcolm?

Jamie sacudiu a cabeça.

— Ele nunca me falou num testamento.

— Eu disse a ele que era importante fazer um testamento, quando me procurou pela primeira vez... isso é rotina. Tem certeza?

— Sei que não tenho nenhum testamento, não em nosso cofre.

Jamie franziu o rosto. Malcolm teria feito um testamento? Se eu estivesse para casar trataria de fazê-lo. Espere um pouco, fui noivo de Maureen por anos, e jamais cuidei disso. Por Deus, eu gostaria de saber como ela está, o que pensou ao receber minha carta.

— Ele nunca me mencionou um testamento. Falou alguma coisa a respeito com Angelique?

— Não. Essa foi minha primeira pergunta. Talvez ele tenha feito um testamento sem que vocês soubessem. Ele tinha um cofre particular ou algum lugar para guardar seus documentos pessoais?

— Não. Se tivesse, seria em Hong Kong. Mas há um pequeno cofre em seus aposentos.

— Vamos examiná-lo.

— Não podemos fazer isso.

As palavras saíram ríspidas e formais:

— A Sra. Angélique Struan era sua esposa legal, e agora é sua viúva, a herdeira imediata de todos os seus bens materiais, a menos que seu testamento enuncie o contrário. Se não há testamento, então ela herda tudo, depois da homologação pelo tribunal, e do pagamento dos honorários legais e impostos. Vamos dar uma olhada no cofre.

— Não podemos presu...

— Devemos resolver isso entre nós três, como amigos, ou providenciarei uma ordem judicial formal, através de Sir William, ainda hoje, para o seqüestro de tudo, de todos os seus documentos, de todos os documentos da Struan, em Iocoama e Hong Kong, para a busca de um testamento, a que a minha cliente tem direito. — Seu olhar era inflexível. — Desculpe, meu velho, mas tem de ser assim. Certo?

— Vamos perguntar a Angelique.

Inseguro, sabendo que nunca poderia permitir que alguém de fora examinasse os documentos e registros da Casa Nobre, Jamie seguiu Skye de volta à sala do *tai-pan*. Por que ainda penso assim? — perguntou-se ele, irritado. Deve ser porque é mesmo a sala do *tai-pan*. Mas quem é o novo *tai-pan*? Oh, Deus, que confusão!

Angelique continuava sentada onde a haviam deixado. Impassível, ela escutou Skye.

— Não há necessidade de nos acompanhar, Sra. Struan. Pode ter certeza de que agirei em seu nome.

— Obrigada, mas eu gostaria de estar presente.

Eles seguiram-na pela escada imponente, a primeira vez para Skye, que tentou não se mostrar impressionado demais pelo lustre espetacular e os óleos valiosos. Jamie abriu a porta da suíte do *tai-pan*. Ardia ali um agradável fogo de carvão. A cama de dossel estava arrumada, à espera. Escrivadinha impecável, sem papéis em cima. Ah Tok agachava-se num canto próximo da porta, murmurando, em desespero, parecendo ainda menor agora, mais feia, uma anciã. Não lhes prestou a menor atenção. Angelique estremeceu, seguiu os dois, foi sentar na cadeira de encosto alto de Malcolm, de frente para eles. Observando-os atentamente.

O pequeno cofre de ferro na parede ficava atrás de um quadro a óleo, outro Aristotle Quance. Skye sorriu. O quadro mostrava uma menina chinesa carregando no colo uma criança loura, de pele clara, com um rabicho, um menino, tendo a fundo uma paisagem de Hong Kong. Ele já ouvira falar do quadro, mas nunca o vira. Quance era o decano dos pintores que haviam feito a crônica de Macau e dos primeiros tempos de Hong Kong, um irlandês que ali vivera por muitos anos e morrera há poucos anos, em Macau, onde fora

sepultado. Era também um voraz bêbado, jogador e libertino, mas velho amigo e devotado a Dirk Struan. O rumor era de que a moça era a famosa May-may, a amante chinesa de Dirk, a que morrera com ele no tufão de 1842, em seus braços, e a criança o primogênito dos dois.

Ele olhou para Angelique, que observava Jamie, impassível, procurando num molho de chaves. Especulou se ela sabia dos primos eurasianos de Malcolm e de seu tio, o compradore Gordon Chen — filho de Dirk com outra amante —, que segundo as intrigas de Hong Kong “conhecia mais segredos e tinha mais taéis de ouro do que um boi tinha pêlos”. O relógio no consolo da lareira bateu três horas.

— Quem mais tem chaves, Jamie? — indagou Skye.

— Apenas eu e... e o *tai-pan*.

— Onde estão as dele?

— Não sei. Presumo que ainda... ainda se encontram a bordo.

A porta do cofre foi aberta. Umas poucas cartas, todas com a letra de Tess Struan, exceto uma com a letra de Malcolm, aparentemente inacabada, uma pequena bolsa de camurça e uma carteira. A carteira continha uns poucos daguerreótipos desbotados de seu pai e mãe, espiando contrafeitos para a câmara, o sinete de Malcolm, uns poucos documentos... promissórias, uma lista de dívidas e devedores. Heavenly folheou tudo.

— Seriam dívidas de jogo que ele tinha, Jamie?

— Não faço a menor idéia.

— Dois mil, quatrocentos e vinte guinéus. Uma quantia considerável para um jovem emprestar ou dever. Reconhece algum destes nomes?

— Apenas este. Jamie fitou-o.

— Madame Emma Richaud? Quinhentos guinéus.

Angelique explicou:

— É minha tia. Ela e tio Michel me criaram, Sr. Skye. Chamava minha tia de mamãe, pois ela sempre foi uma mãe para mim, já que a minha morreu quando eu era pequena. Precisavam de ajuda, e Mal... Malcolm teve a gentileza de lhes enviar esse dinheiro. Pedi a ele.

— Jamie, eu gostaria de ter uma cópia desta lista, por favor. Você é obrigado a manter esses documentos em salvaguarda.

O advogado estendeu a mão para a meia dúzia de cartas, mas Jamie se antecipou.

— Eu diria que estas eram particulares.

— Particulares para quem, Jamie?

— Para ele.

— Obterei uma ordem judicial para vê-las e mandar copiá-las, se considerar que são importantes.

— Pode fazer isso — respondeu Jamie, rangendo os dentes, furioso consigo mesmo por ter concordado em abrir o cofre, antes de pedir o conselho de Sir William.

Angelique interveio:

— Posso vê-las, Jamie, por favor? Creio que são parte dos pertences de meu marido. No momento, parecem bem poucos.

A voz era tão gentil, tão triste, sem qualquer insinuação de súplica, que ele suspirou, e disse a si mesmo: Rapaz, já está todo

encrencado, não faz mais diferença. Sir William decidirá sobre a legalidade. E, de repente, ele voltou ao anoitecer do dia anterior, no cais, os três alegres e descontraídos, rindo, confiantes, as futuras nuvens de tempestade em Hong Kong parecendo muito distantes, e depois os dois no cúter, a caminho da noite de núpcias, com Malcolm dizendo:

— Obrigado, meu bom amigo. Guarde a nossa retaguarda, pois vamos precisar. Promete?

Ele prometera, jurara que faria isso, e também protegeria Angelique, desejando a ambos uma vida longa e feliz, acenara em despedida, o último na praia. Como Malcolm estava certo! Tivera uma premonição?

— Tome aqui — disse ele, gentilmente.

Sem olhar para as cartas, Jamie largou as cartas no colo de Angelique, que cruzou as mãos, tornou a ficar imóvel. Uma brisa agitou uma mecha de cabelos, perto da têmpora. Afora isso, ela parecia uma estátua.

O tinido de moedas atraiu a atenção de Jamie. Skye abriu a bolsinha de camurça. Continha guinéus de ouro e notas do Banco da Inglaterra. Ele contou, em voz alta. Os olhos de Angelique não se desviaram do cofre.

— Duzentos e sessenta e três guinéus. — Skye guardou tudo de volta na bolsinha. — Este dinheiro deve ser entregue imediatamente à Sra. Struan... ela dará um recibo, é claro.

Jamie disse:

— Talvez seja melhor que nós... eu e você, Heavenly... procuremos Sir Willian. Nunca estive envolvido em nada assim antes, estou fora da minha experiência... pode compreender, não é, Angelique?

— Também estou fora da minha experiência, jamie, à deriva. Sei que me Malcolm era seu amigo e que você era amigo dele, e meu também. Foi o que ele me disse, muitas vezes. Por favor, faça o que julgar melhor.

— Vamos falar com ele agora, Jamie — propôs Skye. — Quanto mais cedo, melhor. Ele pode decidir sobre a propriedade do dinheiro. Enquanto isso...

Ele se adiantou para entregar a bolsinha a Angelique, mas ela disse:

— Levem com vocês, levem tudo, isto também. — Ela estendeu as cartas — Basta me deixarem a fotografia. Obrigada, Sr. Skye. E agradeço a você também meu caro Jamie. Tornaremos a falar quando voltarem.

Os dois esperaram que ela se levantasse, mas Angelique não fez qualquer movimento.

— Não vai continuar aqui, não é?—indagou Jamie, perturbado, pois parecia macabro.

— Claro que vou. Passei tanto tempo aqui, nesta sala, que é... é acolhedora para mim. A porta para a minha suíte está aberta, se eu... se eu precisar descansar Mas, por favor, tirem Ah Tok daqui, a

pobre coitada, e digam a ela para não voltar A pobre mulher precisa de ajuda. Peçam ao Dr. Hoag para vê-la.

— Quer que fechemos a porta?

— A porta? Não importa... podem fechar, se quiserem.

Eles o fizeram e entregaram Ah Tok aos cuidados de Chen, que ainda se encontrava transtornado, em lágrimas. Saíram para a High Street, os dois aliviados por estarem outra vez ao ar livre, mas absortos em seus pensamentos. Skye planejava, analisava os atoleiros pela frente. Jamie sentia-se incapaz de planejar qualquer coisa, o cérebro consumido pela tragédia e preocupação com o futuro da Casa Nobre, sem saber por quê.

Seria por ela? — perguntou a si mesmo, alheio ao passeio, ao vento forte, as ondas quebrando na praia de seixos, ao cheiro de algas em decomposição. A tristeza lhe convém. Seria possível que...

Ela é uma mulher agora! É essa a diferença, possui uma profundidade e equilíbrio que não existiam antes. É uma mulher, não

mais uma moça. É por causa da catástrofe ou porque deixou de ser virgem... a mudança mística que dizem que ocorre ou se supõe que acontece na transmutação? Ou as duas coisas, talvez com o dedo de Deus ajudando-a a se ajustar?

— Por Deus — disse ele, incapaz de se conter, pensando em voz alta — o que acontece se ela tiver um filho?

— Pelo bem dela, rezo para que isso aconteça — arrematou o advogado.

Assim que eles se retiraram, Angelique fechou os olhos, respirou fundo. Logo recuperou o controle, levantou-se, foi trancar a porta, e depois abriu a que dava para sua suíte. Sua cama estava feita, havia flores frescas num vaso, na penteadeira. Ela voltou à suíte de Malcolm, trancou sua porta, tornou a sentar na cadeira.

Só então olhou para a fotografia... a primeira dos pais de Malcolm que já vira. No verso, havia a data, 17 de outubro de 1861. No ano passado, Culum Struam parecia muito mais velho que sua idade, quarenta e dois anos, enquanto Tess não parecia velha nem jovem, os olhos claros fixados em Angelique, a linha fina dos lábios dominante.

Tess tinha trinta e sete anos. Como vou parecer quando chegar à sua idade, daqui a dezenove anos, mais do que o dobro da minha idade hoje? Terei a mesma expressão dura, que proclama um casamento sem amor, e opressivos fardos de família.— odiando seu pai e os irmãos, eles também a odiando, os dois lados tentando se arruinar mutuamente —, que no seu caso começaram de maneira tão romântica, fugindo para casar no mar, como nós fizemos... mas, por Deus, que diferença!

Ela olhou pela janela, para a baía e os navios, um vapor mercante deixando o porto... capitão e oficiais na ponte de comando, o navio de correspondência cercado por tânderes, o cúter da Struan junto ao *Prancing Cloud*. Elegante, ansioso por levantar âncora, içar as velas, enfrentar os ventos mais furiosos. Era o que Malcolm sempre dizia sobre seus clíperes, pensou ela, aqueles clíperes velejam com os ventos mais fortes.

Angelique fechou os olhos, esfregou-os, tornou a olhar. Não havia equívoco. Durante o dia inteiro seus olhos haviam demonstrado inesperada e surpreendente lucidez de visão. Percebera-o no momento em que despertara naquela manhã, todos os detalhes do quarto em foco, as cortinas, as flores mortas no vaso, moscas circulando, quatro moscas. Segundo depois, ouvira uma batida na porta, e a voz de Ah Soh:

— *Miss?* O homem da medicina quer ver a *miss*.

Sua audição também parecia mais intensa, o som dos passos leves de Ah Soh arrancando-a do sono.

Ainda mais estranho era a lucidez de sua mente, todo o peso parecia ter se dissolvido, não a tristeza, a maneira objetiva com que considerava problema após problema, sem consternação, sem jamais misturá-los, sugerindo soluções, sem o medo habitual, nem mesmo um pouco. A preocupação, sim, mas isso era apenas sensatez, mas não mais o pânico nauseante, a indecisão.

Podia agora recordar aquele dia e aquela noite em todos os detalhes, sem uma pressão opressiva, inumana e insensata. Tornei-me insensível? Para sempre? É correto o que o Dr. Hoag disse esta manhã?

— Não se preocupe, você está curada de qualquer problema. Desde que possa chorar de vez em quando, e não ter medo de voltar no tempo, se é isso o que sua mente deseja, então sua vida correrá bem, melhor a cada dia. Tem juventude e saúde, a vida se estende à sua frente...

Mon Dieu, quantos chavões os médicos dizem! Depois de Hoag, Babcott. Mais da mesma coisa. Ele se mostrara gentil e terno, uma ternura que poderia se transformar em ardor, se ela permitisse. Mas chega de paixão, pensou ela, pelo menos enquanto eu não estiver livre. E segura. Segura e livre.

Seu corpo estava repousado. Não havia dor de cabeça lancinante, nem mesmo pequena, nenhum clamor interior. Sabendo de imediato onde se encontrava, quem era e por que se achava ali, por que sozinha, e o que acontecera. Experimentando de novo, observando a si mesma no pesadelo desperta, consciente de tudo, mas não envolvida, não envolvida de fato: observando a si mesma sendo acordada pelo grito estridente de Chen, arrancada do sono, vendo a si mesma em pânico, sacudindo Malcolm para acordá-lo também, vendo o sangue em suas pernas, horrorizada por um momento, com medo de ter se cortado demais, depois compreendendo que era o sangue dele, que ele estava morto, morto, morto.

Saltando da cama nua, sem percebê-lo, apavorada, gritando, não acreditando no que olhos e ouvidos lhe diziam, rezando para que fosse um sonho, outras pessoas entrando correndo no camarote, Ah Soh, Ah Tok, alguém cobrindo-a, vozes, gritos, perguntas e mais perguntas, até o camarote sufocá-la na escuridão e terror. Depois, na ponte de comando, congelando e ardendo, perguntas sem respostas, sua boca trancada, a cabeça em fogo, o cheiro de sangue, o gosto de sangue, sangue em sua virilha, sangue nas mãos, nos cabelos, o estômago se rebelando.

Ah Soh ajudando-a a entrar num banho, a água fria, nunca bastante quente para limpá-la, até sua morte, mais náusea, e depois o veneno ofuscante a dominá-la, a afogá-la, até que se vira gritando para Hoag, uma imagem de feiúra, feio demais.

Ela estremeceu. Terei essa aparência quando ficar velha? Quão velha é ser velha? Não muito, com certeza. O que exatamente dissera a Hoag não podia recordar, nem mesmo agora, apenas que o veneno fora expelido, e com a torrente viera o sono bom.

Tenho muito que agradecer a Hoag, e muito para detestar em Babcott... pois sua poção para dormir começou a me mergulhar no desespero. Não tenho mais medo, não estou mais desesperada, não compreendo por que, mas é verdade... graças a Malcolm e a Hoag, àquele pequeno advogado fedorento, com um hálito insuportável, e a André. André ainda é sensato, ainda é meu confidente, e assim permanecerá, contanto que eu lhe pague. Ele é um chantagista, sem

dúvida. Mas isso não importa. Para ajudar a si mesmo, ele tem de me proteger, e no final das contas há um Deus no céu, e os caminhos de Deus podem ser lentos, mas não falham.

Posso tratar da minha vida agora, eu acho, se for cuidadosa.

Madona, concordamos há muito tempo que eu tinha de ajudar a mim mesma, não podia ser dependente de um homem, ou homens, como o resto das minhas pobres irmãs. Sei que sou uma pecadora. Malcolm foi de fato o único que já conheci que desejei de verdade, amei de verdade, com quem quis casar, amei como só uma adolescente tola pode amar. O primeiro amor é o verdadeiro amor? Ou o amor é uma emoção adulta? Sou adulta agora. Meu amor por Malcolm era adulto. Acho que sim e espero que sim.

Mas meu querido morreu. Aceito isso. E agora?

Tess? Hong Kong? André? Gornt? O lar? Tess?

Uma coisa de cada vez.

Primeiro, meu querido deve ser posto para repousar. De forma apropriada.

Ela olhou para o cofre, a porta fechada, mas não trancada. Levantou-se, abriu toda a porta, estendeu a mão, comprimiu uma pequena e oculta depressão no funo. Parte da parede da esquerda se abriu. Na cavidade, havia alguns papéis, outro sinete pessoal, outra bolsa com moedas e notas. Um vidro do medicamento dele. Uma caixa pequena. Uma semana antes, Malcolm lhe mostrara a cavidade secreta, sorrindo.

— Não há muita coisa para esconder por enquanto, pois todas as coisas importantes ficaram em Hong Kong, com a mãe, os documentos sobre ser o *tai-pan*, uma cópia do testamento do pai, o testamento da mãe, o sinete do *tai-pan*, assim por diante. Isto... — Ele dera de ombros, os olhos brilhando. — ...é para miudezas, os presentes secretos que eu possa lhe dar, se for muito boa, e me amar até a loucura...

Angelique abriu a caixa. Um anel de ouro, com rubis. Não muito valioso, mas o suficiente. Os documentos eram dos negócios, listas de números, que ela não entendia.

E nada de testamento.

Droga, pensou ela, sem raiva. Tornaria o futuro mais simples. Fora o que André ressaltara.

Ele fora chamado por Vargas naquela manhã, a seu pedido, da lista de pessoas que haviam comparecido e deixado cartões.

— *Monsieur* Vargas, primeiro meu alfaiate, preciso de roupas de luto com urgência. Depois, *monsieur* André e o Sr. Skye... não há necessidade de incomodar o Sr. McFay, até eu mandar chamá-lo. Para qualquer outra pessoa, estou descansando. — Uma pausa, e ela acrescentara, com o maior cuidado: — E, *monsieur*, cuide disso tudo com a discrição que meu marido disse que possui. Receberei a todos na sala do *tai-pan*.

Ela percebera um brilho nos olhos de Vargas ao "*tai-pan*", mas ele nada dissera, e por isso não houvera necessidade de ser mais firme. A sala fora escolhida com todo cuidado, e quando o velho alfaiate chegara, com Vargas, Angelique dissera:

— Por favor, pergunte quanto tempo levaria para fazer um vestido de luto, preto, como este.

O que ela usava era de mangas compridas, gola alta, azul marinho.

— Ele diz que três dias. Luto, senhora? A cor para o luto na China é branco.

— Eu quero preto. De seda. E amanhã.

— Três dias.

— Se ele levar meu outro vestido, o azul claro que fez para mim, e tingi-lo de preto, quanto tempo?

— Ele diz que dois dias.

— Diga a ele que a viúva do *tai-pan* da Casa Nobre exige um vestido preto amanhã. Amanhã de manhã.

O velho chinês suspirara, fizera uma reverência e se retirara. Depois, Vargas anunciara André Poncin.

— Olá, André.

— Olá. Nunca a vi mais linda.

Era uma declaração, não um galanteio.

— Preciso de conselho, depressa, e confidencial. Devemos ser rápidos e sensatos. Meu casamento é legal?

— Achamos que sim, segundo a lei naval britânica. Não temos certeza sob a lei francesa. Ambas são áreas meio indefinidas.

— Não entendi.

— Sujeitas a contestações. Se houvesse uma disputa entre advogados franceses e britânicos, a lei britânica prevaleceria. O fato de ele ser um menor, os dois para ser mais preciso, embora neste caso ele seja mais importante, somado à sua desobediência às determinações por escrito da tutora legal, significa que a cerimônia de casamento provavelmente será contestada.

— Onde? Aqui? Por quem?

— Por Tess Struan. Quem mais? — dissera André, zombeteiro.

— A morte de Malcolm não tem o menor significado para você, não é?

— Ao contrário, complicou demais a minha vida, madame — respondera ele, usando o título pela primeira vez. — É uma complicação séria para nós dois.

Angelique resolvera sentar por trás da mesa de Malcolm, na sala de Malcolm, pois seu futuro estava em jogo, e precisava ter cem por cento da astúcia daquele homem, e mais ainda. Em sua suíte, poderia se sentir menos confiante, embora costumasse se apresentar da melhor forma possível em seu *boudoir*. É por isso que os homens têm escritórios, e as mulheres ficam limitadas à *chaise* e à feminilidade de um semiquarto?

— E como se pode descomplicar a situação, André?

— Já descomplicou a primeira complicação.

Quando ela fugira em desespero para a legação, André a interceptara, quase a arrastara para seu escritório, criticando-a assim que a porta fora fechada, sacudindo-a, furioso, e dizendo: Sua idiota, você enlouqueceu? Volte para a casa dele e fique lá! Não

pode se esconder aqui ou vai se arruinar! Volte para lá, sua tola! Conversaremos mais tarde e, pelo amor de Deus, não assine coisa alguma, não concorde com nada! Vamos, vá logo!

— Você tinha toda razão, André — dissera ela, sem qualquer ressentimento contra sua veemência, compreendendo tudo agora. — Obrigada por me falar de maneira que eu pudesse entender, penetrando minha angústia. Essa foi a primeira complicação. Qual é a seguinte?

As rugas na testa de André se aprofundaram. Aquela era uma nova Angelique, uma quantidade desconhecida, inesperada. Ele testemunhara uma mudança assim duas vezes antes, em homens, nunca em uma mulher. Ambos eram espiões inimigos, libertados após extrema tortura. Os médicos não tinham outra explicação que não dizer que os homens não mais sentiam medo, não mais temiam a tortura nem a morte. Havia sido arrastados à beira do abismo, sobreviveram, e agora estavam convencidos, acima e além de qualquer dúvida, que sobreviveriam de novo, independente do que lhes fizessem, ou morreriam, e isso já não importava mais. Os médicos disseram que a própria morte nada significaria, até o dia, semanas, meses ou anos depois, em que o terror tornasse a erguer sua vil cabeça, como era inevitável.

Pobre Angelique, sentada ali, tão confiante, tão pretensiosa... Virá o dia em tudo vai transbordar e destruí-la. Vai conseguir se sobrepôr ou acabará num hospício?

Pessoalmente, ele poderia apostar que tantas calamidades seriam demais para uma jovem assim: a fuga do pai, o roubo de seu dote, o estupro e a gravidez, a morte do estuprador, e agora essa nova e terrível morte, cujos detalhes ele e toda a colônia conheciam. André e Seratard haviam esperado que a mente de Angelique se dissolvesse, há meses, ainda esperavam que isso acontecesse, nenhum dos dois acreditando em Hoag, quando o interrogaram.

Se Hoag pôde realizar esse milagre, pensou ele, irritado, por que os médicos não podem curar a maldita doença inglesa? Não é justo.

— A vida não é justa, não é?

— Não — concordou Angelique —, nem um pouco.

— Ele deixou um testamento, indicando-a como sua herdeira?

— Não sei. Malcolm nunca me falou a respeito.

— Angelique, no futuro, refira-se a ele como seu marido e a si mesma como a viúva.

— Por quê?

— Para ajudar a firmar sua pretensão à herança.

Ele a vira acenar com a cabeça e se impressionara com seu controle. É um ato de Deus que ela possa parecer tão tranqüila?

— Se não houver testamento, isso faz alguma diferença?

— É o que estamos tentando descobrir. Seria melhor se houvesse um testamento designando-a como herdeira. Agora, você deve voltar com... com os restos mortais para Hong Kong. Esteja preparada para a hostilidade da mãe... em público, tente se mostrar

amiga. Deve comparecer ao funeral, vestida corretamente, é claro.
— Depois, ele acrescentara: — Talvez Henri possa lhe dar uma carta para o nosso embaixador. Já o conhece?

— Já, sim. *Monsieur* De Geroire. Henri “poderia”? Que tipo de carta ele Poderia escrever para mim?

— Se fosse possível persuadir Henri, com sua recomendação você poderia ficar sob a proteção de De Geroire, como uma tutelada do Estado. Estou convencido de que é legalmente a viúva do falecido *tai-pan*, Malcolm Struan. Se Henri nos apoiasse com vigor, essa poderia se tornar uma política de Estado.

— Quer dizer que preciso de uma grande proteção?

— Eu tenho certeza disso, o que já não acontece com Henri.

Angelique suspirara. Fora isso também o que ela concluiria. Mas política de Estado? Era uma idéia nova, uma possibilidade em que não pensara. Política de -Estado representaria a proteção da França. Qualquer coisa valeria isso... não, não qualquer coisa.

— O que eu poderia fazer para persuadir Henri?

— Posso fazer isso por você. Ou pelo menos tentar.

— Pois então comece logo. E me avise esta noite o que posso fazer em retribuição. Antes do jantar seria conveniente ou amanhã de manhã... como você preferir.

Não houvera necessidade de dizer mais. Amanhã seria melhor, André informara, retirando-se em seguida. Antes da chegada da pessoa seguinte na lista, Skye, ela se recostara na cadeira, sorrira para o teto, especulando sobre o preço.

Tutelada do Estado francês? Gostava da idéia, pois sabia que precisaria de toda a ajuda que pudesse obter para combater a *ogra* de Hong Kong...

E agora, enroscada na outra cadeira de Malcolm, na suíte do *tai-pan*, a porta trancada por dentro, ela apreciou a idéia ainda mais, e outra vez especulou sobre o preço. Seria alto. As moedas de ouro secretas serão o suficiente para começar, depois o anel de rubis, e agora tenho um sinete, o sinete de Malcolm.

Ela guardou tudo de volta, fechou o compartimento secreto.

Contente com o progresso efetuado no primeiro dia de sua nova vida, fechou os olhos e mergulhou num sono sem sonhos, até que uma batida na porta a despertou. Eram quase quatro e meia.

— Quem é, por favor?

— Jamie, Angelique.

Uma corrente de expectativa a percorreu. Mantenha a calma, advertiu a si mesma, enquanto destrancava a porta, o gelo que você atravessa é extremamente fino e as águas por baixo são letais.

— Entre, por favor, meu caro Jamie. — Outra vez Angelique sentou na cadeira do marido, gesticulando para que ele se instalasse na cadeira que ela sempre ocupara antes. A mudança agradou-a. — Você parece muito aflito, triste demais.

— Ainda não consegui me acostumar à idéia... nem com as mudanças, Angelique.

— Posso compreender. É mesmo muito difícil.

— Você também mudou. Posso... posso dizer como parece maravilhosa, tão forte... ora, sabe como é.

— É justamente esse o problema, meu caro Jamie, não sei. Só sei o que aconteceu, e posso aceitar, já aceitei. Minhas lágrimas... creio que devo ter derramado todas as lágrimas da minha vida. Por isso, pelo menos no momento-não há mais lágrimas. Conversaram com Sir William?

— Conversamos. Skye disse que voltaria por volta das seis horas, se for conveniente para você.

Ele a viu balançar a cabeça, distraída.

— Não gosta dele, não é, Jamie?

— Não gosto de nenhum advogado. Eles sempre criam problemas, embora Skye não seja um mau sujeito. E creio que a servirá direito. Mas se ficar preocupada, trate de me avisar. Mal... Malcolm gostava dele, e você precisava de alguém para representá-la.

— Também é difícil para mim dizer o nome dele, Jamie. "Marido" é igualmente difícil. Ainda mais difícil. Não se sinta embaraçado.

Jamie balançou a cabeça, desolado, tirou as cartas do bolso.

— Sir William disse que as cartas fazem parte do espólio, como o dinheiro. Não pode decidir sobre as questões legais... vai enviar uma carta urgente ao procurador-geral em Hong Kong... mas não vê motivo para que você não fique com as cartas, se prometer não destruí-las. Quanto aos soberanos, você deve recebê-los... expliquei a ele que achava que você não tinha qualquer dinheiro seu no momento... mas ele pede, por favor, que lhe dê um recibo.

— Não tem problema. Ele leu as cartas?

— Não, ninguém leu. — Hesitante, Jamie largou-as em cima da mesa. — Há mais algumas coisas... fizemos uns acordos... gostaria que eu lhe dissesse agora, ou... posso voltar mais tarde.

— Não, estou bem. Que acordos, Jamie?

Ele respirou fundo, detestando ter de contar tudo, mas era seu dever.

— Em conferência com Sir William, Babcott e Hoag, acertamos que o corpo será despachado de volta a Hong Kong amanhã, para ser

sepultado. Todos concordamos que seria o melhor. Estamos tomando todas as providências para tomar as coisas mais fáceis para você e a viagem tão tolerável quanto possível. O Dr. Hoag irá junto, para cuidar que não haja problemas.

O sorriso de Jamie era vazio, seu rosto um espelho de infelicidade.

— Não posso deixar de dizer como tudo isso me deixa triste. Ah Soh pode arrumar sua bagagem, no momento devido, Chen ajudará, se for necessário, e embalará as coisas que seguirão no navio, que zarpará com a maré noturna. Até lá, se precisar de alguma coisa, basta me avisar.

Jamie viu-a baixar os olhos para as mãos, os dedos virando o anel de sinete de Malcolm no dedo. Pobre Angelique, nem mesmo tem uma aliança de casamento.

— Bom, isso é tudo, no momento... gostaria de companhia no jantar esta noite?

— Obrigada, mas não. Comerei aqui, na sala de jantar, ou em meus aposentos. Mas, por favor, sente-se. Desculpe, mas isso não é tudo no momento. Meu marido não será levado de volta a Hong Kong para sepultamento. Quero que seja sepultado aqui. Nem eu nem meu marido jamais tornaremos a embarcar no *Prancing Cloud*.

Ela viu a expressão de Jamie, mas não se desviou do que decidira naquela manhã: a confrontação deveria ocorrer à primeira menção dos *arranjos* deles.

— Gostaria que eu lhe dissesse as disposições para o funeral agora ou prefere deixar para mais tarde?

— Mas já está tudo acertado! Todos achamos que seria melhor assim... sabemos que seria o melhor para você e todo mundo. A Sra. Struan certamente aprovaria, e gostaria que ele fosse sepultado em Hong...

— Sra. Struan? Eu sou a Sra. Struan. Está se referindo à outra Sra. Struan, Tess Struan? — Angelique falava sem qualquer emoção. — Ela não tem precedência neste caso. Sou a viúva e tenho precedência sobre a mãe.

— Por Deus, Angelique, só porque Skye diz que você é...

— Isso nada tem a ver com o Sr. Skye, Jamie. Não foi ele quem sugeriu nem o consultei. Ainda. Mas conheço os meus direitos, e os desejos de meu marido que serão cumpridos.

— Mas... mas... — O choque de Jamie era tão intenso que por um momento ele não conseguiu falar, mas depois as palavras saíram num fluxo rápido.— ...mas não pode prevalecer sobre o que Sir William, Babcott, Hoag e eu achamos que é melhor para você e para ele, o que temos certeza que é melhor para você e para todos. Está nervosa demais neste momento, Angelique. É o melhor, Angelique pode ter certeza de que é o melhor.

— Nervosa? Eu? Não diga bobagem, Jamie. — Ela se permitiu um pequeno sorriso glacial. — Não estou nem um pouco nervosa. Apenas pretendo cumprir os desejos de meu marido.

— Mas já foi tudo acertado, o *Prancing Cloud* está pronto para zarpar e... já foi tudo combinado.

— Fico contente em saber que o clíper está pronto para partir. Pois despachem-no imediatamente, a mãe deve ser informada da terrível notícia o mais depressa possível... e você mesmo deve cuidar disso, Jamie, siga no *Prancing Cloud*, é o mais alto funcionário da companhia aqui, tem esse dever. Peço-lhe que não espere até amanhã. Parta esta noite. Pode lhe transmitir a notícia terrível; isso vai atenuar um pouco a dor. Você tem essa obrigação.

— Claro que farei isso, se for necessário — murmurou ele, detestando a idéia. — Mas isso é um absurdo, Angelique, você não pode estar falando sério, deve compreender o que é melhor! Por Deus, Angelique, deve saber que isso é...

— O melhor para você e os outros, talvez, mas não para meu marido, e, portanto, não para mim. Ele tem o direito de ser sepultado como...

— Deve nos permitir fazer o que é o melhor! Seu corpo...

— O corpo de meu marido não vai, de jeito nenhum, embarcar naquele navio, nem eu — declarou ela, a voz calma. — Diga-me,

meu amigo, se eu embarcasse no navio, como sugere, onde ficaria?
No camarote principal?

Jamie fitou-a, surpreso, pois tal problema não lhe ocorrera.

— Não, claro que não. Poderia escolher qualquer outro camarote, e garanto que tudo...

— Pois eu garanto que tudo, até os mínimos detalhes, será feito de acordo com os desejos de meu marido.

Jamie limpou o suor da testa, a mente funcionando como nunca antes, um pouco nauseado, atordoado, pois era evidente que ela assumira o controle agora. Uma súbita idéia.

— Talvez você tenha razão. O *Prancing Cloud* seria um equívoco. Fretaremos outro navio... espere, o navio de correspondência deve zarpar depois de amanhã. Providenciaremos espaço a bordo para você, Hoag e... e ele. Além disso, persuadirei o capitão a partir antes. Amanhã... Isso resolveria tudo, não é?

— Não. — Angélique suspirou, cansada. — Desculpe, Jamie, mas não resolveria.

Havia agora uma ligeira irritação em sua voz, que se tornou mais incisiva:

— Por favor, Jamie, compreenda. A resposta é não. Ele será sepultado aqui, como desejava. Depois de amanhã.

— Não pode fazer isso! A Sra. Struan deve... isto é, Tess Struan precisa de mais tempo. Mandaremos o *Prancing Cloud* buscá-la, ela gostaria de comparecer ao funeral, deve estar presente.

— Você pode fazer o que quiser, mas meu marido será sepultado depois de amanhã, como queria... não creio que haveria tempo para o que você sugere. Mas não vou discutir. Desculpe, velho amigo, mas é você quem está nervoso e posso compreender. Por favor, peça a Sir William e ao Sr. Skye para virem falar comigo, juntos, o mais depressa possível, e acertarei a questão formalmente.

— Pelo amor de Deus! A cripta da família em Happy Valley é o lugar em que estão sepultados o avô, o pai, os irmãos e irmãs!

— Jamie, estou me cansando de repetir. Por favor, peça a Sir William e ao Sr. Skye para virem até aqui o mais depressa possível. Juntos.

Ele não sabia o que fazer, por isso deu de ombros, impotente, e se retirou.

Durante alguns minutos, Angelique permaneceu imóvel na cadeira, respirando fundo. Não fora tão ruim assim, pensou ela, depois esticou-se, levantou-se, foi para seu quarto. Havia um vestido limpo separado, austero, cinza escuro, estendido na cama. O vento sacudia as janelas, mas não lhe provocou nenhum calafrio. O espelho a chamava. Examinou-se. Em termos críticos. Sem sorriso. Ficou satisfeita com o que viu. A nova pessoa em que se transformara também a agradava. Era como se ajustar a um novo vestido... não, a uma nova pele.

— Espero que dure — disse ela a seu reflexo. — Devemos nos empenhar para que dure. Esta minha personalidade é melhor do que a outra.

E ela pegou a primeira das cartas. As cartas de Tess Struan. Queria deixar a de Malcolm para o fim.

Sir William mantinha-se impassível. O mesmo acontecia com Jamie. Hoag e Babcott franziam o rosto. Heavenly Skye tinha um brilho divertido nos olhos, Todos sentavam em cadeiras diante da mesa de Malcolm. Angeliqye fitava-os de sua cadeira alta, pequena, mas segura ali. O vestido mais escuro do que antes, mangas três-quartos, decote quadrado, costas empertigadas, penteado impecável. Sem maquilagem, com uma aparência imponente.

— Depois de amanhã? — disse Sir William.

— Isso mesmo — confirmou Angelique. — Meu marido não deve ficar exposto por tempo demais para as pessoas prestarem sua última homenagem. Três dias não é o prazo normal, doutor?

— É, sim, Angelique, o normal — respondeu Hoag. — Mas já tomamos todas as providências para a preservação do corpo na viagem de volta a Hong Kong Tudo correrá bem, não precisa se preocupar. — Uma pausa, e ele acrescentou gentilmente: — Ele deve ser sepultado lá. Todos concordamos que é o melhor

— Já o embalsamaram?

Os homens se mexeram em suas cadeiras, apreensivos. Hoag disse:

— Não, pois não é o que se costuma fazer. Usamos... ahn... usamos gelo para garantir a preser...

— Gostaria de ser empacotado em gelo e despachado para Hong Kong como uma carcaça de carneiro da Austrália?

A tensão na sala disparou, os homens ainda mais embaraçados do que antes. A voz de Angelique permanecia serena, firme e cordial, o que tendia a enfurecê-los mais ainda. Exceto por Skye, para quem ela adquiria uma nova dimensão.

— Não é essa a questão, madame — disse Sir William. — Achamos que, por ele e pela família, o sepultamento em casa é o mais sensato.

— Ele admirava o avô, o *tai-pan*, não é mesmo?

— É, sim. — Abruptamente, Sir William relaxou, não mais preocupado, pois agora tinha a solução para o enigma, independente do que ela pudesse dizer. — Todos sabem disso. Por quê?

— Muitas vezes, em várias palavras, Malcolm disse que queria viver como ele, ser lembrado como ele, e sepultado como ele. E é assim

que será.

— Correto e muito sensato. — Sir William acrescentou, incisivo: — O avô está sepultado na cripta da família, no cemitério em Happy Valley. Angelique, concordo que deve ser assim com Malcolm. Compreendo agora...

— Mas Dirk Struan não foi sepultado em Hong Kong — declarou ela, surpreendendo a todos. — Sei que seu nome foi esculpido na lápide, mas ele foi sepultado no mar. Meu marido será sepultado no mar, da mesma maneira.

— Desculpe, Angelique, mas você se engana — interveio Jamie. — Eu estava presente, tinha acabado de ingressar na Struan, como um aprendiz de mercador na China, recém-chegado da Inglaterra, e compareci ao funeral. Foi imponente, com a presença de todos em Hong Kong. Houve até uma procissão imensa e separada em Chinatown, organizada por Gordon Chen.

— Desculpe, Jamie, mas é você quem se engana. Puseram um caixão vazio na cripta. Ele foi sepultado no mar, junto com sua amante, May-may, em águas internacionais, ao largo de Hong Kong. — Ela sentiu as lágrimas se aproximarem. Nada de lágrimas, ordenou a si mesma. Ainda não. — Ele foi sepultado no mar. Houve

um serviço cristão, celebrado da maneira correta, como ele desejava, e as testemunhas foram Culum e Tess Struan, Gordon Chen e Aristotle Quance.

— Não é possível! — protestou Jamie.

— É, sim, e foi o que aconteceu. A hierarquia de sua Igreja recusou-se a permitir que eles fossem sepultados juntos, recusou-lhes um sepultamento cristão no campo consagrado de Happy Valley.

— Mas eu assisti ao funeral, Angelique! Ele foi sepultado ali. Não sei onde May-may foi sepultada, mas concordo que não estava com ele.

— Você testemunhou uma impostura, Jamie. O caixão estava vazio.

— Isso é bobagem — disse Sir William.

— A hierarquia foi intransigente na proibição a que fossem sepultados juntos — continuou Angelique, como se ele não tivesse falado. — Seria uma coisa sem precedentes. Sentiam-se escandalizados com Dirk Struan por muitas razões, como sabe muito bem, Sir William, e essa idéia era demais para eles. Em seu testamento, a parte que é transmitida de *tai-pan* para *tai-pan*, escrevera duas semanas antes de sua morte que se morresse junto com May-may deveriam ser sepultados juntos, já que tinha a intenção de casar com ela, e...

— Ele escreveu mesmo isso? Pretendia casar com ela? — Sir William mostrava-se chocado, tanto quanto os outros, pois mesmo hoje o casamento com uma chinesa era inadmissível... o ostracismo seria permanente, até mesmo para Dirk Struan. — Ele escreveu mesmo isso?

— Escreveu — confirmou Angelique, percebendo que Hoag era o único que não partilhava a consternação de Sir William.

Os ingleses, os britânicos em geral, são pessoas horríveis, pensou ela. Hipócritas, fanáticos, bárbaros, diferentes de nós, sempre manifestando seu antagonismo ao casamento entre protestantes e católicos, detestando ainda mais o casamento inter-racial com povos de seu Império.

Por que considerar o casamento inter-racial um pecado hediondo, ela teve vontade de gritar, já que vocês sempre têm amantes nativas, e filhos com elas, abertamente? Quanta hipocrisia! Nunca foi assim entre nós, em nossas colônias, no império francês. Se um francês casa com uma nativa, ela se torna não apenas sua esposa, mas também francesa, com toda a proteção da lei francesa. Até encorajamos o casamento inter-racial, o que é correto. Um homem é um homem e uma mulher é uma mulher, qualquer que seja a cor de sua pele, mas não para vocês. Deus me guarde de me tornar inglesa. Graças a Deus que nunca poderei renunciar à minha cidadania francesa, não importa com quem case...

Mas o que estou pensando? — ela perguntou a si mesma, com um sobressalto, obrigando-se a retornar à sala, a enfrentar aqueles inimigos de seu marido. — Teria tempo suficiente para tais devaneios mais tarde.

— Acho difícil compreender algumas atitudes britânicas, Sir William, sobre o casamento inter-racial, mas também sou francesa. Entretanto, deixando isso de lado, posso dizer que houve um impasse no funeral do avô de meu marido: sua Igreja ficou indignada, não queria concordar que os dois fossem sepultados juntos. O novo *tai-pan*, o filho dele, Culum, insistia nisso... qualquer outra coisa que não um sepultamento cristão apropriado para Dirk Struan era inconcebível. Culum manteve uma posição mais firme do que Tess, perturbada pelos desejos de Dirk, com seu escárnio às convenções, que eram os alicerces de todas as convicções dela. Seu pai, Tyler Brock, agora o mais poderoso mercador na ilha, opunha-se, com veemência, assim como a mãe, e a maioria dos mercadores,

publicamente, independentemente do que sentissem em particular. O governador apoiou a Igreja.

— É verdade — murmurou Sir William.

— Se Hong Kong fosse católica, minha Igreja também se mostraria hostil. O escândalo ameaçava a colônia, e era uma ocasião em que a maior parte de Hong Kong se encontrava em ruínas, depois do tufão... e sem gelo.

Todos se remexeram em suas cadeiras, exceto Skye, que arriou ainda mais na sua, com o mesmo tênue sorriso. Babcott disse, gentilmente:

— É a prática médica normal e correta para pessoas importantes, nessas circunstâncias, Angelique. Seu marido era e ainda é importante para nós. Deve acreditar nisso.

— Acredito. — Ela desviou os olhos dele, fitou Sir William, como antes continuando a falar no mesmo tom tranquilo: — Para romper o impasse, chegou-se a um acordo. Foi proposto por Gordon Chen e

Aristotle Quance, verbal, nada por escrito. Discretamente... seria melhor falar em segredo, pois foi assim... os corpos foram levados para o *China Cloud*. A cerimônia da igreja anglicana foi oficiada pelo capelão naval e o capitão Orlov. Foi um sepultamento cristão correto. Dirk Struan e sua amante, May-may Sheng, foram sepultados juntos, como ele desejava.

— Se foi tão secreto assim, como pode saber que isso é verdade?

— Ficou registrado no diário de bordo, Sir William, que foi imediatamente levado para o cofre particular do *tai-pan*. Todas as testemunhas, Culum e Tess Struan, Aristotle Quance, Gordon Chen e a tripulação mínima a bordo prestaram sagrado juramento de segredo. O capelão naval, não sei quem era, foi enviado de volta à Inglaterra logo em seguida. O outro funeral foi realizado com toda a pompa devida ao *tai-pan* da Casa Nobre.

O silêncio persistiu na sala, rompido apenas pelo barulho do vento contra as janelas, uma tarde de sol lá fora. Sir William perguntou:

— Viu o diário de bordo?

— Não, nem falei... com a mãe dele sobre isso.

Jamie disse:

— Tess Struan poderia confirmar, ou Gordon Chen... se concordassem em violar seu juramento... e se quisessem fazê-lo.

Skye empertigou-se em sua cadeira.

— Esta manhã a Sra. Struan me perguntou se era verdadeira essa história que seu marido lhe contara. Por sorte, pude confirmar alguns detalhes.

— E sabe que é verdade por causa disso?

— Conheci por acaso um dos tripulantes, menos suscetível ao juramento de sigilo do que os outros. Um marujo, Hennery Fairchild... não tenho a menor idéia se continua vivo ou se já

morreu... mas assim que cheguei a Hong Kong, Sir William, tratei de descobrir tudo o que pudesse sobre a Casa Nobre, os Brocks, Quance, sobre a fundação de Hong Kong, e... as várias corrupções que ocorreram em altos postos.

Sir William balançou a cabeça, irritado, achando o mau hálito e os dentes podres do pequeno advogado mais repulsivos do que o habitual, a par de alguns dos sórdidos escândalos que haviam sido mantidos longe do conhecimento público, antes de sua vinda para a colônia.

— Tudo isso não passa de boato.

— Não teria muita influência num tribunal, Sir William, mas é verdade.

O que fazer?, pensou Sir William. Tenho de fazer a coisa certa. O julgamento de Páris? Não, tudo isso é apenas um tufão numa taça de vinho.

— Muito bem, madame, vamos respeitar os desejos dele. Jamie, envie o corpo imediatamente para Hong Kong, onde será sepultado no mar.

Ali chegando, pensou ele, Tess Struan pode cuidar do problema e se engalfinhar com Angelique Struan, que não vou mais me envolver. O que deu em Angelique? Nunca vi uma mudança tão grande!

— Posso compreender sua aversão ao *Prancing Cloud*. Providenciaremos a viagem no navio de correspondência.

— Obrigada, Sir William, mas não será assim — disse Angelique, sempre calma. — Meu marido não será enviado no gelo para Hong Kong, como uma carcaça. De jeito nenhum.

— Por Deus, *madame*, se eu ordenar, assim será feito.

— Tem razão, se ordenar. Mas, Sir William... — Ela olhou para Skye.
— Qual é a situação legal?

— Legalmente, os desejos do marido, apoiados pela viúva, teriam precedência.

— Antes de eu responder a isso, onde há alguma prova? Não existe nenhuma. Quanto à precedência... sobre quem? — Sir William estava irritado agora. — Sobre a Sra. Struan, Tess Struan, é isso o que está querendo dizer? Devemos ignorar qualquer consideração com ela?

Skye fez menção de responder, mas Angelique gesticulou para que ele ficasse calado, e disse:

— Claro que não. Se o *Prancing Cloud* zarpar agora. Uma viagem rápida até Hong Kong dura dez dias, com outros dez para voltar, o tempo bom. Dr. Hoag, há tempo para o seu... o seu gelo preservar os restos mortais de meu marido de maneira apropriada durante esse período, para que sua mãe venha até aqui... se ela desejar vir?

Hoag pensava em Dirk Struan e sua lendária May-may, sua amada beldade, sobre o casamento inter-racial, como ele próprio desejava não ter matado sua esposa, o grande amor de sua vida.

Muitas vezes sentira que fora o culpado. Seu amor por ela deveria ter sido bastante grande para evitar o casamento, para não tirá-la de sua segura e serena vida indiana, levando-a para o desastre, que sabia ser o fado de ambos. E fora mesmo.

Mais uma vez, seu futuro se encontra na balança, Hoag, meu velho. Vai ajudar esta moça ou Tess Struan? Não se esqueça de que foi culpa sua que o maldito assassino sobrevivesse para assustá-la de novo, quase até a morte.

— Em termos médicos, é possível, mas aconselho contra — disse ele, lançando rápido olhar para Babcott, advertindo-o a não interferir. — A decisão, Sir William, é se ele deve ser enviado para Hong Kong ou não. Se não, acho que deve ser sepultado como... como sua esposa deseja.

Sir William hesitou, irritado porque sua solução não fora aceita.

— Angelique, porque se opõe a ir com o corpo para Hong Kong, se não no *Prancing Cloud*, então no navio de correspondência?

— Eu me oponho porque neste caso ele não será sepultado da maneira como deseja, como o avô... a mãe nunca admitiria a outra história, nem poderia. Sou a viúva e os desejos de meu marido são os meus desejos, com toda a força do meu coração.

Sir William não tinha certeza de sua base legal para concordar ou discordar e sentia a maior preocupação por Tess Struan, agora no comando de fato da Casa Nobre, por sua oposição por escrito ao casamento, e o que ela faria se o corpo não fosse enviado a Hong Kong.

Ficará furiosa, com toda certeza, pensou ele, sentindo um calafrio. É óbvio que ela haveria de querer que o sepultamento fosse lá, deve ser lá, no mar ou não, qualquer que seja a verdade ou inverdade da história, e cinquenta libras contra um *penny* furado como ela tentará de qualquer maneira anular o casamento, com uma boa chance de conseguir. Ou seja, minha pobre dama, você se encontra numa situação crítica, quer goste quer não.

— Receio que esteja convertendo um acontecimento já trágico numa coisa ainda mais complicada do que precisa ser. O pobre coitado pode ser sepultado no mar tanto em Hong Kong quanto aqui. Assim, a melhor coisa...

— Perdoe-me por interrompê-lo, Sir William — disse Skye, para depois acrescentar, como faria um brilhante procurador da rainha —, mas a menos que esteja formalmente contestando a legalidade do casamento de minha cliente, ela possui certos direitos. Sendo assim, devo lhe pedir que prove que os desejos de seu falecido marido e os dela prevaleçam nesta questão, e permita que ele seja sepultado aqui.

Logo em seguida, com a mesma eloquência de um procurador da rainha concluindo sua peroração, ele arrematou:

— Malcolm Struan era nosso, de Iocoama, tanto quanto deles. Sua tragédia começou aqui, e também deve terminar aqui.

Apesar de sua determinação, Angeliqye sentiu que as lágrimas começavam a escorrer. Mas não se permitiu qualquer som de choro.

Por uma hora depois que Sir William e os outros se retiraram, Skye e Jamie argumentaram. Angélique apenas escutava. Nada do que dissessem faria qualquer diferença. Ela perdera. Depois do apelo veemente de Skye, Sir William proclamara:

— Lamento, mas nada do que ouvi aqui esta tarde pôde me fazer mudar de idéia. O corpo deve voltar a Hong Kong, onde será sepultado, no *Prancing Cloud* ou no navio de correspondência. Como preferir, madame. A reunião está encerrada.

Skye disse depois, amargurado:

— Se estivéssemos em Hong Kong, eu poderia entrar com um recurso judicial, por uma dúzia de motivos. Mas aqui Sir William é o tribunal, juiz e júri. Não há tempo suficiente para ir até lá e voltar, o que quer que resolvamos.

— Então não há mais nada que possamos fazer. — Jamie estava sombrio, abalado pela história que ela contara. — Tem de aceitar,

Angelique. Não podemos fazer mais nada.

— Não posso ir para Hong Kong... e devo estar presente no funeral.

— Concordo — murmurou Skye, acenando com a cabeça.

— Por quê? — indagou Jamie. — O que a impede de ir?

— Tess Struan.

— O que ela pode fazer? Não pode impedi-la de comparecer ao funeral e não pode anular o casamento. O editorial desta tarde de Nettlesmith diz que é perfeitamente legal, embora os dois sejam menores. Siga com o navio de correspondência.

— Não, Jamie, sinto muito. O Sr. Skye já disse que o editorial é apenas uma opinião. Sei que Tess Struan não vai sepultá-lo no mar,

como ele queria, tenho certeza. E vai me atacar por todos os meios que puder. Tome aqui, leia as cartas que ela escreveu para Malcolm.

Os dois ficaram impressionados com a intensidade do rancor. Skye comentou, contrafeito:

— É uma pena que não haja nada que pudéssemos levar aos tribunais. Ela alegaria que eram cartas particulares, de mãe para filho, alertando-o desesperada contra o casamento, como é seu direito, até proibindo-o... como é seu direito. E as ameaças contra você, como uma pessoa, Sra. Struan, não nos proporcionam uma base para processá-la.

— Isso não é justo — disse Angelique.

— Heavenly, o que me diz de “se essa mulher algum dia puser os pés em Hong Kong, eu providenciarei...” não é alguma coisa?

Não querendo magoar Angelique ainda mais, Jamie não leu tudo o que Tess Struan escrevera: *...providenciarei para que todas as pessoas decentes aqui conheçam sua história, de seu pai, seu tio, e*

que a tia era uma atriz numa companhia itinerante, de artistas, ciganos e saltimbancos, e sobre suas finanças pessoais.

— Não me envergonho do fato de que minha mãe era atriz — disse ela incisiva —, embora a maioria dos ingleses as considere rameiras. Ela não era, nunca foi. E a companhia não era de saltimbancos. Não sou responsável pelos pecados de meu pai... fiquei na miséria, ele roubou também todo o meu dinheiro não apenas o de outras pessoas.

— Sei disso. — Jamie se arrependeu de ter mencionado a carta. — Heavenly, pode obter alguma prova do sepultamento de Dirk com May-may?

— Claro, do compradore Chen e da própria Tess. Mas nenhum dos dois daria um depoimento voluntário, nem admitiria qualquer coisa, não é mesmo? Seríamos escarnecidos e não conseguiríamos uma ordem judicial para abrir a cripta da família.

Skye tossiu uma vez e depois outra.

— A Sra. Angeliqve Struan deve seguir com os restos mortais do marido: se não o fizer, vai prejudicar bastante sua posição, tanto em termos legais quanto públicos. Mas ir para Hong Kong? É perigoso.

Ele pedira a Babcott e Hoag que abrandassem a redação do atestado de óbito, mas fora informado, como já esperava, que não seria possível.

— Em minha opinião abalizada, a Sra. Angeliqve está certa ao não assumir o risco no momento, Jamie. Preocupo-me que ela se torne mais indefesa em Hong Kong do que aqui.

— Você iria também, e poderia proporcionar qualquer defesa necessária.

— É possível, mas o escândalo seria inevitável, e quero evitar isso a qualquer custo, para o bem de todos. Inclusive de Tess Struan. Ela não é tão ruim assim, se considerar sua posição do ponto de vista de uma mãe. Minha opinião abalizada e de que seria inevitável o mau cheiro... como evitá-lo ou atenuá-lo, essa é a questão.

— Talvez possa ser contido — disse Jamie. — Tess não é uma ogra, sempre foi justa, à sua maneira.

— Não será justa agora, não comigo — interveio Angelique. — Posso compreendê-la. Apenas uma mulher pode realmente compreender. Ela vai acreditar que roubei seu filho mais velho e o matei. Malcolm alertou-me contra ela.

— Para contê-la, precisamos de tempo — disse Skye. — Precisamos tempo para negociar e não haverá o suficiente antes de um sepultamento.

Quando os dois a deixaram, nada fora resolvido.

Não importa, pensou Angelique. Sepultarei meu marido como ele deseja, herdarei seus bens materiais, se há algum, vencerei Tess Struan. E serei vingada.

As cartas haviam-na magoado, mas não tanto quanto esperava. Suas lágrimas não eram lágrimas como antes. Não a abalaram como antes. E não sou mais como antes. Não posso entender. Estou

realmente muito estranha. Será que vai durar? Espero que sim. Ah, Santa Mãe, como fui estúpida!

Pela janela, ela constatou que o dia logo viraria noite, avistou na baía as luzes dos navios, a bombordo e boreste, no alto dos mastros, piscando com o balanço das ondas. No braseiro, os carvões se ajustaram ruidosamente, as chamas se elevaram por um instante, atraindo sua atenção de volta ao problema. O que fazer?

— *Miss?*

Ah Soh entrou na sala.

— *Tai-tai*, Ah Soh! Você é surda?

Malcolm lhe explicara o que significava *tai-tai* e, em sua última noite, obrigara Ah Tok, Ah Soh e Chen a tratarem-na assim, em sua presença... e Skye também a lembrara de fazer os criados usarem o termo.

— *Miss*, quer que eu arrume as coisas?

— *Tai-tai!* Você é surda?

— Quer que eu arrume as coisas... *tai-tai?*

— Não. Amanhã, se der.

— Como, *miss?*

Angelique suspirou.

— *Tai-tai!*

— *Miss tai-tai?*

— Saia!

— Homem da medicina quer falar.

Ela já ia dizer “saia!” de novo, mas mudou de idéia.

— Que homem da medicina?

— O sapo, *miss tai-tai*.

Hoag. É verdade, ele parece um sapo, pensou Angelique, e se surpreendeu ao descobrir que estava sorrindo.

— Mande ele entrar.

Quando Hoag entrou, ela disse:

— Boa noite, doutor. Como tem passado? Estou bem agora, graças à sua ajuda.

— Está mesmo? — Ele tinha os olhos injetados de fadiga, o rosto pálido e amassado, como sempre, mas irradiava uma simpatia que era fascinante. Fitou-a nos olhos. — Tem razão, dá para perceber. Mas seja cautelosa, Angelique, não se exija demais, vá com calma. Use o bom senso.

— Prometo que farei isso.

— Foi maravilhosa esta tarde.

— Mas perdi.

— É verdade. George Babcott e eu lamentamos muito por isso, ficamos comovidos com a sua história, e o apelo de Heavenly. George vai jantar com Wee Willie e tentará de novo, mas eu... nós não temos muita esperança.

Ele a viu dar de ombros, apenas um gesto mínimo, e continuar a observá-lo, os olhos enormes na palidez de seu rosto.

— Precisa de alguma coisa? Para dormir ou se acalmar... não, posso ver que não precisa de nenhum calmante. Fico contente por isso, muito contente. Queria conversar um pouco com você... importa-se?

— Claro que não. Sente-se, por favor. Como foi a audiência? Ah, tem uísque e outras bebidas ali, se quiser.

— Obrigado.

No aparador, havia copos Waterford e garrafas de cristal, alinhadas como soldados, em descansos de prata georgiana, com rótulos também em prata pendurados no gargalo: Uísque, Conhaque, Xerez, Porto. Ele escolheu uísque, serviu-se de meio copo.

— A audiência transcorreu como se esperava, Edward Gornt foi absolvido de qualquer culpa e elogiado por sua bravura. O juiz sumariante, Skye, considerou que a morte de Greyforth foi acidental e Gornt perfeitamente correto ao tentar impedir o que poderia ter sido um assassinato brutal. Ficamos surpresos por ele ter usado palavras tão fortes, embora verdadeiras. — Hoag sentou na frente dela, ergueu o copo. — Saúde!

— *Salut!* Estou contente por Edward. Ele merece muitos louvores.

— E você também. Sua história me deixou profundamente comovido.

— E é verdadeira. Também não acredita em mim?

— Claro que acredito. E é sobre isso que queria conversar. E a compreendo muito bem.

Depois, com eloqüência, Hoag relatou sua própria história, o tempo que passara no exército indiano, como se apaixonara e casara, contra todas as convenções, o ostracismo imediato, terrível, o retorno à Inglaterra. E a situação não melhorara ali.

— Tornou-se até pior. Arjumand morreu, era esse seu nome, o mesmo da amada de Shah Jahan, que construiu o Taj Mahal. — Ele olhava para o fogo contando a história ao fogo também, vendo imagens de seu amor ali, os dois juntos, nos dias felizes antes do casamento. — Fiquei muito triste, mas ao mesmo tempo contente, por ela não sobreviver demais no ódio. Pegou uma gripe e morreu depressa, como uma gloriosa planta de estufa numa aragem gelada... e ela era isso, não pode imaginar como era refinada, assim como não posso acreditar que ela me amava... pois sei como sou feio. Eu a amava loucamente e a matei.

— Seu rosto muda quando fala sobre ela. Não a matou. Foi o destino. Você não foi culpado.

Essa palavra de novo, pensou Angelique.

— Fui, sim, ao casar com ela, levá-la para a Inglaterra. May-may morrido também, desamparada, solitária, desesperada de saudade de sua terra. Nem mesmo o grande Dirk Struan poderia resistir à opinião pública, se não se tivessem casado. Ambos tiveram sorte de morrer daquele jeito. Angélique observava-o, viu seus olhos úmidos.

— Malcolm teve sorte por ter morrido como morreu? Disse que ele estava muito sereno. Morreria de qualquer maneira?

— Receio que sim. Poderia ter morrido a qualquer dia, a qualquer hora. Vivia em tempo emprestado e acho que sabia disso. Isso a deixou arrepiada. — Por que ele não foi informado... por que não o avisou, a nós dois?

— Foi um ato de Deus... não sabíamos, não com certeza, como sabemos agora. Era impossível saber ou teríamos avisado.

— Não estou entendendo. Diga-me a verdade, por favor. Preciso compreender.

Hoag explicou, gentilmente:

— Suas entranhas, por baixo e ao redor do ferimento, se encontravam em pior situação do que imaginávamos. George não podia sondar muito em torno do ferimento, quando o levaram ao hospital, pois isso o teria matado na ocasião. A autópsia revelou que ele estava apodrecendo.

— A operação foi bem-feita?

— Foi, sim, um trabalho de primeira classe. A reparação realizada por George foi admirável, tão boa quanto qualquer outro poderia fazer — declarou ele e Angélique acreditou. — O problema é que não podemos substituir, apenas reparar, e havia bolsas de septicemia... o motivo de tanta dor, pobre coitado... e lesões graves, que o impediam de se empertigar.

Uma pausa e Hoag acrescentou, desolado:

— Ele estava no final de seu tempo emprestado. Mesmo assim, tenho certeza que você transformou seus últimos dias nos mais felizes que qualquer homem poderia desfrutar.

Um carvão caiu no braseiro. Os olhos de Angelique desviaram-se nessa direção. A chama se elevou, tremeu, extinguiu-se... como meu Malcolm, pobre coitado, pobre amor.

— Triste — murmurou ela para o fogo. — Muito triste.

Hoag a avaliava, avaliava a si mesmo, e à lembrança de Arjumand... que Angelique fizera renascer. Era fácil decidir agora, depois de partilhar Arjumand, Pesou ele. Nervoso, ele terminou o drinque.

— Posso?

— Claro. À vontade.

Hoag tornou a se servir, em quantidade menor.

— Mas eu queria realmente falar sobre o sepultamento. Ainda é possível fazer o que você e Malcolm queriam.

— Como?

Ele voltou a sentar diante de Angelique.

— Sepulte-o no mar, como o avô, como ele queria, como você quer. Posso ajudá-la.

— De que jeito?

Hoag enxugou o suor da testa.

— Procure Sir William, diga que se submete ao inevitável, por mais que deplora sua decisão, vai permitir que o corpo seja enviado para Hong Kong. Amanhã, nós, Babcott e eu, levaremos o caixão para bordo do *Prancing Cloud*, de Kanagawa, onde se encontra no momento. Você testemunha a partida do caixão oficialmente, alegando que não suportaria acompanhá-lo no *Prancing Cloud*, mas seguirá no dia seguinte, no navio de correspondência, quando zarpar para Hong Kong. Todos ficam satisfeitos.

— Mas o caixão segue vazio? — indagou Angelique, excitada.

Ele sacudiu a cabeça, a testa e as bochechas brilhando, à luz do fogo.

— Não. Haverá um corpo no caixão, mas não o dele. De um pescador coreano, que morreu em Kanagawa esta manhã, na clínica. Enquanto isso, o corpo de Malcolm fica em outro caixão, ainda em Kanagawa, secretamente. Se Jamie nos apoiar, poderia levar o cúter até lá amanhã, ao final da tarde. Sairemos para o mar, e se conseguirmos Tweet para officiar a cerimônia, Malcolm poderá ser sepultado como você deseja. No dia seguinte, você embarca no navio de correspondência, sem que mais ninguém saiba... basta todos os envolvidos jurarem segredo.

— Há muitos “ses” — murmurou Angelique, o coração batendo forte.

— E outros ainda, nos quais ainda não pensei — disse Hoag, tornando a enxugar a testa, sentindo um aperto na garganta. — Foi apenas... A idéia me ocorreu há poucos minutos. Ainda não pensei em tudo, pode ser impossível, mas eu queria ajudar. Com ou sem George, posso fazer a primeira parte, trocar os corpos. Você tem de fazer o resto. Talvez eu possa ajudar, não sei. Não sou muito bom em guardar segredos. E temos de decidir agora, se... Eu teria de voltar a Kanagawa esta noite, enquanto George janta aqui. O que você acha?

Angelique levantou-se abruptamente, foi abraçá-lo, envolvendo-o com perfume e gratidão.

— Vamos tentar... e obrigada, muito obrigada.

— Queria me falar, *madame*? — disse Gornt.

— Queria, sim. Entre e sente-se, por favor.

Angelique sentava junto da janela grande do escritório do *tai-pan*, onde havia cadeiras de braços, uma mesa de carvalho e um aparador. Chen se encontrava de pé ali perto.

— Gostaria de dizer mais uma vez como lamento o que aconteceu. Se houver alguma coisa que eu possa fazer, *madame*, basta pedir.

— Sei disso, e agradeço, Edward. E pode ajudar. Todos nós precisamos de amigos. Fico contente que a audiência tenha transcorrido sem problemas... deveria ganhar uma medalha. Foi muita bravura sua. Quero lhe agradecer por Jamie, pois não sei o que faria sem ele.

Um bom fogo ardia na lareira, as delicadas cortinas de seda tailandesa excluíaam a noite. Chen encaminhou-se para o balde de gelo, onde havia uma garrafa aberta.

— Meu marido disse que gosta de champanhe.

— É verdade, madame, gosto mesmo.

Gornt pensava na audiência e no veredicto que encerrava para sempre o perigoso capítulo de Norbert. O juiz sumariante, Heavenly Skye, fora mesmo uma dádiva celestial, correspondendo a seu nome. Angelique gesticulou para que Chen servisse os dois copos altos.

— *Doh jeh* — obrigado, disse Gornt, aceitando seu copo.

Chen fitou-o boquiaberto, como se não tivesse entendido, desprezando ainda mais aquele impertinente demônio estrangeiro por ousar falar um dialeto civilizado.

— Espere lá fora, Chen—ordenou Angelique. — Se quiser chamá-lo, usarei o sino.

Ela indicou o sino de prata na mesinha lateral.

— Está bem, *miss*.

Angelique lançou-lhe um olhar furioso.

— *Tai-tai!*

— Pois não, *miss tai-tai*.

Chen retirou-se, satisfeito com as pequenas vitórias. Os criados haviam solicitado uma reunião, que ele presidira. Ah Tok, a mente divagando, queria que usassem um bruxo para pôr o mau olhado naquela “*possuidora de um canal da morte*”, mas ele dissera:

— Não, não podemos... e não foi isso. A morte do amo não foi culpa dela. O amo casou com ela, e nos obrigou a chamá-la de *tai-tai*, na sua presença. Nosso acordo é chamá-la primeiro de “*miss*” e depois de “*miss tai-tai*”, até que a questão seja decidida pelo ilustre Chen, para quem meu relatório urgente e detalhado já foi despachado, e se encontra a bordo do *Prancing Cloud*.

Na sala, Angelique disse:

— *Salut*, Edward.

— À sua saúde, *madame*.

Ela tomou um gole mínimo, ele bebeu com satisfação.

— Champanhe é uma fonte de vida para mim — comentou Gornt, desejando mesmo instante não ter dito isso. — Nunca tive condições de beber, a não ser em ocasiões festivas.

— Também gosto de champanhe, só que não esta noite. Mas em breve você terá condições de tomar todo champanhe que quiser, não é mesmo? Meu marido me contou que seus negócios vão melhorar, e muito, e que tinha muitos segredos a partilhar com ele... em benefício mútuo.

— Ele contou? — Gornt foi apanhado desprevenido, pois combinara com Malcolm Struan que não revelariam nada a ninguém. Norbert? Norbert não contava, pois era parte do plano confundir o inimigo, e Norbert sempre fora inimigo. — Segredos, *madame*?

— Ele me disse que o apreciava e confiava em você, assim como eu, que era um homem capaz de guardar segredos, além de conhecê-los, e que compreendia o valor de velhos amigos... no sentido chinês.

— Essa parte é verdade. Eu também o apreciava, e confiava nele.

— Jamie disse que você reservou passagem no *Prancing Cloud*.

— É verdade, madame.

— Meu marido contou que você lhe daria informações especiais sobre a maneira de arruinar os Brocks. Falaria tudo ontem de manhã, depois... foi apenas ontem? Parece que tudo aconteceu há uma vida inteira... e para Malcolm foi mesmo, pobre Malcolm.

Gornt suspirou, triste por ela.

— Tem razão. Posso dizer que mudou, *madame*? Está diferente. Sem querer ser impertinente, ou insensível, permita-me dizer que a mudança lhe foi bastante favorável.

— Eu preferia dez mil vezes ter meu marido vivo e não ter mudado.
— A franqueza a surpreendeu, embora sempre achasse fácil conversar com Gorn, como também acontecia com Malcolm. — Ainda não tenho certeza sobre a mudança, se me agrada. Crescer tão depressa é... não sei a palavra certa... angustiante, assustador.

Ela se levantou, serviu mais champanhe no copo de Gorn, pôs o balde com o champanhe na mesa, mais perto dele.

— Obrigado — murmurou Gorn, mais consciente da presença de Angelique do que nunca.

— Decidi não viajar para Hong Kong no clíper.

— Já ouvi um rumor, *madame*, que não queria ir a bordo daquele navio de novo... nem os restos mortais de seu marido... e seguiria pelo navio de correspondência. — Assim que ouvira isso, por precaução, ele procurara o agente para reservar passagem também no navio de correspondência, mas todos os camarotes já estavam ocupados. Contrariado, tentara falar com Jamie, mas não o encontrara. — Posso compreender que não queira embarcar nunca mais no *Cloud*.

As mãos de Angelique repousavam tranquilas em seu colo, a voz era suave e controlada.

— Esses segredos que contaria a meu marido... vai revelá-los a mim?

Gornt exibiu seu lindo sorriso, fascinado por ela, sacudiu a cabeça.

— Lamento, madame, mas não... mesmo que tivesse algum. Ela balançou a cabeça, sem se mostrar ofendida.

— Nem esperava que me contasse. Tenho certeza que nunca os entenderia, se me dissesse tudo, e também não teria condições de aproveitá-los, não é mesno?

Gornt sorriu e ela acrescentou:

— Mas *Tess Struan* pode aproveitá-los, não é?

— Como, *madame*?

— Meu marido disse que se alguma coisa lhe acontecesse, você partiria no mesmo instante para Hong Kong, a fim de negociar diretamente com sua mãe, e fazer com Tess Struan o mesmo acordo que tinha com ele. E acrescentou que agia assim porque odiava os Brocks... não me explicou por que os odiava. — Angelique estendeu a mão, ficou mexendo na haste de seu copo. — Tess Struan com certeza poderia aproveitar as informações, se o que você alega for verdade, não é? Isso foi na terça-feira, antes de casarmos.

Gornt tornou a avaliá-la, com uma expressão satisfeita em seu rosto bonito.

— Posso compreender por que meu marido gostava de você, Edward, por que seria um inimigo perigoso e um amigo ainda mais perigoso.

Isso o fez rir, e a tensão entre os dois se evaporou.

— Não para você, *madame*, nunca, eu juro. Nunca mesmo.

— Veremos. Temos muitas pontes a cruzar, você e eu, mas, por Deus, como diria meu marido, estou adotando suas esperanças e sonhos como meus: que você pode ajudar a Struan a destruir os Brocks, de uma vez por todas. Talvez seus sonhos e esperanças também.

— Meus?

Angelique abriu sua bolsa e tirou o papel que encontrara no compartimento secreto do cofre, levantou-o contra a luz e leu em voz alta:

— *“Isto é o meu solene acordo com o Sr. Edward Gornt, cavalheiro, da Rothwell, em Xangai: se as informações que ele fornecer ajudarem a Struan a destruir a Brock and Sons, levando-os à ruína nos próximos seis meses, eu garanto, em nome da Struan, que ele receberá, da massa falida, os 50% de participação da Brock na Rothwell, de graça e sem qualquer condição, que o ajudaremos de*

boa fé, da melhor forma que pudermos, junto ao Victoria Bank, a fim de que levante o empréstimo necessário para a aquisição dos outros 50%, pertencentes a Jefferson Cooper, que a partir desta data, pelo prazo de vinte anos, a Struan lhe concede, ou a qualquer companhia que ele controlar pessoalmente, a posição de nação favorecida, em quaisquer operações comerciais de acordo mútuo."

Ela estendeu o papel para que Gornt visse, mas não o entregou.

— A data é de anteontem, Edward, está assinado, mas sem testemunhas. Gornt não fizera qualquer menção de pegar o documento. Sua visão era ótima.

Enquanto Angelique lia, já reconhecera a assinatura. Sem as testemunhas, não tem valor real, pensou ele, sua mente se deslocando apressada de um plano para outro, de uma indagação a outra, para as respostas.

— E daí?

— Eu poderia testemunhar a assinatura de meu marido. Sua mente parou de girar, com um solavanco.

— De um modo geral, o testemunho da esposa à assinatura do marido não é válido.

— Digamos que eu testemunhasse no mesmo dia... antes do casamento.

De onde será que ela está tirando tudo isso?, especulou Gornt, frenético. De Jamie? De Heavenly? Ela até parece um dos novos rolos compressores de Stevenson.

— Mesmo assim, mesmo que o documento tivesse uma testemunha, não seria compulsório para a Casa Nobre.

— É verdade, mas teria muito peso com Tess Struan... seria um acordo com seu filho. Não serviria para confirmar que você trabalhava com meu marido clandestinamente, para realizar a maior ambição da vida de Tess Struan?

— É bem possível, madame. — Ele hesitou. — Jamie aprova o documento?

— Ele não sabe nada a respeito. Ninguém mais sabe, só eu.

Angelique acreditava nisso. Por que outro motivo Malcolm o esconderia?

Pensativo, Gornt serviu-se de mais champanhe... e notou que ela não bebera mais nada.

— Imagino que um favor assim exigiria outro em retribuição, *madame*.

— Gostaria que viajasse no *Prancing Cloud*, a toda velocidade, como planejava, para se encontrar com Tess Struan. E entregasse uma carta minha.

Os olhos de Gornt se arregalaram em incredulidade.

— Isso é tudo?

— Não exatamente. Quando chegar a Hong Kong... o clíper estará lá muito antes do navio de correspondência... deve procurá-la antes que ela tome conhecimento da trágica notícia da morte de meu marido por intermédio de qualquer outra pessoa. É essencial que você a alcance primeiro, diga que traz uma terrível notícia, mas também informações secretas, *informações vitais que garantirão a ruína dos Brocks para sempre, que logo os porão para fora dos negócios para sempre.* — Angelique respirou fundo. — É o que vai acontecer, não é?

— É, sim — respondeu ele, pois não havia mais necessidade de negar.

— Depois, diga a ela que os Brocks planejaram assassinar Malcolm, usando Norbert Greyforth. Terceiro, que...

— Eles o quê?

— Não é verdade? Isso não era parte do plano de Tyler Brock? Ou de Morgan? Jamie pensa assim... e seria capaz de jurar. O Sr. Skye me falou sobre o duelo, o resto arranquei de Jamie... por que haveria um duelo. Norbert não era apenas um peão para o assassinato?

— É possível — murmurou Gornt, impressionado. — Mais do que isso, bem provável. E depois?

— Depois... — A voz de Angelique tornou-se mais clara, e estranhamente mais incisiva. — Por favor, diga a ela que é por minha causa que está levando informações para destruírem os Brocks... deve realçar isso.

— Por sua causa?

— Por minha causa. Enfatize isso. É importante para mim, não e pedir demais, e você conseguirá o que quer, de qualquer maneira.

— Tem certeza?

— Tenho. Diga a ela que ia esquecer esse contrato escrito com seu filho achando que não tinha mais valor. Mas como eu pedi, até suplique que a procurasse, no lugar do filho, você decidiu seguir o mais depressa possível para Hong Kong. — Angelique inclinou-se para a frente. — As informações exigem urna ação rápida, não é mesmo?

— É, sim.

— Pois enfatize isso. Mas, acima de tudo, ressalte que fui eu quem o persuadiu a ir procurá-la, que minhas súplicas o convenceram a lhe entregar as informações para destruir os inimigos de Malcolm e dela... que eu lhe assegurei que ela cumpriria o contrato, ou lhe ofereceria outro equivalente. E é o que Tess Struan fará, posso garantir.

— Com sua assinatura?

— É a primeira coisa que ela vai notar, por isso deve mencioná-la antes. Diga que Malcolm me pediu para ser testemunha de sua assinatura, dizendo apenas que era um contrato de negócios entre vocês dois, e que eu assinei na sua presença, sem pensar... na segunda-feira, antes da festa. Por último, diga que tem uma carta urgente minha e entregue-a. — Angélique levantou seu copo. — Se ela ler na sua frente... o que não deve acontecer... mas se ela ler, eu gostaria de saber sua reação.

Angélique tomou agora um segundo gole de champanhe, recostou-se, esperando, os olhos fixados nos dele. Seu rosto nada deixava transparecer.

— O que tem na carta?

— Poderá ler, se assim desejar, antes de eu lacrá-la. — Uma pausa, e ela acrescentou, o tom suave, sem maldade: — Vai lhe poupar o trabalho de abri-la.

A mente de Gornt ponderava sobre o enigma que era aquela mulher à sua frente.

— E a notícia da morte de Malcolm... do casamento e morte... como devo transmitir isso e o resto?

— Não sei, Edward. Você saberá como fazê-lo.

Ele soltou um grunhido, atônito com a desfaçatez, não, não desfaçatez, era mais astúcia. Não restava dúvida de que o objetivo de Angelique era se insinuar no favor de Tess, superando a hostilidade atual, e prevenindo qualquer ação judicial, cível ou criminal, que uma mãe como Tess Struan, dilacerada pela agonia de sua perda, poderia desencadear contra ela... e as apostas no momento eram de cinco contra um como Tess o faria, e de dois contra um como ganharia.

Mas isso não importava, pois aquela estratégia poderia levar Angelique ao círculo dos vencedores... *poderia*. Com cuidado, não de todo como Angelique sugeria, mas com muito mais sutileza, ele poderia fazer o que ela propunha sem prejudicar sua própria posição, e fecharia o acordo com Tess Struan, que com certeza lhe daria tudo o que queria... depois que o choque pela morte do filho diminuísse e pudesse avaliar a enormidade do que era oferecido.

É melhor para mim livrar Angelique da ira de Tess Struan, muito melhor. E o que devo pedir em troca? Sua assinatura, é claro, mas o que mais? O que mais desejo dela? Há vários tipos de manobras que eu poderia...

Angelique estendia a mão cara a pena. Sua expressão era solene quando assinou como testemunha, pondo a data de anteontem. Sem dizer nada, ela enxugou a tinta, soprou o excesso de talco e estendeu o documento, ainda com os olhos abaixados.

— Independente do que decida, isto é seu agora, de graça — declarou ela apostando no apregoado senso de honra de Gornt.— Quanto ao resto, se me ajudar Edward...

Ela fez uma pausa, levantou os olhos agora, e alguma coisa no íntimo de Gornt se agitou, cheio de expectativa.

— ...teria também minha gratidão eterna.

Na casa do *shoya*, Jamie sentava sobre o tatame, de pernas cruzadas, sem sapatos, Hiraga à sua frente. O *shoya* sentava à cabeceira da mesa, onde havia saquê e chá.

Durante uma hora ou mais, Jamie respondera e fizera perguntas, Hiraga traduzindo, hesitando nas palavras estranhas, pedindo explicações adicionais para compreender com clareza. Jamie sentia-se cansado, não por causa do tempo ali consumido, uma trégua fascinante e bem-vinda em todos os seus outros problemas, mas porque parecia não haver solução para eles. Ficara transtornado com a recusa de Sir William em mudar de idéia sobre o sepultamento, embora compreendesse muito bem... ele faria a mesma coisa se estivesse na posição de Sir William. Pobre Angelique, pobre Malcolm, pobre Casa Nobre. Até mesmo pobre Tess.

Algo tem de ceder. Não será Wee Willie. Só pode ser Angelique... não há nada que ela ou qualquer outro possa fazer. Acho que desta

vez ela vai quebrar.

Com toda a simplicidade possível, ele expusera sua idéia para um empreendimento conjunto, o *shoya* e seus contatos fornecendo as mercadorias em consignação que eles combinassem, Jamie entrando com o *know-how* europeu, um prazo de seis meses para pagamento, o que daria tempo para que os produtos fossem vendidos e o dinheiro voltasse, ou fosse reinvestido em artigos de produção em massa, que aconselhariam o empreendimento conjunto a importar. Isso levou a uma discussão sobre quantidades e depois a métodos de produção em massa que poderiam enriquecer a todos.

— *Shoya* pergunta: Quanto custa sua máquina de *massu produk'shun*?

— Depende do que as máquinas vão produzir — respondeu Jamie.

— Jami-sama, ele pedir, por favor, dizer que produtos fazer para vender na Inglaterra? Não agora, em três dias, por favor. Se *shoya* concordar, talvez fazer sociedade anônima e trazer máquina de *massu produk'shun* para Nipão.

Jamie sorriu.

— A produção em massa é inicialmente dispendiosa para se instalar, com máquinas e a fábrica. Não é como o empreendimento conjunto que sugeri. Não tenho a menor possibilidade de levantar tanto dinheiro.

— Jami-sama, não se preocupar, não se preocupar com dinheiro. Gyokoyama pode comprar Iedo, se quiser. — Hiraga sorriu, sombrio, e Jamie piscou, aturdido — *Shoya* agradecer e eu agradecer. Por favor, em três dias, dizer o que fazer e preço. Eu levar em casa.

— Não precisa, obrigado.

Hiraga fez uma reverência, o *shoya* fez uma reverência, Jamie retribuiu e saiu para o ar noturno.

— Chá, Sire? — indagou o *shoya*.

Hiraga recusou com a cabeça, preparando-se para sair também, precisando de um banho e massagem, mas satisfeito consigo mesmo, tudo consumado agora, exceto a cobrança dos supostos honorários de três koku pedidos por Jami Mukfey. O *shoya* pediu chá fresco e disse, depois que a criada se retirou:

— Tenho algumas notícias, que chegaram por pombo-correio, Otami-sama, sobre lorde Yoshi e sobre os *shishi*. Talvez queira ouvi-las.

— Pare com esse jogo! Claro que quero ouvir. — Agora que se encontrava a sós com o *shoya*, Hiraga tornou-se autoritário e samurai, sem sequer percebê-lo. — Quais são as notícias?

— Houve outro atentado contra lorde Yoshi.

— Ele morreu? — indagou Hiraga, esperançoso.

— Não, Otami-sama. Tome aqui. Leia você mesmo, por favor.

Com uma subserviência simulada, o *shoya* estendeu um papel, o mesmo que mostrara antes a Raiko e Meikin: Uma tentativa de assassinato contra lorde Yoshi, ao amanhecer, na aldeia Hamamatsu, fracassou. *A assassina shishi solitária foi morta por ele. A dama Koiko também morreu na luta. Comunique nossa grande tristeza à casa da Glicínia. Mais informações assim que for possível.* Hiraga ficou atordoado ao ler.

— Quando aconteceu?

— Há cinco dias, Otami-sama.

— E não teve mais notícias?

— Ainda não.

Lendo a mensagem, sua dor de cabeça se tornara ainda maior, os pensamentos confusos. Koiko morta, outra *shishi* morta! Quem? Se ela morreu, o que aconteceu com Sumomo?

— Já comunicou à casa da Glicínia?

— Já, sim, Otami-sama.

— O que Meikin disse?

Ficou transtornada, Otami-sama, como não podia deixar de ser.

— O que mais sabe, *shoya*?

— Já disse o que sei que pode afetá-lo e aos *shishi*.

— O que sabe sobre Katsumata e Takeda?

— A notícia, Sire, é de que eles ainda viajam para cá, assim como, supostamente, lorde Yoshi.

— Quando ele chega de volta? Mudou seus planos agora?

A mente de Hiraga era um turbilhão. Se Koiko morrera na luta, teria sido por acidente ou Yoshi descobrira que ela estendia seus tentáculos até nós, como Meikin?

— Não sei. Talvez em oito dias, Otami-sama.

O *shoya* percebeu a preocupação de Hiraga, e achou que era normal, pois era óbvio que ele corria um grande perigo... mas como é valioso! Concordo que ele é um tesouro nacional ou deveria ser. Empreendimento conjunto... uma idéia caída do céu! Meu filho trabalhará com esse *gai-jin* Jami, a partir de amanhã, para aprender as coisas dos bárbaros, depois não precisarei de Hiraga, que nada representa, a não ser problemas para mim, diretamente. Por mais que eu lamente, ele é um homem condenado. Como todos nós, se não tomarmos cuidado.

— Otami-sama, há muitos movimentos de tropas ao nosso redor.

— Hem? Que tipo de movimentos?

— O *Bakufu* reforçou as três estações de posta mais próximas de nós. E há ainda quinhentos samurais vigiando a estrada, ao norte e ao sul daqui. — Uma gota de suor escorreu pela face do *shoya*. — Estamos numa emboscada do tairo Anjo?

Hiraga praguejou; também podia sentir a crescente pressão.

— O que soube, *shoya*? Ele está planejando nos atacar aqui?

— Eu bem que gostaria de saber, Otami-sama. Talvez falar a Taira sobre as tropas possa ajudar a descobrir qual é o plano dos *gai-jin*.

— Eles vão bombardear Iedo, qualquer idiota sabe disso. — Hiraga sentiu intensa angústia ao pensamento da inevitável vitória dos *gai-*

jin, embora isso fosse servir a *sonno-joi* mais do que qualquer outra coisa. — Não há nada que o tairo possa fazer para evitar...

Seu coração saltou uma batida, ele parou de falar.

— Exceto o quê, Otami-sama?

— Exceto a resposta da história, a solução habitual: um ataque de surpresa, súbito e brutal, para destruir a base da esquadra.

Hiraga espantou-se por ter partilhado seu pensamento tão francamente com uma pessoa inferior, embora o *shoya* fosse inteligente, um aliado valioso, e muito em breve um parceiro nos negócios.

E ele pensou, em meio às vibrações da cabeça latejando, há muita coisa que não compreendo, o mundo está virando pelo avesso, tudo é diferente, eu me tornei diferente, não sou mais samurai, não totalmente samurai. É culpa desses repulsivos *gai-jin*, com suas idéias sórdidas, gananciosas... e tentadoras. Eles devem ser

expulsos — *sonno-joi, sonno-joi, sonno-joi* — mas ainda não. Antes, *massu produk'shun* e, primeiro, fabricar fuzis.

— *Shoya*, mande espiões espreitarem, caso seja esse o plano de Anjo.

— Espiões, Otami-sama?

— Já é tempo de parar com os jogos, *shoya*. Está me entendendo? Nada mais de jogos!

— Obedeço em tudo, Otami-sama. Como sempre, como...

— Saiu-se muito bem esta noite, *shoya*. Assim que tiver mais notícias sobre Yoshi ou os *shishi*, mande me avisar, por favor.

Hiraga acrescentou o “por favor” como uma grande concessão.

— Tão depressa quanto uma ave marinha pescadora, Sire.

— Boa noite então... Ah, desculpe, já ia me esquecendo dos honorários do gai-jin. Ele me pediu para lembrar-lhe.

O *shoya* sentiu o estômago embrulhado. Tirou da manga uma pequena bolsa... teria sido uma grosseria a entrega direta a Jami-sama.

— Aqui tem o equivalente em *oban* de ouro a um koku e meio, Otami-sama, O resto dentro de dez dias.

Hiraga deu de ombros, guardou a bolsa em sua manga, como se fosse uma coisa irrelevante, mas se espantou com o peso e alegria que lhe proporcionou.

— Avisarei a ele e o trarei aqui dentro de três dias.

— Obrigado, Otami-sama. Esses movimentos de tropas me deixam muito preocupado. A guerra é iminente. Meus superiores dizem que se pudessem ter um aviso antecipado sobre os planos dos *gai-jin*... ficariam profundamente agradecidos por qualquer ajuda. Talvez o seu Taira-sama...

Esperançoso, o *shoya* deixou o nome ressoando no ar. Ele recebera hoje outra mensagem do escritório central em Osaka, mais urgente do que a anterior. Como se eu não soubesse ler?, pensou o *shoya*, irritado, como se fosse negligente e desleal. Faço tudo o que posso. O problema é daquelas *mama-sans* desgraçadas. Dois dias, e ainda não tive nenhuma notícia delas!

Antes de deixar Raiko e Meikin, ele ressaltara a necessidade urgente de saber tudo o que elas sabiam, ou pudessem descobrir, o mais depressa possível. Sua raiva começou a aumentar, não apenas porque as duas mulheres haviam fingido que não sabiam de nada, por mais que as adulasse, muito embora tivesse certeza de que elas estavam a par de alguma coisa, mas também porque seus preciosos *oban* de ouro se encontravam na manga daquele ganancioso samurai, para pagamento a um ganancioso *gai-jin*, mesmo que os honorários fossem bem merecidos. E onde vão terminar todos os meus adoráveis *oban*? Com toda certeza, na ravina de ouro de alguma prostituta.

— Muito obrigado, Otami-sama — disse o *shoya*, untuoso, enquanto Hiraga se retirava.

Ele manteve a cabeça no tatame para esconder o rilhar dos poucos dentes quebrados restantes, querendo humilhar Hiraga, fazê-lo suar, contando tudo, sem o menor remorso: Ah, sinto muito, sua falecida prostituta Koiko estava implicada na conspiração, assim como sua assassina treinada e ex-futura esposa, Sumomo, que também teve a cabeça cortada, e sua partidária dos *shishi*, Meikin, *mama-san* dos homens mais importantes de Iedo — até mesmo líderes da Gyokoyama — não continuará neste mundo por muito mais tempo, pois presumimos que Yoshi também sabe de tudo a seu respeito.

E apesar de você ser o mais esperto entre todos os samurais que já conheci, também está condenado... e ainda assim meus ilustres superiores esperam que eu o trate como um tesouro nacional e o mantenha vivo. *Oh ko!*

Esta noite vou me embriagar, mas não antes de me dar os parabéns pela eminente formação da *Ryoshi Joint-u Vem'shur Stoku Kompeni!* Ah, uma idéia digna dos deuses!

Voltando para casa, Jamie McFay abriu a sobrecasaca, embora o ar da noite fosse frio. Sentia bastante calor. O conhecimento adquirido era substancial e sua concentração relegara todas as preocupações a segundo plano. Era tudo muito interessante, refletiu ele, mas nenhum daqueles dois tem a menor idéia dos custos iniciais da produção em massa. E, no entanto, a maneira como Nakama disse que a Gyokoyama podia comprar e vender Iedo, se assim quisesse, por um momento acreditei realmente nisso. O *shoya* entrará num empreendimento conjunto, uma *joint venture*, tenho certeza.

Seus passos eram rápidos e cumprimentava as pessoas por que passava na High Street. Subiu os degraus do prédio da Struan, entrando em seu domínio. É meu de novo, pensou, com orgulho. Talvez Tess mude de idéia agora... ela não é nenhuma tola e fez um bom trabalho.

Vargas estava esperando.

— Boa noite, Vargas. Hora de fechar?

— Isso mesmo. Antes, senhor, queria lhe entregar estas cartas que chegaram pela correspondência de ontem e que, de alguma forma, foram parar na minha bandeja de entrada.

As duas cartas tinham a indicação de Pessoal e Confidencial, e eram endereçadas a ele. A primeira tinha a letra de Tess Struan. Jamie sentiu um frio no estômago. A outra era de Maureen Ross, sua ex-noiva. Sua apreensão dobrou.

— Obrigado — murmurou ele.

Apesar de sua determinação em esperar, não pôde se conter e abriu a carta de Tess. *Esta é para lhe comunicar formalmente que o Sr. Albert MacStruan foi transferido de Xangai e chegará pelo vapor Wayfong, no dia 17. Por favor, ponha-o a par de todas as operações japonesas. Na dependência de seu não-atendimento às cartas anteriores, ele assume o controle ao final de dezembro.*

Sua dispensa da Casa Nobre, agora que fora consumada, não o enfureceu como esperava. Na verdade, sentiu-se aliviado. Estranho, há poucos momentos pensei que era meu... Ele levantou os olhos para deparar com Vargas a observá-lo atentamente.

— O que mais, Vargas?

Jamie dobrou a carta, largou-a na mesa, junto com a outra.

— A Sra. Angelique está no gabinete do *tai-pan*. Perguntou se o senhor poderia ir vê-la por um momento.

— Qual é o problema agora?

— Nenhum, ao que eu saiba, senhor. A noite foi tranqüila. Chegou uma mensagem de sua Nemi, indagando se a visitaria mais tarde. Mais um outro assunto, o capitão Strongbow tornou a pedir suas ordens para zarpar. Eu lhe disse para ser paciente. Será na maré noturna?

— Acho que sim. Mande um aviso para Nemi: Talvez.

— Pois não, senhor. Então está decidido? O corpo do *tai-pan* seguirá no *Cloud*? E a senhora também?

— Ou no clíper ou no navio de correspondência, um ou outro.

Jamie afastou-se pelo corredor, foi bater na porta. Angelique sentava na cadeira de Malcolm, que Jamie já começava a pensar como dela, lendo o Guardian, à luz de um lampião a óleo.

— Olá, Jamie.

— Boa noite. Decidi acompanhá-la no navio de correspondência. — Ele fez um esforço para não parecer muito brusco. — É obrigação minha explicar tudo a Tess Struan. — Tendo falado, Jamie sentiu-se melhor, e acrescentou: — É meu dever e acho que Mal... acho que ele gostaria que eu fizesse isso e a poupasse um pouco.

— Sei disso. — Angelique exibiu um doce sorriso. — Tenho certeza de que ele gostaria mesmo. Feche a porta, Jamie, e sente-se por um momento.

Depois que ele obedeceu, Angelique baixou a voz, e relatou o plano de Hoag.

— Pode levar o cúter até Kanagawa amanhã, com o resto de nós, ao final da tarde?

Ele a fitava atordoado. Fora apanhado de surpresa.

— Você está louca. Esse plano é absurdo.

— Não é, não. O Dr. Hoag acha...

— Ele também enlouqueceu... nunca escapariam impunes.

— Por quê? — indagou ela, calmamente.

— Por cinquenta razões... tantas razões que nem vou mencionar nenhuma. Toda a idéia é ridícula, insana, Willie vai prender todo mundo.

— O Sr. Skye diz que não há nenhuma lei contra o que faríamos. O sepultamento seria legal, ele garante.

— O Sr. Sabe-Tudo diz isso, hem? E o que mais Heavenly vai fazer... levantar a gola e officiar o serviço religioso?

— O Sr. Skye acha que podemos persuadir o reverendo Tweet a fazer isso — disse Angelique, como se ele fosse uma criança num acesso de raiva.

Jamie ergueu as mãos.

— Vocês dois estão loucos, e Hoag é um diabo, perdeu o juízo ao sugerir isso. Partiremos no navio de correspondência, você, eu e ele.

Ele encaminhou-se para a porta.

— Jamie, você pode manobrar o cúter sozinho ou precisaremos de uma tripulação?

Ele virou-se, espantado. Angelique sorriu, determinada, mas insinuante.

— Precisaríamos de uma tripulação?

— Dois homens no mínimo. O contramestre e o engenheiro, pelo menos.

— Obrigada. Se você não quiser ajudar, posso pedir ao contramestre?

— Parece que não consegui fazê-la entender. A idéia é temerária, absolutamente temerária.

Angelique acenou com a cabeça, tristemente.

— É bem provável que você esteja certo, e não consigamos nada, mas vou tentar e tentar de novo. Parece que também não consigo fazer com que você entenda, meu querido Jamie. Prometi amar, respeitar e obedecer a meu marido e seu amigo, pois ele era seu amigo, e sinto que não me separei dele, ainda não nem você. Tess Struan não vai cumprir o desejo dele, não é mesmo?

Durante todo o tempo, Jamie estivera fitando-a, sem vê-la, e ao mesmo tempo vendo cada detalhe, recordando todos os anos de Tess Struan, e o que ela e Culum haviam significado para ele, o que

Malcolm significara, o que Dirk Struam significara, o que a Casa Nobre significara. E tudo acabara, tudo definhara, tudo se desperdiçara, nossa Casa Nobre não é mais nobre, não é mais a primeira na Ásia. Isto é, nem tudo desperdiçado, nem tudo acabado, mas a glória passou, meu amigo morreu, e isso é um fato. Eu era seu amigo, mas ele era meu? Deus Lá em Cima, o que não fazemos em nome da amizade!

— Tess não o sepultaria como ele queria. Suponho que é o mínimo que um amigo pode fazer. Providenciarei o cúter.

Jamie saiu. No silêncio cada vez mais denso da sala, Angelique suspirou, pegou o jornal e recomeçou a ler.

Naquela noite, quando o Dr. Hoag chegou à legação em Kanagawa, parte do templo budista, foi recebido por Towery, sargento no

comando, elegante em seu uniforme da guarda, túnica escarlate, calça branca, botinas pretas.

— Não o esperava até de manhã, doutor.

— Precisava verificar se estava tudo pronto. Queremos partir cedo.

Escoltando-o até a parte do templo usada como necrotério, Towery riu.

— Se o deixou pronto, doutor, ele continua pronto, porque não saiu para dar uma voltinha.

Ele abriu a porta. A sala era grande, o chão sujo, com um acesso ao jardim por portas de veneziana. Towery farejou o ar.

— Eles ainda não fedem. Nunca gostei de cadáveres. Quer uma ajuda?

— Não, obrigado.

Os dois caixões estavam sobre cavaletes, as tampas ao lado, havia outros, encostados na parede. Os corpos se encontravam estendidos em mesas de mármore, cobertos por lençóis. Havia enormes barricas no outro lado, contendo gelo. A água vazava das barricas para o chão de terra batida.

— O que me diz do nativo? Por quanto tempo vamos mantê-lo aqui?

— Até amanhã.

Hoag sentiu uma súbita vertigem, lembrando que, pelo costume, o corpo seria reivindicado para cremação, segundo o ritual xintoísta, mas agora não haveria corpo...

— Qual é o problema, doutor?

— Nada, apenas um... obrigado, Sargento.

Seu coração recomeçou a bater ao recordar que o homem era coreano, um dos pescadores de um barco naufragado, levando uma existência patética, sem meios de voltar para sua terra, indesejado e desprezado pelos locais. Babcott concordara cremar o corpo no crematório budista.

— Na verdade, sargento, poderia me dar uma ajuda.

O cadáver de Malcolm fora limpo e vestido, depois da necropsia, pelos assistentes japoneses. Com a ajuda do sargento, que pegou os pés, eles o puseram no caixão.

— Ele parece muito bonito para um cadáver — comentou o sargento, pois o rosto de Malcolm era sereno na morte. — Vamos fazer a mesma coisa com o outro, doutor. Não vai querer ficar com uma hérnia, não é? É verdade que este sujeito não deve pesar muito.

— É melhor envolvê-lo com o lençol.

O coreano era só pele e ossos. A disenteria o matara. Juntos, levaram-no para o caixão.

— Obrigado. Vou terminar de arrumar tudo aqui, e depois irei me deitar.

— Certo, doutor. Cuidarei para que seu quarto esteja arrumado.

Assim que ficou sozinho, Hoag trancou a porta. Com a concordância de Angelique, haviam decidido que não haveria a tradicional exposição, com o caixão aberto, para que as pessoas prestassem a última homenagem ao falecido. Com todo cuidado, ele ajustou a tampa no lugar. Não demorou muito para pregá-la.

Agora, o outro. Haveria uma grande diferença no peso. O que usar para compensar? Terra. Havia uma pá que pertencia aos coveiros num lado... nem todos os corpos eram cremados. Lá fora, a terra era mole, a noite fria, com um vento ameno, que fazia a vegetação sussurrar. Ele cavou depressa, entrando com a pá cheia, espalhando a terra por cima e em torno do cadáver, compactando-a. Uns poucos galhos preencheram os espaços vazios. Satisfeito, ele baixou a tampa, martelou os pregos. Encostou-se no caixão, ofegante, suado e sujo, ainda mais preocupado do que no momento em que começara. Heavenly tem razão, pensou ele, enquanto lavava as mãos num balde, nunca escaparemos impunes a uma coisa assim.

— Perdeu o juízo por completo, doutor — dissera Skye, com sua tosse seca. — Ela também, e até eu, porque vou entrar nessa. Wee Willie vai subir pelas paredes, mas não importa, cuidaremos de tudo amanhã de noite.

Haviam conversado no clube, poucas horas antes, o ambiente enfumaçado e barulhento, como sempre.

— Toma outro uísque, doutor?

— Não, obrigado. Prefiro um café e depois acho melhor ir embora.

— A história dela me lembrou da minha Nellie, doutor. Casei quando era um aprendiz, tinha dezesseis anos, ela quinze, pelo menos fingíamos que éramos casados, vivíamos numa mansarda perto da Fleet Street, não muito longe do Old Cheshire Cheese Pub, o lugar de Sam Johnson. Ela morreu no parto, a criança teria sido um menino, morreu também.

Ele oferecera um charuto, acendera outro para si mesmo, antes de continuar:

— Cova rasa, umas moedas para o coveiro noturno, traga logo seus mortos, e foi o fim dos dois. O cólera foi terrível naquele ano, a disenteria também, os cemitérios transbordavam. — Heavenly cuspira na escarradeira. — Há anos que não pensava na pequena Nellie. Já foi casado, doutor?

— Uma vez. Ela morreu em Londres também.

— Outra coincidência, hem? Nunca mais tive vontade de casar depois de Nellie... jurei que nunca mais seria tão pobre assim de

novo, não importava o que tivesse de fazer... sempre andando, viajando demais. Tive uma porção de mulheres mas nunca peguei a sífilis. Pegou, doutor?

— Não. — Hoag cruzara os dedos. — Ainda não.

— Ei, também é supersticioso, como eu?

— Sou, sim. Tem certeza de nossa posição legal neste caso?

— Tanta certeza quanto se pode ter, tanto quanto merda... mas se Wee Willje quiser, pode inventar uma dúzia de acusações, não se preocupe. Mas o que quer que aconteça, Tess Struan vai ter um ataque, cortará seu estipêndio, e vai se descobrir no meio do rio sem um remo.

— Nada disso. Voltarei à Índia...

É estranho como o mal leva ao bem, ou o bem ao mal. Tudo isso realmente me decidiu. Voltarei desta vez, para Cooch Behar, em Bengala, onde servia, e de onde ela saiu. Procurarei sua família, e... veremos o que acontece depois. Tenho dinheiro suficiente para isso, e me restam uns poucos anos, nosso filho e nossa filha estão crescidos agora, parte da vida de Londres, educados da melhor forma que eu podia, minha irmã e seu marido são os verdadeiros pais... ambos o que de melhor existe na Inglaterra.

Sou um bom médico, e Deus sabe como precisam de médicos na Índia, até os ruins. Assim, quem sabe, talvez eu possa encontrar um pouco de felicidade... Nem sequer espero isso, apenas um pouco de paz, do horror de tê-la matado.

Exausto agora, ele examinou os dois caixões. Um último olhar para confirmar que tudo estava como deveria. Pegando o lampião a óleo, Hoag saiu e trancou a porta.

Uma lua fúnebre projetava uma sombra pelas janelas abertas. Em silêncio, outra sombra se moveu. O sargento Towery deu uma espiada no necrotério. Estava perplexo. Por que Doc Hoag chegaria no meio da noite, e depois por que escavaria no jardim, como um ladrão de sepulturas, para encher de terra o caixão do nativo?

A curiosidade matou o gato, meu caro, mas não no meu caso, não quando estou no comando. Amanhã você vai verificar tudo direitinho, antes de o bom doutor acordar, e antes do senhor-deus-todo-poderoso Pallidar chegar para a inspeção. Ele pode encontrar a resposta.

48

KANAGAWA

Sexta-feira, 12 de dezembro:

Pallidar disse, a voz fria:

— E então, doutor?

Hoag acabara de ser chamado. Sentava na beira da cadeira, contrafeito e pálido. Empertigado, de uniforme, Pallidar era imponente, embora estivesse com um forte resfriado. Na mesa estava seu chapéu emplumado, a espada ao lado. A primeira claridade da manhã refletia-se nos alamares. Por trás dele se postava o sargento Towery. Os sinos do templo ressoaram, ominosos. Hoag deu de ombros.

— Lastro.

— Pelo amor de Deus, doutor, isto não é uma corte marcial, e pessoalmente não me importo se enche os caixões com bosta de vaca. Por favor, diga-me por que fez o que fez na noite passada.

— Eu... achei que era uma boa idéia.

— Quero saber, agora...

Um acesso de tosse interrompeu-o. Exasperado, Pallidar assoou o nariz, tossiu, limpou a garganta, tossiu de novo. Hoag disse, animado:

— Eu... nós temos uma mistura nova e especial para a tosse na clínica. Vai livrá-lo desse resfriado num instante. Tem quinino e ópio também. — Ele começou a se levantar. — Vou buscar...

— Sente-se! O caixão, pelo amor de Deus, não meu resfriado! O sargento viu e me contou, como era seu dever. E agora me diga: por quê?

Hoag se contorceu todo, mas sabia que se encontrava acuado. Amaldiçoando o sargento no íntimo, ele murmurou:

— Posso... posso lhe falar a sós, Settry, por favor?

Pailidar lançou-lhe um olhar furioso.

— Está certo. Sargento!

Towery bateu continência e se retirou.

— E então?

— É que... entende...

Hoag decidira lhe dizer que não se metesse no que não era da sua conta, que não estava mais sujeito à disciplina militar, graças a Deus, vocês, oficiais, já me intimidaram antes, e agora não vão fazê-lo outra vez... mas descobriu-se de repente a contar toda a história, em detalhes, e concluiu:

— Como pode compreender, Settry, havia o problema do peso, a diferença no peso, e a terra era perfeita... Escute, George Babcott deve chegar a qualquer momento, ele não deve saber, ninguém deve saber... você não sabe de nada apenas enviamos o caixão errado... o caixão certo... a bordo do clíper, e esta noite quando o cúter chegar, se Deus quiser, nós o sepultamos como ele queria, como Angel quer.

Hoag abanou-se, sentindo-se melhor, ao mesmo tempo com uma vertigem de culpa.

— Você não sabe de nada. Agora, vou pegar aquele xarope para a tosse.

— Vai continuar sentado aí! — disse Pailidar, ríspido. — Você não passa de um idiota. Primeiro: já olhou pela janela?

— Como? — Hoag obedeceu. As janelas davam para o mar, que estava cinzento, encapelado, nuvens escuras cobrindo o sol, dominando o céu. — Oh!

— Isso mesmo, oh! Haverá uma tremenda tempestade antes do anoitecer; assim não teremos nenhum sepultamento no cúter, mesmo que isso fosse possível. Como sabe, Sir William ordenou o sepultamento em Hong Kong e é lá que terá de ser.

— Mas, Settry, não...

— Nem por você, nem por Angelique, nem por qualquer pessoa... — Pailidar parou de falar, dominado por um novo acesso de tosse, depois acrescentou, a voz rouca: — Sir William está no comando, tomou uma decisão, e ponto final. Entendido?

— Entendido, mas...

— Não tem nenhum mas! Por favor, vá buscar o xarope para a tosse e fique longe do necrotério. Sargento!

Towery estendeu a cabeça pela porta.

— Pois não, senhor?

— Ponha uma sentinela no necrotério. Ninguém entra sem a minha aprovação. Não quero que os caixões sejam tocados.

Hoag saiu, praguejando contra si mesmo por ter revelado a decisão de Sir William, contra Pallidar, contra o sargento intrometido, mas acima de tudo contra si mesmo. Merda, pensou ele. Meti os pés pelas mãos. Na clínica, encontrou o xarope, sentiu-se tentado a acrescentar um pouco de óleo de rícino, mas não o fez.

— Tome aqui, Settry. Isto vai resolver seu problema.

Pallidar tomou um pouco, engasgou.

— Mas que porcaria horrível! Tem certeza que não deu uma mijada nisto só por maldade?

— Bem que me senti tentado. — Hoag sorriu. — Desculpe por ter bancado o idiota rematado. Mas você ainda pode fechar os olhos e sabe disso. Foi o que Nelson fez.

— Acontece que Nelson era da marinha e nós, os outros, temos de cumprir os regulamentos.

— Por favor, Settry...

Pensativo, Pallidar tomou outro gole do xarope.

— Devem se submeter à ordem de Sir William, é o melhor, a longo prazo. Seriam apanhados, inevitavelmente. E as coisas estão engrossando.

— É mesmo? — A atenção de Hoag focalizou as linhas de preocupação no rosto bonito. — Qual é o problema?

— Comigo, nenhum, exceto este maldito resfriado e a tosse. Mas tem muita coisa acontecendo na colônia.

— O que houve agora?

— Nos últimos dias, muita movimentação do inimigo ao nosso redor, patrulhas de samurais, a maioria disfarçada... só por precaução, estamos patrulhando até a Tokaidô e os limites da colônia, e por onde os avistamos. Vindo para cá, encontrei em alguns pontos grandes concentrações de samurais. Não interferiram conosco, a não ser pelo palavrório habitual. Contei quase quatrocentos miseráveis armados.

— O tairo Anjo tenta nos assustar?

— É bem provável. — Pallidar tossiu, tomou outro gole do xarope. — Isto é horrível, já me sinto pior. Vou recomendar a retirada de todo o pessoal daqui por algum tempo.

Hoag assoviou.

— Não gostaríamos de fechar a clínica.

— E eu não gostaria de vê-los mortos sem um caixão. Esses desgraçados adoram ataques de surpresa. Como o que aconteceu com o pobre Malcolm. Alguém terá de pagar por ele.

Hoag balançou a cabeça.

— Concordo.

Ele olhou na direção de Iocoama, os campos planos e desinteressantes no inverno — detesto o frio, sempre detestei, e sempre vou detestar. Seus olhos o levaram até o *Prancing Cloud*, o navio de correspondência a vapor, os navios mercantes, navios de guerra, tânderes, todos movimentados, preparando-se para a tempestade iminente, ou preparando-se para zarpar. Os navios de

guerra tinham filetes de fumaça saindo pela chaminé — ordens do comando da esquadra, bem divulgadas, para que o *Bakufu* e seus espiões soubessem que todos os navios podiam zarpar em condições de combate no prazo de uma hora.

Era uma estupidez, toda aquela perspectiva de matança, mas também o que podemos fazer? Os responsáveis devem pagar. Depois ele avistou a fumaça do cúter a vapor da *Struan*, avançando pelas ondas, os borrifos levantados pela proa molhando o vidro da ponte de comando e a cabine principal. Sua ansiedade atingiu o ponto máximo.

— Settry, não acha...

Ele suspendeu a súplica fervorosa, compreendendo de repente que mesmo que fosse impossível o sepultamento naquela noite, com um pouco de sorte ainda poderia cumprir a primeira parte do plano, e despachar o caixão errado para o *Prancing Cloud*.

Sou o único que sabe que caixão é de quem, com exceção talvez do sargento e tenho a impressão de que ele não vai perceber a diferença. Ninguém pode, à menos que um caixão seja aberto.

— Não acha que a vida em Iocoama é mais esquisita do que em outros lugares, já que vivemos num barril de pólvora?

— É a mesma coisa por toda parte, exatamente a mesma coisa — disse Pallidar, pensativo, observando-o.

IOCOAMA

Jamie, Angelique e Skye se agrupavam diante da janela grande no escritório do *tai-pan*. A chuva batia no vidro. Era quase meio-dia.

— Esta noite será perigoso demais.

— Quer dizer que teremos uma tempestade, Jamie?

— Isso mesmo, Angelique. O suficiente para nos deter.

— O *Cloud* ainda partirá esta noite, conforme o planejado?

— Claro. Nenhuma tempestade pode detê-lo aqui. O cúter já seguiu para Kanagawa, a fim de buscar o outro caixão. Ainda quer que seja embarcado no *Cloud*, e não no navio de correspondência?

— A ordem é de Sir William, não minha — disse ela, a voz firme. — Ele quer despachar meu marido contra os desejos dele e os meus, diz que deve ir o mais depressa possível, e assim tem de ser pelo clíper. E um caixão partirá como ele quer. Jamie, nosso ardil... acho que nosso ardil é justo. Quanto à tempestade, será pequena. Se não pudermos sepultar meu marido esta noite, tentaremos amanhã. Ou no dia seguinte.

— O navio de correspondência partirá amanhã, por volta de meio-dia.

— Não pode retardar um pouco?

— Acho que sim. Pelo menos tentarei. — Jamie pensou por um momento — Falarei com o capitão. O que mais?

Angelique sorriu, triste. _

— Primeiro, temos de verificar se o Dr. Hoag foi bem-sucedido. Se não talvez eu deva seguir no clíper, no final das contas.

— É mais do que provável que Hoag volte com o cúter, então poderemos decidir. — Jamie fez uma pausa e acrescentou, sem acreditar: — De alguma forma, tudo acabará dando certo. Não se preocupe.

— O que acha de pedir a Edward Gornt para se juntar a nós? — indagou Angelique.

— Não — respondeu Jamie. — Nós três somos suficientes, junto com Hoag. Arrumei lugares no navio de correspondência para Hoag, você e eu.

Skye interveio:

— Angelique, é muito mais sensato para você permanecer aqui. Todos aqui sabem que Wee Willie tomou a decisão contra os seus desejos e isso alivia um pouco a pressão sobre você.

— Se não pudermos sepultar Malcolm, então eu irei. Não posso deixar de estar presente em seu funeral. — Ela suspirou. — Precisamos ter um capitão em nossa empreitada. Jamie, deve ser você.

— Concordo — declarou Skye. — Enquanto isso, esperamos por Hoag.

Jamie fez menção de falar, mudou de idéia, acenou com a cabeça, e foi para sua sala. Havia uma pilha grande de correspondência à espera de ação. Começou a despachá-la, trabalhando com diligência, mas sua concentração era perturbada pela gaveta. Fora ali que guardara a carta de Maureen. Por fim, largou a pena, pegou a carta e releu-a. Não havia necessidade, pois já a lera vinte vezes antes.

A parte fundamental era a seguinte: Como não houve resposta aos meus fervorosos pedidos e orações para que você voltasse, e retomasse uma vida normal em casa, decidi depositar minha confiança no Criador, e me arriscar em uma viagem a Hong Kong, ou até o Japão, onde quer que você esteja. Meu amado pai nos adiantou o dinheiro, que tomou emprestado contra uma hipoteca de nossa casa em Glasgow — por favor, deixe uma mensagem para mim com a Cook's, em Hong Kong, pois parto amanhã, na segunda classe, no Eastern Mail, da Cunard...

A data era de dois meses e meio atrás.

Jamie soltou um grunhido. Ela estará em Hong Kong a qualquer dia agora. Minha carta chegou tarde demais. O que vou fazer agora? Sorrir? Esconder-me? Fugir para Macau, como o velho Aristotle Quance? De jeito nenhum. É a minha vida, e não posso de jeito nenhum sustentar uma esposa, não quero uma esposa... mas não posso escrever a mesma carta de novo, e enviá-la para Hong Kong. Terei...

Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos.

— O que é? — berrou ele.

Hesitante, Vargas esticou a cabeça pela porta.

— Posso lhe falar por um momento, senhor?

— Claro. O que é?

Vargas informou, com uma repulsa evidente:

Há um homem aqui que deseja vê-lo, um certo Sr. Corniman... ou algo parecido.

O nome nada significava para Jamie. Vargas entreabriu a porta. O homem era baixo, parecia um furão, vestia-se de maneira estranha, parte em roupas europeias, parte japonesas. Camisa, calça e um casaco grosso, rosto raspado, cabelos limpos amarrados num rabo-de-cavalo, uma faca no cinto, botinas bastante gastas. Jamie não o reconheceu, mas aqui os estranhos não eram muitas vezes o que pareciam. Num súbito impulso, ele disse:

— Entre e sente, por favor. — Depois, ele recordou o navio de correspondência. — Vargas, peça ao capitão Bidy para me procurar, está bem? Ele deve estar no clube. Sente-se, Sr. Corniman... é esse o seu nome?

— Está grogue, companheiro?

— Quem é você e o que quer?

— Johnny Cornishman, lembra? Estive aqui com você e o *tai-pan*, eu e meu companheiro, Charlie Yank. Somos garimpeiros, lembra?

— Garimpeiros? Ah, sim, lembro dos dois agora.

O homem estava limpo e arrumado, quando antes era um vagabundo cabeludo, sujo e fedorento. Os olhinhos malignos e furtivos não haviam mudado.

— Fizemos um acordo, mas vocês preferiram acertar tudo com a Brock, nos traindo.

— É verdade, foi o que fizemos. Mas somos homens de negócios. Norbert ofereceu mais dinheiro, não é? Mas esqueça, ele está morto. Primeiro, tem um trago? Conversamos em seguida.

Jamie não deixou transparecer seu interesse. Um homem como aquele não o procuraria sem ter alguma coisa para negociar. Ele abriu o armário, serviu meio copo de rum.

— Descobriram alguma coisa?

O homenzinho tomou a metade do rum, engasgou, exibiu as gengivas, desdentadas, a não ser por dois dentes marrons e tortos.

— Rum é melhor do que saquê, mas não importa, porque as tais gueixas compensaram a falta de um trago de verdade. — Ele arrotou, sorriu. — Desde que você vomite. Jesus, como elas são esquisitas com água e limpeza, mais do que na nossa Yoshiwara. Mas depois que você está limpo, elas sacodem o rabo até a chegada ao reino dos céus!

Ele caiu na gargalhada de sua própria piada e depois acrescentou, a voz mais dura:

— Temos o carvão de melhor qualidade para vapor, companheiro, o suficiente para abastecer toda a porra da sua frota. Pela metade do preço de Hong Kong, na tonelada.

— Onde? Entregue onde? — indagou Jamie, animando-se. — O carvão para as máquinas a vapor era extremamente valioso, mas escasso, ainda mais para frota. Um fornecedor local seria uma dádiva divina, além de uma constante fonte de receita. Mesmo ao dobro do preço de Hong Kong ele poderia vender tudo que obtivesse, e ainda mais pela metade. — Entregue onde?

— Aqui mesmo, em Yokopoko. Mas seis pence por tonelada você deposita no banco em nome de Johnny Cornishman. — Ele tomou o resto do rum. — Tem de pagar em mex de ouro ou prata, e fará o pagamento a este sujeito.

O garimpeiro entregou um pedaço de papel. A escrita péssima dizia: *Aldeia Iocoama, Shoya Ryoshi, mercador da Gyokoyama.*

— Esse sujeito sabe o que fazer, já conhece tudo. Sabe quem é ele?

— Sei, sim. É o chefe da aldeia.

— Ainda bem. Meu chefe disse que você devia conhecê-lo.

— Quem é o seu chefe?

Cornishman sorriu.

— Lorde Mandachuva em pessoa. Você não precisa de nomes. E não vamos perder tempo. O negócio está fechado, sim ou não?

Depois de um momento, Jamie perguntou:

— Onde fica a mina?

— Fui eu quem descobriu, companheiro, não você. — O homenzinho riu, impertinente. — Fica perto, mas em terras inimigas. Escute, o primeiro veio que encontrei era numa montanha de carvão aqui perto, com mil desses amarelos para escavar, o suficiente para vinte frotas, durante vinte anos.

— E por que me procurou? Por que me pede para fazer o negócio com você?

— Porque Norbert morreu e porque você é quem manda aqui, agora que o *tai-pan* morreu. As coisas aqui por Yokopoko andam meio perigosas, hem? — Cornishman estendeu o copo. — Eu gostaria de tomar mais um trago, se não se incomoda, *mister* todo-poderoso da Struan.

Jamie tornou a servi-lo e voltou à cadeira. Cornishman notou que a dose era pela metade e resmungou:

— Só isto?

— Pagaremos um quinto do preço de Hong Kong, menos as taxas, o carvão entregue aqui, a primeira entrega dentro de trinta dias. Nenhum acordo por fora.

Os olhos do homenzinho esquadriharam a sala, como os de um rato.

— Qualquer taxa você é quem paga, companheiro. E meu acordo por fora continua. Vamos fazer uma coisa: depois de amanhã, você me manda uma barcaça para as proximidades de Iedo, o lugar que eu indicar. Depois de amanhã. Vamos encher a porra da barcaça, você paga apenas um quinto, traz aqui para Yoko, paga o resto a esse sujeito, o que está aí no papel. Seis *pence* por tonelada no banco em meu nome, Johnny Cornishman. Não podia ser mais justo, hem? Recebe o carvão antes de pagar, e pela metade do preço em Hong Kong.

— Um quinto do preço total de Hong Kong.

O rosto do homenzinho se contorceu em raiva.

— Pela metade do preço de Hong Kong você já estará tendo um tremendo lucro, pelo amor de Deus! E o carvão aqui não é como a porra do carvão de lá. Poupa o custo do transporte, o seguro e só Deus sabe o que mais... não somos uns merdas, isso é um negócio respeitável!

Jamie riu.

— Já sei o que vamos fazer: na primeira barcaça, pago um terço do preço de Hong Kong. Se a qualidade for mesmo o que você diz, e garantir a entrega de uma barcaça por semana, ou qualquer coisa parecida que conseguir, aumentarei ao longo do ano para a metade do preço de Hong Kong, menos quinze por cento. Três *pence* por tonelada para você por fora. E o que me diz de seu sócio... como é mesmo o nome dele? Charles Yank?

— Seis *pence* ou nada. — Outra vez os olhos correram pela sala e voltaram a se fixar em Jamie, faiscando. — Ele está morto, como seu *tai-pan*, mas não morreu como aquele sujeito de sorte.

— É melhor tomar cuidado com o que diz sobre o nosso *tai-pan*.

— Não enche, companheiro. Não houve desrespeito. Todos nós gostaríamos de ir ao encontro do sujeito lá em cima com uma xoxota na ponta do nosso pau — Ele terminou de tomar o rum e levantou-se. — Daqui a dois dias, ao meio-dia Pegue o carvão aqui.

Ele estendeu um pequeno mapa. O X era na costa, alguns quilômetros ao norte de Kanagawa, ao sul de Iedo.

— Leve seus tânderes e a gente entra com a mão-de-obra.

— Não pode ser daqui a dois dias, pois cai num domingo. Vamos passar para a segunda-feira.

— Está certo. O dia do Senhor é o dia do Senhor. Três dias.

Jamie estudou o mapa. Uma barcaça de carvão desprotegida, com tânderes e tripulantes, podia ser um alvo tentador.

— Como a barcaça poderia ser naval e o carvão para a marinha, imagino que eles vão mandar uma fragata para montar guarda ao largo.

— Podem mandar toda a porra da esquadra, pelo que me importo.
— Cornishman tentou parecer distinto. — Fiz uma grande descoberta, e estamos num negócio honesto.

— Fico contente em saber disso.

— Seis *pence* por tonelada ou nada feito!

— Quatro.

Cornishman cuspiu.

— Seis *pence*, por Deus! Conheço o valor do carvão, sei o quanto vale para a porra da esquadra, e o lucro que você pode conseguir.

Talvez eu faça um acordo direto.

— Pode tentar — disse Jamie, arriscando. — Vamos fazer o seguinte: *quatro* pence nas primeiras dez barcaças, seis no resto.

O homenzinho ficou ainda mais furioso.

— Agora sei por que vocês são a porra da Casa Nobre! — Ele estendeu a mão calosa. — Sua palavra como um cavalheiro da Struan.

Trocaram um aperto de mão e depois Cornishman perguntou:

— Por acaso você tem algum mercúrio?

Isso despertou no mesmo instante o interesse de Jamie. O mercúrio era usado na extração de ouro.

— Tenho, sim. Quanto vai precisar?

— Não muito, para começar. Pode pôr na conta?

— Claro. Vai ficar no Yokohama Arms?

— Nada disso... não quero saber da cidade dos bêbados — respondeu Cornishman, desdenhoso. — Vou voltar com classe e você vai manter tudo em segredo, ninguém deve saber do nosso negócio... não quero nenhum filho da puta me atacando pelas costas para me roubar.

Ele começou a se retirar.

— Espere um pouco! Para onde vai? Como posso entrar em contato com você?

— Voltarei para pegar o que é meu, companheiro. — O garimpeiro tornou a mostrar as gengivas, em seu sorriso insidioso. — Meus samurais e meu palanquim estão esperando lá fora, junto ao portão norte. Vim para cá sozinho, na maior discrição. Mas na próxima vez que voltar, será como um cavalheiro, e não quero mais saber da porra da cidade dos bêbados. Não terá mais nenhum contato comigo, acertará tudo com esse sujeito do papel. Sou agora um mercador respeitável, caso tenha esquecido. Não deixe de mandar o mercúrio na barcaça.

Ele saiu. Por um longo tempo, Jamie ficou olhando para as paredes, analisando a conversa. Um suprimento confiável de carvão seria maravilhoso, mas acabaria quando a esquadra bombardeasse Iedo. E por que o mercúrio? Será que o patife acertou na sorte grande? E quem é o verdadeiro chefe? Por falar nisso, quem é o meu chefe?

A chuva tamborilava na janela. Ele se levantou, correu os olhos pela baía, numa avaliação crítica. O mar exibia um cinza mais sujo do que antes, as nuvens estavam mais baixas. Não restava a menor dúvida de que a tempestade seria ruim para o cúter, mas não para um navio. Ah, lá está ele!

O cúter da companhia se encontrava a cerca de duzentos metros do cais, avançando contra as ondas, alguma água passando por cima das amuradas, mas não muito, os borrifos levantados pela proa substanciais, a bandeira da Struan a meio mastro... como estivera a bandeira por cima do prédio desde a morte do *tai-pan*. Ele deixara o binóculo no peitoril da janela. Pegou-o, focalizou o cúter, avistou Hoag e Pallidar na cabine, o caixão coberto por uma bandeira, preso a um dos bancos, como ordenara. Experimentou uma pontada de angústia ao ver o leão e o dragão entrelaçados em torno do caixão de Malcolm... uma cena que nunca imaginara que contemplaria. E depois se lembrou de que não era o caixão de seu amigo, mas sim de algum nativo desconhecido ou, pelo menos, era o que esperava.

— Vargas!

— Pois não, senhor?

— Leve esta correspondência, copie e lacre... despacharei o resto esta tarde.

— O capitão Bidy não estava no clube, senhor, mas era esperado. Deixei um recado.

— Obrigado.

Sem pressa, Jamie pôs o casaco e o chapéu e saiu para a rua, inclinando-se contra o tangido pela chuva. Era praticamente a única pessoa na High Street. Não avistou Cornishman na área do portão norte. Uns poucos guardas samurais se agrupavam ao abrigo do prédio da alfândega. Alguns mercadores seguiam apressados para o clube e um almoço tardio. Uns poucos acenaram. Um deles parou, urinou na sarjeta. Ao sul, a cidade dos bêbados parecia ainda mais miserável sob o céu nublado. Este não é um lugar para uma mulher, pensou ele.

— Ei, Jamie! — gritou Hoag, do cúter.

— Olá, doutor, olá, Settry.

Eles subiram para as tábuas alcatroadas, as estacas cravadas no leito do mar rangendo ao impacto das ondas. Um olhar para Hoag foi o suficiente para saber que a troca fora consumada, por mais que o atarracado médico simulasse indiferença. Portanto, estamos agora comprometidos. Pallidar teve um acesso de tosse.

— Settry, é melhor você dar um jeito nisso, antes que se transforme em coisa pior.

— Já tentei. Esse suposto médico me deu uma poção que deve me matar. — Pallidar teve outro acesso de tosse. — Doutor, se eu piorar, você vai se danar.

Hoag soltou uma risada.

— Uma dose dupla de grogue quente hoje, e amanhã você estará tão bom quanto a chuva. Tudo bem por aqui, Jamie?

— Tudo.

— Estou lhe entregando a responsabilidade sobre o caixão, Jamie — disse Pallidar. — Vai seguir logo para bordo do *Cloud*?

— Dentro de meia hora. Angélique queria... se despedir. O reverendo Tweet acrescentará algumas palavras.

— Quer dizer que ela não vai mesmo viajar no clíper?

— Não sei, Settry, não com certeza. Pela última informação, ela partiria no navio de correspondência, mas sabe como são as mulheres.

— Não a culpo. Voltar para aquele clíper também me deixaria arrepiado. — Pallidar assoou o nariz, aconchegou-se ainda mais no sobretudo. — Se quiser, posso pedir a Sir William para enviar o caixão pelo navio de correspondência, e assim chegariam juntos.

— Não! — exclamou Hoag, com veemência demais, na opinião de Jamie, mas logo recuperou o controle. — Não, meu caro Settry, eu não recomendaria isso, por razões médicas. É melhor manter os arranjos atuais, o caixão no *Prancing Cloud*. Angélique está bem agora, mas um choque súbito poderia empurrá-la de volta a um

pesadelo. É melhor ela seguir no navio de correspondência e o caixão no clíper.

— Como quiser. Jamie, vou recomendar a William para fecharmos Kanagawa imediatamente. Foi por isso que voltei.

— Mas por quê?

Pallidar falou sobre as patrulhas e os numerosos samurais ao redor.

— Não há motivo para preocupação. Podemos liquidar todos eles. Se permitissem que o cúter me levasse de volta, pouparia um bom tempo.

— Por que não vai também na ida até o *Prancing Cloud*? Depois, o cúter levaria direto. Vai passar a noite em Kanagawa?

— Não. Já vi o suficiente e quero apenas buscar meus homens — informou Pallidar, para alívio dos dois. — Os escriturários e demais guardas podem sair de fânos próximos dias. Até mais tarde.

Ele se afastou, tossindo. Mal deixara a distância de ouvir quando Hoag anunciou:

— Tudo transcorreu sem problemas, Jamie.

— Não agora, pelo amor de Deus!

Apesar do frio e umidade, Jamie suava bastante. Seguiu na frente pela High Street, parou ao abrigo de um bangalô, a salvo de outros ouvidos.

— O que aconteceu?

— Saiu tudo perfeito. Esta manhã, assim que o cúter chegou, nós fomos para o necrotério e...

— Nós quem?

— Settry, o sargento Towery, o contramestre, e dois tripulantes. Estendemos e prendemos a bandeira no caixão e eles o levaram para o cúter. O outro nos espera esta noite ou mais tarde... supostamente à espera para a cremação. — Hoag olhou para o mar, contra a chuva. — Não há a menor possibilidade esta noite, não é mesmo?

— Não. Mas acho que a tempestade já terá passado pela manhã.

— Ainda bem. — Hoag esfregou as mãos, contra o frio. — Tudo correu como um sonho. Só houve um problema, o nativo era pequeno, pele e ossos, por isso enchi o caixão de terra, para compensar a diferença no peso.

— Oh, Deus, eu tinha esquecido isso! Agiu muito bem.

— Fiz isso na noite passada, sem problemas... ninguém disse nada quando levaram o caixão para o cúter.

— Essa história toda é muito arriscada — murmurou Jamie, apreensivo. — Como vamos tirar o outro caixão da legação, com os funcionários e os guardas ainda ali?

— Já cuidei disso. — Hoag soltou uma risada. — Mandei nossos assistentes japoneses levarem o caixão para o barracão ao lado do nosso cais em Kanagawa. Não fica muito longe do crematório. Eles podem fazer isso sem despertar suspeitas. George me disse que põe os caixões e cadáveres ali, quando tem um excesso. É rotina.

— Ótimo! Fica muito longe do cais?

— Uns cinqüenta metros. Três homens podem carregar o caixão sem maiores dificuldades, e contamos com a ajuda do contramestre, não é?

— É, sim. Trabalhou muito bem. — Jamie olhou para a chuva, os olhos contraídos. — É uma pena que não possamos ir esta noite, e acabar logo com isso.

— Não tem importância. Amanhã tudo será resolvido.

Hoag sentia-se muito confiante e satisfeito com o elogio de Jamie. Não havia necessidade de contar que fora visto, nem relatar a conversa com Pallidar. Esta manhã, ao comerem o desjejum juntos, ele dissera:

— Settry, sobre ontem à noite...

Pallidar não o deixara continuar:

— Esqueça, doutor, esqueça. É o melhor que pode fazer.

É mesmo melhor, refletiu ele, radiante, esquecer que jamais aconteceu.

— Vamos buscar Angelique? Como ela está?

Uma hora depois, todos se encontravam reunidos ao lado do cúter. A chuva mais forte, o vento aumentara. Os borrifos caíam sobre parte do cais. O cúter havia atracado, subia e descia com as ondas, os cabos rangendo. Angelique vestia-se de preto, uma capa preta sobre o vestido tingido de preto, chapéu preto, com um véu preto, e guarda-chuva. O guarda-chuva era azul celeste, um contraste surpreendente.

Era cercada por Jamie, Skye, Dmitri, Tyrer, Sir William e os outros ministros o capitão Strongbow, Gornt, Marlowe, Pallidar, Vargas, André, Seratard, o reverendo Tweet e muitos outros, todos agasalhados contra a chuva. O padre Leo postava-se mais atrás,

desolado, as mãos enfiadas nas mangas, espiando por baixo do capuz. Jamie chamara Tweet para dizer uma bênção, explicando:

— Pareceria estranho se não fizéssemos isso, Angelique. Cuidarei para que não haja um serviço de verdade, nem discursos, o que não seria correto. Apenas uma bênção.

O tempo inclemente ajudou a tornar a bênção breve. Por uma vez, Tweet mostrou-se inesperadamente eloqüente. Quando ele terminou, todos olharam para Angelique, constrangidos. Lá em cima, as gaivotas gritavam, empurradas pelo vento, flutuando nas correntes de ar com a maior alegria. Sir William disse:

— Mais uma vez, *madame*, minhas profundas condolências.

— Obrigada. — Ela empertigou-se, a chuva respingando do guarda-chuva. — Protesto por não me permitirem realizar o sepultamento de meu marido como ele e eu desejávamos.

— Seu protesto está registrado, *madame*.

Sir William levantou o chapéu. Os outros desfilaram diante de Angelique, apresentando suas condolências, erguendo o chapéu ou batendo continência, os que vestiam uniforme. Strongbow bateu continência e embarcou no cúter, seguido por Pallidar. Marlowe parou diante de Angelique, ainda transtornado.

— Lamento profundamente — murmurou ele, bateu continência e se afastou. O padre Leo foi o último. Sombrio, fez o sinal-da-cruz, murmurou as palavras latinas, a maior parte do rosto oculta.

— Mas ele não é católico, padre — comentou Angelique, gentil.

— Creio que era um dos nossos, senhora, no fundo de seu coração, sotaque do padre Leo era acentuado pelo pesar, a noite passada em orações; indagando o que deveria fazer, se comparecia ou não. — Teria visto a luz e você o ajudaria. Tenho certeza. *In nomine Patri...*

Desolado, ele se afastou. Agora, apenas Jamie, Hoag e Skye continuavam com ela, no cais.

— E agora, Jamie? — indagou Angelique, dominada por uma profunda melancolia.

— Esperemos um minuto.

Como os outros, ele sentia que era parte de uma trapaça, mas ao mesmo tempo experimentava uma profunda emoção, dizendo a si mesmo que não era uma trapaça. Estou apenas ajudando um amigo, pensou ele. Prometi que guardaria sua retaguarda, e é o que estou fazendo. Mas também estou trapaceando, e detesto isso. Esqueça, você é o líder, tem de agir como tal.

— Capitão Strongbow, pode partir. Deus o acompanhe.

— Obrigado, senhor.

O cúter afastou-se, mergulhando entre as ondas, adquiriu velocidade. As gaivotas gritavam em sua esteira. Os quatro ficaram observando.

— Parece tão estranho — murmurou Angelique, chorando silenciosamente.

— É e não é. Não estamos errados, não é?

Mais uma vez, Jamie tomou a decisão por todos:

— Não, não estamos.

Ele pegou o braço de Angelique e levou-a para casa.

Pouco antes do anoitecer, Vargas bateu na porta da sala do *tai-pan*.

— O Sr. Gornt deseja vê-la, senhora. *Monsieur* André deixou um recado, avisando que *monsieur* Seratard se sentiria honrado se jantasse com ele.

— Agradeça, mas diga que não posso, talvez amanhã. Olá, Edward. Entre. Angélique foi sentar de novo numa das cadeiras de braço ao lado da janela, o dia lá fora escuro e chuvoso. Havia um vinho branco aberto, esperando no gelo, com um copo virado ao contrário no balde, gelando.

— Por favor, Sirva-se. Vai embarcar agora?

— Vou, sim. O tênder já está esperando. À sua saúde, *madame*.

— E à sua. É o único passageiro?

— Não sei, — Ele hesitou. — Tem uma aparência maravilhosa, *madame*, etérea e inacessível.

— Lamentarei a sua partida. Talvez tudo esteja melhor quando voltar — murmurou Angelique, apreciando-o como antes. — Pretende retornar logo ou irá antes a Xangai?

— Saberei quando chegar a Hong Kong. Onde vai se hospedar lá? No Peak ou na Casa Grande dos Struans?

— Ainda não decidi... nem mesmo se irei.

— Mas... não vai ao funeral? — perguntou ele, confuso.

— Decidirei amanhã. — Ela queria deixá-lo em suspense, assim como a todos os outros, até mesmo Jamie. — O Sr. Skye me aconselha a permanecer aqui e não me sinto bem.

Angelique deu de ombros e reiterou:

— Decidirei amanhã. Tenho uma passagem reservada. Gostaria muito de estar com ele, preciso acompanhá-lo, mas se não for sepultado como desejava, como eu queria, então... então fracassei.

— Não fracassou para ele, *madame*. Todos sabem disso.

— E você também não vai me falhar, não é, Edward? Entregará minha carta a ela, fará tudo o que combinamos?

— Claro. Uma promessa é uma promessa. Uma questão de honra, *madame*.

Ele fitou-a nos olhos.

— E eu também fiz uma promessa, não é? Uma questão de honra. Amizade eterna.

A maneira como ela pronunciou as duas palavras era uma promessa e ao mesmo tempo, não era. Nem por sua própria vida, Gornt era capaz de interpretá-la agora, como fazia antes. No passado, saberia até que ponto aquela promessa o levaria. Agora, no entanto, havia uma barreira. Fico contente, pensou ele, pois se há uma barreira para mim, haverá também para todos os outros homens. Seis meses não constituem muito tempo para esperar e o momento será perfeito. Mas talvez ela não vá para Hong Kong. Como isso me afeta?

— Meus planos, *madame*? Vão depender de Tess Struan. — Ele tinha vontade de contar a Angelique seu verdadeiro plano, mas era astuto demais para revelá-lo mesmo que de forma indireta. — Espero que ela aja com base nas minhas informações. O que levaria um mês, no mínimo. Se ela assim desejar, esperarei por esse mês, e ajudarei... pois ela vai precisar de ajuda, *madame*. Tudo depende dela. Se viajar no navio de correspondência, poderemos conversar mais em Hong Kong. Se não, posso lhe escrever?

— Claro que sim, por favor. Eu bem que gostaria. Em todas as correspondências. Prometo que o mantereí a par de meus planos.

Angelique abriu uma gaveta, tirou um envelope, endereçado à Sra. Tess Struan. Não estava lacrado.

— Pode ler.

— Obrigado, *madame*, mas não é necessário.

Ela pegou o envelope de volta, mas não o lacrou, apenas enfiou a aba para dentro.

— Isso lhe poupará o trabalho de pôr no vapor para abrir, Edward.

Gornt riu.

— O que a leva a ter tanta certeza de que eu faria isso?

— Eu faria. Seria uma tentação grande demais. Mas, por favor, lacre o envelope antes de entregá-lo.

Ele acenou com a cabeça.

— Disse uma ocasião que sabia por que seu marido gostava de mim, porque eu seria um inimigo perigoso e um amigo ainda mais perigoso. Talvez isso se aplique também a você, Angelique.

— É possível. Estou tateando meu caminho neste novo mundo, Edward. Está repleto de dificuldades, de areia movediça. Mas vai me descobrir muito confiável depois que eu der minha palavra, como fiz neste caso. Não esqueça que sou francesa. — Um rápido sorriso. — Leia.

A carta dizia:

Prezada Sra. Struan:

A esta altura já tomou conhecimento da terrível notícia sobre Malcolm... lamento não poder lhe contar pessoalmente, mas fui aconselhada pelo Dr. Hoag a não viajar no Prancing Cloud, nem no navio de correspondência.

Não tenho palavras para lhe descrever como me sinto transtornada. Deixe-me dizer apenas que eu o amava, com toda a força do meu coração, e tentei fazer o melhor que podia, enquanto ele era vivo, e também depois de sua morte, tentando desesperadamente sepultá-lo como desejava, no mar, assim como seu adorado avô. Mas isso me foi proibido. Por favor, eu lhe suplico, por favor, faça por ele o que eu não consegui fazer.

Mas não lhe falhei num outro dever. O portador desta carta era amigo de seu filho. Leva informações da maior importância... que ele prometera transmitir a Malcolm, no dia de sua morte. O próprio

Malcolm tencionava partir às pressas no Prancing Cloud, para lhe contar: os meios para destruir seus eternos inimigos, Tyler e Morgan Brock. O Sr. Gornt me jurou que lhe revelará tudo, até os últimos detalhes. Eu lhe suplico que aja de acordo, se for verdade o que ele alega. A conclusão vitoriosa dessa rivalidade, com a eliminação dessa agonia de sua cabeça, como sei muito bem, é todo o epitáfio que Malcolm desejaria.

Ela datara e assinara, Angelique Struan, Iocoama. Havia um P.S.: *Estranho, não é, que tenhamos tanta coisa em comum — também odeio meu pai, ele também tentou me destruir — e estamos tão apartadas, desnecessariamente.*

Edward Gornt lacrou o envelope, pensativo. Guardou-o no bolso, levantou seu copo.

— Uma vida longa... e quero dizer que é uma mulher extraordinária, mas muito extraordinária.

— Como assim?

— Não pede nada, dá tudo — comentou ele, com genuína admiração.

Mas não acrescentou: E não menciona os trinta dias, o prazo em que as duas, como mulheres, pensarão acima de tudo... pois se estiver esperando uma criança de Malcolm, o império Struan se tornará em grande parte seu, quer seja menino ou menina, embora um filho seria perfeito! E mesmo que não esteja esperando uma criança, uma reivindicação imodesta à fortuna dos Struans também seria procedente e incontestável. Seja como for, você ainda vai casar comigo!

— É uma grande mulher — acrescentou ele, calmamente. — Espero que me permita partilhar uma amizade eterna.

Ele se levantou, beijou a mão de Angelique, num gesto galante, que não se prolongou além do necessário.

Sozinha outra vez, Angelique balançou a cabeça para si mesma, contente, depois serviu vinho no copo de Gornt... havia outros copos ao seu fácil alcance mas ela escolheu o dele de propósito, tomou um gole, com um prazer adicional. Ergueu o copo na direção do mar e murmurou:

— Vá com Deus, *Prancing Cloud*.

Outro gole. E ela sorriu.

— Phillip!

— Pois não, Sir William?

— Leve isto. Já aprontou o resto dos nossos despachos?

— Já, sim, senhor. Tirei cópias extras das duas audiências, dos atestados de óbito etcetera. Pegarei no cofre o seu “particular e confidencial” para o governador, e isso é tudo. Será melhor eu levá-los pessoalmente para o *Cloud*.

— Tem razão, é o mais sensato. Tenho mais uma carta. Dê-me alguns minutos.

Cansado de tanto escrever e da tensão dos últimos dias, consciente do perigo a que Iocoama se achava exposta, Sir William ignorou a dor de cabeça, pensou por um momento, certificou-se de que a pena estava limpa, escolheu o papel com o cabeçalho mais oficial, e escreveu:

Prezada Sra. Struan:

Estou enviando esta por despacho especial, através do Prancing Cloud, por motivos especiais, tanto formais quanto pessoais.

Primeiro, gostaria de apresentar minhas mais profundas condolências pelo lamentável falecimento de seu filho, a quem incluía entre os meus amigos, além de colega. Segundo, as circunstâncias e fatos de seu casamento e morte foram determinados sob juramento num inquérito oficial e, em anexo, envio uma cópia das conclusões da audiência.

Pela melhor da minha convicção, o casamento a bordo é legal, mas pedi uma decisão formal ao procurador-geral.

Pela melhor da minha convicção, a Sra. Angeliqye Struan nada teve a ver com a morte de seu marido, e não foi sob nenhum aspecto responsável — fato confirmado pelos depoimentos médicos dos doutores Hoag e Babcott (parte dos documentos do inquérito), que sem dúvida lhe serão também encaminhados.

Pela melhor da minha convicção, seu filho morreu em decorrência dos ferimentos recebidos durante o injustificado ataque na Tokaidô, e foi, para todos os efeitos, assassinado nessa ocasião. O rei, ou daimio, que ordenou esses ataques ainda não foi levado à justiça. Posso lhe garantir que ainda o será.

Pela melhor da minha convicção, e observação pessoal, seu filho estava apaixonado por mademoiselle Richaud, ao ponto da obsessão, e pressionou-a ao casamento por todos os meios que podia conceber. Ela retribuía às suas afeições de maneira exemplar, como uma dama. É uma jovem admirável e qualquer coisa em contrário são mentiras espalhadas por canalhas.

Por último, pela melhor da minha convicção, seu filho queria ser sepultado no mar, como o avô. Seu...

Sir William hesitou por um instante, sabendo que devia tomar todo cuidado na escolha das palavras. Organizou seus pensamentos e continuou, com a mão firme e forte: *Sua viúva suplicou com veemência que isso fosse realizado aqui, querendo atender a seu desejo (ainda não encontramos nenhum testamento, nem uma carta formal nesse sentido), e estou convencido de que era isso mesmo o*

que ele queria. Indeferi o pedido da viúva e decidi que o corpo deve ser enviado a Hong Kong, aos seus cuidados. Ele tornou a hesitar, enquanto variações se apresentavam, e depois escreveu: Recomendo com empenho que esse pedido seja atendido. Seu servidor obediente, madame.

Ele refletiu por um momento, depois foi até o aparador, serviu-se de um conhaque, bebeu, tornou a sentar. Leu a carta de novo, com o máximo de atenção. Duas vezes.

Fez uns poucos cortes e alterações, reescreveu tudo, assinando como o ministro de sua majestade britânica para o Japão. Releu mais uma vez. E agora ficou satisfeito. As principais mudanças haviam sido as seguintes: depois de *É uma jovem admirável*, ele cortara *e qualquer coisa em contrário são mentiras espalhadas por canalhas*, pois isso convidaria à indagação “que mentiras?” Acrescentara em seu lugar *e a recomendo com vigor à sua benevolência*. Depois de *sepultado no mar*, eliminara o *como o avô*, sem saber a verdade de tal alegação.

— Muito melhor — disse ele, em voz alta. — Tira toda a mordacidade.

Prefiro assim, eu a recomendo à sua benevolência, pensou ele, embora só Deus saiba o que essas duas acabarão fazendo uma à outra. Uma semana atrás eu teria apostado que Angelique não daria nem para a saída, mas agora não tenho certeza.

Satisfeito, ele abriu seu diário, e acrescentou o nome de Tess Struan à longa lista de cartas despachadas naquele dia pelo *Prancing Cloud*. Um registro na terça-feira, dia 9, atraiu sua atenção: “Malcolm Struan casou com Angelique Richaud a bordo da *Pearl* com a conivência de Ketterer.” Estava escrito em russo, assim como todo o diário — hábito de uma vida inteira, exigido por sua mãe russa — para mantê-lo desconhecido da maioria dos olhos, mas também para não perder a fluência. Isso o lembrou de uma coisa. Abriu o novo diário, para 1863, e fez um ponto de interrogação em 11 de janeiro, acrescentando uma anotação: *Já devemos saber a esta altura se A está esperando ou não*. Uma criança de Malcolm facilitaria bastante a vida de Angelique, pensou ele.

Decidira fazer o que pudesse para ajudá-la, por causa da dignidade que demonstrara no dia anterior, e no cais hoje, e também por causa do prazer que lhe proporcionara com todas as danças, risadas e jovialidade que trouxera para Iocoama, e porque era francesa, com a exuberância latente que as francesas possuíam, acima de todas as outras mulheres.

Sir William sorriu. Você é mesmo francesa, Angelique. E nós somos britânicos, mas não somos tolos... e é por isso que somos nós que

dominamos o mundo, não os franceses.

— Phillip!

Seratard e André se encontravam na janela. O *Prancing Cloud* desfraldara os traquetes, as velas de mezena, os joanetes e os sobrejoanetes, e agora, com o vento de popa, disparava pelo estreito. Muitos outros também observavam, invejando o clíper, com ciúme, querendo navegar, possuir ou comandar um navio assim. Muitos especulavam sobre sua carga, sobre a moça que partiria no dia seguinte. Angel, um verdadeiro anjo, como a vida seria sem ela, e sobre o destino das cartas a bordo.

— O embaixador De Geroire vai concordar, Henri? — perguntou André.

— Vai, sim. Ele me deve muitos favores, nossa missão aqui se torna mais eficaz a cada dia, e o encontro particular com Yoshi, que você prometeu, e eu garanti a ele, está acertado. Ou não está?

— Deram-me a garantia — respondeu André, sentindo de repente a garganta ressequida. Raiko jurara que podia contar com isso, que os planos de batalha secretos que ele entregara já se encontravam nas cabeças de intermediários de confiança em Iedo, para negociação e recompensas. — Primeiro, Yoshi tem de voltar, Henri, depois podemos marcar uma data. Prometeram-me que ele fará uma visita à nave capitânia. Tenho uma reunião esta noite e o pagamento inicial acertará tudo.

— Mudei de idéia sobre o adiantamento do dinheiro. É melhor... — Seratard alteou a voz, pois André fez menção de protestar. — ...é melhor esperar. Já decidi que é melhor esperar!

Ele foi sentar à sua mesa, e gesticulou para que André sentasse no outro lado, não com raiva, mas com uma suavidade que não admitia oposição.

— Assim que eu tiver certeza que ele voltou, você pode pagar a esses... esses intermediários.

— Mas prometi que levaria o dinheiro esta noite e você concordou!

— Explique que não confio neles — disse Seratard, com um sorriso desdenhoso. — Deixe que provem sua boa fé. Eu estava falando que De Geroire a fará uma tutelada do Estado, André, assim o seu problema se torna uma questão de política de Estado.

Naquela noite André odiava Seratard, odiava-o porque era um homem perigoso, insidioso, sabia demais, recordava demais, e não tinha qualquer sentimento. Percebera que Seratard o observava atentamente, naquela manhã, ao desjejum.

— O que é, Henri?

— Nada. Há uma mancha em seu pescoço que não existia antes e me pergunto... Como se sente, André?

Isso o levava em pânico ao espelho de seu quarto, apavorado com a possibilidade de o primeiro sinal da doença ter se manifestado. Desde que iniciara a ação com Hinodeh, tornara-se sensível demais à menor marca, pontada de dor e febre. Quase todas as noites ela o despia na luz, comentando o quanto gostava de contemplá-lo, tocando-o, massageando-o ou acariciando-o, os dedos e as mãos sempre sensuais, mas ainda assim tinha certeza de que ela procurava por sinais denunciadores.

— Nada ainda, nenhum sinal, graças a Deus! — murmurara ele para seu reflexo, os olhos úmidos de alívio ao constatar que a marca era apenas a picada de um inseto.

— André — acrescentou Seratard agora —, esta noite, ao jantar, devemos fazer planos com ela. Recomendai que ela, depois de se tornar tutelada do Estado, deve ficar na embaixada, e...

Uma batida na porta interrompeu-o.

— O que é?

Vervene abriu a porta.

— Uma mensagem de Vargas. *Madame* Struan lamenta, mas não se sente bastante bem para vir ao jantar.

Seratard disse, em tom ríspido:

— Se ela estava bastante bem para se despedir de um caixão, poderia pelo menos nos poupar o tempo. Obrigado, Vervene. — Para André, ele acrescentou: — Precisamos conversar com ela antes de sua partida.

— Eu a procurarei pela manhã. Não se preocupe. Mas há rumores de que ela pode adiar a partida. Hoag teria aconselhado a não fazer uma viagem marítima, por motivos médicos, e Heavenly Skye não esconde de ninguém sua oposição.

Seratard contraiu os lábios.

— Detesto aquele homem. Ele é vulgar, grosseiro e repulsivo, um típico britânico.

Angelique observava a partida do clíper da suíte do *tai-pan*, no segundo andar. Uns poucos transeuntes avistaram-na na janela, e seguiram adiante, apressados, molhados, gelados, especulando sobre o que lhe aconteceria. Um deles era Tyrer, que voltara ao cais, depois de entregar os despachos. Ela parecia muito solitária ali, fúnebre em seu vestido preto, nunca tendo usado preto antes, apenas as cores da primavera. Ele parou por um instante, tentando a procurá-la, a indagar se podia ajudar de alguma forma, mas decidiu não fazê-lo, ainda tinha muito trabalho pela frente, antes de seu encontro com Fujiko, um pagamento mensal a Raiko por “serviços passados na dependência da conclusão do contrato”, e ainda sua aula com Nakama, que tivera de ser adiada por causa de suas obrigações com Sir William.

Tyrer soltou um grunhido ao pensamento de todas aquelas frases e palavras que ainda queria traduzir, e a nova mensagem para Anjo, que Sir William deliberadamente mandara Nakama verter, não por confiar nele, mas para avaliar a reação de um japonês ao comunicado anglo-saxão, brusco, sem nada de diplomático. Ainda pior, estava atrasado em seu diário, e não tivera tempo de escrever a carta semanal para a família. Tinha de despachá-la pelo navio de correspondência, não importava o que acontecesse.

Na última correspondência, recebera uma carta da mãe, informando que o pai estava doente:

...nada grave, Phillip querido, apenas um fluxo no peito, que o doutor Feld trata da maneira habitual, com sangrias e purgativos. Lamento dizer que, como sempre, essas coisas só parecem enfraquecê-lo ainda mais. Seu pai sempre detestou camomila e sanguessugas.

Ah, os médicos! Doença e agonia parecem seguir na esteira deles. Sua prima Charlotte foi para a cama dar à luz há quatro dias, tão saudável quanto jamais poderia estar. Já arrumáramos a parteira, mas o marido insistiu em chamar o médico para fazer o parto, e

agora ela tem febre puerperal e não se espera que sobreviva. O bebê também está doente. É muito triste, uma moça tão simpática, ainda nem completou dezoito anos...

Notícias de Londres: A nova ferrovia subterrânea, outra coisa que é a primeira no mundo, será inaugurada dentro de quatro ou cinco meses! Os bondes puxados por cavalos são a sensação por aqui e a temporada do Natal promete ser a melhor de todas, embora tenham ocorrido distúrbios em algumas cidades industriais. O Parlamento está debatendo e vai aprovar uma lei proibindo que as carruagens sem cavalos andem a mais de três quilômetros por hora e devem ter um sinaleiro andando na frente!

O sarampo está em toda parte, com muitas mortes, mas o tifo não é tão terrível este ano. O Times informa que o cólera está grassando de novo em Wapping e nas áreas do porto, trazido por um navio mercante da Índia.

Phillip, espero que você esteja se agasalhando direito, usando roupas de baixo de algodão, mantendo as janelas fechadas, contra os fluxos que abundam no ar da noite. Seu pai e eu gostaríamos que voltasse para a sensata Inglaterra, embora por suas cartas pareça estar satisfeito com seu progresso na língua do Japão. O correio (que alegria!) também funciona para vocês do Japão, assim como para nós daqui?

Seu pai diz que este governo está arruinando nosso país, nosso moral e nosso glorioso império. Já lhe contei que há agora mais de dezoito mil quilômetros de linhas de trem na Grã-Bretanha? Em apenas quinze anos, as diligências desapareceram...

A carta continuava assim por páginas, com todos os tipos de notícias que ela achava interessantes, e eram mesmo. O que era maravilhoso para Phillip, permitindo-lhe manter-se em contato com as coisas de sua terra. Nas entrelinhas, porém, ele lera que a doença do pai não era tão fácil assim. E sua ansiedade aumentara. Por tudo o que sei, ele pode já estar morto, pensou Phillip, na maior preocupação.

Parado ali, no passeio, sob a chuva, ele sentiu repentina pontada de dor se irradiar do estômago. O suor molhou sua testa, mas talvez fosse a chuva, não sabia com certeza, só tinha certeza de que estava febril. Talvez eu tenha contraído alguma coisa... a sífilis ou algo parecido! Oh, Deus, talvez Babcott esteja enganado, e não seja apenas o fardo do homem branco... alguma doença corriqueira, um pouco de catarro. Oh, Deus, embora André tenha jurado por tudo o que é sagrado, e Raiko também, que Fujiko era mais pura do que pura, talvez ela não seja!

— Ora, Phillip, pelo amor de Deus, pare com isso! — dissera Babcott naquela manhã. — Você não tem sífilis, apenas comeu ou bebeu alguma coisa ruim. Tome um pouco da tintura do Dr. Collis. Isso vai curá-lo até amanhã... e se não curar, não precisa se preocupar, nós lhe providenciaremos um bom enterro. Quantas vezes tenho de lhe dizer para só beber água fervida ou chá?

Ele enxugou a testa, a claridade se desvanecendo, mas o vento sem amainar. Sentia-se melhor, sem dúvida, do que durante a noite, quando evacuara sem parar. Se não fosse por Babcott, ou pela magia de Collis, eu teria perdido o funeral... não, não o funeral, a partida do corpo de Malcolm. Que coisa terrível! Pobre coitado! Pobre Angelique! O que acontecerá agora?, especulou ele, perturbado, desviando os olhos de Angelique e se encaminhando apressado para a legação.

Angelique o vira. Quando o clíper foi tragado pela escuridão, ela fechou as cortinas e foi sentar à mesa. Seu diário estava aberto ali. Havia três cartas lacradas, prontas para seguirem pelo navio de correspondência: para a tia, tendo em anexo uma ordem de pagamento à vista, contra o Banco da Inglaterra, no valor de cinquenta guinéus, a segunda para Colette, com uma ordem de pagamento de dez guinéus, as duas ordens providenciadas por Jamie, usando parte do dinheiro que Sir William lhe permitira manter. Pensara em usar uma das promissórias de Malcolm que encontrara na escrivaninha, pondo uma data anterior, e aproveitando o sinete no cofre, mas julgou que seria uma insensatez, pelo menos

por enquanto. O dinheiro para a tia era apenas para ajudá-la e o de Colette serviria para comprar os melhores medicamentos para o momento do parto.

Posso ou não chegar lá a tempo, refletiu ela. Espero que sim.

A última carta deveria ser entregue em mãos. Dizia: Prezado almirante Ketterer: Sei que nos casamos graças à sua bondade. Agradeço do fundo do meu coração e juro que, qualquer que seja o poder que esta pobre mulher venha a ter no futuro, será usado para acabar com o comércio de ópio por parte da Struan e também para suspender a infame venda de armas para os nativos, como meu marido jurara fazer. Mais uma vez, agradeço, com toda a minha afeição sincera, Angelique Struan.

Assinar Angelique Struan muito a agradara. Os dois nomes harmonizavam-se com perfeição. Foi ótimo praticar a assinatura, a curva do "S" ajudando-a de certa forma a pensar.

Meu esquema com Edward... de onde saíram todas aquelas idéias sensacionais? É excelente... se ele fizer como eu quero. Deve convencer Tess de que não sou uma inimiga. Mas seu filho era seu filho, e eu não perdoaria, não se fosse meu filho, acho que não perdoaria.

O caminho à sua frente estaria coalhado de infortúnios, tanta coisa errada, tanta coisa podendo sair errada, André ainda é um cão subserviente, esperando para ser amordaçado ou repelido — na verdade, também há muitas coisas que podem sair certas —, o caixão correto se encontra a caminho, o de Malcolm pronto e à espera de amanhã, ainda posso viajar para Hong Kong pelo navio de correspondência, se quiser, tenho certeza que Edward quer casar comigo, pois ele, entre todas as pessoas, compreende que uma esposa rica é melhor que uma pobre, tenho as promissórias em branco de Malcolm, e o sinete de que ninguém mais sabe... e vinte e oito dias para esperar, não como da última vez, Santa Mãe, graças a Deus misericordioso... e como rezo por essa criança.

Ah, Malcolm, Malcolm, que vida boa teríamos, e eu cresceria sem precisar de momentos tão horríveis, juro que conseguiria.

Fazendo um esforço, ela se desvencilhou da melancolia e tocou a sineta em cima da mesa. A porta foi aberta sem uma batida polida, sem qualquer batida.

— *Miss?*

— *Tai-tai*, Ah Soh!

— *Miss tai-tai?*

— Mande Chen vir até aqui, depressa.

— Comer aqui, lá embaixo, *miss... miss tai-tai?*

Angelique suspirou pelas manobras a que Ah Soh podia recorrer para não chamá-la diretamente de *tai-tai*.

— Escute, seu monte de bosta de burro — disse ela, suavemente —, sou mais forte do que você, em breve estarei pagando as contas, e vai sofrer então.

Ela sentiu-se feliz por ver a irritação nos olhos escuros. Como Malcolm explicara, falar com Ah Soh em inglês correto, que ela não entendia, em vez de *pidgin*, levava a criada a perder a pose. Ah, que lógica distorcida a dos chineses, pensou Angelique.

— Chen, depressa!

Ah Soh retirou-se, mal-humorada. Quando Chen entrou, Angelique comunicou que tinha uma carta para ser entregue na embaixada britânica. Ele acenou com a cabeça, sem comentários.

— Chen, Ah Tok doente, não doente, hem?

— Ah Tok doente, Ah Tok ir Hong Kong. — Chen apontou na direção do mar. — Junto com amo.

— Ahn...

Angelique experimentou um profundo alívio, desejou ter pensado nisso antes. Por várias vezes vira Ah Tok espreitando das sombras, os olhos escuros transbordando de ódio, a saliva escorrendo pelos cantos da boca. Ela entregou a carta para Ketterer.

— Vá Casa Grande, agora.

Ele olhou para o nome, fingindo ser capaz de ler a escrita dos bárbaros.

— Comer este lugar mesmo, hem?

— *Tai-tai* comer este lugar mesmo, hem? *Tai-tai!*

Os olhos de Chen faiscaram. A boca sorriu.

— *Tai-tai*, comer este lugar mesmo, hem? *Tai-tai miss?*

— Você também é um monte de bosta de burro. Talvez eu o dispense... não, isso seria gentileza demais. Pensarei a seu respeito mais tarde. — Ela sorriu. — Comer lá embaixo. Que comida ter?

— O que querer, *tai-tai miss, miss tai-tai!*

Isso a fez rir, e ela sentiu-se melhor.

— *Miss tai-tai, tai-tai miss*, tudo mesma coisa. Que comida? Sua comida, comida chinesa — disse Angelique subitamente, sem saber por quê. — Mesmo que você, Chen. Comida da China, comida número um. A melhor, hem?

Chen ficou aturdido. Aquilo era bastante inesperado. No passado, ela apenas comia os patos que o amo apreciava, para agradá-lo, e preferia os pratos europeus, carnes, batatas, tortas, pão, os alimentos que ele e todos os chineses consideravam apropriados apenas para animais.

— Comida do amo, hem? — disse ele, especulativo.

— Comida do *tai-pan* para *tai-tai* do amo!

Autoritária, imitando Malcolm, ela acenou para que Chen se retirasse e virou as costas. Inquieto, Chen saiu, murmurando:

— Mesma coisa *tai-pan*, *miss tai-tai*.

Devo desenvolver o gosto pela comida chinesa, compreendê-la melhor, pensou Angelique, absorvendo uma nova idéia. Caso eu fique parte do ano. Jamie disse que gosta da comida chinesa de vez em quando, Phillip é entusiasmado, e Edward sempre a come...

Ah, Edward, Edward de tantas caras, de tantas possibilidades. Não tenho certeza a seu respeito. Se...

Se eu gerar um filho, ficarei feliz por ter uma parte de Malcolm para sempre. Voltarei a Paris, pois até lá já terei muito dinheiro, mas muito mesmo. Tess Struan se sentirá contente por nos ver partir, e nosso filho será criado em parte como francês, em parte como britânico, e será digno de seu pai. Se for uma filha, eu partirei também, com menos, mas será mais do que suficiente. Até encontrar um título que valha a pena, um homem que valha a pena.

Se não tiver sorte, e não houver nenhuma criança dentro de mim, então posso considerar Edward, ao mesmo tempo em que negocio com aquela mulher por minha migalha de viúva, tudo isso dependendo de Heavenly Skye estar enganado.

Enganado sobre o quão vingativa e implacável é aquela mulher.

49

Sábado, 13 de dezembro:

No dia seguinte o mar continuava do mesma cinza, o céu também, mas a tempestade já passara. A chuva cessara. Angelique, Skye e Hoag esperavam na cabine do cúter, ainda atracado no cais da Struan, e há muito atrasado na partida para Kanagawa. Além da baía, podiam avistar as ondas com as cristas brancas. A semi-escuridão, agravada pelo vento forte e úmido, tornava a espera mais difícil. Jamie e o reverendo Tweet já deviam ter chegado há meia hora.

— Eu gostaria que eles se apressassem — murmurou Angelique, o nervosismo começando a abalar sua determinação. — O que os está retardando?

— Não teremos de ir muito longe, assim não deverá haver problemas — comentou Skye, inquieto.

O cúter balançava gentilmente. Os homens usavam cartola, suéter e sobrecasaca, Angelique o seu traje de montaria verde-escuro e botas, o mais apropriado para uma viagem de barco.

Por cima da cabine ficava a pequena e envidraçada casa do leme. O contramestre apoiava-se no peitoril de uma das janelas abertas, fumando um cachimbo, um homem com bastante experiência no mar para não fazer perguntas. Jamie McFay limitara-se a lhe dizer:

— Quero o cúter no cais bem cedo, com uma carga completa de carvão, apenas você e um foguista de confiança.

Era o suficiente para ele. O resto saberia em breve, por que pessoas sensatas queriam sair ao mar num dia como aquele, quando os marujos sensatos preferiam ficar em terra.

— Lá está ele! — gritou Skye, soltando uma imprecisão, sem perceber que o fazia.

Jamie estava sozinho, aproximava-se apressado pela High Street. Os transeuntes o cumprimentavam, franziam o rosto, seguiam adiante. Ele entrou no cúter. Fechou a porta da cabine.

— Tweet mudou de idéia — anunciou ele, o peito arfando.

— Mas que desgraçado! Ele não havia concordado?

Skye estava revoltado. Junto com Jamie, haviam concluído que a melhor história a contar era a de que um pescador cristão morrera em Kanagawa, depois de pedir para ser sepultado no mar, numa cerimônia que ele oficiaria. O resto poderia ser revelado mais tarde. E haveria uma contribuição por seus transtornos.

— Ele disse que não com este tempo — explicou Jamie, ofegante da pressa e frustração. — Tentei por todos os meios convencê-lo, mas ele se manteve intransigente: “O sujeito está morto, amanhã ou depois não será problema para ele, faz um tempo horrível, provavelmente não conseguiríamos voltar antes do escurecer... e eu tinha esquecido o jantar de Lunkchurch. Amanhã, depois do serviço, ou ainda melhor, na segunda-feira.” Que desgraçado!

Jamie respirou fundo outra vez.

— E nós já tínhamos combinado tudo! Angelique sentiu uma vertigem de desapontamento.

— Padre Leo! Vou pedir a ele. Tenho certeza que me atenderá.

— Não há tempo, Angelique, não agora. Além do mais, Malcolm não era católico, não seria apropriado.

— Maldito Tweet! — disse Hoag, furioso. — Teremos de adiar. O mar está perigoso, talvez seja melhor assim. Não podemos tentar amanhã?

Todos olharam para Angelique. Jamie disse:

— Tweet não é confiável, pode querer adiar até segunda-feira... e de qualquer maneira há o problema do navio de correspondência, que não esperará além de meio-dia.

Ele pedira ao comandante para protelar a partida, mas o navio já tinha algum atraso, e Bidy dissera que era o máximo que podia

fazer.

— Temos de embarcar, não pode haver a menor dúvida quanto a isso — declarou Hoag. — Angelique deve comparecer ao funeral em Hong Kong.

— Eu me oponho — interveio Heavenly. — Mas se ela for, irei também.

— Padre Leo — insistiu Angelique. — Falarei com ele.

— Não seria conveniente — protestou Jamie. — Há uma outra solução, Angelique. Um sepultamento no mar não exige um capelão. Um capitão de navio pode celebrar o serviço, assim como Marlowe oficiou seu casa...

Ela recuperou a esperança.

— Pediremos a John! Depressa, vamos...

— Não será possível. Já verifiquei. Ele está na nave capitânia, reunido com Ketterer. Angelique, sou o capitão desta embarcação, tenho uma carta de navegador, embora antiga, e já testemunhei inúmeros sepultamentos no mar para saber o que fazer. Nunca fiz isso antes, mas não importa. Temos testemunhas. Se você quiser, posso officiar... seria legal.

Ele viu a confusão de Angelique e olhou para Skye.

— Heavenly, não é legal? Pelo amor de Deus, é ou não é?

— Seria legal.

O nervosismo de Skye aumentou, quando uma onda, maior do que as outras, bateu no lado da embarcação. Hoag também estava assustado. Jamie tornou a respirar fundo.

— Angelique, toda essa idéia do sepultamento é bizarra, para dizer o mínimo e um pouco mais não fará mal nenhum a Malcolm. Trouxe uma Bíblia e o exemplar dos regulamentos navais. Tive de ir buscá-los, foi por isso que me atrasei. O que diz?

Em resposta, ela abraçou-o, as lágrimas escorrendo pelas faces.

— Vamos começar. Por favor, Jamie, depressa.

Jamie McFay apertou-a, achando muito agradável a proximidade. Skye indagou:

— E o contramestre e o foguista?

Jamie respondeu ríspidamente:

— Já disse que cuidarei deles!

Ele desvencilhou-se, com toda gentileza, abriu a porta da cabine e gritou:

— Contramestre, vamos zarpar! Siga para Kanagawa!

— Pois não, senhor.

Contente por uma decisão ter sido tomada, o contramestre levou a embarcação para o mar, seguindo para o norte, a caminho da praia no outro lado. As ondas balançavam o cúter, desviavam-no do curso, mas não muito, o vento ainda dentro dos limites razoáveis, o céu prometendo não se tornar pior do que antes. Cantarolar uma canção do mar fê-lo se sentir melhor. Jamie logo foi ao seu encontro.

— Siga para o cais da legação. Vamos trazer um caixão para bordo...

— Ele viu o contramestre morder com força o cachimbo. — Um caixão. Depois, sairemos pelo mar por uma légua, até águas profundas, e o sepultaremos. Teremos uma cerimônia, e você vai participar, junto com seu foguista. Alguma pergunta?

— Eu, senhor? Nenhuma.

Jamie acenou com a cabeça, tenso, e tornou a descer. Os outros não disseram nada, observando a linha da costa, com Kanagawa bem na frente.

Na casa do leme, o contramestre pegou o tubo de comunicação de metal, ao lado do timão, e berrou para o foguista lá embaixo, na casa de máquinas:

— Toda força à frente, Percy!

O barracão ficava no lugar que Hoag indicara, a fácil alcance do cais. O caixão fora deixado num banco de madeira. Skye, Hoag, o contramestre e o foguista levantaram-no com facilidade, cada um pegando num canto. Depois que eles saíram, Jamie fechou a porta e seguiu-os. Achava que era melhor para Angelique permanecer na cabine. Uns poucos pescadores e aldeões passaram por eles, fizeram reverências e se afastaram apressados, não querendo qualquer proximidade com os *gai-jin*. Foi mais difícil manobrar o caixão para bordo. O convés subindo e descendo, escorregadio da água do mar, era perigoso.

— Esperem um pouco — balbuciou o foguista. — Deixem-me embarcar primeiro.

Ele era baixo, usava um gorro de lã esfiapado, ombros largos, antebraços enormes. Passando para o convés, firmou-se com os pés bem abertos, agarrou o caixão pelo meio, puxou-o para bordo, em parte por dentro da cabine, quase que sozinho. O esforço, dilatando as veias, levou-o a soltar um peido, involuntário e estrondoso.

— Peço perdão a todos — resmungou ele, depois puxou o caixão para um ponto ainda mais seguro.

Uma extremidade entrava na cabine, a outra se projetava para a popa.

— Vamos amarrá-lo assim — disse Jamie.

— Certo, senhor.

— Boa tarde, Dr. Hoag.

A voz era severa. Surpresos, todos se viraram. O sargento Towery e outro soldado observavam-nos, ameaçadores.

— Ahn... boa tar... olá, sargento — disse Hoag, a voz estrangulada.

Ele ficou imóvel, assim como os outros. Towery adiantou-se, examinou o caixão.

— Mas o que temos aqui? Levando o sacana... peço perdão, *madame*... levando o caixão para Iocoama, hem?

— Nós... ele pediu para ser sepultado no mar, sargento — disse Hoag. — O Sr. McFay gentilmente emprestou o cúter e aqui estamos.

— No mar, hem? — O sargento Towery fitou-os, um de cada vez, como se quisesse gravar seus rostos na memória. — Muito louvável, eu diria.

Outra espera, enquanto eles morriam mais um pouco. Depois, o sargento acrescentou:

— No mar, hem? Melhor não perderem tempo ou também servirão de comida para os peixes. *Madame*...

Polidamente, ele bateu continência e se afastou, acompanhado pelo soldado. Ninguém se mexeu por um momento.

— Oh, Deus! — murmurou Hoag.

— O que acha disso? — perguntou Jamie.

— Encrenca, senhor.

Trêmulo, o contramestre tomou um trago de rum do frasco que levava na cintura, passou para Jamie, que também bebeu, Hoag sacudiu a cabeça, assim como Angelique. O foguista foi o último. Para desgosto do contramestre, ele tomou quase tudo e arrotou em seguida.

— Desculpem.

O estômago de Jamie estava embrulhado.

— O homem surgiu do nada, como se estivesse nos esperando. Alguém viu-o se aproximar? — Todos sacudiram a cabeça e ele acrescentou: — É melhor partirmos logo.

Enquanto amarravam o caixão, o contramestre levou o cúter para o mar. O arco deslizava muito bem sobre as ondas, apenas os borrifos se lançando para bordo, mas o suficiente para incomodar as pessoas no convés. Lá embaixo, a cabine era barulhenta, mas aconchegante, o ar puro e bem ventilado, mantendo fora o cheiro da fumaça do motor alimentado por carvão. À frente, para leste, na direção das águas mais profundas, o céu parecia mais ameaçador... e nada mais havia entre aquele ponto e a América.

— Melhor nos apressarmos, senhor — disse o contramestre a Jamie, na casa do leme. — Não nos resta mais que uma ou duas horas de claridade.

— Sente alguma coisa, contramestre?

— Melhor nos apressarmos, senhor.

Jamie tornou a olhar para leste. O céu parecia ainda mais escuro.

— Concordo. Mantenha o curso. Ele virou-se para sair.

— Senhor, o sargento vai nos delatar, certo?

— Vai, sim.

— Vamos fazer um funeral, certo?

— Isso mesmo.

— O que há de tão importante ali... — O contramestre sacudiu o polegar caloso na direção do caixão. — ...para nos arriscarmos a tudo o que tem ali?

Ele apontou para o tempo.

— Vamos sepultar o *tai-pan*, Malcolm Struan.

O velho soltou uma risada.

— O caixão está a bordo do *Prancing Cloud*, senhor, ambos sabemos disso.

— Tem razão, ambos sabemos disso. Mas é... um sepultamento simbólico, uma simulação, para atender aos desejos dele... e aos desejos da viúva... de ser sepultado no mar. Ela acha que isso não acontecerá em Hong Kong.

Jamie sabia do risco que estava assumindo, mas não havia outro jeito. Até agora, fora capaz de dizer a verdade.

— Uma simulação, senhor?

— Isso mesmo. Mais nada. Não temos o que esconder, não há o que rezear. O contramestre balançou a cabeça, sem estar convencido, e pensou: Há um corpo lá dentro, tem de haver, com tanto peso. Mas não comece a fazer perguntas idiotas, pois pode não gostar das respostas. Quanto menos souber, melhor, e vamos torcer para que o tempo continue nos ajudando, e não se transforme na merda como cheira.

— Obrigado, senhor,

Jamie olhou para a baía, agora bem atrás.

— Basta sair da vista de terra, contramestre.

Uma última olhada na bússola e ele retornou à cabine para anunciar:

— Não falta muito agora. Angeliqúe inclinou-se em sua direção.

— O que aquele soldado vai fazer?

— Denunciar-nos, é inevitável. Mas não importa.

— Não podem fazer nada conosco, não é, Sr. Skye?

— Não tenho como prever o que Sir William pode ou não fazer — respondeu Skye, com um frio no estômago, sentindo o convés subir e descer.

Jamie abriu um dos armários, tirou a bandeira inglesa que guardara ali, junto com a bandeira do leão e dragão. Ajudado por Hoag, prendeu as duas em torno do caixão. O cúter subia e mergulhava ainda mais do que antes, e todos tinham de se segurar para não cair. Angeliqúe sentou perto da porta aberta. O ar era úmido e frio.

Ela sentiu as lágrimas começarem a escorrer, deixou o véu cair, e fingiu olhar para a terra.

— Não falta muito agora — repetiu Jamie.

Quando a terra era apenas uma linha no horizonte, ainda havia alguma claridade, o mar se tornara mais encapelado, as ondas com cristas brancas, o vento mais intenso, mas tudo dentro de limites suportáveis. Sem chuva. Jamie gritou:

— Contramestre, pode diminuir a velocidade, apenas pelo tempo suficiente para nos permitir fazer o que temos de fazer!

— Certo, senhor.

A redução dos motores criou uma súbita poça de quase silêncio, agradável a seus espíritos, um alívio bem-vindo ao ruído ensurdecedor e à apreensão de se encontrarem tão longe... embora Hoag e Skye se sentissem cada vez mais nauseados. Só havia agora o zunido do vento, o barulho do mar e o ronco baixo e confortador do motor, sentido através do convés mais do que ouvido, só o

suficiente para manter a proa contra o vento. E o vento era firme, soprando de leste, do oceano, mais forte que antes. Jamie respirou fundo.

— É melhor começarmos.

— Tem razão — disse Angelique. — O que faremos?

— Vamos para a popa, mas segurem-se firmes. Contramestre venha até a popa, o foguista também.

— Melhor eu ficar no leme, senhor, com a sua permissão. — Ele berrou pelo tubo de comunicação: — Percy, para a popa!

O frio aumentara. Eles se agruparam da melhor forma possível, apoiando-se onde podiam. Jamie postou-se de costas para a popa, os outros de frente para ele.

— Tirem os chapéus — ordenou ele, tirando o seu primeiro.

Skye, Hoag, o foguista e o contramestre obedeceram. Ele abriu o livro dos regulamentos navais, na página marcada. Lendo e improvisando, Jamie disse:

— Estamos aqui reunidos à vista de Deus para lançar os restos mortais de nosso amigo Malcolm Struan, marido de Angelique Struan, *tai-pan* da Casa Nobre, nas profundezas, concedendo-lhe o sepultamento no mar que ele desejava, assim como sua esposa, agindo como amigos devem agir...

A menção do nome, os olhos do foguista se arregalaram e ele lançou um olhar para o contramestre, que sacudiu a cabeça, advertindo-o a ficar calado. Murmurando para si mesmo, detestando funerais, ele se aconchegou ainda mais em seu casaco, contra o frio do vento, querendo descer para sua quente casa de máquinas. O vento aumentou um nó. Todos perceberam a mudança. Jamie hesitou, e depois continuou:

— Agora, digamos a oração do Senhor. Pai nosso...

Cada um orou à sua maneira, murmurando as palavras, o movimento aumentado do convés predominando em suas mentes. Concluída a oração, Jamie olhou para o livro por um momento, não que precisasse, pois lera o serviço antes na casa do leme, mas necessitando de tempo para acalmar seu coração, e afastar seus pensamentos do mar. Enquanto os outros fechavam os olhos, ele mantinha os seus abertos. Assim como o contramestre, vira a linha da tempestade se aproximando por trás deles, as ondas maiores, ameaçadoras.

— Como capitão do cúter *Clouette*, da Struan, — disse ele, um pouco mais alto do que antes, para se sobrepor ao vento —, é meu dever e honra encomendar o espírito deste homem à guarda de Deus Todo-Poderoso, pedindo a Deus Todo-Poderoso que o perdoe por seus pecados, não que conhecêssemos algum, não pecados de verdade, lançando-o às profundezas de onde... de onde viemos para cá, desde a Inglaterra, do nosso lar, através dos mares. Ele era um homem de bem. Malcolm Struan foi um homem de bem, e nós o perdemos, sentimos saudade dele agora e sentiremos no futuro...

Ele olhou para Angelique, que segurava um espeque com as duas mãos, as articulações esbranquiçadas. Uma rajada de vento a atingiu, comprimindo o véu contra o rosto.

— Quer dizer alguma coisa, *madame*?

Ela sacudiu a cabeça, lágrimas silenciosas escorrendo. Os borrifos vinham de boreste, um pouco mais baixo, por causa do peso de todos e do caixão.

Desconsolado, Jamie fez um sinal para Skye e o foguista. Meio desajeitados, com um equilíbrio precário, eles soltaram as cordas que prendiam o caixão ao banco, empurraram-no com dificuldade para a amurada de boreste, a fim de lançá-lo ao mar. Jamie ajudou-os. Quando o caixão balançava na amurada, ele disse em voz alta, dominado por sua infelicidade:

— O pó voltará ao pó, o mar e o céu reivindicam o que é seu, e os ventos hão de sussurrar uns para os outros que este extraordinário jovem foi ao encontro de seu Criador cedo demais, cedo demais...

Com os outros dois homens, ele deu o empurrão final no caixão, que se inclinou e caiu no oceano.

O cúter adernou, corrigindo a perda de peso, uma rajada de vento atingiu o casco exposto, inclinando-o ainda mais. A amurada de bombordo alcançou o mar. Todos se seguraram, menos o

contramestre e o foguista, que acompanharam o movimento. Angelique, fraca de tanto chorar, não conseguiu mais se segurar e escorregou. Já estava quase caindo ao mar quando Jamie a agarrou, puxando-a de volta, frenético, se segurando num apoio com a outra mão. O vento arrancou seu chapéu e o véu. O foguista, as pernas fortes de marujo, deslizou ao seu encontro, levantou-a, arrastou-a para a segurança da cabine, cambaleando por trás dela.

A temperatura caiu. A chuva começou. A tempestade desabou sobre o cúter. Jamie gritou:

— Contramestre, vamos voltar!

— Melhor ficar aí embaixo, senhor!

O contramestre já decidira o que fazer e como fazer. Esperou até que o foguista, soltando imprecações silenciosas, descesse pela escotilha para a casa de máquinas, fechando-a, e que Jamie, Hoag e Skye se encontrassem sãos e salvos na cabine. A chuva se tornou enfiada. O mar era mais violento.

O contramestre sinalizou “devagar, à frente”, virou o leme para bombordo, atenuando o impacto do vento. A proa desceu numa onda de rebentação. O cúter livrou-se bravamente, a água passando pelo convés para bater no vidro da cabine e casa do leme. Continuou a fazer a volta, enquanto o contramestre murmurava, com o cachimbo apertado na boca:

— Calma aí. Somos amigos, pelo amor de Deus, apenas viemos lhe entregar o neto do Demônio de Olhos Verdes.

Não foi fácil fazer a volta. As ondas empurradas pelo vento adernavam o cúter, e por mais que tentasse corrigir a posição, não lhe davam trégua, e arrastavam-no para mais longe ainda. Na cabine, os quatro se seguravam da melhor forma que podiam, qualquer coisa solta caindo. Angelique tornou a perder o equilíbrio, mas os outros a seguraram. No momento, ninguém pensava em qualquer outra coisa que não a tempestade. Hoag estava cinzento. Com um gemido cheio de bÍlis, ele estendeu-se no chão da cabine.

— É apenas a volta! — gritou Jamie, por cima do barulho e do vento, o cúter serpenteando, Angelique comprimindo a cabeça contra seu ombro, apavorada. — Já vai melhorar!

Ele constatou que o mar estava ruim, mas não agitado demais. Ainda não. Além disso, tinha confiança absoluta no contramestre e na embarcação... desde que o motor continuasse a fornecer potência.

— Não se preocupem!

O contramestre também já chegara a essa conclusão e decidira cair para sotavento, com bastante tempo para isso, se fosse necessário, e fazer a volta contra o vento, lançar uma âncora de tempestade — um balde na extremidade de uma corda, para manter a proa a favor do vento — e agüentar firme.

— Se ele resistir, vamos escapar — murmurou o contramestre, lutando com o leme contra a pressão das ondas.

O cúter completou a volta e se aprumou. A proa mergulhou, enquanto a onda seguinte passava, acelerada pelo vento, depois a embarcação subiu, vertiginosamente, alcançou a crista, e caiu no cavado. Todos a bordo estremeceram. Outra vez a mesma coisa, outra vez a descida estonteante, com muita água a bordo agora. Escendo e descendo, depois subindo e subindo, cada vez mais alto, a queda, a água espumante passando pelas janelas, cobrindo o convés. Angélique deixou escapar um pequeno gemido. Jamie tinha

um braço em torno dela, a outra mão segurava uma alça. A chuva batia nas janelas da popa e na porta. Encolhido num canto Skye mantinha a cabeça baixa, vomitando. Hoag, estendido de bruços, também se encontrava desamparado.

Lá em cima, na casa do leme, o contramestre balançava de um lado para o outro, equilibrando-se no convés inclinado com alguma facilidade. A chuva e os borrifos eram intensos nas janelas, mas ele podia ver o suficiente e não permitia que as ondas atingissem o cúter diretamente pela popa, virando-o um pouco, a fim de que as subidas e descidas não acompanhassem toda a força do mar, fazendo-deslizar ao máximo possível... o que era terrível para os passageiros, "mas eles estão sãos e salvos, não é?" Ele estava radiante, divertindo-se, já vencera muita tempestades, haveria tempo suficiente para sentir medo quando estivesse em terra diante de um fogo alegre, tomando dois ou três grogues quentes, daqui a uma ou duas horas. Feliz, ele retomou seu canto jovial. E, de repente, seu coração pulou uma batida.

— Deus Todo-Poderoso! — exclamou ele.

O caixão se encontrava a boreste, ainda flutuando, na superfície, subindo e descendo com o cúter, as duas bandeiras ainda presas. Da cabine, Jamie também viu e compreendeu, igualmente chocado, que se uma onda grande alterasse o curso poderia jogar o caixão de volta a bordo, ou pior ainda, usá-lo como um aríete contra a frágil

superestrutura, ou talvez, o pior de tudo, abrir um buraco no casco desprotegido.

Quanto mais o contramestre procurava se desviar, mais o caixão se aproximava. Chegou a bater no lado, depois se afastou, girando como uma piorra, mas permanecendo paralelo. Jamie praguejou por não ter se lembrado de aumentar o peso com uma corrente de âncora; o ar ou a flutuabilidade da madeira mantinha-o à tona.

Era difícil para Jamie observar, ao mesmo tempo em que amparava Angelique. Mas sentiu-se contente por ela estar com a cabeça comprimida contra o ombro de sua sobrecasaca. Ele tornou a virar o pescoço e avistou o caixão de novo, agora um pouco além da popa, boiando na água, dando a impressão de ser a embarcação macabra de uma mente doentia. O vento ou uma correnteza virou-o e agora, paralelo às ondas, começou a rolar, mas logo se endireitou, permaneceu estável por três ou quatro ondas, até que outra o virou e afundou-o, para alegria de Jamie. Ele voltou a respirar, concluindo que desaparecera para sempre, mas logo o caixão aflorou à superfície, a onda espumante seguinte envolveu-o, levantou-o, arremessou-o direto para cima do cúter. Numa reação involuntária, Jamie se abaixou. O caixão não caiu a bordo, apenas bateu de lado contra o casco, soando como se tivessem atingido um recife.

Por um momento, Hoag levantou a cabeça. O cérebro girava em seu crânio, pior do que o barco, e por isso ele nada viu, caiu de volta, gemendo, no miasma do enjoo. Angelique também olhou, mas

Jamie a manteve apertada, afagando seus cabelos, para dissipar o medo.

— Apenas fragmentos flutuando, não há com que se preocupar...

Seus olhos continuavam fixados no caixão, a uns poucos metros de distância, paralelo ao cúter, as linhas definidas e letais, como um torpedo, as duas bandeiras ainda intactas. Ele se encolheu quando uma onda enorme se aproximou, e passou por cima do caixão. Depois que a onda se foi, o caixão desaparecera.

Ofegante, Jamie esperou, esquadrinhando o mar. Nada. Mais espera. Ainda nada. A tempestade amainou um pouco, o vento não mais uivava em torno da cabine. As ondas ainda eram altas e violentas, mas o contramestre fazia um trabalho magistral, recorrendo a toda à sua habilidade de marujo para atenuar a ameaça, o motor gritando estridente, enquanto o hélice saía da água de vez em quando.

— Vamos — murmurou Jamie —, continue assim, fácil e tranqüilo.

E depois seus olhos focalizaram. O caixão se encontrava a cinquenta metros de distância, um pouco à popa, a frente pontuda apontada para o cúter. Acompanhava-os, subindo e descendo, como se ligado por algum cabo de reboque invisível. Horrendo e mortífero. Ele contou seis ondas, sem qualquer variação. E depois apareceu a sétima onda.

Era maior do que as outras. Pegou o caixão, transformou-o num míssil e arremessou-o para o cúter. Jamie percebeu que o ponto de impacto seria o meio do cúter, no lado de boreste, e que a inclinação exporia o casco ao dano máximo. E parou de respirar.

O contramestre devia ter chegado à mesma conclusão, pois no último momento o cúter desviou-se frenético, virando ligeiramente para boreste, a água passando agora por cima da amurada, e o violento caixão-míssil subiu na onda, projetou-se por cima da proa e foi se emaranhar nos cabos do gurupés, pendendo ali, meio dentro, meio fora da água, puxando a embarcação contra o leme.

O contramestre puxava o timão com toda a sua força, mas as ondas e o vento usavam o caixão para manter a embarcação instável. Em minutos, o contramestre compreendeu que iam afundar. Não havia mais nada que pudesse fazer para evitar. O tubo de comunicação soou, estridente. Com dificuldade, ele respondeu:

— O que é, Percy?

Mas sua voz foi abafada pelas imprecações do foguista, indagando que diabo ele estava fazendo lá em cima. O contramestre bateu com o tubo no suporte e redobrou seu esforço no timão, enquanto a proa era inexoravelmente forçada ao desastre.

Foi nesse instante que ele viu a porta da cabine se abrir. Jamie saiu para o convés aberto. Segurando-se onde podia, por sua vida, ele avançou pouco a pouco. O contramestre esticou a cabeça pela janela mais próxima, gritando e apontando:

— O machado de incêndio, o machado de incêndio...

Como se estivesse num sonho, Jamie ouviu-o, avistou o machado no suporte vermelho, no teto da cabine. O convés se inclinava e estremecia, a alma do barco sabendo que se encontrava num espasmo mortal. Um pé escorregou, mas ele colidiu com a amurada, descobriu que tinha o machado numa das mãos e estava seguro por enquanto. A água passou por cima da proa e engolfou-o. Outra vez ele sobreviveu, mas a onda deixou em sua esteira uma nauseante premonição. Numa reação involuntária, o estômago teve um espasmo e o vômito saiu por sua boca. Ele ficou estendido ali, no embornal, gelado e apavorado, segurando um espeque, e logo mais

água o engolfou. Quando conseguiu respirar, tossiu, cuspiu a água salgada da boca e narinas, e isso o ajudou a passar do choque para a ação.

À frente, o bico do caixão estava preso pelo emaranhado de cabos, o resto jogado de um lado para outro, empurrado ou sugado pelas ondas. Ele contraiu os olhos para fixar o contramestre, contra o vento e a chuva, viu-o fazer o gesto de cortar.

— ...pelo amor de Deus, tome cuidado...

Nenhum machado poderá fazer com que esse desgraçado nos largue, pensou Jamie, desesperado, abraçando um pontalete no momento em que uma onda violenta avançou sobre a amurada em sua direção, jogando-o contra o caixão e depois puxando-o de volta para o embornal, sufocado, meio afogado. Depois que a onda passou, ele ficou atônito ao descobrir que ainda continuava a bordo. Não perca tempo, o cérebro lhe bradou de novo, a próxima ou a seguinte pode arrastá-lo e afogá-lo.

Por isso, ele deixou seu lugar seguro, adiantou-se, até ficar por cima do caixão odiando-o, detestando estar ali, ter se permitido participar daquela estupidez, arriscando a vida de Angelique e dos outros por nada, mas acima de tudo odiando o seu próprio medo. A onda

seguinte puxou-o com força, mas ele sobreviveu, baixou o machado com toda força, escorregou, agarrou-se no lado do telhado da cabine, enquanto outra onda o alcançava, arremessava-o contra o lado do caixão. Ofegante, Jamie fez um tremendo esforço para se levantar, golpeou outra vez, acertando agora o próprio caixão, odiando a coisa maligna em que se transformara.

A lâmina cortou um dos cabos, mas não teve qualquer efeito nos aramados, uma massa emaranhada, e foi se cravar na tampa coberta pelas bandeiras ou no fundo — ele não sabia qual dos dois, nem se importava — abrindo uma rachadura. Mas, ainda assim, o caixão continuou pendurado. Nem mesmo usando toda a sua força ele conseguiu deslocar o caixão, empurrou-o, chutou-o, praguejando, a maior parte pendendo para fora, entrando na água, puxando-os.

Outro golpe, mais outro e mais outro, agora usando a cabeça do machado, como se fosse um malho, para arrebentar o caixão em pedaços, sempre praguejando. A madeira rachou, mas resistiu, depois um golpe violento esmagou o lado e o topo, ele escorregou, estatelando-se no chão. O machado escapuliu de seu controle e o dilúvio seguinte jogou-o contra o caixão, depois tornou a puxá-lo. Passada a espuma, ele conseguiu respirar, forçou os olhos a se abrirem. Ainda a mesma coisa. Ainda firme. Mais uma vez, ele se adiantou, mas agora perdera as forças, as mãos mal davam para se segurar.

E foi então que ele viu um cabo quase rompido. O emaranhado de cabos rangia sob a tensão, contorceu-se, ficou um pouco desembaraçado, mais um pouco, depois o caixão deslizou, a extremidade bateu no oceano, começou a se arrebentar. Por um instante, ainda manteve a extremidade na superfície, depois atundou, deixando espuma e bolhas em sua esteira. Um pedaço de pano, que era a bandeira da Struan, aflorou à superfície. O vagalhão seguinte varreu o mar, subiu a bordo, puxou suas pernas, arrastou-o contra a base do gurupés, depois sugou-o de volta, ao longo do convés, o contramestre lutando para recuperar o controle do cúter

Atônito por estar vivo, Jamie se descobriu ofegando na popa. No limite de suas forças, cambaleou até a porta da cabine e caiu lá dentro.

Skye continuava em seu canto, vomitando, semi-inconsciente, Hoag estendido de barriga para baixo, inconsciente, Angelique enroscada no banco em que a deixara, gemendo e soluçando, os olhos fechados. Estremecendo, Jamie arriou ao seu lado, o peito arfando, sem pensar, sabendo apenas que ainda se encontrava vivo e que eles ainda estavam seguros.

Depois de algum tempo, seus olhos clarearam. Avistou terra a cerca de um quilômetro e meio de distância, notou que a chuva diminuirá, tornar se acalmara um pouco. Agora, apenas uma ou outra onda passava por cima da amurada. Num armário por baixo do banco, ele

encontrou cobertores, envolveu-se com um, passou o outro em torno de Angelique.

— Estou com muito frio, Jamie... onde você esteve? — balbuciou ela, como uma criança assustada, apenas meio consciente. — Estou com muito frio, solitária, me sentindo horrível, mas contente pelo que fizemos, muito contente, oh, Jamie sinto muito frio...

Quando encostaram no cais da Struan, havia umas poucas estrelas enevoadas cintilando. Ainda era cedo, a noite mal começava a cair. O céu limpava e prometia um bom dia para amanhã. Os navios mercantes e a esquadra continuavam ancorados, sãos e salvos, tranqüilos, as luzes de ancoragem acesas. Havia uma atividade intensa apenas no navio de correspondência, com muitos lampiões a óleo acesos, como vaga-lumes.

Com a maior agilidade, o foguista pulou para o cais com um cabo, amarrou o cúter e depois ajudou os outros a desembarcarem. Angelique foi a primeira, depois Skye e Hoag. Jamie subiu os degraus sem dificuldade, ainda envolto pelo cobertor, sentindo frio, mas não muito. Skye e Hoag estavam brancos, estômago e cabeça ainda doloridos, as pernas fracas. Mas Angelique parecia muito melhor agora. Sua dor de cabeça desaparecera. Não sentira qualquer enjoo. Mais uma vez, chorara tudo o que tinha para chorar. Na última meia hora, deixara o ar abafado e fétido da cabine e fora se juntar a Jamie na popa. Ali, virara o rosto para o vento e deixara que desanuviasse seu cérebro.

Por trás dela, Hoag tossiu, cuspiu o catarro na água, se chocando com os pilares do cais.

— Desculpem — murmurou ele, precisando desesperadamente de um trago. Notou a confusão na proa, algumas tábuas quebradas, o gurupés desaparecido, as adriças também, a maior parte da amurada. — O que aconteceu?

— Alguns detritos foram lançados para bordo, como se fossem um caixote respondeu Jamie. — O que me deixou apavorado por um momento.

— Tive a impressão de ouvir um estrondo... acho... acho que vou dar um pulo até o clube... antes de me deitar.

— Vou com você — declarou Skye, precisando de mais do que um drinque para assentar o estômago. — Jamie? Sra. Angelique?

Ela sacudiu a cabeça, e Jamie disse:

— Podem ir. Não há mais nada a fazer esta noite... e não se esqueçam do plano.

Haviam combinado que nada seria dito, e que se alguém perguntasse se limitariam a informar que haviam realizado um sepultamento simbólico no mar, só isso.

Por sorte, nenhum dos outros vira o caixão voltar ao cúter, nem a luta de Jamie para soltá-lo... exceto o contramestre. Assim que pudera, ele subira à casa do leme e dissera:

— Contramestre, sobre o caixão, os outros lá embaixo nada viram. Assim na sua cabeça, você também não viu, e nada dirá a respeito. É um segredo nosso.

— Como quiser, senhor. — O contramestre lhe entregara o frasco. — Obrigado. Se não fosse por sua ação, teríamos afundado, todos nós... junto com ele.

Quase não restava mais nada no frasco, mas ajudara.

— Pensei que nunca conseguiria. Mas vamos esquecer. Um juramento seu. hem?

— Como quiser, senhor. Mas antes de esquecermos, quando o caixão afundou e se rompeu, ele apareceu. Pensei que estava tentando voltar para bordo.

— Deus do céu! — balbuciara Jamie. — Você está imaginando coisas, não vi nada... é apenas sua imaginação.

— Não é, não, senhor. Eu estava mais alto e podia ver melhor, certo? E vi o patife, pedindo seu perdão, vi quando ele voltou à superfície, se debatendo, antes de afundar.

— Está imaginando coisas, pelo amor de Deus! Que coisa horrível para dizer!

— É a verdade de Deus, senhor! Claro que foi apenas por um instante, e o mar espumante o envolvia, mas vi muito bem!

O contramestre cuspira na direção do vento, batera na madeira, e fizera o sinal contra o mau-olhado e o diabo, puxara o lóbulo da orelha para reforçar, antes de acrescentar:

— A verdade de Deus, senhor, e que um raio caia na minha cabeça se estiver mentindo. Fez meus colhões pularem até o reino e voltarem. Juro que ele aflorou à superfície, antes de Davy Jones, o espírito do mar, puxá-lo para o fundo, completamente nu.

— Não diga bobagem! E pare de inventar coisas! — Jamie estremeceu, batera também na madeira, por precaução. — Imaginou tudo isso, embora eu seja capaz de jurar por Deus que o maldito caixão parecia ter vontade própria... e maligna ainda por cima!

— O que estou querendo dizer, senhor, é que estava possuído pelo próprio diabo. — O contramestre tornara a cuspir a favor do vento, suando. — Ele se debateu para chegar à superfície, parecia diferente, os olhos abertos e tudo o mais e pensei que vinha nos buscar.

— Pelo amor de Deus, pare com isso! Malcolm jamais haveria de querer que alguma coisa ruim nos acontecesse — garantiu Jamie, contrafeito. — Foi apenas sua imaginação.

— Eu estava vendo tudo de cima, senhor...

— Esqueça o que pensa que viu! Tem mais algum rum?

O contramestre tossira, inclinara-se, abrira um armário escondido, tirara outro frasco. Estava pela metade. Jamie tomara um gole grande, engasgara, tomara outro.

— Haverá dez caixas de rum para você pegar em nosso armazém, contramestre, com os meus agradecimentos. Fez um bom trabalho, assim como o foguista... quatro caixas para ele.

O contramestre agradecera, efusivo. O calor do rum no estômago de Jamie prevalecera sobre o frio. Fitara o rosto curtido, os astutos olhos azuis.

— Nunca fiquei tão apavorado em toda a minha vida. Pensei que ia morrer umas três ou quatro vezes.

— Não eu, senhor. — O contramestre sorria. — Não com o senhor a bordo. Mas confesso que fiquei feliz quando o patife e seu caixão afundaram, nos amaldiçoando até o fundo...

Agora, apesar de são e salvo em terra, Jamie estremeceu, pensando nisso. Angelique disse:

— Você deve tirar essas roupas molhadas.

— Já estou indo — anunciou Hoag.

Angelique abraçou-o, beijou-o no rosto, fechando as narinas ao cheiro de vômito.

— Muito obrigada. Até amanhã.

Ela fez a mesma coisa com Skye. Os dois se afastaram, em passos trôpegos.

— Eles ficarão bem?

— Não têm nada que uns poucos uísques e uma noite de sono não possam curar — respondeu Jamie.

— Mas não estão em condições de discutir qualquer coisa, não é?

— Não. O que você quer discutir?

Angelique passou o braço pelo dele.

— Apenas decidir sobre amanhã.

— Podemos conversar enquanto andamos.

Despediram-se do contramestre e do foguista, ambos agradecendo de novo pelo rum. Foram andando de braços dados.

— Angelique... antes de você dizer qualquer coisa, quero que saiba que me sinto contente pelo que fizemos.

— Eu também, meu caro Jamie. Você é maravilhoso e me sinto contente e feliz por nada ter saído errado, ninguém ter se machucado. — Um ténue sorriso. — Apenas um pouco de enjoo.

— Não há com que se preocupar. E amanhã?

— Decidi não seguir no navio de correspondência... não, por favor, não diga nada, já decidi. Estou mais segura aqui. Até receber notícias de Tess formalmente.

É verdade, Jamie, estou mesmo mais segura aqui. E tenho certeza que Hoag e George concordariam que seria mais sensato, por motivos médicos. E acho que você também não deve ir.

— É meu dever contar tudo, Sra. Struan... à Sra. Tess Struan.

— Pode me chamar de Angelique. Afinal, sempre me tratou assim, e sou Sra. Struan há bem pouco tempo. — Ela suspirou, continuou a andar na direção do prédio da Struan. — É melhor eu ficar. Ela terá de declarar quais são as suas intenções e é melhor que seja por uma carta despachada para cá. Malcolm foi sepultado no mar e isso era tudo o que eu queria. Precisa mesmo ir?

— Com este vento — disse Jamie, pensando em voz alta — o *Prancing Cloud* pode desenvolver de quinze a dezessete nós e chegar a Hong Kong em cinco dias e ela ficará muito ocupada com uma notícia tão importante, a carga ainda mais importante.

Todos haviam concordado que em público — e agora também em particular — considerariam que o caixão continha o corpo do *tai-pan*.

— O navio de correspondência só conseguirá uma média de oito nós — continuou Jamie —, e assim só chegará no prazo habitual, dez dias e pouco. Quando atracar, o funeral já terá sido realizado, Tess saberá de tudo, de dezenas de pontos de vista diferentes... meu relatório está a bordo, assim como o de Sir William, e dezenas de outros, com toda certeza. Ela me dispensou ao final do mês, o novo homem chega dentro de poucos dias, e fui instruído a lhe mostrar tudo.

Havia ainda os motivos, que ele decidira não enunciar em voz alta. Deveria procurar outras *hongs* — como as grandes companhias eram às vezes chamadas —, em busca de um emprego. Mas o único emprego disponível, à altura de sua experiência, seria na Brock and Sons e certamente ele receberia uma oferta. Precisava também decidir sobre Maureen, e ainda tinha de pensar em Nemi. Jamie sorriu para Angelique, desolado.

— No final das contas, também não tenho nenhuma razão para ir, não é mesmo?

Ela aconchegou-se contra seu passo, indiferente aos que passavam.

— Fico contente por isso. Não vou me sentir tão sozinha se você ficar aqui.

— Jamie! — chamou Phillip Tyrer, da porta da legação britânica, pondo apressado a sobrecasaca e o chapéu, e se adiantando. — Boa noite, Angelique, Jamie. Sir William apresenta seus cumprimentos e pede que vocês dois... e os outros passageiros e tripulantes do cúter... façam a gentileza de procurá-lo amanhã de manhã, antes da igreja, e antes de embarcarem no navio de correspondência. Deve zarpar às duas horas.

— Com que propósito, Phillip? — perguntou Jamie.

— Acho... acho que ele gostaria... merda! Desculpe, Angelique. É óbvio que ele deseja perguntar o que vocês estavam fazendo.

— Fazendo?

Tyrer suspirou.

— Desculpe, meu velho, mas a idéia não é minha. Estão metidos numa encrenca, apenas transmiti a mensagem, mais nada. Não se zanguem comigo. Sou apenas o mensageiro mais próximo.

Angelique e Jamie riram, a tensão se dissipando.

— Dez horas?

— Obrigado, Jamie. Deve ser tempo suficiente. — Tyrer olhou para o cúter. — Parece que vocês tiveram uma travessia difícil. O que aconteceu com a proa?

Jamie olhou para trás. Os danos eram claramente visíveis à luz do lampião no cais, e ele compreendeu que poderiam ser percebidos sem qualquer dificuldade das janelas da legação, por meio de um binóculo.

— Um caixote... ou o que parecia um caixote... foi jogado para bordo, e depois levado de volta pelas ondas. Não chegou a criar maiores problemas.

Domingo, 14 de dezembro:

— **N**ão concordo, Jamie. é evidente que temos um problema. — Sir William sentava atrás de sua mesa, fitando-os, com Phillip ao lado. O clima na sala insípida era inquisitorial. — Vamos começar de novo. Como parece ser o porta-voz, vou me dirigir a você. Eu disse expressamente que não haveria funeral aqui, o corpo seria enviado para Hong Kong, e...

— E já partiu, Sir William, no *Prancing Cloud* — repetiu Jamie, o queixo empinado.

Discutiam há meia hora, ele e Sir William, os outros respondendo cautelosos, todos instruídos por Jamie e Skye a só falarem quando interrogados diretamente, e mesmo assim não oferecerem qualquer informação voluntária, apenas responderem ao que fosse indagado, da maneira mais simples possível: Hoag, Skye, o contramestre, o foguista, Angelique. Hoag era sem dúvida o elo mais fraco na corrente e, por duas vezes, quase revelara o motivo. Angelique usava um véu, vestido preto, pronta para ir à igreja.

— Fizemos um funeral simulado.

— Sei disso, e já perguntei, várias vezes, se era apenas simbólico, por que usar um caixão de verdade, com um cadáver de verdade, embora de um nativo, e jogá-lo pela amurada com uma cerimônia de sepultamento cristão no mar?

Jamie deu de ombros, embatucado com aquela pergunta inevitável. Naquela manhã, Skye lhe dissera:

— É melhor ignorar a questão, exibir a maior desfaçatez, manter a maior discrição, pois não há muito que ele possa fazer, a não ser cuspir fogo.

Agora, Jamie murmurou:

— O caixão estava ali e achei que seria uma boa idéia.

— Ah, quer dizer que foi tudo idéia sua?

— Foi, sim — respondeu Jamie, lançando um olhar furioso para Hoag, que já começava a abrir a boca. — Fiz a sugestão, e os outros apenas concordaram. Era o desejo do *tai-pan*... o desejo de Malcolm e da Sra. Struan. Não havia mal nenhum.

— Pois eu discordo. Toda a idéia é macabra, foram deliberadamente contra a minha decisão. Parece haver um espantoso colapso do

pensamento racional e um desejo de todas as pessoas reunidas aqui para evitar me contar a verdade, a explicação simples, um conluio para ocultar... para ocultar o quê? Não concorda, Phillip?

Tyrer teve um sobressalto em sua cadeira.

— Hum... sim, senhor, se é o que diz.

— Por que usar um caixão de verdade, um corpo de verdade?

Hoag remexeu-se em sua cadeira, contrafeito. Todos sabiam que a qualquer momento ele perderia o controle. Angelique concluiu que o momento era agora e começou a chorar.

— Por que não nos deixa em paz? Não fizemos mal nenhum, apenas o que achávamos melhor, o que meu marido queria, o que eu queria para ele...

— Angelique, por favor, não cho...

— ...o que ele queria, e o senhor nos proibiu. A culpa é sua, Sir William. Pensei que era nosso amigo. Se fosse mesmo amigo, e se mostrasse... razoável, não teríamos todo esse problema, pois é claro que não foi nada agradável fazer uma coisa às escondidas, embora eu ache que o senhor estava errado, e...

— Sra. Struan, eu...

— ...é claro que foi horrível, nenhum de nós queria fazer aquilo, mas pelo menos fizemos de boa fé, diante de Deus, pelo menos estes amigos, amigos de verdade, ajudaram a fazer direito o que meu marido e eu... não era pedir demais...

Por um momento, ela pensou em sair correndo da sala, mas sensatamente não o fez, compreendendo que isso nada resolveria e deixaria os outros à mercê de Sir William. Por isso, continuou onde estava, desmanchando-se em soluços ainda mais desesperados, sabendo que não mentira, e dissera a verdade pura e simples, que tudo fora culpa dele.

Em segundos, todos se agruparam ao seu redor, tentando acalmá-la, todos se sentindo aflitos, exceto Skye, impressionado pela maneira brilhante como Angelique escolhera o momento certo, e Sir William, que no fundo se divertia com a situação, embora simulasse, para salvar as aparências, que se encontrava também perturbado. Ele se limitou a observar e a esperar, ainda irritado com as maquinações — quaisquer que fossem — que todos haviam concebido em conjunto. O que dera neles, quem seria o verdadeiro culpado? Não podia ter sido Jamie, não é mesmo? Fora uma tremenda estupidez o que fizeram. Uma coisa absurda. Não havia o menor sentido em arriscarem a vida daquele jeito.

As pessoas não prestam. Nem mesmo Angelique. Ah, mas que dama, que tesouro, que atriz... de onde será, em nome de Deus, que ela tira tudo isso? Como a maioria das moças dessa idade, sua instrução é mínima, e no seu caso ainda por cima a recebeu num convento, o que é muito pior. Heavenly a instruiu para o julgamento do século? Ou sou apenas um velho tolo e cético? De qualquer forma vou me sentir muito triste ao perdê-la.

O relógio na cornija da lareira bateu um quarto para a hora. Tempo de ir para a igreja, pensou ele, tempo de parar... iria ler a Bíblia durante o culto e ainda não tivera tempo de analisá-la.

— Calma, Sra. Struan, calma... — murmurou ele, como faria um pai bondoso, embora severo. — Não há necessidade de lágrimas. Todos já tivemos muito por que chorar, recentemente. Devo admitir que

ainda desaprovo totalmente o que fizeram, uma coisa lamentável, mas nas circunstâncias emocionais creio que é melhor deixar as coisas como estão, pelo menos por enquanto.

Outra vez ele fingiu não notar o suspiro de alívio coletivo, nem a maneira como os soluços de Angelique se desvaneceram, e continuou:

— Agora, chegou o momento de irmos para a igreja, e depois embarcará no navio de correspondência, acompanhada por nossos desejos de *bon voyage* e uma vida longa. Para ser sincero, lamentaremos muito, ficaremos muito tristes, por vê-la partir de nossas praias.

— Eu... não vou embora agora, Sir William.

— Como?

Sir William e Tyrer ficaram atônitos. Entre soluços, a cabeça baixa, Angelique murmurou:

— O Dr. Hoag me aconselhou a não viajar pelo menos por mais uma semana. Hoag apressou-se em dizer:

— É isso mesmo. Por motivos médicos, não é uma boa idéia, Sir William, não é absolutamente uma boa idéia.

Naquela manhã, Skye, apoiado por Jamie, insistira que era melhor que Angelique não viajasse por algum tempo.

— O que ela precisa, doutor, é de um atestado médico, que possa ser aceito por Tess Struan. Com tanta emoção, não acha que ela não deveria viajar agora, nem tentar qualquer confrontação, enquanto não estiver mais forte?

Hoag concordara prontamente e dizia agora a Sir William:

— Como pode verificar, ela fica transtornada por qualquer coisa; dei-lhe um atestado médico, embora isso não seja necessário.

Por um momento, Sir William não sabia o que pensar. Por um lado, não a perderiam agora; por outro, havia o problema que ela já representava, e o espinho incômodo em que inevitavelmente se tornaria quando a ira de Tess Struan se abatesse sobre a sua pessoa e todos os outros, ainda em sua jurisdição.

— Acho realmente que deveria partir, *madame*. Pensei que era importante comparecer ao funeral.

— Bem que quero ir, mas... — A voz tremeu, um novo soluço sacudiu todo o corpo de Angelique. — O Dr. Hoag seguirá em meu lugar. Não me sinto em condições... é melhor...

— Mas você também vai, Jamie, não é?

— Não, senhor. Recebi ordens da Sra. Tess Struan para fazer determinadas coisas aqui.

— Que Deus abençoe minha alma! — Sem muito empenho, Sir William tentou dissuadi-la, acabou suspirando. — Muito bem, se é o Dr. Hoag quem diz, não há mais o que discutir. Afinal, ele é o médico da Struan.

Sir William levantou-se. Visivelmente aliviados, todos lhe agradeceram e começaram a se retirar.

— Espere um pouco, Dr. Hoag. Eu gostaria de lhe falar por um momento, por favor.

Ele escondeu sua satisfação por ver Jamie e Skye empalidecerem e acrescentou, incisivo, enquanto eles se afastavam:

— Bom dia, Jamie, Sr. Skye. Phillip, não precisa ficar.

A porta foi fechada. Hoag era como uma lebre diante de uma naja.

— E agora, doutor, diga-me a verdade. Como ela está?

— Está muito bem, na superfície, Sir William — respondeu Hoag, no mesmo instante. — É uma cura superficial. O que há por baixo, ninguém sabe. Pode durar dias, semanas, um ano, ou mais... e depois o pesadelo voltará. O que acontecerá então...

Ele deu de ombros.

— Vai conversar com Tess Struan?

— Assim que eu chegar.

Hoag esperou, trêmulo, receando o interrogatório, sabendo que cederia. Pensativo, Sir William levantou-se, serviu um uísque, entregou a Hoag. A bebida logo desapareceu.

— Não voltará a Iocoama por algum tempo, talvez nunca mais. Preciso saber, em termos confidenciais, de uma coisa: quais são as possibilidades médicas de que ela esteja esperando uma criança de Malcolm?

Hoag piscou, o uísque e a inesperada gentileza acalmando-o, mas também deixando-o atordoado, pois não previra aquela linha de interrogatório. Respondeu com a maior sinceridade:

— Claro que isso depende de Deus, senhor. Mas Malcolm era saudável, e ela também, duas excelentes pessoas, infelizmente marcadas pelo destino... muito triste. Eu diria que as possibilidades são grandes, pois não houve uma fantasia ociosa, o ato de amor entre os dois deve ter sido muito ardente, quase uma paixão arrebatada.

Sir William franziu o rosto.

— Ótimo. Quando se encontrar com Tess Struan... acho que a nossa Sra. Struan vai precisar de toda ajuda que puder obter. Não

concorda?

— Pode ter certeza de que intercederei por ela.

Sir William balançou a cabeça, estendeu a mão para a gaveta. O envelope estava lacrado, com a indicação de Pessoal, Confidencial e Particular, a ser entregue em mãos, endereçado a Sir Stanshope, governador de Hong Kong, de Sir William Aylesbury, ministro para o Japão.

— Tenho uma missão oficial para você, secreta. Quero que entregue isto ao governador, pessoalmente, assim que chegar.

Ele escreveu no rodapé "Entregue pessoalmente pelo Dr. Hoag". Decidira usá-lo no momento em que soubera que Jamie não viajaria no navio de correspondência e porque não havia ninguém a bordo do *Prancing Cloud* em quem pudesse confiar.

— Deve ser entregue pessoalmente, a mais ninguém, assim como ninguém deve saber que é um mensageiro da rainha. Entendido?

— Claro, Sir William — respondeu Hoag, orgulhoso.

Ele sabia que Hoag se tornara dócil e poderia lhe arrancar qualquer coisa que quisesse. Quem começara a maquinação, o que haviam pensado no mar, por que fizeram aquilo, o que acontecera de fato em Kanagawa. Sir William sorriu para si mesmo, desfrutando sua posição, mas motivos pessoais levaram-no a não insistir no assunto.

— Tenha boa viagem. Aguardo ansioso a oportunidade de revê-lo em Hong Kong.

— Obrigado, senhor.

Hoag se retirou, exultante por ter escapado com sua honra intacta. Jamie e Skye o aguardavam na High Street, ansiosos.

— Não houve nada, sinceramente — disse Hoag, excitado. — Ele só queria fazer perguntas médicas, particulares.

— Foi isso mesmo?

— Juro por meu coração e que um raio me caia na cabeça se estiver mentindo. Vamos depressa, pois dá tempo de tomar um trago antes da igreja. Ainda me sinto todo encharcado.

Eles se afastaram, felizes, sem notarem que Sir William os observava de sua janela. Eu me pergunto se esses canalhas continuariam tão felizes se pudessem ler minha carta para o governador, pensou ele, de cara amarrada. Ainda não se livraram da encrenca, nenhum de nós se livrou. Como se um caixão pudesse ter alguma importância com o mundo inteiro desmoronando, a Rússia à beira da guerra outra vez, a Prússia lambendo os beijos com as entranhas da Europa Central, os franceses com seu orgulho militante e exagerado, nosso império indiano e colônias asiáticas em perigo por causa de idiotas desnorteados no Parlamento; nós aguardando o iminente extermínio pelos japoneses.

Na superfície, a carta era inócua. Decifrada, dizia: *Solicito urgente todos os reforços possíveis de esquadra e exército, pois espero que*

a colônia seja atacada a qualquer momento por legiões de samurais do Bakufu, talvez tenhamos de abandonar nossa base aqui.

A igreja católica estava iluminada por velas, o altar faiscando, a congregação escassa, e o padre Leo conduzia a litania da missa ao final, sua voz profunda de barítono melodiosa, em meio ao perfume familiar de incenso que envolvia a todos... o serviço mais curto do que o habitual, já que algumas pessoas embarcariam no navio de correspondência.

Angelique ajoelhava-se no primeiro banco, absorvida em oração, Seratard ao seu lado, André alguns bancos atrás, Vervene no fundo, com o resto do pessoal da legação, uns poucos mercadores, eurasionos portugueses, e alguns oficiais e marujos dos navios franceses de licença em terra. A maior parte dos marujos franceses assistia a outras missas, antes ou depois. Não havia padres nos navios, pois considerava-se que trazia má sorte tê-los a bordo, em qualquer navio, de qualquer bandeira.

O padre Leo inclinou-se para o altar, rezou e depois concedeu a bênção à congregação. Angélique respirou fundo, concluiu sua oração sem pressa e esperou que Seratard se levantasse.

Já fizera a confissão. Dissera no confessionário:

— Perdoe-me, padre, pois eu pequei.

— Que pecados cometeu esta semana, minha criança?

Ela percebera a impaciência maldisfarçada de saber de cada pensamento e ato que havia ocorrido, sendo aquela a primeira vez que se confessava desde o início de seus problemas.

— Esqueci de pedir perdão à Santa Mãe, certa noite, em minhas orações — dissera ela, com absoluta calma, persistindo em seu pacto, no plano e palavras que projetara. — Tive muitos

pensamentos e sonhos ruins, senti medo, e esqueci que me encontrava nas mãos de Deus, e assim nada precisava temer.

— E que mais?

Um pequeno sorriso se insinuara no rosto de Angelique, ao constatar que a impaciência aumentara.

— Pequei no meu casamento, embora tenha sido legal aos olhos da gente de meu marido, de sua lei e sua Igreja. Mas não houve tempo para nós celebrarmos o casamento na verdadeira Igreja.

— Mas... mas isso, senhora, não é por si só um pecado, já que não foi responsável pelo que aconteceu, ele nos foi tirado abruptamente. Que outros pecados cometeu?

Ela mantivera as narinas fechadas ao máximo que podia, contra o cheiro de alho, vinho ordinário e roupas sujas, usando um lenço perfumado.

— Pequei por não conseguir persuadir Sir William a permitir que sepultasse meu marido conforme ele desejava e, portanto, eu desejava também.

— Isso... isso por si só não é um pecado, minha criança. O que mais?

— Pequei por não conseguir persuadir meu marido a se tomar católico antes de nos casarmos.

— Isso também não é um pecado, senhora. O que mais?

Ele começara a parecer exasperado. Como Angelique esperava. É estranho que eu não tenha mais medo desse homem e seja capaz de perceber as nuances que ele tenta esconder. Será outra dádiva de Deus?

— Cometeu... cometeu pecados da carne?

Os olhos de Angelique se contraíram, o sorriso congelara, e o desprezara ainda mais, ao mesmo tempo em que o perdoava em parte, por sua magnanimidade em abençoar o outro caixão.

— Tenho sido uma esposa correta, de acordo com os ensinamentos da Igreja.

— Sei disso, mas coabitou com ele, não sendo devi...

— Era devidamente casada de acordo com as leis do meu marido e agi de acordo com os ensinamentos da verdadeira Igreja — insistira ela, para acrescentar num tom um pouco incisivo: — E agora, padre, gostaria que me concedesse à absolvição.

Isso era contrário à prática aceita, e ela esperara, prendendo a respiração pronta para se retirar, se ele tentasse esmiuçar mais fundo contra a prática aceita.

— Como... como vai partir hoje, senhora, é necessário ter certeza, para conceder a absolvição...

— Não vou viajar no navio de correspondência, padre. Não hoje.

— Não vai? — murmurara o padre Leo, deixando que Angelique sentisse a exultação e o alívio. — Neste caso, minha criança, poderemos conversar mais, para a glória de Deus. Ah, como são maravilhosos os caminhos de Deus!

Ele concedera a absolvição, com uma penitência mínima, e Angelique deixara o confessionário para se juntar à congregação.

Gostara muito de superar esse obstáculo. Sua mente vagueava, mas estava normal. Agora podia relaxar, satisfeita consigo mesma. Conseguira tudo o que queria: Malcolm sepultado aqui, como ela desejava, Gornt lançado, Hoag a caminho, Tess neutralizada... com a ajuda de Deus.

Deus está do meu lado, tenho certeza. Ele aprova, tenho certeza. Exceto por Malcolm, ah, Malcolm, Malcolm, meu amor...

— Posso acompanhá-la até em casa, Angelique? — perguntou Seratard, interrompendo seus devaneios.

— Obrigada, *monsieur* — disse ela, formal —, mas não sou muito boa companhia neste momento e prefiro voltar sozinha.

— Temos muito o que conversar antes de sua partida.

— Oh... pensei que já sabia que não vou mais viajar no navio de correspondência... o Dr. Hoag proibiu, o que muito me entristece.

O sorriso de Seratard se alargou.

— Magnífico! É a melhor notícia que recebi em muitos dias! Gostaria de jantar na legação esta noite, apenas duas ou três pessoas... discretamente?

— Obrigada, mas também não. Talvez no final da semana, se eu me sentir melhor.

— Na quinta ou sexta-feira, quando achar melhor.

Serataud beijou-lhe a mão e Angelique saiu da igreja. O vento voltara a soprar. Ela sentiu-se contente pelo véu que a camuflava, pois assim não havia necessidade de se esconder por trás da fachada do rosto. As pessoas por quem passava a cumprimentavam, com tristeza, inclusive Nettlesmith.

— Lamento profundamente a sua partida, *madame*.

— Obrigada, Sr. Nettlesmith, mas não vou embarcar no navio de correspondência, não hoje. — Outra vez ela viu um rosto se iluminar à notícia e acrescentou, divertida: — O Dr. Hoag proibiu-me de viajar, o que muito me entristece.

— Oh! Posso compreender. Não vai mais, hem? Ah... Pode me dar licença, *madame*?

Ele correu para o clube. Dentro de poucos minutos, a notícia se espalharia por toda a colônia e não haveria necessidade de anunciá-la a mais ninguém. Ela avistou André mais adiante, esperando-a.

— Olá, André.

— Fico contente porque não vai mais viajar.

— Ah, as notícias circulam depressa.

— Boas notícias. Preciso conversar com você em particular.

— Sobre dinheiro?

— Sobre dinheiro. Você mudou muito, Angelique.

— Para melhor, espero. Como tem passado, meu velho amigo?

— Velho.

André sentia-se desanimado, hoje, cansado. Estivera com Hinodeh, noite passada, e sombras surgiram entre os dois. E violência. Enquanto ela o massageava, André estendera a mão, a fim de puxá-la pela gola do quimono e beijar seu seio, amando-a até a loucura. Mas ela se desvencilhara, fechando o quimono.

— Você prometeu não... — balbuciara ela.

A fúria contra si mesmo por ter esquecido — qualquer violação assim a mergulhava num pesar patético e abjeto, que o enfurecia ainda mais — se transformara em fúria contra ela e ele berrara:

— Pare de se comportar assim! Baka!

Nunca havia lágrimas quando André estava lá, apenas o constante e abjeto murmúrio “*gomennasai, Furansu-san, gomennasai, gomennasai, gomennasai*”, interminável, até deixarem-no enlouquecido, e ele tornara a gritar:

— Cale-se, pelo amor de Deus!

Hinodeh se calara. E permanecera ajoelhada, olhando para o tatame, as mãos no colo, imóvel, exceto por um tremor ocasional, como um cachorro açoitado.

Ele quisera pedir desculpas, abraçá-la, seu amor incessante, mas isso não o ajudaria, apenas faria com que perdesse a dignidade ainda mais. Por isso, levantara-se, mal-humorado, vestira-se e saíra da casa sem dizer mais nada. Deixando a Yoshiwara, e depois de atravessar a ponte, descera para a praia, chutara o barco de pesca mais próximo, praguejando, até ficar esgotado. Depois, sentara sobre os seixos frios, sufocado de frustração, sabendo que ela estaria chorando naquele momento, também furiosa por não ter

contido o erro dele com mais habilidade, sabendo que no dia seguinte recomeçariam como se nada tivesse acontecido, mas André tinha certeza de que, não muito abaixo do comportamento doce e gentil, havia um vasto reservatório de ódio. Por ele.

— E por que não? — murmurou ele.

— Por que não o que, André? — indagou Angelique.

— Oh... nada, estava apenas divagando.

— Vamos procurar um banco vazio. Poderemos sentar ali, e conversar.

O banco era de frente para o mar. O navio de correspondência atraiu a atenção de Angelique e ela especulou sobre o que poderia acontecer se decidisse partir. Só conseguiria entrar no covil da leoa mais cedo do que o necessário, refletiu ela. Não havia necessidade de se preocupar com isso, não havia necessidade de se preocupar com qualquer coisa... apenas assumir meu novo ser, verificar seus limites e esperar. A fumaça começou a subir da chaminé. O navio de

correspondência se preparav para zarpar. Apenas uns poucos tênderes continuavam a seu lado.

— Não sou uma companhia muito boa, André, desculpe.

— Pode me arrumar algum dinheiro?

— Só tenho um pouco. Quanto precisa?

— Mil guinéus.

— Para quê?

Ele respirou fundo.

— O nome dela é Hinodeh.

André contou que se apaixonara, queria-a só para si, não revelando o verdadeiro motivo, sua doença.

— É difícil contar tudo, é claro que não posso fazê-lo, mas não consigo viver sem aquela mulher, e o dinheiro é necessário para seu contrato. Preciso obtê-lo, de qualquer maneira.

— Não tenho a menor possibilidade de conseguir essa quantia, André — murmurou Angelique, chocada, mas também comovida. — O que me diz de Henri? Ele não poderia lhe dar um empréstimo?

— Ele recusou, até mesmo recusou a me dar um adiantamento sobre o meu salário. Acho que gosta da minha dependência...

— Se eu falasse com ele...

— Não, não deve fazer isso, seria pior. — Ele fitou-a de uma nova maneira. — Quando conseguir seu acordo de casamento, espero que seja rápido, trabalharei para que saia o mais depressa possível, quero que me empreste o dinheiro, mil guinéus.

— Se eu puder, André, pode contar.

— Pode me emprestar algum agora? Cem guinéus... isso manterá a *mama-san* sem me pressionar por uma semana... foi ela quem a ajudou.

Angelique deixou passar a farpa, sabendo muito bem que ele a ajudara por vários meios e que prometera não mencionar qualquer deles. Sua mente saltou em frente, novas conclusões: essa Hinodeh é uma segurança adicional para mim.

— Pedirei um adiantamento a Jamie.

— Há o dinheiro que Sir William disse que podia ficar com você, os duzentos e sessenta e três guinéus que estavam no cofre.

— É verdade, restou alguma coisa.

Ela contemplou o mar, a fim de evitar os olhos de André, com uma intensidade perturbadora, e se perguntou como ele soubera. Também queria disfarçar sua aversão àquele André diferente, com sua histeria latente. É uma tolice ser assim, será que ele não compreende que as Parcas estão unidas? Mas, por outro lado, ele está apaixonado, e assim posso perdoá-lo.

— Mandei algum para casa.

— Estou trabalhando por sua conta, Angelique, todos os dias, com Henri. A tutela do Estado, ele tem certeza de que vai conseguir. Henri é importante para o seu futuro, ele e o embaixador serão seus defensores na luta iminente, eu garanto. Foi sensata ao decidir ficar aqui e esperar. É mais seguro, melhor.

Ela recordou como, não muito tempo atrás, André lhe dissera que era vital que fosse para Hong Kong.

Ele a observava, era difícil ver claramente através do véu, lembrando o depoimento assinado que guardara, junto com seu testamento, no cofre do ministro britânico, não confiando em Seratard... contra qualquer "acidente" que lhe acontecesse. Relatava o ato de amor do assassino da Tokaidô e o estupro — quando e como ocorrera, o sepultamento da prova — e a verdade sobre a morte do assassino. Havia ainda a segunda página da carta que o pai de Angelique enviara meses antes, que ele rasgara na sua frente, mas depois juntara os pedaços, o documento que acabaria com qualquer acordo que Tess Struan pudesse conceder... tudo isso a ser usado quando fosse necessário, pois Angelique era seu único passaporte para a posse de Hinodeh e um futuro confortável.

Raiko e Meikin vendendo e comprando segredos? Um sonho irreal, disse ele a si mesmo, amargurado. Eu lhes entreguei todo o plano de campanha e o que recebi em troca? Promessas... e nenhuma chance para abater a minha outra dívida.

— Cem guinéus — repetiu André, muito cansado e furioso para dizer por favor.

Angelique não desviou os olhos do mar.

— Por quanto tempo teremos de esperar... para Tess agir?

— Depende da maneira como Tess receberá a notícia, ou a Hoag, o que ela fará no funeral. De qualquer forma, esperará trinta dias... para saber se você está ou não grávida... antes de decidir.

André falou no mesmo tom indiferente, insistindo no passado, querendo-a dependente de novo. Ela fitou-o agora, satisfeita pelo véu. Ele teve a impressão de que seus olhos eram amistosos... talvez com medo, talvez não.

— Acrescente dez dias para que a notícia chegue ao conhecimento dela, Angélique. Dez para pensar, dez para enviar uma mensagem de volta. Cerca de dois meses, talvez menos.

— Qual será a mensagem?

— Venenosa. — Os olhos de André se contraíram. — Mas tenho algumas idéias, planos. Posso ajudá-la a se tornar rica. Temos de esperar, não há nada a fazer por algum tempo, apenas esperar. Paciência, Angelique. Paciência e um Pouco de sorte... Tenho algumas idéias.

E eu também, André Chantagista. Muitas. E planos. Para você, para Tess e para o futuro. Ternamente, ela inclinou-se, tocou-o.

— Fico contente que você tenha um amor para acalantar. É abençoado.

Angelique falou com sinceridade. Depois, como só uma mulher era capaz ela pôs a ternura de lado para sempre e repôs seus planos no lugar.

— O dinheiro estará à sua espera às seis horas, André... fico contente porque você é meu amigo.

— Eu também me sinto contente... e obrigado pelo empréstimo.

— Portanto, devemos ser pacientes de novo e esperar? É isso o que devemos fazer, não é mesmo? Um pouco de sorte e paciência? Posso ser paciente. Um pouco de sorte e paciência. Muito bem. Que assim seja.

Ele observou-a se afastar, empertigada e confiante, e também, apesar de toda a sua esplêndida pequenez, um tanto alta.

LIVRO CINCO

51

IEDO

Quinta-feira, 10 de janeiro de 1863:

Toranaga Yoshi chegara ao castelo de Iedo, procedente de Quioto, oito dias antes, cansado e furioso, a jornada desde a estação de posta de Hamamatsu em marcha forçada.

As linhas em seu rosto eram mais profundas. Onde os homens tinham medo dele antes, agora sentiam pavor. Sua ira se voltava contra eles como um açoite. Durante a jornada, exigira o máximo de si mesmo e deles, dormindo apenas umas poucas horas, desvairado com qualquer atraso, insatisfeito com as estalagens, os banhos, a comida, o serviço e o futuro. O capitão Abeh suportava o impacto, todos sabendo que era apenas frustração e dor pela morte de Koiko, a amada.

Abeh providenciara a cremação de Koiko, assim como a de Sumomo, e depois partiram, galopando por léguas, todos conscientes de que uma guerreira tão brava merecia uma reverência cortês do vencedor diante do fogo... ainda mais quando se tratava de uma mulher, *shishi*, que em breve seria o tema de canções e lendas, a mesma forma que o golpe que a partira ao meio. E Koiko, o lírio também, ela que se lançara no trajeto do primeiro *shuriken*, assim salvara a vida do lorde, e a quem ele concedera a dádiva da morte sem dor. Mas Yoshi, guardião do herdeiro, dissera tristemente:

— O poema de morte delas é o seguinte:

Do nada ao nada,

Um cadáver é um cadáver,

E nada mais —

O meu, o seu, até o delas,

Será que existiram? Nós existimos?

Dali por diante, a toda velocidade, até alcançarem o castelo. Mas nem ali houvera descanso, o castelo, Iedo e todo Kwanto em polvorosa pelos preparativos dos *gai-jin* para a guerra... precipitada pelo ultimato do tairo, como Yoshi esperava

— Era inevitável — declarara Yoshi, na reunião dos anciãos que convocara de imediato, acrescentando, para proporcionar a Anjo um meio de se livrar da situação: — Você foi mal aconselhado... afaste o idiota que fez a sugestão e elaborou a carta.

— Foi ordem do imperador e do xógum, para que todos os *gai-jin* fossem expulsos — protestara Anjo, furioso.

— Ordem? O xogunato é que ordena, não um menino menor de idade, que repete as palavras que o xogunato lhe diz... nem o imperador, que só pode nos solicitar para fazer alguma coisa!

— Como *tairo*, considereei que o ultimato era necessário.

— E pergunto de novo, o que propõe fazer quando a esquadra chegar aqui?

— Isso não vai acontecer, porque atacaremos primeiro — respondera Anjo, para depois estremecer com uma pontada de dor, comprimindo seu flanco. — Já os cerquei; Iocoama é como um peixe morto esperando para ser estripado. A força de ataque está quase pronta.

— E a esquadra dos *gai-jin*?

A ira de Yoshi era intensa por seu conselho ter sido mais uma vez descartado e por se meterem, de novo, numa armadilha que eles próprios haviam criado. Não adiantava recordar a Anjo e aos outros o plano que ele projetara de forma tão meticulosa, ganhando tempo para novas táticas protetelatórias contra os *gai-jin*, enquanto o xogunato aumentava sua força e cuidava do problema mais específico e premente de destruir a coalizão hostil de Tosa, Choshu e Satsuma, que acabaria por derrubá-los, se permitissem que vicejasse.

— Primeiro, surpreendemos Iocoama, incendiamos tudo, como sugeri há meses — dissera Toyama, tremendo de excitação. — Vamos queimá-los!

— E como afundaria a esquadra? — indagara Yoshi, desdenhoso.

Ele notara a dor de Anjo, e sentia-se contente por isso, recordando seu acordo com Ogama de Choshu, que deveria ser confirmado depressa, a fim de manter o inimigo desconcertado e neutralizado. Toyama dissera, veemente:

— Os deuses afundarão seus navios, Yoshi-dono, como fizeram contra Kublai Khan e seus mongóis. Esta é a terra dos deuses e eles não vão nos abandonar.

— E caso os deuses estejam ausentes ou dormindo — acrescentara Anjo — mandaremos nossos brulotes... tenho centenas já em construção, centenas. Se o inimigo passar por essa barreira para bombardear Iedo, só camponeses, mercadores, artífices e parasitas morrerão. Nossas legiões continuarão intactas.

— Isso mesmo, ficarão intactas — concordara Toyama, exultante.

Anjo continuou:

— Depois que Iocoama cair, a esquadra dos *gai-jin* deverá partir, porque não terá mais uma base aqui para se reagrupar. Seguirá para as colônias na China, por falta de uma posição segura aqui. Se eles voltarem, nós...

— Quando eles voltarem — corrigira Yoshi.

— Está certo, Yoshi-dono, quando eles voltarem, com mais navios, vamos afundá-los no estreito de Shimonoseki, Ogama cuidará disso ou, a essa altura, já teremos mais canhões, mais brulotes, e nunca permitiremos que desembarquem, nunca mais deixaremos que instalem outra base aqui. Não haverá mais tratados para protegê-los! Absolutamente nenhum! Fecharemos nossa terra, como antes. É isso o que planejo. — A expressão de Anjo era triunfante. — Rasguei os tratados, como quer o imperador!

— Você é divino, *tairo*, os deuses nos protegerão com um vento divino! — exclamara Zukumura, rindo, a saliva escorrendo pelo queixo.

— Os deuses não nos protegerão das granadas dos *gai-jin*, nem os brulotes — garantira Yoshi. — Se perdermos Iedo, perderemos a nossa cidadela de xogunato, e depois todos os daimios da terra se juntarão contra nós para partilharem os despojos... liderados por Ogama de Choshu, Sanjiro de Satsuma e Yodo de Tosa. Sem Iedo, nosso xogunato está liquidado. Por que não podem compreender isso?

Anjo se contorcera sob outra pontada de dor, e explodira:

— Compreendo muito bem que você pensa que é o lorde da terra e a dádiva dos deuses ao Nipão, mas acontece que não é, não é mesmo, está sob as minhas ordens, sob o meu comando. O *tairo* SOU EU!

— Você é o *tairo*, e... mas por que essa dor? — indagara Yoshi, simulando preocupação, como se tivesse acabado de notar, com a intenção de interromper a confrontação. — Há quanto tempo sente essa dor? O que diz o doutor?

— O que diz? Ele... — Anjo tomou outro gole do amargo extrato de ervas. O medicamento quase não atenuava a dor. Vinha se agravando e o novo doutor chinês se mostrava tão inútil quanto os outros, a tal ponto que ele até passara a considerar a possibilidade

de um exame secreto pelo famoso doutor gigante *gai-jin* de Kanagawa. — Não importa minha dor. *Eu conheço você.*

Yoshi percebera o ódio de Anjo e sabia que o ódio era causado por sua juventude e força... e o idiota nem imagina como estou cansado da vida.

— Posso...

— Você não pode fazer nada! Atacaremos quando eu ordenar e chega de conversa! A reunião está encerrada!

Anjo saíra, mais furioso do que nunca. Agora que era o *tairo*, Anjo reinava autoritário, e tratava todos os outros com um profundo desdém.

Num acesso de raiva, Yoshi vagueara pelo castelo como um tigre enjaulado. Depois daquele primeiro dia terrível, relegara Koiko para um compartimento isolado e o trancara com firmeza. Mesmo assim, ela o espiava lá de dentro de vez quando, sorrindo. Irritado, ele a empurrava de volta... agora não havia como saber se Koiko se

adiantara para salvar sua vida, como Abeh Ihe assegurara, não havia como descobrir por que ela empregara uma assassina *shishi*, Sumomo Fujahit a um nome falso, sem dúvida, mas com certeza uma acólita de Katsumata.

E onde se encontra Katsumata agora?

Ele já dera ordens para que o descobrissem, onde quer que estivesse, oferecera vultosa recompensa por sua cabeça. Também ordenara a caçada e destruição de todos os *shishi* e seus protetores. Depois, mandara chamar Ineijn seu maior espião. O velho entrara claudicando, fizera uma reverência.

— Parece, Sire, que os deuses o protegeram como se fosse um dos seus.

— Permitindo que uma assassina *shishi*, armada com um *shuriken*, entrasse no santuário interior de minha cortesã, permitindo que minha cortesã se tornasse uma traidora, parte da conspiração?

Ineijn sacudira a cabeça.

— Talvez não uma traidora, Sire, nem parte de uma conspiração, apenas uma mulher. Quanto à *shishi*, Sumomo, ela apenas serviu para demonstrar a sua capacidade de luta, Sire, que foi perfeita... para a qual foi treinado.

A força extraordinária daquele velho servidor despachara a raiva de Yoshi para a China.

— Não tão perfeita — murmurara ele, pesaroso —, já que a gata me arranhou. Mas o ferimento sarou.

— Devo arrastar Meikin, a *mama-san*, até aqui, Sire?

— Ah, o pivô. Não a esqueci. Em breve, mas ainda não. Continua a vigiá-la?

— Como se fosse a sua segunda pele. O que deseja de mim, Sire?

— Quero que encontre Katsumata, vivo, de preferência. Removeu o traidor ronin que trabalhava para os *gai-jin*, como eu ordenei? Qual era mesmo o seu nome? Ori Ryoma, um Satsuma, é isso.

— Esse homem está morto, Sire, mas tudo indica que não era o traidor. Os *gai-jin* mataram Ori há algumas semanas. Atiraram nele quando tentava arrombar uma de suas casas. Mas o homem que lhes fornecia informações... e continua a fazê-lo... é um ronin de Choshu chamado Hiraga.

Yoshi ficara surpreso.

— Aquele do cartaz? O *shishi* que comandava os homens que assassinaram Utani?

— Isso mesmo, Sire. No momento, não posso eliminá-lo, pois ele se encontra sob a proteção do chefe inglês, e não se afasta muito do prédio deles. Tenho um espião na aldeia, e poderei lhe dizer mais coisas dentro de uns poucos dias.

— Ótimo. O que mais? Toda essa conversa de guerra?

— Espero ter mais informações em poucos dias.

— Pois trate de se apressar — dissera Yoshi, dispensando-o. — Quanto tiver notícias mais sérias, volte a me procurar.

Inejin não vai me falar, pensara ele, e lamento ter sido tão rude. Os espões, devem ser cortejados como nenhum outro... porque deles depende sua capacidade de se movimentar... Ah, Sun-tzu, que gênio você foi... mas nem mesmo o conhecimento mais profundo de seus preceitos me diz o que fazer em relação aos *gai-jin*, em relação àquele garoto idiota e minha arqui-inimiga, a princesa Yazu... os dois ainda se empanturrando com o mingau com mel servido pelos sicofantas da corte, obedecendo às ordens daquele cão, o lorde camarista. O que você faria para destruir os inimigos que me cercam? Anjo, os anciãos, a corte, Ogama, Sanjiro, a lista é interminável. E impossível. E por cima de todos, os *gai-jin*.

E fora então que ele se lembrara do convite para ir a bordo do navio de guerra furansu — francês. O empreendimento de venda de carvão que sua esposa, Hosaki, organizara em conjunto com a Gyokoyama e o garimpeiro *gai-jin* lhe permitira enviar Misamoto, seu falso samurai, o pescador-intérprete, para acertar os detalhes. Isso ocorrera no dia anterior.

Ele saíra de Iedo numa galé a remo, para um encontro no mar, sem fanfarras, logo além da vista de terra... com Abeh, vinte guardas e Misamoto. A experiência fora apavorante. O tamanho e a potência dos motores do navio, os canhões, a quantidade de pólvora, balas e carvão que podia transportar, e as histórias que haviam contado, mentiras ou verdades, ele ainda não era capaz de determinar a extensão do império furansu, sua riqueza e poder, as léguas de viagem que um navio assim podia cobrir, a quantidade de navios de guerra e canhões e o tamanho de seus exércitos, que eram inacreditáveis, pelo que diziam. Misamoto interpretara, junto com o intérprete que se intitulara *Andreh Furansu-san*. Embora eles tivessem sua própria língua, o encontro fora conduzido na maior parte em inglês.

Yoshi não entendera muito do que ele dissera. As palavras usadas eram estranhas e se consumira muito tempo explicando quilômetros e metros, pólvora, breu e êmbolos, vapores de roda contra vapores de hélice, blocos de culatra e fecharia de pederneira, fábricas e potência de fogo.

Mas tudo fora esclarecedor e certas informações da maior importância: a necessidade vital de suprimento de carvão e portos seguros — sem o que os navios de guerra a vapor não passavam de cascos inúteis — incapazes de transportar todo o carvão necessário para a viagem de ida, as operações navais e a viagem de volta. E, segundo, como ele já testemunhara na reunião do Conselho com os *gai-jin*, no castelo em Iedo, e achara difícil acreditar na verdadeira extensão, qualquer menção aos *gai-jin* ingleses, os *ing'erish*, provocara olhares desdenhosos nos *gai-jin furansu*, que não hesitavam em demonstrar a profundidade de seu ódio.

Isso o deixara satisfeito, porque confirmara o que Misamoto dissera antes, que os *ing'erish* eram odiados por quase todas as outras nações do mundo, porque possuíam o maior império, eram a nação mais forte e mais rica, com as maiores e mais modernas esquadras, os exércitos mais poderosos, disciplinados e bem equipados, além de terem ganhos com a produção de mais da metade das mercadorias do mundo. E ainda contando, o melhor de tudo, com uma ilha que era um reduto inexpugnável para guardar tudo.

Claro que eles são odiados. Como nós, os Toranagas, também somos odiados. Portanto, pensara ele, com uma ânsia nas entranhas por seu erro passado, são esses *gai-jin ing'erish* que devem ser adulados, cuja amizade devemos conquistar e tratá-los com o maior cuidado. As melhores esquadras? E as melhores armas. Como eu poderia tentá-los a me construírem uma esquadra? Ou me fornecerem uma? O carvão pagaria por isso?

— Misamoto, diga a eles que eu gostaria de aprender mais sobre esses maravilhosos artefatos *furansu* — ordenara ele, em tom afável.
— Diga também que eu gostaria de ter amigos entre os *gai-jin*. Não me oponho ao comércio... talvez até possa transferir minha concessão de carvão para os *furansu*, tirando dos *ing'erish*.

Isso despertara o interesse imediato deles. Nessa ocasião, estavam lá embaixo na maior cabine na popa, que ele achara apertada e malcheirosa, com os odores de óleo, fumaça de carvão e refugos humanos, com uma camada de pó de carvão por toda parte. Sentavam ao redor de uma mesa comprida, meia dúzia de oficiais em uniformes com alamares dourados, e seu líder, Seratard — *Serata*, a pronúncia correta — no centro. Abeh e metade de seus guardas postavam-se por trás de Yoshi, os outros haviam ficado lá em cima.

No momento em que vira Seratard e ouvira seu nome, Yoshi gostara dele — era totalmente diferente do líder maior dos *ing'erish*, alto e de cara azeda, com um nome impronunciável. *Serata*, como o *Furansu-san Andreh*, era fácil de pronunciar. Na verdade, aqueles nomes eram japoneses. *Serata* era um presságio milagroso.

Afinal, *Serata* era o nome da aldeia ancestral de sua família, em que seu antepassado, Yoshi-shigeh Serata-noh Minowara, se instalara no século XII. No século XIII, o daimio guerreiro Yoshi-sada Serata levantara um exército contra seus suseranos, os Hojo, derrotando-os e capturando sua capital, Kamakura. Desde então, seus

descendentes diretos, os Yoshi noh Toranaga noh Serata, ainda reinavam em Kamakura — o xógum Yoshi Toranaga fora sepultado ali, em seu grande mausoléu.

— Somos aparentados — gracejara ele, depois de explicar a coincidência a Seratard.

Seratard rira e depois explicara, interrompendo os outros, que não paravam de falar, como macacos em uniformes exóticos, que sua família também era antiga na terra dos *furansu*, mas não tão ilustre.

— Meu superior se sente honrado em ser amigo e da parte *gai-jin* de sua grande família, Sire — dissera *Andreh*, com uma reverência.

— Diga a ele que considero seu nome um bom sinal — declarara Yoshi, notando que aquele homem parecia muito mais do que um mero intérprete.

— Meu superior agradece e diz que tudo aquilo que os *ing'erish* oferecem os *furansu* oferecem melhor.

Misamoto informara, obsequioso:

— Lorde, ele está querendo dizer que farão um negócio melhor... mais dinheiro. Os *furansu* também fabricam canhões, como os *ing'erish*, mas não tantos.

— Diga a eles que considerarei uma proposta para lhes entregar a concessão de carvão. Devem me dizer quantos fuzis e canhões, com pólvora e balas, e quando posso receber, por quanto carvão. E quero um navio a vapor, com oficiais para treinarem meus oficiais e marujos. Na verdade — acrescentara ele, com um ar de inocente —, talvez eu pudesse conceder aos *furansu* o direito exclusivo de construir, vender e treinar uma marinha. Claro que eu pagaria. Se o preço fosse razoável.

Ele vira os olhos de Misamoto se arregalarem; antes que Misamoto tivesse tempo de começar a traduzir, o *gai-jin Andreh*, que estivera escutando com igual atenção, dissera:

— Meu superior certo que rei da terra de *furansu* terá maior honra em ajudar lorde Yoshi Toranaga em navios.

Fascinado, ele observara *Andreh* virar-se para líder *Serata* e começar a falar, os oficiais navais ouvindo e balançando a cabeça, logo ficando também excitados. Espantoso como era fácil manipular aqueles homens com comércio e promessa de dinheiro no futuro, pensara ele. Se os *furansu* reagiam tão depressa, era certo que o líder *ing'erish* faria a mesma coisa. Dois peixes brigando pelo mesmo anzol é melhor do que um só.

Haviam conversado também sobre outras coisas, não pelo tempo suficiente para cobrir tudo, mas ele aprendera o suficiente para querer aprender mais. Um detalhe mencionado por *Andreh Furansu-san* o deixara abalado. Falavam sobre os conhecimentos médicos modernos e como seria fácil treinar o pessoal e equipar um hospital.

— Chefe doutor medicina em Kanagawa bom, Sire. Ouvir *tairo* Anjo doente, Sire. Ouvir talvez *tairo* ver doutor-sama.

— Quando e onde esse encontro vai ocorrer?

— Meu superior diz: não certo se já acertado, Sire. Talvez chefe doutor medicina ajudar *tairo*.

— Se um encontro for acertado, quero saber. Diga a *Serata* que um hospital é também uma possibilidade interessante.

Ele decidira deixar o assunto por aí. Por enquanto. Mas era outra informação que seria melhor Misamoto esquecer. Como posso ter um intérprete pessoal em quem confie? É melhor arrumar um. Talvez deva treinar Misamoto, ele é meu seguidor submisso, dependente, sob o meu controle. Até agora se mostrou obediente. Não resta a menor dúvida de que cuidou direito dos garimpeiros. Uma pena que ele estivesse ausente, relatando os progressos a Hosaki, quando os dois ligaram... como bestas selvagens, informaram os samurais, nada mais apropriado! Se Misamoto estivesse na mina, talvez pudesse impedi-los. Não que isso tenha alguma importância, um está morto, é menos um problema com que me preocupar, e com certeza o sobrevivente não continuará por muito mais tempo neste mundo. Carvão! Portanto, temos uma abundância em carvão, diz Hosaki, e para esses *gai-jin* o carvão parece valer tanto quanto ouro. Deliberadamente, ele mudara de assunto.

— Pergunte a *Serata-san* por que os *gai-jin* disparam canhões e fuzis, e mandam os navios de guerra navegarem de um lado para outro, perturbando a n desta terra dos deuses. Eles se preparam para a guerra?

Houvera um momento de silêncio. E o clima na cabine mudara.

— Meu superior dizer não preparar guerra — dissera o *gai-jin* *Andreh*. Yoshi concluía que era uma tradição meticulosa. — Preparar defesa apenas. Sinto muito, *tairo* dizer que todos *gai-jin* têm ir embora.

— Por que não se retirar por um ou dois meses e depois voltar?

Ele rira interiormente ao perceber a consternação que a sugestão gerara.

— Meu superior dizer tratado assinado lorde xógum e posto prática líder *Bakufu tairo* Li e nobre imperador permitir nós Iocoama, Kanagawa e Kobe em breve. Tratado ser bom para Nipão, *gai-jin* ser bom para Nipão. *Tairo* Anjo, sinto muito, errado ficar tão zangado.

— Muitos daimios não pensam assim. *Tairo* Anjo é o líder. Vocês devem fazer o que ele ordena. Esta é a nossa terra.

— Meu superior dizer *Furansu* querer ajudar Nipão ser grande nação no mundo... como aqui também.

— Diga a *Serata-sama* que o *tairo* é o líder, o que ele diz deve ser obedecido, embora às vezes até o *tairo* possa mudar de idéia, se receber o conselho correto.

Yoshi vira esse novo dado ser registrado e acrescentara:

— Sinto muito, já explicamos uma dúzia de vezes que as questões de Satsuma só podem ser resolvidas por Sanjiro, o daimio de Satsuma.

— Meu superior dizer esperar alguém possa dar conselho correto a *tairo*. Daimio Satsuma deve dizer desculpas, pagar indenização combinada reunião Iedo, punir assassino abertamente.

Ele balançara a cabeça, como se estivesse muito preocupado. Levantara-se abruptamente, provocando mais consternação... não havia sentido em continuar a conversar com aqueles subalternos, que podiam ser valiosos sob outros aspectos, mas era o líder *ing'erish* que ele tinha de procurar. E embora mantivesse uma atitude ativa e severa, ele demonstrara alguma cordialidade e concordara, com uma relutância simulada, em ter outro encontro.

— Misamoto, diga a eles que podemos nos reunir de novo daqui a dez dias, em Iedo. Eles podem ir a Iedo para uma reunião particular.

No momento em que ele deixava o navio de guerra, o *gai-jin Andreh* dissera:

— Meu superior deseja você bom ano-novo.

Aturdido, ele soubera que o mundo *gai-jin* tinha seu próprio calendário, totalmente diferente do calendário lunar dos japoneses — e chineses —, que fora a maneira de contar os dias, meses e anos desde o princípio do tempo.

— O primeiro dia de nosso ano, *Serata-sama* — explicara Misamoto — é entre o 169 dia do primeiro mês e o 229 dia do segundo mês, dependendo da lua-Este ano, o ano do cão, o primeiro dia, que inicia nossa temporada de festivais, e o 189 do primeiro mês. É quando toda a China diz *Kung Hay Fat Choy*.

Voltando para Iedo, na galé, Yoshi especulara sobre aqueles homens. De um modo geral, sentira-se consternado — os *gai-jin* eram como monstros sob a forma de homens que tinham vindo das estrelas, suas idéias e atitudes o lado errado de *yin* e *yang*.

Mas, para que possamos sobreviver como nação, o Nipão precisa ter navios maiores e canhões, mais poder, para nos protegermos desses demônios estrangeiros. E pelo menos por enquanto, concluía ele, sentindo-se nauseado, o xogunato deve fazer um acordo com eles.

Nunca irão embora, não todos eles, por sua livre e espontânea vontade. Se não forem estes, outros virão para roubar nossa herança, chineses ou mongóis, ou os peludos das terras geladas da Sibéria, que nos contemplam como cães babando de portos roubados da China. E sempre os *ing'erish* estarão ao nosso redor. O que fazer com eles?

Isso acontecera no dia anterior. Ontem à noite e naquela madrugada ele estivera absorto em pensamento, quase sem comer, quase sem dormir, consciente também do vazio de sua cama e do vazio de sua vida, as juntas do compartimento de Koiko vazando, assim como as de Anjo, de Ogama e dos outros. Muitas vezes, durante a viagem desde Quioto, pensara na espada limpa, na pureza e paz da morte, o minuto, a hora e o dia escolhidos com um poder divino, pois escolher o momento da própria morte o transformava num deus: do nada ao nada. Não mais o pesar para dilacerá-lo em pétalas de dor.

Muito fácil.

O primeiro raio de sol do amanhecer passou pela janela, refletindo-se em sua espada curta. Estava ao lado da cama, junto com a espada longa, as duas ao fácil alcance de suas mãos, o fuzil ali também, carregado, o que ele chamara de Nori. A espada curta era uma herança de família, feita pelo mestre ferreiro Masumara, outrora possuída pelo xógum Toranaga. Ele olhou para a bainha velha e gasta, e através dela, em sua mente, contemplou a perfeição da lâmina. Estendeu a mão, acariciando o couro, depois subiu pelo

cabo, foi pousá-la na pequena tranqueta presa ali. O pai instruíra seu ferreiro a prendê-la ali, antes de presenteá-lo com a espada, formalmente, na presença de seu círculo interno de servidores. Yoshi tinha quinze anos na ocasião e já matara seu primeiro homem, um ronin, que tivera um acesso de loucura perto do castelo de sua família, o Ninho da Águia.

— Isto é para lembrá-lo de seu juramento, meu filho: que empunhará esta lâmina com honra, que para cometer *seppuku* só usará esta lâmina, que só cometerá *seppuku* para evitar a captura no campo de batalha, ou se o xógum assim ordenar, e o Conselho de Anciãos confirmar a ordem por unanimidade. Todos os outros Motivos são insuficientes, enquanto o xogunato estiver em perigo.

Uma sentença terrível, refletiu Yoshi, e tornou a se estender na cama, a salvo no momento, naquele quarto no alto de seus aposentos no castelo, onde experimentara tanto prazer. Os olhos retornaram à espada curta. Sua necessidade hoje era intensa. Em sua imaginação, ensaiara o ato tantas vezes que seria suave, gentil e libertador. Muito em breve Anjo enviará homens para me prenderem, e essa será minha desculpa...

Seus ouvidos aguçados ouviram passos. Pés marchando. As mãos pegaram a espada curta e a espada longa, ele assumiu a posição de ataque-defesa.

— Sire?

Yoshi reconheceu a voz de Abeh. Isso não significava segurança, pois Abeh podia ter uma faca na garganta ou ser um traidor... depois de Koiko, todos eram suspeitos.

— O que é?

— O homem Inejin pede para vê-lo.

— Revistou-o?

— Revistei-o.

Yoshi usou a corda que prendera, permitindo-lhe puxar a tranca da porta sem se levantar. Inejin, Abeh e quatro samurais esperavam ali. Ele relaxou.

— Entre, Inejin.

Abeh e os outros de sua guarda pessoal fizeram menção de segui-lo e Yoshi acrescentou:

— Não há necessidade, mas fiquem ao alcance de serem chamados. Inejin fechou a porta, notou a corda para puxar a tranca, mas não fez qualquer comentário, e ajoelhou-se a dez passos de distância.

— Descobriu Katsumata?

— Ele estará em Iedo dentro de três dias, Sire. E irá direto para a casa da Glicínia.

— Aquele covil de escorpiões? — Yoshi não fechara a armadilha contra a *mama-san* Meikin, pois queria descobrir a verdadeira extensão da conspiração contra ele antes de se vingar... a vingança era melhor quando saboreada calmamente. — Podemos capturá-lo vivo?

Inejin exibiu um estranho sorriso.

— Duvido muito, mas posso lhe contar a história à minha maneira, Sire? — Ele ajeitou o joelho dolorido de forma mais confortável. — Primeiro, sobre os *gai-jin*: um fato esperado e encorajado desde o início aconteceu. Um espião *gai-jin* ofereceu os planos de batalha por dinheiro

O interesse de Yoshi foi imediato.

— Não são falsos?

— Não sei, Sire, mas foi sussurrado que continham movimentos de tropas e navios. O preço era modesto e mesmo assim o representante do *Bakufu* não comprou de imediato, começou a

regatear, e a pessoa que estava vendendo se assustou. Com Anjo no comando... — Os lábios rachados se contraíram em repulsa ao nome. — Ele é baka, indigno! Se a cabeça é podre, o corpo é pior.

— Concordo. Uma estupidez.

Inejin acenou com a cabeça.

— Eles esquecem Sun-tzu outra vez, Sire: *Permanecer na ignorância da disposição do inimigo, regateando o desembolso de algumas centenas de moedas de prata, é o cúmulo da inumanidade.* Por sorte, um informante me comunicou a respeito.

Inejin tirou um pergaminho da manga, largou em cima da mesa Yoshi suspirou, satisfeito.

— *So Ka!*

— Com a ajuda do meu informante, comprei para lhe dar, Sire, um presente. E também, para grande risco de meu informante, substituí por um pergaminho falso que o *Bakufu* acabará comprando por uma ninharia.

Yoshi não tocou no pergaminho, apenas contemplou-o em expectativa.

— Por favor, permita que eu o reembolse.

Inejin procurou encobrir seu vasto alívio, pois tivera de penhorar sua estalagem para a Gyokoyama, a fim de obter o dinheiro.

— Procure meu caixa ainda hoje. As informações merecem confiança? Inejin deu de ombros. Ambos conheciam os preceitos de Sun-tzu: *Um espião interno é o mais perigoso, aquele que vende segredos por dinheiro. É preciso um homem de gênio para avaliá-los.*

— Meu informante jura que as informações merecem confiança, assim como o espião.

— E o que dizem?

— O plano dos *gai-jin* é assustadoramente simples. No dia da batalha, dez dias depois de apresentado seu ultimato... e se não for atendido... toda a esquadra se desloca contra Iedo. No primeiro dia, a área de ataque é mais distante da costa, Sire, o alcance máximo de seus canhões mais pesados, visando a destruir todas as pontes e estradas que saem de Iedo... que já foram localizadas, mais informações fornecidas a eles, com toda certeza, pelo traidor Hiraga. Nessa mesma noite, à luz dos incêndios que eles provocaram, o castelo é bombardeado. No dia seguinte, as áreas costeiras são dizimadas. No terceiro dia, eles desembarcarão mil soldados armados com rifles, que avançarão para os portões do castelo. Ali, montam um sítio com morteiros, destróem os portões e as pontes, e a maior parte do castelo que for possível. No quinto dia, eles se retiram para seus navios e vão embora.

— De volta a Iocoama?

— Não, Sire. O plano diz que evacuarão todos os *gai-jin* na véspera do dia da batalha e se retirarão para Hong Kong até a primavera. E depois voltarão com toda força. O custo da guerra... como aconteceu com as guerras chinesas, e é o costume deles... será

dobrado, e exigirá reparações do xogunato e do imperador, assim como um acesso pleno a todo o Nipão, inclusive Quioto, e uma ilha cedida em caráter perpétuo, para cessar as hostilidades.

Yoshi sentiu um calafrio. Se aqueles bárbaros haviam conseguido humilhar toda a China, mãe do mundo, acabarão nos humilhando também, até a nós. *Pleno acesso?*

— Esse ultimato... o que é essa impertinência adicional?

— Não consta do pergaminho, Sire, mas o espião prometeu detalhes, assim como a data da batalha, e qualquer mudança.

— Qualquer que seja o custo, compre essas informações... se forem verdadeiras, podem fazer uma diferença no resultado.

— É bem possível, Sire. Parte das informações é sobre as contramedidas dos *gai-jin*. Contra nossos brulotes.

— Mas Anjo me disse que são secretos!

— Não é segredo para eles. O *Bakufu* é como uma peneira de arroz para os interessados, Sire, além de corrupto.

— Nomes, Inejin, e suas cabeças serão espetadas em chuços.

— A começar hoje, Sire. Começar do topo.

— Isso é traição.

— Mas a verdade, Sire. Gosta de verdades, não de mentiras, ao contrário de qualquer líder que já conheci. — Inejin ajeitou melhor os joelhos, a dor quase intolerável. — A questão do espião é complicada, Sire. Foi Meikin quem me falou a respeito dele...

Yoshi soltou um grunhido e Inejin continuou:

— Concordo, Sire. Mas Meikin me falou, Meikin que desviou o intermediário do *Bakufu* para mim, Meikin que substituirá o falso documento, com grande perigo, pois deve atestar sua veracidade, Meikin que deseja desesperadamente lhe provar sua lealdade.

— Lealdade? Quando sua casa é um santuário para os *shishi*, um ponto de encontro para Katsumata, um centro de treinamento para traidores?

— Meikin jura que a dama nunca participou de nenhuma conspiração, Sire. Nem ela.

— O que mais ela pode dizer... foi a criada, neh?

— Talvez ela esteja falando a verdade, talvez não, mas também é possível que, por causa de sua dor, Sire, ela agora perceba o erro passado. Uma espiã convertida pode ser muito valiosa.

— A cabeça de Katsumata me faria ter mais certeza. Se capturado vivo, mais ainda.

Inejin riu, inclinou-se para a frente e baixou a voz:

— Sugeri que ela lhe fornecesse o mais depressa possível detalhes sobre o traidor Hiraga, antes que solicite a cabeça dele.

— E a dela.

— A cabeça de uma mulher espetada num chuço não é uma coisa bonita, Sire, quer seja velha ou moça. Essa é uma verdade antiga. Melhor deixá-la em seus ombros e usar o veneno, sabedoria, astúcia ou simples corrupção que uma mulher assim possui em seu proveito.

— Como?

— Primeiro, entregando-lhe Katsumata. Hiraga é um problema mais complexo. Meikin diz que ele é íntimo de um importante ajudante *ing'erish* do líder *ing'erish*, chamado *Taira*.

Yoshi franziu o rosto. Outro presságio? *Taira* era outro nome japonês o significado, uma antiga família nobre relacionada com a linhagem de Yoshi Serata.

— E daí?

— Esse *Taira* é importante, um interprete em treinamento. Seu japonês já é muito bom — os *ing'erish* devem ter uma escola como o senhor propôs, e o *Bakufu* “considera”.

— Considera, hem? *Taira*? É um jovem feio, alto, olhos azuis, nariz imenso, cabelos compridos como palha de arroz?

— Isso mesmo, ele é assim.

— Lembro dele da reunião com os anciãos. Continue.

— Meikin soube que o conhecimento dele de nossa língua melhora depressa, com a ajuda de uma prostituta chamada Fujiko, mas ainda mais por causa de Hiraga, que cortou os cabelos ao estilo *gai-jin* e usa roupas de *gai-jin*. — O velho hesitou, adorando contar os segredos. — Parece que esse Hiraga é neto de um importante *shoya* de Choshu, que teve permissão de comprar a posição de *goshi* para seus filhos, um dos quais, o pai desse Hiraga, é agora *hirazamurai*. Hiraga foi escolhido para ingressar numa escola secreta de Choshu, onde se mostrou um estudante excepcional e aprendeu um pouco de *ing'erish*.

Ele suprimiu um sorriso ao ver a expressão de seu lorde.

— Quer dizer que o espião não é um *gai-jin*, mas esse Hiraga?

— Não, Sire, mas Hiraga pode ser uma valiosa fonte secundária de informações. Se pudesse ser explorado.

— Um *shishi* nos ajudando? — Yoshi soltou uma risada escarninha.
— Impossível.

— Sua reunião ontem, a bordo do navio *furansu...* foi proveitosa, Sire?

— Foi interessante.

Era impossível manter uma coisa assim em segredo. Yoshi sentiu-se contente por Inejin ter obtido a informação tão depressa. Abeh e meia dúzia de seus homens haviam testemunhado o encontro. Quem falara? Não tinha importância. Era de se esperar. E ele nada dissera de comprometedor.

— Abeh! — gritou ele,

— Pois não, Sire?

— Mande uma criada trazer chá e saquê.

Yoshi não falou mais nada até que fossem servidos e aceitos de bom grado por Inejin. Aproveitou o tempo para avaliar as informações e formular novas perguntas e respostas.

— O que propõe?

— Não caberia a mim propor o que certamente já decidiu, Sire. Mas ocorreu-me que, quando e se o líder *ing'erish* enviar seu ultimato, o lorde sozinho seria a pessoa perfeita para mediar... sozinho, Sire.

— Hum... E depois?

— Entre outras coisas, poderia pedir para ver esse Hiraga. E assim poderia avaliá-lo, talvez persuadi-lo a vir para o seu lado. Virá-lo em seu proveito. O momento não poderia ser mais oportuno.

— É bem possível, Inejin. — Yoshi já descartara isso por uma idéia muito melhor, que se ajustava ao plano que discutira com Ogama em Quioto, e à sua própria necessidade de iniciar a execução de seu grandioso projeto.— Ou fazer desse Hiraga um exemplo. Capture Katsumata, ele é a cabeça da serpente *shishi* e se Meikin é o meio para capturá-lo vivo, tanto melhor para ela.

A alguns quilômetros de distância, na estrada Tokaidô, na estação de posta de Hodogaya, Katsumata esquadrinhava a multidão, de uma janela da casa de chá.

— Seja paciente, Takeda — disse ele. — Hiraga não deve chegar até a metade da manhã. Seja paciente.

— Detesto este lugar — murmurou Takeda.

A aldeia situava-se em campo aberto, com poucos lugares em que poderiam se esconder e a apenas cinco quilômetros da colônia de Iocoama. Estavam na casa de chá da Primeira Lua, a mesma em que Katsumata e o daimio Sanjiro haviam se hospedado, depois do ataque de Ori e Shorin aos *gai-jin*, na Tokaidô.

— E se ele não vier?

O jovem coçou a cabeça, irritado, não tendo raspado o queixo nem a cabeça desde a fuga de Quioto.

— Ele virá, se não hoje, amanhã. Preciso falar com ele.

Os dois escondiam-se ali há uma semana. A viagem desde Quioto fora difícil, com muitas fugas por um triz.

— Sensei, não gosto deste lugar, nem da mudança do plano. Deveríamos estar em Iedo, se queremos continuar a luta, ou talvez

devêssemos fazer a volta e ir para casa.

— Se quer ir, pode ir. Se quer voltar para Choshu, pode voltar. E na próxima vez em que se queixar, receberá a ordem para partir!

Takeda desculpou-se no mesmo instante e acrescentou:

— Acontece apenas que perdemos homens demais em Quioto, e nem sequer sabemos como os *shishi* se saíram em Iedo. Sinto muito, mas não consigo deixar de pensar que deveríamos voltar para casa, como aqueles que sobreviveram, eu para Choshu, você para Satsuma, e nos reagruparmos mais tarde.

— Hodogaya é um lugar perfeito para nós e esta estalagem é segura. Avisado de que Yoshi oferecera um prêmio alto por sua cabeça, Katsumata decidira ser prudente e não continuar.

— Amanhã ou depois prosseguiremos a viagem — acrescentou ele, contente pelo valor do jovem como um escudo para suas costas. — Primeiro, Hiraga.

Fora difícil e perigoso entrar em contato com ele. Poucas pessoas podiam passar pelas barreiras de Iocoama ou ter acesso à Yoshiwara dos *gai-jin*. Novos passes eram emitidos a todo instante, novas senhas instituídas. As patrulhas de vigilantes vagueavam por toda parte. Bolsões discretos de samurais enxameavam em torno de Iocoama, quase isolando-a do resto da terra.

Três dias antes, Katsumata descobrira uma criada cuja irmã era parteira e de vez em quando visitava a Yoshiwara. Por um oban de ouro, a parteira concordara em levar uma mensagem à *mama-san* da casa das Três Carpas.

— Takeda, fique aqui e continue vigiando. Espere com paciência.

Katsumata foi para o jardim, passou pelos portões da frente, saindo para a Tokaidô, movimentada com os viajantes matutinos, palanquins, carregadores, divinhos, escribas, samurais e alguns pôneis, transportando mulheres ou cavalgados por samurais. Todos falando, gritando, ganindo. A manhã era fria, as pessoas usavam casacos acolchoados, esquentavam a cabeça com lenços ou chapéus. Uns poucos samurais fitaram Katsumata, mas não belicosamente. A maneira como ele andava, a penugem na cabeça e no rosto, a espada longa numa bainha as costas, a curta na cintura

apregoavam cautela para os inquisitivos. Era evidente que se tratava de um ronin de algum tipo e que seria melhor evitá-lo.

Nos arredores da aldeia, na área da barreira bem guardada, de onde tinha bom campo de visão para o mar e Iocoama, ele sentou num banco, num estande de comida à beira da estrada.

— Chá, que seja fresco, e cuide para sair bem quente.

O assustado vendedor se apressou em obedecer.

Na colônia, um grupo de mercadores a cavalo passou ruidosamente pela ponte; todos ergueram os chapéus ou chicotes de montaria para os guardas no portão norte, que responderam com reverências

superficiais. Outros mercadores, ajudantes, soldados, marujos e a gentinha da cidade dos bêbados estavam a pé, todos num passeio na manhã do feriado. Era o dia de ano-novo. Haveria uma corrida de cavalos naquela tarde e, depois, uma partida de futebol entre equipes da marinha e do exército. Fazia frio, mas não muito, o vento era mais uma brisa, mas o suficiente para soprar a maior parte do cheiro de inverno, algas em decomposição e refugos humanos para o interior.

Um dos homens a cavalo era Jamie McFay. Quase ao seu lado seguia Hiraga, um lenço cobrindo a maior parte do rosto, o gorro de montaria baixado sobre os olhos, os trajes de montaria bem cortados. Aquela excursão não era aprovada nem do conhecimento de Tyrer e Sir William, um presente em troca do serviço de intérprete entre Jamie e o *shoya* e, também, pela prestação de informações sobre os negócios.

Hiraga dissera no dia anterior:

— Eu responder mais perguntas durante viagem, Jami-sama. Precisar ir Hodogaya, encontrar primo. Por favor?

— Por que não, Nakama, meu velho?

McFay não visitava a aldeia há meses, embora estivesse dentro da área combinada na instalação da colônia, e sentira-se contente pela desculpa. Poucos merrcadores se aventuravam tão longe, agora, sem uma escolta militar, o assassinato de Canterbury e o destino de Malcolm Struan sempre presentes em seus pensamentos.

McFay sentia-se muito bem hoje. Na última correspondência, uma declaração de seus banqueiros em Edimburgo levava-o a descobrir que se encontrava em melhor situação do que imaginara, tinha mais do que suficiente para começar por conta própria, em pequena escala. A Casa Nobre estava em boas mãos e isso o agradava. O novo gerente da Struan, Albert MacStruan, chegara de Xangai. Ele o conhecera em Hong Kong, três anos antes, quando MacStruan ingressara na companhia. Depois de seis meses de treinamento em Hong Kong, sob o comando de Culum Struan, ele fora para Xangai, onde logo se tornara o vice-diretor.

— Seja bem-vindo a Iocoama — dissera Jamie, com sinceridade. Gostava dele, embora soubesse muito pouco a seu respeito, exceto que era competente no que fazia, e seu ramo do clã era Highlander, uma linhagem de sangue escocês e espanhol, de um dos milhares de espanhóis da Invencível Armada que haviam naufragado ao largo da Escócia e Irlanda, e sobreviveram, mas nunca retornaram a seu país.

Aqui ele seria considerado eurasiático, embora ninguém o afrontasse. Circulavam rumores de que era outro dos filhos clandestinos e ilegítimos de Dirk Struan enviado secretamente para a Escócia pelo pai, com um meio-irmão, Frederick MacStruan, ambos recebendo vultosos legados, pouco antes da morte de Dirk.

— Lamento muito revê-lo nestas circunstâncias terríveis, meu caro.

O sotaque de MacStruan era aristocrático, Eton e Universidade de Oxford, com um vestígio de escocês. Tinha vinte e seis anos, moreno, atarracado, pele dourada, malares salientes, olhos escuros. Jamie nunca o interrogara sobre o mito, nem MacStruan tomara a iniciativa de revelar qualquer coisa. Quando Jamie chegara a Hong Kong, quase vinte anos antes, fora advertido por Culum Struan, então o *tai-pan*, que ali não se faziam perguntas, em particular sobre os Struan.

— Temos muitos segredos, muitos atos tenebrosos que preferimos esconder. Ao receber o novo gerente da Struan em Iocoama, Jamie respondera:

— Está tudo em ordem, e não precisa se preocupar comigo, Sr. MacStruan. Sinto-me ansioso por uma mudança.

E embora não mais pertencesse formalmente à Casa Nobre, ainda o ajudava, pondo-o a par das operações e projetos, e apresentando-o, junto com Vargas, aos fornecedores japoneses. Os livros se encontravam em boa ordem, o negócio de carvão com Johnny Cornishman começara sem problemas, e deveria se tornar bastante lucrativo, carvão da melhor qualidade, com o acerto adicional de encher uma barcaça por semana, durante os três meses subseqüentes, como um período de experiência.

Generoso, MacStruan lhe concedera uma participação de vinte por cento dos lucros no primeiro ano e também aprovara o acordo que ele fizera com Cornishman.

— ...caso o patife ainda esteja vivo — comentara ele, com uma risada. Graças a Hiraga, as negociações secretas de Jamie com o *shoya* haviam desabrochado e fora formada, em princípio, a primeira companhia: I.S.K. Trading — Ichi Stoku Kompeni —, a esposa do *shoya* considerando que era mais prudente não usar seu próprio nome. A participação fora dividida em cem partes: o *shoya* tinha quarenta, McFay tinha quarenta, a esposa de Ryoshi quinze, e Nakama — Hiraga — cinco.

Na semana passada ele registrará sua própria companhia, amanhã abriria para negócios em escritório temporário no mesmo prédio que alojava o Guardian, de Nettlesmith. Há uma semana agora, o filho mais velho de Ryoshi, tímido, nervoso, com dezenove anos, apresentava-se para o trabalho às sete horas da manhã, todos os dias, e saía às nove horas da noite, ansioso em aprender tudo. O inglês em particular. E na última correspondência chegara um inesperado pagamento final de três meses, com um bilhete polido de Tess Struan, agradecendo pelos serviços prestados. Três meses não é tão ruim assim por dezenove anos, pensara ele, divertido.

Ainda não chegara notícias de Hong Kong, era cedo demais, embora o *Prancing Cloud* já devesse ter atracado ali há dez dias, ou mais, Hoag cerca de uma semana. Mais quatro ou cinco dias, no mínimo, para se ouvir qualquer coisa, talvez mais, e uma tremenda tempestade que se dizia estar acontecendo nos mares do sul da China podia atrasar ainda mais. Não adiantava tentar prever datas e tempo.

Um dia teremos telegrafia para Hong Kong e um dia, talvez, o fio se estenda até Londres. Por Deus, que vantagem para todo mundo poder enviar uma mensagem para Hong Kong e receber a resposta em poucos dias — e até Londres e de volta... em quanto tempo?... digamos doze a dezesseis dias —, em vez de quatro meses! Não será no meu tempo, mas aposto que a telegrafia chega a Hong Kong em mais dez ou quinze anos. Um hurra para Nakama e meu sócio Ryoshi, um hurra para minha nova companhia, a McFay Trading. E um hurra para Angelique.

Apesar do luto profundo, no dia de Natal ela concordara em participar do jantar que ele oferecera a Albert MacStruan, e que contara também com a presença de Sir William, Seratard, André e quase todos os outros ministros. Fora um discreto sucesso. Embora ela não exibisse sua jovialidade anterior, e pouco da sua personalidade antiga, ainda assim fora graciosa e doce, e todos comentaram que se tornara ainda mais bela em sua nova maturidade. Naquela noite haveria uma *grand soirée* na legação francesa, a que todos haviam sido convidados. André tocaria. Era duvidoso que Angelique dançasse; as apostas eram de dez contra um. Se ela estava grávida ou não, as apostas eram de igual para igual. Ninguém mencionava Hong Kong. Desde a aventura no mar, e da habilidade com que ela cuidara de Sir William, haviam se tornado amigos firmes, e jantavam juntos, em particular, quase todas as noites.

Um hurra para o ano-novo, que será maravilhoso!

Apesar de seu bom humor, ele sentiu uma pontada de aflição. Os negócios andavam difíceis, a guerra civil grassando outra vez em torno de Xangai, a peste em Macau, a guerra civil americana cada vez pior, fome na Irlanda, rumores de fome aqui no Japão, distúrbios nas Ilhas Britânicas por causa do desemprego e dos diários nas fábricas. E há também Tess Struan...

Droga! Prometi a mim mesmo que não me preocuparia com ela a partir de 1º de janeiro de 1863! Nem com Maureen...

Para escapar à ansiedade, ele usou as esporas. No mesmo instante, Hiraga fez a mesma coisa, os dois bons cavaleiros. Era a primeira vez que Hiraga cavalga em muito tempo, a primeira oportunidade de se movimentar em relativa liberdade pela colônia. Ele seguiu por algum tempo emparelhado com Jamie e depois se adiantou. Muito em breve os dois galopavam na maior felicidade. E logo se descobriram sozinhos, os outros tendo se desviado para a pista de corrida. Diminuíram o ritmo, desfrutando o dia.

Podiam divisar à frente a sinuosa Tokaidô, interrompida aqui e ali por rios na cheia, os carregadores nos dois lados esperando pelas barcas que transportariam as mercadorias e pessoas sobre as águas. Hodogaya ficava para o sul. Suas barreiras estavam abertas. Nos bons tempos antigos, antes dos assassinatos durante a primavera e outono, os mercadores visitavam a aldeia em busca de saquê e cerveja, levando cestos de piquenique, rindo e flertando com as lavas de criadas que procuravam atraí-los para seus bares e restaurantes. Não eram bem-vindos nos muitos bordéis.

— Ei, Nakama, onde vai se encontrar com seu primo? — perguntou Jamie. Ele parou o cavalo nos arredores da aldeia, não muito longe da barreira, mais do que consciente da hostilidade dos viajantes. Mas não se sentia preocupado. Estava armado, ostensivamente, com

um revólver num coldre no ombro... e Hiraga não levava nenhuma arma ou, pelo menos, ele assim pensava.

— Eu procurar ele. Melhor ir sozinho outro lado barreira, Jami-sama. Hiraga experimentara intensa alegria ao receber a mensagem de Katsumata, ao mesmo tempo em que sentia profundas apreensões, pois era perigoso deixar a proteção de Sir William e Tyrer. Mas precisava descobrir notícias sobre Sumomo e os outros, saber o que acontecera de fato em Quioto e qual era o novo plano dos *shishi*. Todos os dias, o *shoya* sacudia a cabeça:

— Sinto muito, Otami-sama, ainda não tenho notícias sobre Katsumata ou Takeda... nem sobre a moça Sumomo ou Koiko. Lorde Yoshi permanece no castelo de Iedo. No momento em que eu souber de alguma coisa...

Ainda com o rosto encoberto, Hiraga gesticulou para que Jamie seguisse na frente.

— Por favor. Depois eu descobrir bom lugar você esperar.

Os guardas na barreira observaram-nos desconfiados, fizeram uma reverência ligeira, aceitaram suas saudações. Hiraga estremeceu, vendo um cartaz muito parecido com ele afixado numa parede. Jamie não notou e Hiraga duvidava que ele — ou os outros — pudesse reconhecê-lo, com o bigode e o corte de cabelo europeu.

Hiraga parou na primeira estalagem. Usando um japonês precário e imitando a rispidez de outros mercadores, Hiraga foi se instalar a uma mesa no jardim, pediu chá, saquê e cerveja, alguns alimentos japoneses, dizendo à criada para providenciar que não o incomodassem, o que lhe valeria uma boa gorjeta. A criada manteve os olhos abaixados, mas Hiraga tinha certeza de que ela vira seus olhos, e sabia que se tratava de um japonês.

— Jami-sama, eu voltar poucos minutos — disse Hiraga.

— Não se demore muito, meu velho.

— Sim, Jami-sama.

Hiraga saiu para a estrada, encaminhou-se para o outro lado da barreira. Sentiu-se irritado com os maus modos e a hostilidade geral, uns poucos samurais beligerantes e alguns viajantes forçando-o a se desviar, o que ele fizera. Ao mesmo tempo, sentia-se satisfeito porque todos o tomavam por *gai-jin* e seu escrutínio de cada restaurante e bar como grosseira curiosidade *gai-jin*. A mensagem cifrada de Katsumata dizia: “*Venha a Hodogaya, em qualquer manhã dos próximos três dias. Eu o encontrarei.*”

Sentindo que atraía muita atenção, como de fato ocorria, ele passou por pessoas flanando, sentadas em bancos ou às mesas, inclinadas sobre braseiros, que sempre lhe lançavam olhares irados e insolentes. De repente, ouviu o assobio baixo, o sinal combinado. Era muito bem treinado para reconhecê-lo e experiente demais para não se virar. Parecia vir do lado esquerdo. Com cansaço simulado, ele escolheu um banco afastado da rua, no restaurante mais próximo, e pediu uma cerveja. A criada trouxe no mesmo instante. Nas proximidades, os camponeses que comiam tijelas matutinas de papa de arroz, junto com saquê quente, trataram de se afastar, como se ele fosse portador da praga.

— Não se vire ainda — murmurou Katsumata. — Não o reconheci. Seu disfarce é perfeito.

— O seu também deve ser, *sensei* — respondeu Hiraga, baixinho, mal mexendo os lábios. — Por duas vezes esquadrinhei este lugar com toda atenção.

A risada, bem conhecida e admirada.

— Largue alguma coisa no chão e, ao pegá-la, olhe ao redor por um instante. Hiraga obedeceu e por um instante viu o único homem ao alcance de sua voz, um ronin de aparência desvairada, barbudo, olhar venenoso, com uma cabeleira imunda, fitando-o com um olhar irado. Ele tornou a virar as costas e murmurou:

— Puxa, *sensei!*

— Não mais “*sensei*”. Há pouco tempo, Hodogaya pulula de vigilantes e espiões. Onde podemos nos encontrar em segurança?

— Na nossa Yoshiwara... casa das Três Carpas.

— Estarei lá em dois ou três dias... é vital criar um incidente com os *gai-jin*, depressa. Pense a respeito.

— Que tipo de incidente?

— Bem grave.

— Está bem. Fiquei aliviado ao receber sua mensagem... não sabíamos que viria para cá. Houve rumores incríveis sobre lutas em Quioto... Akimoto se encontra comigo, mas estamos sozinhos, e perdemos muitos *shishi* em nossos ataques em Iedo. Há muito que contar sobre Iedo e os *gai-jin*. Em poucas palavras, O que aconteceu em Quioto? Sumomo, como ela está?

— Quioto foi ruim. Antes de partir, entreguei Sumomo a Koiko, que voltava para cá, com Yoshi, a fim de espioná-lo, e descobrir quem nos traía... deve ser um dos nossos homens... uma oportunidade boa demais para perder e também para tirá-la de Quioto sã e salva. — Os olhos de Katsumata não cessavam de inspecionar os outros homens, embora não estivessem próximos, e evitassem olhar em sua direção. — Desfechamos dois ataques contra Yoshi, ambos fracassaram, nossa casa segura foi traída, Ogama e Yoshi, operando juntos, nos emboscaram. E nós...

— Puxa! — murmurou Hiraga, bastante preocupado. — Eles se tornaram aliados?

— Por enquanto. Perdemos muitos líderes e homens, darei os detalhes mais tarde, mas nós, Sumomo, Takeda, eu e alguns outros conseguimos escapar. Estou contente por vê-lo, Hiraga. Vou embora agora.

— Espere. Ordenei que Sumomo voltasse para Choshu.

— Ela me trouxe informações valiosas sobre a situação aqui e sobre Shorin e Ori. Sugeri que continuasse até Choshu, mas ela quis ficar, pensando que poderia ajudá-lo. Como está Ori?

— Morto. — Ele ouviu Katsumata praguejar, Ori fora o seu discípulo predileto. — Os *gai-jin* o fuzilaram quando tentava arrombar uma de suas casas.

Hiraga falava depressa, seu nervosismo aumentando.

— Há um rumor aqui de que houve um ataque *shishi* a Yoshi em Hamamatsu, que Koiko morreu na confusão e mais uma pessoa. Quem era?

— Sinto muito, mas foi Sumomo. — A cor se esvaiu do rosto de Hiraga, enquanto Katsumata acrescentava: — Koiko traiu-a, a prostituta denunciou-a a Yoshi e com isso traiu a *sonno-joi* e a nós. Mas ela morreu com o *shuriken* de Sumomo em seu peito.

— Como Sumomo morreu?

— Como uma *shishi*. Será lembrada para sempre. Lutou com Yoshi, usando o *shuriken* e a espada longa, quase o matou. Era essa a sua missão... se fosse traída.

Portanto, Sumomo tinha uma missão, pensou Hiraga, com súbita percepção, todo o seu ser um vulcão — você esperava que ela fosse traída e ainda assim a enviou para o perigo. Havia um aperto em sua garganta. Ele forçou-se a fazer a pergunta essencial:

— Como eles a sepultaram? Foi com honra?

Se Toranaga Yoshi não a tivesse honrado depois da luta e morte com bravura, então ele o caçaria, com a exclusão de todo o resto, até que um dos dois morresse. Hiraga era o líder dos *shishi* de Choshu, o contingente mais forte. Sumomo, embora de Satsuma, declarara sua fidelidade a ele e a Choshu.

— Por favor, tenho de saber, foi com honra?

Ainda não houve resposta. Hiraga olhou ao redor. Katsumata desaparecera. O choque de Hiraga foi ostensivo. Os outros fregueses o fitavam em silêncio. Um grupo de samurais observava-o de um canto. Os cabelos de sua nuca se arrepiaram. Ele jogou algumas moedas na mesa, a mão na pistola escondida, e voltou pelo caminho por que viera.

Naquela tarde, havia um ar de premonição por todo o castelo de Iedo. Yoshi seguia apressado o doutor chinês por um corredor, acompanhado por Abeh e quatro guardas samurais. O doutor, alto e muito magro, usava uma túnica comprida, os belos grisalhos presos num rabicho. Subiram uma escada, avançaram por outro corredor, até que o doutor parou. Guardas hostis postavam-se à frente, as mãos em suas espadas, todos fitando Yoshi e seus homens.

— Sinto muito, lorde Yoshi — disse o oficial —, mas as ordens do *tairo* são para não deixar ninguém passar.

— E minhas ordens foram para ir buscar lorde Yoshi — disse o doutor, o medo lhe proporcionando uma falsa coragem.

— Pode passar, lorde Yoshi — decidiu o oficial, com um ar sombrio.
— Mas seus homens não podem.

Embora inferiorizados, Abeh e seus homens estenderam a mão para as espadas.

— Parem! — disse Yoshi, muito calmo. — Espere aqui, Abeh.

Abeh sentia a maior preocupação, a adrenalina aumentando, a par dos rumores no castelo de que seu líder estava prestes a ser preso, rumores que Yoshi desdenhara.

— Por favor, Sire, desculpe-me, mas pode ser uma armadilha, os samurais do outro lado se empertigaram ao insulto.

— Se for, pode matar todos estes homens — respondeu Yoshi, com uma risada.

Ninguém mais riu. Ele gesticulou para que o doutor seguisse adiante, tendo decidido que, se tentassem desarmá-lo, tratariam de lutar e morrer agora.

Deixaram-no passar, sem ser molestado. O doutor abriu a porta no outro lado, fez uma reverência para que Yoshi passasse. Yoshi não tinha a mão no punho da espada, mas se preparou para um assassino por trás da porta. Não havia nenhum. Apenas quatro guardas, em torno dos futons, no cômodo grande. Deitado ali, encolhido de dor, estava Anjo.

— E então, guardião do herdeiro — disse ele, a voz fraca, mas impregnada de veneno —, tem informações?

— Para seus ouvidos apenas.

— Espere lá fora, doutor, até eu chamá-lo.

O doutor fez uma reverência e se retirou, contente por sair. Aquele paciente era insuportável, ele o desprezava, e como morria lentamente, só lhe restando umas poucas semanas ou meses, não haveria honorários. Na China, era esse o costume, não havia honorários sem cura, e o mesmo acontecia aqui.

Os guardas não haviam se mexido. Nem o fariam. Os quatro eram guerreiros famosos e de absoluta lealdade. Yoshi perdeu um pouco de sua confiança. Ajoelhou-se, fez uma reverência polida. Naquela manhã, depois que Inejin se se tirara, ele mandara uma mensagem a Anjo, pedindo uma reunião urgente, para lhe transmitir informações importantes.

— E então, Yoshi-dono?

— Estive ontem num dos navios de guerra dos *gai-jin* e...

— Eu já sabia. Acha que sou um tolo e não sei o que você anda fazendo. Disse que eram informações médicas.

— O doutor *gai-jin* em Kanagawa. Os *furansu* disseram que ele tem feito curas milagrosas; eu o trarei para cá, com sua permissão.

— Não preciso de você para isso. — Em agonia, Anjo soergueu-se num cotovelo. — Por que se mostra tão solícito, quando me quer morto?

— Não morto, mas com boa saúde, *tairo-dono*. É importante tê-lo com boa saúde.

Yoshi fazia um esforço para se controlar, abominando aquele homem e aquele aposento, com seu fedor de morte, diarreia e vômito... e ao mesmo tempo receando ter calculado errado. Aquilo podia muito bem ser sua armadilha fatal, caso o homem doente desse a ordem.

— Por que ficar doente, se pode ser curado? Além disso, eu queria lhe dizer que descobri o plano de batalha dos *gai-jin*, não no navio, mas na manhã de hoje.

— Que plano, hem? Como conseguiu?

— Não importa, exceto que eu sei, e assim você também sabe agora. Yoshi relatou a substância do plano, com precisão, mas deixou de fora a parte sobre os dez dias de graça depois do ultimato.

— Então devemos partir! — A voz de Anjo se tornou mais estridente. Os guardas se agitaram, nervosos. — Os roju devem ir embora em segredo, imediatamente. Fixaremos residência em... Hodogaya. Assim que estivermos sãos e salvos, incendiaremos a colônia à noite, surpreendendo-os em suas camas. Que cães! Eles merecem uma morte infame, sem honra. Vamos queimá-los, matar todos que escaparem, e voltar para cá, depois que a esquadra bater em retirada. E na primavera estaremos preparados. Incendiaremos Iocoama amanhã. — Os olhos de Anjo faiscaram, um filete de saliva molhou seu queixo. — Você terá a honra de comandar o ataque. Organize-o, desfeche a ofensiva amanhã ou no dia seguinte.

No mesmo instante, Yoshi fez uma reverência em agradecimento.

— Aceito a honra, com a maior satisfação, e enquanto estiver organizando, tenho uma idéia: primeiro, sua saúde. Traga o doutor *gai-jin* até aqui, os nossos são inúteis e os *furansu* juram que o homem é um curador milagroso. Posso ir buscá-lo depressa, na maior discrição, amanhã, se permitir. Por que sofrer uma dor desnecessária? O doutor *gai-jin* vai curá-lo. Uns poucos dias extras não vão interferir com sua sábia estratégia de ataque. Até que esteja bom, para comandar, devemos manter os *gai-jin* desconcertados. Posso fazer isso, enquanto preparamos o ataque.

— Como?

— Ao me pôr na armadilha deles.

— O quê?

O ligeiro movimento de Anjo, para ver Yoshi melhor, levou-o a morder o lábio para prevenir um grito de dor.

— Assumirei o risco de me entregar nas garras deles, promovendo um encontro, com apenas um de dois guardas. No navio, descobri que eles estão prestes a nos atacar, de maneira insensata. Devemos evitar isso, a qualquer custo, *tairo*. Eles são tão perigosos quanto um cardume de tubarões famintos.

Isso foi dito com toda a sinceridade que Yoshi podia exhibir. Ele acreditava no oposto: que os *gai-jin* se mostravam dispostos a negociar, a fazer concessões, sem querer a guerra, a menos que fossem pressionados longe demais... como a loucura de atacá-los.

— O risco será meu — acrescentou Yoshi, balançando a isca, com uma simulação de medo. — Se me mantiverem como refém, isso fará com que todos os daimios corram em seu apoio. Se não o fizerem, não importa, pois de qualquer forma você esquece que sou refém e os ataca... tudo isso, é claro, com a sua permissão, *tairo*.

O silêncio se tornou opressivo. Outro espasmo. Depois, Anjo balançou a cabeça em concordância e acenou com a mão, dispensando-o.

— Vá buscar o doutor *gai-jin* sem demora e prepare o ataque imediatamente.

Yoshi fez uma reverência, humilde, e fez um esforço, muito difícil, para não gritar de alegria.

KANAGAWA

Sexta-feira, 2 de janeiro:

Enquanto Yoshi se aproximava a cavalo da entrada da legação em Kanagawa, à frente da pequena procissão, Settry Pallidar, o oficial no comando da guarda de honra, gritou:

— Apresentar armas!

Ele fez a saudação com sua espada. Os soldados tiraram os fuzis do ombro, assumiram a posição de apresentar armas, e permaneceram imóveis: trinta guardas, trinta *highlanders* de *kilt* e sua tropa de dragões montados, todos garbosos.

Yoshi retribuiu à saudação com o chicote de montaria, ocultando sua ansiedade por ver tantos soldados inimigos, com tantos fuzis impecáveis. Nunca, em toda a sua vida, estivera tão desprotegido. Só Abeh e dois guardas, também montados, o acompanhavam. Mais atrás vinha um palafrenero a pé e uma dúzia de carregadores suados e nervosos, com pesados fardos pendurados em varas. Os outros guardas esperavam na barricada.

Ele vestia-se todo de preto: armadura de bambu, elmo leve, túnica de ombros largos, duas espadas... até mesmo seu pônei era preto. Mas os arreios, rédeas e manta eram deliberadamente vermelhos, realçando o preto. Ao passar por Pallidar, cruzando os portões, Yoshi notou que os frios olhos azuis pareciam de peixe morto.

Nos degraus por cima do pátio de terra batida ele avistou Sir William, flanqueado por Seratard e André Poncin num lado, o almirante, o Dr. Babcott e Tyrer no outro... assim como ele pedira. Todos se vestiam com os melhores trajes, de cartola, casacos de lã contra a manhã úmida, o céu nublado. Yoshi correu os olhos por todos, detendo-se por um momento em Babcott, impressionado com sua enorme altura, depois parou o cavalo, fez uma saudação com o

chicote. Todos fizeram uma reverência, também casual, menos o almirante, que bateu continência.

No mesmo instante, Sir William, com Tyrer logo atrás, desceu os degraus para cumprimentá-lo, sorrindo... ambos disfarçando sua surpresa pela guarda mínima. O palafrenero se adiantou para segurar a cabeça do pônei. Yoshi desmontou pelo lado direito, como era costumeiro na China, e, portanto, ali também.

— Seja bem-vindo, lorde Yoshi, em nome de sua majestade britânica —disse Sir William.

Tyrer traduziu no mesmo instante.

— Obrigado. Espero não estar lhes causando qualquer problema — respondeu Yoshi, iniciando sua parte do ritual.

— Não, Sire, a honra é nossa. Sua presença é uma grande satisfação para nós. Yoshi notou a melhoria no sotaque e no vocabulário de Tyrer e se sentiu ainda mais determinado a neutralizar o traidor

Hiraga, que usava ali o pseudônimo de Nakama, como Inejin descobrira.

— Por favor, lorde Yoshi, aceita um chá? — acrescentou Tyrer.

Os dois já haviam fechado os ouvidos às frases sem importância, concentrando-se um no outro, procurando indicações que pudessem ajudá-los.

— Ah, Serata-dono, é um prazer tornar a vê-lo tão cedo — disse Yoshi, jovial, embora se sentisse irritado por estar de pé, tendo de erguer os olhos para fitá-los, já que eram em geral uma cabeça mais altos, e isso o deixava com uma sensação de ser inferior, embora olhasse de cima para a maioria dos japoneses. — Obrigado.

Ele acenou com a cabeça para André, depois para Seratard, que respondeu com uma reverência formal, Tyrer traduzindo.

— Meu superior Seratard o cumprimenta, Sire, em nome de seu amigo, imperador dos *furansu*, rei Napoleão III. Uma honra estar a seu serviço, Sire.

No momento em que deixara o *tairo* Anjo, Yoshi despachara Misamoto com uma carta para Seratard, pedindo-lhe que providenciasse reunião urgente e particular, embora formal, com Seratard, Sir William, o comandante-em-chefe da esquadra, o médico de Kanagawa e os intérpretes André e Tyrer... mais ninguém. Chegaria informalmente, com uma escolta mínima, e solicitava que as cerimônias fossem mínimas.

— O que acha disso, Henri? — indagara Sir William, quando Seratard o procurara, assim que André traduzira a carta.

— Não sei. Ele é um homem impressionante. Esteve a bordo de nosso navio durante quatro horas e, assim, tivemos a oportunidade de estudá-lo com a maior atenção... talvez você queira uma cópia do meu relatório.

— Obrigado. — Sir William sabia que o relatório seria recomposto, com a eliminação de todas as informações importantes... como ele próprio faria. Tinha ligeiro resfriado e espirrara. — Desculpe.

— Como guardião do herdeiro, um dos anciãos, de uma antiga família real Japonesa... até mesmo ligado ao micado, o imperador, cuja função, o que talvez não saiba, é religiosa... esse homem é muito bem relacionado e importante no xogunato. Por que não o recebemos?

— É o que farei — respondera Sir William, secamente, muito à frente das informações de Seratard, pois passara muitas horas pressionando Nakama por detalhes dos mais destacados soberanos e suas famílias, de Toranaga Yoshi em particular. — Atenderemos ao seu pedido. Parece interessante que ele queira a presença de Ketterer, hem? Isso cheira mal. Iremos de barco e levaremos algumas tropas de elite, como se fossem uma guarda de honra, além de mandarmos a Pearl se postar ao largo.

— *Mon Dieu!* Suspeita de uma armadilha?

— Pode ser uma manobra astuciosa, arriscando um cavalo para destruir a nossa estrutura de comando. Seria fácil infiltrar samurais... Pallidar diz que eles estão entrincheirados nos dois lados da Tokaidô, daqui até Hodoyama, e além. Não farejo uma armadilha, mas não custa nada nos precavermos. Nada de tropas francesas, meu velho. Sinto muito, Henri, mas não insista. Por que ele quer falar também com Babcott?

— Em nome da França, propus que instalássemos um hospital para eles, a fim de consolidar os vínculos. Ele ficou muito satisfeito... ora, William, isso não importa, você não pode pensar em tudo. Falamos sobre Babcott, que tem alguma reputação. Talvez Yoshi queira consultá-lo.

Serataard não vira motivo para divulgar a informação, que André descobrira, sobre os problemas de saúde do *tairo*.

O chá japonês foi servido na grande sala de audiência. Sentaram como o protocolo determinava e prepararam-se para a interminável polidez, que se prolongaria por uma hora. Um gole de chá e todos ficaram espantados ao ouvirem Yoshi declarar:

— O motivo para eu pedir esta reunião particular, com a ajuda de Serata-dono... naturalmente em nome do *tairo* e do Conselho de Anciãos... é porque chegou o momento de fazer algum progresso em nossas boas relações.

Ele parou e disse bruscamente para Tyrer:

— Por favor, traduza isso primeiro, depois continuarei.

Tyrer obedeceu.

— Primeiro, o doutor-sama, pois o resto de nossa reunião não o envolve. De propósito, Yoshi esperara três dias para procurar o médico. Não havia necessidade de se apressar, pensara ele, cínico: Anjo proclamou que não necessitava de mim para conseguir esse encontro, pois que se aflija agora!

Abruptamente, ele sentiu um frio no estômago ao pensar nos riscos desnecessários que assumira, pondo-se à mercê de Anjo, que a cada dia se tornava mais perigoso. Fora uma estupidez concordar em comandar o ataque e planejá-lo — essa parte feita com a maior facilidade — pois agora teria de levá-lo a cabo, a menos que tivesse astúcia, hoje, para levar os bárbaros a fazer o que queria.

— O doutor poderia fazer o favor de me acompanhar até Iedo, a fim de examinar um importante paciente, cujo nome não pode ser enunciado? Garanto o salvo-conduto.

Sir William disse:

— Uma pessoa tão importante como o doutor-sama não pode ir sem uma escolta.

— Compreendo isso, mas neste caso, sinto muito, não é possível. — Sentado agora no mesmo nível dos outros homens, a exceção de Babcott, Yoshi sentia-se mais à vontade. — Garanto o salvo-conduto.

Sir William fingiu franzir o rosto em preocupação.

— O que me diz, George?

Já haviam discutido essa possibilidade.

— Eu concordaria em ir sozinho, Sir William. Um dos meus assistentes me contou que circulam rumores que o *tairo* está doente. Pode ser ele.

— Se você pudesse curar aquele patife... ou envenená-lo... não sei qual das duas coisas é melhor. Estou brincando, é claro.

— Não é um risco, não para mim. Só sou valioso vivo e não sirvo como refém. E curar uma pessoa muito importante seria ótimo para nós.

— Concordo. Tocaremos de ouvido. Por falar nisso, soube que Angelique o procurou ontem.

— Parece que toda a colônia já soube. É o oitavo que me fala a respeito. Ela tinha um resfriado, você está resfriado, todo mundo tem um resfriado com este tempo... e mesmo que tivesse me consultado por qualquer outro motivo, é e sempre seria confidencial. Portanto, desista.

Sir William sorriu para si mesmo, ao recordar como fungara, e protestara que não queria saber de questões particulares, como uma possível gravidez. Não faltavam muitos dias agora, e a colônia toda se encontrava nervosa, ninguém disposto a apostar muito dinheiro

em qual seria o “Dia G” ou se não haveria nenhum... e menos de cinco dias para chegar o primeiro despacho de Hong Kong sobre Malcolm, o funeral, e o que Tess Struan tencionava fazer.

Sir William forçou sua mente a voltar às questões imediatas. Babcott estava dizendo a Yoshi, num japonês titubeante:

— Sim, ir Iedo, lorde Yoshi. Quando ir, por favor?

Yoshi respondeu, a voz pausada:

— Quando eu partir, doutor-sama. Obrigado. Sou responsável por você. Garantirei sua volta são e salvo. Precisarás de um intérprete, não é?

— Sim, por favor, lorde Yoshi — respondeu Babcott, sem precisar. Ele olhou para Tyrer. — Você é o escolhido, Phillip.

Tyrer sorriu.

— Eu ia me oferecer como voluntário.

— Pergunte a ele por quanto tempo ficarei lá.

— Ele diz que o tempo necessário para fazer um exame.

— Então isso está acertado — interveio Sir William

— Vou deixá-los agora. Tenho uma clínica para cuidar; saberão onde me encontrar, se precisarem de mais alguma coisa.

Babcott fez uma reverência para Yoshi, que retribuiu. O médico se retirou. Escolhendo suas palavras com todo cuidado, tentando falar da maneira mais simples possível, Yoshi continuou:

— Os carregadores lá fora trouxeram caixas com moedas de prata, no valor de cem mil libras. O dinheiro é oferecido pelo xogunato como aceite total da indenização que vocês exigiram do daimio responsável. Em princípio, o xogunato considera que é essa a quantia correta. — Ele escondeu sua diversão pelo choque de Tyrer e André. — Traduza exatamente o que eu disse.

Tyrer tornou a obedecer, não exatamente palavra por palavra desta vez, mas fez um relato verossímil, ajudado aqui e ali por André. Houve um silêncio aturdido na sala.

— Sire — murmurou Tyrer —, meu superior pergunta se ele responder agora ou Yoshi-sama dizer mais?

— Mais. O xogunato adianta esse dinheiro por conta de Sanjiro de Satsuma. Ele é o único responsável. Como já expliquei antes, ele não está sujeito ao controle do xogunato... em todas as coisas. Traduza.

O que foi feito de novo. Ele viu que os dois líderes ficaram desconcertados, como previra. O que era satisfatório, mas não

dissipava sua ansiedade.

— Não podemos obrigar Sanjiro de Satsuma a cancelar quaisquer ordens que ele possa ou não ter dado a seus homens sobre os *gai-jin*... nem mesmo a pedir desculpas... ou forçá-lo a nos reembolsar o dinheiro que estamos adiantando para resolver esse problema, sem desfechar uma guerra contra ele. Não estamos preparados para isto.

A tradução exigiu tempo para ser acurada, outra vez com a ajuda de André, consciente da tensão, e da maneira como todos se concentravam.

— Sire?

— Diga isso com precisão e cuidado: querendo ter amizade com os *ing'erish* e os *furansu*, o xogunato resolveu o que o xogunato pode resolver... sem entrarem guerra.

Yoshi inclinou-se para trás, especulando se a isca seria bastante succulenta. Seus últimos comentários foram recebidos em silêncio. Ele notou que Sir William mantinha-se impassível agora, exceto por

um grunhido quase inaudível. Mas Seratard balançou a cabeça e olhou para André.

Exultante por dentro, Sir William esperou que Yoshi continuasse. Como isso não acontecesse, ele disse:

— Phillip, pergunte a lorde Yoshi se ele quer continuar ou se posso responder agora.

— Ele diz que não deseja continuar, no momento.

Sir William limpou a garganta e falou com altivez... para consternação de Tyrer:

— Lorde Yoshi, em nome do governo de sua majestade e do governo francês, permita que eu lhe agradeça e ao xogunato pela solução de parte do problema entre nós. Agradecemos pessoalmente, desejando tornar nossa presença aqui feliz e lucrativa para seu país, o xogunato e nós mesmos. Este gesto, sem dúvida, inicia uma nova era de compreensão entre nossos países... e os outros representados no Japão.

Ele esperou enquanto sua declaração era traduzida, com Tyrer e André se desculpando e suplicando a indulgência de Yoshi, pondo a mensagem em termos mais simples, embora da forma mais acurada possível. Quando eles acabaram, Sir William acrescentou:

— Com a permissão dele, eu gostaria de fazer uma pequena pausa. Phillip, ou André, peçam a ele que me desculpe, tudo isso, e expliquem que minha bexiga precisa ser aliviada. É meu resfriado.

Os dois intérpretes apressaram-se em traduzir.

— Claro — respondeu Yoshi, no mesmo instante, mas sem acreditar.

Sir William levantou-se, e Seratard também pediu licença para se retirar. No corredor, a caminho do banheiro, que nenhum dos dois precisava, Sir William sussurrou, excitado:

— Por Deus, Henri, você o interpretou como eu? Ele está dizendo que nós mesmos podemos ajustar as contas com Sanjiro!

Seratarad também se sentia exultante.

— É uma inversão completa da política deles, de que tudo deve passar pelo *Bakufu* e xogunato. *Mon Dieu*, ele está nos dando carta branca?

— *Pas ce crétin* — disse Sir William, passando a falar em francês, sem percebê-lo. — Se podemos ir para cima de Sanjiro, é um precedente para atacarmos qualquer outro daimio... como o patife do estreito de Shimonoseki. Mas qual é a compensação que o demônio vai querer, hem?

Ele assoou o nariz, ruidoso, antes de acrescentar:

— Tem de haver alguma.

— Não faço a menor idéia. Mas qualquer que seja, *mon brave*, será excepcional. É espantoso que ele tenha se colocado sob o nosso poder. Nunca pensei que viria com tão poucos homens. Será que não compreendeu que poderíamos tomá-lo como refém contra a atitude de Sanjiro?

— Concordo. Meu Deus, que grande passo à frente! É incrível que ele tenha ido direto ao ponto tão depressa, sem ficar peidando coisas irrelevantes. Nunca pensei que veria esse dia. Mas por quê? Alguma coisa cheira mal.

— Tem razão. *Merde*, é uma pena que ele não seja o *tairo*, não é?

Ah, foi o que pensei, meu velho, muito antes de você, disse Sir William a si mesmo. Um pequeno empurrão aqui, um puxão ali, e poderemos, como na Índia, jogar uns contra os outros!

Ele se desabotoara e agora, olhando para o fluxo, os ouvidos fechados ao prognóstico adicional de Seratard, organizou seus pensamentos, considerando o que poderia negociar, até que ponto ir, e como levar Ketterer a concordar, sem a aprovação do almirantado ou do Ministério do Exterior. Ora, ele que se dane!

E que se dane Palmerston. Pedi aprovação urgente para impor a lei civilizada; por que ele não respondeu? Provavelmente já respondeu, refletiu Sir William. A mensagem cifrada de Londres seguiu pelo telégrafo até Basra e, agora, se encontra em algum lugar, num navio de correspondência, na mala diplomática. O fluxo cessou. Ele se sacudiu, como sempre, recordando a advertência que recebera como colegial, em Eton:

— Se sacudir mais de três vezes, estará se masturbando.

Apressado, deu um passo para o lado, abrindo espaço a Seratard, abotoando-se. Notou que Seratard era como um cavalo pequeno, em quantidade e potência. Interessante. Deve ser o vinho, pensou ele, voltando à sala de audiência.

O resto da reunião transcorreu na maior jovialidade. Com habilidade e cautela diplomática, contando com a competente ajuda de Seratard, Sir William estabeleceu, de forma indireta, que "se uma força por acaso encetasse alguma ação contra alguém, como Sanjiro, por exemplo, contra sua capital, por exemplo, seria uma ocorrência bastante lamentável, muito embora tal ação pudesse ser merecida, por causa de algum ato de assassinato inaceitável cometido contra cidadãos estrangeiros. Esse ato precipitaria um

fluxo de protestos de Iedo, e mereceria um pedido de desculpas formal, se tal ação inconcebível fosse realizada...”

Absolutamente nada foi dito de forma direta, nada que insinuasse que a permissão fora concedida ou solicitada, Não haveria nada por escrito. Esse possível ato hostil, um “caso especial”, só poderia ser contido se o protocolo fosse seguido de modo rigoroso.

A esta altura, Tyrer e André sentiam uma dor de cabeça intensa e por dentro criticavam seus superiores pela quase impossibilidade de traduzir com a forma indireta necessária.

Yoshi mantinha um silêncio extasiado. Sanjiro podia se considerar um homem morto; a primeira barreira fora removida sem qualquer custo.

— Creio que nos compreendemos, e podemos passar para outros assuntos.

— Claro, claro...

Sir William recostou-se, preparando-se para a compensação. Yoshi respirou fundo, e iniciou a ofensiva seguinte:

— Traduzam o seguinte, frase por frase. Expliquem que será pela precisão. Digam também que, por enquanto, esta conversa deve ser considerada um segredo de Estado entre nós. — Vendo o olhar vazio de Tyrer, ele acrescentou: — Compreende segredo de Estado?

Depois de consultar André, Tyrer disse:

— Compreendo, senhor.

— Ótimo. Pois então traduza: estamos de acordo que será um segredo de Estado entre nós?

Sir William pensou: perdido por um, perdido por mil.

— Concordamos.

Seratard também concordou. Tyrer enxugou a testa.

— Pronto, Sire.

Com um controle cada vez mais firme, Yoshi declarou:

— É meu desejo modernizar o xogunato e o *Bakufu*. Para fazer isso, preciso de conhecimento. Traduzam. A terra dos *ing'erish* e a terra dos *furansu* são as ações mais poderosas do mundo exterior. Traduzam. Peço para prepararem diversos planos para ajudar o xogunato a formar uma moderna marinha, com um estaleiro e um moderno exército. Traduzam.

O almirante Ketterer empertigou-se, seu pescoço latejando, como se estivesse pegando fogo.

— Fique quieto — murmurou Sir William, pelo canto da boca. — E não diga nada!

— Também queremos um sistema bancário moderno e fábricas experimentais. Um país sozinho não pode fazer tudo. Vocês são ricos, o xogunato é pobre. Quando os planos forem aceitos, concordarei com um preço justo. Será pago em carvão, prata, ouro e arrendamentos anuais de portos seguros. Eu gostaria de uma resposta provisória em trinta dias, se for do interesse de vocês. No caso de um sim, um ano seria tempo suficiente para que planos detalhados fossem aprovados por seus soberanos?

Era difícil para Yoshi manter o controle externo, e ele especulou o que diriam se soubessem que não tinha autoridade para apresentar essa proposta, nem qualquer meio de implementá-la. A oferta era para persuadi-los a um ano de trégua de qualquer conflito exterior, um prazo de que ele precisava para suprimir a oposição interna ao xogunato, e lidar com seus principais inimigos, Ogama de Choshu e Yodo de Tosa, agora que Sanjiro seria removido.

Ao mesmo tempo, era um salto para o futuro, para o desconhecido, que o assustava e deixava exultante, de uma maneira que não podia compreender. Todas as idéias baseavam-se nas informações que o

espião de Inejin obtivera do *shoya* Ryoshi, que de nada desconfiava, sobre os métodos dos *gai-jin*, e confirmadas pelo que vira e ouvira no navio de guerra, que era impressionante, mas nem de longe tão grande e mortífero quanto a nave capitânia dos *ing'erish*.

Odiando a realidade, mas aceitando-a, ele compreendera que a terra dos deuses, por autodefesa, tinha de se tornar moderna. Para isso, precisava negociar com os *gai-jin*. Abominava-os e desprezava-os, desconfiava deles, mas os *gai-jin* contavam com meios para destruir o Nipão, no mínimo para lançá-los de volta às guerras civis que haviam se prolongado por séculos, antes que o xógum Toranaga contivesse o bushido, o espírito guerreiro dos samurais.

Ele observou os dois líderes conversarem entre si. E depois viu o líder *ing'erish* falar para o jovem intérprete, Taira, que disse, em seu japonês exótico, mas compreensível:

— Meu superior agradece, Sire, pela... por confiança. Precisar cento e vinte dias enviar mensagem "Parlamento rainha" e "rei *furansu*"... e resposta voltar, Ambos líderes ter certeza resposta é sim.

Cento e vinte dias era melhor do que ele esperava.

— Está bem — disse Yoshi, com uma expressão solene, mas tonto de alívio por dentro.

Agora, a melhor parte do plano, pensou ele, vendo-os se prepararem para encerrar a reunião. Um olho por um olho, uma morte por uma morte.

— Por fim, tenho certeza que *W'rum-sama* não sabe que o homem que ele abriga, chamado Nakama, é um samurai renegado, um ronin e um revolucionário, cujo verdadeiro nome é Hiraga, às vezes chamado Otami. Exijo ele imediatamente. O homem é procurado por assassinato.

Naquele momento, no outro lado da baía, na Yoshiwara de Iocoama, Katsumata disse:

— Hiraga, pensou como podemos enfurecer os *gai-jin*, um incidente hostil para lançá-los contra o xogunato?

Os dois se achavam sentados frente a frente, numa casinha isolada, nos jardins da casa das Três Carpas.

— Incendiar uma das igrejas seria o mais fácil — respondeu Hiraga, mantendo sua ira bem reprimida, pois Katsumata era muito perceptivo. Ele acabara de chegar, chamado de seu refúgio na aldeia por um criado sonolento. Exceto por umas poucas criadas da cozinha, acendendo o fogo e limpando tudo, não havia mais ninguém de pé. Raiko e suas damas ainda dormiam e poucas acordariam antes de meio-dia. — Isso os deixaria furiosos, mas primeiro deixe-me contar o que consegui realizar aqui...

— Mais tarde. Primeiro, temos de formular um plano. Uma igreja? A idéia é interessante...

Katsumata exibia uma expressão dura e fria, não mais disfarçado, como se apresentara em Hodogaya. Parecia agora um bonzo, um sacerdote budista, o rosto raspado, a não ser por um bigode. A cabeleira era antes uma peruca e desaparecera. A cabeça tinha fios de cabelo curtos como a de um bonzo, ele usava a túnica laranja budista, sandálias e um cinto de contas de oração. A espada longa, com a bainha usada nas costas, estava ao seu lado, sobre os futons, e a *mon*, as cinco insígnias na túnica, proclamavam que era membro de uma ordem monástica militante.

Essas virtuais ordens militares eram constituídas por samurais que haviam renunciado a essa condição para servir a Buda, em caráter permanente ou temporário, para pregar e vagar pela terra, fazendo boas ações, sozinhos ou em bandos, punindo assaltantes e bandidos, protegendo os pobres dos ricos e os ricos dos pobres... e alguns mosteiros. O *Bakufu* e a maioria dos daimios os toleravam, desde que mantivessem sua violência dentro de limites.

Ontem, ao crepúsculo, ele passara pela barreira, arrogante, os documentos falsos perfeitos. Estava um dia atrasado, não era esperado, mas Raiko, no mesmo instante, lhe dera o melhor bangalô disponível. Ao contrário dos outros shishi, o único entre eles, sua família era rica e ele sempre andava com numerosos oban de ouro.

— Uma igreja — repetiu ele, apreciando cada vez mais a idéia. — Eu não teria pensado nisso... deixaríamos uma mensagem, alegando que fora feito por ordem de Yoshi, o *tairo* Anjo e os roju, como uma

advertência para que deixem nossas praias. Precisamos muito de vingança contra Yoshi.

Um pouco de espuma se concentrou nos cantos de sua boa, que ele logo limpou, irritado.

— Yoshi é o arqui-inimigo. Um de nós tem de ir contra ele. Yoshi matou muitos dos nossos guerreiros em Quioto, atirou em alguns pessoalmente. Se eu pudesse emboscá-lo, não hesitaria. Isso também, mais tarde. Portanto, a igreja será incendiada. Ótimo.

Hiraga sentia-se apreensivo, achando Katsumata estranho, diferente. Agora se mostrava impaciente, agindo como se fosse um daimio, e Hiraga um *goshi* a quem podia dar ordens. Sou o líder dos *shishi* de Choshu, pensou, irritado ainda mais, não um discípulo sob as ordens de um *sensei* de Satsuma, por mais renomado que ele seja.

— Isso converteria toda Iocoama num ninho de vespas. Eu teria de ir embora, o que seria péssimo no momento, já que o meu trabalho é muito importante para a nossa causa. A situação aqui é muito delicada, *sensei*. Concordo que devemos planejar... por exemplo, para onde escaparemos, se precisarmos escapar?

— Iedo. — Katsumata fitou-o nos olhos. — O que é mais importante, *sonno-joi* ou seu refúgio seguro entre os inimigos *gai-jin*?

— *Sonno-joi* — murmurou ele, acreditando. — Mas é importante aprendermos o que eles sabem. Conhecer seu inimigo como...

— Não preciso de citações, Hiraga, mas de ação. Estamos perdendo a luta, Yoshi está vencendo. Só temos uma solução: lançar esses *gai-jin* em ação violenta contra o *Bakufu* e o xogunato. Isso avançará *sonno-joi* como nada antes e tem precedência sobre tudo. Precisamos desesperadamente disso, pois assim recuperaremos apoios... e a honra... guerreiros virão em levas para o nosso estandarte, enquanto a vanguarda dos *shishi* se reagrupa, aqui e em Quioto. Pedirei reforços de Satsuma e Choshu e tornaremos a atacar os portões, para libertar o imperador. E desta vez teremos êxito, porque Ogama, Yoshi e o sórdido xogunato estarão distraídos, enfrentando os *gai-jin* hostis. Assim que dominarmos os portões, *sonno-joi* será um fato.

Não havia como duvidar de sua confiança.

— E o que acontecerá se provocarmos os *gai-jin*, *sensei*!

— Eles bombardeiam Iedo, o xogunato retalia, atacando Iocoama... e ambos perdem.

— Enquanto isso, todos os daimios correm a apoiar o xogunato, quando os *gai-jin* voltarem, o que é inevitável.

— Eles não voltariam antes do quarto ou quinto mês, se é que voltarão. Antes disso, teremos os portões e, por sugestão nossa, o imperador terá o maior prazer em entregar o culpado aos *gai-jin*, Yoshi ou seu chefe, Nobusada, Anjo, e quaisquer outros líderes de que eles precisarem para saciar a sede de vingança. E também por sugestão nossa, o filho do céu concordará em lhes permitir o comércio, sem mais guerra, mas apenas através de Deshima, na enseada de Nagasáqui, como ele fizeram por séculos. — A certeza de Katsumata era total. — É isso o que vai acontecer. Primeiro, a igreja... e que tal um navio?

Hiraga, surpreso, murmurou:

— Como assim?

Sua mente transbordava de argumentos contra as suposições de Katsumata convencido de que não aconteceria assim, ao mesmo tempo em que tentava encontrar um meio de desviá-lo, fazê-lo continuar a viagem até Iedo e retornar dentro de um ou dois meses... as coisas iam muito bem aqui, com Taira e Sir *Wrum*, Jami-sama e o *shoya*, e ele não queria arriscar tudo isso. Haveria bastante tempo para enfurecer os *gai-jin* mais tarde, com a igreja, quando um refúgio se...

— Afundar um navio de guerra os inflamaria, não é?

Hiraga piscou os olhos, aturdido.

— Como... como nenhuma outra coisa.

— Usamos a igreja como uma manobra diversionária, enquanto afundamos um navio, o maior de todos.

Atordoado, Hiraga observou Katsumata abrir uma mochila. Havia quatro tubos de metal, presos com um fio. E estopins.

— Estes tubos contêm explosivos, pólvora de canhão. Um deles, jogado por uma vigia de bombordo ou preso no casco do navio, abriria um rombo; dois seriam um golpe fatal.

Hiraga sentia-se paralisado, todo o resto esquecido. Pegou um tubo. Em sua mão, a bomba parecia pulsar com vida. Havia na extremidade uma pequena abertura para o estopim e, em sua imaginação, ele viu o estopim aceso, seu braço lançando a bomba por uma vigia de bombordo, depois outra... e em seguida se abaixando para o barco, oculto em grande parte pela neblina marinha, afastando-se em silêncio, para depois assistir, são e salvo, à tremenda explosão, as bombas acionando outras cargas, depois o enorme navio afundando.

E, com isso, todos os seus planos.

— É uma idéia incrível, Katsumata — murmurou ele, angustiado. — Precisaríamos escolher o momento da lua oportuno, assim como o

mar certo, planejar tudo com o maior cuidado. As melhores épocas seriam a primavera ou início do verão. Depois disso, eu não poderia mais permanecer aqui e... Há muito o que lhe contar sobre o que descobri.

Hiraga quase revelou que sabia agora falar inglês muito bem, mas se conteve a tempo, e acrescentou:

— Só mais umas poucas semanas, e terei concluído tudo aqui. Depois, a igreja e o navio.

— Incendiaremos a igreja e afundaremos o navio amanhã de noite.

— Impossível!

Katsumata divertiu-se com seu choque, e refletiu que era uma pena que Ori estivesse morto e Hiraga vivo... pois Ori era muito superior. Mas também era Satsuma, não de Choshu.

— Quantas vezes devo dizer que a surpresa é a melhor arma dos *shishi*? Isso e a rapidez decidida. Onde está Akimoto?

— Na aldeia. Achei melhor não trazê-lo.

A mente de Hiraga era um turbilhão. Desde que voltara de Hodogaya, não partilhara seus pensamentos mais íntimos com o primo, apenas que Katsumata lhe dissera que Sumomo morrera, traída por Koiko a Yoshi, não que ele acreditasse que as duas haviam sido lançadas à perdição pelo acaso. Como seremos lançados inutilmente nesse plano delirante, e todo o meu trabalho terá sido em vão.

— Amanhã é cedo demais. Sugiro...

— A igreja será fácil para um homem só. Akimoto. Precisaremos de um barco. Pode arrumá-lo?

— Talvez. — A resposta de Hiraga foi automática, embaçada por incontáveis indagações e temores. — Talvez eu possa roubar um. *Sensei*, eu...

— Não está pensando com clareza. Um pescador sempre remove os remos quando não está usando seu barco. Não há necessidade disso. Compre um.

Katsumata tirou da manga uma pequena bolsa de seda e a largou na mesa, negligente.

— Hiraga, concentre-se! — exclamou ele, endurecendo a voz. — A vida com os *gai-jin* o contagiou até que ponto, com todos os demônios, que esqueceu o juramento a *sonno-joi*? Concentre-se! O plano é bom, o momento é perfeito. *Pode comprar um barco?*

— Posso... mas, *sensei*, para onde batemos em retirada?

— A retirada é simples. Três de nós, você, Takeda e eu, afundamos o navio de guerra. Depois, seguimos no barco até um ponto na praia o mais próximo possível de Iedo, e sumimos na cidade.

— E o outro homem, o que incendiará a igreja?

— Ele escapará a pé.

— Precisamos do apoio de mais *shishi*, pois se trata de grande missão, toda esta área se tornará letal.

— O que torna a fuga mais fácil. Quatro homens serão mais do que suficientes. Vou liderar o ataque ao navio e, se estiver ventando amanhã, o incêndio na igreja poderá destruir toda a localidade, uma dádiva adicional. Volte esta noite, trazendo Akimoto, e definirei os planos finais.

— Mas... onde está Takeda?

— Deixei-o em Hodogaya. Chegará aqui esta tarde. Até de noite, Hiraga.

Bruscamente, Katsumata fez uma reverência, dispensando-o. Atordoados, Hiraga retribuiu, por muitos anos fora um discípulo reverente do *sensei*, mestre espadachim e tático, não podia agora deixar de aceitar a dispensa. Saiu, atravessou a ponte de volta à colônia, passou pela rua da aldeia, alcançou o passeio, foi andando por ali, sem ver nada, a cabeça um tumulto de pensamentos sinistros e impossibilidades, seu futuro liquidado, tudo porque o forasteiro Satsuma se mostrava determinado a forçar o destino.

Mas o *sensei* tem razão, remoeu ele. Esses dois atos deixariam os *gai-jin* desvairados, a esquadra investiria contra Iedo, Iedo arderia, Iocoama seria arrasada em retaliação. Dentro de poucos meses, as esquadras voltariam, desta vez com exércitos. Até lá, os *shishi* não controlariam os portões, mas todo o Nipão estaria em armas. E isso não faria a menor diferença para os *gai-jin*.

De um jeito ou de outro, teremos de nos abrir para o mundo deles. Os *gai-jin* já decidiram. Portanto, terão uma base em Iocoama, e também em outros lugares porque possuem o poder de dizimar nossas costas, de fechar nossos portos, para sempre, se assim desejarem, e nenhum Vento Divino nos ajudará.

— Olá, companheiro. Para onde vai?

— Ah... — Hiraga se descobriu diante da legação. — Bom dia, senhor sentinela. Eu ir a Taira-sama.

— Ele não está aqui, companheiro — informou o soldado, bocejando. — *Mister Tyrer* e o chefe foram a Kanagawa.

— É? — Hiraga olhou através da baía. A paisagem marinha era invernal. Mal dava para avistar Kanagawa. Uma fragata, que ele reconheceu como a *Pearl*, navegava lentamente ao largo, contra o vento, firme e mortífera. No estreito, a nave capitânia, com seus quarenta canhões de sessenta libras, se encontrava ancorada, a favor do vento. — Eu voltar mais tarde.

Desconsolado, ele se encaminhou para a aldeia, a fim de comprar um escaler. Por mais que desaprovasse, era um *shishi* acima de tudo.

No início daquela tarde, na sala dos oficiais da *Pearl*, Seratard bateu seu copo no de Sir William, ambos se congratulando pela reunião.

— Um passo à frente maravilhoso, Henri, meu velho — disse Sir William, jovial. Ele pegou a garrafa, tornou a verificar o rótulo. — Nada mal para um 48. E excelente repasto também.

Na mesa, havia sobras do almoço providenciado pelo chefe Seratard: tortas de pombo frias, quiche, migalhas de pão francês e umas poucas fatias de um Brie devorado, trazido pelo último navio mercante que chegara de Xangai.

— Ainda não posso acreditar que Yoshi tenha oferecido tudo o que ofereceu, Henri.

— Concordo. E maravilhoso é a palavra certa. Nós treinaremos a marinha, vocês cuidam do exército, nós nos encarregamos do sistema bancário e alfândega.

— Sonhador! — interrompeu-o Sir William, com uma risada. — Mas não vamos discutir sobre a divisão. Londres e Paris cuidarão disso. — Ele arrotou, contente, antes de acrescentar: — Tudo se reduzirá ao “*quanto*”, no final das contas, pois é óbvio que teremos de emprestar os recursos para que comprem nossos navios, fábricas, ou qualquer outra coisa... por mais que eles digam que pagarão.

— É verdade, mas haverá as salvaguardas habituais, receitas de alfândega etc.

Os dois riram.

— Haverá mais do que o suficiente para nossos dois países — comentou Sir William, ainda não acreditando de todo. — Mas quero que me faça um favor, Henri: não provoque o almirante. Já temos problemas suficientes sem isso.

— Está bem, mas ele é tão... ora, não importa. O que me diz de Nakama? Espantoso! Acho que você teve sorte por ele não matá-lo numa noite qualquer, já que é o inimigo número um. O que deu em você para assumir tamanho risco?

— Ele não estava armado e ajudava Phillip a aprender japonês. — Até onde Sir William podia determinar, apenas os quatro, Tyrer, McFay, Babcott e ele próprio, sabiam que o homem falava inglês e não havia razão para partilhar esse segredo. — Além disso, era bem vigiado.

Sir William arrematou num tom de indiferença, embora sentisse uma pontada de angústia ao pensar no perigo que haviam corrido.

— O que fará com ele?

— O que eu disse a Yoshi.

Todos haviam ficado chocados com as revelações de Yoshi — Sir William quase tanto quanto Tyrer —, em particular ao saberem que Nakama era procurado pelo assassinato de Utani, um dos anciãos, entre outros crimes. No mesmo instante, ele dissera:

— Phillip, diga a lorde Yoshi que, tão logo retorne a Iocoama, iniciarei um inquérito formal, e se os fatos forem mesmo como ele diz, entregarei o homem imediatamente às autoridades. Phillip!

Mas Tyrer, mudo de incredulidade, olhava aturdido para Yoshi. André se recuperara depressa e traduzira para ele, tendo tido um sobressalto quando Yoshi lhe respondera em tom ríspido.

— Hum... lorde Yoshi diz: Duvida das minhas palavras?

— Diga que não, absolutamente não, lorde Yoshi. — Sir William mantivera a voz calma, pois percebera os olhos se estreitando. — Mas assim como vocês têm suas leis e costumes, e não podem, por exemplo, ordenar que esse daimio Sanjiro lhes obedeça, também tenho de respeitar nossas leis, que pelos termos do tratado são as leis dominantes em Iocoama.

— Ele diz, Sir William: Ah, sim, os tratados. Neste novo espírito de amizade, ele concorda em lhe conceder o dever de entregar... o assassino. Mandará homens para assumirem a custódia amanhã. Sobre o tratado, senhor, ele diz, disse exatamente, que algumas mudanças são necessárias, podemos discuti-las daqui a vinte dias.

Tyrer interveio, em voz baixa:

— Com licença, Sir William, sobre Nakama, posso sugerir...

— Não, Phillip, não pode. André, diga a ele, exatamente, o seguinte: Teremos o maior prazer em discutir as questões que afetem nossos interesses mútuos a qualquer momento.

Ele escolhera as palavras com o maior cuidado e deixara escapar um suspiro de alívio ao ouvir a resposta:

— Lorde Yoshi agradece, e diz: vamos nos encontrar em vinte dias, se não antes, e agora voltarei para Iedo com o Dr. Babcott.

Concluídos os gestos polidos e as reverências, depois que Yoshi deixara a sala Seratard dissera:

— William, acho que você se esquivou da armadilha com muita habilidade. Ele é astuto demais. Meus parabéns.

— Sobre a marinha... — começou o almirante, veemente. Sir William não o deixara continuar:

— Primeiro, deixem-me testemunhar a partida de Babcott e Tyrer. Vamos Phillip!

Lá fora, ele sussurrara.

— Mas qual é o seu problema?

— Nenhum, senhor.

— Então por que faz uma coisa dessas? Por que esquece que seu trabalho é apenas interpretar, não fazer sugestões?

— Desculpe, senhor, mas sobre Nakama...

— Sei que é sobre ele, pelo amor de Deus! Você fez a maior cagada! Pensa que nosso astucioso hóspede não percebeu? Sua função é traduzir o que for dito, manter-se impassível, mais nada! Esta é a segunda vez que tenho de adverti-lo!

— Desculpe, senhor, mas Nakama é importante e...

— Está se referindo a Hiraga ou qualquer outro nome que ele use no momento? Ele é acusado de assassinato. Concordo que tem sido uma fonte de informações, mas um proscrito renegado? Temos sorte por ele não haver nos matado enquanto dormíamos, já que podia vaguear à vontade pela legação!

— O que pretende fazer, senhor?

— O que eu já disse: investigar e, se for verdade, como desconfio que é, somos obrigados pela honra a entregá-lo.

— Não poderia considerá-lo refugiado político?

— Ora, pelo amor de Deus! Você perdeu o juízo? Exigimos reparações e os assassinos pelo assassinato de nossos cidadãos, como podemos então nos recusar a lhes entregar um dos seus, acusado e provavelmente culpado de assassinar um dos seus governantes? Yoshi prometeu que ele teria um julgamento justo.

— Ele pode se considerar um homem morto, pois esse é todo o julgamento que terá.

— Se ele é culpado, isso é tudo o que merece.

Sir William contivera sua irritação, pois Tyrer fizera um bom trabalho hoje e constatara que a crescente amizade entre os dois o beneficiava.

— Phillip, sei que ele tem sido muito valioso, mas não podemos deixar de entregá-lo... depois que tivermos uma conversa. Adverti-o no início que teria de ir embora, se eles o pedissem. Agora, esqueça Nakama e concentre-se em descobrir tudo o que puder sobre o paciente de Babcott. Com um pouco de sorte, deve ser o *tairo*.

Ele seguira à frente para o pátio, onde Yoshi estava montando. Babcott esperava ao lado de um cavalo que Pallidar lhe emprestara e outro para Tyrer. A guarda de honra os cercava, alerta. Por ordem de Yoshi, os carregadores se afastaram das varas com os fardos. Depois, ele chamara Tyrer, que se adiantara, escutara, fizera uma reverência, e voltara.

— Ele disse que pode... hum... contar o dinheiro à vontade, Sir William, e lhe dar o recibo amanhã, por favor. Aquele homem... — Tyrer apontara para Abeh. — virá buscar Nakama amanhã.

— Agradeça a ele, e diga que tudo será feito como deseja.

Tyrer obedeceu. Yoshi acenara para que Abeh partisse.

— *Ikimasho!*

Partiram a trote, com o palafrenero e os carregadores em sua esteira.

— Tudo bem, George?

— Tudo, obrigado, Sir William.

— Boa viagem. Phillip, saiu-se muito bem hoje. Mais algumas reuniões assim, e recomendarei sua promoção a intérprete de primeira classe.

— Obrigado, senhor. Posso estar presente quando conversar com Nakama?

Sir William quase explodira.

— Como pode estar presente, se vai para Iedo com George? Use seu cérebro! George, dê-lhe um remético, pois o pobre rapaz ficou obtuso!

— Não preciso realmente de Phillip — disse Babcott. — Apenas achei que poderia ser importante que ele conhecesse essa “pessoa anônima”.

— E tinha toda razão, esse encontro pode ser muito importante... Nakama ou Hiraga, qualquer que seja o seu nome, não é. Phillip, isso já entrou na sua cabeça?

— Já, sim, senhor. Desculpe.

Babcott inclinara-se, baixara a voz:

— Talvez seja uma boa idéia não entregar Nakama até voltarmos... para qualquer emergência.

Sir William fitara-o nos olhos, tal possibilidade projetando a consulta médica para um novo nível.

— Está querendo dizer que eles podem tentar retê-lo? Como um refém? Aos dois?

Babcott dera de ombros.

— Nakama é importante para ele e não há mal nenhum em ser precavido, não é?

Sir William franzira o rosto.

— Espero que voltem amanhã.

Ele ficara observando-os até que todos sumissem de vista e, depois, voltara à sala de audiência. No mesmo instante, o almirante explodira:

— Nunca ouvi tanta conversa fiada em toda a minha vida! Construir uma marinha para eles? Perdeu completamente o juízo?

— Não cabe a nós decidir sobre isso, meu caro almirante — dissera Sir William, sem perder a calma. — É uma atribuição do Parlamento.

— Ou, mais provável, do imperador Napoleão — dissera Seratard, incisivo.

— Duvido muito, meu caro senhor. — O almirante tinha o rosto e o pescoço roxos. — Os assuntos navais estrangeiros são da competência da marinha real; qualquer interferência francesa em áreas de influência britânica será tratada com o rigor necessário.

— É isso mesmo — dissera Sir William, alteando a voz para se sobrepôr ao dois, pois o rosto de Seratard também ficara roxo e ele fazia menção de responder com veemência. — De qualquer forma, seria uma decisão política. De Londres e Paris.

— A política que se dane! — exclamara o almirante, as bochechas tremendo de raiva. — Uma dúzia de nossos melhores navios de guerra nas mãos desses selvagens, quando vemos o que eles são capazes de fazer com duas espadas? Eu me oponho totalmente!

— E eu também — declarara Sir William, a voz ainda calma —, e é o que vou recomendar.

— Como?

— Concordo com a sua posição. Uma decisão desse porte cabe ao almirantado ajudado pelo Ministério do Exterior. O mesmo em Paris. Não há nada que possamos fazer, além de relatar tudo a nossos superiores. Você deve também agir assim. Graças a Deus, as autoridades japonesas finalmente aprovaram nosso direito de tomar a iniciativa de agir contra partes culpadas. Não concorda, almirante?

— Se está falando sobre sua proposta e desavisada expedição punitiva, aqui, ali, em qualquer lugar, ainda não foi aprovada pelo almirantado, portanto não conta com a minha aprovação. E sugiro que voltemos para a *Pearl*, antes que a chuva comece...

Sir William suspirou, olhou por uma das vigias da sala dos oficiais. A chuva parara por um momento, o mar ainda tinha cor de chumbo, mas seu espírito se tornara animado. Tinha o dinheiro da indenização, não havia necessidade agora de arrasar Iedo e através desse Yoshi ajudaremos a modernizar o Japão, refletiu ele. Arrumaremos um lugar feliz para o Japão na família de nações, tão feliz para eles quanto para nós. E é melhor que sejamos nós a fazer isso, inculcando as virtudes britânicas, do que os franceses, implantando as francesas, embora seus vinhos e atitudes em relação à comida e fornicação sejam muito superiores aos nossos.

Mas é isso mesmo. Exceto na fornicação, os japoneses serão beneficiados. Nisso, a atitude deles é sem dúvida superior. Uma pena que não possamos importá-la para a nossa sociedade, mas a rainha nunca admitiria. Uma coisa lamentável, mas é a vida. Teremos de nos contentar por abençoarmos a nossa sorte de viver aqui... depois que os civilizarmos.

— Henri, vamos respirar um pouco de ar fresco.

Ele sentiu-se contente ao voltar ao convés. O vento estava impregnado de maresia, forte e firme, a fragata sob vela agora, numa velocidade admirável. Marlowe se encontrava na ponte de comando... os oficiais e marujos nas proximidades contrafeitos pela presença do almirante, sentado lá em cima, com uma cara azeda, encolhido em seu capote.

— Pelo amor de Deus Marlowe, leve-a para mais perto do vento!

— Pois não, senhor.

Sir William não era um especialista, mas a ordem parecia pedante e desnecessária. Mas que desgraçado! Ainda assim, não posso culpá-lo por querer a confirmação das ordens, pois é seu pescoço que está em jogo, se alguma coisa sair errada.

Quando a fragata assumiu um novo curso, ele apertou as mãos na amurada. Amava o mar, se integrar nele, ainda mais no convés de um navio de guerra britânico, orgulhoso dos navios do império dominarem os mares, tanto quanto quaisquer navios podiam reinar sobre as ondas. Ketterer está certo ao não querer criar outra marinha, pensou Sir William, não com estes homens... afinal, as marinhas francesa, americana e prussiana já constituem problemas suficientes.

Ele olhou para a popa.

Ali, além do horizonte, ficava Iedo. Iedo e Yoshi prenunciavam problemas, por qualquer ângulo que se olhasse, qualquer que fosse o futuro róseo que ele prometia. À frente, ficava Iocoama. Mais problemas ali, mas não importa, porque esta noite Angelique será minha companheira ao jantar... fiquei contente por ela não ter partido, mas ainda não entendi o motivo. Isso não deixa o jogo ainda mais nas mãos de Tess Struan?

É estranho pensar em Angelique sem Malcolm Struan. Lamentável que ele tivesse tanto azar, mas agora ele se foi, e nós continuamos vivos. *Joss*. Quem será o *tai-pan* agora? O jovem Duncan tem apenas dez anos, o último dos meninos Struans. Terrível para Tess, mais tragédia para suportar. Não ficaria surpreso se isso a liquidasse. Sempre a admirei por sua coragem, carregando a carga de Culum e dos Brocks, para não falar de Dirk Struan.

Bom, fiz o melhor que podia por Tess, e também por Malcolm... vivo e morto. E por Angelique. Quando ela for embora, deixará um vazio aqui que não será preenchido com facilidade. Espero que ela recupere a juventude que perdeu, o que é outra tristeza, mas tem

toda uma vida pela frente... se estiver ou não esperando uma criança de Malcolm. As apostas ainda são meio a meio.

Ordens na ponte de comando atraíram sua atenção por um momento, mas não era nada urgente, apenas acrescentar mais velas. O vento zumbia. A fragata aumentou a velocidade. Faltava uma hora para chegarem ao ancoradouro. E duas horas para o pôr-do-sol. Tempo suficiente para deter Nakama antes do jantar.

O pôr-do-sol foi apenas uma redução da claridade, o sol morrendo por trás de uma camada de nuvens, lamentando a perda do dia. Hiraga disse ao grupo de pescadores:

— Aquele barco servirá... sem os equipamentos de pesca, mas os remos e a vela estão incluídos.

Ele estava na praia perto da cidade dos bêbados e pagara ao dono o que fora pedido, sem regatear, ainda relutando em perder a honra por negociar, embora já soubesse agora — o que lhe fora inculcado por Mukfey — que era enganado, o homem cobrara demais e riria dele, junto com seus companheiros, assim que se afastassem. Sabia também que era o culpado por isso, já que se vestia como um gai-jin, sem as suas espadas.

Metade dele sentia vontade de esbravejar, puni-los por seus maus modos, obrigá-los a rastejar na praia, suplicando pelo privilégio de lhe darem o barco de presente. A outra metade aconselhava paciência: Você fez o que deve, o barco é seu, amanhã morrerá com honra pela causa de *sonno-joi*, esses vermes não têm mais valor do que as cracas no barquinho miserável que me venderam.

— Deixem tudo no barco — disse ele.

Untuoso, o dono fez uma reverência e recuou, inclinado, depois se afastou com os companheiros, todos abençoando a sorte pelo lucro duplo.

O barco era de pesca, pequeno, comum, para um a três homens, com uma pequena vela e um único remo na popa. Parte do treinamento de samurai era o uso de barcos para curtas distâncias, atravessar rios ou alcançar navios ou galés ao largo de águas costeiras, por isso todos sabiam manobrá-los. A notícia de que ele comprara um barco voaria por toda a aldeia, mas isso não tinha importância. Quando o *shoya* e os outros descobrissem o uso provável, já seria tarde demais.

Satisfeito de que o barco se encontrava seguro, ele começou a atravessar a cidade dos bêbados, através das vielas apinhadas, passando por cima de corpos de homens embriagados e do lixo, repugnado com a sujeira. Taira diz que sua Londres é a cidade mais limpa, maior e mais rica do mundo, mas não acredito... não se tantos de sua gente vivem assim, com o resto da colônia não estando muito melhor. Pegando um atalho, ele avançou por uma via menor. Homens passavam, mendigos estendiam a mão, olhos espiavam desconfiados de portais, mas ninguém o incomodou.

A terra de ninguém, como sempre, se encontrava coberta de mata, fedendo, o principal vazadouro de lixo da colônia. Uns poucos vagabundos esfarrapados vasculhavam pelo lixo mais recente. Observaram-no por um instante. Os olhos de Hiraga se desviaram para o poço à frente. A tampa de madeira quebrada, que ocultava a passagem secreta para a Yoshiwara, parecia intacta. O rosto de Ori aflorou em sua memória, e o tempo que passaram lá embaixo, quando estava disposto a matá-lo, e Ori jogara — ou fingira jogar — a cruz de ouro nas profundezas. Ori era *baka* ao desperdiçar sua vida por causa daquela mulher. Bem que poderíamos aproveitá-lo amanhã. Ele tratou de remover Ori de sua mente.

Agora, todo seu ser se concentrava no ataque. Todo o raciocínio em contrário desaparecera. Havia um consenso, Akimoto a favor, exultante, Takeda e o *sensei*. Portanto, ele também era a favor. O barco estava pronto. Agora, buscaria Akimoto e acertariam os detalhes finais do plano. Na verdade, Hiraga sentia-se contente também. Morreria no esplendor da glória, cumprindo os desejos do imperador. O que mais um samurai podia desejar da vida?

Com a violência súbita de um banho gelado, ele foi arrancado da euforia e desapareceu numa porta. Três soldados ingleses postavam-se diante da casa do *shoya*, mais dois saíam da choupana ao lado, que ele e Akimoto alugavam. Akimoto se encontrava entre os soldados, berrando a plenos pulmões uma das poucas frases em inglês que aprendera:

— Sinto muito, não compreender Nakama!

— N-a-k-a-m-a — disse o sargento, devagar, bem alto. — Onde ele está?

Uma pausa e o sargento acrescentou, ainda mais alto:

— Onde está Nakama?

— Nakama? — A voz de Akimoto também era alta e clara, sem dúvida tentando alertá-lo, se por acaso estivesse nas proximidades.
— Nakama não compreender sinto muito.

Em japonês, Akimoto disse:

— Alguém traiu alguém. — E voltou ao inglês gutural: — Nakama não compre...

— Cale-se! — berrou o sargento, furioso. — Cabo, este idiota não sabe de nada. Butcher, você e Swallow ficam aqui, até *mister* Nakama voltar, e peçam a ele... isso mesmo, peçam, um convite... para acompanhá-los, pois Sir William quer falar com o homem. Mas não deixem de levar o patife. Você... — O sargento espetou um dedo de ferro no peito de Akimoto, enquanto acrescentava: — Venha comigo, para o caso de o chefe querer falar também com você.

Protestando em japonês, a voz bem alta, Akimoto acompanhou-os, e depois repetiu várias vezes, em inglês, "Nakama não compreender".

Ao se recuperar do choque, e constatar que era seguro, Hiraga saiu do portal, pulou uma cerca, e correu de volta para a terra de ninguém. Ali, agachou-se no vão de porta de um barraco. Ainda não era seguro correr para o poço, havia claridade demais e os três homens vasculhando o lixo se encontravam muito próximos, pareciam ameaçadores. Tinha de manter em segredo a passagem pelo poço.

Quem nos traiu?

Não havia tempo para pensar sobre isso agora. Ele se encolheu ainda mais nas sombras, quando um dos homens se aproximou, murmurando e praguejando pelo pouco que encontrara, um saco ensebado numa das mãos. Todos os três eram esqueléticos e imundos. Um se aproximou das sombras em que se escondia, mas passou sem vê-lo. Mais meia hora e a luz desapareceria, não havia outra coisa a fazer que não esperar. Subitamente, o vão de porta foi bloqueado.

— Pensou que eu não tinha visto você, hem? — disse o homem, a voz rouca, carregada de ameaça. — O que está fazendo?

Hiraga empertigou-se devagar. Tinha a mão na pequena pistola no bolso. E depois viu a faca aparecer no punho que mais parecia uma garra, o homem desferir um golpe violento para a frente. Só que Hiraga foi mais rápido, segurou a mão, acertou uma cutilada na garganta do homem. Ele ganiu como um porco estripado e arriou no chão. No mesmo instante, os outros dois levantaram os olhos e se adiantaram apressados para investigar.

Pararam abruptamente. Hiraga aparecia agora no vão de porta, a pistola numa das mãos, a faca na outra, por cima do homem que se contorcia na terra, sufocado. Facas apareceram e os dois homens atacaram. Hiraga não hesitou e arremeteu contra um dos homens, que saiu correndo, proporcionando-lhe a abertura de que precisava. Passou em disparada entre os dois, correndo para a cidade dos bêbados, não querendo perder tempo numa luta. Momentos depois, alcançou uma rua transversal, mas descobriu que o chapéu caíra na corrida. Olhou para trás e viu um dos homens pegá-lo, com um grito. Em segundos, o outro homem também pôs mão no chapéu e os dois se puseram a brigar e a praguejar por sua posse.

O peito arfando, Hiraga deixou que ficassem com o chapéu. Outro olhar para o céu. Seja paciente. Depois que eles forem embora, você poderá ir até o poço. Não deve revelar sua existência, pois é essencial para o ataque. Seja paciente Compre um chapéu ou um gorro. O que saiu errado?

— Para onde será que ele foi?

— Não pode estar longe, Sir William — garantiu Pallidar. — Coloquei homens nos portões e na ponte para a Yoshiwara. É bem provável que ele esteja numa das estalagens. Uma questão de tempo antes que apareça. Quer que o ponhamos a ferros?

— Não. Quero apenas que o tragam até aqui, desarmado, sob vigilância.

— E esse sujeito?

Akimoto estava sentado, de costas na parede, um soldado ao lado. Já fora revistado.

— Decidirei depois de falar com ele. Ah, André, entre. Você não precisa esperar, Settry. Jantarei com o ministro russo. Assim que pegar Nakama, vá me chamar.

Settry bateu continência e se retirou.

— André, lamento incomodá-lo, mas não conseguimos encontrar Nakama. Como Phillip não está aqui, você poderia servir de intérprete para mim, perguntando a esse sujeito onde ele se encontra?

Ele ficou observando, enquanto André começava a interrogar Akimoto, tentando conter sua irritação, desejando que Phillip Tyrer

tivesse ficado, em vez de partir com Babcott. Espero que tudo corra bem. Droga, se Nakama não for apanhado, Yoshi ficará furioso, e com toda razão.

— Ele diz que não sabe — informou André, que não tirara o capote. A sala de Sir William estava sempre congelando, mesmo no dia mais frio, seu fogo de carvão mínimo. — Parece retardado, murmura que Nakama pode estar em qualquer lugar, talvez na Yoshiwara, até mesmo em Kanagawa.

— Hem? — Sir William ficou chocado. — Ele não deveria deixar a colônia sem a minha aprovação. Pergunte a ele... pergunte quando Nakama saiu?

— Ele diz que não sabe, não conhece Nakama, se ele saiu ou onde se encontra, não sabe de nada.

— Talvez uma noite na cadeia refresque sua memória. Cabo! — A porta aberta no mesmo instante. — Ponha este homem na cadeia durante a noite ou até que eu dê ordens em contrário. Ele deve ser bem tratado. Entendido?

— Entendido, senhor.

— Ele deve ser bem tratado.

— Sim, senhor.

O cabo sacudiu um polegar para Akimoto, que saiu da sala de costas, fazendo reverências. A cadeia, usada para os arruaceiros e os soldados sujeitos à disciplina militar, ficava no final da rua, um prédio baixo de alvenaria, com uma dúzia de celas. Depois do clube, fora o segundo prédio construído, um costume normal na maioria das colônias britânicas.

— *Merci, André.*

— *De rien.*

— Tem alguma idéia do lugar em que poderíamos encontrá-lo?

— Não, *monsieur*, afora o que o homem disse. Vejo-o no jantar.

André sorriu, saiu, começou a descer pela High Street, o vento agitando as folhas, papéis e detritos diversos. Não restava muita claridade no céu.

Ainda bem que não somos responsáveis por encontrá-lo, pensou ele. Para onde teria ido? Se tiver um mínimo de bom senso, para Quioto ou Nagasáqui ou embarcou como clandestino no navio mercante que partiu ontem para Xangai, se sabe que Yoshi o procura. E deve saber, com toda certeza... não há segredos no *Bakufu* nem aqui. Grande reunião, boa para nós também, pois temos uma vantagem com Yoshi... mas Phillip já começa a se tornar bom demais. Sem qualquer dúvida, será paciente com Anjo. André cuspiu, irritado. Eu deveria ter aproveitado a oportunidade... afinal, a idéia foi minha e Raiko e Meikin devem ter transmitido a proposta de alguma forma. *Mon Dieu*, elas têm mais poder do que eu imaginava.

Um calafrio percorreu seu corpo. Raiko pedira para vê-lo naquela noite, urgente. O que seria agora? Só podia ser encrenca.

— Boa noite, senhor — disse o guarda da Struan na porta da frente.

— Tenho um encontro com *madame* Struan.

— Sim, senhor. Ela o espera na sala do *tai-pan*, no final do corredor. Desculpe a confusão lá dentro, senhor, mas o Sr. McFay está arrumando suas coisas. Terrível a sua saída, não acha?

— Concordo, mas vamos torcer para...

O canhão de sinalização do capitão do porto soou neste momento, interrompendo-o. Atônitos, os dois olharam para o mar, pois nenhum navio era esperado ou estava atrasado. O movimento na apinhada High Street cessou e, depois, um murmúrio de excitação circulou por Iocoama. Um clíper contornava o promontório distante, todas as velas enfunadas, na velocidade máxima. As pessoas avistaram a fumaça de sua salva para a nave capitânia e depois ouviram a saudação em resposta. O navio ainda se encontrava longe demais para que se pudesse divisar a bandeira.

— É um dos nossos — declarou o guarda, orgulhoso. — Só pode ser, como nos velhos tempos... oh, boa noite, senhor.

Jamie McFay passou pela porta apressado, focalizou o binóculo.

— Olá, André. Só quero verificar... mas é o *Prancing Cloud*! Aleluia! As implicações seriam claras para todos. O navio deveria seguir para Londres. O retorno a Iocoama, tão depressa, significava que trazia notícias urgentes... ou Passageiros. E podia ser bom ou mau.

— Aleluia — repetiu André.

Ele divisou Seratard com uma luneta nos degraus da legação francesa, William em sua janela com um binóculo, e Dmitri na entrada do prédio da Brock, ao lado, também com uma luneta. Ao baixar a luneta, Dmitri notou Jamie, hesitou, fez o sinal de polegar para cima. Jamie acenou em resposta, tornou a focalizar o navio. O clíper avançava imponente para o ancoradouro.

— Será que ela se encontra a bordo? — murmurou André.

— Pensei a mesma coisa. Descobriremos em breve.

— Mande uma mensagem.

— Quando eu alcançar o capitão do porto para hastear as bandeiras a claridade já terá acabado. De qualquer forma, não é problema meu agora, mas sim uma decisão do Sr. MacStruan. — Jamie fitou-o. — Saberemos muito em breve. Vai falar com Angelique?

— Isso mesmo.

— Não precisa preocupá-la, até sabermos, está bem?

— Concordo, *mon brave*. — André tornou a olhar para o clíper. — Vai ao seu encontro?

— Do navio? — O mesmo sorriso duro. — Você iria?

Entraram juntos no prédio. Albert MacStruan descia a escada, meio vestido nos trajes para a noite, a gravata desfeita, mas elegante.

— *O Prancing Cloud?*

— Isso mesmo — confirmou Jamie.

— Foi o que pensei. — Os olhos estranhos contraíram-se. — Boa noite, André. Como tem passado?

— Muito bem, obrigado. Até mais tarde.

Jamie esperou até que André batesse na porta e a seguir entrasse na sala do *tai-pan*, que era agora de MacStruan.

— Vai ao seu encontro?

— Claro. — MacStruan desceu o último degrau, mas agora os passos não tinham a mesma animação. — Por favor, acompanhe-me.

— Obrigado, mas esse é um privilégio seu agora. Mandei Vargas avisar o contramestre. A lancha estará pronta em cinco minutos.

MacStruan disse, gentilmente:

— Venha a bordo comigo, receba o navio, como costumava fazer e ainda deveria estar fazendo.

— Não. É tempo de seguir adiante. É tudo seu agora. Mas, obrigado.

— Soube que o banquete de Zergeyev esta noite será espetacular, agora que Angelique confirmou sua presença. Mude de idéia e compareça.

— Não posso, não esta noite. Ainda não terminei de arrumar minhas coisas. — Jamie sorriu, depois gesticulou para o corredor. — Angelique está usando o escritório junto com você?

— Isso mesmo e é um prazer para mim. Melhor do que deixar Angelique ir receber visitantes em sua suíte lá em cima, esse homem em particular. Não posso dizer que gosto dele.

— André é uma boa pessoa, sua música é excelente, sem dúvida a melhor que temos aqui. Espero que sejam boas as notícias trazidas pelo *Prancing Cloud*.

— Eu também, mas duvido muito. Acha que Tess está a bordo?

— A idéia me ocorreu. — Jamie sorriu, não mais um empregado de Tess. — Explicaria a mudança de curso do *Cloud*. É isso o que Dirk teria feito.

— Ela não é Dirk, mas é muito mais astuta... o que é uma pena, meu caro.

Não havia amor perdido entre os meios-irmãos e Tess Struan, mas uma cláusula no testamento de Dirk estipulava que se os dois meninos se destacassem nos estudos seriam aproveitados na Casa Nobre, ao limite de sua capacidade. Os dois eram inteligentes, tinham contatos com amigos de Eton e da universidade em altos postos, espalhados pela aristocracia, na City e no Parlamento, onde Frederick acabava de ganhar um assento, o que os tornava ainda mais valiosos. Mesmo assim, ambos sabiam que Tess Struan os dispensaria se não fosse pela cláusula.

— Espero que ela não tenha vindo nos fazer uma visita... o que seria bastante incômodo.

McFay riu.

— Vamos correr as escotilhas.

— Olá, André.

— Boa noite, Angelique.

Ela sentava em sua cadeira predileta, perto da janela, as cortinas abertas para a enseada.

— É o *Prancing Cloud*?

— É, sim.

— Ótimo. Ela está a bordo?

André exibiu um sorriso irônico.

— Isso explicaria a volta do clíper.

— Não faz diferença, de qualquer maneira — murmurou Angelique, embora sentisse um frio no estômago. — Aceita um drinque?

— Obrigado. — Ele viu a garrafa de champanhe aberta no balde de gelo e um copo pela metade na mesa. — Posso?

— À vontade.

Tornara-se costume de Angelique contemplar o pôr-do-sol, o crepúsculo e o cair da noite, com champanhe. Apenas um copo, a fim de se preparar para a longa noite, e depois a madrugada interminável. Seu padrão de sono mudara. Não mais encostava a cabeça no travesseiro para mergulhar no sono no mesmo instante, só bordando ao amanhecer. Agora, o sono se lhe esquivava. A princípio, isso a assustara, mas Babcott a convencera de que o medo só servia para agravar a insônia.

— Não precisamos de mais que oito ou dez horas, por isso não deve se preocupar. Aproveite o tempo em seu benefício. Escreva cartas, ou seu diário, tenha bons pensamentos... e não se preocupe. Ontem, Angelique escrevera:

Querida Colette:

O conselho que ele me deu funciona, mas acontece que não percebi o melhor aproveitamento, que é o de PLANEJAR, porque aquela mulher está tramando a minha queda.

Se Deus quiser, estarei em Paris em breve e poderei então lhe contar tudo. Às vezes é quase como se minha vida aqui fosse uma peça de teatro, ou uma história de Victor Hugo, e Malcolm, o pobre coitado, nunca existiu. Mas gosto do sossego e me sinto contente com a espera. Só mais alguns dias, e saberei sobre a criança, se vai haver ou não. Assim espero, e rezo, rezo e rezo para estar esperando um filho de Malcolm... e também para que o seu parto seja tranqüilo e nasça outro menino.

Tenho de ser sensata. Só posso contar comigo mesma, por aqui. Jamie é um bom amigo, mas não pode ajudar muito... não trabalha mais na Casa Nobre, e o novo gerente, Albert MacStruan, é gentil, um perfeito cavalheiro, britânico bem-nascido, mas só me tolera por enquanto... até ELA ordenar o contrário. Sir William? Ele é o governo, o governo britânico. Seratard? Só Deus sabe se ele de fato ajudará, mas será apenas pelo proveito que possa tirar de mim. O Sr. Skye? Ele faz o melhor que pode, mas todos o odeiam. André? Ele é muito esperto, e sabe demais, e creio que a armadilha em que se encontra o está deixando louco (mal posso esperar para saber o que VOCÊ PENSA!!!). Minha única esperança é Edward Gornt. Ele já deve ter chegado a Hong Kong e já se encontrou com ela, a esta altura. Minhas orações — e sei que as suas também — pelo êxito dele são abundantes e diárias.

Assim, aproveito minhas noites acordadas para planejar. Agora, tenho muitos planos e idéias excelentes sobre a melhor maneira de enfrentar todas as emergências possíveis... e muita força para lidar com as que não ousei considerar; por exemplo, se Edward me falhar, ou, Deus me livre, nunca chegar, pois há rumores de terríveis tempestades nos mares da China, normais nesta época do ano. A

Cooper-Tillman, do pobre Dmitri, perdeu outro navio. Os pobres marujos, como o mar é terrível, e como são bravos os homens que por ele navegam!

André diz, com toda razão, que não posso sair daqui, nem tomar uma iniciativa, até que ELA anuncie sua posição. Sou a viúva de Malcolm, é o que todos dizem, o Sr. Skye registrou todos os tipos de documentos com Sir William, e mandou mais para Hong Kong, mais ainda para Londres. Tenho dinheiro suficiente e posso permanecer aqui por tanto tempo quanto quiser. Albert MacStruan disse que posso usar a sala de Jamie sempre que estiver vaga; tenho mais dez vales que Malcolm fez para mim, deixando a quantia em branco — não foi previdente de sua parte? —, que Jamie e agora Albert concordaram em honrar, de cem guinéus cada um.

Quando ELA se manifestar, entrarei na batalha. Sinto que será até a morte, mas posso lhe garantir, minha querida Colette, que a morte não será aminha... será o Waterloo dela, não o meu, a França será vingada. Sinto-me muito forte, muito capaz...

Ela observava André, esperando que ele começasse. A expressão de André era dura, a pele pálida e esticada, ele emagrecera. O primeiro

copo fora esvaziado. E depois o segundo. Agora, ele se pôs a tomar o terceiro.

— Você está mais linda do que nunca.

— Obrigada. Como vai sua Hinodeh?

— Mais linda do que nunca.

— Se a ama tanto, André, por que seus lábios se contraem e os olhos se esbugalham de raiva quando menciono o nome dela... disse que eu podia interrogá-lo a respeito.

Poucos dias antes, ele falara sobre o acordo. Em parte, não tudo. Irrompera quando o desespero o dominara.

— Se era tão intransigente em fazer amor no escuro e com o preço absurdo que Raiko exigia, por que concordou, em primeiro lugar?

— Eu... era necessário — murmurou ele, sem fitá-la.

André não podia contar o verdadeiro motivo. Era suficiente ver os lábios de Seratard se contraírem e evitar qualquer contato físico desde então, tomando cuidado para nunca usar os mesmos talheres, nem o mesmo copo, embora a doença só fosse contraída de um homem ou uma mulher... ou será que não?

— Apenas dei uma olhada nela... e *mon Dieu*, não compreende o que é o amor, como...

As palavras definharam. Ele serviu-se de outro copo, a garrafa quase vazia agora.

— Não pode imaginar como ela se mostrou totalmente desejável desde o Primeiro momento. — Ele tomou um gole do champanhe. — Desculpe, mas preciso de dinheiro.

— Claro. Mas só me restou um pouco.

— Tem o papel, com o sinete dele.

— Como?

O sorriso de André se tornou ainda mais insidioso, se é que isso era possível.

— Por sorte, os cambistas falam com os cambistas, os escriturários com os escriturários. Preencha outro amanhã. Por favor. Quinhentos mexicanos.

— É demais.

— Nem a metade do que preciso, *chérie* — murmurou ele, a voz quase inaudível.

André levantou-se, foi fechar as cortinas para o resto de claridade do dia depois acendeu o lampião a óleo, que estava na mesa, estendeu a mão para garrafa. A borra caiu em seu copo, e ele bateu com a garrafa de volta no balde d gelo.

— Acha que gosto de fazer isso com você? Pensa que não sei que é chantagem? Não se preocupe, sou razoável, só quero o que você pode me dar no momento. Cem mexicanos, ou os guinéus equivalentes, esta noite, duzentos amanhã, cem no dia seguinte.

— Não é possível.

— Tudo é possível.

André tirou um envelope do bolso. Continha uma única folha de papel, que ele desdobrou com todo cuidado. Dezenas de fragmentos de um papel verde estavam colados ali, de forma meticulosa, formando um perfeito quebra-cabeças. Pôs na mesa, fora do alcance de Angelique. No mesmo instante, ela reconheceu a letra de seu pai. A segunda página da carta que vira André rasgar, há tanto tempo.

— Pode ler daí? — indagou ele.

— Não.

— Seu afetuoso pai escreveu, assinou e datou... *"e espero, como conversamos, que você arrume um noivado e casamento rápido, por quaisquer meios que puder. É importante para o nosso futuro. A Struan resolverá em caráter permanente os problemas de Richaud Frères. Não importa..."*

— Não importa, André — murmurou Angelique, sem saber como disfarçar o veneno. — As palavras estão indelevelmente gravadas em meu cérebro. Indelelevelmente. Estou comprando isso ou será uma ameaça permanente?

— É um seguro — respondeu ele, dobrando o papel e tornando a guardá-lo no envelope. — Voltará agora para um lugar bem guardado, com detalhes do *affair* Angelique, caso alguma coisa desagradável me aconteça.

Abruptamente, ela soltou uma risada, deixando-o desequilibrado.

— Oh, André, acha mesmo que eu tentaria assassiná-lo? Eu?

— Acabaria com qualquer acordo financeiro que Tess possa oferecer ou possa ser forçada a oferecer e a levaria ao banco dos réus.

— Ah, como você é tolo!

Angelique pegou seu copo e tomou um gole do champanhe. Ele notou, inquieto, que ela tinha a mão firme. Ela o observava, plácida, pensando que André era mesmo um tolo, por deixá-la saber que fizera aquilo, que era um trapaceiro. Ainda mais tolo ao se irritar com Hinodeh por preferir o escuro — talvez ele seja horrível nu — e mais ainda por protestar pelo preço que pagara, porque as duas coisas são insignificantes, se a moça é de fato tudo o que ele diz.

— Eu gostaria de conhecer essa Hinodeh. Por favor, combine um encontro.

— Hem?

Divertida com a expressão de André, ela acrescentou:

— O que há de tão estranho nisso? Tenho interesse por ela, já que a estou financiando, o amor de sua vida. Não concorda?

Trêmulo, ele se levantou, foi até o aparador, serviu-se de conhaque.

— Quer também?

— Não, obrigada.

Apenas os olhos de Angelique se mexiam. Ele voltou a sentar à sua frente. Uma aragem agitou a chama e fez os olhos dela faiscarem.

— Cem. Por favor.

— Quando eu paro de pagar, André? — indagou ela, jovial.

O conhaque caiu melhor do que o champanhe. Ele enfrentou a pergunta.

— Quando ela pagar, antes de você ir embora.

— Antes de eu ir embora? Quer dizer que não poderei partir até lá?

— Quando ela pagar, antes de você ir embora.

Angelique franziu o rosto, foi até a mesa, abriu uma gaveta lateral. A bolsinha continha o equivalente a cerca de duzentos mexicanos, em obans de ouro.

— E se não houver dinheiro?

— Virá de Tess, não há outro jeito. Ela pagará... de alguma forma, nós faremos com que isso aconteça.

— “Nós”?

— Eu prometo — murmurou André, os olhos injetados. — Seu futuro é o meu futuro. Pelo menos nesse ponto ambos concordamos.

Angelique abriu a bolsa, contou a metade. Depois, sem saber por que, guardou tudo de novo na bolsinha e entregou-a a André.

— Há cerca de duzentos mexicanos aí — disse ela, com um estranho sorriso. — Por conta.

— Eu gostaria de poder compreendê-la. E antigamente compreendia.

— Naquele tempo, eu era uma jovem tola. Não sou mais.

Ele balançou a cabeça, lentamente. Tornou a tirar o envelope do bolso, estendeu-o para a chama. Angelique soltou uma exclamação de espanto quando pegou fogo. André largou-o num cinzeiro e observaram juntos as chamas se espalharem, o papel se enroscar, até queimar por completo. Ele esmagou as cinzas com o fundo do copo.

— Por que, André?

— Porque você compreende sobre Hinodeh. E quer goste ou não, somos sócios. Se Tess não pagar a você, estou perdido. — André estendeu a mão. — Paz?

Ela apertou a mão estendida, sorriu.

— Paz. Obrigada. André levantou-se.

— É melhor eu ir dar uma olhada no *Prancing Cloud*. Se Tess estiver a bordo, tado sairá mais depressa.

Depois que ele saiu, Angelique examinou as cinzas, mas não dava para reconhecer uma única palavra. Seria fácil para André forjar uma cópia, rasgá-la, apresentá-la como o original e queimá-la... e ainda ter o original restaurado escondido, para uso posterior. É o tipo de estratégia que ele adoraria. E por que queimar a falsificação? Para me fazer confiar nele ainda mais, perdoar a chantagem.

Paz? A única paz de um chantagista é quando a denúncia terrível com que ele a ameaça não precisa mais ser escondida. No meu caso, será quando ELA pagar e o dinheiro estiver em meu poder. E depois que André conseguir o que quer... Hinodeh, talvez. O que ela deseja? Esconde-se de André no escuro. Por quê? Poi causa da cor dele? Para se excitar? Por vingança? Porque ele não é japonês?

Sei agora que o ato de amor pode ir do terror ao êxtase e à ilusão, com todas as variações intermediárias. Minha primeira vez com Malcolm foi na luz, a segunda no escuro; ambas foram maravilhosas. Com *e/e*, da outra vida, sempre foi no claro, e ele era lindo e fatal, sua cor linda, tudo lindo e fatal, aterrador e poderoso, nada como meu marido Malcolm, a quem eu amava de verdade. E honrava... e ainda honro, honrarei para sempre.

Os ouvidos aguçados de Angelique captaram o apito do cúter a vapor. Ela abriu as cortinas, avistou a lancha se afastar apressada do cais da Struan, as luzes de bombordo e boreste acesas, Albert MacStruan na cabine. Na enseada, o *Prancing Cloud* mal era visível, recolhendo as velas e se preparando para ancorar.

A mente de Angelique projetou-se para bordo, e na imaginação viu sua inimiga.

— como sempre, lábios finos, olhos claros, alta e empertigada, magra, malvestida. — para depois seguir mais além, até o lugar em que Malcolm fora sepultado. Ela sorriu, exultando com essa vitória, o som de seu coração pulsando nos ouvidos. E depois ela tornou a se enroscar na cadeira — a cadeira de Malcolm, a cadeira de ambos, outra vitória — e observou a escuridão se tornar mais escura,

apenas as luzes de ancoragem se destacando. Angelique mal conseguia conter seu entusiasmo.

Com toda certeza, Edward estaria a bordo.

53

A porta da sala de Jamie foi aberta e Vargas entrou quase correndo, esbaforido.

— A lancha deixou o *Cloud*, senhor — anunciou ele, ainda de capote, chapéu e um cachecol em torno do rosto, a luneta na mão. — Com quatro ou cinco passageiros.

— Ela está a bordo? — perguntou Jamie, sem levantar os olhos da caixa que enchia de documentos. Como não houvesse resposta, ele

acrescentou, com alguma irritação: — E então, ela está ou não a bordo?

— Eu... acho que sim.

— Eu disse para me avisar quando tivesse certeza, não antes!

— Desculpe, senhor, mas eu estava no cais, espiei pela luneta, pensei que era melhor vir informá-lo e perguntar o que... o que devo fazer.

— Volte para recebê-la, mas primeiro certifique-se de que todos os criados estão prontos, mande acender um fogo na suíte do *tai-pan*, que ela vai ocupar, pois o Sr. MacStruan a deixará, com toda certeza.

— Mas isso significa que ela ficará ao lado da Sra. Angeli...

— Sei disso, mas é a suíte do *tai-pan*, e é lá que ela vai se instalar.

Vargas saiu. Incapaz de resistir, Jamie foi até a janela. O cúter aproximava-se da praia. Apenas com as luzes de ancoragem acesas, e balançando nas ondas. Ele focalizou o binóculo. Vultos indefinidos na cabine, mas uma mulher, sem a menor sombra de dúvida. Não havia como se equivocar com a touca, o porte ereto e a maneira como ela suportava o balanço do barco.

— *Merda!*

A respiração saiu de sua boca num suspiro. Para firmar a imagem, Jamie encostou-se à janela. Não melhorou muito. Identificou um dos vultos como o capitão Strongbow, mais pela altura e corpulência do que por qualquer outra coisa. Dois outros homens, não três... e um deles era MacStruan.

O cúter veio depressa, os danos na proa causados pela tempestade ainda fáceis "e se ver, os reparos ainda não completados. Espectadores curiosos esperavam sob a lanterna balançando no cais, todos agasalhados contra o frio do inverno, de chapéu e cachecol, itens que eram agora obrigatórios. Difícil ver os rostos, mas ele teve a impressão de reconhecer André e... ah, sim, Vervene, Heavenly, até Nettlesmith. Os abutres se reunindo, pensou Jamie, embora os principais estejam observando de suas janelas, como eu.

A escuridão o oprimia naquela noite. O fogo em sua sala era bom, mas agora parecia ter perdido o calor. Ele sentia a garganta apertada, uma pressão no peito. Controle-se, disse a si mesmo. Ela não é problema seu.

O capitão Strongbow foi o primeiro a passar para o cais, em seu grosso capote de marujo. Ainda era difícil ver com nitidez, mas sua aparência era inconfundível. Depois... ah, sim, MacStruan. Os dois se viraram, ajudaram-na a subir. Ela estava toda agasalhada contra o frio, empertigada, roupas escuras, touca escura, presa com a inevitável *echarpe*. O tamanho dela. *Merda!*

Os outros dois passageiros subiram para o cais. Jamie reconheceu-os. Um momento de hesitação e depois ele saiu de sua sala, atravessou o corredor, até o gabinete do *tai-pan*. Angelique esquadrinhava a escuridão lá fora por uma fresta na cortina, o fogo ardendo, lampiões acesos, a sala aconchegante.

— Ah, Jamie, não consigo vê-los direito. É mesmo ela?

— Receio que sim. — Ele não percebeu qualquer mudança na expressão de Angelique. — Pegue meu binóculo. Achei que gostaria de dar uma olhada melhor

— Não preciso olhar, Jamie, nem ter medo. Quem mais poderia ser?
— A voz era a mais tênue que Jamie já ouvira. — Quem está com ela?

— Strongbow, Hoag e Gornt.

Ela tornou a se virar para a janela, a fim de ocultar, mas por um instante Jamie divisou a alegria intensa que inundou seu rosto. Não importava que Jamie visse, pensou ela, com uma vertigem de excitação. Aquela mulher e Edward juntos? Os dois juntos, Hoag também! Isso não pressagia o sucesso, o sucesso de Edward, que ele conseguiu convencê-la?

— Estarei lá em cima, preparando-me para o jantar. Se alguém quiser me ver, descerei de novo. Obrigada, meu caro Jamie.

Num gesto impulsivo, Angelique abraçou-o. E saiu. Jamie ficou olhando para a porta. Por que a alegria? Se Tess está com Hoag, os canhões pesados chegaram. Ou será que não?

Ele voltou à sua sala, perplexo, deixou a porta entreaberta e continuou a arrumar papéis e livros, os dedos fazendo o trabalho, a mente em outro lugar: em Tess, o futuro, o *shoya*, Nemi naquela noite, a Casa Nobre, a quem dera vinte anos — seja honesto, você não quer realmente sair e sabe que não é uma ocasião oportuna para se estabelecer por conta própria —, pensando no futuro sombrio de Angelique, no encontro amanhã com o ministro suíço, as possíveis importações de suas fábricas de armamentos e relógios, tudo misturado com as incríveis notícias sobre a reunião com Yoshi, Babcott e Tyrer agora em Iedo, o ouro enviado pelo *Bakufu* já contado e certo... e sobre Nakama, o pobre coitado.

Pobre coitado? Ele é um assassino, do pior tipo. Nunca me senti assim, nunca me senti ameaçado, nem uma única vez. Ele deve estar na cidade dos bêbados ou em algum lugar da Yoshiwara. Se a notícia chegou ao nosso conhecimento, alguém deve ter contado a ele, que tratou de fugir. Droga! Agora terei de envolver Tyrer ou Johann...

Vozes no vestíbulo interromperam seus devaneios. Vozes políglotas: MacStruan, Vargas, Hoag, os criados se agitando ao redor.

Não há necessidade de sair para cumprimentá-los. Serei chamado muito em breve. Deprimido, ele continuou em seu trabalho, quase concluído agora.

— Jamie!

Ele se virou. E ficou paralisado. Maureen. A sua Maureen na porta! Maureen Ross, a touca azul-marinho, os olhos azuis espiando por cima das dobras da grossa *echarpe* de lã. Capote azul-marinho, vestido azul-escuro. Maureen Ross, vinte e oito anos. Alta, uma fração mais alta do que Tess... a altura média agora em torno de 1,55 m, a rainha Victoria tendo 1,50 m.

— Deus Todo-Poderoso! — balbuciou ele, a voz estrangulada, incapaz de pensar.

— Olá para você, Jamie McFay. — Maureen permaneceu na porta, empertigada, como o pai, a voz melodiosa. — Posso entrar, por favor?

Ela tirou a *echarpe*, sorriu, hesitante. Jamie podia vê-la com nitidez agora. O mesmo rosto puro, não lindo, mas forte, curiosamente atraente, sardas castanhas, como ele a vira há pouco mais de três anos — no cais, em Glasgow — embora na ocasião houvesse lágrimas pela separação. Esquecera como os olhos de Maureen...

— Olá, Sparkles — murmurou ele, sem pensar, usando o apelido que lhe dava. — Por Deus... Maureen?

A risada foi risonante.

— Considero isso como um sim; você não vai mais blasfemar, meu rapaz. Uma vez é compreensível, eu surgindo como uma aparição na noite, querendo lhe fazer uma surpresa.

O sorriso e a cadência da voz tornavam-na mais atraente do que realmente era, assim como a luz que faiscava em seus olhos, e o amor que usava como um escudo. Maureen fechou a porta, e tornou a contemplá-lo.

— Você está ótimo, Jamie, talvez um pouco cansado, mas ainda tão bonito quanto antes.

Ele se empertigara, mas continuava parado atrás da mesa, a mente atordoada, então é você, não Tess, foi fácil confundir no escuro, quase a mesma altura, porte ereto... recordando suas cartas desoladas, negativas, ao longo do último ano, e a derradeira, rompendo o noivado, a voz silenciosa dizendo sinto muito, Maureen, escrevi para você, não vamos casar, sinto muito, não quero casar, não posso agora, ainda mais agora que estou trabalhando por conta própria, o pior momento possível, e por que você não...

— Puxa, Jamie — disse ela, do outro lado da sala, observando e esperando, o sorriso aumentando —, não pode imaginar como me sinto feliz em vê-lo, por estar aqui finalmente; as aventuras por que passei na viagem encheriam um volume inteiro.

Como ele não se mexesse, nem respondesse, um pequeno franzido surgiu na testa de Maureen.

— Está fora de si, meu rapaz?

— Tess! — balbuciou ele. — Eu pensei... nós pensamos que era Tess Struan.

— A Sra. Struan? Não, ela ficou em Hong Kong. Uma mulher e tanto, arrumou tudo para que eu viesse até aqui, não me cobrou nada. “Vá se encontra com o seu Jamie McFay, com os meus cumprimentos”, disse ela, e me apresentou ao capitão Strongbow — que providenciou um camarote só para mim —, ao excelente Dr. Hoag e ao *mister* Irresistível Gornt.

— Como?

— Aquele rapaz pensa que é a dádiva de Deus para as mulheres, mas não para mim. Estou noiva, eu disse a ele, noiva, diante de Deus, do Sr. Jamie McFay. Ele disse que era seu amigo, Jamie, e o Dr. Hoag me contou que Gornt salvou sua vida, e por isso me mostrei simpática, mas mantive distância. Puxa, meu rapaz, há muito o que saber, muito o que contar.

— Por Deus, — murmurou ele, sem ouvi-la, — foi fácil cometer o erro, com a *echarpe* em seu rosto, você e Tess são do mesmo tamanho, o mesmo porte...

— Chega! — Os olhos de Maureen faiscaram de repente. — Eu agradeceria se você não usasse o nome do Senhor em vão, e ela é um pouco mais baixa, muito mais corpulenta, muito mais velha, tem os cabelos grisalhos, enquanto os meus são castanhos, e nem mesmo no escuro somos parecidas!

Como o súbito sorriso pelo próprio gracejo não o afetasse, ela suspirou. Exasperada, correu os olhos pela sala. Viu a garrafa de cristal. No mesmo instante foi até lá, farejou para se certificar de que era uisque, torceu o nariz em repulsa, mas serviu-lhe um copo, algumas gotas em outro.

— Tome aqui. — Maureen fitou-o, de perto pela primeira vez, com um sorriso radiante. — Papai sempre precisava de uma dose de uisque quando o choque de a Escócia ser parte das ilhas britânicas o atingia.

O encantamento se desfez. Jamie riu, abraçou-a, dando as boas-vindas; os copos nas mãos de Maureen quase derramaram.

— Cuidado, meu rapaz! — balbuciou ela.

Maureen conseguiu largar os copos na mesa, abraçou-o também, na maior ansiedade, depois de tanta espera, finalmente em sua presença, vendo o choque de Jamie, não a recepção que esperava, tentando ser forte e adulta, sem saber o que fazer ou como dizer que o amava e não pudera suportar o pensamento de perdê-lo, por isso arriscara, deixara seu santuário, depositara sua confiança em Deus, pegara o livro de orações e a Bíblia, pusera a pequena pistola do pai na bolsa e partira às cegas, por quinze mil quilômetros de medo. Por dentro. Mas não por fora... oh, não, jamais, não é esse o estilo da família Ross!

— Puxa, Jamie, meu rapaz...

— Está tudo bem agora — murmurou ele, desejando que Maureen parasse de tremer.

Jamie tirou-lhe a touca, deixou que caísse a trança comprida, de cabelos castanho-avermelhados.

— Assim é melhor. Você é um homem bonito. Obrigada.

Ela entregou-lhe um copo, pegou o outro, bateram num brinde.

— Escócia para sempre — murmurou Maureen, e tomou um gole. — O gosto é horrível, Jamie, mas nem imagina como me sinto contente por vê-lo.

O sorriso era ainda mais hesitante agora, pois ela perdera parte de sua confiança. O abraço de Jamie fora como o de um irmão, não o de um apaixonado, oh, Deus, Deus, Deus... Para ocultar sua expressão, Maureen tornou a olhar ao redor, enquanto tirava o capote e as luvas. O vestido era quente, bem cortado, outra tonalidade de azul, realçava suas curvas, a cintura de ampulheta.

— O seu Sr. MacStruan diz que você pode usar a suíte dele, eu ficarei nos aposentos ao lado, até termos o nosso próprio lugar. Já arrumou outros aposentos, Jamie?

— Ainda não. — Confuso, sem saber como iniciar, mas certo de que tinha de fazê-lo. E o mais depressa possível. — Isto... arrumei primeiro todos os meus papéis e livros; ia começar lá em cima

amanhã. Todo o resto, os móveis aqui e lá em cima, pertencem à Struan.

— Não importa. Podemos comprar os nossos.

Maureen sentou na cadeira diante da mesa e fitou-o. Com as mãos no colo. Esperando. Certa, agora, de que tinha de morder a língua e esperar que ele comesse. Fizera sua parte, ao chegar. Talvez até tivesse exagerado, chegando sem avisar, mas pensara a respeito com todo cuidado e fizera o melhor que podia, escrevendo a carta, e imaginara o reencontro, hora após hora, ao longo dos meses nauseantes no mar, durante as tempestades, e uma ocasião, nos mares da China, ao largo de Cingapura, durante um motim dos passageiros chineses da terceira classe, entre os quais havia piratas, e que fora reprimido de forma sangrenta. Jamie era sua estrela guia e agora chegara o momento do ajuste de contas.

— Ele é um homem que não presta, esse Jamie McFay — dissera sua mãe, quando anunciara a decisão. — Já falei e repeti, ele não será bom para você, menina. Suas cartas são tudo menos encorajadoras, justamente o contrário.

— Quero ir de qualquer maneira, mamãe. Será que papai me emprestaria o dinheiro?

— Acho que sim, se pedir a ele.

— Tenho de ir. Estou com vinte e oito anos, já velha, além da idade normal de casamento. Esperei por muito tempo, e esperaria mais três anos, se fosse necessário, mas... é agora ou nunca. Já decidi. Pode compreender, mamãe?

— Posso, sim. Mas... pelo menos você estará com ele, com o seu homem, se casar, não como eu.

Ela vira as lágrimas, escutara os conselhos nunca oferecidos antes, segredos jamais sussurrados, e depois a mãe arrematara:

— Abençoada seja, menina, vá com Deus. Vamos falar com seu pai.

Ele era major do exército indiano, reformado, vinte e cinco anos de serviço militar, dezoito dos quais no regimento *gurkha*, voltando para

casa em licença a intervalos de dois ou três anos, antes de ser obrigado a se aposentar, de ferimentos recebidos dez anos antes, detestando o afastamento...

— Muito bem, menina, pode ir, com a minha bênção, sob duas condições — dissera o pai. — Se ele a repudiar, avise que o encontrarei em qualquer parte e o matarei; segundo, se ele a violentar, machucá-la, corte seus ovos... emprestarei minha *kookrie*, o jovem Duncan não vai precisar pelo menos por mais dez anos.

— Está bem, papai.

A *kookrie*, a faca *gurkha*, era o seu bem mais prezado. Maureen era a mais velha de três irmãs, com um irmão de oito anos, e a primeira a sair de casa... os filhos da Grã-Bretanha eram filhos para o império.

Jamie pôs mais carvão no fogo, chegou sua cadeira para mais perto, antes de sentar. Pegou a mão dela.

— Maureen, escrevi para você há três meses.

— Escreveu muitas cartas, mas isso não era suficiente — respondeu ela, jovial, a fim de ganhar mais tempo para se preparar.

— Em todas as minhas cartas, durante o último ano, tentei ressaltar, da melhor forma que podia, que este não é lugar para uma dama, não é como a Índia, onde existe a vida dos regimentos...

— Nunca estive na Índia, Jamie, como sabe, minha mãe só foi lá uma vez e nunca mais voltou. — Ela pegou a mão de Jamie entre as suas. — Não se preocupe, este lugar pode ficar uma beleza, é trabalho para uma mulher. Posso dar um jeito.

O aperto na garganta de Jamie quase o sufocava. Não havia uma saída fácil para seu problema, o cérebro apregoava, faça logo ou jamais conseguirá, faça agora! Claro que não é justo, mas você não tem sido absolutamente justo com ela, é asqueroso por ter se aproveitado de sua boa fé durante todos esses anos, por Deus, está noivo há três anos, e já a conhecia por dois anos antes disso, é um homem sórdido... admita-o, e fale depressa. Agora! O fluxo começou:

— Escrevi-lhe há três meses, a carta deve ter chegado depois de sua partida, e disse que achava mais sensato rompermos o noivado, e que você deveria me esquecer, lamentava muito, mas era o melhor para você, pois não vou voltar para casa, não posso viver lá, não posso trabalhar lá, não deixarei a Ásia até ser obrigado, se ficar doente ou... não irei embora, não posso, amo a Ásia, amo meu trabalho, não há esperança de um tempo feliz para você, não valho a pena, admito que me aproveitei de você, mas não podemos casar, não é possível, agora que vou me estabelecer por conta própria... — Jamie parou para respirar e depois acrescentou, a voz rouca: — Não sei o que mais dizer, não há mais nada para dizer, exceto pedir desculpas mais uma vez... é isso aí.

Ele tirara sua mão. Sentia o estômago embrulhado. Tirou o lenço do bolso-enxugou a testa.

— Desculpe — balbuciou ele, levantou-se, tornou a sentar, mexeu no copo — Desculpe.

Maureen tinha as mãos no colo. Os olhos continuavam abertos, concentrados, não se desviaram do rosto de Jamie por um instante sequer.

— Não precisa se desculpar — disse ela, gentilmente, a testa apenas um pouco franzida. — Essas coisas acontecem, meu rapaz.

Ele ficou boquiaberto.

— Então concorda?

Maureen riu.

— Claro, com parte do que você disse, mas não com tudo... você é homem, eu sou mulher, vemos as coisas de maneiras diferentes.

— Como assim?

— Bom, primeiro, sobre empregos. O emprego de uma mulher, seu trabalho, é cuidar de um homem, fazer um lar, e é para isso que fui educada, o lar e a família são as coisas mais importantes no mundo.

Ela viu Jamie fazer menção de interrompê-la, por isso se apressou em continuar:

— Meu pai acha que o império vem em primeiro lugar, mas ele é um homem. Os homens têm empregos para onde ir, têm de trabalhar para trazer para casa o mingau, um pouco de carne, outras coisas. Mas tem de haver um lar para o qual ele possa trazer essas coisas. Sem uma mulher, não há lar. É muito importante para um homem ter alguém em quem possa confiar, alguém para partilhar o fardo, enquanto trabalhar, ou procurar um emprego, ou se estabelecer por conta própria. Você pode confiar em mim. Entre duas coisas, tentar iniciar seu próprio negócio é o melhor para você. O Sr. Gornt quer fazer a mesma coisa.

— É mesmo?

— E, sim, em algum momento no futuro, ele diz. Voltou para assumir a Brock and Sons, e...

— É mesmo? — murmurou Jamie, aturdido.

— É, sim. Ele diz que vai ficar no lugar do homem que tentou matar você, o Sr. Greyfifth.

— Greyforth... Norbert Greyforth. — A mente de Jamie recuperou o controle: devo estar perdendo o juízo, com você aparecendo desse jeito, que nem um fantasma, e me esqueci de Hoag, Malcolm e Hong Kong. — O que aconteceu em Hong Kong? Sobre Malcolm Struan? Gornt disse alguma coisa sobre Morgan Brock ou Tyler Brock?

— Paciência, meu bonito rapaz, isso vem mais tarde. De volta a você e a mim, já que levantou a questão. Formaremos uma grande dupla, a melhor, eu prometo. Estamos noivos. E prometo que serei a melhor esposa que já existiu.

— Mas será que não percebe, menina, que não vai dar certo? — disse Jamie, odiando a si mesmo, mas com certeza absoluta. — Este lugar é difícil, a vida aqui é árdua, há poucas mulheres, não terá amigas, nada para fazer.

Maureen soltou uma risada.

— Jamie, Jamie, não ouviu uma só palavra do que eu disse. Agora, é isso... Uma batida na porta a interrompeu. Ela gritou:

— Espere um instante! — Levantou-se e continuou, no mesmo tom de voz gentil, mas firme: — Deve ser o Dr. Hoag, ele tinha urgência em lhe falar, mas pedi que me desse alguns minutos antes, pois me sentia ansiosa em vê-lo. Agora, vou deixá-los a sós.

Maureen pegou o chapéu, as luvas, o capote e a *echarpe*.

— Não se preocupe comigo, Jamie. Trocarei de roupa e ficarei pronta a tempo. Baterei em sua porta. O jantar é às nove horas, não se esqueça.

— Hem? — balbuciou ele.

— Esse conde russo, *Zerevev* ou outro nome parecido. Aceitamos o convite para o jantar. O Sr. MacStruan me falou a respeito.

Ela saiu, agradeceu a Hoag. Antes que Jamie pudesse dizer qualquer coisa, Hoag entrou na sala, fechou a porta, adiantou-se e disse, ofegante, as palavras saindo aos borbotões:

— Hong Kong foi como um sonho, Jamie, Malcolm foi sepultado com todas as honras, no mar, como ele e Angelique queriam!

— Ele foi o quê?

Hoag riu.

— Também fiquei espantado. Tess arrumou tudo, ao largo de Shek-O, um dos lugares que Malcolm mais apreciava no mundo inteiro. Aconteceu poucos dias antes da minha chegada. Com todas as honras, Jamie, todas as bandeiras a meio mastro, os navios baixando suas bandeiras, salvas de canhão, gaitas de foles, tudo enfim, o funeral do *tai-pan*, embora ele nunca fosse. Os jornais cobriram tudo, tenho recortes, luto de um mês em Hong Kong, o

governador ordenou um serviço especial em nossa igreja, no outeiro em Happy Valley, Gordon Chen organizou a maior e mais explosiva procissão e velório na história de Chinatown... só atrás da que ele promoveu para Dirk... e como não podia deixar de ser os fogos desencadearam incêndios nas encostas, dizem que uns poucos milhares de choupanas desapareceram em fumaça, e não apenas isso, pois quando me encontrei com Tess... Posso tomar um drinque? Estou ressequido!

— Claro. Mas não pare, continue a falar. — Jamie foi servir os dois, seu próprio copo há muito vazio. Notou que seus dedos tremiam. Oh, Deus, por que Tess faria isso, um sepultamento no mar, e por que Maureen aceitou o convite para jantar, quando precisamos conversar? — Continue, pelo amor de Deus!

Primeiro, Hoag bebeu.

— Por Deus, como isso é bom! — Ele tirou o capote, sentou-se, respirou fundo e sentiu-se melhor. — Por Deus, como me sinto satisfeito em vê-lo! Onde era mesmo que eu estava? Ah, sim... quando me encontrei com Tess pela primeira vez, sentia-me transtornado por ela. Foi horrível. Encontrei-a no antigo escritório de Culum e ela disse: “Ronald, dê-me as notícias ruins, todos os detalhes, conte o que aconteceu.” Ela estava de pé, ao lado da escrivaninha enorme, empertigada. nunca tão pálida, Jamie... o retrato de Dirk na parede, olhando para você com aquela ameaça de olhos verdes, desafiando-o a mentir. Relatei tudo a ela, da melhor

forma que podia, é claro que ela já tomara conhecimento de algumas coisas, por intermédio de Strongbow... lembra que eu pedi a ele para informá-la que seguiria no navio de correspondência, lamentava não poder viajar no *Cloud*, pois tinha uma operação a realizar.

Hoag fez uma pausa.

— Ela nunca tremeu, Jamie, não vacilou em momento nenhum, apenas escutou, enquanto eu falava sobre a Tokaidô, o noivado, casamento e morte, da melhor forma que podia, tão gentilmente quanto podia, o duelo, Norbert, você e Gornt. Tudo saiu, não me lembro das palavras exatas, mas contei como aconteceu.

Ele parou por um momento, menos nervoso agora.

— Sei como ela é, sempre se contendo, sempre escondendo, a mulher mais firme e impassível em toda a cristandade, e apenas me agradeceu, disse que tinha o atestado de óbito, os papéis do inquérito, entregues por Strongbow. Uma mulher extraordinária. Fantástica. E isso é tudo... ah, sim, ela me agradeceu por cuidar do caixão, junto com o agente funerário, e tudo correu bem, graças a Deus.

— Hem?

Os olhos de Hoag faiscaram.

— Naturalmente, eu não queria que o caixão fosse aberto. Dissera a Strongbow que mandasse direto para Blore, Christenson, Herberts. Tenho feito muitos negócios com Herberts e Crink e ordenei-lhes, “por motivos médicos”, que pusessem o caixão direto num deles, da melhor qualidade, alças de prata, e o fechassem no mesmo instante, sem deixar aberto, em exposição, recomendava isso por causa da decomposição, etc, e aconselhara Tess nesse sentido por uma carta, nos termos mais incisivos. Fico contente em dizer que tudo correu bem, do nosso ponto de vista, e de Malcolm. — Hoag tornou a encher o copo. — Ainda bem que fui até lá. De qualquer forma, tudo o que termina bem está bem.

— Falou a ela sobre o outro sepultamento, o nosso?

— Claro que não! Pensa que sou idiota? Está perdendo o juízo, Jamie.

— Só perguntei para ter certeza.

Jamie não se sentiu satisfeito ao lembrar que Maureen usara a mesma palavra. Portanto, deve ser isso mesmo. Acho que estou meio Atônito. Mas o que farei com ela?

— Tess disse alguma coisa sobre Angelique?

— O que ela planejava fazer? Não, embora me fizesse dezenas de perguntas. Como está Angelique?

— Bem... exteriormente. Calma, retraída, de vez em quando janta comigo. Esta noite vai jantar com Zergeyev, a pedido de Sir William. Nada como sua velha chama... — Essa idéia de novo, pensou Jamie, angustiado. — ...mas continua adorável, mais do que nunca. O que Tess perguntou?

— Nada demais, só sobre os fatos, como eu os conhecia. Respondi que achava que eles estavam mesmo apaixonados, que foi Malcolm quem a perseguiu, não o contrário, que ela se comportou como uma dama, aceitou o pedido de casamento, e concordou com a cerimônia a bordo da *Pearl*.

— Mas nada sobre o que ela planeja fazer?

— Não, e essa é a parte estranha. Pensei que ela se mostraria furiosa, pediria conselhos, daria uma indicação qualquer, mas isso não ocorreu. Afinal, sou o médico da família há anos, contratado por ela, pela Struan, e a conheço melhor do que qualquer outra pessoa. Tess não comentou coisa alguma, não revelou nada, as perguntas foram apenas para cobrir detalhes que eu me esquecera de mencionar Muito esquisito.

— É verdade. Ela deve ter um plano.

— Concordo. Claro que a história saiu na imprensa, os jornais mais sensacionalistas deram detalhes tétricos, *TAI-PAN MORRE NA NOITE DE NÚPCIAS* esse tipo de manchete, embora Tess tentasse abafar. Trouxe todos os recortes para você, e também isto aqui.

Os olhos de Hoag assumiram um brilho diferente. Entregou um envelope a Jamie. A letra de Tess. Sr. J. McFay, pessoal, em mãos.

— Antes que você pergunte, não sei o que contém. Ela disse apenas: Por favor, entregue isto ao Sr. McFay, assim que chegar.

Jamie largou o envelope em cima da mesa.

— Por que você voltou?

— Antes que eu me esqueça, mais uma coisa. O velho Brock e seu filho igualmente infame, Sir Morgan, compareceram ao funeral.

— O quê? Sem serem convidados?

— Causou a maior sensação. Aconteceu da seguinte maneira. Tess fez o funeral no *China Cloud*. O caixão seguiu em carruagem pelo passeio até o clíper. Quarenta convidados a bordo, o governador, todos os graúdos, o almirante Sir Vincent-Sindery, o general Skaffer... o novo comandante supremo na Ásia, muito formal, do exército indiano... todos os *tai-pans*, e Gordon Chen. Nada de imprensa. No momento em que o clíper fez a volta, ao largo de Shek-O, o serviço prestes a começar, o velho Brock e Morgan chegaram em seu clíper, o *Hunting Witch*. Parou a alguma distância, com a bandeira a meio mastro, ele e Morgan no tombadilho superior, vestidos em trajes de funeral, cartola, camisa de rufos. Quando o caixão foi lançado no mar, o desgraçado disparou uma salva de canhão, e abriu champanhe... todos a bordo disseram que ouviram o espocar da rolha. Beberam um brinde, jogaram os copos e a garrafa no mar, levantaram as cartolas, enquanto partiam, ruidosamente.

— Mas que filhos da puta!

— Concordo. Mais tarde, eles alegaram que foi "*para homenagear o pobre rapaz falecido*". O governador se encontrava ao lado de Tess. Contou-me que ela nada fez, nada disse, permaneceu impassível, só que ele ouviu sua respiração sair num sibilo, com uma violência que o chocou, disse que fez seus ovos subirem, conhece a sensação... ah, esqueci de mencionar, Gornt também estava no navio dos Brocks.

— Maureen disse que ele veio assumir a Brock aqui.

— É verdade. Assim assim, acho que é um rapaz simpático. Ainda assim. Ele me disse que recebeu uma ordem para embarcar no *Hunting Witch*... ei, esqueci também de mencionar Maureen! Jamie, você é um homem de sorte.

— Obrigado.

— Muita sorte. — Hoag estendeu a mão. — Meus parabéns.

— Obrigado. — Jamie apertou a mão estendida e fingiu estar satisfeito, embora se sentisse deprimido. — Pensamos... eu pensei que era Tess. Mesmo com o binóculo, no escuro, ela toda coberta, era um erro fácil de se cometer.

— Hem? Não diga bobagem, ela não é nada como Tess!

Injuriado, Jamie declarou:

— Sei disso, mas elas são da mesma altura e seu porte ereto é igual ao de Tess.

Hoag franziu o rosto, soltou um grunhido.

— Isso nunca me ocorreu. Mas agora que você menciona, é verdade, mas ela não é nada parecida com Tess, quando se olha de perto. Deve ser pelo menos dez a quinze anos mais moça, tem cabelos castanho-avermelhados e uma personalidade exuberante.

— Sei de tudo isso, mas foi um erro compreensível.

— E afortunado. Eu não gostaria de fazer a viagem com Tess, de jeito nenhum! Sua Maureen é sensacional. Disse que tinha escrito para avisá-lo de sua chegada.

— Em Hong Kong, não aqui. E sem indicar a data da chegada lá.

— Ora, não havia tempo, pois o *Prancing Cloud* estava para zarpar quando ela chegou em Hong Kong. — Hoag riu. — Acho melhor tomar cuidado com ela ou vai perdê-la. Gornt ficou fascinado.

Jamie corou, com ciúme, contra a sua vontade.

— Obrigado pelo aviso. Como estão as crianças de Tess? Você as viu?

— Claro. Estão saudáveis, embora Duncan tivesse outro resfriado terrível. Compareceram ao funeral... ouvi dizer que foi muito triste, o pequeno Duncan tentando se mostrar corajoso, Emma e Rose chorando, Tess com um véu grosso... todos sabendo que era o fim de uma era, o fim da linhagem direta de Dirk, exceto por Duncan, e ele não poderá herdar por muito tempo, pois tem apenas dez anos. Não é um bom augúrio para a Casa Nobre. O boato mais quente em Hong Kong é o de que a Brock está prestes a liquidar a Casa Nobre.

— Não há a menor possibilidade! — Jamie tentou parecer convincente. — O novo *tai-pan* virá da linha de Robb, Robb Struan, o

meio-irmão de Dirk. Um dos seus filhos ou netos será o *tai-pan*.

— Acho que você tem razão, mas não será a mesma coisa. É terrível o que aconteceu com Malcolm, pois ele era a esperança de Tess. Durante todo o tempo em que estive em Hong Kong, pensei em nosso sepultamento, tão desnecessário, hem? É melhor esquecermos isso para sempre. Malcolm foi sepultado lá, ao largo de Shek-O.

— Eu gostaria que tivesse sido assim, como Sir William e todos nós queríamos. — Jamie tivera outro pesadelo na noite anterior sobre o que o contramestre dissera ter visto, o cadáver se debatendo para aflorar à superfície, os olhos arregalados. — Mas fizemos o melhor que podíamos. E agora pode me explicar por que voltou?

Hoag levantou-se.

— Tess pediu-me para entregar a correspondência a MacStruan e a você, que procurasse Angelique para lhe dar uma carta. — Ele viu os olhos de Jamie. — Não sei o que há nelas.

— Nelas? Não tinha dito uma carta?

Hoag ficou vermelho.

— Ahn... é isso mesmo. Uma carta. Não sei o que contém. Bom, é melhor eu ir agora...

— Ora, não me venha com essa, pelo amor de Deus!

— Tess me pediu para lhe entregar... uma carta, e isso é tudo.

— Pare com isso! Eu o conheço muito bem!

Hoag se irritou.

— Acho melhor eu ir falar com Angelique agora. Ela vai querer saber...

— Sente-se! Que cartas, pelo amor de Deus?

— Não sei nada sobre...

— Não me venha com essa merda! Que cartas?

Hoag hesitou, mas acabou falando:

— Se você jurar pela cabeça de sua mãe... eu contarei.

— Juro!

O médico tornou a sentar.

— Tess disse apenas: “Entregue esta carta àquela mulher, espere uma semana, ou por aí, e depois lhe entregue uma destas duas cartas.” Ela me deu três cartas, mas não sei o que contêm. Juro por Deus que não sei.

— Uma semana? Ou seja, até o dia da gravidez? Uma de duas cartas, hem? Uma se ela estiver grávida, outra se não estiver?

— O dia 11 seria o primeiro dia, mas não é possível ter certeza nessa ocasião, será preciso esperar pelo menos mais duas semanas, e ainda assim será mais seguro aguardar o mês, para saber se ela menstruou ou não. A data pode demorar, porque às vezes é difícil determinar, em seu caso porque a pobre moça passou por um tremendo estresse... Tess me pediu para esperar até ter certeza absoluta. — Hoag deixou escapar um suspiro. — Pronto, agora você já sabe de tudo.

— Tess pediu que esperasse até examiná-la?

— Bom... sim, até eu ter certeza.

— Portanto, uma carta se ela estiver grávida, outra se não estiver?

— Isso mesmo... já disse.

— A quem mais você contou?

— A ninguém.

— Quem?

— Vá para o inferno! — explodiu Hoag. — Gornt!

— Oh, Deus! Por que ele?

— Não sei. Gornt parecia saber, chegou à mesma conclusão, e suponho que todos farão assim, concordo que é bastante óbvio, agora que estou de volta... Foi o que ressalttei para Tess, mas ela não me disse nada, apenas fitou-me com aqueles seus olhos cinzentos. É fácil para você, Jamie, é fácil para você e os Gornts deste mundo, são fortes, acostumados aos negócios, mentir não é parte dos negócios durante a maior parte do tempo? Só que não é assim com os médicos.

Repugnado com sua incapacidade de guardar segredos, Hoag exalou longo suspiro.

— Não posso mudar, depois de tanto tempo. Tess disse para explicar a Sir William o motivo da minha volta, a Albert e a você, a mais ninguém.

— Não se preocupe. Tem toda razão, não haverá um único homem em Iocoama que não compreenda o motivo de sua presença aqui. Para quem mais você trouxe correspondência de Tess?

— Não... Sir William.

— Quem mais? Quem mais, pelo amor de Deus?

— Heavenly Skye.

Fingindo uma tranqüilidade que não sentia, Hoag entregou a Angelique o envelope, lacrado com o sinete da Casa Nobre. Seu estômago se agitava desde que Jamie lhe dissera quem chegara com o *Prancing Cloud*, por mais que tentasse parecer indiferente. Nem mesmo a informação quase imediata de Vargas de que a mulher era a noiva do senhor McFay, e não Tess Struan, conseguira tranqüilizá-la. Nem o relato desconexo de Hoag sobre o funeral de Malcolm, que a confundira ainda mais. Estava escrito no envelope: "Angelique Richaud, em mãos."

— Por que não lê enquanto estou aqui? — sugeriu ele, preocupado com o repentino rubor de Angelique.

— Para o caso de eu desmaiar? — indagou ela, ríspida, sentada na cadeira ao lado do fogo, a cadeira de Malcolm, que tirara da suíte, antes de desocupá-la para Albert MacStruan.

Hoag explicou, gentilmente:

— Porque você pode querer conversar. Sou um amigo, além de médico.

Ele subira correndo, ao sair da sala de Jamie, contente por escapar da inquisição, cumprimentara-a e abraçara-a, evitara a sua indagação imediata, sobre o que acontecera em Hong Kong, dizendo:

— Espere um instante. Deixe-me primeiro contemplá-la. Examinara-a com cuidado, primeiro como médico, depois como amigo. Nos dois casos, ficara satisfeito com o que vira.

— Foi apenas uma sugestão, Angelique.

— A carta não está endereçada da maneira correta. Deveria ser Sra. Angelique Struan ou Sra. Malcolm Struan.

Contrafeita, ela devolveu a carta.

— Tess previu que você faria isso.

Hoag falou em tom gentil.

— Se ela é tão esperta, por que não endereçou da maneira correta?

— É difícil para ela, assim como é difícil para você. Afinal, é uma mãe que perdeu o filho. Seja paciente, Angelique.

— Paciente? Eu? Quando estou sendo atacada por casar e amar um homem maravilhoso, que... Você está do lado dela, é a Struan que paga seu salário.

— É verdade, mas meu lado é o que julgo certo, e isso não se encontra à venda, nem mesmo para você.

Hoag sentou, sempre amável. A sala era aconchegante e feminina, impregnada de tensão. Ele viu a veia no pescoço de Angelique pulsar forte, os dedos tremendo um pouco.

— Eu a ajudei e a Malcolm, mas apenas porque achei que era o mais certo. Para seu conhecimento particular, pedi demissão quando cheguei em Hong Kong, Este é meu último serviço para a Casa Nobre.

Angelique ficou surpresa.

— Por que fez isso?

Outra vez o mesmo sorriso estranho.

— Voltarei para a Índia. Vou tentar descobrir o que perdi. O mais depressa possível.

— Ah, Arjumand! — Isso a fez sentir-se melhor. Inclinou-se, pôs a mão no braço de Hoag. — Desculpe o que eu disse. Estava enganada. Desculpe... sinto muito.

— Não pense mais nisso. Lembre-se de que sou médico e compreendo a tensão a que você está submetida. Havia me preparado para algo pior.

Ele rompeu o lacre, abriu o envelope.

— Ela me disse para fazer isso. — Dentro, havia outro envelope. Endereçado mais simplesmente: Angelique. — Uma concessão, hem? Uma concessão sugerida.

— Por você?

— Isso mesmo.

— Sabe o que diz a carta?

— Não. Juro por Deus. Quer que eu saia?

O olhar de Angelique fixou-se na carta. Um momento depois, ela sacudiu a cabeça, e Hoag foi até a janela, a fim de lhe proporcionar um mínimo de privacidade, abriu as cortinas, observou a noite, seu próprio coração disparado.

Angelique hesitou, depois abriu o segundo envelope. Sem cumprimentos. Sem nome.

Não posso perdoá-la pelo que fez a meu filho.

Acredito sinceramente que, a pedido e exortada por seu pai, você deu em cima de meu filho, a fim de atraí-lo para o casamento, qualquer tipo de casamento. Seu "casamento" com meu filho não é válido, tenho certeza. Esse "casamento" precipitou a morte dele, tenho certeza — o atestado de óbito indica isso. Nesse sentido, os advogados da Struan estão preparando petições, a serem apresentadas o mais depressa possível no Tribunal Superior de Hong Kong. Mesmo que esteja esperando uma criança de meu filho, isso não desviará o curso da justiça, nem evitará a declaração de que a criança é ilegítima.

Não posso deixar de lhe agradecer pelas valiosas informações que me foram transmitidas, por instigação sua, pelo nosso conhecido

comum.

Se, como acredito que acontecerá, o material provar ser válido, eu e a Casa Nobre ficaremos em dívida com você e com essa pessoa, a um preço inestimável. O fato de que ele indicou um preço, razoável, considerando-se o seu valor, não é da sua conta, já que nada pediu e nada receberá. Mas seu presente para a memória de meu filho e o futuro da Struan merece alguma consideração.

Como resolver esse impasse?

A solução, se é que alguma pode ser encontrada, deve ficar entre nós, como inimigas — sempre seremos inimigas — e como mulheres.

Primeiro, peço que coopere com o Dr. Hoag, permitindo que ele a examine na ocasião oportuna, para confirmar se espera ou não uma criança. Claro que o Dr. Babcott ou qualquer outro médico que desejar pode ser consultado, para corroborar o diagnóstico.

Segundo, vamos esperar até o segundo mês, para haver certeza, e depois seguiremos adiante. A esta altura, a petição já estará preparada, e pronta para ser apresentada ao tribunal... e não digo isso como uma ameaça, apenas como um fato. A esta altura, as informações de nosso conhecido já terão dado resultados, pelo menos parciais. No momento, não imagino como podem falhar. O fato de que o persuadiu a me procurar contribuiu para criar, como já ressaltei, uma obrigação minha e da Casa Nobre com você.

Talvez, a esta altura, com a ajuda de Deus, o impasse possa ser resolvido. Tess Struan, Hong Kong, 30 de dezembro de 1862.

A mente de Angelique oscilava entre a felicidade e o terror, vitória e derrota. Vencera ou fracassara? Tess Struan nada prometia, mas acenara com um ramo de oliveira? Petição legal? Tribunais? Banco das testemunhas? Pálida agora, ela recordou as palavras de Skye, como seria fácil para a oposição descrevê-la como uma Jezebel sem dinheiro, filha de um criminoso, e outras horríveis verdades distorcidas. "Impasse" e "solução"? Isso não significava que ela vencera, pelo menos uma vitória parcial?

Edward! Esta noite ou amanhã, Edward me contará tudo! E o Sr. Skye é esperto, ele saberá, oh, Deus, espero que saiba!

Angelique levantou os olhos e deparou com Hoag a observá-la.

— Oh, desculpe, eu tinha esquecido... — Atordoada, ela torceu o pano de uma manga, batendo com o pé no chão, inquieta. — Não queria um drinque? Posso chamar Ah Soh e... desculpe... parece que não consigo...

Era difícil organizar as palavras e Hoag percebeu a mudança, especulou se seria o princípio do colapso que previra. Os sinais existiam, as mãos se agitando sem serem notadas, o rosto pálido, os olhos arregalados, as pupilas alteradas.

— O que ela disse? — indagou Hoag, afável.

— Ahn... nada... exceto para esperar até...

As palavras definharam, o olhar de Angélique perdeu-se na distância.

— Até? — insistiu ele, a fim de trazê-la de volta, escondendo sua preocupação.

Mas ela se deixara arrebatada pelo que lera. Portanto, as linhas da batalha haviam sido traçadas. Angélique sabia o pior ou o melhor. Sua inimiga fizera o primeiro movimento, anunciara sua posição. Agora, ela podia ingressar na batalha. Em seus próprios termos. A náusea se desvaneceu. Em seu lugar, surgiu o fogo. O pensamento de que ELA expusera o torpe e o possível com tanta frieza a deixava ardendo de raiva... nada por ela, nenhuma preocupação, nenhuma concessão por todo o amor, agonia e dor pela morte de Malcolm. Absolutamente nada. E o pior de tudo, ilegítima, quando haviam casado dentro das leis britânicas... Tenho certeza!

Sem medo, pensou ela, isso está gravado em minha memória, em aço derretido. Angélique tornou a fitar Hoag, tremendo.

— Ela disse que quer esperar... esperar até que nós, você e eu, saibamos se estou ou não esperando uma criança de Malcolm. Quer ter certeza, é isso o que ela deseja.

— E depois?

— Ela não diz. Quer esperar e quer que eu espere também. Há uma vaga... acho que ela diz que talvez possa haver paz, uma solu...

O tremor parou quando uma decisão se definiu e a voz se tornou sibilante, impregnada de veneno:

— Espero que haja paz, porque... porque sou a viúva de Malcolm Struan e ninguém, nenhum tribunal, nem mesmo Tess Desgraçada Struan pode me tirar isso!

Hoag disfarçou seu nervosismo e disse, cauteloso:

— Todos achamos que é mesmo. Mas precisa manter a calma, não se preocupar. Se tiver um colapso, ela vence, você perde, qualquer que seja a verdade não há necessidade...

A porta foi aberta. Ah Soh entrou.

— *Miss tai-tai?*

— Ah! — explodiu Angelique. — Por que não bateu?

Ah Soh firmou bem os pés no chão, secretamente satisfeita porque a demônia estrangeira perdera o controle.

— Mensagem, querer ouvir, hem? Mensagem, *miss tai-tai?*

— Que mensagem?

Ah Soh adiantou-se, arrastando os pés, entregou o envelope pequeno, fungou se retirou. A letra de Gornt. Angelique desceu da montanha de sua fúria.

Havia um cartão lá dentro, com E.G. gravado. A mensagem dizia: *“Meus calorosos cumprimentos. A visita a Hong Kong foi bastante intrigante. Podemos nos encontrar amanhã de manhã? Seu mais obediente servidor, Edward Gornt.”*

Abruptamente, Angelique sentiu-se íntegra de novo. Forte, transbordando de determinação, esperança e espírito de luta.

— Tem toda razão, doutor, mas não terei um colapso, juro que não terei, não por Malcolm, não por mim, não por você, Jamie e o Sr. Skye. É um amigo muito querido e já me sinto bem agora. Não há mais necessidade de falar sobre aquela mulher.

Ela sorriu, e Hoag compreendeu que o sorriso era ao mesmo tempo bom e mau... mais sinais de perigo.

— Vamos esperar e ver o que o futuro nos reserva. E não precisa se preocupar. Se eu não me sentir bem, pode ter certeza de que o chamarei imediatamente. — Angélique levantou-se, foi beijar o médico nas faces. — Obrigada mais uma vez, meu amigo querido. Vai ao jantar do conde Zergeyev?

— Talvez. Ainda não decidi. Estou um pouco cansado.

Hoag saiu, ocultando seu presságio. Ela tornou a ler o cartão. Edward se mostrava circunspecto, outro bom sinal, pensou. Se o cartão fosse interceptado ou lido, nada deixaria transparecer. “Intrigante” era uma boa palavra para se escolher, e “servidor obediente” também. Como as palavras *daquela mulher*, que apodreça no inferno.

O que fazer?

Vestir-se para jantar. Mobilizar seus aliados. Prendê-los a você. Pôr em prática os planos que concebeu. E transformar Iocoama no seu bastião inexpugnável contra *aquela mulher*.

Ignore os soldados *gai-jin* tentando encontrá-lo, Hiraga, e esqueça Akimoto disse Katsumata, contrariado com o inesperado contratempo em seu plano. — Três são suficientes. Atacaremos amanhã, incendiaremos a igreja e afundaremos o navio. Takeda, você cuida da igreja.

— Com o maior prazer, *sensei*, mas por que não aproveitar o plano de Ori e queimar toda Iocoama? Hiraga tem razão, vamos esquecer o navio. Sinto muito, mas ele está certo nesse ponto — disse Takeda, inclinando-se para o lado dele, pois Hiraga era o líder dos *shishi* de Choshu e sensato ao levar em consideração a retirada. — Seria muito difícil chegar perto de um navio sem sermos observados com este mar, com este vento. Por que não usar o plano de Ori, em vez disso, e incendiar todo o ninho de *gai-jin*?

— O plano de Ori exige tempo e um vento sul — acrescentou Hiraga. — Mas concordo que é um plano melhor. Devemos esperar.

— Não! — exclamou Katsumata, ríspido, agressivo. — Com coragem, podemos fazer as duas coisas, com coragem! Podemos fazer! As duas coisas! Com a coragem dos *shishi*!

Hiraga ainda se sentia abalado com os soldados imprevistos, a mente continuava lerda. O fato de acreditar que matara o homem na terra de ninguém não incomodava nem um pouco; avistara-o no chão, imóvel, quando se encaminhara mais tarde para o poço, por onde descera, avançando às cegas pelo túnel estreito, a área enregelante.

— Impossível com apenas três — disse ele —, e amanhã de noite é cedo demais, qualquer que seja a nossa decisão. Se o plano for incendiar a colônia precisamos de três dias para espalhar os inflamáveis e os pavios. Aconselho contra a precipitação.

Ele se envolvera com uma manta, nu por baixo, à exceção de uma tanga enquanto as criadas secavam suas roupas, encharcadas da passagem pelo túnel. Fazia frio no pequeno bangalô, o vento zunia em torno das *shojis* e ele tinha de recorrer a toda a sua força de vontade para não estremecer abertamente. A concentração era difícil. Ainda não podia entender por que os soldados o procuravam. No momento em que chegara, Katsumata, irado, pedira a Raiko que enviasse espiões à colônia, a fim de descobrir o que acontecera, e os três poderem fazer planos para escapar da casa das Três Carpas, caso os soldados entrassem na Yoshiwara.

Agora, ele observava Katsumata servir-se de mais saquê. A ira contraíra suas feições já afiladas, fazendo com que parecesse ainda mais perigoso.

— Hiraga, minha opinião é a de que devemos atacar amanhã.

— E minha opinião é a de que só devemos entrar em ação quando tivermos uma possibilidade de êxito — respondeu Hiraga, com igual firmeza —, não antes... sempre foi esse o seu conselho... a menos que sejamos surpreendidos em campo aberto e nos defrontemos com a morte ou a captura. Takeda, qual é a sua opinião?

— Primeiro, eu gostaria de saber qual seria o plano. Você conhece o alvo como ninguém. O que faria?

Hiraga tomou seu chá quente, aconchegou-se ainda mais na manta, fingindo pensar, grato porque Takeda tendia para a sua posição.

— Se ainda tivesse meu acesso normal, Akimoto e eu poderíamos pôr todos os inflamáveis nos lugares em três dias... já tenho quatro preparados e escondidos em minha casa na aldeia — disse ele, embelezando a história. — Precisamos de uns seis, o ideal seriam oito: um em cada dos dois prédios de dois andares, são de madeira, quase queimaram no terremoto; um na casa do líder dos *gai-jin*; um na casa ao lado; três ou quatro na cidade dos bêbados; um em cada igreja. Na confusão, podemos escapar em nosso barco para Iedo.

— Quanto tempo isso levaria? — indagou Katsumata, ainda mais rude, fazendo os dois se remexerem, apreensivos. — Quantos dias, agora que você não tem o “acesso normal”?

— Posso lhe dizer isso assim que souber por que os soldados me procuram — respondeu Hiraga.

As espadas de Katsumata se encontravam ao seu lado, as espadas de Hiraga também ao alcance fácil. Assim que chegara, ele pedira as espadas a Raiko, que as havia escondido... para o caso de serem obrigados a efetuar uma fuga súbita por cima dos muros e pelo arrozal por trás da Yoshiwara. Todos haviam concluído que seria perigoso demais se esconderem no túnel.

— O que acha, Takeda?

— Proponho esperarmos até sabermos qual é o problema. Depois, podemos combinar um plano final, *sensei*... mas se pudermos fazer como Hiraga diz, sou a favor.

— Devemos atacar amanhã. Esse é o nosso plano final.

Pensando melhor agora, Hiraga lançou uma isca.

— Se pudéssemos fazer as duas coisas, afundar o navio e incendiar a colônia, seria o melhor — declarou ele, com a intenção de apaziguar Katsumata. — Seria possível se planejássemos assim, mas precisaríamos de mais homens. Uns poucos homens a mais, *sensei*.

Hiraga usou o título de respeito, que evitara até então, para lisonjear Katsumata ainda mais, e depois acrescentou:

— Poderíamos trazer três homens de Iedo. Takeda iria até lá, ele não é conhecido, voltaria com os homens em três ou quatro dias. Sou um homem marcado e não posso me movimentar até o ataque. Você nos comandará contra o navio... e posso dizer aos outros onde colocar os inflamáveis, explicar onde ir, como fazer.

— É um bom plano, *sensei* — disse Takeda, querendo aproveitar a oportunidade de escapar de barco, pois nunca fora favorável a um ataque suicida. — Irei até Iedo, e encontrarei os homens.

— Seria apanhado — garantiu Katsumata, os lábios contraídos numa linha fina. — Nunca chegaria lá... e mesmo que chegasse, não conheceria os lugares, não saberia para onde ir. Seria capturado.

Sua raiva se achava a pique de irromper, pois nunca poderia atacar sozinho, e precisava daqueles dois, ou de outros homens, e nada seria realizado sem um consenso. Se alguém tivesse de ir, só poderia ser ele. Tal pensamento não o desagradou, pois não gostava daquele lugar, não havia muitos pontos de fuga, nem esconderijos suficientes... só se sentia seguro em Quioto, Osaca ou Iedo, e também em sua terra natal, Kagashima. Ah, seria ótimo rever os amigos e a família. Mas eles devem esperar, pensou Katsumata, endurecendo seu coração: "*Sonno-joi* deve ser levado adiante, Yoshi tem de ser humilhado..." Ao mesmo tempo, os três homens estenderam as mãos para as espadas. Sombras apareceram na porta de *shoji*.

— Katsumata-sama? — Era Raiko. — Tenho uma criada comigo.

— Por favor, entre.

Eles relaxaram. Raiko entrou, fez uma reverência, a criada também, e eles retribuíram.

— Conte tudo, Tsuki-chan — disse Raiko à criada.

— Fui à casa do *shoya*, Sires. Ele disse que Akimoto-sama foi levado à presença do líder dos *gai-jin* e depois para a prisão. Ainda não foi possível falar com ele, mas com sua primeira refeição, servida por um dos nossos, poderemos descobrir mais.

— Ótimo. Ele foi espancado e arrastado? — perguntou Katsumata.

— Não, lorde, nenhuma das duas coisas.

— Tem certeza que ele não foi espancado?

— O *shoya* também ficou surpreso, Sire. Akimoto-sama assoviava e cantava e ouviram-no dizer, como se fosse parte da canção, “alguém traiu alguém”.

Hiraga comentou, sombrio:

— Foi isso que ele disse na aldeia. O que mais o *shoya* contou?

— O *shoya* diz que sente muito, mas ainda não sabe por que os soldados o procuram. Os guardas continuam lá. Assim que ele souber o motivo, enviará o aviso.

— Obrigada, Tsuki-chan — disse Raiko, dispensando-a em seguida.

— Se ele não foi espancado — murmurou Katsumata —, não seria porque deu a informação que eles queriam, e o puseram na prisão para protegê-lo de você?

— Não — respondeu Hiraga. — Ele não diria coisa alguma.

A mente de Hiraga divagava: quem seria o traidor? Seus olhos fixaram-se em Raiko, que estava dizendo:

— Talvez eu possa descobrir. Um cliente *gai-jin*, que pode saber de tudo, chegará a qualquer momento. Se ele não souber, com certeza pode descobrir.

André entrou na sala com um sorriso forçado.

— Boa noite, Raiko-san — disse ele, repugnado com a própria fraqueza. Ela cumprimentou-o com frieza, ofereceu chá. Depois de tomado o chá, André lhe entregou a bolsinha com as moedas.

— Aqui outro pagamento, sinto muito não tudo, mas bastante no momento. Quer falar comigo?

— Esperar um pouco é polido, *Furansu-san*, entre amigos — disse ela, irritada. Avaliando o peso da bolsa, Raiko sentiu-se secretamente contente pela quantia e por ter acertado essa primeira e importante questão. Mesmo assim, acrescentou, para manter a pressão, tão importante com os clientes: — Um pouco é aceitável, entre amigos, mas muito não é correto, de jeito nenhum.

— Prometo mais em um ou dois dias.

— Lamento que seus pagamentos estejam tão atrasados.

André hesitou, mas acabou tirando o anel de sinete de ouro.

— Tome aqui.

— Não quero isso. Devo liberar Hinodeh, permitir que ela vá embora, depois você...

— Não! Por favor, não... escute, tenho informações...

André não se sentia bem, tanto por causa da recepção fria de Raiko, como por causa de uma enxaqueca adquirida durante a reunião com Angelique, que se recusou a desaparecer. E por causa de Angelique. E porque Tess Struan não viera no *Prancing Cloud*, o que lhe facilitaria a negociação de um acordo e a obtenção da riqueza de que precisava. Não tinha o menor desejo de ir a Hong Kong para desafiá-la, ali, no covil da Casa Nobre.

Angelique ainda é a única chance que você tem, seu cérebro continuava a martelar. Seratard tornara a consultar Ketterer, Sir William e até mesmo Skye, sobre a validade do casamento. Todos estavam convencidos de que resistiria num tribunal.

— Mas em Hong Kong? Não tenho a mesma certeza — comentara Ketterer, desdenhoso.

Os outros haviam dito a mesma coisa, com palavras diferentes, em graus diferentes... exceto Sir William.

— Há muitos desonestos ali, os juizes não são iguais aos de Londres... são coloniais, há muita corrupção, muita fraude. Uns poucos taéis de prata... e não podemos esquecer que a Struan é a Casa Nobre...

Raiko inclinou-se para André.

— Informações, *Furansu-san*?

— Isso mesmo. — Era agora ou nunca com Raiko... e Hinodeh. — Especiais. Segredos sobre a reunião secreta de Yoshi com os *gai-jin*.

— *So ka!* — exclamou Raiko, toda atenção. — Continue, *Furansu-san*. Ele contou o que acontecera, em detalhes, para o profundo interesse de Raiko, que prendeu a respiração várias vezes, não pôde conter diversas exclamações. E quando, abruptamente, André entrou na parte de Yoshi exigindo a entrega de Hiraga, ela empalideceu. A ansiedade de André se evaporou, ele ocultou sua satisfação, e fechou a armadilha.

— Então Hiraga amigo seu?

— Não, claro que não, ele é cliente de uma amiga — apressou-se em dizer Raiko, abanando-se.

Sua mente fervilhava com as informações maravilhosas a transmitir ao *shoya* e à Gyokoyama, informações que lhe valeriam um enorme crédito... e também para Meikin. Ah, Meikin, pensou ela, de passagem, por quanto tempo mais você permanecerá viva? Sinto muito, mas você, e só você, terá de pagar, de um jeito ou de outro,

Yoshi investiu demais em sua falecida Koiko, mas já sabe disso. O que me leva ao meu problema atual e premente: como posso, em nome de todos os deuses e de Amida Buda, me livrar de Hiraga, Katsumata e os outros dois, que se tornaram perigosos demais, e... Foi nesse instante que ela ouviu André dizer, com uma voz diferente:

— Então Hiraga cliente *mama-san* amiga na Yoshiwara. Hiraga com amiga agora. *Neh?*

Raiko tornou a suspender a guarda.

— Não sei onde ele se encontra. Imagino que está na colônia, como sempre, lorde Yoshi o procura? Por quê?

— Porque Hiraga é *shishi*. — André usou a palavra pela primeira vez, consciente do que significava, pelas revelações de Yoshi. — Também por matar daimio. Utani. Outras mortes também.

Ela não permitiu que o medo transparecesse em seu rosto.

— Terrível. *Shishi*, hem? Já ouvi falar deles. Sobre essa informação, velho amigo, posso perguntar...

— Hiraga desaparecer, Raiko. Não na colônia. Muitos soldados procurar. Sumir, Raiko. Procurar todos lugares. Ele sumir.

— Desapareceu, hem? Soldados? Foi para onde?

— Veio para cá. Ao encontro de sua amiga. Onde está sua amiga?

— Ah, sinto muito, mas duvido que ele esteja aqui. — Raiko falou com sinceridade, sacudiu a cabeça, enfática. — Provavelmente ele foi avisado e fugiu para Kanagawa ou algum outro lugar. Sinto muito, velho amigo, mas essa não é uma boa pergunta para se fazer. Suas informações são muito interessantes. Tem mais?

André suspirou. Sabia que ela sabia. Agora, Raiko se encontrava à sua mercê. Por algum tempo.

— Samurai Yoshi vir amanhã para seu Hiraga — disse ele, sem sentir mais medo, pois bastaria uma palavra sua e as patrulhas, japonesas ou britânicas, arrasariam a casa das Três Carpas... depois que Hinodeh fosse levada para um lugar seguro. — Se *gai-jin* não ter Hiraga amanhã muito problema, Raiko. Para *gai-jin*, Yoshiwara, todos.

A maneira como ele falou provocou um calafrio em Raiko.

— Talvez *gai-jin* mandar vigilantes aqui, ali, todos lugares — acrescentou André, deixando a ameaça pairar no ar.

— É mesmo? — murmurou ela, uma gota de suor se formando em seu lábio superior, apavorada pelo que estava para acontecer, todo o resto esquecido.

— Ter idéia: se você... desculpar... se sua amiga esconder Hiraga poucos dias, lugar secreto, seguro. Depois, momento certo, entregar Hiraga líder *gai-jin*, talvez ganhar muito dinheiro, bastante para você, Hinodeh, neh? — Ele a observava e Raiko fazia um grande

esforço para não tremer. — Ou sua gente entregar Hiraga a Yoshi. Hiraga ser *shishi*, valioso... melhor do que brincos.

André viu-a estremecer e arrematou:

— *Shishi* valioso, *neh?*

Quando o coração parou de trovejar tanto, e podia confiar em sua voz, Raíko empenhou-se em exhibir o melhor sorriso de que era capaz, pois era evidente que ele acreditava que ela estava a par da presença de Hiraga ali, e assim poderia, provocado, lançá-la e à casa das Três Carpas a um perigo letal.

— Perguntarei à minha amiga se o tem visto, ou sabe onde ele se encontra, depois poderemos conversar.

Ela assumiu um tom conciliador, tendo decidido que era melhor tirar todos *shishi* de sua vida, o mais depressa possível. De preferência, ainda naquela noite.

— Que maravilhosas informações você descobriu, muito valiosas, e darão algum lucro, sem dúvida! Ah, *Furansu-san*... — acrescentou ela, como se urna súbita lembrança, para desviá-lo ainda mais — ...soubemos que uma dama *gai-jin* chegou de Hong Kong esta noite. É a famosa mãe do *tai-pan*?

— Como? Não — murmurou André, distraído. — Ela prometida casamento mercador. Por quê?

— Seria um dos meus clientes, velho amigo?

— Não. Acho ele ir estalagem Suculenta Alegria, um ano, talvez mais. Jamie McFay.

— Jami-san? Jami-san da Struan?

Puxa, pensou Raiko, no mesmo instante, Nemi vai precisar saber disso, e depressa. Deve estar preparada para se apresentar a esta

dama na casa grande da Struan, fazer uma reverência, dar as boas-vindas, assegurar que vem cuidando bem de Jami-san — é muito importante haver boas relações entre *nee-go-san*, a segunda dama, uma consorte, e *oku-san*, a esposa —, porque a esposa paga todas as contas, e depois convidá-la a uma visita de retribuição na casa de Jami nos jardins da Suculenta Alegria. Seria ótimo, pois assim todas nós poderíamos dar uma boa olhada nela.

— Furansu-sama, há um rumor de que os *gai-jin* puseram um japonês na prisão esta noite.

— O quê? Não saber nada respeito. Talvez descobrir mais tarde. Não importante. Escute, sobre Hinodeh...

Raiko interrompeu-o, jovial:

— Hinodeh me perguntou, antes, se você a honraria com sua visita esta noite. Ela ficará muito satisfeita por você ter vindo.

André sentiu uma pressão no peito. Agora que tinha Raiko sob seu controle, pediria a ela, não, mandaria que dissesse a Hinodeh para

renunciar à condição da luz. Mas, de repente, ele teve medo de fazê-lo.

— O que é?

— Nada — murmurou André. — Eu ir Hinodeh.

Depois que ele saiu, Raiko tomou um pouco de conhaque para firmar os nervos, mastigou algumas folhas de chá fragrantes para eliminar o cheiro e depois, preocupada, procurou os três *shishi*, e relatou parte das informações de André, sobre Yoshi exigindo a entrega de Hiraga, e que seus homens chegariam no dia seguinte para assumir a custódia.

— Sinto muito, mas seria melhor se partissem esta noite, mais seguro para vocês — disse ela, a voz impregnada de medo. — Katsumata-sama, esse cliente jurou que vigilantes e soldados *gai-jin* devem aparecer aqui a qualquer momento, procurando por toda parte.

Os três ficaram em silêncio, ao tomarem conhecimento das negociações secretas de Yoshi com os *gai-jin*. Katsumata sentiu-se mais determinado do que nunca a criar problemas entre eles.

— Obrigado, Raiko-san, prestou-nos um grande serviço. Podemos partir ou podemos ficar, mas de qualquer forma você será bem recompensada.

— Acredito com toda sinceridade que seria melhor se fossem embora e...

A voz ríspida de Katsumata não a deixou continuar:

— De qualquer maneira, você será bem recompensada. Enquanto isso, vamos conversar sobre o melhor modo de protegê-la.

Ela não queria se retirar, mas fez uma reverência, agradeceu e saiu para a noite. Ao se encontrar a uma distância segura, amaldiçoou-o e aos outros, também a André, ao mesmo tempo em que decidia quem seria a pessoa de confiança que levaria as informações de André a Meikin.

— Acendam as lanternas — ordenou Katsumata.

Todas haviam sido abaixadas, a maioria apagada, quando Raiko abriu e fechou a porta e o vento invadira a sala. Com a porta fechada outra vez, as poucas chamas restantes assentaram, a não ser por uma ou outra aragem isolada.

— Escute, Hiraga — disse ele, bem baixo, para que ninguém lá fora pudesse ouvir —, vou buscar mais homens e voltarei em três dias. Esconda-se aqui, é mais seguro do que ir comigo, use um novo disfarce, refugie-se no túnel. Se for esperto, estará seguro.

— Certo, *sensei*.

— Daqui a três dias arrasamos Iocoama, afundamos o navio, matamos tantos *gai-jin* quanto pudermos e escapamos. Trarei uniformes do *Bakufu*. Takeda, ajude Hiraga com os artefatos incendiários. Devem estar prontos quando eu voltar.

— É melhor eu acompanhá-lo, *sensei* — propôs Takeda. — Posso guardar suas costas, caso seja visto ou interceptado.

— Não. Fique com Hiraga. — Katsumata não queria ser estorvado e se sentia contrafeito demais dentro da cerca da Yoshiwara. — Partirei no momento em que as barreiras forem abertas.

— É o melhor plano — disse Hiraga. — *Sonno-joi*.

Ele sentia-se nauseado e inebriado ao mesmo tempo, consternado com a perspectiva dos homens de Yoshi chegando no dia seguinte, ou vigilantes, e de ser capturado — o que era inevitável, agora que Yoshi se empenhava pessoalmente nisso — sabendo também que o *sensei* tinha razão, mais uma vez: a colônia murada e a Yoshiwara cercada eram armadilhas.

Ao mesmo tempo, experimentava profundo alívio. Agora que seu fim se tornara inevitável, não havia motivo para não se lançar com todo o ânimo ao ataque.

Três dias constituem uma vida inteira. Com Katsumata ausente, quem sabe o que pode acontecer? De qualquer jeito, não serei capturado vivo.

— Por Deus, Jamie, olhe só! — exclamou Dmitri.

Jamie olhou para a porta, assim como os outros vinte convidados espalhados pela sala de recepção da legação russa. As conversas cessaram por um instante e logo recomeçaram, alvoroçadas. Angelique entrava no braço de Sir William. Um vestido preto simples, de mangas completas, que realçava a palidez, mas também o lustro da pele e o pescoço perfeito, a cintura pequena, as curvas dos seios, um traje condizente com o luto, mas não havia como duvidar da magia oculta. Os cabelos levantados. Sem jóias, exceto um colar fino de ouro e o anel de casamento — O anel de sinete de Malcolm, agora ajustado para ficar firme em seu dedo.

— Ela é de vinte e quatro quilates.

— Concordo — murmurou Jamie.

Depois, sentindo outra comoção, ele olhou ao redor. Do outro lado da sala, Maureen sorriu-lhe, cercada por homens, entre os quais Pallidar. Jamie retribuiu ao sorriso, gostando do que via, ainda atordoado pela chegada de Maureen, impressionado por sua coragem em fazer sozinha uma viagem tão formidável. O que vou fazer?

— Incrível a história de Hong Kong e o funeral de Malc, hem?

— É verdade, Dmitri. Eu teria apostado que Tess nunca faria isso.

Quais são as intenções dela?, perguntou-se, mais uma vez. E o que continha a carta para Angelique? Ainda não tivera a oportunidade de perguntar e a aparência dela não oferecia nenhuma indicação. A carta que ele recebera fora esclarecedora:

Prezado Jamie:

O Sr. Gornt me relatou em detalhes como você se mostrou um grande amigo de meu filho. Agradeço do fundo do meu coração. Mas ainda assim não posso perdoá-lo por não haver cumprido meus desejos — política da companhia —, por não desviar meu filho de volta a seu dever e persuadi-lo a abandonar seu interesse por aquela mulher ou, no mínimo, enquadrá-la nas proporções devidas e despachá-lo para cá; não posso perdoá-lo por ajudar e apoiar meu filho em sua loucura, em particular depois que ressaltei sua menoridade e que ele podia ser tai-pan no nome, mas não exercia os poderes até a posse formal na função.

Soube também, pelo Sr. Gornt, que você tenciona abrir sua própria companhia. Desejo-lhe sorte e agradeço por seus muitos anos de bons serviços. Anexo uma carta de crédito contra Londres, no valor de cinco mil guinéus. Por favor, transmita meus cumprimentos à sua noiva. Gostei de conhecê-la. Tess Struan.

Ele sentiu-se radiante ao pensar no dinheiro. Tornava sua companhia possível, em pequena escala, é verdade, e proporcionava o tempo de que precisava, além de reforçar sua posição com o *shoya*, embora não imaginasse como aqueles empreendimentos poderiam prosperar sem a contribuição de Nakama/Hiraga. Tinha pena dele. E de Tess. No caso dela, podia compreender, e a perdoava, não por causa do dinheiro.

— O que é, Dmitri?

— Você tem toda razão em se sentir presunçoso. Sua Maureen é sensacional.

— Também acho.

— O que pretende fazer com Nemi?

O sorriso de Jamie desapareceu, o constrangimento voltou e ele virou as costas para a porta.

— Um problema terrível, Dmitri. Eu tinha marcado um encontro com ela para esta noite.

— Essa não! Na Struan?

— Não, graças a Deus. Em nosso... na casa dela.

— Foi muita sorte. Você vai?

— Claro. Por que não? Deus Todo-Poderoso, não sei... Quando Maureen chegou inesperadamente... não é que eu não goste dela, mas ainda me encontro em estado de choque.

— Pode ser, mas um bom choque... você tem sorte. Escute, somos velhos companheiros e posso falar com franqueza. Se você... se

decidir parar com Nemi, suspender sua pensão, encerrar o negócio, qualquer coisa, posso pedir que me avise? Ela é bem atraente, uma boa diversão, e fala um pouco da nossa língua.

— Está certo, mas...

Os risos dos homens em torno de Maureen atraíram a atenção dos dois. Que depois se desviou para Angelique.

— Ela é espetacular, não é? — murmurou Jamie. — Estou me referindo a Angelique...

Angelique e Sir William esperavam que Zergeyev se juntasse a eles. O vestido e o penteado daquela noite haviam sido determinados

com bastante antecedência... escolhidos expressamente para Tess e aquele sarau, que seria o primeiro campo de batalha. Embora a inimiga não tivesse vindo, Angélique resolvera não alterar seu plano, pois o efeito era bastante satisfatório. Considerara a possibilidade de usar o anel de jade imperial que Malcolm encomendara de Hong Kong para ela e que fora trazido pelo navio de correspondência uma semana depois de sua morte, provocando-lhe outro fluxo de lágrimas particulares. Se Tess estivesse ali, ela não hesitaria. Sem esse motivo, o anel era errado.

Na verdade, estou satisfeita por ela não ter vindo, disse Angélique a si mesma. Graças a Deus que Vargas me avisou. Preciso de mais tempo para me preparar para o combate... ah, tempo, estou ou não esperando uma criança de Malcolm?

— Boa noite, conde Zergeyev — disse ela, com um sorriso gentil. — Obrigada por ter me convidado.

— É sempre bem-vinda e já converteu a noite num sucesso. Boa noite, Sir William. Já conhecem a todos, exceto uma nova convidada.

Num súbito silêncio, todos observando, comparando, Zergeyev chamou Maureen do círculo de admiradores, entre os quais figurava

Marlowe agora.

— *Miss* Maureen Ross, de Edinburgh, a noiva de Jamie. *Madame* Angelique Struan.

No momento em que entrara, Angelique avistara Maureen, avaliara-a da cabeça atraente aos sapatos impecáveis, e decidira que a outra não era uma ameaça... notando Gornt também, de passagem, mas deixando-o para mais tarde.

— Seja bem-vinda ao posto avançado britânico mais distante no mundo, *mademoiselle* Ross — disse ela, jovial, especulando que idade a outra teria, pensando: É verdade, à noite, toda agasalhada, esta poderia ser facilmente confundida com aquela mulher, pois também é alta, o mesmo porte imponente, o olhar direto. — Jamie tem muita sorte.

— Obrigada.

No momento em que Angelique entrara na sala, Maureen também a avaliara, da cabeça deslumbrante aos pés pequenos, reconheceria

sua beleza, simpatizara instintivamente, mas ao mesmo tempo decidira que se tratava de uma ameaça — seus olhos deslocaram-se para Jamie, deparando com sua admiração ostensiva, e os homens ao redor, não havia como se equivocar com os murmúrios gerais de apreciação — e se aprontara para a batalha.

— Sinto-me muito satisfeita em conhecê-la e lamentei muito ao saber de sua tragédia... todos lamentaram. — Com um sentimento genuíno, ela se inclinou, encostou o rosto no de Angelique. — Espero que nos tornemos amigas.

Um sorriso especial e Maureen arrematou:

— Por favor, vamos ser amigas. Precisarei de uma amiga aqui. Jamie disse que você tem sido uma boa amiga dele.

— Não há necessidade de “por favor”, Maureen... posso chamá-la de Maureen, e você me chamar de Angelique?

Ela também ofereceu um sorriso especial, reconhecendo e compreendendo a advertência apresentada com suavidade, sem

necessidade de mostrar as garras, de que Jamie era propriedade pessoal, um homem com quem não deveria flertar.

— Seria ótimo ter uma amiga aqui. Poderíamos tomar um chá amanhã?

— Puxa, eu adoraria. Angelique... um lindo nome e um lindo vestido. Austero demais, mas também cinturado demais para o luto.

— E o seu também, essa cor combina muito bem com os seus cabelos. — Seda verde, dispendioso, mas inglês, não parisiense, e o feitiço era antiquado. Não importa. Isso pode ser melhorado, se ela se tornar uma amiga íntima. — Jamie foi um grande amigo de meu marido, e também meu, quando precisei, desesperadamente. Tem muita sorte. E, agora, onde se encontra o seu belo noivo? Ah, lá está ele!

Todos observando, Angelique passou o braço pelo de Maureen. Todos ficaram radiantes com a *entende cordiale*. Ainda o centro das atenções, ela guiou Maureen até Jamie.

— Tome cuidado, Jamie, pois é fácil perceber que esta dama é muito preciosa... e há piratas demais em Iocoama.

Os homens ao redor riram, Angelique deixou-os, voltou para Sir William, cumprimentou Ketterer no caminho — um cumprimento e um sorriso especiais para ele, assim como para Marlowe, mais tarde — e também Settry Pallidar, esplendoroso e rivalizando com Zergeyev, que usava seu uniforme de cossaco.

— Ah, Sir William, como temos sorte! — murmurou ela.

— Por estarmos... — Zergeyev conteve-se a tempo. Quase dissera “Por estarmos vivos?” Em vez disso, pegou um copo de champanhe, de uma bandeja de prata levada por um criado de libré, e acrescentou: — Por estarmos na presença de duas damas tão adoráveis, somos afortunados! Saúde!

Todos beberam e continuaram a comparar. Zergeyev estava preocupado demais para seguir o exemplo, absorvido nas outras notícias terríveis que haviam chegado com o *Prancing Cloud*.

Um despacho urgente e cifrado de São Petersburgo — remetido três meses antes — fora-lhe entregue. Primeiro, relatava os problemas habituais com a Prússia, tropas se concentrando nas fronteiras ocidentais, seis exércitos enviados para lá; problemas esperados em breve com o império otomano e os muçulmanos ao sul, três exércitos enviados para lá; fome por toda parte, com intelectuais como Dostoievski e Tolstoi defendendo as mudanças e a liberalização. Segundo, recebera ordem para pressionar os japoneses a retirarem suas aldeias de pescadores das Kurilas e Sakhalin, sob a ameaça de “graves consequências”. E, terceiro, um grande transtorno para ele, pessoalmente: Foi designado governador-geral do Alasca russo. Na primavera, o navio de guerra *Tsar Alexander* chegará aí, com o seu substituto no Japão, e o levará e à sua comitiva para a nossa capital alasciana, Sitka, onde fixará residência pelo menos por dois anos, para promover amizade.

— Por que tão soturno, meu amigo? — perguntou Sir William, em russo. Zergayev viu que Angelique se encontrava cercada outra vez, por isso levou-o para um lado, e falou sobre seu novo posto. Mas não sobre “Amizade”. Era o codinome de um plano de Estado ultra-secreto para facilitar a emigração maciça e compulsória de vigorosas tribos siberianas para seus vastos territórios alascianos-americanos, que se estendiam por centenas de quilômetros para o interior, pelo Canadá, e desciam pela costa para o sul, terminando não muito longe da fronteira americano-canadense. Eram povos vigorosos e resistentes, belicosos, que poderiam, ao longo de uma, duas ou três gerações, se expandir para o sul e para leste, pelas vastas pradarias e exóticas terras quentes da Califórnia, talvez até possuindo toda a América um dia. O plano fora proposto por um tio, vinte e cinco anos antes.

— Dois anos! Uma terrível sentença de prisão!

— Concordo. — Sir William também se sentia contrafeito com as vicissitudes de seu próprio Ministério do Exterior, a aptidão que demonstravam para removê-lo de repente, despachá-lo para postos distantes. — Alasca? Ufa! Não sei nada a respeito... já estive lá alguma vez? No ano passado, o navio em que eu viajava fez escala em Vancouver, nossa colônia ali. É apenas um posto avançado, e não seguimos mais para o norte.

— Sitka não fica muito longe. Estive lá uma vez, quando era jovem. Agora, temos um povoado permanente, muitos mercadores, algumas centenas de habitações — disse Zergeyev, amargurado. — Peles, gelo, ausência da lei, índios, bêbados, nenhuma sociedade. O lugar é uma horrível terra desolada, descoberto por Bering e Chirikov há cento e tantos anos... a princípio, pensaram que era apenas parte de nossos territórios setentrionais, no outro lado de uma enseada de cerca de oitenta quilômetros, sem perceberem que se tratava de um estreito, a que depois deram o nome de Bering. Há sessenta e poucos anos, um dos meus tios-avôs ajudou a formar a Companhia de Peles Russo-Americana, nosso monopólio do comércio de peles, e designou um arrogante filho de uma prostituta... um primo chamado Baranof... para ser o diretor, e ele transferiu a capital para Sitka. Fica numa ilha perto da costa, desolada e miserável, e chamada... adivinhe... ilha Baranof! Infelizmente, minha família fez do Alasca um interesse especial. Daí a minha transferência para o novo posto. *Matyeryeybitz!* Os dois!

Sir William riu, e Angelique virou-se para eles.

— Posso partilhar o gracejo?

— Ahn... não foi... não foi muito engraçado, minha cara — disse ele, registrando a informação tão interessante para transmitir a Londres.
— Apenas uma vulgaridade russa.

— Humor inglês, Angelique. — Zergeyev soltou uma risada. — E com esse pensamento feliz, é tempo de jantar.

Galante, ele fez uma reverência, adiantou-se e conduziu Maureen para a sala de jantar, Sir William e Angelique logo atrás, depois os outros. Prataria abundante na mesa comprida, criados de libré por trás de cada cadeira, outros para trazer vastas quantidades de carnes, borscht, pastelões, jarros de vodca gelada, champanhe, vinhos franceses e sorvetes. Músicos ciganos do navio russo, e mais tarde dançarinos cossacos, da comitiva de Zergeyev, como entretenimento.

O burburinho de conversas, e todos ainda comparando: pequena e alta, francesa contra uma das nossas, o delicioso sotaque francês, o tranquilo escocês. As duas sedutoras, Angélique muito mais, ambas aceitáveis, as duas casadouras, Maureen muito mais.

54

Sábado, 3 de janeiro:

— *Mister* baixo escada, *miss tai-tai*.

— *Mister Gornt?*

Ah Soh deu de ombros, parada na porta do *boudoir* de Angelique.

— *Kwailoh mister.*

Com a mão, ela indicou alguém alto e depois fechou a porta, com a batida costumeira.

Angelique contemplou-se no espelho por um instante. O excitamento reprimido era toda a maquilagem de que precisava. Mais um momento para fechar seu diário e guardá-lo. Uma inspeção final e ela saiu. Vestido preto de seda, com muitas anáguas, os cabelos presos por uma impecável *echarpe* de chiffon, também preta. O anel de sinete do casamento. E desceu a escada, alheia aos criados, empenhados nas tarefas matutinas.

Entrou na sala do *tai-pan*. Gornt estava de pé junto da janela, olhando para a baía. Chen esperava, com uma expressão lúgubre.

— Bom dia, Edward.

Ele virou-se, sorriu.

— Bom dia, *madame*.

— Posso pedir café ou champanhe?

— Não, obrigado. Acabei de comer o desjejum. Só queria lhe falar sobre Hong Kong e sua lista de compras. Espero não estar incomodando.

— Claro que não. Chen, espere lá fora.

No momento em que ficaram a sós, ela disse, em voz baixa:

— Este escritório é agora de Albert e o tomo emprestado enquanto ele está na sala de contabilidade com Vargas. Portanto, não temos muito tempo... é difícil encontrar algum lugar para uma conversa particular. Vamos sentar aqui, Edward. — Angelique indicou a mesa ao lado da janela, as cortinas abertas. — Os transeuntes poderão nos ver, mas isso não é problema, porque você era amigo de Malcolm. Por favor, conte depressa o que aconteceu.

— Posso dizer primeiro que tem uma aparência maravilhosa?

— Você também. — A ansiedade de Angelique era ostensiva agora.
— Como foi?

— Tudo correu bem, eu acho. Tess se manteve impassível, como uma jogadora de pôquer, por isso não posso ter certeza, Angelique. Em nosso primeiro encontro, eu lhe falei das informações sobre os Brocks, como havíamos combinado, dizendo várias vezes, de maneiras diferentes, que só a procurava por sua causa. Não o...

— Foi o primeiro do navio a vê-la?

— Fui, sim, tenho certeza, porque desembarquei no barco do piloto, antes que o *Prancing Cloud* atracasse, junto com o capitão Strongbow. Depois que falei a Tess sobre os Brocks, não houve muita reação. Ela escutou atentamente, fez algumas perguntas, e depois disse: Por favor, volte amanhã, com os documentos, logo depois do amanhecer. Use a porta lateral, na viela, que estará destrancada. Venha encoberto e tome cuidado, pois os Brocks têm espiões por toda parte. No dia seguinte...

— Espere! Falou com ela sobre a morte de Malcolm e sobre o nosso casamento?

— Não. Deixei essa parte para Strongbow. Começarei pelo início. Desembarcamos juntos, no barco do piloto, por sugestão minha, mantendo discrição a respeito, sem dizer nada a Hoag... ele é um boca frouxa. Tinha me oferecido para apoiar e ajudar Strongbow, por ter sido testemunha... o pobre sujeito estava apavorado, embora fosse seu dever contar a ela. Quando ele disse que Malcolm morrera, ela ficou branca. Recuperou o controle em poucos segundos, com uma rapidez espantosa, e depois perguntou a ele, a voz firme, como Malcolm morrera. Strongbow estava transtornado e gaguejou: "Trouxe o atestado de óbito, Sra. Struan, as atas do inquérito, e uma carta de Sir William. Foi de causas naturais e aconteceu a bordo do *Prancing Cloud*. Nós o encontramos morto pela manhã, depois da noite de seu casamento."

Gornt fez uma pausa.

— Ela se levantou de um pulo e gritou, a voz estridente: “Casou meu filho com aquela mulher?” Strongbow quase morreu e contou toda a história, tão depressa quanto podia, sobre a *Pearl*, o duelo, eu salvando a vida de Jamie, matando Norbert, como encontrou Malcolm, como você ficou em estado de choque, tudo o que ele sabia. O suor escorria por todo o seu corpo, Angelique. Devo admitir que eu também suava... Depois do primeiro grito, Tess se manteve impassível, só com os olhos em fogo, como uma Medusa. E depois Strongbow lhe entregou algumas cartas, vi que uma era de Sir William, balbuciou que lamentava muito, mas era seu dever contar a ela, e se retirou, trôpego.

Tirando um lenço do bolso, Gornt enxugou a testa. Angelique sentia-se fraca, tonta com a força de sua inimiga... se Tess podia fazer Gornt suar assim, o que não seria capaz de fazer com ela?

— Ela simplesmente ficou imóvel por um momento, depois seus olhos se viraram para mim. É incrível como uma mulher pode parecer tão... tão alta. E dura. Dura num momento, suave no seguinte, mas nunca baixando a guarda. Tive de forçar meus pés a não recuarem e olhei ao redor, fingindo ter medo de que alguém pudesse ouvir, e me apressei em dizer que também lamentava muito, Malcolm era de fato meu amigo, que você também era minha amiga, e era por sua causa que eu levava as informações que destruiriam Tyler e Morgan Brock. No instante em que falei em destruir Tyler, a loucura a deixou, ou pelo menos o fogo assustado

em seus olhos se extinguiu. Ela sentou, ainda sem desviar os olhos de mim, também sentei. Só depois de um longo momento é que Tess indagou: “Quê informações?” Eu disse que voltaria no dia seguinte, mas ela insistiu, com uma voz que parecia uma faca afiada: *Que informações?* relatei apenas o essencial... Desculpe, Angelique, mas posso tomar um drinque? Não champanhe, mas uísque ou *bourbon*, se tiver.

Ela foi até o aparador, serviu uísque para Gornt, água para si mesma, enquanto ele continuava:

— No dia seguinte, levei todos os documentos e deixei com Tess. Ela...

— Espere. Ela se mostrava igual ao dia anterior?

— Sim e não. Obrigado, saúde, e uma vida longa e feliz. — Gornt tomou um gole grande, engasgou, quando o uísque prendeu na garganta. — Obrigado. Quando acabei de falar tudo, ela me fitou, e pensei que havia fracassado. É uma mulher terrível, eu não gostaria de ser seu inimigo.

— Mas eu sou? *Mon Dieu*, Edward, diga-me a verdade!

— É, sim, mas isso não importa, no momento. Deixe-me continuar. Eu...

— Entregou minha carta a ela?

— Ah, sim, esqueci de mencionar isso. Entreguei a carta no primeiro dia, antes de sair, como havíamos combinado, ressaltando de novo que era tudo idéia sua, que o meu acordo era com Malcolm, o *tai-pan*, e ele estava morto, eu considerara o negócio encerrado, pretendia voltar a Xangai, a fim de esperar por um novo *tai-pan*. Mas você me procurara, suplicara para que eu a procurasse, alegando que devia isso a meu amigo Malcolm, que ele mencionara minha proposta a você em segredo... sem dar os detalhes... e você tinha certeza de que seria o desejo dele que as informações fossem transmitidas à sua mãe, o mais depressa possível, e que isso deveria ser feito com urgência. A princípio, eu não queria, mas você insistira, e acabara me persuadindo. Por isso, ali estava eu, por sua causa, e você também me pedira para trazer uma carta. E entreguei-a.

— Ela leu na sua frente?

— Não. Isso foi no primeiro dia. No dia seguinte, em nosso encontro ao amanhecer, depois que lhe passei parte das informações, ela fez muitas perguntas, inteligentes, e me disse para voltar depois do pôr-do-sol, outra vez pela porta lateral. Assim fiz. Ela foi logo me dizendo que o dossiê era incompleto. Eu lhe disse que sim, sem dúvida, não havia sentido em mostrar tudo, enquanto eu não soubesse até que ponto ela estava empenhada... se tinha mesmo interesse, como Malcolm, em arruinar os Brocks? Ela respondeu que sim, e perguntou por que eu estava atrás deles, qual era o meu interesse.

Gornt fez outra pausa.

— E eu contei, sem rodeios. Toda a história de Morgan, a verdade. Era Morgan quem eu queria arruinar, se o pai caísse também, tudo bem por mim. Não mencionei que isso a tornava minha tia, nem uma única vez, em qualquer dos encontros, e ela também não disse nada a respeito. Nunca. Também não mencionou a carta que você mandou. Nem uma única vez. Ela se limitou a fazer perguntas. Depois das revelações sobre Morgan, esperava que ela dissesse alguma coisa, como lamentava a situação, ou que era típico de Morgan... afinal, ele é seu irmão. Mas nada. Ela não disse nenhuma palavra, pediu detalhes sobre o meu acordo com Malcolm, e lhe entreguei o contrato. — Ele terminou o drinque. — Seu contrato.

— Seu contrato — disse Angelique, nervosa. — Deve odiá-la muito, Edward.

— Está enganada, não a odeio. Acho que compreendia que ela vivia com os nervos à flor da pele. A morte de Malcolm a abalou, por mais que tentasse esconder e se colocasse acima. Tenho certeza. Malcolm era o futuro da Casa Nobre, agora ela enfrenta o caos... seu único raio de esperança era eu e meu plano, que mal chega a ser legal, diga-se de passagem, até mesmo em Hong Kong, onde as leis são flexíveis como em nenhum outro lugar. Posso?

Gornt levantou seu copo.

— Claro — murmurou Angelique, especulando sobre ele.

— Ela leu o contrato com todo cuidado, depois se levantou, contemplou a enseada de Hong Kong lá embaixo, parecendo frágil por um lado, mas feita de aço por outro. “Quando terei o resto dos documentos?”, perguntou ela. Eu disse que agora, se concordasse com o acordo. “Negócio fechado”, declarou ela. Tornou a sentar, assinou o contrato, aplicou o sinete, na presença da secretária, como testemunha, e depois mandou que o guardasse no cofre, e se retirasse. Ela...

— Ela nunca mencionou minha assinatura como testemunha.

— Não, embora eu tenha certeza de que foi a primeira coisa que notou, como você previu. Continuando... fiquei com ela por umas quatro horas, orientando-a pelo labirinto de documentos e cópias de documentos, não que Tess precisasse de muita orientação. Depois, ela juntou tudo numa pilha impecável, e me interrogou sobre o atentado na Tokaidô, Malcolm, você, McFay, Tyrer, Sir William, Norbert, o que Morgan e Tyler haviam me dito em Xangai, minhas opiniões a seu respeito, sobre Malcolm, ele se empenhou em conquistá-la, ou foi o contrário, não fazendo qualquer comentário, perguntas e mais perguntas... esquivando-se às minhas... sua mente tão aguçada quanto a espada de um samurai. Mas juro por Deus, Angelique, que cada vez que afluía o nome de Morgan ou do Velho Brock, cada vez que eu mencionava outra manobra que os documentos permitiam, ou sugería outra farpa para abalar o império deles, Tess quase salivava.

Angelique estremeceu.

— Acha que há alguma possibilidade de paz comigo?

— Creio que sim, mas deixe-me terminar, em seqüência. Ela perguntou de novo se o acordo que Malcolm assinara ainda era uma recompensa aceitável e respondi que sim. E ela disse: “Amanhã o substituirei por um documento mais legal, assinado e sacramentado, como o outro. Agora, vamos à última questão Sr. Gornt. O que devo dar “àquela mulher?” Eu tinha dito a ela, Angelique, que você não me pedira nada, só queria que os desejos e esperanças de seu marido fossem apresentados a ela, e que, se fossem úteis... afirmei a ela que você nada sabia do conteúdo... essa seria toda a sua recompensa.

— Usou essa palavra, “marido”? E ela deixou passar?

— Deixou, mas disse logo em seguida: “Fui informada de que esse casamento, independente do que ela alega, ou do que Sir William diz, não é válido.”

Angelique começou a se eriçar, mas Gornt disse:

— Não tão depressa, minha cara, seja paciente. Estou lhe contando o que ela disse. Seja paciente, há tempo suficiente para fazermos o

nosso jogo. Depois desse encontro, ela queria outro, na noite seguinte. Para manter tudo às claras, eu disse a ela que estivera com os Brocks e lhes contara a mesma história de Iocoama, em particular sobre o duelo, entregando uma cópia do inquérito sobre a morte de Norbert. O velho Tyler ficou tão furioso quanto um buldogue atizado, mas Morgan acalmou-o, disse que atirar em Jamie McFay pelas costas os prejudicaria muito mais do que a perda de um gerente, facilmente substituível.

Angelique observou-o organizar seus pensamentos; seu coração batia forte, de tantas perguntas ainda sem respostas.

— Ela vai... vai agir com base nas informações?

— Vai, sim, e depressa. Terei minha vingança e você conseguirá um acordo.

— Por que tem tanta certeza?

— Porque tenho, *madame*, não se preocupe. Precisei de anos mordendo a língua, bancando o subserviente, mas muito em breve...

vai ver só! Quando lhe falei sobre o meu encontro com os Brocks... ela se pôs a me fazer perguntas sobre eles, qual fora a reação de Tyler ao casamento e morte de seu filho, e nem uma única vez usou o termo "pai". Contei a ela, com toda franqueza, que os dois haviam rido de seu casamento naval, por ter ido contra os desejos dela, e que o velho Brock declarara: "É uma boa lição para aquela vaca, por ter agido contra a minha vontade!" Disse que os dois se mostraram exultantes pela morte de Malcolm, Morgan dizendo que agora que eles não têm *tai-pan* e quando chegar 1º de fevereiro, Tess sairá do Jóquei Clube, ficará arruinada em Hong Kong, com Tyler acrescentando e eu serei O *Tai-pan*, o nariz de Dirk ficará na merda e a Casa Nobre e seu nome serão esquecidos para sempre!

— Disse isso a ela? — indagou Angelique, aturdida.

— Disse, *madame*, mas apenas repeti o que Tyler falou... e juro que falou isso mesmo. E ele é o meio de levá-la à loucura, por isso que deveria relatar acuradamente. Quando o fiz, *madame*, a cabeça dela tremia tanto que os olhos tinham dificuldade em acompanhar e pensei que a Medusa ia voltar. Mas não voltou, não desta vez. O fogo do ódio foi contido desta vez, mas não desapareceu, *madame* de jeito nenhum. Só que ela o reprimiu, manteve-o lá no fundo, mas mesmo assim tenho certeza... desculpe, estou especulando. Não é próprio para uma mulher sentir tanto ódio assim, mas depois de conhecer Tyler e Morgan, é fácil compreender de onde veio.

Gornt pensou por um instante.

— Depois que ela esfriou um pouco, contei a ela que Tyler acabara concordando com a sugestão de Morgan de que eu deveria voltar para cá como gerente, em experiência pelo prazo de um ano, com uma porção de ameaças sinistras por um eventual fracasso. Ela perguntou meu salário e disse: “Excelente. Em público, seremos inimigos, mas secretamente seremos aliados e, se a Brock and Sons naufragar para sempre, o que peço a Deus que aconteça, a sua Rothwell-Gornt tomará o lugar.” Isso é tudo, Angelique, exceto que ela resolveu mandar Hoag de volta para cá, e estava lhe escrevendo uma carta.

Ele tomou um gole do *bourbon*, o gosto se tornando suave.

— Não perguntei o que a carta continha, e não fiz outra defesa sua, além de continuar a dizer, de vários modos, que se meu plano ajudasse a destruir os Brocks, ela teria de agradecer a você também. O que havia na carta?

Angelique entregou-lhe a carta.

— Um monte de esterco com os fardos de algodão — comentou Gornt, devolvendo-a. — É a primeira posição de barganha de Tess Struan... e deixa evidente que cumpri minha parte do acordo: ela está convencida de que deve lhe agradecer também. Você vai ganhar.

— Ganhar o quê? Não haverá uma ação judicial?

— Isso e mais um estipêndio. Ela admite que tem uma dívida com você.

— Pode ser, mas não há mais nada, só ameaças.

— Temos alguns trunfos?

— Quais?

Eles ouviram vozes lá fora.

— O tempo, entre outros, Angelique. Esta noite a convidarei para um jantar informal. Poderemos conversar em segurança e...

— Não no prédio da Brock, nem a sós — apressou-se em dizer Angelique. — Devemos ter cuidado. Por favor, convide também Dmitri e Marlowe. Precisamos ter muito cuidado, Edward, devemos simular que não somos muito ligados... pois isso deixaria aquela mulher desconfiada; seria inevitável que ela soubesse, já que Albert está totalmente do seu lado. Se não for possível conversarmos esta noite, darei uma volta pelo passeio amanhã, às dez horas, e poderemos continuar...

A fim de prevenir o abraço, que sentira iminente, Angelique beijou-o de leve no rosto, e estendeu-lhe a mão, agradecendo, efusiva.

Quando ficou sozinha de novo, na privacidade de seu *boudoir*, ela deixou a mente vagar. Que trunfos? Que ases? E por que o sorriso estranho? E o que ele acertara de fato com Tess? É verdade, a julgar pela carta, que ele a convenceu da minha ajuda e isso é importante. Ou será apenas estou sendo desconfiada demais? Se ao menos eu estivesse presente na ocasião...

E, depois, o estou-ou-não-estou dominou-a, deixando agoniada. Num momento assim, assustada, ela mencionara a questão a Babcott, que respondera.

— Seja paciente e não se preocupe.

Por um instante, ela especulou se Babcott e Phillip Tyrer voltariam de Iedo, escapando das teias do inimigo, em que haviam se metido de bom grado, enviados por Sir William.

Os homens com sua estupidez de paciência, falsidade e prioridades erradas... o que eles sabem?

No castelo, em Iedo, Yoshi sentia-se ansioso e irritado. Era o meio da manhã, ele se encontrava em seus aposentos, e ainda não tinha qualquer notícia sobre o exame do *tairo* pelo doutor *gai-jin*. Ao chegar a Iedo, de volta de Kanagawa, no dia anterior instalara Babcott e Tyrer num dos palácios de daimio fora dos muros do castelo escolhido com o maior cuidado, guarnecido e cercado por guardas de confiança com segurança adicional, e logo em seguida convidara Anjo para o exame.

O *tairo* chegara num palanquim fechado e anônimo, protegido por sua própria guarda; afinal, a tentativa de assassiná-lo ocorrera a poucos mais de cem metros dali. Isso e mais o ataque em massa dos *shishi* ao xógum Nobusada e os vários atentados contra Yoshi haviam aumentado a preocupação e necessidades de segurança dos anciãos.

Yoshi, com Babcott e Phillip Tyrer ao seu lado, recebera o palanquim clandestino no pátio. Fizeram uma reverência, a de Yoshi a mais profunda, rindo por dentro, enquanto Anjo, com uma dor evidente, era ajudado a saltar.

— *Tairo*, este é o doutor *gai-jin*, *B'bc'tt*, e o intérprete, *Firrup Tiara*. Anjo ficara boquiaberto ao olhar para Babcott.

— Ei, o homem é mesmo grande como uma árvore! Grande demais, parece um monstro! Seu pênis terá a mesma proporção? — Depois, ele fitara Phillip Tyrer e rira. — Cabelos de palha, cara de macaco, olhos azuis de porco e um nome japonês... é um dos seus nomes de família, Yoshi-dono, *neh?*

— O nome tem quase o mesmo som — respondera Yoshi, bruscamente e depois acrescentara para Tyrer: — Quando o exame acabar, mande esses dois homens ao meu encontro.

Ele apontara para Misamoto, o pescador, seu espião e falso samurai, e o constante guarda de Misamoto, o samurai que tinha a ordem para nunca deixá-lo a sós com qualquer *gai-jin*.

— Anjo-dono, creio que sua saúde está em boas mãos.

— Obrigado por arranjar este encontro. O doutor será enviado a você quando me aprover, não há necessidade de deixar estes homens aqui, nem qualquer de seus homens...

Isso acontecera ontem. Yoshi se preocupara durante toda a noite e pelo início da manhã. Seus aposentos haviam mudado. Eram agora mais austeros. Todos os vestígios de Koiko foram removidos. Dois guardas postavam-se atrás dele e dois na porta. Irritado, Yoshi afastou-se da mesa de escrever, foi até a janela, inclinou-se para fora. Podia avistar o palácio do daimio lá embaixo, no círculo interior. Os homens do *tairo* montavam guarda ali. Nenhum outro sinal de atividade. Acima dos telhados de Iedo dava para ver o oceano e as trilhas de fumaça de navios mercantes e um navio de guerra, a caminho de Iedo.

O que eles transportam?, especulou Yoshi. Armas? Soldados e canhões? Que insídia os *gai-jin* planejam?

A fim de controlar os nervos, ele voltou a sentar à mesa, e continuou a praticar caligrafia. Em circunstâncias normais, o exercício o tranquilizava. Hoje, porém, não lhe proporcionou qualquer paz. Os traços refinados de Koiko continuavam a se formar no papel e ele não conseguia, por mais que tentasse, impedir que o rosto dela aflorasse em sua mente.

— *Baka!* — exclamou ele, fazendo um traço errado, arruinando uma hora de trabalho.

Jogou o pincel longe, esparramando tinta no tatame. Os guardas se remexeram, apreensivos, e Yoshi censurou-se pelo lapso. Deve controlar sua memória. De qualquer maneira.

Koiko o assediava desde aquele dia sinistro. A delicadeza de seu pescoço, mal sentindo o golpe, depois se afastando apressado, sem acender sua pira fúnebre, as noites piores que os dias. Solitário ao deitar, com frio, mas sem o desejo do corpo de uma mulher, ou de socorro, todas as ilusões perdidas. Depois da traição de Koiko, permitindo o acesso a seus aposentos da mulher-dragão Sumomo... nenhuma desculpa era aceitável para isso, absolutamente nenhuma, ele disse a si mesmo de novo, absolutamente nenhuma. Ela devia saber sobre Sumomo. Não há desculpa, não há perdão, nem mesmo o seu sacrifício, como ele acreditava agora, de se adiantar para receber o *shuriken* que o teria abatido. Nunca mais poderia confiar em nenhuma mulher. Exceto sua esposa, talvez, e a consorte, talvez. Não mandara chamar nenhuma das duas, apenas escrevera, dizendo-lhes que esperassem e guardassem seus filhos, mantendo o castelo são e salvo.

Yoshi não sentia nenhuma alegria genuína, nem mesmo por sua vitória sobre os *gai-jin*, embora tivesse certeza de que fora um magnífico passo à frente e também que os anciãos ficariam extasiados, quando lhes contasse. Até mesmo Anjo. Será que aquele cão está mesmo muito doente? Espero que sim e que seja uma doença fatal. O gigante fará sua magia, conseguirá curá-lo? Ou devemos acreditar naquele doutor chinês, o que Inejin garantiu que nunca erra, e que sussurrou uma morte em breve?

Não importa. Anjo, doente ou não, vai me escutar mais agora, os outros também escutarão, e concordarão com minhas propostas. Por que não? Os *gai-jin* foram contidos, agora não há mais ameaça da esquadra e podemos considerar que Sanjiro será destruído pelos *gai-jin*; Ogama continuará em Quioto, satisfeito. O xógum Nobusada receberá a ordem de retornar a Iedo, que é o lugar a que ele pertence, depois que explicasse o papel que o menino deveria desempenhar no grande plano. E não apenas voltará, mas também voltará sozinho, deixando a esposa hostil, a princesa Yazu, para "seguir-lo em poucos dias", o que jamais aconteceria, se Yoshi pudesse prevalecer. Não havia necessidade de revelar o que pretendia fazer aos outros. Só a Ogama.

E o próprio Ogama não saberia de tudo, apenas a parte para manipular a princesa e levá-la ao divórcio, por "solicitação" imperial. Ogama cuidaria para que ela não interferisse, até que fosse neutralizada em caráter permanente, contente em viver para sempre nas areias movediças palacianas, de competições de poesia, misticismo e outros cerimoniais temporais. E teria um novo marido. Ogama.

Não, não Ogama, pensou, cínico e divertido, embora eu vá propor a união. Não, um outro, alguém com quem ela se contente... o príncipe a quem foi outrora prometida e a quem ainda adora. Ogama será um excelente aliado. Sob muitos aspectos. Até seguir para o outro mundo.

Enquanto isso, não há necessidade de partilhar uma verdade imortal que descobri sobre os *gai-jin*... nem com Ogama, nem com Anjo, nem com qualquer outro: Os *gai-jin* não compreendem o tempo como nós, não consideram ou pensam sobre o tempo como nós. Pensam que o tempo é finito. O que não acontece conosco. Preocupam-se com o tempo, minutos, horas, dias... os meses são importantes para eles, os prazos exatos são sagrados. Sua versão do tempo os controla. Portanto, esse é o instrumento que podemos usar para derrotá-los.

Ele sorriu para si mesmo, adorando segredos, sonhando com mil maneiras de usar o tempo dos *gai-jin* contra o tempo real para dominá-los, e também o futuro, por intermédio deles. Paciência, paciência, paciência.

Enquanto isso, ainda tenho os nossos portões, embora os homens de Ogama controlem meus homens que guardam os portões. Isso não importa. Muito em breve os possuiremos por completo e prevaleceremos sobre o filho do céu. Viverei para testemunhar isso? Se viver, testemunharei; se não viver, não testemunharei. *Karma*.

A risada de Koiko provocou um calafrio por sua espinha. Ah, Torachan, você e o karma! Surpreso, Yoshi olhou ao redor. Não era ela. A risada vinha do corredor, misturada com vozes.

— Sire?

— Entre — disse ele, reconhecendo Abeh.

Abeh entrou, deixando os outros lá fora. Os guardas relaxaram. Abeh era acompanhado por uma das criadas, uma mulher jovial, de meia-idade, carregando uma bandeja, com chá fresco. Ambos se ajoelharam, fizeram uma reverência.

— Ponha a bandeja na mesa — ordenou Yoshi.

A criada obedeceu, sorrindo. Abeh continuou ajoelhado, perto da porta. Eram as novas ordens: ninguém podia se aproximar a menos de dois metros sem permissão.

— Do que estava rindo?

Para surpresa de Yoshi, ela disse, efusiva:

— Do gigante *gai-jin*, Sire. Eu o vi no pátio, pensei que era um *kami*
— dois na verdade, Sire, o outro de cabelos amarelos e olhos azuis
de um gato siamês. E tive de rir, Sire. Imagine só, olhos azuis! O chá
é desta estação, como ordenou. Gostaria de alguma coisa para
comer, por favor?

— Mais tarde. — Yoshi dispensou-a, sentindo-se mais calmo agora, a
natuza jovial da mulher contagiosa. — Abeh, eles se encontram no
pátio? O que aconteceu?

— Por favor, Sire, perdoe-me, mas não sei — respondeu Abeh, ainda
furioso porque Anjo ordenara a retirada de todos no dia anterior. —
O capitão da guarda do *tairo* me procurou há um momento e
ordenou... ordenou a mim... que os conduzisse de volta a
Kanagawa. O que devo fazer, Sire? Vai querer falar com eles antes,
tenho certeza.

— Onde está o *tairo* Anjo agora?

— Só sei que os dois *gai-jin* devem ser levados de volta a Kanagawa, Sire. Perguntei ao capitão como fora o exame e ele retrucou, insolente, “*que exame?*”, afastando-se em seguida.

— Traga os *gai-jin* aqui.

Pouco depois, soaram passos pesados no corredor, passos estranhos. Uma batida na porta.

— Os *gai-jin*, Sire.

Abeh deu um passo para o lado, gesticulou para que Babcott e Tyrer se adiantassem, ajoelhassem, e fizessem uma reverência. Só que eles fizeram a reverência de pé, ambos com a barba por fazer, visivelmente exaustos. No mesmo instante, um dos guardas, enfurecido, deu um empurrão em Tyrer, que se estatelou no chão. O outro guarda tentou fazer a mesma coisa com Babcott, mas o doutor, com uma rapidez surpreendente para alguém tão grande, agarrou-o pela roupa, perto da garganta, só com uma das mãos, e suspendeu-o, empurrando-o de costas para a parede de pedra. Por

um segundo, ele manteve o homem inconsciente ali, depois arriou-o até o chão, com todo cuidado. No silêncio chocado, Babcott disse, descontraído:

— *Gomen nasai*, Yoshi-sama, mas esses idiotas não deveriam empurrar os visitantes. Phillip, traduza isso, por favor, e diga que não o matei, mas o patife mal-educado ficará com uma tremenda dor de cabeça por uma semana.

Os outros samurais saíram de seu transe, estenderam as mãos para as espadas.

— Parem! — ordenou Yoshi, furioso com os *gai-jin* e furioso com os guardas. Todos ficaram imóveis. Atordoado, Phillip levantou-se, ignorou o guarda inerte, e disse, em seu japonês exótico e hesitante:

— Por favor, desculpar, Yoshi-sama, mas doutor-sama e eu fazer reverência, O costume estrangeiro. Polido, sim? Não má intenção. Doutor-sama diz por favor, desculpe, homem não morto, apenas... — Ele procurou a palavra correta, não a encontrou, apontou para sua cabeça. — Dor, uma semana, duas. Yoshi riu. A tensão se dissipou.

— Levem-no. Quando ele acordar, tragam-no de volta.

Ele acenou para que os outros voltassem a seus lugares, gesticulou para que os ingleses sentassem à sua frente. Depois que eles se acomodaram, meio desajeitados, Yoshi perguntou:

— Como está o tairo? Como foi o exame?

Babcott e Phillip responderam com gestos e palavras simples, que haviam combinado de antemão, explicando que o exame correria bem, o *tairo* tinha uma hérnia — uma ruptura —, que Babcott poderia ajudar a aliviar a dor com um funda e um medicamento, que teria de ser feito e trazido da colônia, e que o *tairo* concordara em que ele voltasse uma semana depois, para ajustar a funda, e trazer os resultados dos testes. Enquanto isso, o *tairo* recebera um medicamento que acabaria com quase toda a dor e o ajudaria a dormir. Yoshi franziu o rosto.

— Essa “hérnia” é permanente?

— Doutor-sama diz que...

— Sei que o doutor fala por seu intermédio, Taira — disse Yoshi, ríspido insatisfeito com o que acabara de ouvir. — Apenas traduza suas palavras, sem títulos cerimoniais!

— Sim, Sire. Ele dizer dano ser permanente. *Tairo* Anjo precisar... precisar sempre medicamento para dor, sinto muito, todo dia, e também usar todo dia essa "funda". — Tyrer usou a palavra inglesa e com as mãos explicou a cinta e o ponto de pressão. — Doutor acha *tairo-san* ter se cuidar. Não poder... não pode lutar espada.

Yoshi amarrou a cara, pois os resultados não eram muito animadores.

— Quanto tempo... — Ele parou, acenou para que os guardas saíssem. — Esperem lá fora.

Abeh ficou.

— Você também.

Relutante, o capitão saiu, fechou a porta. Yoshi disse:

— A verdade. Quanto tempo ele viverá?

— Só Deus sabe.

— Ah, deuses! Quanto tempo doutor acha que *tairo* viverá?

Babcott hesitou. Esperava que o *tairo* lhe ordenasse que nada dissesse a Yoshi, mas depois que falara da hérnia e medicamento, dera um pouco de sua tintura de láudano, que aliviara a dor quase que no mesmo instante, o *tairo* rira e o encorajara a relatar a “boa notícia”. Mas a hérnia era apenas parte do problema.

Seu diagnóstico completo, que não revelara a Anjo, nem a Phillip Tyrer, querendo reservar o julgamento até efetuar uma análise das amostras de urina e fezes, consultar Sir William e fazer um segundo exame, era o de que receava que podia haver uma perigosa deterioração dos intestinos, de causas desconhecidas.

O exame físico só levava cerca de uma hora, a sondagem verbal se prolongara por várias horas. Aos quarenta e seis anos, Anjo se encontrava em péssimas condições. Dentes podres, que com certeza provocariam uma septicemia, mais cedo ou mais tarde. Reações negativas à pressão no estômago e outros órgãos, óbvias constrições interiores, próstata muito inchada.

O maior problema do diagnóstico era decorrente da falta de fluência sua e de Phillip, pois o homem se mostrara impaciente, ainda não confiava nele e não queria falar sobre os sintomas. Fora preciso um interrogatório diligente para que ele pudesse determinar as prováveis dificuldades experimentadas pelo paciente nos movimentos intestinais, passagem da urina e incapacidade de manter ereções — o que parecia preocupá-lo acima de qualquer outra coisa — embora Anjo tivesse dado de ombros e não admitisse expressamente nenhum desses sintomas.

— Phillip, diga a lorde Yoshi que acho que o *tairo* viverá mais ou menos a média para um homem em sua condição, com a mesma idade.

A dor de cabeça de Tyrer voltara, agravada por sua ansiedade em realizar um bom trabalho.

— Ele viver mais ou menos mesma coisa um homem mesma idade. Yoshi pensou a respeito, compreendendo as dificuldades de sondar questões delicadas numa língua estrangeira, com uma interpretação inadequada. Por isso, devia manter as perguntas bem simples.

— Pergunte: dois anos, três anos, um ano? Ele observava Babcott atentamente, não Tyrer.

— Difícil dizer, lorde. Em uma semana talvez saber melhor.

— Mas agora? A verdade. Um, dois ou três, o que acha?

Babcott compreendera, antes de deixar Kanagawa, que sua função ali não era apenas como médico. Sir William dissera:

— Falando francamente, meu caro, se o paciente for mesmo Anjo, você também é um importante representante do governo de sua majestade, meu, da colônia, e ainda um espião... portanto, George, por favor, não desperdice essa oportunidade de ouro...

Por si mesmo, ele era primeiro e acima de tudo um médico. Com o sigilo médico-paciente. Não restava a menor dúvida de que Yoshi era inimigo do paciente, um poderoso inimigo, mas também, em potencial, um poderoso amigo do governo de sua majestade. Pondo os dois na balança, Yoshi era mais importante, a longo prazo. Anjo emitira o ultimato para evacuar Iocoama, era o chefe do *Bakufu*, e com toda certeza morreria antes de Yoshi, a menos que o segundo tivesse um fim violento. Se forçado, o que você responderia?, ele perguntou a si mesmo. Dentro de um ano. Em vez disso, porém, respondeu:

— Um, dois ou três, Yoshi-sama? Verdade, sinto muito, não saber agora.

— Poderia ser mais?

— Sinto muito, não possível dizer agora.

— Poderá dizer na próxima semana?

— Talvez poder dizer próxima semana não mais três anos.

— Talvez saiba mais do que diz, agora ou na próxima semana.

Babcott sorriu com a boca apenas.

— Phillip, diga a ele, polidamente, que estou aqui a seu convite, um hóspede. Como médico, não mágico, e não preciso voltar na próxima semana, nem em qualquer outra.

— Mas que droga, George! — murmurou Tyrer. — Não queremos encrenca.

Não sei como traduzir esse “mágico” e não tenho como explicar tais nuances Pelo amor de Deus, encontre uma resposta mais simples.

— O que você disse, Taira? — indagou Yoshi, ríspido.

— Oh, Sire... difícil traduzir palavras altos líderes quando... quando ter muitos significados, e não saber menor palavra... melhor palavra, por favor, desculpar

— Deveria estudar mais — disse Yoshi, irritado por não estar com seu próprio intérprete. — Faz um bom trabalho, mas não o suficiente, deve estar mais É importante que saiba mais. Agora, o que ele disse, exatamente?

Tyrer respirou fundo, suando.

— Ele dizer ser doutor, não como deus, Yoshi-sama, não saber exato sobre tairo. Ele... ele aqui convite Yoshi. Sinto muito, se não quiser

vir Iedo, doutor-sama não vir Iedo.

Ele morreu um pouco, ao ver Yoshi sorrir da mesma maneira insincera de Babcott. Não havia como se enganar quanto ao significado daquele sorriso; Tyrer amaldiçoou o dia em que decidira se tornar um intérprete.

— Sinto muito.

— *So ka!*

Sombrio, Yoshi avaliou seu movimento seguinte. O doutor provaria ser útil, embora estivesse lhe escondendo fatos. Se assim fosse, podia deduzir que os fatos concretos eram ruins, não bons. E esse pensamento agradou-o. Um segundo pensamento também o agradou. Baseava-se numa idéia sugerida por Misamoto, sem saber, meses atrás. Yoshi no mesmo instante iniciara a prática, através do seu chefe de espionagem, Inejin, para uso futuro: um meio de controlar os bárbaros era através de suas prostitutas.

Inejin fora diligente, como sempre. Assim, Yoshi sabia agora muita coisa sobre a Yoshiwara dos *gai-jin*, quais eram as estalagens mais populares, sobre Raiko e a prostituta daquele jovem esquisito e tão feio, Taira, a velha de muitos nomes agora chamada Fujiko. E sobre a estranha prostituta de *Furansu-san*. O líder *gai-jin*, *Sur Wrum*, não tinha nenhuma prostituta especial. *Serata* usava duas, esporadicamente. Nemi era chamada de a consorte do chefe mercador *gai-jin* e uma boa fonte de informações. O doutor não visitava a Yoshiwara. Por quê? Meikin vai descobrir...

Ah, sim, Meikin, a traidora, você não está esquecida!

— Diga ao doutor que aguardo ansioso a sua visita na próxima semana — disse ele, incisivo. — E agradeça a ele. Abeh!

Abeh entrou na sala, ajoelhou-se.

— Escolte-os até Kanagawa. Não, leve-os pessoalmente até o líder *gai-jin*, em Iocoama, e traga de volta o renegado Hiraga.

— Olá, Jamie! Está na hora do almoço! Ontem à noite você disse para vir chamá-lo a uma hora! — Maureen sorriu da porta, de touca, vestida com elegância, as faces coradas pela caminhada apressada desde o prédio da Struan. — Uma hora, você disse, para o almoço no seu clube.

— Já estou indo, menina — disse ele, distraído, concluindo a carta para seu banqueiro em Edimburgo, sobre o empreendimento conjunto com o *shoya*, e anexando a ordem de pagamento de Tess Struan para depósito. Tenho de falar de alguma forma com Nakama-Hiraga, assim que ele for encontrado. Onde será que se meteu? Espero que não tenha fugido, como todos pensam. — Sente-se. Albert vai com a gente.

Ele estava tão absorvido que não percebeu o desapontamento de Maureen. O novo escritório ficava no prédio do Guardian, perto da cidade dos bêbados, na High Street. Era muito menor do que o escritório anterior, no prédio da Struan, mas tinha uma vista agradável da baía, o que era importante, permitindo que o mercador observasse as chegadas e partidas dos navios. Não mobiliado, exceto por uma escrivaninha e três cadeiras, meia dúzia de arquivos.

Pilhas de livros e caixas, maços de papel em branco, penas e cadernos de contabilidade, que tomara emprestado até que chegasse sua encomenda de Hong Kong, espalhavam-se por toda parte. Na mesa, havia mais papéis, cartas, pedidos e uma circular, anunciando o lançamento de sua nova companhia e pedindo negócios. Tudo tinha de ficar pronto para a partida do *Prancing Cloud*.

— Dormiu bem, Jamie?

Ele fechou a carta, mal ouvindo-a.

— Dormi, sim, obrigado. E você?

Jamie pegou outra pilha de correspondência. As cartas haviam sido copiadas por dois escriturários portugueses que ocupavam uma sala no final do corredor, ao lado da oficina gráfica. Os escriturários foram emprestados por MacStruan, até que ele pudesse ter empregados permanentes.

— Albert é um bom sujeito, não acha? — murmurou ele, distraído.
— Eu disse que poderíamos nos atrasar um pouco.

Se dependesse dele, não iria ao clube, apenas pediria a um dos escriturários que lhe fizesse um sanduíche ou encomendasse um pouco da comida chinesa que os dois mandavam vir todos os dias da cidade dos bêbados. Meia hora depois, Jamie largou a pena e disse, jovial:

— Vamos?

— Hum, hum...

— Qual é o problema?

— É que eu esperava que pudéssemos almoçar a sós, pois temos muito o que conversar... obviamente, não houve tempo ontem à noite. Foi uma bela festa, não é?

— Foi, sim. Os dançarinos cossacos eram espetaculares. E teremos muito tempo para conversar. Desculpe, mas achei que não era importante.

— Angélique também foi espetacular, assim como muitos de seus amigos, entre os quais Marlowe e Pallidar!

Maureen riu, descontraída. Aliviado, ele baixou a guarda, pegou o chapéu e o casaco, abriu a porta.

— Fico contente que tenha gostado.

— Você saiu ontem à noite, depois que nos despedimos.

Jamie tornou a levantar a guarda, baixo demais para evitar o rubor de culpa

— Ahn... é verdade.

— Bati na sua porta, mas não houve resposta... queria apenas conversar, não me sentia cansada. Você disse que estava cansado.

— E estava mesmo, mas depois o cansaço desapareceu. Vamos embora?

— Claro. Estou com fome.

Saíram para o passeio. Não havia muitas pessoas ali. O dia não era dos melhores, o mar encapelado, o vento forte.

— Não é tão ruim quanto Glasgow nesta época do ano — comentou Maureen alegre, passando o braço pelo dele.

— Tem razão. O frio não vai durar. Muito em breve chegará uma das melhores épocas do ano. A primavera e o outono são maravilhosos aqui.

Ele respirava melhor, agora que o assunto ficara para trás. Mas Maureen indagou, sempre jovial:

— Você foi à Yoshiwara?

Um alfinete de gelo saltou de seus testículos para o coração e voltou. Mil respostas afloraram, a melhor das quais era: se eu quiser ir à Yoshiwara, por Deus, irei quando me aprover. Não somos casados e mesmo que eu fosse... e lhe diria que não queria casar, pelo menos ainda não, não agora que o novo negócio tem possibilidades. Confiante, Jamie abriu a boca para dizer tudo isso, mas por alguma razão a voz saiu estrangulada e hesitante:

— Eu... hum... fui, sim, mas...

— Divertiu-se?

— Escute, Maureen, há algumas coisas...

— Já sei sobre a Yoshiwara, meu caro, e sobre os homens — disse ela, gentilmente. — Divertiu-se?

Jamie parou, abalado pela voz gentil e o comportamento afável:

— Hum... acho que sim... mas deve compreender, Mau...

— Faz frio demais para a gente parar, Jamie. — Ela tornou a pegar o braço dele, forçou-o a continuar a andar. — Muito bem, você se divertiu. Por que não me contou? E por que inventar a mentira de que se sentia cansado?

— Porque... — Outra vez uma dúzia de respostas, mas sua boca emitiu apenas: — Porque é óbvio. Eu não queria...

Jamie não podia dizer: Eu não queria magoá-la, porque tinha um encontro marcado, queria me encontrar com Nemi, mas ao mesmo tempo não queria, também não queria que você soubesse dela, e a verdade é que me senti horrível.

Quando entrara na pequena casa, encontrara Nemi vestindo o seu melhor quimono de dormir, o santuário dos dois impecável, comidas e saquê à espera, ela rindo e feliz, muito atenciosa.

— Ei, Jamie-san, bom ver você! Ouvir boa notícia do barco. Você casar dama da *Scut'rand*, hem?

Ele ficara Atônito pela rapidez com que a notícia circulara.

— Como soube?

— Toda Yoshiwara saber! Importante, neh? — Nemi se mostrava esfuziante. Dois dias eu ir Casa Grande conhecer breve *oku-san*.

— HEM?

— Importante, Jami-san. Quando casamento? Importante, para *oku-san*, *nee goh-san* amiga, *neh*?

— Você ficou doida? — explodira ele.

Nemi não entendera.

— Doida, Jami-san? *Oku-san* pagar agora. *Oku-san* pagar, Jami-san, *Iyé*? Importante *oku-san nee*...

— Não é assim que as coisas são feitas, pelo amor de Deus!

— Não compreender... importante Nemi ir *oku-san*...

— Você está doida!

— Não compreender...

Ela se mostrara assustada com a atitude belicosa de Jamie e concluíra que a fuga era a melhor defesa para aquele comportamento incrível... mas a fuga em lágrimas, é claro.

Nemi saíra antes que ele pudesse detê-la, a *mama-san* não conseguira convencê-la a voltar e por isso, furioso, ele fora para casa e quase não dormira. Deus Todo-Poderoso, Nemi indo ao prédio da Struan para se encontrar com Maureen? E Maureen pagando a Nemi no futuro? Importante amante e esposa serem boas amigas? Deus do céu! Devo ter entendido mal.

Não, seu idiota, não entendeu errado. Foi isso mesmo o que ela disse.

Acabara indo para o escritório. Antes do amanhecer. Pensara no caso durante toda a manhã e descobria agora que tinha duas mulheres para enfrentar.

— Escute, Maureen, desculpe ter mentido — balbuciou ele. — Mas... não sei o que mais dizer.

— Não se preocupe, pois essas coisas acontecem.

Maureen sorriu.

— Hem? Não está aporrinha... desculpe, não está zangada?

— Não, meu caro, não desta vez... não até termos uma conversinha.

Não havia ameaça na voz ou atitude de Maureen, pelo menos que ele pudesse perceber, e ela continuava a segurar seu braço com a maior ternura; mesmo assim, todo o seu ser interior bradava perigo, pelo amor de Deus, controle a língua, não diga nada.

— Conversinha? — ele se ouviu indagar.

— Isso mesmo.

Houve um silêncio ensurdecedor, apesar do barulho do vento nos telhados e calhas, os sinos de igreja, os apitos dos navios no porto, os cachorros latindo. Controle a língua, dois podem entrar nessa negociação, Jamie advertiu a si mesmo.

— E o que isso significa?

Maureen tateava o caminho com cuidado, gostando do aprendizado — e do ensinamento — do processo. Era apenas a primeira de uma sucessão interminável de confrontações.

— Todos os homens são horríveis, Maureen — declarara sua mãe, em outros conselhos. — Alguns são piores do que outros, mas todos são mentirosos embora uma esposa esperta sempre seja capaz de

perceber as mentiras de seu homem. No começo, os maridos são doces, deixam a mulher nas nuvens, com seu amor e carinhos, pequenas gentilezas. No começo. Depois chegam as crianças é preciso cuidar da casa, a maioria sempre sem dinheiro suficiente. A esta altura você se sente propensa a se largar, nas roupas, nos cabelos, na sua pessoa. É muito difícil, com as crianças, a falta de sono, um cansaço mortal. Não demora muito para que seu homem vire as costas na cama, desate a roncar... o que não é tão incômodo assim, se você aprende a fechar os ouvidos. E depois eles passam a procurar outras mulheres... mas não se preocupe, é uma coisa temporária, não dura muito, e se você for uma esposa esperta, o homem sempre volta, pois você sempre tem as crianças e tem Deus. Lembre-se de que não é fácil ganhar o pão de cada dia, como ele deve se lembrar também que não é fácil criar as crianças e manter a casa em ordem. Só que eles nunca se lembram disso. Seu pai não foi diferente, com suas mulheres ou mulher na Índia, mas ele está em casa agora, e seu problema é outro. Eu já deveria saber que ele era casado com o regimento quando casamos. Pelo menos esse Jamie não é do exército, pois é muito difícil para uma esposa competir contra isso.

— Como a gente pode se tornar uma esposa esperta, mamãe?

— Eu bem que gostaria de saber, menina, juro que gostaria. Mas algumas regras são certas: escolha o seu homem com esperteza, pôr um freio na língua sempre ajuda, um bom cabo de vassoura e um acesso de raiva no momento certo também ajudam, muita compreensão e perdão durante todo o tempo, e um peito quente para o pobre coitado chorar...

— *Conversinha?* — repetiu Jamie, a voz sufocada.

Maureen quase riu. Manteve o sorriso e a atitude de quem perdoava, mas o cabo de vassoura e o temperamento de prontidão.

— Soube da Yoshiwara no barco.

Ela deixou a informação em suspenso e Jamie se apressou em abocanhar a isca.

— Gornt lhe contou? Ou Hoag? Foi ele? Mas que idiota!

— Não, foi o seu bom capitão Strongbow... e o Dr. Hoag não é nenhum idiota, rapaz. Perguntei a Strongbow como vocês todos faziam para não enlouquecer sem amigas, se a mesma coisa acontecia na Índia e na China. — Maureen riu, recordando como fora difícil persuadi-lo a falar com franqueza. O uísque é maravilhoso,

pensou ela, abençoando o pai por ensiná-la a beber, quando necessário. — Acho que a Yoshiwara de vocês é uma coisa muito sensata.

Ele já ia dizer “é mesmo?”, mas desta vez, no entanto, ficou calado. O silêncio de Maureen o torturava. Quando concluiu que chegara o momento, ela disse:

— Amanhã é domingo.

Jamie fitou atordoado, despreparado para aquele *non sequitur*.

— É, sim... acho que amanhã é domingo. Por quê?

— Pensei que poderíamos procurar o reverendo Tweet esta tarde. Espero que não seja um homem tão tolo quanto seu nome. Devemos lhe pedir para publicar os proclamas.

Jamie piscou, mais aturdido do que nunca.

— O quê?

— Os proclamas, Jamie. — Ela riu. — Não esqueceu que os proclamas devem ser lidos por três domingos consecutivos, não é?

— Não, mas já lhe disse que escrevi para...

— Isso foi quando eu estava lá. Acontece que não estou mais lá e, sim, aqui, e amo você.

Maureen parou, fitou-o, viu que ele era maravilhoso, tudo o que desejava na vida, e de repente todo o seu controle se foi com o vento.

— Jamie, querido, estamos noivos e creio que devemos casar, porque serei a melhor esposa que um homem já teve, prometo,

prometo e prometo, não apenas porque estou aqui, amei você desde o primeiro momento e agora é o melhor momento para casar, tenho certeza, mas voltarei, voltarei para a Escócia, e nunca... se quiser que eu volte, voltarei, pelo próximo barco, mas eu amo você, Jamie. Juro que partirei, se você quiser.

As lágrimas afloraram a seus olhos e ela removeu-as.

— Desculpe, é apenas o vento, rapaz. — Mas não era o vento, toda a astúcia se desvanecera, seu espírito aberto, para que ele visse. — Acontece apenas que eu amo você, Jamie...

Os braços de Jamie a enlaçaram, ela comprimiu a cabeça contra seu ombro, sentindo-se mais angustiada do que em qualquer outro momento de sua vida, desesperada pelo amor daquele homem, as lágrimas escorrendo.

Depois que o terror amainou, contido pelo carinho de Jamie, ela ouviu-o dizer palavras bonitas, misturadas com o barulho do vento e das ondas, que a amava, e a queria muito feliz, que não se preocupasse, não ficasse triste, mas aquela tarde seria cedo demais, e tinha muito trabalho a fazer pela companhia, seria bastante difícil começá-la e mantê-la viva.

— Não se preocupe com a nova companhia, Jamie, pois a Sra. Struan disse que...

Ela parou, horrorizada. Não tencionava lhe contar, mas era tarde demais agora, os braços de Jamie apertando e depois afastando-a

— Ela disse o quê?

— Não importa. Vamos...

— O que ela disse a você? O quê? — O rosto de Jamie era severo, os olhos penetrantes. — Disse que estava me mandando dinheiro?

— Não, não disse. Apenas falou que você era um bom mercador e seria bem-sucedido. Vamos logo comer. Estou famin...

— *O que ela disse?* Exatamente.

— Já expliquei. Vamos al...

— Conte-me o que ela falou. E diga a verdade, exatamente! Ela lhe falou sobre o dinheiro, não é?

— Não, não exatamente.

Maureen desviou os olhos, furiosa consigo mesma.

— A verdade! — Jamie segurou-a pelos ombros. — E agora!

— Está bem.— Ela respirou fundo e pôs-se a falar, com uma velocidade cada vez maior. — Foi assim que aconteceu, Jamie,

exatamente assim. Quando fui ao prédio da Struan para perguntar onde você estava, se no Japão ou em outro lugar, mandaram-me esperar. E depois ela me chamou, a Sra. Struan, para aquela sala grande de onde se podia ver toda Hong Kong, mas uma mulher muito triste, embora com bastante força. Largue-me por um momento.

Maureen tornou a enxugar os olhos, assoou o nariz e, depois, sem saber o que fazer com as mãos, passou o braço pelo dele, e sua mão encontrou o caminho para o bolso do casaco de Jamie.

— Vamos andar, Jamie, é mais fácil falar andando. Faz muito frio. A Sra. Struan me convidou a sentar, disse que você fora dispensado. Perguntei por que e ela me contou. Protestei que não era justo, não era problema seu se o filho dela era um pequeno demônio, loucamente apaixonado por uma aventureira inaceitável chamada Angelique... não sei nada sobre aventureiras, Jamie, mas depois de ter visto Angelique posso compreender por que o filho dela ou qualquer outro homem se apaixonaria por uma mulher assim, e tendo conhecido a mãe, também compreendo por que havia ira entre eles...

Uma rajada de vento agitou seus chapéus, tiveram de segurá-los, e depois Maureen continuou:

— Nós... tivemos uma briga. Não se esqueça que isso foi dias antes de sabermos da morte do rapaz. Foi uma briga terrível, Jamie. Logo estávamos as duas de pé e receio ter perdido o controle. Você ficaria envergonhado de mim. Ainda por cima, usei algumas palavras horríveis de papai.

Ele parou, aturdido.

— Teve uma briga com Tess?

— Isso mesmo. Nunca, em toda a minha vida, tive uma briga tão terrível, nem mesmo com minhas irmãs e meu irmão, em segredo. Não me sentia muito corajosa, mas tamanha injustiça me deixou enfurecida, a coisa transbordou, e lhe dei... — a boa natureza e o senso de humor de Maureen voltaram e ela riu, nervosa. — Puxa, foi como uma briga de rua em Glasgow, duas peixeiras no mercado, dispostas a arrancar os cabelos uma da outra. Em determinado momento, algumas pessoas entraram, mas ela expulsou-as... Muito bem, *miss* Ross, disse ela, os lábios contraídos, finos como o gume de uma adaga escocesa, as duas ofegando, sem qualquer sinal de amizade, o que acha que devo fazer? Fazer?, repeti. Primeiro dê ao Sr. McFay uma boa gratificação de dispensa, pois ele a mereceu uma dúzia de vezes, ao longo de seus anos de serviços, e lhe dê negócios para começar seus negócios e também lhe escreva um bom bilhete.

— Você disse isso? A Tess?

— Disse, sim. — Ela viu e ouviu a incredulidade e tratou de dissipá-la no mesmo instante. — Juro que é essa a verdade de Deus, Jamie. Não ia lhe contar, mas você insistiu e eu não mentiria. Pelo Senhor Deus, juro que é a verdade!

— Eu sei. Desculpe. Por favor, continue.

— Não precisa se desculpar, pois eu mesma não acreditei na ocasião. Depois que eu disse o que tinha de dizer, sem a menor gentileza, a Sra. Struan riu e riu, e me disse para sentar. Muito bem, concordo, mas sem o bilhete. Não é suficiente, insisti. E perguntei qual era a compensação justa. Seu sorriso desapareceu e ela respondeu mil guinéus. Falou igualzinho ao pai quando está com raiva. É muito pouco. Dez mil.

Maureen parou de novo, fitou-o, inquisitiva.

— Tive de acertar em cinco. Foi certo? Eu não sabia se era suficiente. Acha que é?

— Você acertou? Você acertou em cinco mil?

— Foi preciso algum tempo e mais imprecações... naquela noite pedi perdão a Deus pelas imprecações, mas o fato é que usei mais palavras do pai. Espero que tenha sido um acordo justo, Jamie, junto com os negócios extras... e ela concordou que não faria nada contra você, seriam amigos nos negócios, considere que isso era importante. Depois de concordar, ela arrematou, com seu sorriso gelado: Vá se encontrar com o seu Sr. McFay, com os meus cumprimentos.

Maureen olhou para as ondas por um momento, organizando os pensamentos. Outro dar de ombros, nervoso, e depois ela tornou a fitá-lo, com um ar ingênuo.

— Foi isso o que aconteceu, e o fiz por você, não por mim, nem por nós, só por você. Não tinha a intenção de mencionar.

— Jamie! *Miss Ross!*

Lunkchurch saiu de seu escritório, juntou-se a eles, antes que se dessem conta. Cumprimentou-os, efusivo, quase asfixiando Maureen com o cheiro de uísque, convidou-os para jantar naquela noite, e depois se afastou, cambaleando.

— Ele está sempre bêbado por volta das duas horas da tarde, mas é um bom sujeito — comentou Jamie. — Nem vai se lembrar do convite ou de nossa recusa.

Desta vez ele pegou a mão de Maureen, meteu-a no bolso de seu casaco, para esquentar, e segurou-a ali, enquanto continuavam a andar.

— Maureen, eu...

— Antes de dizer mais alguma coisa, deixe-me acabar. Não tencionava lhe contar o nosso encontro, mas escapuliu. Lamento profundamente, juro por Deus que não queria que você soubesse, é a verdade de Deus, não quando estamos conversando a sério

sobre... sobre nós, você e eu. Por favor, acredite nisso, é a verdade de Deus.

— Acredito em você, não precisa se preocupar com isso. Tess me escreveu, cumpriu a palavra, mandou o dinheiro, mais do que já tive em toda a minha vida, O suficiente para começar, tudo graças a você.

Lágrimas de remorso começaram a escorrer.

— Não por minha causa, Jamie, você seria injustiçado, a Sra. Struan lhe devia isso... eu não queria contar, mas você insistiu. E tinha razão de se zangar, eu errei ao dizer esta tarde, por favor, perdoe-me, foi apenas... você tem razão, esta tarde é cedo demais, está certo, e eu errada por fazer tal sugestão. Podemos esperar Jamie, por favor? Podemos esperar, digamos uma ou duas semanas, um mês, para você verificar se gosta mesmo de mim? Por favor?

— Vai me escutar agora — disse Jamie, apertando-lhe a mão. — Gosto demais de você e não quero que vá embora; sim, vamos esperar um pouco; não não estou zangado; sim, acredito em você, agradeço de todo coração; não, você não estava errada ao fazer a sugestão. Vamos pensar a respeito e conversar durante o jantar, *Sparkles*, só eu e você, hem?

Antes de perceber o que fazia, Maureen inclinou-se, beijou-o em agradecimento, o uso do apelido um presságio alegre. As mãos tornaram a se encontrar, mergulharam no bolso.

— Você é lindo, Jamie, essa é a verdade, eu amo você e...

Maureen ia acrescentar que ele não precisava dizer isso, enquanto não estivesse pronto. Mas não o fez. Retirou-se desse precipício.

— Você é um bom rapaz.

— E você é uma boa menina.

Jamie sentia-se mais calmo agora em relação a ela, como não acontecia há anos, a ânsia e a culpa não mais prevalecendo. E o casamento?, ele perguntou a si mesmo, pela primeira vez sem estremecer. Claro que um homem deve casar e ter filhos, no

momento correto. Não me oponho ao casamento, longe disso. Quando? Depois que os negócios estiverem assentados, os lucros entrando? Ela é sensacional, inteligente, atraente, boa família, paciente e fiel, e me ama, é incrível que tenha enfrentado Tess, feito o que fez, demonstrando como é esperta. Pode dar certo. Eu a amo? Gosto muito dela...

Tenho trinta e nove anos. Continuo em boa forma física, já deveria ter casado... há bastante tempo. Ela tem vinte e oito anos, também parece jovem para a sua idade, deve conhecer a própria mente, e não resta dúvida de que cintila.

Ontem à noite, Marlowe e Pallidar também notaram... até demais! Aquele desgraçado devasso do Settry não a deixava em paz, não que eu me importasse... bastava sacudir a cabeça e ela viria correndo para mim. Ele apertou o braço de Maureen, gostando disso.

— O que é?

— Nada. Estou contente por você ter gostado da festa ontem à noite. — Jamie pensou que podiam esperar três ou quatro meses, não havia necessidade de pressa... e não era uma má idéia. — Chegamos.

Entraram no pátio do clube. MacStruan conversava com Dmitri nos degraus. Avistou-os e virou-se. Dmitri acenou, jovial. Jamie sentiu um frio nas entranhas. Nemi! Quando Nemi pegar o freio nos dentes...

Deus Todo-Poderoso, pensou ele, consternado, como vou lidar com Nemi, a Yoshiwara e *Sparkles*? Não é possível. Mas tenho de encontrar um meio. O que foi mesmo que ela disse sobre a Yoshiwara? Não ficou aporrinhada desta vez... não até termos uma conversinha. Uma conversinha?

— Está com frio, Jamie querido?

— Não, não... estou bem.

— Phillip, diga outra vez ao capitão Abeh que sinto muito, mas Hiraga não pode ser encontrado no momento. — Sir William postava-se de costas para a lareira, numa das salas de recepção da legação. Tyrer, Babcott e Abeh haviam acabado de chegar de Iedo. Era o crepúsculo. — Ainda estamos procurando por toda parte. E mais uma coisa, Phillip, tire esse sorriso de satisfação do rosto, ou quer realmente irritá-lo?

Abeh estava furioso. E Sir William também. Fizera tudo o que podia, a colônia fora vasculhada e os soldados efetuavam outra revista na cidade dos bêbados e na aldeia. A Yoshiwara era mais difícil. Não se permitia armas ali, o acesso às estalagens era quase impossível sem arrombamento, uma idéia inconcebível, e fadada a criar um incidente internacional. Se ele assim ordenasse, os samurais nos portões insistiriam no mesmo direito. No começo da colônia, ficara acertado que a Yoshiwara seria deixada em paz, para prestar seus serviços, desde que não houvesse tumultos ali.

— Ele diz que não pode voltar sem Hiraga, e que foi prometido que Hiraga seria entregue a lorde Yoshi hoje.

Sir William reprimiu a imprecação. Em vez disso, murmurou:

— Por favor, peça a ele para esperar. Na casa da guarda. Tenho certeza que Hiraga será encontrado em breve, se ainda estiver por aqui.

— Ele pergunta: Ainda aqui? Se não aqui, onde ele está?

— Se eu soubesse, já teria mandado capturá-lo para lorde Yoshi. Talvez ele tenha fugido para Iedo, Kanagawa ou algum outro lugar.

Até mesmo Sir William ficou chocado com a fúria intensa no rosto de Abeh, que disse algumas palavras em japonês, a voz ríspida, depois virou-se e saiu.

— Mas que patife grosseiro!

— Ele disse que é melhor encontrar logo Hiraga, Sir William. — Tyrer esfregou o rosto com a barba por fazer, sentindo-se sujo, ansioso em

tomar um banho, receber uma massagem e fazer a sesta, antes de ir se encontrar com Fujiko. A maior parte de sua fadiga se dissipara ao saber que Hiraga não se encontrava preso e agrilhado. — Não posso deixar de sentir pena de Abeh, senhor. Ele não pode voltar sem Naka... sem Hiraga, pois sua vida está em jogo.

— O problema é dele. Tem alguma idéia do possível paradeiro de Nakama?

— Não, senhor, se ele não estiver na aldeia ou na Yoshiwara.

— Tente descobrir, pois obviamente é importante. — Sir William olhou para Babcott. — Agora, o mais importante. E o paciente, George? Era Anjo?

— Era, sim.

— Viva! Phillip, você parece exausto. Não precisa esperar. Podemos conversar mais tarde. George pode me contar tudo. Se Nakama-Hiraga aparecer, ponha-o a ferros imediatamente.

— Certo, senhor, e obrigado. Antes de eu sair, posso perguntar o que aconteceu em Hong Kong?

Ao chegarem, ambos haviam perguntado, ao constatarem, ansiosos, que o *Prancing Cloud* voltara, mas Sir William responderia que primeiro tratariam de Abeh.

— Está tudo tranquilo em Hong Kong e tudo tranquilo aqui, graças a Deus Sir William falou sobre o funeral, o retorno de Hoag e o motivo para isso.

— A razão deveria ser confidencial, mas é do conhecimento comum. Tudo se resume a um jogo de espera. Tess está esperando, parece que Angelique concordou em esperar, pelo que diz Hoag, não que ela tenha outra coisa a fazer. Ou está grávida ou não está.

— Se não estiver, saberá dentro de poucos dias — comentou Babcott. — E nós também saberemos.

— Oh, Deus! — murmurou Tyrer. — O que acontece, se ela estiver ou se não estiver?

Sir William deu de ombros.

— Temos de esperar também. E agora pode ir, Phillip. Uísque ou conhaque, George? Importa-se de me contar tudo agora... ou sente-se muito cansado?

— Não. — Os dois se encontravam a sós agora. — Conhaque, por favor. Iedo foi muito interessante.

— Saúde! O que aconteceu?

— Saúde. Antes de Iedo, sabemos mais sobre Hong Kong.

Sir William sorriu. Os dois eram amigos antigos e Babcott era o vice-ministro.

— Tudo correu muito bem. Isso mesmo. Tess me escreveu uma carta particular de agradecimento. Posso lhe contar a maior parte agora. Hoag trouxe três cartas para Angelique, mas ela não sabe disso, diga-se de passagem. Hoag entregou a primeira assim que chegou, não houve reação perceptível, de um jeito ou de outro, nenhuma pista, ele presumiu que era apenas um pedido para que Angelique esperasse. Tess me confirmou o conteúdo dessa carta, que propôs uma trégua, até se determinar se Angelique está ou não grávida. Se Angelique tiver a menstruação, ele entrega uma carta; se não, espera o segundo mês para ter certeza e entrega a outra carta. Hoag jurou que não conhece o conteúdo de nenhuma das duas e Tess nada revelou na carta que me escreveu.

Ele tomou um gole de uísque, pensativo.

— Mas, infelizmente, um item da carta de Tess indica seu pensamento. Os advogados da Struan estão preparando uma petição para pedir no tribunal a anulação do casamento, a “cerimônia ridícula”... ela sublinhou isso... independentemente da legalidade ou ilegalidade, independentemente do resultado da gravidez. Também vão contestar qualquer testamento, se for encontrado alguns em Hong Kong ou no Japão.

— Que coisa! Pobre Angelique... uma coisa terrível!

— Um enfático sim a isso. Minha carta pedindo clemência não teve efeito. Terrível, não é? — Sir William foi até sua mesa, pegou um despacho. — É isso o ue eu queria realmente discutir... confidencial, é claro.

Babcott acendeu o lampião. A luz do dia diminuía depressa. O governador de Hong Kong escrevera, formalmente:

Prezado Sir William:

Obrigado por seu despacho do dia 13. Receio que não seja possível enviar tropas extras no momento. Acabei de receber o aviso de Londres de que todas as tropas são necessárias em outros lugares, que considerações orçamentarias impossibilitam a mobilização de

novos recrutas na Índia ou em qualquer outro lugar; assim, você terá de operar com o que tem. Contudo, estou enviando outra fragata a vela, de vinte canhões, H.M.S. Avenger, num empréstimo temporário. Mas pode ter certeza de que se houver um grande ataque a Iocoama, este será devidamente punido, no momento oportuno.

Fui instruído por Londres a informá-lo das seguintes diretivas, para ação prudente imediata: deve cobrar a indenização exigida, junto com a entrega dos assassinos (ou testemunhos de seu julgamento e execução), punir e submeter o tirano responsável, Sanjiro de Satsuma. Devo ainda comunicar que os efetivos da marinha e exército que têm agora à sua disposição são considerados mais do que adequados para lidarem com um príncipe insignificante.

Babcott soltou um assovio e só falou após longo momento:

— Um bando de idiotas, todos eles.

Sir William riu.

— Pensei a mesma coisa. Mas feito o comentário, o que você acha?

— “Ação prudente imediata”? Isso é uma contradição.

— A verbosidade diplomática não encobre seus rabos, obviamente.

— Já temos a indenização e...

— O ouro foi adiantado por conta de Sanjiro. Foi um empréstimo, não um pagamento pela parte culpada.

— Tem razão. E é bem provável que os dois assassinos estejam mortos.

— É verdade, mas foi por acaso, não como uma punição pelo crime e não há cem por cento de certeza.

— Concordo. Nós... — Babcott suspirou. — O que eu acho? Aqui entre nós, que você já decidiu desfechar um ataque punitivo contra Sanjiro, provavelmente em Kagoshima, ainda mais agora que Yoshi concedeu sua aprovação tácita.

— Possível aprovação. O despacho e minhas respostas são suficientes para convencer Ketterer de que um ataque foi autorizado?

— Não há qualquer dúvida a respeito. Eles lhe deram as diretivas. O despacho torna o ataque obrigatório, por mais que eu o desaprove e considere uma estupidez.

— Porque é um médico?

— Isso mesmo.

— Se algum dia tiver de assumir o comando, George, espero que esqueça que é um médico.

— Não precisa dizer isso, William. Sei em que lado do pão está a minha manteiga. Enquanto isso, não deposite sua confiança em príncipes, burocratas ou generais, pois eles alegarão conveniência, ao mesmo tempo em que derramam seu sangue de uma distância segura. — Babcott levantou seu copo. — A Londres, Por Deus, como estou cansado!

— Enquanto isso, lembre-se que Maquiavel também disse: A segurança do Estado é o dever supremo do soberano ou algum outro chavão parecido.— Os olhos de Sir William faiscaram. — Agora, passemos a Anjo.

Babcott contou tudo. E, sendo indagado, deu seu diagnóstico abalizado.

— Seis meses. Um ano, não mais do que isso. Dependendo dos resultados dos testes.

— Interessante...

Sir William pensou bastante, por longo tempo. Lá fora, a noite assentara, a esquadra se recolhia. Ele fechou as cortinas contra as correntes de ar, foi até a lareira, atçou o fogo.

— Pondo esse problema de lado por enquanto, minha propensão é ordenar uma presença naval imediata ao largo de Kagoshima, seguindo-se o bombardeio, se Sanjiro não nos der satisfações... tanto em benefício de Yoshi, Anjo e o Conselho de Anciãos, mas também pelo patife do Sanjiro. Especialmente por Yoshi.

— Enviar a esquadra para lá deixará a colônia exposta. O que me diz das informações sobre samurais nos cercando... vimos uma grande quantidade ao longo da Tokaidô.

— É um risco que temos de assumir.

Babcott fitou Sir William com firmeza e não disse mais nada. A decisão não era sua. Obedeceria feliz, como todos os outros, insistindo em participar da expedição. Ele se levantou.

— Acho que vou tirar um cochilo antes do jantar. Não dormi muito ontem à noite. Antes que eu me esqueça, Phillip fez um excelente trabalho. Iniciarei os testes mais tarde e o informarei assim que souber de alguma coisa.

— Quer alguma coisa para comer? Às nove horas? Está certo. E obrigado por Anjo, isso é muito importante. Torna Yoshi ainda mais importante. Se é que podemos confiar nele. Se.

— Nesta terra, isso é sempre um grande problema. — Uma pausa e Babcott acrescentou, ainda injuriado pela atitude de Tess: — Lamentável essa idéia de ação judicial. Será terrível para Angelique, não acha?

— A vida alguma vez foi justa, meu velho?

Na hora do jantar, Angelique bateu na porta do gabinete do *tai-pan*, vestida para sair.

— Albert?

— Entre. Ei, adorei o chapéu!

Era um elegante chapéu para jantar, discreto, ainda apropriado para o luto, azul escuro, mas com umas poucas flores de seda, que ela prendera na faixa.

— Obrigada. Está trabalhando até tarde.

— Faz parte do emprego.

Como todos os outros, ele especulava sobre o que continha a carta de Tess para Angelique. Todos os rumores mais absurdos circulavam pela colônia, de que Tess ordenara que ela deixasse a Ásia imediatamente a uma acusação de assassinato. Não havia nenhum sinal no rosto de Angelique, apenas uma cativante melancolia.

Na carta que mandara para ele, Tess advertira-o a ser bastante cauteloso antes de assumir quaisquer compromissos sobre armamentos e, se propostos, que os mantivesse confidenciais. E usasse McFay, se necessário.

Pedi a ele que cooperasse com você. Claro que o principal interesse de McFay será promover o seu próprio negócio, mas você deve tratá-lo como amigo. Agora que o Sr. Edward Gornt assumiu o controle da Brock no Japão, ele é o inimigo — tome cuidado com esse homem, é mais astucioso do que presumimos. Quanto àquela outra pessoa, o Dr. Hoag concordou em me ajudar. Soube que ela ainda ocupa aposentos em nosso prédio, concedidos por meu filho. Você será informado mais tarde de novas disposições.

— Onde vai jantar? — indagou MacStruan. — Na legação francesa?

— Aceitei um convite para jantar no prédio ao lado, com o Sr. Gornt.
— Angelique viu o rosto dele endurecer. — Foi um convite para jantar no último minuto, com amigos comuns, Dmitri e Marlowe. Ele me pediu para convidá-lo a se juntar a nós, e me escoltar, se... está livre?

— Lamento, mas não é possível. Terei o maior prazer em levá-la até a porta, e depois ir buscá-la, mas é o escritório da Brock and Sons, ele é o chefe, e eu trabalho para a Casa Nobre.

— Deveriam ser amigos e poderiam continuar a ser concorrentes nos negócios. Ele era um grande amigo de meu marido, de Jamie e meu.

— Lamento, mas o problema é meu, não seu. — MacStruan tornou a sorrir. — Vamos.

Pegando Angelique pelo braço, sem se dar ao trabalho de vestir um capote, ele conduziu-a para o frio da rua. O vento agitou o chapéu dela, mas não o deslocou. Angelique o prendera com uma *echarpe* de *chiffon*.

— Boa noite, *madame*.

O guarda na porta da Brock fez uma reverência.

— Boa noite. Obrigada, Albert. Não precisa vir me buscar. Um dos outros me acompanhará na volta. É melhor ir agora ou vai pegar um resfriado.

Ele riu e se foi. No mesmo momento, Gornt apareceu para recebê-la.

— Boa noite, *madame*... puxa, está deslumbrante!

Agora, enquanto ele pegava seu agasalho, a preocupação de Angelique tornou a se avolumar. Que trunfos? Uma explosão de risos veio de uma sala interior. Ela reconheceu Marlowe. Viu que o guarda se afastara, não havia criados por perto e se encontravam a sós por um instante.

— Edward — sussurrou ela, a preocupação prevalecendo sobre a cautela — por que tem tanta certeza de que tudo vai acabar bem para mim?

— Tess me convidou a voltar. Não se preocupe, está sob controle. E é melhor deixarmos para conversar durante seu passeio amanhã... esta noite é apenas para uma boa conversa entre amigos, um prazer gentil. Sinto-me honrado por ter aceito meu convite... graças a você é que sou o chefe aqui.

Gornt pegou-a pelo braço e acrescentou, em voz normal:

— Seja bem-vinda à Brock and Sons, Angelique. Vamos entrar?

A sala de jantar era tão grande quanto a da Struan, com o mesmo luxo, a prataria da mesma qualidade, o vinho superior, o serviço de mesa mais rico. Criados chineses de libré. Marlowe, Pallidar e Dmitri postavam-se à frente do fogo a crepitar, esperando para cumprimentá-la. Beijaram sua mão, admiraram seu chapéu, que ela manteve na cabeça, como era o costume, Marlowe e Pallidar em seus uniformes informais. E enquanto Angelique os cumprimentava e escutava, com discreto charme, seu motor interior avaliava Gornt, o que ele dissera e o que faltava.

— Vamos sentar, agora que nossa convidada nos honra com sua presença?

Gornt instalou-a numa extremidade da mesa. Foi ocupar a outra. A mesa era bastante pequena para que o jantar fosse íntimo, bastante grande para ser impressiva.

— Senhores, um brinde! — disse ele, erguendo seu copo de champanhe. — À dama!

Eles beberam e os olhos de Gornt não se desviaram dos olhos de Angelique por um segundo sequer. Um discreto convite. Ela sorriu em resposta, nem sim nem não.

Há tempo suficiente, pensou ele, satisfeito por ser o anfitrião e ainda mais satisfeito consigo mesmo. Restava muita coisa a contar. Talvez a melhor parte. Mas não para ela.

No último dia em Hong Kong, Tess Struan mandara chamá-lo mais uma vez, secretamente.

— Examinei todos os documentos, Sr. Gornt. Não há uma certeza absoluta de que poderão sustentar seu plano para a destruição dos Brocks.

— Acho que *vão, madame* — respondera ele, impressionado pelo quanto ela sabia sobre os negócios. — Com toda sinceridade, acredito que possuí tudo o que é necessário para abrir a caixa de Pandora. — Era o nome em código que haviam combinado. — Só falta uma última peça do quebra-cabeça para completar a imagem e garantir o sucesso.

— E qual é?

— O sinete oficial de Norbert. Está no seu cofre em Iocoama.

Tess suspirara, recostara-se em sua cadeira toda lavrada. Não havia necessidade que qualquer dos dois articulasse que aquele sinete, quase que em qualquer documento em papel timbrado, apostado da maneira correta, validava o que estava escrito, comprometendo por completo a Brock de Iocoama.

Também não havia necessidade de dizer em voz alta que todos os tipos de informações incriminadoras podiam ser escritas agora, com data anterior, e encontradas ou introduzidas de forma sub-reptícia numa pilha. Quem poderia contestar a carta, com Greyforth morto?

Ambos sabiam do valor.

Morgan e Tyler Brock haviam especulado a fundo no esquema complicado, mas incrivelmente engenhoso, para açambarcar o mercado do açúcar havaiano — uma operação já consumada, em princípio — negociando a colheita em troca do algodão sulista, que

tinham vendido antes, num negócio legal, a grupos franceses de confiança. Como os franceses eram aliados históricos dos Estados Unidos, não se encontravam sujeitos ao bloqueio nortista, e naquele caso contavam com certa ajuda no Congresso e outras salvaguardas oficiais. O algodão seguiria da França para Genebra, ainda numa operação legal, e de lá para os teares do Lancashire, em outra operação legal, para alimentar as fábricas quase paralisadas, ansiosas por matéria-prima.

Um risco mínimo: se o governo da União descobrisse com certeza o destino final — em termos formais, a Grã-Bretanha era neutra, mas a maioria dos britânicos se mostrava ativa no apoio à Confederação — e isso chegasse ao conhecimento público, a exportação poderia ser suspensa por um confisco. Era de fato um risco mínimo, por causa do acordo de alto nível dos intermediários franceses, que na verdade, como provavam pela primeira vez os documentos obtidos por Gornt, formavam uma companhia que pertencia à Brock. Além disso, a não-interferência governamental era mais do que certa, porque grande parte do açúcar, também desesperadamente necessário, seria negociada em troca de armamentos desviados da União, que os Brocks logo despachariam para a Ásia. Os lucros projetados eram imensos. A posição da Brock na *entente* Ásia-América se tornaria preeminente, quem quer que vencesse a guerra civil. Na Ásia, a companhia se tornaria suprema. E não havia a menor possibilidade de o plano fracassar, porque o Victoria Bank, de Hong Kong, era o subscritor.

O banco, o maior de Hong Kong, sustentava todo o esquema, com a aprovação do conselho diretor de doze homens, entre os quais figurava Tyler Brock. As ações e a liquidez da Brock and Sons eram a

garantia nominal. Para todos os efeitos e propósitos, o Victoria era dominado pela Brock. O velho Brock fora um dos fundadores, em 1843, escolhera os outros membros da diretoria — excluindo para sempre qualquer diretor da Struan — conservara uma participação acionária de Quarenta por cento e mantinha o controle dos votos em caráter permanente, numa proporção no mínimo de nove para três. Ao mesmo tempo em que apoiava a Brock nas operações internacionais, o conselho diretor concordara em destruir a Struan pela posse de todas as suas dívidas, que venceriam a 30 de janeiro — esse prazo e os métodos questionáveis da aquisição clandestina e a longo prazo também eram evidentes nos documentos de Gornt.

Excitado, Gornt ressaltara que a Brock and Sons, pela primeira vez, se tornara vulnerável — nunca antes haviam oferecido o controle da companhia como garantia. O Victoria era a chave para a Caixa de Pandora. E a chave para o banco era o conselho diretor. Era preciso subvertê-lo, inverter sua posição, retirar o apoio financeiro a Tyler e Morgan no dia correto, deixando-os desprovidos, sem os recursos necessários para acionar sua máquina. Enquanto isso, evidências do plano, tiradas dos documentos de Gornt, e o aviso de que o Victoria não mais apoiaria a operação seriam despachados num clíper para Washington, indo parar nas mãos certas, que deveriam promover o confisco, já que sem o apoio do banco não haveria açúcar para negociar por algodão ou armamentos. Mas isso tinha de ser feito agora, antes que fosse reestruturado o controle acionário do banco.

Como inverter a posição do conselho diretor era a essência do plano de Gornt.

Os documentos revelavam fatos bastante embaraçosos sobre os antecedentes de dois membros pró-Tyler Brock, tão graves que seus votos penderiam para quem possuísse aquelas provas. Sete a cinco. Havia mais fatos sobre um outro homem, embora menos perniciosos, e mais questionáveis. Um possível seis a seis.

A idéia de Gornt era de que Tess procurasse o presidente do conselho, numa reunião particular, apresentasse os fatos, informasse que os detalhes do esquema já estavam a caminho de Washington e apresentasse uma proposta.

— Eles puxam o tapete da Brock e se inclinam para você e a Struan, concedendo uma prorrogação de seis meses ao vencimento das dívidas, duas vagas no conselho, o imediato controle da Brock, com a venda do patrimônio a um preço de barganha, o suficiente para cobrir o débito, deixando Tyler e Morgan Brock se afogarem no açúcar que não poderão pagar. E, por último, o banco concorda em dividir os quarenta por cento de ações confiscados, que pertenciam à Brock, em quatro partes, uma para o presidente do conselho, outra para dois membros à sua escolha, uma para a Casa Nobre.

— Em troca do quê? Por que o banco haveria de trair Tyler? — perguntara Tess. Jogo duplo, não é esta a expressão que os americanos usam?

— É, sim, madame, mas neste caso seria triplo. Porque o conselho aceitaria a proposta? Porque sairão como grandes vencedores, o presidente e os outros, porque odeiam Tyler Brock, em particular, ao mesmo tempo em que o temem, como todas as pessoas. Não a odeiam, porque representa a Casa Nobre, não constitui uma ameaça para eles. O ódio, não apenas o dinheiro, é a graxa que faz as engrenagens do mundo funcionarem.

— Não concordo, mas vamos deixar isso de lado. De volta a seu sinete mítico. O que faria com ele? — O sorriso de Tess fora cético.
— Se conseguisse obtê-lo.

— Qualquer coisa que quiser, *madame*.

— Talvez devesse trazê-lo para cá, no *Prancing Cloud*.

— Sinto muito, mas seria cedo demais, a menos que deixe o navio esperando por uma ou duas semanas. Eu o trarei no momento oportuno.

— Por que a espera? Mande por Strongbow, que é de confiança.

— Eu o tratei no momento oportuno.

Os olhos de Tess, tão claros e parecendo inocentes na maior parte do tempo, penetraram-no como ferro derretido e ele acrescentara:

— Prometo.

— Vamos deixar isso de lado, por enquanto. O preço, Sr. Gornt?

— Prefiro lhe dizer quando voltar, *madame*. Ela rira, sem qualquer humor.

— Tenho certeza que sim. Pensei que me conhecesse bastante bem, a esta altura, para não tentar me pressionar, nem à Struan. Pode protelar até o último momento, quando terei de desfechar o ataque de qualquer maneira, contra Tyler e contra o banco, deixando a Struan exposta demais. Assim, eu teria de concordar com suas exigências, quaisquer que fossem.

— Deve haver confiança dos dois lados. Eu lhe dei as evidências de que precisa para destruir Tyler Brock e Morgan, por um acordo que me promete no futuro. Estou confiando que cumprirá a sua parte, *madame*. Não é pedir demais um pequeno adiamento. Juro que voltarei a tempo. Trarei de Iocoama a glacê do bolo e o preço será justo.

— Jamais gostei de bolo, Sr. Gornt, nem de glacê... qualquer possibilidade de gostar dessas coisas me foi arrancada por meu pai, que desaprovava essas coisas, quando eu era pequena. O preço?

— Posso lhe garantir, *madame*, que será um preço que terá o maior prazer em pagar, por minha honra e minha palavra como cavalheiro.

Ela o fitara nos olhos.

— Posso também lhe assegurar, Sr. Gornt, que se me trair cuidarei para que se torne um homem extremamente infeliz, além de *persona non grata* na Ásia e por todo o Império... *por minha honra e minha palavra como tai-pan da Casa Nobre...*

Gornt sentiu um calafrio, recordando a maneira como as palavras de Tess o envolveram, o orgulho com que ela dissera *tai-pan* da Casa Nobre, mesmo quando acrescentara “embora em caráter temporário”. Compreendera, de repente, que aquela mulher era de fato *tai-pan* agora, compreendera que quem tinha o título não exerceria o poder. Compreendera, com uma pontada de medo, que teria de lidar com ela por muito tempo, que ao destruir a Brock talvez criasse um monstro que acabaria por destruí-lo também.

Deus do céu, ela pode me retalhar em pedacinhos, a seu capricho! Como posso convertê-la numa aliada e mantê-la como aliada? Ela tem de ser minha aliada. Qualquer que seja o custo.

E depois as risadas de Dmitri e Marlowe o trouxeram de volta. Seu mundo tornou a entrar em foco. Luz de velas, a mesa de jantar, a melhor prataria, bons amigos. Seguro em Iocoama, o sinete já retirado do cofre e escondido, uma carta já escrita, com data anterior e a marca do sinete, corroborando a prova insuficiente contra o membro fundamental do conselho, outra carta insinuando um conluio do presidente. Sem eles, o conselho vai desabar em nosso colo como um castelo de cartas soprado, não terão outro jeito, não conseguirão resistir à sua única chance de vingança contra Tyler e Morgan Brock. E não há necessidade de temer Tess Struan. Ela está em meu poder, assim como meu futuro se encontra em suas mãos.

Tenho muitos motivos para me sentir satisfeito. Aqui estou, aos vinte e sete anos, a cabeça de Morgan quase na bandeja, sou o futuro *tai-pan* da Rothwell-Gornt, no comando de uma mesa esplêndida, criados à espera de minhas ordens. E ela também está aqui, linda, potencialmente rica e me amando, por mais que tente ocultar, minha futura noiva, qualquer que seja o resultado... uma criança de Malcolm só torna o preço mais alto para Tess, um preço espetacular, mas também uma barganha, que ela pagará com a maior satisfação!

“Saúde e uma vida longa”, brindou ele, silenciosamente, erguendo o copo, para Angelique e para si mesmo, e para os dois juntos, convencido de que seu futuro era ilimitado.

Os convidados não notaram o brinde particular, absorvidos demais na conversa, disputando a atenção de Angelique. Tranquilo, ele os observou. Mais do que tudo, observou-a. Até que bateu na mesa.

— Angelique, cavalheiros, a atenção de todos, por favor. Temos uma sopa hindu de caril com xerez, peixe assado com cebolas e azeitonas, acompanhado por um Pouilly Fuissé gelado, sorvete e champanhe, depois o rosbife com batatas e St-Emilion... o cozinheiro “encontrou” uma excelente peça de carne Struan... não se preocupe, *madame* — disse ele, rindo —, foi comprada, não roubada. Depois, um pastelão de galinha e, no final, uma surpresa para acabar com todas as surpresas.

— Qual é? — indagou Marlowe.

— Espere para ver.

Gornt olhou para Angelique. Ela sorriu, seu sorriso enigmático, o sorriso que tanto o excitava, como a Mona Lisa que admirara no Louvre, numa viagem a Paris... e que nunca mais seria esquecida.

— Acho que devemos confiar em nosso anfitrião, capitão — disse ela, suavemente. — Não concorda?

55

Domingo, 11 de janeiro:

Angelique despertou de madrugada com um suor frio, de volta no tempo, de volta à legação francesa, os vidros da *mama-san* na mesinha de cabeceira, um já vazio, o outro pronto para desenvolver e tomar, assim que as cólicas começassem.

Descobrimo-se coberta na cama, em sua própria suíte, os carvões em brasa ainda luzindo, a luz noturna projetando sombras firmes, o terror se dissipou, a pulsação voltou ao normal e ela esperou pelas indicações. Nada. Nem cólicas, nem dor na barriga. Um tempo de espera. Ainda nada. Graças a Deus, pensou ela, devo ter sonhado que haviam começado. Relaxou, observando as brasas, ainda não de todo desperta, boas imagens nas brasas, retratos felizes dos telhados de Paris ao pôr-do-sol, fundindo-se com a paisagem de verão da casa dos seus sonhos na *Provence*, o bebê dormindo contente em seu colo.

— *Jésus, Marie*, por favor, não deixe que comecem. Por favor.

Babcott a visitara na tarde anterior.

— Passei por aqui e resolvi entrar para saber como você está.

— Não precisa inventar mentiras — protestara ela, em tom ríspido.
— O Dr. Hoag disse a mesma coisa esta manhã. As mesmas palavras.

— Calma, Angelique. Acontece que eu estava realmente passando por aqui e pensei em vê-la. Para tranquilizá-la.

— É mesmo?

— É, sim. O velho Hoag disse que você anda um pouco sensível. E com toda razão. — Ele balançara a cabeça, sorrindo. — E para dizer o que você não lhe deu a oportunidade de falar, que é bem possível que sua regra atrase, ou que tenha algumas cólicas ligeiras, que vão desaparecer logo, para voltar da maneira apropriada um ou dois dias depois. Ou não voltar.

— Por que vocês, médicos, são tão sábios, mas não sabem nada, realmente nada, nem mesmo sobre uma coisa tão simples como ter ou não ter um bebê? — gritara ela, exasperada e cansada dos olhares de esguelha nos últimos dias, os súbitos silêncios quando passava. — Deixem-me em paz, vocês dois. Avisarei quando precisar de você, se é que vou precisar. Deixem-me em paz!

Ele se retirara, acabrunhado, mas Angelique não se importara. Desde a discussão acalorada com o padre Leo no último domingo que ela se mantinha tão retraída quanto era possível.

— Odeio aquele homem — murmurou ela agora. — Odeio-o por me deixar tão transtornada. Ele é infame, não é um homem de Deus.

Durante a confissão, o padre Leo dissera:

— Talvez você deva pedir perdão por esse falso casamento de que participou minha criança. Sei que foi induzida a isso, enganada, mas mesmo assim é pecado.

— Não fui enganada, padre, e não é pecado, nem uma coisa falsa. É absolutamente legal, nos termos da lei.

— A lei herética? É um falso casamento. Está querendo ser cega. Claro que não é legítimo, não é válido, aos olhos de Deus.

— Mas é legítimo perante a lei inglesa! — protestara ela, fervendo de raiva. — E é também aos olhos de Deus!

— Não é, não, minha pobre criança, e você sabe que não é. A Igreja não reconhece um casamento herético, muito menos um casamento celebrado por um mero capitão de navio. Aos olhos de Deus, você não está casada.

— Estou, sim. A Igreja de Malcolm reconhece meu casamento, a lei de meu marido reconhece. Estou legalmente casada.

— Não diga bobagem. E não tente enganar a si mesma. Você é católica e a verdadeira Igreja não reconhece um casamento assim. Arrependa-se, minha criança.

— Sou casada e ponto final!

Ela se levantara.

— Espere! Ainda não acabou, minha criança. Para lhe conceder a absolvição, você deve admitir seus pecados, a fim de se apresentar

perante Ele sem culpa! Como posso lhe conceder a absolvição?

— O Deus deles é o mesmo que nosso Deus! — exclamara ela, cega por lágrimas de raiva e frustração. — Posso cultuá-lo na igreja deles, tanto quanto aqui!

— Arrisca-se à danação e ao tormento eterno. À excomunhão, à retirada dos sacramentos. Tome cuidado, pois sua mente foi dominada pelos hereges. Reze por perdão...

Ela saíra correndo.

André e Seratard ali se encontravam na ocasião. Mais tarde, André perguntara qual fora o problema, e ela contara. André comentara:

— Milhares de católicos estão casados e felizes sob o dogma protestante, e vice-versa, independentemente do que alegam as hierarquias de qualquer das Igrejas.

— Estou casada ou não, André?

— Está, sim, de acordo com a lei britânica, de acordo com a lei naval britânica, até que um tribunal britânico diga que não está.

— Mas não de acordo com a Igreja?

— Para a Igreja deles, sim, dependendo do que falei, para a nossa, não. Já conhece a resposta a isso, não?

— Odeio aquele homem.

— Ele é um padre. Nem todos são bons, ambos sabemos disso também. Escute, Angelique, sobre o seu... o seu momento... assim que souber, de um jeito ou de outro, avise-me, por favor, em particular, para que possamos começar a planejar. Henri espera a qualquer dia a aprovação do embaixador francês à sua condição de tutelada do Estado. Não se preocupe. Prometi que a defenderíamos e a seus interesses, e é o que vamos fazer.

André se retirara, deixando-a a remoer.

Não era casada segundo a Igreja? Pois então que se danasse a Igreja de Roma, pensara ela, doente de apreensão. Cuidado! Nunca admita isso abertamente, mas nunca mesmo. Você é francesa, o povo francês compreende a Roma católica, sua corrupção e heresia, seus papas mal orientados. Todas as noites, em suas orações, ela pedia, mais do que isso, implorava por orientação e socorro à Santa Mãe.

A segunda-feira e todos os outros dias se arrastaram, sempre olhares, indagações tácitas, por isso ela passara a sair cada vez menos. Para passar o tempo, lia e dormia, lia e escrevia cartas e iniciara uma história sobre uma jovem francesa que naufragava em Iocoama. Interrompera-a abruptamente, queimara as páginas escritas, ao reviver Kanagawa e ele, as noites e os dias com Malcolm, a noite de núpcias no *Prancing Cloud*.

O *Prancing Cloud* já zarpara. Sentira-se contente ao ver aquele presságio de más notícias sumir na distância.

Desde o seu passeio, quando tornara a conversar com Gornt — sem tomar conhecimento de mais nenhuma novidade —, haviam decidido, por consenso mútuo, que não se encontrariam por alguns dias. Por duas vezes ela convidara Maureen Ross para o chá, a segunda recebendo-a deliberadamente na cama, para encorajar os rumores de que tinha uma febre. As conversas foram corriqueiras, sobre moda, os problemas na colônia, a vida aqui, nada sério. Mais tarde, tais visitas seriam divertidas, quando pudessem conversar mais sobre assuntos e pensamentos íntimos. Não agora. Mas ela gostava de Maureen, que trouxera livros e revistas, falara sobre o novo escritório de Jamie, como ele vinha trabalhando por longas horas, e manifestara, com certa inibição, sua esperança de que casassem em breve.

A única pessoa que ela gostara realmente de receber era Phillip Tyrer. Ele fora enviado por Sir William com os melhores votos de rápida recuperação, levara os últimos jornais de Londres, presenteara-a com flores, que comprara na aldeia.

— Por ordem do governo de sua majestade — dissera ele, em francês, com um floreio, seu sorriso infantil e *joie de vivre* contagiantes.

Phillip conversara por uma hora ou mais, a maior parte do tempo em francês, relatando os últimos rumores. Sobre sua viagem a Iedo, sobre Nakama-Hiraga, Que desaparecera sem deixar o menor vestígio, criando um problema diplomático para Sir William, e sobre

o capitão Abeh, que “ainda está esperando, fervendo de raiva, no portão norte”.

— O que vai acontecer, Phillip?

— Não sei. Esperamos que o problema desapareça em breve. Uma pena que tivéssemos de descrever Nakama, qual é a sua aparência agora, e com isso ele não terá muita chance de escapar. O que é lamentável, porque ele era um bom sujeito, me ajudou muito. Não acredito numa só palavra dessa alegação de que ele é assassino. Não arrancamos muitas informações do outro sujeito, o amigo de Nakama, de uma família de construtores de barcos de Choshu. Até levei-o a dar uma olhada em uma de nossas fragatas. Um sujeito muito simpático, mas bastante estúpido não sabia sobre Nakama ou não quis dizer nada. Sir William não queria entregá-lo ao *Bakufu*, por isso deixou-o ir embora. Uma coisa terrível, Angelique, pois Nakama me ajudou tremendamente... e não apenas com o japonês... se não fosse por ele...

Mais tarde, tomaram uma sopa juntos, e Phillip acabara admitindo, por insistência dela, depois de fazê-la jurar que guardaria segredo, que tinha uma garota, uma garota especial, na Yoshiwara.

— Ela é linda e simpática, Angelique, acho que posso arrumar o dinheiro para o contrato sem sacrificar o Tesouro, a ligação é maravilhosa...

Angelique se divertira por ele parecer tão jovem, invejara-o por seu amor simples e se sentira, comparada com Phillip, muito adulta e sofisticada.

— Eu gostaria de conhecê-la um dia — sugerira ela. — Posso facilmente me esgueirar até sua Yoshiwara, vestida como homem.

— Oh, Deus, não, Angelique! Não poderia fazer isso! Não deve!

Poderia ser bastante divertido fazer isso, pensou ela, rindo, e virou-se na cama, quase adormecida. André me levará. Gostaria de conhecer essa Hinodeh em quem tanto investi. Como será que ela parece?

No limiar do sono, ela teve um espasmo.

Outra cólica, diferente. E mais outra. Totalmente desperta agora. Apreensiva, ela esfregou a barriga e o ventre, a fim de atenuar a dor. Mas não desapareceu e ela compreendeu, com toda certeza, que era a dor antiga e familiar, com a sensação de estar um pouco inchada.

Começara. E seguiu-se o fluxo de sangue. Com o fluxo, todo o seu anseio, preocupação e esperança irromperam. Num desespero total, Angelique começou a chorar, comprimiu a cabeça contra os travesseiros.

— Oh, Malcolm, eu esperava tanto, mas tanto, agora nada me resta para dar, nada restou de você, oh, Malcolm, Malcolm, sinto muito, lamento tanto. Oh, Deus, perdoe... seja feita a sua vontade...

Chorando e chorando, depois de uma eternidade, chorando até dormir, ela tinha mais lágrimas para derramar.

— *Miss*, acorde! *Miss tai-tai*, café, hem!

Enquanto ela ainda continuava nas brumas do sono, Ah Soh bateu com a bandeja na mesa ao lado da cama e Angelique sentiu o aroma quente e divino de café fresco — presente de Seratard e um dos poucos serviços que Ah Soh podia ou queria fazer direito — envolvendo-a, trazendo-a para o dia sem sofrimento.

Ela sentou na cama, espreguiçou-se, atônita e feliz por se sentir tão alerta, tão bem. As cólicas haviam desaparecido, a dor se desvanecera para o padrão normal, melhor do que o habitual, a sensação de inchaço menor do que o habitual.

E o melhor de tudo, o desespero a deixara. É o milagre DELA, pensou Angelique, reverente. Durante o último mês, em suas orações noturnas à Virgem Maria falando, pedindo, suplicando, uma noite, extenuada pela ansiedade, ela ouvira: “Deixe tudo comigo, minha criança, a decisão é MINHA, não sua.” Ouvira sem ouvir com os ouvidos, mas com seu eu interior. “MINHA decisão, tudo, descanse em paz.” A ansiedade se dissipara.

Era a decisão *dela* e isso era maravilhoso! Angelique aceitaria o veredito DELA. A vontade de Deus. E fora o que fizera.

Impulsiva, Angelique ajoelhou-se ao lado da cama, fechou os olhos, pediu a sua bênção, expressou seus fervorosos agradecimentos, e outra vez disse que sentia muito, mas agradecia pela remoção do fardo, Sua vontade será feita. Depois, tornou a se meter sob as cobertas, pronta para o café e o mundo. O café naquele momento, nove horas, era um costume aos domingos, mal tinha tempo suficiente para tomar um banho, se vestir e ir à igreja.

Igreja! Por que não?, pensou ela, devo apresentar meus agradecimentos, mas sem confissão.

— Ah Soh, traga meu banho e...

Ah Soh a fitava aturdida, os olhos vidrados. Abruptamente, ela compreendeu que a criada devia ter visto manchas de sangue na parte de trás da camisola. Ah Soh apressou-se em dizer:

— Buscar banho.

Ela se encaminhou para a porta, mas Angelique chegou lá na sua frente e empurrou-a de volta.

— Se contar a alguém, arrancarei seus olhos!

— Não compreender, *miss tai-tai* — balbuciou Ah Soh, apavorada com o veneno no rosto e na voz de Angelique. — Não compreender!

— Ah, sim, claro que compreende! *Dew neh loh moh-ah*.

Angelique disse a imprecção em cantonês como ouvira Malcolm pronunciá-la uma ocasião, quando ficara furioso com Chen, que empalidecera ao ouvir. Ele nunca lhe dissera o que as palavras significavam, mas causaram o mesmo efeito em Ah Soh, cujas pernas quase cederam.

— Aiiiii!

— Se você falar, Ah Soh, *tai-tai* vai... — Furiosa, Angelique esticou as unhas compridas a um milímetro dos olhos da criada chinesa e manteve-as ali. — *Tai-tai* fazer isto! Compreender?

— Compreender! Segredo, *tai-tai!* — A assustada criada balbuciou alguma coisa em cantonês, levou os dedos aos lábios, imitando um grampo. — Ah Soh não falar! Ah Soh compreender!

Controlando sua fúria, embora o coração ainda estivesse disparado, Angelique empurrou a mulher em direção à cama e tornou a se deitar. Autoritária, apontou para a xícara de café.

— *Dew neh loh moh!* Sirva meu café!

Cheia de humildade e medo genuíno, Ah Soh serviu o café, entregou a xícara e ali ficou parada, submissa.

— Não fale nada, arrume a cama, limpe as roupas! Segredo!

— Compreender, *tai-tai*, não falar, segredo, compreender.

— Não fale nada! Ou... — As unhas de Angelique cortaram o ar. —O banho! Ah Soh retirou-se apressada para buscar a água quente, mas antes, ofegante foi sussurrar a notícia para Chen, que revirou os olhos para o céu, e disse:

— Ah, o que *tai-tai* Tess vai fazer agora?

Depois, Chen saiu correndo, a fim de enviar a notícia pelo navio mais veloz para o ilustre compradore Chen, que lhes ordenara que o informassem de imediato, qualquer que fosse o custo.

O café estava delicioso. Acalmou o estômago e o espírito de Angelique, desfez a ligeira intumescência. Uma das autênticas alegrias de Angelique no mundo era o café da manhã, ainda mais com *croissants* e Colette, nos *Champs-Élysées*, num dos elegantes cafés com mesinhas na calçada, lendo a última circular da corte e vendo o mundo passar.

Primeiro, a igreja. Fingirei que nada aconteceu, por enquanto... Ah Soh não ousará contar qualquer coisa. A quem dizer primeiro? Hoag? André? Edward? O Sr. Skye?

Já conversara a respeito com Heavenly Skye. Seu conselho fora o de que não tinham opção senão esperar, descobrir o que Hoag faria, e depois o que Tess faria. A carta de Tess para ele fora sucinta: *Prezado Sr. Skye: Sei que meu filho tinha negócios com você. Suspenda e desista de todas as ações, de meu filho e minhas. Nada de bom resultará disso.*

— Uma escolha interessante das palavras — comentara Skye.

— Você parece assustado, como se já tivéssemos perdido.

— Absolutamente, Angelique. Nossa única posição é a de esperar. A iniciativa cabe a ela.

— Pela próxima correspondência, quero que você escreva para os advogados da Struan, pedindo um relatório sobre o espólio do meu marido.

Era uma idéia sugerida por André, favorável à abertura de uma ofensiva imediata.

— Com prazer, se você quiser cair na armadilha dela.

— Como assim?

— Sua única postura é a de criança-viúva magoada e injuriada, atraída a um casamento prematuro por um homem de vontade forte... não a viúva pobre e gananciosa de um marido rico e pródigo, que se pôs contra os desejos da mãe ao casar com uma mulher pobre, de antecedentes questionáveis... por favor, não se zangue, só estou lhe dizendo o que pode e provavelmente será dito. Deve esperar, minha cara, torcendo para que Tess se comporte como um ser humano deveria. Se a criança de Malcolm... hum... está a caminho, isso seria uma grande ajuda.

— E se não estiver?

— Vamos considerar essa possibilidade quando acontecer... isto é, quando não acontecer. Haverá muito tempo para...

— Não tenho muito tempo. Meu dinheiro vai acabar.

— Seja paciente...

— *Mon Dieu*, paciência! Ah, os homens e sua paciência!

Agora que Angelique sabia, sem a menor sombra de dúvida, que não esperava uma criança de Malcolm, tratou de pôr de lado todas as idéias que formulara para o caso de um bebê e concentrou-se no outro caminho.

Uma investida violenta e imediata contra aquela mulher? Não, isso fica para mais tarde, o Sr. Skye tem razão nesse ponto. Preciso

primeiro descobrir o que ela vai fazer. Para isso, tenho de contar a Hoag ou Babcott. Hoag lhe entregara a mensagem, por isso deveria ser o escolhido. Não há necessidade que ele me apalpe. Nenhum dos dois. Posso contar a ele. Imediatamente ou mais tarde? Vale a pena consultar André, ou Edward? Acho que não.

Não ter um bebe para sustentar, para considerar, torna minha vida mais simples, melhora as minhas possibilidades de outro casamento. O que quer que aconteça, como toda moça no mundo, preciso ter um protetor, o marido certo... ou, em última análise, qualquer marido.

Sobre as minhas perspectivas: Não tenho dinheiro suficiente para voltar a Paris e lá me instalar. Não tenho perspectivas exceto por um acordo com a Struan... não, não com a companhia, mas com aquela mulher. Até mesmo Edward está preso a isso. Especialmente ele. Sem um bom acordo para mim, e a benevolência daquela mulher para seus negócios, o interesse dele por um casamento vai se dissipar. O que é justo, porque o meu vai se dissipar ainda mais depressa. Ele está apaixonado por mim, eu não estou apaixonada por ele, embora goste muito dele, mas a ligação não tem lógica sem a segurança financeira mútua.

Tudo sempre volta àquela mulher, qualquer que seja a idéia que surja, refletiu Angelique, satisfeita com a maneira como sua mente funcionava, fria e lógica, sem se angustiar, apenas avaliando todos os aspectos como uma mulher prudente devia fazer.

Posso me agüentar por um ou dois meses, não mais do que isso... se não der mais dinheiro a André. Daqui apouco meus vales acabarão e, a qualquer dia, Albert pode dar ordens para suspender meu crédito e me expulsar. Quase que posso ler sua mente rancorosa. Mas não importa, sempre posso me mudar para a legação francesa. Mas eles não me apoiariam por muito tempo.

Sir William? Não há razão para que ele faça mais do que já fez. André é o único fora do alcance daquela mulher que pode me ajudar. Pense com objetividade, Angelique, isso é um erro! Quando André perceber que a fonte do dinheiro está secando, ou já secou, não há como prever o que ele é capaz de fazer, em desespero. Pode vender a Tess aquele papel horrível, pode oferecer a ela a prova sobre... sobre o passado. Ele é um cínico, bastante insensível e bastante esperto para guardar a prova de que paguei o medicamento com os brincos que perdi. E se contentar com muito menos dinheiro do que eu. Mesmo assim, ele é o único homem por aqui bastante insidioso para combatê-la. Edward também pode enfrentá-la, mas apenas até certo ponto. Ele não se arriscaria a perder a Rothwell-Gornt.

Devo persuadir Edward a retornar a Hong Kong imediatamente? Ou Hoag, que é um amigo, ou uma espécie de amigo, e foi o homem que ela enviou a mim? Ou André? Não, ele não, pois neste caso eu não dormiria um instante sequer, sabendo de sua presença em Hong Kong com aquela mulher, sem que eu possa vigiá-lo.

Para ela, a igreja foi um imenso sucesso, mesmo com a sua melancolia. Vestira-se de preto, como sempre, um véu cobrindo o chapéu e o rosto. Com o livro de orações na mão, ela partiu pelo dia tempestuoso. Passou direto pela igreja católica no passeio, misturando-se com a multidão que seguia para a Santíssima Trindade. Entrou na igreja, sentou no último banco, vazio, no instante seguinte se ajoelhou e começou a rezar. Uma onda percorreu a nave, já cheia pela metade, ressoou pelos retardatários, adquiriu força, espalhou-se por toda a colônia, estendeu-se até a cidade dos bêbados.

— Deus Todo-Poderoso, Angel foi à igreja, à nossa igreja...

— À Santíssima Trindade? Não diga besteira. Ela é católica...

— Besteira ou não, ela está lá, na Santíssima Trindade, brilhante como um morango, toda vestida de vermelho e sem o calção por baixo...

— Ora, pelo amor de Deus, não espalhe rumores...

— Não é nenhum rumor, ela nunca usa um calção por baixo...

— Na Santíssima Trindade? Oh, Deus! Ela se tornou uma de nós?

— O velho Tweety vai se mijar de alegria...

Maureen e Jamie chegaram logo em seguida. Hesitaram por um momento, ao lado do último banco, prestes a dizer “podemos sentar com você?”, mas Angelique continuou ajoelhada, como se estivesse imersa em oração, e não olhou para eles, embora consciente da presença dos dois, nem um pouco invejosa do vestido de Maureen, de um verde alegre, casaco e chapéu combinando, com uma pluma

de *chiffon* amarela pendendo por trás. Mais um instante e os dois seguiram adiante, sob a pressão dos outros, não querendo incomodá-la... justamente o que ela queria. Depois da fervorosa oração inicial, de agradecimento pela força para dominar seu vasto desapontamento, Angelique continuou ajoelhada, a almofada para os joelhos confortável. Protegida pelo véu, os olhos arregalados se mantinham atentos, querendo observar tudo o que aconteceria. Era o primeiro serviço protestante que ela testemunhava.

Não havia tanta reverência quanto em sua própria igreja, mas estava lotada, com braseiros aqui e ali contra a umidade, e a presença de todos os que podiam andar. Os vitrais eram ricos, o altar e ornamentos mais austeros do que imaginara.

Outros pensaram em parar ali, para cumprimentá-la, ou apenas acenar com a cabeça, com graus variados de satisfação ou espanto, ansiosos em sentar ao seu lado. Mas não o fizeram, também por não desejarem interrompê-la. Gornt escolheu um banco no outro lado.

Assim, Angelique ficou sozinha, e dali a pouco o serviço começou. O primeiro hino, e ela imitou os outros, levantando-se ao mesmo tempo, sentando-se quando todos sentavam, rezando quando rezavam, mas sempre para a Virgem Maria, escutou o sermão que o reverendo Tweet gaguejou, atordoado com sua presença. Mais hinos e canto, a bandeja, um momento embaraçoso, quando ela procurou por algumas moedas, outro hino e a bênção, e depois terminou, com um suspiro audível e bem merecido.

A congregação levantou-se, enquanto o vigário se retirava para a sacristia, acompanhado pelo velho sacristão. A maioria começou a se arrastar para a saída, os paladares já prontos para o tradicional almoço de domingo, a melhor refeição da semana: rosbife, pastelão de Yorkshire, batatas assadas, para os afortunados que haviam conseguido obter uma parte do último carregamento de carne australiana conservada no gelo.

Uns poucos permaneceram para uma oração final. A de Angelique foi um pedido de perdão por ter vindo àquela igreja, mas sentia-se confiante de que Deus compreenderia que era apenas um protesto momentâneo e necessário contra o padre Leo. Todos, ao sair, observaram-na. Depois, ela juntou-se aos últimos, acenando com a cabeça e dizendo “bom dia” aos cumprimentos sussurrados.

O vigário se postara do lado de fora da porta, cumprimentando algumas pessoas, olhando furioso para outras. Quando ela apareceu, Tweet se tornou ao mesmo tempo extasiado e gago:

— Oh, *miss* Ange... oh, *madame*, como é maravilhoso vê-la aqui, seja bem-vinda à Santíssima Trindade e que possamos vê-la mais vezes... se há alguma coisa que eu possa explicar... Oh! Não? Espero

que tenha gostado, volte de novo, por favor, foi maravilhoso vê-la aqui... será sempre bem-vinda...

— Obrigada, reverendo.

Angelique fez uma rápida mesura, subiu apressada pelo caminho, foi andando pelo passeio. Sir William a esperava, junto com Babcott, agasalhados como todos contra as rajadas de vento.

— É um prazer vê-la, ainda mais aqui — disse Sir William, com sinceridade. — Temos bastante orgulho da Santíssima Trindade e é bem-vinda, muito, todos nos sentimos felizes com a sua presença. O vigário se mostrou um pouco desligado hoje, sinto muito, em geral ele é muito bom, sem tropejar com o fogo eterno. Gostou do serviço?

— Foi bastante diferente, Sir William. A missa em inglês, e não em latim, foi exótica.

— Imagino que sim. Podemos acompanhá-la?

— Será um prazer.

Partiram em passos rápidos, trocando cortesias e perguntas amenas, evitando o assunto central na mente de todos. O tempo está horrível, não acha? A partida de futebol ontem à tarde foi sensacional... poderemos escoltá-la na próxima semana. Já leu os últimos jornais? Já soube que os Artistas de Iocoama farão uma apresentação de Romeu e Julieta e que a Sra. Lunkchurch consentiu gentilmente em fazer a Julieta, contracenando com o Romeu da Sra. Grimm?

— Alguma vez já foi ao teatro ou representou, *madame*?

— Apenas peças infantis sobre a natividade, no convento, e não muito bem... Oh!

Uma rajada de vento arrancou a cartola de Sir William, e arremessou-a girando pelo ar. Babcott mal teve tempo de segurar a sua. Angelique não foi bastante rápida e seu chapéu saiu voando, assim com vários outros ao longo do passeio, sob um coro de

imprecações, lamentos, aclamações e risos. Ela juntou-se à confusão e partiu atrás do seu, mas Babcott recuperou-o, pouco antes que rolasse para a praia. A cartola de Sir William foi recolhida por Phillip Tyrer, que se aproximou apressado para entregá-la, e depois correu atrás da sua.

— Minha melhor cartola — murmurou Sir William, irritado, limpando a lama, com uma aparência suspeita de estrume.

O chapéu de Angelique estava intacto. Ela o pôs na cabeça, ajustou o alfinete para prendê-lo melhor.

— Obrigada, George. Cheguei a pensar que meu chapéu daria um mergulho.

— E eu também. Podemos ter a honra de sua companhia no almoço?

— Obrigada, mas não será possível. Ficarei em casa hoje.

Logo chegaram ao portão do prédio da Struan. Os dois homens beijaram sua mão e ela entrou.

— Uma dama adorável, uma companhia agradável — comentou Sir William.

— Concordo.

Babcott franziu o rosto, olhando para o mar. Sir William acompanhou seu olhar atento. Não havia nada de errado na baía, ao que ele pudesse perceber.

— Qual é o problema?

— A regra dela começou.

— Deus Todo-Poderoso! Já a examinou? Ou Hoag? Por que não me contou antes?

— Não a examinamos ainda. Apenas sei, isso é tudo.

— Mas como...

Ele interrompeu a frase quando MacStruan e Dmitri passaram. Murmurou “bom dia, bom dia”, impaciente, depois pegou Babcott pelo braço, e conduziu-o rua abaixo, na direção da legação.

— Como pode saber?

— Ora, sou médico. Estive com ela ontem. Ao vê-la hoje, sem o véu, tornou-se evidente. O rosto estava um pouco inchado e notei que se mostrava um pouco desajeitada quando correu atrás do chapéu.

— Não percebi nada. Tem certeza?

— Não, mas cem guinéus contra um quarto de *penny* dizem isso.

Sir William franziu o rosto.

— Hoag também saberá só de olhar para ela?

— Não posso garantir.

— Neste caso, não diga a ele.

— E por que não?

— Vamos deixar como uma coisa particular entre nós. É melhor assim. — Uma pausa e Sir William acrescentou, gentilmente: —

Vamos deixar que Angelique jogue suas cartas como quiser. É o jogo dela, com Tess Struan, não o nosso. Deixou de ser nosso.

Quatro vigilantes do *Bakufu*, incluindo um sargento, passaram pelo portão da Yoshiwara. Eram como qualquer outra patrulha de samurais, exceto que os homens eram mais duros, mais brutais e mais alertas. A tarde começava. Apesar do tempo, havia o tradicional desfile de cortesãs, sem pressa, com criadas em sua esteira, de um lado para outro, exibindo seus ornamentos umas para as outras, e para os grupos de *gai-jin*, olhando boquiabertos, enquanto bebiam nos cafés, rindo quando o vento lançava pelo ar uma ou outra sombrinha decorativa.

De vez em quando, um vigilante abordava o porteiro de uma estalagem, o dono de uma casa de chá ou a criada de um restaurante. No mesmo instante, a pessoa fazia uma reverência, submissa, e balbuciava:

— Não, Sire, o traidor Hiraga não foi visto por aqui, oh, não, Sire, obrigado, Sire, imediatamente, Sire, não, Sire, não o conheço.

Quase todos sabiam onde Hiraga se encontrava, mas preferiam manter sua paz, odiando os vigilantes, e também sabendo que nenhuma recompensa seria bastante grande para impedir a vingança dos *shishi* ou a repulsa do mundo flutuante por tal traição. Naquele mundo, os segredos eram o condimento e a essência da vida, aumentando o excitamento do dia.

O progresso da patrulha parecia ao acaso. Mas, de repente, o sargento mudou de rumo, entrou na viela da casa das Três Carpas e foi bater com toda força no portão na cerca.

Hiraga ficou acuado. Sempre que havia patrulhas nas proximidades, os vigias alertavam-no a tempo de fugir para o esconderijo subterrâneo, no túnel, onde tinha agora uma cama, velas, fósforos, comida, suas espadas e a pistola, além dos explosivos de Katsumata. Hoje, quando o alarme o alcançou, Hiraga descobriu que outros samurais vasculhavam os jardins, e assim não havia nenhuma possibilidade de chegar ao poço.

Em pânico, ele correu para a área da cozinha e mal teve tempo de assumir um disfarce, ali guardado, um presente de Katsumata,

enquanto o sargento, a poucos metros de distância, a vista obstruída por uma sebe, dava um empurrão no porteiro subserviente, tirava suas sandálias e subia para a varanda da casa principal.

Sem saber que Hiraga se encontrava ali perto, Raiko saiu para cumprimentar o sargento, ajoelhou-se, fez uma reverência, seu rosto um charme só, as entranhas palpitando, pois aquele era o terceiro dia de buscas... um exagero que não permitia qualquer sossego.

— Boa tarde, Sire. Sinto muito, mas as damas estão descansando, ainda não se prepararam para receber os clientes.

— Desejo revistar a casa.

— Com todo prazer. Por favor, acompanhe-me.

— Vamos para a cozinha.

— Cozinha? Por favor, acompanhe-me.

Raiko seguiu na frente, afável. Ao deparar com Hiraga na cozinha, de cabeça baixa, entre a dúzia de pessoal da cozinha, seus joelhos quase vergaram.

Hiraga estava imundo, a cabeça coberta pela peruca emaranhada que Katsumata usara em Hodogaya, trajando apenas uma sunga suja e uma camiseta rasgada.

— Prenda um seixo sob o pé, Hiraga — aconselhara Katsumata. — Seu andar, tanto quanto o rosto, pode denunciá-lo. Passe sujeira no rosto e nas axilas, estrume é o melhor, finja ser um ajudante de cozinha, e não represente, seja de fato. Enquanto espera, prepare os artefatos incendiários, instrua Takeda a respeito, e esteja pronto para o momento em que eu voltar...

O sargento de rosto curtido parou, as mãos nos quadris, em meio ao silêncio, e olhou ao redor. De forma meticulosa. Cada canto, armário ou despensa foi inspecionado. Fileiras de condimentos, chás, barris de saquê e garrafas das bebidas dos *gai-jin*, sacos com o melhor arroz. Ele soltou um grunhido para ocultar sua inveja.

— Você! Cozinheiro-chefe!

O homem corpulento, aterrorizado, levantou a cabeça e o sargento acrescentou:

— Fique parado ali! E todos vocês, entrem em fila!

Em sua pressa para obedecer, todos esbarraram uns nos outros. Hiraga, claudicando bastante, imundo, nu, exceto pela tanga suja e a camiseta rasgada, encaminhou-se para a fila. Murmurando imprecensões, o samurai observou atentamente cada homem, enquanto percorria a fila. Ao se aproximar de Hiraga, suas narinas tremeram em repulsa pelo mau cheiro e depois passou para o homem seguinte, e o outro, e o outro, descarregando sua raiva acumulada aos gritos no último homem, que arriou no chão, apavorado. O sargento voltou pela fila, parou diante de Hiraga, os pés bem plantados no chão.

— Você! — berrou ele. — Você!

Raiko gritou, quase desfaleceu, todos pararam de respirar. Hiraga se prostrou de cara no chão, rastejando, gemendo, apoiando os pés na parede, a fim de se lançar para a frente, contra as pernas do sargento. Mas o samurai pôs-se a arengar:

— Você é uma desgraça para uma cozinha, e você... — Ele virou-se para Raiko, que recuou contra a parede, assustada, enquanto Hiraga mal conseguia conter a investida. — Você deveria se envergonhar de ter um vagabundo coberto de estrume como este numa cozinha para os ricos!

O dedão duro como ferro acertou o homem imundo no pescoço e articulação do ombro. Hiraga soltou um grito de dor autêntico, a peruca quase caiu, ele segurou-a em pânico, pondo as mãos na cabeça.

— Livre-se dele! Se este saco de piolhos estiver aqui ou em qualquer outro lugar da Yoshiwara ao pôr-do-sol, fecharei esta casa por sujeira! Raspe a cabeça dele!

Outro pontapé e o sargento saiu. Ninguém se mexeu, até que veio o aviso de tudo limpo. Mesmo assim, todos começaram a se movimentar com a maior cautela, criadas foram buscar sais de cheiro para Raiko, que se retirou a passos trôpegos, apoiando-se

nelas, enquanto o pessoal da cozinha ajudava Hiraga a se levantar. Ele sentia dor, mas não deixou transparecer. No mesmo instante, despiu-se e foi para a área dos criados, onde se lavou, esfregando e esfregando, cheio de repulsa... tivera tempo apenas de enfiar as mãos no balde de dejetos noturnos mais próximo, sujar-se e correr para um lugar perto dos fogos.

Depois de parcialmente satisfeito com a limpeza, ele se encaminhou para sua casa, nu, a fim de tomar outro banho, desta vez com água quente, convencido de que nunca mais tornaria a ficar limpo de fato. Raiko interceptou-o na varanda, não de todo recuperada de seu alarme.

— Sinto muito, Hiraga-sama, o vigia deixou de nos avisar a tempo, mas os samurais nos jardins... Água quente e uma criada de banho lhe esperam lá dentro. Mas agora, sinto muito, talvez deva ir embora, é perigo...

— Estou aguardando Katsumata, só depois partirei. Ele lhe pagou muito bem.

— É verdade, mas os vigi...

— *Baka!* Você é responsável pelo sistema de alerta. Se houver outro, engano, sua cabeça rolará para o balde!

Com uma expressão sombria, Hiraga entrou na casa de banho, onde a criada ajoelhou-se, faz uma reverência tão apressada que bateu com a cabeça no chão.

— *Baka!* — rosnou ele, ainda não superado o seu pavor intenso, o gosto amargo do medo ainda em sua boca. Acocorou-se no pequeno banco, pronto para que a criada começasse a esfregar. — Depressa!

Baka, pensou ele, enfurecido. Todos são *baka*, Raiko é *baka*, mas não Katsumata... ele não é *baka*, estava certo de novo: sem a bosta, eu teria morrido ou, pior, seria capturado vivo.

IEDO

O crepúsculo era uma ocasião de intenso movimento para os habitantes da Yoshiwara de Iedo, a maior e a melhor em todo o Nipão, um labirinto de pequenas ruas e lugares agradáveis, à beira da cidade, cobrindo quase oitenta hectares, onde Katsumata e outros *shishi*, ou *ronin*, podiam se esconderem segurança... se fossem aceitáveis.

Katsumata era muito aceitável. Dinheiro não era problema para ele. Pagou à garçonete por sua sopa e talharim, e se encaminhou sem

pressa para a casa da Glicínia, ainda disfarçado como um *bonzo*, embora agora usasse um bigode falso, e se vestisse de maneira diferente, os ombros alargados por enchimentos, a túnica mais suntuosa.

Lanternas coloridas estavam sendo acesas por toda parte, jardins e caminhos recebiam os últimos retoques, arranjos de flores frescas eram concluídos. Dentro das casas de chá e estalagens, de maior ou menor importância, *gueixas*, cortesãs e *mama-sans* tomavam banho e se vestiam, conversando e se preparando para o entretenimento daquela noite. As cozinhas fervilhavam, homens cortando e picando, ajeitando salames e doces, fazendo as decorações, cuidando de caldeirões com o melhor arroz, limpando peixe, ajeitando as postas em molhos.

Muitos risos cordiais. Sofrimento aqui e ali, algumas mulheres em lágrimas pensando nos clientes que lhes haviam sido designados ou nos estranhos que deveriam receber com sorrisos, simulando satisfação... e não os jovens amantes pelos quais muitos corações ansiavam, mas o anseio tinha de ser posto de lado, adormecido. Como sempre, as *mama-sans* e as cortesãs mais velhas e experientes as acalmavam, repetindo o mesmo dogma que Meikin estava dizendo a Teko, a *maiko* de Koiko, agora em lágrimas, e que deveria fazer a sua estreia como cortesã naquela noite:

— Enxugue as lágrimas, Raio de Luar, aceite sem pensar a triste impermanência da vida, aceite o que há pela frente, ria com suas

irmãs, desfrute o vinho, as canções e suas roupas bonitas, contemple a lua ou uma flor, e se deixe levar pela correnteza da vida, como uma cabaça flutuando à deriva rio abaixo. E agora trate de se apressar.

Não aceitarei que Katsumata traiu minha Koiko por uma causa justa, pensou Meikin, o coração confrangido. Ele não tinha necessidade ou justificativa para comprometer minha preciosa com aquela mulher *shishi*, por mais brava que ela fosse. Pior, ele foi *baka* ao encerrar uma fonte tão maravilhosa de influência e informações confidenciais sobre a sombra de Yoshi, uma estupidez inominável! Mas está feito. Terminado. Aceite seu próprio conselho, Meikin: Deixe-se ir à deriva, que importância tem, realmente?

Aceito que importava, Koiko era importante para todos nós, inclusive para Yoshi, que agora se lança implacável contra todos os *shishi*.

A *mama-san* tornou a sentar diante do espelho. O reflexo a fitou. A maquilagem, mais intensa que o habitual, não escondia as olheiras e rugas de preocupação.

Aceito também que envelheci horrivelmente desde que o *shoya* nos interrompeu, a Raiko e a mim — o décimo primeiro dia do décimo segundo mês, o último mês, o último dia da minha vida. Há apenas

trinta e três dias. Apenas trinta e três dias, e pareço uma velha enrugada, muito além do tempo normal de cinquenta anos. Trinta e três dias de lágrimas, um lago de lágrimas, quando pensava que me encontrava sã e salva além das lágrimas, convencida de que esgotara todas as minhas lágrimas há muito tempo, por amantes que mal posso lembrar, por alguém que ainda posso sentir, cheirar, saborear e ansiar, meu jovem e indigente samurai que partiu sem avisar, sem dizer uma só palavra, sem deixar uma carta, por outra casa de chá e outra mulher, levando o pouco dinheiro que eu guardara e os fragmentos do meu espírito, que ele jogou na sarjeta. E depois mais lágrimas por meu filho, morto no incêndio da casa de seus pais de adoção, o pai dele, o velho e rico mercador, indo embora como o outro, meu suicídio malogrado.

Anos demais a flutuar. Trinta e três anos à deriva, um ano para cada um dos meus dias de angústia. Tenho agora quarenta e três anos, hoje faz quarenta e três anos que nasci. O que devo fazer agora? Muito em breve lorde Yoshi vai exigir o pagamento. *Karma*.

Aceito que treinei Koiko, ofereci-a, garanti-a. O que mais posso oferecer em súplica? O que posso fazer?

Seu reflexo não respondeu.

Uma batida na porta.

— Ama, Katsumata-sama está aqui. Chegou cedo. Ela sentiu um vazio no estômago.

— Já vou falar com ele.

Para se acalmar, Meikin tomou um pouco do conhaque dos *gai-jin* que Raiko lhe dera. Assim que se sentiu mais descontraída, saiu, atravessou o corredor comprido para uma sala de recepção, toda de madeira, tatame e *shoji* mais dispendiosos. Em maravilhoso bom gosto. Tudo comprado e pago com muito esforço, aflição e adulação; por causa de Koiko, a Flor, sua casa era muito lucrativa, uma fonte de satisfação para seus banqueiros. Com os quais tivera uma reunião naquele dia.

— Sinto muito, mas notamos que seus recibos se tornaram consideravelmente mais baixos, em comparação com o mês passado.

— É a época do ano, muito desfavorável para todas as casas de chá, com um frio anormal. Os negócios vão melhorar com a primavera. Ainda temos um lucro alto para o último ano, não há necessidade de preocupação.

Mas Meikin sabia — e sabia que a Gyokoyama sabia — que a maior parte de seu lucro era por causa de Koiko, e que agora uma tênue cortina de gaze pairava entre ela e sua ruína. Se Yoshi assim decidisse.

Então por que aumentar seu risco, permitindo os *shishi* aqui?, perguntou-se ela. Em particular Katsumata, que é agora o primeiro dos inimigos de Yoshi. O que isso importa? Deve haver o mau com o bom, o mau deve ser enfrentado e o bom desfrutado. Fora emocionante ser parte dos *shishi*, com sua bravura e *sonno-joi*, a luta pela libertação do jugo de séculos, sacrificando suas vidas pelo imperador, na busca tão trágica e desesperançada, todos jovens e valentes, nascidos para fracassar, o que é muito triste. E se eles vencessem, aqueles que reinassem em seguida nos libertariam do jugo de séculos?

Não. Nunca. Não a nós, as mulheres. Continuaremos onde estamos agora, sob o domínio do *yang*.

Seus olhos vislumbraram uma nesga da lua surgindo de uma nuvem avermelhada pelo pôr-do-sol, por um instante incomparável, para ser tragada de novo, o vermelho se tornando marrom, depois ouro, as flamas escurecendo... um momento viva, no seguinte morta.

— Lindo, *neh*?

— É, sim, Katsumata-san, tão triste, tão bonito... Ah, já trouxeram o chá! Lamento que esteja nos deixando.

— Voltarei em poucos dias. Tem mais alguma notícia de Raiko? Qualque informação adicional sobre os *gai-jin* e seus planos?

Meikin serviu-lhe o chá, fazendo uma pausa para admirar as xícaras magníficas.

— Parece que lorde Yoshi teve um encontro com o líder *gai-jin*, para fazer um pacto de amizade.

Ela relatou as informações de *Furansu-san*, sussurradas pelo enviado de Raiko poucas noites antes, e que não revelara a Katsumata até aquele momento.

— Além disso, o doutor *gai-jin* de Kanagawa examinou secretamente o *tairo* aqui em Iedo, no mesmo dia, dando-lhe medicamentos *gai-jin*... e soube que ele melhorou.

— *Baka* — resmungou Katsumata, repugnado.

— Tem razão. Esse doutor deve ser detido. A fonte de Raiko diz que ele volta amanhã, ou no dia seguinte, para ver o *tairo* de novo.

— *So ka?* — O interesse de Katsumata dobrou. — Onde? No castelo? Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Esta é a melhor parte. Fora das muralhas, no palácio de Zukumura, o idiota, como na última vez.

Katsumata franziu o rosto.

— Muitas opções, Meikin, opções excepcionais. Igual a Utani, *neh?* Tentação demais. A morte de Utani ainda ressoa por todo o Nipão! Hiraga? Ele já foi apanhado?

— Não. O chefe *gai-jin* deixou Akimoto partir e Takeda também continua seguro. — Raiko observou-o por um momento, especulando sobre o que ele estaria pensando e depois acrescentou, suavemente: — Há mais dois fatos que deve saber. Lorde Yoshi esteve no encontro do doutor com o *tairo*, também com apenas uns poucos guardas. Ouvi dizer que ele estará presente de novo.

Ela viu os olhos de Katsumata faiscarem e experimentou um repentino medo, sentindo sua violência contida.

— Yoshi e Anjo juntos, aqueles cães fora das muralhas juntos? Puxa, Meikin, mas isso é incrível! — Katsumata tremia de excitação. — Pode descobrir quando exatamente o doutor chega?

Meikin inclinou-se para a frente, quase tonta de esperança, e murmurou:

— Outro mensageiro é esperado esta noite. Saberei então. Raiko deve compreender como poderia ser uma oportunidade vital para nós, para todos nós, para todos os que têm contas a acertar.

E era mesmo uma oportunidade como nunca surgira antes, se viesse a se concretizar. Katsumata contraiu os olhos.

— Não posso esperar aqui, nem voltar esta noite. Quando foi o outro encontro, em que momento do dia?

— Cedo.

A carranca se aprofundou, depois se dissolveu.

— Meikin, todos os *shishi* lhe agradecerão. Se o encontro for amanhã, mande-me o aviso da hora imediatamente, para a estalagem dos Céus Azuis, perto da ponte em *Nihonbashi*.

Ele fez uma reverência, Meikin retribuiu, ambos satisfeitos, por enquanto.

A ponte em Nihonbashi era considerada a primeira etapa da Tokaidô, nos arredores de Iedo, e a estalagem dos Céus Azuis uma entre dezenas, ricas e pobres, espalhadas por todo o distrito. Aquela noite era escura e fria, o céu coberto por sólida camada de nuvens, ainda faltavam horas para a meia-noite. A estalagem ficava numa viela pequena e suja, um dos estabelecimentos mais pobres, um prédio indefinido, de dois andares, quase em ruínas, com as latrinas, cozinhas e uns poucos bangalôs separados de um só cômodo nos jardins, por trás dos muros. Katsumata sentava na varanda de um desses bangalôs, meditando, com uma túnica acolchoada contra o frio, desfrutando o jardim, a única coisa por ali a que se dispensavam cuidados mais meticulosos.

Lanternas coloridas em meio a plantas viçosas, ao longo de um regato, uma ponte, o som suave e tranquilizador da água correndo, o ruído ressonante da caçamba de bambu caindo contra a pedra, ao se encher de água, para se esvaziar, subir, cair de novo, enquanto a água escorresse pela cachoeira em miniatura. Seu silencioso guarda *shishi* parou por um instante, gesticulou que estava tudo bem e prosseguiu em sua ronda pelo terreno da estalagem.

Katsumata sentia-se contente, seus planos aperfeiçoados: dois *shishi* o acompanhariam no retorno a Iocoama pela manhã, aquele guarda e mais outro. O sacrifício dos dois, mais Hiraga, Takeda e Akimoto, garantiria o incêndio da colônia e o afundamento do navio de guerra, o que acarretaria o bombardeio e destruição de Iedo, com todos os resultados conseqüentes. No último minuto, ele assumiria o encargo de incendiar a igreja, como antecipara desde o início, deixando que Hiraga comandasse o ataque contra o navio de guerra. Com isso, teria amplas oportunidades para escapar, enquanto os outros não teriam nenhuma.

Os dedos acariciaram o punho de uma espada longa em seu colo, apreciaram o contato do couro de primeira qualidade, enquanto ele se imaginava a participar daqueles atos de terrorismo que tirariam *sonno-joi* de sua atual apatia e garantiriam sua liderança sobre os novos quadros de *shishi*, recém-formados, e que dali por diante seriam dominados por ele e Satsuma.

Yoshi e Anjo, por mais tentadores que fossem, não eram tão importantes quanto Iocoama, e por isso os deixaria aos cuidados de outros *shishi*. Não havia homens suficientes para desfechar um ataque frontal, o que o levava a planejar uma emboscada. Talvez uma emboscada tivesse êxito, provavelmente não, mas a própria ousadia seria inspiradora. Mas ele precisava saber a hora exata da volta do doutor. Se Meikin transmitisse a informação amanhã, ele avisaria os homens já mobilizados, esperando numa estalagem próxima, para a missão suicida, e depois partiria com seus dois companheiros para Iocoama.

Já será suficiente se a emboscada for realizada tão perto do castelo, disse ele a si mesmo, inebriado pela expectativa. Isso e mais Iocoama garantirão *Sonno-joi* e tornarão meu futuro sublime. Se ao menos houvesse mais tempo para nos prepararmos... Ah, tempo! "Tempo é um pensamento", era o que sempre diziam aos discípulos em suas aulas de Zen, cerrando e abrindo o punho para dar ênfase "O tempo existe, mas não existe, é permanente e impermanente, fixo e flexível necessário e desnecessário, devemos tomá-lo na mão e indagar: por quê?"

Solene, Katsumata abriu a mão, contemplou a palma. E soltou uma risada. Que absurdo! Mas quantos daqueles jovens costumavam rebuscar seus cérebros em busca de um significado, quando não havia nenhum, Ori em particular, Hiraga também, meus melhores

discípulos, futuros líderes, a minha esperança. Mas Ori morreu, e agora Hiraga se tornou maculado, traíçoeiro.

O barulho da caçamba de bambu era confortador. E também o som da água correndo. Seu ser transbordava de vitalidade, planos e idéias, o futuro mais uma vez promissor, sem o menor vestígio de cansaço naquela noite, haveria tempo suficiente para Meikin enviar...

Uma sombra passou pelos arbustos, depois outra, um som tênue por trás, e ele se levantou, a espada na mão, correu para a porta secreta escondida entre as folhagens, mas três homens vestidos de ninja emergiram das sombras, e bloquearam o caminho, as espadas erguidas. No mesmo instante, Katsumata virou-se, correu em outra direção, mas havia outros ninjas ali, povoando todo o jardim, alguns em movimento, outros parados como rocha, esperando que ele se aproximasse. Katsumata desfechou um ataque impetuoso contra um alvo fácil, os quatro homens que se adiantavam pela esquerda, matando um, os outros se evaporando tão depressa quanto haviam surgido. Uma súbita dor ofuscante em seus olhos, de um pó ácido lançado contra o rosto. Em agonia, ele uivou de raiva e arremeteu sem ver contra o inimigo, o frenesi por ser emboscado e enganado proporcionando força maníaca a seus braços e asas aos pés.

A espada encontrou carne, o homem gritou, sem braço, e Katsumata se encolheu, golpeou às cegas de novo, desviou-se para a esquerda e direita, correu para a direita, com fintas sucessivas, enquanto

tentava limpar os olhos. Virando-se, golpeando, correndo para um lado e outro, em pânico, esfregando os olhos.

A vista clareou por um instante. Um caminho aberto estendia-se à sua frente, para a cerca e a segurança. Enfurecido, ele saltou para a frente e foi nesse instante que um tremendo golpe atrás da cabeça o atingiu, fazendo-o cambalear. Em desespero, ele virou a espada, a fim de tombar por cima dela, mas outro golpe arremessou-a para longe, quebrando seu braço. Katsumata soltou um grito estridente. E desfaleceu.

O poço negro turbilhonante foi uma eternidade de tormento, com relâmpagos vermelhos e verdes por trás dos olhos, nenhuma visão ali, nem audição, a não ser por um martelar gigantesco, o peito em fogo, o coração palpitando, todas as aberturas fora de controle. Água gelada o encharcou, ele engasgou. Outro dilúvio em seu rosto, mais outro. Tossindo e arquejando, ele emergiu da escuridão. A agonia do braço quebrado, o osso lascado, exposto, subiu para a cabeça, trouxe de volta a visão. Ele se descobriu no chão, braços e pernas estendidos, impotente, um ninja de pé em cada pulso e cada tornozelo. Só que não eram ninjas. Estavam agora sem as máscaras. Ele reconheceu Abeh, de pé à sua frente. E depois viu Yoshi, perto, também vestido de preto, mas não como seus guerreiros. Vinte ou trinta outros ao redor. Silenciosos como a noite e a área.

— Ah, Katsumata! Katsumata, o Corvo, Katsumata, o *shishi* e líder de *shishi*, benfeitor de mulheres — disse Yoshi, a voz suave. — Uma

pena que esteja vivo. Por favor, a verdade. Koiko era parte de sua conspiração, *neh?*

Frenético, Katsumata tentava recuperar o controle; quando conseguiu, não respondeu de imediato. O samurai de pé sobre seu braço fraturado torceu o osso de fora, violentamente, e ele gritou, a vontade de ferro que sempre presumira possuir se perdendo com sua liberdade.

— Por favor, oh, por favor...

— Koiko era parte de sua conspiração?

— Não minha conspiração, Sire, conspiração dela e de sua *mama-san* — balbuciou Katsumata, a cabeça em fogo como o braço, a dor insuportável. — Não... ela era... foi ela, junto com sua *mama-san*, Lorde, não eu... nada tive a ver... a idéia foi dela e de Meikin, sua *mama-san*, não minha...

— *So ka?* E Sumomo, a *shishi* que escapou com você pelo túnel... o túnel em Quioto, lembra? Isso mesmo, lembra de Sumomo? Você fez

chantagem com Koiko e ordenou secretamente, sem o conhecimento dela, que Sumomo me assassinasse, *neh?*

— Su... momo, Sire? Não sei quem é... ela... nada tinha a ver comigo, na...

As palavras se extinguiram em outro grito, quando o homem de pé em seu braço mudou de posição.

Yoshi suspirou, seu rosto uma máscara. Gesticulou para Meikin, que se encontrava parado ao lado, fora do campo de visão de Katsumata, com Inejin ao seu lado.

— Ouviu seu acusador, Meikin?

— Ouvi, Sire. — Ela se adiantou, as pernas fracas, estremeando, falando com um fio de voz. — Sinto muito, mas ele é um mentiroso. Nunca participamos de qualquer conspiração contra o lorde, mas nunca mesmo. Ele é um mentiroso. Somos inocentes.

Meikin olhou para Katsumata, odiando-o, contente por tê-lo traído, por ter se vingado... a covardia dele e o fato de ter sido capturado vivo eram melhores do que qualquer coisa que ousara esperar.

— Mentiroso! — sibilou ela.

E tratou de recuar, quando Katsumata se pôs a vociferar, tentando em vão alcançá-la, até que outro homem o golpeou, deixando-o atordoado. Ele ficou inerte, gemendo. A cabeça de Meikin latejava como nunca antes, havia um gosto horrível na boca.

— Sinto muito, Sire, mas também é verdade que eu o conhecia, da mesma forma que meu tesouro, apenas como um cliente antigo, não mais do que isso. Ele era um cliente antigo, e eu não sabia na ocasião quem era ou que... — Ela hesitou tentando encontrar uma palavra que exprimisse sua aversão. — ...ou que fazia uma coisa assim.

— Acredito em você, Meikin. A verdade, finalmente. Ótimo. E porque é ele o mentiroso, pode tê-lo à sua mercê, como combinamos.

— Obrigada, lorde.

— Obedeça a ela — disse Yoshi a Abeh. — E depois a leve para mim.

Ele se afastou. Todos os homens o acompanharam, cercando-o, como um escudo, exceto Abeh e os samurais que imobilizavam o cativo, braços e pernas estendidos, agora gemendo, de volta à consciência. Meikin esperou, saboreando o momento, por si mesma, por Koiko, por todo o mundo flutuante, pois era muito rara a oportunidade de vingança.

— Por favor, tirem as roupas dele — pediu ela, muito calma.

Os samurais obedeceram. Meikin ajoelhou-se, mostrou a faca a Katsumata. Era pequena, mas suficiente para seus propósitos.

— Traidor, não vai fornicar no inferno, se existe um inferno.

Quando os gritos se desvaneceram na inconsciência, depois de um longo momento, ela o estripou como se fosse um porco.

— É isso o que você é — murmurou ela, limpando a faca e guardando-a na *obi*, com sangue nas mãos e mangas.

— Ficarei com a faca, por favor — disse Abeh, nauseado com a vingança. Sem dizer nada, Meikin entregou a faca e seguiu para o pátio, cercada pelos homens. Yoshi esperava. Ela ajoelhou-se na terra.

— Obrigada, Lorde. Creio que ele se arrependeu de tê-lo traído, de haver traído a todos nós, antes de partir. Obrigada.

— E você, Meikin?

— Nunca o traí. Falei a verdade, contei tudo o que sabia e lhe entreguei o traidor esta noite.

— E agora?

Sem medo, ela fitou-o nos olhos; não conhecera muitos olhos tão implacáveis assim, mas preferiu descartar isso, optando por considerá-lo apenas como um homem, um de mil clientes e autoridades que tivera de suportar ao longo de sua vida, por dinheiro ou favores, para si mesma ou sua casa.

— É tempo de seguir adiante, Sire. — Meikin enfiou a mão em sua manga, tirou um pequeno frasco. — Posso fazê-lo aqui, se assim desejar, meu poema de morte já foi escrito, a Gyokoyama possui a casa da Glicínia. Mas pertenco ao mundo flutuante — acrescentou ela, orgulhosa. — Não é correto partir maculada, com um sangue impuro nas roupas e nas mãos. Gostaria de partir limpa. Gostaria de voltar para a minha casa. Um desejo de morte, Sire: um banho e roupas limpas. Por favor?

IOCOAMA

Terça-feira, 13 de janeiro:

Angellque se encontrava entre os cavaleiros que exercitavam seus pôneis à primeira claridade da manhã, na pista de corrida em Iocoama, galopando sozinha, por opção, mal notando os outros. Havia bastante gente no circuito e todos a observavam. Havia muito dinheiro acompanhando-a naquela manhã. Ela estava atrasada. Pelo menos um dia.

— Edward, ela está, não é? — perguntou Pallidar, cavalgando ao lado de Gornt, no outro lado da pista. — Ahn... atrasada?

— Sim, senhor, é o que indicam todos os cálculos.

Gornt contemplou-a, ponderando sobre o que faria agora. Ela montava o pônei preto que Malcolm lhe dera, usava um traje de montaria preto, elegante, botas pretas, um chapéu com meio véu.

— Seu alfaiate é muito bom, as roupas assentam com perfeição — comentou ele. — Nunca tinha visto esse traje antes.

— E não se pode deixar de reconhecer que ela também tem um assento muito bom — disse Pallidar, secamente.

Os dois riram.

— Mas ela cavalga como um sonho, não resta a menor dúvida quanto a isso, deslumbrante como qualquer beldade sulista.

— Falando sério, o que você acha? Há todos os tipos de rumores circulando sobre datas, não muitos de nós jamais tiveram... não muitos de nós sabem sobre o incômodo, os intervalos, essas coisas. Tem algum dinheiro apostado?

Tanto que você nem acreditaria, pensou Gornt.

— Perguntei ontem a Hoag, à queima-roupa.

— Por Deus, assim de repente? Eu nunca teria coragem, meu velho
— Pallidar inclinou-se para mais perto, montado num castrado castanho dos dragões muito maior que o pônei de Gornt. — O que ele disse?

— Respondeu que não sabe mais do que nós. E, conhecendo-o, acredito

Gornt disfarçava sua impaciência por perder a companhia de Angelique. Haviam combinado que simulariam evitar um ao outro, até que ela tivesse certeza se estava ou não grávida. Nada poderia ser feito antes disso... ou até o segundo mês.

— O dia certo seria 11 ou 12, mas Hoag explicou que poderia atrasar, mas não muito, demorar um pouco para... começar. Se não vier, é que ela está esperando.

— Faz a gente pensar, hem? Difícil para ela se estiver, a pobre coitada, mais do que difícil, quando a gente se lembra de Hong Kong, Tess e todos os problemas. Pior ainda se não estiver, a se acreditar nos rumores... não sei qual seria o mais terrível.

Cornetas começaram a soar no penhasco por cima da pista, onde ficava o acampamento dos soldados; havia mil soldados ali.

— Droga! — murmurou Pallidar.

— O que é?

— Um toque de “retorno à base”. O general deve estar de ressaca e quer rosnar para todo mundo.

— Vai com Sir William amanhã?

— À conferência com Yoshi em Kanagawa? Acho que sim. Sempre me mandam para essas coisas. É melhor eu ir logo. Vamos jantar juntos?

— Seria um prazer.

Gornt observou Pallidar fazer uma volta impecável com o cavalo e partir a galope, misturando-se aos outros oficiais, que seguiam na mesma direção. Notou que Hoag vinha da colônia para o circuito. O médico montava bem, confortável na sela para um homem tão volumoso. Decidindo interceptá-lo, Gornt esporeou seu pônei — um garanhão castanho, o melhor no estábulo da Brock — para meio trote, mas depois mudou de idéia. Já cavalgara o suficiente hoje. E muito em breve teriam notícias, pois Hoag nunca seria capaz de guardar um segredo para si mesmo. Antes de deixar a pista, ele acenou para Angelique e gritou:

— Bom dia, *madame!* É uma alegria para os olhos num dia tão frio! Ela levantou os olhos, arrancada de seu mundo pessoal.

— Ahn... Obrigada, Sr. Gornt.

Ele percebeu sua melancolia, mas Angelique sorriu-lhe. Tranquilizado, Gornt se afastou a trote. Não havia necessidade de pressioná-la. Primeiro, ela está ou não? Qualquer que seja o caso, não é problema para mim.

Angelique ficara satisfeita ao vê-lo, apreciando sua admiração ostensiva, elegância e virilidade. A tensão da espera, permanecendo sozinha, atendo-se ao regime de luto, reprimindo segredos, começava a transparecer. As únicas distrações que se permitia agora eram os passeios matutinos a cavalo, as caminhadas ocasionais pelo passeio, a leitura de tantos livros quanto podia encontrar, as conversas com Vargas sobre seda e bicho-da-seda, na tentativa de ressuscitar o entusiasmo anterior. E, de repente, ela avistou Hoag.

Hoag! Se continuasse no mesmo ritmo, acabaria por alcançá-la. Poderia evitá-lo se trotasse o cavalo; seria ainda mais fácil voltar para casa.

— Bom dia, *monsieur le docteur*. Como tem passado?

— Olá, Angelique. Você está com uma ótima aparência.

— Não estou, não. Sinto o maior mal-estar. De qualquer forma, obrigada. — Uma ligeira hesitação e ela acrescentou, casual: — Uma mulher nunca se sente bem durante esse período do mês.

Surpreso, Hoag puxou as rédeas. Sua égua levantou a cabeça, relinchou, assustando a montaria de Angelique. Os dois logo recuperaram o controle dos animais.

— Desculpe — disse ele, a voz rouca. — Eu... esperava o oposto.

A manifestação súbita e indiferente deixaram-no tão aturdido que ele quase disse: Tem certeza? Devo estar ficando velho, pensou Hoag, irritado consigo por não ter percebido o óbvio... o óbvio agora que sabia.

— Bom, pelo menos você já sabe.

— Sinto um terrível desapontamento, por Malcolm, mas de certa forma parece que não... me atormenta mais. Chorei muito, é claro, mas agora...

O ar inocente de Angelique fez com que ele tivesse vontade de abraçá-la, confortá-la.

— Com todo o resto, Angelique, isso é compreensível. Talvez seja melhor assim. Eu lhe disse antes: enquanto for capaz de chorar, nada poderá afetá-la para sempre. Posso perguntar quando começou?

Mais toques de corneta vieram do penhasco.

— O que está acontecendo? Vi Settry e outros oficiais partirem a galope.

— As cornetas estão apenas chamando os oficiais de volta ao acampamento, rotina, não há com que se preocupar. — Hoag olhou ao redor, para se certificar de que não havia ninguém por perto, depois soltou uma risada nervosa. — Obrigado por me avisar, embora de uma forma um tanto abrupta. Podemos conversar enquanto cavalgamos?

— Claro.— Angelique sabia muito bem por que lhe contara. Por ter visto Gornt hoje e pela chegada conveniente de Hoag. E também porque queria que a luta fosse logo iniciada. — Começou no domingo.

— Não sei o que dizer, se deve se considerar afortunada ou desafortunada. — Nenhuma das duas coisas. Foi a vontade de Deus e aceito-a. Lamento por Malcolm, não por mim. Para mim, é a vontade de Deus. O que vai fazer agora? Informá-la?

— Isso mesmo, mas primeiro tenho de lhe entregar uma carta. Foi a vez de Angelique ficar surpresa.

— Tinha uma carta durante todo esse tempo e não a entregou?

— Ela me pediu para só entregar se você não estivesse esperando uma criança de Malcolm.

— Hum... — Angelique pensou a respeito por um momento, sentindo-se um pouco nauseada. — E se eu estivesse grávida?

— Trata-se de uma pergunta hipotética agora, não é mesmo?

Hoag falou gentilmente, preocupado com a súbita palidez de Angelique. Essa moça ainda não se livrou da depressão, nem de longe.

— Quero saber.

— Ela me pediu para lhe entregar a carta, Angelique, se sua menstruação começasse. Gostaria de voltar agora? Levarei a carta à sua suíte.

— Obrigada, mas... esperarei enquanto você a pega, diante do prédio da Struan.

Ela esporeou a montaria, completou o circuito, indiferente aos outros... todos a observando. Num súbito impulso, virou para pegar o caminho num galope curto, a fim de desanuviar a cabeça do medo. Esporas, joelhos e mãos espicaçando e controlando o pônei.

À frente, podia divisar as torres das duas igrejas, a cerca do perímetro, a Yoshiwara, a ponte e a casa da guarda. Por um momento, sua mente voltou no tempo e foi como se estivesse na direção de tudo aquilo, dominada pelo pânico, a sangrenta Tokaidô para trás, sem o chapéu, as roupas rasgadas, quase morta de medo. A visão se dissipou quando puxou as rédeas... os acontecimentos pareciam muito distantes. Um tipo diferente de medo persistia. A sorte estava lançada.

A carta de Tess dizia:

Tenho certeza de que você vai concordar que não há necessidade de cortesias, que não têm o menor sentido entre nós.

Estou contente por saber que você não espera uma criança de meu filho. Isso torna o futuro mais simples, menos complicado. Não aceito ou reconheço o "casamento" ou que você tenha quaisquer pretensões legais em relação a ele... muito ao contrário.

No momento em que estiver lendo esta carta, a Casa Nobre já terá iniciado uma nova era ou se encontrará à beira da bancarrota. Se for a primeira coisa, será em grande parte uma decorrência de você ter me encaminhado aquela pessoa.

Por causa disso, como uma comissão, depositarei capital num fundo de investimentos, no Banco da Inglaterra, o necessário para lhe proporcionar uma renda de dois mil guinéus por ano — se, em troca, você me apresentar, no prazo de trinta dias, a contar da data de hoje (quando sua regra for confirmada), uma declaração escrita e juramentada, nos seguintes termos:

Primeiro, que repudia e renuncia para sempre a toda e qualquer reivindicação que você ou um representante seu possam fazer contra o espólio inexistente de meu filho — deve compreender que ele, como menor, nunca tendo sido legalmente credenciado como tai-pan, não tinha herança para deixar.

Segundo, que concorda em renunciar a todas as reivindicações e concorda em não mais usar o título de "Sra. Malcolm Struan" ou qualquer versão similar. (A fim de resguardar as aparências, para você, sugiro que anuncie, pesarosa, que decidiu fazer isso porque, sendo católica, aceita que o casamento não foi legal, segundo sua fé e sua Igreja, não que eu admita que a cerimônia foi válida, sob qualquer aspecto.)

Terceiro, que nunca mais porá os pés em Hong Kong, a não ser para baldeação, não tentará se encontrar comigo, não me escreverá, não fará qualquer contato comigo ou minha família, no futuro.

Quarto, que sua declaração, com o testemunho formal de Sir William Aylesbury, ministro de sua majestade no Japão, me seja entregue aqui, em Hong Kong, através do Dr. Hoag, para maior segurança, até 14 de fevereiro, pouco mais de trinta dias depois de hoje (a data em que sua regra foi confirmada).

Por último, que se você casar dentro de um ano, o capital será aumentado para que o estipêndio anual chegue a três mil guinéus, durante os dez primeiros anos. Por sua morte, o capital reverterá para mim ou meus herdeiros.

Três semanas depois de ler esta carta, deve se retirar, por favor, de qualquer propriedade da Struan. Dei instruções neste sentido ao Sr. Albert MacStruan, em carta enviada hoje, e também determinei que, a partir deste dia, seu crédito com a Struan está suspenso, e que qualquer vale dado ou supostamente dado por meu filho e apenas autenticado por seu sinete não devem ser honrados — excetuando os que ele assinou e datou pessoalmente, por isso mesmo de autenticidade incontestável.

Se, dentro de três semanas, sua declaração estiver assinada e pronta para o Dr. Hoag me trazer, então o Sr. MacStruan está autorizado a lhe conceder imediatamente um crédito de QUINHENTOS guinéus, por conta de seu fundo de investimentos, que será instituído em trinta dias, com a renda anual liberada em pagamentos trimestrais.

Caso recuse as condições acima (tem a minha palavra solene de que não são negociáveis) ou não procure o Dr. Hoag até a data

especificada, 12 de fevereiro, no dia seguinte, 13 de fevereiro, sexta-feira, meus advogados entrarão com uma ação judicial contra você, arguindo o máximo que consideramos justificado, inclusive que foi uma premeditação dolosa que causou a morte do meu filho.

Um conselho: o Sr. Skye pode espernear e bradar que se trata de coação, que estas condições são ameaças contra sua pessoa. Não são. Meus advogados garantem que não são, que esta é uma maneira generosa e legal de remover um problema incômodo causado por meu filho, quaisquer que tenham sido as razões desavisadas.

Por favor, peça ao Dr. Hoag para voltar o mais depressa possível, com sua declaração juramentada, ou a não-concordância. Tess Struan, 28 de dezembro, Ano de Nosso Senhor de 1862, em Hong Kong.

Gornt levantou os olhos da carta.

— Não aceite.

— Foi exatamente o que o Sr. Skye me disse. — Um pouco da fúria de Angelique se dissipou. Sentava na cadeira alta, rígida, o rosto firme, Gornt à sua frente, no *boudoir*. — Fico contente por você concordar. Responderei nos mesmos termos para aquela mulher esta tarde.

— Não, seria um erro. Estou querendo dizer que não deve lutar, seria a pior coisa que poderia fazer. Chegue a um acordo.

Ela se tornou pálida de novo, mais do que furiosa.

— Acha que devo aceitar... essa sordidez?

— Estou apenas dizendo que pode chegar a um acordo, no momento oportuno — respondeu Gornt, a mente funcionando com perfeição, lógica, embora sentisse um aperto no peito e na garganta. — Tenho certeza de que pode melhorar as condições.

— Melhorar as condições? Quer dizer que aceita isso, em princípio? Aceita isso? Pensei que era um lutador, além de meu amigo, mas concorda em deixar que ela me arraste de cara na lama?

— Sei que ela disse que as condições são inegociáveis, mas não acredito nisso. Posso melhorar. A primeira oferta, dois ou três mil guinéus, já a deixa numa boa situação; com cinco mil já seria rica.

— Isso não compensa o comportamento infame daquela mulher, suas ameaças insidiosas, a constante hostilidade! Sou casada legalmente! Legalmente! — Angelique bateu com o pé no chão. — Não ser mais a Sra. Struan? Nunca mais pôr os pés em Hong Kong, ser tratada dessa maneira? Como ela ousa? Parece até que sou... que sou uma criminosa!

— Concordo. Posso renegociar, em seu nome.

— Jesus! Quero que ela seja humilhada, destruída!

— Eu também, mas este não é o momento.

— O quê?

— O grande Dirk Struan maltratou a família de minha mãe, os Tillmans, não tanto quanto Morgan, mas o que ele fez foi uma indignidade. — O sorriso de Gornt era cruel. — Se eu posso destruir os Brocks, por que não os Struans? É tudo a mesma coisa para mim. A vingança é uma refeição que podemos comer juntos, lentamente, pouco a pouco.

— Podemos? — Angélique experimentou um súbito calor no ventre; ele parecia muito bonito, forte e confiante. — Como?

— Primeiro, o que Skye disse?

— Disse que eu deveria lutar e me mostrou as petições que preparou para apresentar em Hong Kong, Londres e Paris...

— Paris? Por que Paris?

Angelique explicou a posição de “tutelada do Estado”.

— Ele diz que em Paris, com a proteção da França como um fato, podemos vencer, o casamento será declarado legal de acordo com a lei francesa e, depois, poderei fazer um acordo pelo meu critério, não o dela.

— Ele mencionou os honorários, Angelique?

Ela corou.

— Isso nada tem a ver com seu conselho.

— Bobagem — disse Gornt, a voz ríspida. — Nossa única segurança é enfrentar a verdade e compreender o jogo como é. Aquele pequeno bastardo... desculpe o termo, mas o uso com conhecimento

de causa, ele é isso mesmo, descobri em Hong Kong... aquele pequeno bastardo só está pensando no próprio futuro, não no seu, imaginando-se em vários tribunais a defender essa pobre e linda viúva francesa, emocionando vários júris... e perdendo em todos.

— Não entendo... Por quê?

— Malcolm não deixou nenhuma herança.

— Mas... mas o Sr. Skye diz que, segundo a lei francesa...

— Acorde, Angelique!

A voz era ainda mais ríspida. Era vital que ela se livrasse daquela ira estúpida e inútil.

No momento em que entrara no *boudoir*, vira a raiva e os lábios comprimidos de Angelique, a carta tremendo em sua mão, ele

compreendera que era a carta de que Hoag lhe falara, o que significava que não havia uma criança; agora o plano 'A' podia começar a ser executado. Sua alegria disparara.

Fingindo não saber de nada, Gornt apresentara cumprimentos efusivos, que haviam sido dispensados, a carta estendida em sua direção, a fúria tornando-a ainda mais atraente... a paixão boa para ambos, pensara ele, satisfeito. Mas agora devia ser canalizada e refinada, como a dele.

— Skye só tem presunção! Acorde!

— Estou acordada. Ele não é assim e não pense...

— Pare com isso! Use a cabeça, pelo amor de Deus! É você quem corre todos os riscos, não ele!

Por um instante, Gornt especulou mais uma vez sobre a segunda carta de Tess, O que conteria. Mas agora ninguém jamais saberia, pois Hoag dissera que parte do seu acordo com Tess era queimar a outra, sem abri-la, antes de entregar esta. Hoag realmente fizera

isso ou a teria lido antes de queimá-la, apesar do juramento solene de cumprir todos os desejos dela? Eu bem que gostaria de saber, mas isso não passa, afinal, do glacê do bolo.

— Angelique, minha cara Angelique... — Ele jogou a carta na mesa, como se fosse uma coisa suja, mas achando que era maravilhosa, levantou-se, foi sentar ao lado de Angelique, pegou sua mão. — Paris, a lei francesa e todo o resto são apenas em benefício de Skye, não o seu. Mesmo que ele ganhasse, eu apostaria dez mil contra um que a decisão não teria qualquer efeito em Tess Struan e Hong Kong...

Como ela fizesse menção de interromper, ele alteou a voz para continuar:

— Não temos muito tempo e você precisa ser sensata. Enquanto você pede emprestado, mendiga ou se vende para pagar os custos dos processos, sem falar nos honorários de que ele precisa, acabará perdendo esta oportunidade. Ele só dispõe de uns poucos dólares. Como vai chegar a Hong Kong, muito menos a Londres e Paris? Não passa de um sonho irreal.

Angelique retirou a mão, bruscamente. Ele riu.

— Você é como uma pirralha mimada e a amo por isso!

— Você... — Ela parou. — É mesmo?

— Eu a amo ou acho que é uma pirralha mimada?

Com uma voz diferente, Angelique disse:

— As duas coisas.

— As duas coisas — murmurou Gornt, também com uma voz diferente. Ele tornou a pegar a mão de Angelique, sorriu quando ela tentou retirá-la. E desta vez não permitiu. Com uma firmeza igual e gentil, puxou-a e beijou-a, com ardor. A reação dela foi imediata, logo diminuiu, e o prazer prevaleceu. Para ambos. Ao soltá-la, Gornt esquivou-se no mesmo instante, antecipando corretamente que as unhas tentariam golpeá-lo.

— Calma, calma... — murmurou ele, como se enfrentasse um cavalo feroso, satisfeito por poder avaliá-la. — Calma, Nelly!

Angelique riu, apesar de sua raiva.

— Você é um demônio.

— É possível, mas darei um excelente marido, *madame*.

O sorriso de Angelique se extinguiu. A raiva se dissipou. Ela se levantou, foi até a janela, contemplou a baía e os navios ali. Uma intensa atividade em torno dos navios de guerra. Gornt observou e esperou, torcendo para que seu julgamento fosse correto. Quando se sentiu pronta, Angelique disse:

— Diz para chegar a um acordo, Edward. Como?

— Eu pegaria o próximo e mais rápido navio para Hong Kong. Iria procurá-la imediatamente e providenciaria as mudanças que você e eu combinássemos, e creio que são possíveis. Tenho certeza que posso aumentar o estipêndio. Cinco em vez de dois ou três mil seriam aceitáveis?

— Ela diz que essas condições repulsivas não serão mudadas.

— Eu as mudarei... algumas.

— Quais?

— Podemos falar sobre isso hoje ou amanhã. Mas posso garantir que estou confiante sobre o dinheiro.

— *Mon Dieu*, o dinheiro não é tudo e por que tão depressa? Ainda falta muito para o dia marcado.

— Devo ser o primeiro a procurá-la com a notícia, a fim de pegá-la desprevenida. Isso melhora minha posição de barganha. Por você.

Ela virou-se para fitá-lo.

— E também por você.

— Também por mim.

Aquelas voltas e rodeios, riscos e manobras, uma palavra errada podendo ser fatal, eram mais emocionantes do que o melhor jogo de pôquer de que ele já participara, com as apostas mais altas. Ela. Ela e o futuro dele, indissolúveis. E ela conta com a maioria dos ases, disse ele a si mesmo, embora não saiba: a concordância imediata de Angelique com as exigências, por persuasão dele, deixaria Tess mais propícia do que nunca a aceitá-lo como aliado, o que era vital para seu futuro; os cinco mil guinéus o ajudariam a consolidar a Rothwell-Gornt; seu veneno garantiria a destruição de Tess.

— Eu a amo e quero casar com você, Angelique.

— É muito cedo para dar uma resposta.

— Não concordo. Você é livre, sem qualquer compromisso.

— Porque não sou casada, e nunca fui?

— Acalme-se, meu bem. Precisa pensar com toda calma. Somos adultos, tenho o direito de perguntar, amo você, e quero casar.

Angelique baixou os olhos e reconheceu que precisava dele, era o único que podia protegê-la de Tess.

— Desculpe... a carta me deixou transtornada. Mas, realmente, ainda é muito cedo para dar uma resposta.

— Não concordo. Acho que você me ama, a promessa poderia ser particular, sem mais ninguém saber, só entre nós. Eu a amo e formaríamos um casal excepcional. — Gornt falava com absoluta sinceridade. — O futuro será vasto para nós, depois que isto... — Ele apontou para a carta. —... depois que isto não mais ameacá-la. Temos muito em comum, assim como um objetivo comum, o de destruir nossa inimiga, com calma.

— Não o amo. Gosto de você, imensamente, talvez... talvez possa vir a amá-lo, com o tempo, e tentaria, se... se casasse com você... não, não se mexa, deixe-me terminar.

Seus dedos mexiam numa fivela de pérolas, que comprara na aldeia, e isso a lembrou que agora, já que MacStruan não mais aceitaria seus vales restantes, era a única jóia que ainda possuía, além do anel de noivado e do anel de jade. E André tornaria a procurá-la naquela tarde. Ela relegou essa preocupação para mais tarde e tratou de se concentrar. Curioso que Edward tenha a mesma idéia que eu. Pensamos igual, em muitas coisas.

— Prefiro deixar essa resposta para depois. Quando parte o próximo navio para Hong Kong?

— O melhor e o mais rápido seria o que vai zarpar amanhã de noite, o *Atlant Belle*, da Cooper-Tillman, direto para Hong Kong e depois San Francisco. — respondeu Gornt sem hesitar, as chegadas e partidas de todos os navios ocupando uma posição de destaque na mente de qualquer mercador. — Chegará a Hone Kong antes do nosso clíper, o *Night Witch*... que só deve chegar aqui dentro de três dias.

— E você gostaria de viajar no *Atlanta Belle*?

— Isso mesmo.

— Muito bem, Edward, vamos conversar sobre o que você acha que pode ser melhorado na proposta daquela mulher amanhã de manhã. Isso me daria tempo para pensar. Se concordarmos, então, por favor, siga o mais depressa possível para Hong Kong... e volte depressa.

— Combinado. Mas sua resposta ao meu pedido de casamento?

— Eu a darei quando você voltar.

— Preciso saber antes de partir.

— Por quê?

— Para o meu prazer.

Angelique percebeu o mesmo sorriso estranho e se perguntou o que havia por trás.

— Falando sério, por quê?

Gornt levantou-se, parou diante dela.

— Porque é vital para mim. Se casar comigo, o céu é o limite. Vai adorar Xangai, é a maior cidade da Ásia, faz com que Hong Kong pareça um lugar tacanho e atrasado, você será o grande sucesso da cidade e viverá feliz para sempre, eu prometo. E agora, por favor, quero sua promessa.

— Prometo que darei minha resposta quando você voltar. Deve haver confiança entre nós. — Angelique lembrou que dissera a mesma coisa a Tess. — Quando você voltar.

— Lamento, minha cara Angelique, mas preciso saber antes de partir.

— Ou não vai negociar com Tess por mim?

Ele não respondeu no mesmo instante.

— Negociarei por você. E gostaria de me casar amanhã, esta noite... não tem nada a ver com Tess. Mas não é possível partir sem uma resposta.

Gornt chegou mais perto, pôs as mãos nos ombros de Angelique, beijou-a na ponta do nariz.

— *Jolie mademoiselle*, uma resposta, por favor? Até o pôr-do-sol de amanhã? Terei de embarcar então. Uma resposta, perante Deus.

Naquela tarde, a notícia sobre Katsumata e o suicídio de Meikin foi transmitida a Raiko, em seus aposentos particulares. Ela desmaiou. Quando começou a se recuperar, mandou uma criada pedir a Hiraga que localizasse Akimoto e Takeda, com toda urgência, e viessem procurá-la, pois havia fatos terríveis a relatar. Eles não demoraram a aparecer.

Chorando sem qualquer constrangimento, retorcendo as mãos, ela informou que Yoshi capturara Katsumata, falou sobre a morte dele e a de Meikin. a *mama-san* de Koiko, mas não revelou que fora ela quem o traía.

— É o fim... se Yoshi descobriu tudo sobre Katsumata e Meikin, também sabe do meu envolvimento, sabe de vocês. Fomos todos traídos. Quem será o traidor? É apenas uma questão de tempo... — Outra vez o terror a dominou. — Vocês devem partir imediatamente, antes que os vigilantes os descubram... não podem mais continuar aqui...

— Pare! — sibilou Hiraga, o rosto branco.

Ele não estava mais disfarçado como serviçal da cozinha. Usava um quimono comum e se encontrava preparado para correr até seu santuário no túnel, os vigias agora confiáveis, sob pena de morte. Akimoto e Takeda também ficaram abalados. O fato de que Katsumata pudesse morrer como um covarde era inconcebível.

Não posso acreditar que o *sensei* se deixasse capturar vivo, pensou Hiraga. E Yoshi permitir que Meikin fizesse uma coisa assim com ele era repulsivo, por mais que merecido. *Baka* ser capturado vivo!

— Deixe-nos agora, Raiko. Falarei com você mais tarde.

— Obrigada, Sire, sinto muito, mas...

— Deixe-nos!

Ela se retirou, trôpega, contente por se livrar deles, odiando todos os *shishi*, mas sensatamente escondendo seu ódio. Takeda cuspiu de raiva.

— Yoshi não tem honra ao permitir que uma coisa assim acontecesse. Katsumata deve ser vingado!

Akimoto olhou para Hiraga, também angustiado.

— O que devemos fazer, primo? Essa velha megera tem razão, a busca será intensificada. Devemos escapular esta noite. Vamos tentar, hem?

— Você é *baka!* Estamos cercados como ratos numa carcaça!

Embora simulasse raiva, Hiraga, na verdade, sentia-se tonto de alívio. Com Katsumata morto, não haveria agora necessidade de um ataque. Mais uma vez, ele assumia o comando de seu próprio destino.

— Não devemos cometer nenhum erro.

Takeda disse:

— Concordo que somos ratos numa armadilha aqui. Portanto, vamos atacar, como o *sensei* planejou. Temos as bombas agora. *Sonno-jo!*

— Não. Estamos seguros, por enquanto.

Akimoto disse:

— Hiraga, se Yoshi entregou Katsumata a essa Meikin, foi uma recompensa, *neh*? Em troca por traí-lo? Raiko fará a mesma coisa com a gente. E não poderia ser ela a traidora que denunciou os dois a Yoshi, em primeiro lugar?

Takeda levantou-se.

— Vamos matá-la, para começar.

— Sente-se! — ordenou Hiraga. — Precisamos de Raiko. Ela já demonstrou seu valor no passado e vocês esquecem que nenhuma *mama-san* merece confiança total. Sente-se, Takeda, e seja lógico. Ela não vai nos trair... não passa de urn bruxa gananciosa, como

qualquer outra *mama-san*. Se você deixar, ela lhe cobrará uma prostituta de terceira classe quando a mulher é apenas uma vagabunda da rua que mal vale um *momme* de cobre. Meikin nos forneceu boas informações no passado. Foi graças a ela que pegamos Utani, o pederasta. Ela própria foi traída. Yoshi e o *Bakufu* têm milhares de espiões.

— Não estamos seguros aqui. — Akimoto estremeceu. — Odeio este lugar. Esta Yoshiwara dos *gai-jin* se acha contagiada pela praga deles. Voto com Takeda Atacar, escapar ou morrer.

— Ainda não. Deixem-me pensar.

Takeda observava-o atentamente.

— Você conhecia essa Meikin?

— Há muitos anos...

Hiraga quase acrescentou que conhecera Koiko também, tentado a lhes contar o verdadeiro motivo para a traição, mas decidiu não fazê-lo, saboreando a maneira como Katsumata morrera. Agora Sumomo está vingada, Koiko também. Agora seus espíritos se tornarão *kami* ou renascerão no trigésimo primeiro dia, conforme os deuses decidirem... se é que existem deuses. Agora posso esquecer-las, embora elas vivam para sempre.

O *sensei* suplicando por misericórdia? Todos esses anos a idolatrá-lo, a escutar o que ele dizia? Fomos enganados, pensou Hiraga, revoltado. Não importa, aquele covarde será escarnecido e cuspidor por toda parte, muito em breve poemas e peças de teatro contarão como ele traiu Sumomo e Koiko, a vingança da *mama-san*... e o desejo de morte. Ah, que classe ela tinha!

Involuntariamente, ele soltou uma risada nervosa e imitou a voz estridente de um *onnagata* — um ator que se especializava em papéis femininos, já que só os homens eram permitidos nos palcos.

— “Um banho e roupas limpas. Por favor?” Os teatros *kabuki* e de marionetes lotarão casas com isso por gerações.

— *Baka* ao *kabuki*! — exclamou Takeda, furioso. — O *sensei* será vingado. A honra será redimida. Atacaremos esta noite, conforme o

planejado, vocês afundam o navio, eu cuido da igreja, e também da outra, e mato todos os *gai-jin* que encontrar, até morrer. O que diz, Akimoto?

Ele se levantou, foi espiar pela janela. Não faltava muito para a noite. Subitamente, notou o vento agitando os arbustos.

— Olhem! É um sinal dos deuses! O vento está aumentando. E sopra do sul.

Akimoto foi se postar ao seu lado.

— É verdade, Hiraga!

Por um momento, Hiraga hesitou. Seria mesmo um sinal?

— Nada de ataque, não esta noite. Nada de ataque.

Takeda virou-se.

— Pois eu digo que devemos atacar. — Ele olhou para Akimoto. —
Você concorda? *Sonno-jo!*

Akimoto não sabia o que fazer. A raiva e confiança de Takeda eram contagiantes.

— O fogo encobriria a nossa fuga, Hiraga.

— Um pouco, talvez — disse Hiraga, irritado —, mas não uma tentativa de incendiar toda Iocoama.

Seu cérebro ainda oscilava e ele não tinha ainda outra solução que não seu plano final e nenhum meio de pô-lo em execução sem a ajuda de Taira e da remoção da pressão de Yoshi em seu pescoço.

— Amanhã, ou no dia seguinte, pode...

— Esta noite — insistiu Takeda, mal conseguindo conter sua ira. — Esta noite é uma dádiva, os deuses nos falam!

— Nesta época do ano, o vento vai se prolongar. Precisamos de mais homens para incendiar a colônia. Um de nós deve ir a Iedo para buscá-los. Takeda, você poderia ir.

— Como? Você mesmo disse que os vigilantes estão por toda parte. Como?

— Não sei, Takeda. — Trêmulo, Hiraga levantou-se. — Esperem até eu voltar, e depois poderemos decidir. Falarei com Raiko, direi a ela que partiremos amanhã... não será assim, mas direi isso.

— Ela não mais merece confiança.

— Já disse que ela nunca mereceu.

Hiraga saiu e foi encontrá-la.

— Muito bem, Hiraga-sama, vocês podem ficar.

Raiko já dominara o pânico, o conhaque no estômago, permitindo que o destino se tornasse o destino.

— Taira virá aqui esta noite?

— Não, nem amanhã. Mas *Furansu-san* vem. Sei que vem.

— Mande chamar Taira. Pode fazer isso, não pode?

— Posso, sim, mas o que direi quando ele chegar? — indagou Raiko, apática. No instante seguinte, ela teve um sobressalto, quando Hiraga declarou, os dentes semicerrados:

— Diga a ele, Raiko, que Fujiko decidiu que não deseja mais assinar um contrato, que outro *gai-jin* a procurou, com uma proposta de negócio melhor.

— Mas o preço do contrato de Fujiko já é fantástico, bom demais, e ele não é nenhum tolo. Vai comparar os preços e o perderei para outra casa. Ele até já visitou algumas. Vou perdê-lo.

— Vai perder a cabeça, se a confusão em que se meteu não for resolvida e o resto do seu corpo bem-alimentado servirá de comida aos peixes.

— Resolver o problema? — Raiko se tornou toda atenção. — Há alguma possibilidade, Hiraga-sama? Tenho uma chance? Conhece algum meio?

— Faça o que eu mandar e talvez eu possa salvá-la. Mande chamar Taira agora.

Hiraga fitou-a com a maior frieza e voltou para junto dos companheiros. Estavam na varanda, observando os arbustos serem inclinados pelo vento.

— Estamos seguros, por um ou dois dias. Takeda disse, desdenhoso:

— Ela nem imagina que está morta, e hoje à noite Iocoama também morrerá será purificada dos vermes.

— Vamos adiar por um dia. Amanhã à noite será melhor.

A ira de Takeda começou a voltar.

— Por quê?

— Quer uma chance de escapar? Desfechar o golpe da morte, mas continuai vivo para apreciá-lo? Todos nós? Concordo com você que o momento chegou. Tem razão nesse ponto, Takeda. Mas amanhã me dá tempo para planejar.

Depois de um momento, Takeda exclamou:

— Akimoto!

— Vamos concordar com o adiamento. Para escapar também... Hiraga é sábio, Takeda, *neh?*

O silêncio tornou-se imenso.

— Adiamento. Um dia. Concordo.

Takeda levantou-se, seguiu para seu esconderijo, na casa de chá mais próxima. Uma pausa prolongada e Hiraga sugeriu:

— Akimoto, daqui a pouco vá sentar com ele, tranquilizá-lo.

— Ele é Satsuma, primo. Katsumata era Satsuma. Hiraga olhou para os arbustos, inclinados pelo vento sul.

— Sente com ele. Tranqüilize-o.

Tyrer ficou transtornado.

— Não contrato, Raiko-san?

— Não, sinto muito. Fujiko mudou de idéia e recebeu uma oferta muito melhor. Sinto muito, mas ela está intransigente.

— Por favor? — suplicou ele, não entendendo a maior parte das palavras em japonês.

Ela repetiu e acrescentou:

— Foi por isso que pedi para vê-lo com urgência. Sinto muito. Ela não vai vê-lo, nem esta noite, nem nunca.

A sensação de Tyrer era de que mergulhava num poço sem fundo. Interrogou-a em seu japonês mais polido e melhor, mas Raiko sacudiu a cabeça.

— Sinto muito — disse ela, encerrando a conversa e fazendo uma reverência para dispensá-lo. — Boa noite, Taira-sama.

Como se estivesse embriagado, Tyrer saiu para a varanda. A porta de *shoji* foi fechada. Ele cambaleou para o caminho através do jardim, praguejou ao perceber que esquecera os sapatos. Atordoadado, sentou na varanda para calçá-los, murmurando:

— O que aconteceu?

Três dias atrás, quando voltara com Babcott de Iedo, tudo estava perfeito, o contrato acertado, a não ser por um pequeno detalhe, o pagamento seria efetuado dentro de uma semana. Sua conta anterior fora liquidada com sorrisos e reverências, Fujiko mais amorosa e mais doce do que nunca naquela noite. Quando Raiko enviara um criado à casa que ele partilhava com Babcott, pedindo uma reunião urgente, ele presumira, divertido, que era apenas para assinar o documento. Enviara uma mensagem antes, avisando que provavelmente não poderia ir naquela noite, nem estaria disponível no dia seguinte, pois teria de ir a Kanagawa. E, agora, aquilo...

— Não entendo...

Rajadas de vento agitavam mais folhas em torno de seus pés. Desesperado, ele se aconchegou no casaco. A noite parecia cada vez mais escura. Com um suspiro profundo, Tyrer levantou-se, foi andando pelo caminho sinuoso, mas parou abruptamente, quando um samurai quase esbarrou nele.

— Deus Todo-Poderoso! — explodiu ele. — Nakama!

Hiraga estendeu a mão para a espada e Tyrer pensou que ia morrer. Mas a espada permaneceu pela metade na bainha e ele viu os olhos avaliarem-no, compreendendo que fora por um triz.

— Não — balbuciou Tyrer, meio sufocado com a súbita aparição. — Eu... não estou armado.

Ele ergueu os braços em rendição, ficou imóvel, censurando-se por sua estupidez, quase morreu de novo quando Hiraga bateu com a espada na bainha.

— Taira-sama, eu não machucar você. Pensar era inimigo. Mas ser amigo.

Hiraga sorriu, estendeu a mão. Atordoado, Tyrer apertou-a e depois não pôde mais se conter:

— O que está fazendo aqui? Pensamos que havia fugido para Iedo. Que história é essa de ser um *ronin*? Temos de entregá-lo a Yoshi, sabe disso. Lorde Yoshi está à sua procura, sabia?

— Não aqui! — advertiu Hiraga. Ele pegou o braço de Tyrer, que sentiu o aperto de ferro. — Vir comigo.

Gesticulando para que ele se mantivesse em silêncio, Hiraga conduziu-o por outro caminho e, depois, por um labirinto de pequenas trilhas, separadas por sebes, até que Tyrer perdera por completo todo e qualquer senso de direção.

— Dentro, por favor.

Trêmulo de medo e desamparado, Tyrer obedeceu. Não havia a menor possibilidade de fugir. Viu Hiraga esquadrihar a noite, para verificar se haviam sido seguidos. A porta de *shoji* foi fechada. Uma vela num quebra-luz iluminava o interior da casa comum, de um só cômodo, com pequeno banho adjacente. A chama oscilou, quase se apagou com a aragem.

— Sente! Por favor. Agora, dizer de novo, mas não depressa, a voz baixa. — Com uma expressão sinistra, Hiraga tirou a espada curta do cinto, largou-a no tatame, ao seu lado. — E então?

Tentando conter o temor que se misturava de forma nauseante com sua aflição, Tyrer relatou sobre Yoshi e Abeh, o assassinato de Utani e como todos pensavam que Hiraga já havia fugido para outro lugar.

— Temos de entregá-lo a Yoshi, aos guardas no portão, porque o capitão Abeh voltou para Iedo, Nakama, e... Como devo chamá-lo, Nakama ou Hiraga?

— Como quiser, Taira-sama.

— Hiraga então, pois esse é seu verdadeiro nome, não é?

— Sou chamado assim. Mas os japoneses ter muitos nomes, um no nascimento, outro sete anos, outro adulto, e tomar outro, se quiser. Sou Nakama ou Hiraga, seu amigo.

— Amigo? — repetiu Tyrer, amargurado, esquecendo o medo. — Por que não me disse que era um assassino? Você matou Utani, não é mesmo?

— Sim, ele um alvo, homem muito mau. Yoshi outro. Isto não ser *Ing'rand*, Taira-sama, não *Ing'rand*. Esses homens maus, *Bakufu*, roubar poder do imperador, eles tiranos.

Solene, Hiraga explicou da melhor forma que podia sobre os *shishi* e sua luta para eliminar o governo despótico — com uma sinceridade óbvia — falou da ganância de Utani e seus impostos exorbitantes, como os clãs e daimios Toranagas possuíam toda a riqueza da terra,

os Toranagas mais do que todos os outros, sobre a corrupção do *Bakufu*, como o povo se tornara faminto e impotente.

— Nós querer devolver Nipão ao imperador, fazer governo justo para todas pessoas.

Por “todas pessoas” Hiraga se referia a todos os samurais, embora Tyrer presumisse que incluía todos os japoneses. E enquanto interrogava Hiraga, fascinado por aquela janela singular para a estrutura interna do Nipão — e a mentalidade dos japoneses —, ele foi se convencendo cada vez mais de que havia mérito no lado de Hiraga. Só tinha de considerar a história inglesa e a luta do povo para prevalecer sobre o “direito divino dos reis” e o domínio dos tiranos para se tornar mais e mais simpático. Não era difícil recordar o imenso custo em vidas para criar o Parlamento e o governo do povo pelo povo: a cabeça de um rei, outros humilhados, revolução, tumultos, mortes, antes de florescerem o *Raj britânico* e a *Pax Britannica*. Recordando também a dívida que tinha com aquele homem, ele disse, sombrio:

— Mesmo assim, não vejo qualquer esperança para você. No momento em que for avistado, será capturado, por seu povo ou pelo meu. E não há nada que eu possa fazer para evitar.

Hiraga respirou fundo e lançou-se no vazio.

— Uma coisa sim, poder fazer me ajudar. Ajudar entrar navio, navio ir *Ing'rand*.

Tyrer ficou aturdido.

— O quê? Você enlouqueceu!

— Por favor, falar baixo, muito inimigo aqui — murmurou Hiraga, no maior entusiasmo com aquela idéia surpreendente e radical, que surgira do nada, como se plantada pela própria deusa-Sol. — Por favor, escutar. Muitas vezes dizer eu aprender sobre *gai-jin*, seu país melhor, *neh?* Eu ir lá com meu primo. Nós aprender melhor maneira fazer governo, seu Parlamento. Nós aprender suas maneiras. Yoshi certo sobre marinha e exército, mas eu achar melhor aprender de banco, negócios, comércio. Nós precisar saber melhor maneira, *neh?* Sua maneira, a maneira *ing'rish*, *neh?*

Com eloquência, Hiraga continuou a tecer sua teia, a ansiedade emprestando-lhe palavras extras e cadências suaves. Aquele era seu

plano final, a única fuga possível da armadilha de Yoshi. Ele tinha certeza de que um ou dois anos passados entre os *gai-jin*, com as apresentações certas e a ajuda conveniente, seriam de enorme valor para *sonno-joi*.

É a solução perfeita para escapar da morte inevitável se eu ficar, raciocinara ele, exuberante. Voltaremos dentro de um ou dois anos, falando *ing'rish* com perfeição, conhecendo seus segredos sobre *produk'shum* e *stoku markit*, fuzis, canhões, táticas, estratégias, os métodos que usaram para conquistar o mundo exterior, até mesmo para humilhar a China.

Esta é a terra dos deuses! A China deve ser nossa, não dos *gai-jin*. Antes de partir, contarei meu plano aos nossos líderes *shishi* de Choshu e de alguma forma manteremos contato, através de cartas.

— Ser simples, Taira-sama. Você falar capitão, nós embarcar sem problema. Ninguém precisar saber.

— Sir William jamais concordaria.

— Talvez não precisar falar ele. — Hiraga inclinou-se para a frente, oferecendo sua opção, sem se sentir muito seguro. — Ou se falar, eu falar também, achar ele concordar, *neh?* Muito importante para *ing'rish* ter amigo Japão. Eu bom amigo. Jami-sama, ele ajudar também, se pedir.

— Quem?

— Jami, homem grande barbudo, maior que você. Jami.

— Jamie? Jamie McFay?

— Sim, Jami Mukfey.

Agora que absorvera a idéia, a mente de Tyrer passou a funcionar melhor. Havia tremendas possibilidades a longo prazo em fazer o que Hiraga sugeria. Sempre fora a política britânica educar — reeducar — estudantes estrangeiros devidamente selecionados, quanto mais importantes ou de famílias reais, melhor. Muitos eram radicais ou revolucionários em seus próprios países, em particular na Índia. Hiraga era muito inteligente e não podia deixar de ser

importante, se era inimigo de Yoshi. Julgue um homem por seus inimigos, dissera seu pai.

E enquanto remoía sobre a sugestão de Hiraga, ele também especulou como estavam o pai e a mãe, seus amigos, triste por não poder vê-los, por saber que tão cedo não voltaria a Londres... não havia licença por dois anos. Ao mesmo tempo, orgulhava-se de participar do serviço diplomático, de ser uma engrenagem, mesmo que mínima, na vastidão do império britânico.

A idéia de Hiraga é boa. Daria certo. Mas como tirá-lo daqui, como persuadir Sir William a ajudar... Willie é a chave.

Quanto mais Tyrer pensava a respeito, mais suas esperanças minguavam, mas tinha de admitir que era uma estupidez sequer considerar a possibilidade, tornando-se mais e mais certo de que Sir William não ajudaria, nem sequer ia querer ouvir um plano assim, não com aquele homem, um assassino confesso, não com Hiraga, que era apenas um peão na disputa muito maior por Yoshi. Não haveria retorno para Sir William — nenhuma compensação, nenhum motivo para se arriscar à hostilidade de Yoshi, nem o poder no futuro, ou qualquer outra coisa que Hiraga alegasse.

— Tentarei — disse ele, procurando se mostrar confiante, sem esquecer de que ainda era um prisioneiro de Hiraga, a espada muito próxima. — Não posso garantir coisa alguma, mas tentarei. Onde poderei encontrá-lo?

Hiraga sentia-se satisfeito, seu jogo imenso, entretanto, lhe concedera espaço para manobrar. Convencera Taira, agora outra vez do seu lado. O líder *gai-jin* se tornaria um aliado.

— Você guardar segredo?

— Claro.

— Mandar aviso Raiko. Nós encontrar na aldeia ou aqui. Dizer onde, Taira-sama. Achar quanto mais cedo, ser melhor, para navio, *neh?*

— Tem razão. Enviarei uma mensagem amanhã ou virei pessoalmente. Cauteloso, Tyrer começou a se levantar. Hiraga estava radiante.

— Ir ver Fujiko?

A desolação de Tyrer foi imediata.

— Não há mais Fujiko.

— Como? O que significar, por favor?

Tyrer contou tudo, viu o rosto de Hiraga corar.

— Mas você ter promessa, Taira-sama. Eu falar, arranjar tudo com Raiko, *neh?*

— Pode falar, mas agora o contrato foi cancelado. Raiko diz... Tyrer parou de falar, assustado com a expressão de Hiraga.

— Esperar, por favor!

Hiraga saiu, com cara de furioso. Tyrer espiou por uma janela lateral. Ninguém à vista, apenas os arbustos balançando, o cheiro de maresia no ar... fuja enquanto tem chance, ele disse a si mesmo, mas depois, subitamente, experimentou desesperada vontade de urinar. Usou o balde no banheiro e sentiu-se melhor. Agora estava com fome. E com sede. Olhou ao redor. Não havia bule de chá nem um cântaro com água. A fome e a sede eram excruciantes... assim como a idéia de Hiraga. Não havia meio de satisfazer qualquer das coisas. Sem a benevolência de Sir William, Hiraga seria como uma criança perdida na selva. Nem mesmo Jamie poderia ser de grande valia, agora que deixara a Struan. E por que ele ou qualquer outra pessoa haveriam de ajudar? Não havia qualquer compensação. Tyrer tornou a espiar pela pequena janela.

Saia enquanto pode, pensou ele, e se encaminhou para a porta. Foi nesse instante que ouviu passos. Voltou apressado para a almofada. A porta de shoji foi aberta. Raiko ajoelhou-se na sua frente, enquanto Hiraga mantinha-se na porta, ameaçador.

— Desculpe, Taira-sama — disse Raiko, engasgando com as palavras, numa pressa abjeta para apaziguá-lo. — Sinto muito.

Cometi um erro terrível...

Suas palavras foram como uma fonte. Tyrer não entendeu tudo, mas absorveu a mensagem com clareza.

— Já chega — disse ele, com firmeza. — Trazer contrato agora. Eu assinar. Submissa, ela tirou o pergaminho da manga e estendeu-o.

— Espere! — interveio Hiraga. — Dê-me isso!

Raiko obedeceu no mesmo instante e tornou a baixar a cabeça. Ele examinou o documento curto, soltou um grunhido.

— Estar conforme combinado, Taira-sama, você assinar mais tarde — disse ele, voltando a falar em inglês. — Esta pessoa,... — Ele apontou para Raiko, irado. — ...dizer cometer erro, dizer Fujiko suplicar agora honra receber você, sentir muito pelo erro. Erro dela. *Baka!*

Uma pausa e Hiraga acrescentou em japonês, a voz ríspida:

— Trate este lorde muito bem ou destruirei sua casa de chá! Cuide para que Fujiko esteja pronta, à espera! E agora vá!

— *Hai, Hiraga-sama!*

Murmurando desculpas em profusão, Raiko se retirou. Quando se encontrava a uma distância segura, ela riu, satisfeita com seu desempenho, com o êxito da trama de Hiraga, e por ter fechado o negócio.

Tyrer, exultante, agradeceu a Hiraga, feliz demais para se preocupar com a maneira pela qual seu óbvio amigo conseguira promover uma mudança tão depressa. Nunca seremos capazes de compreender algumas coisas sobre os japoneses, refletiu ele.

— Assinarei o contrato e o trarei de volta amanhã.

— Não ter pressa, deixar aquela cadela de mulher esperar. — Hiraga sorriu e estendeu-lhe o pergaminho. — Agora eu levar você até Fujiko. *Ikimasho*.

— *Domo arigato gozaimashita*.

Tyrer fez uma reverência como a que um japonês ofereceria a alguém a quem devesse um considerável favor.

— Amigo ajudar amigo — disse Hiraga, simplesmente.

57

Mais tarde, ainda naquela noite, Tyrer acordou, completamente satisfeito. Seu relógio marcava 9:20 h. Perfeito, pensou ele. Ficou deitado ao lado de Fujiko, mergulhada num sono profundo. Os futons e as colchas de plumas eram tão limpos e com um aroma tão

suave quanto ela, quentes e confortáveis... muito melhor que sua cama, um colchão de palha duro, pesados cobertores de lã, com cheiro de umidade. A pele lustrosa de Fujiko era dourada à luz da vela, o pequeno quarto dourado e aconchegante, com o vento agitando o telhado, as telas de *shoji* e as chamas.

Outro breve cochilo, pensou ele, e depois irei embora.

Não seja tolo. Não há necessidade de voltar esta noite. Todos os documentos para a reunião com Yoshi amanhã já estão prontos, uma cópia do tratado em japonês e inglês na pasta de Wee Willie, tudo conferido esta tarde. O plano de batalha acertado contra Sanjiro de Satsuma está pronto, no cofre, à espera da assinatura dele e de Ketterer. Voltarei ao amanhecer, tão radiante quanto um guinéu de ouro que acabou de ser cunhado. Afinal, bem que mereço um prêmio, depois do choque-iú de Hiraga e do choque-iú ainda maior de Raiko. Ele sorriu, choque-iú, soando muito japonês. Um suspiro de satisfação, o bom e velho Nakama, isto é, Hiraga. Tyrer bocejou, fechou os olhos. E se aconchegou ainda mais. Fujiko não acordou, mas se abriu para ele.

Em outra parte dos jardins, Hinodeh aguardava impaciente por André, que deveria chegar a qualquer momento agora, como Raiko avisara. Ela se sentia quase doente na expectativa.

Raiko se encontrava em seus aposentos, relaxada, tomando saquê. Muito em breve passaria para o conhaque e o esquecimento, a bebida removendo todos os pensamentos desagradáveis: seu medo e aversão a Hiraga, suas esperanças por ele, o terror por Meikin, o desejo de vingança, tudo se misturando e se fundindo a cada taça esvaziada.

No outro lado dos jardins, escondido em sua casa segura, Hiraga sentava na posição clássica do Lótus, meditando para desanuviar a terrível dor de cabeça provocada pela notícia sobre Katsumata e o encontro com Tyrer. Muito em breve Akimoto voltaria. E depois ele decidiria sobre Takeda.

No outro lado da cerca, num bangalô nos jardins da casa de chá das Cerejeiras, Akimoto se encontrava bêbado de saquê. Refestelado à sua frente, Takeda arrotou tomou mais um gole de sua cerveja. Outro frasco de saquê foi esvaziado, lentamente, até que escapuliu dos dedos de Takeda, que tinha os olhos turvos. A cabeça baixou para os braços, e ele começou a roncar. Takeda sorriu, não tão embriagado quanto fingira.

Depois de se certificar de que Akimoto estava mesmo adormecido, ele abriu a porta de *shoji*, saiu e fechou-a sem fazer barulho. A noite era fria, o vento forte soprava do sul. Zunia ao seu redor, agitando seus cabelos curtos e incômodos. Takeda coçou com todo vigor, esquadrinhando a parte dos jardins que podia avistar. Uma criada com uma bandeja saiu apressada de um bangalô, retornando à casa

principal. A distância, homens cantavam, embriagados, sob os acordes de uma *samisen*. Um cachorro latiu em algum lugar. Depois que a criada desapareceu, ele pôs o casaco escuro, acolchoado, enfiou as espadas no cinto, calçou as sandálias de palha e se afastou apressado por um caminho, passou para outro e mais outro, até chegar perto da cerca. Seu esconderijo era sob um arbusto. Cinco bombas, feitas por ele e Hiraga, com estopins de diversos comprimentos.

As bombas eram fabricadas com dois pedaços de bambu gigante, amarrados juntos, um palmo e meio de extensão, a metade disso na largura, o interior de um com a pólvora extra de Katsumata, o outro com óleo. Num instante, ele armou as três bombas, usando o mais longo dos estopins de que dispunha, com cerca de uma vela de duração... quase duas horas. O estopim era de corda de algodão, impregnada com uma solução de pólvora e posta a secar. Preparou as duas restantes com estopins para a metade desse tempo.

Um último olhar para o céu. As nuvens disparavam com o vento. Ótimo. Takeda pegou duas bombas e se afastou, fundindo-se com a noite. Passou pela porta secreta na cerca para o jardim da casa das Três Carpas, que ficava ao sul da casa das Cerejeiras, e se encaminhou para o mais meridional dos bangalôs ali, também erguido, como todos os demais, sobre meio metro do chão, apoiado em estacas baixas. Estava ocupado e iluminado. Cauteloso, Takeda rastejou por baixo. Acendeu o estopim com uma pederneira, o barulho abafado pelo vento. O estopim pegou. Os passos de uma mulher soaram por cima e ele ficou imóvel. O som da porta de *shoji* sendo aberta. Depois de um momento, foi fechada de novo.

Folhas caídas empilhadas sobre o estopim aceso o ocultavam quase que por completo e Takeda tornou a se afastar, uma sombra entre sombras... para se agachar por trás de arbustos, ao deparar com um *gai-jin* se aproximando. O homem passou sem percebê-lo e Takeda logo voltou a se movimentar, seguindo para o prédio principal. Outra bomba incendiária foi instalada ali, com o maior cuidado.

Ele voltou para a cerca, evitando um criado, esperando que uma criada velha e corpulenta passasse, chegou ao esconderijo, pegou a última das bombas de estopim comprido e outra vez partiu apressado. Acendeu-a e colocou-a debaixo de seu próprio bangalô. Podia ouvir os roncões de Akimoto lá em cima. Os lábios de Takeda se contraíram num sorriso. Pela última vez, ele correu de volta ao esconderijo, suado e eufórico. Até agora, tudo transcorrera de acordo com o plano de Ori. Hiraga estava infectado pelos *gai-jin*. E Akimoto também. O que já não acontecia com ele. Faria tudo sozinho.

Com as bombas restantes, ele atravessou o jardim, pulou a cerca para o seguinte, depois outro e mais outro, até alcançar o poço que era a entrada para o túnel secreto. Entrou no poço, pôs a tampa de volta no lugar. Não precisava temer a possibilidade de encontrar Hiraga ali embaixo.

No túnel, são e salvo, Takeda recomeçou a respirar e acendeu o lampião de óleo. A cama de Hiraga e uns poucos objetos espalhavam-se ao redor. A mochila de Katsumata, com as bombas nos cilindros de metal, estava debaixo de uma manta. Ele pôs na mochila suas duas bombas e ajeitou-a nos ombros, seguindo apressado pelo túnel. Logo deparou com a barreira de água. Tirou as roupas, amarrando-as numa trouxa.

A água enregelante deixou-o com dificuldade para respirar. Ao alcançar a parte mais estreita, onde o teto baixava na direção da água, sua cabeça ficou a poucos centímetros da rocha, a água subindo até o queixo. Não foi fácil manter a lanterna e a mochila acima da superfície. No outro lado, ele se vestiu, o mais depressa possível, estremeando e praguejando. Ainda havia muita coisa a fazer. Não tinha importância, pois já começara. Dali a pouco terminaria tudo; depois viveria para sempre. Seu fervor aqueceu-o, fez com que esquecesse o frio.

Na extremidade do túnel, onde havia barras de ferro para subir e o poço desaparecia nas profundezas, Takeda parou, a fim de recuperar o fôlego. Agora, era o momento de subir. Escorregou numa das barras de ferro, quase caiu, mas conseguiu se equilibrar e ficou parado, até o coração se aquietar. E continuou a subir. Com a maior cautela, empurrou para o lado a tampa quebrada, ergueu a cabeça para espiar ao redor. A terra de ninguém se encontrava vazia. Acidade dos bêbados estava agitada, com risos, gritos, cantos embriagados, uns poucos homens cambaleando por vielas, não muito longe, cachorros latindo para eles.

A cidade dos bêbados situava-se ao sul da aldeia e da colônia, que se estendia ao longo da costa, numa linha sul-norte. A Yoshiwara ficava ao sul da cidade dos bêbados. Ori primeiro, depois Katsumata e Hiraga haviam planejado onde pôr os artefatos incendiários, a fim de que um vento sul espalhasse as chamas, que consumiriam tudo em seu caminho.

Takeda deixou a mochila no meio do mato e foi esconder uma das bombas de pavio curto junto a um armazém desconjuntado, a outra por trás de uma choupana. O lixo cobriu os estopins acesos.

Voltando apressado para o lugar em que deixara a mochila, com as bombas restantes, ele teve de se esconder por trás de uma pilha de lixo. Vindo da aldeia, uma patrulha de soldados fazia sua ronda noturna. Costumava sair da legação britânica, percorria a High Street, atravessava a aldeia, passava pela terra de ninguém, cruzava a cidade dos bêbados e voltava pelo passeio. Duas vezes por noite. Ao chegarem à viela, a trinta metros do lugar em que Takeda se encontrava, os soldados pararam, ao abrigo de um armazém, para fumar um cigarro e urinar.

Takeda praguejou silenciosamente, imobilizado ali. Mais de três quartos de uma vela já haviam transcorrido desde que acendera o primeiro estopim.

— Boa noite, Hinodeh — disse André, ao entrar no santuário que tinham no jardim, algum tempo antes. — Desculpar atraso.

— Boa noite, *Furansu-san*. Nunca está atrasado. Não importa o que faça, é sempre correto. — Sorrindo para ele. — Aceita saquê?

— Por favor.

Ele sentou na frente de Hinodeh, observou-a servir, suas pernas no espaço sob a mesa, onde um pequeno braseiro aquecia o ar, o calor mantido pelo *edredom* estendido por cima da mesa e envolvendo os dois. A graciosidade de Hinodeh era ainda mais sedutora, os cabelos pretos, brilhantes, presos com alfinetes ornamentais, um toque de

ruge nos lábios, as mangas compridas afastadas com cuidado do frasco.

Naquela noite ela usava um quimono que André nunca vira antes, numa gloriosa tonalidade de verde, a cor predileta dele, com garças, símbolo de vida longa, bordadas em fio prateado por toda parte, a bainha de um quimono de baixo aparecendo, de forma sedutora. Com uma reverência, Hinodeh entregou-lhe a taça e depois, para surpresa de André, serviu-se de outro frasco, que continha saquê aquecido — o dele era frio, como preferia. Era muito raro Hinodeh beber. Com um sorriso, ela ergueu sua taça.

— *A ta santé, chéri, je t'aime.*

Ela imitou o sotaque de André, como ele lhe ensinara.

— *A ta santé, chérie, je t'aime.*

André sentiu um aperto no coração, não acreditando que ela o amasse; como poderia?

Bateram as taças e Hinodeh esvaziou a sua, engasgou um pouco, e logo tornou a servir mais aos dois. O mesmo sorriso e ela estendeu sua taça para tocar na de André. Esvaziaram de novo, Hinodeh encheu mais uma vez.

— *Mon Dieu*, Hinodeh, tomar cuidado, sim? — disse ele, rindo. — Não acostumada saquê. Cuidado, não ficar embriagada!

Ela riu, os dentes brancos faiscando, os lábios sensuais.

— Por favor, *Furansu-san*, esta noite é especial. Beba e seja alegre. Por favor. Hinodeh tomou só um gole desta vez, fitando-o por cima da taça, os olhos brilhando, cintilando à luz das velas, olhos que ele sempre achara insondáveis, sempre o mantiveram desconcertado... parte do fascínio que ela exercia.

— Por que especial, Hinodeh?

— Hoje é *Sei-ji-no-Hi*, o dia da maioridade... para todas as pessoas que alcançaram vinte anos... você alcançou os vinte, *neh*? — Feliz, ela apontou para a vela grande na mesa. — Esta vela eu dediquei ao deus da minha aldeia, Ujigami, para você.

Hinodeh gesticulou para a porta de *shoji*. Por cima, havia um buque de agulhas de pinheiro e bambus.

— Aquilo é um *kadamatsu*, simbolizando estabilidade. — Um sorriso tímido ela tornou a servir, bebeu mais. — Espero que aprove.

— Claro que sim — murmurou ele, satisfeito. — Obrigado, Hinodeh.

Poucas semanas antes, André descobrira que era o aniversário dela e trouxera champanhe gelada, com uma pulseira de ouro. Hinodeh torcera o nariz para as borbulhas, dissera que o champanhe era delicioso, mas só bebera quando ele insistira. André tomara a maior parte da garrafa e naquela noite seu ato de amor fora frenético.

Ao longo do tempo juntos, André notara que a violência de seus movimentos não a perturbava, Hinodeh reagia da mesma forma, o

que quer que ele fizesse, e depois se estendia de costas ao seu lado, esgotada. Mas ele nunca fora capaz de descobrir se Hinodeh de fato gostava, como também não podia apenas saboreá-la, e deixá-la assim, deixá-la com sua farsa, se assim era... e esquecer o enigma que ela se tornara. Ainda haveria um dia de deslindar o enigma. Tinha certeza. Só precisava de paciência, mais nada. Teria de desbastar a carapaça do enigma e depois o amor dos dois, com sua paixão frenética e insaciável, passaria a ser mais tranqüilo, e ele poderia viver em paz.

Hinodeh ainda era tudo para ele. Nada mais importava. Naquela tarde ele se humilhara com Angelique, adulara, suplicara e ameaçara, até que ela lhe dera um broche, em vez de dinheiro. Raiko o aceitara.

Angelique é uma idiota. Por que está hesitando? Claro que ela deveria aceitar a oferta de Tess Struan, ficar com o dinheiro, antes que a proposta fosse retirada. É uma oferta generosa e muito mais do que eu esperava, considerando a posição insustentável de Angelique: nenhum testamento em seu favor, e de qualquer maneira nenhuma herança para reivindicar! Quinhentos guinéus como adiantamento em três semanas! Maravilhoso... uma dádiva de Deus! Ela pode dispensar quatrocentos dessa quantia e encontrarei agiotas para adiantarem outros mil, contra seu fundo, dois mil, o que eu precisar. Skye é um tolo. Angelique vai concordar, depois que eu conversar com ela, e aceitar agradecida qualquer adiantamento, quando eu sugerir. Estou salvo!

Contemplando Hinodeh, ele exibiu um sorriso radiante, na maior satisfação.

— O que é?

Ela se abanou, contra o crescente calor alcoólico, a ponta da língua entre os dentes. Em francês, André disse:

— Estou livre, meu amor, muito em breve seu contrato será pago, e se tornará toda minha para sempre.

— Sinto muito, mas não entendi. Voltando ao japonês, ele murmurou:

— Esta noite eu ser feliz e dizer você minha. Ser muito bonita e ser minha.

Hinodeh inclinou a cabeça ao elogio.

— Você também é bonito e fico contente quando se sente feliz comigo.

— Sempre.

Mas isso não era verdade. Com bastante frequência, André se irritava, ia embora furioso. Sempre o mesmo problema, um comentário casual, levando-o a indagar, depois escarnecer, suplicar, exigir, implorar, gritar:

— Não precisamos de escuridão! Somos amantes e não precisamos mais do escuro. Somos amigos, além de amantes, estou comprometido com você para sempre. Para sempre! Amo você, não pode nem imaginar o quanto a amo, não pode saber, fico perguntando e perguntando, mas você apenas senta aí...

Sempre a mesma resposta paciente e submissa, a cabeça no chão, a voz baixa, com ou sem lágrimas, mas categórica:

— Por favor, desculpe, mas você concordou. Sinto muito, mas você concordou.

Ela tornou a beber e André percebeu o crescente rubor em suas faces, observou-a sair de novo, os dedos trêmulos, derramando uma gota. Hinodeh prendeu a respiração, com uma risada.

— Oh, sinto muito!

As duas taças, cheias, de novo logo se esvaziaram, a embriaguez de Hinodeh tornando-a ainda mais sedutora.

— Ah, mas isso é muito, muito gostoso, *neh, Furansu-san?*

Os dedos compridos, com unhas perfeitas, sacudiram o frasco, para descobrir que estava vazio. Hinodeh levantou-se no mesmo instante, graciosa, o quimono comprido arrastando no chão, criando a ilusão de que ela flutuou até o braseiro, onde havia outros frascos, em

água fervendo, e até a pequena janela, onde havia uma prateleira para fora, com mais frascos, gelando. O vento entrou no cômodo por um instante, trazendo um odor inesperado. Fumaça de pólvora, tênue, mas inconfundível.

— O que é isso? — disse ele, em francês. Hinodeh fitou-o, surpresa.

— Por favor?

Agora que a janela fora fechada, o odor desaparecera.

— Nada... apenas pensei... — Naquela noite, tudo em Hinodeh o fascinava. — Nada... Por favor, sente aqui.

Obediente, ela sentou ao seu lado, esbarrando nele, rindo. Meio desajeitada, serviu de novo. Divertido, André bebeu com ela, o saquê esquentando-o, mas não tanto quanto aquecia Hinodeh. Sob a manta, as pernas se encontraram. Ele estendeu a mão para pegar a dela, a outra contornou sua cintura, beijaram-se, os lábios de Hinodeh macios e úmidos, a língua sensual. A mão de André foi subindo, ela se desvencilhou do abraço, rindo.

— Espere, espere, não aqui, esta noite...

Como uma colegial assustada, Hinodeh empurrou-o, levantou-se, foi para o quarto, com um único lampião, pronta para apagá-lo, e depois, quando estivesse no escuro, convidando-o para entrar. Mas naquela noite ela parou na porta, encostou-se nela, virou-se, os olhos cintilando.

— *Furansu-san...*

Observando-o, ela cantarolou, enquanto tirava os alfinetes compridos dos cabelos, deixou-os caírem numa cascata até a cintura. Em seguida, soltou a *obi* e deixou-a cair. Uma risada. E veio a vez do quimono. André ficou fascinado incapaz de respirar. O dourado do quimono de baixo tremeluzia às chamas das velas, deixando entrever, mas também ocultando. Mais uma vez, a ponta da língua de Hinodeh percorreu os lábios. Coquete, ela desamarrou os laços, deixou o quimono abrir um pouco. Não havia outras roupas por baixo. Apenas as linhas estreitas de seu corpo reveladas, do pescoço aos pés mínimos. E durante todo o tempo o sorriso enigmático, os olhos sedutores, compelindo-o a esperar, prometendo, insinuando. O vento zunia pelas telas de shoji, mas nenhum dos dois o ouvia.

O coração de André batia forte, como nunca antes. Ele forçou-se a permanecer sentado. Podia agora ver o peito de Hinodeh subindo e descendo, os mamilos dos seios pequenos se projetando contra a seda. E depois ela suspirou. Com uma graça excepcional, ela deixou essa última cobertura escorregar, devagar, e ficou imóvel ali, em toda a sua pureza.

Para André, o tempo parou. Mal respirando, ele exultou com o presente que Hinodeh lhe oferecia, tão inesperado, e dado por livre e espontânea vontade. Quando não mais podia suportar a espera, ele se levantou. Seus braços foram gentis e beijou-a com toda a paixão que possuía, apertando-se fortemente contra ela, que ficou inerte em seus braços. Com a maior facilidade, André levantou-a, foi estendê-la sobre os futons no quarto, tirou as próprias roupas. Ajoelhou-se ao seu lado, contemplando-a em êxtase, na luz.

— *Jet'aime, jet'aime.*

— Olhe, *Furansu-san* — murmurou ela, com um sorriso adorável.

Os dedos apontavam para a parte interna da coxa. Por um instante, ele não entendeu. E depois viu a abrasão. Seu coração quase saltou do peito, a bÍlis subindo à boca.

— Olhe — repetiu ela, a voz suave, o sorriso constante, os olhos muito escuros, na tÊnue claridade. — Começou.

— Não... não é nada — balbuciou André, a voz trémula. — Nada.

— É tudo. — Ela fitou-o nos olhos. — Por favor, dê-me a faca.

Ele sentiu a cabeça girar, sem ver mais nada, apenas a chaga, que parecia encher todo o mundo. Com um esforço gigantesco, André sacudiu a cabeça, para desanuviá-la. E forçou os olhos a ver. Mas isso não dissipou o gosto amargo e vil na boca.

— Não é nada, apenas... nada... absolutamente nada. — Quanto mais ele olhava, menos importante a chaga parecia. — Não passa de uma marca de esfoladura, só isso.

— Por favor? Deve falar em japonês, *Furansu-san*, sinto muito.

— Ah... não ser doença. Não isso. Apenas... apenas tanga apertada, não se preocupar.

André inclinou-se para cobri-la, apagar a luz, mas ela o deteve. Gentilmente.

— Sinto muito, mas já começou. Por favor, dê-me a faca.

Como sempre, a faca de André se encontrava na bainha em seu cinto. Junto com as roupas, por trás dele.

— Não, por favor, Hinodeh, não faca, faca ruim, não precisar faca. Isso apenas marca, sem importância.

Através de seu pesadelo, ele a viu sacudir a cabeça, sempre gentil, e repetir o pedido, que agora se tornara uma ordem. Os braços e pernas de André começaram a tremer, a cabeça balançava, de forma incontrolável, não havia como controlar, não havia como interromper a litania incoerente, o murmúrio em francês e japonês que se despejou por sua boca, suplicando, alegando e explicando que a pequena chaga era apenas uma esfoladura, não mais do que isso, não era nada demais, embora ele soubesse. Começara mesmo. Hinodeh tinha razão. Começara, começara de verdade. O estômago de André se contraiu. Mal conseguiu conter o vômito e continuou a murmurar, interminável.

Hinodeh não o interrompeu. Pior do que isso, continuou estendida ali, paciente, esperando que o acesso passasse. Pois em seguida haveria uma solução. André insistiu, balbuciando:

— Escute, Hinodeh, por favor, não faça. Por favor. Não pode... isso... não ser nada. Logo desaparecer. Olhar para mim, olhar! — Desesperado, ele apontou para si mesmo. — Nada, nenhum lugar. Essa pequena, logo sumir. Não faça. Nós viver. Não ter medo. Feliz. Sim?

Ele viu uma sombra passar pelo rosto de Hinodeh, seus dedos voltaram a tocar na abrasão e ela repetiu, outra vez com a mesma voz doce e monótona:

— Já começou.

André fixou um sorriso, sem saber que era grotesco, e por mais que adulasse, persuadissem, suplicasse, ela continuou a insistir, com extrema gentileza, enfurecendo-o mais e mais, até que ele se descobriu a pique de explodir.

— Não ser nada — disse ele, a voz rouca. — Compreender?

— Claro, eu compreendo. Mas já começou. *Neh?*

Ele fitou-a nos olhos, com uma expressão rancorosa, a raiva aflorou, e desatou a gritar:

— Pelo amor de Deus, sim! Sim, SIM! *Ha!*

Houve um silêncio profundo e prolongado, rompido por Hinodeh:

— Obrigada, *Furansu-san*. Agora, por favor, como concordou, já começou, como prometeu, dê-me a faca, por favor.

Os olhos de André estavam injetados, os cantos da boca cheios de espuma, o suor escorria pelo corpo, ele se achava à beira da loucura. A boca se abriu e disse o que ele sempre soubera que diria:

— Não faca. *Kinjiru!* Ser proibido. Não poder. Não poder. Você muito valiosa. Proibido. Não faca.

— Você recusa?

A pergunta foi feita gentilmente, sem qualquer mudança.

— Hinodeh, você sol, meu sol, minha lua. Não poder. Não fazer isso. Nunca, nunca, nunca. Proibido. Você ficar. Por favor. *Je t'aime*.

— Por favor, a faca.

— Não!

Um longo suspiro. Dócil, ela fez uma reverência, uma luz se extinguindo em seus olhos, foi pegar uma toalha úmida, outra seca, e ajoelhou-se ao lado da cama.

— Aqui, Sire.

O rosto franzido, todo suado, André observava-a.

— Você concordar?

— Sim, eu concordo. Se é esse o seu desejo.

Ele pegou-lhe a mão. Hinodeh não a retirou.

— Concordar de verdade?

— Se é o seu desejo. Como quiser. A voz era triste.

— Não pedir faca, nunca mais?

— Eu concordou. Já acabou, *Furansu-san*, se é esse o seu desejo. — A voz era doce, o rosto sereno, diferente, mas também o mesmo, com uma insinuação de tristeza. — Por favor, pare agora. Já acabou. Prometo que nunca mais tomarei a pedir. Por favor, desculpe-me.

André sentiu um peso removido de seus ombros. Ficou fraco de alívio.

— Oh, Hinodeh, *je t'aime*! Obrigado! Obrigado! — A voz era trêmula.
— Mas, por favor, por favor, não triste. *Je t'aime*, obrigado.

— Por favor, não me agradeça. É seu desejo.

— Por favor, não triste, Hinodeh. Eu prometer ser tudo, ser muito bom agora. Maravilhoso. Eu prometer.

Ela acenou com a cabeça, devagar. Um súbito sorriso inundou seu rosto e toda a tristeza se desvaneceu.

— Sim, eu agradeço a você; sim, não ficarei mais triste.

Hinodeh esperou enquanto ele se enxugava, depois removeu as toalhas. Os olhos de André acompanharam-na, deleitando-se com sua imagem, exultantes com a vitória. Ela atravessou o *tatame* até o

outro cômodo, voltou com dois frascos de saquê e murmurou, com um terno sorriso:

— Vamos beber dos frascos, melhor do que taças. O meu quente, o seu frio. Obrigada por comprar meu contrato. *A ta santé.*

— *A ta santé, je t'aime.*

— *Ah, so ka! Je t'aime.*

Hinodeh esvaziou o frasco, engasgou um pouco, depois riu, removeu o que escorrera para o queixo.

— Vamos para a cama, *Furansu-san*. Arrisca-se a pegar um resfriado.

A bebida lavou a boca de André, dissipou o sentimento de morte. Lentamente, ele puxou a colcha que a cobria, ansiando por ela.

— Por favor, não mais escuro. Por favor?

— Se assim deseja. Não mais escuro. Exceto para dormir, *neh?*

Agradecido, André inclinou a cabeça até o *futon*, renascido, depois deitou-se ao seu lado, amando-a, com um desejo monstruoso. Estendeu a mão.

— Ah, *Furansu-san*, posso descansar primeiro, por favor? — pediu ela, com profunda ternura, como nunca antes. — Tanta paixão me cansou. Posso descansar um pouco? Mais tarde, nós... mais tarde, *neh?*

Ele obedeceu, estendeu-se de costas, a virilha vibrando de desejo.

Na escuridão, Hinodeh sentia-se mais contente do que em muitos anos, contente como nos dias anteriores à morte de seu marido,

quando viviam em sua casinha em Iedo, com o filho, o menino que agora se encontrava são e salvo, já na casa dos avós, aceito, protegido e crescendo para se tornar um samurai.

Foi lamentável *Furansu-san* não me dar a faca, como prometeu. Desprezível. Mas também ele é *gai-jin* e não merece a menor confiança. Mas não importa. Eu já sabia que ele não manteria sua parte do acordo, como eu mantive a minha... independentemente do que Raiko prometeu. Ele mentiu quando assinou o contrato, assim como ela também mentiu. Não importa, não importa mesmo. Eu me encontrava preparada para os dois, ambos mentirosos.

O sorriso de Hinodeh se alargou. O velho herbanário não mentiu. Não senti o gosto de nada, não sinto nada agora, mas a morte circula por meu corpo e só me restam uns poucos minutos neste mundo de lágrimas.

Para mim e para o animal também. Ele fez a escolha. Quebrou sua promessa. E, assim, o impuro paga por me enganar. Não vai iludir mais nenhuma dama. E vai para a morte sem saciar seu desejo!

André despertou, ouvindo sua risada ligeira e estranha.

— O que foi?

— Nada. Mais tarde, riremos juntos. Não haverá mais escuridão depois desta noite, *Furansu-san*. Não haverá mais escuridão.

Hiraga bateu com o punho no tatame, cansado de esperar por Akimoto. Saiu para a noite tempestuosa, seguiu pelos caminhos no jardim até a porta na cerca. Passou para o outro jardim, encaminhou-se para o bangalô de Takeda, errando a volta na primeira vez. Parou na varanda. Soavam roncões no interior.

— Akimoto, Takeda? — chamou ele, baixinho, não querendo abrir a porta de *shoji* sem avisar, pois eles podiam se mostrar perigosos se apanhados de surpresa.

Não houve resposta. Os roncões continuaram. Hiraga abriu a porta, sem fazer barulho. Akimoto estava arriado sobre a mesa, com frascos de saquê e garrafas de cerveja espalhadas pelo chão. Nenhum sinal de Takeda. Furioso, ele sacudiu Akimoto, xingando-o. O jovem saiu do estupor, os olhos turvos, apenas meio acordado.

— O que aconteceu?

A voz saiu engrolada, o rosto de Hiraga desfocado, oscilando.

— Onde está Takeda? Acorde! *Baka!* Onde está Takeda?

— Não sei. Nós... estávamos bebendo...

Por um segundo, Hiraga ficou imóvel, todo o seu mundo virando de cabeça para baixo, depois saiu correndo, atravessou o jardim, passou pela cerca, foi até o esconderijo das bombas.

Ficou atordoado. E depois se lembrou de que todos conheciam o plano, os melhores lugares para pôr as bombas. O pânico proporcionou velocidade a seus pés. Espiou debaixo do bangalô de Takeda, não pôde ver nada, mas logo sentiu o cheiro de fumaça de pólvora. Abaixou-se, rastejou entre os suportes baixos de pedra, mas o estopim fora bem escondido, a fumaça era dissipada pelas correntes de ar. Hiraga saiu lá de baixo e foi sacudir Akimoto de novo.

— Acorde! Levante-se!

Quando o primo, ainda embriagado, tentou empurrá-lo para longe, Hiraga bateu em seu rosto, com a mão aberta, duas vezes. A dor fez com que Akimoto recuperasse um pouco da percepção.

— Takeda pegou as bombas, está incendiando a estalagem, há uma aqui embaixo...

Hiraga obrigou-o a ficar de pé. Resmungando, apoiado nele, Akimoto saiu, trôpego, desceu os degraus para o jardim, o barulho do vento

cada vez mais forte. E foi nesse momento que a bomba explodiu.

A explosão foi pequena, mas o suficiente para derrubá-los e abrir um buraco no chão, a maior parte do ruído abafada pelas vigas no chão e pelo vento. Mas o jato do óleo incendiado foi implacável. As chamas se projetaram para cima e para fora.

— Vá para o túnel e espere lá! — ordenou Hiraga, a voz rouca, antes de sair correndo.

O choque da explosão e de sua quase morte dissipou o estupor de Akimoto. Ele começou a correr, mas o vento arremessou algumas brasas, que o atingiram. Frenético, ele bateu em suas roupas, enquanto se afastava. Ao olhar de novo para o bangalô, constatou que se transformara num inferno — tatames de palha de arroz seca, telas de papel oleado, chão e vigas de madeira, telhado de colmo. Enquanto observava, o telhado desabou, com uma chuva de fagulhas, que foram sugadas para cima e levadas pelo vento para a habitação mais próxima. O colmo pegou fogo. Sinos de incêndio começaram a soar — criadas, servos, clientes, cortesãs, os guardas no portão, todos reagiram no mesmo instante.

Hiraga corria pelo caminho para o bangalô mais ao sul. Chegara a poucos metros de distância quando a bomba explodiu. O impacto foi

menor do que o anterior, mas jogou-o contra os arbustos, o corpo batendo num dragão de pedra decorativo, fazendo-o soltar um grito de dor, a explosão bastante poderosa para derrubar todo um canto de suportes e parte do bangalô, que se inclinou, como uma pessoa embriagada. Uma parede irrompeu em chamas.

Ele forçou-se a levantar, pulou para a varanda, sem a menor hesitação, arremeteu pela parede de *shoji* em chamas, o óleo espirrado já provocando a devastação no interior, a fumaça sufocante. Hiraga levantou as mãos para o rosto, a fim de protegê-lo do calor escaldante, e prendeu a respiração contra a fumaça.

Avistou Tyrer jogado para um lado, tentando desesperado engatinhar, sufocado, cercado por chamas, que num instante transformaram a parede de *shoji* por trás dele, salpicada de óleo, num lençol de fogo. Outras chamas espalharam-se pelas demais paredes, as vigas de apoio e o telhado, lamberam o que restara do *futon* e da colcha em que Tyrer se deitava. A bainha de seu quimono de dormir rasgado pegou fogo. Hiraga saltou para a frente, bateu com os pés para apagar as chamas da bainha, ajudou-o a se levantar. Um olhar para Fujiko foi suficiente. A bomba a cortara ao meio. Já estava sem cabelos, virando cinza.

Meio cego pela fumaça, Hiraga arrastou Tyrer para fora do bangalô. No segundo em que saíram, o telhado desabou, derrubando-os no chão. O jato resultante de fagulhas e brasas, convertido num lança-chamas pelo vento, começou a incendiar outras construções, cercas,

a casa de chá no jardim ao lado. Soavam gritos por toda parte, alertas contra incêndio, pessoas já formavam filas, correndo para um lado e outro com baldes, ou indo buscar mais baldes, a maioria usando agora máscaras molhadas contra a inalação de fumaça, o que todos já tinham feito, em abundância.

Atônito por ainda estar vivo, tossindo e engasgando, Hiraga bateu num trecho em brasa no peito do seu quimono, a espada curta no cinto, a espada longa desaparecida. Até onde podia determinar, Tyrer se encontrava ileso, mas era impossível ter certeza, já que ele não estava de todo consciente, o peito arfando, tossindo e vomitando devido à fumaça inalada. Desesperado, Hiraga ficou parado ao seu lado, a fim de recuperar o fôlego e o raciocínio. Olhou ao redor, à procura de novos perigos. A habitação mais próxima irrompeu em chamas, depois a seguinte, cortando seu caminho de fuga.

Katsumata tinha razão, pensou ele. Com este vento, a Yoshiwara está condenada. E também a colônia.

À beira da terra de ninguém, a patrulha de soldados ficou imóvel, chocada — assim como todas as pessoas na cidade dos bêbados que se encontravam sóbrias —, olhando por cima da cerca, na direção da Yoshiwara. Duas colunas de fogo e fumaça turbilhonante projetavam-se para o céu e soavam gritos e sinos distantes, os sons trazidos pelo vento. Ouviram o barulho fraco de uma terceira explosão. Uma terceira fonte de chamas. A fumaça começou a envolvê-los. Algumas fagulhas passaram por eles.

— Deus Todo-Poderoso! — exclamou o sargento, saindo de junto do armazém para ver melhor. — Isso foi uma bomba?

— Não sei, sarja. Pode ter sido um barril de óleo explodindo. Mas é melhor voltarmos, pois o fogo vem em nossa direção e...

A bomba incendiária que Takeda colocara no outro lado do armazém detonou nesse momento. Instintivamente, todos se abaixaram. Mais fumaça, fogo crepitando, berros dos moradores da cidade dos bêbados mais próximos, pedidos por baldes.

— Fogo! Fogo! Depressa, pelo amor de Deus! Aquele é o armazém em que fica guardado o óleo de lampião!

Homens seminus entravam e saíam correndo das casas próximas, na tentativa de salvar seus valores. Num ponto mais abaixo da rua, a casa da Sra. Fortheringill estava se esvaziando, mulheres e fregueses praguejando e suando, vestindo suas roupas. Mais sinos de alarme soaram. E o saque começou.

Mais além, no portão sul, os disciplinados samurais entraram em ação, correndo para a Yoshiwara com escadas e baldes, máscaras molhadas contra a fumaça cobrindo seus rostos. Uns poucos desviaram-se para combater o fogo no armazém, uns poucos seguiram em frente. As chamas do telhado do armazém, impelidas pelo vento, saltaram pela viela, para atacar a fileira seguinte de construções, que pegaram fogo no mesmo instante.

De seu esconderijo, na terra de ninguém, Takeda viu os soldados em confusão e exultou com o sucesso das bombas, grande parte da Yoshiwara já em chamas. Era tempo de continuar. Rapidamente, ele ajustou a máscara no rosto, que o fazia parecer ainda mais sinistro, junto com o quimono sujo de terra e fuligem.

Em alternações bruxuleantes de noite e luz, ele correu para o poço, pegou a mochila, enfiou os braços pelas alças e foi se esgueirando num caminho precário entre o lixo, tão depressa quanto ousava. Soaram gritos de advertência por trás. Takeda pensou que fora avistado, mas a manifestação era pelo prédio, no momento em que uma parede desabou, com um estrondo, provocando novos jatos de fogo, uma nova chuva de fagulhas, dispersando as pessoas, levando o incêndio ao prédio seguinte. Agora, a abundância de chamas permitia-lhe ver melhor. Exultante, ele começou a correr. Mais à frente ficavam a aldeia e a segurança.

— Ei, você!

Takeda não entendeu as palavras, mas o grito fez com que parasse, num sobressalto. Havia outro grupo de soldados britânicos à sua frente, sob o comando de um oficial. Era uma patrulha que viera correndo da área da aldeia, a fim de avaliar o perigo, e parara de repente, em surpresa. Bloqueavam a sua fuga.

— Deve ser um saqueador! Ou um incendiário! Ei, você!

— Por Deus, senhor, tome cuidado! É um samurai e está armado!

— Dê-me cobertura, sargento! Você aí, samurai! O que faz aqui? O que leva nessa mochila?

Em pânico, Takeda viu o oficial desabotoar o coldre, enquanto avançava em sua direção, e os soldados tirarem o rifle do ombro. Durante todo o tempo, o som do holocausto continuava, as chamas se alastrando, criando estranhas sombras. Takeda virou-se, saiu correndo. No mesmo instante, os soldados partiram em seu encalço.

No outro lado da terra de ninguém, o fogo no armazém escapara por completo a todo e qualquer controle e os soldados tentavam, sem muito resultado, organizar um grupo para combater o incêndio e evitar que as chamas se propagassem a outras construções. O fogo proporcionava bastante claridade para que Takeda corresse pela terra de ninguém, evitando a maioria dos obstáculos, a mochila batendo em suas costas. A respiração era cada vez mais ofegante. Com súbita esperança, ele divisou a segurança, na via vazia ao lado do armazém em chamas, bem à sua frente. Foi para lá que correu, distanciando-se com facilidade dos soldados em sua perseguição.

— Pare ou eu atiro!

As palavras nada significavam para ele, mas a hostilidade era inequívoca. E Takeda continuou a correr, em linha reta agora, não precisava mais de esquivas, tão perto da segurança. Esquecera que a claridade que o ajudava também ajudava aos soldados, delineando seu vulto contra as chamas.

— Detenha-o, sargento! Pode feri-lo, mas não o mate!

— Certo, senhor... Ei, por Deus, não é aquele patife que Sir William procura, o tal de Nakama, aquele assassino desgraçado?

— Tem toda razão, é ele mesmo! Depressa, sargento, trate de derrubá-lo logo!

O sargento mirou. Seu alvo já começava a escapar pela viela. Ele puxou o gatilho.

— Acertei! — gritou em seguida, exultante, começando a correr. — Vamos embora, pessoal!

A bala derrubara Takeda. Atravessara a mochila, no alto das costas, perfurara um pulmão e saíra pelo peito. Não era um ferimento fatal, se o homem tivesse sorte. Mas Takeda não sabia disso, tinha certeza de que estava perdido e ficou estendido na terra, uivando com o choque, mas sem dor, um braço inútil, dormente, o rugido do fogo próximo abafando seus gritos. O terror fez com que ficasse de joelhos, o calor do incêndio se aproximando era assustador, a segurança a poucos passos à frente, pela viela. Ele se arrastou para a frente. E depois, através das lágrimas, ouviu os gritos dos soldados logo atrás. Não tinha escapatória!

Seus reflexos assumiram o comando. Usando a mão incólume como apoio para se levantar, com um grito poderoso, ele se lançou para as chamas. O jovem soldado na vanguarda parou abruptamente, quase caindo, recuou para um ponto seguro, as mãos erguidas contra o inferno, a estrutura devendo cair a qualquer momento.

— Desgraçado! — O soldado olhou furioso para as chamas, que consumiam sua presa, o cheiro de carne queimada deixando-o nauseado. — Mais um segundo e eu pegaria o patife, senhor! Era mesmo ele, o homem que Sir William...

Foi a última coisa que o jovem disse em sua curta vida. As bombas de Katsumata na mochila explodiram com a maior violência, um

pedaço de metal dilacerou a garganta do soldado, derrubando o oficial e outros homens como pinos num jogo de boliche, quebrando alguns membros. Como se fosse um eco, um tambor de óleo também explodiu, com a mesma violência, depois outro e mais outro, com um efeito cataclísmico. Chamas e fagulhas subiram pelo ar, foram apanhadas e usadas de forma implacável pelo vento cada vez mais forte, agora alimentado também pela intensidade do calor.

A primeira das casas da aldeia começou a arder.

O *shoya*, sua família e todos os aldeões, já com máscaras contra a fumaça e preparados num instante, desde o primeiro alarme, continuaram a trabalhar com uma rapidez bem ensaiada, mas estóica, guardando os objetos valiosos nos pequenos abrigos de tijolos, à prova de fogo, encontrados em todos os jardins. Todos os telhados ao longo da rua principal pegaram fogo.

Menos de uma hora depois da explosão da primeira bomba, a casa das Três Carpas não mais existia e quase toda a Yoshiwara fora destruída. Apenas as chaminés de tijolos, os suportes de pedra das casas e os abrigos de tijolos, pedras e terra, à prova de fogo, ainda continuavam de pé, no meio das cinzas e brasas. Taças e frascos de saquê com os formatos alterados pelo fogo. Os utensílios de cozinha de metal. Jardins em ruínas, arbustos queimados, grupos de habitantes atordoados reunidos aqui e ali. Milagrosamente, o fogo deixara duas ou três estalagens incólumes, mas ao redor havia um

vazio desolado, feito de cinzas e brasas, até a cerca da Yoshiwara e o fosso além.

No outro lado do fosso ficava a aldeia. Estava em chamas. Além da aldeia, na colônia propriamente dita, os telhados de três prédios, perto da cidade dos bêbados, já haviam pegado fogo. Um desses prédios era o do Guardian, onde Jamie McFay tinha seu novo escritório.

Nettlesmith e seus empregados estendiam baldes com água para o topo da escada, onde Jamie se postava, tentando apagar as chamas no telhado. O fogo já devorava grande parte do prédio ao lado. Outros homens, mais criados chineses e Maureen, entravam e saíam correndo pela porta da frente, intrépidos, carregando nos braços pilhas de papel, moldes de impressão e tudo o mais que fosse importante. As telhas de madeira em chamas caíam em torno deles. A fumaça que vinha da cidade dos bêbados fazia com que tossissem, deixava-os sem respiração, dificultando o trabalho. Lá em cima, Jamie estava perdendo a batalha. Uma rajada de vento empurrou as chamas em sua direção. Ele quase caiu da escada e acabou descendo, derrotado.

— Não tem mais jeito — murmurou ele, ofegante, o rosto escurecido pela fuligem, cabelos chamuscados.

— Jamie, ajude-me com o prelo, pelo amor de Deus! — berrou Nettlesmith. Ele correu para o interior do prédio. Maureen fez menção de segui-lo, mas Jamie deteve-a.

— Não! Fique aqui e tome cuidado com seu vestido! — gritou ele, por cima do barulho, no momento em que uma chuva de fagulhas caía ao redor, para depois entrar no prédio também.

Numa reação sensata, Maureen recuou para o lado da rua que dava para o mar, ajudando outros a empilharem de modo mais seguro o que fora salvo. Todo o telhado pegara fogo agora, mais fagulhas caíram sobre Jamie e Nettlesmith, quando saíram cambaleando pela porta da frente, carregando o pequeno prelo portátil. Depois, constatando que era impossível salvar o telhado, Jamie tornou a entrar, apressado, para ajudá-lo a tirar os tipos, moldes, tinta e algum papel. Mas num instante se tornou perigoso demais entrar no prédio de madeira. Os dois ficaram parados na frente, praguejando, e logo recuaram para uma distância segura, quando algumas vigas começaram a cair.

— Porra de fogo miserável! — bradou Jamie, chutando uma caixa com tipos, furioso.

Ele se virou abruptamente, quando Maureen pegou sua mão.

— Sinto muito, amor — murmurou ela, as lágrimas escorrendo. Jamie abraçou-a e disse, fervoroso, com toda sinceridade:

— Não tem importância. Você está sã e salva e isso é tudo o que conta.

— Não se preocupe demais, Jamie. Espere até amanhã, quando poderemos pensar direito. Talvez a situação não seja tão desesperadora.

Nesse instante, bombeiros samurais voluntários passaram correndo. Por meio de sinais, Jamie perguntou a um deles onde podia conseguir uma máscara de incêndio. O homem soltou um grunhido, tirou um punhado da manga e partiu correndo. Jamie molhou-as num balde com água.

— Tome aqui, Maureen.

Ele entregou-lhe a primeira máscara, deu outra a Nettlesmith, sentado num barril, no lado do passeio que dava para o mar, praguejando em silêncio. O telhado desabou, convertendo o prédio num inferno.

— Terrível! — comentou Jamie para Nettlesmith.

— É verdade, mas não um desastre total. — O homem mais velho, esguio, gesticulou pelo passeio. O lado norte da colônia não fora atingido pelas chamas, os prédios da Brock, da Struan e das legações continuavam intactos. — Com um pouco de sorte, o incêndio não vai se estender até lá.

— Este vento é o maior perigo.

— Tem razão, mas estamos seguros no lado da praia...

Mais homens passaram correndo, com machados, inclusive Dmitri. Ele viu o prédio destruído e gritou, sem parar:

— Sinto muito por isso! Vamos tentar abrir um aceiro para impedir a passagem das chamas!

Maureen disse:

— Jamie, vá ajudar. Estarei segura aqui.

— Você não pode fazer mais nada aqui — acrescentou Nettlesmith.
— Tomarei conta dela. Estamos seguros aqui e recuaremos para o prédio da Struan, se for necessário.

Ele tirou lápis e papel do bolso, passou a língua pela ponta do lápis, pensativo, e começou a escrever.

Os machados golpearam a construção de madeira, os prédios para o sul em chamas, o vento mais quente a cada minuto, mais forte do que nunca. Os homens redobram seus esforços, mas logo uma rajada cheia de fagulhas forçou-os a recuar, seguida por outra. Todos fugiram para a segurança. Dmitri disse, desolado:

— Por Deus, já viu um incêndio se espalhar tão depressa? Tudo aqui é inflamável demais, autênticas armadilhas mortais. E agora?

— O que acha de tentarmos abrir um espaço ali? — gritou Jamie.

Ele apontou para a cerca mais próxima. Todos o acompanharam. Quanto mais se aproximavam da cerca e da Yoshiwara, no entanto, pior se tornavam a fumaça o calor e as chamas.

Havia bem pouco que ele ou qualquer outro pudesse fazer. Nada, para ser mais preciso. O fogo se espalhava depressa demais, as pessoas corriam para um lado e outro com baldes, mas no momento em que extinguíam um incêndio, dez outros começavam nas

proximidades. Por trás de grupos de mulheres e criados atordoados, em busca de segurança, alguns carregando trouxas, a maioria de mãos vazias as poucas casas de chá restantes pegaram fogo também, parecendo mariposas em torno de uma vela, num instante vivas, no seguinte mortas.

Com quase tudo na Yoshiwara desaparecido, sob o céu coberto pela fumaça, os homens misturaram-se aos sobreviventes, procurando ansiosos por uma dama em particular, por uma *mama-san*. Jamie também se adiantou, seus olhos esquadrinhando cada rosto, tentando descobrir Nemi na multidão. Não a esquecera. Se alguém fosse capaz de escapar, pensara ele, seria Nemi. Mas, subitamente, ele já não tinha mais tanta certeza. Havia bem poucos sobreviventes aqui. Preocupado, Jamie procurou algum rosto conhecido. Não encontrou nenhum.

— *Gomen nasai, Nemi-san, wakarimasu ka?* — disse ele, indagando se alguém a vira.

Mas todos responderam, apáticos, ou com graus diversos de reverências e sorrisos forçados, que não, sinto muito:

— *Iyé, gomen nasai.*

Dmitri recuou do meio da fumaça, tossindo.

— Os samurais são tremendos bombeiros. Poderíamos aprender algumas coisas com eles, embora não sejam capazes de controlar esta merda. Viu Nemi?

— Não. Ia perguntar a você.

— Talvez ela esteja no outro lado ou por ali. — O peito arfando, com dificuldade para respirar, Dmitri apontou para a campina que levava à pista de corrida de cavalos, onde uns poucos lampiões acesos iluminavam a escuridão. — Darei a volta pelo outro lado, passarei pelo portão norte e atravessarei o canal. Você tenta a campina. Se eu a encontrar, o que quer que diga?

— Apenas que espero que esteja sã e salva e que a procurarei amanhã.

Os dois se abaixaram, quando uma língua de fogo passou por cima e foi atingir uma casa da aldeia por trás. Na confusão, Jamie se perdeu de Dmitri e continuou sua busca, ajudando onde podia. Em determinado momento, Heavenly Skye passou correndo e gritou:

— Jamie, acabei de saber que Phillip Tyrer sumiu, junto com todo o pessoal das Três Carpas!

— Deus Todo-Poderoso! Tem certeza? O que me diz...

Mas Skye já desaparecera na escuridão.

As legações, que ficavam para o norte, ainda não estavam diretamente ameaçadas. Nem os prédios da Struan e Brock, as casas e armazéns próximos, embora o vento fosse mais quente e mais forte a cada minuto. O passeio e as ruas estavam apinhados, todos se preparando para a última defesa, mais soldados e marujos desembarcando da esquadra, onde soara pela primeira vez o alarme geral. Samurais espalharam-se pela High Street, vindos de seus acampamentos, além dos portões. Traziam escadas e baldes, máscaras contra incêndio, demonstrando a maior eficiência. Em grupos, encaminhavam-se para os pontos mais perigosos.

Sir William, um capote comprido por cima do pijama, assumira o comando da defesa da legação. Na beira da praia, Pallidar supervisionava os dragões que ligavam bombas no mar, através de compridas mangueiras de lona. Ele olhou para trás e avistou o general sair apressado da noite, tendo ao lado um oficial-engenheiro, com um destacamento de soldados em sua esteira, até parar na frente de Sir William.

— Estou seguindo para a cidade dos bêbados e a aldeia — anunciou o general, esbaforido. — Planejo explodir algumas casas para abrir um aceiro que impeça a passagem do fogo... com a sua permissão. Concorda?

— Claro. Faça o que for necessário. Pode dar certo. Se o vento não diminuir, estaremos liquidados de qualquer maneira. Vá depressa!

— Por acaso eu observava do penhasco e tive a impressão de que três ou quatro incêndios começaram ao mesmo tempo na Yoshiwara, em pontos diferentes.

— Por Deus! Está querendo dizer que foi um incêndio criminoso?

— Não sei, mas quer tenha sido um ato de Deus ou do demônio, ou de um maldito incendiário, isto vai nos destruir!

Acompanhado por seus homens, o general se afastou pela escuridão. Sir William viu o almirante subir pela praia, do cais da legação, onde mais marujos e fuzileiros desembarcavam.

— Os barcos já estão prontos para a evacuação — avisou Ketterer.
— Temos suprimentos em quantidade suficiente para toda a população. Podemos reunir o pessoal ao longo da praia, onde haverá segurança.

— Ótimo. A situação pode se tornar perigosa.

— Tem isso. Isso muda completamente os nossos planos, não é?

— Receio que sim. O incêndio não poderia ter ocorrido numa ocasião pior. Maldito fogo, pensou Sir William, furioso. Complica tudo — a reunião com Yoshi amanhã, o bombardeio de Kagoshima, logo no momento em que Ketterer finalmente concordava em obedecer às minhas instruções. O que faremos agora? Vamos evacuar Iocoama? Embarcar todo mundo na esquadra e voltar a Hong Kong, com o rabo entre as pernas? Ou transferir todo mundo para Kanagawa e que se dane o que os japoneses podem fazer? Não, não é possível. Kanagawa é uma armadilha pior, pois a baía ali é muito rasa para a esquadra nos ajudar. Ele olhou para Ketterer. O rosto do almirante era duro e curtido, os olhos pequenos fixados na distância. Ele vai optar pelo retorno a Hong Kong, pensou Sir William, consternado. Droga de vento!

Num ponto mais abaixo da rua, MacStruan tinha escadas encostadas na lateral de seu prédio. Vários homens suspendiam baldes com água pela escada, os que estavam no topo molhavam o telhado. No prédio da Brock, ao lado, Gornt e outros faziam a mesma coisa.

— Por Deus, olhem só! — gritou alguém.

As chamas se estendiam agora por toda a linha do horizonte da cidade dos bêbados e da aldeia. O vento era escaldante e forte, soprando contra seus rostos furioso, provocando-os, desafiando-os.

— *Mon Dieu!* — murmurou Angelique.

Ela usava um casaco por cima da camisola, lenço na camisa. Vestira-se apressada, ao primeiro alarme, e saíra correndo para a rua. Era evidente que o fogo os alcançaria em breve, por isso ela tornou a entrar, subiu apressada para o seu quarto. Rapidamente, meteu suas escovas, pentes, pomadas, cremes e ruges numa bolsa, a melhor lingerie em outra. Um momento de pensamento e depois, não mais assustada, ela abriu a janela, gritou para que Ah Soh permanecesse lá embaixo e pôs-se a lhe jogar seus vestidos e casacos.

Ah Soh fungou, desdenhosa, e não se mexeu. MacStruan, ali perto, ordenou que ela começasse a trabalhar e apontou para o cais da companhia, no outro lado do passeio, onde empregados já guardavam caixas com documentos, fuzis e mercadorias diversas, enquanto Vargas e outros suavam para levar mais pacotes até lá. MacStruan decidira correr o risco de deixar dinheiro, lingotes e alguns documentos no cofre de ferro.

— Ah Soh, sua rameira sem mãe! — gritou ele, num cantonês perfeito. — Leve as coisas da *tai-tai* para lá, vigie tudo e não saia do lugar mesmo que o fogo do inferno caia em cima de você ou vou bater nas solas de seus pés até virarem uma polpa sangrenta!

Ela obedeceu no mesmo instante e MacStruan acrescentou, rindo:

— Angélique, teremos um aviso com bastante antecedência. Pode ficar aí até eu chamá-la.

— Obrigada, Albert.

Ela viu Gornt levantar os olhos, do prédio ao lado. Ele acenou. Angélique respondeu ao aceno. Não sentia mais medo agora. Albert a avisaria a tempo, a segurança a aguardava no outro lado da rua ou nos barcos que começavam a se concentrar perto da praia. Não havia mais qualquer preocupação em sua mente. Já decidira como cuidar de André, Skye e a mulher de Hong Kong. E de Gornt amanhã. Sabia o que fazer. Cantando Mozart, ela pegou uma escova, sentou-se diante do espelho, a fim de se fazer mais apresentável para todos. Era como nos velhos tempos. Agora, o que vou vestir? O que seria melhor?

Raiko seguiu o corpulento servo pelas ruínas de sua estalagem. Ele segurava um lampião a óleo e avançava com extremo cuidado, contornando as brasas que ainda luziam intensamente, uma advertência na escuridão, atizadas pelo ar quente e acre. Ela tinha o rosto enegrecido, os cabelos impregnados de cinza e poeira, o quimono chamuscado, todo rasgado. Ambos usavam máscaras contra a fumaça, mas mesmo assim tossiam e espirravam de vez em quando.

— Vá mais para a esquerda — balbuciou Raiko, a garganta ressequida, continuando a inspeção.

Podiam ver apenas os suportes de pedras, formando quadrados perfeitos, por cima das cinzas, indicando os lugares em que antes havia habitações.

— Pois não, ama.

E eles seguiram em frente.

Acima do barulho do vento, podiam ouvir vagamente outras pessoas chamando, gritos ocasionais de dor e choro, sinos de incêndio distantes, na aldeia e na colônia, que também ardiam. Raiko superara o pânico inicial. Incêndios acontecem. Eram obra dos deuses. Não importa, estou viva. Amanhã descobrirei o que causou o incêndio, se foi mesmo uma explosão, como alguns alegam, embora na confusão este vento terrível possa enganar os ouvidos, e o barulho possa muito bem ter sido causado por um pote de óleo mal colocado caindo num fogo da cozinha e explodindo, assim o incêndio se iniciando. A casa das Três Carpas desapareceu. Assim como todas as outras ou quase todas. Mas não estou arruinada, ainda não.

Algumas cortesãs e criadas, várias chorando, surgiram da noite, umas poucas com queimaduras. Raiko reconheceu as mulheres do Dragão Verde. Não havia nenhuma das suas ali.

— Parem de chorar! — ordenou ela. — Podem ir para a casa das Dezesesseis Orquídeas... todas estão se reunindo ali. Não foi muito afetada e há lugar para dormir, comida e bebida para todas. Onde está Chio-san?

Era a *mama-san* delas.

— Não a vimos — disse uma delas, entre lágrimas. — Eu estava com um cliente. Mal tive tempo de sair correndo com ele e ir para o abrigo subterrâneo.

— Ótimo. E agora tratem de ir. Sigam por este caminho e tomem cuidado. Raiko sentiu-se satisfeita ao recordar que, por ocasião da construção da Yoshiwara, há pouco mais de dois anos, com as *mama-sans* escolhidas por sua guilda — e contando com a aprovação prévia e dispendiosa do departamento encarregado do *Bakufu* —, ela sugerira que cada casa de chá tivesse uma adega à prova de fogo, perto da estrutura central, a estrutura de tijolos abaixo da superfície, como segurança adicional. Nem todas as *mama-sans* haviam aprovado, dizendo que não havia mérito nenhum na despesa extra. Não importa, elas é que saíram perdendo. Vamos ver quantas vão se lamentar e bater no peito amanhã, por não terem seguido o meu exemplo.

Ela acabara de inspecionar seu abrigo. Os degraus desciam para a porta revestida de ferro. O interior se encontrava impecável. Todos os bens valiosos se encontravam ali, todos os contratos, provas de dívidas, empréstimos feitos à Gyokoyama, declarações bancárias, vales, as melhores roupas de cama e mesa, os melhores quimonos... tanto os seus quanto os de suas damas, tão bons quanto novos. Desde o início, fora sua política que as melhores roupas não deveriam ser usadas à noite, mas guardadas no abrigo, o que quase

sempre acarretava resmungos e protestos pelo trabalho extra. Não haverá resmungos esta madrugada, pensou ela.

Para seu imenso alívio, localizara todas as suas damas depois do incêndio, assim como os criados e clientes, à exceção de Fujiko, Hinodeh, *Furansu-san* e Taira, mais dois servos e duas criadas, que continuavam desaparecidos. Mas isso não a preocupava. Tinha certeza de que todos se encontravam sãos e salvos, em algum lugar. Um servo avistara um *gai-jin*, talvez dois, correndo na direção do portão.

Namu Amida Butsu, orou ela, que todos estejam em segurança, e me abençoe por minha sabedoria, ao cuidar para que meu pessoal sempre fizesse os exercícios de incêndio.

O horror do incêndio na Yoshiwara de Iedo, doze anos antes, lhe ensinara a lição. O fogo quase a matara e a seu cliente, um rico mercador de arroz da Gyokoyama. Ela o salvara, despertando-o do estupor da embriaguez, quase o arrastando para fora, ao risco da própria vida. Escapando pelos jardins, descobriram-se subitamente cercados pelo fogo, acuados, mas salvaram-se da morte ao cavarem uma vala na terra macia, com a ajuda da adaga que ela sempre levava na *obi*, deixando as chamas passarem por cima. Mesmo assim, ela sofrera queimaduras graves na parte inferior das costas e nas pernas, o que encerrara sua carreira de cortesã.

Mas o cliente não a esquecera. Ao se recuperar, convencera o pessoal da Gyokoyama a lhe emprestar os recursos para abrir sua própria casa de chá e depois passara a se dedicar a outra dama. O investimento já dera um lucro cinco vezes maior que o seu valor. Naquele incêndio, mais de cem cortesãs, dezesseis *mama-sans*, incontáveis clientes e criadas haviam perecido. Mais morreram no incêndio da Shimibara, em Quioto. Ao longo dos séculos, centenas em outros incêndios. No grande fogo das mangas pendentes, poucos anos depois de *mama-san* Gyoko ter construído a primeira Yoshiwara, o fogo fora devastador, custando cem mil vidas a Iedo. Em dois anos, tudo fora reconstruído, prosperava de novo, só para queimar outra vez, ser reconstruído, queimar, num processo interminável. E agora, como antes, jurou Raiko, reconstruiremos a nossa Yoshiwara para ser melhor do que nunca!

— A casa das Dezesseis Orquídeas seria nessa direção, ama, *neh?*

O servo hesitou, indeciso, entre as nuvens de fumaça. Ao redor, havia apenas brasas e cinzas, uns poucos suportes de pedra patéticos, sem que se pudesse divisar os caminhos sinuosos, sem os marcos de pedra para orientá-los. De repente, uma rajada de vento removeu cinzas para revelar os suportes de um bangalô e um dragão de pedra rachado pelo calor. Raiko reconheceu-o e compreendeu onde se encontravam. O bangalô de Hinodeh.

— Devemos voltar um pouco — disse ela. Foi nesse instante que alguma coisa atraiu sua atenção. Um brilho. — Espere um pouco. O que é aquilo?

— Onde, ama?

Raiko esperou. Outra vez o vento agitou as brasas e outra vez um objeto faiscou, um pouco à frente, à direita.

— Ali!

— Ah, sim.

Com todo cuidado, ele usou um galho enegrecido, sem folhas, para abrir caminho, foi se adiantando, ergueu o lampião para espiar à frente. Outro passo cauteloso, só para recuar apressado, quando uma nova rajada jogou fagulhas em sua direção.

— Vamos voltar. Procuraremos amanhã.

— Um momento, ama.

Estremecendo com o calor, ele usou o galho para remover mais cinzas. E soltou uma exclamação aturdida. Os dois corpos carbonizados estavam estendidos lado a lado, a mão esquerda de um na mão direita de outro. O brilho era de um anel de sinete de ouro, retorcido, parcialmente derretido.

— Ama!

Consternada, como uma estátua, Raiko postou-se ao lado dele. *Furansu-san* e Hinodeh, só podiam ser os dois, pensou ela, no mesmo instante. Ele sempre usava um anel de sinete... e lembro que me chegou a oferecê-lo, há poucos dias.

E, também no mesmo instante, seu espírito se animou, à visão das mãos dadas, a imagem que eles formavam em seu leito de brasas parecendo ser um berço de pedras preciosas, de rubis, faiscando,

morrendo e renascendo a cada corrente de ar... como se os dois fossem permanecer assim até o final dos tempos.

Ah, muito triste, pensou Raiko, as lágrimas aflorando, muito triste, e ao mesmo tempo tão lindo. Como eles parecem serenos, deitados aqui, como parecem abençoados, morrendo juntos, de mãos dadas. Devem ter se decidido pela taça de veneno e partiram juntos, como um só. Muito sábio. A melhor coisa, para ambos.

— *Namu Amida Butsu* — murmurou ela, como uma bênção, enquanto removia as lágrimas. — Vamos deixá-los em paz, amanhã resolverei o que fazer.

Raiko se afastou, com lágrimas entre amargas e doces, mas contente pela beleza que testemunhara. Mais uma vez, dois seres haviam escolhido o caminho para o ponto de encontro.

Um súbito pensamento aflorou em sua mente.

Se aqueles dois eram *Furansu-san* e Hinodeh, o *gai-jin* que escapara devia ser Taira. Isso é ótimo, muito melhor do que se fosse o

contrário. Perdi uma boa fonte de informações, mas o ganho será maior a longo prazo. Taira e Fujiko são mais dóceis e têm futuro. Manipulado com habilidade, Taira poderá com a maior facilidade fornecer muitas informações, muito em breve conseguirei conversar diretamente com ele, seu japonês melhora a cada dia e já é muito bom para um *gai-jin*. Devo arrumar lições extras, ensinar frases políticas, não apenas a linguagem da cama e do mundo flutuante, que é tudo o que Fujiko conhece... e com um sotaque camponês ainda por cima. Com toda certeza, meu investimento a longo prazo é muito mais promissor e...

Raiko e o servo pararam ao mesmo tempo. Olharam um para o outro e depois, abruptamente, para o céu ao sul. O vento amainara.

58

Quarta-feira, 14 de janeiro:

— **I**ocoama está acabada, William — disse o general, à primeira claridade da manhã, a voz rouca.

Estavam no penhasco, por cima da colônia, Pallidar junto com eles, todos montados. A fumaça ainda subia até ali. O rosto do general estava machucado e sujo, o uniforme rasgado, a pala do quepe chamuscada.

— Achei que era melhor chamá-lo para subir até aqui, de onde pode ter uma vista melhor. Um ato de Deus.

— Eu sabia que fora terrível, mas isto...

As palavras definharam. Sir William estava atordoado. Nenhum deles dormira. Os sinais de fadiga e preocupação estampavam-se em seus rostos, as roupas chamuscadas e sujas, a de Pallidar toda rasgada, em piores condições. Enquanto o sol surgia, podiam contemplar todo o panorama, até Hodogaya, na Tokaidô.

A Yoshiwara não mais existia, nem a aldeia, a maior parte da cidade dos bêbados, mais da metade da colônia, inclusive os estábulos. Ainda não havia um relatório confirmado de baixas, mas circulavam rumores abundantes, todos ruins. Também não havia ainda uma causa confirmada para a catástrofe. Muitos bradavam incêndio criminoso por japoneses, mas que japoneses, e por ordem de quem, ninguém sabia, embora a destruição da Yoshiwara e da aldeia não fosse incomodar nenhum deles, se com isso pudessem alcançar seus objetivos.

— Vai ordenar a evacuação esta manhã?

A cabeça de Sir William doía com mil perguntas e presságios.

— Primeiro, uma inspeção. Obrigado, Thomas. Pallidar, venha comigo. Ele esporeou seu pônei pela encosta abaixo. Parou por um momento diante da legação.

— Alguma novidade, Bertram?

— Não, senhor. Nem nomes ou números confirmados, por enquanto.

— Mande chamar imediatamente o ancião da aldeia, o *shoya*. Peça a ele para descobrir quantas baixas teve e vir falar comigo o mais depressa possível.

— Não falo japonês, Sir William, e Phillip Tyrer não está aqui.

— Pois então trate de encontrá-lo! — berrou Sir William, satisfeito pela oportunidade de descarregar um pouco de sua ansiedade acumulada e a preocupação com Tyrer. Foi recompensado ao ver o jovem empalidecer. — E aprenda logo japonês ou vou despachá-lo para a África, lá aprenderá o que é bom! Quero todos os mercadores seniores reunidos aqui dentro de uma hora... Não, não aqui, no clube é melhor. Vamos ver... São seis e vinte agora. Marque a reunião para as nove e meia e, pelo amor de Deus, comece logo a usar a droga da sua cabeça!

Idiota, pensou Sir William, afastando-se a trote, já se sentindo melhor. Sob o céu clareando, os habitantes de Iocoama começavam a recolher os fragmentos de suas vidas. A princípio, Sir William, escoltado por Pallidar, manteve-se na High Street, cumprimentando a todos, respondendo a perguntas, sempre com a mesma declaração:

— Primeiro, deixem-me dar uma olhada. Convoquei uma reunião no clube as nove e meia. Até lá, já terei uma avaliação melhor da situação.

Mais perto da cidade dos bêbados, o cheiro de prédios queimados piorou. Naquela madrugada, quando o vento amainara, por volta das duas horas, os incêndios haviam se extinguido rapidamente e as chamas deixaram de saltar de uma casa para outra. Só isso salvara a colônia da destruição completa. Todas as legações estavam salvas, assim como o prédio da capitania do porto, dos principais mercadores e seus armazéns, da Struan, Brock, Cooper-Tillman e outras companhias. O prédio de Lunkchurch fora destruído.

O fogo parara pouco antes da Santíssima Trindade, deixando-a intacta. Ele agradeceu a Deus por um milagre tão conveniente. Mais além, a igreja católica perdera a maior parte de suas janelas e telhado, tinha a entrada chamuscada, as vigas ainda fumegavam, dando a impressão de uma boca escancarada com dentes apodrecidos.

— Bom dia. Onde está o padre Leo? — perguntou Sir William a um homem que fazia limpeza no jardim.

— Na sacristia, Sir William. Bom dia, fico satisfeito por ver que está são e salvo, Sir William.

— Obrigado. Lamento por sua igreja. Convoquei uma reunião no clube, às nove e meia. Pode espalhar a notícia? O padre Leo será bem-vindo, é claro.

Sir William seguiu em frente. Ao contrário do que acontecia na aldeia e na Yoshiwara, onde pilhas de cinza limpa se acumulavam em montes, como neve, as áreas devastadas da colônia e da cidade dos bêbados eram uma confusão de tijolos, lajes de pedra, metal retorcido, restos de máquinas, ferramentas, armas, canhões, bigornas e outros produtos manufaturados, tudo transformado em lixo. A chaga purulenta da terra de ninguém estava limpa, exceto pelos metais, e isso o agradou.

Ele seguiu pelo caminho sinuoso para o portão sul. A casa da guarda desaparecera. Uma barreira improvisada fora erguida no vazio, e havia samurais de sentinela ali.

— Mas que idiotas! — murmurou Pallidar. — Eles estão fazendo uma barricada contra o quê?

Sir William não respondeu, absorto no que podia ver e no que podia fazer. À frente, junto ao canal e ao fosso, podia ver aldeões e outras pessoas circulando ou agachados em grupos desolados. No outro lado do fosso, onde antes existia a Yoshiwara, havia também grupos de mulheres, cozinheiros e outros criados sentados ou de pé, em torno da única estrutura parcial que não fora destruída, usando telas de lona como abrigo. Samurais ainda jogavam água em focos de fogo aqui e ali. O vento brando trazia o som de muitas pessoas chorando.

— Terrível, senhor — comentou Pallidar.

— Tem razão.

Sir William suspirou e fez novo esforço; cabia a ele dar o exemplo e, por Deus, iria agir como deveria fazer o ministro de sua majestade britânica para o Japão.

— Foi mesmo lamentável, mas dê uma olhada ali. — No penhasco, o acampamento de barracas continuava intacto. — Todos os nossos soldados estão sãos e salvos, os canhões seguros, todos os armamentos e o depósito de munições incólumes. E dê uma olhada ali!

Na baía, a esquadra continuava ilesa, a bandeira britânica tremulando orgulhosa nos mastros. Com o amanhecer se transformando em dia, todos os cúteres disponíveis navegavam de um lado para outro, trazendo homens para a praia ou levando-os de volta aos navios para comer, beber e dormir.

— Todo o resto é substituível, menos as pessoas. Reúna alguns soldados e inicie uma contagem de cabeças e montarias. Preciso saber quantos perdemos, até a reunião das nove e meia. Trate de se apressar.

— Pois não, senhor. Quase todos os estábulos se encontravam abertos e os cavalos correram para o hipódromo ou o penhasco. Vi o garanhão de Zergeyev ali, com dois cavalariaços.

Subitamente, Pallidar ficou radiante, não se sentindo mais desesperado.

— Tem toda razão, Sir William! Oh, Deus, como tem razão! Enquanto o exército e a marinha estiverem sãos e salvos, estamos todos bem, não teremos maiores problemas. Obrigado.

Ele se afastou a galope. Sir William concentrou sua atenção no interior. O que fazer? O que fazer? Seu pônei puxou as rédeas, nervoso, escarvou a terra, sentindo a inquietação do cavaleiro.

— Bom dia, Sir William. — Pálido de fadiga, Jamie McFay aproximou-se, saindo de trás das ruínas de um prédio, agora uma pilha de estruturas de metal retorcidas, os restos de armações de cama, de móveis queimados. Suas roupas estavam rasgadas, chamuscadas em alguns pontos, os cabelos emaranhados. — Quantos perdemos? Quais são as últimas novidades?

— Ainda não temos nada de concreto. Pelo bom Deus, isso é... isso é tudo o que restou do prédio do Guardian e dos prelos?

— Receio que sim. Mas tome aqui.

Jamie parou o cavalo ao lado de Sir William e estendeu uma folha de papel mal impressa, com uma manchete borrada, que anunciava: IOCOAMA ARRASADA. SUSPEITA DE INCÊNDIO CRIMINOSO. PRÉDIOS DA STRUAN E BROCK INTACTOS, EXÉRCITO, MARINHA E TODOS OS NAVIOS SALVOS. CALCULA-SE QUE FATALIDADES FORAM ALTAS NA YOSHIWARA E ALDEIA. Depois, um breve editorial, com a promessa de que sairia uma edição naquela tarde, e um pedido de desculpas pelos problemas de impressão.

— Nettlesmith está ali.

Sob um telheiro improvisado, Sir William avistou Nettlesmith, desleixado e sujo, operando o prelo manual, diligente, seus funcionários ajeitando tipos em bandejas, outros ainda recuperando o que podiam das cinzas.

— Soube que você tirou alguns aldeões de um prédio, Jamie, salvou suas vidas.

Ainda era difícil para Jamie pensar direito. Vagamente, recordava que não encontrara Nemi, nem tivera qualquer notícia dela, mas não se lembrava de mais nada.

— Não me lembro muito bem... reinava o caos por toda parte... outros faziam a mesma coisa ou ajudavam pessoas a irem para o hospital... — A cabeça estava tonta de cansaço. — Soube ontem à noite que Phillip estava perdido. É verdade?

— Não sei. Espero que nada tenha lhe acontecido, mas também ouvi o rumor. — Sir William deixou escapar um suspiro ruidoso. — Passaram-me essa informação, há muitos rumores, mas aprendi que não se deve confiar em rumores. Correu a notícia de que Zergeyev morreria na Yoshiwara, assim como André. Há poucos minutos, no entanto, avistei Zergeyev. Portanto, como eu disse, é melhor esperar.

Ele indicou a folha de papel e indagou:

— Posso ficar com isto, Jamie? Obrigado. Convoquei uma reunião para as nove e meia, a fim de discutir o que devemos fazer. Sua opinião seria valiosa.

— Não há muito o que discutir, não é mesmo? Estou liquidado.

— Ao contrário, Jamie, há muito o que discutir. No fundo, tivemos muita sorte. O exército e a marinha... — Sir William desviou os olhos, levantou o chapéu. — Bom dia, *miss* Maureen.

Ela ainda usava as mesmas roupas, mas com o rosto lavado, um sorriso exuberante.

— Bom dia, Sir William. É um prazer vê-lo são e salvo, saber que nada aconteceu com a legação. Bom dia, amor.

O sorriso de Maureen tornou-se ainda mais especial. Abraçou Jamie, fazendo um esforço para não parecer muito ansiosa, resistindo à vontade de beijá-lo, por mais que desejasse... ele estava lindo em suas roupas chamuscadas, o rosto com a barba por fazer, contraído em preocupação, mas nada que uma sopa quente, um uísque e um bom sono não pudessem curar.

Ao vir para cá, ao seu encontro, muitos haviam lhe contado como Jamie se mostrara corajoso durante a noite. Ela passara a maior

parte da noite acalmando a Sra. Lunkchurch e a Sra. Swann, seus maridos e outros no armazém da Struan, distribuindo a bebida do demônio, como sua mãe chamava todas as beberagens alcoólicas — embora não na presença de seu pai —, cuidando de queimaduras ou levando feridos a Hoag e Babcott, que haviam instalado um hospital de campanha tão perto quanto possível das piores áreas.

— Você parece muito bem, Jamie, apenas exausto.

— Não mais do que outros.

Sabendo que fora esquecido — e com alguma inveja por isso —, Sir William saudou-os com seu chicote.

— Até mais tarde, Jamie. *Miss* Maureen.

Os dois observaram-no se afastar a trote. A proximidade de Maureen era agradável para Jamie. Abruptamente, sua felicidade e apreensão pelo futuro a floraram, ele virou-se, abraçou-a e apertou-a, com toda a intensidade de sua angústia. Maureen fundiu-se nele, feliz, esperou, procurando lhe transmitir sua força.

Depois de algum tempo, Jamie sentiu que se recuperava, a coragem voltou, o senso de integração prevaleceu.

— Deus a abençoe, Maureen. Não posso acreditar, mas você me fez voltar à vida. Deus a abençoe.

Ele se lembrou de Tess, dos cinco mil guinéus que Maureen lhe arrancara, de Maureen dizendo que amanhã as coisas não serão tão ruins assim e sua alegria explodiu.

— Por Deus, *Sparkles*, você tem toda razão! — disse ele, tornando a abraçá-la. — Estamos vivos, temos sorte, tudo vai acabar bem, graças a você!

— Não precisa exagerar, meu rapaz — murmurou ela, com um pequeno sorriso, a cabeça encostada na de Jamie, não querendo largá-lo ainda. — Não tive nada a ver com isso.

É tudo obra de Deus, pensou Maureen, sua dádiva especial para as mulheres, assim como sua dádiva para os homens é fazer a mesma coisa pelas mulheres em ocasiões especiais.

— É apenas a vida, Jamie.

Ela usou “vida”, mas poderia também ter dito “amor”, embora não tivesse certeza total de que era mesmo isso.

— Estou orgulhoso de você, menina. Foi maravilhosa ontem à noite.

— Não fiz nada demais. E agora vamos embora. Você precisa tirar um cochilo.

— Não tenho tempo para cochilos. Preciso falar com o *shoya*.

— Um cochilo antes da reunião. Eu o acordarei com uma xícara de chá. Pode usar minha cama. Albert diz que é nosso quarto por tanto

tempo quanto quisermos; não deixarei ninguém incomodá-lo.

Sorrindo, apesar da sugestão, ele perguntou:

— O que pretende fazer?

Maureen abraçou-o.

— Ficarei segurando sua mão e contarei uma história até você dormir. Vamos embora.

Tyrer abriu os olhos e descobriu-se no inferno, todos os ossos doendo, cada respiração queimando o peito, os olhos ardendo, a pele em tormento. Na escuridão acre e enfumaçada, podia ver rostos japoneses sem corpo espiando-o, dois deles, as bocas contorcidas em sorrisos cruéis, dando a impressão de que a qualquer momento tornariam a levantar seus forcados e recomeçariam a torturá-lo. Um rosto chegou mais perto. Ele recuou e deixou escapar um grito de dor. Através das brumas ouviu palavras em japonês e depois em inglês:

— Taira-sama, acorde, você seguro!

O nevoeiro que envolvia sua mente se dissipou.

— Nakama?

— Sim. Você salvo.

Agora ele percebeu a luz de um lampião a óleo. Pareciam estar numa caverna e Nakama lhe sorria. Assim como o outro rosto. Saito!

O primo de Nakama, o que se interessava por navios... Não, este não é Nakama, este é Hiraga, o assassino!

Tyrer se empertigou abruptamente, caiu para trás, contra a parede do túnel, a dor de cabeça cegando-o por um momento, enquanto tossia e tossia, a bílis e um gosto horrível de fumaça provocando ânsias de vômito. Quando não havia mais nada para subir, depois que passou o espasmo, ele sentiu um copo comprimido contra seus lábios. Bebeu a água gelada, na maior ansiedade, engasgando um pouco.

— Desculpe... — balbuciou ele.

Hiraga tornou a ajeitar a manta em torno de seu quimono de dormir meio queimado.

— Obrigado.

Um momento depois ele prendeu a respiração, a mente se deslocando lentamente do vazio para um caleidoscópio de imagens, fundindo-se em mais imagens, paredes em chamas, Hiraga

arrancando-o do meio do fogo, correndo, caindo, sendo ajudado a se levantar, casas desabando ao seu redor, arbustos explodindo em seus rostos, não conseguindo respirar, sufocando, não consigo respirar, Hiraga gritando “Depressa, por aqui... não, por aqui não, vamos voltar, por aqui...”, alguma coisa faltando, fugindo para um lado e outro, guiado entre paredes de fogo, na frente, por trás, nos lados, mulheres gritando, fumaça, e depois a entrada do poço, o fogo se projetando para eles, quase alcançando-os, “Desça, depressa, desça”, entrando no poço, o fogo se aproximando, uma luz lá embaixo, um olho na escuridão, o rosto de Saito, e depois, como um raio...

Fujiko!

— Onde está Fujiko? — gritara ele.

Ofegando para respirar, Hiraga gritara, acima do rugido das chamas:

— Depressa, descer, ela morta no quarto, Fujiko morta quando eu encontrar você... depressa ou você morto!

Tyrer se lembrava agora dessa parte com nitidez. Saíra do poço, desatara a correr de volta, o fogo ainda pior do que antes, a morte certa à frente, mas ele tinha de alcançá-la, precisava ter certeza, e depois caíra de cara no chão, uma dor ofuscante no pescoço, tentara se levantar, o calor monstruoso, e tudo o que recordava era de ter visto a quina da mão dura como pedra se aproximando do lado de seu pescoço.

— Você... eu ia buscá-la, mas você me deteve?

— Sim. Não ser possível salvar. Fujiko morta, sinto muito, eu vi. Ela morta, você também se voltar, por isso bater, carregar para cá. Fujiko morta no quarto.

Hiraga falou com voz gelada, ainda furioso com Tyrer por arriscar a vida de ambos em tamanha estupidez. Só tivera tempo de levantar Tyrer para seu ombro e descer pelo poço, quase perdendo o equilíbrio ao se projetar para a segurança, salvando a própria vida das chamas por um triz. E ele pensou, irritado, que até mesmo o homem mais *baka* deveria saber que não haveria a menor possibilidade de encontrá-la, não havia como sobreviver com todo o jardim e a casa de chá em chamas, e mesmo que ela não estivesse morta na ocasião, teria morrido quinze vezes desde então.

— Se não bater, você morto. Achar morto melhor?

— Não. — Tyrer sentia-se sufocado pela dor. — Desculpe. Devo-lhe minha vida, mais uma vez.

Ele esfregou o rosto, para tentar, em vão, conter a angústia. Fujiko morta... oh, Deus, oh, Deus!

— Desculpe, Na... isto é, Hiraga-sama. Onde estamos?

— Túnel. Perto Três Carpas. Ir até aldeia, por baixo da cerca, fosso.
— Hiraga gesticulou para o alto do poço. — Ser dia agora.

Tyrer levantou-se, o corpo todo dolorido. De pé, sentiu-se um pouco melhor. A luz do dia no alto do poço era ofuscada pela fumaça turbilhonante, mas ele pôde perceber que o sol se encontrava prestes a surgir.

— *Dozo.*

Com um sorriso, Akimoto entregou-lhe uma tanga e um quimono extra.

— *Domo.*

Tyrer ficou chocado ao constatar a extensão em que seu quimono ficara queimado. Ele próprio tinha umas poucas queimaduras nas pernas, mas nada de mais grave. Hiraga subiu pelas barras de ferro precárias para dar uma espiada lá fora, mas foi obrigado a recuar pelo calor. Descendo de volta ao túnel, ele disse:

— Não bom. Quente demais. Aqui.

Ele ofereceu água outra vez, e Tyrer aceitou, agradecido.

— Taira-sama, melhor ir por ali. — Hiraga apontou pelo túnel. —
Você estar bem?

— Estou. Fujiko morreu mesmo? Tem certeza?

— Sim.

— O que aconteceu? Eu estava dormindo e de repente... Foi uma bomba. Posso lembrar... acho que explodiu no outro lado do quarto... no lado de Fujiko. A sensação foi de que uma bomba explodiu embaixo da casa. Foi isso mesmo? E por que o incêndio? Tudo pegou fogo?

Akimoto tocou no ombro de Tyrer e disse, com um sorriso, em japonês:

— Taira-sama, você teve sorte. Se não fosse por Hiraga, estaria morto. Compreende isso?

— *Hai, wakamarisen.*

Tyrer fez uma reverência solene para Hiraga e acrescentou, em japonês:

— Obrigado, Hiraga-sama, eu novamente em dívida. Obrigado pela vida.

Uma súbita vertigem o dominou.

— Desculpar, primeiro descansar um pouco. — Meio desajeitado, Tyrer sentou. — O que acontecer?

— Nós falar *ing'erish*. Por que fogo? Homem mau ter bomba de fogo. Atear fogo aqui, vento levar fogo Iocoama...

Tyrer recuperou o ânimo com o choque.

— A colônia também pegou fogo?

— Não saber, Taira-sama. Não ter tempo olhar, mas Yoshiwara destruída, achar aldeia também. Talvez Iocoama também.

Tyrer tornou a se levantar, foi até o poço.

— Não, não subir, por aqui. — Hiraga acendeu outro lampião. — Você seguir, sim?

Em japonês, ele acrescentou para Akimoto:

— Você fica aqui. Eu o levarei por parte do caminho. Quer ver o que aconteceu. Voltarei em seguida.

Avançando à frente pelo túnel, Hiraga voltou a falar, em inglês:

— Homem mau ter bomba de fogo. Querer ferir *gai-jin*. Vento sul fazer fogo pequeno fogo grande.

No mesmo instante, Tyrer compreendeu o significado do vento sul.

— Oh, Deus, tudo é tão combustível, vai arder como nenhuma outra coisa neste mundo. E se...

Ele parou, frenético de preocupação. A água escorria pelas paredes do túnel. Tyrer recolheu um pouco, para molhar a cabeça. A água fria ajudou.

— Desculpe. Continue, por favor. Um homem mau? Que homem mau?

— Homem mau — repetiu Hiraga, sombrio.

Ele sentia-se desorientado, a mente dividida: experimentava intensa fúria por Takeda ter tomado a iniciativa, destruindo seu refúgio seguro, mas ao mesmo tempo estava feliz com o sucesso das bombas incendiárias. Com o vento sul e a Yoshiwara em chamas, a aldeia fora atingida e também as casas dos *gai-jin*. E com a base em Iocoama perdida, os *gai-jin* teriam de ir embora, como Ori fora o primeiro a prever e Katsumata depois. *Sonno-joi* dera um grande passo à frente.

Há cerca de uma hora, ele tentara espiar pelo poço perto da cidade dos bêbados, verificar pessoalmente o que acontecera, mas o calor era intenso demais e tivera de recuar. Talvez os tijolos já tivessem esfriado o bastante para que ele pudesse observar a extensão da devastação ali. Ele se concentrou nessa esperança, sem esquecer que ainda precisava acertar tudo com Tyrer.

O sucesso de sua história dependia em grande parte do fato de Takeda ter sido ou não capturado vivo. Era uma boa aposta que Takeda não permitiria que isso ocorresse, e neste caso sua versão, em grande parte verdadeira, seria lógica.

— Homem mau querer destruir todos *gai-jin*, expulsar eles do Nipão. Homem do *Bakufu*. *Bakufu* querer todos *gai-jin* ir embora. Yoshi

querer todos *gai-jin* longe do Nipão. Pagar espião para começar fogo, culpar *shishi*, mas homem do *Bakufu*.

— Conhece esse homem? Hiraga sacudiu a cabeça.

— Um homem de Satsuma, *mama-san* dizer.

— Raiko-san?

— Não, Wakiko, outra casa de chá — respondeu Hiraga, inventando um nome. Haviam alcançado a água. — Melhor tirar roupas. Mais seguro.

Despiram-se e vadearam a barreira, com o lampião suspenso acima da superfície. No outro lado, enquanto Tyrer prendia a tanga e vestia o quimono, com alguma dificuldade, Hiraga discorreu sobre o tema de que o *Bakufu* era insidioso, que eles atribuiriam a culpa a todos os outros, aos *ronin*, aos *shishi*, mas haviam planejado e executado a destruição de Iocoama, os verdadeiros culpados eram Anjo, os anciãos, acima de tudo Yoshi.

Para Tyrer, era bastante plausível. Outra vez um Satsuma, um dos demônios de Sanjiro. Na entrada do poço, Hiraga apontou para cima.

— Mesmo que outro. Primeiro, eu ver.

Ele entregou o lampião a Tyrer e subiu até o topo, os tijolos ainda quentes. Cauteloso, espiou para fora. A cena o deixou atordoado. Onde antes existia a terra de ninguém, com suas pilhas de lixo, havia agora um terreno plano, que lhe permitia ver claramente até o mar, além do espaço outrora ocupado pela cidade dos bêbados, além do espaço em que no passado se situava a aldeia, a vista se prolongando até a extremidade norte. Muitos prédios *gai-jin* continuavam intactos, mas isso não o preocupou. Em tudo e por tudo, Iocoama deixara de existir. Ele desceu.

— O que aconteceu, Hiraga-sama?

— Você ir ver. Eu ficar. Você ir agora, amigo. Hiraga não ir, não poder... samurai ainda procurar, *neh?*

Tyrer viu os olhos castanhos observando-o, aquele homem estranho, que sem dúvida arriscara sua vida para salvá-lo. E o salvara pela segunda vez. O que mais um amigo pode fazer além de arriscar a vida pelo amigo?

— Sem você, sei que eu estaria morto. Devo-lhe uma vida. Agradecer não é suficiente.

Hiraga deu de ombros, sem dizer nada.

— O que vai fazer?

— Por favor?

— Se eu quiser encontrá-lo, fazer um contato com você.

— Eu aqui. Taira-sama, não esquecer, Yoshi pôr preço minha cabeça, *neh?* Por favor, não dizer sobre túnel. *Bakufu* e Yoshi querer pegar eu qualquer maneira. Se Taira-sama falar, eu logo morto, não ter onde fugir.

— Não contarei a ninguém. Como posso lhe enviar uma mensagem?

Hiraga pensou a respeito por um momento.

— Hora sol se pôr, vir aqui, falar para baixo. Eu aqui hora sol se pôr. Compreender?

— Sim. — Tyrer estendeu a mão. — Não tenha medo. Não contarei a ninguém e tentarei ajudá-lo.

O aperto de mão de Hiraga foi firme.

— Phillip! Phillip, meu rapaz, graças a Deus que está são e salvo! — O rosto de Sir William iluminou-se de alívio, e ele se adiantou apressado, pondo as mãos nos ombros de Tyrer. — Circularam rumores de que você havia morrido na Yoshiwara. Venha sentar aqui, meu pobre amigo.

Ele ajudou-o a se acomodar na melhor cadeira no escritório, ao lado do fogo.

— Por Deus, você tem uma aparência horrível! O que aconteceu? Mas precisa antes de um drinque! O conhaque já está vindo!

Tyrer relaxou na cadeira alta, sentindo-se muito melhor. Depois do horror inicial pelos danos, tendo encontrado umas poucas pessoas à beira d'água, vendo bandagens e queimaduras, mas sem que ninguém falasse em mortes, constatando que os prédios das legações, da Struan e Brock e outras partes da colônia continuavam

intactos — assim como o acampamento do exército e a esquadra —, tudo isso dissipara a maior parte de sua tensão. Ninguém parecia saber quem estava perdido, ou quantos, e por isso ele voltara apressado à legação. Tomou um gole grande de conhaque e disse:

— Fui apanhado pelo incêndio na Yoshiwara. Estava com... hum... com minha garota, e... hum... ela morreu.

Sua infelicidade tornou a invadi-lo, como um maremoto.

— Lamento muito saber disso. Estranho é que seu outro amigo, Nakama, Hiraga, qualquer que seja seu nome verdadeiro, também esteja morto.

— Como, senhor?

— Isso mesmo — disse Sir William, sentando na cadeira em frente e continuando a falar, satisfeito. — Identificação positiva. Uma patrulha avistou-o na terra de ninguém, no início do incêndio na cidade dos bêbados. A princípio, pensaram que fosse um saqueador e os soldados partiram em sua perseguição. Mas logo o

reconheceram e atiraram no patife, ferindo-o, para que parasse. Mas não pode imaginar o que aconteceu então. O louco se levantou e jogou-se contra um prédio em chamas... o velho depósito de óleo. O sargento contou que poucos momentos depois houve uma terrível explosão e todo o lugar pareceu subir pelo ar.

— Mas não é possível que...

— Concordo que é improvável, lançar-se para o meio de um inferno, um absurdo, ninguém faria isso. Lamento dizer que dois dos nossos homens morreram quando tentavam agarrá-lo... atingidos pela explosão. Uma pena! É bem possível que Nakama tenha sido o incendiário, se é que houve algum, o que me parece implausível, se quer saber minha opinião. Seja como for, os barris de óleo estavam explodindo por toda parte.

Ele viu a agitação e palidez de Tyrer e se sentiu condoído.

— Lamento por você, Phillip. Lamento por você que Nakama tenha morrido porque sei que gostava dele, mas não lamento pelo outro lado... ele era um assassino e isso nos tira de uma encrenca enorme com Yoshi, não acha?

Sir William ficou esperando que ele concordasse, mas havia apenas um rosto vazio à sua frente.

— Deve ter sido um choque em cima do outro para você... uma coisa horrível não é?

Tyrer estava atordoado, era difícil assimilar o equívoco sobre a morte de Hiraga.

— A Yoshiwara... foi, sim...

Ele já ia esclarecer o engano, quando Sir William voltou a falar:

— Devo lhe dizer, Phillip, que tivemos uma sorte incrível. O exército está intacto, a marinha também, só temos a informação de uma única fatalidade em nossa comunidade, embora ainda estejamos verificando. Viu algum dos nossos ontem à noite na Yoshiwara?

— Não, senhor, nenhum dos nossos. — Tyrer não conseguia pôr a mente para funcionar direito. — Nem uma única alma. Deve compreender...

— É muito difícil tentar localizar a todos, não dá para fazer uma contagem acurada. A cidade dos bêbados é um caso perdido, mas mesmo lá dizem que apenas meia dúzia de vagabundos desapareceram, ninguém que tivesse um nome completo, apenas Charlie, Tom ou George. Fico contente em dizer que todas as jovens damas da Sra. Fortheringill estão sãs e salvas. É espantoso que tenhamos todos escapado, mas se o vento não tivesse amainado... mas acontece que amainou, devemos agradecer a Deus por isso... viu que a Santíssima Trindade também escapou? É verdade que os danos se elevam a centenas de milhares de libras. Graças a Deus pelo seguro, hem? Mas termine logo seu conhaque e vá tirar um cochilo. Depois que pensar bem a respeito, compreenderá como fomos afortunados com Nakama. Ele estava se tomando um grande desastre diplomático. Estou de saída, vou discutir um plano com a comunidade. Por que não fica deitado até eu voltar e...

Uma batida na porta. Bertram anunciou:

— O *shoya* está aqui, Sir William.

— Um momento bem oportuno. Mande-o entrar. Phillip, antes de ir se deitar, quero que traduza tudo para mim. Entre, entre, Sr. *shoya*.

O *shoya* fez uma reverência deferente, cauteloso.

— Meu superior cumprimentar você, *shoya* — traduziu Tyrer, ainda atordoado, a mente em outro lugar, ansioso em deitar, avaliar toda a situação. — Por favor, dizer quantos perder no fogo?

— Por favor, agradeça a ele por sua gentileza ao perguntar, mas diga que não precisa se preocupar com os nossos problemas.

O *shoya* achou a pergunta espantosa, pois aquilo não era da conta dos *gai-jin*. Que armadilha estão querendo armar para mim?, especulou ele.

— Meu superior dizer querer saber quantos perder?

— Oh, sinto muito, mas ainda não tenho certeza da contagem final, mas já sabemos que cinco pescadores e duas famílias foram para o outro mundo.

O *shoya* falou com toda polidez, inventando um número, já que o líder *gai-jin* insistia em saber “quantos perder”, o que indicava que esperava um número. Na verdade, não haviam perdido nenhum dos seus, nem crianças, nem barcos, já que o alarme soara com bastante antecedência.

— Meu superior dizer sentir muito. Ele poder ajudar aldeia?

— Ah, sim! Por favor, agradeça ao grande lorde. As famílias podiam aproveitar alguns sacos de arroz, talvez um pouco de dinheiro, qualquer ajuda em comida ou...

O *shoya* deixou a sugestão pairando no ar, para que eles pudessem decidir com que mais ajudariam. Seria outra armadilha?

— Meu superior dizer que mandar comida para aldeia. Por favor, contar como fogo começar.

O *shoya* refletiu que era uma loucura total dos *gai-jin* esperar uma resposta a tal pergunta. Era perigoso se envolver em política, ainda mais no conflito entre os *shishi* e o *Bakufu*. Embora lamentasse profundamente a perda de todos os seus lucros, quando os *gai-jin* deixassem suas praias amanhã, ou no dia seguinte, nem tudo estava perdido, porque todos os seus livros, recibos e lingotes se encontravam salvos, e por causa de seu acordo com o *gai-jin* Jami, que se tornara ainda mais importante agora. Tenho certeza de que minha *stoku kompeni* não será afetada.

Ao mesmo tempo, ele sentia-se satisfeito com os *shishi* ousando expulsá-los, atribuindo a culpa ao infame *Bakufu*. *Sonno-joi*. Estaremos melhor sem os *gai-jin* aqui. É muito melhor que eles fiquem restritos à pequena Deshima, em Nagasáqui, como no passado. Abrirei uma sucursal em Nagasáqui e estarei preparado quando eles voltarem. Se é que algum dia voltarão.

— Sinto muito, mas deve ter sido óleo derramado numa cozinha — respondeu ele, com uma reverência humilde. — Apenas na Yoshiwara cozinham de noite, nós não. Por favor, desculpem, mas isso é tudo o que sei.

— Meu superior dizer que esse homem Nakama, ou Hiraga, o *shishi* que lorde Yoshi procurar, ele visto soldados, que tentar apanhar ele. Ele fugir e morrer no fogo. Você conhecer ele?

O presságio ruim do *shoya* triplicou, embora também tivesse sido informado da morte, o que o deixara bastante satisfeito.

— Por favor, desculpem, mas só conhecia como um cliente, nunca como um *shishi*. Morto? Mas é ótimo que o assassino esteja morto. Maravilhoso!

Sir William suspirou, cansado das perguntas e respostas.

— Agradeça a ele, Phillip, e dispense-o.

O velho se retirou, agradecido. Sir William disse:

— E agora, Phillip, vá se deitar. Esteja pronto para partir ao meio-dia.

— Como, senhor?

— Para Kanagawa, a reunião com Yoshi. Não tinha esquecido, não é?

Tyrer ficou estupefato.

— Com toda certeza, senhor, Yoshi não deve estar nos esperando agora — balbuciou ele, experimentando uma náusea intensa à perspectiva de uma prolongada reunião, traduzindo as nuances do tratado. — Com toda certeza!

— E é justamente por isso que iremos até lá — declarou Sir William, radiante. — Para deixá-lo surpreso, hem? Somos britânicos, não um bando de idiotas fracos e vacilantes. Apenas tivemos um pequeno contratempo, um estorvo insignificante.

Ele pôs o casaco e acrescentou para Tyrer:

— Até meio-dia e não deixe de vestir seu melhor traje.

— Mas ele não vai aparecer, não depois do que aconteceu aqui!

— É possível. Mas se Yoshi não aparecer, ele é que vai ficar mal, não nós.

— Não posso ir, Sir William, não como intérprete. Estou... estou exausto e não poderei ir, não hoje. Sinto muito.

— Receio que terá de ir de qualquer maneira. Não podemos perder a pose e todas essas coisas.

Tyrer viu o sorriso fino, a frieza voltando. E a atitude inflexível.

— Desculpe, senhor, mas não posso. Por favor, deixe que André cuide disso. Ele é melhor do que eu.

— Você é que terá de ir — disse Sir William, sem o menor vestígio de bom humor agora. — André Poncin morreu.

Tyrer quase caiu.

— Não é possível... Como?

— Na Yoshiwara. Recebi a notícia pouco antes de você chegar, e foi por isso que me senti tão aliviado ao vê-lo são e salvo.

Ao dizer isso, Sir William lembrou-se subitamente do envelope lacrado que André deixara com ele, no cofre da legação, para ser aberto no caso de sua morte.

— Henri identificou-o, na medida em que se pode identificar um cadáver naquele estado. O anel de sinete ainda estava em seu dedo... — Ele sentiu uma náusea ao pensar no assunto. — O pobre coitado foi carbonizado em sua *garçonnière*. Fui informado que ficava a poucos metros da sua, na mesma casa de chá. Eu diria que você teve muita sorte, Phillip. Esteja pronto ao meio-dia.

Sir William deixou a legação, desceu pela rua, a caminho do clube. Vários homens seguiam para lá, de todas as direções. Passando pela Struan, ele olhou para o prédio, sentindo-se grato por estar incólume, assim como o prédio da Brock... um bom presságio, pensou, um dos dois é sem dúvida a Casa Nobre, e a Brock é muito melhor com Gornt do que era com Norbert. Ele notou Angelique em sua janela e acenou. Ela acenou em resposta. Pobre Angelique, eu me pergunto se Henri já a informou sobre André. Depois, ouvindo o tumulto no interior do clube, mesmo a distância, os gritos habituais, as imprecações, o barulho de copos, Sir William suspirou e concentrou sua mente nos problemas da colônia.

Houve silêncio quando ele entrou. O clube estava apinhado, o excesso de pessoas transbordando pela escada. Abriu-se um caminho estreito para a sua passagem, através das fileiras comprimidas e suadas. Sir William encaminhou-se para seu lugar costumeiro, perto do bar, e cumprimentou os outros ministros, Seratard, Erlicher e Zergeyev, que tinha parte do rosto enfaixado, das queimaduras, e um braço na tipóia. Todas as pessoas de alguma

importância se encontravam presentes, assim como muitos que não tinham nenhuma importância, inúmeras enfaixadas, vários ossos fraturados, mas todos os rostos corados. Já havia alguns bêbados arriados nos cantos.

— Bom dia. Sinto-me feliz em comunicar que tivemos uma tremenda sorte...

Vaias interromperam-no, soaram gritos:

— Uma ova que tivemos! Estou arruinado!

— Mas o que está querendo dizer, pelo amor de Deus?

— Deixem-no falar!

— Ele está cheio de besteira, não viu...

— Ora, cale essa boca!

Sir William esperou um pouco e depois continuou, num tom mais firme:

— Tivemos realmente muita sorte, apenas a morte de André Poncin foi confirmada... — Um murmúrio audível de pesar, pois seu talento como pianista era muito apreciado. — ...e mais ninguém da comunidade. O Sr. Seratard identificou o corpo e o enterro será amanhã. Infelizmente, perdemos dois soldados e o funeral deles também será amanhã. Ainda há uns poucos desaparecidos na cidade dos bêbados, mas ninguém que conheçamos pelo nome. Nosso exército está intacto, com todas as suas armas, balas e munições. A marinha também está intacta. Tivemos de fato muita sorte e proponho que agradeçamos a Deus por isso.

No silêncio opressivo, ele acrescentou:

— Pedi ao padre que celebrasse um serviço especial ao crepúsculo. Todos estão convidados. Alguma pergunta até aqui?

— E nossas firmas? — gritou Lunkchurch. — Meu prédio pegou fogo!

— É para isso que todos temos seguro contra incêndio, Sr. Lunkchurch. Uma explosão de risos interrompeu-o.

— O que foi?

Heavenly Skye, o agente de seguros de Iocoama, responsável pelo encaminhamento a Hong Kong, onde todas as apólices eram aceitas, explicou:

— Lamento dizer, Sir William, mas a apólice de Barnaby venceu na semana passada e, para poupar algum dinheiro, ele se recusou a renová-la até o primeiro dia do mês.

O resto das palavras foi abafado pelos risos e zombarias.

— Eu lamento ouvir isso. De qualquer forma, pela correspondência que partirá esta noite, para o governador de Hong Kong, estou formalmente declarando a colônia uma área de desastre para todas...

Ele foi outra vez interrompido, por gritos de concordância, pois tal declaração garantia que todas as reivindicações fossem atendidas com a maior rapidez possível.

— ...uma área de desastre para todas as reivindicações legítimas, que devem ser comprovadas, exigindo minha assinatura para se tornarem válidas e...

Outros gritos, agora de protesto, pois ele era conhecido como um homem escrupuloso, ao contrário de certas autoridades do governo em Hong Kong, e o incêndio fora automaticamente considerado por muitos como uma dádiva divina uma oportunidade de engrossar seus estoques. Depois que o silêncio voltou, Sir William disse, em tom mais ameno:

— Não serão admitidas exceções, e quanto mais cedo as reivindicações estiverem em minha mesa, mais depressa serão aprovadas e despachadas...

Iniciou-se êxodo generalizado para a porta e ele berrou, com a voz potente demais para alguém tão magro:

— Ainda não acabei, por Deus! Vamos passar ao próximo assunto. Certas pessoas tolas e desavisadas acreditam que o curso mais sensato é abandonar nossa base aqui. O governo de sua majestade não tem a menor intenção de se retirar. Absolutamente nenhuma!

Argumentos em contrário surgiram aqui e ali, mas Sir William repeliu-os com frieza.

— Próximo assunto. Vocês são obrigados a se ajudarem uns aos outros, como cavalheiros britânicos e...

— E os malditos ianques? — gritou alguém, sob aplausos e vaias, a favor ou contra.

— Eles também! — berrou Sir William, seu humor voltando. — Uns poucos são cavalheiros e muitos mais poderiam se tornar.

Mais risos e ele continuou:

— Portanto, vamos agir como cavalheiros e reconstruir tudo, o mais depressa que pudermos. Isso é importante. Devemos confirmar nossa posição aqui, porque, o último assunto, e o mais sério, há rumores de que o incêndio foi criminoso.

— É verdade. Minha *musume* diz que foi mesmo.

— Um relato provável é o de que o incendiário foi o samurai Nakama, o sujeito procurado pelo *Bakufu* como um revolucionário, embora o Sr. Tyrer e eu... e o Sr. McFay também, se não me engano... o achássemos simpático, alguém que não constituía uma ameaça, e uma vasta fonte de informações.

— É verdade — declarou Jamie, revigorado pela ternura de Maureen.
— Não creio que ele pudesse ser um incendiário, para dizer o mínimo.

— Seja como for, talvez nunca saibamos com certeza, porque ele está morto, foi surpreendido em circunstâncias suspeitas. Todos devem estar precavidos para a possibilidade de ter sido um incêndio criminoso. Pessoalmente, não estou convencido, mas se o incêndio foi um ato de violência contra nós, haverá outros. Se foi um ato de Deus... ora, esse é seu privilégio...

— Amém — disseram muitos, gratos por estarem vivos.

— ...portanto, fiquemos conscientes do possível perigo, mas vamos agir de modo normal e voltar ao trabalho. Obrigado a todos e bom dia.

— E o que vamos fazer com a Yoshiwara e a casa da Sra. Fortheringill?

Sir William piscou, aturdido. Pelo bom Deus, devo estar ficando velho, pensou ele. O problema da Yoshiwara não lhe ocorrera, mas era a única coisa que tornava o Japão suportável, e até mesmo desejável, para muitos homens.

— O estabelecimento da Sra. Fortheringill deve estar coberto pelo seguro, com certeza. Quanto à Yoshiwara... Vamos abrir um fundo de contribuições agora mesmo. Por uma semana. Eu começo, doando vinte guinéus, e... ora, como é parte de nossa área de desastre, o governo de sua majestade vai igualar, libra por libra, todas as contribuições.

Sob mais aplausos e tapinhas nas costas, Sir William conversou por um momento com os outros ministros, comunicando-lhes, para surpresa de todos, que a reunião com Yoshi continuava de pé, que ele e Seratard tratariam com Yoshi, mas todos jantariam juntos naquela noite, num encontro particular. Saindo para o passeio, ele enxugou o suor da testa. Satisfeito, encaminhou-se para a legação.

— Ei, olhem só! — gritou alguém, por trás dele.

Sir William virou-se e observou, espantado, com a maior inveja, assim como os outros que saíam do clube.

Na área desolada em que antes existia a aldeia, havia agora todo um enxame de homens, mulheres e crianças diligentes, limpando e trabalhando, com o mesmo empenho de formigas num formigueiro, todos com o mesmo objetivo: reconstituir o que desaparecera. Duas casas, com telhado e paredes de *shoji*, já se encontravam prontas e havia outras parcialmente erguidas. Muitas pessoas carregavam tábuas e paredes de *shoji* de pilhas além do portão sul.

É uma pena que o nosso pessoal não demonstre a mesma diligência, pensou Sir William, impressionado. Ele também viu, no outro lado do fosso, através da ponte reparada, a ponte para o paraíso, mais atividade, um portão provisório erguido, balançando à brisa.

Do lugar em que se encontrava, podia ler os caracteres chineses, tão apreciados, muito bem lembrados... a tradução para o inglês também inscrita ali, parecendo de certa forma exótica na caligrafia: *O desejo não pode esperar, deve ser satisfeito.*

Naquela tarde, o mar sereno, o céu ainda nublado, o cúter da Struan aproximou-se do cais em Iocoama, voltando da reunião com Yoshi em Kanagawa. O galhardete de Sir William tremulava no mastro. As pessoas na cabine, Sir William, Seratard e Tyrer, cochilavam... Tyrer como um morto. O contramestre tocou o apito, pedindo passagem aos cúteres que se acumulavam nas proximidades do atracadouro, mas soaram gritos de "espere a sua vez!", com uma ampla variedade de palavrões como pontuação. Sir William abriu os olhos e berrou para o contramestre:

— Deixe-nos no cais da Brock!

Quando o contramestre sugeriu que o Sr. MacStruan não ia gostar, Sir William acrescentou:

— Faça logo o que estou mandando!

Os outros foram arrancados do sono, mas Tyrer murmurou algumas palavras incompreensíveis e voltou a dormir. Seratard esticou-se,

reprimiu um bocejo.

— Grande almoço, William, um excelente peixe. — Sem notar, ele passou a falar em francês. — Eu teria preferido um molho de manteiga com alho e salsa. Mas não importa. Seu chefe inglês, o que mais poderia fazer?

— Ele é chinês — protestou Sir William, jovial.

A reunião transcorrera exatamente como ele planejara. Ou seja, não houvera nenhuma reunião. Haviam chegado a tempo, esperaram meia hora e depois chamaram o governador local, Tyrer dizendo que não podia entender o que acontecera com lorde Yoshi.

— Ele estar doente?

— Ah, sinto muito, não sei o que o lorde...

— Meu superior dizer: Perguntar pela saúde de lorde Yoshi, dizer nós estar aqui, conforme combinado. Assim que ser possível, marcar novo dia, por favor.

Deliberadamente, Tyrer abandonara todas as cortesias. O governador ficara vermelho, fizera uma reverência, do tipo reservado a superiores, pedira desculpas mais uma vez e se retirara apressado, consternado porque os *gai-jin* continuavam ali. Como não podia deixar de ser, todas as pessoas civilizadas, dali até Iedo, haviam visto o incêndio, presumindo que os *gai-jin*, os que restassem, lamberiam suas queimaduras, embarcariam nos navios, juntando-se ao êxodo, e iriam embora.

Depois que o governador e sua comitiva se retiraram, Sir William sugerira um almoço sem pressa, conduzindo Seratard à sua adega substancial.

— Merecemos uma celebração, Henri. O que gostaria de beber? Tivemos realmente muita sorte ontem à noite... exceto por André, pobre coitado.

— Tem razão. Uma pena. A vontade de Deus. — Seratard franzira o rosto, ainda olhando para os rótulos. — Ah, *Montrachet, 51!* Duas garrafas?

— Duas no mínimo. George vai nos acompanhar no almoço. Podemos também saborear um *Margaux*... recomendo o 48, *Château Pichon-Longueville*... e um *Château d'Yquem* com o pastelão.

— Perfeito. É uma pena que não tenhamos queijo. Não há a menor possibilidade de Yoshi aparecer agora?

— Se ele vier, não o veremos.

— Na reunião no clube, você disse que teríamos um jantar esta noite. Quer discutir alguma coisa com os outros?

— Isso mesmo. — A adega era fresca e agradável. Havia uns poucos copos no aparador, ao lado das prateleiras. Sir William selecionara meia garrafa de champanhe e começara a abri-la. — Acho que devemos fingir que o incêndio não é o desastre que realmente foi e prosseguir com os nossos planos contra Sanjiro e sua capital, Kagoshima.

— Agora? — Seratard ficara surpreso. — Mas não acha que seria perigoso demais enviar a esquadra num momento em que nos tornamos tão expostos? Não seria uma tentação para eles?

— E muito grande, mas é justamente esse o meu ponto. Minha proposta é enviarmos apenas navios de guerra britânicos, mantendo aqui sua nave capitânia e a dos russos, junto com os navios mercantes armados. Cancelamos o envio de unidades do exército para o desembarque proposto e despachamos apenas os fuzileiros. E nos limitaremos a um bombardeio do mar.

Ele tirara a rolha e servira o champanhe.

— Isso tornará a missão de Ketterer muito mais fácil. Ele jamais gostou da idéia de comandar um desembarque dos navios. Agora, pode ficar a distância na baía e arrasar os japoneses. Saúde.

Os dois homens bateram seus copos, Seratard avaliando a proposta para descobrir os perigos latentes, quaisquer lugares em que seu adversário plantara minas para prejudicar os interesses franceses. Não havia nenhum. Ao contrário, ajudava seu plano a longo prazo

de se insinuar na confiança de Yoshi, fazendo-o compreender que os ingleses eram os bárbaros, não os franceses, e que a França, que comparava a si mesmo, merecia toda confiança, sabia ser paciente e via mais longe.

— Uma safra maravilhosa, William. *En príncipe*, sim, mas eu gostaria de consultar meu almirante.

— Por que não? Depois, faremos o seguinte...

O almoço fora bastante agradável. No momento oportuno, embarcaram no cúter e agora Sir William equilibrava-se com a maior agilidade, enquanto a embarcação era atracada no cais da Brock, uma ocorrência inédita. Avistou Gornt ao lado de alguns baús, junto com um empregado, perto dos degraus do cais.

— Espero que não tenha se incomodado, Sr. Gornt — disse ele. — Requisitei o cúter, que está sob a minha bandeira, não da Struan.

— O prazer é meu, Sir William. Como foi a reunião?

— O sujeito não apareceu. Acho que esperava que nós não comparecêsemos.

— Ele perdeu prestígio com isso, daqui até Timbuctu.

— Concordo. — O que fora a sua idéia, pensou Sir William, com um sorriso secreto, enquanto apontava para as malas. — Não vai embora, não é?

— Claro que não, senhor. Mas viajarei até Hong Kong, pelo paquete que zarpa esta noite, a fim de providenciar material de construção para nós e para os outros.

— Boa idéia. Desejo uma viagem segura e rápido retorno.

Sir William ergueu o chapéu e afastou-se em seguida, junto com Seratard. Tyrer, doente de cansaço, cambaleou atrás deles, mal

reconhecendo Gornt.

— Leve estes baús para bordo, Pereira — ordenou Gornt. — Avise ao capitão que embarcarei dentro do horário. Olá, doutor.

Hoag aproximou-se, acompanhado por alguns cules, carregando um baú de viagem marítima e várias malas.

— Olá, Edward. Soube que você também vai viajar no Atlanta Belle.
— Hoag estava sem fôlego, aflito, as roupas e as mãos manchadas de sangue e sujas, os olhos injetados. — Posso pedir a seu pessoal para levar minha bagagem para bordo? Ainda tenho uma dúzia ou mais de braços e pernas para encanar, várias queimaduras... muito obrigado.

Ele se afastou apressado, sem esperar por uma resposta.

— Leve isso para bordo também, Pereira.

Gornt franziu o rosto e se perguntou: por que Hoag está com tanta pressa em partir?

Tudo fora arrumado como deveria, tudo providenciado para que a Brock continuasse a operar sem problemas durante sua ausência: a que mercadores dar crédito, a que mercadores negar; amanhã ou no dia seguinte, os representantes de Choshu deveriam chegar para negociar os embarques de armas — um bom negócio para ele próprio usufruir, depois que os Brocks fossem destruídos, e depois, como planejado também, que adquirisse as instalações e o pessoal da companhia aqui... a preços de salvados de incêndio, é claro. Ele riu para si mesmo da piada. Em seguida, a concessão de carvão de Yoshi, que ele soubera que poderia ser transferida da Struan para Seratard, através da companhia comercial do falecido André Poncin, e que talvez ainda estivesse disponível para ofertas. Instruía seu cambista a apresentar uma oferta, em segredo.

Pereira ficaria no comando. Na noite passada, ao saber por Maureen que o novo escritório de Jamie fora destruído no incêndio, ele planejara designá-lo; mas naquela tarde, para sua surpresa, Jamie agradecera e recusara, dizendo que achava que seria capaz de reiniciar seu próprio negócio.

Jamie seria mais glacê na glacê, pensou Gornt. Mas não importa, Jamie ainda vai assumir por mim, quando tudo for a Rothwell-Gornt. Sentia isso no íntimo.

O sinete de Norbert estava ali, assim como as duas cartas com datas atrasadas para Tess. Seu cinto de dinheiro tinha recursos da Brock, mais do que suficiente para as despesas, em *mex* de prata e ouro. Ótimo. Tudo resolvido.

Agora, faltava Angelique.

— Olá, Edward — disse ela, com um sorriso efusivo.

Era a primeira vez que ela o recebia em seu *boudoir*, no segundo andar. Ah Soh postava-se ao lado de um balde de gelar vinho e ele notou que a porta para o quarto estava fechada, o cortinado corrido, embora a claridade do dia ainda não tivesse desaparecido por

completo, lampiões a óleo acesos, o cômodo feminino, convidativo, o comportamento de Angelique recatado, estranho.

— Vinho branco, para variar — disse ela, jovial. — *La Doucette*. Ou *bourbon*, se preferir.

— Vinho, por favor, *madame*. Nunca a vi com uma aparência melhor.

— O mesmo posso dizer a seu respeito, meu amigo. Por favor, sente aqui, ao lado do fogo.

O vestido de luto para a tarde, preto-azulado, era novo, o modelo sedutor, o decote quadrado e pudico. Mas, para o prazer de Gornt — e o dela —, havia um xale de seda multicolorido em torno de seus ombros, o efeito surpreendente, um sopro de primavera naquele dia de janeiro.

— Ah Soh, vinho — disse ela.

Depois que os dois foram servidos, Angelique acrescentou:

— Espere lá fora! Se eu quiser, chamarei!

A criada se retirou, arrastando os pés, e bateu a porta. Gornt comentou, em voz baixa:

— Ela deve estar com o ouvido comprimido na porta.

Angelique riu.

— Para ouvir segredos? Que segredos poderia haver entre nós? A uma viagem segura, Edward! — Ela tomou um gole, largou o copo.
— Já arrumou tudo?

— Já, sim. Você está maravilhosa, eu a amo e gostaria de uma resposta ao meu pedido.

Angelique abriu o leque, começou a usá-lo, como deveria ser usado por uma jovem dama de classe, na presença de um homem solteiro de classe — e de duvidosa reputação —, para seduzir, flertar, prometer sem prometer, dar respostas, ou evitá-las, insinuar perguntas que seriam perigosas se formuladas abertamente.

— Eu o admiro muito, Edward.

— Não mais do que eu a admiro. Mas a resposta é sim ou não?

O leque foi fechado. Angelique sorriu, foi abrir uma caixa na cômoda, entregou-lhe um envelope. Endereçado à Sra. Tess Struan.

— Por favor, leia a carta. Estou enviando-a para Hong Kong por intermédio de Hoag, em resposta à carta que ela me escreveu.

A caligrafia de Angelique era impecável:

Prezada Sra. Struan:

Agradeço por sua carta e generosidade.

Concordo com tudo o que solicitou: juro solenemente e concordo por livre e espontânea vontade em renunciar a toda e qualquer reivindicação à herança de seu filho, concordo em nunca mais usar o título de Sra. Struan, concordo que sou católica e nunca fui casada de acordo com a minha Igreja, concordo em nunca mais pôr os pés em Hong Kong, exceto para uma baldeação, e nunca mais tentar entrar em contato com você, ou qualquer pessoa de sua família, concordo em me retirar destas instalações dentro de uma semana, e aceito, com sinceros agradecimentos, a oferta de um fundo que me dará dois mil guinéus por ano, até minha morte.

O espaço para sua assinatura estava em branco e, abaixo, ela escrevera confirmada como assinatura autêntica por Sir William Aylesbury, ministro no Japão, com outro espaço em branco para a assinatura e a data. Gornt levantou os olhos.

— Não pode estar falando sério. Isto entrega tudo a ela.

— Não me aconselhou a aceitar as condições dela?

— É verdade, mas disse para chegar a um acordo... renegociar.

— Não esqueci. Se você concorda, pedirei a Sir William para testemunhar agora, antes de sua partida. O Dr. Hoag prometeu levá-la esta noite, no mesmo navio em que você vai viajar. Assim, a carta estará lá quando você chegar.

— Mas sabe que isto cede tudo... como eu, ou qualquer outra pessoa, poderia negociar em seu nome?

— Há uma segunda página.

Angelique tirou-a da caixa, entregou-a, abriu o leque, começou a se abanar. Gentilmente.

Gornt tornou a se concentrar. A letra não era tão precisa, e havia manchas aqui e ali... poderiam ser manchas de lágrimas?, ele perguntou a si mesmo.

Prezada Sra. Struan:

Por motivos óbvios, esta parte deve ser separada, ficar só entre nós, pois não é da conta de Sir William. Mais uma vez, agradeço por sua generosidade. A gentil oferta de mais mil guinéus, se eu recasar, ou apenas casar, como diria, dentro de um ano, não posso aceitar,

porque não tenciono recasar ou casar, qualquer que seja o termo que considere correto...

Ele tornou a levantar os olhos, aturdido.

— É esta a minha resposta?

O leque adejou.

— Termine a carta.

Os olhos de Gornt desceram apressados pela página.

Diante de Deus não posso evitar a convicção de que fui casada, embora renuncie por livre e espontânea vontade a qualquer pretensão pública e legal a esse estado. Não assumirei outro... não desejo magoá-la ou ofendê-la, mas quanto a casar de novo... não. É minha intenção, assim que for possível, instalar-me em Londres, porque me sinto mais inglesa do que francesa, a língua de minha mãe era o inglês, não o francês, minha tia foi minha verdadeira mãe.

Nunca mais usarei o título de Sra. Struan, como concordei, mas não posso evitar que outras pessoas se refiram a mim como tal. Sir William não aceitará Angelique, ou Angelique Richaud, e insiste que eu assine como Sra. Angelique Struan, née Richaud, para tornar o acima compulsório, pois segundo ele, e seu entendimento da lei inglesa, é esse o meu atual nome legal, até que eu torne a casar.

— Ele disse isso? — perguntou Gornt, em tom brusco.

— Não, mas o Sr. Skye garante que ele concordaria, se lhe for pedido.

— Hum...

Gornt balançou a cabeça, pensativo, tomou um gole de vinho e continuou a ler, mais devagar, com maior atenção:

Caso qualquer dos pontos acima seja insatisfatório, por favor escreva o que mais exige e entregue ao Sr. Gornt, que me disse que tornará a vê-la e depois voltará para cá, quase que imediatamente, e eu assinarei. Eu o recomendo, pois ele foi um bom amigo de seu filho e tem sido gentil comigo — aconselhou-me a aceitar suas generosas condições, assim como o Sr. Skye foi contra. Respeitosamente... Angelique.

Gornt recostou-se, deixou escapar um suspiro, fitou-a nos olhos, impressionado.

— E maravilhosa. Não há outra palavra. Você concorda com tudo, mas ainda mantém a espada de Dâmocles sobre a cabeça dela.

O leque parou.

— Como assim?

— Planeja viver em Londres, portanto sob a lei inglesa, uma ameaça latente e óbvia. Não usa uma única vez “marido”, mas a ameaça existe, e me lança bem no meio do palco, como amigo das duas partes, numa perfeita posição de negociação. E por mais insidiosa que ela seja, independente do documento que elaborar para a sua assinatura, você sempre pode derramar mais lágrimas e suspirar, alegar que houve coação, e acabaria vencendo. Uma maravilha de vinte e quatro quilates!

— Sendo assim, devo pedir a Sir William para testemunhar minha assinatura?

— Deve, sim — respondeu Gornt, fascinado por ela, tão esperta e ousada, e também perigosa. Talvez perigosa demais. — É o xeque-mate.

— Como assim?

— Tess só fica segura de uma forma: se você tornar a casar, e bloqueou essa possibilidade.

Embora o leque parasse, os olhos de Angelique observavam-no por cima. Depois, o movimento recomeçou, enquanto Gornt devolvia a carta, pensando: De uma esperteza diabólica... para você, não para mim.

— Skye a aconselhou de uma forma brilhante.

— Ninguém me aconselhou, exceto você... fui orientada por uma coisa que me disse.

O coração de Gornt pulou uma batida.

— Ninguém mais viu esta carta?

— Não. E ninguém mais verá. Pode ser um segredo entre nós.

Ele ouviu o “pode ser” e especulou para onde isso levava, desanimado agora, mas escondendo. O fogo na lareira precisava de atenção, por isso ele se levantou, foi usar o atizador, ganhando tempo para pensar. O ar ainda estava impregnado de fumaça e do incêndio, mas ele não registrou isso, só se concentrava em Angelique.

Como ela pôde conceber tudo isso? É absolutamente brilhante, todas as peças estão no tabuleiro, para nós dois. Ela vai vencer, derrotará Tess, mas eu perdi. Ainda terei de negociar para ela e agora tenho mais certeza de que conseguirei aumentar seu estipêndio, mas

Angelique não admitiu coisa alguma, deixou seu plano de jogo em aberto. Eu perdi. Não partilharei o grande prêmio: ela.

— Portanto, a resposta à minha pergunta é não, deve ser não?

Apenas o leque se mexia.

— Por quê? — indagou Angelique, sem emoção.

— Porque no momento em que disser sim, perde o jogo, perde todo o seu poder sobre Tess Struan.

— Tem razão, *eu perderia*.

Ela fechou o leque, largou-o em seu colo. Os olhos nunca se desviaram dos olhos de Gornt, nunca perderam a intensidade.

Por um momento, ele sentiu-se hipnotizado, depois sua mente tornou a entrar em ação, e uma súbita esperança o invadiu.

— Você disse eu perderia, significando que você perderia. Mas eu não? Eu não perderia o poder?

Agora, Angelique sorriu. Era uma resposta.

O sorriso de Mona Lisa outra vez, pensou ele, é estranho como o rosto de Angelique muda, como eu penso que muda, como ela é insidiosa e como terei de ser vigilante para domar esta potranca. Ainda não entendo, mas um coração fraco jamais conquista uma bela dama. Ele precisou de toda a sua força de vontade para manter os pés plantados no mesmo lugar.

— Eu a amo por todas as razões usuais e também a amo por sua astúcia. Agora, formalmente, quer casar comigo?

— Sim — respondeu Angelique.

59

— **Aleluia!** — exclamou Gornt, inebriado, mas sem sair do lado da lareira.

O leque parou.

— Aleluia? Isso é tudo? — murmurou ela, o coração acelerando.

— Claro que não, mas primeiro deve me dizer quais são as condições. Angelique riu.

— Deve haver condições?

— Estou começando a entender a maneira como sua mente funciona... pelo menos algumas vezes.

— Quando vai embarcar no *Atlanta Belle*?

— No último momento. Há muito... para conversar.

— Tem razão. Edward, nossos filhos seriam criados como católicos, e nós nos casaríamos numa igreja católica?

— Isso é uma condição?

— Uma pergunta.

Ele franziu o rosto, deixando a mente se projetar à frente e ao redor, querendo ser cauteloso naquele mar infestado de rochedos.

— Não vejo por que não. Não sou católico, como sabe, mas se é isso o que você quer, não tem problema... — A peça final do quebra-cabeça ofuscou-o com sua força. — Aleluia!

— O que foi?

— Apenas uma idéia. Conversaremos a respeito dentro de um minuto. Agora, Angelique, chega de jogos. Quais são as condições? O que tem nessa sua mente mágica?

Angelique se levantou. Na ponta dos pés, encostou os lábios nos dele, num beijo gentil. Ela tinha lábios macios, uma respiração fragrante.

— Obrigada por me perguntar, e pelo que já fez por mim.

Gornt pôs as mãos nos quadris dela. Ambos notaram que seus corpos pareciam se ajustar, embora nenhum dos dois o admitisse.

— As condições?

— Diga-me quais são, Edward.

Agora que ela respondera à pergunta principal e lhe entregara as chaves, Gornt não tinha pressa.

— Acho que são três — disse ele, divertido. — Se eu estiver certo, vai me contar o resto?

— Concordo.

O corpo de Gornt, firme contra o seu, a agradava. E seu corpo suave e cheio de curvas contra o dele também o agradava, desviando sua concentração. Sem o menor esforço. Cuidado, é o maior trunfo de

Angelique e o jogo se encontra agora no seu estágio mais perigoso... o acerto do futuro. Cuidado! É muito fácil tornar o beijo mais sério, fácil demais, e também será fácil tomá-la em meus braços, levá-la para a cama no quarto ao lado e perder — qualquer que seja o resultado — antes mesmo de alcançar a porta.

Era mais excitante para ele se conter, esperar pelo momento perfeito — como fizera com Morgan Brock —, aceitar o fato de seu desejo, mas pô-lo de lado e, em vez disso, projetar sua mente para a de Angelique. Três condições? Conheço pelo menos cinco, pensou ele, querendo vencer, precisando vencer, como acontecia em tudo.

— Não necessariamente nesta ordem — começou ele. — Uma, que eu consiga renegociar com sucesso um aumento, no mínimo para quatro mil por ano. Outra, que passemos algum tempo em Paris e Londres, digamos pelo menos um mês a cada dois anos... mais o tempo de viagem, que será em torno de seis meses. Depois, que o dinheiro do fundo de Tess, qualquer que seja, permaneça sob o seu controle, não o meu.

Ele viu os olhos de Angelique faiscando e compreendeu que vencera.

— E outra, para arrematar, que eu a ame loucamente para sempre.

— Você é bastante esperto, Edward. Tenho certeza de que seremos muito felizes. — O sorriso estranho ressurgiu. — Agora, cinco seriam melhor do que quatro e dois meses melhor do que um.

— Tentarei chegar a cinco, embora não possa prometer — disse ele no mesmo instante. — Também concordo com dois meses em Paris, todas as outras coisas permanecendo iguais. O que mais?

— Nada de importante. Precisaremos de uma casa em Paris, mas sei que você vai amá-la, depois que a conhecer. Nada mais, exceto que você tem de prometer que vai gostar de mim.

— Nem precisava perguntar isso, mas prometo.

Os braços de Gornt a apertaram. Ela encostou-se nele, percebendo como os corpos se ajustavam, sentindo-se segura, embora ainda não tivesse certeza sobre Gornt.

— Você é mais desejável do que qualquer outra mulher que já conheci — acrescentou ele. — Isso, por si só, já é bastante terrível, mas ainda por cima possui uma mente extraordinária, e suas maquinações... não, essa não é a palavra apropriada... seus voos de genialidade...

Por um momento, ele a manteve à distância dos braços, fitando-a nos olhos.

— Você é espetacular, sob todos os aspectos. Ela sorriu, não saiu de seus braços.

— Todos mesmo?

— Até pelo casamento católico.

— Ah...

— Isso mesmo, ah! — Gornt soltou uma risada. — É a sua solução de sonho, minha jovem e esperta dama, junto com sua carta. Ocorreu-me subitamente o que você já decidiu: um casamento católico faz com que deixe de ser uma ameaça a Tess para sempre. Afinal, para Tess, um casamento católico neutraliza completamente o casamento protestante, celebrado no mar, por mais legítimo que seja, perante a lei inglesa.

Angelique riu, aninhando-se contra ele.

— Se dissesse que achava que poderia me persuadir a casar com você e depois, como protestante, se oferecesse para fazer esse sacrifício deliberado, tenho certeza de que aquela mulher ficaria feliz em lhe dar tudo o que pedisse, para nós dois, se os pedidos fossem razoáveis. Não concorda?

— Concordo. — Gornt suspirou. — Em que pedido pensou?

— Nada demais, mas Malcolm me explicou uma ocasião a importância do Jóquei Clube, tanto em Xangai quanto em Hong Kong, e como, junto com os conselhos das duas cidades, todo o poder dos negócios se concentra ali. A influência daquela mulher não lhe conseguiria um título de sócio em um e uma vaga no outro?

Ele riu, tornou a abraçá-la.

— É mesmo incomparável, *madame*. Por isso, eu até me tornaria católico.

— Não precisa chegar a esse ponto, Edward.

— Vai adorar Xangai. Agora, também tenho condições.

— É?

Gornt ficou contente ao ver um brilho de preocupação nos olhos de Angelique, mas ocultou sua satisfação e assumiu uma expressão mais severa. Não preciso impor condições prévias, pensou ele, divertido: um marido tem direitos inalienáveis, como possuir todos os bens materiais da esposa. Graças a Deus que este mundo pertence aos homens.

— A primeira condição é que você me ame com todo o seu coração e alma.

— Tentarei, Edward, e me esforçarei para ser a melhor esposa que já existiu. — Ela apertou-o. — E que mais?

Gornt percebeu a preocupação latente e soltou uma risada.

— Isso é tudo, exceto que tem de prometer que me deixará ensiná-la a jogar bridge e *mah-jongg*... e assim nunca mais precisará pedir dinheiro a mim ou a qualquer outra pessoa.

Angelique fitou-o nos olhos por um momento, depois se ergueu na ponta dos pés. O beijo sacramentou o acordo e depois ele fez um esforço para relaxar, excitado demais.

— Mal posso esperar, Angelique.

— Eu também.

— Agora, devemos planejar, pois não resta muito tempo. Primeiro, temos de obter a assinatura de Sir William, o mais depressa possível. Minha querida, eu me sinto muito feliz por você ter me aceitado.

Angelique tinha vontade de ronronar.

— E eu me sinto mais feliz do que posso exprimir. Quando você voltar continuaremos aqui ou partiremos para Xangai?

— Iremos para Xangai o mais depressa possível... assim que os Brocks afundarem.

Ele beijou-a no nariz.

— Ah, os Brocks. Tem certeza? Tem certeza em relação eles? Todo o nosso futuro depende disso, não é?

— E de Tess. Tenho certeza. Minhas provas são irrefutáveis e o veneno de Tess será a pá de cal na ruína deles — ela deve ter compreendido isso também ou nunca teria feito essa oferta tão mesquinha; mesmo assim, precisamos ter cuidado, independente do que sejamos em particular, o que é uma situação diferente, pelo prazo de seis meses — precisarei de todo esse tempo para levá-la a Xangai, sua reputação imaculada, a Rothwell-Gornt consolidada, suas finanças definidas... devemos agir apenas como bons amigos. Eu adoro você.

Como resposta, Angelique tornou a apertá-lo e depois murmurou:

— Os americanos têm o costume de fazer um contrato de casamento?

— Não, mas o faremos, se você quiser. — Gornt percebeu o sorriso que encobria e prometia. — Não é necessário, não é mesmo? Estamos interligados, nosso futuro é comum, somos uma única

entidade mesmo agora. O sucesso depende de nosso desempenho conjunto e da minha atuação. Nunca se esqueça de que Tess é muito hábil e astuta, não será enganada com facilidade e considera que um acordo é um acordo. Mesmo assim, prometo que você conseguirá o que quer.

Tem toda razão, vou conseguir, pensou Angelique.

Chocado, Sir William largou a última página escrita por André na mesa do lado. Era tudo em francês, com a letra de André.

— Por Deus! — murmurou ele, mudando de posição em sua poltrona velha puída, mas confortável.

A sala era agradável, um fogo crepitava alegre na lareira, as cortinas fechadas contra as aragens.

Ele levantou, sentindo-se muito velho, serviu-se de um drinque, ficou olhando para os papéis, incrédulo. Tornou a sentar, folheou-os. Aparte final da carta do pai de Angelique, reconstituída de forma meticulosa, sugeria sem qualquer dúvida um esquema calculado para seduzir Malcolm Struan, outras páginas fixavam datas e detalhes do estupro pelo assassino *ronin* em Kanagawa e sua estranha morte na legação francesa, o nome da *mama-san* que fornecera o medicamento, como fora pago com os brincos “perdidos” e como André saíra remando pelo mar para dar um sumiço nas provas — algumas toalhas, as ervas e um dos dois vidros, o outro guardado como prova, agora esperando na gaveta de sua mesa na legação. Sua carta de explicação dizia:

Sir William, quando ler esta carta, eu já estarei morto. O que existe aqui só deve ser usado se eu sofrer uma morte violenta. Confesso que usei meu conhecimento para arrancar dinheiro de Angelique, isso mesmo, fiz chantagem, se quiser usar essa palavra, mas também a chantagem é um instrumento diplomático, que você também tem usado, como todos nós. Eu lhe passo estas informações porque posso ter sido assassinado ou talvez minha morte tenha parecido acidental, mas não foi necessariamente assim e, sim, provocada por ela ou com sua ajuda — outra verdade é a de

que não seriam poucos os que cometeriam assassinato por ela (Babcott, McFay, Gornt) —, porque meu conhecimento e participação em seus... "crimes " é uma palavra forte demais... em suas manipulações me transformam num alvo.

Estas páginas apresentam os indícios para pegar a pessoa que me matou e atribuir a culpa à responsável suprema. Não guardo qualquer ressentimento contra Angelique, eu a usei quando precisava, embora nunca tenha ido para a cama com ela. Minha morte pode parecer acidental, mas talvez não seja. Se assim for, muito bem, já fiz minha confissão (embora não tenha revelado nada disso ao padre Leo) e partirei para a maior aventura — tão impuro quanto a maioria, talvez mais do que a maioria, que Deus me ajude.

Por que tenho de entregar isto a você, e não a Henri? Por quê?

A assinatura era firme.

— Por que eu? — murmurou Sir William. — E como é possível que aquela moça fosse capaz de esconder tudo isso por tanto tempo, esconder de Malcolm Struan? E de George e de Hoag? Impossível, certamente impossível, André deve ter perdido o juízo... e, no entanto...

Além da carta do pai — e mesmo esta, fora do contexto, poderia ser um exagero da verdade —, o resto é apenas opinião de André, a menos que ela seja pressionada e confesse. Estas histórias poderiam ser invenções de uma mente demente. Claro que ele também a queria, não foram poucas as ocasiões em que todos notamos a maneira libidinosa como André a contemplava e ainda houve aquele estranho incidente, quando Vervene o encontrou no quarto de Angelique. E é bastante curioso que ele tenha usado a palavra “impuro” desse jeito, quando de fato o era, o pobre coitado.

Sir William estremeceu. Seratard lhe contara o segredo de André. A sífilis era endêmica em todas as camadas da sociedade, em todas as cidades e aldeias, em São Petersburgo, Londres e Paris, nos palácios e nas habitações mais vis da Casbá, podia espreitar de qualquer bordel, de qualquer dama da noite, na China ou em nosso mundo flutuante aqui.

Ah, André, por que me entregar tudo isso? É curioso que tenha morrido como morreu, de mãos dadas com a moça que comprou para destruir. Que coisa terrível! Só que ela teve uma opção, como

somos levados a acreditar. Sua morte foi um acidente. Foi mesmo? Henri não tem certeza.

— É tudo muito estranho, William — dissera-lhe Henri naquela manhã. —

Os corpos... seria mais acurado falar esqueletos... davam a impressão de mortos antes do fogo chegar, sem qualquer sinal de que tentaram escapar. Apenas se encontravam estendidos lado a lado, de mãos dadas. E isso me espanta. Apesar de todos os seus defeitos, André era um sobrevivente, e num incêndio o instinto é tentar escapar, não continuar deitado, sem fazer nada. Seria impossível.

— Então qual é a resposta?

— Não sei. Pode ter sido um pacto de suicídio, consumado antes do incêndio. Veneno, nada mais se ajustaria. É verdade que ultimamente André se mostrava mórbido, ao ponto da insanidade, e precisava muito de dinheiro para pagar o contrato da mulher. Tirando isso, André um suicida? Acredita nessa possibilidade?

Não, não André, pensou Sir William, inquieto. Ele foi envenenado ou ambos. Agora, há um motivo para assassinato. Deus Todo-Poderoso, seria possível? É, sim, mas quem?

Cansado, bastante transtornado, ele fechou os olhos. Quanto mais tentava encontrar uma resposta, mais perturbado se tornava. A porta foi aberta, sem barulho. Seu empregado número um entrou, começou a cumprimentá-lo, percebeu a palidez e envelhecimento no rosto de Sir William, franziu o rosto, presumiu que ele dormia, serviu um uísque, pôs o copo na mesa ao seu lado. Seus olhos esquadriharam a carta de André, no alto da pilha, e depois ele saiu, tão silencioso quanto entrara.

Poucos minutos mais tarde, houve uma batida na porta. Sir William despertou com um sobressalto, no momento em que Babcott estendia a cabeça pela porta.

— Tem um minuto?

— Olá, George. Claro. — Sir William guardou os papéis numa pasta, consciente da atração que pareciam irradiar. — Sente-se e tome um drinque. Qual é o problema?

— Não há nenhum. — Babcott estava ainda mais cansado do que antes. — Não ficarei muito tempo. Só queria avisar que vou tirar umas poucas horas de sono. A contagem até agora é de três sujeitos da cidade dos bêbados, o australiano que trabalhava num bar e dois vagabundos sem documentos... pode haver outros corpos nas ruínas, mas ninguém sabe quando a limpeza será concluída. E ninguém parece muito preocupado com isso.

— O que me diz da aldeia e da Yoshiwara?

— Nunca teremos uma contagem. — Babcott bocejou. — Eles parecem considerar que estatísticas desse tipo são segredos nacionais. Não se pode culpá-los, pois nós somos os forasteiros. Eu diria que não tiveram muitas baixas. O mesmo em nossa Yoshiwara, graças a Deus... sabia que cada estalagem tinha um porão de emergência?

— Muito conveniente. Seria bom instituímos a mesma idéia aqui.

— Uma pena o que houve com André... — murmurou Babcott, provocando outra pontada de angústia em Sir William. — Tivemos

muita sorte, porque a maioria do nosso pessoal não foi apanhada pelo fogo. Mas até agora não sei como Phillip conseguiu escapar vivo. Ele ficou bastante abalado pela perda de sua garota, William. Por que não lhe dá uma licença de umas poucas semanas, deixa-o ir a Hong Kong ou Xangai?

— O trabalho é a melhor terapia e preciso dele aqui.

— Talvez você tenha razão. — Outro bocejo. — Por Deus, como estou cansado! Já sabe que Hoag vai embarcar no paquete esta noite?

— Ele me avisou antes. Disse que tinha conversado com você, que respondeu que não precisava mais dele aqui. Imagino que Tess ordenou que ele voltasse assim que soubesse... se ela não estivesse esperando.

— Deve ser isso mesmo. Mas em parte é pessoal, William, pois ele se mostra ansioso em voltar para a Índia, acha que encontrará a felicidade por lá. — Babcott franziu o rosto, reprimiu um bocejo. — Ele lhe contou o que havia na carta de Tess?

— A carta para Angelique? Não. Disse que Tess não lhe mostrou o que escrevera, embora seja difícil acreditar nisso. — Sir William observava-o atentamente. — Heavenly esteve aqui antes. Também não disse nada a respeito, apenas informou que Angelique queria que eu testemunhasse sua assinatura numa carta que está enviando para Tess.

Um pouco do cansaço de Babcott se desvaneceu.

— Eu gostaria muito de saber o que diz a carta.

— Serei apenas testemunha da assinatura. Não preciso tomar conhecimento do conteúdo.

Babcott suspirou, tornou a bocejar. — Lamento profundamente por ela, gostaria de poder ajudar, faria qualquer coisa... uma moça tão boa, para quem a vida tem sido tão injusta. Com ela e com Malcolm. Seja como for, estou contente porque ela não vai nos deixar por enquanto. Tenho certeza que Angelique dará uma esposa espetacular para alguém. Tornarei a vê-lo dentro de algumas horas.

— Durma bem e obrigado por seu excelente trabalho. Por falar nisso — acrescentou Sir William, não querendo que ele se retirasse, mas receando que, se Babcott ficasse, poderia se sentir tentado a partilhar o que André revelara, pedir seu conselho —, quando vai ver Anjo de novo?

— Dentro de uma ou duas semanas, assim que acabar o láudano que deixei com ele... sem isso, Anjo vai sofrer muito.

— Não há esperança para ele?

— Não. Só vai durar mais uns poucos meses, os testes foram bastante acurados... suas entranhas se deterioraram. Yoshi é o nosso homem. — Outro bocejo. — Acha que foi Anjo ou Yoshi, se não mesmo ambos, que ordenaram o incêndio criminoso?

— Os dois, ou nenhum dos dois, nunca saberemos. — Ele observou Babcott se encaminhar para a porta, trôpego. — George, em termos médicos, se uma mulher estivesse sedada, um homem poderia possuí-la sem que ela soubesse?

Babcott piscou, aturdido, virou-se no mesmo instante, a fadiga desvanecida.

— Por que pergunta isso?

— Apenas um pensamento súbito, por você ter mencionado o láudano. Há poucos dias, Zergeyev expôs algumas teorias incríveis sobre drogas, o que havia de bom e ruim nelas. Isso poderia acontecer?

Depois de uma pausa, Babcott acenou com a cabeça, não acreditando nessa explicação. Sabia como a mente de Willie era sutil e especulou sobre o motivo da pergunta, mas era esperto demais para perguntar outra vez.

— Se a dose fosse maciça e o homem não se comportasse como um selvagem, sim, não seria problema.

Ele esperou, mas Sir William limitou-se a balançar a cabeça, pensativo. Diante disso, Babcott acenou com a mão e retirou-se.

Mais uma vez, Sir William abriu a pasta.

Seus dedos tremeram quando releu a carta de André. É bem claro. A droga em Kanagawa desencadeou a sucessão de eventos, a droga dada por George. Se ela tivesse despertado, o homem a mataria, não resta a menor dúvida quanto a isso. Assim, ela foi salva, mas também destruída. E por que o homem não a matou de qualquer maneira? Por que a deixou viva? Não faz sentido. E o que aconteceu na legação francesa naquela outra noite, quando ele voltou? Se não fosse por George...

E o que pensar de George? Se ele foi capaz de lhe dar uma droga assim, para ajudá-la a dormir, para proteger sua sanidade, é claro que poderia fazer a mesma coisa com André, para remover um chantagista da mulher a quem ama, com toda certeza. Uma dose excessiva da mesma droga...

George Babcott? Oh, Deus, devo estar perdendo o juízo! Seria impossível para ele fazer uma coisa dessas!

Ou será que não?

E Angelique... seria impossível para ela fazer tudo isso!

Ou será que não?

O que vou fazer?

60

— **C**om licença, senhor — disse Bertram. — *Miss Angelique* está aqui.

— Mande-a entrar. E pode se retirar em seguida. O jantar será às nove horas. Providencie para que o *Belle* não zarpe sem os meus despachos.

— Pois não, senhor. É apenas ela. O Sr. Skye não veio junto.

Sir William levantou-se de sua velha cadeira, cansado, sentindo-se mal. A pasta com o material de André continuava em cima da mesa, virada para baixo.

Angelique entrou, fisicamente tão magnética quanto sempre, mas diferente, o rosto rígido, com uma força latente que ele não pôde interpretar. De casaco, touca e luvas. O preto se ajusta bem a ela, pensou Sir William, contrasta com sua pele alva, tão bela e tão jovem, mais jovem do que Vertinskya. Estranho... ela estivera chorando?

— Boa noite. Como vai, Angelique?

— Ah... vou muito bem, obrigada. — A voz era apática, diferente de sua personalidade controlada habitual.

— O Sr. Skye informou-o que eu precisava que testemunhasse minha assinatura esta noite?

— Informou, sim. — Ele foi para sua mesa, a concentração afetada pelas imagens que André descrevera com tanto vigor. — Eu... por favor, sente-se.

Angelique sentou. Enquanto ele a fitava, outra sombra passou por seus olhos adoráveis.

— Qual é o problema? — perguntou Sir William, gentilmente.

— Não é nada. Eu... esta tarde soube sobre André, que ele tinha morrido. Teria vindo antes, mas... — Com um esforço visível, ela relegou isso para um segundo plano, tirou o envelope da bolsa, pôs em cima da mesa. — Como devo assinar, por favor?

Sir William uniu as pontas dos dedos, apreensivo de novo, o espectro de André tornando a invadir a sala... embora não por sua vontade.

— Não tenho muita certeza. Pelo que Skye contou, entendi que você concordou com a Sra. Tess Struan, entre outras condições, a renunciar a seu título de Sra. Struan?

— Pode ler a carta, por favor, se assim o desejar — murmurou ela, apática.

— Agradeço, mas isso não é necessário — disse Sir William, resistindo ao impulso intenso de ler o curto documento. — O que acertou com ela não é da minha conta, a menos que precise de meu conselho.

Atordoada, Angelique sacudiu a cabeça.

— Sendo assim... Skye tem uma teoria legal. Não tenho certeza se ele está correto, mas não vejo nenhuma razão em contrário. Está renunciando ao título de "Sra." para sempre. Mas ele ressaltou, de

forma procedente, que isso só acontece depois que você assinar. Portanto, é melhor assinar Sra. Angelique Struan, *née* Angelique Richaud, o que deve cobrir todas as possibilidades.

Ele observou-a se concentrar, a mente dominada pela história terrível que André relatara de seu túmulo de chamas... não é possível que ela tenha escondido tanta coisa de nós, não é possível mesmo.

— Pronto — disse Angelique. — Já assinei.

— Sinto-me na obrigação de perguntar: tem certeza de que está fazendo a coisa certa... ninguém a obrigou, por qualquer meio, a assinar este documento, não importa o que contenha?

— Assino por minha livre e espontânea vontade. Ela... ela ofereceu um acordo, Sir William. E a verdade é que... a verdade é que se trata de um acordo justo. Algumas das cláusulas são distorcidas, poderiam ser melhoradas, talvez sejam, mas Malcolm era seu filho, ela tem o direito de ficar transtornada.

Angelique levantou-se, enfiou a carta no envelope, guardou-o na bolsa, querendo sair logo, mas ao mesmo tempo querendo ficar.

— Obrigada.

— Não se vá ainda. Talvez... não gostaria de jantar aqui amanhã, apenas umas poucas pessoas? Eu estava pensando em convidar Jamie e *Miss* Maureen.

— Seria ótimo, obrigada. Eu gostaria muito, mas... Eles são simpáticos, e ela é maravilhosa. Acha que vão casar?

— Se Jamie não casar com ela, é mais tolo do que eu pensava... Outro tomará seu lugar, se ele não casar. — Antes de poder se controlar, Sir William acrescentou. — Muito triste o que aconteceu com André, não acha? Henri lhe contou como o encontraram?

Abruptamente, ele viu os olhos de Angelique se encherem de lágrimas, o controle desaparecer.

— Desculpe. Não tinha a intenção de deixá-la tão transtornada.

— Sei disso, mas já me encontro tão transtornada que... ainda não posso... Henri me contou há cerca de uma hora como André e ela, juntos... a vontade de Deus para ambos, muito triste, mas também maravilhoso.

Angelique tornou a sentar, removendo as lágrimas e recordando que quase desfalecera ao saber. Depois que Henri se retirara, ela fora correndo para a igreja, ajoelhara-se diante da imagem da Santa Virgem... a igreja estranhamente mudada, imponente sem o telhado, mas as velas acesas, como sempre, a paz ali, como sempre. E agradecera, um agradecimento desesperado, por se livrar da servidão, e uma súbita e sincera compreensão de que André também se libertara de seu tormento, tanto quanto ela. E murmurara:

— Compreendo isso agora. Santa mãe, obrigada por nos abençoar, a mim e a ele. André está com ela, em paz, quando sabia que jamais encontraria a paz neste mundo. Mas agora eles se encontram sãos e salvos em seus braços, foi feita a sua vontade...

Os olhos de Angelique mal conseguiam divisar Sir William, através do pesar e da gratidão.

— Henri me falou sobre a doença de André. Pobre coitado, uma coisa terrível... e ele estava apaixonado, totalmente apaixonado. André foi gentil comigo e para ser sincera... — Angelique precisava dizer a verdade em voz alta. — ... também foi horrível, mas acima de tudo era um amigo. E sentia uma paixão irresistível por essa Hinodeh, nada mais no mundo tinha a mesma importância. Por isso, ele deve ser desculpado. Chegou a conhecê-la?

— Não. Nem sequer sabia seu nome. — Apesar de sua determinação em deixar a questão por aí, Sir William perguntou: — Por que ele foi horrível?

Angelique usou um lenço para enxugar as lágrimas e respondeu a voz triste, sem raiva:

— André sabia sobre meu pai e meu tio e usou isso e outras coisas para me deixar em dívida. Vivia me pedindo dinheiro, que eu não tinha, fazendo as promessas mais delirantes... e até mesmo, para ser franca, ameaças.

Inquisitiva, ela fitou-o, sem qualquer astúcia agora, franca e grata a Deus e à Virgem santa por liberar os dois, o passado consumido com ele, junto com toda a sordidez.

— Foi a vontade de Deus! — disse ela, fervorosa. — Fico contente por isso e também triste. Por que não podemos esquecer o que era ruim e apenas lembrar as coisas boas... já há suficiente mal neste mundo para compensar o nosso esquecimento, não acha?

— Tem razão — murmurou ele, com uma compaixão angustiante, os olhos desviando-se para a miniatura de Vertinskya. — É isso mesmo.

Aquela rara demonstração de emoção em Sir William desencadeou alguma coisa em Angelique, que no mesmo instante, antes de perceber o que fazia, pôs-se a revelar o seu medo mais profundo:

— É um homem sensato e tenho de contar a alguém. Sinto-me purificada, como nunca antes, mas é meu Malcolm que me preocupa. Acontece que não fiquei com nada seu, nem o nome, nem o daguerreótipo... não saiu... nenhum retrato e descubro que não

consigo encontrar suas feições. A cada dia, parece um pouco pior. Estou assustada...

As lágrimas escorriam, silenciosas, e Sir William, sentado à sua frente, não era capaz de se mexer.

— É quase como se ele nunca tivesse existido e toda a viagem, o tempo em Iocoama, não passasse de um... um *théâtre macabre*. Estou casada, mas não estou, acusada de coisas horríveis que jamais aconteceram ou não ocorreram de propósito, inocente, mas culpada, odiada por Tess, quando apenas queria fazer o melhor que podia por meu Malcolm, claro que eu sabia que ele era um grande partido e meu pai maquinava um casamento, não eu, acho que não eu, mas não fiz coisa alguma que pudesse prejudicá-lo, e ele me amava, queria casar comigo, empenhei-me em fazer o melhor, juro que sim, e agora que ele morreu, tento ao máximo ser sensata, estou sozinha agora, ele se foi, tenho de pensar no futuro, estou apavorada, era uma criança quando cheguei, agora é diferente, tudo aconteceu muito depressa, e o pior é que não consigo me lembrar de seu rosto, está me escapando, e não há nada... Pobre Malcolm...

No crepúsculo, à beira da terra de ninguém, ao abrigo de uma casa na aldeia meio concluída, uma sombra se deslocou. E depois outra. Dois homens espreitavam, escondidos, observando. Em algum lugar, no meio dos telheiros e abrigos temporários da aldeia, em meio às habitações parcialmente reconstruídas, em meio às conversas abafadas, uma criança começou a chorar, para ser logo silenciada.

Onde antes a terra de ninguém fora uma sucessão de colinas e vales de lixo e refugos, a maior parte fora consumida pelo fogo e o resto assentara mais fundo na terra, e por cima de tudo se estendera uma camada de cinzas da qual ainda saíam filetes de fumaça. Só o poço de tijolos era proeminente. A primeira sombra transformou-se em Phillip Tyrer e ele correu até o poço, meio encurvado, agachando-se ao seu lado.

Cauteloso, correu os olhos ao redor. Até onde podia determinar, ninguém o vira. No outro lado, a cidade dos bêbados não passava de escombros fumegantes, detritos retorcidos, uns poucos incêndios isolados ainda ardendo, entre barracas de lona temporárias. Havia uns poucos homens por ali, belicosos, quase todos encolhidos contra o frio, sentados em barris virados, bebendo cerveja, uísque e rum saqueados.

Com o maior cuidado, Phillip inclinou-se para a beira do poço e assoviou. Lá de baixo veio um assovio em resposta. Ele tornou a se abaixar, reprimiu um bocejo nervoso. Momentos depois uma mão alcançou o topo dos tijolos. A cabeça de Hiraga apareceu. Phillip fez um sinal para ele. Em silêncio, Hiraga agachou-se ao seu lado, depois Akimoto. Ambos usavam casacos acolchoados e quimonos, por cima de calças largas, e carregavam as espadas camufladas com roupas extras. Cautelosos, encolheram-se quando três homens no lado da cidade dos bêbados começaram a atravessar o lugar em que antes existira uma viela, desviando-se entre os destroços do armazém. Um deles cantava uma canção do mar. Muito tempo depois de sumirem de vista, sua voz de barítono ainda ressoava, trazida pelo vento.

— Seguir eu, mas tomar cuidado!

Tyrer correu de volta à aldeia e parou ao lado do outro homem, junto ao bangalô inacabado. Jamie McFay. Quando estava seguro, Hiraga e Akimoto se juntaram aos dois, correndo com mais agilidade, sem qualquer barulho. Jamie McFay disse:

— Aqui, depressa.

Ele abriu o saco e entregou-lhes trajes de marujo, com casacos de lã e sapatos. Hiraga e Akimoto despiram-se, puseram as roupas de marujo. Os trajes descartados foram para o saco, que Akimoto pendurou nas costas. Tyrer viu Hiraga guardar uma pistola num bolso lateral.

Demorara apenas um ou dois minutos. Jamie seguiu na frente, ao longo do trecho em que antes existia a rua principal da aldeia... e em breve voltaria a existir. Podiam sentir olhos por toda parte. No céu, a lua saiu de trás das nuvens por um instante. Numa reação automática, Hiraga e Akimoto se congelaram em sombras, prontos para empunharem suas armas, criticando mentalmente a negligência inepta dos outros dois. A lua logo desapareceu e eles continuaram.

A casa do *shoya* estava três quartos reconstruída, a loja na frente vazia, mas os aposentos por trás concluídos, em caráter temporário, e habitáveis. Jamie esgueirou-se entre pilhas de vigas e *shojis*, foi bater numa porta improvisada. A porta se abriu e ele entrou. Os outros seguiram-no para a escuridão. A porta foi fechada.

Um momento depois, um fósforo foi riscado, e o pavio da vela aceso. O *shoya* estava sozinho, pálido de cansaço e de medo, que se esforçava em ocultar. Na mesa baixa, havia frascos de saquê e um pouco de comida. Hiraga e Akimoto devoraram a comida e esvaziaram dois frascos em segundos.

— Obrigado, *shoya* — disse Hiraga. — Não esquecerei.

— Tome aqui, Otami-sama. — O *shoya* entregou-lhe uma pequena bolsa com moedas. — São cem *oban* de ouro e vinte mexicanos.

Havia um pincel na mesa, a pena e o tinteiro preparados, ao lado do papel. Hiraga assinou o recibo.

— E meu primo?

— Sinto muito, mas isso é tudo o que consegui providenciar em tão pouco tempo — respondeu o *shoya*, lançando um rápido olhar para Jamie, que os outros não perceberam.

— Não importa. — Hiraga não acreditava nele, mas também Akimoto não tinha crédito, ninguém para pagar o empréstimo. — Obrigado. E, por favor, cuide para que meu fiador receba isto, o mais depressa possível.

Ele entregou um pequeno pergaminho. Era uma mensagem de despedida codificada para a mãe e o pai, relatando seu plano e dando a notícia sobre Sumomo. Por precaução, não continha nomes reais. Em inglês, Hiraga acrescentou:

— Taira-sama, pronto. Aqui acabado.

— Pronto, Jamie? — indagou Tyrer.

Ele se sentia estranho, nauseado, sem saber se a causa era excitação ou medo, fadiga ou desespero. Desde o incêndio, o rosto de Fujiko aflorava de seu subconsciente a intervalos de poucos minutos, gritando, em chamas.

— Melhor apressar, Otami-sama — disse ele a Hiraga. Ambos haviam combinado que era melhor nunca mais usar Hiraga ou Nakama. — Baixar mais gorro sobre rosto. *Domo, shoya, mataneh*. Obrigado, *shoya*, boa noite.

Ele tornou a sair para a rua. Depois de verificar que era seguro, fez um sinal para os outros.

— Vá na frente, Jamie — sussurrou ele.

Em súbito pânico, todos se esgueiraram para as sombras, enquanto uma patrulha de granadeiros se aproximava e passava. Voltando a respirar, Tyrer murmurou:

— Eles estar procura saqueadores, ladrões, *wakamarisu ka?*

— *Wakamarisu.*

Mais uma vez Jamie seguiu à frente, desviando-se entre os escombros, na direção do cais no outro lado do passeio, perto do lugar em que antes se erguia o prédio do Guardian. Havia muitos homens vagueando por ali, olhando impressionados para as ruínas da aldeia, Yoshiwara e cidade dos bêbados ou apenas passeando a

esmo, pois ainda era muito cedo para dormir. Reconhecendo alguns, Jamie passou a andar mais devagar, não querendo atrair qualquer atenção. Dmitri era um deles, voltando para casa. Jamie não pôde reprimir um sorriso amargo. Naquela manhã, Dmitri, radiante, procurara-o para informar que descobrira Nemi durante a madrugada e que ela estava bem, tinha apenas umas poucas equimoses, salvara-se quase ilesa.

— Graças a Deus, Dmitri!

— A primeira coisa que ela disse foi Jami-san bem? Eu disse que sim e ela me deu um abraço para você. Dei o seu recado, de que a encontraria assim que fosse possível.

— Obrigado. Isso tira uma carga da minha cabeça. Receava que ela tivesse morrido. Acabei encontrando sua estalagem, mas era apenas uma pilha de cinzas, inclusive nossa casa. Não descobri ninguém que... Graças a Deus.

— Lembra o que eu...

— Claro que lembro, mas primeiro tenho de conversar com ela. Afinal, Nemi não é uma mera peça do mobiliário.

— Ei, companheiro, vamos com calma! Nem pense nisso. Não tive a intenção de insinuar qualquer coisa...

Jamie suspirou e continuou a avançar, passando pelas ruínas de um bar, agora não muito longe do passeio. Dmitri é um ótimo sujeito, pensou ele, mas Nemi era especial, e...

— Oh, Deus, olhe ali!

Ele apontou. Cinco guerreiros samurais exaustos agachavam-se ao redor de uma fogueira, ao lado do cais, fazendo um chá. Num instante, Jamie avaliou as alternativas. Não havia nenhuma.

— Não temos como evitar. Vamos embora.

Ao chegaram ao passeio, Lunkchurch emergiu da escuridão.

— Jamie — murmurou ele, soturno —, o que você vai fazer? Perdeu tudo, como eu...

Lunkchurch lançou um olhar para Phillip, mal notando os outros dois. Pareciam marujos asiáticos comuns, de um tipo abundante na frota mercante.

— É uma merda...

— Talvez não seja tão horrível assim, Barnaby. Tenho algumas idéias. Falarei com você amanhã.

Jamie continuou a andar, chegou ao cais, levantou o chapéu, polido, para os samurais e seu oficial, que retribuíram a saudação, distraídos. As estacas e o caminho de madeira do cais se estendiam por cinquenta metros, pelo mar adentro. Jamie sentiu um aperto no coração. Não havia nenhum cúter à espera e nenhum se aproximava do cais da Struan, ao norte. No meio da baía, o *Atlanta Belle* estava

todo iluminado, cercado por um enxame de pequenas embarcações, chegando e partindo.

No início daquela tarde, Jamie perguntara a MacStruan se podia emprestar o cúter naquela noite, para uma rápida viagem, pois queria conversar com o capitão do *Belle*, Johnny Twomast, um velho amigo. Phillip, depois de deixar Sir William, que confirmara a suposta morte de Híraga, fora correndo se encontrar com Jamie. Tropeçando nas palavras, de tanto entusiasmo, Phillip contara, na maior satisfação, que Hiraga continuava vivo, escondido num poço na cidade dos bêbados, como o japonês salvara sua vida na noite passada e expusera seu plano para salvá-lo.

— Só precisamos levá-lo às escondidas para bordo do *Belle*, ninguém jamais saberá de nada.

— Ele está vivo? Fui informado que havia morrido no incêndio... ele está mesmo vivo?

— Está, sim. Tudo o que temos de fazer é levá-lo para bordo, junto com seu amigo.

— Pedirei a Johnny Twomast para escondê-lo, mas apenas se você obtiver a aprovação de Willie. Hiraga ainda é um assa...

— Hiraga morreu... Nakama, Hiraga, é tudo a mesma coisa, oficialmente, Willie disse que o sargento confirmou sua morte no incêndio. Nakama está morto, desapareceu para sempre, assim como Hiraga. Mandá-lo para fora daqui num navio é a solução perfeita e vale a pena salvá-lo. Só estamos ajudando dois samurais estudantes a conhecerem o mundo, o nosso mundo, durante cerca de um ano, e um deles se chama Otami.

— Se formos apanhados, Willie vai arrancar sangue... o nosso sangue.

— Não há motivo para sermos apanhados. Otami é mesmo Otami, seu nome verdadeiro, e ele me falou sobre você e o *shoya* combinando todos os tipos de negócios. Você será o vencedor quando ele voltar, todos nós sairemos ganhando. Temos de ajudá-lo de qualquer maneira!

Jamie acabara concordando e se encontrara com o *shoya* para acertar o empréstimo, pelo qual também se tornara fiador. A esta altura, já era o pôr-do-sol. Tyrer fora até o poço, para chamar Hiraga e Akimoto, e agora esperavam no cais.

— Onde está o cúter, Jamie? — indagou Tyrer, nervoso.

— Já vai chegar.

Sentindo-se bastante expostos, os quatro homens esperaram na extremidade do cais, perto dos degraus cambaios, escorregadios, cheios de algas, todos conscientes dos samurais ali perto, seu capitão andando de um lado para outro. Hiraga sussurrou:

— Taira-sama, aquele capitão lembrar? Ele vigilante. Lembrar ele, capitão no portão?

— Que portão?

— Em Iedo. Na sua casa grande em Iedo. Quando nós encontrar primeira vez.

— Oh, Deus!

Tudo voltou agora — o rude samurai que insistira em revistar a legação, quando se encontravam cercados e trancados, antes da evacuação, Hiraga escapando numa maca, disfarçado como um paciente de varíola.

— O que foi agora? — perguntou Jamie.

Tyrer contou. Por cima do ombro de Tyrer, Jamie constatou que o oficial os observava. Sua ansiedade aumentou. — Ele parece curioso demais.

— Posso reconhecê-lo agora — murmurou Tyrer. — Seria melhor se nós... Olhe, lá está!

O cúter surgiu da escuridão, as luzes de navegação acesas, mas quase indistintas. O contramestre acenou, eles acenaram em resposta. As ondas batendo no cais os salpicavam com borrifos.

— Tratem de embarcar o mais depressa possível — disse Jamie, num excitação cada vez maior.

Phillip o convencera de que Hiraga não era um assassino, mas alguém que lutava pela liberdade. Além disso, já testemunhara pessoalmente como Hiraga podia ser útil. Agora, tinha ainda mais certeza do quanto um *shishi* e amigo que falava inglês poderia ser valioso no futuro, em particular se tivesse sido orientado e ajudado por ele. Até preparara um dossiê sobre pessoas que Hiraga deveria procurar na Inglaterra e Escócia, aonde ir, o que ver, e tencionava explicar tudo isso antes da partida do navio.

Phillip é um gênio, pensou ele, soltando uma risadinha. Foi nesse instante que olhou para trás e prendeu a respiração. O oficial japonês aproximava-se pelo cais.

— Por Deus, o patife está vindo para cá!

Todos olharam para o homem e depois para o cúter. Não havia a menor possibilidade de o barco chegar antes do capitão.

— Estamos perdidos!

Hiraga já chegara à mesma conclusão. Puxou os quimonos que cobriam suas espadas.

— Akimoto, vamos matá-lo!

— Esperar! Ficar aqui!

Tyrer entregou a Hiraga um envelope grande, que continha cartas de apresentação a seu pai e tio, também a um advogado e o diretor de sua universidade.

— Eu ia explicar tudo a eles no cúter — disse Tyrer, falando depressa. — Não há mais tempo agora. Jamie, faça isso por mim.

Ele fitou Hiraga nos olhos, pela última vez, estendeu a mão.

— Obrigado. Serei sempre seu amigo. Volte são e salvo.

Tyrer sentiu o aperto firme, divisou um breve sorriso, depois virou-se, com um suor frio, e partiu ao encontro do inimigo.

O capitão já percorrera a metade do cais quando Tyrer postou-se à sua frente, no meio da passagem, e fez uma reverência formal. Um grunhido, o homem hesitou, a mão no punho da espada longa, depois respondeu com outra reverência. Quando ele tentou passar, Tyrer fez uma nova reverência e disse, em seu melhor japonês, deliberadamente solene:

— Ah, senhor oficial, eu querer dizer como samurais combater bem o fogo. Lembrar de Iedo, sim? Por favor, desculpar, em nome meu superior, chefe *gai-jin* no Nipão, aceitar grande agradecimento por salvar todas casas nossas.

— Obrigado, mas agora eu quero ver...

— Ver? Olhar ali, senhor oficial!

Tyrer apontou na direção da cidade e ao redor, seu japonês se tornando cada vez mais incompreensível, dando um passo para o lado, cada vez que o homem tentava contorná-lo.

— Ver o que fogo...

— Saia da frente! — disse o samurai, furioso, a respiração com o cheiro de *daikon*. — Saia da frente!

Mas Tyrer fingiu não entender, sacudiu os braços para bloqueá-lo, tentando dar a impressão de que não era intencional, tomando cuidado para não tocá-lo, ao mesmo tempo em que dizia como a devastação fora terrível e como os samurais haviam demonstrado grande competência... Jamie e os outros se encontravam às suas

costas, e por isso não tinha como calcular quanto tempo ainda precisava ganhar.

— *Baka!* — rosnou o oficial.

Tyrer viu o rosto do homem se contrair em raiva e preparou-se para o golpe, mas nesse instante ouviu Jamie berrar:

— Vamos partir logo, pelo amor de Deus!

O capitão empurrou-o para o lado, bruscamente, e correu na direção do barco. Ofegando, Tyrer recuperou o equilíbrio e virou-se para avistar o cúter fazendo a volta, a toda velocidade, os três homens abaixados na cabine, o contramestre na casa do leme, um marujo na proa, as luzes na cabine apagadas no instante em que o samurai alcançou a extremidade do cais, gritando para que voltassem, a ordem abafada pelo barulho do motor. Um momento antes de as luzes se apagarem e de Hiraga e Akimoto virarem as costas, Tyrer teve a impressão de que podia ver seus rostos com toda nitidez... e se os vira, o oficial também vira.

— É minha imaginação — murmurou Phillip, já se afastando, no andar mais rápido de que era capaz.

Ergueu o chapéu para os samurais em torno da fogueira, que responderam de uma maneira superficial, e ao ouvir o grito do capitão, “Ei, você! Venha cá!”, já estava se fundindo com a multidão. Quando achou que era seguro, desatou a correr e só voltou a respirar quando se encontrava são e salvo na legação.

— Por Deus, Phillip! — exclamou Bertram, os olhos arregalados. — O que aconteceu?

— Ora, vá se foder! — balbuciou Tyrer, ainda aflito com a fuga por um triz.

— Por que ele deveria fazer isso? — indagou Sir William, da porta de sua sala, o rosto tenso, a voz ríspida.

— Oh... desculpe, senhor, foi... apenas uma brincadeira.

Um grunhido irritado foi o comentário.

— Phillip, você está de miolo mole! Onde se meteu? Há uma mensagem do *Bakufu* com a indicação de urgente em sua mesa, à espera de tradução, um despacho para Sir Percy que tem de ser copiado, antes de seguir no *Atlanta Belle* esta noite, quatro pedidos de pagamento do seguro para autenticar... já aprovei e assinei. Depois de acabar tudo, venha falar comigo. Estarei aqui, ou no cais, despedindo-me dos passageiros... Não fique parado aí! Trate de se apressar!

Sir William tornou a entrar em sua sala, fechou a porta, encostou-se nela. Seus olhos foram inexoravelmente atraídos para a pasta de André, bem no meio da mesa. E a tristeza tornou a aflorar.

Depois que Angélique fora embora, ele ficara quase sem se mexer por uma hora, ou mais, tentando tomar uma decisão, desesperado em fazer o que era certo, pois se tratava de fato de uma questão de vida e morte. A mente vagueara para os caminhos de sua própria experiência: a infância na Inglaterra, o posto em Paris, São Petersburgo, sua casa ali, o jardim, rindo com Vertinskya, na primavera, verão, outono e inverno, amando-a; o retorno à Inglaterra, missões nos campos de batalha da Criméia, momentos turbilhonantes, sinistros e indistintos, que ainda o assustavam.

Sentia-se contente pela voz de Phillip tê-lo atraído de volta à normalidade. Mais uma vez, seus olhos vaguearam pela sala, passando pelo fogo e a pasta, fixando-se no rosto jovem e adorável, em miniatura, que lhe sorria. Sentiu o coração partir, como sempre acontecia, mas logo se recuperou. Um pouco menos a cada vez.

Adiantou-se, pegou a miniatura, examinou-a, cada pincelada já gravada em sua memória. Se eu não tivesse o retrato, teria esquecido o rosto dela, como Angelique com seu Malcolm?

— Não há resposta para isso, Vertinskya, minha querida — murmurou ele, desconsolado, à beira das lágrimas, repondo a miniatura na mesa. — Talvez esquecesse... seu rosto... mas nunca você, nunca, nunca, nunca você.

E por mais que tentasse reviver o tempo em que se sentira mais vivo, a pasta de André era como uma porta de ferro a separá-los.

Ele que se dane!

Isso não importa, tome a decisão. Basta de vacilação, ordenou ele a si mesmo. Volte ao trabalho, enfrente o problema, a fim de poder continuar em frente, para coisas mais importantes, como Yoshi e a guerra iminente contra Satsuma... Você é o ministro de sua majestade britânica! Aja como tal!

A única maneira correta e apropriada de lidar com a pasta de André é lacrá-la, escrever um relatório particular sobre o que aconteceu, e quando, o que foi dito e por quem, despachar tudo para Londres e deixar que eles decidam. Há muitos segredos em seus cofres e arquivos. Se eles quiserem que seja mantido em segredo, cabe-lhes tomar essa decisão.

Muito bem, esse é o único curso correto e apropriado.

Confiante de que estava tomando a decisão acertada, Sir William pegou os papéis e jogou-os um a um no fogo, cantarolando para si mesmo, observando-os se enroscarem, enegrecerem e se transformarem em cinzas. Não é uma atitude incorreta. Tais documentos não constituem uma prova irrefutável e, de qualquer maneira, a pobre moça foi uma vítima, André era um agente secreto perigoso e ativo de uma potência inimiga e se for autêntica a metade dos males relatados em seu dossiê secreto, ele bem que

merecia ser detonado uma dúzia de vezes. Verdades ou mentiras, neste caso o pó reverte ao pó.

Depois de acabar, ele levantou seu copo para a miniatura, sentindo-se muito bem.

— A você, minha querida — murmurou Sir William.

62

Já era quase meia-noite quando Tyrer finalmente deixou a legação, apressado, e se encaminhou para o cais da Struan. Sua cabeça doía como nunca antes, não tivera tempo para jantar, muito menos para pensar sobre Hiraga ou Fujiko, nenhum tempo para fazer outra coisa que não trabalhar. Levava uma bolsa oficial de despachos do governo de sua majestade e tinha no bolso a tradução que fizera por último, desejando ter sido a primeira coisa. Acelerou os passos.

Havia uma multidão no cais. Umhas poucas pessoas ali se encontravam para se despedir dos passageiros, mas a maioria cercava ruidosamente o comissário de bordo do *Belle*, que recebia a correspondência de última hora para as matrizes em Hong Kong e Xangai — corretores de seguros, fornecedores, armadores, bancos —, qualquer um e todos que precisavam tomar conhecimento do incêndio e danos causados. Ele avistou Angelique conversando com Gornt. No outro lado da multidão, Pallidar falava com alguns oficiais que embarcariam como passageiros. Sir William estava perto da beira do cais, absorvido em conversa com Maureen Ross. Ao vê-la, Tyrer lembrou-se no mesmo instante de Jamie e Hiraga, de sua promessa a Jamie de esclarecer o caso dos “estudantes” com seu superior. Ele avançou pela multidão.

— Boa noite, *miss* Maureen. Com licença, Sir William, mas talvez queira ver isto imediatamente. — Tyrer entregou a tradução. — Providenciarei para que os despachos sejam levados para bordo.

Ele tratou de se afastar, na direção do comissário de bordo, não querendo estar por perto quando ocorresse a inevitável explosão. O comissário era pequeno e dispéptico e a fila irregular de homens se acotovelando para chegar até ele ainda era comprida. Tyrer foi até o começo da fila, ignorando os protestos de “Espere a sua vez!”, e declarou:

— Desculpe, senhor, mas são ordens de Sir William. Negócios do governo de sua majestade. Um recibo, por favor.

— Está bem, está bem! Por que a pressa?

Enquanto o comissário fazia o registro em seu livro, Tyrer lançou um olhar para Sir William, que fora se postar sob um lampião e lia a tradução, com os olhos contraídos. Enquanto ele observava, o rosto se contorceu, os lábios começaram a murmurar palavrões, levando os homens nas proximidades a recuar, chocados, não por causa da linguagem, mas por ser tão inesperada. Tyrer soltou um gemido e tornou a virar as costas.

O documento era dos roju, assinado pelo *tairo* Nori, ríspido, sem os floreios habituais, e endereçado com a maior desfaçatez Ao Líder dos *Gai-jin*. Ele traduzira da melhor forma que pôde, com o mesmo estilo, só interpolando quando era necessário:

Os roju dão os parabéns a você e aos outros gai-jin por terem escapado com vida e pouco mais dos incêndios ateados por descontentes e revolucionários. O governador de Kanagawa enviará amanhã quinhentos cules para ajudá-los na evacuação de Iocoama, de acordo com as inequívocas advertências dos deuses, e de acordo com os desejos do imperador, que lhe foram transmitidos muitas vezes. Quando vocês voltarem, se voltarem, devem nos dar um aviso com bastante antecedência. Serão providenciadas

acomodações para os gai-jin selecionados em Deshima, no porto de Nagasáqui, de onde, como no passado, serão conduzidos no futuro todo o comércio e negócios dos gai-jin. Um comunicado cordial.

— Tyrer!

Ele fingiu não ter ouvido, continuou de costas para Sir William, aceitou o recibo do comissário, os homens impacientes na fila gritando em graus variados de irritação:

— Depressa, pelo amor de Deus! Não queremos passar a noite inteira aqui! Ei, ele já voltou!

O cúter vazio, voltando do *Belle*, estava atracando. Tyrer notou que Jamie não se encontrava a bordo. O contramestre inclinou a cabeça para fora da casa do leme e berrou:

— Todos a bordo, os que vão embarcar!

Na agitação imediata, Maureen se aproximou.

— Phillip, quando Jamie vai voltar?

— No último barco, com toda certeza, se não antes — respondeu ele, sem saber se Jamie contara o plano a ela. — Ainda resta uma hora, ou mais.

— Tyrer!

— Desculpe, mas tenho de ir agora. Pois não, senhor? — gritou ele. Tyrer respirou fundo, preparando-se mentalmente, e se afastou apressado.

— Em meia hora, Phillip — disse Sir William, vesgo de tanta raiva —, em apenas meia hora, precisarei que você traduza minha resposta,

que será vigorosa, bastante acurada.

— Certo, senhor. Antes que eu me esqueça...

— Vá procurar... ah, lá está ele! Eu sabia que o tinha visto por aqui!

Um olhar para o rosto de Sir William foi suficiente para fazer com que a multidão silenciasse e lhe desse passagem, todos na maior atenção.

— Pallidar, chame os dragões. Quero que entregue um comunicado cordial ao governador de Kanagawa... imediatamente.

— Esta noite, senhor? — indagou Pallidar, para perceber a expressão no rosto dele e se apressar em acrescentar: — Claro, senhor. Imediatamente.

— Com licença, Sir William — disse Tyrer, falando depressa, antes que o ministro britânico pudesse se afastar. — Não tive tempo de lhe falar antes, mas ajudei dois estudantes japoneses a embarcar. Eles queriam viajar, visitar a Inglaterra. Salvaram minha vida ontem à noite. Espero que não se incomode.

— Por eles terem salvo sua vida? Tenho minhas dúvidas. — Os olhos penetraram fundo em Tyrer. — Se você se tornou agente de viagens durante o horário de expediente, suponho que terá uma resposta satisfatória, caso eu a exija. Pallidar, quero que siga com todo seu destacamento, dentro de uma hora, e entregue minha mensagem de uma forma um tanto rude!

Sir William afastou-se. Pallidar assoou o nariz, ainda bastante resfriado.

— O que houve com ele?

Tyrer inclinou-se e contou sobre o ultimato.

— Por Deus, não é de admirar! Mas que desfaçatez! Na verdade, até que é bom, pois agora teremos alguma ação. Todo esse suspense só serve para irritar o general, junto com suas hemorróidas.

Ele riu, mais de nervosismo do que pelo gracejo antigo. Nesse momento, Hoag chegou ao cais, ofegante, ainda usando a sobrecasaca de operar, as mangas e o peito rígidos de sangue ressequido, cartola na cabeça, carregando valises e pacotes.

— Pensei que tinha me atrasado. Qual é a graça?

— Tem bastante tempo — disse Tyrer.

E ele especulou, assim como Pallidar, o que haveria na carta de Angelique, cuja assinatura Sir William testemunhara, e que Hoag levaria para Hong Kong. Todos sabiam apenas que era uma resposta à carta, também ainda um mistério, entregue a Angelique quando Hoag tivera a certeza de que ela não esperava uma criança de Malcolm. Desde o primeiro dia do retorno de Hoag, as linhas gerais do ultimato de Tess eram do conhecimento geral e tema de acalorados debates particulares.

— Espero que faça uma boa viagem. Viajará para a Índia em seguida, não é?

— Isso mesmo. Estarei lá no mês que vem. — O rosto feio desmanchou-se num sorriso. — Mal posso esperar. Podem ir me visitar. Garanto que vão adorar.

Pallidar disse:

— A Índia é meu próximo posto. Acabo de ser informado. A fronteira, Hindu Kush, passo Khyber.

Embora falasse em tom jovial, Pallidar odiara secretamente a perspectiva. Havia mortes demais naquele inferno, uma bala disparada do nada, uma adaga surgindo no meio da noite, poços envenenados, nenhuma glória ali, apenas violência e morte, tentar permanecer vivo naquela paisagem rochosa e árida, onde nada vicejava, a não ser a morte. E, no entanto, era um lugar vital para o império, pois passava por ali a rota histórica de invasão da Índia britânica, por hordas mongóis, persas ou russas. Uma terrível premonição o dominou e ele não pôde resistir à tentação de acrescentar:

— Não há sepultamentos no mar ali, doutor.

— Não, nenhum, absolutamente nenhum — respondeu Hoag, interpretando errado o comentário. Depois, ele passou o braço pelos ombros de Pallidar, num gesto afetuosos. — Você é um bom sujeito, Settry. Se eu puder ajudá-lo na Índia, será fácil me encontrar. Vai adorar aquilo lá. Boa sorte.

Ele se afastou, para cumprimentar Gornt e Angelique.

— O que foi? — indagou Tyrer, tendo notado a súbita mudança em Pallidar. O oficial deu de ombros, irritado com sua ansiedade e lapso, experimentando abrupta inveja de Hoag.

— O doutor Hoag me disse que não gosta de sepultamentos no mar e que se sentiu contente por perder o de Malcolm em Hong Kong.

Ele exibiu um sorriso irônico. Depois de relatar a Sir William o estranho comportamento de Hoag com os caixões, em Kanagawa, testemunhado pelo sargento, e de receber instruções e jurar segredo, Pallidar, sem ser observado, efetuara a troca de posição dos caixões, depois de examiná-los. Não havia qualquer diferença entre eles, ao que pudesse perceber. Assim, o caixão enviado para Hong Kong, a bordo do *Prancing Cloud*, continha o corpo de Malcolm, enquanto o outro, o que Hoag, Angelique, Jamie e Skye haviam sepultado, era o do aldeão, como Sir William ordenara.

— É uma pena que Malcolm tenha morrido — murmurou ele, a voz rouca. — A vida é curiosa, não acha? Nunca se sabe quando vai acontecer.

Tyrer acenou com a cabeça. A depressão de Pallidar era insólita. Gostando dele, Tyrer baixou sua guarda.

— Qual é o problema, meu velho?

— Não há nenhum. Você teve muita sorte ontem à noite, conseguindo escapar...

Sombras passaram pelo rosto de Tyrer e Pallidar censurou a si mesmo por sua estupidez.

— Desculpe, Phillip. Não tinha a intenção de transtorná-lo. Não sei o que acontece comigo esta noite.

— Já soube de... de...

Nem por sua própria vida, Tyrer seria capaz de dizer o nome de Fujiko, sua dor ainda intensa, empurrando-o para profundezas insondáveis, em que nunca estivera antes. Sua boca disse, enquanto ele tentava se mostrar bravo:

— Quando acontece uma coisa assim, tão terrível, meu velho costumava dizer... Tive uma irmã que pegou sarampo e morreu aos sete anos de idade, uma menina linda, que todos nós amávamos... Meu velho sempre dizia: *“Essas coisas nos são enviadas para nos testar. Você chora e chora e depois... depois se recupera, diz que foi a vontade de Deus e tenta não odiá-lo.”*

Ele sentiu as lágrimas escorrendo pelas faces e não se importou. Os pés o levaram para a praia e ali, sozinho com as ondas, o céu e a noite, pensou de fato em Fujiko, lembrou-a com toda a sua paixão e, em seguida, a guardou numa pequena caixa, que pôs ao lado de seu coração.

A bordo do *Atlanta Belle*, o capitão Twomast estava dizendo:

— Muito bem, Jamie, deixarei que eles viajem, independente do que a Sra. Struan decidiu. Mas você a conhece, sabe que ela não é dada a generosidades.

— Basta lhe entregar minha carta quando chegar a Hong Kong.

Jamie contara a Twomast a verdade sobre Otami e seu primo, não querendo criar problemas para o amigo, e garantira o dinheiro da passagem dos dois, ida e volta, se Tess não concordasse com sua proposta: adiantar-lhes os recursos necessários, com prudentes apresentações a pessoas na Inglaterra e Escócia, contra um empreendimento meio a meio que ele formaria para aproveitar tudo o que os dois pudessem proporcionar, ao voltarem ao Japão.

Ele escrevera:

Sei que é um grande risco, Sra. Struan, mas Otami é muito inteligente, bem relacionado, até onde posso determinar, e representa o futuro no Nipão. Caso não concorde, por favor, tire o dinheiro da passagem da generosa doação que me fez. Agora, devo dizer que Albert MacStruan está indo muito bem, suas propriedades e prédios aqui nada sofreram com o incêndio e tudo se acha preparado para um grande futuro — continuarei a ajudar, se ele pedir. Por último, permita-me dizer que deve tomar cuidado com o novo gerente da Brock, Edward Gornt. Ele é um homem bom e corajoso, mas um rival perigoso.

— Vai sair bastante caro, Jamie — comentou Twomast, que era baixo e magro, o rosto curtido de marujo, cabelos escuros, olhos castanhos. — Pelo menos cem libras. Vale o risco?

— O navio é de Tess, o custo da passagem nada significa para ela.

— Ainda assim é caro, e ela se preocupa com os *pence*, tanto quanto com as libras. Mas não importa, a decisão cabe a ela. Descontarei o seu cheque em Londres, se ela não bancar a conta. Tem certeza que os seus japas compreendem que devem me obedecer?

— Tenho. Eu disse a eles que a bordo você é um rei, um *daimio*. Eles devem obedecer e permanecer a bordo, até que os mande desembarcar, em Londres. Mas trate-os como a nobreza, Johnny. Será bem recompensado.

Twomast riu.

— Serei, sim, só que no céu. Mas não importa, fiquei devendo algumas coisas a você, ao longo dos anos, e agora farei o que me pede.

— Obrigado.

Jamie correu os olhos pelo camarote. Pequeno, um beliche, mesa de cartas, mesa para quatro pessoas, tudo impecável, sólido, digno de um autêntico marujo... como Johnny Twomast, originalmente um norueguês, primo de Sven Orlov, o Corcunda, que assumira o comando da frota da Struan, depois de Dirk Struan. O *Atlanta Belle*, um vapor de mil toneladas, podia transportar quatro passageiros na primeira classe, dez na segunda, cinqüenta na terceira, e ainda sobrava espaço para uma carga substancial.

— Onde eles vão ficar?

— Com a tripulação. Onde mais poderia ser?

— Pode lhes dar um camarote, por menor que seja.

— Vamos partir lotados; eles aprenderão depressa, com a tripulação, os nossos costumes.

— Dê-lhes um camarote pelo menos até partir de Hong Kong. Não quero que sejam reconhecidos.

Johnny Twomast pensou por um instante.

— Eles podem ficar no camarote do terceiro- imediato, que tem dois beliches. Estão armados, Jamie?

— Claro que estão. São samurais.

— Nada de armas, nem esse negócio de samurai.

Jamie deu de ombros.

— Diga isso a eles. Mas, por favor, trate-os com todo respeito, não como meros nativos. Podem ser esquisitos, mas são japoneses importantes.

— *Mister!* — gritou o capitão para o imediato. — Mande os dois entrarem!

Hiraga e Akimoto entraram, bem instruídos por Jamie.

— Qual de vocês fala inglês?

— Eu falar, *anjin-sama*. Eu Otami-sama.

— O Sr. McFay aqui garante você, Otami-sama, o seu bom comportamento, por toda a viagem até Londres. Concordam em me obedecer, permanecem a bordo se eu mandar, desembarcam e voltam como eu determinar, até a cidade de Londres. Vão me obedecer como se eu fosse seu chefe, seu *daimio*?

— Nós concordar fazer tudo que *anjin-sama* dizer — respondeu Hiraga, com o maior cuidado.

— Ótimo. Mas não quero armas, enquanto estiverem a bordo. Devem me entregar as espadas, pistolas, facas. Serão devolvidas quando desembarcarem. — Twomast percebeu o relance de raiva e registrou-o. — Vocês concordam?

— Mas se homens nos atacar?

— Se meus homens atacarem vocês, usem os punhos, até eu chegar. Eles serão avisados, cinqüenta açoites para cada homem, se começarem uma briga. E vocês não puxam briga com ninguém. Entenderam?

— Não, sinto muito.

Jamie explicou como os marujos seriam amarrados ao mastro e açoitados por desobedecer. Consternado com a crueldade, Hiraga transmitiu a explicação a Akimoto e depois disse:

— Mas, *anjin-sama*, você não ter medo? Se homem livre no navio, depois do insulto, não ter medo esse homem assassinar você?

Johnny Twomast riu.

— Ele seria enforcado, tão certo quanto Deus fez as maçãs. O motim é punido com a morte. Ordenarei que a tripulação não provoque vocês e vocês não provocam os homens... isso também é importante. Compreende?

— Eu compreender, *anjin-sama* — respondeu Hiraga, embora só compreendesse parcialmente, sua cabeça doendo.

— Qualquer problema, falem comigo. Nada de brigas, a menos que sejam atacados. Suas armas, por favor.

Relutante, Hiraga entregou as espadas envoltas por quimonos. E a pistola.

— *Mister!*

A porta do camarote foi aberta.

— Pois não, senhor?

— Esses dois vão ficar no camarote do terceiro- imediato. Eu os levarei até lá.

Jamie levantou-se e estendeu a mão para Hiraga.

— Desejo uma viagem segura. Podem me escrever quando quiserem, e para Phillip... Taira-sama. Como eu expliquei, escreverei para meu banco, o Hong Kong Bank, no Mall. Está tudo nos papéis que entreguei a você, junto com a maneira de receber ou enviar correspondência. Não espere uma resposta por quatro meses. Boa sorte e um retorno seguro.

Eles trocaram um aperto de mão. Jamie fez a mesma coisa com Akimoto.

— Venham comigo, vocês dois — disse Twomast. Ele seguiu na frente pelo corredor, abriu uma porta.

— Vão dormir aqui e ficar fora de vista. O Sr. McFay não quer que sejam reconhecidos. Depois de Hong Kong, será mais fácil.

Twomast fechou a porta.

Em silêncio, Hiraga e Akimoto olharam ao redor. Era mais um armário do que um quarto. O espaço mal dava para ficarem de pé. Havia um lampião a óleo aceso. Dois beliches imundos, um por cima do outro, encostados na antepara, com gavetas por baixo. Colchões de palha sujos, cobertores de lã. Mau cheiro. Botas de borracha, roupas por lavar espalhadas. Impermeáveis de tempestade penduradas em ganchos.

— Para que servem essas coisas? — perguntou Akimoto, aturdido.

— É alguma espécie de roupa; mas muito rígida. Como se pode lutar com uma coisa assim? Eu me sinto nu sem as espadas.

— Eu me sinto como a morte, não apenas nu.

O convés balançava sob seus pés, podiam ouvir homens gritando ordens, outros cantando, enquanto preparavam o navio para o mar, o motor ruidoso fazendo vibrar o convés e anteparas, o cheiro desagradável de fumaça de carvão e óleo, o ar abafado, parecendo sufocá-los. O convés tornou a se inclinar, quando uma âncora foi recolhida, e Hiraga cambaleou contra os beliches, sentou no de baixo.

— Acha que é aí que devemos dormir?

— Onde mais? — murmurou Akimoto.

Os olhos aguçados, ele puxou o cobertor todo amarrotado. Todos os cantos do colchão estavam povoados por colônias de percevejos, vivos e mortos, a lona áspera manchada de sangue antigo, onde gerações haviam sido esmagadas. Ele conseguiu não vomitar.

— Vamos desembarcar — resmungou Akimoto. — Já vi o suficiente.

— Não — disse Hiraga, prevalecendo sobre seu próprio medo. — Realizamos um milagre, conseguimos escapar do *Bakufu* e de Yoshi

e estamos partindo para o território do inimigo como convidados. Podemos espionar seus segredos e aprender como destruí-los.

— Aprender o quê? Como açoitar um homem até a morte, como viver nesta cloaca por meses? Viu como o capitão se retirou na maior grosseria, sem responder à nossa reverência? Vamos embora... mesmo que tenhamos de nadar até a praia!

Akimoto pôs a mão na maçaneta, mas Hiraga segurou-o pela camisa e puxou-o de volta.

— Não!

Akimoto gritou com ele, desvencilhou-se, chocou-se com a porta. Não havia espaço nem para lutar.

— Você não é mais um dos nossos! Foi infectado pelos *gai-jin*! Deixe-me ir! É melhor morrer civilizado do que viver assim!

Subitamente, Hiraga ficou paralisado. O tempo parou. Pela primeira vez, compreendia a enormidade em que lançara os dois: o mundo exterior, o mundo bárbaro, longe de tudo o que era civilizado, deixando para trás tudo o que valia a pena, *sonno-joi*, Choshu, *shishi*, família, sem ter ainda esposa e filhos... ah, minha brava e maravilhosa Sumomo, como sinto sua falta, tornaria minha partida mais fácil, mas agora...

Seu corpo começou a tremer, o coração batendo forte, a respiração sufocada, cada parte de seu ser clamando para que fugisse daquele inferno, que representava tudo o que detestava. Se Londres também era assim, qualquer coisa seria melhor, absolutamente qualquer coisa. Ele empurrou Akimoto para o lado, avançou para a porta. Mas parou.

— Não — balbuciou ele. — Suportarei isto! Tenho de suportar! Suportarei por *sonno-joi*. Devemos fazer isso por *sonno-joi*, primo. Mas não importa o que venha a acontecer, morreremos como samurais, faremos nossos poemas de morte, e os faremos agora, neste momento, depois nada mais importará nesta vida...

No cais, o contramestre gritou:

— Última chamada para o *Belle*! Todos a bordo!

— Boa sorte, Edward, e um retorno seguro — disse Angelique, ainda dominada pela melancolia, mas com um pequeno sorriso que o deixou radiante. — Tome cuidado!

Depois de deixar Sir William, ela esgotara as lágrimas na privacidade de sua suíte... tanto choro nestes dias, pensara, não sei de onde saem tantas lágrimas, mas depois que passa a angústia, a cabeça desanuvia, ressurgem o pensamento lúcido. Outra vez sob controle, ela descera e tivera nova reunião com Gornt, em particular. E disseram tudo o que ainda precisava ser dito. A força, confiança e amor que ele irradiava haviam dissipado os pensamentos ruins.

Edward é bom para mim, refletiu ela agora, contemplando-o... não que algum dia possa substituir meu Malcolm, pois é diferente.

— Você está bem agora? — indagou ele.

— Estou, sim, obrigada, meu caro. Volte depressa. Ele beijou a mão estendida de Angelique.

— Cuide-se, *madame*.

A exultação fazia com que ele parecesse ainda mais infantil.

— Não se esqueça. — Angelique pedira-lhe que dissesse a Tess que esperava que pudessem um dia se encontrar como amigas. — É importante.

— Sei disso, não esquecerei, e voltarei antes do que imagina. — Para os que se encontravam nas proximidades, Gornt acrescentou, em voz mais alta: — Providenciarei para que toda a sua lista de compras seja atendida. Não se preocupe.

Uma pequena pressão final na mão de Angelique e ele saltou para o convés escorregadio, despreocupado, o último a embarcar. O contramestre tocou o apito, empurrou a alavanca para toda velocidade à popa e recuou pelas ondas crispadas. Gornt acenou e depois, sem querer ser indiscreto, entrou na cabine.

— Uma linda jovem — murmurou Hoag, pensativo.

— Tem toda razão, senhor, uma *Belle* para acabar com todas as *Belles*. Os dois ficaram observando o cais se afastar.

— Já estive na Índia alguma vez, Edward?

— Não, nunca. E você já esteve em Paris?

— Não, nunca. Mas a Índia é o melhor lugar do mundo, a melhor vida no mundo para os ingleses.

Em sua imaginação, Hoag podia se ver chegando à casa da família, por trás de muros altos, tudo castanho e poeirento por fora, mas fresco e verde lá dentro, o som do chafariz se misturando com as risadas na casa principal e nos alojamentos dos criados, a cordialidade e serenidade que todos demonstravam, por causa da convicção total no nascimento, morte e renascimento, numa sucessão interminável, até que, pela misericórdia do infinito, alcançavam o nirvana, o lugar da paz celestial. Arjumand estará lá, pensou ele, e espero poder encontrar meu caminho para o nirvana também.

Seus olhos focalizaram o cais, Angelique e os outros, todas as pessoas que provavelmente nunca mais tornaria a ver. Angelique acenou agora pela última vez, depois se aproximou de Maureen Ross, que esperava sob o lampião. Espero que se tornem amigas, pensou Hoag, especulando sobre as duas. Mais um momento e elas e o cais tornaram-se parte da noite. Angelique está certa em se submeter a Tess, refletiu ele, embora não tivesse mesmo qualquer opção. Distraído, seus dedos se certificaram de que a declaração estava mesmo guardada no bolso.

Muito triste o que aconteceu com Malcolm, trágico. Pobre Malcolm, trabalhando com a maior diligência por toda a sua vida, por algo que nunca teria, algo que nunca seria. Malcolm Struan, o *tai-pan* que nunca foi... toda a sua vida como um homem ofuscado pela neve, no meio de uma nevasca, procurando por uma barraca branca que nunca existiu.

— Muito triste o que aconteceu com Malcolm, não acha?

Mas Gornt não se encontrava mais ao seu lado. Hoag olhou ao redor e viu que ele saíra para o convés, postara-se de costas para Iocoama e contemplava o *Belle*, à frente, sem chapéu, o vento agitando seus cabelos.

Por que o sorriso e o que ficou para trás?, especulou Hoag. Tão duro, mas ao mesmo tempo... Havia algo de estranho naquele jovem. Ele é um rei em ascensão ou um homem fadado ao regicídio?

A maioria das pessoas no cais já se afastara. Angelique permanecia ao lado de Maureen, perto do lampião, observando o *Belle* e o cúter

desaparecendo. Logo ficaram sozinhas, a não ser por Chen e Vargas, conversando em voz baixa, à espera para descarregar o cúter, caso fosse necessário, e para escoltar as duas mulheres, embora ninguém tivesse lhes pedido.

— Maureen... — Angelique fitou-a. Seu sorriso adorável se evaporou, ao notar como sua nova amiga parecia infeliz. — Qual é o problema?

— Não é nada. Isto é... ora, não envolve você. Acontece que não vi Jamie durante o dia inteiro, ele esteve ocupado, e eu... tinha uma coisa importante...

As palavras definharam.

— Esperarei com você, se quiser. Ainda melhor, Maureen, por que não vem comigo? Podemos esperar na minha suíte, e observar pela janela. Avistaremos o cúter com bastante antecedência para vir recebê-lo aqui.

— Acho que... acho que é melhor esperar aqui.

Angelique pegou-a pelo braço, a mão firme.

— O que foi? Qual é o problema? Posso ajudar?

— Não... acho que não, minha cara Angelique. É que... apenas... — Maureen hesitou de novo, e depois gaguejou: — Oh, Deus, eu não queria preocupá-la com isso, mas... a amante de Jamie me procurou esta tarde.

— Da Yoshiwara?

— Isso mesmo. Ela se ajoelhou à minha frente, fez uma reverência e disse que eu não me preocupasse, pois cuidara dele muito bem e queria perguntar se, no futuro, deveria apresentar sua conta a mim todo mês ou anualmente.

Angelique ficou boquiaberta.

— Ela disse isso?

— Disse. — Maureen parecia esverdeada à luz do lampião e continuou, sempre gaguejando: — Também disse que se houvesse alguma coisa que eu quisesse saber sobre... sobre "Jami", como o chamou, sobre seus hábitos na cama, suas po... posições e assim por diante, já que eu era virgem, e assim não poderia saber dessas coisas, teria o maior prazer em me esclarecer em detalhes, pois era uma profissional de segunda classe e prometeu me dar um livro de ilustrações, chamado "livro de travesseiro", em que indicaria as... as especialidades dele, mas que eu não me preocupasse, porque Jami era experiente e seu... seu, ela chamou monge de um olho só, estava em perfeita ordem. Pronto, agora você já sabe de tudo!

Angelique estava espantada.

— MonDieu, minha pobre amiga, que coisa horrível! Mas... mas ela também fala inglês?

— Não, uma mistura quase incoerente de jargão e pidgin, e também algumas palavras de Jamie, mas compreendi muito bem o sentido. Parece que ela... ela é sua amásia há um ano ou mais. Era pequena, nem de longe bonita, não devia ter muito mais que um metro e meio, e eu disse... não sabia o que dizer, por isso comentei seu tamanho, como era pequena, e ela... ela riu e disse: "*Vela muito grande, Jami tai-tai, entra mesma maneira, hem? Você mulher de sorte.*"

— Oh, *mon Dieu!*

— O que vou fazer?

Angelique descobriu que sua cabeça fervilhava.

— Você poderia... não, isso não adiantaria...

— Talvez eu pudesse... não, não posso. É demais...

— E se você...

Angelique sacudiu a cabeça. Desamparada, ela olhou para a outra, nesse momento Maureen a fitou, cada uma vendo a si mesma na outra, o mesmo choque, repugnância, desprezo, a fúria estampada claramente nos dois rostos. Por um instante, ambas ficaram imóveis e depois Angelique soltou uma risadinha, no segundo seguinte Maureen fez a mesma coisa, e logo as duas desataram em gargalhadas.

Chen e Vargas olharam, o som das risadas se misturando com o barulho das ondas, que se desmanchavam na praia e batiam contra os pilares do cais. Angelique removeu as lágrimas, as primeiras lágrimas de um riso bom e saudável que derramava em muito tempo.

— Seu monge de um olho só...

E outra vez as duas soltaram risadas convulsivas, estridentes, até que suas barrigas doeram, e tiveram de se apoiar uma na outra.

Tão subitamente quanto surgira, o acesso de riso cessou. Mas persistiu uma certa aflição.

— É engraçado, Maureen, mas ao mesmo tempo não tem nada de engraçado.

— Tem razão, não é nada engraçado. Sinto... quero voltar para casa agora. Pensei que poderia suportar a Yoshiwara... Jamie não é diferente dos outros homens... mas não posso, sei disso agora. Não posso suportar esta vida em que a Yoshiwara existe... existe e sempre existirá, quer eu goste ou não. Dentro de um ou dois anos, Angelique, virão as crianças e depois de uns poucos anos ele achará que somos velhas, quem quer que ele seja... e seremos mesmo velhas, com os cabelos grisalhos, os dentes caindo, e quem quer que ele seja, vai tratar de se desguiar. O destino de uma mulher não é dos mais felizes. Eu gostaria de estar a bordo do *Atlanta Belle* neste momento, voltando para casa, não aqui, não aqui. Vou embora de qualquer maneira, assim que eu puder. Já decidi.

— Pense bem a respeito. Não diga nada a ele esta noite.

— É melhor dizer logo esta noite. É isso... é melhor assim.

Angelique hesitou.

— Esperarei até avistarmos o cúter e depois irei embora.

— Obrigada. Lamentarei deixá-la, agora que nos conhecemos melhor. Nunca tive uma amiga de verdade.

Maureen passou o braço pelo dela e tornou a olhar para o *Atlanta Belle*.

— Ai, ai... — sussurrou Chen, irritado, no dialeto das quatro aldeias, que ele e Vargas falavam fluentemente. — Por que aquelas duas prostitutas não podem ser sensatas e esperar dentro de casa? Assim, não teríamos de esperar no frio também.

— Jami não vai ficar nada satisfeito se ouvir você chamá-la assim.

— Por sorte, ele não fala este dialeto, nem mesmo cantonês, e de qualquer maneira eu não a chamaria de prostituta na frente dele, ou de qualquer outro demônio estrangeiro... embora seja assim que chamamos todas as mulheres deles, como você sabe muito bem... nem usaria palavras tão chulas perto deles. Usaria “Flor da Manhã” ou um de mil outros nomes, que ambos sabemos que significa “prostituta”, mas os demônios estrangeiros pensam que significa apenas “Flor da Manhã”.

Chen riu, agasalhado pelo comprido casaco acolchoado. Levantou os olhos para o céu, quando a lua surgiu por um instante no meio das nuvens.

— Aquela Flor da Manhã pensa que será a *tai-tai* de Jami. — Outra risada.

— Ela nunca será.

— Não, não depois de hoje — murmurou Vargas, sombrio. — Ela é do tamanho certo para ele, é tempo de Jami casar, e seria ótimo ter crianças por aqui.

Vargas sentia saudade dos próprios filhos, seis, que deixara com as duas esposas em Macau, até que tivesse condições de possuir sua própria casa aqui.

— O que acha de *miss tai-tai* e daquele Xangai Gornt? Ele vai conseguir aumentar o dinheiro dela?

— Se ele conseguir, será em seu próprio benefício, não dela. Mas o que eu gostaria de saber é outra coisa: o que há naqueles papéis?

— Que papéis?

— Os que Lun viu quando *tai-pan Willum* estava cochilando ao lado do fogo. Os papéis de Nariz Comprido Pontudo. *Dew neh loh moh* que Lun não saiba ler francês. *Tai-pan Willum* levou o maior choque, contou Lun.

— O que Nariz Comprido mandou para *Willum* da sepultura?

Chen deu de ombro

— Encrenca para *miss tai-tai*. Talvez fosse sobre Escuro da Lua, hem?

— Isso é apenas um rumor.

Chen não disse nada, mantendo o segredo, como Chen da Casa Nobre lhe ordenara, depois da morte de Malcolm.

— Não importa o que venha a acontecer, Tess *tai-tai* vai triturar em poeira *miss tai-tai* e demônio estrangeiro de Xangai.

— É mesmo? O que você soube?

Chen revirou os olhos.

— Tess *tai-tai* é *tai-pan* agora, é isso o que diz Chen da Casa Nobre... ele nos informou pela última correspondência e advertiu que tivéssemos cuidado. Já ouviu falar de uma imperatriz cedendo o seu poder, depois de conquistá-lo? Ou qualquer outra mulher, diga-se de passagem? Nunca, em todos os nossos quinhentos séculos de história. Ela é *tai-pan* agora, segundo Chen da Casa Nobre, e ele deve saber dessas coisas.

— Pensei que Xangai Albert seria o *tai-pan*.

— Nunca. Ela vai triturá-lo em poeira também... Velho Demônio de Olhos Verdes forçou a entrada dele e do irmão na Casa Nobre. O rumor é de que Tess *tai-tai* odeia os dois, porque são bastardos secretos daquela filha do demônio estrangeiro missionário... aquela dos muitos amantes, com o próprio Demônio de Olhos Verdes.

— A esposa do mestre do porto Glessing? Mary Sinclair? Nunca!

— Pode ser verdade. Ela fez Glessing de uma perna só usar o chapéu verde uma dúzia de vezes.

— Transformou-o num corno? Isso é outra lenda.

Vargas tratou de resguardar a reputação da mulher, como todos os seus ex-amantes. Agora ela estava na casa dos quarenta anos, gasta, mas ainda tão faminta quanto antes, refletiu ele, o oposto de Tess Struan, que abomina a fornicção, e empurrou o marido Culum à bebida e outras mulheres.

— Tess *tai-tai* deveria ter casado com o *tai-pan*... e não com seu filho Culum. Ele poderia tê-la lubrificado de forma gloriosa, no fundo era disso que ela carecia, e ainda restaria mais do que o suficiente para segunda esposa May-may e terceira esposa Yin Hsi.

— É verdade. Neste caso, estaríamos fortes, com muito mais filhos para continuar, e não fracos, fugindo do demônio de um olho só Brock. — Uma pausa, e Chen acrescentou, ominoso: — Chen da Casa Nobre está preocupado.

— Muito triste que filho número um Malcolm tenha morrido do jeito que morreu.

— Os deuses tinham saído naquele dia — comentou Chen, do alto de sua sabedoria. — Escute, você que se curva ao deus dos demônios estrangeiros, ele lhe disse alguma vez por que os deuses passam mais tempo ausentes do que velando por nossos assuntos?

— Deuses são deuses, só falam entre si... olhe, o *Belle* está partindo...

Maureen disse:

— O *Atlanta Belle* está a caminho, Angelique.

Boa viagem, pensou Angelique, contraindo os olhos contra o vento suave, o navio apenas uma forma indistinta.

— E lá está o cúter.

— Onde? Puxa, como os seus olhos são aguçados! Mal consigo ver.
— Angelique deu um aperto cordial no braço de Maureen. — Tenho certeza que você e Jamie vão...

Ela viu a cor se esvaír do rosto da outra e acrescentou:

— Não se preocupe, Maureen. Tudo vai acabar dando certo. Tenho certeza.

— Acho que não posso encará-lo agora — murmurou Maureen.

— Neste caso... é melhor ir embora. Direi que você estava com dor de cabeça e o verá amanhã. Assim, terá tempo para pensar. Será

melhor deixar o encontro para amanhã.

— Esta noite, amanhã, não faz diferença, já tomei minha decisão — respondeu Maureen.

As duas ficaram observando as luzes do cúter, que eram cada vez mais visíveis. Não demorou muito para que pudessem divisar o vulto alto de Jamie na cabine iluminada. Ele estava sozinho.

— Boa noite, Maureen — disse Angelique. — Eu a verei amanhã.

— Não, por favor, fique. Não serei capaz de fazer isso sozinha. Por favor, fique.

O cúter se encontrava agora a apenas cinquenta metros do cais. Elas viram Jamie se inclinar pela janela da cabine e acenar. Maureen não respondeu à saudação. Por trás delas, os lampiões estavam acesos ao longo do passeio, nas casas e armazéns intactos. Homens cantavam em algum lugar. Vervene tocava flauta na legação francesa. Os olhos de Maureen fixavam-se no homem que se aproximava do cais. Ele tornou a acenar, saiu para o convés.

— Maureen! — gritou Jamie, feliz por tornar a vê-la.

Angelique virou o rosto, viu os olhos de Maureen se abrandarem e compreendeu que fora esquecida. E com toda razão, pensou ela, sorrindo para si mesma. Maureen vai chorar, ter um acesso de raiva, jurar que partirá, mas continuará aqui. Fará com que ele sofra, mas acabará perdoando-o. Nunca esquecerá, mas ficará — e ficará porque o ama... ah, como as mulheres são tolas!

Em silêncio, despercebida, ela se afastou, contente por estar sozinha.

A noite era agradável. Na baía, os sinos dos navios assinalaram a hora. Lá longe, além do promontório, seu emissário seguia no *Atlanta Belle*, uma viagem de conquista, uma viagem sem retorno para ambos. E para a inimiga, a mulher de Hong Kong.

Edward vai pressionar aquela mulher horrível e viveremos felizes para sempre, passaremos mais de dois meses em Paris a cada dois anos, o verão na Provença, e iniciarei uma dinastia... com cinco mil

guinéus só meus, sou uma herdeira, e cada *sou* que gastar me lembrará aquela mulher.

Edward foi muito tolo ao pensar que algum dia eu poderia me tornar amiga dela ou haveria de querer isso.

Aquela mulher é vil. Nunca a perderei pelas coisas que fez e escreveu. Ilegítimo, hem? Jamais esquecerei isso, e nós seremos vingados, meu Malcolm e eu, por toda a angústia que ela nos causou, a ele e a mim. Vamos nos vingar daquela megera.

Gosto dessa palavra, disse Angelique a si mesma, sorrindo. E este é um dos meus novos segredos. Percebi o que ela era desde o primeiro momento em que a conheci e durante as poucas vezes em que nos encontramos, nas ocasiões em que jantamos juntas, a megera mal falando comigo, sempre me desaprovando, por mais que eu me esforçasse. Ela é mesmo uma velha megera. Embora tenha apenas trinta e sete anos. Mas é e sempre será a megera Struan para mim.

Angelique tinha dezoito anos, seis meses e uns poucos dias. Entrou no saguão do prédio da Struan, sob o leão vermelho da Escócia e o dragão verde da China entrelaçados, subiu a enorme escada, e foi

para sua suíte. Trancou a porta e, depois, na maior felicidade, foi para a cama... e mergulhou num sono tranquilo.

* * *

Sete dias depois, a seu pedido, Yoshi reuniu-se com Sir William e os outros ministros em Kanagawa e tratou de tranquilizá-los, contente por Anjo ter caído outra vez em sua armadilha, usando um porrete grande que nem era um porrete... embora também se sentisse Atônito pelo fato de os gai-jin não terem ido embora, escapando da devastação. Seu bálsamo foi prometer uma reunião com o xógum, assim que este voltasse.

E quando seria isso?, perguntou Sir William. Ao que Yoshi respondeu: Providenciarei esse encontro o mais depressa possível, passando por cima do tairo Anjo, se for necessário, ele está muito doente, o pobre coitado, embora ainda seja o tairo. Enquanto isso,

posso confiar que as informações que solicitei para tornar possíveis os nossos futuros acordos estarão prontas em breve, e que minhas sugestões serão levadas em consideração?

Imediatamente, a fragata Pearl foi despachada para Kagoshima, com uma exigência formal para que Sanjiro pedisse desculpas, pagasse reparações e entregasse ou identificasse os assassinos. Sanjiro descartou a exigência como impertinente. Na semana seguinte, com Sir William e seu pessoal a bordo da nave capitânia, a esquadra de batalha zarpou — H.M.S. Eurylus, com 35 canhões, Pearl, 21, Perseus, 21, Racehorse, 14, Havoc, Coquette e a chalupa de roda Argus, 9 — e logo ancorou na entrada da baía de Kagoshima, fora do alcance das baterias em terra, que eram bem protegidas, em quatorze fortes, nos lados da baía. O tempo começou a piorar.

À medida que as condições se deterioravam, Sanjiro vacilava. Durante quatro dias. Ao amanhecer do quinto dia, a chuva e a tempestade ainda mais intensas, três vapores construídos no exterior, mas pertencentes a Satsuma, ancorados ao largo da cidade, foram capturados e afundados. Ao meio-dia, todas as baterias de terra começaram a disparar e o almirante Ketterer deu ordens para iniciar a batalha. Em linha, com a nave capitânia à frente, a esquadra avançou por águas desconhecidas. Ao se aproximarem dos fortes, os navios despejaram sucessivas surriadas, o fogo de retaliação muito mais intenso do que se esperava.

Uma hora depois do início da batalha, o Eurylus desviou-se da linha. Involuntariamente, colocara-se entre um forte e uma área de alvo em que os artilheiros haviam se exercitado com extrema precisão e uma bala de canhão arrancou as cabeças de seu capitão e imediato, ambos na ponte de comando, ao lado de Ketterer e Sir William, e uma granada explodiu no convés, matando mais sete marujos e ferindo um oficial. A Pearl assumiu seu lugar na vanguarda. Quase ao pôr-do-sol, o Perseus encalhou sob os canhões de um forte, mas a Pearl conseguiu retirá-lo de lá, sem maiores perdas.

O combate se prolongou até o pôr-do-sol. Vários fortes haviam sido avariados, com muitos canhões destruídos, alguns paióis explodidos e foguetes disparados contra Kagoshima. Nenhum navio fora perdido e as únicas mortes até aquele momento haviam sido as dos homens a bordo da nave capitânia. Naquela noite, Kagoshima ardeu, como acontecera com Iocoama. A tempestade aumentou. Ao amanhecer, sem que o tempo ruim mudasse, os mortos foram sepultados no mar e ordenado o reinício da batalha. O Eurylus tornou a assumir a vanguarda. Naquela noite, a esquadra tornou a ancorar fora do alcance das baterias em terra, todos os navios intactos, o moral alto, com muita munição de reserva. Kagoshima fora arrasada, a maioria das baterias ficara danificada. Ao amanhecer, com um vento cada vez mais forte e chuva intensa, para irritação de muitos a bordo, e apesar dos protestos de Sir William, Ketterer ordenou que a esquadra retornasse a Iocoama. Embora fora de alcance, uns poucos canhões em terra ainda dispararam em desafio, na esteira da esquadra.

Ketterer proclamou vitória, a cidade fora incendiada, Sanjiro humilhado e, o mais importante de tudo, a esquadra estava

incólume... e o tempo tornara sua decisão necessária, alegou ele.

Em Quioto, no momento em que soube que Kagoshima fora destruída — com Sanjiro supostamente morto —, Ogama de Choshu desfechou um ataque de surpresa à noite, com o codinome de Céu Escarlate, a fim de recuperar o controle total dos portões, atraído a outra armadilha preparada por Yoshi. No mesmo instante, Yodo de Tosa e todos os outros daimios em cima da cerca se aliaram ao xogunato contra Ogama — melhor um xogunato fraco guardando os portões do que um solitário e todo-poderoso Ogama. Com isso, o golpe foi rechaçado e Ogama obrigado a se retirar de Quioto, voltando a Shimonoseki e seus estreitos, para lamber os ferimentos, jurando vingança, em particular contra seu ex-aliado Yoshi. E se preparar para a guerra.

Para o Nipão, nada fora resolvido. Nem Sanjiro fora morto, o que não passava de mais desinformação espalhada pelos espiões de Yoshi. Mas isso não importava, porque Yoshi sabia que dera um gigantesco passo à frente, para a conquista do futuro: tinha agora a posse exclusiva dos portões, por mais tênue que fosse, O gama fora banido, Kagoshima destruída, o xógum Nobusada voltando a Iedo, sem a sua princesa, convencido de que Quioto era insegura para sua pessoa, os shishi quase exterminados, Anjo não mais neste mundo... e os gai-jin temporariamente contidos.

Mas cerca de um mês depois, emissários de Sanjiro saíram de Satsuma, foram procurar Sir William em Iocoama e pediram a paz.

Sanjiro admitiu que estava errado, pagou a indenização, indicou os assassinos, jurou amizade aos gai-jin, culpou o decadente xogunato por todos os problemas e convidou os gai-jin a irem à sua reconstruída Kagoshima para comerciar, para discutir a modernização em todos os seus aspectos e também, entre outras coisas, "lorde Sanjiro quer que vocês saibam que Satsuma é uma antiga potência naval e deveria ter uma marinha como a dos gai-jin. Ele é rico e pode pagar em ouro, prata ou carvão, o que for necessário para obter os navios ing'erish e instrutores ing'erish..."

Consternado, Yoshi soube da oferta quase que no mesmo instante, por intermédio de seu espião Inejin, e ficou na maior irritação. Não planejava aquilo, jamais concebera tal possibilidade, que mudava o equilíbrio do poder.

Não importa, pensou ele, deprimido, naquele pôr-do-sol em particular. Ele estava em seu refúgio no alto da torre do castelo em Iedo, por cima da cidade, o céu riscado de vermelho, fogo aqui e ali, iluminando a chegada da noite. Não importa, os deuses nos pregam peças, se é que existem deuses. Mas com deuses ou sem deuses, não importa, é isso o que torna a vida o que é. Talvez eu vença, talvez não. Karma. Lembrarei o legado. E terei paciência. Isso é suficiente.

Não, nunca é suficiente!

Deliberadamente, ele abriu o compartimento e recordou Koiko, em toda a sua beleza, todos os tempos bons por que haviam passado, todo o riso. Isso o alegrou e acalmou e o pensamento de Koiko levou-o depois de algum tempo a Meikin e seu desejo de morte: "Um banho e roupas limpas. Por favor. "Ele sorriu, feliz por ter concedido... mas apenas por causa das boas maneiras de Meikin.

Nesta vida, pensou ele, soltando uma risada para o ar noturno, neste mundo de lágrimas, a gente precisa de um senso de humor, neh?

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Os *Gai-jin*

- **Malcolm Struan**, 20 anos, filho mais velho e herdeiro da Casa Nobre;
- **Culum Struan**, 42 anos, atual *tai-pan* da Struan, a Casa Nobre, filho de Dirk Struan, o fundador da companhia;
- **Tess Struan**, 36 anos, esposa de Culum e filha de Tyler Brock;

- **Gordon Chen**, 48 anos, o “Ilustre Chen”, compradore da Struan em Hong Kong, filho ilegítimo de Dirk Struan;
- **Jamie McFay**, 39 anos, gerente da Struan no Japão;
- **Maureen Ross**, 28 anos, noiva de McFay;
- **Dr. Ronald Hoag**, 50 anos, médico da família Struan;
- **Tyler Brock**, 72 anos, *tai-pan* e fundador da Brock and Sons;
- **Morgan Brock**, 48 anos, seu filho, meio-irmão de Tess Struan;

- **Norbert Greyforth**, 39 anos, gerente da Brock no Japão;
- **Sir William Aylesbury**, 47 anos, ministro britânico no Japão;
- **Dr. George Babcott**, 28 anos, vice-ministro e cirurgião;
- **Phillip Tyrer**, 21 anos, diplomata e aprendiz de intérprete de japonês;
- **Almirante Charles Ketterer**, 46 anos, comandante da esquadra britânica;
- **Tenente John Marlowe**, 28 anos, comandante da fragata a vapor de vinte e um canhões H.M.S. Pearl, no momento ajudante-de-ordens de Ketterer;
- **Settry Pallidar**, 24 anos, capitão dos dragões;

- **Dmitri Syborodin**, 38 anos, mercador americano de descendência cossaca;
- **Edward Gornt**, 27 anos, cavalheiro, mercador de Xangai, da Virgínia, EUA;
- **Heatherly Skye**, 41 anos, o único advogado no Japão;
- **Henri Bonaparte Seratard**, 41 anos, ministro francês no Japão;
- **André Edouard Poncin**, 38 anos, mercador, espião para a legação francesa;
- **Conde Alexi Zergeyev**, 35 anos, ministro czarista no Japão;

- **Angelique Richaud**, 18 anos, a amada de Malcolm Struan, filha de Guy Richaud, mercador francês na China, sob a guarda do ministro francês.

Os Japoneses

- **Lorde Toranaga Yoshi**, 26 anos, descendente do xógum Toranaga, membro do Conselho de Anciãos, guardião do herdeiro, o menino xógum;
- **Koiko**, 22 anos, Tayu, a classe mais alta possível de gueixa, ai-jin (pessoa do amor) de Yoshi;

- **Dama Hisako**, 29 anos, esposa de Yoshi;
- **Inejin**, 42 anos, estalajadeiro e chefe da espionagem de Yoshi;
- **Misamoto**, 31 anos, pescador, condenado, seu falso samurai, intérprete secreto de inglês;
- **Xógum Nobusada**, 16 anos, o 14º xógum Toranaga;
- **Princesa Yazu**, 16 anos, esposa do Xógum, meia-irmã do imperador Komei;
- **Lorde Anjo**, 46 anos, *daimio* de Kii, chefe do Conselho de Anciãos;
- **Lorde Sanjiro**, 42 anos, *daimio* de *Satsuma*;

- **Katsumata**, 36 anos, seu conselheiro de maior confiança, também chamado de O Corvo, chefe secreto dos *shishi*;
- **Lorde Ogama**, 28 anos, *daimio* de Chosh;
- **Lorde Hiro**, 28 anos, *daimio* de Tosa;
- **Wakura**, 46 anos, lorde camarista da corte imperial em Quioto;
- **Meikin**, 44 anos, *mama-san* de Koiko, da casa da Glicínia, em Iedo;
- **Raiko**, 42 anos, *mama-san* da Casa das Três Carpas, em Iocoama;

- **Fujiko**, 17 anos, cortesã, desejada por Phillip Tyrer;
- **Nemi**, 23 anos, cortesã, ai-jin de Jamie McFay;
- **Hinodeh**, 24 anos, cortesã, ai-jin de André Poncin;
- **Os Shishi** (pessoas de coragem), células de samurais idealistas revolucionários, fanaticamente xenófobos e contra os *gai-jin*;
- **Hiraga**, 22 anos, líder de todos os *shishi* de *Choshu*, também chamado de Ukiya, Nakama e Otami;
- **Akimoto**, 24 anos, de *Choshu*;

- **Ori**, 17 anos, primo de Akimoto, líder de uma célula de *Satsuma*;
- **Shorin**, 19 anos, de *Satsuma*, segundo no comando após Ori;
- **Sumomo**, 16 anos, irmã de Shorin, também *shishi*, prometida como esposa a Hiraga.